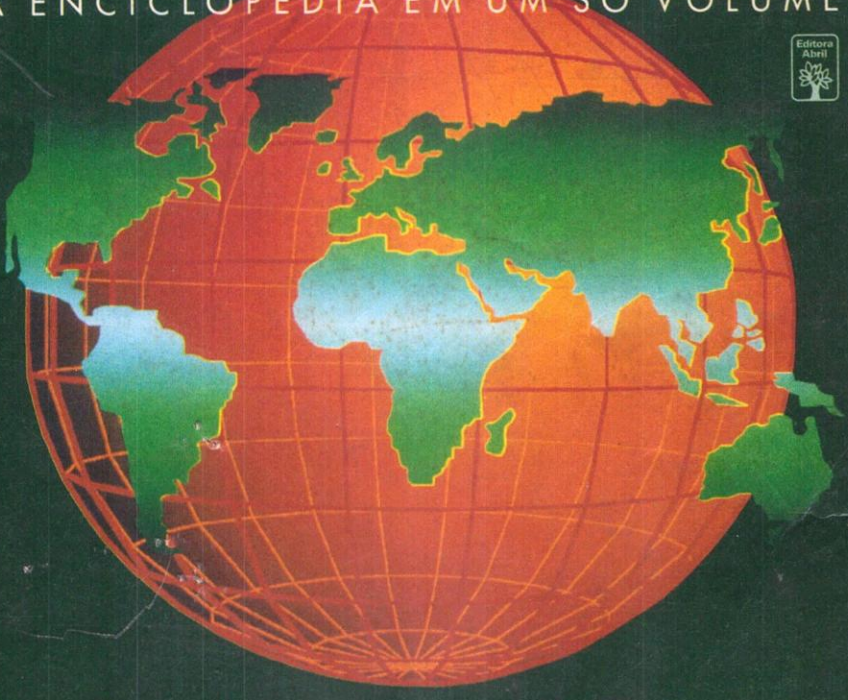
ALMANAQUE ABRIL

A ENCICLOPÉDIA EM UM SÓ VOLUME

Editora Abril



RETRATO COMPLETO DO BRASIL E DO MUNDO

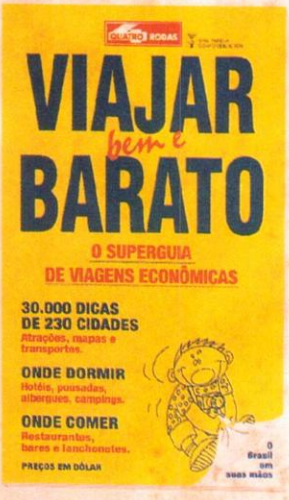
Os fatos que fizeram a história de 93
As mais recentes estatísticas
Mapas e bandeiras de todas as nações

1994

MAIS DE 1 MILHÃO DE INFORMAÇÕES

Preço: Tabela com o vendedor

NUM PAÍS ONDE EXISTEM TANTOS FERIADOS É UM PECADO VOCÊ PASSAR A MAIORIA DELES DENTRO DE CASA.



QUALIDADE
Editora Abril

Nas bancas.

O Brasil é bonito demais para você ficar aí parado.

Afinal, não existe nada mais chato que ficar sempre em casa.

No Guia Viajar Bem e Barato, você encontra mais de 30.000 dicas de viagens para correr todo o país, gastando pouco.

O guia traz 62 roteiros com 230 cidades, 81 mapas, 41 plantas e informações completas e atualizadas sobre onde comer, visitar, dormir e quanto gastar, pois todos os preços são convertidos em dólar para você planejar melhor sua viagem.

Guia Viajar Bem e Barato. Com esse guia cheio de dicas econômicas de viagens, seus feriados vão ficar bem mais movimentados.

ALMANAQUE ABRIL

A ENCICLOPÉDIA EM UM SÓ VOLUME

1994

Editora Abril
São Paulo - Brasil

Publicado anualmente pela Editora Abril S.A. desde 1974.
20ª edição publicada em 1994.

© Editora Abril S.A.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios ou sistemas, sem a autorização prévia e por escrito do editor.

Almanaque Abril / Editora Abril
vol. 1 (1974) - São Paulo: Abril, 1974 -

Anual
1. 1993 - Fatos que marcaram
2. 1993 - Fatos e dados nacionais
3. 1993 - Fatos e dados internacionais
4. Conhecimentos gerais

CDU 050.9

APRESENTAÇÃO

Esta vigésima edição do ALMANAQUE ABRIL é um importante marco histórico da Editora Abril, tradicionalmente pioneira na democratização do conhecimento. Afinal, cumprimos o desejo de seu criador, Victor Civita – de publicar obras de substância cultural –, buscando as mais confiáveis fontes, para pesquisar, apurar, selecionar, reunir e organizar os fatos de maior relevância na formação da história contemporânea do Brasil e do mundo.

É também uma homenagem ao leitor, com o qual temos o compromisso de editar, em um só volume, o mais completo e atualizado retrato do Brasil e o mais amplo banco de dados internacionais, acompanhado de um miniatlas e um guia básico de cultura geral com informações tão diversificadas quanto a história da tecnologia ou o segredo químico da paixão.

Para tanto, mobilizamos uma equipe interna de doze pessoas e cerca de oitenta consultores e colaboradores que nos ajudaram a repensar e reescrever todo o ALMANAQUE ABRIL e a registrar desde a instalação da República Tcheca e da Eslováquia, em 1º de janeiro, até o acordo de reconhecimento mútuo entre Israel e o Vaticano, em 30 de dezembro de 1993.

É, ainda, dedicada ao cidadão brasileiro, que neste ano de 1994 vai às urnas para escolher, em uma única eleição, deputados estaduais e federais, senadores, governadores e o novo presidente da República, com a consciência de que não há cidadania plena sem informação e conhecimento.

Lucila Camargo
Diretora de Redação

SUMÁRIO

COMO USAR

Guia das informações necessárias para facilitar as consultas a esta edição 8

FATOS QUE MARCARAM

Análise: caderno de textos sobre alguns dos fatos mais importantes de 1993. **Brasil:** CPI do Orçamento, peripécias de PC, cultura da violência, Campanha contra a Fome, economia no governo Itamar. **Mundo:** a revolução italiana da Operação Mãos Limpas, os conflitos pós-desmonte da URSS, o acordo Israel/OLP e o novo desemprego que atinge até os países mais desenvolvidos 9

Cronologia Brasil: resumo mensal dos fatos de 1993 34

Cronologia Mundo: resumo mensal dos fatos de 1993 54

BRASIL

Dados Gerais: aspectos físicos, econômicos e sociais com as mais recentes estatísticas 71

Geografia: estrutura geológica, relevo, clima, vegetação, hidrografia e as regiões do país 72

População: perfil demográfico, políticas governamentais, estimativas populacionais, origens do povo 77

História: dos antecedentes do descobrimento até o *impeachment* de Fernando Collor e o início do governo Itamar 84

Cidadania: os direitos do cidadão, a prática da cidadania, as formas de representação e participação, os poderes institucionais e as organizações não governamentais 129

Economia: os principais problemas econômicos, a agricultura, a indústria, o comércio e o desemprego 138

Educação: o aluno, o professor, as escolas, a estrutura do ensino e o analfabetismo 153

Saúde Pública: o sistema oficial e seus problemas, investimentos, perfis das doenças, desnutrição, experiências inovadoras **160**

Estados: aspectos físicos, sociais, econômicos e mapas das 27 unidades da federação, formação histórica e fatos do ano **171**

MUNDO

Geografia: origem do planeta, formação geológica, população, economia, geopolítica e continentes **209**

História: dos primeiros vestígios do homem na Terra à reorganização do mundo contemporâneo **215**

Nações: dados físicos, sociais e econômicos de todos os países, com mapas, história e os fatos mais importantes de 1993 ..... **278**

Miniatlas: mapas e bandeiras de todas as nações e dos Estados brasileiros, com as bandeiras históricas do Brasil **387**

Territórios: dados e fatos históricos recentes das principais possessões coloniais **612**

Organizações: as principais associações de países, internacionais, regionais, governamentais e não governamentais **634**

CONHECIMENTOS GERAIS

Guia básico de cultura geral, com conceitos, descobertas, invenções, movimentos históricos e cronologias tematizadas

Artes Plásticas **639**
Astronáutica **646**
Astronomia **653**
Biologia **661**
Cinema **665**
Cultura Popular **669**
Ecologia **673**
Esportes **682**
Física **697**
Informática **701**
Línguas **705**
Literatura **708**
Matemática **715**
Medicina **719**
Medidas **729**
Meios de Comunicação **731**
Música **738**
Quadrinhos **747**
Química **751**
Teatro **756**
Tecnologia **761**

ÍNDICE

Mais de 5 mil entradas **765**

COMO USAR

O **ALMANAQUE ABRIL** é uma obra de referência de caráter jornalístico dividida em cinco grandes seções: *Fatos que Marcaram*, *Brasil*, *Mundo*, *Conhecimentos Gerais* e *Índice*, organizadas nesta edição de modo a facilitar ainda mais a leitura. Todas começam em páginas ímpares e são identificadas, além dos nomes, por um elemento gráfico – o mesmo usado no *Sumário*. Dividem-se em capítulos, também identificados, além dos nomes, por um elemento gráfico.

A seção *Fatos que Marcaram* contém dois capítulos: *Cronologia Brasil* e *Cronologia Mundo*, nos quais estão registrados, mês a mês, fatos que fizeram a história de 1993. Em *Cronologia Brasil*, eles são agrupados por temas; em *Cronologia Mundo*, por países – em alguns casos, por continentes, regiões, comunidades (CEE) ou organizações (ONU). Cada mês é fechado por um obituário. As cronologias são antecedidas por um caderno de análise, com textos sobre fatos de repercussão nacional e internacional assinados por jornalistas de vários órgãos da imprensa.

As seções *Brasil* e *Mundo* são grandes retratos com informações atualizadas até o último dia de 1993. *Brasil* tem nove capítulos; *Mundo*, cinco (ver *Sumário*).

O *Miniatlas*, com mapas e bandeiras de todo o mundo, traz nesta edição uma novidade: as bandeiras históricas brasileiras. Os mapas do capítulo *Nações* têm indicação para localizar cada país no *Miniatlas*. **Exemplo:** Angola, *África R7*; Polônia, *Europa M8*.

A seção *Conhecimentos Gerais*, com 21 áreas organizadas em ordem alfabética (ver *Sumário*), tem caráter mais enciclopédico.

Cada capítulo do **ALMANAQUE ABRIL** é subdividido em títulos e subtítulos que organizam e hierarquizam as informações.

Seções, capítulos e seus conteúdos resumidos estão relacionados no *Sumário*.

O *Índice* tem 5.303 entradas em ordem alfabética. Cada uma é seguida de um ou mais números de página. Grafados em negrito, indicam que o tema é tratado de forma mais extensa e aprofundada.

As letras **a** e **b** referem-se às colunas das páginas: **a,** coluna esquerda; **b,** coluna direita. A ausência dessa notação significa que o tema indexado é tratado nas duas colunas. As letras **B, M** e **T,** entre parênteses, referem-se à existência de **B**andeira, **M**apa ou **T**abela sobre o tema. A remissão *ver também* por país indica que o tema é tratado em *Nações*.

Exemplos: Alagoas 38a, 39b, 42-43
44b, **172-173,**
173b(M), 387(B)
formação 173a
Campbell, Kim 334
Latim 601b

Para consultas rápidas, há uma informação no alto de cada página indicando seção, capítulo, época (em História), Estados, nações e territórios.

Exemplos: Brasil/História/República 97
Mundo/Nações/Bulgária 321
C. Gerais/Artes Plásticas 639

Na grafia dos nomes estrangeiros, o **ALMANAQUE ABRIL** adota os critérios:

1. Nos nomes escritos com o alfabeto latino mantém-se a grafia original, inclusive a acentuação.

Exemplos: espanhóis – Concepción, Río de Oro; **eslavos** – Wyszyński, Stipe Mesić; **franceses** – Noël, Renée.

2. Os nomes escritos com alfabeto próprio – russo, árabe, grego – são transcritos respeitando-se as regras de pronúncia do português do Brasil, indicando-se, sempre que necessário, a acentuação tônica.

Exemplos: russos – Mikhaíl Gorbatchóv, não Gorbachév; **gregos** – Papadópulos, não Papadopoulos; **árabes** – Huar Bumediene, não Houari Boumedienne; **orientais** – Chun Du Huan (Coréia do Sul), não Choon Doo Hwan.

3. Nos nomes chineses, adota-se o *pin yin*, grafia romanizada oficialmente proposta pelo governo chinês.

Exemplo: Deng Xiaoping, não Teng Hsiao-ping (em alguns casos mantém-se a forma consagrada pela tradição, para facilitar a identificação da personagem: por exemplo, Mao Tsetung, não Bao Zedong).

4. Nos nomes geográficos, seguem-se as mesmas regras dos nomes próprios estrangeiros.

Exemplo: Fnom Penh, não Phnom Penh (excluem-se apenas os nomes que já têm uma forma aportuguesada tradicional: Londres, Hamburgo, Moscou).

Abreviaturas

Afr. Sul: África do Sul
Al.: Alemanha
Alb.: Albânia
alm.: almirante
Arg.: Argentina
Aus.: Áustria
Austr.: Austrália
Bel.: Bélgica
Bosn.: Bósnia-Herzegóvina
Br.: Brasil
brig.: brigadeiro
Bul.: Bulgária
Can.: Canadá
cap.: capitão
cel.: coronel
Ch.: Chile
Chin.: China
Col.: Colômbia
cons.: conselheiro
Cor. N.: Coréia do Norte
Cor. Sul: Coréia do Sul
Cro.: Croácia
dep.: deputado
E. A. Uni.: Emirados Árabes Unidos
emb.: embaixador
Equ.: Equador
Esc.: Escócia
Esl.: Eslovênia
Eslov.: Eslováquia
Esp.: Espanha
Et.: Etiópia
Fin.: Finlândia
Fr.: França
gen.: general
gov.: governador
Gré.: Grécia
Gui.: Guiné
Hol.: Holanda
Hond.: Honduras
Hung.: Hungria
imp.: imperador
It.: Itália
Iug.: Iugoslávia
Jap.: Japão
Mac.: Macedônia
maj.: major
mal.: marechal
Marr.: Marrocos
Méx.: México
min.: ministro
N. Zel.: Nova Zelândia
Nicar.: Nicarágua
Nor.: Noruega
Ocid.: Ocidental
Or.: Oriental
Par.: Paraguai
Pol.: Polônia
Por.: Portugal
pref.: prefeito
pres.: presidente
princ.: príncipe
Rep.: República
Rep. Dom.: República Dominicana
Rom.: Romênia
S. Mar.: San Marino
sarg.: sargento
séc.: século
sen.: senador
Sué.: Suécia
Sur.: Suriname
ten.: tenente
Ur.: Uruguai
Vat.: Vaticano
Ven.: Venezuela

Abreviam-se também os meses: jan., fev., mar., abr., mai., jun., jul., ago., set., out., nov., dez.

FATOS QUE MARCARAM

CORRUPÇÃO

Muita lama para uma faxina só

A roubalheira desvendada pela CPI do Orçamento renova impulso de moralização dos costumes políticos

Sala 2, Ala Nilo Coelho, Anexo 2 do Senado, Brasília. Foi ali, nos últimos dois anos, que o Brasil revolveu as entranhas, pungiu as feridas, lancetou a corrupção e purgou os pecados em uma operação prolongada, dolorosa e inédita – mas inevitável para reinjetar a ética na política e devolver a natural auto-estima de um país saudável moralmente. A primeira fase da cirurgia começou naquela sala, em 1992, com a CPI do PC, que dissecou a cadeia de corrupção instalada no coração do governo pelo empresário Paulo César Farias, o PC, com a conivência do próprio presidente da República, Fernando Collor. PC está preso em Brasília (ver quadro), aguardando julgamento em 28 processos, e Collor foi banido da política pelo Supremo Tribunal Federal até o ano 2000. A segunda fase da operação continuou naquela mesma sala, nos últimos três meses de 1993, com a instalação da CPI do Orçamento (20/10), o mais estrondoso processo de autodepuração de um Congresso comprometido com a manipulação de verbas públicas, beneficiando políticos a soldo de empreiteiras.

A implosão da máfia do Orçamento – o maior escândalo de corrupção da política brasileira – começou casualmente, 41 dias antes da histórica sessão do Senado que condenou Collor por crime de responsabilidade e cassou seus direitos políticos, em 30 de dezembro de 1992. Na noite de 19 de novembro, um casal dividiu um prato de badejo e uma garrafa de vinho branco alemão num "amoroso" jantar a dois no Versailles, restaurante caro e pouco freqüentado da avenida W-3 Norte, em Brasília. No dia seguinte, o homem denunciou à polícia um assalto, seguido do seqüestro da mulher. Durante meses a polícia investigou os detalhes confusos de uma história mal contada, um seqüestro estranho que não tinha pedido de resgate nem pista dos seqüestradores. Por isso mesmo, as suspeitas recaíam cada vez mais sobre o autor da denúncia e sobrevivente do "assalto", o economista José Carlos Alves dos Santos, 51 anos, marido de Ana Elizabeth, a "seqüestrada". Só em 1993, dez meses depois, a polícia fecha o cerco e denuncia José Carlos por homicídio e ocultação de cadáver (28/9). Uma semana depois, o caso começa a tomar um rumo vertiginoso e surpreendente.

Acusado do assassinato da mulher, José Carlos é preso (7/10) e a polícia encontra US$ 1 milhão em sua casa de classe média alta no Lago Norte: US$ 800 mil escondidos debaixo do colchão e outros US$ 30 mil em cédulas falsas. No aeroporto, é apreendido (14/10) um bimotor Sêneca que o economista comprou para o irmão da amante. No tapete do avião, a polícia descobre vestígios de cocaína. No mesmo dia, acuado como assassino, doleiro e traficante, José Carlos ameaça denunciar os nomes de parlamentares envolvidos em falcatruas com o Orçamento da União. E as atenções se voltam, de repente, para a biografia profissional do preso: funcionário aposentado do Congresso, José Carlos tinha sido o mais graduado assessor técnico da Comissão Mista de Orçamento, e dali saiu para assumir a direção do Departamento de Orçamento da União (DOU), no governo Collor. Com estas credenciais, dá entrevista à revista *Veja* (15/10) que abala a República. Ele aponta nomes ilustres da política nacional: três governadores (DF, SE, MA), um ministro do governo Sarney (Aníbal Teixeira), três do governo Collor (Ricardo Fiúza, Margarida Procópio e Carlos Chiarelli) e dois do governo Itamar (Henrique Hargreaves e Alexandre Costa), dois presidentes do Senado (Humberto Lucena e Mauro Benevides) e um da Câmara (Ibsen Pinheiro), quatro senadores e dezesseis deputados são acusados de envolvimento na manipulação de verbas do Orçamento da União beneficiando grandes empreiteiras e desviando recursos da área social para entidades fantasmas ligadas a parlamentares. Era uma suspeita antiga, que nunca antes havia sido denunciada com a autoridade de um corrupto confesso e a intimidade de um técnico graduado da Comissão de Orçamento.

Com a rapidez de um poder surpreendido em flagrante delito, o Congresso aprova em poucas horas o pedido (18/10) de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) apresentado pelo senador Eduardo Suplicy (PT-SP). Instalada 48 horas depois, tendo como presidente o senador Jarbas Passarinho (PPR-PA) e como relator o deputado Roberto Magalhães (PFL-PE), a CPI do Orçamento começa (20/10) com o depoimento de José Carlos, que revela o nome do chefe da quadrilha do Orçamento: o deputado João Alves (PPR-BA), 74 anos, um alagoano criado em Salvador e com mandatos sucessivos desde

1963, passando pelo PTB, Arena, PFL e PPR. Como ex-inspetor da Previdência ele vivia num modesto apartamento de dois quartos, num conjunto habitacional de bancários em Salvador, antes de se eleger deputado federal. Em Brasília, passou pelo cargo de relator-geral da Comissão de Orçamento e chega, em 1993, como dono de um patrimônio que inclui 22 imóveis, entre casas, apartamentos, prédios e terrenos espalhados pela Bahia, Rio de Janeiro e Distrito Federal, além de um turbo-hélice Lear-Jet 55 de oito lugares alugado por US$ 60 mil mensais. A razão de tanta prosperidade é explicada por José Carlos na CPI: "João Alves recebia 20% de tudo o que aprovava em favor das empreiteiras na Comissão do Orçamento". Só nos últimos cinco anos, Alves movimentou em suas contas bancárias, segundo estimativa da CPI, US$ 51 milhões, além de outros US$ 16,9 milhões que circularam generosamente pelas contas de suas duas empregadas domésticas: Maria Silva e Noelma Neves.

"Tudo aconteceu porque, por ação ou omissão, todos nós participamos"

Essa riqueza se tornou possível a partir de 1988, quando o Congresso, com a nova Constituição, recuperou o poder de modificar em cerca de 3% o Orçamento, privilégio exclusivo do Executivo durante o regime militar. Isto significa, no Orçamento de US$ 183 bilhões previsto para 1994, o acesso dos congressistas a uma fatia de US$ 5,5 bilhões. É esse pedaço suculento que Alves e sua gangue mordiam. A proposta do governo é enviada todo ano ao Congresso para análise da Comissão de Orçamento, área de poder tão disputada que, em 1991, chegou a ter 120 integrantes – o mesmo número do Knesset, o Parlamento de Israel. Nesse ano, os 584 parlamentares brasileiros chegaram a apresentar 75 mil emendas ao Orçamento, que o relator-geral pode aprovar ou rejeitar como quiser.

Em 1990 o relator era João Alves, que apresentou pessoalmente 1.258 emendas, como chefe de um grupo de baixa estatura e alta voracidade conhecido como "Os sete anões" do Orçamento – integrado ainda pelos baixinhos Genebaldo Correia (PMDB-BA), Messias Gois (PFL-SE), José Geraldo Ribeiro (PMDB-MG), Cid Carvalho (PMDB-MA) e Manoel Moreira (PMDB-SP) e pelo deputado José Carlos Vasconcellos (PRN-PE), o mais crescido da turma. Do lado do governo, a Secretaria do Planejamento organizava as propostas de cada ministério para aplicação das verbas. Em 1991, o responsável por este trabalho era o próprio José Carlos Alves dos Santos, então diretor do DOU e mancomunado com os saqueadores do Congresso: por sugestão dele, o governo infiltrou mais US$ 182 milhões na proposta de Orçamento para beneficiar as emendas dos sete anões.

Do outro lado do balcão da Comissão de Orçamento estavam os principais interessados: os empreiteiros e suas poderosas máquinas de fazer dinheiro, cimentar apoio, superfaturar políticos e pavimentar a carreira de aliados. As seis maiores empreiteiras do país – Andrade Gutierrez, Mendes Júnior, Odebrecht, Camargo Corrêa, OAS e C.R. Almeida – faturaram US$ 6 bilhões no canteiro das obras públicas, em 1992. A CPI do Orçamento descobriu que, por uma obra pública, as construtoras pagam porcentuais que vão de 5%, para assegurar a vitória numa concorrência municipal, até 20%, para incluir verbas a fundo perdido no Orçamento da União. Para os políticos, além dos recursos generosos, as empreiteiras oferecem viagens de jatinho, presentes caros – imóveis, quadros, cavalos de raça, jet-skis – e festas discretas com bebidas e mulheres de procedência garantida.

Essa milionária cumplicidade em dólares, que chocou o país pela amplitude e desfaçatez das personagens envolvidas, é escancarada a partir do depoimento cru do ex-assessor José Carlos Alves dos Santos na CPI (21/10). O Brasil acompanha a tudo eletrizado, ao vivo, via Embratel, pelas emissoras de rádio e televisão. E o ibope continua alto no dia seguinte, com o depoimento de nove horas do deputado João Alves à CPI, ainda mais impressionada pelo tom de deboche do chefe da gangue. Incapaz de explicar a origem terrena de sua fortuna, o deputado apela aos céus: "Foi Deus quem me ajudou", diz, revelando ser um contumaz apostador da loteria. Alves confessa ter ganho 56 vezes na Sena e na Loteria Esportiva só no ano de 1993, faturando US$ 1,3 milhão.

Estatisticamente, a chance de alguém ganhar na Sena com uma aposta mínima é de uma em 16 milhões – o número 16 seguido de seis zeros. Segundo cálculos da revista *Veja*, a possibilidade matemática de uma pessoa ganhar 56 vezes num só ano na loteria é de uma chance em 348 – sendo este número seguido por 297 zeros. Uma cifra impronunciável em qualquer idioma.

A direção da Caixa Econômica Federal apura (27/10) que o deputado conseguiu até mais: João Alves ganhou mais de 24 mil vezes na Sena, na Loto e na Loteria do Certo e do Errado a partir de 1988, jogando US$ 30 milhões para ganhar apenas US$ 10 milhões, em uma maneira esperta de "lavar" dinheiro de origem suspeita.

A CPI não expõe só as contas sujas dos políticos. Em alguns casos, exibe sem recato a roupa imunda de seus casamentos fracassados. Foi assim com o deputado Manoel Moreira (PMDB-SP), um dos anões da máfia, detonado pela ex-mulher Marinalva Soares da Silva. Sorrindo sempre, num depoimento de mais de quatro horas à CPI (4/11), ela entrega 107 documentos à comissão provando que morava numa casa simples, alugada, e não tinha carro quando se casou com o deputado, vinte anos atrás. Até a separação, em 1992, o casal morava numa mansão de US$ 2,5 milhões, com piscina coberta, num bairro nobre de Campinas.

Marinalva acusa o ex-marido de manipular verbas do Orçamento em favor de duas empreiteiras – a Servaz, de Goiânia, e a Lix da Cunha, de Campinas – e de fazer tráfico de influência na CPFL, estatal paulista do ramo elétrico. E completa dizendo que apanhou três vezes do deputado, antes da separação. Marinalva termina o ano estudando proposta da revista *Playboy* para posar nua.

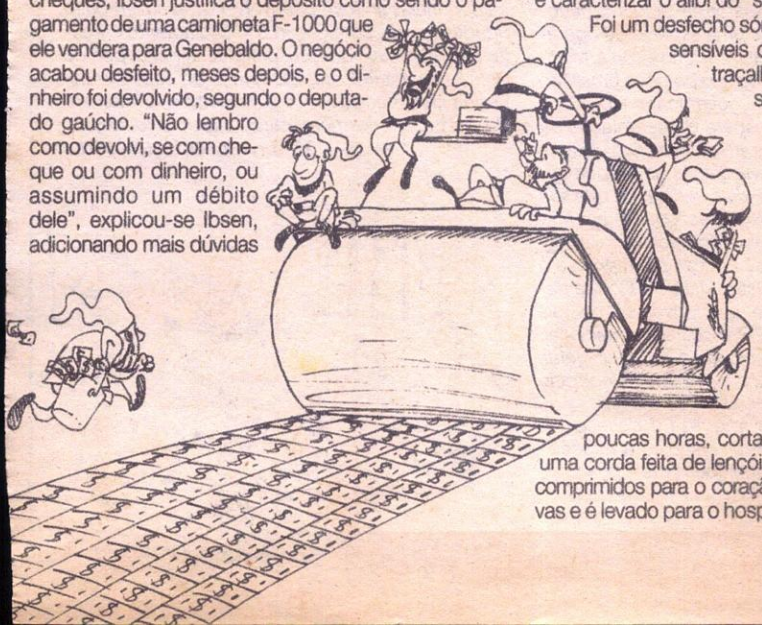
Depois da CPI do PC, com os motoristas e secretárias que demoliram um presidente, a CPI do Orçamento inaugurava sua lista de surpresas equivalentes com a ex-mulher repudiada, o que levou o senador Esperidião Amin (PPR-SC) a uma conclusão bem-humorada: "Do jeito que a coisa vai, piloto agora só automático,

secretária só eletrônica e mulher só inflável".

O deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE), ex-ministro da Ação Social de Collor, que depõe durante onze horas na CPI (3/11), não é acusado de receber propinas, mas deixa no ar a suspeita de que sabia o que acontecia. Perguntado se havia sido pressionado, como líder do PFL, a indicar João Alves para relator -geral da Comissão de Orçamento, Fiúza é evasivo: "Pressionado, propriamente, não. Fui instado". Homem rico, ele é dono de dezesseis fazendas em Pernambuco, doze no Maranhão e 6 mil cabeças de gado, com um patrimônio de US$ 10 milhões – que não impediu que ele aceitasse uma ajuda de US$ 100 mil dólares da Febraban (Federação Brasileira de Bancos) para a campanha eleitoral ou um jet-ski de presente da empreiteira OAS.

O depoimento seguinte, do anão Cid Carvalho (PMDB-MA), produz um dos momentos mais constrangedores da CPI (4/11). O relator Roberto Magalhães pergunta se o deputado havia recebido dinheiro, alguma vez, de João Alves. A veemência de Cid Carvalho chega a impressionar: "É claro que não". Foi desmascarado com a exibição, na hora, de dois cheques nominais de João Alves, no valor de US$ 9 mil. "É, eu não lembrava", gagueja o maranhense.

O país fica em estado de choque quando a CPI do Orçamento revela (12/11) que, misturado aos políticos de baixo nível e burocratas de conduta rasa, estava a figura insuspeita de um dos gigantes do Parlamento: o deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), que presidiu a Câmara no delicado processo de *impeachment* de Collor e projetava seu nome para vôos mais altos na República. A CPI descobre que Ibsen tinha movimentado mais de US$ 1 milhão em suas contas bancárias, um valor incompatível com os ganhos de um parlamentar. Pior: rastreiam depósitos do anão Genebaldo Correia em favor de Ibsen, no valor de US$ 50 mil, emitidos em três cheques seqüenciais, da mesma conta e no mesmo dia. Genebaldo e outros três anões (Manoel Moreira, José Geraldo Ribeiro e Cid Carvalho) foram indicados por Ibsen, na condição de líder do PMDB, para representar o partido na Comissão de Orçamento. Genebaldo é apontado por José Carlos Alves dos Santos como "o representante de Ibsen na Comissão". No caso dos cheques, Ibsen justifica o depósito como sendo o pagamento de uma camioneta F-1000 que ele vendera para Genebaldo. O negócio acabou desfeito, meses depois, e o dinheiro foi devolvido, segundo o deputado gaúcho. "Não lembro como devolvi, se com cheque ou com dinheiro, ou assumindo um débito dele", explicou-se Ibsen, adicionando mais dúvidas ao caso e a sua imagem. Acossado pela suspeita, o deputado desiste do cargo de relator do regimento que iria presidir a revisão constitucional, postergada para 1994 por causa do escândalo do Orçamento. A capa da semana seguinte da revista *Veja*, dedicada a ele, resume o estupor nacional: "Até tu, Ibsen?". Mais do que as tortuosas explicações financeiras sobre a venda de fazendas no interior gaúcho e a compra de apartamentos em Porto Alegre, Ibsen é fulminado por uma foto colorida tirada em Istambul, Turquia, 1991, onde ele divide inocentemente a mesma mesa com os casais de um ilustre grupo de turistas, integrado exatamente pelos quatro anões peemedebistas que ele indicou à Comissão de Orçamento. Ibsen sorri na foto, sem adivinhar o desconforto que ela lhe traria, anos depois, como flagrante de uma incômoda intimidade.



Uma batida da Polícia Federal na casa do diretor da empreiteira Odebrecht em Brasília, Ailton Reis, torna-se epicentro de um novo terremoto na CPI (25/11). Após busca de três horas na casa, a polícia apreende duas dezenas de caixas de documentos, quatro fitas de vídeo e 68 disquetes de computador. Era nitroglicerina pura para a semana explosiva que estava começando.

Na madrugada de sábado para domingo (27/11), a polícia de Brasília soluciona o mistério do desaparecimento de Ana Elizabeth, a mulher de José Carlos: ela estava morta e enterrada numa cova rasa em Brasilinha, a 60 km de Brasília. Foi atacada a golpes de picareta e jogada ainda viva no buraco pelo detetive Lindauro Silva, o Lobo, e seu cúmplice, o mecânico Valdei de Souza. Naquela noite de novembro de 1992, a execução, contratada ao preço de US$100 mil para o detetive e de um Passat para o mecânico, era acompanhada de dentro de um Monza estacionado a 200 metros da cova pelo glacial mandante do crime: o marido, o próprio José Carlos. A cova havia sido aberta seis meses antes e, depois do crime, o economista chegou a contratar um paranormal por US$ 2 mil para "descobrir" o paradeiro da mulher. Na noite do crime, ele mandou que os assassinos o amarrassem com um cinto e o colocassem no porta-malas do Monza, para simular o assalto e caracterizar o álibi do "seqüestro".

Foi um desfecho sórdido demais para os nervos sensíveis do brasileiro comum, já estraçalhados pela carga de hipocrisia e pelo furto qualificado da máfia do Orçamento. A frieza do corrupto confesso e o fingimento teatral do assassino José Carlos adicionaram o toque de horror e a dose de asco que faltavam a esta crônica sem heróis, a personagens sem grandeza, a homens sem vergonha, a políticos sem caráter. Incapaz de encarar a própria farsa, José Carlos tenta o suicídio (28/11). Em poucas horas, corta os pulsos, se enforca com uma corda feita de lençóis e ingere uma overdose de comprimidos para o coração. Fracassa nas três tentativas e é levado para o hospital, onde ganha um marca-

passo. Consegue dividir as manchetes do dia seguinte com outro corrupto ilustre: PC, preso na Tailândia (29/11), depois de busca internacional de cinco meses.

A nova bomba da semana fica a cargo do senador José Paulo Bisol (PSB-RS). Ele revela ao país (1º/12), com o dramatismo das grandes descobertas, a existência de um governo paralelo, exercido por um cartel de doze empreiteiras capitaneadas pela Odebrecht, que manipulava, com favores e propinas, mais de cem parlamentares – a quinta parte do Congresso brasileiro. Baseado na análise preliminar dos documentos apreendidos na casa do diretor da Odebrecht, o senador gaúcho provoca um clima de pânico em Brasília: por causa dele, fala-se em fechamento do Congresso, em "fujimorização" e até em renúncia do presidente da República. O nome de Itamar Franco estaria entre os documentos, assim como o do próprio relator da CPI, o inatacável Roberto Magalhães. Enquanto as dúvidas não são esclarecidas, crescem os boatos, engrossados por fatos reais. Bisol e o líder do governo, senador Pedro Simon, vão ao Planalto conversar com Itamar, que reage com uma frase enigmática: "O momento é grave, mas não haverá fujimorização no meu governo". O deputado Aloízio Mercadante, do PT, resolve correr para o quartel. Vai até o general Zenildo Lucena, ministro do Exército, que ouve serenamente o relato do petista e encoraja a CPI: "É preciso apurar tudo até o fim".

Passado o momento inicial de excitação, descobre-se que o fato não era tão grave assim. O próprio Mercadante corrige Bisol, que parecia ter confundido um organograma da empreiteira Odebrecht com um suposto cartel de grandes construtoras para um avanço combinado sobre o Tesouro. E o senador Bisol acaba reconhecendo: "Admito que houve erro de interpreta-

PC zomba até da Scotland Yard

Responsável pela operação de um dos mais abrangentes esquemas de assalto aos cofres públicos de que se tem notícia na história do país, o empresário alagoano Paulo César Farias – tesoureiro da campanha do ex-presidente Collor – passa a maior parte de 1993 fugindo das polícias de vários países. Com a mesma habilidade e arrogância com que freqüentava o café da manhã na Casa da Dinda e cobrava propinas de grandes empresários, em nome do próprio presidente, PC, durante exatos 152 dias, zomba e desmoraliza o ministro da Justiça, Maurício Corrêa, a Polícia Federal, a Interpol e até a poderosa e eficiente Scotland Yard.

Sua prisão preventiva, por sonegação fiscal, é decretada no dia 30 de junho, pelo juiz da 10ª Vara da Justiça Federal de Brasília, Pedro Paulo Castelo Branco. Só no dia 29 de novembro, depois de ter sido reconhecido por um turista brasileiro, é preso no sofisticado hotel Royal Sheraton de Bangcoc, capital da Tailândia, e deportado, por um erro primário: seu visto estava vencido.

Símbolo maior da corrupção e da impunidade reinantes no Brasil, PC transforma-se nesse período personagem central de uma espécie de ópera-bufa, com cenas de comédia, mistério e ironia. Muita ironia. Sua prisão era um desejo do povo brasileiro e questão de honra para o governo Itamar.

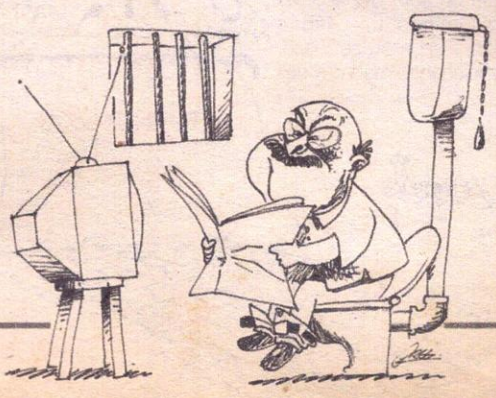
O sumiço de PC na véspera da decretação da prisão preventiva levanta a suspeita de que ele teria recebido informações privilegiadas da própria cúpula da PF. A descoberta, dias depois, de que sua fuga teve a cobertura de agentes federais em Maceió e da PM de Alagoas abre grave crise no governo federal. Irritado com as críticas da imprensa à atuação da polícia, o ministro Maurício Corrêa demite no início de julho, de uma tacada só, os dois principais dirigentes da PF: o secretário nacional, delegado João Batista Campelo, e o diretor -geral, delegado Amaury Galdino, que viviam às turras pelo controle do comando da instituição policial.

Em demonstração de fraqueza e desespero, Corrêa admite pela TV estar disposto a negociar com a família Farias as condições para a prisão de seu filho mais ilustre. Os Farias não queriam que PC fosse algemado, nem que a prisão tivesse cobertura da imprensa. Mais do que isso, o ministro colocase à disposição para receber o fugitivo em seu gabinete na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. "O importante é que ele seja preso", diz.

O vacilo irrita Itamar. O presidente obriga Corrêa a negar qualquer negociação com a família Farias e intervém na PF nomeando o coronel do Exército, Wilson Romão, seu amigo pessoal, para dirigir o órgão, contra a vontade de Corrêa, que havia prometido aos policiais não indicar um militar para chefiá-los. Dias antes da escolha de Romão, o ministro havia convidado o delegado Paulo Lacerda, responsável pelos inquéritos do esquema PC.

Esses movimentos agravam a crise na PF. Na véspera da abertura da Conferência de Chefes de Estado dos Países Ibero-Americanos, em Salvador, os federais entram em greve nacional. Teme-se pela segurança dos participantes do encontro, entre eles o líder cubano, Fidel Castro. Ao mesmo tempo, Maurício Corrêa passa a ser alvo de uma sucessão de denúncias anônimas (envolvendo-o em irregularidades fiscais, sonegação e financiamento irregular de campanha) que, suspeita-se, tenham partido da PF. Enquanto isso, PC brinca de esconde-esconde pelo mundo sem ser molestado, aumentando a crise e a desmoralização das autoridades.

Moacyr de Oliveira Filho



ção ao dizer que havia uma *holding* de empreiteiras agindo sob o comando da Odebrecht". Aí, em vez de cem nomes de parlamentares, aparecem apenas dezessete – sete já sob investigação a partir das denúncias de José Carlos. De novidade, apenas dez nomes. Na verdade, o mundo não desabou sobre o Congresso, mas abalou o esquema da Odebrecht. Os papéis mostram como uma empreiteira obtém obras públicas, com ou sem ajuda da lei, confirmando denúncia de Adib Jatene, ex-ministro da Saúde de Collor: "No Brasil, as empreiteiras definem as prioridades do Estado".

O valioso dossiê de 715 páginas montado a partir dos documentos da Odebrecht ensina didaticamente como opera uma empreiteira no subsolo do interesse público. Começa pela lista de presentes de Natal, passa pelos truques para agilizar a liberação de recursos em Brasília, relaciona os políticos que merecem apoio na próxima eleição e chega ao requinte de redigir documentos públicos que deveriam sair das mesas da burocracia oficial, mas saem prontos das gavetas das empreiteiras. O deputado Moroni Torgan (PSDB-CE) revela que, no Orçamento de 1992, só a Odebrecht armou um bote para abocanhar US$ 320 milhões das verbas públicas. Num dos documentos apreendidos consta uma lista de 25 políticos, a maioria identificada apenas pelas iniciais, ao lado de números e porcentuais que parecem indicar propinas – o que não chega a ser novidade para a Odebrecht, envolvida com a denúncia de um pagamento de US$ 30 mil ao ex-ministro Antonio Rogério Magri, do Trabalho. A papelada da Odebrecht envolve, entre outros, o ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes, que segundo a empreiteira estaria pedindo US$ 30 mil mensais para ajudar sua campanha.

Ao depor na CPI (7/12), sob a fúria dos parlamentares citados e a promessa de interpelação na Justiça, o diretor Ailton Reis, da Odebrecht, esquiva-se: "São manuscritos pessoais, não são de conhecimento da empresa nem dos parlamentares." Mas ele acaba admitindo que a Odebrecht tem um "provisionamento" de US$ 12 milhões para apoiar candidatos nas eleições gerais de 1994. Confrontado várias vezes com documentos assinados por ele mesmo, Reis se desculpa: "Não tenho conhecimento." Em alguns papéis da empresa há estranhas indicações: "tio", "P" e "nosso amigo do Minfra", abreviação do extinto Ministério da Infra-Estrutura. O presidente da CPI pergunta quem é o "tio". Reis se atrapalha, dizendo que é ele mesmo "o tio, o pai deles, do pessoal dos Estados, pois sou o responsável pela liberação das verbas". Passarinho não se contenta: "V. Exa. é tio ou é pai?" Diante de tantas evasivas, o deputado Vivaldo Barbosa (PDT-RJ) desiste de novas perguntas, com ironia: "Eu teria mais questões para o depoente não responder".

Até o MR-8, organização que um dia quis tomar o poder pelas armas, agora se contenta com verbas do Orçamento. Denúncia de dois sindicalistas da construção civil em Belo Horizonte indica que uma subvenção de US$ 718 mil foi solicitada pela CGT em nome do MR-8. E, graças ao sortudo João Alves, a CEF decide acabar com a Loteca de 14 jogos e a Loteria do Certo e do Errado, voltando com a aposta original de 13 jogos a partir de janeiro de 94. Seus 28 mil acertos provaram que a Loteca estava errada. Rigor maior sobre os políticos começa a ser sentido fora dos limites da CPI. Em São Paulo, o Banespa admite ter "perdoado" dívida de US$ 300 mil do anão Manoel Moreira.

O líder do governo no Senado, Pedro Simon, acaba fazendo um *mea culpa* do Congresso para explicar a liberdade de ação da máfia do Orçamento: "Se tudo aconteceu foi porque, por ação ou omissão, todos nós participamos". Um efeito direto do escândalo é no Natal, com o refluxo das empreiteiras em sua lista de presentes. A Casa Ouro, tradicional fornecedor em Brasília de importados, sofre uma queda de 35% nas encomendas de fim de ano, sustentadas pelas empreiteiras. Já a Tabacaria Carlton suspende o lote natalino de canetas Mont Blanc e Waterman, avisada da desistência das construtoras. O dep. José Genoíno (PT-SP), um dos expoentes da CPI, atravessa a fronteira da elegância: pede nota fiscal do telefone celular que ganhou do deputado Elísio Curvo (PRN-MS), seu amigo.

A CPI usa o final de dezembro para ouvir deputados, senadores, ex-ministros e governadores, numa corrida contra o relógio que deixa os membros da Comissão tão nervosos quanto os suspeitos. Alguns depoentes choram, como os deputados Paulo Portugal (PP-RJ), Raquel Cândido (PTB-RO) e Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), mas não convencem. Outros passam em seco, como o senador Ronaldo Aragão (PMDB-RO) e os deputados Cid Carvalho (PMDB-MA) e Genebaldo Correia (PMDB-BA), e saem sob suspeita ainda maior. Alguns choram, como os deputados Geddel Vieira Lima (PMDB-BA) e Valdomiro Lima (PDT-RS), e convencem a comissão de que são inocentes. O senador Teotônio Vilela Filho (PSDB-AL) e os deputados José Carlos Aleluia e Pedro Irujo (PMDB-BA) não vertem uma lágrima e saem redimidos. Prova de que as evidências procuradas estão nos bolsos forrados e não nos olhos dissimulados dos culpados.

Com final previsto para janeiro de 1994, a CPI do Orçamento ganha mais uma semana de prazo para ouvir os últimos depoimentos e preparar um relatório mais conclusivo, que deveria pedir a cassação de pelo menos quinze parlamentares – começando pelos "sete anões" da máfia do Orçamento, puxados pelo chefe do bando, João Alves. Uma pesquisa do Gallup, feita no final de dezembro, mostra que a população brasileira não acreditava na autopunição do Congresso: só 16% dos entrevistados no Rio e São Paulo achavam que os culpados seriam punidos, enquanto 37% garantiam que nenhum culpado seria atingido.

Uma das principais conseqüências do escândalo seria a extinção da Comissão de Orçamento. Suas funções ficariam distribuídas entre as comissões técnicas do Congresso. O Orçamento teria o rígido controle do plenário das duas Casas e, por isso, mais protegido contra influências espúrias, principalmente das empreiteiras, que deveriam tornar-se alvo direto de uma nova CPI em 1994. Depois dos corruptos, os corruptores. Já havia até requerimento aprovado da deputada Márcia Cibilis (PDT-RJ) para que isso acontecesse logo após a entrega do relatório da CPI do Orçamento. Mas a movimentação de parte do Congresso em defesa da revisão constitucional e a proximidade da campanha eleitoral ameaçavam embaralhar o jogo.

Nos primeiros dias de 1994 ainda era incerto que a Sala 2 da Ala Nilo Coelho continuasse sendo, pelo terceiro ano consecutivo, o centro e o símbolo da luta contra a corrupção na administração pública brasileira.

Luiz Cláudio Cunha

VIOLÊNCIA

Rotina de crimes cria nova cultura

A chacina da Candelária é o pior símbolo de um comportamento incorporado ao dia-a-dia dos brasileiros

A onda de violência que atingiu o Brasil não foi apenas um dos mais dramáticos problemas de 1993. Foi também o mais rotineiro no cotidiano dos cidadãos. Constituiu-se num dos males mais bem distribuídos do país. Chegou a todas as classes sociais e freqüentou variados lugares, a qualquer hora do dia ou da noite: ruas, casas, escritórios, automóveis e até elevadores.

Assistiu-se, por um lado, ao crescimento do crime organizado e, por outro, à proliferação da delinqüência desorganizada. Houve atos de violência espetacular, como chacinas, massacres, seqüestros, linchamentos, rebeliões em presídios, saques e arrastões, mas aumentou muito a violência não contabilizada, a que não é registrada nas delegacias.

Como se quisesse ser um ano de amostragem, 1993 permitiu quase todas as formas de transgressão violenta e se inscreveu na agenda que contém as graves questões desse fim de século: miséria, desordem urbana, tráfico de drogas, delinqüência e trânsito caótico.

Os anos anteriores já tinham experimentado a violência – 1992 mesmo ficara conhecido como o ano do massacre do Carandiru por causa das 111 mortes ocorridas na casa de detenção de São Paulo. Mas 1993 ficou como um marco ainda mais triste. Nesse ano, conjugaram-se três formas de conduta violenta – a violência pública, a violência do Estado e a violência doméstica – para consolidar uma nova espécie de cultura: a da violência.

Além de processo cultural, capaz de difundir atitudes e mentalidades, esse fenômeno apresentou a gravidade de um contágio biológico, provocando a propagação bacilar de sua nocividade por todo o organismo social. A patologia virou norma e o que deveria ser acidente transformou-se em trivialidade.

A cronologia do ano impressiona pela freqüência de crimes cruéis e hediondos. Como efemérides, eles se repetem a cada mês. Variam as vítimas, os métodos e as motivações; une-os o mesmo lugar-comum: a brutalidade. Mas talvez não seja essa escalada visível o que de fato caracteriza a cultura da violência. Afinal, essas formas escandalosas de criminalidade pelo menos produzem impacto e causam indignação. Podem ser tidas sempre como episódios excepcionais. Um casal de psicopatas como Paula Thomaz e Guilherme de Pádua, capazes de um ato tão abominável como o assassinato de Daniella Perez, não se prestam a cópias. Não é todo dia que se faz um casamento tão perfeito entre a premeditação e a crueldade, entre o ruim e o que não presta. Da mesma maneira, não é a toda hora que aparece um José Carlos Alves dos Santos para pôr em prática a sua esquizofrenia. São exemplares únicos que a patologia social felizmente não reproduz em grande escala.

O mais grave sintoma da cultura da violência, na realidade, não são esses momentos de exceção, extraordinários, mas sim a reprodução banalizada de atitudes violentas. Não se está falando aqui também dos chamados crimes patrimoniais, dos assaltos a bancos, a residências ou a carros-fortes. Fala-se daquelas ocorrências menores que nem chegam a ocupar as cronologias ou as primeiras páginas dos jornais. Ocupam, sim, as crônicas familiares – e a alma coletiva das metrópoles brasileiras.

As pequenas histórias de violência se transformaram no tema inevitável das conversas de botequim e das salas de visita. São raras as famílias de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo que não têm uma experiência corriqueira a contar: um filho cujo tênis foi roubado e a bicicleta levada; a mãe que teve o cordão arrancado do pescoço ou o relógio tirado sob ameaça de armas convencionais ou improvisadas: o revólver, mas também a gilete, o caco de vidro, a garrafa quebrada, o estilete, a seringa com sangue contaminado, de mentira ou, quem pode garantir, de verdade.

São *faits-divers* que dependem da passividade ou da reação da vítima para mudarem de repente de gênero: o pitoresco pode passar rapidamente à tragédia. Nos dois casos, são cenas que se desenrolam à luz do dia, tendo como palco ruas movimentadas ou ônibus cheios e, em geral, diante de platéias conformadas e inertes.

No Rio e em São Paulo, essas práticas já estão institucionalizadas e criaram hábitos defensivos que até parecem naturais: não parar em sinais de trânsito, não andar com o vidro do carro abaixado, não receber folhetos de propaganda. Em 1993, na região paulistana dos Jardins, quatro jovens de 17 a 23 anos tiveram como atividade diária roubar relógios Rolex de US$ 8 mil para vendê-los em seguida a US$ 3 mil, usando uma técnica simples: um dos componentes da quadrilha, uma moça, passava distribuindo um panfleto qualquer enquanto observava e selecionava as vítimas. Em seguida, avisados, os comparsas vinham armados e "recolhiam" os relógios.

Estima-se que apenas 10% desses casos chegaram a ser registrados. Com certeza, a maioria das vítimas se comportam conforme a pedagogia cautelar: não esboçar reações. A dona de casa Vilma de Souza Duran, de 42 anos, estava no seu Santana junto com o filho de 10 anos. Ela dizia que jamais reagiria a um assalto, mas apavorada, ao perceber a arma de um assaltante, acelerou o carro, provavelmente sem querer. Recebeu um tiro nas costas e morreu.

O delegado João Araújo, titular do 23º Distrito, em Perdizes, bairro da zona Oeste de São Paulo, deu então uma declaração que é uma epígrafe dos tempos modernos: "O assaltante se sentiu ofendido pelo fato de a pessoa ameaçada tentar fugir."

Até pouco tempo atrás, explicou o delegado, a reação da vítima costumava pôr o bandido em fuga. Agora os tempos são outros e recomenda-se oficialmente a capitulação: ceder sempre, não reagir jamais.

Nessa categoria de violência pública podem-se incluir também os incidentes de trânsito. Não os aciden-

tes e atropelamentos, que causam mais de cinqüenta mil mortes por ano, superando inclusive os índices de vítimas de homicídios. Mas os pequenos conflitos, uma batida boba, um arranhão, uma fechada, que provocam atritos, brigas e, muitas vezes, tiros e morte. Nos casos anteriores, de furtos e roubos, há pelo menos a motivação de expropriação e de posse. Utiliza-se método violento para obter alguma coisa. A violência é motivada, funcional. Nos incidentes de rua, o mais comum é a violência desnecessária, irracional, pura expressão de uma cultura.

A não ser quando produzem vítimas fatais, esses conflitos nem chegam às delegacias ou, quando chegam, são desprezados por serem insignificantes. Um dos melhores exemplos ocorreu em dezembro, num condomínio de luxo da Zona Sul do Rio de Janeiro. Suspeitando que o pequeno amassado em seu carro tivesse sido produzido por uma senhora ao volante, um cavalheiro, sem nenhum sinal aparente de loucura, resolveu se vingar da seguinte maneira: subiu no carro da vizinha suspeita e durante uns 10 minutos pisoteou o capô. Em seguida, pulou para o teto e fez o mesmo durante o mesmo tempo. Depois, desceu e chutou as portas laterais. E foi calmamente para casa. Quando procurou a delegacia para registrar queixa, a vítima ouviu do delegado um conselho: "Se eu fosse a senhora, fazia o mesmo com o carro dele".

Outra prática marcante em 1993 foi a violência do Estado, que agiu por meio de seus braços armados formais e informais: polícias civis e militares, guardas de presídios e grupos de extermínio. A quantidade de PMs envolvidos com o crime em 1993 foi escandalosa. A cronologia desses feitos vai da farsa à tragédia. Na República das Alagoas, a PM, acusada de participação em 80% dos assassinatos, teve seu comandante, Nilton Rocha, demitido pelo governador Geraldo Bulhões.

As acusações que pesavam contra Rocha eram de fato muito graves: corrupção, sonegação de informações e acobertamento da atividade de grupos de extermínio. Por não concordar com o clamor geral e a decisão do marido, Denilma Bulhões fez valer seus direitos de primeira-dama de ferro: nomeou Nilton Rocha para o cargo de chefe do Gabinete Militar do Estado.

No plano da tragédia, a PM figurou como protagonista em pelo menos duas ações que se tornaram emblemáticas do ano: as chacinas da Igreja da Candelária e de Vigário Geral, no Rio de Janeiro. A primeira, ocorrida no centro financeiro da cidade, em frente a um de seus mais sagrados cartões-postais, fez como vítimas oito meninos de rua que dormiam na calçada. Os sobreviventes reconheceram seis soldados da Polícia Militar como autores dos tiros dados à queima-roupa.

Pouco tempo depois, a mesma técnica de guerra suja, que recomenda surpreender o inimigo sem lhe dar condições de defesa, era usada a 30 km da Candelária. Cerca de cinqüenta homens, todos suspeitos de também pertencerem à PM, invadiram a favela de Vigário Geral à noite e mataram 21 pessoas: treze homens, seis mulheres e dois adolescentes. A operação, realizada por um grupo conhecido como "Cavalos Corredores" pela forma como costumavam avançar sobre as favelas cariocas, tinha como pretexto vingar quatro PMs, mortos na véspera em um suspeito encontro com traficantes. A operação foi covarde e incompetente, se é que há competência em fazer justiça com as próprias mãos: nenhuma das 21 vítimas, todos trabalhadores, tinha envolvimento com o tráfico de drogas.

As duas incursões criminosas provocaram assim uma tragédia real e uma profunda ferida simbólica na imagem do Rio. "A Candelária é o centro nervoso da cidade que trabalha, do Rio vivo, ativo, que funciona e se reproduz", escreveu o cientista social Luiz Eduardo Soares, estudioso da violência urbana. "Vigário Geral representa o Rio pobre das periferias e das favelas; o povo da cidade." Por tudo isso, ele resumiu: "A memória social vai carregar por muito tempo essas duas chagas".

Na verdade, foram chagas tão dolorosas que, além da comoção e indignação provocadas no país e no mundo, elas acabaram produzindo um saudável processo de purgação e saneamento do aparelho policial carioca. As investigações dos dois massacres possibilitaram a devassa de um mar de lama como não se via no Rio desde o suicídio de Getúlio Vargas em 1954. Revelações estarrecedoras demonstravam, com testemunhos e provas, que as grandes ações criminosas – seqüestros, contrabando de armas, tráfico de drogas, roubos de carros – tinham como origem não os marginais dos morros e favelas, meros instrumentos, mas o sistema de segurança da cidade e do Estado. A rede de corrupção e promiscuidade abolia as fronteiras entre a polícia e os bandidos.

A dimensão desse envolvimento, que tinha a estru-

Números da violência

	População*	Homicídio	Furto	Lesão corp.**	Roubo	Veículo	Estupro	Total
São Paulo	**9.626.894**	**4.908**	**131.036**	**30.627**	**16.520**	**73.457**	**467**	**257.015**
R. de Janeiro	5.473.909	3.686	12.930	14.041	8.823	38.075	317	77.872
Salvador	**2.072.058**	**530**	**11.952**	**7.510**	**8.187**	**–**	**418**	**28.597**
B. Horizonte	2.017.127	137	9.778	5.965	2.861	3.450	293	22.484
Fortaleza	**1.765.794**	**194**	**252**	**385**	**166**	**–**	**10**	**1.007**
Curitiba	1.313.094	392	6.379	5.113	8.277	4.113	96	24.370
Recife	**1.296.995**	**486**	**8.199**	**3.960**	**4.227**	**–**	**42**	**16.914**
Porto Alegre	1.263.239	92	24.195	6.186	5.454	2.620	37	38.584
Belém	**1.244.688**	**214**	**11.454**	**–**	**2.740**	**–**	**–**	**14.408**

(*) Censo de 91; (**) estimativa. Os números de casos de violência devem ser três vezes maiores, já que só um terço da população registra queixa na polícia, segundo estimativa do IBGE. *Fonte:* Polícia Civil e secretarias de Segurança Pública.

tura de uma máfia, incluindo representantes da própria cúpula policial, levou o secretário de Polícia Civil e vice-governador do Rio de Janeiro, Nilo Batista, a declarar que considerava o crime organizado policial "o mais organizado de todos" – mais que o do tráfico de drogas; mas até do que o do jogo do bicho.

O resultado dessa devassa teve, entre outras, a vantagem de afastar as teses simplistas que propõem resolver o problema da violência pelo caminho único da repressão. No Rio, e em quase todo o país, não adianta chamar a polícia, até porque não se trata de dispor de mais polícia, mas de ter uma polícia melhor.

"A questão é muito complexa para ficar entregue apenas aos órgãos policiais"

"A questão da violência é muito complexa para ficar entregue apenas aos órgãos policiais", diz o cientista social Wanderley Guilherme dos Santos. "Ela não se resolve só com coação." Wanderley faz parte de um ainda pequeno grupo de professores cariocas e paulistas que considera o estudo da violência no Brasil importante demais para ficar fora da universidade, como aconteceu até recentemente. Eles querem reverter a estranha situação em que um fenômeno que acompanha o país desde a sua origem não seja uma preocupação acadêmica.

Graças a pesquisas desse grupo – de que fazem parte cientistas sociais como Luiz Eduardo Soares, Luis Werneck Viana, Paulo Sérgio Pinheiro, Alba Zaluar, entre outros – o estudo da violência vem ganhando isenção científica e um olhar que não quer mais ver o fenômeno através de duas visões deformadas: a da Polícia, comprometida, e a da imprensa, esteriotipada.

Apesar da diversidade de pontos de vista, há pelo menos um consenso entre eles: a solução do problema da violência passa pela conquista da cidadania. Num país em que o Estado demonstra incapacidade e falência, é fundamental a participação da sociedade civil organizada. "O Estado encontra-se desmantelado, desde a Comissão do Orçamento até o policial corrupto", denuncia Wanderley Guilherme. Ao se debruçar sobre os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), ele pôde constatar a descrença da população pobre no sistema de segurança e justiça. Só 10% reconheciam ter-se envolvido em conflitos e 70% confessavam não procurar a Justiça por não confiarem nela. "Assim como os ricos sonegam renda, os pobres sonegam conflito", concluiu.

Menos visível que a violência pública e a do Estado, a chamada violência doméstica foi confirmada em toda a sua assustadora dimensão por pesquisas organizadas por Luiz Eduardo Soares. No Rio de Janeiro, cidade da chacina da Igreja da Candelária, crianças de até 11 anos não são em geral mortas nas ruas, pela polícia ou pelo crime organizado, mas dentro de suas casas, por suas famílias. Quase 70% dos crimes têm essa autoria. Da mesma maneira, 67% dos casos de violência sofrida pelas mulheres têm como autores parentes ou conhecidos. E não será com ações repressivas, mas de cidadania, que se atacará um fenômeno de natureza tão endêmica.

Outra descoberta que tem preocupado os cientistas sociais é a de que a cultura da violência criou a cultura do medo, um subproduto às vezes igualmente nocivo. Indispensável como legítima defesa da vida e do patrimônio, o medo, transformado em paranóia e pânico, está pondo fim à interação comunitária, ao criar confinamentos armados, *bunkers* isolados, condomínios fechados. Luiz Eduardo, que estudou o fenômeno, acredita que esse tipo de medo, "inspirado na expectativa da desagregação social, tende a promover o que buscara exorcizar."

Se, como ensinam o bom senso e a História, violência gera violência, a sociedade civil organizada só entrará nessa cruzada se desarmando, desarmando os espíritos. Uma parte dessa sociedade não pode achar que violenta é só a outra parte. Certos setores da classe média têm que aprender, com as estatísticas, que ela, e não as "classes perigosas", é responsável por um dos mais espantosos índices do mundo. Ela é, por exemplo, campeã em crimes de trânsito.

Nesse sentido, o Rio de Janeiro, que há anos vinha conquistando o título de capital da violência e da má conduta, produziu em 1993 um fato novo exemplar. Sua sociedade civil iniciou um movimento para tentar dar um basta à violência – o Viva Rio. Líderes empresariais e sindicais, religiosos de vários credos, professores, artistas, esportistas, com o apoio conjunto dos três maiores jornais da cidade (*O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Dia*), promoveram uma inédita campanha de "desarmamento dos espíritos". O primeiro ato foi a paralisação da cidade por dois minutos para refletir em silêncio. Os organizadores acharam que, para "começar de novo", o melhor gesto não seria o protesto ruidoso, mas o silêncio. E que a melhor arma contra a violência é sempre a não-violência. No dia 17 de dezembro, ao meio-dia, simbolicamente, um cordão humano silencioso abraçou a Igreja da Candelária e o Rio parou.

Espera-se para 1994 que outros Viva Rio surjam e se unam em ações capazes de demonstrar que, se não é possível acabar com a violência, pode ser possível ao menos controlá-la, em vez de ser controlada por ela.

Zuenir Ventura

Crianças assassinadas (RJ)

Ano	Homicídios Total	Até 17 anos	%
1985	**4.542**	**172**	**3,8**
1986	4.996	204	4,0
1987	**5.483**	**227**	**4,1**
1988	6.023	294	4,9
1989	**7.654**	**437**	**5,7**
1990	7.850	427	5,4
1991	**7.510**	**306**	**4,0**
1992	7.635	450	5,9
1993*	**8.026**	**656**	**8,2**

(*) Estimativa. *Fonte:* Sec. Estadual da Polícia Civil do RJ.

SOLIDARIEDADE

Um raro exercício de cidadania

Campanha contra a Fome mobiliza 32% da população e amplia perspectivas para a democracia

A miséria brasileira ganha contornos numéricos nítidos em 1993: são 31.679.095 pessoas, ou 9,2 milhões de famílias, ou um quinto da população, em situação de indigência, sem o mínimo de alimentos necessários à sobrevivência – um direito assegurado pela Constituição. Estes números, apurados pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), poderiam ser só mais uma estatística entre as que mostram o descalabro do país. Mas transformaram-se em alavanca de um movimento inédito na história do Brasil: a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, ou simplesmente a Campanha contra a Fome.

O ineditismo está no fato de a própria sociedade civil chamar a si a tarefa solidária de erradicar a fome dessas quase 32 milhões de pessoas. Não se trata de uma simples ação de caridade, mas de um raro exercício de cidadania, só comparável, na história recente, ao movimento pelas Diretas-já em 1984.

Ao final de dezembro, pesquisa comandada pelo Ibope revelou que 93% dos brasileiros acima de 16 anos consideravam a campanha necessária, 32% já haviam feito doações em alimentos, roupas e dinheiro e 2,8 milhões de pessoas estavam ou estiveram engajadas em pelo menos um dos 3.500 comitês autônomos de arrecadação espalhados por todos os Estados.

A campanha não tem dono. Mas tem rosto: o do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, ex-exilado político, conhecido durante muito tempo como "o irmão do Henfil" (o cartunista), popularizado por Aldir Blanc e João Bosco na música *O bêbado e a equilibrista*, um dos hinos da luta pela Anistia. Hemofílico e contaminado pelo vírus da AIDS em uma transfusão de sangue, ele indicou o caminho, tornou-se símbolo de resistência e de luta pela cidadania e, incansável, anunciou para 1994 o início de nova fase: a campanha pelo emprego.

Betinho, no entanto, não controla os comitês criados sob sua inspiração, onde qualquer pessoa pode entregar sua contribuição ou trabalhar. Sem estatísticas ou burocracias, demonstram uma eficiência exemplar: tudo o que é arrecadado é rapidamente distribuído. As formas de cooperação são muitas: donas de casa fornecem alimentos de suas despensas; empresários participam com porcentuais de faturamento; funcionários de empresas organizam minicomitês em seus locais de trabalho, doam vales-refeição ou dinheiro, mais tarde revertidos em alimentos; presidiários do Rio de Janeiro e de São Paulo, sem dinheiro para dar, cedem uma refeição por semana. As parcerias criadas no movimento também são inéditas. Na Tijuca, por exemplo, tradicional bairro da classe média do Rio de Janeiro, a sede do Sindicato dos Telefônicos abriga um comitê que reúne o Círculo Espírita José de Arimatéia, a Associação dos Familiares de Doentes Mentais, o Centro de Atividades Culturais, Econômicas e Sociais (CACES, uma ONG) e o grupo de cultura afro-brasileira Matumba Axé.

A campanha surge na esteira da mobilização pelo *impeachment* de Collor, proposta inicialmente pelas entidades do Movimento pela Ética na Política, que coordenaram a luta pelo afastamento do ex-presidente: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), presidido por Betinho, Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), entre outras. E canaliza a indignação da população contra a corrupção e seu recém-descoberto poder de interferir na vida pública. Afinal, quem pode destituir o presidente da República também pode acabar ou ao menos mitigar a fome, a miséria e a violência.

O esquema de corrupção no Congresso, que começa a ser desvendado pela CPI do Orçamento, contribui para aumentar a indignação: existem 30 mil entidades filantrópicas contempladas com verbas do Orçamento da União. Muitas são fantasmas, simples fachadas para os "anões do Orçamento" carrearem dinheiro público para seus próprios bolsos.

Com US$ 1 milhão – metade do que cada "anão" ganhou manipulando as verbas de assistência social do Orçamento – daria para pagar um dia de merenda para 4 milhões de escolares, vacinar 500 mil crianças ou manter 45 mil alunos no 1º grau por um ano. Com os US$ 51 milhões movimentados pelo deputado João Alves (PPR-BA) em suas contas bancárias, nos últimos cinco anos – segundo estimativa da CPI –, seria possível fornecer 3,4 milhões de cestas de Natal para as famílias miseráveis do país.

Se cresce a consciência sobre o dinheiro público desperdiçado, também cresce a consciência sobre as diferentes formas de desperdício. De acordo com a Secretaria da Agricultura de São Paulo, a perda de alimentos durante a colheita, transporte e armazenamento chega a cerca de US$ 5,4 bilhões por ano – o suficiente para comprar uma cesta mensal de alimentos para todas as 9,2 milhões de famílias indigentes. Somando-se as perdas cotidianas de indústrias, supermercados, restaurantes e casas onde se comem pelo menos duas refeições por dia, o valor seria maior.

A campanha contra o desperdício é apenas um dos desdobramentos da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida. Multiplicam-se outras iniciativas, como hortas comunitárias, creches populares ou mutirões de atividades produtivas. Seu principal saldo, no entanto, é uma idéia, capturada por levantamento feito pelo instituto de pesquisas DataFolha: "83% dos brasileiros acreditam que o país é viável".

Ou como disse Betinho ao comentar os resultados do movimento: "A resposta positiva da sociedade abre caminhos para transformações futuras, para mudanças na área política e no comportamento do eleitorado. E oferece novas perspectivas para a democracia em nosso país. A democracia não é um regime individualista, egoísta, cínico. É um grau mais elevado alcançado pela sociedade".

Luci Ayala

ECONOMIA

Recuperação com a marca de Itamar

A inflação resiste mas o país avança, sem desvios significativos no projeto de modernização neoliberal

Jornais mandam o presidente da República calar a boca, "para não atrapalhar o ministro da Fazenda". Uma ordem surpreendente, dada por escrito, em artigos e editoriais. Possivelmente sem igual no mundo, o fato ilustra bem a complicada fase de transição que o Brasil atravessou em 1993, com a ascensão de Itamar Franco à Presidência, após o *impeachment* de Fernando Collor.

Felizmente para o país, o ano deixou um saldo positivo na economia, excetuando-se, é óbvio, a falta de avanços no combate à inflação. Mesmo nisso, porém, houve mudanças acentuadas em relação aos anos anteriores, sempre marcados por explosiva disparada de preços no último trimestre.

Uma série de fatores – como a formação de grandes reservas de dólares e o aumento violento da arrecadação, reduzindo a necessidade de emissão de dinheiro – deixou o governo em posição bastante confortável para detonar uma ofensiva contra a inflação em 1994. Na verdade, o governo Itamar conseguiu fechar o ano podendo até dar-se o luxo de ficar com o coração dividido entre duas propostas diferentes de combate à inflação. De um lado, um plano sofisticado, com a criação de nova moeda, defendido pela equipe de economistas teóricos do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. De outro, um grupo de sugestões defendidas por entidades empresariais como o Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE) e ministros (ou ex) como Andrade Vieira, da Indústria e Comércio, e Walter Barelli, do Trabalho.

No programa do ministro da Fazenda, a peça fundamental era o "ajuste fiscal" – o corte de despesas para eliminar qualquer déficit do Tesouro.

A proposta alternativa defende que a queda da inflação poderia ser obtida gradualmente, através de medidas diretas, que contivessem os reajustes de preços. Nada de tabelamentos ou congelamentos, porém: a proposta se baseia na constatação de que as empresas vêm reajustando seus preços com base na inflação passada. No entanto, como os salários são uma fatia do custo das empresas e eles vêm subindo muito abaixo da inflação (por causa da própria política salarial fixada pelo governo), as empresas na verdade poderiam, mês a mês, reduzir seus reajustes de preços, estabelecendo-os em 2 a 2,5 pontos porcentuais abaixo da inflação do mês anterior. Esse sistema, portanto, se basearia na "prefixação", isto é, o governo procuraria obter a adesão de entidades empresariais e sindicais para adotá-la. Algo como um "pacto". Choques de opinião como esse, em torno do combate à inflação, foram a marca registrada do governo Itamar em seu primeiro ano de existência. Houve permanentes conflitos internos, momentos de ruptura, sucessivas demissões de ministros.

Para a opinião pública, a situação foi apresentada de forma enganadoramente simplificada pela maioria dos formadores de opinião. Todos os problemas se resumiram, segundo essas versões, ao "estopim curto", ao temperamento impulsivo do presidente Itamar, que, ainda por cima, tinha o hábito de "falar demais", inquietando os mercados financeiros, os empresários, e tumultuando a economia. Essa convicção acabou contagiando os próprios jornalistas, a ponto de se convencerem de que era correto mandar o próprio presidente da República ficar de boca calada.

Nada mais falso do que essa visão simplista dos problemas. Em seus primeiros meses, o governo Itamar sofreu uma das maiores campanhas de descrédito já observadas no país, não faltando setores da sociedade que defendiam simplesmente o afastamento do novo presidente.

Por que toda essa reação à posse de Itamar? Na verdade, as restrições nada tinham a ver com o seu temperamento: o alvo era o grupo de pensamento político que Itamar representava, visto como "ligado ao passado", capaz de provocar retrocessos no país e, por isso mesmo, sarcasticamente apelidado de "parque dos dinossauros".

O fato é que, paradoxalmente, Itamar Franco poderia ser considerado, em termos de colocações políticas, o oposto do presidente Collor, do qual foi companheiro de chapa. Sua união foi inteiramente circunstancial, sem qualquer identidade de pontos de vista. Collor, um homem do Nordeste, precisava de um companheiro influente para conseguir os votos do Sul/Sudeste. A opção de um nome de São Paulo, de vasto eleitorado, foi dificultada pelo próprio tom da campanha de Collor, de ataques à pretensa insensibilidade e corrupção das elites do país, especificamente das elites empresariais concentradas em São Paulo. A alternativa surgiu em Minas Gerais, na pessoa de Itamar Franco, que não escondia seu ressentimento diante das sucessivas jogadas de caciques de seu partido contra a escolha de seu nome, inclusive como candidato a governador de Minas Gerais, em eleições anteriores (ver capítulo *História do Brasil*).

Em que pesem as distorções, o governo Collor procurou efetivamente aplicar a prometida política em busca de "modernidade" para a economia e a sociedade brasileira, com o apoio quase unânime das elites políticas e empresariais. Havia fortes suspeitas, nessas classes influentes, de que o vice Itamar, contraditoriamente, discordava dessas teses e procuraria torpedecer sua implantação se chegasse ao poder.

As mudanças rumo à "modernidade" defendidas por Collor baseavam-se na cartilha do "pensamento neoliberal", propagado em todo o mundo nas últimas décadas graças ao impulso dado pela ação de Ronald Reagan, nos EUA, a Margaret Thatcher, na Inglaterra.

O que visaria esse neoliberalismo aplicado ao Brasil, afinal? De acordo com sua cartilha, a economia brasileira era ineficiente, funcionava mal e produzia bens e serviços caros demais. Com isso, perdia o consumidor

brasileiro, e o país tinha dificuldades de conquistar o mercado externo, isto é, de "inserir-se" na economia mundial. Qual a origem de todos esses males? Há décadas, o governo, o Estado, viria criando regras e leis em excesso, impedindo que o mercado funcionasse livremente, isto é, que o próprio mercado, a concorrência, pudesse "exigir" que as empresas se aperfeiçoassem e procurassem produzir melhor e mais barato.

Para restabelecer a concorrência e a força do mercado, haveria dois *fronts* principais a atacar, reduzindo-se a proteção excessiva e prejudicial à produção nacional: no campo externo, reduzir os impostos e mesmo as proibições e outras barreiras que encareciam e dificultavam a entrada de produtos importados; no campo interno, revisão das políticas de reserva de mercado (inclusive a proibição ou obstáculos a importações) e os monopólios, como no caso da informática e, respectivamente, nos setores de petróleo, telecomunicações, energia elétrica, mineração.

Na área empresarial, em síntese, acreditava-se ser preciso reduzir a proteção, forçar a concorrência, o desenvolvimento tecnológico. Especificamente na área do Estado, acreditava-se que este havia passado a interferir excessivamente na economia, realimentando-se de duas distorções. De um lado, o gigantismo da máquina estatal e, de outro, o desvio de suas verdadeiras finalidades, inclusive através da ação de estatais de todos os tipos.

No diagnóstico neoliberal, o governo deve voltar a dar ênfase a seu objetivo real, de fornecimento de serviços básicos, como educação e saúde, à população. Todos os recursos deveriam ser canalizados para essas áreas, justificando-se assim a venda de estatais e novos avanços na privatização, como a entrega da execução e exploração de estradas, portos, ferrovias e mesmo usinas elétricas e serviços de telecomunicações a empresários privados, a serem devidamente remunerados.

Coroando todas essas teses, a corrente neoliberal difundiu a convicção de que os governos gastam demais, enfrentam desperdícios por má administração e apresentam rombos fantásticos. Por isso, realizam emissões constantes e são os responsáveis pela inflação. Para combatê-la, portanto, nesse diagnóstico, é essencial uma reestruturação "definitiva" nas finanças do Tesouro, que impeça o retorno futuro de novos déficits, o que seria obtido por muitos caminhos: venda de estatais, transferência de obras e serviços à iniciativa privada, cortes de pessoal, cortes de gastos em geral e aumento da arrecadação, de preferência via combate à sonegação.

Suspeitava-se que o vice-presidente Itamar Franco não endossasse plenamente todas as linhas dessa filosofia, de prioridade absoluta ao papel do mercado, como agente orientador da economia. Toda sua carreira política foi claramente ligada à linha de pensamento que no período recente teve seu auge no chamado "grupo Geisel", do qual o ex-senador Severo Gomes foi também um nome de destaque. Essa corrente política formou-se nos anos 50 e 60, quando toda a América Latina foi dominada por conceitos nacionalistas e defendia a necessidade de ampla intervenção do governo na economia, como único caminho para conseguir a industrialização e romper com a condição de países fornecedores de produtos primários, agrícolas ou minerais, às nações já desenvolvidas. Essa intervenção do governo abrangia:

- Políticas de apoio à empresa nacional, para permitir-lhes enfrentar as multinacionais e mesmo as importações, a preços imbatíveis, dos países ricos.
- Barreiras às importações, com objetivos similares.
- Políticas de apoio ao desenvolvimento de tecnologia local.
- Constituição de monopólios estatais, e de associações com o predomínio do Estado, para exploração de setores considerados estratégicos, como petróleo, telecomunicações, energia elétrica, mineração.

Também na área social, essa corrente de pensamento contesta a possibilidade de o próprio "mercado corrigir distorções como a concentração de renda e o combate à miséria. No seu entender, cabe ao governo enfrentar o problema através de uma série de mecanismos como maiores verbas para as regiões mais pobres, incentivos à industrialização dessas regiões, ou reforma tributária, que garanta a cobrança realmente progressiva (quem ganha mais paga proporcionalmente mais) de impostos.

Governo fecha 93 apostando nos planos do ministro da Fazenda

Finalmente, os "dinossauros" sempre defenderam a filosofia de que o combate à inflação não pode ser feito à custa de uma recessão, nos países em desenvolvimento como o Brasil. Além da grande maioria da população paupérrima, aqui são insatisfatórios os mecanismos que reduzam o drama da população desempregada – como salário-desemprego (só para quem tem carteira assinada), ajuda-alimentação etc.

Sempre que uma sociedade entra em processo de mudanças, de ruptura com o passado, há o risco de emocionalismo, excessos, distorções. O caso brasileiro não poderia fugir à regra. A "modernidade" do presidente Collor virou um modismo, com apoio irrestrito de formadores de opinião, lideranças empresariais, economistas. A "unanimidade", sempre antidemocrática, passou como um trator por cima de tentativas de questionamento ou críticas a qualquer aspecto da política, abrindo caminho para abusos e mesmo negociatas, com violentos prejuízos ao Tesouro, em benefício de grupos empresariais. Um festival de distorções, que começa a vir à tona com a CPI do Orçamento.

Por isso mesmo, a campanha hostil ao presidente Itamar, extremamente violenta nos primeiros dias de governo, teve duas motivações distintas. Houve legítima reação de defensores da política neoliberal, temendo que ele adotasse decisões de retrocesso, impensadas. Mas houve também intensa articulação de setores que claramente estavam tirando grande proveito, e grandes lucros, da política adotada até então, à custa de toda a sociedade. Para eles, Itamar Franco surgia como uma ameaça clara, que era preciso destruir. O objetivo foi perseguido de maneira hábil, com um bombardeio de declarações, "notinhas" na imprensa, que formassem, na opinião pública, a imagem de um pre-

sidente "despreparado", e leviano.

O presidente criticava os juros altos? Sua opinião era ridicularizada, insinuando-se que ele era ignorante. O presidente mandava rever normas sobre a privatização, por achar que elas estavam proporcionando "negócios da China"? Choviam imediatamente ataques e afirmações de que a real intenção do presidente "dinossauro" era adiar indefinidamente as privatizações.

Ironicamente, meses mais tarde o presidente Itamar Franco iria conseguir apoios inesperados. No caso dos juros, o próprio ex-ministro Delfim Netto, afinado com o neoliberalismo, deu razão ao presidente, considerando loucura, um assalto, os juros de até 100% reais ao ano que eram cobrados no Brasil nos tempos do ex-ministro Marcílio Marques Moreira, contra a taxa de 3% a 6% aplicada nos países ricos.

Os caminhos para a redução do déficit público eram outro motivo para a ofensiva articulada contra o presidente Itamar. No governo Collor, a onda de críticas ao papel e desempenho do Estado acabou servindo de cortina de fumaça para novas distorções. Defendia-se a privatização a toque de caixa e a redução violenta e indiscriminada da atuação e dos gastos governamentais. Com a ascensão de Itamar, entrou em cena um dado novo: relembrou-se que, na realidade, o déficit do Tesouro se devia à sonegação, de proporções gigantescas no país. Uma sonegação, na prática, até certo ponto estimulada pelos ministros da Fazenda, mesmo após o advento da Nova República, e fortemente concentrada nos grandes grupos empresariais, segundo estudos oficiais da própria Secretaria da Receita Federal. Para esses grandes sonegadores, as propostas do governo Itamar, de reorganizar a Receita e aumentar a arrecadação, significam o fim de lucros de trilhões de cruzeiros com a sonegação ou o pagamento adiado dos impostos devidos.

Por tudo isso, o cerco dos setores dominantes contra Itamar não se abrandou nem mesmo com a guinada de que ele aplicou na política de combate à inflação adotada no último ano do governo Collor. Francamente recessiva, a política do ex-ministro Marcílio se apoiou na violenta contração do consumo através de dois caminhos:

- Redução do poder aquisitivo, através do achatamento dos salários (reajuste a cada dois meses, em 50% da inflação); do brutal evitamento das aposentadorias (reajustes a cada quatro meses) e do salário mínimo (idem, uma violência).
- Redução da demanda – através de brutal corte nos gastos do governo.

Contrário à recessão, o governo Itamar mudou essas políticas. A economia reagia e, com ela, veio o aumento da arrecadação, já estimulada pelo combate mais efetivo à sonegação.

A campanha sistemática contra o presidente jamais deixou que empresários e economistas admitissem publicamente que a recuperação da economia se deveu efetivamente ao novo governo.

A campanha desmoralizadora contra o presidente Itamar usou constantemente de um estratagema: apresentava-se o ministro da Fazenda como competente, porém "de mãos atadas" pelo presidente. Com isso, acabavam eclodindo conflitos de opinião entre as duas personagens. O ministro Paulo Haddad, por exemplo, foi claramente picado pela "mosca azul" e apresentou um plano que o presidente da República não teria condições de aceitar, sob risco de desmoralização definitiva: propunha a volta de uma recessão "violenta", porém (quem garantia?) rápida.

Taxas da recuperação – 1993*

Período	Indústria[a]	Comércio[b]
Jan.	**45,6**	**2,8**
Fev.	21,9	13,5
Mar.	**63,8**	**32,6**
Abr.	64,2	13,5
Mai.	**49,4**	**13,8**
Jun.	38,2	27,3
Jul.	**37,1**	**25,1**
Ago.	44,0	25,5
Set.	**27,1**	**19,0**
Out.	31,4	17,3
Nov.	**31,5**	**11,4**

(*) Crescimento porcentual sobre 1992; (a) produção industrial de bens de consumo durável; (b) vendas de bens de consumo durável no comércio varejista.
Fonte: Instituto de Economia do Setor Público (IESP)

De ministro em ministro, o presidente Itamar finalmente conseguiu que o senador Fernando Henrique Cardoso aceitasse o cargo – para o qual ele já o havia convidado logo no início do governo. Havia clara identificação de pontos de vista entre ambos, mesmo porque a formação política do novo ministro datava da mesma época, as décadas de 50 e 60. Em suas primeiras entrevistas, o ministro investiu contra os "mitos" dos neoliberais, com a necessidade de juros altos, ou a necessidade de cortes violentos para reduzir um déficit (que ele considerava pequeno) e combater a inflação.

Suas análises, no entanto, mudaram rapidamente. Não apenas as análises. Como seus antecessores, o ministro passou a esconder que a arrecadação estava crescendo perto de 30% ao ano, e pôs-se a defender violentamente cortes no Orçamento para reduzir um pretenso déficit. Além disso, o ministro premiou os sonegadores com redução de multas, parcelamento de até 80 meses para quitação das dívidas, juros de "pai para filho" e cancelamento da "entrada" ou prestação inicial anteriormente existente, de 15% a 20%. A mudança para a qual analistas políticos arriscavam uma interpretação: considerado "um político de esquerda" o ministro Fernando Henrique Cardoso estaria tentando mostrar às classes empresariais que também é confiável, isto é, tão confiável para os empresários quanto Paulo Maluf, apontado então como alternativa à candidatura Lula.

O presidente? A tudo assistia em silêncio. Talvez mineiramente, à espera da evolução da inflação diante do plano de seu ministro da Fazenda. Fernando Henrique, pelo menos não poderá dizer que não teve carta branca para justificar eventual fracasso. Durante meses, o presidente nem sequer abriu a boca, para qualquer indiscrição ou comentário. O que não deixou de ser, até certo ponto, uma vitória para aqueles que se opunham à sua posse.

Aloysio Biondi

MÃOS LIMPAS

Operação muda a cara da Itália

Seus efeitos são comparáveis aos da Revolução Francesa. Mas, por usar só a lei, é chamada de Doce

O programa de televisão de maior sucesso no Natal de 1993, na Itália, era a história de um julgamento no melhor estilo do antigo seriado americano *Perry Mason*. O herói nesse caso não era um advogado como Mason, mas um promotor, figura tradicionalmente antipática nos filmes. Tratava-se de um herói original, nem bonito nem feio, com sotaque caipira e um modo de se exprimir simples e direto, quase rude, incomum nos tribunais. Surpreendia nesse tipo bastante banal uma implacável severidade e uma esperteza de matuto. As vítimas de sua habilidade de caçador e de sua paixão de justiceiro eram conhecidos políticos e empresários da Itália, os homens mais importantes do país até dois anos antes.

Os italianos saboreavam o show como se estivessem lavando a alma. As sessões do julgamento eram transmitidas por todos os canais, diversas vezes por dia, em versão integral ou resumida. No dia seguinte, a jornada judiciária era comentada por todos os jornais com artigos de primeira página. E a cada capítulo havia novas emoções, como nas melhores telenovelas.

Tanto sucesso tem explicação. O roteiro do programa não era ficção, mas vida real, e as cenas transmitidas pelo vídeo aconteceram de verdade. O promotor era o juiz Antonio di Pietro, um dos homens mais populares da Itália. Durante quase dois anos, trabalhou em silêncio armando os processos do mar de lama da Itália, no que ficou conhecido como Operação Mãos Limpas. No mês de dezembro de 1993, finalmente, milhões de telespectadores italianos puderam ver ao vivo que a Operação Mãos Limpas tinha uma sólida base judiciária e os acusados corriam o risco concreto de passar um bom tempo na cadeia. No primeiro grande julgamento público, no último Natal, o réu foi Sergio Cusani, ex-presidente da *holding* do Grupo Ferruzzi, acusado de ter pagado propinas de quase US$ 70 milhões aos mais conhecidos políticos italianos. As testemunhas eram os próprios políticos que receberam as propinas e que, no processo, são qualificados como co-autores.

O julgamento de Cusani, executivo que representava o segundo grupo econômico da Itália, o conglomerado Ferruzzi, estava previsto para terminar no início de 1994. Mas, pelo que representava como símbolo de um sistema de poder corrompido e corruptor, e pelos nomes outrora importantes que levou à barra do tribunal, já era visto na Itália como um marco na história recente do país. Os interrogatórios mais emocionantes foram dos ex-primeiros-ministros Bettino Craxi, ex-líder do Partido Socialista, e Arnaldo Forlani, ex-líder democrata-cristão; dos ex-ministros Claudio Martelli e Paolo Cirino Pomicino; do empresário Carlo Sama, vice-presidente do Grupo Ferruzzi; e de Giuseppe Garofano, ex-presidente do grupo químico Montedison. Não só porque alguns deles passaram alguns dias, antes do julgamento, na cadeia em prisão preventiva. Mas porque o promotor Antonio di Pietro não se contentou em contradizê-los com provas. Promoveu acareações na sala do tribunal, obrigando-os a se desmentir reciprocamente em público, ao vivo e em cores.

Sergio Cusani é um dos 1.404 empresários, políticos e altos funcionários públicos indiciados criminalmente na Operação Mãos Limpas. Centenas de outros chegaram a ser investigados, às vezes até foram presos, mas conseguiram se livrar do julgamento por falta de provas que permitissem o indiciamento formal.

A história registra que a operação, de cunho eminentemente judiciário, foi iniciada em Milão, capital industrial do norte da Itália, no dia 17 de fevereiro de 1992. Em 22 meses, mudou a cara da Itália, promovendo uma renovação no grupo dirigente do país equiparada à realizada pela Revolução Francesa, que no fim do século XVIII eliminou – no caso, fisicamente – 3.500 aristocratas.

Como não usa a guilhotina mas simplesmente aplica a lei, a revolução italiana foi batizada de Revolução Doce. Mas nem por isso foi menos implacável: os cinco partidos que governaram por quatro décadas o país, até o início de 1992, sempre com mais de 50% do eleitorado, viraram pó de traque. Nas últimas eleições municipais mal conseguiram somar 15% dos votos. São 471 empresas envolvidas no escândalo. Foram parar na cadeia, em prisão preventiva, 1.123 personalidades, com uma permanência em média de dois dias e meio. Mas houve quem ficasse meses encarcerado, seja porque se recusava a admitir fatos já apurados pela Justiça, seja porque oferecia risco concreto de destruir provas se colocado em liberdade. Sergio Cusani bateu o recorde no xadrez com 4 meses e 29 dias, e foi solto na véspera do Natal.

Nestes quase dois anos, trezentas pessoas foram pronunciadas, ou seja, seus processos foram encaminhados para julgamento. Destas, 150 conseguiram os benefícios dos chamados procedimentos alternativos ao julgamento, no caso de admissão de culpa, como prevê o Código Penal italiano – negociação da pena, sanção pecuniária etc. No início de 1994, sessenta julgamentos estavam em curso e outras dezenas estavam por começar. Em alguns casos, o procedimento judicial foi interrompido pelo drama individual do suicídio. Houve pelo menos sete. Entre eles, com três dias de intervalo em agosto de 1992, o do presidente do ENI (a Petrobrás italiana), Gabriele Cagliari, e o de Raul Gardini, um dos donos do Grupo Ferruzzi.

Desde que começou a vir à tona, o mar de lama italiano teve todos os elementos de um bom livro de literatura policial. Tudo começou com um caso de corrupção aparentemente microscópico. Um empresário de 30 anos, Luca Magni, dono de uma pequena empresa de limpeza de Milão, exasperado pelo constante aumento das propinas exigidas para manter o contrato com o asilo de velhos Pio Albergo Trivulzio, resolveu denunciar o fato à polícia. Ele deveria pagar cerca de

US$ 20 mil em quatro suaves prestações.

Um policial, Roberto Zuliani, alertou um amigo, o juiz Antonio di Pietro, ex-policial, promotor do Tribunal de Milão. Este se debatia em um caso de corrupção que estava sendo concluído naqueles dias, de modo insatisfatório, por falta de provas. Na Itália, as investigações de um processo são comandadas pelo juiz instrutor e pelo promotor. Di Pietro, escaldado pela experiência anterior, caprichou na obtenção de provas. Com autorização do procurador-chefe de Milão, Francesco Saverio Borrelli, montou uma armadilha para o diretor do asilo, Mario Chiesa, político socialista muito próximo ao secretário do partido Bettino Craxi, então o político mais arrogante da Itália.

Antonio di Pietro revelou uma vocação investigativa cinematográfica. Convenceu Luca Magni a pagar a propina levando consigo cédulas marcadas e, por baixo do paletó, um microfone. O diálogo entre Magni e Mario Chiesa foi transmitido diretamente ao tribunal, na sala de Di Pietro, que tudo anotava auxiliado por um escrivão. Entregue a propina, uma patrulha da polícia, já munida de ordem de prisão, prendeu Mario Chiesa em flagrante.

Indignado e talvez contando com a proteção de seus padrinhos políticos, o diretor do asilo fechou-se em silêncio tão completo quanto inútil, que durou mais de um mês. Nesse período, como fora preso em flagrante, permaneceu atrás das grades. Enquanto isso, Di Pietro, auxiliado por outros dois juízes, Gherardo Colombo e Italo Ghitti, comandou uma formidável operação de investigação. Com a ajuda de técnicos em informática e finanças da polícia, decodificou uma enorme quantidade de informações armazenadas nos computadores de Chiesa. Passou em revista a vida financeira e bancária do político, de seus auxiliares, parentes e de todos os empresários com quem tinha relações ou negócios. Tendo feito o que nenhum juiz antes dele fizera, por falta de condições ou interesse, Di Pietro acabaria comprovando aquilo de que todo mundo na Itália desconfiava, mas não tinha certeza. Ou seja, não havia praticamente qualquer ato da administração pública, do mais alto ao mais baixo escalão, que não fosse azeitado por um esquema de corrupção vasto, arraigado e quase automático – o que o juiz Di Pietro acabaria definindo como sistema de "corrupção ambiental".

Como em toda boa história policial, o improvável também teve seu papel. Ao contrário do que ocorria em casos anteriores de corrupção fareJados pela magistratura, muitos empresários resolveram seguir o exemplo de Magni e colaborar. Em alguns casos, convencidos pela exibição de indícios que os comprometiam, revelaram o que acontecia por trás de cada concorrência: as propinas, os porcentuais a cada partido, o nome de quem embolsava o dinheiro, a qual partido pertencia.

Os empresários reticentes e os que negavam tudo conheceram o desconforto da penitenciária de San Vittore em Milão, onde dividiam a cela com prisioneiros comuns. Salvatore Ligresti, 61 anos, construtor, um dos cinco homens mais ricos da Itália, ficou 101 dias na cadeia com um viciado em heroína e só saiu por motivos de saúde. Vinte dias depois, resolveu contar tudo o que sabia e começou o ano de 1993 relatando uma impressionante série de empreitadas resolvidas na base da corrupção.

A motivação legal de tamanha severidade era impedir que destruíssem provas. A prisão preventiva só foi suspensa em 22 meses quando a culpa estava suficientemente provada, ou por uma confissão, ou em face de indícios irrecusáveis. Ou ainda, em menos de um punhado de casos, por conclusão do prazo legal. Alberto Zamorani, presidente da empresa de construção Italstat, de capital misto, foi quem melhor definiu o

Notícias da revolução italiana

JANEIRO

Preso o chefão da Máfia, Totò Riina, foragido há vinte anos. (15)

FEVEREIRO

Silvano Larini, caixa do esquema de corrupção de Bettino Craxi e foragido há oito meses, se entrega e faz revelações importantes. (7)

O ministro da Justiça , Claudio Martelli, se demite ao saber que será indiciado por corrupção. (10)

Bettino Craxi se demite da secretaria do Partido Socialista; é sucedido por Giorgio Benvenuto. (11)

Presas 35 pessoas por corrupção, entre elas o pai do ministro da Saúde, Ferrucio De Lorenzo. (19)

Presos Francesco Mattioli e Antonio Mosconi, da Fiat. (22)

Indiciado por corrupção o secretário geral do Partido Republicano, Giorgio la Malfa; preso Giampiero Pesenti, um dos maiores empreiteiros do país. (25)

MARÇO

Preso o presidente do ENI, Gabriele Cagliari. (9)

Giulio Andreotti, sete vezes primeiro-ministro, é indiciado por participação em ações da Máfia. (27)

Os ex-ministros Antonio Gava e Pasto Cirino Pomicino são indiciados por participação na Camorra, a máfia napolitana. (28)

O juiz Corrado Carnevale, do Tribunal de Justiça, conhecido por absolver mafiosos em segunda instância, é indiciado por participação em atividades da Máfia. (29)

ABRIL

O diretor-geral do grupo Fiat, Cesare Romiti, se apresenta voluntariamente ao juiz com um dossiê de todas as propinas pagas ao governo pelo grupo Fiat. (21)

O primeiro-ministro Giuliano Amato renuncia. (22)

Senado dá autorização para processar Giulio Andreotti. (27)

Nomeado primeiro-ministro o presidente do Banco Central, Carlo Azelio Ciampi. (28)

método de investigação da Operação Mãos Limpas. Ao sair da cadeia depois de mais de dois meses, e tendo finalmente contado boa parte de seus segredos aos juízes, disse: "Se os juízes continuarem por este caminho vão prender muito mais de mil pessoas. Quando vêm para o interrogatório já sabem tudo".

Os partidos que governaram o país por quatro décadas viraram pó de traque

Quando Mario Chiesa resolveu confessar, percebeu que os juízes conheciam praticamente tudo sobre seus negócios, incluindo contas em dois bancos suíços e um patrimônio imobiliário de US$ 15 milhões. Em sua confissão entregou, com uma precisão de bancário, todos os políticos que presidiam empresas municipais de Milão, os dois últimos prefeitos da cidade – os socialistas Carlo Tognoli e Paolo Pillitteri – e por fim o próprio Bettino Craxi, secretário geral do partido socialista e manda-chuva de Milão. Naqueles dias, Craxi disputava mais uma vez com o democrata-cristão Giulio Andreotti as cadeiras de presidente da República e de primeiro-ministro. Suas pretensões políticas naufragaram definitivamente, e esperava-se seu julgamento para o primeiro semestre de 1994, logo após as eleições parlamentares previstas para 20 de março.

A partir de Mario Chiesa, Antonio di Pietro e seus colegas começaram a puxar o fio da meada. Foi ficando cada vez mais claro o cenário da "corrupção ambiental", um grande acordo entre os políticos dos partidos de governo – e em alguns casos até do maior partido de oposição, o Democrático da Esquerda (PDE), ex-Comunista Italiano (PCI) – para dividir a grande torta da corrupção. Com a evolução das investigações, nos interrogatórios começaram a aparecer com freqüência crescente nomes dos políticos do grupo dirigente ou de seus auxiliares diretos. No final de 1993, o tesoureiro do Partido da Democracia Cristã, senador Severino Citaristi, já se encontrava indiciado em quarenta processos por corrupção ou violação da lei sobre o financiamento eleitoral, enquanto Bettino Craxi, vice-campeão, colecionava quase trinta processos.

Investigando as obras de ampliação do aeroporto e do metrô de Milão, os juízes chegaram à empresa de construções pesadas do Grupo Fiat Cogefar-Impresit. Enzo Papi, seu presidente, depois de 55 dias na cadeia, revelou, junto com outros dirigentes de grandes empreiteiras, como a Lodigiani, um aspecto inédito e inquietante do esquema de corrupção italiano. As propinas não eram mais pagas com base em empreitadas ou troca de favores específicos, mas periodicamente, de acordo com estimativa de quantas concorrências a empresa iria garantir para si durante o ano.

A pergunta é lógica: como foi possível à magistratura levar adiante as investigações contra políticos e empresários poderosos, que desde o fim da II Guerra Mundial dominavam a vida institucional e econômica do país?

Duas datas são importantes para entender a Operação e a Revolução Doce: o dia da prisão de Mario Chiesa e o dia 5 de abril de 1992, quando foram realizadas as últimas eleições para o Parlamento italiano, já em pleno furacão Mãos Limpas. Nelas, os partidos da coalizão de governo, liderada pelos democratas-cristãos e pelos socialistas, que detinham até então uma cômoda maioria parlamentar, pela primeira vez em dé-

MAIO

A Câmara abole a imunidade parlamentar. (13)

A Galeria degli Uffizi, de Florença, sofre atentado a bomba. (27)

JUNHO

Eleições consagram, como novos prefeitos, políticos da Liga Norte e do PDE, ex-PCI. (6)

Preso Franco Nobili, presidente da holding estatal IRI. (12)

Começam as investigações sobre o Grupo Ferruzzi. (18)

Indiciado o ministro da Saúde, Francesco de Lorenzo. (21)

JULHO

Gabriele Cagliari, presidente do ENI, se suicida na cadeia. (20)

Raul Gardini, ex-presidente da Ferruzzi, se suicida; Carlo Sama, Vittório Ricci e Sergio Cusani, diretores do mesmo grupo, são indiciados e presos. (23)

Bombas destroem partes de antigas igrejas em Roma e matam cinco pessoas em Milão. (27)

SETEMBRO

Preso Duilio Poggiolini, diretor do serviço farmacêutico nacional; em sua casa é encontrada uma fortuna em lingotes de ouro, quadros antigos e bônus do Tesouro, obtidos ao longo de vinte anos de corrupção. (20)

OUTUBRO

Maurizio Broccoletti, diretor administrativo do serviço secreto, é acusado de corrupção, revela desvio de US$ 30 milhões e denuncia o presidente da República, Oscar Luigi Scalfaro. (28)

DEZEMBRO

Preso o tesoureiro da direitista Liga Norte, Alessandro Patelli, por receber propina de US$ 200 milhões. (11)

O ex-primeiro-ministro Giulio Andreotti é acareado com o mafioso Baldassare di Maggio. (14)

Arnaldo Forlani e Bettino Craxi – há dois anos, os políticos mais importantes do país – são interrogados no processo Cusani. (17)

Carlo Sama declara, ao depor no processo contra Cusani, que Gardini, da Ferruzzi, pagava propinas também ao PCI; dirigentes do PDE (ex-PCI) negam. (21)

cadas tiveram menos de 50% dos votos. Com um pequeno prêmio para a maioria, previsto pela lei, os partidos até então hegemônicos conseguiram ainda a maioria parlamentar necessária, mas por apenas sete votos. De todo modo, estava quebrado o encanto. Era a fatídica rachadura no espelho.

Sem a perda de consenso eleitoral dos partidos que dominavam o país, Bettino Craxi seria primeiro-ministro e certamente a investigação de Antonio di Pietro sofreria pressões tais que teria encalhado como dezenas de processos análogos no passado. Foi o voto, a arma democrática por excelência, que deu sinal verde à magistratura e possibilitou a Revolução Doce italiana.

O cenário dessas eleições fundamentais é a Europa pós-queda do Muro de Berlim. A crise do sistema de poder na Itália começa exatamente naquele novembro de 1989, junto com o desmantelamento do mundo comunista. Por quase cinqüenta anos a Itália – considerada terra de fronteira entre os dois blocos antagônicos que dividiam a Europa – era para todos os efeitos um país de soberania limitada. No poder deveriam estar partidos filo-ocidentais.

O PCI, maior partido comunista do Ocidente, deveria ser mantido na oposição. E foi, em grande parte, graças à prudência da maioria dos italianos, que nunca se dispôs a pagar para ver as garantias de boas intenções democráticas dos comunistas. O terrorismo de direita e de esquerda, atentados a bomba e a ação nem sempre legítima dos serviços secretos também contribuíram para deixar o PC fora do centro do poder. Com a queda do Muro de Berlim, o espectro do comunismo se desfez e muitos votos que eram motivados por medo ou prudência passaram para a oposição.

Perdida a legitimação política internacional, o sistema de poder na Itália perdeu também os alicerces econômicos sobre os quais baseava o consenso do eleitorado. Por cinqüenta anos, o sistema político manteve-se sólido graças a um crescimento econômico invejável, que levou a Itália ao quinto lugar no mundo. Ao mesmo tempo, gastava-se muito além dos limites, fazendo o país acumular um colossal déficit público, equivalente em 1993 a 1,1 vez o PIB de US$ 1,5 trilhão.

Esse esbanjamento desenfreado servia para pagar o que às vezes era chamado de "paz social". Na prática, o governo dava aos italianos serviços públicos de péssima qualidade, comparados aos dos países europeus do primeiro time. Em compensação, admitia na máquina estatal uma pletora de funcionários inúteis: quase 10% dos 57 milhões de italianos trabalhavam para o Estado no fim de 1993. O governo mantinha também uma economia fortemente estatizada e deficitária (a Itália tem o setor público mais gordo da economia européia), o que lhe permitia trocar empregos por votos e manter abertos amplos canais de corrupção.

Além de sustentar gigantescos cabides de emprego, o governo pagava falsas aposentadorias por invalidez generosamente distribuídas, de acordo com critérios políticos, nas regiões menos industrializadas do sul do país. Apesar da necessidade de manter a inflação baixa, dentro dos parâmetros europeus, o Estado acumulava dívidas de dimensões continentais, emitindo bônus do Tesouro com juros muito acima do mercado. No ano passado, o governo gastou 10% do PIB só para pagar juros dos bônus mantidos pelos poupadores italianos. Tudo em nome da tranqüilidade social e para não dar argumentos à oposição, com a justificativa implícita da necessidade de manter a segurança político-militar na parte sul da Europa Ocidental.

Com o novo arranjo internacional, depois do fim do império soviético, todo o sistema clientelar italiano entrou em crise. Nenhuma potência internacional estava mais disposta a garantir a dívida estatal ou a emprestar dinheiro para alimentar a rede de sinecuras montada no país. Mesmo a parcela da população italiana que se beneficiava com o sistema anterior passou a considerar mais importante a renovação da cena política do país, sobretudo quando ele prepara-se para integrar-se às democracias mais modernas e arejadas da Europa. Sob o impacto de tal terremoto político e econômico, os partidos políticos no poder se enfraqueceram e perderam a capacidade de resistir com eficácia à ação agora independente da magistratura.

A personalidade de Antonio di Pietro teve importância fundamental para que se pudesse aproveitar o momento de fraqueza do grupo de políticos no poder, dividido e derrotado nas últimas eleições. Com 43 anos, fez uma carreira singular. Filho de sitiantes de Molise, a região mais pobre do país, tornou-se juiz aos 31 anos. Antes tinha trabalhado como pedreiro, aprendiz de tipógrafo e policial. Religioso, conservador, bom pai de família, caçador por hobby, apartidário e sem convicções ideológicas específicas a não ser uma fé inabalável na necessidade de ser honesto, deve sua carreira ao puro esforço pessoal. Apesar da sua aparência de xerife de faroeste, segue rigorosamente a lei, com grande escrúpulo. Mantém um comportamento discreto, apesar da pressão da imprensa. Sequer concede entrevistas.

Tinha fama de namorador antes de se casar pela segunda vez, com a advogada Susanna Mazzoleni – a única e pequena mácula, já limpa, em sua imagem. Por duas vezes se descobriu que desconhecidos (provavelmente agentes do serviço secreto, a mando de políticos em desgraça) investigavam sua vida. A tentativa, sem qualquer conseqüência, foi denunciada publicamente pelo procurador-chefe de Milão. O próprio Bettino Craxi, antes de ser obrigado a renunciar à secretaria do PS, escreveu no jornal do partido, *Avanti*, alguns editoriais prometendo revelações escandalosas sobre o magistrado. Tratava-se de um blefe tardio. Vê-se que o juiz Antonio di Pietro não tem telhado de vidro. É uma personagem inatacável.

Quase todos os atos do poder público eram azeitados na corrupção

Desde abril de 1992, o juiz trabalha em grupo com outros cinco magistrados. Hábil, só toma providências públicas contra um político quando dispõe de provas irrefutáveis. Foi assim no caso de Craxi. Durante todo o ano de 1992, Di Pietro impôs segredo sobre tudo o que empresários e políticos denunciavam a respeito do líder socialista. Chegou até a fazer uma de-

claração pública de que nada da sua sala do tribunal incriminava Craxi e família. Só no início de 1993, depois de ter indiciado o ex-primeiro-ministro por corrupção, revelou com base em provas que as propinas recolhidas pelos socialistas eram repartidas 50% para o partido e 50% para Craxi pessoalmente.

É terrível a radiografia da Itália feita pela Operação Mãos Limpas e por outras iniciativas judiciárias similares que pipocaram em toda a península nos últimos dois anos. No Norte, revelou-se um entrelaçamento diabólico entre negócios e política que custou bilhões de dólares aos contribuintes. No Sul, descobriu-se uma conivência e em alguns casos cumplicidade entre os políticos mais importantes do país e a Máfia da Sicília e da Camorra, a máfia napolitana.

Não foi por acaso que, com o desenvolvimento da Revolução Doce, os grandes e legendários chefões mafiosos, como Totò Riina e Nilo Santapaola, foragidos há mais de vinte anos, acabaram sendo presos. O mesmo fenômeno de renovação da cena política liquidou também com a base de silêncio cúmplice e de conivência política com o crime organizado, que vinha garantindo a incolumidade dos chefões. O ano de 1993 encerrou-se com uma cena que nem os mais fantasiosos ficcionistas poderiam imaginar: no dia 14 de dezembro, o democrata-cristão Giulio Andreotti, ex-primeiro-ministro por sete vezes, foi acareado com o mafioso Baldassare di Maggio, ex-motorista de Totò Riina. Maggio disse que conhecia Andreotti e que ele já tivera um encontro com o chefão mafioso.

Dos destroços do antigo regime surgem novas forças políticas que conseguem capitalizar o voto de protesto dos italianos e a esperança de mudança. As duas eleições municipais que aconteceram durante 1993 redesenharam o mapa político da Itália. No Norte, onde sempre existiram movimentos autonomistas, floresce a Liga Norte, liderada pelo rude e carismático senador Umberto Bossi. Prega a separação do país em duas partes: o Norte, porção mais industrializada, e o Sul, pouco desenvolvido; estimula o racismo contra a imigração do Terceiro Mundo; e defende a revolta fiscal contra o poder central corrupto e perdulário. À sua maneira, representa a oposição ao velho sistema.

No sul da península, grande parte da população, ao se sentir privada das prebendas e favores do governo a que estava habituada, canaliza seu protesto através do partido neofascista, o Movimento Social Italiano (MSI). Em dezembro, a neta do ditador Benito Mussolini, Alessandra, uma loura vistosa de 31 anos, arrecadou, graças ao sobrenome, 45% dos votos em Nápoles, cidade símbolo do voto clientelar do antigo sistema de partidos. Perdeu no segundo turno a eleição à prefeitura para um candidato de uma aliança de esquerda liderada pelo PDE.

Dos partidos políticos tradicionais da Itália, o único que se salvou do terremoto Mãos Limpas foi o velho PCI (atual PDE). Primeiro, porque sempre esteve na oposição e, por isso mesmo, teve menos ocasiões de participar da lambança promovida pelas várias coalizões lideradas pela Democracia Cristã e pelo Partido Socialista Italiano (PSI). Depois, porque foi o único que se renovou antes mesmo que começasse a tempestade e o mau humor do eleitorado.

Personalidade do juiz Di Pietro foi fundamental na condução do processo

Quatro anos atrás, quando suas chances de chegar ao governo eram consideradas nulas, o PCI mudou de nome, rejeitou qualquer ligação com a massa falida do comunismo do Leste europeu, renovou sua profissão de fé no capitalismo liberal e na democracia pluralista e ainda demonstrou aos italianos que, nas regiões e nas cidades onde deteve o comando da administração, fez governos exemplares e honestos. Assim, quando veio a derrocada dos demais partidos, o novo PDE estava pronto para avançar para o proscênio.

Nas eleições administrativas de dezembro de 1993 foi o grande vencedor, por dois motivos: seus candidatos foram eleitos em todas as cidades importantes; e demonstrou a capacidade de fazer alianças, criando uma frente progressista que parecia capaz de bater ao mesmo tempo a direita neofascista do MSI e o exotismo separatista e xenófobo da Liga Norte. No final de 1993, na Itália, dava-se como certo que nas eleições parlamentares de março de 1994 o ex-PCI iria finalmente obter um peso político equivalente ao peso eleitoral que sempre teve mas nunca conseguiu usar.

Com um toque de mágica, tudo o que estava encalhado na Itália neste último ano deslanchou com a Operação Mãos Limpas. Até as privatizações, que há anos ficavam só nas intenções, passaram a acontecer em ritmo acelerado. Em meados de dezembro, por exemplo, o Banco de Crédito Italiano foi privatizado em poucas horas, de forma inédita: 250 mil italianos esgotaram em poucas horas as ações colocadas à venda no caixa com 9,7% de desconto em relação à cotação na Bolsa. O pacote mínimo de ações valia US$ 4.500 e o máximo não podia superar 1% das ações. Outro banco estatal, a Banca Commerciale Italiana, deveria ser vendido nos mesmos moldes no início de fevereiro. A grande fábrica de turbinas Nuovo Pignone foi vendida pela melhor oferta à General Electric.

Consciente de seu papel histórico, o novo herói italiano encerrou 1993 fazendo uma promessa durante a última audiência do processo contra Sergio Cusani. Ele conseguira provar, durante o julgamento, que os políticos recebiam propinas. Estes se justificaram (como muitos políticos brasileiros acusados de corrupção) dizendo que o dinheiro servia para financiar os partidos e as campanhas eleitorais. Di Pietro prometeu que, em 1994 demonstraria nos tribunais que as propinas serviam em grande parte para engordar as fortunas pessoais dos políticos. A Itália poderia então finalmente saber aonde foi parar uma parte consistente da massa de propinas ilegais que sujou as mãos de políticos e empresários nos últimos quinze anos. Segundo o centro de pesquisas Luigi Einaudi de Turim, foram US$ 70 bilhões.

Não é à toa que nos muros de Milão o grafite mais comum diz: "Antonio di Pietro, faça-nos sonhar".

Monica Falcone

CONFLITOS

E a História não acabou

O fim da polarização do mundo em duas grandes potências faz emergir muitas guerras e tensões antes contidas

Em 1989, ano da queda do Muro de Berlim, o filósofo Francis Fukuyama agitou os meios acadêmicos dos Estados Unidos com um provocativo artigo em que defendia a tese do "fim da História". Pintando em tonalidades róseas o panorama do mundo pós-guerra fria, Fukuyama apontava o triunfo universal dos valores da democracia e do livre mercado como o limiar de uma nova era, na qual os conflitos armados perderiam gradualmente a razão de existir. Quatro anos depois, suas profecias pareciam ainda mais distantes da realidade do que quando foram proferidas. Um relatório divulgado em 1993 pela World Priorities, instituto independente com sede em Washington, assinalava um número recorde de 29 guerras de grandes proporções – ou seja, aquelas que envolvem um ou mais governos e causam pelo menos mil mortes no período de um ano, segundo o critério adotado pela entidade. "No lugar de uma guerra fria entre dois gigantes, um mundo perturbado se vê diante de uma epidemia de violência étnica e guerras civis", constata o relatório.

Ninguém mais sustenta que a História acabou. Os intelectuais já não discutem a eventual abolição dos conflitos, mas os motivos de sua persistência. Num artigo na revista *Foreign Affairs*, intitulado *O choque das civilizações*, Samuel Huntington, um dos cientistas políticos mais respeitados dos Estados Unidos, ditava o tom pessimista das discussões. Para ele, o futuro da humanidade será determinado pelo confronto entre as diferentes civilizações, definidas pela adesão às religiões – a civilização judaico-cristã ou ocidental, o mundo islâmico, o hinduísmo, o Japão xintoísta, entre outras.

De certa maneira, a teoria do "choque das civilizações" traduz a ressaca que tomou conta do Ocidente depois da dupla euforia da morte do comunismo e da bem-sucedida expedição militar contra o Iraque, em 1991. Em vez da "nova ordem mundial" trombeteada pelo presidente americano George Bush, instaurou-se o tumulto em escala planetária. A humanidade está momentaneamente livre, é verdade, do fantasma do holocausto nuclear, mas o cenário mundial se tornou muito mais instável. Antes, a queda-de-braço entre as superpotências fornecia a chave para a compreensão de praticamente todos os conflitos do planeta, da Nicarágua ao Afeganistão. Hoje, assiste-se a uma caótica explosão de agressividade cuja força motriz já não é a luta de classes, mas a raça, a religião, a nacionalidade. Todo um caldeirão de ódios e ressentimentos, abafado pelo totalitarismo comunista, veio à tona com força redobrada. "É espantoso perceber como, depois de décadas de manipulação ideológica, nada foi esquecido", observou o presidente tcheco Václav Havel, numa palestra em abril de 1993. "As nações estão relembrando suas antigas conquistas e sofrimentos, seus inimigos e aliados, seus Estados e fronteiras."

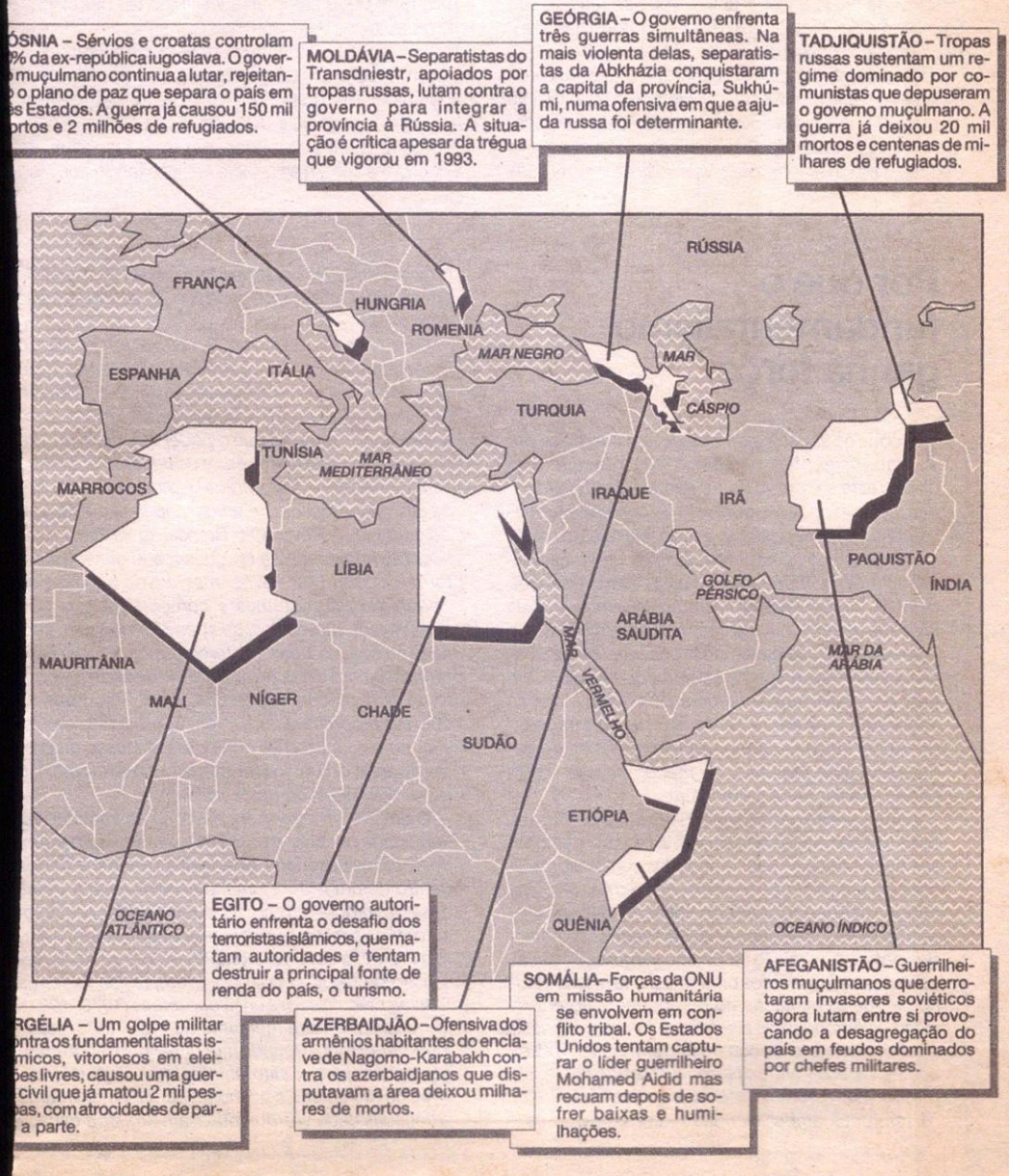
O ano de 1993 trouxe a solução de alguns dos contenciosos mais renitentes da face da Terra, como o conflito israelense-palestino e a luta entre brancos e negros na África do Sul, mas mostrou também a impotência das organizações mundiais diante da nova safra de beligerância que emerge das ruínas do império soviético. Em nenhum lugar essa impotência ficou tão evidente quanto na Iugoslávia, país comunista cuja dissolução causou a primeira grande conflagração em solo europeu desde o fim da II Guerra Mundial. Massacres de civis se sucederam durante todo o ano passado, sem que a comunidade internacional fosse capaz de transformar em ações seu compromisso de defender a Bósnia da guerra de agressão patrocinada pelo governo de Belgrado. Com o apoio do poderoso Exército iugoslavo, as milícias sérvias já conquistaram todo o território que almejavam na Bósnia (cerca de 70% do país, de maioria muçulmana) e mantêm sua capital, Sarajevo, sob impiedoso bombardeio. Consumado o triunfo sérvio, os croatas, antes aliados do governo de Sarajevo, trataram de abocanhar também a sua fatia. A soberania bósnia ficou reduzida à capital e alguns enclaves protegidos pelos capacetes-azuis das Nações Unidas.

Transmitido pela televisão, o calvário da população civil colocou os governos ocidentais na obrigação de "fazer alguma coisa" em favor da Bósnia. Na prática, os ensaios de interferência externa atrapalharam mais do que ajudaram. O presidente americano Bill Clinton iniciou seu mandato disposto a jogar duro para deter a agressão e, em abril, chegou a ameaçar os sérvios com o bombardeio aéreo. Foi um fiasco. Sem o aval dos aliados europeus, Clinton teve de voltar atrás, num recuo que só serviu para encorajar os sérvios a prosseguir a guerra de conquista. No final do ano, a única chance de deter a carnificina era a proposta de paz elaborada pelos mediadores da ONU, lorde Owen e Thorvald Stoltenberg. O plano, já aceito por sérvios e croatas, oficializa o desmembramento da Bósnia em três miniestados, formados com base em critérios étnicos, e oferece aos muçulmanos 30% do território do país – bem mais do que os 10% sob controle do governo de Sarajevo. Mesmo assim, o pres. bósnio Alija Izetbegović recusou o acordo, sob o argumento de que significa "um prêmio ao genocídio". É verdade, mas a alternativa é ainda pior: prosseguir, até o fim e sem a menor perspectiva de vitória, uma guerra que já causou mais de 150 mil mortos e expulsou de suas casas 12 milhões de pessoas.

A tragédia nos Bálcãs é acompanhada com ansiedade e pavor pela Rússia, temerosa de que o desmanche da URSS transforme o finado império numa Iugoslávia gigante e com um arsenal atômico suficiente para incinerar várias vezes o planeta. Até agora, felizmente, as turbulências do pós-comunismo estão restritas às repúblicas periféricas, nenhuma delas equipada com mísseis nucleares – o que não atenua seu rastro de dor e de destruição. A ex-URSS é palco de mais de cinqüenta conflitos étnicos diferentes, a maior parte escaramuças isoladas, em alguns casos guerras totais, como a que opõe os cristãos armênios

aos muçulmanos azeris na disputa pelo montanhoso enclave de Nagorno-Karabakh. A região, habitada majoritariamente por armênios, está situada dentro do Azerbaidjão, que se recusa a devolvê-la à vizinha Armênia. Milhares de pessoas morreram quando os armênios, numa ofensiva em abril, conquistaram a faixa de território que separa sua república do enclave.

Na sua maioria, os conflitos do Cáucaso têm origem numa política deliberada do ditador Iósif Stálin, que fazia questão de colocar, dentro das mesmas fronteiras, povos tradicionalmente inimigos, para melhor dominá-los. Trata-se de uma receita quase infalível para a catástrofe, como se pode observar na Geórgia, onde o governo chefiado por Eduard Shevardnadze – chanceler soviético na gestão de Mikhail Gorbatchóv – enfrenta nada menos do que três guerras simultâneas. Numa das extremidades, a população muçulmana da Ossétia do Sul luta pelas armas para se juntar com a Ossétia do Norte, uma província da Rússia. No sul, irrompeu neste ano uma rebelião de forças leais ao expres. Zviad Gamsakhúrdia, que retornou do exílio depois de ter sido deposto em 1992 (notícias de 31/12/1993 afirmam que, cercado pelas tropas federais, ele teria se suicidado para não ser preso). No confronto mais grave, os rebeldes da Abkházia, partidários da integração à Rússia, conseguiram tomar a capital da província, Sukhúmi, após doze dias de cerco. Shevardnadze, que, mesmo sob risco de vida, permaneceu na



cidade bombardeada até o assalto final, atribuiu a derrota à intervenção do Exército russo em apoio aos rebeldes – fato comprovado por jornalistas estrangeiros.

O envolvimento de Moscou em países que acabam de se tornar independentes expõe com crueza o alto grau de hipocrisia nas relações internacionais. Nos tempos da guerra fria, um acordo tácito entre Washington e Moscou dava às duas superpotências carta branca para agir dentro de seus respectivos quintais. Os EUA cruzaram os braços diante das intervenções do Exército Vermelho na Hungria e na Tcheco-Eslováquia e, em troca, os soviéticos limitaram-se a olhar de longe o desembarque dos *marines* na Guatemala e em Granada. O fim do comunismo deixou os EUA como a única superpotência, livre do onipresente desafio soviético. Ainda assim, o Tio Sam reconhece aos rivais derrotados o direito de tutela sobre o antigo império, reagrupado sob o nome de Comunidade dos Estados Independentes. Com base nesses poderes auto-atribuídos – que a revista inglesa *The Economist* apelidou de "Doutrina de Monroeski" –, tropas russas são uma força beligerante na Moldávia, em apoio ao levante separatista no Transdniestr, província de população etnicamente russa. Também no Tadjiquistão, a mais volátil das ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central, a presença militar russa tem sido decisiva para manter os caciques comunistas que derrubaram um governo democrático de maioria muçulmana. Mais de 209 mil pessoas já morreram na guerra civil do Tadjiquistão.

O contraste entre a retórica dos governos e suas atitudes práticas tem com o exemplo mais evidente a situação na Argélia. O Ocidente democrático apóia envergonhadamente o regime militar instaurado em jan. de 1992, depois que os fundamentalistas islâmicos ganharam por esmagadora maioria as primeiras eleições livres no país. Se alcançassem o poder – argumenta-se, e não sem razão –, os fanáticos implantariam uma ditadura teocrática semelhante à do Irã dos aiatolás. O fato é que o golpe de Estado colocou o país num beco sem saída institucional, detonando uma rebelião que já causou mais de mil mortes. O Egito, palco da guerra suja entre o governo autoritário e o terrorismo islâmico – que custou a vida ao pres. Anuar Sadat, assassinado por um militante fundamentalista –, corre o risco de ir pelo mesmo caminho.

Em outras partes do mundo, os velhos combatentes da guerra fria voltam às armas, ressuscitando conflitos

Por que o fundamentalismo ganha força

Todos os aspectos da vida devem pautar-se por intransigente obediência aos preceitos do Corão: este é o credo do fundamentalista islâmico. Acreditando que esse conjunto de princípios fundamentais traz a resposta para tudo, ele rejeita o resto – e, em especial, costumes, padrões de comportamento e idéias importados do estrangeiro. De modo geral, o fundamentalismo traduz-se em ortodoxia aplicada a todos os setores da vida cotidiana. No pólo da militância extremada, converte esses conceitos religiosos em prática política que instaure, em todo o mundo, regimes teocráticos como o que se implantou no Irã em 1979. Por isso, tem-se transformado em ameaça para o modelo ocidental de democracia que, em maior ou menor medida, vários países árabes tentam implantar.

Em ascensão na Jordânia, Síria, Egito ou Argélia, os fundamentalistas têm sido driblados com laboriosas manobras políticas; reprimidos com meios policiais; ou combatidos de frente, através de um golpe militar. No Sudão, depois do golpe de 1989, chegaram ao poder; desde então, o país vem-se debatendo contra a imposição da Sharia, a legislação decalcada nos ensinamentos corânicos, que regula a vida do fiel, da alimentação ao comportamento em relação às autoridades. E a presença dos integristas é permanente fator de combustão em regiões voláteis como o Líbano – onde o Hezbolá ("Partido de Deus"), pró-iraniano, promove atentados e seqüestros – ou os territórios árabes ocupados por Israel, onde o Movimento de Resistência Islâmica Hamás ("fervor", em árabe) é totalmente contrário ao acordo de paz com a OLP.

Para o devoto islâmico, é natural a fórmula do Estado teocrático. Ao contrário do Ocidente, onde se impôs a separação Igreja/Estado, a tradição muçulmana funde autoridade secular e religiosa por acreditar que é de Alá que o poder emana. A isso se acrescente o solo de miséria e desigualdade em que o fundamentalismo se enraíza. A modernização, nos países muçulmanos, beneficiou apenas a elite ocidentalizada. A Revolução Branca do xá Reza Pahlevi (1961) favoreceu a burguesia que gravitava em torno do Trono do Pavão; mas privou a massa da população de costumes e comportamentos que constituíam, há séculos, seu perfil como povo, sem nada colocar no lugar. Tentemos compreender esse processo com olhos de oriental, abdicando do ponto de vista preconceituoso de quem filtra o que vê com sua própria realidade, crenças ou necessidades, e seremos capazes de entender o sucesso da pregação antimonárquica do aiatolá Ruholá Khomeini, o maior líder islâmico deste século.

O que ele propunha era devolver ao iraniano sua identidade perdida. A esses muçulmanos xiitas que, por motivos históricos, já se sentiam marginalizados dentro de um Islã majoritariamente sunita; a esses desamparados, submissos a um regime corrupto, autoritário e religiosamente descaracterizado, o aiatolá prometia devolver a dignidade, o orgulho de ser o povo de Deus, capaz, por exemplo, de expor os EUA ao ridículo com a crise dos reféns (1979–1981). Isso explica a maré montante que, de Teerã, espalhou-se por todo o mundo muçulmano, fazendo crescer tendências há muito latentes, mas ainda restritas a meios teológicos e acadêmicos; ou furiosamente sufocadas cada vez que ousavam erguer a cabeça.

que se julgava resolvidos. No Afeganistão, os guerrilheiros muçulmanos que humilharam os invasores soviéticos agora se digladiam entre si. Na Nicarágua, antigos rebeldes direitistas (os "recontras") e sandinistas desmobilizados (os "recompas") travam escaramuças e recorrem a seqüestros como instrumento de pressão política. Em Angola, os rebeldes da UNITA, liderados por Jonas Savimbi, que durante anos recebeu dinheiro dos EUA e da África do Sul para combater o governo pró-soviético, não aceitou a derrota nas urnas e tentou retomar o poder na marra. A guerra recomeçou, com um saldo devastador: 50 mil mortos, plantações arrasadas e 2 milhões de pessoas que dependem de ajuda humanitária para escapar da fome.

No contexto da "nova desordem mundial", os conflitos deixaram de ter a coerência e a previsibilidade que lhes conferia o embate ideológico. Em muitos casos, governos imploram pelo envio de forças da ONU para salvar seus países da desagregação e do assassinato em massa. Nas capitais do mundo desenvolvido, discute-se o direito de intervir em países soberanos, para socorrer populações ameaçadas de genocídio – um debate que aflorou quando o regime de Saddam Hussein lançou a campanha de extermínio contra os curdos, logo após sua derrota na Guerra do Golfo.

O "direito à ingerência" é uma caixa de Pandora que, às vezes, pode conter surpresas desagradáveis, como constataram os EUA em sua amarga experiência na Somália. O mundo inteiro aplaudiu quando os fuzileiros americanos chegaram ao país, em dez. de 1992, animados pelo nobre propósito de distribuir alimento aos famintos. Em poucos meses, o que parecia um passeio de escoteiros se transformou num pesadelo. Desafiadas pelo maltrapilho Exército guerrilheiro de Mohamed Farah Aidid, as forças da ONU e, em especial, os soldados americanos passaram a se comportar como mais um entre os diversos clãs em luta na Somália.

Em junho, 24 soldados paquistaneses da ONU foram mortos numa emboscada. Em represália, os EUA se lançaram numa caçada infrutífera a Aidid, culminando com uma desastrada operação militar em que dezoito americanos perderam a vida. Humilhado pela imagem do cadáver de um soldado americano sendo arrastado nas ruas de Mogadíscio por uma turba ensandecida, o governo de Washington revogou a ordem de captura de Aidid e se apressou a trazer seus rapazes para casa.

Os percalços da Somália convenceram Clinton a adotar uma política mais cautelosa quanto à participação do país em missões militares da ONU. "As Nações Unidas simplesmente não podem se engajar em cada um dos conflitos do mundo", disse o presidente americano em discurso na Assembléia Geral da organização. Por trás da nova postura, detecta-se um fenômeno presente desde a Guerra do Vietnã em todas as sociedades desenvolvidas: a opinião pública não está mais disposta a aceitar um grande número de baixas entre seus soldados no exterior. A Guerra do Golfo, por exemplo, só foi popular por ter sido resolvida com rapidez e poucas vítimas do lado ocidental, graças à utilização maciça de armas de alta tecnologia. Esse é um indício de que algo está mudando, e para melhor, em relação às guerras. A vida humana começa a valer mais nos países ricos.

Há motivos para otimismo. O contato entre as diversas civilizações não implica necessariamente conflito, mas também influência mútua e cooperação. Mesmo quando ocorrem guerras, como na Iugoslávia, a manipulação da animosidade entre os povos por líderes políticos demagógicos pesa mais na balança do que as diferenças de costumes ou religiões. Em qualquer caso, a prosperidade – ou a sua ausência – parece ser um elemento importante para se determinar se um conflito vai terminar em tiroteio ou em pizza. Apesar das profecias alarmistas de uma guerra comercial, Japão e EUA – competidores econômicos e de acordo com o figurino de Huntington sobre o choque das civilizações – acabaram aparando suas arestas sobre a abertura de mercados. De modo similar, nada indica que a eterna pendenga entre os canadenses de origem francesa e inglesa vá desaguar em pancadaria. Não por acaso, 99% dos 149 conflitos que eclodiram no mundo depois da II Guerra ocorreram em países atrasados, de acordo com o relatório da World Priorities. Guerra, deduz-se, é uma doença que assola de preferência os países pobres. O remédio, se é que existe algum, chama-se desenvolvimento.

Igor Fuser

– como no caso do massacre do Exército sírio em Hama (1982), onde ficavam os redutos da Irmandade Muçulmana. No Egito, entretanto, a repressão policial tem sido incapaz de conter os militantes que, em 1980, deram cabo do presidente Anuar Sadat; e, desde então, eliminaram dezenas de autoridades e sabotam, com sucesso, o turismo, principal fonte de divisas do país. E na Argélia, mais de duas mil pessoas – entre elas o presidente Mohamed Budiaf, assassinado em julho de 1992 por um membro de sua escolta – já morreram na luta entre os fundamentalistas e o regime militar.

Se os radicais têm, junto à população, um prestígio responsável pelo sucesso que obtêm nas urnas, cada vez que lhes é permitido concorrer, é porque sua pregação não se esgota na promessa de hipotéticos dias melhores: realizam bem-sucedido trabalho assistencial, oferecendo ao povo serviços que os governos não têm condições ou interesse em fornecer. Na Jordânia, administram enorme hospital em Amã e vinte outros em todo o país, têm quarenta escolas com creches, e 150 centros de estudos islâmicos que amparam os carentes com campanhas de distribuição de roupas, alimentos e remédios. Além dessa estratégica prática humanitária, que está sempre carreando para suas hostes novos simpatizantes, foram muito beneficiados por dois acontecimentos recentes. O primeiro, o fim da URSS e da confrontação Leste/Oeste, privou o nacionalismo árabe, principal rival dos integristas, do apoio soviético. O segundo, a Guerra do Golfo, agravou o sentimento de humilhação arraigado nas massas do Oriente Médio. A imagem de soldados iraquianos rastejando diante dos americanos tornou-se, nas mãos dos radicais, argumento que atrai novos recrutas para a guerra santa contra o "Grande Satã" – como o aiatolá Khomeini costumava chamar o Ocidente.

PAZ

Acordo em um barril de pólvora

Rabin e Arafat dão uma chance ao entendimento ainda ameaçado por muitos obstáculos

"Não há alternativa para a paz", disse Yasser Arafat, o líder da Organização para a Libertação da Palestina, em 17/2/1990. "Resta saber se a aceitaremos hoje ou depois que milhares de nossos filhos tiverem sido sacrificados no altar de ambições irrealizáveis."

Conscientes, finalmente, de que não havia outra escolha para os irmãos inimigos senão aprender a conviver no mesmo chão, Israel e a OLP optaram pelo reconhecimento mútuo e a tentativa de reconciliação: Arafat e o 1º-ministro Itzhak Rabin assinaram um tratado de paz, em Washington, em 13/9/1993. É verdade que seu primeiro passo – a retirada das tropas de ocupação israelenses da Faixa de Gaza e de Jericó, prevista para 13/12 – foi adiado indefinidamente no início de dezembro. E judeus e palestinos terminaram o ano responsabilizando-se mutuamente pelo adiamento. Mas por trás da retórica oficial – necessária até mesmo para refrear os ânimos dos que vêem o Acordo Israel/OLP como uma capitulação recíproca – as negociações prosseguiam nos bastidores, pois ambas as partes sabem que, até 1º/4/1994, os soldados devem sair das áreas onde as decisões sobre saúde, educação e cultura, questões sociais, impostos diretos e turismo já terão sido transferidas para mãos palestinas. Em 1º/6/1994, deve haver eleições para o Conselho de Autonomia, cuja jurisdição será gradualmente estendida a todos os territórios hoje ocupados por Israel. Entre 13/12/1995 e 13/4/1996, serão debatidas as espinhosas questões do status de Jerusalém e dos pontos de colonização judaica. Entre 13/12/1997 e 13/4/1999, finalmente, entrará em vigor o estatuto permanente dos territórios palestinos, seja sob a forma de um Estado independente, como quer a OLP, seja de confederação com a Jordânia, como propõe Israel.

A tarefa não é fácil. É preciso superar ressentimentos arraigados que, em ambos os campos, alimentam cegas tentativas de boicotar as possibilidades de entendimento. É necessário conciliar os interesses internos, dos moderados israelenses e palestinos, com os externos, dos países árabes vizinhos, jogando cautelosamente num tabuleiro geopolítico em que cada lance arrisca virar a mesa. O atual território do Estado de Israel (mapa 2), que terá de ser dividido, é o resultado de uma história de ódios e conflitos. Em nov. de 1947, o plano de partilha da ONU (mapa 1) propunha que, após o término do mandato britânico, se formassem na Palestina dois Estados, um árabe e um judeu. O mundo árabe rejeitou essa sugestão alegando que ele daria aos judeus 56% do território; dois anos depois, começaram as hostilidades. A vitória do recém-proclamado Estado de Israel na Guerra de 1949 deu-lhe o controle de 75% do território, expandidos, em 1967, após a Guerra dos Seis Dias, com a anexação do setor oriental de Jerusalém e a ocupação da Faixa de Gaza e da Cisjordânia (nome da margem ocidental do rio Jordão, pertencente à Jordânia, antes chamada de Transjordânia). Israel também tomou do Egito a península do Sinai e, da Síria, as estratégicas colinas de Golã. O Sinai foi devolvido em 1982, nos termos do Acordo de Camp David (1979) de paz em separado com o Cairo. Mas o Golã e Jerusalém já tinham sido formalmente anexados em 1981, e a ocupação militar continuou na Cisjordânia e em Gaza. É nessa última que começará a ser implantada a fórmula de autonomia provisória para os palestinos; e Jericó, na Cisjordânia, será a sede administrativa do Conselho de Transição (mapa 3).

Tarefa difícil mas inevitável, como já previa Arafat em 1990 – por mais que a ela se oponham os radicais de ambos os lados. O Estado de Israel vinha sendo corroído por dentro pela *intifada*, a rebelião palestina contra a ocupação da Cisjordânia e Gaza, iniciada em 1987, que o obrigava a onerosos gastos militares e atraía sanções internacionais; a campanha terrorista da OLP já chegara a um beco sem saída há muito tempo; e aumentavam as pressões externas para que se encontrasse uma solução negociada, pois o conflito crônico ameaçava permanentemente a região onde estão as maiores reservas de petróleo do planeta. O acordo, sigilosamente costurado em Oslo com a ajuda de mediadores noruegueses, quase não saía: foi comprometido pela crise dos deportados – os palestinos que Israel expulsou da Cisjordânia no início do ano, e que ficaram numa terra-de-ninguém, na fronteira com o Líbano, até dezembro de 1993 – e pelos constantes bombardeios israelenses à guerrilha hezbolá, no sul do Líbano, que numa só semana de junho deixaram 132 mortos, 500 feridos e fizeram meio milhão de pessoas fugirem de suas casas. E quando, finalmente, ficou pronto, desagradou a muita gente pelo que propunha e pelo que deixava de decidir.

A primeira dificuldade foi convencer a própria OLP e, em especial, sua facção mais influente, a Fatah, liderada pelo próprio Arafat, furiosa por não ter sido consultada. Em Túnis, onde a organização tem sua sede, Arafat conseguiu que, em 10/9, o acordo fosse aprovado, por 9 votos a 4, pelo Comitê Executivo; e em 11/9, por 63 a 8 com 11 abstenções, pelo Conselho Central. Mas isso lhe custou um desgaste interno – a ruptura, por exemplo, com Faruk Kaddumi, um de seus mais íntimos colaboradores – cujas conseqüências, a longo prazo, são difíceis de prever. E o indispôs de vez com os fundamentalistas do Grupo de Resistência Hamás, cujo braço armado, o *Ezzedin al-Kassem*, intensificou a *intifada* nos territórios ocupados. A greve geral que o Hamás convocou na Faixa de Gaza (13/9); a frente de repúdio que formou com Damasco (15/9); seus atentados a bomba contra israelenses; e a violência que explodiu depois que agentes israelenses mataram, em 25/11, Imad Akel, o comandante do *Kassem*, criaram o clima que deu ao governo Rabin o pretexto para adiar o início da retirada das tropas.

Do lado israelense, a oposição não é menor. Os colonos judeus ilegalmente instalados na Cisjordânia e

Gaza não querem renunciar às propriedades que ali possuem, e também começaram sua *intifada*, em outubro, após o seqüestro e morte do fazendeiro judeu Chaim Mizrahi. Tendo como ideólogo Baruch Marzel, do ultranacionalista Movimento Kach, eles respondem com violência à violência do Hamás; e têm a vantagem de contar com o apoio tácito das tropas de ocupação. Crescem igualmente as passeatas, as concentrações junto ao Muro das Lamentações, dos que consideram o acordo uma traição – em que pesem as manifestações de apoio dos moderados, que festejaram a esperança de convivência trazida pela paz.

O quadro regional é dos mais complexos. A Jordânia, o país mais inclinado a seguir o exemplo egípcio e firmar a paz em separado, tem de ser muito cuidadosa, devido à ascensão interna do fundamentalismo – provisoriamente neutralizada pelo resultado das eleições de 8/11/1993, em que os radicais islâmicos não elegeram tantos deputados quanto esperavam. A Síria condena o tratado, pois ele não prevê a discussão sobre o Golã (de que Israel não quer nem ouvir falar); mas os dividendos que o apoio aos aliados, na Guerra do Golfo, rendeu a Damasco levam os EUA, cientes de que a Síria é o fiel da balança na região, a se mobilizarem, tentando atrair para seu campo o pres. Hafez Assad (em sua agenda, ele já tem, em jan. de 1994, um encontro marcado com o pres. Bill Clinton). Acertar os ponteiros com a Síria significa obter o alinhamento automático do Líbano, que está sob tutela de Damasco (apesar da força que têm, nesse país, os fanáticos pró-iranianos do Hezbolá); e suspender as últimas restrições jordanianas à assinatura, com Israel, de um tratado cujos termos já estão definidos – embora o rei Hussein continuasse, até o fim do ano, a desmenti-lo oficialmente.

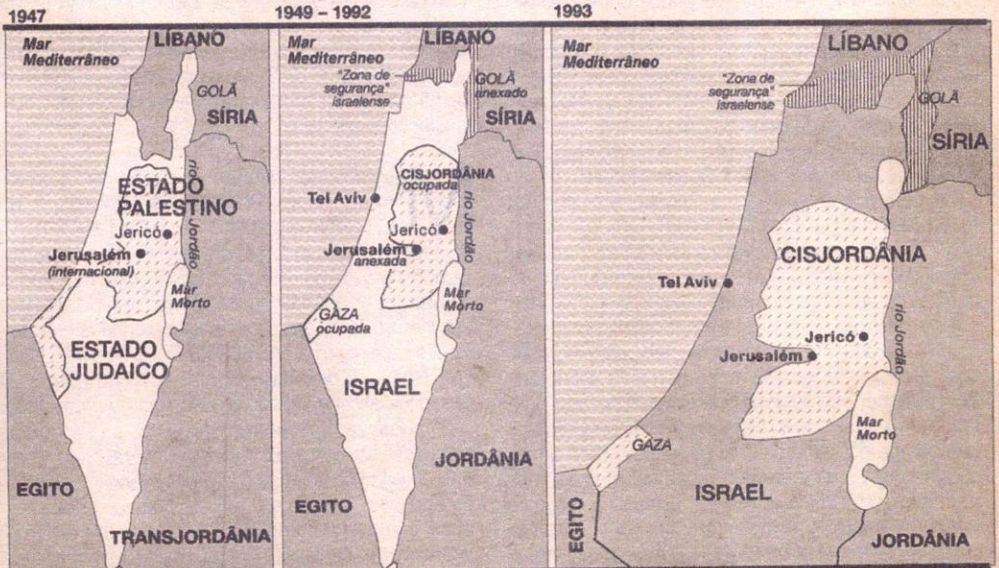
Que perspectivas de futuro abre o papel assinado por Rabin e Arafat? Três cenários diferentes podem alimentar um exercício de futurologia. O pior deles: a *intifada* dos dois lados, a ação conjunta do Hamás e do Kach, o crescimento do fundamentalismo no Oriente Médio e no norte da África, o desgaste da popularidade de Rabin e Arafat criam um caos que compromete irremediavelmente a coexistência israelo-palestina e expõe os judeus ao risco de novos conflitos com seus vizinhos. Jeová e Alá nos livrem dele!

O segundo, igualmente tenso, depende da possibilidade de o contexto geopolítico se conturbar. O que pode ameaçar a sobrevivência do acordo? A luta pelo poder na Síria, após a morte de Assad, desestabilizando o Líbano; o choque de clãs na Arábia Saudita; a dificuldade de Hosni Mubarak em controlar a Irmandade Muçulmana egípcia; o fortalecimento de Saddam Hussein no Iraque; o aumento da influência dos xiitas iranianos levando à escalada terrorista do integrismo. A recuperação econômica da Palestina, fundamental para que a coexistência funcione, é prejudicada pelo medo dos investidores em aplicar recursos em região tão volátil.

O terceiro cenário depende de determinação, diplomacia e bom senso: distanciamento do Irã, enfraquecimento do Iraque, relativa estabilidade na Síria, Líbano, Jordânia, Egito e Arábia Saudita; apoio econômico dos EUA, CEE, Japão e FMI/Banco Mundial, encorajando investidores, criando condições para que haja relações comerciais com os países vizinhos, marginalizando aos poucos os extremismos. É a opção mais complicada e sujeita a chuvas e trovoadas. Mas dela, a longo prazo, podem surgir respostas até para questões aparentemente insolúveis, como o status de Jerusalém e do Golã ou a questão das colônias judaicas. Aí, sim, o acordo terá virado uma página na História do Século XX.

Lauro Machado Coelho

Geografia de uma região conflagrada



Da proposta de partilha da ONU, em 1947, ao acordo de paz de 1993, a formação do novo território israelense é conseqüência e causa de 46 anos de guerras, anexações e ocupações militares.

TRABALHO

Mais produção com menos gente

Modernas tecnologias e mudanças na organização das empresas produzem novo tipo de desemprego

Só no mundo rico, 35 milhões de pessoas, em média, ou 8,5% da força de trabalho, andaram à caça de ocupação em 1993. Um número maior, em torno de 36 milhões, poderá estar na rua em 1994, estima a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), mantida por 24 países industrializados. E muitos dos que perderem seus empregos jamais os terão de volta, prevê o secretário do Trabalho dos Estados Unidos, Robert Reich.

A persistência de um alto nível de desocupação não é explicável só pelo baixo nível de atividade. A economia está produzindo tanto quanto antes, ou mais, com muito menos mão-de-obra, e houve um notável ganho de produtividade – graças ao uso de novas tecnologias, baseadas na eletrônica, e de mudanças profundas na organização e nos métodos de trabalho das empresas. Há um novo tipo de desemprego.

Durante um século, a desocupação em massa, no mundo rico, esteve sempre ligada à recessão econômica. O desemprego causado pelo progresso tecnológico é conhecido há muito tempo, mas foi compensado com facilidade nos últimos cem anos. Em fases de prosperidade, as economias mais avançadas foram geralmente capazes de absorver quase toda a mão-de-obra disponível. A mudança tecnológica e a expansão econômica andaram quase sempre juntas, nos tempos de paz e durante as guerras, de modo geral, sempre houve muita ocupação para a força de trabalho. Além disso, as políticas de pleno emprego, inspiradas tanto no keynesianismo quanto na experiência do *New Deal*, se generalizaram depois da II Guerra Mundial.

Os governos aprenderam a atenuar os efeitos das recessões, mas passaram, ao mesmo tempo, a operar com maiores desequilíbrios fiscais e maiores pressões inflacionárias. A alta de preços assombrou durante um período os governos do mundo rico e atingiu proporções desastrosas nos países em desenvolvimento.

Mas a inflação foi dominada na maior parte dos países. O desajuste fiscal também tem sido enfrentado com êxito por muitos governos. Com as novas tecnologias e a reorganização de seus planos e negócios, os grandes grupos empresariais arrastaram para a mudança milhares de empresas menores, unificaram os mercados em escala mundial e estão prontas para mais uma etapa de crescimento econômico. A expansão não bastará, no entanto, para criar empregos como no passado, dizem os especialistas.

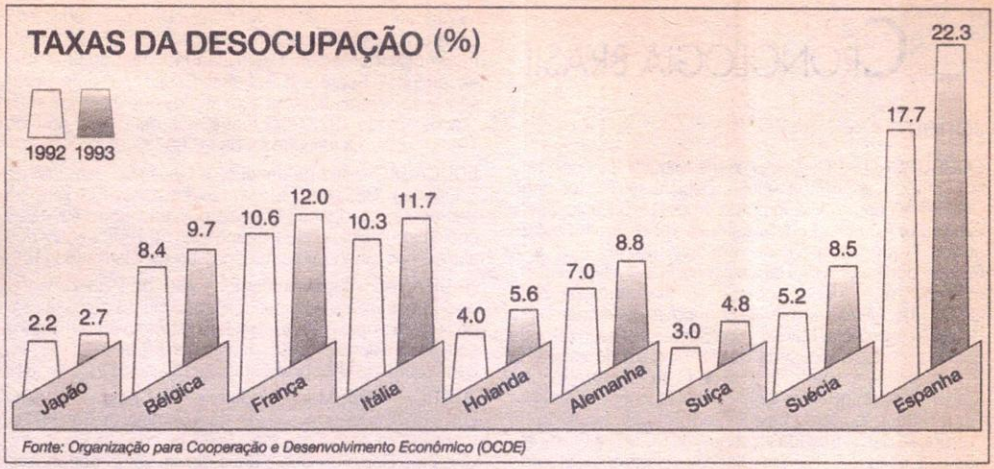
No grupo das sete economias mais poderosas – formado por Estados Unidos, Japão, Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Canadá – ficaram desempregadas cerca de 23 milhões de pessoas em 1993. Nos Estados Unidos, a taxa de desemprego chegou a cair, de outubro para novembro, de 6,8% para 6,4% da força de trabalho. Os números, porém, podem ter sido subestimados. De acordo com relatório da OCDE divulgado na segunda quinzena de julho, o número de desempregados seria bem maior se fossem contados também os trabalhadores em situação de subemprego e os que haviam desistido de buscar uma colocação no mercado. "O desemprego sob a forma de desistência ou de trabalho temporário é substancial, equivalendo a cerca de 13 milhões de pessoas, quase metade dos desempregados de 1991", registra o relatório.

Na maior parte do Primeiro Mundo, a desocupação ficou entre 5% e 10% da população economicamente ativa, mas os números extremos ficaram bem longe desse intervalo (ver tabela na página seguinte). Na Espanha, o desemprego oficialmente computado chegou a 22,5% no segundo trimestre (último número disponível ainda em dezembro). No extremo oposto ficou o Japão, com 2,7%, taxa comparativamente pequena, porém consideravelmente superior à de um ano antes.

Muitos dos grandes grupos em todo o mundo trabalham com programas de cortes para vários anos. Entre dezembro de 1992 e novembro de 1993, a Volkswagen alemã reduziu de 118 mil para 105 mil seu quadro de empregados no país. Outros 5 mil funcionários devem ser podados até o final de 1994. A direção da empresa vinha falando em mais 30 mil demissões, quando aceitou um acordo com o I.G.Metall, o maior sindicato alemão, para só diminuir para quatro dias a semana de trabalho e cortar 10% do rendimento anual dos trabalhadores. Mas a presidência do grupo, pressionada pelas perdas, continuou a insistir na dispensa de 9 mil pessoas da subsidiária espanhola, a SEAT, em dois anos. A divisão de motores a jato da General Electric, nos Estados Unidos, anunciou a provável dispensa de 4 mil pessoas. A Delta Airlines, depois de demitir 6.200 pessoas entre maio de 1992 e agosto de 1993, decidiu adiantar a aposentadoria de mais 3 mil. A IBM determinou o fechamento de 3.500 vagas em sua subsidiária alemã. A Texas Instruments programou dispensar 4.800 funcionários até 1997.

Mais duas companhias norte-americanas de primeira linha, a Philip Morris, dos setores de fumo e alimentos, e a NCR, subsidiária da AT&T na área de computadores, divulgaram, no final de novembro, planos de redução de custos, com grandes demissões na agenda. A Philip Morris tem planos para um triênio: demissão de 14 mil funcionários e fechamento ou diminuição de atividades de quarenta fábricas. Na NCR, projetava-se eliminar 7.500 postos. O passo inicial seria oferecer aposentadoria antecipada.

A mudança mais notável pode ser a dos grupos japoneses, conhecidos tradicionalmente pelos duradouros vínculos de emprego. Com o iene supervalorizado e dificuldades para manter o ritmo de exportações, companhias japonesas passaram a investir em fábricas no exterior para reduzir custos. Mantida a tendência, isso poderá resultar na eliminação de 1,3 milhão de postos até o ano 2000. Além disso, as empresas começaram a estimular a aposentadoria. Os 2,35 mi-



lhões de funcionários encostados, em conseqüência da política tradicional de não demitir, poderão ser definitivamente afastados.

Uma das características mais marcantes da recente transformação das empresas e de seus métodos de trabalho, acelerada nos últimos dez anos, é a terceirização. As fábricas passaram a concentrar-se nas atividades principais, deixando para terceiros o fornecimento de insumos básicos, peças e serviços. Os empregos cortados na empresa compradora não foram, porém, repassados integralmente às "terceiras". Também estas, sendo especializadas, puderam trabalhar com menor número de funcionários.

A busca de soluções para o problema do novo desemprego não foi muito longe, até agora. Na Europa, a resposta mais clara encontrada até o final de 1993 foi a redução das horas de trabalho, com diminuição de salários, mas sempre a partir de negociações, como aconteceu na Volkswagen. Tem sido difícil, porém, prever os resultados.

Na cidadezinha francesa de Saint-Cosme-en-Varais, de apenas 2 mil habitantes, os trabalhadores da Simmonds preferiram a demissão de 150 pessoas, um quarto do pessoal, a ver os salários de todos rebaixados. Produtora de componentes para as indústrias automobilística e aeroespacial, a Simmonds emprega tradicionalmente dois terços da população trabalhadora da cidade (900 pessoas). A empresa havia proposto a escolha: a) demissão de 150 funcionários; b) demissão de 110, com redução dos salários e das horas de trabalho. A votação (53% contra 47%) foi favorável à dispensa dos 150 e virou notícia internacional.

A persistência de altas taxas de desemprego no mundo rico reacendeu o nacionalismo e a xenofobia, alimentando o extremismo de direita e a violência. Na Europa, as pressões contra a imigração e a brutalidade contra estrangeiros podem ser explicadas, em boa parte, pelo aumento da desocupação.

Na Alemanha, a crise foi acentuada pela unificação. O país enfrentou ao mesmo tempo o ajuste das grandes empresas capitalistas, envolvidas no movimento de globalização dos negócios, e a privatização das companhias da antiga República Democrática. O programa de privatização incluiu, no início, cláusulas de preservação de postos de trabalho, mas o cuidado pouco durou. Em alguns casos, 90% dos empregados foram postos na rua, em nome da modernização.

Nos países em desenvolvimento, o novo desemprego apenas começa a ser percebido. No Brasil, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu cerca de 4,5% em 1993, mas o nível de desocupação praticamente não se alterou. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os desempregados diminuíram de 5,8% para 4,9% da força de trabalho, entre outubro de 1992 e outubro de 1993. Mas são também números duvidosos: subestimam o subemprego e não incluem os que se desistiram de encontrar lugar no mercado formal. Não levam em conta ainda as contratações precárias, sem registro e sem garantias.

No Brasil, como no Primeiro Mundo, os novos empregos têm sido, em geral, de qualidade mais baixa – ou porque os salários diretos são menores que os anteriores, ou porque, quando isso não ocorre, pelo menos as condições são piores e as garantias, quase nulas. A terceirização, que também contribui para diminuir os salários, teve outra conseqüência: o enfraquecimento sindical dos trabalhadores. Os empregados das empresas fornecedoras de serviços (limpeza, vigilância, refeições etc.) trabalham com padrões inferiores de segurança, menores benefícios e, freqüentemente, sem registro. Os terceirizados têm menor poder de pressão. Houve, segundo análise do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE), mais que uma racionalização de atividades. Parte da terceirização foi predatória.

Grande parte do desemprego, no Brasil, ainda está relacionada à recessão. Uma parcela com certeza crescente, e ainda não medida, pode ser explicada pela reorganização e modernização das empresas. A mudança é limitada, porque a maioria das empresas têm investido pouco. Mas quando os investimentos voltarem a crescer, e o país ingressar mais firmemente no circuito das transformações internacionais, o novo tipo de desemprego passará a ser mais visível.

Rolf Kuntz

CRONOLOGIA BRASIL

Janeiro

CORRUPÇÃO – PC: o empresário Miguel Casi, dono do laboratório Casi Farmacêutica, declara na PF ter pago US$ 30 mil para o esquema do empresário Paulo César Farias (7) ● A Justiça Federal autoriza a abertura de catorze novos inquéritos policiais envolvendo PC (11) ● A Procuradoria Geral da República pede à Justiça Federal abertura de inquérito sobre o envolvimento de Zélia Cardoso de Mello, ex-min. da Economia, no esquema PC (14) ● O empresário Marcelo dos Santos Flores, diretor da construtora OAS, acusada de dar dinheiro ao esquema PC, é indiciado pela PF (15) ● O ex-secretário dos Transportes do governo Collor, José Henrique d'Amorim Figueiredo, é indiciado pela PF, em Brasília, acusado de corrupção passiva ligada ao esquema PC (27) ● O empresário José Maurício Bicalho Dias, da construtora Andrade Gutierrez, é indiciado pela PF por emissão de duplicata falsa e falsidade ideológica (28). **Vasp:** a polícia paulista pede ao Departamento de Aviação Civil (DAC) informações sobre suposta viagem do empresário Wagner Canhedo, dono da Vasp, às Ilhas Cayman, em out. de 1992, junto com uma quadrilha de falsários; eles teriam intermediado empréstimo irregular de US$ 250 milhões a Canhedo, durante o processo de privatização da Vasp (6); no dia seguinte, a polícia apura que a Finanzas Bandeirantes S.A., da Espanha, ilegalmente instalada no país, emprestou dinheiro a Canhedo, recebendo ações da Vasp em garantia ● Canhedo confirma, na polícia, ter recebido US$ 60 milhões através da empresa (18) ● Wagner Canhedo é indiciado por formação de quadrilha, evasão de divisas e crime contra o sistema financeiro (20).

ECONOMIA – Alimentos: o pres. Itamar Franco libera os estoques reguladores do governo de arroz, milho, trigo, carne e farinha para reduzir o preço dos produtos (6). **Balança comercial:** o Departamento de Comércio Exterior anuncia que o superávit comercial acumulado em 1992 foi de US$ 16,277 bilhões (26). **Contas correntes:** o Banco Central fixa normas mais rigorosas para a abertura de contas correntes no país; os bancos serão responsáveis pela veracidade das informações prestadas pelos seus clientes; as penalidades para a abertura de contas fantasmas vão do fechamento da agência à prisão dos diretores da instituição bancária (6). **Dívida externa:** o Tesouro Nacional determina o bloqueio das contas das empresas Vasp, Eletronorte, Copavi, Saneagro, Centrais Elétricas de Alagoas, Avibrás e Companhia de Águas e Esgotos de Rondônia porque não pagaram a parcela de suas dívidas externas que venceram no dia 12, no valor total de US$ 170 milhões (14). **Falência:** decretada pela Justiça carioca a falência da Coroa Crédito, Financiamento e Investimento, do empresário Assis Paim Cunha; a empresa, junto com sua coligada Brastel, sofreu intervenção judicial do BC há dez anos, após a descoberta de uma série de fraudes do mercado financeiro; foi pedida a prisão de Paim e de cinco outros diretores do grupo (25). **Moeda:** entra em circulação a cédula de Cr$ 500.000,00 (29). **Montadoras:** o pres. Itamar Franco pede ao pres. da Autolatina, Pierre-Alain de Smedt, que o Fusca volte a ser fabricado (25). **Privatização:** o pres. Itamar Franco afasta o BNDES da coordenação do Programa Nacional de Desestatização (12) ● O min. da Fazenda, Paulo Haddad, divulga as novas regras para a privatização: os fundos de pensão das estatais ficam proibidos de participar do programa; a participação do capital estrangeiro é ampliada; os compradores das empresas passam a assumir o débito com a Previdência e, se for constatado monopólio, o governo pode anular a venda (19). **Reforma tributária:** a Câmara dos Deputados aprova, por 375 votos a 87, em primeiro turno de votação, o projeto de reforma da estrutura tributária do país; o Imposto Provisório sobre Movimentações Financeiras (IPMF), o ponto mais polêmico do projeto, foi aprovado separadamente, por 358 votos contra 84 (20). **Remédios:** Paulo Haddad, min. da Fazenda, encaminha à Secretaria de Direito Econômico uma representação contra quarenta laboratórios que elevaram seus preços em até 192.000%, entre mar. de 1990 e nov. de 1992, quando a inflação foi de 26.687% (25).

EDUCAÇÃO – Rio de Janeiro: o Conselho Estadual de Educação (CEE) do Rio de Janeiro aprova projeto da Secretaria Estadual de Educação, para vigorar em 1993 em 41 municípios, que acaba com a reprovação dos alunos nos cinco primeiros anos de escolarização (12).

HABITAÇÃO – Financiamento: a min. do Planejamento, Yeda Crusius, anuncia que o financiamento da casa própria para a população que ganha até três salários mínimos será a prioridade da CEF, que fica proibida de investir na construção de shopping centers e moradias de luxo (31).

JUSTIÇA – Edir Macedo: determinada pela juíza Maria Lúcia Pizzotti Mendes, da 26ª Vara Criminal de São Paulo, a prisão preventiva do bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, acusado de ser o responsável pelo incêndio criminoso que destruiu um estúdio da Rede Record de Televisão, em São Paulo, no dia 18/8/1992; Macedo, que recebeu Cr$ 18 bilhões pelo seguro do estúdio, está foragido nos EUA; foram denunciados também quatro diretores da emissora, também foragidos (14). **Massacre do Carandiru:** a PM paulista divulga o resultado final do Inquérito Policial Militar instaurado para apurar as 111 mortes ocorridas na Casa de Detenção do Carandiru, em out. de 1992, em São Paulo; o IPM conclui não haver crime, só excesso por parte dos soldados (28).

MEIO AMBIENTE – Financiamento: o governo do Paraná assina com o BIRD um empréstimo de US$ 246 milhões para um projeto de saneamento da região metropolitana de Curitiba (PR) (6) ● O BIRD libera verba para os parques nacionais de Itatiaia e Poço das Antas, ambos no Estado do Rio de Janeiro (8).

NAÇÕES INDÍGENAS – Arara: o min. da Justiça, Maurício Corrêa, assina portaria declarando a área de Cachoeira Seca, em Altamira (PA), como de posse permanente dos índios Arara e determinando sua demarcação pela Funai (25). **Ianomâmis:** o administrador da Funai em Roraima, Manoel Tavares, denuncia que cerca de 150 índios ianomâmis estão sendo mantidos como escravos por garimpeiros que invadiram a reserva na fronteira com a Venezuela, em dez. de 1992, usando pistas de pouso clandestinas (7) ● A PF envia oito agentes para a reserva (11) ● A Funai retira os primeiros trezentos garimpeiros das terras dos ianomâmis (19) ● Os garimpeiros, no centro de Boa Vista, protestam contra a retirada (21).

POLÍCIA – Daniella Perez: a polícia carioca prende Paula Thomaz, que teria confessado a participação no assassinato da atriz Daniella Perez, juntamente com o marido, o ator Guilherme de Pádua (2) ● Guilherme e Paula depõem no 2º Tribunal do Júri; Guilherme recusa-se a responder às perguntas e Paula nega ter participado do crime (15).

POLÍTICA – Eleições: tomam posse em todo o país os prefeitos eleitos em out. e nov. de 1992 (1) ● É realizado o segundo turno das eleições para a prefeitura de Maceió (AL), onde a votação foi adiada devido a irregularidades na apuração dos resultados do primeiro turno; Ronaldo Lessa (PSB) tem 65% dos votos válidos. **Impeachment:** o ex-pres. Fernando Collor entra com pedido de *habeas-corpus* junto ao Supremo Tribunal Federal pedindo a anulação da sessão do Senado que determinou a cassação dos seus direitos políticos por oito anos em 29/12/1992 (2) ● O min. Sepúlveda Pertence, do STF, nega o *habeas-corpus* (4). **Ministério:** o pres. Itamar Franco anuncia que o min. do Planejamento, Paulo Haddad, ocupará definitivamente o cargo de min. da Fazenda, respondendo interinamente pelo Planejamento (18) ● O pres. Itamar Franco anuncia os nomes da ex-pref. de São Paulo Luiza Erundina para a Secretaria de Administração Federal e o da professora Yeda Crusius para o Ministério do Planejamento (22)

● Luiza Erundina e Yeda Crusius tomam posse (28). **Novos partidos:** os partidos Social Trabalhista (PST) e Trabalhista Renovador (PTR) oficializam sua fusão, criando o Partido Progressista (PP), que terá 36 deputados federais; o ex-gov. do Paraná Álvaro Dias é o presidente da nova agremiação (31). **Plebiscito:** a Câmara dos Deputados aprova a regulamentação do plebiscito do dia 21 de abril, que decidirá entre a Monarquia e a República e entre o presidencialismo e o parlamentarismo (11).

PREVIDÊNCIA – Aposentadorias: anunciada a suspensão do pagamento de 42 mil aposentadorias fraudulentas pagas pelo INSS em todo o país (11). **Legislação:** o pres. Itamar Franco sanciona novas regras para o pagamento de dívidas junto à Previdência Social: os devedores que se apresentarem até fev. poderão dividir o pagamento em até 96 meses, pagando metade da multa; os governos estaduais e municipais poderão renegociar suas dívidas desde que apresentem garantias; só poderão pedir o parcelamento das dívidas aqueles que estiverem em dia com a Previdência a partir de 1992; fica proibido o pagamento de dívidas com serviços (6). **Prefeituras:** anunciado o bloqueio dos recursos federais de 1.097 prefeituras que têm dívidas em atraso com a Previdência (13).

RELAÇÕES EXTERIORES – Portugal: dezessete brasileiros são detidos pela Alfândega portuguesa no aeroporto de Lisboa, acusados de imigração ilegal (24) ● O governo brasileiro protesta oficialmente contra o tratamento que o grupo está recebendo; no mesmo dia, três pessoas do grupo chegam ao Brasil denunciando que foram espancadas e passaram fome (27) ● Mais cinco turistas brasileiros são deportados de Portugal; o chanceler Fernando Henrique Cardoso pede ao governo português a punição dos responsáveis pelas prisões dos turistas (28) ● O pres. de Portugal, Mário Soares, telefona ao pres. Itamar Franco se desculpando pelo incidente (29) ● Os últimos nove brasileiros retornam ao país (30) ● A Polícia Federal detém dois estudantes portugueses no aeroporto de Cumbica (SP), sob a acusação de portar 7 kg de cocaína (30) ● Mais dez brasileiros são detidos em Lisboa (31). **Venezuela:** a Guarda Nacional venezuelana anuncia a prisão de mais de cem brasileiros que estavam garimpando ilegalmente na fronteira com o Brasil (27).

SAÚDE – Remédios: o secretário Nacional de Vigilância Sanitária, Roberto Chabo, anuncia que oitenta medicamentos serão retirados do mercado por não possuírem eficácia terapêutica (26).

TERRAS – Assassinatos: o bispo de Picos (PI), dom Augusto Rocha, presidente da Comissão Pastoral da Terra (CPT), denuncia que em 1992 38 pessoas foram assassinadas em conflitos fundiários em todo o país (2).

OBITUÁRIO

Mozart Camargo Guarnieri: 85 anos; compositor e maestro paulista; com mais de seiscentas obras, era considerado um dos melhores autores eruditos do país; de câncer, em São Paulo (13). **Edivaldo Martins Fonseca:** 30 anos; jogador de futebol fluminense; começou a carreira no Atlético Mineiro, em 1982; jogou no Palmeiras e no São Paulo; participou da Copa do Mundo de 1986; de acidente de automóvel, em Boituva (SP) (14). **Olga Navarro:** 87 anos; atriz ítalo-brasileira; começou a carreira na década de 30, viajando pouco depois para a Itália; retornou ao Brasil em 1950 e montou sua própria companhia; sua última atuação foi em 1977, com a peça *A dama do camarote*; de enfarte, em São Paulo (25).

Fevereiro

CORRUPÇÃO – PC: o empresário Paulo César Farias, o PC, depõe na Polícia Federal (PF), em Maceió, e é indiciado em dez artigos do Código Penal (1) ● Nílson Marçal Kuzuhara, diretor financeiro do Grupo Votorantim, nega à PF, em Brasília, ter dado dinheiro ao esquema PC (1) ● A PF indicia o empresário Luís Calheiros, um dos braços direitos de PC, por crime de extorsão (8) ● José Ermírio de Morais, um dos donos da Votorantim, é indiciado pela PF, em São Paulo, por corrupção ativa; ele teria pago cerca de US$ 300 mil a uma empresa de PC, em troca de "serviços de consultoria" (11) ● O dep. Augusto de Carvalho (PPS-DF) denuncia que a Indústria Brasileira de Formulários (IBF) fornece os bilhetes da Loteria Instantânea, para a CEF, por preços superfaturados; segundo o parlamentar, o proprietário da IBF, Hamilton Lucas de Oliveira, seria ligado ao esquema PC (17) ● A CEF anuncia o cancelamento do contrato que tinha com a empresa para fornecimento dos bilhetes e publica outro edital de licitação (19) ● O procurador-geral da República, Aristides Junqueira, pede ao STF a quebra de sigilo bancário da ex-min. da Economia Zélia Cardoso de Mello e de seus assessores no Ministério, para apurar seu comprometimento com o esquema de PC Farias (19) ● Os advogados de PC entregam ao STF sua defesa prévia (24) ● Lafaiete Coutinho, ex-presidente do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, é indiciado por extorsão; quando presidia a CEF, ele teria exigido US$ 3 milhões do Credicard para o esquema PC (25). **Vasp:** o min. Antônio Britto, da Previdência Social, determina intervenção no fundo de pensão da empresa aérea Vasp; o fundo teria emprestado dinheiro e comprado imóveis da empresa, o que é proibido por lei (10) ● Adauto Guedes, ex-cabo eleitoral do dep. Pedro Correia (PFL-PE), relator da CPI que apurou as irregularidades ocorridas no processo de privatização da Vasp, denuncia que o deputado recebeu passagens aéreas da empresa durante os trabalhos da CPI; em seu relatório, aprovado em 19/11/1992, Correia considerou regular a privatização da empresa (14) ● O procurador-geral da República, Aristides Junqueira, determina que a PF investigue as denúncias de Guedes (15).

ECONOMIA – Empresas: o pres. Itamar Franco envia ao Congresso Nacional uma medida provisória extinguindo a Lei 8.200, de 28/6/1991, que possibilitava que as empresas com grandes lucros anuais modificassem seus balanços, transformando-os em prejuízos, para pagar menos impostos (12). **Importação:** o Ministério da Fazenda reduz em cerca de 50% o Imposto sobre Importação incidente em cerca de cem produtos alimentícios, de higiene e de limpeza (18). **IPMF:** a Câmara dos Deputados aprova, por 335 votos contra 80, em segundo turno de votação, o projeto de reforma da estrutura tributária do país e a criação do Imposto Provisório sobre Movimentações Financeiras (IPMF); é derrubada a emenda que previa a falência das estatais (2) ● O Senado aprova sem modificações, em primeiro turno, por 66 votos a 8, a reforma tributária (18). **Moeda:** o Ministério da Fazenda anuncia o anteprojeto de lei que determina a eliminação de três zeros do cruzeiro, que passará a ser chamado, temporariamente, de cruzeiro novo (NCr$) (17) ● O pres. Itamar Franco critica o min. Paulo Haddad, da Fazenda, por ter divulgado o plano antes de comunicá-lo oficialmente (18). **Montadoras:** o pres. da Autolatina, Pierre-Alain de Smedt, anuncia que a empresa poderá voltar a fabricar o Fusca, que saiu de linha em 1986, se o governo conceder isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), para que o veículo possa ser vendido por US$ 7.000 (1) ● A Autolatina assina compromisso com o governo de produzir, a partir de jul., cem unidades do Fusca por mês (5) ● O governo e a Fiat assinam um compromisso para a redução do preço do Fiat Mille, que poderá ser vendido por US$ 6.800 (8) ● O pres. Itamar Franco reúne-se com João Augusto Amaral Gurgel, proprietário da Gurgel Motores, e promete as mesmas condições dadas às montadoras multinacionais (9) ● A câmara setorial da indústria automobilística fecha um acordo para a redução do IPI e do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) (15) ● O acordo é oficializado, reduzindo em 10,22% o preço dos veículos (19).

JUSTIÇA – Maluf: a Justiça da Fazenda Pública de São Paulo condena o pref. paulistano Paulo Maluf, ex-governador do Estado, a devolver aos cofres públicos o dinheiro gasto pela Imprensa Oficial do Estado (Imesp), em

1982, com a confecção de material de propaganda política; também foram condenados Reynaldo de Barros e Guilherme Afif Domingos, ex-prefeito paulistano e ex-secretário de Maluf, respectivamente (10).

NAÇÕES INDÍGENAS – Ianomâmis: o pres. Itamar Franco libera um crédito de Cr$ 29,5 bilhões para a retirada de milhares de garimpeiros que trabalham ilegalmente na reserva dos índios ianomâmis, em Roraima (1) ● O Ministério do Exército anuncia o início da Operação Selva Livre, para a retirada dos garimpeiros (11) ● A Funai e a PF informam que os garimpeiros deixaram espontaneamente a região (25).

POLÍCIA – Chico Mendes: Darli Alves da Silva e seu filho Darci Alves Pereira, mandante e autor, respectivamente, da morte do líder sindicalista Chico Mendes, fogem da Penitenciária Estadual do Acre, em Rio Branco, onde cumpriam pena de dezenove anos de prisão; o min. da Justiça determina que a Polícia Federal (PF) vigie as fronteiras, portos e aeroportos para impedir que eles saiam do país (15) ● O Conselho Nacional dos Seringueiros encaminha carta à Anistia Internacional denunciando a negligência do governo do Acre na vigilância de Darli e Darci (16).

POLÍTICA – Advocacia Geral da União: o pres. Itamar Franco sanciona lei que regulamenta a criação da Advocacia Geral da União; o novo órgão engloba a Consultoria-Geral da União, a Procuradoria Geral da União e a Procuradoria Geral da Fazenda; o advogado-geral da União será José de Castro Ferreira, atual consultor-geral (11). **Congresso Nacional:** o dep. Inocêncio Oliveira (PFL-PE) é eleito presidente da Câmara dos Deputados derrotando Odacir Klein (PMDB-RS); o sen. Humberto Lucena (PMDB-PB), candidato único, é eleito pres. do Senado (2). **Incra:** o pres. do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), Renato Simplício, pede demissão alegando discordância da política agrária do pres. Itamar Franco (6) ● O pres. Itamar Franco indica Oswaldo Russo para a presidência do Incra (8) ● Oswaldo Russo toma posse (15). **Plebiscito:** o pres. Itamar Franco sanciona a regulamentação do plebiscito do dia 21 de abril, que irá decidir a forma e o sistema de governo; no mesmo dia políticos de vários partidos lançam em São Paulo a Frente Presidencialista (4) ● O PDT entra com uma ação junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) pedindo que a propaganda eleitoral gratuita seja restrita aos partidos políticos, proibindo a participação das frentes (12) ● O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) aprova a cédula de votação, onde estão separados em dois campos o sistema e a forma de governo (17). **PT:** o Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT) aprova a suspensão dos direitos e deveres partidários da min. Luiza Erundina, da Administração Federal, por um ano (6) ● O Diretório Nacional do PT decide fazer oposição ativa ao governo do pres. Itamar Franco (7) ● O pres. do PT, Luís Inácio Lula da Silva, entrega ao pres. Itamar Franco um plano de combate à fome, denominado Política Nacional de Segurança Alimentar; os principais pontos do plano são: elevação real dos salários e do nível de emprego; reforma agrária em curto prazo; apoio aos pequenos e médios agricultores e às cooperativas; ações de combate à desnutrição e venda de alimentos subsidiados (9). **Vito Miracapillo:** o pres. Itamar Franco revoga o decreto de expulsão do padre italiano Vito Miracapillo, expulso do país em 1980, pelo pres. João Figueiredo, acusado de crime contra a segurança nacional por se recusar a celebrar missa de ação de graças por ocasião do Dia da Independência (1).

RELAÇÕES EXTERIORES – Bolívia: o pres. Itamar Franco assina, com o pres. boliviano Jaime Paz Zamora, acordo de construção de um gasoduto ligando os dois países. **Portugal:** o pres. Itamar Franco revoga dois artigos da Lei dos Estrangeiros que estabeleciam condições especiais aos portugueses no Brasil, como resposta ao tratamento que brasileiros vêm recebendo em Portugal; com a revogação, os portugueses precisarão de autorização do consulado brasileiro para trabalhar no Brasil (3). **Venezuela:** a Guarda Nacional venezuelana prende 45 garimpeiros brasileiros que estariam trabalhando ilegalmente no país (10) ● O governo brasileiro envia quarenta soldados do Exército à cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM), na fronteira com a Venezuela (14) ● Os garimpeiros são libertados e chegam a Boa Vista (RR) (19).

REPRESSÃO POLÍTICA – Guerrilha do Araguaia: o diretor da Polícia Federal (PF), Amaury Galdino, determina que a superintendência da PF no Pará conduza as buscas dos corpos de 69 desaparecidos políticos mortos durante a Guerrilha do Araguaia (PA), que, segundo os sobreviventes, teriam sido enterrados em cemitérios clandestinos (9).

SAÚDE – Cólera: a Secretaria de Saúde do Município do Rio de Janeiro anuncia a confirmação do primeiro caso de cólera contraído na cidade (21). **Remédios:** anunciada a proibição de venda de 34 medicamentos que, segundo o secretário Nacional de Vigilância Sanitária, Roberto Chabo, não possuem eficácia terapêutica (3).

TRABALHO – Salários: o pres. Itamar Franco assina decreto determinando que os salários de diretores e presidentes de órgãos e empresas da administração direta ou indireta não podem ser superiores ao salário de ministro de Estado (16).

VIOLÊNCIA – Assassinatos: o advogado Paulo Coelho, conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em Roraima, é assassinado na porta de sua casa, em Boa Vista (RR) (20) ● O procurador-geral da República, Aristides Junqueira, determina a abertura de inquérito na Polícia Federal (PF) para apurar o crime (21) ● A Secretaria de Segurança Pública de Roraima anuncia que os matadores de Coelho são dois ex-policiais, que foram reconhecidos por testemunhas do crime (24). **Sebastião Curió:** o ex-dep. Sebastião Curió, militar da reserva e ex-agente do Serviço Nacional de Informações (SNI), mata com um tiro um menor de 17 anos e fere outro de 14, durante diligência da Polícia do Distrito Federal, da qual participava irregularmente; Curió afirma ter atirado em legítima defesa, respondendo aos tiros dos menores, cujas armas não foram encontradas (2) ● O laudo da perícia indica que o menor foi morto pelas costas com um tiro de pistola calibre 45 (3) ● Curió é indiciado por crimes de homicídio e lesão corporal (16).

OBITUÁRIO

Marco Antônio de Moraes: 43 anos; jornalista paulista; trabalhou no jornal *Folha de S. Paulo*, na Rede Globo e Rede Bandeirantes; de insuficiência renal, em São Paulo (1). **Túlio Piva:** 77 anos; compositor gaúcho; considerado o mais famoso sambista do Estado depois de Lupicínio Rodrigues; autor de *Pandeiro de prata*, *Tem que ter mulata* e *Gente da noite*; de trombose pulmonar, em Porto Alegre (RS) (11). **Milton Moraes:** 62 anos; ator cearense de teatro, televisão e cinema; no teatro seu maior sucesso foi *Um edifício chamado 200*, em 1978; na televisão, seu principal papel foi na novela *O espigão*, de 1974; de insuficiência cardíaca, no Rio de Janeiro (14). **Sheila Cortopasi Oliveira:** 6 anos; símbolo da luta contra o preconceito que cerca os portadores do vírus da AIDS; em 1992, seus pais adotivos foram à Justiça para garantir o seu direito ao estudo, após ela ter sido expulsa da escola por causa da doença; de AIDS, em São Paulo (15). **Carlos Queiroz Telles:** 57 anos; escritor paulista; fundador do Teatro Oficina; ator e diretor de peças como *Muro de arrimo*, de 1975, e de episódios do seriado de televisão *Carga pesada*, da Rede Globo; de complicações após cirurgia cardíaca, em São Paulo (17). **Carlos Augusto Strazzer:** 47 anos; ator paulista; fez teatro, cinema e televisão; suas atuações mais conhecidas foram nas novelas *O profeta*, *Mandala* e *Que rei sou eu*; de AIDS, em Petrópolis (RJ) (19). **Geraldo Alves:** 59 anos, humorista paulista; começou no rádio nos anos 40; foi redator de *Os trapalhões* e atuava na *Escolinha do professor Raimundo*, ambos da Rede Globo; de acidente de automóvel, no Rio de Janeiro (19).

Março

CORRUPÇÃO – Caso PP: o sen. Cid Sabóia (PMDB-CE), relator da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investiga o tráfico de influência na Petrobrás e nos fundos de pensão das estatais, promovido pelo ex-secretário de Assuntos Estratégicos Pedro Paulo Leoni Ramos, denuncia cerca de setenta pessoas, entre elas Paulo César Farias, o PC, e Leopoldo Collor de Mello, acusados de formação de quadrilha (18) ● A diretoria da Caixa de Previdência Privada do Banco do Brasil (Previ) é exonerada devido a seu envolvimento no esquema PP (29). **DNOCS:** Paulo César de Carvalho, secretário de Saúde de Serra Talhada (PE), denuncia que o Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS) teria perfurado poços artesianos em propriedades particulares do dep. Inocêncio Oliveira (25) ● José Gaspar Uchoa, diretor regional do DNOCS, confirma a perfuração e diz que o deputado teria pago Cr$ 8,4 milhões (26). **IBF:** o pres. Itamar Franco determina a suspensão de todos os contratos federais com a Indústria Brasileira de Formulários (IBF), do empresário Hamilton Lucas de Oliveira, após denúncia do dep. Augusto Carvalho (PPS-DF) de que o empresário estaria ligado ao esquema de PC Farias e teria uma dívida de US$ 7,5 milhões junto à Receita Federal (25). **PC:** a Polícia Federal (PF) de Alagoas indicia dezessete usineiros do Estado, acusados de corrupção ativa por seu envolvimento no esquema do empresário Paulo César Farias, o PC; entre os indiciados está o ex-sen. João Lyra, sogro de Pedro Collor (1) ● A PF de Brasília indicia mais treze pessoas no inquérito do Caso PC, entre elas Lafaiete Coutinho, ex-pres. do Banco do Brasil (BB) e da Caixa Econômica Federal (CEF) (2) ● A PF de Brasília indicia Ramon Arnus Filho, ex-secretário de Habitação do governo Fernando Collor, por corrupção passiva ligada ao esquema PC (17). **Vasp:** a Justiça paulista determina a indisponibilidade dos bens de oito administradores do AEROS, fundo de pensão da Vasp, entre eles Wagner Canhedo e seu filho César; eles são acusados do desvio de US$ 36 milhões do caixa da entidade (5).

CULTURA – Pelourinho: é inaugurada pelo gov. da Bahia, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), a primeira etapa da restauração do centro histórico de Salvador (BA), o Pelourinho; foram recuperados 104 casarões dos séc. XVI e XVII, a um custo aproximado de US$ 12 milhões (30).

ECONOMIA – IPMF: o Senado aprova por 64 votos contra 11, em segundo turno de votação, o projeto de reforma da estrutura tributária do país e a criação do IPMF (9). **Montadoras:** o pres. Itamar Franco e o presidente da General Motors (GM), Mark Hogan, assinam um protocolo para a redução do preço do Chevette Junior; pelo acordo o governo diminui em 7,8% o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) incidente sobre o veículo (30). **Orçamento:** o Congresso Nacional aprova o orçamento da União para 1993, com um gasto previsto de Cr$ 13,8 quatrilhões; a maior dotação foi destinada à Previdência Social, Cr$ 1 quatrilhão; a rolagem da dívida interna deverá consumir cerca de 65% do orçamento; a Lei Orçamentária deveria ter sido aprovada em dez. de 1992 (31). **Privatização:** o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) anuncia o reinício do Programa Nacional de Desestatização (4) ● O grupo Odebrecht arremata a Poliolefinas, em leilão realizado pelo BNDES na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, pelo preço mínimo de US$ 86,1 milhões; a Odebrecht pagou 30% em dinheiro e o restante em títulos federais (4) ● O Congresso Nacional aprova a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar possíveis irregularidades nas operações do Programa Nacional de Desestatização (PND); a investigação deve recair sobre os critérios de avalização e o uso das chamadas "moedas podres" (24) ● O pres. Itamar Franco decide que os fundos de pensão das estatais podem voltar a participar dos leilões de privatização do PND; os fundos poderão adquirir até 25% do capital total das empresas ou 15% do seu capital votante; no mesmo dia o presidente determina que os interessados em comprar a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) deverão pagar 3,8% do valor total em cruzeiros (29).

ENERGIA – Angra 2: o pres. Itamar Franco anuncia a retomada das obras da usina nuclear Ângra 2, em Angra dos Reis (RJ); segundo estudos, o fim das obras deverá exigir investimentos de US$ 1,5 bilhão (5).

JUSTIÇA – Bateau Mouche: a Justiça carioca condena os donos da Bateau Mouche Rio Turismo Ltda. e da Itatiaia Turismo a pagarem uma pensão mensal de Cr$ 10,8 milhões a Pacífico de Souza Neto, cuja filha Otília estava entre os 55 mortos do naufrágio do barco *Bateau Mouche IV*, na noite de 31 de dezembro de 1988 (5). **Chico Mendes:** o Superior Tribunal de Justiça mantém, por quatro votos a zero, a condenação do fazendeiro Darli Alves da Silva a dezenove anos de prisão como mandante da morte do sindicalista Chico Mendes, em dez. de 1988; em fev. de 1992, a Câmara Criminal de Justiça do Acre anulou o julgamento que condenou Darli; o filho de Darli, Darci Alves Pereira, autor da morte, teve sua condenação mantida; ambos fugiram da prisão em 15/2/1993 (23). **Cláudio Humberto:** a Justiça de Brasília condena o porta-voz do ex-pres. Fernando Collor, Cláudio Humberto Rosa e Silva, a um ano de prisão por crime de difamação, com base na Lei de Imprensa, por ter chamado o dep. Luiz Roberto Ponte (PMDB-RS) de "lobista de empreiteira" (15). **Massacre do Carandiru:** a Promotoria de Justiça de São Paulo denuncia o coronel da PM Ubiratan Guimarães e mais 120 soldados da corporação por homicídio qualificado, pelas 111 mortes ocorridas na Casa de Detenção do Carandiru, em out. de 1992, em São Paulo; os policiais são denunciados também por tentativa de homicídio contra 105 presos que ficaram feridos durante a invasão (2) ● O juiz Paulo Antônio Prazak aceita a denúncia contra o coronel e os soldados (9).

MEIO AMBIENTE – Financiamento: o embaixador do Japão no Brasil, Yasushi Murazami, e os gov. de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), e do Rio de Janeiro, Leonel Brizola (PDT), assinam em Brasília um acordo de financiamento de US$ 840 milhões para a despoluição do rio Tietê e da baía de Guanabara; 67% da verba será destinada ao Tietê e 33% à Guanabara (12).

NAÇÕES INDÍGENAS – Guajajara e Guajá: cem índios Guajajara e Guajá bloqueiam a ferrovia que liga Carajás (PA) e São Luís (MA), fazendo sete reféns entre os funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai); as tribos reivindicam a demarcação dos 300 mil hectares da reserva Auá-Guajá; horas depois os índios recebem a informação do pres. da Funai, Sidney Possuelo, de que a demarcação deverá começar em breve e libertam os reféns (22).

POLÍTICA – Edmundo Pinto: o gov. paulista, Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), determina a reabertura do inquérito que apurou a morte do gov. do Acre, Edmundo Pinto, em um hotel do centro de São Paulo, em mai. de 1992; segundo Fleury, há suspeitas de que o crime possa ter conotações políticas (18). **Exército:** o pres. Itamar Franco passa para a reserva o gen.-de-exército Antônio Luiz da Rocha Veneu, indicando para seu lugar, como chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, o alm.-de-esquadra Arnaldo Leite Pereira (11). **Fome:** o pres. Itamar Franco recebe do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, um mapa da fome no Brasil, mostrando que cerca de 32 milhões de pessoas vivem com uma renda abaixo do nível mínimo de sobrevivência (18). **Ministério:** o min. da Fazenda, Paulo Haddad, pede demissão, alegando não ter sido consultado pelo pres. Itamar Franco na indicação de novos diretores para o Banco Central (BC) e o Banco do Brasil (BB); o pres. Itamar empossa Eliseu Resende no cargo (1) ● O pres. Itamar Franco, a pedido de Eliseu Resende, suspende as indicações para as diretorias do BC e do BB (2) ● Gustavo Loyola pede demissão da presidência do BC (3) ● O pres. do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Antônio Barros de Castro, pede demissão por discordar da forma como vêm sendo feitas as privatizações; em jan., Castro foi afastado da

coordenação do programa de privatização (4) ● O min. da Fazenda, Eliseu Resende, escolhe Paulo César Ximenes para o cargo de pres. do BC (9) ● O min. da Fazenda, Eliseu Resende, anuncia o nome de Luiz Carlos Delben Leite para a presidência do BNDES (10) ● Paulo César Ximenes é aprovado pela Comissão de Economia do Senado por vinte votos a um (23). **Plebiscito:** o Supremo Tribunal Federal (STF), por oito votos a dois, indefere o pedido de liminar de inconstitucionalidade proposta pelo gov. do Paraná, Roberto Requião (PMDB), contra a antecipação do plebiscito que definirá a forma e o sistema de governo (4) ● Os filiados do PT, em consulta interna do partido, decidem pelo presidencialismo (14). **Vito Miracapillo:** retorna ao Brasil o pe. italiano Vito Miracapillo, expulso do país, em 1980, pelo pres. João Figueiredo, com base na Lei dos Estrangeiros (14).

SAÚDE – Cólera: morre a primeira vítima de cólera no Estado do Rio de Janeiro, um aposentado de 57 anos (9). **Prêmio:** o Ceará recebe o Prêmio Pate do Fundo das Nações Unidas para a Infância e Adolescência (Unicef) pelo tratamento às gestantes e crianças; nos últimos cinco anos a mortalidade infantil foi reduzida em 32%; 42% das crianças foram vacinadas, alcançando o terceiro melhor índice do país (4). **Vacinas cubanas:** um lote de cerca de 5 milhões de doses de vacina contra a meningite tipo B, compradas em Cuba, por US$ 30 milhões, estocadas em Belo Horizonte perdem a validade (17).

SECA – Fome: o governo federal envia 110 mil quilos de feijão de seus estoques reguladores a Recife (PE) para ser distribuído nas regiões do Estado mais castigadas pela seca (5).

TERRAS – Campo Bonito: cerca de 250 trabalhadores sem-terra invadem uma fazenda de 2.800 hectares em Campo Bonito (PR); no mesmo dia a polícia encontra os corpos de três soldados da PM, assassinados a tiros em uma estrada próxima da fazenda (3) ● O gov. do Paraná, Roberto Requião (PMDB), determina que a PM cerque os invasores exigindo os nomes dos assassinos (4) ● A PM prende sete suspeitos dos crimes (5) ● Soldados matam Diniz Bento Teixeira, o Teixeirinha, apontado como um dos assassinos dos PMs, que teria resistido à prisão (9) ● O min. da Justiça, Maurício Corrêa, a pedido da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), cria uma comissão para apurar a morte de Teixeirinha (10). **Júlio de Castilhos:** cerca de 3 mil trabalhadores sem-terra invadem uma fazenda em Júlio de Castilhos (RS) (8) ● Cerca de setenta fazendeiros cercam o fórum da cidade, protestando contra a invasão, e mantêm presos, durante duas horas, três deputados estaduais gaúchos e o presidente regional da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) (19).

TRABALHO – Escravidão: a Comissão Pastoral da Terra (CPT) entrega ao min. Walter Barelli, do Trabalho, um relatório informando que, em 1992, 15.042 trabalhadores rurais foram mantidos sob trabalho escravo, triplicando o número de pessoas nessa situação no país (3).

VIOLÊNCIA – Alagoas: oito homens armados com metralhadoras e revólveres seqüestram Renildo José dos Santos, vereador pelo PTR em Coqueiro Seco (AL); Renildo vinha recebendo ameaças de morte por ter assumido sua homossexualidade (10) ● A polícia encontra o corpo do vereador decapitado e carbonizado em Xexéu (PE) (14) ● A cabeça de Renildo é encontrada na divisa entre Alagoas e Pernambuco (16).

OBITUÁRIO

Eric Rzepecki: 78 anos; maquiador polonês naturalizado brasileiro; foi responsável pela caracterização dos atores da Rede Globo por 26 anos; trabalhou nos estúdios Vera Cruz e Atlântida; de AIDS, no Rio de Janeiro (27). **Jessé (José Florentino dos Santos):** 41 anos; cantor fluminense; tornou-se conhecido no festival MPB-Shell de 1980 pela interpretação de *Porto solidão*; de acidente de automóvel, em Ourinhos (SP) (29).

Abril

CORRUPÇÃO – DNOCS: o procurador da Câmara dos Deputados, dep. Vital do Rego (PDT-PB), e o corregedor, dep. Fernando Lyra (PDT-PE), apresentam relatório inocentando o presidente da casa, dep. Inocêncio Oliveira (PFL-PE), da acusação de ter-se utilizado do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) para a perfuração de poços artesianos em suas propriedades (13) ● O dep. Vital do Rego divulga um documento do DNOCS com uma lista de parlamentares, e seus parentes, beneficiados com poços (15) ● O dep. Sigmaringa Seixas (PSDB-DF) exige a reabertura das denúncias contra Inocêncio (19). **INAMPS:** o Tribunal de Contas da União (TCU) determina a realização de uma devassa nas contas do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS), para apurar fraudes contra o órgão (20). **PC:** o procurador-geral da República, Aristides Junqueira, pede ao Supremo Tribunal Federal (STF) o seqüestro dos bens do ex-pres. Fernando Collor, do empresário Paulo César Farias, o PC, do ex-secretário da presidência Cláudio Vieira e de mais cinco acusados (1) ● O min. Ilmar Galvão, do STF, aprova o pedido de seqüestro dos bens adquiridos após 1990 (2) ● O juiz federal de Brasília Novély Vilanova Reis concede liminar negando o direito do ex-pres. Fernando Collor de dispor de quatro seguranças e dois veículos com motoristas (7) ● O ex- pres. Fernando Collor nega à Justiça Federal de Brasília estar ligado ao empresário Wanderley de Oliveira, que responde a processo por tentativa de suborno; em nov. de 1992, Domingos Martins, advogado de Oliveira, ofereceu US$ 50 milhões ao procurador-geral da República, Aristides Junqueira, para que este não denunciasse Collor por crime comum junto ao STF (12) ● O empresário Pedro Collor lança o livro *Passando a limpo – A trajetória de um farsante*, sobre seu irmão Fernando Collor (26) ● A ex-ministra da Economia Zélia Cardoso de Mello é indiciada pela Polícia Federal, em São Paulo, por corrupção passiva; ela teria recebido cheques fantasmas do esquema PC (27) ● O STF aceita, por unanimidade, a denúncia de Junqueira contra Fernando Collor corrupção (28).

ECONOMIA – Montadoras: o pres. Itamar Franco assina decreto reduzindo para 0,1% o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) sobre carros populares (19). **Patentes:** aprovado pela Câmara dos Deputados o projeto de lei reconhecendo as patentes internacionais; especialmente as das indústrias farmacêuticas (28). **Plano:** o pres. Itamar Franco, em reunião com todo o ministério, anuncia o Plano de Estabilização Econômica; os principais pontos do pacote são: estímulo à agricultura através de financiamentos no valor de US$ 4,7 bilhões; combate à sonegação de impostos e à evasão fiscal; combate à fome e à miséria com a criação de empregos e investimentos na construção civil; aceleração do programa de privatização para o pagamento da dívida interna; liberação de US$ 2,6 bilhões para construção de moradias; redução do Imposto de Importação sobre remédios; conclusão dos acordos para o pagamento da dívida externa; redução dos juros dos títulos públicos e rolagem das dívidas dos Estados (24). **Privatização:** consórcio formado pelas empresas Vale do Rio Doce, Bamerindus, Vicunha e Emesa arremata 35,8 milhões de lotes de mil ações da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em leilão realizado na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ), pelo preço mínimo de US$ 801 milhões; manifestantes protestaram contra a venda na porta da BVRJ (2) ● O leilão é encerrado com a venda de 15,4 milhões de lotes de ações da empresa, por US$ 249 milhões (5). **Remédios:** a Secretaria de Direito Econômico (SDE) indicia 22 laboratórios farmacêuticos por abuso de poder econômico, devido à elevação de seus preços em até 192.000%, de mar. de 1990 a nov. de 1992, contra uma inflação de 26.687% (29).

ENERGIA – Gás: o pres. Itamar Franco anuncia a extinção do subsídio ao gás e a criação do vale-gás, um desconto para as famílias que tenham um consumo de energia elétrica menor que 60 kw por mês (6).

JUSTIÇA – Idosos: o pres. Itamar Franco sanciona uma emenda ao Código Civil determinando que os filhos maiores e capazes são obrigados a assistir e alimentar os pais que fiquem sem condições de se sustentarem (22). **Manchete:** a Justiça do Rio de Janeiro devolve o controle da Rede Manchete de Rádio e Televisão ao empresário Adolpho Bloch, alegando que a Indústria Brasileira de Formulários, do empresário Hamilton Lucas de Oliveira, descumpriu cláusulas contratuais (23). **Nilo Coelho:** a Justiça da Bahia condena o ex-gov. Nilo Coelho a devolver aos cofres públicos o equivalente a US$ 13 mil usados, em dez. de 1990, para pagar sua hospedagem, e de uma comitiva de sete pessoas, em um spa em Itatiba (SP) (23).

POLÍCIA – Edmundo Pinto: a Polícia Federal (PF) determina a reabertura do inquérito que apurou a morte do gov. do Acre, Edmundo Pinto, em um hotel do centro de São Paulo; segundo o diretor da PF, Amaury Galdino, há suspeitas de que o crime tenha tido natureza política (16); em mar. o gov. de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), havia determinado que a polícia civil reabrisse o inquérito (16). **Máfia:** a polícia carioca prende em Resende (RJ) o líder da Máfia italiana Antonio Salamone, procurado pela Justiça da Itália desde 1958 (16). **Drogas:** a Polícia Federal (PF) prende o traficante americano Donald Koehl, segundo homem da quadrilha de William Reed Elswick, o Capitão América, ambos procurados pela Interpol em todo o mundo (25).

POLÍTICA – Advocacia Geral da União: o pres. Itamar Franco assina a exoneração de José de Castro Ferreira da Advocacia Geral da União, indicando-o para a presidência da Telerj (28). **Banco Central:** Paulo César Ximenes toma posse como presidente do Banco Central (6). **Crime eleitoral:** o Tribunal Regional Eleitoral de Roraima (TRE-RR) condena o gov. Ottomar Pinto e o ex-gov. Romero Jucá a três anos de inelegibilidade; na eleição de 1992, ambos teriam distribuído alimentos com a propaganda de seus candidatos à prefeitura de Boa Vista (RR) (5). **Fome:** o pres. Itamar Franco, em reunião com a Comissão Especial de Combate à Fome, presidida pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, recebe programa elaborado por todos os ministérios contendo 52 propostas para a eliminação da miséria absoluta no país; o pres. Itamar estabelece em US$ 21 bilhões o montante de recursos a serem aplicados no plano (16). **Novos partidos:** os partidos políticos Democrático Social (PDS) e Democrata Cristão (PDC) oficializam sua fusão, criando o Partido Progressista Reformador (PPR), com dez senadores e 79 deputados federais (4). **Plebiscito:** o Supremo Tribunal Federal (STF), por oito votos a três, considera constitucional a emenda que antecipou o plebiscito sobre a forma e o sistema de governo, do dia 7/9 para o dia 21/4 (14) ● Os resultados do plebiscito quanto à forma de governo foram: República, 66%; Monarquia, 10,2%; nulos e brancos, 23,8%; quanto ao sistema de governo: presidencialismo, 55,4%; parlamentarismo, 24,6%; brancos e nulos, 20%; a abstenção foi de 25,7% (21). **PMDB:** o ex-gov. de São Paulo Orestes Quércia renuncia à presidência do PMDB e à sua reeleição, acusando correligionários de o terem traído e abandonado (26). **PT:** o pres. do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio Lula da Silva, inicia a Caravana da Cidadania, uma viagem entre Garanhuns (PE) e São Paulo; durante 25 dias, dois ônibus percorrerão mais de trezentos municípios (24).

PREVIDÊNCIA – Fraudes: a procuradoria do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) pede à Polícia Federal (PF) a abertura de inquérito contra o *Diário do Comércio e Indústria* (DCI), de São Paulo, e a revista *Visão*, por não terem recolhido à Previdência Social Cr$ 40 bilhões já descontados das contribuições dos funcionários; o *DCI* e a *Visão* pertencem à Indústria Brasileira de Formulários, do empresário Hamilton Lucas de Oliveira (15) ● O min. da Previdência, Antônio Britto, determina a instauração de auditoria no Jockey Club Brasileiro, no Rio de Janeiro; o vice-pres. do Jockey, Afonso César Burlamaqui, é suspeito de estar envolvido com a quadrilha de fraudadores do INSS (28).

REPRESSÃO POLÍTICA – Denúncia: o ex-sarg. do Exército Marival Chaves do Canto, ligado aos órgãos de repressão política durante a ditadura militar, denuncia que o guerrilheiro Onofre Pinto, líder da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), desaparecido desde 1974 e suspeito de traição, foi executado por ordem do Centro de Informações do Exército (CIE) (9).

SECA – Frentes de trabalho: o pres. Itamar Franco lança em Teresina (PI) o programa de Frentes Produtivas de Trabalho, que vai destinar Cr$ 4,7 trilhões para reduzir os efeitos da seca sobre a população do sertão do Nordeste (2) ● O Congresso Nacional, em votação simbólica, aprova a criação do programa de Frentes Produtivas de Trabalho (28).

TERRAS – Violência: o dep. federal José Carlos Sabóia (PSB-MA) e o bispo católico dom Valter Carrijo acusam, em Brasília, soldados da PM e pistoleiros do Grupo Industrial João Santos, segundo maior produtor de cimento do país, de torturarem posseiros durante a expulsão de 27 famílias que teriam invadido terras da empresa em Buriti de Inácia Vaz (MA); a denúncia foi confirmada por mais cinco entidades da sociedade civil (8).

TRABALHO – Escravidão: relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o trabalho agrícola no país informa que 25% dos 62 milhões de pessoas economicamente ativas vivem da agricultura e que, desse total, cerca de 4 milhões vivem em condições de semi-escravidão, trabalhando por comida (16). **FGTS:** o Conselho Curador do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) determina que as contas inativas, sem depósito há três anos, deverão ser pagas em doze parcelas mensais (22) ● O min. do Trabalho, Walter Barelli, veta a resolução do Conselho Curador do FGTS e determina o pagamento em parcela única (23). **Política salarial:** a Comissão de Trabalho da Câmara dos Deputados aprova, por unanimidade, projeto de lei que estabelece, para todos os trabalhadores que recebem até vinte salários mínimos, reajuste mensal com base na variação do Índice de Reajuste do Salário Mínimo (IRSM) (14).

VIOLÊNCIA – Alagoas: duas testemunhas do seqüestro do ver. de Coqueiro Seco Renildo José dos Santos, encontrado morto em 16/3, denunciam na polícia em Maceió a participação no crime de três soldados da PM de Alagoas e de Tadeu Fragoso, prefeito da cidade (1). **Tortura:** o pres. da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) do Ceará, João Alfredo Teles, e equipes de reportagem flagram três policiais torturando um preso acusado de ter roubado um aparelho de televisão, na Delegacia de Roubos e Furtos de Fortaleza (12).

OBITUÁRIO

Eduardo Assumpção: 50 anos; militar da Polícia Militar paulista; sob seu comando os policiais invadiram a Casa de Detenção do Carandiru, em São Paulo, matando 111 presos; de infecção generalizada, em São Paulo (3). **Adhemar da Silva Casé:** 90 anos; um dos pioneiros do rádio no Brasil; durante dezoito anos conduziu o *Programa do Casé*, em que lançou nomes como Noel Rosa e Pixinguinha; criou programas policiais e humorísticos; era avô da atriz Regina Casé; de insuficiência respiratória, no Rio de Janeiro (6). **Neusa Goulart Brizola:** 71 anos; esposa do gov. carioca Leonel Brizola (PDT) e irmã do ex-pres. João Goulart; viveu com o marido quinze anos no exílio, durante a ditadura militar; de parada respiratória, no Rio de Janeiro (7). **Augusto Rodrigues:** 79 anos; pintor e caricaturista pernambucano; registrou temas populares marcados por uma preocupação com os problemas sociais; de insuficiência respiratória, em Resende (RJ) (9). **Beto sem Braço (Laudemir Casemiro):** 52 anos; sambista carioca; compositor da escola de samba Império Serrano, um dos seus maiores sucessos foi o samba de enredo *Bum bum paticumbum prugurundum*, de 1982; de tuberculose, no Rio de Janeiro (15). **Milton Miranda:** 69 anos; produtor musical; como diretor artístico da gravadora EMI-Odeon

lançou os cantores José Augusto, Agnaldo Timóteo, Simone e Clara Nunes, entre outros; de infecção generalizada, no Rio de Janeiro (15).**Geraldo del Rey:** 63 anos; ator baiano; trabalhou nos filmes *O pagador de promessas*, ganhador da Palma de Ouro em Cannes, em 1962; em *Deus e o diabo na terra do sol* e a *Idade da Terra*, ambos de Glauber Rocha; atuou em mais de 25 novelas; de enfisema pulmonar, em São Paulo (25). **Miguel Seabra Fagundes:** 82 anos, jurista potiguar; ex-min. da Justiça do pres. Café Filho; após a queda de Getúlio Vargas, foi interventor no Rio Grande do Norte; de insuficiência renal, no Rio de Janeiro (29).

Maio

CORRUPÇÃO – Eliseu Resende: a revista *IstoÉ* denuncia que o min. da Fazenda, Eliseu Resende, autorizou a liberação de empréstimo irregular do Banco do Brasil para a construtora Norberto Odebrecht, da qual Resende foi diretor entre 1983 e 1990 (3) ● O pres. Itamar Franco suspende a concessão do empréstimo (4) ● O min. Eliseu Resende defende a legalidade do empréstimo em sessão da Câmara dos Deputados (5) ● O secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Wando Borges, assume a responsabilidade pelo empréstimo (6) ● O min. Eliseu Resende nega as acusações em depoimento ao Senado (12) ● O min. Eliseu Resende pede demissão (20). **PC:** O empresário Paulo César Farias, o PC, confessa à Polícia Federal, em Maceió, ter recebido dinheiro de várias empresas, entre elas a Tintas Coral, a Sharp e a Sid Informática, as duas últimas do empresário Matias Machline; PC é indiciado em mais quatro inquéritos por corrupção ativa, estelionato, falsidade ideológica e uso de documentos falsos; o secretário da Receita Federal, Antônio Carlos Monteiro, anuncia que os autos de infração lavrados contra membros do esquema PC já atingem cerca de US$ 200 milhões (12) ● O ex-secretário particular do ex-pres. Fernando Collor, Cláudio Vieira, é indiciado na PF, em Brasília, por corrupção passiva (25) ● A PF envia ao Supremo Tribunal Federal (STF) inquérito contra a ex-min. da Economia Zélia Cardoso de Mello, acusada de corrupção passiva por ter recebido cheques fantasmas do esquema PC (26) ● A secretária de PC, Rosinete Melanias de Carvalho, é indiciada pela PF por corrupção passiva, falsidade ideológica e estelionato; segundo a PF ela seria responsável pela manutenção das contas fantasmas do esquema PC (26). **Pernambuco:** a ex-tesoureira da construtora Queiroz Galvão, Maria de Fátima Nascimento, denuncia que o gov. de Pernambuco, Joaquim Francisco (PFL), e o pref. de Recife, Jarbas Vasconcelos (PMDB), teriam recebido dinheiro em troca de obras (4) ● A Assembléia Legislativa do Estado aprova a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar o caso (5). **Telemig:** o jornal *Folha de S.Paulo* denuncia que a Companhia Telefônica de Minas Gerais (Telemig) teria repassado, nos últimos dois anos, sem licitação pública, cerca de US$ 70 milhões para um grupo de quinze empreiteiras (16) ● O pres. Itamar Franco convoca Djalma Bastos de Moraes, pres. da Telemig, para prestar esclarecimentos (17) ● A Telebrás determina que todas as empresas estaduais de telefonia estão obrigadas a fazer licitação para qualquer serviço (18).

ECONOMIA – Dívida externa: o negociador da dívida externa brasileira, Pedro Malan, anuncia que o Brasil fechou um acordo com o comitê assessor dos bancos internacionais que permitirá uma redução de, no mínimo, 35% da dívida de US$ 36 bilhões com os credores privados (23). **Inflação:** a Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulga que o índice de abr. ultrapassou os 30%, ficando em 30,34% (7). **Patentes:** a Câmara dos Deputados aprova o projeto de lei sobre patentes internacionais determinando: o reconhecimento das patentes registradas no exterior e das patentes de seres vivos desenvolvidos por engenharia genética, o aumento da punição à espionagem industrial e a possibilidade do registro de sons e cheiros; o texto precisa ser aprovado pelo Senado (6). **Remédios:** o Conselho Nacional de Farmácia denuncia que em abr. os medicamentos sofreram aumentos de até 50%, contra uma inflação média de 28% (11).

EDUCAÇÃO – LDB: a Câmara dos Deputados aprova, após cinco anos de tramitação, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (13).

GREVE – Funcionários públicos: os servidores públicos federais entram em greve, reivindicando reajuste salarial de 113% (13) ● O governo anuncia o corte do ponto dos grevistas (18) ● O pres. Itamar Franco envia mensagem ao Congresso concedendo aumento de 85% ao funcionalismo civil e militar (24).

JUSTIÇA – Gratificação: o Supremo Tribunal Federal (STF), por unanimidade, suspende o aumento de 367% concedido em dez. de 1992 pelo Senado e pelo Tribunal de Contas da União (TCU), a título de gratificação, a seus funcionários mais graduados; segundo o STF, o aumento viola o princípio de isonomia salarial (12). **Jogo do bicho:** a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) do Rio de Janeiro cancela o registro de advogado do bicheiro Castor de Andrade, por conduta incompatível com a profissão (6) ● O Ministério Público pede a prisão de catorze banqueiros do jogo do bicho do Rio de Janeiro, por formação de quadrilha e bando armado (7) ● O *Jornal do Brasil* denuncia que alguns bicheiros, especialmente o ex-ten. da Polícia Militar carioca Luiz Paulo Ferreira Medrado, teriam ligações com o tráfico internacional de drogas (9) ● A Receita Federal determina abertura de inquéritos contra os bicheiros cariocas (11) ● A juíza Denise Frossard determina a prisão de catorze bicheiros cariocas após a prisão de um segurança armado durante audiência de rotina; são presos Aniz Abraão David (Anízio), Raul Corrêa de Melo (Raul Capitão), Castor de Andrade, Paulinho de Andrade (Paulinho da Mocidade), Ailton Guimarães (Capitão Guimarães), Carlos Teixeira Martins (Carlinhos Maracanã), Antônio Petrus Kalil (Turcão), José Petrus (Zinho), José Escafura (Piruinha), Haroldo Nunes (Haroldo Saens Peña), Luiz Pacheco Drumond (Luizinho Drumond), Emil Pinheiro, Waldemir Paes Garcia (Maninho) e Waldemiro Paes Garcia (Miro) (14) ● O Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro confirma a prisão (18) ● A juíza Denise Frossard condena os catorze bicheiros a seis anos de prisão por formação de quadrilha e bando armado (21). **Massacre do Carandiru:** a Anistia Internacional divulga relatório considerando o gov. paulista, Luiz Antônio Fleury Filho, omisso e responsável direto pelas 111 mortes ocorridas na Casa de Detenção do Carandiru, em São Paulo; o ex-secretário de Segurança Pública Pedro Franco de Campos também é acusado (8). **Ney Maranhão:** a Procuradoria Geral da República pede licença ao Senado para abrir processo contra o sen. Ney Maranhão (PRN-PE), acusado pela Receita Federal de sonegar mais de Cr$ 20 bilhões em impostos; em jun. de 1992, o parlamentar declarou à imprensa que não pagava seus impostos (25) ● A Delegacia da Receita Federal anuncia que as empresas de Maranhão sonegaram, apenas em 1991, Cr$ 26 bilhões em valores atualizados; foi detectada também uma receita de Cr$ 36 bilhões de origem não justificada (27).

NAÇÕES INDÍGENAS – Caingangue: índios da reserva Xapecó, em Ipuaçu (SC), bloqueiam a rodovia SC-480 em protesto contra o não cumprimento de um acordo assinado entre a Fundação Nacional do Índio (Funai) e o governo do Estado de Santa Catarina que previa investimentos do governo na região para compensar a desapropriação de 20,6 hectares da área indígena durante a abertura da estrada (26). **Wassu-cocal:** cerca de mil índios da tribo Wassu-cocal interditam a rodovia BR-101 durante dez horas, reivindicando a demarcação de suas terras (11).

POLÍCIA – Chico Mendes: a Polícia Federal (PF) pede à Interpol ajuda para tentar localizar Darli Alves da Silva e seu filho, Darci Alves Pereira, mandante e autor, respectivamente, da morte do sindicalista Chico Mendes; segundo a PF eles estariam escondidos em Cobiha, cidade boliviana na fronteira com o Acre (27). **Drogas:** a polícia do Rio de Janeiro prende dois empresários, Frederico Cruânes

de Melo e Divaldo Barreira do Vasco, com 3 kg de cocaína pura; também foram encontradas carteiras de livre acesso ao Congresso Nacional, assinadas pelo dep. federal Fausto Rocha (PFL-SP) (14).

POLÍTICA – Funai: o min. da Justiça, Maurício Corrêa, demite o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Sidney Possuelo, que teria se recusado a aceitar nomeações políticas para o órgão, e indica Cláudio Romero (19). **Ministério:** a min.: do Planejamento, Yeda Crusius, pede demissão alegando ter cumprido sua missão no governo (6) ● O pres. Itamar Franco indica o sociólogo Alexis Stepanenko para o cargo (7) ● O pres. Itamar Franco demite os min. Lázaro Barbosa, da Agricultura, e Luiza Erundina, da Administração; indicando o gen. Romildo Canhim para a Administração Federal; Luiza Erundina denuncia, em entrevista coletiva, a existência de corrupção e tráfico de influência no governo, acobertada por assessores do pres. Itamar, entre eles o chefe da Casa Civil, Henrique Hargreaves (19) ● O pres. Itamar Franco indica o min. das Relações Exteriores, Fernando Henrique Cardoso, para o cargo de min. da Fazenda (20) ● O pres. Itamar Franco indica o emb. José Aparecido para o Ministério das Relações Exteriores (21) ● O min. da Justiça, Maurício Corrêa, anuncia seu desligamento do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e denuncia que, em 1992, o gov. do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, teria feito um acordo com o ex-pres. Fernando Collor de Mello para tentar impedir a abertura do processo de *impeachment* (24). **Polícia Federal:** o pres. Itamar Franco demite Amaury Galdino do cargo de secretário de Polícia Federal, indicando para seu lugar João Batista Campelo; Galdino permanece no cargo de diretor da Polícia Federal (19). **Procuradoria Geral da República:** Aristides Junqueira é nomeado pelo pres. Itamar Franco para mais dois anos à frente da Procuradoria Geral da República, o terceiro mandato consecutivo (13). **Separatismo:** o min. da Justiça, Maurício Corrêa, anuncia que o governo irá punir com rigor os que pregarem o separatismo no país; no mesmo dia, o Ministério das Comunicações anuncia a suspensão de todas as emissoras gaúchas que divulgarem o separatismo (4) ● O min. da Justiça, Maurício Corrêa, determina que a Polícia Federal (PF) apreenda o material de propaganda separatista (5) ● A PF indicia o líder separatista gaúcho Irthon Marx, criador do movimento República Federal do Pampa, com base na Lei de Segurança Nacional (10). **Sucessão presidencial:** o gov. do Rio de Janeiro, Leonel Brizola (PDT), anuncia que é candidato à sucessão presidencial em 1994 (24).

PREVIDÊNCIA – Benefícios: o min. da Previdência Social, Antônio Britto, determina que os benefícios de prestação continuada – auxílio-doença, auxílio-reclusão, aposentadoria e pensão – não poderão ser inferiores a um salário mínimo (4).

RELAÇÕES EXTERIORES – Mercosul: o pres. Itamar Franco viaja para a Argentina para discutir a implementação do Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul), que começa a vigorar em jan. de 1995 (24) ● Os pres. Itamar Franco e Carlos Menem, da Argentina, assinam acordos de cooperação bilateral; o pres. Itamar Franco viaja para o Uruguai para discutir o Mercosul (26) ● O pres. Itamar Franco retorna ao Brasil (29).

SAÚDE – Remédios: o min. da Saúde, Jamil Haddad, determina a retirada do mercado de 88 medicamentos que não possuem eficácia terapêutica (11).

TRABALHO – FGTS: os trabalhadores nascidos em jan. começam a solicitar o saque das contas inativas do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, que será pago em uma única parcela; o min. do Trabalho, Walter Barelli, anuncia que o governo vai aumentar os juros anuais das contas inativas de 3% para 6% (17).

VIOLÊNCIA – Assassinatos: o sindicalista Arnaldo Delcídio Ferreira é morto a tiros enquanto dormia em sua casa, em Eldorado (PA) (2) ● O ecologista José dos Santos Laurindo é morto a tiros na porta de sua casa em Maricá (RJ); há um ano ele vinha denunciando a extração ilegal de areia em Itaipuaçu (RJ) e o desmatamento do Parque Estadual da Serra da Tiririca, em Niterói (RJ) (8) ● O pref. de Manaíra (PB), Manoel Pereira Leite, é assassinado com oito tiros em um restaurante de Serra Talhada; seus seguranças e motorista também foram baleados (21). **Nilo Coelho:** o ex-gov. da Bahia, Nilo Coelho, atropela Marcelo Tinoco, fotógrafo do jornal *Correio da Bahia*, ao sair do prédio da Polícia Federal, onde fora depor em um processo de abuso eleitoral em 1990; Coelho é indiciado em inquérito por tentativa de homicídio (21). **Policial:** o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, do Ministério da Justiça, instala-se em Maceió para apurar as denúncias de violência policial no Estado; no primeiro dia de trabalho, o conselho ouviu o depoimento de 45 pessoas que acusaram soldados e oficiais da PM de Alagoas de espancamentos, torturas e ameaças de morte (7).

OBITUÁRIO

Armando Bogus: 60 anos; ator; começou a carreira no teatro, nos anos 60; atuou nas peças *Marat Sade* e *Hair*; trabalhou no filme *Doramundo*; seu personagem mais conhecido foi o turco Nacib, da novela *Gabriela*; de leucemia, no Rio de Janeiro (2). **Fúlvio Abramo:** 84 anos; jornalista; trabalhou no *Diário da Noite*, *Diário de São Paulo*, rádio Eldorado e *Diário do Comércio*; de insuficiência cardíaca, em São Paulo (4). **Luís Carlos Menna Barreto:** 64 anos; militar do Exército; um dos líderes da repressão política durante a ditadura militar; foi acusado da morte do sarg. Manoel Raimundo Soares, em 1966; de acidente de automóvel, em Gravataí (RS) (10).

Junho

CORRUPÇÃO – DNOCS: o dep. Jackson Pereira (PSDB-CE) denuncia que o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) teria construído duas barragens no Nordeste com preços superfaturados e contratado empresas sem concorrência; o deputado pede ao pres. Itamar Franco a demissão do diretor-geral do DNOCS, Luiz Gonzaga Marques (3). **PC:** o ex-pres. Fernando Collor nega ao Supremo Tribunal Federal (STF) ter utilizado dinheiro público para pagar suas despesas pessoais e de sua mulher, Rosane Collor, e afirma que suas contas eram pagas com o dinheiro que sobrou da campanha eleitoral de 1989 (15) ● O ex-secretário particular de Fernando Collor, Cláudio Vieira, nega à Polícia Federal (PF) ter ligações com o esquema do empresário Paulo César Farias, o PC (16) ● Marta Vasconcelos Soares, secretária de PC, depõe na PF e nega ter mantido contas fantasmas (17) ● O motorista de PC, Roberto Carlos Maciel, confessa ao STF que alugava os automóveis utilizados por Ana Acioli, ex-secretária de Collor (18) ● Paulo César Farias depõe no STF e confessa ter criado correntistas fantasmas e financiado diversas candidaturas nas eleições de 1990; afirma que as construtoras Odebrecht, Andrade Gutierrez, Votorantim e a montadora Mercedes-Benz contribuíram ilegalmente para os fundos de campanha (21) ● O piloto Jorge Bandeira de Melo, sócio de PC, declara no STF que PC Farias pagou as obras na Casa da Dinda (22) ● Rosinete Melanias de Carvalho, secretária de PC, confessa ao STF que assinava os cheques de sete fantasmas (24) ● O juiz federal Paulo Castello Branco Coelho decreta a prisão preventiva de Paulo César Farias, Jorge Bandeira de Melo, Rosinete Melanias de Carvalho e Ricardo Campos, diretor da Brasil Jet, empresa aérea de PC, por sonegação fiscal; nenhum dos quatro é encontrado (30).

ECONOMIA – Indústria naval: assinado pelo governo e empresários do setor acordo que prevê financiamento imediato de US$ 212 milhões e isenção do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), visando a criação de 7 mil novos empregos (8). **Moeda:** o Conselho Monetário Nacional (CMN) aprova a criação das novas cédulas de 1 milhão de cruzeiros e de 5 milhões de cruzeiros; as novas notas entrarão em circulação respectiva-

mente em set. e out.; também foi aprovada a criação da moeda de 10 mil cruzeiros (29). **Plano econômico:** o min. da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, anuncia o Programa de Ação Imediata (PAI), um conjunto de medidas que visa a reduzir a inflação e acertar as contas do governo federal; os principais pontos são: corte de US$ 6 bilhões das despesas do orçamento de 1993 dos ministérios; recuperação da receita tributária e combate à sonegação de impostos; fim da inadimplência de Estados e municípios, que devem cerca de US$ 40 bilhões à União; controle e fiscalização dos bancos estaduais; saneamento dos bancos federais; aceleração do processo de privatização, com a venda das pequenas participações do governo e a permissão de uso dos créditos dos fundos sociais (14). **Privatização:** o consórcio Ferti-Ultra arremata a Ultrafértil, em leilão realizado na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, pelo preço mínimo de US$ 199,3 milhões (24) ● A Câmara dos Deputados aprova projeto de lei que autoriza os investidores estrangeiros a assumirem o controle de empresas privatizadas (30). **Sonegação fiscal:** a Polícia Federal (PF) e a Receita Federal realizam uma devassa fiscal em quatro grandes usinas de açúcar e álcool da região de Ribeirão Preto (SP); foram descobertas cerca de 800 mil notas fiscais falsas de venda à Zona Franca de Manaus (AM), envolvendo trilhões de cruzeiros de impostos sonegados (17). **Título:** o pres. Itamar Franco assina medida provisória criando as Notas do Tesouro Nacional (NTN); o novo título público será utilizado para a privatização das estatais (14).

GREVE – Funcionários públicos: os servidores federais encerram greve iniciada em 13/5 aceitando o reajuste salarial de 85% proposto pelo governo; a categoria reivindicava reajuste de 113% (4).

JUSTIÇA – Jogo do bicho: a juíza Sirley Abreu Biondi proíbe a posse do bicheiro e suplente de vereador Luís Carlos Batista em uma vaga aberta na Câmara Municipal do Rio de Janeiro (16).

NAÇÕES INDÍGENAS – Caingangue: cerca de quatrocentos índios caingangue bloqueiam a rod. RS-324, em Planalto (RS), exigindo que as autoridades do Estado retirem cerca de trezentas famílias de colonos que se instalaram em sua reserva (16) ● Os índios removem a barreira, aguardando a negociação entre a Fundação Nacional do Índio (Funai) e o governo gaúcho (22). **Ticuna:** o Conselho Missionário Indigenista (Cimi) denuncia que três índios ticuna morreram e dez estão internados vítimas da cólera em Belém do Solimões (AM) (11).

POLÍCIA – Crimes raciais: a Polícia Civil de São Paulo cria uma delegacia especializada em investigar crimes raciais (7). **Drogas:** a Polícia Federal (PF) pede extradição do ex-ten. da PM carioca Luiz Paulo Ferreira Medrado, preso e condenado na Suíça por tráfico de drogas; a PF considera Medrado o elo de ligação entre a cúpula do jogo do bicho do Rio de Janeiro e o Cartel de Medellín (9) ● Cerca de 150 homens da polícia civil e militar do Rio de Janeiro ocupam o morro do Borel e prendem dezesseis traficantes de drogas, vários ligados a Nelson da Silva, o "Bill do Borel", líder do tráfico na região e membro do Comando Vermelho; um traficante é morto (25) ● A polícia civil prende Bill do Borel em um sítio em Magé (RJ) (30). **Seqüestros:** a Interpol confirma que os responsáveis pelo seqüestro do empresário Abílio Diniz, em 1989, pertenciam a uma conexão internacional que tinha treinamento na Nicarágua (21).

POLÍTICA – Alagoas: a primeira-dama de Alagoas, Denilma Bulhões, é indiciada na Polícia Federal, em Maceió, por desacato ao juiz eleitoral Targino dos Santos, em Rio Largo (AL), durante as eleições municipais de 1992 (4). **Fome:** o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), do Ministério da Fazenda, publica o estudo "Mapa da Fome II"; segundo o documento, existem 9,17 milhões de famílias em estado de miséria absoluta, 60% nas zonas urbanas e 40% nas zonas rurais; 4,46 milhões delas estão na região Norte (7). **Jair Bolsonaro:** o pres. da Câmara dos Deputados, Inocêncio Oliveira (PFL-PE), ameaça iniciar processo de cassação do mandato do deputado e capitão da reserva Jair Bolsonaro (PPR-RJ) por suas seguidas declarações defendendo um regime ditatorial e o fechamento do Congresso (24) ● O corregedor da Câmara Federal, dep. Vital do Rego (PDT-PB), solicita ao procurador-geral da República, Aristides Junqueira, o início de uma ação penal contra Bolsonaro, por crime contra a segurança nacional, ofensa à Constituição e ao regimento interno da Câmara (25) ● A mesa da Câmara manda abrir processo contra Bolsonaro por falta de decoro parlamentar (30). **Ministério:** o pres. Itamar Franco indica Nuri Andraus para ocupar o Ministério da Agricultura e Reforma Agrária; Andraus é secretário da Agricultura do Distrito Federal (3) ● Andraus toma posse (5) ● A revista *Veja* denuncia que o ministro estaria envolvido em um homicídio, sonegação de impostos e grilagem de terras; Andraus teria matado um fazendeiro de São Domingos (GO) durante uma luta corporal (13) ● Andraus pede demissão e o pres. Itamar Franco indica José Antônio Barros Munhoz para o cargo (15). **PT:** o Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT) cancela a suspensão dos direitos e deveres partidários da ex-min. da Administração Federal Luiza Erundina, decretada em fev. após sua posse; em sua retratação Erundina disse estar "decepcionada com Itamar" (10). **Separatismo:** o gaúcho Irthon Marx, criador de um movimento separatista no sul do país, proclama em Santa Cruz do Sul (RS), junto com mais 32 pessoas, a República Federal do Pampa (6) ● A Polícia Federal encaminha à Justiça Federal o inquérito indiciando Irthon Marx na Lei de Segurança Nacional (6).

PREVIDÊNCIA – Aposentadoria: o min. da Previdência, Antônio Britto, anuncia o cancelamento de 294 mil aposentadorias rurais irregulares que resultarão em uma economia mensal de Cr$ 1 trilhão (16). **Benefícios:** o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) inicia a revisão de cerca de 600 mil casos de auxílio-doença (15).

RELAÇÕES EXTERIORES – Mercosul: o pres. Itamar Franco viaja para o Paraguai, para participar, durante dois dias, da quarta reunião do Conselho do Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul) (30).

REPRESSÃO POLÍTICA – Condecoração: o pres. Itamar Franco anuncia a condecoração do cel. da reserva Dalmo Lúcio Muniz Cyrillo com a Ordem do Mérito das Forças Armadas (21) ● O dep. federal Nilmário Miranda (PT-MG), pres. da Comissão Externa para Mortos e Desaparecidos Políticos, denuncia que Cyrillo, que foi comandante do DOI-CODI, em São Paulo, durante a ditadura militar, é apontado como um dos mais ativos torturadores de militantes de esquerda; segundo Miranda o cel. Cyrillo seria responsável pela morte, nos anos 70, de cinco oposicionistas sob tortura (24) ● O grupo Tortura Nunca Mais entrega ao pres. Itamar Franco um dossiê sobre o envolvimento do cel. Cyrillo com os órgãos de repressão (29). **Tortura:** o ex-padre e ex-preso político José Antônio de Monteiro denuncia o delegado João Batista Campelo, secretário da Polícia Federal (PF), como um dos comandantes das sessões de torturas que sofreu no DOI-CODI de São Luís (MA) (17) ● O min. da Justiça, Maurício Corrêa, anuncia que exigirá explicações de Campelo (18).

TERRAS – Reforma agrária: o pres. Itamar Franco sanciona a regulamentação do Plano Nacional de Reforma Agrária, que estabelece o rito sumário para a desapropriação de latifúndios improdutivos e de propriedades rurais produtoras de drogas (2).

TRABALHO – Política salarial: a Câmara dos Deputados aprova, por 384 votos a 2, o projeto de lei do dep. Paulo Paim (PT-RS) de reajuste mensal dos salários com base em 100% da inflação, para quem ganha até vinte mínimos, inclusive servidores e aposentados (23).

VIOLÊNCIA – Alagoas: o pref. de Maceió (AL), Ronaldo Lessa, pede ao min. do Exército, Zenildo Zoroastro de Lucena, a intervenção na Polícia Militar (PM) do Estado;

segundo Lessa, a cúpula da PM é o maior foco de crime organizado no Estado; no mesmo dia, o comandante da PM alagoana, Nilton Rocha, organiza uma manifestação de apoio a si próprio (16) ● O gov. de Alagoas, Geraldo Bulhões, demite Rocha e o secretário de Segurança Pública, Wilson Perpétuo, que havia denunciado Rocha como acobertador dos grupos de extermínio da PM (21) ● A primeira-dama do Estado, Denilma Bulhões, anuncia a nomeação do comandante Rocha para o cargo de chefe do Gabinete Militar do Estado; no mesmo dia o delegado José Rosevaldo Vilar da Silva entrega à Procuradoria Geral de Justiça denúncia contra o comandante Rocha, enquadrando-o em desvio de verbas, sonegação de informações, declaração falsa, inutilização de documentos e condescendência criminosa (23) ● O conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, do Ministério da Justiça, pede a intervenção federal em Alagoas, para pôr fim ao clima de violência no Estado (30). **Assassinato:** o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Belém Maria (PE), Amâncio Francisco Dias, é assassinado com dois tiros no rosto, na porta de sua casa (15). **Drogas:** duas pessoas morrem durante guerra entre quadrilhas de traficantes de drogas pela disputa da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro (22) ● Um menino de 4 anos fica gravemente ferido numa troca de tiros entre traficantes (23) ● Cerca de 120 policiais civis e militares ocupam a favela e prendem 32 pessoas (24).

OBITUÁRIO

Carlos Castello Branco: 73 anos; jornalista político, um dos mais importantes comentaristas políticos do país; escrevia desde 1962 a *Coluna do Castello*, no *Jornal do Brasil*; começou a carreira no *Estado de Minas*, em 1938; trabalhou no *Diário Carioca, Tribuna da Imprensa*; na revista *O Cruzeiro*; foi assessor de imprensa do pres. Jânio Quadros, em 1961; era membro da Academia Brasileira de Letras desde 1982; de enfarte, dias após cirurgia para retirada de um câncer na faringe; no Rio de Janeiro (1). **Luiz Gonzaga Paiva Muniz:** 68 anos; político carioca; presidente nacional do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), desde 1985; era um dos principais articuladores da fusão do PTB com o Partido Democrático Trabalhista (PDT); de enfarte, no Rio de Janeiro (13). **Messiê Limá (Raimundo Lima de Almeida):** 51 anos; disc-jóquei maranhense; famoso na década de 70 por seus bailes *black* no Maracanãzinho; de insuficiência renal; no Rio de Janeiro (16). **João Baptista Cordeiro Guerra:** 77 anos; jurista; ex-presidente do Supremo Tribunal Federal; presidiu o inquérito que apurou a tentativa de assassinato contra Carlos Lacerda, em 1954; de câncer; no Rio de Janeiro (28).

Julho

CIÊNCIA – SBPC: a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) abre sua 45ª reunião anual, em Recife (PE), com o tema Ciência e Qualidade de Vida (11).

CORRUPÇÃO – Paubrasil: a Receita Federal inicia investigação contra a empresa Paubrasil Engenharia e Montagens, do empresário e pianista João Carlos Martins; a Receita suspeita de que a empresa teria sido usada, durante a campanha eleitoral de 1992, para arrecadar recursos ilegais para o então candidato à prefeitura de São Paulo, Paulo Maluf (PPR) (13) ● A Procuradoria da República em São Paulo determina à Polícia Federal (PF) a abertura de inquérito para apurar as denúncias (16) ● A Procuradoria determina a quebra do sigilo bancário da Paubrasil (19) ● O ex-cabo eleitoral de Maluf, Maurício Fernandes Câmara, denuncia que os recursos irregulares da campanha eram movimentados em uma conta secreta na financeira Cotação Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S.A. (20) ● A PF instaura inquérito sob o comando do delegado Eldo Saraiva Garcia (21) ● Maurício Câmara entrega aos procuradores cópias de notas fiscais falsas que eram entregues pela Paubrasil a empresas que colaboraram com a campanha de Maluf (22) ● A procuradoria quebra sigilo das contas de mais três empresas ligadas a Martins: a LC Participações, a Williana e a Entersa (26). **PC:** o ex-presidente da Petrobrás Luiz Octávio da Motta Veiga confirma no Supremo Tribunal Federal ter sido pressionado pelo empresário Paulo César Farias, o PC, quando estava no cargo; depõem também Francisco Eriberto França Freire, motorista de Ana Acioli Gomes, secretária particular do ex-pres. Fernando Collor; o ex-dep. Sebastião Curió; Roberto Nehring César, dono da Brasil's Garden, que reformou os jardins da Casa da Dinda; todos confirmam as denúncias contra PC (1) ● O min. do STF, Ilmar Galvão, nega o pedido de liminar cancelando a prisão preventiva de PC Farias, do piloto Jorge Bandeira de Melo, Rosinete Melanias de Carvalho e Ricardo Campos, diretor da empresa aérea de PC, decretada no dia 30/6; os quatro estão desaparecidos (2) ● Rosinete entrega-se à PF, em São Paulo, sendo conduzida no mesmo dia para Brasília (6) ● Rosinete é transferida, por problemas de saúde, para uma clínica (8) ● Trinta agentes da PF invadem a casa de PC, em Maceió, para procurá-lo (9) ● A PF invade uma fazenda do gov. de Alagoas, Geraldo Bulhões, à procura de PC (10) ● Augusto Farias anuncia que seu irmão, PC Farias, estaria disposto a pagar US$ 1,7 milhão que deve à Receita Federal caso seu pedido de prisão seja revogado (12) ● Ana Acioli confessa à Justiça Federal, em São Paulo, ter usado nomes falsos para assinar cheques que pagavam as contas de Collor (12) ● A Interpol começa a procurar PC no exterior (22) ● Ricardo Campos é preso ao desembarcar em Brasília, vindo dos EUA (26). **Vasp:** Wagner Canhedo, presidente da Vasp, e seus três filhos ingressam no Tribunal Regional Federal de Brasília com pedido de *habeas-corpus* preventivo; eles respondem processo por sonegação de impostos (9) ● Canhedo reúne-se com representantes da Receita Federal e acerta o pagamento de sua dívida de Cr$ 250 bilhões (19).

ECONOMIA – Compulsório: o Congresso Nacional aprova projeto de lei obrigando o governo a devolver, em dinheiro, o empréstimo compulsório sobre os veículos novos, cobrados entre 1986 e 1989 (8). **IPMF:** a juíza Adriana de Soveral, da Justiça Federal de São Paulo, concede liminar a um mandado de segurança impetrado por três pessoas, suspendendo a cobrança do Imposto Provisório sobre Movimentações Financeiras (IPMF) que incidirá sobre todas as operações bancárias (20). **Moeda:** o pres. Itamar Franco assina medida provisória promovendo uma reforma monetária no país para vigorar a partir de 2/8; a medida faz o corte de três zeros na moeda, que passa a se chamar cruzeiro real, grafada como CR$; os cheques emitidos em cruzeiros valerão durante 120 dias (28) ● O Banco Central anuncia que todos os cheques em cruzeiro perderão o valor em 1º de agosto (29) ● Itamar volta a determinar que os cheques pré-datados terão validade de 120 dias (30).

GREVE – PF: as lideranças sindicais da Polícia Federal (PF) anunciam para o dia 15 greve por melhores salários e melhores condições de trabalho (9) ● Agentes da PF de 25 Estados entram em greve (14) ● A greve atinge 90% do efetivo da PF (16) ● O diretor da PF, Wilson Brandi Romão, promete conceder aos agentes uma gratificação provisória, até que o governo defina um novo plano de carreira para a categoria (20) ● A PF encerra o movimento (21).

NAÇÕES INDÍGENAS – Pataxós: a PM da Bahia retira 35 famílias pataxós de uma fazenda em Arraial d'Ajuda (BA), invadida há alguns meses; segundo os índios, as terras historicamente pertencem à tribo (6). **Wassu-Cocal:** os índios Wassu-Cocal interditam a rodovia BR-101, próximo de Maceió, reivindicando a demarcação de suas terras, prometida há mais de cinco anos; em mai. eles já haviam interditado a estrada, mas aceitaram a promessa do gov. de Alagoas, Geraldo Bulhões, de demarcação das terras (21).

POLÍCIA – Abidiel Rabelo: o traficante Abidiel Pires Rabelo, irmão do ex-dep. cassado Jabes Rabelo, de Rondônia, é libertado de uma escolta que o levava para tratamento

dentário por dez homens armados, em São Paulo; Abidiel estava preso desde 1991 (23). **Drogas:** a polícia carioca prende, no restaurante I Pagliacci, o traficante italiano Marco Pugliese, que comandava as operações da Máfia no Rio de Janeiro (12) ● Paulo Roberto de Moura Mello, maître do restaurante, é encontrado morto em Ipanema; segundo a polícia, o crime tem ligação com a prisão de Pugliese (18).

POLÍTICA – Advocacia Geral da União: o pres. Itamar Franco indica o jurista Geraldo Magela da Cruz Quintão para o cargo de advogado-geral da União (5). **Instituições filantrópicas:** o pres. Itamar Franco determina a suspensão do registro de 12,6 mil instituições filantrópicas inscritas no Conselho Nacional de Serviço Social até que comprovem a destinação da verba que recebem do governo federal (27). **Maurício Corrêa:** o *Jornal do Brasil* revela que o min. da Justiça, Maurício Corrêa, teria recebido US$ 500 mil da comunidade palestina, para sua campanha eleitoral para o Senado, em 1986 (11) ● A imprensa denuncia que, durante onze anos, Corrêa sonegou Imposto de Renda não declarando sua mansão, em Brasília, no valor de US$ 3 milhões (13) ● Os jornais publicam documento da Receita Federal mostrando que o ministro sonegou o IR de sua empresa Empreendimentos Imobiliários Garantidos, entre 1986 e 1988 (15) ● A Receita divulga documento inocentando o ministro das acusações de crime fiscal (20). **Pacto pela Infância:** o pres. Itamar Franco e 24 governadores participam, em Brasília, da 2ª Reunião de Cúpula pela Criança, onde voltam a assinar o Pacto pela Infância, que prevê a elaboração de um conjunto de medidas para diminuir a violência contra as crianças e melhorar suas condições de vida (7). **PF:** o Secretário Nacional da Polícia Federal (PF), João Batista Campelo, critica o Departamento de Polícia Federal e seu superintendente, Amaury Galdino, por não ter montado um esquema especial para a prisão de Paulo César Farias, o PC (1) ● O min. da Justiça, Maurício Corrêa, anuncia a demissão de Campelo e Galdino (8) ● Corrêa indica o coronel da reserva do Exército Wilson Brandi Romão para ocupar os dois cargos; todos os diretores da PF entregam seus cargos, em protesto contra a presença de um militar à frente da instituição (9) ● Cerca de oitenta delegados da PF em São Paulo colocam o cargo à disposição (10). **Roberto Requião:** o Tribunal Regional Eleitoral do Paraná determina, por quatro votos a zero, a cassação do mandato do gov. Roberto Requião (PMDB), acusado de fraude eleitoral; durante a campanha de 1990, a propaganda de Requião apresentou um suposto pistoleiro, João Ferreira, o Ferreirinha, que teria matado de oito a dez agricultores a mando de seu adversário eleitoral José Carlos Martinez (PRN) (16) ● O min. Sepúlveda Pertence, do Tribunal Superior Eleitoral, nega liminar a um mandado de segurança impetrado a favor de Requião, alegando ser incompetente para julgar o caso (19) ● Uma manifestação de apoio ao governador reúne cerca de 25 mil pessoas (21) ● O TSE concede liminar a um novo mandado de segurança, dando posse a Requião no cargo (16).

PREVIDÊNCIA – INAMPS: o pres. Itamar Franco sanciona lei extinguindo o Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS); suas funções serão repassadas aos municípios através do Sistema Unificado de Saúde (SUS) (29). **Recadastramento:** o min. da Previdência Social, Antônio Britto, anuncia o início do recadastramento de cerca de 9 milhões de aposentados e pensionistas do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) (30).

RELAÇÕES EXTERIORES – Cúpula Ibero-Americana: chegam a Salvador os chefes de Estado e de governo de 21 países para participar da 3ª Conferência de Cúpula Ibero-Americana; além do pres. Itamar Franco, participam os pres. Carlos Menem, da Argentina; Jaime Paz Zamora, Bolívia; Patrício Aylwin, Chile; Cesar Gaviria, Colômbia; Rafael Calderón, Costa Rica; Fidel Castro, Cuba; Carlos Morales Troncoso, República Dominicana; Alfredo Cristiani, El Salvador; Sixto Durán Ballén, Equador; Ramiro León Carpio, Guatemala; Rafael Leonardo Calleja Romero, Honduras; Carlos Salinas de Gortari, México; Violeta Chamorro, Nicarágua; Guillermo Endara, Panamá; Andrés Rodríguez, Paraguai; Alberto Fujimori, Peru; Mário Soares, Portugal; Luís Alberto Lacalle, Uruguai; Fernando Ochoa Antich, Venezuela; participam também os primeiros-ministros Felipe González, da Espanha, e Anibal Cavaco Silva, de Portugal; e o rei Juan Carlos I, da Espanha (14) ● O pres. Itamar abre a conferência com um discurso criticando os países ricos (15) ● Os líderes encerram a reunião com a aprovação de um documento que pede o combate à pobreza na América Latina (16) ● Os dirigentes inauguram em São Paulo, no Memorial da América Latina, o Parlamento Latino-Americano (17). **Portugal:** o governo de Portugal anuncia o reconhecimento dos diplomas dos dentistas brasileiros que trabalham como clandestinos no país há mais de seis anos (12).

SECA – Frentes de trabalho: o pres. Itamar Franco prorroga por mais dois meses o programa de Frentes Produtivas de Trabalho, lançado em abr., que visa a reduzir os efeitos da seca no Nordeste, e libera mais Cr$ 7,2 bilhões para o programa (14).

TRABALHO – Funcionalismo: o governo envia ao Congresso Nacional um projeto de lei criando uma política salarial para os servidores civis, militares e inativos; o projeto prevê para o funcionalismo antecipações bimestrais de 50% da inflação e correção de 80% a cada quatro meses (7) ● O Congresso aprova projeto de lei do governo, concedendo reajuste de 33,67% ao funcionalismo (8). **Política salarial:** representantes do governo negociam com líderes partidários do Senado e da Câmara dos Deputados reajuste salarial de no máximo 60% da inflação; em 23/6 a Câmara havia aprovado reajuste com base em 100% da inflação para a faixa até vinte mínimos (6) ● O Senado aprova projeto restringindo o aumento a 60% da inflação (9) ● A Câmara, por 206 votos contra 139, derruba os 60% e volta a aprovar os 100% (13) ● O pres. Itamar Franco reúne-se com representantes das centrais sindicais e empresários para discutir a política salarial (19) ● O pres. Itamar Franco assina medida provisória estabelecendo gatilho salarial para a faixa que vai até seis mínimos; toda vez que a inflação ultrapassar os 10% em um mês, será dado um reajuste, calculado tomando-se o valor total da inflação menos 10%; as perdas resultantes dessa fórmula serão zeradas a cada quatro meses (28).

VIOLÊNCIA – Alagoas: o pres. Itamar Franco e o gov. de Alagoas, Geraldo Bulhões, acertam a intervenção de um militar do Exército no comando da Polícia Militar (PM) do Estado (2) ● O min. do Exército, Zenildo Zoroastro de Lucena, indica o cel. José Elito de Carvalho, de Aracaju (SE), como interventor na PM alagoana (5) ● O cel. Carvalho toma posse (9) ● O cel. Carvalho determina a expulsão e prisão de sete soldados, foragidos, que pertencem a grupos de extermínio; o grupo, que era defendido pelo ex-comandante da PM, Nilton Rocha, teria cometido 41 assassinatos nos últimos quinze meses (22). **Candelária:** seis homens matam a tiros sete meninos de rua que dormiam em frente à Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, deixando dois feridos; segundo testemunho de outras crianças, os responsáveis pela chacina seriam soldados da PM carioca; o pres. Itamar Franco exige do min. da Justiça, Maurício Corrêa, a prisão imediata dos culpados; chegam ao país os protestos da Anistia Internacional, do Fundo das Nações Unidas para a Infância e Adolescência (Unicef) e dos países da Comunidade Européia (CEE) (23) ● A PM prende o ten. Marcelo Ferreira Cortes e os soldados Marcos Vinícios Borges e Cláudio Luiz Andrade dos Santos, reconhecidos pelas testemunhas do crime (25) ● Morre um dos feridos, que estava em coma desde o dia do massacre (28) ● Uma testemunha reconhece os três policiais (29) ● A polícia prende o serralheiro Jurandir Gomes de França, também reconhecido por sobreviventes (30). **Futebol:** desconhecidos atacam com coquetéis molotov um ônibus com torcedores do Flamengo que retornava ao Rio de Janeiro depois de um

jogo em São Paulo; o incidente ocorreu na via Dutra, em Queluz (SP); 28 torcedores ficam feridos, alguns com queimaduras graves (4) • Torcedores do Flamengo acusam Roberto Monteiro Soares, chefe de torcida do Vasco da Gama, de ter organizado o ataque (5). **Linchamento:** moradores de Olaria, no Rio de Janeiro, lincham três jovens, dois deles menores, acusados de terem feito assaltos na região; segundo testemunhas, os três foram queimados ainda vivos (3) • Parentes dos mortos apresentam provas de que eles não tinham ficha policial (8).

OBITUÁRIO

Babaú da Mangueira (Valdemiro José da Rocha): 79 anos, compositor carioca; criador de mais de trezentas músicas, interpretadas por artistas famosos como Beth Carvalho, Aracy de Almeida, Jorginho do Império e Neguinho da Beija-Flor; de enfarte, no Rio de Janeiro (3). **Glycon de Paiva Teixeira:** 90 anos, geólogo e sociólogo; um dos principais articuladores civis do golpe militar de 1964; foi um dos fundadores do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), braço civil do golpe militar; de pneumonia, no Rio de Janeiro (18). **Luiz Lobo** (Luiz Gonzaga Larqué de Souza Lobo): 51 anos, jornalista carioca; começou na profissão na *Tribuna da Imprensa*, passando depois para o *Jornal do Brasil*, onde trabalhou durante 24 anos; de tumor cerebral, no Rio de Janeiro (19). **Paoletti** (Paulo César Bacelar Paoletti): 40 anos, ator, cantor e dançarino; começou a carreira no grupo Dzi Croquettes, com o qual passou dois anos em Paris; seu último trabalho em novela foi em *De corpo e alma*, da Rede Globo; de pneumonia, no Rio de Janeiro (30).

Agosto

CORRUPÇÃO – **Cruz Vermelha:** auditoria do Tribunal de Contas da União (TCU) descobre que, entre 1987 e 1991, a presidente da Cruz Vermelha Brasileira, Mavy d'Aché Assumpção Harmon, e o tesoureiro da entidade, Ary Azevedo de Moraes, teriam desviado cerca de US$ 540 mil de doações (19). **Paubrasil:** a Procuradoria da República em São Paulo determina a quebra de sigilo bancário do empresário e pianista João Carlos Martins, acusado de ter usado a empresa Paubrasil Engenharia e Montagens para arrecadar recursos ilegais para o candidato à prefeitura de São Paulo, Paulo Maluf (PPR), durante a campanha eleitoral de 1992 (2) • Martins depõe na Polícia Federal, em São Paulo, e nega as acusações (23). PC: o dep. Augusto Farias, irmão do empresário Paulo César Farias, o PC, confirma na Procuradoria da Câmara dos Deputados que, em 1990, PC deu dinheiro para as campanhas de José Thomaz Nonô, Cleto Falcão e Euclides Melo (3) • O Supremo Tribunal Federal (STF) decreta uma nova prisão preventiva para PC Farias e o piloto Jorge Bandeira de Melo, desaparecidos desde junho; no mesmo dia os advogados de PC Farias e Jorge Bandeira de Melo, Antônio Mariz de Oliveira e Pedro Gordilho, abandonam a causa por considerar que o desaparecimento dos dois dificulta a defesa (5) • O Tribunal Regional Federal (TRF) de Brasília concede *habeas-corpus* à secretária de PC, Rosinete Melanias de Carvalho, e Ricardo Campos, diretor da Brasil Jet, empresa aérea de PC, denunciados por sonegação fiscal (12) • A Polícia Federal (PF) pede à Interpol do Paraguai que busque PC no país; segundo informações, ele teria passado por lá e já poderia estar na Argentina (16) • O Ministério do Interior da Argentina anuncia que PC chegou ao país em 20/7 e que a PF foi imediatamente informada (17) • A Interpol começa a procurar o chileno José Ramón Irribarra, que teria planejado a fuga de PC (18) • O investidor Najun Turner nega no Supremo Tribunal Federal (STF) ter participado da criação das contas fantasmas do esquema de PC Farias; segundo ele, em 1990, teria comprado para PC cerca de 2 toneladas de ouro, ao preço de US$ 22 milhões (18) • A Procuradoria da República do Distrito Federal pede à Justiça a hipoteca dos bens de PC Farias como garantia do pagamento da dívida de US$ 1,7 milhão que a empresa Brasil Jet tem com a Receita Federal (23).

ECONOMIA – **Compulsório:** o pres. Itamar Franco veta integralmente o projeto de lei de autoria do próprio governo, aprovado pelo Congresso Nacional em jul., que obrigava o governo a devolver, em dinheiro, o empréstimo compulsório sobre veículos novos cobrado entre 1986 e 1989 (3). **IPMF:** começa a ser cobrado o Imposto Provisório sobre Movimentações Financeiras (IPMF), que incidirá sobre todas as operações bancárias, com alíquota de 0,25%, e que terá a duração de dois anos (26) • As 145 prefeituras da Bahia obtêm liminar isentando-as do pagamento do tributo (30). **Montadoras:** o pres. Itamar Franco e o gov. de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho, reinauguram, em São Bernardo do Campo (SP), a linha de montagem do Fusca, que volta a ser fabricado após sete anos de interrupção; o carro voltará a ser vendido pelo equivalente a US$ 7 mil, contra US$ 3,5 mil de quando deixou de ser fabricado, em 1986 (23). **Privatização:** consórcio formado pelas empresas Brastubo, Dufer, Limasa e Cotia Trading arremata a Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa), em leilão promovido pelo BNDES na Bolsa de Valores de São Paulo, por US$ 331 milhões, preço 98,8% superior ao mínimo fixado; durante o leilão, sindicalistas e estudantes contrários à privatização entram em choque com a polícia; 25 pessoas ficam feridas e dezenas são presas (20) • O Ministério dos Transportes divulga editais com as regras para a privatização dos serviços em 850 km de rodovias federais, entre elas a via Dutra, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro; as empresas vencedoras da licitação poderão explorar os pedágios das estradas, mas serão responsáveis pela manutenção e preservação das rodovias (25).

EDUCAÇÃO – **Mensalidades:** o pres. Itamar Franco assina medida provisória estabelecendo que o reajuste das mensalidades escolares não pode ser superior a 30% da inflação acumulada de jan. a jul. deste ano (11).

JUSTIÇA – Edmundo Pinto: a Justiça paulista condena Gilson José dos Santos, Edilson Alves do Carmo e Jomildo Ramos Barbosa a 26 anos de prisão pela morte do gov. do Acre, Edmundo Pinto, ocorrida em mai. de 1992, em São Paulo; outros três cúmplices foram condenados a dezessete anos de cadeia (19). **Jogo do bicho:** a Justiça paulista determina a prisão preventiva do bicheiro Ivo Noal, o maior da cidade de São Paulo, acusado de ter matado Wilson Nanini, também bicheiro, em 1987 (16) • O Tribunal de Justiça paulista concede *habeas-corpus* a Noal (23).

MEIO AMBIENTE – **Álcool:** a Secretaria do Meio Ambiente de Pernambuco proíbe a venda de álcool combustível à base de isopropano importado da África do Sul; segundo a secretaria, ele poderia causar câncer no pulmão, laringe e nariz, e causar tonteiras e vômitos (9). **Tietê:** o governo de São Paulo inicia as obras de despoluição do rio Tietê; as obras, estimadas em US$ 1,3 bilhão, serão financiadas 45% pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), 45% pelo governo paulista e 10% pela iniciativa privada (17).

NAÇÕES INDÍGENAS – Ianomâmis: o administrador da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Roraima, Suami Santos, denuncia que cerca de dezenove índios ianomâmis teriam sido assassinados por garimpeiros dentro de sua reserva, na fronteira com a Venezuela; no mesmo dia a Procuradoria Geral da República determina a abertura de um inquérito para apurar o crime (18) • Os sobreviventes da chacina dizem que os índios foram mortos a tiros e golpes de facão; no mesmo dia entidades dos direitos humanos americanas e européias protestam contra os assassinatos (19) • O min. da Justiça, Maurício Corrêa, visita a aldeia de Haximu (RR), onde ocorreram as mortes (20) • Três garimpeiros suspeitos de serem os autores da chacina entregam-se à Polícia Federal (PF) após ficarem vários dias na mata (22) • Os garimpeiros são libertados por falta de provas (23) • A Funai divulga o nome de 73 índios que podem ter sido mortos (24) • A PF anuncia ter

descoberto fogueiras com restos de ossos humanos; é comum entre os ianomâmis queimar os corpos dos mortos (25) ● A PF anuncia que o massacre dos índios ocorreu em território venezuelano (29) ● A PF anuncia que foram dezesseis os índios mortos pelos garimpeiros (30).

POLÍCIA – Roubo de quadros: três quadros de Cândido Portinari, avaliados em US$ 300 mil cada, são roubados da capela Mayrink, no Rio de Janeiro; a polícia não tem pistas dos ladrões (21).

POLÍTICA – Amazônia: o pres. Itamar Franco reúne, pela primeira vez, o Conselho de Defesa Nacional, composto pelo presidente, nove ministros civis e militares e os presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado; o Conselho aprova, por unanimidade, a criação do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sinvam), para proteger a região contra a invasão do tráfico de drogas através de radares e sensores na fronteira (10) ● Os subchefes do Estado-Maior do Exército, os generais Ciro Imbuzeiro e Carlos Uchoa, em sessão reservada da Comissão de Defesa Nacional da Câmara, declaram que as Forças Armadas dos EUA estão montando bases militares na região amazônica, próximas à fronteira do Brasil (12) ● Uma nova reunião do Conselho de Defesa Nacional decide pela criação do Ministério Extraordinário para a Articulação de Ações na Amazônia Legal (23) ● O pres. Itamar Franco anuncia o nome do embaixador Rubens Ricúpero para o novo ministério (24). **Banco Central:** o pres. do Banco Central, Paulo César Ximenes, pede demissão do cargo; no mesmo dia, o pres. Itamar Franco indica para seu lugar o economista Pedro Malan, negociador da dívida externa (13) ● Pedro Malan é sabatinado pelos senadores, que aprovam seu nome (26). **BNDES:** o pres. Itamar Franco demite Luiz Carlos Delben Leite, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES); Leite divergia do min. do Planejamento, Alexis Stepanenko, dos rumos do Programa Nacional de Desestatização (27). **Eleições:** o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) anuncia a extinção do voto em trânsito para as eleições de 1994 (13). **Ministério:** o Ministro da Saúde, Jamil Haddad, pede demissão do cargo, uma vez que seu partido, o PSB, não apoiou a medida provisória do governo sobre a lei salarial; no mesmo dia, o pres. Itamar Franco indica para o cargo, interinamente, Saulo Moreira, seu médico particular (18) ● O pres. Itamar indica Henrique Santillo para o cargo de ministro da Saúde; no mesmo dia, o pres. Itamar anuncia a substituição de Antônio Houaiss por José Jerônimo Moscardo de Souza no Ministério da Cultura (25) ● O pres. Itamar confirma no cargo de min. das Relações Exteriores o embaixador Celso Amorim, que já vinha exercendo o cargo interinamente (26). **PMDB:** o gov. de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), anuncia seu rompimento com o governo federal, em razão da demissão de Luiz Carlos Delben Leite da presidência do BNDES (30) ● O min. da Agricultura, José Antônio Barros Munhoz, também indicado pelo gov. Fleury, pede demissão; em seu lugar é indicado, interinamente, o min. da Indústria e Comércio, José Eduardo Andrade Vieira (31).

RELAÇÕES EXTERIORES – Chile: o *Jornal do Brasil* publica carta da psicóloga brasileira Tânia Cordeiro Vaz, presa em uma penitenciária no Chile, acusada de pertencer a um grupo guerrilheiro; a psicóloga denunciou ter sido torturada e seviciada pelos policiais que a prenderam; o Cônsul do Chile no Rio de Janeiro, Ignacio González, anuncia que o governo chileno irá investigar a denúncia (6) ● Um tribunal criminal de Santiago do Chile começa a investigar as denúncias de Tânia; o pres. Itamar Franco distribui nota dizendo estar acompanhando pessoalmente o caso (9). **Paraguai:** o pres. Itamar Franco viaja para Assunção, no Paraguai, para assistir à posse do novo presidente, Juan Carlos Wasmosy, retornando ao Brasil dois dias depois (13).

SECA – Cesta básica: o min. da Agricultura, José Antônio Barros Munhoz, entrega ao pres. Itamar Franco um projeto para a distribuição de 1 milhão de cestas básicas em 803 municípios do Nordeste atingidos pela seca e pela fome; os alimentos virão dos estoques reguladores do governo (5) ● O Conselho de Segurança Alimentar aprova o projeto (17).

TERRAS – Desapropriação: o pres. Itamar Franco assina os decretos de desapropriação de dezessete fazendas, consideradas de interesse social, para fins de reforma agrária, nos Estados do Pará, Maranhão, Goiás, Mato Grosso, Acre, Piauí e Santa Catarina; as fazendas, com um total de 228 mil hectares, permitirão o assentamento de 4 mil famílias (18).

TRABALHO – Política salarial: a Câmara dos Deputados aprova, por 318 votos contra 144, a medida provisória estabelecendo um gatilho salarial mensal, para a faixa que vai até seis mínimos, todas as vezes que a inflação ultrapassar a barreira de 10%; a correção será calculada descontando-se 10% do total da inflação, com as perdas zeradas a cada quatro meses; o Senado também aprova a medida por 58 votos contra dezoito (18).

VIOLÊNCIA – Candelária: duas testemunhas, no segundo Tribunal do Júri do Rio de Janeiro, reconhecem o tenente da PM carioca Marcelo Ferreira Cortes e os soldados Marcos Vinícios Borges e Cláudio Luiz Andrade dos Santos como os autores do assassinato, em 23/7, de oito menores que dormiam em frente à Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro (3) ● Os três policiais militares são denunciados pelos homicídios (4). **Comando Vermelho:** um grupo do Comando Vermelho invade, armado com pistolas automáticas e fuzis americanos AR-15, o Instituto Padre Severino de recuperação de menores infratores, na Ilha do Governador (RJ), e resgata William Rodrigues Vieira, o Robocop, de 18 anos; na operação, um soldado da PM é morto e quatro pessoas são feridas; 74 menores fogem; no mesmo dia 34 são recapturados (23). **Gangue:** o menor Marco Antônio de Velasco Pontes, de 16 anos, é assassinado a pancadas por uma gangue de jovens, lutadores de artes marciais, em Brasília; segundo seus amigos, ele foi morto devido a uma disputa por namoradas; a polícia do Distrito Federal prende um menor, reconhecido por testemunhas do crime (11) ● A Polícia prende seis agressores maiores de idade, entre eles um professor de tae-kwon-do de uma academia da cidade (13) ● Os seis são indiciados por homicídio qualificado e corrupção de menores (19). **Vigário Geral:** quatro soldados da PM do Rio de Janeiro são mortos a tiros por um grupo de dez homens, em uma praça da favela de Vigário Geral; segundo o comando da PM, os soldados foram mortos em uma emboscada armada por traficantes de drogas que atuam na região (28) ● Um grupo de cerca de cinqüenta homens fortemente armados invade a favela e mata 21 pessoas: treze homens, seis mulheres e dois adolescentes, todos trabalhadores sem ligação com o tráfico de drogas (29) ● A população de Vigário Geral fecha a região em protesto contra a chacina e acusa soldados da PM pelas mortes; o pres. Itamar Franco determina ao min. da Justiça, Maurício Corrêa, que acompanhe as investigações (30) ● O gov. do Rio de Janeiro, Leonel Brizola (PDT), exonera o coronel da PM César Pinto, responsável pelo policiamento na região; no mesmo dia a polícia ouve três soldados da PM suspeitos de estarem envolvidos com os crimes (31).

OBITUÁRIO

Lúcio Alves: 66 anos; cantor e compositor mineiro; um dos precursores da Bossa Nova; foi um dos artistas mais populares dos anos 40; começou sua carreira em programas de auditório no Rio de Janeiro; pertenceu aos grupos Namorados da Lua e Anjos do Inferno, com o qual se apresentou em Cuba e nos EUA; nos últimos anos enfrentava dificuldades financeiras; de enfarte, no Rio de Janeiro (3). **Cassiano Gabus Mendes:** 64 anos; dramaturgo; um dos pioneiros da televisão no Brasil, colocou no ar a primeira novela levada no país: *Sua vida me pertence;* foi autor de treze novelas, entre elas *Que rei sou eu?*, *Brega e chique* e *Anjo mau*; foi o criador do

Grande teatro Tupi, da série *Alô doçura* e *TV de vanguarda*; atualmente terminava a novela *O mapa da mina*; era pai dos atores Cássio e Tato Gabus Mendes; de enfarte, no Rio de Janeiro (18).

Setembro

CORRUPÇÃO – Correios: o pres. Itamar Franco demite o pres. da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (SCT), José Carlos da Rocha Lima, por autorizar a compra, sem concorrência, de 500 kombis e 253 caminhões (27). **Magri:** a denúncia do Ministério Público contra o ex-min. do Trabalho e Previdência Social Antônio Rogério Magri é aceita, por unanimidade, pelo Supremo Tribunal Federal (STF); ele é acusado de ter recebido US$ 30 mil da construtora Norberto Odebrecht para facilitar a licitação de uma obra no Acre (30). **Paubrasil:** o Banespa entrega à Justiça os documentos das contas bancárias do empresário e pianista João Carlos Martins e de sua empresa Paubrasil Engenharia e Montagens (15) ● A imprensa denuncia que o secretário de Vias Públicas de Maluf, Reinaldo de Barros, consta das contas da Paubrasil (16) ● Um ex-cabo eleitoral de Maluf, Joaquim das Neves Filho, afirma na polícia que a Paubrasil abastecia contas fantasmas de Paulo Maluf e do ex-pres. Fernando Collor (28). **PC:** o juiz Federal Pedro Paulo Castelo Branco, de Brasília, decreta a hipoteca dos bens do empresário Paulo César Farias, o PC, e do piloto Jorge Bandeira de Melo, como garantia do pagamento da dívida de US$ 1,7 milhão que a empresa Brasil Jet tem com a Receita Federal (2) ● O Tribunal Regional Federal (TRF) concede *habeas-corpus* a PC, considerando ilegal a decretação de sua prisão por sonegação fiscal, ocorrida em 30/6; a decisão do TRF não derruba o pedido de prisão decretada pelo Supremo Tribunal Federal, em 20/8 (13) ● O ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) Eduardo Modiano declara na Justiça Federal, no Rio de Janeiro, que PC Farias pressionava as autoridades a fim de obter favores usando sua amizade com o ex-pres. Fernando Collor (21) ● Dois brasileiros identificam PC em Frankfurt, na Alemanha (22) ● A Interpol confirma que PC esteve hospedado em um hotel da cidade (23).

ECONOMIA – Banco Central: o min. da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, anuncia a separação das contas do Tesouro Nacional e do Banco Central (BC) para evitar que o BC cubra os rombos de caixa do governo; essa medida representará uma economia de US$ 800 milhões ainda este ano (9). **IPMF:** o Supremo Tribunal Federal (STF) aprova, por unanimidade, a suspensão do pagamento do Imposto Provisório sobre Movimentações Financeiras (IPMF) pelos Estados e municípios, acatando a ação de inconstitucionalidade impetrada pelos governos do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul; segundo os ministros do STF, a União, os Estados e os municípios não podem tributar entre si (1) ● A OAB entra com pedido de inconstitucionalidade do tributo junto ao STF alegando que a Constituição proíbe a cobrança de um imposto no mesmo ano de sua criação; o STF defere, por sete votos a três, a liminar suspendendo a cobrança do IPMF (15). **Privatização:** consórcio formado pelas empresas Mendes Júnior, Vale do Rio Doce, White Martins e Aços Villares arremata por US$ 434 milhões, preço 90% acima do mínimo fixado, a Companhia Siderúrgica de Minas Gerais (Açominas), em leilão realizado pelo BNDES na Bolsa de Valores de Minas Gerais, Espírito Santo e Brasília, em Belo Horizonte; na porta da Bolsa manifestantes contrários à venda entram em choque com a Polícia Militar, cinqüenta pessoas são presas e vinte ficam feridas (10) ● O Senado aprova que a participação do capital estrangeiro nos leilões de privatização passe de 40% para até 100% (10) ● Consórcio formado pelo bancos Bradesco, Unibanco e Citibank arremata 15,21% do capital da Oxiteno pelo preço mínimo de US$ 54 milhões, em leilão organizado pelo BNDES na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (15) ● Os mesmos bancos arrematam mais 4,7% da mesma empresa por US$ 17 milhões (16).

EDUCAÇÃO – Merenda escolar: o pres. Itamar Franco e o min. da Educação, Murílio Hingel, assinam decreto descentralizando as compras da merenda escolar; todas as cidades com mais de 50 mil habitantes receberão US$ 0,50 por aluno matriculado (10).

JUSTIÇA – Jogo do bicho: o Superior Tribunal de Justiça (STJ) concede *habeas-corpus* ao bicheiro Castor de Andrade, preso desde 6/5, juntamente com outros bicheiros cariocas, acusado de formação de quadrilha e bando armado (20). **Maior pena:** o investigador policial Celso José da Cruz é condenado pela Justiça paulista a 516 anos de prisão pela morte de dezoito presos na delegacia de Parada de Lucas; em 5/2/1989, após uma tentativa de fuga, Cruz trancou cinqüenta detentos em uma cela-forte de 4,5 m², sem ventilação, e dezoito morreram asfixiados; esta foi a maior pena da história do Direito Penal brasileiro (29).

MEIO AMBIENTE – Garimpo: a Polícia Federal (PF) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) anunciam a retirada de duzentas dragas para o garimpo que operavam ilegalmente ao longo do rio Negro (AM), várias em terras indígenas; cerca de 1.100 garimpeiros foram retirados da região (8).

NAÇÕES INDÍGENAS – Ianomâmis: o delegado federal Raimundo Cutrim pede à Justiça de Roraima a prisão de quatro garimpeiros acusados de serem responsáveis pela morte de dezesseis índios ianomâmis ocorrida em ago.; entre eles está João Neto, o responsável pelo garimpo próximo da aldeia de Haximu, onde ocorreu a chacina (6) ● A polícia prende o garimpeiro Pedro Garcia, o Prochete, um dos acusados (7).

POLÍTICA – BNDES: o pres. Itamar Franco indica o economista Pérsio Arida para o cargo de presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), vago desde 27/8 (1) ● Arida toma posse (13). **Campanha contra a fome:** cerca de cinqüenta artistas fazem apresentação gratuita no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em apoio à Campanha Nacional pela Cidadania, contra a Miséria e a Fome, liderada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho (14). **Funai:** o pres. Itamar Franco demite o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Cláudio Romero, por ter se precipitado divulgando, com dados errados, o massacre dos ianomâmis (2). **Legislação eleitoral:** a Câmara dos Deputados aprova a nova legislação eleitoral permitindo doações de empresas a candidatos; são criadas duas cédulas eleitorais, uma para os cargos majoritários e outra para os cargos proporcionais (15) ● O Senado aprova a nova lei sem modificações (22). **Ministério:** o pres. Itamar Franco determina a extinção dos ministérios do Meio Ambiente e Extraordinário para a Articulação de Ações na Amazônia Legal e a criação do Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal (13) ● O presidente indica o embaixador Rubens Ricúpero para o novo ministério (14). **Olavo Pires:** dois dos quatro suspeitos de terem assassinado, em out. de 1990, o sen. Olavo Pires, candidato ao governo de Rondônia, acusam, em Brasília, o gov. do Estado, Oswaldo Pianna, de ser o mandante do crime; a Comissão Parlamentar de Inquérito que apura crimes políticos convoca Pianna para depor (21). **PMDB:** o gov. de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho, e os gov. do Pará, Jáder Barbalho, e de Goiás, Íris Rezende, pedem que o PMDB formalize seu rompimento com o governo federal; 19 dos 21 senadores do PMDB votam pela manutenção do apoio ao governo (8) ● O dep. Luiz Henrique (SC) é eleito presidente nacional do PMDB (12) ● O min. Coutinho Jorge, do Meio Ambiente (PMDB), pede demissão; os outros ministros do partido, Antônio Britto, da Previdência Social, e Alberto Goldman, dos Transportes, colocam os cargos à disposição (13) ● O Conselho Nacional do PMDB decide, por 25 votos contra 22 e uma abstenção, manter o apoio do partido ao governo do pres. Itamar Franco (21). **PT:** o pres. do PT, Luís Inácio Lula da Silva, inicia a Segunda Caravana da Cidadania, uma viagem entre Assis Brasil (AC) e

São Paulo (3). **Revisão constitucional:** a mesa do Congresso Nacional realiza uma sessão para a leitura do projeto de resolução fixando para o dia 6/10 o início da revisão constitucional; os parlamentares Carlos Luppi (PDT-RJ), Wilson Muller (PDT-RS), Luiz Salomão (PDT-RJ) e Paulo Ramos (PDT-RJ) impedem o início de sessão rasgando o projeto de resolução e arrancando os microfones da mesa; há tumultos na galeria do congresso (22) ● O corregedor da Câmara Federal, dep. Vital do Rego (PDT-PB), abre sindicância para apurar o incidente do dia anterior (23) ● O Congresso aprova o início da revisão constitucional para o dia 6/10; durante o dia ocorrem incidentes nos corredores do Congresso: alguns populares agridem parlamentares (29).

PREVIDÊNCIA – Fraudes: o min. da Previdência, Antônio Britto, anuncia a demissão de 42 funcionários da Previdência Social envolvidos em fraudes contra o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) (2).

SECA – Estudo: pesquisadores da USP, com base em dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), afirmam que a área do Polígono das Secas é de 320 mil km² e não de 998 mil km² como diz a Sudene; o estudo afirma também que os índices pluviométricos do Nordeste são sete vezes maiores do que os de Israel (12).

VIOLÊNCIA – Vigário Geral: advogados de traficantes de drogas denunciam que os soldados da Polícia Militar (PM) mortos a tiros em 28/8, na favela de Vigário Geral, no Rio de Janeiro, vendiam armas aos traficantes; para vingar essas mortes um grupo armado assassinou no dia seguinte 21 pessoas na favela (2) ● A polícia prende cinco soldados da PM suspeitos de terem participado do massacre; em suas casas foram encontrados fuzis, um carro roubado e dezessete capuzes (3) ● A polícia anuncia que já são treze os PMs presos por envolvimento na chacina, inclusive o cap. Aguinaldo Pirassol Ruas (5) ● A polícia carioca começa a investigar o envolvimento do dep. estadual do Rio de Janeiro Emir Larangeira (PSDB) no grupo de extermínio Cavalos Corredores, suspeito de ter participado da chacina; o deputado é ex-coronel e foi comandante de um batalhão da PM (15) ● O deputado desliga-se do PSDB (21) ● O gov. do Rio de Janeiro, Leonel Brizola (PDT), recebe o relatório final das investigações; o documento cita o dep. estadual Emir Larangeira como um dos articuladores do grupo de extermínio Cavalos Corredores e aponta 28 PMs, três policiais civis e dois informantes da polícia como responsáveis pelos crimes (22) ● O informante da polícia Ivan Custódio Barbosa Lima declara que os quatro PMs foram mortos porque reconheceram outros PMs que faziam segurança para um comboio de drogas (24).

OBITUÁRIO

Antônio Guedes Barbosa: 49 anos; pianista; morava há 23 anos nos EUA; de enfarte agudo, em São Paulo (2). **Luiz Fernando Bocayuva Cunha:** político carioca; trabalhista histórico, fundou junto com Samuel Wainer o jornal *Última Hora*, em 1951; foi eleito deputado federal em 1958 e 1962; cassado pelo AI-1; era secretário de Obras do Estado do Rio de Janeiro; de câncer, no Rio de Janeiro (2). **Bruno Giorgi:** 88 anos; escultor paulista; era um dos mais importantes escultores figurativos brasileiros; é o autor das esculturas *Meteoro* e *Candangos*, que estão na praça dos Três Poderes, em Brasília; de enfarte, no Rio de Janeiro (7). **Austregésilo de Athayde (Belarmino Austregésilo de Athayde):** 94 anos, escritor e jornalista pernambucano; ficou famoso na Academia Brasileira de Letras, onde ingressou em 1951 e que presidiu desde 1959; de pneumonia, no Rio de Janeiro (13). **Lenildo Tabosa Pessoa:** 58 anos; jornalista; durante anos foi editor e articulista ultraconservador do jornal *O Estado de S. Paulo;* escreveu também sobre aviação; de acidente aéreo, em Caruaru (PE) (15). **Edmar Pereira:** 50 anos; jornalista mineiro; era considerado um dos melhores críticos de cinema do país; escrevia para o *Jornal da Tarde* desde 1974; de AIDS, em Belo Horizonte (27).

Outubro

CORRUPÇÃO – Orçamento: a polícia de Brasília prende José Carlos Alves dos Santos, ex-assessor do Congresso Nacional e ex-diretor do Departamento de Orçamento da União durante o governo do ex-pres. Fernando Collor; ele é acusado do assassinato de sua mulher, Ana Elizabeth Lofrano dos Santos, desaparecida desde nov. de 1992; a polícia encontra em sua casa US$ 1,1 milhão e vestígios de cocaína em um avião de sua propriedade (7) ● José Carlos é indiciado por tráfico de drogas (15) ● A revista *Veja* publica entrevista em que o ex-assessor denuncia políticos responsáveis por fraudes no orçamento da União; segundo ele, os envolvidos seriam os gov. Joaquim Roriz (Brasília), Edison Lobão (Maranhão) e João Alves Filho (Sergipe); os ex-ministros do governo Collor, Ricardo Fiúza, da Ação Social e dep. federal (PFL-PE), Margarida Procópio, também da Ação Social, e Carlos Chiarelli, da Educação, Anibal Teixeira, ex-min. do Planejamento no governo Sarney; Henrique Hargreaves, do Gabinete Civil; e Alexandre Costa, ambos do governo Itamar; os sen. Humberto Lucena (PMDB-PB), presidente do Senado, Ronaldo Aragão (PMDB-CE), Mauro Benevides (PMDB-CE), Louremberg Nunes (PTB-MT) e Saldanha Derzi (PRN-MS); e os dep. federais João Alves (PPR-BA), Messias Góis (PFL-SE), José Geraldo Ribeiro (PMDB-MG), Flávio Derzi (PP-MS), Cid Carvalho (PMDB-MA), Genebaldo Correia (PMDB-BA), José Luiz Maia (PPR-PI), José Carlos Vasconcellos (PRN-PE), Sérgio Guerra (PSB-PE), Gastone Righi (PTB-SP), Ézio Ferreira (PFL-AM), Fábio Raunheitti (PTB-RJ), Manoel Moreira (PMDB-SP), Pedro Irujo (PMDB-BA) e Uldurico Pinto (PSB-BA) (17) ● O sen. Eduardo Suplicy (PT-SP) pede a instalação de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar as denúncias de José Carlos Alves dos Santos (18) ● A Polícia Federal (PF) instaura inquérito para apurar as denúncias de José Carlos Alves dos Santos (19) ● A CPI é instalada tendo como presidente o sen. Jarbas Passarinho (PPR-PA) e como relator o dep. Roberto Magalhães (PFL-PE); no mesmo dia José Carlos Alves dos Santos confirma na CPI as acusações, afirmando que os deputados, além de incluírem no orçamento emendas que favoreciam grandes empreiteiras, destinavam recursos a entidades beneficentes fantasmas, e que recebeu do dep. João Alves (PPR-BA) cerca de US$ 1,37 milhão (20) ● Membros da CPI encontram mais US$ 900 mil na casa de Santos (21) ● José Carlos Alves dos Santos denuncia também os dep. Ibsen Pinheiro (PMDB-RS) e Feres Nader (PTB-RJ) e o sen. Almir Gabriel (PSDB-PA) e revela, na PF, que o dep. João Alves recebia 20% de tudo o que aprovava em favor das empreiteiras na Comissão do Orçamento; em depoimento à CPI, o dep. João Alves nega as acusações e diz ter enriquecido após ganhar dezenas de vezes em loterias (22) ● O dep. Miro Teixeira (PDT-RJ) anuncia que o dep. João Alves ganhou 56 vezes na loteria, o que estatisticamente seria impossível (23) ● O ex-motorista do dep. João Alves declara informalmente a alguns parlamentares da CPI que transportou malas de dinheiro para o deputado; no mesmo dia o sen. Eduardo Suplicy (PT-SP) denuncia que o min. da Integração Regional, Alexandre Costa, teria liberado cerca de US$ 6 milhões para obras de irrigação no Maranhão que não estavam previstas no orçamento (25) ● O dep. Roberto Jefferson (PTB-RJ), sobre quem pesam acusações de corrupção, renuncia à sua vaga na CPI; no mesmo dia, Normando Leite Cavalcante, dono da empreiteira Serval, acusada de ser a maior beneficiária do esquema de corrupção, depõe na CPI e nega as acusações (26) ● A CPI aprova a quebra de sigilo bancário dos acusados e de sete empreiteiras: Queiroz Galvão, Tratex, Andrade Gutierrez, Servaz, OAS, CBPO e Cowan; no mesmo dia a diretoria da Caixa Econômica Federal (CEF) prepara relatório mostrando que o dep. João Alves ganhou mais de 24 mil vezes na Sena, Loto e na Loteria do Certo e do Errado, desde 1988; apenas na Loteria ele ganhou US$ 1,3 milhão, tendo gastado cerca de cinco vezes mais em apostas (27)

● Santos denuncia mais três dep.: Amaral Neto (PPR-RJ), João Carlos Bacelar (PSC-BA) e Félix Mendonça (PTB-BA) (29). **PC:** o repórter Roberto Cabrini, da Rede Globo de Televisão, faz entrevista exclusiva com o empresário Paulo César Farias, o PC, na Inglaterra; no mesmo dia, o Ministério das Relações Exteriores pede ao governo inglês a extradição de PC (21). **PSD:** o pres. do PP, dep. Álvaro Dias, denuncia que vários parlamentares mudaram de partido em troca de US$ 30 mil a US$ 50 mil; segundo Dias, o agente dessa corrupção seria o dep. Onaireves Moura (PSD-PR) (3) ● A Mesa da Câmara dos Deputados cassa as filiações, ao PSD, dos dep. Carlos Massa (CE), César Cals (CE), Cleto Falcão (AL), Edison Fidélis (RO), Irani Barbosa (MG), Jairo Azi (BA), Itsuo Takayama (MT), Luiz Dantas (AL), Mateus Yensen (PR), Nobel Moura (RO), Pascoal Novaes (RO), Paulo de Almeida (RJ), Pinga Fogo (PR), Reditário Cassol (RO), Wanda Reis (RJ), Edi Siliprandi (PR) e Jonival Lucas (BA) (5) ● O procurador-geral da República, Aristides Junqueira, determina a abertura de inquérito para apurar a venda de mandato dos parlamentares (19) ● O corregedor da Câmara dos Deputados, Fernando Lyra (PSB-PE), apresenta relatório pedindo à Mesa da Câmara a cassação dos dep. Onaireves Moura, Nobel Moura e Itsuo Takayama (21).

ECONOMIA – Moeda: entra em circulação a nota de CR$ 1.000,00 (1) ● Entra em circulação a nota de CR$ 5.000,00 (29). **Montadoras:** as montadoras de automóveis anunciam que reajustarão os preços a cada dez dias (18) ● O pres. Itamar Franco ameaça retirar os incentivos fiscais caso essa sistemática seja adotada (19) ● As montadoras anunciam que serão mantidos os aumentos mensais (20).

JUSTIÇA – Moreira Franco: a Justiça do Rio de Janeiro condena o ex-gov. Wellington Moreira Franco a pagar uma multa equivalente a US$ 150 mil por ter usado dinheiro público para a edição de um livro de autopromoção; com a decisão ele se torna inelegível por três anos (5). **Pedro Collor:** o empresário Pedro Collor, responsável pelas denúncias que levaram ao afastamento de seu irmão, Fernando Collor, da Presidência da República, recupera na Justiça a direção da Organização Arnon de Mello, da qual fora afastado pela mãe, Leda Collor, em mai. de 1992, logo após suas denúncias (1).

MEIO AMBIENTE – Madeira: o Tribunal Regional Federal (TRF) de Brasília proíbe a exploração de madeira, especialmente o mogno, nas áreas indígenas de Araweté, Apyterewa e Bacajá, todas no Pará; três madeireiras operavam ilegalmente na região (6).

NAÇÕES INDÍGENAS – Ianomâmis: o delegado Raimundo Soares Cutrim, que preside o inquérito sobre o massacre dos ianomâmis na Amazônia venezuelana, pede a prisão de 23 garimpeiros brasileiros suspeitos do crime (1).

POLÍCIA – Élson Campello: um informante da polícia denuncia que o delegado Élson Campello, da Polícia Civil do Rio de Janeiro, teria recebido US$ 10 milhões do traficante foragido Pablo Escobar, para que não fosse preso, em Angra dos Reis (RJ), há cerca de dois anos (2) ● A polícia confirma que Escobar esteve no Brasil (3) ● A Corregedoria da Polícia Civil instaura inquérito para investigar a denúncia (4). **RS:** a Comissão Parlamentar de Investigação (CPI), da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, descobre que a empresa Corlac, do governo gaúcho, estava sendo usada para traficar cocaína dentro de sacos de leite em pó; os envolvidos são Tomaz Acosta e Celestino Elizeire, irmão da primeira-dama gaúcha, e secretária de Educação, Neuza Canabarro (22) ● A Polícia Federal abre inquérito para apurar a denúncia (25). **Vigário Geral:** Nilo Batista, secretário da Polícia Civil do Rio de Janeiro, anuncia o afastamento de 11 delegados e 23 policiais, acusados por uma testemunha de terem participado da chacina de Vigário Geral; no mesmo dia o informante da polícia Ivan Custódio Barbosa Lima faz o reconhecimento de 28 dos suspeitos de terem cometido o crime (1) ● A PM anuncia a expulsão de sete soldados acusados de terem participado da chacina (19).

POLÍTICA – Ministério: o pres. Itamar Franco anuncia o nome do dep. Djandir Dalpasquale (PMDB-SC) para o cargo de min. da Agricultura; o cargo vinha sendo ocupado interinamente, desde 31/8, pelo min. da Indústria e Comércio, José Eduardo Andrade Vieira (5) ● Dalpasquale toma posse (14) ● Os min. Henrique Hargreaves, do Gabinete Civil, e Alexandre Costa, da Integração Regional, colocam seus cargos à disposição do pres. Itamar Franco; eles foram acusados de participar do esquema de corrupção da montagem do orçamento (18) ● Henrique Hargreaves pede demissão, sendo substituído no cargo interinamente por Tarcísio Carlos Cunha (29). **Olavo Pires:** o gov. de Rondônia, Oswaldo Pianna, depõe na Comissão Parlamentar de Inquérito que apura as mortes políticas e nega estar envolvido na morte do sen. Olavo Pires, candidato ao governo do Estado, em out. de 1990 (7) ● O pistoleiro Carlos Leonor de Macedo incrimina o gov. Pianna na CPI (7). **Revisão constitucional:** o min. Marco Aurélio de Mello, do Supremo Tribunal Federal (STF), concede liminar suspendendo o início da revisão constitucional, previsto para o dia seguinte; a liminar foi pedida pelos deputados do PDT, PT, PSB e PC do B (5) ● O STF, por oito votos a um, derruba a liminar; o congresso nacional instala os trabalhos da revisão (7). **Sucessão presidencial:** com base na lei eleitoral, dez partidos conseguem se habilitar para lançar candidatos à Presidência da República em 1994: PMDB, PFL, PPR, PSDB, PT, PDT, PP, PTB, PSD e PL, todos com mais de quinze deputados federais (1).

PREVIDÊNCIA – Aposentadoria: o min. da Previdência Social, Antônio Britto, anuncia o cancelamento de 731 mil aposentadorias urbanas e pensões de pessoas que não se recadastraram (27). **Fraudes:** o Ministério da Previdência Social anuncia a demissão sumária de 56 funcionários públicos em vários Estados, que comprovadamente participaram de fraudes (14).

RELAÇÕES EXTERIORES – EUA: o governo dos EUA deporta 66 brasileiros, quase todos de Minas Gerais, que tentaram entrar no país com vistos de permanência falsos; outros dez brasileiros ficam presos em Miami, aguardando julgamento (7).

REPRESSÃO POLÍTICA – Guerrilha do Araguaia: a revista *Veja* publica reportagem com o cel. da Aeronáutica Pedro Corrêa Cabral, que fala sobre a guerrilha do Araguaia (PA), ocorrida entre 1972 e 1975; segundo o coronel, os guerrilheiros do PC do B, depois de mortos, foram cremados (10).

SAÚDE – Remédios: entra em vigor a Lei dos Genéricos, que determina que todos os produtos farmacêuticos sejam vendidos com o nome da substância principal e não pelo nome fantasia; os laboratórios anunciam que, apoiados em liminares judiciais, não vão cumprir a lei (5).

SECA – Protesto: cerca de quinhentos agricultores invadem a sede da Sudene (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), em Recife, exigindo providências contra a seca que afeta a região (18) ● O Ministério da Agricultura anuncia a distribuição de 150 t de alimentos nas cidades atingidas pela seca (29).

VIOLÊNCIA – Arrastão: dezenas de jovens dos subúrbios do Rio de Janeiro promovem uma briga na praia de Ipanema, provocando pânico nos banhistas; depois do arrastão, cinco menores foram detidos (11) ● Milhares de jovens do subúrbio provocam tumultos nas praias de Ipanema e Copacabana, no Rio de Janeiro, e em Icaraí, Niterói (RJ) (12) ● A PM anuncia um plano especial para evitar os ataques nas praias da zona sul; o plano prevê, entre outras coisas, o controle da lotação dos ônibus dos subúrbios para o centro (13). **Drogas:** um soldado do 24º Batalhão de Infantaria Blindada (BIB) do Exército é ferido no rosto com um tiro de escopeta, disparado por traficantes de drogas das favelas Roquete Pinto e Ramos, no Rio de Janeiro, vizinhas do quartel (13) ● As quadrilhas disparam centenas de tiros contra os muros do quartel, sem ferir ninguém; os traficantes fazem che-

gar ao comando do batalhão a mensagem de que o disparo do dia anterior foi acidental (14).

OBITUÁRIO

Wilson Grey: 70 anos, ator; foi quem mais atuou no cinema brasileiro: foram 210 filmes em que trabalhou fazendo principalmente papel de vilão; de enfarte, no Rio de Janeiro (3). **J.B. Tanko:** 87 anos; cineasta iugoslavo naturalizado brasileiro; diretor de 48 filmes, entre os quais dez de Os trapalhões; de enfarte, no Rio de Janeiro (6). **Apulinário Souza Paiva:** 105 anos; pajé da tribo dos índios munduruku; era reconhecido como um dos principais curandeiros da Amazônia; de falência múltipla dos órgãos, em Itacoatiara (AM) (20). **Euryclides de Jesus Zerbini:** 81 anos; médico paulista; foi o responsável pelo primeiro transplante de coração da América Latina, em 26 de maio de 1968; recebeu mais de 120 títulos no Brasil e no exterior; de câncer, em São Paulo (23).

Novembro

CORRUPÇÃO – Orçamento: a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que apura as denúncias de irregularidades no orçamento da União descobre que o dep. João Alves (PPR-BA) mantinha uma conta fantasma em nome de um funcionário da Câmara dos Deputados (2) ● A CPI revela que o dep. João Alves movimentou US$ 4 milhões em sua conta em apenas um mês; o dep. Ricardo Fiúza depõe na CPI, nega as acusações e deixa de responder a várias perguntas (3) ● Marinalva Soares da Silva, ex-mulher do dep. Manoel Moreira (PMDB-SP), depõe na CPI e acusa Moreira de enriquecimento ilícito (4) ● O dep. Cid Carvalho (PMDB-MA) depõe na CPI e nega as acusações (5) ● A CPI encontra cheques no valor de US$ 51 mil do dep. Genebaldo Correia (PDB-BA) na conta do dep. Ibsen Pinheiro (PMDB-RS) (8) ● A CPI descobre que o dep. José Geraldo Ribeiro (PMDB-MG) enviou dinheiro para oito entidades assistenciais controladas por ele e que apenas três delas receberam mais de US$ 250 mil (9) ● A CPI encontra mais US$ 340 mil nas contas do dep. Ibsen Pinheiro (11) ● São localizados mais US$ 800 mil nas contas de Ibsen (12) ● A CPI apura que o gov. do Distrito Federal, Joaquim Roriz, movimentou cerca de US$ 1,7 milhão em apenas uma conta (17) ● O dep. José Geraldo (PMDB-MG) depõe na CPI e não consegue explicar como obteve US$ 4 milhões (18) ● O dep. Genebaldo Correia (PMDB-BA) declara à CPI que os US$ 1,6 milhão encontrados em suas contas referem-se a sobras de campanha (19) ● O dep. Manoel Moreira depõe na CPI e não consegue explicar o movimento de US$ 3 milhões em suas contas (20) ● A CPI descobre que a fazenda Vargem Bonita, do dep. Ricardo Fiúza (PFL-PE), em Grajaú (MA), recebeu verbas federais enquanto Fiúza presidia a Comissão do Orçamento no Congresso; o suplente de dep. Feres Nader (PTB-RJ) confessa à CPI ter sonegado impostos (23) ● O dep. Fábio Raunheitti (PTB-RJ) nega à CPI ter destinado US$ 14 milhões para entidades controladas por ele (24) ● O dep. Sérgio Guerra (PSB-PE) justifica na CPI a origem de seus bens (25) ● O dep. José Carlos Vasconcelos (PRN-PE) depõe e não consegue provar a origem dos US$ 230 mil descobertos em sua conta (26). **Paubrasil:** Eduardo Borges Andrade, diretor da Construtora Andrade Gutierrez, depõe na Polícia Federal (PF), em São Paulo, e admite que a empreiteira contribuiu com US$ 5 milhões para a candidatura do pref. de São Paulo, Paulo Maluf (PPR), em 1992, através de dinheiro dado à Paubrasil Engenharia e Montagens, do empresário e pianista João Carlos Martins (12) ● Martins depõe na PF e confessa ter arrecadado ilegalmente US$ 17 milhões das construtoras Andrade Gutierrez, Odebrecht, OAS, Método Engenharia, Badra e Schaim Cury, dos bancos Pontual e Noroeste e do grupo Pão de Açúcar para a campanha de Maluf (30). **PC:** a Justiça britânica decreta a prisão do empresário Paulo César Farias, o PC (3) ● PC Farias é preso em Bangcoc, na Tailândia, por autoridades da imigração; ele teve seu passaporte cancelado pela embaixada depois de ter sido reconhecido por um brasileiro que o denunciou (29) ● Uma missão brasileira viaja para negociar com o governo tailandês a extradição de PC (30). **Sarney:** o *Jornal do Brasil* denuncia que, entre 1986 e 1988, o ex-pres. José Sarney e seus familiares compraram imóveis no valor de US$ 1,5 milhão (14) ● O ex-pres. Sarney ataca o *Jornal do Brasil* em discurso no Senado (17) ● O jornal denuncia que a família Sarney desviou US$ 23 milhões do orçamento de 1992 para o Maranhão (21). **Vasp:** o Supremo Tribunal Federal (STF) determina a reabertura do inquérito na Polícia Federal (PF) que apurou irregularidades da privatização da Vasp; o inquérito está parado desde out. de 1992, quando o delegado federal José Orsomarzzo fez o indiciamento de Orestes Quércia, ex-gov. paulista, e a Justiça Federal arquivou o pedido (15) ● Orsomarzzo indicia José Machado de Campos Filho, presidente da comissão de privatização paulista no governo de Orestes Quércia, acusado de favorecer o empresário Wagner Canhedo (19).

ECONOMIA – Concordata: a Justiça do Paraná aceita a concordata da construtora CR Almeida, uma das maiores do país; poucos dias antes a empresa foi multada pela Receita Federal em US$ 590 milhões, por sonegação do Imposto de Renda (3). **Contas correntes:** o Conselho Monetário Nacional (CMN) aprova a criação de normas mais rígidas para a abertura de contas correntes e prevê que os bancos revisem seus cadastros até 30/7/1994 (24). **Dívida externa:** o min. da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, assina, em Toronto, Canadá, acordo da dívida com 90% dos credores, rolando US$ 52 bilhões dos débitos com bancos privados e US$ 6,3 bilhões de juros atrasados (29). **IPI:** o pres. Itamar Franco assina medida provisória reduzindo o prazo de recolhimento do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) de trinta para dez dias (8). **Plano econômico:** o min. da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, envia ao Congresso um conjunto de medidas para combater a inflação e a desestabilização da economia; o pacote prevê reajuste de 5% em todos os impostos federais; suspensão de 15% das vinculações de receita; corte de 20% nas despesas para o orçamento de 1994; extinção de ministérios e criação de um fundo social de emergência de US$ 16 bilhões que custearia ações nas áreas de saúde, educação, merenda escolar e combate à fome (26). **Sonegação fiscal:** o pres. Itamar assina medidas provisórias sobre impostos estabelecendo multa de 300% para empresas que não emitirem nota fiscal, renda média para o profissional liberal que sonegar impostos e multa de 15% para bens não declarados (22).

JUSTIÇA – Jogo do bicho: o advogado Fernando de Miranda Ignácio, genro do bicheiro Castor de Andrade, e o delegado Inaldo Santana, da Polícia Civil do Rio de Janeiro, são presos ao tentarem pagar um suborno ao delegado Mário Covas (5) ● A juíza Sirley Biondi determina a prisão do delegado Santana (18). **Máfia:** o Supremo Tribunal Federal (STF) concede por unanimidade a extradição do traficante italiano Marco Pugliese, preso desde 12/7 e responsável pelas operações da Máfia no Rio de Janeiro (18). **Mandado de segurança:** o pres. Itamar Franco assina medida provisória limitando a concessão de liminares e medidas cautelares em mandados de segurança, pelo Poder Judiciário, contra atos do Poder Executivo (23). **Vigário Geral:** o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro pede à presidência da Assembléia Legislativa licença para abrir processo contra o dep. estadual Emir Larangeira (sem partido), acusado de pertencer ao grupo de extermínio Cavalos Corredores, que teria cometido a chacina de Vigário Geral, em ago. (10).

POLÍCIA – Ana Elizabeth: um militar da reserva e sua esposa declaram ter encontrado Ana Elizabeth Lofrano dos Santos em Nova York, nos EUA, em jul.; José Carlos Alves dos Santos, ex-assessor da Comissão de Orçamento do Congresso Nacional e ex-diretor do Departamento de Orçamento da União, é acusado de ter assassinado Ana Elizabeth, sua mulher, desaparecida desde nov. de 1992; José Carlos denunciou, em out., as irregu-

laridades cometidas na montagem do orçamento da União (8) ● O sen. Eduardo Suplicy (PT-SP) viaja aos EUA para tentar encontrar Ana Elizabeth (10) ● José Carlos depõe na Justiça de Brasília e declara que o dep. Ricardo Fiúza pode ter mandado matar sua esposa, temendo que ela contasse sobre seu envolvimento no desvio de verbas do orçamento (19) ● A polícia de Brasília prende dois detetives particulares, Lindauro da Silva e William Ribeiro da Silva, suspeitos da morte de Ana Elizabeth (26) ● Lindauro confessa ter assassinado Ana Elizabeth, com a ajuda do mecânico Valdei Souza e a participação de José Carlos, e mostra onde o corpo foi enterrado; no mesmo dia José Carlos escreve três cartas acusando outros dezesseis parlamentares, entre eles Benito Gama (PFL-BA) e o pres. da Câmara, Inocêncio Oliveira (PFL-PE), e tenta o suicídio em sua cela na Polícia Federal (PF), tomando uma grande quantidade de remédio para pressão, cortando os pulsos e tentando se enforcar no chuveiro (27) ● Os legistas da polícia identificam o corpo como sendo de Ana Elizabeth (29). **Ronaldo Cunha Lima:** o gov. da Paraíba, Ronaldo Cunha Lima (PMDB), dispara três tiros contra Tarcísio Burity, seu antecessor no cargo, em um restaurante em João Pessoa (PB); os dois discutiram após acusações feitas por Burity contra Cássio Cunha Lima, filho de Ronaldo e presidente da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene); Cunha Lima foi preso em flagrante e Burity sobreviveu (5) ● O Superior Tribunal de Justiça (STJ) concede *habeas-corpus* em favor de Cunha Lima (6) ● A Assembléia Legislativa da Paraíba não concede autorização para que o STJ processe o governador (8) ● Cunha Lima reassume o governo do Estado, que desde o crime vinha sendo ocupado pelo vice-governador (26).

POLÍTICA – Inelegíveis: o Tribunal de Contas da União publica uma lista de mais de 1.500 políticos que tiveram suas contas rejeitadas e que tornaram-se inelegíveis; na lista estão Lafaiete Coutinho, ex-pres. do Banco do Brasil (BB), e Romero Jucá Filho, ex-gov. de Roraima (19). **Revisão constitucional:** o dep. Ibsen Pinheiro (PMDB-RS) renuncia à relatoria do regimento interno da revisão constitucional, pressionado pelas denúncias de irregularidades no orçamento da União (9) ● O Congresso Nacional aprova o nome do dep. José Luiz Clerot (PMDB-PB) para ocupar a relatoria; no mesmo dia, o congresso aprova, por 307 votos a quatro, o regimento interno da revisão (10).

PREVIDÊNCIA – Fraudes: a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Previdência Social aprova a quebra de sigilo bancário de dez ex-dirigentes do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) no Rio de Janeiro e do juiz Moisés Coelho; eles são acusados de participar de falsificações de aposentadorias no Estado (23).

SAÚDE – Convênios: o Conselho Federal de Medicina dá um prazo de sessenta dias para que todas as empresas de seguro-saúde, medicina de grupo ou cooperativas médicas cubram todas as doenças relacionadas no Código Internacional de Doenças, inclusive as crônicas, psíquicas e sexualmente transmissíveis, como a AIDS (24). **Meningite:** a Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro anuncia que, desde o início do ano, foram detectados 2.094 casos de meningite no Estado, com 451 óbitos (18) ● A Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro reconhece que há uma epidemia no Estado (30).

TERRAS – Desapropriação: o pres. Itamar Franco assina os decretos de desapropriação de dezoito fazendas para reforma agrária, nos Estados do Pará, Maranhão, Goiás, Mato Grosso do Sul, Bahia, Rondônia, Paraná, Acre, Pernambuco e São Paulo; as fazendas, em um total de 95 mil hectares, permitirão o assentamento de 2.200 famílias (24). **Getulina:** o gov. paulista Luiz Antônio Fleury Filho determina que a Polícia Militar despeje cerca de 6 mil sem-terras que invadiram, há alguns meses, duas fazendas em Getulina (SP); a liminar de reintegração de posse foi concedida pela Justiça há cerca de um mês (8) ● A PM retira os invasores; cinqüenta agricultores são feridos (19). **Protesto:** cerca de mil trabalhadores sem-terra de todo o Estado de São Paulo iniciam a caminhada contra a fome e a miséria, pela reforma agrária e pela vida, que irá percorrer cerca de 100 km entre Campinas (SP) e São Paulo (4) ● Os sem-terra invadem a superintendência do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), em São Paulo (8).

TRABALHO – Funcionalismo: o pres. Itamar Franco assina medida provisória unificando as tabelas de vencimentos do funcionalismo e impondo um teto para os servidores dos três poderes, civis e militares (25).

OBITUÁRIO

Ayrton Rodrigues: 71 anos; apresentador de televisão; durante mais de trinta anos apresentou os programas *Almoço com as estrelas* e *Clube dos artistas*, na extinta TV Tupi; de insuficiência respiratória, em Santos (SP) (1). **Felipe Pinheiro:** 32 anos; ator e teatrólogo carioca; um dos criadores do teatro de besteirol; participava de campanha publicitária do Unibanco e da novela *Olho no olho*, da TV Globo; de insuficiência cardíaca, no Rio de Janeiro (1). **Hamilton Almeida Filho:** 47 anos; jornalista carioca; editor do jornal *TJ-Brasil* do SBT, trabalhou em quase todos os jornais e revistas de São Paulo; ganhou o Prêmio Esso em 1971; de AIDS, em São Paulo (18). **César Guerra Peixe:** 79 anos; maestro e compositor; era considerado o maior compositor brasileiro vivo de música erudita; de edema pulmonar, no Rio de Janeiro (26). **Grande Otelo (Sebastião Bernardes de Souza Prata):** 78 anos; ator, compositor e humorista mineiro; começou a trabalhar em circo com apenas 7 anos; contracenou com Oscarito em treze comédias; um dos seus grandes sucessos no cinema foi *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade, de 1969; foi co-autor de mais de vinte músicas; de enfarte, no aeroporto de Orly, França, onde seria homenageado pelo conjunto de seu trabalho (26).

Dezembro

CORRUPÇÃO – Futebol: os árbitros do futebol carioca Cláudio Garcia e Cláudio Cerdeira denunciam esquema que estava sendo montado pela Federação de Futebol do Rio de Janeiro para manipular os resultados das partidas no Campeonato de 1994; segundo a denúncia, os juízes deveriam apitar as partidas seguindo orientação recebida antes de cada jogo (17) ● O dep. estadual Sérgio Cabral Filho (PSDB) entra com o pedido de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) na Assembléia Legislativa do Estado para apurar as denúncias (21) ● O pedido de CPI é rejeitado pelo deputados (28) ● O secretário da Polícia Civil do Rio de Janeiro, Nilo Batista, determina a abertura de inquérito para apurar as denúncias (30). **Orçamento:** o sen. José Paulo Bisol (PSB-RS), membro da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que apura as denúncias de irregularidades cometidas na montagem do Orçamento da União, anuncia a descoberta de uma rede de corrupção montada por doze construtoras, encabeçada pela Norberto Odebrecht; segundo Bisol, o esquema permitia a divisão eqüitativa dos projetos do governo entre as empreiteiras, com as licitações fraudadas ou previamente acertadas; os parlamentares encarregados de incluir emendas no orçamento recebiam uma comissão de 3% do valor das obras (1) ● O empresário Norberto Odebrecht convoca uma entrevista para negar as acusações; o empresário Cecílio do Rego Almeida, dono da construtora CR Almeida, depõe na CPI e confessa ter dado dinheiro para a campanha de Fernando Collor de Mello para a Presidência da República, em 1989, mas nega ter pago propinas a parlamentares; no mesmo dia, a CPI aprova a quebra do sigilo bancário de mais dez parlamentares suspeitos de envolvimento no esquema das construtoras, os dep. José Carlos Aleluia (PFL-BA), Jorge Tadeu Mudalen (PMDB-SP), Eraldo Tinoco (PFL-BA), Giddel Vieira (PSDB-MG), Valdomiro Lima (PDT-RS) e os sen. Mansueto de Lavor (PMDB-PE), Dario Pereira (PFL-RN) e Teotônio Vilela Filho (PSDB-AL) (2) ● Membros da CPI,

baseados em dados do Tribunal de Contas da União, anunciam que cerca de US$ 50 milhões, destinados a entidades assistenciais, foram desviados nos últimos cinco anos (4) • Ailton Reis, diretor da construtora Norberto Odebrecht, nega na CPI que a empresa tenha pago propinas a parlamentares (6) • O empresário Paulo César Farias, o PC, faz um depoimento reservado a alguns membros da CPI e afirma que o ex-pres. Fernando Collor de Mello sabia de seu esquema de arrecadação de dinheiro (13) • O dep. José Luis Maia (PPR-PI) depõe na CPI e nega ter desviado US$ 2,5 milhões do orçamento (16) • PC Farias depõe no plenário da CPI deixando de responder à maioria das perguntas (17) • O dep. Messias Góis (PFL-SE), que presidiu a Comissão de Orçamento em 1992, depõe na CPI e acusa o ex-pres. Fernando Collor de Mello de também ter manipulado as verbas orçamentárias (21) • O dep. Ibsen Pinheiro (PMDB-RS) nega na CPI os indícios de seu envolvimento no esquema (23) • A Polícia Federal (PF) faz uma vistoria em cinco apartamentos do dep. João Alves (sem partido-BA), em Salvador, e apreende documentos, fitas de vídeo, extratos de contas bancárias, além de CR$ 500 mil em dinheiro; Alves é acusado de ser o principal organizador do esquema de corrupção que manipulava as verbas do orçamento da União (22) • O dep. Paes Landim (PFL-PI) não consegue explicar à CPI como conseguiu movimentar US$ 1,7 milhão em pouco mais de quatro anos; A CPI decide ouvir toda a lista de parlamentares e ex-ministros citados por José Carlos Alves dos Santos, ex-assessor da Comissão de Orçamento do Congresso e ex-diretor do Departamento de Orçamento da União (28) • O sen. Ronaldo Aragão (PMDB-RO) depõe na CPI mas não explica o desvio de US$ 1 milhão em subvenções sociais (30). **Paubrasil:** os advogados das construtoras Andrade Gutierrez e Schaim Cury entregam à Polícia Federal (PF), em São Paulo, notas fiscais frias que receberam da empresa Paubrasil Engenharia e Montagens, do empresário e pianista João Carlos Martins, para justificar doações para a candidatura de Paulo Maluf (PPR) à prefeitura de São Paulo em 1992 (2) • Flávio Maluf, filho de Paulo, confessa na PF ter recebido ilegalmente US$ 400 mil da Paubrasil; a procuradoria da República em São Paulo pede a quebra de sigilo bancário de Flávio (3) • A PF anuncia que apenas a construtora Andrade Gutierrez contribuiu com US$ 7 milhões para a campanha de Maluf (6) • Calim Eid, principal assessor de Maluf confessa ter recebido cerca de US$ 19 milhões para a campanha através da Paubrasil (9) • Milton Taufic, diretor da construtora Schaim Cury, declara na PF que a empresa doou US$ 200 mil à campanha (14). **PC:** a polícia da Tailândia entrega, em Bangcoc, o empresário Paulo César Farias, o PC, a policiais brasileiros; os policiais e PC embarcam com destino ao Brasil (2) • PC chega a Brasília e é preso num quartel da Polícia Militar (3) • O ex-pres. Fernando Collor de Mello aparece em público e declara que a prisão de PC foi um ato "covarde" e "fascista" (5) • PC depõe na Justiça Federal, em Brasília, e nega ter sonegado US$ 1,7 milhão ao Imposto de Renda, acusação pela qual foi preso (9).

ECONOMIA – Cofins: o Supremo Tribunal Federal (STF) decide, por unanimidade, que a cobrança da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) é constitucional; cerca de US$ 6 bilhões depositados em juízo pelas empresas que obtiveram liminares em mandados de segurança impetrados desde 1991 entrarão para os cofres do governo federal (1). **Estatais:** o pres. Itamar Franco assina decreto aumentando o controle sobre as estatais; elas só poderão abrir ou aumentar o capital, lançar títulos, fazer operações de cisão, fusão e incorporação com a aprovação prévia do Ministério da Fazenda (28). **Fiscalização:** o secretário da Receita Federal, Osires de Azevedo Lopes, anuncia que o órgão vai fiscalizar os estabelecimentos comerciais para verificar se estão sendo emitidas notas fiscais (10) • O secretário anuncia a contratação de mil novos fiscais (13). **Informática:** o pres. Itamar Franco assina medida provisória determinando que os órgãos, empresas e fundações da administração pública prefiram, nos processos de licitação, os bens de informática produzidos por empresas nacionais (17). **IPMF:** o Supremo Tribunal Federal (STF), por unanimidade, considera constitucional a cobrança do Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF) a partir do início do próximo ano (15). **Loteria:** a Caixa Econômica Federal (CEF) anuncia a extinção da Loteria do Certo e do Errado e que em seu lugar será recriada a Loteria Esportiva, a antiga Loteca, com as mesmas regras; segundo a diretoria da entidade, a Loteria do Certo e do Errado vinha sendo usada para lavar dinheiro ilegal, como fazia o dep. João Alves (sem partido-BA), com as verbas desviadas do orçamento da União (17). **Moeda:** entram em circulação as moedas de CR$ 50,00 e de CR$ 100,00; elas são ilustradas respectivamente pelas figuras da onça-pintada e do lobo guará (10). **Montadoras:** a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) anuncia que 1993 foi o melhor ano da indústria automobilística no país; foram produzidos 1,38 milhão de automóveis, batendo o recorde de 1980, de 1,16 milhão (18). **Plano econômico:** o min. da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, anuncia um plano de estabilização da economia, que deverá durar dois anos; os principais pontos são: corte de 41% das despesas de custeio e investimento da União, cerca de US$ 2,7 bilhões; criação da Unidade Real de Valor (URV), indexador que será fixado diariamente pelo governo e que deverá a médio prazo substituir o cruzeiro real; aumento de 5% em todos os impostos federais; retenção de 15% dos repasses aos Estados e municípios; criação do Fundo Social de Emergência (FSE), formado com os 5% dos impostos e com os 15% da retenção dos Estados e municípios; extinção de ministérios; estudo de alteração da estabilidade do funcionalismo público (7). **Privatização:** apenas 6,13% das ações da Petroquímica União são arrematadas, pelo preço mínimo de CR$ 1.649,78 por ação, no leilão organizado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (6) • O BNDES tenta realizar novo leilão mas não há compradores (7). **Reforma tributária:** o pres. Itamar Franco assina pacote alterando vários itens da tributação nacional; os principais pontos são: aumento da alíquota do Imposto de Renda (IR) de 25% para 26,6%; criação da alíquota de 35% para o IR de quem ganha mais de US$ 10 mil; aumento da alíquota da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido dos bancos de 23% para 30%, e multa de 50% para as empresas que deixarem de recolher impostos ou contribuições em dia (29) • O pres. Itamar Franco assina medida provisória aumentando de 25% para 26,25% a alíquota do IR para pessoas jurídicas; a medida atinge 350 mil empresas (30).

ESPORTE – Copa do Mundo: o Brasil cai no grupo B junto com Rússia, Suécia e Camarões no sorteio das chaves para a Copa do Mundo realizado em Las Vegas e jogará a primeira fase em São Francisco; o presidente da Fifa, João Havelange, impede a participação oficial de Pelé no sorteio devido às acusações de corrupção que Pelé faz ao seu genro, Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol (19).

ENERGIA – Petróleo: entra em operação o campo de petróleo de Caravela, no litoral da Bacia de Santos (SP); segundo a Petrobrás, é o maior do país, com capacidade de produção de 8 mil barris diários (5).

EXÉRCITO – Roubo: o Comando Militar do Leste anuncia o roubo de dois mil projéteis de um quartel de Niterói (RJ), há uma semana; foi aberto inquérito para apurar a infiltração de traficantes de drogas na tropa (10).

HABITAÇÃO – Despejo: a polícia paulista e a Polícia Militar tentam retirar cerca de 1,5 mil famílias que invadiram um terreno da Prefeitura, na favela de Heliópolis, em São Paulo; no confronto mais de 25 pessoas ficaram feridas, algumas em estado grave; a juíza Ana Amazonas suspen-

de sua ordem de reintegração de posse (16).

NAÇÕES INDÍGENAS – Kulina: a Fundação Nacional do Índio (Funai) do Amazonas denuncia que onze índios, entre eles três crianças, da aldeia Kulina, no rio Juruá, foram assassinados durantes uma festa organizada por um seringalista, que explora o trabalho indígena; segundo a entidade, Manuel Capivara Campelo distribuiu uma farta quantidade de cachaça na aldeia (19).

JUSTIÇA – Fernando Collor: o Supremo Tribunal Federal (STF) julga o mandado de segurança do ex-pres. Fernando Collor de Mello em que este alega que o Senado, em 29/12/1992, não poderia ter feito a cassação de seus direitos políticos por oito anos, uma vez que ele havia renunciado ao cargo de presidente da República; a votação termina empatada: quatro ministros mantêm a decisão do Senado e quatro decidem cancelá-la (6) ● O STF anuncia a convocação dos juízes Willian Patterson, José Dantas e Antônio Torreão Braz, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), para desempatar o julgamento (7) ● Os três juízes do STJ mantêm a punição (16). **Maior pena:** a Justiça paulista condena o carcereiro José Ribeiro a 45 anos de prisão por ter participado do confinamento de cinqüenta presos numa cela de 4,5 m² sem ventilação, após uma tentativa de fuga, em fev. de 1989,em São Paulo; dezoito morreram asfixiados; a promotoria protestou já que, em set., o investigador Celso José da Cruz foi condenado a 516 anos pelo mesmo crime (1). **Mandado de segurança:** o Supremo Tribunal Federal (STF) concede liminar a ação de inconstitucionalidade, contra a medida provisória do pres. Itamar Franco, de 23/11, que limitou a concessão de liminares e medidas cautelares em mandados de segurança, pelo Poder Judiciário, contra atos do Executivo (9).

POLÍCIA – Abidiel Rabelo: a polícia de Mato Grosso do Sul prende em Campo Grande o traficante Abidiel Pires Rabelo, irmão do ex-dep. cassado Jabes Rabelo, de Rondônia; Abidiel havia fugido de uma escolta que o levava a um tratamento dentário, em São Paulo, em 23/7 (13). **Faxinal:** cinco assaltantes fazem 27 reféns em uma agência bancária de Faxinal após serem cercados pela polícia (15) ● Depois de cinqüenta horas de negociações com os policiais, os assaltantes se rendem (17).

POLÍTICA – Cassação: a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados aprova a proposta de cassação dos dep. Itsuo Takayama (MT), Nobel Moura (RO) e Onaireves Moura (PR); eles foram acusados de estarem envolvidos na compra e venda de mandatos de parlamentares pelo PSD, no início de outubro (9) ● O plenário da Câmara cassa Takayama por 259 votos, Nobel por 332 e Onaireves por 335 (15). **Ministério:** o min. da Cultura, José Jerônimo Moscardo, faz duras críticas ao min. da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, e a sua política de cortes no Orçamento da União para 1994, visando a reduzir o déficit público (3) ● José Jerônimo Moscardo é exonerado (8) ● O pres. Itamar Franco indica o advogado Luiz Roberto Nascimento e Silva para o Ministério da Cultura (8) ● O min. da Previdência Social, Antônio Britto, deixa o cargo e volta a ocupar sua cadeira de deputado (PMDB-RS) na Câmara dos Deputados; o economista Sérgio Cutolo assume interinamente o cargo (14) ● O pres. Itamar Franco anuncia o nome da empresária Cosette Alves para o Ministério da Indústria e Comércio, no lugar de José Eduardo de Andrade Vieira; Cosette recusa, alegando razões pessoais; no mesmo dia são anunciados os nomes de Margarida Coimbra do Nascimento, Leonor Franco, Alberto Portugal e Romildo Cahim para ocuparem interinamente os ministérios dos Transportes, Bem-Estar Social, Agricultura e Integração Regional, respectivamente; os ex-min. Alberto Goldman, Jutahy Magalhães Jr., Dejanir Dalpasquale e Alexandre Costa desincompatibilizam-se para disputar cargos eletivos em 1994 (20) ● O pres. Itamar Franco anuncia o nome de Ailton Barcelos Fernandes para ocupar interinamente o Ministério da Indústria e Comércio (22) ● Djalma Bastos de Morais assume interinamente o Ministério das Comunicações, substituindo Hugo Napoleão (23) ● O min. da Ciência e Tecnologia, José Israel Vargas, assume interinamente a pasta das Minas e Energia, no lugar de Paulino Cícero Vasconcellos (27). **Olavo Pires:** o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), da Câmara dos Deputados, que apura as mortes políticas, aponta o gov. de Rondônia, Oswaldo Pianna, como mandante da morte do sen. Olavo Pires, candidato ao governo do Estado, em out. de 1990 (22). **PPR:** a Executiva Nacional do PPR aprova, por unanimidade, a expulsão do dep. João Alves (BA) por ferir a ética e o decoro parlamentar com sua participação nas irregularidades na elaboração do orçamento da União (1). **Presidente:** o pres. Itamar Franco agride jornalistas no sítio de sua ex-sogra, em Juiz de Fora (MG) (12). **Revisão constitucional:** encerra-se o prazo para entrega de emendas para a revisão constitucional (14). **Roberto Freire:** o dep. Roberto Freire (PPS-PE) deixa o cargo de líder do governo na Câmara dos Deputados por discordar da política econômica que está sendo implantada pelo min. da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso (14).

PREVIDÊNCIA – Fundo de pensões: o min. da Previdência Social, Antônio Britto, anuncia a intervenção no fundo da Fundação de Seguridade Social que atende os funcionários dos ministérios do Bem-Estar Social, Saúde, Trabalho, Justiça, Administração Federal e da Polícia Federal por suspeita de irregularidades (6). **Legislação:** O pres. Itamar Franco assina medida provisória determinando que os cartórios passem a informar ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) os óbitos registrados; são extintos os abonos de permanência no serviço, o abono "pé na cova", e o pecúlio dos aposentados que retornam ao trabalho (7).

SAÚDE – Meningite: a Comissão Nacional de Meningite decide não realizar vacinação em massa contra a doença no Rio de Janeiro por considerar que a vacina tem baixa eficácia em crianças, que são a maioria dos doentes dessa epidemia (3). **Remédios:** o Superior Tribunal de Justiça (STJ) cassa todas as liminares, obtidas pelos laboratórios farmacêuticos, permitindo o descumprimento do decreto que obriga a venda dos remédios pelo nome da substância principal e não pelo nome fantasia (9).

TRABALHO – Funcionalismo: o pres. Itamar Franco assina medida provisória limitando os vencimentos dos servidores públicos civis e militares a 90% do salário de um ministro de Estado (6) ● O Supremo Tribunal Federal (STF) concede liminar contra a medida para os funcionários das empresas estatais contratados pelo regime de CLT (29).

TRANSPORTE – Carteira de motorista: a Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro aprova projeto de lei, do dep. José Richard (PL), reduzindo para 16 anos a idade mínima para obtenção de carteira de motorista no Estado (22) ● O min. da Justiça, Maurício Corrêa, determina que o Conselho Nacional de Trânsito impeça a habilitação de menores (27). **Financiamento:** o min. dos Transportes, Alberto Goldman, anuncia acordo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento para a liberação de US$ 300 milhões para a duplicação das rodovias BR-101, entre Curitiba e Florianópolis, e BR-116, a Regis Bittencourt, que liga São Paulo e Curitiba (15).

VIOLÊNCIA – Duque de Caxias: cerca de 150 moradores depredam uma garagem de ônibus, destruindo quinze veículos, em protesto pelo atropelamento de dois meninos (1). **Protesto:** a cidade do Rio de Janeiro pára durante dois minutos em manifestação contra a violência organizada pelo movimento Viva Rio (17).

OBITUÁRIO

Paulo Ayrosa Galvão: 65 anos; médico, diretor do Instituto de Infectologia Emílio Ribas; foi responsável pela criação da residência no instituto, hoje um centro de referência no tratamento da AIDS; de parada cardiorrespiratória; em São Paulo (18). ■

CRONOLOGIA MUNDO

Janeiro

AFEGANISTÃO – O pres. interino Burhanuddin Rabbani é confirmado no cargo, apesar da oposição de vários clãs (1); continua a luta pelo controle de Cabul, a capital.

ALBÂNIA – Nedjimiie Hodja, viúva do ex-líder comunista Enver Hodja, é condenada a nove anos de prisão por corrupção e abuso de poder (27).

ALEMANHA – O min. da Economia, Jürgen Möllemann, renuncia, pois usou papel timbrado do ministério para enviar, a supermercados, cartas promovendo a empresa de seu primo (3); é substituído por Günter Rexrodt, do Partido Liberal (8) • A pedido da Corte Constitucional, é suspenso o processo contra o ex-líder oriental Erich Honecker, que tem câncer no fígado (12); ele vai ao encontro de sua família, no Chile (14).

ANGOLA – Tropas do governo e da UNITA lutam em Cunene, Bié e Benguela; o quartel-general da UNITA, em Huambo, é tomado (10).

BÓSNIA-HERZEGÓVINA – Nova fase, em Genebra, da Conferência de Paz, entre os líderes das facções em luta e os pres. da Croácia, Franjo Tudjman, e da Iugoslávia, Dobrica Cosić (2) • Cyrus Vance, pela ONU, e lord Owen, pela CEE, propõem divisão do país em dez províncias autônomas, com governo descentralizado, sob comando das etnias sérvia, croata e bósnia-muçulmana (4) • A CEE denuncia a prática sérvia do estupro sistemático de mulheres bósnio-muçulmanas, para "purificação étnica" do país; 20 mil mulheres já foram vítimas dessa agressão (8) • O vice-1º-min. Hakija Turajlicé assassinado por milicianos sérvios ao voltar do aeroporto de Sarajevo, onde recebera ajuda humanitária turca (8) • Em Genebra, o líder sérvio Radovan Karadžić, pressionado pelo pres. da Sérvia, Slobodan Milošević, aceita o plano da ONU/CEE (12) • Croatas e muçulmanos combatem em Gornij Vakuf, a 130 km de Sarajevo (19) • O pres. Alija Izetbegović rejeita o plano, por considerar que ele significaria a entrega de 42% do território bósnio aos sérvios (29).

CEI – Assinado acordo de maior integração entre os países membros, não subscrito pela Ucrânia, Turcomênia e Moldávia (22).

CHINA – O dissidente Zheng Yi, líder do movimento pró-democracia de 1989, chega aos EUA após 43 meses na clandestinidade (6).

CROÁCIA – É violada a linha de cessar-fogo da ONU (22), para atacar forças sérvias da Krajina; a Iugoslávia ameaça intervir em favor dos sérvios (23); o pres. Franjo Tudjman interrompe a ofensiva após a tomada da ponte de Maslenica, que assegura o controle da rota norte-sul (24), e do aeroporto de Zemunik, a 12 km do porto de Zadar, no Adriático (25).

DINAMARCA – O 1º-min. Poul Schlüter renuncia após a denúncia de que, em 1987, ele encobrira a política ilegal de recusar vistos a familiares dos refugiados indonésios de etnia tâmil que vivem no país (14); é sucedido pelo social-democrata Poul Nyrup Rasmussen (25).

EUA – O pres. George Bush assina, com Boris Iéltsin, da Rússia, o tratado START-2, que prevê o corte de dois terços dos arsenais estratégicos dos dois países em dez anos: redução das 10.815 ogivas americanas para 3.500, e das 10.053 russas para 2.068; eliminação dos mísseis balísticos intercontinentais com ogivas múltiplas; redução para 1.700 das ogivas lançadas de submarinos; limitação do número de ogivas embarcadas em bombardeiros pesados; permissão para readaptar os silos existentes de modo a poder alojar neles no máximo 105 mísseis convertidos em ogiva única (3) • William Jefferson (Bill) Clinton toma posse como pres. do país (20) • A advogada Zoe Baird, indicada para o Departamento de Justiça, renuncia após se tornar público que, em 1990, empregara em sua casa um casal de peruanos que vivia ilegalmente no país (22) • Clinton nomeia sua mulher, Hillary, diretora não-remunerada do grupo de trabalho que preparará a nova legislação sobre assistência médica (25) • Clinton decide: as juntas de alistamento não considerarão mais as preferências sexuais dos recrutas; os processos de expulsão de militares do Exército por homossexualismo serão suspensos; e quem tiver sido expulso por essa razão passará para a reserva (29).

EUROPA – Entra em funcionamento o mercado único da CEE (1); a integração ainda não é total na Dinamarca, Grã-Bretanha e Irlanda.

GEÓRGIA – O pres. Eduard Shevardnadze pede à ONU o envio de uma força de manutenção da paz à região separatista da Abkházia (5).

IRAQUE – EUA, Grã-Bretanha e França exigem a retirada, em 48 horas, dos mísseis terra-ar instalados no sul do país (6); Saddam Hussein recusa (7) • Os mísseis são retirados, mas o país proíbe vôos de aviões da ONU sobre seu território (8) • É impedido o pouso, em Bagdá, de avião com técnicos militares da ONU (10) • Soldados iraquianos à paisana entram no Kuweit para recuperar armas, munições e mísseis terra-ar *Silkworm*, que tinham sido confiscados pela ONU (10 e 11) • O Conselho de Segurança exige a devolução das armas (11) • 110 aviões americanos, franceses e britânicos bombardeiam baterias antiaéreas abaixo do paralelo 32; Bagdá afirma que dezenove pessoas morreram; o Iraque suspende a proibição aos aviões da ONU (13) • Com apoio da Rússia, os três países exigem a liberação do trânsito dos aviões da ONU (15) • Um F-16 americano derruba um MiG iraquiano na zona de exclusão ao norte do paralelo 36 (17) • Navios americanos bombardeiam, nos arredores de Bagdá, uma fábrica suspeita de enriquecer urânio para fins militares; tratava-se de uma fábrica de máquinas e motores; um dos 48 mísseis de cruzeiro *Tomahawk* atinge o Hotel al-Rachid, matando duas pessoas e ferindo 27 (18) • Oitenta aviões aliados bombardeiam baterias antiaéreas no norte e no sul do país, matando 21 pessoas (18 e 19) • Bagdá aceita o cessar-fogo unilateral e os planos de vôos de inspeção (19) • A França acusa os EUA de ultrapassar os limites das resoluções da ONU ao bombardear Bagdá (20) • Chegam ao país 52 inspetores da ONU; há novo ataque americano a unidades antiaéreas (21).

IRLANDA – O 1º-min. Albert Reynolds vence a eleição, no Parlamento, e mantém a chefia da coalizão *Fianna Fáil*/trabalhistas (12).

ITÁLIA – Salvatore Riina, o Totò, chefe do clã dos mafiosos Corleone, é preso em Palermo (15) • Agentes do Ministério da Fazenda dão busca na sede do Partido Socialista Italiano, à procura de provas do envolvimento de Bettino Craxi em escândalo de corrupção no valor de US$ 250 milhões (29).

ORIENTE MÉDIO – Helicóptero da Cruz Vermelha retira dois dos 415 palestinos que, desde dez. de 1992, estão acampados na zona de segurança entre Israel e o Líbano (9), um por motivo de saúde e o outro porque foi deportado por engano; pelos mesmos motivos, outros dezessete são repatriados (10); o sec.-geral Butros-Gali exige o cumprimento da resolução 799, que ordenou o repatriamento desses palestinos (25); o Supremo Tribunal israelense considera legal a deportação, baseando-se em leis usadas, na época do mandato britânico, para deportar guerrilheiros judeus (28).

POLÔNIA – É aprovada, contra a vontade da Igreja, a lei que permite o aborto em caso de estupro, incesto, dano ao feto ou perigo para a mãe (7).

QUÊNIA – O pres. Daniel Arap Moi é declarado vencedor das primeiras eleições multipartidárias no país, de 29/12/1992 (4).

REPÚBLICA TCHECA – Vaclav Hável vence, nas eleições presidenciais, a comunista Marie Stiborová e o republicano Miroslav Sladek (26).

RÚSSIA – São restabelecidos o controle de preços dos produtos de primeira necessidade e a limitação dos lucros dos produtores (5).

SOMÁLIA – Termina a visita do pres. George Bush às tropas americanas; facções rivais voltam a lutar, deixando 17 mortos e 35 feridos (1) • Manifestação de repúdio força o sec.-geral Butros-Gali a abreviar sua estada em Mogadíscio (3) • Fuzileiros navais americanos matam três guerrilheiros somalis em choque de rua (10) • Em Adis-Abeba, na Etiópia, dirigentes das quinze facções em luta firmam cessar-fogo e aceitam discutir, a partir de mar. de 1993, um acordo de paz definitivo (11) • Um soldado americano é morto num tiroteio de rua, em Mogadíscio (12).

TCHECO-ESLOVÁQUIA – O país deixa formalmente de existir (1): divide-se em República Tcheca e Eslováquia.

UCRÂNIA – O país decide ratificar o acordo START-I, de redução de armas nucleares, depois que a Rússia garante a integridade de suas fronteiras e promete aumentar sua cota de exportação de petróleo (15).

ZAIRE – Soldados se revoltam contra o pagamento de seus soldos em cédulas novas, que alegam não ter valor; durante os tumultos e saques, uma bala perdida mata o embaixador Philippe Bernard, da França, e dois cidadãos belgas ficam feridos (28); trezentos pára-quedistas belgas desembarcam em Kinshasa para retirar os estrangeiros; há cem mortos em combates (30).

OBITUÁRIO

"Dizzy" Gillespie (John Birks): 75 anos, trompetista de jazz, criador do estilo "bebop", que revolucionou esse gênero musical; de câncer no pâncreas, em Nova Jersey, EUA (6) • **Rúdolf Núreiev:** 54 anos, bailarino e coreógrafo russo naturalizado austríaco; formado no Balé Kirov, de Leningrado, desertou para o Ocidente na década de 60, formando um par famoso com a inglesa Margot Fonteyn; dirigiu o Balé da Ópera de Paris de 1983 a 1989, ano em que se apresentou no palco pela última vez, em Leningrado; de complicações cardíacas decorrentes da AIDS, em Paris (6). **Audrey Hepburn** (Edda van Heemstra Hepburn-Ruston): 63 anos, atriz de cinema de origem belga; estreou em 1953 com *A princesa e o plebeu*, que lhe valeu o Oscar de melhor atriz; seu maior sucesso foi *My fair lady* (1964); desde 1988, era embaixadora especial da UNICEF; de câncer no intestino, em Lausanne, Suíça (20). **Kobo Abe:** 68 anos, escritor japonês, autor de romances e peças de estilo surrealista; era candidato ao Prêmio Nobel; de enfarte, em Tóquio (22). **Thurgood Marshall:** 84 anos, durante 24 anos o único negro a ser juiz na Suprema Corte americana; defendia os direitos individuais e das minorias, era a favor da legalização do aborto e contra a pena de morte; de enfarte, em Washington (24). **Tommy Dorsey,** (Thomas Andrew): 93 anos, compositor e pianista americano de "blues" e "gospel", chegou a vender 7 milhões de discos na década de 20; de mal de Alzheimer, em Chicago (24).

Fevereiro

AFEGANISTÃO – O *Hezb-i-Islami*, movimento rebelde de Gulbuddin Hekmatyar, ataca Cabul (4 e 8); 82 pessoas morrem.

ÁFRICA DO SUL – O Congresso Nacional Africano condena a nomeação de ministros não-brancos – os mestiços Abe Williams e Jack Rabie para os Esportes e o Desenvolvimento, e o indiano Bhadra Ranchod para o Turismo –, que considera "desacreditados no Parlamento" (20).

ALEMANHA – Divulgado o balanço das atividades neonazistas em 1992: 2.280 ataques com 17 mortes, 600 espancamentos e 701 incêndios criminosos; os atentados duplicaram em relação a 1991 (6).

ANGOLA – Abel Chivukuvuku, terceiro na hierarquia da UNITA, anuncia que, apesar da ordem de Jonas Savimbi, 23 dos 70 deputados eleitos pela organização assumirão seu posto no Parlamento, pois discordam de sua "orientação belicista" (11) • Savimbi não vai às negociações de paz na Etiópia, devido ao bombardeio de seu quartel-general em Huambo (27).

BENIN – O papa João Paulo II encontra-se com sacerdotes do vodu e reafirma "o direito inalienável à liberdade religiosa" (4).

BÓSNIA-HERZEGÓVINA – A Organização da Conferência Islâmica rejeita o plano de paz da ONU, que "legitima a política sérvia de purificação étnica da Bósnia" (3) • A ONU suspende a ponte aérea humanitária para Sarajevo, após o ataque sérvio-croata a um avião alemão (7) • O americano Reginald Bartholomew é nomeado mediador junto com Cyrus Vance e lord Owen (10) • O Alto Comissariado da ONU para Refugiados suspende as operações de ajuda devido às "violações dos princípios humanitários" (17).

CAMBOJA – Tropas do governo tomam Pailin, quartel-general do Khmer Vermelho na fronteira com a Tailândia (1).

CANADÁ – O 1º-min. Brian Mulroney renuncia ao cargo e à presidência do Partido Conservador devido à crise econômica, às críticas da oposição ao NAFTA e à derrota em plebiscito de sua proposta de reforma constitucional (24).

CHINA – São libertados os estudantes Wang Dan e Guo Haifeng, líderes das manifestações de 1989, e o bispo católico Zhu Honsheng, preso por defender a liberdade religiosa (17).

CHIPRE – O conservador Glafkos Klerides vence as eleições presidenciais no setor grego (14).

COLÔMBIA – A rádio Caracol afirma que o traficante Carlos Lehder Rivas foi libertado da penitenciária de Jacksonville, nos EUA, em troca de seu testemunho contra o líder panamenho Manuel Noriega (4); a Justiça americana afirma que Lehder continua preso; mas não revela onde (5).

CROÁCIA – A Comunidade Democrata Croata, do pres. Franjo Tudjman, vence em 17 dos 21 distritos as eleições para o Senado (7).

CUBA – Às primeiras eleições parlamentares diretas só concorrem candidatos escolhidos pelas organizações sociais do PC (24).

ESLOVÁQUIA – O economista Michal Kovać, do Movimento por uma Eslováquia Democrática, é eleito pres. da República (15).

EUA – Roberta Achtenberg, lésbica assumida e militante dos movimentos pró-homossexuais, é nomeada subsecretária da Habitação e Desenvolvimento Urbano (3) • É aprovada, pelo Senado, a indicação de James Woolsey para dirigir a CIA (3) • A juíza Kimba Wood, que contratou uma babá estrangeira em situação ilegal, em 1986, quando isso não era proibido, recusa convite de Clinton para assumir a Secretaria da Justiça (6); a promotora Janet Reno, da Flórida, aceita o cargo (11) • É anunciado o plano de recuperação da economia: investimentos de US$ 30 bilhões na criação de 500 mil empregos até o fim de 1993, e de US$ 160 bilhões em obras de infra-estrutura que criem 2 milhões de empregos por ano até 1977; extensão do seguro-desemprego para sete meses; redução de US$ 8 bilhões no orçamento militar, de US$ 267 bilhões; aumento e criação de impostos; criação de programas de defesa ecológica (15) • Uma bomba explode no segundo piso da garagem de uma das torres do World Trade Center, em Nova York, provoca incêndio e o desabamento do teto de uma estação de metrô, com cinco mortos e 1.072 feridos (26)

FILIPINAS – É restabelecida a pena de morte, abolida em 1987 pela pres. Corazón Aquino; deve ser aplicada em casos de traição, seqüestro, tráfico de drogas, assassinato com tortura ou mutilação, estupro, pirataria e incêndio premeditado (15).

HOLANDA – É proibida a eutanásia praticada por leigos; mas a nova lei dá aos médicos a possibilidade de utilizá-la em determinados casos (9).

ÍNDIA – A polícia reprime manifestação dos fundamentalistas hindus do *Bharatiya Janata*; há 88 feridos e 200 presos; os manifestantes exigem a construção de um templo hindu em Ayodhia, no norte do país, onde, em dez. de 1992, militantes de seu partido destruíram uma mesquita (25).

IRÃ – É renovada a *fátua* (sentença de morte) de1989 contra Salman Rushdie, autor do livro *Versículos satânicos*, considerado blasfemo (14).

ITÁLIA – Fracassa a manobra do ex-1º-min. Bettino Craxi, pres. do PSI, de convencer os ministros socialistas a renunciar, para impedir ou retardar o voto, na Câmara dos Deputados, autorizando processá-lo por corrupção (1) • O pref. de Roma, Franco Carraro, renuncia após a prisão de seu assessor, Carmelo Molinari, acusado de cobrar comissões para a venda de imóveis públicos (3) • É preso o mafioso Giuseppe Montalto, sucessor do *capo* Salvatore Riina, suspeito de ser o mandante do assassinato do deputado democrata-cristão Salvo Lima (5) • O arquiteto Silvio Larini, testemunha-chave no processo de corrupção do PSI, entrega-se à polícia (8) • É presa Rosetta Cutolo, chefe do setor de tráfico de drogas da Camorra napolitana, foragida desde 1980 após ser condenada a nove anos de prisão por cumplicidade em homicídios (8) • O min. da Justiça, Claudio Martelli, do PSI, renuncia, acusado por Larini de cumplicidade na falência fraudulenta do Banco Ambrosiano (10) • Craxi renuncia à sec. geral do PSI (11); o ex-sindicalista Giorgio Benvenuto é seu sucessor (12) • É presa Vincenza Tommaselli, secretária particular de Craxi, acusada de ser sua cúmplice; ele recebe mais duas notificações judiciais, que aumentam para nove os processos a que deve responder (17) • Renunciam os min. Giovanni Goria, das Finanças, e Francesco de Lorenzo, da Saúde, envolvidos em corrupção (19) • São presos dois diretores da Fiat, acusados de pagar US$ 1 milhão a membros da DC, para assegurar à empresa a execução de obras do metrô de Milão (22) • Giorgio La Malfa renuncia à sec. geral do Partido Radical; é preso Gianpiero Pesenti, pres. da Italmobiliare; ambos são acusados de violação da Lei do Financiamento dos Partidos (25). É encontrado o corpo do alto funcionário Sergio Castellari, que se suicidou por envolvimento em corrupção (25).

IUGOSLÁVIA – O pres. Dobrica Cosić nomeia 1º-ministro o montenegrino Radoje Kontić, em substituição a Milan Panić (9) • O Parlamento da Rússia aprova (126 x 4) resolução pedindo à ONU que imponha sanções à Croácia ou suspenda o embargo à Sérvia (18) • O Conselho de Segurança autoriza à Força de Proteção da ONU recorrer às armas para garantir sua segurança (19) • É criado, pela ONU, um tribunal internacional para julgar os crimes de guerra da ex-Iugoslávia (22).

LITUÂNIA – O ex-comunista Algirdas Brazauskas, do Partido Democrático do Trabalho, vence as eleições presidenciais, derrotando o nacionalista Stasys Lozoraitis, do *Sajudis* (15).

ONU – O Conselho Internacional de Controle de Narcóticos rejeita a proposta de descriminalizar as drogas, por considerá-la nociva à saúde e ao bem-estar social; e critica a política liberal holandesa sobre tóxicos (14).

ORIENTE MÉDIO – O 1º-min. Itzhak Rabin, de Israel, pressionado pelos EUA, aceita repatriar 100 dos 396 palestinos deportados em dez. de 1992, e permitir que os restantes recebam ajuda humanitária (1); os deportados e a OLP recusam: só aceitam o que foi estipulado pela resolução 799 da ONU (2) • É preso, em Israel, o terceiro palestino-americano acusado de levar dinheiro para financiar o movimento Hamás, pró-*intifada* (1); a embaixada dos EUA protesta contra os maus-tratos recebidos por esses três presos (7) • A Anistia Internacional denuncia Israel pela tortura sistemática de presos palestinos e a morte de árabes por tropas israelenses nos territórios ocupados (2) • O Conselho de Segurança aprova a proposta israelense de repatriar gradualmente os deportados; a OLP protesta (13).

RÚSSIA – A nave *Progriéss*, desligando-se da estação orbital *Mir*, coloca em órbita um equipamento capaz de refletir a luz solar sobre partes da Terra mergulhadas na noite (4) • Vitály Kimstatch, membro da comissão russa para o controle do lixo atômico no mar, revela que a ex-URSS jogou dezessete reatores nucleares no oceano Ártico, e que a Rússia continua descarregando ali a água usada para resfriar submarinos nucleares e navios quebra-gelo (5) • A Corte Constitucional cancela o decreto de out. de 1992 que baniu a Frente de Salvação Nacional, de comunistas e nacionalistas (12) • Sete líderes do golpe de ago. de 1991, contra o ex-pres. Mikhail Gorbatchóv, comparecem ao II Congresso do refundado PC (13) • O acordo entre o pres. Boris Iéltsin e Ruslán Khásbulatov, pres. do Parlamento, para superar os choques entre o Executivo e o Legislativo, cria comissão para definir as atribuições de cada instituição (16) • Iéltsin pede ao Soviete Supremo que afaste Khásbulatov, acusando-o de provocar o confronto (19); e o acusa de formar um governo paralelo que desautoriza suas decisões (28).

SOMÁLIA – Morrem nove pessoas, baleadas por soldados americanos, durante manifestação, em Mogadíscio, contra a presença dos EUA no país (24); três fuzileiros navais americanos e dois soldados nigerianos são feridos por franco-atiradores somalis (25).

VENEZUELA – A população protesta, nos estados de Barinas e Sucre, contra a decisão da Corte Suprema de Justiça de suspender a convocação de novas eleições para 14/3, pois houve fraude nas de 6/12/1992 (17).

ZAIRE – Os EUA, a França e a Grã-Bretanha ameaçam com o embargo total, caso o pres. Mobutu Sese Seko não transfira seus poderes ao governo de transição liderado pelo 1º-min. Étienne Tshisekedi (3) • Mobutu demite Tshisekedi, acusando-o de ser o responsável pelos distúrbios do mês anterior, e pede que o Parlamento nomeie novo chefe de governo (5).

OBITUÁRIO

François Reichenbach: 71 anos, cineasta francês especializado em documentários; recebeu um Oscar por *Arthur Rubinstein, o amor pela vida*, sobre o pianista polonês; de problemas cardiovasculares, em Paris (2). **Arthur Ashe:** 49 anos, primeiro tenista negro a integrar a equipe dos EUA na Copa Davis; campeão em Wimbledon (1975); de pneumonia, em conseqüência de AIDS, contraída numa transfusão de sangue em 1983, em Nova York (6). **Ferruccio Lamborghini:** 76 anos, industrial italiano, criou, em 1963, uma das melhores fábricas de carros de corrida, vendida para a Chrysler em conseqüência da crise do petróleo; de enfarte, em Perúgia, na Itália (20). **Harvey Kurtzman:** 68 anos, editor de histórias em quadrinhos, criador da revista *Mad*, de sátira aos veículos de comunicação; de câncer no fígado, em Nova York (22). **Lillian Gish:** 96 anos, atriz americana, atuou nos filmes de David Griffith – *O Nascimento de uma nação, Intolerância, Lírio partido* – nas décadas de 10/20; seu último filme, na década de 80, foi *Baleias de agosto*, com Bette Davis; de distúrbios ligados à idade avançada, em Nova York (27).

Março

AFEGANISTÃO – Acordo de paz entre as facções em luta confirma Burhanuddin Rabbani na presidência e nomeia 1º-min. seu inimigo Gulbuddin Hekmatyar (7).

ALEMANHA – É realizada greve de advertência de 20 mil operários das fábricas Hoesch e Krupp, em Essen, ameaçados pelo plano de demissão de 4 mil empregados da indústria do aço (4).

ANGOLA – A ONU responsabiliza a UNITA pelo fracasso das negociações de paz em Adis-Abeba (1) • Derrotadas, as tropas governamentais retiram-se de Huambo, onde

fica o quartel-general rebelde (8) • O pres. José Eduardo dos Santos pede o fim do embargo internacional de armas para que seu Exército possa combater a UNITA (9) • O governo reconquista Caxito, no sul do país (22).

ARGÉLIA – 23 fundamentalistas ocupam o quartel de Bugzul, perto de Argel (16), cuja população se manifesta contra os atentados das últimas semanas (22); a polícia invade o quartel e mata seus ocupantes (23).

AUSTRÁLIA – O Partido Trabalhista, de situação, vence as eleições e conquista 79 das 147 cadeiras na Câmara (13).

BÉLGICA – O 1º-min. Jean-Luc Dehaene renuncia devido à oposição de seu partido, o Social-Cristão, aos cortes de gastos públicos no Orçamento 1993/94 (23); mas um acordo, que deixa de incluir no plano o congelamento dos salários do funcionalismo, faz com que volte atrás (30).

BÓSNIA-HERZEGÓVINA – Tropas sérvias confiscam 21 t de alimentos e remédios atiradas sobre Cerska, perto de Sarajevo, como ajuda humanitária aos muçulmanos (1); Cerska é invadida e 500 civis são mortos (2); onze aldeias dos arredores são arrasadas • O gen. Philippe Morillon, comandante da Força de Paz da ONU, recusa-se a sair de Srebrenica, cercada há onze meses (17); os sérvios não atacam a cidade e permitem que se leve alimentos a seus habitantes (19) • Dois comandantes sérvios, culpados de assassinatos, estupros e roubos, são condenados à morte por um tribunal militar bósnio (30) • As organizações humanitárias ocidentais revelam que 20 mil mulheres muçulmanas foram estupradas durante a guerra (30).

CHINA – Na Assembléia Nacional do Povo, o 1º-min. Li Peng defende a aceleração do crescimento, anuncia cortes de 25% na máquina do Estado, mas descarta a abertura política (15) • O sec.-geral do PC, Jiang Zemin, é eleito pres. da República (27); Li é confirmado em seu cargo (28).

CORÉIA DO NORTE – As Forças Armadas são colocadas em prontidão devido a manobras militares conjuntas Coréia do Sul/EUA (8) • O governo recusa-se a autorizar inspeções em suas instalações nucleares e retira-se do Tratado de Não-proliferação Nuclear (11).

EL SALVADOR – Relatório da *Comissão Verdade*, de juristas internacionais, sobre atrocidades cometidas durante a guerra civil, responsabiliza as Forças Armadas pela maior parte delas e pede que 40 mil militares – entre eles o min. da Defesa, René Emilio Ponce – sejam desligados da farda e impedidos de exercer função pública (15) • É aprovada pelo Parlamento a Lei da Anistia Ampla e Absoluta, que beneficia os mencionados no relatório (21) • A Corte Suprema rejeita o relatório, acusando-o de "querer denegrir a imagem da Justiça salvadorenha" (26).

EUA – São presos o imigrante ilegal jordaniano Mohamed Salameh (4) e o árabe-americano Ibrahim Elgabrowny, suspeitos de terem colocado a bomba no World Trade Center (4); três outras pessoas são libertadas por falta de provas (6 e 7) • É preso o engenheiro kuweitiano naturalizado Nidal Ayyad, por cumplicidade no atentado (10) • Uma tempestade de neve, com ventos de até 160 km/h, devasta a costa leste do país, deixando 217 mortos (14) • O Egito extradita Mahmud Abu Halima, suspeito de envolvimento, que fugira dos EUA no dia 6 (24) • O jordaniano Bilal Alkaisi, que se achava foragido, entrega-se ao FBI (25) • São aprovados o Orçamento para 1994 e um pacote de US$ 16,2 bilhões para a criação de empregos, apesar da oposição republicana(19).

FRANÇA – A coligação direitista União pela França vence o 1º turno das legislativas, com 40% dos votos, contra 18% dos socialistas (21). No 2º turno, o governo obtém 54 deputados contra 460 da UPF (28) • Édouard Balladur, da União para a República, é nomeado 1º-ministro (29).

ÍNDIA – Atentados simultâneos não-reivindicados, mas atribuídos aos fanáticos hindus, atingem a Bolsa de Valores, a sede da Air India, dois hotéis, um cinema, um shopping center, lojas e um trem, deixando 220 mortos e mil feridos (12); uma bomba, no centro de Calcutá, mata 45 pessoas e fere 65 (16).

INDONÉSIA – O pres. Suharto é reeleito como candidato único (10).

ISRAEL – O ex-min. da Defesa, Ezer Weizman, eleito pres. da República, pertence à direita, mas defende negociações diretas com a OLP (24).

ITÁLIA – É preso o empresário Michele de Mita, acusado de desvio do dinheiro para a reconstrução de aldeias do sul após um terremoto (1); seu irmão, o ex-1º-min. Ciriaco de Mita, demite-se da comissão parlamentar sobre a reforma eleitoral (3) • O min. do Meio Ambiente, Carlo Ripa di Meana, renuncia por discordar do decreto do gabinete que deixa de considerar crime o financiamento dos partidos (7); a Procuradoria Geral de Milão acusa o governo de querer, com essa medida, paralisar o inquérito sobre corrupção (8); o pres. Oscar Luigi Scalfaro recusa-se a assinar o decreto (9) • São presos Gabriele Cagliari, pres. do Ente Nazionale Idrocarburi, a estatal do petróleo, e Franco Ciatti, pres. da Nuovo Pignoni, ligada ao ENI, por financiamento ilegal de partidos (9); ambos revelam terem sido extorquidos por um "cobrador" do PSI • O pref. de Milão, Piero Borghini, dissolve seu gabinete, pois mais da metade de seus secretários está presa (9) • O 1º-min. Giuliano Amato escapa, por 143 votos a 99, de uma moção de desconfiança (10) • São presos Pio Pigorini, Gianni dell'Orto e Raffaele Santoro, diretores de empresas do grupo ENI (11) • A população protesta, em Milão, contra a corrupção, pedindo a renúncia de Amato (13) • Renato Altissimo renuncia à liderança do Partido Liberal, pois está sob investigação por suborno (16) • São presos Giuseppe Ciarrapico, pres. do Clube de Futebol Roma (18) e Attilio Bastianini, vice-pres. do Partido Liberal, por violação da lei de financiamento dos partidos (19) • Renunciam os min. Gianni Fontana, da Agricultura (21), e Franco Reviglio, das Finanças (30), que estão sob investigação • Amato renuncia (30); mas concorda em manter-se como interino até a formação de novo governo.

JAMAICA – O Partido Nacional do Povo, do 1º-min. Percival Patterson, vence as eleições gerais (30).

JAPÃO – É preso Shin Kanemaru, ex-líder do Partido Liberal Democrático, acusado de corrupção (6).

MÉXICO – Em plebiscito, 84% do eleitorado da Cidade do México aprovam a eleição direta do prefeito da capital, até então nomeado pelo presidente; 66% aprovam a transformação da capital em um Estado (22).

NICARÁGUA – Três "recontras" (ex-guerrilheiros que voltaram à clandestinidade) ocupam a embaixada nicaragüense na Costa Rica; tomam como reféns o emb. Alfonso Robelo e outras dezoito pessoas; exigem resgate de US$ 6 milhões e a demissão do min. sem pasta Antonio Lacayo, genro da pres. Violeta Chamorro, e do comandante do Exército, o sandinista gen. Humberto Ortega (8); são pagos US$ 250 mil de resgate (21).

POLÔNIA – Aprovado o projeto de privatização que prevê a venda das ações de seiscentas estatais a seus trabalhadores e ao povo em geral (18).

RÚSSIA – Os deputados, em sessão especial, opõem-se à proposta do pres. Borís Iéltsin de um plebiscito para definir a divisão dos poderes no país (10); o pres. do Parlamento, Ruslán Khásbulatov, anula o acordo feito com Iéltsin e amplia os poderes do Legislativo (12) • Iéltsin, com apoio dos mineiros do Kuzbass, decide manter o plebiscito; o Parlamento proíbe a convocação de eleições antecipadas (13) • Iéltsin assume "poderes especiais", suspende a possibilidade de seus decretos serem derrubados e convoca plebiscito para 25/4/1993 (20) • O Parlamento pede à Corte Constitucional que anule esses decretos; o pres. Bill Clinton, dos EUA, apóia Iéltsin publicamente (21) • O pres. da Corte Constitucional, Valiéri Zórkin, faz apelo ao entendimento; Iéltsin responde colocando "sob sua proteção" a imprensa, o rádio e a TV (22) • A Corte Constitucional anula o decreto dos "poderes especiais", mas confirma a realização do plebiscito (23); Iéltsin, em troca, emite versão atenuada do decreto • O

Parlamento aprova a proposta de Khásbulatov de que o *impeachment* de Iéltsin seja votado: 617 deputados são a favor, 72 a menos do que o necessário para afastá-lo; também a proposta de destituir Khásbulatov é derrotada por 558 x 339 (28) • É aprovado o plebiscito (29).

SENEGAL – Oitenta separatistas do Movimento das Forças Democráticas do Casamance morrem em choque com tropas do governo (17).

SUÍÇA – Em plebiscito, é autorizada a legalização dos cassinos e são rejeitados os experimentos médicos com animais (7).

VENEZUELA – Manifestações estudantis de protesto contra o pres. Carlos Andrés Pérez, acusado de manipular os resultados das eleições regionais de dez. de 1992 (8); um policial e vários jovens ficam feridos.

OBITUÁRIO

Inoshiro Honda: 81 anos, cineasta japonês, dirigiu, a partir de 1954, a série muito popular do monstro *Godzila*, de problemas pulmonares, em Tóquio (1). **Albert Bruce Sabin:** 86 anos, cientista polonês naturalizado americano, inventor da vacina oral contra a poliomielite; em 1972, casou-se com a brasileira Heloísa Dunshee de Abranches; ajudou também a identificar o vírus do herpes-B e o protozoário da toxoplasmose; de enfarte, em Washington (3). **Cyril Collard:** 35 anos, cineasta francês, ganhou quatro prêmios *César* pelo filme autobiográfico *Noites felinas*, feito quando já sofria de AIDS, de que morreu, em Versalhes (5). **Billy Eckstine:** 78 anos, músico de jazz, optou pela carreira de cantor solo após o fracasso da banda que formou, entre 1944 e 1947, com Charlie Parker e Dizzy Gillespie; de derrame, em Pittsburgh (8). **Helen Hayes:** 92 anos, atriz americana, considerada a primeira dama do teatro de seu país; recebeu dois Oscars em 1931 e 1971; de ataque cardíaco, em Nova York (17). **Polykarp Kusch:** 82 anos, físico alemão, ganhador do Prêmio Nobel de 1985, juntamente com W. E. Lamb, por suas pesquisas sobre o campo magnético dos elétrons; de enfarte, em Dallas (23). **Brandon Lee:** 28 anos, ator de cinema americano, filho de Bruce Lee, ator em filmes de lutas marciais; de um acidente, durante a filmagem de *The crow* (O corvo), com uma arma que deveria conter balas de festim; na Carolina do Norte, EUA (31).

Abril

ÁFRICA DO SUL – Recomeçam as negociações entre o governo e os diversos partidos (1) • O negro Chris Hani, secretário-geral do PC, é assassinado por um branco (10); nos protestos da Cidade do Cabo, dois brancos são queimados vivos e um é mutilado; em Johanesburgo, três negros são mortos pela polícia (11); o governo impõe o toque de recolher em diversas cidades (13); uma greve geral, em represália, provoca um morto e quatro feridos (14); durante o enterro de Hani, em Boksburg, há sete mortos, e Nelson Mandela exige eleições multirraciais imediatas e a formação de um governo transitório de unidade nacional (15).

ALEMANHA – É realizada greve dos metalúrgicos do setor ocidental, que reclamam reajuste de 26% (14) • Günther Parsche, admirador da tenista alemã Steffi Graf, que desejava vê-la vencer um torneio em Hamburgo, esfaqueia no ombro a tenista sérvia Monika Selles (30).

BÉLGICA – Os defensores da unidade nacional manifestam-se contra os nacionalistas que pedem a separação do país em um distrito valão e outro flamengo (25).

BÓSNIA-HERZEGÓVINA – O Parlamento da autoproclamada República Sérvia da Bósnia rejeita a proposta de seu líder, Radovan Karadžić, de aceitar parcialmente o plano de paz da ONU (2) • Aviões da OTAN patrulham a zona de exclusão aérea imposta pela ONU, com ordem de abater todo aparelho que a violar (11) • Redobram os ataques sérvios a Srebrenica e Sarajevo (12) • Um comboio do Alto Comissariado da ONU para Refugiados retira dali oitocentos civis muçulmanos (13) • As forças muçulmanas capitulam e assinam, com os sérvios, acordo de desmilitarização de Srebrenica; 140 soldados canadenses das Forças de Paz da ONU desarmam os muçulmanos, retiram em segurança da cidade e cuidam da hospitalização de 500 feridos graves (18).

CAMBOJA – Abertura oficial da campanha eleitoral; mas o Khmer Vermelho anuncia que não aceitará os resultados desse pleito (7).

CHINA – Conversações de alto nível com o governo de Formosa (29) resultam na assinatura de diversos acordos de cooperação (29).

COLÔMBIA – Um carro-bomba explode diante da embaixada brasileira em Bogotá, deixando quinze mortos e 110 feridos; o atentado é atribuído aos traficantes do Cartel de Medellín (15).

COSTA RICA – Quatro terroristas invadem a Corte Suprema, tomam dezoito juízes e quatro funcionários como reféns, e exigem resgate de US$ 20 milhões, salvo-conduto para um país sul-americano e a libertação dos traficantes presos no país (26); são presos no aeroporto internacional Santa María, durante a tentativa de fuga (29).

ERITRÉIA – Em plebiscito, 99% da população optam pela independência (27); o líder separatista Isaías Afeuerki declara a província um Estado soberano; a Etiópia reconhece a independência (28).

EUA – Entre os tripulantes do ônibus espacial *Discovery*, que estudará a camada de ozônio, está a primeira astronauta de origem hispânica, Ellen Ochoa (8) • O sargento Stacey Koon e o policial Lawrence Powell que, em abr. de 1991, espancaram o negro Rodney King, são considerados culpados em novo julgamento; os outros dois policiais são considerados inocentes (17) • Um incêndio põe fim a 51 dias de cerco do FBI a uma fazenda, em Waco, no Texas, onde estão os seguidores de David Koresh, chefe da seita de fanáticos Ramo Davidiano; além de Koresh, morrem 76 pessoas, entre as quais dezessete crianças (19); a secretária da Justiça, Janet Reno, afirma que os próprios fiéis atearam o incêndio, num suicídio coletivo, mas um dos sobreviventes da seita acusa o FBI de tê-lo iniciado (20); o pres. Bill Clinton assume a responsabilidade pela operação do FBI (21) • O gov. Guy Hunt, do Alabama, que violou o código de ética ao utilizar parte dos US$ 200 mil arrecadados para a cerimônia de posse no pagamento de dívidas pessoais, perde o cargo para seu vice, Jim Folson (22) • O inspetor geral do Pentágono recomenda a punição de 175 altos oficiais da Marinha por terem molestado sexualmente 83 mulheres e sete homens, durante a festa anual do Grupo Tailhook, em Las Vegas (23). Homossexuais masculinos e femininos exigem, em Washington, legislação que assegure seus direitos e a dotação de verbas maiores para o combate à AIDS; o pres. Clinton, convidado, não comparece, mas manda mensagem de solidariedade aos manifestantes (25). O ônibus espacial *Columbia* põe no ar o *Spacelab*, destinado a avaliar os efeitos da ausência de gravidade no organismo humano (26).

EUROPA – Trabalhadores da Itália, Grã-Bretanha, Alemanha, Espanha, Holanda, Bélgica, Portugal e Grécia fazem greve conjunta contra o desemprego e a ameaça às suas conquistas sociais (2).

FRANÇA – O ex-1º-min. Michel Rocard obtém a demissão da cúpula do Partido Socialista e assume a sec. geral no lugar de Laurent Fabius (4).

IÊMEN – O Congresso Popular Geral, do 1º-min. Ali Abdala Saleh, vence as primeiras eleições após a unificação do país, conquistando 121 das 301 cadeiras no Parlamento (27).

ITÁLIA – São presos, por subornar políticos democratas-cristãos e socialistas para obter contratos de vendas, os empresários Mauro Bertini, da Fiat (1), e Riccardo Ruggieri, da New Holland, subsidiária londrina da Fiat (2) • Decide-se que os ex-1ºs-min. Giulio Andreotti e Arnaldo Forlani e o ex-chanceler Gianni de Michelis serão investigados por

suborno (5) • Após dezessete anos de prisão, é permitido a Renato Curcio, líder das Brigadas Vermelhas, trabalhar numa editora romana e passar as noites na penitenciária (7) • É preso Claudio Moreno, embaixador na Argentina, por desvio de dinheiro do Fundo de Ajuda Italiano, que financia projetos de construção no Terceiro Mundo (8). É preso Roberto d'Alessandro, pres. da Agusta S.p.a., estatal fabricante de helicópteros, acusado de extorsão (10) • É aprovada, em referendo, a alteração do sistema eleitoral: as eleições para três quartos do Senado passam a ser pelo sistema majoritário uninominal; termina a subvenção aos partidos; a polícia passa a não poder mais prender consumidores de drogas, o governo não pode mais nomear diretores e administradores de instituições de crédito; são extintos os ministérios das Participações Estatais, da Agricultura e do Turismo, cujas atribuições passam para os governos locais (18) • A Justiça de Palermo fornece provas do envolvimento de Andreotti com o *capo* Salvatore Riina (20) • O 1º-min. Giuliano Amato é substituído por Carlo Azeglio Ciampi (22), que convida comunistas para seu gabinete (28); mas estes renunciam em protesto contra a recusa da Câmara em processar Andreotti (29) • Comunistas, republicanos, neo-fascistas do MSI e da Liga Lombarda e a Refundação Comunista unem-se no pedido de eleições antecipadas (29) • Nas principais cidades, a população pede o fim da imunidade parlamentar e a antecipação das eleições (30).

IUGOSLÁVIA – O Conselho de Segurança da ONU, com abstenção da Rússia e China, aprova o embargo comercial à Nova Federação Iugoslava, o congelamento de seus bens no exterior, e o fechamento do Danúbio à navegação fora das fronteiras, caso os sérvios da Bósnia não aceitem o plano Vance-Owen (18).

MACEDÔNIA – O país é aceito como membro da ONU desde que, como o exige a Grécia, passe a chamar-se a Ex-República Iugoslava da Macedônia (7).

ORIENTE MÉDIO – A marcha de protesto dos palestinos deportados, acampados na fronteira com o Líbano, é detida pelo Exército israelense; um dos manifestantes é ferido (16) • Recomeçam, em Washington, as negociações árabes-israelenses, o que provoca greves de protesto nos territórios ocupados, em que há 57 feridos (27) • Quinze palestinos exilados em 1987 voltam à Cisjordânia; outros quinze são autorizados a retornar (30).

PAQUISTÃO – O pres. Gulam Ishak Khan demite o 1º-min. Nauaz Sharif por "incompetência e corrupção" e convoca eleições antecipadas (18).

PERU – No primeiro aniversário do golpe do pres. Alberto Fujimori, o Sendero Luminoso mata trinta militares em Quesquenda, a 50 km de Lima (4).

POLÔNIA – O Partido Popular rompe com o governo, criticando sua política agrícola (29) • Após acordo com a Aliança de Esquerda Democrática (ex-PC), a 1ª-min. Hanna Suchocka consegue a aprovação da lei de privatização de seiscentas estatais (30).

RELIGIÃO – O papa João Paulo II visita a Albânia, onde sagra quatro novos bispos, dois dos quais tinham sido condenados a trabalhos forçados pelo ex-pres. Enver Hodja (25).

RÚSSIA – Um container com lixo radiativo explode provocando vazamento no reator nuclear *Tomsk-7*, na Sibéria (6) • O pres. da Chechênia, Djokhár Dudáiev, dissolve o Parlamento, proclama o presidencialismo e decreta o estado de emergência, pois os deputados cancelaram o plebiscito que ele convocara para aprovar a nova Constituição (17); o Parlamento rejeita a dissolução e inicia, durante a noite, o processo de *impeachment* de Dudáiev (18); este fecha-o à força (19) • Iéltsin vence, por 59%, o plebiscito sobre as reformas político-econômicas (25).

TURQUIA – O Partido da Justa Via escolhe o 1º-min. Süleyman Demirel candidato à sucessão do pres. Turgut Özal, falecido em 17/4 (23).

ZÂMBIA – Um avião *Buffalo CT-15*, da Força Aérea nacional, cai a 2 km de Libreville, a capital do Gabão, matando toda a seleção zambiana de futebol (28).

OBITUÁRIO

Marian Anderson: 91 anos, cantora americana especializada no repertório barroco; a primeira cantora negra a se apresentar, em 1955, no Metropolitan de Nova York, no *Baile de Máscaras*, de Verdi (8). **Chris Hani:** 50 anos, sec.-geral do PC sul-africano e militante do Congresso Nacional Africano; assassinado por um anticomunista radical, em Johanesburgo (10). **Rakhman Nábiev:** 63 anos, ex-pres. do Tadjiquistão, deposto pela oposição em 1992; foi encontrado morto por um guarda-costas, em Moscou (11). **Turgut Özal:** 66 anos, pres. da Turquia desde 1989, dirigente do conservador Partido da Mãe Pátria, 1º-ministro entre 1983–1988; de ataque cardíaco, em Ancara (17). **Cantinflas** (Mario Moreno): 81 anos, comediante mexicano, atuou em mais de quarenta filmes; o mais famoso é *A volta ao mundo em 80 dias* (1961); de câncer no pulmão, na Cidade do México (20). **Oliver Tambo:** 75 anos, político sul-africano, um dos fundadores do Congresso Nacional Africano; exilado entre 1960–1990; de derrame cerebral, em Johanesburgo (24).

Maio

AFEGANISTÃO – Os combates, em Cabul, entre tropas do governo e os guerrilheiros do *Hezb-i-Islami*, deixam dez mortos e centenas de feridos (13).

ALBÂNIA – Aumenta de nove para onze anos a pena imposta a Nedjimiie Hodja, por desviar US$ 55 mil de fundos públicos em benefício próprio (17).

ALEMANHA – Bjorn Engholm renuncia à liderança do Partido Social-Democrata (3) após admitir ter mentido, em 1988, à CPI que investigava a campanha de calúnias responsável pelo suicídio de seu adversário político Uwe Barschel; Johannes Rau, 1º-min. da Renânia do Norte-Vestfália, assume interinamente a liderança do PSD (4) • O não-cumprimento de um acordo salarial provoca greve de 16 mil metalúrgicos do lado oriental (3); os do lado ocidental param uma hora em solidariedade (12 e 13); acordo de aumento de 28% e de equiparação salarial leste/oeste em 1996 põe fim à greve (14) • O min. dos Transportes, Günther Krause, renuncia ao se descobrir que pagou a mudança de sua família de Berlim para Börgerende, no interior, com dinheiro público (6) • Franz Steinkühler, pres. do sindicato *IG Metall*, renuncia ao se descobrir que lucrou US$ 600 mil na Bolsa de Valores com informações obtidas enquanto membro do conselho administrativo da Daimler-Benz (25) • Apesar das manifestações populares contrárias, é aprovada a lei que reduz a concessão do asilo político (26) • O Tribunal Constitucional cancela a lei de 1992 que legalizara o aborto; mas as mulheres que abortarem não serão punidas (28) • Duas mulheres e três crianças turcas morrem em incêndio ateado por neonazistas em Solingen, perto de Colônia (29), o que provoca passeata de protesto de 5 mil pessoas (30) • Novos choques, em Solingen, entre neonazistas e imigrantes turcos, e saque de cinqüenta lojas (31).

ANGOLA – Os EUA reconhecem o governo do pres. José Eduardo dos Santos (19) • São interrompidas, devido a impasse, as negociações de paz governo/UNITA, na Costa do Marfim (21).

BÓSNIA-HERZEGÓVINA – Pressionado pelo pres. Slobodan Milosević, da Sérvia, o líder sérvio-bósnio Radovan Karadžić assina o plano de paz Vance-Owen (2); o Parlamento Sérvio da Bósnia o rejeita (6), mas convoca, para os dias 15 e 16, um plebiscito sobre ele • Em represália, a Sérvia suspende a ajuda aos sérvio-bósnios (6) • O Conselho de Segurança da ONU proclama Sarajevo zona de segurança internacional (6) • O sec. de Estado americano, Christopher Walker, fracassa em obter do Ocidente ação militar que obrigue os sérvios-bósnios a pôr fim à guerra (7) • Muçulmanos e croatas-bósnios

decidem pôr o plano de paz em prática nas áreas que controlam (18) • No plebiscito, 96% dos eleitores rejeitam o plano; Karadžić propõe a formação de uma Confederação Bósnia (19) • Croatas e muçulmanos combatem em Mostar (11); as forças da ONU e Tadeusz Mazowiecki, enviado especial para direitos humanos, acusam os croatas-bósnios de também praticarem a "limpeza étnica" (12) • Os EUA, França, Espanha, Grã-Bretanha e Rússia propõem a criação de "zonas de segurança muçulmanas" nas seis principais cidades do país (22); o pres. Alija Izetbegović a rejeita, pois não prevê o compromisso aliado de intervenção armada em caso de agressão dos sérvios-bósnios (23).

CAMBOJA – O governista Partido do Povo Cambojano derrota nas urnas, por pequena diferença, o Funcipec, do princ. Norodom Sihanuk (30).

CUBA – É assinado, com a Rússia, acordo de intensificação das relações econômicas, em especial nas áreas açucareira e petrolífera (23).

DINAMARCA – É realizado plebiscito que, por 56,8% contra 43,2%, aprova o Tratado de Maastricht sobre a unificação européia (18) • Onze opositores da unificação ficam feridos em choques com a polícia (19).

ERITRÉIA – Isaías Afeuerki, da Frente Popular para a Libertação da Eritréia, eleito presidente (22), proclama oficialmente a independência (24).

EUA – O Instituto Gallup revela que a popularidade do pres. Bill Clinton caiu de 58%, no dia da posse, para 45% (14) • Há protestos quando Clinton chama Christophe, cabeleireiro de Beverly Hills, para cortar seu cabelo, ao preço de US$ 200, a bordo do avião presidencial, no aeroporto de Los Angeles, o que perturba o tráfego aéreo (21) • Primeiro presidente em cinqüenta anos a não ter feito o serviço militar, Clinton é vaiado, na cerimônia do *Memorial Day*, no monumento aos combatentes do Vietnã (31).

GEÓRGIA – O pres. Eduard Shevardnadze assina, com Boris Iéltsin, da Rússia, acordo de cessar-fogo na região rebelde da Abkházia (14).

GRÃ-BRETANHA – Os conservadores são derrotados nas eleições locais para 47 condados ingleses e galeses, inclusive em redutos tradicionais do partido, como Sussex e Surrey (7) • O min. da Economia, Norman Lamont, desgastado pela recessão, é substituído pelo min. do Interior, Kenneth Clarke (27).

GUATEMALA – O pres. Jorge Serrano Elías suspende a Constituição e dissolve o Congresso (25); seu golpe só recebe apoio do pres. Alberto Fujimori, do Peru; o Tribunal Constitucional o declara sem efeito; os EUA suspendem a cooperação militar (26) • O Exército dissolve manifestação de protesto liderada por Rigoberta Menchú, prêmio Nobel da Paz (27) • Serrano propõe um "diálogo nacional" com a oposição e um plebiscito, em noventa dias, para reformar a Constituição (30).

ÍNDIA – Há cem mortos, no estado de Manipur, fronteira com a Birmânia, em choques entre hinduístas e muçulmanos (4).

ITÁLIA – O ex-senador comunista Renato Pollini é preso, acusado de repassar ao ex-PCI suborno da direção da Ferrovia Estatal (11) • É suspensa a imunidade do ex-1º-min. Giulio Andreotti, para que seja investigada a acusação de que tem ligações com a Máfia (13) • O pref. de Gênova, Claudio Burlando, é preso por desvio de verbas destinadas às comemorações dos quinhentos anos da Descoberta da América (19) • Franco Nobili, pres. do Instituto para a Reconstrução Industrial, é preso por violação da Lei do Financiamento dos Partidos (12) • O pres. da Olivetti, Carlo de Benedetti, admite ter subornado políticos para obter contratos públicos (16) • É preso, ao sul de Catânia, na Sicília, Benedetto Nito Santapaola, o nº 2 da Máfia, acusado dos assassinatos do gen. Carlo Alberto dalla Chiesa e dos juízes Giovanni Falcone e Paolo Borsellino (18) • O sec.-geral do PSI, Giorgio Benvenuto, e o min. do Trabalho, Gino Giugni, renunciam, acusando a cúpula socialista de "usar o PSI como se fosse sua propriedade" (20) • É intimado a depor o ex-1º-min. democrata-cristão Ciriaco de Mita, acusado do recebimento de comissões ilegais; o vice-pres. da Fiat, Cesare Romiti, também é intimado (25) • É preso Corrado Ferlaino, pres. do clube de futebol Napoli, também por suborno (25) • Carro-bomba atribuído à Máfia atinge a Galleria degli Uffizi, em Florença, mata cinco pessoas, fere trinta, danifica dezenas de quadros e destrói três totalmente; a explosão destrói também a Torre dei Pulci, sede da Academia Georgofili, fundada em 1753 (27). A população protesta contra a agressão ao patrimônio histórico e artístico da humanidade (28).

IUGOSLÁVIA – O pres. Dobrica Cosić é destituído por ter negociado o reatamento com a Croácia sem consultar o Parlamento (31).

MÉXICO – Colhidos, no aeroporto de Guadalajara, pelo fogo cruzado entre traficantes de drogas, são assassinados o cardeal-arcebispo Juan Jesús Posadas Ocampo, seu motorista e cinco acompanhantes (25).

PAQUISTÃO – A Suprema Corte cancela o decreto do pres. Ghulam Ishak Khan que fechou a Assembléia Nacional e demitiu o 1º-min. Nauaz Sharif, decisões "causadas por vingança política" (26).

PARAGUAI – O governista Juan Carlos Wasmosy vence as eleições presidenciais, com 40,3% dos votos contra 31,8% do liberal Domingo Laino e 26,8% do independente Guillermo Caballero Vargas (9) • O sec.-geral da OEA, João Baena Soares, e o ex-pres. Jimmy Carter, dos EUA, contestam a denúncia da oposição de que houve fraude (11).

POLÔNIA – A greve dos transportes, convocada pelo sindicato Solidariedade, paralisa Varsóvia por 24 horas (21) • A 1ª-min. Hanna Suchocka é derrubada por uma moção de censura do Solidariedade, aprovada por 223 x 198 (28) • Walesa dissolve o Parlamento, convoca eleições antecipadas e assina lei eleitoral limitando a representação dos partidos que obtenham mais de 5% dos votos (29).

RÚSSIA – É reprimida, em Moscou, manifestação comunista não-autorizada contra o pres. Boris Iéltsin: há 150 feridos (1) • Iéltsin convoca, para 5/6, uma comissão para estudar o anteprojeto de Constituição proposto pelo Executivo (12) • O Soviete das Repúblicas pede ao Tribunal Constitucional que anule essa convocação (13) • O Parlamento revoga o artigo do Código Penal que punia com prisão as relações homossexuais (28).

SOMÁLIA – Os EUA transferem para a ONU o comando das forças multinacionais de manutenção da paz (4).

SRI LANKA – Atentado suicida dos Tigres da Libertação Tâmil mata o pres. Ranasinghe Premadasa, durante a parada do Dia do Trabalho (1); morrem mais 30 pessoas na explosão da bomba, trazida por um ciclista • O 1º-min. Dingiri Banda Wijetunge, líder do Partido Nacional Unido, é eleito para substituí-lo (7).

TURQUIA – O 1º-min. Süleyman Demirel, do Partido da Justa Via, é eleito presidente (16).

VENEZUELA – A Suprema Corte de Justiça autoriza o julgamento do pres. Carlos Andrés Pérez por corrupção e apropriação indébita de recursos públicos (20). O sen. Octavio Lepage é empossado como pres. interino (21) • A polícia reprime manifestação que exige a libertação do ten.-cel. Hugo Chávez, líder da rebelião de 1992 contra Pérez (21).

OBITUÁRIO

Pierre Bérégovoy: 65 anos, ex-1º-min. francês, militante do Partido Socialista, foi min. da Ação Social e das Finanças; acusado de corrupção por ter aceito, do empresário Roger Pelat, um empréstimo sem juros para a compra de um apartamento, suicidou-se com um tiro na cabeça, em Nevers (1). **Alwyn Nikolais:** 82 anos, coreógrafo americano, dono de uma das principais companhias de dança do país; de câncer, em Nova York (9). **Gonzalo Barrios:** 90 anos, político venezuelano, fundador da Ação

Democrática, membro, entre 1945–1948, da junta que governou o país; de insuficiência respiratória, em Caracas (30). **Marjorie Henderson Buell:** 80 anos, desenhista americana, criadora de Luluzinha, a personagem de quadrinhos; de linfoma, em Ohio, EUA (30).

Junho

ALEMANHA – A população protesta, em Berlim, contra o atentado neonazista de Solingen, no mês anterior, em que morreram duas mulheres e três crianças turcas (3).

AZERBAIDJÃO – As tropas rebeldes do com. Súret Gusêinov, que já controlavam Lenkoran, tomam também Guiândja (7) e obtêm a renúncia do 1º-min. Panákh Gusêinov (8) ● O pres. do Parlamento, Issa Gambárov, renuncia em solidariedade (13) e é substituído pelo ex-1º-min. Gaidar Áliev (15), que assume o governo após a fuga do pres. Abulfaz Eltchibêy (18) ● Súret Gusêinov proclama-se presidente (19); o Parlamento o nomeia 1º-min. e min. da Defesa, Interior e Segurança Nacional (30).

BOLÍVIA – Gonzalo Sánchez de Lozada, do Movimento Nacionalista Revolucionário, vence as eleições presidenciais, com 35% dos votos (6); Hugo Banzer, da coligação Acordo Patriótico, que obteve 21% dos votos, desiste da disputa e o apóia (9).

BÓSNIA-HERZEGÓVINA – Granadas lançadas por extremistas sérvios, durante jogo de futebol em Sarajevo, matam onze pessoas e deixam noventa feridos (1) ● No norte do país, o ataque sérvio a um comboio humanitário dinamarquês deixa dois mortos e quatro feridos (1) ● O Conselho de Segurança destaca tropas para proteger Sarajevo, Srebrenica, Gorazde, Tuzla, Zepa e Bihać, sitiadas pelos sérvios, declarando-as "zonas de segurança" (4); mas os combates não se interrompem ● Em troca da promessa belga, britânica e dinamarquesa de apoio na negociação para que a Bósnia recupere territórios perdidos para os sérvios na guerra civil, o pres. Alija Izetbegović concorda em discutir o plano Vance-Owen (21) ● Em Genebra, os pres. Slobodan Milošević, da Sérvia, e Franjo Tudjman, da Croácia, apresentam novo plano de divisão do país (23); o líder bósnio-sérvio Radovan Karadžić e o bósnio-croata Mate Boban o aprovam e pedem aos muçulmanos que façam o mesmo (24).

CAMBOJA – Após negociar uma coligação entre o Partido Popular do Camboja, do 1º-min. Hun Sen, e o Funcipec, chefiada por seu filho Ranaridh, o princ. Norodom Sihanuk proclama-se chefe de Estado e comandante supremo das Forças Armadas (3); mas, acusado de ter dado um golpe constitucional, tem de voltar atrás (4) ● Alegando irregularidades, Hun Sen recusa-se a aceitar o resultado das eleições de mai., que dera 48% dos votos ao Funcipec, contra 38% do PPC; seis províncias controladas pelo PPC ameaçam com a secessão se o resultado for mantido (10) ● O Khmer Vermelho apela à rebelião contra o Funcipec (11) ● Norodom, empossado pela Assembléia Constituinte (14), renuncia ao com. das Forças Armadas e à condução da política externa, mantendo-se apenas como chefe do Estado (16) ● O PPC reconhece a validade das eleições; os EUA anunciam que só ajudarão o país se o Khmer Vermelho não participar do governo de transição (22).

CANADÁ – A ex-min. da Justiça e da Defesa, Kim Campbell, torna-se a primeira mulher a chefiar o governo do país (25).

CHINA – Trabalhadores de uma estatal de equipamentos de refrigeração fazem greve de protesto contra a privatização da empresa (30).

CUBA – Termina a retirada das tropas russas estacionadas no país desde 1962; o min. da Defesa, Raúl Castro, condena a decisão de Moscou de interromper o fornecimento de armas ao país (15).

ESPANHA – O governista Partido Socialista Operário Espanhol ganha as eleições com 38,8% dos votos (6); Felipe González conserva a chefia do governo, mas perde a maioria parlamentar e tem de negociar coligação ● Atentado com carro-bomba, atribuído ao ETA, mata sete pessoas – entre as quais seis militares – no centro de Madri (21).

EUA – O índice de popularidade do pres. Bill Clinton cai a 36% (3) ● Clinton subscreve a Convenção da Biodiversidade, que o ex-pres. George Bush se recusara a assinar durante a Rio-92 (4) ● As posições "racistas às avessas", contra os brancos, da prof. de Direito Lani Gainier, fazem com que Clinton retire sua indicação para secretária da Justiça adjunta para Direitos Civis (4) ● O republicano Richard Riordan vence, nas eleições para prefeito de Los Angeles, o democrata Michael Woo, descendente de chineses (8) ● O Pentágono rebaixa e passa para a reserva, com diminuição de soldo, o gen. Harold Campbell, da Força Aérea, que acusou Clinton, durante um banquete na Holanda, em 24/5, de ser "simpatizante de gays, maconheiro, desertor e mulherengo" (16) ● O FBI prende oito muçulmanos fundamentalistas acusados de planejar o assassinato de Butros-Gali e de praticar diversos atentados em Nova York (24); um deles confessa ter ajudado a fabricar a bomba que explodiu no World Trade Center, em 26/2.

EUROPA – A reunião de cúpula da CEE, em Copenhague, propõe a redução da taxa de juros, o aumento do fundo especial de empréstimos do Banco Europeu de Investimentos, a concessão de subsídios a pequenas e médias empresas, e o adiantamento de US$ 6 bilhões aos governos que receberão ajuda para gastos sociais com desenvolvimento; Áustria, Finlândia, Noruega e Suécia ingressarão na CEE a partir de 1º/1/1995 (22).

FRANÇA – René Bousquet, chefe de polícia durante a ocupação, sob processo por colaborar com os nazistas, é assassinado, em seu apartamento, pelo escritor Christian Didier (8) ● É aprovado projeto de lei que restringe a entrada e permanência de estrangeiros no país (18).

GRÃ-BRETANHA – Michael Mates renuncia ao cargo de ministro para a Irlanda do Norte, acusado de negociatas com o empresário turco-cipriota Asil Nadir, responsável pela falência da multinacional Poly-Peck (24).

GUATEMALA – O pres. Jorge Serrano renuncia após o fracasso de sua tentativa de golpe (1), e é substituído por seu vice, Gustavo Espina ● Serrano foge para El Salvador, depois refugia-se nos EUA (2) ● Manifestações contra a posse de Espina (3 e 4); a Corte Constitucional determina que o Congresso escolha novo presidente (5). O procurador de Direitos Humanos Ramiro de León Carpio é eleito, com 106 votos (6).

HAITI – O 1º-min. Marc Bazin renuncia, pois o Parlamento, controlado pelos militares, o impediu de trocar ministros de seu gabinete (8) ● O Parlamento reconhece a legitimidade do pres. Jean-Bertrand Aristide, mas exige, para que ele volte ao país, anistia para os militares que o derrubaram e a suspensão do embargo comercial ao país (15) ● O Conselho de Segurança aprova o embargo da venda de armas e petróleo ao Haiti, e o congelamento das contas bancárias de seus líderes no exterior, para forçar o retorno de Aristide (17) ● Realiza-se, em Nova York, reunião entre representantes de Aristide e do governo haitiano (27) ● O golpista gen. Raoul Cedras concorda em renunciar caso os principais comandantes militares sejam mantidos em seus postos (29).

IRÃ – O pres. Ali Hashemi Rafsandjani é reeleito com 63% dos votos (11).

IRAQUE – São lançados 23 mísseis *Tomahawk* contra Bagdá, em represália pelo suposto plano terrorista iraquiano de matar o ex-pres. George Bush durante sua visita ao Kuweit, em abr. (26); embora o prédio do Serviço de Informações seja visado, três mísseis deixam, numa área residencial, oito mortos e dez feridos ● Pesquisa de opinião mostra que 66% da população americana apóiam o ataque, 23% se opõem e 53% querem a eliminação de Saddam Hussein (28) ● O americano Bob Kelley, da equi-

pe de inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica, garante que o programa nuclear iraquiano foi todo desmantelado (30).

ITÁLIA – É preso Giuseppe Pulvirenti, "nº 2" da Máfia na Catânia (2) • A DCI e o PSI são derrotados nas eleições municipais (6); a Liga do Norte, de extrema direita, obtém 40% em Milão e 20% em Turim e Trieste; a esquerda e os Verdes ganham no centro e no sul • A Justiça pede autorização ao Senado para processar o ex-1º-min. Giulio Andreotti, acusado pelo "mafioso arrependido" Tommaso Buscetta de ter mandado matar o jornalista Mino Pecorelli, em mar. de 1979 (9).

JAPÃO – O princ. Naruhito, herdeiro do trono, casa-se com a ex-diplomata Masako Owada, de família plebéia (9) • É aprovada no Parlamento (255 x 220) moção de desconfiança contra o 1º-min. Kiichi Miyazawa, acusado de não ter introduzido, na reforma eleitoral, medidas para acabar com a corrupção (18); Miyazawa convoca eleições antecipadas • Dez dissidentes do governista Partido Liberal Democrata criam o *Sakigake* (Partido Precursor), de oposição (21) • 35 seguidores do ex-min. das Finanças Tsotomu Hata rompem com o PLD e criam o oposicionista Partido do Renascimento (23).

LETÔNIA – A coligação Caminho Letão, do pres. do Parlamento, o comunista Anatóli Gorbúnovs, vence as eleições com 32,8% dos votos (6).

LIBÉRIA – O governo acusa a Frente Patriótica Nacional, de Charles Taylor, de ter massacrado 250 civis perto de Harbel (6); Taylor nega a acusação (7).

MARROCOS – A frente oposicionista União Socialista/ Partido Istqlal vence as eleições, embora sem obter maioria parlamentar (25).

NICARÁGUA – Um depósito clandestino de armas explode em Manágua; nas ruínas, são descobertos arquivos com planos para o seqüestro de setenta políticos e empresários latino-americanos, inclusive do Brasil (2).

NIGÉRIA – O empresário Moshud Abiola, do Partido Social Democrata, derrota o candidato governista Bashir Tofa, da Convenção Nacional Republicana, nas eleições presidenciais (13) • O pres. Ibrahim Babangida suspende a apuração, alegando fraude (20). Os observadores internacionais negam a existência de irregularidades, mas Babangida anula o pleito (23).

RÚSSIA – Na abertura da Constituinte, o pres. Borís Iéltsin pede apoio para seu projeto de presidencialismo; em seguida, impede o acesso à tribuna do pres. do Parlamento, Ruslán Khásbulatov, que abandona o plenário em protesto (5) • É aprovada, por 80% dos constituintes, declaração de princípios que prevê a criação de um Parlamento bicameral que substitua o atual, e de um decreto que garanta a propriedade da terra (16).

SÉRVIA – O oposicionista Vuk Drasković, do Movimento de Renovação Sérvia, é preso por liderar manifestação contra a destituição do pres. Dobrica Cosić, da Federação Iugoslava (2); sua mulher, Danica, também presa, denuncia que ele foi torturado (3).

SOMÁLIA – Guerrilheiros do gen. Mohamed Aidid emboscam a Força de Paz da ONU, matam 22 soldados paquistaneses e deixam 57 feridos (5) • A ONU retira seus funcionários civis de Mogadíscio (6) • Em represália, soldados paquistaneses matam dois guerrilheiros somalis (7) • Chegam ao país reforços da França e dos EUA (9); estes últimos bombardeiam redutos de Aidid no sul da capital (11) • Soldados paquistaneses abrem fogo contra manifestação de civis matando vinte pessoas (13) • A aviação americana bombardeia posições de Aidid (14 e 17); no segundo, há 63 mortos e 123 feridos • A ONU suspende a distribuição de alimentos na área de Mogadíscio, para impedir que Aidid os confisque (20).

TURQUIA – A economista Tansu Çiller é eleita líder do Partido da Justa Via, o que a torna candidata a 1ª-ministra (13) • O Partido dos Trabalhadores do Curdistão ataca legações diplomáticas turcas em vinte cidades européias: os 25 milhões de curdos que vivem na Turquia, Irã, Iraque, Síria e regiões da ex-URSS reivindicam um Estado nacional (24).

UCRÂNIA – O pres. Leonid Krávtchuk assina, com Borís Iéltsin, acordo de partilha dos 350 navios da frota do mar Negro (17) • Os oficiais russos da frota rejeitam acordo e ameçam com um motim (29). O com. da frota manda hastear a bandeira da ex-URSS em todos os navios (30).

VENEZUELA – O senador independente Ramón Velásquez, apoiado pela Ação Democrática e pelos democratas-cristãos da COPEI, é eleito para terminar o mandato do pres. Carlos Andrés Pérez, até 2/2/1994 (4).

OBITUÁRIO

James Bridges: 57 anos, diretor de cinema americano, autor de *Cowboy do asfalto* e *Síndrome da China*; de câncer, em Los Angeles (6). **Donald Slayton:** 69 anos, astronauta americano, participou da primeira missão mandada ao espaço e do acoplamento, em 1975, da nave *Apollo* com a soviética *Soiúz*, de tumor cerebral, nos EUA (13). **John Connally:** 76 anos, ex-gov. do Texas, sec. da Marinha, de John Kennedy, e do Tesouro, de Nixon; sobreviveu ao atentado de 1963, contra Kennedy, em que ficou gravemente ferido; de pneumonia, em Houston (15). **James Hunt:** 45 anos, piloto de Fórmula 1 britânico, campeão mundial em 1976; de enfarte (15). **William Golding:** 81 anos, romancista inglês, prêmio Nobel de Literatura de 1983; seu livro mais famoso é *O senhor das moscas*; de enfarte, em Londres (15). **Borís Christoff:** 74 anos, baixo profundo búlgaro, notabilizou-se em papéis das óperas de Verdi e do repertório russo; de causas não reveladas, em Roma (28).

Julho

ÁFRICA DO SUL – O governo e o Congresso Nacional Africano convocam para 27/4/1994 as primeiras eleições multirraciais; a decisão é rejeitada pelo Partido Conservador e pelo *Inkatha* (2).

ALEMANHA – O min. do Interior, Rudolf Seiters, renuncia após a execução sumária, pelas forças de segurança, de Wolfgang Grams, suspeito de pertencer à terrorista Fração do Exército Vermelho, em Bad Kleinem, na ex-Alemanha Or. (4); Seiters é substituído por Manfred Kanther, líder da União Democrata-Cristã (5).

ARGENTINA – Agropecuaristas protestam, em Buenos Aires, contra a política agrícola do governo, responsável por dívidas de US$ 4,1 bilhões no setor (27).

BELIZE – Manuel Esquivel, do conservador Partido Democrático Unido, de oposição, derrota o 1º-min. George Price, do Partido Unido do Povo, e conquista 15 das 29 cadeiras no Parlamento (1).

BÓSNIA-HERZEGÓVINA – Os sérvios bombardeiam Gorazde, declarada pela ONU zona de segurança (1) • Sérvios e croatas aceitam, em Genebra, plano de paz que prevê: criação de uma União das Repúblicas Bósnias, em que é permitida a dupla nacionalidade; nenhuma das comunidades terá Forças Armadas; todas terão acesso ao Adriático e ao rio Sava; cada comunidade terá governo e Constituição próprios; um Parlamento central e uma chefia de Estado colegiada serão formados por representantes de cada grupo, com presidência rotativa de quatro meses (29). O pres. Alija Izetbegović também aceita o plano (30).

CUBA – No 40º aniversário da tomada do quartel de Moncada, o pres. Fidel Castro anuncia medidas para fomentar a entrada de divisas: os cidadãos são autorizados a possuir moeda forte; cubanos emigrados ou fugitivos poderão visitar seus parentes na ilha; haverá maior abertura ao capital estrangeiro (26).

EGITO – O pres. Hosni Mubarak é reeleito, como candidato único, para o 3º mandato consecutivo de seis anos (21).

ESPANHA – Com o apoio do Partido Nacionalista Basco e da aliança catalã Convergência e União, Felipe González é confirmado 1º-ministro (9).

EUA – O pres. Bill Clinton prorroga a moratória de testes nucleares subterrâneos até set. de 1994 e defende negociações para proibir esse tipo de teste (3). Clinton demite da direção do FBI o ex-juiz federal William Sessions, acusado de uso abusivo dos privilégios do cargo (19); e o substitui pelo juiz federal Louis Freeh, veterano da luta contra a Máfia • Recrutas das Forças Armadas são dispensados de declarar se são homossexuais ou não, desde que não se comportem como tal (19) • Suicida-se o vice-conselheiro jurídico da Casa Branca, Vincent Foster, que vinha sendo criticado pela imprensa (20).

EUROPA – O Banco Central alemão decide manter inalterada sua taxa de juros, o que provoca nova crise no Sistema Monetário Europeu: os países da CEE gastam US$ 30 bilhões de reservas de divisas para sustentar suas moedas no Mecanismo Europeu de Câmbio, que se encontrava próximo do limite permitido pelo SME (30). Reunião de emergência do Comitê Monetário da CEE tenta debelar a crise (31).

GEÓRGIA – Tropas do governo e separatistas da Abkházia combatem em Sukhúmi; o pres. Eduard Shevardnadze escapa com vida da explosão de um projétil abkházio, durante revista de tropas do governo perto da cidade (5) e decreta a lei marcial na república rebelde (6).

GRÃ-BRETANHA – É derrotada, no Parlamento, moção do governo sobre a Carta Social do Tratado de Maastricht (22) • O 1º-min. John Major obtém o voto de confiança dos parlamentares (23) • O Partido Conservador perde as eleições parciais de Christchurch, no sul do país, para a liberal-democrata Diana Maddock (29).

HAITI – O gen. Raoul Cedras (3) e o ex-pres. Jean-Bertrand Aristide (4) assinam, em Nova York, o plano da ONU de devolução do poder a este último em 30/10/1993: Aristide nomeará um 1º-ministro aprovado pelo Congresso e anistiará os militares que o depuseram; o alto comando das Forças Armadas será reorganizado pelo comandante que ele nomear; assessores internacionais treinaram as novas polícia e Forças Armadas, submetidas ao poder civil.

IRAQUE – Inspetores da ONU são impedidos de lacrar duas instalações para testes de mísseis, perto de Bagdá (11); em protesto, eles deixam o país (12) • O enviado da ONU, Rolf Ekeus, anuncia um acordo com as autoridades sobre a fiscalização das armas iraquianas (19).

ISRAEL – A Corte Suprema inocenta o ucraniano John Demjanjuk, condenado à morte em 1988, da acusação de que era "Ivã, o Terrível", operador da câmara de gás no campo de concentração de Treblinka, na Polônia (29) • A Justiça israelense recebeu, das autoridades russas, provas de que o verdadeiro "Ivã" chamava-se Ivan Marchenko.

ITÁLIA – Cesare Romiti, diretor administrativo da Fiat, é indiciado por financiamento ilegal do PSI (8) • Francesco Sisini, diretor-geral do Ministério dos Bens Culturais, é preso por superfaturamento das obras de restauração de um castelo na Calábria (8) • Giuseppe Garofano, ex-pres. da Montedison-Ferruzzi, procurado pela Justiça de Milão havia cinco meses, é preso em Genebra (14) • Gabriele Cagliari, ex-pres. da petrolífera ENI, suicida-se na prisão de San Vittore, em Milão (20) • O chefe mafioso Salvatore Gangemi é preso em Nápoles, onde são apreendidos quatro mísseis terra-terra pertencentes à Camorra (22) • Suicida-se Raul Gardini, ex-pres. da Montedison-Ferruzzi, envolvido em crime de subvenção ilegal da DC (23) • Dois carros-bomba em Milão e um em Roma deixam cinco mortos e 26 feridos (27) • Angelo Finocchiaro, chefe do serviço secreto, demite-se após a reivindicação dos atentados pela "Falange Armada" (28).

JAPÃO – Nas eleições gerais, são derrotados o governista Partido Liberal Democrata (de 275 passa para 223 cadeiras) e o Socialista (de 134 para 70 deputados); os dissidentes *Shinseito* (Partido do Renascimento) e o *Nihon Shinto* (Novo Japão) conquistam 55 e 35 cadeiras respectivamente, alterando o tradicional equilíbrio do poder (18) · O 1º-min. Kiichi Miyazawa renuncia à presidência do PLD e à chefia do governo (22) • Yohei Kono o substitui como presidente do PLD (30).

NICARÁGUA – Ex-soldados sandinistas ocupam Estelí, reivindicando terras, trabalho e apoio econômico do governo (20); rendem-se ao Exército e à polícia após combates em que houve 20 mortos e 99 feridos (22).

NIGÉRIA – A anulação das eleições provoca manifestações, com depredações e saques, pedindo a renúncia do pres. Ibrahim Babangida e à posse do vencedor, Moshud Abiola (5 a 7).

ONU – Relatório sobre o Estado da População Mundial: 100 milhões de pessoas – duas vezes mais do que em 1989 – emigraram durante 1992. Desse total, 17 milhões são refugiados políticos, 20 milhões fogem da violência, seca, fome e outros desastres ambientais; 60 milhões são migrantes econômicos, que buscam melhores condições de vida. As regiões que mais receberam imigrantes foram a África subsaariana (35 milhões), a Ásia e Oriente Médio (15 milhões) e os EUA e Europa, com 13 milhões (5).

ORIENTE MÉDIO – Israel bombardeia bases dos fundamentalistas *hezbolá* no sul do Líbano (25): morrem cinco soldados sírios e nove libaneses; os guerrilheiros atingem o norte de Israel com foguetes *katiúsha* • A ampliação dos bombardeios israelenses causa 23 mortes (26); 200 mil pessoas deixam o sul do país, para escapar aos bombardeios, que prosseguem (27 e 28) e só são suspensos após mediação da Síria e dos EUA (31).

PAQUISTÃO – Para pôr fim a seus desentendimentos, o pres. Gulam Ishak Khan e o 1º-min. Nauaz Sharif decidem renunciar simultaneamente e convocam eleições (18); o economista Moín Kureshi é escolhido para assumir como 1º-ministro interino (19).

RÚSSIA – A Assembléia Constituinte aprova (433 x 62) o anteprojeto da Constituição; mas um terço dos representantes das repúblicas e regiões autônomas não o assina antes de consultar seus conselhos ou parlamentos regionais (12) • Sai de circulação todo o papel-moeda emitido antes de 1993; os cidadãos têm prazo até 7/8 para trocar as notas velhas por novas, no limite de 35 mil rublos; quantias superiores devem ser depositadas por seis meses no Banco Estatal de Poupança, com juros abaixo da inflação (24) • O pres. Boris Iéltsin amplia o limite para 100.000 rublos e estende o prazo de troca até 31/8 (26) • O min. da Segurança, Viktor Baránnikov, demite-se após incidente na fronteira com o Tadjiquistão, onde, duas semanas antes, 25 soldados russos foram mortos por rebeldes tadjiques, e por abuso do cargo, usando dinheiro público para promover viagens de parentes ao exterior (27).

SÉRVIA – Danielle Mitterrand, esposa do pres. da França, vai a Belgrado pedir a libertação do oposicionista Vuk Draskovic (5) • O pres. Slobodan Miloševic ordena que ele e a mulher, Danica Draskovicova, sejam libertados (9).

SOMÁLIA – Numa emboscada em Mogadíscio, guerrilheiros matam três soldados italianos das Forças da ONU (2) • Helicópteros americanos matam civis ao bombardearem um suposto reduto guerrilheiro; em represália, a população lincha quatro jornalistas estrangeiros que cobriam o fato (12) • A Itália pede à ONU autorização para deslocar suas tropas de Mogadíscio para o norte do país; o sec.-geral Butros-Gali pede a Roma que chame de volta o gen. Bruno Loi, que recusa ordens emanadas do com. das Forças da ONU (14) • O governo italiano, alegando que Loi nada tem a ver com suas divergências com a ONU, confirma-o em seu posto (15).

UCRÂNIA – O Parlamento declara de propriedade do país as armas nucleares da ex-URSS em seu território (2), mas decide que o porto de Sebastopol, quartel-general da frota do mar Negro, é propriedade de Moscou (9); o pres. Leonid Kravtchuk considera a medida ilegal (10).

OBITUÁRIO

Léo Ferré: 77 anos, poeta, compositor e cantor francês, muito popular entre os estudantes rebeldes da Sorbonne em mai./jun. de 1968; entre seus maiores sucessos estão *Avec le temps*, *Ni Dieu ni maître*, *La solitude* e *Faites l'amour*; de câncer, em Florença (14). **Jean Negulesco:** 93 anos, diretor de cinema de origem romena, entre seus filmes de sucesso estão *O rio das almas perdidas*, *Como agarrar um milionário*, *A fonte dos desejos* e *Papai pernilongo*; de enfarte, em Marbella, na Espanha (18). **Vincent Schaefer:** 87 anos, químico americano, criador do processo de produção de chuva e neve artificiais; a certa altura, interrompeu suas pesquisas por temer o efeito que elas teriam sobre a natureza; de causas não reveladas, em Nova York (25). **Luís Sttau Monteiro:** 67 anos, escritor e jornalista português, autor de *Um homem não chora* e da peça *Todos os anos pela primavera*; de embolia cerebral, em Lisboa (27). **Reggie Lewis:** 27 anos, jogador de basquete americano, do *Boston Celtics*; especialistas tinham-lhe garantido que problemas cardíacos diagnosticados em exames, dois meses antes, não o impediriam de continuar a carreira; de enfarte, durante um treinamento, em Waltham, EUA (28). **Balduíno I:** 62 anos, rei da Bélgica desde 7/7/1951; era católico fervoroso e, em 1990, renunciou por um dia para não ter de sancionar a lei do aborto, aprovada pelo Parlamento; de enfarte, em Motril, perto de Granada, na Espanha, onde passava as férias (31).

Agosto

ÁFRICA DO SUL – O arcebispo Desmond Tutu pede a intervenção da ONU para pôr fim aos choques do *Inkatha* com o CNA (2) • O pres. Frederik de Klerk rejeita a idéia da tropa estrangeira mas concorda com a criação de uma força de paz multipartidária (3).

ALBÂNIA – O ex-pres. Ramiz Alia é preso por abuso de poder e desvio de milhões de dólares da ajuda concedida ao país pela Itália (20).

ANGOLA – O enviado especial da ONU ao país adverte que mais de mil pessoas estão morrendo, diariamente, em conseqüência da guerra civil (24).

ARGÉLIA – É assassinado, por militantes fundamentalistas, Kasdi Merbah, ex-1º-ministro e ex-chefe do Serviço Secreto (22).

BÉLGICA – Alberto II, sucessor de seu irmão, o rei Balduíno, presta juramento perante as duas câmaras do Parlamento (9).

BOLÍVIA – O Congresso autoriza a vinda de 24 instrutores militares americanos que treinarão policiais na luta contra traficantes de drogas (19).

BÓSNIA-HERZEGÓVINA – O Conselho da OTAN decide atacar posições sérvias para romper o cerco a Sarajevo; a medida fica condicionada à autorização da ONU (2) • Forças muçulmanas tomam aos croatas Gornji Vakuf, na região central do país (2) • Pressionados pela ONU, os sérvios abandonam posições nos montes Igman e Bielasnica, em torno de Sarajevo; mas incendeiam tudo à sua passagem (14) • Representantes das três etnias concordam em desmilitarizar Sarajevo e colocá-la sob administração de um representante da ONU (18) • O Parlamento bósnio-croata proclama a independência da República Croata de Herceg-Bosna, mas não delimita suas fronteiras (28). O pres. Alija Izetbegović e o líder sérvio Radovan Karadžić assinam, em Genebra, acordo de cessar-fogo e de troca imediata de prisioneiros (31).

CINGAPURA – Ong Teng Cheong, candidato do governista Partido da Ação Popular, vence as primeiras eleições presidenciais diretas (29).

COLÔMBIA – O min. da Defesa, Rafael Pardo, garante que o Cartel de Medellín foi desbaratado: os traficantes que restaram estão preocupados apenas em manter vivos seus chefes foragidos (19).

EGITO – O ministro do Interior, gen. Hassan al-Alfi, escapa de um atentado fundamentalista, no centro do Cairo, com quatro mortos e quinze feridos (18).

EUA – Um foguete *Titã-4*, não tripulado, que colocaria em órbita um satélite espião, explode pouco depois do lançamento da base de Vandenberg, na Califórnia, causando prejuízo de US$ 2 bilhões (3) • O policial Lawrence Powell e o sarg. Stacey Koon são sentenciados, em Los Angeles, a trinta meses de prisão, sem multa, pelo espancamento do motorista negro Rodney King, em 3/3/1991 (4) • A Câmara dos Deputados aprova (218 x 216) o plano orçamentário que visa a reduzir o déficit público em US$ 496 bilhões, nos cinco anos seguintes (5); o plano é também aprovado no Senado (6) • EUA, México e Canadá firmam acordos complementares ao NAFTA, sobre meio ambiente e leis trabalhistas (13) • O líder religioso egípcio xeque Omar Abdel-Rahman é acusado de terrorismo, suspeito de envolvimento no atentado a bomba contra o World Trade Center, de Nova York, e num plano frustrado para destruir a sede da ONU (25) • A NASA investiga a perda da sonda *Mars Observer*, que deveria fotografar o solo do planeta Marte (26).

GRÃ-BRETANHA – Após dezoito meses de debates, é ratificado o Tratado de Maastricht, sobre a unificação européia (2).

HAITI – O empresário Robert Malval é aceito pela Câmara dos Deputados como 1º-ministro (26) • A ONU suspende o embargo de petróleo contra o país (27) • Malval presta juramento, diante de Aristide, na embaixada do Haiti em Washington (30).

IRAQUE – Aviões americanos destroem uma bateria antiaérea na zona de exclusão ao norte do paralelo 36, pois dois mísseis foram disparados de lá contra eles; Bagdá nega ter atacado primeiro (19) • Os embaixadores Hisham al-Shaui, no Canadá, e Hamed al-Juburi, na Tunísia, aderem à oposição no exílio, acusando Saddam Hussein de praticar um regime de terror (24).

ITÁLIA – É suspensa a imunidade parlamentar do ex-1º-min. Bettino Craxi, que será julgado por corrupção (4) • Nova lei eleitoral cria um sistema misto pelo qual 75% da Câmara e do Senado serão escolhidos por voto majoritário e os restantes 25%, em cédula separada, por voto proporcional (4) • Suicida-se, em Palermo, Giuseppe Magro, da Companhia Geral de Construções Hidráulicas e de Estradas, alvo de investigação da Operação Mãos Limpas (11) • Marcello Stefanini, tesoureiro do Partido Democrático de Esquerda (ex-PC), é citado por corrupção e violação da Lei de Financiamento dos Partidos (25).

JAPÃO – O 1º-min. Kiichi Miyazawa pede desculpas às mulheres da China, Indonésia, Filipinas e das duas Coréias pelas violências sexuais praticadas por soldados japoneses durante a II Guerra (4) • Morihiro Hosokawa, do Novo Partido do Japão, vence as eleições no Parlamento (262 x 224), e assume o cargo de 1º-ministro; a líder socialista Takako Doi é eleita presidente da Câmara (6) • Suicida-se, em Tochigi, o sec. de Obras Públicas da província de Ibakari, Tetsuya Mashiko, testemunha-chave no processo contra o gov. Fujio Takeuchi, acusado de corrupção e de ligações com a Yakuza, a máfia japonesa (16) • 165 políticos e outras 445 pessoas são presos, acusados de comprarem votos e caluniarem adversários, durante a campanha eleitoral, para desacreditá-los (20).

LÍBANO – Militantes *hezbolá* matam sete soldados israelenses no sul do país; bombardeio em represália mata dois guerrilheiros (19).

NICARÁGUA – A Assembléia Nacional aprova anistia para rebeldes que depuserem armas até 31/8 (17) • Um grupo de "recontras" (anti-sandinistas que voltaram à luta) seqüestra três deputados e 34 funcionários do governo, exigindo a destituição do comandante do Exército, gen. Humberto Ortega, e do chefe da Casa Civil, Antonio Lacayo (19); em represália, o "Comando 40", de ex-soldados sandinistas, seqüestra Virgilio Godoy, vice-

pres. da União Nacional Opositora, e cinqüenta militantes desse grupo (20). O governo, a oposição e os sandinistas fazem apelo à libertação dos reféns (21); após mediação da OEA, o C-40 liberta catorze reféns, mas seqüestra nove jornalistas (22). Negociações mediadas pelo cardeal Miguel Obando y Bravo e pelo ex-pres. Daniel Ortega: todos os reféns são soltos (25). O C-40 deixa Manágua, num helicóptero fornecido pelas autoridades; nenhum seqüestrador é preso (26).

NIGÉRIA – É proibida a publicação de vários jornais – incluindo os pertencentes ao oposicionista eleito Moshud Abiola – e estipuladas multas e pena de dez anos de prisão para quem publicar "mentiras ou boatos" (16) • Greve geral exige que Abiola seja empossado na presidência (25) • O pres. Ibrahim Babangida entrega o poder ao pres. interino Ernest Shonekan (25) • Greve do setor petrolífero e do gás natural continua exigindo a posse de Abiola (28).

ORIENTE MÉDIO – Faiçal al-Husseini, Hanan Ashráui e Saeb Erekat, da delegação palestina às negociações árabe-israelenses sobre a paz no Oriente Médio, renunciam a seus cargos, pois discordam das negociações de paz Israel/OLP; mas voltam atrás após reunião com Yasser Arafat, em Túnis (8 e 9) • Israel autoriza a seus ministros negociar diretamente com a OLP (10) • Os palestinos deportados para o sul do Líbano aceitam o repatriamento por etapas (13) • É aprovada, em Israel, a concessão de autonomia à Faixa de Gaza e a Jericó, onde será instalada uma administração palestina; Ahmed Jibril, da Frente Popular de Libertação da Palestina/Comando Geral, ameaça matar Arafat por ter aceito esse acordo com Israel; o Movimento de Resistência Islâmica Hamás promete a guerra civil nos territórios ocupados; começa a 11ª rodada de negociações árabe-israelenses (30).

PERU – É aprovada emenda constitucional que cria a pena de morte para terroristas (4); mas como a lei não é retroativa, não poderá ser aplicada a Abimael Guzmán, líder do Sendero Luminoso (4).

RÚSSIA – O Parlamento cancela o decreto do pres. Borís Iéltsin, que acelera a privatização das estatais (5), mas Iéltsin divulga novo plano para dinamizar as reformas econômicas (6), responsabiliza seus ministros pelo andamento da desestatização (10) e ameaça dissolver o Parlamento se os deputados não anteciparem as eleições legislativas de 1995 (12) • O mal. Ievguêni Shaposhnikov renuncia à chefia do Conselho de Segurança Nacional, pois Iéltsin tirou de suas mãos a responsabilidade pelas armas nucleares (11) • São interrompidas as negociações com a Lituânia sobre a retirada das tropas russas (22); mas, depois de novos contatos diplomáticos, as últimas tropas russas saem do país (31) • Iéltsin assina, com o pres. Lech Walesa, da Polônia, acordo sobre a construção de um gasoduto que irá do norte da Rússia à Alemanha, passando pelo território polonês (25).

SOMÁLIA – Quatro soldados americanos morrem numa emboscada dos guerrilheiros em Mogadíscio (8) • A Itália tira suas tropas devido às divergências com a ONU sobre os objetivos da missão de paz (12).

TADJIQUISTÃO – Apoiado por tropas russas, o Exército ataca, perto do Afeganistão, rebeldes islâmicos contrários ao governo formado por ex-comunistas que firmaram acordo de defesa com Moscou (1).

TIBETE – O dalai-lama renuncia à independência completa para seu país, optando por obter da China a autonomia relativa, como forma de impedir o "genocídio cultural" por que seu povo está passando (12).

TOGO – Num pleito boicotado pela oposição, o pres. Gnassingbê Eyadema é reeleito com 92% dos votos (25).

VATICANO – Pela primeira vez, durante a visita do papa João Paulo II a Denver, nos EUA, sua imagem pode ser explorada comercialmente, em posters, camisetas e botões de lapela (12).

VENEZUELA – O Congresso aprova o *impeachment* definitivo do pres. Carlos Andrés Pérez; Ramón Velásquez terminará seu mandato (31).

OBITUÁRIO

Alfred Manessier: 81 anos, pintor francês, renovou a arte sacra com seus vitrais abstratos; de embolia, num hospital perto de Paris, após um acidente de carro (1). **Stewart Granger:** 80 anos, ator inglês que fez carreira em Hollywood em filmes como *Scaramouche* ou *Fúria no Alasca*; de câncer na próstata, em Santa Mônica, EUA (16). **Tatiana Troyanos:** 54 anos, meio-soprano americana, do elenco estável do Metropolitan Opera House, famosa em papéis como a Dido dos *Troianos*, Cherubino nas *Bodas de Fígaro*, ou Octavian no *Cavaleiro da Rosa*; seu último papel foi o da rainha Isabel em *A viagem*, de Philip Glass, sobre a descoberta da América; de câncer, em Nova York (21). **Edward Palmer Thompson:** 69 anos, historiador britânico, autor de *A formação da classe operária inglesa* (1963), líder pacifista e ecologista, fundador do Movimento Europeu para o Desarmamento Nuclear (1980); de causas não reveladas, em Londres (28).

Setembro

ÁFRICA DO SUL – Manifestação de repúdio à violência interracial paralisa o centro de Johanesburgo (2) • Choques entre grupos negros provocam sessenta mortes em diversas cidades; Nelson Mandela convoca greve geral pedindo a retirada de policiais brancos dos guetos negros (6) • Dezoito organizações formam o Conselho Executivo Provisório multirracial que supervisionará o governo até as eleições de abr. de 1994; o *Inkatha* e a extrema direita branca o rejeitam (7) • O CNA pede à comunidade internacional o fim das sanções econômicas contra o país (8).

ALEMANHA – Derrota dos partidos tradicionais: nas eleições locais de Hamburgo, a UDC, de Helmut Kohl, cai de 35,1% para 25,1%, e os social-democratas, de 48% para 40%; os Verdes dobram sua votação, obtendo 13,5%; a extrema direita consegue 8%, mas não entra no Legislativo estadual; o agrupamento antipartidário "Em vez de", criado em jul., obtém 5,8% (19).

AZERBAIDJÃO – O Parlamento aprova o pedido de reintegração à CEI e de ingresso no Pacto de Defesa Coletiva dessa entidade (20).

BÓSNIA-HERZEGÓVINA – Sérvios e croatas rejeitam o pedido muçulmano de receber mais terra: cria-se impasse nas negociações de paz (1) • Os pres. Alija Izetbegović e Franjo Tudjman, da Croácia, assinam acordo de cessar-fogo e de desmonte dos campos de prisioneiros (14).

CAMBOJA – A nova Constituição é homologada; Norodom Sihanuk é reentronizado; seu filho, princ. Ranaridh, torna-se 1º-ministro (24).

CHINA – É libertado o dissidente Wei Jingsheng, do movimento Muralha da Liberdade, condenado em 1978 por pedir reformas políticas (14).

CUBA – É autorizado o trabalho autônomo, desde que não se utilize pessoal assalariado (9) • São autorizados: cooperativas com gestão autônoma, arrendamento de pequenas porções de terra a camponeses e aumento dos financiamentos agrícolas; mas continua proibida a venda livre dos produtos (15) • O cap. Enio Ravelo Rodríguez, da Força Aérea, deserta levando um caça *MiG-21* para Key West, na Flórida (17) • Discordando da ordem de que se usem armas para reprimir protestos populares, o piloto Leónidas Basulto foge num *MiG-23* para a base americana de Guantánamo (23).

EUA – É apresentado plano de redução do efetivo de defesa de 1,7 milhão para 1,4 milhão de homens, grandes cortes no projeto "Guerra nas Estrelas", desativamento de um porta-aviões e oito esquadrilhas; mas serão mantidos 100 mil soldados na Europa e 100 mil na Ásia, além de doze forças-tarefa lideradas por porta-aviões; e será de-

senvolvido o *V-22*, que decola e pousa como um helicóptero e voa como um avião (1) • O pres. Bill Clinton propõe plano de desburocratização: em cinco anos, serão desativados 252 mil empregos, economizando US$ 108 bilhões (7); e plano de saúde de US$ 350 bilhões em cinco anos, que estenderá os benefícios a 37 milhões de desassistidos e ampliará os benefícios de 20 milhões (22).

FILIPINAS – O corpo do ex-ditador Ferdinand Marcos é recebido, por sua viúva Imelda, filhos e milhares de simpatizantes, no aeroporto de Lacang, sua cidade natal, a 400 km de Manilha (7) • Imelda é condenada a dezoito anos de prisão por corrupção; mas espera a apelação em liberdade (24).

FRANÇA – Agricultores bloqueiam as estradas, em sessenta pontos do país, em protesto contra o acordo agrícola EUA/CEE (15).

GEÓRGIA – Manifestantes fazem o pres. Eduard Shevardnadze retroceder em sua decisão de renunciar em protesto contra a negativa do Congresso em aprovar o estado de emergência (14); a medida é aprovada • Os separatistas, repelidos de Sukhúmi, na Abkházia (18), expulsam o Exército (27) e retomam todo o território abkházio (28 a 30).

GRÃ-BRETANHA – O neonazista Derek Beacon, do Partido Nacional Britânico, ganha as eleições para o conselho administrativo de Tower Hamlets, distrito a leste de Londres (17).

GRÉCIA – O 1º-min. Constantín Mitsotákis renuncia, pois seu partido, Nova Democracia, perdeu a maioria com a saída de um dissidente (9); o pres. Constantín Caramanlis convoca eleições antecipadas.

ÍNDIA – Terremoto de 6.4 graus na escala Richter, em Maharashtra, Karnataka e Andhra Pradesh, deixa 10 mil mortos e 10 mil feridos (29).

ITÁLIA – É ordenada a prisão do juiz Diego Curto, por ter aceito suborno (3) • Marco Freda, tesoureiro do Partido Democrático de Esquerda (ex-PC), é preso por violação da Lei de Financiamento dos Partidos (19).

LÍBIA – O governo concorda em que os dois envolvidos no caso Lockerbie sejam julgados na Escócia, se o desejarem (29) • Londres considera a solução insuficiente e pede à ONU novas sanções contra Trípoli (30).

NICARÁGUA – A pres. Violeta Chamorro afasta o gen. Humberto Ortega do comando do Exército Popular Sandinista (2); este alega que ela não tem poderes para demiti-lo; com apoio dos chanceleres da OEA (3), Chamorro confirma sua demissão (5) • Fracassa a mediação do sec.-geral da OEA, João Baena Soares (8) • Greve dos transportadores, com apoio sandinista, contra o imposto sobre a propriedade de veículos (20): choques com a polícia; o governo suspende a medida (22).

NORUEGA – O Partido Trabalhista vence as eleições e mantém no poder a 1ª-min. Gro Harlem Brundtland (13).

ORIENTE MÉDIO – Israel e Jordânia estabelecem agenda de debates para fixar fronteiras seguras entre os dois países, como passo preliminar que permita chegar a um acordo de paz (4) • A Fatah aprova o acordo Israel/OLP; o grupo Hamás promete a luta armada contra ele (4) • Mohamed Jihad, chefe da ala militar da Fatah, critica o plano por deixar de lado as questões dos refugiados, da anexação de Jerusalém e da construção de colônias judaicas nos territórios ocupados (5) • Judeus protestam, em Jerusalém, contra o acordo (7) • Yasser Arafat (9) e o 1º-min. Itzhak Rabin (10) assinam o reconhecimento recíproco de Israel e da OLP e, em Washington, na presença do pres. Bill Clinton, firmam o acordo de paz (13) • O Irã o condena e convoca os árabes a pegarem em armas contra Israel (14) • A Liga Árabe o aprova mas adverte que tem de ser complementado por entendimentos com os demais países árabes e pela retirada dos territórios ocupados (20) • A *Knesset* o aprova por 61 votos a 51 (23).

POLÔNIA – A Aliança Democrática de Esquerda (ex-PC) vence as eleições, com 20,5% dos votos (173 das 460 cadeiras) contra 15,5% do Partido Popular Camponês, 10,7% da União Democrática, da 1ª-min. Hanna Suchocka, e 5,45% do Bloco de Apoio às Reformas, de Walesa (19).

REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA – Após cumprir sete dos vinte anos a que foi condenado por canibalismo e assassinato de crianças, é libertado o ex-imp. Jean-Bedel Bokassa (1).

RÚSSIA – O pres. Boris Iéltsin demite o vice-pres. Aleksandr Rutskôi e o vice-1º-min. Vladímir Tchumêiko, acusados de corrupção (1) • Rutskôi declara o ato ilegal (2) e o Parlamento anula-o (3) • A guarda presidencial impede Rutskôi de entrar em seu gabinete no Kremlin (6) • Iégor Gáidar, criador do plano de reformas econômicas, volta ao gabinete de Iéltsin (16) • Este dissolve o Parlamento e convoca eleições para 11 e 12/12; tem apoio do 1º-min. Viktor Tchôrnomirdin, mas o min. da Defesa, Pável Gratchóv, mantém-se neutro; o pres. do Parlamento, Ruslán Khásbulatov, convoca sessão de emergência que o destitui e empossa seu vice, Rutskôi; os EUA, a França e a Grã-Bretanha apóiam Iéltsin (21) • Rutskôi convoca campanha de desobediência civil e Iéltsin anuncia eleições presidenciais para jun. de 1994 (23) • Tropas de choque cercam o *Biély Dom* (Casa Branca), sede do Parlamento (24) • Em São Petersburgo, dirigentes de 40 das 68 regiões da Federação Russa pedem eleições presidenciais e legislativas simultâneas; em Moscou, 15 mil pessoas apóiam Iéltsin (26) • O *Biély Dom* é cercado com arame farpado, seus guardas recebem prazo de 24 horas para depor armas, prazo depois prorrogado até 4/10 (28) • O patriarca da Igreja Ortodoxa pede negociações para evitar a guerra civil (30).

SOMÁLIA – Guerrilheiros de Mohamed Aidid atacam tropas da ONU em Pasta, ao sul de Mogadíscio, matando sete soldados nigerianos; em represália, os EUA bombardeiam supostas posições da guerrilha (5) • Cem somalis e um soldado paquistanês morrem no bombardeio americano da multidão que cercava tropas da ONU em Mogadíscio (9) • Três soldados americanos morrem na derrubada de seu helicóptero por guerrilheiros; seis soldados da Força de Paz ficam feridos numa emboscada (25).

UCRÂNIA – Acordo passa para a Rússia o controle da frota do mar Negro; petróleo e energia serão fornecidos como amortização da dívida ucraniana de US$ 2,5 bilhões; serão devolvidas à Rússia 1.800 ogivas nucleares que seriam desmanteladas; em troca, a Ucrânia receberá urânio não enriquecido para suas usinas nucleares (3).

OBITUÁRIO

Hervé Villechaize: 50 anos, ator francês, famoso como o anão Tatoo, do seriado de TV *A Ilha da Fantasia*; suicidou-se devido a sérios problemas de saúde, em Los Angeles (4). **Fernand Ledoux:** 96 anos, ator belga que participou, na França, de mais de oitocentas peças de teatro e 150 filmes (o último foi *Os Miseráveis*, de Robert Hossein, em 1983); de disfunções orgânicas causadas pela idade avançada, em Vilerville, França (21). **Nina Berberôva:** 92 anos, escritora russa radicada nos EUA, autora de biografias de Tchaikóvski e Borodín, professora em Yale e Princeton; de distúrbios cardíacos, em Filadélfia (27). **Bruno Pontecorvo:** 80 anos, físico nuclear italiano, um dos criadores da bomba-A no Ocidente; em 1950, desertou para a URSS; de causas não reveladas, em Moscou (27).

Outubro

ÁFRICA DO SUL – Reconhecendo ter havido progressos rumo à democracia racial, a ONU suspende as sanções ao país, com exceção do embargo à venda de armas (8) • O imigrante polonês Janusz Walus e o deputado pró-*apartheid* Clive Derby-Lewis são condenados à morte pelo assassinato do sec.-geral do PC, Chris Hani; Gaye Derby-Lewis, mulher do deputado, é absolvida (15).

ARGENTINA – O Partido Justicialista vence as eleições legislativas, com 42% dos votos, contra 31% dos radicais (3).

BURUNDI – Golpe do 2º Batalhão de Pára-quedistas, da etnia tutsi, derruba o hutu pres. Michel Ndadaye, que é fuzilado (21); em represália, os hutu massacram membros da comunidade tutsi; os golpistas, reconhecendo o fracasso, propõem acordo à 1ª-min. Sylvie Knigi, asilada na embaixada da França; ela decreta o fim do toque de recolher (28) ● Ruanda, Tanzânia e Zaire mandam ao país uma força de paz, para pôr fim à guerra tribal (29).

CANADÁ – O Partido Liberal vence as eleições gerais e conquista 178 das 259 cadeiras no Parlamento; o governista Partido Conservador elege apenas dois deputados (25) ● O 1º-min. Jean Chrétien, do PL, pede a renegociação do NAFTA com os EUA e o México (26).

CUBA – Durante uma excursão à Espanha, metade dos membros da Companhia de Balé de Cuba, de Alicia Alonso – incluindo uma de suas diretoras, Olga Bustamante, e o primeiro bailarino, Eduardo Veitía –, decide ficar em Madri, alegando ter ali melhores condições de trabalho (13).

EGITO – O pres. Hosni Mubarak vence, com 90% dos votos, plebiscito que lhe dá o terceiro mandato consecutivo de seis anos (4).

ESPANHA – O gen. Dionisio Herrera é assassinado, em Madri, por três homens, provavelmente pertencentes ao grupo basco ETA (19) ● Universitários, em greve contra o aumento de 14% na taxa de matrícula e a má qualidade do ensino, pedem universidade gratuita (27).

EUA – Um incêndio queima 40 mil ha de florestas, destrói seiscentas casas e força a evacuação de 30 mil pessoas no sul da Califórnia, das proximidades de Los Angeles à fronteira mexicana (28 a 31).

EUROPA – São criados o Instituto Monetário Europeu, embrião do futuro Banco Central Europeu, com sede em Frankfurt, na Alemanha; a Europol, polícia continental (Haia), a Agência Européia do Meio Ambiente (Copenhague), o Escritório Central de Patentes (Madri) e a Agência Central de Medicamentos, sediada em Lisboa (29).

FRANÇA – Greve dos transportes coletivos e trens em protesto contra a política econômica do 1º-min. Edouard Balladur (12) ● Os trabalhadores fecham o centro de Paris para exigir medidas contra o desemprego (15) ● A central sindical socialista CFDT propõe meio expediente e a semana de quatro dias como solução (16) ● Os aeroviários entram em greve contra o plano de reestruturação da empresa, que prevê a demissão de 4 mil pessoas (20) ● O pres. da Air France, Bernard Attali, renuncia (24) ● O plano de reestruturação é retirado (24), mas a greve só termina no dia 27.

GEÓRGIA – O Exército é derrotado pelos separatistas abkházios; os adeptos do ex-pres. Zviad Gamsakhúrdia tomam o porto de Poti, no mar Negro (2), logo retomado pelo Exército (20) ● O país ingressa na CEI, como forma de obter o apoio da Rússia na luta contra os rebeldes (8).

GRÃ-BRETANHA – Uma bomba explode, em Belfast, na Irlanda do Norte, matando 10 pessoas e ferindo 57; os protestantes revidam matando dois trabalhadores católicos e ferindo outros cinco (26) e, no Dia das Bruxas, metralhando sete pessoas em um bar (31).

GRÉCIA – O Movimento Socialista Pan-helênico, do ex-1º-min. Andreas Papandreu, vence as eleições gerais e conquista 171 deputados no Parlamento (10).

HAITI – Um navio com duzentos soldados americanos é impedido de desembarcar em Porto Príncipe, e homens armados hostilizam os jornalistas e diplomatas que os esperavam, como parte da campanha para bloquear o retorno do pres. Jean-Bertrand Aristide (11) ● O pres. Bill Clinton pede o retorno das sanções contra o governo militar, que não cumpriu o acordo com a ONU em jul. (12). O Conselho de Segurança aprova a volta das sanções, incluindo o embargo das contas bancárias dos militares no exterior (13) ● O min. da Justiça, Guy Malary, é assassinado por pistoleiros não identificados (14) ● Clinton ordena o bloqueio naval do país, para garantir o respeito às sanções (15) ● Aristide pede, na ONU, o bloqueio total ao país (28).

ÍNDIA – Há 25 mortos e 200 feridos na repressão aos protestos contra o cerco à mesquita de Hazratbal, no Jammu-Cachemira, ocupada desde 16/10 por guerrilheiros separatistas muçulmanos (22).

ITÁLIA – O Parlamento aprova limitações à imunidade parlamentar, para que haja mais liberdade na investigação dos casos de corrupção (28) ● O pres. da Olivetti, Carlo de Benedetti, que se encontra foragido, tem sua ordem de prisão decretada por corrupção (30).

JAPÃO – O vice-pres. da Kajima, Shiji Kiyoyama, é preso acusado de corrupção e de subornar políticos para obter contratos (26).

ORIENTE MÉDIO – Em Túnis, o Conselho Central da OLP ratifica o acordo por 63 votos a 8 e onze abstenções (11) ● Israel aumenta de 4 mil para 5 mil o número de exilados que poderão retornar, a cada ano, para os territórios ocupados (13) ● São libertados 660 presos palestinos, entre eles Salim al-Zrei, condenado à prisão perpétua em 1970 (19 a 25) ● Assad Safтáui, assessor de Yasser Arafat, é assassinado na Faixa de Gaza por militantes do Hamás, opostos ao acordo com Israel (21).

PAQUISTÃO – O Partido Popular do Paquistão, de Benazir Buto, vence as eleições e conquista 86 cadeiras no Parlamento, contra 72 do ex-1º-min. Nauaz Sharif (5); Benazir é eleita 1ª-ministra pelo novo Congresso (19).

PERU – O senderista Abimael Guzmán escreve, do presídio de Callao, carta ao pres. Alberto Fujimori, pedindo negociações para pôr fim à luta armada (1) ● A ala do Sendero que rejeita as negociações faz atentado com carro-bomba (26) ● É aprovada, em plebiscito, por 52,9% contra 47,1%, a nova Constituição, que permite a Fujimori candidatar-se à reeleição (31).

POLÔNIA – A Aliança de Esquerda Democrática e o Partido Popular Camponês formam coligação (13) de que sai o novo chefe de governo (18): Waldemar Pawlak, do PPC.

RÚSSIA – Fracassam as negociações entre o pres. Boris Iéltsin e os deputados (1) ● O vice-pres. Aleksandr Rutskôi conclama os policiais e soldados a se unirem aos rebeldes; oito pessoas morrem na tentativa de voluntários armados de tomar a TV estatal; a prefeitura de Moscou também é invadida; Iéltsin declara o estado de emergência e ordena à tropa sufocar o levante (3) ● O *Biély Dom* (Casa Branca) é atacado com tanques: 187 pessoas morrem nos combates; Rutskôi e o pres. do Parlamento, Ruslán Khásbulatov, se rendem ao min. da Defesa, gen. Pável Gratchóv; Iéltsin bane partidos de oposição, entre eles o PC e a Frente de Salvação Nacional; o ataque é apoiado pelos EUA, Grã-Bretanha e Alemanha (4) ● As eleições gerais e municipais são marcadas para 12/12, é suspensa a censura à imprensa; o pres. do Tribunal Constitucional, Valiéry Zórkin, tem de renunciar (6) e as atividades de seu tribunal são suspensas; decreto dá ao Executivo o poder de nomear ou demitir chefes das administrações regionais (7) ● O PC e o Partido da Rússia Livre são suspensos (8) ● Vinte partidos de oposição são banidos, mas é suspenso o veto ao PC, que poderá concorrer às eleições (19) ● É liberada a compra, venda e posse de propriedade privada da terra por pessoas e empresas, exceção feita a estrangeiros, que podem apenas arrendá-la (27).

SOMÁLIA – Dois helicópteros são derrubados, doze soldados americanos morrem e 75 ficam feridos durante busca, no bairro do mercado de Bakará, em Mogadíscio, do suposto esconderijo de Mohamed Aidid (3) ● O pres. Bill Clinton envia reforço para proteger seus soldados (4) ● 25 deputados e senadores republicanos exigem a retirada das tropas americanas (5) ● A televisão ABC demonstra que 64% da população deseja o retorno das tropas (5) ● Um soldado americano morre no bombardeio

do aeroporto de Mogadíscio por tropas de Aidid (7) • Aidid liberta o piloto americano Michael Durant e o soldado nigeriano Umaru Shantal; em troca, pede a libertação de guerrilheiros presos pela Força de Paz da ONU (14).

SUÉCIA – São contemplados, em 1993, pela Academia de Ciências: **Literatura** – a romancista Tony Morrison (EUA), autora, entre outros, de *Amada* e *Pérola Negra* • **Medicina** – Philip Sharp e Richard Roberts (EUA), pela descoberta de que um gene pode conter não um mas vários segmentos de ácido desoxirribonucléico (ADN), separados por um ADN neutro • **Economia** – Robert Fogel e Douglas North (EUA), por pesquisas sobre a história da economia • **Química** – Kary B. Mullis (EUA) e Michael Smith (Canadá), pela criação de métodos de intervenção na química do ADN • **Física** – Russell Hulse e Joseph Taylor (EUA), pela descoberta do pulsar binário, que confirma a existência das ondas gravitacionais, previstas na Teoria da Relatividade de Albert Einstein • **Paz** – Pres. Frederik de Klerk, da África do Sul, e Nelson Mandela, líder do Congresso Nacional Africano, pelo esforço para pôr fim ao regime do *apartheid*.

VATICANO – O papa João Paulo II publica sua décima encíclica, *Veritatis Splendor* (O esplendor da verdade), sobre os problemas levantados pela moral e a ética na sociedade moderna e na Igreja (5).

OBITUÁRIO

Paolo Bortoluzzi: 55 anos, bailarino e coreógrafo italiano, ex-primeiro bailarino dos Ballets du XXème Siècle, de Maurice Béjart, e diretor do corpo de baile do Grand Théâtre de Bordeaux; de derrame cerebral, em Bruxelas, na Bélgica (17). **Vincent Price:** 82 anos, ator de cinema americano, especializado em filmes de terror como *O corvo, Dr. Phibes* ou *O teatro dos horrores*; de câncer no pulmão, em Los Angeles (26). **Federico Fellini:** 73 anos, diretor de cinema italiano, autor de 21 filmes que evoluíram do estilo neo-realista para um clima onírico, quase surrealista, muito pessoal; *A estrada da vida, A doce vida, 8 1/2, Satyricon, Amarcord* foram algumas de suas maiores realizações; de parada cardíaca, depois de um derrame, em Roma (31). **River Phoenix:** 22 anos, ator de cinema americano, notabilizou-se em *Conta comigo*, de Carl Reiner, e *Garotos de programa*, de Gus van Sant; de uma dose excessiva de drogas, em Los Angeles (31).

Novembro

ÁFRICA DO SUL – Reunidos em Pretória, os representantes de quinze países do continente assinam tratado criando o Mercado Comum do Sul e do Leste da África, previsto para entrar em funcionamento no ano 2000 (5) • O pres. Frederik de Klerk e Nelson Mandela assinam a Constituição provisória não-racial, que dá direito de voto à maioria negra (17), aprovado por 21 partidos e organizações multirraciais (18) • A Frente do Povo Africâner negocia com o CNA a reivindicação de um território autônomo para a comunidade branca (18).

ALEMANHA – A Volkswagen e o sindicato *IG Metall* combinam a introdução, em 1º/1/1994, da semana de quatro dias, em troca da diminuição de 10% nos salários, para economizar US$ 2 bilhões (25) • Werner Münsch, gov. do Estado da Saxônia-Anhalt, renuncia por ter sido acusado de receber indevidamente, durante dois anos, salários no valor de US$ 117 mil (28).

BÉLGICA – Greve dos transportes, bancos, correios, escolas e fábricas (24), contra o plano de austeridade do 1º-min. Jean-Luc Dehaene, que prevê congelamento de salários por três anos, cortes de benefícios sociais e aumento dos impostos, torna-se geral durante 24 h, por convocação das centrais sindicais CSC, democrata-cristã, e FGTB, socialista (26).

CORÉIA DO SUL – Chung Ju-Yung, pres. da *holding* Hyundai, é condenado a três anos de prisão por desvio de dinheiro, corrupção e fraude eleitoral em 1992; espera a apelação em liberdade (1).

ESPANHA – Manifestação estudantil contra a política educacional do governo mobiliza 1,5 milhão de jovens em Madri; há nove presos (25).

EUA – O Partido Democrata é derrotado nas eleições para a prefeitura de Nova York, onde David Dinkins perde para o republicano Rudolph Giuliani; para o governo estadual de Nova Jersey, onde Christie Whitman vence Jim Florio; e o da Virgínia, onde George Allen, ao ganhar da promotora Mary Sue Terry, torna-se o primeiro governador republicano em doze anos (2) • É aprovada, pelo Senado, a criação de um fundo de US$ 22 bilhões para combater a violência nas ruas, construir mais prisões, contratar 100 mil novos policiais e criar programas de prevenção ao crime; os recursos virão de um plano de redução dos empregos federais que prevê a eliminação de 252 mil cargos entre 1994 e 1998 (4) • É aprovada, pela Câmara dos Deputados, a Lei Brady, de controle de armas, que estipula o prazo de cinco dias para a entrega da arma a seu comprador, dando tempo de verificar se tem antecedentes criminais ou indícios de comportamento violento (11) • O Senado aprova emenda a essa lei proibindo a venda, posse e produção de armas semi-automáticas, estabelece orçamento de US$ 22 bilhões para combater a violência e prevê prisão perpétua para quem tenha sido condenado pela terceira vez num tribunal federal (11) • A Lei Brady é aprovada pelo Senado (20) • O NAFTA é aprovado pela Câmara dos Deputados (234 votos contra 200) (18).

EUROPA – Entra em vigor o Tratado de Maastricht, sobre a unificação européia (1).

FRANÇA – Mineiros da estatal Charbonnages de France chocam-se com a polícia, em Metz, ao protestar contra o plano de demissão de quinhentos trabalhadores (24).

GRÃ-BRETANHA – Robert Thompson e John Venables, ambos com 11 anos, são condenados ao equivalente à prisão perpétua pelo rapto e assassinato de John Bulger, de 2 anos (24).

HONDURAS – O liberal Carlos Roberto Reina derrota o governista Partido Nacional, nas eleições presidenciais, obtendo 53% dos votos (29).

ITÁLIA – Carlo de Benedetti, dono da Olivetti, é colocado em prisão domiciliar (3) • O pres. Oscar Luigi Scalfaro nega a acusação, feita por Antonio Galati, ex-tesoureiro do Sisde, o serviço secreto, de que se apropriou de fundos especiais do órgão quando era o min. do Interior (3) · Carlo Sama, ex-dir. do grupo Ferruzzi, denuncia o uso do Banco do Vaticano para lavar dinheiro de suborno pago a políticos (5) • É emitida a ordem de prisão contra Oliviero Prunas, vice-dir. do Banco de Roma, e Matilde Martucci, do Sisde, acusados de manipular dinheiro do "fundo negro" do serviço secreto (8); Prunas, já envolvido no escândalo Enimont, está foragido • É preso Francesco Caltagirone, o "rei do cimento", por suborno e corrupção (10) • É preso Sergio Cragnotti, pres. da Cragnotti & Partners, que controla no Brasil a Bombril e a Orniex, por envolvimento no escândalo Enimont (19) • A DCI é derrotada nas eleições municipais de 428 cidades: em Roma, Nápoles, Trieste, Veneza, Gênova e Palermo, nem sequer chega ao segundo turno (21).

JORDÂNIA – Os candidatos moderados conquistam 59 das oitentas cadeiras no Parlamento (9); os fundamentalistas da Frente de Ação Islâmica caem de 22 para dezesseis deputados.

LÍBIA – O Conselho de Segurança da ONU congela depósitos e investimentos líbios em bancos do exterior e suspende a venda, para o país, de equipamentos petrolíferos, devido à recusa do governo de entregar os dois acusados do atentado de Lockerbie, em 1988 (11).

NIGÉRIA – O pres. interino Ernest Shonekan decide entregar o poder ao min. da Defesa, gen. Sani Abacha, comandante das Forças Armadas (17/11), depois que uma greve geral faz o controle escapar de suas mãos; Abacha assume o cargo ditatorialmente.

ORIENTE MÉDIO – É assassinado, em Sidon, Muín Shabeita, líder da Fatah no Líbano (15); nenhum grupo reivindica a operação • Agentes israelenses infiltrados matam, na Faixa de Gaza, Imad Akel, com. do Ezzedin al-Kassem, braço armado do Hamás; 37 pessoas ficam feridas nos protestos contra sua morte (25); é morto Khaled al-Zir, líder militar do Hamás (26).

PORTO RICO – Em referendo, 48,4% do eleitorado optam pela manutenção do estatuto de Estado Livre Associado; 46,2% optam pela plena integração aos EUA e 4,4%, pela independência total (14).

RÚSSIA – A Nova Doutrina de Defesa, divulgada pelo gen. Pável Gratchóv, prevê a possibilidade do uso de armas nucleares em caso de ameaça externa (a ex-URSS tinha proscrito essa iniciativa de um ataque atômico); o poderio militar pode ser usado para sufocar rebeliões internas ou participar de missões de paz no exterior; até 1998, será criada uma "força de ação rápida" (3) • É divulgado o projeto da nova Constituição, que institui um regime presidencialista, estabelece um Estado unificado, nega o direito de secessão às unidades da Federação, consagra a propriedade privada e os direitos individuais, dá ao presidente o direito de dissolver o Parlamento, se este rejeitar três vezes sua indicação de 1º-ministro ou votar uma moção de censura ao governo, e lhe possibilita nomear ministros, juízes do Supremo Tribunal, do Tribunal Constitucional e o pres. do Banco Central; o Parlamento precisará de dois terços para derrubar um veto presidencial (9) • Entre os partidos autorizados a participar das eleições legislativas estão a Opção Rússia, de Iéltsin e Igor Gáidar; a Unidade e Acordo, do vice-1º-min. Serguêi Tchákhrai; a União Cívica, coalizão tripartidária de Arkádi Vólski, pres. da Associação Industrial e Empresarial; o Partido Liberal Democrático, do extremista de direita Vladímir Jirinóvski; o Partido Democrático da Rússia, de Nikolái Trávkin; e o Movimento de Reformas Democráticas, do pref. de São Petersburgo, Anatóli Sóbtchak, e do ex-pref. de Moscou, Gavriil Popóv; o Partido Comunista da Rússia, de Guennádi Ziugânov; e o Partido Agrário (10) • É fechado, por ordem de Iéltsin, o Museu Lênin, com relíquias da Revolução comunista, que funcionava na praça Vermelha desde 1936 (16).

SOMÁLIA – O Conselho de Segurança da ONU suspende a perseguição ao gen. Mohamed Farah Aidid e cria comissão de inquérito sobre os ataques à Força de Paz (16).

SRI LANKA – Os Tigres da Libertação Tâmil cercam a base de Puneryn, que controla o acesso à península de Jaffna, e matam centenas de soldados (12).

TURQUIA – Fracassam as negociações dos curdos com o gov. da 1ª-min. Tansu Çiller; ataques terroristas sincronizados atingem alvos turcos em sete países da Europa (4) • A Alemanha bane o Partido dos Trabalhadores Curdos e 35 clubes e organizações de solidariedade ligados a ele (26).

UCRÂNIA – O Parlamento ratifica o Tratado START-1 sobre desarmamento (254 x 9); mas a implementação está condicionada ao compromisso dos países nuclearizados de não atacarem a Ucrânia e de lhe pagarem indenização pelo desmantelamento de seu arsenal atômico (18).

VATICANO – Em entrevista ao jornal *La Stampa*, de Turim, o papa João Paulo II condena o capitalismo desenfreado e diz que "o comunismo, apesar de todos os seus defeitos, tinha aspectos positivos e sementes de verdade que devem ser preservados" (2).

OBITUÁRIO

Severo Ochoa Albornoz: 88 anos, médico espanhol, prêmio Nobel de Medicina em 1959 por suas pesquisas sobre o ADN; de pneumonia, em Madri (2). **Mario Cecchi Gori**: 73 anos, produtor de cinema e proprietário do time de futebol Fiorentina; de *enfarte*, em Roma (5). **Robert Haldeman**: 67 anos, político americano, era o chefe de gabinete do pres. Richard Nixon durante o escândalo Watergate; condenado em 1975 por perjúrio, conspiração e obstrução da justiça, passou dezoito meses na cadeia; de câncer, em Santa Bárbara, Califórnia (12). **Emile Ardolino**: 50 anos, diretor de cinema americano, seus maiores sucessos foram *Dirty dancing*, com Patrick Swayze, e *Mudança de hábito*, com Whoopi Goldberg; Oscar de melhor documentário, em 1983, com *He makes me feel like dancing*; de AIDS, em Los Angeles (20). **Bill Bixby**: 59 anos, ator americano de cinema e televisão; seu papel mais famoso foi o do Dr. David Bennett, o médico que se transformava no incrível Hulk; de câncer, em Los Angeles (21). **Albert Collins**: 61 anos, cantor e guitarrista americano, especializado em blues de temática urbana, ganhador do prêmio Grammy, de 1986, com o álbum *Showdown*; de câncer, em Las vegas (24). **Anthony Burgess**: 76 anos, escritor britânico, autor de *Laranja mecânica*, filmado por Stanley Kubrick, e de outros sucessos: *Sinfonia Napoleão*, *As últimas notícias do mundo* e *Poderes terrenos*; era também compositor; de câncer, em Londres (25).

Dezembro

ÁFRICA DO SUL – Toma posse o Conselho Executivo de Transição, organismo que reúne dezenove partidos e organizações encarregadas de monitorar as decisões do governo até as eleições de abr. de 1994 (7) • Em conseqüência, é suspenso o embargo à venda de petróleo, decretado pela ONU em 1974; mas continua em vigor o embargo à venda de armas (9) • Por 237 votos a 45, é aprovada a nova Constituição, que põe oficialmente fim ao *apartheid* (23).

ALEMANHA – O Partido Social Democrata vence as eleições do Estado de Brandenburgo, no setor oriental, com 36% dos votos; os ex-comunistas ficam com 22% e a governista União Democrata Cristã, com 20% (5) • Markus Wolf, ex-chefe do serviço de espionagem do setor oriental, é condenado a seis anos de prisão por traição e suborno (6) • Os neonazistas Michael Peters, de 26 anos, e Lars Christiansen, de 20, são condenados à prisão perpétua e a dez anos de cárcere, respectivamente, pelo assassinato de três mulheres turcas, em Mölln, em nov. de 1992 (8).

ANGOLA – É assinado, na Zâmbia, um cessar-fogo entre o governo e os rebeldes de direita da UNITA (3).

ARGENTINA – Os partidos Justicialista (no poder) e Radical assinam acordo comprometendo-se a promover a reforma da Constituição de 1853, o que permitirá a candidatura do pres. Carlos Menem à reeleição (13) • Cinqüenta pessoas ficam feridas nos protestos dos funcionários públicos do Estado de Santiago del Estero contra o atraso nos salários e a ameaça do gov. Fernando Lobo de demitir milhares de servidores; a sede do governo é incendiada e lojas saqueadas; há 120 feridos e 160 presos (16) • O pres. Carlos Menem ordena a intervenção na província (17) • Pesquisa do jornal *Página 12* demonstra que 70% da população aprova os protestos da população de Santiago del Estero (26).

ÁUSTRIA – O pref. de Viena, Helmut Zilk, perde parte da mão esquerda na explosão de uma carta-bomba enviada pelos neonazistas do Comando Conde Rüdiger von Starhemberg (6).

BÓSNIA-HERZEGÓVINA – Os chanceleres da União Européia, em reunião com os representantes das facções em luta, negociam um cessar-fogo de Natal sem data para terminar (22).

BURUNDI – O chanceler Sylvestre Ntibantunganya, eleito pres. da Assembléia Nacional, torna-se o candidato natural a suceder interinamente o pres. Ndadaye, assassinado no golpe de out. (23).

CANADÁ – O governo anuncia que ratificará o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) se

conseguir uma declaração americano-mexicana de que, em dois anos, certos pontos do acordo serão renegociados (2).

CHILE – O candidato governista sen. Eduardo Frei vence as eleições presidenciais com 58,1% dos votos (11).

COLÔMBIA – Pablo Escobar Gaviria, chefe do Cartel de Medellín, é morto num tiroteio, no bairro La América dessa cidade (2), por policiais que conseguiram interceptar um telefonema seu para a família.

CORÉIA DO SUL – O 1°-min. Huang In-sung renuncia devido à rejeição à sua decisão de aceitar as diretrizes do GATT sobre importação de arroz; é substituído pelo juiz Li Hoi-chang, que se tornou conhecido liderando os processos contra a corrupção nos altos escalões (16).

COSTA DO MARFIM – Morre o pres. Félix Houphouët-Boigny; o pres. do Parlamento, Henri Konan Bedié (7), o substitui.

CUBA – Alina Fernández Revuelta, filha do pres. Fidel Castro, foge para os EUA, onde obtém asilo (22) • Atendendo a um pedido que ela fez em entrevista coletiva, as autoridades cubanas autorizam sua filha, Alina María, a ir juntar-se a ela (27).

EUA – O sec. da Defesa, Les Aspin, renuncia por motivo de saúde (15) e é substituído pelo alm. reformado Robert Ray Inman (16).

FRANÇA – A Assembléia Nacional suspende a imunidade do dep. Bernard Tapie, do Partido Socialista, acusado de irregularidades financeiras na direção da empresa Testut, e de subornar jogadores do Valenciennes para garantir, no campeonato nacional, a vitória do Olympique, de Marselha, de que é o presidente (7).

GEÓRGIA – A mulher do ex-pres. Zviad Gamsakhúrdia informa que, cercado pelas tropas federais, ele preferiu se suicidar para não ser preso (31).

GRÃ-BRETANHA – É assinada, com a Irlanda, declaração conjunta que prevê o direito do povo norte-irlandês à autodeterminação e abre mão do interesse britânico em manter o Ulster, por razões econômicas ou estratégicas; o status político definitivo da região fica pendente da convocação de um plebiscito (15).

HUNGRIA – Morre, de câncer linfático, o 1°-min. József Antall; o min. do Interior, Péter Boross, que já o substituía interinamente, é confirmado no cargo (12).

ITÁLIA – O sen. Severino Citaristi, ex-tesoureiro da Democracia Cristã, admite ter tido vários encontros com Raul Gardini – que se suicidou – e Carlo Sama, ex-diretores dos grupos Ferruzzi e Montedison, para receber milhares de dólares de suborno ao partido; afirma ter agido sob ordens de Ciriaco de Mita e Arnaldo Forlani, ex-líderes da DC (1) • Os candidatos do Partido Democrático de Esquerda (ex-PC) vencem o segundo turno das eleições municipais em Roma, Nápoles, Veneza, Gênova e Trieste (5) • O tesoureiro da Liga Lombarda, Alessandro Patelli, é preso por corrupção, acusado de receber de Carlo Sama contribuições ilegais para a campanha eleitoral de seu partido de extrema direita (7).

IUGOSLÁVIA – O Partido Socialista, do pres. Slobodan Milošević, vence as eleições sérvias, com 123 deputados, contra 45 da coligação oposicionista Depos (19).

JAPÃO – O min. da Defesa, Keisuke Nakanishi, renuncia após criticar a Constituição de 1947, que limita a participação militar do país no plano internacional (2), e é substituído por Kazuo Aichi, também membro, como ele, do *Shinseito* (Partido do Renascimento) (3).

MACEDÔNIA – O país é reconhecido pela Alemanha, França, Grã-Bretanha, Dinamarca e Holanda, que estabelecem com ele relações diplomáticas (16).

ORIENTE MÉDIO – A OLP admite a existência de um impasse, nas negociações com Israel, para a implementação do acordo de 13/9, e pede ajuda aos EUA para que convença os israelenses a iniciarem, em 13/12, a retirada de suas tropas estacionadas nos territórios ocupados (2) • O porta-voz da OLP, Hanan Ashráui, recusa o cargo de representante em Washington e sai da organização, para montar uma agência de monitoramento dos direitos humanos nas áreas a serem administradas pelos palestinos (10) • Às vésperas do prazo marcado para o início da retirada, Yasser Arafat e o 1°-min. Itzhak Rabin se reúnem, no Cairo, adiam a data para a saída das tropas e marcam novas negociações para o início de 1994 (12) • Israel autoriza o regresso dos 197 deportados palestinos que ainda estavam no sul do Líbano (15); todos eles, ao voltar, são presos para interrogatório.

PORTUGAL – O governista Partido Social Democrata é derrotado, nas eleições municipais, pela aliança socialistas/comunistas, que obtém 50% dos votos (12).

RÚSSIA – É aprovado, por 60% dos votos, o projeto de Constituição que cria um regime presidencialista; nas eleições legislativas, o Partido Liberal Democrático, do direitista Vladímir Jirinóvski, obtém 65 deputados, contra 108 do bloco de partidos reformistas, 80 dos comunistas e 130 independentes (12) • É extinto o Ministério da Segurança, que tinha sucedido o KGB, a polícia política da ex-URSS (21) • Quatro homens armados, que afirmam estar com AIDS, seqüestram, em Rostóv, no sul do país, quinze estudantes e um professor; levando doze reféns, exigem um helicóptero com o qual pretendem fugir para o Irã; mas vão apenas até Krasnodár (23) e, depois, até Guerzél, mais ao sul, onde libertam os últimos reféns; são presos pela polícia (27), que recupera parte do resgate de US$ 10 milhões.

VATICANO – É assinado, em Jerusalém, o acordo de reconhecimento mútuo com Israel (30); os dois países trocarão representantes que serão em breve elevados à categoria de embaixador e iniciarão negociações sobre o estatuto religioso de Jerusalém, as propriedades da Igreja na Terra Santa e os impostos que elas terão de pagar.

VENEZUELA – Rafael Caldera, candidato da coligação partidária Convergência, de centro-esquerda, vence as eleições presidenciais (5).

OBITUÁRIO

Don Ameche: 85 anos, ator americano, galã de filmes românticos nas décadas de 30/40, fez um retorno nos anos 80, ganhando o Oscar de coadjuvante pelo filme *Cocoon*; de câncer, no Arizona (6). **Félix Houphouët-Boigny:** 88 anos, pres. da Costa do Marfim desde sua independência, em 1960, sendo reeleito seis vezes; de câncer, em Abidjã (7). **Wolfgang Paul:** 80 anos, cientista alemão, ganhou o prêmio Nobel de Física, em 1989, juntamente com os americanos Norman Ramsey e Hans Dehmelt, pela contribuição ao desenvolvimento do espectroscópio atômico de precisão; de causas não reveladas, em Bonn (8). **József Antall:** 1°-min. da Hungria, o primeiro chefe de governo da fase pós-comunismo; de câncer linfático, em Budapeste (12). **Mirna Loy:** 88 anos, atriz americana de grande sucesso nas décadas de 30/40; em 1991, recebeu um Oscar pelo conjunto de sua obra; de distúrbios causados pela idade avançada, em Nova York (14). **Silvina Ocampo:** 90 anos, escritora argentina, esposa de Adolfo Bioy Casares; juntamente com seu marido e Jorge Luis Borges, foi responsável pelo movimento que renovou a literatura de seu país nos anos 40/50; de uma enfermidade no sistema nervoso central, em Buenos Aires (15). **Kakuei Tanaka:** 75 anos, político japonês, 1°-ministro entre 1972 e 1974 e dirigente do Partido Liberal Democrático por 38 anos; sua carreira foi abalada por escândalos de corrupção: em 1976, foi preso, acusado de ter recebido US$ 2 milhões em suborno da empresa britânica Lockheed, fabricante de aviões; de pneumonia, em Tóquio (16). **William Shirer:** 89 anos, jornalista e historiador americano; seu livro mais conhecido é *Ascensão e queda do III Reich*, que chegou a ser filmado; de problemas cardíacos, em Boston, EUA (29). ■

BRASIL

Um retrato do Brasil contemporâneo com informações atualizadas em oito capítulos: Dados Gerais, Geografia, População, História, Cidadania, Economia, Educação, Saúde Pública. E um capítulo especial com os principais números e fatos de 1993 em todos os Estados.

DADOS GERAIS

• **NOME OFICIAL:** República Federativa do Brasil. **Capital:** Brasília. **Nacionalidade:** brasileira. **Hino:** *Ouviram do Ipiranga as margens plácidas* (1º verso). **Língua:** português. **Religião:** cristianismo (católicos, 85%; protestantes, 11%; outros, 4%); cultos afro-brasileiros. **Datas nacionais:** 7/9 (Independência); 15/11 (República).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América do Sul. **Área:** 8.511.996,3 km². **Limites:** Guiana, Venezuela, Suriname, Guiana Francesa (N); Colômbia (NO); Peru, Bolívia (O); Paraguai, Argentina (SO); Uruguai (S); oceano Atlântico (L, SE, NE). **Características:** ver capítulo *Geografia*. **Ponto mais elevado:** pico da Neblina (3.014 m). **Clima:** equatorial (NE); tropical (NE, CO, SE); e subtropical (S). **Rios principais:** Amazonas, Paraná, Juruá, Madeira, Purus, S. Francisco, Tocantins, Araguaia, Japurá, Tapajós. **Cidades principais:** São Paulo (9.626.894 hab.); Rio de Janeiro (5.473.909); Salvador (2.072.058); Belo Horizonte (2.017.127); Fortaleza (1.765.794). **Hora de Brasília:** -3 h em relação ao meridiano de Greenwich.

• **POPULAÇÃO:** 146.917.459 (1991); **urbana:** 75,47%. **Composição demográfica:** brancos, 55,26%; pardos, 39,25%; negros, 4,93%; índios. **Crescimento demog.:** 1,93% (1991). **Faixas etárias: 0-10:** 22,9%; **10-17:** 17,8%; **18-59:** 51,6%; **mais de 60:** 7,7% (1990). **Densidade (hab./km²):** 17,26 (1991). **Natalidade:** 25,34 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6,60 por 1.000 (1991); **mortal. infantil:** 68 por 1.000 (1991). **Fertilidade (filhos/mulher):** menos de 3. **Vida média homens:** 63,5; **mulheres:** 69,1. **Leitos hospital.:** 2,5 por 1.000 hab. (1993); **médicos:** 4,6 por 1.000 hab. (1992).

• **EDUCAÇÃO: Analfabetos:** 20,2% (1991). **Escolas de ensino fundamental e médio:** 217.523 (est. 1993); **alunos:** 34 milhões (est. 1993). **Estabelecimentos de ensino superior:** 893 (1992); **alunos:** 1,5 milhão (1992). **Gastos:** 2,7% do orçamento (1992).

• **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 5/10/1988. **Divisão administrativa:** 26 Estados e 1 Distrito Federal; 4.972 municípios. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Movimento Democrático Brasileiro, dos Trabalhadores, da Frente Liberal, da Social Democracia Brasileira, Democrático Trabalhista, Socialista Brasileiro, Popular Socialista, Popular Renovador. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Itamar Augusto Cautiero Franco (desde 29/12/1992). **Legislativo:** bicameral – Senado com 81 membros e Câmara dos Deputados com 503 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 8 e 4 anos, respectivamente.

• **ECONOMIA:** agropecuária, 11,1%; indústria, 35,4%; serviços, 53,5% do PIB (1992). **Agricultura:** algodão, arroz, cacau, café, cana-de-açúcar, fumo, laranja, mandioca, milho, soja. **Pecuária:** bovinos (147,1 milhões), ovinos (20 milhões), suínos (33,6 milhões), aves (785,7 milhões) (1993). **Pesca:** 798,6 mil t (1989). **Indústria:** de transformação de minerais não metálicos, alimentícia, produtos químicos, têxtil, metalúrgica, siderúrgica, veículos e acessórios, equipamentos elétricos, de comunicação, madeireira, borracha, calçados. **Minerais:** ferro, manganês, bauxita, níquel, chumbo, asbesto, ouro, tungstênio, cromita, cobre, estanho, urânio, petróleo, gás natural. **Exportações:** US$ 36,1 milhões (1992); US$ 28,9 bilhões (set./1993); **produtos:** básicos (24,7%): minério de ferro, soja, café, fumo, frango; semimanufaturados (14%): de ferro e aço, alumínio, celulose, couros e peles, ferroligas; manufaturados (60%): caldeiras e aparelhos mecânicos, automóveis, tratores e peças, calçados, produtos químicos, têxteis, laminados de ferro e aço, material elétrico, plásticos e borracha, papel, suco de laranja, material de transporte. **Importações:** US$ 20,6 milhões (1992); US$ 13,9 bilhões (jul./1993); **produtos:** bens de consumo (10,5%): ótica, cine-foto e som, pescado, hortifrutis e laticínios; bens de capital (22,9%): automóveis, tratores e peças, caldeiras e aparelhos mecânicos, material elétrico; combustíveis (20,8%): petróleo bruto e outros; matérias-primas (38,8%): químicos orgânicos, têxteis, trigo, malte, amido e glúten, plásticos, adubos e fertilizantes, químicos inorgânicos, ferro fundido, borracha, cereais, corantes e tintas. **Parceiros comerciais:** EUA, China, Japão, Uruguai, Paraguai, Colômbia, Chile, Argentina, países da CEE. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** cruzeiro real (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 281,65 (20/12/1993). **Produto Interno Bruto (PIB):** em US$ corrente: US$ 417 bilhões (1992); **crescimento do PIB:** 4,7% (est. 1993). **Renda per capita:** US$ 2.645,76 (1992). **Inflação:** IGP-DI 2.509.1% (até nov./1993). **Dívida externa:** US$ 132,3 bilhões (ago./1992). **Força de trabalho:** 64,4 milhões (set./1992); **distribuição:** agropecuária, 11,1%; indústria, 35,4%; comércio e serviços, 53,5% (1992); **mão-de-obra feminina:** 35,5% (1990). **Desemprego:** 4,9% (out./1993).

• **DEFESA: Efetivo total:** 298.567; **Exército:** 174.968; **Marinha:** 59.599; **Força Aérea:** 64.000. **Gastos:** US$ 1,2 bilhão do orçamento (1993).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 1.661.848,6 km; 9% pavimentados; **nº de veículos:** 20,9 milhões (1992). **Ferrovias:** 30.289 km (1991). **Portos:** Santos, Rio de Janeiro, Paranaguá, Recife, Rio Grande, Belém, Aratu, Vitória, Angra dos Reis, S. Sebastião, S. Francisco do Sul; Porto Alegre (fluvial). **Linhas aéreas:** Varig, Vasp, Transbrasil (vôos domésticos e internacionais); TAM, Rio–Sul (nacionais), TABA, Nordeste, Pantanal (regionais).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2.932 (out./1993); **receptores:** 30 milhões (PNAD/1990). **Emissoras de TV:** 56 geradoras, 24 por assinaturas (out./1993); **receptores:** 26,2 milhões (PNAD/1990). **Linhas telefônicas:** 11,5 milhões (ago./1993). **Jornais diários:** 333 (capitais), 262 (interior); **exemplares por 1.000 hab.:** 45 (1992).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Min. das Relações Exteriores: Esplanada dos Ministérios, Palácio do Itamarati, Brasília, DF, CEP 70170-900, tel. (061) 211-6161.

GEOGRAFIA

Localizado na porção centro-oriental da América do Sul, o Brasil tem 8.511.996,3 km² de área e 55.457 km² de águas internas, equivalentes a 1,66% da superfície do Globo e a 5,77% das terras emersas, ocupa 20,8% das Américas e 47,7% da América do Sul. É o 5º país do mundo em área total, superado apenas por Rússia, Canadá, China e EUA. Situa-se entre as latitudes 5°16' N e 33°44' S e entre as longitudes 34°47' e 73°59' O. É cortado ao N pela linha do equador, que atravessa os Estados de AM, RR, PA e AP, e pelo Trópico de Capricórnio, que passa pelos Estados de MS, PR e SP, aos 23°30' de latitude sul. A maior parte do seu território fica no hemisfério sul (93%) e na zona intertropical (92%).

A grande extensão leste-oeste faz com que o país possua quatro fusos horários a oeste do meridiano de Greenwich, com 2 a 5 horas a menos em relação à GMT (hora média de Greenwich). O primeiro fuso, a 30° O de Greenwich, tem 2 h de atraso e abrange as ilhas oceânicas; o segundo fuso, a 45° O e com 3 h de atraso, abrange Brasília (fuso da hora oficial do Brasil), o DF, MG, GO, TO e todos os Estados litorâneos, do AP ao RS; no terceiro fuso, a 60° O e com 4 h de atraso, estão os Estados de MS, MT, RO, AM e RR e oeste do PA; no quarto fuso, a 75° O e com 5 h de atraso, temos AC e sudoeste do AM.

Os limites estendem-se por 23.086 km, dos quais 15.719 km são com países da América do Sul: o maior é com a Bolívia (3.126 km) e o menor com o Suriname (593 km). Os únicos países sul-americanos sem fronteiras com o Brasil são Chile e Equador. Os restantes 7.367 km são banhados pelo oceano Atlântico, desde a foz do rio Oranje, fronteira AP/Guiana Francesa, até a foz do Arroio Chuí, fronteira RS/Uruguai. O litoral mais extenso é o da BA (932 km) e o menor é o do PI (66 km).

Os pontos extremos são: ao N – a nascente do rio Ailã, na serra de Caburaí, a 5°16' S, fronteira RR/Guiana; ao S – o Arroio Chuí, a 33°45' S, fronteira RS/Uruguai; a L – a ponta do Seixas, a 34°46' O, na PB; a O – a nascente do rio Moa, na serra de Contamana, a 73°59' O, fronteira AC/Peru. O centro geográfico fica na margem esquerda do rio Jarina, em Barra do Garças, MT.

Estrutura geológica

É definida pelos diferentes tipos de minerais e rochas que compõem a crosta terrestre. Sua formação é antiga: primeiro formaram-se os escudos (embasamento cristalino), na era geológica pré-cambriana; depois, prolongada ação erosiva desgastou as montanhas, transportou os detritos e os depositou nas depressões, formando as bacias sedimentares. Cerca de 64% do território estão recobertos por sedimentos e 36% apresentam ainda na superfície as antigas rochas cristalinas. Não existem dobramentos modernos do tipo andino (cenozóicos terciários).

Relevo

É o conjunto das diferenças de nível da superfície terrestre, que resultam nos acidentes geográficos: montanhas, planaltos, planícies, depressões. Seu aspecto é conseqüência da ação de duas forças: as internas (tectonismo e vulcanismo), que dão origem às montanhas, e as externas (águas correntes, chuvas, ventos, geleiras e oceanos), que têm ação modeladora.

No relevo brasileiro predominam os planaltos – o das Guianas e o Brasileiro, dividido em Atlântico, Central e Meridional –, que ocupam 58,5% da área total. As planícies Amazônica, do Pantanal, dos Pampas e Costeira ocupam os restantes 41% do território. As áreas mais elevadas representam apenas 0,5% da superfície. Predominam as altitudes modestas – 93% do território está a menos de 900 m de altitude. As planícies (até 200 m) ocupam 3.489.553 km², que representam 41% do território, os planaltos e serras (de 201 a 1.200 m) ocupam 4.976.145 km² ou 58,5% do território, e as altitudes acima de 1.200 m somam apenas 42.267 km² (0,5%) (ver *Miniatlas*).

Pontos culminantes – Em ordem decrescente são: pico da Neblina (3.014 m) e pico 31 de Março (2.992 m), na serra Imeri, AM/Venezuela; pico da Bandeira (2.890 m), na serra de Caparaó, MG/ES; monte Roraima (2.875 m), na serra de Pacaraíma, RR/Venezuela/Guiana; morro do Cristal (2.798 m), na serra de Caparaó, MG; pico das Agulhas Negras (2.787 m), na serra de Itatiaia, MG/RJ; pico do Calçado (2.776 m), na serra de Caparaó, MG/ES; pedra da Mina (2.770 m), na serra da Mantiqueira, MG/SP; pico dos Três Estados (2.665 m), na serra da Mantiqueira, MG/RJ/SP; e pico do Codorna (2.596 m), na serra Imeri, AM/Venezuela.

Planalto das Guianas – Ocupa o norte do país e estende-se pelos países vizinhos. Divide-se em escarpa Serrana e planalto Norte-Amazônico. Na fronteira AM/Venezuela destaca-se a serra Imeri, onde estão os dois pontos mais elevados do território brasileiro: os picos da Neblina e 31 de Março.

Planalto Brasileiro – Devido à sua extensão e diversidade de características, é subdividido em três partes:

Planalto Atlântico – Ocupa o litoral desde a divisa CE/PI até o norte do RS. Na região Nordeste, predominam altitudes entre 200 e 500 m, com destaque para as chapadas e serras; na região Sudeste, apresenta as suas maiores altitudes médias e aparecem os "mares de morros", com formações características de "meias-laranjas" e "pães-de-açúcar".

Planalto Central – Domina a região Centro-Oeste do país. É formado por planaltos sedimentares (chapadões) e planaltos cristalinos bastante antigos e desgastados.

Planalto Meridional – Ocupa a maior parte da bacia dos rios Paraná e Uruguai, nas regiões Sudeste e Sul e extremidade sul do Centro-Oeste. É formado basicamente por terrenos sedimentares, recobertos, parcialmente, por derrames de lavas basálticas (Era Mesozóica), que proporcionaram a formação do fértil solo de terra roxa. Podemos dividi-lo em duas partes: Depressão Periférica, formada por terrenos areníticos, na divisa com o planalto Atlântico, e o planalto Arenito-Basáltico, formado por camadas alternadas de arenitos e lavas basálticas. Entre eles aparecem paredões abruptos chamados *cuestas*. O relevo é suavemente inclinado em direção ao rio Paraná, a Oeste.

Planície Amazônica – Ocupa a bacia sedimentar situada entre os planaltos das Guianas (N) e o Brasileiro (S), a cordilheira dos Andes (O) e o oceano Atlântico (NE). É formada por terrenos sedimentares de baixa altitude – planícies e baixos platôs. Divide-se em três partes: várzeas – áreas ao longo dos rios, inundadas boa parte do ano; tesos – terraços mais altos, inundáveis nas cheias; e firmes – terrenos mais antigos (do período Terciário) e elevados, fora do alcance das cheias.

Planície do Pantanal – Ocupa a depressão onde corre o rio Paraguai e seus afluentes. Sua formação recente (Quaternário) apresenta baixa declividade, provocando grandes enchentes; as partes baixas, ocupadas por lagoas, são chamadas de baías, e as partes altas, de cordilheiras. Na época das cheias a região se transforma em um grande lago e a maior parte das cordilheiras fica submersa.

Planície dos Pampas (ou Campanha Gaúcha) – Ocupa o sul do RS. Apresenta terrenos ondulados conhecidos por coxilhas.

Planície Costeira – Estende-se pelo litoral, desde o MA até o RS, numa faixa de largura variável. Em alguns trechos da região Sudeste os planaltos chegam até o mar, formando falésias (costões).

Clima e vegetação

"Clima é o ambiente atmosférico constituído pela série de estados da atmosfera acima de um lugar em sua sucessão habitual", na definição de Max Sorre. Dá-se o nome de tempo atmosférico às condições momentâneas do ar num determinado local, ditadas por seus elementos – pressão, temperatura e umidade. Estes podem ser modificados por diversos fatores: circulação horizontal das massas de ar e das frentes, posição astronômica, altitude, posição e altura das montanhas, vegetação, proximidade do mar e continentalidade.

Cada variedade climática corresponde a uma paisagem vegetal com suas espécies típicas. A vegetação original, da época do descobrimento do Brasil, é chamada de paisagem natural. A localização geográfica em zona intertropical (92% do território) e o predomínio de baixas altitudes propiciam variedades climáticas quentes (médias superiores a 20°C), controladas por algumas massas de ar e frentes. Suas características e movimentos compõem os diferentes tipos de clima e vegetação, também influenciada pelo relevo e pelo tipo de solo (ver *Miniatlas*).

Equatorial – Domina os cerca de 5 milhões de km² da Amazônia Legal. Caracteriza-se por médias térmicas entre 24° e 26°C, com amplitude térmica anual de até 3 graus, chuvas abundantes (mais de 2.500 mm/ano) e bem distribuídas, formadas principalmente pelo confronto de massas equatoriais diferentes (convergência intertropical). A ação da mEc (massa equatorial continental) produz as chuvas locais (ou de convecção) através da evapotranspiração. No inverno, ocasionalmente, a região recebe frentes frias originárias da **mPa** (massa polar atlântica), ocasionando as friagens, com queda da temperatura. A vegetação é a floresta equatorial, ou hiléia amazônica (ver *Região Norte*).

Tropical – Domina extensas áreas do planalto Central e das regiões Nordeste e Sudeste. Caracteriza-se pela presença de duas estações no ano, ambas quentes e distintas: inverno (seco) e verão (chuvoso). Apresenta médias térmicas superiores a 20°C, com amplitude térmica anual de até 7 graus, e precipitações de 1.000 a 1.500 mm/ano. A vegetação típica é o cerrado, com gramíneas e arbustos retorcidos, de casca grossa. Nos vales que acompanham o curso dos rios, onde a umidade é maior, surgem as matas galerias (ciliares).

Tropical de Altitude – Predomina nas partes altas do planalto Atlântico do Sudeste, estendendo-se pelo norte do PR e sul do MS. Caracteriza-se pelas médias térmicas anuais entre 18° e 22°C, com amplitudes térmicas anuais de 7 a 9 graus e precipitações entre 1.000 e 1.500 mm/ano. O verão apresenta chuvas mais intensas devido à ação das massas úmidas da **mTa** (massa tropical atlântica); no inverno, as massas frias originárias da **mPa** (massa polar atlântica) podem provocar geadas. A vegetação original, já muito devastada, é a mata tropical – densa, fechada, latifoliada e variada, porém com características diferentes da floresta amazônica. Em áreas elevadas encontram-se ainda campos de altitude e formações mistas de mata tropical e florestas de araucárias.

Tropical Atlântico – Domina toda a fachada atlântica desde o sul do RN até o sul do RS. Caracteriza-se por temperaturas médias entre 18° e 26°C, com amplitudes térmicas crescentes à medida que aumenta a latitude. As chuvas abundantes superam 1.200 mm/ano, mas têm distribuição desigual – no litoral do Nordeste, concentram-se no outono/inverno e mais ao sul no verão. A vegetação natural é a mata atlântica, de tipo tropical, intensamente devastada desde o período colonial.

Semi-árido – Predomina nas depressões interplanálticas semi-áridas do sertão nordestino, e no vale do rio São Francisco, até o norte de MG. Caracteriza-se por médias térmicas elevadas, em torno de 27°C, com amplitude térmica anual em torno de 5 graus. A precipitação é inferior a 800 mm/ano e irregular. A vegetação típica é a caatinga, com bosques de arbustos espinhosos e cactáceas.

Subtropical – Predomina na zona temperada ao sul do Trópico de Capricórnio, exceto no norte do PR. Caracteriza-se por médias térmicas inferiores a 20°C, com amplitude térmica anual entre 9 e 13 graus. Nas áreas mais elevadas, o verão é suave e o inverno rigoroso, com nevascas ocasionais. As precipitações são abundantes, entre 1.500 e 2.000 mm/ano, e bem distribuídas. A vegetação varia com a altitude – nas partes mais elevadas, encontra-se a mata de araucárias (ou pinhais), aberta e de fácil penetração, com poucas variedades e predominância de espécies aciculifoliadas (com folhas em forma de agulha), porém totalmente devastada e considerada extinta pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) desde 1983, restando atualmente apenas áreas de reflorestamento. Na planície dos Pampas e na Depressão Periférica, prevalecem os campos gerais (gramíneas).

VEGETAÇÃO DIFERENCIADA

Entre as principais formações vegetais descritas, de identidade clara, encontram-se faixas de transição em que diferentes tipos de vegetação se misturam:

Complexo do Pantanal – Ocupa a planície inundável da bacia do rio Paraguai. Possui clima tropical. É uma formação mista, com espécies típicas de floresta, cerrado, campos gerais e caatinga. No inverno e na primavera permanece seca; no verão e no outono é inundada pela cheia dos rios, cujo escoamento é dificultado pela baixa declividade do terreno.

Mata dos cocais – Ocupa partes do MA, PI e TO. É uma vegetação de transição entre a caatinga do sertão nordestino e a mata amazônica; sua espécie típica é a palmeira babaçu.

Manguezais – Aparecem em áreas litorâneas, mais sujeitas às marés e à água salobra. Apresenta como espécies típicas os vegetais halófilos (de ambientes salinos), com raízes pneumatóforas (raízes aéreas que exercem a função respiratória).

Hidrografia

Bacia hidrográfica é a área banhada por um rio e seus afluentes. A predominância do clima úmido propicia uma rede hidrográfica numerosa e formada por rios com grandes volumes de água. A origem das águas (regime fluvial) é pluvial (chuvas), exceto nas nascentes do rio Amazonas, que recebem águas provenientes do derretimento de neve e de geleiras (regime nival). A maioria dos rios é perene (não se extinguem na estação seca), exceto no sertão nordestino, onde existem rios temporários; e exorréica (deságuam no mar); as nascentes situam-se em áreas elevadas, chamadas divisores de águas.

No Brasil, as bacias se formam a partir de três grandes divisores: o planalto Brasileiro, o planalto das Guianas e a cordilheira dos Andes.

As bacias hidrográficas, quanto à forma de relevo que atravessam, podem ser divididas em: planálticas, onde a força da correnteza permite o aproveitamento hidrelétrico, e de planície, de correnteza fraca e relevo aplainado, aproveitado para navegação. Nas áreas planálticas é possível navegar-se, porém com grandes obras de engenharia, como a hidrovia do Tietê (SP) e o complexo do Taquari (RS) (ver *Miniatlas*).

BACIAS PRINCIPAIS

Amazônica – É a de maior superfície drenada do mundo (3.984.467 km²). O rio Amazonas é o segundo mais extenso do planeta, 6.577 km, e o de maior vazão de água (100.000 m³/s). Nasce no planalto de La Raya, Peru, com o nome de Vilcanota, e desce as montanhas recebendo os nomes de Ucaiali, Urubanda e Marañón. No território brasileiro recebe o nome de Solimões e, a partir da confluência com o rio Negro, próximo de Manaus, é chamado de Amazonas. Embora seja uma bacia de planície com 23

mil km navegáveis, possui o maior potencial hidrelétrico total nos afluentes originários de planaltos vizinhos. Dos seus mais de 7 mil afluentes, os principais são: Negro, Trombetas e Jari (na margem esquerda); Madeira, Xingu e Tapajós (na margem direita).

Prata (ou Platina) – Ocupa 1.415.245 km². É composta pelos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, que nascem no Brasil e formam o rio da Prata, na fronteira Argentina/Uruguai. O rio Paraná nasce da união dos rios Paranaíba e Grande, na divisa MS/MG/SP, e possui o maior potencial hidrelétrico instalado no país, com destaque para a usina binacional de Itaipu, na fronteira com o Paraguai. O rio Uruguai é formado pelos rios Canoas e Pelotas, na divisa SC/RS, e possui potencial hidrelétrico em seu alto curso. O rio Paraguai nasce na serra de Araporé, MT, e atravessa a planície do Pantanal; é bastante utilizado para navegação regional.

São Francisco – Ocupa uma área de 613.133 km². Seu principal rio, o São Francisco, é o único fornecedor de água na região semi-árida do sertão. Desde a nascente, na serra da Canastra, MG, até a foz na divisa AL/SE, recebe diferentes apelidos: rio da Unidade Nacional, dos Currais e Velho Chico. Possui bom potencial hidrelétrico e a importante usina de Paulo Afonso, BA. Apesar de ser um rio de planalto, tem 2 mil km navegáveis entre as cidades de Pirapora (MG) e Juazeiro (BA).

Tocantins – Com 803.250 km² de área, é a maior bacia em território nacional. Foi desmembrada da bacia Amazônica pelo IBGE. Seu principal rio, o Tocantins, nasce em GO, na confluência dos rios Maranhão e Paraná, e deságua na foz do Amazonas, PA. Seu potencial hidrelétrico é parcialmente aproveitado pela usina de Tucuruí, PA.

BACIAS SECUNDÁRIAS

Norte – Ocupa uma área de aproximadamente 81 mil km². É formada por rios que deságuam diretamente no oceano; os principais são o Oiapoque (no ponto extremo norte do litoral, fronteira com a Guiana) e o Araguaia, no Amazonas.

Nordeste – Ocupa área de 884.835 km². É formada por rios perenes – Parnaíba (PI), Grajaú e Gurupi (MA) – e temporários na área da caatinga – Capibaribe (PE), Acaraú e Jaguaribe (CE). Abriga a hidrelétrica de Boa Esperança ou Castelo Branco, no rio Parnaíba.

Leste – Ocupa área de 569.310 km², estendendo-se de SE até SP. Seu rio mais importante é o Paraíba do Sul, entre RJ e SP. Inclui também rios temporários: Vaza-Barris (BA/SE), Paraguaçu e Contas (BA). É uma bacia de planalto, com usinas de pequeno porte.

Sudeste/Sul – Ocupa uma área de 223.688 km². É formada por rios de pouca extensão e baixo potencial hidrelétrico; entre eles o Ribeira de Iguape (PR/SP), o Itajaí (SC) e o Jacuí (RS), com trechos navegáveis.

LAGOS

A antiguidade do relevo e a ausência de glaciações recentes impediram a formação de lagos, exceto na faixa litorânea, resultantes do fechamento de restingas, como Patos, Mirim e Mangueira (RS) e Araruama (RJ), e na Amazônia, pela sedimentação de meandros dos rios locais.

Litoral

Com uma extensão total de 7.408 km banhados pelo oceano Atlântico, recebe influência das correntes marítimas do Brasil e das Guianas (quentes) e das Falkland (frias). A extensão do litoral por Estado apresenta as seguintes porcentagens, em ordem decrescente:

BA – 932 km, 12,58%; **MA** – 640 km, 8,64%; **RJ** – 636 km, 8,58%; **RS** – 622 km, 8,4%; **SP** – 622 km, 8,4%; **AP** – 598 km, 8,07%; **CE** – 573 km, 7,73%; **PA** – 562 km, 7,59%; **SC** – 531 km, 7,16%; **RN** – 399 km, 5,38%; **ES** – 392 km, 5,3%; **AL** – 229 km, 3,1%; **PE** (inclui Fernando de Noronha) – 228 km, 3,07%; **SE** – 163 km, 2,2%; **PB** – 117 km, 1,58%; **PR** – 98 km, 1,32%; **PI** – 66 km, 0,9%.

O litoral tem poucos acidentes geográficos distribuídos por suas três divisões:

Setentrional – Do cabo Orange, na foz do Oiapoque, fronteira AP/Guiana Francesa, até o cabo de São Roque (RN); possui o Golfão Amazônico e o Maranhense, onde estão as baías de São Marcos e São José.

Oriental – Do cabo de São Roque até o cabo de São Tomé, RJ; sua maior reentrância é a baía de Todos os Santos (BA), a de maior perímetro do país.

Meridional – Do cabo São Tomé à foz do Arroio Chuí, fronteira RS/Uruguai, com as baías da Guanabara e da Ilha Grande (RJ), a de Paranaguá (PR) e o complexo de lagoas do RS.

ILHAS OCEÂNICAS

Apóiam-se diretamente no fundo do oceano. Dividem-se em cinco grupos localizados em frente à costa brasileira (ver *Miniatlas*):

Penedos de São Pedro e São Paulo – A 900 km a nordeste do RN, na posição 0°59' S e 29°15' O. São rochedos em forma de meia-lua, cobertos de guano (fezes de aves marinhas) e cercados de recifes que tornam perigosa a navegação.

Atol das Rocas – Cerca de 240 km a nordeste do RN, na posição 3°52' S e 33°52' O. É uma ilhota coralígena (formada por corais), de acesso perigoso devido aos recifes. É a primeira reserva biológica do país, criada em 1979.

Fernando de Noronha – A 345 km do RN, na posição 3°50'25" S e 32°24'39" O. É um arquipélago transformado em Parque Nacional Marinho e anexado ao Estado de PE em 1988. Tem 18,4 km² com dezenove ilhas, onde vivem 1.300 habitantes.

Abrolhos – A 80 km da costa sul da BA, centrado na posição 17°40' S e 38°50' O, em área de intensa navegação. O arquipélago possui duas ilhotas coralígenas, com um farol de 1861, e uma população de cerca de quinze pessoas.

Trindade e Martim Vaz – A 1.100 km de Vitória (ES), na posição: Martim Vaz – 20°20' S e 28°51' O; Trindade – 20°30' S e 29°20' O. São as ilhas mais distantes do litoral, constituindo área estratégica, utilizada como base da Marinha e estação meteorológica, devido à sua posição na área do anticiclone do Atlântico Sul (**mTa**). Pertencem ao Brasil desde 1897.

PLATAFORMA CONTINENTAL

É a parte do relevo submarino que está em contato com o litoral. Apresenta uma profundidade média de 200 m e largura média de 90 km. Da costa do Amapá até o Pará é mais larga, alcançando 400 km na foz do rio Amazonas; na costa do Nordeste é mais estreita, voltando a se alargar ao sul do Espírito Santo. É formada em sua grande parte por depósitos sedimentares terrígenos (cascalho, lama e areia) de origem continental, muito ricos em recursos alimentares para a fauna marinha, o que a torna uma importante área pesqueira. Apresenta subsolo rico em jazidas de petróleo, de onde são extraídos 60% da produção nacional, a maior parte na bacia de Campos (RJ), descoberta em 1974. Para assegurar a posse e o controle das áreas petrolíferas e pesqueiras, o governo estende as águas territoriais de 12 para 200 milhas, em 1971. Foi incorporada ao território uma faixa de 307,4 km de largura ao longo da costa, totalizando uma superfície de 2,75 milhões de km². Nessa plataforma estão apoiadas as ilhas litorâneas de origem aluvial (formadas por depósitos sedimentares) – Marajó (PA), Itaparica (BA), São Vicente (SP) – e as ilhas continentais – Vitória (ES), São Luís (MA) e Florianópolis (SC).

Regiões

São áreas que apresentam características semelhantes de relevo, clima, vegetação e hidrografia.

NORTE

Ocupa uma extensa planície sedimentar encravada entre o maciço das Guianas ao N, o planalto Central ao S, a cordilheira dos Andes a O e o oceano Atlântico a NO, com uma área de 3.851.560,4 km², equivalente a 45,25% do território nacional, e compreende sete Estados: AC, AP, AM, PA, RO, RR e TO. Predomina o clima equatorial e os rios pertencem às bacias Amazônica, do Norte e do Tocantins. O relevo possui três patamares de altitude, definidos pelas cheias dos rios:

Planície da várzea – Uma área de inundação permanente, com floresta do tipo *caá-igapó*, fechada e com espécies adaptadas para ficar com suas raízes sob a água, como a vitória-régia.

Planície dos tesos – Mais elevada e inundável apenas nas cheias dos rios, apresenta a mata das várzeas, cuja espécie mais característica é a seringueira.

Baixos platôs – Parte mais elevada e fora do alcance das cheias fluviais, tem como vegetação típica a mata *caá-etê* (ou mata dos firmes), com madeiras de lei e castanheiras.

População – Possui 10.257,266 hab. (7%), a segunda menor do país, e a menor densidade demográfica, com 2,66 hab./km²; a maioria da população é urbana (57,8%); a metrópole regional é Belém. A ocupação, iniciada ao longo dos rios, vias naturais de acesso, concentrou o povoamento nas margens. Porém, a partir da década de 60, a construção de rodovias de penetração, como a Belém–Brasília, Transamazônica, Cuiabá–Santarém e Mal. Rondon, facilitou a interiorização, ainda que sob condições precárias. A distribuição de terras para o assentamento rural atraiu um grande contingente de migrantes de várias partes do país; surgiram vilas, cidades e fazendas à margem das estradas, dando início ao acelerado processo de desmatamento. Nos anos 80, o governo promoveu incentivos fiscais para grandes projetos agropecuários, que devastaram extensas áreas para a formação de pastagens e introduziram culturas inadequadas. O manejo incorreto do solo, a ocupação indiscriminada e a poluição química dos garimpos provocaram um dano ambiental de tal proporção que mobilizou as entidades ecológicas e a opinião pública (ver capítulo *Ecologia*). Também é grave a questão dos conflitos de terra entre garimpeiros e indígenas, que têm causado inúmeras mortes na região.

Economia – Baseia-se no extrativismo vegetal (látex, açaí, madeiras, castanha) e mineral (garimpos de ouro, diamantes, cassiterita, estanho), além da exploração de minérios em grande escala, como nos projetos de serra dos Carajás, PA (ferro), e serra do Navio, AP (manganês). O maior problema para o desenvolvimento é a falta de infra-estrutura energética: a única grande usina é Tucuruí, no rio Tocantins (PA), leste da região. As demais usinas são pequenas – como Balbina, no rio Uatumã (AM), e Samuel, no rio Madeira (RO) – e atendem parcialmente à demanda da parte oeste da região. O abastecimento de energia é insuficiente e depende de geradores movidos a óleo diesel, combustível de alto custo. Os transportes também são precários. Na época das cheias, só alguns trechos das estradas são trafegáveis, e há apenas duas ferrovias, ambas para escoar minérios: a E.F. Carajás, de Marabá (PA) a São Luís (MA), leva o ferro de Carajás para os portos de Itaqui e Ponta da Madeira, e a E.F. do Amapá, transporta o manganês extraído na serra do Navio até o porto de Santana, em Macapá (AP). Destaca-se ainda a Suframa (Zona Franca de Manaus) onde grandes incentivos fiscais motivaram a instalação de parque industrial baseado principalmente em montadoras de produtos eletrônicos. A atual constituição prorrogou os incentivos fiscais até 2003, mas está marcado um reestudo global do empreendimento para 1997.

NORDESTE

Ocupa área de 1.556.001,1 km², equivalente a 18,28% do território nacional, e compreende nove Estados: MA, PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE e BA. É constituída por extenso planalto, antigo e aplainado pela erosão, formando as chapadas sedimentares de Diamantina, Araripe e Ibiapaba, e os planaltos cristalinos das serras de Borborema e Baturité. A diversidade das características físicas que condicionaram sua ocupação e economia a subdividem em quatro sub-regiões:

Zona da mata – Ocupa faixa litorânea de até 200 km de largura, do RN ao sul da BA, com clima tropical úmido, chuvas concentradas no outono e inverno, exceto no sul da BA, onde se distribuem ao longo do ano. O solo, escuro e fértil, é o massapê, formado por gnaisses e calcários. A vegetação natural, praticamente extinta, é a mata atlântica, substituída pela cana-de-açúcar no início da colonização. Metrópoles regionais: Salvador e Recife.

Agreste – Área de transição entre a úmida zona da mata (brejos) e o sertão semi-árido. Os terrenos mais férteis são ocupados por minifúndios, com culturas de subsistência e pecuária leiteira.

Sertão – Na maior parte das depressões interplanálticas semi-áridas do interior, chega até o litoral no RN e CE. Metrópole regional: Fortaleza, de maior crescimento no Nordeste. O clima é semi-árido, as chuvas escassas e mal distribuídas. Os solos rasos e pedregosos dificultam a agricultura. Vegetação típica: caatinga; nas partes mais úmidas há bosques de palmeiras, especialmente a carnaubeira (a "árvore da providência", pois todas as suas partes são aproveitadas). O maior rio é o São Francisco – única fonte perene de água para as populações ribeirinhas –, com várias usinas, como a represa de Sobradinho, em Juazeiro (BA), e a hidrelétrica de Paulo Afonso. A economia baseia-se em latifúndios de baixa produtividade, com pecuária extensiva e culturas de algodão seridó. Apresentando más condições de vida para a população, é a região de onde sai o maior número de migrantes.

Meio-norte – Transição entre o sertão semi-árido e a região amazônica, com clima mais úmido e vegetação mais exuberante à medida que avança para o oeste. Principal rio: Parnaíba, na divisa MA/PI, represado pela hidrelétrica de Boa Esperança. A vegetação natural é a mata dos cocais, com a palmeira babaçu, que fornece óleo empregado na indústria (cosméticos, margarinas, sabões, lubrificantes). A economia é agrícola, com grandes plantações de arroz nos vales úmidos do MA. A industrialização só começou nos anos 80, com a instalação da Alumar e da Usimar, extensão dos projetos minerais na Amazônia e da construção dos portos de Itaqui e Ponta do Madeira, em São Luís (MA), que exportam o minério de ferro trazido de Carajás.

População – Há 42.470.225 hab. (28,9% do total do país) e densidade demográfica de 27,29 hab./km², com maioria urbana (60,6%). Metrópoles regionais: Salvador, Recife e Fortaleza, com problemas de saneamento básico, desemprego, subemprego e favelamento. Em 1991, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou Recife como a 5ª pior cidade do mundo em indicadores sociais. Em vista disso, há grandes contingentes de migrantes.

Economia – Baseia-se na agroindústria do açúcar e do cacau, praticada em grandes latifúndios, com métodos primitivos e baixa produtividade. No litoral e na plataforma continental, há exploração de petróleo, que é processado na refinaria Landulfo Alves, em Salvador, e no pólo petroquímico de Camaçari (BA). O desenvolvimento estimulado pelos incentivos fiscais é dificultado por diversos fatores: pouca disponibilidade de energia elétrica, falta de matérias-primas e de mão-de-obra qualificada, ineficácia dos meios de transporte e baixo poder aquisitivo da população. Um setor em crescente desenvolvimento nos últimos anos é o turismo. As belas praias nordestinas atraem milhares de turistas brasileiros e estrangeiros, gerando empregos diretos (em hotéis e agências de viagens) e indiretos (comércio e construção civil).

Áreas e populações

Região	Área (km²)	% do total	população	% do total	dens.demográfica	% pop.urbana
Norte	3.851.560,4	45,25	10.257.266	7	2,66 hab./km²	57,8
Nordeste	1.556.001,1	18,28	42.470.225	28,9	27,29 hab./km²	60,6
Sudeste	924.266,3	10,85	62.660.700	42,7	67,79 hab./km²	88
Sul	575.316,2	6,76	22.117.026	15	34,44 hab./km²	74,1
Centro-Oeste	1.604.852,3	18,86	9.412.242	6,4	5,86 hab./km²	81,3

Fonte: IBGE

SUDESTE

Ocupa uma área de 924.266,3 km², equivalente a 10,85% do território nacional, e compreende quatro Estados: ES, MG, RJ e SP. Localiza-se na parte mais elevada do planalto Atlântico de sudeste, onde se destacam as serras da Mantiqueira, do Mar e do Espinhaço. Entre as formações típicas da região encontram-se os "mares de morros" (extensões de morros arredondados, antigamente cobertos pela mata tropical) e os "pães-de-açúcar" (agulhas graníticas).

O clima varia do tropical atlântico (litoral) ao de altitude (planaltos), com geadas ocasionais. A exuberante mata tropical, que originalmente cobria a região, foi devastada durante a ocupação, especialmente durante a expansão do café. Em MG, surge a vegetação de cerrado (arbustos e gramas) e no vale do São Francisco e norte do Estado, a caatinga. Abriga as nascentes de duas importantes bacias hidrográficas: a do rio Paraná, que nasce da união dos rios Paranaíba e Grande, próximo ao Triângulo Mineiro, e a do São Francisco, que nasce na serra da Canastra (MG). O relevo planáltico fornece um alto potencial hidrelétrico, quase totalmente aproveitado. A maior usina é Urubupungá, no rio Paraná, na divisa SP/MS.

População – Com 62.660.700 hab., é a mais populosa, equivalente a 42,7% do país; possui a maior densidade demográfica, com 67,79 hab./km², e a urbanização mais elevada, com 88%, atraindo grande número de migrantes. Possui as duas metrópoles nacionais – São Paulo e Rio de Janeiro –, além da metrópole regional de Belo Horizonte.

Economia – É a mais desenvolvida e variada do cenário nacional, concentrando 49,8% dos estabelecimentos industriais e 66,8% (dados de 1985) do valor da produção. Na agropecuária possui os maiores rebanhos bovinos (de corte e leiteiro), além de destacadas produções em cana-de-açúcar, laranja e café, cultivados com melhor padrão técnico e razoável produtividade. Na exploração mineral, conta com grandes reservas de ferro e manganês na serra do Espinhaço (MG), e de petróleo, na bacia de Campos (RJ).

SUL

Ocupa 575.316,2 km², equivalentes a 6,76% do território nacional, a menor região em superfície. Compreende três Estados: PR, SC e RS. O relevo é dividido em três partes: planície Platina ou dos Pampas – com terrenos sedimentares e ondulados (coxilhas), no interior, e lagoas formadas por restingas, no litoral; planalto Atlântico – com terrenos cristalinos próximos ao litoral, que se estendem do PR ao norte do RS; planalto Meridional – de formação vulcânica com rochas basálticas, situa-se no interior. Subdivide-se em Depressão Periférica (estreita faixa de arenitos a oeste do planalto Atlântico) e planalto Arenito-Basáltico, que se estende até o rio Paraná, formando degraus cujas bordas são as chamadas *cuestas*.

O clima subtropical, exceto no norte do PR (tropical), caracteriza-se pela diversidade de temperaturas – mais baixas e com nevascas, nos planaltos, e mais elevadas, nos pampas. A vegetação acompanha essa variação, apresentando as matas de araucárias (pinhais) nos planaltos, e os campos gerais nos pampas. Os rios de menor porte correm para o mar: são eles o Jacuí (RS), o Itajaí e o Tubarão (SC); os demais (Iguaçu, Ivaí) deságuam na bacia do Prata. A região possui um elevado potencial hidrelétrico que lhe é dado pelo volume do débito de águas do rio Paraná (Itaipu).

População – Possui 22.117.026 hab., equivalentes a 15% da população do país; a densidade demográfica é de 38,44 hab./km², com maioria urbana (74,1%). O clima não permitiu a monocultura canavieira; por isso, a região só foi ocupada no séc. XVII com a pecuária, fornecendo animais de carga para a região das minas de ouro, atual MG. A chegada dos imigrantes açorianos, no séc. XVIII, marca a fundação dos núcleos de Desterro e Porto dos Casais, que deram origem às cidades de Florianópolis e Porto Alegre, respectivamente. A necessidade de ocupar a terra para garantir a posse da região, em perigo de ser vendida para os castelhanos sediados no Prata, levou o governo federal a acelerar o processo de colonização no séc. XIX, incentivando a vinda de imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos. Sua influência deixou traços europeus nas cidades – Blumenau e Joinville (SC), Gramado e Caxias do Sul (RS) – e na ocupação das terras, divididas em pequenas propriedades rurais, com policultura.

Economia – A base inicial da agropecuária capitalizou recursos, permitindo a implantação, nas últimas décadas, de um ativo parque industrial. Os maiores centros industriais situam-se nas áreas metropolitanas de Porto Alegre (RS) e Curitiba (PR). A agricultura comercial caracteriza-se pelo uso de boa técnica aplicada às principais culturas: trigo, soja, arroz, milho, feijão e tabaco. A pecuária se destaca nos pampas, com rebanhos de linhagens européias (hereford, charolês); a suinocultura é praticada no oeste de SC e do PR, em associação com o cultivo de milho para ração. O extrativismo explora a madeira de pinho, no PR, e o carvão mineral, no sul de SC.

CENTRO-OESTE

Ocupa 1.604.852,3 km², equivalentes a 18,86% do território. Compreende os Estados de GO, MS, MT e o DF. O relevo se caracteriza pela predominância do extenso planalto Central, com terrenos antigos e fortemente aplainados pela erosão, que deu origem aos chapadões, como: dos Parecis, dos Guimarães e dos Veadeiros. A parte oeste do MS e sudoeste do MT é ocupada pela depressão do Pantanal Mato-grossense, cortada pelo rio Paraguai, cujas cheias inundam a depressão. O clima é tropical semi-úmido, com chuvas de verão. A vegetação é de cerrado nos planaltos e complexa no Pantanal.

População – É a menor do país, com 9.412.242 hab., equivalentes a 6,4% do país; a densidade demográfica é de 5,86 hab./km², com predomínio urbano (81,3%).

Economia – Baseada inicialmente nos garimpos de ouro e diamante, foi substituída pela pecuária extensiva, praticada em grandes latifúndios. Na década de 60, a transferência da capital federal para Brasília, no planalto Central, e a construção de rodovias, acelerou o povoamento. A formação de colônias agrícolas, como Ceres (GO) e Dourados (MS), marca o início da agricultura extensiva em escala comercial. A extração de madeira de lei se extinguiu, junto com a mata natural. Possui as maiores reservas de manganês do país, no maciço de Urucum, no Pantanal, ainda pouco exploradas devido ao difícil acesso. ■

POPULAÇÃO

Os dados do último Censo Demográfico, realizado pelo IBGE em 1991, indicam que o Brasil continua seu processo de transição demográfica. Uma das principais características dessa transição é a queda da taxa de fecundidade (número médio de filhos nascidos vivos que cada mulher tem em seu período reprodutivo) de 6,16 em 1940 para menos de 3 em 1991; mostrando que a unidade familiar média se encaminha rapidamente para o padrão de dois filhos por casal, identificado como nível de reposição populacional, pois cada mulher tem, em média, apenas uma filha que a substitua no próximo ciclo reprodutivo.

De país rural na década de 50, quando apenas 36,16% da população vivia em cidades e a região Sudeste era a única com maioria de população urbana, chegou a 1991 com 75,47% de população urbana. A maioria da população de 25 Estados e do Distrito Federal está nas cidades – a única exceção é o Maranhão. Esse processo acelerado de urbanização tem contribuído para a deterioração da qualidade de vida. O ritmo de crescimento populacional, entretanto, diminuiu na maioria das capitais.

Os movimentos migratórios em direção aos Estados da região Norte, especialmente Rondônia e Roraima, foram grandes na década de 80, como indica o crescimento demográfico desses dois Estados, de 7,84% e de 9,55%, respectivamente.

PERFIL DEMOGRÁFICO

Segundo dados do Censo de 1991 o ritmo de crescimento anual da população brasileira recuou de 2,48%, entre 1971 e 1980, para 1,93%, no período 1980–1991, devido a uma queda da taxa de natalidade (número de nascidos vivos em relação à população num determinado período). Diversos fatores podem interferir na natalidade, como por exemplo a idade das pessoas ao se unirem, indicando se os casais se formam mais cedo ou mais tarde; a estrutura etária da população, indicando o número de pessoas em idade reprodutiva em relação ao total da população; e a taxa de fecundidade.

No caso brasileiro, a mudança se deve principalmente a uma queda na taxa de fecundidade: o índice era de 6,16 filhos por mulher, em 1940; 6,21, em 1950; 6,28, em 1960; 5,76, em 1970; 4,35, em 1980. Para 1991, os dados preliminares do IBGE indicam que ela foi ligeiramente inferior a 3. E esse número continua caindo – a ONU trabalha com o índice de 2,7 para o período de 1990 a 1995. No início do séc. XXI, caso permaneça a tendência atual, o país atingirá o nível de crescimento populacional de 1,2%, próximo das taxas européias.

A diminuição no ritmo de crescimento da população foi precedida, após a II Guerra Mundial, pela queda rápida da taxa de mortalidade, em virtude de avanços da medicina, como a utilização de vacinas, antibióticos e sulfa; a melhoria das condições de saneamento básico; a ampliação dos serviços de previdência. Simultaneamente a essa queda da mortalidade houve uma manutenção do índice de natalidade em nível elevado. Essa conjugação de alta taxa de natalidade com a diminuição da taxa de mortalidade foi a responsável pelo aumento na taxa de crescimento vegetativo – diferença entre as taxas de natalidade e de mortalidade – verificada nas décadas de 50 (de 2,90%) e 60 (de 2,83%). Em 1991 esse índice foi de 1,87%.

As mudanças decorrentes do processo de urbanização, aliadas a outras mudanças nos padrões de comportamento, contribuíram também para a queda na taxa de natalidade. Com a vinda para a cidade, um grande número de famílias passou a ter acesso a métodos contraceptivos, podendo planejar melhor o número de filhos; aumentou a idade média das uniões e a idade em que a mulher tem o primeiro filho; e um maior número de mulheres ingressou no mercado de trabalho.

Essa diminuição na taxa de natalidade já se reflete na distribuição da população por faixas etárias; a porcenta-

População, taxa de crescimento e densidade demográfica – 1991

Unidades da federação	População	Taxa anual de crescimento (%)		Densidade demográfica (hab./km²)	
	1991	1970/1980	1980/1991	1980	1991
Acre	417.165	3,39	2,99	1,98	2,73
Alagoas	2.512.991	2,26	2,16	71,88	90,76
Amapá	288.690	4,35	4,62	1,26	2,03
Amazonas	2.102.901	4,12	3,57	0,92	1,36
Bahia	11.855.157	2,35	2,04	16,88	20,91
Ceará	6.362.620	1,95	1,68	36,06	43,82
Distrito Federal	1.598.415	8,14	2,82	204,02	275,86
Espírito Santo	2.598.505	2,38	2,30	44,38	56,83
Goiás	4.012.562	2,76	1,99	6,01	11,80
Maranhão	4.929.029	2,93	1,91	12,33	15,12
Mato Grosso	2.022.524	6,63	5,34	1,30	2,24
Mato Grosso do Sul	1.778.741	3,21	2,40	3,91	4,98
Minas Gerais	15.731.961	1,54	1,48	22,99	27,00
Pará	5.181.570	4,67	3,87	2,78	4,22
Paraíba	3.200.677	1,52	1,31	49,18	56,78
Paraná	8.443.299	0,96	0,92	38,33	42,36
Pernambuco	7.122.548	1,75	1,35	62,55	72,32
Piauí	2.581.215	2,44	1,72	8,53	10,27
Rio de Janeiro	12.783.761	2,30	1,13	260,88	292,85
Rio Grande do Norte	2.414.121	2,04	2,20	35,83	45,41
Rio Grande do Sul	9.135.479	1,55	1,47	29,06	32,55
Rondônia	1.130.874	15,80	7,84	2,03	4,74
Roraima	215.950	6,82	9,55	0,34	0,96
Santa Catarina	4.538.248	2,26	2,05	38,00	47,40
São Paulo	31.546.473	3,49	2,12	101,25	127,55
Sergipe	1.491.867	2,39	2,46	51,92	68,24
Tocantins (1)	920.116	–	2,02	–	3,32
Brasil	**146.917.459**	**2,48**	**1,93**	**14,07**	**17,26**

(1) Desmembrado de Goiás. *Fonte*: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

gem de idosos com mais de 60 anos aumentou de 6,4% do total da população em 1981 para 7,7% em 1990, segundo o IBGE. Esse aumento do percentual de idosos modifica gradualmente a idéia de um país jovem. O crescimento da população idosa, num futuro próximo, levará a uma pressão maior sobre o sistema previdenciário e de saúde, já que o número de jovens e adultos em idade produtiva não vai crescer em igual proporção.

Apesar de o Brasil ter passado por um período de grande crescimento vegetativo e de ter a sexta maior população mundial em números absolutos, ainda apresenta uma densidade populacional baixa, de 17,26 hab./km², longe da média mundial de 38 hab./km². A população, mal distribuída, se concentra principalmente no litoral e nas grandes regiões metropolitanas.

A distribuição da população por sexo pouco se alterou em relação ao Censo de 1980, mas os valores do Censo de 1991 apresentam a maior diferença entre as populações masculina e feminina desde 1940. A explicação é o número de homens que deixaram o Brasil na década de 80: eles partiram em busca de melhores condições de vida em outros países. Nas regiões Norte e Centro-Oeste, que receberam maiores contingentes de migrantes, a maioria da população é masculina (exceto o DF). Nas regiões Nordeste e Sudeste todos os Estados apresentam maioria feminina. Na região Sul, apenas Santa Catarina tem maioria de homens.

A predominância masculina entre os migrantes se justifica. No Brasil a maior parte dos que migram partem para as regiões de fronteira, especialmente para a região Norte. Neste caso é comum o homem, em busca de melhores condições de vida, deixar para trás mulher e filhos. Já na migração da zona rural para as grandes cidades predomina a mulher, que, especialmente quando solteira, tem maior facilidade em mudar.

Migração interna

A movimentação das populações dentro do país sempre obedeceu a razões econômicas. Neste século, por ausência de uma política de fixação do homem ao campo, registra-se um forte êxodo rural e a conseqüente concentração nas cidades industrializadas, em busca de progresso material.

Mas os migrantes não partem só em direção às grandes cidades; eles partem também para as cidades médias e mesmo para outras regiões rurais. Os dois principais fluxos migratórios são de nordestinos em direção ao Sudeste, Centro-Oeste e Amazônia e de sulistas rumo ao Centro-Oeste e à Amazônia. Estas duas últimas regiões passam a ser, desde os anos 60, muito procuradas devido à expansão das fronteiras agrícolas, e suas taxas de crescimento demográfico são as maiores do país.

O fluxo de migrantes mais antigo e numeroso é o de nordestinos. Desde o primeiro Censo (1872), a região NE vem diminuindo sua participação na população total; de 46,1% na época, caiu para cerca de 28,9% (1991). Durante a década de 80, diminui o fluxo migratório da região Sul rumo às regiões Norte e Centro-Oeste. A participação de cada região no total populacional altera-se. As regiões Norte e Centro-Oeste, de maior crescimento demográfico, têm suas participações aumentadas. Os percentuais referentes às demais regiões apresentam pequena diminuição. As taxas anuais de crescimento demográfico caíram em 22 Estados. As maiores quedas foram as do DF, de 8,14%, entre 1970 e 1980, para 2,82%, entre 1980 e 1991, e de Rondônia, onde caiu de 15,80% para 7,84% no mesmo período. No primeiro caso, a explicação está na crise econômica dos anos 80, que causou forte recessão. Tendo diminuído duas fontes de emprego

Divisão por sexo e área de moradia – 1991

Unidades da federação	Homens	Mulheres	Mulheres (%)	Pop. rural	Pop. urbana	Pop. urbana (%)
Acre	211.110	206.055	49,39	159.130	258.035	61,85%
Amapá	144.821	143.869	49,84	55.175	233.515	80,89%
Amazonas	1.059.847	1.043.054	49,60	601.094	1.501.807	71,42%
Pará	2.621.760	2.559.810	49,40	2.571.793	2.609.777	50,37%
Rondônia	585.183	545.691	48,25	472.702	658.172	58,20%
Roraima	119.170	96.780	44,82	76.484	139.466	64,58%
Tocantins	470.757	449.359	48,84	389.321	530.795	57,69%
Região Norte	**5.212.648**	**5.044.618**	**49,18**	**4.325.699**	**5.931.567**	**57,83%**
Alagoas	1.227.173	1.285.818	51,17	1.031.866	1.481.125	58,94%
Bahia	5.852.197	6.002.960	50,64	4.847.428	7.007.729	59,11%
Ceará	3.088.356	3.274.262	51,46	2.204.561	4.158.059	65,35%
Maranhão	2.444.841	2.484.188	50,40	2.957.021	1.972.008	40,01%
Paraíba	1.546.150	1.654.527	51,69	1.149.101	2.051.576	64,10%
Pernambuco	3.440.119	3.682.429	51,70	2.076.013	5.046.535	70,85%
Piauí	1.261.258	1.319.957	51,14	1.214.997	1.366.218	52,93%
Rio Grande do Norte	1.178.191	1.235.930	51,20	745.956	1.668.165	69,10%
Sergipe	730.608	761.259	51,03	489.927	1.001.940	67,16%
Região Nordeste	**20.768.895**	**21.701.330**	**51,10**	**16.716.870**	**25.753.355**	**60,64%**
Espírito Santo	1.296.793	1.301.712	50,09	675.677	1.922.828	74,00%
Minas Gerais	7.799.175	7.932.786	50,42	3.955.423	11.776.538	74,86%
Rio de Janeiro	6.166.514	6.617.247	51,76	606.617	12.177.144	95,25%
São Paulo	15.594.918	15.951.555	50,57	2.273.546	29.272.927	92,79%
Região Sudeste	**30.857.400**	**31.803.300**	**50,75**	**7.511.263**	**55.149.437**	**88,01%**
Paraná	4.205.323	4.237.976	50,19	2.250.323	6.192.976	73,35%
Rio Grande do Sul	4.494.677	4.640.802	50,80	2.141.345	6.994.134	76,56%
Santa Catarina	2.273.632	2.264.616	49,90	1.332.648	3.205.600	70,64%
Região Sul	**10.973.632**	**11.143.394**	**50,38**	**5.724.316**	**16.392.710**	**74,12%**
Distrito Federal	767.192	831.223	52,00	84.945	1.513.470	94,69%
Goiás	2.011.690	2.000.872	49,87	771.443	3.241.119	80,77%
Mato Grosso	1.046.264	976.260	48,27	541.451	1.481.073	73,23%
Mato Grosso do Sul	898.421	880.320	49,49	365.646	1.413.095	79,44%
Região Centro-oeste	**4.723.567**	**4.688.675**	**49,81**	**1.763.485**	**7.648.757**	**81,26%**
Brasil	**72.536.142**	**74.381.317**	**50,63**	**36.041.633**	**110.875.826**	**75,47%**

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

importantes na região (comércio e prestação de serviços, maiores empregadores depois do governo federal), a migração – seu principal fator de crescimento demográfico – ficou paralisada. Rondônia teve seu ritmo de crescimento populacional reduzido nos anos 80, porque a maior parte das terras cultiváveis e áreas garimpeiras já estão ocupadas.

A taxa de crescimento demográfico elevou-se em Estados que ofereciam boas chances de enriquecimento: no Amapá passou de 4,35%, entre 1970 e 1980, para 4,62%, entre 1980 e 1991; no Rio Grande do Norte passou de 2,04% para 2,20%; em Sergipe aumentou de 2,39% para 2,46%; e em Roraima passou de 6,82% para 9,55%. O acentuado crescimento neste último tem explicação no grande número de migrantes que para lá se dirigiram em busca dos garimpos de ouro. Apesar disso, Roraima, que passou à condição de Estado pela Constituição de 1988, ainda é a unidade da federação de menor densidade demográfica: 0,96 hab./km^2. Sua grande distância em relação às áreas mais desenvolvidas e a precariedade de transportes explicam por que isso acontece. O Estado mais densamente povoado é o Rio de Janeiro, com 292,85 hab./km^2.

Urbanização

A troca do ambiente rural pelo urbano leva os migrantes a substituírem o trabalho nas atividades primárias, como agricultura, pecuária e extrativismo, pelas ocupações urbanas secundárias (indústrias) e terciárias (comércio, serviços, administração). Esse fenômeno mundial acentuou-se no séc. XIX, primeiramente nas nações européias e nos EUA. No Brasil a urbanização se acentua a partir da industrialização. A população rural, que representava 69% em 1940, caiu para 24,53% em 1991. Desde meados da década de 70, quando a população urbana na região Nordeste ultrapassou os 50%, todas as regiões brasileiras têm maioria de população urbana. Em 1980, sete Estados – Rondônia, Acre, Pará, Maranhão, Piauí, Alagoas e Bahia – tinham maioria de população rural; em 1991 apenas o Maranhão permanecia como predominantemente rural.

As cidades oferecem uma aparente solução, por suas ofertas de emprego fixo, com salário, garantias trabalhistas e benefícios sociais. Porém, como os migrantes raramente possuem grau de instrução ou profissionalização que os capacite a obter empregos bem remunerados no setor industrial, são relegados aos cargos mais baixos.

O subemprego e o desemprego nas grandes cidades contribuem para a favelização, a pobreza e a criminalidade. Os serviços básicos – transportes, educação, saúde, eletrificação e saneamento – não acompanham a expansão desordenada das metrópoles. O resultado é a queda acentuada do padrão de vida.

ÁREAS METROPOLITANAS

Devido à intensidade da urbanização, especialmente após 1950, as cidades tendem a se unir (conurbação), formando grandes aglomerados interdependentes, que são as áreas metropolitanas. Os problemas de infra-estrutura, antes resolvidos isoladamente, passam a requerer um planejamento central para que haja eficiência. Em 1972, foi promulgada uma lei que criou e regulamentou nove áreas metropolitanas: duas nacionais, com influência sobre todo o país – **São Paulo**, com 9.626.894 hab. urbanos, 15.416.415 metropolitanos e 38 municípios; e **Rio de Janeiro**, com 5.473.909 hab. urbanos, 8.632.498 metropolitanos e treze municípios; e sete metrópoles regionais – **Salvador**, 2.072.058 hab. urbanos, 2.493.224 metropolitanos e dez municípios; **Belo Horizonte**, 2.017.127 hab. urbanos, 3.431.755 metropolitanos e dezoito municípios; **Recife**, 1.296.995 hab. urbanos, 2.871.261 metropolitanos e doze municípios; **Fortaleza**, 1.765.794 hab. urbanos, 2.303.645 metropolitanos e oito municípios; **Curitiba**, 1.313.094 hab. urbanos, 1.998.807 metropolitanos e catorze municípios; **Belém**, 1.244.688 hab. urbanos, 1.332.723 metropolitanos e dois municípios; **Porto Alegre**, 1.263.239 hab. urbanos, 3.026.029 metropolitanos e 22 municípios.

A dança dos municípios – Segundo a Sinopse Preliminar do Censo de 1991, há modificações geográficas nas regiões metropolitanas ocasionadas pelos municípios que as compõem. A Grande Belo Horizonte inclui mais quatro municípios: Brumadinho, Esmeraldas, Igarapé e Mateus Leme. Na Grande Porto Alegre há a inclusão de oito: Dois Irmãos, Eldorado do Sul, Glorinha, Ivoti, Nova Hartz, Parobé, Portão e Triunfo. A Grande Fortaleza inclui outros três: Euzébio, Guaiúba e Maracanaú. O Grande Recife também inclui mais três: Abreu e Lima, Camaragibe e Itapissuma. A Grande Salvador inclui dois: Dias D'Ávila e Madre de Deus.

No Grande Rio de Janeiro houve retirada de dois municípios: Petrópolis e São José do Vale do Rio Preto. O aumento do número de municípios em algumas das áreas deve-se à sua passagem da categoria de distrito à de município. Nesses casos não há necessidade de aprovação da Câmara Federal: a área que já fazia parte da Região Metropolitana muda apenas seu status.

Existem outras áreas em estado avançado de conurbação, como Campinas (SP), Brasília (DF), Goiânia (GO) e São José dos Campos (SP), ainda não reconhecidas legalmente como áreas metropolitanas.

CAPITAIS: RITMO DECRESCENTE

Em 23 capitais, há diminuição da taxa de crescimento populacional entre 1980 e 1991. As maiores reduções ocorrem em Brasília, de 8,15 para 2,81, e Goiânia, de 6,54 para 2,33. Por outro lado, nas capitais dos Estados que estão recebendo grande número de migrantes observa-se acelerado crescimento demográfico: em Boa Vista, de 6,28 para 9,68; Porto Velho, de 4,77% para 7,16%, e Rio Branco, de 3,38% para 4,84%. Palmas, cidade planejada que se tornou capital do Estado do Tocantins em 1º/1/1990, tem o maior crescimento, de 19,92%.

População e crescimento demográfico

Capital	População	Crescimento anual (%)	
	1991	1970/1980	1980/1991
Aracaju	401.676	4,79	2,90
Belém	1.244.688	3,95	2,67
Belo Horizonte	2.017.127	3,73	1,28
Boa Vista	142.902	6,28	9,68
Brasília	1.598.415	8,15	2,81
Campo Grande	525.463	7,60	5,50
Cuiabá	401.303	7,76	6,08
Curitiba	1.313.094	5,34	2,11
Florianópolis	254.941	3,11	2,81
Fortaleza	1.765.794	4,30	2,73
Goiânia	920.840	6,54	2,33
João Pessoa	497.306	4,06	3,80
Macapá	179.252	4,79	4,47
Maceió	628.241	4,24	4,21
Manaus	1.010.544	7,35	4,57
Natal	606.681	4,66	3,47
Palmas	24.261	–	19,92
Porto Alegre	1.263.239	2,43	1,05
Porto Velho	286.471	4,77	7,16
Recife	1.296.995	1,27	0,66
Rio Branco	196.871	3,38	4,84
Rio de Janeiro	5.473.909	1,81	0,43
Salvador	2.072.058	4,08	2,95
São Luís	695.199	5,41	4,05
São Paulo	9.626.894	3,67	1,00
Teresina	598.411	5,53	4,27
Vitória	258.243	4,56	2,00

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

POLÍTICA DEMOGRÁFICA

O Brasil só admite internacionalmente uma política antinatalista a partir de 1974. Internamente as primeiras atuações governamentais favoráveis ao planejamento familiar datam do governo Figueiredo. Fora do âmbito governamental, é criada, em 1965, a Sociedade Brasileira de Bem-Estar da Família (Benfam). Essa entidade, indiretamente financiada pelo Banco Mundial e outras organizações estrangeiras, atua no controle da natalidade com a distribuição de pílulas e dispositivos anticoncepcionais e incentivo à esterilização feminina; este último tipo de atuação tem sido criticado por acarretar situações irreversíveis das quais parte das mulheres se arrepende.

Atualmente, apesar de o governo já distribuir gratuitamente dispositivo intra-uterino (DIU), diafragma, pílula anticoncepcional e camisinha nos postos de saúde, um grande número de mulheres ainda não tem acesso a métodos anticoncepcionais ou os escolhem sem ter informações corretas, o que favorece a ocorrência de diversos problemas de saúde. É comum também a denúncia de que, em alguns hospitais, médicos esterilizam sem autorização mulheres, em sua maioria pobres.

Antecedentes históricos – Até 1930 não havia uma política definida no setor. Excetuando-se o incentivo à imigração, no fim do séc. XIX (café), os governos deixaram a questão a critério da natureza e dos cidadãos. A partir da década de 30, a necessidade de mão-de-obra para sustentar a industrialização levou o governo a expressar seus objetivos de uma política natalista no texto das Constituições aprovadas desde então: "Ao Estado cabe socorrer as famílias de prole numerosa" (1934); "Às famílias numerosas serão atribuídas compensações na proporção dos seus encargos" (1937); "A Lei instituirá o amparo às famílias de prole numerosa" (1946). Em 1963, a Lei 4.266 instituiu o salário-família (5% do salário mínimo por filho até 14 anos).

Esse conjunto de medidas, aliado à brusca diminuição da taxa de mortalidade nos anos 50 e início dos 60, contribuiu para elevar a taxa de crescimento vegetativo a quase 3% ao ano, índice perigosamente próximo do denotador de explosão demográfica.

ESTIMATIVAS POPULACIONAIS

Entre 1500 e 1872 não foram realizados censos, apenas estimativas, cujos métodos e resultados são relativamente pouco confiáveis. Os primeiros cálculos, no séc. XVI, apontam 15 mil hab. (1550) e 17,1 mil (1576). No período anterior à realização do primeiro censo, os dados disponíveis mais importantes são os da Igreja e do Corpo Militar. O clero mantinha registros dos batismos, mortes e casamentos em cada freguesia (paróquia), além das listas anuais de desobriga, identificando os fiéis que haviam cumprido com a obrigação de se confessar. Essas listas indicavam o paroquiano, seus filhos e escravos. A partir da segunda metade do séc. XVIII, a Coroa portuguesa determina o levantamento sistemático da população; um dos objetivos era conhecer o número de homens aptos a defender militarmente a colônia e os bens da população. Esse trabalho era feito pelo Corpo Militar através das Companhias de Ordenanças, que elaboravam listas nominativas dos habitantes por domicílio, identificando o chefe da família, sua mulher, filhos, agregados e escravos.

Por volta do início do último quartel do séc. XVIII são incluídos dados sobre a ocupação dos habitantes, o valor da produção e o consumo de gêneros. A contar de 1830, as estimativas passam a ser feitas pelos juízes de paz e chefes de polícia dos municípios, atendendo ao crescente interesse eleitoral que tomava as listas nominativas como base de cálculo para definir o número de eleitores e de candidatos à Assembléia e ao Senado. Grupos não-eleitores (mulheres, crianças, jovens e escravos) eram provavelmente subestimados. O interesse maior, nessa fase, era superestimar a parcela da população sobre a qual se calculava o número de eleitores. Daí a dificuldade em se obterem avaliações corretas no período.

Além dessas, há muitas outras avaliações conflitantes, conforme a época e o autor. Elas vão desde anotações de viajantes do século passado, como o alemão Humboldt, até obras de cientistas atuais, como o demógrafo Giorgio Mortara, que organizou os primeiros censos do IBGE. Vários políticos e estudiosos elaboraram suposições, baseadas em documentos e relatos de época.

O 1° Recenseamento Geral Oficial é de 1872. Desde esse ano, foram realizados dez censos, cuja comparação mostra que a população cresceu quinze vezes no período 1872–1991, um índice alcançado por poucos países. Nos anos 80, houve um acréscimo de 27,9 milhões de habitantes, quase três vezes a população de Portugal e o equivalente à soma das populações do Paraguai, Uruguai, Chile, Bolívia e Guiana na mesma época. O aumento se deve principalmente ao crescimento vegetativo.

População brasileira

Censo	População*
1 de agosto de 1872	9.930.476
21 de dezembro de 1890	14.333.915
31 de dezembro de 1900	17.438.434
1 de setembro de 1920	30.635.605
1 de setembro de 1940	41.236.315
1 de julho de 1950	51.944.397
1 de setembro de 1960	70.070.457
1 de setembro de 1970	93.139.037
1 de setembro de 1980	119.002.706
1 de setembro de 1991	146.917.459

*Até 1950 população presente, a partir de 1960 população residente. *Fonte*: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

AS ORIGENS DO POVO

A ocupação do Brasil teve início no séc. XVI, seguindo as metas de colonização e de exploração expressas no Pacto Colonial, baseado na exploração de riquezas minerais e na produção de bens que servissem aos interesses da metrópole.

No começo, não houve fixação de populações. A atividade econômica era a extração do pau-brasil, feita em todo o litoral. Só mais tarde, com a cana-de-açúcar, cuja produção exigiu o estabelecimento da colonização propriamente dita, foi que aconteceu a efetiva ocupação no litoral. Com a decadência da economia canavieira, no séc. XVII, o centro de interesses dos colonizadores voltou-se para a produção do ouro, o que os levou para a região das Minas Gerais (MG), Goiás e Mato Grosso, dando início à colonização do interior do Brasil. Essa forma de crescimento causou um povoamento periférico irregular, uma vez que a região era abandonada quando deixava de ter interesse econômico.

Para a formação do povo brasileiro contribuíram, basicamente, indivíduos pertencentes às raças branca (vinda da Europa), negra (trazida da África) e amarela (indígena). A miscigenação das três etnias originou outros tipos raciais: o mulato (branco com negro), que é o mais numeroso; o caboclo ou mameluco (branco com amarelo); e o cafuzo (negro com amarelo).

Os graus de mestiçagem desses elementos étnicos foram muito variáveis. Não é possível precisar em que medida antes do contato que esses grupos tiveram uns com os outros na nova terra, cada um deles já era previamente mesclado. Os descobridores portugueses, por exemplo, resultavam de uma mistura de celtiberos, lusitanos, romanos, árabes e africanos. A mistura de raças foi muito intensa, desde o início da colonização, devido ao pequeno número de mulheres brancas existentes entre os colonos portugueses, o que levou os senhores a se relacionarem com índias ou escravas negras, muitas vezes à força.

O mesmo aconteceu com os outros povos que, mais tarde, viriam para o Brasil. Os espanhóis, italianos, alemães, eslavos, sírios, japoneses e outras nacionalidades, apesar de terem em muitos casos tendência a permanecer em comunidades fechadas, também se miscigenaram.

Imigrantes

Com o número de imigrantes muito maior do que o de emigrantes, o Brasil sempre foi considerado um país de imigração, embora o total de cerca de 4,5 milhões de imigrantes, desde 1808, seja considerado baixo se comparado a países como os EUA, o Canadá e a Argentina.

A imigração começa oficialmente em nov. de 1808, quando d. João VI promulga a lei que permite a posse de terras por estrangeiros. Na época, era necessário povoar a região Sul para garantir o território frente aos castelhanos. Havia também interesse da Coroa portuguesa em "branquear o sangue dos colonos", já que, àquela época, a maioria da população era negra. Mas só após a Abolição inicia-se o período imigratório mais intenso.

Em 1850 é promulgada uma lei proibindo a doação de terras pelo Estado. Isso força os imigrantes, na maioria pobres, a aceitar o sistema de colonato ou o trabalho assalariado na lavoura. Sua presença provoca mudanças profundas na vida do país, introduzindo novos produtos e técnicas de cultivo, a noção da pequena propriedade, a economia de subsistência e as pequenas indústrias domésticas (têxtil, alimentícia, couro, cerâmica).

Nas pequenas propriedades predominou o trabalho familiar, com mão-de-obra contratada apenas quando necessário, para tarefas e por períodos determinados. Houve problemas de adaptação e surgiram áreas fechadas onde os imigrantes procuravam manter seu modo de vida de origem, em especial os alemães, eslavos e japoneses.

Observando-se a distribuição geográfica do contingente imigratório, nota-se que a contribuição estrangeira se fez sentir de maneira mais efetiva no Brasil meridional. A preferência dos europeus pelo sul é explicável: a região tem clima subtropical, com tendência a temperado, parecido com o dos países de onde vieram. Destaca-se também o impulso dado pela imigração japonesa ao Estado de São Paulo e à região amazônica. A eles se deve a revitalização da agricultura, principalmente a horticultura.

Existem no país colônias de imigrantes muito bem organizadas: no município de Maracaí (SP), a colônia italiana de Pedrinhas vive da agricultura; no Paraná, imigrantes holandeses trouxeram de seu país gado leiteiro e até hoje exploram sua criação. No entanto, a maior contribuição dos imigrantes não é o desenvolvimento econômico, mas a introdução de novos hábitos.

Participação no crescimento – Estima-se que tenham entrado no país cerca de 500 mil pessoas entre 1819 e 1883. A partir de então, as entradas são bem documentadas: 883.668 (1884–1893); 862.100 (1894–1903); 1.006.617 (1904–1913); 503.961 (1914–1923); 737.223 (1924–1933); 197.238 (1934–1943); 348.443 (1944–1953); 446.752 (1954–1963); 86.457 (1964–1973); 61.302 (1974–1983). Em relação ao crescimento populacional, a participação mais significativa foi no período 1891–1900, representando 41%. A partir de 1980, a crise econômica inverteu o fluxo e milhares de pessoas estão emigrando para a Europa, América do Norte e Japão, em busca de melhores condições de vida.

PRINCIPAIS CORRENTES

Alemães – Chegaram a partir de 1820 e se instalaram principalmente no Rio Grande do Sul, nos vales do Caí e dos Sinos, onde fundaram São Leopoldo. Em suas pequenas propriedades se dedicaram à policultura alimentar e à indústria do couro. A imigração aumentou entre 1850 e 1870, devido à guerra de unificação alemã. Ocuparam o litoral catarinense e o vale do Itajaí, fundando Blumenau e Joinville. Além da policultura, instalaram pequenas indústrias têxteis e de cerâmica.

Austríacos e húngaros – Chegaram a São Paulo a partir de 1884, como remanescentes do Império Austro-húngaro.

Eslavos – Entraram entre 1875 e 1890, vindos principalmente da Polônia, Rússia, Ucrânia e Iugoslávia. Fixaram-se no Paraná – primeiro em torno de Curitiba e Ponta Grossa, depois no vale do Ivaí. Em suas pequenas propriedades cultivaram batata e introduziram a indústria madeireira em larga escala.

Espanhóis – Chegaram a partir de 1820, mas o auge dessa imigração foi entre 1901 e 1913. Fixaram-se principalmente em São Paulo e em seguida no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Italianos – Chegaram a partir de 1861 e se instalaram no Rio Grande do Sul, ocupando a região serrana onde fundaram Caxias do Sul e Bento Gonçalves, entre outras cidades. A principal atividade foi a vitivinicultura. Entre 1887 e 1914, dirigiram-se em massa para São Paulo, para trabalhar nas lavouras de café.

Japoneses – Chegaram a São Paulo a partir de 1908. Originários de áreas rurais, dedicaram-se à agricultura e depois diversificaram suas atividades (granjas e cooperativas). Recentemente, passaram a trabalhar nas indústrias das grandes cidades. Na Amazônia, ocupam regiões de Tomé-Açu (PA) e o vale médio do Amazonas, onde implantaram o cultivo da pimenta-do-reino e da juta, respectivamente. Conforme a geração, são denominados issei (primeira geração), nissei (segunda), sansei (terceira) e yonsei (quarta). A partir dos anos 80, a falta de mão-de-obra não especializada no Japão leva cerca de 200 mil descendentes a inverter o caminho dos seus ancestrais, em busca de melhor remuneração.

Sírios e libaneses – Chegaram entre 1860 e 1890, provenientes do Oriente Médio. De etnia árabe ou armênia, em sua maioria, foram genericamente designados como turcos, em virtude do passaporte fornecido pelo Império Otomano, que, na época, dominava seus países de origem. Dedicaram-se ao comércio da borracha na Amazônia; depois se fixaram no Centro-Sul, comerciando miudezas e generalizando a figura do mascate ou caixeiro-viajante.

Suíços-alemães – Provenientes do cantão de Freiburg, na Alemanha, vieram em 1819 para a região serrana do Rio de Janeiro, onde fundaram a cidade de Nova Friburgo. Essa colonização fracassou devido ao abandono dos colonos pelo governo.

Índios

Considerados de origem asiática, o modo e a época em que chegam à América são controvertidos (ver Os donos da terra e O homem brasileiro, no capítulo *História do Brasil*). Calcula-se que, em 1500, somam cerca de 1,5 milhão de habitantes. No início da colonização foram perseguidos, capturados e utilizados na extração de pau-brasil e na produção de açúcar. Mas eles resistiam ao trabalho nas plantações de cana-de-açúcar e seu conhecimento do território ajudava nas fugas. Seu aprisionamento foi proibido em 1570, o que não impediu que o processo de dizimação continuasse. Os jesuítas tentaram, sem sucesso, convertê-los ao catolicismo e ao modo de vida europeu. No séc. XIX, d. João VI instituiu o extermínio de algumas tribos hostis, para garantir a utilização de caminhos terrestres na região litorânea.

Somente em 1910, com a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), pelo mal. Cândido Rondon, foi reconhecido o direito à posse da terra e o respeito aos costumes. A pressão dos interesses econômicos levou ao abandono do SPI e à criação da Fundação Nacional do Índio (Funai), em 5/10/1967. O último refúgio das tribos remanescentes foi invadido pela colonização e pela implantação de um amplo sistema rodoviário na Amazônia, a partir de 1972, visando a integrar a região ao resto do país, de acordo com o Plano de Integração Nacional (PIN).

Às margens das estradas surgiram agrovilas, garimpos e grandes projetos de mineração e agropecuária, dando início ao processo de destruição da floresta amazônica e ao desequilíbrio do ecossistema – ambos essenciais para a sobrevivência do índio e do seu modo de vida –, além de transmitir as doenças e os vícios da civilização branca.

A necessidade de buscar soluções para a questão indígena levou à criação de entidades de defesa dos direitos do índio, como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em 1972, e o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), em 1974. Nos anos 80, a luta pela preservação da floresta amazônica atraiu a atenção mundial para o que ocorria na região. A Funai iniciou a demarcação das reservas, apesar da resistência de fazendeiros, posseiros, garimpeiros e empresas de mineração. Nessa fase, foram comuns os casos de morte envolvendo os que defendiam os direitos dos indígenas.

A repercussão desses fatos ganhou destaque na imprensa internacional e forneceu argumentos aos grupos de defesa da ecologia e dos povos da floresta, que intensificaram suas ações políticas. O alvo das entidades era cancelar o financiamento de obras em áreas indígenas, como a hidrelétrica de Cararaô, no vale do rio Xingu, que alagaria terras dos carijó. O governo Collor, pressionado pelos defensores dos direitos indígenas e precisando de acontecimentos de peso que marcassem a realização da Rio-92, demarcou algumas reservas, como a dos ianomâmi, em Rondônia, afastando temporariamente os garimpeiros da área. Na prática, porém, a dizimação continua, como mostra o massacre de índios ianomâmi na Venezuela realizado por garimpeiros brasileiros em jun. de 1993.

População indígena – Os censos não fazem referências concretas devido à dificuldade de localizar grupos isolados e outros em processo de aculturação. Além disso, há movimentação entre os grupos indígenas nas fronteiras, como os ianomâmi, que habitam em Roraima e na Venezuela, e os guarani, que vivem no Mato Grosso do Sul e no Paraguai. Outro fator que contribui para dificultar os cálculos sobre a população indígena é que a maior parte dos povos é formada por comunidades pequenas – 42% deles têm população de no máximo duzentos habitantes; 22,5% têm entre duzentos e quinhentos e 15% têm entre quinhentos e mil. As maiores tribos atualmente são: Guajajara, Potiguara, Xavante, Ianomâmi, com 5 a 10 mil hab. cada uma; Terena, Macuxi, Ticuna e Caingangue, com 10 a 20 mil hab., e Guarani, com mais de 20 mil hab. O CEDI avalia que em 1993 a população indígena total é de cerca de 250 mil, divididos em duzentas tribos ou nações, falando 170 línguas.

Existem 519 reservas, totalizando 900.816,61 km², correspondentes a 10,59% do território brasileiro. O art. 67 do Ato das Disposições Transitórias – determinando que a União demarcaria todas as terras indígenas em cinco anos, a contar da promulgação da Constituição – não foi cumprido. Em nov. de 1993, apenas 290 áreas estavam efetivamente homologadas. O restante apresentava o seguinte quadro: 105 áreas sem providências, 51 áreas identificadas e 103 áreas delimitadas. A maior parte das terras previstas (98,67%) situa-se na Amazônia, ocupando 18,4% de sua superfície. Nesses números não estão contabilizados os dados sobre áreas povoadas por índios ainda sem contato com o homem branco. Atualmente há indícios de aproximadamente 53 grupos isolados; 31 estariam dentro de áreas indígenas demarcadas ou com algum reconhecimento federal; e 22 realmente isolados. A Funai confirma a existência de apenas doze desses grupos.

Estatuto do Índio – Em 1973 foi aprovado o Estatuto do Índio visando à legalização de sua situação jurídica. Nele o índio é considerado incapaz de gerir seu próprio destino, devendo, por isso, ser tutelado pelo Estado. Esse texto está sendo revisto desde nov. de 1991, quando foi criada na Câmara dos Deputados uma Comissão Especial para tratar do assunto.

Foram apresentados três projetos: um do governo, elaborado pela Funai; um do dep. Tuga Angerami (PSDB-SP), elaborado com a participação do CIMI; e um pelo dep. Aloísio Mercadante (PT-SP), elaborado com a participação de diversas Organizações Não Governamentais (ONGs), como o Núcleo de Direitos Indígenas e o CEDI. Um quarto projeto, que combina propostas dos outros três, foi feito pela primeira redatora da Comissão, a ex-dep. Teresa Jucá, atual prefeita de Boa Vista. As posições quanto a tutela são bastante divergentes. O governo sugere sua manutenção, o CIMI propõe sua abolição e as ONGs substituem à tutela por um mecanismo que garanta a responsabilidade da União em todos os casos em que os direitos indígenas sejam feridos.

Negros

Nativos da África, foram trazidos como escravos, a contar de 1538, devido à necessidade de mão-de-obra para a cultura da cana-de-açúcar. Em 1559, a Coroa promulga o alvará 29/3, que oficializa e regulamenta o tráfico negreiro, autorizando inicialmente cada senhor de engenho a adquirir 120 escravos negros por ano. Portanto, a introdução do elemento étnico negro obedeceu às necessidades da exploração econômica, polarizada em torno de atividades como a produção açucareira, iniciada no séc. XVI, no litoral do Nordeste e no recôncavo Baiano; a lavoura do algodão, no Maranhão, na segunda metade do séc. XVII e no séc. XVIII; a mineração em Minas Gerais e no planalto Central, no séc. XVIII; e a cultura do café no Rio de Janeiro e em São Paulo, desde fins do séc. XVIII. O negro africano tornou-se um elemento fundamental para o desenvolvimento da economia colonial.

Origem dos grupos – A partir de elementos culturais como religião, costumes, festas e danças, pode-se determinar a origem dos africanos trazidos para cá. O grupo sudanês vem da África Ocidental, próximo ao golfo da Nova Guiné, que corresponde aos atuais países situados entre a Nigéria e o Senegal; apresenta maior nível civilizatório – conhece a mineração e o trabalho com ouro – e porte físico mais alto e corpulento. Os sudaneses foram levados para a região de Salvador, em sua maioria. Os bantus, da região ao sul da foz do rio Zaire, atual Angola e Moçambique, têm baixa estatura e nível civilizatório inferior ao dos sudaneses – são predominantemente agricultores. Eles são introduzidos principalmente em Pernambuco, Maranhão e no Rio de Janeiro, formando um grupo numericamente superior.

Tráfico – A Lei Eusébio de Queirós (1850) encerrou oficialmente o tráfico de negros. O último desembarque, no entanto, só ocorre seis anos depois. Por mais de três séculos, foi trazido um número elevado de africanos, mas a falta de estatísticas confiáveis impede um consenso entre os historiadores. Alguns estimam entre 3 e 3,6 milhões (Roberto Simonsen, Afonso de Taunay e Sérgio Buarque de Hollanda). Outros falam em 6 a 7 milhões (Caio Prado Jr., Mircea Buescu), 8 milhões (Pedro Calmon) e até 13,5 milhões (Pandiá Calógeras).

A captura era feita pelos portugueses e, sobretudo, pelos próprios africanos. Durante o transporte nos navios negreiros, as más condições de higiene e alimentação causavam índices de mortalidade entre 9% e 20%. Os traficantes avaliavam os escravos de acordo com uma medida chamada peça-da-índia, correspondente, na prática, a um negro sadio aparentando entre 30 e 35 anos, ou a dois entre 35 e 40 anos ou ainda a duas crianças de 4 a 8 anos. Os maiores de 55 e os portadores de doença ou deficiência eram avaliados por arbítrio. O preço do escravo em relação ao preço do açúcar apresentou variações: em 1572, equivalia a 22 arrobas (uma arroba igual a 15 kg); em 1850, o valor subiu para 186 arrobas e, em 1888, baixou para 95 arrobas.

Havia também a classificação de acordo com a finalidade a que se destinava o escravo: o doméstico servia na casa do senhor, o de eito trabalhava na lavoura e o de ganho fazia serviços gerais (transporte de mercadorias, água e pessoas, venda de alimentos, prostituição) ou

especializados (marcenaria, alfaiataria, pedreiro) – sempre entregando ao senhor parte do dinheiro obtido. Nas fazendas era comum jornadas de 16 h de trabalho e o alojamento precário em senzalas ou palhoças. A alimentação consistia basicamente em farinha de mandioca, aipim, feijão e banana, e a vida útil era de sete a trinta anos, avaliam os historiadores.

Castigos e maus-tratos – Além de serem submetidos a péssimas condições de trabalho – os que trabalhavam em fornalhas, por exemplo, tinham que ser acorrentados para suportar o calor –, os escravos podiam receber dos senhores e seus feitores castigos corporais com requintes de crueldade capazes de levar à mutilação e à morte. O etnólogo Artur Ramos dividiu os instrumentos utilizados em três tipos: de captura e contenção (correntes, gonilha, gargalheira, tronco, peia, algemas, vira-mundo); de suplício (bacalhau ou açoite, máscara, anjinho, palmatória); e de aviltamento (gonilha, ferro de marcar, placas de ferro com marcas).

Os mais usados eram o tronco, que imobilizava o escravo pelos punhos ou tornozelos, e o açoite, usado para manter a disciplina e punir insubordinações. Pela lei, um escravo podia receber um máximo de cinqüenta chicotadas por dia – porém os abusos freqüentes costumavam provocar a morte de alguns, açoitados além do limite.

Resistência – Os negros não aceitavam passivamente a escravidão: suicidavam-se, matavam os senhores e feitores, organizavam levantes e revoltas, fugiam para o mato e participavam de alguns movimentos políticos da população livre. Houve revoltas organizadas em todas as províncias, sendo as mais importantes na Bahia, entre 1807 e 1844; a maior delas, a Revolta dos Malês, em 1835.

Um dos mais conhecidos levantes foi a Balaiada, no Maranhão, Ceará e Piauí, em 1838–1841. Outros movimentos que tiveram a participação dos escravos foram a Conjuração Baiana (1798); a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul (1835–1845); a Guerra da Independência, na Bahia e no Maranhão (182/23); e o Levante do Quebra-Quilos, no sertão nordestino (1874) (ver período Brasil Imperial, no capítulo *História do Brasil*).

Desde o início da escravidão os negros fugidos formaram quilombos; o mais importante foi o de Palmares (AL), que durou quase um século até ser destruído em 1695, chegando a abrigar 20 mil pessoas em várias aldeias confederadas. Outros quilombos importantes foram: Cartola, no Mato Grosso do Sul, em meados do séc. XVII; Trombeta, no Pará, em meados do séc. XIX; e Jabaquara, em São Paulo, por volta de 1880.

Abolição – A libertação dos escravos ocorreu de maneira gradual. A Lei do Ventre Livre, de 28/9/1871, libertava todos os filhos de escravos nascidos a partir daquela data; catorze anos depois, em 28/9/1885, foi promulgada a Lei dos Sexagenários, libertando todos os escravos com mais de 65 anos. A Lei Áurea, abolindo a escravatura em todo o país, só foi assinada quase três anos depois, em 13/5/1888. A aceitação da idéia de que a escravidão deveria acabar aconteceu de forma diferente nas províncias do Norte e Nordeste e nas províncias do Centro-Sul. O Norte e o Nordeste já vinham recorrendo largamente à mão-de-obra livre desde a abolição legal do tráfico de escravos. O principal motivo era o alto preço que um escravo alcançava no mercado do Centro-Sul do país, o que tornou mais vantajoso contratar um homem livre para trabalhar só durante a temporada da safra. Nesse período, grande parte dos escravos das regiões Norte e Nordeste foi vendida para Minas Gerais, Rio de Janeiro e, principalmente, para São Paulo. Essa situação contribuiu para que o Amazonas (onde a maioria dos trabalhadores era índia ou cabocla) e o Ceará (onde as secas obrigavam grande parte dos fazendeiros a vender seus escravos para o Centro-Sul) fossem os primeiros a abolir oficialmente a escravidão, em 1884. Em São Paulo, região onde o café tinha enorme peso econômico, a escravidão era considerada fundamental para garantir os lucros. A maioria dos fazendeiros só foi aceitar a idéia de fim da escravidão em 1887, quando aconteceram fugas em massa de escravos por toda a província.

Preconceito – Passado um século após a Lei Áurea, os negros ainda são vítimas de discriminação, permanecendo relegados às posições inferiores, ao subemprego ou desemprego. Segundo Januário Garcia, diretor do Instituto de Pesquisas Negras, do Rio de Janeiro, "um dos aspectos mais graves do preconceito racial em nosso país é a crença generalizada de que ele não existe – embora a todo momento se constate a sua prática". Como exemplo, cita o pequeno número de negros em profissões bem remuneradas e com possibilidade de ascensão social.

Esse preconceito não é assumido pela maioria; as posições discriminatórias são veladas. É nas situações práticas que o preconceito se mostra profundamente enraizado, dificultando para a população negra o exercício de seus direitos. Isso cria uma sociedade onde o padrão dominante é o homem branco, levando parte da população negra a renegar sua origem étnica, como forma de fugir da marginalidade. Essas condições estimulam a chamada "teoria do branqueamento", para a qual a miscigenação acabaria levando à absorção dos negros pela raça branca, fortalecendo a tese da democracia racial. A idéia, formulada pelo sociólogo Gilberto Freire, é de que o mulato-claro seria o padrão étnico predominante na sociedade brasileira do futuro. Para lutar contra a tendência de negar o preconceito ou de renegar as próprias origens, foi criada, em 1990, a campanha *Não deixe sua cor passar em branco*, para garantir a inclusão do item cor no Censo de 1991; esse item chegou a ser suprimido pelo governo na realização do Censo de 1970.

Combate ao racismo – A resistência contra o preconceito racial impulsionou o surgimento de inúmeras entidades negras, diversos congressos e uma imprensa negra atuante, iniciada em São Paulo com *O Bandeirante*, o primeiro jornal negro, editado em 1910. A primeira organização negra, o Centro Cívico Palmares, surgiu em São Paulo, em 1926; a entidade mais importante foi a Frente Negra Brasileira, fundada em São Paulo, em 1931, reunindo 6 mil filiados em nove Estados.

Em 1978, num ato de protesto contra o racismo, motivado pela morte de um jovem negro, estudante e trabalhador, sob tortura numa delegacia de São Paulo, nasceu o Movimento Negro Unificado. Nos anos 80, várias entidades e movimentos negros organizados decidiram comemorar no dia 20 de novembro, data da morte de Zumbi, líder do quilombo dos Palmares, o Dia Nacional da Consciência Negra.

Contribuições à cultura – A influência negra se manifesta em diversas áreas culturais: na alimentação (vatapá, acaçá, acarajé, cocada, pé-de-moleque); nos instrumentos musicais (tambores, atabaque, cuíca, berimbau); nas danças (quilombo, maracatu, aspectos do bumba-meu-boi); no vestuário (o traje de baiana com turbante, saia rodada, braceletes e colares); na agricultura (modos de cultivo e produtos como o algodão, a erva-doce e a pimenta); na mineração (o uso da batéia para a lavagem do cascalho); e na religiosidade (o xangô, no Nordeste; o candomblé, na Bahia; a macumba, no Rio de Janeiro; e a umbanda, no Sul).

Segundo o IBGE, em 1990, o percentual de negros na população das regiões era o seguinte: Norte, 1,5%; Nordeste, 5,3%; Sudeste, 5,9%; Sul, 3%; e Centro-Oeste, 3,2%. As porcentagens por Estado são: Bahia, 11%; Rio de Janeiro, 10,8%; Minas Gerais, 8,3%; Maranhão, 7,7%; Espírito Santo, 7%. A taxa de analfabetismo das pessoas com mais de 7 anos é mais alta entre os negros, 30,1%; próxima à dos pardos, de 29,3%, e bem distante da dos brancos, de 12,1%. Cerca de 46% das mulheres negras participam do mercado de trabalho, contra um índice de 38,5% para as pardas e 39% para as brancas. A renda per capita representa um terço do que recebem os brancos e um quinto da renda dos amarelos. Apenas no serviço público os negros e pardos conseguem participação melhor no mercado de trabalho. ■

HISTÓRIA DO BRASIL

A expedição comandada por Pedro Álvares Cabral sai da praia do Restelo, Lisboa, em 9/3/1500, e chega à terra desconhecida em 22/4. Dez naus e três caravelas trazem 1.200 homens – entre eles, militares, nobres, burgueses e navegadores experientes, como Bartolomeu Dias, que já atingira o oceano Índico em 1488, navegando pela costa ocidental da África, e Duarte Pacheco Pereira, que viajara clandestinamente, em 1498, no encalço de Vasco da Gama. É a maior expedição marítima montada até então pelos portugueses.

O local do desembarque fica conhecido como Porto Seguro. No ilhéu da Coroa Vermelha, frei Henrique de Coimbra celebra a primeira missa, em 26/4. Os nativos encontrados na praia são chamados de índios. "A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos, andam nus, sem nenhuma coisa a cobrir, nem mostram suas vergonhas, e estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto", diz o escrivão Pero Vaz de Caminha em sua carta de viagem. "Eles não lavram, nem criam, nem há aqui boi, nem vaca, nem ovelha, nem galinha, nem nenhuma outra alimária que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame que aqui a terra e as árvores de si lançam (...) Parece-me gente de tal inocência, que se os homens os entendessem e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles não têm nem entendem nenhuma crença."

A terra recebe o nome de Santa Cruz ou Vera Cruz; depois, Brasil, por causa da abundância de uma árvore cor de brasa muito valorizada pela manufatura têxtil européia – o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*).

Em 2/5, a expedição deixa o Brasil, rumando para as Índias. Ficam dois viajantes com a missão de colher mais informações sobre a terra descoberta e aprender a língua dos índios.

Expansão comercial – A crise do sistema feudal e o advento do capitalismo marcam a transição da Idade Média para a Moderna, no séc. XV, e compõem o cenário da expansão marítima européia e dos descobrimentos. Cinco países estão organizados para a procura de novos mercados: Inglaterra, Espanha, Portugal, Holanda e França. Portugal é o pioneiro. O fortalecimento da burguesia mercantil, a centralização do poder político e a paz interna permitem ao Estado investir na navegação.

Com a conquista de Ceuta (1415), no norte da África, e a riqueza acumulada em seus domínios no litoral africano, os portugueses criam uma política nacional destinada à busca de um caminho marítimo para o Oriente.

Dinastia de Avis – Na época da expansão do império, Portugal está sob o domínio da Casa de Avis, dinastia fundada por d. João I em 1395. Ele governa até 1433. Depois, o trono passa por: d. Duarte, até 1438; d. Pedro, até 1449; d. Afonso IV, até 1481; d. João II, até 1495; e d. Manuel, até 1521.

Chegada à Índia – A Espanha entra na empresa expansionista financiando a expedição do genovês Cristóvão Colombo, que aporta no continente americano em 1492. O navegador imagina ter alcançado o Oriente. Mas é o português Vasco da Gama quem chega primeiro a Calicute, na Índia, em 1498, repetindo a rota de Bartolomeu Dias, que, em 1488, ultrapassara o cabo da Boa Esperança, no extremo sul do continente africano, sem contudo seguir viagem.

Tratados de partilha – Para resolver questões referentes à disputa pelas terras recém-descobertas, Portugal e Espanha fazem acordos. A **Bula Intercoetera**, expedida pelo papa Alexandre VI em 4/5/1493, dá exclusividade à Espanha na exploração e cristianização de "todas as terras descobertas ou por descobrir" localizadas além de um meridiano traçado 100 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde e dos Açores. O **Tratado de Tordesilhas**, assinado em 7/6/1494 por Espanha e Portugal, altera de 100 para 370 léguas o limite determinado pela Bula Intercoetera e permite a Portugal uma folgada margem de segurança no futuro controle do Atlântico sul.

Desvio de rota – Por muito tempo o descobrimento da nova terra – ou "achamento", como registra Caminha em sua carta – foi considerado simples acaso: um desvio na rota para o Oriente (onde Vasco da Gama já estivera dois anos antes) provocado por uma calmaria.

A versão do acaso é contestada pela tese da intencionalidade, que ainda prevalece na historiografia: Portugal tinha de assegurar a posse de terras nos limites garantidos pelo Tratado de Tordesilhas e uma das missões confiadas a Cabral teria sido verificar, a caminho da Índia, a existência de terra descrita por Duarte Pacheco Pereira (integrante da expedição de 1500) em seu livro *Esmeraldo de situ orbis*.

O navegador diz ter seguido o caminho de Vasco da Gama, em 1498, com a incumbência de "descobrir ha parte mais ocidental passando além ha grandeza do mar ociano honde he hachada & nauegada huma tan grande terra firme com muitas & grandes Ilhas ajacentes a ella que se estende a setenta graaos de Ladeza da linha equinocial contra ho polo artico".

PERÍODO PRÉ-COLONIAL

Do descobrimento, em 22/4/1500, até a expedição colonizadora de Martim Afonso de Souza, em 1530.

Os donos da terra – Há várias hipóteses para explicar a existência dos povos primitivos do continente americano. A mais aceita diz que mongólicos migraram da Ásia entre 15 mil e 10 mil anos antes da chegada dos europeus, através do estreito de Bering, que liga o leste da Ásia com o noroeste da América. Dali teriam descido e se espalhado pelo continente. Outra hipótese indica três rotas de migração, além da mongólica: a malaio-polinésia, a australiana e a esquimó, todas atingindo o continente pelo oceano Pacífico.

O homem brasileiro – São recentes os estudos sobre a presença humana em território brasileiro antes da chegada de Cabral. Um deles registra a descoberta, na caatinga do Piauí, de marcas de até 48 mil anos. Outro aponta a existência de sítios em Paranapanema (SP) e Lagoa Santa (MG), com cerca de 12 mil anos.

A primeira classificação é dos jesuítas, feita por meio da observação das línguas faladas e áreas de localização. Os habitantes do interior foram chamados tapuia (de língua travada) e os do litoral, tupi (de língua geral).

A primeira classificação científica, de 1884, do alemão Karl von Steinen, observa a presença de quatro grupos ou nações: tupi-guarani (a maioria), jê ou tapuia, nuaruaque ou naipure e caraíba ou cariba. Eram sociedades patriarcais, nas quais se praticava, predominantemente, a coleta, a pesca e uma agricultura de grande mobilidade espacial. Plantava-se mandioca, tabaco e milho e já se usava a queimada para limpar o solo. O cálculo da população total existente na época do descobrimento varia de 1 milhão a 3 milhões de habitantes.

Primeiras explorações – A primeira expedição portuguesa explora o litoral do atual Rio Grande do Norte, em mai. de 1500, sob o suposto comando de Gaspar de Lemos. Desce até o sul, dando nomes aos lugares descobertos: baía de Todos os Santos, cabo de São Tomé, Angra dos Reis, São Vicente. Lemos viaja novamente em 1502, trazendo Américo Vespúcio, e atinge a baía de Guanabara.

Em 1503, o comerciante Fernando de Noronha obtém da Coroa o primeiro contrato de exploração do pau-brasil e chega à ilha de São João, ou da Quaresma, atual arquipélago de Fernando de Noronha. Em outra expedição, em 1511, Noronha leva para Portugal 5 mil toras de pau-brasil, indígenas e animais tropicais.

Primeiros imigrantes – Muitos degredados europeus chegam ao território brasileiro na época da colonização. Mas chegam também aventureiros de várias nacionalidades (holandeses, franceses, alemães, italianos), inclusive fidalgos, em missões oficiais ou pessoais, em busca de novas oportunidades e fortuna. Chegam ainda judeus portugueses, convertidos ao cristianismo e, por isso, chamados de cristãos-novos.

Os negros – São trazidos para substituir os indígenas como mão-de-obra escrava. Os primeiros grupos vêm da Guiné, na expedição de Martim Afonso de Souza. A permissão para o tráfico é dada por d. João III em 1549, um ano depois da chegada da primeira grande leva de africanos. Sudaneses são levados para a Bahia e bantus espalham-se pelo Maranhão, Pará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo. O tráfico é oficializado em 1568 pelo governador-geral Salvador Correa de Sá.

A escravidão sustenta a organização econômica do país, baseada na ocupação e exploração de grandes propriedades, e define sua estrutura social. Em 1570, há cerca de 3 mil africanos escravizados. Em 1590, são 10 mil só em Pernambuco. Até a extinção oficial do tráfico, em 1850, vêm para a colônia cerca de 3,5 milhões de negros.

BRASIL COLÔNIA

O período colonial vai da expedição de Martim Afonso de Souza, em 1530, até a proclamação da independência por d. Pedro I, em 7/9/1822. Portugal ocupa a colônia, promove seu povoamento e nela instala mecanismos econômico-administrativos.

A colonização – D. Manuel morre em 13/12/1521; sobe ao trono d. João III. Com a chegada de outros países às Índias, Portugal começa a perder o monopólio das especiarias. E, como já não dispõe de recursos suficientes para subsidiar as expedições exploradoras, decide colonizar a nova terra como uma empresa privada.

Expedição de Martim Afonso – O militar e administrador colonial Martim Afonso de Souza recebe o comando de uma expedição que parte de Lisboa em 3/12/1530, com cinco navios, quatrocentos homens e o objetivo de fazer o reconhecimento e organizar a exploração da costa brasileira, desde o Nordeste até o rio da Prata.

Em 30/4/1531, Martim Afonso chega à Guanabara. Autoriza a aventura de 81 homens pelo interior, que acabam trucidados pelos índios carijós. Prossegue viagem pelo sul, em 1º/8, e naufraga próximo ao cabo de Santa Maria. Salva-se agarrado a uma tábua. Mesmo assim, determina que o comandante Pero Lobo prossiga e finque os padrões que trouxe para garantir a posse do rio da Prata. Martim Afonso volta no dia 22/1/1532 a São Vicente, porto usado principalmente como centro de comércio de índios escravos. Com a ajuda de Antônio Rodrigues e João Ramalho, já estabelecidos no local, torna efetiva a ocupação, e é por isso considerado o fundador da cidade. Regressa a Portugal no ano seguinte.

Martim Afonso de Souza tem grande poder: além de tomar posse dos lugares que descobre, nomeia capitães-mores e oficiais de justiça e concede sesmarias. A Coroa, sem recursos para patrocinar a colonização, doa terras a nobres e burgueses.

Capitanias hereditárias

Em carta de 28/9/1532, d. João III comunica a Martim Afonso a decisão de ocupar o novo território até o limite do Tratado de Tordesilhas. A colônia é então dividida em catorze donatarias, ou capitanias de 50 léguas cada. O limite, ao norte, é a costa do atual Maranhão e, ao sul, o litoral de Santa Catarina, em um total de 735 léguas.

Os donatários – Entre os contemplados com as doações de d. João III estão funcionários do reino e pessoas habituadas ao comércio com o Oriente. Os donatários assumem suas capitanias a partir de 1534: *Primeira do Maranhão*, Aires da Cunha; *Segunda do Maranhão*, Fernando Álvares de Andrade; *Ceará*, Antônio Cardoso de Barros; *Rio Grande*, João de Barros; *Itamaracá, Santo Amaro* e *Santana*, Pero Lopes de Souza; *Pernambuco*, Duarte Coelho; *Baía de Todos os Santos*, Francisco Pereira Coutinho; *Ilhéus*, Jorge Figueiredo Correia; *Porto Seguro*, Pero de Campo Tourinho; *Espírito Santo*, Vasco Fernandes Coutinho; *São Tomé*, Pero de Góis; *São Vicente*, Martim Afonso de Souza.

Direitos concedidos – Os donatários recebem de d. João III autonomia civil e criminal sobre as terras cedidas. Podem fundar vilas e nomear ouvidores e tabeliães; devem iniciar atividades econômicas produtivas, mas não podem partilhar ou alienar a propriedade. O rei reserva-se o direito de conservar ou mudar as delimitações das capitanias e afastar seus donatários.

Resultados – A empreitada é dispendiosa e cheia de riscos. Os resultados, para a Coroa, são muito inferiores aos esperados. A principal causa é a falta de dinheiro dos donatários para os investimentos iniciais. Alguns nem chegam a tomar posse, como Vasco Fernandes Coutinho, que morre em naufrágio no litoral da Bahia. Outros renunciam a seus direitos ou vão à falência.

Só a capitania de São Vicente, doada a Martim Afonso e administrada por seus sucessores, e a de Pernambuco, de Duarte Coelho, são bem-sucedidas. O sistema é extinto em 1759.

Governo geral

A primeira tentativa de estruturação administrativa do Brasil é de d. João III. Em 17/12/1548, ele estabelece um governo geral na colônia, para assegurar ordem e prosperidade em todas as capitanias.

Órgãos de governo – Para exercer suas atividades, o governador-geral conta com as Juntas Gerais, que funcionam como um conselho de Estado, e as Juntas de Fazenda, encarregadas da administração econômica e fiscal. A administração local é conduzida pelas câmaras municipais (Senados da Câmara), formadas por três ou quatro vereadores, um procurador, dois almotacéis (ou fiscais), um tesoureiro e um escrivão, e presididas por um juiz ordinário ou juiz-de-fora, nomeado pela Coroa. Os vereadores são eleitos entre os chamados "homens bons", cidadãos mais representativos da localidade, para mandatos de três anos. A função deles é realizar e fiscalizar as obras públicas e administrar os bens da Câmara.

Tomé de Souza – O primeiro governador-geral chega ao Brasil em 29/3/1549 e funda Salvador, sede do governo. Traz um provedor-mor, encarregado da administração econômico-financeira, um ouvidor-mor para chefiar a justiça, artesãos, quatrocentos soldados, seiscentos degredados e cinco missionários jesuítas, liderados pelo pe. Manoel da Nóbrega.

Salvador cresce com mais colonos vindos de Portugal, que recebem sesmarias, desenvolvem a criação de gado, as plantações de cana-de-açúcar, os primeiros engenhos, e introduzem a cultura do arroz e de árvores frutíferas. Tomé de Souza governa até 1553.

Duarte da Costa – Assume o governo geral com a morte de Tomé de Souza, em 1553, e fica até 1557. Sem experiência administrativa, enfrenta inúmeros conflitos, principalmente com o recém-nomeado bispo de Salvador, Pero Fernandes Sardinha. E não consegue combater a instalação de uma colônia de franceses no Rio de Janeiro, chefiada por Villegaignon, que traz colonos calvinistas e os primeiros frades capuchinhos.

Dinastia – D. João III morre em 11/6/1557; sua viúva, Catarina, assume a regência até 23/2/1562. O filho, d. Sebastião, é coroado rei aos 14 anos, em 20/1/1568.

Mem de Sá – Substituto de Duarte da Costa, Mem de Sá governa até 1570. Seu maior feito é a expulsão dos franceses, depois de ataque ao forte que eles haviam

edificado na entrada da baía de Guanabara. Ali, seu sobrinho, Estácio de Sá, funda a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1º/3/1565.

Divisão do governo – Com a morte de Mem de Sá, em 1570, o rei d. Sebastião decide dividir a administração da colônia em dois governos, um com sede no Norte, chefiado por Luiz de Brito de Almeida, e outro no Sul, chefiado por Antônio de Salema. Em 10/12/1572, é restabelecido o governo geral, que é entregue a Luiz de Brito de Almeida. Ele governa até 12/4/1577. Seu substituto, Lourenço da Veiga, fica até 17/6/1580.

Dominação espanhola – D. Sebastião morre na Batalha de Alcácer Quibir, África, em 4/8/1578. É substituído pelo cardeal d. Henrique, seu tio, que morre em 31/1/1580. O trono é disputado por sobrinhos, entre eles d. Antônio, prior do Crato, e o rei Felipe II, da Espanha. Vence d. Antônio, aclamado rei em 19/6. Ele nomeia para o governo geral do Brasil Cosme Rangel, que fica até 9/5/1583. Em 17/6/1580, tropas espanholas comandadas pelo duque de Alba invadem Portugal.

Em 5/12/1580, Felipe II entra em território português e é sagrado rei em 16/4/1581, instituindo a união ibérica. Portugal fica com o controle das leis, governo, administração, justiça, moeda e língua.

Governantes – Durante a dominação espanhola, o Brasil é administrado pelos governadores-gerais Manuel Telles Barreto, 9/5/1583–9/5/1587; Antônio Barreiros e Cristóvão de Barros, 9/5/1587–9/6/1591; Francisco de Souza, 9/6/1591–1º/4/1602; Diogo Botelho, 1º/4/1602–22/8/1608; Diogo de Menezes e Siqueira, 22/8/1608–22/8/1612; Gaspar de Souza, 22/8/1612–1º/1/1617; Luís de Souza, 1º/1/1617–12/10/1621; Diogo de Mendonça Furtado, 12/10/1621–26/7/1624; Matias de Albuquerque, 26/7–24/9/1624; Francisco Nunes Marinho d'Eça, 24/9–3/12/1624; Francisco de Moura Rolim, 3/12/1624–28/12/1626; Diogo Luís de Oliveira, 28/12/1626–11/12/1635; Pedro da Silva, 11/12/1635–23/1/1639; Fernando Mascarenhas, 23/1–21/10/1639; Vasco Mascarenhas, 21/10/1639–26/5/1640.

Dinastia ibérica – Felipe II morre em 13/9/1598. O filho, Felipe III, assume o trono dos dois reinos e governa até morrer, em 13/3/1621. É sucedido pelo filho Felipe IV, que governa até o fim da dominação espanhola. Os portugueses reconquistam sua independência e aclamam rei o duque de Bragança, que assume o trono como d. João IV, em 1º/12/1640.

Vice-reis – A partir de 1640, o governador-geral recebe o título de vice-rei; na prática, só algumas regalias a mais, como a precedência protocolar em relação aos bispos. Os vice-reis governam até 1808. O primeiro é d. Jorge Mascarenhas, marquês de Montalvão, que fica no poder de 26/5/1640 até sua morte, em 16/4/1641.

Mascarenhas é sucedido por um triunvirato – o bispo d. Pedro; Luís Barbalho, provedor-mor; e Lourenço Brito Correia –, de 16/4/1641 a 14/7/1642. Ocupam depois o cargo: Antônio Telles da Silva, 14/7/1642–26/12/1647; Antônio Telles de Menezes, 26/12/1647–10/3/1650; gen. João Rodrigues de Vasconcelos, 10/3/1650–14/12/1654; Jerônimo de Ataíde, 14/12/1654–20/6/1657; gen. Francisco Barreto, 20/6/1657–21/7/1663; Vasco Mascarenhas, 21/7/1663–13/6/1667; Alexandre de Souza Freire, 13/6/1667–8/5/1671; Afonso Furtado de Castro de Mendonça (visc. de Barbacena), 8/5/1671–26/11/1675.

Barbacena é substituído por outro triunvirato: desembargador Agostinho de Azevedo Monteiro, Álvaro de Azevedo e Antônio Guedes Brito, de 26/11/1675 a 15/3/1678. Sucedem-se: Roque da Costa Barreto, 15/3/1678–23/5/1682; Antônio de Souza Menezes, 23/5/1682–4/6/1684; Antônio Luís de Souza, 4/6/1684–4/6/1687; Matias da Cunha, 4/6/1687–24/10/1688; frei Manuel da Ressurreição, 24/10/1688–8/10/1690; Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho, 8/10/1690–22/5/1694; João Lencastro, 22/5/1694–3/7/1702; Rodrigo da Costa, 3/7/1702–8/9/1708; Luís César de Menezes, 8/9/1708–3/5/1710; Lourenço de Almada, 3/5/1710–14/10/1711; Pedro de Vasconcelos e Souza, 14/10/1711–11/6/1714; Pedro Antônio de Noronha, 14/10/1714–11/6/1718; Sancho de Faro, 21/8/1718–13/10/1719; Sebastião Monteiro Da Vide, Caetano de Brito e Figueiredo e João de Araújo e Azevedo, 14/10/1719–23/11/1720; Vasco Fernandes de Menezes, 23/11/1720–11/5/1735; André de Melo e Castro, 11/5/1735–17/12/1749; Luís Pedro Peregrino de Carvalho e Ataíde, 17/12/1749–17/8/1754; José Botelho de Matos, Manuel Antônio Souto Maior e cel. Lourenço Monteiro, 17/8/1754–23/12/1755; Marcos de Noronha, 23/12/1755–9/1/1760; Antônio Soares Portugal (marquês do Lavradio), 9/1–4/7/1760; chanceleres Tomás de Barros Barreto e José Carvalho de Andrade e cel. Barros Alvim, 4/7/1760–27/6/1763; Antônio Álvares da Cunha, 27/6/1763–31/8/1767; Antônio Rolim de Moura, 17/11/1767– 4/11/1769; Luís de Almeida, 4/11/1769–30/4/1778; Luís de Vasconcelos e Souza, 30/4/1778–9/5/1790.

Fecham o período dos vice-reis, já entrando no séc. XIX, José Luís de Castro, 9/5/1790–14/10/1801; José Fernandes de Castro, 14/10/1801–14/10/1806; e Marcos Noronha e Brito, 14/10/1806–22/1/1808.

Economia colonial

Integrada ao sistema capitalista nascente, é especializada e dependente do mercado consumidor metropolitano. Voltada para a exportação, tem caráter predatório, práticas agrícolas rudimentares e provoca rápido esgotamento da terra.

A produção baseia-se na grande propriedade monocultora, o latifúndio, com utilização de numerosa mão-de-obra, técnicas precárias e baixos índices de produtividade. O trabalho escravo – mão-de-obra indígena (usada até 1758) e negra – permite acumulação de capital. A economia colonial tem fases estanques, com predomínio de um produto básico.

Pau-brasil – Riqueza de exploração imediata: fácil acesso e investimento mínimo. Permanece como monopólio da Coroa até 1859. A fase mais intensa da exploração vai do período pré-colonial até meados do séc. XVI. A extração é feita ao longo do litoral, desde o Rio Grande do Norte até o Rio de Janeiro, em sistema de arrendamento, através de contratos entre o Estado e companhias particulares, que pagam um quinto da extração ao governo português. Posteriormente, passa a ser feita mediante prévia autorização do governador-geral. Até a segunda metade do séc. XVI, o corte e o transporte local são feitos pelos índios, sob controle de feitores, comerciantes ou colonos. Depois, escravos negros são deslocados para o serviço, nas entressafras da cana-de-açúcar.

A partir do final do séc. XVI, a Coroa portuguesa começa a temer o risco de esgotamento do produto e, em 1605, tenta regulamentar a exploração editando o Regimento do Pau-brasil.

Cana-de-açúcar – O cultivo, introduzido por Martim Afonso, na capitania de São Vicente, teve seu apogeu entre 1570 e 1650. Fatores favoráveis: experiência adquirida pelos portugueses nos engenhos das ilhas do Atlântico, solo, abundância de mão-de-obra escrava e expansão do mercado consumidor na Europa. Com a cultura canavieira organizam-se os engenhos, com a casa-grande, onde mora a família do senhor; a senzala, dos escravos; e a capela. Junto aos canaviais, há terras para o gado e roças de subsistência. Estimativa do final do séc. XVII indica a existência de 528 engenhos na colônia. Eles garantem a exportação anual de 37 mil caixas de 35 arrobas cada. Nessa época, Portugal consome apenas 3 mil caixas anuais.

A produção favorece a ocupação e o povoamento do território, assegurando lucros consideráveis aos senhores de engenho e à Coroa. A queda do consumo na Europa e a concorrência de indústrias montadas nas Antilhas pelos holandeses levam ao fim do monopólio na segunda metade do séc. XVII.

Ciclo do ouro – Na passagem do séc. XVII para o XVIII começa o ciclo do ouro. Os grandes interesses da Coroa voltam-se, mais do que nunca, para a colônia brasileira. A região das minas (onde hoje estão os Estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso) é intensamente povoada, inclusive por habitantes de São Paulo e de outras regiões. Para a exploração das jazidas, é usada mão-de-obra escrava do Nordeste. Criam-se novas vilas: Sabará, Mariana, Vila Rica de Ouro Preto, Caeté, São João del Rey, Arraial do Tejuco (atual Diamantina) e Cuiabá. O ciclo do ouro alterna períodos de alta e baixa produção, com maior estabilidade (em volumes mais altos) entre 1735 e 1754, quando a exportação média anual fica em torno de 14.500 kg. No final do séc. XVIII, o volume enviado a Portugal é de cerca de 4.300 kg por ano.

A livre exportação de ouro, mediante pagamento de um quinto do total explorado, é autorizada em Carta Régia de 1603. A administração e fiscalização da atividade mineradora é regulamentada no Regimento do Ouro, em 1702, com a criação da Intendência das Minas, vinculada diretamente à metrópole. Toda descoberta deve ser comunicada. O pagamento do quinto à Coroa é garantido, a partir de 1720, com a criação das Casas de Fundição, que transformam o minério em barras timbradas e quintadas. Em 1765 é criada a derrama, instituindo o confisco de bens para cobrir os déficits de produção.

Diamantes – A exploração começa por volta de 1729, nas vilas de Diamantina e Serra do Frio, no norte de Minas Gerais. A produção atinge grandes volumes, chegando a causar pânico no mercado joalheiro, por forçar a baixa dos preços. Em 1734, constitui-se uma intendência, com autonomia quase total na administração das lavras. E a extração passa a ser controlada por meio de medidas severas, que incluem confisco, proibição da entrada de forasteiros e expulsão de escravos.

Renascimento agrícola – Entre a época da mineração e o advento do café, do final do séc. XVIII a meados de 1830. Passada a euforia inicial da extração do ouro, começam a surgir áreas de agricultura e pecuária ao longo dos caminhos para os depósitos auríferos. Essas atividades passam a ser lucrativas por causa do crescimento demográfico. As sesmarias (terras incultas ou abandonadas) são doadas a quem queira cultivá-las.

Algodão, tabaco e cacau tornam-se os principais produtos agrícolas de exportação.

Os maiores centros produtores de algodão surgem no Nordeste (Maranhão e Pernambuco). O tabaco funciona, ao longo do séc. XVII, como moeda de troca para aquisição de escravos nos mercados da costa africana. O grande produtor é a Bahia, seguida por Alagoas.

O cacau, visto inicialmente como produto de atividade extrativista, praticada no Pará e em Rio Negro, passa a ser cultivado na Bahia e no Maranhão, com mão-de-obra escrava negra.

Pecuária – Fator essencial na ocupação e povoamento do interior. As fazendas de criação de gado são latifúndios assentados em sesmarias. O proprietário, ao tomar posse da terra, arrenda as regiões mais distantes a pequenos criadores. A atividade não é dirigida para a exportação e, em vez de escravos, usa mulatos, mestiços, negros forros, índios e brancos assalariados. É no Sul que a criação de gado mais se desenvolve.

Instituições – Companhia Geral do Comércio, 1649; Companhia de Comércio (Maranhão), 1682; Casa da Moeda (Bahia e Rio), 1694 e 1702; e Companhia de Comércio de Pernambuco e Paraíba, 1759.

Poder religioso

A fixação da nova colônia recebe forte apoio da Igreja Católica. Acompanhando Tomé de Souza chegam religiosos da Companhia de Jesus. São jesuítas que cuidam do registro de nascimentos, casamentos e mortes; estudam as culturas locais e opõem-se à escravidão indígena.

Primeiro bispado – Em 1551, por insistência do jesuíta Manoel da Nóbrega, d. João III autoriza a criação do primeiro bispado em Salvador. D. Pero Fernandes Sardinha, primeiro bispo, chega em jun. de 1552. Institui o sistema de padroado, pelo qual o rei age como perpétuo administrador da Ordem e Cavalaria do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Cristo. Carmelitas fundam seu primeiro convento em Pernambuco, em 1584; franciscanos chegam em 1587. A partir de 1594, capuchinhos franceses instalam-se no Maranhão e monges beneditinos no Rio, Bahia e Pernambuco. A ação missionária é regulamentada em 1696 pelo Regimento das Missões.

Escolas – Em 1569 há cinco escolas de instrução elementar fundadas pelos jesuítas (Porto Seguro, Ilhéus, Espírito Santo, São Vicente e São Paulo de Piratininga) e três colégios onde ensinam latim e humanidades (Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia).

Expulsão dos jesuítas – Em 1759 a oposição ao poder eclesiástico em Portugal e nas colônias, feita pelo marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo, ministro de d. José I), expulsa os jesuítas do Brasil. Colégios e seminários são fechados. A reforma pombalina da educação, em 1770, substitui o sistema jesuítico e o ensino é dirigido pelos vice-reis nomeados por Pombal.

Sociedade

Nas regiões mineradoras, a sociedade já é urbanizada, com núcleos populosos e diversificação de atividades, funções e serviços. Nas demais, os agrupamentos humanos organizam-se em torno dos engenhos e fazendas de algodão, fumo e gado. O poder concentra-se nas mãos dos senhores rurais.

População – Estimada, em 1770, em 1,5 milhão a 2,5 milhões: 20,5% em Minas Gerais, 18,5% na Bahia, 15,4% em Pernambuco, 13,8% no Rio de Janeiro, 7,5% em São Paulo, 24,3% nas outras capitanias.

Expansão territorial

As necessidades econômicas da metrópole, que estimulam a busca de mão-de-obra indígena, a pecuária e a mineração, são elementos essenciais da expansão.

Bandeiras – Incursões pelo interior organizadas a partir de São Paulo e formadas às vezes por milhares de homens que viajam durante meses ou anos. Visam em princípio à captura de indígenas para as lavouras, principalmente em ataques a aldeamentos organizados pelos jesuítas. Estima-se que 300 mil índios são escravizados entre 1614 e 1639, quando o declínio do bandeirantismo de aprisionamento cede lugar a expedições cada vez maiores, em busca de metais e pedras preciosas. Principais bandeiras: Diogo Quadros e Manuel Preto, em 1606, e Belchior Dias Carneiro, em 1607, comandam as primeiras bandeiras • Em 1629, Antônio Raposo Tavares e Manuel Preto, com novecentos mamelucos e 2.200 índios, destroem os aldeamentos de Guaíra, aprisionando milhares de indígenas • Pedro Teixeira sobe o rio Amazonas até Quito, em 1637, retornando ao Pará em 1639; é derrotado pelos índios, com apoio dos jesuítas, em 1641 • Antônio Raposo Tavares parte de São Paulo, alcança o Peru e desce o rio Amazonas até o Pará, entre 1648 e 1651 • Fernão Dias Paes procura esmeraldas no interior de Minas Gerais, de 1674 a 1681 • Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera, procura ouro no Brasil Central, chegando ao rio Vermelho, no sudoeste de Goiás, entre 1680 e 1682 • Pascoal Moreira Cabral parte de Sorocaba e atinge o Mato Grosso, onde encontra ouro às margens do rio Coxipó-Mirim, em 1719 • Artur e Fernão Paes de Barros partem de Cuiabá, descobrindo ouro na bacia do rio Guaporé, no Mato Grosso, em 1731.

Ocupação do sertão – O desenvolvimento da pecuária nos engenhos de açúcar de Pernambuco e da Bahia leva ao desbravamento do interior do Nordeste. A partir de

Pernambuco, é ocupado o "sertão de fora", da Paraíba e Rio Grande do Norte até o interior do Ceará. O "sertão de dentro" é ocupado a partir da Bahia rumo ao rio São Francisco, bacia do rio Parnaíba, sul do Piauí e Maranhão.

Amazônia – A fundação do Forte do Presépio, em 1616, hoje cidade de Belém, pelo cap. Francisco Castelo Branco, na baía de Guajará, inicia a ocupação da Amazônia. A região é explorada pelo extrativismo vegetal e núcleos habitacionais às margens dos rios. Organizam-se também fazendas onde, a pretexto de proteger e evangelizar, os missionários atraem indígenas para o trabalho. No Sul, a expansão começa no litoral do Paraná e Santa Catarina e segue até o rio da Prata.

Colônia do Sacramento – Fundada em 20/1/1680 (hoje Colônia, Uruguai) na margem esquerda do rio da Prata. Ponto fundamental na conquista da região dos pampas, cresce organizada pelos jesuítas. É tomada pelos espanhóis em 7/8 e restituída pelo Tratado de Lisboa, assinado em 7/5/1681. Em 1706, é retomada pelos espanhóis. Volta ao controle português pelo Tratado de Utrecht, de 6/3/1715, e é mais uma vez retomada pela Espanha em 1735. Expedição comandada pelo brig. José da Silva Paes tenta conquistar Montevidéu. Um novo tratado, de El Pardo, devolve a colônia aos portugueses em 12/2/1761. Em 1762, Sacramento é ocupada pelo espanhol Pedro Cavallos, que ataca também o Rio Grande do Sul; em 1763, ele devolve a colônia e, em 1777, ataca Santa Catarina.

O Tratado de Santo Ildefonso, assinado em 1º/10, confirma a soberania espanhola sobre Sacramento.

Cidades e Estados – A primeira vila do país, **São Vicente**, é fundada por Martim Afonso de Souza, no atual Estado de São Paulo, em 22/1/1532. A vila de **Olinda**, primeira sede da capitania de Pernambuco, surge em 12/3/1535. Na segunda metade do séc. XVI, padres jesuítas, entre eles José de Anchieta, formam o núcleo inicial da futura vila e cidade de **São Paulo**, em 1554; Estácio de Sá funda São Sebastião do **Rio de Janeiro** em 1º/3/1565; Filipéia, atual **João Pessoa**, é fundada por João Tavares em 1585; **Sergipe** é conquistado e colonizado após vitória de Cristóvão Cardoso de Barros, que domina os índios caetés em 1º/1/1590; **Natal** é fundada em 25/12/1599. *Séc. XVII*: construção do Forte São Sebastião, origem de **Fortaleza**, por Martim Soares Moreno, em 1612; construção do Forte do Presépio, na baía de Guajará, origem da vila de Nossa Senhora do Belém do Grão-Pará, em 1616, pelo cap. Francisco Castelo Branco; criação do Estado do **Maranhão** e Grão-Pará em 1621; fundação do Forte de S. José do Rio Negro, origem de **Manaus**, em 1669; transferência da capital do Maranhão de **São Luís** para Belém em 1673; início da formação do **Piauí** com a instalação de fazendas de gado entre os rios Piauí e Canindé, por Domingos Sertão e Domingos Jorge Velho, em 1674; criação da capitania da **Paraíba** em 1684; fundação da vila de **Laguna**, por Domingos de Brito Peixoto, em 1684; construção do Forte de S. José do Macapá em 1688; fundação de **Curitiba** em 1693. *Séc. XVIII*: criação da capitania do **Pará** e início da colonização do **Rio Grande do Sul** em 1737; criação da capitania de **Santa Catarina** em 1738; fundação do Porto dos Casais, atual **Porto Alegre**, em 1742; criação das capitanias de **Mato Grosso** e **Goiás** em 1748; transferência da sede do governo de **Salvador** para o **Rio de Janeiro** em 1763. *Séc. XIX*: elevação do **Rio Grande do Sul** a capitania em 1807.

Grandes invasões

Ao mesmo tempo que expandem seu domínio sobre o território brasileiro, os colonizadores portugueses têm de defendê-lo dos invasores de outros países.

Ingleses – A primeira expedição é comandada por William Hawkins, em 1532. O corsário Thomas Cavendish saqueia São Vicente em 25/12/1591; outro corsário, James Lancaster, invade e saqueia Recife em 9/4/1595.

Franceses – Com o objetivo de criar a França Antártica, os franceses ocupam o Rio de Janeiro, chefiados por Nicolas Durand de Villegaignon, fundando o Forte Coligny, em 1555. Em 1565, enfrentam a armada comandada por Estácio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, que desembarca na baía de Guanabara. Em 1594, uma expedição ao Maranhão, comandada por Charles des Vaux e Jacques Riffault, tenta criar a França Equinocial. Em 6/9/1612, fundam o Forte de São Luís, liderados por Daniel de la Touche; são expulsos em 4/11/1615. Em 18/10/1710, o corsário Jean François du Clerc tenta ocupar o Rio de Janeiro; é expulso pelas tropas do gov. Francisco de Castro Morais.

A última presença registrada de franceses em território brasileiro é a do corsário René Duguay Trouin, que saqueia o Rio de Janeiro em 12/9/1711.

Holandeses – Portugal e Holanda eram parceiros tradicionais. Sob domínio espanhol, os holandeses são proibidos de aportar em terras portuguesas. Formam então a Companhia das Índias Ocidentais, sociedade mercantil da qual participam o governo e empresas privadas de comércio. Em mai. de 1624, uma expedição aporta em Salvador e é repelida em abr. do ano seguinte por uma frota de 52 navios organizada por Espanha e Portugal. Em 1630, em nova investida, é fundada a vila de Nova Holanda, em Pernambuco, o maior centro produtor de açúcar da colônia. Entre os índios, negros, mulatos e cristãos-novos que se aliam aos holandeses em troca de liberdade está o mulato Domingos Fernandes Calabar, pernambucano de Porto Calvo. Ele combate os invasores de 1630 a 1632; em 1633 muda de lado. Considerado traidor, diz acreditar que o domínio holandês seria mais benéfico. Em 1635 é enforcado por ordem do governador da capitania, Matias de Albuquerque. A partir de 1637, a vila passa a ser governada pelo príncipe João Maurício de Nassau, que amplia a lavoura açucareira, desenvolve fazendas de gado, restabelece a disciplina das tropas e dos funcionários civis, constrói hospitais e orfanatos e assegura a liberdade de culto para os católicos, os protestantes e os judeus.

Nassau volta à Holanda em 1644 e a vila entra em decadência, facilitando a reconquista. Os holandeses capitulam em 26/1/1654, ao final de longos combates, como as duas batalhas dos Guararapes (1648 e 1649), que unem o gov. do Maranhão, André Vidal de Negreiros, o índio Felipe Camarão, o senhor de engenho João Fernandes Vieira e o negro Henrique Dias. A perda da vila é reconhecida pela Holanda com a Paz de Haia, em 1661.

Portugal independente

A partir de 1641, Portugal entra mais uma vez em guerra com a Espanha, até 1648, quando readquire sua independência.

Sucessão – D. João IV morre em 6/11/1656. O poder é assumido pela viúva, d. Luísa, que governa até 23/7/1662, quando d. Afonso IV assume o trono. Em 24/11/1667, é destronado pelo irmão, o infante d. Pedro. Em 27/1/1668, as Cortes sancionam a regência de Pedro. Quando Afonso morre, d. Pedro é coroado em 12/9/1683. O sucessor é d. João V, que morre em 31/7/1750. Assume d. José I, que morre em 24/2/1777. A herdeira, d. Maria I, é considerada louca e a regência é assumida por d. João até a oficialização em 15/7/1799. Morta d. Maria, em 16/3/1816, d. João assume como d. João VI e é coroado no Rio de Janeiro em 6/2/1818.

Tratados – O de **Methuen**, assinado entre Portugal e Inglaterra, em 27/12/1703, deixa o país à mercê da economia inglesa. Em troca de proteção contra a Espanha, Portugal importa produtos têxteis ingleses. O de **Madri**, assinado em 13/10/1750, anula o de Tordesilhas. Segue o princípio do *Uti possidetis* (a terra pertence a quem a ocupou), reconhecendo as fronteiras por acidentes geográficos. Com o novo tratado, o Brasil chega à configuração geográfica atual.

Nativismo

De meados do séc. XVII ao começo do séc. XVIII, os abusos do fiscalismo português são combatidos por movimentos nativistas que contestam aspectos isolados do colonialismo e marcam o início do confronto entre os interesses da elite agrária local e os da metrópole: aclamação de Amador Bueno, São Paulo (1641); Revolta do Rio de Janeiro (1660); Revolta do Nosso Pai, Pernambuco (1664); Revolta de Beckman, Maranhão (1684); Guerra dos Emboadas, Minas Gerais (1708); Guerra dos Mascates, Pernambuco (1710); Revolta de Felipe dos Santos, em Vila Rica, Minas Gerais (1720).

Guerra dos Emboabas – A posse das minas de ouro é garantida a paulistas e sertanejos pelo Ato Régio de 1696. A exploração provoca vários conflitos. Um deles envolve os paulistas comandados por Manuel de Borba Gato e os emboabas – portugueses que disputavam a posse das jazidas e brasileiros de outras regiões.

Os emboabas organizam-se sob o comando de Manuel Nunes Viana, proclamado governador de Minas. Ele decide atacar os paulistas concentrados em Sabará. No Arraial da Ponta do Morro, atual Tiradentes, um grupo de trezentos paulistas investe contra os emboabas, mas acaba se rendendo. Bento do Amaral Coutinho, chefe dos emboabas, desrespeita garantias estabelecidas em casos da rendição e, em fev. de 1709, chacina os paulistas no local que fica conhecido como Capão da Traição.

O governador do Rio de Janeiro, Antônio Coelho de Carvalho, intervém obrigando Nunes Viana a deixar Minas e retirar-se para o rio São Francisco. Em conseqüência, é criada em 9/11/1709 a capitania de São Paulo e Minas, governada por Antônio de Carvalho. Em 21/2/1720, Minas separa-se de São Paulo.

Guerra dos Mascates – Os interesses comerciais dos portugueses de Recife (chamados pejorativamente de mascates) entram em conflito com as aspirações de poder dos senhores de engenho de Olinda, sede do poder público na época. Em 4/3/1710, quando o gov. Sebastião de Castro Caldas ordena a elevação de Recife à categoria de vila, a população de Olinda rebela-se, ataca Recife, destrói o pelourinho, símbolo do poder político municipal, expulsa o governador e entrega o poder ao bispo de Olinda, d. Manuel Álvares da Costa.

A metrópole envia outro governador, Félix Vasconcelos, que toma posse em 10/1/1711. Os mascates, liderados por João da Mota, libertam companheiros. Os olindenses contra-atacam, ajudados por grupos vindos do interior. Cercam Recife e travam combates como os de Boa Vista, Afogados e Barreta. O confronto é suspenso por ordem real em 7/4/1714. A vila do Recife permanece como capital da capitania de Pernambuco, mas o governador é obrigado a morar seis meses em cada vila.

Cultura – As primeiras manifestações culturais do nativismo estão no livro de poemas *Música do Parnaso*, de Manuel Botelho de Oliveira (1636–1711). Significativa é também a obra satírica de Gregório de Matos Guerra, que traça amplo painel da vida na Bahia. Em Minas, Bahia e Rio de Janeiro, proliferam os grêmios literários e artísticos integrados por médicos, funcionários públicos, militares, magistrados e clérigos, que impulsionam a pesquisa de temas nacionais.

Crise do sistema colonial

Entre o final do séc. XVIII e o começo do séc. XIX. É a era do Iluminismo – em que se forma o pensamento liberal e começa a luta contra as instituições do Antigo Regime, na França – e da Revolução Industrial, na Grã-Bretanha. A independência dos EUA, em 4/7/1776, torna-se símbolo do início da ruptura do sistema colonial europeu.

Em Portugal, o absolutismo atinge o apogeu durante o governo de d. José I. Seu secretário dos Negócios Estrangeiros, o marquês de Pombal, torna-se o mais influente membro do gabinete e assume poderes ditatoriais. Reestrutura o Exército e a burocracia estatal; subjuga a nobreza e o clero. Por suas reformas econômicas, sociais e educacionais, passa a ser considerado um "déspota esclarecido". A política antibritânica aproxima ainda mais a metrópole das colônias. Mas o contrabando inglês na costa brasileira sinaliza os benefícios do livre comércio, e a elite encontra no liberalismo a base teórica para defender seus interesses. Os conflitos com a metrópole acentuam-se com a exploração das minas. Pombal demite-se em 4/3/1777. Nesse quadro eclodem os principais movimentos de emancipação do período: Inconfidência Mineira (1788/89), Conjuração Baiana ou dos Alfaiates (1798) e Revolução Pernambucana (1817).

INCONFIDÊNCIA MINEIRA

O projeto é tornar o país independente de Portugal e instaurar a República; retomar as atividades manufatureiras, proibidas desde 1785; fundar uma universidade em Vila Rica; e instituir uma nova bandeira – um triângulo com o lema *Libertas quae sera tamem* (Liberdade ainda que tardia) – sem, no entanto, abolir a escravidão. Muitos dos participantes do movimento são fazendeiros ou mineradores.

Os conspiradores – Entre os conspiradores (a maioria é da elite local) estão Inácio José de Alvarenga Peixoto, ex-ouvidor de São João del Rey; Cláudio Manoel da Costa, poeta e jurista; ten.-cel. Francisco Freire de Andrada; Tomás Antônio Gonzaga, português, poeta, jurista e ouvidor de Vila Rica; José Álvares Maciel, estudante de Química em Coimbra (que tenta conquistar, com Joaquim José Maia, o apoio do presidente americano Thomas Jefferson); Francisco Antônio de Oliveira, José Lopes de Oliveira, Domingos Vidal Barbosa, Salvador Amaral Gurgel, os pe. Manoel Rodrigues da Costa, José de Oliveira Rolim e Carlos Toledo; e o côn. Luís Vieira da Silva.

Tiradentes – O alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, oficial do Regimento dos Dragões das Minas Gerais, não tem raízes na aristocracia local. É filho de um proprietário rural, sem fortuna e sem formação intelectual. Antes de entrar para a Polícia Militar, exerce vários ofícios, como tropeiro, minerador e dentista (por isso, Tiradentes). Entra para a História como principal líder do movimento. Alguns historiadores o consideram um idealista ingênuo, manipulado pela elite que articulou a revolta.

Pesquisa nos Autos da Devassa, divulgada no ano do bicentenário da morte do alferes, em 1992, diz que todas as imagens do líder apresentadas até agora são fictícias. De acordo com essa pesquisa, Tiradentes não usava barba, pelo menos na época da Inconfidência. Dos autos constam a apreensão, em sua casa, em 25/11/1789, de duas navalhas e um espelho. Esses mesmos objetos foram encontrados na cela onde ficou preso por três anos. O estudo diz também que os presos eram proibidos de usar barba e cabelos longos. A imagem histórica, consagrada em vários quadros, seria então explicada pelo fato de que, na falta de registros precisos, os pintores teriam preferido retratar Tiradentes com fisionomia semelhante à de Cristo, mais favorável a um herói nacional.

Devassa – O pretexto para a eclosão do movimento é a cobrança da derrama, adotada pela Coroa no declínio da mineração do ouro. Em 5/3/1789, o movimento é denunciado pelos portugueses Joaquim Silvério dos Reis, Brito Malheiros e Correia Pamplona. Em 10/5/1789, as tropas portuguesas prendem Tiradentes. É instaurado processo, ou devassa, para estabelecer a culpa dos conspiradores, que dura três anos. O advogado da Santa Casa de Misericórdia, José de Oliveira Fagundes, procura evitar a condenação dos envolvidos, mas nada consegue. Em 18/4/1792 são lavradas as sentenças finais do inquérito: onze são condenados à forca, os demais à prisão perpétua, a ser cumprida na África, e ao açoite em praça pública. As sentenças dos sacerdotes envolvidos na conspiração permanecem, porém, secretas. Dos inconfidentes, só morrem Cláudio Manoel da Costa, em sua

cela, e Tiradentes, o único executado publicamente. Enforcado no Rio de Janeiro em 21/4/1792, seu corpo é esquartejado e exposto em Vila Rica.

CONJURAÇÃO BAIANA

Também conhecida como rebelião dos Alfaiates (Salvador, 1798). De caráter social e popular, não se restringe a reivindicações político-liberais. Participam do movimento os alfaiates João de Deus e Manoel dos Santos Lira e os soldados Lucas Dantas e Luís Gonzaga das Virgens, escravos, negros libertos, mulatos, sapateiros e pedreiros. A conjuração reivindica independência e igualdade racial, o fim da escravidão, a extinção dos privilégios da elite branca e letrada e o livre comércio entre os povos. Inspira-se nas idéias da Inconfidência Mineira, disseminadas na cidade pelos integrantes da loja maçônica Cavaleiros da Luz, integrada por gente da elite baiana, como o prof. Bento de Aragão, o médico Cipriano Barata, o pe. Agostinho Gomes e o ten. Aguilar Pantoja.

"Está para chegar o tempo feliz da nossa liberdade; o tempo em que seremos irmãos; o tempo em que seremos iguais", diz manifesto afixado nas ruas em 12/8/1798, conclamando o povo a um levante em defesa da República Baiense.

Há delações e a repressão é imediata. São presas 49 pessoas, entre elas três mulheres. Seis integrantes da facção mais popular são condenados à morte e outros ao exílio perpétuo. Os Cavaleiros da Luz escapam do julgamento ou são absolvidos.

REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA

É influenciada, como a Conjuração Baiana, pela propagação da ideologia liberal por lojas maçônicas. Em 1817, a seca e a crise do setor açucareiro mergulham Pernambuco em um período de instabilidade e insatisfação popular, que provoca uma revolta contra os portugueses, envolvendo militares, clero, proprietários rurais e comerciantes.

Em mar. de 1817, o gov. Caetano Pinto recebe denúncia e ordena a prisão dos envolvidos. Os líderes civis não oferecem resistência, mas o cap. José de Barros Lima, chamado de Leão Coroado, mata o brig. Manoel Barbosa de Castro ao receber ordem de prisão, dando início a um motim na fortaleza das Cinco Pontas que logo ganha as ruas.

O governador refugia-se na fortaleza de Brum, no Recife, mas em 7/3 capitula e embarca para o Rio de Janeiro. De posse da cidade, os rebeldes organizam o primeiro governo brasileiro independente baseado na representação de classes, que chega a proclamar a República, garantindo os direitos individuais e as liberdades de imprensa, culto e opinião.

O movimento se divide na questão da escravidão: comerciantes como Domingos José Martins defendem a abolição; representantes do setor agrícola, como Francisco de Paula, se opõem, temendo a repetição dos massacres de brancos ocorridos no Haiti. Isso acaba impedindo a participação dos combatentes negros e de suas lideranças, como o cap. mulato Pedro Pedroso.

Os revolucionários enviam emissários aos EUA, Grã-Bretanha e região platina para obter reconhecimento e articular o movimento na Bahia, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba. Só obtêm êxito na Paraíba, sob a liderança de Amaro Gomes Coutinho. Divididos e isolados do resto da colônia, os revolucionários não resistem por muito tempo. Em 19/5/1817, são derrotados pelas tropas de d. João VI. A maioria é presa e os líderes executados.

A Corte no Brasil

No final de 1807, d. João VI – d. João de Bragança, príncipe regente de Portugal – vem para o Brasil com a família real portuguesa e um séquito estimado em 15 mil pessoas. A escolta é feita pela Marinha britânica. A Corte aporta no Rio de Janeiro em jan. de 1808. O Brasil passa a ser sede da monarquia portuguesa.

Napoleão – A transferência da família real portuguesa é conseqüência da política expansionista de Napoleão Bonaparte. O imperador queria impor a supremacia da França aos outros países europeus. Encontrando forte oposição de Londres, proíbe o comércio dos países do continente com a Grã-Bretanha. A medida afeta a Coroa portuguesa, aliada dos britânicos. Portugal tenta uma política de neutralidade com a França. Mas a desobediência ao bloqueio faz com que o governante francês decrete a invasão de Portugal por tropas comandadas pelo gen. Jean Junot, após ter assinado com a Espanha o Tratado de Fontainebleau (1807). Esse acordo, que dividia o território português entre os dois países (seriam criados os reinos de Lusitânia e de Algarves), nunca foi posto em prática.

Primeiras medidas – Logo ao chegar, d. João decreta a abertura dos portos, rompendo o monopólio mercantil do sistema colonial. A vida econômica muda radicalmente. O séquito real amplia a demanda de bens de consumo e aumenta as despesas públicas.

A abertura dos portos beneficia também a Grã-Bretanha, que consolida seus negócios com a colônia portuguesa, firmando com d. João o Tratado de Amizade e Aliança e o de Comércio e Navegação, em 1810. Com eles, os britânicos conseguem dominar o comércio brasileiro, inundando-o com seus produtos e afetando a nascente indústria nacional.

Instituições – A vida administrativa reorganiza-se nos moldes portugueses. É criado o primeiro Banco do Brasil, em 1808, com a finalidade de obter fundos para a manutenção da Corte, pagar os soldados, os ordenados e pensões dos funcionários e promover transações comerciais; o Erário Régio, depois transformado em Ministério da Fazenda; o Conselho de Estado; a Junta de Comércio; a Intendência Geral da Polícia; o Desembargo do Paço; a Mesa de Consciência e Ordens (ou tribunal) e a Junta Real de Agricultura e Navegação.

Vida cultural – São criados a primeira escola superior, a Médico-Cirúrgica, em Salvador, em 18/2/1808; a Academia da Marinha, em 5/5/1808, e a Academia Militar do Rio de Janeiro, em 4/12/1808; a primeira tipografia, em 13/5/1808; o primeiro jornal, a *Gazeta do Rio de Janeiro,* publicada pela Imprensa Real, em 10/9/1808; e a primeira Biblioteca Pública, também no Rio de Janeiro, em 13/5/1811.

Cultura e ciências são também estimuladas com a criação do Jardim Botânico e da Academia de Belas Artes, o que favorece a vinda de cientistas e artistas franceses, alemães e ingleses – entre eles, o pintor e escritor francês Jean-Baptiste Debret, o botânico francês Auguste Saint-Hilaire, o médico e botânico alemão Karl Friedrich von Martius, o pintor alemão Johann Moritz Rugendas e o naturalista e geólogo britânico Jonh Mawe.

População – Dez anos depois da chegada da Corte ao país, a população do Rio de Janeiro aumenta de 50 mil para 100 mil habitantes.

Reino Unido

O Congresso de Viena, realizado em 1815, exige que as casas reais destronadas por Napoleão se instalem em seus reinos para reivindicar a posse de seus domínios. Como a Corte portuguesa estava asilada na colônia, d. João decide promover o Brasil a Reino Unido a Portugal e Algarves, em 16/12/1815. A medida reforça o bloco das alianças inglesas.

Cortes Constituintes – A elevação do Brasil a Reino Unido alimenta o inconformismo em Portugal, sob tutela britânica desde 1808. Em 24/8/1820, é deflagrada a Revolução do Porto, antiabsolutista. Como conseqüência são instaladas, em jan. de 1821, as Cortes Constituintes (parlamento nacional que não se reunia desde 1869). D. João VI é coagido a voltar à metrópole e deixa o filho Pedro como regente.

As Cortes, que não encaravam o Brasil com igualdade, aumentam a pressão colonizadora, diminuindo a autonomia do Reino Unido. Os delegados brasileiros são minoria nas Cortes – dos 250 representantes, o Brasil tem direito a 75, mas só envia cinqüenta em ago. de 1821. Eles nada podem fazer para bloquear medidas como a elevação do imposto sobre a importação de tecido britânico pelo Brasil, que passa de 15% para 30%.

Dia do Fico – Após o regresso de d. João, a aristocracia passa a considerar d. Pedro como a saída para uma independência sem traumas, que mantenha o sistema escravocrata, a monarquia e a unidade política do país, e evite processos revolucionários como os vividos por países de colonização espanhola. Em 29/12/1821, o príncipe-regente recebe abaixo-assinado repudiando sua volta a Portugal, ordenada por d. João. Em 9/1/1822, ele anuncia sua decisão de ficar no Brasil. O episódio passa a ser conhecido como o Dia do Fico.

Ao apoiar d. Pedro, os latifundiários impedem a atuação dos grupos republicanos e abolicionistas e a participação das camadas populares no processo separatista. D. Pedro indica José Bonifácio de Andrada e Silva para ministro do Reino e Estrangeiros, em 16/1 do mesmo ano, e cria em fev. o Conselho dos Procuradores Gerais das Províncias do Brasil, cuja função é examinar as decisões das Cortes e julgar sua aplicabilidade na colônia.

Independência

Apesar da oposição de José Bonifácio, é convocada uma Assembléia Constituinte, em 3/6/1822, para substituir o Conselho. A Câmara Municipal de Cachoeira (BA) rompe com Portugal em jun., dando início a uma rebelião que se espalha rapidamente pelo Recôncavo. Em 1º/8/1822, d. Pedro – que recebera o título de defensor perpétuo do Brasil, em sinal de aproximação com a maçonaria – baixa decreto considerando inimigas as tropas portuguesas que desembarcassem no Brasil. José Bonifácio faz uma última tentativa de manter os vínculos com Lisboa, por meio do Manifesto às Nações Amigas, de 6/8/1822, em que d. Pedro compromete-se a defender a Assembléia Constituinte.

Proclamação – No final de ago. de 1822, o regente parte para São Paulo, onde recebe de um emissário, em 7/9, os decretos de Lisboa exigindo seu retorno imediato e anulando a convocação da Constituinte. A comitiva está às margens do riacho Ipiranga. D. Pedro lê os decretos e proclama: "Independência ou morte!" É aclamado imperador em 12/10 e coroado em 1º/12. Os portugueses que viviam no país resistem durante algum tempo, principalmente nas províncias onde há grande concentração de tropas ou onde a comunidade lusa é numerosa. Na Bahia a decisão só é aceita em 16/7/1823; no Maranhão, em 28/7/1823; na Província Cisplatina, em 14/2/1834.

Alcançada e reconhecida a independência, os grupos que a tinham apoiado começam a lutar por interesses específicos. Moderados e radicais defendem uma Constituição que limite os poderes do imperador; conservadores apóiam a centralização nas mãos de d. Pedro.

BRASIL IMPERIAL

Da independência, em 7/9/1822, até a proclamação da República, em 15/11/1889. Período marcado por uma monarquia centralizadora em conflito com ideais liberais insurgentes e pela diversificação econômica que levará ao advento da expansão cafeeira.

Primeiro Reinado

Da aclamação de d. Pedro, em 12/10/1822, até a abdicação, em 7/4/1831. A independência não significa a ruptura com o passado. D. Pedro continua preso a interesses de Portugal e as novas fórmulas políticas propostas não agradam à classe dominante – os senhores escravistas, que pretendem o controle total do aparelho do Estado e a continuidade do regime escravocrata. O imperador assegura, em princípio, os privilégios dos escravistas. Mas seu governo assume aos poucos caráter despótico, ao mesmo tempo que se acentuam as dificuldades econômicas e sociais.

D. Pedro I – Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon nasce em Lisboa em 12/10/1798. É o quarto filho de d. João VI e de d. Carlota Joaquina e o segundo na linha de sucessão. Recebe o título de príncipe da Beira com a morte do irmão mais velho, em 1801.

Vem com a família real para o Brasil em 1808. Casa-se pela primeira vez com a princesa austríaca Maria Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo Lorena, que morre em 1826. Tem sete filhos (quatro mulheres e três homens). Do segundo casamento, com a princesa alemã Amélia Augusta Eugênia Napoleão de Leuchtemberg, tem uma filha, Maria Amélia.

Entre 1822 e 1829, d. Pedro tem como amante a paulista Domitila de Castro Canto e Melo, que lhe dá mais cinco filhos (três mulheres e dois homens, um natimorto) e ganha o título de viscondessa, depois marquesa de Santos. Em 1818, d. Pedro recebe o título de príncipe real do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Em 26/4/1821, é nomeado príncipe-regente do Reino do Brasil.

Depois de governar o país por quase nove anos como imperador, abdica em favor do filho Pedro e volta a Portugal para reivindicar o trono usurpado pelo irmão Miguel, que restaurara o absolutismo. Desembarca na cidade do Porto em 1832 e deflagra uma guerra civil, que vence em 1834. Após a vitória, instala no trono a filha Maria II. Em 24/9 do mesmo ano morre de tuberculose, no Palácio de Queluz, em Lisboa, com 35 anos. Em 1972, no sesquicentenário da independência, seus despojos mortais são trazidos para a cripta do monumento do Ipiranga, na cidade de São Paulo.

Crise econômica – Desligado do monopólio português, o país passa a depender da Grã-Bretanha. Continua a exportar produtos básicos e não expande atividades comerciais e industriais urbanas. Antes mesmo da independência prenuncia-se uma forte crise econômica. A partir de 1820, começam a cair preços do algodão, do cacau e do açúcar, em conseqüência de redução das exportações.

Em 1828, o Banco do Brasil abre falência e, no ano seguinte, é liquidado oficialmente. O tabaco perde seu principal mercado, a África, em conseqüência das pressões inglesas para o fim do tráfico de escravos. A crise prolonga-se até 1840 e agrava-se durante a Guerra Cisplatina. Só é superada com o crescimento da lavoura cafeeira no Sudeste.

Expansão industrial – A segunda metade do séc. XIX é marcada por diversas transformações econômicas. Imigrantes europeus são absorvidos como mão-de-obra qualificada e assalariada e passam a consumir produtos nacionais, contribuindo para a expansão industrial e econômica. Aumentam também as reservas de capital interno com a proibição de importação de escravos. Parte desse dinheiro é investida na lavoura do café e em empreendimentos comerciais e industriais. Outra parte destina-se à constituição de sociedades, companhias, fábricas, ferrovias, bancos, telégrafo e iluminação a gás.

Resistência – A monarquia brasileira mantém a unidade nacional, mas enfrenta reações sobretudo no Norte, Nordeste e na província Cisplatina. A aristocracia latifundiária opõe-se ao comando do Rio de Janeiro, enquanto os portugueses detentores de cargos políticos ou militares preferem manter-se fiéis a Lisboa. O principal centro de resistência é a Bahia, mas há reações também no Pará e Maranhão – todas vencidas por insurreições populares que acabam expulsando as tropas portuguesas.

Primeira Constituição – A Assembléia Constituinte, convocada em 3/6/1822 e instalada em 3/5/1823, é integrada por proprietários rurais, clero e juristas. Prejudicada pelas tendências absolutistas de d. Pedro durante a discussão do anteprojeto, é dissolvida em 12/11/1823. D. Pedro nomeia uma comissão especial, o Conselho de Estado, para redigir novo projeto constitucional, que fica pronto em jan. de 1824. Enviado às Câmaras Municipais, não recebe emendas.

A primeira Constituição do país é outorgada em 25/3. Estabelece um governo "monárquico, hereditário e constitucional representativo". Além dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, institui o Poder Moderador, exclusivo do imperador, que também detém o Executivo. Os senadores têm cargo vitalício e passam a ser nomeados pelo chefe de Estado. Institui o voto censitário, que exclui a maioria da população das eleições. A Câmara dos Deputados adquire caráter temporário e pode ser dissolvida pelo imperador. São abolidos o açoite, a marca de ferro quente e outros castigos usados contra os escravos. O catolicismo é mantido como religião oficial.

Confederação do Equador – Pernambuco não aceita a nova Carta e o presidente do Estado, Manuel Paes de Andrade, proclama, em 2/7/1824, a criação da Confederação do Equador, de inspiração republicana. Em ago., separatistas do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba juntam-se aos pernambucanos. O imperador destaca um contingente de tropas terrestres e navais comandadas pelo brig. Francisco de Lima e Silva e por lorde Cochrane. Os militares jogam com as divergências entre os revoltosos – proprietários rurais escravistas e setores populares abolicionistas – e controlam o movimento. Recife e Olinda são retomadas em 17/9. Guerrilhas ainda resistem no interior, lideradas por Augustinho Bezerra e frei Joaquim do Amor Divino Caneca, até 21/11. Todos os líderes são condenados à morte na forca. Caneca é fuzilado; o carrasco recusa-se a enforcá-lo.

Reconhecimento – Os EUA são o primeiro país a reconhecer, em 25/6/1824, a independência brasileira com base na Doutrina Monroe, que pregava a "América para os americanos". Portugal concorda, sob pressão dos ingleses, em 29/8/1825, e recebe 2 milhões de libras esterlinas como indenização. A Grã-Bretanha comunica o reconhecimento em 1826, mediante renovação dos tratados de 1810 por mais dez anos e a concordância do Brasil com a convenção do término do tráfico de escravos, que é aceita em 13/3/1827.

Guerra Cisplatina – Em 1825, os líderes separatistas proclamam a independência da província Cisplatina, comandados por Fructuoso Rivera. A Argentina reivindica a região e o Brasil declara guerra, em 10/12/1825, sendo derrotado na Batalha de Passo do Rosário em 20/2/1827. A diplomacia britânica intervém e os dois países desistem da região, assinando um tratado de paz que cria a República Independente do Uruguai em 27/8/1828.

Abdicação – A repressão aos confederados de 1824 e a perda da província Cisplatina diminuem o prestígio do imperador. Pressionado e sem apoio, ele decide abdicar em favor do filho Pedro, em 7/4/1831. Segue as determinações da Constituição, que estabelecia para o caso de vacância do trono a ocupação pelo parente mais próximo do soberano. Como o príncipe Pedro tem apenas 5 anos e 4 meses, a decisão precipitada provoca a formação de uma regência tríplice provisória.

Período regencial

Segunda fase do Império, de 1831 até 1840. Período em que se consolidam as bases jurídicas e institucionais do país e surgem profundas dissensões e disputas político-partidárias. Revoltas regionais, motins militares e levantes da população oprimida refletem as dificuldades da nação emergente. É a primeira experiência de autogoverno. Permite a criação de uma elite política dividida em vários partidos e o exercício de uma democracia rudimentar: pela primeira vez, os governos são eleitos, transitórios e não hereditários. É também a primeira experiência federalista. Em ato adicional de 1834, os poderes legislativo, policial e militar, até então exclusivos do poder central, são transferidos às províncias.

Confronto político – O período é marcado pelo confronto de duas tendências predominantes: a monarquista centralista e a liberal republicana. A polarização, abafada pelo golpe da maioridade de d. Pedro II, manifesta-se nas revoltas de 1842 a 1848; acirra-se em 1870 e domina o debate político até a proclamação da República.

REGÊNCIA TRINA PROVISÓRIA

Instalada em 7/4/1831, busca o equilíbrio político tentando reunir representantes das facções políticas mais importantes, e antagônicas, em um mesmo governo. É integrada pelos sen. José Joaquim Carneiro Campos, marquês de Caravelas (representante dos moderados), Nicolau de Campos Vergueiro (representante dos exaltados) e pelo brig. Francisco de Lima e Silva (mediador). A Regência Trina Provisória reintegra o último ministério deposto pelo imperador; concede anistia aos presos políticos; sufoca as agitações populares. O poder dos regentes é limitado pela Lei Regencial, aprovada pela Assembléia Geral em 3/5/1831. Também restringe as atribuições do Poder Moderador. Com isso instaura-se a preponderância do Legislativo. Um mês depois, transforma-se em Regência Trina Permanente.

REGÊNCIA TRINA PERMANENTE

Eleita pela Assembléia Geral em 17/6/1831. Integrada pelos dep. José da Costa Carvalho, marquês de Montalvão (moderado, representante do Sul), por João Bráulio Muniz (exaltado, representante do Norte) e pelo brig. Francisco de Lima e Silva. Promulga o Código do Processo Criminal, primeira medida do "avanço liberal", em 29/11/1832. Transfere assim a Justiça para o poder local – aos juízes de paz e tribunais do júri. As vantagens municipais são anuladas em seguida pelo ato adicional de 12/8/1834. É substituída pela Regência Una em 12/10/1835.

Reforma constitucional – O Ato Adicional à Constituição de 1824, decretado em 12/8/1834, é a primeira reforma constitucional do Império. Pretende solucionar a conturbada situação política do período regencial. Faz concessões às reivindicações dos partidos políticos. A reforma é liberal e descentralizadora. Principais medidas: instalação de assembléias legislativas provinciais, que garantem às províncias autonomia em relação ao poder central; os municípios passam também a gozar da mesma autonomia em relação às províncias; substituição da Regência Trina pela Regência Una, eletiva e temporária, que garante ao regente um mandato de quatro anos.

PRIMEIRA REGÊNCIA UNA

Exercida pelo pe. Diogo Antônio Feijó, vitorioso nas eleições realizadas em 12/10/1835 na Câmara dos Deputados. O período é marcado por movimentos de contestação à unidade territorial do Império: Cabanagem, no Pará, e Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul, que dura dez anos. Oposição parlamentar, revoltas internas, falta de recursos para administrar, críticas a seu caráter, considerado excessivamente liberal, e a morte de seu único defensor, Evaristo da Veiga, levam Feijó à renúncia em 19/9/1837.

Padre Feijó – Diogo Antônio Feijó nasce em São Paulo em 3/8/1784. Ordena-se sacerdote católico em 25/10/1805. Começa a carreira política como deputado às Cortes Portuguesas, em 13/11/1821, defendendo idéias separatistas. Após a independência, exerce o cargo de deputado nas legislaturas de 1826 – 1829 e de 1830 – 1833, destacando-se na luta contra o absolutismo e o celibato clerical. Ocupa o Ministério da Justiça entre 5/7/1831 e 3/8/1832 e torna-se senador em 1833.

Candidato ao cargo de regente após o ato adicional de 1834, é escolhido na consulta popular de 7/4/1835, da qual participam cerca de 6 mil eleitores. Recebe 2.826 votos, 574 a mais do que o concorrente, Holanda Cavalcânti. Depois da renúncia, candidata-se a senador, em 1839, e participa da articulação da Revolução Liberal de 1842. Exila-se em Vitória (ES) e volta ao Rio em 1843, para apresentar sua defesa ao Senado. Retira-se em seguida para São Paulo, onde morre em 10/11/1843.

SEGUNDA REGÊNCIA UNA

Exercida por Pedro de Araújo Lima, eleito pela Câmara dos Deputados em 19/9/1837. Sob seu governo, sobe ao poder o Partido Conservador e é aprovada, em 12/5/1840, a Lei de Interpretação do Ato Adicional, que restringe o poder provincial e fortalece o poder central do Império. Araújo Lima não consegue conter a Revolução Farroupilha, mas reprime a Sabinada e a Balaiada. Na economia, crescem as exportações de café; na política, ganha força a campanha pela maioridade de Pedro II. A Segunda Regência acaba em 23/7/1840.

Araújo Lima – Nasce em Serinhaém, atual Gameleira (PE), em 22/12/1793. Forma-se em Letras pela Universidade de Coimbra, em 1819. Integra as bancadas de Pernambuco nas Cortes Gerais de Lisboa (1821) e na Assembléia Constituinte (1823). É deputado em 1826 e senador em 1837.

Depois da Regência, Araújo Lima elege-se senador, em 1842 (durante o Império, os deputados e senadores eram eleitos indiretamente por assembléias paroquiais), preside o Conselho de Ministros quatro vezes e exerce o cargo de ministro de Estado oito vezes. Morre no Rio de Janeiro em 7/6/1870.

INSTITUIÇÕES DO PERÍODO

Guarda Nacional, instituída em 18/8/1831; faculdades de Medicina do Rio e da Bahia, criadas em 3/10/1832; Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, criado em 25/3/1838; Instituto Histórico e Geográfico, fundado em 21/10/1838.

REVOLTAS

Em 12/9/1831, eclode no Maranhão, no quartel de Ourinhos, a **Setembrada,** revolta nacionalista que exige a expulsão dos portugueses e dos padres franciscanos. A situação é contornada, mas no ano seguinte nova rebelião exige o deslocamento de força naval para sufocar o movimento.

Setores liberais exaltados e moderados do Rio de Janeiro apóiam, em 1831 e 1832, revoltas de militares descontentes com o atraso no pagamento dos soldos. O momento mais violento do conflito ocorre nas fortalezas de Santa Cruz e Villegaignon, sob o comando do maj. Miguel de Farias e Vasconcelos. Em 1832, revoltam-se também os restauradores, comandados pelo barão von Bülow, um aventureiro alemão.

Em 15/11/1831, estoura em Pernambuco a **Novembrada,** levante militar apoiado por liberais radicais e republicanos federalistas. Exige o desarmamento dos portugueses e a expulsão dos solteiros. Tropas legalistas dominam os rebeldes.

Em 14/4/1832, começa uma nova insurreição nos sertões de Pernambuco e Alagoas. É a vez da **Abrilada,** que exige a restauração de d. Pedro I. Usando táticas de guerrilha os rebeldes são apoiados por escravos fugidos, camponeses e índios jacuípes, e resistem aos contingentes enviados pelo governo. A luta prossegue mesmo depois da morte de d. Pedro I. A rebelião só é controlada em 1835, com a mediação do bispo João da Purificação Marques Perdigão.

Ainda em 1832, eclodem na Bahia duas revoltas federalistas: uma na vila de Cachoeira, que fica nas mãos dos rebeldes por uma semana; outra com a sublevação do Forte do Mar, durante quatro dias.

Em 1833, levanta-se a guarnição de Ouro Preto, em Minas Gerais, também exigindo a volta de d. Pedro I. O movimento espalha-se por Mariana e Caeté, mas é rapidamente dominado pelos legalistas, com a ocupação de Ouro Preto em 23/5/1833.

De 1834 a 1835, são deflagrados três movimentos: as **Carneiradas** (jan. de 1834, jan. e mar. de 1835), lideradas pelos irmãos Francisco e Antônio Carneiro Machado Rio. Também são sufocadas. A repressão é determinada pelo pe. Diogo Feijó e comandada pelo maj. Luís Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias.

Cabanagem – Seqüência de movimentos nativistas que ocorrem no Pará, região de influência lusitana e difícil situação econômica, entre 7/1/1835 e 25/3/1840. Os revoltosos – os cabanos – são moradores de pequenas cabanas à beira dos rios (por isso, Cabanagem). Sob a liderança de Ferreira Lavor, Eduardo Angelim, Clemente Melcher e dos irmãos Vinagre, derrubam o governo de Belém, em jan. de 1835, instalando um governo revolucionário comandado por Melcher, que acaba se desentendendo com os outros rebeldes e é substituído por Francisco Vinagre, também destituído por divergências internas. Os revoltosos são combatidos por mercenários contratados por políticos legalistas até a nomeação de Manoel Jorge Rodrigues para a presidência da província.

Em novo ataque a Belém, os cabanos tomam a capital em 14/8/1835, instalando um governo popular liderado por Angelim, que expropria comerciantes, distribui alimentos e persegue os ricos. Em abr. de 1836, uma força militar comandada pelo brig. Francisco Soares de Andrea ataca e, em 13/5, ocupa Belém, obrigando os cabanos a se retirar para o interior, onde resistem por mais quatro anos. Entre 1837 e 1840, morrem 30 mil homens, dois terços da população masculina da província. É a rebelião que alcança o maior grau de radicalização, provocando profundas modificações políticas na região.

Guerra dos Farrapos – Conflitos entre estancieiros liberais, ou chimangos, que tinham apoio das camadas populares, os farrapos, e os conservadores, ou caramurus, adeptos da monarquia. Resultam em um movimento que acaba se tornando separatista e republicano, quando o deputado provincial e coronel de milícias Bento Gonçalves da Silva acusa o pres. da província, Antônio Fernandes Braga, de facciosismo e o depõe, em 20/9/1835. A rebelião explode com a expulsão das autoridades legais e a luta dissemina-se rapidamente.

Em out. de 1836, Bento Gonçalves é derrotado pelo dissidente Bento Manuel Ribeiro, na Batalha de Fanfa; é preso e enviado para o Forte do Mar, na Bahia. Em 6/11, os farrapos proclamam a República na localidade de Piratini e escolhem como presidente o exilado Gonçalves. Alcançam novas vitórias em Rio Pardo e Caçapava, em mar. e abr. de 1837. Bento Gonçalves foge da prisão, regressa ao Sul e retoma o comando da luta, que se expande para Santa Catarina.

Com o auxílio do refugiado italiano Giuseppe Garibaldi, os farrapos conquistam Laguna e proclamam a República Juliana, em jul. de 1839. Com a maioridade de d. Pedro II, em 1840, é oferecida anistia aos revoltosos, que não aceitam e continuam a luta.

A situação se mantém até 1842, quando o barão de Caxias, Luís Alves de Lima e Silva, é nomeado para pacificar a rebelião. Ele aproxima-se dos farrapos moderados esperando provocar uma cisão no movimento, mas só consegue a paz quando o gen. uruguaio Manuel Oribe ataca o sul da província.

Entre dois fogos, os farrapos aceitam um tratado de paz, assinado nos campos de Poncho Verde, em 28/2/1845. Com ele conseguem anistia, incorporação às forças do Exército, liberdade para todos os escravos rebeldes e concessão da patente de oficial para os líderes revolucionários.

Sabinada – Movimento que propõe a instauração de uma república independente na Bahia. Eclode em 1837, sob a liderança de Francisco Sabino da Rocha Vieira, com uma sublevação do Forte de São Pedro, que obriga as autoridades a abandonar a cidade, refugiando-se no

recôncavo baiano. Com apoio de boa parte da população, é instaurada a República Baiense, que domina a capital da província por cinco meses. Forças legalistas comandadas pelo mal. Alexandre Argolo Ferrão atacam e reconquistam a capital em 13/3/1838. Refugiados no Forte de São Pedro, os revoltosos acabam se rendendo.

Balaiada – Movimento popular deflagrado no Maranhão, que deve seu nome a um dos líderes, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio. Ocorre no final de 1838, quando o mestiço Raimundo Gomes invade a prisão de Vila Manga para libertar o irmão. Todos os prisioneiros escapam. Na fuga, são apoiados por Cosme, ex-escravo que comanda um grupo de 3 mil escravos fugitivos, e pela população em luta contra o poder e os privilégios da aristocracia rural da região. Em 1º/8/1839 tomam a cidade de Caxias e nomeiam uma junta provisória de governo. Saem vitoriosos em vários combates com as tropas legalistas, até que passam a ser combatidos por Luís Alves de Lima e Silva, o barão de Caxias. Gomes se rende, Balaio morre em combate e Cosme passa a liderar o movimento a partir do sertão, onde se refugiara, até que começam a se dispersar. Em 1840, d. Pedro II oferece anistia e 2.500 deles aceitam. Os últimos rebeldes se entregam em 15/1/1841. Cosme é preso e morre enforcado.

Segundo Reinado

Fase de consolidação das instituições nacionais e de desenvolvimento econômico. Estende-se de 23/7/1840 a 15/11/1889. Entre 1840 e 1850, o país reorganiza-se internamente, com a repressão e a anistia aos movimentos rebeldes e separatistas. São dessa época: a organização em definitivo do cenário político bipartidarista (o que leva ao arrefecimento dos ideais republicanos); a reorganização da economia pela expansão da cafeicultura; o restabelecimento do comércio exterior, principalmente com a Grã-Bretanha; e a introdução de práticas parlamentaristas, inspiradas no modelo britânico.

Golpe da maioridade – A estabilidade política que possibilitaria a efetiva centralização do poder almejada pelas elites cafeeiras estava sendo prejudicada pelas rebeliões separatistas e pelas dissidências entre liberais e conservadores. Para garantir o poder econômico alcançado com a valorização do café no mercado internacional era necessário manter a estrutura do país. Assim, a elite cafeeira considera que só com a restauração da monarquia poderia alcançar seus objetivos. A Constituição do Império (1824) prevê no art. 121 que o imperador é menor de idade até os 18 anos completos. Mas é lançada no Senado uma campanha pró-maioridade de d. Pedro, que obtém o respaldo da opinião pública, mobilizada pelo Clube da Maioridade, presidido por Antônio Carlos de Andrade. D. Pedro é então considerado maior em 1840, com 14 anos de idade, apesar da Constituição.

D. Pedro II – Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga nasce no Palácio da Boa Vista, Rio de Janeiro, em 2/12/1825. É o sétimo filho de d. Pedro I e da imperatriz Leopoldina, mas o primeiro na linha de sucessão (seus dois irmãos mais velhos, Miguel e João Carlos, morrem antes de seu nascimento). Tem 5 anos quando o pai abdica. Fica no Brasil, sob tutela de José Bonifácio de Andrada e Silva e, depois, sob os cuidados do marquês de Itanhaém.

Aos 15 anos, um ano depois de ser declarado maior e começar a reinar, é sagrado imperador em 18/7/1841. Em 30/5/1843, casa-se com a princesa napolitana Teresa Cristina Maria de Bourbon, quatro anos mais velha do que ele e filha de Francisco I, do Reino das Duas Sicílias. Tem quatro filhos, mas só dois sobrevivem: as princesas Isabel e Leopoldina.

É forçado a deixar o país após a proclamação da República, embarcando com a família para Portugal, em 17/11/1889. Morre em Paris de pneumonia, em 5/12/1891, com 66 anos.

Revolução Liberal – As contradições da elite dominante expressam-se, no fim do período regencial, em conflitos entre os partidos Liberal e Conservador. Com a maioridade de d. Pedro, os conservadores sobem ao poder. A aristocracia provincial não aceita. Eclode, então, em São Paulo, a Revolução Liberal, em 17/5/1842, sob a liderança de Tobias de Aguiar, aclamado presidente da província, em Sorocaba.

Os rebeldes têm o apoio do pe. Diogo Feijó e da população de algumas vilas, entre elas Itapetininga, Itu, Porto Feliz e Capivari. Tentam avançar sobre a capital e são derrotados por Luís Alves de Lima e Silva, o barão de Caxias, que lidera tropas do Exército Pacificador. Pe. Feijó é preso em Sorocaba, em 21/6, mas Tobias de Aguiar consegue escapar. Pouco antes da derrota dos paulistas, Minas Gerais adere à luta, em 10/6, combatendo os legalistas em Queluz, em 26/6. No final de jul., Caxias chega a Minas. Trava-se violento combate em Santa Luzia, em 20/8. Os principais chefes liberais são presos. Iniciam-se as negociações de paz, alcançada após anistia oferecida pelo imperador em mar. de 1844.

Rebelião Praieira – Com a chegada dos liberais ao poder, em 1844, cresce a agitação em Pernambuco. Antônio Chichorro da Gama, nomeado presidente da província e ligado ao Grupo da Praia (facção liberal formada em torno do jornal *O Diário Novo*, instalado na rua da Praia), inicia uma política de hostilidade contra os latifundiários. Acaba sendo afastado do governo em 1847, dando lugar aos conservadores.

Deflagra-se, então, em 1848, a partir de Olinda, um movimento armado comandado pelo cap. de artilharia Pedro Ivo Veloso da Silveira.

O movimento dissemina-se por quase toda a Zona da Mata, mas os rebeldes não têm forças suficientes para enfrentar uma luta prolongada. Depois de vários ataques fracassados a Recife e Paraíba, Pedro Ivo se rende em 3/3/1848. Os revoltosos são anistiados em 1852.

Guerras Platinas – Concedida a independência, os uruguaios estão sob o poder do Partido Colorado, dirigido pelo gen. Fructuoso Rivera, com apoio do Brasil, interessado em que o Uruguai se mantenha distante da influência argentina. O representante do Partido Blanco, Manuel Oribe, trama a queda de Rivera, com apoio do ditador argentino Juan Manuel de Rosas.

Temendo o predomínio argentino na região do Prata, o governo brasileiro decide intervir. Alia-se a tropas argentinas dissidentes das províncias de Entre Rios e Corrientes, sob a chefia do gen. Urquiza, para invadir o Uruguai. Oribe rende-se em 12/10/1851 e uruguaios e brasileiros assinam um Tratado de Limites, Comércio, Amizade e Subsídios. Em jan. de 1852, o gen. Urquiza invade a Argentina com apoio do Uruguai e do Brasil, derrotando Rosas, na Batalha de Monte Caseros, em 3/2/1852. A ação rende ao Brasil a garantia de navegação de seus navios nos rios Uruguai e Paraná.

Depois de anos de agitação, o governo uruguaio volta para as mãos dos blancos, com a vitória de Atanasio Cruz Aguirre. O Brasil fica ao lado do colorado Venancio Flores, ajudando-o na invasão por terra e mar em 12/10/1863. Uma esquadra, comandada pelo brasileiro alm. Tamandaré, e um exército, liderado por Flores, bloqueiam Montevidéu em 2/1/1864. Aguirre renuncia e Tomás Villalba assume em 20/2/1864. A vitória consolida a posição brasileira no rio da Prata, mas a aliança de Aguirre com o ditador paraguaio Francisco Solano López precipita a eclosão da Guerra do Paraguai em 12/11/1864.

Guerra do Paraguai – Em meados do séc. XIX, o Paraguai surge como uma potência capaz de enfrentar o imperialismo econômico britânico na América. Sem as marcas da escravidão ou do analfabetismo, dispõe de uma economia auto-suficiente. Sofre, porém, interferências da Argentina e do Brasil. Francisco Solano López assume o governo em 1862, investe na organização militar e rompe o isolamento do país na política externa sul-americana.

Em 11/11/1864, captura o navio *Marquês de Olinda* e declara guerra ao Brasil, em 12/11, justificada como reação à invasão do Uruguai pelos brasileiros em 1863. Em mar. de 1865, a Argentina entra na guerra, após tropas paraguaias terem invadido a província de Corrientes.

Brasil, Argentina e Uruguai assinam, em 1º/5/1865, o Tratado da Tríplice Aliança, declarando-se aliados na luta contra Solano López. Em 11/6/1865, trava-se a Batalha do Riachuelo, em que a Marinha paraguaia é derrotada pela armada imperial brasileira. Três meses depois, suas tropas rendem-se aos aliados, em Uruguaiana (RS). O Exército paraguaio, entretanto, superior em contingente e organização, resiste quase um ano à Tríplice Aliança. Finalmente, em 16/4/1866, os aliados entram em território inimigo e, sob o comando do argentino Bartolomeu Mitre, travam e vencem a Batalha de Tuiuti. São derrotados, a seguir, na Batalha de Curupaiti, em 22/9/1866.

As tropas argentinas e uruguaias são retiradas da guerra para sufocar rebeliões internas. Assume o comando o brasileiro duque de Caxias, que abre caminho para a tomada de Assunção ocupando a fortaleza de Humaitá em 5/8/1868. Toma a capital em 5/1/1869 e passa o comando ao conde d'Eu, que inicia a perseguição a Solano López no interior do país. A batalha final acontece em Cerro Corá, em 1º/3/1870, e termina com a morte de Solano López. A população, massacrada, é reduzida à metade e a economia, destruída. O país é ocupado por um comando aliado.

Para o Brasil, a guerra significa o início da ruptura com o sistema monárquico-escravista. Diante da dificuldade de recrutar soldados, escravos são alforriados para substituí-los, o que incentiva a campanha abolicionista.

A conseqüência mais importante, porém, é o fortalecimento do Exército. Com a vitória no conflito, os militares são atraídos pela causa republicana e, em poucos anos, assumem o comando do governo, derrubando a monarquia em 1889.

No plano econômico, o saldo final é uma duplicata de 10 milhões de libras que o Brasil deixa pendente com o Banco Rotschild, de Londres, que financiou a guerra.

Desenvolvimento urbano – Criada a província do Amazonas em 5/9/1850 • Inaugurada, em 1852, a cidade de Teresina, primeira capital planejada do país • Aberto o novo Banco do Brasil, em 5/7/1853 • O Paraná separa-se de São Paulo em 29/8/1853 • Começa a funcionar, em 11/5/1862, a primeira linha de telégrafo elétrico, ligando o Palácio de São Cristóvão ao quartel do Campo, no Rio de Janeiro • Adotado o sistema métrico em 26/6/1862 • Inaugurada a primeira linha telegráfica internacional ligando o Brasil à Europa, em 22/6/1874 • Instalado na residência imperial, em 1876, o primeiro telefone do país; em 26/11/1877, entra em operação a primeira estação telefônica brasileira no Rio de Janeiro.

Vida cultural – Inaugurada a Academia Imperial de Belas Artes, em 5/11/1826, que introduz no país os padrões neoclássicos europeus • O compositor Carlos Gomes, influenciado pelos italianos, consolida o estilo romântico • Construído o Real Teatro de S. João, em 1810 • Surge o primeiro grande autor, Martins Pena, que marca o início de um teatro de autor, ator e temáticas brasileiros • Na literatura, manifesta-se o espírito nacionalista, nas décadas de 1850/60, configurando o Romantismo.

Expansão do café – Introduzido no Brasil em 1727, por Francisco de Melo Palheta, que o traz das Guianas Francesas. Cultivado inicialmente no Pará e depois na Baixada Fluminense e no vale do rio Paraíba, onde se desenvolve. No início do séc. XIX, já representa 18% das exportações brasileiras. Crise na colônia francesa no Haiti (ver pág. 231, no capítulo de *História Geral*) provoca a elevação dos preços do café no mercado internacional e estimula o aumento da produção no Brasil, até tornar-se o primeiro produto nacional de exportação.

A expansão começa nas regiões montanhosas do vale do Paraíba do Sul, próximas ao Rio de Janeiro. Aproveita a mão-de-obra escrava ociosa da mineração. A lavoura estende-se a São Paulo e Minas Gerais, formando grandes pólos em Campinas e Ribeirão Preto. Quando é proibido o tráfico de negros, em 1850, a mão-de-obra escrava é substituída por imigrantes europeus atraídos pela política de incentivos do governo brasileiro.

Era Mauá – Irineu Evangelista de Souza, visconde, depois barão de Mauá, é um dos primeiros a perceber que o capital aplicado no tráfico de escravos deve ser dirigido a investimentos em outros setores da economia. Banqueiro, industrial, político e diplomata, em 1845 compra uma pequena fábrica de barcos a vela, em Niterói, transformando-a em grande indústria de tubos; em 1852, funda a Companhia de Navegação a Vapor do Amazonas; em 25/3/1854, inaugura a iluminação a gás no Rio de Janeiro; em 30/4/1854, implanta a primeira ferrovia brasileira, ligando as cidades de Petrópolis e Rio de Janeiro; em 18/3/1858, inaugura o trecho inicial da União e Indústria, primeira rodovia pavimentada do país, ligando Petrópolis a Juiz de Fora; em 1867, põe em funcionamento a ferrovia Santos–Jundiaí. O desenvolvimentismo impulsionado por ele acaba com a falência do Banco Mauá, em 1875.

Religião – Estabelecem-se no país as igrejas Presbiteriana, em 1859, e Metodista, em 1867; chega o primeiro grupo de ortodoxos em 1871; instala-se a primeira igreja Batista em 1879; chegam os salesianos em 1883.

Levantes populares – Revolta dos Mucker, movimento de fanáticos religiosos no Rio Grande do Sul, em 1872; Revolta do Quebra-Quilos, contra a modificação do sistema de pesos e medidas na Paraíba, em 1874; Revolta do Vintém, contra o imposto de 20 réis por passagem de bonde e condução ferroviária, no Rio de Janeiro, em 1º/1/1880.

Apoio à imigração – É permitida a concessão de terras a estrangeiros em 25/11/1808. Os primeiros imigrantes não-portugueses, cem famílias suíças, instalam-se em Cantagalo, atual Nova Friburgo, Rio de Janeiro, em 1819; as primeiras levas de alemães chegam ao Rio Grande do Sul em 1824; entre 1850 e 1870, camponeses alemães, portugueses, espanhóis e italianos são contratados por latifundiários brasileiros para trabalhar como assalariados nas lavouras de café.

A partir de 1870, o Estado formaliza as condições de imigração para a agricultura oferecendo garantia de emprego, alojamento e repatriação em caso de inadaptação. Começa a imigração italiana. São abertos consulados em várias cidades e é fundada a Sociedade Promotora da Imigração em 1886.

Parlamentarismo – A monarquia brasileira torna-se parlamentarista a partir de 20/7/1847. D. Pedro II abdica de seus poderes executivos, transferindo-os para um 1º- ministro, que passa a integrar o gabinete com membros do partido majoritário do qual é o líder.

O marquês de Paraná organiza o Ministério da Conciliação em 6/9/1853. Depois de catorze anos de oposição, o Partido Liberal, restaurado, consegue voltar ao poder em 24/5/1862. O gabinete liberal de Zacarias Góis é destituído em 16/7/1868. O gabinete conservador de João Alfredo é substituído pelo liberal do visconde de Ouro Preto, em 7/6/1889.

O parlamentarismo resulta do espírito pouco político do imperador e é, ao mesmo tempo, uma concessão às práticas européias da época. O fim dos conflitos armados abre espaço para um debate político mais amplo, tanto no Parlamento quanto na imprensa.

Os partidos Conservador e Liberal se revezam no poder e expressam as contradições da elite latifundiária. A alternância é assegurada pelas eleições para a Câmara dos Deputados. São comuns as fraudes eleitorais, favorecendo o grupo no poder. Em várias ocasiões o imperador usa seu Poder Moderador, determinando a dissolução da Câmara dos Deputados e ordenando a convocação de novas eleições. Durante os 39 anos em que se mantém no poder, d. Pedro II forma 36 diferentes minis-

térios. Alguns deles governam apenas poucos meses. O Segundo Reinado vive o seu melhor período entre 1850 e 1864, graças à relativa estabilidade social e política e ao impulso dado às grandes obras públicas.

Legislação – Reforma do Código do Processo Criminal em 3/12/1840 • Decretadas as Tarifas Alves Branco, de protecionismo alfandegário, em 17/5/1844 • Promulgado o Código Comercial Brasileiro em 25/6/1850 • Editado o Regulamento Disciplinar do Exército em 1875, que, entre outras medidas, proíbe aos militares a participação em debates pela imprensa sobre qualquer tema com seus superiores, camaradas e inferiores • Estabelecido o voto secreto e direto, através da Reforma Saraiva, para os detentores de renda mínima de 200 mil-réis • Garantida a elegibilidade para não-católicos e escravos libertos em 9/1/1881.

Questões fronteiriças – Expedição comandada por Manuel Urbano da Encarnação sobe os rios Purus e Acre e atinge a foz do Xapuri, em 1861, dando início à ocupação brasileira do Acre. Em 27/3/1867, o Brasil assina o Tratado de Ayacucho, cedendo o território do Acre à Bolívia.

Fim do tráfico negreiro – Conseqüência da evolução do capitalismo industrial, fundamentado nos princípios de igualdade da Revolução Francesa e na teoria econômica de Adam Smith, que demonstrou o caráter contraproducente da escravidão. As primeiras contestações partem dos próprios escravos; fogem das fazendas e, quando podem, organizam-se em comunidades isoladas, os quilombos. O mais importante é o de Palmares, fundado por Zumbi em Alagoas e destruído por Domingos Jorge Velho em 1695.

Em 1810, d. João VI prometera à Grã-Bretanha estudar a questão, no Tratado de Comércio e Navegação. Em 1825, os ingleses voltam à carga, exigindo o estabelecimento de uma data para a extinção do tráfico, no momento de assinar o reconhecimento da independência. Em 1827, um decreto imperial garante a interrupção do comércio de negros no prazo de quatro anos. Após a abdicação, é votada a lei de 7/11/1831, nunca posta em prática, determinando o fim do tráfico. Daí vem a expressão "para inglês ver".

A pressão inglesa reforça-se com a aprovação da Lei Bill Aberdeen, em 8/8/1845, proibindo o tráfico em todo o mundo e arrogando à Grã-Bretanha o direito de aprisionar qualquer navio negreiro. Finalmente, em 4/9/1850, é aprovada a Lei Eusébio de Queirós, que determina o fim do tráfico negreiro. A medida é complementada em 1854 com a Lei Nabuco de Araújo. A última leva, com 209 escravos, desembarca em Serinhaém (PE), em 1855. A partir desse momento trava-se um conflito silencioso entre o trono – partidário da abolição gradual da escravatura – e os interessados na manutenção do sistema, com reduto no Parlamento.

Campanha abolicionista – Com a extinção do tráfico de escravos, a abolição torna-se uma questão urgente a partir de 1868, quando o país isola-se como única nação ocidental a persistir no uso do trabalho escravo. O Partido Liberal compromete-se publicamente com a causa. A luta intensifica-se com a adesão dos militares após a Guerra do Paraguai. Em 28/9/1871, o governo conservador do visconde do Rio Branco promulga a Lei do Ventre Livre, que liberta os filhos de escravos nascidos a partir de então, permanecendo sob tutela dos senhores até 21 anos de idade.

O movimento cresce a partir de 1880, com a criação da Sociedade Brasileira contra a Escravidão e da Associação Central Abolicionista, no Rio de Janeiro. Delas participam figuras proeminentes, como José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Luís Gama e André Rebouças. Em 1882, começam as libertações espontâneas. A vila de Acaraté, atual Redenção (CE), é a primeira a libertar seus escravos, em 1º/1/1883, e o Ceará é a primeira província a extinguir a escravidão em seu território, em 25/3/1884. Em 28/9/1885, a Lei Saraiva-Cotegipe, ou dos Sexagenários, liberta os escravos com mais de 65 anos, mas é considerada mais uma medida política, pois a expectativa de vida do escravo era de 35 a 40 anos. O movimento pela libertação total cresce com a organização de fugas em massa de escravos pelos abolicionistas e a promoção de manifestações públicas, enquanto o Exército recusa-se a perseguir os fugitivos, em 1887.

Finalmente, em 13/5/1888, o governo conservador de João Alfredo apresenta, e a princesa Isabel assina, a Lei Áurea, extinguindo a escravidão no país. A decisão, porém, não agrada nem a latifundiários nem a escravos. Os primeiros exigem indenização pela perda dos "bens" e, não a obtendo, passam a apoiar a causa republicana. Os escravos ficam marginalizados da sociedade, porque a liberdade não lhes garante segurança, reforma agrária ou previdência social.

Sociedade imperial – O primeiro censo realizado no país, em 1872, registra uma população de 9.930.478 habitantes, que cresce para 14 milhões em 1880. Ela se mantém organizada nos moldes da sociedade colonial, com o poder nas mãos da aristocracia latifundiária, até meados do séc. XIX.

Com a expansão da lavoura do café, a elite rural começa a transformar-se. Surge no oeste paulista a aristocracia cafeeira, que desenvolve a indústria e ativa o comércio, modernizando o capitalismo nacional com a utilização do trabalho assalariado dos imigrantes.

Na segunda metade do séc. XIX, registra-se o primeiro grande crescimento das cidades. A população urbana passa de 4.930.438 habitantes, em 1872, para 14.333.915 em 1890. A nova elite industrial-financeira, oriunda da aristocracia cafeeira paulista, consolida o seu poder, ocupando cargos na administração pública. Aumenta o contingente dos setores marginalizados do processo político-econômico.

Questão religiosa – Origina-se em um incidente de pouca relevância que acaba tomando uma dimensão inesperada, azedando as relações do imperador com a Igreja Católica. O motivo é a suspensão do pe. Almeida Martins pelo bispo do Rio de Janeiro por ter participado de uma solenidade maçônica. Na época, era comum o convívio de católicos e maçons. O próprio d. Pedro tem, entre seus amigos e conselheiros políticos, maçons católicos.

Os bispos de Olinda, Gonçalves de Oliveira, e do Pará, Macedo Costa, decidem proibir a participação de maçons em confrarias e irmandades católicas, a não ser que reneguem a maçonaria.

D. Pedro II decide usar seu direito de padroado e determina a suspensão da medida. Os prelados mantêm sua posição contra os maçons e acabam presos e condenados a trabalhos forçados em 1874. Embora o imperador tivesse agido legalmente, a Igreja não o perdoa pela condenação dos dois bispos.

Questão militar – Origina-se na punição do cap. Antônio de Sena Madureira, em 1884, por apoiar publicamente o fim da escravatura. E agrava-se com outra punição, do oficial Ernesto Augusto da Cunha Matos, pela mesma razão. Desde o fim da Guerra do Paraguai, as relações entre militares e o poder civil não são boas. O Exército é considerado um fardo financeiro oneroso em tempo de crise. As duas punições deixam clara a insatisfação dos militares com as constantes tentativas do governo de impedir as manifestações políticas de oficiais.

A tensão chega ao ponto máximo em fev. de 1887, após uma reunião de duzentos oficiais, no Rio de Janeiro, com o mal. Deodoro da Fonseca, que exigem o fim das penas disciplinares. Pressionado, o governo cede, mas não há reconciliação dos militares com a monarquia.

Atentado – Em 15/7/1889, d. Pedro II sofre atentado, quando sai de um espetáculo no Teatro Santana, acompanhado da imperatriz: ouve-se um grito de "Viva a República!" e um tiro é disparado quando o monarca já está a bordo de sua carruagem. O autor do atentado,

Adriano do Vale, português de 20 anos, não tem qualquer ligação com os republicanos da Corte nem com os militares que combatem o governo. D. Pedro II não dá importância ao fato e ainda intercede em favor do agressor.

Decadência do Império – As transformações socio-econômicas visíveis no país, na segunda metade do séc. XIX, provocam conflitos de interesses que apressam o fim do regime. Federalistas, abolicionistas e positivistas acusam a monarquia de excesso de centralização de poder e convergem para a solução republicana. O desgaste aumenta com as questões religiosa e militar, que acabam determinando o isolamento do monarca, com a perda dos apoios da Igreja e do Exército. A adesão da família real à libertação dos escravos mina as relações com os proprietários de terras, até então fiéis ao governo.

Proclamação da República

A luta pela instauração da República remonta ao período colonial, estando presente em episódios como a Inconfidência Mineira e a Revolução Pernambucana. Depois da independência, ressurgem os ideais republicanos na Confederação do Equador, em 1824, e na República de Piratini, em 1836. Durante o Segundo Reinado, os adeptos da causa republicana mantêm-se anônimos durante mais de trinta anos, apenas emprestando simpatia aos movimentos revolucionários do período e sem participar do processo de formação político-partidária. No período de normalidade constitucional, os republicanos passam a ser apontados como conspiradores, inimigos da ordem, da estabilidade política e da unidade nacional.

Intelectuais – No final de 1870, após a Guerra do Paraguai e o conseqüente desgaste político do imperador, o movimento republicano começa a somar forças. O escritor e jornalista Quintino Bocaiúva participa ativamente da redação do *Manifesto Republicano* e o publica no primeiro número do jornal *A República*, no Rio de Janeiro. O texto acaba se transformando em ideário básico do movimento, que ganha a adesão de intelectuais. Eles fundam, junto com Bocaiúva, o Clube Republicano, em 1870, no Rio de Janeiro, e o Partido Republicano Paulista (PRP) em 26/4/1873, depois da Convenção de Itu (SP).

Sem resistência – A partir de 1878, os conspiradores recebem apoio dos militares descontentes com a monarquia. Criam-se grupos favoráveis à derrubada de d. Pedro II, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul. O movimento ganha consistência em nov. de 1889 com as adesões do mal. Deodoro da Fonseca e do alm. Eduardo Wandenkolk. O governo imperial prepara a resistência, mas as guarnições, até então fiéis à monarquia, recusam-se a aderir.

Deposição – Em 15/11/1889, Deodoro, no comando das tropas rebeladas do Exército, marcha para o Campo de Santana, no Rio de Janeiro, onde se reúne o gabinete do visconde de Ouro Preto, chefe do governo, e declara deposta toda a cúpula do poder central. No mesmo dia Deodoro organiza um governo provisório, presidido por ele, decreta o banimento de d. Pedro II, anuncia a extinção da monarquia e proclama a república. Dois dias depois, a família real embarca, em sigilo, para Portugal.

BRASIL REPUBLICANO

Período de grandes mudanças sociais, políticas e econômicas. Inicia-se com a proclamação da República, em 15/11/1889. Divide-se em *Primeira República*, *Era Vargas*, *Segunda República*, *Regime militar* e *Redemocratização*.

Primeira República

Da proclamação até a Revolução de 1930. É também chamada de República Velha. Tem dois momentos distintos. Fase inicial, até 1894, República da Espada: momento de consolidação do regime, marcado pela presença dos militares no poder. Segunda fase, até 1930, República das Oligarquias. Este é o período dos civis no poder, caracterizado pelo coronelismo, o voto de cabresto, a política dos governadores e de valorização do café. Há grande avanço econômico: no Centro-sul, a economia cafeeira cria sólidas bases para o desenvolvimento da indústria e da urbanização e, no Norte, destaca-se o ciclo da borracha na Amazônia.

Agricultura e indústria – No final do séc. XIX, 70% da produção mundial de café provém dos cafezais do Brasil. A expansão da lavoura do café cria condições para o aparecimento de um mercado consumidor e contribui para a acumulação de capitais, que vão delinear o desenvolvimento industrial, principalmente da região Centro-sul. Na época da proclamação da república, há no país pouco mais de seiscentas indústrias, que produzem alimentos, tecidos e vestuários. Em 1910, há 3.500, número ainda insuficiente para atender à crescente demanda interna. Apesar de o setor têxtil – o mais desenvolvido – abocanhar 50% do mercado, a produção nacional não consegue, ainda, atender às necessidades de consumo.

A desorganização da economia mundial, provocada pela I Guerra Mundial, beneficia a indústria brasileira. Diante das dificuldades de importação de produtos, o governo passa a fomentar a industrialização, concedendo financiamentos para a importação de maquinário e incentivando a imigração, que forma um grande contingente de mão-de-obra especializada e barata. Em 1920, o país tem mais de 13 mil estabelecimentos industriais capazes, em 1924, de produzir 99% dos sapatos consumidos internamente, 90% dos móveis e 86% dos têxteis. O setor bancário também se expande. Apesar do surto industrial, os setores dominantes da economia continuam sendo o comércio (importação/exportação) e os grandes latifúndios de café.

Esse quadro permanece basicamente inalterado até 1929, com a depressão econômica internacional provocada pelo *crack* da Bolsa de Nova York. A crise se reflete no Brasil, levando cafeicultores à ruína, com a queda dos preços no mercado internacional, e aumentando o número de falências de empresas.

Imigrantes – De 1889 a 1928 são votadas verbas anuais para o serviço de imigração. Nesse período chegam 3.523.591 imigrantes. Mais de um terço são italianos, seguidos pelos portugueses, espanhóis, alemães e japoneses. A maior parte vai para a lavoura do café. Muitos são de origem urbana e conseguem abandonar a vida agrária para se estabelecer nas cidades, participando de atividades comerciais ou industriais, como assalariados ou donos de seus próprios negócios. Além de alterações na estrutura social, o imigrante é responsável por mudanças de valores sobre o trabalho e a família.

Sociedade – Durante a Primeira República, em 1920, a população chega a 30,6 milhões de habitantes e a sociedade organiza-se nos moldes capitalistas. Forma-se a burguesia mercantil, constituída em sua maioria por estrangeiros. Com a expansão da indústria, surgem novos grupos sociais urbanos: as classes médias e o operariado. As primeiras, divididas em alta, média e baixa, têm diferentes origens. A classe-média alta provém das ricas classes agrárias, às quais se juntam os industriais; a média é integrada por imigrantes, militares, profissionais liberais; e a baixa por funcionários públicos e artesãos, entre outros profissionais.

Sem mecanismos formais de participação política, a classe operária começa a organizar-se com o objetivo de conseguir ter ao menos uma legislação trabalhista. Ocorrem inúmeras greves e é realizado o primeiro congresso operário, em 15/4/1906.

Cultura – Com a república surgem obras literárias inspiradas na realidade brasileira. Euclides da Cunha, Lima Barreto e Monteiro Lobato – assim como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e o poeta Manuel Bandeira – anunciam, cada um a seu modo, o espírito modernista que vai questionar o academicismo.

Nas artes plásticas, destacam-se Lasar Segall e, pouco depois, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Ismael Néri, Tarsila do Amaral e Cândido Portinari; na escultura, Vitor Brecheret; na música, Villa-Lobos. Em São Paulo, a Semana de Arte Moderna – realizada no Teatro Municipal em 13, 15 e 17/2/1922 – é marco do movimento modernista (ver capítulos de *Artes Plásticas*, *Literatura* e *Música*).

GOVERNO PROVISÓRIO

Chefiado pelo mal. Deodoro da Fonseca. Começa em 15/11/1889 e termina em 25/2/1891. Período marcado por crises políticas. Deodoro, um militar que servia lealmente à monarquia, afasta-se progressivamente de seus ministros, que acabam renunciando. Em 3/12/1889, nomeia uma comissão para elaborar o projeto de uma Constituição. Rui Barbosa, min. da Fazenda, dá início à chamada Política do Encilhamento – reforma financeira autorizando bancos a emitir papel-moeda (17/1/1890). O resultado é uma desastrosa especulação que arruína muitos empresários.

Constituição de 1891 – Apesar das denúncias de fraude na votação, a Assembléia Constituinte eleita em 15/9/1890 se reúne e promulga, em 24/2/1891, a primeira Constituição republicana. Logo depois, os constituintes elegem o mal. Deodoro da Fonseca presidente da República e Floriano Peixoto vice. Baseada na Constituição americana, a nova Carta é revisada por Rui Barbosa. Ela revoga o Poder Moderador, o Senado vitalício e a união entre Igreja e Estado. Estabelece a República federativa sob regime presidencialista por "união perpétua e indissolúvel" dos vinte Estados e mais um Distrito Federal a ser demarcado futuramente no planalto central (o que só ocorreria no governo de Juscelino Kubitschek). A Constituição admite a liberdade de culto, estende o direito de voto, que era a descoberto (não-secreto), a todos os cidadãos do sexo masculino maiores de 21 anos e institui o voto direto para a Câmara, o Senado e a Presidência.

GOVERNO DEODORO DA FONSECA

Deodoro da Fonseca assume em 25/2/1891 e governa até 23/11 do mesmo ano (ver biografia na pág. 119). Período marcado por tensões entre Executivo e Legislativo, que resultam na decisão presidencial de dissolver o Congresso, em 3/11. O vice-presidente Floriano Peixoto desencadeia um movimento legalista. Deodoro é forçado a renunciar e Floriano assume o governo.

GOVERNO FLORIANO PEIXOTO

Assume em 23/11/1891 e governa até 15/11/1894 (ver biografia na pág. 119), enfrentando muitas resistências, como a de treze oficiais-generais de terra e mar que contestam, em manifesto, o direito de Floriano ocupar legalmente a presidência até o término do mandato do mal. Deodoro, em 6/4/1892. Os signatários são acusados de indisciplina, presos, privados de seus postos e deportados para o Alto Amazonas (em 19/9/1895, são anistiados pelo Congresso).

No Rio Grande do Sul, eclode a Revolução Federalista (15/2/1893); no Rio de Janeiro, a Revolta da Armada (6/9/1893). Em 1º/10/1893, o governo fecha o *Jornal do Brasil*, que volta a circular em 15/11/1894.

Revolução Federalista – Guerra civil que eclode no Rio Grande do Sul, em 15/2/1893, provocada pelo governo autoritário e centralizador de Júlio de Castilhos, um republicano histórico que dominava o cenário político gaúcho, com apoio de Floriano Peixoto. A oposição a ele é formada pelos federalistas, adeptos do sistema parlamentar e liderados por Gaspar da Silva Martins e pelo gen. João Nunes da Silva Tavares, com apoio da Marinha rebelada contra o presidente.

Inicialmente, os revoltosos infligem sérias derrotas aos partidários de Castilhos. Mas os comandantes das tropas federalistas, Saldanha da Gama e Gumercindo Saraiva, acabam mortos em batalha. A resistência prossegue até 10/7/1895, já durante a gestão do pres. Prudente de Morais, quando as duas facções chegam a um acordo de paz. O governo central garante o poder a Júlio de Castilhos e o Congresso aprova uma lei, em 21/10, anistiando os participantes do movimento revolucionário.

Revolta da Armada – Movimento iniciado na alta cúpula da Marinha, em 6/9/1893, e liderado pelo contra-alm. Custódio José de Melo, que pretendia a deposição do mal. Floriano. Entre os re.voltosos está o alm. Luís Felipe Saldanha da Gama, monarquista, que adere ao movimento em dez. Em 9/2/1894, as tropas rebeldes desembarcam em Niterói. São derrotadas em 13/3/1894 pelos legalistas. Saldanha da Gama e mais 525 revoltosos buscam asilo nos navios portugueses *Mindelo* e *Afonso de Albuquerque*. Em conseqüência, são rompidas as relações diplomáticas com Portugal.

GOVERNO PRUDENTE DE MORAIS

Assume em 15/11/1894 e governa até 15/11/1898 (ver biografia na pág. 120). Período em que se inicia a República das Oligarquias ou "política do café-com-leite". São reatadas relações diplomáticas com Portugal (16/3/1895). Os franceses entram no Amapá em 15/5/1895, com o objetivo de anexá-lo à França. O Partido Republicano Federal, criado em 25/10/1893, é dissolvido em 1896, em meio a crises internas. Deixa assim de existir o único partido de âmbito nacional. O presidente escapa de um atentado e é decretado estado de sítio em 5/11/1897.

Guerra de Canudos – Movimento messiânico, no Nordeste, de 1893 a 1897, liderado por Antônio Conselheiro. Desesperados com a miséria, os habitantes do sertão passam a seguir beatos e pregadores, organizando-se em comunidades religiosas. Um desses beatos é Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, nascido em Quixeramobim (CE), em 13/3/1830. Em 1874, Conselheiro aparece na Bahia, seguido por alguns fiéis. A partir de 1877, ganha fama em suas andanças pelo interior da província e a Igreja chega a proibir suas pregações.

Em 1893, seu grupo entra pela primeira vez em choque com as autoridades em Bom Conselho (PE). Ao saber da autorização, dada pelo governo federal, para que os municípios cobrem impostos, Antônio Conselheiro manda arrancar e queimar os editais, fazendo um sermão com severas críticas ao governo da república – por isso chegou a ser considerado monarquista. Obrigados a fugir para o sertão, Conselheiro e seus seguidores se estabelecem em Belo Monte (BA), na fazenda de Canudos. Ali constroem sua "cidade santa", para onde convergem milhares de devotos.

Em três tentativas contra Canudos (nov. de 1896, jan. e mar. de 1897), as forças federais saem derrotadas. O fracasso assusta o governo, que organiza nova expedição, reunindo 4 mil soldados sob comando do gen. Artur Oscar Andrade Guimarães. Os combates começam em 25/6/1897 e se prolongam até 1º/10, quando as tropas governamentais ocupam Canudos. A luta prossegue e só em 5/10, com a morte dos quatro últimos homens de Conselheiro, termina a resistência do arraial.

Questões de fronteiras – Na Primeira República a política externa cuida dos problemas de fronteiras: Missões – questão territorial entre Brasil e Argentina, pendente desde o Império. No governo Prudente de Morais, o litígio, submetido ao pres. Cleveland, dos EUA, recebe parecer favorável ao Brasil, em 5/2/1895. Trindade – em 1890 os ingleses ocupam a ilha de Trindade, em frente ao Espírito Santo. O Brasil protesta e, com o arbitramento de Portugal, ganha a questão. Os ingleses desocupam a ilha em ago. de 1896. Amapá – os franceses entram no Amapá em 15/5/1895, na tentativa de anexá-lo. A questão é julgada pelo governo suíço, que dá ao Brasil a posse de território em 1º/12/1900.

República Oligárquica – Quando Prudente de Morais é empossado, em 1894, tem pela frente a tarefa de pacificar o país e restabelecer a ordem legal. As Forças Armadas sofrem desgastes internos e não há partidos políticos de expressão nacional, capazes de assegurar a

organização republicana. Os partidos regionais, de tendência oligárquica, passam a exercer o domínio político da nação. As oligarquias estaduais, constituídas principalmente por latifundiários que tinham o monopólio da política em seus Estados, formam grupos fechados. As mais poderosas são de São Paulo, primeiro produtor de café, base da economia nacional; e de Minas Gerais, segundo produtor de café e primeiro de leite. Apoiados em seu poder econômico, se aliam e determinam os rumos do país até a Revolução de 1930, elegendo alternadamente o presidente da República. O período é conhecido, por isso, como República Oligárquica ou da "política do café-com-leite".

GOVERNO CAMPOS SALES

Assume em 15/11/1898 e governa até 15/11/1902 (ver biografia na pág. 120). Em viagem à Europa, antes de tomar posse, o presidente negocia, em 15/6/1898, um acordo com os banqueiros internacionais, o chamado *funding loan*, que estabelece a suspensão temporária do pagamento da dívida externa, contraída durante o Império. A renda da Alfândega do Rio de Janeiro é oferecida como garantia. É a primeira moratória do período republicano. Para cumprir as exigências do acordo e conseguir a renegociação, Campos Sales adota medidas visando a conter a inflação, controlar os gastos governamentais, restringir o crédito às empresas e aumentar impostos.

Política dos governadores – Sistema cujas bases são lançadas por Campos Sales e que consiste no apoio dado ao governo federal pelas oligarquias dominantes nos Estados, através de suas bancadas na Câmara e no Senado. Em troca, o Executivo compromete-se a reconhecer automaticamente a legitimidade das maiorias estaduais, favorecendo o atendimento de seus interesses, a consolidação de seu poder regional e só aceitando como representantes no Congresso pessoas indicadas pelas oligarquias dos Estados. Assim, o Poder Executivo Federal, controlado por São Paulo e Minas Gerais, pode contar com sólido apoio parlamentar. Essa política entra em crise na década de 20.

Coronelismo – Forma de atuação dos "coronéis", grandes proprietários de terra que, em cada Estado, controlam a vida nos municípios, mantêm e exercem o poder político. Nas eleições, indicam os candidatos (o chamado voto de cabresto), sufocam oposições e dissidências, praticando, muitas vezes, fraude eleitoral. O coronelismo reforça o poder das oligarquias e a política dos governadores, que determinam os rumos políticos do país.

GOVERNO RODRIGUES ALVES

Assume em 15/11/1902 e governa até 15/11/1906 (ver biografia na pág. 120). Em mar. de 1903 ocorre um surto de febre amarela no Rio de Janeiro e Osvaldo Cruz dá início a sua política de saneamento, que vai redundar na aprovação da lei que torna a vacina obrigatória (31/10/1904). Em ago. de 1903, desencadeia-se uma greve geral no Rio de Janeiro pela jornada de trabalho de oito horas e por melhores salários.

Ciclo da borracha – Nas últimas décadas do séc. XIX e na primeira do séc. XX, a região amazônica transforma-se em cenário de um dos ciclos econômicos mais rápidos do Brasil, baseado na exploração da seringueira (*Hevea brasilienses*), árvore nativa da região tropical da América do Sul. Seu látex, extraído da casca, era tradicionalmente usado pelos índios para fazer calçados elásticos.

As primeiras exportações do produto (31 t) datam de 1827, após a criação de um método de impermeabilização de tecidos com borracha. Em 1842, verifica-se novo impulso com a introdução do processo de vulcanização, que a transforma em importante matéria-prima industrial. Mas é com a invenção do pneumático, em 1888, e a expansão da indústria automobilística, principalmente nos EUA, que a demanda do produto aumenta, elevando seu preço e trazendo um surto de progresso às principais cidades amazônicas. Concentrada inicialmente no Pará, a produção estende-se ao médio Amazonas, que, a partir de 1887, transforma-se na principal área produtora. Com o começo da produção dos seringais do Alto Purus e Juruá, no Acre, as exportações crescem de 2 mil t em 1904 para 11 mil t em 1907, quando o território passa a ser o maior produtor do país. Na primeira década do séc. XX, são exportadas em média 34.500 t de borracha, equivalentes a 23% do valor das exportações no período. O recorde da produção é de 1912, quando são exportadas 42 mil t.

O monopólio chega ao fim a partir de 1910, com a entrada no mercado da produção das colônias britânicas do sudeste da Ásia, que, três anos mais tarde, já suplanta a do Brasil. Utilizando métodos primitivos de produção, a Amazônia não tem condições de competir com as grandes plantações asiáticas, onde a seringueira é cultivada racionalmente e de forma intensiva. As primeiras sementes foram contrabandeadas do Brasil entre 1873 e 1876. A borracha asiática inunda o mercado internacional, causando grande queda nos preços.

Em 1919, o Brasil exporta 34 mil t das 423 mil t produzidas em todo o mundo.

Independência do Acre – A exploração e prosperidade do comércio da borracha levam muitos brasileiros, principalmente nordestinos, à região do Acre, uma faixa de terra que, desde 1867, estava cedida à Bolívia pelo Tratado de Ayacucho. Recusando-se a obedecer a autoridade dos bolivianos sobre a região, os brasileiros criam na prática um território independente e exigem sua anexação ao Brasil. Os bolivianos, tentando não perder o território, fundam Puerto Alonso (hoje Porto Acre), em jan. de 1889. São expulsos pelos brasileiros, em mai. do mesmo ano. Em 14/7/1899, com apoio dos seringalistas e do governo do Amazonas, Luís Galvez Rodrigues de Arias proclama a República do Acre, desmantelada pela flotilha brasileira. Os bolivianos, com respaldo do governo brasileiro, conseguem se reinstalar na região. Em dez. de 1899, sofrem novo ataque da Expedição dos Poetas, integrada por jovens intelectuais de Manaus. Em 11/7/1901, a Bolívia assina o Tratado de Aramayo, arrendando a região ao The Bolivian Sindicate of New York City in North America, que recebe autorização para cobrar impostos, comprar terras, explorar a borracha e minas.

O acordo dura pouco: em 6/8/1902, sob o comando de José Plácido de Castro, os brasileiros iniciam uma insurreição vitoriosa. Em 24/1/1903, as forças bolivianas batem em retirada e Castro é aclamado governador do Estado Independente do Acre. Em 17/11/1903 é assinado o Tratado de Petrópolis: o Brasil compra a região por 2 milhões de libras esterlinas, comprometendo-se a construir a estrada de ferro Madeira–Mamoré e a indenizar o Bolivian Syndicate com 110 mil libras esterlinas. Em 25/2/1904 o Estado Independente é dissolvido, criando-se o Território Federal do Acre.

Convenção de Taubaté – Convênio firmado entre São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, em 27/2/1906, em Taubaté (SP), estabelecendo a política de valorização do café para impedir a elevação do câmbio e restringir a oferta do produto, que registra uma superprodução enquanto caem os preços no mercado internacional. O governo central obriga-se a comprar os estoques excedentes, a fim de diminuir os efeitos provocados pela queda de preços, e a cobrar impostos sobre as sacas exportadas, visando a criar novas fontes de arrecadação para o financiamento da lavoura.

GOVERNO AFONSO PENA

Assume em 15/11/1906 e governa até 14/6/1909 (ver biografia na pág. 120). Período em que é criada a Caixa de Conversão, espécie de Caixa Econômica, e são tomadas medidas para garantir empréstimos para a valorização do café (1906). A Amazônia é ligada por telégrafo ao Rio de Janeiro, por uma comissão chefiada pelo mal. Cândido Rondon (1907). É aprovada a lei do serviço militar obrigatório em mai. de 1908.

II Conferência de Haia – Nome dado à Conferência Internacional de Paz realizada em Haia em 15/6/1907, com o objetivo de estabelecer normas e regulamentos de guerra. É a primeira conferência internacional de que o Brasil participa. O jurista, político e orador Rui Barbosa, representante do Brasil, defende os interesses dos países explorados, propondo a igualdade entre as nações. A interferência lhe vale o epíteto de "Águia de Haia".

Confederação Operária – É a primeira associação do operariado brasileiro, fundada em 1908, dois anos depois da realização do I Congresso da classe no país. Sua principal meta é a implantação da jornada de trabalho de oito horas. Durante os anos de 1908/1909 e 1913/1915, sustenta o periódico *A Voz do Trabalhador*, veículo de expressão do movimento operário nacional.

GOVERNO NILO PEÇANHA

Assume em 14/6/1909 e governa até 15/11/1910 (ver biografia na pág. 121). Cria o Serviço de Proteção ao Índio em 20/7/1910, sob a direção de Cândido Rondon. Descobre-se a doença que fica conhecida como mal de Chagas (1909). Realiza-se a Convenção das Municipalidades, que escolhe Rui Barbosa e Albuquerque Lins como candidatos às eleições de 1910. Desenvolve-se a Campanha Civilista, de oposição a Hermes da Fonseca (out. de 1909).

GOVERNO HERMES DA FONSECA

Assume em 15/11/1910 e governa até 15/11/1914 (ver biografia na pág. 121). Dá início à política salvacionista de intervenção federal nas oligarquias estaduais (dez. de 1911). Durante 1911 e 1912, enfrenta greves por aumentos de salário e redução da jornada de trabalho. Em São Paulo, a paralisação chega a envolver mais de 10 mil operários em 17/5/1912. Inaugura, em 1º/9/1912, a estrada de ferro Madeira–Mamoré.

Revolta da Chibata – Os couraçados *São Paulo* e *Minas Gerais* se amotinam sob o comando do marinheiro João Cândido, exigindo o fim dos castigos corporais na Marinha (22/11/1910).

Guerra do Contestado – Conflito armado, de 1912 a 1915, que opõe tropas federais e estaduais a camponeses de uma região de cerca de 48 mil km² entre Paraná e Santa Catarina, alvo de disputas entre os dois Estados desde o império e, por isso, conhecida como Contestado. Um monge, de nome José Maria, faz sermões de caráter político e ataca a República. Reúne grande número de fiéis que se instalam na região de Taquaruçu, no Paraná. O chefe político local, cel. Francisco de Albuquerque, pede apoio ao governo estadual, que envia tropas. José Maria morre, em 1913, num combate. Os rebeldes resistem e instalam novo agrupamento, fundando a cidade de Santa Maria.

Sob comando do gen. Setembrino de Carvalho, 7 mil soldados, munidos de modernos equipamentos militares, e até de aviões, marcham para a região em set. de 1914. Após uma série de investidas, Santa Maria cai em 3/4/1915. Mas a resistência só é aniquilada em dez. Em out. de 1916, os Estados envolvidos criam o município de Concórdia, resultado de um acordo que reintegra a região à ordem republicana.

Revolta de Juazeiro – Conflito entre sertanejos e tropas do governo do Ceará, em fins de 1913 e início de 1914. Tem como causa a ascensão política do vigário local, pe. Cícero Romão Batista. Segundo a lenda, ele recebera em sonho uma ordem de Jesus Cristo para cuidar dos sertanejos miseráveis. Resolve então, em 1872, fixar-se no pequeno distrito de Juazeiro, junto à gente simples da qual sairiam seus inúmeros "afilhados" – daí o tratamento de "padim", corruptela de padrinho. De início, sua influência é apenas local.

A partir de 1891, o nome de pe. Cícero é envolto pela aura de milagreiro, sendo venerado por um número cada vez maior de beatos. Firma-se como líder político da região do Cariri, arbitrando conflitos, aliando-se a coronéis e envolvendo-se ao lado de capangas em choques armados com grupos adversários. Organiza e incentiva o desenvolvimento da cidade, tornando-se seu prefeito quando a elevam a município em 1911. No ano seguinte, é exonerado da prefeitura. Decide reagir e as forças que lhe são fiéis atacam e tomam Juazeiro em 9/12/1913.

Em 15/1/1914, a cidade é sitiada. Após nova investida, as tropas governamentais são perseguidas e dispersadas, assegurando aos revoltosos o controle de todo o Cariri. O governo decreta intervenção. Pe. Cícero ainda se elege deputado federal e vice-presidente do Ceará. Em 1922, um pacto interestadual une contra ele autoridades de Ceará, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, e começa seu declínio. Na Revolução de 30, suas propriedades são vasculhadas e seu retrato é retirado da prefeitura de Juazeiro.

GOVERNO VENCESLAU BRÁS

Assume em 15/11/1914 e governa até 15/11/1918 (ver biografia na pág. 121). Durante o período, realiza-se o Congresso Internacional da Paz, em 14/10/1915, promovido pela Confederação Operária Brasileira. É promulgado o Código Civil Brasileiro (1º/1/1916). Com a queda das exportações provocada pela I Guerra Mundial, o governo manda queimar 3 milhões de sacas de café estocadas, em jun. de 1917, para evitar a baixa dos preços.

Durante um ano o país é agitado por greves operárias e atingido pela gripe espanhola; só em São Paulo morrem 8 mil pessoas em quatro dias (out. de 1918). O presidente eleito da República, Rodrigues Alves, está entre os contaminados pelo vírus da gripe.

Sabinas – Lei de emergência baixada em 28/8/1915 pelo governo determina a emissão, em caráter de urgência, de papel-moeda e apólices para o pagamento a curto prazo de letras do tesouro. Elas inundam o mercado com o nome de sabinas: o ministro da Fazenda, autor da iniciativa, é Sabino Barroso. O governo não tem, porém, recursos suficientes para pagar o resgate aos credores.

Presença na I Guerra – O ataque de alemães a navios brasileiros na costa de Santa Catarina, em out. de 1917, faz com que se inicie uma campanha, comandada por Rui Barbosa, favorável à entrada do país no conflito. A economia nacional depende do comércio com os EUA, que tinham entrado na guerra nessa mesma época. Em 26/10/1917, o governo brasileiro declara estado de beligerância contra a Alemanha; pouco depois, envia uma unidade médica e aviadores para cooperar com os ingleses no patrulhamento do Atlântico Sul. É a única nação sul-americana a participar do conflito.

GOVERNO DELFIM MOREIRA

Vice-presidente eleito em 1º/3/1918 (ver biografia na pág. 121). Delfim Moreira toma posse como interino em 15/11/1918, por causa do impedimento do pres. eleito Rodrigues Alves, que, contaminado pela gripe espanhola, morre em jan. de 1919. Governa até 28/7/1919, com o ministério nomeado por Alves. Reprime anarquistas que tentam pôr em prática um plano para a tomada do poder no Rio de Janeiro (18/11/1918); envia uma delegação para a Conferência de Paz em Versalhes (21/1/1919); enfrenta greves operárias por aumentos salariais em Porto Alegre, Recife, Salvador, Curitiba e Niterói (jun. de 1919).

GOVERNO EPITÁCIO PESSOA

Assume em 28/7/1919 e governa até 15/11/1922 (ver biografia na pág. 121). Em out. de 1919 enfrenta amplo movimento grevista em São Paulo. A polícia fecha o jornal *A Plebe* e expulsa do país seus redatores. Ao longo do mesmo ano, são deportados cerca de cem militantes operários. É decretada intervenção federal na Bahia, após choques entre coronéis, políticos de oposição e a polícia local (23/2/1920). É fundado o Partido Comunista do Brasil (PCB), filiado à III Internacional (25–27/3/1922). No início dos anos 60, o PCB muda seu nome para Partido Comu-

nista Brasileiro; uma dissidência à esquerda forma nova agremiação, assumindo o nome original, com a sigla PC do B. Tropas federais ocupam Recife para conter conflitos entre oligarquias durante eleições no Estado (26/5/1922). É fechado o Clube Militar (3/7/1922).

Tenentismo – Movimento político nascido entre a jovem oficialidade das Forças Armadas, sobretudo os tenentes. Inicia-se em 5/7/1922 e se estende até 1934. Conta com a adesão de militares de patente superior e de civis provenientes da pequena burguesia, insatisfeitos com o apoio do governo central às oligarquias estaduais, principalmente a do café. Desarticulada e um tanto vaga, a plataforma política do movimento propõe, entre outras reformas, maior centralização do Estado, moralização dos costumes políticos e voto secreto. Elitistas, os revoltosos não buscam a incorporação das massas populares, orientando sua prática para ações militares diretas, como o levante dos Dezoito do Forte de Copacabana, a Revolução Paulista de 1924 e a Coluna Prestes.

Com a Revolução de 30, o tenentismo cinde-se entre partidários do liberalismo político e uma minoria radical que adere ao PCB. Em 1934, o movimento já está desarticulado. Alguns de seus líderes aderem à Ação Integralista Brasileira, de direita; outros à Aliança Nacional Libertadora (ANL), de esquerda, acompanhando a polarização política que marca o país nessa época.

Levante de Copacabana – Conhecido como Os Dezoito do Forte, é um movimento armado que irrompe no Rio de Janeiro (RJ) na madrugada de 5/7/1922. O estopim é o fechamento do Clube Militar e a prisão de seu presidente, Hermes da Fonseca, acusado de interferência indevida na política de Pernambuco. A causa remota é a oposição ao governo de Epitácio Pessoa, movida por capitães e tenentes do Exército e alguns da Marinha, que resulta na tomada do Forte de Copacabana por um grupo de dezessete oficiais e um civil, sob o comando do cap. Euclides da Fonseca. O governo sufoca o movimento e apenas dois sobrevivem: os tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes. Em conseqüência, é estabelecido estado de sítio com aprovação do Congresso.

GOVERNO ARTUR BERNARDES

Assume em 15/11/1922 e governa até 15/11/1926 (ver biografia na pág. 122). O mandato transcorre sob estado de sítio – exceto durante breve período, de 23/12/1923 a 5/7/1924. Começa no Rio Grande do Sul a Revolução de 1923 (jan.), como resultado da reeleição, pela quinta vez, de Antônio Borges de Medeiros para a presidência do Estado. Entra em vigor a Lei nº 4982, que institui quinze dias de férias anuais para os empregados de estabelecimentos comerciais, industriais e bancários (24/12/1925).

Rebelião de 1924 – Levante tenentista ocorrido em São Paulo em 5/7/1924. A capital é tomada por militares rebeldes, chefiados pelos gen. Isidoro Dias Lopes e Miguel Costa. Os revoltosos forçam a fuga do pres. do Estado e ocupam a cidade por 22 dias. Em seguida, São Paulo é bombardeada por tropas federais. No final de julho os revolucionários seguem em direção ao Sul, para juntar-se às tropas chefiadas pelo militar e líder tenentista Luís Carlos Prestes.

Coluna Prestes – Movimento militar revolucionário, iniciado com novecentos homens, em out. de 1924, no Rio Grande do Sul, sob o comando do ten. Luís Carlos Prestes, do Batalhão de Engenharia de Santo Ângelo, que se junta a tropas rebeldes paulistas lideradas por Miguel Costa, em abr. de 1925. Adota a tática da guerra em movimento e chega a percorrer mais de 25 mil quilômetros pelo interior do país. Busca, por onde passa, adesão popular para o movimento que encampara algumas reivindicações políticas dos tenentes (ver *Tenentismo*). Em sua tática, os guerrilheiros ocupam posições e cidades, para abandoná-las em seguida, mantendo uma lenda de invencibilidade.

Participa ao todo de 53 combates, não sendo derrotada em nenhum deles. Sai do Rio Grande do Sul, vem para São Paulo, entra no Paraguai e volta ao país, percorrendo Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Interna-se na Bolívia em fev. de 1927, com 620 homens, e se desfaz com o fim do governo Artur Bernardes. Prestes se interessa por idéias marxistas, que o levariam a transformar-se no principal líder comunista do país.

GOVERNO WASHINGTON LUÍS

Assume em 15/11/1926 e governa até 24/10/1930 (ver biografia na pág. 122). É dele a frase "governar é abrir estradas", um lema de sua administração. Promulga a chamada Lei Celerada, que permite a repressão a atividades políticas e sindicais operárias (1927). Em 1º/5/1929 é fundada a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT).

Revolução de 30 – Com a escolha do paulista Júlio Prestes como candidato oficial à sucessão do também paulista Washington Luís, Minas Gerais passa para a oposição e se alia ao Rio Grande do Sul e à Paraíba, formando a Aliança Liberal, que escolhe o político gaúcho Getúlio Vargas e o paraibano João Pessoa como candidatos a presidente e vice. Em torno deles se aglutinam velhos e novos inimigos do regime: militares, classes médias urbanas, dissidentes das oligarquias mineira e gaúcha, todos mobilizados em intensa campanha eleitoral. Em 1º/3/1930 Júlio Prestes é eleito presidente. E não toma posse. Em 26/7 João Pessoa é assassinado no Recife, por motivos ligados a problemas locais, explorados politicamente pelos oposicionistas.

O assassinato precipita os acontecimentos e, no dia 3/10, estoura em Porto Alegre a revolução, sob a liderança civil de Getúlio Vargas e o comando militar do cel. Góis Monteiro. O movimento domina rapidamente o Rio Grande do Sul, Minas Gerais e o Nordeste.

Em São Paulo, Bahia, Pará e Rio de Janeiro ainda se tenta organizar uma resistência, mas na madrugada de 24/10 os principais chefes militares intimam Washington Luís a deixar a presidência. Uma junta militar assume o poder e o mantém até transferi-lo para Vargas.

JUNTA MILITAR

Assume em 24/10/1930, integrada pelos comandantes do Exército, Tasso Fragoso e Mena Barreto, e da Marinha, Isaías Noronha (ver biografias na pág. 123). Toma o poder depois de destituir o pres. Washington Luís, com o objetivo de acabar com a política do café-com-leite. Governa até 3/11/1930. Os militares, não aceitos pelos participantes da Revolução de 30, são obrigados a entregar o poder a Getúlio Vargas.

Era Vargas

Começa com a Revolução de 30 e termina com a deposição do pres. Getúlio Vargas pelos militares em 1945. É marcada por gradual aumento da intervenção estatal na economia e na área social, com a criação do Ministério do Trabalho (1930), sindicatos oficiais e organizações previdenciárias. Divide-se em três fases: *Governo Provisório*, *Governo Constitucional* e *Estado Novo*.

GOVERNO PROVISÓRIO

Getúlio Vargas (ver biografia na pág. 122) é conduzido ao poder em 3/11/1930 pela junta militar que depôs o pres. Washington Luís. Governa como chefe revolucionário até jul. de 1934, quando é eleito presidente por uma Assembléia Constituinte, convocada por ele em 1932.

O período é marcado por conflitos entre grupos tenentistas e oligárquicos. Os tenentes pretendem desarticular as oligarquias estaduais e defendem maior centralização do poder (ver *Tenentismo*). Getúlio consegue o equilíbrio entre as duas forças: atende a algumas das reivindicações das oligarquias e nomeia tenentistas para as interventorias estaduais.

No plano econômico, suspende o pagamento da dívida externa (ago. de 1931); reinicia a política de valorização do café, criando em 1931 o Conselho Nacional do Café e, em 1º/6/1933, o Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA), para definir e comandar a economia canavieira, controlando produção, comércio, exportação e preços do açúcar e do álcool de cana.

Trabalhismo – Assinado o Decreto nº 21350, que limita a jornada diária de trabalho na indústria a oito horas (4/5/1932). Outro decreto, baixado em 17/5/1932, regulamenta o trabalho feminino, proibindo a atividade de mulheres grávidas um mês antes e um mês depois do parto; estabelece também o princípio da isonomia salarial, isto é, a trabalho igual, salário igual.

Revolução de 32 – Também chamada Revolução Constitucionalista. Revolta deflagrada no Estado de São Paulo contra o governo federal. Resulta da fusão entre o Partido Republicano Paulista, derrotado pela Revolução de 1930, e o Partido Democrático, ambos favoráveis à imediata convocação de uma Assembléia Constituinte e ao fim das interventorias nos Estados. Tem à frente a oligarquia cafeeira, que não aceita sua marginalização do poder e tenta resgatar a hegemonia política. Conta com o apoio da classe média, que se mobiliza também pela constitucionalização do país, promovendo manifestações que resultam em incidentes violentos, como o deflagrado em 23/5/1932, quando quatro jovens perdem a vida em choque com forças do governo: Euclides Bueno Miragaia, Mário Martins de Almeida, Dráusio Marcondes de Souza e Antônio Américo Camargo de Andrade, de cujos nomes sai a sigla revolucionária MMDC (Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo).

Preocupado com o rumo dos acontecimentos, Vargas marca para o ano seguinte as eleições para a Constituinte, mas a medida não consegue apaziguar os paulistas e, em 9/7/1932, estoura a revolução. As forças paulistas – compostas por tropas da Força Pública e um exército de voluntários sob o comando dos gen. Bertoldo Klinger e Euclides Figueiredo – enfrentam o destacamento do Exército chefiado pelo gen. Pedro Aurélio de Góis Monteiro. Em 27/9, o chefe da Força Pública, Herculano de Carvalho, assina a rendição. Dois dias depois, Bertoldo Klinger segue o exemplo, pondo fim às hostilidades.

Apesar de fracassado, o movimento contribui para apressar a elaboração da nova Constituição, promulgada em 1934, ano em que o paulista Armando de Sales Oliveira é nomeado para a interventoria do Estado.

Constituição de 1934 – A Assembléia Constituinte, convocada por Getúlio Vargas após a publicação do novo Código Eleitoral em 25/2/1932, é instalada em 15/1/1933 e integrada por 254 deputados. Entre eles, quarenta representantes classistas eleitos por sindicatos e, pela primeira vez, uma mulher, a dep. Carlota Pereira de Queiroz. A Assembléia elege uma comissão que elabora um substitutivo ao projeto do governo e o entrega para debates em mar. de 1934.

A nova Carta, promulgada em 16/7/1934, tem inspiração na Constituição alemã de Weimar, de 1919, e na espanhola, de 1931. Amplia os poderes da União, estendendo suas atribuições, e limita a atuação política do Senado, incumbindo-o da coordenação dos três poderes federais entre si. Institui o Conselho de Segurança Nacional, prevê a criação das Justiças Eleitoral e do Trabalho e dá direito de voto às mulheres. É pouco respeitada, de um lado por desinteresse do próprio Vargas e, de outro, pela radicalização de movimentos políticos, como o levante comunista de 1935 e a revolta integralista. É revogada pelo golpe de 1937.

GOVERNO CONSTITUCIONAL

Da eleição de Vargas pelo Congresso Constituinte, em jul. de 1934, ao golpe do Estado Novo, em 10/11/1937, quando Getúlio institui novo regime político. Depois de sufocar a Revolução Constitucionalista em São Paulo, Vargas enfrenta novas crises. O crescimento de movimentos de inspiração fascista, articulados principalmente pela Ação Integralista Brasileira (partido fundado por Plínio Salgado em 1932), propicia a união de setores socialistas e liberais na formação, em 12/3/1935, de uma frente política, a ANL (Aliança Nacional Libertadora). Com Luís Carlos Prestes na presidência e sob forte influência do PCB, a ANL começa campanha de agitação popular. Em 11/7/1935, Vargas determina seu fechamento e prende alguns militantes.

Intentona Comunista – Insurreição militar de 1935. Tem origem antifascista e antilatifundiária e opõe-se ao avanço do integralismo e à repressão movida pelo governo. É organizada pelo Partido Comunista e por membros da extinta ANL, que passam a preparar a sublevação de seus militantes em algumas unidades do Exército. Em 23/11/1935, os conspiradores rebelam-se em Natal. Dia 24, o movimento repercute no Recife e, dia 27, no Rio de Janeiro. As manifestações são rapidamente sufocadas pelas forças legalistas. A polícia política, sob o comando de Felinto Müller, intensifica a repressão, prendendo e torturando os participantes da insurreição e outros integrantes da oposição.

Golpe de 1937 – Em meados de 1936, o Brasil começa a preparar-se para as eleições presidenciais marcadas para 1938. O primeiro candidato lançado é o paulista Armando de Sales Oliveira, apoiado pelo gov. gaúcho José Antônio Flores da Cunha, por facções políticas de outros Estados e pela União Democrática Brasileira. Vargas considera ameaçadora a articulação e vai buscar apoio nas Forças Armadas. Consegue a adesão dos gen. Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra, que montam o esquema para um golpe continuísta.

Como pretexto, o gen. Góis Monteiro anuncia, em 30/9/1937, a descoberta pelo Estado-Maior do Exército de um fictício plano comunista, o Plano Cohen, que estaria tramando a tomada do poder por meio da violência. Em 1º/10/1937, Vargas pede, e consegue, autorização do Congresso para a decretação de estado de sítio por noventa dias. Em 10/11, determina o fechamento do Congresso, nomeia interventores para todos os Estados, outorga nova Constituição, extingue os partidos políticos e suprime as liberdades individuais. Só um ano mais tarde descobre-se que o Plano Cohen era uma fraude elaborada pelo cap. Olímpio Mourão Filho para criar um clima de terror entre a população e justificar o golpe.

ESTADO NOVO

Período da ditadura Vargas. Começa com o golpe de 10/11/1937 e termina em 29/10/1945 com a deposição de Getúlio pelos militares. Caracteriza-se pela centralização do poder no Executivo e pela ação intervencionista do Estado. O regime é apoiado pela classe média, burguesia e oligarquias. O operariado também se sensibiliza com a intervenção nos sindicatos e com a propaganda, que mostra Vargas como "o pai dos pobres".

As Forças Armadas passam a controlar também as forças públicas estaduais. A seu lado está a polícia política de Felinto Müller, que continua executando prisões arbitrárias. São criados o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), em 1938, e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 27/12/1939, responsável pela censura aos meios de comunicação.

Constituição de 1937 – Outorgada em 10/11/1937. Elaborada pelo jurista Francisco Campos, a partir das concepções autoritárias dos regimes fascistas europeus. Centraliza o poder político, acaba com o princípio de harmonia e independência entre os três poderes (o presidente passa a controlar o Executivo e o Legislativo). Extingue os partidos políticos. Instala o regime corporativo, sob autoridade direta do presidente, e institui a pena de morte. Na prática, a nova Carta não vigora, pois até a deposição de Vargas, em 1945, ele governa por meio de decretos-leis.

Revolta integralista – Tentativa de invasão do Palácio Guanabara, no Rio de Janeiro, em 11/5/1938, planejada por setores da direita pertencentes ao movimento integralista. Sentindo-se traídos pelo presidente com o fechamento de todos os partidos políticos, sobretudo da Ação Integralista Brasileira (AIB), de Plínio Salgado, os integralistas pretendiam assassinar Vargas. A guarda do palácio resiste ao primeiro ataque e o presidente e sua família reagem de dentro do palácio, até chegarem tropas do Exército, que derrotam os integralistas. Vários são presos e alguns executados. É a última rebelião enfrentada por Vargas nesse período de governo.

Cangaço – Fenômeno social caracterizado pelo banditismo, resultado da intensa miséria e injustiça social no sertão nordestino. Suas origens remontam aos anos de 1877 e 1879, quando grupos armados começam a assaltar e distribuir víveres a flagelados da seca.

Entre os principais líderes, destaca-se Antônio Silvino, que chegou a ser conhecido como "governador do sertão". Até sua captura, em 1914, mobilizou as polícias do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, atacando cidades, fazendas e tropas do governo.

Virgulino Ferreira, o Lampião, começa a atuar por volta de 1916. Natural de Pernambuco, seus pais são mortos por um "coronel". Foge com os irmãos para o interior e se junta aos grupos de "bandidos". Pouco depois (1918–1919), começa a ganhar fama. Ao contrário de seus antecessores, o grupo de Lampião fica famoso em todo o sertão nordestino mais pela truculência que por sua generosidade.

Apesar das várias tentativas de acabar com o cangaço, só em 8/7/1938 uma tropa, sob o comando de um certo cap. Bezerra, consegue surpreender os cangaceiros na fazenda dos Angicos (SE), onde onze deles morrem, entre os quais Lampião e sua companheira, Maria Bonita. Suas cabeças são cortadas e, durante anos, conservadas no Museu da Faculdade de Medicina da Bahia.

O ciclo do cangaço encerra-se definitivamente em 1940, com a morte de Corisco, último sobrevivente do grupo comandado por Lampião.

Política estudantil – Em dez. de 1938 é fundada a União Nacional dos Estudantes (UNE), que em 4/7/1942 comanda grande manifestação popular antifascista no Rio de Janeiro. Em 1º/12/1943, é preso em São Paulo o pres. do Diretório Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito da USP, Hélio Mota. Em 10/12, uma passeata estudantil nas ruas da capital paulista pede a libertação do presidente da UNE; a polícia atira na multidão e dois estudantes morrem.

Trabalhismo – A Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), criada em 1929 sob influência do PCB, promove em 1930 um congresso de agricultores e decide criar sindicatos rurais. Em 19/9/1946, já no governo Dutra, é reestruturada. Mas acaba fechada por decreto do Ministério do Trabalho, em mai. de 1947 • O salário mínimo é instituído em 1º/5/1940 • A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que reúne todas as resoluções tomadas desde 1930 na área trabalhista, entra em vigor em 10/11/1943.

Presença na II Guerra – Nos três primeiros anos da II Guerra Mundial, o Brasil mantém uma posição de neutralidade. Vargas aproveita-se das vantagens oferecidas pelas potências antagônicas e, sem romper com os países do Eixo (Alemanha, Itália, Japão), consegue, por exemplo, dos EUA, financiamento para construção da siderúrgica de Volta Redonda. Aos americanos também interessava, estrategicamente, a proximidade do Brasil. É desse período a "política de boa vizinhança" dos americanos com os países da América Latina. O personagem de quadrinhos Zé Carioca, criado por Walt Disney, é uma das expressões dessa política.

Com o ataque japonês à base americana de Pearl Harbour, no Havaí, em dez. de 1941, aumentam as pressões para que o governo brasileiro rompa com o Eixo. A decisão é tomada em fev. de 1942. No mesmo mês, é concedida aos EUA a utilização das bases de Belém, Natal, Salvador e Recife. Começam os ataques a navios mercantes brasileiros ao longo da costa. Nos dias 18 e 19/8/1942, cinco deles – *Araraquara, Baependi, Aníbal Benévolo, Itagiba* e *Arará* – são torpedeados por submarinos alemães, provocando a morte de 652 pessoas.

Vargas declara estado de guerra contra a Alemanha e a Itália, em ago. de 1942. Após fortificar e minar o litoral, cria a Força Expedicionária Brasileira (FEB), em 23/11/1943. Em 6/12 segue para a Itália a Comissão Militar Brasileira, chefiada pelo gen. João Batista Mascarenhas de Morais, que acerta a participação do Brasil no conflito, ao lado dos aliados – países que combatiam o Eixo (este também formado por países aliados).

O primeiro contingente da FEB segue para Nápoles em 2/7/1944 e entra em combate em 18/9/1944, participando de várias batalhas no vale do Pó. Os pracinhas brasileiros tomam Monte Castelo em 21/2/1945, vencem em Castelnuovo em 5/3 e participam da tomada de Montese em 14/4. Durante a campanha são enviados cerca de 25 mil homens. Morrem 430 pracinhas e treze oficiais, além de oito oficiais da Aeronáutica.

A Marinha participa das escoltas aos comboios aliados no Atlântico Sul e patrulha a costa brasileira. As tropas começam a voltar em jul. de 1945 (ver II Guerra Mundial no capítulo de *História Geral*).

Balanço econômico – A desvalorização do principal produto de exportação, o café, provocada por supersafras, causa uma crise que começa em 1930 e se estende até 1944. Para debelá-la, durante esse período Vargas compra e destrói cerca de 80 milhões de sacas.

A crise favorece a exploração de novos produtos, como frutas, algodão e minério de ferro, desenvolvendo uma economia baseada no mercado interno. O governo concede benefícios ao sistema de crédito, institui tarifas protecionistas, controla os preços e estabelece uma política de contenção salarial.

Nos setores onde o empresariado nacional não pode investir, o Estado funda empresas próprias, como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, que é criada em 1941 mas só entra em funcionamento em 1946, e a Companhia Vale do Rio Doce, constituída em 1942 e destinada à exploração de minérios.

O crescimento industrial sofre uma diminuição durante a II Guerra Mundial, pela dificuldade de importação de equipamentos. O governo institui então um plano qüinqüenal – o Plano de Obras e Equipamentos –, voltado essencialmente para obras de infra-estrutura e criação de indústrias básicas, que entra em vigor em jan. de 1944. Com o plano financeiro, cria em nov. de 1942 uma nova moeda, o cruzeiro, em substituição ao mil-réis.

Classes sociais – A crise do café diminui o poder dos latifundiários e cede espaço para a burguesia (mercantil e industrial) e para a classe média, que continuam crescendo e aumentando sua participação na vida política. A classe operária também cresce consideravelmente, mas é controlada pelos mecanismos intervencionistas da ditadura Vargas.

Vida cultural – A revolução estética proposta, de forma ainda desorganizada, pela geração de 22 consolida-se a partir da Revolução de 30. Poetas como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade ou romancistas como José Lins do Rego atingem a maturidade. E surgem nomes novos: Érico Veríssimo, Jorge Amado, Graciliano Ramos. É uma fase de grande tensão ideológica, em que se considera a literatura como instrumento privilegiado de conhecimento do ser humano e de modificação da realidade. Na poesia, de linha intimista, sobressaem Cecília Meireles e Vinicius de Moraes.

Nas artes plásticas, destacam-se Lúcio Costa, que projeta o prédio modernista do Ministério da Educação e Cultura (MEC), no Rio de Janeiro, e Oscar Niemeyer, que em 1942 planeja em Belo Horizonte o Conjunto da Pampulha e causa polêmica com as inovadoras linhas

arquitetônicas da capela de São Francisco de Assis, que integra o conjunto, decorada com azulejos e painéis do pintor Cândido Portinari.

No teatro, surge o dramaturgo Nélson Rodrigues (ver capítulo de *Teatro*). Ele estréia no Rio de Janeiro, em 1943, a peça *Vestido de noiva*, em que incorpora modernos padrões teatrais, revolucionários para o Brasil.

A música popular dá um salto de qualidade com o trabalho de compositores como Pixinguinha, Noel Rosa, Ari Barroso, Lamartine Babo, Ismael Silva e Ataulfo Alves. Na música erudita, Villa-Lobos compõe as *Bachianas brasileiras*, unindo Bach ao folclore nacional.

Fim do Estado Novo – A crescente violência policial, a censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) aos meios de comunicação e a derrota do nazi-fascismo na Europa desgastam o regime de Vargas e surgem pressões em favor da democracia.

Temendo a perda do poder, o presidente toma iniciativas democratizantes: em fev. de 1945, um ato adicional marca eleições gerais, e, em 14/3, o presidente anuncia o desejo de fazer do gen. Eurico Gaspar Dutra seu sucessor; em abr., permite total liberdade de organização partidária; surgem a União Democrática Nacional (UDN), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Social Democrata (PSD) e o Partido Social Progressista (PSP).

Vargas procura jogar para manter-se no poder (os mesmos militares que garantiram o Estado Novo, entre eles os gen. Góis Monteiro e Dutra, tramam um movimento para derrubá-lo). Em 28/5/1945, marca para 2/12 do mesmo ano a realização de eleições para a Presidência da República e a Assembléia Constituinte.

Ao mesmo tempo, o presidente incentiva um movimento continuísta, que recebe o nome de "queremismo" (do slogan "Queremos Getúlio"), com apoio da classe operária, sindicatos e comunistas. Temendo que a pressão popular possa alterar o processo de afastamento do presidente, os chefes das Forças Armadas fazem um movimento que prega a reconstitucionalização do país e depõem Vargas em 29/10/1945. Dois dias depois, o presidente parte para o exílio em São Borja (RS).

Segunda República

Período de redemocratização que se estende de 1945 a 1964. Caracteriza-se pela consolidação do populismo, com a valorização de líderes carismáticos, capazes de aglutinar grandes camadas da população em torno de plataformas, ou medidas isoladas, de caráter nacionalista. É também um período de grande desenvolvimento econômico e efervescência em todas as áreas.

GOVERNO JOSÉ LINHARES

Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Linhares (ver biografia na pág. 123) assume interinamente, em 29/10/1945, convocado pelas Forças Armadas, que depuseram Vargas. Governa até 31/1/1946, depois de conduzir o processo que leva ao poder o mal. Eurico Gaspar Dutra (PSD-PTB) nas eleições presidenciais de 2/12/1945. O proscrito PCB volta à legalidade em 10/11/1945.

GOVERNO DUTRA

Eurico Gaspar Dutra assume em 31/1/1946 e governa até 31/1/1951 (ver biografia na pág. 123). Em sua administração, o PSD firma-se como partido majoritário, elegendo mais da metade dos constituintes, que votam uma nova Carta. Os dois primeiros meses de governo são marcados por mais de sessenta greves. Em 6/8/1947 é fundado o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Em 1948, é criado o Conselho Nacional de Economia e o Tribunal Federal de Recursos.

Em 18/5/1950, é aprovado o primeiro plano governamental para o país. O projeto fixa como metas prioritárias saúde, alimentação, transporte e energia. O Brasil passa também a ser dono de sua plataforma continental submarina em 8/11/1950.

Constituição de 1946 – A Assembléia Constituinte é instalada em 5/2/1946 e integrada por 42 senadores e 286 deputados eleitos em 2/2/1945. Encerra os trabalhos em 18/8/1946. Conta pela primeira vez com a participação do Partido Comunista. A nova Constituição, de tendências liberais, é promulgada em 18/9. Permite a liberdade de organização e expressão, estende o direito de voto aos maiores de 18 anos de ambos os sexos, restabelece os direitos individuais e abole a pena de morte. Mantém, entretanto, o espírito conservador e corporativista do regime anterior em dois pontos: umá estrutura sindical atrelada ao Estado e o enunciado constitucional do direito de greve, que permite, na prática, sua proibição por lei comum. Devolve autonomia aos Estados e municípios e restabelece a interdependência dos três poderes. Sofre mais de vinte emendas e tem cerca de quarenta atos complementares. É revogada em 1967, durante o governo Castello Branco.

Conservadorismo – Eleito com apoio trabalhista, Dutra faz um governo conservador e adota medidas impopulares, como o congelamento do salário mínimo. Proíbe o jogo e ordena o fechamento dos cassinos. Põe o PCB novamente na ilegalidade e cassa o mandato de seus representantes. Fecha a CGT e intervém em mais de 140 sindicatos. E rompe relações com a URSS.

GOVERNO VARGAS

Getúlio Vargas volta novamente ao poder em 31/1/1951 e governa até 24/8/1954 (ver biografia na pág. 122). Apoiado pela coligação PTB-PSP-PSD, retoma plataformas populistas, de nacionalismo econômico, favorecendo a implantação de grandes empresas públicas, como a Petrobrás, criada em 3/10/1953. Assume com isso a imagem de adversário do imperialismo. Cria em 20/6/1952 o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e, em 22/12, o Instituto Brasileiro do Café (IBC). Em 26/3/1953 enfrenta greve de 300 mil operários paulistas.

Em 5/8/1954, uma tentativa de assassinato do jornalista Carlos Lacerda, dono da *Tribuna da Imprensa*, na rua Tonelero, no Rio de Janeiro, abre uma crise política que termina com o suicídio do presidente. Lacerda combatia Getúlio Vargas. No atentado morre o maj. Rubens Vaz. Lacerda fica ferido. O chefe da segurança pessoal de Vargas, Gregório Fortunato, é condenado (e depois morto na prisão) como mandante do atentado.

Trabalhismo – Assinada nova lei do salário mínimo em 24/12/1951. Vargas decreta a criação da Carteira de Acidentes de Trabalho e outros benefícios aos trabalhadores em 3/10/1952. E, em 1º/5/1954, é anunciado aumento de 100% do salário mínimo, proposto pelo min. do Trabalho, João Goulart.

O fim de Vargas – O presidente sabe aproveitar-se politicamente da impopularidade do governo anterior e das intensas transformações provocadas pela urbanização e crescente influência da classe operária. Mas o conflito entre as forças que querem o desenvolvimento independente e os partidários da associação com o capital estrangeiro é aguçado por reivindicações sindicais, que atemorizam os setores dominantes e a classe média urbana. Isto, mais a decisão de aumentar em 100% o salário mínimo, desencadeia conspirações e pressões por parte da imprensa, da UDN e das Forças Armadas, pela deposição do presidente.

Em 23/8/1954, manifesto de 27 generais à nação exige a renúncia. Na madrugada de 24/8, Vargas decide licenciar-se. Mas os militares dão-lhe um ultimato.

O presidente se suicida com um tiro no coração. Deixa carta-testamento de caráter nacionalista e populista, em que diz: "Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade. Saio da vida para entrar na História". A reação popular é favorável a Vargas: jornais de oposição são queimados, oposicionistas como Lacerda têm de se esconder, a embaixada dos Estados Unidos é atacada.

GOVERNO CAFÉ FILHO

Como vice-pres. de Vargas, assume em 24/8/1954 e governa até 3/11/1955 (ver biografia na pág. 123), quando se afasta, com problemas de saúde. Em 9/11, anuncia intenção de voltar, mas o Congresso declara seu impedimento. Em jan. de 1955, é inaugurada a hidrelétrica de Paulo Afonso, no rio São Francisco. Nesse mesmo ano, começa a ser fabricado a Romi-Isetta, o primeiro veículo automotor nacional. Em 1º/1/1955, é fundada a Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco, embrião das futuras Ligas Camponesas. Em 14/6/1955, é criado o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que reúne intelectuais nacionalistas.

Em 16/9/1955, o jornalista Carlos Lacerda apresenta pela televisão um documento falso, a "Carta Brandi", acusando Goulart de participar de transações com argentinos contrárias aos interesses nacionais. Goulart é candidato à vice-presidência na chapa da coligação PSD-PTB, encabeçada por Juscelino Kubitschek. Lacerda tenta, com a denúncia, impedir as eleições, realizadas afinal em 3/10/1955. Juscelino derrota o candidato da UDN, Juarez Távora.

GOVERNO CARLOS LUZ

Pres. da Câmara dos Deputados, assume interinamente em 3/11/1955 (ver biografia na pág. 124). Efetivado em 9/11, é deposto dois dias depois, em 11/11, pelo min. da Guerra, mal. Henrique Teixeira Lott, que se antecipa a um suposto golpe de Estado para impedir a posse do pres. eleito Juscelino Kubitschek. É substituído no cargo pelo pres. do Senado, Nereu Ramos.

GOVERNO NEREU RAMOS

Assume em 11/11/1955 (ver biografia na pág. 124) e governa até a posse de Juscelino, em 31/1/1956. A partir de 25/11 decreta estado de sítio, que se estende até o final do período.

GOVERNO JUSCELINO

Juscelino Kubitschek de Oliveira assume em 31/1/1956 e governa até 31/1/1961 (ver biografia na pág. 124). Cria em 9/2/1956 o Conselho do Desenvolvimento, balão de ensaio do Plano de Metas. Começa a construção de Brasília em fev. de 1957; sob a liderança dos arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, os candangos, imigrantes nordestinos, concluem a obra em 21/4/1960. Rompe negociação com o FMI em 28/6/1959, retomada em 21/5/1960, com um empréstimo de US$ 47,7 milhões.

Os anos JK – Fase de efetivo progresso econômico estimulado pelo Plano Nacional de Desenvolvimento, que tem por slogan "cinqüenta anos em cinco". A produção industrial cresce 80%; as indústrias básicas se expandem; e obras de vulto, como Furnas, Três Marias e a construção de Brasília, modernizam o país, favorecem as migrações internas e um crescente êxodo rural.

Embora tenha assumido uma plataforma nacional-desenvolvimentista, Juscelino mantém a economia aberta ao capital estrangeiro, com a concessão de incentivos especiais à entrada de indispensáveis equipamentos para a indústria. Ao setor privado nacional, oferece uma política de crédito vantajosa e assegura a expansão da demanda interna. Sua estratégia obtém apoio do empresariado nacional e estrangeiro, e o país atinge a autosuficiência em setores-chave como a indústria automobilística.

É o primeiro governo que garante, durante cinco anos, as principais conquistas democráticas e a estabilidade política, criando um clima de confiança e otimismo. Além disso, concilia, com habilidade política, os interesses de diferentes setores da sociedade, estimulados com as vantagens de seu projeto desenvolvimentista. Os adversários políticos são incitados a manter sua atuação oposicionista dentro da legalidade democrática. Diante de uma tentativa de golpe de oficiais direitistas da Aeronáutica, em Jacareacanga (PA), em 19/2/1956, logo sufocada, Juscelino responde com a anistia aos militares rebeldes. Age da mesma forma quando ocorre novo levante de oficiais em Aragarças (GO), em 3/12/1959.

No plano internacional, estreita a colaboração com o governo dos EUA, para garantir o êxito da política de industrialização e a estabilidade democrática.

Vida cultural – Na literatura, surge em 1956 o romance inovador *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, que recria o universo do sertanejo. Em 1957, o *Manifesto Concretista* marca uma nova fase na produção poética. No ano seguinte, Gianfrancesco Guarnieri renova o teatro nacional com a peça *Eles não usam black-tie*. Em 1955, *Rio 40 graus*, de Nélson Pereira dos Santos, é um marco do Cinema Novo, caracterizado pela preocupação social e pela busca de raízes brasileiras. O fim dos anos 50 e o início dos 60 marcam o nascimento da Bossa Nova, movimento da Música Popular Brasileira (MPB) liderado por Tom Jobim, João Gilberto e outros, que alcança repercussão dentro e fora do país. Na área da música erudita, os compositores se dividem em torno do nacionalista Camargo Guarnieri e das propostas dodecafônicas do vanguardista Hans-Joachim Koellreuter (ver capítulos de *Cinema*, *Literatura*, *Música* e *Teatro*).

GOVERNO JÂNIO QUADROS

Assume em 31/1/1961 e renuncia em 25/8/1961 (ver biografia na pág. 124). Apresenta-se como um candidato acima dos partidos e apóia-se em inegável carisma pessoal, reforçado por comportamento e discurso populistas. Acaba se elegendo pela UDN e consegue 5.636.623 votos – a maior votação até então atingida por um político brasileiro. Seu principal oponente, o mal. Teixeira Lott (PSD-PTB), obtém 3.846.825 votos. Após sete meses de governo, renuncia denunciando pressões de "forças terríveis". Um dia antes, o gov. da Guanabara, Carlos Lacerda, denunciava pela TV um golpe de Estado que estaria sendo articulado para instituir no país uma ditadura janista.

Mandato relâmpago – A arrancada de progresso dos anos JK provocara aumento na concentração de renda e inflação. Para tentar detê-la, Jânio adota, logo no início do mandato, uma política de austeridade econômica, impondo restrições ao crédito e congelando salários. As medidas satisfazem o Fundo Monetário Internacional (FMI), que avaliza empréstimos, mas provocam descontentamento popular. No plano externo, exerce uma política independente, não alinhada com os interesses internacionais dos EUA, o que o leva a apoiar o governo cubano de Fidel Castro na tensa crise que se segue ao fracasso americano da invasão da baía dos Porcos e a condecorar pessoalmente o min. da Indústria de Cuba, Ernesto "Che" Guevara, com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, a mais alta comenda brasileira.

Em 25/8/1961, Jânio surpreende a nação, enviando ao Congresso uma carta em que comunica sua renúncia ao cargo de presidente da República.

GOVERNO MAZZILLI

Ranieri Mazzilli, pres. da Câmara, assume como interino, em 25/8/1961 (ver biografia na pág. 125). O vice, João Goulart, Jango, estava em visita oficial à China. Governa até 7/9/1961, quando Jango toma posse.

Crise política – Causada por pressões de setores conservadores da UDN e das Forças Armadas e pelos ministros militares de Jânio, contrários à posse de Jango por causa de sua ligação política com Getúlio e com o movimento trabalhista. Ameaçam até com a possibilidade de um golpe de Estado. Os ministros da Guerra, Odílio Denis, da Marinha, vice-alm. Silvio Heck, e da Aeronáutica, brig. Gabriel Grün Moss, pressionam o Congresso para que considere vago o cargo de presidente e convoque novas eleições. Os parlamentares recusam o veto golpista, mas recomendam a adoção do sistema parlamentarista, para limitar os poderes do presidente.

O gov. do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, diz que garantirá a posse de Jango "a bala, se for preciso".

Encampa então a Rádio Guaíba, de Porto Alegre, e, transferindo-a para o porão do Palácio Piratini, sede do poder gaúcho, passa a transmitir em tempo integral, mobilizando a população e conclamando as forças políticas leais ao governo. Lidera assim a Campanha da Legalidade, à qual aderem as principais emissoras do país, defendendo o respeito à Constituição, para garantir a posse do vice. O comandante do III Exército, gen. Machado Lopes, também declara, em 28/8/1961, seu apoio ao vice-presidente. A opinião pública respalda a posição legalista. Em 2/9, o Congresso vota e aprova a emenda parlamentarista que facilita a superação da crise.

GOVERNO JOÃO GOULART

Assume em 7/9/1961 e governa até 1º/4/1964 (ver biografia na pág. 125). Toma posse com um gabinete parlamentarista. Tancredo Neves (PSD-MG) é o 1º-min., eleito pelo Congresso. O parlamentarismo termina em jan. de 1963, em plebiscito nacional, quando 80% dos votantes optam pela volta ao presidencialismo, nos termos da Constituição de 1946. É criada, em 30/5/1962, a Comissão de Nacionalização das Empresas Concessionárias de Serviços Públicos. O Acre é elevado a Estado em 15/6/1962. Em 17/1/1964 é promulgada lei que limita a remessa de lucros para o exterior.

Onda de greves – Nos primeiros meses de governo, bancários de todo o país entram em greve; a categoria consegue aumento salarial de 40% • A Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria e o Pacto de Unidade e Ação convocam greve geral, em 5/7/1962, pela formação de um ministério nacionalista e democrático; uma de suas conquistas é a lei do 13º salário • Em 14/9/1962, trabalhadores de todo o país fazem greve pela antecipação do plebiscito sobre o parlamentarismo • Em 29/10/1963, trabalhadores de São Paulo entram em greve por melhores salários: cerca de 700 mil operários de 78 sindicatos conseguem 80% de aumento.

Primeiros-ministros – Tancredo Neves renuncia ao cargo em 26/6/1962 para candidatar-se ao governo de Minas; é substituído em 6/7 pelo jurista gaúcho Francisco de Paula Brochado da Rocha (PSD), depois de o nome de San Thiago Dantas, min. das Relações Exteriores, ter sido vetado pelo Congresso. Pressões político-militares provocam a substituição de Brochado pelo ex-dep. federal Hermes Lima (PSB-SP), eleito pelo Congresso em 18/9. Lima fica no cargo até o fim do regime parlamentarista.

Reforma agrária – Congresso nacional camponês, realizado em Belo Horizonte em 15/11/1961, sob a liderança do pernambucano Francisco Julião, reúne 1.600 delegados e aprova campanha pela reforma agrária • Em 15/9/1962, instala-se em Brasília o Conselho Nacional de Reforma Agrária • Tropas do IV Exército reprimem no Recife, em 6/10/1963, uma manifestação de 30 mil camponeses que reivindicam a adoção da política da redistribuição de terras.

Trabalhismo – Criado em ago. de 1962 o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), que tem como meta unificar e coordenar as reivindicações dos trabalhadores em todo o país, e é legalizado em abr. de 1963 pelo min. do Trabalho, Almino Afonso • Rejeitado na Câmara, em 4/8/1963, o projeto do Estatuto da Terra, que estenderia aos trabalhadores rurais a legislação trabalhista.

Pretextos para a deposição – Jango governa sob intensa fermentação social. A pressão popular por reformas de base (agrária, bancária, educacional) aumenta a cada dia. O presidente hesita: dá satisfação aos militares e aos empresários, e promete realizar as reformas.

Durante comício de 13/3/1964, realizado em frente à Central do Brasil, no Rio de Janeiro, Jango assina publicamente dois decretos: o de nacionalização das refinarias de petróleo particulares e o de criação da Superintendência da Reforma Agrária.

Em resposta, a oposição organiza em São Paulo, em 19/3, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, passeata da qual participam cerca de 500 mil pessoas. A Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais pede, em 20/3, a exoneração do ministro da Marinha, alm. Sílvio Mota, que impedira um pronunciamento do alm. Cândido da Costa Aragão, do Corpo de Fuzileiros Navais. Os líderes dos marinheiros são presos. No dia 25, a Associação volta a reunir-se no Sindicato dos Metalúrgicos, junto com representantes do CGT, para exigir a libertação dos presos e a substituição de Mota por um "almirante do povo". Dois dias depois, 1.200 marinheiros amotinados entregam-se ao Exército, atendendo a apelo de Jango, que os liberta horas mais tarde, exonerando Mota e atendendo a outras reivindicações.

GOLPE DE 1964

Movimento militar para a derrubada de Goulart, comandado pelos gen. Olímpio Mourão Filho e Carlos Luís Guedes e pelo mal. Odílio Denis, com apoio de outras lideranças militares, setores da direita civil e o governo dos EUA. É preparado a partir de Minas Gerais.

Em 29/3/1964, os conspiradores decidem deflagrar o movimento em 2/4. Mudam de idéia no dia 30/3, depois do discurso de Goulart na Associação dos Suboficiais e Sargentos da Polícia Militar do Rio de Janeiro, no qual ele reafirma o propósito de manter as linhas políticas contrárias aos interesses das elites.

Em 31/3, o gov. de Minas, Magalhães Pinto, divulga por uma cadeia de emissoras de rádio o manifesto-senha do golpe, cuja autoria é atribuída ao sen. Milton Campos (UDN-MG). Imediatamente, tropas mineiras marcham em direção ao Rio de Janeiro e Brasília. As atenções voltam-se então para São Paulo, onde, depois de muita expectativa, os golpistas conseguem a adesão do comandante do II Exército, gen. Amaury Kruel. Jango está no Rio e, ao receber o manifesto no qual o gen. Mourão Filho exige sua renúncia, parte para Brasília, de onde espera poder controlar a situação. Ao ver que não conta com dispositivo militar nem com o apoio armado dos grupos que o sustentavam, segue em 1º/4 para Porto Alegre, negando-se a organizar a resistência. Deposto, exila-se no Uruguai.

Regime militar

Começa com o golpe militar de 31/3/1964 e estende-se até a redemocratização, em 1985. Marcado pelo autoritarismo, pela supressão dos direitos constitucionais, pela intimidação aos oposicionistas, com apoio de aliados civis, e pela imposição de censura prévia a todos os meios de comunicação. Na economia, adota um modelo de modernização que reabre o país ao capital estrangeiro, retoma o endividamento externo para investimentos em grandes obras públicas e acentua o desequilíbrio social.

GOVERNO MAZZILLI

Ranieri Mazzilli (ver biografia na pág. 125), pres. da Câmara Federal, assume e exerce a presidência como interino, de 2 a 15/4/1964, quando toma posse o primeiro pres. militar, mal. Castello Branco. É instituído o AI-1.

Ato Institucional – Adotado pelos militares, o instrumento violenta a Constituição em vigor, para construir uma ordenação jurídica que satisfaça às exigências políticas da classe governante. De 1964 a 1978 são decretados 16 atos institucionais e complementares.

O primeiro, o AI-1, é instituído em 9/4/1964 pelos ministros militares do governo Mazzilli, brig. Correia de Melo, da Aeronáutica, alm. Augusto Rademaker, da Marinha, e gen. Arthur da Costa e Silva, da Guerra. O AI-1 suspende por dez anos os direitos políticos de centenas de pessoas, entre elas os ex-presidentes João Goulart e Jânio Quadros, governadores, parlamentares, líderes sindicais e estudantis, intelectuais e funcionários públicos. Estabelece também eleições indiretas, pelo Congresso, para a Presidência da República.

Pela Constituição de 1946, em caso de vacância na presidência, cabia a Mazzilli, como presidente da Câmara

dos Deputados, convocar novas eleições diretas. Os militares, no entanto, indicam o mal. Humberto de Alencar Castello Branco, que é eleito indiretamente pelo Congresso em 11/4/1964 e assume no dia 15/4.

GOVERNO CASTELLO BRANCO

Assume em 15/4/1964 e governa até 15/3/1967 (ver biografia na pág. 125). Usa atos institucionais e emendas constitucionais como instrumentos de punição: fecha associações civis, proíbe greves, intervém em sindicatos, cassa mandatos de políticos (entre eles o do ex-pres. Kubitschek, em 8/6/1964). Cria o Serviço Nacional de Informações (SNI) em 13/6/1964. Na área da educação, é aprovada pelo Congresso, em 27/10/1964, a Lei Suplicy, que extingue a UNE e as Uniões Estaduais de Estudantes; permite a invasão e o fechamento da Universidade de Brasília pela polícia militar em 18/10/1965; assina com os EUA o acordo MEC-Usaid, para reformular a educação pública, favorecendo o estabelecimento do ensino pago no país. Promulga a Lei nº 5107, instituindo o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), e sanciona nova Lei de Imprensa em 9/2/1967.

Bipartidarismo – Sistema criado em 24/11/1965, por força do Ato Complementar nº 4 e em conseqüência do AI-2, de 27/10, que extinguira o pluripartidarismo garantido pela Constituição de 1946. Baseia-se num partido de apoio ao governo, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), e outro de oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Durante quinze anos, o partido governista, que em sua origem congregava basicamente membros da UDN e do PSD, dividirá o cenário político com uma esfacelada oposição reunida no MDB e desempenhará o papel de instrumento político do regime militar.

AI-3 e AI-4 – Baixado em 5/2/1966, o AI-3 estabelece eleições indiretas para governadores, que passam a ser escolhidos pelas assembléias estaduais. Pelo AI-4, instituído em 7/12/1966, o Congresso é convocado para votar uma nova Constituição, que substitui a de 1946.

Constituição de 1967 – Elaborada pelo min. da Justiça, Carlos Medeiros Silva, é promulgada pelo Congresso em 24/1/1967, com vigência a partir de 15/3. Traduz as necessidades da ordem estabelecida a partir do golpe de 1964, estendendo ao presidente a iniciativa de projetos de emenda constitucional. Ratifica o que já está estabelecido pelos atos institucionais, aumentando o poder do Executivo e reduzindo os poderes e prerrogativas do Congresso, que aceita votá-la.

Economia – É concedido, em 13/1/1965, crédito de US$ 125 milhões pelo FMI • Criado, em 8/2/1967, o cruzeiro novo, equivalente a 1.000 cruzeiros.

Relações exteriores – Rompidas as relações com Cuba em 2/5/1964 • Tropas brasileiras participam da ocupação estrangeira da Rep. Dominicana, em 1º/6/1965, para garantir o retorno da direita ao poder.

Violência política – Atentado a bomba nas oficinas do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 22/4/1965 • Anunciada em jul. de 1965 a criação das Forças Armadas de Libertação Nacional, grupo guerrilheiro com base no Rio Grande do Sul e liderado pelo cel. reformado Jefferson Cardim Osório; o grupo é desbaratado antes do final desse ano • Uma bomba explode em 25/7/1966, no aeroporto dos Guararapes, no Recife, onde pousaria o avião em que viajava a comitiva do gen. Arthur da Costa e Silva, candidato à sucessão de Castello Branco, matando o jornalista Édson Régis e o alm. Nélson Dias Fernandes e ferindo catorze pessoas.

GOVERNO COSTA E SILVA

O mal. Arthur da Costa e Silva assume em 15/3/1967 e governa até 31/8/1969, quando seu mandato é extinto por motivo de saúde (ver biografia na pág. 126). Os dois primeiros anos são marcados por manifestações públicas (principalmente de estudantes) contra a ditadura.

O autoritarismo e a repressão recrudescem, no entanto, a partir de 1968. Em 1967, são criados a Fundação Nacional do Índio – Funai (5/12) e o Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral (15/12). Em 17/4/1968, 68 municípios são transformados em áreas de segurança nacional e seus prefeitos passam a ser nomeados. O ex-pres. Jânio Quadros é confinado em Corumbá (MT), onde permanece de 30/7 a 26/11/1968.

A Câmara rejeita pedido de autorização do Executivo para processar o dep. Márcio Moreira Alves, acusado de ofender as Forças Armadas; o episódio serve de pretexto para a decretação do Ato Institucional nº 5.

São suspensos, por diversos motivos, os direitos políticos de 43 pessoas, em 16/1/1969, entre elas os dep. Mário Covas e Ivete Vargas (MDB-SP) e Roberto Cardoso Alves (Arena-SP).

AI-5 – Decretado em 13/12/1968, é o mais abrangente e autoritário de todos os atos institucionais. Consolida o poder militar. Revoga, na prática, os dispositivos da Constituição de 1967. Reforça os poderes discricionários do regime e concede ao Executivo o direito de determinar medidas repressivas específicas, como decretar o recesso do Congresso (13/12/1968), das Assembléias Legislativas Estaduais e das Câmaras Municipais.

O novo ato permite ao chefe de governo, além de cassar mandatos e suspender direitos políticos, cercear direitos individuais, censurar os meios de comunicação, eliminar garantias de estabilidade do Poder Judiciário e suspender a aplicação do habeas-corpus em caso de crimes políticos.

O novo ato produz doze atos institucionais e complementares, que passam a constituir o núcleo da legislação do regime. Seus principais órgãos de apoio são o Serviço Nacional de Informações (SNI) e o Conselho de Segurança Nacional (CSN). É revogado pela Emenda nº 11, promulgada em 1978, que entra em vigor em 1º/1/1979.

Outros fatos – Morre em desastre aéreo, em 18/7/1967, o ex-pres. Castello Branco • Forma-se, em 4/9/1967, a chamada Frente Ampla, reunindo políticos oposicionistas como Carlos Lacerda, João Goulart e Juscelino Kubitschek • Realiza-se no Rio de Janeiro, em 26/6/1968, a Passeata dos Cem Mil contra a repressão • São proibidas as manifestações de rua • Em 5/7/1968, mais de 300 mil estudantes protestam nas principais cidades.

Violência política – O estudante Edson Luís de Lima Souto morre em conflito com a polícia militar no restaurante estudantil Calabouço, no Rio de Janeiro, em 28/3/1968, e a liderança clandestina da UNE decreta greve nacional • Atentado a bomba em 20/4/1968 destrói a entrada do edifício do jornal *O Estado de S. Paulo* • O Comando de Caça aos Comunistas (CCC), organização terrorista de extrema direita, depreda em São Paulo, em 18/7/1968, o Teatro Ruth Escobar, onde é apresentada a peça *Roda viva*, de Chico Buarque de Hollanda; vários artistas são espancados • Atentado a bomba, em 22/7/1968, contra a sede da ABI no Rio de Janeiro • Entre 3 e 4/10/1968, estudantes da Faculdade de Filosofia da USP, na rua Maria Antônia, que comandam o movimento estudantil em S. Paulo, entram em conflito com alunos do Mackenzie (reduto ideológico da direita). Estes têm o apoio de integrantes das forças de repressão; morre, no episódio, o estudante secundarista José Guimarães • A atriz Norma Bengell é seqüestrada em São Paulo, espancada e solta no Rio em out. de 1968 • O cap. do Exército americano Charles Chandler é assassinado por um grupo guerrilheiro, em São Paulo, em 12/10/1968 • São presos 1.240 estudantes que participavam do 30º Congresso da UNE, em Ibiúna (SP), em 12/10/1968 • Metralhada a casa do arcebispo d. Helder Câmara, no Recife, em 24/10/1968 • O cap. e futuro líder guerrilheiro Carlos Lamarca deserta do quartel de Quitaúna (SP), em 26/1/1969, levando material bélico • Formada em São Paulo, em 1º/7/1969, a Operação Bandeirantes (Oban) – um dos principais instrumentos de repressão do governo militar –, patrocinada por grandes empresários.

JUNTA MILITAR

Com o impedimento de Costa e Silva, o vice-pres. Pedro Aleixo, civil, é impedido de tomar posse. Em seu lugar assume uma junta militar, integrada pelos min. militares Augusto Rademaker, da Marinha; Lyra Tavares, do Exército; e Márcio de Sousa e Melo, da Aeronáutica (ver biografias na pág. 126). A junta governa de 31/8/1969 até 30/10/1969. Em 9/9/1969 decreta o AI-14, que institui a pena de morte e prisão perpétua em casos de "guerra revolucionária e subversiva"; outorga nova Constituição; impõe nova Lei de Segurança Nacional em 18/9; e permite a reabertura do Congresso, em 22/10, após dez meses de recesso. Em 25/10/1969, o gen. Emílio Garrastazu Medici é eleito indiretamente pelo Congresso.

Violência política – É seqüestrado, em 4/9/1969, o embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Elbrick; os seqüestradores exigem a libertação de quinze presos políticos; o governo aceita negociar e bane os presos trocados pelo embaixador, que viajam para o México em 5/9 • Morto nas dependências da Oban, em São Paulo, em 29/9/1969, o operário químico Virgílio Gomes da Silva, o Jonas, membro da Ação Libertadora Nacional (ALN).

Constituição de 1969 – Adaptada pelo jurista Carlos Medeiros Silva, a partir de estudos de Pedro Aleixo, professor de Direito Penal, sobre as normas decretadas pela junta militar. É outorgada em 17/10/1969. Mantém o AI-5 e os demais atos institucionais baixados posteriormente. Recebe 27 emendas. As mais importantes são a nº 11, de 13/10/1978 – institui reformas políticas e permite ao presidente decretar estado de sítio e de emergência –, e a nº 15, decretada em 19/11/1980, que altera a nº 8, tornando diretas as eleições para governador e senador. Vigora até 5/10/1988.

GOVERNO MEDICI

Emílio Garrastazu Medici assume em 30/10/1969 e governa até 15/3/1974 (ver biografia na pág. 126). É o período de maior endurecimento político, respaldado por uma campanha publicitária que adota o slogan "Brasil, ame-o ou deixe-o". É também a fase do "milagre econômico" brasileiro.

Grandes obras – Iniciada em 9/10/1970 a construção da rodovia Transamazônica. O primeiro trecho, com 1.070 km, ligando Itaituba a Humaitá (PA), é aberto ao tráfego em 31/1/1974 • Inaugurada em 11/5/1972 a maior refinaria de petróleo do país, localizada em Paulínia (SP) • Inaugurada em 16/1/1974 a usina hidrelétrica de Ilha Solteira, no rio Paraná • Em 4/3/1974, é aberta a ponte ligando o Rio a Niterói, que recebe o nome do pres. Costa e Silva.

Milagre econômico – Baseado no binômio segurança/desenvolvimento, é instaurado novo modelo de crescimento que pretende promover o incremento da indústria nacional, com recursos do capital externo, do empresariado brasileiro e com a participação do próprio Estado como agente econômico.

O país é aberto às multinacionais, que se sentem atraídas pelas condições extremamente favoráveis à implantação e expansão de suas indústrias, principalmente mão-de-obra barata, pois o governo limita de forma drástica os aumentos reais de salários. Os resultados são , no entanto, positivos do ponto de vista econômico: de 1968 a 1973, o PIB registra crescimentos médios anuais da ordem de 10%, que, somados às grandes obras, apresentadas como símbolo de pujança, caracterizam o "milagre" brasileiro.

Contrastes – Durante o período do golpe de 1964 à redemocratização, o modelo econômico adotado pelos governos militares agrava o desequilíbrio na distribuição de renda. A política de contenção salarial afeta o poder aquisitivo dos trabalhadores e favorece a concentração de renda. De 1960 a 1972, os 5% dos brasileiros mais ricos passam de uma participação de 28,3% para 39,8% do total da renda nacional; enquanto os 50% mais pobres caem, no mesmo período, de 17,4% para 11,3%. Em 1975, o Banco Mundial anuncia que 70 milhões de brasileiros são desnutridos.

Os defensores do modelo econômico pós-64 adotam a política de Delfim Netto, min. da Fazenda dos governos Costa e Silva e Medici, que diz ser necessário "deixar o bolo crescer para depois dividi-lo" – o que acentua o desequilíbrio social.

Eleições – Ulysses Guimarães e Alexandre Barbosa Lima Sobrinho são indicados em 14/9/1973 candidatos à Presidência e vice-Presidência da República pelo MDB; no mesmo dia, a Arena homologa a candidatura dos gen. Ernesto Geisel e Adalberto Pereira dos Santos, eleitos pelo Congresso em 15/1/1974.

Justiça Militar – O guerrilheiro Theodomiro Romeiro dos Santos é condenado à morte em 18/3/1971 pelo assassinato, durante um tiroteio, do sarg. da Aeronáutica Walder Xavier de Lima; em 14/6, o Superior Tribunal Militar (STM) transforma a pena em prisão perpétua.

Sistema repressivo – Para neutralizar a oposição ao regime, o governo faz uso de vários instrumentos de coerção. Um deles é a censura, que atinge os meios de comunicação e as manifestações artísticas. Outro é a repressão por meio de prisões, torturas, cassação de mandatos, banimento do país e aposentadorias forçadas, alcançando políticos, sindicalistas, professores, estudantes, artistas e religiosos. Integrantes da esquerda são obrigados a refugiar-se na clandestinidade. Alguns passam a contestar o regime pela via armada, inspirados no modelo das guerrilhas rurais e urbanas.

O governo aperfeiçoa o sistema repressivo, com apoio do Serviço Nacional de Informações (SNI), das polícias estaduais civis (principalmente dos Departamentos de Ordem Política e Social, DOPS) e militares e de diversos órgãos das Forças Armadas – como o Cenimar, da Marinha, no Rio de Janeiro, e a Oban, em São Paulo, que, a partir de mai. de 1970, passa a chamar-se Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna, o DOI-CODI. Esse aparato repressivo, que conta com financiamento de empresários, consegue desarticular os grupos oposicionistas, prendendo, torturando e matando vários de seus militantes e simpatizantes. Os que conseguem escapar são, muitas vezes, forçados a tomar o caminho do exílio.

Prisões e mortes – O ex-deputado, ex-integrante do PCB e líder da Ação Libertadora Nacional (ALN) Carlos Marighella é morto em emboscada em 4/11/1969, em São Paulo; alguns frades dominicanos são presos • O líder do PCBR, Mário Alves de Souza Vieira, é morto nas dependências do I Batalhão de Polícia do Exército, no Rio de Janeiro, em 16/1/1970 • O guerrilheiro Joaquim Câmara Ferreira, conhecido como Velho, ou Toledo, que substituíra Carlos Marighella na direção da ALN, é preso e morto, em 23/10/1970, em São Paulo, por agentes dos órgãos de segurança • O ex-soldado do Exército e militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) Eduardo Leite, o Bacuri, morre em 8/12/1970 nas dependências do DOPS de São Paulo; o corpo mutilado e com sinais de tortura é entregue à família • O ex-dep. federal Rubens Paiva é preso em sua casa no Rio de Janeiro, em 20/1/1971, e entra na lista dos desaparecidos. Mais tarde surge a informação de que ele morreu no DOI-CODI sob tortura, sendo enterrado clandestinamente • O industrial Henning Albert Boilensen, acusado pela esquerda armada de organizar a contribuição financeira de empresários para os órgãos de repressão, é assassinado em São Paulo, em 15/4/1971, por militantes da ALN e do Movimento Trabalhista Renovador (MTR) • O ex-cap. Carlos Lamarca, da VPR e um dos líderes da luta armada contra o regime, é morto por uma patrulha militar em Pintada, no interior da Bahia, em 17/9/1971 • O estudante Alexandre Vanucchi Leme, acusado de pertencer à ALN, é morto pela polícia militar em 17/3/1973, em São Paulo.

Seqüestros políticos – Um avião da Cruzeiro, que voava de Montevidéu ao Rio de Janeiro, é desviado para Cuba por cinco integrantes da Vanguarda Armada Revolucionária (VAR-Palmares), em 1º/1/1970 • O cônsul do Japão em São Paulo, Nobuo Okuchi, é seqüestrado por um comando guerrilheiro em 11/3/1970; em troca, é exigida a libertação de cinco presos políticos, que são banidos do país e enviados ao México em 15/3 • O embaixador da Alemanha, Ehrenfried von Holleben, é seqüestrado no Rio de Janeiro, em 11/6/1970, por um comando conjunto da VPR-ALN e trocado, dias depois, por quarenta presos políticos, entre eles o jornalista Fernando Gabeira; os presos são banidos do país e embarcados para a Argélia em 16/6 • O embaixador suíço, Giovanni Bücher, é seqüestrado no Rio de Janeiro em 7/12/1970, por militantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), e trocado por setenta presos políticos, que são enviados ao Chile em 13/1/1971 • O cônsul do Brasil em Montevidéu, Aloysio Dias Gomide, é seqüestrado em 2/8/1970 pelos tupamaros, guerrilheiros uruguaios; é solto em 21/2/1971.

GOVERNO GEISEL

O gen. Ernesto Geisel assume em 15/3/1974 e governa até 15/3/1979 (ver biografia na pág. 127). Enfrenta dificuldades econômicas que afetam a vida política e ameaçam o regime militar: a dívida externa contraída em bancos estrangeiros para o financiamento de grandes obras atinge, em 1973, US$ 9,521 bilhões; a inflação (34,5% em 1974) provoca a corrosão dos salários; a crise internacional do petróleo, em 1973, se reflete no Brasil, afetando o desenvolvimento industrial e o nível de emprego.

Nesse quadro, o gen. Geisel assume o poder propondo um projeto de abertura política para o país. Mas ainda decreta cassações e outros atos arbitrários, como a Lei Falcão, de 24/6/1976, que impede o debate político nos meios de comunicação.

Abertura política – São tomadas as primeiras medidas rumo à redemocratização, que, conforme define o presidente, deve ser "lenta, gradual e segura", de acordo com plano atribuído ao ministro-chefe do Gabinete Civil, gen. Golbery do Couto e Silva.

Em 20/1/1976, o gen. Ednardo d'Ávila Mello é afastado do comando do II Exército, ao qual está subordinado o DOI-CODI de São Paulo, sendo substituído pelo gen. Dilermando Gomes Monteiro; a medida é conseqüência das mortes, ocorridas no interior do DOI-CODI, do jornalista Vladimir Herzog, em 25/10/1975, e do operário Manuel Fiel Filho, em 17/1/1976 • Em 1º/4/1977, o governo fecha o Congresso para lançar, em 14/4, o Pacote de Abril, alterando as regras eleitorais, por meio da Emenda Constitucional nº 8; o Congresso reabre em 14/4/1977 • É exonerado, em 12/10/1977, o min. do Exército, gen. Sylvio Frota, da "linha dura", que se opunha à liberalização do regime e fazia articulações para tornar-se sucessor de Geisel na presidência; em seu lugar o presidente nomeia o comandante do III Exército, gen. Fernando Belfort Bethlem • Promulgação da Emenda Constitucional nº 11, em 13/10/1978, revogando o AI-5 e todos os outros atos institucionais e complementares • Abrandamento da Lei de Segurança Nacional (LSN) em 27/11/1978 • Suspensa a censura prévia aos comerciais de rádio e TV em 7/12/1978 • Revogados, em 29/12, os atos de banimento dos presos políticos trocados por diplomatas seqüestrados.

Outras patrulhas – O processo de abertura favorece a abordagem de temas antes proibidos, mas produz, no final dos anos 70 e início dos 80, um novo tipo de censura, da esquerda: são as patrulhas ideológicas, expressão criada pelo cineasta Cacá Diegues para denunciar os que tentam determinar os rumos e os limites da criação artística em função de objetivos políticos.

Pacote de Abril – Conjunto de medidas promulgadas em 14/4/1977, como conseqüência do próprio projeto de abertura política, que passa então por um retrocesso. Em 1974, o MDB obtivera expressiva vitória nas eleições para a Câmara e o Senado. Antevendo nova vitória da oposição nas eleições de 1978, Geisel lança mão dos dispositivos do AI-5 e, em 1º/4/1977, fecha o Congresso por duas semanas para decretar alterações nas regras eleitorais. A Emenda Constitucional nº 8 determina, entre outras medidas, conhecidas como Pacote de Abril, que o número de deputados federais, proporcional à população, será reajustado para que nenhum Estado tenha mais de 55 ou menos de 6 representantes; e cria a figura do senador biônico (um em cada três senadores passa a ser eleito indiretamente). A emenda também aumenta o mandato do presidente para seis anos. Geisel justifica o pacote com o plano da abertura "lenta, gradual e segura".

Outros fatos – Criados o Ministério da Previdência e Assistência Social, a Secretaria do Planejamento e o Conselho Econômico, em 1º/5/1974 • Efetivada a fusão dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara em 15/3/1975 • Sancionada em 26/12/1977 a primeira lei que regulamenta o divórcio • Criado o Estado do Mato Grosso do Sul em 1º/1/1979.

Eleições – O MDB faz 335 deputados estaduais, 160 federais e vários senadores nas eleições parlamentares de 15/11/1974 • O Congresso aprova, em 24/6/1976, a Lei Falcão, que restringe a propaganda eleitoral no rádio e na TV • A Convenção Nacional da Arena homologa, em 8/4/1978, as candidaturas do gen. João Baptista Figueiredo, chefe do SNI, para pres., e do ex-gov. de Minas Gerais Aureliano Chaves para vice-pres. da República • Em 23/8, o MDB indica seus candidatos à presidência e vice-presidência: o gen. Euler Bentes Monteiro e o sen. Paulo Brossard • Os colégios eleitorais dos Estados elegem em 1º/9/1978 os novos governadores • O gen. João Figueiredo é eleito presidente da República, em 15/10/1978, pelo Colégio Eleitoral, com 355 votos, contra 266 dados ao gen. Euler Bentes • Nas eleições de 15/11/1978, a Arena obtém 13,1 milhões de votos para o Senado e 15 milhões para a Câmara; o MDB, 17,4 milhões de votos para o Senado e 14,8 milhões para a Câmara. O impacto desses resultados na composição do Senado e da Câmara é, no entanto, atenuado pelas regras baixadas pelo Pacote de Abril.

Cassações – Entre jul. de 1975 e jun. de 1977 vários políticos têm seus mandatos cassados, entre eles o sen. Wilson Campos (Arena-PE), em 1º/1/1975, por envolvimento num escândalo de corrupção; dep. Marcelo Gatto, federal, e Nélson Fabiano Sobrinho, estadual, ambos do MDB de São Paulo, em 5/1/1976, por terem feito críticas aos órgãos de segurança; dep. federais Nadyr Rosseti e Amaury Müller (MDB-RS), em 29/3/1976, por críticas às Forças Armadas, ao governo e ao golpe de 1964; dep. federal Lysâneas Maciel (MDB-RJ), em 1º/4/1976, por ofensa ao regime; dep. Leonel Júlio (MDB), pres. da Assembléia Legislativa de São Paulo, em 3/12/1976, por envolvimento em malversação de verbas públicas; ver. Glênio Pérez, em 2/2/1977, e Marcos Klassmann, em 15/2, ambos do MDB do Rio Grande do Sul, por denúncias à violação dos direitos humanos; dep. federal Alencar Furtado (MDB-PR), líder do partido na Câmara, em 30/6/1977, por criticar o regime militar.

Atentados – A abertura política provoca uma série de ações extremistas por parte da direita. A "Aliança Anticomunista Brasileira" (AAB) reivindica a autoria de alguns atentados: explosão, em 19/8/1976, de bomba na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro; seqüestro e espancamento do bispo Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, RJ, em 22/9/1976; explosão de bomba na Editora Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro, em 6/12/1976 • Agentes do II Exército invadem uma casa no bairro da Lapa, em São Paulo, e matam três dirigentes do PC do B em 16/12/1976.

Justiça – Comissão especial da Assembléia Legislativa de São Paulo acusa, em 29/11/1977, o sec. da Segurança, cel. Erasmo Dias, de crime de abuso de poder, por ter

ordenado a invasão da PUC-SP, em 22/9, em que duas estudantes, atingidas por bombas da polícia, ficam gravemente feridas • Em 27/10/1978, o juiz Márcio José de Moraes, da 7ª Vara de Justiça Federal de São Paulo, responsabiliza a União pela morte, nas dependências do DOI-CODI, em 25/10/1975, do jornalista Vladimir Herzog • Aprovada na Câmara dos Deputados, em 7/3/1979, a Lei Orgânica da Magistratura.

Greves – Começa em 12/5/1978 uma greve operária na região metropolitana do ABC paulista – a maior já registrada no país desde 1964: 1.600 empregados da Saab-Scania interrompem o trabalho reivindicando 20% de aumento imediato nos salários; em jun., o movimento espalha-se por São Paulo, Osasco e Campinas, só terminando em 27/7. Até essa data registram-se 166 acordos entre empresas e sindicatos, beneficiando cerca de 280 mil trabalhadores. Nessas negociações, torna-se conhecido em todo o país o pres. do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, Luís Inácio da Silva, o Lula, que depois incorporaria o apelido a seu nome de registro.

Em 4/8, o pres. Geisel assina decreto-lei proibindo greve nos setores bancário, de transportes, comunicações, energia elétrica, petróleo, gás e demais combustíveis, água e esgotos, carga e descarga, hospitais, ambulatórios, maternidades, farmácias e drogarias; o decreto é aprovado por decurso de prazo em 3/10.

Relações exteriores – Restabelecidas, em 15/8/1974, as relações diplomáticas com a China; no mesmo dia são rompidas as relações com Formosa (Taiwan) • Concedido asilo ao gen. Antônio de Spínola, em 15/3/1975, quatro dias depois de golpe frustrado em Portugal • O governo brasileiro rompe, em 5/3/1977, acordo de ajuda militar norte-americana e devolve à embaixada dos EUA memorando que acompanha relatório referente à situação interna brasileira. As críticas contidas no documento, sobre abusos contra os direitos humanos no país, são consideradas "violação do princípio de não-interferência" • Assinado, em 3/7/1978, o Tratado de Cooperação Amazônica com Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana, Equador e Suriname.

Economia – Assinada com o Paraguai, em 17/5/1974, a ata de constituição da Companhia Hidrelétrica de Itaipu • Anunciada em 25/11/1974, pela Petrobrás, a descoberta de petróleo na bacia de Campos, no litoral do Rio; e aberta à iniciativa privada, em 9/10/1975, a exploração de petróleo por meio de contratos de risco; o primeiro deles é assinado em 9/11/1976, com a British Petroleum, que vai investir US$ 10,5 milhões • Instituído o Proálcool em 14/11/1975, para criar uma alternativa para a gasolina como combustível • Inaugurada em 9/7/1976 a fábrica de automóveis Fiat em Betim (MG) • Compradas pela Eletrobrás, em 28/12/1978, 83% das ações da Light, empresa do grupo canadense Brascan Limited.

Energia nuclear – Assinado, em 27/6/1975, acordo de cooperação com a Alemanha que prevê a construção, pela indústria alemã, de oito centrais nucleares • Firmado, em 7/7/1976, um contrato entre a Nuclebrás e a empresa alemã KWU para a construção de uma fábrica de reatores nucleares em Itaguaí (RJ).

GOVERNO FIGUEIREDO

O gen. João Baptista Figueiredo assume em 15/3/1979 e governa até 15/3/1985 (ver biografia na pág. 127). Dá prosseguimento ao processo de abertura política iniciado por seu antecessor: aprova a Lei da Anistia em 28/8/1979; realiza reforma partidária que restabelece o pluripartidarismo e extingue a Arena e o MDB; e garante a mobilização política pelo retorno das eleições diretas para os cargos executivos.

No plano econômico, tenta sem sucesso conter a inflação e diminuir os gastos públicos; assina uma primeira carta de intenções com o FMI em 6/1/1983; dá continuidade a grandes obras, como a Itaipu Binacional, inaugurada em 5/11/1982, e a estrada de ferro Carajás (PA), que corta 890 km da floresta Amazônica e entra em funcionamento em 28/2/1985. No setor externo, rompe relações com o regime de Anastasio Somoza, da Nicarágua, em 25/6/1979; retoma os laços comerciais com Cuba em jan. de 1982; e integra o Brasil no Conselho Consultivo do Tratado da Antártida, em 12/9/1983, o que dá ao país voz e voto nas discussões referentes à região.

Outras medidas – Instituído o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço para os trabalhadores rurais, em 6/4/1979; criado o Estado de Rondônia, em 22/12/1981, e o Ministério para Assuntos Fundiários, em 16/8/1982.

Anistia – A lei de 1979 permite a volta de milhares de exilados políticos; beneficia também os agentes dos órgãos de repressão envolvidos em denúncias de assassinatos e tortura de opositores do regime. Entre os exilados incluem-se o ex-gov. do Rio Grande do Sul Leonel Brizola, que retorna ao país em 6/9/1979, após quinze anos; o ex-gov. de Pernambuco Miguel Arraes e o ex-dep. federal Márcio Moreira Alves (ambos em 15/9/1979); os dirigentes comunistas Gregório Bezerra (29/9/1979) e Luís Carlos Prestes (20/10/1979).

Justiça – O último preso político desde a decretação da anistia, José Sales Oliveira, recebe liberdade condicional em Fortaleza (CE), em 8/10/1980 • O juiz da 5ª Vara Federal de São Paulo responsabiliza a União, em 17/12/1980, pela morte do operário Manuel Fiel Filho nas dependências do DOI-CODI paulista em 17/1/1976.

Pluripartidarismo – Aprovada, em 22/11/1979, a Lei Orgânica dos Partidos, que estabelece condições para a formação legal de agremiações políticas. Ressurgem antigas siglas, como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); o Partido Democrático Social (PDS) substitui a Arena e obtém registro no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 28/5/1981; o MDB transforma-se no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), no início de 1980; o Partido Democrático Trabalhista (PDT), fundado por Leonel Brizola em mai. de 1980, é registrado no TSE em 10/11/1981; o Partido dos Trabalhadores (PT), liderado por Lula, criado em jan. de 1979, consegue registro em fev. de 1982.

Atentados – Explosão de uma bomba, em 27/1/1980, destrói o palanque da quadra de ensaios da Escola de Samba Acadêmicos de Salgueiro, onde seria realizado ato de apoio à criação do PMDB • Em 2/7, o jurista Dalmo Dallari, da Comissão Justiça e Paz, é seqüestrado e espancado • Bancas de jornais são destruídas por bombas em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, entre jul. e set. • Carta-bomba explode na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seção do Rio de Janeiro, matando a secretária Lyda Monteiro da Silva.

Riocentro – Em 30/4/1981, durante show comemorativo do Dia do Trabalho, no Riocentro, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, explodem duas bombas: a primeira, dentro de um carro Puma, mata o sarg. Guilherme do Rosário e fere gravemente o cap. do Exército Wilson Machado; a segunda explode na casa de força do prédio, sem fazer vítimas. Participam do show milhares de jovens e algumas das principais figuras da MPB.

Inquérito Policial-Militar (IPM) instaurado em 2/5 conclui que o capitão e o sargento teriam sido vítimas de uma bomba colocada entre a porta e o assento do passageiro por grupos interessados em comprometer agentes ou órgãos militares de segurança. Após vários julgamentos na Justiça Militar, o STM determina o arquivamento definitivo do processo, em 1º/3/1988, por dez votos contra dois, alegando insuficiência de provas.

Caso Baumgarten – Encontrado em 25/10/1982, numa praia do Estado do Rio de Janeiro, o corpo do jornalista Alexandre von Baumgarten, diretor da revista *O Cruzeiro*. Em 2/2/1983, a imprensa divulga um dossiê, escrito pelo próprio Baumgarten pouco antes de sua morte, que revela ligações do jornalista com o SNI e responsabiliza

altos dirigentes desse órgão pela decisão de sua "extinção física". Em dez. de 1987, a Justiça carioca determina que o chefe da Agência Central do SNI, gen. Newton Cruz, seja levado a júri popular, sob a acusação de ter ordenado o crime. Após sucessivos adiamentos, Cruz é julgado e absolvido em jul. de 1992.

Corrupção – Revelado, em jul. de 1981, o caso que fica conhecido como Escândalo da Mandioca, envolvendo um desvio de Cr$ 1 bilhão da agência do Banco do Brasil em Floresta (PE) • O governo federal decreta intervenção no Grupo Capemi, em 3/2/1983, depois da divulgação de graves irregularidades na operação de desmatamento de Tucuruí (PA); em 1º/3 o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) rescinde o contrato com a Capemi para exploração de madeira e, em 10/6, é decretada a falência da Capemi Administração e Participações, holding do grupo • A imprensa denuncia, em 15/8/1983, o escândalo das polonetas, em que o Brasil teria tido prejuízo da ordem de US$ 1,8 bilhão ao aceitar, sigilosamente, promissórias incobráveis emitidas pela Polônia • O governo decreta, em 10/1/1984, a liquidação extrajudicial das dezessete empresas do Grupo Delfin, proprietário do maior empresa privada de poupança do país • Em 12/8, é decretada a liquidação do grupo Coroa-Brastel, por emitir Cr$ 100 bilhões de letras de câmbio "frias" • Em 18/2/1985, é liquidado o Brasilinvest, do empresário Mário Garnero • A PF denuncia, em 9/1/1985, a participação de hospitais do Instituto Nacional de Assistência Médica do INAMPS em fraudes contra a Previdência envolvendo bilhões de cruzeiros.

Greves – Os metalúrgicos de São Paulo e Guarulhos (SP) interrompem o trabalho em 29/10/1979; no dia seguinte, morre o operário Santo Dias da Silva em confronto entre a polícia e um piquete, diante da fábrica Sylvania, no bairro paulistano de Santo Amaro • Metalúrgicos do ABC, região da Grande São Paulo, e de mais quinze cidades do interior paulista entram em greve por aumento salarial em 1º/4/1980. Em 17/4, o min. do Trabalho, Murillo Macedo, determina a intervenção nos sindicatos de São Bernardo do Campo e Santo André e treze líderes sindicais são presos em 19/4 e enquadrados na LSN, entre eles Lula. A greve em Santo André prossegue até 5/5 e, em São Bernardo, até 11/5, depois de acordo negociado com o pres. Figueiredo. Após vários julgamentos, os processos contra sindicalistas prescrevem em 11/5/1982.

CUT – É a Central Única dos Trabalhadores, entidade de classe criada durante a I Conferência das Classes Trabalhadoras (Conclat), realizada em Praia Grande (SP), entre 21 e 23/8/1981, e instituída em ago. de 1983, durante congresso sindical em S. Bernardo do Campo. Principal proposta: romper com a tutela dos sindicatos. Desde a fundação, é presidida pelo metalúrgico Jair Meneguelli.

Bóias-frias – Cerca de 5 mil cortadores de cana e colhedores de laranja paulistas, em greve por melhores salários e condições de trabalho, invadem as cidades de Guariba e Bebedouro, no interior de São Paulo, em 15 e 16/5/1984. Um canavial é incendiado. O movimento é reprimido por trezentos soldados. Morre uma pessoa e quarenta ficam feridas. Parte das reivindicações dos bóias-frias é atendida pelo Acordo de Jaboticabal, assinado em 17/5/1984 e estendido, no dia seguinte, a todos os municípios da área.

Economia – A partir da segunda metade da década de 70, acelera-se o endividamento externo. A inflação, contida nos primeiros anos do regime, volta a crescer, o setor público se desestrutura e a economia como um todo começa a entrar em crise. Em 1981, a recessão ganha contornos de depressão, com aguda queda da produção industrial. Nos anos seguintes, a crise se acelera. A dívida externa chega a US$ 80 bilhões em 1982 e a US$ 100 bilhões em 1983, fazendo o governo recorrer ao FMI, já que não consegue pagar nem os juros da dívida. O FMI passa a monitorar a economia. Mesmo com um crescimento de 7% na produção industrial e petrolífera em 1984, a inflação é alta; o PIB cai, a recessão aumenta, os juros se elevam e, com isso, ocorre uma sucessão de escândalos financeiros, concordatas e falências.

Outros fatos – O sen. alagoano Teotônio Vilela transfere-se da Arena para o MDB em 25/4/1979; é o primeiro parlamentar a mudar de partido, valendo-se do fim da fidelidade partidária previsto na reforma que entra em vigor em 1º/1/1979 • Em 11/5/1979, uma mulher assume pela primeira vez uma cadeira no Senado: Eunice Michiles, primeira-suplente do sen. João Bosco de Lima (Arena-AM), que morre em 10/5/1979 • O chefe do Gabinete Civil, Golbery do Couto e Silva, renuncia em 6/8/1981 e é substituído pelo jurista João Leitão de Abreu em 12/8 • Luís Inácio da Silva, o Lula, incorpora, em 21/5/1982, o apelido ao nome de registro: Luís Inácio Lula da Silva • O Congresso aprova, em 30/11/1983, a Emenda Mauro Benevides, que dá ao Legislativo prerrogativas fiscalizadoras sobre os atos do Executivo.

Eleições – Emenda constitucional de 4/9/1980 prorroga os mandatos dos vereadores e prefeitos e adia para 1982 as eleições para Câmara e Senado, governos estaduais, prefeituras, Assembléias e Câmaras de Vereadores • O Congresso aprova, em 13/11/1980, emenda que estabelece eleições diretas para governadores e acaba com os senadores biônicos, respeitando os mandatos em curso • Em 11/11/1982, é aprovada, por decurso de prazo, a vinculação de voto e a proibição de coligações partidárias • Realizam-se, em 15/11/1982, em todo o país, eleições para governadores, senadores, deputados federais e estaduais, prefeitos e vereadores; o PDS elege doze governadores, o PMDB nove e o PDT um. O processo de apuração dos votos no Rio de Janeiro, onde vencia Leonel Brizola, do PDT, é tumultuado por irregularidades no sistema eletrônico de contagem dos votos (escândalo da Proconsult) e Brizola só é declarado governador em 13/12. Os eleitos tomam posse em 15/3/1983 • O sen. José Sarney renuncia à presidência do PDS em 11/6/1984; em 11/8, a Convenção Nacional do partido escolhe o dep. Paulo Salim Maluf como candidato à Presidência da República; Sarney filia-se ao PMDB em 13/8/1984 • O vice Aureliano Chaves se desliga do PDS em 6/11/1984 e se filia ao PFL para apoiar a candidatura de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral.

Diretas-já – As eleições de 1982 estimulam a oposição a mobilizar a opinião pública em torno dos grandes objetivos democráticos, o que permite a eclosão, nos primeiros meses de 1984, da campanha pelas diretas-já para a Presidência da República. A primeira manifestação, organizada pelo PT, realiza-se em 27/11/1983, em São Paulo, reunindo cerca de 10 mil pessoas. A partir daí, nas principais cidades do país, multidões saem às ruas para pressionar o Congresso a aprovar a emenda constitucional de autoria do dep. federal Dante de Oliveira (PMDB-MS) propondo eleições diretas.

As maiores manifestações, segundo cálculos da PM, ocorrem em 12/2/1984, em São Paulo, na praça da Sé, 200 mil pessoas; no Rio de Janeiro, 300 mil em 21/3, 1 milhão em 10/4; Goiânia, 300 mil em 12/4; Porto Alegre, 150 mil em 13/4; São Paulo, novamente, no vale do Anhangabaú, 1,7 milhão, em 16/4; e Vitória, 80 mil, em 18/4.

Ainda durante as manifestações pelas diretas, o governador de Minas, Tancredo Neves, se apresenta como candidato da oposição para a disputa por voto indireto no Colégio Eleitoral. Em 25/2 a Emenda Dante de Oliveira é rejeitada no Congresso: 298 deputados votam a favor, 65 contra, três se abstêm e 112, do PDS, não comparecem ao plenário. Faltam 22 votos para a aprovação.

Em 11/8, o PDS apresenta seu candidato às eleições indiretas: o dep. Paulo Maluf, líder de uma facção do partido. A oposição, representada pela Aliança Democrática (PMDB e PFL), indica Tancredo. O sen. José Sarney, rompido com o PDS e filiado ao PMDB, compõe a chapa da Aliança. O PT recusa-se a comparecer ao Colégio Eleitoral (composto por deputados federais e senadores), que elege Tancredo em 15/1/1985.

Redemocratização

Período que começa em 1985, com o fim do regime militar. Um civil, Tancredo Neves, é eleito para a Presidência da República por um Colégio Eleitoral formado por deputados federais e senadores, com apoio dos partidos de oposição, exceto o PT. Restituem-se os direitos políticos dos cidadãos, a atuação dos órgãos de segurança é neutralizada e restabelecem-se em sua plenitude os processos eleitorais. Em 1989 (29 anos depois da eleição de Jânio, em 1960), o país escolhe por voto direto o novo pres., Fernando Collor de Mello, afastado em 1992 por um processo inédito de *impeachment* no Congresso.

TANCREDO NEVES

Eleito indiretamente em 15/1/1985, tendo como vice o sen. José Sarney, ambos da Aliança Democrática. Derrota o candidato Paulo Maluf, do PDS, por 480 votos contra 180. Sua eleição, apesar de ainda indireta, é recebida com entusiasmo pela maioria da população, que vê no fato o começo de um novo tempo, o da Nova República – expressão criada pelo próprio Tancredo. Na busca de caminhos para a consolidação da democracia no país, o presidente eleito compromete-se a convocar uma Assembléia Constituinte especialmente destinada à elaboração de uma nova Constituição (o que acabará não ocorrendo; a nova Carta é votada em 1988 pelo Congresso, já eleito, ao qual são concedidos poderes constituintes). Morre antes de tomar posse.

Trajetória – Tancredo de Almeida Neves nasce em São João del Rey (MG), em 4/3/1910. Forma-se em Direito e começa sua carreira política como vereador em 1933, em sua cidade natal. Filiado ao PSD, elege-se dep. estadual em 1945 e federal em 1950. Assume o Ministério da Justiça do governo Vargas em 26/6/1953, entregando o cargo no dia da morte do presidente, quando retorna ao Congresso. Durante o governo Kubitschek, preside o Banco do Brasil e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). Candidata-se ao governo de Minas em 1960, sendo derrotado pelo candidato da UDN, Magalhães Pinto. Com a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, vai ao encontro do vice, João Goulart, em Montevidéu, e o convence a aceitar o parlamentarismo e assumir a presidência. Em seguida, é nomeado 1º-min. e fica no cargo até 26/6/1962. Em out. desse ano reelege-se deputado federal. Com a instituição do bipartidarismo em 1966, filia-se ao MDB, reelegendo-se sucessivamente para a Câmara em 1967, 1971 e 1975, e para o Senado em 1978. Com a reformulação partidária durante o governo Figueiredo, participa da fundação do Partido Popular (PP), e em 1982 é eleito governador de Minas Gerais pelo PMDB.

Indicado candidato à sucessão presidencial pela Aliança Democrática (formada pelo PMDB e pelo PFL), deixa o governo mineiro em 14/8/1984. É escolhido pelo Colégio Eleitoral em 15/1/1985. Durante cerimônia religiosa na catedral de Brasília, na véspera da posse, marcada para 15/3, sente fortes dores no abdômen. É internado no Hospital de Base de Brasília. Diagnósticos divulgados pelos médicos anunciam uma diverticulite. Em 26/3, é transferido para o Instituto do Coração, em São Paulo. Depois de submetido a sete cirurgias, morre em 21/4. A causa da morte atestada pelos médicos é infecção generalizada. O corpo é velado em Brasília e Belo Horizonte e sepultado em São João del Rey, em 24/4/1985.

GOVERNO SARNEY

José Sarney assume em 15/3/1985 e governa até 15/3/1990, um ano a mais que o previsto na carta-compromisso da Aliança Democrática, pela qual chegou ao poder (ver biografia na pág. 127). Herdeiro das propostas políticas de Tancredo Neves, consegue garantir a transição democrática. Em seu governo são restabelecidas as eleições diretas para a presidência, é concedido o direito de voto aos analfabetos e o PCB volta à legalidade. Na área econômica, Sarney cria quatro planos de estabilização, com sucesso parcial apenas no primeiro. Os últimos meses do governo se caracterizam por forte desorganização da economia e hiperinflação. Altera o Ministério várias vezes, propõe uma reforma administrativa e outorga uma nova Constituição em 1988.

Eleições – Em 10/5/1985, o Congresso aprova emenda constitucional restabelecendo eleições diretas para presidente e prefeitos das capitais e dos municípios considerados de segurança nacional. A mesma emenda dá direito de voto aos analfabetos, extingue a fidelidade partidária e abranda as exigências para registro de novos partidos. Isso permite a legalização do PCB e PC do B e o surgimento de grande número de novas agremiações • Em 15/11/1986 são eleitos deputados federais, senadores, governadores e deputados estaduais • Em 15/11/1988 são realizadas eleições municipais em todo o país. O PMDB perde dois terços do eleitorado que possuía em 1985; só elege prefeitos em cinco capitais (Fortaleza, Goiânia, Salvador, Teresina e Boa Vista).

Legislativo – Aprovado, na Câmara Federal, novo regime estatutário que pune com perda de mandato deputados que faltarem a um terço das sessões ordinárias (29/8/1989) • Na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, a ver. Regina Gordilho (PDT) é destituída da presidência da casa por ter movido processos contra vereadores e funcionários envolvidos em corrupção (17/10/1989).

Planos econômicos – O primeiro é o Plano Cruzado, apresentado pelo min. da Fazenda, Dilson Funaro, em 28/2/1986, com grande apoio popular. O objetivo é aplicar um choque heterodoxo na economia, contra as altas taxas inflacionárias. É criada uma nova moeda – o cruzado, que substitui o cruzeiro e cuja unidade equivale a Cr$ 1.000,00; os preços são congelados por um ano, os salários pela média dos últimos seis meses, aluguéis e prestações do Banco Nacional de Habitação (BNH) pela média proporcional; é extinta a correção monetária e criado o seguro-desemprego. Aumenta o poder aquisitivo da população e a demanda de produtos e serviços. Quatro meses depois, as mercadorias desaparecem das prateleiras dos supermercados, começa a cobrança de ágio por fornecedores, a inflação volta a subir e o governo é pressionado a antecipar o fim do congelamento. Mas só o faz em 21/11/1986, com o Plano Cruzado II, depois das eleições de 15/11, em que o PMDB obtém expressiva vitória, sustentado pelos bons resultados iniciais do Plano Cruzado.

O Plano Cruzado II descongela preços de produtos e serviços; altera critérios do cálculo da inflação (que passa a ser baseado nos gastos das famílias com renda de até cinco salários mínimos); e libera a negociação entre inquilinos e proprietários para reajuste de aluguéis. O novo ajuste não satisfaz a população e a inflação volta a subir. Funaro demite-se em 23/4/1987.

Em jun. de 1987, preços, aluguéis e salários são congelados por três meses; o cruzado é desvalorizado em relação ao dólar; é eliminado o subsídio ao trigo e adiadas grandes obras públicas, como a ferrovia Norte–Sul e o trem-bala entre São Paulo e Rio de Janeiro. As medidas compõem o Plano Bresser, de autoria do novo ministro da Economia, Luís Carlos Bresser Pereira, que assume em 29/4/1987. No final do ano, a inflação chega a 366% e o índice de correção dos salários – a Unidade de Referência de Preços (URP) – fica totalmente desacreditado. Bresser é substituído em 6/1/1988 por Maílson da Nóbrega.

Novo choque é proposto em 15/1/1989: o Plano Verão, que cria o cruzado novo e impõe outro congelamento geral; acaba com a correção monetária e anuncia corte nos gastos públicos, que não se realiza. A inflação volta a subir e dispara nos últimos meses do governo, chegando a 72,78%, em fev. de 1990, e a 2.750% no ano.

Constituição de 1988 – O Congresso eleito em 15/11/1986 (inclusive com senadores biônicos) ganha poderes constituintes e começa a elaborar a nova Constituição em

1º/12/1987, sob a presidência do deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP). É a primeira Constituinte a aceitar emendas populares – apresentadas por pelo menos três entidades associativas e assinadas por um mínimo de 30 mil eleitores.

Promulgada em 5/10/1988 e ainda em vigor, a Constituição tem 245 artigos na parte permanente e 70 no Ato das Disposições Transitórias, que regulamentam artigos provisoriamente, na falta de lei ordinária que lhes garanta plena vigência. Inclui um dispositivo que prevê a revisão ou ratificação pelo Congresso em out. de 1993. E marca plebiscito para 7/9/1993 (antecipado em 1992 para abr. de 1993), em que o eleitorado é chamado a decidir sobre a forma (República ou monarquia constitucional) e o sistema de governo (parlamentarismo ou presidencialismo) para o país.

A nova Carta fixa o mandato presidencial em cinco anos (aprovado pelos constituintes em 2/6/1988) e a independência entre os três poderes. Cria a medida provisória, em substituição ao antigo decreto-lei, que deve ser submetida ao Congresso, perdendo sua eficácia se não for aprovada no prazo de trinta dias. Estabelece eleições diretas com dois turnos para a presidência, governos estaduais e prefeituras com mais de 200 mil eleitores. Dá direito de voto aos jovens a partir dos 16 anos.

Na área dos direitos individuais, amplia a participação da sociedade civil no processo político, possibilitando a qualquer cidadão mover ação contra o governo; institui o habeas-data, que assegura a todos o conhecimento de informações de interesse particular ou geral registradas em órgãos públicos ou em bancos de dados governamentais; estabelece o fim da censura prévia às artes e aos meios de comunicação; e classifica a tortura como crime inafiançável.

Na área trabalhista, limita a jornada semanal a um máximo de 44 horas, estimula o seguro-desemprego, amplia a licença-maternidade para 120 dias e concede licença-paternidade, fixada depois em cinco dias; proíbe a ingerência do Estado nos sindicatos e assegura aos funcionários públicos o direito de se organizar em sindicatos e usar a greve como instrumento de negociação, com restrições apenas nos serviços essenciais. No setor trabalhista, determina o pagamento de 40% sobre o último salário nas demissões sem justa causa.

Greves – Os quase 18 mil funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e da coligada Fábrica de Estruturas Metálicas, de Volta Redonda (RJ), entram em greve, em 9/11/1988, por melhores condições salariais e de trabalho. Tropas do Exército e um batalhão da PM ocupam a refinaria e entram em choque com os grevistas. Morrem três trabalhadores. A greve só termina no dia 23 • Todas as categorias do serviço público federal interrompem o trabalho em 12/6/1989, reivindicando reajuste salarial de 71,31%; Sarney manda cortar o ponto dos servidores em 21/6 e, no dia 29, cerca de duzentos funcionários acampam nos corredores do Ministério do Trabalho. A greve termina em 13/7, após o governo propor um reajuste médio de 50,5% • Trabalhadores de todo o país entram em greve geral em 14 e 15/3/1989, coordenada pelas centrais sindicais CUT e CGT; a adesão não é total • Trabalhadores da Itaipu param em 2/10/1987 e vários acabam feridos em choque com tropas do Exército que ocupam a hidrelétrica; após acordo de aumento salarial de 20%, encerram o movimento.

Outras questões trabalhistas – O min. do Trabalho, Almir Pazzianotto, reabilita, em 18/3/1985, os 164 presidentes de sindicatos destituídos de seus mandatos nos últimos anos do regime militar – entre os beneficiados estão Luís Inácio Lula da Silva, Jair Meneguelli, Jacó Bittar e Olívio Dutra • Criada em 23/3/1986 a Central Geral dos Trabalhadores (CGT), presidida por Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinzão, ex-pres. do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo • Regulamentado em 30/4/1986 o seguro-desemprego criado pelo Plano Cruzado; passam a ter direito ao benefício os trabalhadores demitidos há pelos menos sessenta dias • Instituído em 22/12/1986 o 13º salário para os funcionários civis e militares da União • A partir de 11/10/1989, o FGTS passa a ter correção trimestral, com juros de 3% ao ano mais correção monetária • A Câmara dos Deputados estende às empregadas domésticas, em 26/10/1989, os benefícios assegurados pela CLT.

Violência no campo – Morto a tiros em Imperatriz (MA), em 10/5/1986, o pe. Josimo Morais Tavares, vigário de São Sebastião do Tocantins (RO) e coordenador da Pastoral da Terra, da CNBB, que vinha apoiando lavradores em conflitos com proprietários rurais pela posse da terra; o pistoleiro Geraldo Ribeiro Rodrigues da Costa confessa o crime em 7/6/1986, sendo condenado, em 20/4/1988, a dezoito anos e meio de prisão • A Anistia Internacional denuncia, em 24/10/1989, que em 1988 cinqüenta camponeses, religiosos e sindicalistas rurais foram mortos em conflitos de terras, em geral por pistoleiros a mando de fazendeiros • O seringueiro Chico Mendes (Francisco Mendes Alves Fº), pres. do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri (AC), é assassinado em sua casa, em 22/12/1988; em 2/1/1989, o fazendeiro Darli Alves da Silva se entrega à polícia civil do Acre como autor do atentado; em 9/8, Darli é pronunciado judicialmente como mandante e seus filhos, Darlizinho e Jedeir Ferreira, como executores • Setenta famílias de agricultores vindas da Fazenda Annoni, em Sarandi (RS), invadem fazenda em Júlio de Castilhos, em 2/2/1989; após dez dias são obrigadas por uma brigada militar a deixar a área.

Corrupção – O sen. Carlos Chiarelli conclui, em 1º/11/1988, relatório para a comissão parlamentar do Senado que investiga casos de corrupção, denunciando 29 pessoas, entre elas o pres. José Sarney e alguns ministros de Estado. Acusações: falta de critério na liberação de recursos públicos e favorecimento de grupos privados na prestação de serviços ao governo federal • O min. das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, divulga em 29/11/1988 dossiê de quatrocentas páginas acusando o sen. Carlos Chiarelli (PFL-RS) de fazer convênios irregulares para a construção de obras já concluídas e de beneficiar familiares • Em 5/2/1990, o Tribunal de Contas da União determina que o ex-ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel devolva US$ 18 mil aos cofres públicos; ele fora acusado de envolvimento em contrabando de pedras preciosas brasileiras.

Relações exteriores – Brasil e Cuba anunciam, em 25/6/1986, o reatamento de relações diplomáticas • Os presidentes da Argentina, do Uruguai e do Brasil reúnem-se, em 6/4/1986, em Brasília, para assinar a Decisão Tripartite nº 1, formalizando o esforço de integração em um mercado comum das três nações.

Novos partidos – Criado o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) em 25/6/1988; o primeiro presidente é o sen. Mário Covas; a maioria dos membros são dissidentes do PMDB • Em 9/2/1989, o gov. de Alagoas, Fernando Collor de Mello, apresenta em Maceió manifesto de criação do Partido da Reconstrução Nacional (PRN).

Marajás – Fernando Collor de Mello entrega ao procurador-geral da República pedido de declaração de inconstitucionalidade das leis estaduais que concedem vantagens salariais a funcionários públicos do Estado (9/3/1987). O Supremo Tribunal Federal (STF) concede liminar sustando o pagamento dessas vantagens. Collor passa a ser conhecido como "o caçador de marajás" e inicia sua escalada ao governo federal.

Sucessão presidencial – Durante o 5º Encontro Nacional do PT no DF é apresentada oficialmente, em 6/12/1987, a candidatura de Luís Inácio Lula da Silva (PT-SP) à Presidência da República nas eleições de 15/11/1989; é o primeiro candidato oficial • De abr. a jul. de 1989 são escolhidos os outros candidatos à Presidência da República – entre eles, Ulysses Guimarães (PMDB), Paulo Salim Maluf (PDS), Guilherme Afif Domingos (PL), Aureliano Chaves (PFL), Ronaldo Caiado (PSD), Roberto Freire

(PCB), Mário Covas (PSDB) e Fernando Collor de Mello (PRN). O TSE encerra o prazo para inscrição de candidatos, registrando 24 nomes até 15/7/1989 • Começa em 15/9/1989, em todo o país, o horário de propaganda eleitoral gratuita • Armando Correa, do PMB, renuncia à candidatura em 31/10/1989, cedendo seu lugar ao apresentador Silvio Santos, dono do SBT; em 6/11, o jurista Célio Silva apresenta ao TSE pedido de extinção do PMB, alegando fraude na documentação; em 8/11, o TSE aceita o pedido, por sete votos a zero, e cancela automaticamente a candidatura de Silvio Santos • Realiza-se em 15/11 o 1º turno da eleição, com um total de 82.074.718 votantes; divulgado o resultado, em 21/11, Collor e Lula, com 28,52% e 16,08% dos votos, passam para o 2º turno, em 17/12. Na semana anterior ao debate final entre os candidatos na TV, Collor leva ao programa eleitoral uma antiga namorada de Lula, Miriam Cordeiro, que acusa o candidato petista, pai de sua filha Lurian, de ter proposto que ela abortasse a criança, rejeitando-a após o nascimento. Lula contesta a acusação, mostrando que nunca deixou de dar apoio à menina. Mas a manobra de Collor produz o efeito desejado. Lula, que se saíra melhor que o adversário no primeiro debate, perde força e é derrotado no segundo confronto. Nas urnas, Collor obtém 35.089.998 votos (42,75%) e Lula, 31.076.364 (37,86%); há 14,4% de abstenção, 1,2% de votos em branco e 3,7% de votos nulos.

GOVERNO COLLOR

Fernando Collor de Mello é o primeiro presidente eleito por voto direto desde 1960. Assume em 15/3/1990, para um mandato de cinco anos (ver biografia na pág. 128). Anuncia a chegada da "modernidade" e da economia de livre mercado. Defende um programa em favor dos "descamisados", ameaçando contrariar os interesses das elites, que ajudaram a elegê-lo para deter Lula, considerado um "mal maior". Uma de suas primeiras medidas é confiscar os depósitos de poupança de toda a população, com a justificativa de conter a liquidez e a inflação. Nos debates de campanha, alertara o eleitorado para o risco de seu adversário fazer isso, se eleito.

Para produzir uma imagem de vigor, juventude e ousadia, anda de jet-ski, de submarino, pilota um avião supersônico e inspeciona tropas com roupas de camuflagem. Passa a ser chamado, na imprensa, de Indiana Jones (o herói do cinema de Steven Spielberg). Aos domingos, faz cooper com camisetas em que exibe mensagens como "Não às drogas!" ou "O tempo é o senhor da razão" (quando vê sua popularidade ameaçada). Em busca de apoio, mexe várias vezes no Ministério, apesar de ter prometido, na posse, que iria até o fim com a mesma equipe. E irrita os políticos por querer manter-se, como Jânio, acima dos partidos. Uma sucessão de escândalos e a revelação de esquemas de corrupção envolvendo o próprio Collor provocam a abertura de processo de *impeachment*, que encerra seu mandato em 1992.

Planos econômicos – Decretado no dia da posse como única alternativa para deter a hiperinflação e promover o ajuste da economia, o Plano Collor I (ou Plano Brasil Novo) reintroduz o cruzeiro em substituição ao cruzado novo; e bloqueia por dezoito meses os saldos das contas correntes e cadernetas de poupança superiores a NCz$ 50.000 (cerca de US$ 1.200 no câmbio oficial). O governo permite, porém, a liberação de cruzados para pagamento de taxas e impostos federais, estaduais e municipais, contribuições previdenciárias, folhas de pagamento e outros fins, beneficiando empresas e grandes aplicadores. O processo fica conhecido como "torneirinha".

Cai a restrição às importações, para estimular a concorrência e o aprimoramento do produto nacional; preços são tabelados e gradualmente liberados; os salários são prefixados e depois negociados entre patrões e empregados; aumentam os impostos e tarifas; são criados novos tributos e suspensos incentivos fiscais não garantidos pela Constituição.

O governo anuncia ainda a privatização de estatais, com o objetivo de conter o déficit público, e proíbe a emissão de cheques e títulos ao portador (exceto para pequenos valores), para combater a sonegação fiscal.

Em quase um ano, o plano não produz os efeitos esperados. O nível de produção cai drasticamente já a partir de abr. de 1990 (26% inferior a abr. de 1989); muitas empresas reduzem a jornada de trabalho, salários ou simplesmente demitem. O Plano Collor II é decretado em 31/1/1991. Determina o fim das operações de overnight e cria o FAF (Fundo de Aplicações Financeiras), responsável por todas as operações de curto prazo. Extingue o BTNf (Bônus do Tesouro Nacional fiscal) e adota a TRD (Taxa Referencial Diária), com juros prefixados. Para reduzir o déficit público, aumenta o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras).

Para baixar a inflação, aplica política de juros altos e desindexação da economia, com novo congelamento de salários e preços. Cria um deflator para contratos com vencimento após 1º/2. E, para incentivar a concorrência no setor industrial, dá início ao cronograma de redução das tarifas de importação, baixando as alíquotas. Mais uma vez, os resultados não são os esperados.

Privatizações – Em 16/8/1990 é regulamentado o programa nacional de privatização das estatais, permitindo ao capital estrangeiro a compra de até 40% das ações. Em 1991 e 1992 várias empresas são vendidas.

Cultura – Medida provisória de 16/3/1990 extingue a Fundação Nacional da Arte (Funarte), a Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme) e a Lei Sarney, que vigorava desde 2/7/1986 e permitia a aplicação de parte do IR devido por pessoas jurídicas no financiamento de atividades artísticas • Em 28/11/1991, a Câmara dos Deputados aprova a Lei Rouanet (de Sérgio Rouanet, então min. da Cultura), que restabelece incentivos fiscais às pessoas físicas ou jurídicas que financiem a produção de obras ou atividades culturais • A Rede Globo começa a exibir, em 14/7/1992, a série *Anos rebeldes*, sobre a participação dos jovens na luta contra a ditadura militar nos anos 60 e 70; o Centro de Comunicação Social do Exército divulga nota criticando o seriado, em 17/7.

Censura – Restabelecida, em 22/10/1990, a classificação prévia para os programas de TV. As emissoras devem submeter ao Ministério da Justiça toda sua programação para que sejam aprovados os horários de exibição • A Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV (Abert) apresenta, em 30/1/1991, um Código de Ética que, entre outros pontos, proíbe a exibição de cenas de nudez na TV antes das 21 h • Em 20/8/1992, a PF proíbe a exibição no Festival de Cinema de Gramado do filme *Pornografia*, de Murilo Salles, que tem cena de sexo explícito ao som do hino nacional.

Governadores – Em 3/10/1990, são escolhidos governadores, senadores, deputados federais e estaduais, por 83.817.593 eleitores de todo o país.

Governadores eleitos no 1º turno: *Amazonas*, Gilberto Mestrinho (PMDB); *Bahia*, Antônio Carlos Magalhães (PFL); *Brasília*, Joaquim Roriz (PTR); *Ceará*, Ciro Gomes (PSDB); *Goiás*, Íris Rezende (PMDB); *Mato Grosso*, Jaime Campos (PFL); *Mato Grosso do Sul*, Pedro Pedrossian (PTB); *Pernambuco*, Joaquim Francisco (PFL); *Rio de Janeiro*, Leonel Brizola (PDT); *Santa Catarina*, Vilson Kleinubing (PFL); *Sergipe*, João Alves Fº (PFL). Os nulos atingem 31,49% do total dos votos. Governadores eleitos em 25/11, no 2º turno: *Acre*, Edmundo Pinto (PDS); *Amapá*, Annibal Barcellos (PFL); *Espírito Santo*, Albuíno Azeredo (PDT); *Maranhão*, Edson Lobão (PFL); *Minas Gerais*, Hélio Garcia (PRS); *Pará*, Jáder Barbalho (PMDB); *Paraíba*, Ronaldo Cunha Lima (PMDB); *Paraná*, Roberto Requião (PMDB); *Piauí*, Antônio Freitas Neto (PFL); *Rio Grande do Norte*, José Agripino Maia (PFL); *Rio Grande do Sul*, Alceu Collares (PDT); *Rondônia*, Oswaldo Piana Fº (PTR); *Roraima*, Ottomar Pinto (PTB); *São Paulo*, Antônio Fleury Fº (PMDB); *Tocantins*, Moisés Avelino (PMDB).

Em Alagoas, suspeitas de fraude adiam o 1º turno para 16/12. No 2º turno, em 22/1/1991, vence Geraldo Bulhões (PSC), candidato apoiado por Collor. O dep. federal Renan Calheiros (PRN), um dos principais articuladores da campanha do presidente e derrotado nessas eleições, renuncia ao cargo de líder do governo na Câmara, criticando Collor e chamando-o de "um primata na política".

Aposentados – A partir de 1990 passam a receber o 13º salário. Em 1º/10/1991, portaria concede reajuste de 147,06% aos aposentados e pensionistas que ganham um salário mínimo e 54,6% para quem ganha mais de um salário. O pagamento é suspenso em 23/12 pelo STF, a pedido de Collor. Em jan. de 1992 o Tribunal de Contas da União (TCU) investiga a afirmação oficial de que o pagamento dos 147,06% causaria um rombo de Cr$ 11 trilhões no orçamento do governo e Collor assina decreto adiando o benefício para 1993 e obrigando quem já recebeu a devolver o aumento. Em fev., o procurador-geral da República, Aristides Junqueira, dá parecer favorável ao reajuste e, em 25/3, a Câmara dos Deputados derruba o decreto do governo que adia o pagamento. Em abr., o Ministério da Previdência Social concede a todos os aposentados um reajuste de 79,96%, retroativo a set. de 1991. Em 26/6, o STF rejeita recurso da União contra o pagamento do benefício; a decisão, referente aos metalúrgicos de São Paulo, beneficia 2,5 milhões de pensionistas em todo o país, que recebem mais de um salário mínimo da Previdência.

Crise na Previdência – Em 23/3/1991, o INSS divulga lista contendo os nomes de 315 aposentados e pensionistas que receberiam, mensalmente, mais de cinqüenta salários mínimos. O rombo chega a Cr$ 3 bilhões, equivalentes na época a US$ 12,6 milhões. Pressionado pela imprensa e opinião pública, em 30/3 Collor manda investigar as fraudes. Auditores do INSS e agentes da PF iniciam uma devassa na Dataprev, empresa de processamento de dados da Previdência. O Congresso forma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar os crimes contra o sistema previdenciário (rombos, desvios de verbas, guias de internação falsas, prontuários fantasmas).

A situação se agrava em 3/5, quando o min. do Trabalho e da Previdência, Antônio Rogério Magri, apresenta ao pres. um relatório sobre as fraudes, revelando que boa parte delas se origina na própria Dataprev. Magri é afastado das investigações e é criada uma comissão supraministerial, sob o comando do sec. da Administração, João Santana, para apurar as irregularidades. Ao longo do ano, várias pessoas, entre elas advogados, juízes, procuradores do próprio INSS, médicos e hospitais públicos são indiciados pela Justiça por irregularidades envolvendo bilhões de cruzeiros. Alguns dos responsáveis são presos. A própria União é acusada, pois, de acordo com documento da CPI divulgado em 15/5, devia US$ 12 bilhões ao INSS em contribuições atrasadas.

Impostos – Em nov. de 1992 a arrecadação tributária federal é de Cr$ 30,3 trilhões, o que representa um aumento real de 559,91% em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Aumentos – Combustíveis, passagens rodoviárias e aéreas, tarifas telefônicas e postais, eletricidade, remédios, cigarros e prestações da casa própria têm sucessivos aumentos, principalmente durante 1992. Em muitos casos, os aumentos são mensais, marcando a escalada da inflação e agravando o quadro recessivo.

Distribuição de renda – O censo do IBGE de 1991 indica que a renda per capita do brasileiro é 5,6% menor do que em 1980. A concentração de renda nas mãos de poucos é mantida: das 62,1 milhões de pessoas com mais de 10 anos que trabalham, apenas 3% ganham vinte salários mínimos ou mais.

Menores – Pesquisa do IBGE divulgada em 10/9/1992 registra: cerca de 35 milhões de crianças e adolescentes, menores de 17 anos, vivem em situação de miséria, em famílias com renda per capita igual ou inferior a um salário mínimo; e cerca de 3 milhões de crianças, menores de 14 anos, vivem de subemprego.

Aumenta o número de crianças e adolescentes nas ruas das principais cidades do país. Aumenta também o extermínio de menores: só no Rio de Janeiro, 427, em 1990; 470, em 1991; 424, em 1992, segundo o Centro de Articulação de Populações Marginalizadas. O Movimento Nacional de Proteção ao Menor denuncia, em 18/6/1991, o assassinato no país de 441 menores em quatro meses (jan. a mai. de 1991) • CPI da Câmara dos Deputados criada em 1991 denuncia em 5/12/1991 que, desde 1987, mais de 7 mil crianças foram assassinadas. Os responsáveis são grupos de matadores formados basicamente por policiais civis e agentes de empresas de segurança. Em 26/2/1992 a CPI pede o indiciamento de 110 pessoas no RJ e dezoito em SP, por colaboração com grupos de extermínio • O Movimento Meninos e Meninas de Rua de Fortaleza (CE) denuncia em 12/10 que, de jan. de 1991 a ago. de 1992, foram assassinadas 95 crianças e estuprados 545 meninas e 76 meninos na cidade • Em 14/10, a OAB denuncia que, desde 1990, cerca de mil crianças foram assassinadas no Estado de SP por grupos de extermínio e soldados da PM, pagos por comerciantes da periferia das grandes cidades

Greves – Em 11/6/1990, 100 mil metalúrgicos de São Paulo entram em greve reivindicando reajuste de 166%. As indústrias só concedem 48% e os empregados voltam ao trabalho em 27/6 • Funcionários da CSN fazem greve de um mês – a mais longa na empresa – por 166% de aumento salarial; não são atendidos e retornam a seus postos em 11/8/1990 • Nos dias 22 e 23/5/1991, as centrais sindicais CGT e CUT decretam greve nacional contra o arrocho salarial; registram-se incidentes entre grevistas e a PM em quase todas as capitais • Em 4/11/1991, prefeitos de todo o país entram em greve de 48 horas, em protesto contra o projeto de reforma constitucional do governo que reduz de 25% para 20% o repasse do ICMS • Onze mil funcionários do IBGE entram em greve em todo o país no dia 27/5/1992 reivindicando reposição salarial de 250% • Em 10/6/1992 cerca de 100 mil portuários de todo o país entram em greve contra o projeto de desregulamentação dos portos que tramita no Congresso. A paralisação é encerrada dia 17/6. Em 26/6 a Câmara dos Deputados aprova projeto de modernização dos portos e acaba com o monopólio dos sindicatos na contratação de mão-de-obra.

Violência no campo – O pres. do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Maria (PA), Expedito Ribeiro de Souza, é morto em 2/2/1991 com três tiros na cabeça • Em 1º/6/1991, o pres. do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Iguaçu (RJ), João Feliz de Aquino, é assassinado com um tiro de escopeta • Valdinar Pereira Barros, pres. do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Imperatriz (MA), é gravemente ferido a tiros em 3/12/1992 • A Comissão Pastoral da Terra (CPT) denuncia, em 18/12/1990, que 61 trabalhadores e líderes sindicais rurais foram mortos nesse ano em todo o país.

Violência nos presídios – Morrem carbonizados 26 presos em cela do presídio Ary Franco, no Rio de Janeiro, em 31/10/1991, em conseqüência da explosão de artefato atirado por agentes de segurança. Em 3/10/1992, são mortos 111 presos na Casa de Detenção do Carandiru, em São Paulo. De acordo com laudo do Instituto de Criminalística da Polícia Civil, 85 deles estariam rendidos e não ofereciam perigo aos soldados da PM; vários detentos foram atingidos de cima para baixo, o que indica que estavam deitados.

Tortura – Relatório da Anistia Internacional, apresentado em 14/6/1990, registra a prática sistemática de castigos físicos a presos comuns no país. Divulgada, em 3/2/1991, fita de vídeo, feita por cinegrafista amador, mostrando três assaltantes sendo torturados por soldados da PM de Matupá (MT) e queimados vivos pela população.

Escravidão – A CPT denuncia, em 3/1/1992, a existência de 4.500 trabalhadores rurais vivendo em escravidão no país, durante 1991 – 300% a mais que em 1990.

Índios – O governo homologa, em 25/1/1991, a demarcação do Parque Nacional do Xingu, que passa a ter 3,2 milhões de ha; em 29/10 determina a demarcação de 71 áreas em treze Estados, beneficiando cerca de 48 mil índios com um total de 11,9 milhões de ha; em 15/11, autoriza a criação de uma área de 9,4 milhões de ha para os ianomâmis, situada entre Roraima e Amazonas; em 24/12 homologa 22 áreas em oito Estados, num total de 2,18 milhões de ha, beneficiando mais de 8 mil índios.

Em abr. de 1992 trezentos garimpeiros invadem a região de Mapuera (AM) e ameaçam exterminar uma tribo ainda não contatada • Em 13/5 agentes da PF entram sem autorização em uma aldeia guajajara, em Barra do Corda (MA), para apreender maconha; são espancados e expulsos pelos índios, que acusam os agentes de agredir suas mulheres • Em 7/6/1992, o cacique caiapó Paulinho Paiakan é acusado de ter violentado em 31/5 uma moça de 18 anos em Redenção (PA) e culpa sua mulher • Em 1º/12 o cacique gavião Domingos é assassinado a tiros em Amarante (MA), ao tentar impedir madeireiros clandestinos de levarem madeira nobre da reserva local.

Seqüestros – Durante o governo Collor, aumenta o número de seqüestros em todo o país. Ainda em 16/12/1989, durante a votação do 2º turno das eleições presidenciais, é noticiado o seqüestro, em 11/12, em São Paulo, do empresário Abílio dos Santos Diniz, presidente do grupo Pão de Açúcar, por uma quadrilha internacional. Em 1992, só no Rio de Janeiro ocorrem 132 casos até meados de dezembro (cerca de 80% do total do país), contra 82 do ano anterior.

Ossadas – Descoberta em 25/3/1991, no cemitério de Vila Formosa, em São Paulo (SP), uma vala clandestina onde teriam sido enterrados militantes de esquerda durante a ditadura militar. Em 5/7/1991, a equipe de Medicina Legal da Unicamp identifica três das 1.049 ossadas encontradas no cemitério de Perus, em São Paulo, em set. de 1990; são de militantes da ALN: Antônio Carlos Bicalho Lara, Dênis Casemiro e Sônia Maria Angel Jones, presos em nov. de 1973 e mortos pelos órgãos de repressão.

Arquivos do DOPS – O governo federal determina, em 11/11/1991, a abertura dos arquivos do DOPS de São Paulo, lacrados desde 1982, para que parentes dos desaparecidos durante o regime militar possam saber onde eles foram enterrados.

Esquema PP – Em mar. de 1992, o jornal *O Estado de S. Paulo* denuncia a existência do esquema PP, uma rede de corrupção conduzida pelo chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos, SAE (ex-SNI), Pedro Paulo Leoni Ramos. O esquema manipula recursos de fundos de pensão das estatais e envolve a Petrobrás.

É aberta sindicância para apurar envolvimento de funcionários em operações irregulares no mercado externo e licitações de obras. Leoni Ramos aparece ligado às fraudes. Em 27/3, ele pede demissão, Collor não aceita.

Em abr., por envolvimento com o esquema, cinco funcionários e três diretores da empresa são demitidos e dois fornecedores descredenciados. No mesmo mês, a Assoc. Bras. de Entidades de Previdência Privada (Abrapp) denuncia: fundos de pensão das estatais compraram 50 bilhões de ações da empresa Sade Engenharia, pertencente a pessoas ligadas à ex-min. da Economia Zélia Cardoso de Mello e ao secretário.

Em jun. o Senado instala CPI para apurar o caso. No inquérito aberto pela PF aparecem também os nomes de João Santana, ex-sec. da Administração, e de Eduardo Teixeira, ex-min. da Infra-Estrutura.

Esquema PC – Luís Otávio Motta Veiga, pres. da Petrobrás, pede demissão em 19/10/1990. É o primeiro a denunciar tráfico de influência exercido por Paulo César Farias em nome do Planalto. Deixa o cargo alegando ter sofrido pressões de um amigo íntimo do pres. para que efetuasse uma operação danosa à Petrobrás. O amigo era PC, que pretendia obter financiamento de US$ 60 milhões, sem juros, para facilitar a privatização da Vasp.

Em 13/5/1992, a revista *Veja* (seguida por toda a imprensa) publica trechos de um dossiê de Pedro Collor de Mello, irmão de Fernando, apontando a existência do esquema PC – rede de corrupção administrada pelo empresário e tesoureiro de campanha do pres., Paulo César Farias. Em 20/5, *Veja* publica entrevista de Pedro denunciando PC como testa-de-ferro do irmão. O irmão caçula do pres. conta que este usou drogas na juventude e que, quando era governador de Alagoas, tentara seduzir sua mulher, Thereza, durante crise do casal. O pres. nega as acusações e manda abrir ação contra Pedro por danos morais. Thereza torna-se "a musa do *impeachment*".

A Receita Federal investiga os rendimentos de Paulo César Farias e são publicadas cópias das declarações de renda, incompatíveis com seu padrão de vida. Pedro Collor é destituído pela mãe, Leda, da presidência das Organizações Arnon de Mello, sob alegação de estar com sérios problemas emocionais. No dia 21/5 ele se submete a junta médica que atesta sua sanidade mental.

Em 26/5/1992, é aberta CPI na Câmara para investigar as denúncias contra PC. Os deputados apuram que o tesoureiro de campanha de Collor recebia dinheiro de empresários e exercia tráfico de influência usando a máquina administrativa. Os recursos, convertidos em dólares, eram enviados a empresas fictícias em paraísos fiscais. Parte do dinheiro voltava depois ao país por meio de legiões de "fantasmas" que assinavam cheques vultosos a parlamentares, assessores do pres. e à própria família Collor. Ana Acioli, secretária do pres., emitia cheques com dois nomes diferentes.

A ligação do esquema PC com a Casa da Dinda é confirmada por Francisco Eriberto Freire França – primeiro, em entrevista à revista *IstoÉ*, em 1º/7/1992; depois, à CPI. Ex-motorista de Collor desde a campanha para a presidência até pouco antes da denúncia, Eriberto conta como eram feitos depósitos sistemáticos na conta da secretária Ana Acioli, por empresas de PC.

Para facilitar as investigações, é quebrado o sigilo bancário. São analisados ao todo 40 mil cheques, quarenta declarações de renda e noventa notas fiscais. Os parlamentares ouvem dezenas de depoimentos e acreditam que, em dois anos e meio de governo, o ex-presidente tenha recebido US$ 10,6 milhões só para o custeio de despesas pessoais. O esquema patrocinou despesas da primeira-dama, Rosane Collor; uma reforma nos jardins da Casa da Dinda (propriedade particular da família, onde Collor morou enquanto ocupou a presidência), calculada em US$ 2 milhões, pagos à Brazil Garden; compra de apartamento em Maceió (AL) e de um Fiat Elba; despesas da mãe, Leda Collor de Mello, e da primeira mulher de Collor, Lilibeth Monteiro de Carvalho.

Ao longo desse processo, empresas admitem, na CPI ou no inquérito aberto na PF, ter dado dinheiro ou feito algum tipo de negócio com PC, na maioria dos casos a título de "consultoria técnica": Grupo Votorantim, as construtoras Odebrecht e Andrade Gutierrez, Viação Itapemirim, Mercedes-Benz, Vasp, Sharp, Copersucar e o laboratório Laborcel, entre outras.

A CPI estima que o esquema tenha movimentado, nesses dois anos e meio de governo, recursos da ordem de US$ 260 milhões. Segundo cálculos do relator da CPI, dep. Amir Lando, isso representa apenas algo em torno de 30% sobre o valor realmente manipulado por Collor. A CPI descobre também que PC e outras pessoas próximas ao pres. sacaram depósitos antes do confisco do Plano Collor I.

A partir do inquérito na PF e da CPI, PC passa a responder a dezesseis inquéritos, acusado dos crimes de corrupção passiva, formação de quadrilha, falsidade ideológica, coação de testemunha, supressão de documento e exploração de prestígio, entre outros.

Operação Uruguai – Em uma de suas inúmeras aparições na TV, Collor diz que os recursos recebidos eram provenientes de empréstimo de US$ 5 milhões obtido, no começo de 1989, no Uruguai por seu ex-secretário Cláudio Vieira.

Representantes da CPI vão ao Uruguai, mas não conseguem confirmar a operação. Em depoimento à CPI, em 29/7, Sandra Fernandes de Oliveira, secretária do escritório de Alcides dos Santos Diniz, do grupo Pão de Açúcar, denuncia que a Operação Uruguai é uma farsa montada no escritório do patrão, com a participação de Cláudio Vieira, o pres. do Banco do Brasil, Lafaiete Coutinho; o pres. em exercício da Caixa Econômica Federal (CEF), Álvaro Mendonça; os empresários e amigos Luiz Estêvão, Paulo Octávio; e o doleiro uruguaio Najun Azario Flato Turner, que, segundo a versão de Vieira, na Câmara, teria convertido o empréstimo em ouro.

Parlamentarismo – Em 8/7/1992 a Câmara dos Deputados aprova, em segundo turno, proposta de emenda constitucional que antecipa o plebiscito sobre o sistema e forma de governo de 7/9/1993 para 21/4/1993.

Narcotráfico – Em 12/9/1991, o traficante argentino Luiz Mario Nuñez depõe na PF. Ele é acusado – junto com o piloto Jorge Bandeira de Mello, sócio de PC na Brasil Jet, e seu irmão Luiz Romero Farias – de envolvimento com o tráfico de drogas e com a tentativa de assassinato de Jackson Barreto, ex-pref. de Aracaju • Em 21/11/1991, José Augusto Morbach, ex-garimpeiro ligado ao Cartel de Cali, é preso e Fábio Araújo Monteiro, assessor da Presidência da República e braço direito de Cláudio Vieira (ex-secretário particular de Collor), é vinculado a uma operação triangular que envolve lavagem de dinheiro do tráfico de drogas. Os dois episódios indicariam o envolvimento, não comprovado, do esquema PC com o narcotráfico.

Outros casos de corrupção – BCCI: em jun. de 1991, o Banco de Crédito e Comércio Internacional é acusado de lavagem de dinheiro proveniente do tráfico de drogas e do contrabando de armas; segundo denúncia, o ex-embaixador Sérgio Corrêa da Costa recebia salário de US$ 12,5 mil para facilitar as operações no Brasil. Ceme: em abr. de 1992, sindicância apura fraude na Central de Medicamentos (Ceme) e responsabiliza oito funcionários pela compra de 748 veículos sem licitação; entre os envolvidos estão Luiz Romero Farias, ex-sec. executivo do Ministério da Saúde e irmão de PC, e Waldir Arcoverde, ex-dir. da Supe-rintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam). LBA: em jan. de 1992, o dir. Ramcés Gomes Costa denuncia o desaparecimento de 22 t de leite em pó e 103 cadeiras de rodas em Maceió (AL). Em mar. de 1992, José Herculino de Alcântara, pres. da entidade em SP e primo de Rosane Collor (pres. da LBA), é destituído do cargo por desvio de recursos. Em jul., a PF indicia a ex-superintendente do Rio de Janeiro, Maria das Graças Barbosa, por aplicação irregular do dinheiro público na compra de alimentos. Em ago., Maria Auxiliadora Brandão, Sandra Dias Cavalcanti e Carlos Maurício, parentes de Rosane Collor, são indiciados na PF de Alagoas por envolvimento no desvio de cerca de Cr$ 1,1 bilhão entre 1990 e 1991. INSS: em fev. de 1992, a dep. federal Cidinha Campos (PDT-RJ) acusa o ex-min. do Trabalho e Previdência So-cial Antônio Rogério Magri de ter recebido US$ 30 mil para parcelar dívidas de uma empresa com o INSS. O STF au-toriza quebra do sigilo bancário nas contas de Magri e a CPI pede à Procuradoria-Geral que responsabilize criminalmente o ex-min. e outros 47 envolvidos. Em jul., Mário Ferreira de Carvalho, gerente do Hotel San Marco (DF), con-firma na PF ter entregue ao ex-min. dinheiro da construtora Odebrecht, em retribuição à ajuda de Magri na contratação da empresa para as obras do Canal da Maternidade, em Rio Branco (AC); o ex-min. é denunciado por esse crime em out. Em ago., o Tribunal de Contas da União (TCU) condena José Arnaldo Rossi, ex-pres. do INSS, acusado de dilapidar recursos entre 1990 e 1991, a devolver aos cofres do instituto Cr$ 252,8 bilhões. Eletronorte: denunciado, em fev. de 1992, superfaturamento na compra de 192 mil t de cabos de alumínio; a empresa pagou US$ 132 mil acima do preço de mercado a um fornecedor dos EUA. FGTS: o TCU investiga, em mar. de 1992, irregularidade na liberação de verbas e con-tratação da construtora Odebrecht para obras de saneamento no Acre, com recursos do FGTS. Em mai., o go-vernador do Acre, Edmundo Pinto, é morto com um tiro em hotel de São Paulo; no dia seguinte ele iria depor na CPI que investiga obras da empreiteira Odebrecht em seu Estado com recursos do FGTS. Ação Social: imprensa denuncia que a ex-min. Margarida Procópio assinou 624 contratos antes de deixar o cargo, comprometendo recursos do FGTS por dois anos. BC: em abr. de 1992, o TCU investiga denúncia sobre venda de terreno do banco ao empresário e dep. est. Paulo Octávio Pereira (PRN-DF), amigo do então pres. Collor. Merenda: em mai. de 1992, inquérito em AL apura desaparecimento de 500 t de merenda escolar na área da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), dirigida por Rita Tenório Brandão, parente da primeira-dama Rosane Collor. Em jul., o pref. e a primeira-dama de Inhapi (AL), Luís Celso Malta Brandão e Rita Tenório Brandão, tios de Rosane Collor, são indiciados no processo que investiga desvio de 30 t de merenda escolar. Estatais: quatro fundos de pensão de empresas estatais compram em Brasília, em jun. de 1992, um edifício sem licitação, do empresário Luiz Estêvão de Oliveira Netto, amigo de Collor. Comunicações: em jun. de 1992, a Câmara instala CPI para apurar irregularidades na transferência de ações da empresa NEC para o empresário Roberto Marinho, durante a gestão de Antônio Carlos Magalhães no Ministério das Comunicações. Vasp: PC Farias depõe na CPI e confirma empréstimo de US$ 7,5 milhões a Wagner Canhedo na privatização da empresa. Eduardo Teixeira, ex-min. da Infra-Estrutura, é indiciado no inquérito que apura irregularidades na privatização. O BC envia à CPI extratos bancários de 27 pessoas e empresas suspeitas de envolvimento com as irregularidades. Em nov., a CPI da Vasp aprova quebra do sigilo bancário da ex-ministra da Economia Zélia Cardoso de Mello, acusada de assinar refinanciamento de uma dívida da empresa aérea no valor de US$ 276 milhões em condições privilegiadas, após a privatização; e de receber US$ 60 mil por serviços de assessoria a três empresas fantasmas vinculadas ao esquema PC. Wagner Canhedo, dono da Vasp, é indiciado junto com Zélia e Eduardo Teixeira por crime de co-autoria nas irregularidades que teriam ocorrido na privatização da empresa. A CPI acaba considerando o processo regular. Quércia: em out. de 1992, o Ministério Público de São Paulo determina abertura de inquérito para apurar denúncia de superfaturamento em três obras realizadas no governo de Orestes Quércia: ramal Paulista do metrô, rod. Carvalho Pinto e as usinas Canoas I e II. Em 3/11, o STJ cancela despacho judicial que inocenta Orestes Quércia das acusações de superfaturamento na importação de equipamentos de Israel, realizada em 1991, para as universidades estaduais e para a PM. Em 8/11, os dep. fed. Tuga Angerami (PSDB-SP) e Luiz Gushiken (PT-SP) entram com representação junto à Procuradoria-Geral da República pedindo abertura de ação penal pública para apurar as origens do patrimônio do ex-gov., estimado em US$ 52 milhões. Em 23/11, a polícia paulista instaura inquérito para apurar possível enriquecimento ilícito de Carlos Rayel, ex-coordenador de imprensa do governo Quércia. Aeronáutica: em nov. de 1991, a imprensa denuncia gastos de Cr$ 220 milhões em reformas na casa do min. Sócrates Monteiro. Fundo de Participação: em dez. de 1992, a PF encaminha inquérito ao STF sobre desvio de Cr$ 2 trilhões do Fundo de Participação dos Municípios, repassado entre 1988 e 1989 para o Acre; envolvidos nas irregularidades o sen. Aluízio Bezerra (PMDB-AC), 25 funcionários do BB e servidores do Estado e da Justiça. BB: TCU encerra investigações sobre atuação de Lafaiete Coutinho na presidência do banco e conclui: ele está envolvido na liberação de financiamentos irregulares.

Rosane – Em 5/5/1991, a primeira-dama dá banquete no Palácio do Planalto para comemorar o aniversário de sua chefe de gabinete, Eunícia Guimarães. Cem mulheres festejam bebendo champanhe e comendo lagosta ao preço de US$ 15 mil. O encontro é pago com dinheiro da Legião Brasileira de Assistência (LBA), presidida por ela até 21/8, quando é destituída pelo marido, que tenta evitar seu envolvimento com essa e outras irregularidades cometidas na entidade.

Paulo Sotero, sucessor de Rosane na LBA, determina em 4/9 devassa nas contas da entidade durante a administração anterior. Em 25/9 seis pessoas ligadas à ex-presidente são demitidas; relatórios sobre as contas da LBA revelam, em 1º/11, que, entre mar. de 1990 e set. de 1991, cerca de Cr$ 2,9 bilhões foram liberados para Alagoas – cerca de US$ 11 milhões destinados a empresas fantasmas e parentes de Rosane instalados na cidade de Canapi. Em 28/8/1992 Rosane é condenada a pagar a conta da festa de Eunícia no Alvorada; em 12/12, o TCU inclui seu nome na lista de acusados no processo criminal que a Procuradoria-Geral da República move contra os responsáveis pelos desvios de verbas.

Dinheiro público – TCU divulga estudo (out. de 1992) mostrando que, em 30 anos, 30% dos recursos públicos foram dilapidados por má gestão ou corrupção e que obras públicas custam 100% mais que em outros países.

Troca de ministros – Contrariando sua promessa, na posse, de que governaria com a mesma equipe até o fim do mandato, Collor fez, ou provocou, muitas mudanças no Ministério, para contornar escândalos ou buscar apoio. Bernardo Cabral, da Justiça, deixa o cargo em 13/10/1990, depois de namorar a min. da Economia, Zélia Cardoso de Mello. Alega sofrer boicote dentro do governo. Zélia também sai, em 8/5/1991, alegando motivos pessoais. O embaixador nos EUA, Marcílio Marques Moreira, é nomeado para seu lugar. Antônio Rogério Magri, do Trabalho e Previdência Social, e Margarida Procópio, da Ação Social, são demitidos pelo pres. Collor em 17/1/1992 e substituídos, respectivamente, pelo dep. Ricardo Fiúza (PFL-PE) e por Reinhold Stephanes (PFL-PR). Alceni Guerra, da Saúde, deixa o cargo em 23/1. É substituído temporariamente por José Goldenberg, do MEC, e depois por Adib Jatene. José Lutzemberg, sec. do Meio Ambiente, é demitido por Collor em 21/4, sendo substituído interinamente por José Goldenberg, do MEC.

Em 30/4, todos os ministros e secretários da presidência pedem demissão. O pres. confirma: Marcílio Marques Moreira, na Economia; Adib Jatene, na Saúde; José Goldenberg, no MEC e, como interino, na Sec. do Meio Ambiente; Jorge Bornhausen, na Sec. de Governo; Carlos Tinoco, no Exército; Sócrates Monteiro, na Aeronáutica; e Mário César Flores, na Marinha. Francisco Rezek, ex-min. das Relações Exteriores, ganha vaga no STF.

ONU – Em 27/9/1992, o Brasil é eleito para o Conselho de Segurança da ONU durante o biênio 1993/94.

Frases – O sen. Ney Maranhão, líder do PRN no Senado, declara à imprensa, 22/6/1992, que sonega impostos e justifica: "Sonegação fiscal é coisa que todo mundo faz" • Mário Amato, pres. da Fiesp, vai mais longe em 25/6: "Todos nós somos corruptos; o crime compensa".

Caras-pintadas – Em ago. de 1992, manifestações pedem por todo o país "ética na política" e o *impeachment* de Collor. No dia 13, o pres. convoca a população para ir às ruas no dia 16, domingo, em seu apoio, vestida de verde e amarelo. As pessoas, em protesto, saem de preto. Os manifestantes são, na maioria, jovens, que pintam no rosto as cores do país e passam a ser conhecidos como caras-pintadas. Seu hino, emprestado dos anos 60, é *Alegria, alegria*, de Caetano Veloso.

Políticos – Eles também tomam posição contra o governo Collor: executiva do PSC rompe com o governo e decide votar pela abertura do processo de *impeachment* (13/8) • Bancada do PSDB na Câmara dos Deputados fecha questão a favor do processo (13/8) • O gov. de PE, Joaquim Francisco (PFL), rompe com o pres. e passa a apoiar sua saída da presidência (14/8) • Cúpula do PFL libera bancada de 86 deputados para votação do processo de *impeachment* (17/8) • Cúpula do PDT oficializa decisão de sua bancada de votar pela abertura do processo (24/8) • PMDB fecha questão a favor do *impeachment* (25/8) • As lideranças dos partidos favoráveis à saída de Collor formam comissão coordenada pela dep. fed. Roseana Sarney (PFL-MA), para atuar na conquista dos votos de deputados indecisos (27/8).

IMPEACHMENT

Uma comissão liderada pelo presidente da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, e pelo presidente da OAB, Marcelo Lavenère, entrega ao Congresso, em 1º/9/1992, o pedido de *impeachment* de Collor. A abertura do processo na Câmara, em 29/9, é aprovada com 441 votos a favor, 38 contra, uma única abstenção e 23 ausências. Collor recebe a notificação de seu afastamento em 2/10. O vice Itamar Franco assume a presidência.

Instalado na Casa da Dinda, com assessores jurídicos, seguranças, porta-voz e secretário particular, Collor manobra para voltar ao cargo ou, pelo menos, não ser julgado também pela Justiça comum.

Em 29/12, certo de sua derrota no Senado, tenta impedir o julgamento renunciando. Às 9h34, minutos após a abertura da sessão em que seria julgado, seu advogado lê bilhete manuscrito de Collor informando sua decisão. Mesmo assim é julgado, por crime de responsabilidade, e condenado, por 76 votos a 3: perde, além do cargo, seus direitos políticos por oito anos. O procurador-geral da República, Aristides Junqueira, denuncia o ex-pres. por formação de quadrilha e corrupção. Collor acaba indiciado apenas por corrupção passiva: é réu em processo que tramita no Supremo Tribunal Federal (STF).

No dia 30 de manhã, o ex-pres. reúne a imprensa na Casa da Dinda para contestar o julgamento do Senado. Diz que vai recorrer ao Supremo para anular a decisão de seus "verdugos". E reafirma, em resumo, que tudo não passou de uma reação de interesses contrariados por sua atuação em defesa dos "descamisados".

GOVERNO ITAMAR

Itamar Augusto Cautiero Franco assume interinamente o governo em 2/10/1992 (ver biografia na pág. 128). Avisa que não pode governar plenamente, como interino, e justifica com isso algumas de suas primeiras hesitações. Mas nomeia novo Ministério e, com medida provisória aprovada simbolicamente pelo Congresso, tenta alterar a estrutura da administração federal. Prestigia antigos colaboradores, que o acompanham desde quando era prefeito de Juiz de Fora (MG).

Em 29/12, em seguida à leitura da carta-renúncia de Collor, toma posse em definitivo.

Salário mínimo – Até jan. de 1993, o país aposta no novo pres.: em 17/12, ainda como pres. em exercício, consegue aprovação pela Câmara dos Deputados de projeto que eleva o salário mínimo para Cr$ 1,25 milhão, ou seja, US$ 100, com reajuste bimestral de 60% da inflação para quem ganha até seis mínimos, inclusive aposentados e pensionistas. A decisão aumenta sua popularidade.

Contra a corrupção – Em out. de 1992, Itamar cria o Centro Federal de Inteligência (CFI), para combater a corrupção em todas as esferas do governo; a Auditoria-Geral, para fiscalizar a aplicação dos recursos públicos; e a Ouvidoria-Geral, para receber da população denúncias de irregularidades no governo.

Lideranças – Também em out. de 1992, o pres. em exercício escolhe como líderes do seu governo o sen. Pedro Simon (PMDB-RS) e o dep. Roberto Freire, de PE, principal figura do Partido Popular Socialista (PPS), nova sigla do PCB, registrada em 19/3 desse ano.

Ulysses – Em 12/10/1992, o deputado federal Ulysses Guimarães (PMDB-SP), 76 anos, parte de Angra dos Reis (RJ) com destino a São Paulo num helicóptero que cai no

litoral de Parati, em meio a um temporal. Viaja com o deputado sua mulher Mora, o ex-senador Severo Gomes, também do PMDB, e sua mulher Henriqueta. O corpo de Ulysses é o único não encontrado. Em 4/11/1992, depois de quase um mês de buscas, Marinha e Aeronáutica fazem um enterro simbólico.

Ulysses Silveira Guimarães esteve presente em todos os momentos políticos importantes da história recente do país. Foi deputado federal desde 1950. Apoiou inicialmente o golpe de 1964. Depois, como presidente do PMDB, transformou-se em um dos maiores opositores do regime militar. Participou das articulações do *impeachment* do pres. Fernando Collor e estava envolvido na campanha pela adoção do parlamentarismo, embora fosse contra a antecipação do plebiscito sobre a forma e sistema de governo.

Foi anticandidato à Presidência da República na sucessão do gen. Medici, em 1974. Líder da campanha pelas diretas (quando ficou conhecido como Senhor Diretas) e articulador da candidatura indireta de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral em 1984. Presidiu o Congresso Constituinte, que promulgou a Constituição de 1988. Era considerado um dos políticos mais hábeis da história do país. Costumava dizer que "política não é uma função hepática".

Demissão – Gustavo Krause pede demissão do Ministério da Fazenda, alegando discordar da orientação que o presidente pretende dar à política econômica. Paulo Haddad, min. do Planejamento, é indicado para exercer interinamente o cargo em 16/12/1992.

Relações exteriores – Itamar Franco faz suas primeiras viagens ao exterior em nov. de 1992: abre a reunião do Grupo dos Quinze no Senegal, dia 20; e participa, na Argentina, dia 30, da reunião do Grupo do Rio, que congrega catorze países latino-americanos. Em 6/12, o ex-presidente Mikhail Gorbatchóv chega ao Brasil para uma visita de cinco dias. Em 27/12, Itamar comparece à terceira reunião do conselho do Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul).

Estilo – Itamar projeta imagem oposta à do presidente afastado. Prefere a simplicidade ao estilo imperial do antecessor. Não sobe, por exemplo, a rampa do Planalto, como fazia Collor. Entra por uma porta lateral. Procura exibir tranqüilidade e equilíbrio (mesmo suas hesitações ajudam, no início, a compor o estilo). É, porém, capaz de atitudes explosivas e demonstrações de força.

Durante a interinidade, não poupa nem seus auxiliares, quando alguma coisa o desagrada. Adverte-os publicamente ou simplesmente veta decisões já anunciadas.

Em 7/10, o min. da Fazenda, Gustavo Krause, é obrigado a suspender aumento de combustíveis anunciado sem autorização do pres. Em 18/11, o min. do Exército, Zenildo Zoroastro, faz uma análise da situação do país e é advertido por Itamar, que ameaça nomear um civil para o cargo. No mesmo dia, o min. da Marinha, Ivan Serpa, diz que não aceita discutir a idéia de criação de um Ministério da Defesa e ouve como resposta: "Quem comanda as Forças Armadas é o presidente".

Ainda em 18/11, atinge o min. do Planejamento, Paulo Haddad, que considerara populistas certas medidas governamentais: "Como meu professor, ele me ensinou coisas diferentes." O min. da Justiça, Maurício Correa, é igualmente advertido ao pedir a reabertura dos casos de morte de presos políticos durante o regime militar. O sec. de Administração Federal, Wilson Calvo, é demitido em 25/11, quando declara que o governo contrataria 98 mil funcionários por concurso. E o presidente do BNDES, Antônio Barros de Castro, é também admoestado, em 19/12, por dizer que quem manda na economia é o mercado e não o governo.

A imagem do homem divorciado, disponível, galanteador e gentil com todas as mulheres também ajuda a compor o estilo do novo presidente, que começa seu mandato como namorado de Lysle Lucena, filha do senador Humberto Lucena (PMDB-PB).

Governantes da República

Uma seleção dos principais fatos da biografia dos presidentes e vices do Brasil republicano, com a composição de seus ministérios (ver também *Brasil republicano*).

DEODORO DA FONSECA

Manuel Deodoro da Fonseca nasce na cidade de Alagoas, atual Marechal Deodoro (AL), em 5/8/1827. Combate a Revolução Praieira em Pernambuco, em 1848, e participa das guerras do Prata e do Paraguai. Militar de carreira, chega ao posto de marechal-de-campo em 1884. Nomeado comandante de armas do Rio Grande do Sul em 1885, volta ao Rio de Janeiro no ano seguinte, quando assume a liderança da facção do Exército favorável à abolição da escravatura. Seu prestígio o coloca à frente da tropa que cerca o gabinete do visconde de Ouro Preto, em 15/11/1889, proclamando a República e assumindo a chefia do Governo Provisório. Em 25/2/1891, o Congresso Constituinte o elege primeiro presidente constitucional do país. Governa até 23/11 e morre no Rio de Janeiro, em 23/8/1892.

Vice-presidente – Floriano Vieira Peixoto (ver biografia a seguir).

Ministério – **Agricultura, Comércio e Obras Públicas:** Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiúva (interino), Demétrio Ribeiro, Francisco Glicério de Cerqueira Leite, Henrique Pereira de Lucena (barão de Lucena), João Barbalho Uchoa Cavalcanti. **Fazenda:** Rui Barbosa, Tristão de Alencar Araripe, Henrique Pereira de Lucena (barão de Lucena), Antão Gonçalves de Faria (interino). **Guerra:** ten.-cel. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, vice-alm. Eduardo Wandenkolk (interino), mal. Floriano Vieira Peixoto, gen. Antônio Nicolau Falcão da Frota. **Instrução Pública, Correios e Telégrafos:** ten.-cel. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, João Barbalho Uchoa Cavalcanti. **Interior:** Aristides da Silveira Lobo, Tristão de Alencar Araripe, João Barbalho Uchoa Cavalcanti (interino). **Justiça:** Rui Barbosa (interino), Manuel Ferraz de Campos Sales, Francisco Glicério de Cerqueira Leite (interino), Henrique Pereira de Lucena (barão de Lucena, interino), Antônio Luís Afonso de Carvalho. **Marinha:** vice-alm. Eduardo Wandenkolk, contra-alm. Fortunato Foster Vidal. **Negócios Estrangeiros:** Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiúva (interino), Joaquim Tomás do Amaral (visconde de Cabo Frio, interino), vice-alm. Eduardo Wandenkolk (interino), Tristão de Alencar Araripe (interino). **Relações Exteriores:** Justo Leite Chermont.

FLORIANO PEIXOTO

Floriano Vieira Peixoto nasce em Vila de Ipioca (AL), em 30/4/1839. Militar de carreira, chega ao posto de marechal-de-campo em 1888. Nomeado para a presidência da província do Mato Grosso em 1884, exerce o cargo por um ano. No momento da proclamação da República, está no posto de ajudante-geral do Exército do gabinete de Ouro Preto e se nega a dispersar as tropas que vêm depor a monarquia. Durante o Governo Provisório ocupa o Ministério da Guerra em substituição a Benjamin Constant. Em 1890, é eleito senador constituinte por Alagoas. Com sua eleição para vice de Deodoro em 1891, lidera a oposição ao presidente no momento da dissolução do Congresso, ocupando a chefia da nação após a renúncia do titular, em 23/11/1891, mas conserva a designação de vice-presidente. Após completar seu mandato, em 15/11/1894, como segundo presidente do país, retira-se da vida pública. Morre em Barra Mansa (RJ), em 29/6/1895.

Ministério – **Agricultura, Comércio e Obras Públicas:** Antão Gonçalves de Faria, Inocêncio Serzedelo Correia (interino). **Fazenda:** Antão Gonçalves de Faria, Francisco de Paula Rodrigues Alves, Inocêncio Serzedelo Correia, Felisberto Firmo de Oliveira Freire, Alexandre Cassiano do Nascimento (interino). **Guerra:** gen. José Simeão de Oliveira, contra-alm. Custódio José de Melo (interino),

gen. Francisco Antônio de Moura, mal. Antônio Enéias Gustavo Galvão (interino), gen. Bibiano Sérgio de Macedo Fontoura Costallat (interino). **Indústria, Viação e Obras Públicas:** Antônio Paulino Limpo de Abreu, Antônio Francisco de Paula e Sousa, João Filipe Pereira, gen. Bibiano Sérgio de Macedo Fontoura Costallat. **Justiça e Negócios Interiores:** José Higino Duarte Pereira (interino), Fernando Lobo Leite Pereira, Inocêncio Serzedelo Correia (interino), Alexandre Cassiano do Nascimento (interino). **Marinha:** contra-alm. Custódio José de Melo, contra-alm. Filipe Firmino Rodrigues Chaves, vice-alm. Francisco José Coelho Neto, gen. Bibiano Sérgio de Macedo Fontoura Costallat, contra-alm. João Gonçalves Duarte. **Relações Exteriores:** contra-alm. Custódio José de Melo (interino), Fernando Lobo Leite Pereira, Inocêncio Serzedelo Correia, Antônio Francisco de Paula e Sousa, Felisberto Firmo de Oliveira Freire, João Filipe Pereira, Carlos Augusto de Carvalho, Alexandre Cassiano do Nascimento.

PRUDENTE DE MORAIS

Prudente José de Morais e Barros nasce em Itu (SP), em 4/10/1841. Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, inicia sua carreira política em 1865 em Piracicaba (SP). Em 1876 adere ao Partido Republicano e, depois da proclamação da República, exerce o governo de São Paulo. Eleito senador constituinte em 1890, chega à presidência do Senado, onde encabeça a oposição a Deodoro da Fonseca. Derrotado nas eleições presidenciais indiretas de 1891, torna-se, em 15/11/1894, o primeiro presidente eleito pelo voto popular. Sua eleição marca o início da hegemonia republicana dos grandes proprietários rurais. Governa até 15/11/1898. Ao deixar a presidência, retira-se para Piracicaba (SP), onde morre em 3/12/1902.

Vice-presidente – Manuel Vitorino Pereira nasce em Salvador (BA), em 30/1/1853. Médico e jornalista, governa a Bahia após a proclamação da República e é senador constituinte. Como vice-presidente, assume a chefia do governo entre 10/11/1896 e 4/3/1897, devido a problemas de saúde de Prudente de Morais, e tenta, sem sucesso, impedir o retorno do presidente ao cargo. Morre no Rio de Janeiro, em 9/11/1902.

Ministério – Fazenda: Francisco de Paula Rodrigues Alves, Bernardino José de Campos Júnior. **Guerra:** gen. Bernardo Vasques, gen. Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira, gen. Francisco de Paula Argolo, mal. Carlos Machado Bittencourt, gen. João Tomás de Cantuária. **Indústria, Viação e Obras Públicas:** Antônio Olinto dos Santos Pires, Joaquim Duarte Murtinho, gen. Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira, Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda, Jerônimo Rodrigues de Morais Jardim. **Justiça e Negócios Interiores:** Antônio Gonçalves Ferreira, Alberto de Seixas Martins Torres, Bernardino José de Campos (interino), Amaro Bezerra Cavalcanti. **Marinha:** alm. Elizário José Barbosa, contra-alm. Manuel José Alves Barbosa. **Relações Exteriores:** Carlos Augusto de Carvalho, gen. Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira.

CAMPOS SALES

Manuel Ferraz de Campos Sales nasce em Campinas (SP), em 13/2/1841. Bacharel em Direito, elege-se deputado provincial em 1867 e representa o Partido Republicano na Câmara Imperial a partir de 1885. Depois da proclamação da República, é nomeado ministro da Justiça do Governo Provisório e presidente de São Paulo. Governa de 15/11/1898 a 15/11/1902. Volta à política em 1909 como senador por São Paulo. Morre em Santos (SP), em 28/6/1913.

Vice-presidente – Francisco de Assis Rosa e Silva nasce no Recife (PE), em 4/10/1856. Advogado e jornalista, é eleito deputado em 1886 por Pernambuco, nomeado ministro da Justiça em 1889 e escolhido como constituinte em 1890, sendo reeleito para a Câmara em 1894 e 1898. Como vice-presidente, assume interinamente a presidência quando Campos Sales viaja para a Argentina (17/10–8/11/1900), mas, nesse mesmo ano, rompe com o presidente em virtude da intervenção federal em seu Estado. Terminado o mandato, ainda se elege senador por Pernambuco em 1903, 1915 e 1924; morre no Rio de Janeiro, em 1º/7/1929.

Ministério – Fazenda: Joaquim Duarte Murtinho, Sabino Alves Barroso Júnior. **Guerra:** mal. João Nepomuceno de Medeiros Mallet, gen. João Tomás de Cantuária (interino). **Indústria, Viação e Obras Públicas:** Severino dos Santos Vieira, Alfredo Eugênio de Almeida Maia, Epitácio da Silva Pessoa (interino), Antônio Augusto da Silva. **Justiça e Negócios Interiores:** Epitácio da Silva Pessoa, Sabino Alves Barroso Júnior. **Marinha:** alm. Carlos Baltazar da Silveira, contra-alm. José Pinto da Luz. **Relações Exteriores:** Olinto Máximo de Magalhães, Joaquim Tomás do Amaral (visconde de Cabo Frio, interino).

RODRIGUES ALVES

Francisco de Paula Rodrigues Alves nasce em Guaratinguetá (SP), em 7/7/1848. Bacharel em Direito, inicia sua vida política em 1872, ao ser eleito deputado provincial pelo Partido Conservador, chegando, em 1887, à presidência da província de São Paulo pelo mesmo partido. Elege-se deputado constituinte em 1890 e ocupa o Ministério da Fazenda nos governos de Floriano Peixoto e Prudente de Morais. Em 1900 é eleito novamente presidente de São Paulo. Governa o país de 15/11/1902 a 15/11/1906. Após deixar a chefia da nação volta a ocupar o governo paulista e, em seguida, uma vaga no Senado. Eleito em 15/11/1918 para um novo período como presidente da República, não chega a tomar posse. Contaminado pelo vírus da gripe espanhola, morre no Rio de Janeiro, em 16/1/1919. Assume, em seu lugar, o vice Delfim Moreira.

Vice-presidente – Francisco Silviano de Almeida Brandão nasce em Pouso Alegre (MG), em 8/9/1848. Médico, inicia carreira política em 1878, ao fundar o Clube Republicano em sua cidade. É eleito deputado provincial em 1880 e deputado geral em 1881. Após a proclamação da República, elege-se senador da Constituinte mineira no governo Afonso Pena. Torna-se presidente do Estado em 1897. Morre em Belo Horizonte em 25/9/1902, antes de tomar posse na vice-presidência. Para seu lugar é eleito Afonso Pena, que depois sucede Rodrigues Alves na presidência.

Ministério – Fazenda: José Leopoldo de Bulhões Jardim. **Guerra:** gen. Francisco de Paula Argolo. **Indústria, Viação e Obras Públicas:** Lauro Severiano Müller. **Justiça e Negócios Interiores:** José Joaquim Seabra, Félix Gaspar de Barros e Almeida. **Marinha:** vice-alm. Júlio César de Noronha. **Relações Exteriores:** José Joaquim Seabra (interino), José Maria da Silva Paranhos.

AFONSO PENA

Afonso Augusto Moreira Pena nasce em Santa Bárbara (MG), em 30/11/1847. Bacharel em Direito, inicia sua vida política em 1874 como deputado provincial e ocupa durante o Império os ministérios da Guerra (1882), da Agricultura (1883) e da Justiça (1885). Elege-se deputado constituinte em 1890 e presidente de Minas Gerais em 1892, quando a capital é transferida de Ouro Preto para Belo Horizonte. No final do governo passa a ocupar a presidência do Banco da República, voltando a representar seu Estado em 1899, como senador, até que, em 1903, é eleito vice-presidente em substituição a Almeida Brandão. Assume a Presidência da República em 15/11/1906. Morre antes do fim do mandato, no Rio de Janeiro, em 14/6/1909.

Vice-presidente – Nilo Peçanha (ver biografia a seguir).

Ministério – Fazenda: David Morethson Campista. **Guerra:** mal. Hermes Rodrigues da Fonseca, mal. João Pedro Xavier da Câmara, gen. Luís Mendes de Morais. **Viação e Obras Públicas:** Miguel Calmon du Pin e Almeida. **Justiça e Negócios Interiores:** Augusto Tavares de Lira.

Marinha: contra-alm. Alexandrino Faria de Alencar. **Relações Exteriores:** José Maria da Silva Paranhos (o barão do Rio Branco).

NILO PEÇANHA

Nilo Procópio Peçanha nasce em Campos (RJ), em 2/10/1867. Advogado, participa das campanhas abolicionistas e republicanas, iniciando sua vida política em 1890 como deputado constituinte. Senador e presidente do Estado do Rio de Janeiro. Com a morte de Afonso Pena, assume a presidência em 14/6/1909, aos 41 anos. Após o fim de seu mandato, em 15/11/1910, elege-se senador por duas vezes e presidente do Estado do Rio de Janeiro. Em 1917 ocupa o Ministério das Relações Exteriores no governo Venceslau Brás. É derrotado nas eleições para a presidência em 1921, como candidato da chapa Reação Republicana, de oposição às oligarquias estaduais. Morre no Rio de Janeiro, em 31/3/1924.

Ministério – Agricultura, Indústria e Comércio: Antônio Cândido Rodrigues, Francisco Sá (interino), Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda. **Fazenda:** José Leopoldo de Bulhões Jardim. **Guerra:** gen. Carlos Eugênio de Andrade Guimarães, gen. José Bernardino Bormann. **Justiça e Negócios Interiores:** Esmeraldino Olímpico Torres Bandeiras. **Marinha:** contra-alm. Alexandre Faria de Alencar. **Relações Exteriores:** José Maria da Silva Paranhos (barão do Rio Branco). **Viação e Obras Públicas:** Miguel Calmon du Pin e Almeida, Francisco Sá.

HERMES DA FONSECA

Hermes Rodrigues da Fonseca nasce em São Gabriel (RS), em 12/5/1855. Sobrinho do mal. Deodoro da Fonseca, é militar de carreira e um dos fundadores, em 1878, do Clube Republicano do Círculo Militar. Após a proclamação da República, mantém-se no exercício de funções militares, tendo alcançado o posto de marechal em 1906. Nesse mesmo ano assume o Ministério da Guerra, sendo responsável pela reorganização do Exército e, em 1908, pela instituição do serviço militar obrigatório.

Na crise sucessória desencadeada pela morte de Afonso Pena, com a não-aceitação do candidato David Campista, indicado pelo falecido presidente, seu nome obtém o apoio dos conservadores e dos militares. À sua candidatura aderem Minas Gerais, Rio Grande do Sul e os pequenos Estados, coordenados pelo sen. José Gomes Pinheiro Machado. A oposição, articulada pelo Partido Republicano Paulista e apoiada pela Bahia, lança a Campanha Civilista, tendo Rui Barbosa como candidato. Hermes é eleito depois de agitada campanha, tendo Venceslau Brás como vice-presidente. Governa de 15/11/1910 a 15/11/1914. Em 1922, participa da revolta do Forte de Copacabana, o que lhe vale seis meses de prisão. Libertado, retira-se para Petrópolis (RJ), onde morre em 9/9/1923.

Vice-presidente – Venceslau Brás Pereira Gomes (ver biografia a seguir).

Ministério – Agricultura, Indústria e Comércio: Pedro Manuel de Toledo, José Joaquim Seabra, José Barbosa Gonçalves, Manuel Edwiges de Queiroz Vieira. **Fazenda:** Francisco Antônio de Sales, Rivadávia da Cunha Correia. **Guerra:** gen. Emílio Dantas Barreto, gen. Antônio Adolfo da Fontoura Mena Barreto, gen. Vespasiano Gonçalves de Albuquerque e Silva. **Justiça e Negócios Interiores:** Rivadávia da Cunha Correia, Vladislau Herculano de Freitas. **Marinha:** contra-alm. Joaquim Marques Batista de Leão, vice-alm. Manuel Inácio Belfort Vieira, gen. Vespasiano Gonçalves de Albuquerque e Silva (interino), vice-alm. Alexandrino Faria de Alencar. **Relações Exteriores:** José Maria da Silva Paranhos (barão do Rio Branco), Enéias Martins (interino), Lauro Severiano Müller, Francisco Régis de Oliveira (interino). **Viação e Obras Públicas:** José Joaquim Seabra, Pedro Manuel de Toledo (interino), José Barbosa Gonçalves.

VENCESLAU BRÁS

Venceslau Brás Pereira Gomes nasce em São Caetano da Vargem Grande, atual Brasópolis (MG), em 26/2/1868. Bacharel em Direito, é promotor público em seu Estado e inicia carreira política em 1892, como deputado provincial. Ocupa a Secretaria do Interior de Minas Gerais, elege-se deputado federal e, de 1909 a 1910, assume a presidência do Estado, completando o mandato de João Pinheiro, que tinha morrido. Eleito vice-presidente da República na chapa de Hermes da Fonseca, ao final do mandato do mal. seu nome acaba sendo lançado como solução conciliatória para as forças estaduais em disputa, concorrendo como candidato único. Governa de 15/11/1914 a 15/11/1918. Morre em Itajubá (MG), em 15/5/1966, com 97 anos.

Vice-presidente – Urbano Santos da Costa Araújo nasce em Guimarães (MA), em 3/2/1859. Formado em Direito, exerce o cargo de juiz do comércio em São Luís, a carreira de advogado no Rio de Janeiro e de deputado federal e senador pelo Maranhão até 1906. Assume interinamente a presidência durante viagem de Venceslau Brás (8/9 a 9/10/1917). Após o término de seu mandato, é escolhido como min. da Justiça no governo Delfim Moreira e governador do Maranhão de 1918 a 1922, ano em que se reelege para a vice-presidência na chapa de Artur Bernardes. Morre antes de tomar posse, durante viagem entre o Maranhão e o Rio, em 7/5/1922.

Ministério – Agricultura, Indústria e Comércio: João Pandiá Calógeras, José Rufino Bezerra Cavalcanti, Carlos Maximiliano Pereira dos Santos (interino), João Gonçalves, Augusto Tavares de Lira (interino), Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. **Guerra:** gen. José Caetano de Faria. **Justiça e Negócios Interiores:** Carlos Maximiliano Pereira dos Santos, Augusto Tavares de Lira (interino). **Marinha:** vice-alm. Alexandrino Faria de Alencar. **Relações Exteriores:** Lauro Severiano Müller, Luís Martins de Sousa Dantas (interino), Nilo Peçanha. **Viação e Obras Públicas:** Augusto Tavares de Lira.

DELFIM MOREIRA

Delfim Moreira da Costa Ribeiro nasce em Cristina (MG), em 7/11/1868. Bacharel em Direito formado em 1890, é eleito deputado estadual em seu Estado, de 1894 a 1902, ano em que é nomeado secretário do Interior de Minas Gerais. Permanece no cargo até 1906. Em 1909, elege-se deputado federal, cargo a que renuncia um ano depois, para exercer, pela segunda vez, a secretaria do Interior de Minas Gerais. Presidente do Estado em 1914, ocupa o cargo até 1918, quando se elege vice-presidente da República na chapa de Rodrigues Alves. Como o presidente eleito, doente, não pode assumir, é empossado interinamente e mantém o Ministério que Rodrigues Alves nomeara. Mas seu estado de saúde também não é bom e o min. da Viação, Afrânio de Melo Franco, assume temporariamente os encargos do governo. Depois da morte de Rodrigues Alves, em 16/1/1919, assume oficialmente a presidência, permanecendo no cargo até a eleição antecipada de Epitácio Pessoa, em 28/7/1919. Morre em Santa Rita do Sapucaí (MG), em 1º/7/1920.

Ministério – Agricultura, Indústria e Comércio: Antônio de Pádua Sales. **Fazenda:** Amaro Bezerra Cavalcanti de Albuquerque, João Ribeiro de Oliveira Sousa. **Guerra:** gen. Alberto Cardoso de Aguiar. **Justiça e Negócios Interiores:** Amaro Bezerra Cavalcanti de Albuquerque (interino), Urbano Santos da Costa Araújo. **Marinha:** vice-alm. Antônio Coutinho Gomes Pereira. **Relações Exteriores:** Domício da Gama, Augusto Cochrane de Alencar (interino). **Viação e Obras Públicas:** Afrânio de Melo Franco.

EPITÁCIO PESSOA

Epitácio da Silva Pessoa nasce em Umbuzeiro (PB), em 23/5/1865. Formado em Direito, faz carreira em Pernambuco, elegendo-se deputado constituinte em 1890. Em 1898, assume o Ministério da Justiça no governo Campos Sales, sendo nomeado min. do Supremo

Tribunal em 1901. Chefia a delegação brasileira à Conferência de Paz de Versalhes, em 1919, elegendo-se presidente da República quando ainda está no exterior. Governa de 28/7/1919 a 15/11/1922. Depois do término de seu mandato, é nomeado, em 1923, juiz da Corte Internacional de Haia, permanecendo no cargo até 1930. Apóia, nesse ano, a candidatura, pela Aliança Liberal, de Getúlio Vargas e João Pessoa, seu sobrinho, mas após o assassinato deste deixa a política. Morre em Petrópolis (RJ), em 2/2/1942.

Vice-presidente – Francisco Álvaro Bueno de Paiva nasce em Caldas (MG), em 17/9/1861. Exerce as funções de juiz e promotor público em seu Estado, deputado e senador. Durante seu período na vice-presidência, chefia o Senado. Após o término do mandato, volta a se eleger senador em 1923. Morre no Rio de Janeiro, em 4/8/1928.

Ministério – Agricultura, Indústria e Comércio: Ildefonso Simões Lopes, José Pires do Rio (interino). **Fazenda:** Homero Batista. **Guerra:** Alfredo Pinto Vieira de Melo (interino), João Pandiá Calógeras, João Pedro da Veiga Miranda (interino). **Justiça e Negócios Interiores:** Alfredo Pinto Vieira de Melo, Joaquim Ferreira Chaves (interino). **Marinha:** Raul Soares de Moura, Joaquim Ferreira Chaves, João Pedro da Veiga Miranda. **Relações Exteriores:** José Manuel de Azevedo Marques. **Viação e Obras Públicas:** José Pires do Rio.

ARTUR BERNARDES

Artur da Silva Bernardes nasce em Viçosa (MG), em 8/8/1875. Advogado, inicia sua vida política como vereador em sua cidade, elege-se sucessivamente deputado estadual e federal, para depois assumir a Secretaria das Finanças e a presidência de seu Estado. Ocupa a presidência de 15/11/1922 a 15/11/1926. Encerrado seu mandato, elege-se senador em 1929, mas, em 1932, vê-se obrigado a se exilar, devido à tentativa de organizar em Minas Gerais um movimento de apoio à rebelião paulista. De volta ao Brasil em 1935, é deputado federal até 1937, quando o Parlamento é fechado. Em 1943, assina o Manifesto dos Mineiros, sendo eleito constituinte em 1946 pelo Partido Republicano. Participa da campanha pela criação da Petrobrás e, em 1945, elege-se novamente deputado federal. Morre no Rio, em 23/3/1955.

Vice-presidente – Estácio de Albuquerque Coimbra nasce em Barreiros (PE), em 1872. Advogado, elege-se deputado e senador. Durante sua passagem pela vice-presidência, dirige os trabalhos no Senado. Entre 1926 e 1930 governa Pernambuco. Com a Revolução de 1930, exila-se na Europa. Morre no Recife, em 9/11/1937.

Ministério – Agricultura, Indústria e Comércio: Miguel Calmon du Pin e Almeida. **Fazenda:** Rafael de Abreu Sampaio Vidal, Aníbal Freire da Fonseca. **Guerra:** gen. Fernando Setembrino de Carvalho, alm. Alexandrino Faria de Alencar (interino). **Justiça e Negócios Interiores:** João Luís Alves, José Félix Alves Pacheco (interino), Aníbal Freire da Fonseca (interino), Afonso Augusto Moreira Pena Jr. **Marinha:** alm. Alexandrino Faria de Alencar, contra-alm. Arnaldo Siqueira Pinto da Luz. **Relações Exteriores:** José Félix Alves Pacheco. **Viação e Obras Públicas:** Francisco de Sá.

WASHINGTON LUÍS

Washington Luís Pereira de Souza nasce em Macaé (RJ), em 26/10/1869. Bacharel em Direito, é promotor público em seu Estado, mas começa a vida política em Batatais (SP). Em 1898, ocupa o cargo de intendente do município, sendo então eleito deputado estadual para o triênio 1904–1906. É nomeado secretário de Justiça e Segurança Pública de São Paulo, eleito prefeito da capital, presidente do Estado e senador, antes de chegar à Presidência da República, em 15/11/1926. Com a Revolução de 1930, é obrigado a renunciar em 24/10 e vai para o exílio na Europa, só voltando ao país em 1947. Morre em São Paulo, em 4/8/1957.

Vice-presidente – Fernando de Melo Viana nasce em Sabará (MG), em 15/3/1878. Exerce os cargos de juiz de Direito em seu Estado, deputado estadual, secretário do Interior e presidente de Minas Gerais. Preside a Assembléia Constituinte de 1946 e o Senado até 1950. Morre no Rio de Janeiro, em 10/2/1954.

Ministério – Agricultura, Indústria e Comércio: Germiniano Lira Castro. **Fazenda:** Getúlio Dornelles Vargas, Francisco Chaves de Oliveira Botelho. **Guerra:** gen. Nestor Sezefredo dos Passos, contra-alm. Arnaldo Siqueira Pinto da Luz (interino). **Justiça e Negócios Interiores:** Augusto Viana do Castelo. **Marinha:** contra-alm. Arnaldo Siqueira Pinto da Luz. **Relações Exteriores:** Otávio Mangabeira. **Viação e Obras Públicas:** Vítor Konder.

JUNTA MILITAR

Formada por Augusto Tasso Fragoso, João de Deus Mena Barreto e José Isaías de Noronha. Governa de 24/10 a 3/11/1930.

Augusto Tasso Fragoso – Nasce em São Luís (MA), em 28/8/1869. Militar da Escola da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, participa como alferes-aluno da proclamação da República. Elege-se deputado à Constituinte pelo Maranhão em 1891. Segue carreira militar, chegando, em 1922, a general-de-divisão. No governo Hermes da Fonseca, exerce a função de adido militar na Argentina e, no governo Venceslau Brás, a de chefe da Casa Militar da Presidência. Em 1922, chefia o Estado-Maior do Exército. Morre no Rio de Janeiro, em 20/9/1945.

João de Deus Mena Barreto – Nasce em Porto Alegre (RS), em 1874. Cursa a Escola Militar do Rio Grande do Sul e, ainda cadete, participa da repressão aos federalistas de 1892. Conclui o curso na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, com a patente de alferes e segue carreira militar, chegando ao posto de general-de-divisão. Nomeado interventor federal no Rio de Janeiro e min. do STM, participa da Revolução de 1932. Morre no Rio de Janeiro, em 25/3/1933.

José Isaías de Noronha – Nasce no Rio de Janeiro, em 1873. Cursa a Escola Naval e chega ao posto de almirante. É comandante-em-chefe da esquadra e preside, durante oito anos consecutivos, o Clube Naval. Morre no Rio de Janeiro, em 29/1/1963.

Ministério – Agricultura, Indústria e Comércio: Paulo de Morais Barros (interino). **Fazenda:** Agenor de Roure. **Guerra:** gen. José Fernandes Leite de Castro. **Justiça e Negócios Interiores:** Gabriel Loureiro Bernardes, Afrânio de Melo Franco (interino). **Marinha:** contra-alm. José Isaías de Noronha. **Relações Exteriores:** Afrânio de Melo Franco. **Viação e Obras Públicas:** Paulo de Morais Barros.

GETÚLIO VARGAS

Getúlio Dornelles Vargas nasce em São Borja (RS), em 19/4/1883. Inicia carreira militar, que abandona em 1902. Faz Direito em Porto Alegre, onde se forma em 1907. Elege-se deputado estadual sucessivamente em 1909, 1913 e 1917. Eleito deputado federal pelo Partido Republicano em 1922, exerce o mandato até 1926, quando assume o Ministério da Fazenda do governo Washington Luís, cargo que abandona em 1928 para eleger-se presidente do Rio Grande do Sul. Dali sai para assumir a Presidência da República em 1930. Com o fim da II Guerra e o aumento das pressões contra os regimes ditatoriais, é deposto em 1945, retirando-se para o Rio Grande do Sul, apesar de eleito senador com expressiva votação. Em 1950, volta a candidatar-se à Presidência da República pelo PTB, elegendo-se com folgada margem sobre seus concorrentes. Confrontado, quatro anos depois, com a iminência de renúncia, ou deposição, suicida-se com um tiro no peito, no Palácio do Catete, em 24/8/1954.

Ministério – Aeronáutica: Joaquim Pedro Salgado Filho, ten.-brig. Armando Figueira de Almeida Trompowski. **Agricultura:** Joaquim Francisco de Assis Brasil, Mário

Barbosa Carneiro (interino), Juarez do Nascimento Fernandes Távora, Edmundo Navarro de Andrade (interino), Guilherme Edelberto Hermsdorff (interino), Odilon Duarte Braga, José Solano Carneiro da Cunha (interino), Gilberto Silva Porto (interino), Fernando Costa, Carlos Sousa Duarte (interino), Apolônio Jorge de Faria Sales. **Educação e Saúde Pública:** Francisco Luís da Silva Campos, Belisário Augusto de Oliveira Pena, Washington Ferreira Pires, Gustavo Capanema. **Fazenda:** José Maria Whitaker, Osvaldo Euclides de Sousa Aranha, Artur de Sousa Costa, Orlando Bandeira Vilela (interino), Romero Estelita Cavalcanti Pessoa (interino), Paulo de Lira Tavares (interino). **Guerra:** gen. José Fernando Leite de Castro, gen. Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso, gen. Pedro de Alcântara Cavalcanti de Albuquerque, gen. Pedro Aurélio de Góis Monteiro, gen. João Gomes Ribeiro Filho, gen. Eurico Gaspar Dutra. **Justiça e Negócios Interiores:** Osvaldo Euclides de Sousa Aranha, Francisco Luís da Silva Campos (interino), Joaquim Maurício Cardoso, Afrânio de Melo Franco (interino), Francisco Antunes Maciel Jr., Vicente Rao, Amadeu da Cunha Lequintinie (interino), Agamenon Sérgio de Godói Magalhães (interino), José Carlos de Macedo Soares, Francisco Luís da Silva Campos, Francisco Negrão de Lima (interino), Vasco Tristão Leitão da Cunha (interino), Alexandre Marcondes Machado Filho (interino), Fernando Antunes (interino). **Marinha:** contra-alm. José Isaías de Noronha, vice-alm. Conrado Iteck, vice-alm. Protógenes Pereira Guimarães, vice-alm. Henrique Aristides Guilhem. **Relações Exteriores:** Afrânio de Melo Franco, Félix de Barros Cavalcanti de Lacerda (interino), José Carlos de Macedo Soares, Mário de Pimentel Brandão (interino), Ciro de Freitas Vale (interino), Osvaldo Euclides de Sousa Aranha, Maurício Nabuco de Araújo (interino), Pedro Leão Veloso (interino), José Roberto de Macedo Soares (interino). **Trabalho, Indústria e Comércio:** Lindolfo Leopoldo Bükel Collor, Joaquim Pedro Salgado Filho, Agamenon Sérgio de Godói Magalhães, Valdemar Cromwel do Rego Falcão, Dulphe Pinheiro Machado (interino), Alexandre Marcondes Machado Filho. **Viação e Obras Públicas:** Paulo de Morais Barros (interino), Juarez do Nascimento Fernandes Távora, José Américo de Almeida, Fernando Augusto de Almeida, João Marques dos Reis, Joaquim Licínio de Sousa Almeida (interino), João de Mendonça Lima, Érico Delamare (interino).

JOSÉ LINHARES

Nasce em Baturité (CE), em 28/1/1886. Bacharel em Direito, ocupa os cargos de juiz da 2ª Pretoria Criminal do Rio de Janeiro, juiz de Direito, desembargador e min. do STF. Em 1945, preside o STF quando é convocado para assumir a presidência em 29/10/1945. Governa até 31/1/1946. Morre em Caxambu (MG), em 26/1/1957.

Ministério – **Aeronáutica:** ten.-brig. Armando Figueira de Almeida Trompowski. **Agricultura:** Theodureto Leite de Almeida Camargo. **Educação e Saúde Pública:** Raul Leitão da Cunha. **Fazenda:** José Pires do Rio. **Guerra:** gen. Pedro Aurélio de Góis Monteiro. **Justiça e Negócios Interiores:** Antônio Sampaio Dória. **Marinha:** alm. Jorge Dodsworth Martins. **Relações Exteriores:** Pedro Leão Veloso. **Trabalho, Indústria e Comércio:** Roberto Carneiro Mendonça. **Viação e Obras Públicas:** Maurício Joppert da Silva.

EURICO GASPAR DUTRA

Nasce em Cuiabá (MT), em 18/5/1889. Militar de carreira, atinge o posto de general em 1932, depois de comandar um destacamento na repressão à Revolução Constitucionalista. Em 1936 assume o Ministério da Guerra, ficando no cargo até 1945, quando participa da deposição de Vargas. Eleito pelo PSD, recebe o apoio de Vargas e governa com a colaboração de todos os partidos, de 31/1/1946 a 31/1/1951. Abandona a vida pública ao terminar o mandato. Morre no Rio , em 10/6/1974.

Vice-presidente – Nereu Ramos (ver biografia a seguir).

Ministério – **Aeronáutica:** ten.-brig. Armando Figueira de Almeida Trompowski. **Agricultura:** Manuel Neto Campelo Jr., Daniel Serapião de Carvalho, Antônio Novais Filho. **Educação e Saúde Pública:** Ernesto de Sousa Campos, Clemente Mariani Bittencourt, Eduardo Rios Filho (interino), Pedro Calmon Moniz de Bittencourt. **Fazenda:** Gastão da Costa Vidigal, Onaldo Brancante Machado (interino), Pedro Luís Correia e Castro, Oscar Santa Maria Pereira (interino), José Vieira Machado (interino), Ovídio Xavier de Abreu (interino), Manuel Guilherme da Silva Filho. **Guerra:** gen. Pedro Aurélio de Góis Monteiro, gen. Canrobert Pereira da Costa, gen. Newton de Andrade Cavalcanti, vice-alm. José Maria Neiva (interino). **Justiça e Negócios Interiores:** Carlos Coimbra da Luz, Benedito Costa Neto, Adroaldo Mesquita da Costa, Honório Fernandes Monteiro (interino), Adroaldo Tourinho Junqueira Aires (interino), José Francisco Bias Fortes. **Marinha:** alm. Jorge Dodsworth Martins, alm. Silvio Mascarenhas, alm. Lara de Almeida (interino), alm. Silvio de Noronha. **Relações Exteriores:** João Neves da Fontoura, Samuel de Sousa Leão Gracie (interino), Raul Fernandes (interino), Hildebrando Pompeu Pinto Acióli (interino), Ciro de Freitas Vale (interino). **Trabalho, Comércio e Indústria:** Otacílio Negrão de Lima, Francisco Vieira de Alencar (interino), Morvan Dias de Figueiredo, João Otaviano de Lima Pereira, Honório Fernandes Monteiro, Cândido Mota Filho (interino), Marcial Dias Pequeno. **Viação e Obras Públicas:** Edmundo de Macedo Soares e Silva, Luís Augusto da Silva Vieira (interino), Clóvis Pestana, João Valdetero de Amorim e Melo.

GETÚLIO VARGAS (ver biografia na pág. 122)

Vice-presidente – João Café Filho (ver biografia a seguir).

Ministério – **Aeronáutica:** brig. Nero Moura, brig. Epaminondas Gomes dos Santos. **Agricultura:** João de Oliveira Cleotas, Apolônio Jorge de Faria Sales, José da Costa Porto. **Educação e Saúde Pública:** Ernesto Simões da Silva Freitas Filho, Péricles Madureira de Pinho (interino), Antônio Balbino de Carvalho Filho, Edgard Rego Santos. **Fazenda:** Horácio Lafer, Alberto de Andrade Queiroz (interino), Osvaldo Euclides de Sousa Aranha, Octávio Gouvêa de Bulhões (interino). **Guerra:** gen. Estilac Newton Leal, vice-alm. Renato de Almeida Guilobel (interino), gen. Ciro do Espírito Santo Cardoso, gen. Euclides Zenóbio da Costa. **Justiça e Negócios Interiores:** Francisco Negrão de Lima, Francisco Badaró Jr. (interino), Trancredo de Almeida Neves. **Marinha:** vice-alm. Renato de Almeida Guilobel. **Relações Exteriores:** João Neves de Fontoura, Heitor Lira (interino), Mário de Pimentel Brandão (interino), Vicente Rao, Vasco Leitão da Cunha (interino). **Saúde:** Antônio Balbino de Carvalho Filho (interino). Miguel Couto Filho, Mário Pinotti. **Trabalho, Comércio e Indústria:** Danton Coelho, José Segadas Viana, Osvaldo Carijó de Castro (interino), João Belchior Marques Goulart, Hugo de Araújo Faria (interino). **Viação e Obras Públicas:** Álvaro Pereira de Sousa Lima, Francisco Mendes (interino), José Américo de Almeida.

CAFÉ FILHO

João Café Filho nasce em Natal (RN), em 3/2/1899. Advogado e jornalista, participa ativamente da Revolução de 1930 e ocupa o cargo de chefe da polícia de Natal. Já rompido com o governo, é eleito deputado federal em 1935, destacando-se na oposição, o que lhe vale o exílio na Argentina após o golpe de 1937. De volta ao Brasil, elege-se deputado constituinte em 1946, sendo indicado para a vice-presidência em 1951. Com a morte de Vargas, assume a presidência em 24/8/1954.

Em 3/11/1955, sofre um distúrbio cardiovascular e é hospitalizado, sendo substituído, interinamente, pelo presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz, que é derrubado dias depois. Ao deixar o hospital, em 21/11, anuncia a intenção de reassumir o cargo, mas o Congresso o declara impedido. Em 1960, é nomeado para o

Tribunal de Contas do Estado da Guanabara. Morre no Rio de Janeiro, em 20/2/1970.

Ministério – **Aeronáutica:** brig. Eduardo Gomes. **Agricultura:** José da Costa Porto, Bento Munhoz da Rocha Neto. **Educação:** Cândido Mota Filho. **Fazenda:** Eugênio Gudin, Octávio Gouvêa de Bulhões (interino), José Maria Whitaker. **Guerra:** mal. Henrique Batista Duffles Teixeira Lott. **Justiça e Negócios Interiores:** Miguel Seabra Fagundes, Alexandre Marcondes Machado Filho, José Eduardo Prado Kelly. **Marinha:** vice-alm. Edmundo Jordão Amorim do Vale, alm. Saladino Coelho. **Relações Exteriores:** Raul Fernandes, Antônio Camilo de Oliveira (interino). **Saúde:** Aramis Ataíde. **Trabalho, Comércio e Indústria:** Napoleão de Alencastro Guimarães, Waldir Niemeyer (interino). **Viação e Obras Públicas:** Lucas Lopes, Rodrigo Otávio Jordão Ramos, Otávio Marcondes Ferraz.

CARLOS LUZ

Carlos Coimbra da Luz nasce em Três Corações (MG), em 4/8/1894. Bacharel em Direito, é promotor público, prefeito de Leopoldina (MG), secretário de Estado, deputado federal por Minas e líder da maioria na Câmara dos Deputados de 1934 a 1937. Em 1945, torna-se min. da Justiça, ocupando o cargo durante um ano. Em 3/11/1955, na qualidade de presidente da Câmara dos Deputados, assume interinamente a presidência, quando Café Filho fica doente.

Em 9/11, o Congresso declara o impedimento do presidente e Carlos Luz é efetivado. Mas só fica mais dois dias no cargo. É deposto pelo mal. Henrique Teixeira Lott, que tenta evitar um suposto golpe que impediria a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek. É substituído por Nereu Ramos. Tem também de abandonar a presidência da Câmara, mantendo apenas sua cadeira de deputado. Morre no Rio em 9/2/1961.

Ministério – **Aeronáutica:** brig. Eduardo Gomes. **Agricultura:** Bento Munhoz da Rocha Neto. **Educação:** Cândido Mota Filho. **Fazenda:** Mário Leopoldo Pereira da Câmara. **Guerra:** gen. Álvaro Fiúza de Castro. **Justiça e Negócios Interiores:** José Eduardo Prado Kelly. **Marinha:** vice-alm. Edmundo Jordão Amorim do Vale. **Relações Exteriores:** Raul Fernandes. **Saúde:** Aramis Ataíde. **Trabalho, Comércio e Indústria:** Napoleão de Alencastro Guimarães. **Viação e Obras Públicas:** Otávio Marcondes Ferraz.

NEREU RAMOS

Nereu de Oliveira Ramos nasce em Lages (SC), em 3/9/1888. Advogado, inicia sua vida política em 1910, como deputado estadual em Santa Catarina. Eleito deputado federal, em 1930, tem seu mandato cassado pela revolução, conseguindo eleger-se novamente em 1933. Em 1937, vê-se obrigado a deixar o governo de Santa Catarina com o golpe do Estado Novo, mas é logo nomeado interventor em seu Estado, cargo que exerce até 1945. Senador em 1946, assume pela primeira vez a chefia da nação em 1949, durante uma viagem do presidente Dutra ao exterior.

Deputado federal eleito em 1950, exerce a presidência da Câmara de 1951 a 1954 e do Senado em 1955, quando é chamado a assumir o cargo de presidente da República, com a deposição de Carlos Luz, em 11/11, governando todo o tempo sob estado de sítio. Após a transmissão do cargo a Juscelino Kubitschek, em 31/1/1956, ocupa o Ministério da Justiça em 1956 e 1957. Morre em Curitiba (PR), em 16/6/1958.

Ministério – **Aeronáutica:** brig. Vasco Alves Secco. **Agricultura:** Eduardo Catalão. **Educação e Cultura:** Abgar de Castro Araújo Renault. **Fazenda:** Mário Leopoldo Pereira da Câmara. **Guerra:** mal. Henriquê Batista Duffles Teixeira Lott. **Justiça e Negócios Interiores:** Francisco Menezes Pimentel. **Marinha:** alm. Antônio Alves Câmara Jr. **Relações Exteriores:** José Carlos de Macedo Soares. **Saúde:** Maurício Campos de Medeiros. **Trabalho, Indústria e Comércio:** Nélson Bachel Omegna. **Viação e Obras Públicas:** Lucas Lopes.

JUSCELINO KUBITSCHEK

Juscelino Kubitschek de Oliveira nasce em Diamantina (MG), em 12/9/1902. Formado em 1927 pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, trabalha na Força Pública até ser reformado como coronel. Eleito deputado federal, exerce seu mandato até o fechamento do Congresso, com o golpe de 1937, e em 1940 é nomeado prefeito de Belo Horizonte pelo interventor federal no Estado, Benedito Valadares. Em 1946 ingressa no PSD, pelo qual volta à Câmara dos Deputados. Exerce o mandato até 1950, quando é eleito governador de Minas Gerais, com o slogan "Energia e Transporte". Constrói cinco usinas hidrelétricas e abre mais de 3 mil km de rodovias, projetando-se nacionalmente.

Em 1955, elege-se presidente da República pela aliança PSD-PTB. Concorrendo com Adhemar de Barros, do PSP, e Juarez Távora, da UDN, obtém 36% dos votos – fato que leva a oposição a tentar impugnar o resultado do pleito, sob alegação de que Juscelino não obteve maioria absoluta. Tem sua posse e a de seu vice, João Goulart, asseguradas por ação militar encabeçada pelo mal. Lott. Governa de 31/1/1956 a 31/1/1961. Após o término de seu mandato, elege-se senador por Goiás, mas é cassado em 1964, unindo-se então a Carlos Lacerda e João Goulart na articulação da fracassada Frente Ampla de 1967. Morre em 22/8/1976, num desastre automobilístico na via Dutra, município de Resende (RJ), em circunstâncias ainda não devidamente esclarecidas.

Vice-presidente – João Goulart (ver biografia a seguir).

Ministério – **Aeronáutica:** brig. Henrique Fleiuss, maj.-brig. Francisco de A. Correia de Melo. **Agricultura:** Ernesto Dornelles, José Parsifal Barroso (interino), Mário David Meneghetti, Luís Guimarães Jr. (interino), Paulo Fróis da Cruz (interino), Fernando Carneiro da Cunha Nóbrega (interino), Antônio de Barros Carvalho. **Educação e Cultura:** Clóvis Salgado da Gama, Celso Teixeira Brant (interino), Nereu de Oliveira Ramos (interino), Pedro Calmon Moniz Bittencourt (interino), José Pedro Ferreira da Costa (interino), Pedro Paulo Penido, Clóvis Salgado da Gama. **Fazenda:** José Maria Alkmin, João Oliveira Castro Viana Jr. (interino), Lucas Lopes, Sebastião Paes de Almeida, Maurício Chagas Bicalho (interino), Antônio Carlos Barcelos (interino). **Guerra:** mal. Henrique Batista Duffles Teixeira Lott, mal. Odílio Denis. **Justiça e Negócios Interiores:** Nereu de Oliveira Ramos, José Carlos de Macedo Soares (interino), Eurico de Aguiar Sales, Carlos Cirilo Jr., Armando Ribeiro Falcão. **Marinha:** vice-alm. Renato de Almeida Guilobel (interino), alm. Antônio Alves Câmara Jr., alm. Jorge de Passo Matoso Maia, alm. Jorge da Silva Leite (interino). **Relações Exteriores:** José Carlos de Macedo Soares, Décio Honorato de Moura (interino), Francisco Negrão de Lima, Antônio Barreto Mendes Viana (interino), Horácio Lafer, Armando Ribeiro Falcão (interino), Fernando Ramos de Alencar (interino), Edmundo Pena Barbosa da Silva (interino). **Saúde:** Maurício Campos de Medeiros, Mário Pinotti, Pedro Paulo Penido (interino), Armando Ribeiro Falcão (interino). **Trabalho, Indústria e Comércio:** José Parsifal Barroso, Mário David Meneghetti, Fernando Carneiro da Cunha Nóbrega, Alírio Sales Coelho (interino), João Batista Ramos. **Viação e Obras Públicas:** Lúcio Martins Meira, alm. Emâni do Amaral Peixoto.

JÂNIO QUADROS

Jânio da Silva Quadros nasce em Campo Grande (MS), em 25/1/1917. Advogado e professor de Português, inicia em 1947, como vereador em São Paulo, uma carreira política vertiginosa: deputado estadual em 1950, elege-se para a prefeitura paulistana em 1953 e para o governo do Estado em 1954, popularizando-se por uma política de moralização administrativa. Terminado o mandato, elege-se deputado federal pelo Paraná e, em 1960, chega à Presidência da República com o apoio da UDN e a maior votação obtida até então por um político brasileiro: 5.636.623 votos. Renuncia em 25/8/1961, alegando a existência de pressões de "forças terríveis". Em 1962, é

derrotado nas eleições para o governo de São Paulo e em 1964 tem seus direitos políticos suspensos por dez anos. Em 1968, após criticar o governo, é confinado por quatro meses em Corumbá (MT). Com a abertura proposta por Geisel em 1974 e novamente de posse de seus direitos políticos, volta à cena fazendo pronunciamentos contundentes sobre diversos setores da vida pública nacional. Em 1982, é novamente derrotado para o governo paulista, mas em 15/11/1985 elege-se prefeito de São Paulo pelo PTB. Em 1989, ameaça candidatar-se à presidência, mas volta atrás, alegando problemas de saúde. Morre em São Paulo, em 16/2/1992.

Vice-presidente – João Goulart (ver biografia a seguir).

Ministério – **Aeronáutica:** brig. Gabriel Grün Moss. **Agricultura:** Romero Cabral da Costa. **Educação e Cultura:** Brígido Fernandes Tinoco. **Fazenda:** Clemente Mariani Bittencourt, Hamilton Prisco Paraíso (interino). **Guerra:** mal. Odílio Denis. **Indústria e Comércio:** Artur da Silva Bernardes Filho. **Justiça e Negócios Interiores:** Oscar Pedroso Horta. **Marinha:** vice-alm. Sílvio Heck, alm. Ari dos Santos Rangel (interino). **Minas e Energia:** João Agripino Vasconcelos Maia, José Medeiros Vieira (interino). **Relações Exteriores:** Afonso Arinos de Mello Franco, Vasco Tristão Leitão da Cunha (interino), Ilmar Pena Marinho (interino). **Saúde:** Edward Catete Pinheiro. **Trabalho e Previdência Social:** Francisco Carlos de Castro Neves. **Viação e Obras Públicas:** Clóvis Pestana.

RANIERI MAZZILLI

Pascoal Ranieri Mazzilli nasce em Caconde (SP), em 27/4/1910. Bacharel em Direito, elege-se deputado federal pelo PSD a partir de 1950 e, como presidente da Câmara dos Deputados, ocupa interinamente a Presidência da República várias vezes: na visita de Juscelino Kubitschek a Portugal (1960); entre a renúncia de Jânio Quadros e a investidura de João Goulart (1961); durante as viagens de Goulart aos EUA (1962) e ao Vaticano (1963); e logo depois da deposição de Goulart, de 2 a 15/4/1964, quando o Congresso dá posse ao mal. Castello Branco. Morre em São Paulo, em 21/4/1975.

JOÃO GOULART

João Belchior Marques Goulart nasce em São Borja (RS), em 1º/3/1918. Advogado, inicia carreira política em 1945, no PTB, sendo eleito deputado federal em 1946 e 1950, ano em que coordena a campanha presidencial de Getúlio Vargas. Em 1953 é nomeado min. do Trabalho, mas deixa o cargo um ano depois, devido às reações à sua proposta de dobrar o valor do salário mínimo. Eleito vice-presidente em 1955 e em 1960, enfrenta forte oposição a seu nome após a renúncia de Jânio, só conseguindo assumir a presidência depois da aprovação, em 2/9/1961, de emenda que institui o parlamentarismo. O regime reverte ao presidencialismo em 6/1/1963, mas Goulart é derrubado pelo golpe de 64. Morre em sua fazenda em Mercedes, na província argentina de Corrientes, em 6/12/1976. É o único ex-presidente a morrer no exílio.

1º Gabinete parlamentarista – **1º-min.:** Tancredo de Almeida Neves. **Aeronáutica:** maj.-brig. Clóvis Monteiro Travassos. **Agricultura:** Armando de Queiroz Monteiro Filho. **Educação e Cultura:** Antônio Ferreira de Oliveira Brito. **Fazenda:** Walter Moreira Salles, Tancredo de Almeida Neves (interino), Henrique Domingos Ribeiro (interino), Francisco de Paula Brochado da Rocha (interino). **Guerra:** mal. João de Segadas Viana. **Indústria e Comércio:** Ulysses Silveira Guimarães. **Justiça e Negócios Interiores:** Tancredo de Almeida Neves, Alfredo Nasser, Alberto de Resende Rocha (interino). **Marinha:** contra-alm. Ângelo Nolasco de Almeida, contra-alm. Heitor Doyle Maia (interino). **Minas e Energia:** Gabriel de Resende Passos (interino). **Relações Exteriores:** Francisco Clementino de San Thiago Dantas, Renato Bayma Archer da Silva (interino). **Saúde:** Estácio Gonçalvez Souto Maior. **Trabalho e Previdência Social:** André Franco Montoro. **Viação e Obras Públicas:** Virgílio Moraes Fernandes Távora.

2º Gabinete parlamentarista – **1º-min.:** Francisco de Paula Brochado da Rocha. **Aeronáutica:** maj.-brig. Reinaldo Ribeiro de Carvalho Filho. **Agricultura:** Renato Costa Lima. **Educação e Cultura:** Roberto Tavares de Lira. **Fazenda:** Walter Moreira Salles, Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho (interino). **Guerra:** gen. José Machado Lopes, mal. Nélson de Melo. **Indústria e Comércio:** José Ermírio de Moraes. **Justiça e Negócios Interiores:** Cândido Luís Maria de Oliveira Neto, Cândido Molinari Cairoli (interino). **Marinha:** alm. Pedro Paulo de Araújo Suzano (interino), contra-alm. Heytor Doyle Maia. Minas e Energia: João Mangabeira. **Relações Exteriores:** Afonso Arinos de Mello Franco, Carlos Alfredo Bernardes (interino). **Saúde:** Manuel Cordeiro Vilaça. **Trabalho e Previdência Social:** Hermes Lima. **Viação e Obras Públicas:** Hélio de Almeida.

3º Gabinete parlamentarista – **1º-min.:** Hermes Lima. **Aeronáutica:** brig. Reinaldo Joaquim Ribeiro de Carvalho Filho. **Agricultura:** Renato da Costa Lima. Educação e **Cultura:** Darcy Ribeiro. **Fazenda:** Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho. **Guerra:** gen. Amaury Kruel. **Indústria e Comércio:** Otávio Augusto Dias Carneiro. **Justiça e Negócios Interiores:** João Mangabeira, Carlos Molinari Cairoli (interino). **Marinha:** alm. Pedro Paulo de Araújo Suzano. **Minas e Energia:** Eliezer Batista da Silva, Celso Gabriel de Rezende Passos (interino). **Relações Exteriores:** Hermes Lima. **Saúde:** Elizeu Paglioli. **Trabalho e Previdência Social:** João Pinheiro Neto, Benjamim Eurico Cruz. **Viação e Obras Públicas:** Hélio de Almeida. **Ministro sem pasta:** Celso Furtado.

Ministério presidencialista – **Aeronáutica:** maj.-brig. Reinaldo Joaquim Ribeiro de Carvalho Filho, maj.-brig. Anísio Botelho. **Agricultura:** José Ermírio de Moraes, Osvaldo Cavalcanti da Costa Lima Filho. **Educação e Cultura:** Teotônio Maurício Monteiro de Barros Filho, Paulo de Tarso Santos, Júlio Furquim Sambaqui (interino). **Assuntos de Desenvolvimento Econômico:** Celso Furtado. **Reforma Administrativa:** alm. Ernâni do Amaral Peixoto. **Fazenda:** Francisco Clementino de San Thiago Dantas, Antônio Balbino de Carvalho (interino), Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto, Hélio Pereira Bicudo (interino), Ney Neves Galvão, Valdir Ramos Borges (interino). **Guerra:** gen. Amaury Kruel, gen. Jair Dantas Ribeiro. **Indústria e Comércio:** Antônio Balbino de Carvalho Filho (interino), Mauro Bento Dias Sales (interino), Egídio Michaelsen. **Justiça e Negócios Interiores:** Abelardo Araújo Jurema, Fernando Paulo Carrilho Milanez. **Marinha:** alm. Pedro de Araújo Suzano, alm. Sílvio Borges de Souza Mota. **Minas e Energia:** Eliezer Batista da Silva, Antônio Ferreira de Oliveira Brito. **Relações Exteriores:** Hermes Lima, Evandro Cavalcanti Lins e Silva, Henrique Rodrigues Vale (interino), João Augusto de Araújo Castro, Aguinaldo Boulitreau Fragoso (interino). **Saúde:** Paulo Pinheiro Chagas, Wilson Fadul. **Trabalho e Previdência Social:** Almino Monteiro Álvares Afonso, Amaury de Oliveira Silva, Eduardo Carvalho Tess (interino). **Viação e Obras Públicas:** Hélio de Almeida, Expedito Machado Ponte.

RANIERI MAZZILLI (ver biografia nesta página).

Ministério – **Aeronáutica:** maj.-brig. Francisco de Assis Correia de Melo. **Agricultura:** Arnaldo Lopes Sussekind. **Fazenda:** Octávio Gouvêa de Bulhões. **Guerra e Minas e Energia:** gen. Arthur da Costa e Silva. **Justiça e Educação:** Luís Antônio da Gama e Silva. **Marinha e Transportes:** alm. Augusto Hamann Rademaker Grünewald. **Relações Exteriores:** Vasco Tristão Leitão da Cunha. **Trabalho e Previdência Social:** Arnaldo Lopes Sussekind.

CASTELLO BRANCO

Humberto de Alencar Castello Branco nasce em Mecejana (CE), em 29/1/1900. Dedica-se à carreira militar e, na chefia do Estado-Maior do Exército, em 21/3/1964, envia circular aos comandos, acusando o governo Goulart de pretender implantar no país um regime de esquerda. Deposto Goulart e editado o Ato Institucional nº 1, Castello Branco, reformado no posto de marechal, é eleito presi-

dente pelo Congresso em 11/4/1964. Morre em acidente aéreo em Mondubim (CE), em 18/7/1967.

Vice-presidente – José Maria Alkmin nasce em Bocaiúva (MG), em 11/6/1901. Advogado, é fundador do PSD, deputado federal e ministro da Fazenda do governo Kubitschek. Presidente da República por três horas, durante a visita de Castello Branco ao Paraguai. Morre em Belo Horizonte, em 22/4/1974.

Ministério – **Aeronáutica:** brig. Nélson Freire Laventre Wanderley, maj.-brig. Márcio de Sousa e Melo, mal. Eduardo Gomes. **Agricultura:** Oscar Thompson Filho, Hugo de Almeida Leme, gen. Ney Aminthas de Barros Braga, Severo Fagundes Gomes, Maurício Rangel Reis (interino). **Educação e Cultura:** Flávio Suplicy de Lacerda, Raimundo Augusto de Castro Moniz de Aragão (interino), Pedro Aleixo, Guilherme Augusto Canedo de Magalhães (interino). **Exército:** gen. Arthur da Costa e Silva, mal. Ademar de Queiroz. **Fazenda:** Octávio Gouvêa de Bulhões, Roberto de Oliveira Campos (interino), Eduardo Lopes Rodrigues (interino). **Indústria e Comércio:** Daniel Agostinho Faraco, Paulo Egydio Martins, Luís Marcelo Moreira de Azevedo (interino). **Justiça e Negócios Interiores:** Milton Soares Campos, Luís Viana Filho (interino), Juracy Montenegro Magalhães, Mem de Sá, Carlos Medeiros Silva. **Marinha:** alm. Augusto Hamann Rademaker Grünewald, vice-alm. Ernesto de Melo Batista, alm. Paulo Bosísio, alm. Zilmar Campos de Araripe Macedo. **Minas e Energia:** Mário Thibau. **Planejamento e Coordenação Geral:** Roberto de Oliveira Campos, José de Nazaré Teixeira Dias (interino). **Relações Exteriores:** Vasco Tristão Leitão da Cunha, Antônio Borges, Leal Castello Branco Filho (interino), Juracy Montenegro Magalhães. **Saúde:** Raymundo Moura de Brito, Luís Vicente Belfort do Ouro Preto (interino), Matias Joaquim da Gama e Silva. **Trabalho e Previdência Social:** Arnaldo Lopes Sussekind, Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira (interino), Walter Peracchi Barcellos, Armando de Oliveira Assis (interino), Paulo Egydio Martins (interino), Luís Gonzaga do Nascimento e Silva, Eduardo Augusto Bretas de Noronha (interino). **Viação e Obras Públicas:** mal. Juarez do Nascimento Fernandes Távora, José Crisanto Seabra Fagundes (interino), Jaime Brazílio de Araújo (interino). **Coordenação dos Órgãos Regionais:** mal. Oswaldo Cordeiro de Farias, João Gonçalves de Sousa, Cícero de Oliveira Sales (interino). **Casa Civil:** Luís Viana Filho. **Casa Militar:** gen. Ernesto Geisel.

COSTA E SILVA

Arthur da Costa e Silva nasce em Taquari (RS), em 3/10/1902. Militar de carreira, é afastado do comando do IV Exército durante o governo Goulart por ter reprimido manifestações estudantis. Ministro da Guerra durante o governo Castello Branco, é eleito presidente da República pelo Congresso em 3/10/1966.Toma posse em 15/3/1967, ao mesmo tempo em que entra em vigor nova Constituição. Obrigado a afastar-se da presidência em 31/8/1969, por ter sofrido uma trombose, é substituído por uma junta militar. Morre no Rio, em 17/12/1969.

Vice-presidente – Pedro Aleixo nasce em Mariana (MG), em 1º/8/1901. Advogado e professor, elege-se deputado federal em 1934 e preside a Câmara dos Deputados quando estoura o golpe de 1937. Novamente deputado federal em 1958 e 1962, pela UDN, é um dos líderes civis do movimento de 1964. Como vice-presidente, pronuncia-se contra o AI-5 e elabora a revisão da Constituição de 1967. Em 31/8/1969, com o afastamento de Costa e Silva do poder, é impedido de assumir a Presidência da República pela junta militar, que mais tarde considera extinto o seu mandato. Em 1970, afasta-se da Arena. Morre em Belo Horizonte (MG), em 3/3/1975.

Ministério – **Aeronáutica:** mal. Márcio de Sousa e Melo. **Agricultura:** Ivo Arzua Pereira. **Comunicações:** Carlos Furtado Simas. **Educação e Cultura:** Tarso de Morais Dutra, Favorino Bastos Mércio (interino). **Exército:** gen. Aurélio de Lyra Tavares. **Fazenda:** Antônio Delfim Netto, Fernando Ribeiro do Val (interino), José Flávio Pécora (interino). **Indústria e Comércio:** Edmundo de Macedo Soares e Silva, José Fernandes Luna (interino). **Interior:** gen. Afonso Augusto de Albuquerque Lima, gen. José Costa Cavalcanti. **Justiça:** Luís Antônio da Gama e Silva, Hélio Scarabotolo (interino). **Marinha:** alm. Augusto Hamann Rademaker Grünewald. **Minas e Energia:** gen. José Costa Cavalcanti, Henrique Brandão Cavalcanti (interino), Antônio Dias Leite Jr. **Planejamento e Coordenação Geral:** Hélio Marcos de Pena Beltrão. **Relações Exteriores:** José de Magalhães Pinto. **Saúde:** Leonel Tavares Miranda de Albuquerque. **Trabalho e Previdência Social:** cel. Jarbas Gonçalves Passarinho, Celso Barroso Leite (interino), Newton Burlamaqui Barreira (interino). **Transportes:** cel. Mário David Andreazza. **Casa Civil:** Rondon Pacheco. **Casa Militar:** gen. Jaime Portela.

JUNTA MILITAR

Composta por Augusto Rademaker, Aurélio Lyra Tavares e Márcio de Sousa e Melo. Governa de 31/8 a 30/10/1969.

Augusto Hamann Rademaker Grünewald – Nasce no Rio de Janeiro, em 11/5/1905. Almirante com cursos de especialização nos EUA, em 1964 é ministro da Marinha e integra o comando supremo que governa o país até a posse do mal. Castello Branco. Também chefia o Ministério da Marinha no governo Costa e Silva. Como vice-presidente no governo Medici, exerce a presidência duas vezes: cinco dias em dez. de 1971 e uma semana em mai. de 1973. Morre no Rio de Janeiro, em 13/9/1985.

Aurélio Lyra Tavares – Nasce em João Pessoa (PB), em 7/11/1905. Cursa a Escola Militar do Rio; forma-se também em Direito e Engenharia. Chefia a Escola Superior de Guerra; é ministro do Exército de 1967 a 1969.

Márcio de Sousa e Melo – Nasce em Florianópolis (SC), em 28/5/1906. Cursa aviação na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, e aperfeiçoa-se em Fort Leavenworth, nos EUA. Nomeado comandante da IV Zona Aérea, em 1964, três anos depois é convidado por Costa e Silva a assumir o Ministério da Aeronáutica, permanecendo no cargo até 26/11/1971. Em out. de 1969 outorga a Emenda Constitucional nº 1, alterando a Constituição de 1967. Morre no Rio de Janeiro, em 31/1/1991.

GARRASTAZU MEDICI

Emílio Garrastazu Medici nasce em Bagé (RS), em 4/12/1905. Militar de carreira, atinge o posto de general em 1961 e o de general-de-exército em 1969. Comandante da Academia Militar de Agulhas Negras em 1964, é um dos primeiros a aderir ao movimento que depõe o presidente João Goulart, bloqueando a marcha das tropas leais ao governo na rodovia Presidente Dutra, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro.

Em 1967, Medici é nomeado chefe do SNI e, em 1969, designado comandante do III Exército. Em 25/10/1969 é eleito pelo Congresso para a Presidência da República. Governa de 30/10/1969 a 15/3/1974. Morre no Rio de Janeiro, em 9/10/1985.

Vice-presidente – Augusto Rademaker Haman Grünewald (ver biografia nesta página).

Ministério – **Aeronáutica:** mal. Márcio de Sousa e Melo, ten.-brig. Joelmir Campos de Araripe Macedo. **Agricultura:** Luís Fernando de Cirne Lima, José Francisco Moura Cavalcanti. **Comunicações:** Higyno Caetano Corsetti. **Educação e Cultura:** cel. Jarbas Gonçalves Passarinho. **Exército:** gen. Orlando Geisel. **Fazenda:** Antônio Delfim Netto. **Indústria e Comércio:** Fábio Riodi Yassuda, Marcus Vinicius Pratini de Morais. **Interior:** gen. José Costa Cavalcanti, Henrique Brandão Cavalcanti (interino). **Justiça:** Alfredo Buzaid, Manuel Gonçalves Ferreira Filho (interino), Raul Armando Mendes (interino). **Marinha:** alm. Adalberto de Barros Nunes. **Minas e Energia:** Antônio Dias Leite Jr., Mário Benjamin Batista (interino). **Planejamento:** João Paulo dos Reis Velloso, Marcos Pereira

Viana (interino), Mário Cláudio da Costa Braga (interino), Henrique Flanzer (interino). **Relações Exteriores:** Mário Gibson Barboza, Jorge de Carvalho e Silva (interino). **Saúde:** Francisco de Paula da Rocha Lagoa, Rui Vieira da Cunha (interino), José Fonseca da Cunha (interino), Walter Joaquim dos Santos (interino), Hugo Vitorino Alqueres Batista (interino), Mário Machado de Lemos, Aldo Vilas-Boas (interino). **Trabalho e Previdência Social:** Júlio de Carvalho Barata, Armando de Brito (interino), Airton Aché Pillar (interino). **Transportes:** cel. Mário David Andreazza. **Casa Civil:** João Leitão de Abreu. **Casa Militar:** gen. João Baptista de Oliveira Figueiredo.

ERNESTO GEISEL

Ernesto Geisel nasce em Bento Gonçalves (RS), em 3/8/1908. Dedica-se à carreira militar e, em 1964, depois de trabalhar pela deposição do pres. Goulart, assume a chefia da Casa Militar do governo Castello Branco. Promovido a general-de-exército em 1966, chega a ministro do STM, ocupando o cargo de 1967 a 1969, ano em que assume a presidência da Petrobrás. É eleito presidente da República pelo Congresso em jan. de 1974. Governa de 15/3/1974 a 15/3/1979. Após o final de seu mandato, passa a dedicar-se à iniciativa privada.

Vice-presidente – Adalberto Pereira dos Santos nasce em Taquara (RS), em 11/4/1905. Dedica-se à carreira militar, tendo participado da Revolução Constitucionalista de 1932 e integrado a FEB. Em 1965 é promovido a general-de-exército. Chefia o Estado-Maior do Exército quando é editado o AI-5 e, em 1969, chega a min. do STM. Morre no Rio de Janeiro, em 2/4/1984.

Ministério – **Estado-Maior das Forças Armadas:** gen. Antônio Jorge Correia, gen. Moacyr Barcellos Potyguara, gen. Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, gen. José Maria de Andrade Serpa. **Gabinete Civil:** gen. Golbery do Couto e Silva. **Gabinete Militar:** gen. Hugo de Andrade Abreu, gen. Gustavo Moraes Rego Reis. **Aeronáutica:** brig. Joelmir Campos Araripe Macedo. **Agricultura:** Alysson Paulinelli. **Comunicações:** Euclides Quandt de Oliveira. **Educação e Cultura:** gen. Ney Aminthas de Barros Braga, Euro Brandão. **Exército:** gen. Vicente de Paulo Dale Coutinho, gen. Sylvio Couto Coelho da Frota, gen. Fernando Belfort Bethlem. **Fazenda:** Mário Henrique Simonsen. **Indústria e Comércio:** Severo Fagundes Gomes, Ângelo Calmon de Sá. **Interior:** Maurício Rangel Reis. **Justiça:** Armando Ribeiro Falcão. **Marinha:** alm. Geraldo Azevedo Henning. **Minas e Energia:** Shigeaki Ueki. **Previdência e Assistência Social:** Luiz Gonzaga do Nascimento e Silva. **Relações Exteriores:** Antônio Francisco Azeredo da Silveira. **Saúde:** Paulo de Almeida Machado. **Trabalho:** Arnaldo da Costa Prieto. **Transportes:** gen. Dirceu Araújo Nogueira. **Secretaria do Planejamento:** João Paulo dos Reis Velloso. **Serviço Nacional de Informações:** gen. João Baptista de Oliveira Figueiredo, gen. Otávio Aguiar de Medeiros.

JOÃO FIGUEIREDO

João Baptista de Oliveira Figueiredo nasce no Rio de Janeiro, em 15/1/1918. Dedica-se à carreira militar e, em 1964, chefia a agência do SNI no Rio de Janeiro. Recebe a quarta estrela de general-de-exército em 1978, ano em que é eleito pelo Colégio Eleitoral para a Presidência da República. Governa de 15/3/1979 a 15/3/1985. Após o final do mandato, retira-se da política.

Vice-presidente – Antônio Aureliano Chaves de Mendonça nasce em Três Pontas (MG), em 13/1/1929. Engenheiro e professor universitário, inicia carreira política como deputado estadual em 1963, pela UDN. Eleito deputado federal pela Arena em 1967 e 1971, é escolhido governador de Minas Gerais em 1975 e vice-presidente em 1978. No final do governo rompe com o PDS e negocia o apoio dos dissidentes do partido à candidatura oposicionista de Tancredo Neves, sendo indicado para o Ministério das Minas e Energia, cargo em que permanece até 20/12/1988. Em 1989, concorre pelo PFL às eleições presidenciais.

Ministério – **Estado-Maior das Forças Armadas:** gen. José Maria de Andrade Serpa, gen. Samuel Augusto Alves Correa, gen. José Ferraz da Rocha, gen. Alacyr Frederico Werner, ten.-brig.-do-ar Waldir de Vasconcelos. **Gabinete Civil:** gen. Golbery do Couto e Silva, João Leitão de Abreu. **Gabinete Militar:** gen. Danilo Venturini, gen. Rubem Carlos Ludwig. **Aeronáutica:** brig. Délio Jardim de Mattos. **Agricultura:** Antônio Delfim Netto, Ângelo Amaury Stábile, Nestor Jost. **Comunicações:** cel. Haroldo Corrêa de Mattos. **Educação e Cultura:** Eduardo Mattos Portella, gen. Rubem Carlos Ludwig, Esther de Figueiredo Ferraz. **Exército:** gen. Walter Pires de Carvalho e Albuquerque. **Fazenda:** Karlos Heinz Rischbieter, Ernane Galvêas. **Indústria e Comércio:** João Camilo Penna, Murilo Badaró. **Interior:** cel. Mário David Andreazza. **Justiça:** Petrônio Portela Nunes, Ibrahim Abi-Ackel. **Marinha:** alm. Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, alm. Alfredo Karan. **Minas e Energia:** cel. César Cals de Oliveira Filho. **Previdência Social:** Jair de Oliveira Soares, Hélio Marcos Pena Beltrão, cel. Jarbas Gonçalves Passarinho. **Relações Exteriores:** Ramiro Elysio Saraiva Guerreiro. **Saúde:** Mário Augusto Jorge de Castro Lima, Waldyr Mendes Arcoverde. **Trabalho:** Murillo Macedo. **Transportes:** Eliseu Resende, Cloraldino Soares Severo. **Secretaria do Planejamento:** Mário Henrique Simonsen, Antônio Delfim Netto. **Serviço Nacional de Informações:** gen. Octávio Aguiar de Medeiros. **Assuntos Fundiários:** gen. Danilo Venturini. **Desburocratização:** Hélio Marcos Pena Beltrão.

JOSÉ SARNEY

José Ribamar Ferreira de Araújo Costa nasce em Pinheiro (MA), em 24/4/1930. Formado em Direito, é também jornalista e escritor. Filho de Sarney Araújo Costa e Kiola Ferreira de Araújo Costa, desde pequeno se torna conhecido como *Zé do Sarney* (José, filho de Sarney). Assim, para fins eleitorais, adota em 1958 o nome José Sarney e, em 1965, passa a se chamar legalmente José Sarney da Costa.

Ingressa na política como suplente de deputado federal, em 1954, pela UDN, assumindo a cadeira em 1956. Reelege-se em 1958 e 1962 e, em 1966, assume o governo do Maranhão como candidato da Arena, partido pelo qual chega ao Senado, em 1970 e em 1978. Participa da fundação do PDS, sendo seu presidente por dois períodos, até renunciar em 11/6/1984. Encarregado pelo gen. Figueiredo de coordenar a sucessão presidencial, sustenta dentro do PDS a indicação de um candidato que seja de união. Não conseguindo concretizar sua proposta, renuncia à presidência do partido. Filiado ao PMDB, torna-se candidato a vice na chapa de Tancredo Neves que disputa as eleições indiretas de 15/11/1985.

Uma cirurgia de emergência impede a posse de Tancredo e faz com que Sarney ocupe a presidência interinamente em 15/3/1985, dando posse ao Ministério já nomeado. Com a morte de Tancredo, em 21/4/1985, assume definitivamente o cargo. Governa até 15/3/1990. Em nov. elege-se senador do Amapá pelo PMDB. Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1980, é autor de vários livros, entre eles *Marimbondos de fogo* (contos).

Ministério – **Estado-Maior das Forças Armadas:** alm. José Maria do Amaral Oliveira, gen. Paulo Campos Paiva, ten.-brig.-do-ar Paulo Roberto Coutinho Camarinha, alm. Valbert Lisieux Medeiros de Figueiredo, gen. Jonas de Moraes Correa Netto. **Gabinete Civil:** José Hugo Castello Branco, Marco Maciel, Ronaldo Costa Couto, Luís Roberto Ponte. **Gabinete Militar:** gen. Rubens Bayma Denis. **Aeronáutica:** brig. Otávio Júlio Moreira Lima. **Agricultura:** Pedro Jorge Simon, Iris Rezende Machado. **Ciência e Tecnologia:** Renato Bayma Archer da Silva, Luiz Henrique da Silveira, Ralph Biasi, Décio Leal de Zagotis. **Comunicações:** Antônio Carlos Peixoto de Magalhães. **Cultura:** José Aparecido de Oliveira, Aluísio Pimenta, Celso Monteiro Furtado. **Descentralização e Desburocratização** (extinto em 14/2/1986): Paulo de Tarso Lustosa da Costa. **Habitação e Bem-Estar Social** (extinto em 15/1/1989): Flávio

Rios Peixoto da Silveira, Deni Lineu Schwartz, Luiz Humberto Prisco Viana. **Educação:** Marco Maciel, Jorge Konder Bornhausen, Hugo Napoleão Rego Neto, Carlos Corrêa de Menezes Sant'Anna. **Exército:** gen. Leônidas Pires Gonçalves. **Irrigação** (extinto em 21/10/1987): Vicente Cavalcanti Fialho. **Fazenda:** Francisco Neves Dornelles, Dilson Domingos Funaro, Luiz Carlos Bresser Pereira, Mailson Ferreira da Nóbrega. **Indústria e Comércio:** Roberto Herbster Gusmão, José Hugo Castello Branco, Roberto Cardoso Alves. **Interior:** Ronaldo Costa Couto, Joaquim Francisco Cavalcanti, João Alves Filho. **Justiça:** Fernando Lyra, Paulo Brossard de Souza Pinto, Oscar Dias Corrêa, José Saulo Pereira Ramos. **Marinha:** alm. Henrique Sabóia. **Minas e Energia:** Antônio Aureliano Chaves de Mendonça, Vicente Cavalcanti Fialho. **Planejamento e Coordenação:** João Sayad, Aníbal Teixeira, João Batista de Abreu. **Previdência e Assistência Social:** Francisco Waldir Pires de Souza, Raphael de Almeida Magalhães, Renato Bayma Archer da Silva, Jáder Fontenelle Barbalho. **Reforma e Desenvolvimento Agrário** (extinto em 15/1/1989): Nélson Ribeiro, Dante de Oliveira, Marcos de Barros Freire, Jáder Fontenelle Barbalho, Leopoldo Pacheco Bessone. **Relações Exteriores:** Olavo Egydio Setúbal, Roberto Costa de Abreu Sodré. **Saúde:** Carlos Corrêa de Menezes Sant'Anna, Roberto Figueira Santos, Luiz Carlos Borges da Silveira, Seigo Tsuzuki. **Trabalho:** Almir Pazzianotto Pinto, Dorothéa Fonseca Furquim Werneck. **Transportes:** Affonso Alves de Camargo Neto, José Reinaldo Carneiro Tavares. **Serviço Nacional de Informações:** gen. Ivan de Souza Mendes.

Secretarias – **Administração Pública** (extinta em 15/1/1989): Aluízio Alves. **Imprensa e Divulgação** (transformada depois em subchefia para Assuntos de Imprensa e Divulgação, sob controle do Ministério do Gabinete Civil): Fernando César Mesquita, Getúlio Bittencourt, Carlos Henrique de Almeida Santos. **Informática:** José Ezil Veiga da Rocha.

FERNANDO COLLOR

Fernando Affonso Collor de Mello nasce no Rio de Janeiro, em 12/8/1949. É filho do ex-sen. e ex-gov. de Alagoas Arnon de Mello; seu avô, Lindolfo Collor, foi um dos articuladores da Revolução de 1930 e o primeiro ministro do Trabalho do país. Formado em Economia e Jornalismo, trabalha como jornalista, nos anos 70, antes de ingressar, em 1979, na política, como prefeito biônico de Maceió, por indicação do governador alagoano Guilherme Palmeira, da Arena.

Em 1982, elege-se deputado federal pelo PDS-AL. No Colégio Eleitoral de 1985, vota em Paulo Maluf. Em set. de 1985 ingressa no PMDB e elege-se governador de Alagoas em 1986. Desincompatibiliza-se do cargo em mai. de 1989 e funda o PRN, pelo qual concorre às eleições presidenciais de 1989.

Projeta-se nacionalmente ao combater mordomias de "marajás" – funcionários regiamente pagos do Estado – e ao fazer duras críticas ao governo Sarney. Assume em 15/3/1990, com altos índices de popularidade. Envolvido em esquemas de corrupção – como o articulado por seu caixa de campanha, empresário Paulo César Farias, o PC – é deposto em processo de *impeachment*, por crime de responsabilidade, em 29/12/1992.

Vice-presidente – Itamar Augusto Cautiero Franco (ver biografia a seguir).

1º Ministério – Ação Social: Margarida Maria Maia Procópio. **Aeronáutica:** brig. Sócrates da Costa Monteiro. **Agricultura e Reforma Agrária:** Joaquim Roriz. **Economia, Fazenda e Planejamento:** Zélia Cardoso de Mello. **Educação:** Carlos Alberto Gomes Chiarelli. **Exército:** gen. Carlos Tinoco Ribeiro Gomes. **Infra-Estrutura:** Ozires Silva. **Justiça:** José Bernardo Cabral. **Marinha:** alm. Mário César Flores. **Relações Exteriores:** José Francisco Rezek. **Saúde:** Alceni Ângelo Guerra. **Trabalho e Previdência Social:** Antônio Rogério Magri.

Secretarias – Administração: João Eduardo Cerdeira de Santana. **Ciência e Tecnologia:** José Goldenberg. **Comunicação Social:** Cláudio Humberto Rosa e Silva. **Cultura:** Ipojuca Pontes. **Política Econômica:** Antônio Kandir. **Esportes:** Arthur Antunes Coimbra (Zico). **Geral da Presidência da República:** Marcos Coimbra. **Meio Ambiente:** José Antônio Lutzenberger.

ITAMAR FRANCO

Itamar Augusto Cautiero Franco nasce em 28/6/1931, durante viagem marítima entre Salvador e o Rio de Janeiro. Filho caçula do engenheiro Augusto Cautiero Stibler, descendente de alemães, e de Itália Cautiero Franco, filha de italianos, não conheceu o pai, que morreu de malária, na Bahia, antes de seu nascimento. Por isso, ainda grávida, sua mãe, mineira de Juiz de Fora, embarca num ita (navio de cabotagem) para voltar a Minas e o parto acontece na embarcação, daí o nome Itamar. Em seu registro consta o nascimento em Salvador, mas ele se declara mineiro por opção.

Formado em Engenharia e Administração de Empresas, trabalha no Departamento de Água e Esgotos de Juiz de Fora e atua também como empresário. Descobre a política ainda na faculdade, onde funda o Diretório Acadêmico da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Filiado ao PTB, concorre a uma vaga na Câmara de Vereadores, em 1954, mas não se elege. Em 1958, como candidato a vice-prefeito de Juiz de Fora na chapa de Nicolau Schuery, ainda pelo PTB, consegue ter mais votos que o cabeça de chapa. Mesmo assim, perde a eleição.

Em 1966, se elege prefeito de Juiz de Fora, pelo MDB. E é reeleito em 1971. Em 1974, ganha projeção nacional: Tancredo Neves, candidato natural do MDB ao Senado, não acredita no bom desempenho do partido e cede seu lugar a Itamar, que renuncia à prefeitura para se candidatar a senador e sai vitorioso. No Senado, faz oposição aos governos militares, vincula-se ao chamado grupo autêntico do MDB e, a seguir, do PMDB. Em 1975 acaba vice-líder da bancada oposicionista. Em 1988, se destaca na CPI da Corrupção.

Em mai. de 1989 ingressa no PRN, sendo escolhido como articulador político do partido em Minas Gerais e candidato à vice-presidência na chapa de Fernando Collor de Mello. Ainda em campanha, ameaça renunciar por duas vezes. Já vice, discorda do ritmo das privatizações e quer ser ouvido na escolha do Ministério; declara que a recessão não pode ir tão a fundo; e entra em atritos com ministros nas interinidades (quase demite o então ministro da Justiça, Jarbas Passarinho).

Em 5/5/1992 sai do PRN. Em 2/10/1992, assume interinamente a presidência, após o afastamento de Collor pelo Congresso. Em 29/12 toma posse em definitivo, quando o pres. perde o mandato.

Itamar é divorciado de Ana Elisa Surerus, com quem se casou em 1970, e pai de duas filhas: Georgiana, 23 anos, e Fabiana, 21 anos. Tem dois irmãos mais velhos que ele: o médico Augusto e a artista plástica Mathilde, ambos residentes no Rio de Janeiro (sua outra irmã, Lourdes, morreu ainda jovem, de problemas cardíacos).

1º Ministério – Justiça: Maurício Corrêa. **Relações Exteriores:** Fernando Henrique Cardoso. **Economia:** Gustavo Krause. **Educação:** Murilo Hingel. **Bem-Estar Social:** Jutahy Magalhães Júnior. **Estado-Maior das Forças Armadas:** Luiz Antônio da Rocha Veney. **Exército:** Zenildo Zoroastro de Lucena. **Marinha:** Ivan Serpa. **Aeronáutica:** Lélio Lobo. **Trabalho:** Walter Barelli. **Integração Regional:** Alexandre Costa. **Saúde:** Jamil Haddad. **Minas e Energia:** Paulino Cícero. **Agricultura:** Lázaro Barbosa. **Previdência Social:** Antonio Britto. **Planejamento:** Paulo Haddad. **Comunicações:** Hugo Napoleão. **Cultura:** Antônio Houaiss. **Indústria, Comércio e Turismo:** José Eduardo Andrade Vieira. **Meio Ambiente:** Fernando Coutinho Jorge. **Transportes:** Alberto Goldman. **Ciência e Tecnologia:** José Israel Vargas (ver mudanças no Ministério de Itamar, em 1993, no capítulo *Cronologia*). ■

CIDADANIA

Em 1993, a cidadania do brasileiro é ferida sob muitas formas. Desrespeita-se o direito à vida, à segurança, à igualdade, à educação. Desrespeita-se o voto com o qual o cidadão se faz representar no Congresso, onde parlamentares abusaram de seu poder em proveito próprio. Em 1993, também, a cidadania é exercida intensamente em algumas ocasiões, de forma institucional, como no plebiscito e na CPI do Congresso, ou espontânea, como na campanha nacional contra a fome.

Conceitos – A cidadania é definida como o exercício dos direitos civis e políticos e dos deveres estabelecidos pela Constituição. Numa democracia representativa, os cidadãos exercem seus direitos políticos através do voto, da liberdade de organização partidária e de expressão. O alistamento eleitoral, o comparecimento às eleições, os níveis de filiação partidária e a participação nos movimentos políticos e sociais são indicadores do exercício da cidadania. Mas não são os únicos, já que a cidadania não se restringe à prática dos direitos políticos.

A Constituição de 1988, ao propor o reordenamento da sociedade e do Estado em torno dos princípios da democracia e da justiça, dá grande destaque aos direitos individuais, como o direito à vida, e coletivos, como o direito à educação, considerados como princípios universais da cidadania. A efetivação desses direitos e sua extensão a setores cada vez mais amplos da população significam a própria extensão da condição de cidadão. Isso não ocorre com a simples promulgação da Carta, mas depende de um processo político-social e da interação entre o Estado e a sociedade civil. Portanto, é no terreno da política que são criadas as condições para a efetivação da maioria dos direitos civis. Eles dependem de um pleno exercício dos direitos políticos, o que inclui os mecanismos de fiscalização sobre os representantes eleitos e as formas cotidianas de exercício de poder.

Plebiscito – A Constituição Federal promulgada em 1988 define o Brasil como uma República Federativa, formada pela União, Estados, municípios e Distrito Federal, com um sistema de governo presidencialista. Essas definições no entanto, tinham caráter provisório. A Constituinte transferiu a escolha definitiva sobre a forma e o sistema de governo aos próprios cidadãos. No dia 21/4, 67,01 milhões de eleitores vão às urnas. As questões a decidir são a forma (monarquia ou república) e o sistema de governo (presidencialista ou parlamentarista). A república é referendada por 44,26 milhões de eleitores (66,06% dos votos) e a monarquia soma 6,84 milhões (10,21%). Os votos brancos e nulos chegam a cerca de 24%. Quanto ao sistema de governo, o presidencialismo também é referendado, com 55,45% dos votos. O parlamentarismo recebe 24,65%. Os brancos e nulos somam 19,9%.

O alistamento eleitoral e o comparecimento às eleições são comumente usados como indicadores de participação política da população. De 15/11/1989, data do primeiro turno das eleições presidenciais, até abr. de 1993, época do plebiscito, o alistamento eleitoral cresce cerca de 10%, passando de 82 milhões para 90 milhões de eleitores. O comparecimento às urnas, no entanto, cai quase 14%. Nas eleições para presidente da República, a primeira realizada em três décadas, participaram 88,06% do eleitorado. No plebiscito, votam apenas 74,24%.

No Brasil, a obrigatoriedade do voto enfraquece a posse do título como indicador de cidadania. No entanto, como o título de eleitor é indispensável para a participação no mercado formal de trabalho e também para a obtenção de qualquer outro documento, o alistamento acaba transformando-se em uma espécie de passaporte para a participação nas diferentes esferas da sociedade civil. Segundo o Anuário Estatístico do IBGE de 1992 (com dados de 1988), o título de eleitor é a identificação mais popular no Brasil. Para uma população maior de 18 anos igual a 82,5 milhões de pessoas, a maioria, cerca de 89%, o equivalente a 73,7 milhões, tem título de eleitor. Do mesmo total, 31 milhões (37%) não têm certidão de nascimento; 23,8 milhões (28,8%) não possuem CIC; 21,8 milhões (26,5%) não têm carteira de trabalho; 17,5 milhões (21,3%) vivem sem carteira de identidade. E, apesar de uma boa parcela das empresas brasileiras pagarem seus funcionários através da rede bancária, 56,3 milhões das pessoas maiores de 18 anos, 68,2% do total, não possuem conta em banco.

CPI do Orçamento – Indiretamente, o cidadão exerce o poder de fiscalização sobre seus representantes eleitos, na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), que apura manipulação de verbas do Orçamento da República (ver capítulo *Fatos que Marcaram)*. Depois do escândalo da corrupção no governo Collor, que resultou no *impeachment* do presidente da República em 1992, surgem novas denúncias de desrespeito à cidadania. A CPI desvenda mecanismos de corrupção no Congresso e o comportamento criminoso de vários representantes populares eleitos para as funções legislativas. Parlamentares de diferentes partidos são acusados de manipular verbas públicas em seu próprio benefício e de ganhar dinheiro para apresentarem emendas à lei de diretrizes orçamentárias que beneficiam as grandes empreiteiras, diretamente interessadas na concessão de obras públicas. Além disso, um processo instaurado na Câmara Federal resulta na cassação de três parlamentares – Onaireves Moura, Nobel Moura e Itsuo Takayama, do Partido Social-Democrata (PSD) – acusados de compra e venda de filiação partidária, ou seja, de oferecer e receber dinheiro para trocar de partido político (ver Partidos políticos, pág. 135).

Campanha contra a fome – No movimento Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, lançado em abr. de 1993, sob a liderança do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, a própria sociedade civil chama a si a tarefa de estender os direitos de cidadania. Seu objetivo: ajudar a combater a fome – uma negação frontal a um dos direitos fundamentais definidos pela Constituição, o direito à vida. Mais de 20% da população do país, cerca de 32 milhões de brasileiros, vivem em situação de miséria absoluta: não têm o mínimo necessário para comer. Até o final do ano a campanha consegue uma adesão estimada em 40% da população.

Sem estruturas formais de organização e centralização e distante dos mecanismos oficiais de ação política, a campanha mobiliza empresários, estudantes, artistas, religiosos, donas de casa, aposentados, crianças e até presidiários. Participam vários tipos de entidades – sindicatos, associações de bairro, partidos políticos – mas o movimento não tem dono. Os comitês, estimados em mais de 3.500 em todo o país, são autônomos. Menos preocupados em traduzir em números a quantidade de alimentos arrecadados, têm uma eficiência exemplar: as doações chegam rapidamente às populações carentes. Sua conseqüência: despertar a solidariedade e a consciência de parcelas crescentes da população de que a miséria existe, é um problema social e pode ser erradicada, desde que a própria sociedade se coloque nessa meta.

Em nov. de 1993, o movimento Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida coloca a campanha contra a fome em um outro patamar: não basta dar comida às populações carentes, é preciso garantir-lhes o direito ao trabalho, condição indispensável ao resgate da dignidade e cidadania. É lançada a Campanha pelo Emprego. Em dez., o Ministério do Trabalho apóia a iniciativa e lança projeto de uma ação de emergência com o objetivo de liberar as empresas de encargos sociais sobre novos empregos criados (ver capítulo *Economia*).

Campanha contra a violência – As chacinas da Igreja da Candelária, dia 23/7, e a da favela de Vigário Geral, dia 29/8, no Rio de Janeiro, expõem a existência de grupos de extermínio que vivem à sombra dos órgãos de Segurança Pública. Expõem também o desamparo das popu-

lações pobres e marginalizadas diante desses grupos e, ainda, o abandono em que vivem parcelas significativas das crianças pobres, os chamados meninos de rua. Entidades da sociedade civil manifestam indignação diante desses fatos, protestam e cobram das autoridades a punição dos culpados. Em 17/12, o movimento Viva Rio paralisa o Rio de Janeiro por dois minutos e "abraça" a Igreja da Candelária, em ato contra a explosão de criminalidade na cidade (ver capítulo *Fatos que Marcaram*).

DIREITOS DO CIDADÃO

A Constituição assegura *direitos individuais* a todo cidadão brasileiro – direito à vida, à igualdade, à liberdade, à segurança e à propriedade. Garante também um conjunto expressivo de *direitos sociais ou coletivos*, como o direito à saúde, ao trabalho, à moradia, ao lazer, sem os quais os direitos individuais seriam meras abstrações. Prevê, ainda, uma série de *direitos difusos* (cujos titulares são a sociedade como um todo e, portanto, não podem ser claramente especificados), como o direito à paz, ao meio ambiente saudável e ecologicamente equilibrado e ao uso e conservação dos bens de domínio público.

Direito à vida – É a afirmação do respeito à integridade física e moral da pessoa humana. Isso requer oferta em qualidade e quantidade satisfatórias de trabalho, alimentação, saúde, educação, cultura, lazer, e a manutenção do meio ambiente saudável e ecologicamente equilibrado. Ficam vedados o homicídio, a omissão de socorro, a tortura física ou psicológica, o submetimento ao ridículo, as penas de morte, de confisco, de banimento e cruéis. Para o pleno exercício desse direito é necessário o amparo à infância, à maternidade e à velhice.

Direito à liberdade – Inclui o direito à informação, à opinião, convicção política, filosófica ou religiosa e à liberdade de locomoção, de reunião, de associação e de escolha profissional. A liberdade sofre restrição sempre que estiver em jogo a preservação da sociedade e da vida alheia. A supressão da liberdade é excepcional. É usada pelo Estado como punição e deve ter como objetivo a readaptação do infrator à vida social. Atinge apenas a liberdade de locomoção, não sendo admitida a negação de outros direitos fundamentais.

Direito à igualdade – A Constituição veda qualquer forma de discriminação, seja em função do sexo, orientação sexual, idade, condições físicas e mentais, de raça, cor, origem social ou geográfica, estado civil, opções políticas, filosóficas ou religiosas.

Direito à propriedade – O exercício desse direito é condicionado às necessidades sociais. A Constituição assegura o direito à propriedade privada dos meios de produção – terras e indústrias, por exemplo –, mas condiciona-o ao atendimento de sua função social. A propriedade usada para especulação ou para a degradação do meio ambiente não têm amparo legal. O interesse público pode levantar outras limitações e, inclusive, promover desapropriações. Estas deverão sempre ser indenizadas por um valor justo e em dinheiro.

Direito à segurança – Todo indivíduo tem direito à segurança jurídica, ou seja, à proteção do ato jurídico perfeito, do direito adquirido e da coisa julgada, limitando-se as possibilidades de retroagir as leis apenas aos casos em que isso o beneficie. Os cidadãos também têm direito à segurança pública, com a existência de leis que definam os crimes e sanções para quem praticá-los. Ninguém pode ser preso sem que tenha ocorrido flagrante ou que haja ordem judicial de prisão. Uma prisão efetuada sem essas condições é ilegal e o juiz deve relaxá-la imediatamente. Mesmo quando a prisão é legal, sua realização deve respeitar a inviolabilidade do domicílio. Toda pessoa tem o direito de não se manifestar ao ser presa e de ter sua prisão comunicada à autoridade judicial, aos familiares e ao advogado. Caso o suspeito, indiciado, réu ou sentenciado não tenha meios para contratar um advogado, o Estado deve fornecer-lhe defensores gratuitos.

Garantias constitucionais

Para assegurar os direitos do cidadão, que podem ser definidos como bens e vantagens juridicamente tutelados, a Constituição traz um conjunto de garantias constitucionais, ou seja, instrumentos jurídicos destinados a assegurar o usufruto dos bens e vantagens.

Habeas-corpus – É um instrumento de proteção à liberdade de locomoção do indivíduo dentro do território nacional ou para fora dele, contra atos ilegais ou abuso de poder praticado por agentes públicos. Pode ser preventivo, para impedir coações em vias de serem realizadas, ou repressivo, para sustar uma coação em andamento.

Habeas-data – É destinado a assegurar o direito à informação sobre dados pessoais constantes em registros e bancos de dados governamentais ou de caráter público. Pode ser usado sempre que os responsáveis por esses bancos de dados se recusarem a fornecer informações pessoais aos próprios interessados.

Mandado de segurança – É usado para proteger os demais direitos não amparados pelo *habeas-corpus* ou *habeas-data* diante da realização ou da iminência de ato ilegal ou abuso de poder praticado por agente público. Também pode ser preventivo ou repressivo. A Constituição permite mandados de segurança coletivos, impetrados por partidos políticos com representação no Congresso Nacional, organizações sindicais e demais entidades de classe ou por associações legalmente constituídas há pelo menos um ano.

Mandado de injunção – É destinado a assegurar o exercício de direito previsto na Constituição mas ainda não regulamentado. Cabe ao juiz elaborar uma norma para o caso concreto, permitindo, assim, o exercício desse direito. Pode ser individual ou coletivo.

Ação popular – Seu objetivo é a proteção do patrimônio público, histórico e cultural, do meio ambiente e da moralidade administrativa diante de um ato lesivo, imoral ou ilegal. Pode ser impetrado por qualquer cidadão brasileiro.

Ação civil pública – É mais ampla que a ação popular, pois, além do patrimônio público ou social, também pode ser acionada para proteger outros direitos coletivos ou difusos. Pode ser proposta pelo Ministério Público ou associações juridicamente constituídas, como partidos políticos com representantes no Congresso Nacional e entidades de classe.

Ação direta de inconstitucionalidade – É um instrumento de proteção da própria Constituição e da legalidade. Pode ser usada diante da omissão do legislador em legislar sobre determinado assunto, ou quando uma lei é editada sem que sua elaboração tenha cumprido as formalidades previstas na Constituição ou, ainda, quando fira preceitos constitucionais. Pode ser acionada pelo presidente da República, pela mesa do Senado e da Câmara Federal, pelos partidos políticos com representação no Congresso Nacional, pela Ordem dos Advogados do Brasil, entidades sindicais e de classe de âmbito nacional com mais de um ano de existência legal.

ORGANIZAÇÃO DOS PODERES

A Constituição pode ser entendida como a consolidação de um pacto político que estabelece os balisamentos mínimos necessários para a vida em sociedade. Esse balisamento é dado tanto pela definição dos direitos e deveres dos cidadãos como pela definição das funções superiores do Estado, quais sejam: legislar, administrar e julgar. Essas funções são exercidas através da ação combinada dos três poderes básicos: o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. O cidadão interfere na composição do Executivo através da eleição do presidente da República, governadores e prefeitos e também na composição do Poder Legislativo, através da eleição de seus representantes no Congresso Nacional, assembéias legislativas e

câmaras municipais. A composição do Judiciário difere dos demais poderes porque seus cargos não são eletivos, mas providos através de concurso público. No mesmo título em que dispõe sobre a organização dos poderes da República, a Constituição Federal estabelece as funções essenciais da Justiça, exercidas através do Ministério Público, da Advocacia-geral da União, da Advocacia e da Defensoria Pública.

Poder Executivo

É formado pela Presidência da República e pelos ministros de Estado, pelos governadores e prefeitos com seus respectivos secretariados. O chefe do Poder Executivo da União é o presidente da República, eleito por voto direto junto com o vice-presidente, com atribuições definidas pela Constituição. Os ministros de Estado são auxiliares do presidente e por ele nomeados. Na prática, o Poder Executivo é o responsável pela execução de grande parte das atribuições da União, como emitir moeda, administrar as reservas cambiais do país e fiscalizar as operações financeiras, especialmente as de crédito, câmbio e capitalização; elaborar os planos nacionais, regionais e setoriais de desenvolvimento econômico e social; as diretrizes para o desenvolvimento urbano, o que inclui saneamento básico, habitação e transportes urbanos; explorar ou administrar os serviços de telecomunicações, energia, navegação aérea, transportes e infra-estrutura.

Os ministérios são responsáveis pela elaboração e execução de políticas públicas com diferentes graus de abrangência: da política econômica, que tem um poder de determinar os limites de todas as demais políticas e interfere na vida do conjunto da população, à de incentivo ao cinema nacional, por exemplo, que, de forma imediata, interfere em esferas mais restritas de interesses.

As ações e decisões do Poder Executivo são condicionadas por vários tipos de fatores. O primeiro deles é a própria orientação política do presidente da República e sua equipe. Essa orientação deve ser conhecida do público e expressa em um programa político divulgado como plataforma eleitoral durante a campanha de sucessão presidencial. Como todo candidato a cargo eletivo, quem disputa a Presidência da República precisa ser filiado a um partido político. Ao votar em um dos candidatos, os eleitores estão fazendo uma opção pelo tipo de ação política que orientará o governo durante a gestão daquele presidente, especialmente as políticas econômica e social. Outro fator determinante das ações do Executivo são as negociações estabelecidas com os diferentes setores da sociedade civil. Os grupos fortes, seja por seu poder econômico, seja por sua estrutura de organização, acabam tendo maior poder de influência. Todos os ministérios e os diferentes órgãos da administração pública têm canais de negociação com os segmentos sociais com os quais estão vinculados. Em 1992, por exemplo, o governo abriu mão de uma parcela dos impostos cobrados sobre os novos veículos produzidos no país. A medida foi o resultado de uma negociação entre empresários e trabalhadores do setor automobilístico e o próprio governo. Seu objetivo era conter o ritmo de aumento de preços dos automóveis e fazia parte de uma estratégia para a retomada das atividades econômicas. O espaço para essa negociação foram as Câmaras Setoriais da Secretaria Nacional da Economia, um órgão do Ministério da Fazenda. O resultado foi a relativa recuperação da economia verificada em 1993, puxada justamente pela indústria automobilística.

Em 1993, o Poder Executivo tem os seguintes ministérios ou secretarias com funções ministeriais: Estado-Maior das Forças Armadas, Gabinete Militar, Marinha, Aeronáutica, Exército; Administração; Amazônia Legal; Agricultura; Abastecimento e Reforma Agrária; Bem-Estar Social; Casa Civil; Ciência e Tecnologia; Comunicações; Cultura; Educação; Fazenda; Indústria, Comércio e Turismo; Integração Regional; Justiça, Meio Ambiente; Minas e Energia; Previdência Social; Relações Exteriores; Saúde; Secretaria de Planejamento; Trabalho; Transportes. Em dezembro, o governo prepara uma reforma administrativa que prevê a extinção de alguns ministérios, como o de Integração Regional e Bem-Estar Social, e a fusão de outros, como o de Ciência e Tecnologia com o de Indústria e Comércio, e o de Educação com o de Cultura.

Poder Legislativo

É exercido pelo Congresso Nacional, pelas assembléias legislativas dos Estados e pelas câmaras municipais. O Poder Legislativo da União é o Congresso Nacional, formado pela Câmara dos Deputados e pelo Senado. Sua função é a elaboração e aprovação das leis que regem a vida do país e sua atuação principal é fiscalizar o Poder Executivo. O Legislativo é o fórum privilegiado e institucionalizado para negociação dos representantes do conjunto da sociedade com o Poder Executivo. Como todo ato do governo tem a forma de um instrumento legal – projetos de lei, decretos, portarias e medidas provisórias – e como o Legislativo tem o poder de vetá-los, emendá-los ou aprová-los na íntegra, o Congresso Nacional acaba sendo o grande cenário para as negociações das políticas públicas que interferem na vida da população. As assembléias legislativas e as câmaras municipais têm poderes semelhantes no âmbito dos Estados e dos municípios, respectivamente.

O poder do Legislativo frente ao Executivo é reforçado pela Constituição de 1988, invertendo-se uma relação criada pelo regime militar. Durante a ditadura, o Congresso foi esvaziado de poder de decisão. A política econômica e social era concentrada nos ministérios e no próprio presidente da República. O Congresso não podia, por exemplo, tomar a iniciativa de lei que viesse a gerar despesas para a União. Não podia, inclusive, mexer na lei do Orçamento apresentada pelo Executivo. Além disso, o governo criou mecanismos legais para aprovar seus projetos, como os decretos-lei e a aprovação por decurso de prazo. Ou seja, se o Congresso não apreciasse uma decisão do Executivo dentro de um determinado prazo, ela entrava automaticamente em vigor. Para garantir a aprovação de seus projetos por decurso de prazo, o governo mobilizava os deputados que o apoiavam para esvaziarem o plenário do Congresso, não dando o quórum necessário para qualquer decisão. Com a nova Constituição, o poder de decisão volta ao Congresso. As medidas provisórias do Executivo entram em vigor logo após serem publicadas pelo *Diário Oficial da União* e têm um mês para serem apreciadas pelo Legislativo. Se isso não ocorrer, elas simplesmente caducam. Com isso, o Executivo precisa negociar com o Legislativo para que suas decisões sejam ao menos apreciadas.

Um bom exemplo das relações entre Executivo e Legislativo é o projeto de lei sobre o Orçamento para 1994. Elaborado pelo Executivo em dez. de 1993, expressa a política econômica traçada pelo governo para combater a inflação. O projeto faz uma série de cortes nas verbas destinadas aos diferentes ministérios, com o objetivo de eliminar o déficit público (que ocorre quando as despesas governamentais são maiores do que as receitas), considerado como um dos motores da inflação. Na prática, isso representará menos recursos para saúde, educação, saneamento e outras políticas públicas que interferem na vida do conjunto da população. Cabe aos congressistas pesar os possíveis efeitos da implementação dessa proposta, seus benefícios e custos sociais e decidir se a estratégia adotada pelo governo é ou não a melhor para o país. Além disso, os parlamentares podem apresentar emendas ao orçamento. A decisão de cada um dos integrantes do Congresso é informada por vários tipos de fatores, como o programa do partido político ao qual é filiado e os compromissos assumidos com as chamadas bases eleitorais, ou seja, os interesses dos grupos específicos que ajudaram a elegê-lo.

As bancadas – O Senado representa a própria Federação. É composto por três representantes de cada um dos Estados e do Distrito Federal, 81 no total, eleitos por oito anos segundo o princípio majoritário (ganha quem obtém maior número de votos). A Câmara dos Deputados representa o conjunto da população. É composta por representantes eleitos nos Estados, territórios e Distrito Federal segundo um critério de proporcionalidade. Até 1988, a representação era proporcional ao número de eleitores. Com a nova Constituição, a representação passa a ser proporcional à população e o critério de proporcionalidade é definido por legislação complementar. A Constituição, no entanto, já relativiza a proporcionalidade ao determinar que nenhum Estado poderá ter representação menor do que oito deputados ou maior do que setenta, e fixa o número de quatro para os Territórios. Com isso, os cidadãos de Estados muito populosos, como São Paulo, acabam sub-representados. Enquanto um deputado paulista representa, em média, 525.666 pessoas, um deputado de Roraima representa 26.250 pessoas, ou seja vinte vezes menos. Como os dois têm o mesmo poder de voto na Câmara, na prática, o eleitor de São Paulo tem um poder de representação vinte vezes menor que o de Roraima.

As últimas eleições para a Câmara, em 1990, foram realizadas antes da existência de nova lei que fixasse o critério de proporcionalidade. Para compor a Câmara, o Tribunal Superior Eleitoral decidiu manter o mesmo número de deputados de 1986 (503) e a bancada máxima de 60 deputados por Estado (ver tabela). Nos Estados, o número de deputados nas assembléias legislativas é igual ao triplo do número de representantes do Estado na Câmara, até 36. Atingido esse número, a bancada será acrescida de tantos quantos forem os deputados federais acima de 12. Em Alagoas, por exemplo, cuja representação federal é de 8 deputados, a Assembléia Legislativa é composta por 24 deputados estaduais (3 x 8). Já no Estado de São Paulo, com uma bancada federal igual a 60 deputados, a Assembléia Legislativa tem 84 deputados, ou seja 36 + (60 -12) = 84.

Para a composição da Câmara de Vereadores, a Constituição estabelece os seguintes limites: um mínimo de 9 vereadores e um máximo de 21 para municípios de até 1 milhão de habitantes; um mínimo de 33 e um máximo de 41 para municípios entre 1 e 5 milhões de habitantes; um mínimo de 42 e um máximo de 55 para municípios acima de 5 milhões de habitantes.

Reforma eleitoral – É um dos temas da reforma constitucional prevista para 1994. Pretende mexer com a estrutura de representação dos Estados na Câmara, com a estrutura partidária e com o próprio sistema eleitoral. Quanto à estrutura de representação, será discutida a melhor forma de garantir o preceito constitucional de igualdade política entre os cidadãos, atribuindo-se valor igual ao voto, independente da região onde resida o eleitor. A proposta de estabelecer a proporção direta entre o número de habitantes e de seus representantes na Câmara tem encontrado resistência entre os parlamentares das regiões N e CO, justamente onde é maior a distorção entre número de habitantes e representantes da Câmara. Outra questão a ser debatida é a manutenção do voto proporcional ou sua substituição pela estrutura de voto distrital ou distrital misto. No sistema proporcional, os parlamentares são eleitos pelo conjunto de votos que recebem em todo o Estado. No sistema de voto distrital, os candidatos inscrevem-se para disputar representação de um determinado distrito ou região eleitoral e cada distrito eleitoral elege apenas um representante. No sistema misto existem dois tipos de candidatos: os que disputam a representação dos distritos e os que são lançados numa lista elaborada nas convenções internas dos partidos. Esses são escolhidos segundo sua colocação na lista e de acordo com o número de votos do partido.

Funcionamento – O Poder Legislativo em seus três níveis – Congresso Nacional, assembléias legislativas e câmaras municipais – é organizado em três instâncias: a mesa, as comissões e o plenário. O plenário é a instância máxima e soberana para qualquer decisão do Legislativo. A mesa tem funções administrativas sobre o funcionamento da "Casa", e o cargo de presidente da mesa é chave para o processo legislativo. É ele quem organiza a pauta das reuniões e, portanto, decide quais os assuntos que serão examinados pelo plenário. Tem o poder de obstruir as decisões do Executivo ou os projetos de lei dos parlamentares simplesmente não os colocando em votação. A organização da pauta de votações depende sempre da articulação política entre os parlamentares e da relevância do tema, o que é determinado pelas pressões exercidas pelos diferentes segmentos da opinião pública ou pelo próprio Executivo. A mesa do Congresso Nacional é presidida pelo presidente do Senado. O presidente da Câmara dos Deputados assume a Presidência da República sempre que houver impedimento do presidente da República e/ou do vice.

O Poder Legislativo da União, dos Estados e dos municípios têm comissões permanentes, definidas por seus respectivos regimentos internos, e temporárias, criadas para tratar de assuntos específicos. As comissões permanentes têm poder para discutir e votar alguns projetos de lei sem passar pelo plenário, salvo se houver recurso de pelo menos 10% dos membros da Casa. No caso do Congresso Nacional, os programas de obras, planos nacionais, regionais e setoriais de desenvolvimento devem ir a plenário e as comissões apenas apreciam e emitem pareceres sobre eles, sendo uma instância privilegiada para a elaboração de emendas. As comissões também podem realizar audiências públicas com entidades da sociedade civil, convocar ministros de Estado, outras autoridades e cidadãos para prestar informações, além de receber queixas ou representações de qualquer pessoa contra atos ou omissões das autoridades e entidades públicas.

No final de 1993, a Câmara conta com as seguintes comissões permanentes: Agricultura, Ciência e Tecnolo-

Representação na Câmara

Estado	Deputados	População* (milhões)	Hab. p/dep. (milhares)
São Paulo	60	31,54	525,6
Minas Gerais	53	15,73	296,8
Rio de Janeiro	46	12,78	277,8
Bahia	39	11,85	303,8
Rio G. do Sul	31	9,13	294,5
Paraná	30	8,44	281,1
Pernambuco	25	7,12	284,8
Ceará	22	6,36	289,0
Maranhão	18	4,92	273,3
Pará	17	5,18	304,7
Santa Catarina	16	4,53	283,1
Goiás**	17	4,01	235,8
Paraíba	12	3,20	266,6
Piauí	10	2,58	258,0
Espírito Santo	10	2,59	259,0
Alagoas	9	2,51	278,8
Rio G. do Norte	8	2,41	301,2
Amazonas	8	2,10	262,5
Mato Grosso	8	2,02	252,5
Mato G. do Sul	8	1,77	221,2
Distrito Federal	8	1,59	198,7
Sergipe	8	1,49	186,2
Rondônia	8	1,13	141,2
Tocantins	8	0,92	115,0
Acre	8	0,41	51,2
Amapá	8	0,28	35,0
Roraima	8	0,21	26,2

(*) IBGE, Censo de 1991. (**) A bancada não foi reduzida após a criação do Estado de Tocantins

gia, Defesa do Consumidor, Defesa Nacional, Economia, Educação e Cultura, Finanças, Justiça, Minas e Energia, Relações Exteriores, Seguridade Social, Trabalho, Transportes e Serviços Urbanos.

No Senado, as comissões são em número de sete: Assistência Social, Constituição e Justiça, Economia, Educação, Distrito Federal, Infra-Estrutura, Relações Exteriores e Defesa Nacional. O Congresso também tem comissões especiais mistas, que reúnem deputados e senadores. É o caso da Comissão do Orçamento, que aprecia e propõe as emendas ao projeto de lei de diretrizes orçamentárias enviadas anualmente pelo Executivo para aprovação do Legislativo.

As comissões parlamentares de inquérito (CPIs) são comissões especiais e temporárias do Senado, da Câmara ou mistas, com poderes de investigação próprios das autoridades judiciais. Elas são criadas mediante requerimento de um terço dos membros das respectivas Casas, para apuração de fato determinado e por prazo definido. Suas conclusões podem ser encaminhadas ao Ministério Público para que promova a responsabilidade civil ou criminal dos infratores.

A CPI do Orçamento é uma comissão mista, integrada por deputados e senadores. Ela foi criada para apurar as denúncias de corrupção feitas por um assessor da Comissão de Orçamento do Congresso, o economista José Carlos Alves dos Santos. Investiga a ação de parlamentares (senadores e deputados), quase todos vinculados à Comissão de Orçamento do Congresso, suspeitos de vários tipos de corrupção. Essa CPI apura que várias emendas relativas a verbas de assistência social propostas ou encaminhadas por membros da Comissão de Orçamento beneficiavam entidades fantasmas; que várias emendas relativas a obras públicas beneficiavam algumas grandes empreiteiras; e que o patrimônio e o dinheiro movimentado nas contas correntes de alguns deputados não condiziam com seus vencimentos ou fortuna pessoal. Até o final de 1993, a CPI não havia concluído seus trabalhos.

Os lobbies – A palavra *lobby* é usada para designar a pessoa ou grupos que, nas ante-salas do Congresso Nacional, procuram influenciar os representantes do povo para fazê-los votar segundo os interesses de determinados grupos. Em alguns países, como nos EUA, a atividade é legal. No Brasil, embora não regulamentada, também é exercida pelas grandes empresas ou por setores organizados da sociedade civil. Isso ocorre, por exemplo, em agosto de 1993, quando as centrais sindicais lotam as galerias do Congresso Nacional para pressionar os parlamentares a votarem uma lei de reajuste salarial que reponha integralmente a inflação do mês. Essas ações, no entanto, são públicas e não são consideradas ilegais. Quando a tarefa de convencer os parlamentares a tomar determinado tipo de decisão envolve dinheiro, ou seja, quando a pressão pública é substituída pela compra da posição parlamentar, o *lobby* deixa de ser legítimo e passa a ser ilegal.

TRIBUNAL DE CONTAS

É um órgão auxiliar do Poder Legislativo em seus três níveis – federal, estadual e municipal – para a fiscalização e contenção de irregularidades no gasto do dinheiro público. O Tribunal de Contas da União é formado por nove juízes, três escolhidos pelo presidente da República e seis pelo Congresso Nacional.

Tem a função de avaliar e emitir parecer sobre a prestação de contas anual feita pelo presidente da República e julgar as prestações de contas dos administradores e responsáveis pelo dinheiro, bens e valores públicos da administração direta e indireta, o que inclui as fundações e entidades mantidas por verbas estatais. Também avalia a legalidade dos atos de admissão de pessoal na administração direta e indireta e as contas de pessoas que tenham causado perda ou sejam suspeitas de alguma forma de irregularidade envolvendo patrimônio ou dinheiro público.

Poder Judiciário

É o árbitro institucional para os conflitos de interesses existentes na sociedade. Quando esses conflitos não são superados através de negociações e acordos diretos entre as partes envolvidas, cabe ao Estado decidir sobre quem tem razão. A decisão é tomada através de processos judiciais embasados na Constituição, nas leis, normas e costumes, adaptando essas regras genéricas às situações específicas (o que é chamado de função jurisdicional), e atribuindo o direito a quem julgar que merece. O Judiciário é o único poder da República que não passa por um controle externo, ou seja, embora tenha poder de fiscalizar o Executivo e o Legislativo, não é fiscalizado por nenhum outro organismo, a não ser por suas próprias instâncias internas. É formado pelo Supremo Tribunal Federal, Superior Tribunal de Justiça, tribunais regionais federais e juízes federais, tribunais e juízes da Justiça Especial (Tribunal Superior do Trabalho, Tribunal Superior Eleitoral e Superior Tribunal Militar) e pelos tribunais de Justiça dos Estados. Os municípios não têm Justiça própria. Dependendo do tipo de questão, recorrem à Justiça Estadual ou à Federal. Dos três poderes da República, o Judiciário é o único constituído não por cargos eletivos mas através de concurso público. Os juízes têm cargo vitalício, não podem ser destituídos por decisão administrativa, nem terem seus vencimentos reduzidos. São proibidos de exercer qualquer outro cargo ou função, a não ser o magistério, e também não podem dedicar-se a atividades político-partidárias.

A competência dos diferentes tribunais é definida a partir de uma combinação de fatores, como o tipo de questão a ser discutida, as pessoas envolvidas e o local do território nacional em que se dá o conflito de interesses. Um cidadão qualquer acusado de crime de corrupção poderia ser julgado pela Justiça comum de seu Estado. Se o cidadão em questão é um funcionário público federal, deve ser julgado por um Tribunal Federal Regional. Se for integrante do Poder Legislativo ou Executivo, tem direito a um fórum especial e, neste caso, é julgado pelo Supremo Tribunal Federal.

Funcionamento – Em tese, todo cidadão tem direito à proteção da lei e a recorrer à Justiça sempre que se achar prejudicado no usufruto dos direitos que lhe são garantidos pela Constituição. Na prática, boa parte da população não se socorre de serviços jurídicos, mesmo diante de flagrante desrespeito. Isso ocorre, em parte, porque a população não conhece seus direitos e, em parte, porque a Justiça é inacessível, pois os processos judiciais são lentos e têm alto custo. Os custos processuais variam na proporção dos instrumentos utilizados, das causas que estão em jogo, dos meios de prova, da reputação dos advogados ou dos auxiliares especializados, como peritos, por exemplo. Alguns desses gastos são realizados antecipadamente, como os depósitos ou taxas judiciais e os preparos para a interposição de recursos.

A lentidão dos processos é causada tanto pelo grande número de medidas postas à disposição das partes em conflito, como pela burocracia interna dos próprios tribunais. Um processo pode se iniciar numa vara no interior de um Estado, passar por todo o Judiciário estadual, chegar aos tribunais superiores em Brasília e, finalmente, cair no Supremo Tribunal Federal, onde terá uma decisão final. Esse final, no entanto, encerra apenas a primeira fase do processo, chamado de fase declaratória, ou seja, na qual o Estado afirma qual das partes está com a razão. Depois, o processo volta para a vara inicial, para que a decisão seja cumprida no local onde se iniciou o litígio. Se a decisão não for cumprida espontaneamente, começa então uma nova fase, a de execução. Dependendo dos recursos que forem interpostos, o processo pode voltar a percorrer o mesmo caminho anterior.

A morosidade e os altos custos dos processos judiciais contribuem para que o cidadão não recorra à Justiça para garantir direitos previstos na Constituição, especialmente quando esses direitos não envolvem diretamente

o patrimônio. O exercício do direito à Educação, por exemplo, em tese poderia ser assegurado através de um mandado de segurança. Mas como ele exige a prestação de um serviço pelo Estado e não a condeção de alguém ao pagamento de certa quantia em dinheiro, mesmo que o cidadão vença a causa terá de arcar sozinho com as despesas judiciais. Além disso, como é um direito que não se pode esperar anos para ser exercido, a lentidão da Justiça acaba desencorajando as ações no sentido de reclamá-lo.

Reforma do Judiciário – A discussão sobre a necessidade de uma reforma do Judiciário cresce em 1993 e é um dos temas da revisão constitucional prevista para 1994. O principal ponto levantado para justificar a reforma é a necessidade de estabelecer um controle extêrno ao Judiciário, o que seria feito através da criação de fórum especial, onde os juízes e ministros dos tribunais superiores prestassem conta de suas ações. O debate surge em função do grande número de enfrentamentos do Judiciário com o Legislativo e o Executivo e se acirra em dez., quando os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) empatam ao julgar o recurso impetrado pelo ex-presidente Fernando Collor para anular a cassação de seus direitos políticos. Para dirimir o empate, três ministros do Superior Tribunal Federal são convocados para novo julgamento e Fernando Collor é definitivamente cassado.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

É responsável pela aplicação e interpretação uniforme da Constituição em todo o território nacional. É composto por onze ministros, todos nomeados pelo presidente da República e aprovados por maioria absoluta do Senado Federal. É o único fórum para julgamento de ações diretas de inconstitucionalidade de lei (ver Direitos do cidadão, pág. 130), das ações normativas federais ou estaduais, e também para julgar o presidente da República, ministros de Estado, membros do Congresso Nacional, dos tribunais superiores, inclusive do próprio STF, do Tribunal de Contas da União e dos chefes de missões diplomáticas. Também é a instância para julgamento de *habeas-corpus* impetrados por essas pessoas ou em ações que envolvam um tribunal ou autoridade federal; para mandados de segurança e *habeas-data* contra atos do presidente da República, mesas da Câmara dos Deputados e Senado Federal, Tribunal de Contas da União, do procurador-geral da República e do próprio STF. Julga os mandados de injunção quando a elaboração da norma regulamentadora da Constituição for de responsabilidade do Poder Executivo ou Legislativo da União. Todas as questões da União com Estados estrangeiros, com os Estados da Federação, com o Distrito Federal ou dos Estados entre si, também são julgadas pelo STF, além dos recursos sobre decisões tomadas em outros tribunais de Justiça, sempre que a questão envolver tema constitucional.

SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA

Julga as questões infraconstitucionais e é responsável pela uniformidade da interpretação da lei federal em todo o território nacional. É constituído por 33 ministros nomeados pelo presidente da República e aprovados pelo Senado Federal, sendo que um terço deve ser escolhido entre juízes dos tribunais regionais federais, um terço entre os desembargadores dos tribunais de Justiça dos Estados, indicados em lista tríplice elaborada pelos próprios tribunais, e um terço escolhido entre os advogados e integrantes do Ministério Público Federal, Estadual, do Distrito Federal e dos territórios.

O STJ é o fórum para o julgamento de crimes comuns praticados por governadores dos Estados e do Distrito Federal, e crimes comuns e de responsabilidade de desembargadores dos tribunais de Justiça e de Contas dos Estados e do Distrito Federal, dos tribunais regionais federais, eleitorais e do Trabalho ou, ainda, *habeas-corpus* que envolvam algumas dessas pessoas ou ministros de Estado, com exceção de casos da Justiça Eleitoral. É fórum para julgamento de mandado de segurança ou *habeas-data* que envolvam ministros de Estado ou do próprio STJ. Também julga mandados de injunção quando a responsabilidade pela elaboração de norma regulamentadora for de competência de autoridade ou órgão da administração direta ou indireta federal, com exceção de casos que envolvam a Justiça Militar, Eleitoral, do Trabalho ou o STF. Pode julgar recursos contra *habeas-corpus* concedidos por tribunais regionais federais ou dos Estados e causas decididas nessas instâncias, sempre que envolver lei ou tratado federal.

JUSTIÇA FEDERAL

É responsável pelas causas que envolverem a União, entidade autárquica ou empresa pública federal, exceto falências e assuntos pertinentes à Justiça Eleitoral ou do Trabalho, os crimes políticos e as infrações contra bens, serviços ou interesses da União. É composta pelos tribunais regionais federais (TRFs) e pelo corpo de juízes federais. Os TRFs são formados por no mínimo sete juízes federais nomeados pelo presidente da República, um quinto deles escolhido entre advogados e membros do Ministério Público Federal com mais de dez anos de carreira e os demais mediante promoção por antiguidade ou merecimento de juízes federais com mais de cinco anos de carreira. É fórum para o julgamento de crimes comuns e de responsabilidade de juízes federais, inclusive os da Justiça Militar e do Trabalho, e dos membros do Ministério Público da União. Julga revisões criminais, ações de anulação de sentenças, mandados de segurança e *habeas-data* contra ato ou decisão do próprio Tribunal ou de juiz federal e *habeas-corpus* em matéria criminal de sua competência.

JUSTIÇA DO TRABALHO

É responsável pela resolução de questões trabalhistas e constituída pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST), pelos tribunais regionais do Trabalho (TRT) e pelas Juntas de Conciliação e Julgamento. Concilia e julga dissídios individuais e coletivos entre trabalhadores e empregadores e outras controvérsias nas relações de trabalho. É composto por 27 juízes nomeados pelo presidente da República e aprovados pelo Senado Federal, sendo que onze são escolhidos entre os juízes trabalhistas de carreira, três entre advogados, três entre membros do Ministério Público do Trabalho e dez são juízes classistas, cargo temporário, com igual representação para trabalhadores e empregadores.

JUSTIÇA ELEITORAL

É responsável pelo encaminhamento, coordenação e fiscalização das eleições e do processo de formação e registro dos partidos políticos. É constituída pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), os tribunais regionais eleitorais (TREs) e juntas eleitorais. O TSE é composto por no mínimo sete membros. Dois são indicados pelo presidente da República, três são indicados pelo Supremo Tribunal Federal, escolhidos por voto secreto entre seus ministros, e dois entre os ministros do Superior Tribunal de Justiça.

JUSTIÇA MILITAR

Responsável pelo processo e julgamento de crimes militares. É constituída pelo Superior Tribunal Militar (STM). Os Estados que têm força policial militar com contingente superior a 20 mil integrantes também podem instituir tribunais militares.

JUSTIÇA ESTADUAL

É formada pelos tribunais e juízes dos Estados. São fóruns para as ações de inconstitucionalidade das leis ou atos normativos estaduais e municipais e para as ações criminais, civis e comerciais que não envolvam a União ou pessoas no exercício de cargos públicos federais. Suas demais competências e atribuições são definidas pelas Constituições dos Estados. A Justiça estadual é dividida em comarcas e varas. Esta é uma circunscrição onde atua um juiz individual, que decide sozinho, sem necessidade

de consultar nenhum órgão colegiado. Os recursos às suas decisões são impetrados nos tribunais de Justiça. No Estado de São Paulo existe ainda o Tribunal de Alçada, instância intermediária entre os juízes individuais e os tribunais de Justiça, criado devido ao grande número de processos que tramitam na Justiça do Estado.

Ministério Público

É uma instituição permanente, com autonomia funcional e administrativa, definida pela Constituição como essencial ao funcionamento do Estado. Tem a responsabilidade de defender a ordem jurídica, o regime democrático, a moralidade pública, os direitos sociais e individuais da população e também de fiscalizar a aplicação das leis. Entre suas funções estão a proteção do patrimônio público e social, do meio ambiente e a defesa das populações indígenas. Pode exigir a instauração de inquérito policial e exercer o controle externo da atividade policial. É formado pelo Ministério Público da União, que inclui os ministérios públicos Federal, do Trabalho, Militar, do Distrito Federal e dos territórios, e ministérios públicos dos Estados. Reúne promotores e procuradores e o mecanismo de ingresso na carreira é o concurso público. O chefe do Ministério Público da União é o procurador-geral da República, nomeado pelo presidente da República e aprovado por maioria absoluta do Senado Federal.

Até 1988, o Ministério Público acumulava as funções da Advocacia Geral da União (ver abaixo), separadas pela nova Constituição. Com isso, o Ministério adquire maior autonomia frente ao Executivo, transformando-se em fiscal da vida pública.

Advocacia Geral da União

Criada em 1988 pelo desmembramento do Ministério Público, tem a função de representar e defender judicialmente a União e prestar assessoria e consultoria jurídica ao Poder Executivo. É chefiada pelo advogado geral da União, nomeado pelo presidente da República sem precisar de aprovação do Senado. Reúne a Procuradoria Geral da União, Procuradoria da Fazenda e a Procuradoria dos Estados, Distrito Federal e territórios. O acesso à carreira ocorre através de concurso público.

Defensoria Pública

É definida pela Constituição como uma das instituições essenciais ao Estado e indispensável à administração da Justiça. Tem a função de orientar juridicamente e defender os cidadãos que não tenham recursos para pagar os custos de seus processos. É constituída por advogados, profissão que, segundo a Constituição, é indispensável à administração da Justiça. O acesso à carreira é através de concurso público.

ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

A Constituição assegura a liberdade de organização como um dos direitos fundamentais do cidadão. As várias formas de organização da sociedade civil em entidades de caráter representativo podem ser reunidas em dois tipos básicos: os partidos políticos e as organizações corporativas. Os primeiros têm caráter de representação política geral, articulada em torno de um programa político para o conjunto da sociedade. As organizações corporativas podem ser de caráter sindical, profissional, comunitário ou assistencial, e representam segmentos da sociedade civil para fins específicos. Nos últimos anos vem crescendo um terceiro tipo de organização, as chamadas ONGs (organizações não governamentais), que, embora exerçam representação política de interesses coletivos ou de segmentos da sociedade, não têm caráter partidário ou corporativo. Os movimentos políticos e sociais tendem a reunir partidos políticos, organizações sindicais e comunitárias, além das ONGs.

Partidos políticos

Nas democracias representativas, os cidadãos participam do poder do Estado através de seus representantes eleitos. O Legislativo, cuja função é legislar sobre a vida pública e fiscalizar as ações do Executivo, é a instância de poder onde a representação da cidadania é exercida. Os partidos políticos têm o monopólio dessa representação política, pois são os únicos que podem indicar candidatos aos cargos eletivos. Nesse sentido, são os elos de ligação entre o Estado e o conjunto da sociedade civil.

Os partidos políticos são entidades que transformam uma série de interesses particulares em agregados harmônicos de caráter coletivo. Isso se expressa em um programa político para direcionar a ação do Estado e a formulação das políticas públicas. Em tese, ao votar em um candidato, o eleitor está optando por um determinado programa de ação política, o qual deverá orientar a atuação da pessoa que está escolhendo para representá-lo. No regime democrático, essa é a forma privilegiada de os cidadãos exercerem o controle sobre as políticas públicas e demais ações do Estado. Sua efetivação, no entanto, depende do grau de controle que possam exercer sobre os próprios representantes que elegem. A legislação sobre a formação e funcionamento dos partidos políticos é determinante para garantir esse controle. Ela não só cria as condições formais para a existência de partidos com maior ou menor representatividade, como também estabelece o grau de autonomia e fidelidade dos representantes eleitos frente aos seus partidos e, em decorrência, frente aos cidadãos.

A legislação em vigor tende a diluir os mecanismos de controle do cidadão sobre seus representantes. Simplifica o processo de formação de partidos e permite o lançamento de candidatos apenas com o registro provisório. Caso o partido não consiga cumprir os requisitos para o registro definitivo, os mandatos dos parlamentares eleitos pela legenda permanecem inalterados. Cria-se, assim, a figura de deputado sem partido e, portanto, sem compromisso político com um programa ou estrutura organizada. A atual legislação também acaba com a fidelidade partidária, ou seja, o parlamentar não precisa seguir a orientação política que serviu de base para sua candidatura. Com isso, muitos partidos tornam-se apenas legendas para o lançamento de candidaturas, as legendas de aluguel, processo estimulado pela facilidade de formar novos partidos. Como depois de eleito o parlamentar não precisa mais manter vínculos partidários, sua ação pode ser extremamente individualizada. Pode migrar de um partido para outro, ficar sem partido, ou manter-se na legenda original sem acatar suas decisões. O cidadão, mesmo quando filiado a um partido, fica sem canais institucionais de acesso a seus representantes e o parlamentar passa a ser proprietário de seu mandato. No dia 15/12/1993, a Câmara Federal cassa o mandato de três parlamentares – Onaireves Moura, Nobel Moura e Itsuo Takayama, do Partido Social-Democrata (PSD) – acusados de ações de compra e venda de filiação partidária. Para atingir o número mínimo de parlamentares que permite ao partido disputar as eleições presidenciais, Onaireves e Nobel teriam comprado a adesão de quinze deputados ao PSD, que passa de 6 para 21 parlamentares em menos de quinze dias. Os preços teriam variado de 30 mil a 50 mil dólares. Itsuo Takayama é acusado de vender seu mandato.

Infidelidade partidária – A autonomia dos deputados frente a seus partidos é resultado de uma série de negociações entre o Executivo e o Legislativo iniciadas ainda durante o regime militar. Em 1965, o ato institucional nº 2 dissolveu os partidos políticos existentes. O ato complementar nº 4 instituiu o sistema bipartidário, criando a Arena e o MDB. O bipartidarismo se manteve até 1979, quando o Congresso Nacional extinguiu a Arena e o MDB e aprovou as condições para a criação de novos partidos. Para obter o registro definitivo, cada partido deveria obter 5% dos votos válidos para a Câmara, distribuídos em

nove Estados, sendo que em nenhum deles poderia receber menos de 3% dos votos. Nas eleições de 1982, o governo federal aprovou por decurso de prazo a exigência de voto vinculado para todos os cargos (de vereador a governador todos deveriam ser do mesmo partido) e a proibição de coligações partidárias. A fidelidade partidária também era exigida.

Em 1985, com a Nova República, começa o processo de desmanche do chamado entulho autoritário – a legislação criada pelos governos militares para manter o poder concentrado no Executivo. Foi extinta a figura do decurso de prazo para a aprovação de projetos do Executivo. Reduziu-se a exigência de votos para os partidos obterem seus registros definitivos. Dos 5% do total de votos para a Câmara, o mínimo caiu para 3%; nos Estados, caiu de 3% para 2% – o que representa uma redução de 40% em relação ao total de votos antes exigidos. A fidelidade partidária também deixou de existir e os partidos perderam o controle de suas bancadas. Surgem os blocos de parlamentares, como o Centrão, conhecido por sua atuação durante a Constituinte. Com a Constituição de 1988, os partidos políticos passam a ser entendidos como entidades privadas, com total liberdade para elaborar seus regimentos internos. A vida interna dos partidos passa a ser de interesse apenas de seus filiados e não mais é submetida à fiscalização dos órgãos públicos. Este fato, somado à simplificação das exigências para formar novos partidos, mais o fim da fidelidade partidária, favorece o descolamento dos parlamentares em relação aos cidadãos que, em tese, representam. Isso ocorre no momento em que o Legislativo ganha poder frente ao Executivo, inclusive com a possibilidade de alterar o Orçamento da União e dispor de verbas orçamentárias.

Legislação partidária – Para dar início ao processo de formação de um partido político a legislação em vigor exige apenas as assinaturas de 101 cidadãos, acompanhadas do número de suas carteiras de identidade e títulos eleitorais, apoiando um programa político e estatuto de funcionamento partidário. Com isso, já é possível entrar com o pedido de registro provisório junto ao TSE. Os partidos com registro provisório emitidos até 3/10/1993, e com pelo menos um deputado federal, já podem disputar as próximas eleições para a Câmara, previstas para 3/11/1994. Para concorrer à Presidência da República, os partidos com registro provisório precisam contar com pelo menos 3% dos 503 integrantes da Câmara, o equivalente a quinze deputados. Caso não consigam reunir esse número, ainda poderão disputar a Presidência através de coligações com outros partidos, desde que a soma dos deputados dos partidos coligados chegue a quinze.

Depois de receberem o registro provisório, os partidos têm um ano para cumprir os requisitos necessários para obtenção de seus registros definitivos. A exigência básica é a realização de convenções e eleições de diretórios municipais em pelo menos um quinto dos municípios de nove Estados. O número mínimo de filiados presentes nas convenções municipais obedece ao critério: 2% do eleitorado em municípios com até mil eleitores, igual a vinte filiados; em municípios com até 50 mil eleitores são necessários vinte filiados e mais cinco para cada mil eleitores, ou 270 pessoas no máximo (convenções em municípios com 7 mil eleitores, por exemplo, precisam reunir 20+7x5 = 55 pessoas); municípios com até 200 mil eleitores devem reunir 270 filiados mais dois para cada grupo de mil eleitores, ou 670 pessoas no máximo (se tiver 85 mil eleitores, precisa 270 +(85: 5)x 10 = 440 pessoas); municípios com até 500 mil eleitores precisam 670 filiados mais um para cada grupo de mil, ou 1.170 pessoas no máximo; acima de 500 mil eleitores no município, as convenções precisam reunir 1.170 filiados mais um para cada grupo de 2 mil eleitores.

As convenções municipais elegem os diretórios municipais dos partidos e os delegados para as convenções estaduais. Essas, elegem os diretórios estaduais e os delegados para a convenção nacional. Feita esta última convenção, os partidos podem requerer seus registros definitivos junto ao TSE. O processo, embora aparentemente complicado, não é difícil de ser realizado. Os novos partidos têm preferido fazê-lo em Estados com muitos municípios pouco populosos. Apesar de o número de convenções a realizar ser maior, o número mínimo de filiados é pequeno, facilitando a organização partidária.

Partidos – Em dez. de 1993, são dezenove os partidos com registro definitivo, um com processo de registro definitivo em andamento, nove com registro provisório e seis com registro provisório em andamento. Definitivos: Partido Comunista do Brasil (PC do B), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido da Frente Liberal (PFL), Partido Liberal (PL), Partido da Mobilização Nacional (PMN), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido Popular Progressista (PPP), Partido Progressista (PP), Partido Progressista Reformador (PPR), Partido da Reconstrução Nacional (PRN), Partido Renovador da Ordem Nacional (Prona), Partido Republicano Progressista (PRP), Partido Social Cristão (PSC), Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), Partido Social-Democrata (PSD), Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e Partido Verde (PV).

Com registro definitivo em andamento: Partido Trabalhista do Brasil (PT do B). Com registro provisório: Partido Brasileiro de Defesa dos Direitos da Mulher (PBDDM), Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido da Democracia Cristã (PDC), Partido Geral dos Trabalhadores (PGT), Partido da Justiça Popular (PJP), Partido Social dos Trabalhadores (PST), Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU), Partido Trabalhista Renovador (PTR) e Partido Trabalhista Renovador Brasileiro (PTRB).

Com registro provisório em andamento: Partido da Agricultura do Brasil (PAB), Partido Comunitário da Solidariedade (PCS), Partido Humanista (PH), Partido da Libertação Progressista (PLP), Partido Democrático Espiritual (PDE) e Partido Peregrino Defensor Brasileiro (PPDB).

Reforma partidária – É um dos temas previstos para a revisão constitucional e seu objetivo é diminuir a distância entre os cidadãos e seus representantes eleitos. Os cientistas políticos têm levantado a necessidade de mudar a legislação partidária de forma a evitar o fracionamento e a instabilidade da atual estrutura de representação política. Os pontos a serem alterados são: as exigências mínimas de adesão de eleitores para a formação de partidos que, dos 3% estabelecidos pela legislação em vigor em dez. de 1993, deveria passar para no mínimo 5%; a volta da fidelidade partidária e a criação de mecanismos públicos para a fiscalização da vida interna dos partidos, de forma a evitar os partidos de aluguel e garantir formas de controle dos cidadãos sobre seus representantes. A maior dificuldade para a aprovação de medidas que restrinjam a liberdade de ação dos parlamentares é o fato de elas serem aprovadas pelos próprios parlamentares.

Organizações corporativas

Reúnem parcelas da sociedade em função de situações e interesses comuns e específicos. Têm em comum a luta por melhores condições de vida e trabalho, na maioria das vezes traduzidas em reivindicações por políticas públicas. As organizações comunitárias, por exemplo, costumam reunir moradores de uma mesma região em função de um leque de reivindicações que vai do direito à habitação até melhoria nas condições da vida urbana, como transporte, água, esgoto e segurança. Esses são alguns dos direitos individuais e coletivos definidos pela Constituição brasileira e as lutas populares em torno dessas bandeiras podem ser entendidas como uma forma de ampliação da própria cidadania.

As organizações sindicais têm o caráter formal de representar as categorias profissionais na defesa de seus interesses corporativos, nas negociações salariais e frente ao governo. A estrutura sindical brasileira foi criada a partir da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), editada em 1943, durante a ditadura de Getúlio Vargas. É

formalmente igual para empregados e empregadores, com uma articulação vertical entre sindicatos, federações e confederações. Segundo o anuário estatístico do IBGE de 1992 (com dados de 1988), existem 9.833 sindicatos no país, sendo 5.354 urbanos (54,44%). Desses, 1.532 são de empregadores (28,61%), 3.108 são de empregados (58,05%), 359 de profissionais liberais (6,70%), 277 de agentes autônomos (5,17%) e 78 de trabalhadores autônomos (1,45%). Dos sindicatos rurais, 4.479 no total (45,55%), 1.627 são de empregadores (36,32%) e 2.852 de trabalhadores (63,67%).

Os sindicatos de empregadores são estruturados por ramo de produção (indústria de autopeças, de construção civil etc.) e aglutinam-se em federações e confederações. As federações empresariais têm caráter mais amplo que as de trabalhadores: reúnem o conjunto da indústria de determinada região, como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), por exemplo, ou do país, como a Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Os sindicatos de trabalhadores são organizados por categoria profissional e não por local de trabalho (numa empresa de comunicação, por exemplo, que reúne jornalistas e gráficos, atuam os sindicatos dos jornalistas e dos gráficos com campanhas e negociações salariais em separado); só pode haver um sindicato por base territorial (seja um município, região ou Estado); os sindicatos podem aglutinar-se em federações (estaduais ou interestaduais); e estas em confederações nacionais, uma para cada categoria profissional (Confederação Nacional dos Metalúrgicos, por exemplo). Apesar de a legislação sindical não reconhecer as formas de organização horizontal, ou intercategorias profissionais, os sindicatos de trabalhadores construíram centrais sindicais de caráter geral, com articulações entre categorias de trabalhadores.

Hoje existem três centrais no país: Central Única dos Trabalhadores (CUT), Força Sindical e Central Geral dos Trabalhadores (CGT). São entidades de direito civil, sem fins lucrativos, que conquistaram na prática o papel de interlocutoras do governo nas discussões sobre política salarial e econômica. Sua representatividade é reconhecida pelas federações e confederações que, em grande parte, são filiadas às centrais. Em dez. de 1993, a CUT tem 2.041 sindicatos filiados, com 17,58 milhões de trabalhadores na base. A Força Sindical, com 978 sindicatos, tem 11,40 milhões de trabalhadores. A CGT, com 811 sindicatos, tem 7,5 milhões de trabalhadores na base.

Embora os sindicatos tenham o monopólio para a negociação coletiva das condições de trabalho, é baixo o índice médio de sindicalização no país. Segundo os dados do IBGE, para uma população de 51,73 milhões de trabalhadores maiores de 18 anos (dados de 1988), apenas 9,09 milhões (17,57%) são filiados a algum sindicato ou associação profissional. Entre os trabalhadores rurais, 11,29 milhões, apenas 1,55 milhão (13,75%) pertencem a alguma associação ou sindicato. A participação cresce um pouco entre os trabalhadores da indústria, cerca de 12,49 milhões, com 2,89 milhões de filiados (23,19%). Entre os trabalhadores do setor terciário (serviços), cerca de 27,93 milhões, 4,63 milhões (16,6%) são filiados a algum tipo de entidade. Os dados da CUT (dez. de 1993) são mais otimistas que os do IBGE. Dos 17,58 milhões de trabalhadores na base geográfica de seus sindicatos (o que inclui trabalhadores do setor primário, secundário e terciário), 4,13 milhões (23,49%) são sindicalizados. As demais centrais não têm esse levantamento.

ONGs

As organizações não governamentais surgem como um tipo novo de participante na cena política durante os anos 80 e crescem de importância na década de 90. São entidades de direito civil, sem fins lucrativos, sem vínculos com sindicatos, partidos políticos ou com o próprio governo, embora possam receber financiamentos de fundos governamentais e de outras entidades da sociedade civil brasileira ou internacional. Em jun. de 1992, 1.350 ONGs cadastraram-se para participar da Eco-92, conferência que, além das representações oficiais, reuniu ONGs de todo o mundo.

Essas entidades não se propõem a ser representativas no sentido corporativo, ou seja, de segmentos profissionais ou parcelas específicas da população, mas definem-se como prestadoras de serviços à comunidade. Organizam-se como centros de pesquisas e de ação política e costumam ter algum tipo de especialização temática (como por exemplo as ONGs voltadas para o meio ambiente, para a saúde, defesa dos direitos da mulher ou política urbana). Em seu conjunto, pode-se dizer que o campo de ação dessas organizações é a defesa dos direitos constitucionais individuais, coletivos e difusos (ver Direitos do cidadão, pág. 130). Oferecem serviços e consultorias para instrumentalizar a ação de sindicatos, associações comunitárias, movimentos sociais e ao próprio governo. Constituem-se também como agentes políticos diretos, com programas de atuação definidos por seus próprios integrantes. Têm se destacado como interlocutoras do governo e fiscais das políticas públicas em vários campos, como a defesa do meio ambiente e populações indígenas, saúde pública, educação, política urbana e defesa dos direitos humanos. Participam de conselhos governamentais, como o Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), por exemplo, órgão do Ministério do Meio Ambiente que funciona como espaço de negociação do governo com as organizações da sociedade civil, ou de conselhos estaduais, como os da Condição Feminina.

Atualmente, essas entidades estão articuladas nacionalmente no Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. A partir desse fórum, as ONGs ainda mantêm redes que reúnem entidades nacionais e internacionais para troca de informações e ações conjuntas sobre temas específicos. No final de 1993, as redes temáticas em funcionamento no Brasil são de entidades antinucleares, energia, educação ambiental, reforma urbana, água, clima, mata atlântica e Amazônia.

Em tese, qualquer cidadão pode organizar uma ONG e registrá-la em cartório. Sua projeção social, no entanto, depende do poder de mobilização de seus membros e da capacidade de se fazerem representantes de demandas públicas ou aspirações populares.

Movimentos

Mobilizam setores da população, organizados ou não, em defesa de interesses ou questões políticas específicas. Tendem a ter existência temporária, a menos que se modifiquem internamente, transformando-se em organizações mais sólidas. O Movimento pela Ética na Política, que reúne entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Associação Brasileira de Imprensa (ABI), União Nacional dos Estudantes (UNE), além de sindicatos e ONGs, transformou-se numa espécie de porta-voz da indignação popular diante das denúncias de corrupção do governo Collor. Essa representatividade terminou quando o processo de *impeachment* do presidente foi concluído, embora as entidades que formam o movimento continuem com crédito junto à população e possam vir a mobilizá-la diante de outras questões políticas. O movimento Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida surge em 1993 a partir de uma proposta de combate à miséria apresentada ao governo pelos integrantes do Movimento pela Ética na Política.

Os movimentos de mulheres são um exemplo dos que alcançaram um grau de organização mais sólida, inclusive ocupando espaços dentro da estrutura do Poder Executivo. Atualmente, existe um Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, ligado ao Ministério da Justiça, e todos os Estados da Federação e vários municípios têm um Conselho da Condição Feminina (ou da Defesa dos Direitos da Mulher) ligado às secretarias de Governo ou da Justiça. Esses Conselhos são formados por representantes de entidades de mulheres e servem de espaço de negociação entre esses setores e o governo para a elaboração de políticas públicas. ■

ECONOMIA

Instabilidade, incerteza, altas taxas de inflação e desemprego marcam a economia brasileira em 1993. Em algumas regiões metropolitanas, como São Paulo e Brasília, o desemprego atinge cerca de 15% da população economicamente ativa, segundo pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE). A inflação medida pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), que, em jan., estava em 27,42%, atinge os 35,84% na segunda semana de nov., corroendo fortemente os rendimentos dos assalariados. A estratégia do governo para combatê-la – controle do déficit público –, anunciada ao longo de todo o ano, materializa-se em dez. em cortes no orçamento e aumento de impostos, que penalizam ainda mais os assalariados.

Apesar desses indicadores negativos, as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o primeiro semestre de 1993 indicam um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 5,49% em relação ao mesmo período do ano anterior. No segundo semestre, há uma pequena retração das atividades econômicas. Mesmo assim, segundo projeção do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), o país fecha o ano com crescimento de 4,7% em relação a 1992.

Comparado com a evolução do PIB dos países desenvolvidos, que de acordo com as previsões do Banco Mundial deve ficar em torno de 1,1% ao ano, o crescimento brasileiro é até surpreendente. Essa recuperação, no entanto, deve ser relativizada. Ela tem como referência o ano de 1992, um dos piores para a economia e a população brasileira. A instabilidade política provocada pelo processo de *impeachment* do presidente da República praticamente paralisou o país. Os empresários, à espera de uma redefinição institucional e de mudanças nas regras do jogo econômico, adiaram decisões de investimento. Ao mesmo tempo, promoveram um grande enxugamento nas empresas para reduzir custos e aumentar a competitividade diante dos importados que já disputavam espaço no mercado interno. Resultado: desemprego em massa e recessão (ver Glossário na pág.151). As demissões diminuíram a massa salarial, reduzindo o consumo. O medo do desemprego dos que se mantiveram nos postos de trabalho teve o mesmo efeito: os assalariados pouparam em vez de gastar, adiando as compras de maior vulto, como automóveis, geladeiras e equipamentos eletroeletrônicos. O resultado foi uma redução do nível geral da atividade econômica, e o país fecha o ano de 1992 com um PIB real (ver Glossário) 0,9% menor que o de 1991, segundo estimativas do Banco Central, publicadas pelo Instituto de Economia do Setor Público (IESP).

É sobre essa base deprimida que se dá a recuperação da economia em 1993. O crescimento é propiciado por vários fatores, a começar por uma relativa estabilidade institucional alcançada com a destituição do pres. Collor e a posse do vice, Itamar Franco. Outro fator determinante é a gradativa queda das taxas de juros reais que, de um patamar de 40% ao ano acima da inflação, registrado em out. de 1992, passam a 12% ou 13% até ago. de 1993, quando novamente voltam a subir. Juros baixos desestimulam a poupança e barateiam o crédito, o que se traduz na retomada do consumo e das atividades industriais. Além disso, após os grandes ajustes e demissões de 1992, as empresas de maior porte dão aumentos reais de salário, e a política salarial adotada pelo governo recompõe uma parcela dos rendimentos com menos lentidão, o que também se reflete no consumo. Os acordos firmados entre empresários, trabalhadores e governo nas Câmaras Setoriais contribuem para reduzir o ritmo de aumento de preços, especialmente de automóveis e eletroeletrônicos, setores que puxam a recuperação das atividades econômicas.

A recuperação, porém, é limitada. O crescimento da produção não é acompanhado pelo aumento significativo do emprego ou do investimento, o dinamismo registrado é localizado em alguns segmentos da produção e, com a abertura às importações, parte dele é levado para fora do país. O segundo semestre de 1993 já registra uma contração nas atividades econômicas, o que é sinalizado pelo aumento do desemprego e queda da massa salarial. Os dados do IBGE também mostram uma redução da produção física da indústria, especialmente dos setores de bens não duráveis.

Essa nova redução no dinamismo da economia pode ser explicada pela manutenção do desemprego; a perda de poder de compra dos salários corroídos pela inflação e a retomada do crescimento das taxas de juros. A partir de out., o clima de expectativas em torno de um novo pacote para combater a inflação, cujo anúncio é suces-

Atividade econômica – 1993

Indicadores (variação%)	jan.	fev.	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.	ago.	set.	out.
Produção industrial IBGE*	5,05	0,36	4,80	1,30	2,13	-5,10	-0,80	-2,00	-1,70	nd
Atividade industrial SP - FIESP**	8,00	10,00	30,90	15,80	16,90	14,80 p	8,3 p	14,30	9,90	nd
Faturamento real comércio/SP - FCESP**	-2,47	0,49	31,31	5,97	15,21	14,56	13,72	16,32	-4,68	2,37
Salário médio real** FCESP	15,79	13,92	9,02	6,90	-9,24	5,79	-4,21	10,82	-4,04	1,54
Salário médio real FIESP**	16,70	19,30	23,00	16,80	17,90	16,20 p	15,50 p	14,50 p	nd	nd
Rendimento real médio/SP - DIEESE**	6,10	3,80	3,00	9,90	14,10	0,20	5,10	2,00	2,20	4,00
Taxa de desemprego IBGE*	5,99	5,77	5,88	6,12	6,01	5,42	5,23(1)	5,33(1)	5,05	4,90
Taxa de desemprego/SP Seade/DIEESE*	14,20	15,00	15,80	16,10	15,90	15,40	14,80	14,30	14,00	13,80
Pessoal ocupado FIESP**	-7,7	-6,80	5,70	-5,10	-4,50	-7,10 p	-6,70 p	-6,20 p	nd	nd

(*) Os dados indicam a variação em relação ao mês anterior e (**) variação em relação ao mesmo mês do ano anterior; (1) dados relativos à Região Metropolitana de São Paulo; (p) - dados preliminares; (nd) - dados não disponíveis. FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo; FCESP - Federação do Comércio do Estado de São Paulo

Fonte: FCESP

sivamente adiado até o final de nov., também contribui para a contenção das atividades.

Indicadores – Usados para medir as atividades econômicas (ver tabela Atividade econômica), são elaborados segundo diferentes metodologias e orientam pesquisas que também se diferenciam tanto pelo conjunto de informações recolhidas como pelos setores sociais em que são aplicadas. Seus resultados, portanto, não podem ser comparados diretamente, mas permitem perceber o comportamento dos diferentes setores econômicos. Os dados sobre a produção industrial do IBGE, colhidos nas dez maiores regiões industriais do país, registram o desempenho do setor mês a mês e mostram que a taxa de crescimento, embora não seja constante, é positiva até jun., quando tem início uma queda na produção. Os indicadores de atividade industrial da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), relativos à indústria paulista, mostram que a produção em 1993 é maior que a do ano anterior ao longo de todos os meses do ano. O comércio paulista também fatura mais, exceto em relação a jan. e fev. de 1992, meses que antecedem a crise institucional e a recessão. O melhor desempenho da indústria e comércio, porém, não se reflete no aumento de emprego. A taxa de desemprego medida pelo IBGE em todo o país oscila em torno da média de 5,7% ao longo dos oito primeiros meses de 1993. A pesquisa do DIEESE registra desemprego médio na Região Metropolitana de São Paulo em torno de 15% da população economicamente ativa (PEA), o equivalente a mais de 1,2 milhão de pessoas que permanecem desempregadas ao longo de todo o ano. E isso na região mais industrializada do país. Os dados do DIEESE são diferentes dos elaborados pela FIESP, porque esta contabiliza apenas os trabalhadores com carteira assinada, enquanto o DIEESE também considera o emprego dito "informal" (ver Glossário). O salário real médio, embora apresente oscilações, é maior, com exceção dos registrados no comércio nos meses de mai. a jul., conforme indicadores da FIESP e da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (FCESP).

Quanto ao fôlego dessa recuperação, não há consenso entre os analistas econômicos, e os dados disponíveis no último trimestre de 1993 não permitem concluir se a retração observada no segundo semestre significa apenas uma acomodação dos níveis de atividades em patamares um pouco mais baixos do que os do início do ano ou uma queda mais pronunciada. O único consenso é de que o país ainda está longe de superar a crise econômica e encontrar um modelo de desenvolvimento autosustentado.

A CRISE

No início dos anos 70, a economia brasileira passa por um vigoroso desenvolvimento centrado na substituição de importações de bens de consumo duráveis e sofisticados, ou seja, passa a produzir aqui produtos antes importados, como os automóveis e os eletroeletrônicos. O PIB registra taxas anuais de crescimento bem acima da média mundial, inclusive superiores às dos países desenvolvidos: 11,3% em 1971; 11,9% em 1972, chegando aos 14% em 1973. Este desempenho, no entanto, não se mantém. Em 1981, o crescimento do PIB é negativo, -4,5%; em 1982, de apenas 0,5%, voltando a cair no ano seguinte para -3,5%. O país chega aos anos 90 numa situação que os economistas consideram como de recessão: diminuição das atividades econômicas com queda da produção, aumento do desemprego, diminuição dos lucros e aumento de falências.

Origem – A partir de 1973, o modelo de crescimento baseado na produção de bens de consumo duráveis começa a se esgotar e a economia é direcionada para a substituição de importações de bens de capital, como as máquinas necessárias à produção industrial; bens e insumos intermediários, como aço e outras matérias-primas elaboradas, energia e telecomunicações. Essa estratégia, consolidada no II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), de 1975, exige investimentos muito superiores aos disponíveis no país. A alternativa adotada, além do estímulo aos investimentos internacionais diretos, inclui o endividamento externo. Até 1974, a dívida externa de US$ 17 bilhões não é grande diante das reservas internacionais disponíveis, US$ 5 bilhões, e representa 50% do valor das exportações. O serviço da dívida (juros pagos aos credores) equivale a um terço das exportações. Este quadro muda rapidamente e, no final de 1976, a dívida chega aos US$ 26 bilhões. Para manter o equilíbrio no balanço de pagamentos (ver Glossário), as exportações são intensificadas.

A crise do petróleo, cujos preços quadruplicam a partir de 1973, desequilibra fortemente o balanço de pagamentos. A inflação também cresce: dos 27% ao ano registrados em 1973 passa para os 35% anuais em 1974, pulando para 44% em 1976. Para controlá-la, o governo tenta conter a demanda interna aumentando a taxa de juros reais. Busca recursos externos para financiar o balanço de pagamentos e adota uma política restritiva de consumo de petróleo para diminuir seu peso na pauta de importações. A diferença das taxas de juros internas e externas torna mais barato buscar financiamento no exterior, estratégia adotada por vários setores da economia. Isso acaba afetando as finanças públicas, pois, para absorver os dólares que entram no país, o governo precisa lançar títulos públicos que são valorizados segundo as taxas de juros internas, muito altas para a época. Em conseqüência, cresce o déficit fiscal, ou seja, o governo gasta mais do que arrecada. Mas o dinamismo da economia ainda é suficiente para bancar o déficit e a dívida externa.

As contas nacionais

Ano	PIB real (US$ bi)*	Variação (%)	Dívida exter. (US$ bi)**	Reservas intern. (US$ mi)**
1980	354,7	9,2	64,2	nd
1981	338,7	-4,5	74,0	nd
1982	340,4	0,5	85,3	700
1983	328,8	-3,5	93,6	-1.555
1984	346,2	5,3	102,0	7.522
1985	373,5	7,9	105,1	7.690
1986	401,9	7,6	111,0	4.585
1987	416,4	3,6	121,2	4.433
1988	416,1	-0,1	113,5	5.359
1989	429,9	3,3	115,1	7.268
1990	410,7 p	-4,4	123,4	8.751
1991	414,6 p	0,9	123,9	8.552
1992	410,9	-0,9	132,3	19.008

(*) Valor do dólar ao câmbio de dez./1990; (**) dólar em valor corrente; (p) - dados provisórios; (nd) - não disponíveis
Fonte: Instituto de Economia do Setor Público (IESP)

Explosão dos juros – A situação se agrava a partir de 1979, quando o governo americano eleva suas taxas de juros para quase 20% ao ano, provocando uma drástica mudança na política de juros praticada no mercado internacional. O pagamento aos credores internacionais adquire um peso excessivo sobre o balanço de pagamentos, não apenas para o Brasil mas para o conjunto dos países em desenvolvimento. Além disso, os financiamentos externos ficam mais caros e difíceis. O início da guerra Irã-Iraque duplica os preços do petróleo, o que agrava ainda mais a contabilidade nacional. A dívida em 1979 já está em US$ 50 bilhões e a inflação em 70% anuais. No final desse ano, na tentativa de conter as importações e evitar a saída de divisas, o governo decreta uma maxidesvalorização de 30% no valor do cruzeiro. No ano seguinte, fixa a correção monetária e cambial em 50%, apostando que a inflação cairia para esses patamares. Como ninguém acredita nessa queda, há uma imensa especulação com a formação de estoques, esvaziando a medida. Já na segunda metade de 1980 começa a política de contenção monetária e de crédito. O objetivo é diminuir a demanda do mercado interno para conter as importações e ampliar os excedentes reais para as exportações de

forma a cobrir o déficit no balanço de pagamentos. Para isso, o governo corta os gastos públicos, restringe o crédito e eleva a taxa de juros. O resultado é a recessão aberta. As empresas param de investir e, no início de 1981, começam as demissões em massa, especialmente no setor automobilístico. No ano seguinte, quando o México determina a moratória de sua dívida externa, os credores internacionais se retraem. Já não há mais empréstimos voluntários do exterior e a crise da dívida brasileira chega ao seu auge.

O FMI – Pressionado pelos credores, em 1982 o Brasil recorre ao FMI (Fundo Monetário Internacional) e começa o ajuste externo da economia. O órgão apresenta um verdadeiro receituário para auxiliar os países devedores a equilibrar seus balanços de pagamento: desvalorização da moeda através da depreciação constante da taxa de câmbio, altas taxas de juros, redução da demanda interna e das importações, incentivo às exportações, redução da massa salarial, fim do déficit público e equilíbrio fiscal pelos cortes nos gastos públicos. A aplicação dessas medidas permite um ajustamento gradual da situação das instituições credoras, evitando uma crise maior no sistema financeiro internacional. O Brasil obtém superávits comerciais crescentes, necessários para equilibrar a saída de dólares para o pagamento dos juros da dívida externa. Em contrapartida, há um enorme desajuste interno, marcado pela depreciação crescente do salário real, queda nos níveis de atividade econômica e dos investimentos, com uma hiperinflação latente. As finanças públicas também ficam desequilibradas e as desvalorizações cambiais acabam concentrando a dívida nas mãos do Estado. A recessão e a inflação crescentes corroem as receitas tributárias e as receitas das empresas estatais. A política de juros altos sobre os títulos públicos aumenta a dívida federal.

Em meados da década de 80, a economia brasileira, assim como a de outros países devedores, registra declínio do nível de atividade e de emprego. O FMI adota um novo receituário: liberalização e desnormatização do comércio exterior; apoio ao setor privado como pólo de crescimento econômico; privatização das empresas estatais como forma de eliminar o déficit fiscal; desvalorização da taxa de câmbio para valorizar as receitas vindas das exportações, redução dos gastos governamentais e enxugamento da máquina do Estado. O aumento das exportações seria o motor para o crescimento e desenvolvimento. O superávit fiscal primário (ver Déficit público no Glossário) e o superávit comercial (diferença positiva entre exportações e importações) serviriam para promover a estabilização, garantindo o fluxo de moedas nacionais e de dólares para pagar as dívidas internas e externas (ver Glossário). Na América Latina, apenas três países conseguem ajustar suas economias seguindo essas medidas – Chile, Venezuela e México – e graças a circunstâncias bem particulares. Os três possuem um ativo estatal em dólares, ou seja, setores estatizados da economia (cobre no Chile e petróleo na Venezuela e México) com preços em alta no mercado internacional, que permitem superávits comerciais e fiscais constantes. Sem poder ajustar suas contas, o governo brasileiro perde credibilidade. O resultado são altas taxas de juros, aumento do déficit público e redução da atividade econômica.

Déficit público – Em tese, a estrutura tributária de uma economia tem como objetivo financiar a administração, promover os bens e serviços públicos e sociais, além de ser um fator de redistribuição de renda e de promoção de crescimento econômico. Uma economia só pode ser considerada ajustada do ponto de vista fiscal quando o padrão de financiamento e de gestão do setor público tem a autonomia suficiente para absorver as flutuações do balanço de pagamentos sem acabar com o equilíbrio entre despesas e receitas. No Brasil, nos últimos vinte anos, o esforço para manter o equilíbrio do balanço de pagamentos e pagar os juros da dívida externa têm representado altos custos sociais. Os mecanismos para reduzir a demanda interna com o objetivo de conter as importações deprimem as atividades econômicas, com desemprego e miséria para parcelas crescentes da população. As constantes desvalorizações da moeda, a necessidade de absorver os dólares que entram na economia e as altas taxas de juros praticadas estimulam a inflação e têm exigido um ajuste fiscal constante do Estado. No entanto, a própria inflação e a paralisia das atividades produtivas tornam mais difícil aumentar a arrecadação de impostos. O déficit público é considerado um dos grandes motores da inflação. Quando as despesas são maiores do que as receitas, o governo emite moeda ou títulos públicos para obter os recursos necessários para saldar suas dívidas. A taxa de juros sobre os títulos públicos é o mecanismo utilizado para atrair os empréstimos. Se o governo tem credibilidade, as taxas de juros mantêm-se relativamente baixas e os prazos de resgate de títulos são mais longos. Quando não, o governo se vê obrigado a emitir títulos de curto e curtíssimo prazo, com taxas de juros altas – é o caso brasileiro. As aplicações lastreadas em títulos públicos funcionam como balisadores do mercado financeiro. Quanto mais altas as taxas de juros, mais caros os empréstimos e financiamentos e os preços. A dívida pública também aumenta, pois o governo precisa pagar os títulos revalorizados. Se não houver um grande aumento de receitas, emitirá mais títulos para cobrir essas novas despesas. Juros altos também atraem capitais internacionais para investimentos de curtíssimo prazo e o governo é obrigado a emitir moedas para absorver essa massa de dólares que entra na economia.

Setor público

O déficit público é um dos temas mais debatidos em 1993. E restabelecer o controle imediato entre receitas e despesas é o primeiro ponto da estratégia de combate à inflação anunciada pela equipe econômica do governo que assume em mai. O segundo passo seria uma sólida reforma tributária que criasse um equilíbrio estável entre

Inflação*

Período	Acumulada no período (%)	Média anual	Média mensal
Governos militares (abr./64–mar./85)	977.251,9	55,2	3,7
Sarney (mar./85–mar./90)	2.337.873,4	647,8	18,3
Collor (mar./90–set./92)	10.895,3	555,4	17,0
Itamar (desde out./92)	3.932,4	2.277,9	30,2
Anos 80	50.432.530,0	271,8	11,6
Do Cruzado	7.050,7	351,3	13,4
Do Cruzado Novo	9.975,2	3.905,0	36,0
Anos 90	2.287.424,6	1.197,3	23,8
Dos últimos 12 meses	2.359,3	2.359,3	30,6
Desde abr./64	101.310.000.000.000,0	1.154,3	8,1

(*) Calculada pelo Índice Geral de Preços (IGP-DI), até 30 /11/1993. *Fonte:* Federação do Comércio do Estado de S. Paulo (FCESP)

Arrecadação bruta das receitas federais*

Período	IMPOSTOS				CONTRIBUIÇÕES				TOTAL
	Imposto de renda	IPI	IOF	Total[a]	Finsoc./ Cofins	PIS/ PASEP	Sobre lucro	Total[b]	
1989	18.181	9.169	785	30.911	3.595	2.731	973	7.620	38.351
1990	19.698	9.252	5.831	36.278	6.112	4.395	2.300	13.034	49.311
1991	14.340	8.635	2.218	26.843	5.653	4.253	1.371	11.478	38.321
1992	14.159	8.720	2.444	26.999	3.700	4.222	2.355	10.773	37.772
1993 jan.	1.295	832	226	2.462	331	316	227	903	3.366
fev.	1.351	796	213	2.444	347	340	240	963	3.407
mar.	1.220	650	198	2.231	337	351	218	934	3.164
abr.	1.296	787	202	2.422	416	379	365	1.192	3.614
mai.	2.049	725	230	3.129	395	360	617	1.400	4.529
jun.	1.366	711	229	2.443	398	361	215	1.011	3.454
jul.	1.123	749	242	2.272	413	371	281	1.117	3.389
ago.	994	740	227	2.112	431	371	220	1.060	3.173
set.	1.091	742	225	2.461	435	355	254	1.082	3.543
1993 jan./set.	11.784	6.732	2.021	21.976	3.502	3.204	2.635	9.663	31.639
Composição (%)	37,2	21,3	6,4	69,5	11,1	10,1	8,3	30,5	100

(*) Valores em US$ milhões convertidos pela taxa de câmbio de dez./1990, corrigidos mês a mês pelo Índice Geral de Preços da Indústria; (a) inclui impostos sobre importações, exportações e outros; (b) inclui outras contribuições. IPI - Imposto sobre Produtos Industrializados; IOF - Imposto sobre Operações Financeiras. *Fonte:* IESP

Arrecadação de ICMS*

Período	Brasil	Norte	Nordeste	C.-Oeste	Sul	Sudeste
1989	26.477	989	2.964	1.586	4.721	16.217
1990	29.391	1.109	3.290	1.722	4.580	16.397
1991	27.672	1.104	3.437	1.842	4.584	16.708
1992	25.510	850	3.143	1.703	4.264	15.550
1993 jan.	2.132	71	271	134	372	1.283
fev.	1.835	61	245	122	326	1.080
mar.	1.989	63	242	123	41	1.221
abr.	2.029	69	248	131	356	1.226
mai.	1.888	66	232	130	329	1.131
jun.	1.898	67	229	131	325	1.145
jul.	1.953	73	241	136	337	1.166
ago.[a]	1.911	76	246	129	317	1.144
1993 jan./ago.	15.635	547	1.953	1.036	2.704	9.395
Composição (%)	100	3,5	12,5	6,6	17,3	60,1

(*) Valores em US$ milhões convertidos pela taxa de câmbio de dez/1990, corrigidos mês a mês pelo Índice Geral de Preços da Indústria. *Fonte:* Ministério da Fazenda/IESP

as receitas e despesas do setor público e desse as bases necessárias para uma estratégia de endividamento de mais longo prazo. Em 1992, o déficit do setor público foi de 2,3% do PIB, segundo o Banco Central, com 1,1% desse déficit gerado pelo governo federal, 0,4% pelas empresas estatais e 0,9% pelos governos estaduais e municipais. No primeiro semestre de 1993, o governo tem êxito relativo no controle de suas contas, mas, a partir de jul., pára de divulgar seu balanço de caixa, o que pode indicar um aumento do déficit público. A arrecadação bruta entre jan. e ago. é 14,9% maior que a verificada em igual período no ano anterior. Em set., o montante arrecadado é 15,9% maior do que em ago. e 32,4% superior ao de set. de 1992. As projeções para o final do ano indicam receitas da ordem de US$ 46 bilhões, cerca de 15% a mais que em 1992. Esses resultados são associados à melhora do nível de atividade econômica, às mudanças nas alíquotas ou na sistemática de arrecadação de alguns impostos, e também aos programas de combate à inadimplência e sonegação, que, segundo a Receita Federal, têm promovido um incremento de US$ 500 milhões por mês. Embora o governo anuncie ter reprimido despesas, invista menos do que o previsto no orçamento, atrase pagamentos, renegocie parte de suas dívidas e mantenha, embora em ritmo lento, o processo de privatização das empresas estatais, as despesas também crescem e o balanço de caixa do Tesouro Nacional indica déficit em jul., ago. e set.

A primeira proposta orçamentária do Executivo para 1994, enviada ao Congresso em ago., apesar de estimar uma receita 15,4% superior à de 1993, prevê um déficit operacional na ordem dos US$ 26 bilhões, o equivalente a 6,5% do PIB, o que seria inadministrável. Esse déficit é explicado pelo aumento das despesas com pessoal e encargos, que absorveria 25,5% do total do orçamento, e pela impossibilidade de ampliar a atual base de arrecadação, já que a reforma fiscal, segundo ponto da estratégia de combate à inflação, não se realiza. No final de nov., o governo refaz sua proposta orçamentária. Para diminuir despesas, anuncia mais cortes, inclusive em áreas essenciais, como educação e saúde, e também na folha de pagamentos, através de maior contenção nos salários do funcionalismo e de uma reforma administrativa que reduziria a máquina do Estado. Para ampliar a arrecadação, aumenta todos os impostos federais em 5%. Com esse novo orçamento, promete zerar suas contas.

Reforma fiscal – Os analistas econômicos e o próprio governo afirmam que o déficit público é resultado de distorções estruturais e que somente reformas estruturais

Estatais privatizadas*

Empresa	Preço mínimo no leilão	Valor de venda	Principal comprador
Usiminas	974,1	1 112,4	Consórcio Bozano Simonsen (1)
Celma	72,6	90,7	Andrade Gutierrez, bancos Boa Vista e Safra
Mafersa	18,5	48,4	Refer
Cosinor	12,0	13,6	Grupo Gerdau
SNBP	7,8	12,0	Cinco
Indag	6,8	6,8	IAP
Aços Finos Piratini	42,0	106,3	Grupo Gerdau
Petroflex	178,4	215,5	Consórcio PIC (2)
Copesul	617,0	797,2	Consórcio PPE (3)
Alcalis	46,6	46,6	Grupo Fragoso Pires
CST 1° leilão	294,8	295,4	Grupo Bozano Simonsen, CVRD, Unibanco
CST 2° leilão	36,9	36,9	Grupo Bozano Simonsen e Unibanco
Nitriflex	26,2	26,2	ITAP
Fosfértil	139,3	177,0	Consórcio Fertilfoz
Polisul	56,9	56,9	Hoechst e Ipiranga
PPH	25,2	40,8	Petropar, Himont e Odebrecht
Goiásfértil	2,7	12,7	Fosfértil
Acesita	347,6	450,2	Previ, Sistel, Banco Safra
CBE	10,9	10,9	Unigel
Poliolefinas	87,1	87,1	Odebrecht
CSN	1056,6	1056,6	Bancos Bamerindus, Bradesco, Itaú, Grupo Vicunha e Docenave
Ultrafértil	204,4	204,4	Fosfértil
Cosipa	166,3	330,6	Anquila e Brastubo
Açominas	296,4	554,2	Mendes Junior
Oxiteno	53,9	53,9	Dresder Bank e Ultraquímica

(*) Até out./1993, valores em US$ milhões. (1) Principais empresas: Bozano Leasing, Grupo Econômico, Grupo Bamerindus, Banco América do Sul, Distribuidora de Aço Fasal, Confab e Benafer. (2) Empresas: Suzano, UNIPAR, Coperbo/Norquisa. (3) Empetro, PPH e Poliolefinas. *Fonte:* Instituto de Economia do Setor Público (IESP)

poderiam sanea-lo. Pelo lado das despesas, seria necessário enxugar a máquina do Estado, redefinir várias de suas atribuições, reduzir custos e redefinir os vínculos entre despesas específicas e suas fontes de financiamento. Pelo lado da receita, seria indispensável mudar a estrutura e as bases de arrecadação. Em tese, a idéia não implica aumentar ainda mais os impostos de quem já os paga, mas sim redefinir o conjunto de tributos atualmente existentes, melhorar os critérios de progressividade, diminuindo a carga tributária direta e indireta paga pelos assalariados, taxar áreas hoje subtributadas, como lucros e patrimônio. Para implementar esse conjunto de mudanças é preciso realizar uma revisão constitucional, questão adiada sucessivamente ao longo de todo o ano.

Estatais – Em 1993, as empresas estatais investem menos do que o previsto no orçamento, o que faz parte das medidas de contenção de gastos do governo federal. De jan. a ago., a diferença entre o realizado e o previsto é de 39%. Mantido o mesmo ritmo, essa diferença chegaria aos 60% no final de 1993. Dos investimentos realizados, 81% são feitos com recursos gerados pelas próprias empresas, enquanto o orçamento previa que apenas 67% viriam dessa fonte de financiamento.

O Programa Nacional de Desestatização, parte do projeto de enxugamento do Estado e de controle do déficit público iniciado no governo Collor, começa em ago. de 1990. A primeira estatal privatizada é a Usiminas, em leilão realizado em out. de 1991. Até o final de 1993, o governo promove transferências patrimoniais consideráveis do setor público para o setor privado, praticamente conclui o processo de privatização nos setores siderúrgico e petroquímico e inicia as negociações para o setor de telecomunicações. Quanto ao setor elétrico, limita as privatizações à construção de grandes obras e à abertura do capital das estatais, mantendo seu controle acionário.

Pacote de dezembro – O plano de estabilização anunciado pela equipe econômica é dividido em três fases. A primeira é formada por um conjunto de medidas voltadas para o ajuste fiscal e equilíbrio no orçamento em 1994/95. Prevê mudanças na Lei de Diretrizes Orçamentárias de forma a reduzir as transferências voluntárias de recursos para os Estados e municípios e permitir a emissão de títulos públicos apenas para pagamento dos juros da dívida pública.

A remuneração das disponibilidades de caixa do Tesouro seria usada apenas para pagar os juros da dívida. O aumento de 5% sobre os impostos federais e os cortes no orçamento devem, segundo o governo, eliminar o déficit operacional, ou seja, as receitas devem ser suficientes para cobrir as despesas de custeio, investimento, pessoal e juros da dívida interna e externa.

O plano também prevê a criação de um Fundo Social de Emergência, pela retenção de 15% da arrecadação de todos os impostos e contribuições federais. O ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso encaminha ao Congresso mudanças constitucionais visando repassar atribuições da União para os Estados e municípios, reduzir as vinculações orçamentárias, criar novos impostos e permitir sua imediata aplicação, reduzir os monopólios da União, mudar os sistemas de aposentadorias e flexibilizar o regime de estabilidade do servidor público. A segunda etapa do plano prevê a criação de um indexador diário, a Unidade Real de Valor (URV), vinculada ao dólar comercial, que deveria medir a inflação do momento e não mais a inflação passada. O indexador seria usado para corrigir impostos federais e tarifas públicas, e o Tesouro emitiria títulos em URV para substituir gradualmente os papéis em circulação. O setor privado seria estimulado a adotar esse indexador, mas não obrigado. A expectativa do governo é de que os salários também sejam fixados em quantidade de URV. A terceira fase do plano prevê a transformação da URV em moeda nacional e entraria em vigor na medida em que o novo indexador fosse absorvido pela sociedade.

Até dez., o plano não tinha sido apreciado pelo Congresso Nacional, mas já enfrentava grande resistência entre os parlamentares e membros do Poder Judiciário, devido aos cortes orçamentários propostos.

Indústria

Com um peso de 41,50% no produto real, a indústria é o carro-chefe do crescimento do PIB em 1993. A recuperação da atividade industrial começa entre set. e out. do ano anterior e mantém taxas de crescimento positivas até jun., quando o IBGE registra queda nos níveis de atividade. Mesmo assim, o resultado nos sete primeiros meses de 1993 é 10% superior ao do mesmo período do ano anterior (ver tabela Produção industrial) e a previsão do IPEA é de aumento anual de 7,7%. Projeções feitas pelo Centro de Estudos Tendenciais da Fundação Getúlio Vargas são mais otimistas. Levantamento realizado em out. de 1993 entre as 1.681 empresas responsáveis por 40% das vendas da indústria de transformação indica crescimento de 6% no último trimestre e de 8% no ano.

Esse desempenho não é homogêneo. O maior dinamismo é alcançado pelo setor de bens de consumo duráveis, especialmente na produção de veículos, com um crescimento médio entre jan. e set. 43% superior ao do mesmo período em 1992. Os setores de bens de capital e intermediários, como máquinas e matérias-primas, também crescem, embora em ritmo mais lento, e os segmentos mais dinâmicos são os voltados para atender à demanda dos setores de bens de consumo duráveis, agricultura e comunicações. A produção de bens de consumo não duráveis é a de menor dinamismo e a primeira a apresentar índices negativos de crescimento e a frear o ritmo de recuperação geral da indústria.

Reorientação industrial – A recuperação das atividades econômicas de 1993 encontra as empresas bem mais enxutas que no ano anterior. O agravamento da crise em 1989/90, os choques monetário, cambial e liberalizante do Plano Collor, a necessidade de manter a competitividade não só no mercado externo, mas também internamente devido à abertura às importações, têm levado as grandes empresas a promover vários tipos de ajustes. Os principais são: redução dos custos de gerenciamento; desverticalização e terceirização; redução de mão-de-obra e treinamento multifuncional de funcionários; seleção de linhas de produtos em que as vantagens de custos possam resistir à concorrência com os importados; redução de estoques e adoção de processos produtivos *just-on-time*, ou seja, onde a quantidade de componentes disponíveis é planejada para cobrir as estritas necessidades da produção em curso. Crescem também as associações com bancos privados e públicos para seguro de risco cambial e operações de financiamento das exportações.

As Câmaras Setoriais, mecanismos governamentais criados como instrumentos de controle de preços, têm servido de fórum de discussão entre empresários, governo e sindicatos de trabalhadores para conter o ritmo dos aumentos de preços, ampliar a produtividade com vistas a manter a competitividade diante dos importados e garantir o emprego. O acordo firmado com a indústria automobilística em 1992, por exemplo, foi um dos elementos responsáveis pela retomada das atividades econômicas.

Em 1993, o nível de atividades e as vendas reais da indústria paulista são superiores aos registrados em todos os meses do ano anterior (ver tabela Atividade industrial e pessoal ocupado). O crescimento ocorre pela utilização da capacidade ociosa e não por novos investimentos. O pessoal ocupado diminui em relação a 1992, um ano que já fora marcado pelo desemprego, o que sugere a crescente terceirização de muitas atividades, a utilização de mão-de-obra sem contrato formal de trabalho e o recurso às horas extras. A produtividade aumenta e, embora uma boa parcela da indústria tenha dado aumentos reais aos seus funcionários, o salário pago por hora trabalhada começa a diminuir a partir de jun., tanto em sua evolução mensal quanto em comparação ao mesmo período no ano anterior. Os reajustes de salários pela produtividade também registram essa tendência decrescente (ver tabela Custo salarial e produtividade na indústria).

Produção industrial*

Período/variação	Geral	Bens de capital	Bens interm.	Bens duráveis	Não duráveis
1989	122,8	104,0	130,3	134,1	116,9
	3,1	-0,1	2,5	2,6	3,8
1990	111,4	88,4	119,0	125,9	110,7
	-9,3	-14,9	-8,7	-6,1	-5,3
1991	110,9	79,8	120,6	130,9	109,3
	-0,4	-9,8	1,3	4,0	-1,2
1992	106,2	68,9	118,9	121,7	102,4
	-4,2	-13,6	-1,4	-7,0	-6,4
1992 jan./set.	105,7	69,1	118,4	117,3	101,8
	-5,4	-13,4	-2,1	-11,6	-8,1
1993 jan./set.	116,8	79,3	127,4	167,7	107,8
	10,5	14,6	7,5	43,0	5,9
1993 jan.	115,9	73,4	125,4	153,6	113,1
	12,1	14,2	6,8	45,6	9,8
fev.	116,5	73,8	128,1	158,5	109,8
	5,1	1,0	5,5	21,9	1,7
mar.	122,1	86,5	129,5	186,7	115,7
	12,0	18,5	6,6	63,8	7,0
abr.	120,6	82,0	129,8	185,0	110,5
	11,2	12,2	7,2	64,2	6,4
mai.	121,8	81,8	132,1	182,6	112,3
	13,7	14,3	9,2	49,4	12,5
jun.	115,7	77,3	128,3	162,5	103,6
	9,8	11,5	7,8	38,2	4,1
jul.	115,1	77,4	126,4	160,0	104,2
	11,1	15,4	9,4	37,1	5,0
ago.	112,6	81,5	123,8	163,0	99,1
	10,6	24,8	8,9	43,4	0,7
set.	110,7	79,6	122,8	157,6	101,3
	9,2	20,9	7,2	27,1	5,1

(*) A primeira linha de cada período mostra o índice de crescimento; 1981 é o ano de referência, com índice igual a 100; a segunda linha é a variação percentual em relação a igual período do ano anterior. *Fonte:* Instituto de Economia do Setor Público (IESP)

Atividade industrial e pessoal ocupado – SP*

Período/ variação	NA[1]	Vendas	Pessoal ocupado	NUCI[2]
1989	101,3	101,5	101,0	80,1
	1,3	1,6	1,0	
1990	89,7	78,7	98,9	72,9
	-11,4	-22,5	-2,1	
1991	88,5	76,7	91,2	72,3
	-1,4	-2,5	-7,8	
1992	84,9	76,3	85,4	70,7
	-4,1	-0,6	-6,4	
1993 jan./set.	95,7	84,4	82,4	74,8
	13,6	11,0	-4,3	
1993 jan.	85,8	74,5	82,3	70,6
	3,7	11,1	-7,3	
fev.	92,2	73,5	82,2	71,0
	1,1	10,2	-6,6	
mar.	101,8	90,3	82,3	76,5
	30,9	27,8	-5,6	
abr.	101,7	83,3	82,5	75,0
	16,6	13,1	-4,9	
mai.	97,8	85,8	82,6	76,1
	16,9	13,0	-4,3	
jun.	96,7	84,6	82,7	75,9
	14,6	11,1	-3,4	
jul.	97,4	84,5	82,7	76,8
	9,4	3,6	-2,6	
ago.	94,5	83,9	82,5	76,5
	14,3	14,6	-2,2	
set.	95,7	82,4	82,2	77,5
	9,6	4,0	-1,9	

(*) A primeira linha de cada período mostra o índice de crescimento, 1988 é o ano de referência, com índice igual a 100; a segunda linha mostra o percentual de crescimento em relação a igual período do ano anterior; (1) nível de atividade; (2) nível de utilização da capacidade instalada; utilização plena = 100%. *Fonte:* FIESP/IESP

Custo salarial e produtividade na indústria – SP*

Período/ variação	Salário/ hora	Variação/ produtiv.	Salário/ produtiv.[1]
1989	103,9	101,5	102,4
	3,9	1,5	2,4
1990	97,1	100,5	96,6
	-6,6	-0,9	-5,7
1991	96,7	104,7	92,3
	-0,3	4,1	-4,4
1992	108,1	108,7	99,5
	11,8	3,8	7,7
1993 jan./set.	107,7	117,0	92,5
	2,4	7,6	-4,4
1993 jan.	116,9	111,3	105,0
	13,3	2,4	10,7
fev.	114,3	112,3	101,7
	16,9	2,5	14,0
mar.	110,5	113,9	97,0
	7,8	3,3	4,3
abr.	113,9	115,2	98,9
	9,3	4,5	4,6
mai.	106,5	117,8	90,4
	1,8	8,5	-5,9
jun.	104,1	119,0	87,5
	-3,5	9,9	-12,2
jul.	103,9	120,3	86,4
	-5,5	11,6	-15,4
ago.	100,7	120,3	83,8
	-8,9	12,3	-18,8
set.	98,2	121,5	81,6
	-6,6	13,2	-16,7

(*) A primeira linha de cada período mostra o índice de crescimento, 1988 é o ano de referência, com índice igual a 100; a segunda linha mostra o percentual de crescimento em relação a igual período do ano anterior; (1) salário reajustado pela produtividade. *Fonte:* IBGE/IESP

Comércio

As vendas no comércio varejista refletem a recuperação da indústria e o aumento do emprego, especialmente o "informal". O crescimento acumulado entre jan. e set. de 1993 é 12,4% superior ao registrado no mesmo período do ano anterior (ver tabela Vendas do comércio). O setor mais dinâmico foi o de bens de consumo duráveis, com uma variação no período de 19,1%. A venda de veículos tem superado suas marcas históricas, com um acumulado de quase 25% até ago. O setor de semiduráveis também mostrou grande dinamismo, com um crescimento de 17,8% puxado pelos segmentos de eletroeletrônicos, tecidos e vestuário. As taxas negativas na comercialização de materiais de construção são um dos indicadores do não investimento tanto do setor privado, que não amplia sua capacidade instalada, como do setor público, que mantém suas obras congeladas dentro da política de equilíbrio de contas.

O pequeno crescimento da comercialização de bens de consumo não duráveis reflete tanto os efeitos da inflação sobre o salário como o desemprego. Da mesma forma, o desempenho negativo do setor de autopeças sugere que uma boa parcela da população não está em condições de investir na manutenção de seus automóveis e que o dinamismo na venda de novos veículos é sustentado apenas pela camada de alta renda. Apesar do crescimento, o índice médio de 61,2 verificado nas vendas de jan. a set. de 1993 está longe de alcançar a média de 1989, de 105,3 (ver tabela). A explicação é a mesma para a recuperação da indústria: ela ocorre sobre uma base extremamente deprimida, a de 1992, e também não apresenta o mesmo dinamismo em todos os setores. Mostra, ainda, que a recuperação da economia não só não aumenta o emprego como vem acompanhada de maior concentração de renda, pois o consumo dos bens vinculados ao salário são os de menor crescimento e também os primeiros a cair.

Agricultura

O setor agrícola, segundo projeções do IPEA, deve expandir sua participação no PIB em 0,8%. O crescimento de 23,6% na produção de bens de capital para a agricultura nos primeiros oito meses de 1993 em relação a igual período do ano anterior e o crescimento mensal médio de 18% entre ago. de 1992 e de 1993 indicam um maior dinamismo do setor. A produção de bens intermediários para a agropecuária também cresce – 6% nos oito primeiros meses de 1993 e 8,8% na média mensal.

Esse dinamismo, no entanto, é bem desigual. A produção total de cereais, leguminosas e oleaginosas pode chegar a 68,67 milhões de toneladas, segundo estimativas do IBGE, o que representa um crescimento de 1,58% em relação ao ano de 1992, quando foram colhidas 67,60 milhões de toneladas.

O volume da produção de arroz é 2,15% maior que o de 1992. Quanto ao feijão, as três safras somadas em 1993, são 10,44% inferiores às do ano anterior. Também há diminuição da área cultivada, possivelmente devido à queda dos preços mínimos a níveis inferiores aos pagos no ano anterior e também pela redução dos limites sobre o valor básico de custeio. A safra total de milho, um produto importante não apenas para a alimentação humana mas como insumo para a criação de rebanhos, é 4,51% menor, com uma retração de 10% da área plantada. A soja apresenta bons índices de crescimento, 18,65% a mais que no ano anterior. Os preços alcançados nas safras de 1992 estimularam a expansão da área cultivada e o setor também registra uma recuperação dos níveis de produtividade. A safra de algodão cai 37,48% em relação à do ano anterior e também há uma retração na área de cultivo, possivelmente pelos baixos preços dos produtos no mercado e pelos prejuízos registrados no ano passado.

A produção de trigo, segundo estimativas do IBGE, é 16,41% inferior à de 1992. Além da redução da área cul-

Vendas do comércio varejista com ajuste sazonal – Grande São Paulo*

Período/ variação	Total geral	Duráveis	Semi-duráveis	Não duráveis	Veículos	Auto-peças	Mat. de construção
1989	105,3	112,9	99,7	106,5	92,6	102,7	110,0
1990	79,8	88,8	69,9	81,2	72,9	76,6	75,2
1991	62,7	64,3	51,8	65,4	71,6	52,0	54,1
1992	58,0	47,1	37,6	68,0	82,1	42,5	47,5
1992 jan./set.	54,5	45,6	37,1	67,0	78,3	45,3	47,8
1993 jan./set.	61,2	54,3	43,7	70,3	98,9	44,6	45,2
	12,4	**19,1**	**17,8**	**5,9**	**26,4**	**-1,5**	**-5,4**
1993 jan.	51,2	50,5	29,5	64,9	65,7	37,4	38,2
	-2,5	**2,8**	**10,0**	**6,4**	**-15,6**	**-20,7**	**-15,2**
fev.	53,4	49,5	31,7	68,0	71,3	39,6	40,7
	0,5	**13,5**	**11,3**	**-3,0**	**-0,8**	**-15,2**	**-14,0**
mar.	66,6	63,9	37,1	82,5	108,8	45,6	50,5
	31,3	**32,6**	**30,9**	**16,7**	**71,7**	**7,2**	**6,2**
abr.	63,0	55,1	35,7	81,9	92,6	48,8	44,4
	6,0	**13,5**	**9,8**	**8,9**	**-2,6**	**7,1**	**-5,2**
mai.	60,7	56,8	54,0	73,0	98,7	50,6	47,5
	15,2	**13,8**	**24,2**	**7,2**	**34,1**	**10,2**	**2,2**
jun.	60,8	54,8	56,5	69,1	101,1	45,5	46,8
	19,6	**27,3**	**30,9**	**5,1**	**47,9**	**-1,8**	**-4,0**
jul.	64,8	57,3	50,9	69,3	108,8	47,7	48,3
	13,7	**25,1**	**8,6**	**5,6**	**30,2**	**0,6**	**-6,3**
ago.	66,2	56,1	56,8	68,3	125,5	45,1	46,2
	16,3	**25,5**	**21,8**	**-0,4**	**46,1**	**2,2**	**-5,7**
set.	64,1	44,8	41,5	59,3	117,8	40,6	45,2
	12,6	**19,1**	**17,8**	**5,5**	**26,4**	**-1,5**	**-5,5**

(*) Índices de crescimento, 1988 é o ano-base, com índice igual a 100; dados em negrito indicam a variação percentual em relação ao mesmo período do ano anterior. *Fonte:* Instituto de Economia do Setor Público (IESP)

Ano agrícola 92/93 – principais culturas

	Área plantada (ha)		Variação	Produção (t)		Variação
	92	93	%	92	93	%
Algodão	1.594.196	945.943	-40,79	1.862.904	1.164.697	-37,48
Arroz	4.686.963	4.441.862	-5,23	9.961.899	10.176.384	2,15
Aveia	284.027	279.689	-1,53	295.283	310.664	5,21
Batata Inglesa*	172.425	160.889	-0,69	2.421.041	2.307.399	-4,66
Cacau	730.637	734.275	0,50	328.103	332.090	1,22
Café	2.498.489	2.302.501	-7,84	2.587.132	2.667.807	3,12
Cana-de-açúcar	4.201.304	4.024.316	-4,21	271.431.903	260.121.131	-4,17
Cebola	75.199	65.862	-12,42	886.128	821.262	-7,32
Feijão*	5.141.960	4.055.098	-21,13	2.795.011	2.503.243	-10,43
Fumo	543.127	380.579	10,91	577.494	671.513	16,28
Laranja	986.517	771.597	-21,79	98.285.713	86.912.586	-11,57
Maçã	24.124	25.418	5,41	2.996.979	3.488.003	16,38
Mandioca	1.826.219	1.832.408	0,34	21.917.513	22.775.185	3,91
Milho**	13.388.953	11.890.066	-11,19	30.556.634	29.177.581	-4,51
Soja	9.435.691	10.648.622	12,85	19.184.919	22.762.777	18,65
Sorgo	159.106	132.541	-16,70	285.437	249.527	-12,58
Tomate	51.818	52.971	2,23	2.132.681	2.235.816	4,84
Trigo	1.957.748	1.348.524	-31,12	2.795.979	2.337.105	-16,41
Uva	59.667	60.425	1,27	798.800	806.303	0,94

(*) Com soma da área cultivada e da produção nas três safras do ano; (**) com soma da área cultivada e da produção em duas safras do ano. *Fonte:* IBGE – ago./1993

tivada, adversidades climáticas provocaram perdas significativas nos terrenos já plantados e a área colhida deve ser bem menor que a do ano anterior, com uma queda estimada em 31%. As estimativas para a colheita de 1993 são de 2,33 milhões de toneladas, o que é 42% menor do que a média do período 1988/1992, de 4,02 milhões de toneladas. Preços não compensatórios e dificuldades na comercialização têm levado à redução da área cultivada em todo o país e ao aumento das exportações. A exceção é o Rio Grande do Sul, onde a cultura vem crescendo devido à excelente produtividade alcançada em 1992, às estratégias de financiamento das cooperativas, que têm usado o próprio produto como moeda, e ao aumento dos moinhos coloniais.

Serviços

Entre 1980 e 1991, o setor terciário apresenta um crescimento de 34%, segundo dados do IBGE. Nesse mesmo período, o setor agropecuário (primário) cresce em torno de 30% e a indústria (secundário) em apenas 3%. A gama de atividades colocada sob a rubrica serviços é muito grande, incluindo dos bancos ao comércio varejista, bares, restaurantes e escritórios. No entanto, a Pesquisa de Emprego e Desemprego realizada pelo DIEESE e Fundação Seade ajuda a qualificar esse crescimento e mostra que os serviços ligados à indústria têm uma importância crescente na criação de empregos na Região Metropolitana de São Paulo.

A terciarização – O crescimento do setor de serviços (terciário) no conjunto da economia – a chamada terciarização – é um fenômeno que vem ocorrendo em todo o mundo como resultado de dois fatores básicos. O primeiro é a aplicação do progresso técnico ao processo produtivo, especialmente com a informatização e automação das indústrias, o que reduz o número de operários e aumenta o setor de prestação de serviços. O segundo fator é a terceirização na indústria – transferência para terceiros de atividades antes administradas pelas próprias empresas.

No Brasil, o crescimento do setor terciário ocorre menos pela incorporação do progresso técnico à produção e mais pela terceirização, estratégia adotada pelas indústrias para reduzir custos e preservar a rentabilidade diante da crise. Pesquisa realizada em1992 pela empresa de consultoria internacional Price Waterhouse com as quinhentas maiores empresas do país avalia que, entre as que realizaram algum tipo de terceirização, 48,9% apresentaram aumento na produtividade por empregado, 38% reduziram seus custos e 51% alcançaram maior eficiência administrativa.

Dados do DIEESE colhidos entre quarenta empresas que já terceirizaram algum tipo de tarefa mostram que 62,5% o fizeram em atividades de apoio e de produção; 35% apenas em atividades de apoio e 2,5% apenas em atividades produtivas. A terceirização predominou nos seguintes setores: faxina e limpeza (62,5%), segurança e portaria (47,5%), transporte (40%), restaurante (40%), manutenção (40%), projetos e engenharia (15%). Na medida em que essas atividades são transferidas para empresas prestadoras de serviço, elas deixam de pertencer ao setor industrial e vão engrossar o setor terciário. É a terciarização brasileira.

Emprego no setor de serviços ligados à indústria

Ano	Crescimento %
1987	5,65
1988	12,99
1989	15,25
1990	16,95
1991	26,55

Fonte: DIEESE/Seade

OS BANCOS

Inflação e altas taxas de juros – fatores que tendem a retrair as atividades econômicas – não impedem o crescimento do sistema financeiro. Enquanto a rentabilidade média das quinhentas maiores empresas não financeiras do país é de 2,2% sobre o patrimônio, segundo a pesquisa Maiores e Melhores realizada pela revista *Exame* para o ano de 1992, a rentabilidade dos bancos é de 9,5%. Se os juros altos reduzem a procura de empréstimos para o financiamento da produção, os bancos mantêm seus lucros aplicando o dinheiro dos clientes em títulos públicos. Com a inflação, o saldo parado numa conta bancária ou o prazo entre o recebimento de um pagamento – de uma simples conta de telefone ou prestação de carnê de crédito – representam de 20% a 30% das receitas dos bancos de varejo. Segundo estimativas do IBGE, a participação dos bancos no PIB passa dos 8,1% em 1991 para 9,3% em 1992, o que significa um crescimento na ordem dos US$ 6 bilhões. Os bancos privados são, possivelmente, o primeiro setor da economia a investir na modernização e no enxugamento administrativo. Do Plano Cruzado ao final de 1992, mais de US$ 6 bilhões são aplicados em automação. No mesmo período, são cortados 230 mil postos de trabalho, o equivalente a 25% do total de funcionários existentes em 1985. A competição entre os bancos também aumenta, com maior especialização e a diversificação dos serviços prestados. Os bancos de investimento, muitos deles sem agências abertas ao grande público, especializam-se em sofisticadas opera-

Os dez maiores bancos

Em rentabilidade do patrimônio*

1. Bozano Simonsen	60,7
2. Pactual	44,4
3. BMC	33,8
4. Safra	20,2
5. Geral do Comércio	18,3
6. Itamarati	17,9
7. Multiplic	17,7
8. Besc	17,0
9. Bemge	16,7
10. Banestado	16,6
Média do setor	**9,5**

(*) Lucro líquido sobre patrimônio líquido, em %

Em crescimento de depósitos*

1. Votorantim	666,8
2. Icatu	408,7
3. Bozano Simonsen	360,5
4. Credibanco	251,8
5. Pactual	238,4
6. BRB	133,5
7. Tokyo	106,0
8. BMC	100,2
9. BCN	94,2
10. Multiplic	91,3
Média do setor	**47,7**

(*) Descontada a inflação, em %

Em rentabilidade dos ativos*

1. Pactual	8,1
2. Bozano Simonsen	4,8
3. Itamarati	3,4
4. BMC	3,2
5. Banestado	2,8
6. Itaú	2,6
7. Bradesco	2,3
8. Tokyo	2,1
9. Besc	2,0
10. Geral do Comércio	1,9
Média do setor	**1,0**

(*) Lucro líquido sobre o total dos ativos, em %

Em alavancagem financeira*

1. Mercantil de S. Paulo	1,8
2. Mercantil do Brasil	2,7
3. Holandês	2,9
4. Mitsubishi	3,5
5. Itaú	3,8
6. Bradesco	4,2
7. Itamarati	4,3
8. BRB	4,4
9. Pactual	4,5
10. Meridional	4,7
Média do setor	**9,4**

(*) Relação entre o exigível e o patrimônio líquido

Crescimento dos empréstimos*

1. Votorantim	145,5
2. Bozano Simonsen	92,4
3. Bicbanco	72,0
4. Nacional	69,6
5. Icatu	62,1
6. BFB	57,8
7. Cidade	54,0
8. Geral do Comércio	52,7
9. BMC	46,4
10. Pactual	44,7
Média do setor	**17,0**

(*) Descontada a inflação, em %. *Fonte:* Revista *Exame*, 23/6/1993

ções financeiras, como fusões, aquisições e reorganização de empresas e privatizações. A abertura do mercado financeiro para a participação direta dos investidores internacionais trouxe também uma nova área de atuação, a intermediação de investimentos externos, com vários deles abrindo sedes no exterior, especialmente nos paraísos fiscais, para melhor captação de clientes.

Setor externo

A política de abertura comercial adotada desde o governo Collor, com a liberação das importações e redução das alíquotas, tem levado ao crescimento desse item na balança comercial. Nos oito primeiros meses de 1993, as importações são 26,8% maiores do que no mesmo período do ano anterior, o que também é explicado pela relativa recuperação das atividades econômicas internas e por uma taxa de câmbio favorável.

Matérias-primas e bens de capital são os itens que mais cresceram na pauta de importações – o que pode contribuir para o processo de modernização da indústria –, os bens de consumo têm um crescimento moderado e o aumento da compra de combustíveis e minerais é insignificante. As exportações crescem 11,3% em relação ao mesmo período do ano anterior, com destaque para os manufaturados, que aumentam 13,6%, e básicos, com crescimento de 13%. Apesar de o crescimento das importações ser maior que o das exportações, o desempenho do setor externo é considerado positivo diante do baixo desempenho da economia mundial e o país deve fechar o ano com saldo na balança comercial. Entre jan. e ago., o superávit registrado é de US$ 9,1 bilhões, 8,8% menor que o do mesmo período do ano anterior, e as projeções feitas pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) indicam até o final do ano um saldo de caixa na ordem dos US$ 13 bilhões.

O bom desempenho das exportações chega a ser significativo quando se considera que isso ocorre num quadro de retração da economia internacional. Esse resultado deve-se ao redirecionamento das vendas externas, especialmente para a China (mais 159% em relação ao ano anterior), Uruguai (+126%), Paraguai (+100%), Colômbia (+51%), Chile (+32%) e Argentina (+23%), mercados que aumentaram de 14,8% para mais de 20% sua participação na pauta das exportações brasileiras.

O saldo cambial também vem mostrando resultados positivos e, até meados de out., acumulava um superávit de US$ 10,6 bilhões. Em set., o país registrou uma grande saída de divisas em virtude da política restritiva do Banco Central para os investimentos externos no mercado financeiro. Uma situação rapidamente revertida já que as taxas de juros pagas internamente, superiores às do mercado internacional, têm garantido a entrada de capitais de risco para aplicações financeiras de curto prazo.

As negociações sobre a dívida externa ainda não chegaram a um resultado favorável. O acordo com o FMI está na dependência dos ajustes fiscais internos, o que ainda não foi realizado. Os termos de renegociação com o Comitê assessor dos bancos credores está enfrentando resistência de um único credor, a família Dart, que, sozinha, detém 4% dos títulos da dívida externa brasileira.

Trabalho

Apesar da relativa recuperação das atividades econômicas, 1993 foi mais um ano duro para os trabalhadores. O crescimento não se traduz na reposição dos postos de trabalho fechados no ano anterior. O desemprego cai um pouco no primeiro semestre, mas os indicadores elaborados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) através de pesquisa realizada em onze Estados do país mostram redução do pessoal ocupado a partir do segundo semestre. A massa salarial, que tem períodos de recuperação e queda durante todo o ano, em ago. de 1993 registra um índice inferior ao observado no mesmo período do ano anterior.

Levantamento feito pelo Centro de Estudos Tendenciais da Fundação Getúlio Vargas entre 1.681 indústrias de transformação, responsáveis por 40% das vendas do

Exportações brasileiras – jan./set.*

	Valor US$ mi	% do total (1)	Variação %	Participação no cresc. (%)
TOTAL	**28.941,0**	**100,0**	**11,8**	**100,0**
BÁSICOS	**7.162,0**	**24,7**	**13,7**	**28,2**
Minério de ferro	1.671,7	5,8	3,0	1,6
Farelo de soja	1.353,4	4,7	16,7	6,4
Soja em grão ou triturada	921,1	3,2	30,2	7,0
Café cru em grão	733,2	2,5	-5,6	-1,4
Fumo em folhas	583,7	2,0	36,2	5,1
Carne de frango congelada	424,1	1,5	31,8	3,3
SEMIMANUFATURADOS	**4.064,4**	**14,0**	**7,7**	**9,5**
Semimanufaturados de ferro ou aço	805,5	2,8	27,6	5,5
Alumínio bruto	725,2	2,5	-6,7	-1,7
Celulose	551,5	1,9	4,3	0,7
Couros e peles	301,8	1,0	14,4	1,2
Ferro-ligas	298,1	1,0	-1,7	-0,2
MANUFATURADOS	**17.521,0**	**60,5**	**13,5**	**68,3**
Caldeiras e aparelhos mecânicos	2.422,4	8,4	17,4	11,8
Automóveis, tratores e peças	2.089,5	7,2	2,7	1,8
Calçados	1.496,3	5,2	56,7	17,8
Produtos químicos	1.389,1	4,8	12,9	5,2
Têxteis	1.061,7	3,7	-3,9	-1,4
Laminados planos de ferro ou aço	1.047,5	3,6	-4,1	-1,5
Material elétrico	974,6	3,4	17,6	4,8
Plásticos e borrachas	916,5	3,2	18,3	4,6
Papel	605,5	2,1	17,7	3,0
Suco de laranja concentrado	547,8	1,9	-33,8	-9,2
Mat. transporte (exceto rodoviário)	434,2	1,5	1,6	0,2

(*) Registra apenas as principais exportações. A soma dos itens internos de cada subgrupo é diferente de 100%

Fonte: Instituto de Economia do Setor Público (IESP)

Importações brasileiras – jan./jul.*

Período	Valor (US$ mi)	% do total	Crescimento %	Participação no crescimento (%)
TOTAL	**13.958,7**	**100,0**	**23,3**	**100,0**
Total exclusive petróleo	12.622,6	90,4	33,5	120,0
BENS DE CONSUMO	**1.463,1**	**10,5**	**15,3**	**7,4**
Ótica, cine, foto e som	641,9	4,6	3,0	0,7
Pescados, hortifrutis e laticínios	359,1	2,5	47,3	4,5
BENS DE CAPITAL	**4.175,9**	**22,9**	**28,1**	**34,8**
Total exceto automóveis, tratores e peças	3.330,3	23,9	17,9	19,2
Caldeiras e aparelhos mecânicos	1.980,2	14,2	10,1	6,8
Material elétrico	1.048,3	7,5	14,2	5,0
Automóveis, tratores e peças	845,6	6,1	94,7	15,6
COMBUSTÍVEIS	**2.899,4**	**20,8**	**5,8**	**6,0**
Petróleo bruto	1.336,0	9,6	-28,3	-20,0
Outros	1.563,4	11,2	79,4	26,0
MATÉRIAS-PRIMAS	**5.420,2**	**38,8**	**33,8**	**51,9**
Químicos orgânicos	1.034,8	7,4	33,4	9,8
Têxteis	646,9	4,6	147,8	14,6
Trigo, malte, amido e glúten	551,3	3,9	54,9	7,4
Plásticos	395,1	2,8	59,4	5,6
Adubos e fertilizantes	267,5	1,9	17,5	1,5
Químicos inorgânicos	242,1	1,7	2,7	0,2
Ferro fundido	203,7	1,5	-1,4	-0,1
Borracha	195,9	1,4	24,9	1,5
Cereais	190,5	1,4	66,7	2,9
Corantes e tintas	170,0	1,2	70,9	2,7

(*) Registra apenas as principais importações. A soma dos itens internos de cada subgrupo é diferente de 100%
Fonte: Instituto de Economia do Setor Público (IESP)

setor no país, confirmam esses dados. O saldo de demissões previsto para o último trimestre de 1993 atinge 12% do pessoal ocupado, embora a produção deva expandir-se em 6%. Na Região Metropolitana de São Paulo, a taxa média de desemprego oscila em torno de 15%, com uma leve tendência de queda a partir de jun., segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego realizada pelo DIEESE e Fundação Seade. Em out., início do último trimestre, a taxa é de 13,8%, equivalente a 1.098.000 pessoas desempregadas. A partir desse mês, no entanto, as demissões voltaram a crescer.

As altas taxas de desemprego (ver tabela Emprego e desemprego) são o resultado acumulado da crise econômica a partir dos anos 80, as dificuldades do país em redefinir um modelo de desenvolvimento auto-sustentado e, no início da década de 90, a desorganização do mercado com o Plano Collor. A recente reestruturação das empresas é um fator estrutural que reforça essa tendência. A racionalização do processo produtivo, o enxugamento da estrutura administrativa e a terceirização de atividades, processo que ocorreu na Europa durante os anos 80, eliminam postos de trabalho. O resultado é o crescimento do desemprego em escala mundial, mesmo em períodos de maior dinamismo das atividades produtivas.

A recuperação da economia brasileira sem aumento de emprego mostra que a estratégia adotada pelas empresas foi a de ampliar a contratação informal e aumentar o número de horas extras do pessoal contratado. A pesquisa do DIEESE mostra que, entre jan. e set., a percentagem dos assalariados da indústria que cumprem jornadas de trabalho superiores à legal chega a 39%, contra os 37% registrados em igual período do ano anterior. Em jul., segundo a Anfavea, os trabalhadores do segmento de produção de veículos fazem 25 milhões de horas extras, o equivalente a 114 mil novos empregos. Em set. de 1993, o número de assalariados do setor privado sem carteira de trabalho assinada é 6,8% maior que no mesmo mês do ano anterior, enquanto o número de assalariados com carteira diminui 1,7%.

Salário mínimo nominal e necessário

Período	SALÁRIO MÍNIMO* Nominal	Necessário	Nominal/ necessário (%)
1992 set.	522.186,94	3.043.080,00	17,15
out.	522.186,94	3.551.247,00	14,70
nov.	522.186,96	4.098.663,00	12,74
dez.	522.186,96	5.039.632,00	10,36
1993 jan.	1.250.700,00	6.539.806,00	19,12
fev.	1.250.700,00	8.401.286,00	14,88
mar.	1.709.400,00	10.236.840,00	16,69
abr.	1.709.400,00	14.834.822,00	11,52
mai.	3.303.300,00	18.537.844,00	17,81
jun.	3.303.300,00	23.699.009,00	13,97
jul.	4.639.800,00	31.364.117,00	14,79
ago.**	5.534,00	41.687,91	13,27
set.	9.606,00	56.225,00	17,08
out.	12.024,00	77.927,00	15,42
nov.	15.021,00	104.902,00	14,31

(*) Salário nominal é o valor recebido mensalmente pelo trabalhador; o necessário é o calculado para cobrir suas despesas básicas; (**) cruzeiros reais. *Fonte:* DIEESE

A política salarial – Entre ago. de 1992 e ago. de 1993, o custo da ração essencial mínima para alimentação de um trabalhador e sua família apresenta altas entre 1.679,95% (no Rio de Janeiro) e 1.938,68% (em João Pessoa), segundo apuração feita pelo DIEESE em catorze capitais. No mesmo período, o salário mínimo é reajustado em 2.306,08%, com aumento real de seu poder de compra. Quem ganhasse o salário mínimo em ago. de 1992 precisaria trabalhar 262 horas e 18 minutos para adquirir os produtos da cesta básica necessária para a alimentação, uma jornada muito superior às 220 horas

Emprego e desemprego – Grande São Paulo

Período/variação	PEA[1] Total	PEA[1] Índice[2]	OCUPADOS Total	OCUPADOS Índice	DESEMPREGADOS Total	DESEMPREGADOS Índice	DESEMPREGADOS Taxa[3]
set./92	7.789	122,8	6.582	118,6	1.207	151,9	15,5
out./92	7.883	124,2	6.661	120,0	1.222	153,8	15,5
nov./92	7.888	124,3	6.736	121,4	1.152	145,0	14,6
dez./92	7.919	124,8	6.779	122,1	1.140	143,4	14,4
jan./93	7.809	123,1	6.700	120,7	1.109	139,5	14,2
fev./93	7.840	123,6]	6.664	120,1	1.176	148,0	15,0
mar./93	7.870	124,0	6.627	119,4	1.243	156,4	15,8
abr./93	7.991	125,9	6.704	120,8	1.287	161,9	16,1
mai./93	7.976	125,7	6.708	120,9	1.268	159,5	15,9
jun./93	7.948	125,3	6.724	121,1	1.224	154,0	15,4
jul./93	7.934	125,0	6.760	121,8	1.174	147,7	14,8
ago./93	7.932	125,0	6.798	122,5	1.134	142,7	14,3
set./93	7.917	124,8	6.809	122,7	1.108	139,4	14,0
out./93	7.954	125,4	6.856	123,5	1.098	138,2	13,8

(1) População Economicamente Ativa; (2) índice de crescimento, 1985 é o ano de crescimento, com índice igual a 100; (3) número de desempregados sobre a PEA

Massa de rendimento dos ocupados e níveis de emprego em São Paulo*

Período/variação	Massa de rendimentos	EMPREGOS Total	Indústria	Construção	Comércio
1990	2.515,8	6.600	1.872	863	1.089
	-6,6	0,1	-10,7	-25,1	8,7
1991	2.409,7	6.895	1.714	802	1.165
	-4,2	4,5	-8,5	-7,0	7,0
1992	2.223,0	6.779	1.553	711	1.098
	-7,7	-1,7	-9,4	-11,4	-5,8
1993 jan.	2.375,0	6.700	1.555	665	1.052
	7,1	-0,9	-7,8	-21,4	-10,1
fev.	2.475,1	6.664	1.560	670	1.053
	15,5	1,4	-6,2	-20,9	-3,6
mar.	2.349,9	6.627	1.563	666	1.080
	9,7	3,1	-5,2	-22,5	2,3
abr.	2.428,0	6.704	1.567	672	1.099
	25,0	3,6	-4,1	-22,9	9,4
mai.	2.743,9	6.708	1.570	707	1.107
	22,9	3,9	-3,3	-17,7	7,0
jun.	2.510,5	6.724	1.573	736	1.109
	15,4	3,4	-2,4	-13,7	5,7
jul.	2.433,6	6.760	1.717	729	1.136
	21,1	4,4	2,5	-11,8	8,1
ago.	2.674,9	6.798	1.700	717	1.115
	11,3	4,1	-1,7	-13,7	4,0
set.	2.670,6	6.809	1.689	694	1.096
	17,8	3,4	-3,1	-13,7	4,0

(*) A primeira linha de cada período mostra rendimentos em US$ milhões, ao câmbio de dez./1990, e empregos em milhares; a segunda linha de cada período mostra a variação percentual em relação ao período anterior
Fonte: Instituto de Economia do Setor Público (IESP)

definidas em lei. Em ago. de 1993, esse tempo reduziu-se para 198 horas e 48 minutos. Esse ganho relativo no poder de compra do salário mínimo é explicado pelas alterações na política salarial. Em 1992, os salários eram reajustados apenas de quatro em quatro meses pela inflação acumulada do período (Lei 8.419), e ago. era o último mês do quadrimestre. Em jan. de 1993, os salários passam a ter antecipações bimestrais de parte da inflação do período, que é reposta integralmente a cada quatro meses (Lei 8.542). Em ago., a política salarial é redefinida (Lei 8.700) e quem recebe até seis salários mínimos passa a ter reajustes mensais pela inflação do mês anterior menos 10%, e reposição integral a cada quatro meses. A partir desse patamar, o que vale é a livre negociação entre empregados e empregadores.

Além de calcular o valor da ração essencial mínima para a alimentação do trabalhador e sua família, o DIEESE também calcula o valor que o salário mínimo deveria ter para cobrir as necessidades básicas do trabalhador e de sua família. Os itens – moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene e previdência social – são definidos pela Constituição brasileira e a família padrão é composta por dois adultos e duas crianças em idade escolar. O valor do salário mínimo nominal, aquele fixado em lei, oscila entre 19,12% (em jan.) e 11,52% (em abr.) do salário necessário para cobrir as despesas de manutenção da família do trabalhador. Para cumprir os requisitos constitucionais que o definem, o salário mínimo deveria ter, em média, um valor 6,5 vezes maior do que o atual. No entanto, apenas 21,5% dos brasileiros que recebem algum rendimento situam-se nessa faixa de renda (acima dos 5 salários mínimos). A maioria da população, cerca de 30% dos que trabalham, ganha até um mínimo por mês. Os baixos salários e o desemprego acabam refletindo no dinamismo do conjunto da economia, pois alija do mercado de consumo uma grande parcela da população.

Previdência Social

Em 1993, cresce no país o debate sobre a necessidade de mudar o modelo e as formas de financiamento da previdência e seguridade social. Essa é uma tendência mundial provocada tanto pela recessão econômica internacional como por fatores estruturais. O aumento da expectativa de vida vem ampliando o prazo para o pagamento de aposentadorias. A incorporação do progresso técnico na indústria e a terceirização de atividades têm provocado mudanças nas relações de trabalho, com o crescimento do desemprego e do trabalho autônomo e temporário. Com isso, as fontes de financiamento diminuem ao mesmo tempo que cresce a necessidade de recursos para a assistência social, levando a uma crescente pressão nos orçamentos, mesmo em países desenvolvidos.

No Brasil, há um relativo consenso entre os políticos e pesquisadores do tema de que existe uma crise na Previdência Social, provocada tanto pela gestão do sistema como também pelas bases conceituais em que está estruturado. Inicialmente, a idéia que orienta o sistema previdenciário é a de capitalização – os trabalhadores na ativa construiriam uma poupança para sua futura aposentadoria. Aos poucos, o sistema passou a ter características de repartição simples, com os trabalhadores na ativa financiando os benefícios para os aposentados. Os diagnósticos que procuram avaliar a crise indicam um círculo vicioso que tem por base um crescimento permanente, sistemático e não planejado dos gastos com benefícios. Para cobrir esses gastos, há também um aumento constante nas alíquotas de contribuições, hoje em torno de 35% da folha de pagamento das empresas. Isso tem o efeito de inibir a geração de novos empregos e de estimular a sonegação, facilitada pela deficiência da estrutura de fiscalização. Uma estimativa do IPEA de 1988 situava essa perda em torno de 41% da receita potencial da Previdência. No entanto, essa é a maior fonte de financiamento do sistema, responsável por cerca de 80% de suas receitas.

O resultado é um enorme contingente de trabalhadores sem contratos formais de trabalho, o que diminui a possibilidade de arrecadação e aumenta a pressão sobre os serviços sociais. O emprego industrial no Brasil diminuiu em cerca de 10% nos últimos dez anos e a recuperação das atividades verificada em 1993 não resulta no aumento do emprego. O trabalho autônomo, ou seja, não assalariado, cresceu nada menos do que 25% entre 1989 e 1992. Além disso, a expectativa de vida dos brasileiros também vem aumentando, o que significa maior prazo para o pagamento de benefícios. Para equilibrar essa tendência, a alternativa encontrada até os anos 80 foi achatar o valor das aposentadorias e pensões. Com a Constituição de 1988, esses valores começam a ser recuperados e a estratégia atual adotada para manter o equilíbrio do sistema é reter os recursos que deveriam ser destinados à área de Saúde – ou seja, são os doentes que estão pagando a conta.

A utilização dos recursos previdenciários também é questionada pelos diagnósticos sobre o setor. Eles deveriam ser usados para financiar os gastos com os benefícios previdenciários, saúde, assistência social e com os próprios custos operacionais do sistema. No entanto, uma parcela considerável desses recursos, cerca de 10,9%, é transferida para o pagamento dos Encargos Previdenciários da União (EPU), segundo relatório coordenado por Antonio Britto, ex-ministro da Previdência. Esse desvio das verbas da Previdência contribui para alimentar o sistema de aposentadoria e pensões pagas aos funcionários públicos, civis e militares, com valores muito superiores aos contribuintes do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Enquanto o valor médio da aposentadoria paga pelo INSS é de 2,1 salários mínimos, e o das pensões é de um salário, os servidores federais recebem aposentadorias de 11,7 salários em média e pensões de 4,3 salários.

Esses são os fatores que informam a necessidade de mudanças na previdência e seguridade social – um dos temas da reforma constitucional em debate no final de 1993. Quanto às alternativas apresentadas, já é possível perceber duas posições básicas: a que entende a previdência como uma responsabilidade individual do cidadão e apóia uma privatização do sistema e a que considera a proteção social como uma tarefa do Estado. A proposta de privatização pressupõe que os trabalhadores devem ser previdentes, montando fundos pessoais para diferentes situações, inclusive o desemprego. Considera que os encargos sociais atualmente assumidos pelas empresas são muito elevados, não estimulam a contratação formal de mão-de-bra e prejudicam a competitividade dos produtos brasileiros frente aos similares internacionais. Propõe uma organização privada, através de um regime de capitalização individual, o que estimularia a busca por maior rendimento, a capacidade de poupança interna, ampliando assim as bases para a sustentação financeira do próprio desenvolvimento do país. A competitividade entre os diferentes fundos disponíveis no mercado aumentaria

Previdência Social – arrecadação bruta*

Período	RECEITA TOTAL	Arrec. bancária[a]	Receita financeira[b]	Outras receitas[c]	TRANSFERÊNCIAS DA UNIÃO[d] Contr. Finsocial	Contr. s/lucro	EPU	Outras
1989	1.888,0	1.658,0	68,8	6,0	19,7	6,7	34,2	94,6
1990	2.170,1	1.756,3	163,8	1,1	132,9	70,8	35,6	9,6
1991	1.981,0	1.651,2	81,9	21,7	109,9	36,2	31,5	48,8
1992	1.980,3	1.612,4	287,6	13,7	38,7	0,0	19,6	8,3
1993 jan./ago.	1.935,9	1.682,1	164,5	30,6	1,0	43,0	8,6	6,1
1993 jan.	2.703,7	2.312,3	290,8	37,3	0,0	0,0	63,3	0,0
fev.	1.997,1	1.677,8	212,3	51,6	1,4	48,6	5,4	0,0
mar.	1.903,3	1.563,7	289,3	32,9	2,5	14,9	0,0	0,0
abr.	1.842,0	1.601,2	194,9	34,6	0,0	11,2	0,0	0,0
mai.	1.638,2	1.478,7	121,9	30,0	0,2	7,4	0,0	0,0
jun.	1.904,1	1.660,4	98,1	8,8	0,9	136,0	0,0	0,0
jul.	1.733,0	1.560,9	42,6	26,4	0,8	102,4	0,0	0,0
ago.	1.765,5	1.601,9	65,9	23,4	2,1	23,3	0,0	49,1

(*) Valores em US$ milhões ao câmbio de dez./1990; (a) contribuições correntes de empregados e empregadores sobre a folha de salários e outras contribuições; (b) rendimento de aplicação dos saldos de caixa; (c) resgate de títulos de bonificação e aluguéis; (d) contribuição calculada sobre o lucro e sobre o faturamento; recursos fiscais para o custeio de parte das aposentadorias e pensões do funcionalismo federal (EPU); recursos oriundos de concursos e prognósticos
Fonte: Ministério da Previdência Social/IESP

Previdência Social – despesas por categoria*

Período	Total	Benefícios	Pessoal	Transferência ao INAMPS	Outras despesas
1989	1.867,3	975,2	254,6	398,9	238,6
1990	1.989,8	1.022,7	330,8	407,2	229,1
1991	1.943,8	1.116,9	115,7	546,2	165,0
1992	1.691,9	1.203,3	80,1	251,9	156,6
1993 jan./ago.	1.866,9	1.469,5	85,4	132,6	179,4
1993 jan.	1.874,7	1.225,3	96,4	304,7	248,3
fev.	2.305,6	1.764,8	106,8	244,9	189,1
mar.	1.895,4	1.498,9	80,4	174,5	141,6
abr.	2.110,0	1.546,3	98,0	260,2	205,6
mai.	1.505,7	1.268,9	65,1	0,0	171,6
jun.	1.996,3	1.670,4	88,0	76,2	161,7
jul.	1.609,3	1.372,5	76,9	0,0	159,9
ago.	1.637,8	1.408,9	71,8	0,0	157,2

(*) Valores em US$ milhões ao câmbio de dez./1990. *Fonte:* Ministério da Previdência Social/IESP

sua eficiência e a rentabilidade de suas aplicações. O Estado limitaria-se ao papel de regulador do sistema e à assistência aos desvalidos.

Os que vêem a proteção social como tarefa do Estado defendem o financiamento do sistema de previdência por meio de contribuições de empregados e empregadores. Embora também defendam a redução da carga contributiva das empresas como forma de estimular a contratação formal de trabalhadores, argumentam que, para ser eficiente, um sistema de fundos privados de pensão pressupõe uma alta participação dos salários na renda nacional, o que não acontece no Brasil. Dentro dessa posição, há divergências quanto ao limite da faixa de renda dos segurados que estaria coberta pelo sistema público. Há os que defendem um sistema misto e considerem que a adesão a um regime complementar deva ser obrigatória. Outro debate na área é o fim da aposentadoria por tempo de serviço e da aposentadoria especial, como a de professores, aos 25 anos de serviço, e sua substituição por um regime de aposentadoria por limite de idade, com benefícios condicionados ao tempo de contribuição. Sugere-se que a aposentadoria especial esteja vinculada à comprovada insalubridade da atividade laboral e que seja reformulado o sistema de benefícios para o funcionalismo público.

Plano de emergência – Em dez. de 1993, o governo envia ao Congresso um projeto de lei que libera as empresas de recolher por um ano os encargos sociais sobre os novos empregos criados, o equivalente a 30% do valor da folha de pagamentos. Apenas o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço seria depositado, 8% do valor do salário. A medida, de caráter emergencial, tem por objetivo enfrentar o desemprego. Ao mesmo tempo que representa uma formalização de relações de trabalho real impostas pelas empresas, já que a recuperação da economia foi marcada pelo crescimento da contratação sem carteira, ela também é um balão de ensaio para as possíveis alterações previstas pela reforma fiscal em elaboração. Para evitar as demissões em massa, ao anunciar a medida, o governo alerta as empresas de que a base para aplicação da redução da carga tributária seria o número de trabalhadores registrados em dez.

No entanto, apenas em São Paulo mil trabalhadores são demitidos na primeira semana após o anúncio do plano. Segundo denúncia dos sindicatos, a estratégia das empresas seria recontratá-los sem encargos assim que o projeto entrar em vigor.

Glossário

Balança comercial – É a relação entre exportações e importações. Quando as compras no mercado internacional são maiores que as vendas, há *déficit comercial* e o país torna-se devedor no mercado internacional. Na situação inversa, há *superávit* e o país torna-se credor.

Balanço de pagamentos – É o conjunto das operações econômico-financeiras feitas pelos residentes de um país com os residentes dos demais países. Podem ser classificadas em *transações correntes* ou *movimento de capitais*. O balanço é constituído por quatro tipos de contas ou balanças, sendo que três delas são de transações correntes: a balança comercial, a de serviços e as transferências unilaterais. A *balança comercial* registra as exportações e importações. A *balança de serviços* reúne transações com transportes, seguros, viagens internacionais, *royalties*, assistência técnica, lucros e juros. Esse é um item de grande peso em países endividados como o Brasil, que transfere grandes somas para o exterior como pagamento do serviço da dívida externa. As *transferências unilaterais* registram o envio simples de recursos para o exterior ou seu recebimento, como bolsas de estudos, verbas para manutenção de embaixadas ou parte dos salários de imigrantes enviados para seus locais de origem. A *conta de capital* registra investimentos diretos, como a entrada de capitais de risco para aplicação interna ou investimentos de empresas brasileiras no exterior, além de empréstimos e financiamentos obtidos no exterior, além das amortizações de dívidas. A soma dessas contas, quando negativa, significa que o país enviou mais recursos para o exterior do que recebeu. Diz-se, então, que há *déficit no balanço de pagamentos*.

Câmbio – É uma operação financeira que consiste em vender, trocar ou comprar valores em moedas de outros países. Atualmente as taxas cambiais são determinadas por fatores de política econômica, com os governos administrando as taxas de câmbio. No Brasil, a rede bancária liderada pelo Banco do Brasil é a grande intermediária das transações cambiais. Ou seja, ao receber moeda estrangeira, qualquer cidadão, em tese, precisaria vendê-la aos bancos em troca de cruzeiros reais, a uma taxa cambial determinada pelo governo. Essa taxa leva em conta o poder de compra da moeda e, portanto, está intimamente ligada à inflação. O país também pode promover maxidesvalorizações de sua moeda, uma medida que visa conter importações e valorizar as exportações, pois o mesmo produto trocado no mercado internacional acaba se transformando em uma quantidade bem maior de cruzeiros reais dentro do país.

Capacidade ociosa – É a diferença entre o volume real produzido por uma empresa e o que seria possível produzir dada a dimensão de suas instalações industriais e capacidade de produção. A subutilização da capacidade instalada, o que ocorre na recuperação da economia verificada em 1993, sinaliza que não há investimentos e que o dinamismo da economia é limitado. A plena utilização sinaliza maior dinamismo, pois as empresas têm demanda suficiente para encomendar novas máquinas e equipamentos e ampliar sua capacidade instalada, o que irá ativar outros setores da economia, como o de bens de capital e construção civil, gerando novos empregos.

Carga fiscal ou tributária – Conjunto de impostos, taxas e contribuições que o governo cobra das pessoas físicas e jurídicas (os contribuintes).

Déficit público – Ocorre quando as despesas do governo são maiores do que a arrecadação. Fala-se em *déficit operacional* igual a zero quando a arrecadação é suficiente para cobrir as despesas de custeio e investimento do governo, e também para pagar os juros da dívida pública; o *déficit primário* ocorre quando a arrecadação é suficiente apenas para as despesas de custeio e investimento e o governo precisa emitir moedas para o pagamento dos juros da dívida. *Superávit primário* é quando a arrecadação é superior ao conjunto das despesas.

Dívida externa – É a soma de débitos de um país garantidos pelo governo resultante de empréstimos e financiamentos obtidos no exterior, seja de outros governos, entidades financeiras internacionais, como o Banco Mundial, empresas ou bancos privados. O volume de empréstimos é acrescido dos juros e o ritmo do crescimento da dívida depende das taxas de juros praticadas no mercado internacional. O Brasil costuma pagar apenas os juros cobrados sobre a dívida.

Dívida interna – Quando há déficit público, o governo obtém empréstimos para pagar suas contas emitindo títulos públicos remunerados por juros. A dívida interna é constituída principalmente por esses títulos, lançados pelo Tesouro ou pelo Banco Central e comprados por pessoas físicas ou jurídicas (como bancos e empresas).

Economia e emprego informal – É constituído por empresas que produzem e/ou comercializam produtos sem se submeterem às leis vigentes. Não pagam impostos e não formalizam suas atividades. O emprego informal é aquele onde a empresa não assina a carteira do trabalhador. A economia informal propriamente dita é constituída de pequenos empreendimentos marginais à economia, do subemprego e das atividades capilares de subsistência. Alguns analistas usam o termo num sentido mais amplo e consideram que a economia formal e a informal podem conviver dentro da mesma empresa. Isso ocorreria sempre que parte da produção não é registrada, sua comercialização não passa por emissão de nota fiscal, ou quando uma parcela dos trabalhadores contratados não é registrada em carteira. Essa prática dentro de uma empresa legalmente constituída deve ser considerada como sonegação de impostos, ou seja, uma infração à lei.

Hiperinflação – É um caso especial de inflação galopante onde os preços aumentam tão rapidamente (em geral por uma superexpansão dos meios de pagamento) que as pessoas procuram não reter dinheiro dada a rapidez de sua desvalorização. O aumento do gasto, e portanto do consumo, acelera ainda mais o aumento de preços.

Inflação – Aumento contínuo dos preços em geral que provoca numa perda também contínua do poder de compra da moeda. É um fenômeno monetário: a perda do poder aquisitivo da moeda exige a emissão de mais moeda para a compra de uma mesma quantidade de bens e serviços e, quanto maior a emissão, maior será também a perda do poder de compra da moeda. Pode ser o resultado de um aumento dos custos de produção ou da procura de bens de consumo. No entanto, independente de sua origem, tende a se auto-alimentar por uma reação em cadeia.

Orçamento – É a previsão das quantias monetárias que devem sair e entrar nos cofres públicos em um determinado período. Devido à grande intervenção do Estado na economia, no mundo inteiro o Orçamento Público se transformou em uma peça do planejamento e da execução da política econômica. Ele inclui as despesas de manutenção administrativa e também a parcela de investimentos previstos em planos de médio e curto prazo, sejam para gastos em obras, projetos e programas governamentais.

PIB – O Produto Interno Bruto é o valor agregado de todos os bens e serviços produzidos internamente no país, independente da nacionalidade de quem os produza. Ele pode ser calculado de três formas diferentes: pela ótica da produção, da renda e do dispêndio. Pela produção, representa a soma dos valores agregados gerados nos setores primário, secundário e terciário, acrescida do valor dos impostos indiretos e da depreciação do capital, descontados os subsídios governamentais. Pela renda, é calculado a partir das remunerações pagas dentro do território do país (salários, juros, aluguéis, lucros distribuídos ou não) mais os impostos indiretos e a depreciação do capital, descontados os subsídios governamentais. Pelos dispêndios, ou seja, do consumo, somam-se os gastos da população e do governo, mais os investimentos em capital fixo feitos pelo governo e empresas, mais as variações de estoques e a diferença entre importações e exportações. O *PIB total* é aquele expresso em valores correntes, seja em cruzeiros reais ou em dólar do ano em curso. O *PIB real* é a "tradução" dos valores em moeda corrente para os valores da moeda em um determinado ano usado como referência. Isso é feito para se ter uma avaliação mais precisa dos valores do PIB, descontadas a inflação ou as variações da taxa de câmbio. O cálculo do PIB inclui dados medidos (como o valor da produção da indústria) e estimados (depreciação de capital, por exemplo), e seu resultado final será sempre uma estimativa. Na verdade, o que se mede ou estima é o crescimento do PIB – a variação do valor do conjunto de bens e serviços gerados em um ano comparado ao do ano anterior. Para se fazer isso, é necessário ter os números correspondentes a todos os setores da economia – o que é praticamente impossível, especialmente no Brasil, um país que não tem uma boa estrutura de captação de informações. A economia acaba trabalhando com os dados divulgados (sempre com atraso e incompletos) pelo IBGE, que também calcula (e estima) o PIB "oficial". Os diferentes institutos de economia tentam antecipar-se ao IBGE fazendo projeções sobre o PIB.

PNB – O Produto Nacional Bruto é a soma do valor agregado de todos os bens e serviços produzidos em determinado período a partir da aplicação de recursos nacionais, ou seja, pertencentes a pessoas físicas ou jurídicas do país, independente do local onde esses bens e serviços tenham sido produzidos (inclui o resultado das empresas que atuam no exterior e exclui as inversões estrangeiras no país). Assim como o PIB, também pode ser calculado pela ótica da produção, da renda ou do dispêndio. A diferença entre PIB e PNB é que o primeiro considera tudo o que foi produzido internamente, independente da nacionalidade do dono do capital, e exclui a produção externa mesmo que tenha sido feita com recursos nacionais. O PNB, ao contrário, exclui toda a produção gerada por recursos que não pertençam a pessoas ou empresas do país e inclui a produção feita no exterior, desde que com recursos nacionais. Na prática, a diferença entre o valor do PIB e o do PNB corresponde ao montante de renda líquida enviada ou recebida do exterior. Quando o PNB é inferior ao PIB, o país remete para o exterior mais renda do que recebe. Ao contrário, quando o PNB é superior ao PIB, o país recebe mais renda do que envia.

Recessão – Situação caracterizada pela queda acentuada das atividades econômicas, com a paralisia dos investimentos, redução da produção e dos serviços, aumento do desemprego, diminuição dos lucros e crescimento do número de falências e concordatas.

Renda per capita – É usada como indicador do grau de desenvolvimento de um país. É a soma de todos os rendimentos recebidos pelos habitantes de um país em um determinado período (salários, juros, lucros, aluguéis, rendimentos líquidos de organismos governamentais etc.) dividida pelo total da população. É estimada a partir do PNB, excluindo-se os impostos e a depreciação de capital.

EDUCAÇÃO

A educação é um dos maiores problemas sociais brasileiros. O percentual de crianças em idade escolar sem acesso ao estudo atinge 11,7% e o índice de analfabetismo da população com mais de 14 anos, em 1991, é de 20,2%. Os professores não têm acesso a uma boa formação profissional e são muito mal remunerados – em jul. de 1993, o salário inicial, em Alagoas, de um professor com curso de Magistério, com uma carga horária de 20 horas semanais, era equivalente a US$ 35,2. No mesmo mês, o salário inicial mais alto foi o do Distrito Federal, equivalente a US$ 168,9. Essa questão leva a constantes greves – só até a metade de out. de 1993 foram 774 dias parados nas redes estaduais de dezenove Estados. A estrutura física das escolas é precária; há falta de material didático e a formação superior é elitista.

Parte desses problemas é devido à falta de investimentos na área: em 1987, 13,1% do total dos gastos da União foram destinados à educação; em 1991, esse número caiu para 4,2%. Muitos investimentos são desperdiçados em projetos que não atingem o resultado esperado. O dinheiro percorre um longo caminho antes de chegar à escola e parte significativa é gasta na manutenção da estrutura burocrática.

O aluno

Cerca de 3,5 milhões de crianças, com idade entre 7 e 14 anos, estão fora da escola – 2,5 milhões na região Nordeste, que teve o mais baixo índice de aumento de matrículas no qüinqüênio 1985–1989, de apenas 1%. Na Bahia houve perda de 3,4% no número de matrículas contra um aumento da população em idade escolar estimado em 9%. Nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, mais de 90% das crianças em idade escolar têm acesso à escola. Esses números são melhores do que os dos anos 80, mas se devem em grande parte à migração para as grandes cidades, onde um maior número de crianças tem a oportunidade de ir à escola.

A questão não se resume à falta de escolas. Muitas vezes as classes disponíveis estão geograficamente mal distribuídas, deixando de atender à procura de vagas em várias regiões. Quando estão na escola, as crianças são vítimas da baixa qualidade de ensino, principal causa dos altos índices de repetência e evasão. A situação é agravada pela necessidade, de um grande número de estudantes, de entrar bem cedo no mercado de trabalho.

Dados do Relatório do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), sobre o rendimento do aluno comprovam as dificuldades de aprendizagem. Realizaram o teste 108.982 alunos de 1ª, 3ª, 5ª e 7ª séries do 1º grau de 25 Estados. Os de 1ª e 3ª séries fizeram provas de Português e Matemática e os de 5ª e 7ª séries foram testados em Português e Redação, Matemática e Ciências. As notas médias foram muito baixas. Em Matemática, elas foram de 51,8% na 1ª série, 50,2% na 3ª série, 31,6% na 5ª série e 30% na 7ª série; em Português, os índices foram respectivamente de 56,8%, 62,9%, 51,9% e 48,6%. Isso, além de ficar muito próximo ou abaixo do mínimo aceitável, é um indicador de que o aluno tende a ter cada vez mais dificuldade em assimilar o programa mínimo das escolas, já que o conteúdo não aprendido nas primeiras séries é fundamental para seu desenvolvimento nos anos seguintes.

Parte dos educadores considera que o fenômeno de repetência e evasão é o principal problema que impede a escolarização das crianças. Ele é muito acentuado, especialmente da 1ª para a 2ª série e da 5ª para a 6ª série. Segundo dados do Inep, em 1988, 22,8% dos alunos repetiram a 1ª série do 1º grau e 22,5% repetiram a 5ª série; as taxas de evasão foram de 15,2% na 1ª série e de 18,9% na 5ª série. Apenas 32,21% dos alunos completam o 1º grau em oito anos; as maiores médias estão no Distrito Federal, com 55,30%, Santa Catarina, com 43,99%, e São Paulo, com 43,20%; as menores são do Piauí, com 20,99%, Pará, com 24,66%, e Rondônia, com 25,94%.

Esse panorama de repetência e evasão é avaliado de forma diferente por educadores que adotam metodologia do Banco Mundial na elaboração de estatísticas educacionais. A maior parte do que é contabilizado como evasão seria "repetência branca", no qual o aluno abandona a escola por saber que vai repetir o ano. No período letivo seguinte ele torna a se matricular, é contabilizado como novo aluno e sua saída da escola no ano anterior é considerada evasão. Para esses educadores, o principal problema educacional não seria nem a falta de verbas nem de escolas, mas a falta de eficiência do sistema. Os dados do Banco Mundial indicam que a repetência na 1ª série do 1º grau, no Brasil, atinge 55% das crianças e só 2% saem realmente da escola.

Os adolescentes que atingem o 2º grau enfrentam outros problemas. Mais da metade deles estuda no período noturno, a maioria porque já trabalha, o que os leva a ter problemas de rendimento escolar, já que chegam às salas de aula extremamente cansados. Parte desse contingente, especialmente os vindos de famílias operárias, deseja ter formação profissional, mas são poucos os cursos regulares de bom nível. Para esses, as melhores opções são as escolas técnicas federais; mas elas são em pequeno número em relação aos que disputam uma vaga – apenas 99, em 1992, entre técnicas e agrotécnicas – e acabam privilegiando os jovens de classe média que fizeram o ciclo básico em melhores escolas.

Os alunos vindos das escolas públicas, em sua maioria, acabam cursando faculdades particulares e muitas vezes são obrigados a abandonar o curso em razão das altas mensalidades. Os alunos de classe média e alta, que tiveram acesso a boas escolas, são a maioria nas universidades públicas, consideradas as melhores do país. Outra questão séria é o número de estudantes universitários concentrados nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em 1991, eles eram 861.726, ou 55% do total. Muitos depois de formados vão ter dificuldade para encontrar emprego. Mas são, em geral, profissionais qualificados que, empregados, vão contribuir para aumentar ainda mais o crescimento econômico da região que já é a mais desenvolvida do país.

Crianças de 7 a 14 anos fora da escola por região – 1990

Região	População em idade escolar	Matrícula	Crianças sem escola	Taxa de escolarização (%)
Norte	1.808.047	1.565.776	242.271	86,60
Nordeste	8.717.081	6.190.787	2.526.294	71,02
Centro-Oeste	1.974.066	1.855.241	118.825	93,98
Sudeste	9.821.905	9.457.119	364.786	96,29
Sul	3.723.147	3.399.789	323.358	91,31
Brasil	**26.044.246**	**22.468.712**	**3.575.534**	**88,27**

Fonte: Relatório do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep)/Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

Escolas e matrículas iniciais na educação infantil – 1992 (*)

Unidades da federação	FEDERAL		ESTADUAL		MUNICIPAL		PARTICULAR		TOTAL	
	escolas	matrículas	escolas	matrículas	escolas	matrículas	escolas	matrículas	escolas	matrículas
Acre	1	27	76	5 461	40	1 564	8	850	125	7 902
Alagoas	–	–	159	10 885	671	36 628	216	24 203	1 046	71 716
Amapá	95	7 695	–	–	35	1 645	21	2 877	151	12 217
Amazonas	–	–	284	27 117	385	14 486	153	18 684	822	60 287
Bahia	7	289	1 149	60 382	3 069	103 541	1 177	78 708	5 402	242 920
Ceará	30	1 410	578	37 093	2 227	86 078	699	60 296	3 534	184 877
Distrito Federal	–	–	260	28 633	–	–	154	29 161	414	57 794
Espírito Santo	2	160	388	30 918	531	30 145	185	15 221	1 106	76 444
Goiás	5	230	378	23 287	443	20 039	320	22 720	1 146	66 276
Maranhão	34	3 684	245	33 679	2 453	170 608	507	64 796	3 239	272 767
Mato Grosso	1	49	324	18 732	270	10 806	192	12 880	787	42 467
Mato Grosso do Sul	3	104	273	13 670	225	12 978	161	13 286	662	40 038
Minas Gerais	2	290	3 770	278 615	1 497	66 215	809	88 085	6 078	433 205
Pará	6	547	300	24 948	894	45 836	371	37 436	1 571	108 767
Paraíba	7	293	322	15 048	1 563	43 287	464	26 523	2 356	85 151
Paraná	31	1 517	957	45 066	1 592	67 769	728	71 004	3 308	185 356
Pernambuco	7	590	652	39 098	1 784	77 969	1 167	89 053	3 610	206 710
Piauí	4	323	364	30 432	1 351	57 640	249	19 482	1 968	107 877
Rio de Janeiro	11	1 174	522	46 004	989	61 922	1 865	159 329	3 387	268 429
Rio Grande do Norte	12	810	358	19 057	836	36 852	365	43 372	1 571	100 091
Rio Grande do Sul	4	177	1 306	52 828	1 255	43 476	498	42 671	3 063	139 152
Rondônia	–	–	169	17 545	87	4 576	54	8 106	310	30 227
Roraima	44	3 461	–	–	13	821	11	1 702	68	5 984
Santa Catarina	31	1 133	1 019	46 784	2 077	87 343	503	54 317	3 630	189 577
São Paulo	–	–	2 086	93 416	3 239	543 993	1 408	200 017	6 733	837 426
Sergipe	16	2 091	147	12 253	777	46 693	169	24 585	1 109	85 622
Tocantins	3	143	122	5 507	244	10 625	49	2 352	418	18 627
Brasil	**356**	**26 197**	**16 208**	**1 016 458**	**28 547**	**1 683 535**	**12 503**	**1 211 716**	**57 614**	**3 937 906**

(*) Estimativa
Fonte: Ministério da Educação (MEC)

Escolas e matrículas iniciais no 1º grau – 1992 (*)

Unidades da federação	FEDERAL		ESTADUAL		MUNICIPAL		PARTICULAR		TOTAL	
	escolas	matrículas	escolas	matrículas	escolas	matrículas	escolas	matrículas	escolas	matrículas
Acre	2	514	776	67.837	488	21.331	12	6.268	1.278	95.950
Alagoas	–	–	409	182.023	2 764	236.217	335	90.020	3.508	508.260
Amapá	235	60.143	–	–	43	10.730	10	3.324	288	74.197
Amazonas	2	1.093	426	305.877	3.659	160.533	97	45.383	4.184	512.886
Bahia	43	9.447	3.048	942.993	21.339	980.453	1.157	253.468	25.587	2.186.361
Ceará	9	1.971	1.021	381.925	11.989	439.304	640	182.996	13.659	1.006.196
Distrito Federal	1	2.106	401	250.122	–	–	96	83.494	498	335.722
Espírito Santo	7	481	3.406	393.936	877	101.482	190	59.224	4.480	555.123
Goiás	7	4.262	1.501	593.932	4.315	239.995	368	93.948	6.191	932.137
Maranhão	58	6 506	590	316.762	11.302	824.298	522	132.232	12.472	1.279.798
Mato Grosso	1	349	536	326.836	3.375	130.069	182	54.983	4.094	512.237
Mato Grosso do Sul	8	1.276	393	271.474	985	125.969	147	43.483	1.533	442.202
Minas Gerais	3	2.642	5.954	1.935.458	11.323	885.016	556	308.879	17.836	3.131.995
Pará	7	5.183	2.761	630.265	7.835	453.937	331	120.127	10.934	1.209.512
Paraíba	5	282	1.063	242.879	6.666	287.805	450	86.993	8.184	617.959
Paraná	14	718	2.847	1.052.924	8.890	531.799	376	141.252	12.127	1.726.693
Pernambuco	13	2.715	1.190	699.881	8.699	666.514	1.322	237.017	11.224	1.606.127
Piauí	4	1.926	1.181	311.353	6.977	318.864	350	75.335	8.512	707.478
Rio de Janeiro	15	11.609	2.023	576.935	2.917	873.956	1.556	614.146	6.511	2.076.646
Rio Grande do Norte	1	22	1.221	249.861	3.335	210.083	305	87.020	4.862	546.986
Rio Grande do Sul	12	1.469	3.073	836.531	10.904	553.299	603	228.209	14.592	1.619.508
Rondônia	5	108	285	159.195	2.660	99.854	59	14.255	3.009	273.412
Roraima	271	41.229	8	496	4	241	3	834	286	42.800
Santa Catarina	8	1.647	4.305	581.869	3.492	177.002	170	72.266	7.975	832.784
São Paulo	–	–	15.885	4.768.002	623	558.121	1.305	704.175	17.813	6.030.298
Sergipe	3	582	346	178.459	1.527	138.866	170	47.001	2.046	364.908
Tocantins	10	293	454	154.959	2.621	86.632	49	9.368	3.134	251.252
Brasil	**744**	**158.573**	**55.103**	**16.412.784**	**139.609**	**9.112.370**	**11.361**	**3.795 .700**	**206.817**	**29.479.427**

(*) Estimativa
Fonte: Ministério da Educação (MEC)

Escolas e matrículas iniciais no 2º grau – 1992 (*)

Unidades da federação	FEDERAL		ESTADUAL		MUNICIPAL		PARTICULAR		TOTAL	
	escolas	matrículas	escolas	matrículas	escolas	matrículas	escolas	matrículas	escolas	matrículas
Acre	–	–	15	5.872	1	128	3	504	19	6.504
Alagoas	1	505	27	21.024	9	2.461	83	26.843	120	50.833
Amapá	17	7.291	–	–	–	–	2	439	19	7.730
Amazonas	3	2.834	94	34.992	–	–	26	7.972	123	45.798
Bahia	3	977	289	146.553	116	20.504	241	53.084	649	221.118
Ceará	5	4.316	105	61.240	33	9.954	167	43.188	310	118.698
Distrito Federal	1	971	56	44.902	–	–	45	14.267	102	60.140
Espírito Santo	4	4.381	119	44.264	21	6.319	47	16.905	191	71.869
Goiás	4	3.979	316	72.277	20	2.239	70	24.246	410	102.741
Maranhão	4	2.841	42	28.334	58	10.875	183	37.525	287	79.575
Mato Grosso	3	3.344	158	36.804	1	112	25	6.206	187	46.466
Mato Grosso do Sul	–	–	184	35.795	13	1.745	44	13.800	241	51.340
Minas Gerais	14	6.020	685	195.183	116	26.274	421	124.238	1.236	351.715
Pará	4	3.872	133	65.988	6	966	55	28.044	198	98.870
Paraíba	4	5.061	141	37.020	25	4.086	82	18.544	252	64.711
Paraná	2	7.964	444	178.076	2	194	175	46.015	623	232.249
Pernambuco	7	7.099	270	101.090	106	27.058	171	45.517	554	180.764
Piauí	5	3.837	63	32.411	11	2.230	74	17.583	153	56.061
Rio de Janeiro	15	16.088	343	187.042	32	14.114	569	184.463	959	401.707
Rio Grande do Norte	2	2.398	140	51.393	38	6.966	60	13.806	240	74.563
Rio Grande do Sul	12	8.270	450	142.602	14	4.003	276	60.196	752	215.071
Rondônia	1	110	53	14.252	–	–	13	1.831	67	16.193
Roraima	14	3.790	–	–	–	–	–	–	14	3.790
Santa Catarina	6	4.220	324	81.301	12	1.839	164	34.786	506	122.146
São Paulo	1	2.846	1.643	624.007	54	17.507	829	297.575	2.527	941.935
Sergipe	3	2.054	26	13.983	10	3.066	52	14.182	91	33.285
Tocantins	1	292	74	13.686	12	1.935	11	3.393	98	19.306
Total Brasil	**136**	**105.360**	**6.194**	**2.270.091**	**710**	**164.575**	**3.888**	**1.135.152**	**10.928**	**3.675.178**

(*) Estimativa *Fonte:* Ministério da Educação (MEC)

Instituições e matrículas no ensino superior – 1991

Unidades da federação	NÚMERO DE INSTITUIÇÕES			NÚMERO DE MATRÍCULAS		
	públicas	particulares	total	públicas	particulares	total
Acre	1	–	1	3.089	–	3.089
Amapá	1	–	1	627	–	627
Amazonas	3	3	6	8.193	1.352	9.545
Pará	7	4	11	21.538	9.926	31.464
Roraima	1	–	1	829	–	829
Rondônia	1	4	5	2.586	1.795	4.381
Tocantins	2	–	2	1.886	–	1.886
Total Região Norte	**16**	**11**	**27**	**38.748**	**13.073**	**51.821**
Alagoas	3	2	5	8.637	5.535	14.172
Bahia	5	18	23	24.142	22.149	46.291
Ceará	8	1	9	27.541	10.363	37.904
Maranhão	2	1	3	10.163	830	10.993
Paraíba	2	8	10	27.746	5.268	33.014
Pernambuco	15	17	32	36.311	32.532	68.843
Piauí	2	1	3	8.971	374	9.345
Rio Grande do Norte	10	2	12	14.853	2.187	17.040
Sergipe	1	2	3	5.560	4.013	9.573
Total Região Nordeste	**48**	**52**	**100**	**163.924**	**83.251**	**247.175**
Espírito Santo	6	14	20	9.113	9.588	18.701
Minas Gerais	31	93	124	55.579	90.104	145.683
Rio de Janeiro	10	101	111	56.733	153.625	210.358
São Paulo	42	267	309	97.978	407.707	505.685
Total Região Sudeste	**89**	**475**	**564**	**219.403**	**661.024**	**880.427**
Paraná	29	33	62	68.542	31.062	99.604
Rio Grande do Sul	5	44	49	35.217	104.955	140.172
Santa Catarina	10	10	20	39.783	8.143	47.926
Total Região Sul	**44**	**87**	**131**	**143.542**	**144.160**	**287.702**
Distrito Federal	2	11	13	8.776	23.410	32.186
Goiás	20	10	30	16.614	18.687	35.301
Mato Grosso	2	15	17	7.781	4.651	12.432
Mato Grosso do Sul	1	10	11	6.948	11.064	18.012
Total Região Centro-Oeste	**25**	**46**	**71**	**40.119**	**57.812**	**97.931**
Total Brasil	**222**	**671**	**893**	**605.736**	**959.320**	**1.565.056**

Fonte: Ministério da Educação (MEC)

O professor

As mulheres, com idade média de 33,6 anos, constituem 83,3% do contingente de professores de 1° grau. A partir da década de 60, os salários desses profissionais gradualmente perdem seu valor, ao mesmo tempo que o salário feminino se torna mais importante na formação da renda familiar. A queda no poder aquisitivo obriga os professores, principalmente os das escolas públicas, a multiplicarem o número de aulas, diminuindo o tempo disponível para o preparo das aulas e cursos de aperfeiçoamento. A dificuldade de negociar com os governos melhores salários leva os professores de 1° e 2° graus e universitários a recorrerem a greves, muitas vezes com a duração de meses – situação que penaliza ainda mais o aluno com o prolongamento do ano letivo para o ano seguinte, aprovação automática sem o cumprimento do programa e até com a perda do ano letivo. Em 1993, no Espírito Santo o ano letivo foi gravemente comprometido: foram 109 dias de greve até o meio de out.; em Minas Gerais foram 76 dias de greve; e em São Paulo, 79 dias.

Grande número dos cursos de formação de professores é de péssima qualidade; os que saem desses cursos, em sua maioria, vão dar aula nas escolas públicas, contribuindo para a queda do nível de ensino e levando a classe média a migrar para as escolas particulares. No Nordeste e no Norte do país ainda é muito freqüente a figura do professor leigo, sem formação profissional, alguns com o 1° grau incompleto e que são responsáveis pela alfabetização de muitas crianças; no Sudeste a maior parte dos leigos tem curso superior em outras áreas. Segundo o Relatório do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, cerca de 59% dos professores não prestaram concurso público, foram indicados por políticos ou técnicos. A falta de preparo leva os professores a terem dificuldades em atender às necessidades dos alunos, limitando-se a repetir o conteúdo do programa. O livro didático, que deveria ter função de apoio, é utilizado como o único item do trabalho escolar. Poucos conseguem usar métodos didáticos que incentivem a aprendizagem. Os professores são preparados para ensinar alunos de classe média e têm dificuldades para lidar com alunos que venham de um outro ambiente cultural, com outra formação e outras expectativas.

Distribuição dos professores por região, segundo o nível de escolarização (%) – 1990

Escolarização	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Brasil
1° grau incompleto	4,3	7,3	1,5	0,6	0,2	**3,0**
1° grau completo	8,2	9,5	5,3	2,0	0,7	**5,0**
2° grau magistério completo	44,6	45,9	30,1	21,0	21,7	**32,3**
outro 2° grau completo	11,6	8,2	8,1	2,6	4,7	**6,7**
3° grau pedagogia completo	11,6	12,5	14,6	19,9	25,6	**17,7**
outro 3° grau completo	9,9	9,8	18,3	33,5	33,2	**21,5**
pós-graduação completo	1,7	1,3	7,8	9,4	4,0	**4,3**

Fonte: Relatório do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (inep)/Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

Salário inicial dos professores com curso de Magistério – julho/1993[1]

Unidades da federação	Salário total[2]	Carga horária	Valor em dólar
Acre	10.510,20	40	147,7
Alagoas	2.505,00	20	35,2
Amapá	–	–	–
Amazonas	–	–	–
Bahia	7.762,50	20	109,1
Ceará	4.788,00	20	67,3
Distrito Federal	12.021,62	20	168,9
Espírito Santo	6.136,00	25	86,2
Goiás	6.136,00	30	86,2
Maranhão	–	–	–
Mato Grosso	8.496,50	40	119,4
Mato Grosso do Sul	5.905,17	22	82,9
Minas Gerais	8.420,30	25	118,3
Pará	7.020,36	20	98,6
Paraíba	7.400,34	40	104,0
Paraná	7.263,94	20	102,0
Pernambuco	14.335,80	40	201,5
Piauí	4.410,00	20	61,9
Rio de Janeiro	8.764,38	22	123,1
Rio Grande do Norte	4.077,15	40	57,3
Rio Grande do Sul	5.568,16	20	78,2
Rondônia	14.820,00	40	208,3
Roraima	7.543,40	20	106,0
Santa Catarina	14.551,37	40	204,5
São Paulo	6.908,05	20	97,1
Sergipe	7.275,00	25	102,2
Tocantins	9.787,01	40	137,5

(1) As datas e as políticas de reajuste são diferentes em cada Estado. (2) Dados em milhares de cruzeiros. *Fonte*: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE)

Salário inicial dos professores com Licenciatura Plena – julho/1993[1]

Unidades da federação	Salário total[2]	Carga horária	Valor em dólar
Acre	15.110,11	40	212,4
Alagoas	3.907,50	20	54,9
Amapá	–	–	–
Amazonas	–	–	–
Bahia	9.683,55	20	136,1
Ceará	7.510,64	20	105,5
Distrito Federal	18.098,90	20	254,4
Espírito Santo	10.445,12	25	146,8
Goiás	12.111,03	40	170,2
Maranhão	–	–	–
Mato Grosso	12.957,85	40	182,11
Mato Grosso do Sul	11.810,34	22	166,0
Minas Gerais	11.386,74	25	160,0
Pará	12.978,81	20	182,4
Paraíba	10.950,62	40	153,9
Paraná	11.228,53	20	157,8
Pernambuco	20.106,70	40	282,6
Piauí	6.090,00	20	85,6
Rio de Janeiro	9.048,30	16	127,2
Rio Grande do Norte	7.968,69	40	112,0
Rio Grande do Sul	8.957,47	20	125,9
Rondônia	19.692,00	40	276,7
Roraima	11.245,40	20	158,0
Santa Catarina	20.961,55	40	294,6
São Paulo	8.396,78	20	118,0
Sergipe	11.850,00	25	166,5
Tocantins	17.836,82	40	250,7

(1) As datas e as políticas de reajuste são diferentes em cada Estado. (2) Dados em milhares de cruzeiros. *Fonte*: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE)

As escolas

A queda na qualidade de ensino não é causada só pela má qualificação profissional dos professores, mas também por falta de investimentos na estrutura física das escolas. Diversas escolas têm salas de aula com janelas e carteiras quebradas, laboratórios sem condição de uso e falta de material didático. Na periferia das grandes cidades é freqüente a depredação de escolas. Essa situação leva um grande número de pais, a partir da década de 70, a transferir seus filhos para escolas particulares. Com a recessão econômica, no início dos anos 90, o movimento inverte-se. Parte dos pais são obrigados a tirar seus filhos das escolas particulares, pressionados pelos aumentos das mensalidades em níveis superiores aos dos salários, aumentando a procura pelas escolas públicas. Os que permanecem nas escolas particulares são obrigados a conviver com as constantes mudanças de regras nos reajustes das mensalidades ou com reajustes ilegais que terminam em disputas judiciais.

Na universidade pública o maior problema é o distanciamento dos cursos em relação ao mercado de trabalho e às reais necessidades da sociedade. Os alunos saem dos cursos com poucas noções sobre as reais exigências de sua área profissional. Numa tentativa de se modificar essa situação, algumas universidades, como a Universidade de São Paulo (USP), têm permitido sua avaliação por pessoal externo – de outras universidades, nacionais e estrangeiras, e das secretarias de Educação –, para que visões mais isentas possam apontar novos caminhos para o ensino e a pesquisa.

A maior parte das universidades federais não tem cursos noturnos, afastando os alunos que têm necessidade de trabalhar. Além disso, há também greves constantes de professores e funcionários por melhores salários. As escolas superiores particulares passam pelos mesmos problemas, acrescido da questão do aumento das mensalidades, motivo de freqüentes protestos dos alunos. Algumas têm uma péssima qualidade de ensino e formam profissionais sem condições de competir no mercado de trabalho.

Os números do analfabetismo

A repetência e a evasão fazem com que o Brasil tenha um baixo desempenho em alfabetização. No final do Império, apesar de a Constituição de 1824 garantir a gratuidade do ensino fundamental para todos, 85% da população de 14 milhões é analfabeta. Em 1962, é lançado o Programa Nacional de Alfabetização, patrocinado pelo MEC. Inspirado no método do educador Paulo Freire, tinha como ponto de partida o levantamento do universo de palavras do aluno, e a partir da decomposição em fonemas desse grupo de palavras era feita a alfabetização; com o golpe militar de 1964, o projeto é interrompido e seu autor é cassado. Em 1967, com o objetivo de acabar com o analfabetismo em dez anos, é criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), destinado à alfabetização de pessoas entre 12 e 35 anos. Nessa época o índice oficial de analfabetismo é de 32,05%. Em 1980, ano em que o Mobral muda de orientação, deixando de atender os adultos, esse índice é de 25,5% para os maiores de 14 anos. Esse número permaneçe alto; chegamos aos anos 90 com cerca de 18% da população com mais de 14 anos analfabeta.

Parte dos que são considerados alfabetizados é capaz apenas de escrever o nome, tendo enorme dificuldade de escrever ou ler um simples bilhete: são os analfabetos funcionais, não contabilizados nas estatísticas. Em 1990, o número de analfabetos com mais de 14 anos é de 17.732.629. Desse total, 53,2% estão na região Nordeste; 28,5% na Sudeste; 10,1% na Sul; 6,2% na Centro-Oeste; e 2% na Norte. A região Sudeste tem grande participação, nesse índice devido ao tamanho de sua população e os baixos índices da região Norte são devidos a sua população pequena e distorções de pesquisa, já que o IBGE, na realização da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, não apura as áreas rurais desses Estados.

Estudo estatístico do MEC, com base em dados do IBGE, constatou um envelhecimento da população analfabeta: no Sul, 53,4% do total de analfabetos têm mais de 49 anos; no Sudeste, 53,9%; no Centro-Oeste, 45,3%; no Norte, 44,3%; e no Nordeste, 37,7%. A renda familiar é considerada decisiva na escolarização das crianças de 7 a 14 anos. Nas famílias com renda per capita de até um quarto do salário mínimo, 72,7% freqüentavam a escola em 1989. Esse índice atinge 97% nas famílias com renda per capita superior a dois salários mínimos. A população com rendimento mensal familiar inferior a dois salários mínimos representa 44,3% das famílias, das quais apenas 3,5% entram para a universidade.

Em 1989, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) divulgou uma pesquisa sobre o grau de escolaridade dos 75 milhões de eleitores que revela o nível do atraso educacional: 68% são analfabetos, semi-analfabetos ou não completaram o 1º grau. A previsão é de que no ano 2000, para uma população estimada de 180 milhões, 23 milhões, ou 12,7%, ainda sejam analfabetos, dos quais mais da metade será de adultos.

Analfabetos com mais de 14 anos – 1990

Unidades da federação	Analfabetos acima de 14 anos	% da população acima de 14 anos
Amazonas (1)	83.478	9,50
Pará (1)	185.143	11,45
Norte (2)	**356.131**	–
Alagoas	630.443	43,54
Bahia	2.340.781	33,03
Ceará	1.558.820	47,51
Maranhão	1.126.254	38,95
Paraíba	763.581	38,06
Pernambuco	1.527.799	32,94
Piauí	635.246	40,91
Rio Grande do Norte	529.420	36,47
Sergipe	314.997	36,40
Nordeste	**9.427.341**	**37,38**
Espírito Santo	303.368	18,68
Minas Gerais	1.687.550	15,90
Rio de Janeiro	966.835	9,49
São Paulo	2.089.573	9,08
Sudeste	**5.047.326**	**11,11**
Paraná	858.805	14,25
Rio Grande do Sul	618.268	9,62
Santa Catarina	314.997	10,39
Sul	**1.792.070**	**11,58**
Distrito Federal	106.774	8,58
Goiás (3)	610.579	19,04
Mato Grosso	217.097	19,88
Mato Grosso do Sul	175.311	15,09
Centro-Oeste	**1.109.761**	**16,55**

(1) Exclui população da área rural; (2) inclui os dados dos demais Estados da região Norte que não são divulgados em separado; (3) inclui Tocantins. *Fonte*: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)/Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) –1990

PROJETOS RECENTES

Durante o governo de Fernando Collor de Mello foram elaborados dois programas para a educação nacional. O primeiro deles foi o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania, lançado em 1990 com o objetivo de reduzir em 70% o número de analfabetos até 1995. Os projetos deveriam ser elaborados pelos Estados e municípios e executados com recursos federais. Criticado por grande parte dos educadores que considera prioritário investir no ensino básico regular, para sanar o problema de repe-

tência e evasão e melhorar a formação e os salários dos professores, o programa não chegou a sair do papel.

A outra tentativa foi o projeto de construção dos CIACs (Centros Integrados de Apoio à Criança), inspirado no modelo dos CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública), criados por Darcy Ribeiro durante a primeira gestão do gov. Leonel Brizola, entre 1982 e 1986, no Rio de Janeiro, e que por sua vez foram inspirados nas idéias do educador baiano Anísio Teixeira. Previstos para funcionar em tempo integral, atenderiam a criança, não só dando educação escolar, mas também saúde, cultura, esporte, creche, preparo para o trabalho e desenvolvimento comunitário; deveriam também incentivar a autonomia dos alunos e a participação da comunidade. O custo de cada unidade era de cerca de US$ 1 milhão, mas, após a construção de alguns CIACs, os planos foram engavetados.

Durante o governo do pres. Itamar Franco os CIACs passaram a se chamar Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAICs). O projeto prevê a utilização de creches, serviços de saúde, clubes de lazer, bibliotecas e escolas já existentes na comunidade para que não seja obrigatória a construção de grandes escolas. Mesmo assim, até o 1º semestre de 1993 26 CAICs estavam prontos e 176 estavam em construção.

O problema principal apontado por alguns educadores em relação a esse tipo de projeto é o desvio de recursos, que aplicados dentro do modelo de rede escolar já existente poderia atender a um maior número de crianças.

Para tentar recuperar o sistema educacional da região Nordeste, o MEC criou, em 1993, com o apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bird), o Projeto de Educação Básica para o Nordeste. Devem ser investidos US$ 418 milhões em construção, ampliação e reforma de escolas; melhoria da administração; aquisição de material didático e incentivo à melhoria dos processos pedagógicos. O projeto tem duração prevista de cinco anos.

Iniciativas municipais – As maiores inovações no setor educacional vêm sendo feitas em âmbito municipal. As cidades do Paraná vêm se destacando nessas experiências. Em Cascavel, foi criada uma fundação educacional para que os empresários financiem bolsas de estudo em escolas particulares para alunos que não possam estudar em escolas públicas por falta de vagas. Em Londrina, houve uma experiência de democratização da administração do sistema educacional com a escolha pelo voto direto do secretário municipal de Educação. Um grande banco financia docentes da PUC para darem cursos de capacitação para professores da rede pública, o primeiro município atingido pelo programa foi São José dos Pinhais. Em Minas Gerais, os municípios de Contagem e Colatina assumiram a responsabilidade pelas escolas estaduais, descentralizando a administração.

Investimentos

A União deve aplicar, segundo a Constituição, o mínimo anual de 18% da receita resultante de impostos e transferências, e os Estados e municípios, o mínimo anual de 25%, no ensino. O município que não cumprir essa determinação pode sofrer intervenção federal. O ensino público de 1º grau tem como fonte adicional a contribuição do salário-educação recolhido pelas empresas. Esse valor corresponde a 2,5% da folha de pagamento das empresas comerciais e industriais e a 0,8% do preço comercial dos produtos rurais, no caso de empresa agrícola, produtor e empregador. Desse dinheiro, dois terços são remetidos aos Estados e um terço é distribuído pelo MEC. A maior parte desses recursos é destinada às escolas públicas, enquanto escolas comunitárias, confessionais (religiosas) e filantrópicas recebem percentuais menores. Os recursos para merenda escolar, saúde, transporte e material didático devem vir de outras fontes.

Até set. de 1993 os recursos do salário-educação que passavam pelo ministério demoravam cerca de quarenta dias para começar a ser distribuído: trinta dias parados no INSS e dez no Tesouro Nacional, provocando enormes prejuízos. Essa sistemática de recolhimento foi alterada em 12/10/1993, quando o MEC reduziu em 25 dias o prazo de transferência de recursos. Segundo o min. da Educação, Murílio Hingel, o novo sistema poderá aumentar em US$ 200 milhões os recursos destinados à educação.

Na prática, a distribuição dos recursos é afetada por diversos problemas. Grande parte do dinheiro é gasto na manutenção da estrutura burocrática, na compra de merenda escolar, na criação de infra-estrutura de saúde nas escolas e muitas vezes no pagamento de transporte para crianças obrigadas a estudar longe de casa. Os investimentos públicos na área têm sofrido grandes reduções. Segundo o MEC representavam 13,1% do total de despesas realizadas pela União, em 1987; 10,6%, em 1988; 4,6%, em 1989; 2,4%, em 1990; e 4,2%, em 1991. O orçamento para 1992 previa a aplicação de 2,5%. Além disso, a maior parte dos recursos federais é aplicada no ensino superior, o que deixa aos Estados e municípios toda a responsabilidade pelo ensino básico. Em 1989, o Distrito Federal, com 24,7%, e o Paraná, com 24%, foram os que mais aplicaram em educação. Os que menos investiram foram o Maranhão, com 11%, e Goiás, com 12,8%.

Nas escolas particulares a principal fonte de financiamento são as mensalidades, cujo aumento constante tem causado freqüentes protestos, greves e fechamento de escolas.

O sistema de ensino

A educação no Brasil é considerada, pela Constituição Federal, um direito de todos e um dever do Estado e da família. Ela deve ter a colaboração da sociedade e levar a um pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. O ensino deve obedecer aos seguintes princípios: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas; coexistência de escolas públicas e privadas; gratuidade do ensino público; valorização dos profissionais do ensino; a gestão democrática do ensino público e garantia do padrão de qualidade.

O sistema de ensino brasileiro é organizado em regime de colaboração entre a União, o Distrito Federal, os Estados e os municípios. Cabe à União organizar e financiar o sistema nacional, garantindo a padronização do ensino em todo o país e dar assistência técnica e financeira aos Estados e municípios, responsáveis pelo ensino público obrigatório. Nos Estados e municípios, os sistemas de ensino englobam as redes pública e particular e os órgãos e serviços de caráter normativo, administrativo e de apoio técnico, dentro de suas respectivas jurisdições.

A administração é feita por órgãos federais, estaduais e municipais. Os federais são o Ministério da Educação (MEC) e o Conselho Federal de Educação ; ao MEC cabe fazer cumprir e regulamentar as leis de ensino e as determinações do CFE, responsável pelas orientações normativas básicas. Os estaduais são as Secretarias e os Conselhos Estaduais de Educação, SEEs e CEEs, respectivamente; as SEEs devem coordenar a política educacional estadual com base nas normas estabelecidas pelos CEEs e controlar e fiscalizar as escolas particulares de ensino de 1º e 2º graus. No âmbito municipal, são as Secretarias ou Departamentos de Educação e os Conselhos Municipais de Educação (CMEs), que devem fiscalizar também as escolas particulares de educação infantil.

As ações políticas e educacionais dos secretários estaduais articulam-se no Conselho de Secretários de Educação (Consed) e as dos secretários municipais, por meio da União dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime). Nos últimos anos, dois organismos vêm influindo na política educacional. São eles o

Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), representante das universidades, e os Conselhos de Escolas (CEs), que, criados pelas escolas públicas, estão se transformando no órgão normativo e executivo mais importante da gestão escolar, em substituição às antigas Associação de Pais e Mestres (APMs), ou incorporando-as como Departamento Financeiro do CE. Os alunos também participam do CE, embora muitas escolas, públicas e particulares, disponham de canal próprio para sua participação.

NÍVEIS DE ENSINO

São dois: o básico (que compreende o 1º grau, de 7 a 14 anos, e o 2º grau, de 15 a 17 anos) e o superior. O nível básico deve oferecer a todo cidadão uma formação comum para que possa participar da vida em sociedade e meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores. A Constituição de 1988 determina que o Estado deve garantir também a educação infantil, para crianças de 0 a 6 anos. Ela deve proporcionar o desenvolvimento físico, psicológico e intelectual da criança em complementação à ação da família e ser oferecida em creches, para crianças de 0 a 3 anos, e em pré-escolas, para crianças de 4 a 6 anos.

O 1º grau tem como objetivo o domínio progressivo da leitura, da escrita e do cálculo como instrumentos para a compreensão e solução dos problemas humanos. O 2º grau deve levar ao aprofundamento e à consolidação dos conhecimentos adquiridos no 1º grau, preparando o aluno para continuar aprendendo, desenvolvendo o pensamento autônomo e a compreensão dos fundamentos dos processos produtivos.

Sua duração e carga horária podem ser ampliadas para fornecer educação profissional, como nos cursos de formação de professores, com duração de quatro anos. A formação profissional pode ser obtida em escolas técnicas, que preparam para ocupações na indústria, comércio, agricultura e serviços. Nelas podem se inscrever os que concluíram o 1º e 2º graus.

Os currículos dos ensinos de 1º e 2º graus abrangem obrigatoriamente o estudo de língua portuguesa, matemática, conhecimento do mundo físico e natural e das realidades social e política, especialmente a brasileira. A partir da 5ª série é obrigatório o ensino de uma língua estrangeira moderna; a maior parte dos Estados determina o estudo do inglês, mas em alguns há o francês e o espanhol como opções. A educação física e artística é obrigatória, e a educação ambiental deve ser levada em conta na concepção de todos os conteúdos escolares. A iniciação tecnológica deve ser introduzida a partir do 1º grau. O ensino religioso é de matrícula facultativa e deve ser dado nos horários normais das escolas públicas de 1º grau.

ENSINO ESPECÍFICO

Busca atender estudantes com problemas para cumprir o programa regular das escolas. Pode ser dado por meio de cursos supletivos, educação para comunidades indígenas, educação à distância e educação especial. O ensino supletivo é destinado aos que não tiveram acesso ao ensino de 1º e 2º graus na idade própria. A educação para comunidades indígenas deve ser dada na língua materna, buscando preservar e fortalecer a cultura e a organização do grupo.

A educação à distância é dada com a utilização de material didático de auto-educação e de programas nos meios de comunicação. Deve possibilitar, através do estudo independente do aluno, o aperfeiçoamento profissional e o enriquecimento cultural. A Fundação Roquete Pinto, responsável pela coordenação dos programas das redes de rádio e televisão educativa, já transmitiu, em 1992, um programa de atualização de professores de 1º grau e alunos de cursos profissionalizantes de formação de professores, onde, em alguns postos, os participantes podiam tirar suas dúvidas com a produção do programa através de fax e de canal de voz.

O ensino especial é destinado aos portadores de deficiências mentais e físicas. Segundo cientistas e educadores, ele deve ser dado preferencialmente na rede regular de ensino, com apoio especializado. Pode ser dado também em classes ou escolas especiais.

LDB

A nova Constituição prevê a formulação de uma nova Lei das Diretrizes e Bases da Educação (LDB), texto destinado a reunir toda a legislação sobre o assunto num texto único. A primeira LDB brasileira, encaminhada ao Congresso nacional em 1948, pelo min. da Educação e Saúde Pública, Clemente Mariani, foi sancionada somente em dez. de 1961, com um texto ambíguo que tentava conciliar diversas posições: a dos defensores de uma maior ingerência da União e a dos que advogavam a concessão de um maior poder decisório aos Estados; a dos defensores do ensino público e a dos favoráveis ao ensino particular. Durante o governo militar a legislação sobre educação é alterada. As principais leis foram a 5.540, de 1968, e a 5.692, de 1971. A primeira é responsável pela reforma universitária, instituindo a departamentalização, a matrícula por disciplina, o regime de créditos e o vestibular classificatório. A 5.692 reformula o ensino básico agrupando os cursos primário e ginasial no ensino de 1º grau; passando o ensino obrigatório de quatro para oito anos e transformando o 2º grau em profissionalizante sem, no entanto, destinar recursos humanos e materiais para essa transformação. Em 1982, a profissionalização no 2º grau deixou de ser compulsória.

O primeiro projeto para uma nova LDB, apresentado em 1988, é o do ex-dep. Octávio Elísio (PSDB-MG), com contribuição de diversos educadores. No ano seguinte, a Comissão de Educação da Câmara reúne treze projetos parlamentares de LDB e contribuições de entidades sindicais, estudantis, científicas e institucionais, muitas delas vindas através de audiências públicas. Há também seminários temáticos sobre a LDB. De todo esse trabalho surge o substitutivo do dep. Jorge Hage, cujos principais pontos são: garantir o ensino público noturno regular; dar condições especiais para carentes, deficientes e superdotados; garantir o acesso à educação aos trabalhadores, sem prejuízo no emprego; subordinar a escola particular aos interesses públicos; propor piso salarial unificado para os trabalhadores em educação; determinar que 50% da carga horária dos professores seja usada na preparação de aulas.

Em 1990, esse projeto recebe 1.110 destaques na Comissão de Educação, que faz um novo substitutivo, aprovado na Comissão de Finanças no final do ano. Em 1991, o projeto recebe 1.263 emendas mas não vai a plenário. Surge no Senado, em 1992, um novo projeto, do sen. Darcy Ribeiro (PDT-RJ). A principal alteração proposta é a criação de um nível básico de dez séries, em período integral, das quais cinco seriam obrigatórias. O projeto da Câmara começa a ser votado em 1º/12. Em 1993, o sen. Darcy Ribeiro faz diversas emendas ao outro projeto, retirando o seu.

Em abr. de 1993, o plenário da Câmara dos Deputados aprova mais dezessete artigos da LDB, entre eles o que determina que o número de alunos por professor não deve ultrapassar vinte crianças nas creches, trinta na pré-escola e nas classes de alfabetização e 45 no 1º grau e no 2º grau, normatizando o que já é praticado em alguns Estados; estabelece o ano letivo de duzentos dias, com carga horária de oitocentas horas, o que obriga as escolas comunitárias, filantrópicas ou confessionais que recebam recursos públicos a formar conselhos escolares com a participação da comunidade para, entre outras funções, verificarem a aplicação desses recursos.

A LDB ainda deve ser aprovada pelo Senado Federal e, em seguida, enviada ao presidente da República, que tem poder para promulgar o texto na íntegra ou vetar alguns artigos. ■

SAÚDE PÚBLICA

Nos hospitais há filas nas portas e leitos pelos corredores. Doentes morrem antes de ser atendidos e postos ambulatoriais são fechados por falta de recursos. Diante da decadência do setor, médicos são obrigados a adotar critérios pouco ortodoxos quando se trata de salvar a vida humana – entre dois doentes graves, escolhem aquele que tem mais chances de sobrevivência; ou o mais jovem, se as chances forem iguais. Os brasileiros ainda são vítimas de doenças infecto-contagiosas e parasitárias e, o que é mais grave, da desnutrição crônica. Moléstias evitáveis, típicas do passado, como a cólera, por exemplo, atacam a saúde dos habitantes das regiões pobres e de áreas rurais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil detém hoje 95% dos casos de lepra (hanseníase) notificados nas Américas: cerca de 300 mil leprosos. A falência da saúde se confunde com a história do país: começa no final da década de 70 e acompanha a crise econômica. Em jun. de 1993, o pres. da República, Itamar Franco, criou uma Comissão Especial de Seguridade, decretou o estado de calamidade pública da saúde e pediu abertura de crédito extraordinário para saldar os débitos do setor.

O sistema

Os serviços públicos, juntamente com os particulares contratados, formam o Sistema Único de Saúde (SUS), criado pelo art. 198 da Constituição e regulamentado pela Lei Orgânica da Saúde (Lei 8.080, de 19/9/1990). Implantado desde o início de 1991, o SUS é custeado com recursos das três esferas de governo – federal, estadual e municipal. As verbas federais são oriundas da Seguridade Social, que destina 15,5% dos seus recursos à saúde (verbas advindas de contribuições dos empregadores e dos trabalhadores; programas PIS/PASEP; COFINS, antigo FINSOCIAL; lucro das pessoas jurídicas). Um financiamento adequado do SUS exige no mínimo US$ 40 bilhões por ano. Em 1992, a dotação orçamentária inicial foi de apenas US$ 9 bilhões. Como as fontes financiadoras contribuíram com US$ 31,1 bilhões, faltou uma complementação por parte do Tesouro de US$ 9 a 10 bilhões.

Falência da saúde – Em 1987, o Brasil ocupava a 63ª posição no *ranking* mundial dos investimentos no setor: gastava US$ 80,8 per capita, equivalentes a 4,2% do PIB. Hoje, quando o próprio Ministério da Saúde (MS) define ser de US$ 150 o parâmetro para um atendimento adequado, o gasto é de apenas US$ 21 per capita. Nos últimos quatro anos, os recursos da Saúde caíram de US$ 12 bilhões, em 1989, para US$ 8,2 bilhões, em 1993. Embora o art. 196 da Constituição de 1988 defina saúde como direito de todos e dever do Estado, na prática, os serviços públicos não têm como cumprir o que prega a lei: há despesas que ninguém sabe como reduzir e receitas inferiores aos compromissos. O Parágrafo Único do art. 198, que determina como é feito o financiamento do sistema, não deixa claro a quais "outras fontes" de receita se refere. A rigor, 30% do orçamento do MS se constitui por verbas da Previdência. Como os recursos da Seguridade Social são insuficientes, essa quantia nunca é repassada.

Em jun. de 1993, o déficit da Saúde era de US$ 833,8 milhões. Como não houve o repasse de US$ 863,2 milhões do Tesouro para a Saúde e Previdência, o déficit não foi zerado. Dessa forma, a Comissão Especial de Seguridade decidiu considerar que no segundo semestre haveria déficit mês a mês. Para saldar suas dívidas, calculou em US$ 6,3 bilhões o dinheiro necessário: precisaria repassar US$ 2,9 bilhões à Saúde e US$ 3,4 bilhões à Previdência. Estes cálculos levaram em conta uma inflação decrescente – de 26%, deveria chegar aos 16% em dez. –, e a arrecadação do Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira – IPMF, que contribuiria com 20% (US$ 120 milhões mensais). Como a inflação só fez subir, o novo imposto caiu e o déficit aumentou, o governo precisou lançar mão do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) para saldar a dívida atrasada com os hospitais: em 1993, o FAT emprestou ao Tesouro Nacional US$ 700 milhões.

A UNIFICAÇÃO

Desde 1991 os hospitais e antigos Postos de Assistência Médica (PAMs) pertencentes ao ex-INAMPS estão sob responsabilidade das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. Apenas 25 unidades em todo o país – 24 no Rio de Janeiro e uma na Bahia – são administradas pelo governo federal. A extinção do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social – INAMPS (Lei 8.689, de 27/7/1993) é um avanço na implantação do SUS e na municipalização da saúde: o repasse de recursos às Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde, antes controlados por ele, compete agora ao Fundo Nacional de Saúde, que transfere aos Fundos Estaduais e Municipais de Saúde as verbas destinadas à rede. Cada Estado recebe uma cota mensal de guias de internação – distribuída aos hospitais conforme a capacidade de atendimento – e verba destinada ao atendimento ambulato-rial (exames e consultas). Os valores têm por base a população e a capacidade de atendimento da rede hospitalar credenciada.

Mais importante que a dotação orçamentária destinada à Saúde em 1993, que necessariamente merece suplementações, é a maneira como se realiza o repasse dos recursos. Essa tarefa ainda cabe ao governo federal, que paga por serviços prestados, ou seja, com uma defasagem de cinqüenta a sessenta dias. Assim, descapitalizada, a rede acaba sucateada: os custos dos insumos básicos – gaze, remédios etc. – acompanham a inflação; nem mesmo hospitais filantrópicos, como as Santas Casas, têm como administrar um orçamento carcomido pela ciranda financeira. Para aquisição de medicamentos excepcionais ou especiais – hormônios de crescimento, AZT (usado no tratamento da AIDS), ciclosporina (utilizada em casos de transplante, evita a rejeição) etc. –, não há verba específica. O caminho encontrado é incluí-los nos custos da cobertura ambulatorial, a fim de que os Estados possam adquiri-los. A medida encontra resistência: o montante repassado atualmente já é insuficiente para a simples cobertura dos serviços de ambulatório.

Dificuldades – O relacionamento entre a rede contratada e o MS é especialmente difícil. A rede reclama da baixa remuneração, dos atrasos no pagamento dos serviços e ameaça com paralisações. O governo suspeita que os serviços contratados criam "pacientes fantasmas" para fraudar a Previdência, alega que alguns hospitais cobram taxas extras de seus segurados, queixa-se da discriminação de doentes nos serviços da rede: vítimas da AIDS, acidentados com politraumatismos, assim como pacientes graves e crônicos são, geralmente, rejeitados, uma vez que o lucro dos hospitais depende da rotatividade nos leitos e tratamentos simples.

À medida que a Medicina se sofistica, aumenta a distância entre os centros de excelência, dotados de aparelhos de ressonância magnética e tomógrafos computadorizados, por exemplo, e os hospitais antigos, com manutenção precária, equipamentos superados, onde faltam desde remédios a simples seringas descartáveis. O brasileiro também pode buscar atendimento médico como conveniado de planos de saúde, chamados de medicina suplementar. O atendimento é prestado essencialmente pelos mesmos hospitais, laboratórios e consultórios da rede particular que vendem seus serviços ao SUS. O acesso a essa medicina está condicionado ao poder aquisitivo ou, caso mais freqüente, a um vínculo empregatício com empresa que ofereça atendimento médico a seus funcionários. Em função da crise econômica e do desemprego, um número crescente de pessoas tem sido empurrado para as escassas vagas dos serviços públicos ou contratados do sistema.

A REDE HOSPITALAR

O país dispõe de uma rede pública de postos de saúde, ambulatórios e hospitais insuficiente. É obrigado a comprar serviços da rede particular e filantrópica (basicamente Santas Casas). Depende da iniciativa privada – regida pelas leis de mercado – para atender à demanda de internação hospitalar, de diagnósticos laboratoriais, de medicina nuclear e de exames radiológicos de maior complexidade. Dos cerca de 6.500 hospitais brasileiros, os hospitais próprios (ainda pertencentes à rede do extinto INAMPS) são apenas cinco; dentre os conveniados quase metade – 3 mil – está nas mãos de particulares, 1.700 são filantrópicos e os 27% restantes pertencem a Estados e municípios, sendo alguns deles ligados a universidades.

Entre 1976 e 1990, as instituições beneficentes fecharam duzentos leitos, enquanto as entidades com fins lucrativos abriram outros oitocentos: oito em cada dez leitos da rede particular têm convênios com o poder público. Os hospitais credenciados mantêm 495 mil leitos: uma média de 2,5 por mil habitantes, dentro do índice recomendado pela OMS, segundo a qual o ideal fica entre 1,82 e 3 por mil habitantes. Em compensação, o país aparece no relatório do Banco Mundial *(Desenvolvimento mundial 1993: investindo em saúde)* como exemplo de desperdício no setor: cerca de 20% a 30% dos equipamentos existentes nos hospitais públicos – um patrimônio avaliado em US$ 2 bilhões – não funcionam.

A CENTRAL DE MEDICAMENTOS

Criada em 1971, para conduzir o Programa de Assistência Farmacêutica, promove o abastecimento de medicamentos essenciais à população por meio da rede pública. Operacionalizada pelo SUS, atende a 45% da demanda oficial dos remédios constantes na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (Rename), a um custo 30% menor em relação ao mercado. Integram sua produção catorze laboratórios: Farmanguinhos (Fiocruz), Fundação para o Remédio Popular (Furp), Instituto Vital Brasil (IVB), Indústrias Químicas do Estado de Goiás (Iquego), Fundação Ezequiel Dias (Funed), Laboratório Industrial Farmacêutico de Alagoas (Lifal), Empresa de Produtos Farmacêuticos da Bahia (Bahiafarma), Laboratório Químico Farmacêutico do Exército (LQFEx), Laboratório Farmacêutico da Marinha (LFMa), Laboratório Químico Farmacêutico da Aeronáutica (LQFa), Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco (Labepe), Centro de Medicamentos do Paraná (Cemepar), Fundação de Hematologia e Hemoterapia de Pernambuco (Hemope), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Além de aquisição e distribuição de medicamentos, atividade que em 1993 teve dotação orçamentária de US$ 876 milhões para atender a 52% da população-alvo, a Central de Medicamentos (Ceme) atua nas áreas de modernização do parque produtor estatal, pesquisa e desenvolvimento científico, e controle de qualidade. A listagem da Rename foi atualizada em 1993, buscando atender melhor às doenças prevalentes no país. Dentro dos Programas de Nacionalização de Fármacos e Pesquisa de Plantas Medicinais, a Ceme investiga cientificamente propriedades terapêuticas de 28 espécies vegetais utilizadas pela população: cinco apresentaram confirmada ação terapêutica – *Maytenus ilicifolia* (espinheira-santa), *Phyllantus niruri* (quebra-pedra), *Ageratum conyzoides* (mentrasto), *Mikania glomerata* (guaco), *Cecropia glazioni* (embaúba).

OS GASTOS

Em 1991, causas ligadas a gravidez, parto e puerpério são as responsáveis pelo maior número de internações hospitalares (22,9%). A elas seguem-se as doenças do aparelho respiratório e do aparelho circulatório (15,4% e 10,9%, respectivamente). Os "transtornos mentais", que aparecem em quinto lugar, consomem a maior fatia do total dos 93,72 milhões de dias de internação pagos pelo SUS: 26,84 milhões, o que corresponde a 28,63%. Em compensação, significam apenas US$ 224,7 milhões, enquanto que as internações resultantes de gravidez, parto ou puerpério, embora ocupem apenas 7,75% dos dias de internação, representam gastos de US$ 362,6 milhões.

O SUS presta assistência integral à saúde: atende desde doenças provocadas pela subnutrição e miséria até as que envolvem alta tecnologia. Em 1992, quando também custeia 170 transplantes de medula óssea, 680 de córnea e 1 mil de rins, as principais causas de internação são: parto normal (1.800.153/US$ 271,6 milhões), pneumonia (1.262.001/US$ 284,4 milhões), infecções intestinais (862.090/US$ 115,8 milhões), insuficiência cardíaca (479.690/US$ 155 milhões), psiquiatria (440.750/US$ 112 milhões), bronquite/asma/enfisema (419.423/US$ 88,9 milhões). Naquele ano, elas somam 15.455.370, a um custo de US$ 3,7 bilhões. Entre jan. e jul. de 1993, há 9.078.068 internações, correspondentes a um gasto de US$ 2,7 bilhões.

Perfil das doenças

A saúde do brasileiro é atacada tanto por doenças conhecidas nos países ricos quanto por moléstias típicas do subdesenvolvimento. Moléstias evitáveis, típicas do passado, atacam a saúde dos habitantes das regiões pobres e áreas rurais. Esses brasileiros são vítimas das doenças infecto-contagiosas e parasitárias e, o que é mais grave, da desnutrição crônica. A miséria que se expande no país trouxe de volta cinco das sete mais antigas pragas da humanidade: malária (530 mil casos por ano, concentrados no Amazonas e Pará), leishmaniose (23 mil a 25 mil doentes por ano, nas regiões N, NE e em alguns focos no SE), tuberculose (60 mil a 80 mil casos por ano, em todo o território nacional), hanseníase (N, NE e SE, 25 mil a 27 mil casos por ano) e cólera (do rio Amazonas até o RJ, 42.400 casos).

Nas regiões mais ricas e industrializadas, multiplicam-se as doenças crônico-degenerativas (as coronarianas e cérebro-vasculares) e os casos de neoplasias (câncer). Esses dois tipos de moléstia parecem estar associados ao desenvolvimento e a maus hábitos de vida, como o consumo de álcool, cigarros, obesidade, tensão emocional e vida sedentária. Embora tais doenças estejam presentes nas regiões mais desenvolvidas, isso não significa que suas vítimas façam parte apenas das camadas privilegiadas. Ao contrário: tais enfermidades se agravam sobretudo nos bolsões de pobreza, onde não há acesso a serviços médicos que permitam o diagnóstico precoce. Nesses locais, quando detectadas, faltam tratamentos e equipamentos adequados para seu controle e cura.

Sendo a expectativa de vida, hoje, de 65 anos (logo após a II Guerra Mundial era de 45 anos), a população acha-se vulnerável também às doenças do envelhecimento: hipertensão arterial e altas taxas de colesterol, por exemplo; males que, muitas vezes, atacam também os mais jovens. Somam-se ainda enfermidades contraídas em função do trabalho e as causas externas (acidentes, homicídios etc.).

INFECTO-CONTAGIOSAS

Transmitidas direta ou indiretamente de um indivíduo para outro, por um agente de infecção. Existem agentes de diferentes tipos. As bactérias são responsáveis, entre outras enfermidades, pela hanseníase (lepra), pela cólera e pela tuberculose. Há também o vírus de difícil combate por medicamentos, como os da febre amarela, sarampo e hepatite. Os protozoários são responsáveis por graves endemias brasileiras: a doença de Chagas, a leishmaniose e a malária.

Hanseníase (lepra) – Evoluiu dos 5.618 casos em 1969 para 28.482 em 1990. Em 1991, os doentes eram 250.066, significando um crescimento anual superior a 30 mil. Mas tem cura, quando tratada cedo, com o uso conjunto das

drogas dapsona, rifampicina e clofazimina. A Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) desenvolveu o primeiro teste do mundo para diagnóstico precoce da moléstia; deve chegar ao mercado ainda este ano.

Hanseníase – 1992

Região	Prevalência*	Detecção**	Tendência (% cresc. anual)
Norte	48.353	7.016	5
Nordeste	21.418	6.311	11
Sudeste	66.324	6.895	3
Sul	28.159	2.895	2
Centro-Oeste	33.136	7.151	7
Brasil	**197.390**	**30.268**	**5**

(*) Os doentes já existentes. (**) Casos da doença detectados em 1992/*Fonte:* MS/FNS-CENEPI-Dermatologia Sanitária/ Dados sujeitos à revisão

Tuberculose – Doença de países subdesenvolvidos cujo número de casos caiu quase à metade em 1991, também ameaça novas vítimas com o surgimento da AIDS: o aidético, com redução de sua capacidade imunológica (a defesa do organismo contra infecções), torna-se vulnerável ao bacilo de Koch, transformando-se assim num transmissor potencial da doença para populações sadias: levantamentos divulgados no Rio de Janeiro, em 1992, revelam que cerca de 50% dos portadores de AIDS contraem tuberculose, no estágio final da doença.

Evolução da doença na última década – 1982: 87.822 casos; 1983: 86.617; 1984: 88.366; 1985: 84.310; 1986: 83.731; 1987: 81.826; 1988: 82.395; 1989: 80.375; 1990: 74.570; 1991: 60.854; 1992: 50.366.

Fonte: MS/FNS-CENEPI

Sarampo e febre amarela – Alguns vírus, como o do sarampo e o da febre amarela, são de difícil combate por medicamentos. A febre amarela está sob controle: entre mar. e abr. de 1992 foram notificados apenas três casos em todo o país, na região CO; em igual período de 1993, apenas um, no NE. O sarampo ainda constitui um grave problema de saúde pública: é fator importante na mortalidade infantil, pelas complicações que acarreta. Seu controle só é alcançado mediante elevadas coberturas vacinais (acima de 95%). Na última década, na maioria dos Estados, estas coberturas estiveram sempre abaixo da meta. O MS, através da Fundação Nacional de Saúde, programou um conjunto de ações para eliminar a doença do território nacional. A Campanha Nacional Contra o Sarampo, realizada entre abr. e mai. de 1992, atingiu o objetivo. Hoje, pode-se afirmar que o sarampo também está sob controle: os 99.263 casos registrados em 1980 caíram para 39.548 em 1991 e, em 1992, foram notificados apenas 1.846: 131 na região N, 577 no NE, 654 no SE, 225 no S, 259 no CO. Segundo o MS, entre mar. e abr. de 1993, foram notificados 490 casos de sarampo no país.

Vacinação contra sarampo – 1992

Região	Pop. alvo (de 9 meses a 14 anos)	Pop. vacinada	(%)
Norte	4.285.085	4.240.247	99
Nordeste	16.757.101	15.864.190	95
Sudeste	19.014.895	18.206.981	96
Sul	6.626.272	6.301.935	95
Centro-Oeste	3.452.594	3.410.306	99
Brasil	**50.135.947**	**48.023.659**	**96**

Fonte: MS/FNS-CENEPI (dados até 29/7/1992)

Malária – Presente em mais de cem países, segundo registros da OMS, esta doença é um dos maiores problemas de saúde do mundo. É denominada moléstia tropical por ocorrer em regiões geográficas de clima tropical, como o Brasil. Na última década, a situação na maioria das áreas infestadas piorou. Mais de 2 bilhões de pessoas, ou 40% da população mundial, vivem em áreas ameaçadas pela moléstia. No Brasil, dois fatores colaboram para aumentar o número de casos: as migrações para a região amazônica, campeã dos casos, e a resistência aos medicamentos do parasita causador da forma mais grave da doença, o *Plasmodium falciparum*.

Casos notificados de malária*

Região	1991	1992
Norte	368.938	307.434
Nordeste	20.669	19.375
Sudeste	1.958	1.398
Sul	2.216	228
Centro-Oeste	148.146	188.486
Brasil	**541.927**	**516.921**

Fonte: MS/FNS-CENEPI/(*) Dados sujeitos à revisão

PARASITÁRIAS

Os parasitos transmitem moléstias como a esquistossomose e outras, classificadas como verminoses. A transmissão do agente infeccioso da pessoa contaminada para a próxima vítima pode ocorrer através de mosquitos, caramujos, besouros ou pelo sangue, plasma sanguíneo – em transfusões de sangue –, ou ainda por gotículas de muco e saliva expelidos pela pessoa infectada ao tossir, espirrar e falar.

Esquistossomose e doença de Chagas – Causada por um parasita, a esquistossomose é outro flagelo de regiões tropicais: segundo estimativa da OMS, 200 milhões de pessoas, em 76 países, sofrem da doença. No Brasil, seus níveis estão aumentando. O mesmo acontece com a doença de Chagas, moléstia tropical que afeta 18 milhões de pessoas na América Latina e que está disseminada por 44,5% do território nacional. Em relação aos custos, os cálculos da OMS indicam a necessidade de investir US$ 700 milhões apenas para melhorar as condições ambientais e, assim, combater o inseto transmissor da doença, o "barbeiro".

Verminoses – São também chamadas de helmintíases. Provocam males mais ou menos graves e, em estágios avançados, chegam a causar a morte. Destacam-se no Brasil as causadas por *Áscaris lumbricóides* (lombriga), *Trichiurius trichiura* e *ancilostomídeos*. Ascaridíases não tratadas podem obstruir o intestino, exigindo, então, intervenção cirúrgica. Não tratada e em estágio avançado, as trichiurias levam a hemorragias intestinais. A infestação por ancilostomídeos manifesta-se pelo amarelecimento da pele, daí o nome popular de amarelão. Seu principal efeito é a anemia. De modo geral, as verminoses são evitadas com medidas de higiene e infra-estrutura de saneamento: água tratada e instalação de rede de esgoto.

INTERNAÇÕES

A oferta de leitos no setor privado é três vezes maior que no setor público. Os recursos hospitalares diferem nas diversas regiões do país: a CO, por causa de Brasília – oferece 2,19 leitos por mil habitantes em estabelecimentos públicos –, é mais bem servida.

As moléstias infecto-contagiosas e parasitárias são responsáveis por um grande número de internações nos hospitais da rede pública e conveniada do país: 1985: 854.992; 1986: 735.926; 1987: 865.751; 1988: 974.966; 1989: 973.559; 1990: 1.018.441; 1991: 1.211.574; 1992: 1.341.042.

Fonte: MS/INAMPS

Transmissão e lesões das doenças infecto-contagiosas

Doença	Agente	Forma de transmissão	Sintomas e órgãos afetados
Doença de Chagas	*Trypanossoma cruzi*	Picada pelo barbeiro infectado. Transfusão de sangue contaminado.	Feridas e ulcerações na pele e mucosa. Mutila nariz e céu da boca
Esquistossomose	*Shistoma manssoni*	Contato com água com larvas dos parasitas liberados pelo caramujo do gênero *Biomphalaria*	Febre, anemia, surgimento de gânglios. Ataca o coração e gânglios linfáticos
Febre amarela	Vírus da febre amarela	Picada de mosquitos *Aedes aegypt, Aedes albopictus* e *Haemagogus* (febre amarela silvestre)	Febre violenta. Em casos agudos, insuficiência hepática, renal e cardíaca
Hanseníase (lepra)	Bacilo de Hansen	Não é bem esclarecido. Contato íntimo e prolongado, falta de higiene	Lesões e nódulos na pele. Provoca mutilação e deformidades
Hepatite	Vírus A	Contato direto com o infectado por fezes e secreção oral	Febre, mal-estar, dor no fígado, prurido, náuseas, icterícia, urina escura. Ataca o fígado
	Vírus B	Contato direto e íntimo com o infectado. Sangue, ou seus derivados, contaminado	
Leishmaniose	*Leishmania*	Picada por mosquito flebótomo infectado	Feridas e ulcerações na pele. Em casos agudos, atinge o sistema linfático
Malária	*Plasmodium* tipos *falciparum, vivax malariae*	Picada pela fêmea do mosquito anofelino infectada	Febre, suores, choque, coma, calafrios, insuficiência renal e encefalite aguda. Atinge sangue e fígado
Sarampo	Vírus do sarampo	Secreções do nariz e garganta do infectado	Febre, manchas na pele. Pode provocar pneumonia e encefalite pós-infecciosa
Tuberculose	Bacilo de Koch	Inalação do bacilo presente nas secreções do infectado	Tosse, falta de ar, expectoração, sangramento. Afeta pulmão, gânglios, laringe, ossos, pele, articulações, intestino e rins

DESNUTRIÇÃO CRÔNICA

A pobreza responde pela fome crônica do país, em conseqüência da qual morre a cada minuto uma criança de até 1 ano e, a cada dois minutos, uma criança de 1 a 5 anos. Há 30,7% de menores com até 5 anos desnutridos. Em conseqüência da fome, a população torna-se não apenas mais vulnerável a doenças como também agrava as já instaladas, especialmente as infecciosas. Faltam ao organismo desnutrido proteínas, calorias e vitaminas, em conjunto ou isoladamente.

A mortalidade infantil é associada principalmente a enterocolites, com intoxicação e desidratação. Sofrem o mesmo risco bebês que nascem com peso inferior a 2,5 kg, um universo de 10% das crianças brasileiras, a maioria gerada por mães desnutridas (apenas 24% dessas crianças têm baixo peso em virtude de parto prematuro). A contagem é baseada em dados do período de 1974 a 1989, divulgados numa pesquisa de mai. de 1992, destinada a desenhar o Perfil Estatístico de Crianças e Mães no Brasil. O trabalho reúne especialistas de várias instituições: IBGE, UNICEF, INAN e IPEA.

O estudo traça ainda uma relação entre o estado nutricional das crianças e a renda familiar. Nas famílias com renda de até meio salário mínimo per capita, 12,5% das crianças têm baixo peso ao nascer. Há uma queda sensível deste percentual nas famílias com renda entre um e três salários mínimos per capita: apenas 8,4% nascem com baixo peso. Em cada dez brasileiros, 4,4 vivem com meio salário mínimo e 2,3 com um quarto do salário mínimo. No final de 1992, dados preliminares de um outro estudo sobre o tema, envolvendo crianças em idade escolar – entre 7 e 14 anos –, denunciavam a existência de 550 mil crianças desnutridas matriculadas em escolas municipais e estaduais dos Estados da Paraíba, Ceará e Piauí. Os médicos usam medidas antropométricas – peso, estatura, perímetro braquial – para constatar o estado de desnutrição.

Desnutrição em menores de 5 anos

Região	Área de moradia	Total casos (%)
Norte	Rural (1)	–
	Urbana	42,3
	Total	42,3
Nordeste	Rural	52,7
	Urbana	39,3
	Total	46,1
Sudeste	Rural	32,6
	Urbana	19,5
	Total	21,7
Sul	Rural	20,0
	Urbana	16,6
	Total	17,8
Centro-Oeste	Rural	29,8
	Urbana	24,3
	Total	25,7
Brasil	**Rural**	**41,6**
	Urbana	**25,7**
	Total	**30,7**

Fonte: Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição/1989
(1) O Norte rural não foi pesquisado, por razões operacionais

Desnutrição entre escolares – Considerando-se as regiões, é esta a situação no país: NE, 27,3%; N, 23%; S, 8,7%; CO, 8,2%; SE, 8,1%. Em alguns Estados o percentual de crianças desnutridas é bastante elevado: Paraíba, 20%; Ceará, 22%; Piauí, 23%.

Fonte: Dados preliminares de pesquisa UNICEF, PMA, FAE, U.F. da Paraíba e Secretarias Estaduais de Educação

EPIDEMIAS

Visando ao controle e à prevenção, as doenças são classificadas também pela maneira como surgem. As epidêmicas surgem em determinados períodos (anos ou meses), fazem grande número de vítimas e, depois, desaparecem. A cólera, que entrou no Brasil em 1991, foi declarada epidêmica em 1992 pelo MS. E a febre dengue reaparece em epidemias de verão desde a década passada. Quando começa a ceder, amenizada pela mudança de estação, dá lugar à meningite meningocócica, que, em seus tipos B e C, tem afetado, sobretudo, os Estados do Sul e Sudeste: nestas regiões mais frias, durante o inverno, as doenças respiratórias se propagam com facilidade; a transmissão da meningite é orofaríngea. Mas a epidemia meningocócica está sob controle: os 13.634 casos registrados em 1980 se transformaram em 10.233 em 1991.

Casos notificados de meningite

REGIÃO	1992		1993	
	Março	Abril	Março	Abril
Norte	49	99	140	73
Nordeste	445	532	404	289
Sudeste	964	879	928	1.025
Sul	247	457	419	119
Centro-Oeste	101	140	183	174
Brasil	**1.806**	**2.107**	**2.074**	**1.680**

Fonte: MS/FNS-CENEPI/Dados sujeitos à revisão

As doenças que estão presentes de forma constante e em número significativo de casos são consideradas endêmicas. O Brasil abriga várias delas. O melhor exemplo é a malária, que vem dizimando populações indígenas e, de maneira explosiva, aumentou cerca de onze vezes na Amazônia, nas duas últimas décadas. Já supera, só na região amazônica, 500 mil casos. São endêmicas também a doença de Chagas e a esquistossomose, cujos casos se concentram mais na região Nordeste. Atualmente, a situação das endemias é esta: *malária* – em expansão; *doença de Chagas* – estabilizada em níveis elevados; *esquistossomose* – em expansão; *leishmaniose* – em expansão; *filariose* – sob controle em áreas localizadas.

Cólera – A epidemia é uma conseqüência da progressão da sétima pandemia da doença, iniciada na Ásia, na década de 60. Causada pela bactéria *Vibrio cholerae*, é moléstia típica de países com saneamento básico e hábitos de higiene individual e coletiva precários. É transmitida principalmente pela água e alimentos contaminados, como hortaliças irrigadas com água contaminada e consumidas sem esterilização. Também pode ser adquirida através do contato com fezes e vômitos de pessoas infectadas. Manifesta-se por diarréia súbita e aquosa, ocasionalmente por vômitos, cólicas, dor de barriga e câibras. No Brasil, começa em 1991, vinda do Peru, e se alastra em 1993: entre jan. e ago, são registrados 29.958 casos, com 316 óbitos. Revela o lado mais miserável do país: 90% deles ocorrem no NE, 8% no N e 2% no S e SE; apenas 47% dos municípios brasileiros são servidos por rede de coleta de esgoto, só 8% têm estações de tratamento e 23% deles não têm água tratada.

Sem tratamento adequado, a taxa de mortalidade da doença chega a 50%; mas casos graves, tratados corretamente, podem reduzir este número a menos de 1%. Cerca de 90% das pessoas que entram em contato com o vibrião colérico não apresentam sintomas da doença ou os têm de maneira muito branda. Embora tais casos passem despercebidos, transmitem a bactéria a outras pessoas, por períodos que chegam a alcançar um mês.

Cólera: casos e óbitos

REGIÃO	1991 casos/óbitos	1992 casos/óbitos	1993* casos/óbitos
Norte	2.095/33	4.230/71	838/32
Nordeste	7/–	29.052/359	41.145/397
Sudeste	–/–	2/–	449/29
Sul	–/–	–/–	8/–
Centro-Oeste	1/–	–/–	8/–
Brasil	**2.103/33**	**33.284/430**	**42.448/458**

(*) Dados até a 8ª Semana Epidemiológica de 1993. *Fonte:* MS/FNS-CENEPI

O maior problema é a desidratação, que, em casos extremos, provoca choques e pode levar à morte. É, porém, uma doença tratável e, se atendida a tempo, não provoca complicações nem deixa seqüelas (a não ser em mulheres grávidas, que podem abortar ou ter um parto prematuro). Basta reidratar o doente por via oral e endovenosa, administrando-lhe uma medicação antibiótica, para acabar com a bactéria.

As vacinas disponíveis para cólera têm baixa eficácia e imunidade pouco duradoura. Apenas 50% dos vacinados ficam imunes e por períodos inferiores a seis meses. Por isso, não têm o aval da OMS. A bactéria que está se disseminando no continente americano é a do sorogrupo 01, tipo *El Tor*, isolado pela primeira vez entre peregrinos em viagem a Meca, no Egito, em 1906.

O *El Tor* sobrevive mais tempo no meio ambiente que o vibrião colérico, cresce melhor e mais rapidamente em meios de cultura, em laboratórios, e se distingue ainda pela resistência a agentes químicos. Os infectados por esta bactéria, ao contrário do que ocorre com o tipo *Vibrio cholerae*, são assintomáticos, o que torna a epidemia menos explosiva. O comportamento da epidemia indicava que, até o final de 1993, só no Estado do Rio de Janeiro, os doentes seriam 40 mil; todavia, os casos confirmados não chegaram a 10% deste total. A região Nordeste lidera as estatísticas da doença. Em mar. de 1993, quando o vibrião colérico ainda não havia sido registrado em nenhum Estado das regiões Sul e Centro-Oeste, a cólera já tinha atingido 7,14 nordestinos em cada 100 mil habitantes da região. Dados da OMS, da mesma época, revelam: Malauí, na África, é a cidade mais vitimada pela cólera, enquanto que os países da Europa, Ásia e Oceania não registram nenhum caso até então.

Poliomielite – Praticamente erradicada – em 1980 foram registrados 1.290 casos e em 1991 zero –, exige atenção permanente: apesar da queda vertiginosa, se o vírus continuar em atuação, dentro de dois ou três anos a incidência da pólio volta a crescer. Tradicionalmente, a região NE é a mais atingida pela doença: em seus bolsões de pobreza as condições de saneamento são um meio ambiente ideal para o vírus; além disso, as campanhas de vacinação chegam com mais dificuldade à região, o que deixa parte da população sem cobertura.

Casos notificados de poliomielite

REGIÃO	1992		1993	
	Março	Abril	Março	Abril
Norte	6	11	3	6
Nordeste	49	62	19	32
Sudeste	25	40	27	36
Sul	14	20	14	19
Centro-Oeste	9	11	7	9
Brasil	**103**	**144**	**70**	**102**

Fonte: MS/FNS-CENEPI/Dados sujeitos à revisão

Vacinação contra poliomielite*

Região	Pop. alvo 0-4 anos	Pop. vacinada 0-4 anos	%
Norte	1.678.895	1.460.321	86,98
Nordeste	6.066.156	5.633.381	92,87
Sudeste	6.685.362	6.220.363	93,04
Sul	2.458.737	2.558.904	100,00
Centro-Oeste	1.341.905	1.146.255	85,42
Brasil	**18.231.055**	**17.019.224**	**93,35**

(*) Dados de 21/8/1993. *Fonte:* MS/FNS.

AIDS

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA), mais conhecida no Brasil pela sigla AIDS (do inglês *Acquired Immunodeficiency Syndrome*), pertence à categoria das moléstias pandêmicas, por estar espalhada por todo o globo terrestre, em grande número de casos. Trata-se da síndrome decorrente de uma imunodeficiência grave, causada por um vírus conhecido como HIV (*Human Immunodeficiency Virus*), o mais perigoso da família dos retrovírus, que resulta em infecções oportunistas, neoplasias e lesões neurológicas. O HIV liquida com os glóbulos brancos, responsáveis pela defesa do organismo: na corrente sanguínea dos indivíduos sadios, são eles que procuram, localizam e destroem os germes invasores.

O HIV chegou aos EUA por volta de 1977, mas só foi identificado em jun. de 1981. Sua descoberta é polêmica: até 1984, o americano Robert Gallo era considerado o autor do feito; hoje se atribui tal autoria ao francês Luc Montagnier, do Instituto Pasteur. Em jun. de 1986, já havia matado 10 mil americanos. Durante o governo Ronald Reagan – uma época de cortes orçamentários –, o Congresso dos EUA reforçou os fundos para a pesquisa da AIDS em mais de 100%: em 1986, US$ 196,3 milhões do orçamento americano foi destinado à AIDS. Uma soma que, diante da magnitude da epidemia, pouco representa: no primeiro trimestre de 1992, a OMS registrava 37.467 novos casos da doença no mundo. Somados aos casos dos doze anos anteriores, eram 484.148 os doentes confirmados.

Os países desenvolvidos já aplicaram em pesquisa, prevenção e tratamento da AIDS US$ 1,6 bilhão, conseguindo uma grande diminuição no número de novas infecções: nestes países, atualmente, a grande dificuldade é conter o avanço da doença entre usuários de drogas injetáveis; entre homossexuais masculinos o número caiu bastante. Nos países do Terceiro Mundo, onde só foram aplicados US$ 50 milhões na luta contra a AIDS, a epidemia só tende a crescer.

A AIDS no mundo – Considerando-se o número de casos por grupos de 100 mil habitantes, os países mais atingidos pela doença até mar. de 1992 são: **Uganda**, 114 (23.719 casos); **Tanzânia**, 114 (27.396); **EUA**, 85 (213.641); **Haiti**, 55; **República Dominicana**, 45; **Zaire**, 44 (14.762); **França**, 31 (17.836); **Espanha**, 29 (11.555); **Itália**, 20 (11.609); **Canadá**, 20; **Brasil**, 18 (31.949, em out. de 1992); **México**, 11 (9.073); **Alemanha**, 9 (7.533). Dentro do mesmo critério e em igual data, os casos diagnosticados na **Austrália**, **Colômbia** e **Japão**: 18, 7 e 0,3, respectivamente. Como a AIDS é uma doença recente, que ainda está sendo estudada, não há explicação científica para essas taxas. Acredita-se, no entanto, que possam ser de ordem cultural as razões que levam a uma maior ou menor incidência da moléstia.

A AIDS no Brasil – Os dados da OMS mostram que, considerado o número de habitantes de cada país, o Brasil ocupa o 11° lugar em casos confirmados (com sintomas), embora desde 1990 seja o primeiro em número de casos na América Latina e o 3° no *ranking* mundial. De 1982 a jun. de 1992, quando um total de 28.455 casos foram notificados, a incidência da doença aumentou de 0,005 para 21,4 por grupos de 100 mil habitantes. Até jul. de 1993 estimava-se em 500 mil os portadores do HIV, os doentes somavam 39.500 e outras 16.485 pessoas tinham morrido.

Apesar dos índices, o governo não trata a doença como uma prioridade: em 1986, diante de 384 casos confirmados, o então min. da Saúde, Carlos Sant'Anna, lembrava que os mesmos se pulverizavam se confrontados aos 6 milhões de chagásicos, aos 8 milhões acometidos pela esquistossomose ou ao 1 milhão de tuberculosos. De lá para cá, o país continua engatinhando quanto às providências na prevenção e controle da epidemia: existe uma Comissão Nacional de Controle da AIDS, responsável pelo programa de prevenção, cuja maior realização até agora são tímidas campanhas divulgadas na TV, recomendando o uso da camisinha.

A AIDS começou no SE brasileiro, mas hoje há casos em todos os Estados: 76% deles concentrados entre SP e RJ, regiões mais cosmopolitas, com maior poder aquisitivo, onde as pessoas têm um comportamento sexual mais "liberado". Os homens representam 48% dos infectados, havendo entre eles homo e heterossexuais. A proporção de transmissão entre homossexuais masculinos decresceu de 63,2% para 42,1% entre 1986 e 1992. Já a transmissão por uso de drogas aumentou de 24,7%

AIDS: casos e óbitos conhecidos até junho de 1993

Ano de diagnóstico	ADULTOS / ADOLESCENTES Casos	Óbitos	Proporção de óbitos conhecidos	CRIANÇAS MENOS DE 15 ANOS Casos	Óbitos	Proporção de óbitos conhecidos	TOTAL Casos	Óbitos	Proporção de óbitos conhecidos
1980	1	1	–	–	–	–	1	1	100,0
1981	–	–	–	–	–	–	–	–	–
1982	7	5	71,4	–	–	–	7	5	71,4
1983	32	27	84,4	–	–	–	32	27	84,4
1984	116	97	83,6	9	8	88,9	125	105	84,0
1985	497	351	70,6	19	17	89,5	516	368	71,3
1986	993	679	68,4	31	19	61,3	1.024	698	68,2
1987	2.227	1.302	58,5	94	56	59,6	2.321	1.358	58,5
1988	3.716	1.997	53,7	169	96	60,4	3.885	2.093	54,0
1989	4.914	2.352	47,9	201	103	51,2	5.115	2.455	48,0
1990	6.665	2.955	44,3	247	103	41,7	6.912	3.058	44,2
1991	8.560	3.166	37,0	292	112	38,4	8.852	3.278	37,0
1992	8.061	2.347	29,1	216	71	32,9	8.277	2.418	29,2
1993	1.008	202	20,0	8	5	62,5	1.016	207	20,4
Total	**36.797**	**15.481**	**42,1**	**1.286**	**590**	**46,2**	**38.083**	**16.071**	**42,2**

para 85,9% entre 1980 e 1991. Em São Paulo, dos 23.299 casos registrados em. jul de 1993, 7.200 são provocados pelo uso de drogas injetáveis: a Secretaria de Estado da Saúde registra cerca de seis casos por dia de contágio através de seringas contaminadas. Os homens aidéticos têm entre 30 e 40 anos, enquanto as mulheres estão na faixa dos 15 aos 20 anos: não há explicação científica para isso, apenas constatação estatística. Sabe-se, no entanto, que cresce a cada dia o número de adolescentes grávidas e/ou exploradas pela prostituição.

Alguns doentes morrem sem que a interferência do HIV seja identificada: imaginam-se vítimas de pneumonia, diarréia ou fraqueza, sem supor que são aidéticos. Muitos ficam fora dos registros oficiais da doença, acobertados pelos próprios médicos. Além disso, há defasagem estatística, provocada por Estados que não enviam os dados epidemiológicos para o MS.

Evolução da pandemia – Outra questão importante na epidemiologia da AIDS é que não se sabe exatamente quantas pessoas estão infectadas pelo vírus e ainda não manifestaram os sintomas. Estimativa da OMS, divulgada na 8ª Conferência Internacional sobre AIDS, realizada em Amsterdã, em jul. de 1992, revela que, até aquela data, o vírus já contaminara entre 10 e 12 milhões de adultos e 1 milhão de crianças em 168 países. Cálculos nacionais, divulgados à mesma época pelo MS, estimam que 85 mil brasileiros morrerão vítimas da doença apenas entre 1993 e 1995. A OMS considera ainda que, não fosse a subnotificação, os efetivamente doentes, com sintomas da AIDS, deveriam somar em torno de 2 milhões no mundo, 80% dos quais nos países subdesenvolvidos. Segundo as projeções da OMS, feitas com base em modelos matemáticos, a cada minuto são registrados três novos casos da doença, ou seja, 180 a cada hora, 4.320 a cada dia, mais de 1 milhão e meio em um ano.

Formas de contágio – O vírus infecta o organismo através de dois veículos principais, ou meios: sangue e esperma. Daí o perigo das relações sexuais sem o uso de preservativo (camisinha) e da necessidade de um controle rigoroso nos bancos de sangue: segundo estatísticas oficiais, 2.074 doentes contraíram o HIV em algum tipo de hematoterapia. São 2.400 bancos particulares, sob fiscalização do Departamento de Vigilância Sanitária dos diversos Estados. O Conselho Federal de Medicina suspeita que alguns deles comercializem sangue coletado por uma rede clandestina que trafica plasma humano. Em mai. de 1993, a Coordenadoria do Programa Nacional de Controle da AIDS admitiu: 30% do sangue coletado no país não passa pelo controle do MS, uma vez que basicamente é coletado pela rede privada.

O HIV também está presente, em menor quantidade, na secreção vaginal e no leite materno. Embora trabalhos de laboratório tenham isolado o vírus no suor, saliva e lágrimas, não há caso algum na literatura científica relatando transmissão da doença por esses meios; a propagação se dá sempre através do sangue, esperma, leite materno e secreção vaginal. Vale dizer: pela prática sexual, transfusão sanguínea, uso de seringa e agulha infectada, aleitamento por mãe contaminada e transmissão vertical, ou seja, a passagem do vírus da mãe contaminada para o bebê, durante a gestação e o parto. As formas de transmissão criaram a noção de comportamento de risco. Por exemplo, uso de drogas injetáveis com seringas compartilhadas e relações sexuais sem o uso de preservativo.

A princípio, imaginava-se que a AIDS atacasse apenas homossexuais. Embora o vírus tenha sido introduzido nos EUA pelos homossexuais dos centros urbanos, essa tese não procede: o que há é apenas um maior grau de exposição destes indivíduos ao vírus; nem o HIV tem qualquer atração intrínseca pelos homossexuais nem estes apresentam qualquer fragilidade misteriosa a essa infecção. Hoje, entre suas vítimas, há tanto homo quanto heterossexuais. No Brasil, inicialmente, havia um total de quarenta homens infectados para cada mulher contaminada. Proporção que se reduziu a menos de dez. Acredita-se que tenham sido os bissexuais os propagadores do vírus. Considerando a transmissão por usuários de drogas injetáveis, a previsão é de que a diferença entre homens e mulheres aidéticos se torne ainda menor. Nos países africanos, onde há maior promiscuidade heterossexual, homens e mulheres se infectam na mesma proporção.

Diagnóstico – Dois diferentes exames de sangue realizados em laboratórios – os testes de Elisa e Western blot – indicam a infecção pelo vírus da AIDS antes mesmo das manifestações da doença. Esses testes não mostram a presença do vírus, mas a resposta do organismo à invasão do inimigo. Detectam os anticorpos para o HIV, células que formam os pelotões de combate ao vírus. O teste de Elisa, mais simples e barato, não é muito preciso. Caso resulte positivo, isto é, mostre a presença de anticorpos,

Casos de AIDS por categoria de exposição e sexo – 1984 a 1992

CATEGORIA/HOMEM	PERÍODO DE DIAGNÓSTICO						
	1984–1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992
Sexual	1.339	1.488	2.269	2.945	3.638	4.548	4.638
Homossexual	865	935	1.347	1.631	1.934	2.228	2.122
Bissexual	412	433	642	804	920	1.216	1.193
Heterossexual	62	120	280	510	784	1.104	1.323
Sanguínea	184	393	748	1.059	1.671	2.173	2.233
Usuário de drogas injetáveis	47	195	509	809	1.389	1.907	1.968
Hemofílico	91	90	99	109	104	95	54
Receptor de sangue/compon.	46	108	140	141	178	171	211
Perinatal	5	17	30	61	75	102	106
Não definida/outra	103	209	360	478	746	777	890
Total	1.631	2.107	3.407	4.543	6.130	7.600	7.867

CATEGORIA/MULHER	PERÍODO DE DIAGNÓSTICO						
	1984–1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992
Sexual (hetero)	24	49	138	209	375	613	907
Sanguínea	47	150	274	293	322	511	580
Usuário de drogas injetáveis	12	75	174	193	236	388	469
Receptor de sangue/compon.	35	75	100	100	86	123	111
Perinatal	4	10	44	51	66	101	98
Não definida/outra	4	13	34	62	90	191	170
Total	79	222	490	615	853	1.416	1.755

Fonte: PN-DST/MS

presença de anticorpos, deve ser confirmado pelo teste Western blot. Da mesma forma, havendo suspeitas da doença, a confirmação deve ser feita igualmente, para que se evite o falso negativo. No entanto, em função do custo, os médicos acham que esses testes só devem ser feitos quando há suspeita da doença ou por questões de prevenção: na gravidez (por causa do risco de transmissão vertical), em casos de cirurgias (a equipe médica corre risco de exposição a sangue e secreções potencialmente contaminados) e, naturalmente, em doadores de sangue ou de órgãos.

O diagnóstico laboratorial através de exames de sangue indica apenas a presença de anticorpos. Desde o contágio até o aparecimento das doenças oportunistas e a debilitação total do sistema imunológico, o infectado passa por vários estágios, ou grupos: **Grupo 1** (ou de infecção aguda): se manifesta por febre, manchas na pele, aumento dos gânglios (caroços no pescoço, região axilar e inguinal), e sara espontaneamente, sem medicação; **Grupo 2** (ou infecção assintomática): o infectado é sadio, não tem sintoma algum de doença, mas seu teste de AIDS é positivo; **Grupo 3** (ou de linfadenopatia persistente generalizada): sua característica é a presença de gânglios por períodos superiores a três meses, excluídas outras doenças ou drogas que justifiquem o aumento ganglionar; **Grupo 4, Subgrupo A** (ou Complexo Relacionado à AIDS–ARC): doentes que têm diarréia, febre, suor noturno, emagrecimento e candidíase (sapinho). **Grupo 4, Subgrupos B, C, D**: a doença, instalada, se manifesta por doenças oportunistas e, em alguns casos, pelo sarcoma de Kaposi, manchas cor de vinho em pequenas elevações na pele.

Um vírus mutante – A despeito do esforço sem precedentes de pesquisas a nível mundial, a AIDS tem se mostrado imune a qualquer tratamento. No segundo semestre de 1993, vinte vacinas estavam sendo testadas – treze em seres humanos. No final de 1993, nova vacina começou a ser pesquisada e testada em voluntários brasileiros, pela Fiocruz, no RJ. Não parece provável que o desafio de produzir uma vacina eficaz seja vencido antes da virada do século. Robert Gallo, um dos diretores do Instituto Nacional do Câncer americano, acredita que dentro de dez anos existam duas ou três vacinas contra a doença, mas elas darão apenas proteção parcial. A maior dificuldade dos cientistas é que o HIV apresenta variações que se multiplicam à medida que a epidemia avança.

A vacina precisa necessariamente carregar para dentro do organismo material que se assemelhe ao agente da doença, fazendo com que o sistema imunológico produza anticorpos. Gallo desenvolve pesquisas que tentam a manipulação genética do vírus. Para tanto, trabalha com fragmentos do HIV (a capa de proteína do vírus), em diferentes combinações. Seu grande problema é conseguir que esses fragmentos não se alterem mesmo quando o vírus sofre uma mutação.

Outra possibilidade em estudo é usar microrganismos inofensivos que, por manipulação genética, passem a produzir esses fragmentos imutáveis. A equipe do cientista Jonas Salk, pai da vacina contra a poliomielite, também pesquisa a vacina contra AIDS: trabalha com o vírus inteiro morto, para estimular a produção de células de defesa no organismo. Das propostas terapêuticas apresentadas na 9ª Conferência Internacional sobre AIDS, em jun. de 1993, esta é a que mais se destacou. Outros pesquisadores tentam desenvolver vacinas para atuar diretamente sobre as células CD-4, modificando-as para que não possam ser invadidas pelo HIV: a desenvolvida pela Universidade John Hopkins, em Baltimore, EUA, que contém a proteína gp 120, presente na superfície do HIV, se mostra eficaz na produção de anticorpos contra o vírus e não causou efeitos colaterais nas pessoas testadas.

Doenças oportunistas da AIDS* – Herpes simples, herpes zoster, citomegalovírus, vírus de Epstein-Barr, ou da mononucleose infecciosa (contraídas por vírus); tuberculose, salmonelose, infecção por microbactérias atípicas (contraídas por bactérias); candidíase (sapinho), criptococose, histoplasmose (contraídas por fungos); toxo-plasmose, *Pneumocystis carinii*, criptosporidios (contraídas por protozoários); estrongiloidíase sistêmica (contraída por vermes); sarcoma de Kaposi, linfomas.

(*) Muitas dessas doenças atacam também não portadores da AIDS, mas em formas mais brandas.

Casos de AIDS por região – 1980 a 1993*

Período de diagnóstico	Região					
	N	NE	CO	SE	S	BRASIL
1980-86						
Casos	6	88	54	1.470	92	1.710
Taxa	0,1	0,2	1,0	3,6	0,5	1,4
1987						
Casos	18	165	71	1.972	103	2.329
Taxa	0,2	0,4	1,1	4,3	0,5	1,7
1988						
Casos	34	256	107	3.239	261	3.897
Taxa	0,4	0,6	1,7	6,8	1,2	2,7
1989						
Casos	54	415	143	4.176	370	5.158
Taxa	0,6	1,0	2,5	8,7	1,7	3,6
1990						
Casos	65	489	227	5.591	611	6.983
Taxa	0,7	1,2	3,9	11,3	2,8	4,7
1991						
Casos	98	691	392	6.893	942	9.016
Taxa	1,0	1,6	6,8	14,0	4,3	6,1
1992-93						
Casos	157	1.073	577	8.509	1.453	11.769
Taxa	1,7	2,5	10,0	17,2	6,7	8,0
Total						
Casos	**432**	**3.177**	**1.571**	**31.850**	**3.832**	**40.862**
Taxa	**5,2**	**8,0**	**25,8**	**70,6**	**18,4**	**30,1**

(*) Dados até 31/7/1993, sujeitos à revisão. Taxa por 100 mil hab.

O tratamento – A Medicina ainda não dispõe de recursos para curar a AIDS. Se a pessoa já foi contaminada, pode, no máximo, controlar a evolução da doença. Até o final de 1992, 27 substâncias anti-HIV estavam sendo desenvolvidas pelas grandes indústrias farmacêuticas, com a finalidade de destruir o vírus. A droga anti-HIV mais conhecida é o AZT (azidotimidina), que age interferindo no ciclo reprodutivo do vírus. Produz, no entanto, efeitos colaterais. Com a mesma função do AZT (de impedir a multiplicação do vírus), estão sendo usadas experimentalmente as drogas DDI (dideoxinocina) e DDC (dideoxicitidina). A expectativa é de que a combinação desses medicamentos dê resultados melhores, sem os efeitos colaterais do uso exclusivo do AZT. Além dessas, a partir de nov., médicos começam a usar a interleucina 2, droga até então utilizada no tratamento do câncer, que aumenta em 50% a produção dos glóbulos brancos, oferecendo mais defesa ao organismo. A interleucina 2 não é produzida no Brasil e cada ampola importada custa em torno de um quarto de dólar.

Os resultados conseguidos pela Biologia Molecular, Engenharia Genética e Virologia no combate à AIDS são entusiasmantes: no futuro, a doença poderá vir a ser uma alteração da saúde controlável, como a diabetes, por exemplo. Na verdade, pacientes aidéticos já podem contar com um grande avanço na profilaxia das infecções oportunistas. A grande esperança dos pesquisadores é a utilização de drogas diversas que atuem em etapas diferentes do ciclo vital do HIV: o vírus que escapasse de uma, acabaria sendo atingido pela outra.

CRÔNICO-DEGENERATIVAS

Instalam-se no organismo sem causar, a princípio, grandes danos. Progridem, no entanto, para estágios mais graves e podem levar à morte. Caracterizam-se por lesar órgãos e sistemas de forma irreversível.

Coronarianas – Do ponto de vista estatístico, as mais importantes são as cardiovasculares, que atacam as artérias coronárias e o coração. Respondem por um quarto de todas as mortes no mundo – nos países desenvolvidos representam a metade –, cerca de 40% das mortes no país e 50% das mortes em pessoas com 65 anos ou mais: as coronárias são responsáveis pela condução de alimento – oxigênio e outros elementos – ao miocárdio (músculo cardíaco). Quando falta oxigênio ao miocárdio, ocorre o enfarte.

Os problemas nas coronárias explicam o aumento crescente das cirurgias de ponte de safena ou mamária. São aplicadas como recurso para restabelecer o fluxo de sangue no coração, quando este é interrompido por obstrução ou estreitamento, em pontos localizados das artérias. A obstrução é provocada por placas de gordura, os ateromas, que ficam depositados no interior não apenas das coronárias, mas da aorta, da carótida (artéria cerebral) e das artérias localizadas nas extremidades do corpo, num processo conhecido como aterosclerose.

A formação de ateromas tem sido atribuída ao colesterol, substância presente nas gorduras animais ingeridas pelo homem. As taxas de colesterol tendem a aumentar com o envelhecimento, mas em estudo apresentado em jul. de 1992, pelo Instituto do Coração (Incor), de SP, os pesquisadores constataram altas taxas de colesterol em 45% das 405 crianças analisadas, todas filhas de pais com problemas cardíacos. O que prova a existência de fatores hereditários ligados à doença.

A hipertensão (pressão alta) também predispõe à doença e a agrava. Submetidas a um regime de tensão maior do que o normal, as artérias tendem a se tornar ásperas, o que facilita o depósito de ateromas, ou podem perder a elasticidade e se romper. Quanto ao coração, há uma sobrecarga mecânica, determinada pela exigência de bombeamento do sangue que, com o tempo, pode resultar em insuficiência cardíaca. No Brasil, a distribuição regional de mortes por doenças coronarianas é heterogênea, mas em números totais disputam o primeiro lugar com as neoplasias.

Cérebro-vasculares – Os chamados acidentes vasculares cerebrais (AVC) caracterizam-se por hemorragias ou pela formação de coágulos que afetam o cérebro, produzem paralisia parcial ou total no doente. Pessoas de baixa renda, vítimas do AVC, são também um problema social: exigindo cuidados básicos de higiene (alguns são incapazes até de se comunicar), ocupam leitos hospitalares da já abarrotada rede pública, muitas vezes durante anos.

CÂNCER

As neoplasias (câncer) são defeitos que surgem em células de órgãos ou de partes de um sistema do organismo. Por razões ainda não inteiramente conhecidas pela ciência, estas células iniciam um processo de divisão e crescimento, rompendo o equilíbrio de sua reprodução.

O Instituto Nacional do Câncer (INC) previa, em jul. de 1992, que o país registraria até dez. pelo menos 300 mil novos casos da doença. A Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica caracteriza estes números como epidêmicos. Dados da OMS dão conta de que 90% dos casos são detectados quando já não há mais chance de tratamento. Caso o país reproduza o padrão verificado entre 1960 e 1980 nos países industrializados, o crescimento previsto de morte por câncer deverá ser da ordem de 20% nos próximos anos.

Existem mais de cem diferentes tipos de câncer, cuja distribuição obedece a características ligadas ao sexo. As mulheres morrem mais de câncer de mama (uma em cada oito terão o problema durante a vida) e de colo do útero, vítimas, sobretudo, da falta de diagnóstico precoce (mamografias e exame de Papanicolaou). Entre os homens, a mortalidade maior é por câncer de próstata, estômago e pulmão.

Vacina contra o câncer – Criada pelo imunologista Michael Longenecker, do Canadá, começa a ser testada nos EUA e na Inglaterra em out. de 1993. Diferente das vacinas convencionais, que previnem a doença, esta atua contra o mal já instalado. É feita a partir de uma molécula de açúcar, presente na superfície dos tumores de seio, ovário, pâncreas e cólon. Estudos realizados em animais demonstram sua eficácia na redução do tamanho dos tumores localizados nestas regiões. Entre treze mulheres canadenses, com câncer metastático (espalhado pelo corpo), que tomaram a nova vacina, dez tiveram estacionado temporariamente o progresso da doença. Se os testes resultarem positivos, a vacina contra o câncer estará disponível dentro de dois ou três anos.

A evolução dos neoplasmas – Em 1984, já morria um brasileiro de câncer a cada oito minutos, totalizando cerca de 70 mil no final de um ano. Daí em diante, as internações na rede pública e conveniada para retirada de tumores (benignos inclusive) confirmam o crescimento da doença no país: **1985:** 247.720; **1986:** 241.727; **1987:** 279.946; **1988:** 353.755; **1989:** 395.922; **1990:** 413.098; **1991:** 456.645. Em **1992**, entre jan. e abr., 157.303 casos, assim distribuídos por região: **N:** 4.021; **NE:** 47.424; **SE:** 68.409; **S:** 29.190; **CO:** 8.259.

Fonte: MS/INAMPS

DOENÇA MENTAL

Quase sempre identificados como perigosos e incapazes, os doentes mentais na maioria dos Estados brasileiros são tratados em sucessivas internações em hospitais psiquiátricos, numa média de permanência de 65 dias. Há também um grande contingente internado compulsoriamente: por não saberem lidar com o doente, ou não terem com quem deixá-lo durante a jornada de trabalho, familiares acabam abandonando o parente no hospital. O alcoolismo, doença comportamental que provoca tanto alterações mentais quanto físicas (transtorna o metabolismo, causa cirrose hepática), é a principal causa de internação, entre os 129 "transtornos mentais" (esquizofrenia, psicoses, estados paranóides, transtornos neuróticos e de personalidade, abuso de drogas, entre outros), listados na Classificação Internacional de Doenças da OMS.

Nos países desenvolvidos, quando há necessidade, a tendência é internar o doente psiquiátrico em hospitais gerais, e não em asilos ou clínicas especializadas. Contando com medicações que ajudam a controlar crises e surtos, procuram mantê-los internados o menor tempo possível. Buscam evitar a "institucionalização do doente mental", a redução do paciente à categoria de "louco" e sua transfiguração numa figura manicomial. No Brasil, seguindo recomendação da OMS, ganha força uma proposta de extinção dos manicômios, num prazo de dez anos. A proposta, aprovada em 1992 pela Câmara dos Deputados, depende ainda do Senado.

Internações – A maioria dos leitos psiquiátricos se concentra no SE, com um coeficiente superior a um leito para mil habitantes, quando o recomendado pela OMS é um leito para cada quinhentos habitantes. Entre jan. e abr. de 1992, foram internadas 367.039 pessoas nos hospitais públicos e particulares do país: 1.550 na região N; 79.206 no **NE**; 224.752 no **SE**; 44.708 no **S**; 16.823 no **CO**.

Fonte: MS/INAMPS

Síndrome do pânico – Súbita sensação de terror, acompanhada de reações físicas, descrita por Freud no século passado. Ganhou este nome nos EUA, há vinte anos. Reconhecida como doença pela OMS em 1993. Atinge 2% da população brasileira, ou seja, 3 milhões de pessoas. Os cientistas acreditam que haja uma predisposição genética. A crise resulta de um mecanismo bioquímico:

a produção excessiva de noradrenalina transmite o impulso nervoso de uma célula para outra em determinada região do cérebro. Em geral, dura de cinco a vinte minutos, quando a pessoa tem falta de ar, sensação de sufocamen-to, taquicardia, tremores, suor pelo corpo, ondas de calor e calafrio, náuseas e mal-estar abdominal, sensação de dormência ou formigamento nas mãos e no corpo, dor ou desconforto no peito, sensação de que as coisas em volta são estranhas, medo de enlouquecer ou morrer. A principal conseqüência é a agorafobia: o doente passa a ter medo de sair à rua e tende à reclusão. Seu tratamento combina medicação antidepressiva, ansiolíticos e psicoterapia.

DOENÇAS DO TRABALHO

São apenas parcialmente conhecidas pelas instituições que têm responsabilidade na área. As estatísticas são feitas a partir dos registros do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), órgão da Previdência Social. Seus números não correspondem à realidade. Embora a população economicamente ativa seja de 65 milhões, apenas 23 milhões são segurados da Previdência. Além disso, como o pagamento dos primeiros quinze dias de afastamento é responsabilidade da empresa, a maioria dos empregadores não comunica à Previdência os que têm previsão de cura dentro deste período. Mais: milhões de trabalhadores são atendidos por convênios, médicos, caixas de primeiros socorros ou mesmo hospitais públicos que não comunicam o fato à Previdência, e os trabalhadores rurais não entram nas estatísticas. Finalmente, não existem diagnósticos nem reconhecimento das doenças profissionais no país: nos últimos seis anos, 155.670 trabalhadores morreram ou tiveram problemas de mutilações reconhecidas, enquanto que apenas 33.811 adquiriram doenças segundo a Previdência Social.

Apesar do subregistro, os números assustam: entre 1986 e 1991 foram registrados 5.567.425 acidentes de trabalho. São de três espécies os males que vitimam o trabalhador: *doenças ocupacionais* (a mais comum é a tenossinovite, provocada por esforços repetitivos; as outras são: saturnismo, decorrente do contato com chumbo; silicose, provocada pela ingestão de poeira de sílico; asbestose, provocada pela ingestão de amianto; leucopenia, reduz os glóbulos brancos e ataca os trabalhadores das indústrias siderúrgicas; benzenoísmo, exposição à benzina); *acidentes típicos* (quedas na construção civil, soterramentos, choques de alta-tensão, amputações – freqüentes na cultura do sisal e na indústria moveleira –, contaminação por mercúrio no garimpo e esmagamentos nas indústrias metalúrgicas, por exemplo); *acidentes de trajeto* (barcos que viram na região N, batidas de ônibus ou trem etc.).

Acidentes de trabalho – 1986 a 1992

	Total de acidentados	Doenças profissionais	Mortes	Incapacidades
1986	1.207.859	6.014	4.680	24.147
1987	1.137.124	6.382	5.238	23.113
1988	999.737	5.029	4.616	20.773
1989	886.343	4.838	4.554	19.821
1990	693.572	5.217	5.355	18.878
1991	640.790	6.331	4.523	19.972
1992*	487.784	7.718	3.394	16.706

(*) Dados relativos a 1992 são parciais; nesse ano registra-se uma morte ou invalidez a cada 24 acidentes/*Fonte:* INSS

CAUSAS EXTERNAS

Ao lado das doenças crônico-degenerativas e neoplásicas, embora não sejam moléstias, as causas externas de morbidade e mortalidade (causa de doença e de morte, respectivamente) têm papel importante no quadro da saúde das regiões mais desenvolvidas do país. Consideradas todas as causas externas – acidentes automobilísticos, atropelamentos, homicídios, suicídios, afogamentos, desabamentos e acidentes de trabalho –, o número de mortes que provocam disputa os primeiros lugares na estatística de mortalidade do MS. Não é exagero afirmar que a violência é a grande praga da década de 90: em 1979, as causas externas representavam 5% do número de mortes, o que significava o sétimo lugar; hoje, estão em segundo lugar: pularam para 18%.

No Rio de Janeiro, as causas externas aparecem logo em seguida às moléstias cardiovasculares (estas representam 38% das mortes). Os homens são quatro vezes mais atingidos do que as mulheres. As estatísticas oficiais apontam para 46,5% de óbitos entre 5 e 14 anos e 64,4% na faixa entre 15 e 19 anos devidos à violência. Nesses grupos, as causas externas são a primeira causa de mortalidade.

Em 1989, no país inteiro, as causas externas originaram 658.146 internações, a um custo de US$ 136,3 milhões. Um número em crescimento contínuo: entre jan. e fev. de 1993, tais internações somavam 149.963. Em São Paulo e Recife, entre 1977 e 1987, as mortes por homicídio chegaram a crescer cerca de 100%. Estudo sobre a mortalidade, realizado no município de São Paulo entre jul. de 1991 e jun. de 1992, revela serem os homicídios a principal *causa mortis:* os acidentes de trânsito aparecem em quinto lugar. Morrem por ano, no país, vítimas de causas externas, um número próximo a 100 mil pessoas.

Os números da violência – Cresce no país a procura de hospitais da rede pública e conveniada por pacientes vitimados pelas chamadas causas externas: **1985:** 377.096; **1986:** 401.676; **1987:** 493.747; **1988:** 595.507; **1989:** 658.146; **1990:** 684.523; **1991:** 832.469. Em 1992, entre jan. e abr., foram notificados 278.595 casos, assim distribuídos por região: **N:** 5.204; **NE:** 72.507; **SE:** 135.774; **S:** 44.331; **CO:** 20.779.

Fonte: MS/INAMPS

INFECÇÃO HOSPITALAR

O MS capacitou 16 mil profissionais de saúde para o controle deste mal. Há programas de Prevenção e Controle da Infecção Hospitalar em 70% dos Estados, promovidos pelas Secretarias Estaduais de Saúde. Não há dados recentes sobre a questão: em 1991, das 14.411.810 pessoas internadas na rede do SUS, 10% (1.441.181) foram infectadas e 5% (720.590) morreram em conseqüência do problema.

SAÚDE BUCAL

O Brasil é recordista em doenças bucais. São dois os principais problemas dentários no país: a cárie – atinge 98% da população – e a doença periodontal. Crianças de 12 anos têm em média sete dentes permanentes atingidos pela cárie. Até essa idade, em média, já perderam um dente ou têm indicação de alguma extração. Só 32% dos jovens de 18 anos possuem todos os dentes.

Cerca de 40 milhões de dentes são extraídos anualmente e 1,5 bilhão de dentes ficam sem tratamento contra a cárie (o custo desse tratamento é estimado em torno de US$ 20 bilhões). Levantamento epidemiológico do MS revela: 72% da população urbana entre 50 e 59 anos já extraiu todos os dentes, pelo menos em um maxilar; conservam apenas seis a oito dentes naturais, em média.

Os custos da prevenção são privilégio de uma minoria, e os métodos coletivos atingem somente cerca de 30% da população. Além disso, até aqui, o modelo de assistência pública se concentra na doença e não nas causas. Tentando modificar a assistência odontológica, o MS está implantando novas ações de saúde centradas na prevenção de doenças, como a cárie e a gengivite: desde jan. de 1992 serviços odontológicos ligados à promoção da saúde bucal e prevenção da cárie são remunerados com valores superiores aos de extração de dentes.

PREVENÇÃO DAS DOENÇAS

Diagnóstico precoce e pronto tratamento permitem a recuperação da saúde perdida e podem intervir no desenvolvimento da doença ou na sua disseminação, quando contagiosa. Medidas de imunização, campanhas de vacinação, combate ao uso de substâncias reconhecidamente cancerígenas, assim como uma luta permanente contra os acidentes de trânsito e de trabalho, ou qualquer outra forma de violência urbana, também são formas de preservar a saúde.

Os serviços de prevenção e proteção à saúde são conduzidos exclusivamente pela rede pública. Estão neste caso a vigilância sanitária (responsável pelo controle da qualidade dos alimentos e remédios), a vigilância epidemiológica (indispensável na prevenção de doenças; detecta o aparecimento e quantifica as moléstias do país), o saneamento básico (especialmente importante no combate à cólera), programas de vacinação, de saúde do trabalhador, da mulher e do adolescente.

Experiências sanitárias

Para a prevenção das doenças e atendimento básico às populações mais carentes, algumas medidas têm sido tomadas com sucesso: é o caso dos programas de Agentes Comunitários de Saúde, do Médico de Família e dos destinados à Terceira Idade.

Agentes de saúde – A implantação do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) tem início na região NE, estende-se em caráter emergencial à região N, para prevenção e controle da cólera, e hoje abrange catorze Estados: 29.122 agentes de saúde atuam em 761 municípios. A idéia surgiu em 1991, inspirada numa conferência promovida em 1978 pela OMS e UNICEF, visando a prestação de cuidados primários de saúde à população. Baseia-se principalmente na experiência desenvolvida pela Secretaria de Saúde do Ceará com agentes de saúde. O programa prioriza o grupo materno-infantil e funciona com recursos da Fundação Nacional de Saúde (FNS).

Os agentes comunitários de saúde são selecionados no próprio município e acompanhados pelo Conselho Municipal de Saúde: devem morar na comunidade há mais de dois anos, ter no mínimo 18 anos, saber ler e escrever, demonstrar interesse pelo bem-estar da sua comunidade. Ganham uma bolsa no valor de um salário mínimo e realizam ações básicas de saúde: visitam as famílias residentes em sua área de atuação, promovem reuniões com grupos, identificam e conhecem as gestantes e crianças da área, orientam e controlam a realização do pré-natal, verificam a vacinação das mulheres e crianças, estimulam e orientam a amamentação, acompanham o crescimento e desenvolvimento dos menores de 5 anos, registram nascimentos e doenças de notificação compulsória, de vigilância epidemiológica e os óbitos.

Médico de família – A experiência funciona há dois anos em Niterói (RJ): em seis comunidades carentes, o médico de família resolve o problema mais grave dos hospitais públicos – a sobrecarga. Em cada cem casos atendidos nas favelas niteroienses, 87 são resolvidos ali mesmo. Os médicos – clínicos gerais com conhecimentos em pediatria, ginecologia e obstetrícia – são contratados não por concurso, mas por seleção. Seu horário de trabalho é integral, das 8 h às 18 h, de segunda a sexta-feira: 40 horas semanais, o dobro da carga horária cumprida pelos médicos municipais. Eles não têm vínculo empregatício com o governo, embora sejam pagos pelo município: seus patrões são os presidentes das associações de moradores locais, às quais a prefeitura repassa as despesas de salário através de convênio. Caso a comunidade não esteja satisfeita com o profissional, pode demiti-lo.

Em jul. de 1993, o ex-min. da Saúde Jamil Haddad conheceu o programa e levou a idéia para Brasília. Não teve prosseguimento. No RJ, começando pela implantação de outros dezesseis módulos – seis na capital (cinco no Morro de Mangueira) e os demais em Macaé, Cabo Frio, Arraial do Cabo, Araruama, São Gonçalo, Paracambi, Nilópolis, Caxias, Nova Iguaçu e São João do Meriti –, o governo quer estendê-la a todo o Estado. O custo de cada módulo de atendimento, que pode ser erguido em um mês, é de US$ 30 mil. No Rio Grande do Sul, há algo semelhante: a Medicina Geral Comunitária, desenvolvida pela Universidade Federal, em Porto Alegre, e pela Universidade de Pelotas. Em Cuba, e também na Inglaterra, médicos do governo, conhecidos como médicos de quarteirão, atendem à população de casa em casa.

Os idosos – O país passa por um processo de envelhecimento populacional rápido e acentuado (ver capítulo *População*). Para adequar a estrutura do SUS a essa realidade, o MS criou o Programa de Saúde para Idosos. Tem como meta promover o bem-estar físico, psíquico e social da população idosa. Integra ações com os ministérios da Previdência Social, Ação Social, Trabalho e Educação, buscando uma política global de assistência que permita manter os idosos na comunidade pelo maior tempo possível e com maior grau de autonomia: embora existam diferenças regionais importantes, estudos populacionais, realizados em São Paulo, sugerem que cerca de 80% dos idosos têm alguma doença crônica e cerca de 60% algum grau de perda de autonomia, o que os impede de realizar, sem ajuda, as atividades mais simples da vida cotidiana, como comer, vestir ou ir ao banheiro. O programa procura estimular o atendimento multiprofissional ao idoso, em todos os níveis do SUS.

Terceira idade – O programa de assistência médica especializada existe na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) há três anos, no Hospital Universitário Pedro Ernesto, onde cerca de quinhentas pessoas idosas são atendidas periodicamente. Em ago. de 1993 foi inaugurada a Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI), uma microuniversidade temática dentro da UERJ com 520 inscritos. Seu programa se divide em três módulos: ensino, assistência e pesquisa. Seus cerca de 25 cursos – duram em média de duas semanas a seis meses – e palestras receberam ao longo do ano cerca de 2 mil alunos, todos com mais de 60 anos. A intenção da UnATI, que não exige escolaridade e aborda temas de interesse variado, é não só despertar a vontade de aprender, mas, principalmente, a integração do idoso à sociedade.

Com a implantação da UnATI, o Núcleo de Atendimento ao Idoso (NAI) investiu US$ 100 mil na ampliação do serviço ambulatorial e estuda o atendimento a domicílio para pacientes sem condições de se locomover. Depende para tanto de verbas, ou do apoio da iniciativa privada: não há mais dinheiro, nem mesmo para compra de remédios (os da Ceme não são entregues com regularidade). Além das consultas médicas gratuitas, o NAI oferece acompanhamento psicológico, atendimento fisioterápico e promove reuniões com grupos de hipertensos, parkinsonianos e diabéticos.

Aos poucos, todas as unidades da UERJ se integram ao projeto UnATI: a Faculdade de Direito oferece assistência jurídica especializada (casos de aposentadoria e herança, por exemplo), a Escola Superior de Desenho Industrial desenvolve utensílios domésticos especiais (como panelas de duas alças, mais fáceis para o idoso sustentar, que são utilizadas nas aulas de culinária), enquanto que a Escola de Educação Física, orientada por cardiologistas, estuda um programa de exercícios apropriados aos idosos. Em São Paulo, desde o segundo semestre de 1991, funciona na PUC (Pontifícia Universidade Católica), uma escola particular, a Universidade Aberta da Terceira Idade. Destinada a pessoas acima de 45 anos, não exige nenhum diploma ou exame anterior, apenas participação e assiduidade nas atividades propostas. Seus cursos, que são pagos, duram três semestres letivos, com 90 horas/aula cada, com duas sessões semanais. O programa se divide em três módulos: Reciclagem e atualização cultural, Orientações práticas para uma vida saudável e Atividades socioeducativas e culturais. ■

ESTADOS

ACRE (AC)

• **Capital:** Rio Branco. **Habitante:** acreano.

• **Situação geográfica:** sudoeste da região Norte. **Área:** 153.697,5 km². **Limites:** Amazonas (N); Rondônia (L); Bolívia (SE); Peru (S e O). **Características:** planalto (maior parte do território); serra da Contamana (O). **Clima:** equatorial. **Nº de municípios:** 22. **Cidades principais:** Rio Branco (186.675 hab.); Cruzeiro do Sul (50.747); Tarauacá (22.302); Sena Madureira (24.166); Brasiléia (20.182) (1991). **Rios Principais:** Juruá, Tarauacá, Muru, Embirá, Xapuri, Purus, Iaco, Acre. **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

• **População:** 417.165; **urbana:** 61,85%; **rural:** 38,15%; **mulheres:** 49,40%; **homens:** 50,60% (1991). **Colonização:** migrantes do Ceará (maioria). **Densidade demográfica** (hab./km²): 2,73 (1991). **Nascimentos registrados:** 10.668 (1992). **Mortalidade:** 4 por 1.000 hab. (1992); **mortalidade infantil:** 45,93 por 1.000 (1992). **Fertilidade:** 6,18 (1980). **Vida média (anos):** 64,3 (1980).

• **Saúde:** Leitos hospitalares: 1.167; médicos: 174 (1992).

• **Educação:** 17% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 23% (1991). **Ensino fundamental:** 1.278 escolas; 95.950 matrículas. **Ensino médio:** 19 escolas; 6.504 matrículas (1992). **Ensino superior:** 1 escola; 3.089 matrículas (1991).

• **Economia:** extrativismo (borracha e castanha), pecuária. **Agricultura:** mandioca (416,5 mil t); arroz (46,7 mil t); banana (8,1 milhões de cachos); milho (61,8 mil t) (1992). **Pecuária e criações:** bovinos (410 mil); suínos (172,2 mil); ovinos (26 mil); galinhas (746,5 mil) (1992). **Minérios:** não há. **Indústria:** alimentícia, madeireira, cerâmica, mobiliário. **Energia elétrica: produção:** 224,4 milhões de kwh; **consumo:** 176,2 mil kwh (1990). **Orçamento: receita:** US$ 207,5 milhões; **despesa realizada:** US$ 239,9 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 6,2 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional)*.

• **Transportes:** Rodovias: 1,3 mil km (federais); 400 km (estaduais); 2 mil km (municipais) (1993); **nº de veículos:** 25 mil (1993). **Ferrovias:** não há.

• **Terminais telefônicos:** 25 mil (1993).

• **Governo:** Governador: Romildo Magalhães (PPR). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 8. **Deputados estaduais:** 24. **Partidos na Assembléia:** PMDB, PT, PC do B, PFL, PL, PRN. **Eleitores:** 237 mil (1992).

RIO BRANCO

• **Habitante:** rio-branquense.

• **Situação geográfica: Área:** 14.294 km². **Limites:** Bujari, Porto Acre, Boca do Acre (N); Senador Guiomard (L); Xapuri, Capixaba (S); Sena Madureira (O). **Altitude:** 152,5 m. **Distância de Brasília:** 3.123 km.

• **População:** 186.675; **área metropolitana:** 196.871; **mulheres:** 52,7%; **homens:** 47,3% (1991).

• **Saúde: Estabelecimentos:** 22 (1993). **Leitos hospitalares:** 622 (1993).

• **Educação:** 19% do orçamento (1993). **Ensino fundamental:** 327 escolas; 55.297 matrículas (1992).

• **Economia:** extrativismo (borracha, castanha), pecuária. **Agricultura:** mandioca (19,08 mil t); milho (14,4 mil t); feijão (4,2 mil t); arroz (9,4 mil t); banana (1,3 milhão de cachos) (1993). **Indústria:** alimentícia, construção civil, madeireira, mobiliário. **Comércio varejista:** 1.308 estabelecimentos (1992). **Agências bancárias:** 10 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 20,8 milhões; **despesa realizada:** US$ 22 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional)*.

• **Transportes:** Nº de ônibus urbanos: 106 (1993).

• **Comunicações:** Emissoras de rádio: 10 (AM); 3 (FM). Emissoras de TV: 5 (VHF). Jornais: 2 diários (1993). Telex: 248. **Terminais telefônicos:** 17,6 mil (1993). **Código DDD:** 068.

• **Governo:** Prefeito: Jorge Viana (PT). **Vereadores:** 18. **Partidos na Câmara:** PMDB, PC do B, PSDB, PV, PL, PFL, PMN, PT. **Eleitores:** 104.267 (1993).

Formação histórica

Até o começo do séc. XX, pertence à Bolívia. Com o ciclo da borracha (1827–1915), os brasileiros tornam-se a maioria da população e, em 1899, quando os bolivianos começam a recolher impostos, eles se revoltam. Os conflitos terminam com a assinatura do Tratado de Petrópolis (17/11/1903): o Brasil recebe a posse definitiva do território em troca de áreas no Mato Grosso, do pagamento de £ 2 milhões e do compromisso de construir a estrada de ferro Madeira–Mamoré para o escoamento de produtos bolivianos (ver Independência do Acre no capítulo *História do Brasil*). Integrado ao Brasil como território, é subdividido em três departamentos e, depois, em quatro. Unificado em 1920, é elevado à condição de Estado em 15/6/1962, durante o governo João Goulart.

Fatos do ano

Condenados a dezenove anos de prisão pelo assassinato do líder seringueiro Chico Mendes (22/12/1988), Darli Alves da Silva e seu filho Darci Alves Pereira fogem da penitenciária estadual em 15/2, com sete outros detentos. O Comitê Chico Mendes, formado por 35 entidades, acusa o governo estadual de cumplicidade com os criminosos. O min. da Justiça, Maurício Corrêa, encarrega a Polícia Federal das buscas. Em 1º/3, um preso recapturado diz que Darli e Darci estão no Peru. No final de mai., José Elias Chaul, sec. da Segurança do Acre, conclui que eles estão na Bolívia e que a responsabilidade por sua prisão passa a ser da Interpol.

Cinco anos depois da morte de Chico Mendes, persistem as irregularidades e a violência contra os trabalhadores rurais. Os líderes seringueiros Francisco Felinto e Luís Targi de Oliveira, do Sindicato dos Trabalhadores de Xapuri e Brasiléia, são ameaçados de morte. Eles denunciam que cerca de 90% do mogno que sai do Estado é retirado ilegalmente das reservas Chico Mendes e Santa Quitéria. Em mai., o Ibama confirma a denúncia. Em ago., policiais federais apreendem, nas mãos de madeireiros, equipamentos de radioamador que interceptam freqüências do Ibama e da própria PF e descobrem um consórcio de empresários de Belém que promove o corte e a retirada de mogno no alto do rio Envira. O Ibama revela que a maioria dos madeireiros paga aos seringueiros apenas alguns quilos de açúcar e umas poucas latas de óleo para poderem abater as árvores das reservas extrativistas do Estado.

Comissões de parlamentares estaduais e municipais de Rio Branco apuram as atividades de uma rede de aliciadores de meninas para a prostituição. Em abr., a comissão dos vereadores denuncia a existência de 5 mil menores prostitutas na cidade (40% incentivadas pela família a permanecer nas ruas) e o assassinato de muitas delas nos garimpos.

Segundo relatório da Comissão Pastoral da Terra, o Acre é o Estado da Amazônia Legal com maior área de terras em conflito: cerca de 2 milhões de ha. Em fev., a PM derruba e queima as casas de cinqüenta famílias ao despejá-las do Seringal São Gabriel, ocupado pelos posseiros há mais de trinta anos. Até out., a imprensa divulga outros sete conflitos de terra na região. Seringueiros e colonos do Acre promovem, com entidades de trabalhadores dos Estados nortistas, duas grandes manifestações em toda a Amazônia Legal. O Embate Amazônico contra a Fome e a Devastação, em 31/3, reúne milhares de seringueiros nas capitais da região e em Brasília. No dia 11/5, eles voltam às ruas e acampam em frente às sedes do Banco do Amazonas, em Brasília e em todas as capitais da Amazônia.

Morte encomendada – O assassinato do gov. Edmundo Pinto (PDS), no Hotel Della Volpe, SP, em 14/5/1992, volta a ser investigado. Em mar., Edilson Alves do Carmo, um dos três acusados do crime, declara que a morte foi encomendada por US$ 200 mil e o pagamento seria feito por uma construtora. A revelação reacende as suspeitas de que o assassinato ocorreu por motivos políticos, e não foi só um caso de latrocínio, como concluiu inquérito da polícia paulista. Em 21/6, outro acusado, Gilson José dos Santos, desmente Edilson e diz que fora ao Hotel Della Volpe com a intenção de roubar e não de matar. A ex-presidente do Tribunal de Justiça do Acre, Miracele Borges, ameaçada de morte desde o assassinato do gov., insiste na motivação política do crime e promete, em 12/10, escrever um livro com novas revelações sobre o caso.

O gov. Romildo Magalhães (PPR) passa o ano sem receber dinheiro de Brasília. Como o Acre não arrecada 10% do que gasta, a administração estadual resume-se à construção de passarelas em Rio Branco, ao lançamento da pedra fundamental do futuro Aeroporto Internacional do Estado e à distribuição semanal do Sopão Enche o Bucho. Enquanto sua popularidade cai, sobe a do pref. de Rio Branco, Jorge Viana (PT). Conseguindo recursos federais sem a intermediação estadual, ele leva para a cidade verbas do programa nacional de reurbanização de periferias. Em represália, o gov. recusa-se a municipalizar centros e postos de saúde. A rede de saúde pública começa a entrar em colapso: falta comida para os doentes internados, seringas descartáveis são reutilizadas e equipamentos médicos estaduais são transferidos para a Fundação Sagrada Família, do dep. federal Ronivon Santiago, partidário do gov. No início de out., diante das denúncias de irregularidade nessa transferência, os aparelhos são devolvidos ao Hospital de Base do Acre. No mês de jul., aparecem os primeiros casos de cólera: as vítimas são índios kampas, que vivem às margens do rio Amônia, na fronteira com o Peru. Depois de passar por várias cidades, a doença atinge dois bairros da capital.

ALAGOAS (AL)

• **Capital:** Maceió. **Habitante:** alagoano.

• **Situação geográfica:** leste da região Nordeste. **Área:** 29.106,9 km². **Limites:** Pernambuco (N e NO); Sergipe (S); Bahia (SO); oceano Atântico (L). **Características:** terrenos arenosos (litoral); planaltos com poucas serras e picos (CO); maiores altitudes no planalto da Borborema, 600 m (N). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 99 (1993). **Cidades principais:** Maceió (554.727 hab.); Arapiraca (165.379); Palmeira dos Índios (61.514); União dos Palmares (57.496); Floriano Peixoto (55.793); Rio Largo (53.827) (1991). **Rios principais:** São Francisco, Mundaú, Paraíba do Meio. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 2.512.991; **urbana:** 58,30%; **rural:** 41,70%; **mulheres:** 51,2%; **homens:** 48,8% (1991). **Colonização:** índios, africanos, holandeses, franceses, portugueses. **Densidade demográfica (hab./km²):** 90,76 (1991). **Nascimentos registrados:** 82.910 (1990); **mortalidade:** 6,2 por 1.000 hab. (1990); **mortalidade infantil:** 66,21 por 1.000 (1990). **Fertilidade:** 6,6 (1980). **Vida média (anos):** 46,9 (1980).

• **Saúde: Leitos hospitalares:** 7.525; **médicos:** 2.536 (1993).

• **Educação:** 15,9% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 45% (1991). **Ensino fundamental:** 3.508 escolas; 508.260 matrículas. **Ensino médio:** 120 escolas; 50.833 matrículas (1992). **Ensino superior:** 5 escolas; 14.172 matrículas (1991).

• **Economia:** indústria, agricultura, pecuária, petróleo. **Agricultura:** abacaxi (20,1 mil t); manga (21,7 mil t); coco (63,2 mil t); cana-de-açúcar (22,2 milhões de t); feijão (41,4 t); fumo (22,1 t); mandioca (184,6 mil t); arroz (28 mil t); milho (26,3 mil t) (1991). **Pecuária e criações:** eqüinos (102,2 mil); bovinos (961 mil); bubalinos (3 mil); caprinos (73,3); ovinos (146 mil); suínos (118 mil) (1991). **Minérios:** sal-gema (774.473 t), gás natural (584 mil m³), petróleo (355.215 m³) (1992). **Indústria:** química, açúcar e álcool, cimento, alimentícia. **Energia elétrica:** não produz; **consumo:** 1,3 bilhão de kwh (1992). **Orçamento: receita:** 418,5 milhões; **despesa realizada:** US$ 375,4 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 61 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Rodovias:** 784 km (federais); 2,2 mil km (estaduais); 9,9 mil km (municipais). **Ferrovias:** 493 km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 79.922 (1993).

• **Governo: Governador:** Geraldo Bulhões (PSC). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 9. **Deputados estaduais:** 27. **Partidos na Assembléia:** PFL, PMDB, PTB, PSC, PP, PPR, PL. **Eleitores:** 1.041.236 (1993).

MACEIÓ

• **Habitante:** maceioense.

• **Situação geográfica: Área:** 508 km². **Limites:** Messias, Flexeiras, Barra de Santo Antônio, São Luís do Quitunde (N); oceano Atlântico (L); Mal. Deodoro, oceano Atlântico (S); Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte, Stuba, Rio Largo (O). **Altitude:** 7 m. **Distância de Brasília:** 2.013 km.

• **População:** 554.727; **área metropolitana:** 628.241; **mulheres:** 52,91%; **homens:** 47,09% (1991).

• **Saúde: Estabelecimentos:** 176. **Leitos hospitalares:** 4.673 (1993).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Ensino fundamental e médio;** 241 escolas; 16.546 matrículas no ensino fundamental; 140.761 matrículas no ensino médio (1991).

• **Economia:** indústria, comércio, turismo. **Agricultura:** cana-de-açúcar (505,5 mil t); coco (1,5 mil t); mandioca (55 t); manga (1,4 mil t) (1991). **Indústria:** têxtil, química, açúcar e álcool, alimentícia. **Comércio varejista:** 482 estabelecimentos (1993). **Agências bancárias:** 64 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 47,4 milhões; **despesa realizada:** US$ 47,7 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Nº de ônibus urbanos:** 488; **linha especial:** 1. **Trens urbanos:** 32 km (1993).

• **Comunicações: Emissoras de rádio:** 4 (AM); 6 (FM). **Emissoras de TV:** 3 (VHF). **Jornais:** 2 diários (1993). **Telex:** 662 (1993). **Terminais telefônicos:** 59.600 (1993). **Código DDD:** 082.

• **Governo: Prefeito:** Ronaldo Lessa (PSB). **Vereadores:** 21. **Partidos na Câmara:** PPR, PFL, PMDB, PSC, PTR, PSB, PC do B, PSD, PDT, PRP, PL. **Eleitores:** 240.093 (1993).

Formação histórica

É objeto de disputas com os franceses e, depois, os holandeses, que ocupam a região até 1645. Durante o séc. XVII, vilas e engenhos são atacados pelos negros fugitivos reunidos no Quilombo de Palmares (20 mil habitantes em aldeias confederadas; destruído em 1694, após quase cem anos de existência). Devido à importância econômica da região, em 1711 é instalada a comarca de Alagoas, transformada em capitania independente de Pernambuco em 1817. No Império, é atingida por movimentos políticos como a Confederação do Equador e a Cabanagem (ver capítulo *História do Brasil*). Em 9/12/1839, a sede do governo provincial é transferida da cidade de Alagoas, atual Marechal Deodoro, para Maceió. No início da República, passa por uma agitada fase de lutas políticas que só termina quando a Revolução de 1930 rompe com a hegemonia do Partido Democrata.

Fatos do ano

O Estado esteve em evidência durante todo o ano, por causa dos desdobramentos dos escândalos do governo Collor. Em 30/6, tão logo é decretada sua prisão preventiva, o empresário Paulo César Farias, o PC, tesoureiro da campanha do ex-pres. Fernando Collor, foge sem dificuldade de sua casa em Maceió, cercada por agentes da Polícia Federal. Em 20/10, PC aparece em Londres, Inglaterra, onde é entrevistado pelo repórter Roberto Cabrini, da TV Globo. Com medo de ser deportado para o Brasil, foge dias depois. Só é preso em 29/11, num hotel de luxo em Bangcoc, Tailândia. Pedro Collor, irmão de Fernando, lança em Maceió, no dia 15/5, o livro *Passando a limpo/A trajetória de um farsante*, com novas revelações sobre o ex-presidente. Em 8/10, Pedro é nomeado pela Justiça curador dos bens da mãe, Leda, e reassume o comando da Organização Collor de Mello, do qual estava afastado desde que denunciou o irmão como principal responsável pelo esquema PC. Em 30/10, o Tribunal de Contas da União determina a apuração de irregularidades ocorridas na Legião Brasileira de Assistência (LBA) de Alagoas entre 1990 e 1991, na gestão da ex-primeira-dama Rosane Collor. Ela deve explicar a contratação de uma construtora da família para o fornecimento de água para a região e a assinatura de convênio entre a LBA e a Associação Pró-Carente de Canapi, entidade fantasma criada por seus parentes.

A administração estadual é marcada pelos problemas familiares do gov. Geraldo Bulhões (PSC). Geraldo e Denilma se separam, em 15/7. Oficialmente, o motivo é o romance entre Bulhões e a empresária Rosângela Magalhães. Outra versão diz que a ruptura convém aos projetos políticos do casal: separada, Denilma poderá candidatar-se à Câmara dos Deputados ou ao Senado em 1994, enquanto o marido continua no governo. Mas a separação não acaba com os problemas do governador. Em ago., seu filho mais velho, Gustavo, 24 anos, atropela uma estudante numa das avenidas principais de Maceió. O rapaz alega ter se descontrolado ao sofrer uma crise de epilepsia. Em 28/9, Bulhões manda prender o filho no Manicômio Judiciário, depois de Gustavo ter disparado um revólver contra um segurança de sua casa. Acusada de desacato às autoridades durante o segundo turno das eleições municipais, Denilma é condenada, em 8/12, ao pagamento de sessenta dias de multa (cerca de cinco salários mínimos) e a trinta dias de detenção em regime aberto, prestando serviço à comunidade oito horas por semana, aos sábados, domingos e feriados.

Assassinatos – A polícia estadual é envolvida em dois crimes. O ver. Renildo José dos Santos (PTR), do município de Coqueiro Seco, é seqüestrado no dia 10/3. Duas semanas depois, seu corpo é encontrado, esquartejado. Segundo a polícia, Renildo teria sido morto por cinco policiais civis e militares, a mando do prefeito de Coqueiro Seco, Renato Tadeu Fragoso (PSC), e de seu pai, o fazendeiro Renato Oliveira e Silva. Ninguém é preso. No dia 12/6, o fazendeiro José Cardoso dos Santos é assassinado por dois homens, com tiros de revólver e metralhadora, no centro de Maceió. Sua irmã, a dep. estadual Leda Cardoso (PPR), aponta como responsáveis pela morte delegados da Secretaria da Segurança. O episódio engorda a pasta de problemas com o comandante da PM alagoana, cel. Nilton Rocha. No dia 9/7, o gov. destitui o coronel e nomeia para o cargo o cel. do Exército José Élito Siqueira. Apesar de ser acusado de envolvimento em crimes de homicídio, extorsão e corrupção administrativa, e de comandar uma "gangue da pistolagem" – que seria formada por mais de cinqüenta PMs –, Rocha assume a chefia do Gabinete Militar do gov. No fim de jul., o novo sec. de Segurança, Rubens Quintela, anuncia o desmantelamento da "gangue da pistolagem", com a prisão de quinze policiais. Em set., o sec. revela que a metralhadora usada na morte do fazendeiro José Cardoso pertence à polícia civil.

Os professores da rede pública estadual voltam ao trabalho no dia 4/10, depois de dois meses de greve. A paralisação compromete o ano letivo dos estudantes alagoanos, inclusive dos que tentam concluir o ano de 1992, também prejudicado pelas greves.

Em 3/11, a Associação dos Funcionários da Assembléia Legislativa denuncia a contratação irregular de mil servidores para cargos comissionados. O dep. Talvane Albuquerque (PP), vice-presidente da Assembléia, é acusado de ser o principal articulador do "trem da alegria". No dia 11, Talvane acusa os deputados federais Cleto Falcão e Luís Dantas, ambos do PSD, de crime de extorsão. Segundo ele, Falcão e Dantas teriam proposto a venda de 25% das ações do jornal *O Diário*, de propriedade dos dois, por 200 mil dólares, como forma de evitar uma campanha difamatória.

No fim de nov., depois de anunciar a execução judicial da dívida dos produtores de cana-de-açúcar com o Banco do Brasil, o superintendente da instituição em Alagoas negocia o pagamento com os principais devedores.

AMAPÁ (AP)

• **Capital:** Macapá. **Habitante:** amapaense.

• **Situação geográfica:** nordeste da região Norte. **Área:** 142.358,5 km². **Limites:** Guiana Francesa (N); oceano Atlântico (L); Pará (S e O). **Características:** planície com mangues e lagos (litoral); planaltos (maior parte do território). **Ponto mais elevado:** serra de Tumucumaque, 500 m (NO). **Clima:** equatorial. **Nº de municípios:** 15. **Cidades principais:** Macapá (157.529 hab.); Santana (49.808) (1991). **Rios principais:** Amazonas, Jari, Oiapoque, Araguari, Calçoene, Maracá. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 288.690; **urbana:** 80,89%; **rural:** 19,11%; **mulheres:** 49,84%; **homens:** 50,16% (1991). **Colonização:** ingleses, holandeses, portugueses, migrantes nordestinos. **Densidade demográfica (hab./km²):** 2,03 (1991).

Nascimentos registrados: 6.519 (1991). **Mortalidade:** 2,89 por 1.000 hab. (1990); **mortalidade infantil:** 25,1 por 1.000 (1989). **Fertilidade:** 6,97 (1980). **Vida média (anos):** 64,3 (1980).

• **Saúde:** Leitos hospitalares: 690 (1991); médicos: 177 (1990).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Analfabetos:** não pesquisados pelo MEC, nem SEC, nem IBGE. **Ensino fundamental:** 288 escolas; 74.197 matrículas. **Ensino médio:** 19 escolas; 7.730 matrículas (1992). **Ensino superior:** 1 escola; 627 matrículas (1991).

• **Economia:** extrativismo (castanha-do-pará, borracha, madeira, mineração). **Agricultura:** mandioca (17,5 mil t); arroz (328 t); milho (194 t) (1991). **Pecuária e criações:** bubalinos (77,4 mil); bovinos (69,6 mil); suínos (32,6 mil) (1990). **Minério:** manganês (553,3 mil t) (1990). **Indústria:** alimentícia, construção civil, mineração. **Energia elétrica: produção:** 98 milhões de kwh; **consumo:** 73,8 milhões de kwh (1992). **Orçamento: receita:** US$ 252,9 milhões; **despesa realizada:** US$ 278,8 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 8,4 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Rodovias:** 943 km (federais) (1992); 861 km (estaduais); 671 km (municipais) (1990); nº de veículos: 17.446 (1992).

• **Terminais telefônicos:** 17.356 (1991).

• **Governo: Governador:** Annibal Barcellos (PFL). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 8. **Deputados estaduais:** 24. **Partidos na Assembléia:** PT, PSB, PSDB, PFL, PMDB, PL, PDT, PSD, PTB. **Eleitores:** 169.409 (1993).

MACAPÁ

• **Habitante:** macapaense.

• **Situação geográfica: Área:** 24.557 km². **Limites:** Cotias (N); oceano Atlântico (L); Santana (S); Porto Grande, Ferreira Gomes (O). **Altitude:** 16,5 m. **Distância de Brasília:** 1.783 km.

• **População:** 157.529; **área metropolitana:** 179.252; **mulheres:** 51,04%; **homens:** 48,96% (1991).

• **Saúde: Estabelecimentos:** 189 (1992). **Leitos hospitalares:** 576 (1992).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Ensino fundamental:** 167 escolas; 50.048 matrículas (1991).

• **Economia:** extrativismo (mineração, pesca); comércio, pecuária. **Agricultura:** mandioca (10,6 mil t); arroz (173 t); milho (89 t) (1991). **Indústria:** construção civil, alimentícia, bebidas. **Comércio varejista:** 15 mil estabelecimentos (1991). **Agências bancárias:** 9 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 19,7 milhões; **despesa realizada:** US$ 22,9 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** Nº de ônibus urbanos: 98 (1993).

• **Comunicações: Emissoras de rádio:** 3 (AM); 4 (FM) (1993). **Emissoras de TV:** 5 (VHF); 2 (UHF). **Jornal:** 1 diário (1993). **Telex:** 142. **Terminais telefônicos:** 15.560 (1991). **Código DDD:** 096.

• **Governo: Prefeito:** João Bosco Papaléo Paes (PSDB). **Vereadores:** 15. **Partidos na Câmara:** PPR, PSB, PFL, PMDB, PMN, PDT, PSDB, PTB, PSD. **Eleitores:** 90.222 (1993).

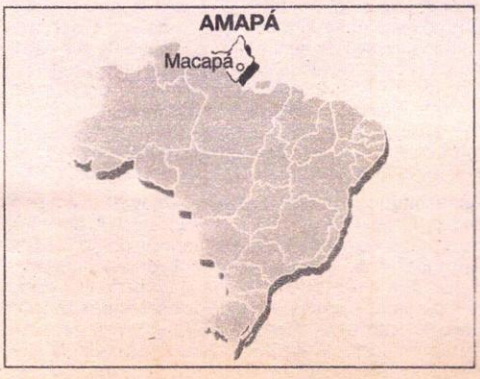
Formação histórica

Doada ao português Bento Manuel Parente em 1637, com o nome de capitania da Costa do Cabo do Norte, a região sofre incursões de ingleses e holandeses, expulsos pelos portugueses; de franceses, que reivindicam a posse da área. O Tratado de Utrecht, de 1713, estabelece os limites da terra dividida entre Brasil e França, mas os franceses não respeitam o acordo. No séc. XIX, a descoberta de ouro e o aumento dos preços internacionais da borracha incentivam o povoamento do Amapá. A disputa territorial continua até 1900, quando a questão é levada à Comissão de Arbitragem, em Genebra, que dá a posse ao Brasil. Incorporado ao Estado do Pará com o nome de Araguari, torna-se território federal em 1943. Dois anos depois, a descoberta de riquíssimas jazidas de manganês na Serra do Navio revoluciona a economia local. É elevado à categoria de Estado pela Constituição promulgada em 5/10/1988.

Fatos do ano

Fracionamento de despesas, superfaturamento em obras, despesas indevidas com publicidade e propaganda, aplicação irregular de recursos públicos, desvio de verbas e favorecimento de empresas. Essas são algumas das denúncias feitas contra o gov. Annibal Barcellos pelo presidente da CUT-AP, Errolflyn Paixão. Em 14/9, a Assembléia Legislativa instala uma CPI. No mesmo dia, os parlamentares votam pelo afastamento do gov., que recorre ao Tribunal de Justiça do Amapá e consegue liminar garantindo sua permanência no cargo. A movimentação para a criação da comissão começa em mar., no início dos trabalhos legislativos, quando deputados da oposição, de posse de informações sobre malversação do dinheiro público pelo gov., se articulam com lideranças locais para a criação de um movimento de combate à corrupção no governo. O prazo final para os trabalhos da CPI é 14/3/1994. As acusações de corrupção não se limitam à área estadual. Em out., a imprensa divulga notas fiscais comprovando que o pref. de Macapá, João Bosco Papaléo Paes (PSDB), comprou para a prefeitura máquinas de prensar da empresa de um amigo, a preços superfaturados. Os preços eram seis vezes maiores que os do comércio local. Paes foi eleito com apoio do ex-presidente, sen. José Sarney (PMDB), tido como a maior liderança do partido no Estado. Durante todo o ano, Sarney esteve uma única vez no Amapá.

Quinquilharias por ouro – Em 5/3, a primeira-dama, Mariinha Barcellos, esbofeteia o dep. federal Waldenor Guedes (PTB), que dias antes afirmara que a Fundação Mariinha Barcellos – entidade privada de assistência social – vive à custa de verbas do Estado. A agressão ocorre durante a solenidade de instalação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana, e na presença do min. da Integração Regional, Alexandre Costa, senadores, deputados e governadores dos Estados amazônicos. Dois meses depois, em mai., Mariinha exige que o diretor da Penitenciária Agrícola do Estado, Alfredo Oliveira, liberte Nadson Sá da Silva, preso em abr. por tentativa de estupro. Nadson é um dos envolvidos no seqüestro dos ex-vereadores Pery Arquelau (PT) e Luiz Banha (PTB), em 1992. O diretor do presídio não acata a ordem da primeira-dama e o preso ameaça contar tudo o que sabe sobre o seqüestro se não for solto no prazo de uma semana. Em 14/5, Alfredo Oliveira é exonerado da direção da penitenciária e, em 21/5, Nadson



foge do presídio. A Polícia Federal investiga a participação da ver. Helena Guerra (PFL) e do dep. federal Sérgio Barcellos (PFL), filho do gov. e de Mariinha, como mandantes do crime.

Escolas e hospitais são reformados ou ampliados. Mas faltam professores e material didático na rede de ensino estadual e, mesmo sem ter havido greve, o calendário escolar não é cumprido. Até out., alunos de algumas escolas de 2º grau não tinham professores de Matemática e Português. A situação na saúde pública não é melhor. O único aparelho de tomografia existente no Amapá fica meses ocioso, pois apenas um médico em todo o Estado sabe operá-lo. Quase 30% da população é portadora de hanseníase, e a leptospirose vitima, em média, treze pessoas por mês. A produção industrial amapaense é incipiente e a criação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana ainda não apresenta resultados positivos. Ao contrário, sua instalação atraiu para a região a população do interior, contribuindo para a favelização e aumento da miséria na capital.

Em ago., Socorro Pelaes (PFL), pref. de Água Branca do Amapari, município com 1.889 habitantes, denuncia a exploração de índios da reserva wãimpi pela antropóloga belga Dominique Gallois. Segundo a pref., a antropóloga submete os índios a trabalho escravo, trocando espelhos e quinquilharias por ouro da reserva indígena. Dominique é defendida pelos índios. Eles dizem fazer garimpagem manual em certa época do ano e que o ouro obtido – cerca de 15 g por mês – é vendido por eles em Macapá. Em set., sem qualquer explicação, os índios exigem que a Funai retire Dominique da reserva. Antes que qualquer providência seja tomada, a antropóloga deixa a área, também sem dar explicações.

AMAZONAS (AM)

• **Capital:** Manaus. **Habitante:** amazonense.

• **Situação geográfica:** centro da região Norte. **Área:** 1.567.953,7 km². **Limites:** Venezuela, Roraima (N); Colômbia (NO); Pará (L); Mato Grosso (SE); Rondônia (S); Acre, Peru (SO). **Características:** planalto das Guianas (N); encostas do planalto Brasileiro (S). **Clima:** equatorial. **Ponto mais elevado:** pico da Neblina, 3.014 m (N). **Nº de municípios:** 62. **Cidades principais:** Manaus (1.010.544 hab.); Manacapuru (57.123); Tefé (54.045); Parintins (51.422); Itacoatiara (50.417) (1991). **Rios principais:** Juruá, Purus, Madeira, Negro, Amazonas, Içá, Solimões, Uaupés, Japurá. **Hora local** (em relação a Brasília): -1h a L da linha que vai de Tabatinga a Porto Acre; -2h a oeste dessa linha.

• **População:** 2.102.901; **urbana:** 71,41%; **rural:** 28,59%; **mulheres:** 49,62%; **homens:** 50,38% (1991). **Colonização:** ingleses, holandeses, portugueses, migrantes nordestinos. **Densidade demográfica (hab/km²):** 1,33 (1991). **Nascimentos registrados:** 27.733 (1993). **Mortalidade:** 4,38 por 1.000 hab. (1988); **mortalidade infantil:** 84,95 por 1.000 (1988). **Fertilidade:** 6,75 (1980). **Vida média (anos):** 65 (1993).

• **Saúde: Leitos hospitalares:** 3.278; **médicos:** 2.478 (1991).

• **Educação:** 37,91% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 19,6 (1993). **Ensino fundamental:** 4.184 escolas; 512.886 matrículas. **Ensino médio:** 123 escolas; 45.798 matrículas (1992). **Ensino superior:** 6 escolas; 9.545 matrículas (1991).

• **Economia:** extrativismo, mineração, indústria, pesca. **Agricultura:** cítricos (laranja, tangerina, limão) (36,4 milhões de frutos); mandioca (22 mil t); melancia (1,2 milhão de frutos); banana (1,3 milhão de cachos) (1992). **Pecuária e criações:** bovinos (700 mil); bubalinos (150 mil) (1992). **Minérios:** calcário (135,9 mil t), gipsita (8,4 mil t), estanho (15 mil t), zirconita (10,4 t) (1992). **Indústria:** materiais elétricos e de comunicação, extração mineral, metalúrgica, alimentícia, bebidas, relógios. **Energia elétrica: produção:** 1,6 trilhão de kwh; **consumo:** 1,5 bilhão de kwh (1989). **Orçamento: receita:** US$ 640,1 milhões; **despesa realizada:** US$ 540,2 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 132 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Rodovias:** 2,4 mil km (federais); 1,2 mil km (estaduais) (1993); 2,2 mil km (municipais) (1992); **nº de veículos:** 141.400 (1993). **Ferrovias:** não há.

• **Terminais telefônicos:** 116.640 (1993).

• **Governo: Governador:** Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo (PMDB). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 8. **Deputados estaduais:** 24. **Partidos na Assembléia:** PMDB, PFL, PMN, PPR, PSDB, PL, PT, PC do B. **Eleitores:** 1.026.137 (1993).

MANAUS

• **Habitante:** manauense ou manauara.

• **Situação geográfica: Área:** 14.337 km². **Limites:** Pres. Figueiredo (N); Itacoatiara, Rio Preto da Eva (L); Iranduba, Careiro (S); Novo Airão (O). **Altitude:** 92,9 m. **Distância de Brasília:** 3.490 km.

• **População:** 1.010.544; **mulheres:** 48,8%; **homens:** 51,2% (1991).

• **Saúde: Estabelecimentos:** 53 (1991). **Leitos hospitalares:** 91 (1993).

• **Educação:** 25% do orçamento. **Ensino fundamental:** 72 escolas; 13.742 matrículas (rede municipal) (1992).

• **Economia:** indústria (siderúrgica, eletroeletrônica, mecânica); agricultura, comércio. **Agricultura:** cítricos (laranja, tangerina, limão) (14,6 milhões de frutos); cupuaçu (174 mil frutos); abacate (242 mil frutos); mandioca (311 mil t); mamão (183 t); urucum (150 t); abacaxi (150 mil frutos) (1992). **Indústria:** siderúrgica, mecânica, eletroeletrônica. **Comércio varejista:** 14.376 estabelecimentos (1993). **Agências bancárias:** 40 (1992). **Orçamento: receita:** US$ 109,8 milhões; **despesa realizada:** US$ 100 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

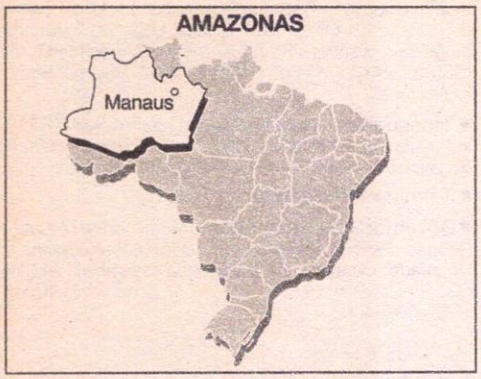
• **Transportes: Nº de ônibus urbanos:** 803 (1993); **linhas especiais:** 814 (1993).

• **Comunicações: Emissoras de rádio:** 4 (AM); 6 (FM). **Emissoras de TV:** 6 (VHF). **Jornais:** 6 diários. **Telex:** 872. **Terminais telefônicos:** 99.832 (1993). **Código DDD:** 092.

• **Governo: Prefeito:** Amazonino Mendes (PPR). **Vereadores:** 33. **Partidos na Câmara:** PPR, PSD, PL, PSDB, PMDB, PCN, PT, PC, PTB, PMN, PSB, PC do B. **Eleitores:** 420.443 (1993).

Formação histórica

Pelo Tratado de Tordesilhas, pertencia à Espanha. Desde o início do séc. XVII, é alvo de freqüentes incursões portuguesas. Em 1637, o português Pedro Teixeira parte da foz do rio Amazonas e chega até Quito, no Equador. Para favorecer as entradas no território, em 1671, Francisco da Mota Galvão constrói o Forte de São José do Rio Negro, origem da cidade de Manaus. As disputas com a Espanha terminam com o Tratado de Madri, que, em 1750, dá a Portugal posse definitiva da região. Em 1822, é incorporada ao Pará. No rastro dos movimentos nativistas, que ocorrem em 1832, é palco de uma revolta popular que exige a independência. A rebelião é reprimida pelas tropas imperiais mas, em 1850, d. Pedro II cria a província do Amazonas. Nos primeiros anos do séc. XIX, o ciclo da borracha leva muita riqueza para a região. No entanto, a decadência econômica vem logo em seguida, graças à concorrência no mercado internacional da produção saída dos seringais das colônias inglesas e holandesas no Oriente. A partir de 1950, o Estado retoma lentamente o crescimento, por meio de incentivos federais e da criação da Zona Franca de Manaus, em 1967.



Fatos do ano

As constantes invasões do território venezuelano por garimpeiros brasileiros quase provocam um conflito diplomático entre os dois países. No final de jan., o Comando Militar da Amazônia comunica ao Ministério do Exército que 45 garimpeiros estão detidos pela Guarda Nacional da Venezuela em Porto Ayacucho, por mineração ilegal. Brasília determina o envio de quarenta soldados do Exército à cidade de São Gabriel da Cachoeira, na fronteira com a Venezuela, para garantir a vida dos garimpeiros. Depois de negociações entre os dois governos, eles são soltos em 17/2.

Não é só na área diplomática que o Amazonas enfrenta problemas. O Estado também administra conflitos na Zona Franca de Manaus, onde são produzidos equipamentos de tecnologia de ponta, principalmente na área de informática. Em 8/3, o pres. Itamar Franco determina a retirada de 42 projetos que iam ser apreciados na 161ª reunião do Conselho da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa). Carlos Rocha, pres. da Associação Brasileira da Indústria de Informática e Automação, apóia a medida, que impede a instalação de empresas que apenas montam produtos, em vez de fabricá-los. Preocupado em evitar o alastramento desse tipo de atividade na Zona Franca, Manoel Rodrigues, superintendente da Suframa, anuncia a implantação de um novo método para avaliar o índice de produção e de nacionalização dos equipamentos feitos na Zona Franca e promove blitz nas fábricas. O objetivo é impedir que as indústrias se beneficiem da isenção de impostos e se transformem em meras importadoras. Outra medida que causa polêmica na região é a portaria presidencial, publicada em jan., que aumenta de US$ 200 para US$ 400 o limite de compras de mercadorias no Paraguai. O gov. Gilberto Mestrinho (PMDB) critica a decisão do pres., alegando prejuízos para o Estado do Amazonas. As indústrias da Zona Franca de Manaus, no entanto, passam por um processo de recuperação econômica. Depois de dois anos de crise – resultado da liberação das importações –, a Suframa prevê um faturamento entre US$ 6,5 bilhões e US$ 7 bilhões em 1993, contra os US$ 4,7 bilhões faturados no ano anterior.

Irregularidades em várias prefeituras e fraudes eleitorais movimentam o quadro político amazonense. O Ministério Público encaminha ao Tribunal de Justiça do Estado 57 denúncias de crime de responsabilidade contra ex-prefeitos. O Tribunal de Contas de Manaus declara irregulares as contas do ex-pref. Artur Virgílio Neto (PSB) no ano de 1989. O Sindicato da Construção Civil acusa Neto de deixar o cargo sem pagar dívida de US$ 10 milhões a 63 empresas. Em mar., o secretário executivo do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação, Murilo Avelar Filho, exige do ex-pref. a devolução de verbas, depois de encontrar irregularidades em cinco projetos. A Câmara Municipal instala uma CPI para investigar as denúncias, e a comissão conclui que Neto causou um prejuízo de US$ 240 mil aos cofres públicos. O ex-pref. Manoel Ribeiro (PTB) é condenado a dois anos de prisão e a nove meses de reclusão por desvio de verba em obra não aprovada pela Câmara Municipal. O réu cumpre a pena em regime aberto.

Para investigar a ocorrência de fraudes nas eleições de nov. de 1992, a Polícia Federal abre 86 inquéritos e intima quinze vereadores eleitos a depor. O Partido dos Trabalhadores também promove investigações – só que internas. O dep. federal Ricardo Moraes é expulso do partido pelo diretório municipal, que confirma a acusação, feita contra ele, de arrombamento e desvio de verbas do Sindicato dos Metalúrgicos de Manaus. Moraes tenta evitar a medida pedindo licença, mas o diretório nacional do PT leva a questão adiante e, em 24/10, vota pela expulsão definitiva do parlamentar.

Meio ambiente – O Estado vive a quinta maior enchente do século. No dia 26/4, as águas do rio Negro sobem e atingem 27,61 m. A Comissão de Defesa Civil de Manaus remove oito famílias das áreas alagadas. No mês seguinte, por causa da enchente, catorze municípios declaram estado de calamidade pública. Em jun., o nível das águas chega a 28,76 m. Em conseqüência das cheias, a situação da saúde pública se agrava no Estado. Só no primeiro semestre, 9.136 pessoas contraem malária e nove delas morrem. Em jul., o Instituto Nacional de Medicina Tropical detecta o recorde da doença: 1.697 casos.

Com o objetivo de preservar o meio ambiente, em ago. a PF, o Ibama e a Funai iniciam a Operação Amazônia Viva. Durante as operações, são expulsos do Parque Nacional do Pico da Neblina 2 mil garimpeiros, que trabalhavam ilegalmente na área, e apreendidas 120 balsas usadas na mineração.

Em jan., um exame grafotécnico comprova o envolvimento de Jair de Azevedo Magalhães no seqüestro de seu filho Jair, de 7 anos. O menino foi seqüestrado em dez. de 1992 e o corpo, com marcas de estrangulamento, foi encontrado nos fundos da Igreja de São Francisco, no bairro onde morava. Segundo o laudo grafotécnico, a letra das cartas onde era pedido um resgate de CR$ 5 milhões é de Magalhães. O pai do garoto nega a autoria das cartas e diz que continuará investigando o crime, por conta própria. A promotoria pede a reabertura das investigações policiais.

Em 19/9, são presos em Manaus os pistoleiros João Ferreira de Lima e Carlos Leonor. Eles confessam ter assassinado o sen. Olavo Pires (PTB-RO), morto em nov. de 1990 e, segundo as pesquisas, candidato favorito no segundo turno das eleições para o governo de Rondônia. Na delegacia em Manaus, Ferreira de Lima acusa o gov. Oswaldo Pianna como mandante do crime. Em Brasília, ao depor na PF, ele contesta a acusação.

BAHIA (BA)

• **Capital:** Salvador. **Habitante:** baiano.

• **Situação geográfica:** sul da região Nordeste. **Área:** 566.978,5 km². **Limites:** Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Piauí (N); oceano Atlântico (L); Minas Gerais, Espírito Santo (S); Goiás, Tocantins (O). **Características:** dunas, planícies, manguezais (litoral); planalto (SE); depressão do vale do São Francisco, cortando o Estado ao centro no sentido N-S; planalto semi-árido (N e NE). **Ponto mais elevado:** pico das Almas, 1.850 m. **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 415. **Cidades principais:** Salvador (2.072.058 hab.); Feira de Santana (352.364); Vitória da Conquista (188.351); Itabuna (174.628); Ilhéus (149.144); Juazeiro (101.288) (1991). **Rios principais:** São Francisco, Paraguaçu, Jequitinhonha, Itapicuri, Capivari, de Contas. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 11.855.157; **rural:** 42,67%; **urbana:** 57,33%; **mulheres:** 50,6%; **homens:** 49,4% (1991). **Colonização:** portugueses, escravos africanos. **Densidade demográfica (hab./km²):** 20,91(1991). **Nascimentos**

registrados: 166.526 (1990); mortalidade: 5,4 por 1.000 hab. (1990); mortalidade infantil: 43,7 por 1.000 (1988). Fertilidade: 6,2 (1980). Vida média (anos): 57,9 (1980).

• **Saúde:** Leitos hospitalares: 19.853 (1987); médicos: 11.380 (1993).

• **Educação:** 31% do orçamento (1993). Analfabetos: 32,3% (1989). Ensino fundamental: 25.587 escolas; 2.186.361 matrículas. Ensino médio: 649 escolas; 221.118 matrículas (1992). Ensino superior: 23 escolas; 46.291 matrículas (1991).

• **Economia:** agricultura, indústria, mineração. Agricultura: cana-de-açúcar (3,5 milhões de t); mandioca (4,3 milhões de t); feijão (315,3 mil t); milho (495,7 mil t); cacau (302 mil t); coco (209,3 mil t); sisal (164,2 mil t); mamona (133,2 mil t); tomate (227,5 mil t) (1992). Pecuária e criações: bovinos (11,5 milhões); suínos (2,3 milhões); eqüinos (659,3 milhões); ovinos (3 milhões); caprinos (4,7 milhões); aves (10,1 milhões) (1990). Minérios: ouro (3,8 t); cobre (80 mil t); magnesita (220 mil t); cromita (200 mil t); sal-gema (500 mil t); barita (20 mil t); manganês (150 mil t); chumbo (7 mil t); talco (10 mil t) (1991). Indústria: química, petroquímica, agroindústria. Energia elétrica: produção: 19,8 bilhões de kwh; consumo: 10,5 bilhões de kwh (1993). Orçamento: receita: US$ 2,6 bilhões; despesa realizada: US$ 2,7 bilhões. Arrecadação do ICMS: US$ 4,7 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** Rodovias: 4,1 mil km (federais); 17,7 mil km (estaduais); 985,4 km (municipais) (1992); nº de veículos: 985.468 (1989). Ferrovias: 1,6 mil km (1992).

• **Terminais telefônicos:** 286.014 (1993).

• **Governo:** Governador: Antônio Carlos Magalhães (PFL). Senadores: 3. Deputados federais: 39. Deputados estaduais: 63. Partidos na Assembléia: PFL, PMDB, PSDB, PPR, PDT, PT, PL, PMN, PTB, PRN, PP, PSB. Eleitores: 6.694.900 (1992).

SALVADOR

• **Habitante:** soteropolitano.

• **Situação geográfica:** Área: 324 km². Limites: Simões Filho, Lauro de Freitas (N); oceano Atlântico (L e S); Madre de Deus, Baía de Todos os Santos (O). Região metropolitana: Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Salvador, São Francisco do Conde, Simões Filho, Vera Cruz. Altitude: 8,3 m. Distância de Brasília: 1.531 km.

• **População:** 2.072.058; mulheres: 52,9%; homens: 47,1% (1991).

• **Saúde:** Estabelecimentos: 799 (1991). Leitos hospitalares: 2.532 (1991).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). Ensino fundamental: 1.325 escolas; 425.344 matrículas (1991).

• **Economia:** comércio, serviços, turismo, indústria. Agricultura: coco (128 t); banana (190 t); laranja (420 t); tomate (56 t); manga (225 t) (1991). Indústria: alimentícia, construção civil, têxtil, de transformação de couro, fumo, cacau. Comércio varejista: 25 mil estabelecimentos (1992). Agências bancárias: 224 (1992). Orçamento: receita: US$ 186,7 milhões; despesa realizada: US$ 207,7 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** Nº de ônibus urbanos: 2.175 (1992); linhas especiais: 39. Trens urbanos: 13,7 km (1992).

• **Comunicações:** Emissoras de rádio: 7 (AM); 12 (FM). Emissoras de TV: 5 (VHF). Jornais: 5 diários (1993). Telex: 4.500. Terminais telefônicos: 267.153 (1992). Código DDD: 071.

• **Governo:** Prefeito: Lídice da Mata (PSDB). Vereadores: 35. Partidos na Câmara: PFL, PRN, PMDB, PL, PP, PTR, PSB, PT, PDT, PPR, PC do B, PTB, PSDB. Eleitores: 1.048.286 (1992).

Formação histórica

Ponto de chegada dos portugueses ao Brasil, começa a ser povoada oficialmente em 1534. O primeiro governador-geral, Tomé de Souza, funda em 1549 a cidade de Salvador, primeira capital do país. No séc. XVII, é atacada por ingleses e holandeses, que são expulsos pelos portugueses. Mantém intenso comércio com a Europa e a África. No final do séc. XVIII, é palco dos primeiros movimentos de libertação nacional. Com a independência, tem uma difícil integração ao Império: os baianos exigem autonomia e maior liderança no cenário nacional, que lhes são negadas. Levantes armados são sufocados pelo governo central. Com a República, vive graves incidentes políticos, como a Guerra de Canudos (ver capítulo *História do Brasil*) e o bombardeio de Salvador, em 1912, resultado de conflitos entre a polícia estadual e a Justiça Federal.

Fatos do ano

A restauração do centro histórico de Salvador é a grande marca do governo estadual em 1993. As obras no Pelourinho – um conjunto arquitetônico do séc. XVII, tombado pela Unesco como patrimônio da humanidade – recuperam mais de cem imóveis. Com um custo estimado em US$ 12 milhões, os trabalhos são concluídos no início de jul. Também são totalmente reconstituídos o Centro de Convenções da Bahia e o Teatro Castro Alves. Fechado por quase quatro anos, o teatro, um dos maiores do país, é reinaugurado com show de artistas baianos, como João Gilberto, Maria Bethânia e Gal Costa, e a Orquestra Sinfônica da Bahia.

As obras de restauração do Centro de Convenções da Bahia são concluídas a tempo de receber, nos dias 15 e 16/7, os 21 presidentes e chefes de governo que participam da 3ª Conferência Ibero-Americana de Chefes de Estado. Com o tema *Uma agenda para o desenvolvimento*, o encontro visa procurar medidas para promover o crescimento econômico e social dos países presentes. Depois de dois dias de debates, é assinada a Carta de Salvador, onde os dirigentes dos 21 países se comprometem a traçar estratégias para erradicar a miséria e a fome. Por pouco, a conferência é realizada em outra capital. Devido a atritos com o gov. Antônio Carlos Magalhães (PFL), o pres. Itamar Franco ameaça transferir o local do evento. Desde a posse de Itamar, o pres. e a administração federal são criticados pelo gov. baiano, o que cria um clima de mal-estar entre os dois. Em mai., ACM é chamado ao Palácio do Planalto para explicar suas denúncias de desvio de verbas do Orçamento e do Ministério do Bem-Estar Social. Na audiência, entrega uma pasta com documentos que, segundo ele, comprovam as irregularidades. Mas sua credibilidade é arranhada quando a PF, ao investigar a origem do dinheiro para a campanha eleitoral do gov., descobre uma conta fantasma no Citibank, aberta com cheque da TV Bahia (retransmissora da TV Globo), controlada por familiares de

Magalhães. A polícia, no entanto, não descobre qualquer prova de envolvimento do gov. com a irregularidade. ACM não é o único governante baiano a ter problemas na frente eleitoral. Em mai., ao sair da sede da Polícia Federal em Salvador, onde fora prestar depoimento sobre abuso eleitoral, o ex-gov. Nilo Coelho atropela o fotógrafo Marcelo Tinoco, do *Correio da Bahia*. O jornal pertence a parentes do atual gov., adversário político de Coelho. O ex-gov. não socorre o fotógrafo, foge após o atropelamento e é processado por tentativa de homicídio.

Em 1993, a economia baiana ensaia passos no rumo da recuperação. Em ago., o Centro de Estatística e Informação estadual informa que houve um crescimento de 4,3% na indústria de transformação devido, principalmente, às atividades do Pólo Petroquímico de Camaçari. De jan. a jul., o índice de crescimento do pólo é de 13,5%. Mas o custo de vida em Salvador é o mais alto do país. Em jan., a cesta básica tem uma alta de 47,41% e, nos dois primeiros meses do ano, acumula um aumento de 88%.

Entre final de jan. e início de fev., os portuários baianos aderem ao movimento contra a modernização dos portos. A greve paralisa os dois maiores portos do Estado, o de Salvador e o de Malhado, em Ilhéus. A paralisação chega também aos portos de Camamu, Cachoeira, Valença e Aratu. Segundo a Companhia das Docas do Estado da Bahia (Codelba), a greve provoca prejuízos.

Desastre ecológico – Em jan., um incêndio na tubovia que leva produtos petroquímicos da refinaria Landulfo Alves para a Companhia Petroquímica do Nordeste (Copene) torna-se o maior acidente já ocorrido no Pólo Petroquímico de Camaçari. Não há mortos. Para os sindicatos de trabalhadores, a responsabilidade pelo acidente é das empresas do pólo, que contratam pessoal sem qualificação com o objetivo de reduzir seus custos de produção. No mês seguinte, a Petrobrás causa um desastre ecológico. Navios petroleiros da estatal derramam grande quantidade de óleo no litoral de Salvador e poluem 40 km de praia. A empresa reconhece a culpa pelo acidente e é multada pelo Centro de Recursos Ambientais da Bahia.

Em mar., é inaugurado o Hemocentro da Bahia, um dos mais bem equipados do país. Também são concluídas as obras da ala de pediatria do Hospital Sarah-Salvador, construído nos moldes do Hospital Sarah Kubitschek de Brasília e, como este, especializado em ortopedia e fisioterapia. Ao mesmo tempo, a cólera avança no Estado. Nos três primeiros meses do ano, são registrados 1.500 casos.

CEARÁ (CE)

• **Capital:** Fortaleza. **Habitante:** cearense.

• **Situação geográfica:** norte da região Nordeste. **Área:** 145.693,9 km². **Limites:** oceano Atlântico (N); Rio Grande do Norte, Paraíba (L); Pernambuco (S); Piauí (O). **Características:** planalto (maior parte do território); planícies e várzeas (L, O). **Ponto mais elevado:** pico do Oeste; 1.145 m (O). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 184. **Cidades principais:** Fortaleza (743.335 hab.); Juazeiro do Norte (167.055); Maracanaú (133.953); Sobral (97.561); Caucaia (72.650); Crato (57.598) (1991). **Rios principais:** Jaguaribe, Salgado, Conceição, Aracaju, Banabuiú, Trussu, Pagoti, Piranji. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 6.362.620; **urbana:** 65,35%; **rural:** 34,65%; **mulheres:** 51,47%; **homens:** 48,53% (1991). **Colonização:** portugueses, holandeses, migrantes nordestinos. **Densidade demográfica (hab./km²):** 43,82 (1991). **Nascimentos registrados:** 88.569 (1989). **Mortalidade:** 4,07 por 1.000 hab. (1989); **mortalidade infantil:** 65 por 1.000 (1990). **Fertilidade:** 4,96 (1990). **Vida média (anos):** 62,62 (1980).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 18.108 (1992); **médicos:** 9.494 (1992).

• **Educação:** 13,5% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 23,33% (1990). **Ensino fundamental:** 13.659 escolas; 1.006.196 matrículas. **Ensino médio:** 310 escolas; 118.698 matrículas (1992). **Ensino superior:** 9 escolas; 37.904 matrículas (1991).

• **Economia:** extrativismo (vegetal, mineral); indústria. **Agricultura:** feijão (103,4 mil t); milho (165,2 mil t); arroz (126,3 mil t); algodão herbáceo (29,4 mil t); algodão arbóreo (13,8 mil t); castanha de caju (45,1 mil t); cana-de-açúcar (2,8 milhões de t); mandioca (974 mil t); mamona (1,9 mil t); tomate (62 mil t); banana (33,5 mil cachos); laranja (104 mil t); coco-da-baía (160,8 mil t) (1992). **Pecuária e criações:** bovinos (2,6 milhões); suínos (1,4 milhão); caprinos (1,1 milhão); ovinos (1,5 milhão); aves (25,06 milhões) (1992). **Minérios:** ferro (4,1 mil t); água mineral (36,8 mil litros); calcário (1,2 milhão de t); argila (329 mil t); magnésio (12,4 mil t); granito (788,3 mil t); petróleo (1 milhão de m³); gás natural (76,1 mil m³) (1991); sal marinho (160 mil t) (1990). **Indústria:** mineração, vestuário, alimentícia, metalúrgica, têxtil, química, calçados. **Energia elétrica: produção:** 3,32 bilhões de kwh (2992); **consumo:** 37 milhões de kwh (1990). **Orçamento: receita:** US$ 1,1 bilhão; **despesa realizada:** US$ 1,1 bilhão. **Arrecadação do ICMS:** US$ 189 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Rodovias:** 2,6 mil km (federais); 8,9 mil km (estaduais); 38,8 mil km (municipais); nº de veículos: 360.285. **Ferrovias:** 1,1 mil km (1992).

• **Terminais telefônicos:** 254.468 (1992).

• **Governo:** **Governador:** Ciro Ferreira Gomes (PSDB). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 22. **Deputados estaduais:** 49. **Partidos na Assembléia:** PSDB, PMDB, PDT, PT, PDS, PFL, PL, PSB, PSC, PC do B, PTB (1993). **Eleitores:** 3.804.489 (1992).

FORTALEZA

• **Habitante:** fortalezense.

• **Situação geográfica:** **Área:** 336 km². **Limites:** oceano Atlântico (N); Aquiraz (L); Pacatuba (S); Caucaia, Maranguape (O). **Região metropolitana:** Aquiraz, Caucaia, Eusébio, Fortaleza, Guaiúba, Maracanaú, Pacatuba, Maranguape. **Altitude:** 27 m. **Distância de Brasília:** 2.285 km.

• **População:** 743.335; **área metropolitana:** 1.765.794; **mulheres:** 53,65%; **homens:** 46,35%.

• **Saúde:** **Estabelecimentos:** 213. **Leitos hospitalares:** 6.137 (1992).

• **Educação:** 14,5% do orçamento (1992). **Ensino fundamental e médio:** 6.446 salas de aula; 342.096 matrículas no ensino fundamental; 60.427 matrículas no ensino médio (1990).

• **Economia:** indústria (têxtil, calçados, curtume, transformação de produtos vegetais), comércio, serviços. **Agricultura:** arroz (6 t); banana (1 mil cachos); cana-de-açúcar (560 t); castanha de caju (18 t); coco-da-baía (168 t); feijão (24 t); mandioca (400 t); manga (350 t); milho (40 t) (1992). **Principais indústrias:** têxtil, calçados, mobiliário, alimentícia, de mineração, editorial e gráfica, metalúrgica. **Comércio varejista:** 9.500 estabelecimentos (1992). **Agências bancárias:** 158 (1992). **Orçamento: receita:** US$ 252 milhões; **despesa realizada:** US$ 267,5 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** Nº de ônibus urbanos: 1.225. **Trens urbanos:** 20 km (1992).

• **Comunicações:** **Emissoras de rádio:** 10 (AM); 14 (FM). **Emissoras de TV:** 5 (VHF). **Jornais:** 4 diários. **Telex:** 1.646. **Terminais telefônicos:** 183.474 (1992). **Código DDD:** 085.

• **Governo:** **Prefeito:** Antônio Cambraia (PMDB). **Vereadores:** 44. **Partidos na Câmara:** PSDB, PMDB, PDT, PT, PFL, PL, PSB, PC do B, PSC, PTB. **Eleitores:** 921.359 (1992).

Formação histórica

A colonização portuguesa começa, de fato, só depois da expulsão dos holandeses, que dominam a região (1637–1644 e 1649–1654) e constroem o Forte Schoonenborch, na embocadura do rio Pajeú; depois, Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, origem da capital da província. Em 1822, os cearenses participam ativamente da luta pela independência. Durante a Confederação do Equador, em 1824, os revoltosos proclamam um novo presidente da província, mas a rebelião é sufocada pelas tropas de lorde Cochrane (ver Confederação do Equador no capítulo *História do Brasil*). No reinado de d. Pedro II, alcança grande progresso, com a chegada da navegação a vapor, das estradas de ferro, da iluminação a gás e do telefone. Em 1884, todos os escravos são libertados.

Fatos do ano

Continuidade administrativa, austeridade nos gastos públicos, fiscalização na arrecadação de impostos e realização dos planos de governo. Essa é a fórmula aplicada pelo gov. Ciro Gomes (PSDB), sucessor de Tasso Jereissati (PSDB), para manter o Ceará na condição de Estado com o maior ritmo de crescimento do país. Nos últimos oito anos, o PIB cearense cresceu 50%, cinco vezes mais que o brasileiro; a renda per capita do Estado aumentou 30%. O Fisco, porém, ainda é lesado. No dia 23/6, o fiscal Humberto Teixeira se faz passar por um comerciante interessado na compra de nota fiscal para sonegar o ICMS e prende Francisco de Assis Isidoro Alves. Com ele, a polícia encontra diversos blocos de notas falsas, em nome de 34 prefeituras cearenses. As prefeituras são indiciadas e, até 5/10, dezessete inquéritos são concluídos. A Fazenda estima que os prejuízos causados pela sonegação no Estado cheguem a US$ 2 milhões. Apesar das fraudes, as finanças estão sob controle.

Em abr., o gov. Ciro Gomes recebe, em Nova York, um prêmio do Fundo das Nações Unidas para a Infância e a Adolescência (UNICEF) pela redução em 32% da mortalidade infantil. Entre 1987 e 1993, o programa cearense reduziu em 54% os óbitos por diarréia, a principal causa das mortes até o primeiro ano de vida no Nordeste. O índice de vacinação, que era o pior do país, passa a ser o maior da região e o terceiro do país: 42% da população infantil está imunizada. Até cães e gatos (95%) são vacinados, em Fortaleza, reduzindo a incidência da raiva para um único caso, até set. Em todo o Estado, são registrados três casos de morte por raiva. O esforço das autoridades, no entanto, não consegue impedir que a cólera atinja o Ceará. A doença contamina 16.310 pessoas e mata 121. Só na capital são registrados 9.330 casos e 45 mortes.

As chuvas alcançam menos de 50% da média histórica, provocando uma quebra de 80,64% na safra agrícola de grãos. A colheita, estimada em 1 bilhão de t, cai para cerca de 200 mil t – ou seja, 52,69% menor que a do ano anterior. Para enfrentar a seca, que atinge 95% do Estado e ameaça a capital de racionamento de água, um canal de 118,5 km é construído em tempo recorde: três meses. Em set., o canal é inaugurado, levando água do rio Jaguaribe até o açude de Orós, que abastece Fortaleza, e a Defesa Civil abastece 142 municípios com 687 caminhões-pipa, a um custo de US$ 1 milhão. Em out., a estiagem custa ao Estado US$ 10 milhões. Desse total, US$ 3,3 milhões são investidos em 33 mil pequenas obras para captar e guardar água, US$ 1,2 milhão são usados no pagamento de carros-pipa e US$ 5,5 milhões vão para os 313 mil trabalhadores empregados nas frentes de emergência. Cada trabalhador recebe um salário equivalente a US$ 17, por 20 horas de trabalho semanais. Além de garantir a subsistência de parte da população, as frentes de emergência reduzem o número de saques, feitos por agricultores famintos, às sedes dos municípios.

Como 33% do consumo estadual de energia é proveniente da lenha ou do carvão, o Ceará adere a novas fontes energéticas. Em 3/1, a Companhia Energética do Ceará (Coelce) inaugura um sistema de energia solar fotovoltaica para dez casas no município de São Gonçalo do Amarante. A tecnologia faz parte de um "pacote" doado pelo Departamento de Energia dos EUA ao Estado e deveria levar energia do sol a 420 casas, 14 escolas e 56 pontos de iluminação pública de pequenas comunidades do interior.

Fraudes – Em 26/2, o dep. federal Aécio de Borba Vasconcellos (PPR) é indiciado pela PF pelo desvio de US$ 1,6 milhão da Fundação Padre Francisco de Assis Castro Monteiro, de Ibicuitinga. A verba, do Ministério da Ação Social, teria sido gasta nas eleições. Além do deputado, o TRE denuncia o pref. Anílton Pinheiro Maia; o vice-pref., Júlio Paulo Filho; Júlio César Albuquerque, assessor do deputado; Maria Nancy Castelo de Lima, presidente da fundação; José Maria Girão Maia, tesoureiro da entidade; e Raimundo Saraiva Lopes, candidato a vereador, todos do PPR.

O único caso de atentado aos direitos humanos tornado público no Estado em 1993 é punido exemplarmente pelo gov. Ciro Gomes. Em 12/4, João Alfredo Teles, pres. da Comissão de Direitos Humanos da OAB-CE, flagra policiais torturando o preso Antônio Ferreira Braga, 27 anos, na Delegacia de Roubos e Furtos. A delegada Sônia Gurgel é afastada e os torturadores Waldir de Oliveira Silva, Jorge Sérgio Andrade e Walderi Almeida da Silva respondem a inquérito. O sec. de Segurança, Francisco Crisóstomo, é demitido pelo gov. em 22/4, logo depois de elogiar a delegada punida. Para evitar novos atentados aos direitos humanos, especialmente nas dependências policiais, em set. é instalado o Conselho Estadual de Segurança, formado por representantes do governo e da sociedade civil.

DISTRITO FEDERAL (DF)

• **Capital:** Brasília. **Habitante:** brasiliense.

• **Situação geográfica:** região Centro-Oeste. **Área:** 5.794,2 km². **Limites:** Planaltina de Goiás (N); Formosa (NE e L); Cristália, Luziânia (S); Sto. Antônio do Descoberto (SO e O); Corumbá de Goiás (O); Padre Bernardo (NO). **Características:** planalto de topografias suaves e vegetação de cerrados, com altitude média de 1.172 m. **Clima:** tropical. **Divisões administrativas:** 12 regiões: Gama, Taguatinga, Guará, Brasilândia, Sobradinho, Planaltina, Paranoá, Ceilândia, Cruzeiro, Samambaia, Núcleo Bandeirante, Brasília. **Nº de municípios:** não há municípios. **Cidades principais:** Ceilândia (363.907 hab.); Taguatinga (227.953); Gama (152.924); Samambaia (127.403) (1991). **Rios principais:** Paranoá, Preto, Sto. Antônio do Descoberto, São Bartolomeu. **Hora local** (em relação a Greenwich): -3h.

• **População:** 1.598.415 (1991); urbana: 94,68%; rural: 5,32%; mulheres: 52,01%; homens: 47,99% (1991). **Colonização:** migrantes de todo o país (principalmente nordestinos). **Densidade demográfica (hab./km²):** 275,86 (1991). **Nascimentos registrados:** 44.671 (1991); morta-

lidade: 4,3 por 1.000 hab. (1991); **mortalidade infantil:** 23,9 por 1.000 (1991). **Fertilidade:** 2,5 (1991). **Vida média (anos):** 65 (1990).

• **Saúde: Leitos hospitalares:** 2.547 (1993); **médicos:** 4.832 (1993).

• **Educação:** 25,33% do orçamento (1992). **Analfabetos:** 8% (1993). **Ensino fundamental e médio:** 522 escolas; 368.005 matrículas no ensino fundamental; 69.533 matrículas no ensino médio (1993). **Ensino superior:** 13 escolas; 32.186 matrículas (1991).

• **Economia:** comércio, serviços, administração pública, agricultura, indústria. **Agricultura:** arroz (6,7 mil t); feijão (6,9 mil t); milho (86,7 mil t); soja (93 mil t); mandioca (8,2 mil t); batata-inglesa (14,4 mil t); hortaliças (103 mil t); limão-taiti (5 mil t) (1992). **Pecuária e criações:** bovinos (107,1 mil); eqüinos (8,4 mil); suínos (42 mil); ovinos (23 mil); caprinos (2,3 mil); coelhos (2,3 mil); galináceos (3,1 milhões); codornas (5,8 mil) (1992). **Minérios:** água mineral (3,3 milhões de litros), calcário (1,6 milhão de t), dolomita (139,8 mil t), granito (236,5 mil t) (1989). **Indústria:** de transformação, alimentícia, extração de minerais não metálicos, construção civil, vestuário, calçados, editorial e gráfica. **Energia elétrica:** não produz; **consumo:** 2,2 milhões de kwh (1991). **Orçamento: receita:** US$ 1,7 bilhão; **despesa realizada:** US$ 1,6 bilhão. **Arrecadação do ICMS:** US$ 108 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Rodovias:** 149 mil km (federais); 1,3 mil km (estaduais); 169,7 km (distritais); **nº de veículos:** 455,9 mil. **Ferrovias:** 62,5 km (1991).

• **Comunicações: Emissoras de rádio:** 7 (AM); 13 (FM). **Emissoras de TV:** 6 (VHF). **Jornais:** 2 diários (1991). **Telex:** 3.386. **Terminais telefônicos:** 427.868 (1993). **Código DDD:** 061.

• **Governo: Governador:** Joaquim Roriz (PTR). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 8. **Deputados estaduais:** 24. **Partidos na Assembléia:** PL, PP, PSL, PTB, PT, PDT, PSDB, PPS, PC do B. **Eleitores:** 895.926 (1992).

Formação histórica

A idéia de instalar a capital federal no centro geográfico do país aparece já na primeira Constituição republicana, de 1891. Mas sua construção só começa em 1956, no governo Juscelino Kubitschek. O Plano Piloto é de autoria do arquiteto Lúcio Costa. Os edifícios públicos e os prédios residenciais saem da prancheta de Oscar Niemeyer, diretor de arquitetura e urbanismo da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). Mais de 30 mil operários (os candangos), vindos principalmente do Nordeste, trabalham na construção da cidade, inaugurada em 21/4/1960. Em 7/12/1987, a Unesco declara Brasília patrimônio histórico da humanidade. Até 1988, o governador do Distrito Federal era nomeado pelo presidente da República. A Constituição promulgada em out. desse ano estabelece eleições diretas para o governo.

Fatos do ano

A CPI do Orçamento, aberta no Congresso em 19/10, para apurar irregularidades no orçamento da União, é o grande fato político do ano (ver *Fatos que Marcaram/ Cronologia Brasil*). A Comissão é instalada depois da prisão em 7/10 do economista José Carlos Alves dos Santos, ex-assessor do Senado Federal e ex-diretor do Orçamento no governo Collor. Ele era suspeito do assassinato de sua mulher, Ana Elizabeth Lofrano dos Santos, desaparecida desde 19/11/1992. A polícia encontra em sua casa US$ 1 milhão e várias fitas de vídeo pornô. Para explicar a posse dos dólares, o economista denuncia a existência de um esquema organizado de fraudes na Comissão de Orçamento do Congresso Nacional e o desvio de verbas por parlamentares. A versão do seqüestro de Ana Elizabeth, que segundo José Carlos teria ocorrido quando os dois voltavam para casa, depois de um jantar num restaurante de Brasília, é desmentida em 24/11 pelo detetive particular Lindauro da Silva: preso pela polícia civil, ele confessa ter matado Ana Elizabeth a mando do marido, com a ajuda do mecânico Valdei Souza. O criminoso leva a polícia ao local onde o corpo está enterrado e conta ter recebido do economista US$ 100 mil pelo assassinato da mulher. Ao ser descoberto, José Carlos tenta o suicídio por três vezes, mas é socorrido e medicado no Hospital de Base de Brasília.

Em 11/8, Marco Antônio de Velasco, 16 anos, é espancado por uma gangue de jovens residentes na Asa Norte. Com golpes de artes marciais, eles esmagam seu crânio, provocam a perfuração de um pulmão e desfiguram o rosto do rapaz. Marco Antônio não resiste aos ferimentos e morre no mesmo dia. O massacre ocorre horas depois de Marco Antônio e sua mãe, Valéria Velasco, terem ido a uma delegacia de polícia dar queixa do grupo, que ameaçara o jovem na saída da escola. À tarde, ele vai à padaria e, próximo ao prédio onde mora, é atacado. O pres. Itamar Franco cobra da polícia uma rápida investigação. Em menos de 48 horas, os onze jovens que participaram do assassinato são detidos e identificados como autores de homicídio qualificado e formação de quadrilha. Seis são maiores de idade e aguardam julgamento. Os menores são internados no Centro de Reclusão da Asa Norte de Brasília. A Secretaria de Segurança do DF faz uma blitz nas academias de artes marciais da cidade e notifica dezoito delas, a maioria por falta de alvará e de instrutores habilitados.

Em 6/8, os noticiários de TV mostram cenas do trote imposto, em 1990, aos jovens que ingressaram na Companhia de Polícia Militar Independente do DF. Os recrutas são obrigados a rastejar sobre urina e a chupar o sangue do pescoço de um galo ainda vivo. A denúncia dá origem a um Inquérito Policial Militar. Em 27/9, os telejornais mostram cenas do treinamento de policiais militares no Centro de Aperfeiçoamento de Praças de Taguatinga, uma cidade-satélite de Brasília. Nelas, aparecem um soldado servindo de cavalo a um oficial e outro soldado fazendo flexões com o instrutor sentado sobre ele. No dia seguinte, o secretário de Segurança do DF, João Brochado, diz que houve transgressão disciplinar grave e promete punir os responsáveis.

Em 13/9, prescreve o prazo de incriminação dos assassinos da menina Ana Lídia, de 7 anos, seqüestrada e morta em 1973. As investigações indicaram que o crime foi praticado por um grupo de jovens, entre eles o filho do ex-ministro da Justiça Alfredo Buzaid. Mas a polícia não encontrou provas contra os suspeitos.

Leonilson Salvador, dono da Via Brasil Táxi Aéreo, tem os telefones de sua empresa e residência sob escuta durante nove meses: ele é suspeito do tráfico de drogas. Em 6/11 chegam à CPI do Orçamento as dezoito fitas gravadas pela Polícia Civil: em vez do tráfico de drogas revelam tráfico de influência, contêm indícios do desvio de verbas e envolvem o secretário particular do gov. Joaquim Roriz, Fábio Simão.

Partido Progressista – No início do ano, o gov. Joaquim Roriz e o ex-gov. do Paraná Álvaro Dias unem suas forças, criando o Partido Progressista (PP). O partido nasce com uma bancada de mais de quarenta deputados federais e 11 dos 24 deputados distritais do DF. Roriz trata de fazer uma administração popular. Instala um serviço de marcação de consultas médicas na rede pública por telefone. Com isso, reduz as filas nos postos de saúde. A facilidade de acesso à saúde pública permite um controle melhor das doenças. Os oito casos de cólera registrados no DF, por exemplo, vieram de outras cidades. Já os números da AIDS são altos: 2.504 pessoas são portadoras do vírus. Dessas, 1.052 já estão doentes. Na área da educação, o DF se sobressai: é a primeira unidade da federação onde 95% das crianças em idade escolar freqüentam as salas de aulas. Esses dados são resultado de uma campanha, iniciada em mar., para cadastrar as crianças que estão fora da escola.

ESPÍRITO SANTO (ES)

• **Capital:** Vitória. **Habitante:** capixaba.

• **Situação geográfica:** leste da região Sudeste. **Área:** 45.733 km². **Limites:** Bahia (N); oceano Atlântico (L); Rio de Janeiro (S); Minas Gerais (O). **Características:** baixada, 40% do território (litoral); serra (interior). **Ponto mais elevado:** pico da Bandeira, 2.890 m (SO). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 71. **Cidades principais:** Vitória (184.157 hab.); Cachoeiro do Itapemirim (122.178); Vila Velha (113.664); Cariacica (105.069); Serra (62.798) (1991). **Rios principais:** Doce, São Mateus, Itaúna, Cachoeiro, Jacu. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 2.598.505; **urbana:** 74%; **rural:** 26%; **mulheres:** 50,05%; **homens:** 49,95% (1991). **Colonização:** portugueses, holandeses, alemães, italianos. **Densidade demográfica (hab./km²):** 56,82 (1990). **Nascimentos registrados:** 54.381 (1988). **Mortalidade:** 5,96 por 1.000 hab. (1988); **mortalidade infantil:** 38,7 por 1.000 (1988). **Fertilidade:** 4,2 (1990). **Vida média (anos):** 67,2 (1980).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 7.123 (1993); **médicos:** 4.312 (1987).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 19,3% (1989). **Ensino fundamental:** 4.480 escolas; 555.123 matrículas. **Ensino médio:** 191 escolas; 71.869 matrículas (1992). **Ensino superior:** 20 escolas; 18.701 matrículas (1991).

• **Economia:** agricultura, indústria. **Agricultura:** café (513 t); feijão (64 mil t); milho (269 mil t); arroz (84 mil t); abacaxi (36,7 milhões de frutos); banana (26,3 milhões de cachos); mandioca (299,5 mil t); cacau (8,7 mil t) (1992). **Pecuária e criações:** bovinos (1,7 milhão); suínos (450 mil) (1993); aves (5 milhões) (1993). **Minérios:** petróleo (3 milhões de barris), gás natural (160 mil m³), calcário (1,1 milhão de t) (1993). **Indústria:** química, alimentícia, madeireira, metalúrgica, de mineração. **Energia elétrica:** produção: 88 milhões de kwh; **consumo:** 345 milhões de kwh (1993). **Orçamento: receita:** US$ 780,9 milhões; **despesa realizada:** US$ 823,3 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 203 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Rodovias:** 768 km (federais); 4,7 mil km (estaduais); 29,2 mil km (municipais) (1993); **nº de veículos:** 355 mil (1993). **Ferrovias:** 528 km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 191 mil (1993).

• **Governo:** **Governador:** Albuíno Cunha de Azeredo (PDT). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 10. **Deputados estaduais:** 30. **Partidos na Assembléia:** PSDB, PT, PTB, PMDB, PFL, PDT, PSB, PPR, PP. **Eleitores:** 1.618.160 (1992).

VITÓRIA

• **Habitante:** vitoriense.

• **Situação geográfica:** **Área:** 81 km². **Limites:** Serra (N); oceano Atlântico (L); Vila Velha (S); Cariacica (O). **Altitude:** 3,3 m. **Distância de Brasília:** 1.238 km.

• **População:** 184.157; **área metropolitana:** 258.243; **mulheres:** 52,82%; **homens:** 47,18% (1991).

• **Saúde:** **Estabelecimentos:** 138 (1992). **Leitos hospitalares:** 1.888 (1992).

• **Educação:** 36% do orçamento (1993). **Ensino fundamental e médio:** 133 escolas; 63.616 matrículas no ensino fundamental; 25 mil matrículas no ensino médio (1993).

• **Economia:** indústria (alimentícia, cerâmica, mobiliário), comércio, serviços. **Indústria:** alimentícia, cerâmica, mobiliário. **Comércio varejista:** 4.200 estabelecimentos (1992). **Agências bancárias:** 89 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 83,2 milhões; **despesa realizada:** US$ 101,4 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Nº de ônibus urbanos:** 256; **linhas especiais:** 2 (1993).

• **Comunicações:** **Emissoras de rádio:** 7 (AM); 6 (FM) (1993). **Emissoras de TV:** 5 (VHF) (1993). **Jornais:** 2 diários (1993). **Telex:** 820 (1993). **Terminais telefônicos:** 69.963 (1993). **Código DDD:** 027.

• **Governo:** **Prefeito:** Paulo Hartung (PSDB). **Vereadores:** 21. **Partidos na Câmara:** PSDB, PL, PMDB, PFL, PT, PC do B, PDT, PTB, PPR. **Eleitores:** 168.729 (1992).

Formação histórica

Criada por d. João III em 1534. Além da resistência indígena, sofre incursões de piratas franceses, holandeses e ingleses. No séc. XVII, as entradas favorecem a formação de núcleos de povoamento no interior, com a criação de engenhos de açúcar e o desenvolvimento da lavoura e do comércio. Com o fim das entradas, a economia fica estagnada. A capitania, até então subordinada à Bahia, é reintegrada à coroa no início do séc. XVIII, quando obtém sua autonomia. Na independência, a população apóia d. Pedro I. Em 1849, o governo reprime uma insurreição de duzentos escravos negros, no distrito de Queimados. A economia volta a crescer a partir de 1823, com a chegada de levas de imigrantes suíços, alemães, holandeses e açorianos. Em 1888, o fim da escravatura arruína os fazendeiros. De 1892 a 1896, quando há grande corrente de imigração, os italianos incrementam a cultura do café, produto que saneia as finanças do Estado e permite a construção de estradas de ferro e do porto de Vitória.

Fatos do ano

O biólogo Paulo Vinhas é morto a tiros em 28/4, num areal na praia do Ulé, em Vila Velha, próximo a Vitória. Vinhas estava à frente de uma campanha a favor da preservação do meio ambiente e denunciava, entre outras coisas, as atividades dos empresários que extraíam areia da região. Segundo o biólogo, a extração de areia estava causando danos à ecologia. Seus assassinos, os irmãos Ailton Queiroz e José Barbosa Queiroz, dedicam-se a essa atividade em Vila Velha. Os dois ficam foragidos durante cinqüenta dias, até se entregarem à polícia de Guarapari. Presos no quartel da polícia militar, aguardam julgamento.

O rompimento entre o gov. Albuíno Azeredo (PDT) e o ex-gov. Max Mauro (PDT) surpreende e agita a política local: Max Mauro foi grande aliado na eleição de Albuíno. O ex-gov. se sente traído, correligionários seus são afastados do secretariado e substituídos por adversários. Em 8/7, ele acusa Albuíno de estar ligado a oportunistas e anuncia o rompimento.

A posse de Amocim Leite (PTB) como prefeito de São Mateus, no norte do Estado, acontece em meio a muito tumulto. Leite é impedido pela Justiça de tomar posse porque o Tribunal de Contas do Espírito Santo havia rejeitado contas de sua administração anterior na prefeitura. Num clima tenso, Wallas Batista (PMDB), segundo colocado na votação, é então diplomado prefeito de São

Mateus. Com o apoio da população, os correligionários de Leite tomam a prefeitura e, armados, exigem a posse do eleito. No dia 2/1, através de liminar, Leite garante sua posse na Justiça e assume o cargo. Apesar dos protestos dos sindicalistas contra as quase 2 mil demissões ocorridas na Companhia Siderúrgica de Tubarão, privatizada em 23/7/1992, a empresa apresenta bons resultados. É previsto um lucro de US$ 30 milhões em 1993 e a produtividade sobe de 514 t para 693 t anuais.

Em 19/9, Ricardo Pessi, 5 anos, é seqüestrado em Vitória. Seu pai, o comerciante Moacyr Pessi, paga um resgate de US$ 100 mil e o menino é libertado em 23/9. A polícia suspeita do envolvimento de familiares no seqüestro. Em 13/10, o ver. Carlos Alberto Ramos (PL), do município de Cariacica, é preso ao chegar à Câmara Municipal. Ele está condenado a três anos e meio de prisão por falsidade ideológica. Na campanha eleitoral, usou diversos nomes falsos para se eleger.

A filha do gov., Ana Flávia Azeredo, também é protagonista de um episódio policial. Em 26/6, dentro do elevador de um edifício localizado num bairro elegante de Vitória, ela é chamada de "negrinha" por uma das moradoras, a agente de turismo Terezina Stange. O filho de Terezina, Rodrigo, agride a moça fisicamente. Ana Flávia dá queixa na polícia, denunciando crime de racismo. Mas os dois são processados por agressão física.

GOIÁS (GO)

• **Capital:** Goiânia. **Habitante:** goiano.

• **Situação geográfica:** leste da região Centro-Oeste. **Área:** 340.165,9 km². **Limites:** Tocantins (N); Minas Gerais (L e SE); Bahia (L); Mato Grosso do Sul (SO); Mato Grosso (O). **Características:** planaltos e chapadas. **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 232 (1993). **Cidades principais:** Goiânia (920.840 hab.); Anápolis (230.513); Luziânia (207.425) (1991). **Rios principais:** Paranaíba, Aporé, Araguaia, São Marcos, Corumbá, Claro, Paraná, Maranhão. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 4.012.562 (1991); **urbana:** 74,90%; **rural:** 25,10% (est. 1990); **mulheres:** 49,85%; **homens:** 50,15% (1991). **Colonização:** portugueses, migrantes paulistas, baianos, maranhenses. **Densidade demográfica** (hab./km²): 11,80 (1991). **Nascimentos registrados:** 91.004 (1990). **Mortalidade:** 4,47 por 1.000 hab. (1988); **mortalidade infantil:** 25,8 por 1.000 (1987). **Fertilidade:** 4,7 (1980). **Vida média (anos):** 63,62 (1980).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 23.010 (1993); **médicos:** 4.689 (1993).

• **Educação:** 30% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 21,7 (1989). **Ensino fundamental:** 6.191 escolas; 932.137 matrículas. **Ensino médio:** 410 escolas; 102.741 matrículas (1992). **Ensino superior:** 30 escolas; 35.301 matrículas (1991).

• **Economia:** comércio, indústria, pecuária, agricultura. **Agricultura:** arroz (383, 6 mil t); café (11,6 mil t); algodão (157,9 mil t); feijão (120,2 mil t); milho (2,5 mil t); soja (2 milhões de t); sorgo (30,2 mil t); trigo (7 mil t); cana-de-açúcar (6,9 milhões de t); tomate (201,8 mil t) (1992/93). **Pecuária e criações:** bovinos (186 milhões); suínos (1,9 milhão); bubalinos (49,5 mil); eqüinos (470,5 mil); asininos (5,3 mil); ovinos (97,6 mil); aves (17,1 milhões) (1993). **Minérios:** água mineral (26,3 milhões de litros), amianto (3,9 milhões de t), calcário (2,7 milhões de t), fosfato (3,8 milhões de t), níquel (1,5 milhão de t), ouro (494,4 mil t), cianita (629 t), talco (124 t), manganês (62,6 mil t), nióbio (634,3 mil t), vermiculita (17 mil t); carbonato de níquel (14 mil t); pó calcário (1,4 milhão de t) (1992). **Indústria:** mineração, alimentícia, confecção, mobiliário, metalúrgica, madeireira. **Energia elétrica: produção:** 3,3 bilhões de kwh; **consumo:** 3,9 bilhões de kwh (1992). **Orçamento: receita:** US$ 965,8 milhões; **despesa realizada:** US$ 1,1 bilhão. **Arrecadação do ICMS:** US$ 640,6 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Rodovias:** 3,2 mil km (federais); 19,2 km (estaduais); 61,5 mil km (municipais) (1992); **nº de veículos:** 641.744. **Ferrovias:** 561 km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 229.583 (1993).

• **Governo:** **Governador:** Íris Rezende Machado (PMDB). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 17. **Deputados estaduais:** 40. **Partidos na Assembléia:** PMDB, PT, PL, PFL, PPR, PSDB, PP, PC do B. **Eleitores:** 2.536.602 (1993).

GOIÂNIA

• **Habitante:** goianense.

• **Situação geográfica:** **Área:** 929 km². **Limites:** Goianira, Metrópolis, Goianópolis (N); Bonfinópolis, Senador Canedo (L); Aragoiânia, Aparecida de Goiânia (S); Trindade, Guapó (O). **Altitude:** 749,5 m. **Distância de Brasília:** 209 km.

• **População:** 920.840; **mulheres:** 52,20%; **homens:** 47,80% (1991).

• **Saúde:** **Estabelecimentos:** 144 (1993). **Leitos hospitalares:** 7.144 (1993).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Ensino fundamental:** 402 escolas; 206.677 matrículas (1992).

• **Economia:** Agricultura, comércio, serviços, pecuária, indústria. **Agricultura:** soja (360 t); milho (1,5 mil t); arroz de sequeiro (342 t); laranja (720 t); mandioca (750 t) (1992/93). **Indústria:** alimentícia, de confecções, móveis, metalúrgica, mineração, alimentícia, têxtil. **Comércio varejista:** 18 mil estabelecimentos (1993). **Agências bancárias:** 122 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 118,7 milhões; **despesa realizada:** US$ 124,8 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Nº de ônibus urbanos:** 975 (1993).

• **Comunicações:** **Emissoras de rádio:** 5 (AM); 12 (FM) (1993). **Emissoras de TV:** 5 (VHF); 1 por assinatura (1993). **Jornais:** 2 diários (1993). **Telex:** 914 (1993). **Terminais telefônicos:** 137.529 (1993). **Código DDD:** 062.

• **Governo:** **Prefeito:** Darci Accorsi (PT). **Vereadores:** 33. **Partidos na Câmara:** PP, PPR, PMDB, PC do B, PSDB, PT, PL, PFL. **Eleitores:** 492.546 (1993).

Formação histórica

Ocupada a partir das viagens dos bandeirantes e da migração de pecuaristas, que buscam terras mais férteis. No final do séc. XVI, são descobertas as primeiras minas de ouro. No séc. XVII, Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera, acompanhado de seu filho ainda menino, Bartolomeu Bueno, faz importantes expedições na área. Em 1726, Bartolomeu Bueno volta à região e funda o primeiro povoado, o Arraial da Barra. Os povoados se multiplicam ao longo das minas e a exploração do ouro atinge o auge na segunda metade do séc. XVII. Separa-se de São Paulo em 1744 e é elevada a província em 1824. O ciclo do ouro termina durante a I República. A lavoura e a pecuária tornam-se as atividades principais. No final do séc. XIX, a navegação a vapor e a abertura de estradas facilitam o escoamento dos produtos e surgem novas cidades. A construção da nova capital, Goiânia, em 1942, e a de Brasília, em 1956, favorece o crescimento econômico. Em 1988, o norte do Estado é desmembrado, transformando-se no Estado de Tocantins.

Fatos do ano

Enquanto o país luta contra a fome e a miséria de 32 milhões de pessoas, Goiás aparece como líder do desperdício nacional. Em ago., vem à tona o escândalo dos alimentos apodrecidos em armazéns goianos. A Procuradoria Geral da República instaura inquérito em 14/9. O primeiro lote de produtos deteriorados é descoberto em 4/8, num armazém da Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Goiás (Casego), no município de Cristalina. São 37 t de feijão, adquiridas pela Companhia Nacional

de Abastecimento (Conab) e guardadas há dois anos. Em 18/8, a Comissão Externa da Câmara dos Deputados, criada para investigar os estoques reguladores do governo federal, denuncia um desvio de cerca de 6,6 mil t de grãos dos armazéns particulares goianos. Em 25/8, a Conab incinera 2 t de milho, impróprias para o consumo humano e animal, remanescentes da safra de 1987/88. Em Aparecida de Goiás, 3,7 mil t de milho do graneleiro da TT Armazéns Gerais também são consideradas inadequadas para consumo. A partir de out., começam a ser removidas de Goiás 90 mil t de produtos – basicamente arroz e milho – destinadas às vítimas da seca no Nordeste.

Normalmente, o apodrecimento de alimentos nos armazéns oficiais ocorre por dois motivos: precárias condições de armazenagem ou armazenagem prolongada, com o objetivo de obter maior lucratividade – os estocadores ganham pelo tempo de armazenagem. Vistoria realizada pela Conab constatou que a maioria dos armazéns goianos não dispunha de sistema de aeração perfeito.

Apesar desse desperdício, a economia goiana prospera e, em ago., o governo anuncia perspectivas de um aumento de 10% a 15% da área plantada do Estado. A cultura da soja é favorecida pela quebra da safra dos EUA. Nos setores imobiliário e industrial também há sinais de aquecimento. Em abr., as vendas de imóveis crescem 100% em relação ao ano anterior. Entre jan. e mar., a produção industrial aumenta 26,1% em comparação com os três primeiros meses de 1992. De jan. a out. são criadas 13.600 novas empresas, contra as 8.900 abertas no mesmo período em 1992 – um crescimento de 24,35%. A pecuária, entretanto, tem prejuízo com a suspensão das importações de carne pela Comunidade Econômica Européia (CEE) em função da febre aftosa que ataca os rebanhos. Por outro lado, graças ao aumento das exportações de conservas, latarias, carnes, couro e ferro nióbio, Goiás passa da 16ª para a 14ª posição entre os Estados exportadores brasileiros.

Mesmo num ano sem eleições, a Justiça Eleitoral permanece ativa. Atendendo o disposto no art. 29 da Constituição, que determina a existência de no máximo 21 vereadores nos municípios de até 1 milhão de habitantes, o TRE reduz o número de parlamentares da Câmara Municipal de Goiânia: como o Censo de 1991 apurou a existência de apenas 920.840 habitantes, diplomou apenas 21 vereadores. No entanto, contrariando a norma legal, em 2/2, liminar concedida pelo Tribunal Superior Eleitoral determina a posse de outros 12 eleitos e a Câmara volta a ter 33 vereadores. Em 30/9, o Tribunal Regional Eleitoral inicia uma investigação para levantar a existência de eleitores fantasmas. Segundo a Assembléia Legislativa, cerca de cem municípios estão sob suspeita. Em decisões inéditas no Estado, a Justiça Eleitoral cassa o mandato do pref. Moaci Gomes de Souza (PMDB), de Divinópolis, em 18/2, e o de José Dilma (PMDB), de Montes Claros, por fraude nas eleições. Gomes de Souza consegue liminar contra a decisão e reassume o cargo em 19/2. Acusado de trocar sapatos por votos, Dilma é cassado em 1º/10.

Magia negra – A Comissão de Seguridade da Câmara dos Deputados aprova, em 5/5, a concessão de pensão vitalícia para as vítimas da contaminação por césio 137, em acidente ocorrido em Goiânia em 1987. Os valores das pensões variam entre 150 e 300 UFIRs, dependendo do grau de contágio. Em 23/6, a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) coloca os tambores que guardam o lixo radiativo em *containers* especiais, visando a futura transferência para um depósito definitivo.

Em 12/7, seis cidades do Vale do Araguaia são atingidas pelo maior abalo sísmico já registrado no Estado. O tremor dura um minuto e meio e alcança 4 pontos na escala Richter. Apesar de forte, o terremoto provoca apenas pequenos prejuízos materiais, como paredes rachadas e telhas quebradas.

Em 10/2, João Maria Rocha Silva, Vicente Natal do Nascimento, Maria de Lourdes Rocha Lemos e Maria Helena Rocha são condenados a um total de 136 anos e 10 meses de reclusão. Em mai. de 1992, eles violentaram e mataram a menina Fernanda Soares Militão para usar seu sangue num ritual de magia negra. Maria de Lourdes Rocha Lemos é condenada por mais um crime. Ela e o filho, Paulo Sérgio da Rocha, violentam e matam a dona de casa Dalva Elias Faleiros Nunes, também em função da magia negra. A pena dos dois é de 33 anos de prisão. Em 12/8, Xiliéfilis Estevão de Matos, ex-candidato a deputado estadual pelo PDT e funcionário da Assembléia Legislativa, é preso depois de violentar, dentro de um banheiro da Assembléia, o menor M.P.G., de 8 anos. O menino é filho de um colega de trabalho. Também em ago., a Justiça decide enviar a um novo júri o ex-min. da Agricultura e da Reforma Agrária Nuri Andrauss. Ele é acusado de matar, em 1975, o fazendeiro goiano Waldemar José de Oliveira.

A polícia prende quatro dos sete seqüestradores da administradora de empresas Viviane Lobo Santos Valente, que ficou 43 dias em poder dos criminosos. Ela é libertada em 1º/6, depois do pagamento de US$ 500 mil pelo resgate.

MARANHÃO (MA)

• **Capital:** São Luís. **Habitante:** maranhense.

• **Situação geográfica:** oeste da região Nordeste. **Área:** 329.555,8 km². **Limites:** oceano Atlântico (N); Piauí (L); Tocantins (S e SO); Pará (O). **Características:** costa recortada (baía de São Marcos); planície costeira, dunas (litoral); planaltos (demais regiões). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 136 (1993). **Cidades principais:** Imperatriz (276.440 hab.); São Luís (164.334); Caxias (146.730) (1991). **Rios principais:** Tocantins, Gurupi, Pindaré, Mearim, Parnaíba, Turiaçu, Itapecuru. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 4.929.029; **urbana:** 40%; **rural:** 60%; **mulheres:** 50,40%; **homens:** 49,60% (1991). **Colonização:** franceses, portugueses, africanos. **Densidade demográfica (hab./km²):** 15,12 (1991). **Nascimentos registrados:** 246.803 (1990). **Mortalidade:** 7,5 por 1.000 hab. (1990); **mortalidade infantil:** 97 por 1.000 (1991). **Fertilidade:** 6,9 (1980). **Vida média (anos):** 55,3 (1980).

• **Saúde: Leitos hospitalares:** 25 mil (1993); **médicos:** 639 (1991).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 46% (1991). **Ensino fundamental:** 12.472 escolas; 1.279.798 matrículas. **Ensino médio:** 287 escolas; 79.575 matrículas (1992). **Ensino superior:** 3 escolas; 10.993 matrículas (1991).

• **Economia:** indústria, serviços, extrativismo (babaçu), agricultura. **Agricultura:** mandioca (1,9 milhão de t); arroz (980 mil t); milho (280 mil t); soja (100 mil t); feijão (200 mil t) (est. 1993). **Pecuária e criações:** bovinos (4 milhões); suínos (3 milhões); caprinos (500 mil); eqüinos (287 mil); aves (18 milhões); asininos (185 mil) (1992). **Minérios:** calcário (704 t) (1988). **Indústria:** transformação de alumí-

nio e alumina, alimentícia, madeireira. **Energia elétrica: produção:** 80 milhões de kwh; **consumo:** 1,3 bilhão de kwh (1993). **Orçamento: receita:** US$ 694,9 milhões; despesa realizada: US$ 689,4 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 80 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Rodovias:** 3,2 mil km (federais); 4,9 mil km (estaduais); 44,3 mil km (municipais) (1993); **nº de veículos:** 150 mil (1993). **Ferrovias:** 1,7 mil km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 107,7 mil (1993).

• **Governo: Governador:** Edison Lobão (PFL). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 18. **Deputados estaduais:** 42. **Partidos na Assembléia:** PPR, PMDB, PFL, PPS, PSB, PDT, PT, PMN, PTB. **Eleitores:** 2.590.598 (1993).

SÃO LUÍS

• **Habitante:** são-luisense.

• **Situação geográfica: Área:** 822,1 km². **Limites:** oceano Atlântico (N); São José de Ribamar (L); Estreito dos Mosquitos (S); baía de São Marcos (O). **Altitude:** 24,4 m. **Distância de Brasília:** 2.157 km.

• **População:** 164.334; **área metropolitana:** 695.199; **mulheres:** 53,4%; **homens:** 46,6% (1991).

• **Saúde: Estabelecimentos:** 114. **Leitos hospitalares:** 3.248 (1993).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Ensino fundamental:** 342 escolas; 205.653 matrículas (1993).

• **Economia:** indústria de transformação de minérios, comércio. **Indústria:** de transformação de minérios, alimentícia, têxtil, alumínio, mobiliário. **Comércio varejista:** 6.715 estabelecimentos (1993). **Agências bancárias:** 96 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 79,8 milhões; **despesa realizada:** US$ 108,6 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Nº de ônibus urbanos:** 745; **linhas especiais:** 21 (1993).

• **Comunicações: Emissoras de rádio:** 6 (AM); 6 (FM). **Emissoras de TV:** 5 (VHF). **Jornais:** 5 diários (1993). **Telex:** 571. **Terminais telefônicos:** 79.420 (1993). **Código DDD:** 098.

• **Governo: Prefeita:** Conceição Andrade (PSB). **Vereadores:** 21. **Partidos na Câmara:** PDT, PFL, PPS, PMDB, PT, PTB, PTR. **Eleitores:** 363.747 (1992).

Formação histórica

A primeira tentativa de povoamento feita pelos portugueses, em 1535, não deixa vestígios. Os franceses iniciam a ocupação do território com a instalação da França Equinocial, em 1612. Portugal expulsa-os em 1615 e, em 1624, institui a capitania do Maranhão e do Grão-Pará. Em 1641, a ilha de São Luís é ocupada pelos holandeses, expulsos três anos depois. A partir daí, o domínio português consolida-se de tal forma que a Independência só é aceita em 1823, após intervenção armada do almirante Cochrane, a mando de d. Pedro I. Em 1831, é palco da Setembrada, que exige a expulsão dos portugueses e dos padres franciscanos da região e, em 1838, da Balaiada, movimento popular contra o poder e os privilégios da aristocracia rural (ver Período Regencial no capítulo *História do Brasil*). Com a abolição da escravatura, a economia entra em decadência e só começa a se recuperar durante a I Guerra Mundial.

Fatos do ano

A Assembléia Legislativa instala em fev. CPI para investigar denúncias de que autoridades estaduais usam carros roubados com permissão formal de juízes. A comissão termina os trabalhos em out. e as conclusões são surpreendentes. Mais de quinhentos carros roubados rodavam tranqüilamente por todo o Estado com o

beneplácito de dezesseis juízes, suspensos de suas funções pelo Tribunal de Justiça do Estado. A CPI não consegue tomar o depoimento de nenhum deles porque o Tribunal não permite que eles falem. As investigações chegam ao próprio legislativo. Quatro dep. estaduais são acusados de posse e uso dos carros roubados: Nagib Haickel (PTB), José Genésio (PTR), Pedro Vasconcelos (PFL) e Juscelino Resende (PTB), além do chefe do Gabinete Militar do gov., Lindoso Nunes. Sobre Juscelino Resende recai ainda a acusação de cumplicidade no seqüestro do pref. Raimundo Mota da Silva (PFL), de Poção de Pedras. O pref. foi seqüestrado em 17/9/1992. Seu corpo aparece dentro de uma sepultura rasa num matagal na periferia de São Luís, em 27/8. Menos de dois meses depois, em 6/10, o pref. de Imperatriz, Renato Moreira (PTR), é morto com dois tiros no Mercado Municipal da cidade. Seu assassino, um pistoleiro que já trabalhara no gabinete do dep. Resende, aponta como mandante o empresário Geraldo Hipólito da Silva, dono da empresa de ônibus que detinha o monopólio das linhas de transporte coletivo em Imperatriz. Antes de ser assassinado, o pref. promovia uma devassa fiscal nas contas da companhia.

Em jun., o Tribunal Regional do Trabalho é atingido por denúncias, desta vez de nepotismo. Parentes e protegidos de juízes são nomeados sem concurso, algumas vezes mediante processos fraudulentos, e ocupam praticamente todas as funções gratificadas do TRT.

O gov. Edison Lobão (PFL), o sen. Alexandre Costa (PFL), ministro da Integração Regional, e o dep. federal Cid Carvalho (PMDB) são envolvidos na CPI do Orçamento, criada no Congresso Nacional para apurar fraudes e manipulações de verbas no Orçamento Geral da União. O envolvimento de Cid Carvalho, um dos chamados "sete anões" da Comissão de Orçamento, atrapalha os planos do ex-pres. e sen. José Sarney, do PMDB do Amapá. Sarney quer eleger governadora do Maranhão sua filha, a dep. Roseana Sarney (PFL), e contava com o apoio de Carvalho para a campanha. Soterrado por acusações de corrupção, dificilmente o parlamentar será um bom aliado.

Empossada em 1º/1, a pref. de São Luís, Conceição Andrade (PSB), passa o ano tentando administrar um orçamento combalido por forte diminuição da receita e cobrança de dívidas da administração passada. No final de jul., ela decreta três meses de estado de emergência e inicia ampla reforma administrativa. A intenção é reduzir os gastos públicos, especialmente na folha de pagamento.

Na zona rural, continuam os conflitos pela posse da terra. O de maior repercussão ocorre no município de Buriti, onde posseiros entram em confronto com funcionários de uma fazenda do Grupo João Santos. Em 15/4, dois empregados da fazenda morrem numa emboscada. Em represália, a PM expulsa os lavradores e queima suas casas, tentando impedir que eles voltem a se instalar no local. Também há tensão nas áreas dos índios guajajaras, dos urubu-caaporas, dos guajá-auás

e especialmente dos cricatis, no município de Montes Altos. Ali, em ago., agricultores armados impedem a demarcação das terras indígenas, levando a Funai a rediscutir os limites da reserva.

MATO GROSSO (MT)

• **Capital:** Cuiabá. **Habitante:** mato-grossense.

• **Situação geográfica:** oeste da região Centro-Oeste. **Área:** 901.420,7 km². **Limites:** Amazonas, Pará (N); Tocantins, Goiás (L); Mato Grosso do Sul (S); Rondônia, Bolívia (O). **Características:** planaltos com chapadas (N); planícies inundáveis (NE); Pantanal Mato-Grossense (S). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 117 (1993). **Cidades principais:** Cuiabá (254.145 hab.); Rondonópolis (94.063); Várzea Grande (96.379); Cáceres (63.111); Barra do Garças (43.447) (1991). **Rios principais:** Juruena, Teles Pires, Xingu, Araguaia, Paraguai, Piqueri, São Lourenço, das Mortes, Cuiabá. **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

• **População:** 2.022.524; **urbana:** 73,23%; **rural:** 26,77%; **mulheres:** 48,26%; **homens:** 51,74% (1991). **Colonização:** espanhóis, portugueses, paraguaios, bolivianos. **Densidade demográfica (hab./km²):** 2,24 (1991). **Nascimentos registrados:** 53.275 (1989). **Mortalidade:** 4,4 por 1.000 hab. (1988); **mortalidade infantil:** 27,1 por 1.000 (1988). **Fertilidade:** 4,7 (1980). **Vida média (anos):** 65,5 (1985).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 16.592 (1990); **médicos:** 1.220 (1993).

• **Educação:** 22,3% do orçamento (1990). **Analfabetos:** 22,27% (1990). **Ensino fundamental:** 4.094 escolas; 512.273 matrículas. **Ensino médio:** 187 escolas; 46.466 matrículas (1992). **Ensino superior:** 17 escolas; 12.432 matrículas (1991).

• **Economia:** indústria extrativista (madeira, borracha), agricultura, pecuária. **Agricultura:** cana-de-açúcar (3,8 milhões de t); soja (2,9 milhões de t); arroz (522,3 mil t); milho (712,3 mil t); mandioca (430,2 mil t) (1992). **Pecuária e criações:** bovinos (9,9 milhões); galináceos (7,9 milhões); suínos (1,4 milhão) (1991). **Minérios:** calcário (1,8 milhão de t); estanho (365,7 mil t); ouro (293 mil t) (1991). **Indústria:** metalúrgica, alimentícia. **Energia elétrica: produção:** 351,4 milhões de kwh; **consumo:** 1,4 milhão de kwh (1991). **Orçamento: receita:** US$ 557,3 milhões; **despesa realizada:** US$ 620,7 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 135 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Rodovias:** 3,6 mil km (federais); 17,4 mil km (estaduais); 70 mil km (municipais) (est. 1991); **nº de veículos:** 239,7 mil (1990).

• **Terminais telefônicos:** 140 mil (1992).

• **Governo:** **Governador:** Jaime Veríssimo de Campos (PFL). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 8. **Deputados estaduais:** 24. **Partidos na Assembléia:** PFL, PMDB, PDT, PL, PSDB, PTB, PRN, PPR, PT. **Eleitores:** 1.196.459 (1992).

CUIABÁ

• **Habitante:** cuiabano.

• **Situação geográfica:** **Área:** 12.790 km². **Limites:** Chapada dos Guimarães, Rosário Oeste (N); Campo Verde (L); Santo Antônio do Leverger (S); Acorizal, Várzea Grande (O). **Altitude:** 176,7 m. **Distância de Brasília:** 1.133 km.

• **População:** 254.145; **área metropolitana:** 401.303; **mulheres:** 49,75% **homens:** 50,25% (1991).

• **Saúde:** **Estabelecimentos:** 82 (1991). **Leitos hospitalares:** 1.695 (1991).

• **Educação:** 35% do orçamento (1993). **Ensino fundamental:** 223 escolas; 113.495 matrículas (1990).

• **Economia:** agricultura, comércio, pecuária, serviços. **Agricultura:** mandioca (13,5 mil t); cana-de-açúcar (12,2 mil t); milho (2,7 mil t); soja (2,3 mil t); feijão (81 t); laranja (2,4 bilhões de frutos) (1991). **Indústria:** editorial e gráfica, de mineração, alimentícia, têxtil, metalúrgica. **Comércio varejista:** 3.361 estabelecimentos (1991). **Agências bancárias:** 136 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 46,6 milhões; **despesa realizada:** US$ 78,7 milhões *(1992, Min.Faz./ Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Nº de ônibus urbanos:** 350; **linhas especiais:** 30 (1993).

• **Comunicações:** **Emissoras de rádio:** 4 (AM); 6 (FM). **Emissoras de TV:** 6 (VHF). **Jornais:** 3 diários (1993). **Telex:** 591 (1991). **Terminais telefônicos:** 63.230 (1992). **Código DDD:** 065.

• **Governo:** **Prefeito:** Dante de Oliveira (PDT). **Vereadores:** 21. **Partidos na Câmara:** PFL, PTB, PDT, PSDB, PMDB, PPR, PL. **Eleitores:** 208.585 (1992).

Formação histórica

Pelo Tratado de Tordesilhas, de 7/6/1494, pertencia à Espanha. O português Pedro Aleixo é o primeiro a explorar a região, em 1525. No início do séc. XVII, jesuítas espanhóis fundam aldeias de missões entre os rios Paraná e Paraguai. A descoberta de ouro atrai bandeirantes e aventureiros, acelerando o povoamento. Portugal expande seus domínios e cria a capitania de Mato Grosso em 3/5/1748. Para protegê-la das ameaças indígena e espanhola, os portugueses constroem vilas e fortes. O progresso vem rápido e Espanha e Portugal definem as fronteiras do território nos tratados de Madri e de Santo Ildefonso, firmados respectivamente em 1750 e 1777. No início do séc. XIX, a produção de ouro diminui, a economia entra em decadência e a população pára de crescer. Em 1892, civis e militares iniciam um movimento separatista contra o governo do pres. Floriano Peixoto. A revolta é reprimida. Disputas entre as regiões norte e sul do Estado levam à intervenção federal, em 1917. Na primeira metade do séc. XX, o Estado volta a crescer com a chegada dos seringueiros, criadores de gado e exploradores de erva-mate.

Fatos do ano

Denúncias de fraude e corrupção atingem o governo estadual. Elas começam em abr., quando o secretário do Meio Ambiente, Eucário Queiroz, é acusado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e pela CUT de fazer aplicações financeiras em proveito próprio com US$ 219 mil do Ibama. O dinheiro estava destinado a empreendimentos ecológicos na região. Cinco meses depois, Queiroz é afastado do cargo. Em 28/7, é demitido o secretário da Indústria e Comércio, José Carlos Queiroz. Ex-superintendente do Banco do Brasil no Estado, ele também participa da operação com os recursos do Ibama e ainda se apropria de verbas do Fundo Constitucional do Centro-Oeste. No dia 27/5, um processo de licitação para compra de máquinas pesadas, no valor de US$ 62 mil, é suspenso em virtude do mandado de se-

gurança e pedido de impugnação administrativa feitos pelas multinacionais Komatsu e Case Equipamentos contra a Companhia de Desenvolvimento do Mato Grosso (Codemat). O caso se transforma em escândalo quando a dep. Serys Slhessarenko, líder do PT na Assembléia Legislativa, divulga anúncio cifrado com o resultado da licitação, publicado no *Diário de Cuiabá* do dia 11/5. A beneficiária da transação é a Caterpillar, através da concessionária Lion S.A. Apesar de ser desafiado pela oposição a demonstrar lisura em sua administração, o gov. Jaime Campos (PFL) se recusa a abrir as cartas-propostas – e, com isso, levanta mais suspeitas. Outra licitação, desta vez para a compra de máquinas pesadas pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural (Empaer-MT), aumenta a desconfiança em relação ao governo. A escolha da empresa Rondomaq, concessionária da Massey Ferguson, confirma outro anúncio cifrado, publicado pelo PT em 30/5. O governo não homologa a concorrência, mas ninguém é punido. Em jul., o Sindicato dos Urbanitários acusa a diretoria das Centrais Elétricas Mato-grossenses (Cemat), presidida pelo ex-dep. Haroldo Arruda (PFL), de pagar preços superfaturados a empreiteiras que venceram licitações fraudulentas. A negociata envolve uma empresa do grupo Itamarati, e um pool de empresas coordenadas por Vandir Sguarezzi, cunhado do gov. Em represália, a Cemat afasta de seus quadros dois diretores e o pres. do Sindicato dos Urbanitários, Dilon Caporossi, e demite outros sete líderes trabalhadores. No começo de ago., no entanto, o Tribunal Regional do Trabalho anula a demissão dos sindicalistas.

Em 29/8 a empresária Irene Ferreira de Oliveira, representante da firma paranaense Hydrapar Engenharia Civil Ltda., acusa o gov., o vice-gov. Osvaldo Sobrinho (PFL), o sen. Louremberg Nunes Rocha (PTB) e o pres. da Sanemat, Juarez Toledo Piza, de terem recebido US$ 100 mil em troca da liberação do pagamento das obras de uma rede de abastecimento de água, em 1989. Em 13/9, ao apurar a denúncia, PF localiza conta fantasma que liga Jaime Campos ao esquema do empresário PC Farias. Aberta em jul. de 1990 no Banco Rural de Cuiabá, em nome de Joaquim Naban Macedo, a conta recebeu US$ 120 mil. O dinheiro teria sido gasto na campanha eleitoral da coligação União por Mato Grosso, comandada pelo gov. e seu irmão, o sen. Júlio Campos (PFL).

A CPI que investigou casos de sonegação fiscal, instalada em out. de 1992, encerra seus trabalhos em 17/6/1993, sem apurar as fraudes contra a Receita. Dados do Estado mostram que, em 1992, Mato Grosso perdeu US$ 736 milhões com a sonegação de ICMS. Entre 1991 e 1992, a Usina Jaciara emitiu 1.655 notas fiscais de venda de açúcar a ser enviado para Rondônia. A CPI revela que só os produtos discriminados em 408 notas chegaram ao destino. Apesar dos fortes indícios de sonegação, a bancada do governo na Assembléia Legislativa vota contra a prorrogação do prazo de funcionamento da CPI, impedindo assim a conclusão das investigações.

Conflitos de terra – As disputas pela terra continuam causando conflitos. Das 238 reservas indígenas demarcadas em Mato Grosso, 80% delas são invadidas por madeireiros ou garimpeiros. Os madeireiros atacam com um arsenal equipado até com metralhadoras de última geração. No Vale do Guaporé, município de Comodoro, a 600 km de Cuiabá, a situação fica tensa quando, em 13/8, o líder nhambiquara Pedro Mamaindé é morto com um tiro no rosto. O índio combatia a extração ilegal de madeira da reserva e recusava-se a negociar com os madeireiros. A polícia não prende qualquer suspeito.

Na região de Novo São Joaquim, o conflito é entre posseiros e fazendeiros. Durante mais de dois meses, de 10/7 a 16/9, um grupo de duzentos colonos acampa em frente ao prédio do Incra – ao lado do Palácio Potiáguas, sede do governo estadual – e reivindica reforma agrária. Eles são encaminhados para a gleba Califórnia, em Novo São Joaquim, e cada família recebe um lote de 1/2 ha.

Em 18/7, vão a julgamento os PMs Lúcio Mário da Silva e Deodato Benedito de Souza, que, em 30/5/1991, forjaram flagrante de droga e mataram o estudante Christian Eduardo Tupiná. Deodato é condenado a sete anos de prisão e Lúcio, a nove anos. A Justiça condena também o gov. Jaime Campos, obrigando-o a pagar uma indenização à viúva do operário Sérgio Eduardo de Carvalho, morto atropelado pelo filho de 16 anos do gov.

MATO GROSSO DO SUL (MS)

• **Capital:** Campo Grande. **Habitante:** sul-mato-grossense.

• **Situação geográfica:** sul da região Centro-Oeste. **Área:** 357.471,5 km². **Limites:** Mato Grosso (N); Goiás, Minas Gerais (NE); São Paulo (L); Paraná (SE); Paraguai (S e SO); Bolívia (O). **Características:** pantanal (extremo oeste); planícies (NO); planaltos, com escarpas nas serras do Bodoquena (L). **Ponto mais elevado:** Morro Grande, 1.160 m (O). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 77 (1993). **Cidades principais:** Campo Grande (520.989 hab.); Dourados (121.878); Corumbá (78.531); Três Lagoas (62.244) (1991). **Rios principais:** Paraguai, Paraná, Paranaíba, Miranda, Aquidauana, Taquari, Negro, Apa, Correntes. **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

• **População:** 1.778.741; **urbana:** 79,44%; **rural:** 20,56%; **mulheres:** 50,50%; **homens:** 49,50% (1991). **Colonização:** espanhóis, franceses, migrantes paulistas e nordestinos. **Densidade demográfica** (hab./km²): 4,98 (1991). **Nascimentos registrados:** 47.598 (1992). **Mortalidade:** 4,91 por 1.000 hab.; **mortalidade infantil:** 11,80 por 1.000 (1992). **Fertilidade:** 4,3 (1980). **Vida média (anos):** 65 (1992).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 6.663 (1992); **médicos:** 2.020 (1992).

• **Educação:** 30% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 16% (1992). **Ensino fundamental:** 1.533 escolas; 442.202 matrículas. **Ensino médio:** 241 escolas; 51.340 matrículas (1992). **Ensino superior:** 11 escolas; 18.012 matrículas (1991).

• **Economia:** agricultura, extração mineral, agroindústria, cimento. **Agricultura:** algodão herbáceo (64,7 mil t); arroz (219,2 mil t); cana-de-açúcar (4,3 milhões de t); feijão (25,5 mil t); mandioca (445,3 mil t); milho (949,4 mil t); soja (2,3 milhões de t); trigo (102,3 mil t) (1992/93). **Pecuária e criações:** bovinos (19,6 milhões); suínos (532,3 mil); eqüinos (292,8 mil); ovinos (243,2 mil); galináceos (1,8 milhão) (1992). **Minérios** (t brutas): ferro (1 milhão); manganês (220,1 mil); calcário (1,2 milhão) (1992). **Indústria:** alimentícia, de cimento, de mineração. **Energia elétrica: produção:** 203,4 milhões de kwh; **consumo:** 1,8 bilhão de kwh (1992). **Orçamento: receita:** US$ 540,7 milhões; **despesa realizada:** US$ 569,7 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 172 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Rodovias:** 3,5 mil km (federais); 56,8 mil km (estaduais) (1992); 38,7 mil km (municipais) (1991); **nº de veículos:** 221.233 (1992). **Ferrovias:** 750 km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 72 mil (1993).

• **Governo:** **Governador:** Pedro Pedrossian (PTB). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 8. **Deputados estaduais:** 24. **Partidos na Assembléia:** PMDB, PTB, PDT, PST, PPR, PFL, PSDB. **Eleitores:** 1.229.572 (1993).

CAMPO GRANDE

• **Habitante:** campo-grandense.

• **Situação geográfica:** **Área:** 8.447 km². **Limites:** Jaraguari, Rochedo (N); Jaraguari, Ribas do Rio Pardo (L); Sidrolândia, Rio Brilhante (S); Terenes, Sidrolândia (O). **Altitude:** 532,1 m. **Distância de Brasília:** 1.134 km.

• **População:** 520.989; **mulheres:** 50,97%; **homens:** 49,03% (1991).

• **Saúde:** **Estabelecimentos:** 94. **Leitos hospitalares:** 1.909 (1993).

• **Educação:** 30% do orçamento (1993). **Ensino fundamental:** 161 escolas; 102.063 matrículas (1993).

• **Economia:** comércio, agroindústria, pecuária. **Agricultura:** soja (108,6 mil t); milho (133,9 mil t); cana-de-açúcar (267 mil t); tomate (1,6 mil t); mandioca (45,8 mil t); arroz (23,6 mil t); feijão (1 mil t) (1993). **Indústria:** alimentícia, de curtume. **Comércio varejista:** 1.600 estabelecimentos (1993). **Agências bancárias:** 84 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 63,7 milhões; **despesa realizada:** US$ 72 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Nº de ônibus urbanos:** 353 (1993).

• **Comunicações: Emissoras de rádio:** 6 (AM); 4 (FM). **Emissoras de TV:** 5 (VHF). **Jornais:** 2 diários (1993). **Telex:** 542. **Terminais telefônicos:** 78 mil (1993). **Código DDD:** 067.

• **Governo: Prefeito:** Juvêncio César da Fonseca (PMDB). **Vereadores:** 21. **Partidos na Câmara:** PPR, PDT, PFL, PT, PTR, PMDB, PSDB, PP. **Eleitores:** 335.841 (1993).

Formação histórica

Desmembrado de Mato Grosso por lei complementar de 11/10/1977, é transformado em Estado em 1º/1/1979, com a posse do primeiro governador e da Assembléia Constituinte. É uma das mais prósperas fronteiras agrícolas do país (ver *Mato Grosso*).

Fatos do ano

Quase dez anos depois do assassinato do líder indígena Marçal de Souza, em 25/11/1983, o fazendeiro Líbero Monteiro, acusado de ser o mandante do crime, é absolvido por seis votos a um. Marçal colecionava dados sobre a matança dos índios da aldeia Pirakuá, que fica dentro da Fazenda Serra Brava, de Monteiro. Durante o julgamento, em 29/3, mais de cem policiais garantem a segurança do fazendeiro.

No Dia do Índio, 19/4, Sílvio Ramirez, 18 anos, da missão Caiuá em Caarapó, a 290 km de Campo Grande, morre enforcado. Ele é o sétimo índio a se suicidar em quatro meses. Desde 1989, mataram-se no Estado trezentos indígenas – duzentos deles só na aldeia de Dourados. Antônio Martins Flores, administrador da Funai em Amambaí, no sul do Estado, pede em jun. agasalhos e remédios e anuncia o suicídio de outros quatro índios, agora em sua jurisdição.

Em mar., quatrocentos sem-terra invadem a sede do Incra em Campo Grande. O grupo se aloja no prédio durante quatro dias e sai de lá só com promessas e cestas básicas de alimentação, doadas pelo órgão. Em 20/5, sob coordenação do delegado regional do Trabalho, Orlando Leite, vinte entidades de defesa dos direitos humanos se unem para apurar denúncias sobre trabalho escravo nas destilarias de álcool e nas carvoarias. No mês seguinte, entregam relatório ao secretário da Justiça, Newley Amarilla, confirmando as denúncias. Em 14/9, a DRT localiza mais de 2 mil pessoas morando em barracas de lona num maciço florestal no eixo Campo Grande/Três Lagoas: trabalham em treze carvoarias do município de Ribas do Rio Pardo, a 140 km de Campo Grande, recebendo menos de meio salário mínimo por mês. Em dez., as empresas são multadas, obrigadas a registrar os trabalhadores e construir casas de alvenaria até fev. de 1994. Uma CPI da Assembléia Legislativa já constatara a mesma situação há três anos, quando foi denunciada a presença de menores trabalhando nos fornos que produzem carvão. Mas nenhuma providência foi tomada.

Em 12/1, pais de alunos movem ação judicial contra o Estado pedindo mais escolas: são oferecidas 2.739 vagas, quando a demanda é de 53 mil. A Promotoria de Justiça do Direito Constitucional do Cidadão abre inquérito para apurar a situação, mas a investigação acaba se diluindo em sucessivas greves de professores.

Também em jan., o Pronto-Socorro da Santa Casa de Misericórdia, em Campo Grande, o único conveniado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), permanece de portas fechadas. Os doentes, muitos deles vindos do interior, ficam mais de oito horas dentro de ambulâncias, à espera de atendimento. Por falta de medicamentos e condições de trabalho, o único Posto de Atendimento Médico de Campo Grande entra em crise. Duas mil pessoas ficam diariamente na fila e só 250, em média, conseguem ser atendidas.

Crimes na fronteira – No final de jan., Ponta Porã, na divisa com Pedro Juan Caballero, no Paraguai, é agitada por uma série de tiroteios, assaltos e arrombamentos. Nas duas cidades, são encontrados vários corpos crivados de bala. Em fev., os chefes de uma quadrilha de brasileiros são executados a tiros no Paraguai. O bando liderava mais de cinqüenta traficantes de droga, assaltantes de caminhoneiros e contrabandistas. Em jul., 28 cadáveres são encontrados na fronteira. Todos os mortos tinham ficha na polícia estadual. Em mar., um soldado da PM, que estava de folga, socorre um taxista durante um assalto em Corumbá, na fronteira com a Bolívia. O soldado é morto por um dos bandidos. No dia seguinte, o assassino é entregue ferido à PM pelo consulado paraguaio. Levado para o Hospital de Caridade, o paraguaio morre num leito do hospital, metralhado por PMs que invadem o local.

Em abr., agropecuaristas brasileiros são atraídos por facilidades concedidas pela Bolívia: o governo boliviano oferece terras férteis e baratas, e investe US$ 50 milhões em infra-estrutura fundiária em Santa Cruz de La Sierra, na divisa com Mato Grosso do Sul, colocando à disposição dos investidores 4 milhões de ha. As terras brasileiras desdenhadas pelos fazendeiros encontram rapidamente novos donos: as formigas. O que há cinco anos não passava de formigueiros esparsos, hoje é uma infestação sem precedentes. Entre as cidades de Campo Grande e Três Lagoas há 600 mil ha de terras cobertos de formigas.

Ao longo de todo o ano, Três Lagoas se prepara para o desaparecimento do distrito de Porto Quinze de Novembro, na divisa com São Paulo. Em 1994, as águas da usina hidrelétrica de Porto Primavera alagarão 230 mil ha de terras. Os animais começam a ser retirados e, aos poucos, surge Nova Porto Quinze, cidade que abrigará os desapropriados.

MINAS GERAIS (MG)

• **Capital:** Belo Horizonte. **Habitante:** mineiro.

• **Situação geográfica:** noroeste da região Sudeste. **Área:** 586.624,3 km². **Limites:** Bahia (N e NE); Espírito Santo (L); Rio de Janeiro (S e SE); São Paulo (S e SO); Mato Grosso do Sul (O); Goiás (O e NO). **Características:** planaltos com escarpas na serra da Mantiqueira (L, S, SE e Triângulo Mineiro); serra do Espinhaço, com declínio no sentido N-S (centro). **Ponto mais elevado:** pico da Bandeira, 2.890 m. **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 756. **Cidades principais:** Belo Horizonte (1.529.566 hab.); Juiz de Fora (379.722); Uberlândia (360.459); Montes Claros

(235.351); Contagem (225.331); Governador Valadares (214.710); Uberaba (208.155) (1991). **Rios principais:** São Francisco, Jequitinhonha, Doce, Grande, Paranaíba, Mucuri, Pardo. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 15.731.961; **urbana:** 74,86%; **rural:** 25,14%; **mulheres:** 50,40%; **homens:** 49,70% (1991). **Colonização:** portugueses, migrantes paulistas. **Densidade demográfica (hab./km²):** 27 (1991). **Nascimentos registrados:** 337.153 (1988). **Mortalidade:** 6,3 por 1.000 hab. (1988); **mortalidade infantil:** 37,5 por 1.000 (1988). **Fertilidade:** 4,3 (1980). **Vida média (anos):** 63,8 (1992).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 53.047 (1992); **médicos:** 19.500 (1992).

• **Educação:** 35,38% do orçamento (1992). **Analfabetos:** 17% (1989). **Ensino fundamental:** 17.836 escolas; 3.131.995 matrículas. **Ensino médio:** 1.236 escolas; 351.715 matrículas (1992). **Ensino superior:** 124 escolas; 145.683 matrículas (1991).

• **Economia:** indústria, pecuária, agricultura. **Agricultura:** milho (3,8 milhões de t); soja (974 mil t); café (1,1 mil t); arroz (727 mil t); feijão (284 mil t); alho (14,1 mil t); algodão (78,4 mil t); cana-de-açúcar (17,3 milhões de t); mandioca (924,5 mil t); abacaxi (210,9 milhões de frutos); banana (35,04 milhões de cachos) (1991). **Pecuária e criações:** bovinos (20,8 milhões); suínos (3,3 milhões); aves (57,2 milhões); eqüinos (1,3 milhão) (1991). **Minérios:** ferro (120 milhões de t), alumínio (2 milhões de t), zinco (20 mil t), calcário (20 milhões de t), fosfato (2 milhões de t), ouro (17 t), água mineral (158 milhões de litros) (1990). **Indústria:** têxtil, confecção, metalúrgica, material elétrico, construção civil, mineração, siderúrgica, transformação de minerais não metálicos, agroindústria. **Energia elétrica: produção:** 23,9 bilhões de kwh; **consumo:** 19,9 bilhões de kwh (1993). **Orçamento: receita:** US$ 5,1 bilhões; **despesa realizada:** US$ 5,1 bilhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 1 bilhão *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Rodovias:** 9,8 mil km (federais); 20,3 mil km (estaduais); 202 mil km (municipais) (1993); **nº de veículos:** 1,5 milhão (1993). **Ferrovias:** 5,2 mil km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 1,06 milhão (1993).

• **Governo:** **Governador:** Hélio Garcia (PRS). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 53. **Deputados estaduais:** 77. **Partidos na Assembléia:** PMDB, PFL, PSDB, PT, PPR, PRS, PP, PSB, PDT, PSD, PSC, PT do B, PRN, PL, PMN, PTB, PTR. **Eleitores:** 10.220.216 (1993).

BELO HORIZONTE

• **Habitante:** belo-horizontino.

• **Situação geográfica:** **Área:** 335 km². **Limites:** Ribeirão das Neves (N, NO); Santa Luzia (N, NE); Sabará (L); Nova Lima (S, SE); Ibirité (SO); Contagem (NO, O). **Região metropolitana:** Belo Horizonte, Betim, Brumadinho, Caeté, Contagem, Esmeraldas, Ibirité, Igarapé, Lagoa Santa, Mateus Leme, Nova Lima, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Sabará, Santa Luzia, Vespasiano. **Altitude:** 858,3 m. **Distância de Brasília:** 716 km.

• **População:** 1.529.566; **área metropolitana:** 2.048.861; **mulheres:** 52,9%; **homens:** 47,1% (1991).

• **Saúde:** **Estabelecimentos:** 51. **Leitos hospitalares:** 7.549 (SUS/1993).

• **Educação:** **Ensino fundamental:** 167 escolas; 162.047 matrículas (1993).

• **Economia:** comércio, serviços, indústria. **Indústria:** têxtil, confecção, metalúrgica, material elétrico, construção civil, transformação de minerais não metálicos. **Comércio varejista:** 80 mil estabelecimentos (região metropolitana) (1992). **Agências bancárias:** 267 (1992). **Orçamento: receita:** US$ 323 milhões; **despesa realizada:** US$ 343,2 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Nº de ônibus urbanos:** 3,8 mil (1992); **linhas especiais:** 189 (1993); **Metrô:** 16,8 km (1993).

• **Comunicações:** **Emissoras de rádio:** 12 (AM); 16 (FM). **Emissoras de TV:** 6 (VHF); 1 assinatura (1993). **Jornais:** 5 diários (1993). **Telex:** 2.615 (1993). **Terminais telefônicos:** 321.837 (1993). **Código DDD:** 031.

• **Governo:** **Prefeito:** Patrus Ananias (PT). **Vereadores:** 37. **Partidos na Câmara:** PTB, PSDB, PT, PL, PFL, PDT, PT do B, PMN, PSD, PRP, PP, PPR. **Eleitores:** 1.302.306 (1993).

Formação histórica

No séc. XVI, diversas bandeiras desbravam a região à procura de metais e pedras preciosas. Em 1693, a descoberta de ouro provoca uma corrida pontuada por incidentes. O mais grave é a Guerra dos Emboabas, quando se confrontam paulistas com portugueses e mineradores vindos de várias regiões do país. Em 1709, é criada a capitania de São Paulo e Minas de Ouro, mas a agitação continua. Em 1720, em Vila Rica, atual Ouro Preto, explode uma rebelião contra os impostos cobrados pelos portugueses. Nesse mesmo ano, Minas torna-se capitania independente. Em 1789, a decisão da Coroa de Portugal de fazer a derrama – cobrança de todos os impostos atrasados –, é a principal causa da Inconfidência Mineira. Durante a regência, descontentamento com o governo central provoca, em Ouro Preto, o Movimento Restaurador de 1833, que quer a volta de d. Pedro I. Com a maioridade de d. Pedro II e a subida dos conservadores ao poder, os mineiros unem-se à Revolução Liberal de 1842 (ver capítulo *História do Brasil*). Na República Velha, Minas alterna-se com São Paulo na Presidência da República: é a chamada política do café-com-leite.

Fatos do ano

O governo se empenha no combate aos sonegadores de impostos. O superintendente da PF no Estado, Geraldo Magela Pinto Garcia, comanda uma caçada a 30 mil sonegadores de tributos federais, que devem à Fazenda Nacional US$ 300 milhões. A campanha engorda o Tesouro: a arrecadação de impostos e contribuições federais cresce 39,43% entre jan. e jul. Estimulada por esses resultados, a Secretaria da Fazenda estadual lança o 1º Plano Mineiro de Fiscalização, em parceria com a Polícia Militar. Em ago., CR$ 1,7 bilhão entram nos cofres estaduais graças a 1.704 autuações de empresas em situação irregular com o ICMS. Outros CR$ 705 milhões são arrecadados devido a 6.177 autuações na fiscalização do trânsito de mercadorias. O combate aos lesadores do fisco transforma Minas no segundo maior Estado em recolhimento de ICMS.

Não é só o rigor contra os sonegadores que reforça o caixa mineiro. Só nos cinco primeiros meses do ano, a produção industrial cresce 2,5% em relação ao mesmo período de 1992. Segundo estudos da Fundação João Pinheiro, a safra agrícola de 1992/93 deve superar a anterior em 6%. Mas cabe à Usiminas, à Acesita e à Açominas –

as três siderúrgicas privatizadas a partir do governo Collor – o papel de alavanca para a geração de novos negócios. Com um faturamento total de US$ 2,8 bilhões e 23 mil funcionários, elas anunciam investimentos de US$ 500 milhões nos próximos três anos e a criação de 15 mil empregos. Das três siderúrgicas, a Açominas é a última a ser leiloada, em 13/9, quando o Grupo Mendes Júnior compra seu controle acionário por US$ 380 milhões. Privatizada em 28/10/1992, a Acesita anuncia lucro de US$ 5 milhões, depois de cinqüenta anos acumulando prejuízos. A Usiminas, que foi a leilão em out. de 1991, fecha o primeiro semestre de 1993 com um lucro estimado de US$ 134 milhões.

A partir de fev., as exportações caem gradativamente e Minas perde a posição de segundo maior Estado exportador para o Rio Grande do Sul. No primeiro semestre, as vendas diminuem 8,48% em comparação com o mesmo período em 1992. Essa performance, contudo, não inibe a Celulose Nipo-Brasileira (Cenibra), segunda produtora não integrada de celulose do mercado nacional. A empresa inicia a expansão de sua unidade industrial em Belo Oriente, ao custo de US$ 800 milhões – o maior investimento no setor produtivo ocorrido no ano em Minas Gerais. O projeto transformará a Cenibra no segundo maior produtor mundial de celulose branqueada de eucalipto, com uma produção de 700 mil t/ano.

A prosperidade econômica não se reflete nas condições de vida da população. Uma pesquisa realizada pelo IBGE mostra que as crianças e os adolescentes mineiros estão entrando mais precocemente no mercado de trabalho: 40% dos jovens entre 15 e 17 anos e 8% dos menores de 10 a 14 anos, saídos das famílias pobres de Belo Horizonte, trabalham regularmente. No Estado, a situação é ainda mais grave: 15% das crianças entre 10 e 14 anos e 50% dos adolescentes de 15 a 17 anos já estão no mercado. Outro levantamento, feito pela Delegacia Regional do Trabalho entre jun. e set., nas regiões de Carmo do Paranaíba e de Patrocínio, constata a existência de trabalho análogo ao escravo em 61 propriedades fiscalizadas pelo órgão. Em Morada Nova, a 200 km de Belo Horizonte, a DRT e a Polícia Militar descobrem cerca de quinhentas pessoas, entre elas crianças, mantidas em regime de quase escravidão na Fazenda Santa Helena. Os trabalhadores foram recrutados na Bahia e no Piauí por Carlos Gavião, que empreitava seus serviços. Pior ainda é a situação em carvoarias no norte do Estado, onde os mineiros não têm qualquer assistência nem recebem os equipamentos básicos de segurança no trabalho. Algumas empresas são multadas, mas o quadro não se modifica.

Florestas queimadas – De 1º/6 a 12/9, acontecem 1.471 incêndios florestais no Estado. São queimados 86,26 km² de matas e florestas, o equivalente a US$ 100 milhões em material lenhoso e a um terço da área plantada para o suprimento do parque siderúrgico mineiro. Quinze dias antes da reinauguração do Parque Estadual do Rio Doce, em 21/9, o fogo destrói 600 dos seus 36 mil ha de mata atlântica. Também há incêndios nas reservas ecológicas do Caraça, na Serra do Brigadeiro e no Parque de Itacolomi. Só nas reservas que circundam Belo Horizonte, 1 milhão de m² são atingidos pelos incêndios. O Corpo de Bombeiros não descobre a causa dos incêndios, mas a Sociedade Mineira dos Engenheiros Florestais acredita que boa parte deles ocorre devido à falta de regulamentação e aplicação da lei de prevenção e combate a incêndios florestais, sancionada em 1990.

Cinqüenta e cinco pessoas são atingidas pela cólera e nove delas morrem. Segundo a seccional mineira da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental, 80% das consultas médicas e 65% das internações hospitalares decorrem de doenças como cólera, tifo, hepatite, esquistossomose, amebíase e giardíase – males causados pela falta de saneamento. O Sind-Saúde calcula que 5.592 internações mensais não são feitas por falta de leitos na rede hospitalar pública. Em 1993, mais de 3 mil leitos são desativados em todo o Estado.

Desmandos administrativos – Em mai., Ary César Portilho, diretor de Distribuição de Feitos de 1ª Instância do Tribunal Regional do Trabalho, denuncia nepotismo e de desmandos administrativos no tribunal. Sindicâncias descobrem a criação de 800 funções gratificadas e promoção irregular de 245 funcionários. Em set., dez dos quinze juízes do TRT aprovam a destituição de Portilho.

Preso em 7/1, William Gontijo Ferreira, 23 anos, confessa o seqüestro e o assassinato de Míriam Oppenheiner Leão Brandão, 5 anos, em dez. de 1992. A menina foi morta por asfixia e estrangulamento, e seu corpo socado com porretes e incendiado com gasolina. William teve como cúmplices o irmão, Wellington, 24 anos, e a namorada, Rosimeire Pinheiro da Silva, 23 anos, funcionária da farmácia da mãe de Míriam.

O seqüestro de Guilherme Henrique de Oliveira, 22 anos, e Marcelo Nunes, 23 anos, na cidade de Patrocínio, provoca uma surpreendente revelação do sec. de Segurança Pública, José Rezende de Andrade. Depois da prisão dos seqüestradores, em 19/7, ele declara que, em casos de seqüestro, os policiais mineiros têm ordem para matar e que é favorável à adoção imediata da pena de morte. Andrade continua no cargo.

PARÁ (PA)

• **Capital:** Belém. **Habitante:** paraense.

• **Situação geográfica:** centro da região Norte. **Área:** 1.246.833,1 km². **Limites:** Suriname, Amapá (N); oceano Atlântico (NE); Maranhão, Tocantins (L); Mato Grosso (S); Roraima, Guiana (NO). **Características:** planície amazônica, serra do Carajás (L). **Ponto mais elevado:** serra do Acari (906 m). **Clima:** equatorial. **Nº de municípios:** 128. **Cidades principais:** Belém (914.195 hab.); Santarém (265.105); Marabá (122.231); Altamira (117.303); Castanhal (101.963); Abaetetuba (100.016) (1991). **Rios principais:** Amazonas; Tapajós, Xingu, Tocantins, Jari, Pará. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma a leste da linha que vai da foz do rio Jari à foz do rio Xingu; -1h a oeste dessa linha.

• **População:** 5.181.570; **urbana:** 59,5%; **rural:** 40,5%; **mulheres:** 49,44%; **homens:** 50,56 (1991). **Colonização:** holandeses, franceses, ingleses, portugueses. **Densidade demográfica (hab./km²):** 4,22 (1990). **Nascimentos registrados:** 147.788 (1990). **Mortalidade:** 3,32 por 1.000 hab. (1991); **mortalidade infantil:** 54,19 por 1.000 (1990). **Fertilidade:** 6,3 (1980). **Vida média (anos):** 63,7 (1980).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 7.953 (1990); **médicos:** 803 (1989).

• **Educação:** 30,9% da arrecadação de impostos (1993). **Analfabetos:** 19,2% (1990). **Ensino fundamental:** 10.934 escolas; 1.209.512 matrículas. **Ensino médio:** 198 escolas; 98.870 matrículas (1992). **Ensino superior:** 11 escolas; 31.464 matrículas (1991).

• **Economia:** extrativismo (mineral, vegetal), agricultura, pecuária, indústria. **Agricultura:** laranja (900 mil t); cana-de-açúcar (383,7 mil t); milho (214,8 mil t); arroz (126,7 mil t); mandioca (7,5 milhões de t); maracujá (2,2 milhões de frutos); milho (240 mil t); dendê (330 mil t); acerola (115 t); cacau (7,9 t); feijão (70,4 t) (1991). **Pecuária e criações:** galináceos (8,3 milhões); suínos (5,5 milhões); eqüinos (251 mil); bubalinos (691,4 mil); bovinos (6,8 milhões) (1991). **Minérios:** ferro (36,6 milhões de t); bauxita (8,3 milhões de t); manganês (857,5 mil t); calcário (550,2 mil t); ouro (441.344 kg); quartzo (180,8 mil t); caulim (2,5 mil t); estanho (2,4 mil t) (1991). **Indústria:** alimentícia, madeireira, mineração. **Energia elétrica: produção:** 17,1 mil kwh; **consumo:** 2,2 milhões de kwh (1991). **Orçamento: receita:** US$ 816 milhões; **despesa realizada:** US$ 807,3 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 120 milhões *(1992, Min.Faz./ Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Rodovias:** 638 km (federais); 2.428 km (estaduais); 11 mil km (municipais) (1990); **nº de veículos:** 152 mil (1992). **Ferrovias:** 252 km (1990).

• **Terminais telefônicos:** 158.343 (1992).

• **Governo:** Governador: Jáder Barbalho (PMDB). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 17. **Deputados estaduais:** 41. **Partidos na Assembléia:** PMDB, PSDB, PT, PFL, PPR, PTB. **Eleitores:** 2.469.180 (1992).

BELÉM

• **Habitante:** belenense.

• **Situação geográfica:** **Área:** 736 km². **Limites:** baía de Marajó (N); Benevides, Ananindeua (L); rio Guamá (S); baía do Guajará (O). **Região metropolitana:** Belém, Ananindeua. **Altitude:** 10,8 m. **Distância de Brasília:** 2.120 km.

• **População:** 914.195; **área metropolitana:** 1.244.688; **mulheres:** 52,5%; **homens:** 47,5% (1991).

• **Saúde:** **Estabelecimentos:** 383. **Leitos hospitalares:** 3.879 (1992).

• **Educação:** 15,51% do orçamento (1993). **Ensino fundamental:** 2.460 escolas; 224.763 matrículas (1989).

• **Economia:** comércio, serviços. **Agricultura:** mandioca (3,1 mil t); dendê (61 mil t); laranja (4,1 mil t); arroz (46 t); milho (52 t); borracha (635 t); cacau (41 t); feijão (20 t) (1991). **Indústria:** madeireira, metalúrgica, material elétrico e de comunicação, mineração. **Comércio varejista:** 11.866 estabelecimentos (1990). **Agências bancárias:** 91 (1990). **Orçamento: receita:** US$ 124,6 milhões; **despesa realizada:** US$ 114,5 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional)*.

• **Transportes:** **Nº de ônibus urbanos:** 1,5 mil (1992).

• **Comunicações:** **Emissoras de rádio:** 13 (AM); 8 (FM). **Emissoras de TV:** 5 (VHF). **Jornais:** 5 diários (1991). **Telex:** 1.862. **Terminais telefônicos:** 103.574 (1991). **Código DDD:** 091.

• **Governo:** **Prefeito:** Hélio Gueiros (PFL). **Vereadores:** 41. **Partidos na Câmara:** PMDB, PT, PL, PFL, PTB, PST, PPS, PPR, PSB. **Eleitores:** 626.162 (1992).

Formação histórica

Iniciado por holandeses e ingleses, o povoamento consolida-se com os portugueses. Em 1616, a fundação do Forte do Presépio dá origem a Belém, assegurando a ligação com São Luís do Maranhão. No séc. XVIII, o território está integrado à capitania do Grão-Pará e Maranhão e vive um período próspero, com lavouras de café, arroz, cana-de-açúcar, cacau e tabaco, além de fazendas de gado. No início do séc. XIX, Belém torna-se um grande centro urbano. Em 1821, a Revolução Constitucionalista do Porto é apoiada pelos paraenses, que se insurgem contra o rei de Portugal. O levante é sufocado. Em 1835, é palco do movimento popular da Cabanagem (ver capítulo *História do Brasil*). A economia fica estagnada até o fim do séc. XIX. O crescimento é retomado com o ciclo da borracha e continua com a produção de madeira e castanha-do-pará.

Fatos do ano

O Estado entra de vez nas rotas internacionais do tráfico de drogas. Evidências: apreensão de mais de mil quilos de cocaína e de um barco dotado de equipamento sofisticado (mandado construir especialmente para o transporte da droga), roubos de aviões e até um complô para assassinar membros da magistratura.

Em mai., a PF apreende, numa fazenda na ilha de Marajó, 630 quilos de cocaína pura provenientes da Bolívia e que seriam mandados para a Nigéria. Na ocasião, são presos dois bolivianos e cinco brasileiros, mas o dono da fazenda não é encontrado. A partir dessa descoberta, a polícia inicia uma série de outras investigações. Em depoimento, um dos presos revela que os chefes do grupo preparam um plano para matar o delegado, o promotor e o juiz responsáveis pelo caso. Outros integrantes da quadrilha são presos e, em set., o juiz Daniel Paes Ribeiro condena nove pessoas por tráfico de drogas. As penas variam de quatro a quinze anos de prisão. Entre os condenados estão o coronel reformado da Aeronáutica, Nelson Leite, e o colombiano Luiz Guillermo Escobar Duran, considerado o chefe da conexão paraense. Dez acusados são absolvidos por falta de provas.

Em ago., a PF localiza e apreende mais 510 quilos de cocaína, escondidos dentro de toras de madeiras que seriam enviadas para a Espanha. A polícia apreende também um barco, o *Saga*, mandado construir pelo cartel de Cali especialmente para o transporte da droga. A embarcação, com 20 metros de comprimento, custa mais de CR$ 1 bilhão, está equipada com sofisticado sistema de comunicações e tem condições de armazenar combustível suficiente para fazer longas viagens sem parar para reabastecer. Ao apertar ainda mais o cerco aos traficantes, a PF descobre US$ 9.500 em notas falsas e acredita que elas pertençam à ramificação do cartel de Cali atuante na Amazônia. Ainda na rota da cocaína, dois aviões da empresa Brasil Central, do grupo Táxi Aéreo Marília, são roubados para transportar a droga. Para evitar novos roubos, a empresa diminui a quantidade de combustível levado pelos aviões, que são abastecidos só com o necessário para o vôo programado e eventual aterrissagem de emergência.

Além de combater os traficantes, a polícia investe na luta para deixar os grupos armados fora do garimpo Castelo dos Sonhos, na divisa com Mato Grosso. A PM mantém duzentos homens no local e usa como quartel a sede da fazenda de Márcio Martins, um antigo líder garimpeiro, morto em 1992. Até a chegada da PM, o garimpo é totalmente dominado por grupos armados que controlam, inclusive, o preço do combustível na região.

Os madeireiros também dão trabalho aos policiais. Em ago., a PF apreende 5 mil toras de mogno retiradas ilegalmente das reservas caiapó, no sul do Pará. A extração, feita com o consentimento dos índios, renderia 16 mil metros cúbicos de madeira de lei, que seria exportada por um preço de cerca de US$ 120 milhões. As madeireiras são multadas. Mas quem se irrita e protesta contra a ação policial são os índios, que consideram a defesa de suas reservas florestais uma intromissão nos assuntos internos da nação indígena. A unidade da Companhia Vale do Rio Doce, instalada nas proximidades da Serra dos Carajás, também é alvo da ira dos índios gaujás, guajajaras, canelas, cuicatis e urubu caaporas. Em mar., eles ocupam por 24 horas um posto da Funai e interrompem a passagem de trens da ferrovia da Vale. Os índios reivindicam indenização pela construção da estrada de ferro em suas terras e a demarcação das terras indígenas. Não conseguem nenhuma das duas coisas, mas liberam a estrada e o posto.

Alheio a essas disputas, o cacique caiapó Paulinho Paiakan, acusado de ter estuprado a estudante Silvia Letícia da Luz, em 1992, vive sob regime de prisão domiciliar na aldeia Aukre, a 300 km de Redenção, enquanto

aguarda julgamento. Sílvia Letícia se casa em 1º/5 e muda de cidade.

Cólera sob controle – Na área sindical, mais uma morte. Em mai., Arnaldo Dalcídio Ferreira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Eldorado do Carajás, é assassinado a tiros enquanto dormia, em sua casa. Ferreira já havia escapado de uma emboscada em 1985. No atentado ele foi ferido apenas de raspão pela bala, que matou a freira Adelaide Molinari. Em 15/5, o advogado James Vita Lopes é condenado a quinze anos de prisão pelo assassinato do ex-deputado Paulo Fonteles (PC do B), em 1987. Fonteles era um advogado famoso por sua atuação em defesa dos posseiros.

Em Belém, uma fundação municipal de assistência a menores carentes divulga uma pesquisa: 25% das 114 meninas entre 12 e 17 anos que vivem nas ruas da capital são prostitutas.

As autoridades sanitárias detectam a reincidência da malária nas proximidades do lago da usina hidrelétrica de Tucuruí. Em mar., a doença atinge a média de sessenta casos por dia. Esse índice leva as autoridades a implantar um programa de aplicação intensa de produtos químicos nas áreas onde prolifera o mosquito transmissor. Em compensação, a cólera é controlada. Nos quatro primeiros meses do ano, são detectados 263 casos e seis mortes. A partir de abr., não há novos registros. Mas, por precaução, a Secretaria Estadual de Saúde continua com a distribuição de hipoclorito de sódio durante o resto do ano.

Em mar., a secretaria interdita as atividades da indústria química Brest por armazenamento inconveniente de produtos, entre eles, o pentaclorofenato de sódio, o pó-da-china. A serraria Ebata S/A é obrigada a parar suas atividades, pois não tem filtros antipoluentes nos fornos onde queima os restos de madeira. Apesar desses cuidados com o meio ambiente, um acidente com um barco de bandeira francesa quase despeja 500 toneladas de óleo diesel no litoral do Pará.

PARAÍBA (PB)

• **Capital:** João Pessoa. **Habitante:** paraibano.

• **Situação geográfica:** leste da região Nordeste. **Área:** 53.958,2 km². **Limites:** Rio Grande do Norte (N); oceano Atlântico (L); Pernambuco (S); Ceará (O). **Características:** baixada (litoral); planalto da Borborema (centro); planalto Ocidental (O). **Ponto mais elevado:** Pico do Jabre, 1.090 m (centro). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 171. **Cidades principais:** João Pessoa (497.306 hab.); Campina Grande (302.372); Santa Rita (86.264); Patos (79.444); Bayeux (77.325); Souza (60.414) (1991). **Rios Principais:** Paraíba, Pianco, Piranhas, Taperoá, Mamanguape, Curimataú, do Peixe, Camaratuba, Espinharas, Miriri, Gramame. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 3.200.677; **urbana:** 64,10%; **rural:** 35,90%; **mulheres:** 51,70%; **homens:** 48,30% (1991). **Colonização:** portugueses, africanos. **Densidade demográfica** (hab./km²): 56,78 (1991). **Nascimentos registrados:** 91.617 (1993). **Mortalidade:** 7,3 por 1.000 hab. (1991); **mortalidade infantil:** 68,4 por 1.000 (1991). **Fertilidade:** 11,6 (1991). **Vida média (anos):** 51,2 (1990).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 11.126 (1993); **médicos:** 1.240 (1993).

• **Educação:** 29,2% da receita (1993). **Analfabetos:** 42,7% (1990). **Ensino fundamental:** 8.180 escolas; 617.959 matrículas. **Ensino médio:** 252 escolas; 64.711 matrículas (1992). **Ensino superior:** 10 escolas; 33.014 matrículas (1991).

• **Economia:** agricultura, indústria, pecuária, turismo. **Agricultura:** cana-de-açúcar (8 milhões de t); abacaxi (314,2 mil t); mandioca (552,7 mil t); milho (187,8 mil t); inhame (85,9 mil t); feijão (134 mil t); algodão herbáceo (14,1 mil t); algodão arbóreo (4,4 mil t); banana (30,8 mil t) (1993). **Pecuária e criações:** bovinos (1,3 milhão); suínos (308,5 mil); ovinos (388,7 mil); eqüinos (72,8 mil) (1992). **Indústria:** alimentícia, têxtil, de açúcar e álcool. **Energia elétrica:** não produz; **consumo:** 1,7 mil kwh (1993). **Orçamento: receita:** US$ 459,8 milhões; **despesa realizada:** US$ 499,5 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 65 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional)*.

• **Transportes: Rodovias:** 1,3 mil km (federais); 4 mil km (estaduais); 28,9 mil km (municipais) (1993); **nº de veículos:** 155,6 mil (1993). **Ferrovias:** 708 km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 133.570 (1993).

• **Governo:** **Governador:** Ronaldo José da Cunha Lima (PMDB). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 12. **Deputados estaduais:** 36. **Partidos na Assembléia:** PMDB, PSDB, PDT, PT, PP, PC do B, PFL. **Eleitores:** 1.986.939 (1993).

JOÃO PESSOA

• **Habitante:** pessoense.

• **Situação geográfica: Área:** 189 km². **Limites:** Cabedelo (N); oceano Atlântico (L); Conde (S); Bayeux (O). **Altitude:** 47,4 m. **Distância de Brasília:** 2.330 km.

• **População:** 497.306; **mulheres:** 53,76%; **homens:** 46,24% (1991).

• **Saúde:** **Estabelecimentos:** 137. **Leitos hospitalares:** 3.342 (1993).

• **Educação:** 14,18% do orçamento (1993). **Ensino fundamental:** 317 escolas; 101.106 matrículas (1991).

• **Economia:** extração mineral, comércio, indústria, turismo. **Agricultura:** cana-de-açúcar, banana, coco-da-baía. **Principais indústrias:** têxtil, cimento, papel. **Comércio varejista:** 1.682 estabelecimentos (1993). **Agências bancárias:** 57 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 54,2 milhões; **despesa realizada:** US$ 54,2 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional)*.

• **Transportes: Nº de ônibus urbanos:** 358. **Trens urbanos:** 30 km (1993).

• **Comunicações: Emissoras de rádio:** 5 (AM); 3 (FM). **Emissoras de TV:** 4 (VHF) (1993). **Jornais:** 3 diários (1993). **Telex:** 740. **Terminais telefônicos:** 66 mil (1993). **Código DDD:** 083.

• **Governo: Prefeito:** Francisco Xavier Monteiro de Franca (PDT). **Vereadores:** 21. **Partidos na Câmara:** PSDB, PT, PMDB, PDT, PFL, PL. **Eleitores:** 249.347 (1993).

Formação histórica

Em 1585, o português João Tavares constrói, na foz do rio Paraíba, o Forte de São Felipe, com a intenção de defender a área dos ataques piratas. Ali nasce a cidade de Filipéia, mais tarde Paraíba, hoje João Pessoa. Em 1634, o local é tomado pelos holandeses, que ficam até 1654, quando são expulsos por André Vidal de Negreiros. Nos anos seguintes, o apresamento de índios provoca uma revolta que se estende por todo o NE e exige intervenção militar da metrópole. Em 1684, é elevada à condição de capitania. Em 1753, é subordinada à capitania de Pernambuco e, em 1799, separa-se novamente. Os paraibanos participam ativamente da Revolução Pernambucana de 1817 e da Confederação do Equador, em 1824 (ver capítulo *História do Brasil*). O assassinato do governador João Pessoa é o estopim da Revolução de 30.

Fatos do ano

Às 14 h do dia 15/11 o gov. Ronaldo Cunha Lima (PMDB) entra no Restaurante Gulliver, na orla marítima de João Pessoa, aproxima-se da mesa onde o ex-gov. Tarcísio Burity (PFL) almoça em companhia de três amigos, saca um revólver calibre 38 e dispara, à queima-roupa, três tiros contra o político. Uma bala fura o pulmão e se aloja no abdômen do ex-governador; outra entra pelo lado esquerdo do queixo, arranca três dentes, fere a língua e sai pela bochecha direita. Burity é levado para o hospital,

operado, e vai para casa em 23/11. Cunha Lima, que baseara sua campanha eleitoral na luta contra a violência, foge. À noite, é preso em Campina Grande. No depoimento à polícia, diz que atirou para "lavar a honra" do filho, Cássio, superintendente da Sudene. Cássio vinha sendo acusado por Burity de irregularidades administrativas no órgão. O gov. é solto, se licencia do cargo e, em 26/11, reassume o governo.

Em 7/8, a vereadora Maria Jeanne Calixto (PTR), da Câmara Municipal de Patos, é presa. Ela é acusada de encomendar as mortes, em 1992, do radialista e vereador Paulo de Assis Ayres Porto (PMDB) e da empresária Alba Liene Pereira Viana. Em set., o dep. estadual Levi Olímpio (PMDB) acusa o dep. estadual Aécio Pereira (PFL) de usar carros da Assembléia Legislativa para transportar cocaína entre João Pessoa e Recife. Instalada, a CPI do Pó ouve uma testemunha do tráfico: o motorista que esteve a serviço de Aécio Pereira. O nome da testemunha e os depoimentos são mantidos em sigilo. Em nov., por falta de provas, a comissão inocenta o deputado. Em Picuí, Maria do Socorro Lopes, ex-secretária de Educação do município, é presa em fev. depois de entregar um bebê em um terreiro de umbanda. A criança ia ser sacrificada num ritual, mas é salva pela polícia.

Preocupada com a situação dos menores no Estado, em 25/11 a seção paraibana da OAB divulga os nomes de 68 pessoas envolvidas com a venda de bebês a casais estrangeiros. Entre 1988 e 1992, cerca de 74 crianças paraibanas foram adotadas por estrangeiros, que, para fazer a adoção, tiveram que pagar de US$ 10 mil a US$ 20 mil por criança. Estão envolvidos no caso dezessete advogados e trinta intermediários.

A prostituição infantil também preocupa. Em mai., uma CPI da Câmara Municipal de João Pessoa apura que, na capital, crianças de 7 anos se prostituem em troca de um pão doce e um copo de refrigerante. Membros da CPI da Câmara dos Deputados que investiga a prostituição infantil no país vão à Paraíba em ago. para estudar a questão. Também em ago., uma tese de mestrado de doze professores da Universidade Federal da Paraíba revela que os dez municípios mais pobres do país são paraibanos e que sua população vive em regime de miséria absoluta.

Saques de comida – A seca atinge 82% da área do Estado. E os saques às feiras e aos mercados públicos começam. No município de Pombal, os camponeses levam quarenta sacas de feijão; em 11/2, um saque à feira de Princesa Isabel acaba com feridos. No confronto com a polícia, dois saqueadores são baleados e um militar é atingido na cabeça por um tijolo. Em mar., 2.500 trabalhadores rurais de Sapé saqueiam o mercado público e um depósito de alimentos. Eles também sitiam a casa da prefeita, Maria de Fátima Gadelha Feliciano (PMDB). Em jun., atraídos por falsas promessas, 450 trabalhadores da cidade de Princesa Isabel são levados para Mimoso do Oeste, no interior da Bahia, duzentos deles voltam a pé para a Paraíba em 7/7 e denunciam trabalho escravo. Por causa da seca, também, em 25/3 o gov. determina a abertura de todos os açudes construídos com dinheiro público em terras particulares. Em jun., o Sindicato dos Engenheiros e o dep. estadual Simão Almeida (PC do B) desafiam o sec. da Agricultura, Miguel Barreiros, a mostrar os 1.400 açudes que ele diz existirem no Estado. Sem conseguir provar nada, Miguel deixa o cargo.

Em fev., a prisão do ladrão de automóveis Ricardo Antonio Lisboa, em Recife, comprova o envolvimento do juiz Herval Carreira de Almeida com uma quadrilha que atuava em vários Estados do Nordeste. Em ago., o juiz é afastado da 2ª Vara de Execuções Criminais da Paraíba e é processado por estelionato, receptação de mercadoria roubada e peculato. Segundo denúncias feitas durante depoimentos à polícia, o juiz tem uma fortuna de mais de CR$ 15 bilhões e é proprietário de uma empresa de sucata de automóveis no Distrito Industrial de João Pessoa.

PARANÁ (PR)

• **Capital:** Curitiba. **Habitante:** paranaense.

• **Situação geográfica:** norte da região Sul. **Área:** 199.323,9 km². **Limites:** São Paulo (N e NE); oceano Atlântico (L); Santa Catarina (S); Paraguai (O); Mato Grosso do Sul (NO). **Características:** baixada (litoral); planaltos (centro e O). **Ponto mais elevado:** pico Paraná, 1.922 m. **Clima:** temperado. **Nº de municípios:** 371. **Cidades principais:** Curitiba (841.882 hab.); Londrina (360.092); Maringá (229.239); Ponta Grossa (224.654); Foz do Iguaçu (189.991); Cascavel (183.236) (1991). **Rios principais:** Paraná, Iguaçu, Ivaí, Tibagi, Paranapanema, Itararé, Piquiri. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 8.443.299; **urbana:** 73,36%; **rural:** 26,64%; **mulheres:** 50%; **homens:** 50% (1991). **Colonização:** ín-dios, africanos, imigrantes europeus, japoneses. **Densidade demográfica (hab./km²):** 42,36 (1991). **Nascimentos registrados:** 179.673 (1989). **Mortalidade:** 5,42 por 1.000 hab. (1991); **mortalidade infantil:** 29,79 por 1.000 (1991). **Fertilidade:** 4,1 (1980). **Vida média (anos):** 64,3 (1980).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 38.245 (1990); **médicos:** 13.358 (1992).

• **Educação:** 25% do orçamento (1992). **Analfabetos:** 14,7% (1989). **Ensino fundamendal:** 12.127 escolas; 1.726.693 matrículas. **Ensino médio:** 623 escolas; 232.249 matrículas (1992). **Ensino superior:** 62 escolas; 99.604 matrículas (1991).

• **Economia:** agricultura, indústria, extrativismo vegetal (madeira, erva-mate). **Agricultura:** batata (395 mil t); cana-de-açúcar (15,5 milhões de t); café (100 mil t); mandioca (3,2 milhões de t); arroz (150 mil t) (est. 1993/94); milho (7,02 milhões de t); soja (4,7 milhões de t); algodão (468 milhões de t); feijão (470 milhões de t) (1992). **Pecuária e criações:** bovinos (8,4 milhões); suínos (3,4 milhões); aves (59,08 milhões) (1992). **Minérios:** água mineral (26,9 milhões de litros); argila (1 milhão de t); basalto (749,6 mil m³); carvão (120,2 mil t); calcário (1 milhão de t) (1990). **Indústria:** agroindústria, papel e celulose, alimentícia, fertilizantes, eletroeletrônica, cimento, cerâmica, metalmecânica. **Energia elétrica: produção:** 50,2 milhões de kwh; **consumo:** 12,5 milhões de kwh (1992). **Orçamento: receita:** US$ 1,64 bilhão; **despesa realizada:** US$ 1,60 bilhão. **Arrecadação do ICMS:** US$ 556 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Rodovias:** 4,2 mil km (federais); 8,1 mil km (estaduais); 126,5 mil km (municipais) (1993); **nº de veículos:** 1,6 milhão. **Ferrovias:** 2,2 mil km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 806 mil (1993).

• **Governo:** Governador: Roberto Requião (PMDB). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 30. **Deputados estaduais:** 54. **Partidos na Assembléia:** PMDB, PT, PFL, PDT, PSDB, PTB. **Eleitores:** 5.559.590 (1993).

CURITIBA

• **Habitante:** curitibano.

• **Situação geográfica:** Área: 432,418 km². Limites: Almirante Tamandaré, Colombo (N); Campina Grande do Sul, Quatro Barras (NE); Pinhais (L); São José dos Pinhais (SE); Fazenda Rio Grande (S); Araucária (SO); Campo Largo (O). **Região metropolitana:** Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Campo Largo, Campo Grande do Sul, Colombo, Contenda, Curitiba, Mandirituba, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Rio Branco do Sul, Fazenda Rio Grande, São José dos Pinhais. **Altitude:** 934,6 m. **Distância de Brasília:** 1.366 km.

• **População:** 841.882; **área metropolitana:** 1.313.094; **mulheres:** 51,98% **homens:** 48,02 (1991).

• **Saúde:** Estabelecimentos: 56 (1991). **Leitos hospitalares:** 7.186 (1990).

• **Educação:** 39,72% do orçamento (1992). **Ensino pré-escolar, fundamental e médio:** 474 escolas; 241.980 matrículas (1990).

• **Economia:** indústria, serviços, comércio. **Agricultura:** batata (1 milhão de t); milho (840 t); arroz (70 t); batata (1 mil t); cebola (50 t); feijão (76 t); milho (840 t); tomate (160 t); uva (559 t) (1990). **Indústria:** eletroeletrônica, automóveis e peças, mobiliário, madeireira, informática, plásticos, papel e celulose, embalagens, construção civil, alimentícia. **Comércio varejista:** 4.188 estabelecimentos (1993). **Agências bancárias:** 236 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 267 milhões; **despesa realizada:** US$ 300 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** Nº de ônibus urbanos: 1.486; **linhas especiais:** 250 (1993).

• **Comunicações: Emissoras de rádio:** 15 (AM); 13 (FM). **Emissoras de TV:** 6 (VHF). **Jornais:** 9 diários (1993). **Telex:** 3,8 mil (1992). **Terminais telefônicos:** 267 mil (1993). **Código DDD:** 041.

• **Governo: Prefeito:** Rafael Greca (PDT). **Vereadores:** 33. **Partidos na Câmara:** PMDB, PTB, PL, PT, PDT, PSDB, PPR, PP. **Eleitores:** 868.025 (1993).

Formação histórica

No séc. XVI, diversas expedições estrangeiras percorrem a região em busca de madeira de lei. No início do séc. XVII, a descoberta de ouro e a procura de índios para o trabalho escravo levam os portugueses a ocupar o interior e o litoral. Até o séc. XVIII, apenas Paranaguá e Curitiba têm a condição de vila. A descoberta das jazidas de ouro em Minas Gerais relega a segundo plano a mineração paranaense e a economia passa a basear-se na pecuária. Em 1853, a província é separada de São Paulo e inicia-se um programa oficial de imigração européia, principalmente de poloneses, alemães e italianos. No final do séc. XIX, a construção de ferrovias viabiliza a indústria madeireira. De 1912 a 1915, participa da Guerra do Contestado contra Santa Catarina (ver capítulo *História do Brasil*).

Fatos do ano

As relações entre o gov. Roberto Requião (PMDB) e os juízes paranaenses, já estremecidas, explodem em crise que atinge até o mandato do governador, cassado em 15/7. Os magistrados atribuem o achatamento de seus salários ao governo estadual e, em fev., pedem-lhe uma nova política salarial para a categoria. No mês seguinte, os desembargadores do Tribunal de Justiça recusam a proposta apresentada por Requião e igualam seus vencimentos aos dos deputados estaduais. O governador envia uma mensagem à Assembléia anulando a decisão dos juízes. Inconformados, eles entram com um mandado de segurança no Supremo Tribunal Federal. Em 7/4, o STF decide contra o pedido e, em 3/5, começa a primeira greve do Judiciário do Paraná. No dia seguinte, os promotores aderem à paralisação. A seção paranaense da OAB pede intervenção federal no Estado, para resolver o impasse. Em 1º/6, é o governador quem encaminha ao STF um pedido de intervenção – só que no Tribunal de Justiça. A greve termina em 7/7, mas, como os funcionários não abrem mão das férias forenses, só em ago. as atividades judiciárias voltam ao normal.

O Tribunal Regional Eleitoral do Paraná, no entanto, concorda em sair do recesso apenas para julgar um pedido de inelegibilidade contra Requião. Apresentado durante a campanha eleitoral de 1990 pelo candidato do PRN, José Carlos Martinez, o pedido é apreciado em 15/7. Com base nas acusações de Martinez de que Requião usara de falsa propaganda para se eleger, o TRE cassa o mandato do governador e o declara inelegível por três anos. Como o governador está no Equador, o vice-gov., Mário Pereira (PMDB), assume. Em 23/7, Requião volta ao governo, amparado por uma decisão do Tribunal Superior Eleitoral.

Em set., o Sindicato das Empresas de Transporte Coletivo Metropolitano é autorizado pela Justiça a aumentar os preços das passagens dos ônibus urbanos entre 51% e 89%. Como cabe ao governo determinar os preços do transporte coletivo, em 18/9 Requião cancela os aumentos. Na primeira semana de out., o sindicato consegue nova liminar. Requião cancela então as concessões das linhas e abre novas licitações.

Em fev., 87 ex-deputados ingressam na Justiça com pedido de reajuste de mais de 300% nas pensões pagas pelo Fundo Especial de Pensão Parlamentar. O Tribunal de Justiça dá ganho de causa aos ex-parlamentares em abr. Alegando falta de recursos, o Estado recorre da decisão e não paga o reajuste.

Apesar das acusações de ter tido sua campanha financiada por empresários de transportes coletivos, em 3/2 o vereador Mário Celso Cunha (PL) é eleito presidente da Câmara Municipal de Curitiba. A decisão desagrada a boa parte da população da cidade. No mesmo mês, o juiz Leônidas da Silva Filho amplia de 33 para 37 o número de representantes na Câmara Municipal de Curitiba, baseado numa lei aprovada pelos vereadores em 22/12/1992. Um dos primeiros atos de Cunha é dar posse a quatro novos vereadores: Luís Ernesto (PTB), Dino Almeida Jr. (PRN), Gino Azzolini (PMDB) e Paulino Patre (PDT). Em 6/4, o Tribunal de Justiça estadual anula a decisão do juiz e os vereadores perdem os mandatos.

Sem-terra – Uma emboscada na região da Fazenda Santana, no município de Campo Bonito, cria uma situação insólita. No dia 3/3, três policiais à paisana são mortos na cilada. Os sem-terra, que ocupam a fazenda desde 1991, são acusados do crime. Um dia depois, o juiz Noedi Martins decreta a prisão preventiva de todos os sem-terra de sexo masculino e maiores de 18 anos que moram na região. A situação fica tensa e, em 9/3, um dos suspeitos, o lavrador Diniz Bento Teixeira, o Teixeirinha, é morto num confronto com policiais. No dia 12/4, a PM expulsa trezentas famílias que vivem às mar-

gens do rio Iraí, em Piraquara. O rio abastece a capital e sua área é protegida pela lei dos mananciais. Em mai., a PF prende quatro militantes dos grupos separatistas O Sul é Meu País e Sociedade dos Amigos do Paraná. A polícia apreende, também, o material de propaganda encontrado com eles. Acusados de conspirar contra a unidade nacional, os separatistas prestam depoimento e, depois, são liberados.

Condições climáticas adversas castigam o Estado ao longo do ano. As chuvas de jan. deixam cerca de mil paranaenses desabrigados na região; o frio de jun. mata duas pessoas em Curitiba e as geadas provocam a quebra de 40% da safra de trigo. Estimativas oficiais calculam que os prejuízos causados pelas intempéries cheguem a US$ 153 milhões. No mês de ago., a seca ocasiona um racionamento de água na capital. E, em set., três semanas de chuva ininterrupta provocam uma enchente no sul de Curitiba, deixando 3.500 pessoas desabrigadas.

PERNAMBUCO (PE)

• **Capital:** Recife. **Habitante:** pernambucano.

• **Situação geográfica:** centro-leste da região Nordeste. **Área:** 101.023,4 km². **Limites:** Paraíba (N); Ceará (NO); oceano Atlântico (L); Alagoas (S e SE); Bahia (S); Piauí (O). **Características:** baixada, com várzeas e lagos (litoral); planaltos nas demais regiões. **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 177. **Cidades principais:** Recife (1.269.995 hab.); Jaboatão dos Guararapes (482.434); Olinda (340.637); Caruaru (213.557); Paulista (211.634); Petrolina (174.972); Cabo (125.351); Vitória de Santo Antão (106.644) (1991). **Rios principais:** São Francisco, Capibaribe, Ipojuca, Una, Pajeú, Jaboatão. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 7.122.548; **urbana:** 67,02%; **rural:** 32,98%; **mulheres:** 51,32%; **homens:** 48,68% (1991). **Colonização:** portugueses, índios, africanos. **Densidade demográfica (hab./km²):** 72,32 (1991). **Nascimentos registrados:** 205.500 (1992). **Mortalidade:** 8,5 por 1.000 hab. (1993); **mortalidade infantil:** 70 por 1.000 (1993). **Fertilidade:** 4,2 (1991). **Vida média (anos):** 47,7 (1980).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 21.037; **médicos:** 10.157 (1993).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 34,5% (1993). **Ensino fundamental:** 11.224 escolas; 1.606.127 matrículas. **Ensino médio:** 554 escolas; 180.764 matrículas (1992). **Ensino superior:** 32 escolas; 68.843 matrículas (1991).

• **Economia:** agricultura, pecuária, indústria. **Agricultura:** algodão arbóreo (1,6 mil t); cana-de-açúcar (25,2 milhões de t); cebola (50,4 mil t); mandioca (1 milhão de t); milho (73,1 mil t); feijão (62,8 mil t); tomate (182,2 mil t) (1992). **Pecuária e criações:** bovinos (786 mil); suínos (170 mil); caprinos (800 mil); aves (18,7 milhões) (1993). **Minérios:** gipsita (844,9 mil t); calcário (571 mil t); água mineral (58 milhões de litros) (1992). **Indústria:** alimentícia, química, metalúrgica, de material eletrônico, têxtil, minerais não metálicos, comunicações. **Energia elétrica: produção:** 4 bilhões de kwh; **consumo:** 2,7 bilhões de kwh (1993). **Orçamento: receita:** US$ 1,22 bilhão; **despesa realizada:** US$ 1,23 bilhão. **Arrecadação do ICMS:** US$ 258 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Rodovias:** 2,5 mil km (federais); 4,7 mil km (estaduais); 51,8 mil km (municipais) (1993); **nº de veículos:** 500,4 mil (1993). **Ferrovias:** 1 mil km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 244.656 (1993).

• **Governo:** **Governador:** Joaquim Francisco de F. Cavalcanti (PFL). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 24. **Deputados estaduais:** 49. **Partidos na Assembléia:** PDT, PMDB, PFL, PRN, PST, PPR, PL, PSB, PT, PSDB, PPS, PSC. **Eleitores:** 4.269.624 (1993).

RECIFE

• **Habitante:** recifense.

• **Situação geográfica:** **Área:** 209 km². **Limites:** Olinda (N); oceano Atlântico (L); Jaboatão dos Guararapes (S); Camaragibe (O). **Região metropolitana:** Abreu e Lima, Cabo, Camaragibe, Igarassu, Itamaracá, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Paulista, Recife, São Lourenço da Mata. **Altitude:** 4,5 m. **Distância de Brasília:** 2.220 km.

• **População:** 1.269.995; **mulheres:** 51,38%; **homens:** 48,62% (1991).

• **Saúde:** **Estabelecimentos:** 292. **Leitos hospitalares:** 8.756 (1993).

• **Educação:** 28,7% do orçamento (1993). **Ensino fundamental:** 626 escolas; 277.831 matrículas (1993).

• **Economia:** indústria, comércio, serviços, turismo. **Agricultura:** abacaxi (25,6 mil t); cebola (90,7 mil t); batata inglesa (4,1 mil t); tomate (240 mil t); quiabo (60 t); alface (80 t); coco (100 mil t) (1993). **Indústria:** química, alimentícia, metalúrgica, têxtil, materiais elétricos, comunicações. **Comércio varejista:** 7.670 estabelecimentos (1993). **Agências bancárias:** 173 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 230,1 milhões; **despesa realizada:** US$ 242,4 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Nº de ônibus urbanos:** 2.205; **linhas especiais:** 74. **Metrô:** 22 km. **Trens urbanos:** 31,5 km (1993).

• **Comunicações:** **Emissoras de rádio:** 7 (AM); 13 (FM). **Emissoras de TV:** 6 (VHF). **Jornais:** 2 diários. **Telex:** 1.640. **Terminais telefônicos:** 191.100 (1993). **Código DDD:** 081.

• **Governo:** **Prefeito:** Jarbas Vasconcelos (PMDB). **Vereadores:** 39. **Partidos na Câmara:** PFL, PMDB, PTR, PL, PSB, PT, PST, PTB, PDT, PRN, PSC, PC, PSDB, PPS. **Eleitores:** 791.577 (1993).

Formação histórica

Em 1534, a capitania é doada a Duarte Coelho, que funda, em 1537, as vilas de Igarassu e Olinda, pontos de partida de expedições para o interior. Inicia-se o cultivo de cana-de-açúcar e algodão, e a riqueza da região atrai piratas europeus. No séc. XVII, os pernambucanos ajudam a expulsar os franceses do Maranhão. De 1630 a 1654, vivem sob dominação holandesa. Durante o governo holandês de Maurício de Nassau registram-se grandes mudanças sociais, econômicas e culturais e a região prospera. Em 1710, a Guerra dos Mascates opõe Olinda a Recife (ver capítulo *História do Brasil*). A partir daí, e durante quase um século, a região entra em declínio. Em 1811, vive uma série de revoltas separatistas e republicanas.

Fatos do ano

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), sediada em Recife, é questionada em set., com a divulgação de estudo sobre a seca realizado por cientistas da Universidade de São Paulo e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Segundo mapeamento realizado por eles, o Polígono das Secas tem 320 mil km² e não os 998 mil km² alardeados pela Sudene. Eles garantem, também, que a média pluviométrica anual do Nordeste – considerada crítica pela Sudene – supera os índices obtidos na Europa Ocidental e é sete vezes maior do que a média em Israel. Para os cientistas, o exagero dos números da seca é uma manobra de políticos e empresários interessados em conseguir recursos para obras gigantescas, geralmente desnecessárias. A Sudene, no entanto, não só confirma seus dados como os amplia. O Polígono aumentou e atinge, agora, 1.130 km² – 68% da região nordestina. A população rural atingida, que era de 10,4 milhões de pessoas, agora é de 11,4 milhões, 67% do total populacional rural dos Estados da área. O número de municípios alcançados pela seca

passou de 1.083 para 1.112, o equivalente a 69% dos municípios rurais.

O gov. Joaquim Francisco (sem partido) decreta, em jun., estado de calamidade pública em 52 cidades atingidas pela seca e outros 69 municípios são classificados como em situação de emergência.

Em mar., cerca de quinhentos agricultores invadem o prédio da Sudene, em Recife, e fazem 28 reféns. Com a manifestação, pretendem encontrar soluções para as conseqüências da estiagem e alertar a opinião pública sobre a gravidade da situação. O agravamento da seca no sertão leva milhares de camponeses a invadir cidades do interior para saquear armazéns, feiras e lojas em busca de alimentos. No ano, são registrados quarenta saques no interior. Muitos retirantes mudam para a capital, aumentando o número de favelas. Até out., elas são 223, em Recife.

Pernambuco também registra um altíssimo índice de mortalidade infantil. Ele é 45% maior que a média nacional e 120% superior ao das regiões mais desenvolvidas do país. As principais causas das mortes de bebês até 1 ano são a desnutrição e as infecções intestinais. Mas nem só de doenças morrem as crianças. Até out., 99 menores são assassinados nas ruas de Recife. Em set., a Comissão Estadual Judiciária de Adoção suspende todos os pedidos de adoção de crianças pernambucanas feitos no exterior. Os quase sessenta pedidos que tramitam na comissão aguardam a apuração das denúncias feitas pelo ex-ministro da Saúde da França Leon Schwarzenberg, no Parlamento europeu, de que menores são adotados em países do Terceiro Mundo para terem seus órgãos retirados e comercializados para transplantes.

Briga de clãs – A rivalidade entre as famílias Novaes e Ferraz, do município de Floresta, faz mais vítimas. Em set., são assassinadas duas pessoas ligadas aos Novaes. A briga entre os clãs data de 1913, quando os dois grupos começaram a se alternar no poder municipal. Conhecida nacionalmente devido ao "escândalo da mandioca" – golpe praticado por agricultores contra o Banco do Brasil, em 1981 –, Floresta é a maior produtora de maconha do país e considerada uma das cidades mais violentas do Nordeste.

De olho numa cadeira na Câmara Municipal de Jaboatão dos Guararapes, quinze suplentes de vereador entram com uma ação pedindo o aumento do número de vagas na Câmara de 21 para 39. A solicitação é feita com base em documentos falsificados. O promotor Fernando Lima apresenta denúncia contra todos eles, em ago. Em Recife, o comerciante atacadista Constantino Maranhão, sobrinho do sen. Ney Maranhão (PRN), é preso em fev. por sonegar o ICMS. Sua dívida é da ordem de CR$ 10 milhões. Segundo o secretário da Fazenda, Luís Otávio Cavalcante, a sonegação de impostos causa um prejuízo ao Estado da ordem de CR$ 40 milhões por mês.

Depois de analisar a água do rio Ipojuca, onde são recolhidas centenas de peixes mortos, a Companhia Pernambucana de Recursos Hídricos conclui, pela segunda vez em dois meses, que a Fleischmann Royal é a responsável pela poluição, que causa a mortandade dos animais. Em set., a empresa é multada em CR$ 500 mil.

PIAUÍ (PI)

• **Capital:** Teresina. **Habitante:** piauiense.

• **Situação geográfica:** noroeste da região Nordeste. **Área:** 251.273,3 km². **Limites:** oceano Atlântico (N); Ceará, Pernambuco (L); Bahia (SE e S); Tocantins (SO); Maranhão (O). **Características:** terrenos baixos e arenosos (litoral); planalto (CL); planícies do rio Parnaíba (sentido N-S); pediplanos (SE). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 148. **Cidades principais:** Teresina (598.411 hab.); Parnaíba (127.986); Picos (78.425); Floriano (51.512) (1991). **Rios principais:** Parnaíba, Poty, Canindé, Piauí, São Nicolau, Gurguéia. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 2.581.000; **urbana:** 46,93%; **rural:** 53,07; **mulheres:** 51,1%; **homens:** 48,9% (1991). **Colonização:** paulistas, baianos. **Densidade demográfica (hab./km²):** 10,27 (1991). **Nascimentos registrados:** 75.510 (1990). **Mortalidade:** 8,2 por 1.000 hab. (1990); **mortalidade infantil:** 13,82 por 1.000 (1989). **Fertilidade:** 6 (1990). **Vida média (anos): homens:** 51; **mulheres:** 57 (1990).

• **Saúde: Leitos hospitalares:** 6.812 (1991); **médicos:** 1.500 (1993).

• **Educação:** 25,5% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 37% (1991). **Ensino fundamental:** 8.512 escolas; 707.478 matrículas. **Ensino médio:** 153 escolas; 56.061 matrículas (1992). **Ensino superior:** 3 escolas; 9.345 matrículas (1991).

• **Economia:** indústria, pecuária, agricultura. **Agricultura:** algodão herbáceo (9,6 mil t); alho (644 t); arroz (381.152 t); batata-doce (2,1 mil t); cana-de-açúcar (1,5 mil t); feijão (104,9 mil t); mamona (6,7 mil t); mandioca (1,9 milhão de t); melancia (6,5 mil t); milho (335,3 mil t); soja (2 mil t); tomate (2 mil t) (1991). **Pecuária e criações:** bovinos (2 milhões); suínos (1,7 milhão); caprinos (2,1 milhões); eqüinos (175,2 mil); asininos (224,5 mil); muares (53,8 mil); bubalinos (469); ovinos (1,2 milhão), galináceos (8,8 milhões) (1991). **Minérios:** ardósia (3,9 mil t); argila (134,5 mil t); caulim (1,2 mil t); calcário (21,6 mil t); gipsita (3,2 mil t); mármore (2,8 mil m³); saibro (12,6 mil m³); vermiculita (47,7 mil t) (1993). **Indústria:** química, têxtil, alimentícia, moveleira, de bebidas. **Energia elétrica: produção:** 751,2 milhões de kwh; **consumo:** 750,5 milhões de kwh (1993). **Orçamento: receita:** US$ 377 milhões; **despesa realizada:** US$ 349,5 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 42 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Rodovias:** 7,4 mil km (federais); 4,6 km (estaduais); 2,7 mil km (municipais) (1993); **nº de veículos:** 41 mil (1993). **Ferrovias:** 44,1 mil km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 78.168 (1993).

• **Governo: Governador:** Antônio de Almeida Freitas Neto (PFL). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 10. **Deputados estaduais:** 30. **Partidos na Assembléia:** PFL, PL, PT, PPR. **Eleitores:** 1.553.389 (1992).

TERESINA

• **Habitante:** teresinense.

• **Situação geográfica: Área:** 1.809 km². **Limites:** União, José de Freitas (N); Altos, Demerval Lobão (L); Palmeiras, Monsenhor Gil (S); Maranhão (O). **Altitude:** 72,7 m. **Distância de Brasília:** 1.789 km.

• **População:** 598.411; **mulheres:** 53,53%; **homens:** 46,47% (1991).

• **Saúde: Estabelecimentos:** 142 (1992). **Leitos hospitalares:** 2.816 (1992).

• **Educação: Ensino fundamental:** 300 escolas; 103.686 matrículas (1991).

• **Economia:** comércio, serviços, indústria. **Agricultura:** mandioca (133,1 mil t); arroz (28,6 mil t); banana (869 mil

caixas); tomate (25 t) (1993). **Indústria:** bebidas, têxtil. **Comércio varejista:** 16.683 estabelecimentos (1992). **Agências bancárias:** 49 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 49,2 milhões; **despesa realizada:** US$ 61,1 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Nº de ônibus urbanos:** 330; **linhas especiais:** 5 (1992). **Metrô:** 14 km (1992).

• **Comunicações: Emissoras de rádio:** 7 (AM); 5 (FM). **Emissoras de TV:** 5 (VHF). **Jornais:** 6 diários (1993). **Telex:** 506 (1992). **Terminais telefônicos:** 46.317 (1993). **Código DDD:** 086.

• **Governo: Prefeito:** Raimundo Wall Ferraz (PSDB). **Vereadores:** 21. **Partidos na Câmara:** PT, PDT, PFL, PSDB, PMDB, PL. **Eleitores:** 284.360 (1993).

Formação histórica

A ocupação começa pelo interior, com a instalação de fazendas de gado vindo da Bahia, em busca de pastagens. Em 1715, é anexado ao Maranhão e, em 1718, torna-se capitania subordinada ao Maranhão. Só em 1758, porém, o gov. João Pereira Caldas toma posse do território. Em 1811, torna-se independente, ligando-se diretamente à Coroa. Na independência, em 1822, os portugueses revoltam-se e passam a combater os brasileiros. Cerca de 4 mil homens participam da Batalha dos Jenipapos, vencida pelos portugueses. O movimento espalha-se pela região, mas os brasileiros terminam vitoriosos. Mais tarde, rebeliões como a Confederação do Equador e a Balaiada (ver capítulo *História do Brasil*) abalam a província. Em 1852, a mudança da capital para Teresina abre um curto período de progresso, que termina no final do séc. XIX.

Fatos do ano

Castigando o Estado pelo terceiro ano consecutivo, a seca quebra 70% da safra e agrava a crise econômica e social do Piauí. Em 1990, a perda da safra agrícola foi de 50%. Em 1991, de 60% e, em 1992, de 70%. Em compensação, a ocupação no cerrado, no sul do Estado, é bem-sucedida e garante a primeira colheita de soja: 10 mil t. Em mar., o estado de calamidade pública já atinge 118 dos 148 municípios piauienses, e a Defesa Civil estima que 1,3 milhão de habitantes sofrem as conseqüências da falta de chuva. Fugindo da fome e da miséria, centenas de moradores do sertão mudam-se para a capital. Isso faz com que em Teresina cresça a quantidade de favelas. Assim, no início do ano, elas já são 84, chegando, em dez., a 153. Entretanto, em ago., 28 mil ha são distribuídos a 382 famílias carentes, beneficiando dessa forma mais de 2 mil pessoas.

Em abr., 130 mil trabalhadores são empregados em frentes de trabalho, recebendo, durante três meses, meio salário mínimo mensal. Por falta de verba, outros 700 mil ficam fora do programa. O agravamento da estiagem aumenta o número de saques a feiras e mercados no interior: de seis, em 1992, eles passam para treze. A Fundação Centro de Pesquisas Sócio-Econômicas, órgão estadual, informa que 4,28% dos famintos do país vivem no Piauí. São 1,2 milhão de pessoas, quase metade da população do Estado. A fome leva os pobres a incorporar a seu precário cardápio uma leguminosa silvestre, a mucunã. A planta causa a morte por intoxicação de uma menina no município de Picos. Em 4/8, no sertão semi-árido, paga-se até CR$ 12,00 por dez litros de água – o mesmo preço de mil litros em Teresina.

A falta de água gera problemas no sertão e roubalheira em obras na capital. O Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura avalia em US$ 150 milhões o superfaturamento da ampliação do sistema de abastecimento de água de Teresina durante o governo de Alberto Silva (PMDB). Já o ex-prefeito da cidade Heráclito Fortes (PDT) é acusado de cumplicidade no superfaturamento de US$ 80 milhões no preço das obras no Hospital Municipal, feitas pela construtora Norberto Odebrecht.

O ano começa registrando onze mortes por cólera, no município de Luzilândia, mas termina com a epidemia sob controle. Até o início de out., a Secretaria de Saúde registra 1.798 suspeitas, 405 confirmações da doença e 13 mortes. A mesma secretaria informa que três em cada dez crianças têm estatura abaixo da normal, em conseqüência da desnutrição.

Ensino ruim – Antes do retorno às aulas, o pe. Manoel Lira (PFL), ex-prefeito de Dom Inocêncio, na região do semi-árido, anuncia a erradicação do analfabetismo no município. No restante do Estado a situação é bem diferente: 56% da população não sabe ler nem escrever. O descaso das autoridades com a educação e a má qualidade de ensino motivam protestos. Dos 230.140 alunos matriculados no 1º grau, apenas 7,43% concluem o curso em 1993.

O primeiro leilão de casas retomadas de mutuários inadimplentes da Caixa Econômica Federal é um fracasso. Nenhuma das 251 casas populares oferecidas em 13/7 é arrematada.

O prefeito de Teresina, Wall Ferraz (PSDB), transforma em Parque Municipal uma floresta petrificada, com 350 milhões de anos, localizada a menos de 5 km do centro da capital. Em 8/6, o delta do rio Parnaíba – único delta oceânico das Américas – é declarado área de proteção ambiental. Mas, em mai., uma greve de dezoito dias dos fiscais do Ibama deixa sem proteção 300 mil ninhos de avoantes (pombas migratórias). Em conseqüência, 40% do pombal é dizimado pelos caçadores.

RIO DE JANEIRO (RJ)

• **Capital:** Rio de Janeiro. **Habitante:** fluminense.

• **Situação geográfica:** leste da região Sudeste. **Área:** 43.653,3 km². **Limites:** Minas Gerais (N e NO); Espírito Santo (NE); oceano Atlântico (L e S); São Paulo (SO). **Características:** morros, colinas, rochas, dunas, várzeas e lagos (litoral); maciços litorâneos prolongam-se a NE: planalto (O). **Ponto mais elevado:** pico das Agulhas Negras, 2.787 m (SO). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 81. **Cidades principais:** Rio de Janeiro (5.473.909 hab.); Nova Iguaçu (562.062); Niterói (400.586); Duque de Caxias (325.903); São Gonçalo (296.021); São João de Meriti (220.742); Volta Redonda (220.189) (1991). **Rios principais:** Paraíba do Sul, Macaé, Grande, Piraí, Muriaé. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 12.783.761; **urbana:** 95,25%; **rural:** 4,75%; **mulheres:** 51,77%; **homens:** 48,23% (1991). **Colonização:** franceses, portugueses. **Densidade demográfica (hab./km²):** 292,85 (1991). **Nascimentos registrados:** 208.024 (1990). **Mortalidade:** 8,3 por 1.000 hab. (1992); **mortalidade infantil:** 30,7 por 1.000 (1992). **Fertilidade:** 2,9 (1980). **Vida média (anos):** 63,2 (1980).

• **Saúde: Leitos hospitalares:** 66.868 (1991); **médicos:** 61 mil (1993).

• **Educação:** 17,62% do orçamento (1993). Analfabetos: 13% (1990). Ensino fundamental: 6.511 escolas; 2.076.646 matrículas. Ensino médio: 959 escolas; 401.707 matrículas (1992). Ensino superior: 111 escolas; 210.358 matrículas (1991).

• **Economia:** indústria, turismo. Agricultura: cana-de-açúcar (8,1 milhões de t); mandioca (211,5 mil t); tomate (156,2 mil t); arroz em casca (60,9 mil t); feijão (9,9 mil t); milho (51,4 mil t); batata-doce (14,3 mil t); laranja (1,4 bilhão de frutos); limão (483,7 milhões de frutos); maracujá (247,2 milhões de frutos); banana (33,8 milhões de cachos) (1991). Pecuária e criações: bovinos (1,9 milhão); suínos (341,3 mil); aves (17,7 milhões); eqüinos (109,7 mil); coelhos (60,4 mil); caprinos (51,2 mil) (1991). Minérios: calcário (2,2 milhões de t); caulim (152 t); dolomita (18 mil t); fluorita (24,9 mil t); mármore (5 t); quartzo (100 t); titânio (12,1 mil t) (1990). Indústria: metalúrgica, siderúrgica, química, extração mineral, alimentícia, mecânica, editorial e gráfica, papel e celulose, de derivados de petróleo, naval. Energia elétrica: produção: 5,2 bilhões de kwh; consumo: 24 bilhões de kwh (1991). Orçamento: receita: US$ 5,23 bilhões; despesa realizada: US$ 5,21 bilhões. Arrecadação do ICMS: US$ 1 bilhão *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** Rodovias: 1,6 mil km (federais); 4,8 mil km (estaduais); 16,8 km (municipais) (1991); nº de veículos: 1,8 milhão (1993). Ferrovias: 534 km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 1,5 milhão (1993).

• **Governo:** Governador: Leonel Brizola (PDT). Senadores: 3. Deputados federais: 46. Deputados estaduais: 70. Partidos na Assembléia: PDT, PT, PTB, PPR, PSDB, PSB, PSC, PMDB, PFL, PL,PSD, PP, PPS, PT do B. Eleitores: 8.717.638 (1992).

RIO DE JANEIRO

• **Habitante:** carioca.

• **Situação geográfica:** Área: 1.171 km². Limites: Itaguaí, Nova Iguaçu, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias (N); Baía de Guanabara (L); oceano Atlântico (S); Baía de Sepetiba (O). Região metropolitana: Belford Roxo, Duque de Caxias, Itaboraí, Itaguaí, Magé, Mangaratiba, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Rio de Janeiro, São Gonçalo, São João de Meriti. Altitude: 2,3 m. Distância de Brasília: 1.148 km.

• **População:** 5.473.909; mulheres: 52,87%; homens: 47,13% (1991).

• **Saúde:** Estabelecimentos: 119. Leitos hospitalares: 27.680 (1993).

• **Educação:** 39,62% do orçamento (1992). Ensino fundamental: 1.610 escolas; 801.313 matrículas (1989).

• **Economia:** indústria, comércio, turismo. Agricultura: batata-doce (6,5 mil t); tomate (600 t); arroz em casca (400 t); mandioca (25,4 milhões de frutos); cana-de-açúcar (17,3 milhões de frutos); caqui (6,2 milhões de frutos); maracujá (4,8 milhões de frutos). Indústria: alimentícia, química, tabaco, metalúrgica, farmacêutica. Comércio varejista: 51 mil estabelecimentos (1992). Agências bancárias: 874 (1991). Orçamento: receita: US$ 1,7 bilhão; despesa realizada: US$ 2,2 bilhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** Nº de ônibus urbanos: 5,7 mil; linhas especiais: 28. Metrô: 24,4 km. Trens urbanos: 250 km (1993).

• **Comunicações:** Emissoras de rádio: 18 (AM); 20 (FM). Emissoras de TV: 7 (UHF); 1 (VHF); 3 por assinatura. Jornais: 9 diários (1993). Telex: 10.520 (1992). Terminais telefônicos: 1.080.397 (1993). Código DDD: 021.

• **Governo:** Prefeito: César Maia (PMDB). Vereadores: 42. Partidos na Câmara: PT do B, PT, PV, PL, PMDB, PDT, PTB, PC do B, PSB, PFL, PSDB, PPR, PSTU, PMN, PSD, PSC, PP. Eleitores: 3.037.920 (1992).

Formação histórica

Em 1534, a região está dividida entre duas capitanias: São Vicente, ao sul, e São Tomé, ao norte. Em 1555, os franceses ocupam a área e só em 1567 são expulsos definitivamente. Em 1565, Estácio de Sá funda a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que se torna sede do Governo do Sul quando, em 1572, o rei de Portugal divide o Brasil em duas administrações. A pecuária, o cultivo da cana-de-açúcar e a agricultura de subsistência garantem um rápido progresso, que aumenta com a transformação do porto do Rio em escoadouro da riqueza extraída de Minas Gerais. Em 1763, torna-se capital do vice-reino. A mudança da família real para o Brasil, em 1808, dá extraordinário impulso à região, transformada em sede do reino português. Em 1834, a cidade do Rio de Janeiro é transformada em município neutro e a capitania é elevada a província, com sede em Niterói. De 1889 a 1960, é a capital da República.

Fatos do ano

Chacinas, assaltos, seqüestros, arrastões nas praias e brigas entre quadrilhas de traficantes: a violência e a criminalidade incorporam-se ao dia-a-dia do Rio de Janeiro. A polícia – paga para proteger os cidadãos e manter a ordem – está no epicentro de boa parte desses acontecimentos. O fato mais chocante acontece na madrugada de 23/7. Oito meninos de rua são mortos a tiros enquanto dormem na porta da Igreja da Candelária, no centro da cidade. A chacina é um ato de vingança. Algumas horas antes da matança, dois policiais prendem o traficante Marcos Vinícius de Souza, que fornece cola de sapateiro para os menores. Eles protestam contra a prisão e jogam pedras nos policiais, que os ameaçam de morte. O crime eleva o número de assassinatos de menores no Rio para 298, só nos primeiros sete meses do ano.

Uma nova chacina choca o país no dia 29/8. Na favela do Vigário Geral, 21 moradores são metralhados por um grupo de exterminadores. Assim como na Candelária, as pessoas assassinadas em Vigário Geral não têm antecedentes criminais. A maioria morre dentro de suas casas, invadidas pelos bandidos. Sobreviventes afirmam que o massacre foi uma represália pela morte de quatro policiais na favela, dias antes. É instaurado inquérito para apurar responsabilidades. O envolvimento de policiais em ações criminosas não se restringe a assassinatos. Em jan., um carro-forte é cercado por PMs de diversos batalhões e US$ 13 milhões desaparecem. Em ago., 22 PMs são acusados de participar de um assalto a banco. A polícia civil também descobre uma "caixinha" mantida pelas companhias de seguros, que gratificam delegados e investigadores de polícia quando carros roubados são encontrados.

A falta de controle da situação pelo governo permite aos traficantes de drogas agir livremente, sem sobressaltos. Ousados, os marginais vestem-se como policiais

civis e fazem blitz nas ruas. Em 23/8, eles entram disfarçados no Instituto Padre Severino, uma instituição para menores infratores, e tiram de lá William Rodrigues Vieira, o Robocop, dono do tráfico no morro dô Borel. Os conflitos entre os bandidos do Comando Vermelho, responsável por 70% da venda de drogas no Estado, e os do Terceiro Comando levam pânico às favelas. Em 22/6, os moradores do morro dos Prazeres, em Santa Teresa, fogem de casa com medo dos tiroteios. Na favela da Rocinha, seis pessoas morrem durante uma briga de quadrilhas. Quando não é a guerra entre as gangues, é o confronto desses grupos com a polícia que mata inocentes. Em 28/8, a favela de Acari, na zona norte, é invadida por cerca de 170 policiais. Eles sobem o morro para resgatar os colegas que estavam encurralados. O duelo é desigual. Patrocinados pelo tráfico de drogas, os bandidos têm um arsenal muito mais moderno e potente que a polícia. São disparados mais de 50 mil tiros e cinqüenta granadas. O saldo da batalha é de oito traficantes mortos, doze presos, catorze pessoas feridas e muitas casas destruídas.

A violência atinge as praias com os arrastões: centenas de integrantes de quadrilhas invadem as praias em grupos compactos, avançam pela areia atropelando e roubando quem estiver pela frente.

Só no primeiro semestre do ano são registrados 4.013 assassinatos, contra os 7.635 ocorridos em 1992. O número de seqüestros cai: de jan. a jul., a Polícia Civil é notificada de 31 casos, contra 101 registrados no mesmo período de 1992.

Banqueiros na cadeia – A juíza Denise Frossard, da 14ª Vara Criminal, enfrenta o comando do crime organizado no Rio e acaba com a impunidade em que vivem os banqueiros do jogo do bicho. Os catorze maiores bicheiros são condenados a seis anos de prisão por formação de quadrilha e bando armado, e saem direto do julgamento para a cadeia. Dois conseguem *habeas-corpus*: Raul Capitão, portador de mal de Parkinson, e Castor de Andrade – o único a não ser preso porque não foi à audiência. Eles aguardam em liberdade o resultado da apelação feita por seus advogados. Enquanto isso, a Receita Federal investiga os bens e a origem da fortuna desses bicheiros.

As águas de março inundam o Rio de Janeiro. A chuva que cai no dia 6/3 supera o índice pluviométrico previsto para a cidade no mês inteiro. E a conseqüência é a de sempre: carros submersos nas avenidas alagadas, barracos desabados pelos morros, deslizamentos de terra e gente soterrada. Em 1993, o Estado volta a enfrentar a cólera. Dos 155 casos da doença registrados, seis são fatais. A situação da educação é ruim como a da saúde. A demanda é muito superior à oferta e o alto preço das mensalidades das escolas particulares eleva em 20% a procura por vagas na rede pública. Para contornar a crise, as prefeituras aumentam os contingentes das turmas e alugam salas.

Desacertos de Maia – O prefeito do Rio, César Maia (PMDB), protagoniza episódios grotescos. Enquanto todo o país volta ao horário normal, Maia insiste em manter o horário de verão nas repartições municipais, contrariando uma determinação do governo federal. Ele só desiste depois de ser chamado para uma conversa com o pres. Itamar Franco, em Brasília. Logo depois, tenta agradar ao presidente e manda imprimir sua foto nas tabelas de preços dos táxis. A iniciativa irrita Itamar, que manda recolher as fotos. Quem paga a conta são os 20 mil taxistas do Rio, obrigados a esconder a fotografia sob pena de serem multados.

Para atrair empresários a se instalarem no Rio, o gov. Leonel Brizola (PDT) e o prefeito reduzem as alíquotas do ICMS e do ISS. Antes que a medida aponte resultados positivos, o Estado registra a falência de 1.200 pequenas e médias empresas no primeiro semestre do ano – o mesmo número de todas as falências ocorridas entre 1987 e 1990.

RIO GRANDE DO NORTE (RN)

• **Capital:** Natal. **Habitante:** potiguar ou norte-rio-grandense.

• **Situação geográfica:** nordeste da região Nordeste. **Área:** 53.166,6 km². **Limites:** oceano Atlântico (N e L); Paraíba (S); Ceará (O). **Características:** planalto (N); terras baixas, contornando o planalto a L, N e O; maciços isolados (S e O). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 152. **Cidades principais:** Natal (459.827 hab.); Mossoró (191.959); Parnamirim (63.253); Ceará-Mirim (51.938) (1991). **Rios principais:** Mossoró, Apodi Assu, Piranhas, Pongi, Trairi, Jundiaí, Jacu, Seridó, Curimataú. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 2.414.121; **urbana:** 69,10%; **rural:** 30,90%; **mulheres:** 51,19%; **homens:** 48,81% (1991). **Colonização:** holandeses, portugueses. **Densidade demográfica** (hab./km²): 45,41 (1991). **Nascimentos registrados:** 31.436 (1990). **Mortalidade:** 4,1 por 1.000 hab. (1991); **mortalidade infantil:** 83,9 por 1.000 (1992). **Fertilidade:** 5,6 (1980). **Vida média (anos):** 45,3 (1980).

• **Saúde: Leitos hospitalares:** 6.995; **médicos:** 2.356 (1993).

• **Educação:** 25% do orçamento (1991). **Analfabetos:** 41,6% (1989). **Ensino fundamental:** 4.862 escolas; 546.986 matrículas. **Ensino médio:** 240 escolas; 74.563 matrículas (1992). **Ensino superior:** 12 escolas; 17.040 matrículas (1991).

• **Economia:** petróleo, agricultura, fruticultura, indústria. **Agricultura:** cana-de-açúcar (2,7 milhões de t); feijão (52,3 mil t); milho (38,7 mil t); mandioca (428,2 mil t); coco-da-baía (107,3 mil t); castanha de caju (26 mil t); melão (85 mil t) (1992). **Pecuária e criações:** bovinos (966,2 mil); ovinos (344,6 mil t) (1991). **Minérios:** sal marinho (3,8 milhões de t), petróleo (28,1 milhões de barris) (1992). **Indústria:** confecções, cerâmica, têxtil. **Energia elétrica:** não produz; **consumo:** 1,5 bilhão de kwh (1992). **Orçamento: receita:** US$ 410 milhões; **despesa realizada:** US$ 395 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 54 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Rodovias:** 1,7 mil km (federais); 3,9 mil km (estaduais); 21,7 mil km (municipais) (1992); **nº de veículos:** 165,7 mil (1991). **Ferrovias:** 556 km (1992).

• **Terminais telefônicos:** 114.456 (1993).

• **Governo: Governador:** José Agripino Maia (PFL). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 8. **Deputados estaduais:** 24. **Partidos na Assembléia:** PMDB, PL, PFL, PPR, PDT, PT, PSDB. **Eleitores:** 1.424.440 (1993).

NATAL

• **Habitante:** natalense.

• **Situação geográfica: Área:** 167,9 km². **Limites:** Extremoz (N); oceano Atlântico (L); Parnamirim (S); São Gonçalo do Amaral, Macaíba (O). **Altitude:** 30,9 m. **Distância de Brasília:** 2.507 km.

• **População:** 459.827; **área metropolitana:** 606.681; **mulheres:** 53,5% **homens:** 46,5% (1991).

• **Saúde: Estabelecimentos:** 137 (1993). **Leitos hospitalares:** 2.802 (1991).

• **Educação: Ensino fundamental:** 258 escolas; 129.904 matrículas (1991).

• **Economia:** indústria, comércio, turismo. **Indústria:** confecção, construção civil. **Comércio varejista:** 2.142 estabelecimentos (1993). **Agências bancárias:** 50 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 63,3 milhões; **despesa realizada:** US$ 47 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Nº de ônibus urbanos:** 497; **linhas especiais:** 9 (1993). **Trens urbanos:** 57 km (1993).

• **Comunicações: Emissoras de rádio:** 5 (AM); 5 (FM). **Emissoras de TV:** 5 (VHF). **Jornais:** 2 diários.

Telex: 511.**Terminais telefônicos:** 80.777 (1993). **Código DDD:** 084.

• **Governo: Prefeito:** Aldo Tinoco Filho (PSDB). **Vereadores:** 21. **Partidos na Câmara:** PMDB, PFL, PDT, PT, PL, PSDB. **Eleitores:** 306.482 (1993).

Formação histórica

Território alcançado, em 27/7/1499, pelo navegador espanhol Alonso de Ojeda. Os franceses dominam a região de 1535 a 1598, ao serem expulsos pelos portugueses. O povoamento é lento até 1633, quando passa para o controle dos holandeses, que promovem a exploração do sal, a cultura da cana-de-açúcar e a criação de gado. Após a expulsão dos holandeses, em 1654, sofre a Confederação dos Cariris, rebelião generalizada das tribos indígenas contra a escravidão, que dura de 1687 até o final do séc. XVII. Em 1701, é subordinado a Pernambuco. Em 1817, adere à Revolução Pernambucana e a cidade de Natal sedia uma junta de governo provisório. Com o fim do movimento, integra-se ao Império em 1822. Torna-se Estado com a proclamação da República, em 1889. A revolta de 1901 e o movimento comunista de 1935 são debelados pelo governo federal.

Fatos do ano

O ano começa com 136 dos 152 municípios do Rio Grande do Norte sob estado de calamidade pública. Frentes de trabalho empregam 90 mil trabalhadores rurais, que recebem meio salário mínimo por mês. No entanto, essas medidas não são suficientes para atender às 600 mil pessoas atingidas pela seca. Famintas, muitas saqueiam feiras e depósitos em várias cidades do interior. O drama chega a tal ponto que, em jun., o pref. de Doutor Severiano, João Antônio Dantas Filho (PSDB), arruma uma saída desesperada: freta um ônibus e despacha flagelados para São Paulo. Embarcam preferencialmente homens que tenham parentes vivendo na capital paulista. O prefeito diz que não tinha alternativa – ou pagava a viagem ou as pessoas morriam de fome.

Em jun., Natal recebe um título inédito, concedido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e pela Agência Espacial Norte-Americana. É lá que se respira o melhor ar em toda a América do Sul, graças à baixa concentração de monóxido de carbono.

Denunciados pelo PMDB por abuso de poder econômico nas últimas eleições, em ago., o pref. da capital, Aldo Tinoco Filho (PSDB), e a ex-prefeita Wilma Maia (PSB) são declarados inelegíveis por três anos pelo juiz Rafael Godeiro Sobrinho, da 4ª zona eleitoral. Em set., o Tribunal Regional Eleitoral anula a sentença do juiz mas o PMDB recorre ao Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. Já o pref. de Serra de São Bento, Marcos Laurindo de Macena (PDS), sai do cargo por outra razão. Em jun., ele é cassado pela Câmara Municipal por insanidade mental. O Ministério da Marinha envia um laudo onde atesta que Laurindo foi fuzileiro naval e passou para a reserva porque sofre de problemas mentais. A decisão é mantida pelo Tribunal Superior Eleitoral, que confirma a cassação.

Esqueleto no Correio – Em jan., o Correio de Natal descobre uma estranha mercadoria em seus pacotes: uma ossada. A polícia apura que Maria de Lourdes Alves enviara de São Paulo os ossos do pai, Elói Alves, para serem enterrados em Monte Alegre. Maria de Lourdes diz que usou o Correio porque era o meio de remessa mais barato. Também em jan., um filhote de baleia azul, com 9 m de comprimento, morre encalhado na praia da cidade de Areia Branca. Sua carne é retalhada e repartida entre os moradores. Em fev., chega ao porto de Natal o navio português *Cabo Branco*, interceptado pela Marinha e multado pelo Ibama por pesca ilegal em águas brasileiras. São apreendidas 64 t de isca e 10 t de pescados, distribuídos depois à população carente. Areia Branca volta a ser notícia em mar., quando a cadeia da cidade é invadida por cerca de 1.500 pessoas, que linchem dois dos três acusados de estuprar uma jovem de 13 anos. A mãe da menina, Elione Alves Barbosa, é indiciada por incitar o linchamento.

Assim como em outros Estados nordestinos, a adoção de crianças por estrangeiros começa a ser investigada. Em set., a Promotoria da Infância e da Juventude denuncia irregularidades em alguns processos. No início de out., a Procuradoria da República decreta a prisão preventiva do advogado José Paulo Queiroz, que intermediava adoções. A Procuradoria da República pede ajuda ao Itamaraty para localizar cerca de 75 menores adotados por casais do exterior.

RIO GRANDE DO NORTE

RIO GRANDE DO SUL (RS)

• **Capital:** Porto Alegre. **Habitante:** gaúcho ou sul-rio-grandense.

• **Situação geográfica:** sul da região Sul. **Área:** 280.674 km². **Limites:** Santa Catarina (N); oceano Atlântico (L); Uruguai (S); Argentina (O). **Características:** planície com restingas e areais (litoral); planalto (N); serra Gaúcha (NE); depressão Central, corta o Estado ao meio (sentido L–O); planalto uruguaio-sul-rio-grandense (centro-sul). **Clima:** subtropical. **Nº de municípios:** 427. **Cidades principais:** Porto Alegre (1.263.239 hab.); Caxias do Sul (282.045); Canoas (269.234); Pelotas (260.593); Santa Maria (193.294) (1991). **Rios principais:** Uruguai, Taquari, Ijuí, Jacuí, Ibicuí, Pelotas, Camaquã. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 9.135.479; **urbana:** 76,56%; **rural:** 23,44%; **mulheres:** 50,75%; **homens:** 49,15% (1991). **Colonização:** portugueses, espanhóis, imigrantes alemães e italianos, paulistas. **Densidade demográfica (hab./km²):** 32,55 (1991). **Nascimentos registrados:** 183.335 (1992). **Mortalidade:** 6,6 por 1.000 hab. (1992); **mortalidade infantil:** 19,2 por 1.000 (1992). **Fertilidade:** 3,1 (1980). **Vida média (anos):** 70,7 (1989).

• **Saúde: Leitos hospitalares:** 35.150 (1991); **médicos:** 19 mil (1993).

• **Educação:** 35% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 8,7% (1993). **Ensino fundamental:** 14.592 escolas; 1.619.508 matrículas. **Ensino médio:** 752 escolas; 215.071 matrículas (1992). **Ensino superior:** 49 escolas; 140.172 matrículas (1991).

• **Economia:** agricultura, pecuária, indústria. **Agricultura:** soja (6 milhões de t); trigo (900 mil t) (1992), arroz (5 milhões de t); milho (4,5 milhões de t) (1993). **Pecuária e criações:** bovinos (13 milhões); ovinos (10 milhões); eqüinos (600 mil); suínos (385) (1993). **Minérios:** carvão (3,4 milhões de t); cobre (30,2 mil t); calcário (3,12 milhões de t) (1993). **Indústria:** couro e calçados, alimentícia, têxtil, madeireira, metalúrgica, química. **Energia elétrica: produção:** 5,3 bilhões de kwh; **consumo:** 8 bilhões de kwh (1992). **Orçamento: receita:** US$ 3,76 bilhões; **despesa realizada:** US$ 4 bilhões. **Arrecadação do**

ICMS: US$ 809 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** Rodovias: 5 mil km (federais); 5 mil km (estaduais); 127,7 mil km (municipais) (1993); nº de veículos: 1,9 milhão (1993). Ferrovias: 3,1 mil km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 663,4 mil (1993).

• **Governo:** Governador: Alceu Collares (PDT). Senadores: 3. Deputados federais: 31. Deputados estaduais: 55. Partidos na Assembléia: PMDB, PDT, PPR, PTB, PT, PSB, PC do B, PFL. Eleitores: 6.104.384 (1993).

PORTO ALEGRE

• **Habitante:** porto-alegrense.

• **Situação geográfica:** Área: 489 km². Limites: Canoas, Cachoeirinha (N); Viamão, Alvorada (L); Rio Guaíba (S e O). Região metropolitana: Alvorada, Cachoeirinha, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Eldorado do Sul, Estância Velha, Esteio, Glorinha, Gravataí, Guaíba, Ivoti, Nova Hertz, Novo Hamburgo, Parobé, Portão, Porto Alegre, São Leopoldo, Sapiranga, Sapucaia do Sul, Triunfo, Viamão. Altitude: 46 m. Distância de Brasília: 2.027 km.

• **População:** 1.263.239; mulheres: 53,36%; homens: 46,64% (1991).

• **Saúde:** Estabelecimentos: 40. Leitos hospitalares: 8.614 (1992).

• **Educação:** 30% do orçamento (1993). Ensino fundamental: 763 escolas; 257.900 matrículas (1992).

• **Economia:** serviços, comércio, agricultura, indústria. Agricultura: ameixa (438 t); milho (380 t); cenoura (2 mil t); tomate (1,2 mil t); couve-flor (2,7 mil t); pêssego (5 mil t); mandioca (3,5 mil t); arroz (2,2 mil t). Indústria: metalúrgica, alimentícia, confecções. Comércio varejista: 9.308 estabelecimentos (1993). Agências bancárias: 310 (1993). Orçamento: receita: US$ 252,5 milhões; despesa realizada: US$ 272,6 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** Nº de ônibus urbanos: 1.486. Trens urbanos: 27 km (1993).

• **Comunicações:** Emissoras de rádio: 15 (AM); 16 (FM). Emissoras de TV: 6 (VHF); 1 por assinatura. Jornais: 3 diários (1993). Telex: 2 mil. Terminais telefônicos: 240.180 (1993). Código DDD: 051.

• **Governo:** Prefeito: Tarso Genro (PT). Vereadores: 31. Partidos na Câmara: PPR, PMDB, PT, PC do B, PTB, PL. Eleitores: 865.874 (1993).

Formação histórica

Em 1627, jesuítas espanhóis criam missões na margem oriental do rio Uruguai, mas são expulsos pelos portugueses, que, em 1680, criam a colônia de Sacramento, às margens do rio da Prata. Em 1687, os jesuítas instalam novos povoados, os Sete Povos das Missões Orientais. Foco de constantes disputas entre portugueses e espanhóis, o território é incorporado em 1801 e, em 1807, elevado à condição de capitania. A partir de 1824, a chegada de imigrantes alemães e italianos dá uma feição especial ao desenvolvimento da região. No séc. XIX, vive diversas rebeliões, como a Guerra dos Farrapos, que dura dez anos. Os gaúchos participam da luta contra o argentino Rosas e da Guerra do Paraguai. Com a República, surgem novas revoltas e o Estado só é pacificado em 1928, com Getúlio Vargas.

Fatos do ano

O Rio Grande do Sul colhe boas safras. A de milho bate recorde, com 4,5 milhões de t. A cultura de soja rende 6 milhões de t e a de arroz, 5 milhões. Os plantadores de arroz, no entanto, reclamam da competição do produto importado da Tailândia e dos EUA, que entra no mercado brasileiro via Mercosul a preço menor que o nacional. Em

13/4, os arrozeiros colocam máquinas nas estradas em protesto contra o governo federal. Apesar das reclamações, até jul., metade da safra estava vendida. O bom desempenho da agricultura repercute em setores da indústria, como o de máquinas agrícolas, que dá sinais de crescimento. O setor calçadista instalado no Vale dos Sinos também mostra bom desempenho. A produção de calçados, que se mantinha em torno de 500 milhões de pares até 1990, cai para 461 milhões em 1991, recupera-se em 1992 com 530 milhões, e a produção prevista para 1993 é de 562 milhões de pares – 180 milhões para exportação.

No Estado considerado celeiro do país, também há fome, desnutrição e menores abandonados. Em mai., a população toma conhecimento de que um grupo de meninos de rua mora nos esgotos de Porto Alegre, disputando espaço com os ratos. O pref. Tarso Genro (PT) manda colocar grades nos bueiros e abriga as crianças em albergues públicos. Mas elas, que se auto-apelidavam de "tartarugas-ninja", protestam contra a medida. Em abr., o IBGE detecta bolsões de desnutrição em alguns bairros da capital. Num deles, 69,12% das crianças têm estatura abaixo da média mínima.

O Tribunal de Contas gaúcho recebe uma lista com o nome de quatrocentos servidores públicos cujos salários superam os vencimentos dos deputados estaduais. Um deles é Ubirajara Ricciardi, funcionário da Secretaria da Fazenda à disposição da Assembléia Legislativa, que ganha em jan. três vezes mais que o governador.

Em 29/9, uma acusação do empresário Rosalino Zerzi modifica os planos políticos do gov. Alceu Collares (PDT). Zerzi diz que era obrigado a dar propinas ao cunhado do gov., Celestino Ignácio Elizeire, irmão da primeira-dama Neuza Canabarro, para receber com correção monetária o pagamento por serviços prestados ao Estado. A Assembléia Legislativa instala a CPI da Propina e Collares desiste de sua candidatura ao Senado, declarando que vai permanecer no governo até o final das apurações da comissão. As suspeitas provocam uma crise interna no PDT.

República do Pampa – Em jul., o gaúcho Irthon Marx lança a República do Pampa, um novo país a ser formado pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Pampa teria províncias com nomes como Catuáscha – fusão das palavras catarinense e gaúcha –, a moeda em circulação seria a "jóia" e as línguas oficiais, o português, o italiano e o alemão. Marx apresenta até o esboço de uma Constituição. Por ela, ninguém teria mais de uma residência. As propriedades atualmente alugadas seriam confiscadas e administradas pela comunidade e, na área rural, cada família teria direito a 100 ha aráveis. Os salários não ultrapassariam seis mínimos e o pagamento do 13º não seria mais obrigatório. A Constituição de Pampa determinava ainda que os negros "devem aprender a ser mais caprichosos e não jogar seu salário fora" e dedica todo um capítulo aos animais. Os cães não poderiam ficar presos por correntes com menos de 20 m de comprimento, suas

casas deveriam ser construídas a 40 cm acima do chão, em locais livres do perigo de enchentes e com colchão para dormir. A PF apreende todo o material de propaganda de Marx e o acusa de atentar contra a integridade nacional. O inquérito é arquivado.

Pesquisadores da Universidade do Vale do Rio dos Sinos fazem, em set., uma importante descoberta arqueológica: encontram no município de São Pedro do Sul, a 360 km de Porto Alegre, cinco ossos de dicinodonte, um réptil pré-histórico que viveu na Terra há 230 milhões de anos.

RONDÔNIA (RO)

• **Capital:** Porto Velho. **Habitante:** rondoniano.

• **Situação geográfica:** oeste da região Norte. **Área:** 238.378,7 km². **Limites:** Amazonas (N); Mato Grosso (L); Bolívia (S e O); Acre (O). **Características:** chapada dos Parecis e chapada dos Pacaás atravessam o Estado (sentido SE–NO); planície (S); planalto (N e L). **Clima:** equatorial. **Nº de municípios:** 40. **Cidades principais:** Porto Velho (270.862 hab.); Ji-Paraná (97.719); Ariquemes (75.304); Cacoal (51.541); Vilhena (39.260) (1991). **Rios principais:** Ji-Paraná, Guaporé, Mamoré. **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

• **População:** 1.130.874; **urbana:** 58,20%; **rural:** 41,80%; **mulheres:** 48,25%; **homens:** 51,75 (1991). **Colonização:** bandeirantes paulistas, missionários jesuítas, nordestinos. **Densidade demográfica (hab./km²):** 4,74 (1991). **Nascimentos registrados:** 40.425 (1992). **Mortalidade:** 13 por 1.000 hab. (1992); **mortalidade infantil:** 51,1 por 1.000 (1990). **Fertilidade:** 3 (est. 1992). **Vida média (anos):** 58,1 (1991).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 1.115; **médicos:** 632 (1992).

• **Educação:** 40% do orçamento (1992). **Analfabetos:** 10% (1992). **Ensino fundamental:** 3.009 escolas; 273.412 matrículas. **Ensino médio:** 67 escolas; 16.193 matrículas (1992). **Ensino superior:** 5 escolas; 4.381 matrículas (1991).

• **Economia:** agricultura, extrativismo (borracha, madeira, minérios). **Agricultura:** café (68,3 mil t); cacau (54,2 mil t); arroz (8 mil t); feijão (25,4 mil t); milho (6,2 mil t) (1992). **Pecuária e criações:** bovinos (3,1 milhões); ovinos (3 milhões); suínos (1,1 milhão); eqüinos (62,8 mil); aves (5,5 milhões); caprinos (34,9 mil) (1992). **Minérios:** cassiterita (11,3 milhões de t) (1993); estanho (22 mil t); ouro (6 t) (1988). **Indústria:** agroindústria, madeireira. **Energia elétrica: produção:** 722,9 milhões de kwh; **consumo:** 564,1 milhões de kwh. **Orçamento: receita:** US$ 265,2 milhões; **despesa realizada:** US$ 327,6 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 43 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Rodovias:** 1,7 mil km (federais); 1,7 mil km (estaduais); 6,7 mil km (municipais) (1992); **nº de veículos:** 350 mil (est. Detran, 1992). **Ferrovias:** 7 km (1993).

• **Terminais telefônicos:** 54, 6 mil (1992).

• **Governo:** **Governador:** Oswaldo Pianna Filho (PTR). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 8. **Deputados estaduais:** 24. **Partidos na Assembléia:** PT, PMDB, PSDB, PDT, PL, PP. **Eleitores:** 653.140 (1992).

PORTO VELHO

• **Habitante:** porto-velhense.

• **Situação geográfica:** **Área:** 58.310 km². **Limites:** Humaitá (Amazonas, N); Jamari (SE); Candeias do Jamari (S); Guajará-Mirim (O). **Altitude:** 85,2 m. **Distância de Brasília:** 2.589 km.

• **População:** 270.862; **área metropolitana:** 286.471; **mulheres:** 49,58%; **homens:** 50,42% (1991).

• **Saúde:** **Estabelecimentos:** 18. **Leitos hospitalares:** 850 (1992).

• **Educação:** **Ensino fundamental:** 173 escolas; 66.964 matrículas (1992).

• **Economia:** extração mineral, pesca, comércio, agricultura. **Indústria:** madeireira, plásticos, beneficiamento de arroz. **Comércio varejista:** 3.472 estabelecimentos (1992). **Agências bancárias:** 14 (1992). **Orçamento: receita:** US$ 29,7 milhões; **despesa realizada:** US$ 31,5 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Nº de ônibus urbanos:** 117 (1993).

• **Comunicações:** **Emissoras de rádio:** 3 (AM); 4 (FM). **Emissoras de TV:** 6 (VHF) (1993). **Jornais:** 3 diários (1993). **Telex:** 924 (1992). **Terminais telefônicos:** 19.832 (1993). **Código DDD:** 069.

• **Governo:** **Prefeito:** José Vieira Guedes (PSDB). **Vereadores:** 21. **Partidos na Câmara:** PSDB, PTR, PMDB. **Eleitores:** 104.780 (1992).

Formação histórica

Até o séc. XVII, apenas algumas missões religiosas estão instaladas na região. A descoberta de ouro em Cuiabá, no séc. XVIII, dá início às explorações bandeirantes pelo vale do rio Guaporé. Mas é o ciclo da borracha, no fim do séc. XIX, que atrai migrantes. Formado por terras pertencentes aos Estados do Amazonas e do Mato Grosso, o território é criado em 13/9/1943, com o nome de Guaporé. A capital, Porto Velho, origina-se de um núcleo de colonos enviados para a construção da ferrovia Madeira–Mamoré. Em homenagem ao marechal Cândido Rondon, um dos desbravadores da área, passa a chamar-se Rondônia, em 17/2/1956. A descoberta de jazidas de cassiterita e a construção de rodovias estimulam a economia, até então baseada apenas na borracha e na castanha-do-pará. Torna-se Estado em 1981.

Fatos do ano

A descoberta do potencial da jazida de cassiterita no garimpo de Bom Futuro leva para a cidade de Ariquemes aventureiros de todas as regiões do país. Mais de 15 mil pessoas trabalham na jazida – a maior a céu aberto no Brasil –, a 250 km de Porto Velho. Com a decadência da extração do ouro, que teve seu apogeu nas décadas de 70 e 80, muitos garimpeiros ficaram ociosos e a divulgação da existência da mina de cassiterita atrai essa mão-de-obra. Até ago., chegam à cidade apenas garimpeiros experientes. Mas, depois que uma reportagem da TV Globo mostra Bom Futuro e afirma que se pode ganhar até CR$ 30 mil por dia no garimpo, famílias inteiras deslocam-se para a cidade. De Brasília partem, de uma só vez, quarenta famílias, que vendem tudo o que têm na capital para tentar a sorte em Rondônia. Mas muitos ficam em Ariquemes, pois o dinheiro não dá para pagar a viagem até Bom Futuro. Os que lá chegam se decepcionam. Descobrem que só os garimpeiros calejados conseguem vender diretamente o minério aos compradores. Os novatos na garimpagem têm de se submeter aos preços impostos

pela Ebesa – Empresa Brasileira de Estanho S/A, detentora do monopólio da lavra e da venda do produto naquela região.

Além das famílias que se aventuram no garimpo, outras chegam à procura de assentamento. Elas querem repetir os feitos dos primeiros colonos que chegaram à região nos anos 70 e conquistar um pedaço de terra. Só que hoje a terra tem dono. Os antigos colonos viraram grandes latifundiários, pouco propensos a dividir suas riquezas. Para administrar esses conflitos de interesses e permitir o desenvolvimento do Estado, o governo conclui o Plano Florestal Agropecuário de Rondônia. Nele está previsto que a ocupação racional do território, atendendo às necessidades da população branca e dos índios, será feita com aporte de recursos do Banco Mundial.

Irritado com as crescentes insubordinações na Polícia Militar estadual, que reclama de baixos salários e da falta de equipamentos, em abr., o gov. Oswaldo Pianna pede intervenção do Exército na PM. Por determinação do ministro do Exército, Zenildo Zoroastro de Lucena, soldados desembarcam em Porto Velho e ficam por três meses na cidade. Finda a intervenção, a PM volta às ruas. Em ago., um garoto de 13 anos é assassinado por um policial com requintes de crueldade. Para fugir do ataque de um grupo de meninos de rua, ele procura socorro entre os policiais que davam plantão no Palácio do Governo. Acaba sendo torturado e, depois, morto com um tiro no ouvido. A Auditoria Militar da PM, no entanto, permite que seu assassino aguarde o julgamento em liberdade.

RORAIMA (RR)

• **Capital:** Boa Vista. **Habitante:** roraimense.

• **Situação geográfica:** noroeste da região Norte. **Área:** 225.017 km². **Limites:** Venezuela (N e NO); Guiana (L); Pará (SE); Amazonas (S e O). **Características:** planalto (centro-sul); maciço das Guianas (N e NO). **Ponto mais elevado:** monte Roraima, 2.875 m (N). **Clima:** equatorial a N, S e O; tropical a L. **Nº de municípios:** 8 (1993). **Cidades principais:** Boa Vista (142.902 hab.); Mucajaí (13.135); Alto Alegre (11.191); Normandia (11.165) (1991). **Rios principais:** Branco, Uraricoera, Catrimani, Alalaú, Tacutu. **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

• **População:** 215.950; **urbana:** 64,63%; **rural:** 35,37%; **mulheres:** 44,83%; **homens:** 55,17% (1991). **Colonização:** índios, portugueses, holandeses, ingleses. **Densidade demográfica (hab./km²):** 0,96 (1991). **Nascimentos registrados:** 1.892 (jun./1993). **Mortalidade:** 25,6 por 1.000 hab. (1991); **mortalidade infantil:** 36,6 por 1.000 (1992). **Fertilidade:** 6,05 (1980). **Vida média (anos):** 64,17 (1992).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 805; **médicos:** 335 (1993).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 14,3% (1990). **Ensino fundamental:** 286 escolas; 42.800 matrículas. **Ensino médio:** 22 escolas; 46.900 matrículas (1993). **Ensino superior:** 1 escola; 2.885 matrículas (1993).

• **Economia:** agricultura, pecuária, extrativismo (madeira, ouro, diamantes, cassiterita). **Agricultura:** milho (5,8 mil t); arroz irrigado (35 t) (1993). **Minérios:** ouro (100 t) (1989). **Indústria:** alimentícia, madeireira, confecções, construção civil. **Energia elétrica: produção:** 21,6 milhões de kwh; **consumo:** 18,3 milhões de kwh (1993). **Orçamento: receita:** US$ 206,6 milhões; **despesa realizada:** US$ 208,7 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 7,6 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Rodovias:** 1.4 mil km (federais); 3 mil km (estaduais); 2,2 mil km (municipais) (1993); **nº de veículos:** 25 mil (1993).

• **Terminais telefônicos:** 18.435 (1993).

• **Governo:** **Governador:** Ottomar de Sousa Pinto (PTB). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 8. **Deputados estaduais:** 24. **Partidos na Assembléia:** PPR, PP, PSDB, PMDB, PDT, PFL, PL, PTB. **Eleitores:** 103.066 (1993).

BOA VISTA

• **Habitante:** boa-vistense.

• **Situação geográfica:** **Área:** 70.201,3 km². **Limites:** Venezuela (N); Bonfim (L); Mucajaí (S); Alto Alegre (O). **Altitude:** 49 m. **Distância de Brasília:** 4.275 km.

• **População:** 142.902; **mulheres:** 45,60%; **homens:** 54,40% (1991).

• **Saúde:** **Estabelecimentos:** 27. **Leitos hospitalares:** 502 (1993).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 14,3% (1990). **Ensino fundamental:** 48 escolas; 39.050 matrículas (1993).

• **Economia:** agricultura, pecuária, extrativismo (vegetal, mineral). **Agricultura:** mandioca (48,4 mil t); banana (992 mil cachos) (1993). **Indústria:** alimentícia, madeireira, construção civil. **Comércio varejista:** 3.027 estabelecimentos (1993). **Agências bancárias:** 11 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 15,5 milhões; **despesa realizada:** US$ 18,7 milhões *(1992, Min.Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Nº de ônibus urbanos:** 45. **Linha especial:** 1 (1993).

• **Comunicações:** **Emissoras de rádio:** 2 (AM); 2 (FM). **Emissoras de TV:** 6 (VHF). **Jornais:** 3 diários (1993). **Telex:** 115. **Terminais telefônicos:** 16.432 (1993). **Código DDD:** 095.

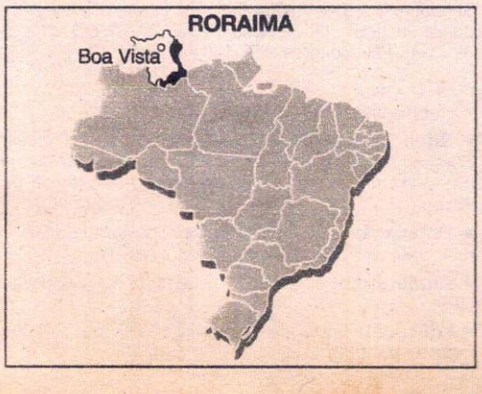
• **Governo:** **Prefeita:** Teresa Jucá (PPR). **Vereadores:** 17. **Partidos na Câmara:** PFL, PTB, PRP, PPR, PMDB, PSDB, PDT. **Eleitores:** 70.515 (1993).

Formação histórica

No território disputado por espanhóis, portugueses, holandeses e ingleses, a fixação de povoados só acontece no séc. XVIII, após o extermínio dos grupos indígenas hostis. Em 1858, o governo imperial cria a freguesia de N. Sra. do Carmo, transformada, em município de Boa Vista (1890). Em 1904, a disputa territorial com a Inglaterra, decidida pelo rei da Itália, Vitório Emanuel III, tira do Brasil as terras da região do Pirara, incorporadas à Guiana. Em 13/9/1943, com área desmembrada do Amazonas, é criado o território do Rio Branco, que passa a chamar-se Roraima em 13/12/1962. Rico em jazidas de bauxita, cobre e cassiterita, é graças ao garimpo de ouro e diamantes, porém, que o Estado é ocupado. Em 1988, a Assembléia Constituinte transforma o território em Estado.

Fatos do ano

A Funai anuncia em ago. que uma aldeia ianomâmi localizada na fronteira com a Venezuela foi totalmente destruída e seus habitantes mortos. Mas a entidade não informa com precisão o número de vítimas, nem dá detalhes da chacina. Pressionada a apresentar números definitivos, a Funai anuncia que seriam oitenta os ianomâmis assassinados, provavelmente por garimpeiros. Em



24/8, os diplomatas Diana Page, dos EUA, e Alan Latullipi, do Canadá, são impedidos pelo Itamaraty de entrar na reserva sob a alegação de que podem prejudicar as investigações da PF. É a polícia, finalmente, que dá a versão final do crime: dezesseis indígenas morreram num confronto com garimpeiros, em território venezuelano. Mas, para Crisnel Francisco Ramalho, presidente do Sindicato de Garimpeiros de Roraima, a história não foi devidamente esclarecida nem pela Funai, nem pela PF.

Apesar da mobilização liderada pelo presidente da Associação dos Povos Indígenas de Roraima, Alfredo Bernardo Silva, em favor da demarcação das reservas dos índios, nenhum território é demarcado pelo governo. Uma das áreas à espera de definição, a Raposa/Serra do Sol, é apontada como palco de futuros e inevitáveis conflitos. Ali existem 250 fazendas, algumas com títulos de propriedade expedidos pela União com validade de até 160 anos. A Funai apresenta laudos antropológicos atestando que toda a região é indígena. Antropólogos contratados pelo governo estadual defendem a divisão da terra entre índios e fazendeiros, com a criação das chamadas "ilhas isoladas" – onde ficariam os índios – em vez da demarcação de área contínua, como reivindicam os indígenas, a Igreja e as organizações não governamentais. A retirada de garimpeiros de várias áreas indígenas transforma as ruas de Boa Vista em focos de violência e desemprego e a capital não dispõe de infra-estrutura para acompanhar esse crescimento desordenado.

Em 20/2, o advogado Paulo Coelho Pereira, conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil, é assassinado em frente à sua casa, no centro de Boa Vista. Algum tempo antes de morrer, ele criticara o desembargador Luiz Gonzaga Batista, classificando-o de incompetente para trabalhar no Tribunal de Justiça do Estado. As investigações da Polícia Federal concluem que os dois filhos do desembargador, Luiz Gonzaga Batista Jr. e Luiz Antônio Batista Rodrigues, são os autores intelectuais do crime e que José Ricardo Cardoso, ex-funcionário do TJE, é o autor dos quatro disparos que mataram Pereira. O desembargador é afastado do TJE e também responde a processo pela morte do advogado. Cardoso foge e não é encontrado pela polícia.

CPIs frustradas – Com maioria absoluta na Assembléia Legislativa e dominando a mesa diretora da Casa, não é difícil para o gov. Ottomar Pinto (PTB) impedir a criação de CPIs para investigar denúncias de irregularidades em sua administração. As três tentativas feitas por parlamentares da oposição são frustradas. A primeira ocorre em mar., quando os dep. estaduais Vera da Silveira (PL), Sérgio Ferreira, Otoniel Ferreira, Rodolfo Braga, Iradilson Sampaio e Édio Vieira Lopes, todos do PPR, pedem uma CPI para investigar a compra de carros pelo governo. Segundo eles, os automóveis são comprados em leilões de sucata em outros Estados, principalmente em Minas Gerais e São Paulo. A segunda tentativa, em ago., é a da criação de uma CPI do Motel, para descobrir por que o gov. pagou CR$ 4 milhões por um motel – comprado de uma tradicional família de empresários de Boa Vista –, que foi totalmente demolido e, no terreno, instalada uma feira livre. A última tentativa é feita em out., quando é solicitada uma CPI para averiguar irregularidades no Banco do Estado de Roraima. Segundo denúncias, o banco teria repassado irregularmente CR$ 178 milhões para a Sec. da Saúde, e Gilberto Maciel, um dos diretores da instituição, pede a empresários locais notas frias para cobrir o rombo. A única coisa que consegue é tornar público o desembolso irregular. Também não acontece nada com o pedido de *impeachment* apresentado pelo dep. Iradilson Sampaio (PPR). O parlamentar afirma que o gov. descumpre as constituições federal e estadual ao dar nomes de parentes e de pessoas vivas a prédios públicos.

O governo estadual e a Universidade Federal de Roraima lançam um projeto conjunto para erradicar o analfabetismo em Roraima. Até 1995, professores e alunos da universidade vão trabalhar com os professores da rede estadual, durante as férias, para analisar os níveis de aprendizado dos estudantes e atualizar o magistério público. Em todo o Estado existem apenas duas escolas particulares.

SANTA CATARINA (SC)

• **Capital:** Florianópolis. **Habitante:** catarinense ou barriga-verde.

• **Situação geográfica:** centro da região Sul. **Área:** 95.318,3 km². **Limites:** Paraná (N); oceano Atlântico (L); Rio Grande do Sul (S); Argentina (O). **Características:** terrenos baixos, enseadas e ilhas (litoral); serra do Mar (sentido N-S); planaltos nas demais regiões. **Clima:** temperado. **Nº de municípios:** 260. **Cidades principais:** Joinville (332.901 hab.); Blumenau (207.402); Florianópolis (191.664); Criciúma (105.331); Chapecó (102.006) (1991). **Rios principais:** Uruguai, Canoas, Pelotas, Negro, do Peixe, Itajaí, Iguaçu, Chapecó, Tubarão. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 4.538.248; **urbana:** 70,63%; **rural:** 29,37% (1991); **mulheres:** 49,91%; **homens:** 50,09% (1991). **Colonização:** portugueses, europeus, japoneses. **Densidade demográfica (hab./km²):** 47,40 (1991). **Nascimentos registrados:** 103.875 (1990). **Mortalidade:** 5,3 por 1.000 hab. (1988); **mortalidade infantil:** 22,8 por 1.000 (1991). **Fertilidade:** 3,82 (1987). **Vida média (anos):** 70,2 (1991).

• **Saúde: Leitos hospitalares:** 17.473 (1991); **médicos:** 4.500 (1993).

• **Educação:** 15,2% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 10,4% (1990). **Ensino fundamental:** 7.975 escolas; 832.784 matrículas. **Ensino médio:** 506 escolas; 122.146 matrículas (1992). **Ensino superior:** 20 escolas; 47.926 matrículas (1991).

• **Economia:** indústria, extrativismo (minérios), agropecuária. **Agricultura:** arroz (617,5 mil t); alho (27,4 mil t); cebola (231,3 mil t); tabaco (225,6 mil t); milho (3,2 milhões de t); banana (497,2 mil t); batata (208,2 mil t); trigo (109,6 mil t); feijão (293,4 mil t); mandioca (1,03 milhão de t); soja (435,2 mil t); maçã (300 mil t); tomate (92,8 mil t); cana-de-açúcar (841,02 mil t) (1993). **Pecuária e criações:** aves (410 milhões); bovinos (350 mil); suínos (5,3 mil) (1993). **Minérios:** carvão (5,4 milhões de t); fluorita (198,7 mil t) (1992). **Indústria:** agroindústria, têxtil, cerâmica, máquinas e equipamentos, eletroeletrônica. **Energia elétrica: produção:** 2,4 bilhões de kwh; **consumo:** 7,7 bilhões de kwh (1992). **Orçamento: receita:** US$ 1,27 bilhão; **despesa realizada:** US$ 1,50 bilhão. **Arrecadação do ICMS:** US$ 346 milhões *(1992, Min. Faz./Sec. do Tesouro Nacional)*.

• **Transportes: Rodovias:** 2,5 mil km (federais); 6 mil km (estaduais); 97,2 mil km (municipais) (1992); **nº de veículos:** 1,1 milhão (1992). **Ferrovias:** 1,3 mil km (1992).

• **Terminais telefônicos:** 315.841 (1993).

• **Governo: Governador:** Pedro Kleinübing (PFL). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 16. **Deputados estaduais:** 40. **Partidos na Assembéia:** PFL, PRN PDT, PL, PPR, PT, PMDB, PSDB. **Eleitores:** 2.988.951 (1993).

FLORIANÓPOLIS

• **Habitante:** florianopolitano. **Área:** 440,4 km². **Limites:** Biguaçu (N); oceano Atlântico (L); São José (S e O). **Altitude:** 25 m. **Distância de Brasília:** 1.673 km.

• **População:** 191.664; **área metropolitana:** 254.941; **mulheres:** 52,21%; **homens:** 47,79% (1991).

• **Saúde: Estabelecimentos:** 59 (1993). **Leitos hospitalares:** 1.526 (1990).

• **Educação:** 25,01% do orçamento (1993). **Ensino fundamental:** 117 escolas; 52.957 matrículas (1991).

• **Economia:** serviços, turismo, construção civil, comércio. **Indústria:** informática, têxtil, construção civil. **Comércio varejista:** 6.471 estabelecimentos (1992). **Agências**

bancárias: 66 (1992). **Orçamento: receita:** US$ 50,7 milhões; **despesa realizada:** US$ 57,1 milhões *(1992, Min. Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** **Nº de ônibus urbanos:** 311; **linhas especiais:** 2 (1993).

• **Comunicações:** **Emissoras de rádio:** 4 (AM); 6 (FM). **Emissoras de TV:** 4 (VHF). **Jornais:** 2 diários (1993). **Telex:** 451 (1993). **Terminais telefônicos:** 66.422 (1993). **Código DDD:** 0482.

• **Governo:** **Prefeito:** Sérgio Grando (PPS). **Vereadores:** 21. **Partidos na Câmara:** PFL, PMDB, PT, PSDB, PPR,PDT. **Eleitores:** 175.441 (1993).

Formação histórica

Em 1534, é doada a Pero Lopes de Sousa por d. João III. Em 1658, é fundado o povoado de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco, seguido pelo de Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis.

Em 1738, é criada a capitania de Santa Catarina, tendo início a instalação de um sistema de defesa e um povoamento controlado, com a imigração de açorianos. Conquistada em 1777 pelos espanhóis, a região é devolvida aos portugueses no ano seguinte pelo Tratado de Santo Ildefonso. As lutas políticas são freqüentes: a Revolução Farroupilha estende-se até a região onde, em 1839, é proclamada a República Juliana. A Revolução Federalista e a Guerra do Contestado são duramente reprimidas pelas tropas federais. Na segunda metade do séc. XIX, recebe levas de imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos.

Fatos do ano

O Ministério Público estadual requer à Justiça em jun. que decrete a inconstitucionalidade da ajuda de custo concedida a deputados estaduais. Sob o pretexto de indenizar os parlamentares pelo uso de seus carros particulares a serviço da Casa, a Assembléia Legislativa pagava, mensalmente, Cr$ 70 milhões a cada dep. Assim que o ato é contestado, a Assembléia suspende o auxílio. Mas, em set., reforça os vencimentos dos dep. com CR$ 53.000 mensais, a título de auxílio moradia. Só quatro parlamentares devolvem as quantias recebidas.

O dinheiro que parece sobrar na Assembléia Legislativa falta na administração estadual. Na área da saúde, os servidores estaduais entram em greve em 13/9, pedindo aumento do piso salarial. Os hospitais particulares e o Hospital Universitário, federal, ficam superlotados e pacientes são atendidos até nos corredores, por falta de espaço. Após dois meses, o governo concede aumento de 90%. Professores estaduais também querem melhores condições de trabalho e correção mensal de salários e entram em greve de 38 dias, sem conseguir o que queriam. Melhores salários é ainda o slogan da campanha da Polícia Civil, que, depois de negociações frustradas com o governo, entra em greve em 28/9: paralisa alguns setores e o policiamento atende apenas os casos mais graves. O governo concede 90% de aumento a partir de 1º/11 e equiparação salarial aos procuradores do Estado, mais gratificação extra de 35% em dez., como pagamento pelas horas extras exigidas pela Operação Verão.

Até os doze banqueiros do bicho catarinense fazem greve no início do ano, em protesto contra a repressão policial: durante cinqüenta dias, todos os pontos de apostas permanecem fechados. Sessenta mil pessoas trabalham para a contravenção em Santa Catarina. Bem relacionados, os bicheiros recorrem a políticos para intermediarem negociações com o governo. Em 2/3, os dep. estaduais Gilmar Knaesel (PPR), Gilson dos Santos (PPR), Onofre Agostini (PFL), Mário Cavalazzi (PRN), Antônio Ceron (PL) e Marcelo Rego (PDC) reúnem-se com o gov. e com a cúpula da Associação dos Delegados de Polícia para discutir a questão. Em 7/3, os bicheiros retomam as apostas, depois de um acordo cujos termos não são divulgados.

CPI no Detran – Em 31/7 surgem denúncias de irregularidades no sistema de recadastramento de veículos no Estado. O Detran contrata a Associação dos Despachantes de Santa Catarina para atualizar seus cadastros. A Associação, por sua vez, aluga microcomputadores da empresa de informática Bludata. Os despachantes cobram dos donos de veículos uma taxa especial para fazer o recadastramento. Essa cobrança irregular provoca protestos e repercute na Assembléia Legislativa, que instala uma CPI. Em set., a promotoria de Justiça aconselha o Detran a cancelar o contrato com a Associação. A CPI investiga o destino do dinheiro pago pelos proprietários de automóveis, estimado em US$ 220 mil por mês. O prazo para o fim dos trabalhos da comissão é fev. de 1994.

SÃO PAULO (SP)

• **Capital:** São Paulo. **Habitante:** paulista.

• **Situação geográfica:** sudeste da região Sudeste. **Área:** 248.255,7 km². **Limites:** Minas Gerais (N e NE); Rio de Janeiro (NE); oceano Atlântico (L); Paraná (S); Mato Grosso do Sul (O). **Características:** planície estreita limitada a O pela serra do Mar, com rios e mangues (litoral); planaltos nas demais regiões. **Ponto mais elevado:** pico dos Marins, 2.422 m (NO). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 625 (1993). **Cidades principais:** São Paulo (9.626.894 hab.); Campinas (776.943); Osasco (566.949); Guarulhos (556.152); São Bernardo do Campo (550.030); Santo André (518.272); Ribeirão Preto (421.498); Santos (417.052); São José dos Campos (395.539); Sorocaba (351.564); Diadema (305.068); Jundiaí (288.644). **Rios principais:** Tietê, Paranapanema, Grande, Turvo, Pardo, do Peixe, Paraíba do Sul, Piracicaba. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 31.546.473 (1991); **urbana:** 92,79%; **rural:** 7,21% (1991); **mulheres:** 50,57%; **homens:** 49,43% (1991). **Colonização:** portugueses, índios, imigrantes europeus e orientais. **Densidade demográfica (hab./km²):** 127,55 (1991). **Nascimentos registrados:** 678.675 (1991). **Mortalidade:** 6,19 por 1.000 hab. (1991); **mortalidade infantil:** 26,51 por 1.000 (1991). **Vida média (anos):** 69,2 (1989).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 119.632 (1992); **médicos:** 62.300 (1993).

• **Educação:** 10,26% do orçamento (ensino básico); 8,11% (universidades e fundações) (1992). **Analfabetos:** 12,37% (1990). **Ensino fundamental:** 17.813 escolas; 6.030.298 matrículas. **Ensino médio:** 2.527 escolas; 941.935 matrículas (1992). **Ensino superior:** 309 escolas; 505.685 matrículas (1991).

• **Economia:** agricultura, pecuária, comércio, serviços, indústria. **Agricultura:** cana-de-açúcar (154,2 milhões de t); laranja (11,5 milhões de t); milho (3,5 milhões de t); soja (998,4 mil t); banana (952,1 mil t); tomate (688,9 mil t); mandioca (581,4 mil t); batata (458,8 mil t); feijão (316,2 mil

t); algodão (229,6 mil t); café (218,4 mil t) (safra 1992/93). **Pecuária e criações:** bovinos (11,8 milhões); suínos (1,8 milhão); aves (108 milhões) (1992). **Minérios:** calcário (11,3 milhões de t); caulim (753 mil t); dolomita (514 mil t); quartzito (457 mil t); ferro (523 mil t); talco (30,2 mil t); feldspato (14,8 mil t); manganês (6 mil t); chumbo (5,3 mil t); alumínio (5,3 mil t); diamante (4 mil t); cobre (745 t) (1990). **Indústria:** material de transporte, metalúrgica, mecânica, alimentícia, material elétrico, vestuário, têxtil, química, minerais não metálicos. **Energia elétrica: produção:** 53,3 bilhões de kwh; **consumo:** 73,2 bilhões de kwh (1992). **Orçamento: receita:** US$ 14,7 bilhões; **despesa realizada:** US$ 17,6 bilhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 3,8 bilhões *(1992, Min. Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Rodovias:** 1,2 mil km (federais); 10,4 mil km (estaduais) pavimentados; 20 mil km não pavimentados (1993); 173,9 mil km (municipais) (1992); **nº de veículos:** 8,1 milhões (1993). **Ferrovias:** 5,3 mil km (1990).

• **Terminais telefônicos:** 3.570.596 (1993).

• **Governo: Governador:** Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB). **Partidos na Assembléia:** PMDB, PTB, PT, PFL, PSD, PSDB, PPR, PC do B, PDT, PSB. **Eleitores:** 19.838.983 (1993).

SÃO PAULO

• **Habitante:** paulistano.

• **Situação geográfica: Área:** 1.493 km². **Limites:** Cajamar, Caieiras, Mairiporã (N); Itaquaquecetuba, Poá, Ferraz de Vasconcelos (L); Mauá, Santo André, São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo, Diadema (SE); Itanhaém, São Vicente (S); Embu-Guaçu, Juquitiba (SO); Itapecerica da Serra, Embu, Taboão da Serra, Cotia, Osasco, Santana do Parnaíba (O). **Região metropolitana:** Arujá, Barueri, Biritiba-Mirim, Caieiras, Cajamar, Carapicuíba, Cotia, Diadema, Embu, Embu-Guaçu, Ferraz de Vasconcelos, Francisco Morato, Franco da Rocha, Guararema, Guarulhos, Itapecerica da Serra, Itapevi, Itaquaquecetuba, Jandira, Juquitiba, Mairiporã, Mauá, Moji das Cruzes, Osasco, Pirapora do Bom Jesus, Poá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Salesópolis, Santa Isabel, Santana de Parnaíba, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Paulo, Suzano, Taboão da Serra, Vargem Grande Paulista. **Altitude:** 760 m. **Distância de Brasília:** 1.015 km.

• **População:** 9.626.894; **mulheres:** 51,76%; **homens:** 48,24% (1991).

• **Saúde: Estabelecimentos:** 594 (1990). **Leitos hospitalares:** 28.878 (1990).

• **Educação:** 12% do orçamento destinado ao ensino (1993). **Ensino fundamental:** 2.009 escolas; 1.861.098 matrículas (1992).

• **Economia:** indústria, comércio, serviços. **Agricultura:** couve (20,1 mil t); repolho (6 mil t); chicória (4,7 mil t); chuchu (44 mil t); espinafre (2,4 mil t); couve-flor (1,5 mil t); cenoura (1,2 mil t); gengibre (1,2 mil t); tomate (930 t); batata (900 t); cebolinha (600 t) (safra 1992/93). **Indústria:** material elétrico, metalúrgica, alimentícia, mecânica, vestuário, têxtil, material de transporte, química, plásticos, gráfica, papel e papelão, borracha. **Comércio atacadista e varejista:** 251.409 estabelecimentos (1993). **Agências bancárias:** 1.520 (1991). **Orçamento: receita:** US$ 2,7 bilhões; **despesa realizada:** US$ 3,1 bilhões *(1992, Min. Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes: Nº de ônibus urbanos:** 10.895; **linhas especiais:** 11. **Metrô:** 43,6 km. **Trens urbanos:** 265 km (1993).

• **Comunicações: Emissoras de rádio:** 12 (AM); 15 (FM). **Emissoras de TV:** 7 (VHF); 2 (UHF); 2 por assinatura. **Jornais:** 16 diários. **Telex:** 44.375. **Terminais telefônicos:** 1.894.948 (1993). **Código DDD:** 011.

• **Governo: Prefeito:** Paulo Salim Maluf (PPR). **Vereadores:** 55. **Partidos na Câmara:** PPR, PMDB, PT, PSDB, PTB, PL, PSB, PC do B, PV. **Eleitores:** 6.151.393 (1993).

Formação histórica

A colonização começa em 1532, com a fundação da vila de São Vicente. Em 1554, um grupo de jesuítas inaugura o Colégio de São Paulo, núcleo da atual cidade de São Paulo. No séc. XVII, devido ao isolamento da região, os paulistas organizam as bandeiras, que percorrem o interior em busca de mão-de-obra indígena e ouro. A economia baseia-se na agropecuária de subsistência até o séc. XIX, quando a cultura cafeeira possibilita um surto de desenvolvimento. O capital acumulado nessa fase e a ótima capacitação dos imigrantes europeus promovem o crescimento industrial. No início do século, São Paulo domina a máquina eleitoral brasileira junto com Minas Gerais: é a chamada política do café-com-leite. A Revolução de 1930 coloca fim à liderança da oligarquia cafeeira, que promove a Revolução Constitucionalista de 1932, mas é derrotada.

Fatos do ano

A atividade industrial aumenta 15,9% no primeiro semestre, o número de falências cai 45% e os empreendimentos imobiliários crescem 128%, de jan. a mai., em comparação aos mesmos períodos em 1992. O faturamento do comércio varejista no primeiro semestre é 5,57% menor que nos seis primeiros meses de 1992. O desemprego na Grande São Paulo atinge em abr. 16,10% da população economicamente ativa. Mais de 300 mil pessoas vivem nas ruas e outras 3 milhões em favelas e cortiços, na cidade de São Paulo.

Setores vitais, como a saúde e a educação, ainda sofrem as conseqüências da falta de investimentos e de má administração. Em mai., uma greve atinge 31 dos 42 hospitais estaduais e 65 mil dos 88 mil funcionários da área paralisam suas atividades. São mantidos apenas os serviços de emergência e 75 mil pessoas deixam de ser atendidas por dia. Na primeira semana do movimento, o governo demite 147 grevistas. Em 25/5, depois de 36 dias de greve, os servidores conseguem a readmissão dos demitidos e voltam ao trabalho. A crise leva o sec. da Saúde, Vicente Amato Neto, a deixar o cargo em 14/7. O gov. Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB) responsabiliza o governo federal pelo problema, alegando que, em jun., houve corte e atraso no repasse das verbas destinadas à saúde. Em abr., o Estado abriga 59,8% de todos os casos de AIDS do país – metade deles na capital. Até a cólera continua fazendo vítimas. De jan. a jul., vinte pessoas são contaminadas; três delas morrem.

A falta de recursos também traz prejuízos à área de educação. Em 18/8, 90% dos professores da rede estadual entram em greve. As negociações se complicam e, em 1º/9, o sec. da Educação, Fernando Morais, deixa o governo. Em 17/9 a PM incendeia as barracas do acampamento montado pelos professores em frente à Secretaria e espanca os que tentam impedir o incêndio. Em 21/10, cerca de quatrocentos professores invadem e se instalam na Assembléia Legislativa. Em 9/11, depois de

79 dias de greve, a categoria encerra o movimento, aceitando a proposta do governo de repassar 55% do aumento da arrecadação do ICM de nov. e dez. e de fazer reposições quadrimestrais a partir de mar. de 1994.

O poder investigado – Em 5/6, a PF retoma as investigações sobre o caso Israel. Em 1988, quando Orestes Quércia (PMDB) era gov. de São Paulo e o atual gov. Fleury ocupava a Secretaria de Segurança Pública, o governo estadual comprou de Israel, sem licitação, US$ 310 milhões em equipamentos para a polícia e para as universidades estaduais. Há suspeita de superfaturamento no negócio. Em 13/7, o Superior Tribunal de Justiça intima Quércia e Fleury a depor, em virtude dos "veementes indícios" da participação dos dois no caso. Esse não é o único problema entre Quércia e a Justiça. Uma devassa nas contas de duas de suas empresas, a Rio Construtora e Agropecuária e a Braq Imóveis Vendas e Administração, revela sonegação fiscal e o não repasse, ao Tesouro, do INSS recolhido dos funcionários. O engenheiro Alfredo Almeida Jr. também está na mira da lei. Ele presidiu a Eletropaulo na gestão Quércia e a Sabesp na administração Fleury, e é acusado de favorecer empresas em licitações das duas estatais. Em sua conta bancária foram depositados US$ 1,7 milhão entre dez. de 1988 e abr. de 1991.

A PF investiga também a Paubrasil, do pianista João Carlos Martins, ex-sec. estadual da Cultura. Em 16/7, uma blitz da Receita Federal na sede da empresa encontra indícios de que a Paubrasil arrecadou contribuições de empreiteiras para a campanha de Paulo Maluf (PPR) à prefeitura de São Paulo em 1992. Em nov., um rastreamento feito pelo Banco Central revela que a firma emitiu cheques nominais para a coligação Boa Sorte São Paulo, que elegeu Maluf. O pref., contudo, se prepara para o pleito de 1994 como se nada houvesse contra ele e visita Estados do Norte e Nordeste e investe US$ 600 milhões em 230 obras na capital. Em 10/2, fiscais da prefeitura e camelôs se enfrentam no viaduto do Chá, no centro de São Paulo, e oitenta pessoas saem feridas. Em 27/7, Maluf afasta João Mellão Neto da Secretaria da Habitação por desentendimentos com os sem-teto. Raul Cutait é demitido da Secretaria da Saúde por não atender indicações políticas para preencher cargos. Em 19/8, Maluf veta da Lei Orçamentária Municipal os artigos que regulam os gastos com publicidade.

Cidade violenta – Estatísticas da Polícia Militar revelam que, no primeiro semestre de 1993, a polícia apreende mais de 8.200 armas, detém 9.569 menores infratores e 4.527 pessoas por porte de drogas. No mesmo período, 103 pessoas são mortas por ladrões, além dos 2.302 assassinatos, 69.006 furtos, 32.667 roubos, 42.108 furtos e roubos de veículos e 196 assaltos a bancos. Nos presídios a situação não é melhor: em seis meses houve 264 fugas e 87 rebeliões. Até mai., a PM mata 134 pessoas, 439 a menos do que em igual período do ano anterior.

Em 30/1, é seqüestrada Darcy de Moraes, cunhada de um dos maiores empresários do país, Olacyr de Moraes, que se recusa a negociar com os bandidos. Em 8/2, Darcy é resgatada pela polícia. Em 8/6, o médico Bruno César Pascini notifica a polícia do seqüestro de sua mulher, Gisele Balesteros Ribeiro Pascini. A polícia encontra o corpo de Gisele em 10/6. O marido, médico de vários políticos, entre eles o gov. Fleury, é suspeito da morte da mulher. Em 30/7, a polícia descobre que o diploma de Bruno é falso e o prende por exercício ilegal da medicina.

O traficante Abidiel Pinto Rabelo, irmão do dep. federal cassado, Jabes Rabelo (PTB), foge da prisão, em São Paulo, em 23/7. Ele é libertado por dez homens armados, que enfrentam a escolta de policiais que o acompanha numa consulta ao dentista, fora da penitenciária. Em 13/12, o traficante é preso em Campo Grande (MS).

Em 29/9, a Justiça condena o investigador Celso José da Cruz a 516 anos de reclusão. Em 1989, como punição por uma tentativa de fuga, ele encarcera cinqüenta presos numa cela de 4,5 m². Duas horas depois, dezoito estão mortos por sufocamento e 32 agonizantes.

As fazendas Ribeirão dos Bugres e Jangada, no município de Getulina, na região noroeste de São Paulo, são ocupadas, em 9/10, por quase 2 mil famílias de sem-terra. Os proprietários recorrem à Justiça, que lhes dá ganho de causa e determina que os lavradores deixem a área. Começa uma negociação entre o governo estadual e representantes dos sem-terra mas, à falta de um acordo, em 9/11 a PM recebe ordens de entrar na área e expulsar os invasores. Cerca de cinqüenta pessoas ficam feridas no choque com os policiais. Alguns dias depois, em 24/11, o Incra divulga um laudo declarando a fazenda Jangada improdutiva e ela é incluída na lista de propriedades a serem desapropriadas pelo governo federal para fins de reforma agrária.

Meio ambiente – Em fev., o Ibama multa a Cesp em US$ 250 milhões por danos causados à ecologia com a construção da Usina Três Irmãos, em Pereira Barreto. As obras destruíram 6.000 ha de mata nativa e mataram animais em extinção.

Começam em mar. as obras de despoluição do rio Tietê, um projeto conjunto do governo estadual e do Banco Interamericano do Desenvolvimento, estimado em US$ 900 milhões. Por determinação da Constituição estadual, no início de jun. as águas poluídas dos rios Pinheiros e Tietê deixam de ser bombeadas para a represa Billings. O objetivo é melhorar a qualidade do abastecimento das cidades da Grande São Paulo. Mas o nível de água na represa baixa e, em 26/6, indústrias de Cubatão, na Baixada Santista, param suas atividades e ameaçam fechar as portas, alegando que, sem a água da Billings, não têm como resfriar suas caldeiras. Em 30/6, a Secretaria Estadual do Meio Ambiente atende as empresas – e os rios voltam a desaguar na represa 1.100 toneladas de esgoto.

SERGIPE (SE)

• **Capital:** Aracaju. **Habitante:** sergipano.

• **Situação geográfica:** leste da região Nordeste. **Área:** 21.862,6 km². **Limites:** Alagoas (N); oceano Atlântico (L); Bahia (S e O). **Características:** terrenos baixos e várzeas (litoral); planícies (N); planalto semi-árido (NO). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 75. **Cidades principais:** Aracaju (401.244 hab.); Lagarto (72.366); Socorro (68.474); Itabaiana (64.357); Estância (53.849) (1991). **Rios principais:** São Francisco, Vaza Barris, Sergipe, Japaratuba, Piauí, Real. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 1.491.867; **urbana:** 62,40%; **rural:** 37,60%; **mulheres:** 51,04%; **homens:** 48,96% (1991). **Colonização:** portugueses, índios. **Densidade demográfica (hab./km²):** 68,24 (1991). **Nascimentos registrados:** 43.146 (1990). **Mortalidade:** 5,46 por 1.000 hab. (1988); **mortalidade infantil:** 60,7 por 1.000 (1987). **Fertilidade:** 6 (1980). **Vida média (anos):** 53,3 (1988).

• **Saúde: Leitos hospitalares:** 3.803 (1990); **médicos:** 1.745 (1992).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 43,6% (1990). **Ensino fundamental:** 2.046 escolas; 364.908 matrículas. **Ensino médio:** 91 escolas; 33.285 matrículas (1992). **Ensino superior:** 3 escolas; 9.573 matrículas (1991).

• **Economia:** extrativismo, agricultura, agroindústria, pecuária. **Agricultura:** laranja (3,7 milhões de frutos); cana-de-açúcar (1,7 milhão de t); coco (85,6 milhões de frutos) (1992). **Pecuária e criações:** bovinos (1,03 milhão); ovinos (201,6 mil); suínos (96,4 mil); eqüinos (82,6 mil); aves (2,9 milhões) (1990). **Minérios:** petróleo (2,3 milhões de m³); gás natural (798 milhões de m³) (1992). **Indústria:** extração mineral, transformação, construção civil. **Energia elétrica:** não produz; **consumo:** 1,4 milhão de kwh (1992). **Orçamento: receita:** US$ 377 milhões; **despesa realizada:** US$ 378 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$

54 milhões *(1992, Min. Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** Rodovias: 321 km (federais); 2,2 mi km (estaduais); 6,5 mil km (municipais) (1990); nº de veículos: 42,7 (1992). Ferrovias: 286 km (1992).

• **Terminais telefônicos:** 62.494 (1992).

• **Governo:** Governador: João Alves Filho (PFL). Senadores: 3. Deputados federais: 8. Deputados estaduais: 24. Partidos na Assembléia: PFL, PMDB, PPR, PT, PP, PTB. Eleitores: 903.449 (1992).

ARACAJU

• **Habitante:** aracajuano ou aracajuense.

• **Situação geográfica:** Área: 176 km². Limites: Socorro (NO, O); oceano Atlântico, Barra dos Cordeiros (L); São Cristóvão (S). Altitude: 2 m. Distância de Brasília: 1.737 km.

• **População:** 401.244; mulheres: 53,16%; homens: 46,84% (1991).

• **Saúde:** Estabelecimentos: 83. Leitos hospitalares: 2.358 (1990).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). Ensino fundamental: 186 escolas; 102.519 matrículas (1991).

• **Economia:** indústria, comércio. Indústria: construção civil, têxtil, editorial e gráfica. Comércio varejista: 270 estabelecimentos (1992). Agências bancárias: 80 (1992). Orçamento: receita: US$ 45,6 milhões; despesa realizada: US$ 50,3 milhões *(1992, Min. Faz./Sec. do Tesouro Nacional).*

• **Transportes:** Nº de ônibus urbanos: 270; linhas especiais: 8 (1993).

• **Comunicações:** Emissoras de rádio: 5 (AM); 6 (FM). Emissoras de TV: 4 (VHF). Jornais: 3 diários (1993). Telex: 412 (1993). Terminais telefônicos: 46.496 (1993). Código DDD: 079.

• **Governo:** Prefeito: Jackson Barreto (PDT). Vereadores: 21. Partidos na Câmara: PDT, PT, PFL, PL, PMDB, PSDB, PC do B, PTB, PP. Eleitores: 217.949 (1992).

Formação histórica

A colonização só é possível depois da tomada, em 1590, das aldeias indígenas hostis à ocupação. A fundação do Arraial de São Cristóvão, sede da capitania de Sergipe del-Rey, torna a região importante pólo de criação de gado e plantação de cana-de-açúcar. As invasões holandesas prejudicam a economia, recuperada com a volta dos portugueses, que retomam as antigas atividades. Em 1763, é anexado à Bahia e torna-se responsável por um terço da produção açucareira baiana. Volta a ser autônoma em 1820, por decreto de d. João VI. Com o fim do ciclo do açúcar, ocorre um aumento considerável na produção de algodão em conseqüência da Guerra da Secessão, nos EUA. No início da República, sedia diversos movimentos rebeldes que disputam a hegemonia política local.

Fatos do ano

No final de mar., centenas de retirantes chegam a Aracaju e se abrigam em praças públicas, debaixo de marquises e pontes, ou em favelas. Desde ago. de 1992 não chove no sertão sergipano. Em mar., a Defesa Civil informa que toda a safra de milho e de feijão está perdida e a Associação dos Criadores anuncia a morte de mais de 30% do rebanho bovino. Dos 32 municípios mais atingidos pela longa seca, 11 deles vivem em situação de calamidade pública. Só no final do semestre o governo consegue ajuda federal para empregar 13 mil trabalhadores nas frentes de emergência. Pelo menos 25 mil flagelados ficam fora do programa e não têm como sustentar suas famílias.

Apesar de não ter verbas para gastar com a seca, o governo estadual investe pesado em alguns projetos. É o caso do Pólo Cloroquímico, onde indústrias aproveitarão as reservas minerais de gás natural, sal-gema, potássio e enxofre existentes no subsolo sergipano. Em jul., o gov. João Alves Filho (PFL) passa dez dias no exterior em busca de financiamentos para o Pólo. O gov. também se empenha na instalação dos projetos de agricultura irrigada. O mais importante deles é o de Platô de Neópolis – 7.200 ha na região do Baixo São Francisco, destinados à produção de manga, acerola, mamão, maracujá, abacaxi e uva para exportação. A estimativa é de que os impostos arrecadados em Neópolis despejem no Tesouro estadual cerca de US$ 8 milhões por ano. Quinze mil empregos diretos devem ser criados no Platô.

Confiante nas atrações turísticas do Estado, Alves investe US$ 8 mil na construção da rodovia das Dunas, uma estrada litorânea que reduz 100 km na distância entre Aracaju e Salvador. A nova rodovia, projetada pelo escritório do urbanista e ex-prefeito de Curitiba Jaime Lerner (PDT), passa por área de grande beleza natural e deve ser concluída em 1994.

Tentando conter os gastos, em abr., a Secretaria Estadual da Saúde reduz o número de requisições de exames laboratoriais, limitando-os a trinta por mês e por médico. Como cada um atende uma média de quinze pessoas por dia, as requisições se esgotam no início do mês e boa parte dos pacientes fica sem os exames necessários ao diagnóstico e tratamento de suas doenças. Em set., a Secretaria registra 721 casos de cólera, com oito mortes. A coordenadora da Campanha de Prevenção da Cólera, Noélia Soares dos Santos, prevê que a doença permanecerá ainda por muitos anos em Sergipe, de forma endêmica e sem surtos. Segundo ela, as causas da endemia seriam o fluxo de pessoas contaminadas vindas de outros Estados, a desinformação da população e a falta de saneamento básico.

O prefeito de Aracaju, Jackson Barreto (PDT), agita a política sergipana em ago., ao lançar-se candidato ao governo do Estado. Em jul., quando o Ibope divulga uma pesquisa que lhe dá uma vantagem de 85 mil votos sobre o sen. Albano Franco (sem partido), Barreto intensifica as viagens pelo interior.

Em 20/10 o nome do gov. João Alves é envolvido no escândalo da Comissão de Orçamento do Congresso: homônimo do dep. João Alves, o principal acusado na CPI, ele é citado pelo economista José Carlos dos Santos numa entrevista à revista *Veja,* como um dos três governadores que articulavam as negociatas com o parlamentar baiano. O gov. considera as denúncias "levianas e irresponsáveis" e pergunta se é crime procurar integrantes da Comissão de Orçamento para pleitear recursos para o seu Estado.

Os índios xocós reconquistam parte das terras que pertenceram a seus antepassados, no município de Porto da Folha, às margens do rio São Francisco. Um decreto assinado em mai. pelo presidente Itamar Franco dá aos xocós direito à posse definitiva de 500 dos 4.220 ha que eles reivindicam.

TOCANTINS (TO)

• **Capital:** Palmas. **Habitante:** tocantinense.

• **Situação geográfica:** sudeste da região Norte. **Área:** 277.321,9 km². **Limites:** Maranhão (N e NE); Piauí e Bahia (L); Goiás (S); Mato Grosso (SO); Pará (NO). **Características:** planaltos (chapadas ao N e espigão Mestre a L); planície do médio Araguaia, incluindo a ilha do Bananal (SO). **Clima:** tropical. **Nº de municípios:** 123 (1993). **Cidades principais:** Araguaína (91.699 hab.); Gurupi (54.417); Porto Nacional (43.225); Palmas (8.095) (1991). **Rios principais:** Tocantins, Araguaia, do Sono, das Balsas, Paraná. **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **População:** 920.116; **urbana:** 57,68%; **rural:** 42,32%; **mulheres:** 48,84%; **homens:** 51,16% (1991). **Colonização:** portugueses e bandeirantes paulistas. **Densidade demográfica** (hab./km²): 3,32 (1991). **Nascimentos registrados:** 10.611(1992). **Mortalidade:** 2,72 por 1.000 hab. (1992); **mortalidade infantil:** 31,67 por 1.000 (1992).

• **Saúde:** **Leitos hospitalares:** 2.966; **médicos:** 398 (1992).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Analfabetos:** 55% (1989). **Ensino fundamental:** 3.134 escolas; 251.252 matrículas. **Ensino médio:** 98 escolas; 19.306 matrículas (1992). **Ensino superior:** 2 escolas; 1.186 matrículas (1991).

• **Economia:** comércio, agricultura, pecuária. **Agricultura:** arroz (70 mil t); milho (24,4 mil t); feijão (2,2 mil t); soja (10,3 mil t) (1992). **Pecuária e criações:** bovinos (4,5 milhões); suínos (500,5 mil); caprinos (40,6 mil); ovinos (42,4 mil) (1989). **Minérios:** calcário (169,6 mil t); brita (297 m³); gipsita (6 mil t); argila (77,1 milhões de t); ouro (240 kg) (1992). **Indústria:** alimentícia, madeireira, construção civil, metalúrgica, confecção. **Energia elétrica: produção:** 129,4 milhões de kwh; **consumo:** 279 milhões de kwh (1993). **Orçamento:** receita: US$ 300,3 milhões; **despesa realizada:** US$ 319,1 milhões. **Arrecadação do ICMS:** US$ 25 milhões (*1992, Min. Faz./Sec. do Tesouro Nacional*).

• **Transportes:** **Rodovias:** 913 km (federais); 6,4 mil km (estaduais); 15,8 mil km (municipais) (1993); **nº de veículos:** 24,2 mil (1993). **Ferrovias:** não há.

• **Terminais telefônicos:** 19.962 (1993).

• **Governo:** **Governador:** Moisés Nogueira Avelino (PMDB). **Senadores:** 3. **Deputados federais:** 8. **Deputados estaduais:** 24. **Partidos na Assembléia:** PMDB, PP, PFL, PSB. **Eleitores:** 621.900 (1992).

PALMAS

• **Habitante:** palmense.

• **Situação geográfica:** **Área:** 2.752,2 km². **Limites:** Tocantínea (N); Paraíso do Tocantins (L); Porto Nacional, Monte Carmo (S); Aparecida do Rio Negro (O). **Altitude:** 260 m. **Distância de Brasília:** 973 km.

• **População:** 8.095; **área metropolitana:** 24.261 **mulheres:** 44,84%; **homens:** 55,16% (1991).

• **Saúde:** **Estabelecimentos:** 5. **Leitos hospitalares:** 132 (1992).

• **Educação:** 25% do orçamento (1993). **Ensino fundamental:** 40 escolas; 5.820 matrículas (1993).

• **Economia:** comércio, construção civil, indústria, pecuária, agricultura. **Indústria:** cerâmica, artefatos de cimento, metalúrgica. **Comércio varejista:** 2.229 estabelecimentos (1992). **Agências bancárias:** 9 (1993). **Orçamento: receita:** US$ 21,2 milhões; **despesa realizada:** US$ 28 milhões (*1992, Min. Faz./Sec. do Tesouro Nacional*).

• **Transportes:** **Nº de ônibus urbanos:** 57 (1993).

• **Comunicações:** **Emissoras de TV:** 5 (VHF) (1993). **Telex:** 38 (1993). **Terminais telefônicos:** 2.497 (1993). **Código DDD:** 063.

• **Governo:** **Prefeito:** José Eduardo Siqueira Campos (PPR). **Vereadores:** 9. **Partidos na Câmara:** PDT, PMDB, PPR. **Eleitores:** 22.116 (1992).

Formação histórica

Desde o séc. XIX a idéia de separar as porções norte e sul de Goiás já alimentava movimentos populares. Em 1821, uma revolta separatista eclode ao norte de Goiás. Em protesto contra o isolamento da região, promovido pelo rei d. João VI, o desembargador Joaquim Teotônio Segurado proclama o governo autônomo de Tocantins. A revolta é dominada por Caetano Maria Gama, primeiro presidente da província, nomeado por d. Pedro I em 1824. No início do século, a idéia é retomada, mas, só a partir da década de 70 passa a ser seriamente discutida no Congresso. Criado por determinação da Assembléia Nacional Constituinte, em 1988, é o mais novo Estado brasileiro, formado com o desmembramento de 277.321,9 km² que pertenciam ao Estado de Goiás.

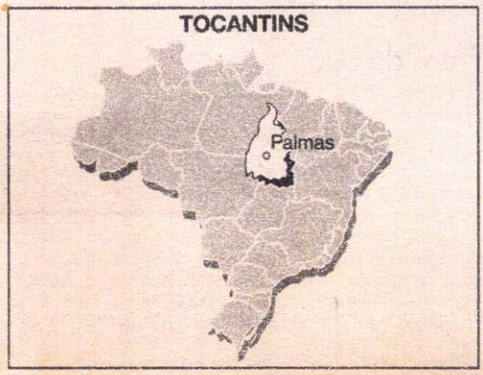
Fatos do ano

Só em ago. o Estado conclui seu Plano Estratégico de Desenvolvimento, apresentado durante um fórum em Brasília. O plano privilegia a agricultura. Para a produção e o transporte de alimentos estão previstos investimentos de US$ 110 milhões. Com base na estimativa dos ganhos a serem obtidos nas próximas safras, o gov. acredita saldar a dívida em três anos. Essa verba será a alavanca para o uso racional de 15 milhões de ha de terras agricultáveis e a modernização do sistema de transporte, principalmente da hidrovia Tocantins-Araguaia.

O ano letivo começa em abr. porque não há carteiras escolares para todos os alunos. Os estudantes do 3º grau são brindados com a criação, em 27/4, da Universidade Municipal de Palmas, com seis cursos de graduação na área de Ciências Humanas. Preocupada com o meio ambiente, em 22/2 a prefeitura de Palmas embarga obras da penitenciária: a área onde a construção está sendo erguida é de preservação ambiental. Os presos são mantidos em instalações inseguras e, em 25/5, três deles fogem.

Dois hospitais públicos, um em Palmas e outro em Porto Nacional, não são concluídos por falta de verbas, apesar de o INSS ter repassado cerca de US$ 2 milhões para as obras. Dados do instituto comprovam que o dinheiro foi enviado entre nov. de 1990 e mar. de 1991. O gov. Moisés Avelino (PMDB) e o ex-gov. Siqueira Campos (PPR) trocam acusações. CPI, aberta em ago., descobre que a empreiteira Estacom recebeu, dos dois governos, o equivalente a 30% das obras e só realizou 3%. Em nov., é pedida a quebra do sigilo bancário do ex-gov., mas o Banco Central alega que a autorização deve partir do Congresso. A conclusão dos trabalhos da CPI é prorrogada até fev. de 1994.

A Receita Federal começa a se organizar no Estado e tem arroladas 6.350 empresas que quer fiscalizar de perto, para evitar sonegação. Na caça aos infratores, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) anuncia que seis armazéns devem à companhia. Um deles pertence ao sen. Moisés Abrão (PPR) e outro ao dep. estadual Derval de Paiva (PMDB).



MUNDO

Um retrato do planeta Terra desde sua formação, há 4,5 bilhões de anos, até os últimos fatos ocorridos em 1993, com dados atualizados das 191 nações e 45 territórios do mundo contemporâneo. No miniatlas, mapas e bandeiras de todos os países.

GEOGRAFIA

O planeta Terra surgiu há cerca de 4,5 bilhões de anos, junto com o Sol e todos os outros planetas do sistema solar. Visto do espaço, tem o aspecto de um globo azulado, efeito da difração da luz do sol pela atmosfera. A maior parte da superfície, 70%, é coberta por águas – 97% concentradas em mares e oceanos. As águas doces dos rios, lagos e lençóis freáticos representam apenas 3% de toda a massa líquida do planeta, que é de 113 trilhões de metros cúbicos. A profundidade média nos oceanos é de 3.795 m, mas o relevo submarino não é homogêneo. Apresenta desde grandes cadeias de montanhas com picos superiores a 3.000 m até depressões profundas como as fossas abissais. A maior delas fica nas ilhas Marianas, no oceano Pacífico, a 11.033 m abaixo da superfície.

As terras firmes, que compõem 30% da superfície, são distribuídas em continentes e ilhas. Sua altura média é de 840 m. O ponto mais elevado é o monte Everest, com 8.848 m. O mais baixo está no mar Morto, um mar interior, a 394 m abaixo do nível do oceano.

Estrutura – O globo terrestre apresenta três camadas concêntricas: a crosta, o manto e o núcleo. Os continentes, as ilhas e as terras do fundo do mar compõem a parte externa da crosta terrestre. Sua espessura varia de 6 a 11 km sob os oceanos e de 25 a 50 km nos continentes. É formada por três tipos de rochas: ígneas, sedimentares e metamórficas. As ígneas, como o basalto, se originam de derrames de magma – rochas fundidas a altíssimas temperaturas e sob pressão do interior da crosta para a superfície. As sedimentares, como os arenitos, são formadas por material retirado de outras rochas pelo processo de erosão. As metamórficas, como o granito, resultam de transformações químicas de rochas sedimentares e ígneas, provocadas por grandes alterações de temperatura e pressão. O conjunto das rochas que compõem a crosta é chamado de litosfera.

O manto é uma camada pastosa com cerca de 2.900 km de espessura. Silício, oxigênio, alumínio, ferro e magnésio são os elementos químicos predominantes. Sua temperatura varia de 870°C, junto à crosta, até 2.200°C, junto à parte externa do núcleo.

O núcleo do globo é constituído de ferro e níquel derretidos. Sua temperatura varia de 2.200°C na parte superior até cerca de 5.000°C nas regiões mais profundas. A parte central do núcleo, embora tenha temperaturas de até cerca de 5.500°C, é formada de níquel e ferro em estado sólido – conseqüência da grande pressão do interior do planeta. O ponto central do núcleo, e do globo, fica a 6.500 km da superfície (ver capítulo *Astronomia*).

Deriva dos continentes – A atual conformação e a posição dos continentes têm cerca de 60 milhões de anos, mas continua em constante transformação. A América do Sul e a África, por exemplo, afastam-se a uma velocidade de 7 cm por ano, ampliando a área ocupada pelo oceano Atlântico. O mar Vermelho também está se alargando e o continente africano migra em direção ao continente europeu.

Esse fenômeno, conhecido como deriva dos continentes, é resultado de um processo de reconstrução permanente da crosta terrestre, que não é contínua, mas dividida em vários blocos, as placas tectônicas, separadas por grandes fendas vulcânicas em permanente atividade no fundo do mar. Através dessas fendas, o magma sobe do manto para a superfície, adicionando novos materiais à crosta. Isso expande o fundo do mar e movimenta os blocos que formam a superfície em diferentes direções. A solidificação do magma em camadas superpostas ao longo das fendas vulcânicas forma grandes cordilheiras chamadas dorsais oceânicas. A Dorsal do Atlântico Médio, por exemplo, é uma cadeia de montanhas com 73.000 km de extensão e com picos entre 3.000 e 3.800 metros de altura.

A teoria sobre as placas tectônicas e a deriva dos continentes, formulada pelo geofísico alemão Alfred Wegener, é publicada em 1912. Sua comprovação, no entanto, só é feita nos anos 60, quando surgem técnicas mais avançadas de análise da crosta terrestre e o movimento dos continentes passa a ser medido com instrumentos astronômicos. A causa do surgimento das fendas na crosta ainda é desconhecida.

Há 400 milhões de anos, as terras do planeta estavam reunidas em um único continente, a Pangea (do grego *pan*, toda; *gea*, terra). Ela começou a rachar no sentido leste-oeste há 225 milhões de anos, formando dois subcontinentes: Laurásia ao norte e Gondwana ao sul. Há 100 milhões de anos, África e América do Sul já estavam separadas, a Índia tinha se desligado da África e migrava em direção à Asia.

Atualmente, a crosta terrestre está dividida em oito placas principais. Algumas correspondem a áreas continentais, como a da Arábia e da Índia; outras, às terras do fundo dos oceanos, como a do Pacífico e a de Nazca (região do Pacífico a oeste da América do Sul). Há também placas que reúnem crosta continental e oceânica, como a da Eurásia, América do Sul e África.

Montanhas e terremotos – Na medida em que as placas tectônicas se expandem e movimentam, elas também se chocam entre si, provocando grandes alterações no relevo do planeta. Com o choque, a placa mais fina afunda sob a mais espessa, dando origem às fossas abissais, que são profundas depressões na superfície do planeta, em geral situadas no fundo dos oceanos e mares.

O choque das placas também enruga a superfície, formando as grandes cadeias de montanhas. É o caso do Himalaia (resultado do choque entre as placas sob a Índia e a Ásia), dos Andes e dos Alpes. O enrugamento da crosta cria ainda bolsões de magma em alguns picos, dando origem aos vulcões.

Os terremotos também têm seus focos nas dorsais oceânicas ou nos pontos de encontro entre as placas tectônicas. O atrito de uma placa contra a outra acumula tensões nas rochas e, sob pressão, elas se quebram.

Eras geológicas da Terra

Era	Período	Anos atrás	Características
Formação		4.500.000.000	
Pré-cambriana			
	Eozóico	3.500.000.000	Nenhum sinal de vida
	Arqueozóico	2.500.000.000	Primeiros remanescentes de esponjas e algas
	Proterozóico	1.500.000.000	
	Cambriano	600.000.000	Primeiros sinais abundantes de fósseis
	Ordoviciano	500.000.000	Primeiros invertebrados
	Silusiano (ou Gothlandiano)	440.000.000	
	Devoniano	400.000.000	Primeiros peixes
	Carbonífero	350.000.000	
	Permiano	270.000.000	Primeiras plantas primitivas; primeiros anfíbios
Mesozóica			
	Triássico	230.000.000	Primeiros répteis; primeiras plantas com sementes
	Jurássico	180.000.000	Primeiros dinossauros
	Cretáceo	135.000.000	Primeiras plantas com flores
Cenozóica			
	Terciário*		
	Eoceno	70.000.000	Primeiros mamíferos
	Oligoceno	40.000.000	
	Mioceno	25.000.000	
	Plioceno	11.000.000	
	Quaternário*		
	Pleistoceno	3.000.000	Primeiros hominídeos
	Holoceno	1.000.000	Aparecimento do homem

(*) Divisões do período são chamadas épocas

Quando isso ocorre, a energia é liberada, em frações de segundos, em ondas que se propagam em grande velocidade. É o que acontece na região de Los Angeles e São Francisco, na Califórnia, EUA, ao longo da falha de San Andrés, ponto de encontro e fricção entre as placas da América do Norte e do Pacífico. No oeste da América do Sul, o afundamento da placa de Nazca sob a placa continental fez surgir os Andes e é responsável pelos freqüentes terremotos registrados em toda a região da cordilheira. A quantidade de energia liberada por um sismo, ou sua magnitude, é medida pela amplitude das ondas emitidas, codificadas em uma progressão logarítmica – a escala Richter. Os terremotos de maior magnitude registrados até hoje ocorreram na Colômbia, em 1906, e no Japão, em 1933, com 8,9 graus. O poder de destruição, ou a intensidade de um terremoto, é medido pela escala Mercalli, de zero a 12 pontos. O abalo que destruiu a Cidade do México, em 1985, teve magnitude 8,1 e intensidade 10.

Clima

Pode ser definido como a média do tempo atmosférico registrado em uma região ao longo de muitos anos, considerando-se a temperatura, pressão, umidade, nebulosidade, regime de ventos e de chuvas, a atuação das frentes e das grandes massas de ar.

Registros geológicos mostram que o planeta já apresentou grandes variações climáticas desde sua formação. Há cem milhões de anos, no final da Era Mesozóica, o nível dos oceanos estava 180 m acima do atual, o que indica uma temperatura quente o suficiente para derreter as calotas polares. Depois disso, no Pleistoceno (época da Era Cenozóica), ocorreram quatro grandes glaciações, nas quais o gelo cobria a maior parte da superfície do planeta. As águas dos oceanos baixaram até 90 m acima do nível atual. Os grandes répteis desapareceram da superfície do planeta há cerca de 65 milhões de anos, provavelmente em conseqüência de uma grande alteração climática. O *Homo sapiens*, que surgiu há cerca de um milhão de anos, conviveu com pelo menos duas glaciações. As causas desse fenômeno ainda não são conhecidas.

Zonas climáticas – O clima é resultado da interação entre os primeiros 20 km da atmosfera e a camada superficial do planeta. Durante o dia, parte da energia solar é captada pela superfície e transformada em calor, que é irradiado constantemente para a atmosfera (radiações infravermelhas) e aquecendo-a pela base. Os gases atmosféricos, especialmente o carbono, funcionam como uma estufa, impedindo a dispersão total desse calor para o espaço exterior, evitando assim o resfriamento noturno. Como a Terra é arredondada, o ângulo de incidência dos raios solares não é igual em toda a superfície. Varia conforme a latitude, dando origem às regiões climáticas. As regiões equatoriais são mais quentes porque nelas o ângulo de incidência dos raios solares gira em torno dos 90° e o período de insolação é de 12 horas diárias. Conforme aumenta a latitude, aumenta também a inclinação dos raios solares e a reflexão da luz fica maior – o que resulta em temperaturas mais baixas. O excesso de calor do equador e de frio nos pólos é parcialmente compensado pelos movimentos circulatórios da atmosfera. Estes são determinados pelo movimento de rotação da Terra e pelo próprio aquecimento da massa gasosa – o ar aquecido junto à superfície tende a subir para as camadas superiores da atmosfera e seu lugar é ocupado pelo ar frio vindo dos pólos ou dos estratos mais externos. Além da latitude, outros fatores geográficos influenciam a determinação do clima, tais como a altitude e o relevo, a natureza da superfície, a presença ou não de cobertura vegetal e a proximidade dos oceanos.

Tipos de clima – A diversidade climática do planeta pode ser agrupada em cinco grandes categorias, conforme classificação do climatologista alemão Wladimir Köppen, usada internacionalmente.

Tropical chuvoso – Tem temperaturas mensais médias superiores a 18°C. Pode ser de três tipos: clima de florestas pluviais, com chuvas abundantes e bem distribuídas, como na Amazônia ocidental, parte do Congo e Indonésia; clima de florestas pluviais, com pequenas estações secas, como o da Amazônia oriental e África equatorial; e clima de savanas, que apresenta estação seca marcante, como ocorre no Brasil central, Sudão e bacia do Congo.

Seco – Pode ser subdividido em dois grupos de acordo com a relação entre chuva e temperatura: clima de estepes, semi-árido (também chamado semi-úmido), em regiões de média latitude, como no oeste dos EUA, sul da Rússia e Ucrânia, e de baixa latitude, como no sertão do Nordeste brasileiro; e clima de desertos, árido, com índices de chuva inferiores à metade dos registrados nas estepes, característico do Saara, Arábia, centro da Austrália e Arizona, nos EUA.

Mesotérmico úmido – O mês mais frio do ano tem temperaturas médias entre 18 e -3°C. Apresenta três variações: com inverno seco, como na China central, na Índia e na região serrana a sudeste do Brasil; sem estação seca, como no planalto meridional do Brasil, sudeste dos EUA, da Austrália e da China; e mediterrâneo com verões secos, como na bacia do mar Mediterrâneo, no Chile central e na Califórnia, EUA.

Microtérmico úmido – Característico das regiões de florestas frias do hemisfério norte, com temperaturas médias no mês mais frio inferiores a -3°C e no mês mais quente superiores a 10°C. Pode ter invernos úmidos, como no Canadá, ou secos, como no nordeste da Ásia.

Polar – Apresenta temperaturas inferiores a 10°C durante todo o ano. Pode ser subdividido em clima de tundra, das regiões marginais ao Ártico, com temperaturas superiores a 0°C no mês mais quente; e clima de gelo perpétuo, como na Antártida e interior da Groenlândia, com temperaturas inferiores a 0°C ao longo de todo o ano.

População

Em 1993, a população do planeta atinge 5,57 bilhões de habitantes, de acordo com estimativas da ONU. A expectativa de vida média atual é de 65 anos de idade. O ritmo de crescimento demográfico previsto para o período 1990–1995 é de 1,6% ao ano e as projeções para o ano 2000 indicam uma população superior aos 6,26 bilhões e, em 2025, de 8,5 bilhões.

Crescimento demográfico – O homem surge na Terra, provavelmente na África, há um milhão de anos, e há 100 mil anos já se espalha por todas as regiões subtropicais eurasianas e áreas temperadas da Europa e Ásia oriental. Nessa época, a população registra lento crescimento vegetativo (diferença entre nascimentos e mortes) e a expectativa de vida gira em torno dos 25 anos de idade. O primeiro grande salto demográfico ocorre entre 7 mil e 8 mil anos atrás, com a chamada revolução agrícola, propiciada pelo surgimento do arado e o uso da roda. O incremento na produção de alimentos permite o aumento da população e o surgimento das primeiras cidades, mas a expectativa de vida continua baixa. Na Grécia Antiga, há 2.500 anos, não ultrapassa a média de 30 anos de idade. No início da Era Cristã, estima-se que a população mundial é de 250 milhões de pessoas. As taxas de crescimento são baixas durante toda a Idade Média, o que é explicado pela escassez de alimentos e pela proliferação de doenças transmissíveis, devido à insalubridade das condições de vida, especialmente nos centros urbanos. No início da Era Moderna, em meados do séc. XVII, a população é de 479 a 550 milhões de habitantes.

A partir da Revolução Industrial, o desenvolvimento da ciência e de novas tecnologias – aplicadas à construção de moradias e equipamentos urbanos, e à produção de alimentos e medicamentos – resulta um aumento gradativo da expectativa de vida e do ritmo de crescimento demográfico.

O planeta atinge seu primeiro bilhão de habitantes em 1850. Em oitenta anos, de 1850 ao período 1930–1940, a população mundial chega aos 2 bilhões. Este número dobra novamente em 45 anos: são 4 bilhões em 1975.

Nos últimos vinte anos, a melhoria nas condições de saúde pública, a disseminação de vacinas e novos medicamentos baixam a taxa média de mortalidade infantil, que passa de 135 por 1.000 crianças nascidas vivas para 96/1.000. A expectativa média de vida, de 65 anos, é quase 10% maior que a de 1975 (60 anos). O ritmo de crescimento já é menor (da taxa média anual de 1,9%, nos anos 70, para a atual estimativa de 1,6%). Mas permanecem as variações regionais (ver tabela abaixo, com estimativas da ONU para 1990–1995 e capítulo *Nações*).

Nos países desenvolvidos, como os da Europa ocidental, EUA, Canadá, Japão e Austrália, a expectativa de vida chega a 76 anos; nos países do antigo bloco socialista (ex-URSS e outros países), vive-se em média 72 anos; em países da América Latina e na China, a longevidade média atinge os 70 anos; e na Índia é de apenas 58 anos (contra 62, de acordo com a estimativa da ONU para 1990–1995). Os nascidos nos países localizados ao sul do Saara, na África, têm a mais baixa expectativa de vida do planeta: 52 anos de idade.

A taxa anual de mortalidade infantil também é bem diferenciada: nos países desenvolvidos, não ultrapassa o número de 11/1.000; na África sub-saariana é de 175/1.000. O ritmo de crescimento continua mais elevado nos países pobres ou em desenvolvimento, apesar dos resultados obtidos pelos mecanismos de controle de natalidade praticados nos últimos tempos. A China, o país mais populoso, com 1,16 bilhão de habitantes em 1992, reduziu sua taxa de crescimento de 1,8%, na década de 70, para 1,3% nos anos 90. No mesmo período, a Índia, atualmente com 889 milhões, passou da taxa de 2,3% para 2%. Nos países desenvolvidos, as taxas de crescimento, que já eram baixas, também caíram. Os EUA, com 255 milhões de habitantes, passaram de um crescimento de 1% ao ano, na década de 70, para 0,8%. No Japão, com 124 milhões de habitantes, a taxa de crescimento caiu de 1,2% para 0,3%. A Alemanha não registrou crescimento nestas duas décadas.

Estimativas populacionais para 1990–1995

Regiões	Habitantes (milhões)	Taxa de cresc.	Expectativa de vida	Mortal.infantil (em mil nasc.)	Concentração urbana	Taxa cresc. urbano
África	681,7	2,9%	53	95	33%	4,6%
Ásia (1)	3.233,0	1,8%	65	62	32%	3,5%
Europa (1)	512,0	0,3%	75	10	77%	0,7%
América do Norte (2)	282,7	1,1%	76	8	76%	1,3%
América Latina (3)	457,7	1,8%	68	47	73%	2,6%
Oceania	27,5	1,5%	73	22	71%	1,6%
Ex-URSS	284,5	0,5%	70	21	67%	1,1%

(1) Excluídos os países da ex-URSS; (2) excluído o México; (3) incluídos o México e a América Central
Fonte: The State of World Population – ONU/1993

Concentração urbana – Cerca de 45% da população mundial vive em cidades e a taxa de crescimento urbano prevista para o período 1990–1995 é de 2,7% ao ano. O processo e o ritmo de urbanização, no entanto, são muito diferenciados. Nos países ricos e desenvolvidos, 73% da população vive em cidades e a taxa de crescimento urbano é de 0,9% ao ano, em média. Nos países pobres, a população urbana representa apenas 35% do total, mas está crescendo em ritmo acelerado, cerca de 3,7% ao ano, em média. Na década de 50, sete entre as dez maiores áreas metropolitanas do mundo pertenciam aos países desenvolvidos e não ultrapassavam os 15 milhões de habitantes. Nos final dos anos 90, oito das dez maiores estarão nos países pobres ou em desenvolvimento, com populações acima de 15 milhões. Esta inversão faz prever o aumento da marginalidade nessas áreas, já que o atual crescimento não é acompanhado pelo aumento de empregos e serviços.

Relações internacionais

A década de 90 começa com a economia mundial em profunda recessão e com quebra da estrutura bipolar de hegemonia estratégico-militar estabelecida desde o final da Segunda Guerra Mundial. Com a dissolução da URSS e o fim do bloco socialista na década de 80, os EUA passam a ser a única grande potência militar com poder de intervenção em todo o globo. Ao mesmo tempo, perdem a hegemonia econômica que exerciam desde meados do século e vivem uma crise que precipita a recessão mundial. Isto ocorre por razões internas e externas. As externas: o crescimento relativo da economia de outros países, como o Japão, que atualmente tem uma renda per capita maior que a dos EUA; o fortalecimento da Comunidade Européia, em especial da economia alemã; e também o surgimento de novas regiões industriais com alta competitividade, como os tigres asiáticos – Coréia, Taiwan, Cingapura, Filipinas e Tailândia.

A crise americana – Os EUA se mantêm no primeiro lugar em desenvolvimento científico e inovação tecnológica, mas perdem em engenharia de produção, especialmente para os países asiáticos, que têm demonstrado mais agilidade na incorporação do progresso técnico à produção. O resultado é a queda da competitividade das indústrias americanas frente aos concorrentes internacionais, inclusive dentro de seu próprio território, e o desemprego, atualmente na ordem de 7% da população economicamente ativa. No plano externo, ao mesmo tempo que defendem um mercado mundial sem barreiras comerciais, enfrentam competidores que praticam uma boa dose de protecionismo em suas fronteiras e onde o Estado intervém fortemente na economia, como no Japão e países da Europa. Em conseqüência, em 1983, os EUA registram pela primeira vez um déficit em sua balança comercial e balanço de pagamentos. Para compensar esse déficit é quebrada a paridade internacional entre o dólar e o ouro, até então indexadores da economia mundial. As moedas ficam flutuantes e cresce a inflação nos países desenvolvidos, retraindo-se a produção.

A reação externa norte-americana começa ainda no governo Bush, em duas linhas principais. A primeira, conduzida através do GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio), tem por objetivo rebaixar as barreiras aduaneiras em todos os países, inclusive nos que praticam políticas protecionistas, aumentando assim o mercado para a produção industrial americana, que ainda é a maior do mundo. No Brasil, por exemplo, o fim das restrições às importações é um reflexo dessa política. O segundo passo é o Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta), que objetiva derrubar as barreiras alfandegárias entre México, EUA e Canadá, criando um bloco econômico para se contrapor à crescente integração européia. Internamente, o governo Bill Clinton começa a enfrentar a recessão, ampliando a intervenção do Estado na economia. Em 1993, apresenta um programa oficial de reciclagem de mão-de-obra para acelerar a incorporação do progresso técnico pela indústria e, assim, aumentar sua competitividade. Medidas protecionistas também são tomadas, com o Estado oferecendo apoio efetivo em algumas ações comerciais internacionais, como a defesa de patentes na indústria farmacêutica, e adotando sanções econômicas contra os países que se recusam a respeitá-las.

Novos blocos – O fortalecimento dos novos blocos econômicos é outra alteração da cena internacional em transição. A unificação da Europa, que ressurge como grande pólo econômico mundial, é fruto de uma política iniciada ainda nos anos 50, logo após o período de reconstrução das economias destruídas pela guerra. A Comunidade Econômica Européia, criada em 1957, tinha por objetivo aumentar a autonomia da região frente ao poderio dos EUA. Seus resultados, no entanto, extrapolam os limites estritamente econômicos e desembocam em uma política externa e de defesa comuns, a constituição de uma cidadania européia e o fortalecimento do Parlamento Europeu. O Tratado de Maastricht, assinado em fev. de 1992 pelos doze chefes de Estado da Comunidade Européia, estabelece um cronograma para a integração regional, mecanismos para equilibrar as políticas econômicas dos diferentes países e um fundo comum para auxiliar os parceiros mais pobres da comunidade (Espanha, Portugal e Grécia) nas reformas necessárias. Também fixa uma moeda única, o ECU (Unidade Econômica Européia), prevista para entrar em circulação em jan. de 1999.

As expectativas em torno do Nafta e do Mercosul (tratado econômico entre os países do cone sul da América Latina) são mais restritas. O Nafta representa maior integração das economias do México e Canadá à norte-americana, consolidando uma relação já há muito estabelecida. Os destinos do Mercosul são menos evidentes. Reunindo países exportadores de matérias-primas e produtos semi-elaborados, como Chile e Argentina, e o Brasil, com uma base industrial diversificada mas em profunda crise econômica, pode se constituir como pólo dinamizador para as economias locais.

A nova inserção dos países do Leste europeu que pertenciam ao extinto bloco socialista também permanece indefinida. A perspectiva inicial de que rapidamente se transformariam em um novo e grande mercado a ser explorado pelos capitais internacionais ainda não se confirmou, especialmente pela indefinição de suas situações políticas internas. Para alguns, como a República Tcheca, Hungria e Polônia, a tendência é maior integração à Comunidade Européia. Outros, como Bulgária, Romênia e Eslováquia, embora tenham esse objetivo, estão mais distantes de sua realização. A crise política na Rússia e a guerra entre as nações que formavam a Iugoslávia não permitem prever sua posição no cenário político e econômico internacional.

Economia

Nos três primeiros anos da década de 90, a economia mundial registra um crescimento de apenas 0,6%, bem menor que o da população, em torno de 1,6% anual. Nas duas décadas anteriores, a economia tinha um ritmo inferior ao do incremento demográfico. O resultado é o aumento da miséria e da fome em várias partes do mundo. Nos anos 50 e 60, ao contrário, o nível da produção mundial, maior que o crescimento da população, proporcionou uma melhoria real no padrão de vida para uma grande parcela da população mundial. A taxa média de crescimento anual entre 1950 e 1960 foi de 4,9% e o crescimento per capita mundial (o total da produção dividido pela população do globo), de 3,1%. De 1960 a 1970, a taxa anual sobe para 5,2% e o crescimento per capita para 3,2%. A partir dos anos 70, a economia mundial enfrenta três grandes recessões globais e seu ritmo de crescimento diminui. A recessão de 1974–1976, provocada pelo choque nos preços do petróleo, reduz a taxa de crescimento na

década para 3,4% e a renda per capita para 1,6%. Em 1980/81 o aumento das taxas de juros provoca uma segunda recessão, derrubando a taxa de crescimento da década para 2,9% e o crescimento per capita para 1,1%. Atualmente, o mundo está passando por uma terceira recessão global, vinculada à retração da economia norte-americana. A renda per capita mundial cai dois pontos percentuais em relação à década anterior, ficando em -1,1%.

Ricos e pobres – Os efeitos da atual retração não são iguais nas diferentes regiões do globo. Segundo o Banco Mundial, dos 49 países que tiveram redução de seu Produto Interno Bruto (PIB) nos anos 80, quase todos têm economias predominantemente agrárias, baixa renda, rápido crescimento populacional e passam por um processo acelerado de degradação ambiental.

O desnível de renda entre países ricos e pobres se traduz no acesso desigual aos produtos do progresso material. Atualmente, os países desenvolvidos, que concentram menos de um quinto da população mundial, consomem 80% dos recursos naturais (alimentos e matérias-primas) produzidos no planeta. Os 20% restantes são disputados por mais de 4 bilhões de pessoas, das quais mais de um bilhão situam-se abaixo dos níveis de miséria absoluta. A maioria, cerca de 60%, vive no chamado cinturão tropical – a faixa de terras compreendida entre os trópicos de Câncer e de Capricórnio – justamente onde se localizam 58% da área aproveitável para a agricultura.

A diferença entre ricos e pobres tende a aumentar devido ao tipo de trocas internacionais. Os produtos oferecidos pelos países pobres no mercado mundial – matérias-primas e produtos semi-elaborados – vêm perdendo valor frente à produção dos países ricos, centrada na inovação tecnológica. Para compensar essa tendência, os países pobres tentam aumentar a produção dirigida para exportação. Para isso, passam a incorporar novas áreas ao processo produtivo, procuram aumentar a rentabilidade das áreas já ocupadas e vêm substituindo a produção voltada para o mercado interno por artigos de grande demanda internacional. Isto resulta em aumento do preço dos alimentos em seus mercados internos e aumento da fome, além de uma ocupação desordenada das áreas de florestas e de uma superexploração dos solos, o que, a médio prazo, pode reverter-se em queda na produtividade da agricultura.

Produção de alimentos – A produção de grãos, base da alimentação da maioria da população mundial, vem se desacelerando. Depois de crescer a uma taxa média anual de 3% entre 1950 e 1984, quando atinge o pico de 344 quilos per capita, o ritmo do crescimento cai para menos de 1% ao ano, quase metade da taxa de incremento demográfico.

A produção de soja, principal fonte vegetal de proteínas e um dos principais insumos para a produção de ração animal, registra um crescimento de 5% ao ano entre 1950 e 1980. Nos doze anos seguintes cai para uma média de 2%, explicando em parte a queda na produção de carne que, de uma taxa média anual de 3% entre 1950 e 1986, passa para 2% nos seis anos seguintes.

Embora desacelerada, a produção agrícola cresce mais do que a área global usada para plantações, que se expande em 24% entre 1950 e 1981, passando por pequena redução nos onze anos seguintes. A área irrigada, ampliada a uma taxa de 2,8% ao ano entre 1950 e 1978, também desacelera seu crescimento para 1,2% durante os anos 80 e início dos 90.

Esse aumento de produtividade da terra, em vários países, tem resultado em maior degradação dos solos e do meio ambiente. Os erros de manejo e a superexploração dos terrenos aráveis provocam a perda de camadas superficiais dos solos, calculadas em 24 bilhões de toneladas de terra ao ano, além de um assoreamento crescente de rios e lagos. Nos EUA, estudos dos efeitos da erosão sobre a produtividade da terra mostram que a perda de uma camada de solo superficial com uma polegada de espessura reduz a produção de milho e de trigo em uma média de 6%.

Os alimentos de origem marinha tiveram também seu crescimento desacelerado. A pesca, depois de se expandir a taxas médias de 4% ao ano entre 1950 e 1988, passando de uma produção de 22 milhões de toneladas para 99 milhões, registrou crescimento de -0,8% no período 1988–1992. As reservas mundiais de pescado estão se reduzindo e, segundo a FAO, os oceanos podem produzir, no máximo, 100 milhões de toneladas ao ano. Com isso, a taxa de consumo per capita, que está caindo a um ritmo de 7% ao ano, tenderá a se reduzir ainda mais sob pena de acelerar o ritmo de extinção das espécies.

Os continentes

ÁFRICA

Nome: Derivado de *avringa* ou *afri*, tribo berbere que na Antiguidade habitava o norte da região. Começou a ser usado pelos romanos a partir da conquista de Cartago para designar as províncias a noroeste do Mediterrâneo africano, atuais Tunísia e Argélia. A região norte e nordeste era conhecida por Líbia e Egito. No séc. XVI, com as grandes navegações e o avanço dos europeus para o sul, o nome generaliza-se para todo o continente.

Limites: Mar Mediterrâneo (N), mar Vermelho (NE), oceano Índico (L) e oceano Atlântico (S, O e NO).

Área: 30,31 milhões de km², com 19% das terras emersas do planeta.

Divisão: 53 países, sete territórios (inclusive o do Saara Ocidental, anexado ilegalmente pelo Marrocos).

População: 636.626.000 hab. Densidade média (hab./km²): 21.

Características físicas: É cortado pelo equador e 75% de seu território situa-se entre os trópicos de Câncer e Capricórnio, predominando as altas temperaturas. Um terço do território é de áreas desérticas, 40% não têm rios, as terras aráveis somam 17,8% e as florestas, 31,5%. Detém 69% das terras áridas do planeta. O litoral é pouco recortado, com planícies ocupadas por lagunas e pântanos. Apresenta cadeias de montanhas ao norte, os Átlas, na Tunísia, Argélia e Marrocos, com picos que chegam aos 4 mil metros. O ponto culminante é o monte Kibo, ou Kilimanjaro, com 6.010 m, na Tanzânia.

AMÉRICA

Nome: Derivado do prenome de Américo Vespúcio, navegante italiano que, a serviço da coroa espanhola, ultrapassou as ilhas descobertas pelo genovês Cristóvão Colombo, chegando pela primeira vez ao continente no final do séc. XV. A expressão "Terra de Américo" aparece pela primeira vez em 1507, na obra *Cosmographiae introductio*, do cosmógrafo holandês Martin Waldesemüller, para designar as terras do nordeste brasileiro, também chamadas de Terra de Santa Cruz, Terra dos Papagaios e Brasil. O nome só começa a se generalizar para todo o continente durante o séc. XVII. Designa a porção de terras que forma as Américas do Norte, Central e do Sul.

Limites: Oceano Glacial Ártico (N), oceano Atlântico (L e S) e oceano Pacífico (S e O).

Área: América do Norte, com 21,92 milhões de km²; América Central, com 2,71 milhões de km²; América do Sul, com 17,81 milhões de km². Com um total de 42,49 milhões de km², tem 26% das terras emersas do planeta.

Divisão: 35 países, dezessete territórios.

População: 728.845.000 hab. Densidade média (hab./km²): 17.

Características físicas: Cortado pelo equador, trópico de Capricórnio (América do Sul) e trópico de Câncer (América do Norte), tem a maior parte do território em regiões

temperadas e frias. Apresenta cordilheiras ao longo da costa oeste, do estreito de Behring, na América do Norte, até o estreito de Magalhães, na América do Sul: as cadeias do Alasca, Montanhas Rochosas e a cordilheira dos Andes (elas ocupam 35% do território).

O continente americano possui grandes bacias hidrográficas, como a do São Lourenço e do Mississipi-Missouri, na América do Norte, e da Madalena, Orenoco, Amazonas, São Francisco e Prata, na América do Sul. Com 23% de terras aráveis, tem cobertura florestal em cerca de 40% do território. O ponto mais elevado é o Aconcágua, na América do Sul, na fronteira entre Chile e Argentina, com 7.010 m. O pico mais alto da América do Norte é o monte McKinley, no Alasca, EUA, com 6.194 m; na América Central é o pico Tajamulco, com 4.220 m, na Guatemala.

ANTÁRTIDA

Nome: Deriva da palavra grega *árktos* (ursa), usada pelos astrônomos da Antiguidade para designar as constelações da Ursa Maior e Menor, ponto de orientação para os navegantes. Os romanos passaram a utilizar o termo *arcticos* como sinônimo de norte ou setentrional. No séc. II d.C., surge o termo *antárcticus* como sinônimo de meridional.

Limites: Oceano Antártico, constituído dos oceanos Pacífico, Atlântico e Índico. Fica a 990 km da América do Sul e a 2.000 km da Nova Zelândia.

Área: Cerca de 14 milhões de km². No inverno, com o congelamento do oceano, chega aos 19 milhões de km².

Divisão: 26 países possuem base de pesquisa científica no continente, entre eles, o Brasil, com a Estação Comandante Ferraz, localizada nas Ilhas Shetland do Sul. Pelo Tratado da Antártida, em vigor desde 1961, o uso da região destina-se apenas a fins pacíficos e científicos. Mais recentemente, a Conferência de Madri (1991) proibiu a exploração de recursos minerais por cinqüenta anos e criou um comitê para proteção do meio ambiente.

Características físicas: É formado por uma enorme calota de gelo com uma espessura de até 4.000 m e um volume estimado em 30 milhões de km³, equivalente a 70% das reservas de águas doces do planeta. Apenas 2% de sua superfície, a península Antártica, com 1.000 km de extensão, não é permanentemente coberta por gelo. O relevo é marcado por uma grande cordilheira, a Transantártica, prolongamento geológico dos Andes, que divide o continente em Antártida Oriental, com planícies, colinas baixas e a geleira Lambert, a maior do mundo, e Antártida Ocidental, com arquipélagos ligados pela cobertura de gelo permanente e onde se encontra seu ponto mais elevado, o Monte Vinson, com 5.140 m. As temperaturas são sempre baixas. No verão, variam de 0ºC nas áreas litorâneas a -35ºC no interior; no inverno vão de -20ºC no litoral a -70ºC no interior. Abriga o pólo geográ-fico sul do planeta, a 90º de latitude S e o pólo magnético, cuja localização não é fixa.

ÁSIA

Nome: Deriva de *Asswa* e *lasia*, como os hititas e egípcios chamavam a costa ocidental e regiões meridionais da Ásia Menor, no segundo milênio a.C. Na mitologia grega, é uma das filhas de oceano e Tétis, dois deuses primordiais. Alguns pesquisadores o relacionam com a raiz semítica das palavras *esch* ou *ushos*, que significa lugar onde o sol nasce.

Limites: Oceano Glacial Ártico (N), oceano Pacífico (L e SE), oceano Índico (S), mar Vermelho e Mediterrâneo (SO), Europa (Montes Urais, O).

Área: 44,33 milhões de km², incluindo os territórios orientais da ex-URSS.

Divisão: 45 países, sete territórios (incluindo o Timor, anexado ilegalmente pela Indonésia).

População: 3.161.137.000 hab. (excluindo a população da Rússia, que se distribui pelos continentes asiático e europeu). Densidade média (hab./km²): 96.

Características físicas: É o maior continente do planeta, com litoral muito recortado por penínsulas e golfos, ilhas e arquipélagos de origem vulcânica. Relevo diversificado, com extensas planícies e planaltos e grandes cadeias de montanhas, como a do Himalaia, que separa o subcontinente indiano, e os Urais, na fronteira com a Europa. Apresenta grandes bacias fluviais, como o vale do Indo, do Ganges e Bramaputra, e desertos, como o de Gobi, o segundo maior do mundo. Cerca de 23% do território apresenta terras aráveis e a cobertura florestal atinge 29%. Tem o pico mais elevado do planeta, o monte Everest, no Himalaia, divisa entre Nepal e China, com 8.848 m de altura, e profundas depressões, como o mar Morto, situado a 394 m abaixo do nível do mar, e o fundo do lago Baikal, a 1.620 m.

EUROPA

Nome: Já era usado nos séc. IX e VIII a.C. para designar a parte continental oeste da Grécia. Na mitologia grega, assim como a Ásia, é uma das filhas dos deuses oceano e Tétis. Para alguns pesquisadores, a palavra tem origem semítica, *ereb* – região onde o sol se põe.

Limites: Oceano Glacial Ártico (N), Ásia (montes Urais, L), mares Mediterrâneo, Negro e Cáspio (S), oceano Atlântico (O).

Área: 10,58 milhões de km² (incluindo os territórios ocidentais da ex-URSS).

Divisão: 46 países, seis territórios.

População: 623.612.000 hab. (excluindo a população da Rússia, que se distribui pelos continentes asiático e europeu). Densidade média (hab./km²): 125.

Características físicas: Litoral recortado com várias penínsulas, como a Ibérica, Itálica, Balcânica e Escandinava. Tem grandes cadeias de montanhas, como os Pireneus, Alpes, Bálcãs e Cárpatos, terras altas e grandes planícies. O ponto mais elevado é o monte Elbro, na Rússia, com 5.641 m de altura. Com 44% de terras aráveis, tem uma cobertura florestal em 30% do território.

OCEANIA

Nome: O uso da palavra é atribuído ao naturalista francês René Primevère Lesson (1794–1848). Origina-se de oceano, deus da mitologia grega primitiva.

Limites: Circundado pelo oceano Pacífico, limita-se com as Ilhas Midyai, Havaí (N), a ilha chilena de Sála e Gomez (L), Ilhas McQuarie (S) e Ilha de Dirk Hartog (O).

Área: 176 milhões de km², equivalente a 35% da superfície do globo, mas apenas 8,93 milhões km² de terras emersas.

Divisão: 13 países, um Estado americano, o Havaí, e dezoito territórios, incluindo o Irian Ocidental, anexado ilegalmente pela Indonésia.

População: 26.632.000 hab. Densidade média (hab./km²): 2,9.

Características físicas: É um conjunto de ilhas, como a Austrália, a maior do mundo; arquipélagos, alguns muito grandes como Nova Guiné e Nova Zelândia; e mais de 10 mil ilhotas e atóis, como os que formam os arquipélagos da Polinésia, Melanésia e Micronésia. A Austrália apresenta um relevo plano, com escudos muito desgastados pela erosão, grandes desertos no interior e litoral marcado por recifes de coral. Nova Guiné e Nova Zelândia apresentam relevo recortado, com montanhas cobertas por florestas. As terras aráveis representam apenas 11% do território e as áreas florestais, 14%. O ponto mais elevado é o monte Sukarno, na Nova Guiné, com 5.040 m. ■

HISTÓRIA GERAL

A história da humanidade divide-se em cinco grandes períodos: a Pré-história e a Antiguidade, anteriores à chamada Era Cristã, delimitada pela fase em que o cristianismo passa a predominar, no Ocidente, como religião oficial; em seguida, a Idade Média, a Moderna e a Contemporânea. A contagem da Era Cristã, tal como a utilizamos hoje, foi proposta, em 525, pelo historiador grego Dionísio, o Menor, para pôr fim à desordem criada pelos diversos sistemas de contagem cronológica anteriormente empregados. Toma como ponto de partida a data do nascimento de Jesus Cristo. Para estabelecer o ano inicial da nova era, Dionísio baseia-se nos cálculos feitos para determinar a data da Páscoa cristã. Mas comete um erro de quatro a cinco anos, e é por isso que a moderna historiografia convenciona afirmar que o fundador do cristianismo nasceu em 4 a.C. Essa contagem da Era Cristã começa a ser adotada, no Ocidente, no séc. VI, embora a Igreja Romana só a oficialize no séc. X. No Oriente bizantino, é introduzida pelo imp. Leão IV, no séc. X. A Rússia é o último país importante a adotá-la, por decreto de Pedro, o Grande, em 1700. Só se percebe o erro inicial de datação do nascimento de Cristo no final do séc. XIX, após todo o mundo civilizado já ter uniformizado a contagem cronológica pelo sistema de Dionísio. Assim, o ano 1 do séc. I é tomado como baliza para a determinação dos acontecimentos da Antiguidade, sendo estes fixados retroativamente com a sigla a.C. (antes de Cristo).

PRÉ-HISTÓRIA

Do aparecimento do homem na Terra (cerca de 3,5 milhões a.C.) à invenção da escrita (cerca de 3.000 a.C.). Do ponto de vista cultural, os progressos técnicos do Paleolítico inferior (500.000 a 100.000 a.C.) aceleram-se durante o Paleolítico médio (100.000 a 50.000 a.C.) e superior (50.000 a 10.000 a.C.). Durante o Mesolítico (10.000 a 8.000 a.C.), os instrumentos de pedra lascada cedem lugar aos de pedra polida e dão início ao Neolítico (8.000 a 5.000 a.C.).

Primeiros homens

Australopithecus – Os esqueletos dessa espécie, apontada como o mais antigo hominídeo, datando de 3 milhões a 700.000 a.C., são descobertos, em 1925, nas regiões sul e oriental da África.

Homo erectus – Corresponde a um estágio de desenvolvimento físico e intelectual mais adiantado, embora primitivo (700.000 a 500.000 a.C.). É descoberto em Java (1891/92) e perto de Pequim (1929). O Pitecantropo de Java e o Sinantropo, de caixa craniana e dentes muito semelhantes, são uma forma de transição entre os australopitecinos e o homem moderno.

Neanderthalensis – Os primeiros esqueletos dessa espécie, início da fase humana moderna, são descobertos em 1856, nos arredores de Düsseldorf, na Alemanha, numa gruta do vale do rio Neander; em seguida, em outros pontos da Europa, África e da Ásia. A análise dessas ossadas revela que a sua arcada dentária já é inteiramente humana e aproxima-se da de certas raças primitivas atuais. Contudo, seu cérebro apresenta organização menos perfeita das faculdades intelectuais, embora possua volume de massa craniana comparável ao dos homens modernos.

Homo sapiens – Ossada descoberta na Europa, em 1868, e, mais tarde, na África e Ásia. Os mais antigos fósseis desse grupo moderno são encontrados apenas nas últimas dezenas de milênios do período pré-histórico. Os encontrados na Europa dividem-se em três tipos: Cro-Magnon, de estatura elevada; Chancelade, cujo crânio lembra o dos atuais esquimós; e Grimaldi, que apresenta no crânio características negróides. Os da Ásia apresentam caracteres comuns cro-magnóides, aos quais sobrepõem-se, em alguns casos, traços que evocam os dos Melanésios, dos Ainus, e os do tipo Chancelade, ou mesmo caracteres negróides. Observa-se, assim, desde o final da Pré-história, a diversidade de tipos raciais que a humanidade apresentará nos milênios seguintes.

Períodos

Paleolítico – Os homens vivem em pequenos bandos; caçam, pescam e colhem frutos; fabricam instrumentos de osso ou de pedra lascada e abrigam-se em cavernas ou choças. Os caçadores, nômades, preferem a beira de rios, onde os animais vêm beber, e concentram-se em áreas florestais durante a seca. Há divisão rudimentar de tarefas entre os membros da tribo, surgem ritos mágicos relacionados com a caça, escultura (entalhes de animais e de figuras femininas) e pintura rupestre (as mais famosas estão nas cavernas de Altamira, na Espanha, e Lascaux, na França). No Paleolítico superior (50.000 a.C.), os homens abrigam-se nas cavernas do frio provocado pelo avanço das calotas de gelo em direção ao continente.

Mesolítico – Os grupos humanos são reduzidos pela escassez de alimentos, resultante da desertificação após a última glaciação, de 10.000 a 8.000 a.C. O mar, os rios e a caça constituem a maior fonte de subsistência. Na Ásia ocidental, são domesticados animais. O cultivo das plantas e a criação de gado tornam-se permanentes nas comunidades sedentárias, instaladas nas encostas férteis das montanhas, margens de rios, lagos e oásis. São aperfeiçoados os instrumentos de cerâmica.

Neolítico – A agricultura e a criação de animais constituem, ao lado de outros progressos técnicos, a principal inovação do período, o da chamada revolução neolítica. Concluída a sedentarização do homem, surgem povoados que combinam as atividades agrícola e pastoril. A população cresce, surge a divisão especializada do trabalho e do poder organizado, com chefes e autoridades. Um intercâmbio ativo, que utiliza o transporte fluvial e terrestre, põe em contato diversas culturas. O núcleo de Jericó, fundado em cerca de 8.000 a.C., na Palestina, é um estágio preliminar das civilizações urbanas.

ANTIGUIDADE

As primeiras civilizações européias, asiáticas e africanas surgem por volta de 4.000 a.C. – época do aparecimento das cidades-Estados e do desenvolvimento da escrita – e vão até a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C. Podem ser agrupadas em dois grandes blocos: as que se desenvolvem dentro do próprio período da Antiguidade; e as que preservam suas tradições até a Modernidade, sofrendo grandes modificações ou sendo destruídas após os contatos com os europeus, a partir do séc. XVI.

Civilizações antigas

EGÍPCIOS

Originários do norte da África, instalam-se ao longo do Nilo, na Idade Neolítica, em cerca de 5.000 a 3.000 a.C., divididos em pequenos Estados independentes (nomos), gradualmente unificados em dois territórios, o Baixo e o Alto Egito. Em cerca de 3.000 a.C., unificam-se sob um único faraó. A fase do Antigo Império (2.850 a 2.052 a.C.), com capital em Mênfis, é a da construção das pirâmides. O Médio Império (2.052 a 1.570 a.C.), com capital em Tebas, tem seu fim marcado pelas invasões dos hicsos, povo semita que introduz o cavalo na região. O Novo Império (1.570 a 715 a.C.), com capital em Tebas e depois em Sais, assiste à expansão militar e à reforma que faz surgir a primeira religião monoteísta do mundo.

Economia – A principal atividade é a agricultura, com irrigação através de diques, canais e reservatórios. Cultivam o trigo, o cânhamo e a cevada e criam a técnica da rotatividade do solo. Fabricam vidro, tecidos e papiro.

Cultura – Destacam-se na Astronomia, criando o calendário lunar; na Arquitetura, construindo palácios, templos e pirâmides; e na Matemática, lançando os fundamentos da Geometria. Desenvolvem a escrita hieroglífica.

Religião – Politeísta e antropozoomórfica, com predomínio do culto ao Sol, simbolizado por Atum-Ra em Heliópolis, Ftah em Mênfis e Thot em Hermópolis. O deus da vegetação é Osíris, que, com o tempo, torna-se também o deus dos mortos. Acreditam no julgamento após a morte e na reencarnação. Durante o Novo Império, Amenófis IV, que adota o nome de Aknaton, tenta implantar o monoteísmo, mas é derrotado e deposto, por pressão dos sacerdotes dos cultos tradicionais.

MESOPOTÂMICOS

Os sumérios, caucasianos aparentados aos dravidianos da Índia, instalam-se no vale do Tigre-Eufrates em cerca de 2.800 a.C., convivendo com tribos de origem semita que ali estão desde 5.000 a.C. Depois de um primeiro período de hegemonia, que vai de cerca de 2.800 a 2.470 a.C., são suplantados pelo Império Acadiano, que se desenvolve na cidade-Estado de Acade, entre 2.470 e 2.150 a.C.; mas têm nova fase de hegemonia entre 2.150 e 1.894 a.C. A fase de apogeu e declínio da região assiste ao florescimento sucessivo de três impérios: o Babilônico, com a fase dos reis cassitas (1.894–1.595 a.C.) e a dos reis elamitas (1.595–1.100 a.C.); o Assírio, com capital em Nínive (1.100–612 a.C.); e o Caldeu, originário da cidade-Estado de Ur (612–539 a.C.).

Economia – A agricultura é desenvolvida, com técnicas de irrigação, construção de canais, diques e reservatórios. O comércio é extenso, moedas metálicas são utilizadas como dinheiro, já há um sistema de pesos e medidas e uma rede bancária embrionária.

Cultura – Criam a escrita cuneiforme e a primeira coleção sistemática de leis, o Código de Ur-Namu, em cerca de 2.775 a.C. Fazem observações astronômicas, dividem o dia em 24 horas e a hora em minutos e segundos. As tradições e os costumes sumérios são assimilados pelos outros povos da região, com poucas inovações: o Código de Hamurabi (1.965 a.C.) é uma delas. Os caldeus ainda fazem estudos astronômicos e de geometria; mas os assírios, militaristas, limitam-se a absorver a cultura suméria; só ela sobrevive quando Nínive é destruída, em 606 a.C., por dissensões e rebeliões internas.

Religião – Politeísta, suas divindades são identificadas com os astros, o que dá origem à astrologia como forma de conhecer a vontade dos deuses.

FENÍCIOS

Povo mercador de origem semita, com apogeu entre 2.750 e 146 a.C. Seus principais centros são Sidon e Tiro (hoje no Líbano). Negociam com vidro, cerâmica, papiro, tecidos, perfumes, incenso e especiarias da Índia e da Arábia, e metais preciosos da África. Em busca da *Purpura murex*, molusco do qual é extraído um corante muito procurado na época, estendem suas colônias até o sul da Itália e da Espanha e o norte da África. Cartago, fundada em 870 a.C., é destruída pelos romanos em 146 a.C.

HEBREUS

Povo semita do vale do Tigre-Eufrates, emigra de Ur, na Caldéia, para Canaã, entre 3.000 e 2.000 a.C. Vaga pelo Egito, onde é escravizado de 1.300 a 1.200 a.C., antes de fixar-se na Palestina, onde é, a princípio, governado por legisladores chamados juízes, de 1.200 a 1.100 a.C. O Reino de Israel, dos reis Saul, Davi e Salomão, que governam de 1.035 a 930 a.C., divide-se depois nos reinos de Israel e Judá. Essa dissidência termina com as invasões assírias, que se estendem de 725 a 722 a.C., quando o rei Sargão ocupa a Samaria. Levados para o cativeiro na Babilônia, de 586 a 538 a.C., são depois dominados pelos macedônios, 332 a.C., e pelos romanos (50 a 70 d.C.), que destroem o Templo de Jerusalém, mandado construir pelo rei Salomão. A Diáspora, fase de dispersão dos judeus fora da Palestina, estende-se de 70 a 1948.

Economia – Pastoril nos primórdios, desenvolve o comércio após a criação do Reino de Israel e atinge o apogeu na época de Salomão.

Religião – Monoteísta – seu deus, Jeová, é considerado o único verdadeiro, o que constitui a principal força de coesão do povo. A *Bíblia*, sua maior realização literária, influencia o Ocidente e parte do Oriente, formando a base tanto da doutrina cristã quanto do islamismo. Além dela, seus principais livros sagrados são o *Talmude* e a *Torá*.

MEDOS E PERSAS

Emigram, em 2.000 a.C., para o atual Irã, misturando-se, até 500 a.C., com as tribos locais, elamitas, cassitas e hurritas. O Império Aquemênida, de 549 a 330 a.C., tem seu apogeu nos reinados de Ciro e Dario I. Seguem-se a época helênica e arsácida, de 330 a.C. a 241 d.C., a sassânida, de 241 a 637, e a de dominação turca, árabe e mongol, entre 637 e 1925.

Medos – Ciaxares (625 a 585 a.C.) expulsa os citas e alia-se aos babilônios para destruir o império assírio, encerrando um século de incursões militares desses povos. Em 550 a.C., seu império é incorporado ao aquemênida.

Aquemênidas – Dario II unifica os medos e persas e expande o império da Índia até o Egito e a Macedônia. Delega poderes aos *sátrapas*, governadores locais que respondem ao governo central. Os aquemênidas praticam a tolerância econômica (liberdade de comércio), cultural (manifestações étnicas e populares) e política (respeito às instituições locais). Introduzem o uso da moeda, unificam pesos e medidas pelo sistema babilônico e constroem estradas para expandir o comércio.

A religião prega a separação entre o bem e o mal, afirmando que o homem deve decidir entre a verdade e a mentira. Disseminada por Zoroastro (ou Zaratustra), predomina até a conquista árabe, no séc. VII, quando é implantado o islamismo. Em 1501, adota-se a tendência xiita do islamismo como religião oficial.

Heleno-arsácidas – A tentativa de helenização do rei Seleuco fica restrita à aristocracia. A derrota dos selêucidas pelos arsácidas, descendentes dos partos do mar Cáspio (129 a.C.), reconstitui um império de origem persa, mas com influências judaicas, budistas e helênicas misturadas ao zoroastrismo tradicional. Essa fase se encerra em 224 d.C., com a derrota do arsácida Artabã IV pelo sassânida Ardechir I, na Batalha de Ormizdagã.

Sassânidas – A cultura helênica é rejeitada e são restauradas as tradições aquemênidas: teocracia absoluta com perseguições aos não-zoroastristas. Em 241, o império vai do rio Eufrates ao rio Indo; em 619, recupera a área dos tempos de Dario I; mas é incapaz de rechaçar, a partir de 634, as invasões árabes. A derrota de Cadíssia (637) põe fim ao reino de Yazdgard III, começando a dominação árabe, turca e mongol da Pérsia.

CRETO-MICÊNICOS

De origem indo-européia, chegam à ilha de Creta, no mar Egeu, por volta de 2.000 a.C. e desenvolvem sua cultura até 1.450 a.C.; nessa época, sua civilização é suplantada pela da cidade-Estado de Micenas, que predomina de 1.450 a 1.150 a.C. Durante o II milênio a.C., dominam parte considerável do comércio mediterrâneo, estabelecendo colônias na Grécia, Ásia Menor, sul da Itália e Oriente Médio. Na ilha de Creta (V milênio a.C.), constroem os palácios de Cnossos e Faístos e criam uma forma de governo baseada no comércio marítimo (talassocracia). No séc. XV a.C., são conquistados pelos aqueus, de Micenas, que assimilam seus conhecimentos e criam

uma civilização em que coexistem formas de propriedade privada e comunitária da terra. Os micênicos são militaristas e empreendem expedições contra os povos vizinhos (Tróia, por exemplo), mas fracassam diante da invasão dos dórios, um dos povos originários da Grécia.

GREGOS

De origem indo-européia, chegam ao Egeu por volta de 1.150 a.C., instalando suas cidades-Estados nas ilhas do arquipélago, até 500 a.C. A fase clássica, de apogeu político e cultural, estende-se de 502 a 323 a.C., centrada em Atenas. O período helenístico, de 323 a 30 a.C., é o do declínio, embora ainda seja muito grande, em todo o mundo, a influência da arte e do pensamento gregos. Entre os séc. XII e VIII a.C., colonizam a Ásia Menor, o sul da Itália e o litoral do mar Negro. Embora suas cidades-Estados sejam independentes e, freqüentemente, rivais, a língua, a escrita e a religião comuns criam a consciência da unidade étnica, que permite alianças, como a que derrota os persas entre 499 e 479 a.C. A constante rivalidade, sobretudo entre Esparta e Atenas, acaba por enfraquecê-los, permitindo a conquista macedônia.

Economia e sociedade – De início, assenta-se na propriedade comunitária e nas famílias patriarcais. Mais tarde, evolui para uma forma de propriedade privada e escravista. Em Esparta, a propriedade é estatal. No Período Arcaico, as lutas sociais efetuam, em Atenas, a transição da oligarquia para a democracia.

Cultura – As bases longínquas de toda a cultura ocidental são lançadas pelos artistas e pensadores da fase áurea: os dramaturgos (Sófocles, Ésquilo e Eurípedes), os poetas épicos (Homero) e líricos (Anacreonte, Píndaro e Safo), e os historiadores (Heródoto). Na arquitetura e nas artes plásticas, o apogeu é alcançado entre 447 e 438 a.C., com a construção, em Atenas, do Partênon, o conjunto de templos dedicado à deusa Pallas Atena, padroeira da cidade. O auge da filosofia helênica vem, entre 470 e 322 a.C., com Sócrates, Platão e Aristóteles.

Religião – Politeísta e antropomórfica, tem caráter profundamente humanista. A sua mitologia influencia toda a arte e a filosofia ocidentais, fornecendo-lhe os mitos e arquétipos básicos.

ROMANOS

Povo indo-europeu que invade a península italiana em cerca de 1.900 a.C. Segundo a tradição, Roma foi fundada em 753 a.C. pelos irmãos Rômulo e Remo, vindos da cidade-Estado etrusca de Alba Longa. O reino é estabelecido em 616 a.C. pela família dos Tarquínios, também de origem etrusca; mas suas disputas com a aristocracia culminam, em 509 a.C., na deposição de Tarquino, o Soberbo, e na proclamação da República.

República – O poder é controlado através do Senado, pela classe privilegiada dos patrícios. As revoltas dos plebeus, que reivindicam igualdade de direitos, criam conflitos até o séc. III a.C. A partir desse momento, concluída a unificação da Itália, começa a expansão Mediterrânea: são anexadas Cartago, Espanha, Grécia, Macedônia, Ásia Menor, Palestina, Gália, Egito e parte da Ilíria e do norte da África. Essas conquistas provocam modificações socioeconômicas e permitem a ascensão do militarismo. A desordem daí decorrente leva, em 27 a.C., às guerras civis, que põem fim à fase republicana.

Império – O Alto Império, de 27 a.C. a 235 d.C., é a fase de apogeu: os exércitos impõem a *Pax Romana* aos países vizinhos, garantem o desenvolvimento do comércio e o progresso cultural. Sob Trajano, a extensão territorial atinge o seu ponto máximo. A decadência começa com o Baixo Império, que se estende de 235 a 476: vítima de crises econômicas, sociais e militares, o império se divide (395) num setor ocidental, com capital em Roma, e noutro oriental, com sede em Bizâncio (que, mais tarde, se chamará Constantinopla; e hoje é Istambul, na Turquia). Essa fragmentação acelera a decadência do Império Romano do Ocidente, que cai em 476, invadido pelos bárbaros (essa expressão, *oi bárbaroi*, era usada pelos gregos para designar todos os estrangeiros; assim foram chamados, portanto, os povos que, vindos do leste, invadiram a Europa. Como se tratava de tribos primitivas e violentas, o termo, com o tempo, passou a significar selvagem, inculto).

Economia e sociedade – A pequena e a grande propriedades rurais coexistem até o séc. III. Da primeira, vem a base para a infantaria. Mas a expansão militar, desviando os homens da terra, cria a necessidade do aumento da escravatura. Com ela, surgem dívidas que, freqüentemente, os pequenos proprietários não podem pagar, sendo obrigados a vender as terras, que se concentram nas mãos dos grandes proprietários. No séc. III, a falta de escravos, provocada pelo fim das conquistas, tem por conseqüência o sistema do colonato, em que os lavradores trabalham para o proprietário em regime servil. O decreto de Constantino, em 331, prende o colono à terra, tornando-se um servo de gleba.

Cultura – De um modo geral, é muito influenciada pela arte e filosofia gregas. Mas notabiliza-se com poetas como Horácio, Ovídio e Virgílio. Uma das contribuições mais originais dos romanos está no campo do Direito, base do sistema judiciário das nações modernas.

Religião – Influenciada pela dos gregos, tem deuses equivalentes. Com a expansão militar, assimila também alguns cultos orientais. Durante o reinado de Otávio Augusto, surge na Palestina o cristianismo, dissidência do judaísmo, que se difunde entre as populações dominadas e chega a Roma por volta de 50 d.C. A perseguição aos cristãos começa com Nero, que reina de 54 a 68. Constantino concede, em 313, a liberdade de culto. Em 392, com Teodósio, o cristianismo torna-se a religião oficial do império.

Civilizações antigo-modernas

INDIANOS

Existem evidências de povoamentos paleolíticos nos vales de Sohã, no Pundjab, e de Narmada, no Decã. Entre 3.250 e 2.750 a.C., por influência suméria, surgem os primeiros centros urbanos em Harappa, no Pundjab, e Mohenjo-Daro, no Sindh. Os invasores arianos trazem, em 1.300 a.C., o cavalo, a fundição do ferro e a do bronze e o sistema de castas, baseado em princípios da religião védica, cujos livros sagrados remontam a 2.000 a.C. O bramanismo védico predomina até o séc. VI a.C., com a reação de dois grandes reformadores: Sidarta Gautama, fundador do budismo, e Mahavira, fundador do jainismo.

Expansão – Ao terminarem as invasões persa (518 a.C.) e macedônica (326 a.C.), o rei Chandragupta estabelece em 322 a.C. a dinastia dos Mauryas, que atinge seu apogeu com Asoka, entre 272 e 232 a.C. A difusão da cultura budista atinge o Ceilão, a Birmânia e a China. Após a morte de Asoka, seu império se esfacela. A partir de 189 a.C., Demétrio de Bactriana conquista a região que vai de Cabul até o Pundjab e o Sindh. Começa o período de influência grega sobre a cultura indiana, que deixará marca nos citas, que invadem a região (70 a.C.).

Reino Gupta – Floresce no vale de Decã, entre 320 e 535, assinalando a "idade de ouro" da filosofia e dando feição nacional às influências helênicas, persas e citas. Ao começarem, no séc. V, as invasões hunas, os habitantes do Decã fogem para a região de Magadha. O reino se divide em pequenos feudos, renascem as tradições brâmanes e desenvolve-se uma arte ligada à religião védica, em detrimento do budismo.

Dominação estrangeira – Entre os séc. X e XII, dividido em diversos reinos, o país é invadido por muçulmanos: o turco Mahmud de Ghazni, de 1014 a 1026; o persa Mohamed de Ghor, de 1193 a 1235; e o árabe Ala-ed-Din (Aladim), de 1296 a 1316. Enfraquecida pelas lutas

internas, é derrotada pelo mongol Tamerlão em 1398/99. No séc. XV, transforma-se num mosaico de Estados de religião muçulmana ou hinduista em luta, cujas culturas, línguas e crenças religiosas se desenvolvem paralelamente, sem se influenciar. Apesar disso, a intensa atividade artística reflete a prosperidade econômica. Nessa época, ocorrem os primeiros contatos com os europeus. O português Vasco da Gama é o primeiro a chegar, em 1498. Um dos conquistadores, Akkar, governa de modo liberal e tolerante, reconciliando momentaneamente hindus e muçulmanos. O apogeu artístico do séc. XVII é representado pela construção do Taj Mahal, entre 1632 e 1648, e das grandes mesquitas de Agra e Délhi, de 1644 a 1648. O domínio, depois disso, passa para os europeus: primeiro a França e, a partir de 1763, a Grã-Bretanha, até a independência, em 1947.

CHINESES

A presença do homem nessa região é pré-histórica, como o demonstra a descoberta, em 1929, do *Sinanthropus pekinensis*, um exemplar do Homo erectus. A fase pré-histórica estende-se até o séc. XVIII a.C., quando surgem as primeiras dinastias: a Hia, de 1.800 a 1.500 a.C., e a Chang, de 1.500 a 1.100 a.C. O rei é o detentor dos poderes civil, militar e religioso. A população, composta essencialmente de camponeses, cultua os antepassados e os espíritos da natureza, aos quais oferece sacrifícios, e estabelece-se ao longo do rio Amarelo (*Yang Tsekiang*), praticando agricultura de irrigação.

Economia – Secam, irrigam e plantam, na Grande Planície, o arroz, trazido do sul. Criam o bicho-da-seda, fazem tecidos, fabricam a cerâmica e trabalham o bronze e o ferro. Muito antes dos ocidentais, já conhecem a pólvora e o papel.

Religião – A fase das guerras entre os senhores feudais, que se inicia em 1.760 a.C. e só termina em 230 a.C., quando o rei de Tsin coroa-se o imp. Che Huangti, é marcada pelas disputas entre seguidores do taoísmo, de Lao Tsé, e do confucionismo, de Kung Futse (Confúcio), que coexistem com velhos cultos, em que se misturam superstições alimentadas por adivinhos e feiticeiros. O budismo é introduzido, em 202 a.C., pela dinastia Han.

Unificação – A dinastia Tsin, que pacificou as guerras feudais, termina, em 214 a.C., a construção da Grande Muralha, com mais de 3.000 km de comprimento, destinada a proteger o país das invasões mongóis. Nova fase de conflitos internos, que se inicia em 220 a.C., estende-se até 589, quando o país é unificado.

Cultura – O apogeu da literatura e das artes é atingido durante a dinastia Huantsong, de 712 a 756. A compilação do *Cancioneiro Tang* reúne 48.900 poemas de 2.200 autores, entre os quais Li Tai Pô e Tu Fu; e a Academia Han Lin é fundada para formar altos funcionários. Em 960, é compilada a primeira enciclopédia, *Tse-tchi Tungkien* (O grande espelho da arte de governar).

Fase de transição – Em 756, a anarquia que se segue ao final da dinastia Huantsong e as invasões bárbaras fragmentam de novo o país até 960. Em 1215, com Gengis Khan, começa o domínio mongol. Durante o reinado de Kublai Khan, de 1259 a 1294, o veneziano Marco Polo visita o país, levando para o Ocidente informações sobre a riqueza e o progresso chineses. Após a morte de Kublai, seus sucessores não conseguem conter as revoltas camponesas, são expulsos do país em 1368, e ascende a dinastia Ming.

Contatos com o Ocidente – A chegada dos portugueses a Macau, em 1557, não rompe o isolamento dos Ming, derrotados, em 1644 pelos mandchus. Mas a tentativa que estes fazem de também manter o isolamento é violentamente rompida pela Inglaterra, que, no séc. XIX, impõe ao país relações comerciais. Após a Guerra do Ópio, os chineses são obrigados a ceder Hong Kong aos britânicos e a abrir as portas ao comércio ocidental.

JAPONESES

Há evidências de culturas neolíticas em Jomom, de cerca de 2.500 a 300 a.C., e em Yaoi, de 300 a.C. a 300 d.C. Seus vestígios aparecem entre os ainos das ilhas Hokkaido, Sacalina e Curilas. No início da Era Cristã, o Japão divide-se em clãs e são freqüentes os contatos com a China: em 550, são adotados a escrita chinesa, seus costumes, técnicas, formas artísticas e a religião budista (que se une ao xintoísmo para formar o *Ryobu Shintô*). Adota-se também a concepção chinesa do Estado imperial, posta em vigor quando o clã Yamato impõe-se aos demais (645).

Guerra entre clãs – O período em que Nara é a capital, de 710 a 784, é marcado pela expansão do budismo mahayana e pelas primeiras manifestações literárias: o *Kojiki* (Crônica das coisas antigas) e a coletânea poética *Manyoshu* (As dez mil folhas). Em 784, o imp. Kammu leva a capital para Nagaoka, hoje Quioto, onde ela fica até 1185. Essa é uma fase de florescimento das artes, mas também de guerras entre os clãs, principalmente o dos Taira e o dos Minamoto.

Era Yoritomo – O chefe destes últimos, Yoritomo, extermina os outros clãs, nomeia-se xógum (generalíssimo) e cria um sistema, que dura até 1867, em que o imperador tem poder apenas nominal. Esse é um período militarista, marcado pelo código de honra do *Bushidô*, o livro das regras pelas quais se pautam os samurais, e de limitado desenvolvimento artístico, literário e filosófico. Mas expande-se o comércio, organizado em ligas (as Za), com grande movimento em Nagasáqui e Kyushu.

Era Muromachi – Assim chamada devido ao subúrbio de Quioto onde ficava o palácio dos xóguns Ashikaga. Retorna a influência chinesa na obra de paisagistas como Seshu, Sesson e Soami; surge também o teatro Nô, erudito e aristocrático, entre os séc. XIV e XV. Os primeiros contatos com os europeus dão-se em 1543 e, de 1549 a 1551, a obra missionária de S. Francisco Xavier converte 150 mil pessoas ao cristianismo. A essa altura, o trabalho de unificação tinha sido feito por três senhores da guerra: Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e Tokugaua Ieyasu, que derrotam os demais clãs entre 1573 e 1603.

Era Tokugaua – O xogunato de Tokugaua, com sede em Edo, atual Tóquio, mostra-se militarista, autoritário, isolacionista e marcado pela perseguição aos católicos e pela ascensão de uma burguesia urbana que favorece o retorno à cultura de raízes tradicionais, baseada nos mitos e costumes do xintoísmo. Esse período vai durar até a ascensão do imp. Mutsuhito Meiji, que reina de 1867 a 1912, abrindo as portas ao estrangeiro e fazendo o país ingressar em sua era moderna.

AFRICANOS

As colonizações fenícia, grega e romana no norte (séc. VI–V a.C.), seguem-se as explorações romanas por via terrestre (41–68). O reino de Aksum (séc. I–X), os impérios de Gana (séc. IV–XV) e do Mali (séc. V–XIV) vivem seu apogeu antes da islamização (séc. VII–XVII). Ao apogeu do império Songai (séc. IX–XIV) e do reino do Monomopotapa (séc. XII–XV), segue-se o declínio com o tráfico negreiro, a cristianização e a colonização ocidental (séc. XV–XVI).

Origens – Em cerca de 2.500 a.C., a região do Sahel torna-se o ponto de convergência das culturas existentes nas áreas mediterrânea e tropical do continente. O Egito forma uma unidade à parte com os núbios do País de Kush (Sudão e Etiópia), anexados desde a IV Dinastia. No séc. V a.C., o norte do continente é colonizado pelos fenícios, que constroem Licsos, junto à Líbia, e pelos gregos, que erguem Naucrates, perto do Egito. Mais tarde, os romanos ocupam a região até o Nilo: a exploração terrestre começa com os imp. Claúdio e Nero, entre 41 e 68. Os egípcios navegam no mar Vermelho e no golfo de Áden; os árabes sabeanos e etíopes alcançam as costas de Zanzibar.

Expansão islâmica – No séc. X, o reino etíope de Aksum é dominado pelos amáricos do reino de Gondar, que dão origem à Abissínia, atual Etiópia. A islamização chega, no séc. VII, ao Saara Ocid., de onde, por meio da *jihad* (guerra santa), os almorávidas a difundem entre as tribos negras do sul: nos séc. XIII a XV, são islamizados os peul, mandê e hausa, do Sudão, e os impérios de Gana e Mali. No séc. XVI, o Islã chega à Somália, Zanzibar e Comores. O reino dos almorávidas estende-se para o Marrocos, Sudão e parte da Espanha; mas é derrotado pelos almohadas e os negros não-muçulmanos.

Região subsaariana – A cultura do império de Gana, que floresce entre os séc. IV e XV, mistura o animismo com o islamismo. Entre os séc. V e XIV, crescem os impérios do Mali, da Mauritânia e de Gâmbia. Entre os séc. IX e XIV, o Songai desliga-se do Mali, estendendo-se do Senegal ao centro do Saara; mas, em 1591, é derrotado por uma expedição de espanhóis renegados, enviada pelo sultão marroquino Almansur. No atual Zimbábue, surge, entre os séc. XII e XV, o reino do Monomopotapa, conhecedor da metalurgia do ferro, cobre e ouro e que mantém comércio de metais e marfim com a Índia. Essas civilizações são influenciadas pelas expedições portuguesas e espanholas, modificando suas práticas comerciais, aceitando a introdução do tráfico negreiro e a pregação do cristianismo. Começa aí o processo de colonização europeu.

PRÉ-COLOMBIANOS

Os incas do Peru, Bolívia e Equador, as culturas do vale do México e os maias e mexicas da Mesoamérica (sul do México e Guatemala) são os três grandes focos de civilização no continente, antes da chegada do europeu. Contribuem para a formação étnica e cultural dos países atuais e introduzem o cultivo do milho, batata, feijão, tomate, pimenta, amendoim e cacau.

México – As culturas que ali se desenvolvem são a olmeca, entre cerca de 1.000 e 400 a.C.; a teotihuacán, de cerca de 300 a.C. a 700 d.C.; a tolteca, de cerca de 900 a 1100; e a asteca, de cerca de 1300 a 1519.

Pré-astecas – As civilizações do México e da Guatemala têm origem comum: a cultura olmeca, que se desenvolve ao longo das costas do golfo do México. As sociedades teocráticas maias e mexicas possuem escrita hieroglífica, conhecimentos de astronomia e matemática e arquitetura religiosa, em que predominam as pirâmides, construídas em homenagem a um complexo panteão de divindades. O sacrifício humano, para apaziguar os deuses, é largamente praticado. A cidade de Teotihuacán, no vale do México (cerca de 300 a 700), é a maior concentração urbana de seu tempo (100 mil habitantes); destruída por invasores, é sucedida por Tula, capital dos toltecas, sociedade militarizada que, a partir do séc. X, expande-se até a península de Iucatã.

Astecas – A destruição de Tula, no séc. XII, assinala a fragmentação do vale do México em cidades-Estados. É a época da chegada dos astecas, vindos do norte e que, a princípio, trabalham como servos e mercenários, até fundarem, em 1344, a cidade de Tenochtitlán, no lago Texcoco. Adoradores de Hutzilopochli, deus do Sol e da guerra, sacrificam-lhe os prisioneiros capturados nas batalhas com que expandem seu domínio, a partir da conquista, em 1428, do reino vizinho de Atzcapotzalco. Em 1519, contando com o apoio das populações subjugadas pelos astecas, e que odeiam seus conquistadores, derrotam o imp. Moctezuma e ocupam Tenochtitlán. A cidade, na época, tem 300 mil habitantes, sistema de aqueduto, mercados, parques públicos, jardim zoológico e templos monumentais em forma de pirâmide.

Mesoamérica – A civilização maia divide-se em três períodos: o de formação (1.500–150 a.C.), o Clássico, de apogeu (150 a.C.–900 d.C.), e o Pós-clássico, de declínio (900–1531).

Maias – Na fase de apogeu (300–900 d.C.), a influência desse povo estende-se do sul do México à Costa Rica, fazendo prosperar os centros religiosos de Tikal, Uaxactún, Bonampak, Palenque, Copán, Uxmal e Chichén Itzá, onde constroem pirâmides com afrescos, baixos-relevos e esculturas de técnica desenvolvida. No séc. X, as cidades da planície de Petén são abandonadas, ou por causa de alguma epidemia catastrófica ou porque a superpopulação torna a área incapaz de fornecer sustento a um número elevado de pessoas. No declínio, sobrevivem apenas as cidades-Estados das montanhas, na Guatemala e na península de Iucatã, já descaracterizadas.

América do Sul – Há culturas pré-incaicas no litoral e no interior peruanos: a chavin, entre 1.000 e 500 a.C.; a paraca, que se inicia em 100 a.C.; a mochica e a nazca, no litoral, e a de Tiahuanaco, nas montanhas, que florescem no início da Era Cristã. O Império Inca surge em cerca de 1400 e dura até a conquista espanhola (1532).

Pré-incaicos – A cultura chavin, que se desenvolve no norte do Peru, é o ponto de partida tanto para a civilização inca – que pratica técnicas de tecelagem, cerâmica, ourivesaria, engenharia e agricultura – quanto para as culturas que se desenvolvem no litoral peruano: a dos paracas, mochicas e nazcas. E também a de Tiahuanaco, na região do lago Titicaca. A última grande civilização litorânea do Peru é o reino Chimu, cerca de cem anos antes de aparecerem os incas.

Incas – A sua capital, Cuzco, é fundada por Manco Cápac, em cerca de 1200. Com a incorporação dos reinos de Quito e Chimu, o império se estende do sul da Colômbia à costa chilena e ao norte da Argentina, com população de 6 milhões de habitantes. Constroem grande rede viária andina, um sistema de irrigação e de aproveitamento das encostas das montanhas para plantio e criam complexa máquina administrativa. Enfraquecido pela guerra civil entre os herdeiros de Huayna Cápac e epidemias vindas da Europa, o império é conquistado por Francisco Pizarro (1532).

IDADE MÉDIA

A queda do Império Romano, em 476, marca o início desse período de dez séculos. Seu fim, assinalado pela tomada de Constantinopla, em 1453, coincide também com o Renascimento, o fim da Reconquista espanhola e a fase de formação das monarquias nacionais européias.

Império Bizantino

Sua sede é a cidade de Bizâncio, depois chamada de Constantinopla – atual Istambul, na Turquia. Nela se instala, em 395, o Império Romano do Oriente, que, em 610, transforma-se num reino helênico. Depois da conquista macedônica, em 867, o declínio começa a partir de 1056.

IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE

Após a morte do imp. Teodósio, o Grande, em 395, o Império Romano é dividido entre seus filhos: Honório recebe o Ocidente, com capital em Roma, e Arcádio, o Oriente, instalando sua sede em Bizâncio. Formado pelas províncias mais ricas do antigo Império Romano, o Oriente opõe longa resistência ao expansionismo dos persas, árabes e turcos. Durante o reinado de Justiniano, entre 528 e 564, reconquistam-se a Itália, o norte da África e parte da Espanha; mas isso provoca o endividamento do Estado. A repressão a uma revolta popular, em 532, dá início à fase chamada de "cesaropapismo", em que se afirma o poder autocrático do imperador.

Helenização – Heráclio, que em 610 passa a usar o título de basileu (rei), substitui o latim pelo grego, língua oficial do Império Bizantino, e rechaça as invasões persas, iniciadas após a morte de Justiniano. A criação dos distritos militares (*themas*) e a distribuição de terras aos soldados torna o império feudal. Seus sucessores enfrentam ataques continuados dos árabes, derrotados em 740, e dos búlgaros, vencidos em 1014 por Basílio II (976–1025), que leva ao auge o poderio militar bizantino.

Após sua morte, começa a decadência, agravada pelas isenções fiscais concedidas aos feudatários. Os constantes ataques dos seljúcidas, após 1055, e a conquista pelos venezianos, em 1204, enfraquecem o império, derrubado pelos otomanos em 1453, após longo cerco.

Economia – A principal atividade é o comércio, em razão da posição estratégica da cidade nos estreitos de Bósforo e Dardanelos. A criação de feudos começa a partir da formação de uma nobreza militar e do incremento da propriedade monástica. Os camponeses livres vão sendo vinculados, em regime servil, aos latifúndios, sobre os quais o poder central perde gradualmente a autoridade. O contrcle imperial do artesanato e do comércio realiza-se por meio da organização corporativa.

Cultura e religião – Tendo como fundamentos culturais o direito romano, o idioma e a civilização gregos, as crenças e costumes cristãos, Bizâncio transmite e preserva o patrimônio cultural greco-romano (filologia, poética, filosofia e direito) e codifica o direito romano: *Codex Juris Civilis*, sob a direção de Triboniano, durante o reinado de Justiniano. As artes e a literatura clássicas são transmitidas ao Ocidente, influenciando o início do Renascimento. Bizâncio tem participação fundamental na conversão dos eslavos – em particular os russos – ao cristianismo, feita por S. Cirilo e S. Metódio. A teologia grega, o misticismo e o monaquismo oriental influem nas correntes espirituais do Ocidente. Em 1054, ocorre o Cisma do Oriente, separando a Igreja Católica Romana da Ortodoxa Grega.

Islã

A fase pré-islâmica da história árabe estende-se de cerca de 3.600 a.C. até a Hégira, em 622 d.C. O Império Árabe é constituído em 632 e perdura até a imposição da hegemonia turca no Oriente, em 1055. A dominação otomana vai de 1258 até o fim da I Guerra. De 1918 em diante, surge o Islã moderno.

Fase pré-islâmica – Até o séc. VII, os árabes não possuem unidade econômica e política, vivendo espalhados em regiões desérticas, vagando de um oásis para outro. Somente o Iêmen e o Hedjaz, na margem arábica do mar Vermelho, apresentam condições propícias à concentração humana. De origem semita, os arábes estão, a princípio, divididos por religiões politeístas e pelas rivalidades entre as tribos, sobrevivendo do comércio de caravanas, do saque e do pastoreio. Para Meca, centro comercial e religioso, convergem caravanas de mercadores e peregrinos que visitam a *Caaba*, santuário que abriga as imagens de todos os deuses venerados pelas tribos da Arábia.

Arábia islâmica – A unificação é obra da religião, a partir das pregações do profeta Maomé, o fundador do islamismo, que se inspirou no judaísmo, no cristianismo e no masdeísmo. Perseguido em Meca, ele foge para Medina em 622. Essa fuga, chamada de Hégira, é considerada pelos muçulmanos a data para o início de seu calendário. Quando Maomé morre, em 632, apenas o Hedjaz é muçulmano. Durante o califado de Abu Bakr, de 632 a 634, o islamismo é imposto ao Iêmen, Barein, Omã e Síria. Começa, assim, a expansão, baseada na *jihad*, a guerra santa, que se estende da Espanha até a China e a Índia. O Império Árabe reúne povos de diversas etnias e religiões; mas desenvolve uma cultura comum a todas elas graças ao islamismo e à língua árabe, difundidas entre os conquistados. A partir do séc. VIII, começa a infiltração, nos exércitos árabes, de turcos seljúcidas, convertidos ao islamismo. Eles acabarão por lhes impor seu protetorado.

Império Otomano – Originários da Mongólia e do norte da China, os turcos, sob a derrota de Seldjuk, derrotam os bizantinos em Manikert, em 1071, e dominam o planalto da Anatólia. A dinastia Osmanli, ou Otomana, é fundada por Osman I em 1281. Seu sucessor, Orkhan, conquista Brussa, Nicéia e Galípoli, graças às suas tropas de elite, os *yenitcheri* (janízaros). Entre 1359 e 1540, a expansão prossegue, com a conquista dos Bálcãs (1389); a tomada de Constantinopla (29/5/1453), que Maomé II transforma na nova capital, com o nome de Istambul; e a tomada de Bagdá aos persas, em 1534. Atingirá seu apogeu, no séc. XVI, sob o reinado de Suleimã II, o Magnífico.

Cultura – Desenvolve-se nos centros vitais do Império Árabe: Bagdá, Córdoba, Damasco, Cairo, Samarcanda, onde ocorre a fusão da cultura oriental com a helenística. Através da dominação de parte do território espanhol, contribui para o início do Renascimento europeu, com a tradução das obras de Aristóteles pelo cordobês Averróes; com o impulso dado à Medicina e à Astronomia pelo persa Avicena; com a introdução dos algarismos arábicos e os progressos na Trigonometria e na Álgebra; os estudos de Alquimia; a construção de mesquitas e palácios, com suas arcadas sobre colunas, abóbodas, arcos em ferradura e arabescos; a realização de trabalhos de irrigação; e a importação de frutas como o damasco, o limão, a laranja e a tâmara, que se aclimatam ao solo europeu.

Religião – As revelações de Alá a Maomé e as pregações do profeta estão contidas no *Corão* (ou Alcorão), o livro sagrado dos muçulmanos. Fazer orações voltado para Meca, para onde o islamita deverá peregrinar pelo menos uma vez na vida; fazer as abluções rituais e jejuar no mês de Ramadã são as principais obrigações do fiel. Os sunitas são partidários de um chefe de Estado eleito pelos crentes e sustentam que o *Sunna*, livro dos ditos e atos de Maomé, é a única fonte de verdade do islamismo. Os xiitas, fundamentalistas, defendem o ideal absolutista de Estado, tendo como chefe religioso e político um descendente do Profeta; só admitem os ensinamentos do *Corão*; e assumem posições radicais, defendendo a constituição de governos teocráticos, como o que se implantou parcialmente no Irã no séc. XX.

Europa medieval

O feudalismo, formado entre os séc. V e IX, tem seu apogeu do séc. IX ao XII. Após uma fase de expansão que se estende do séc. XII ao XIII, entra em crise no séc. XIV.

REINOS BÁRBAROS

A partir do séc. V, pressionados pelos hunos – que, em 375, tinham destruído seu reino, no sul da Rússia –, os ostrogodos, logo seguidos por outros povos, invadem e devastam o Império Romano do Ocidente, que se extingue em 476. É dividido em diversos reinos bárbaros de duração efêmera, fruto tanto de guerras internas entre os germanos quanto de ataques externos dos bizantinos, que, durante o reinado de Justiniano, destroem os reinos dos ostrogodos e dos vândalos; e dos árabes, que conquistam a península Ibérica em 711, dominando os visigodos. Dois reinos sobrevivem às guerras: o dos Francos, na Gália, e o dos Anglo-saxões, na Inglaterra.

Francos – Na Gália (França atual), a dinastia merovíngia, fundada por Clóvis no final do séc. V, assegura a hegemonia sobre os alamanos, visigodos e burgúndios. Cristianizados em 497 pela conversão de Clóvis, eles se aliam à Igreja, constituindo uma barreira à expansão árabe, a partir da Espanha, no séc. VIII.

Anglo-saxões – Consolidam-se na Grã-Bretanha, após a vitória sobre os bretões, cristianizados por missionários irlandeses e, a partir de 597, pela missão chefiada por Sto. Agostinho da Cantuária. Durante esse período, o exôdo urbano provoca a ruralização da Europa, com o desaparecimento das cidades, enquanto cresce o poder dos senhores feudais.

Carolíngios – No Reino Franco, a debilidade dos merovíngios, chamados de "reis indolentes", pois são incapazes de manter a unidade política após a morte de Clóvis, permite a ascensão, em 751, dos duques de Heristal. Essa família consegue tornar hereditário o cargo de

mordomo do paço, equivalente ao de 1º-ministro, permitindo o fortalecimento dos senhores feudais. Essa ascensão ocorre sobretudo depois que Carlos Martel vence os árabes na Batalha de Poitiers, em 732, tornando-se o defensor da Cristandade. Seu filho, Pepino, o Breve, aproveita-se do prestígio do cargo e, com apoio do papa Zacarias, afasta Childerico III, último rei merovíngio (751).

Apogeu – A aliança entre os carolíngios e Roma é consolidada, entre 754 e 756, por Pepino, o Breve, que, a pedido do papa Estêvão II, derrota os lombardos, obrigando-os a entregar territórios que, doados ao papa, formarão o Estado Pontifício. Essa aliança é ampliada sob Carlos Magno, que, após formar um império, obtém a conversão de povos pagãos pela força das armas e coloca sob sua proteção o papa Leão III, que, em 800, o coroa imperador do Ocidente.

Declínio – Após a morte de Carlos Magno, a autoridade do imperador, exercida, através dos fiscais chamados de *Missi Dominici,* sobre os condados e marcas, dissolve-se gradualmente. Seus sucessores são incapazes de manter a autoridade, submetendo-se à Igreja e perdendo o controle sobre os senhores feudais. Em 843, o império é dividido, pelo Tratado de Verdun, em *Francia Occidentalis,* Lotaríngia e *Francia Orientalis.*

FORMAÇÃO DO FEUDALISMO

Sua origem remonta ao colonato romano e aos costumes germânicos, que se baseavam no direito consuetudinário e na tradição, pois não existiam leis escritas. Mas é a partir da expansão dos árabes no Mediterrâneo, fechado para o comércio com os cristãos, que se inicia o processo de encastelamento europeu, agravado pelos ataques escandinavos. Os vikings, nos séc. VIII e IX, saqueiam as cidades russas de Novgórod e Kiev, o norte da Irlanda, a Escócia, Islândia e Groenlândia. Os ataques dos magiares, búlgaros e eslavos aos povos do leste surtem o mesmo efeito.

Fase áurea – O sistema econômico baseia-se nas relações vassálicas entre a nobreza – concessão de benefícios (feudos) associada a um juramento de fidelidade que cria diversas obrigações – e na relação entre senhores e servos, que envolve a proteção militar em troca da prestação de serviços (corvéia) e pagamento de taxas (talha, banalidade, entre outras). Grandes repercussões literárias terá a criação da Cavalaria, com seu código ético: um conjunto de ideais e práticas próprias à nobreza, que, para nela ingressar, necessita receber educação apropriada e cumprir uma série de rituais iniciáticos. A Cavalaria serve à Igreja para controlar a violência.

Mudanças na sociedade – O fim das invasões, no séc. X, coincide com as vitórias de Oto I, o Grande, sobre os húngaros e eslavos em 955, e com a conseqüente criação do Sacro Império Romano Germânico. Associa-se ainda à ascensão de Hugo Capeto ao trono da França, tendo início a campanha de reconquista dos territórios espanhóis aos árabes. Paralelamente, ocorrem na Europa transformações nas técnicas agrícolas e de transporte. Somadas ao desencastelamento, que é fruto do fim das invasões, elas provocam o crescimento da população, gerando pressão sobre a terra. O exôdo rural e a marginalização de parte da nobreza, além de dar origem à cavalaria andante, estão na base do renascimento urbano e do advento das Cruzadas (1095–1270).

As Cruzadas – Sua pregação por Pedro, o Eremita, deve-se à dominação dos turcos seljúcidas sobre Jerusalém, no séc. XI. Acusados de perseguições aos cristãos, os turcos são vistos como inimigos de toda a Cristandade. A essa pregação soma-se o pedido de ajuda dos bizantinos ao papa contra a pressão islâmica. Ao desejo de libertar o Santo Sepulcro junta-se ainda o de conquistar terras, e, assim, a convocação das Cruzadas pelo papa Urbano II recebe amplo apoio da nobreza. Durante quase dois séculos, são realizadas oito cruzadas, contribuindo para a decadência dos seljúcidas, mostrando-se capazes de perpetuar o domínio cristão sobre a região. A principal conseqüência é a abertura do Mediterrâneo para o comércio ocidental, a partir de 1204, quando a Europa vive a fase de renascimento comercial e urbano.

A aurora burguesa – A abertura do Mediterrâneo possibilita o desenvolvimento do comércio pelas cidades italianas de Veneza, Gênova e Pisa e o aparecimento das rotas da Champanha e do Reno, ligando a Itália ao norte da Europa. O continente transforma-se rapidamente: ao longo dos rios e estradas principais, surgem as feiras da Champanha, as Hansas e burgos (companhias e centros comerciais). As técnicas mercantis se modificam com a criação dos bancos, do câmbio, do seguro, do comércio por amostras e da carta de crédito. Nascem as corporações de ofício e de mercadores; a burguesia passa a comprar cartas de franquia, libertando as cidades do jugo feudal. A aproximação dos reis com a burguesia anuncia a formação de governos centralizados.

MONARQUIAS NACIONAIS

Seu aparecimento associa-se às transformações ocorridas na Europa a partir do séc. XII, quando o desenvolvimento do comércio exige a constituição de um poder centralizado que proteja os mercadores e unifique as taxas, leis, pesos e medidas. O seu desenvolvimento, entretanto, não é uniforme, estando sujeito a retrocessos periódicos, devido à resistência da nobreza e do clero.

França – A dinastia Capeto fortalece o poder real submetendo a nobreza e o clero. Alcança o apogeu no séc. XIV, com Felipe, o Belo, mas é abalada pela Guerra dos Cem Anos, que se estende de 1339 a 1453. O processo de centralização só é retomado no final do séc. XV, completando-se no séc. XVII.

Inglaterra – As tentativas da dinastia Anjou-Plantagenet esbarram na resistência da nobreza, que impõe a Magna Carta em 15/6/1215, submetendo a monarquia ao controle da lei. A centralização do poder vem após a Guerra das Duas Rosas, de 1455 a 1485, com a ascensão da dinastia Tudor.

Península Ibérica – As monarquias constituem-se apoiadas na Guerra de Reconquista contra os mouros (Portugal, no séc. XIV, e Espanha, no séc. XV). A centralização precoce do poder nas mãos dos reis favorece o pioneirismo desses países na expansão marítima.

Alemanha – As tentativas de instaurar uma monarquia remontam ao séc. IX; mas o apego à idéia imperial, a resistência da nobreza e as disputas com o papa minam as possibilidades de centralização do poder.

DECADÊNCIA

É provocada por um conjunto de causas: mudanças climáticas; epidemias de peste e de fome, principalmente a de peste negra, que, entre 1347 e 1350, dizima a população européia; e guerras continuadas. A mais longa é a dos Cem Anos, que tem diversas fases. Elas desarticulam a agricultura e as rotas comerciais, provocando levantes como a da Jacquerie, na França, em 1358; e a Revolta dos Camponeses, na Inglaterra, em 1381. A escassez de mão-de-obra na Europa Ocid. força a substituição das obrigações servis por pagamentos em dinheiro, o que acelera o declínio do feudalismo. Na Europa Or., entretanto, verifica-se o fortalecimento dos laços servis que prendem o trabalhador à terra. Paralelamente, tem início, em Portugal, a expansão marítima através do Atlântico, em direção ao Oriente. Tenta-se com isso romper o monopólio comercial italiano, ao mesmo tempo que desponta a ameaça turca. Na Espanha, os reis Fernando e Isabel, cujo casamento une as coroas de Castela e Aragão, concluem a conquista de Granada, expulsando os mouros e iniciando a expansão marítima espanhola.

Guerra dos Cem Anos – É desencadeada pelas pretensões da Inglaterra ao trono francês. Começa em 1339, com vitórias do Exército inglês: disciplinado e eficiente, contando com arqueiros e canhões, ele supera facilmente

a obsoleta cavalaria francesa. A Batalha de Azincourt, vencida por Henrique V, em 1415, aumenta o poder inglês no plano europeu. Em 1429, Joana D'Arc leva o Exército francês a romper o cerco a Orléans. Mas é entregue pelos próprios franceses aos invasores e queimada como feiticeira, em Rouen, em 1431. O conflito termina em 1453, com a França devastada.

Guerra das Duas Rosas – As casas de Lancaster, representada pela rosa vermelha, e a de York, pela rosa branca, entram em luta em 1455, disputando o trono. Em 1485, após trinta anos de guerra, Henrique Tudor, herdeiro das casas de Lancaster e York, derrota Ricardo III, de York, na Batalha de Bosworth. Funda a dinastia Tudor e reina com o nome de Henrique VII. A Marinha inglesa se desenvolve e o sistema feudal é abalado pela proibição de se manterem exércitos particulares.

IDADE DA FÉ

Nos primórdios da Idade Média, a Igreja se ocupa com a cristianização dos povos bárbaros, ao mesmo tempo que se firma a teoria do primado de Roma, com base na idéia de que a Igreja fora fundada pelo próprio Cristo ao investir Pedro como papa. Nesse período, ocorre também a adaptação das idéias de Sto. Agostinho às necessidades da ação política do papado. Mediante a centralização dos bens eclesiásticos, criam-se as bases do poder territorial do papa, que se torna o soberano temporal de Roma. Sempre abalada pelas heresias, a Igreja procura adaptar-se aos novos tempos, criando as ordens monásticas (clero regular). Atende assim aos interesses dos que desejam uma vida de meditação associada ao trabalho intelectual, responsável pela preservação dos textos greco-romanos nas bibliotecas dos mosteiros, e dos que, no clero secular, pretendem dedicar suas vidas à divulgação da fé cristã.

Combate às heresias – A convocação das Cruzadas reforça o poder da Igreja Católica, que, disposta a combater as dissidências, confia aos franciscanos, em 1223, o objetivo de reavivar a religiosidade popular, e aos dominicanos, em 1216, a função de combater as heresias. A estes é entregue, em 1231, o Tribunal do Santo Ofício, a Inquisição. A Igreja, entretanto, é abalada por sucessivas crises: o Cisma do Oriente, em 1054, que faz surgir a Igreja Ortodoxa Grega; a Querela das Investiduras, entre os séc. XI e XII, envolvendo disputas em torno da nomeação para os cargos eclesiásticos, entre os imperadores alemães e o papado; e o Cativeiro de Avignon, de 1307 a 1377, em que a sede do papado é transferida para a França, por imposição de Felipe, o Belo. Mas a hegemonia cultural e ideológica é mantida durante a Idade Média. E a Igreja torna-se também grande proprietária de terras.

Cultura – A hegemonia cultural da Igreja, até o séc. XI, associa-se principalmente às ordens monásticas que, através das bibliotecas dos mosteiros, onde os manuscritos são copiados e ilustrados com iluminuras, preservam a cultura greco-romana. Sto. Agostinho, com as *Confissões*, e Sto. Tomás de Aquino, com a *Suma teológica*, lançam as bases filosóficas do pensamento religioso num momento de crise, reelaborando as idéias de Platão e Aristóteles. O aparecimento, no séc. XI, das primeiras universidades, em Salerno (1087) e Bolonha (1119), está relacionado com o aumento do poder aquisitivo dos comerciantes, mas é também fruto do desejo da Igreja, preocupada com as heresias e a irrupção do racionalismo, de manter o controle sobre o ensino.

IDADE MODERNA

Inicia-se no séc. XV, em razão das transformações sociais e políticas do final da Idade Média. Termina com a crise do Antigo Regime, como são chamados os regimes absolutistas que imperam até o séc. XVIII. A Revolução Francesa (1789) e a Revolução Industrial, na Inglaterra, trazem mudanças econômicas, políticas e sociais.

Renascimento cultural

É a culminação, entre os séc. XIV e XVII, de uma série de pequenos renascimentos, cujo início pode ser localizado no séc. XI, e que abrangem não só o desenvolvimento das artes, dentro dos moldes clássicos, mas também importantes realizações no campo da ciência, da política, da pedagogia e da religião. Além disso, reflete o fortalecimento de certos ideais e atitudes dominantes, que marcarão profundamente o mundo moderno: o hedonismo, o naturalismo, o individualismo e, no sentido mais amplo, o humanismo, ou seja, a glorificação do que é humano e natural, em oposição ao divino e ao extraterreno. A concepção da vida como uma alegre manifestação da beleza será um elemento fundamental do humanismo renascentista.

Origem – Associa-se às transformações econômicas e à ascensão da burguesia, que modela um novo tipo de homem, dotado de senso comercial, apego à riqueza e inclinação para os prazeres materiais. No final da Idade Média, o crescimento das cidades, a criação das universidades, que leva à secularização do saber, e a invenção da imprensa possibilitam a expansão da cultura, dando origem a uma mudança da mentalidade que privilegia a afirmação do individualismo. Os descobrimentos científicos de Copérnico, Kepler e Galileu, a partir do séc. XVI, colocam a ciência como "motor" do progresso humano.

Fases – O *Trecento* – como os italianos chamam o séc. XIV – é uma fase de transição, ainda próxima da mentalidade e das tradições medievais, marcada pelo espírito religioso. O *Quattrocento*, ou séc. XV, caracteriza-se pelo revivescimento da literatura em latim; nele intensificam-se os contatos com Constantinopla. E o séc. XVI, ou *Cinquecento*, é a época em que as influências clássicas e modernas se fundem e desenvolvem-se a poesia, a historiografia, as artes plásticas e a ciência. Nesse período, o Renascimento difunde-se pela Europa.

Humanismo – Origina-se nas condições econômico-sociais do final da Idade Média e da valorização da cultura greco-romana. O humanista busca as fontes da Antiguidade; cultiva a língua clássica nas escolas e academias; ressuscita o idealismo platônico (neoplatonismo) para conciliá-lo com o cristianismo; e rechaça a filosofia aristotélica e as interpretações desse pensamento feitas pelo árabe Averróes. Essa síntese estabelece nova dimensão do homem: o ser humano passa a ser visto como o protagonista da História, dono de suas forças e capaz de intervir e de transformar o mundo. Amparados por mecenas, os protetores da cultura, eruditos e artistas desenvolvem uma arte e uma filosofia direta ou indiretamente inspiradas no paganismo greco-romano, que, coincidindo com um período de conflitos religiosos, vai ter um papel decisivo na eclosão da Reforma protestante.

Era dos Descobrimentos

O ano de 1415 marca o início da expansão marítima portuguesa. A criação da Escola Naval de Sagres pelo infante d. Henrique e a conquista de Ceuta, centro comercial do norte da África, são o ponto de partida para as conquistas portuguesas de um novo caminho para as Índias, rompendo com o monopólio italiano sobre o comércio de especiarias.

Aventura africana – Os portugueses descobrem a ilha da Madeira em 1419, os Açores em 1430, Cabo Verde em 1445 e S. Tomé e Príncipe em 1450. São também os primeiros europeus a cruzar a linha do equador, em 1471. Diogo Cão atinge a foz do rio Congo em 1482. Bartolomeu Dias descobre o caminho marítimo para a Índia, em 1488, ao passar o cabo da Boa Esperança, no extremo sul da África. Visando proteger a rota para a Índia, os portugueses estabelecem feitorias no litoral africano, que servem como entrepostos comerciais (pimenta, tráfico de escravos), e colonizam as ilhas do Atlântico, usando o trabalho escravo para cultivar a cana-de-açúcar, viabilizando,

assim, a expansão para o Oriente. Finalmente, em 1498, Vasco da Gama atinge o litoral indiano.

Cristóvão Colombo – Em 1483, o trono português recusa a proposta desse genovês – que se baseia nos estudos de Giovanni Toscanelli e Pierre d'Ailly sobre a esfericidade da Terra – de buscar uma rota para a Ásia através do Atlântico. Colombo parte para a Espanha em 1485; mas só em 17/4/1492 consegue que seu projeto seja aprovado por Isabel de Castela. Parte de Palos, em 3/8/1492, com cem homens e as caravelas *Santa María*, *Pinta* e *Niña*, e descobre, em 12/10, S. Salvador (Samana Cay, nas Bahamas), Juana (Cuba) e Hispaniola (Haiti e Sto. Domingo); nesta última, funda o Forte da Natividade. Na segunda expedição, parte de Cádiz, em 25/9/1493, com dezessete caravelas e 1.500 homens, e funda Isabela, nas ruínas do Forte da Natividade, destruído pelos índios. Mas o sucesso dessas missões não o livra de uma série de dissabores. No final de 1495, acusado de corrupção e abuso de poder, entrega o governo da colônia a seu irmão Bartolomé e vai à Espanha defender-se das denúncias que lhe são feitas. É inocentado, mas novos levantes contra seu autoritarismo fazem com que o conde de Bobadilha seja enviado a Hispaniola para prendê-lo e levá-lo à Espanha, onde é julgado e novamente inocentado. Seus privilégios como navegador e descobridor são renovados, mas ele fica proibido de voltar a Hispaniola. Sua terceira expedição sai de Sevilha e Saniúcar, em 30/5/1498, com seis caravelas. A metade segue para Hispaniola e a outra para o sudoeste, onde descobre Trinidad e a foz do Orenoco. A quarta e última sai de Cádiz, em 11/5/1502, com quatro caravelas, chegando a Honduras e ao Panamá. Apesar de todas as aquisições de riquezas e novas terras que fez para a Coroa espanhola, seu final de vida foi passado na miséria. As comemorações, em 1992, do V centenário da chegada de Colombo à América reabriram a discussão sobre o significado da descoberta, incluindo o debate sobre o massacre das populações indígenas feito pelos espanhóis, em nome da imposição de sua própria cultura e religião. Os críticos desse evento alegam que o continente já era povoado, possuindo civilizações desenvolvidas, aniquiladas pelos conquistadores. De acordo com esses argumentos, o que se verificou foi uma conquista, não se justificando portanto a comemoração.

Tratado de Tordesilhas – A disputa entre Portugal e Espanha pelas novas terras leva o primeiro a aceitar a soberania espanhola sobre as ilhas Canárias (1479), em troca do reconhecimento de suas possessões na África. Em 1492, com a intervenção da Santa Sé, tenta-se fazer a divisão dessas terras através da bula *Intercoetera*, que estabelece uma linha divisória a 100 léguas das ilhas de Cabo Verde. A proposta é rejeitada por Portugal. Em 1494, é assinado o Tratado de Tordesilhas, que fixa a linha divisória a 370 léguas daquelas ilhas, cabendo aos espanhóis a posse das terras descobertas a oeste dessa linha e aos portugueses o que está a leste.

Novas descobertas – Entre 1503 e 1513, Alonso de Ojeda, Américo Vespúcio, Yañez Pinzón, Juan de la Cosa e Afonso Niño percorrem praticamente toda a nova terra. Depreendendo dos relatos de Vespúcio, de que ela forma um continente, o cartógrafo Martin Waldsemüller chama-a, em sua homenagem, de América, na *Cosmographiae Introductio*, de 1507. Em 1499, Ojeda atinge a Colômbia e o lago de Maracaíbo, na Venezuela; em 1513, Vasco Núñez de Balboa cruza o istmo do Panamá e descobre o oceano Pacífico; em 1515, Juan Díaz de Solis percorre a costa do Uruguai e o rio da Prata, buscando uma ligação entre o Pacífico e o Atlântico; em 1542, Francisco de Orellana cruza o continente pela via fluvial Marañón-Amazonas; em 1524, Juan Verrazano, a serviço da França, chega à Nova Inglaterra, nordeste dos EUA; em 1534, Jacques Cartier alcança o Canadá. Entre 1508 e 1512, são descobertas a península de Iucatã, a Flórida e o Mississipi; em 1538, Gonzalo Jiménez de Quesada funda Sta. Fé, atual Bogotá; em 1565, Pedro Menéndez funda S. Augustín, a cidade mais antiga dos EUA. A serviço da Espanha, Fernão de Magalhães encontra a passagem para o Pacífico, o estreito de Magalhães, no sul do continente, realizando a viagem de circunavegação (1519–1522) e comprovando a esfericidade da Terra.

CONQUISTAS ESPANHOLAS

Após a ocupação das ilhas do Caribe, os espanhóis tomam conhecimento da existência de impérios índios no continente e organizam expedições para conquistá-los.

México – Em 1519, Hernán Cortés sai de Cuba rumo ao Iucatã e funda Veracruz; rompendo com o governador de Cuba, que organizara a expedição, alia-se aos tlaxcaltecas, inimigos dos astecas, conquista Anahuac e chega a Tenochtitlán, atual Cid. do México, onde é bem recebido pelo imp. Moctezuma. Ao saber que o governador de Cuba mandara tropas a Veracruz para detê-lo, sai de Tenochtitlán, deixando Pedro Alvarado como seu lugar-tenente. Em 1520, a população subleva-se contra os espanhóis, que tinham destruído imagens nos templos e matado sacerdotes. Depois da morte de Moctezuma, Cortés retorna em razão da revolta e, no episódio que fica conhecido como "La Noche Triste", retira os seus homens sitiados pelos astecas. Obtendo outra vitória em Otumba, em 7/6/1521, cerca Tenochtitlán, que, apesar da resistência dirigida pelo imp. Cuauhtémoc, cai em 31/8/1521. Cortés torna-se capitão-geral da Nova Espanha, o atual México, à qual anexa Iucatã e Honduras. Nos anos seguintes, toda a América Central será conquistada.

Peru – Em 1531, Francisco Pizarro, Diego de Almagro e Hernando Luque saem do Panamá, fundam S. Miguel e tomam Túmbez. Aproveitando a guerra que o inca (imperador) Atahualpa movia contra o irmão Huáscar, os espanhóis dominam o país: Atahualpa é preso em Cajamarca e executado. Em 15/11/1533, Pizarro domina Cuzco, nomeia Manco Cápac novo inca e, até 1535, funda Jauja, Riomba, Trujillo e Lima. De 1537 a 1554, os conquistadores disputam a posse dos territórios e provocam uma guerra. Pizarro ordena, em 1538, a execução de Almagro – seus seguidores o assassinam em 26/6/1541.

Chile – Em 1540, Pedro Valdivia inicia a exploração e conquista desse território, dominado pelos índios araucanos, fundando as cidades de Santiago em 1541, La Serena em 1545, Concepción em 1550 e La Imperial em 1551. Em 25/12/1553, os araucanos, chefiados por Caupolicán, derrotam Valdivia em Tuscapel e o executam. A luta prossegue até a derrota de Caupolicán, também executado, em 1557.

Rio da Prata – A primeira expedição que visita essa região é a de Juan Díaz de Solis, em 1515; mas a exploração sistemática é feita, a partir de 1535, por Pedro de Mendoza, que funda Buenos Aires em 1536. No entanto, as más condições do terreno, inapropriado para o cultivo, a fome e os ataques dos índios forçam Mendoza a abandonar o povoado, que cai em ruínas, só sendo reconstruído em 1580, por Juan de Garay. Em 1537, Juan de Irala tinha fundado Assunção, no Paraguai.

Fim da conquista – Por volta de 1560, está virtualmente terminado o processo de ocupação espanhola da América, que se caracterizou por uma política de interiorização, via construção de cidades distantes da costa – modelo inspirado no da ocupação romana e que difere do utilizado pelos portugueses, que só ocupam, e muito lentamente, a faixa litorânea.

Economia – A principal atividade é a mineração, mas, ao mesmo tempo, junto às regiões mineradoras, surgem as *haciendas* de criação de gado. O comércio colonial é controlado pela Casa de Contratação, criada em Sevilha em 1503, que detém o monopólio das mercadorias da e para a América, das permissões de embarque e seleção de tripulantes, de um centro de pesquisas geográficas e marítimas e de formação de pilotos, e de uma prisão para os culpados de crimes mercantis. Sal, mercúrio (para a mineração), pólvora e tabaco são monopólio da Coroa.

Repartição de terras – O solo e o subsolo pertencem à Coroa, mas as repartições reais dão terra aos conquistadores, que as distribuem aos povoadores. Mais tarde, o Conselho das Índias, criado em 1524, dará aos peões terrenos pequenos chamados de *peonías* e, aos fidalgos, terrenos que têm o dobro do tamanho das *peonías*, a que se dá o nome de *caballerías*.

Escravidão – Em 1512, a Junta de Teólogos de Burgos proíbe a escravidão dos índios, considerados "vassalos livres", dignos de proteção. Podem ser utilizados por *encomiendas* e o encomendador recebe os frutos de seu trabalho; em troca, os mantém e catequiza; o corregedor dos índios os protege das arbitrariedades. Mas o elevado índice de mortalidade indígena leva a Coroa, em 1501, a autorizar a escravidão negra. O tráfico é iniciado, em 1518, por negreiros portugueses, ingleses, alemães e holandeses.

Cultura – São fundadas as universidades de S. Domingos em 1538, de Lima em 1531, do México em 1553, de Bogotá em 1592, de Sto. Antonio Abad-Cuzco em 1598 e de Caracas em 1642. A imprensa é introduzida em 1538. Estudos étnicos, lingüísticos e botânicos são feitos por José de Acosta, Gonzalo Fernández de Oviedo e Francisco Hernández de Córdoba. Publicam-se tratados sobre línguas indígenas, com fins missionários. Assinala-se o apogeu da arquitetura religiosa (conventos e igrejas). Frei Bartolomé de las Casas escreve a *Brevíssima relação da destruição das Índias* e a *História geral das Índias*, denunciando os maus-tratos aos indígenas.

CONQUISTAS FRANCESAS

No fim do séc. XVI, começa a exploração do Canadá: o gov.-geral Samuel de Champlain toma posse, em 1603, da Nova Escócia, Terranova e Nova França. Missionários estabelecem-se, em 1625, em Quebec, que tinha sido fundada em 1608; e depois em Montreal, criada em 1643. Em 1664, a Companhia Francesa das Índias Ocidentais passa a negociar com peles, fornecidas pelos índios em troca de aguardente. A política de expansão mercantilista da colônia faz 10 mil franceses se instalarem no Canadá até 1690. A exploração da Lousiana, no Mississípi, começa em 1682, com Robert de La Salle, que, em 1718, funda Nova Orléans. Ao assinar a Paz de Paris (1763), no fim da Guerra dos Sete Anos, a França perde o Quebec e a região dos Grandes Lagos na América do Norte.

Haiti – Descoberta por Colombo em 6/12/1492, Hispaniola tinha cerca de 300 mil índios caraíbas e tainos. Até 1540, eles tinham desaparecido, substituídos por africanos a partir de 1502. Em 1600, a ilha cai nas mãos dos piratas da Irmandade da Costa, que exploram o couro de seus rebanhos selvagens. Essa dominação dura até 1641, quando o cavaleiro Le Vasseur, chefe de huguenotes que fugia da perseguição religiosa na França, toma Tortuga aos piratas. E, em 1642, o cavaleiro De Fontenay apossa-se do Haiti em nome do rei da França.

CONQUISTAS INGLESAS

Walter Raleigh batiza a Virgínia (1584) em homenagem a Elizabeth I, conhecida como a "rainha virgem". Em 1607, é fundada Jamestown, onde, em 1612, começa o cultivo do tabaco. No séc. XVII, formam-se os Estados da Nova Inglaterra, divididos em colônias da Coroa, com governador real e assembléia representativa; e colônias privadas, concedidas a nobres, banqueiros, comerciantes, aventureiros ou fugitivos de perseguições religiosas.

América do Norte – Fugindo das perseguições da dinastia católica dos Stuart, que procura restaurar o absolutismo na Inglaterra, os protestantes buscam na América um novo lar. A primeira grande leva de imigração é a dos *Pilgrim Fathers* (pais peregrinos) puritanos, que chegam a Plymouth, Massachusetts, em 1620, vindos no navio *Mayflower*. Em 1634, colonos católicos fundam Maryland e atacam os holandeses, que, em 1616, tinham se instalado na área de Nova Jersey, Delaware e Nova York, fundando, nessa última, Nova Amsterdã, atual Nova York. O Tratado de Westminster, de 1667, põe fim a essa luta. Mas os holandeses continuam em Rupertsland, na Carolina do Sul, só anexada em 1670. Em 1683, o quacre William Penn funda Filadélfia e Pensilvânia. A anexação da Terranova e da Nova Escócia, em 1713, acentua a rivalidade anglo-francesa e é uma das causas da Guerra dos Sete Anos, na qual os ingleses tomam Quebec (1759) e Montreal (1760), avançando até a região dos Grandes Lagos. O Tratado de Paris dá o Canadá à Inglaterra.

CONSEQÜÊNCIAS

Os descobrimentos terão, em escala mundial, um impacto que não se limita ao plano econômico, mas que se estende também ao cultural e até mesmo ao sanitário.

Na economia – Seu centro desloca-se para o Atlântico. O desenvolvimento do capitalismo tem repercussões políticas e traz a alta dos preços, pelo aumento do ouro circulante e pela revalorização dos bens imóveis. Politicamente, cresce a importância dos Estados litorâneos: Portugal e Espanha tornam-se potências. Há o deslocamento de grandes efetivos demográficos, a miscigenação e a expansão do catolicismo. Começa o processo de europeização do mundo, que se acelerará no séc. XVII.

Na cultura – A agricultura desenvolve-se (por um lado, os europeus trazem banana, cana-de-açúcar, café, arroz, laranja e limão; por outro, levam para o mundo inteiro algodão, tabaco, tomate, batata, milho, mandioca, feijão, batata-doce, amendoim, abóbora, mamão, abacate, cacau, abacaxi e algumas espécies de pimenta). Os animais trazidos da Europa – porcos, vacas, cavalos, galinhas, carneiros, cabras, cachorros e gatos, além de ratos e insetos – enriquecem a restrita fauna doméstica americana (lhama, peru e um só tipo de cachorro). Os cavalos, trazidos no início do séc. XVI para a América do Sul, são, um século depois, uma das principais culturas dos peles-vermelhas da América do Norte.

Na saúde – O intercâmbio traz ainda novas doenças: varíola, sarampo, catapora, tifo, gripe e escarlatina vêm da Europa e, entre 1492 e 1600, dizimam os índios (no México, 25 milhões em 1519; 1 milhão em 1605). Em 1580, epidemias tinham eliminado os povos originais das Antilhas e costas tropicais da América. Em 1493 registra-se na Espanha o primeiro caso de sífilis de origem americana; em 1505, já há a doença na China.

Colonização e mercantilismo

Entre os séc. XV e XVIII, as nações européias adotam um conjunto de medidas econômicas destinadas a fortalecer o Estado e que se caracterizam por uma rigorosa intervenção dos governos na economia. A acumulação de ouro e prata (metalismo) torna-se um objetivo para as monarquias nacionais. Esses governos praticam, simultaneamente, uma política de incentivo às manufaturas, protecionismo alfandegário e concessão de monopólios, visando a obter um superávit comercial (balança de comércio favorável) em ouro e prata.

Sistema colonial – Baseia-se no monopólio comercial da metrópole sobre a colônia e garante a acumulação de capital nos Estados europeus. A economia colonial, voltada para o mercado externo e organizada de acordo com o sistema de *plantation* (latifúndio, monocultura, escravidão), produz em larga escala, valendo-se de uma mão-de-obra barata, mercadorias exóticas para a Europa, complementando assim a sua economia. A introdução da mão-de-obra escrava está associada aos interesses mercantilistas. O alto lucro proporcionado por esse comércio leva os europeus a, desde cedo, criar feitorias no litoral africano, onde as tribos caçadoras de escravos os negociam por aguardente, tabaco e armas. Mas as péssimas condições de transporte são responsáveis por uma mortalidade altíssima: cerca de 50% dos 22 milhões de escravos trazidos até o séc. XIX.

Contatos com o Oriente – Entre 1505 e 1515, os vice-reis Francisco de Almeida e Alfonso de Albuquerque lançam as bases do império colonial português no Oriente. São conquistados Goa, na Índia, em 1510; Ceilão e Málaca, na costa oeste da Malaísia, em 1511. Esses territórios proporcionam, inicialmente, enormes lucros (cerca de 400%), mas são a causa de guerras com os turcos e persas, que oneram o Estado. Passados cem anos, entram em declínio, em razão de ataques dos holandeses e ingleses. No início do séc. XVI, são ainda colonizados Moçambique e a costa de Omã, em 1508, e as Maldivas, em 1518. Os portugueses chegam ao Japão em 1543 e desembarcam na ilha de Formosa (Taiwan) em 1590. Na trilha aberta por eles, vêm os espanhóis: tendo completado sua viagem de circunavegação, Fernão de Magalhães estabelece o domínio sobre as Filipinas em 1521. Em 1595, os holandeses iniciam a colonização das Índias Orientais, logo seguidos pelos ingleses, que, em 1600, fundam a Companhia das Índias Orientais; e pelos franceses, com domínios na Índia até o séc. XVIII.

Islã

A partir do séc. XVI, assiste-se ao crescimento do poderio turco. No início do séc. XIX, paralelamente à influência colonizadora ocidental, os turcos estarão perdendo terreno para novos poderes em ascensão.

IMPÉRIO OTOMANO

Com Suleimã, o Magnífico, que reina de 1520 a 1566, consolida-se a dominação otomana sobre o Hedjaz e o Iêmen e inicia-se a expansão nos Bálcãs e no Mediterrâneo Oriental. O império atinge o máximo de extensão, incorporando territórios que se estendem da Índia até a Hungria, controlando as rotas comerciais de Gênova e Veneza após a capitulação da Ordem dos Hospitalários, que defendia as ilhas do Mediterrâneo. A dinastia dos Habsburgos, da Áustria e Espanha, alia-se, então, à Polônia e Veneza, contra os otomanos, que contam com o apoio da França, rival dos Habsburgos.

Fim da expansão – É interrompida pela derrota na Batalha de Lepanto, em 7/10/1571, contra as forças dos austríacos e da Santa Aliança. Em 1574, a Tunísia é anexada ao Império Otomano, que, no séc. XVII, sofrerá novos reveses nos Bálcãs. Em 1683, Viena repele o cerco turco; dois anos depois, tendo libertado Budapeste do domínio otomano, a Áustria assume o controle da maior parte da Hungria e da Transilvânia.

ARÁBIA MODERNA

As regiões no interior do continente não estão sob o controle otomano: são divididas por lutas internas até 1750, quando surge o movimento uahabita, que prega o retorno a um islamismo rigoroso. Saud, o Grande (1803–1814), fundador da dinastia até hoje no poder na Arábia Saudita, conquista Meca e Medina, e chega à fronteira da Síria, onde é detido por Mohamed Ali. Paralelamente, os britânicos, a partir do Áden, tomam o protetorado de Mascate e Omã, na costa meridional.

O reino saudita – Em 1902, Abdelaziz ibn Saud restaura o Estado saudita, conquistando Riad e forçando os turcos a sair da Arábia central, em 1904, e de Hassa, em 1913. Com o apoio dos *ikuan*, uma confraria de agricultores-soldados da seita uahabita, ele retoma toda a península, à exceção do Iêmen e dos protetorados britânicos. Depois da queda do Império Otomano, em 1918, Abdelaziz, ajudado pela Grã-Bretanha, inicia a luta contra Hussein, rei do Hedjaz, e termina fazendo-se coroar rei da Arábia Saudita. Para isso, reprime violentamente os rebeldes uahabitas, que viam em seus esforços de modernização uma traição a seu ideal ascético; e estabelece relações amigáveis com o Ocidente, do qual torna-se um dos mais poderosos aliados. Essa aliança fortalece-se após a descoberta de petróleo na região, em 1930.

As reformas

Sob esse nome designam-se os movimentos de contestação dos dogmas da religião católica. Serão seguidos pela Contra-reforma, a tentativa da Igreja de opor-se à sua fragmentação.

LUTERANA

É iniciada em 1517, pelo monge Martinho Lutero, que defende o princípio de que a fé é o elemento fundamental que garante ao indivíduo a sua salvação. O confronto com a Igreja é desencadeado pela divulgação das 95 teses: afixadas na porta da igreja do castelo de Wittenberg, elas protestam contra a venda das indulgências, os perdões concedidos pelo papa e o relaxamento dos costumes do clero católico. Acusado de heresia, Lutero é convidado a comparecer a Roma para julgamento. Mas coloca-se sob a proteção de Frederico, o Sábio, eleitor da Saxônia. Rompe com a Igreja Católica em 1519, ao se declarar adepto das idéias de Jan Huss, que negam a infalibilidade conciliar e o primado do papa.

Difusão na Alemanha – Em 1521, Philipp Melanchton, seguidor de Lutero, buscando a síntese do humanismo com a reforma religiosa, redige a primeira formulação teológica do luteranismo, a bula *Loci communes*. A difusão das idéias reformistas faz-se rapidamente, tendo como conseqüências a dissolução das ordens monásticas, a revogação do celibato clerical, a secularização dos bens da Igreja pela nobreza e a substituição da autoridade eclesiástica pela do Estado, o que é muito atraente para a nobreza alemã. Diante das tentativas do papa Leão X e do imp. Carlos V de conter a Reforma, os príncipes protestantes reagem congregando-se na Liga Smalkalden. A Alemanha vê-se envolvida em guerras de religião até 1555, quando é assinada a paz e concedida a liberdade de culto aos protestantes.

Rebeliões – Lutero condena a revolta dos cavaleiros, a casta dos guerreiros, poderosa no período feudal mas já em decadência no séc. XVI, liderada pelo mercenário Franz von Sickingen, com o objetivo de se apossar das terras do clero católico. Condena também a Guerra dos Camponeses, de 1524 a 1525, liderada por Thomas Münzer, que, inspirando-se nas idéias luteranas, funda a comunidade de Zwickau. Os anabatistas, como são chamados por recusarem o batismo, reclamam a instauração imediata do reino de Deus na Terra, isto é, a supressão da propriedade e a partilha das riquezas.

ANGLICANA

Em 1531, o rei Henrique VIII, da Inglaterra, promulga o Ato da Supremacia. Rompendo com a Igreja Católica, cria uma nova religião, o anglicanismo. A aversão pelo clero que tinha a burguesia culta, formada em Cambridge e Oxford, e as propostas de secularização dos bens eclesiásticos, feitas pelo Parlamento em proveito próprio e da Coroa, são a origem da Reforma inglesa. Usando como pretexto a recusa do papa em aceitar seu divórcio da espanhola Catarina de Aragão, Henrique VIII acusa-o de ser um aliado da Espanha, na época uma potência rival da Inglaterra.

CALVINISTA

A tentativa de Ulrich Zwinglio de implantar a Reforma na Suíça fracassa, pois ele morre na Batalha de Kappel, em 1531, derrotado pelos nobres católicos. Mas suas idéias contestadoras são divulgadas por João Calvino, que, vindo de Paris, publica em Basiléia, em 1536, o *Instituto christianae religionis* (Instituição da religião cristã), compêndio sistemático dos dogmas protestantes. Calvino considera o cristão livre de todas as proibições inexistentes nas Escrituras, o que torna lícitas as práticas do capitalismo, em especial a usura, condenada pela Igreja Católica.

Ética protestante – Defendendo a teoria da predestinação, segundo a idéia de que Deus concede a salvação a poucos eleitos, Calvino afirma que o homem, ao buscar o lucro por meio do trabalho e da vida regrada, responde ao chamado de Deus, santificando assim o sucesso econômico. Surge a identificação da ética protestante com o capitalismo, o que, tornando a religião atraente para a burguesia, possibilita sua expansão pela Holanda, Inglaterra e América do Norte, regiões onde o crescimento da burguesia é mais vigoroso.

CONTRA-REFORMA

Inicia-se com a fundação, em 1534, da Companhia de Jesus, por Inácio de Loyola. A ordem possui uma organização militar, disciplina rígida, e declara obediência ao papa. Seu objetivo é a conversão dos hereges e dos pagãos; seus membros atuam nas Cortes como confessores e educadores, pregam e estabelecem as missões.

Concílio de Trento – É convocado por Paulo III, para assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica. As decisões do concílio são a manutenção dos dogmas da Igreja; a criação do *Index Librorum Prohibitorum* (Catálogo dos Livros Proibidos), pelo Santo Ofício, a reorganização da Inquisição, a proibição da venda de indulgências e a criação de centros de formação sacerdotal.

Absolutismo

Até os séc. XVII e XVIII, predomina o exercício ilimitado do poder pelo governante. Teóricos como Jacques Bossuet e Jean Bodin o justificam com base no princípio do "direito divino dos reis": a autoridade do soberano emana da vontade de Deus, que o escolheu para reinar de modo vitalício e hereditário.

FRANÇA

A dinastia dos Valois fortalece progressivamente o poder real, ao longo do séc. XVI, embora sofra constantes abalos em função das guerras religiosas, de 1562 a 1598. A luta entre os católicos e os protestantes, também chamados na França de huguenotes, tem seu ponto culminante no massacre dos protestantes, ordenado por Catarina de Médicis no dia de S. Bartolomeu, em 24/8/1572. Em 1598, o huguenote convertido Henrique IV, da dinastia de Bourbon, procura pacificar o país com o Edito de Nantes, que dá liberdade religiosa aos protestantes, integrando-os à vida nacional.

A política dos cardeais – É iniciada por Armand Jean du Plessis, cardeal e duque de Richelieu, que se torna 1º-ministro de Luís XIII em 1610, logo após o assassinato de Henrique IV. Durante seu governo, consolida a centralização do poder, enfraquecendo a nobreza e os protestantes. No plano externo, a vitória mais importante sobre a Casa de Habsburgo, que reinava na Espanha e Áustria, é obtida por seu sucessor, o italiano cardeal Giulio Mazzarino. A Paz dos Pirineus, assinada em 1659, coloca a França na posição de grande potência e assinala o início da decadência da Espanha.

O século de Luís XIV – Em 1661, começa o reinado do chamado "Rei Sol": em seus 54 anos no trono, até 1715, ele fará o absolutismo francês atingir o apogeu. A política de incentivo às manufaturas, introduzida pelo min. Jean-Baptiste Colbert; a aquisição de colônias e as constantes guerras pela hegemonia continental fazem da França uma das principais potências européias.

Declínio – Durante o reinado de Luís XV, de 1715 a 1774, é abalada a posição de hegemonia européia, mantida durante o séc. XVII. A política econômica do 1º-min. John Law ieva o país à bancarrota (1716), criando séria crise interna. A insatisfação com o regime reflete-se, no plano das idéias, nos verbetes contestadores da *Enciclopédia*, editada por Denis Diderot a partir de 1747. Prepara-se, assim, o caminho para a Revolução Francesa.

INGLATERRA

O poder centraliza-se com a ascensão da dinastia Tudor. No séc. XVI, Henrique VIII e Elizabeth I, apoiados na burguesia, consolidam o absolutismo real e o protestantismo, ao mesmo tempo que buscam abater o poder marítimo espanhol: a "Invencível Armada", de Felipe II, é derrotada pela frota inglesa, chefiada por sir Francis Drake, em 29/7/1588. Em 1603, com a ascensão de Jaime I, sucedido por Carlos I, ambos da dinastia Stuart, tenta-se restabelecer o catolicismo. Mas o Parlamento, dominado por uma burguesia protestante, opõe forte resistência aos Stuarts, desencadeando, em 1642, a Revolução Puritana, que se estende até 1648.

Cultura elizabetana – Os contatos com a Itália, através, por exemplo, das traduções dos poemas de Petrarca feitas por Thomas Wyatt, e a prática do mecenato pela Corte favorecem, no séc. XVI, o desenvolvimento da cultura renascentista. Thomas Morus descreve, na *Utopia*, publicada em 1516, um Estado ideal inspirado na *República*, de Platão. Essa é também a fase de florescimento da dramaturgia inglesa, coincidindo com a abertura, em Londres, de numerosos espaços teatrais, dos quais o Globe é o mais famoso.

República puritana – Depois que Carlos I, derrotado pela revolução que se opõe à restauração católica, é decapitado em 1649, o calvinista Oliver Cromwell instaura um regime apoiado pela burguesia. O *Ato da navegação*, de 1651, afastando os holandeses do papel de intermediários no transporte de mercadorias, incentiva o desenvolvimento da Marinha britânica. A guerra naval anglo-holandesa, de 1652 a 1654, permite à Inglaterra assumir o papel de grande potência marítima.

Restauração – A volta dos Stuarts ao trono, com Carlos II, coroado em 1660, e depois Jaime II, traz novas tentativas de fortalecer o absolutismo e de restabelecer o catolicismo. As disputas políticas dividem o Parlamento em dois partidos: os *whigs*, burgueses, liberais e adversários dos Stuarts; e os *tories*, cortesãos conservadores, adeptos do absolutismo. Essas disputas culminam com a Revolução Gloriosa de 1688, contra Jaime II, da qual os *whigs* saem vitoriosos. Depois dela, Guilherme e Maria de Orange aceitam o trono inglês, assinando, em 1689, a Declaração de Direitos, que restringe os poderes reais.

RÚSSIA

Ivã VI, o Terrível, inicia a luta contra o feudalismo, centralizando as estruturas burocráticas e militares do Estado e combatendo o poder dos boiardos, os senhores feudais. No séc. XVII, inicia-se a dinastia Romanov, que ocupa o trono de 1613 a 1917: Pedro I, o Grande, coroado em 1682, ocidentaliza a Rússia. A posição do país no Báltico se fortalece com a Grande Guerra do Norte, de 1700, em que, aliado à Polônia e à Dinamarca, ele derrota a Suécia. A vitória na Batalha de Poltava, em 8/7/1709, em que a Suécia se aliara aos ucranianos prometendo-lhes independência, assinala o início do declínio sueco e o fortalecimento do império russo.

Expansão – O poderio amplia-se, no reinado de Catarina II, a Grande, de 1762 a 1796, em que são realizadas reformas visando à modernização. A Polônia é repartida entre a Rússia, a Áustria e a Prússia, de 1772 a 1795. A rebelião de camponeses e cossacos, liderada por Iemelián Pugatchóv, leva Catarina II, entre 1773 e 1774, a tomar medidas repressivas contra os servos. No séc. XVIII, as fronteiras do império atingirão o Alasca, de que Vitus Bering tomará posse, em 1741, em nome da Rússia.

ESPANHA

A união dinástica entre Isabel de Castela e Fernando de Aragão, em 1479, é completada com a conquista, em 1492, de Granada, último enclave mouro na península, acabando com a fragmentação medieval. Com a ascensão, em 1519, de Carlos de Habsburgo, coroado com o

nome de Carlos V do Sacro Império, que governará territórios espanhóis da Europa e da América e as terras dos Habsburgos na Europa central, o país mergulha numa série de conflitos pela disputa da hegemonia européia. Em 1556, Carlos abdica, deixando a seu filho Felipe a Coroa espanhola, as possessões da Itália e os territórios da América. Ao seu irmão Fernando lega os territórios austríacos e o império.

Reinado de Felipe II – As sucessivas guerras aumentam o endividamento do país. Empréstimos são contraídos com os banqueiros Fugger, Welser e Espínola, desbaratando as riquezas provenientes da América. A política externa caracteriza-se por conflitos com a França; tentativas de reprimir a independência da Holanda entre 1568 e 1581; disputas com os mouros e turcos pelo controle do Mediterrâneo, levando à formação da Liga Santa com o papado e Veneza, que, ao lado dos austríacos, derrota a esquadra turca em Lepanto em 7/10/1571; e a conquista de Portugal entre 1580 e 1640.

Decadência – Os ataques dos corsários ingleses às frotas espanholas e a destruição da "Invencível Armada" (1588) marcam o início da derrocada. As tentativas de sufocar a independência holandesa, o envolvimento na Guerra dos Trinta Anos (1618–1648) e as disputas com a França põem fim à hegemonia espanhola.

PORTUGAL

O apogeu do poderio português é atingido no reinado de Manuel I, o Venturoso (1495–1521). Os lucros provenientes do comércio de especiarias são usados para a compra de produtos manufaturados estrangeiros, provocando uma evasão de renda que cresce com o custo da distribuição dos produtos orientais realizada pelos navios holandeses. O recurso aos empréstimos holandeses, com que é financiada, por exemplo, a colonização do Brasil, leva o Estado à bancarrota. A decadência culmina com o desaparecimento de d. Sebastião na Batalha de Alcácer Quibir, no Marrocos, em 4/8/1578.

União Ibérica – Como d. Sebastião não deixou descendentes, o rei da Espanha, Felipe II, neto de d. Manuel pelo lado materno, é proclamado rei de Portugal (17/7/1580). Um ano depois, jura respeitar as liberdades portuguesas. Essa união traz conseqüências desastrosas para Portugal, envolvido nos conflitos externos da Espanha. Os holandeses, em ataques contínuos, ocupam as colônias portuguesas da África e Ásia e parte do litoral brasileiro.

Restauração – Após sessenta anos, a independência de Portugal é restabelecida pelos duques de Bragança. Mas o saldo da dominação espanhola é trágico: diversas colônias perdidas, a frota destruída e o Estado arruinado. A partir do final do séc. XVII, a hegemonia inglesa consolida-se sobre Portugal, que tenta equilibrar-se aumentando a exploração do Brasil.

PAÍSES BAIXOS

Até 1581, os holandeses estiveram ligados à Coroa espanhola pela Casa de Habsburgo. A declaração de independência, sob a liderança de Guilherme de Nassau-Orange, mergulha o país em sucessivas guerras com os espanhóis, das quais emerge como grande potência marítima. A concentração do comércio e das manufaturas em Amsterdã, no norte do país, transforma a Holanda na primeira potência comercial do mundo, que não tarda a se lançar sobre os domínios portugueses, então sob controle espanhol.

Expansão – As ilhas Molucas (Spisse) são tomadas de Portugal em 1615. Em 1636, os holandeses dominam também o Ceilão (atual Sri Lanka); e, entre 1641 e 1662, ocupam Formosa (Taiwan). Em 6/4/1652, seus imigrantes fundam a colônia do Cabo, na atual África do Sul, território conquistado aos portugueses; e invadem também o nordeste do Brasil. Esse poderio é abalado pela guerra naval com a Inglaterra, entre 1652 e 1654.

SUÉCIA

A ascensão, iniciada por Gustavo II em 1611, continua com a rainha Cristina, que sobe ao trono em 1632. Em seu reinado, a política do chanceler Axel Oxenstein estabelece a hegemonia sobre o Báltico. Sob a dinastia Palatinado-Zweibrücken, iniciada em 1654 por Carlos Gustavo X, chamado "o Alexandre do Norte", o país torna-se uma grande potência européia. A disputa no Báltico, com a Dinamarca, Polônia, Prússia e Rússia, culmina com a Guerra do Norte, de 1700 a 1721, em que a hegemonia sueca é substituída pela russa.

ÁUSTRIA

Associada à Espanha pela Casa de Habsburgo, constitui-se, ao longo do séc. XVI, numa barreira para o avanço otomano. Tendo sido uma das derrotadas na Guerra dos Trinta Anos, empreende a ofensiva contra os turcos nos Bálcãs, anexando a Hungria, a Transilvânia, a Croácia, a Eslovênia, a Valáquia e parte da Sérvia, e constituindo, a partir de 1663, sob Eugênio da Savóia, um império multinacional. O absolutismo dos Habsburgos, a ameaça turca sobre o Danúbio e a imposição de uma língua administrativa garantem a unidade do império, de que Viena se torna a capital econômica, política e cultural.

PRÚSSIA

A Casa de Hohenzollern toma o poder na Prússia em 1701, governando até 1918. Com Guilherme I, que sobe ao trono em 1713, fortalece-se o poder militar, que atingirá o auge com Frederico II, o Grande (1740–1786). Durante seu reinado, marcado pelas idéias iluministas, a Prússia torna-se a principal potência militar européia e Berlim um grande centro cultural.

Disputas pela hegemonia

Entre os séc. XVII e XVIII, assiste-se à luta pela primazia política e econômica na Europa Ocid. e nas áreas onde a colonização já se iniciara. Das contradições internas desse processo de dominação supranacional surgirão também, na metade do séc. XVIII, as tensões que levarão à dissolução do absolutismo.

Guerra dos Trinta Anos – A Defenestração de Praga, em 1616 – atentado da nobreza protestante tcheca contra os conselheiros do Sacro Império, reagindo à tentativa de restauração do catolicismo na Boêmia –, dá início à guerra que envolverá todos os países da Europa central e do norte e da qual a Alemanha sairá devastada; a Paz de Westfália, em 24/10/1648, reconhece a autonomia da Holanda, da Suíça e dos Estados alemães.

Sucessão espanhola – Guerra desencadeada em 1702, após a morte de Carlos II, e que envolve toda a Europa Ocid. A Paz de Utrecht, em 1713, marca o início do declínio francês e a ascensão da Inglaterra, que se converte na principal potência marítima do mundo. A Espanha perde a Bélgica, Luxemburgo, Milão, Nápoles, Sardenha e Gibraltar (ocupado pela Inglaterra desde 1704).

Guerra dos Sete Anos – As disputas entre a Prússia e a Áustria, na Europa, e a rivalidade entre a França e a Inglaterra, nas colônias, provocam, em 1756, um conflito que se desenvolve simultaneamente no continente e em ultramar. Na Europa, a Prússia, contando com o apoio esporádico da Inglaterra, luta com a Áustria, a França e a Rússia, oscilando entre vitórias e derrotas até a Paz de Hubertsburgo, em 1763. A ascensão da Prússia, o aumento da influência da Rússia sobre a política européia, a derrota da França e a afirmação da Inglaterra como potência colonial alteram o equilíbrio de poder na Europa.

Conseqüências – No ultramar, a Inglaterra sai favorecida, conquistando as colônias francesas da América (Quebec, região dos Grandes Lagos e Antilhas), África Ocid. e Índia. Nesta última, a vitória de Plassey, em 1757, assegura o controle inglês. Pelo Tratado de Paris, de 1763, a França perde o seu primeiro império colonial. Isso intensifica as críticas internas ao Antigo Regime.

Era das Luzes

A passagem do séc. XVIII para o XIX caracteriza-se por extraordinário desenvolvimento técnico-científico, cujos fundamentos são o racionalismo (toda realidade pode ser analisada segundo princípios estritamente racionais), o empirismo (é a experiência dos fatos que produz seu conhecimento) e o pragmatismo (o grau de verdade de uma teoria reside no seu valor prático). Generaliza-se, assim, a fé utilitarista no progresso, ao mesmo tempo que surgem novas condições econômicas e políticas que possibilitam a formação dos grandes impérios capitalistas. Consolidam-se também os valores e as formas de vida da burguesia. A Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, transforma os métodos de produção.

Iluminismo – O mundo novo é anunciado pelos filósofos do iluminismo: Charles Montesquieu, Voltaire (François-Marie Arouet), Jean-Jacques Rousseau, Denis Diderot. Papel fundamental é também desempenhado pelos colaboradores da *Enciclopédia*, obra coletiva que se propunha a ser uma síntese do conhecimento da época e um porta-voz das idéias liberais; em suas páginas não só se busca romper com preconceitos e uma forma superada de encarar as ciências e a filosofia, como são veiculadas idéias que alimentarão as revoluções políticas que vão derrubar o absolutismo, dando lugar a novas formas de governo, baseadas na vontade da maioria, na igualdade perante a lei, na liberdade individual e no direito natural racionalista. Dentro desse quadro, irão situar-se, em 1775–1848, diversos processos de modificação política profunda, influenciados pelas teorias liberalistas: a independência dos EUA, a Revolução Francesa, a descolonização da América espanhola e a formação dos Estados europeus contemporâneos.

Despotismo esclarecido – As idéias racionais e humanistas influenciam monarcas como Frederico II, o Grande, da Prússia, Catarina II, a Grande, da Rússia, Maria Tereza e José II, da Áustria, que desafiam as forças retrógradas dos seus países. Os déspotas esclarecidos governam apoiados em uma burocracia e num sistema jurídico modernizados. A contradição entre a adoção de idéias emanadas da burguesia e o intento de realizá-las sem a sua participação faz com que, na Revolução Francesa (1789), a burguesia reaja assumindo diretamente o poder.

Independência dos EUA

No início do séc. XVIII, as diversas colônias americanas compartilham um vago sentimento de dependência da Coroa britânica e de fidelidade às tradições parlamentaristas inglesas. O quadro altera-se com a liquidação do império colonial francês na América, em 1763. Obrigados a contribuir para amortizar a dívida contraída com a Guerra dos Sete Anos, os colonos passam a aspirar a uma maior independência da metrópole. Os impostos votados em Londres provocam reações, seguidas de repressão. O massacre de Boston (5/3/1770) une os rebeldes.

A guerra – A luta começa em 17/6/1775, com George Washington no comando do exército revoltoso. Em 4/7/1776, as treze colônias rebeldes adotam a declaração de independência e, em 15/11/1777, formam um Estado confederado. Como parte dos colonos permanece fiel à Coroa e outra parte mantém-se neutra, Washington – cujas forças são inferiores às dos mercenários alemães a serviço dos britânicos – perde Nova York e Filadélfia entre 1776 e 1777. Mas, em 1778, a França, que queria vingar-se da derrota para a Inglaterra na Guerra dos Sete Anos, decide ajudar os rebeldes, mandando-lhes tropas chefiadas pelo gen. Lafayette. Também a Espanha (1779) e a Holanda (1780) ajudam os americanos. Os britânicos capitulam em Cornwallis (19/10/1781) e assinam o Tratado de Versalhes (3/9/1783).

Consolidação – Para garantir a autoridade do governo central e a fidelidade das diversas ex-colônias, uma comissão constitucional chefiada por Thomas Jefferson – cujas idéias liberais terão grande importância no processo de independência de todas as colônias americanas – reúne-se em Filadélfia, de 25/5 a 17/9/1787, e elabora a Constituição que, com algumas emendas posteriores, vigora até hoje. Sua ratificação ocorre entre 1788 e 1789. Nesse último ano, George Washington é eleito o primeiro presidente dos EUA. A Declaração de Independência é o primeiro documento escrito no qual um povo justifica sua autodeterminação com base no ideário dos iluministas, de resistência à tirania como forma de garantir a sua soberania e seu direito à liberdade.

IDADE CONTEMPORÂNEA

Seu início está associado às revoluções que liquidam o Antigo Regime e todos os resquícios da Idade Média que ainda sobrevivem na Idade Moderna. O primeiro indício é a Revolução Industrial inglesa, na segunda metade do séc. XVIII. Mas é a Revolução Francesa, que começa em 1789, o divisor de águas natural desse processo. Nesse período, através do neocolonialismo, há a consolidação da hegemonia européia, iniciada na fase anterior, despertando correntes nacionalistas e socialistas que encaminharão à descolonização. O final do séc. XX é marcado pela crise do nacionalismo e do socialismo, e por idéias que propõem maior integração mundial.

Revolução Francesa

É considerada o acontecimento central da Revolução Atlântica: o conjunto de movimentos revolucionários, de ideologia liberal burguesa, ocorridos no séc. XVIII, na Europa e América, responsáveis pela derrubada do absolutismo e da economia mercantilista e pela extinção do antigo sistema colonial. Por sua duração, alcance geográfico e influência nos demais Estados europeus, pode ser considerado, ao lado da Revolução Industrial, o gerador das principais características da Europa contemporânea.

ANTECEDENTES

No final do séc. XVIII, a França é, potencialmente, o país europeu mais poderoso em termos econômicos e o de maior influência política. Mas é abalada por derrotas em guerras como a dos Sete Anos, que acarretam a perda do império colonial e a crise financeira. O absolutismo permanece, superposto a uma estrutura de fortes raízes feudais, aliada a uma divisão social fundamentada na existência de "ordens" ou "estados": o clero, a nobreza e o povo. Isso funciona como um entrave a qualquer possibilidade de progresso real. Prevalece um sistema de privilégios de todos os tipos para o primeiro e segundo "estados", minoria em uma população de cerca de 25 milhões de habitantes. Não se reconhece à burguesia, rica e dinâmica, mas artificialmente igualada ao povo, dentro do Terceiro Estado, o direito de participação política, liberdade econômica e ascensão social.

Crise social – Taxas feudais ainda são cobradas e a servidão sobrevive no meio rural. Nesse ambiente de contradições, ganham importância, desde a metade do século, as idéias iluministas, contrárias ao Antigo Regime, que pregam a eliminação do absolutismo, o término do controle do Estado sobre as atividades produtivas e a igualdade de direitos sociais. A situação agrava-se, a partir do reinado de Luís XVI, de 1774 a 1792, com a crescente insolvência do Estado, provocada pelos gastos com a Corte de Versalhes e guerras desastrosas.

Crise financeira – Uma sucessão de ministros da Economia – Anne-Robert Turgot, Jacques Necker, Charles-Alexandre Callone, Étienne-Charles, conde de Brienne – é incapaz de atacar os principais pontos de estrangulamento do Estado: a diminuição das despesas públicas, o combate aos privilégios das "ordens" superiores e a necessidade de ampliar as tributações sem aumentar as contribuições do Terceiro Estado, integrado pela burguesia e pelo povo. Uma tentativa frustrada de conseguir da

aristocracia reformas sociais, a Assembléia dos Notáveis, em 1787, leva o rei à convocação, dos Estados Gerais – a assembléia dos representantes das três "ordens" da sociedade, que não se reúne desde 1641 e que poderá vir a solucionar a crise financeira do país, por meio de medidas legislativas.

PRIMEIRA FASE

Estende-se das primeiras reformas concedidas por Luís XVI até set. de 1792, quando a monarquia é derrubada.

Estados Gerais – Os três estados sociais são convocados em 1788, reunindo-se em mai. de 1789. São eleitos 300 deputados do clero, 291 da nobreza e 610 do povo, em sua esmagadora maioria representantes da burguesia. Há um impasse no sistema de votação, pois a nobreza deseja que a contabilização dos votos seja por estado social e não por deputado; mas os burgueses resistem a essa proposta, conscientes de que, uma vez mais, podem ser o joguete das vontades da aristocracia. A situação evolui rapidamente para a adesão do clero à causa burguesa (mais da metade dos deputados religiosos pertence ao chamado "baixo clero", de origem burguesa e popular); e nisso é acompanhado pelo setor mais progressista da nobreza.

A revolução começa – Em 17/6/1789, os Estados Gerais transformam-se em Assembléia Nacional e, logo em seguida, em Assembléia Constituinte. O poder passa para as mãos da burguesia, mas a revolução não marcha apenas no sentido constitucional. Desde 1786, as colheitas ruins vinham fazendo aumentar o preço do pão e do vinho, e as classes carentes viam aproximar-se a escassez e a fome. Um súbito aumento de preços em jul. de 1789 causa revoltas populares em Paris, culminando, em 14/7/1789, na tomada da Bastilha, fortaleza e prisão política, símbolo da tirania absolutista, que será demolida no ano seguinte. A revolução ganha, assim, um novo protagonista – as massas populares – e começa sua escalada para além dos limites de Paris.

Constituinte – As grandes realizações da fase inicial da revolução têm um caráter de conquista burguesa: a promulgação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão; a eliminação dos resquícios do feudalismo; a nacionalização das propriedades eclesiásticas e sua venda em benefício do Estado; e a Constituição Civil do Clero. Em 1791, completando essa obra reformista, a Constituinte promulga uma Carta Constitucional, que cria na França uma monarquia parlamentar nos moldes ingleses, e confirma Luís XVI e a dinastia Bourbon no trono. A adesão do rei à Constituição marca, pelo menos na aparência, a aceitação do novo estado de coisas.

Monarquia parlamentar – Em outras nações européias, contudo, começa a reação em defesa dos direitos da monarquia francesa. Contatos diplomáticos secretos são iniciados – em parte instigados pelos 300 mil nobres e clérigos que emigraram – e o rei e sua família tentam fugir para a Áustria, onde teriam proteção e de onde poderiam iniciar uma escalada contra-revolucionária. A prisão da família real em Varennes, perto da fronteira com a Bélgica, em 21/6/1791, marca o início do desencanto popular com o poder monárquico e o fim da lealdade do povo para com o rei. Em out. de 1791, é dissolvida a Constituinte e o Legislativo passa a ser exercido por nova representação, de maioria girondina (setor da burguesia progressista, partidária de uma guerra externa contra os inimigos da revolução). No início de 1792, é declarada guerra à Áustria, que, aliada à Prússia, invade a França, mas é derrotada na Batalha de Valmy. Manifestações populares em Paris levam à queda efetiva da monarquia (ago./set.).

SEGUNDA FASE

É a mais radical, marcada pela execução da família real em 1793, pela guerra, os expurgos e sentenças de morte, e a perseguição tanto a radicais quanto a moderados, que só se encerra quando o responsável por esse agravamento, o jacobino Robespierre, morre na guilhotina (1794).

Convenção Nacional – Com a proclamação da República, em 21/9/1792, a Assembléia Legislativa é dissolvida e elege-se nova assembléia, a Convenção. A liderança do processo revolucionário é assumida pelos radicais jacobinos e pelos *sans-culottes* (as massas populares, assim chamadas porque não usavam os calções curtos com meias, típicos da nobreza). Luís XVI é preso, julgado e decapitado em 21/1/1793. O agravamento da guerra externa coincide com o da situação interna, gerando uma guerra civil de grandes proporções. Em meados de 1793, sessenta dos oitenta departamentos franceses sublevam-se contra o governo central e os exércitos estrangeiros atacam a França de todos os lados.

O Terror – O governo está a cargo do Comitê de Salvação Pública, órgão executivo da Convenção liderado por Maximilien Robespierre. Em jun. de 1793, é promulgada nova Constituição, estendendo às camadas populares direitos políticos, posse da terra e acesso à educação. É introduzido, em 24/11/1793, um novo calendário, em que os nomes dos meses fazem referência às estações do ano e aos ciclos de trabalho: vendemiário, brumário e frimário (outono); nivoso, pluvioso e ventoso (inverno), germinal, floreal e prerial (primavera), messidor, termidor e frutidor (verão). Altera-se o sistema de pesos e medidas e proíbe-se qualquer culto religioso, exceto o da deusa Razão, entronizada em algumas igrejas parisienses. O assassinato de Jean-Paul Marat, por Charlotte Corday, em 13/7/1793, acarreta massacres de contra-revolucionários. Em 10/10/1793, o Terror chega ao auge: a Constituição é suspensa e a perseguição aos contra-revolucionários culmina, em 24/3/1794, com a execução de radicais como Jacques Hébert, mas também de moderados como Georges Danton e Camille Desmoulins. Em 10 de termidor do ano II (27/7/1794), a execução de Robespierre põe fim ao radicalismo e à supremacia jacobina.

TERCEIRA FASE

Tempo de refluxo, de reorganização, o período que vai de 1795 a 1799 já traz em seu bojo os elementos que farão a revolução mudar de rumo, após o golpe que leva ao poder o corso Napoleão Bonaparte.

Diretório – A França, esgotada, procura recompor-se, após dois anos de guerra civil. Nova Constituição – a do ano III (1795) – é promulgada, voltando-se a burguesia para, no dizer de François Boissy d'Anglas, relator do projeto, "garantir finalmente a propriedade do rico, a existência do pobre, o usufruto do homem industrioso e a segurança de todos". O poder se organiza sob a forma de uma República colegiada, o Diretório, e o Legislativo é entregue a duas câmaras de representantes. A paz externa é negociada com a Prússia, em 1795, e com a Áustria, em 1797. Internamente, promove-se anistia ampla como estratégia para obter a normalidade desejada. No entanto, o país mergulha na crise econômica e social, causa da frustrada Conjuração dos Iguais (1795/96) – liderada por François Noël Babeuf, dito Gracchus –, última insurreição popular revolucionária e primeira tentativa de implantação de um governo socialista na Europa.

Ascensão do militarismo – Em 18 de brumário do ano VIII (10/11/1799), Napoleão Bonaparte, jovem oficial do Exército, famoso por suas campanhas militares e por suas negociações de paz com outras nações, toma o poder. A burguesia concretiza, enfim, sua opção de entregar o poder aos militares como forma de garantir, pela via autoritária, os direitos e privilégios que adquiriu. Caberá ao novo governo, entre 1799 e 1815, colocar em prática as medidas imaginadas pela classe para assegurar os direitos políticos e civis (os códigos napoleônicos), liberdades e facilidades econômicas (as grandes reformas nos sistemas de comunicações terrestres), educação e participação direta no processo administrativo. Em 1815, terminada a Era Napoleônica, a burguesia está definitivamente instalada no poder.

Difusão ideológica – As idéias veiculadas pela revolução atingem toda a Europa e a América e podem ser percebidas em movimentos tão diferentes como o dos nacionalistas turcos, ou o Brahma Samaj, do nacionalista indiano Râm Mohan Roy, assim como nas práticas socialistas e comunistas contemporâneas. Sua influência é decisiva para a eclosão dos processos de emancipação das colônias americanas. É, aliás, durante a Convenção que surge o primeiro líder negro das Américas, o haitiano Toussaint l'Ouverture. A França fornece também o vocabulário e os temas da política liberal e radical-democrática para a maior parte do mundo; e demonstra ser possível fazer uma revolução na qual o peso de uma classe social seja muito mais determinante que o de lideranças isoladas. Dá, em primeiro lugar, o exemplo do moderno nacionalismo e coloca em prática os conceitos de liberdade e igualdade, até então restritos às obras filosóficas iluministas. Medidas como o sistema métrico decimal tornam-se o padrão de todos os países modernos – embora a Grã-Bretanha resista em adotá-lo até o séc. XX.

Período napoleônico

Entre 1799 e 1815, a política européia é polarizada pela figura carismática de Napoleão Bonaparte, que, de general vitorioso, chegará a imperador com o mesmo poder absoluto dos reis que a revolução derrubara para, em seguida, naufragar sob o peso do imenso poder que acumulará em suas mãos.

Primeiras campanhas – Promovido a general em 1793 após o cerco de Toulon, Napoleão é nomeado comandante-em-chefe do Exército na Itália em 1796, em recompensa por ter reprimido um levante dos partidários do rei em Paris. Na campanha da Itália, entre 1796 e 1797, expulsa os austríacos da Lombardia em dois meses. Pela Paz de Campoformio, em 17/10/1797, a França recebe da Áustria a margem esquerda do Reno, a Bélgica e o direito de instalar repúblicas vassalas em Milão, Gênova, Nápoles e na Suíça. Na campanha do Egito, entre 1798 e 1799, toma o Cairo dos ingleses e, até 1802, conclui a ocupação francesa do país. Mas é derrotado por lorde Nelson em Abukir (1798) e não pode avançar para a Síria.

Consulado – Após o golpe de 18 de brumário, Napoleão faz-se eleger primeiro-cônsul e governa ditatorialmente, apesar de promulgar uma Constituição para preservar a aparência democrática. Reestrutura o aparelho burocrático e cria um novo sistema de circunscrições administrativas (*arrondissements*); reorganiza o Judiciário, as finanças e a política; cria o ensino controlado pelo Estado, com métodos educacionais centrados no ensino de Latim, Matemática e Ciências Naturais, e funda os liceus de 2º grau; pela Concordata de 1801, declara o Estado leigo, tendo o clero a ele subordinado; funda o Banco da França (1801) e as câmaras de comércio (1802); nesse mesmo ano, após um plebiscito, proclama-se cônsul vitalício.

Código Napoleônico – Promulgado em 1804, garante a liberdade individual, a igualdade perante a lei, o direito à propriedade privada, o matrimônio civil e o divórcio, e o primeiro código comercial. Apesar disso, o regime napoleônico baseia-se na censura à imprensa, na repressão policial e na delação, tendo o min. Joseph Foucher criado o Departamento de Censura.

Guerras da coalizão – Através de uma sucessão de alianças, as monarquias européias lutam contra a difusão das idéias revolucionárias e o expansionismo francês. O núcleo fundamental da resistência é formado pelos 1os-min. conde Johann Philip von Stadion, da Áustria, e William Pitt, da Inglaterra, com adesão de Espanha e Rússia. No continente, essas guerras fortalecem Napoleão, após as vitórias de Marengo, em 14/6/1800, Austerlitz, em 2/12/1805, e a ocupação de Viena, em 1805. Mas a Grã-Bretanha permanece invicta: lorde Nelson volta a derrotar Napoleão em Trafalgar, em 21/10/1805; e o país resiste ao bloqueio continental de 1806, ampliando seu poderio naval e comercial.

Império – Após o plebiscito, em que recebe 3.572.000 votos e apenas 2.579 contra, coroa-se imperador, em 2/2/1804, com o título de Napoleão I. Entre 1806 e 1812, convoca 1,3 milhão de soldados; e exerce controle direto ou indireto sobre todos os países do continente. Em 1812, o império tem 50 dos 175 milhões de habitantes da Europa continental.

Conseqüências na Europa – Difusão do ideário liberal; quebra das estruturas feudais remanescentes; introdução de um Direito moderno; criação de Estados com administração centralizada e ensino estatal; desenvolvimento do nacionalismo pela concentração de territórios anteriormente fragmentados; expansão da economia francesa, apesar da crise de inflação, contrabando, mercado negro e corrupção em conseqüência da escassez de produtos causada pelo bloqueio continental.

Militarismo – Após impor à Áustria (9/2/1801) o Tratado de Lunéville, que fixa suas novas fronteiras, Napoleão intervém em toda a Europa: impõe nova Constituição à Holanda em 1801 e controla a Suíça; anexa a ilha de Elba, Parma e o Piemonte em 1802; ocupa Flessingue, na Bélgica, o Brabante holandês e Hanôver em 1803; conquista Viena e, em 1805, derrota austríacos e russos em Austerlitz. As tentativas de reação prussiana e austríaca resultam nas derrotas de Jena e Auerstadt (1806), Eylau (1807) e Wagram (1809), forçando o 1º-min. Clemens Lothar von Metternich, da Áustria, a aliar-se à França.

Bloqueio continental – É decretado em 1806, com o objetivo de enfraquecer a Inglaterra e reservar o mercado europeu para as manufaturas francesas, protegendo-as da concorrência britânica. Recebe a adesão da Espanha e da Rússia em 1807. Portugal, aliado da Inglaterra, recusa-se a aderir e é invadido pelas tropas francesas.

Campanha da Rússia – A decisão de Alexandre I de abandonar o bloqueio continental em dez. de 1810 e a anexação pela França do ducado de Oldenburg, pertencente a um cunhado do tzar, são as causas da guerra de 1812, contra a Rússia. Mas a campanha é um desastre, de que sobram apenas mil homens, sessenta cavalos e nove canhões. A derrocada do Grande Exército incentiva os europeus a intensificar a resistência. Em 6/4/1814, após longa luta contra uma coalizão européia, Napoleão abdica e é exilado na ilha de Elba.

Derrota final – A dinastia Bourbon é restaurada e o irmão de Luís XVI sobe ao trono, com o nome de Luís XVIII, em homenagem ao Delfim, que teria sido o 17º do nome, mas morreu ainda criança, na prisão do Templo. Enquanto se realiza o Congresso de Viena – iniciado em nov. de 1814, para reafirmar os princípios monárquicos e absolutistas contra o liberalismo da França burguesa –, as arbitrariedades de Luís XVIII levam aos Cem Dias, a tentativa de restauração napoleônica. Bonaparte foge de Elba em mar. de 1815 e, após algumas vitórias iniciais, é derrotado pelo duque de Wellington, em Waterloo (18/6/1815), sendo exilado para Sta. Helena, onde morrerá (5/5/1821).

Congresso de Viena – Os grandes beneficiários desse congresso, que redesenha o mapa europeu, são a Prússia, que obtém todo o território do norte da Alemanha, aumentando sua área em 90 mil km; a Áustria, que assume o controle dos tronos de Parma, Toscana e Módena; a Rússia, que anexa a maior parte da Polônia, aumentando sua população de 30 para 50 milhões de vassalos; e a Grã-Bretanha, que recebe poucos territórios na Europa (Heligoland, Malta e as ilhas Jônicas), mas torna-se a principal herdeira do império colonial francês em outros continentes. Pelo Tratado de Paris, em nov. de 1815, a França tem de ceder o Sarre à Prússia, o Landau à Baviera e a Sabóia ao Piemonte-Sardenha, além de pagar 700 milhões de francos de indenizações de guerra.

Revolução Industrial

O momento em que a Inglaterra – pelo Tratado de Paris, de 1763, que põe fim à Guerra dos Sete Anos – consolida seu domínio sobre os mares coincide com aquele em que toma a frente da Revolução Industrial, com meio século de antecipação sobre o resto da Europa. Graças à supremacia marítima, os ingleses dispõem de um mercado praticamente ilimitado, no qual podem escoar toda a sua produção de manufaturados. Durante o séc. XVIII, o comércio britânico dá um salto considerável: de £ 14 milhões em 1714 a £ 40 milhões em 1790.

A Inglaterra em 1760–1860 – Dispõe de grandes capitais privados e de mão-de-obra abundante: a população aumenta de 5 milhões, em 1714, para 9 milhões em 1789, e o desenvolvimento das grandes propriedades rurais empurra para a cidade os pequenos proprietários. Além disso, ao contrário da nobreza ociosa e elitista do resto do continente, a aristocracia inglesa mistura-se à classe dos comerciantes, não desprezando as atividades lucrativas. Ainda essencialmente agrícola em 1750, o país industrializa-se rapidamente. Sua produção de têxteis, por exemplo, passa de £ 4 a 35 milhões (1760–1800).

Invenções – O avanço tecnológico revoluciona a prática da manufatura: o alto-forno a hulha, de Abraham Darby, em 1709; o tear mecânico, de John Kay, em 1722; a máquina de fiar algodão, de James Hargreaves, em 1764; a máquina de fiar hidráulica, de Richard Arkwright, em 1768; o processo de fabricação do aço, de Henry Cort, em 1784; a máquina a vapor, de James Watt, entre 1776 e 1782. A industrialização moderniza também o setor de transportes, com o barco a vapor, de Robert Fulton, em 1807, e a locomotiva, de George Stephenson, em 1825.

Novas doutrinas – A prosperidade abala a própria estrutura das doutrinas, num momento em que os fisiocratas franceses afirmam que a agricultura é a única e verdadeira riqueza. Adam Smith, na *Investigação sobre a natureza e causas da riqueza das nações* (1776), demonstra que a indústria há de tornar-se o modo predominante de trabalho produtivo nas sociedades modernas. Nasce, assim, o liberalismo econômico, que mina as práticas mercantilistas de intervenção do Estado na economia, defendendo o livre comércio e a concorrência como fatores de prosperidade. O colonialismo e a escravidão, subprodutos do mercantilismo, não escaparão, tampouco, ao ataque dos liberais.

Crise do colonialismo

Embora separada por algumas décadas, a independência dos EUA e a dos países da América espanhola inserem-se no mesmo contexto de ascensão da burguesia e de mudanças políticas radicais que, na transição entre os séc. XVIII e XIX, serão induzidas pela influência do pensamento iluminista francês e do liberalismo inglês.

HAITI

O desequilíbrio demográfico, na parte francesa da ilha de Hispaniola (também chamada Sto. Domingo), entre a minoria branca e os negros e mulatos, aliado ao tratamento desumano reservado aos escravos e ao não-cumprimento das promessas de igualdade civil feitas durante a Revolução Francesa, gera constantes revoltas no final do séc. XVIII. Insurreições localizadas já libertaram a maioria dos escravos quando é oficialmente proclamada a abolição da escravatura, em 1793. Massacres de colonos brancos e guerras civis marcam o período.

Guerra de independência – Divergências entre o líder negro Toussaint l'Ouverture e o mulato André Rigaud desencadeiam luta aberta, vencida pelo primeiro, que ocupa também a parte espanhola da ilha em 1801. L'Ouverture extingue a escravidão e promulga a Constituição de 18/7/1801. Derrotado pelo Exército napoleônico, que restabelece o domínio francês sobre a ilha em 1802, é preso e enviado à França, onde morre. Com isso, negros e mulatos unem-se e, sob a liderança do ex-escravo Jean-Jacques Dessalines, combatem as tropas francesas até a proclamação da independência (1º/1/1804). Com a deposição e morte do imp. Jacques I (17/10/1806), o país é dividido, sob o controle de Henri Christophe, no norte, e de Alexandre Pétion, no sul. Após o suicídio do rei Christophe I (8/10/1820), Jean-Pierre Boyer reunifica o Haiti.

AMÉRICA ESPANHOLA

As invasões napoleônicas aceleram a decadência da Coroa espanhola; Fernando VII é substituído no trono pelo irmão de Napoleão, José Bonaparte. Embora os cabildos coloniais (governos locais) tenham-se declarado fiéis à Coroa, os ideais revolucionários, vindos da França e dos EUA, influenciam a burguesia *criolla* (espanhóis nascidos na América) a querer libertar-se da Espanha, que restringe o desenvolvimento, monopoliza o comércio, confisca o excedente da produção e limita o acesso dos *criollos* aos postos administrativos importantes. Em resposta aos movimentos autonomistas, uma lei de 1809 torna a América espanhola parte integrante da Coroa. Mas os decretos de teor liberal que a acompanham, inspirados no Código Napoleônico, não impedem a deflagração de um processo geral de independência.

Lutas pela autonomia – Nos locais onde a comunidade espanhola é numerosa e são fortes as tropas da metrópole, como México e Vice-Reino de Nova Granada (Venezuela, Colômbia, Equador e Panamá), os combates são longos e sangrentos; em outras regiões, porém, não há luta. É o caso do Paraguai, por exemplo, com o golpe incruento de José Gaspar Francia, em 1811. Com exceção do Vice-Reino do Prata (Argentina, Uruguai, Paraguai e parte da Bolívia), os realistas levam vantagem até 1814, quando Fernando VII volta ao trono.

América do Sul – A "pacificação" brutal imposta pelos exércitos espanhóis entre 1814 e 1819 encontra forte resistência dos chamados "patriotas", partidários da independência, liderados por Simón Bolívar a partir de Nova Granada. A campanha militar culmina com a libertação da Colômbia, da Venezuela e do Equador. No sul, José San Martín promove a libertação da Argentina, do Chile e do Peru. Em 1822, os dois libertadores encontram-se em Guayaquil, no Equador, onde San Martín entrega a Bolívar o comando supremo do exército de libertação. A vitória de Ayacucho, em 9/12/1824, põe fim ao domínio espanhol na América.

México – Os movimentos populares e as reivindicações agrárias dos padres Miguel Hidalgo y Costilla e José Maria Morelos y Pavón terminam com a prisão e fuzilamento desses dois líderes. A Revolução Liberal de 1820 na Espanha traz, como conseqüência, a incorporação do exército e do elemento *criollo* ao movimento de emancipação mexicana. Aliado aos grandes proprietários, o gen. Agustín Iturbide sufoca os movimentos populares. O fracasso da tentativa de se concretizar a independência do México como uma monarquia constitucional, oferecendo-se o trono a Fernando VII ou a outro membro da dinastia espanhola, nos termos do Tratado de Córdoba, de 1821, leva, em 18/5/1822, à proclamação de Iturbide como imperador, com o nome de Agustín I.

A tentativa de implantação da monarquia tem curta duração. A revolta dos militares, apoiados pelos republicanos, liderados pelo gen. Antonio López de Santa Anna, leva à proclamação da República, em 4/10/1824. Os dez anos seguintes são marcados pela luta entre os liberais e os militares e conservadores, até que, em 1834, Santa Anna assume a presidência, instalando um governo conservador e abolindo as leis liberais.

INFLUÊNCIA INGLESA

Enquanto a França e a Espanha são aliadas, a Grã-Bretanha tenta conquistar a região do Prata, entre 1806 e 1807, e apóia, em 1806, os autonomistas da Capitania Geral de Caracas, chefiados por Francisco Miranda. Com

a invasão da Espanha por Napoleão, os britânicos aliam-se à resistência espanhola, mantendo-se neutros, até 1814, em relação aos movimentos da região. Depois passam das tentativas de mediação dos conflitos, até 1820, à preparação do reconhecimento da independência, que começa em 1825. O apoio da Grã-Bretanha, que se alia às jovens nações para controlar o comércio da região, impede os europeus de auxiliar a Espanha na luta contra os "patriotas" e fortalece a Doutrina Monroe, de 1823, contrária à intervenção européia na América.

O CAMINHO DA INDEPENDÊNCIA

Argentina em 1810; Paraguai em 1813; Chile em 1818; Venezuela e Colômbia em 1819; México em 1821; Equador em 1822; Peru em 1824; Bolívia em 1825; Uruguai em 1828; Costa Rica, Nicarágua e Honduras em 1838; El Salvador em 1841; Guatemala em 1847; Rep. Dominicana em 1865; Cuba em 1902; e Panamá em 1903.

O período nacional – As tentativas de intervenção ou reconquista da América fracassam. A revolução de Benito Juárez derrota o império do austríaco Maximiliano, colocado por Napoleão III no trono do México entre 1862 e 1867. O último traço da presença da Espanha na América desaparece em 1898, após sua expulsão de Cuba e Porto Rico, com a derrota na Guerra Hispano-americana. Amplia-se, assim, cada vez mais, a influência dos EUA no continente; e, à exceção do Canadá, os remanescentes coloniais europeus perdem gradualmente a importância.

Repúblicas latino-americanas – Os antigos vice-reinos espanhóis não resistem aos separatismos regionais. O México conserva por apenas dois anos (1821–1823) a antiga Capitania Geral da Guatemala. A Grã-Colômbia, idealizada por Simón Bolívar, fragmenta-se em Venezuela, Colômbia, Equador e Panamá. O Peru e o Rio da Prata dão origem aos atuais Peru, Bolívia, Argentina, Paraguai e Uruguai, além do Chile, que jamais aceita qualquer laço federativo. E a Capitania Geral da Guatemala forma, em 1823, as Províncias Unidas da América Central, dissolvidas em 1838 por divergências internas, dando origem às atuais Guatemala, Nicarágua, El Salvador, Costa Rica e Honduras – até hoje separadas por fortes rivalidades.

Caudilhismo – Concluído o processo de emancipação política, a América espanhola mergulha no caos social e político acompanhado do desequilíbrio econômico. Nas cidades, a elite *crioula* ocupa o poder e cria uma série de leis e instituições de caráter liberal. Todavia, a pobreza, o analfabetismo, a concentração das terras e do poder nas mãos de minorias e a tradição de autoritarismo são fatores incompatíveis com o desenvolvimento político democrático e aumentam a tensão existente entre o meio rural e o urbano. Tal como Bolívar havia previsto – "Sobre minha tumba surgirá uma multidão de tiranos" –, o poder político passa às mãos dos caudilhos, ditadores apoiados geralmente pelas forças conservadoras, que dominam o cenário político ao longo do séc. XIX, tornando-se o embrião das ditaduras do séc. XX.

Formação dos EUA

Após a independência, cada Estado americano adota Constituição própria, que garante os direitos democráticos, a divisão dos poderes, a efetividade dos cargos públicos e a divisão igreja/Estado. Na Convenção de Filadélfia, em 1787, concordam em unir-se numa República federativa. A Constituição de 17/9/1787 reserva ao governo federal a defesa, política monetária, comércio exterior e política externa e, aos Estados, as comunicações, assuntos internos, religião, justiça, saúde, polícia etc. Em 1789, há 22 novas emendas à Constituição.

Início da República – O primeiro presidente, George Washington, elabora um programa econômico que assenta as bases do capitalismo. Com Thomas Jefferson inicia-se a conquista do oeste por imigrantes europeus, sendo os índios das regiões colonizadas sistematicamente combatidos, espoliados e exterminados. A colonização do Noroeste e do Mississípi faz surgir oito novos Estados entre 1792 e 1819, e a população passa de 3,9 milhões, em 1790, para 7,2 milhões em 1810. O isolacionismo externo leva à recusa do apoio a Napoleão na guerra contra a coalizão européia. A Lousiana é comprada da França, em 1803, por US$ 15 milhões. A guerra com a Grã-Bretanha pelo Canadá, entre 1812 e 1814, termina com a paz perpétua de Gante, que ajuda a solucionar litígios deixados pela guerra de independência.

Até 1860 – Os Estados aumentam para 33 e a população chega a 31,3 milhões. A Flórida é comprada da Espanha, em 1819, e a anexação do Texas deflagra a guerra contra o México, de 1845 a 1848, encerrada pelo Tratado de Guadalupe Hidalgo. O intervencionismo na América Latina surge nessa época: a Doutrina Monroe – "A América para os americanos" – proíbe aos europeus estabelecer colônias no Novo Mundo e intervir em questões continentais. Entre 1830 e 1860, chegam 4,6 milhões de imigrantes aos EUA e as fronteiras alargam-se para o Oeste, onde os índios são confinados em reservas, e para a Califórnia, onde começa a corrida do ouro. A mecanização agrícola tem por conseqüência a criação de novos mercados.

GUERRA DA SECESSÃO

A industrialização e a democratização do Norte, onde predomina o trabalho assalariado imigrante, criam atrito com os latifundiários aristocratas do Sul, dependentes do trabalho escravo, que recusam a abolição, temendo perder o monopólio mundial do algodão. A Convenção do Missouri, de 1820, autoriza a escravidão ao sul do paralelo 36. Mas a campanha contra ela de William Garrison no jornal *The Liberator* e da American Anti-Slavery Society, que ajuda negros a fugir para o Norte, aumenta a tensão.

O conflito – Em 1846, já tinha sido assinada a Lei Wilmot, proibindo a escravidão nos novos territórios. O crescimento do abolicionismo e as divergências entre o Norte e o Sul sobre a introdução de uma política econômica protecionista provocam a secessão. Em 1861, Jefferson Davis cria a Confederação dos Estados da América, com capital em Richmond, Carolina do Sul. A isso opõe-se o pres. Abraham Lincoln, eleito naquele ano, o que leva à guerra civil. Apesar de sua inferioridade e do bloqueio nortista, que impede a chegada de ajuda estrangeira, o Sul, liderado pelo gen. Robert Lee, obtém vitórias em Bull Run, Fredericksburg e Chancellorsville. Mas é derrotado em Gettysburg, em 1863, e rende-se, em Appomatox, em 9/4/1865, ao gen. Ulysses Grant. Em 14/4/1865, Lincoln é assassinado, no Ford's Theater, em Washington, pelo sulista John Wilkes Booth. A guerra deixa 600 mil mortos e US$ 8 bilhões em prejuízos.

Conseqüências – Os EUA convertem-se numa potência econômica industrial; o Sul perde para o Egito e a Índia o monopólio do algodão; o desenvolvimento da mineração e da indústria cria demanda de mão-de-obra, incrementando a imigração; a modernização das técnicas agrícolas do Sul, após a abolição, faz surgir propriedades menores e mais eficientes, da classe média em ascensão. Mas a questão negra permanece um problema social e político até hoje (em 1868, os negros recebem direitos civis e, em 1870, o direito de voto). Os dois mandatos de Ulysses Grant, de 1869 a 1877, são marcados por corrupção, motins de negros e exploração dos rebeldes sulistas pelos *carpetbaggers* (agentes federais), que lhes impõem impostos absurdos. Os proprietários do Sul reagem com violência, linchando negros, criando a Ku Klux Klan e promovendo a segregação.

EXPANSÃO ECONÔMICA

Nos governos subseqüentes, a persistência da corrupção e da ineficiência faz surgir, em reação, o individualismo da iniciativa privada no comércio e na indústria e a organização do crime em gangues que formam um poder paralelo ao das autoridades. Apesar das crises, o país se expande: entre 1860 e 1919, a população aumenta de

31,3 para 91,9 milhões (20 milhões de imigrantes); a mão-de-obra cresce 700%, a produção, 2.000%, o capital de investimento, 4.000%; entre 1880 e 1890, são construídas quatro ferrovias intercontinentais; em 1914, o país tem 250 mil automóveis; em 1915, é o maior produtor mundial de ferro, carvão, petróleo, cobre e prata.

Grandes monopólios – A política tributária protecionista favorece a criação de monopólios: o comércio de peles da família Astor; a Standard Oil, dos Rockefeller; a Steel Corporation, dos Carnegie; as estradas de ferro, dos Vanderbilt etc. Em 1913, as famílias Morgan e Rockefeller controlam 20% do patrimônio nacional (341 empresas com capital de US$ 22 bilhões). Os magnatas fundam universidades, centros de pesquisa, museus e organismos de previdência social. Mas as pressões dos sindicatos – a Federação Americana do Trabalho, que surge em 1866, e os Trabalhadores Industriais do Mundo, fundado em 1905 –, que organizam mais de mil greves em um ano, levam os pres. William Taft (1909–1913) a ratificar as leis antitruste e Woodrow Wilson (1913–1921) a suprimir a legislação protecionista e introduzir impostos progressivos, o que debilita o poder dos monopólios.

INTERVENCIONISMO

A influência dos círculos financeiros sobre a política externa conjuga o expansionismo econômico ("imperialismo do dólar") à intervenção direta na América Latina, nos termos da Doutrina Monroe: a política do *big stick* (grande porrete), proposta por Theodore Roosevelt (1901–1909). Segundo ela, se a América é para os americanos, os EUA têm o direito de intervir militarmente toda vez que a presença estrangeira ameaçar o continente ("Onde quer que haja um problema", dizia Roosevelt, "vou lá com o meu grande porrete e acabo com ele"). Esse é o princípio que será a base ideológica de todas as intervenções americanas, da Rep. Dominicana em 1904 até o apoio aos contras da Nicarágua, nas décadas de 80 e 90.

Imperialismo – As conferências pan-americanas de 1889, celebradas para estimular a unidade continental, encobrem, na realidade, o propósito de assegurar a hegemonia dos EUA sobre a América Central e do Sul. Depois de tentativas frustradas de anexação de Cuba, em 1853, e da Rep. Dominicana, em 1854, e de desembarques no Panamá e na Nicarágua em 1860, tenta-se novamente a anexação da Rep. Dominicana entre 1865 e 1868, e tropas americanas intervêm no México em 1876 e no Chile em 1891. Desde 1895, os jornalistas Joseph Pulitzer e William Hearst fazem campanha contra a presença espanhola em Cuba, o que leva à Guerra Hispano-americana de 1898 e à anexação do Havaí e das Filipinas. Além da nova intervenção na Nicarágua (1899), à qual é imposto o Tratado Hay-Gomes, a Costa Rica é posta sob controle pelo Tratado Hay-Calvo (1900).

Política do "big stick" – Em 1901, a Emenda Platt, assegurando o direito americano de intervenção no país, é imposta à Constituição cubana e, em 1903, é construída na ilha a base americana de Guantánamo, mantida até a década de 90. A partir de 1904, são feitas novas intervenções na Rep. Dominicana (1904–1914), Cuba (1906–1909), Nicarágua (1909–1912), Honduras (1910–1912) e Haiti (1914–1934), além de se obterem concessões territoriais na Guatemala para a United Fruit Co.

Canal do Panamá – Desde 1850, o Tratado Clayton-Bolwer preconiza a construção de um canal internacional no Panamá. Em 1901, ao assumirem o controle da companhia de Ferdinand de Lesseps, que planejava construir esse canal mas faliu, os EUA provocam a separação do Panamá e da Colômbia. E, pelo Tratado Hay-Bunau-Varilla, adquirem o direito a dispor da faixa de território panamenho de ambos os lados do canal em caráter perpétuo. É a chave para a hegemonia naval americana no Atlântico e no Pacífico.

Revoluções liberais

A reação conservadora do Congresso de Viena e da Santa Aliança (Áustria, Prússia e Rússia, com apoio inglês) não consegue deter a expansão dos ideais revolucionários. Na França, após a Restauração dos Bourbons (1815), os ultra-realistas perseguem bonapartistas e republicanos. Carlos X suprime a liberdade de imprensa, dissolve a Câmara e reprime a oposição. Em jul. de 1830, uma revolução apoiada pelos financistas o depõe; e o duque de Orléans, Luís Felipe, fica à frente de uma monarquia constitucional. Com a Revolução de 1830 – cuja conseqüência imediata é o levante de Bruxelas, com que a Bélgica livra-se do jugo holandês –, desenvolvem-se as noções de liberalismo, contrário às limitações impostas pelo absolutismo; de nacionalismo, que visa à unificação política dos povos de mesma origem e cultura; e de socialismo, que prega a igualdade socioeconômica por meio de mudanças radicais.

Levante de 1848 – Na França, a oposição a Luís Felipe manifesta-se desde 1834, com a revolta republicana dos tecelões de Lyon. Corrupção, crise econômica agravada pelas más colheitas e a precária situação da classe operária são as causas da revolução de fev. de 1848, que depõe o rei. Após eleições para a Constituinte (23/4), é promulgada a Constituição da II República (10/11) e o princ. Luís Napoleão é eleito presidente (10/12). Ele dará um golpe em 1851, coroando-se imperador como Napoleão III; mas, num primeiro momento, a Revolução de 1848 acarreta reações em toda a Europa central. A primeira é o levante de Viena (13/3), que leva à renúncia do 1º-min. Klemens von Metternich-Winneburg e à Constituição, que cria um sistema eleitoral liberal e abole os resquícios de estrutura feudal.

NACIONALISMO EUROPEU

A Revolução de 1848 dá início ao movimento conhecido como a "primavera dos povos": em várias partes da Europa eclodem revoltas em busca de independência e da afirmação da identidade nacional.

Grécia – Começa, em mar. de 1821, a guerra contra o Império Otomano. Em 13/1/1822, é proclamada a independência. A violenta reação turca, com o grande massacre em Chio, em abr. de 1822, e o cerco de Atenas, de 26/8/1826 a 5/6/1827, não liquida o movimento. A guerra termina com a independência grega, em 3/2/1830.

Hungria – Os territórios ocupados proclamam sua independência, em 23/3/1848, e criam um governo democrático em 11/4. Em set., o poder é tomado por Lájos Kossuth; em dez., a Áustria invade o país e os húngaros capitulam em Villágos, em 13/8/1849. O descontentamento popular, entretanto, leva à assinatura, em 1867, do *Ausgleich*, que estabelece a monarquia dual e confere aos húngaros Parlamento e ministérios próprios.

Polônia – A insurreição de 1830/31 contra o domínio russo – consagrado pelo Congresso de Viena – inspira-se na Revolução de 1830. Mas está dividida entre conservadores, que confiam no apoio externo, e radicais, que pregam uma revolta camponesa visando à abolição da servidão. Isso contribui para o fracasso de quatro levantes entre 1830 e 1863. Em 1841, são suprimidos o Conselho de Estado, o Tribunal de Apelação e a moeda nacional; logo após o fracasso da Conspiração de Posen, em fev. de 1846, Cracóvia é anexada pela Áustria.

Em 1864, inicia-se a russificação do território sob controle russo e a germanização das áreas do Báltico, sob dominação alemã (a *Kulturkampf*, "luta cultural"): o ensino do polonês é proibido, os bens da Igreja Católica confiscados, os dos senhores poloneses postos à disposição de latifundiários alemães e russos. Apenas na Galícia, sob controle austríaco, é permitida maior liberdade: Cracóvia torna-se o centro de irradiação da cultura nacional: ali surge o Partido Nacional Democrata, em torno do qual organizam-se os liberais. O PND e os socialistas – que, em

1878, lançam o Programa de Bruxelas, elaborado por Ludwik Warynski, Aleksander Wieckowski e Stanislaw Mendelssohn – formam a força que, no início do séc. XX, levará adiante a luta pela independência.

Alemanha – O movimento de 1848 vai ao encontro dos anseios de liberalização e unificação dos Estados alemães. Em mar. de 1848, levantes forçam reformas em Württemberg, Hesse-Darmstadt e Nassau. Mas a Constituição, que o Parlamento de Frankfurt propõe-se a redigir, fracassa por causa das divergências entre republicanos e monarquistas. A indicação de Otto von Bismarck para chanceler da Prússia, em 23/9/1862, acelera a unificação a partir de uma aliança entre os *jünkers* (militares prussianos) e a burguesia renana.

Em 1866, com a Guerra Austro-prussiana, Bismarck consegue a dissolução da Confederação Germânica com a Áustria e cria a Confederação Alemã do Norte, tendo como presidente hereditário o rei da Prússia. Em 1870, ao surgirem as divergências sobre o candidato de Napoleão III à sucessão espanhola, usa esse pretexto para declarar guerra à França, como forma de unir os Estados alemães do sul aos do norte. O Tratado de Frankfurt, que põe fim à guerra, dá à Alemanha a Alsácia-Lorena. O entusiasmo que isso desperta permite a Bismarck anexar os Estados do sul e coroar Guilherme I *kaiser* da Prússia, em Versalhes, em 18/1/1871.

Itália – Em 1848, o país divide-se em pequenos Estados: são independentes o Reino da Sardenha, os Estados pontifícios e o Reino das Duas Sicílias; Veneza e a Lombardia estão sob ocupação austríaca; a Toscana, Parma e Módena são governadas por descendentes dos Habsburgos. Já em 1830, após a revolução na França, tinham explodido motins contra os austríacos em Módena, Parma e na Romanha, em fev. de 1831. Em 1832, novas revoltas tinham ocorrido em vários pontos do país: Giuseppe Mazzini liderara uma tentativa de libertação da Sabóia, em 1834. A revolução separatista da Sicília de 12 a 27/1/1848, o motim de Milão, em 23/1/1848, e as pressões para que sejam outorgadas constituições fortalecem os adeptos do *Risorgimento* (ressurreição), organizados em torno do radical Mazzini, que quer a República, e do moderado Camilo di Cavour, 1º-min. da Sardenha desde 1852, que advoga a monarquia constitucional.

Para atrair a simpatia da Grã-Bretanha e da França, Cavour alia-se a elas na Guerra da Criméia, em 1854. Em 1858, obtém o apoio de Napoleão III à causa italiana, em troca da promessa de cessão à França da Sabóia e de Nice. Na Guerra Austro-italiana de 1859, a Sardenha anexa a Toscana, a Lombardia, Parma e Módena e obtém a adesão dos Estados pontifícios (exceto Roma); mas, sem o apoio francês, não pode libertar Veneza.

Entre mai. e nov. de 1860, os "camisas vermelhas" de Giuseppe Garibaldi libertam a Sicília e Nápoles, que formavam o Reino das Duas Sicílias, governado por Francisco II, da Casa de Bourbon. Garibaldi, que quer proclamar uma República independente, é persuadido por Cavour a aderir à unificação. O Parlamento é aberto em 18/2/1861 e Vitório Emanuel II, da Sardenha, é coroado rei da Itália (17/3). A Prússia, em reconhecimento pelo apoio italiano na guerra de 1866, força a Áustria a conceder liberdade a Veneza. Em 1870, durante a Guerra Franco-prussiana, ao ser interrompido o auxílio militar que Napoleão III dava ao papa, Roma é ocupada e, em jul. de 1871, torna-se a capital do reino. Apesar da Lei das Garantias Pontifícias, que cria o Estado do Vaticano, o papa Pio IX excomunga Vitório Emanuel II (2/11) e opta por um "encarceramento voluntário", que persistirá até a assinatura do Acordo de Latrão, de 1929.

PENSAMENTO SOCIAL

As idéias sociais do séc. XIX estão associadas com a Revolução Industrial e com o aparecimento do operariado como classe antagônica à burguesia, criando um panorama marcado por greves, reformas e revoluções, que culminará na Revolução Russa, em 1917.

Liberalismo – Sua origem, na Inglaterra, associa-se à Revolução Industrial. No plano interno, o liberalismo, vigente como ideologia da burguesia em ascensão, reduz o papel do Estado à defesa da lei e da ordem pública; por outro lado, sua difusão para outros países enfatiza a liberdade de comércio, a livre concorrência, o fim do escravismo e do protecionismo (associado ao mercantilismo). Embora a estabilidade do regime parlamentar, na Inglaterra, permita que as reformas se antecipem às necessidades sociais, a "lei da conjura", do séc. XVIII, pune com a morte qualquer agitação social – o que faz com que o país passe ao largo das agitações políticas do continente, nos séc. XVIII e XIX.

Socialismo utópico – O aparecimento das idéias socialistas, na Europa, remonta ao início do séc. XIX, com pensadores como Étienne Cabet e Wilhelm Weitling, que se inspiram nos ideais da Revolução Francesa. O conde Claude-Henri de Saint-Simon vê no progresso econômico a alavanca da História, defendendo uma sociedade que assegure o bem-estar das classes mais pobres. Charles Fourier propõe a criação de comunidades agrícolas e industriais (os *falanstérios*), semelhantes aos *Ateliers Nationaux*, de Louis Blanc. Enquanto Robert Owen analisa a exploração dos escravos, Louis-Antoine Blanqui chega a imaginar uma ditadura do proletariado.

Socialismo científico – Em 1848, a publicação do *Manifesto comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels, abre novo caminho ao pensamento socialista. Os fundamentos do pensamento marxista derivam de três correntes: a dialética hegeliana, a economia inglesa e o socialismo. A partir do conceito de materialismo dialético, resultado de uma análise crítica do pensamento hegeliano, Marx e Engels criam uma nova teoria da História: o materialismo histórico. Para eles, as transformações históricas, até então, são fruto da luta de classes; e esta, por sua vez, do desenvolvimento das forças produtivas – isto é, o aparecimento do capitalismo, associado à ascensão da burguesia, gera o proletariado como classe explorada. Essa exploração só se encerrará com a vitória do socialismo sobre a burguesia. O livro-texto fundamental dessa teoria é *O Capital*, de Marx.

Anarquismo – A vertente anarquista do socialismo é disseminada por Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakúnin e Piotr Kropótkin, para quem o convívio em sociedade só é possível mediante a abolição de normas coercitivas.

Sindicalismo – A fundação da Trade Union, em jul. de 1833, na Inglaterra, para defender os interesses da classe trabalhadora, marca o início da luta por melhores condições de trabalho. Os sindicatos (*trade unions*) obtêm aos poucos a igualdade dos operários perante a lei, o direito de greve, a regulamentação das horas de trabalho e o estabelecimento da responsabilidade do patrão em caso de acidentes de trabalho. A fundação, em 1869, da Labour Representation League, para eleger elementos liberais ao Parlamento, prenuncia o *Labour Party* (Partido Trabalhista), criado em 1906. Nos EUA, a American Federation of Labour (AFL), fundada em 1866, recebe grande impulso a partir de 1886. Formada por trabalhadores especializados, ao contrário dos imigrantes, luta pela manutenção de altos salários.

I Internacional – Fundada em 1864, enfrenta grandes dificuldades, em razão da pouca representatividade dos grupos operários e das discussões entre Marx e Bakúnin: enquanto o primeiro afirma ser necessário um período de "ditadura do proletariado" para chegar ao comunismo, os anarquistas argumentam que todo Estado é opressor, acreditando que somente com a sua destruição se chegará ao verdadeiro comunismo. Após o Congresso de Haia (1872), entra em decadência: o impasse na polêmica entre marxistas e anarquistas e o fracasso da Comuna de Paris precipitam o seu fechamento, em 1876.

II Internacional – Fundada em Paris, no centenário da Revolução Francesa (1889), divide-se em três grupos: o revisionista, de Eduard Bernstein, que discorda da maior

parte das idéias marxistas; o moderado, de Karl Kautsky, que defende Marx; e o radical (marxista-revolucionário), de Lênin (Vladimir Ilitch Uliânov) e Rosa Luxemburgo, que advoga a renovação dentro do marxismo, mas de caráter revolucionário. A II Internacional desintegra-se em 1914.

Capitalismo monopolista

A partir de 1870, a concentração da produção e do capital contribui decisivamente para a formação de monopólios que competem pelo controle das fontes de matéria-prima e pelos mercados. Concentração semelhante verifica-se também nos organismos bancários, vinculados aos monopólios industriais por meio do financiamento e da inversão de capital. Dessa fusão entre o capital bancário e o industrial resulta o capitalismo financeiro, responsável pela exportação dos excedentes de capital destinados à criação de ferrovias, melhoria dos sistemas portuários e extração de matéria-prima nos países não-industrializados.

II Revolução Industrial – Essa segunda fase, que se estende de 1870 a 1945, é caracterizada pelo surgimento dos monopólios empresariais, associados ao imperialismo e ao neocolonialismo. O apogeu do grande capital é provocado pela rápida ascensão econômica dos Estados industriais (EUA, Grã-Bretanha e Alemanha, seguidos a distância pela França e pelo Japão) ou em via de desenvolvimento (Itália e Rússia). Há progressos técnicos e científicos: utilizam-se novas fontes de energia (eletricidade, petróleo); criam-se novas indústrias (química, eletrotécnica); desenvolvem-se os transportes e as comunicações (telefone, telégrafo); acelera-se o desenvolvimento do comércio e da economia mundial. As inversões de capital são crescentes: desenvolvem-se novos processos de produção, fazem-se grandes edificações urbanas e amplia-se o sistema de transportes (ferrovias, canais, portos) para garantir o fluxo de mercadorias.

Partilha da África

A partir de 1870, nações recém-constituídas, como Alemanha e Itália, entram na competição pelo continente africano, ao lado da França e da Grã-Bretanha, visando transformá-lo em mercado para seus produtos industrializados e em fonte de abastecimento de matérias-primas e produtos alimentícios. A divisão política do continente, determinada pelas potências sem levar em conta a realidade étnica e cultural de seus habitantes, resulta em lutas tribais dentro de um mesmo país, fusões ou desmembramentos de Estados, que se manifestam até hoje. A Conferência de Berlim (1884–1885) dita as normas para essa partilha: toda tomada de posse deve ser comunicada imediatamente às potências signatárias; a anexação de territórios só será válida se a potência interessada tiver autoridade suficiente para fazê-la respeitar pelas demais; toda potência estabelecida na costa terá direito ao *hinterland* (interior do território), até defrontar com outra zona de influência ou outro Estado organizado. Esse tratado desencadeia conquistas e, por ser omisso em vários aspectos, não evita as disputas entre os novos conquistadores. Em decorrência, a África fica assim dividida:

França – Aumenta seu controle sobre a Tunísia, mantém a Argélia, confirma seu protetorado sobre o Marrocos e conquista parte do Saara, ligando a África francesa do norte à do sul. Na costa ocidental, os postos costeiros do Senegal e da Guiné são o ponto de partida para a posse do respectivo interior, o mesmo ocorrendo com a Costa do Marfim e o Daomé (atual Benin); conquista as margens do Níger e o Chade até chegar ao Sudão egípcio. A África Equatorial Francesa origina-se da exploração do interior do Gabão, conquistando enorme extensão territorial, inclusive a bacia do rio Congo. Madagascar é trocada com a Grã-Bretanha por Zanzibar. Na região oriental, ocupa, antes da construção de Suez, Obok, a baía de Tadjurah, os sultanatos de Gobad e Ambado e o Território dos Afars e Issas (atual Djibuti).

Bélgica – Leopoldo II apossa-se do Congo (atual Zaire), cria a Associação Internacional Africana, visando a combater o comércio de escravos, e, posteriormente, a Comissão de Estados do Alto Congo. Quando Portugal reivindica seus direitos históricos sobre o estuário do Congo, os mediadores britânicos obtêm a desistência portuguesa, em troca da livre navegação no rio.

Grã-Bretanha – Constitui um império considerável, formado por Gâmbia, Serra Leoa, Costa do Ouro (atual Gana), Rodésia (Zâmbia e Zimbábue), Quênia, Somália britânica, Maurício, Nigéria, União Sul-Africana – incluindo a antiga Colônia do Cabo e as ex-repúblicas bôeres de Natal, Orange e Transvaal – e os protetorados da Basutolândia (Lesoto), Bechuanalândia (Botsuana), Suazilândia, Niassalândia (Malavi), Uganda e Zanzibar-Pemba (Tanzânia), além das ilhas de Sta. Helena e Ascensão.

Alemanha – Após o Congresso de Berlim, encontra poucos territórios ainda disponíveis. Ocupa o Togo, Camarões, a África do Sudoeste (atual Namíbia) e a África Or. Alemã (Tanganica e Ruanda-Urundi).

Itália – Entre compras e ocupações, possui a Líbia (Tripolitânia e Cirenaica), a Somália italiana e a Eritréia.

Portugal – Mantém as possessões da época dos descobrimentos: Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, o enclave de Cabinda, Angola e Moçambique.

Espanha – Fica com uma zona de protetorado no Marrocos, o território de Ifni, o Saara espanhol (Saara Ocid.), a Guiné espanhola (Guiné Equatorial) e as Canárias, além de Ceuta e Melilla.

Imperialismo na Ásia

A dominação ocidental, iniciada a partir do séc. XVII com a expansão mercantilista, assume, no séc. XIX, novo caráter. Os países asiáticos também passam a ser fornecedores de matérias-primas e mercado consumidor para os produtos europeus.

Índia – A presença britânica inicia-se com a Companhia das Índias Orientais. Superando a concorrência portuguesa e francesa nos séc. XVII e XVIII, os britânicos estabelecem sua hegemonia a partir do séc. XVIII, aproveitando a rivalidade entre os chefes locais (marajás). Por meio da guerra, do suborno e da ajuda militar, obtêm concessões que lhes permitem assumir o controle do comércio no país. A revolta dos cipaios (tropas nativas), entre 1857 e 1858, provoca a dissolução da Companhia, e o controle passa para a Coroa. A Índia constitui-se, a partir de então, no coração do Império Britânico.

China – O comércio com os ocidentais é limitado até a metade do séc. XIX, quando eclode a Guerra do Ópio com a Grã-Bretanha, entre 1839 e 1842. A tentativa do imperador de proibir a venda do ópio desequilibra o comércio com a Grã-Bretanha (grande importadora de chá), e isso dá início ao conflito. O Tratado de Nanquim, de 28/8/1842, cede aos britânicos Hong Kong e concessões em outros cinco portos; o comércio do ópio é reativado. A partir de 1844, a China é obrigada a assinar "tratados desiguais", fazendo concessões extraterritoriais (administração, jurisdição, polícia e aduanas próprias) às potências estrangeiras. Esses fatos desencadeiam a Rebelião Taiping (revolta de camponeses apoiada por habitantes pobres das cidades), somente debelada com a ajuda estrangeira. No fim do séc. XIX, Grã-Bretanha, Rússia, Alemanha, França, EUA e Japão dividem o imenso território chinês.

O Japão moderno

É o único país oriental a ingressar na corrida colonialista em razão do seu desenvolvimento industrial, que lhe impõe a necessidade de conquistar fontes fornecedoras de matérias-primas, de que é extremamente carente.

ERA MEIJI

Ao subir ao trono, em 1863, o imp. Mutsuhito, que adota o nome Meiji (era das luzes), inicia a modernização, substituindo os feudos por províncias com governadores nomeados e implantando o serviço militar obrigatório, em 1872. Reorganiza, em padrões europeus, o ensino, tornando-o obrigatório, reformula a polícia, a imprensa, a justiça, os correios, as ferrovias e a saúde; e promove reformas internas, nomeando, em 1885, o 1º-min. princ. Ito Hirobumi, com o encargo de redigir uma Constituição, outorgada em 1889, que faz do país uma Monarquia constitucional bicameral.

Expansionismo – Favorece a industrialização e o expansionismo, com a Guerra Sino-japonesa, de 1894 e 1895, pela posse da Coréia, que acaba tornando-se protetorado nipônico; e a Guerra Russo-japonesa, de 1904 e 1905, também pelo controle da Coréia. A assinatura da Paz de Portsmouth, em 1905, converte o Japão em uma grande potência, estendendo seu poder até a Mandchúria.

ERA TAISHÔ

Tem início com a ascensão de Yoshihito, em 1879. Durante a I Guerra Mundial, o país amplia a sua Marinha de guerra e a sua frota mercante, transformando-se na terceira potência naval do mundo. Com o incremento das exportações, surge também como uma economia forte, embora, entre 1920 e 1922, perca mercados em conseqüência da organização industrial deficiente e da má qualidade de seus produtos.

Pressões ocidentais – No plano externo, sofre uma derrota diplomática com a Conferência de Washington, que fixa em 315 mil t o limite de tonelagem de sua esquadra (contra 525 mil t da Grã-Bretanha e dos EUA); reparte sua zona de influência no Pacífico com os EUA, Grã-Bretanha e França; garante a independência da China, propondo a "política de portas abertas", que assegura às outras nações o direito à exploração comercial desse país; e força a assinatura do Tratado de Shantung, pelo qual Shantung e Kiaochow são restituídos à China, e as forças japonesas retiram-se da Sibéria.

Recuo diplomático – As relações com os EUA passam por uma fase de esfriamento, quando as novas leis de imigração americanas, de 1924, excluem os japoneses. Em conseqüência, o Japão aproxima-se da URSS, com quem assina, em 1925, um tratado concordando em retirar-se do norte das ilhas Sacalinas, em troca do reconhecimento soviético da Paz de Portsmouth. Nesse mesmo ano, o 1º-min. Kiuro Shidehara renuncia às *21 Petições* – imposições feitas à China, em 18/1/1915, em troca da garantia de sua independência, e que tinham transformado o norte daquele país em zona de influência japonesa. Isso faz com que seu prestígio internacional se eleve; mas cria problemas com a ala radical dos militares que, a essa altura, juntamente com os empresários, industriais e a cúpula burocrática, suplanta o poder da antiga oligarquia aristocrática.

Crise política – O final dessa era é bastante turbulento. Crescem, entre as novas gerações, movimentos reivindicando maior liberdade política e profundas reformas sociais. O assassinato do 1º-min. Takashi Hara, em 1921; o frustrado atentado contra o princ. Hiroito, em 1923 – desde 1921 o regente, devido à demência do imperador; e a campanha que força a concessão, em 1925, do voto direto masculino acentuam as divergências políticas. O clima de instabilidade provoca um endurecimento do regime: o Decreto de Salvaguarda da Paz (1925).

Era dos Impérios

A competição entre as grandes potências, que se acentua após 1870, vai constituir uma das principais causas para a I Guerra Mundial.

GRÃ-BRETANHA

Com sua economia fortalecida pelo crescente processo de industrialização, assume a primazia do mercado mundial durante a Era Vitoriana – a fase do reinado da rainha Victoria (1837–1901). A expansão colonial faz com que, em 1902, seus domínios cheguem a ter 14 milhões de km². O imperialismo britânico justifica seus interesses econômicos e políticos com teorias como as de Thomas Carlyle, sir Charles Dilke, Robert Seeley ou Rudyard Kipling, que pregam o "dever do homem branco", a missão civilizadora do Ocidente, ao qual cabe disseminar a cultura entre os povos conquistados. É essa a ideologia que preside a expansão colonial na Ásia (em 1876, a rainha Victoria é coroada imperatriz da Índia), Oceania e África.

Pax Britannica – No plano externo, a Grã-Bretanha vive uma longa fase de paz. As únicas exceções são a Guerra da Criméia (1853–1856), em que se alia à Turquia contra o expansionismo russo, e o levante indiano de 1857/58 contra a administração colonial. Os 1ºs-min. Benjamin Disraeli e William Ewart Gladstone, que se alternam no poder, realizam reformas financeiras e administrativas, concedem em 1867 o direito de voto à pequena burguesia e ao operariado especializado e, em 1884, aos proprietários rurais. Disraeli e Gladstone enfrentam, entretanto, a partir de 1858, a rebelião do Eire, sob a liderança de Stewart Parnell. Nela já se encontra o germe da revolta que, mais tarde, leva à guerra civil e à independência da Irlanda do Sul, obtida graças à pregação da Sociedade dos Fenianos, criada nos EUA, em 1858.

Guerra dos Bôeres – O conflito na África do Sul começa em 12/10/1899 e termina com a Paz de Vereening em 31/5/1902. Descendentes dos holandeses, os colonos bôeres estabelecem-se no sul do continente a partir do séc. XVII, fundando a Colônia do Cabo em 6/4/1652. No séc. XIX, reagindo à abolição da escravatura (1834) imposta após a anexação britânica, empreendem a primeira emigração, o *Grand Trek* (nov.): deixam a Província do Cabo e, dirigindo-se para o norte, criam as repúblicas do Transvaal e de Natal e o Estado Livre de Orange, baseados em uma economia agrícola e no trabalho escravo. Um novo *trek*, em direção ao Transvaal, é realizado em 1843, após a anexação britânica de Natal. As tentativas de escapar a esse domínio conduzem à guerra, encerrada com a derrota dos bôeres, expulsos para o Transvaal em 29/8/1848. Pelas convenções de Sand River, em 17/1/1852, e de Bloemfontein, em 23/2/1854, a Grã-Bretanha reconhece a independência respectivamente do Transvaal e de Orange (atual África do Sul).

Nova rebelião – A anexação do Transvaal, em 1877, onde fora descoberto ouro, subleva os colonos (1880/81), que derrotam os britânicos em Majuba Hill. O acordo de Pretória, em 9/9/1881, põe fim aos conflitos. Mas o interesse britânico nas jazidas de Johanesburgo, fundada em 1886, é causa do último conflito (1899–1902), em que a resistência bôer é vencida pela superioridade numérica do inimigo, que derruba o governo do pres. Grüger. Em 31/5/1910, é formada a União Sul-Africana, sob mandato britânico, reunindo as antigas colônias do Cabo, Natal, Orange e Transvaal.

FRANÇA

Durante o II Império (1851–1871), desenvolvem-se a indústria e o capital financeiro (instituições bancárias e creditícias). Incrementa-se a exportação de capitais, sendo franceses, por exemplo, os que financiam a construção do canal de Suez, entre 1859 e 1869, por Ferdinand de Lesseps. A política externa de Napoleão III recobra para a França o papel de grande potência ao apoiar os movimentos nacionalistas na Itália e nos Bálcãs e intervir na Guerra da Criméia (1854–1856) ao lado da Grã-Bretanha, contra os russos. Mas a aventura no México, ao qual impõe, em 1864, uma monarquia liderada pelo arquiduque Maximiliano, da Áustria, é um desastre. A oposição dos EUA, que, invocando a Doutrina Monroe, exigem a

retirada dos franceses, obriga Napoleão III a abandonar o México em fev. de 1867. Em seguida, o fracasso na tentativa de impedir a unificação alemã custa-lhe o próprio trono, após a derrota de 1871.

Comuna de Paris – A deposição de Napoleão III dá início à III República, sob a presidência de Adolphe Thiers, representante dos conservadores partidários da paz, em 17/2/1871. A entrada dos alemães na capital (1º/3) aumenta o descontentamento popular com o governo, levando a uma insurreição socialista-proletária (18/3). Thiers foge para Versalhes (28/3), deixando Paris, onde, em abr., é lançado o Manifesto da Comuna: um projeto de governo formado por comunas livres e autônomas, com a separação entre o Estado e a Igreja. Em mai., depois de ter sido liberado de Sedan, onde estava sob assédio alemão, o Exército, comandado pelo gen. Patrice de MacMahon, marcha para Paris e massacra os *communards*, devolvendo o poder a Thiers.

Caso Dreyfus – As disputas entre esquerda e direita radicalizam-se com o processo do cap. Alfred Dreyfus. De origem judia, ele é acusado, em 1894, de espionagem em favor da Alemanha e deportado para a ilha do Diabo, em Caiena, na América do Sul. Os republicanos, liderados por Georges Clemenceau, reagem através do jornal *L'Aurore*, onde é publicada *J'Accuse*, carta aberta do romancista Émile Zola, exigindo a revisão do processo. Mas a reabilitação de Dreyfus só ocorre quando Clemenceau chega a 1º-ministro em 1906: ele promove sua reintegração no Exército e lhe confere a Legião de Honra.

A resposta da direita – O anti-republicano Charles Maurras, defensor do "nacionalismo integral", disseminador de propaganda contrária aos alemães, protestantes e judeus, funda, com Léon Daudet, a Ação Francesa (1898), movimento precursor do fascismo. Até 1905, o anticlericalismo ganha força, as ordens religiosas, os conventos e colégios religiosos são abolidos e os bens eclesiásticos são confiscados; a separação Estado/Igreja resulta na ruptura com o Vaticano. As disputas entre republicanos, socialistas e conservadores são amenizadas pela ameaça da guerra com a Alemanha, que, em 1914, aproxima os partidos, criando a "união sagrada".

IMPÉRIO OTOMANO

A administração corrompida (arbitrariedade dos paxás, arrendamento de impostos, suborno), a debilidade do Exército, as revoltas internas (ascensão do nacionalismo nos Bálcãs) e a intervenção das potências européias (questão do Oriente) são os agentes de sua decadência.

Guerra da Criméia – Iniciada em 1853, a partir de um pretexto religioso – conflitos entre monges católicos e ortodoxos em Jerusalém (sob domínio turco) –, opõe Nicolau I, da Rússia, a Napoleão III, da França. A Turquia vê-se envolvida após a invasão russa de seus principados no Danúbio e, em out. de 1853, entra na guerra. Recebe o apoio da França, Inglaterra e Sardenha, interessadas em impedir que a Rússia controle os estreitos de Bósforo e Dardanelos. A Paz de Paris (1856) favorece a entrada dos capitais ocidentais na Turquia; mas os tratados comerciais, reduzindo os impostos sobre as importações, acarretam o retrocesso na produção interna.

Crise – No Congresso de Berlim, de 15/6 a 14/7/1878, a perda de Chipre para a Grã-Bretanha, de parte do território asiático para a Rússia e da Bósnia-Herzegóvina para o Império Austro-húngaro acelera a desagregação otomana. Com a ascensão de Abdul Hamid II, a Constituição de 1876, que reconhecia a igualdade das nacionalidades e das religiões, é anulada, iniciando-se a campanha de eliminação dos não-muçulmanos. O grupo mais atingido será o dos armênios: massacres como o de Constantinopla, em 30/9/1895, ou o grande genocídio que se segue à prisão, em 24/4/1915, de duzentos intelectuais e líderes comunitários reduzirão seu número de 2 milhões, em 1850, para 65 mil no início da I Guerra.

Jovens Turcos – Esse movimento resulta da aliança entre oficiais de baixa patente do comitê União e Progresso, criado em 1891, com a sociedade secreta de Mustafá Kemal, fundada em Damasco em 1905. Reflete a crescente oposição à autocracia e à tutela estrangeira. Para evitar a possível divisão territorial e restabelecer a Constituição de 1876, o levante de Salônica, em 1908, depõe Hamid II. As guerras balcânicas, as sublevações na Arábia e a derrota na guerra ítalo-turca, de 1911, dão-lhes o poder, sob o reinado de Mohamed V.

Guerras dos Bálcãs – Na primeira, de 8/10 a 3/12/1912, Grécia, Montenegro, Bulgária e Sérvia aliam-se contra o império, que, derrotado, é obrigado a ceder territórios aos vencedores. Na segunda, em jun. de 1913, Romênia, Grécia, Montenegro, Sérvia e Império Otomano aliam-se contra a Bulgária, que perde a Macedônia e cede Creta à Grécia. A Albânia converte-se num principado autônomo.

América Latina

Ao longo do séc. XIX, o continente é dominado pelo caudilhismo, sendo poucas as experiências democráticas. A presença de ditaduras apoiadas por latifundiários conservadores, o endividamento, a hegemonia econômica inglesa e as intervenções americanas contribuem para manter o atraso econômico e os regimes autoritários.

MÉXICO

A derrota na guerra de 1846 força-o a ceder aos EUA quase metade de seu território (Califórnia, Arizona, Novo México, Utah, Nevada e parte do Colorado, a que se soma o Texas, perdido nos anos anteriores), num total de 2 milhões de km². Em 1855, as pressões dos liberais encerram a ditadura do gen. López de Santa Anna.

Benito Juárez – Filho de camponeses, advogado defensor dos direitos dos índios, assume após a renúncia de Santa Anna. Inicia a reforma agrária e subordina o Exército e a Igreja à autoridade civil. A Constituição liberal outorgada em 5/2/1857 desagrada aos militares e ao clero, desencadeando a guerra civil, vencida pelo governo com o apoio dos EUA. Mas a suspensão dos pagamentos da dívida externa, em 1861, provoca a intervenção da França, Inglaterra e Espanha. Quando os pagamentos se restabelecem, as duas últimas se retiram, mas os franceses permanecem.

Império – Apoiado pelos conservadores, Napoleão III impõe como imperador, em 1864, o arquiduque Maximiliano, da Áustria. Mas a ofensiva republicana, apoiada pelos EUA, derrota as forças de ocupação, o imperador é fuzilado, em 19/6/1867, e Juárez é reeleito. A prática da fraude eleitoral, o banditismo e os movimentos guerrilheiros revolucionários fazem com que Juárez assuma poderes ditatoriais, convertendo-se no caudilho tradicional.

Porfirio Díaz – Militar profissional, que se destacara na luta contra Maximiliano, assume em 1876. Reprime as rebeliões internas e implanta a ditadura por 35 anos. O "porfiriato" beneficia as classes privilegiadas e o capital estrangeiro: a dívida externa é paga e os americanos e ingleses assumem o controle da indústria petrolífera e das ferrovias. No fim do seu governo, a oposição das minorias intelectuais, aliadas ao movimento reivindicatório agrário-indígena, luta contra a reeleição. O levante de Francisco Madero, apoiado por Emiliano Zapata e Pascual Orozco, leva Díaz ao exílio em Paris, em 1911.

Revolução – Ao assassinato do pres. Madero pelo gen. Victoriano Huerta, que toma o poder, Venustiano Carranza responde com a proclamação, no norte, do Plano de Guadalupe, em 1913, para a restauração constitucional, no que é apoiado por Álvaro Obregón, Pablo González e Pancho Villa (Doroteo Arango). A intervenção americana derrota Huerta e, em 1914, a Convenção de Aguascalientes, convocada por Villa e Zapata, indica Eulalio Gutiérrez presidente provisório. Em 1916, os americanos intervêm novamente em apoio a Carranza: o gen. John Pershing ataca as forças de Villa em território mexicano. Em 5/2/

1917, Carranza convoca o Congresso Constituinte de Querétaro. Com a cumplicidade de Carranza, Zapata, que defende os interesses do campesinato, é assassinado, em 10/4/1919.

REGIÃO DO PRATA

A formação dos Estados nacionais é conturbada por conflitos de demarcação de fronteiras envolvendo Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil. Desde muito cedo, nesses países – à exceção da ditadura paraguaia –, é a dominação dos estancieiros, os grandes proprietários de terras, que vai impor o caudilhismo.

Argentina – A presença de uma burguesia mercantil desenvolvida em Buenos Aires, associada ao capital internacional (principalmente inglês), acirra o conflito interno entre os unitários, partidários de um governo central forte, e os federalistas, favoráveis à autonomia regional. A ascensão de Juan Manuel Rosas ao governo de Buenos Aires marca o início de uma ditadura, de 1829 a 1852, que impõe a defesa da ordem civil e eclesiástica e resiste às pressões estrangeiras – o que não impede a ocupação das ilhas Malvinas pela Grã-Bretanha, em 1833. Em 1852, a aliança entre o Brasil e o caudilho de Corrientes, Justo José de Urquiza, derruba Rosas. Em 1853, é elaborada uma Constituição de caráter federalista, embora ainda com governo centralizado. Em 1859, a guerra civil entre Buenos Aires, independente desde 1854, e o governo federal termina com a integração, ao resto do país, daquela cidade que, mais tarde, será declarada a capital. A fase posterior será de desenvolvimento econômico, colonização do interior e predomínio oligárquico.

Uruguai – Sua posição estratégica, junto ao rio do Prata, torna-o palco de disputas que remontam à fase colonial. Em 1821, é anexado ao Brasil, por Portugal, com o nome de Província Cisplatina. A Guerra da Cisplatina, entre Brasil e Argentina, pela posse da região, possibilita sua independência, em 27/8/1828. Mas não encerra as disputas fronteiriças com os latifundiários do Rio Grande do Sul. As intervenções brasileiras na região – em 1851, contra Manuel Oribe, e em 1864, contra Atanasio Aguirre, em apoio ao gen. Venancio Flores – têm como reação a intervenção paraguaia. É ela que está na origem da guerra entre esse país e a Tríplice Aliança.

Paraguai – Após a independência, em 1814, o caudilho José Gaspar Rodríguez de Francia, que governa ditatorialmente com o título de El Supremo, recusa a anexação à Argentina e isola o país. Em 1840, assume o pres. Carlos Antonio López, que inicia os contatos com o exterior e uma política de desenvolvimento autônomo, que será continuada por seu filho, Francisco Solano López. Seus sonhos expansionistas, de criação do Grande Paraguai, terminam com a derrota para o Brasil, secundado pela Argentina e Uruguai (1870). O país fica numa crise profunda, arrasado social e economicamente.

Chile – O autoritarismo de Bernardo O' Higgins o faz ser derrubado, em 1823, por Ramón Freire, ditador até 1826. A desordem que impera durante o governo do gen. Francisco Pinto leva à guerra civil e à ditatura de Diego Portales (1830–1841). Depois disso, com Manuel Bulnes, o país entra numa fase de estabilidade.

REGIÃO DO PACÍFICO

A desintegração da Grã-Colômbia (Colômbia, Venezuela, Equador e mais tarde o Panamá) e do Vice-Reino do Peru (Peru e Bolívia) dá origem a uma América totalmente contrária ao sonho de união de Simón Bolívar. Prevalecem os interesses das oligarquias locais (*criollos*), associadas aos do capital inglês (comércio externo), que se impõe através de caudilhos autoritários. Conflitos fronteiriços entre Peru, Bolívia e Chile trazem a Guerra Salitreira, entre 1879 e 1884, que termina com a vitória chilena, a anexação dos desertos de Atacama e Antofogasta e a perda, para a Bolívia, de seu acesso ao mar.

AMÉRICA CENTRAL

O atraso econômico da região, cujas repúblicas são extremamente frágeis, é perpetuado pela desintegração, em 15/9/1838, das Províncias Unidas da América Central, que se dividem em Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica; pela continuação da presença espanhola em Cuba e Porto Rico; e pelas intervenções imperialistas americanas. O Grito de Baire, em 24/2/1895, desencadeia a guerra pela independência de Cuba. Seus líderes, o poeta José Martí e o gen. Antonio Maceo, morrem em combate em 7/5/1895 e 7/12/1896. Mas a luta prossegue até o início da Guerra Hispano-americana de 1898: a ilha é, então, cedida aos EUA pela Espanha derrotada. A sua independência, sob tutela americana, só ocorrerá em 20/5/1902.

Guerra Mundial

Por meio século, a Europa vem sendo dividida pelas rivalidades imperialistas da Grã-Bretanha, França, Rússia e dos impérios Austro-húngaro e Otomano. No início do séc. XX, o nacionalismo toma formas perigosas: o pan-eslavismo russo e o plano de criação da Grande Sérvia visam à união de todos os povos eslavos; e o revanchismo francês enraíza-se no desejo de vingança da derrota sofrida contra a Prússia em 1870.

Início – O atentado de Sarajevo, na Bósnia-Herzegóvina, em que o terrorista sérvio Gavrilo Princip mata o herdeiro do trono austro-húngaro, arquiduque Francisco Ferdinando, em 28/6/1914, serve de pretexto para que o Império Austro-húngaro ataque a Sérvia, foco mais ativo da agitação eslava nos Bálcãs. Mas isso faz com que a Rússia se coloque ao lado das minorias eslavas. O conflito assume proporções amplas em conseqüência do sistema das alianças múltiplas – a Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-húngaro e Itália, 1882) e a Entente Cordiale (Grã-Bretanha e França, 1904), base da Tríplice Entente (Grã-Bretanha, França e Rússia, 1907) –, firmadas como um meio de proteger-se contra a expansão industrial, comercial e militar alemã.

I Fase – O Império Austro-húngaro declara guerra, em 28/7/1914, à Sérvia, que conta com o apoio russo. Em virtude da Tríplice Aliança, a Alemanha declara guerra, em 1°/8, à Rússia e, em 3/8, à França, que se colocara ao lado do tzar. Tropas alemãs violam a neutralidade belga em 3/8, forçando assim a entrada da Grã-Bretanha no conflito. O Japão, aliado dos ingleses, declara guerra à Alemanha em 23/8; a Itália, apesar de pertencer à Tríplice Aliança, declara-se neutra; o Império Otomano, aliado da Alemanha, bombardeia os portos russos do mar Negro em out. Em mai. de 1915, a Itália adere à aliança franco-britânica e esta conquista o sudoeste africano. Mas o ano termina com vantagem para a Alemanha e Áustria, às quais adere a Bulgária: elas dominam a Bélgica, a região industrial da França, a Polônia e parte da Lituânia, Estônia, Letônia, Sérvia e Montenegro.

II Fase – Em fev. de 1916, os alemães lançam a ofensiva contra Verdun, que marca a aparição da guerra moderna, com armas que visam à aniquilação total do adversário. Cerca de 700 mil homens morrem de ambos os lados, mas a região continua em poder da França. Os impérios centrais continuam a perder terreno e começam a sentir falta de matérias-primas e alimentos. Em fev. de 1917, tentando cortar as linhas de abastecimento aliadas, os alemães desencadeiam a guerra submarina e atacam todo tráfego comercial com a Grã-Bretanha e a França. Os EUA entram no conflito ao lado dos britânicos (6/4).

Final – Em 3/3/1918, o novo regime comunista russo assina com a Alemanha a Paz de Brest-Litovsk e se retira. Liberados na frente oriental, os alemães concentram-se na ocidental. Mas os aliados, sob a liderança do gen. Ferdinand Foch, vencem a segunda Batalha do Marne (jul.) e atacam em todas as frentes. Começa a derrocada dos países centrais: a Bulgária retira-se em 30/9; o Império Otomano rende-se em out.; e o armistício é

assinado pelo Império Austro-húngaro em 3/11 e pela Alemanha em 11/11. A paz é firmada pelos tratados de Versalhes, em 28/6/1919, com a Alemanha; de Saint-Germain-en-Laye, em 10/9/1919, com a Áustria; de Neuilly, em 27/11/1919, com a Bulgária; e de Trianon, em 4/6/1920, com a Turquia.

Conseqüências – Os impérios alemão, austro-húngaro, otomano e russo deixam de existir; Polônia, Estônia, Letônia, Lituânia, Finlândia, Hungria e Tcheco-Eslováquia tornam-se independentes; a Iugoslávia surge da união da Sérvia com o Montenegro; dos 65 milhões de homens envolvidos na luta, mais de 8 milhões morrem, 20 milhões ficam feridos e 5 milhões desaparecem; 9 milhões de civis são mortos em conseqüência de fome, epidemias e massacres. As condições extorsivas impostas pelo Tratado de Versalhes serão uma das causas da II Guerra.

Revolução Russa

Na segunda metade do séc. XIX, após a derrota na Guerra da Criméia, de 1853 a 1856, que coloca em evidência o atraso do país, a Rússia conhece uma série de transformações. Em 3/3/1861, a servidão é abolida por Alexandre II, liberando cerca de 40 milhões de camponeses e aumentando o desemprego; mas permanece ainda o *mir*, comunidade rural proprietária da terra e coletivamente responsável pelos impostos. A concessão de autonomia acadêmica à Universidade, em 1863, e a redução da censura à imprensa, em 1863, ao lado de outras medidas modernizadoras, compõem um programa de reformas visando a acabar com o atraso do país.

Industrialização – Começa a partir de 1881, após o assassinato de Alexandre II, financiada por capitais ingleses e franceses. A expansão imperialista em direção ao sul e ao oriente determina a construção das ferrovias Transcaucasiana, de 1883 a 1886, e Transiberiana, de 1891 a 1904. Ao mesmo tempo, edificam-se grandes complexos industriais e começa a prospecção de petróleo, com capital inglês.

Antecedentes – *(Neste texto, as datas são registradas de acordo com o calendário juliano, em uso na Rússia até 1917, treze dias atrasado em relação ao gregoriano.)* No início do séc. XX, a Rússia é governada por um monarca absolutista e tem um regime semifeudal. O autoritarismo é exercido apoiando-se na *Okhrana*, a polícia política criada em 1881, que controla as escolas, a Universidade, a imprensa e os tribunais de Justiça. A tentativa de russificação imposta pelo tzar Nicolau II encontra resistência nas diversas nacionalidades; e o Partido Social-Democrata (PSD), desarticulado pela polícia em 1898, reorganiza-se no exterior em torno de Guiórgui Plekhânov, Pável Akselrod e Lênin (Vladimir Ilitch Uliânov). No Congresso de 1903, o PSD divide-se nas alas menchevique (minoria), de tendência moderada, e bolchevique (maioria), que, liderada por Lênin, defende posições revolucionárias. A derrota na Guerra Russo-japonesa de 1904/05 evidencia, mais uma vez, o atraso do país e coloca o tzarismo à beira da catástrofe.

Revolução de 1905 – O Domingo Sangrento, em 22/1/1905, em que são massacrados mais de mil operários durante manifestação pacífica, dirigida pelo pe. Gápon, em S. Petersburgo, suscita uma primeira tentativa de levante. Indignação popular e greves; revoltas como a dos marinheiros do encouraçado *Potiômkin*, em Odessa, ou a da guarnição do navio *Krônshtadt*; e a formação dos sovietes – conselhos de operários, camponeses e soldados – levam o tzar a consentir na criação da Duma legislativa (Parlamento). Às vésperas da I Guerra Mundial, entretanto, vem o retrocesso: o autoritarismo volta a manifestar-se por meio da ação policial. Ao mesmo tempo, a Corte se desmoraliza, dominada pela figura de Grigóri Raspútin, místico e visionário cuja ascendência sobre a tzarina Alexandra lhe garante enorme poder político até ser assassinado, em 1916.

Revolução de fevereiro – Aproveitando a crise da I Guerra Mundial, um movimento organizado pelos sovietes força Nicolau II a abdicar, em 2/2/1917, e cria um governo provisório menchevique, presidido por Aleksandr Kerênski. Mas este protela as reformas, por achar prematura a participação operária no governo, exigida pela oposição bolchevique, cuja tentativa de tomar o poder, em 16/7/1917, fracassara. Kerênski proclama a República em 14/9 e, com medidas repressivas, tenta sufocar o prestígio dos bolcheviques, cujo líder, Lênin, voltara do exílio na Suíça em abr. Mas suas atitudes só agravam o desgaste do governo provisório.

REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Organizando-se em milícias populares, proletários e soldados preparam a insurreição, que eclode em out. Lênin e Trótski (pseudônimo de Liev Dávidovitch Bronshtéin) anunciam, em 24/10, a queda de Kerênski e a tomada do poder pelo Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado e pelo Comitê Revolucionário. A Assembléia dos Sovietes elege Lênin o novo chefe do governo (26/10) e um Conselho de Comissários do Povo é instituído para funcionar como Executivo. O controle das fábricas é entregue ao operariado. A iniciativa privada é proibida e as propriedades da Igreja e dos contra-revolucionários são confiscadas.

Consolidação – A ala dos socialistas revolucionários, oposta aos bolcheviques, recusa-se a aceitar a capitulação russa, assinada em Brest-Litovsk em 3/3/1918. E passa a manifestar-se praticando atos terroristas: o assassinato do embaixador alemão Mirbach (6/7); um atentado contra Lênin (30/8); e diversos tumultos em Moscou. Desde dez. de 1917, focos insurrecionais dos "russos brancos", a direita contra-revolucionária, opunham-se à revolução bolchevique: os cossacos do Don, do gen. Kornílov, no Cáucaso; as tropas do gen. Skoropádsky, na Ucrânia; as do gen. Iudênitch, no Báltico; e as do alm. Kóltchak, em Omsk. Sua campanha é auxiliada pelos britânicos e franceses, aliados do antigo regime, que desembarcam tropas em território russo e mandam aos rebeldes armas, equipamentos e dinheiro. Pressionados de todos os lados, os bolcheviques desencadeiam o terror, executando em massa os seus adversários. O tzar Nicolau II, a tzarina Alexandra e seus cinco filhos são fuzilados em 17/7/1918. No fim de 1919, o Exército Vermelho, reorganizado por Trótski, derrota as últimas tropas brancas. Em 1920, os aliados franceses e ingleses se retiram. Calcula-se que, entre 1917 e 1920, 6 milhões de pessoas morreram vítimas de massacres, fome e epidemias; mais de 1,5 milhão de pessoas abandonaram a Rússia nesse período.

Conseqüências – Em jan. de 1919, ocorre em Berlim o levante da *Spartakusbund* (Liga Espartaquista), que se estende para a Baviera, Hamburgo, Brêmen, Saxônia, Magdeburgo e Sarre. A repressão ao movimento é realizada pelo Exército e contingentes voluntários monárquico-nacionalistas. Os dirigentes da liga, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, são assassinados por oficiais de direita. Na Hungria, é formado um Governo de Sovietes, em 1919, dirigido por Bela Kun, que socializa fábricas, bancos e ferrovias. Dura até 1920, quando é derrubado por uma contra-revolução, de aristocratas e militares.

Revolução Chinesa

Enraíza-se numa luta de caráter nacionalista, na primeira metade do séc. XX, e numa vitória socialista que, ao contrário do que afirmava a teoria marxista, não se baseia num operariado urbano desenvolvido, como aconteceu na Rússia, e sim no campesinato.

I Fase – Desde 1905, o Partido Nacionalista (*Kuomintang*), de Sun Yatsen, tenta depor a dinastia mandchu. Mas o movimento está dividido: em Nanquim, Sun é eleito presidente de uma assembléia revolucionária; e, em Pequim, Yuan Chegai é nomeado 1º-min. pela Assem-

bléia Nacional. Quando o imperador abdica, Sun concorda que Yuan se torne presidente provisório, em mar. de 1912. Mas este proclama-se imperador em 12/12/1915. Sua morte, em 6/6/1916, lança o país na anarquia. No sul, com ajuda russa, Sun reorganiza o *Kuomintang* e instala um governo republicano em Cantão. No norte, Pequim é disputada pelo governador mandchu Jiang Tsolin e pelo republicano gen. Fong Huxiang. Em Xangai, começam a surgir os focos de resistência do PC, fundado em 1º/7/1921, e que se alia ao *Kuomintang* em 1923.

II Fase – Depois da morte de Sun, em 1925, seu cunhado, Chiang Kaishek, comanda o Exército nacionalista e conquista Hankow em 1º/1/1927, Xangai em 21/3 e Nanquim em 24/3; nesta última, instala seu governo. O massacre e a expulsão dos comunistas de Xangai dá início à luta entre o *Kuomintang* e o PC, em 1927. Em 1928, as campanhas no norte culminam com a unificação: Chiang passa a presidir um Conselho de Estado, que concentra todos os poderes, e Nanquim substitui Pequim como capital. Nos anos seguintes, Chiang pacifica o vale do Yangtsé, na guerra civil contra o Exército Vermelho, criado em 1928. Tenta expulsar os comunistas de Kiangsi, forçando-os a iniciar, sob o comando de Mao Tsetung e Chu Enlai, a Grande Marcha, até Shensi (1934).

III Fase – Durante a II Guerra Mundial, a China fica dividida em três regiões: a ocupada pelos comunistas; a sob controle nacionalista; e a invadida pelo Japão desde 1931. A reduzida atividade militar desse período favorece a reorganização das forças comunistas no norte e leste. Paralelamente, o *Kuomintang* deteriora-se, desmoralizado pela corrupção dos seus dirigentes.

IV Fase – Terminada a II Guerra, Chiang Kaishek não consegue, apesar do apoio americano, enfrentar o Exército Vermelho. Em 1948, o Exército nacionalista desintegra-se. Em 1º/10/1949, Mao Tsetung proclama a República Popular da China. Em dez., Chiang refugia-se em Formosa (Taiwan), onde instala um governo nacionalista.

Ascensão dos EUA

O período do entreguerras é marcado pela crise das democracias liberais e a ascensão dos regimes ditatoriais, em grande parte explicada pelos problemas econômicos dessa fase, que atingem o ápice em 1929, com a quebra da Bolsa em Nova York.

No fim da I Guerra, tendo o país ocupado o espaço aberto pelas nações européias em crise com o conflito, começa a fase de grande prosperidade do *Big Business* (negócio graúdo), que corresponde aos governos dos republicanos Warren Harding, Calvin Coolidge e Herbert Hoover, entre 1919 e 1929. Caracteriza-se por: reação da direita ao reformismo liberal do pres. Woodrow Wilson; isolacionismo causado pela insatisfação com o Tratado de Versalhes; intervencionismo na América Latina; conflito entre a população rural protestante e anglo-saxã e a industrial urbana, onde aumenta o número de imigrantes; e a crescente atribuição de funções dirigentes a técnicos, economistas e intelectuais de formação cosmopolita.

Red scare (*temor vermelho*) – Os anos 1919/20 são de agitação social alimentada por teorias esquerdistas de origem européia, que resultam em greves, atentados e manifestações, provocando, em reação, prisão e deportação de suspeitos de anarquismo ou radicalismo. É a época da condenação à cadeira elétrica, apesar dos pedidos gerais de clemência, dos anarquistas italianos Niccola Sacco e Bartolomeo Vanzetti (1921) e de muitos escândalos de corrupção que abalam o governo de Harding, substituído, ao morrer de ataque cardíaco em 2/8/1923, por Coolidge, seu vice.

Anos loucos – A corrupção e o descontrole administrativo favorecem também as atividades ilegais. A Lei Seca, que proíbe a venda de bebidas alcoólicas entre 1920 e 1933, além de dividir a opinião pública, estimula o contrabando, a venda ilegal e o gangsterismo, em que se destacam figuras como a de Al Capone. Entre 1921 e 1923, o secretário do Tesouro, Andrew Nellon, enriquece isentando capitalistas de impostos e controle estatal de seus negócios. Entre 1921 e 1924, a imigração é restringida, com base em leis racistas. E até 1926 desencadeia-se, no Sul e Centro-Oeste, a campanha da Ku Klux Klan, que persegue negros, católicos, judeus, intelectuais e adversários da Lei Seca. Em contraste, a década de 20 é também a das *sufragettes*, que lutam pelo voto feminino; e o número de mulheres que trabalham passa de 2 milhões, em 1914, para 10 milhões em 1930.

Raízes da crise – Na economia, a legislação alfandegária consagra o tradicional protecionismo republicano. Mas o governo descuida-se dos agricultores, que, com a seca, as inundações, a erosão ou a oferta excessiva de produtos, se endividam e vão à falência. A indústria prospera com o aumento do consumo. No fim da década, a atividade concentra-se na indústria automobilística (26 milhões de carros montados em 1929, contra 13 milhões em 1913) e em investimentos no mercado financeiro. Surge o fenômeno das *chainstores*, as redes de supermercados. A desastrosa política econômica republicana, a expansão descontrolada do crédito bancário e a saturação de um mercado a que só têm acesso as classes mais altas determinam a quebra da Bolsa (24/10/1929).

A DEPRESSÃO

A recuperação da agricultura européia, após o término da I Guerra, cria excedentes comerciais nos EUA, que, durante os anos de conflito, tinham aumentado enormemente sua produção, de modo a exportá-la para países cujos campos cultiváveis tivessem sido reduzidos pelos combates. A fim de frear a baixa de preços causada pela retração do mercado externo, procede-se à destruição maciça de riquezas: são queimados algodão, milho e trigo e afogadas cabeças de gado bovino e suíno. No setor de crédito, 9 096 bancos quebram e as cotações das ações reduzem-se em 87%, entre set. de 1929 e jul. de 1932.

Difusão – Com a regressão do comércio internacional a níveis anteriores a 1913, há um surto de medidas protecionistas em todos os países, desde a proibição pura e simples da importação de algumas mercadorias até a limitação na utilização de divisas. O padrão ouro é abandonado e o dólar desvalorizado. A crise monetária reflete-se nos balanços internacionais de pagamentos e vários governos suspendem as amortizações de dívidas e o pagamento dos serviços correspondentes. Enquanto em 1929 os desempregados, em 32 países, eram 5,9 milhões, em 1932 chegam a 25,4 milhões. A redução de salários, nos EUA, é de 39%, entre 1929 e 1931, e de 60% em 1932.

Política externa em 1920–1930 – Tendo se recusado a ratificar o Tratado de Versalhes, os EUA assinam um tratado de paz em separado com a Alemanha, em 25/8/1921. E, entre nov. de 1921 e fev. de 1922, organizam a Conferência de Washington sobre desarmamento, com participação da França, Grã-Bretanha, Itália e Japão. Nela, são assinados acordos sobre a proporção de armamento que cada uma dessas nações poderia ter, sobre as zonas de influência no Pacífico e sobre o reconhecimento da soberania da China, sancionando-se a política de "portas abertas", de abertura do mercado chinês ao resto do mundo. Na Conferência Naval de Londres, de jan. a abr. de 1930, os mesmos países renunciam a construir novos navios de guerra até 1936. Consegue-se, assim, um acordo a que não se tinha conseguido chegar em jun. e jul. de 1927.

ERA ROOSEVELT

Eleito em 1933, no auge da crise iniciada em 1929, o democrata Franklin Delano Roosevelt dá início à política de reformas conhecida como *New Deal*. Uma equipe de técnicos, o *Brain Trust* (grupo de cérebros), substitui o liberalismo econômico descontrolado dos presidentes republicanos por um sistema misto que associa o respeito pelas leis do mercado à intervenção estatal.

New Deal – A primeira etapa (os Cem Dias, de 9/3 a 16/4/1933) consiste em fechar os bancos não integrados ao Federal System, proibir a exportação, acumular ouro e divisa estrangeira, desvalorizar o dólar em 50% e fazer aprovar leis para aliviar as dívidas dos agricultores e dos proprietários de imóveis. A Lei do Ajuste Agrícola, de 12/3, reduz a produção de excedentes (algodão, fumo etc.) por meio de subvenções estatais. A criação do Departamento do Vale do Tennessee, em 18/5, dirigido por David Lilienthal, resulta em planificação regional em grande escala, construção de novos complexos industriais, correção do curso dos rios, programas de irrigação e de combate à erosão do solo através do reflorestamento.

Política industrial – A Lei da Recuperação da Indústria Nacional, de 16/6/1933, protege os interesses dos empresários, com limitação da produção e acordos sobre preços, e dos operários, com o estabelecimento de horário máximo de trabalho e de salário mínimo, medidas que serão suspensas em 1935, por serem consideradas anticonstitucionais. Mas as melhorias concedidas aos operários são mantidas ao se reformar a legislação trabalhista. Em 5/12/1933, é abolida a Lei Seca, o que normaliza o funcionamento da indústria de bebidas.

Reformas sociais – Em 4/1/1935, começa a segunda fase do *New Deal*, com reformas que visam fortalecer a posição dos trabalhadores e camponeses e neutralizar os que se opõem a elas. A criação do Departamento para o Desenvolvimento da Construção (8/4), dirigido por Henry Hopkins, dá início a projetos financiados com dinheiro público como um meio de combater o desemprego. A Lei sobre as Relações Trabalhistas Nacionais (5/6) cria um organismo de arbitragem e supervisão das relações patrão/empregado e garante aos trabalhadores a liberdade de organização e negociação e o direito de greve. A Lei de Segurança Social (14/8) cria o seguro para desemprego, invalidez, velhice, além de dispositivos que facultam ao trabalhador acesso à casa própria e lhe garantem melhores condições de trabalho. Em seu segundo mandato (ele é reeleito em nov. de 1936), Roosevelt cria a Lei da Reorganização do Judiciário e, apesar da recessão econômica que faz os republicanos avançarem nas eleições legislativas de 1938, reelege-se em 1940 e 1944. Mas morre em 12/4/1945, no início do quarto mandato. Sob seu vice, Harry Truman (1945–1952), o país, vitorioso na II Guerra e detentor do monopólio atômico, assumirá o papel de guia do Ocidente e de adversário do comunismo.

Política externa – Apesar da resistência dos isolacionistas – que concordaram com a entrada dos EUA na Organização Internacional do Trabalho em 1934, mas se opuseram à adesão ao Tribunal Internacional de Justiça em 1935 –, Roosevelt pratica a política de colaboração em escala internacional, reconhecendo a URSS em 1933 e mantendo, na América Latina, uma atitude de não-intervencionismo: renuncia aos direitos americanos sobre Cuba e ao protetorado sobre o Haiti. Em 1938 a VIII Conferência Pan-Americana, em Lima, declara a solidariedade continental e garante para 1944 a independência das Filipinas. A Lei sobre a Neutralidade, de 1935, que proibia a venda ou o fornecimento de armas a países em guerra, é modificada, em 1937, pelo dispositivo *cash and carry* (pague em dinheiro e carregue), que autoriza a venda a países em guerra que paguem à vista e se encarreguem do transporte.

Fim da neutralidade – O "Discurso da Quarentena", pronunciado por Roosevelt em Chicago, em 5/10/1937, afirmando que "a epidemia de violência no mundo torna impossível a neutralidade", dá início ao processo que levará os EUA a se envolverem na II Guerra Mundial. Em 1938, começa o rearmamento. Em 1939, suprime-se a Lei da Neutralidade a favor da Grã-Bretanha e de seus aliados; e, em 5/11/1940, cria-se o Conselho de Defesa Nacional. Roosevelt proclama, em 6/1/1941, as *Quatro Liberdades*: a de expressão, a de culto, a de lutar contra a miséria e a de lutar contra o medo. Em mar. de 1941, finalmente, a Lei do Crédito e do Arrendamento permite-lhe enviar reforços a seus aliados sem levar em conta o *cash and carry*.

A guerra – Em 8/12/1941, os EUA declaram guerra ao Japão, em virtude do bombardeio, na véspera, da base de Pearl Harbour, no Pacífico. A declaração estende-se à Alemanha e à Itália em 11/12. Entre 1940 e 1946, as Forças Armadas aumentam de 2 para 12 milhões de homens e investem-se US$ 370 milhões em armas e gastos bélicos. Durante o conflito, a economia caracteriza-se por planejamento e controle rigorosos, coordenação governamental da produção e do consumo e estímulo à agricultura.

Japão

No início da Era Showa, de 1926 a 1989, inaugurada com a coroação do imp. Hiroito, a tensão interna é agravada pelo temor da aristocracia diante das reivindicações de estudantes e intelectuais e protestos da classe trabalhadora, que começa a organizar-se em sindicatos. O combate às "idéias perigosas" é feito por meio de uma educação rigidamente nacionalista, da censura à imprensa e dos métodos policialescos de repressão aos oposicionistas, que culminam com a supressão dos partidos e a imposição, em 1940, de um sistema monopartidário. O crescimento demográfico, o excesso de mão-de-obra (intensificando a emigração) e a crise econômica – causada, na década de 30, pelas medidas protecionistas adotadas contra produtos japoneses por países afetados pela quebra de 1929 – fazem desencadear atividades antidemocráticas, promovidas ou apoiadas pelos militares.

Totalitarismo – Em 1936, após a vitória dos liberais nas eleições, ocorre o levante da guarnição de Tóquio, dominado pelo governo. Mas a insatisfação dos militares provoca a expansão de um nacionalismo totalitário, ideologicamente fundamentado em princípios xintoístas, que prega a lealdade absoluta dos súditos a um imperador divinizado (o filho do Sol) e desenvolve, na população, a consciência da missão do país como superpotência. Os militares apóiam essa política expansionista, provocando incidentes fronteiriços que culminam na ocupação da Mandchúria (1931), onde, no ano seguinte, é criado o Estado do Mandchukuo, transformado, dois anos mais tarde, num império. Seu chefe de Estado títere é Pu Yi, o último imperador da dinastia Mandchu, que fora derrubado em 1912 pela revolução republicana de Sun Yatsen. A imagem no exterior se deteriora seriamente depois que, denunciado pelo informe Litton sobre suas atividades ilegais na Mandchúria, o Japão retira-se da Liga das Nações em 1933.

Escalada militar – A ocupação gradual do continente asiático e a liberdade de movimentos no Pacífico são favorecidas pelo Pacto Anti-Komintern, de nov. de 1936, com a Alemanha, para neutralizar a expansão do comunismo, ao qual a Itália fascista se une em jan. de 1937; pela aliança com o Eixo Roma–Berlim, em 1940; e pelo Pacto de Não-Agressão com a URSS, em 1941. Depois da formação, na China, em 1940, do governo pró-japonês de Nanquim, liderado por Wang Chingwei, continua o avanço pelo sul da China, o bloqueio da rota da Birmânia e a ocupação do norte da Indochina. Com isso, isola-se o *Kuomintang*, de Chiang Kaishek, e ameaça-se a Malaísia e a Indonésia, ricas em matérias-primas.

Pressões dos EUA – Washington reage anulando o acordo comercial de 1911, suspendendo a exportação de matérias-primas e decretando o congelamento de todos os bens japoneses nos EUA. Nos termos do Acordo de Washington, esse congelamento é praticado também pela Grã-Bretanha e as Índias Holandesas (atual Indonésia). As tentativas de negociação com o 1º-min. Konoye Fumimaro fracassam ao chegar ao poder o gen. Hideki Tojo, chefe do Estado-Maior do Exército, máximo representante do totalitarismo nipônico.

Ascensão do fascismo

Ideologia totalitária (o Estado incorpora e representa todos os interesses do povo), nacionalista (a nação é a mais alta forma de sociedade desenvolvida pelo homem; o internacionalismo é inviável, pois não há harmonia de interesses entre povos distintos); idealista (o destino da nação não está irremediavelmente condicionado por circunstâncias externas; pode transformar-se no que deseja, mas para isso é necessária a existência do misticismo patriótico, do culto do heroísmo e da força do espírito nacional); e militarista (as Forças Armadas são o símbolo da grandeza da pátria; é a luta que traz a glória às nações).

O Estado – De natureza corporativista (o povo é representado no governo na qualidade de produtor), baseia-se no princípio de que, como os interesses individuais e de classe devem sempre subordinar-se aos do Estado, não pode haver luta de classes entre o capital e o trabalho. Fica, portanto, abolido o direito de greve e, em caso de conflito patrão/empregado, cabe ao Estado impor um acordo. Embora a propriedade privada seja reconhecida, qualquer empresa pode ser requisitada, se assim exigir a razão do Estado.

Raízes – Nacionalismo frustrado: fracasso das tentativas de expansão imperialista; perda da Tunísia para a França em 1881; derrota na Batalha de Ádua, contra os etíopes, em 1896, gerando humilhação e atitude de desprezo para com o regime vigente. Nacionalismo mórbido, alimentado por teorias sobre a missão iluminadora do espírito italiano, pregadas por ideólogos como Giovanni Gentile e Giuseppe Prezzolini. Efeitos desmoralizantes da I Guerra: perda de 700 mil homens, prejuízos de US$ 15 bilhões, perda de Fiume para a Iugoslávia, exclusão na partilha das colônias alemãs na África. Caos econômico: inflação, especulação, agravadas pelo desemprego devido à volta dos soldados à vida civil; greves freqüentes.

Ameaça socialista – À medida que cresce a crise econômica, os socialistas assumem atitudes radicais, aderindo, em 1918, à II Internacional e estimulando, no ano seguinte, operários filiados ao partido a assumir o controle de quase cem fábricas. Nas zonas rurais, formam-se as Ligas Vermelhas, para dividir as propriedades e forçar os latifundiários a reduzir suas rendas. Embora de curta duração, tais experiências sobressaltam os proprietários, dispondo-os a apoiar um regime de direita que impeça o confisco de seus bens. Como nas eleições de 1921 nenhum dos quatro principais partidos obtém maioria, a máquina legislativa entra em colapso: os ministérios sucedem-se, tornando insustentável a situação política e fornecendo argumentos aos defensores de um regime centralizado nas mãos de um só homem.

Conquista do poder – O Movimento Fascista (de *fascio*, o machado rodeado de varas, símbolo da autoridade no Império Romano), fundado por Benito Mussolini em out. de 1914, é o partido que mais corresponde às aspirações dos proprietários e dos adeptos da centralização. Aproveitando a desorganização parlamentar, Mussolini ordena, em 24/10/1922, a Marcha sobre Roma, verdadeiro blefe de que participaram apenas 30 mil "camisas negras", mas que a lenda transformaria em 300 mil. Ocupando a capital, Mussolini faz-se designar 1°-ministro (31/10). A nova lei eleitoral, de jul. de 1923, determina que o partido mais votado receba dois terços das cadeiras na Câmara. Mas a esmagadora vitória fascista provoca acusações de fraude do dep. Giacomo Matteotti, do PS. A indignação da esquerda com seu seqüestro e assassinato por "camisas negras", em 10/6/1924, tem como conseqüência o sistemático expurgo dos oposicionistas. Entre 1924 e 1926, é cassada a licença dos advogados antifascistas, abolida a autonomia das cidades e vilas, imposto o monopartidarismo, suprimido o gabinete, e o Parlamento passa a apenas ratificar decretos.

EXPANSÃO

Em países subdesenvolvidos, onde governos liberais com escassa base burguesa enfrentam dificuldades econômicas e sociais, golpes militares instalam regimes autoritários, que atribuem papel preponderante à repressão policial, à formação ideológica da juventude e à propaganda política.

Áustria – Desde que se tornou, em set. de 1919, pelo Tratado de Saint-Germain-en-Laye, uma república independente da Alemanha, é viva a luta entre os socialistas – com redutos mais fortes em Viena, apoiados pelas *Schutzbund* (milícias operárias) – e os partidos burgueses, social-cristãos, pangermanistas e agrários, apoiados pelas *Heimwehren* (milícias fascistas organizadas pelo princ. von Stahrremberg). Em mar. de 1933, o 1°-min. Engelbert Dolfuss, social-cristão eleito no ano anterior, dissolve o Parlamento e suspende a Constituição. Em fev. de 1934, proíbe todos os partidos, exceto a direitista Frente Patriótica, e ordena que as *Heimwehren* sufoquem a rebelião socialista. Em 27/7/1934, fascistas o assassinam, e seu sucessor, Kurt von Schuschnigg, não consegue conter a campanha anexionista alemã. O plebiscito que convoca para 13/3/1938 não chega a realizar-se, pois esse é o dia do *Anschluss* (anexação).

Grécia – A República, proclamada em mar. de 1924, três meses após a deposição do rei Jorge II pelo gen. Kunduriótis, é desde o início muito instável. Está sujeita a tentativas ditatoriais, como a do gen. Theodóros Pangalós (jan. a ago. de 1926), ou à administração bem-intencionada mas frágil de Elefthérios Venizélos (1928–1932), que já fora 1°-ministro durante a I Guerra. A vitória do direitista Constantin Tsaldáris, nas eleições de set. de 1932, prepara o caminho para a volta de Jorge II, decidida no plebiscito de nov. de 1935. Mas a instabilidade continua, nenhum partido consegue maioria nas eleições de jan. de 1936, e o chefe do Estado-Maior, gen. Iannis Metaxás, invocando o perigo comunista, abole a Constituição, fecha o Parlamento, reprime a esquerda e proclama-se "o fundador da III Civilização Helênica". Mas a independência na política externa e o relativo equilíbrio econômico que consegue tornam muito popular o ditador, que fica no poder até a morte, em jan. de 1941.

Iugoslávia – Em jan. de 1929, alegando a necessidade de pôr fim aos distúrbios causados pela crise econômica, o rei Aleksandar dissolve a *Skupstina* (Parlamento) e suspende a *Lei de Vidovdán* (a Constituição de 1921), substituindo-a, em 1931, por uma Carta autoritária. No ano seguinte, institui um regime monopartidário. Após seu assassinato em Marselha, em 1934, o regente Pável abranda um pouco o regime, mas não restabelece as liberdades civis e políticas e, em 1935, cria as *jugoras*, sindicatos inspirados nas corporações fascistas.

Romênia – O problema agrário e as conseqüências da depressão econômica permitem a deposição, em 1930, do 1°-min. Iuliu Maniu, do Partido Camponês, no poder desde 1929. Os militares chamam de volta o princ. Carol, deposto em 1927 pelo liberal Ionel Bratianu. Coroado rei, Carol I substitui os partidos pela Frente de Renascimento Nacional, inspirada no Fascio, e, em fev. de 1938, nomeia 1°-min. o patriarca ortodoxo Miron Christea, encarregado de redigir uma Constituição que transforma o país numa "ditadura monárquica".

Bulgária – A crise do pós-guerra e as tensões entre camponeses e burguesia, causadas pela política do 1°-min. Aleksándar Stambúliski, líder do Partido Camponês Radical, provocam o golpe de 1923, seguido da dissolução dos partidos de esquerda. Em 1934, outro golpe, dos oficiais da reserva, de tendência ultranacionalista, põe no poder o cel. Gueórgui Gueórguiev até jan. de 1935. Depois dele, Bóris III reina despoticamente, aproximando-se do III Reich.

Polônia – Organizando sangrenta marcha sobre Varsóvia, de 12 a 14/5/1926, o mal. Józef Pilsudski instaura uma ditadura de aparência parlamentar, que conserva o

pluripartidarismo. Recusa o título de chefe do Estado e fica como 1º-ministro até a morte, em 12/5/1935. A Constituição que promulga permite que seu regime, sob o mal. Edward Rydz-Smigly, dure até 1939.

Lituânia – Para evitar a aliança do Partido Populista Camponês, da situação, com os soviéticos, a oposição conservadora, liderada por Augustinas Voldemaras, toma o poder em 17/12/1926 e suprime o Parlamento em abr. de 1927. A organização fascista que fundara, os Lobos de Ferro, é dissolvida após sua deposição, em 1929.

Espanha – Trinta e três crises ministeriais entre 1902 e 1923; uma greve agrária na Andaluzia em 1921; agitação sindical na Catalunha, agravada pela alta do custo de vida e pelo *lockout* patronal em 1921; e a derrota de Anual para os rebeldes marroquinos do Riff criam crise interna que leva o rei Alfonso XIII a confiar a chefia do governo ao cap.-gen. Miguel Primo de Rivera. Este instaura a ditadura, mas sem monopartidarismo, em 19/9/1923. No entanto, os problemas políticos e sociais se agravam, resultando no caos econômico de 1930 e em sua renúncia, em 28/1. Em 14/4/1931, sob a presidência de Niceto Alcalá Zamora, é proclamada a República, que será submergida pela guerra civil em 1936.

Portugal – A crise de 1925/26, as insolúveis divergências partidárias, o terrorismo e o descontentamento dos católicos com uma República anticlerical ocasionam diversos golpes. O gen. Gomes da Costa, organizando uma marcha sobre Lisboa em 28/5/1926, toma o poder. Mas é afastado pelo gen. Oscar Carmona, presidente entre 1928 e 1951. Em 27/4/1928, a restauração das finanças é confiada a Antônio de Oliveira Salazar. Nomeado 1º-ministro em 5/7/1932, o que lhe dá o poder de fato, promulga a Constituição de 19/3/1933, que cria o Estado Novo. Antiparlamentarista, com poderes concentrados nas mãos do Executivo, monopartidário e corporativo, de modelo fascista, o salazarismo sobrevive à própria morte de seu fundador, em 27/7/1970, até 25/4/1974.

Turquia – Os nacionalistas, chefiados por Mustafá Kemal – chamado de Atatürk (o pai dos turcos) –, derrubam o sultão Mohamed IV em 1º/11/1922. Proclamam uma República nominal, monopartidária, em 19/10/1923, destinada a transformar o país numa nação leiga, unitária e ocidentalizada. O ditador proíbe a poligamia, suprime as confrarias muçulmanas, adota um código civil de inspiração européia, impõe o casamento civil, ordena a emancipação da mulher, reforma o ensino, introduz o alfabeto latino, o calendário gregoriano e o sistema métrico decimal. Desenvolve o crédito, elabora planos quadrienais para a indústria e expande o ensino agrícola e a prática do cooperativismo (o modelo turco influenciará a modernização do Egito, Irã e Afeganistão).

América Latina – A debilidade estrutural dos países da região, aliada aos efeitos catastróficos da crise de 1929 sobre economias monoprodutoras, forma partidos filofascistas: os Camisas Negras peruanos, os Camisas Douradas mexicanos, a Falange colombiana, o Partido Nacional-Socialista argentino, a Ação Integralista Brasileira. São implantadas ditaduras como as de Leónidas Trujillo, de 1930 a 1961, na Rep. Dominicana; de Fulgencio Batista, de 1940 a 1959, em Cuba; e da família Somoza, de 1936 a 1979, na Nicarágua. A derrubada de Hipólito Yrigoyen, em 6/9/1930, dá início, na Argentina, a um ciclo de governos militares.

Ascensão do nazismo

Totalitário e militarista, repousa sobre uma mística heróica e de regeneração nacional. Tem conteúdo marcadamente racista: afirmação da superioridade ariana e perseguição às raças ditas inferiores. Apóia-se no campesinato e não tem a estrutura corporativista do fascismo: embora o direito de greve seja abolido e as atividades econômicas fiquem sob estrito controle, os interesses econômicos não estão representados no governo.

República de Weimar – Após a queda do império guilhermino, em 9/11/1919, instala-se um governo de coalizão, socialista-centrista-democrata, apoiado em uma Constituição progressista que estabelece sufrágio universal, representação proporcional, sistema parlamentar, defesa das liberdades básicas e direito a trabalho, educação e assistência social. Mas esse governo, num país sem tradição democrática, é ameaçado pelo caos que a guerra deixou e pelas pressões do extremismo reacionário. A humilhação com a derrota na I Guerra Mundial, aliada à perda de confiança nos governantes, favorece os defensores de uma solução autoritária inspirada no cesarismo, e que pregam o surgimento de um líder salvador.

Tratado de Versalhes – As condições de rendição impostas pelos aliados, em 28/6/1919, são muito pesadas: perda de um sexto do território para a França, Bélgica, Dinamarca e Polônia; cessão, durante quinze anos, das minas de carvão do Sarre à França; administração do Sarre pela Liga das Nações até 1935, o que acarreta a perda de 40% do carvão, 65% do ferro e 70% do zinco alemães; entrega de Dantzig (atual Gdansk) à Polônia; entrega aos aliados de todos os navios mercantes, de um oitavo do gado e de grandes quantidades de carvão, material de construção e maquinaria; desarmamento (entrega de toda a frota de superfície, à exceção de trinta unidades, e de todos os submarinos; proibição de manter aviação militar e limitação do Exército a 100 mil homens); proibição de fortificar o vale do Reno; e, além de uma série de outras restrições, o pagamento de uma dívida de guerra fixada pela comissão de reparações, em 1921, em US$ 33 bilhões. Essas imposições contribuem para aumentar o sentimento de humilhação nacional.

A crise – A hiperinflação de 1923 resulta da emissão exagerada de papel-moeda para sustentar os mineiros da bacia do Ruhr, em greve geral de protesto contra a ocupação francesa. A desvalorização galopante da moeda (em 1914, US$ 1= 4,2 marcos; em nov. de 1923, US$ 1= 2,5 trilhões de marcos) tem efeitos desastrosos para as classes assalariadas. Os especuladores imobiliários exploram descontroladamente a inflação. Desagregam-se as tradições militares num país em que o Exército é não apenas uma garantia de segurança, mas o símbolo da própria grandeza nacional. Soma-se a isso o medo da escalada comunista: nas eleições de 1932, o PC obtém 6 milhões de votos; temendo uma revolução bolchevique, capitalistas e proprietários voltam-se para os movimentos de extrema direita. Os efeitos da Grande Depressão de 1929 facilitam a ascensão nazista.

Conquista do poder – A negativa comunista, em 1932, de colaborar com os socialistas põe o sistema parlamentar em colapso. O Partido Nacional Socialista (PNS), fundado em 1919 e representado no *Reichstag* desde 1924, recusa-se a apoiar um gabinete que não seja encabeçado por seu líder. O pres. Paul von Hindenburg designa Adolf Hitler para a chancelaria em 30/1/1933. Este dissolve o Parlamento e convoca novas eleições, em que o PNS obtém apenas 288 das 647 cadeiras, mas que, somadas às 52 de seu aliado, o Partido Nacionalista, lhe dão a maioria. Na abertura do *Reichstag*, poderes quase ilimitados são concedidos a Hitler.

III Reich – Com sua criação, é abolido o Estado Federativo e, em conseqüência, também o *Reichsrat*, a câmara baixa. Instauram-se o monopartidarismo, estrito controle sobre os meios de comunicação e sistemática campanha de perseguição anti-semita e anticomunista. Quando von Hindenburg morre, em 2/8/1934, Hitler suprime o cargo de presidente e dá-se o título de *Führer und Reichskanzler* (guia e chanceler do Reich). Seu poder absoluto fica consolidado, em 30/6/1934, na Noite dos Longos Punhais, em que, por sua ordem, são assassinados 1.076 opositores do regime, encabeçados por Ernst Röhm e Gregor Strasser, que criticam o conservadorismo do governo, reclamando maior atenção para os aspectos sociais do programa do PNS.

Escalada militarista – Violando o Tratado de Locarno, Hitler ocupa a Renânia em 7/3/1936. É formado, em 27/10/1936, o eixo Berlim–Roma, ao qual o Japão adere em 27/9/1940. Assumindo pessoalmente o comando do Exército em 4/2/1938, o *Führer* invade a Áustria e proclama o *Anschluss* (12 a 13/3). O Acordo de Munique, com a Grã-Bretanha, França e Itália, decide a partilha da Tcheco-Eslováquia: os Sudetos passam à Alemanha em 30/9/1938 e os territórios eslovacos à Hungria, com arbitragem ítalo-alemã (2/11). Entre 1º e 10/10/1938, começam as depredações sistemáticas de sinagogas e de estabelecimentos pertencentes a judeus. Em 15/3/1939, Hitler invade a Tcheco-Eslováquia; proclama a Boêmia e Morávia protetorados alemães em 16/3; firma em 22/5 o Pacto de Aço com Mussolini e, em 23/8, o Pacto de Não-Agressão com a URSS. Ao ser invadida a Polônia, em 1º/9/1939, a França e a Grã-Bretanha dão início à II Guerra Mundial (3/9).

Guerra Civil Espanhola

Além da crise econômica, a I Guerra Mundial contribui para levantar a questão da democracia e da autodeterminação para os bascos, galegos e catalães. Depois de conceder-lhes autonomia regional, o pres. Niceto Alcalá Zamora, eleito em 1931, introduz a reforma agrária, dissolve a Companhia de Jesus e torna leiga a educação – reformas que não chegam a satisfazer à extrema esquerda e desagradam à direita, vitoriosa nas eleições de 1933. O governo fica ainda mais enfraquecido ao reprimir o levante separatista da Catalunha, em 1934, e uma revolta de mineiros nas Astúrias, onde em 1935 fora instalado um governo comunista. A essa radicalização política respondem os oficiais do Exército, agrupados na União Militar Espanhola, preparando uma intervenção armada. Diante dos rumores de um levante iminente, o governo transfere alguns oficiais, procurando dispersá-los. Mas a vitória da Frente Popular, de centro-esquerda, nas eleições de 1936, e o assassinato do dep. Calvo Sotelo (12/7), líder da direita parlamentar, desencadeiam o conflito.

Levante militar – Em 17/7/1936, começa a sublevação anti-republicana da guarnição de Melilla, no Marrocos espanhol, liderada pelo gen. Francisco Franco y Bahamonde, que se estende por toda a Espanha. Em Burgos, o gen. Cabanellas forma uma junta provisória (27/7), primeira organização política da rebelião. Todos os quadros das Forças Armadas – exceto a aviação – e os nacionalistas, católicos e tradicionalistas aderem a Franco.

Forças em luta – Os republicanos contam com contingentes policiais e voluntários das regiões industriais. Ambos os campos recebem ajuda estrangeira: Franco é apoiado por 70 mil voluntários fascistas italianos e por pilotos e aviões da Luftwaffe, que, em 24/6/1937, bombardeiam e destroem Guernica, no País Basco; e os republicanos – abandonados pela Grã-Bretanha e França, que optam pela política de não-intervenção – recebem ajuda das brigadas internacionais (25 mil voluntários vindos de 53 países). A URSS dá auxílio financeiro, técnico e suprimentos de guerra. Em 7 e 8/11/1936, o governo legal refugia-se em Valência e confia a defesa de Madri ao gen. Miaja; divergências internas abalam a estrutura republicana, e os comunistas, antes sem grande expressão, começam a ganhar terreno.

Fim da República – Em mai. de 1937, o comunista Juan Negrín substitui o 1º-min. Francisco Largo Caballero, forma novo gabinete e elimina os oponentes à sua política pró-soviética (principalmente os trotskistas do Partido Operário de Unificação Marxista). No final de 1937 é lançada a ofensiva republicana em Aragão e, em 9/1/1938, Teruel é ocupada. Mas Franco atinge o Mediterrâneo, corta os contatos Valência/Catalunha e obriga o governo legal a mudar-se para Barcelona, que cai em 26/1/1939. Negrín é derrubado pelo gen. Miaja, favorável à rendição: 400 mil republicanos fogem do país e Madri é ocupada. O saldo da guerra civil é de 1 milhão de mortos.

União Soviética

Após a guerra civil, a "Nova Política Econômica" (NEP), para reconstruir o país, adota o chamado capitalismo de Estado: impõe taxas em espécie aos camponeses, liberdade de salários e de comércio interior; autoriza a criação de empresas privadas e o investimento estrangeiro. O Estado mantém o controle sobre o comércio exterior, a grande indústria e a construção (propriedade estatal).

Mudanças políticas – A Rússia passa a chamar-se União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 30/12/1922. Lênin abandona o poder em 10/3/1923 e é substituído por Iosif Stálin na liderança do PC (2/4). A morte de Lênin, em 21/1/1924, dá início à luta pelo poder entre Stálin e Liev Trótski, afastado de seu cargo de comissário do povo em 3/1/1925 e obrigado a se exilar. Será assassinado em 1940, no México, por Ramón Mercader, a mando do KGB, a polícia política. Em 1928, Stálin anuncia o I Plano Qüinqüenal, voltado para o desenvolvimento da indústria pesada. Nesse mesmo período, inicia a coletivização compulsória das terras. Protestos dos camponeses são violentamente reprimidos.

O stalinismo – Nos anos 30, consolida-se a ditadura mediante repressão: os processos de Moscou contra a velha guarda partidária; a eliminação de revolucionários oposicionistas, como Serguêi Kirov; controle policial, culto da personalidade e ampliação da burocracia do partido. O desenvolvimento econômico e a resistência ao nazismo divulgam, no exterior, uma imagem positiva de Stálin, que só mais tarde será corrigida. A cultura é um dos setores mais atingidos: em 1934, o comissário da Cultura, Andrêi Jdánov, formula o princípio do "realismo socialista", que coloca a arte a serviço da divulgação ideológica e impõe severas limitações à produção estética. Com fases de perseguição maior ou menor, esse estado de coisas prevalecerá até a ascensão de Mikhail Gorbatchóv.

América Latina

No entreguerras, a região é agitada pela emergência de vários movimentos de caráter nacionalista-libertário, antiamericanistas e antiditadura. São quase sempre esmagados pelas oligarquias nacionais, com apoio direto ou indireto dos EUA.

El Salvador – A ditadura do gen. Maximiliano Hernández Martínez enfrenta, em 1932, a revolta popular de Farabundo Martí, que termina com o massacre de 30 mil pessoas.

Nicarágua – Em 1932, os EUA põem fim à ocupação iniciada em 1912, após terem criado a Guarda Nacional, comandada por Anastasio Somoza García. O líder guerrilheiro Augusto César Sandino é assassinado em Manágua em 21/2/1934 e centenas de companheiros seus são fuzilados pela Guarda Nacional. Em 8/12/1936, Somoza toma o poder, iniciando longa ditadura.

México – Entre 1934 e 1940, o pres. Lázaro Cárdenas executa vasto programa de reforma agrária e de desapropriação das companhias estrangeiras, buscando, assim, retomar os ideais da Revolução Mexicana.

Cuba – O sarg. Fulgêncio Batista, eleito em 14/7/1940, governará de forma autoritária e corrupta até ser derrubado, em 1959, por Fidel Castro.

Guerra do Chaco – A Bolívia e o Paraguai lutam, a partir de 31/7/1932, por essa região petrolífera de fronteira, insuflados respectivamente pelas empresas rivais Standard Oil e Shell, que lhes emprestam equipamento militar moderno. Termina em 1935, com a vitória do Paraguai, que recebe a região mas não pode usufruir de seu petróleo, pois a descoberta de óleo no Oriente Médio faz as empresas deixarem para o futuro as prospecções na área. O armamento usado no conflito será, em seguida, enviado pelas companhias aos franquistas na Espanha.

II Guerra Mundial

Após a anexação da Áustria e dos Sudetos, aceita pelos aliados, quando Hitler ameaça invadir a Polônia para recuperar o porto de Gdańsk (ex-Dantzig), a Grã-Bretanha promete auxílio aos poloneses. Contando com o apoio italiano, e tendo assinado com Stálin um pacto que garante a neutralidade soviética, em troca da anexação dos Estados bálticos pela URSS, Hitler invade a Polônia em 1º/9/1939. Dois dias depois, Grã-Bretanha e França declaram guerra ao III Reich.

Fase européia – A invasão da Escandinávia, em abr. de 1940, assegura a Hitler bases no mar do Norte e abastecimento de minério de ferro sueco. A invasão dos Países Baixos (10/5) inaugura o período da *Blitzkrieg* (guerra relâmpago): a Holanda é tomada em quatro dias, a Bélgica em três semanas e a França em menos de um mês e meio. Em 14/6, Paris é ocupada e o gen. Henri Pétain assina o armistício, instalando em Vichy a sede de um governo colaboracionista. Exilado em Londres, o gen. Charles de Gaulle cria o movimento de resistência da França Livre. As forças alemãs invadem, a leste, a Iugoslávia e a Grécia (abr. de 1941) e desencadeiam a ofensiva contra a URSS (jun.), chegando até 100 km de Moscou, onde são derrotadas (nov.).

Internacionalização – Em dez. de 1941, as exigências americanas para que o Japão se retire da China e da Indochina resultam no ataque japonês à base americana de Pearl Harbour, em 7/12, provocando a declaração de guerra dos EUA e da Grã-Bretanha, em 8/12. Uma ofensiva relâmpago, em três direções simultâneas, resulta na ocupação japonesa, ao sul, das Filipinas e das Índias Holandesas; a oeste, de Hong Kong, Cingapura e da Birmânia; e, a leste, de Guam, Wake, Nova Guiné, ilhas Salomão e ilhas Aleutas. Em 1942, está sob domínio japonês uma área habitada por 450 milhões de pessoas, com o controle de 90% da produção mundial de borracha, 70% da de arroz e estanho, além de petróleo, bauxita e minerais de cromo em quantidade suficiente para alimentar a indústria bélica. Nos territórios asiáticos ocupados, fomenta a formação de movimentos nacionalistas contra as nações européias: forma um governo títere nas Filipinas e reconhece a independência da Birmânia (1943), Vietnã e Indonésia (1945). Após a II Batalha de Alamein, de 23/10 a 4/11/1942, a vitória passa para o campo aliado. As forças anglo-americanas desencadeiam a contra-ofensiva no Egito e invadem a África do Norte francesa, base do ataque italiano de out. de 1942 a mai. de 1943. Paralelamente, o Exército soviético lança a ofensiva do Volga, ao norte e sul de Stalingrado, obtendo a vitória em fev. de 1943. Em jul., os americanos desembarcam na Sicília, provocando a queda de Mussolini (24/7) e a capitulação da Itália (3/9). A essa altura, o poderio germânico já está bastante enfraquecido pelo recrudescimento da resistência.

Fase final – Após o encontro de Roosevelt, Churchill e Stálin em Teerã, entre nov. e dez. de 1943, prepara-se o desembarque na Normandia, sob o comando do gen. Dwight Eisenhower, realizado em 6/6/1944. Paris é libertada em 25/8 e Hitler, num último esforço, bombardeia a Grã-Bretanha, no verão de 1944, com os foguetes *V-1* e *V-2*. Mas está cercado pelos aliados, que avançam para a Alemanha, e pelos soviéticos, que entram na Prússia oriental, conquistam a Polônia e a Silésia, libertam Budapeste e Viena, entre mar. e abr. de 1945, e avançam até encontrar as tropas aliadas às margens do Elba (28/4). Hitler suicida-se em 30/4, o alm. Karl Dönitz forma novo governo e pede o fim das hostilidades. Berlim é ocupada pelos soviéticos (2/5) e a Alemanha assina, em Reims (7/5), a rendição incondicional.

A campanha aliada na Ásia, chefiada pelo gen. Douglas MacArthur e pelo alm. William Nimitz, leva à reconquista das Filipinas (em fev. de 1945) e da Birmânia (1944/45) e ao desembarque no território japonês (Iwojima, 19/2/1945). São bombardeadas as grandes cidades e os centros industriais: a bomba atômica é lançada sobre Hiroxima em 6/8/1945 e sobre Nagasáqui em 9/8 (152 mil mortos e 150 mil feridos). Nesse meio tempo, a URSS tinha-lhe declarado guerra (8/8), invadindo a Mandchúria e a Coréia e ocupando as ilhas Curilas e Sacalinas. Após a capitulação, em 2/9/1945, é imposto um governo militar americano, chefiado pelo gen. MacArthur, que abre processos contra os criminosos de guerra.

CONSEQÜÊNCIAS

O término do conflito muda o panorama político-econômico internacional: surgem novas nações, caem regimes, fronteiras são alteradas. Nascem duas superpotências e o mundo entra na Era Nuclear.

Perdas humanas – Calcula-se em 40 milhões os mortos dessa guerra; na URSS, 17 milhões (9,5 milhões de civis); na Alemanha, 5,5 milhões (3 milhões de civis); na Polônia, 4 milhões (3 milhões de civis); na China, 2,2 milhões; na Iugoslávia, 1,6 milhão; no Japão, 1,5 milhão; na França, 535 mil (330 mil civis); na Itália, 450 mil (150 mil civis); na Grã-Bretanha, 396 mil; nos EUA, 292 mil soldados. Além disso, 6 milhões de judeus (um terço da população judaica do mundo) morrem vítimas da perseguição anti-semita.

Alemanha – Pela concessão de parte do seu território, tem seu poderio industrial drasticamente reduzido, é dividida em quatro zonas de ocupação e deve pagar reparações de guerra sob a forma de produtos manufaturados, equipamento industrial e navios mercantes. Tropas soviéticas bloqueiam Berlim Ocid. entre 9/9/1948 e 12/5/1949, e uma ponte aérea tem de ser organizada para abastecer a cidade. Após a unificação aduaneira das zonas ocupadas pelos EUA, Grã-Bretanha e França na Alemanha, em 16/2/1949, é formado um governo provisório, votada uma nova Constituição (8/5/1949) e convocadas eleições; Konrad Adenauer torna-se o primeiro chanceler da recém-criada República Federal da Alemanha. A região oriental da Alemanha, ocupada pelos soviéticos, reclama a sua autonomia em relação ao resto do país e se proclama um Estado soberano com o nome de República Democrática Alemã (7/10/1949).

Japão – A absorção dos prisioneiros e refugiados da Coréia, que fogem da guerra de 1950 a 1953, cria sérios problemas sociais: é necessário pagar pesadas reparações de guerra; e as propriedades passam por um processo de redistribuição. A democratização resulta na Constituição de 1946, de modelo americano, que estabelece limites para a expansão militar e inclui a renúncia do imperador a seu direito à divindade. O governo de ocupação desmantela a estrutura militarista, abole o xintoísmo como religião oficial do Estado, proíbe as organizações nacionalistas e afasta seus membros dos cargos públicos e da direção das principais empresas privadas.

A reconstrução é liderada pelo 1º-min. Yoshida Shigeru, que governa de 1949 a 1954: ele negocia o Tratado de Paz de São Francisco, em 1951, pelo qual são devolvidos os territórios conquistados desde 1854; e assina um pacto militar com os EUA. A indústria se recompõe e aumentam as exportações, apesar do crescimento demográfico e da escassez de matérias-primas. O retorno à vida pública de políticos conservadores, cassados nos primeiros anos da ocupação, resulta em uma cisão do Partido Liberal e na queda de Yoshida, substituído, em 1955, por Hatoyama Ichirô, que reata relações com a URSS em 1956 e faz o Japão ingressar na ONU. A revisão do pacto de segurança com os EUA, em 1960, suscita oposição dos progressistas, com manifestações antiamericanas, que terminam com a renúncia do então 1º-min. Kishi Nobusuke (jul.). Nos governos de Hayato Ikeda e Eisaku Sato, de 1960 a 1972, volta a estabilidade política. É assinado, por prazo indeterminado, o acordo de segurança com os EUA, e Okinawa é devolvida em 1972. O país volta a ocupar, na cena internacional, um lugar de destaque econômico e cultural.

ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Em 18/4/1946, a Liga das Nações, criada após a I Guerra Mundial, encerra suas atividades. É substituída pela Organização das Nações Unidas (ONU), criada pela Conferência de São Francisco entre 25/4 e 26/6/1945. Cinqüenta países, entre os quais o Brasil, aderem. Seu primeiro secretário-geral é o norueguês Trygve Halvdan Lie. A primeira Assembléia Geral reúne-se em Londres em 10/11/1946; depois disso, a ONU se instala em Nova York. Em 1948 é instituída, em Bogotá, a Organização dos Estados Americanos (OEA), tendo como primeiro secretário-geral o colombiano Alberto Lleras Camargo. A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) é criada em 4/4/1949, em Washington, com o objetivo de deter o avanço socialista na Europa.

Guerra Fria

Nos EUA, após a morte de Roosevelt, seu vice, Harry Truman, termina seu mandato e elege-se, em 1948, com base na plataforma do *Fair Deal* (trato justo). Vitorioso na II Guerra e de posse do monopólio atômico, o país assume o papel de guia do Ocidente e, rompendo a colaboração com a URSS para derrotar o nazismo, passa a lutar pela contenção do comunismo. Em 1947, a Doutrina Truman propõe ajuda militar e econômica aos países que queiram opor-se à expansão dessa ideologia.

INTERVENÇÕES

Essa política tem várias conseqüências. O apoio, entre 1947 e 1949, ao rei Paulo, da Grécia, para que reorganize seu exército e lute contra a guerrilha comunista, que proclamou a República no norte. A ajuda ao governo turco, com armas e créditos, defendendo-o contra as pretensões soviéticas à restituição dos territórios fronteiriços de Kars e Ardahan. A ajuda ao xá Mohamed Reza Pahlevi, do Irã, contra a política de nacionalização do petróleo, tentada, em 1951, pelo 1º-min. Mohamed Mossadegh. A elaboração do Plano Marshall, de ajuda à reconstrução da Alemanha Ocid. e do Japão. O Programa dos Quatro Pontos, no qual Truman proclama a responsabilidade americana de defender a democracia em escala mundial. Essa extensão do intervencionismo da Doutrina Monroe já tivera sua primeira manifestação na criação da OTAN.

Guerra da Coréia – Em 26/6/1950, tropas da Coréia do Norte – república comunista surgida, sob a liderança de Kim Il Sung, após a divisão do país no fim da II Guerra – invadem o Sul, governado por Syngman Rhee. Fiel à Doutrina Truman, a intervenção americana é, a princípio, chefiada pelo gen. Douglas MacArthur; depois, pelo gen. Matthew Bunker Ridgeway, favorável a negociações com a China, que apóia o Norte. Iniciadas em jul. de 1951, as conversações terminam com o Armistício de Panmunjon, de 27/7/1953. Ainda em 1951, os EUA assinam o Pacto do Pacífico (ANZUS), com a Austrália e a Nova Zelândia, visando a barrar a expansão comunista na Oceania.

EUA: POLÍTICA INTERNA

A Lei Taft-Hartley, aprovada pelo Congresso em 1947 apesar do veto do presidente, declara ilegais as greves nos setores considerados fundamentais (saúde, transporte, educação), que o Executivo passa a ter o direito de proibir por determinados períodos; elimina o monopólio dos sindicatos na representação dos trabalhadores e proíbe seu apoio aos partidos políticos. Em 1951, a Emenda 22 à Constituição limita os mandatos presidenciais a dois períodos de quatro anos.

Anticomunismo – A derrota dos nacionalistas na China e os primeiros testes nucleares soviéticos desencadeiam uma psicose anticomunista que se manifesta nos processos contra dirigentes do PC, intelectuais de esquerda como o escritor Alger Hiss e cidadãos estrangeiros suspeitos de espionagem, como Klaus Fuchs ou o casal Julius e Ethel Rosenberg, que é condenado à cadeira elétrica, apesar das campanhas internacionais de combate à intolerância política.

Caça às bruxas – Em 1951, o sen. Joseph MacCarthy cria o Comitê contra as Atividades Antiamericanas, para apurar a suposta infiltração subversiva nos meios de comunicação e na área das artes e espetáculos. O macarthismo provoca denúncias, perseguições e o aparecimento das "listas negras", que impedem o trabalho dos intelectuais suspeitos de esquerdismo. Apesar da oposição do presidente, o Congresso vota, em 1950, a Lei MacCarran-Nixon, que torna obrigatório o registro de todas as organizações comunistas ou que simpatizem com ideologias de esquerda; e, em 1952, a Lei MacCarran-Walter, que impõe restrições à imigração de estrangeiros suspeitos de idéias subversivas.

Organização sindical – Paralelamente, uma comissão de inquérito demonstra que os sindicatos estão dominados por gângsteres. Em 1954, a Federação Americana do Trabalho (AFL) expulsa as associações de portuários, caminhoneiros, padeiros e donos de lavanderias, que se encontram sob controle direto do crime organizado. Em 1955, a AFL funde-se com o Congresso das Organizações Industriais (CIO), formando a AFL-CIO, o maior sindicato do mundo em número de associados.

Descolonização

Após a II Guerra, ruem os antigos impérios coloniais e surgem novas nações na Ásia e na África. O processo de independência segue caminhos diversos: das guerras de libertação, estimuladas pelo *Komintern*, à resistência pacífica ou às gestões diplomáticas para obter a autonomia.

ÁSIA

A independência das Filipinas, em 5/7/1945, se efetiva em 12/6/1946, com a proclamação da República por Manuel Roxas. Na Indonésia, a guerra contra a colonização holandesa começa em 15/8/1945 e se estende até a proclamação da República, em 17/8/1950, pelo líder nacionalista Sukarno. Em 15/6/1947, as tropas soviéticas saem do Irã, onde estavam desde 1941. A independência da Índia e do Paquistão, em 15/8/1947, assinala o fim do domínio britânico no subcontinente. Assiste-se à emancipação da Birmânia, em 4/1/1948, e do Ceilão (atual Sri Lanka), em 4/2/1948.

Guerra da Indochina – No início do séc. XX surge, na União Indochinesa (a colônia francesa da Cochinchina e os protetorados do Camboja, Anã, Tonquim e Laos), a oposição nacionalista vietnamita, dividida no Partido Nacional do Vietnã, que deseja aliar-se à China de Chiang Kaishek, e no Partido Comunista Indochinês, fundado por Ho Chi Minh, que, em 1941, cria o *Vietminh* (Liga Revolucionária para a Independência do Vietnã), contra os invasores japoneses. Em mar. de 1945, estes tinham expulsado os franceses, entregando o governo de Saigon ao imp. Bao Dai. No final da II Guerra, o *Vietminh* alia-se aos nacionalistas que se opõem a Bao Dai e instalam, em Hanói, uma República Democrática reconhecida, em mar. de 1946, pela França, interessada em recuperar o controle sobre a região. Paralelamente, em 1º/6/1946, o comissário francês para a Indochina, Thierry d'Argenlieu, apóia, em Saigon, a criação de uma República da Cochinchina – o que faz com que a França reconheça dois governos de fato na região.

Luta no Vietnã – As negociações com Hanói, sobre o retorno da administração colonial no Sul, chega a um impasse. Diante disso, a França bombardeia Haiphong, em 24/11/1946. Após o fracasso, em 19/12/1946, de um golpe *vietminh* em Saigon, Ho passa à clandestinidade e o gen. Vo Nguyen Giap dá início à guerra de guerrilhas. A recusa de Ho em aceitar os acordos de 5/6/1948 e 8/3/1949, que reconhecem a independência dentro da União Francesa, tendo Bao Dai como chefe de Estado, faz o conflito ampliar-se em nível internacional. A essa altura, o *Vietminh* é apoiado pela China, e a França, pelos EUA.

Divisão – Depois da tomada, em 7/5/1954, da base francesa de Diem Bien Phu, no delta de Tonquim, pelo gen. Vo, aceleram-se as negociações que levam ao Acordo de Genebra, de 21/7/1954, pelo qual o país é temporariamente dividido, na altura do paralelo 17, até as eleições. Estas deveriam realizar-se após jul. de 1956, mas nunca serão convocadas. Bao Dai nomeia o 1º-min. Ngo Dinh Diem, enquanto o *Vietminh* assume formalmente, em 2/9/1945, o controle do Norte. Na guerra, a França perde 92.800 dos 470 mil soldados da tropa colonial e da metrópole; o *Vietminh* possui 375 mil soldados, mas não há dados exatos sobre suas perdas. A guerra repercute também nos dois outros países da Indochina.

Laos – Autônomo desde 1949, divide-se em três grupos políticos: os neutralistas, do princ. Suvana Fuma; os pró-comunistas, do princ. Suvanavong; e os nacionalistas de direita, do gen. Fumi Nosavan. Em 1950, Suvanavong funda o *Pathet Lao* (Laos Livre), dissidência do movimento de resistência anticolonialista *Lao Issarak*. Passa a controlar as regiões de fronteira com o Camboja e o Vietnã, em aliança com os revolucionários desses países; e boicota as eleições exigidas pela Conferência de Genebra (1954), que determinara a partilha da Indochina e a independência do Laos. Entre 1956 e 1960, os ataques do *Pathet Lao* e as tentativas de golpe de Fumi desgastam a coalizão de Suvana Fuma, que tem de fugir para o Camboja. Pressionadas por tropas americanas, as três facções concordam, na II Conferência de Genebra, de 1962, com a neutralidade do país e o retorno de Suvana.

Camboja – Autônomo dentro da União Francesa desde 1946, torna-se independente em 1954 e seu chefe de Estado, o princ. Norodom Sihanuk, declara-o neutro. Mas essa posição não agrada à extrema direita das Forças Armadas, em vista do aparecimento do Khmer Vermelho, grupo de extrema esquerda que age na clandestinidade. Em 18/3/1970, o golpe do gen. Lon Nol derruba Sihanuk e permite a entrada de tropas americanas no país, para combater o Khmer Vermelho e seus aliados do vietcong.

Subcontinente indiano – No início do séc. XX, a Índia, cujo território incorpora os atuais Paquistão e Bangladesh, é o centro do Império Britânico. O movimento de libertação é organizado, a partir de 1919, pelo advogado hindu Mohandas Ghandi, que viria a ser conhecido como o Mahatma (grande alma). Ele prega a resistência pacífica e luta por reformas sociais e econômicas que dêem melhores condições de vida a 60 milhões de párias contra os monopólios britânicos. Em 1942, o Partido do Congresso (P do C), fundado pelos hindus em 1885, rompe com a Liga Muçulmana (LM), criada por Mohamed Ali Jinná, pois esta deseja formar um Estado muçulmano independente no Paquistão, englobando o Baluquistão, o Punjab ocidental, o Sind e Bengala Or. (Bangladesh). O P do C é posto na ilegalidade, enquanto a LM, em troca do apoio à Grã-Bretanha na II Guerra, é autorizada a funcionar.

Cisão – Em 1947, surgem duas nações independentes: a Índia, liderada por Jauaharlal Nehru, e o Paquistão, tendo Liaqat Ali Khan como 1º-ministro. Mas os conflitos entre hindus e muçulmanos continuam, custando mais de 1 milhão de vidas. Os dois novos países disputam pelas armas os Estados de Jammu e Cachemira; o cessar-fogo obtido pela ONU não põe fim ao litígio e, em 1957, contrariando a resolução da Assembléia Geral, a Índia anexa a parte da Cachemira que ocupou.

Guerra Indo-chinesa – Começa em 20/10/1962; suas causas são o litígio sobre territórios fronteiriços, a ajuda indiana à guerrilha antichinesa do Tibete e o apoio chinês às reivindicações paquistanesas sobre a Cachemira. A rápida vitória chinesa acelera o programa nuclear da Índia, que explodirá sua primeira bomba atômica (1974).

Guerra Indo-paquistanesa – Em 25/8/1965, o Paquistão tenta uma vez mais recuperar a Cachemira; mas é derrotado em 22/9. Um acordo será assinado, no ano seguinte, pelo 1º-min. Lal Bahadur Shastri e pelo pres. gen. Ayub Khan.

Secessão – Em 23/3/1971, o Paquistão Or. começa a luta pela independência, proclamando, em 17/4, a República de Bangladesh. Mas como seu território continua ocupado por tropas de Islamabad, a Índia, em 3/12, invade o Paquistão, que se rende em 16/12, sendo forçado a reconhecer o novo país. Em 28/8/1973, é assinado acordo para resolver os problemas criados pela guerra, entre os quais o da troca de prisioneiros.

ÁFRICA

No fim da II Guerra, a França promete revisar o estatuto que limita o acesso dos nativos à cidadania e dar certo grau de autonomia a seus territórios de ultramar. E a Grã-Bretanha prevê, para futuro remoto, a representação majoritária dos colonizados no governo de suas próprias nações. Começam a surgir, entretanto, movimentos de libertação nacional nos países árabes do norte da África (o Neo-Destur tunisiano, a Frente de Libertação Nacional argelina, os nacionalistas e pan-arabistas egípcios e sírios). Na África negra, a consciência da necessidade de autodeterminação provém da ocidentalização das elites intelectuais e das transformações sociais decorrentes da exploração econômica européia. O processo de independência desses países, entretanto, é desigual e, em muitos casos, a emancipação só será conquistada à custa de lutas demoradas.

Países árabes – A independência do Egito é obtida com a revolução nacionalista de 1952; constitui-se em seguida, com a Síria e o Iêmen, a República Arabe Unida, que dura até 1961. No plebiscito de 1956, o Sudão decide separar-se do Egito. Nesse mesmo ano, a ONU confirma a independência que a Líbia – perdida pela Itália na II Guerra – obtivera em 1951, e o Marrocos e a Tunísia conseguem que a França lhes dê autonomia. Mas a independência da Argélia terá de ser arrancada por uma guerra civil, fruto do descontentamento árabe com a política de confisco de terras (em 1950, um terço dos melhores terrenos estava nas mãos dos colonizadores).

Guerra da Argélia – Nem a extensão da cidadania francesa aos argelinos (1947), nem a abertura de postos aos muçulmanos no serviço público conseguem conter a agitação. O conflito é desencadeado pelos atentados com que, em 31/10/1954, a Frente de Libertação Nacional (FLN) responde aos atos terroristas antiárabes dos extremistas *pied noir* (colonos franceses). Tropas coloniais, reforçadas pela metrópole, obtêm vitórias iniciais. Mas a FLN, unida aos comunistas, desencadeia extensa campanha de terrorismo urbano em ago. de 1956. Na Batalha de Argel, de jan. a set. de 1957, o gen. Jacques Massu desmantela a organização terrorista, o que contribui para separar ainda mais as comunidades européia e muçulmana. Na França, a guerra divide a opinião pública: a passividade da IV República, incapaz de reprimir a rebelião e de impor reformas decisivas, e a suspeita de que há negociações secretas entre Paris e a FLN geram a crise de mai. de 1958, que resulta na volta do gen. De Gaulle ao poder em 21/12/1958.

Em set. de 1958, no Cairo, constitui-se, sob a presidência de Ferhat Abbas, o Governo Provisório da República Argelina (GPRA). Mas só depois do referendo de 3/1/1961 De Gaulle tem carta branca para negociar a paz. Decidida, no entanto, a impedir a independência, a ala conservadora do Exército, liderada pelos gen. Maurice Challe, André Zeller, Edmond Jouhaud e Raoul Salan, tenta um golpe entre 21 e 26/4/1961; derrotada, entra para a clandestinidade, forma a Organização do Exército Secreto e promove novas ações terroristas, fazendo o GPRA retomar as negociações: em 18/3/1962, o Acordo de Evian reconhece a soberania da Argélia. Dos 2 milhões de franceses envolvidos no conflito, 24.614 morrem e 64.985 ficam feridos: segundo estimativa da FLN, suas perdas totais elevam-se a 1 milhão de homens.

Os acontecimentos na Argélia contribuem para apressar a abolição do protetorado francês, no Marrocos, e espanhol, no Riff. Em 1969, o enclave espanhol do Ifni é

anexado ao território marroquino. Mas a Espanha permanece no Rio de Oro (atual Saara Ocid.), de onde só se retirará em 1976.

Países negros – Das colônias francesas, a Guiné é a única a optar pela independência no plebiscito de 1958, organizado por De Gaulle. As demais preferem esperar pela reforma constitucional de 1960, que lhes permite ficar na Comunidade Francesa e conservar a ajuda econômica da metrópole, participando, por seu intermédio, da CEE e tendo sua moeda (o franco CFA, divisa dos países membros da Comunidade Financeira Africana) alinhada à da França. Em 1960, é negociado, na ONU, o fim dos mandatos franco-britânicos no Togo e Camarões.

Colônias britânicas – Gana é a primeira a se emancipar, em 1957. À exceção do Quênia, onde há a rebelião Mau Mau, os conflitos com os nativos não assumem proporções extremas e, até 1968, todas as colônias e protetorados estão independentes: a Nigéria em 1960; Serra Leoa e Tanganica em 1961; Uganda em 1962; o Quênia em 1963; Zâmbia, Malavi e Zanzibar em 1964; Gâmbia em 1965; Botsuana e Lesoto em 1966; Suazilândia e Maurício em 1968. Em 1964, Zanzibar une-se a Tanganica, formando a Tanzânia. A minoria branca da Rodésia declara a independência unilateral em 1965, só reconhecida pela Grã-Bretanha em 1980, quando o país, que passará a chamar-se Zimbábue, já está sob controle de um governo negro. Em 1960, a Somalilândia britânica obtém permissão para integrar-se à República da Somália, originada da ex-colônia italiana.

Colônias belgas – No Congo e em Ruanda-Urundi a emancipação é obtida à custa de guerras desgastantes. No primeiro, após sangrentas manifestações que forçam Bruxelas a conceder independência, em 28/6/1960, o país mergulha na guerra civil: há três grupos lutando pelo poder, sob a liderança do conservador Joseph Kasavubu, do comunista Patrice Lumumba e de Moïse Tshombe, que conta com apoio belga. Ela se encerra com o golpe do cel. Joseph Mobutu, que, mais tarde, adotará o nome de Mobutu Sese Seko. Derrubando Lumumba, afasta os demais líderes e instaura um regime forte, ainda hoje vigente no atual Zaire. Em Ruanda-Urundi, herdada da Alemanha após a I Guerra, a luta pela independência confunde-se com a guerra da maioria hutu contra os dominadores uatutsi. O plebiscito de 1962 separa Ruanda e o Burundi; mas os conflitos interétnicos permanecem até hoje.

Colônias portuguesas – Só se libertam após a Revolução dos Cravos, de 1974, em Portugal. Mas, desde a década de 60, a metrópole vinha enfrentando movimentos rebeldes.

Em 1961, a União dos Povos Angolanos (UPA) fixa posições no nordeste da colônia. Em 1966, o Movimento Popular para a Libertação de Angola, fundado em 1956 por Agostinho Neto, e a União Nacional pela Independência Total de Angola (UNITA), criada por Jonas Savimbi em 1966, abrem novas frentes. Mas, apesar de seu crescimento e da ajuda externa que recebem, esses movimentos permanecem divididos. Uma tentativa de superar divergências é a união de Agostinho Neto com Holden Roberto, da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), em 1972. O acordo de Alvor, de 15/1/1975, promete a independência para 11/11; mas os litígios entre os movimentos de libertação fazem com que o governo português o revogue, em 29/8, retirando-se de Angola sem ato oficial de passagem do poder, para demonstrar que não apoiava nenhum dos grupos em luta.

A rebelião, na Guiné-Bissau, também começa em 1961, sob a liderança de Amilcar Cabral, do Partido Africano de Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Em set. de 1973, à revelia de Portugal, o PAIGC anuncia a independência da Guiné-Bissau e o governo de Luís Cabral é reconhecido pela ONU. A revolta da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) é um pouco mais tardia (set. de 1964). O assassinato de seu líder, Eduardo Mondlane, em 5/2/1969, retarda o processo; mas o movimento é encabeçado por Samora Machel, que reivindica a independência. O novo governo português acelera a descolonização, assinando acordos preliminares com o PAIGC, em Argel (26/8/1974), e com a Frelimo, em Lusaca (7/9/1974). A independência definitiva da Guiné-Bissau vem em 10/9/1974 e a de Moçambique em 24/6/1975.

Expansão socialista

O êxito na luta contra o nazismo permite, no fim da II Guerra, a conquista do poder pelos PCs da Europa Or., até mesmo em países como a Polônia, onde os comunistas não contam com o apoio da maioria da população, mas a presença do Exército soviético dá-lhes sustentação. Na Ásia, a vitória maoísta sobre os invasores japoneses cria novo foco de disseminação do socialismo.

UNIÃO SOVIÉTICA

Acentua-se o totalitarismo stalinista: aumenta o controle burocrático e policial sobre a URSS, que perdera na guerra 17 milhões de habitantes, tendo 25 milhões ficado ao desabrigo. Os opositores são presos, expulsos ou mandados para o exílio interno.

Economia – O planejamento centralizado privilegia a indústria pesada. O IV Plano Qüinqüenal (1946–1950) visa a reconstrução de casas, comunicações e fontes de energia; desenvolvimento da indústria, rearmamento, exploração da Sibéria; mecanização da agricultura e ampliação das áreas de cultivo. Mas a criação dos *kolkhózes* (de *koletívnaia khoziáinka*, fazenda coletiva) não resolve o problema do abastecimento. O V Plano (1951–1955) projeta obras no Volga e no Dnieper para aumentar a irrigação e a energia hidráulica; e cria centros de produção de armamentos modernos, inclusive nucleares.

Leste x Oeste – A formação do bloco comunista altera o equilíbrio de poder entre países socialistas e capitalistas, criando um estado de tensão latente. Os laços entre a URSS e os "países satélites" se estabelecem com acordos militares (Pacto de Varsóvia) e econômicos (Comecon). A URSS passa a tentar conter, na ONU, a política externa dos países capitalistas, usando seu direito de veto como membro permanente do Conselho de Segurança. Estimula a ação dos pacifistas ocidentais para criar obstáculos ao armamentismo; busca o confronto ideológico com o Ocidente dentro de suas esferas de influência; e reforça a defesa de seus próprios interesses no bloco socialista, às vezes com intervenção armada.

O degelo – Após a morte de Stálin (5/3/1953), o 1º-min. Gueórgui Malénkov aumenta a produção dos bens de consumo, dá incentivos aos *kolkhózes*, reforma o sistema judiciário, diminuindo as penas, suprime os campos de trabalhos forçados e proclama a "coexistência pacífica" com o Ocidente. No XX Congresso do PCUS (14 a 25/2/1956), Nikita Kruchóv denuncia os erros do período precedente, dando início à desestalinização. Entre 1957 e 1958, há reformas em todas as áreas: supressão de ministérios supérfluos; criação de 104 conselhos econômicos descentralizados; reforma no sistema de *kolkhózes*; estímulo à agricultura e à pecuária; fundação de escolas politécnicas e profissionalizantes. Em 1961, o XXII Congresso condena oficialmente o stalinismo.

Coexistência pacífica – Entre 1953 e 1956, a URSS busca a distensão com o Ocidente para romper o isolamento em que ficara após a Guerra da Coréia: participa de conferências internacionais, devolve Port Arthur à China e Porkkala à Finlândia, reconcilia-se com a Iugoslávia, faz propostas de desarmamento e ajuda países asiáticos. Dá apoio aos movimentos de libertação nacional e aos levantes populares, mas evita que conflitos se internacionalizem. Intensifica a competição econômica com os países socialistas; apóia os "povos de cor" (africanos e asiáticos), que são reconhecidos como "terceira força autônoma"; amplia os contatos com o Ocidente, rejeitando, entretanto, a coexistência ideológica.

Crises políticas – Mas a autoconfiança das décadas de 50 e 60 – gerada pela igualdade atômica com os EUA, a inferioridade americana em mísseis, os êxitos da corrida espacial e a crise da descolonização no Ocidente – está na raiz de incidentes entre os dois blocos: a crise de Berlim em 1958; a do *U-2*, o avião de espionagem pilotado por Gary Powers derrubado sobre a URSS em 1960; e a dos mísseis cubanos, em out. de 1962, que leva ao acordo de ago. de 1964 sobre a suspensão dos testes nucleares, cuja conseqüência é a ruptura com a China. Esses fatos contribuem para a queda de Kruchóv (15/10/1964), substituído por Leonid Bréjnev – que virá a ser também secretário-geral do PCUS e pres. do Soviete Supremo.

Era Bréjnev – Sua doutrina, segundo a qual qualquer ameaça a um Estado socialista significa um risco para o socialismo como um todo, é usada como justificativa para a invasão da Tcheco-Eslováquia (1968) e para a intervenção no Afeganistão (1979–1988). No entanto, a assinatura de acordos sobre Berlim (1971), a ratificação de tratados entre a Alemanha, a URSS e a Polônia e a normalização das relações entre as duas Alemanhas permitem a convocação da Conferência sobre a Segurança e a Cooperação Européia (Helsinque, 1975), em que o reconhecimento das fronteiras posteriores à II Guerra beneficia a URSS. A ruptura com o Egito (1972) é reequilibrada pelo apoio do Kremlin aos árabes na guerra de 1973 contra Israel, o que melhora as relações com os países do Oriente Médio. O conflito sino-soviético – agravado pela crise do Afeganistão, pela presença de tropas da URSS na fronteira com a China e pelo apoio soviético à intervenção vietnamita no Camboja – começa a distender-se em 1982.

Relações com os EUA – Tiveram, na Era Bréjnev, fases muito tensas, com a decretação de bloqueios econômicos a Moscou. Mas é o período em que o pres. Richard Nixon visita a URSS (1972), onde assina o Tratado Salt-I, sobre desarmamento. Em 1979, é também assinado o Salt-II, que nunca será ratificado pelo Congresso americano, em protesto contra a invasão do Afeganistão. Da mesma forma, em nov. de 1983, as negociações de Genebra sobre o desarmamento são interrompidas, em represália ao projeto do governo Reagan de instalar mísseis de médio alcance na Europa.

Mudanças internas – Em 1971, o XXIV Congresso do PCUS decide centralizar a economia, reduzir as despesas militares, num gesto de boa vontade para com os EUA, e aumentar em 48% a produção de bens de consumo para melhorar a qualidade de vida do povo. Nova Constituição (1977) substitui a stalinista, de 1936, embora modificando pouco as liberdades civis. Dissidentes são perseguidos: o físico Andrêi Sákharov, por exemplo, fica confinado em Górki entre 1980 e 1986; e Aleksandr Soljenítsin, que denuncia o universo concentracionário brejneviano em *Arquipélago Gulag*, tem de se exilar.

Raízes da abertura – Bréjnev morre em 1982 e é substituído por Iúri Andrópov, que morre em 1984. Seu sucessor, Konstantin Tchernenko, fica apenas onze meses no poder, morrendo em 1985. Esses dois breves governos são marcados pela campanha contra a corrupção e a incompetência administrativa e pelo aumento do alcoolismo entre a população. Nas artes, apesar da desaprovação oficial, já é tolerado um maior grau de liberdade e experimentalismo. Em 11/3/1985, Mikhaíl Gorbatchóv é eleito secretário-geral e, em 25/2 do ano seguinte, no XXVI Congresso do PCUS, dá início ao processo de *pierestróika* (reconstrução), indiretamente responsável pela dissolução do bloco socialista (1989–1991).

OS SATÉLITES

Tratados de armistício, reparações de guerra e ocupações militares permitem à URSS controlar os países da Europa Or., incorporando o nordeste da Prússia, a Ucrânia carpática, o leste da Polônia (1945), a Carélia e a Bessarábia (1947). Criam-se o *Kominform* (*Komunistítcheskaia Informátsia*), para coordenar as atividades dos PCs nesses países; o Conselho de Ajuda Econômica Mútua (Comecon) e a aliança militar do Pacto de Varsóvia (1956). Após a desestalinização, o Kremlin entra em choque com os países que tentam encontrar uma via própria para seu socialismo, optando, em mais de um caso, pela intervenção armada para impedi-lo.

Iugoslávia – Rompe com a URSS por não aceitar a necessidade de um centro dirigente. Em 1948, é expulsa do *Kominform* e, em 1949, assina acordos comerciais com o Ocidente, reagindo ao bloqueio econômico da URSS, que condenara o "revisionismo" do mal. Josip Broz Tito. Em 1950, faz experiências de autogestão nas fábricas e, em 1953, abandona a coletivização obrigatória da agricultura e permite a criação de pequenas indústrias privadas. O Congresso da Liga dos Comunistas Iugoslavos rejeita toda interferência externa (1958), após Tito ter criado, em 1956, com o indiano Jauaharlal Nehru e o egípcio Gamal Abdel Nasser, o Grupo dos Não-Alinhados, independentes das duas superpotências.

Albânia – O afastamento iugoslavo da órbita soviética faz com que Enver Hodja, secretário-geral do PC albanês, rompa com Belgrado e se alinhe com a URSS stalinista. Em 1959, em vista do conflito sino-soviético, associa-se às acusações de revisionismo feitas por Pequim ao Kremlin e aproxima-se da China. A ruptura com Moscou vem em 1961. Mais tarde, entretanto, as reformas de Deng Xiaoping fazem com que o país se afaste também dos chineses, mantendo-se em total isolamento, como defensor fiel do comunismo stalinista.

Polônia – A luta pelo poder entre nacionalistas e comunistas culmina com a eleição de Boleslaw Bierut, em 1947, e com a fusão, em 1948, do PC e do PS no Partido Operário Unificado Polonês (POUP). No ano seguinte, o soviético mal. Konstantin Rokossowski, de origem polonesa, é nomeado ministro da Defesa e os dois Exércitos são coordenados. As tensões entre o Estado e a Igreja Católica, que promove o nacionalismo anti-soviético, levam, em 1953, ao Processo de Cracóvia, em que autoridades eclesiásticas – entre as quais o cardeal Stefan Wyszynski – são detidas. A população católica reage com uma campanha de desobediência civil que faz cair drasticamente os níveis de produção. Em 1954, o Congresso do POUP tem de optar pela política de moderação com a Igreja.

A desestalinização – As greves e protestos contra as rigorosas normas de produção e o alto custo de vida, manipulados pelos grupos anti-socialistas, desembocam na insurreição de Poznan (jun. de 1956), reprimida pelas tropas soviéticas. As conseqüências são imediatas: depuração de stalinistas radicais na administração e na cúpula do POUP, dissolução das fazendas coletivas, criação de comitês operários, reabilitação de Wyszynski, demissão de Rokossowski. Nas eleições de 1957, Bierut e os stalinistas são derrotados por Wladislaw Gomulka, que introduz reformas econômicas relativamente independentes das diretrizes do Kremlin e consegue ajuda econômica dos EUA, renovada em 1959. Isso não impede que a situação volte a se agravar na década de 60: em 1970, a insurreição em Gdańsk derrubará Gomulka, substituído por Edward Gierek.

Romênia – Em 1948, Gheorge Gheorghiu-Dej, fundador do Partido Operário Romeno (POR), força o rei Miguel a abdicar, reprime os liberais e dissolve a Frente Nacional Democrática, que surgira, em 1946, da fusão do PC com o PS e a Frente Camponesa, de Petru Groza. Entre 1952 e 1958, é feita vasta depuração dos "desviacionistas" dentro do partido. Com o secretário-geral Gheorge Maurer, surgem os primeiros sinais de que o POR está procurando uma via própria: independência econômica – abandono da coletivização, contatos com o Ocidente – e política: anistia de presos políticos, neutralidade em relação ao conflito sino-soviético. Mas o regime vai tornar-se cada vez mais ditatorial sob Nicolae Ceausescu (1965–1989).

Tcheco-Eslováquia – A vitória do PC, em 1946, leva o 1º-min. Jan Masaryk e o pres. Eduard Benes a formarem um governo de Frente Nacional com o comunista Klement Gottwald. O resultado é a ingerência da URSS em assuntos tchecos, perseguição e processos contra membros dos partidos democráticos. Em fev. de 1948, pressionado por greves, Benes demite Gottwald e nomeia para o cargo o sindicalista Antonín Zapotocky. Segue-se um expurgo anti-revisionista dentro do PC (1951–1953). O secretário-geral Antonín Novotný, designado em 1957, afasta os stalinistas, anistia os presos políticos e reabilita os líderes anti-soviéticos que, no Processo de Praga de 1952, tinham sido condenados por traição; promulga nova Constituição (1960) e propõe um planejamento econômico liberal (1965), que é recusado pelos radicais do partido.

Primavera de Praga – Mas a insatisfação com o centralismo econômico e com as restrições à liberdade de expressão gera protestos estudantis que forçam a remoção de Novotný para a presidência em jan. de 1968. Seu sucessor, Alexander Dubcek, estimula a discussão política e as reivindicações; nomeia o liberal Ota Sik min. das Finanças; substitui Novotný por outro liberal, o gen. Ludvík Svoboda (22/3); cria conselhos de trabalhadores na indústria e cooperativas independentes, amplia os direitos sindicais e garante os direitos individuais. Com isso, desagrada à URSS: em 21/8/1968, o país é invadido pelas tropas do Pacto de Varsóvia, todos os moderados são afastados e, em 17/4/1969, Dubcek é trocado pelo pró-soviético Gustáv Husák. A indignação com essa intervenção é a causa determinante para o aparecimento do *eurocomunismo*: pregado, na Itália, por Enrico Berlinguer, a partir de idéias de Antonio Gramsci e Palmiro Togliatti, favoráveis à independência ideológica dos PCs, caracteriza-se pela ruptura com a submissão ao Kremlin e busca de autodeterminação para os PCs ocidentais.

Hungria – Fundindo-se com o PS no Partido Socialista Operário, o PC ganha as eleições de 1948, entrando em conflito aberto com os liberais e com a Igreja Católica, que protesta contra o confisco de seus bens (o primaz card. József Mindszénty chega a ser preso e condenado à prisão perpétua). Divergências ideológicas levam ao expurgo de 1950: de um lado, há o conservadorismo do secretário-geral Mátyas Rákosi; de outro, o reformismo de Imre Nagy e dos intelectuais formados em torno do Círculo Petöfi. Quando Rákosi é substituído por Ernö Gerö (out. de 1956), começam as reivindicações por liberdade sindical e de imprensa, supressão da pena de morte e retirada das tropas soviéticas do país.

Levante de Budapeste – Em 24/10/1956, Gerö proclama a Lei Marcial e nomeia Nagy 1º-ministro. Este forma um governo com liberais, social-democratas e líderes rurais; a rebelião chefiada pelo gen. Pál Maléter e pelo card. Mindszénty, que tinha sido libertado, expulsa as tropas soviéticas de Budapeste. Nagy proclama a neutralidade da Hungria (1º/11) e retira o país do Pacto de Varsóvia; no dia seguinte, Gerö e seu vice, János Kádár, condenam Nagy e começa a invasão do Pacto. Nagy e Maléter são executados, Mindszénty asila-se na embaixada dos EUA; 100 mil pessoas fogem do país. Kádár reestrutura o PC, sindicatos, Exército, polícia e organismos do Estado e assina um indulto que faz metade dos exilados regressar. O II Plano Qüinqüenal (1961–1966) inicia uma política econômica mais realista, que dá à Hungria uma posição de destaque no bloco.

Alemanha Oriental – Os motins de 1953, causados pelas reivindicações de melhoria na qualidade de vida, são reprimidos pelo Exército soviético em 17/6. As divergências sobre o acesso ao lado oriental e a fuga de alemães para o lado ocidental resultam, em ago. de 1961, na construção do Muro de Berlim, para que o trânsito interzonas passe, obrigatoriamente, pelos postos de controle policial. Uma anistia para os "fugitivos da República" (1964) obtém um número mínimo de retornos. Os planos econômicos de centralização menos rígida, adotados em 1958 e 1963, fazem da Alemanha Or. o país mais desenvolvido do bloco do Leste. Desde a supressão, pelo Tratado de Moscou (1955), do Alto Comissariado soviético que controlava a política alemã, Berlim mantém linha relativamente independente, melhorando suas relações com Bonn a partir da implantação, pelo chanceler ocidental Willy Brandt, da *Ostpolitik*, de abertura para o Leste.

CHINA

Inicialmente, é grande o apoio da URSS à república chinesa, proclamada em 10/10/1949: o Tratado de Amizade, Aliança e Ajuda Mútua é assinado em 14/2/1950 e, em 1954, Kruchóv devolve Port Arthur e suprime as concessões russas em território chinês, que existiam desde 1858. Entre 1950 e 1956, a China dedica-se à reforma agrária e à reeducação do povo, visando à formação de novos quadros de funcionários e dirigentes partidários. A Constituição de 1954 consagra o princípio do "centralismo democrático". Mas não são bem-sucedidos nem o projeto de liberalização contido no *Discurso das Cem Flores*, de Mao Tsetung (1957), violentamente combatido pela ala mais radical do partido, nem a reforma econômica do *Grande Salto para a Frente*, que visa a estimular a produção da indústria pesada, mas resulta num fracasso de enormes proporções.

Conflito sino-soviético – Desde a denúncia do stalinismo (1956), os chineses denunciam o "revisionismo" da URSS. Em 1958, Pequim acusa o Kremlin de ter fraquejado com a Iugoslávia e irrita-se quando, em ago., ele reluta em apoiar um ataque frontal a Formosa (Taiwan). Os incidentes de fronteira tornam-se freqüentes quando Moscou condena o conflito sino-indiano (jun. de 1959). Depois das críticas ao maoísmo, no congresso do PC romeno de 1960, a China e a Albânia contestam a hegemonia soviética. Em resposta, Moscou chama de volta seus assessores em 16/7/1960. A ruptura definitiva dá-se em mar. de 1965. O antagonismo entre os dois países prolonga-se – apesar de diversas tentativas de negociação – até a chegada ao poder de Mikhaíl Gorbatchóv: é ele quem dá o impulso decisivo às conversações e assina, em Pequim, em mai. de 1989, o restabelecimento das relações.

Revolução Cultural – Movimento de radicalização política e fechamento econômico em relação ao exterior, comandado por Mao Tsetung em aliança com a ala ortodoxa do PC, liderada por Lin Piao. Os dirigentes moderados, acusados de "direitismo", são objeto de uma campanha de desmoralização que resulta em expurgos e prisões. A Revolução Cultural é um esforço de transformação ideológica, com grandes repercussões no Ocidente. Multidões de adolescentes aderem às idéias de Mao e Lin, formando, em 18/8/1966, as Guardas Vermelhas, visando levar adiante o processo de reeducação das massas e dos dirigentes partidários. Mas, na prática, elas serão um instrumento repressivo nas mãos do setor mais radical do partido. Calcula-se que o saldo das perseguições tenha sido de 20 milhões de mortes.

CUBA

Sua política, antes de 1959, caracteriza-se pela corrupção, incompetência administrativa, irresponsabilidade fiscal e indiferença pela população de origem africana, cujas tentativas de fazer valer seus direitos são reprimidas com violência. No fim da guerra de independência contra a Espanha, a Emenda Platt (1901) coloca a ilha sob protetorado americano, em estado de total sujeição econômica. Os ditadores que dominam o país entre 1909 e 1959 contam com amplo apoio de Washington. Dentre eles, os mais autoritários são Gerardo Machado (1925–1933) e Fulgencio Batista (1940–1944 e 1952–1959). A prosperidade dos anos 20/50, baseada na exploração do açúcar, do turismo e do jogo, enriquece uma minoria privilegiada, mas a população vive em extrema pobreza: em 1958, a renda per capita é de US$ 353; o trabalhador médio

ganha US$ 91 por ano; e as firmas estrangeiras controlam 75% das terras cultiváveis, 90% dos serviços e 40% da produção de açúcar.

A revolução – A tentativa de mobilizar o descontentamento de alguns setores do Exército para derrubar Batista é feita pelo advogado Fidel Castro Ruz; mas fracassa, em 26/7/1953, na tomada do quartel de Moncada, em Santiago de Cuba. Preso juntamente com seu irmão Raúl, e condenado a catorze anos de prisão, é anistiado em 1954, partindo para o México, onde organiza um grupo guerrilheiro. Em 2/12/1956, desembarca na província de Oriente, mas é derrotado pelas tropas governistas. Os sobreviventes, chefiados por Castro e pelo argentino Ernesto "Che" Guevara, refugiam-se na Sierra Maestra e, ao cabo de dois anos de luta, controlam toda a ilha, entrando em Havana em 1º/1/1959.

O castrismo – Os planos políticos dos revolucionários são vagos. Praticamente sem apoio externo e nenhuma experiência administrativa, baseiam-se no campesinato, no operariado urbano e nas reivindicações da população mestiça, adotando um socialismo pragmático que visa à igualdade e justiça social através de reformas nos setores agrário, educacional e de assistência social. Mas não são convocadas eleições e a instituição política criada, o Partido Unido da Revolução Socialista (PURS), hoje o PC cubano, segue o modelo do Leste europeu. Embora Osvaldo Dorticós Torrado seja designado presidente em jul. de 1959, é Castro quem continua com o poder.

Pressões dos EUA – A nacionalização das empresas americanas e a orientação ideológica do novo governo atraem a hostilidade de Washington, que, em 1960, reduz a cota de importação do açúcar cubano; em 1961, decreta embargo comercial, rompe relações com Havana e patrocina, em Playa Girón, na baía dos Porcos, um fracassado desembarque de exilados cubanos e mercenários treinados pela CIA (abr.). Em jan. de 1962, os EUA convencem a OEA a expulsar Cuba e, em out., a notícia de que a URSS está instalando mísseis na ilha provoca uma crise internacional, com a ameaça americana de ataque nuclear. Os armamentos têm de ser retirados.

Alinhamento com o Kremlin – Essas pressões fazem com que Havana se aproxime da URSS; mas a ajuda soviética é incapaz de fornecer ao país a assistência tecnológica de que precisa; e as deficiências na mecanização da agricultura, aliadas à escassez de mão-de-obra especializada e às freqüentes más condições climáticas, mantêm precária a economia. Paralelamente, o controle do poder por Castro intensifica-se: o PURS é fundido com o antigo PC cubano (fundado em 1925) e transformado em uma estrutura monolítica.

Era Nuclear

Após a descoberta da fissão nuclear, por Otto Hahn, na Alemanha, em 1938, um grupo de físicos, entre os quais Albert Einstein, pede ao pres. Roosevelt que autorize pesquisas para a fabricação de uma bomba atômica. Em 1942, Enrico Fermi põe em funcionamento, em Chicago, um reator nuclear no qual, com Arthur Compton, obtém, em 2/12, a primeira reação nuclear em cadeia. A partir de 1943, mais de 150 mil cientistas e técnicos trabalham, sob a direção de Robert Oppenheimer, no Projeto Manhattan, o programa atômico americano. Uma fase nova na História é assinalada pela explosão da primeira bomba atômica, em Alamogordo, no Novo México em 16/7/1943. A única utilização militar até hoje é a de 1945, no Japão: as bombas lançadas sobre Hiroxima (6/8, urânio 235, equivalente a 20.000 t de TNT) e Nagasáqui (9/8, plutônio 239) deixam152 mil mortos e 150 mil feridos.

Difusão – O monopólio nuclear americano é rompido, em 14/7/1949, pela explosão da primeira bomba atômica soviética. Em 1952, os EUA explodem a primeira bomba de hidrogênio, no atol de Eniwetok, no Pacífico, enquanto os ingleses a testam em Montebello, na Austrália, em 3/10/1952. A URSS fabrica sua bomba de hidrogênio em 1953 e, em 1954, constrói uma central atômica. Nesse mesmo ano, é lançado o submarino atômico americano *Nautilus*. O "clube nuclear" logo se expande: a França em 13/2/1960; a China em 16/10/1964; e a Índia em 19/5/1974 também testam suas Bombas-A.

Desarmamento – O número crescente de potências atômicas transforma a ameaça de uma catástrofe nuclear em um problema mundial. Em ago. de 1955, na Conferência de Genebra, que estuda a aplicação pacífica da energia nuclear, dezoito detentores de prêmios Nobel advertem para os perigos da guerra atômica. Em 1956, por iniciativa da ONU, é convocada, em Londres, uma conferência das cinco potências para discutir a redução dos armamentos, das Forças Armadas e dos testes atômicos. Crescem os movimentos pacifistas e os pronunciamentos de personalidades como Albert Schweitzer sobre os perigos da radiatividade. Mas a participação de cientistas nessas mobilizações é malvista pelos governos: em 1953, Oppenheimer é julgado por traição após manifestar-se contra a política nuclear americana, opondo-se à fabricação da bomba de hidrogênio.

Em 14/3/1962, começa em Genebra a Conferência sobre o Desarmamento. O Tratado de Não-Proliferação Nuclear, assinado em 1968, entra em vigor em 1º/7/1970; não é aceito pela Índia, França, China, Israel e Brasil; e é ratificado por apenas 43 de seus 62 signatários. A partir de nov. de 1970, os EUA e a URSS discutem, em Helsinque, um acordo de limitação das armas estratégicas. Essas conversações prosseguirão em Genebra.

Imperialismo americano

Durante o governo do gen. Dwight Eisenhower, eleito em 1952 e reeleito em 1956, firma-se a noção de que é permanente o antagonismo EUA/URSS e de que cabe aos americanos lutar pela desagregação do bloco socialista. A "libertação" dos povos sob influência comunista vai-se fazer por meio de alianças com regimes de direita como a Coréia do Sul (1953), Formosa (1954) e Japão (1960). A ameaça comunista faz surgir nos EUA o "complexo industrial-militar", uma aliança entre o Pentágono e os grandes fabricantes de armamentos, responsável, no pós-guerra, pela corrida armamentista.

O Estado militarista – Depois da Guerra da Coréia, os EUA interferem nas crises de Formosa, da Hungria e do canal de Suez, o que intensifica a Guerra Fria. A partir de 1957, em resposta à tese soviética da "coexistência pacífica", o secretário de Estado John Foster Dulles adota uma atitude mais conciliadora. As visitas do vice-pres. Richard Nixon à URSS e à Polônia, em 1960, e de Nikita Kruchóv aos EUA representam uma pausa na escalada militarista que terá continuidade nos governos de John Kennedy, Lyndon Johnson e Richard Nixon. Em 1960, tornam-se tensas as relações com Cuba, e a viagem de Eisenhower pelo Oriente Médio deixa patente a extensão do antiamericanismo no mundo.

Política interna – A censura oficial do Senado põe fim ao terror macarthista. São adotadas medidas de integração racial, em resposta à acusação internacional de que há contradição entre a discriminação e o papel de defensor da democracia que o país quer assumir. Mas a lei de 1954 que obriga a integração nas escolas provoca boicotes no Sul, causando a intervenção em Little Rock, no Arkansas, em 1967, na mesma época em que o Senado aprova, por 72 x 18, a Lei de Defesa do Direito de Voto dos Negros.

GOVERNO KENNEDY

O candidato democrata, eleito com 50,1% dos votos, cerca-se de tecnocratas, entre os quais o secretário de Estado, Dean Rusk, o min. da Defesa, Robert McNamara, e o embaixador na ONU, Adlai Stevenson. O aumento do orçamento estatal e a expansão industrial financiam o programa de intervenção nos países em desenvolvimento e os projetos espaciais e de rearmamento. A política

externa, visando à contenção do socialismo, aumenta o arsenal nuclear e convencional dos EUA e procura respeitar o direito dos aliados a participar de decisões que afetem a estratégia do bloco capitalista (mas a proposta de uma "associação atlântica" com a Europa Ocid. cria atritos com a França, que, em 1965, retira-se da parte militar da OTAN). São criados programas de ajuda ao Terceiro Mundo – o Peace Corps e a Aliança para o Progresso – com o objetivo de "realizar a revolução pacífica na América Latina". Mas 1962 é um ano de crises internacionais: a declaração de que os EUA não permitirão a intervenção soviética na Guerra do Congo; a participação na Guerra do Laos; o envio de "conselheiros militares" a Saigon, dando início ao processo que leva à Guerra do Vietnã; e a invasão frustrada da baía dos Porcos e a crise dos mísseis em Cuba.

Sua política econômica entra em choque com os sindicatos e magnatas do aço, petróleo e armamentos. Segundo alguns autores, forças contrárias a ela estariam por trás de seu assassinato, em Dallas, em 22/11/1963, embora a Comissão Warren, que investiga o crime, conclua ter sido Lee Oswald o único responsável. Essa conclusão, entretanto, entra em processo recente de reavaliação, sobretudo após o filme *JFK: a pergunta que não quer calar* (1990), de Oliver Stone, levando à abertura dos arquivos sobre o crime.

GOVERNO JOHNSON

Terminado o mandato de Kennedy, é eleito em 1964, derrotando o ultraconservador Barry Goldwater. A Doutrina Johnson, de combate ao comunismo, prega a intervenção em países da área de influência dos EUA que corram o risco de se tornar comunistas. Isso leva à intervenção na Rep. Dominicana (28/4/1965) e ao desencadeamento da Guerra do Vietnã, acarretando protestos internacionais e a condenação por grupos de intelectuais no mundo inteiro.

Questão racial – A marcha sobre Washington (28/8/1963), organizada pelo pastor negro Martin Luther King, reúne milhares de pessoas numa passeata pacífica pela igualdade dos direitos civis. Essa igualdade é formalizada pela lei de 2/8/1964 contra todas as formas de discriminação; mas sua aprovação provoca protestos nos Estados do Sul, levando a sérios distúrbios. A revolta dos guetos negros de Los Angeles, estimulada pelos militantes dos Panteras Negras, é violentamente reprimida pela polícia em ago. de 1965.

Violência política – Além de Kennedy, são assassinados o pastor Luther King, em Memphis, no Tennessee, em 4/4/1968; e o sen. Robert Kennedy, candidato à indicação democrata para as eleições presidenciais, em Los Angeles (5/6/1968).

GOVERNO NIXON

Derrotando o democrata Hubert Humphrey, o candidato republicano acelera as conversações de Paris sobre o Vietnã; mas intensifica os bombardeios com napalm e armas químicas e estende as hostilidades ao Laos e ao Camboja. É o período das maiores arbitrariedades americanas no Vietnã, como o massacre da aldeia de My Lai.

A Distensão – A doutrina formulada pelo secretário de Estado Henry Kissinger decreta o fim da política de blocos e o advento de uma nova ordem internacional baseada na multipolaridade de alianças. Esses princípios levam Nixon a aproximar-se da China, que visita de 21 a 28/2/1972. Vai também à URSS (22 a 30/5/1972), lançando as bases para acordos sobre desarmamento. Em seu segundo mandato, Nixon faz assinar o Tratado de Paris (27/1/1973), que põe fim à presença americana no Vietnã. Entre 17 e 25/6/1973, Leonid Bréjnev assina, nos EUA, acordos de limitação de armas estratégicas. É um período de grande distensão Leste/Oeste.

Caso Watergate – Durante a campanha de 1972, assessores de Nixon são surpreendidos instalando escutas na sede democrata, no edifício Watergate, em Washington. A investigação, autorizada diante da campanha feita pelo *Washington Post*, revela o envolvimento de colaboradores diretos do presidente, que são demitidos e processados. Em 8/8/1974, antes que o *impeachment* seja votado, Nixon renuncia e é substituído por seu vice, Gerald Ford – cuja primeira medida é assinar uma anistia para todos os crimes que ele possa ter cometido.

Guerra do Vietnã

Desde fev. de 1955, os EUA, aliados de Ngo Dinh Diem – católico e favorável à contenção do comunismo na Ásia –, tinham começado a treinar sul-vietnamitas para lutar contra o *Vietminh*. Em out. de 1955, Ngo destrona o imp. Bao Dai e proclama-se presidente do Vietnã do Sul. A resistência a seu regime organiza-se na Frente Nacional de Libertação (FNL), em dez. de 1960, e no Exército vietcong, em fev. de 1961. Em resposta, Kennedy aumenta para 15 mil o número de conselheiros militares no Sul.

A intervenção – É decidida em 1963, por Johnson, após o assassinato de Ngo. Em out. de 1964, o comandante-em-chefe americano, gen. William Westmoreland, chefia 148 mil homens; em 1969, esse número aumenta para 541 mil. Quando os vietcongs ocupam Huế, em jan. de 1968, Johnson manda suspender os bombardeios. Em mai. de 1968, iniciam-se, em Paris, as conversações Hanói/Washington, ampliadas, no ano seguinte, com a participação de Saigon e da FNL; mas arrastam-se porque os EUA recusam a exigência de Hanói de que suas tropas sejam retiradas. Os protestos dos pacifistas criam, para Washington, uma situação insustentável.

Internacionalização – Desde mai. de 1964, os EUA tinham começado a bombardear as regiões controladas pelo *Pathet Lao*, para destruir a Trilha Ho Chi Minh, dentro do território laociano, usada pelos norte-vietnamitas para transportar tropas e suprimentos para os vietcongs. Ao mesmo tempo, a máquina de guerra americana apoiava o Exército real laociano, de Suvana Fuma, contra os esquerdistas, situação que só teria fim com um acordo assinado em 21/2/1973. Em mar. de 1970, com o pretexto de destruir "santuários" comunistas, o pres. Richard Nixon, de comum acordo com o gen. Lon Nol, que derrubara o princ. Sihanuk, ordena bombardeios às áreas do Camboja ocupadas pelo Khmer Vermelho. Decide ainda ataques de intensidade sem precedentes a Hanói (mar., out. e dez. de 1972), em represália pela tomada de Quang Tri pelos vietcongs.

Acordo de Paris – Negociado pelo sec. de Estado Henry Kissinger e pelo chanceler norte-vietnamita Le Duc Tho, só é obtido em 27/1/1973. Estabelece o cessar-fogo, a retirada das tropas americanas, a convocação de eleições gerais no Vietnã do Sul e a libertação dos prisioneiros de guerra (595 americanos, 26 mil sul-vietnamitas e 4 mil membros da FNL). Os EUA perdem 45.941 soldados, têm 300.635 feridos e 1.811 desaparecidos em ação (até hoje afirma-se que há homens presos em vários locais do Sudeste Asiático). Não há estatísticas seguras sobre as baixas vietnamitas, mas sabe-se que ultrapassaram 180 mil.

Vietnamização – Com a retirada americana, o governo de Nguyen Van Thieu se enfraquece diante do avanço das tropas vietcongs: em 21/4/1974, ele renuncia e foge para os EUA. Em 30/4/1975, o gen. Duong Van Minh assina a capitulação. Saigon é rebatizada como Cidade de Ho Chi Minh e, no ano seguinte, o país é unificado.

Guerra do Camboja

Em 15/8/1973, ao se encerrarem as atividades militares dos EUA no país, o gen. Lon Nol proclama-se pres. da República e dá início à luta contra o Khmer Vermelho, ao qual tinha-se aliado Sihanuk, por ele deposto (18/3/1970). As atitudes arbitrárias do governo, a crise econômica e o corte da ajuda americana enfraquecem Lon Nol, que renuncia (30/3/1975) e foge para os EUA. Em seguida, o Khmer Vermelho entra em Fnom Penh.

Genocídio – Sihanuk volta ao país em 24/4/1975 e, nas eleições de mar. de 1976, torna-se presidente do Presidium. Pouco depois, anuncia a decisão de se retirar da vida política. Mas fica patente, quando é posto em prisão domiciliar, que se desentendera com a liderança do partido. Só depois da queda do Khmer é que pode asilar-se em Pequim. É impossível avaliar com exatidão os custos humanos da política isolacionista imposta ao Camboja pelo governo de Pol Pot e Khieu Samfan, que assumem em 14/4/1976. Há execuções em massa, principalmente de pessoas com educação superior, consideradas "oposicionistas em potencial"; e a estratégia de remoção compulsória de enormes contingentes humanos das cidades para o campo também faz incontável número de vítimas (a população baixa de 8 milhões, em 1975, para não mais de 4,5 milhões, segundo estimativas do atual governo cambojano). No campo de Khum Ruolos, próximo à capital – hoje transformado em museu –, é encontrado um cemitério clandestino no qual estão as ossadas de milhares de pessoas executadas.

Fim do Khmer – Em 3/12/1978, é fundada, em Hanói, a Frente Unida de Salvação Nacional do Camboja (FUNSK), presidida pelo gen. Heng Samrin, que, em mai. de 1978, chefiara um golpe abortado contra Pol Pot. A FUNSK propõe: a convocação de eleições para uma Assembléia Nacional; o restabelecimento da liberdade de movimento, domicílio, associação e religião; a implantação de uma economia de mercado; a reabertura dos bancos e a emissão de moeda (suprimida desde 1975) e o fim do isolacionismo. Sua luta progride rapidamente, com a ajuda do Vietnã e de guerrilheiros dentro do território cambojano. Em 7/1/1979, Fnom Penh cai em seu poder. Os dirigentes do Khmer fogem para a China ou Coréia do Norte. Em 11/1/1979, é proclamada a República Popular.

Negociações – No entanto, o novo governo não é internacionalmente reconhecido: só a Índia o faz, em 7/7/1980, após a eleição de Indira Gandhi. Pol Pot e seu chanceler, Ieng Sari, continuam, assim, a apresentar-se, inclusive na ONU, como os legítimos representantes do país e a mobilizar-se visando ao retorno a Fnom Penh. Com esse objetivo, no fim de 1982, Khieu Samfan, que em 17/12/1979 derrubara Pol Pot da chefia do Khmer, assina com o princ. Sihanuk o acordo de formação de um governo no exílio, do qual o príncipe ficaria como presidente. A esse acordo adere também o ex-min. Son Sann, líder da Frente Nacional de Libertação do Povo Cambojano (*Khmer Serei*), criada em Paris em 12/10/1979. Têm início uma prolongada fase de negociações, a que se associará, a partir de 1987, o 1º-min. Hun Sen, do governo de Heng Samrin, e que levará a um acordo em 23/10/1991.

América Latina

Após a II Guerra Mundial, a região assiste à instalação de diversas ditaduras com apoio dos EUA, sob o pretexto de combate ao comunismo. O advento da Guerra Fria acentua a tendência, originária do caudilhismo, a excluir as massas de qualquer participação política. As elites agrárias e, em alguns países, a nascente burguesia industrial aliam-se ao capital estrangeiro, em particular ao americano, para se consolidar no poder. Nesse período, as experiências democráticas são bastante restritas no continente. A política dos EUA, de Eisenhower a Nixon, favorece a permanência no poder de ditadores como o dominicano Leônidas Trujillo, o nicaragüense Anastasio Somoza, o haitiano François Duvalier ou o paraguaio Alfredo Stroessner; e golpes militares na Argentina, Uruguai e Brasil. Esses regimes prolongam-se até os anos 70, como aliados na luta contra o comunismo.

Fábrica de ditaduras – A instalação, em Washington, na década de 50, do Colégio Interamericano de Defesa, destinado a coordenar as atividades das Forças Armadas continentais, e a criação, em 1961, na Zona do Canal do Panamá, da Escola do Exército Americano para as Américas põem em prática a política anticomunista. Em dez anos, a Escola das Américas, verdadeiro centro formador de quadros para as ditaduras, diploma 33.147 oficiais latino-americanos.

ARGENTINA

Em 1943, após o golpe do gen. José Uriburu, o cel. Juan Domingo Perón, nomeado secretário do Trabalho, realiza reformas sociais e econômicas; mas é preso pelos militares, assustados com a sua popularidade. É libertado após intensa pressão popular, dirigida pela artista de rádio Eva Duarte. Em 1946, Perón vence as eleições e casa-se com Evita, que o ajuda a fazer um governo populista, firmando, com a indústria e os sindicatos, o Pacto Justicialista, que estabelece uma política de equilíbrio entre salários e preços, em troca da contenção de greves. Evita morre em 26/7/1952 e Perón, após enfrentar acusações de imoralidade e corrupção e frustrar vários golpes, é deposto em 1955 e parte para o Paraguai. A Argentina atravessa uma fase de governos militares que perdura até a volta do peronismo. Em 1973, Hector Cámpora elege-se prometendo renunciar em favor de Perón.

Regime militar – O velho líder volta a Buenos Aires e torna-se presidente. Mas uma onda crescente de atentados abala o país. Após sua morte, em 1974, assume sua vice e terceira esposa, María Estela (Isabelita) Martínez de Perón. A crise econômica desestabiliza seu governo; terroristas de esquerda e de direita promovem atentados, roubos, seqüestros e assassinatos. Em 1976, ela é deposta; assume o gen. Jorge Rafael Videla (29/3), que a coloca em prisão domiciliar. Começa a "guerra suja", responsável por prisões arbitrárias, torturas, seqüestros, assassinatos e desaparecimentos de oposicionistas.

CHILE

Ao governo liberal do democrata-cristão Eduardo Frei Montalva segue-se, em 1970, o do socialista Salvador Allende Gossens, eleito pela coalizão de esquerda Unidade Popular. A nacionalização das empresas estrangeiras, em especial de mineração do cobre, faz os EUA se empenharem na desestabilização do regime, principalmente depois do incremento das relações comerciais com a URSS e a China. O aumento da pressão americana impulsiona o golpe do gen. Augusto Pinochet Ugarte, em 11/9/1973, que culmina com a morte de Allende.

Sob Pinochet – O general nomeia-se chefe supremo do Estado e devolve a seus antigos donos as empresas nacionalizadas; só permanecem em poder do Estado as indústrias de valor estratégico: cobre, ferro, carvão e hidrelétricas. São adotadas medidas repressivas, denunciadas no exterior por violarem os direitos humanos. O repúdio internacional cresce com o atentado realizado em Washington, em 21/9/1976, pela DINA, a polícia política chilena, em que morrem o ex-chanceler e ex-embaixador nos EUA Orlando Letelier e sua secretária, Ronnie Moffit. A recusa de Santiago em punir o responsável, gen. Manuel Contreras, concorre para que a Assembléia Geral da ONU condene o regime.

Oriente Médio

A proclamação da independência da Síria, em 27/9/1941, e do Líbano, em 26/11/1941, o fim do mandato britânico na Transjordânia, em mar. de 1946, a aprovação da partilha da Palestina pela ONU, em 29/11/1947, e a fundação do Estado de Israel, em 7/5/1948, marcam o início de um período de conflitos entre os Estados da região, incapazes de encontrar soluções para os problemas deixados pela desintegração dos impérios coloniais.

QUESTÃO PALESTINA

A região, anexada pelo Império Otomano em 1517, é colocada sob mandato britânico em 1916, pela Liga das Nações. Há ali, nesse período, 1,3 milhão de descendentes dos antigos filisteus (filastin) e dos árabes vindos na época da conquista de Jerusalém e Cesaréia pelos califas

de Bagdá (638–640). Após a I Guerra, eles lutam contra a ocupação britânica e a colonização judaica, iniciada em 1882 com a instalação, perto de Jaffa, de Rishon le-Zion, subvencionada pelo barão de Rotschild.

A partilha – A ONU aprova a divisão do território como única forma de solucionar o conflito entre 1,3 milhão de árabes e os imigrantes judeus (100 mil em 1914, 700 mil em 1947), decidindo a criação de dois Estados: um judeu, com 10 mil km², incluindo a Galiléia Oriental, a faixa que vai de Haifa a Telavive e a região do deserto do Nêguev até o golfo de Ácaba; e outro árabe, com 11.500 km², incluindo a Cisjordânia e a Faixa de Gaza; Jerusalém teria status internacional.

A guerra – A recusa da Liga Árabe em aceitar essa divisão leva à guerra de 1948/49, que resulta na anexação da Cisjordânia por Israel e no controle do Egito sobre a Faixa de Gaza. Os extremistas israelenses do Irgun e do Grupo Stern exercem também os mais variados mecanismos terroristas para expulsar os palestinos dos territórios ocupados (inclusive o massacre de todos os 254 habitantes da aldeia de Deir Yassin, em 9/4/1948, a que se segue um êxodo palestino de grandes proporções). Os 300 mil que permanecem transformam-se em cidadãos de segunda classe, com direitos limitados, submetidos, até 1966, ao regime de governo militar.

Organizações – Criada em 1959, sob a liderança de Yasser Arafat, a *al-Fatah* é um grupo que visa à criação de um Estado palestino por meio da luta armada. Em 1964, durante a Conferência de Cúpula Árabe de Alexandria, os presidentes Gamal Abdel Nasser, do Egito, Ahmed ben Bella, da Argélia, e Habib Burguiba, da Tunísia, patrocinam a criação da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), chefiada por Ahmed Chukeiri e, a partir de 1968, por Yahia Hamuda. A crescente atividade terrorista palestina é uma das causas da Guerra dos Seis Dias (5 a 10/6/1967), depois da qual surgem duas novas facções, contrárias à OLP: a *al-Saica* (pró-Síria), de Zoher Mohsen; e a radical Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), de Georges Habache. Em 1969, Arafat assume a chefia da OLP; nesse mesmo ano, ocorre a cisão da FPLP, surgindo a Frente Democrática Popular para a Libertação da Palestina (FDPLP), de Neif Hauatmê. Com o passar do tempo, outras cisões fragmentam ainda mais o movimento palestino.

Êxodo para o Líbano – Em 1970, o rei Hussein ordena a expulsão dos palestinos instalados na Jordânia (Setembro Negro), e grandes contingentes deles refugiam-se no sul do Líbano, onde se tornam alvo de ataques israelenses. Mais do que isso, sua presença agrava as divergências entre cristãos e muçulmanos, tornando-se uma das causas da Guerra Civil de 1975/76. Em 1973, a Conferência de Cúpula Árabe de Argel reconhece a OLP como única representante legítima do povo palestino; em 10/11/1975, a ONU estabelece que ela deveria participar de todas as negociações de paz sobre o Oriente Médio. Israel, entretanto, recusa a resolução da ONU de que seja criado, em Gaza e na Cisjordânia, um território palestino de acordo com as fronteiras de 1947.

Acordo de Camp David – Como resultado da crise energética provocada pelo embargo do petróleo árabe em 1974, em represália pela derrota egípcio-síria na Guerra do Yom Kippur, no ano anterior, observa-se uma mudança de atitude dos EUA e dos países europeus, que, até então, negavam a existência ou negligenciavam a importância do problema palestino. O pres. Jimmy Carter patrocina a reaproximação Egito/Israel, mas nunca chega a pressionar seriamente Israel quanto à concessão de autonomia regional aos territórios ocupados ou à instalação, nessas áreas, de colônias judaicas – cuja criação tinha sido proibida pelo Acordo de Camp David, assinado em 1978 por Menahem Beguin e Anuar Sadat. Por um lado, as negociações são dificultadas pela política israelense de "ataques preventivos" aos palestinos no sul do Líbano. Por outro, fortalece-se, dentro da OLP, a linha moderada chefiada por Arafat contra os radicais da FPLP e da FDPLP, favoráveis à Frente de Rejeição, dos países árabes que condenam a paz Egito/Israel. As posições moderadas de Arafat fazem com que receba o apoio do 1º-min. austríaco, Bruno Kreisky, de Willy Brandt, presidente da Internacional Socialista (jul. de 1977), e, em seguida, dos governos da Espanha e da França.

A expulsão – O cerco de Beirute Ocidental, durante a invasão israelense do Líbano (jun. de 1982), força a OLP a retirar seus combatentes da capital libanesa e enviá-los, a partir de 20/6/1982, para países árabes vizinhos. Mas o assassinato, em 14/9, do comandante falangista Bechir Gemayel – eleito presidente do Líbano em 24/8/1982 – dá às tropas israelenses o pretexto para que ocupem efetivamente Beirute Ocidental. É ali que, em 29/9, os israelenses permitem aos milicianos cristãos, chefiados por Elie Hobeika, entrarem nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, onde promovem um dos maiores massacres da história recente do Líbano (em 8/2/1983, a Comissão de Inquérito israelense responsabiliza diretamente o governo Beguin pelo morticínio e exige a exoneração do min. da Defesa, Ariel Sharon, do chefe do Serviço de Informação do Exército, Yeoshua Saguy, e do chefe do Estado-Maior do Exército, Rafael Eytan).

Divergências – As negociações de Arafat para a retirada dos combatentes de Beirute desagradam aos radicais da OLP, que passam a criticar sua autoridade centralista e a acusar a cúpula da organização de corrupção. Quando Arafat concorda em iniciar, com o rei Hussein, conversações sobre o Plano Reagan de Paz, que propõe a criação de um Estado palestino confederado à Jordânia, estoura, no vale libanês do Bekaa, uma rebelião chefiada pelo comandante Abu Mussa (mai. de 1983), que conta com o apoio da Síria e da Líbia, contrárias a qualquer entendimento entre a OLP e Israel. Em 23/7, Arafat é expulso de Damasco e seus combatentes são retirados para o porto libanês de Trípoli. Ali ficam sitiados até 20/12, data em que, ao ser retirado da cidade sob escoltas francesa e americana, Arafat faz uma escala no Cairo, onde recebe apoio formal do pres. Hosni Mubarak.

Negociações – Em 11/2/1985, Hussein e Arafat assinam um documento pelo qual a OLP se compromete a aceitar a Resolução 242 da ONU – sempre recusada, pois dá aos palestinos o status de "refugiados", o que os impede implicitamente de exigir a autodeterminação. Para isso, impõe como condições: que Israel se retire dos territórios ocupados; reconheça o direito palestino à autodeterminação no contexto da formação de um Estado confederado; e que sejam feitos esforços concretos para resolver o problema dos refugiados, no quadro de uma conferência internacional da qual participem os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU e na qual a OLP se integre como membro de uma delegação conjunta jordaniano-palestina. Mas Telavive afirma que só negociará com representantes da Cisjordânia e de Gaza; e os EUA negam-se a tratar com a OLP antes que ela tenha reconhecido Israel. A saída para esse impasse só começará a se delinear em 30/10/1991.

A ruptura Arafat/Hussein – Aos obstáculos diplomáticos juntam-se atos terroristas que levam Israel, em represália, a bombardear a sede da OLP em Túnis (1º/10/1985). Esses fatos dificultam ainda mais as negociações, criando desentendimentos que resultam, em jul. de 1986, na ruptura entre Arafat e o rei Hussein e no fechamento dos escritórios que a OLP mantinha em Amã.

A Intifada – Rebelião que, desde 1987, agita a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, na tentativa de impedir o estabelecimento de novas colônias judaicas nos territórios ocupados e de garantir os direitos da população palestina. A ação em particular dos fundamentalistas do grupo Hamas faz o governo israelense reativar a política, suspensa em ago. de 1989, de expulsão dos dirigentes palestinos nessas áreas: em 13/1/1988, Jibril Mahmud Rajub, Hassan Hadar, Bechir Ahmed Khaira e Jamal

Jabar são deportados para o sul do Líbano. Paralelamente, os vingadores sionistas da extrema direita israelense matam árabes em represália pela Intifada. O assassinato em Túnis de Abu Jihad, o "nº 2" da OLP (16/4/1988), erroneamente atribuído ao *Mossad* (o serviço secreto israelense), provoca protestos que culminam, em 9/3/1989, numa das maiores confrontações em três anos de Intifada: 55 palestinos são feridos a bala.

O Estado Palestino – Em 31/7/1988, o rei Hussein renuncia à soberania jordaniana sobre a Cisjordânia. Cria-se, com isso, a necessidade de que as negociações, agora, sejam obrigatoriamente feitas entre Israel e a OLP, que passa a ser a única representante dos interesses palestinos. Isso cria condições para que o Conselho Nacional Palestino aprove a proclamação de um Estado independente na Cisjordânia e Gaza e a formação de um governo provisório no exílio (14/11) – decisões que são rejeitadas por Israel. A declaração de Arafat, em 13/12, de que a OLP aceita a Resolução 242 do Conselho de Segurança da ONU, que pede o reconhecimento palestino da existência do Estado de Israel, abre caminho para que, em 16/12, uma delegação americana encontre-se pela primeira vez, em Túnis, com membros da OLP, para discutir a crise do Oriente Médio. Em 31/3/1989, o Comitê Central da OLP elege Arafat pres. provisório no exílio.

CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE

A idéia da restauração de um Estado judeu ganha força em meados do séc. XIX, particularmente entre os judeus russos, vítimas de numerosas medidas discriminatórias e dos *pogrom*, campanhas sistemáticas de perseguição. A repercussão do caso Dreyfus – erro judiciário causado, na França, pela intolerância anti-semita – impulsiona o intelectual judeu russo Theodor Herzl a pregar, em 1895, a necessidade da criação de um Estado judeu. No Congresso Israelita Internacional de Basiléia, em 1897, funda o Movimento Sionista, cujo objetivo é o retorno à Palestina. Subvencionados por ele, milhares de judeus emigram para essa região; em 1914, já somam 100 mil, espalhados por colônias agrícolas.

Origens – Em 21/11/1917, o chanceler britânico lorde Arthur Balfour anuncia que seu país favorecerá a instalação de um lar nacional judeu na Palestina, após o término da I Guerra Mundial. Em 1922, ao entregar aos britânicos a administração da área, a Liga das Nações exige que levem adiante a Declaração Balfour. Distúrbios antijudaicos levam os ingleses, em 1929, a tentar restringir a imigração, o que desencadeia protestos dos sionistas. A perseguição anti-semita na Alemanha aumenta o número de imigrantes, legais ou ilegais, acentuando a tensão, que se agrava quando os árabes recusam, em 1937, a criação de Estados separados, com a manutenção de uma área sob mandato. A oposição judaica à presença britânica e a campanha de grupos terroristas como o Irgun ou o Stern, contra ingleses e árabes, fazem com que a ONU, em nov. de 1947, decida pela partilha da Palestina.

Guerra de 1948–1949 – A Liga Árabe não aceita essa decisão: um dia após a proclamação da independência de Israel, em 7/5/1948, e do fim da ocupação britânica, o país é invadido por Egito, Iraque, Transjordânia, Líbano e Síria. De jul. de 1948 a jan. de 1949, os israelenses ocupam a Galiléia e o deserto do Nêguev, estendendo suas fronteiras até o limite com o Egito. Os armistícios de fev. e jul. dividem Jerusalém e fixam fronteiras com o território destinado pela ONU a ser o Estado palestino. Ele é anexado pela Transjordânia, constituindo-se, assim, a atual Jordânia.

Guerra de 1956 – Esse conflito cria o problema dos refugiados palestinos – 875 mil em 1º/4/1949 –, que não são reintegrados nem por Israel, que se recusa a ter em seu meio elementos hostis, nem pelos países árabes, pois isso equivaleria a reconhecer a partilha da Palestina. A tensão nas fronteiras agrava-se a partir de 1952, com o projeto israelense de utilização das águas do rio Jordão para irrigar o Nêguev. O crescente prestígio do pres. egípcio Gamal Abdel Nasser, a ajuda militar soviética a seu regime e a nacionalização do canal de Suez pelo Egito fazem com que Israel, julgando-se ameaçado, declare a guerra, em 29/10/1956, com apoio tácito da França e da Grã-Bretanha. Em uma semana, a península do Sinai é conquistada e garante-se o controle sobre o golfo de Ácaba. Em 5/11, a ONU cria uma Força de Emergência de 4.500 homens para supervisionar o cessar-fogo.

Guerra dos Seis Dias – Nos anos seguintes, a ação terrorista palestina agrava a tensão. Em 17/5/1967, Nasser exige a retirada das tropas da ONU, fecha o golfo de Ácaba, bloqueando o porto israelense de Eilat, e assina um acordo militar com a Jordânia. Em 5/6, Israel ataca o Egito, a Jordânia e a Síria, conquistando rapidamente a península do Sinai até o canal de Suez, a Cisjordânia e as colinas de Golan. O cessar-fogo, decretado pela ONU, é acatado pelos países árabes entre 7 e 10/6; mas Israel não retira suas tropas dos territórios que ocupou.

Guerra do Yom Kippur – A ocupação torna-se, assim, novo foco de tensão para o Oriente Médio e é a causa do conflito que se inicia em 6/10/1973, no *Yom Kippur* (o Dia do Perdão), a maior festa do calendário religioso judaico. A Síria, ao norte, ocupa as colinas de Golan, enquanto os egípcios cruzam o canal de Suez, avançando 15 km para dentro do território inimigo. Forçam os israelenses a abandonar a linha de fortificações de Bar-Lev, tomam os campos de petróleo de Balayim e controlam toda a área do canal, de Port Said a Suez. O contra-ataque israelense faz recuar os egípcios e destrói aeroportos militares sírios. Damasco é bombardeada; instalações de artilharia e bases de lançamento de mísseis são destruídas do lado oeste do canal e o Exército sírio é obrigado a recuar até a linha do cessar-fogo de 1967. O acordo de paz é assinado, em 22/10, com a intervenção de Richard Nixon e Leonid Bréjnev. Mas novos choques dentro do Egito valem a Israel a acusação de romper a trégua e exigem a formação de uma tropa da ONU para supervisionar o cessar-fogo. Entre 1973 e 1975, outros acordos são assinados com a Síria e o Egito.

Crise do petróleo – A ocupação dos territórios palestinos terá como represália a decisão da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), tomada no Kuweit, em 17/10/1973, de embargar o fornecimento do petróleo árabe ao Ocidente. Em 23/12, anuncia-se que, a partir do ano seguinte, o preço do barril será aumentado de US$ 5,11 para US$ 11,65. Essas decisões são desestabilizadoras para toda a economia mundial.

GUERRA NO LÍBANO

Em sua origem está o Pacto Nacional de 1934, acordo não escrito entre os cristãos (maronitas, armênios e ortodoxos) e os muçulmanos (drusos, sunitas e xiitas), estimulado pela França, que mantém o controle do país até 1945. Por esse pacto, cada grupo teria a parcela do poder correspondente a sua força numérica. Essa divisão, entretanto, baseia-se em um recenseamento manipulado pelos franceses, provando artificialmente a superioridade da comunidade maronita. As melhores posições na economia e na política ficam, assim, nas mãos dos cristãos, de fala e cultura francesas e posições direitistas. Mas, à medida que cresce a população muçulmana, de cultura árabe e politicamente de esquerda, aumentam as divergências. A tensão é agravada, em 1970, com o estabelecimento, no sul do país, dos palestinos expulsos da Jordânia durante o Setembro Negro: enquanto os muçulmanos aliam-se a sua causa, o Partido Falangista Cristão opõe-se a sua permanência.

Guerra civil – Um atentado falangista a um ônibus, em 13/4/1975, em que morrem 27 palestinos e libaneses muçulmanos, desencadeia a luta, na qual se envolve o Exército. O Comitê de Reconciliação Nacional, criado pelos principais grupos políticos e religiosos, fracassa em impedir a violência, pois o que está em questão é a própria

estrutura e divisão do poder. Nem o falangista Pierre Gemayel nem o druso Kamal Jumblatt, do Partido Socialista Progressista, mostram-se dispostos à conciliação. Em 22/1/1976, quando Beirute já está arrasada, uma delegação síria, chefiada pelo chanceler Abdel Halim Khaddam, apresenta uma proposta de cessar-fogo.

Armistício – Estabelece-se a trégua, supervisionada por uma comissão libanesa-sírio-palestina, o cessar-fogo, a repatriação dos refugiados e reformas políticas que atendam às reivindicações muçulmanas. Mas a trégua não é respeitada e o pres. Suleimã Franjiê protela indefinidamente as reformas previstas. Em mar. de 1976, a crise no Exército, desintegrado por rebeliões e deserções em massa, leva o Alto Comando a pedir a Franjiê a decretação do estado de emergência. Como este se recusa a adotá-lo, sua renúncia é exigida. O presidente compromete-se, então, a entregar o cargo a um sucessor se novas eleições forem convocadas.

Troca de alianças – Damasco receia, porém, que o apoio esquerdista à ala das Forças Armadas favorável à renúncia de Franjiê provoque a intervenção israelense e, por isso, rompe com os muçulmanos, passando a apoiar a direita libanesa. Em conseqüência, a *al-Saica*, organização palestina vinculada à Síria, tem de lutar contra a OLP; os EUA, aliados de Israel, são obrigados a apoiar a Síria; e o Egito, um dos Estados árabes mais moderados, é forçado a apoiar os radicais da OLP.

Intervenção – Em abr. de 1976, sob protestos muçulmanos, o cristão Elias Sarkis, conservador apoiado por Damasco, é eleito presidente. Em 1º/6, quando todas as instituições libanesas já estão desintegradas, a Síria invade o país. Mas, com isso, consegue apenas o recrudescimento da guerra: as ameaças dos países árabes de interferirem para pôr fim ao bombardeio das posições palestinas fazem com que navios de guerra franceses, americanos e soviéticos sejam deslocados para o Mediterrâneo. Em 18/10/1976, no Encontro de Riad, com mediação saudita, a Síria reconcilia-se com a OLP; e o Cairo obtém de Damasco a renúncia à tutela do Líbano. Sarkis tem sua autoridade reconhecida e cria-se uma Força de Dissuasão síria, cuja entrada em funcionamento, em 9/11/1976, põe oficialmente fim à guerra civil.

A luta recomeça – Mas o desarmamento decidido pela comissão quadripartite (Egito, Síria, Arábia Saudita, Kuweit) de supervisão da paz não é obedecido e, em 22/2/1977, os combates são retomados, no sul do país, entre palestinos e falangistas. Estes, apoiados por Israel, criam um cinturão em torno das montanhas de Arcub, onde, nos termos do Acordo do Cairo (1969), poderiam concentrar-se as bases da OLP. Em Beirute, o assassinato, em 16/3/1977, do druso Kamal Jumblatt é respondido com o massacre de 64 cristãos. Nos anos seguintes, o conflito passará por fases de extrema intensificação, envolvendo diversos grupos: as Forças Libanesas, coalizão das milícias cristãs; o Amal, da comunidade xiita; o Partido Socialista Progressista, dos drusos; o *Murabitun*, dos milicianos sunitas; e grupos menores, como a milícia *Marada*, do ex-pres. Suleimã Franjiê; os *Hezbolá*, dissidentes xiitas radicais ligados ao Irã; o *al-Tauhid* (anti-Síria); e o Partido Democrático Árabe (pró-Síria) etc.

Guerra crônica – Ao longo da década de 80, fazem-se e desfazem-se alianças entre essas facções; e a crise libanesa é ampliada por questões paralelas, como a dissensão entre as alas pró e antiarafatistas da OLP; a criação do Exército do Sul do Líbano, força cristã pró-Israel; e a atividade, a partir de 1985, do *Jihad-al-Islami*, grupo fundamentalista pró-iraniano responsável pelo seqüestro de estrangeiros. Em 6/6/1982, Israel invade o país para expulsar a OLP de Beirute; mas, em termos globais, a intervenção israelense é um fracasso e suas tropas se retirarão, em 1985, para uma área no sul, ao longo do rio Auali, onde continuarão sendo atacadas pela Resistência Nacional Libanesa. Em 14/9/1982, é assassinado o recém-eleito pres. Bechir Gemayel, substituído, em 21/9, por seu irmão Amin; em represália, os falangistas, com aquiescência israelense, massacram refugiados palestinos nos campos de Sabra e Chatila. Em 1985, Gemayel recusa-se a aceitar o acordo de paz firmado em 9/7, com mediação síria, entre muçulmanos e cristãos moderados, e luta contra os seguidores do falangista Elie Hobeika, que participou da assinatura desse acordo. Paralelamente, desenrola-se a "guerra dos campos": os xiitas do Amal atacam os refugiados palestinos, causando grande número de baixas entre o fim de 1987 e o primeiro semestre de 1988.

Novo acordo – Ao expirar, em 23/9/1988, o mandato de Gemayel, os muçulmanos recusam o cristão gen. Michel Aun, que ele indicou como 1º-ministro, e reconhecem o governo do muçulmano Selim Hoss. A administração cinde-se e o país passa a ter dois chefes de governo e nenhum chefe de Estado, pois não é possível reunir o Parlamento para eleger um sucessor. Nessa nova fase de combates, há episódios como o atentado com o carro-bomba que, em 16/5/1989, mata o grande mufti, xeque Hassan Khaled, máximo líder religioso sunita, defensor da coexistência islamo-cristã. Em 30/9/1989, com mediação da Liga Árabe e da ONU, reúnem-se em Taif, na Arábia Saudita, os 62 deputados libaneses e decidem a maior participação muçulmana no Parlamento e os termos da retirada síria de Beirute. O acordo de Taif permite a eleição, em 5/11/1989, do pres. René Muauad; mas é rejeitado por Aun, mandante da morte de Muauad, assassinado em 22/11. Elias Hraui, eleito em 24/11 para sucedê-lo, cerca, com apoio sírio, o palácio de Baabdá, forçando Aun a render-se em 13/11/1990.

Trégua instável – Em 17/10/1990, é destruída a Linha Verde, que separava os setores cristão e muçulmano de Beirute. Mas o governo Hraui enfrenta vários problemas: a dificuldade em desarmar as diversas milícias; a recusa dos cristãos radicais Samir Geagea e Georges Saadé em participar de um gabinete de reconciliação nacional, solucionada com mediação americana; e a desaprovação das diversas comunidades ao tratado de 16/5/1991, com Damasco, que subordina as principais decisões do governo à aprovação síria. É necessário impor pela força o desarmamento dos grupos palestinos. No segundo semestre de 1991, é negociada com o *Jihad* a libertação de quase todos os reféns estrangeiros.

Atentados e represálias – Em 16/2/1992, para vingar a morte de três soldados emboscados por militantes palestinos, a aviação israelense bombardeia, perto de Tuffahta, no sul do país, um comboio xiita, matando Abbas Mussáui, líder dos extremistas *hezbolá*. Em represália, a União pela Defesa dos Oprimidos e Deserdados executa, em 18/2, o piloto israelense Ron Arad, seqüestrado desde 1986. Isso desencadeia uma série de ataques às aldeias xiitas. Em 17/3, o *Jihad al-Islami* responde com um atentado contra a embaixada de Israel em Buenos Aires, em que há 30 mortos e 250 feridos. Os protestos suscitados por esses fatos abalam o governo Hraui, provocando, em 13/5, a substituição do 1º-min. Omar Karame por Rashid Solh. Os bombardeios israelenses, entretanto, prosseguem, só se interrompendo depois que, em 25/5, as baterias sírias e libanesas abrem fogo em resposta. Essa reação antiisraelense estimula os *hezbolá* a reabrirem as negociações visando a libertar os reféns ocidentais: os dois últimos, Heinrich Struebig e Thomas Kemptner, são soltos (15/6).

Novo Parlamento – Contra esse pano de fundo atribulado, realizam-se, em 22/8/1992, as primeiras eleições legislativas desde a guerra civil: os muçulmanos acusam os cristãos de não quererem a divisão paritária do poder, e estes respondem que o pleito antes da retirada das tropas sírias beneficia os candidatos pró-Damasco. O número de parlamentares, nos termos da lei aprovada em 16/6, é aumentado de 108 para 128; e, entre os deputados empossados em 8/9, há, pela primeira vez, dez fundamentalistas, do *Amal* e do *Hezbolá*.

Milionário no poder – Em 22/10/1992, é designado 1º-ministro um dos homens mais ricos do mundo, o saudita Rafik Hariri, de origem libanesa, cuja fortuna está avaliada em US$ 2,5 bilhões. Embora sem experiência política, é amigo pessoal do rei Fahd, da Arábia Saudita, tem bom trânsito em Damasco e goza da confiança do empresariado local, graças às dezenas de projetos de reconstrução que financiou desde 1990.

REVOLUÇÃO IRANIANA

Em 1977, o Irã sofre forte crise interna: os muçulmanos xiitas opõem-se às reformas implantadas pelo xá Mohamed Reza Pahlevi, alegando que elas corrompem as legítimas tradições islâmicas e só beneficiam a minoria que gravita em torno do poder. E os políticos liberais condenam as arbitrariedades de um regime ditatorial. Em 9/1/1978, é reprimida uma passeata, na cidade sagrada de Qom, pedindo o retorno do aiatolá Ruholá Khomeini – líder máximo dos xiitas, que vivia em Paris, após ter sido expulso, mediante acordo entre Teerã e Bagdá, de seu exílio na cidade sagrada iraquiana de Nadjaf.

Queda da monarquia – Os distúrbios, que se multiplicam nos meses seguintes, fazem com que, em 1º/1/1979, Pahlevi, por pressão dos EUA, transfira o poder para o oposicionista moderado Chapur Baktiar e deixe o país (16/1). Mas Baktiar não consegue controlar a situação e, depois da volta de Khomeini a Teerã, em 30/1, renuncia, para evitar a guerra civil, e foge (11/2). Em 12/2/1979, Mehdi Bazargan, fundador do Conselho Iraniano de Direitos Humanos, assume como 1º-min. provisório.

República islâmica – Na fase pós-revolucionária, o país enfrenta problemas, fruto de interferências externas ou dos choques internos entre grupos rivais que tinham feito alianças táticas para lutar contra o inimigo comum.

Divisão de poderes – Os Comitês Khomeini e os *pasdarans* (a guarda revolucionária) exercem atividades arbitrárias, prendendo, julgando e executando sumariamente os oposicionistas, o que acaba provocando a renúncia de Bazargan em 6/11/1979. O moderado Abulhassan Bani-Sadr, eleito presidente em 25/1/1980, entra em choque com o fundamentalista radical Mohamed Ali Radjai, designado 1º-ministro em 12/8; e tem de exilar-se em 21/6/1981. Na França, forma o Conselho Nacional de Resistência para a Libertação e a Independência do Irã. A queda de Bani-Sadr assinala a consolidação do poder da ala radical do clero xiita.

Terrorismo – Em conseqüência, agravam-se as operações extremistas de grupos como o *Mujahedin-e-Halk*, visando ao governo e ao clero fundamentalista. Em 29/6/1981, bombas matam 72 políticos – entre os quais o aiatolá Mohamed Beheshti, o mais provável sucessor de Khomeini – na sede do Partido Republicano Islâmico. E, em 30/8, numa reunião ministerial, outra bomba mata o recém-eleito pres. Radjai e o 1º-min. Mohamed Djavad Bahonar. Seus sucessores são o *hodjatoleslam* Said Ali Khamenei e Hussein Mussavi, que desencadeiam campanha repressiva contra intelectuais acusados de espionagem para os EUA; membros da comunidade religiosa bahai, hostilizada pelos xiitas; e os militantes do *Tudeh*, o PC iraniano, com quem, até então, o governo coexistia pacificamente (essa perseguição, a partir de 1982, é resultado do maior apoio soviético ao Iraque).

Crise com os EUA – Começa em 4/11/1979: em protesto contra a permissão para que o ex-xá fosse tratar de um linfoma em Nova York, militantes fundamentalistas invadem a embaixada americana em Teerã, aprisionando seus funcionários. Fracassam as gestões diplomáticas, as medidas de pressão e uma tentativa de resgate em 24/4/1980. O seqüestro dura 444 dias e termina em 20/1/1981, com mediação argelina. Em 1991, em Washington, surgirá a denúncia de que, através de seu candidato a vice, George Bush, o pres. Ronald Reagan obtivera de Teerã, em troca da promessa da venda de armas, o compromisso de só libertar os reféns após as eleições americanas, para prejudicar as chances de reeleição de Jimmy Carter.

Guerra com o Iraque – Em 17/9/1980, o pres. Saddam Hussein denuncia o Acordo de Argel, de 1975, que fizera a partilha entre os dois países das águas do Chatt-el-Arab, canal de acesso do petróleo iraquiano ao golfo Pérsico. Em 21/9, aviões entram em combate na região fronteiriça de Qars-e-Shirin; no dia seguinte, tropas iraquianas invadem o país vizinho.

Causas – A questão do Chatt-el-Arab é apenas um pretexto imediato; por trás dela há outros motivos mais complexos: o separatismo curdo, constante ponto de atrito entre Bagdá e Teerã; a preocupação iraquiana com os apelos dos fundamentalistas iranianos à rebelião dos xiitas do Iraque contra o regime sunita de Bagdá; o desejo iraquiano de recuperar territórios perdidos para o Irã em 1975; o apoio de Bagdá ao separatismo da minoria árabe que habita a província petrolífera iraniana do Huzistão; o ódio pessoal de Khomeini pelo regime iraquiano, que o expulsou de Nadjaf em 1978; e o apoio de Saddam ao movimento contra-revolucionário do ex-1º-min. Chapur Baktiar e do gen. Ali Gholam Oveissi, cujos homens, treinados em campos cedidos pelas autoridades de Bagdá, eram infiltrados no Irã com o objetivo de desestabilizar seu novo regime.

Evolução – O conflito passa, em seus quase oito anos de duração, por diversas fases: a invasão iraquiana do território iraniano e a destruição de Khorramshar, onde fica a refinaria de Abadã, a maior do mundo; o assédio iraniano ao porto de Basra, no Iraque, e a ocupação da ilha de Majnun, no pântano de Hoeiza, onde estão os principais poços de petróleo iraquianos; os bombardeios iraquianos a navios petroleiros no golfo Pérsico, o que provoca ameaças iranianas de bloqueio do estreito de Hormuz; o uso, pelo Iraque, de armas químicas proibidas pela Convenção de Genebra, e a violação do acordo de não bombardear alvos civis.

Final – Até 1988, o Irã recusa as ofertas de negociação, exigindo que, em primeiro lugar, Bagdá reconheça ter sido o agressor, comprometa-se a respeitar o acordo de 1975 e pague uma indenização pelos danos de guerra. Mas, em 18/7/1988, acata a Resolução 598, de 1987, do Conselho de Segurança da ONU, aceitando o cessar-fogo. Além de estar de novo perdendo terreno para o Iraque, este é o momento em que, em Teerã, começa a consolidar-se o poder dos moderados, liderados pelo pres. do *Majlis* (Parlamento), *hodjatoleslam* Hashemi Rafsandjani, favorável ao fim da guerra.

A Europa do pós-guerra

A partir de 1947, os EUA empenham-se na recuperação dos países da Europa Ocid., que, além de pesadas perdas humanas, tiveram, com os seis anos ininterruptos de conflito, suas economias desmanteladas pela queda da produção agrícola e industrial e pela destruição de 50% de seus meios de transporte.

Plano Marshall – Fiel à Doutrina Truman, o secretário de Estado George Marshall elabora, em 1947, um Programa de Reconstrução Européia, nos termos do qual os EUA fornecem aos países europeus matérias-primas, produtos e capital, na forma de empréstimos e doações. Isso contribui para a rápida recuperação da economia européia, que, em 1949, alcança o mesmo nível de produção de 1939. Os "milagres econômicos" dessa época, como o alemão e o italiano, devem-se em grande parte ao apoio do Plano Marshall, que favorece a influência dos EUA sobre a Europa – e que, em 1949, com a criação da OTAN, estende-se também ao setor militar.

Integração – Depois de 1945, a idéia de uma Europa unida encontra numerosos adeptos. À criação do Benelux, em 1948, efetuando a união aduaneira da Bélgica, Holanda e Luxemburgo, segue-se, em 1951, a Comunidade Européia do Carvão e do Aço, englobando Alemanha Ocid., França, Itália e o Benelux. Em 1955, surge a

Comunidade Européia de Energia Atômica. Em 24/3/1957, o Tratado de Roma cria a Comunidade Econômica Européia (CEE). E, em 1º/1/1959, é instituído o Mercado Comum Europeu, que visa a abolir as tarifas alfandegárias internas, permitindo a livre circulação de mercadorias, pessoas, serviços e capitais. Essas decisões são ratificadas, em 1966, pelo Acordo de Bruxelas. A "Europa dos Seis" inicial, formada por Alemanha Ocid., França, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo, amplia-se, em 1º/1/1973, com a adesão de Inglaterra, Irlanda e Dinamarca e, em 1º/1/1981, de Grécia, Espanha e Portugal.

RENOVAÇÃO POLÍTICA

O fim da reconstrução e os projetos de integração continental exigem também a substituição de estruturas autoritárias superadas. Indícios dessa necessidade são, entre os anos 60 e 70, o levante estudantil na França, que leva à queda do pres. De Gaulle; o conflito em Chipre, que contribui para a derrubada do regime dos coronéis, na Grécia; e a queda, em Portugal e na Espanha, dos últimos regimes fascistas europeus.

França – Em 13/5/1968, começa em Nanterre a revolta universitária contra a estrutura ultrapassada do ensino francês. A repressão leva à greve que, em 22/5, envolve 9 milhões de pessoas, forçando o governo a recuar. Mas a indecisão da esquerda em assumir a liderança permite a De Gaulle retomar o controle: em 16/6, os últimos estudantes são retirados da Sorbonne ocupada; e, em 23/6, o movimento termina com a esmagadora vitória dos gaullistas nas urnas. Mas influencia diversas rebeliões estudantis que eclodirão, nos meses seguintes, em outros países, inclusive o Brasil; e solapa seriamente o poder de De Gaulle: ao serem rejeitadas, em 27/4/1969, as emendas constitucionais que propusera, ele renuncia. Em 15/6, Georges Pompidou é eleito presidente.

Grécia – Em 20/4/1967, o "golpe dos coronéis", liderado pelo cel. Giórgios Papadópulos, depõe o rei Constantino. Um contragolpe fracassa (31/12), e o rei tem de se exilar em Roma. Papadópulos nomeia-se 1º-ministro em dez. de 1967, regente em mar. de 1972 e presidente após a abolição da Monarquia em 1º/6/1973. Em 25/11, a repressão ao levante estudantil da Politécnica de Atenas provoca o golpe do cel. Phaedon Ghizikis, que nomeia um gabinete de maioria civil, chefiado por Adamântios Andrutsópulos. Mas esse gabinete desintegra-se, em jul. de 1974, após o fracasso da tentativa de interferência na política interna de Chipre, e o oposicionista Constantin Caramanlis é chamado do exílio para formar um governo de salvação nacional. A experiência de governo socialista, iniciada em 1981 com a vitória eleitoral de Andreas Papandreu, líder do socialista PASOK, termina em 1989, sob acusações de fraude e de transações ilegais. Só em 17/1/1992 Papandreu é inocentado num processo por suborno e cumplicidade no desvio de US$ 200 milhões do Banco de Creta, feito pelo então presidente da instituição, Giórgios Coscotas. Nesse meio tempo, a política de austeridade econômica dos conservadores Xenofón Zolotás e Constantin Mitsotákis provoca protestos, greves, choques entre estudantes e a polícia. Mas o Novo Plano de Convergência Econômica – apresentado pelo min. da Economia, Efthímios Christódulu, em mai. de 1992, para efetuar o ajuste estrutural às exigências do Tratado de Maastricht sobre a unificação européia – significa a adoção de medidas ainda mais duras.

Portugal – Com o afastamento de Salazar, por motivo de saúde, o poder passa, em 27/9/1968, para as mãos de Marcelo Caetano. A insistência em continuar as guerras coloniais, para manter os territórios africanos, corrói o regime. Em 25/4/1974, a Revolução dos Cravos o depõe; uma Junta de Salvação Nacional, liderada pelo gen. Antônio de Spínola, anuncia a formação de uma Constituinte. Em 15/5, Spínola é eleito presidente; ele renuncia ao cargo em 30/9 e, após o golpe frustrado de 11/3/1975, refugia-se no Brasil. Assume, em 25/7, um triunvirato composto pelos gen. Francisco da Costa Gomes, Vasco Gonçalves e Otelo Saraiva de Carvalho. O país vive, entre 1976 e 1987, uma fase de instabilidade, em que os governos se sucedem e registram-se atos terroristas realizados por uma organização de extrema esquerda, cujo líder é o gen. Saraiva de Carvalho (em 19/5/1987, ele é condenado a quinze anos de prisão). Sob o 1º-min. Aníbal Cavaco Silva, social-democrata, e tendo como presidente o socialista Mário Soares, a política nacional se encaminha, no fim da década de 80, para uma fase de equilíbrio, com economia em crescimento e desemprego muito baixo. Em conseqüência disso, em set. de 1992, o escudo sobrevive à crise do Sistema Monetário Europeu, provocada pela supervalorização do marco alemão. O governo incrementa também, em 1992, a privatização de empresas, como o Banco Espírito Santo ou a Seguradora Mundial Confiança, estatizadas em 1974.

Espanha – A designação, em 22/7/1960, pelo generalíssimo Franco, do princ. Juan Carlos de Borbón como futuro rei da Espanha abre caminho para a transição política pacífica. Após a morte de Franco, em 19/11/1975, Juan Carlos assume e, em vez de dar prosseguimento ao franquismo, inicia a redemocratização. O 1º-min. Carlos Arias Navarro é substituído por Adolfo Suárez, e um programa de reformas políticas é aprovado no plebiscito de 15/12/1976. Todos os partidos, inclusive o PC, são legalizados em 9/4/1977. Em 1979, são aprovados os estatutos de autonomia da Catalunha e do País Basco. A atitude firme do rei desarma, em 23/2/1981, a tentativa de golpe do cel. Antonio Tejero Molina. Em 1982, o Partido Socialista Operário Espanhol vence as eleições e seu líder, Felipe González, torna-se o 1º-min., dando início a longo período de predominância socialista na política. Apesar da persistência do terrorismo basco, promovido pelo grupo *Euskadi ta Azkatasuna* - ETA (Pátria Basca e Liberdade), o governo tem encontrado soluções graduais para um dos principais problemas do país: as reivindicações de autonomia regional das minorias étnicas. Em mar. de 1992, o principal líder do ETA, Francisco Mujica Garmendia (*el Artapalo*), é preso pela polícia francesa, juntamente com três outros dirigentes da organização. Os protestos dos trabalhadores não impedem que os planos econômicos do governo sejam bem-sucedidos; mas, entre 1991 e 1992, sucedem-se greves de condenação do ajuste estrutural adotado em vista da unificação européia, e que acarreta desemprego, inflação alta, déficit público elevado e baixa produtividade da indústria, embora o enorme afluxo de capitais externos garanta à economia um crescimento constante. Paralelamente, escândalos de corrupção corroem o prestígio socialista.

Os EUA em 1970–1980

Após a renúncia de Nixon, o país passa por uma retração; a expansão será retomada com a chegada de Ronald Reagan à presidência. Há um efêmero período de prosperidade, seguido de recessão. As transformações no bloco socialista, durante a fase final do governo Reagan, garantem ao país a posição de principal potência militar mundial.

GOVERNO FORD

Sua primeira medida é muito criticada: anistiar Nixon por todos os crimes federais que pudesse ter cometido. No plano interno, a economia deteriora-se, em decorrência sobretudo da recessão mundial pós-crise do petróleo de 1973. No externo, realizam-se conversações com a URSS (Ford encontra-se com Bréjnev em Vladivostók), das quais resulta um acordo para a limitação das armas estratégicas ofensivas. As tropas americanas são retiradas do Sudeste Asiático em abr. de 1975. Mas acentua-se o envolvimento na crise do Oriente Médio, sendo tomadas uma série de medidas – interferências na política interna de diversos países – que, no governo seguinte, precipitarão os EUA em várias situações de crise.

GOVERNO CARTER

O democrata James Earl (Jimmy) Carter, eleito em 3/11/1976, patrocina, em set. de 1978, a assinatura do Acordo de Camp David entre Egito e Israel. E dá prosseguimento às negociações sobre a limitação das armas estratégicas, que levam à assinatura, em Viena (jun. de 1978), do Acordo Salt-2, que, no entanto, não é ratificado pelo Congresso americano devido à intervenção soviética no Afeganistão. Reconhece o governo de Pequim, em dez. de 1978, rompendo com o de Formosa. Mas dá mostras de indecisão no tratamento de questões fundamentais, como o envolvimento americano na guerra civil libanesa. Sua política de direitos humanos é rejeitada por países aliados, sob a alegação de que interfere em seus assuntos internos e que, em alguns casos, obtém efeito contrário ao desejado. É o caso da ditadura argentina, que se beneficia do embargo comercial à URSS, à qual passa a fornecer cereais. A ajuda deficiente à junta de governo que tomou o poder em Manágua, após a derrubada de Somoza, de certa forma precipita a evolução da Nicarágua para a órbita soviética. E é, principalmente, malsucedido na negociação da crise dos reféns em Teerã, iniciada em 4/11/1979, quando ativistas políticos iranianos invadem a embaixada dos EUA prendendo cinqüenta funcionários. Ao fracasso nas negociações com Teerã e na operação de resgate de 24/4/1980 – que se encerra com um desastre, no deserto iraniano de Taba, em que morrem oito militares e perdem-se um avião e vários helicópteros –, somam-se os reveses econômicos internos, produzidos pela escalada da inflação e a continuada crise do dólar. Esses elementos contribuem para que, nas eleições de 1980, Jimmy Carter seja derrotado pelo republicano Ronald Reagan (19/11), ex-governador da Califórnia. Os reféns só são soltos pelos iranianos em 20/1/1981, no dia de sua posse.

GOVERNO REAGAN

Seus dois mandatos são marcados pela retomada do crescimento econômico, com a política de juros altos, baixa nos impostos e cortes nos programas assistenciais. Apesar dos protestos que gera por parte dos setores liberais, essa política contribui para a sua reeleição, em 1984, contra o democrata Walter Mondale. Em 30/3/1981, Reagan escapa de um atentado do desequilibrado mental John Hinckley Jr., em que fica seriamente ferido seu assessor de imprensa, James Baker. Internamente, há escândalos administrativos e divergências como a que leva à renúncia, em 25/6/1982, do secretário de Estado Alexander Haig, substituído por George Shultz.

Oriente Médio – Externamente, o período começa com o fim da crise dos reféns em Teerã. Além disso, Reagan assume posição agressiva no Golfo, estimulando o Iraque a iniciar a guerra contra o Irã, que só termina em 1989; e aumenta a presença militar dos EUA no Líbano. Mas os grandes atentados antiamericanos de 1983, em Beirute, que deixam um total de 322 mortos, forçam as tropas a sair do Líbano. O plano de paz para o Oriente Médio, de 1982, que propõe a criação de um Estado palestino confederado à Jordânia, chega a ser discutido por Arafat, da OLP, com o rei, Hussein, mas é rejeitado pelos radicais palestinos e por Israel. Há repetidos incidentes com a Líbia, tendo como pretexto os direitos de navegação no golfo de Sidra, mas ligados também à rejeição americana da política líbia de apoio a movimentos internacionais de extrema esquerda. No bombardeio de 14/4/1986 a Bengazi e Trípoli, morrem 55 pessoas, entre elas uma filha do cel. Muamar Kadafi.

Pacifismo – A política armamentista de Reagan é responsável pelo desencadeamento, desde 1981, da maior onda de protestos pacifistas já registrada na Europa. Ela faz expandir-se um movimento que começara em dez. de 1979, quando a *Resolução Dupla* da OTAN decidira instalar, nos países europeus aliados, os mísseis de médio alcance americanos. No governo Reagan, grupos como Os Cidadãos contra a Guerra Nuclear, o *Sane* ou o *Ground Zero* – que, em jun. de 1982, reúne 800 mil pessoas numa passeata em Nova York – exigem negociações visando ao congelamento da produção, pesquisa e instalação das armas nucleares; respeito a todos os acordos de limitação da corrida armamentista firmados por governos anteriores; e mudança na política de defesa. O alvo principal dos pacifistas é o projeto *Guerra nas Estrelas*, mundialmente criticado, que consiste em colocar no espaço um escudo protetor de mísseis. Adesão importante é a da Conferência Episcopal americana, que, em carta pastoral publicada em mai. de 1983, condena a política nuclear de Reagan, qualificando-a de "moralmente injustificável". Isso não atenua, entretanto, o militarismo da Casa Branca.

América Latina – Reagan alinha-se à Inglaterra na Guerra das Malvinas, de abr. a jun. de 1982. E intervém em Granada, na América Central, em out. de 1983, para derrubar o governo de esquerda de Hudson Austin. A política de se opor à expansão da esquerda nas Américas norteia o apoio aos governos de direita do Chile e da Bolívia e a campanha contra os sandinistas da Nicarágua. Os EUA gastam US$ 3 milhões no treinamento encoberto dos "contras" nicaragüenses, ajudando-os a minar os portos do país – ação condenada pela Corte Internacional de Justiça de Haia. É revogado o Tratado de Amizade EUA/Nicarágua em 30/4/1985; e são aprovadas grandes ajudas aos "contras". Mas Reagan tem de assumir postura menos agressiva em conseqüência da atitude conciliatória de Mikhail Gorbatchóv, que toma posse na URSS em 1985; dos progressos do Grupo de Contadora e da assinatura do acordo de Esquipulas, em ago. de 1987, propondo negociações entre os governos e os grupos rebeldes da região.

Irã-contras – Em 6/11/1986, baseando-se numa denúncia feita em 4/11 pela revista libanesa *al-Shiraa*, o *Washington Post* revela que, burlando regulamentos criados por ele próprio, o governo Reagan fornece armas em segredo ao Irã, em troca da libertação de reféns em poder do grupo xiita libanês *Jihad al-Islami*. E que o produto dessa venda é usado para ajuda clandestina aos "contras". Entendimentos secretos já tinham levado à libertação dos americanos pe. Laurence Jenco (27/7) e David Jacobsen (2/11), quando o pres. do Parlamento iraniano, Hashemi Rafsandjani, e a revista libanesa *al-Shiraa* revelam (4/11) que o ex-assessor de Segurança Nacional Robert McFarlane, tinha estado no Irã, com passaporte falso, para negociar a reaproximação entre os dois países. O *Washington Post* confirma (6/11) que os EUA vêm vendendo armas ao Irã ao longo dos últimos catorze meses. Em 19/11, Reagan assume a responsabilidade por esses contatos clandestinos. O assessor de Segurança Nacional, alm. John Poindexter, e o ten.-cel. Oliver North, que coordenavam o envio de armas ao Irã, renunciam a seus cargos (25/11). No mesmo dia, o secretário de Justiça, Edwin Meese, admite que o dinheiro da venda de armas é desviado para os "contras". A Comissão Tower, nomeada para apurar a atuação do Conselho de Segurança Nacional, inculpa Poindexter, McFarlane, o cel. North e o chefe da Casa Civil, Donald Regan. E, em 1987, conclui que Reagan contribuíra para ludibriar a opinião pública.

Desarmamento – Essa série de circunstâncias força o presidente, irredutível quanto às questões de defesa durante seu primeiro mandato, a manter, na fase final do seu governo, encontros com Gorbatchóv, renunciando a dois pontos fundamentais: à instalação, na Europa Ocid., de mísseis de médio alcance; e ao projeto *Guerra nas Estrelas*. Em 10/4/1987, são abertas negociações sobre mísseis de curto alcance e, em 15/4, é assinado um acordo para o uso pacífico do espaço. Em Genebra, a discussão sobre a eliminação completa dos *SS-20* soviéticos e dos *Pershing-2* e *Cruise* da OTAN começa em 23/4. Shultz e seu colega soviético Edvard Shevardnadze anunciam, em 24/11, um acordo para a supressão de mais de mil mísseis de médio e curto alcance na Europa.

América: fim das ditaduras

Nas décadas de 60/80, a América Latina é abalada por insurreições contra as ditaduras de direita instaladas desde o início da Guerra Fria. A Revolução Cubana e a política Carter de direitos humanos as enfraquecem e estimulam levantes e mobilizações democráticas.

PERU

Em 1968, o pres. Fernando Belaúnde Terry é deposto pelo gen. Juan Velasco Alvarado, que instala um governo nacionalista. Em 1969, a junta desapropria a International Petroleum e apreende barcos americanos que pescam atum ao largo da costa. Em 1971, é decretado o fim das concessões americanas para a exploração do cobre e, em 1973, rompidas as relações com Paris após as experiências nucleares francesas no Pacífico. Em 29/8/1975, Velasco é substituído pelo gen. Morález Bermúdez.

Escalada da violência – A partir de 1982, intensifica-se o terrorismo do Sendero Luminoso na região andina de Ayacucho, o que desencadeia forte repressão das Forças Armadas, alternando-se os atentados e greves com as atrocidades cometidas pelos militares. Os pres. Alan García Pérez, que governa de 1986 a 1990, e Alberto Fujimori, eleito em 1990, são incapazes de debelar o terrorismo e a crise econômica. O plano de austeridade adotado por Fujimori eleva os preços e tarifas em até 3.000%, gerando tumultos e saques nas cidades.

Golpe branco – As constantes ofensivas, durante 1991, do Sendero Luminoso, que, em 2/9, assassina o contra-alm. Jorge Novoa Altamirano, contribuem para conturbar uma situação já tornada explosiva pelas reações à política econômica do min. Carlos Boloña Beher. Em 5/4/1992, com o apoio das Forças Armadas, Fujimori fecha o Congresso e o Judiciário, suspende as garantias constitucionais e forma um "governo de emergência nacional". Apesar das pressões internacionais – suspensão da ajuda, corte de relações diplomáticas –, são feitas prisões de oposicionistas e reprimidos os protestos. Em 22/4, Fujimori promete o retorno à democracia, marcado para 5/4/1993; depois, fixa-se para 22/11 a eleição de uma Constituinte, cujas propostas serão ratificadas em plebiscito. Nessa assembléia, o partido governista, *Cambio 90/ Nova Maioria*, fica representado com 45% dos votos; o oposicionista Partido Popular Cristão obtém o segundo lugar, com 8% – o que, na opinião dos analistas, significa o apoio da população ao presidente.

Campanha antiterror – Para esse apoio contribuem as vitórias que o governo ditatorial obtém na luta contra os extremistas. Embora os ataques terroristas se multipliquem durante 1992, medidas mais duras são adotadas por Fujimori, e vários dirigentes senderistas são presos e condenados a pesadas penas de prisão. O mais importante deles é Abimael Guzmán, fundador da organização, preso em Lima, em 12/9, e condenado, em 7/10, à prisão perpétua. Junto com ele, são apanhadas sua "nº 2", Elvia Zanabria, e Laura Zambrano, comandante das operações de terror na capital.

NICARÁGUA

A constatação de que o governo está por trás do assassinato, em 10/1/1978, do oposicionista Pedro Joaquín Chamorro, diretor do jornal *La Prensa* e líder da União Democrática de Libertação, apressa o fim da ditadura Somoza, no poder desde 1936. O crime canaliza o apoio popular à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), que empreende ações que desmoralizam o governo, como a invasão do Palácio Nacional, em 22/8/1978, por Edén Pastora, o "Comandante Zero". As ofensivas da guerrilha, reforçadas por greves e protestos de rua e agravadas pela recusa de Anastasio Somoza Debayle em negociar, enfraquecem o governo. Após a entrada da FSLN em Manágua, em 10/6/1979, Somoza entrega o poder a Francisco Urcuyo Maleaños e foge; instala-se depois no Paraguai, onde será assassinado, em 17/9/1980, por militantes sandinistas. Em 18/7/1979, Urcuyo também foge e um governo de Reconstrução Nacional toma posse.

O sandinismo – Em 21/7/1979, esse governo desapropria os bens da família Somoza; garante as liberdades civis mas cria tribunais revolucionários; abole as leis somocistas; substitui a Guarda Nacional por um Exército provisório; garante a liberdade de imprensa e de opinião e a organização política e sindical; e estatiza todos os bancos. A partir daí, enfrentam uma série de problemas internos e externos.

Ataques guerrilheiros – Sediados em países vizinhos, os "contras" integram a Frente Democrática Nicaragüense, em Honduras, a União Democrática Nicaragüense, as Forças Revolucionárias da Nicarágua, a Frente Revolucionária Sandino e a Aliança Revolucionária Democrática (Arde), na Costa Rica. A ajuda encoberta dos EUA diminui muito em 1987, em conseqüência não só do escândalo Irã-contras, mas também por causa de divergências no interior da União Nicaragüense Opositora (UNO), a coligação dos "contras" – o que leva, em 16/12/1987, à renúncia do presidente da UNO, Adolfo Calero.

Atritos de fronteira – São freqüentes com os países vizinhos, em especial Honduras, por eles emprestarem seus territórios aos "contras" ou facilitarem o fornecimento, pelos EUA, de apoio logístico aos anti-sandinistas.

Pressões dos EUA – Acusando Nicarágua e Cuba de repassar armas soviéticas para os guerrilheiros salvadorenhos, Washington corta a ajuda econômica, bloqueia créditos externos e adota medidas agressivas, como minar os portos nicaragüenses, ação condenada pela Corte Internacional de Justiça, em jul. de 1984.

Oposição interna – Os partidos Conservador Democrata e Liberal Independente recusam-se a discutir a nova Constituição, aprovada em 21/11/1986 e em vigor desde 10/1/1987. A oposição acusa os sandinistas de violar os direitos humanos, perseguir grupos religiosos e minorias étnicas, como os índios misquito, suma e rama, da costa atlântica. Acusa-os também de censurar a imprensa; o *La Prensa* esteve de fato fechado entre 26/6/1986 e 1º/10/ 1987. O desvio de grande parte do orçamento para a Defesa também causa dificuldades econômicas.

A queda dos sandinistas – Os protestos contra a nova Constituição, a intensificação dos ataques dos "contras" e a crise econômica que assola o país levam o pres. Daniel Ortega, em 1989, a se comprometer em antecipar as eleições para fev. de 1990 e restabelecer a liberdade política e de imprensa no país. Violeta Chamorro, da UNO, viúva do jornalista Pedro Joaquín, vence as eleições (26/ 2). A coalização dos "contras" em Honduras cessa as hostilidades (4/3) e apóia Chamorro, que, ao assumir (25/ 4), mantém Humberto Ortega no comando militar, como uma forma de compor com os sandinistas, e dá início à desmobilização dos guerrilheiros. Em compensação, em set. de 1991, retira as queixas contra os EUA na Corte Internacional de Justiça, para obter maior ajuda de Washington. Em 18/9, o FMI anuncia a concessão de um empréstimo de emergência de US$ 56 milhões ao longo de dezoito meses.

Lei polêmica – A revogação, em 12/9/1991, de vinte dos 33 artigos da lei aprovada pela UNO, obrigando membros do ex-governo a devolverem ao Estado imóveis adquiridos durante o regime sandinista, é um grave problema enfrentado pela pres. Chamorro junto a seus adeptos. O mesmo ocorre, em relação aos sandinistas, com a eventualidade da revogação parcial da lei de reforma agrária. Essas tensões se agravam com a possibilidade de que o gen. Humberto Ortega, comandante do Exército, seja envolvido no julgamento de oito militares acusados de terem metralhado, em 28/10/1990, o adolescente Jean-Paul Genie. Esses acontecimentos fazem com que os EUA anunciem, em jun. de 1992, o congelamento temporário de uma ajuda de US$ 116 milhões, sob a alegação

de que os sandinistas continuam a ter muita influência no governo. Embora negue ter sido pressionada por Washington, em 6/9/1992 Chamorro afasta o sandinista René Vivas Lugo do comando da Polícia Nacional; mas, diante de protestos da FSLN, o substitui por outro sandinista, Fernando Caldera. Enquanto isso, aumenta a preocupação com o aumento do número de "recontras", guerrilheiros que voltaram a pegar em armas, e com a intensificação de suas atividades: violentos protestos seguem-se ao atentado a bomba que, em 9/11/1991, destruiu, em Manágua, parte do monumento a Carlos Fonseca Amador, fundador da FSLN.

EL SALVADOR

Ao depor o gen. Carlos Humberto Romero (15/10/1979), o "golpe dos coronéis" interrompe o ciclo de governos militares iniciado em 1931. Uma junta civil-militar assume o poder, decreta o estado de sítio por trinta dias, suspende os direitos constitucionais, fecha o Congresso e restringe a liberdade de imprensa. Tenta também neutralizar a ação dos grupos guerrilheiros: o PC salvadorenho, a Frente Popular de Libertação, o Exército Revolucionário do Povo, as Forças Armadas de Resistência Nacional, o Partido Revolucionário dos Trabalhadores Centro-Americanos, a Frente de Ação Popular Unida, o Bloco Popular Revolucionário e as Ligas Populares 28 de Fevereiro. Mas, no início de 1980, intelectuais, ativistas católicos, profissionais liberais, sindicalistas e líderes social-democratas unem-se a esses grupos e formam a Frente Democrática Revolucionária (FDR). Em dez. de 1980, toda a oposição armada e política passa a abrigar-se na Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN).

Agravamento – Na tentativa de pacificar o país, a junta nacionaliza os bancos e institui a reforma agrária, desagradando à extrema direita, que desencadeia uma onda de violência. O principal líder extremista é o major reformado Roberto d'Aubuisson, expulso do Exército após uma tentativa de golpe contra a junta. Em 24/3/1980, é assassinado o arcebispo de São Salvador, d. Oscar Romero, um dos principais defensores dos direitos humanos no país. Em 27/11, a extrema direita seqüestra e mata os cinco principais líderes da FDR. Em 4/12, quatro religiosas americanas da ordem de Maryknoll são violentadas e assassinadas por um grupo paramilitar ligado às forças de segurança do governo. O corte da ajuda americana, em represália a esse incidente, também contribui para intensificar a crise, provocando o remanejamento da junta: o cel. Adolfo Arnaldo Majano é afastado, e José Napoleón Duarte, designado presidente.

Risco de intervenção – Nessa época os EUA acusam os guerrilheiros de receberem ajuda da URSS, via Cuba e Nicarágua. Com a posse do pres. Reagan, um número cada vez maior de assessores militares chega ao país, mas os aliados europeus dos EUA opõem-se à intervenção. Washington, por sua vez, reage com irritação ao comunicado conjunto dos pres. José López Portillo, do México, e François Mitterrand, da França, reconhecendo a FMLN como legítima interlocutora nas negociações de uma solução pacífica para a crise.

Impasse – Nas eleições para a Assembléia Constituinte (24/3/1982), o partido mais votado é o Democrata Cristão (PDC), apoiado pelos EUA, que consegue 24 cadeiras, cinco a mais que a Arena, de extrema direita, liderada por D'Aubuisson. Mas, em 8/4, D'Aubuisson forma uma coligação com partidos de direita e marginaliza o PDC, elegendo-se presidente da Constituinte e escolhendo, no dia 29, o independente Álvaro Magaña para ocupar a chefia do Estado na fase de transição. O primeiro decreto suspenso pelo novo governo é o da reforma agrária.

Estagnação – A ofensiva contra a FMLN prossegue, mas nem o governo nem os guerrilheiros mostram condições de modificar substancialmente o quadro de forças. Eleito presidente em mai. de 1984, derrotando D'Aubuisson, o democrata-cristão Napoleón Duarte reúne-se com os guerrilheiros em 15/10 e 30/11/1984. Mas não há acordo e a violência recomeça, apesar de um breve intervalo de calmaria em 1986. Em 16/6/1987, ressurge inclusive o esquadrão da morte Brigada Anticomunista Maximiliano Hernández Martínez.

Desfecho – A partir de 1989, a FMLN decide negociar. Em 1990, diante da iniciativa do pres. Alfredo Cristiani de conter a violência dos militares e da direita, a FMLN assina dois acordos, comprometendo-se a iniciar conversações sob supervisão da ONU e a renunciar à prática de assassinatos, torturas e seqüestros. Em 25/9/1991, é assinado, na ONU, acordo que cria condições para pôr fim ao conflito. Esse documento prevê o expurgo de militares que violaram os direitos humanos; cria uma polícia nacional civil a que serão integrados os guerrilheiros e uma comissão encarregada de supervisionar a pacificação. A Assembléia Nacional aprova dezessete reformas constitucionais para adaptar o sistema eleitoral ao acordo (25/9). O cel. Guillermo Alfredo Benavides é condenado, em 29/9, pelo massacre de seis sacerdotes jesuítas e duas mulheres, praticado em nov. de 1989. Finalmente, em 31/12/1991, a assinatura da Ata de Nova York põe fim à guerra.

A paz – A ratificação da Ata, em 15/3/1992, fixa um prazo de nove meses, a partir de 1º/2, para a desmobilização dos 8 mil homens da FMLN; a dissolução da Guarda Nacional e das polícias da Fazenda e Alfandegária, a serem substituídas por uma Polícia Civil; a libertação dos presos políticos e a anistia aos exilados; a reforma constitucional para legalizar os partidos; e a criação de uma Comissão Nacional de Consolidação da Paz sob supervisão de observadores da ONU. A Lei da Reconciliação Nacional, de anistia ampla, já tinha sido aprovada pelo Congresso em 23/1, mas não beneficiara culpados de crimes contra os direitos humanos, a serem julgados por uma Comissão da Verdade. Os rebeldes são desmobilizados entre jun. e out. e a FMLN converte-se em um partido político para disputar as próximas eleições. Mas ainda há muita oposição e descontentamento dentro das Forças Armadas, e o governo precisará de US$ 2 bilhões para a reconstrução nacional.

HAITI

Em 1971, morre François Duvalier, o Papa Doc, que governava ditatorialmente desde 1957, com o apoio dos *tontons-macoute*, a polícia política. A presidência vitalícia passa a seu filho Jean-Claude, o Baby Doc, cujo governo é igualmente repressivo. Em 1986, enfrentando forte oposição e pressionado pelos EUA, Jean-Claude exila-se na França. É empossado um Conselho Nacional de Governo; seu chefe, gen. Henry Namphy, dissolve-o em 21/3 e proclama-se presidente. Mas os protestos populares forçam-no a entregar o cargo, em 17/1/1988, ao civil Leslie Manigat. Esse governo, porém, dura apenas de jan. a jul. Namphy o depõe, mas não consegue manter-se no poder: em 17/9, é substituído pelo gen. Prosper Avril, chefe da Guarda Presidencial.

Instabilidade – Em 1990, a repressão desencadeada após o assassinato do cel. André Neptune, novo chefe da Guarda Presidencial, faz crescer a pressão popular pela renúncia de Avril, que, em 12/3, refugia-se nos EUA. As eleições de 23/12 são vencidas pelo candidato da esquerda, o pe. Jean-Bertrand Aristide. Mas em 30/9/1991 ele é preso por militares rebeldes, que exigem mais poder para as Forças Armadas e a reintegração dos golpistas afastados do comando do Exército. Confrontos de rua deixam mais de trinta mortes. Os EUA, a França e a Venezuela condenam o golpe e negociam com o golpista, com. Raoul Cedras, a libertação de Aristide, que se exila em Washington. O juiz Joseph Nerette é empossado como presidente provisório (8/10). O embargo comercial decretado pela OEA e a suspensão do fornecimento de petróleo provocam greves e protestos de rua; a violência desencadeada por ex-membros da Guarda Rural, desa-

tivada por Aristide, e o retorno dos *tontons-macoute* deixam a população em pânico; intensifica-se a repressão aos oposicionistas: em 26/12/1991, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos registra a morte de 1.500 pessoas desde o golpe.

Solução imposta – As tentativas de uma delegação da OEA de encontrar uma solução negociada fracassam. O que vigora é um acordo firmado, em 9/5/1992, entre os militares, o Executivo provisório e representantes parlamentares: o conservador Marc Bazin é empossado, em 2/6, como 1º-ministro, pondo em prática um plano econômico de emergência. Em 24/5, o pres. George Bush tinha proibido a entrada de refugiados haitianos nos EUA: até essa data, a Guarda Costeira recolhera 34 mil pessoas, das quais apenas 7 mil tinham recebido asilo.

CHILE

A repressão sistemática às Jornadas Nacionais de Protesto, organizadas mensalmente desde o início de 1983 para exigir a redemocratização, não impede que elas prossigam, reforçadas, em 1986, por um acordo entre os grupos de oposição que abre a campanha pelas diretas. Pinochet afasta das Forças Armadas os dirigentes favoráveis ao diálogo, mas não consegue evitar a aprovação, em jan. de 1987, da lei que permite a reorganização dos partidos (exceto os marxistas). Em 1988, no plebiscito previsto pela Constituição de 1980, a frente oposicionista Acordo pela Democracia derrota o pedido de Pinochet de um novo mandato, abrindo caminho para que, nas eleições de 11/12/1989, seu candidato, Patricio Aylwin, seja eleito com 52,2% dos votos.

Redemocratização – Após sua posse, em 1990, crescem as exigências por investigações sobre a violação dos direitos humanos durante o regime de Pinochet, que continua no comando do Exército. Um impulso a esses pedidos é dado pela prisão, na Flórida, em 12/4, de José Dionisio Suárez, que fornecera os explosivos para o assassinato do chanceler Orlando Letelier. O caso é reaberto, em 25/4, diante de novas provas do envolvimento do ex-chefe da DINA, gen. Manuel Contreras. Em jun., são localizados cemitérios clandestinos com centenas de ossadas de desaparecidos, o que desencadeia manifestações pedindo a apuração dos crimes dos militares. O traslado, em 4/9, do corpo de Allende do cemitério de Viña del Mar para o de Santiago e a divulgação, em mar. de 1991, do relatório da Comissão Nacional de Verdade e Reconciliação, com os nomes de 2.279 pessoas – entre as quais 39 estrangeiros – assassinadas durante a repressão, criam atritos entre o governo e a área militar. Essa tensão é agravada, em 23/9, pela detenção de Contreras e, em 14/10, pela denúncia de um escândalo financeiro em que está envolvido Augusto Pinochet Hiriart, filho do ex-presidente. Em jan. de 1992, a OEA condena o governo a pagar US$ 2,6 milhões de indenização aos parentes de Letelier e Ronnie Moffit.

Reforma constitucional – O bom desempenho da política econômica de Aylwin dá-lhe força, no Congresso, dominado por partidários de Pinochet, para fazer aprovar a realização das primeiras eleições municipais em 21 anos, ganhas pela coalizão governista *Concertación*. O debate sobre a revogação da lei da inamovibilidade, que assegura aos comandantes das Forças Armadas nomeados por Pinochet a permanência no cargo até 1997, ganha força com a prisão, no Brasil, em 29/7/1992, de Oswaldo Enrique Romo Mena, ex-torturador da DINA, cuja extradição é pedida a Brasília em 17/8.

ARGENTINA

Em 1981, o gen. Jorge Rafael Videla transfere o poder para o gen. Roberto Viola. Mas este, em 20/11, é vítima de um golpe branco que o substitui pelo gen. Leopoldo Galtieri. Desde 1976, vinham-se avolumando os protestos de grupos como o das *Madres de la Plaza de Mayo* contra a "guerra suja", a campanha de repressão que fizera desaparecer milhares de pessoas. Em 30/3/1982, juntam-se a esses protestos as manifestações contra a política econômica dos militares, que começam a perder o controle da situação. Na tentativa de obter apoio popular, o governo embarca numa aventura militar.

Guerra das Malvinas – Em 2/4/1982, as Forças Armadas ocupam as ilhas Malvinas (Falkland) e, no dia seguinte, as Geórgias do Sul e as Sanduíche do Sul, todas elas dependências britânicas. As gestões mediadoras do secretário de Estado americano, Alexander Haig, fracassam diante da intransigência de Galtieri. Os EUA acabam por apoiar a Grã-Bretanha, cuja frota dá início, em 5/4, ao conflito, que se encerra com a capitulação argentina em 14/6. A derrota acarreta, em 17/6, a renúncia de Galtieri, substituído pelo gen. Reynaldo Bignone.

Queda da ditadura – Em 16/12/1982, 100 mil pessoas participam, em Buenos Aires, de uma Marcha de Resistência contra o governo. Diante disso, os militares têm de concordar com as eleições diretas de out. de 1983, que levam à presidência Raúl Alfonsín, da União Cívica Radical. A indignação popular, já desencadeada pela decisão dos militares, no início de 1983, de declarar mortos todos os desaparecidos, materializa-se na exigência de apuração da responsabilidade pelas violações dos direitos humanos. Autoridades do antigo regime são julgadas e condenadas em 1984, entre elas os ex-pres. Videla, Viola, Galtieri e Bignone. Constata-se a existência de campos de concentração e tortura, onde pelo menos 8.961 pessoas foram mortas entre 1976 e 1982.

Retorno ao peronismo – A crise econômica, a inflação descontrolada, sucessivos levantes militares e a escalada de greves, manifestações e saques de supermercados fazem com que Alfonsín antecipe a transferência do poder para o peronista Carlos Menem, eleito em 1989 com 49,33% dos votos. Menem assina, em 17/10, contra a vontade popular, um indulto aos responsáveis pela "guerra suja". Após atravessar 1990 envolvido em escândalos de corrupção, lança, em abr. de 1991, o Plano Cavallo – do nome do min. da Economia, Domingo Cavallo –, que oficializa uma dolarização da economia já existente na prática. Seus bons resultados imediatos garantem aos peronistas a vitória nas eleições provinciais e parlamentares, entre ago. e dez. de 1991. Em out., o Plano Argentino do Petróleo permite a exploração do óleo, em um terço do território, por empresas particulares, nacionais e estrangeiras.

Desregulamentação da economia – A popularidade de Menem, apesar das constantes denúncias de corrupção, permitem-lhe, em 31/10/1991, eliminar taxas e restrições ao funcionamento do comércio, pôr fim ao controle de preços e estabelecer a livre negociação entre patrões e empregados. O resultado da venda das estatais garante o cumprimento das metas do FMI e o incremento da ajuda americana. Esse bom desempenho dá forças ao governo para a reforma tributária do início de 1992. Durante esse ano, tendo fechado as contas de 1991 com um superávit de US$ 200 milhões e, por isso, obtido do FMI um crédito de US$ 3,6 bilhões, o governo dá prosseguimento a seu programa de privatizações, põe em vigor uma reforma fiscal que visa a repatriar US$ 50 bilhões enviados para o exterior, anistia sonegadores, aumenta impostos sobre o lucro, mas reduz a taxa de remessa de lucros das empresas estrangeiras. No plano político, entretanto, tem de enfrentar atos de violência, como o atentado que, em 17/3/1992, destrói a embaixada israelense; e escândalos como o da concessão de cidadania a Manzer al-Kasser, terrorista e traficante de drogas procurado pela polícia internacional.

COLÔMBIA

O mais grave problema enfrentado pelo governo é a luta contra os cartéis de tráfico de drogas, instalados nas cidades de Cali e Medellín. A luta aberta é desencadeada em 1984, após o assassinato, em 30/4, do min. da Justiça, Rodrigo Lara Bonilla. Um ponto a favor do governo é, em 1987, a prisão de Carlos Lehder Rivas, um dos

"chefões" do Cartel de Medellín, extraditado a pedido dos EUA para ser julgado. Em 1989, embora firme a paz com os guerrilheiros de esquerda do M-19, o governo, não conseguindo pôr fim aos seqüestros e assassinatos políticos promovidos pelos traficantes, decreta o estado de sítio e pede aos EUA ajuda militar para combatê-los. Em 21/9/1989, o Cartel obtém a renúncia da min. da Justiça, Mónica de Greiff, ameaçada de morte; mas oferece cessar-fogo depois que, em 16/12, a polícia mata o "chefão" Gonzalo Rodríguez Gacha e seu filho Freddy. Em mai. de 1990, o recém-eleito pres. Cesar Gaviria Trujillo promete renunciar à extradição para os EUA, em troca da rendição espontânea, e dois dirigentes do Cartel de Medellín se entregam: Fabio Ochoa Vásquez, em 19/12, e Pablo Escobar Gaviria, em 19/6/1991.

Prisão efêmera – A reclusão de Escobar na penitenciária de Envigado – que ele próprio manda construir e onde leva uma vida principesca – tem por conseqüência a vitória do governo nas eleições de 27/10/1991; mas não põe fim à violência. O progresso nas negociações com os guerrilheiros e o bom desempenho da política econômica não impedem o pres. Gaviria de enfrentar crescente oposição dos que o acusam de transigir com o tráfico. Essas críticas se intensificam em 21/7/1992, quando Escobar e catorze outros traficantes fogem de Envigado. Embora rejeite as condições impostas pelo "chefão" para voltar à prisão, e seja inocentado, em 24/9, por uma comissão da Câmara de Deputados que examina o pedido de seu *impeachment*, a popularidade de Gaviria cai, em menos de duas semanas, de 47% para 35%.

CUBA

Fidel Castro revela-se, desde o início, um dos mais ferrenhos adversários das reformas introduzidas na URSS por Gorbatchóv, recusando-se, quando este o visita em Havana, em 1989, a implementar um modelo cubano de *pierestróika;* e proibindo a venda em Cuba, em ago. desse ano, das revistas soviéticas *Sputnik* e *Noticias de Moscú*, que fazem propaganda da liberalização. Mas o corte do fornecimento de combustível soviético, decidido pelo Kremlin em 1990, e a redução na cota da importação de açúcar, rum e charutos pela URSS criam uma situação de crise econômica que o força a adotar algumas medidas liberalizantes; entre elas, após o IV Congresso do PC, em out. de 1991, estão a aprovação de eleições diretas para as assembléias nacional e provinciais; a renovação do Comitê Central do PC; e a autorização do ingresso de fiéis religiosos nos quadros partidários. No plano econômico, entretanto, Fidel mantém a mais estrita ortodoxia, o que provoca manifestações de dissidência dentro do próprio governo. Um sinal do vertiginoso declínio cubano é a decisão de Castro, em 13/1/1992, de não mais manter ajuda a movimentos revolucionários no exterior, uma admissão do enfraquecimento das mais poderosas Forças Armadas latino-americanas, num momento em que se intensifica o bloqueio americano contra a ilha. Ainda assim, em 5/4, no encerramento do VI Congresso da União dos Jovens Comunistas, Fidel reafirma que "Cuba não será uma segunda URSS"; e em jul. a Assembléia Nacional aprova medidas que reforçam o seu poder, dando-lhe o direito de decretar o "estado de urgência" diante de "ameaças à ordem interna".

A África moderna

Terminada a descolonização, o continente vive conflitos originários do tribalismo e da política colonial de "dividir para conquistar", reunindo, dentro de fronteiras artificiais, etnias inimigas que, enquanto lutavam entre si, não constituíam ameaça para o dominador europeu. Nações que reúnem grupos étnicos com origem, costumes, língua e religiões diferentes enfrentam, até hoje, problemas crônicos de difícil solução. A Organização da Unidade Africana, porém, diante da impossibilidade de reorganizar essas fronteiras, é obrigada a optar pela manutenção dos limites existentes antes da descolonização.

ÁFRICA DO SUL

Expulsos do litoral pela ocupação inglesa, os bôeres, colonos de origem holandesa instalados no sul do continente desde o séc. XVII, fazem, de 1835 a 1837, a migração a que se dá o nome de *Grand Trek*. No interior, constituem as repúblicas de Orange e Transvaal, baseadas na exploração agrícola e utilizando mão-de-obra nativa escrava. Fortemente religiosos, criam em suas repúblicas o embrião do *apartheid* (em afrikaans, "separação"), política de "desenvolvimento separado" pseudamente fundamentada em textos bíblicos. Após a consolidação do domínio britânico, constitui-se a União da África do Sul (1910), nos termos do *South Africa Act*. Em 1912, opondo-se à discriminação, é fundado o Congresso Nacional Africano (CNA), partido pró-sociedade multirracial. Em 1913, o *Native Land Act* proíbe os negros de possuir terras nas áreas dos brancos.

O apartheid – Sua consolidação vem com a derrota do moderado mal. Jan Christian Smuths nas eleições de 27/5/1948, vencidas pelo Partido Nacional, defensor das teses racistas. É aprovada a legislação segregacionista e sucedem-se as medidas separatistas, entre elas o *Bantu Self-Government Act*, de 1959, que estabelece a autonomia administrativa de oito Estados, os bantustans. Essa política visa a resolver o problema do desnível demográfico entre a minoria branca e a maioria negra, manipulando líderes tribais que aceitam colaborar com a elite dominante. Essa tentativa de branquear artificialmente a população sul-africana, declarando os negros "imigrantes internos", cidadãos de países supostamente "independentes", é rejeitada pela maioria dos governos, que se recusam a reconhecer a "soberania" dos bantustans. O primeiro deles, o Transkei, é estabelecido em 1963. À sua criação opõem-se também o Congresso Nacional Africano, liderado por Nelson Mandela e Olivier Tambo, e a Azapo (Organização do Povo da Azânia), que representam os trabalhadores das minas e das indústrias, destribalizados e urbanizados.

Conflitos raciais – São as atividades do *Umkonto-ue-Sizue* (a Lança da Nação), o braço armado do CNA, criado em 1961, que levam, em 1964, ao julgamento de Rivônia, no qual oito líderes nacionalistas, entre eles Mandela, são condenados à prisão perpétua. As repercussões internas e externas dão início à luta contra o *apartheid*, que tem seus momentos mais marcantes nos massacres das cidades-dormitórios de Sharpeville, na década de 60, e Soweto, de 16 a 24/6/1976, e no assassinato do líder negro Steve Biko, em out. de 1977. Esses fatos levam os EUA e a ONU a decretar o embargo da venda de armas ao país. A continuidade da política de emancipação dos bantustans e a violência governamental contra as lideranças revolucionárias radicalizam a luta. Greves dos negros e mestiços paralisam o país e multiplicam-se os atentados do CNA. Medidas de liberalização restrita do *apartheid* adotadas em 1986 agravam o confronto entre os políticos *verligte* (esclarecidos) e *verkrampte* (endurecidos); e não impedem que, no 10º aniversário do levante de Soweto, os distúrbios se repitam nas cidades-dormitórios. O governo adota medidas repressivas, às quais, em 1987, várias empresas estrangeiras respondem retirando-se do país. A crise daí decorrente, somada aos choques entre brancos e negros, cresce a ponto de, em 1989, tornar-se patente para os próprios brancos a urgência da adoção de medidas anti-segregacionistas mais definidas. Esse papel vai caber a Frederik Willem de Klerk, que, em 6/9, substitui Pieter Botha na presidência.

Contra a segregação – Centros de lazer, praias e transportes tornam-se multirraciais. Começa a libertação dos veteranos dirigentes do CNA: Mandela é solto em 11/2/1990. São criados os primeiros distritos plurirraciais. Em 2/2/1990, são legalizados o CNA, o PC e diversos grupos anti-*apartheid*. Iniciam-se, em 30/5, conversações entre o CNA e o governo. Mas a situação não se

acalma: além do aumento do terrorismo de direita e dos choques entre policiais e manifestantes negros, o país é assolado por conflitos interétnicos. Os Xhosa, partidários do CNA, entram em luta com os Zulu do movimento Inkatha, de Mangosuthu Buthelezi, manipulados pelo governo. A denúncia, em 19/7/1991, de que empréstimos secretos, no valor de US$ 90 mil, tinham sido feitos ao Inkatha para estimular sua oposição ao CNA causa grande escândalo, forçando a remoção dos min. da Lei e da Ordem, Adriaan Vlok, e da Defesa, gen. Magnus Malan, para outros cargos. Em 2/2/1991, De Klerk propõe o fim das leis da Propriedade de Terra, que reserva a maior parte do solo cultivável à minoria branca; da Residência, que separa por raças as regiões de moradia; e do Registro, que classifica cada cidadão pela cor da pele. Elas são revogadas em jun., apesar das acusações de traição feitas a De Klerk pelo Partido Conservador, do *verkrampte* Andries Treurnicht.

Novas negociações – O impasse nos contatos entre o governo e o CNA, devido às denúncias de que o primeiro financia as atividades do Inkatha, levam à reunião dos dois grupos negros em Johanesburgo (14/8/1991), para discutir um plano de paz elaborado por entidades religiosas; e a um gesto de boa vontade de De Klerk, anistiando, em 16/8, 40 mil exilados políticos. Diante disso, em 18/8, a conferência do *Umkonto-ue-Sizue* apóia as conversações com o governo, o que suscita protestos do Movimento de Resistência Africana, do neonazista Eugène Terre Blanche, e dos conservadores de Treurnicht. Nas eleições parciais de Orange (dez.), a vitória conservadora significa a rejeição aos planos de De Klerk. Mas isso não detém o presidente, que, em novo encontro com Mandela, marca para 14/9/1991 nova reunião, em que se cria uma Comissão de Inquérito para a Prevenção da Violência Pública e da Intimidação. Paralelamente, em Durban (27/10), o CNA forma, com o Congresso Pan-Africano (CPA), de Clarence Makuetu, uma frente de 82 organizações destinada a lutar por uma revisão constitucional. E em 5/12/1991, pela primeira vez em quarenta anos, reúne-se abertamente o VIII Congresso do PC, que elimina de seu programa o objetivo de "lutar pelo fim do capitalismo".

Plebiscito da discórdia – Novas denúncias do *Weekly Mail,* em 19/7, de que o governo continua ajudando o Inkatha, e outra derrota do governo nas eleições suplementares de Potchefstroom cercam o plebiscito de 17/3/1992 sobre o programa de reformas políticas de De Klerk – apoiado pelo CNA, mas rejeitado pelo CPA e pela Azapo. Mas 68,7% dos eleitores optam pelo "sim", o que leva à suspensão de muitas sanções econômicas internacionais, e facilita o restabelecimento de relações com outros países africanos.

O impasse – O massacre de 39 negros na favela de Boipatong, perto de Johanesburgo, promovido pelo Inkatha, em 16/6/1992, com apoio das forças de segurança, volta a interromper as negociações e põe nas ruas milhões de trabalhadores, em passeatas de protesto e greves, que não são interrompidas pela decisão de De Klerk, em 16/7, de dissolver as unidades especiais da polícia, principais responsáveis pela violência. Grandes manifestações ocorrem durante ago., e o CNA rejeita a proposta do governo de assinar uma anistia geral.

LIBÉRIA

Começa em dez. de 1989 a luta contra o pres. Samuel Doe, no poder desde o golpe que, em 1980, resultou na deposição e assassinato do pres. William Tolbert. É iniciada por Charles Taylor, líder dos guerrilheiros da Frente Patriótica Nacional (FPN), que invadem o país vindos da Guiné. No ano seguinte, a eles se juntam as forças de Prince Johnson, chefe da Frente Patriótica Nacional Independente (FPNI). Quando os combates atingem Monróvia, Doe, indiferente ao massacre, refugia-se numa fortaleza, cercado por homens de sua guarda pessoal. Mas, atraído a uma emboscada pelo FPNI, é torturado e morto em 9/9/1990. O estado caótico em que o país mergulha após sua morte é o pretexto, em 16/9, para uma intervenção da Nigéria, liderando forças enviadas pela Ecomog (Comunidade Econômica dos Estados da África Ocid.).

Quatro presidentes – Enquanto a Cedeao nomeia o conservador Amos Sawyer chefe de um governo de transição, também Taylor, Johnson e David Nimley, ex-chefe da guarda de Doe, reivindicam a presidência. Em conseqüência disso, o acordo de cessar-fogo firmado em Bamaco, no Mali, em 22/1/1990, não é respeitado, pois Taylor afirma estar sendo atacado pelo Movimento Unido de Libertação da Libéria para a Democracia (MULLD), recém-criado por Raleigh Seekie, ex-membro da guarda de Doe. A intensificação dos combates faz aumentar para 1,5 milhão, até fev. de 1991, o número de refugiados em países vizinhos. Finalmente, pressionado pelos EUA, Taylor assina, em Iamussucro, na Costa do Marfim, em 16/9/1991, um acordo de desarmamento; em troca, as forças de intervenção são reestruturadas, para diminuir a influência da Nigéria. Em dez., a FPN é convertida no Partido Democrático Nacional, para concorrer às eleições.

Acordo em xeque – O desarmamento não se efetua, pois Taylor e Johnson acusam Sawyer de ter adotado uma reforma econômica, mandando imprimir novas notas bancárias e declarando sem valor as anteriores, como um meio de impedir a FPN e a FPNI de obter combustível e alimentos. E o MULLD, que não subscreveu o acordo de Iamussucro, desencadeia nova ofensiva contra Taylor, em combates de que participam as forças estrangeiras. O resultado é a aliança FPN/FPNI (set. de 1992).

CHADE

A estagnação econômica, os altos níveis de corrupção e a incapacidade de pacificar as rebeliões entre os grupos étnicos e religiosos do sul e do norte do país provocam o assassinato, em 13/4/1975, do pres. François Ngarta Tombalbaie. Seu sucessor, o gen. Félix Mallum, tentando deter o avanço para Ndjamena das Forças Armadas Populares (FAP), do negro Gucuni Uedei, nomeia 1º-min. o chefe guerrilheiro rival, o árabe Hissene Habrê, das Forças Armadas do Norte (FAN). Em 23/3/1979, as divergências entre Habrê e Mallum fazem este último renunciar, e o país mergulha no caos até a convocação de uma conferência de reconciliação em Lagos, na Nigéria, na qual estão representados onze grupos armados (21/8/1979). Nela decide-se a formação de um governo de união nacional de que participam todos os líderes.

Uedei x Habrê – Logo as FAP entram em choque com as FAN, e Uedei, que assinou, em 15/6/1980, um acordo de defesa com a Líbia, expulsa Habrê ajudado pelo cel. Kadafi, com o qual anuncia, em jan. de 1981, o projeto da fusão Chade/Líbia. Em 3/9, entretanto, pressionado pelo pres. Mitterrand, da França, Uedei solicita a retirada das tropas líbias em troca da promessa de ajuda militar francesa. Mas quando, em 7/6/1982, as FAN voltam a atacar, Paris recusa-se a intervir em seu apoio e ele é expulso de Ndjamena por Habrê. Refugia-se então no norte, junto à Faixa de Auzu, que é reivindicada pela Líbia, e de lá, secundado por tropas enviadas por Kadafi, combate Habrê, que conta agora com o Dispositivo Gavião, uma força de choque francesa. A estagnação do conflito faz com que Uedei perca o apoio de seus aliados, que, em 1986, o põem em prisão domiciliar em Trípoli.

Guerra contra a Líbia – Desta vez com participação francesa direta, Habrê reconquista a Faixa de Auzu e chega a entrar em território líbio, forçando Kadafi a capitular em 17/9/1987. Instala em Ndjamena um novo governo de reconciliação nacional, no qual propõe-se a reintegrar o próprio Uedei, promulga em 10/12/1989 uma nova Constituição e convoca eleições para 8/7/1990. Os líbios, entretanto, transferem seu apoio ao rebelde Idriss Deby, que fugira do Chade após o fracasso do golpe de abr. de 1989, a que aderira. Em 1º/12/1990, Deby expulsa Habrê da capital, sem que

o Dispositivo francês intervenha para defendê-lo, e assume a presidência, substituindo a nova Constituição por uma Carta Nacional que revoga o pluripartidarismo.

Desagregação e dependência – As promessas de liberalização, feitas por Deby, logo naufragam sob os ataques, no norte, de tropas reorganizadas por Habrê; os atritos com a Líbia, após a anulação, em 18/10/1991, do acordo de cooperação com Trípoli; e as divergências dentro do governo, que levam a várias tentativas de golpe. Diante disso, em dez. de 1991, Deby convoca, para mai. de 1992, uma conferência nacional destinada a discutir os problemas do país, mas que não chega a realizar-se, pois a repressão continua e, em represália, há atentados e assassinatos políticos – o que provoca manifestações pedindo a renúncia de Deby e do 1º-min. Jean-Alligue Bauoyeu. As medidas adotadas por Deby – pedido de mais ajuda militar à França; legalização dos partidos de oposição; e reabilitação do oposicionista ex-min. Maldon Bada Abbas, a quem é oferecido o cargo de conselheiro especial – não impedem a perda total de controle sobre o país, dominado por bandos armados impunes. No segundo semestre de 1992, para conceder a Ndjamena um empréstimo de US$ 20 milhões, a França exige poder supervisionar a situação dos direitos humanos no país. Em ago., duzentos prisioneiros são libertados, dois centros clandestinos de tortura são demolidos, e Deby é forçado a anunciar eleições livres para 1993.

SOMÁLIA

A luta contra o governo ditatorial do gen. Mohamed Siad Barre, que, em 1969, tomou o poder, após o assassinato do pres. Abdi Rashid Ali Shermarke, começa em 1981, articulada pela Frente Democrática de Salvação da Somália, que, com apoio etíope, reúne diversos grupos rebeldes de esquerda. Um deles, o Movimento Nacional Somaliano (MNS), de Abdel Kader Mohamed Rebeh, ocupa, no final da década de 80, posições no norte do país. Aliado ao Congresso Somaliano Unificado (CSU), avança, no fim de 1990, em direção a Mogadíscio, provocando a fuga de Barre (27/1/1991). Hussein Ali Shidau, do CSU, toma o poder e, em 29/1, indica como presidente provisório Ali Mahdi Mohamed. Discordando dessa escolha, o MNS proclama a República no norte, em 18/5, sob a presidência de Abdurahman Ahmed Ali.

Guerra civil – Tendo fracassado a mediação do pres. Hassan Guled Aptidon, do Djibuti, começa, em jun. de 1991, a luta entre o MNS e o CSU. Há combates também entre os seguidores de Mahdi e os do gen. Mohamed Farah Aydid, dissidentes do CSU, que deixam o país em estado caótico, às voltas com uma epidemia de fome. Fracassam as tentativas de mediação feitas pela ONU, a Organização da Conferência Islâmica e a Organização da Unidade Africana, assim como o acordo de cessar-fogo assinado em Nova York, em 4/1/1992. Aumenta o número de refugiados precariamente abrigados em campos fronteiriços, nos países vizinhos, e, em 16/11, a Cruz Vermelha Internacional informa que, a cada dia, setenta pessoas morrem de inanição no país. Diante disso, a partir de 9/12, tropas americanas, apoiadas por franceses da Legião Estrangeira, encarregam-se da operação de entrega de ajuda humanitária aos 2 milhões de pessoas ameaçadas pela fome. Em 11/12/1992, Aydid e Mahdi assinam um cessar-fogo e, no dia 27, concordam em dividir a capital em dois setores. Mas os americanos, alegando o não-intervencionismo, recusam a proposta de Butros Gali, da ONU, de desarmar os clãs inimigos dos *abgal*, de Mahdi, e dos *abar-gadir*, de Aydid.

SUDÃO

A islamização imposta ao país pela comunidade árabe, do norte, que controla o governo, é a causa da rebelião da população negra, animista ou cristã, do sul, liderada pelo cel. John Garang, fundador do Exército de Libertação do Povo Sudanês. Garang exige a revogação da Sharia, a lei baseada no *Corão*, em vigor desde 1983; a anulação dos pactos militares com o Egito e a Líbia; e a suspensão do estado de sítio decretado em 1985. O ditador cel. Jaafar Mohamed Nimeiri, que estava no poder desde o golpe de 1969, contra o pres. Ismail Azari, é deposto em 1985, pelo min. da Defesa, gen. Abdel Rahman Suar-al-Dahab. Mas as promessas do 1º-min. Sadik Mahdi, eleito em 1986, de atender às reivindicações da guerrilha, não são cumpridas. A intensificação dos combates, levando à epidemia de fome de 1988, que atinge 3,5 milhões de pessoas, provoca a derrubada de Mahdi, pelo gen. Omar Hassan Ahmed al-Bachir, em 30/6/1989.

Endurecimento – Bachir faz uma redivisão administrativa, para separar comunidades simpáticas aos rebeldes; faz expurgos de oposicionistas e é acusado de exterminar tribos favoráveis a Garang. A recusa de ambas as partes em negociar faz fracassarem várias tentativas internacionais de mediação. Em abr. de 1991, o governo admite ser incapaz de solucionar o problema da fome e dos desabrigados e concorda com a formação de uma rede estrangeira para a ajuda de emergência. O fracasso, no início de 1992, de uma ofensiva contra Garang força Bachir a conceder medidas de democratização.

Preparando eleições – Em 24/2/1992, é designada uma Assembléia Nacional Transitória, de trezentos membros, integrada pelos dez militares do Conselho do Comando Revolucionário para a Salvação Nacional, todo o gabinete, os governadores das nove províncias e representantes escolhidos de outros setores. Mas o início do processo eleitoral, previsto para jun., não é posto em andamento.

ARGÉLIA

Preocupado em superar as estruturas políticas da época de Huari Bumediene, o pres. Chadli Bendjedid tem de enfrentar distúrbios provocados pelas minorias étnicas, pelos estudantes e pelos fundamentalistas, cuja influência cresce desde o fim da década de 80. A Semana Sangrenta, de 4 a 10/10/1988, em que há duzentos mortos e mil feridos na repressão aos protestos contra o aumento dos alimentos básicos, força o plebiscito de 3/11 sobre o sistema político; a nova Constituição, de 14/2/1989, reduz o mandato presidencial e cria o pluripartidarismo – o que permite a legalização da Frente Islâmica de Salvação (FIS). Anunciadas como a forma de desanuviar o clima político, as eleições de 26/12/1992 são realizadas num momento em que o país está mergulhado em profunda crise econômica. A vitória arrasadora da FIS, o Exército reage exigindo a anulação do pleito. Pressionado pelos militares, Bendjedid renuncia em 11/1/1992, e estes, cancelando o segundo turno das eleições, colocam no poder Mohamed Budiaf, veterano da Guerra da Independência. Há 150 mortos, 700 feridos e mais de 30 mil presos na repressão a manifestações dos fundamentalistas contra o golpe e a dissolução jurídica da FIS em 4/6. Partidos situacionistas rompem com o governo, instala-se a censura rígida à imprensa, desencadeia-se a campanha terrorista da oposição e registram-se deserções maciças no Exército. Em 29/7/1992, Budiaf é assassinado em Annaba, a 450 km de Argel, e é sucedido por Ali Kafi. Em ago., quando os fundadores da FIS, Abbassi Madani e Ali Belhadj, são condenados a doze anos de prisão, o clima no país é de guerra civil, agravado pela situação da economia, que deteriora rapidamente.

ANGOLA

Desde a independência, em 1975, o novo governo entra em guerra civil com a UNITA, de Jonas Savimbi, que conta com o apoio da África do Sul. A exigência de Pretória para pôr fim a essa ajuda é a retirada dos soldados cubanos estacionados em território angolano e a interrupção do apoio de Luanda à guerrilha namíbia da SWAPO. O conflito se arrasta até 1987: a derrota na Batalha do Rio Lomba, durante a ofensiva para retomar a província sulista de Mavinga, em que as tropas angolanas perdem 2.717 homens, convence o governo de José Eduardo dos

Santos a negociar. O Acordo de Nova York, obtido pelo mediador americano Chester Crocker em jun. de 1989, abre caminho para o tratado de paz assinado em 15/5/1991. Ele prevê eleições entre out. e nov. de 1992, unificação dos dois Exércitos e retirada, até 20/6, dos últimos contingentes cubanos. Em 7/5, Santos institui o multipartidarismo e promulga anistia geral, enquanto Savimbi lança sua candidatura à presidência.

Rumo às urnas – Em 2/9/1991, Holden Roberto, da Frente Nacional de Libertação de Angola, aliada à UNITA, volta ao país; em 17/9, é a vez de Savimbi. Em 14/11, cria-se um Comando Supremo das Forças Armadas destinado a desarmar os rebeldes e a assegurar o controle governamental sobre as áreas ocupadas pela guerrilha. A UNITA não comparece, em 21/11, à reunião da Comissão de Monitoramento dos Acordos da África do Sudoeste, encarregada de discutir a transição democrática; mas ratifica suas resoluções. No entanto, enquanto os oposicionistas se organizam como partido, para concorrer às eleições, multiplicam-se as denúncias de que suas atividades militares não foram interrompidas.

Eleição contestada – No primeiro turno, em 29 e 30/9/1992, o pres. José Eduardo dos Santos obtém quase 50% dos votos, resultado contestado por Savimbi, que mobiliza suas tropas e ataca Luanda. Entre 1º e 2/11, mais de mil pessoas morrem na capital e os estrangeiros – entre os quais 240 brasileiros – têm de ser rapidamente retirados. A guerra civil volta a ser deflagrada.

MOÇAMBIQUE

Grande instabilidade é criada, desde 1981, pelas operações guerrilheiras da Renamo (Resistência Nacional Moçambicana), que se estendem a todas as províncias do país, com apoio sul-africano. A assinatura do Acordo de Nkomati, em 1984, não basta para que se interrompa a ajuda de Pretória aos rebeldes. A distensão se inicia em 2/11/1990, com a nova Constituição, que prevê o pluripartidarismo, a convocação de eleições assim que houver um cessar-fogo, a adoção da economia de mercado, imprensa livre e Poder Judiciário independente. A Renamo, entretanto, continua violando todos os acordos de cessar-fogo – sete deles entre jan. e ago. de 1991 –, o que causa o descontentamento da ala oposta às negociações de paz. Um golpe desse grupo fracassa em 22/6/1991.

Protocolos de paz – A liberalização trazida pelo VI Congresso da Frelimo, de 12 a 23/8/1991, cria o pano de fundo favorável às negociações de Roma, com a Renamo. Em 19/10, o pres. Joaquim Chissano assina, com o líder guerrilheiro Afonso Dhlakama, protocolos sobre a atividade dos partidos, o sistema eleitoral, a garantia de liberdade de imprensa e de expressão, associação e movimentação pelo território nacional, e a reintegração de refugiados e exilados. Fica estabelecido que eleições presidenciais e legislativas serão realizadas um ano após o tratado de paz ter sido assinado.

EGITO

Já muito criticado dentro do mundo árabe, pela assinatura do tratado de paz com Israel, em 1979, o pres. Anuar Sadat, no poder desde 1970, atrai contra si a ira dos fundamentalistas islâmicos ao ordenar, em 1981, extenso expurgo contra a oposição religiosa e política a seu governo. É assassinado no Cairo, em 6/10, por um grupo de oficiais rebeldes liderado pelo ten. Ahmed Hassan al-Islambuli, vinculado à Irmandade Muçulmana. Seu vice, Hosni Mubarak, assume em 15/10. Islambuli é executado em 15/4/1982. Nos anos que se seguem, serão cada vez mais graves os problemas enfrentados por Mubarak com a escalada do fundamentalismo, em especial com os seguidores do imã Hafez Salama, preso em 1985, e com os militantes dos movimentos extremistas *Sharia* (Lei Corânica) e *al-Nagum min al-Nar* (Fugitivos do Inferno), autores de atentados a bomba no fim da década de 80. A represália à condenação, em 1990, de membros desse último grupo é o assassinato de Rafaat Mahgub, pres. do Parlamento. Em 1991, 19 dos 25 fundamentalistas acusados do atentado contra ele são condenados à morte e Mubarak renova a Lei do Estado de Emergência. Em 10/3/1992, alegando ter descoberto um complô, o governo desencadeia nova fase de repressão, prendendo membros da Irmandade Muçulmana, estudantes, professores e sindicalistas. Apesar disso, os fundamentalistas conquistam 15 das 24 cadeiras em disputa na direção da Ordem dos Advogados do Cairo, numa prova da ineficácia da repressão. Em12/10/1992, um terremoto de 6 graus na escala Richter causa grandes estragos no Cairo, Alexandria, Port Said, Port Fuad, Zagazib e no delta do Nilo, deixando 350 mortos e mais de 4 mil feridos.

A efervescência da Ásia

Nas décadas de 70/90, o continente vive uma fase de grande agitação com a intervenção soviética no Afeganistão, a queda de regimes ditatoriais nas Filipinas e na Coréia do Sul, os conflitos interétnicos da Índia e do Sri Lanka, mas também com as negociações que levam ao desbloqueamento da crise cambojana. Paralelamente, assiste-se à explosão econômica do grupo de países a que se convenciona chamar de "os tigres asiáticos".

AFEGANISTÃO

O golpe do cel. Degarual Abdel Kader, que, em 1978, depõe o pres. gen. Sardar Mohamed Daud, entregando o poder a um Conselho Nacional Revolucionário presidido por Nur Mohamed Taraki, assinala uma nítida guinada à esquerda. O acordo de cooperação militar que, em dez., Taraki assina com a URSS é rejeitado pela oposição fundamentalista islâmica, cujas reivindicações tinham aumentado muito em função do apoio recebido do vizinho regime iraniano. Unindo-se no grupo *Jamiat-i-Islami*, os rebeldes muçulmanos vencem as tropas do governo, em 7/1/1979, na Batalha de Shuncri, e conseguem a adesão de soldados, que, em 15/9, fazem um levante no quartel de Bala Hissar, nos subúrbios de Cabul, sufocado por tropas leais a Taraki.

Intervenção – Alegando que Taraki perdeu o controle da situação, seu 1º-min., Hafizulá Amin, o depõe e manda executar. Em seguida, pede ajuda aos soviéticos, que, em 27/12/1979, invadem o país. Mas Amin é também derrubado e executado e o poder posto nas mãos de Babrak Karmal, chefe da ala pró-soviética dentro do governista Partido Democrático Popular (PDP). Inicia-se assim uma luta desgastante entre as forças governamentais e de intervenção e os grupos guerrilheiros unidos, desde 1982, na União Islâmica Combatente, chefiada por Abdulrab Rassul Saiaf. Mas não se consegue desalojar os rebeldes de algumas posições conquistadas, principalmente no vale do Panshir, onde estão os homens de Ahmed Shah Massud. Enquanto isso, no âmbito da ONU, estão em curso desde 1981 negociações que a envolvem também os vizinhos Irã e Paquistão, visando encontrar uma solução negociada.

Rumo a um acordo – Em 1986, Karmal é afastado da secretaria-geral do PDP e da presidência, sendo substituído por Mohamed Najibulá, que faz expurgos no partido e no Exército e, em 1º/1/1987, para facilitar as negociações, decreta um cessar-fogo unilateral, recusado pela guerrilha. Mas o caminho está aberto para que, em 14/4/1988, seja assinado em Genebra um acordo que prevê o fim da ajuda americana aos rebeldes muçulmanos, através do Paquistão, e a retirada das tropas soviéticas, que é feita entre 15/5/1988 e 15/2/1989.

O pós-intervenção – A saída dos soviéticos não significa o fim do compromisso da URSS com Cabul: uma ponte aérea tem de ser montada para abastecer a capital, às voltas ao mesmo tempo com os ataques dos rebeldes e a luta interna entre as duas alas inimigas do PDP, a *Halk* (povo) e a *Parcham* (bandeira). As divergências entre os grupos muçulmanos também os impedem de funcionar como uma frente ampla, fazendo fracassar, em fev. de

1989, a tentativa de criação de um governo provisório nas dez províncias ocupadas. Embora consiga vitórias importantes como a tomada de Khost, próximo à fronteira com o Paquistão, as dissensões de lado a lado fazem com que o conflito permaneça relativamente estagnado até o final de 1991. Nessa época, os rebeldes dominam um terço das 29 províncias, enquanto o governo controla 24 capitais provinciais. Em 19/5/1988, a URSS tinha revelado oficialmente suas perdas durante a intervenção: 13.310 mortos, 35.478 feridos e 311 desaparecidos em ação.

Vitória islâmica – Em 11/11/1991, o governo soviético recebe uma delegação rebelde no Kremlin e aceita a idéia da instalação no país de um regime islâmico. Diante disso, em 18/3/1992, Najibulá mostra-se disposto a renunciar e a entregar o poder a um governo interino, supervisionado pela ONU. Mas a tomada de Mazar-Sharif, no dia seguinte, prova-lhe que a queda de Cabul é iminente: em 15/4, ele se refugia na sede da ONU e, dali, exila-se. Um acordo entre as diversas facções, assinado em Peshauar, no Paquistão, em 24/5, cria um Conselho Islâmico de 51 membros, presidido pelo moderado Sigbatulá Mudjadidi. Em 28/6, nos termos desse acordo, a presidência é entregue a Burhanuddin Rabbani, do *Jamiat-i-Islami*, encarregado de convocar, até out., a *shura*, o conselho dos líderes tradicionais.

Irmãos inimigos – Antes disso, porém, no início de ago., Cabul é atacada pelo fundamentalista radical Gulbuddin Hekmatyar, líder do *Hezb-i-Islami*, que não aceita a autoridade de Rabbani – com quem rompe também o sunita Yunis Khalis, que discorda da entrada dos xiitas no Conselho Islâmico. Em breve, estão em luta também os sunitas do *Ittehad-Islami* e os xiitas do *Hezb-i-Wahdat*. No fim do mês, há 2 mil mortos, quase 10 mil feridos e 120 mil pessoas fugiram da capital. O Acordo de Ghazni, de 26/8/1992, impõe o cessar-fogo, afasta todos os ex-funcionários comunistas que tinham aderido ao novo regime, cria uma zona neutra a sul e leste de Cabul, para separar os beligerantes, e abole todas as leis contrárias à *sharia*, a legislação corânica. Esse acordo, entretanto, não impede choques esparsos.

CAMBOJA

Em 1981, o governo de Heng Samrin, que dois anos antes expulsara o Khmer Vermelho de Fnom Penh com ajuda vietnamita, promulga nova Constituição e convoca eleições para a Assembléia. E, a partir de 1982, luta contra as forças combinadas do Khmer, do princ. Sihanuk e do ex-min. Son Sann, que, em Cuala Lumpur, na Malaísia, tinham firmado um acordo de coalizão. Declarada a legítima representante do país na ONU, essa coalizão instala em território tailandês bases militares de onde ataca as províncias cambojanas.

Ruptura do impasse – Os combates se arrastam, sem indícios substanciais de que um dos lados possa ser vitorioso, até o encontro, na França, em 1987, entre Sihanuk e o 1º-min. Hun Sen, do governo Heng. As conversações conduzem, no ano seguinte, ao anúncio vietnamita de que concorda em retirar suas tropas e em participar de uma conferência na Indonésia, que se realiza de 30/7 a 2/8/1989, para discutir o fim das hostilidades. A retirada vietnamita se inicia em 27/9 e, em 24/1/1990, Fnom Penh concorda com a instalação de duas administrações paralelas, em áreas distintas de influência.

O acordo – Em 28/8/1990, o plano de paz da ONU previa a criação de um Conselho Nacional Supremo de Transição (CNST) que governasse o país até o fim do processo de desarmamento e retirada de todas as forças estrangeiras, integração dos grupos em luta no Exército nacional e convocação de eleições. Mas uma série de divergências retardam a adoção desse plano; e, em especial, Fnom Penh preocupa-se em obter garantias de que o Khmer Vermelho não voltará sozinho ao poder. Em 17/7/1991, a China, principal apoio do Khmer, dando-se conta da rejeição geral à facção de Khieu Samfan, convoca uma reunião em que se decide colocar Sihanuk na presidência do CNST, autorizar o governo de Heng a manter o seu Exército como garantia de segurança e fazer com que o Khmer concorra às eleições em igualdade de condições com as outras facções. Com isso, pode ser assinado, em Paris, em 23/10, o acordo de paz que formaliza a criação do CNST e convoca as eleições para mar. de 1993. Logo depois, Sihanuk volta ao país e assume o governo provisório; mas quando, em nov., Khieu tenta fazer o mesmo, quase é linchado pela população da capital, tem de fugir e cercar-se de forte esquema de segurança para comparecer, em 30/12, à primeira reunião com Hun Sen, Sihanuk e Son Sann, que voltou no dia 15.

A ONU em ação – Diante dos distúrbios causados pelas denúncias de corrupção no governo, e do reinício das hostilidades entre forças de Heng e do Khmer em Kompong Thom, no centro-norte, é ampliado o mandato da Missão de Avanço das Nações Unidas, que autoriza o aumento das forças internacionais encarregadas de monitorar o cessar-fogo. Em jan. de 1992, num gesto de boa vontade, o governo liberta 434 presos e, em mar., faz retornarem 370 mil refugiados. Mas Khieu não permite a entrada das tropas da ONU em territórios sob seu controle até a abertura, em 15/4, de postos na fronteira com o Vietnã, para impedir a entrada de soldados.

Resistência do Khmer – Em 6/4/1992, a Assembléia Nacional emenda a Constituição, coloca seu presidente, Chea Sim, como o chefe do Estado, restringe as funções de Heng às de presidente do Conselho de Estado, confirma Hun como 1º-ministro e Sihanuk como a autoridade suprema. Mas o Khmer recusa-se a desmobilizar-se, acusando a ONU de favorecer o governo de Chea e Hun. Em 21/7, o Conselho de Segurança decide cortar a ajuda econômica a esse grupo.

CORÉIA DO SUL

O assassinato, em 1979, do gen. Park Chung-Hee, no poder desde 1961, acarreta a imposição da Lei Marcial pelo 1º-min. Choi Kyu-Hah, repressão violenta às manifestações a favor da democratização – em especial na cidade de Guanju, onde há um verdadeiro massacre em 1980 – e condenação à morte de Kim Dae-Jung, o principal oposicionista do país, pena depois comutada em prisão perpétua. No fim de 1980, Choi é derrubado pelo gen. Chun Du-Huan, que, a princípio, adota medidas de abrandamento, e permite a Kim exilar-se nos EUA (1982).

Queda de Chun – Seu governo é desgastado por freqüentes escândalos e corrupção, protestos estudantis e operários e pela unificação dos oposicionistas, que, nas eleições de 1985, concorrem como um partido único e ganham cinqüenta cadeiras na Assembléia Nacional. Em 1986, prevendo sua queda iminente, Chun concorda com as eleições diretas; mas sua indicação do gen. Roh Tae-Wu para substituí-lo provoca novas e violentas manifestações, que se renovam quando Roh, eleito em 25/2/1988, veta, em jul., o projeto de processo contra Chun por irregularidades administrativas. Greves, distúrbios de rua e choques entre o governo e a oposição continuam marcando a política do país. Nas eleições legislativas de 24/3/1992, o governista Partido Democrático Liberal perde a maioria na Assembléia, e o oposicionista Partido Democrático, de Kim Dae-Jung, salta de 75 para 97 cadeiras; 31 cadeiras são conquistadas pelo recém-criado Partido da Unificação Nacional, do empresário Chung Ju-Yung, que pede a redução do intervencionismo governamental na economia.

FILIPINAS

O processo de derrubada do ditador Ferdinand Marcos, no poder desde 1965, se inicia com o assassinato, em 1983, do líder oposicionista Benigno Aquino Jr., morto por agentes da polícia política ao desembarcar no aeroporto de Manilha, de volta do exílio. A constatação da responsabilidade de Marcos e sua recusa em permitir que os culpados sejam punidos fazem aumentar as manifestações pedindo sua renúncia. Ele se de-

clara vencedor das fraudulentas eleições de 1985, em que concorre com Corazón Aquino, a viúva de Benigno; mas a revolta popular o obriga a sair do país.

O governo Aquino – Tomando posse em 25/2/1986, a pres. Corazón aprova nova Constituição em 2/2/1987, obtém vitória esmagadora nas eleições legislativas de 11/5 e reabre, em 27/7, o Parlamento, que Marcos fechara em 1972. Mas sofre diversas tentativas de golpe: a do ex-chanceler Arturo Tolentino, em 6/7/1986; a do min. da Defesa, gen. Juan Ponce Enrile, em 23/11/1986; a do cel. Gregorio Honasán, em 27/8/1987. Além disso, a aprovação da lei de reforma agrária, em 5/6/1988, desagrada aos conservadores e faz Corazón entrar em colisão com seu vice, Salvador Laurel. Ela tem também de enfrentar as operações terroristas do Novo Exército Popular (NEP), que age no sul do país, e cujo líder, Rómulo Kintanar, foge da prisão em 1988. Após o assassinato, pelo NEP, do cel. James Rowe, assessor militar americano, em 24/4/1989, o Congresso dá plenos poderes a Corazón por seis meses e vários políticos e militares golpistas são presos. Antes do fim de seu mandato, a presidenta tem de enfrentar novas ameaças: a proclamação unilateral de independência, em 5/10/1990, da ilha de Mindanao, pelo cel. Alexander Noble, ligado ao golpista Honasán; a onda de protestos dos trabalhadores, entre out. e nov. de 1990, por melhores salários; a intensificação dos ataques, no sul, da guerrilha muçulmana Frente Moro de Libertação Nacional; e as pressões para que se permitisse o retorno de Imelda Marcos, viúva do ex-ditador, que pretendia concorrer às próximas eleições (sua volta é autorizada em 31/7/1991). Entretanto, quem se elege, em 11/5/1992, é o ex-min. da Defesa, gen. Fidel Ramos, pela coalizão oposicionista União Nacional dos Democratas Cristãos, mas com o apoio de Corazón.

ÍNDIA

Constantes conflitos desencadeados pelas rivalidades comunitárias agitam o país desde o início da década de 80: o dos bengalis contra os imigrantes nepaleses, na província de Assam, em 1983; o dos hindus contra os muçulmanos, nos Estados de Maharashtra e Andra Pradesh, nesse mesmo ano; entre a maioria indiana e as minorias étnicas do Estado de Karnataka, em 1984; e entre os muçulmanos de Bombaim e os *shivsena*, adoradores de Shiva, a deusa da destruição.

O conflito com os sikh – Os distúrbios mais graves são desencadeados em 1984, no Pundjab, pelas reivindicações separatistas da comunidade sikh e pela escalada de atentados e assassinatos políticos promovidos pela ala radical de seu partido, o *Akali Dal*. A repressão a esse movimento culmina, em 6/6/1984, na invasão do Templo Dourado de Amritsar, o maior santuário da seita, onde são mortos 450 militantes do *Akali Dal* e seu líder, Jarnail Singh Bindranauale. Em represália, em 31/10, membros sikh de sua guarda pessoal assassinam a 1ª-min. Indira Gandhi, seguindo-se a isso um massacre de 1.277 membros da comunidade sikh da capital pelos hindus.

A violência prossegue – Em 1985, é assassinado o líder sikh moderado Sant Harchand Longoual, em represália pela assinatura de um acordo de trégua com o filho de Indira, Rajiv Gandhi, que a sucedera no poder. A decisão, em 1º/5/1987, de intervir no Pundjab, colocando-o sob administração do governo central, provoca nova escalada de terrorismo e, em 9/5/1988, outra invasão do Templo Dourado, em que os militantes do *Akali Dal* preferem suicidar-se com cápsulas de cianureto a entregar-se à polícia. Os distúrbios no Pundjab continuam nos anos seguintes, somando-se, em 1990, aos conflitos étnicos na Cachemira, onde, de jan. a mai., ocorrem mais de duzentos assassinatos políticos, entre os quais o do gov. Abdul Zarbar.

A morte de Rajiv – Nova crise é gerada, em set. de 1990, pela implementação da Lei Mandal, que reserva 27% dos cargos públicos às castas inferiores. Os protestos por ela suscitados, juntando-se à incapacidade em pôr fim aos distúrbios interétnicos, derrubam os governos sucessivos de Vishuanath Pratap Singh e Chandra Shekhar, que assumem após a derrota de Rajiv nas eleições de 2/12/1989. O Parlamento é dissolvido em 13/3/1991 e as eleições antecipadas marcadas para 20 a 26/5. Mas, em 21/5, durante um comício em Sriperumpudur, perto de Madras, capital do Tamil Nadu, Rajiv é assassinado. As suspeitas recaem sobre os simpatizantes, muito numerosos nesse Estado, dos separatistas Tigres da Libertação do Tamil Ilam, do Sri Lanka, que não aceitaram a intervenção indiana naquele país, decidida por Rajiv em ago. de 1987. E, de fato, o principal suspeito, o líder separatista tamil Silvarasan, suicida-se em Bangalore, em 20/8/1991, juntamente com seis seguidores. No fim de mai., o Partido do Congresso vence as eleições e seu novo pres., P.V. Narasimha Rao, torna-se 1º-ministro.

Escândalos e violência – Em mar. de 1992, o governo sobrevive a uma moção de desconfiança contra sua política econômica; mas é desgastado por denúncias de corrupção, que provocam a renúncia do chanceler Madav Singh Solanki (31/3/1992) e causam, em mai., uma queda vertiginosa nas cotações da Bolsa de Bombaim, devido a empréstimos não-segurados, que acarretam para o governo um prejuízo de US$ 1,2 bilhão. Enquanto isso, cresce a campanha de Lalkrishan Advani, líder do *Bharatiya Janata* (PBJ), de extrema direita, contra a existência, em Ayodhya, no estado nordestino de Uttar Pradesh – onde, segundo a tradição, nasceu o deus Brama –, de uma mesquita construída em 1528. Em 6/12/1992, Advani consegue que seus seguidores comecem a demolição da mesquita. A reação dos muçulmanos desencadeia distúrbios que se espalham por Calcutá, Nova Délhi e Bombaim. A prisão de Advani e outros dirigentes do PBJ levam à convocação de greves.

SRI LANKA

O principal problema enfrentado na década de 80 pelo governo do pres. Junius Jaieuardene é o das reivindicações separatistas da etnia tamil, responsável pela guerra civil que, entre 1983 e 1986, provoca 7 mil mortes. O plano de concessão de autonomia provincial, oferecido pelo governo em 18/6/1986, é rejeitado em 16/11/1987 pelo líder guerrilheiro Velupilai Prabakharan, sob a alegação de que dá autonomia apenas a regiões já sob controle dos separatistas. A violação subseqüente dos cessar-fogo pelos radicais do movimento Tigres da Libertação do Tamil Ilam e a escalada do terrorismo fazem com que, em 1987, tropas indianas intervenham no país e, em 1989, o novo presidente, Ranasinghe Premadasa, promova matança indiscriminada de guerrilheiros e civis. Depois disso, em nov. de 1989, os Tigres aceitam transformar-se num partido político e, em mar. de 1990, as tropas indianas se retiram. Mas a violência recomeça em 11/6/1990, inclusive com a chacina, pelos Tigres, dos militantes moderados da Frente Revolucionária de Libertação do Povo Tamil. Desde então, os distúrbios interétnicos voltam a tomar conta do norte e do leste do país. Ameaçado de *impeachment* por corrupção e abuso de poder, Premadasa suspende o Parlamento por um mês, em 30/8/1991. Isso ocorre quando a guerra se intensifica, e Prabakharan e seu assessor, Pottu Amman, acusados de serem os mandantes do assassinato de Rajiv Gandhi, passam para a clandestinidade. Em 15/2/1992, começa o cerco governamental a Jaffna, último reduto dos Tigres; mas estes se recusam a fazer um acordo, apesar do bloqueio total à região, o que exige ajuda de emergência da Cruz Vermelha à população local.

JAPÃO

Seguidos escândalos de corrupção marcam a vida japonesa desde a década de 70. A denúncia de suborno a políticos pela empresa Lockheed, para a compra de seus aviões, causa, em 1974, a renúncia do 1º-min. Kakuei Tanaka, o político mais poderoso do país. Em 1988, o escândalo da venda de ações da corretora Recruit Cosmos Co. a membros do governista Partido Democrata

Liberal (PDL) envolve o 1º-min. Noburo Takeshita, que renuncia no ano seguinte. O governo do ex-chanceler Kiichi Miyazawa, que, em 27/10/1991, vence as eleições para a presidência do PDL e torna-se o 1º-ministro, já começa envolto em denúncias de ligação com o *Recruit-gate*, e com um escândalo sexual em que está implicado o min. da Saúde e Bem-Estar Social, Tokuo Yamashita. Também Fumio Abe, assessor de Miyazawa, é acusado de receber doações não-declaradas da metalúrgica Kyowa. Isso se reflete nas eleições complementares do distrito de Nara, em fev. de 1992, em que o PDL perde para os socialistas, e nas eleições parciais para a Câmara Alta (26/7/1992), em que não reconquista a maioria absoluta de 252 cadeiras.

O caso Sagawa – Em 27/8/1992, é a vez de o ex-vice-1º-min. Shin Kanemaru admitir ter recebido US$ 4 milhões da Sagawa, segundo maior grupo de transportes do país, acusado de ter distribuído US$ 635 milhões em propinas a 130 políticos da situação e da oposição. Kanemaru renuncia à vice-presidência do PDL, à chefia de sua maior facção e à sua cadeira no Parlamento. A indignação cresce ao se revelar que, cinco anos antes, Kanemaru oferecera US$ 36 milhões à *Yakuza*, a máfia japonesa, para eliminar líderes de extrema direita que faziam campanha contra Takeshita.

TIGRES ASIÁTICOS

Desde a década de 70, alguns países do continente se industrializam em ritmo acelerado, em especial nos setores da informática e eletrônica em geral. Ligados ao Japão em termos de fornecimento de equipamentos, transferência de tecnologia e associação de capital, esses países oferecem condições favoráveis à implantação de determinadas indústrias: sua mão-de-obra é barata, os sindicatos não são fortes e a legislação trabalhista atende aos interesses do governo. Além disso, a própria cultura desses povos possui traços que incentivam o hábito do trabalho intenso, com uma fidelidade ao patrão que reproduz características do período feudal.

Coréia do Sul – Embora os projetos de industrialização já existissem desde o fim da guerra com o Norte, em 1953, o desenvolvimento só se acelera na década de 70, como um reflexo do que ocorre no Japão em conseqüência do Plano Marshall. São formados os *chaebols*, grandes congiomerados associados ao capital estrangeiro, como a Hyundai, Samsung e GoldStar, cuja produção, extremamente diversificada, visa ao mercado externo, em particular ao americano. Mas a dependência da importação de tecnologia e componentes, principalmente do Japão, provoca a evasão de divisas, tornando frágil esse modelo de desenvolvimento. O aumento da concorrência internacional faz a economia ser vulnerável ao déficit comercial e à inflação.

Em 1990, apesar de um crescimento real de 10% no consumo, o saldo da balança comercial é de US$ 4,7 bilhões negativos, pois o governo teve de fazer importações para modernizar a estrutura produtiva. Em 14/1/1991, diante da inflação de 9,4%, são adotadas medidas de contenção dos preços, visando a fazê-la baixar para 8%. Uma nova estratégia industrial opta pela conversão dos *chaebols* em produtores de artigos mais restritos e sofisticados, com alta tecnologia. O projeto de reforma geral da infra-estrutura previa, no fim de 1991, a quadruplicação das ferrovias e sistemas de metrô até o fim do século, o aumento em sete vezes das rodovias até 2030 e a busca da auto-suficiência energética. Essas são medidas de apoio à estratégia dos *chaebols* para concorrer com o Japão pela supremacia econômica no leste do continente.

Formosa (Taiwan) – Em 1971, o país perde a condição de legítimo representante do povo chinês na ONU e, em 1980, tem de sair do FMI e do Banco Mundial. Mas características estruturais semelhantes às da Coréia do Sul fazem com que se torne um grande exportador e um centro de investimentos e captação de transferência tecnológica, com o terceiro setor petroquímico da região e três usinas nucleares. A meta para 1992 é equilibrar a balança comercial, para evitar o descontrole inflacionário, trazendo ao nível de US$ 5 bilhões o superávit que, em 1990, foi de US$ 14 bilhões. Para isso, a importação é estimulada e as pessoas físicas e jurídicas são autorizadas a remeter até US$ 5 milhões por ano para o exterior. Em 1991, é lançado um plano de seis anos para a modernização da infra-estrutura obsoleta: investimentos de US$ 300 bilhões abrangem 779 projetos de renovação dos sistemas de transporte, petroquímica e indústria pesada, controle da poluição e construção de uma quarta usina nuclear. Essas medidas são desencadeadas por estatísticas divulgadas em fev., mostrando que a economia tinha decrescido de 7,3%, em 1989, para 5,3%, em 1990, o mais baixo índice em oito anos, queda atribuída ao colapso do mercado de ações e à baixa na produção industrial e nos investimentos internos.

Hong Kong – O território vive situação paradoxal: possui economia desenvolvida, renda per capita alta e é grande exportador; mas é considerado território chinês sob administração britânica até 1997, quando será devolvido a Pequim. Apesar do compromisso assumido pelos chineses de manter o capitalismo durante cinqüenta anos, a transferência poderá provocar a emigração do capital e da mão-de-obra qualificada. As dúvidas sobre a conduta do governo chinês, principalmente depois do massacre da praça da Paz Celestial, são responsáveis pelo êxodo de 162 mil pessoas, principalmente homens de negócio e profissionais qualificados, para a Grã-Bretanha, os EUA e o Canadá entre 1989 e 1991. São consideradas muito elitistas, entretanto, as condições de imigração oferecidas pelos britânicos em abr. de 1990, que dão prioridade a trabalhadores especializados que possuam família na Grã-Bretanha e falem inglês.

Cingapura – O governo do 1º-min. Li Kuan-Yu, no poder de 1959 a 1990, assinala uma fase que combina o autoritarismo com intenso crescimento econômico. A concentração da aplicação da poupança na construção civil e a abertura do mercado interno aos investimentos estrangeiros permitem uma média anual de crescimento de 9,2% entre 1970 e 1981. A renda per capita, de US$ 18 mil, é a terceira maior do Oriente. O objetivo do país é tornar-se o eixo dos negócios entre a Ásia e o Pacífico. Para isso, lança, nos anos 80, a idéia do Triângulo do Crescimento: a troca de tecnologia, infra-estrutura, mão-de-obra, terrenos e recursos naturais com a Malaísia e a Indonésia. A crise de 1985/86, provocada pela queda dos preços dos produtos de exportação, força a adoção de medidas de austeridade. Em 1988, a taxa de crescimento é de 11% , superando o nível de 1980 a 1985. Em 1989, o movimento comercial é de US$ 190 bilhões; e, em 1990, os investimentos estrangeiros atingem US$ 2,5 bilhões.

Socialismo em mutação

Diversas causas podem ser apontadas para a corrosão do socialismo nas décadas de 80/90: o clima repressivo dos regimes do Leste europeu, onde todas as formas de dissidência são coibidas; a decrepitude de estruturas políticas rígidas, que não se renovam; o fracasso de planos econômicos centralizados, como o "grande salto para a frente" chinês; a perda drástica da qualidade de vida do povo, em decorrência de a maioria dos recursos ser carreada para a corrida armamentista, fruto da Guerra Fria e da confrontação Leste/Oeste; e a consciência da desigualdade criada pelos privilégios abusivos da classe dominante (a *nomenklatura*).

CHINA

Os primeiros sinais de que está em curso um processo de "desmaoização" surgem exatamente um mês após a morte, em 9/9/1976, de Mao Tsetung, que governara durante 27 anos. São presos e acusados de subversão sua viúva, Jiang Qing, e três outros membros da ala radical do PC: o chamado Bando dos Quatro, responsá-

vel pelo endurecimento ideológico do qual a manifestação mais aguda tinha sido a Revolução Cultural. É reabilitado e reconduzido às suas funções o ex-vice-1º-min. Deng Xiaoping, que, em 5/4/1976, tinha caído em desgraça após os incidentes na praça *Tien An Men* (da Paz Celestial), onde a população se reunira para pedir maiores liberdades. A partir de 21/11/1978, começam a surgir, em Pequim, os *dazibao* (jornais murais), responsabilizando Mao e seu sucessor, o pres. Hua Guofeng, pelos "abusos reacionários" da década de 60.

Rumo à abertura – Nos anos que se seguem, acontecimentos antes impensáveis transformam a vida do país: ao reatamento com os EUA, em 1º/1/1979, segue-se a assinatura de um acordo destinado a formar uma frente contra a expansão soviética na Ásia (8/1/1980). O expres. Liu Caoqi, expurgado em 1966, é reabilitado em 29/2/1980; e, para "combater o culto à personalidade", proíbe-se, em 15/3, que nomes de dirigentes sejam dados a ruas, empresas e escolas. Já não causa mais surpresa a renúncia, em 3/7, de Hua Guofeng ao cargo de 1º-min., em favor de Zhao Ziyang, dois meses antes do início, em Pequim, em 20/11, do julgamento do Bando dos Quatro e de cinco generais que, em 1971, tinham conspirado com Lin Piao contra Mao. Em queda livre, Hua renuncia em 1981 à secretaria-geral do PC, na qual é substituído por Hu Yaobang, pouco depois de o Bando dos Quatro receber penas de morte que, em 1983, são comutadas para prisão perpétua. A queda de Hua sepulta o maoísmo e assinala a ascensão de Deng, que, em 1984, põe em marcha reformas que revolucionam a economia.

Liberalização – As mudanças econômicas coincidem com o acordo com a Grã-Bretanha, que prevê a devolução de Hong Kong a partir de 1997. Entre as reformas destacam-se o lançamento do Great Wall Card, o primeiro cartão de crédito do país; a fundação da Bolsa de Valores, da Associação dos Trabalhadores Autônomos e do primeiro banco totalmente privado, o Shezhen Development Bank, além de um conglomerado de empresas dirigidas segundo o modelo ocidental para atrair investimentos estrangeiros.

Choques – As divergências entre reformistas e conservadores, entretanto, não demoram a aparecer. As raízes das manifestações estudantis na *Tien An Men*, duramente reprimidas em jun. de 1989, prendem-se à onda de protestos que se inicia em dez. de 1985, quando os conservadores tentam restringir o direito de expressão dos dissidentes, proibindo que eles estampem suas críticas nos dazibao. Os protestos estendem-se por todo o país até atingir proporções muito amplas no início de 1987. As convulsões partidárias causadas por esses distúrbios custam o cargo a Hu Yaobang, substituído interinamente, em 16/1/1987, pelo 1º-min. Zhao, que, em 9/4/1988, o transfere para seu vice, Li Peng.

O massacre – Mas os estudantes, que desejam não só reformas econômicas, mas também maiores esclarecimentos sobre alguns aspectos da política interna e da história recente, sempre cercados de sigilo, continuam promovendo manifestações que crescem e culminam na ocupação pacífica da *Tien An Men*, a partir de 13/5/1989 – coincidindo com a visita de Mikhail Gorbatchóv, que, em 16/5, assina em Pequim o acordo que põe fim ao conflito sino-soviético. Os protestos terminam em 3/6, com a chacina promovida pelo Exército, que invade a praça para expulsar seus ocupantes. A avaliação oficial é a de que trezentas pessoas, entre civis e militares, morreram; mas observadores chegam a calcular 4 mil vítimas.

Endurecimento – Alguns dissidentes de destaque conseguem asilar-se em embaixadas. É o caso do físico Fang Lizhi e de sua esposa, a prof. Li Shuxian, acolhidos na dos EUA e refugiados em Washington a partir de 26/6/1990. Mas as execuções em massa dos detidos e o expurgo de seus simpatizantes dentro do aparelho estatal, apesar dos apelos e das sanções internacionais, demonstram que os conservadores, na cúpula dirigente, não tencionam contemporizar. Aos acontecimentos no Leste europeu o PC responde em 1º/1/1991, em seu XIII Congresso, recusando qualquer reforma que possa pôr em perigo o monopólio do poder pelo partido. Apesar das manifestações de protesto, em jun., na Universidade de Beida, continuam os julgamentos dos líderes estudantis presos em 1989, entre eles Wang Dan, da Universidade de Pequim, condenado a quatro anos de prisão. Em 8/4, um conhecido moderado, Zhu Rongji, prefeito de Xangai, é nomeado vice-1º-ministro; mas, no dia seguinte, Li defende enfaticamente o massacre e anuncia sua intenção de permanecer no poder até mar. de 1993.

Retomada das mudanças – Em 23/9/1992, a agência Xinhua anuncia que o número de pequenos empresários e comerciantes cresceu de zero, em 1979, para 22,6 milhões em 1991. Isso faz parte da política de reformas, reativada a partir de 1990. Como conseqüência, em 10/7/1991, os EUA restituem à China sua condição de parceiro comercial favorecido. Depois disso, são gradualmente suspensas as sanções internacionais decretadas após o massacre de 1989. Em 27/1/1992, o governo anuncia que o PNB cresceu 7% no ano anterior; e, em ago., é aberta ao povo a possibilidade de investir na Bolsa de Xenzhen, na província sulista de Guangdong – para onde se desloca mais de um milhão de pessoas. Todos esses acontecimentos dão muita força aos reformistas, que, na VII Sessão da Assembléia Nacional Popular, conseguem introduzir 150 emendas ao plano de governo do conservador 1º-min. Li Peng. E, em 5/8/1992, o governo resolve deixar 66 estatais improdutivas abrirem falência, "por ter chegado a era da eficiência e da produtividade". O que continua em ponto morto, entretanto, é a questão dos direitos humanos: embora tenha concordado com medidas de alcance superficial, para satisfazer visitantes estrangeiros, o governo reafirma, em 31/10/1991, não haver presos políticos no país.

POLÔNIA

As transformações se iniciam na década de 80 com as reivindicações trabalhistas do direito à livre organização. A bem-sucedida greve iniciada em 12/8/1980, no estaleiro Lênin de Gdańsk, a que aderem os sindicatos de Szczecin e Gdynia, no Báltico, e as minas da Silésia, retoma a tradição de lutas operárias que, em 1976, tinham sido responsáveis pela substituição de Wladislaw Gomulka por Edward Gierek. O principal fruto do movimento em Gdańsk é a criação, em 30/8, do Solidariedade, o primeiro sindicato independente do país, liderado por Lech Walesa. Outra conseqüência é o afastamento de Gierek, substituído, em 5/9, por Stanislaw Kania na secretaria-geral do Partido Operário Unificado Polonês (POUP).

Sindicalismo independente – A consolidação da influência do Solidariedade, entre 1980 e 1981, junto aos trabalhadores, expandindo-se inclusive num sindicato rural, criado pelo acordo de 17/4/1981, preocupa as autoridades soviéticas. Principalmente por ter estreitos vínculos com a Igreja e o catolicismo – muito arraigado na população –, sempre representou um foco de resistência à implantação do socialismo. Em jun. de 1981, uma carta do Comitê Central do PCUS alerta para a possibilidade da intervenção do Pacto de Varsóvia caso a situação não seja controlada. Ainda assim, em 25/9, o Parlamento aprova a Lei da Autogestão, previamente homologada pelo Solidariedade, que permite aos operários participar da administração de suas fábricas.

Lei Marcial – A crescente tensão entre o Estado e os trabalhadores provoca, em 18/10/1981, a queda de Kania, substituído pelo 1º-min. e min. da Defesa, gen. Wojciech Jaruzelski. Mas a insatisfação popular continua se expressando em protestos de rua. Jaruzelski decide agir quando o Solidariedade, em resposta ao Comitê Central do POUP, que, em 28/11, tinha pedido a proibição das greves, convoca para 17/12 uma Jornada Nacional de Protesto contra "as violações dos Acordos de Gdańsk". Alegando querer impedir uma intervenção do

Pacto de Varsóvia, semelhante à que houve em 1968 na Tcheco-Eslováquia, decreta, em 13/12, o estado de emergência. É criado o Conselho Militar de Salvação Nacional e 5.096 pessoas, entre elas Walesa, são presas. Em out. de 1982, o Solidariedade é declarado ilegal, dois meses antes da revogação da Lei Marcial e da libertação de Walesa.

Liberalização – Entre 1984 e 1989, pressionado pela oposição popular e influenciado pelos acontecimentos na URSS, onde Gorbatchóv dera início à *pierestróika*, o governo atenua gradualmente o regime, concedendo anistia aos presos políticos e legalizando o Solidariedade em 5/4/1989. Nesse ano, Jaruzelski, eleito presidente, nomeia 1º-min. Tadeusz Mazowiecki, membro do Solidariedade, que anuncia um pacote econômico incluindo o fim dos subsídios, restrições ao crédito e congelamento de salários. Em 1990, o POUP transforma-se no Partido Social Democrata da Polônia; e uma ala dissidente vai para a oposição, formando a União Social Democrata. É anunciado o plano de privatização de 80% da indústria e dos serviços e de 20% das terras aráveis.

Ascensão de Walesa – O líder sindical vence as eleições de 9/12/1990 e, no dia 29, indica como 1º-ministro o militante do Solidariedade Jan Krzysztof Bielecki. Em mai. de 1991, setecentos delegados fundam, em Varsóvia, novo partido de oposição, a União Democrática, liderada por Mazowiecki. Mas o novo presidente tem logo de enfrentar dificuldades como a greve geral de 22/5/1991, convocada pelo próprio Solidariedade, agora presidido por Marian Krzaklewski, contra a queda do nível de vida da população e a recessão.

Uma crise atrás da outra – A onda grevista e os choques entre Walesa e o Parlamento, devido à aprovação da nova lei eleitoral, causam, em 3/8/1991, a renúncia de Bielecki, substituído por Bronislaw Geremek em 8/11. Nas eleições parlamentares de 27/10, a União Democrática (UD) conquista 13% dos votos contra 10% da Aliança Democrática de Esquerda, dos ex-comunistas, num pleito em que a abstenção é de 60%. O Parlamento fica totalmente fragmentado. Após difíceis negociações, Walesa é forçado a nomear (5/12/1991), para a chefia do governo, Jan Olszewski, da Aliança de Centro, a quem não aprova, e que só com dificuldade consegue o apoio do Parlamento. Seu plano de governo leva às ruas os militantes do Solidariedade, em greve geral de protesto, e é rejeitado pelo Parlamento em mar. de 1992. O gabinete Olszewski não demora a esvaziar-se e, em 5/6, derrotado numa moção de desconfiança, ele é substituído por Waldemar Pawlak, do Partido Camponês, primeiro chefe de governo em anos recentes a não ter vínculos com o Solidariedade. Mas ele logo renuncia também e forma-se uma coligação de sete partidos para apoiar a deputada Hanna Suchocka, da UD (10/6). Ela terá de enfrentar, de saída, nova onda de greves contra o arrocho salarial (ago.), nas minas de cobre e carvão, e nas montadoras de automóveis. Em 18/8/1992, o governo cria, no âmbito da lei de privatizações, fundos de investimento para que o cidadão comum possa comprar ações das quatrocentas empresas privatizáveis.

UNIÃO SOVIÉTICA

O modelo político e as formas de organização econômica passam por radical transformação a partir da chegada ao poder, em 11/3/1985, do secretário-geral Mikhail Gorbatchóv. Um primeiro indício de que, após o imobilismo da Era Bréjnev, que se estendera de 1964 a 1982, havia a consciência da necessidade de mudanças aprofundadas já surgira durante o breve governo de Iúri Andrópov (1982–1984). Mas a renovação é retardada pela gestão conservadora de Konstantin Tchernenko, da velha guarda do PCUS (1984/85).

Pierestróika – Após uma fase de consolidação de seu poder, em que substitui, nos postos-chave, antigos dirigentes por funcionários mais jovens, de sua confiança, Gorbatchóv anuncia, no XXVI Congresso do PCUS, em 25/2/1986, as modificações essenciais a serem adotadas na política econômica. Essas novas diretrizes, a que se dá o nome de *pierestróika* (reconstrução), são conduzidas dentro de um clima novo de abertura marcado pela *glásnost* (transparência), que se manifesta sob a forma de uma maior liberdade política, social e cultural.

Mudanças políticas – O afastamento do chanceler Andréi Gromiko, em 2/7/1985, para o posto honorífico de presidente da República abre espaço para que Edvard Shevardnaze, da confiança de Gorbatchóv, ponha em ação nova política externa, de distensão com os EUA. Suas repercussões são profundas, a curto prazo, em áreas tão diversas quanto a América Central e o Oriente Médio, a África Austral e o Sudeste Asiático. A melhoria das relações com os EUA possibilita, entre outras conseqüências, negociar o fim da intervenção soviética no Afeganistão, a retirada de tropas cubanas de países limítrofes da África do Sul, desbloqueando o processo de independência da Namíbia e da retirada vietnamita do Camboja; fazendo diminuir a pressão americana sobre a frente sandinista e, conseqüentemente, criando melhores condições para que se negocie a paz com os "contras". As modificações aceleradas dentro da URSS têm também como repercussão externa a explosão de tensões longamente reprimidas no bloco socialista, fazendo desaparecer os regimes comunistas nos chamados "países satélites". A reunificação da Alemanha, a queda da ditadura de Nicolae Ceausescu na Romênia e a democratização de todos os países do Leste europeu são resultados diretos do que se passa na URSS.

Glásnost – No plano interno, a primeira conseqüência é o fim da perseguição aos dissidentes. Muitos deles, postos em liberdade, recebem permissão para emigrar. A libertação que mais repercute é a do físico Andrêi Sákharov, que, em 19/2/1986, pode sair do exílio interno em que estava, na cidade de Górki, desde 1982. Antes de sua morte, em 15/12/1989, é eleito deputado e tem ativa participação oficial na vida política. Intensificam-se as campanhas contra a corrupção e a ineficácia administrativa, realizam-se expurgos dentro do PCUS e nos mais diversos níveis da administração, para eliminar funcionários desonestos ou para afastar os que tentam opor-se às reformas. A liberalização cultural resulta em revitalização da produção artística e na possibilidade do contato com obras proibidas. Autoriza-se um maior grau de pesquisa e experimentação nas artes plásticas, na música e na literatura. A imprensa e a televisão abrem largo espaço às críticas ao governo.

Tensões internas – Crescem as críticas e pressões dos conservadores, contrários ao radicalismo da *pierestróika* e às conseqüências da *glásnost*. A polêmica sobre as reformas entre o ideólogo oficial Iégor Ligatchóv e Boris Iéltsin, chefe do PC de Moscou, que desde 1987 desponta como líder da ala reformista, evidencia a recusa dos veteranos em reformular princípios ideológicos muito sedimentados e abrir mão de antigos privilégios. Outra conseqüência da liberalização são as reivindicações nacionalistas em todas as repúblicas que compõem a URSS, levando, entre 1990 e 1991, à sua independência e à criação da Comunidade dos Estados Independentes, de que só não participam a Geórgia e os Estados bálticos.

Fim do império – O conflito entre a Armênia e o Azerbaidjão pela posse do enclave de Nagorno-Karabakh, onde a maioria da população é armênia; as declarações unilaterais de independência das repúblicas bálticas; e os movimentos autonomistas que surgem em vários pontos da União minam o poder central. As tentativas de Gorbatchóv de assinar um tratado que transforme a URSS numa União de Repúblicas Soberanas estão condenadas ao fracasso. O envio de tropas à Lituânia, em jan. de 1991, para conter o separatismo, provoca protestos em todo o país. E desencadeia, em Moscou, grandes manifestações, em que Iéltsin, eleito naquele ano pres. da Federação Russa, posiciona-se claramente a favor do nacionalismo. Fracassa o novo

Tratado da União, idealizado por Gorbatchóv, e sucedem-se as declarações de soberania, os plebiscitos em que a população opta pela independência e os pedidos de renúncia do governo central.

Golpe frustrado – A reação dos conservadores contrários à possibilidade do desmembramento da URSS vem em 19/8/1991: a agência *Tass* anuncia que Gorbatchóv está "incapacitado de exercer suas funções por motivos de saúde" e que, em seu lugar, assume o vice, Guenádi Ianáiev. O estado de emergência é decretado por seis meses em algumas regiões do país e o poder é transferido para um Comitê Estatal de Emergência, presidido por Ianáiev, do qual também fazem parte o chefe do KGB, Vladimir Kriútchkov, o 1º-min. Valentin Pávlov, o min. do Interior, Borís Pugo, e o da Defesa, gen. Dmitri Iázov. Mas a população, respondendo ao apelo de Iéltsin, sai às ruas, coloca-se diante dos tanques e impede-os de chegar ao *Biély Dom* (Casa Branca), o prédio do Parlamento. Os discursos de Iéltsin obtêm ainda a adesão de várias repúblicas, que condenam o golpe, e dos mineiros das bacias carboníferas, que entram em greve. O pres. Nursúltan Nazarbáiev, do Cazaquistão, é o primeiro a exigir que o próprio Gorbatchóv afirme, de público, se tem realmente problemas de saúde. E a Ucrânia declara sem efeito todos os decretos do Comitê de Emergência.

A volta de Gorbatchóv – Na noite de 19/8, Pávlov afasta-se de seu cargo e é substituído por seu vice, Vitáli Dogujév. Alega uma crise de hipertensão, mas, na verdade, percebe que as divisões nas Forças Armadas condenam o golpe à derrocada: as tropas antiterrorismo Alpha, do KGB, recusam-se a se infiltrar no *Biély Dom*; a frota do Báltico condena o golpe; e o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, gen. Nikolái Sháposhnikov, e o comandante dos pára-quedistas, Pável Gratchóv, também se negam a participar do ataque. O retorno do presidente a Moscou põe fim ao golpe.

Conseqüências – Todos os participantes são demitidos; cinco dos oito membros do Comitê são presos; 80% dos comandos das Forças Armadas são expurgados por Sháposhnikov, novo min. da Defesa; o PC é colocado na ilegalidade na Rússia e, em 29/9, é proibido em toda a URSS. As repúblicas bálticas são as primeiras a reafirmar sua independência, reconhecida em 6/9/1991 pelo novo Conselho de Estado. São seguidas pela Ucrânia (24/8), a Bielorússia (25/8), a Geórgia e a Moldávia (27/8) – esta última, ao declarar-se soberana, muda o nome da capital, Kishinióv, para Chisinau, seu antigo nome romeno. Vêm depois o Azerbaidjão, a Quirguízia e o Uzbequistão (30/8), o Tadjiquistão (9/9) e a Armênia (22/9). O bielorusso Nikolái Dementêi e o tadjique Kakhár Makhkámov, partidários do golpe, têm de renunciar em favor dos reformistas Viátcheslav Kébitch e Izatulá Khaiêiev. Em 8/12, Iéltsin assina, com os pres. Leonid Krávtchuk, da Ucrânia, e Stanislau Shúshkevitch, da Bielorússia, um documento em que formaliza a idéia da criação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), declarando revogada a existência da URSS. O primeiro a aderir é Nursúltan Nazarbáiev, do Cazaquistão, trazendo consigo as repúblicas islâmicas da Ásia Central, que exigem, entretanto, ser consideradas co-fundadoras da CEI, com direitos iguais aos das repúblicas eslavas. Em 14/12, a CEI tem novos sócios: o Cazaquistão, o Uzbequistão, a Turcomênia, a Quirguízia e o Tadjiquistão. Na reunião de Alma Atá, no Cazaquistão, em 21/12, a CEI é oficialmente instituída.

A questão das armas – O controle do armamento nuclear, principal preocupação do Ocidente, gera dissensões entre a Rússia e a Ucrânia, que não pretende abrir mão do arsenal nem da frota do mar Negro. Em Alma Atá, Sháposhnikov é nomeado comandante provisório das Forças Armadas conjuntas. Em 30/12, os líderes da CEI concordam em formar um comando central para controlar as 27 mil armas nucleares da ex-URSS. Mas as divergências impedem igual entendimento a respeito das armas convencionais, sendo necessário reconhecer "o direito de cada Estado de resolver os assuntos militares segundo suas próprias leis".

Fim da URSS – Gorbatchóv renuncia em 25/12, num discurso transmitido em cadeia nacional de televisão, e entrega a Iéltsin o *tchemodântchik* (malinha), a pasta preta em que são guardados os códigos de disparo dos mísseis nucleares estratégicos. No dia seguinte, a Rússia assume, na ONU, as prerrogativas e deveres que cabiam à URSS. A dissolução oficial da União é votada, em 26/12, por 30 dos 173 deputados do Soviete das Repúblicas, que aprova também o Tratado de Alma-Atá, que criara a CEI, antes de decidir a sua própria extinção. Na véspera, a bandeira vermelha com a foice e o martelo tinha sido retirada do mastro central do Kremlin.

A CEI E AS NOVAS REPÚBLICAS

Desde sua fundação, a Comunidade dos Estados Independentes vem-se debatendo com sua natureza ambígua: embora não seja um país, é mais do que uma simples comunidade econômica de nações, pois tem Forças Armadas centralizadas, o rublo ainda circula nas repúblicas que a integram, e mantém-se em grande parte intacta a relação de supremacia da Rússia sobre as demais unidades da extinta Federação. Mas a explosão de contradições durante muito tempo represadas pelo Kremlin abala a coesão e as instituições ainda precárias da nova comunidade. Divergências sobre o controle do arsenal nuclear e a ratificação do Tratado START, de desarmamento, que a URSS tinha assinado com os EUA em jul. de 1991; desentendimentos sobre a partilha proporcional, entre as repúblicas, da antiga dívida externa soviética, de US$ 74 bilhões; e a necessidade de conformar-se às regras do FMI para obter, no Ocidente, uma ajuda de US$ 24 bilhões, prometida pelo pres. George Bush e pelo chanceler Helmut Kohl, são alguns dos problemas globais enfrentados pela CEI em 1992.

Mas há outros litígios que, em alguns casos, degeneram em guerra aberta: a presença de 130 mil soldados do ex-Exército Vermelho na Letônia, Lituânia e Estônia, sob a alegação de que é preciso garantir a segurança da comunidade russa residente nesses países, mantém a tensão entre a Rússia e os Estados bálticos. Na Moldávia, o governo luta com os separatistas da autoproclamada República do Trans-Dniestr, habitada por russos e ucranianos que temem a possibilidade da integração dessa república à Romênia (os separatistas contam com o apoio do 14º Exército russo, estacionado em sua região). No Cáucaso, a Armênia e o Azerbaidjão continuam lutando pela posse do enclave de Nagorno-Karabakh, com grande número de baixas de parte a parte. Entre a Rússia e a Ucrânia, além da disputa pelo controle da frota do mar Negro e do arsenal nuclear, há também a disputa pela posse da Criméia, habitada majoritariamente por russos, mas sob jurisdição ucraniana desde 1954 (o território luta pela independência, não se contentando com o status de autonomia relativa concedido por Kiev). A Geórgia, embora não pertença à CEI, tem também conflitos internos: além do que opõe os partidários e opositores do ex-pres. Zviád Gamsakhúrdia, deposto em jan. de 1992, há também a guerra das autoridades de Tbilisi com a Ossétia do Sul, território georgiano que reivindica a anexação à Ossétia do Norte, pertencente à Federação Russa (todas essas questões são herança da política stalinista de separar os grupos étnicos para enfraquecê-los).

A própria Federação Russa, a braços com problemas políticos e econômicos dos mais graves, é uma colcha de retalhos de reivindicações das minorias étnicas que a compõem, e ameaçam fazê-la implodir da mesma forma que a ex-URSS. O novo Tratado da Federação Russa, assinado por Borís Iéltsin, em mar. de 1992, com dezoito das vinte repúblicas autônomas que a integram, não encontra uma solução para seus problemas mais sérios: a reivindicação de soberania da Tartária, proclamada em 21/3/1992; o separatismo na Chechen-Inguchétia, convertida em duas unidades independentes por um decreto do Soviete Supremo de jun. de 1992; o desejo da comu-

nidade russo-alemã de restaurar a antiga República Autônoma do Volga, eliminada por Stálin em 1941; e a proposta de que a Iakútia e a Buriátia, o distrito de Niénetz e as repúblicas de Komi e Tuva, territórios autônomos da Sibéria, fundam-se nos Estados Unidos do Norte da Ásia. Em todos esses casos, a secessão seria economicamente desastrosa para Moscou, que perderia o controle sobre o petróleo tártaro, as jazidas de ouro buriatas e de gás natural nenétsio, o cobalto tuvânio, os diamantes iakútios, e assim por diante. Para complicar as coisas, o pres. Borís Iéltsin encontra-se, desde o início de 1992, em rota de colisão com Ruslán Khásbulatov, o pres. do Parlamento, com quem debate a distribuição do poder. Isso os levará, até o final do ano, à confrontação aberta.

ROMÊNIA

Em 15/12/1989, é preso László Tökes, pastor protestante de origem húngara que tinha criticado a política discriminatória contra a população de origem magiar da cidade fronteiriça de Timishoara. A repressão, pelo Exército e pela *Securitate*, a polícia política, aos protestos contra a prisão de Tökes cria uma indignação que se espalha por todo o país, atingindo Bucareste. A morte do min. da Defesa, gen. Valise Milea, pela Guarda Presidencial, por ter-se recusado a permitir que as tropas dispersassem a multidão, revolta as Forças Armadas, que aderem à população. Ceausescu e sua mulher, Elena, tentam fugir, mas são presos e fuzilados (25/12), acusados de genocídio, corrupção e destruição da economia nacional. Em 26/12, é nomeado presidente interino o ex-secretário de propaganda do Comitê Central do PC, Ion Iliescu, líder da recém-formada Frente de Salvação Nacional (FSN). O arqueólogo Petre Roman é nomeado 1º-ministro. Em 31/12, um decreto põe fim ao monopólio do PC, abole a pena de morte e a censura, convoca eleições pluripartidárias para 28/1/1990 e extingue a *Securitate*.

Novo governo – A anistia para os presos políticos, em 5/1/1990, não impede os protestos contra a presença, na FSN, de ex-comunistas que pretendem candidatar-se. Apesar disso, nas eleições, adiadas para 20/5, Iliescu é vitorioso com 85% dos votos e a FSN conquista dois terços do Parlamento. Em 20/6, são congelados preços e salários por seis meses; e, em dez., é publicado o projeto da nova Constituição. A suspensão dos subsídios aos alimentos, em abr. de 1991, provoca nova onda de manifestações contra os aumentos de preços.

Crise – Em 25/9, 7 mil mineiros em greve ocupam Bucareste, exigindo aumentos salariais, o congelamento dos preços e a renúncia do governo. Esta é uma virada em sua atitude, pois, em jun. de 1989, tinham vindo à capital para defender Iliescu contra as manifestações estudantis. O incêndio e saque do palácio do governo e da sede do Parlamento acarretam a renúncia de Roman, substituído, em 1º/10, pelo economista Theodor Stolojan, ex-min. da Fazenda. Após negociações com representantes dos mineiros, Iliescu decreta (8/10) o congelamento por seis meses dos preços dos produtos de primeira necessidade, transportes e aluguéis. A nova Constituição (nov.) institui o pluripartidarismo, garante a defesa dos direitos humanos e estabelece as bases de uma economia de mercado. As eleições municipais de fev. a mar. de 1992 confirmam o desgaste da FSN. Em sua convenção, convocada para aprovar o programa de reformas do ex-1º-min. Roman, ocorre a ruptura com a ala minoritária, ligada a Iliescu, que sai para criar a FSN/Grupo 22 de Dezembro. Dela surge um novo partido, a Frente Democrática de Salvação Nacional, presidida por Iliescu, que em set. derrota o candidato da Convergência Democrática, Emil Constantinescu.

Privatização – Em jun. de 1992, 30% das ações das empresas a serem privatizadas são distribuídas gratuitamente à população. Os restantes 70% passam a ser administrados por um Fundo do Estado, que venderá 10% dessas ações a cada ano, de preferência aos trabalhadores das próprias empresas. Anuncia-se também que o FMI e o Banco Mundial concederam créditos de US$ 400 milhões cada um em apoio a essas reformas.

ALBÂNIA

A retirada de praça pública das estátuas de Iósif Stálin, em dez. de 1990, e de Enver Hodja, o fundador do socialismo albanês, em fev. de 1991, marcam o início da queda do comunismo no país. Os acontecimentos no Leste europeu e a crise econômica já tinham forçado o Partido do Trabalho, em 1989, a anistiar presos políticos e conceder abertura limitada. Mas o processo é acelerado pela "crise das embaixadas", invadidas, em jul. de 1990, por centenas de pessoas que pedem visto de emigração, principalmente para a Itália.

Pluripartidarismo – O movimento dos estudantes da Universidade de Tirana, iniciado em 8/12/1990, força o governo de Ramiz Alia a autorizar a criação de partidos de oposição e proceder a um expurgo na linha dura do Politburo. O Partido Democrático, criado em 12/12, visa à implantação da economia de mercado e à integração européia. Novos choques com os estudantes, que exigem a troca do nome da Universidade de Tirana, batizada em homenagem a Hodja, terminam, em 24/2/1991, com a queda do 1º-min. Adil Carcani, substituído pelo reformista Fatos Nano.

Derrota do PTA – A fuga de mais 20 mil albaneses para a Itália, nova anistia aos presos políticos e um projeto de nova Constituição que retira do nome oficial do país as menções Socialista e Popular precedem as eleições de 31/3/1991. Os comunistas do Partido dos Trabalhadores da Albânia (PTA) ganham no campo, onde vivem 63% da população, mas perdem fragorosamente nas cidades. Em 30/4, Alia é eleito presidente e confirma Nano como 1º-ministro; mas a oposição recusa-se a participar de um governo de conciliação. A greve de 16/5, que paralisa 90% da indústria e dos transportes, pedindo aumentos e a investigação sobre a morte de quatro manifestantes, em abr., na cidade de Shkodar, causa a renúncia de Nano, substituído por Yilli Bufi. Mas Nano torna-se o secretário-geral do PTA, após acordo firmado em 10/6 com os oposicionistas para a formação de um governo de salvação nacional de 25 membros: onze comunistas, oito do Partido Democrático e cinco do Partido Republicano e do Social-Democrata. O PTA passa a chamar-se Partido Socialista. Durante ago., continua o problema dos albaneses, que fogem para a Itália, onde lhes é negado asilo político. Apesar de suas tentativas de resistir, passam a ser repatriados pelo governo italiano, que anuncia, no final do ano, um programa de ajuda alimentar de emergência no valor de US$ 70 milhões.

À beira do caos – As reformas pró-mercado, a anistia e a reabilitação de todos os presos políticos, anunciadas por Bufi, não impedem as greves e manifestações de protesto, que se avolumam até que, em dez., o min. das Finanças, Gramoz Pashko, do Partido Democrata (PD), rompe com o governo. Bufi renuncia em 7/12/1991, alertando que as reservas de alimentos estão no fim, o que provoca saques em lojas e armazéns. Alia nomeia o independente Vilson Ahmeti para substituí-lo e antecipa as eleições para mar. de 1992. Mas há saques e roubos.

Fim da linha para Alia – A estrondosa vitória do PD nas eleições de 22 e 29/3/1992 faz com que, em 6/4, a Assembléia do Povo eleja seu líder, Sali Berisha, para a presidência, no lugar de Alia, pondo fim a quase cinqüenta anos de hegemonia do PTA/PS. Dias depois, Berisha nomeia 1º-ministro o arqueólogo Alexander Meksi. A essa altura, a situação econômica é vizinha do desastre: 400% de inflação, fábricas paralisadas por falta de matéria-prima e produção agrícola reduzida à metade.

HUNGRIA

O processo de mudança começa com a substituição, em 22/5/1988, do secretário-geral János Kádár, resistente às reformas econômicas, pelo reformista 1º-min. Károly Grosz. Em 11/1/1989, o Parlamento pronuncia-se a favor do pluripartidarismo. Em 2/5, após manifestações populares exigindo a retirada das tropas soviéticas, liberdade total e eleições livres, começa o desmantelamento da cerca eletrificada que, desde 1949, erguia-se na fronteira com a Áustria. Aberta em 10/9, ela permite a passagem, para o país vizinho, de 10 mil alemães-orientais refugiados em seu território. Entre 19/9 e 9/10, o Partido Socialista Operário assina com a oposição acordos que prevêem a reorganização partidária e eleições livres; e transforma-se no Partido Socialista, abandonando os princípios marxistas. São reformados a Constituição e os códigos Penal e Civil, e é retirada do nome oficial do país a menção à República Popular.

Dificuldades – Após a vitória do recém-criado Fórum Democrático nas eleições de 25/3 e 8/4/1990, o escritor Arpád Göncz, ex-dissidente, é nomeado presidente interino, e o oposicionista József Antall é designado 1º-ministro. Em ago., Göncz é confirmado na presidência. Em out. de 1990, o anúncio de um aumento de 65% no preço dos combustíveis paralisa o país e provoca a demissão dos ministros econômicos.

Reformas – Em 18/9/1990, é aprovada a lei das privatizações, que visa a diminuir de 90% para 40%, ao longo de cinco anos, a presença do Estado na economia. E, em 26/6/1991, decide-se indenizar os proprietários desapropriados pelo regime comunista com bônus que podem ser trocados por ações das empresas privatizadas.

Aproximação com o Ocidente – Após o acordo de 23/1/1990, para a retirada total dos soldados soviéticos estacionados em seu território, o país é um dos primeiros do bloco a se retirar do Pacto de Varsóvia, que será formalmente extinto em 1º/7/1991. Em nov. de 1990, torna-se o 24º membro do Conselho da Europa e, em 29/1/1991, apresenta o pedido de integração à OTAN.

TCHECO-ESLOVÁQUIA

O descontentamento com o regime é evidenciado, desde jan. de 1977, pela publicação do manifesto *Carta 77*, em que intelectuais dissidentes protestam contra a repressão desde a Primavera de Praga, em 1968. Seus signatários são punidos em diversas ocasiões: em 1979, o porta-voz Jaroslav Sabta é condenado a nove meses de prisão; em 1982, muitos deles são presos por terem-se manifestado em defesa dos presos políticos poloneses e contra a presença das tropas do Pacto de Varsóvia em seu país. A condenação do dramaturgo Václav Hável, em 1989, a nove meses de prisão, desencadeia uma onda de protestos que se transformam num ato contra o secretário-geral Milos Jakes, que não cumprira a promessa feita ao tomar posse, em dez. de 1987, de democratizar o país.

"Revolução de Veludo" – O crescimento das manifestações leva, em 24/11, à renúncia de Jakes, subtituído por Karel Urbanek; e, em 6/12, à do 1º-min. Ladislav Adamec, sucedido por Marian Calfa, que empossa um gabinete de maioria não-comunista. No mesmo dia, renuncia o pres. Gustáv Husák e, para seu cargo, é escolhido o recém-libertado Hável. Em nov. de 1989, Alexander Dubcek, o líder da Primavera de Praga, retorna à política, discursando para 250 mil pessoas. O nome do país é mudado para República Tcheca e Eslovaca em abr. de 1990, três meses antes da confirmação de Hável na presidência. Todos os comprometidos com o regime anterior são proibidos, em 8/10/1991, de participar da administração pública. Em 21/2/1991, a Tcheco-Eslováquia torna-se o 25º membro do Conselho da Europa e, em jun., as tropas soviéticas deixam o país.

Um país dividido – As eleições de jun. de 1992, para a chefia do governo nas duas repúblicas, têm como pano de fundo o impasse quanto à reforma da Constituição, para redefinir os termos da federação. A eleição, no lado tcheco, de Václav Klaus, do Partido Democrático Cívico, e no eslovaco, de Vladímir Meciar, do Movimento Democrata Cristão Eslovaco – ambos partidários da secessão –, tem seu primeiro efeito no bloqueio à reeleição de Hável para a presidência da República. No final de jul., Klaus e Meciar anunciam um acordo para a dissolução da federação a partir de 1º/1/1993. Em set., o Parlamento eslovaco aprova nova Constituição. A emenda constitucional que estabelece a divisão é votada em 25/11/1992. Em 31/12, a Tcheco-Eslováquia deixa de existir.

ALEMANHA ORIENTAL

A aproximação entre Bonn e Berlim tem início, em 1970, com a *Ostpolitik*, proposta pelo chanceler ocidental Willy Brandt. Mas as negociações evoluem lentamente, apesar da assinatura do acordo de cooperação de 6/5/1986; e são freqüentes as atitudes do governo oriental que constituem retrocessos nesses contatos. O conservadorismo do secretário-geral Erich Honecker se manifesta, inclusive, na relutância com que reage às reformas implantadas na URSS. É com frieza que, em 6/10/1989, acolhe Gorbatchóv em visita oficial para o 40º aniversário de fundação da República Democrática Alemã.

Escalada de protestos – A presença do líder soviético incentiva as manifestações do oposicionista Novo Fórum, em Leipzig, exigindo a democratização. Três mil manifestantes protestam, em 7/10, contra a *Stasi*, a polícia política. A repressão faz crescerem as passeatas contra o regime. As reformas anunciadas por Honecker, incluindo salários fixados de acordo com a produtividade, facilidade para viajar ao exterior e mais liberdade de imprensa, não põem fim aos distúrbios; e, em 18/10, ele renuncia a todos os seus cargos. Sua substituição por Egon Krenz não é bem recebida e o aumento dos protestos força também a renúncia do 1º-min. Willi Stoph, sucedido, em 13/11, por Hans Modrow.

Queda do muro – Em 9/11/1989, diante da ameaça oposicionista de conclamar uma marcha sobre a fronteira, Günther Schabowski, do Politburo, anuncia a abertura dos postos fronteiriços com a Alemanha Ocid. e a concessão de vistos a quem queira viajar. Nos meses seguintes, o muro que separava a Berlim Oriental da Ocidental é quase totalmente demolido; apenas alguns trechos são conservados como recordação.

A derrocada – Não surtem efeito as tentativas comunistas de retomar o controle mudando o Código Penal e a lei eleitoral, concedendo liberdade de organização política e autonomia aos conglomerados industriais. A avalanche de denúncias de corrupção envolvendo a cúpula do partido leva, em 6/12/1989, à renúncia coletiva do Comitê Central e do Politburo; e Krenz é substituído pelo liberal democrata Manfred Gerlach.

IUGOSLÁVIA

Desde a morte do mal. Josip Broz Tito, em 1980, crescem as reivindicações separatistas nas repúblicas que compõem o país, e a instituição de um governo central colegiado, com o rodízio dos representantes de cada uma delas, não traz estabilidade à federação. Os primeiros distúrbios surgem em 1981, entre a comunidade de origem albanesa da província de Kossovo. E na década de 90, estimuladas pelas reformas profundas que estão sendo feitas em todo o bloco socialista, essas reivindicações ganham mais força: em 8/3/1990, a Eslovênia retira de seu nome oficial o termo Socialista; em abr., realizam-se as primeiras eleições pluripartidárias na Eslovênia e na Croácia; em 2/6, Kossovo declara sua independência da Sérvia; logo em seguida, a Bósnia-Herzegóvina convoca eleições pluripartidárias para 30/11.

Guerra civil – Em 28/2/1991, em resposta ao pacto de defesa mútua da Eslovênia com a Croácia, a comunidade sérvia da região croata de Krajina declara sua autonomia unilateral e a decisão de unir-se à Sérvia. Os primeiros

choques armados ocorrem, em mar., em Pakrac, perto de Zagreb, a capital croata, entre reservistas sérvios e a polícia local. O conflito se agrava com a ordem do pres. Borislav Jovic de que as tropas federais intervenham em defesa dos sérvios. As manifestações em Belgrado, em apoio aos sérvios de Krajina, resultam na tentativa de renúncia de Jovic ao ver derrotada sua proposta de imposição da Lei Marcial para controlar os distúrbios na capital; mas o Parlamento recusa-se a aceitar sua demissão. Em jun., o novo presidente, o sérvio Stipe Mesic, ordena o bombardeio da Eslovênia; mas não consegue que ela se renda e é forçado, em 7/7, a assinar o acordo de Brioni, comprometendo-se a retirar as tropas federais.

Mediação internacional – A generalização dos combates, em jul., na Croácia e na Bósnia leva a ONU e a CEE a fazer gestões de paz. Em 25/9, é também decretado o embargo da venda de armas ao país. Na reunião de Maastricht, para discutir a unificação européia, os integrantes da CEE decidem reconhecer a soberania das repúblicas iugoslavas, desde que sejam respeitados os direitos da minoria étnica. No final de 1981, com o colapso das relações econômicas entre as repúblicas, a guerra produz prejuízos incalculáveis: mais de US$ 10 bilhões só na Croácia. As fábricas arrasadas e as colheitas devastadas deixam a maioria da população sem emprego. Mais de 200 mil pessoas refugiam-se em países vizinhos.

A vez da Bósnia – No início de 1992, seguindo o exemplo da comunidade sérvio-croata, que proclamou a autonomia unilateral da Krajina em 19/12/1991,os sérvios da Bósnia-Herzegóvina decidem fazer o mesmo em seu território. A essa altura, entretanto, a Eslovênia e a Croácia já conseguiram proclamar sua independência, que começa a ser reconhecida internacionalmente. Quando a CEE, em 15/1/1992, toma essa decisão, o gesto é imitado por vários países ocidentais; mas o reconhecimento não abrange a Bósnia – onde já começaram as hostilidades entre os 31% de sérvios e os 44% de muçulmanos – nem a Macedônia, pois a Grécia se opõe à sua independência, temendo que isso estimule reivindicações territoriais sobre a província grega fronteiriça do mesmo nome. Em 9/1, o pres. Alja Izetbegović, da Bósnia, tinha declarado inconstitucional a proclamação da República Bósnia do Povo Sérvio; em 29/2 e 1º/3, em compensação, a comunidade sérvia boicota o plebiscito em que 99% dos bósnios e bósnios-croatas optam pela independência. No dia seguinte, há barricadas em Sarajevo, a capital, e em Bosanski Brod, ao norte.

Mediação falida – O acordo de 18/3, intermediado pela CEE, que divide a Bósnia em três unidades autônomas, é rejeitado tanto por Izetbegović, que quer uma república unitária, quanto pelos sérvios, que querem a anexação de sua região à Sérvia. O ataque sérvio (6/4) a uma manifestação de muçulmanos em Sarajevo, em que há catorze mortos e cem feridos, é a gota d'água: a guerra se instala.

Nova Iugoslávia – Nesse meio tempo, o Montenegro optou por permanecer na federação (1º/3/1992) e por trocar o nome da capital, Titograd, pela antiga designação de Podgorica. Em 27/4, o que restou da Assembléia Federal aprova a Constituição da Nova Federação Iugoslava, formada pela Sérvia e suas províncias de Kossovo e Voivódina, e pelo Montenegro. Em mar., demonstrando total desinteresse pela Macedônia, Belgrado retira de lá as tropas federais. Os combates prosseguem, enquanto isso, e os cessar-fogo negociados pelos mediadores externos são sistematicamente desrespeitados. Em 22/5, após aceitar como membros a Eslovênia, a Croácia e a Bósnia-Herzegóvina, a ONU adota sanções comerciais contra a Iugoslávia. Mas, a essa altura, já há 5 mil mortos, 18 mil feridos e 640 mil refugiados. E 8 mil soldados de uma Força de Paz da ONU têm de ocupar o aeroporto de Sarajevo, para garantir a ajuda humanitária.

Mudanças no governo – Em 15/6, o escritor Dobrica Cosić é eleito presidente da federação; no mês seguinte, o empresário Milan Panić, estabelecido desde 1956 nos EUA, é escolhido como chefe do governo, e revela-se favorável à negociação – no que esbarra nas pretensões do pres. Slobodan Milosević, da Sérvia, de "reconstituir a Grande Sérvia", dos tempos do tsar Pedro I. Há mudanças também na Macedônia, onde o novo 1º-min., Branko Crvenkovski, consegue que a Rússia, Albânia, Bulgária e Turquia reconheçam seu país; e na Eslovênia, onde Lojze Peterle é trocado por Janez Drnovsek, que se propõe a acelerar as reformas rumo a uma economia de mercado.

Purificação étnica – Em ago., Izetbegović controla apenas 10% do território bósnio e avolumam-se as denúncias de que muçulmanos sofrem maus-tratos em campos de concentração, e de que os sérvios conduzem uma política sistemática de estupro das mulheres muçulmanas, visando à "purificação da raça". A comunidade internacional, entretanto, não se mobiliza quando o ex-1º-min. Tadeusz Mazowiecki, da Polônia, enviado especial da ONU, e uma comissão da Organização da Conferência Islâmica pedem uma intervenção militar ocidental, para defender os direitos humanos bósnios. A decisão da ONU, em 13/8/1992, de que a força pode ser usada para fazer chegar ajuda humanitária a Sarajevo é inútil para minorar os ataques a uma cidade onde já morreram 35 mil pessoas. Os interesses pessoais dos bósnios-sérvios e as divergências entre Panić e Milosević tornam letra morta as decisões da Conferência Internacional da ONU e da CEE (Londres, 26 e 27/8), que pede o fim das hostilidades e dos campos de concentração e o retorno às fronteiras anteriores. Em 23/9, a Iugoslávia é expulsa da ONU.

Vitória de Milosević – No final de out., Panić decide antecipar as eleições federais, de forma a solucionar seus choques constantes com o presidente sérvio. Ele próprio, apoiado pelos oposicionistas favoráveis à paz, candidata-se à presidência. Mas, ao cabo de uma campanha em que conta apenas com comícios de rua, e seu adversário com toda a máquina estatal de comunicações, é derrotado, em 20/12, por Milosević, que obtém 56,9% dos votos. Esse resultado tem como conseqüência imediata a intensificação dos ataques sérvios na Bósnia.

O mundo em transição

Diversos acontecimentos que, alguns anos antes, não se poderia prever, e que se sucedem com vertiginosa rapidez, fazem do final do séc. XX uma típica fase de transição: o esfacelamento da URSS e dos regimes comunistas; a fusão das duas Alemanhas; a perspectiva de que, com a unificação européia, se crie uma nova superpotência; a posição de preponderância mundial em que ficam os EUA com o fim da confrontação Leste/Oeste e com o papel que desempenham organizando a reação ocidental contra Saddam Hussein, na Guerra do Golfo (posição em parte neutralizada pela perda da hegemonia econômica diante da ascensão dos países asiáticos).

ALEMANHA

A proposta de reunião das duas Alemanhas é feita, em 31/10/1989, pelo 1º-min. ocidental Helmut Kohl. Ela dá início a um prolongado e difícil período de negociações concluído com a assinatura (18/5/1990) de um tratado de unificação econômica, monetária e social entre Kohl e o recém-eleito pres. Lothar de Maizière, candidato da coalizão Aliança pela Alemanha, que reunia os social-democratas, os liberais e os democratas-cristãos. De ambos os lados surgem divergências, protestos e obstáculos; mas o acordo de unificação política, assinado em 31/8, entra em vigor em 3/10/1990. O reencontro de um povo arbitrariamente separado durante quase cinco décadas é, porém, o início de uma nova fase de problemas. Os custos da unificação são elevadíssimos; é quase impossível compatibilizar a economia superdesenvolvida do Ocidente com a do ex-lado comunista, muito mais precária; as dificuldades econômicas e sociais fazem eclodir um preocupante movimento neonazista, que orquestra violentas campanhas contra os imigrantes estrangeiros; as novas

instituições políticas demonstram ser frágeis e não conseguem impedir, por exemplo, a greve de todo o funcionalismo público, que se estende de 27/4 a 7/5/1992. Por outro lado, o poder da nova nação germânica é visto com desconfiança por seus parceiros europeus e é a causa da crise no Sistema Monetário Europeu, em set. de 1992.

EUA: GOVERNO BUSH

Eleito em 1988, George Bush encontra um país que, tendo perdido a "guerra econômica" dos anos 80 para o Japão e a Alemanha, prepara-se para entrar numa fase de recessão. A prioridade ao setor militar na gestão de seu antecessor é responsável pelo déficit público e pela queda dos investimentos no desenvolvimento da tecnologia voltada para o setor civil, o que explica que o país seja ultrapassado por economias mais competitivas. Por outro lado, a política de distensão praticada por Gorbatchóv torna injustificáveis grandes gastos em armamento e incentiva as negociações sobre desarmamento.

Cautela excessiva – Internamente, Bush é muito criticado pelos que o acusam de hesitação em questões fundamentais: a recusa de ajuda econômica a Gorbatchóv, para evitar a fragmentação da URSS; a falta de uma condenação enérgica das tentativas soviéticas de impedir a independência da Lituânia; o não-cumprimento da promessa eleitoral de evitar o aumento dos impostos; a atenuação da posição contra a lei que legaliza o aborto; e a recusa em adotar novas sanções contra a China.

Intervenções – Sem a ameaça comunista, o militarismo americano busca novos inimigos nos traficantes de tóxicos, interferindo no combate a esse problema em países como a Colômbia, o Peru e a Bolívia e pressionando-os para que extraditem os dirigentes dos cartéis de entorpecentes, para que sejam julgados nos EUA. Ligada a esse problema está a intervenção de 18/12/1989 no Panamá, para depor o gen. Manuel Noriega, acusado de vinculação com o tráfico. Na verdade, a intervenção põe fim também a uma situação arbitrária criada por Noriega com a recusa de empossar o oposicionista Guillermo Endara, vitorioso nas eleições de 8/5. Depois que o general, em 15/12, obtém plenos poderes da Assembléia panamenha e declara o estado de guerra com os EUA, 24 mil soldados americanos invadem o país e o levam para Miami, onde é julgado. Esse mesmo papel de polícia do mundo é desempenhado pelos EUA no caso da Guerra do Golfo, contra o Iraque. Confirma-se, assim, uma característica da política externa americana já observada nos casos do xá do Irã, de Jean-Claude Duvalier, do Haiti, e de Ferdinand Marcos, das Filipinas: a de se desembaraçar de seus antigos aliados ditatoriais quando estes deixam de atender a seus interesses estratégicos. No Golfo, Washington conta pela primeira vez, numa grande crise internacional, com o apoio da URSS; e pressiona o Japão e a Alemanha para que, abandonando sua posição de neutralidade, façam o mesmo; mas apenas consegue que eles lhe ofereçam ajuda financeira.

Disputas com o Japão – No fim da intervenção no Golfo, o país goza de uma posição política privilegiada no cenário internacional; mas a recessão econômica o faz entrar em choque com os japoneses, que se recusam a importar produtos americanos alegando não serem eles competitivos. É um fiasco a viagem de jan. de 1992 a Tóquio, para tentar obter o aumento da cota de importação.

Derrota nas eleições – O mau resultado nessas negociações e a estagnação econômica provocam a queda no prestígio do presidente, agravada por um episódio como o do motim de Los Angeles, em 29/4/1992. A indignação da comunidade negra ao serem absolvidos os quatro policiais brancos que, em mai., espancaram com pontapés e 56 golpes de cassetete o motorista negro Rodney King explode no maior distúrbio racial da história do país desde 1965, provocando 58 mortos, 4 mil feridos, 12 mil presos e prejuízos avaliados em US$ 1 bilhão. Tudo isso se reflete na campanha para a reeleição: em 3/11/1992, a vitória do democrata William (Bill) Jefferson Clinton, com 370 votos eleitorais e 43% do voto popular, põe fim a doze anos de domínio republicano na Casa Branca.

GUERRA DO GOLFO

O litígio sobre a determinação de fronteiras é a causa mais remota para a invasão iraquiana do Kuweit em ago. de 1990. Embora tivesse renunciado, em 1963, a reivindicações dessa natureza, o Iraque continua reclamando os portos de Bubián e Uarba, que lhe dariam novos acessos ao golfo Pérsico. Além disso, exige que o Kuweit perdoe uma dívida de US$ 10 bilhões contraída durante a guerra com o Irã e lhe pague uma "compensação" de US$ 2,4 bilhões, alegando que, durante aquele conflito, os kuweitianos extraíram petróleo em seus campos fronteiriços de Rumaila. O estopim para a invasão é, em jul., a acusação de Saddam Hussein de que o Kuweit pratica uma política de superextração de petróleo, para fazer o preço do produto cair no mercado internacional e, conseqüentemente, prejudicar a economia iraquiana.

A invasão – As tentativas de mediação da Arábia Saudita, do Egito e da Liga Árabe não conseguem impedir que, em 2/8/1990, as forças de Bagdá entrem no Kuweit, de onde o emir Jaber al-Ahmed al-Sabah e o 1º-min., princ. Saad al-Sabah, fogem, refugiando-se na Arábia Saudita. Em 8/8, desafiando a imposição de sanções pela ONU, o Governo Provisório do Kuweit Livre, empossado por Saddam, proclama a República e declara o Kuweit uma província iraquiana. Em resposta, os EUA deslocam para o território da Arábia Saudita o maior efetivo militar desde a Guerra do Vietnã. Até o final de 1990, multiplicam-se as tentativas sem sucesso de encontrar uma solução negociada. Em 29/11, o Conselho de Segurança da ONU autoriza os EUA e seus aliados a atacarem o Iraque, caso ele não se retire do Kuweit até 15/1/1991.

O conflito – Em 16/1, vencido o prazo desse ultimato, as hostilidades começam; Saddam Hussein capitula incondicionalmente em 27/2, após ordenar a retirada de suas tropas do país ocupado. O 1º-min. Saad al-Sabah retorna em 4/3 e dá início à tarefa de reconstrução. A opinião pública internacional crítica a forma como a guerra foi conduzida, contestando a imagem dos "ataques de precisão cirúrgica", atingindo apenas alvos militares, que a coalizão aliada quer fazer passar: quatrocentos civis morreram, por exemplo, no bombardeio, em 3/2, de um abrigo antiaéreo em Bagdá, sob o pretexto de se tratar de um centro de comunicações. No final da guerra, a estimativa do número de mortos é muito desigual: 100 mil soldados e 6 mil civis iraquianos; e 30 mil cidadãos kuweitianos, contra um número pequeno de baixas entre os homens da coalizão.

O pós-guerra – Os incêndios ateados pelos iraquianos nos poços de petróleo do Kuweit, antes da retirada, são extintos até 5/11/1991, graças ao trabalho articulado de 27 empresas internacionais. Os danos causados à ecologia são ainda difíceis de calcular. Nos meses seguintes ao fim da guerra, Saddam ordena a repressão às rebeliões dos xiitas e curdos, que, aproveitando-se da desordem interna causada pela guerra, tentam derrubá-lo. Na metade do ano, 500 mil curdos, fugindo à perseguição, ficam ao desabrigo na região montanhosa da fronteira com a Turquia, onde estão expostos aos bombardeios da aviação iraquiana. A resistência de Bagdá à exigência da ONU de que sejam desmantelados seus arsenais de armas de destruição maciça, e a permitir que missões da AIEA inspecionem suas instalações nucleares, cria novos atritos com o Ocidente, renovando-se, até o fim do ano, a ameaça americana de uma nova intervenção caso as condições de rendição não sejam obedecidas.

Conseqüências – O Kuweit perde US$ 8,5 bilhões com a quebra na produção de petróleo, sem contar os danos estruturais e sociais causados por pilhagens, sabotagens e arbitrariedades contra a população. Além da dívida de US$ 22 bilhões gerada pela guerra, a reconstrução é

estimada em US$ 30 bilhões; e o emir é também forçado pela população a fazer concessões no plano político.

OLP – Tendo apoiado o Iraque, sai também derrotada: os países do golfo cortam a ajuda aos palestinos dos territórios ocupados por Israel; e os que habitam no Kuweit são duramente reprimidos pelo governo do emir.

Irã – Mantendo-se neutro, respeita o bloqueio da ONU e é duplamente beneficiado: o Iraque retira os últimos soldados que tinha em seu território, aceita o tratado de 1975 de partilha das águas do Chatt-el-Arab e liberta 37 mil prisioneiros de guerra iranianos; e o seu comércio com a Europa e o Japão aumenta em 50%. E, pela primeira vez desde 1987, os EUA permitem que companhias americanas comprem seu petróleo. A reação popular à política moderada de Rafsandjani é claramente expressa nas urnas, nas eleições legislativas de 10/4/1992: o grupo *Ruhaniyat* (União Clerical Combatente), do presidente, que prega reformas graduais rumo à economia de mercado, derrota o *Ruhaniyum* (Sociedade Clerical Combatente), do pres. do *Majlis* (Parlamento), Mehdi Karrubi, favorável ao isolamento antiocidental e ao rígido controle estatal da economia. Apesar das "advertências" que Rafsandjani recebe, em ago., do aiatolá Khamenei, quanto ao risco de se afastar dos "caminhos da revolução islâmica", isso não impede que alguns passos importantes sejam dados no sentido da abertura econômica para o exterior (assinatura de *joint-ventures* com empresários da Alemanha, Japão, França e Itália).

Síria – O pres. Hafez Assad, durante anos considerado um terrorista pelo Ocidente, transforma-se num aliado e, tendo colaborado para derrotar o rival que disputava com ele a liderança no Oriente Médio, consolida a hegemonia síria no Líbano; e torna-se um interlocutor obrigatório no processo de paz para a região.

Israel – A atitude de não responder aos ataques iraquianos permite a unidade da coalizão, pois os aliados árabes dos EUA não se vêem forçados a reagir a um eventual ataque judeu a um país irmão. Terminada a guerra, porém, o governo Shamir é pressionado pelos EUA para aceitar negociações sobre a crise do Oriente Médio. As conversações iniciadas em Madri, em 30/10/1991, não trazem nenhum resultado imediato, mas constituem a primeira conferência de paz desde o início do conflito árabe-israelense. O desenvolvimento dessas conversações é tortuoso e sujeito a idas e vindas, em função de problemas como a Intifada (a rebelião palestina nos territórios ocupados) ou os ataques israelenses no sul do Líbano – principalmente depois que, em 16/2/1992, o bombardeio a um comboio xiita mata o xeque Abbas Mussáui, líder do grupo extremista *Hezbolá*. Os conflitos, dentro do *Likud*, em torno dessas negociações, são os responsáveis pela crise aberta, em jan. de 1992, com a saída dos partidos ultranacionalistas *Tehiya* e *Moledet* da coalizão. As eleições são antecipadas e, em 23/6, o Partido Trabalhista é vitorioso, pondo fim a quinze anos de domínio do *Likud*. Itzhak Rabin assume, em jul., o cargo de 1º-ministro.

Curdistão – Desde o séc. XIV, esse povo de origem indo-européia – espalhado entre as fronteiras do Irã, Iraque e Turquia, e oprimido pelos governos desses três países – vem lutando por sua independência, recusada pelo fato de estarem em uma região muito rica em petróleo. No final da Guerra do Golfo, Bagdá responde com violência a uma nova tentativa de emancipação, forçando 1,5 milhão de pessoas a fugirem, pelas montanhas, durante o inverno, para o lado turco e iraniano da fronteira. Só depois que 15 mil soldados ocidentais são enviados, no fim de 1991, para criar uma zona de segurança, é que elas podem retornar a seu local de origem. Garantidos pela presença dessas tropas, o Partido dos Trabalhadores Curdos, de Jalal Talebani, e o Partido Democrático do Curdistão, de Massud Barzani, decidem realizar, em 19/5/1992, em Irbil, eleições para um Parlamento curdo, que são veementemente condenadas por Bagdá, Ancara e Teerã. Saddam Hussein declara nulo esse pleito, mas recebe dos EUA a advertência de não interferir. Tendo tido resultados equivalentes, os dois líderes são obrigados a entrar em coalizão. Mas o novo Parlamento, inaugurado em 4/6, enfrenta de saída vários problemas: Talebani é favorável a negociar com o Iraque uma fórmula de autonomia regional; Barzani é um separatista radical; e ambos estão em choque com os xiitas, contrários à independência total.

UNIFICAÇÃO DA EUROPA

A conferência dos chefes de Estado dos doze países da Comunidade Econômica Européia, em 9 e 10/12/1991, na cidade holandesa de Maastricht, visa a formalizar decisões de outras reuniões realizadas durante os seis anos anteriores, com o objetivo de fazer desaparecer as fronteiras entre a maioria dos países europeus. Resolve-se adotar, até 1º/1/1999, como moeda única, o ECU (*European Currency Unity* – Unidade Monetária Européia). Cria-se um Instituto Monetário Europeu, primeiro passo para um Banco Central da CEE; e um Fundo de Ajuda aos países mais pobres da comunidade. Assume-se também o compromisso de implementar uma Carta dos Direitos dos Trabalhadores, unificando as legislações.

Divergências – A resistência britânica impede que o Tratado de Maastricht fixe para a comunidade o objetivo de constituir-se, com o tempo, em um só país. Os ingleses também aceitam com reservas a nova moeda e exigem o direito de não se submeter, no campo trabalhista, às imposições da Carta de Direitos. Outro ponto de dissensão é a questão da Defesa, não havendo concordância sobre as propostas de integração.

"Fronteira externa" – O Acordo de Schengen, assinado nessa cidade holandesa, tenta fixar garantias para que, depois da supressão das fronteiras, a Europa unificada não se torne o alvo de refugiados e imigrantes, já estimados em 400 mil por ano em 1991, mas podendo aumentar de forma alarmante com a dissolução do bloco socialista e com o aumento da miséria no Leste europeu. Outro problema que inspira muita preocupação é a guerra civil na Iugoslávia, que faz aumentar o afluxo de fugitivos para os países fronteiriços. Uma das conseqüências será o aumento do neonazismo como uma rejeição à "ameaça" estrangeira. Tudo isso faz com que se desenvolva o chamado "euroceticismo", a dúvida nas possibilidades reais de que a unificação se concretize a curto prazo, e que logo se manifestará nos plebiscitos sobre o tratado.

Pedras no caminho – Em 2/6/1992, o eleitorado dinamarquês rejeita, por 50,7% dos votos, o Tratado de Maastricht, por temer que a unificação acarrete queda na porcentagem do orçamento destinada à proteção social. É o que basta para que, na Grã-Bretanha, setenta deputados conservadores peçam ao 1º-min. John Major a renegociação do tratado. Ratificado pelo Parlamento de Luxemburgo (2/7), por 51 votos a 6, o documento de Maastricht é aprovado pelo Senado italiano em 17/9; mas sua ratificação na França, através do plebiscito de 20/9, é difícil: o "sim" vence por 50,9% contra 49,05%. Essa vitória estreita é resultado, entre outras coisas, da decisão britânica e italiana, no início desse mês, de se retirar do Sistema Monetário Europeu, em protesto contra a valorização excessiva do marco e a política de juros altos mantida pelo governo alemão. Reunidos em Birmingham, na Grã-Bretanha (16/10), os líderes da CEE decidem manter o processo de unificação proposto em Maastricht; mas concordam com a exigência britânica de que sejam feitas consultas mais amplas. Em 29/10, o tratado é ratificado pelos parlamentos italiano e espanhol. Mas em 4/11, no momento em que é aprovado na Bélgica e Irlanda, o governo britânico decide adiar para 1993 o debate sobre sua ratificação. Depois que essa aprovação ocorre na Alemanha (2/12/1992), a cúpula da CEE resolve, em Edimburgo, na Escócia, que o processo de ratificação tem de estar terminado no máximo até jul. de 1993. Para contornar a oposição do povo dinamarquês, garante-se ainda a esse país o direito a não participar da união monetária e do sistema coletivo de defesa. ■

NAÇÕES

Afeganistão

● **NOME OFICIAL:** República do Afeganistão. **Capital:** Cabul. **Nacionalidade:** afegane. **Hino:** *Nosso bravo e bem-amado governante* (1º verso). **Língua:** pushtu e dari (oficiais); dialetos locais. **Religião:** islamismo (sunitas, 74%; xiitas, 25%); hinduísmo, judaísmo, sikhismo (minorias). **Data nacional:** 19/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da Ásia. **Área:** 652.225 km². **Limites:** Turcomênia, Tadjiquistão e Uzbequistão (N); China (NE); Paquistão (L e S); Irã (O). **Características:** relevo montanhoso; cordilheira do Hindu Kush e ramificações (de NE a SE); vales férteis irrigados por rios formados pelas neves das montanhas; desertos a S e O (1/4 da superfície). **Ponto mais elevado:** pico Naushak (7.485 m). **Clima:** subtropical árido (maior parte); de montanha (NE). **Rios principais:** Helmand, Harirud, Amu Dária (antigo Oxus). **Cidades principais:** Cabul (1.242.400 hab.); Candahar (255.500); Herat (177.300); Mazar-i-Sharif (130.600) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): +7h30.

● **POPULAÇÃO:** 18.052.000 (est.1992); **urbana:** 18,2% (1990). **Composição demográfica:** patãs, 52,3%; tadjiquês, 20,3%; uzbeques, 8,7%; hazarás, 8,7%; turcomanos, baluches (minorias). **Crescimento demográfico:** 2,4% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 42%; 15-59: 53,2%; mais de 60: 4,8% (1990). **Densidade (hab./km²):** 27,7 (1992). **Natalidade:** 43,7 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 20 por 1.000; **mortalidade infantil:** 164 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,3 (1991). **Vida média homens:** 44; **mulheres:** 43 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 2,1 mil hab. (1982); **médicos:** 1 por 4,8 mil hab. (1987). **Gastos com saúde:** 4% do orçamento (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 70,6% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 942,4 mil; **professores:** 23 mil (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 1,5 mil; **professores:** 198 (1988/89).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com presidente forte. **Data da Constituição em vigor:** 30/11/1987 (1 emenda). **Divisão administrativa:** 31 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** da Terra Natal, União Islâmica do Afeganistão Mujahidin. **Chefe de Estado:** pres. Burhanuddin Rabbani (interino desde 28/6/1992, eleito em 30/12/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Gulbuddin Hekmatyar (desde 8/3/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 192 membros (1/3 eleito por voto direto para mandatos de 5 anos, 1/3 para mandatos de 3 anos e 1/3 indicado pelo pres. para mandato de 4 anos), e Câmara dos Deputados, com 234 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 52,6%; indústria, 34,3%; comércio, 7,9%; serviços, 5,2% do PIB (1989/90). **Agricultura:** frutas, amendoim, algodão. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 1,5 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, têxtil, fertilizantes, química, cimento, couro e plásticos. **Minerais:** gás natural, sal, carvão, cobre, lápis-lazuli, barita, talco, petróleo e minério de ferro. **Exportações:** US$ 235,1 milhões; **produtos:** gás natural, frutas (secas e frescas), amendoim, tapetes e carpetes, algodão, peles (1990/91). **Importações:** US$ 936,4 milhões; **produtos:** veículos e autopeças, derivados de petróleo, fertilizantes, manufaturados básicos, alimentos (trigo, principal) (1990/91). **Parceiros comerciais:** Japão, Repúblicas da CEI, Paquistão, Índia. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** afegano (dividido em 2 krans ou 100 puls); **cotação para 1 US$:** 50,60 (31/7/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 3,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 220 (1988); **crescimento anual:** 5,2% (1986). **Inflação:** 56,7% (1991). **Dívida externa:** US$ 1,5 bilhão (1987). **Força de trabalho:** 3,8 milhões; **distribuição:** agricultura, 57,3%; indústria, 13,5%; comércio, 3,3%; serviços, 9,1%; outros, 16,8% (1981/82); **mão-de-obra feminina:** 7,9% (1985). **Desemprego:** 3% (1989/90).

● **DEFESA: Efetivo total:** 45 mil (1991); **Exército:** 40 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 5 mil; **outros:** 65 mil paramilitares. **Gastos:** 4,4% do PNB (1988).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 19,2 km; 47% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 62,7 mil; **automóveis:** 31,8 mil (1989). **Ferrovias:** 10 km (1988). **Portos:** fluviais ao longo do rio Amu Dária. **Linha aérea:** Ariana Afghan Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 12 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 169 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 443 hab. (1984). **Jornais diários:** 16; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 7,3 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Permanent Mission of the Islamic State of Afghanistan to the United Nations, 369 Lexington Avenue, 19th Floor, New York, NY 10016, EUA; tel. (001-212) 972-1213.

HISTÓRIA

Conquistada por Alexandre, o Grande (séc. IV a.C.), a região integra-se ao reino da Bactriana (séc. II a.C.) e difunde-se o budismo, suplantado, depois, pelo islamismo. **Séc. XI:** Mahmud de Gazni estende seu reino do mar Cáspio ao rio Ganges. **Séc. XIII:** invasão de Gengis Cã. **Séc. XVIII:** invasão do persa Nadir Shah. **1747:** Ahmed Shah unifica o país e cria a dinastia Durrani. **1838 – 1842:** o emir Dost Mohamed força a retirada britânica da região. **1878 – 1880:** em nova guerra, com apoio russo, Shere Ali é derrotado pelo anglófilo Abdul Rahman. **1907:** acordo anglo-russo de independência sob influência inglesa. **1926 – 1929:** o rei Amanulá tenta modernizar o país; ultraconservadores forçam-no a abdicar. **1930 – 1933:** Mohamed Nadir Shah prossegue as reformas, mas é assassinado; Mohamed Zahir Shah sobe ao trono. **1964/65:** nova Constituição; eleições parlamentares. **1973:** Zahir é derrubado pelo gen. Sardar Mohamed Daud, que proclama a República. **1974:** acordo de cooperação com a URSS. **1977:** nova Constituição. **1978:** Daud é deposto pelo cel. Degarual Abdel Kader; o pres. Nur Mohamed Taraki, do Conselho Nacional Revolucionário, assina tratado militar com a URSS. **1979:** rebeldes muçulmanos do *Jamiat-i-Islami* vencem a batalha de Shuncri (7/1); sufocado levante no quartel de Bala Hissar, em Cabul; o 1º-min. Hafizulá Amin derruba e faz executar Taraki; intervenção soviética (27/12); Amin é deposto e executado; Babrak Karmal assume a presidência. **1981:** início das negociações Afeganistão-Paquistão-Irã-ONU. **1982:** Mohamed Abdulrab Rassul Saiaf lidera a União Islâmica dos Combatentes Afeganes. **1983/84:** fracasso da ofensiva soviética no vale do Panshir. **1986:** Karmal é substituído pelo gen. Mohamed Najibulá; expurgos no partido e no Exér-

cito. **1987:** Najibulá decreta trégua unilateral. **1988:** acordo (14/4) dá início à retirada soviética (15/5); fracassa tentativa de formar frente ampla rebelde. **1989:** fim da retirada soviética (15/2); fracasso do governo provisório rebelde nas dez províncias ocupadas. **1990:** Najibulá suspende o estado de emergência e promete reformas constitucionais (mai.). **1991:** corte das armas aliadas aos rebeldes que apoiaram Saddam Hussein na Guerra do Golfo; plano da ONU prevendo governo de transição é aceito pela URSS (11/11). **1992:** avanço rebelde sobre Cabul (mar.); Najibulá foge (15/4) e os rebeldes tomam o poder; acordo, em Peshauar, no Paquistão (24/5), cria Conselho Islâmico, presidido por Sigbatulá Mudjadidi, que nomeia pres. Burhanuddin Rabbani, do *Jamiat-i-Islami* (28/6); ofensiva contra Cabul do radical Gulbuddin Hekmatyar, do *Hezb-i-Islami* (ago.); sunitas do *Ittehad-i-Islami* e xiitas do *Hezb-i-Wahdat* entram em luta; o acordo de Ghazni (26/8) cria zona neutra separando o *Jamiat* e o *Hezb* e abole as leis contrárias à *sharia* (lei corânica).

FATOS DO ANO

O país entra em 1993 sem a menor perspectiva de que tenham fim os combates entre as tropas do governo e as do *Hezb-i-Islami*, cujo líder, o fundamentalista Gulbuddin Hekmatyar, não aceita a autoridade central.

Em 15/9/1992, tinha sido firmado um acordo de paz num momento em que as enchentes, que fizeram oitocentas vítimas ao norte de Cabul, agravavam as já difíceis condições de vida da população, obrigando o pres. Burhanuddin Rabbani a conseguir um empréstimo de emergência de US$ 50 milhões em Teerã. Mas esse acordo foi tão inoperante quanto o anterior, de 26/8, rapidamente violado. Em 3/11, o gen. Khan Aga, chefe das forças de segurança do Estado, morreu na explosão de um carro-bomba; nesse mesmo mês, explodiu a luta entre o *Hezb* e as forças do uzbeque gen. Abdul Rashid Dostam, ex-colaborador do regime comunista de Mohamed Najibulá, que tem fortes redutos no norte do país. Hekmatyar boicotou, em 29/12, a reunião da *Shura*, o conselho dos líderes tradicionais, convocado para definir a composição do futuro governo; e combates, em torno de Cabul, com cem mortos, tornaram o encontro muito tenso. Ainda assim, em 30/12, por 916 votos a 59, a *Shura* confirmou Rabbani no cargo, com mandato de dois anos.

Fim do apoio – Em 3/1/1993, é eleito um Parlamento de 250 membros escolhidos entre os próprios componentes do conselho e é aprovada a criação de um Exército regular. O fim da reunião coincide com o agravamento dos combates, que se espalham de Cabul para as províncias, com saldo de duzentos mortos e oitocentos feridos. A reação do Paquistão, que há quinze anos dava acolhida aos rebeldes, é anunciar, em 5/1/1993, com total apoio das autoridades afegãs, que todos os escritórios *mudjahedins* em seu território devem ser fechados até o fim do mês. O país vizinho já fora obrigado, em set. de 1992, a fechar suas fronteiras, na tentativa de deter o fluxo de refugiados que entravam em seu território para escapar à violência dos combates.

Fatos complicadores intensificam as hostilidades durante fev. de 1993: a retirada do pessoal da ONU depois que, em 1º/2, quatro de seus funcionários são mortos por desconhecidos armados, na estrada que liga Peshauar, no Paquistão, a Jalalabad; a polêmica decisão de Rabbani, em 6/2, de nomear o gen. Dostam vice-min. da Defesa, como forma de neutralizar suas atividades guerreiras; e o assassinato por extremistas, em 9/2, de Nasrulá Mansuri, gov. da província de Páktia, e do chefe da polícia, Massud Hasham (a estimativa da Cruz Vermelha é de que, nesse período, tenha havido mil mortos e 4 mil feridos só na capital). Em 7/3, a Arábia Saudita, o Irã e o Paquistão, que, desde fev., vinham fazendo gestões mediadoras, obtêm a assinatura de novo acordo de paz, nos termos do qual decide-se que Rabbani permanecerá no cargo dezoito meses, a partir da data de sua escolha pela *Shura*. Em troca, é oferecido a Hekmatyar, em 8/3, o posto de 1º-ministro.

Mas isso tampouco põe fim às escaramuças: ao ser assinado novo acordo, em 20/5, já se elevam a mil mortos e 4.500 feridos as vítimas só daquele mês. E confrontos esporádicos continuam depois do cessar-fogo de 23/5, em Cabul, dificultando até mesmo a tarefa da nomeação do gabinete. A luta se estende por todo o ano: só em 14/10, por exemplo, 113 pessoas morrem, na capital, em bombardeios das forças rebeldes (para fatos posteriores a essa data, ver o capítulo *Cronologia Mundo*).

A situação econômica do país, já deteriorada com a perda da ajuda financeira da ex-URSS, piora ainda mais com o êxodo de milhares de afegãos para o Paquistão e o Irã e com a destruição da infra-estrutura do país, provocada pela guerra. A solução tem sido recorrer à ajuda externa. Em set. de 1992, além do empréstimo concedido por Teerã, foi anunciada pelo chanceler iraniano Ali Akbar Vellayati, em visita a Cabul, a criação de uma comissão de cooperação entre os dois países. Nesse mesmo mês, o Afeganistão foi admitido na Organização de Cooperação Econômica (28/11), e a ONU solicitou à comunidade internacional uma ajuda financeira para a população afegã enfrentar o inverno (no entanto, dos US$ 17,6 milhões pedidos, apenas US$ 2 milhões foram confirmados até o final do ano). Comissões de cooperação nas áreas da economia, comunicação, controle do tráfico de drogas e combate ao terrorismo são estabelecidas com o Paquistão, de 21 a 23/5/1993, quando Rabbani visita o 1º-min. interino Balk Sher Mazari.

África do Sul

● **NOME OFICIAL:** República da África do Sul. **Capital:** Cidade do Cabo (legislativa); Pretória (administrativa); Bloemfontein (judiciária). **Nacionalidade:** sul-africana. **Hino:** A voz da África do Sul (título). **Língua:** africâner e inglês (oficiais); línguas africanas (xhosa, zulu, sesoto, principais). **Religião:** cristianismo (reformista holandesa, 30%; independente africana, 20%; católicos, 9,1%; anglicanos, 6,8%; metodistas); hinduísmo e islamismo (minorias). **Data nacional:** 31/5 (República).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** extremo sul da África. **Área:** 1.221.037 km². **Limites:** Botsuana, Zimbábue (N); Moçambique, Suazilândia (NE); oceano Índico (L e S); oceano Atlântico (O); Namíbia (NO). **Características:** litoral estreito; planalto (maior parte), limitado por escarpas íngremes (O); montes Drakensberg e baixos platôs. **Ponto mais elevado:** pico Injasuti (3.408 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão (maior parte); mediterrâneo (extremo sul); árido tropical (NO); de montanha (O). **Rios principais:** Orange, Limpopo, Caledon, Olinfans. **Cidades principais:** Cidade do Cabo (776.617 hab.); Durban (634.301); Johanesburgo (632.369); Pretória (453.059) (1985). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 32.063.000 (est.1992); **urbana:** 60,3% (1991). **Composição demográfica:** negros, 70,2% (zulus, 25%; sotos, 25%; chosas, 10%; tsongas, 5%; suazis, 4%); brancos, 16,3%; mestiços, 10,4% (1990). **Crescimento demográfico:** 2,6% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 32,1%; 15-59: 60,6%; mais de 60: 7,3% (1991). **Densidade (hab./km²):** 26,2 (1992). **Natalidade:** 34 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 8 por 1.000; **mortalidade infantil:** 51 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,4 (1991). **Vida média homens:** 61; **mulheres:** 67 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 205 hab. (1987); **médicos:** 1 por 1,3 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 10,6% do orçamento (1992/93).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 50% (1984). **Alunos de 1º e 2º graus:** 7,2 milhões; **professores:** 255,4 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 289,9 mil; **professores:** 40,2 mil (1990). **Gastos:** 21% do orçamento (1992/93).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 23/12/1993. **Divisão administrativa:** 4 províncias (administradas por brancos) e 10 bantustans (4 independentes). **Regime partidário:** pluripartidarismo;

principais partidos: representantes brancos (Nacional, Conservador, Democrata); mestiços (Trabalhista) e asiáticos (Nova Solidariedade, Nac. do Povo). **Chefe de Estado e de governo:** pres. Frederik Willem de Klerk (interino desde 15/8/1989, eleito em 6/9/1989). **Legislativo:** tricameral – Assembléia, com 178 representantes brancos (166 eleitos por voto direto, 8 eleitos pela nova Assembléia e 4 indicados pelo pres.); Câmara dos Representantes, com 85 representantes negros (80 eleitos por voto direto, 3 eleitos pela nova Câmara e 2 indicados pelo pres.); e Câmara dos Delegados, com 45 representantes mestiços e asiáticos (43 eleitos por voto direto, 3 eleitos pela nova Câmara e 2 indicados pelo pres.), para mandatos de 5 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 5,1%; indústria, 33,4%; mineração, 10,7%; comércio, 13,5%; serviços, 37,3% do PIB (1990). **Agricultura:** milho, frutas, cana-de-açúcar. **Pecuária:** ovinos, bovinos, caprinos. **Pesca:** 536,4 mil t (1990). **Indústria:** química, petrolífera, carvão, alimentícia, equipamentos de transporte, metalúrgica, siderúrgica, têxtil, máquinas industriais, papel. **Minerais:** ouro (principal), carvão, platina, minério de ferro, diamantes, cromo, manganês, vanádio, vermiculita, antimônio, calcário, asbesto, espatoflúor, urânio, cobre, chumbo, zinco. **Exportações:** US$ 23,7 bilhões; **produtos:** metais, minerais e derivados, pedras preciosas e semipreciosas (1992). **Importações:** US$ 18,2 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, equipamentos elétricos e de transporte, químicos (1992). **Parceiros comerciais:** Alemanha, Suíça, Grã-Bretanha, EUA, Japão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** rand (dividida em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 3,05 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 90,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.530 (1990); **crescimento anual:** 1,5% (1980–1989). **Inflação:** 9,6% (1993). **Força de trabalho:** 10,2 milhões; **distribuição:** agricultura, 9,8%; indústria, 24,4%; comércio, 11,9%; serviços, 31,6%; outros, 22,3% (1991); **mão-de-obra feminina:** 33,2% (1990). **Desemprego:** 9,8% (1989).

• **DEFESA: Efetivo total:** 64,4 mil (1992); **Exército:** 49,9 mil; **Marinha:** 4,5 mil; **Força Aérea:** 10 mil; **outros:**137 mil paramilitares. **Gastos:** 9,8% do orçamento (1992/93).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 185,8 mil km; 30% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 4,8 milhões; **automóveis:** 3,3 milhões (1990). **Ferrovias:** 25,4 mil km (1990). **Portos:** Cape Town, Mossel Bay, Port Elizabeth, East London, Durban, Saldanha Bay, Richards Bay. **Linhas aéreas:** South African Airways, Link Airways, Trek Airways (vôos internacionais e domésticos); COMAIR, Air Cape (domésticos); Protea Airways (charters).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 11; **receptores:** 1 por 3,8 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 8; **receptores:** 1 por 11 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 6,1 hab. (1990). **Jornais diários:** 19; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 48 (1990).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações Unidas, lote 6, CEP 70407-900, Brasília, DF; tel. (061) 223-4873.

HISTÓRIA

Bosquímanos, caçadores nômades, ocupavam os desertos do oeste; pastores hotentotes, o litoral sul e leste; e bantus, o norte e leste. **1652:** holandeses fundam a Colônia do Cabo. **Séc. XVIII:** guerras intertribais e conflitos com colonos. **1806:** ocupação britânica do Cabo. **1814:** confirmada a posse inglesa. **1835 – 1837:** *Grand Trek*: migração dos bôeres (descendentes dos holandeses) para o norte. **1839:** fundação da República bôer do Transvaal/Natal. **1854:** independência de Orange. **1866:** descoberta de diamantes em Kimberley. **1873:** descoberta de ouro em Pilgrim's Rest. **1877:** anexação britânica do Transvaal. **1881:** independência do Transvaal. **1899 – 1902:** Guerra dos Bôeres; o Tratado de Vereeniging reconhece o domínio britânico do Transvaal/Orange. **1904:** exclusão dos africanos dos trabalhos classificados. **1910:** o *South Africa Act* cria a União da África do Sul. **1912:** fundação do Congresso Nacional Africano (CNA). **1913:** o *Native Land Act* proíbe os negros de possuir terras em áreas brancas. **1915:** ocupação da África do Sudoeste Alemã (Namíbia). **1948:** aprovada legislação segregacionista (*apartheid*). **1950:** o governo assume poderes ilimitados. **1959:** o *Bantu Self-Government Act* cria oito bantustans. **1961:** proclamação da República e saída do Commonwealth; criação do *Umkonto-ue-Sizue* (a Lança da Nação), braço armado do CNA. **1963:** instalação do Transkei, bantustan semi-autônomo. **1964:** condenação à prisão perpétua de Nelson Mandela, do CNA. **1966:** assassinato do 1º-min. Henrik Verwoerd; Balthazar Vorster assume; fim do mandato sobre a Namíbia, que em 1971 é declarado ilegal pela ONU. **1976:** conflitos raciais na cidade-dormitório de Soweto com centenas de mortos; o Transkei emancipa-se (out.), mas nenhum país o reconhece. **1977:** em protesto pela morte sob tortura do líder negro Steve Biko, EUA e ONU embargam a venda de armas ao país; emancipação da Bofutatsuana. **1978:** o 1º-min. Vorster é eleito pres.; Pieter Botha o substitui. **1979:** a Constituinte da Namíbia recebe poderes legislativos; Vorster renuncia, acusado de pagar jornais para apoiarem sua política; Marais Viljoen o substitui; emancipação de Venda (set.). **1980:** emancipação do Ciskei (dez.). **1980/81:** campanha terrorista do CNA. **1982:** o sindicalista branco Neil Aggett, reformista, é assassinado na prisão; criação do Ministério da Lei e da Ordem. **1983:** aprovadas reformas moderadas de Botha; escalada nos atentados do CNA. **1984:** eleições para a Câmara separada (indianos e mestiços), criada pela nova Constituição; abolido o cargo de 1º-min.; Botha é eleito pres. **1985:** estado de emergência em 36 distritos negros (20/6). **1986:** medidas de liberalização do *apartheid;* estado de emergência para impedir protestos no 10º aniversário de Soweto; sanções de diversos países contra a prisão de oposicionistas. **1987:** empresas estrangeiras saem do país em protesto anti-*apartheid;* os Conselhos de Serviços Regionais aumentam o poder local dos grupos raciais; formado o Conselho Nacional multirracial; greves e terrorismo de direita causam adiamento das eleições e censura à imprensa. **1988:** proibição de dezessete organizações anti-*apartheid;* greve de 1,5 milhão de negros e pressões para a libertação de Mandela geram mais repressão. **1989:** boicote negro ao comércio branco: falência de pequenos negócios; doença de Botha; Frederik Willem de Klerk assume a presidência do Partido Nacional (PN); a ala esquerda do PN funde-se com o Partido Democrático, que quer negociações com o CNA; admitida a participação negra na Constituinte, mas sujeita ao veto branco; Botha renuncia, De Klerk assume interinamente (15/8) e é confirmado nas eleições (6/9); Johanesburgo abre seus transportes, piscinas e centros de lazer a todas as raças (26/9); as praias são declaradas multirraciais (16/11); dirigentes do CNA são libertados (10/10) e realizam sua primeira manifestação autorizada; criação, em Durban e Cidade do Cabo, dos primeiros distritos multirraciais. **1990:** legalizados o CNA, o PC e grupos anti-*apartheid* (22/2); Mandela é libertado (11/2); o governo e o CNA iniciam negociações (30/5); aumenta o terrorismo de extrema direita; conflitos interétnicos entre o CNA e o Inkatha, movimento zulu de Mangosuthu Buthelezi; revogada a Lei do Lazer Separado (14/10); terrorismo branco contra a transformação do PN (19/10) em partido multirracial. **1991:** lutas entre o Inkatha e os xhosa criam impasse nas negociações; I Congresso do CNA, em Durban; o *Weekly Mail* revela (19/7) que o governo pagou ao Inkatha para manter hostilidades contra os xhosa; o movimento devolve US$ 90 mil ao governo (25/7) e os min. Adrian Vlok, da Lei e da Ordem, e Magnus Malan, da Defesa, são afastados (26/7); anistia a 480 mil exilados políticos desbloqueia impasse CNA/governo (16/8); o *Umkonto-ue-Sizue* apóia as conversações com De Klerk (18/8), cuja proposta (4/9) de implantação, em três anos, de um regime não-racista é rejeitada pelos conservadores; frente ampla CNA/Congresso Pan-Africano, de Clarence Makuetu (27/10). **1992:** em plebiscito sobre as reformas (17/3), 68,7% dos eleito-

res pronunciam-se pelo "sim"; massacre de 39 negros, pelo Inkatha, na favela de Boipatong, perto de Johanesburgo (16/6), interrompe as negociações; De Klerk quase é linchado ao visitar o local do massacre (20/6); greve de 80% dos trabalhadores negros em protesto (jun.).

FATOS DO ANO

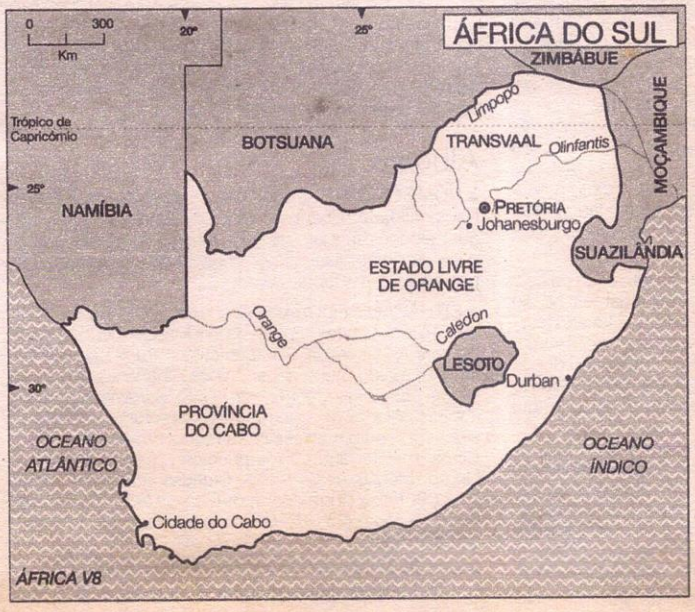
Eleições multipartidárias não-raciais no país da discriminação racial – prometidas para 1994, pelo pres. Frederik de Klerk, em 3/1/1993 – são um desdobramento que, até bem pouco tempo, pareceria impensável; e que, em 15/10, vale a De Klerk e Nelson Mandela, líder do Congresso Nacional Africano (CNA), o Prêmio Nobel da Paz. Elas são, entretanto, o resultado de um tortuoso processo iniciado desde a chegada de De Klerk ao poder, em ago. de 1989, e que tem seu prosseguimento, em 26/9/1992, com o Protocolo de Entendimento que ele assinou com a liderança do CNA. Obtido após demoradas negociações entre o min. do Desenvolvimento Constitucional, Roelf Meyer, e o sec.-geral do CNA, Cyril Ramaphosa, esse documento está centrado no controle dos trabalhadores imigrados, na utilização pública de armas perigosas e na libertação de presos políticos; declara terem sido oficialmente reabertas as discussões sobre a reforma constitucional e cria um comitê conjunto encarregado de preparar, logo que possível, eleições para uma Assembléia Constituinte e um governo não-racial de transição.

Como fruto desses entendimentos, 150 prisioneiros já tinham sido libertados em 25/9 e havia a promessa de que, até 15/10, todos os restantes seriam soltos. O acordo, entretanto, foi rejeitado pelo líder zulu Mangosuthu Buthelezi, do Inkatha, cujas relações com o governo estavam em processo de franca deterioração. Mas os massacres promovidos pelos zulus contra seus tradicionais inimigos xhosa, do CNA, não conseguiram impedir o crescimento do prestígio dessa organização. É a razão pela qual De Klerk – sem descartar inteiramente um movimento que tem sua expressão na comunidade negra – prioriza os contatos com Nelson Mandela e o CNA, o que significa concessões malvistas por Buthelezi. Ao recrudescerem os conflitos entre os dois grupos, De Klerk mandou dobrar o número de soldados estacionados na província de Natal, para tentar impedi-los. As mortes, porém, continuaram, entre elas a do representante regional do CNA, Reggie Hadebe, morto a tiros ao voltar de uma reunião em que se discutia a paz para a região.

Acobertamento oficial – Apesar de retomadas as conversações, as relações do governo com o CNA continuaram difíceis, pois, além do problema com o Inkatha, este último acusou as autoridades não só de organizarem a violência policial constante contra os negros como também de fazerem vista grossa à criação, durante o ano, de uma "Terceira Força" branca paramilitar, integrada por agentes e ex-agentes da Força de Defesa Sul-Africana, responsável por seguidos massacres em bairros e guetos negros. Tais denúncias tomaram corpo quando a comissão Goldstone, constituída para investigar a violência policial, concluiu, nos últimos dias de set., que as ações da polícia e dessa "Terceira Força" eram, de fato, acobertadas ou permitidas pela cúpula das Forças de Defesa.

Enquanto isso, em 6/10/1992, uma conferência nacional reunia, em Johanesburgo, os representantes da direita que não aceitam o Protocolo de Entendimento: Mangosuthu Buthelezi; os pres. dos bantustans do Ciskei e da Bofutatsuana, brig. Joshua Upa Gqoso e Lucas Mangope; Andries Treurnicht, líder do Partido Conservador; e Andries Beyers, líder parlamentar do *Afrikaner Volksunie* (Liga Popular Africânera). Exigindo o fim do acordo com o CNA, eles queriam que todas as discussões fossem feitas na Conferência por uma África do Sul Democrática (CODESA) – esvaziada desde que os grupos negros Organização do Povo da Azânia (Azapo) e Congresso Pan-Africano (CPA) dispuseram-se a boicotá-la. A extrema direita, no entanto, dedicou-se mais a discutir meios de cooperação e de combate conjunto do CNA, Azapo e CPA do que a propor soluções para a crise em que se afunda o país. Ainda em out., ao ser adotada, pelo Conselho da Presidência, a prometida anistia para todos os crimes políticos anteriores a 1990, ela é simbolicamente rejeitada pela Câmara Asiática do Parlamento tricameral.

Calendário de reformas – Em 25/11, após três dias de reunião, o Comitê Executivo Nacional do CNA adotou posições que, na prática, significavam concessões ao governo, a começar pela admissão de que um "governo de unidade nacional" é exigido pelas circunstâncias; mas exigia que as eleições para a Assembléia Constituinte se realizassem no máximo até o final de 1993. Apesar disso, em 26/11, De Klerk anunciou o calendário para as reformas constitucionais, dando fev. de 1993 como o prazo para o fim das conversações multipartidárias e prevendo eleições não-raciais, no quadro da CODESA, para mar. de 1994. Os sinais de que um entendimento político se esboça entre as cúpulas não significa, porém, que a violência diminua, como o demonstra o relatório da Comissão de Direitos Humanos, divulgado em Johanesburgo, em jan. de 1993: ela fez 3.499 vítimas em 1992; a região mais violenta é Pretória-Wiwatersrand-Vereeniging (1.822 mortes), seguida da província de Natal (1.430); desse total, apenas 299 eram membros das forças de segurança; 123 pessoas morreram quando estavam sob custódia policial.



Esses problemas políticos, que levam o governo a fazer cortes no orçamento da defesa externa, para poder aumentar em 22% as despesas com as forças policiais, são um elemento complicador de uma situação econômica crítica. No terceiro quadri-]mestre de 1992, o PNB sofreu uma queda de 5,7%, a maior nos últimos oito anos, resultado do declínio na produção agrícola devido à seca, do desinvestimento e da fuga de capitais. Em

30/11/1992, para conter a queda acelerada nos investimentos, o governo reduziu os mecanismos que regulam e controlam operações financeiras nesse setor e, dentro do esforço para reinserir a África do Sul na comunidade financeira internacional, buscou estreitar laços econômicos com as recém-emancipadas repúblicas do Leste europeu e com os novos países da África.

Ministros mestiços – No remanejamento ministerial de 20/2/1993, membros não-brancos – os mestiços Jack Rabie e Abe Williams, e o asiático Bhandra Ranchod, designados min. do Desenvolvimento Demográfico, do Esporte, e do Turismo, respectivamente – são incluídos no gabinete pela primeira vez na história do país. Mas a "Carta dos Direitos Fundamentais", que De Klerk propõe ao anunciar esse remanejamento, é repudiada tanto pelo CNA quanto pelo Inkatha. Para o primeiro, seu único objetivo é "eternizar os privilégios da minoria branca"; para o segundo, ela "não leva em conta necessidades, desejos e aspirações longamente reprimidos". Apesar disso, as discussões sobre a reforma constitucional reiniciam, em Johanesburgo (5 e 6/3), reunindo representantes de 26 organizações, entre elas o CNA, o Inkatha, o CPA e o Partido Conservador; e se encerram com a decisão de que, a partir de 5/4, os debates se façam em um novo fórum, que substitua a natimorta CODESA, suspensa desde jun. de 1992.

Grave ameaça de interrupção definitiva das conversações é trazida, porém, em 10/4/1993, pelo assassinato de Chris Hani, sec.-geral do PC sul-africano, membro do Comitê Executivo do CNA e líder muito popular entre a juventude por sua atuação, até dez. de 1991, como chefe do *Umkonto-ue-Sizue* (a Lança da Nação), braço armado do movimento negro. São necessários insistentes apelos da cúpula negra para acalmar seus partidários, que exigem a volta à luta armada. Seu assassino, Janusz Walus, polonês naturalizado em 1981, ao ser preso, horas depois, afirma ter agido sozinho; mas há indícios de que se tratou de uma conspiração de extrema direita, em que estão envolvidos membros do Partido Conservador; entre eles o fato de que a arma do crime foi uma pistola que, até dez. de 1990, pertencera ao quartel-general da Força Aérea. A suspeita de conspiração se intensifica quando Eugène Terreblanche, líder do neonazista Movimento de Resistência Africâner (MRA), reconhece que Walus pertencia a seu movimento desde 1986. Em 17/4, Clive Derby-Lewis, deputado pelo Partido Conservador entre 1987 e 1989, ex-conselheiro presidencial e pres. da Western Goals Institute, organização anticomunista internacional com sede em Londres, é preso, juntamente com sua mulher Gaye, australiana naturalizada, acusado de ser o mandante do crime. O plano de seis semanas de manifestações de protesto a partir de 1º/5, que o CNA elabora como uma forma de responder à indignação de suas bases, é ultrapassado pelas greves e protestos espontâneos de 4 milhões de trabalhadores que eclodem no dia do enterro de Hani – que reúne mais de 100 mil pessoas no estádio de Soweto. Cinco dias depois, o ex-jornalista Charles Nqakula é escolhido para substituir Hani. Walus e Derby-Lewis, considerados culpados, são condenados à morte em 15/10.

A direita se mobiliza – Em abr., com a diferença de dois dias, ambos os lados perdem dirigentes atuantes: no dia 22, um enfarte mata o *verkrampte* (radical) Andries Treurnicht, de 72 anos, líder dos conservadores; em 24/4, é a vez de Oliver Tambo, ex-pres. do CNA, paralisado desde 1990 por um derrame cerebral. Desde 1960, após o banimento do CNA, Tambo comandara do exílio a luta armada contra o *apartheid*.

Dois fatos concorrem para agravar novamente a situação em mai.: a prisão, no dia 25, de vários dirigentes do CPA, cujo sec.-geral, Benny Alexander, acusando o governo de querer "banir de fato a sua organização", retira-a das conversações multipartidárias; e a constituição de um "comitê de generais", um grupo de ex-policiais e militares cujo objetivo é unificar os movimentos de extrema direita. Um de seus líderes, o gen. reformado Tienie Groenewald, declara à BBC, de Londres, não estar disposto a abrir mão dos "direitos dos brancos" e garante poder levantar em armas até 500 mil homens em defesa desses direitos. Groenewald convoca uma conferência de 21 grupos racistas – entre os quais os conservadores, o MRA de Terreblanche, o Partido Nacional Reformado, a União Nacional Africâner, os sindicatos brancos e as organizações de fazendeiros –, na qual é constituída a Frente Nacional Africâner (FNA), sob a coordenação do gen. reformado Constand Viljoen, ex-chefe da Força de Defesa da África do Sul de 1980 a 1985. Ainda em mai., é descoberto um complô para assassinar Joseph Slovo, o ex-sec.-geral do PC, como uma estratégia para desestabilizar as negociações em curso.

Apesar disso, em 3/1/1993, De Klerk anuncia as eleições para 27/4/1994 – data a que se opõem os conservadores, o que força o reinício das conversações. Estas, porém, não avançam porque o que a extrema direita pretende não é um acordo, e sim o direito a constituir, em algum ponto do país, um Estado branco independente – o que é inaceitável tanto para o governo quanto para as organizações negras. É com esse objetivo que, em 25/1, cerca de quinhentos militantes da recém-criada FNA, comandados por Terreblanche, Viljoen e Ferdi Hartzenberg, entram com um blindado através das paredes de vidro do World Trade Center, onde se realizam as conversações. Apoiados por 3 mil militantes armados, do lado de fora do prédio, e sem encontrar resistência da polícia, que declara querer "evitar um banho de sangue", eles só deixam o local após horas de negociação com o governo e a promessa de nenhuma represália. Apesar dos protestos do CNA e das promessas de De Klerk, nenhuma medida é tomada contra eles; o que leva o bispo Desmond Tutu a apresentar a proposta, imediatamente rechaçada por De Klerk, de que seja pedida à ONU a intervenção de uma força militar para controlar o país.

Balanço de vítimas – Dando conta da gravidade da situação, um relatório da Comissão dos Direitos Humanos, divulgado no início de ago., revela que, em três anos, a crise política deixou 9.325 mortos, seiscentos deles apenas em jul. de 1993. Segundo o governo, porém, o que põe o futuro em risco é a decisão do CPA, que este próprio nega, de dar continuidade à luta armada; razão pela qual, no final do primeiro semestre, De Klerk rompe as conversações bilaterais com essa organização, anunciando a adoção de medidas urgentes contra ela. A primeira delas é o restabelecimento da pena de morte, suspensa desde 2/2/1990. O CNA, o CPA, a Azapo e outros grupos reagem imediatamente ao que qualificam de "ação racista de um Parlamento anti-democrático"; e, para demonstrar que apenas os negros são visados por tal decreto, argumentam que, entre os 296 presos políticos passíveis de serem condenados à morte, há um só branco.

Albânia

● **NOME OFICIAL:** República da Albânia. **Capital:** Tirana. **Nacionalidade:** albanesa. **Hino:** A Bandeira (título). **Língua:** albanês (oficial); dialetos (gheghi e tosque, principais). **Religião:** islamismo; cristianismo (minoria). **Data nacional:** 11/1 (República).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da Europa. **Área:** 28.748 km². **Limites:** Iugoslávia (N); Macedônia ((L); Grécia (S); mar Adriático (O). **Características:** litoral baixo e pantanoso, região montanhosa: alpes Albaneses (N), cordilheiras Albanesas Centrais (de N a S), cordilheira do Épiro (O), intercaladas por vales estreitos e profundos; região de lagos (L). **Ponto mais elevado:** monte Jezerca (2.694 m). **Clima:** mediterrâneo. **Rios principais:** Drin Branco, Drin Negro, Mat, Skumbi, Viose. **Cidades principais:** Tirana (243.000 hab.); Durres (85.400); Elbasan (83.300); Shkoder (81.800); Vlore (73.800) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 3.357.000 (est.1992); **urbana:** 35,2% (1990). **Composição demográfica:** albaneses, 98%; gre-

gos e macedônios (minorias). **Crescimento demográfico:** 2% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 32,6%; 15-59: 59,2%; mais de 60: 8,2% (1990). **Densidade (hab./km²):** 116,8 (1992). **Natalidade:** 25,2 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 5,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 28,3 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,9 (1991). **Vida média homens:** 69,3; **mulheres:** 75,4 (1989/90). **Leitos hospitalares:** 1 por 176 hab.; **médicos:** 1 por 574 hab. (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** insignificante (1989). **Alunos de 1º e 2º graus:** 763 mil; **professores:** 38,5 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 27 mil; **professores:** 1,8 mil (1990). **Gastos:** 11% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 30/4/1991. **Divisão administrativa:** 26 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrático, Socialista. **Chefe de Estado:** pres. Sali Berisha (desde 9/4/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Alexander Meksi (desde 13/4/1992). **Legislativo:** unicameral – Assembléia do Povo, com 140 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 32,7%; indústria, 51%; comércio e serviços, 16,3% do PIB (1989). **Agricultura:** trigo, milho, batata, beterraba, frutas cítricas, uva, azeitona, tabaco. **Pecuária:** caprinos, ovinos, bovinos. **Pesca:** 12 mil t (1989). **Indústria:** alimentícia (azeite e açúcar mascavo), elétrica, refino de petróleo, fertilizantes, máquinas industriais, materiais de construção, fumageira, têxtil, vinícola. **Minerais:** cromita, cobre, níquel, carvão, petróleo. **Exportações:** US$ 151,5 milhões; **produtos:** cromita, minério de ferro-níquel, fios cobre, energia elétrica, alimentos, tabaco processado, artesanato (1990). **Importações:** US$ 253 milhões; **produtos:** minerais, metais, máquinas industriais, químicos, papel e produtos de borracha (1990). **Parceiros comerciais:** Itália, Repúblicas da CEI, Eslováquia, Bulgária, Iugoslávia, Suíça. **Pesos e medidas:** sistema métrico. **Moeda:** lek novo (dividido em 100 quidarka); **cotação para 1 US$:** 110,00 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2,6 bilhões; **renda per capita:** US$ 820 (1989); **crescimento anual:** 2,9% (1985–1989). **Inflação:** 25% a 30% (est. 1991). **Dívida externa:** US$ 530 milhões (1991). **Força de trabalho:** 1,4 milhão (1985); **distribuição:** agricultura, 50,4%; indústria, 31%; comércio, 4,9%; serviços, 10,3%; outros, 3,3% (1989); **mão-de-obra feminina:** 41% (1985). **Desemprego:** 50% (1992).

● **DEFESA: efetivo total:** 40 mil (1992); **Exército:** 27 mil; **Marinha:** 2 mil; **Força Aérea:** 11 mil; **outros:** 16 mil paramilitares. **Gastos:** 11,8% do orçamento (1988).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 18,5 mil km; 40% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 48,9 mil; **automóveis:** 16 mil (1991). **Ferrovias:** 684 km (1989). **Portos:** Durazo, Valona, Saranda, Shongiu. **Linhas aéreas:** Ada Air of Albania, Albtransport (vôos internacionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 6,3 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 13 hab. (1991). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 42 (1989).

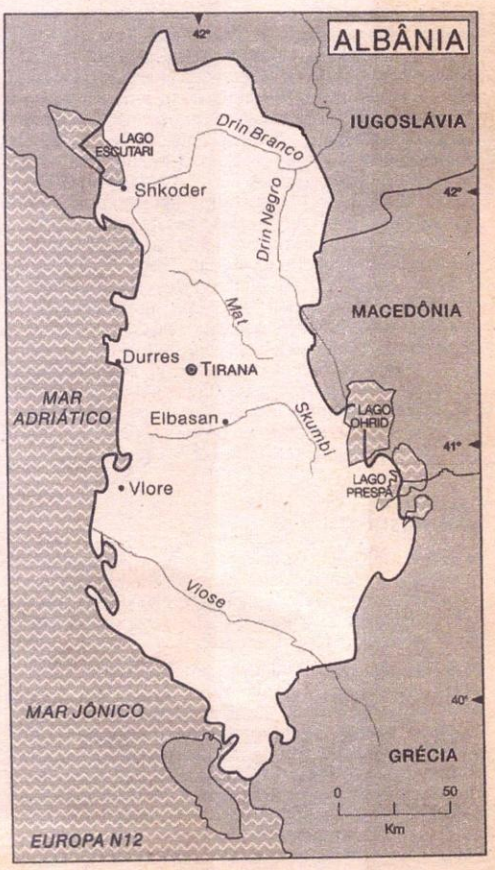
● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Olazabal, 2060, 1428, Buenos Aires, Argentina; tel. (0054-1) 781-7740.

HISTÓRIA

O reino bizantino da Ilíria, criado em 300 a.C., foi invadido por eslavos (séc. VI), búlgaros (séc. IX) e turcos (séc. XV). **1912:** independência, com apoio do Império Austro-húngaro. **1914 – 1919:** ocupação aliada durante a I Guerra. **1920:** recupera a independência. **1925 – 1928:** Ahmed Zogu, com apoio iugoslavo, é coroado rei como Zogu I. **1939:** ocupação italiana. **1946:** República Popular (11/1) sob o comunista Enver Hodja; aproximação de Moscou. **1955:** ingresso na ONU e no Pacto de Varsóvia; apoio à China no conflito sino-soviético. **1961:** ruptura com Moscou (10/12). **1968:** retirada do Pacto de Varsóvia. **1976:** nova Constituição. **1978:** ruptura com a China. 1981: eliminação do 1º-min. Mehmet Shehu, cujos adeptos são expurgados (1982) e fuzilados (1983). **1985:** morre Hodja (11/4); Ramiz Alia assume. **1986:** reinício do comércio com a Itália e a Iugoslávia. **1989:** anistia para presos políticos. **1990:** medidas de redemocratização; volta do Ministério da Justiça, extinto em 1966; 4.786 pessoas fogem do país (jul.); autorizadas as candidaturas independentes (7/11); greves e manifestações forçam a legalização da oposição (12/12). **1991:** distúrbios forçam a troca do 1º-min. Adil Carcani por Fatos Nano (22/2); nas eleições (31/3), o Partido dos Trabalhadores da Albânia (PTA) vence no campo e a oposição, nas cidades; greves derrubam Nano, substituído por Yilli Bufi; gabinete de coalizão com os oposicionistas; 37 mil pessoas fogem para a Itália, mas a maioria é repatriada; manifestações e greves (set./dez.) levam à renúncia de Bufi (7/12); saques a armazéns forçam antecipação das eleições; nomeado 1º-min. o independente Vilson Ahmeti (10/12). **1992:** vitória do Partido Democrático (29/3); seu líder, Sali Berisha, é eleito pres. (9/4) e nomeia o 1º-min. Alexander Meksi (13/4).

FATOS DO ANO

No plano interno, 1993 é dedicado ao ajuste de contas com a liderança do período autoritário, responsável pela transformação da Albânia, em quase 50 anos de isolamento e radicalismo político, no país mais atrasado da Europa. Em mar., Nidjmie Hodja, viúva do líder comunista, é condenada a 11 anos de prisão por ter-se apoderado de US$ 75 mil em dinheiro público. Outros ex-dirigentes do PC são também presos e processados por corrupção e abuso de poder, entre eles, em ago., Ramiz Alia, último "homem forte" da fase ditatorial, que ainda gozava de regalias em prisão domiciliar. Essa "faxina ideológica" garante ao pres. Sali Berisha maior apoio popular.



Só os recursos enviados por 300 mil albaneses que trabalham no exterior (executando, em países ricos, as chamadas "atividades degradantes", como varrer rua ou limpar esgotos, mas mandando para casa US$ 300 milhões anuais) e a ajuda fornecida por outros países e organismos internacionais têm impedido a bancarrota total, pois a economia está totalmente desmantelada. Dois terços da indústria foram desativados com a troca do regime e, embora o governo esperasse, em 1993, uma colheita 20% maior do que no ano anterior, a produção de cereais cai 60% devido à desorganização das cooperativas e à mecanização precária. Jornalistas estrangeiros que podem, finalmente, viajar pela zona rural albanesa constatam que a agricultura, ao contrário do que alardeava o regime, na fase comunista, é praticada pelos métodos mais obsoletos. A tração animal ainda é o processo mais comum, devido à falta de tratores ou implementos.

Investimentos difíceis – Nas cidades, onde o desemprego é elevado, os salários giram em torno dos US$ 20 mensais. Após a liberação dos preços, em 1992, a inflação disparou, devendo atingir os 45% em 1993. As autoridades estão cumprindo à risca as exigências do FMI e têm conseguido empréstimos desse organismo; mas atrair investimentos estrangeiros não é fácil. À exceção de alguns empresários gregos e italianos atraídos pela mão-de-obra abundante e barata, poucos são os que se arriscam a enfrentar os remanescentes da burocracia dos tempos do PC, que ainda não foram eliminados. Entre as grandes empresas multinacionais, a exceção é a Coca-Cola, que, em jan. de 1993, assina contrato para instalar, em Tirana, uma fábrica de refrigerantes.

As relações internacionais também são atribuladas. Em mar., diante de rumores de que uma "limpeza étnica", semelhante à que os sérvios empreendem na Bósnia, está para começar em Kossovo – província iugoslava onde a maioria da população é de origem albanesa –, Berisha ordena a mobilização de tropas. Chegam a morrer 25 albaneses em pequenos choques de fronteira; mas um conflito de maiores proporções teria sido desastroso para o país: os jornalistas estrangeiros que puderam assistir a revistas de tropas relataram que seu equipamento é obsoleto, a artilharia é remanescente da II Guerra Mundial e até mesmo os uniformes são inadequados para as frias regiões montanhosas. Os 700 mil *bunkers* que Enver Hodja mandou construir em todo o território estão caindo aos pedaços e sem condições reais de uso.

Preocupado com o agravamento da situação em Kossovo, o papa João Paulo II visita Tirana em abr. e, na catedral, reconvertida às suas funções depois de ter sido transformada, por ordem de Hodja, num ginásio de esportes, condena a exacerbação do nacionalismo em toda aquela área. Mas essa tensão está longe de se abrandar, como o demonstram as divergências com a Grécia: em jul., é expulso o padre Chrysóstomos Maidônis, acusado de insuflar o separatismo da minoria grega de Gjirokaster. Em represália, as autoridades de Atenas ordenam a saída de 30 mil albaneses que trabalhavam informalmente em seu território.

Alemanha

● **NOME OFICIAL:** República Federal da Alemanha. **Capital:** Berlim. **Nacionalidade:** alemã. **Hino:** *Unidade, justiça e liberdade* (3º verso). **Língua:** alemão (oficial); dialetos locais. **Religião:** cristianismo (católicos e protestantes). **Data nacional:** 3/10 (Unificação).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-norte da Europa. **Área:** 356.957 km². **Limites:** mares Báltico e do Norte, Dinamarca (N); Polônia (L); Rep. Tcheca (SE); Áustria, Suíça (S); França, Bélgica, Luxemburgo e Holanda (O). **Características:** planície baixa e alagada (N); relevo ondulado, grandes lagos e vales (centro); cadeias montanhosas, alpes Bávaros e floresta Negra (S). **Ponto mais elevado:** monte Zugspitze (2.963 m). **Clima:** temperado continental (L); temperado oceânico (O). **Rios principais:** Reno, Danúbio, Elba, Weser, Mosela, Oder. **Cidades principais:** Berlim (3.420.600 hab.); Hamburgo (1.640.100); Munique (1.219.600); Colônia (950.200); Frankfurt (641.300); Leipzig (513.600); Dresden (493.200) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 79.122.000 (est.1992); **urbana:** 85,3% (1990). **Composição demográfica:** alemães, 93,4%; turcos, 2,1%; iugoslavos, italianos, gregos, poloneses, espanhóis (minorias) (1990). **Crescimento demográfico:** -0,02% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 16,2%; **15-59:** 63,4%; **mais de 60:** 20,4% (1991). **Densidade (hab./km²):** 221,7 (1992). **Natalidade:** 11,4 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 11,6 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 7,5 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,5 (Alemanha Ocid.) (1989). **Vida média homens:** 72,2 (Alemanha Ocid.); 69,8 (Alemanha Or.); **mulheres:** 78,7 (Alemanha Ocid.); 75,9 (Alemanha Or.) (1986–1988). **Leitos hospitalares:** 1 por 95 hab.; **médicos:** 1 por 324 hab. (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1º e 2º graus:** 11,5 milhões; **professores:** 609,3 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 1,8 milhão; **professores:** 370,1 mil (Alemanha Ocid.) (1990/91).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 23/5/1949 (19 emendas). **Divisão administrativa:** 16 estados. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Democrata Cristã, Social-Democrata, Democrático Livre, União Social Cristã. **Chefe de Estado:** pres. Richard von Weizsäcker (desde 1º/7/1984). **Chefe de governo:** chanceler Helmut Kohl (desde 1º/10/1982). **Legislativo:** bicameral – Conselho Federal, com 68 membros eleitos por representatividade proporcional para mandatos iguais aos do Estado que representam, e Assembléia Federal, com 662 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 1,3%; indústria, 37%; mineração, 3%; comércio e serviços, 58,7% do PIB (Alemanha Ocid.); agricultura, 1,7%; indústria, 44,8%; serviços, 47% do PIB (Alemanha Or.) (1991). **Agricultura:** batata, beterraba, cevada, trigo. **Pecuária:** suínos, bovinos, ovinos. **Pesca:** 390,8 mil t (1990). **Indústria:** máquinas industriais, automobilística, química, alimentícia, metalúrgica. **Minerais:** carvão e linhita. **Exportações:** US$ 399 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, automóveis, químicos, manufaturas básicas (1991). **Importações:** US$ 388 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos, artigos manufaturados, matérias-primas (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (França, principal). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** marco alemão (dividido em 100 pfennige); **cotação para 1 US$:** 1,41 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,6 trilhão; **renda per capita:** US$ 15.450 (1991). **Inflação:** 4,3% (Alemanha Ocid.); 11,2% (Alemanha Or.) (1992). **Força de trabalho:** 36,9 milhões; **distribuição:** agricultura, 4,6%; indústria, 41%; comércio e serviços, 54,5%; **mão-de-obra feminina:** 41,5% (1991). **Desemprego:** 7,4% (Alemanha Ocid.); 15,7% (Alemanha Or.) (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 447 mil (1992); **Exército:** 316 mil; **Marinha:** 35,2 mil; **Força Aérea:** 95,8 mil.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 496,7 mil km; 99% pavimentados (Alemanha Ocid.) (1989); **nº de veículos:** 38,4 milhões; **automóveis:** 35,5 milhões (1990). **Portos:** Hamburgo, Bremen, Rostock-Überseehafen, Wilhemshaven. **Linhas aéreas:** Lufthansa, Interflug (vôos internacionais e domésticos); Lufthansa Cityline (domésticos); Aero Lloyd Flugreisen, Condor, Germania, Hapag-Lloyd, LTU (charters).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Receptores de rádio:** 1 por 2,5 hab. (1991). **Receptores de TV:** 1 por 2,1 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,8 hab. (1989). **Jornais diários:** 350 (Alemanha Ocid.); **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 401 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 25, CEP 70415-900, Brasília, DF; tel. (061) 244-7273.

HISTÓRIA

O atual território foi conquistado pelos teutões (germânicos ou alamanos) em 1.000 a.C. **Séc. V:** invasões hunas. **Séc. VI:** cristianização após a conquista por Carlos Magno (785); após sua morte, o Reino dos Francos forma o núcleo do futuro país. **Séc. XI:** fundação do Santo Império Romano-Germânico (I Reich) por Otto I (962). **Séc. XVII:** lutas religiosas, provocadas pela Reforma protestante; a Paz de Augsburgo (1555) assegura a liberdade religiosa. **1618 - 1648:** Guerra dos 30 anos entre o imperador católico e os príncipes protestante ajudados pela Dinamarca, Suécia e França; Tratado de Westfália da independência a 343 estados. **1648 - 1714:** Guerra da Sucessão da Espanha contra a França. **Séc. XVIII:** desafios da Prússia ao domínio austríaco. **1815:** ratificação das divisões da Confederação Alemã pelo Congresso de Viena. **1862:** Otto von Bismarck torna-se chanceler da Prússia. **1871:** unificação, após vitória na Guerra Franco-prussiana; criação do II Reich: Guilherme da Prússia é o *kaiser*. **1884:** expansão colonial pela África e Pacífico. **1900 – 1912:** rearmamento intensivo. **1914 – 1918:** derrota na I Guerra Mundial; perda de colônias e proibição de rearmamento pelo Tratado de Versalhes. **1919:** criação da República em Weimar. **1933 – 1939:** surgimento e ascensão do nazismo; Adolf Hitler é o chanceler; anexação da Áustria e dos Sudetos; invasão da Tcheco-Eslováquia e Polônia; início da II Guerra Mundial; derrota em 1945. **1945 – 1948:** administração pela URSS, na parte oriental, e EUA, França e Grã-Bretanha, na ocidental, onde se constitui a República Federal. **1948/49:** formação da Assembléia Constituinte; adoção da Constituição provisória; eleição do chanceler Konrad Adenauer. **1955:** reaquisição da soberania; ingresso na OTAN. **1957:** constituição do Sarre como o 10º Estado da federação: divisão do país em dois pelos russos. **1961:** crise do muro de Berlim. **1963:** renúncia de Adenauer, sucedido por Ludwig Erhard. **1970:** tratado de não-agressão com a URSS, reconhecendo as fronteiras européias. **1974:** renúncia do chanceler Willy Brandt, provocada por um escândalo de espionagem; substituição por Helmut Schmidt; início da aproximação com o Leste. **1981:** protestos antinucleares dos pacifistas. **1982:** escândalos administrativos derrubam Schmidt, substituído por Helmut Kohl. **1990:** proposta união econômico-monetária com a Alemanha Or.; assinatura do acordo de unificação econômica por Kohl e o 1º-min. oriental, De Maizière (jun.); unificação monetária (1º/7) e política (3/10).

Alemanha Oriental: 1945: o leste, de Mecklenburgo, ao norte, até a Turíngia, na fronteira com a Bavária, fica sob domínio soviético. **1946:** reforma agrária e estatização das indústrias. **1948:** bloqueio de Berlim Ocid.; fim da coalizão com os aliados. **1949:** criação da República Democrática. **1953:** repressão de revolta popular. **1955:** declaração de soberania pela URSS; adesão ao Pacto de Varsóvia. **1961:** construção do muro de Berlim. **1970:** conversações com Bonn. **1971:** acordo com Grã-Bretanha, França e Alemanha Ocid. restabelece a cidadania e o trânsito da população entre as duas Berlim. **1972:** tratado de igualdade de direitos com a Alemanha Ocid. **1973:** morre Walter Ulbricht; Erich Honecker assume; admissão na ONU. **1974:** criadas embaixadas mútuas em Bonn e Berlim Or. **1976:** Honecker é o pres. do Conselho de Estado; Willi Stoph é o 1º-min. **1979:** anistia para 25 mil pessoas. **1980:** retirada dos soviéticos. **1983:** manifestações pacifistas. **1987:** abolição da pena de morte. **1989:** manifestações em Leipzig, convocadas pelo Novo Fórum (out.), levam à substituição de Honecker por Egon Krenz; renúncia de Stoph (6/11); derrubada do muro de Berlim: 2 milhões de pessoas passam temporariamente para o Ocid.; Hans Modrow é o 1º-min. (13/11); substituição de Krenz por Manfred Gerlach (6/12). **1990:** vitória eleitoral da Aliança pela Alemanha, favorável à unificação (8/3); Lothar de Maizière é o 1º-min. (12/4); a Câmara do Povo aprova a reconstituição da estrutura administrativa de 1952 (22/7); acordo de unificação (31/8) entra em vigor em 3/10. **Alemanha – 1990:** dissolução do Exército oriental (3/10); inauguração do Parlamento unificado (4/10), que ratifica o Tratado da União (5/10); vitória eleitoral da UDC nos Estados orientais e para a prefeitura de Berlim (14/10); greves em setores orientais por equiparação de salários (nov./1990–mar./1991). **1991:** Kohl é reeleito chefe da coalizão UDC/UCS/PL (jan.); greves e protestos contra o aumento de impostos, desmentindo a promessa eleitoral de Kohl em 1990 (mar./abr.); o déficit acumulado de US$ 6,7 bilhões (abr.)

causa a derrota da UDC nas eleições da Renânia-Palatinado (21/4) e Hamburgo (1º/6); a capital volta para Berlim (20/6); há 3.788 estatais privatizadas (set.); De Maizière renuncia à vice-pres. da UDC devido às suas antigas ligações com a *Stasi* (set.); neonazistas atacam um abrigo de refugiados em Hoyeswerda, no lado oriental (set.); a extradição de Honecker é pedida à URSS (set.) e ele se refugia na embaixada do Chile em Moscou (dez.); no 1º aniversário da unificação (3/10), há ataques a imigrantes em cinqüenta cidades do país. 1992: a abertura dos arquivos da *Stasi* (jan.) provoca a demissão do gov. da Turíngia (jul.); vitória da extrema direita nas eleições de Baden-Würtemberg (abr.); o mesmo acontece no Schleswig-Holstein (abr.); renúncia do min. do Exterior, Hans-Dietrich Genscher, há 23 anos no cargo, por discordar da política de Kohl quanto à unificação (5/4); greve geral (27/4) – há 400 mil pessoas paralisadas em 1º/5 – termina com a concessão de 6,2% de aumento salarial (6/5); Honecker é levado à Alemanha para ser julgado (2/8).

FATOS DO ANO

O país enfrenta, em 1993, graves problemas: recessão; violência neonazista; divergências sobre a proposta de que o ingresso de refugiados no país deve ser contido; crescente ceticismo quanto aos planos de reconstrução para a ex-Alemanha Or.; diminuição do apoio à idéia da integração na CEE; e um desencanto com os políticos tradicionais que fortalece as ideologias extremistas.

Em jan. de 1993, o Departamento de Estatística da Alemanha informa que, após o aumento de 3,6% em 1991, o PIB cresceu apenas 0,6% no ano anterior, o pior desempenho em uma década, prejudicado pela desaceleração das atividades produtivas e pelas altas taxas de juros usadas para combater a inflação pós-unificação. Em mar., o Departamento Federal do Trabalho revela que há 2,4 milhões de desempregados (7,5% da força de trabalho) no lado ocidental e 1,42 milhão no oriental (oficialmente, 14,5%, sem contar os trabalhadores de meio período que eram sustentados por subvenções diretas do Estado).

Cortes drásticos – A saída proposta pelo chanceler Helmut Kohl é um "pacto de solidariedade" entre todos os setores sociais, em busca da fórmula de financiamento da unificação (o que significa transferir US$100 bilhões anuais para o lado oriental). Em mai., o min. das Finanças, Theo Waigel, anuncia cortes drásticos nos gastos governamentais para 1994 e a suspensão de novos projetos, o que pode significar o adiamento na mudança definitiva da sede do governo de Bonn para Berlim. Os cortes atingirão benefícios sociais e o salário do funcionalismo, e está previsto também aumento de impostos a partir de 1995. Em set., o gabinete aprova um projeto de revisão da economia, do sistema educacional e da previdência social, visando a recuperar a competitividade. O documento acusa os alemães de, após quarenta anos de prosperidade, terem se acomodado, temerosos de mudanças e incrédulos quanto às novas tecnologias, sendo, portanto, ultrapassados, na capacidade de produzir bens de alta tecnologia, por outros países, onde impostos e salários são mais baixos. Economistas e empresários criticam o programa por ter declarações de intenções muito vagas e não oferecer medidas concretas. Mas admitem que o diagnóstico está correto: altos custos trabalhistas e de produção, déficit público desenfreado, burocracia e setor público inchados. Já os sindicatos e a oposição social-democrata acusam o governo de ser o principal responsável.

Eles condenam a atuação de Kohl no processo de unificação, adotando a conversão da moeda na base de DM 1,6 oriental para DM 1 ocidental, o que ajudou a destruir a estrutura industrial do Leste, incapaz de enfrentar a competição com a economia ocidental, muito mais competitiva. Julgam um erro, também, o princípio da restituição, a seus antigos proprietários, dos bens nacionalizados pelos comunistas, em vez de fixar uma indenização, pois os investidores potenciais temem adquirir bens imobiliários e industriais que, depois de processos judiciais, podem perder.

Ataques neonazistas – Durante 1992, houve cerca de 1.800 ataques contra estrangeiros e monumentos judeus na Alemanha. O caso de maior repercussão, em 23/11/1992, é o incêndio provocado por neonazistas, que mata duas meninas e uma mulher turcas na cidadezinha de Mölln. A população começa a compreender que esses ataques não são meros atos de vandalismo de uma minoria de jovens alienados, no lado leste, e representam séria ameaça à ordem democrática em todo o território. O governo passa a denominá-los de "terroristas", o que os coloca na mesma categoria da esquerdista Fração do Exército Vermelho, que, nas décadas de 70/80, atacava empresários e políticos; e proíbe três das principais organizações neonazistas.

São realizadas enormes manifestações, em todo o país, contra esses ataques. Mas surgem escândalos como o que revelou o financiamento dos moradores de uma pequena cidade a um grupo neonazista, para destruir um abrigo de imigrantes e refugiados. Confiantes do apoio silencioso que setores da população lhes oferecem, jovens extremistas dão entrevistas à TV dizendo estarem agindo assim "pois os políticos não fazem nada em relação aos estrangeiros". Os políticos, porém, fazem. Em 26/5/1993, ao cabo de uma sessão tumultuada, em que os deputados são obrigados a deixar o *Bundestag* de barco ou helicóptero, pois o prédio estava cercado por militantes ecologistas, dos direitos humanos e das associações cristãs, o Parlamento aprova a controvertida mudança na Constituição que restringe o direito de asilo. A legislação alemã a esse respeito, a mais liberal de toda a Europa, atraía anualmente 500 mil estrangeiros por ano. Um acordo entre o governo e a oposição socialista cria novas normas, que permitem a expulsão imediata, simplificam os processos judiciais e diminuem a possibilidade de interposição de recursos. O principal argumento para a aprovação, de que os refugiados ameaçam a estabilidade política e a paz social, é criticado por aqueles que julgam que os dois principais partidos do país fazem o jogo da extrema direita.

As únicas eleições importantes de 1993 – as municipais e distritais no Estado de Hessen, em mar. – são interpretadas como um termômetro político do país. A extrema direita do partido *Die Republikaner* (O Republicano), de Franz Schönhuber, obtém mais de 8% do total dos votos (em Frankfurt, capital financeira da Alemanha, eles chegam a 9,3%). O Partido Social-Democrata (PSD), que tem na região um de seus principais redutos, fica com 36,4%, perdendo 8,4% em relação às eleições comunitárias de 1989. Os governistas democratas-cristãos, com 32%, ficam em segundo lugar, com uma queda de 2,3%. Para os analistas, o PSD perde por ser incapaz de apresentar um perfil oposicionista claro; e o Partido Democrata Cristão (PDC), como o define o próprio Kohl, pelo simples fato de, hoje, estar no governo. Outro partido que tem bom desempenho é o dos Verdes, com 10% (nas eleições gerais de 1990, não conseguira eleger-se para o *Bundestag*). Indício importante é, também, a alta abstenção, que, em algumas regiões, chega a 40%, sinal do descontentamento com os partidos e com a situação geral do país.

O PSD enfrenta, durante o ano, outros graves problemas. Em mai., seu líder, Björn Engholm, gov. do Schleswig-Holstein, renuncia a todos os seus cargos ao se descobrir que, cinco anos antes, ele mentira a uma comissão parlamentar de inquérito. Ele afirmara desconhecer uma campanha suja que, na época, estava sendo movida contra um adversário seu nas eleições. O PSD fica desarvorado, pois, após a morte de Willy Brandt, Engholm era a principal esperança de renovação do PSD, e se preparava para candidatar-se à sucessão de Kohl em 1994. Sua saída ocorre num momento em que o governo está frágil e paralisado; vulnerável, portanto, à derrota nas urnas. O sucessor de Engholm, o gov. da Renânia, Rudolf Scharping, escolhido em jun., reafirma os temas da cam-

panha do PSD: recuperação econômica e luta contra o desemprego, defesa da liberdade e combate à violência, redefinição de uma política externa que não se restrinja ao debate sobre o uso do Exército.

Outros grupos também se preparam para as eleições federais e estaduais de 1994: os Verdes e o *Bündnis 90* (Aliança 90), de ex-dissidentes do setor oriental, fundem-se, em mai., no *Bündnis 90/Die Grünen*, sob a liderança de Joschka Fischer, min. do Meio Ambiente do Estado de Hesse. Sua ambição é, tornando-se o terceiro partido mais forte do país, conseguir eleger um novo chefe de governo em coligação com os social-democratas.

Papel externo – Com a unificação, a Alemanha transformou-se, no plano externo, num gigante político que o ex-pres. George Bush chamava de "parceiro dos EUA na direção dos assuntos mundiais". Ela foi, de fato, um motor fundamental no processo de unificação européia, deu apoio financeiro à URSS de Gorbatchóv e à Rússia de Iéltsin e manteve boas relações com os EUA, o que lhe permitiu ambicionar um lugar de membro permanente no Conselho de Segurança da ONU. Mas restrições constitucionais a impediram de se envolver diretamente na Guerra do Golfo, mesmo apoiando os aliados financeira e logisticamente. E na crise balcânica, por ter liderado o reconhecimento às novas repúblicas, foi acusada de ter acelerado a guerra e de ter subestimado as conseqüências da fragmentação da Iugoslávia para as minorias que vivem em cada novo país. O Parlamento aprovou, em dez. de 1992, o Tratado de Maastricht; mas a Corte Constitucional acolheu dezoito processos movidos pelos Verdes, pela extrema direita e por indivíduos isolados, questionando se o Executivo e o Legislativo poderiam transferir para a CEE algumas instituições soberanas nacionais, nos termos do tratado. Como até a metade do segundo semestre de 1993 a Corte não se manifestara a esse respeito, a ratificação do tratado não se completara.

Abalo financeiro – Enquanto isso, a política do Banco Central de manter altas as taxas de juros, para conter a inflação, causa abalos no Sistema Monetário Europeu (SME), o que provoca a retirada temporária de algumas moedas – a libra britânica, a lira italiana – do SME, levando os analistas econômicos a concluírem, em jul. de 1993, que o sonho de uma moeda única vigorando até 1999 já estava enterrado. Além disso, a Alemanha desentende-se com a França, outra impulsionadora da unidade européia, sobre diversos temas. Acusa Paris de querer proteger suas ex-colônias na questão da importação de bananas a preço reduzido. A França, por sua vez, recusa-se a aceitar os acordos sobre redução de subsídios agrícolas que, com forte apoio alemão, foram negociados pela CEE com o GATT. Há divergências também na área das telecomunicações. Em ago., Kohl recebe o 1º-min. Édouard Balladur, para tentar desfazer a imagem de que o eixo Paris–Bonn está a ponto de implodir; mas, a essa altura, crescem as acusações francesas de que os alemães já não estão mais muito interessados na unificação européia: desembaraçada da ameaça soviética, fortalecida pelos 80 milhões de habitantes que adquiriu ao reunificar-se, já não teria a mesma necessidade da Europa que nos tempos da Guerra Fria.

A Alemanha, por outro lado, vê sua presença mais marcante no cenário internacional limitada pela proibição constitucional, adotada no fim da II Guerra, de que suas Forças Armadas participem de operações fora do território coberto pela OTAN. Em abr. de 1993, quando o Conselho de Segurança da ONU decide impor uma zona de exclusão aérea sobre a Bósnia, Kohl contorna a proibição autorizando a presença de oficiais alemães a bordo de aviões da OTAN, sob o argumento de que a Carta permite o emprego de tropas alemãs em missões patrocinadas pela ONU. Com esse mesmo artifício, envia tropas à Somália. Essas decisões são contestadas pelos liberais e social-democratas, que remetem a questão à Corte Constitucional alegando que, com seu passado militarista, a Alemanha não pode pôr em movimento uma engrenagem militar internacional. Mas, para o governo, ficar fora dessas operações significa não ocupar um espaço importante no plano externo. Em 8/4/1993, a Corte Constitucional decide que homens e equipamentos podem ser enviados provisoriamente à Bósnia, até essa questão ter sido definitivamente resolvida; e, em 23/6, afirma o direito de o governo manter soldados na Somália, desde que com a aprovação do Parlamento.

Andorra

● **NOME OFICIAL:** Principado de Andorra. **Capital:** Andorra la Vella. **Nacionalidade:** andorrana. **Hino:** *O Grande Carlos Magno* (1º verso). **Língua:** catalão (oficial); espanhol; francês. **Religião:** cristianismo (catolicismo, 87,7%) (oficial). **Data nacional:** 8/9 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Europa. **Área:** 467 km². **Limites:** França (NO a NE); Espanha (SO a SE). **Características:** relevo montanhoso cortado por vales e gargantas estreitas e drenado pelo rio Valira; maciço dos Pirineus Orientais (L). **Ponto mais elevado:** pico d'Estats (3.115 m). **Clima:** mediterrâneo. **Rio principal:** Valira. **Cidades principais:** Andorra la Vella (20.437 hab.); Les Escaldes (12.996); Encamp (7.489) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 57.100 (est.1992); **urbana:** 62,5% (1990). **Composição demográfica:** espanhóis, 49,7%; andorranos, 28,6%; franceses, 7,6%; portugueses, 7,2%; britânicos (minoria) (1990). **Crescimento demográfico:** 0,9% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 17,4%; **15-59:** 68,8%; **mais de 60:** 13,8% (1990). **Densidade (hab./km²):** 122 (1992). **Natalidade:** 12,2 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 3,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 4,9 por 1.000 (1988–1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,3 (1991). **Vida média homens:** 74; **mulheres:** 81 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 417 hab.; **médicos:** 1 por 486 hab. (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** insignificante (1987). **Alunos de 2º grau:** 3,8 mil (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 802 (no exterior) (1988/89). **Gastos:** 11% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 14/3/1993. **Divisão administrativa:** 18 províncias. **Regime partidário:** não há partidos legais. **Chefe de Estado:** Joan Martí Alanis (bispo de Urgel) e o pres. da França, François Mitterrand, representados respectivamente por Francesc Badia-Batalla e Louis Deblé. **Chefe de governo:** pres. do Conselho Executivo Oscar Ribas Reig. **Legislativo:** unicameral – Conselho Geral, com 28 membros eleitos por voto direto; mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** turismo e setor financeiro (principais). **Agricultura:** batata, cereais, tabaco. **Pecuária:** bovinos, ovinos, eqüinos. **Pesca:** não há. **Indústria:** fumageira, têxtil (couro), material de construção, móveis. **Minerais:** ferro, chumbo, alumínio, pedras. **Exportações:** US$ 23,2 milhões; **produtos:** vestuário, água mineral, animais vivos, equipamentos elétricos e eletrônicos, papel e derivados (1989). **Importações:** US$ 888,7 milhões; **produtos:** bens de consumo, máquinas industriais, equipamentos de transporte, elétricos e eletrônicos, perfume, bebidas alcoólicas (1989). **Parceiros comerciais:** França, Espanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moedas:** franco francês e peseta espanhola; **cotação para 1 US$:** 4,78 (franco) e 99,05 (peseta) (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 837 milhões; **renda per capita:** US$ 16.600 (1988). **Força de trabalho:** 24,7 mil; **distribuição:** agricultura, 1,2%; indústria, 22,8%; comércio, 24,2%; serviços, 34,6%; outros, 17,2%; **mão-de-obra feminina:** 45,6% (1989). **Desemprego:** não há.

● **DEFESA: Efetivo total:** 100 policiais de segurança interna (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 220 km; 80% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 35,8 mil; **automóveis:** 31,6 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** não há. **Linhas aéreas:** não há.

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 5,5 hab. (1991). **Emissora de TV:** não há; **receptores:** 1 por 8,6 hab. (1989). **Linhas telefônicas:** 1 por 2,1 hab. (1982). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 54 (1991).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 4, CEP 70404-900, Brasília, DF; tel. (061) 312-9100.

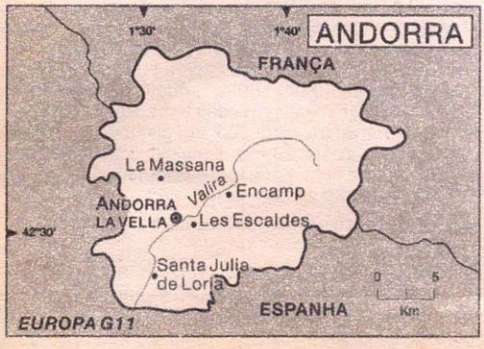
HISTÓRIA

O vale foi habitado por cartagineses, romanos, vândalos, suevos, alamanos e godos. **Séc. VIII:** invasão sarracena; domínio franco; concessão de carta régia ao conde de Urgel por Carlos Magno. **843:** o bispo de Urgel é designado co-suserano. **Séc. XVI:** a herança do conde de Urgel passa para Henrique IV, da França; depois, para o pres. da República francesa. **1793:** o governo revolucionário francês opta por manter o direito de posse. **1806:** restauração do co-principado por Napoleão. **1933:** concessão de voto aos homens maiores de 25 anos. **1941:** restrição do voto aos chefes de família. **1970:** extensão do voto às mulheres. **1982:** Oscar Ribas Reig é o 1º-min. **1984:** Ribas, após a não-aprovação de seu projeto de novo imposto de renda, é substituído por Josep Pintat Solens; reeleição de Francisco Cerqueda i Pascuet como síndico. **1989:** retorno de Ribas ao cargo; Josep Maria Beal é o novo síndico. **1990:** comitê redige anteprojeto de Constituição. **1991:** conservadores bloqueiam projetos de reforma de Ribas, que, em **1992:** renuncia (30/1) para forçar novas eleições (abr.), em que os reformistas conquistam 17 dos 28 lugares no Conselho.

FATOS DO ANO

A primeira Constituição do país, cujo anteprojeto começara a ser elaborado em abr. de 1991, é aprovada por 74,2% dos votos, no plebiscito de 14/3/1993, de que participam 75,7% do eleitorado andorrano. Os conservadores, liderados pelo ex-1º-min. Josep Pintat, fazem campanha pelo "não", temerosos de que uma mudança política signifique a perda dos privilégios financeiros trazidos por uma economia tutelada pelos co-príncipes externos, e que pode basear-se num comércio livre de taxas. Mas as reformas são amplamente apoiadas pelos que desejam a plena inserção do país na Europa unificada. Indícios claros desse interesse são, após o plebiscito, o pedido de adesão ao Conselho da Europa (28/6/1993) e o ingresso na ONU, como 184º país membro.

No futuro, a República – A nova Constituição consagra a soberania popular por meio da instituição de uma Assembléia eleita por sufrágio universal. Aos co-príncipes caberá apenas o papel diplomático de garantes da soberania nacional – status assegurado pelo tratado tripartite assinado logo após a ratificação da nova Carta. Numa etapa posterior, prevê-se a proclamação da República e, eventualmente, a independência total da França e do bispado de Urgel. Apesar dos esforços dos tradicionalistas em contrário, essa evolução vem sendo aceita pela maioria da população desde o acordo de 1º/7/1991, que permitira ao país participar da união alfandegária européia como forma de compensar o declínio do comércio local, prejudicado pela concorrência de conglomerados espanhóis e franceses cujos preços competitivos tornavam pouco atraentes os produtos *duty free* oferecidos pelos andorranos. Para enfrentar uma dívida interna de 15 bilhões de pesetas (contra um orçamento de 22 bilhões), será necessário introduzir novas atividades econômicas, abrindo o país a investimentos estrangeiros e, principalmente – o ponto mais combatido pelos conservadores –, criando impostos pela primeira vez em sua história.



Angola

• **NOME OFICIAL:** República de Angola. **Capital:** Luanda. **Nacionalidade:** angolana. **Hino:** Angola avante (título). **Língua:** português (oficial); línguas africanas (ovimbundu, kimbundu, bakongo, chókue, principais). **Religião:** cristianismo (católicos, maioria); crenças tradicionais. **Data nacional:** 11/11 (Independência).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da África. **Área:** 1.246.700 km². **Limites:** Zaire (N); Zâmbia (L); Namíbia (S); oceano Atlântico (O). **Características:** litoral retilíneo limitado por uma linha de montanhas paralelas à costa; planalto com 1.000 metros de altitude (maior parte). **Ponto mais elevado:** serra Môco (2.620 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão (maior parte); árido tropical (O). **Rios principais:** Cuanza, Cunene, Cuando, Cubango, Queve, Zambeze. **Cidades principais:** Luanda (1.134.000 hab.) (1988); Huambo (203.000); Benguela (155.000); Lobito (150.000) (1983); Lubango (105.000) (1984). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

• **POPULAÇÃO:** 10.609.000 (est.1992); **urbana:** 28,3% (1990). **Composição demográfica:** ovimbundus, 37,2%; mbundus, 22,8%; congos, 13,2%; luimbés, 5,4%; humbés nyanekas, 5,4% (minorias africanas) (1983). **Crescimento demográfico:** 2,8% (1990–1995). **Faixas etárias:** 0-14: 45%; 15-59: 49,5%; mais de 60: 5,5% (1992). **Densidade** (hab./km²): 8,5 (1992). **Natalidade:** 46,6 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 18,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 127 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,3 (1990–1995). **Vida média homens:** 44,9; **mulheres:** 48,1 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 845 hab.; **médicos:** 1 por 15,1 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 7,5% do orçamento (1991).

• **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 58,3% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,7 milhão; **professores de 1º grau:** 32 mil (1988/89); **de 2º grau:** 4,4 mil (1981/82). **Alunos no ensino superior:** 5 mil; **professores:** 316 (1985/86). **Gastos:** 17,5% do orçamento (1991).

• **GOVERNO:** República parlamentarista com presidente forte. **Data da Constituição em vigor:** 15/11/1975 (4 emendas). **Divisão administrativa:** 18 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Mov. Popular de Libertação, União Nac. para a Independência Total. **Chefe de Estado:** pres. José Eduardo dos Santos (desde 21/9/1979). **Chefe de governo:** 1º-min. Marcolino Moco (desde 26/11/1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 223 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 10,3%; indústria, 4,7%; mineração, 58,2%; comércio, 6,1%; serviços, 20,7% do PIB (1991). **Agricultura:** café, cana-de-açúcar, mandioca, milho, batata-doce, banana. **Pecuária:** bovinos, caprinos, suínos. **Pesca:** 77,4 mil t (1990). **Indústria:** refino de petróleo, alimentícia, bebidas alcoólicas, têxtil, material de construção. **Minerais:** petróleo, diamantes, minério de ferro, cobre, zinco, ouro, manganês, chumbo, fosfato, sal, urânio. **Exportações:** US$ 3,4 bilhões; **produtos:** petróleo e derivados, diamantes (1991). **Importações:** US$ 1,3 bilhão; **produtos:** alimentos, equipamentos elétricos e de transporte, metais básicos (1991). **Parceiros comerciais:** Portugal, EUA, Brasil, Holanda, França. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** cuanza

novo (dividido em 100 uei); **cotação para 1 US$:** 600,00 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 6 bilhões; **renda per capita:** US$ 790 (1989); **crescimento anual do PIB:** 0,3% (1988/89). **Inflação:** 495,8% (1992). **Dívida externa:** US$ 7,7 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 3,8 milhões; **distribuição:** agricultura, 71,4%; indústria, 10%; comércio e serviços, 18,6% (1987); **mão-de-obra feminina:** 39,7% (1985).

● **DEFESA: Efetivo total:** 127,5 mil (1992); **Exército:** 120 mil; **Marinha:** 1,5 mil; **Força Aérea:** 6 mil; **outros:** 28 mil (tropas regulares da UNITA). **Gastos:** 36,9% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 72,6 mil km; 11% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 175 mil; **automóveis:** 130 mil (1990). **Ferrovias:** 2,8 mil km (1988). **Portos:** Lobito, Luanda, Namibe. **Linha aérea:** Linhas Aéreas de Angola (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 23 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 206 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 132 hab. (1991). **Jornais diários:** 4; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 13,5 (1984).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 9, cj. 16, casa 23, CEP 70482-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-4489.

HISTÓRIA

Descoberta por Diogo Cão (1482), foi entreposto de escravos. **1575:** fundação de Luanda. **1641 – 1648:** ocupação holandesa. **1869:** abolição da escravatura. **1935:** integração a Portugal. **1951:** elevação a província ultramarina. **1953:** fim do regime de trabalho obrigatório. **1956:** fundação do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA). **1961:** início da guerrilha. **1962:** formação da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), do Governo Revolucionário de Angola no Exílio. **1966:** formação da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), de Jonas Savimbi, de direita. **1975:** o Acordo de Alvor marca para 11/11 a independência, com Agostinho Neto na presidência. **1976:** ofensiva do MPLA sobre a UNITA e a FNLA; admissão na ONU. **1977:** ocupação de Cuangar pela UNITA; fracassa golpe da ala radical do MPLA. **1979:** invasão sul-africana contra bases da SWAPO; morre Agostinho Neto; José Eduardo dos Santos é o pres. **1980:** chegada de 20 mil soldados cubanos para combater a guerrilha. **1981:** nova invasão sul-africana; intensificação das ações da UNITA. **1982:** expurgo de dissidentes no MPLA. **1985 – 1987:** ataques sul-africanos em apoio à UNITA, que sabota objetivos econômicos; Luanda perde a batalha do rio Lomba. **1988:** programa de saneamento econômico e abertura ao capital estrangeiro. **1989/90:** a UNITA retoma a guerra civil sabotando as negociações de paz de Lisboa; o Tratado de Washington põe fim à guerra civil (dez). **1991:** acordo de paz (1º/5); instituído o pluripartidarismo (7/5); anistia geral (17/5); candidatura de Savimbi à presidência; Fernando José França Van-Dúnem é o 1º-min. (19/7); retorno de Holden Roberto, da FNLA (2/9), e de Savimbi (17/9); criação do Comando Supremo das Forças Armadas, chefiado pelos gen. João de Matos, do MPLA, e Ahilo Camalata Numa, da UNITA (14/11). **1992:** a UNITA e o Fórum Democrático Angolano, de Jorge Chikoti, registram-se como partidos (10/2); vitória de Santos no primeiro turno das eleições; UNITA reinicia as hostilidades; a luta atinge Luanda (30/10).

FATOS DO ANO

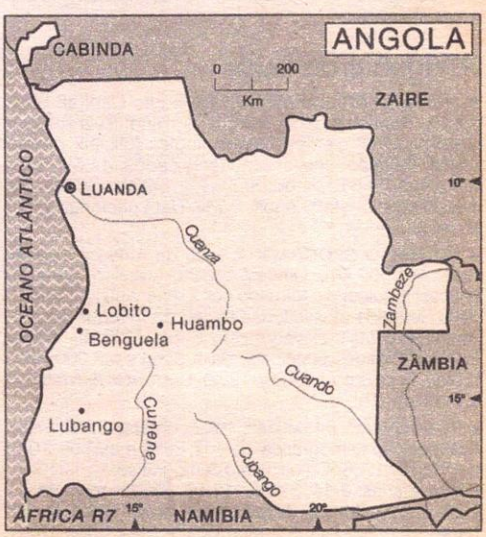
Fome e guerra civil deixaram, entre 1992/93, meio milhão de mortos, um quinto da população do país, informa o governo angolano em 26/10/1993; e acrescenta: 80 mil pessoas ficaram feridas ou mutiladas e 50 mil ficaram órfãs. A isso acrescente-se o salto do câmbio do cuanza, de 22.000 por dólar em jul. para 50.000 no fim de set. de 1993, e tem-se uma idéia do caos em que o país é deixado, no final de 1992, pelo reinício dos combates entre a UNITA e as forças governamentais.

O resultado das eleições, previstas no acordo de paz do ano anterior, fez as hostilidades recomeçarem. Embora a ONU e os oitocentos observadores internacionais afirmassem ter sido "limpo e justo" o processo eleitoral de 29 e 30/9/1992, o líder guerrilheiro de direita Jonas Savimbi considerou fraudulenta a apuração do primeiro turno, em que o MPLA obteve 49,7% dos votos contra 40,07% da UNITA. Ordenando a saída de seus generais da Comissão Político-Militar Conjunta encarregada de, até 1º/8, fundir as tropas rebeldes e do governo em um Exército nacional unificado, Savimbi voltou à luta. No ataque de 30/10 a Luanda, houve cerca de mil mortos. Nos dias que se seguiram, foram assassinados, na capital, doze dos quinze líderes da organização guerrilheira que ainda tentavam negociar a realização do segundo turno: entre eles, estava o candidato a vice, Jeremias Chitunda (3/11).

Avanço da UNITA – Em 2/11, durante um cessar-fogo, foi retirada mais da metade dos 1.600 brasileiros que trabalhavam no país, entre eles os 412 funcionários da construtora Norberto Odebrecht. O governo retomou o controle da capital, mas a UNITA continuou avançando no interior: em 19/11, já controlava dois terços do território angolano, inclusive as minas de diamante da província de Lubala Nguimbu. Os rebeldes não compareceram, em 26/11, para tomar posse, na primeira sessão do Parlamento, das setenta cadeiras que tinham conquistado nas urnas. Com a maioria absoluta de 129 cadeiras num total de 220, o MPLA pôde montar o governo sozinho e, fechando acordo com doze partidos de oposição, escolher um de seus militantes, Marcolino Moco, para o cargo de 1º-ministro. Em 2/12, a UNITA recusou o convite que este lhe fizera de participar do novo governo, ocupando cinco dos 21 ministérios (entre eles o da Defesa) e tendo dois cargos no Estado-Maior das Forças Armadas.

De 3 a 21/1/1993, forças do Exército e da guerrilha disputam, no interior do país, o controle de Benguela, Cuito, Luena, Lobito e Lubango, onde morrem milhares de pessoas. As lutas mais duras ocorrem em Huambo, reduto dos ovimbundus, tribo de Savimbi, que o governo, com apoio aéreo, ataca mobilizando grandes contingentes de soldados e civis armados. Em 56 dias de combate, há mais de 20 mil mortos. O Exército chega a anunciar a ocupação da cidade, mas, em 19/1, a guerrilha a retoma e avança também sobre Soyo, na costa norte, responsável por mais de 30% da produção angolana de petróleo.

Além das vítimas dos combates, a guerra civil deixa milhões de desabrigados e, segundo estimativas da ONU, 1,5 milhão de pessoas ameaçadas de morrer de inanição.



Em 26/1/1993, o sec.-geral Butros Gali pede ao Conselho de Segurança a retirada da força de paz de Angola, caso as facções em luta não cheguem a um acordo até 30/4. Essa decisão é tomada depois que soldados dessa força de paz – entre eles, em 29/11/1992, o sargento brasileiro Adilson Barbosa da Costa – são mortos por guerrilheiros ou são expulsos de suas bases. Gali responsabiliza as duas partes por terem falhado em efetivar, antes das eleições, o desarmamento previsto. Em 15/7, o Conselho de Segurança aprova resolução prorrogando até 15/9 o mandato de sua missão de verificação. Após essa data, ameaça, será adotado embargo total de armas contra a UNITA se ela não tiver aceitado negociar a paz. Mas, até o início de out., a situação permanece inalterada.

A partir de 22/1, os EUA começam a mudar sua postura em relação à UNITA: um porta-voz do governo Clinton acusa-a de promover a escalada da guerra civil e diz-se alarmado com a tomada de Soyo. Washington ameaça reconhecer o governo angolano (o que não foi feito, após a independência da colônia, em 1975, pois a Casa Branca apoiava a UNITA); e isso efetivamente acontece após o fracasso do acordo de paz proposto em Abidjan, na Costa do Marfim. Esse reconhecimento, que põe fim, oficialmente, a dezessete anos de favorecimento a Savimbi – que passa a ter sérios problemas para abastecer Huambo, cidade de 500 mil habitantes, centro da região sob seu controle –, significa também a admissão das reformas que, nos últimos anos, vêm sendo adotadas pelo MPLA: abandono da economia centralizada, em moldes marxistas, e, sob a tutela do FMI e do Banco Mundial, privatização das fazendas de café, proteção ao capital estrangeiro e desvalorização da moeda nacional, o cuanza.

A perda do apoio americano, porém, não detém a UNITA, que, em 29/6, toma Chinguto, grande produtora de diamantes, além de manter Melanje, Menongue e Cuito sob assédio. Agrava-se também a situação de Huambo, de onde, em out., vêm relatos de que, para sobreviver, os habitantes tiveram de recorrer ao canibalismo, e de que o número de mortos já se eleva a 35 mil (há três brasileiros entre os 102 estrangeiros cuja remoção é autorizada pelos guerrilheiros em 22/10). Nessa época, após muitas hesitações, e depois de ter fracassado, em set., uma tentativa de negociação em São Tomé e Príncipe, a ONU está finalmente à beira de decretar sanções contra a UNITA. Diante disso, a comissão política da organização anuncia que aceita o resultado das eleições, embora continue a considerá-las fraudulentas; e reconhece a validade do acordo de paz de 1991, "como base do processo de pacificação". Frisa, entretanto, que esse acordo precisa ser "atualizado", para "refletir a atual posição da UNITA" – o que significa a exigência implícita de manutenção das áreas já ocupadas.

Antígua e Barbuda

● **NOME OFICIAL:** Antígua e Barbuda. **Capital:** Saint John's. **Nacionalidade:** antiguana. **Hino:** *Bela Antígua e Barbuda* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); dialeto inglês. **Religião:** cristianismo (anglicanos, 44,5%; protestantes, 41,6%; católicos, 10,2%; batistas, luteranos, metodistas); rastafarianos, 0,7%. **Data nacional:** 1º/11 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América Central. **Área:** 441.600 km². **Limites:** oceano Atlântico. **Características:** arquipélago formado por 3 ilhas: Antígua, Barbuda e Redonda (desabitada); região de terrenos ondulados. **Ponto mais elevado:** pico Boggy (402 m). **Clima:** tropical. **Cidades principais:** Saint John's (36.000 hab.) (1986); Codrington (1.200) (1982). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 64.000 (est.1992); **urbana:** 32% (1990). **Composição demográfica:** negros, 89%; mestiços, 10%; outros, 1% (1988). **Crescimento demográfico:** 1,2% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 37,2%; 15-59: 55,1%; **mais de 60:** 7,7% (1985). **Densidade (hab./km²):** 144,9 (1992). **Natalidade:** 18 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 21,2 por 1.000 (1987). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,7 (1991). **Vida média homens:** 70; **mulheres:** 74 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 207 hab. (1987); **médicos:** 1 por 1,3 mil hab. (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 10% (1985). **Alunos de 1º e 2º graus:** 13,5 mil (1987/88); **professores:** 687 (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 927; **professores:** 85 (1988/89). **Gastos:** 3,7% do orçamento (1988).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** Estado independente da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 1º/11/1981. **Divisão administrativa:** 6 paróquias e 2 territórios (Barbuda e Redonda). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Trabalhista de Antígua, União Nac. Democrática, Mov. do Povo de Barbuda, Mov. Caribenho de Libertação. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, representada pelo gov.-geral Wilfred Ebenezer Jacobs (desde 1º/11/1981). **Chefe de governo:** 1º-min. Vere Cornwall Bird (desde 1º/2/1976). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 17 membros (11 indicados pelo 1º-min., 4 pelo líder da oposição, 1 pelo gov.-geral e 1 pelo Conselho de Barbuda), e Câmara dos Representantes, com 17 membros eleitos por voto direto; mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 6,7%; indústria, 20,5%; comércio e serviços (turismo, principal), 72,8% do PIB (1988). **Agricultura:** pepino, abóbora, manga, coco, limão, melão, abacaxi. **Pecuária:** bovinos, ovinos, aves. **Pesca:** 2,2 mil t (1990). **Indústria:** rum, vestuário, eletrodomésticos, montagem de componentes elétricos, móveis. **Minerais:** não significativo. **Exportações:** US$ 33,2 milhões; **produtos:** pepino, abóbora, componentes elétricos (1990). **Importações:** US$ 358,2 milhões; **produtos:** alimentos, animais vivos, bebidas, tabaco, combustíveis minerais, químicos, manufaturas básicas, máquinas industriais, equipamentos de transporte (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, países membros do CARICOM, Canadá, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar do Caribe do Leste (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 2,70 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 363 milhões; **renda per capita:** US$ 4.600 (1990); **crescimento anual:** 5,2% (1989/90). **Inflação:** 20,6% (1991). **Dívida externa:** US$ 250 milhões (1990). **Força de trabalho:** 32,2 mil (1985); **distribuição:** agricultura, 9%; indústria, 20,3%; comércio e serviços, 70,7% (1982); **mão-de-obra feminina:** 40,1% (1983).

● **DEFESA:** 100 (sistema regional de segurança do Comitê do Leste). **Gastos:** 1,4% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 1,2 mil km; 33% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 17 mil; **automóveis:** 13,5 mil (1990). **Ferrovias:** 78 km particulares. **Porto:** St. John's. **Linhas aéreas:** LIAT (vôos internacionais e domésticos); Carib Aviation (regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 4; **receptores:** 1 por 0,9 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 2,3 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 11 hab. (1988). **Jornais:** 5 semanários.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 610, Fifth Ave., Suite 311, New York, NY 10020, EUA; tel. (212) 541-4117.

HISTÓRIA

Descoberta por Colombo (1493). **1532:** colonização inglesa. **1580:** colonização de Barbuda pela família inglesa Codrington. **1650:** reivindicação do território por Grã-Bretanha, França, Holanda, Espanha e Portugal. **1661:** a Coroa assume a tutela. **1667:** posse britânica (Tratado de Breda). **1669:** integra-se à federação de Barbuda, S. Cristóvão, Nevis, Anguilla, Montserrat e Dominica. **1871 – 1956:** participa da Federação das Ilhas Barlavento. **1958 – 1967:** criada a Federação das Índias Ocidentais; Estado livre associado britânico. **1976:** vitória eleitoral dos trabalhistas; Vere Bird é o 1º-min. **1981:** independência; Bird é confirmado. **1983:** participa da intervenção americana em Granada. **1987 – 1989:** afastamento do min. de Obras

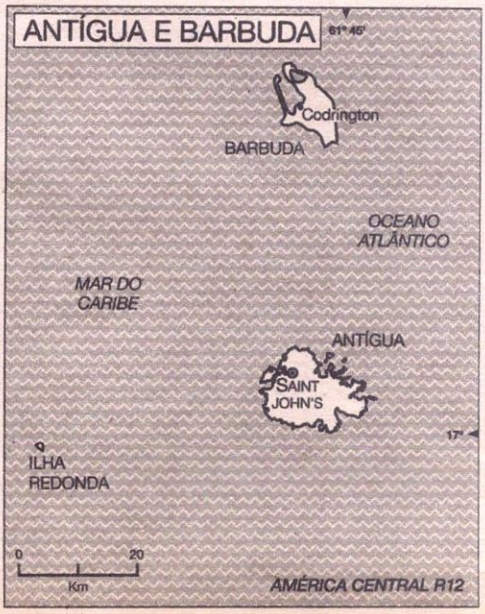
Públicas e Comunicações, Vere Bird Jr., por fornecer armas israelenses à máfia colombiana. **1990:** revelados planos de instalação de um campo de treinamento israelense na ilha. **1992:** greves contra escândalos envolvendo a família Bird; a oposição pede sua renúncia; cresce, em Barbuda, o separatismo do Movimento pela Independência, de Thomas Hilbourne Frank.

FATOS DO ANO

A luta pela sucessão do 1º-min. Vere Cornwall Bird acirra-se ao aproximar-se a campanha para as eleições gerais de 1994. Em fev. de 1993, Hugh Marshall, ex-min. do Comércio, Indústria e Energia e 1º-vice-pres. do Partido Trabalhista de Antígua (PTA), é suspenso de suas atribuições e ameaçado de sanções partidárias por ter-se oposto à emenda governamental que cria uma comissão para supervisionar a Antigua Public Utilities Authorities, a estatal responsável pelos serviços de água, eletricidade e telefone. A submissão dos cinco membros dessa comissão a Bird e a Robin Yearwood, min. do Serviço Público, cuja honestidade Marshall questiona, constitui, em sua opinião, uma perigosa concentração de poder.

Em resposta, o pres. do PTA, Adolphus Freeland, min. da Saúde e do Trabalho, fala em expulsá-lo do partido. E o min. das Finanças, Molwyn Joseph, acusa-o de "basear suas críticas num motivo escuso": o de destruir o PTA, que está no poder, com Vere Bird, desde 1976. Mas, aos 82 anos, o velho líder está com seu prestígio em baixa: nas eleições partidárias de mai. de 1992, estando os votos divididos entre seu filho Lester, min. do Exterior, e John St. Luce, min. da Informação, não conseguiu consenso para indicar seu sucessor na liderança do PTA. Além disso, dois outros de seus filhos, Ivor e Vere Jr., foram afastados do governo por corrupção. Este último, ex-min. das Obras Públicas, por contar com a lealdade das Forças de Defesa, é acusado de querer instalar no país uma dinastia militar como a dos Duvalier no Haiti.

O controle dos Bird se estende da política à economia, antes baseada na cultura do algodão e, atualmente, no turismo de luxo. A oposição política mais forte localiza-se na ilha de Barbuda, que concentra 2% do total da população. Ali, o independentista Movimento do Povo de Barbuda, de Thomas Hilbourne Frank, ocupa as cinco cadeiras do Conselho Regional, enquanto o Movimento da Independência, de Arthur Nibbs, sem mandato parlamentar, pretende apenas maior autonomia para a ilha.



Arábia Saudita

● **NOME OFICIAL:** Reino da Arábia Saudita. **Capital:** Riad (sede do reinado); Jidá (administrativa). **Nacionalidade:** saudita. **Hino:** Hino Real da Arábia Saudita (título). **Língua:** árabe, oficial. **Religião:** islamismo (sunitas e ortodoxos wahhabi, 98,8%; xiitas) (oficial); cristianismo, 0,8%. **Data nacional:** 23/9 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da Ásia. **Área:** 2.240.000 km². **Limites:** Jordânia, Iraque e Kuweit (N); golfo Pérsico, Catar, Emirados Árabes Unidos e Omã (L); Iêmen (S); mar Vermelho (O). **Características:** planície (litoral E e O); cadeia de montanhas (N a S); planalto pedregoso e árido (interior); deserto (SE). **Ponto mais elevado:** monte al-Hedjaz (3.133 m). **Clima:** árido quente (maior parte); subtropical (N). **Rios principais:** não há rios perenes. **Cidades principais:** Jidá (1.500.000 hab.) (est.1983); Riad (1.308.000) (est.1981); Meca (550.000); Taif (300.000) (1980). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 15.267.000 (est.1992); **urbana:** 77,3% (1990). **Composição demográfica:** sauditas, 82%; iemenitas, 9,6%; árabes e outros (minorias) (1983). **Crescimento demográfico:** 3% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 45,3%; 15-59: 50,6%; **mais de 60:** 4,1% (1990). **Densidade (hab./km²):** 6,8 (1992). **Natalidade:** 36,6 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 69 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,7 (1991). **Vida média homens:** 65; **mulheres:** 68 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 358 hab.; **médicos:** 1 por 623 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 7,2% do orçamento (1993).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 37,6% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 2,5 milhões; **professores:** 162,1 mil (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 115 mil; **professores:** 9,6 mil (1988/89). **Gastos:** 17,1% do orçamento (1991/92).

● **GOVERNO:** Monarquia absolutista. **Data da Lei Básica:** 1992. **Divisão administrativa:** 5 regiões e 14 distritos. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado e de governo:** rei Fahd ibn Abd al-Aziz as-Saud (desde 13/6/1982). **Legislativo:** não há.

● **ECONOMIA:** agricultura, 6,4%; indústria, 18,4%; mineração, 0,5%; comércio, 8,1%; serviços, 31,6% do PIB (1990). **Agricultura:** trigo, cevada, sorgo, milhete, tomate, tâmara, uva. **Pecuária:** ovinos, caprinos, camelos, aves. **Pesca:** 46,4 mil t (1990). **Indústria:** petrolífera, petroquímica. **Minerais:** petróleo, gás natural (principais); calcário, gipsita, mármore, sal, argila, ouro. **Exportações:** US$ 44,4 bilhões; **produtos:** petróleo bruto e refinado, petroquímicos (1990). **Importações:** US$ 24 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, têxteis, vestuário, metais e produtos (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Grã-Bretanha, Alemanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** rial saudita (dividido em 100 halalah ou 20 qurush); **cotação para 1 US$:** 3,74 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 105,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 7.070 (1990); **crescimento anual:** 0,4% (1980–1990). **Inflação:** 4,9% (1991). **Dívida externa:** US$ 1,2 bilhão (1989). **Força de trabalho:** 5,8 milhões; **distribuição:** agricultura, 9,9%; indústria, 25,9%; comércio, 15,6%; serviços, 48,6% (1990); **mão-de-obra feminina:** 3,2% (1986).

● **DEFESA: Efetivo total:** 102 mil (1992); **Exército:** 73 mil; **Marinha:** 11 mil; **Força Aérea:** 18 mil; **outros:** 4 mil (força de defesa aérea); 55 mil (guarda nacional); 20 mil recrutas tribais. **Gastos:** 31% do orçamento (1993).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 121,5 mil km; 43% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 4,3 milhões; **automóveis:** 2,3 milhões (1989). **Ferrovias:** 893 km (1989). **Portos:** Jidá, Dammam, Yambu, Gizan, Jubail. **Linha aérea:** Saudia-Saudi Arabian Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 2,9 hab. (1991). **Emissoras de**

TV: 2; **receptores:** 1 por 3,3 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 12,7 hab. (1988). **Jornais diários:** 10; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 49 (1989).

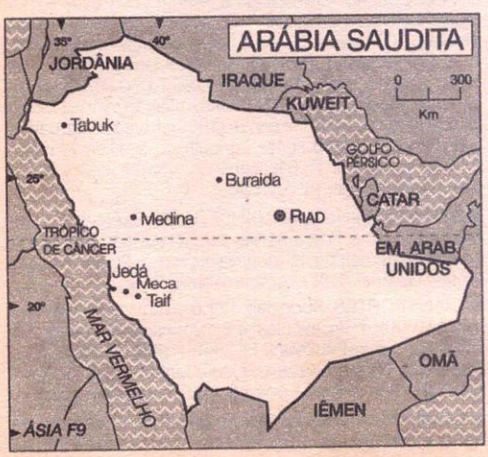
● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QL 10, cj. 9, casa 20, CEP 70471-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-3525.

HISTÓRIA

No séc. XVIII, os Saud, da seita puritana uahabi, controlaram a maior parte da península Arábica. **1811:** egípcios, liderados por Mohamed Ali, sufocam os uahabi; a seita revive, mas é vencida pelos Rashid, que expulsam os Saud. **1902 – 1932:** Ibn Saud reconquista Nejdi, Hasa e o Hedjaz; forma o Reino da Arábia Saudita. **1953:** sobe ao trono seu filho Saud. **1962:** o princ. Faiçal, irmão de Saud, torna-se 1º-min. **1964:** Faiçal depõe Saud, introduz reformas e abole a escravidão. **1967/68:** declarada guerra a Israel, mas não há luta. **1969:** repressão após golpe de Estado frustrado. **1973:** participa da Guerra do Yom Kippur; voto, na OPEP, pela redução na produção de petróleo, para pressionar Israel a sair dos territórios ocupados. **1975:** Faiçal é assassinado; Khaled ibn Abdulaziz é o sucessor; acordo com o Iraque sobre partilha da zona neutra fronteiriça. **1979:** rompe com o Egito após o Acordo de Camp David; ocupação da mesquita de Meca por rebeldes que pedem a República islâmica. **1981:** o plano de paz de Fahd para o Oriente Médio, aceito pela OLP, é rejeitado por Israel. **1982:** Khaled morre (14/6), Fahd o sucede. **1985:** gastos de US$ 1,5 bilhão em defesa, devido à Guerra Irã-Iraque. **1988:** ruptura com o Irã. **1990:** tropas aliadas usam seu território como base contra o Iraque. **1991:** corte da ajuda à OLP e à Jordânia, que apoiaram o Iraque; proibidas todas as manifestações de protesto; oposição pede a criação de conselhos consultivos municipais; reatamento com o Irã. **1992:** a Lei Básica, primeira Constituição do país, cria um conselho consultivo para examinar os decretos do governo e define os direitos civis dos cidadãos (mar.); Fahd nomeia herdeiro seu irmão, Abdula.

FATOS DO ANO

O documento em que, em 24/3/1993, o Conselho dos Ulemás – o mais alto órgão de representação dos religiosos sauditas – protesta por não estar sendo suficientemente consultado pelo governo, demonstra o grau de descontentamento, até mesmo dos setores mais ortodoxos, com o centralismo do trono e com as tímidas medidas que, nos últimos anos, vêm sendo tomadas para atenuá-lo. A nomeação, em set. de 1992, de um conselho consultivo, sob a chefia do ex-min. da Justiça, xeque Mohamed ben Ibraim ben Jubair, com a missão de examinar os decretos do governo, tinha sido um primeiro passo para atender aos pedidos de reforma política que vêm sendo feitos pelos setores mais progressistas do país. Em dez., porém, esse cauteloso começo esbarra num obstáculo: a reação do governo aos protestos dos fundamentalistas, que o acusam de ter deixado o país ocidentalizar-se, na época da Guerra do Golfo, quando serviu de base às tropas aliadas. Militantes são presos, severa censura é aplicada à imprensa e, em 22/12, o rei Fahd faz uma clara advertência aos religiosos: não devem envolver-se com política. São o Irã e o Sudão os alvos visados, quando o soberano critica as "forças estrangeiras que tentam desestabilizar" seu regime.



Exigências dos religiosos – A resposta é o documento em que os ulemás exigem que seu papel seja reforçado, pedem que seja feita uma revisão das leis sauditas e criticam acordos feitos com países estrangeiros (entre os quais o de jan. de 1993, com a Grã-Bretanha, no valor de US$ 7,5 milhões, para o fornecimento de 48 aviões de bombardeio *Tornado* ao país; os religiosos desaprovam esse tipo de contrato por acreditarem que ele cria, com os países ocidentais, vínculos políticos que, mais tarde, têm de reverter em apoios militares como o que o país foi obrigado a dar aos EUA e seus aliados na guerra contra o Iraque). O endurecimento dos ulemás explica a severidade com que o governo responde à criação, em 3/5, por um pequeno grupo de intelectuais, de um Comitê pela Defesa dos Direitos Legítimos na Arábia Saudita.

Em 8/5, essa associação – cujo objetivo expresso é "contribuir para a eliminação da injustiça, oferecer apoio aos oprimidos e defender os direitos humanos", é considerada anti-islâmica e colocada na ilegalidade. Os membros do comitê são presos e perdem seus empregos. As medidas repressivas não detêm, porém, as reivindicações dos intelectuais: em 15/5, cerca de trinta universitários organizam uma marcha de protesto para obter das autoridades a libertação do prof. Mohamed al-Masaari, da Universidade de Riad, membro de um comitê islâmico cuja formação também tinha sido proibida. Uma vez mais o governo reage com violência, dispersando a passeata e recolhendo à prisão alguns de seus participantes.

Embora o PIB saudita tenha aumentado 6,6% em 1991, a economia, naquele ano, cresceu menos do que em 1990 (os 18% do PIB, então, tinham sido resultado dos altos preços do petróleo após a invasão iraquiana do Kuweit). Mas, se o Estado empobreceu com os gastos de US$ 65 bilhões com a guerra, esses altos custos estão sendo compensados, hoje, pelo *boom* econômico em grande parte alimentado pelo retorno dos investidores estrangeiros. Em recompensa pelo apoio recebido na guerra, os EUA aumentaram em dez vezes suas importações de petróleo: os sauditas respondem, agora, por 24% das compras americanas de óleo cru. Por outro lado, as importações sauditas de bens americanos dobraram, passando a US$ 8 bilhões anuais. A dívida pública, porém, aumentou com os gastos da guerra e hoje é calculada em US$ 45 bilhões, quase a metade do PIB (US$ 114,5 bilhões em 1991). Em jan. de 1992, o país produziu 8,5 milhões de barris/dia de petróleo contra 5,4 m. b/d antes da guerra.

Em 10/9/1992, um memorando foi encaminhado ao governo do Iêmen, sugerindo que os litígios de demarcação de fronteira existentes entre os dois países sejam solucionados com base no Acordo de Taif, de 1934; e que as demais questões pendentes, incluindo a delimitação das águas territoriais, sejam discutidas em conjunto por ambas as partes; mas nenhuma resposta imediata foi dada a essas propostas. Na tentativa de melhorar as relações com os países que, na Guerra do Golfo, apoiaram o Iraque, os sauditas tentaram, a partir de out. de 1992 e, em especial após set. de 1993, se reaproximar da Jordânia. No início desse mesmo ano, tinham sido estabelecidas relações diplomáticas com as três ex-repúblicas soviéticas cuja população é muçulmana: o Tadjiquistão, a Turcomênia e o Uzbequistão – é grande o interesse de Riad em manter contatos com esses novos países.

Argélia

● **NOME OFICIAL:** República Democrática e Popular da Argélia. **Capital:** Argel. **Nacionalidade:** argelina. **Hino:** *Nós juramos* (1º verso). **Língua:** árabe (oficial); francês; berbere (minoria). **Religião:** islamismo (sunitas, 99,1%) (oficial); cristianismo, 0,5%. **Datas nacionais:** 5/7 (Independência); 10/11 (Revolução).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da África. **Área:** 2.381.741 km². **Limites:** estreito de Gibraltar e mar Mediterrâneo (N); Tunísia (NE); Líbia (L); Níger (S); Mali (SO); Mauritânia (O); Marrocos (NO). **Características:** planícies (litoral); montanhas, plataformas semi-áridas, pântanos, lagos salgados (interior); cadeia dos Atlas Saarianos, deserto do Saara (S). **Ponto mais elevado:** monte Tahal (3.003 m). **Clima:** árido subtropical (maior parte); mediterrâneo (litoral). **Rios principais:** Chelif, Seibuse. **Cidades principais:** Argel (1.507.241 hab.); Oran (628.558); Constantina (440.842); Annaba (305.526); Bâtna (181.601) (1987). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 26.401.000 (est.1992); **urbana:** 51,7% (1990). **Composição demográfica:** árabes, 82,6%; berberes, 17%; outros, 0,4% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,5% (1988). **Faixas etárias: 0-14:** 43,6%; **15-59:** 51%; **mais de 60:** 5,4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 11,1 (1992). **Natalidade:** 31 por 1.000 (1988). **Mortalidade:** 6 por 1.000 (1988); **mortalidade infantil:** 61 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,1 (1990). **Vida média homens:** 65; **mulheres:** 67,3 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 393 hab. (1988); **médicos:** 1 por 1,1 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 6,3% do orçamento (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 50,4% (1987). **Alunos de 1º e 2º graus:** 6,3 milhões; **professores:** 266,4 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 250,8 mil (1990/91); **professores:** 17,6 mil (1988/89). **Gastos:** 14% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte (encontra-se sob administração militar desde 14/1/1992). **Data da Constituição em vigor:** 22/11/1976 (3 emendas). **Divisão administrativa:** 48 departamentos divididos em comunas. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Frente Islâmica do Salut, Frente das Forças Socialistas, Frente de Libertação Nacional. **Chefe de Estado:** pres. Ali Kafi (interino desde jul./1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Belaid Abdessalam (desde set./1992). **Legislativo:** dissolvido em 4/1/1992.

● **ECONOMIA:** agricultura, 14,9%; indústria, 32,3%; mineração, 0,4%; comércio, 14,2%; serviços, 20,5% do PIB (1987). **Agricultura:** uva, trigo, cevada, aveia, azeitona, frutas cítricas, tabaco. **Pecuária:** ovinos, caprinos, suínos. **Pesca:** 91,1 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, máquinas industriais e equipamentos de transporte, têxtil. **Minerais:** petróleo e gás natural, minério de ferro, fosfato, chumbo, zinco, antimônio, tungstênio, manganês, cobre, mercúrio, sal. **Exportações:** US$ 12,8 bilhões; **produtos:** combustíveis minerais, metais, verduras e legumes, tabaco, peles, tâmara (1990). **Importações:** US$ 9,7 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, equipamentos de transporte, manufaturas básicas (1990). **Parceiros comerciais:** França, Itália, Alemanha, EUA, Holanda. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dinar argelino (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 20,87 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 52,2 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.020 (1991); **crescimento anual:** -2,1% (1980–1991). **Inflação:** 30% (1992). **Dívida externa:** US$ 26,8 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 5,7 milhões; **distribuição:** agricultura, 15,9%; indústria, 23,7%; comércio, 7,8%; serviços, 31,7%; outros, 20,9%; **mão-de-obra feminina:** 9,2% (1990). **Desemprego:** 20% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 139 mil (1992); **Exército:** 120 mil; **Marinha:** 7 mil; **Força Aérea:** 12 mil. **Gastos:** 1,1% do PNB (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 90 mil km; 70% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 1,3 milhão; **automóveis:** 750 mil (1990). **Ferrovias:** 4,3 mil km (1990). **Portos:** Argel, Annaba, Djidjelli, Ghazaouet, Mostaganem, Oran, Ténés; Arzew, Béjaia, Skikda (petróleo e gás natural). **Linhas aéreas:** Air Algérie (vôos internacionais); Inter-Air Services (domésticos); Air Maghreb (regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 4; **receptores:** 1 por 4,7 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 16 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 23 hab. (1990). **Jornais diários:** 6; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 56 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 9, cj. 13, casa 1, CEP 70472-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-4039.

HISTÓRIA

Dos habitantes pré-históricos descendem os berberes atuais; os fenícios chegam em 1920 a.C., sendo dominados pelos cartagineses; após a destruição de Cartago (146 a.C.), os romanos controlam a área até as invasões vândalas e árabes. **Séc. VII:** conquista muçulmana. **Séc. XI:** invasão dos nômades do Saara; os berberes ocupam o norte da África e parte da Espanha. **Séc. XV:** expulsão da Espanha. **1518:** domínio otomano. **1830:** tomada de Argel; domínio francês. **1942:** invasão aliada na II Guerra. **1954 – 1961:** guerra contra a França; governo provisório no Cairo. **1962:** independência; Ben Yussef ben Kheda, 1º-min. no exílio, assume. **1963:** O vice Ahmed ben Bella depõe Ben Kheda. **1965:** o cel. Huari Bumediene depõe Ben Bella. **1967/68:** declaração de guerra a Israel, sem luta. **1971:** nacionalização parcial das petrolíferas francesas; ruptura com a França. **1976:** choques com o Marrocos pelo Saara Ocid.; reconhecimento da Frente Polisário e ruptura com Marrocos e Mauritânia. **1978:** Bumediene morre; Chadli Bendjedid o sucede. **1981/82:** campanha de afastamento da velha guarda "bumedienista". **1982:** primeiros distúrbios dos fundamentalistas islâmicos. **1984:** campanha de "arabização". **1985:** nova Constituição. **1987:** protestos internacionais contra a prisão de Abdenur Ali Yahia, da Liga Argelina dos Direitos Humanos; a LADH volta a funcionar, chefiada por Milud Brahimi, da Frente de Libertação Nacional (FLN); o líder fundamentalista Mustafá Buiali é morto pela polícia (3/1); a lei do direito de associação (15/7) abre caminho para o multipartidarismo. **1988:** Semana Sangrenta (4 a 10/10): duzentos mortos e mil feridos nos protestos contra o aumento do preço dos alimentos; Chadli demite os responsáveis e convoca plebiscito que aprova reformas políticas (3/11); o 1º-min Kasdi Merbah implanta reforma econômica; Chadli é reeleito (22/12). **1989:** nova Constituição (14/2): pluripartidarismo, redução do mandato presidencial e criação do Conselho Constitucional; legalizada a Frente Islâmica de Salvação (FIS); Merbah é substituído por Mulud Hamruche; o berbere Hocin Ait-Ahmed volta ao país e cria a Frente das Forças Socialistas. **1990:** vitória da FIS nas eleições (12/6); adoção de medidas como a proibição de bebidas alcoólicas; fundação da União Islâmica dos Sindicatos; Ben Bella volta do exílio (27/9); os fundamentalistas obtêm (26/12) a proibição do uso do francês no serviço público a partir de jul. de 1992 e nas universidades a partir de jan. de 1997. **1991:** manifestações fundamentalistas levam à decretação do estado de sítio (4/6) e ao cancelamento das eleições; Sidi Ahmed Ghozali sucede Hamruche (5/6); prisão de militantes da FIS que pregavam a *jihad* (guerra santa); o estado de sítio é atenuado (set.) e as eleições, reconvocadas (out.); a FIS conquista 188 cadeiras no primeiro turno (26/12). **1992:** Chadli renuncia (11/1) por pressão do Exército, que cancela o segundo turno e nomeia Mohamed Budiaf chefe do Alto Conselho do Estado; repressão aos protestos: 150 mortos, 700 feridos, 30 mil presos (fev.); estado de emergência e dissolução da FIS (4/3); censura aos meios de comunicação: assassinato de Budiaf, pelo subten. Bumaaraf (29/7); seu sucessor, Ali Kafi, nomeia o 1º-min. Belaid Abdessalam; a repressão se generaliza e a FIS declara-se disposta a negociar (16/9).

FATOS DO ANO

Ao encerrar-se 1993, parece estar muito longe o final do choque entre o governo e os fundamentalistas islâmicos iniciado com o golpe de jan. de 1992. Ao contrário das expectativas oficiais, a repressão policial que se seguiu à explosão de uma bomba, em ago. de 1992, no aeroporto de Argel, não conteve os guerrilheiros islâmicos: seus ataques se intensificaram. Em 20/9, apesar dos gestos de boa vontade de Rabah Kebir – dirigente da FIS que, em entrevista ao jornal francês *Le Monde*, anunciara estar disposto a iniciar o diálogo com o governo –, o pres. Ali Kafi declarou-se determinado a acabar com o terrorismo de uma vez por todas. Dias depois, as autoridades revelaram ter descoberto mais dois envolvidos no assassinato, em 29/7/1992, do pres. Mohamed Budiaf: o comand. Abdel Wahab Madjber e o cap. Sadek Sayah. Presos, ambos implicaram outras 21 pessoas ligadas ao principal suspeito, o subten. Lembarek Bumaaraf, da contra-espionagem, que fazia parte da escolta de Budiaf.

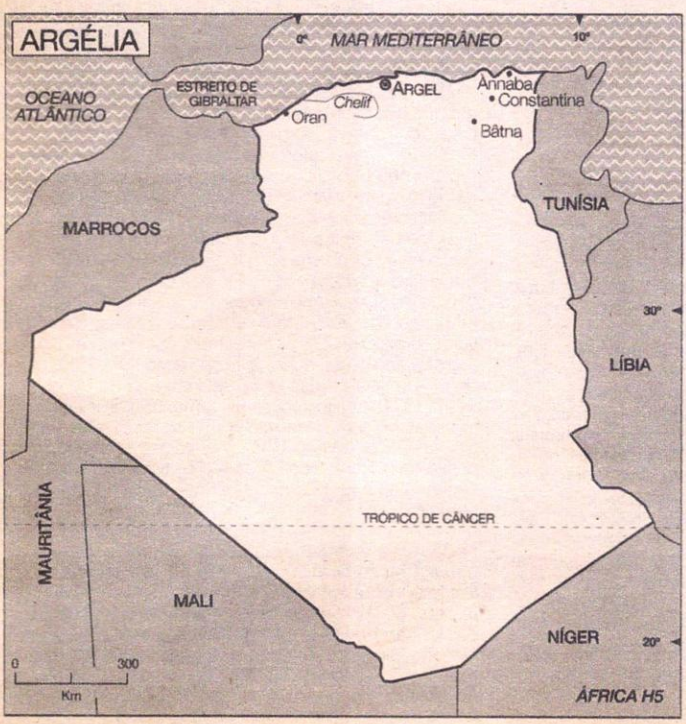
Reformas na justiça – Nesse contexto de combate sistemático à subversão e ao terrorismo, o governo publicou, em 1º/10, um decreto criando três cortes secretas de justiça, baixando de 18 para 16 anos a idade da responsabilidade criminal e introduzindo penas que incluem prisão perpétua e execuções sem direito à apelação. Ao mesmo tempo, prometeu ajuda e segurança para os "arrependidos" que, em dois meses, se dispusessem a ajudar as Forças Armadas. Na mesma tarde em que se anunciou esse decreto, intenso tiroteio foi travado entre as forças de segurança e militantes fundamentalistas, nas imediações do palácio do governo. Só a ação combinada dos grupos especiais anti-terrorismo, do exército, da polícia e da guarda civil, foi capaz de fazer voltar a ordem à região central de Argel. A situação tornou-se de tal modo crítica que, em 9/10, o Departamento de Estado americano sugeriu aos dependentes de seus diplomatas que deixassem imediatamente a Argélia. Essa medida, entretanto, não foi imitada por outros países.

A "guerra total" aos extremistas, declarada em 29/10 pelo 1º-min. Belaid Abdessalam, só conseguiu, porém, tornar o país ainda mais ingovernável, pois fez aumentar o apoio popular aos rebeldes. Em 16/11, acusando o Irã de apoiá-los também, o chanceler Lakhdar Brahimi retirou seus representantes diplomáticos de Teerã. Essas medidas só serviram para intensificar as ações guerrilheiras no centro das maiores cidades, levando o min. do Interior, Mohamed Hardi, em 5/12, a decretar o toque de recolher em Argel e nas províncias de Tipaza, Bumerda, Blida, Medea e Buíra. A essa altura, segundo o Comitê de Defesa dos Direitos Humanos, já eram 9 mil os presos políticos em todo o país e a tortura voltou a ser prática corrente nas prisões.

Em 14/1/1993, numa atitude vista como necessária para ganhar fôlego, Kafi anuncia que, após a derrota dos rebeldes, será convocado um referendo sobre o atual governo. Isso não basta para acalmar a oposição democrática, que continua exigindo eleições livres imediatas. Ao que ele responde que mesmo esse referendo deve ser precedido por um entendimento amplo entre os partidos, o governo e as organizações populares; e que, desse entendimento, só estarão excluídos os partidos envolvidos em ações contra a segurança do Estado, os usos e costumes – o que condena previamente ao fracasso qualquer tentativa de diálogo, já que a FIS é o partido com maior apoio popular no país.

Violência gera violência – Em 7/2/1993, decide-se que o estado de emergência, em vigor há um ano, continuará prevalecendo indefinidamente. Na mesma semana, a Radio France Internationale leva ao ar uma entrevista com o coordenador do Grupo Nacional Argelino de Monitoramento dos Direitos Humanos, Kamel Rezzak-Bara, que declara terem morrido mais de seiscentas pessoas, vítimas da violência política, em um ano de estado de emergência. Cinco dias depois, o min. da Defesa, gen. Khaled Nezzar, um dos cinco membros do Alto Conselho do Estado (ACE), escapa de um atentado com um carro-bomba, reivindicado, dessa vez, por Rabah Kebir, em nome da FIS. Em represália, são executados quatro ativistas da Frente, acusados de, em nov. de 1991, terem matado três soldados; e, em 16/2, a Suprema Corte rejeita os apelos contra a pena de doze anos de prisão imposta a Abassi Madani e Ali Belhadj, os dois principais líderes da FIS, presos desde 1991. Nesse mesmo mês, é condenada pelos setores progressistas do país a decisão de Kafi de, no quadro de um vasto remanejamento ministerial, substituir o chanceler Brahimi, um dos mais respeitados diplomatas do mundo árabe, por Redha Malek, membro do ACE, medida interpretada como um indício de endurecimento ainda maior. Na mesma semana, é divulgada a condenação do gen. Mustafá Benilucif, ex-chefe do Estado-Maior, a quinze anos de prisão por corrupção. Nesse conturbado contexto de violência e repressão, um pequeno alívio às finanças do país é dado pela França, que, em 13/2/1993, concede-lhe um crédito comercial de US$ 5 bilhões para 1993.

Buscando isolar a FIS, o governo organiza, em 22/3/1993, com o apoio da União Geral dos Trabalhadores Argelinos (UGTA), uma manifestação antiterrorismo de que participam 100 mil pessoas. Apesar de qualificada de "espontânea" pela imprensa e pelo governo, ela conta com a adesão ostensiva dos empresá-



rios, que fecham seus negócios, e do funcionalismo público, que oferece transporte aos manifestantes. A passeata ocorre logo depois de terem sido mortos em atentados vários intelectuais e outras conhecidas figuras públicas que participavam do Conselho Consultivo Nacional. Cinco dias depois, são definitivamente suspensas as relações com o Irã e é chamado de volta o embaixador no Sudão: os dois países são acusados de fornecer armas aos grupos islâmicos que agem na Argélia.

Organizações paramilitares – A situação é de violência generalizada, que parece muito próxima de ficar totalmente fora de controle quando, no início de abr., é preso outro dirigente da FIS, o pregador Ikhlef Cherati, que estava na clandestinidade desde jul. de 1991, procurado como o chefe do Movimento Islâmico Armado, responsável por vários ataques contra as forças de segurança. Nesse mesmo momento, em Londres, a Anistia Internacional revela que, desde a imposição do estado de emergência, mais de 9 mil suspeitos de atividades subversivas têm sido mantidos, sem acusação formal ou julgamento, em campos de concentração no deserto, o que contribui para desgastar a imagem, no exterior, de um regime que demonstra ser impotente tanto para dominar a revolta quanto para impedir o surgimento de organizações paramilitares cujo objetivo é o assassinato de opositores. Uma delas é a Organização Secreta para a Salvação da Argélia, composta por antigos membros dos serviços de segurança, que reivindica o assassinato do mufti Omar Leulmi, líder fundamentalista que estava na clandestinidade.

O plano econômico para 1993, anunciado em abr., visa, em primeiro lugar, a estabilizar a balança comercial para, em seguida, atingir um crescimento do PNB de 2% e, ao mesmo tempo, reduzir a inflação a menos de 20% ao ano. Acompanha essas medidas o congelamento de salários, o que provoca protestos dos sindicatos em todo o país. O plano prevê, entretanto, diminuição no ritmo das reformas do setor público: o governo diz estar decidido a reestruturar as estatais e, após discussões com a UGTA, toma medidas para fazê-las funcionar, provisoriamente, a título precário.

Em 8/5, Kafi reafirma a promessa de um plebiscito sobre o futuro político do país, dizendo que a consulta sobre a reforma constitucional será o primeiro degrau de uma série visando à restauração do processo democrático antes do final de 1993. Fala também em ampliar as funções do Conselho Consultivo Nacional, dando-lhe poderes legislativos. Mas só em 21/6 o ACE divulga o "rascunho" de um plano que está elaborando para devolver o país à normalidade democrática, programado para desenvolver-se paralelamente a conversações e entendimentos com os partidos e grupos de oposição. Após chegar a um "consenso nacional" sobre as novas instituições, o ACE prevê um prazo de dois a três anos de transição, a partir de dez. de 1993. Nesse meio tempo, a nova Constituição será preparada, revista e submetida a referendo popular. Como parte dessas mudanças, o criticado min. da Defesa, gen. Khaled Nezzar, é substituído, em 10/6, pelo gen. Lamin Zeroual.

Morte de Merbah – Os gestos conciliatórios para com a oposição convencional não põem fim, porém, aos choques com os grupos islâmicos, que se intensificam, no fim de jun., quando Rabah Kebir, da FIS, sentenciado à morte à revelia pelo atentado no aeroporto de Argel, é preso na Alemanha, e o governo, que não tem tratado de extradição com esse país, inicia negociações diplomáticas para obter sua devolução. Isso leva o país à beira da guerra civil, ou da ameaça de desmembramento em regiões dominadas por "senhores da guerra" difíceis de controlar. Sinal, de resto, de que o próprio governo domina muito mal a situação é, em 21/8, o assassinato, por fundamentalistas, de Kasdi Merbah, ex-chefe de governo e ex-chefe do Serviço de Segurança Militar. Sua morte ocorre horas depois de um fato que pega a classe política de surpresa: a substituição do 1º-min. Abdessalam por Redha Malek, do ACE. O fato de este ser mais liberal, experiente diplomata e devotado estudioso do islamismo é interpretado, pelos analistas internacionais, como uma tentativa de agradar a setores bem amplos num momento em que o país arrisca mergulhar numa crise de rumos absolutamente incertos. Mas os resultados desse gesto são relativos: até o final do ano continua muito tensa a situação interna do país.

Argentina

● **NOME OFICIAL:** República da Argentina. **Capital:** Buenos Aires. **Nacionalidade:** argentina. **Hino:** Marcha da Pátria (título). **Língua:** espanhol (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, 93%) (oficial). **Datas nacionais:** 25/5 (Revolução de 1810), 9/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da América do Sul. **Área:** 2.766.889 km². **Limites:** Bolívia (N); Paraguai (NE); Brasil e Uruguai (L); oceano Atlântico (L e SE); Chile (O). **Características:** planícies do Pampa (centro-oeste), da Mesopotâmia (NE) e do Chaco (N), separadas por um planalto; cordilheira dos Andes (O); mesetas escalonadas com depressões e cañadones (SE). **Ponto mais elevado:** pico Aconcágua (6.959 m). **Clima:** de montanha (NO, SO, O); árido tropical (NE); árido frio (SE); temperado continental (S); tropical com chuvas de verão (N); subpolar (extremo sul). **Rios principais:** da Prata, Paraná, Uruguai, Paraguai, Colorado, Negro, Chubut, Deseado, Pileumayo, Bermejo, Salado e do Norte. **Cidades principais:** Buenos Aires (2.960.976 hab.); Córdoba (1.179.067); Rosário (1.078.374); La Plata (542.567) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

● **POPULAÇÃO:** 33.070.000 (est.1992); **urbana:** 86,2% (1990). **Composição demográfica:** europeus, 85%; mestiços, ameríndios e outros, 15% (1986). **Crescimento demográfico:** 1,1% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 29,9%; **15-59:** 56,9%; **mais de 60:** 13,2% (1990). **Densidade (hab./km²):** 11,9 (1992). **Natalidade:** 20 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 31 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,7 (1991). **Vida média homens:** 68; **mulheres:** 74 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 205 hab. (1987); **médicos:** 1 por 326 hab. (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 4,7% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 6,9 milhões; **professores:** 514,6 mil (1987). **Alunos no ensino superior:** 902,9 mil; **professores:** 70 mil (1986). **Gastos:** 9,3% do orçamento (1988).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 1º/5/1853 (1 emenda). **Divisão administrativa:** 23 províncias, 1 distrito federal e o território da Terra do Fogo. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Justicialista, União Cívica Radical, União do Centro Democrático. **Chefe de Estado e de governo:** Carlos Saúl Menem (desde 8/7/1989). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 46 membros eleitos por Assembléias Provinciais para mandatos de 9 anos (1/3 renovável a cada 3 anos), e Câmara dos Deputados, com 254 membros eleitos por voto direto, 1/2 para mandatos de 4 anos e 1/2 para 2 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 16,7%; indústria, 28%; mineração, 2,9%; comércio, 13%; serviços, 39,4% do PIB (1990). **Agricultura:** trigo, milho, sorgo, soja. **Pecuária:** bovinos, ovinos, suínos. **Pesca:** 486,6 mil t (1989). **Indústria:** alimentícia, química, equipamentos de transporte e papel. **Minerais:** petróleo, gás natural, carvão, linhita. **Exportações:** US$ 12,4 bilhões; **produtos:** ração animal, cereais, óleos e gorduras, ferro, aço (1990). **Importações:** US$ 4,1 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, químicos, minerais (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, Brasil, Holanda, Alemanha e Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** peso argentino novo (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 0,99 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 76,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.370 (1990); **crescimento anual:** -0,5% (1980–1990). **Inflação:** 171,7% (1991). **Dívida**

externa: US$ 63,7 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 12,1 milhões (1989); **distribuição:** agricultura, 12%; indústria, 31,5%; comércio, 17%; serviços, 32,6%; outros, 6,9% (1980); **mão-de-obra feminina:** 33,4% (1989). **Desemprego:** 5.2% (1987).

• **DEFESA: Efetivo total:** 65 mil (1992); **Exército:** 35 mil; **Marinha:** 20 mil; **Força Aérea:** 10 mil; **outros:** 17 mil paramilitares. **Gastos:** 3,4% do PNB (1989).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 211,4 mil km; 27% pavimentados (1986); **nº de veículos:** 5,6 milhões; automóveis: 4,1 milhões (1989). **Ferrovias:** 34,1 mil km (1988). **Portos:** Buenos Aires, Quequen, Rosário, Bahia Blanca. **Linhas aéreas:** Aerolíneas Argentinas, LAPA (vôos internacionais e domésticos); ALA, LADE (domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 112; **receptores:** 1 por 1,5 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 71; **receptores:** 1 por 4,5 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 8,1 hab. (1989). **Jornais diários:** 194; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 88 (1988).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QL 2, cj. 1, casa 19, CEP 70442-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-7000.

HISTÓRIA

Juan Díaz de Solis chega ao rio da Prata (1516). **1580:** Juan de Garay funda Buenos Aires, que, em 1776, torna-se capital do vice-reino do Prata. **1806/07:** ataques ingleses ao porto. **1810:** Cornelio Saavedra, Mariano Moreno e Manuel Belgrano depõem o vice-rei e formam um governo. **1816:** Congresso de Tucumán: independência das Províncias Unidas do Rio da Prata (9/7) sob Juan Martín de Pueyrredón. **1817:** o gen. José de San Martín derrota os espanhóis em Chacabuco (12/2). **1818:** San Martín e Bernardo O'Higgins vencem a Batalha de Maipu (5/4). **1819:** a nova Constituição gera conflito entre federalistas e unionistas. **1824:** San Martín vence a Batalha de Ayacucho (9/12); fim do domínio espanhol na América do Sul. **1825 – 1828:** Guerra da Cisplatina com o Brasil; criação do Uruguai. **1828/29:** guerra civil; execução do unionista Manuel Dorrego; ditadura do federalista Juan Manuel de Rosas. **1837/38:** guerra contra o Peru e Bolívia, em aliança com o Chile. **1838 – 1840:** bloqueio francês de Buenos Aires. **1845 – 1852:** com o apoio do Brasil, Uruguai, França e Grã-Bretanha, Justo José de Urquiza depõe Rosas. **1852 – 1861:** guerra entre Buenos Aires e as províncias. **1853:** Congresso de Santa Fé: Constituição federalista, em vigor até hoje. **1854:** secessão da província de Buenos Aires, com Constituição própria. **1865 – 1870:** guerra com o Paraguai, aliada ao Brasil e Uruguai. **1880/81:** fim da guerra civil; Buenos Aires torna-se a capital federal e La Plata a capital da província; início de uma fase de prosperidade. **1890:** criada a União Cívica Radical, de Hipólito Yrigoyen, primeiro partido de classe média do continente. **1899 – 1902:** disputa com o Chile pela Patagônia; arbitragem internacional dá à Argentina o setor a leste dos Andes. **1904 – 1912:** fase de imigração, construção de ferrovias, expansão da infra-estrutura urbana. **1912:** instituído o voto secreto. **1916 – 1930:** Yrigoyen faz reformas sociais; sucedido, em 1922, por Marcelo T. de Alvear, volta em 1928, mas é deposto pelo gen. José Uriburu. **1943:** reformas sociais do secretário do Trabalho, cel. Juan Domingo Perón, preso pelos militares, assustados com sua popularidade, e solto graças à pressão popular dirigida pela artista de rádio Eva Duarte. **1946:** eleito, Perón casa-se com Eva, que o ajuda a criar os sindicatos. **1952:** morre Eva Perón (26/7); acusado de corrupção, Perón é deposto pelo gen. Eduardo Lonardi, que renuncia, assumindo o gen. Pedro Aramburu. **1958 – 1962:** Arturo Frondizi, eleito com apoio peronista (23/2), é deposto (28/3). **1963 – 1966:** governo de Arturo Illia, deposto pelo ten.-cel. Juan Carlos Onganía; o Congresso é dissolvido e os partidos banidos. **1970:** Onganía é deposto pelo gen. Roberto Marcelo Levingston. **1971:** Levingston é deposto pelo gen. Alejandro Lanusse. **1973:** Hector Cámpora, eleito, renuncia em favor de Perón (20/6), que volta ao país; onda de atentados terroristas. **1974:** Perón morre; assume sua vice e terceira esposa, María Estela (Isabelita) Martínez de Perón (1º/7). **1975:** crise econômica, terrorismo de esquerda e de direita. **1976:** Isabelita Perón é deposta (24/3) pelo gen. Jorge Rafael Videla; a "guerra suja" contra os oposicionistas faz milhares de vítimas. **1977/78:** litígio com o Chile pelo canal de Beagle, mediado pelo Vaticano (1979). **1980:** Isabelita é libertada e exila-se na Espanha. **1981:** o sucessor de Videla, gen. Roberto Viola, é deposto pelo gen. Leopoldo Galtieri. **1982:** derrota na Guerra das Malvinas; Galtieri é substituído pelo gen. Reynaldo Bignone. **1983:** o regime declara "mortos" todos os desaparecidos da "guerra suja"; protestos internos e externos; chefes dos governos militares são processados; a eleição de Raúl Alfonsín, da União Cívica Radical (UCR). **1984:** os ex-presidentes militares são presos; constatada a existência de campos de prisioneiros onde 8.961 pessoas morreram entre 1976 e 1982. **1985:** inflação de 1.000%; Plano Austral, de saneamento econômico; estado de sítio após escalada terrorista (25/10); cinco dos nove membros das juntas militares são condenados de quatro anos à prisão perpétua (9/12). **1986:** os responsáveis pela Guerra das Malvinas são condenados a penas de oito a catorze anos. **1987:** sufocadas as rebeliões do maj. Ernesto Barreiro, em Córdoba, e do ten.-cel. Aldo Rico, em Buenos Aires. **1988:** greves, depredações, saques em lojas; doze anos de prisão para os três chefes militares nas Malvinas; fracassa a rebelião do cel. Mohamed Seineldín em Buenos Aires (14/12). **1989:** fracassa a ocupação do quartel de La Tablada por membros do movimento Todos pela Pátria (jan.); eleição de Carlos Menem, cuja posse é antecipada para 8/7; indulto aos militares da "guerra suja". **1990:** novos saques de lojas, manifestações e denúncias de corrupção contra a família Menem geram inquietação entre os militares; nova rebelião "carapintada" leva ao estado de sítio; manifestação, na Plaza de Mayo (30/12), contra o indulto aos militares. **1991:** o plano econômico do min. Domingo Cavallo (1º/4) dá bons resultados: nas eleições de 8/9, os peronistas ganham em dez das doze províncias; e vencem também as eleições parlamentares e para governadores (ago. a dez.); 122 decretos desregulamentam a economia (31/10); a inflação chega a 0,4% (nov.). **1992:** o austral é substituído pelo novo peso, dolarizado (1º/1); atentado contra a embaixada israelense em Buenos Aires: 28 mortos e 235 feridos (17/3); privatização do sistema energético (mar.); renegociação da dívida externa com o Clube de Paris (27/7); privatização da Yacimientos Petrolíferos Fiscales (YPF) (25/9).

FATOS DO ANO

A vitória dos peronistas nas eleições legislativas de 3/10/1993, em que obtêm 42,3% dos votos, contra 30% da União Cívica Radical – ganhando até mesmo em Buenos Aires, tradicional reduto da UCR –, é resultado direto da estabilidade política obtida pelo Plano de Conversibilidade, aplicado desde 1991 pelo min. da Economia, Domingo Cavallo. Isso não impediu, entretanto, que o pres. Carlos Saúl Menem chegasse à segunda metade de seu mandato com alguns problemas na equipe de governo.

Defecções e demissões – Em 7/9/1992, o min. da Justiça, Luis Arslanián, demitiu-se por discordar dos nomes indicados para as recém-criadas cortes de apelação, alegando haver interferência do Executivo no Judiciário. Uma semana depois, foi Menem quem demitiu Jorge Vásquez, embaixador na ONU, que criticou abertamente o plano econômico. Isso ocorreu no momento em que a declaração de Menem, em 9/9, a representantes de bancos estrangeiros, de que "os homens podem mudar, mas não o plano econômico", fez espalhar-se o boato de que Cavallo estaria prestes a cair, o que criou grande agitação nos meios financeiros, obrigando o presidente, em 11/9, a reafirmar publicamente sua confiança nele.

No Congresso, a articulação dos deputados justicialistas foi insuficiente para obter a aprovação do tratado de limites com o Chile, assinado em ago. de 1991; e a vitória

na batalha pela privatização da estatal YPF custou ao governo a interrupção do diálogo com a UCR, de oposição. Nas ruas, multiplicaram-se os protestos de professores e aposentados contra os baixos salários e pensões; e agricultores e empresários pediam mudanças que protegessem os preços dos produtos agrícolas e a indústria nacional contra a invasão dos importados. A essas pressões, o presidente reagiu com o que o Centro de Estudos Políticos de Buenos Aires chamou de "menemização" do governo: a estratégia de deixar fortes marcas na administração, para impedir a alteração de rumos com os quais pretende chegar à reeleição em 1995.

Ciente de que essas perturbações podiam comprometer o plano Cavallo e enfraquecer sua política, o governo – preocupado em manter a paridade oficial do peso com o dólar – adotou, em 28/10/1992, medidas vistas como uma desvalorização disfarçada, para evitar déficit maior na balança de pagamentos: incentivos à exportação e aumento dos impostos sobre a importação. Ao anunciar, em 30/10, que o PIB cresceu 8,5% em 1991, Cavallo calculou em 3 anos o prazo necessário para que o país despontasse como nova potência econômica. Apesar dessa estimativa otimista, a Confederação Geral do Trabalho decretou, em 9/11, a primeira greve geral sob um governo peronista desde 1975, paralisando quase 50% do país. Para a deflagração do movimento contribuiu, segundo a imprensa, uma declaração de Cavallo admitindo não conseguir viver com menos de US$ 10 mil mensais – num país onde aposentados têm pensão inferior a US$ 200 – e receber US$ 8 mil mensais de um instituto de pesquisas privado.

Para frear a tendência do dólar a subir, o Banco Central vendeu, em 11/11, US$ 108,4 milhões e, em 17/11, autorizou que, a partir de jan. de 1993, pessoas físicas e jurídicas abrissem contas em moeda americana e os bancos dessem lastro a esses depósitos com a mesma divisa. E, em 6/12, logo depois de ter comemorado o fechamento do mês anterior com 0,5% de inflação, o país assinou contratos de refinanciamento de sua dívida externa, obtendo, com o Plano Brady, 37% de desconto do total de seus compromissos com os bancos comerciais. Para pagar em dia, a partir de 1993, de US$ 2 a 3 bilhões, Cavallo garantiu contar com "a transformação profunda da economia e um fenomenal aumento da produtividade". Mas os preços subiram 0,3% em dez. de 1992, mês em que foram vendidas as estatais Gas del Estado e Obra Sanitaria de la Nación. O que diferenciou essas privatizações das demais, porém, foi que o desempate na concorrência se deu não pela maior oferta ou pelo investimento prometido, mas pelo maior percentual de redução da tarifa ao consumidor. Encerrando-se 1992, Cavallo anunciou, em 22/12, que o país crescera 9% nesse ano; mas a estimativa do déficit anual da balança comercial ficou em US$ 2,87 bilhões contra um superávit de US$ 3,7 bilhões em 1991.

O pacote social – No início de 1993, com a perspectiva das eleições legislativas de out., é preparado um ambicioso plano social de US$ 1,8 bilhão, para melhorar a imagem do governo, desgastado pela revelação feita em 14/2, pelo jornal *Página 12*, de que ministros e altos funcionários recebem, por fora, salário adicional vindo de um fundo administrado por Eduardo Bauzá, sec.-geral da presidência. Escândalo de certa forma neutralizado pela informação do *Financial Times*, em mar., de que, com as privatizações, foram levantados US$ 5,3 bilhões em dinheiro, o que reduziu em US$ 6,7 bilhões a dívida nacional; em compensação, quatro grupos argentinos – o Pérez Companc, o Techint, a Sociedad Comercial del Plata e a Cia. Argentina de Petroleos S./A. –, que assumiram várias das empresas privatizadas, já estão sendo chamados de "os novos donos do país".

O pacote social, lançado em 2/5, tem como metas, até 1995, criar um milhão de novos empregos, aumentar o PIB em 25% e manter a taxa de câmbio congelada. Para dar sustentação ao plano, Cavallo promete investimentos públicos cumulativos no total de US$ 30 bilhões até 1995 e garante a recuperação da indústria através da eliminação das taxas de exportação, para reequilibrar a balança comercial, e a total liberação das importações de máquinas e equipamentos. Reforçando tal política, o governo decreta, em 3/5, nova moratória – a quarta de sua gestão – para o pagamento de impostos. Apesar de um lastro de US$ 13 bilhões em mai., e do ajuste fiscal que aumentou em 41% sua arrecadação, Cavallo enfrenta sérios problemas: a concentração da renda na mão de poucos grupos; o aumento do desemprego, que atinge 10% da população ativa; a falta de investimentos no nível esperado; o alto custo de vida aliado à queda da renda média dos salários; e o desestímulo dos agricultores, que não conseguem substituir equipamentos antiquados e têm o preço de seus grãos fixados 30% a 40% abaixo do que eram na metade dos anos 80, antes da guerra dos subsídios entre a CEE e os EUA.

Escândalo na diplomacia – Nova polêmica com a oposição surge, em 18/6/1993, quando Menem envia ao Congresso um projeto de lei destinado a conter a expansão das empresas jornalísticas – o que a UCR e jornais de oposição como *El Clarín* consideram uma manobra para dificultar as crescentes denúncias de corrupção na imprensa. Essa questão faz crescer a resistência da UCR à privatização da YPF, cujas ações, porém, já estão sendo procuradas por milhares de pequenos investidores. Mas anúncios como o de mai., de que, pela primeira vez no ano, se conseguiu o superávit na balança comercial, atenuam o impacto de atritos como esse, ou como o escândalo de jun. na área diplomática: em 28/6, Alieto Guadagni, emb. no Brasil, demite-se, pois está sendo proces-

sado por corrupção e malversação de fundos; mas, em 30/6, o chanceler Guido di Tella recusa seu pedido. Dois outros diplomatas, amigos de Menem, são criticados por má conduta: Oscar Spinoza Melo, no Chile de 1989 a 1991, afastado por denúncia de "chantagem sexual"; e Rubén Cardozo, que deixou em Assunção dívidas de US$ 230 mil. Problemas agravados pela agressão sofrida pelos jornalistas Marcelo Bonelli, do *Clarín* (21/7), e Hernán López Echague, do *Página 12* (25/8), que investigavam desvios econômicos praticados por altos funcionários.

Em contrapartida ao sucesso da venda, acima de seu preço básico, das ações da YPF, milhares de agricultores se manifestam, em 27/7, pedindo mais verbas para o campo e o alongamento das dívidas vencidas. Em resposta, buscando baixar os custos da produção e recuperar a competitividade de seus produtos no exterior, é assinado pacto fiscal com os governos das províncias e promete-se abrir créditos para os agricultores endividados. Em jul., os preços sobem 0,3%, a menor taxa desde a posse de Cavallo, em jan. de 1991; mas, em ago., a taxa chega a zero, trunfo que, às vésperas das eleições legislativas, Menem utiliza para escolher seus candidatos. O resultado de 3/10, porém, ainda não lhe dá a maioria necessária para promover a reforma constitucional que lhe permita reeleger-se. Não conseguindo os 44 deputados que, somados aos seus 126, lhe garantiriam os dois terços exigidos, resta-lhe convocar um plebiscito sobre a reeleição, como forma de pressionar o Congresso. O distúrbio cardiovascular que, em 14/10, exige que ele seja submetido a uma cirurgia de urgência não tem maiores conseqüências: dentro de poucos dias, ele reassume suas funções normais (para fatos posteriores a essa data, ver o capítulo *Cronologia Mundo*).

O empenho em manter-se no cargo liga-se também, segundo os analistas, a seu esforço em converter o país num destacado interlocutor internacional dos EUA, o que explica seu total alinhamento com Washington desde a Guerra do Golfo, em 1991. Diretriz ainda mais explícita quando o governo, em menos de 24 horas, concede asilo, em set. de 1992, a três refugiados cubanos em trânsito pelo país. Nos encontros de cúpula ibero-americanos, Menem vem insistindo na necessidade da abertura do regime cubano; e na reunião de Salvador (BA), em jul. de 1993, exorta Fidel Castro a "entregar o poder de forma democrática". Dias depois (27/7), visita o pres. Bill Clinton em Washington, sendo recebido como líder hemisférico, "parceiro confiável, valioso e amigo", elogiado por ter vencido a hiperinflação dentro da ordem democrática. Significativo é o fato de Clinton ter-lhe dito considerar a Argentina uma "candidata natural" a integrar-se ao NAFTA, o acordo de livre comércio EUA-México-Canadá; o que dependeria de um entendimento conjunto com seus parceiros do Mercosul – Brasil, Uruguai e Paraguai.

Armênia

● **NOME OFICIAL:** República da Armênia. **Capital:** Ereván. **Nacionalidade:** armênia. **Língua:** armênio (oficial); russo; curdo (minoria). **Religião:** cristianismo (apostólicos armênios, maioria; ortodoxos, protestantes); islamismo. **Data nacional:** 21/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Europa. **Área:** 28.800 km². **Limites:** Geórgia (N); Azerbaidjão (NE); Irã (S); Turquia (O). **Características:** lago Sevan (centro), cercado por cadeias de montanhas com numerosos rios; planície fértil dos rios Araks (S). **Ponto mais elevado:** monte Ararat (4.090 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Araks, Razdán. **Cidades principais:** Ereván (1.283.000 hab.); Gumri (ex-Leninakan) (163.000); Kirovakán (76.000) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +7h.

● **POPULAÇÃO:** 3.426.000 (est.1992); **urbana:** 69,5% (1991). **Composição demográfica:** armênios, 93,3%; azeris, curdos, russos, assírios, gregos (minorias) (1989). **Crescimento demográfico:** 1,6% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 30,3%; 15-59: 60,1%; **mais de 60:** 9,6% (1990). **Densidade (hab./km²):** 115 (1992). **Natalidade:** 22,5 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 18,6 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,6 (1989). **Vida média homens:** 67,9; **mulheres:** 73,4 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 117 hab.; **médicos:** 1 por 246 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 18,3% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 7% (1992). **Alunos de 1º e 2º graus:** 643,9 mil; **professores de 1º grau:** 53,4 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 68,4 mil (1990/91). **Gastos:** 29,1% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). **Data da Constituição em vigor:** Constituição prevista para 1993. **Divisão administrativa:** 3 cidades e 37 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Comunista, Fed. Revolucionária, Mov. Pan-Nacional. **Chefe de Estado:** pres. Levôn H. Ter-Petrossián (desde 16/10/1991). **Chefe de governo:** 1º-min. Grant Bagratián (fev./1993). **Legislativo:** unicameral – Conselho Supremo, com 260 membros.

● **ECONOMIA:** agricultura, 25,7%; indústria, 62,9%; comércio, 5,6%; serviços, 5,8% do PIB (1990). **Agricultura:** batata, cereais, legumes, verduras, frutas. **Pecuária:** aves, ovinos, bovinos. **Indústria:** metalúrgica, equipamentos elétricos, instrumentos, máquinas industriais e computadores. **Minerais:** cobre, molibdênio, ouro, prata e ferro. **Exportações:** US$ 6 bilhões; **produtos:** industriais leves, máquinas para construção, metalúrgicos, alimentos (1990). **Importações:** US$ 8 bilhões; **produtos:** industriais leves, matéria-prima industrial, eletricidade (1990). **Parceiros comerciais:** Turquia, Irã, Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** rublo (dividido em 100 copeques); **cotação para 1 US$:** 412,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 9,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.848; **crescimento anual do PML:** 12% (1991). **Inflação:** 100% (1991). **Dívida externa:** US$ 750 milhões (1991). **Força de trabalho:** 2 milhões; **distribuição:** agricultura, 5,7%; indústria, 30%; comércio, 4,3%; serviços, 25,9%; outros, 34,1% (1990); **mão-de-obra feminina:** 49,4% (1985). **Desemprego:** 34,1% (1990).

● **DEFESA: Exército:** 50 mil; **outros:** 23 mil soldados russos (1992). **Gastos:** 2,3% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 7,7 mil km; 99% pavimentados (1991); nº de **automóveis:** 230,1 mil (1988). **Ferrovias:** 823 km (1991). **Linha aérea:** State Airlines Company of Armenia.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 5,6 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 5 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 6 hab. (1991). **Jornais diários:** 82; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 469 (1991).

HISTÓRIA

Os *hayk* – chamados de *aramin* pelos persas –, da região do monte Ararat (séc. VII a.C.), foram anexados pelo Império Persa (550 a.C.); depois por Alexandre da Macedônia (331 a.C.) e pelo Império Selêucida (301 a.C.). Após a derrota de Antíoco, o Grande, pelos romanos (189 a.C.), seus sátrapas armênios Artashés e Zareh fundam os reinos independentes da Armênia e da Sofênia, unificados por Tigranes, o Grande (75 a.C.). Seu império é gradualmente dominado pelos romanos, que colocam no trono seu vassalo Tiridates (63 d.C.). A conversão de Tiridates III ao cristianismo (300) provoca conflitos com os chefes de clãs que facilitam a absorção do reino por bizantinos e persas. **481 – 484:** a revolta chefiada por Vahan Mamikonián garante aos armênios liberdade político-religiosa na Pérsia; Vahan é nomeado governador. **536:** Justiniano I força a helenização dos armênios bizantinos. **640 – 643:** resistência à invasão árabe do território armênio. **653:** Constâncio II entrega a região armênia ao sultão sírio Moauía. **862 – 970:** fase áurea sob Ashot, o Grande; declínio gradual com seus sucessores. **968 – 1045:** anexação por Basílio II, de Bizâncio.

1048 – 1242: a região é dividida entre turcos, curdos, mongóis e georgianos; grande emigração para a Geórgia, Polônia e Galícia. **1453 – 1620:** domínio turco e conquista de Iereván, Nakhitcheván e Karabakh pela Pérsia. **1813 – 1828:** dominação russa na Geórgia, norte do Azerbaidjão, Karabakh, Iereván e Nakhitcheván. **1863:** os turcos concedem autonomia especial à região. **1887 – 1890:** repressão aos socialistas e nacionalistas. **1895/96:** Abdulhamid II ordena massacres em larga escala. **1897:** fechadas escolas, bibliotecas e jornais armênios na Rússia. **1903:** confisco dos bens da Igreja Armênia. **1915:** deportação de 1,75 milhão de armênios para a Síria e a Mesopotâmia; grande migração para França e EUA. **1918:** pelo Tratado de Brest-Litovski, a Rússia cede à Turquia a maior parte da região; unificação, por um mês, da Armênia, Geórgia e Azerbaidjão; fracasso da tentativa de anexar Bortchalu e Akhalkalaki, da Geórgia, e Nagorno-Karabakh, do Azerbaidjão. **1920:** reconhecimento turco da independência com o Tratado de Sèvres (10/8); pelo Tratado de Alexandropol (7/11), Mustafá Kemal Atatürk impõe-lhes a autonomia relativa; comunistas e nacionalistas proclamam a região uma república soviética (3/12). **1921:** os nacionalistas revoltam-se contra o PC e são eliminados. **1922:** a República Transcaucasiana, com a Geórgia e o Azerbaidjão, é integrada à URSS (30/12). **1936:** a nova Constituição da URSS (5/12) separa as três repúblicas; Stálin entrega o Nagorno-Karabakh ao Azerbaidjão; crescimento do PNB em seis vezes, após trabalhos de irrigação e construção de hidrelétricas. **1987:** a pierestróika provoca, em Iereván, protestos contra a corrupção no PC e a degradação do meio-ambiente. **1988:** reivindicada a devolução do Nagorno-Karabakh, região habitada por armênios e entregue ao Azerbaidjão em 1923; distúrbios em Sumigait (1º/3, 31 mortos e 100 feridos) e Kirovabad (24/11, 130 mortos e 200 feridos); terremoto de 6,9 na escala Richter (7/11, 25 mil mortos) destrói inteiramente Spitak e danifica seriamente Gumayri (ex-Leninakán). **1989:** distúrbios recrudescem (mar./set.) quando o Soviete Supremo decide que o Karabakh pertence ao Azerbaidjão e declara fora da lei o Comitê Karabakh, formado por intelectuais de Iereván (28/9); o Parlamento armênio proclama sua anexação (1º/12). **1990:** estado de emergência no Karabakh (15/1); a República autônoma de Nakhitcheván proclama sua autonomia (30/1); independência unilateral (23/9); sanções da URSS contra Iereván; o pres. Levôn Ter-Petrossián assina trégua com os guerrilheiros nacionalistas Razmik Vassilián e Vardán Vardanián. **1991:** plebiscito (22/9) decide a independência. **1992:** o bloqueio, pelo Azerbaidjão, das vias de contato com a CEI leva ao estado de emergência (mar.); Tratado de Defesa Coletiva com a CEI (mai.); reativa-se a oposição do *Hai Heghapokhakán Dashnaksutiún* (Federação Revolucionária Armênia), de Pubên Ovsepián e Graír Karapetián, proibido na fase comunista.

FATOS DO ANO

"A Armênia foi salva do colapso, no último ano, por 20 bilhões de rublos em créditos abertos por Moscou", declara, em fev. de 1993, o pres. Levôn Ter-Petrossián. O país enfrenta situação de quase calamidade devido ao conflito com o Azerbaidjão pelo enclave do Nagorno-Karabakh, que provoca o corte de seus fluxos energéticos e paralisa sua economia (apenas 20% de sua indústria ainda funciona). No último inverno, a população sofreu com o racionamento de energia elétrica e a falta de calefação. Nem mesmo os hospitais de Iereván escaparam: os funcionários cortaram as árvores dos jardins para aquecer os pacientes e o pessoal médico.

O principal gasoduto que abastece o país passa pelo Azerbaidjão; uma segunda linha, através da Geórgia, está danificada desde jan. de 1993. Dois meses mais tarde, ao eleger o novo 1º-min., Grant Bagratián, o Parlamento aprova verbas de emergência para a reabertura da usina nuclear de Medzamor, a única do país, desativada após o terremoto de 1988. Mas seu pleno funcionamento só ocorrerá em meados de 1994.

Contra o extremismo – A ajuda russa, embora limitada, é vista pelos observadores como a tentativa de apoiar a Armênia cristã contra o emergente fundamentalismo islâmico nas Repúblicas da Ásia central. Em mai. de 1993, a Rússia, a Armênia e sete outras ex-Repúblicas soviéticas assinam pacto de intenções visando a fomentar a reintegração econômica, apontada como única saída viável para a região.

Apesar de estimulantes vitórias militares no Karabakh, durante o último ano, a crise é tão dramática que leva Ter-Petrossián a se aproximar de Ancara. Mas essa é uma medida que pode lhe trazer sérios problemas internos, pois a Turquia é odiada por seus compatriotas desde o massacre de 1915. Diplomatas turcos têm sido alvo freqüente de extremistas armênios, decididos a vingar o que consideram "o primeiro grande genocídio do séc. XX".

A escassez dos gêneros básicos faz proliferarem o crime organizado e o mercado negro, antes sufocados pelo rígido controle estatal. Governos ocidentais, como o dos EUA, têm-se limitado a enviar alimentos e remédios. Em ago. de 1993, anuncia-se o fechamento de um empréstimo de US$ 57 milhões, do Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento.

Austrália

● **NOME OFICIAL:** Comunidade da Austrália. **Capital:** Camberra. **Nacionalidade:** australiana. **Hino:** *Em frente, Austrália* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo, 73% (católicos, 26,1%; anglicanos, 23,9%; protestantes, 17,4%; ortodoxos, 2,7%); judaísmo, 0,4%; islamismo, 0,7%; budismo, 0,5%; outros, 12,7%. **Data nacional:** 26/1 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da Oceania. **Área:** 7.682.300 km². **Limites:** estreito de Torres e mares do Timor (NO), de Coral (NE) e da Tasmânia (SE); oceano Índico (S e O). **Características:** região de grandes planaltos e vastas bacias de fundo plano; cordilheira australiana (litoral E); planície de Perth (litoral SO); planalto de Kimberly (litoral NO); escudo australiano (interior ocidental) formando 3 desertos (de areia, NO; Gibson, O; Vitória, SO); 3 bacias hidrográficas: Carpentaria, NE; Artesiana, E; Murray, SE (interior oriental). **Ponto mais elevado:** monte Kosciusko (2.228 m). **Clima:** árido tropical (maior parte); subtropical (SE); tropical com chuvas de verão (N e NO); mediterrâneo (S). **Rios principais:** Murray, Darling, Clarence. **Cidades principais:** Sídnei (3.698.500 hab.); Melbourne (3.153.500); Perth (1.930.100); Brisbane (1.327.000); Adelaide (1.049.900)

(1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +11h a +12h30; Camberra, +12h30.

• **POPULAÇÃO:** 17.562.000 (est.1992); **urbana:** 85,4% (1986). **Composição demográfica:** brancos, 95,2%; aborígenes, asiáticos e outros (minorias) (1986). **Crescimento demográfico:** 0,8% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 21,7%; 15-59: 62,7%; **mais de 60:** 15,6% (1992). **Densidade** (hab./km²): 2,3 (1992). **Natalidade:** 14,8 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6,9 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 7,1 por 1.000 (1990). **Fertilidade** (nº de filhos por mulher): 1,9 (1991). **Vida média homens:** 73,8; **mulheres:** 79,9 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 199 hab. (1990); **médicos:** 1 por 438 hab. (1986). **Gastos com saúde:** 14,6% do orçamento (1989/90).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 0,5% (1980). **Alunos de 1º e 2º graus:** 3,2 milhões (1991); **professores:** 199,5 mil (1991). **Alunos no ensino superior:** 420,6 mil; **professores:** 25,9 mil (1991). **Gastos:** 13,2% do orçamento (1989/90).

• **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 1º/1/1901. **Divisão administrativa:** 6 estados e 2 territórios. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** do Trabalho, Liberal, Democrata e Nacional. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, representada pelo gov.-geral William George Hayden (desde 16/2/1989). **Chefe de governo:** 1º-min. Paul Keating (13/3/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 76 membros (1/2 renovável a cada 3 anos), e Câ-mara dos Deputados, com 148 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 6 e 3 anos, respectivamente.

• **ECONOMIA:** agricultura, 3,3%; indústria, 27,9%; mineração, 5%; comércio, 14,2%; serviços, 49,6% do PIB (1990/91). **Agricultura:** trigo, frutas, açúcar, algodão. **Pecuária:** ovinos, aves, bovinos. **Pesca:** 210,4 mil t (1990). **Indústria:** siderúrgica, alimentícia, química, têxtil, vestuário, madeira, papel, equipamentos de transporte. **Minerais:** carvão, minério de ferro, ouro, prata, petróleo e gás natural, bauxita, zinco, cobre, titânio, níquel, estanho, chumbo, zircônio, diamante. **Exportações:** US$ 40,9 bilhões; **produtos:** carvão, metais ferrosos e não ferrosos, petróleo, fibras têxteis (lã, principal), cereais (1990/91). **Importações:** US$ 38,1 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos e manufaturas básicas (1990/91). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Grã-Bretanha, Nova Zelândia, Coréia do Sul, Alemanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dólar australiano (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,40 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 287,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 16.590 (1991); **crescimento anual:** 2,8% (1980–1991). **Inflação:** 0,3% (1992). **Dívida externa:** US$ 112,7 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 8,3 milhões; **distribuição:** agricultura, 5,2%; indústria, 23,3%; comércio, 19,4%; serviços, 45,5%; outros, 6,6%; **mão-de-obra feminina:** 41,7% (1991). **Desemprego:** 9,3% (1990/91).

• **DEFESA: Efetivo total:** 67,9 mil (1992); **Exército:** 30,3 mil; **Marinha:** 15,3 mil; **Força Aérea:** 22,3 mil. **Gastos:** 9,3% do orçamento (1992).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 810,3 mil km; 36% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 9,8 milhões; **automóveis:** 7,7 milhões (1990). **Ferrovias estatais:** 35,5 mil km (1990). **Portos:** Sídnei, Melbourne, Unley, Newcastle, Port Kembla, Freemantle, Geelong. **Linhas aéreas:** Qantas (vôos internacionais e domésticos), Ansett Australia, Ansett Express Airlines, Ansett WA, Eastern Australia Airlines, Eastwest Airlines, Sustate Airlines (domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 64; **receptores:** 1 por 0,9 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 2,5 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,8 hab. (1985). **Jornais diários:** 71; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 405 (1988).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 9, cj. 16, casa 1, CEP 70469-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-5569.

HISTÓRIA

James Cook explora o leste da ilha (1770) onde, desde 4.000 a.C., havia povos vindos da Ásia. Até 1820, a região é usada como colônia penal. **1820 – 1870:** descoberto ouro em Vitória; criação de seis colônias autônomas. **1900:** criada uma federação. **1946 – 1949:** chegada de 2 milhões de imigrantes. **1953:** adesão ao ANZUS. **1975:** independência da Nova Guiné. **1980:** os liberais vencem as eleições. **1983:** pacto empregadores/sindicatos sobre a política de preços e salários. **1987:** colapso no governo após cisão no Partido Nacional, de Malcolm Fraser; vitória trabalhista nas eleições antecipadas; plano de redução das despesas públicas. **1989/90:** Robert Hawke reelege-se 1º-min. apesar de acusações de abuso de poder e corrupção; criada zona de livre comércio com a Nova Zelândia; o programa de privatização de Hawke divide os trabalhistas. **1991:** a vitória de Hawke para a liderança do Partido do Trabalho (PT) provoca a demissão do min. da Fazenda, Paul Keating; a crise econômica demite Hawke da presidência do PT; Keating assume a chefia do governo (19/12). **1992:** crise com a Nova Zelândia: a lei de proteção ao desemprego reduz em 27% a entrada prevista de imigrantes (mai.).

FATOS DO ANO

Nas eleições gerais de 13/3/1993, o trabalhista Paul Keating consegue apertada vitória (50,5% dos votos) contra a coalizão Liberal/Nacional: aumenta de 78 para 79 suas cadeiras na Câmara dos Representantes; seus adversários decaem, das 69 que tinham em 1990, para 65. A quinta vitória consecutiva do PT contraria as pesquisas de opinião, que previam estreita margem de vantagem para a oposição. Em 15/3, Keating afirma que a economia já está em franca recuperação (ele foi o artífice, enquanto min. das Finanças, da reforma econômica de 1983, que liberou o câmbio, abriu o país a bancos estrangeiros, reduziu impostos e tarifas e manteve o reajuste dos salários abaixo da inflação, de 0,3% ao ano em 1992).

Em 24/3, com a intenção de desvincular seu governo do de seu antecessor, o ex-1º-min. Robert Hawke, e de fortalecer o PT com vistas às eleições de 1996, Keating promove vários funcionários: entre eles, onze tecnocratas na faixa dos 40 anos, o que faz de sua equipe de governo a mais jovem da Oceania. Surge logo, entretanto, um problema na área das relações com os aborígenes: desde a campanha eleitoral, Keating prometera dar prioridade às suas reivindicações; mas em 3/6, apesar da decisão judicial que lhes reconhecera o direito a pedir a devolução da terra que lhes pertence, é proposto um pacote de medidas rejeitado pelo Conselho das Terras Aborígenes, pois elas protegem a mineração e o pastoreio privados já praticados em terras reivindicadas pelos nativos; valida

títulos de propriedade dessas terras emitidos entre 1975/1993; e prevê a criação de um tribunal que estabeleça a indenização a ser paga pela perda de terras ocupadas pelos brancos. Na prática, isso significa a redução da possibilidade de recuperá-las, e, na opinião do CTA, uma traição ao compromisso eleitoral de Keating.

Mais difícil, entretanto, é reduzir o déficit orçamentário sem romper a promessa de, a partir de 1994, diminuir o imposto de renda e o imposto social que começou a ser cobrado em jul. de 1993. Em 23/3, apresentando-a como medida de estímulo ao investimento, Bernie Fraser, diretor do Banco de Reservas, anuncia a 14ª redução da taxa de juros em três anos: ela passa para 5,25%. Quanto à reforma fiscal, essa é uma promessa que Keating terá de cumprir: na opinião dos analistas, ele administrou mal o US$ 1,72 bilhão de que dispunha, em 1992, para atacar o problema do desemprego, que afeta 11,1% da força de trabalho australiana; mas o que manteve a hegemonia trabalhista foi a rejeição do eleitorado à proposta do candidato oposicionista, John Hewson, de aumentar para 15% os impostos sobre bens de consumo.

Principado no mato – Outro ponto que contou muito, na vitória do PT, foi a promessa de Keating de cortar definitivamente os vínculos do país com a Grã-Bretanha, transformando-o numa República até 2001, ano em que se comemorará o centenário da Federação Australiana. Um plebiscito a esse respeito deverá ser convocado até 1996. Contrastando com o ideal republicano, que vem crescendo sensivelmente nos últimos anos, um bizarro desafio constitucional é lançado, em jun. de 1993, por um casal de fazendeiros do interior do Estado de Queensland, que proclama a independência do "Principado de Marlborough" e se prepara para resistir à repressão policial. Essa tentativa de secessão constitui a mais radical manifestação, até esse momento, de uma espécie de populismo de direita que vem se espalhando entre muitos fazendeiros atingidos pela recessão, atolados numa crise financeira que o aumento dos juros e a queda dos preços do gado e do trigo no mercado internacional só fazem agravar. Os analistas vêem nessa folclórica tentativa de criar um principado no meio do mato o símbolo da contradição em que vivem os trabalhadores australianos, divididos entre a frustração e a esperança de que sejam erradicados seus problemas sociais. Em 24/9/1993, competindo com Pequim, Sídnei é escolhida para sede das Olimpíadas do ano 2000.

Áustria

● **NOME OFICIAL:** República da Áustria. **Capital:** Viena. **Nacionalidade:** austríaca. **Hino:** *Terra de montanhas, terra sobre o rio* (1º verso). **Língua:** alemão (oficial); croata, esloveno (minorias). **Religião:** cristianismo (católicos, 84,3%; protestantes, 6%; evangélicos luteranos, 5,6%); islamismo, 1%. **Data nacional:** 26/10 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Europa. **Área:** 83.859 km². **Limites:** Alemanha, Rep. Tcheca (N); Eslováquia (NO); Hungria (L); Eslovênia e Itália (S); Suíça (O). **Características:** cordilheira dos Alpes a O e E (70% do território); planície (L); maciço da Boêmia (N) cortado pelo vale do rio Danúbio. **Ponto mais elevado:** monte Glossglockner (3.797 m). **Clima:** temperado continental (maior parte); de montanha (SO). **Rios principais:** Danúbio, Inn, Mur, Traum, Ennis, Draval. **Cidades principais:** Viena (1.533.176 hab.); Graz (232.155); Linz (202.855); Salzburgo (143.971); Innsbruck (114.996) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 7.857.000 (est.1992); **urbana:** 53,9% (1991). **Composição demográfica:** austríacos, 96,1%; iugoslavos, turcos e alemães (minorias). **Crescimento demográfico:** 0,1% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 17,4%; 15-59: 62,2%; mais de 60: 20,4% (1990). **Densidade** (hab./km²): 93,7 (1992). **Natalidade:** 12 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 10,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 7,5 por 1.000 (1991). **Fertilidade** (nº de filhos por mulher): 1,4 (1990). **Vida média homens:** 72,5; **mulheres:** 79 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 103 hab.; **médicos:** 1 por 334 hab. (1991). **Gastos com saúde:** 12,8% do orçamento (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** insignificante. **Alunos de 1º e 2º graus:** 980,1 mil; **professores:** 105,9 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 199,8 mil; **professores:** 13 mil (1980/90). **Gastos:** 7,6% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** out. de 1920 (restaurada em 1º/5/1945). **Divisão administrativa:** 9 estados. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Social Democrata, do Povo, Liberdade, Verde/Lista Alternativa. **Chefe de Estado:** pres. Thomas Klestil (desde 8/7/1992). **Chefe de governo:** chanceler Franz Vranitzky (desde 16/6/1986). **Legislativo:** bicameral – Conselho Nacional, com 183 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos, e Conselho Federal, com 63 membros eleitos pelas Assembléias Provinciais para mandatos iguais ao dos governos das províncias que representam.

● **ECONOMIA:** agricultura, 3,1%; indústria, 36,1%; comércio e serviços, 57,1% do PIB (1990). **Agricultura:** trigo, cevada, milho, beterraba. **Pecuária:** aves, suínos, bovinos. **Pesca:** 6 mil t (1991). **Indústria:** máquinas industriais, metalúrgica, alimentícia, madeira, papel, química. **Minerais:** minério de ferro (principal), petróleo, linhita, magnesita, aço, cobre. **Exportações:** US$ 41 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos, de transporte, manufaturas básicas, artigos manufaturados, químicos (1991). **Importações:** US$ 50,7 bilhões; **produtos:** energia, máquinas industriais e equipamentos de transporte, artigos manufaturados, manufaturas básicas (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Alemanha, principal). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** xelim (dividido em 100 groschen); **cotação para 1 US$:** 9,95 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 147 bilhões; **renda per capita:** US$ 19.240 (1990); **crescimento anual:** 2,1% (1980–1990). **Inflação:** 3,3% (1991). **Força de trabalho:** 3,5 milhões; **distribuição:** agricultura, 7,7%; indústria, 37%; comércio e serviços, 55,3%; **mão-de-obra feminina:** 40,9% (1990). **Desemprego:** 5,8% (1991/92).

● **DEFESA: Efetivo total:** 44 mil (1991); **Exército:** 38 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 6 mil. **Gastos:** 3% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 107,2 mil km pavimentados (1990); **nº de veículos:** 3,3 milhões; **automóveis:** 3 milhões (1990). **Ferrovias:** 6,7 mil km (1991). **Portos:** fluviais ao longo do rio Danúbio. **Linhas aéreas:** Austrian Airlines, Tyrolean Airways, Lauda Air (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 1,7 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 2,9 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,7 hab. (1990). **Jornais diários:** 27; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 445 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 40, CEP 70426-900, Brasília, DF; tel. (061) 243-3111.

HISTÓRIA

Província romana (15 d.C.) e de Carlos Magno (800), no séc. XI é anexada ao Sacro Império Romano. Governada, desde o séc. XIII, pelos Habsburgos, torna-se, em 1815, a maior potência da Confederação Germânica. **1846:** revolta das minorias nacionalistas. **1866:** derrota na Guerra Austro-prussiana; perda da influência na Confederação. **1867:** criada a Monarquia dual austro-húngara. **1914 – 1918:** derrota na I Guerra; colapso da Monarquia; proclamação da República. **1932 – 1934:** o chanceler Engelbert Dolfuss, contrário ao *Anschluss* (união com a Alemanha), é assassinado pelos nazistas. **1938:** anexação (13/3). **1945:** fim da ocupação; declaração de neutra-

lidade permanente. **1966:** a vitória do conservador Partido Popular (PP) põe fim a vinte anos de divisão do poder com os socialistas. **1969:** proibida a instalação de euromísseis. **1972:** reatamento com a Alemanha Or. **1983:** renúncia do 1º-min. Bruno Kreisky; o socialista Fred Sinowatz faz coalizão com os liberais. **1984:** avanço do Partido Verde nas eleições provinciais. **1986:** embora acusado de crimes de guerra, Kurt Waldheim é eleito pres.; em protesto, Sinowatz renuncia em favor de Franz Vranitzky (16/6). **1988:** confirmado o conhecimento de Waldheim sobre as atrocidades nazistas. **1990:** vitória socialista nas eleições (7/10) e recondução de Vranitzky. **1991:** Jörg Haider, gov. da Carintia, do Partido Liberal (PL), de extrema direita, é destituído por elogiar a política trabalhista do III Reich; atentados neonazistas contra cemitérios judeus (9/10); o PL vence as eleições municipais em Viena (nov.). **1992:** atentado neonazista contra refugiados (jan.); adoção de leis que punem atividades neonazistas (fev.); Thomas Klestil, do PS/PP, é eleito pres. (26/4); o PL vence as eleições regionais na Grande Viena (set.).

FATOS DO ANO

Em jan. de 1993, alegando que a imigração descontrolada é a origem de todos os males, principalmente a criminalidade e o desemprego – que, em meados de 1993, é de cerca de 5% da força de trabalho, com tendência a crescer –, o direitista Jörg Haider, líder do Partido Liberal (PL), dá início a uma campanha contra a presença de estrangeiros no país. A partir de 25/1, militantes do PL recolhem assinaturas a favor de um programa intitulado "Primeiro a Áustria", que propõe a redução no número de imigrantes e refugiados aceitos no país, a cassação do direito de voto dos estrangeiros, o limite de 30% para o número de crianças não-germânicas aceitas nas escolas públicas e a obrigatoriedade do uso, pelos estrangeiros, de uma carteira de identidade especial que facilite o combate ao mercado negro de trabalho.

Mas, em 1º/2, ao terminar o prazo para o recolhimento das assinaturas, a adesão é menor do que se esperava: apenas 417.278 pessoas (7,37% do eleitorado), menos do que os 780 mil votantes que o PL teve nas legislativas de 1990, assinaram as listas. Em compensação, em 23/1, 200 mil pessoas tinham respondido, em Viena, ao apelo conjunto das igrejas, dos social-democratas, dos conservadores e dos ecologistas, saindo às ruas para manifestar-se contra o racismo. Mesmo o sucesso eleitoral do PL nas eleições municipais de Graz, segunda cidade do país, onde obtém 20,3% dos votos, dobrando seu resultado do pleito de 1988, é neutralizado, em 4/2, pela decisão de sua vice-pres., Heide Schmidt, de romper com Haider e formar novo partido.

Levando consigo outros deputados – entre os quais o ex-min. da Defesa Friedhelm Frischenschlager –, a sra. Schmidt, que, desde o princípio, tinha-se oposto àquela consulta, funda o Fórum Liberal (FL), anunciando a intenção de participar das legislativas de 1994. O primeiro indício de que o FL tem condições de alterar o equilíbrio de forças no cenário político austríaco são os 5,1% que obtém nas eleições regionais de mai. de 1993, o que lhe dá três cadeiras na província da Baixa Áustria. Esse resultado faz com que o Partido Popular, ficando com 44,1% (3,4% a menos do que no pleito anterior), perca, depois de 48 anos, a maioria no Parlamento regional.

Logo depois de o governo ter dado início, em mar., a uma ofensiva publicitária, em todos os grandes jornais da Europa e dos EUA, para reativar o turismo, o min. da Economia, Wolfgand Schüssel, numa sessão extraordinária do Parlamento convocada em abr., pede a solidariedade dos parceiros socialistas de coalizão para uma política moderada de reajustes salariais que permita combater o desemprego e a estagnação econômica. Aos sindicatos, tal sugestão não agrada nem um pouco, mas, com a taxa de inflação a 4% em abr. de 1993 e a previsão de que o crescimento econômico não ultrapassará os 2% até 1994, o governo diz que não bastará cortar suas despesas para reduzir os déficits. O principal problema é o reflexo, sobre os negócios austríacos, da crise na Alemanha, com a qual, nos dois primeiros anos da reunificação, o país intercambiou 40% de suas exportações e 42,6% das importações. A pauta de exportações, porém, caiu bruscamente: em jul. de 1993, havia a desanimada previsão de que o comércio com a Alemanha talvez não ultrapassasse 1,5% do total exportado.

Além disso, a crise européia tem tornado desvantajosa uma situação tipicamente austríaca: grandes bancos acionistas majoritários dos principais conglomerados industriais. Isso começou a mudar, em 1991, com a venda, pelo Creditanstalt-Bankverein, por 1,5 bilhão de xelins, de sua parte nas maiores cervejarias do país. E, em ago. de 1993, o Creditanstalt anuncia a venda da maior parte de suas ações industriais.

Em jun. de 1992, Viena aceitou a proposta italiana de concessão de autonomia relativa à região do Trentino-Alto Adige, no sul do Tirol, onde vive uma comunidade de origem austríaca. Depois disso, foi retirada a representação à ONU, de 1960, que acusava a Itália de dar tratamento discriminatório a essa comunidade. Logo após sua posse, em 8/7/1992, o pres. Thomas Klestil visitou a então Tcheco-Eslováquia e a Hungria, num esforço de consolidação das relações com o Leste europeu. E, em 8/7/1993, a ida a Telavive do chanceler Franz Vranitzky, primeiro chefe de governo austríaco a visitar Israel, tem o claro sentido de demonstrar a desaprovação das autoridades ao ressurgimento no país, entre 1991 e 1992, das atividades neonazistas.

Azerbaidjão

● **NOME OFICIAL:** República do Azerbaidjão. **Capital:** Baku. **Nacionalidade:** azeri ou azerbadjani. **Língua:** azerbadjiano (oficial); russo. **Religião:** islamismo (xiitas, 70%; sunitas, 30%); cristianismo (minoria). **Data nacional:** 29/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da Europa. **Área:** 86.600 km². **Limites:** Rússia (N); Geórgia (NO); mar Cáspio (L); Irã (S); Armênia (O). **Características:** planície costeira (S); bacias dos rios Kura (de E a O) e Araks (de SE a SO); cadeia do Cáucaso (N a NE), com vales e rios de montanha; promontório na península Apsheron (L). **Ponto mais**

elevado: monte Bazar-Dyusi (4.480 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Kura, Araks. **Cidades principais:** Baku (1.080.500 hab.); Gandjá (ex-Kírovabad) (282.200); Súmgait (236.200); Míngetchaur (90.900); Nakhitcheván (61.700) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +7h.

● **POPULAÇÃO:** 7.237.000 (est.1992); **urbana:** 53,5% (1990). **Composição demográfica:** azeris, 82,7%; russos, 5,7%; armênios, 5,6%; lezgins, avars, ucranianos, tártaros e outros (minorias) (1989). **Crescimento demográfico:** 2% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 32,8%; **15-59:** 59,3%; **mais de 60:** 7,9% (1989). **Densidade (hab./km²):** 83,6 (1992). **Natalidade:** 27,1 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 23 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,8 (1989). **Vida média homens:** 66,9; **mulheres:** 74,8 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 98 hab.; **médicos:** 1 por 255 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 11,6% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 7% (1992). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,4 milhão (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 105,1 mil (1990/91). **Gastos:** 27,6% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). **Divisão administrativa:** 2 regiões autônomas, 9 cidades independentes, 54 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Frente Nac., Democrático Muçulmano, pela Independência Nac., Social Democrata. **Chefe de Estado:** pres. Gáidar Áliev (desde 25/6/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. Surét Gúseinov (desde jun./1993). **Legislativo:** unicameral – Parlamento com 360 membros.

● **ECONOMIA:** agricultura, 26,1%; indústria, 64,8%; comércio, 2,2%; serviços, 6,9% do PIB (1991). **Agricultura:** cereais, uvas e outras frutas, legumes e verduras, algodão. **Pecuária:** caprinos, ovinos, suínos. **Indústria:** petrolífera, petroquímica, química, construção, máquinas, alimentícia, têxtil, vinícola. **Minerais:** petróleo, gás natural, minério de ferro, alunita, pirita de ferro, barita, cobalto, molibdênio. **Exportações:** US$ 21 bilhões; **produtos:** derivados de petróleo, têxteis, máquinas industriais, alimentos (1991). **Importações:** US$ 18,9 bilhões; **produtos:** matérias-primas, máquinas industriais, alimentos (1991). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI (Rússia e Ucrânia, principais). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** manat. **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 12,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.670 (1991); **crescimento anual:** 2,9% (1980–1991). **Inflação:** 87,3% (1991). **Dívida externa:** US$ 985 milhões (1992). **Força de trabalho:** 3,2 milhões; **distribuição:** agricultura, 32,3%; indústria, comércio e serviços, 67,7% (1990); **mão-de-obra feminina:** 42,6% (1990). **Desemprego:** 3,7% (1990).

● **DEFESA: Exército:** 30 mil (1992); **outros:** 60 mil (guarda fronteira russa). **Gastos:** 14,5% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 36,7 mil km; 87% pavimentados (1991); **nº de automóveis:** 235,6 mil (1988). **Ferrovias:** 2,1 mil km (1991). **Portos:** Baku, Sumgart (mar Cáspio).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1. **Emissora de TV:** 1; **receptores de rádio e de TV:** 1 por 5,7 hab. **Jornais diários:** 168; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 73.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 747, Third Avenue, 17th floor, New York, NY 10017; tel. (212) 371-2672.

HISTÓRIA

Os azeris do Azerbaidjão e do Irã são um único povo, embora nunca tenham participado da mesma unidade política. **642:** conquistas árabes; permitido o desenvolvimento dos feudos de Shirvan, Aran e Mugan. **1236 – 1812:** colapso do Império Árabe; dominação mongol e persa. **1813:** pelo Tratado do Gulistão, a Rússia adquire Derbent, Baku, Shirvan, Sheki, Gandja e Lenkoran. **1828:** pelo Tratado de Turkmanchai, a Rússia apossa-se de Nakhitcheván e Talish. **1905:** primeiras atividades nacionalistas. **1911:** fundação do *Musavat* (Igualdade), partido nacionalista aliado aos turcos. **1918:** fracasso da República Transcaucasiana, com a Armênia e a Geórgia; proclamada a República (mai.), com capital provisória em Gandja. **1918/19:** administração britânica após o colapso otomano. **1920:** reconhecida pelos aliados (15/1); invasão soviética. **1922:** incorporação, com a Geórgia e a Armênia, à República Transcaucasiana. **1930:** perseguição religiosa: mesquitas são demolidas. **1930/31:** repressão violenta às revoltas contra a coletivização forçada. **1936:** República independente, pela nova Constituição soviética. **1938:** o pres. Sultán Médjit Éfêndiev é preso durante um expurgo. **1969:** o 1º-sec. Gáidar Áliev expande a economia mas é demitido, em 1987, por corrupção. **1988:** início do conflito pelo Nagorno-Karabakh (ver a História da *Armênia*). **1990:** o problema do Karabakh e o pedido dos azeris xiitas de anexação do sul do país pelo Irã levam à ocupação de Baku pela URSS (20/1); preso o nacionalista Ektibar Mamédov (26/1); estado de emergência. **1991:** proclamada a independência (30/8); fim do estado de emergência, Mamédov é solto; o PCA separa-se do PCUS e convoca eleições (8/9), que confirmam o pres. Ayaz Mutálibov; declaração unilateral de independência do Karabakh (set.); o conflito degenera em guerra declarada. **1992:** bombardeio de Stepanakert (jan.); os armênios, em resposta, bombardeiam Shusha; retirada das tropas da CEI; fracasso das tentativas de mediação (fev.); Mutálibov renuncia (6/3), mas volta (mai.), decreta o estado de emergência e cancela as eleições; a oposicionista Frente Popular derruba-o, com apoio do Exército (15/5), e seu líder, Abulfêz Eltchibêi, vence as eleições (7/6) e decreta a ofensiva contra a Armênia.

FATOS DO ANO

A guerra com a Armênia, pelo enclave do Nagorno-Karabakh, continua a condicionar os acontecimentos políticos. Em jun. de 1993, desmoralizados por derrotas seguidas, os militares azeris se amotinam contra o governo, acusando-o de inabilidade na condução do conflito. O choque com as tropas legalistas, em Gandja, deixa 69 mortos e duzentos feridos; a violência da repressão, entretanto, alimenta o movimento contra o pres. Abulfêz Eltchibêi, da Frente Popular, eleito no ano anterior. Assediado, ele é obrigado a deixar Baku e a refugiar-se em sua cidade natal. Em 25/6, o Parlamento designa novo presidente: Gáidar Áliev, veterano dirigente comunista, ex-integrante da equipe econômica de Leonid Brejnev, "homem forte" no país, dono de um reduto político aparentemente inabalado pela mudança de regime.

Dias depois, Áliev passa a compartilhar o poder com o gen. Surét Gúseinov, líder dos militares rebeldes, nomeando-o 1º-ministro. Preocupados em acalmar os ânimos,

ambos desmentem os rumores sobre um possível retorno ao sistema comunista, causados pelo fato de que, durante a rebelião, oficiais de Gúseinov tinham mandado hastear a bandeira vermelha. Ao mesmo tempo, censuram a imprensa e restringem as iniciativas da oposição. Sua permanência no poder é ratificada por um plebiscito, em 29/8. Moscou não tem objeções a fazer a esses desdobramentos: do ponto de vista russo, velhas e conhecidas personalidades do regime anterior são preferíveis a um político como Eltchibêi, cujas simpatias pró-islâmicas poderiam alterar o tradicional equilíbrio regional.

Incompetência militar – Com o dobro da população da Armênia e uma economia bem mais sólida, alavancada pelo petróleo, o fracasso do Azerbaidjão na guerra só pode ser explicado, como querem os golpistas, pela falta de uma condução militar adequada. Já na ex-URSS a república era tida como uma espécie de vitrine do sistema, com elevado grau de industrialização para os padrões soviéticos. O potencial petrolífero do país desperta enormes interesses internacionais. Segundo um executivo da British Petroleum, "não há perfuração inútil no mar Cáspio". Em meados de 1993, para garantir suas prospecções, oito multinacionais concedem, "a título de adiantamento", US$ 70 milhões que serão utilizados como fundos para o combate. Tamanhas são as reservas de petróleo que nem mesmo a instabilidade política impede os investidores ocidentais de pensar na construção, num futuro próximo, de um oleoduto capaz de conduzir, até o Mediterrâneo, 800 mil barris diários.

Poder de barganha – Precedidas pela conferência preliminar de 1992, iniciam-se em Roma, em 26/2/1993, as negociações visando à paz no Nagorno-Karabakh. Patrocinados por EUA, Rússia e Turquia, os entendimentos levam a um cessar-fogo (jul.). Na prática, porém, a Armênia continua a avançar: toma Agdam, a leste, e Fizuli, ao sul, perto da fronteira com o Irã, deixando cerca de 10 mil vítimas fatais e 200 mil refugiados. Segundo o min. Serguêi Sarkissián, da Defesa armênia, a ocupação de territórios fora da área do Karabakh é importante, pois permitirá que os armênios, ao se sentarem à mesa de negociações, tenham maior poder de barganha, podendo, no momento de um acordo final, trocar terras azeris pela paz.

Bahamas

● **NOME OFICIAL:** Comunidade das Bahamas. **Capital:** Nassau. **Nacionalidade:** bahamense. **Hino:** *Prossiga marchando, Bahamas* (1° verso). **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo, 82,8% (batistas, 32,1%; anglicanos, 20,1%; católicos, 18,8%; metodistas, 6,1%; pentecostais, 5,7%); islamismo, judaísmo, crenças tradicionais (vudu e obeah) (minorias). **Data nacional:** 10/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** nordeste da América Central. **Área:** 13.939 km². **Limites:** oceano Atlântico (N e L); mar do Caribe (S e O). **Características:** arquipélago com 24 ilhas e mais de 3.000 rochas e ilhotas (Andras, Ábaco Maior e Menor, Grande Baharna, Eleuthera, Grande Inágua, Nova Providência, principais); relevo baixo e levemente ondulado com dunas e falésias (litoral); cavernas e canais. **Ponto mais elevado:** pico da Ilha Cat (122 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rio principal:** Andros. **Cidades principais:** Nassau (172.196 hab.); Freeport/Lucaya (26.574); Marsh Harbour (3.611); Bailey Town (1.490); Dunmore Town (1.219) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

● **POPULAÇÃO:** 264.000 (est.1992); **urbana:** 64,3% (1990). **Composição demográfica:** negros, 80%; mestiços, 10%; brancos, 10% (1988). **Crescimento demográfico:** 1,5% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 38%; 15-59: 56,3%; mais de 60: 5,7% (1985). **Densidade (hab./km²):** 18,9 (1992). **Natalidade:** 19,2 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 4,5 por 1.000; **mortalidade infantil:** 26,3 por 1.000 (1990). **Fertilidade** (n° de filhos por mulher): 2,2 (1991). **Vida média homens:** 69; **mulheres:** 76 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 243 hab.; **médicos:** 1 por 809 hab. (1988). **Gastos com saúde:** 17% do orçamento (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 5% (1986). **Alunos de 1° e 2° graus:** 61.6 mil (1990/91); **professores:** 3 mil (1986/87). **Alunos no ensino superior:** 2,2 mil; **professores:** 300 (1990–1992). **Gastos:** 20,7% do orçamento (1988).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** Estado independente dentro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 10/7/1973. **Divisão administrativa:** 20 ilhas e grupos de ilhas. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Mov. Nac. Livre, Liberal Progressista. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, representada pelo gov.-geral Clifford Darling (desde 2/1/1992). **Chefe de governo:** 1°-min. Hubert Alexander Ingraham (desde nov./1992). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 16 membros (9 indicados pelo gov.-geral, 4 pelo líder da oposição e 3 pelo 1°-min.), e Assembléia Nacional, com 49 membros eleitos por voto direto, ambos para mandatos de no máximo 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 4,5%; indústria, 13,4%; comércio e serviços (turismo, principal), 82,1% do PIB (1986). **Agricultura:** pepino, tomate, abacaxi, papaia, abacate, manga, limão, frutas cítricas. **Pecuária:** aves, ovinos, suínos. **Pesca:** 8,1 mil t (crustáceos, principal) (1989). **Indústria:** bebidas alcoólicas (cerveja e rum), farmacêutica, cimento. **Minerais:** sal, aragonita. **Exportações:** US$ 2,3 bilhões; **produtos:** petróleo, químicos, alimentos (1989). **Importações:** US$ 2,4 bilhões; **produtos:** alimentos e manufaturados (1989). **Parceiros comerciais:** Porto Rico, EUA, Arábia Saudita. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar bahamense (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,00 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 11.510 (1990); **crescimento anual:** 3,6% (1980–1990). **Inflação:** 8% (1991). **Dívida externa:** US$ 194 milhões (1989). **Força de trabalho:** 127,4 mil; **distribuição:** agricultura, 3,9%; indústria, 12,6%: comércio e serviços, 83,5%; **mão-de-obra feminina:** 47,3% (1989). **Desemprego:** 20% (1992).

● **DEFESA:** 850 mil (guarda costeira) e 2,4 mil (força policial). **Gastos:** 3% do orçamento (1987).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 3,4 mil pavimentados (1990); n° de veículos: 83 mil; **automóveis:** 69 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Nassau (Nova Providência); Freeport (Grand Bahama) e Matthew Touim (Inágua). **Linha aérea:** Bahamasair (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 1,3 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 5,2 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,8 hab. (1991). **Jornais diários:** 3; **n° de exemplares por 1.000 hab.:** 135 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 767 3rd Ave., 9th floor, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 421-6925.

HISTÓRIA

Colombo aporta (1492) na ilha, a que chama Guanaiani e, depois, S. Salvador. Os nativos arauaques são removidos, até 1508, para as minas de Hispaniola. A ilha fica desabitada até a chegada dos ingleses (séc. XVII). **1629:** administração de Robert Heath, das Bermudas. **1647/48:** William Sayle traz setenta fazendeiros. **1671:** John Wentworth é o primeiro governador. **1717 – 1728:** rebelião contra o gov. Woodes Rogers, debelada pela armada britânica. **1834:** libertação dos escravos. **1959:** instituído o direito de voto. **1963:** primeiro governo eleito pelo povo. **1964:** Lynden Pindling é o 1°-min. **1968/69:** conferência constitucional dá ao território autonomia gradual. **1972:** o Partido Progressista Liberal obtém a maioria. **1973:** independência. **1980:** deportação dos imigrantes em situação irregular. **1983 – 1988:** avolumam-se denúncias de corrupção e atividades ilegais. **1989:** Wilbert Moss, secretário de Pindling, é preso por tentativa de suborno num processo contra traficantes. **1990:** renúncia do min. Erwin

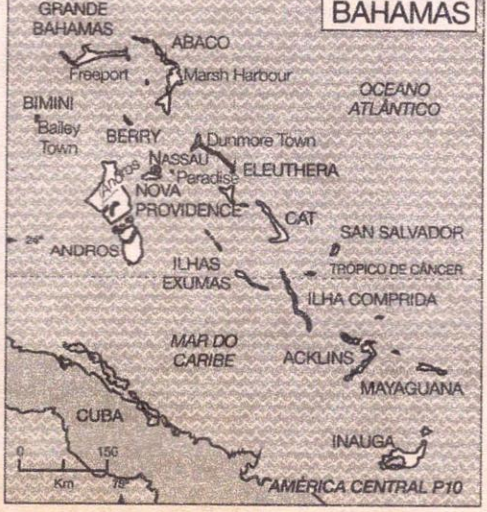
Knowles, da Agricultura, Indústria e Comércio, acusado de roubo de dinheiro público. **1991:** escândalos sucessivos desmoralizam Pindling, que, **em 1992:** é derrotado por Hubert Ingraham, do Movimento Nacional Livre (19/8); este dá início à luta contra as drogas e ao uso do país como centro de "lavagem" de dinheiro, e liberaliza a legislação sobre investimentos estrangeiros.

FATOS DO ANO

Em mai. de 1993, o 1°-min. Hubert Ingraham anuncia a privatização de 49% das estatais de telecomunicações, eletricidade e distribuição de água, como parte do programa que pôs em prática visando a reparar a devastação causada, em 26/8/1992, pelo furacão *Andrews*. A vitória de seu partido, o Movimento Nacional Livre (MNL), sobre o Liberal Progressista (PLP), do ex-1°-min. Lynden Pindling, que ficou no poder 25 anos, deu-lhe condições de enfatizar a privatização da economia e a moralização administrativa. Na abertura do Parlamento, em 3/9/1992, ele anunciou, como parte de seu programa, o fim dos monopólios estatais, a privatização de vários hotéis, a cobrança de impostos nos cassinos e novos incentivos fiscais para as pequenas empresas.

Na mira da CPI – Pindling, por sua vez, renunciou, em nov., à liderança do PLP, mas, a pedido de seus correligionários, decidiu permanecer no cargo. Em dez., o governo anunciou que poderia convocá-lo a depor perante a CPI que investiga a corrupção no país. Enquanto no poder, seus ministros e ele foram várias vezes acusados, em Nassau e nos EUA, de se beneficiar do tráfico de droga e dos esquemas de "lavagem de dinheiro". Mas a sua decisão de colaborar com os EUA na luta antidrogas e a conseqüente diminuição, nos últimos anos, da quantidade de cocaína apreendida no arquipélago fizeram com que essas denúncias fossem deixadas de lado. Ingraham o acusava de negligência fiscal, má administração das finanças públicas e de ter desviado para sua conta pessoal US$ 8 milhões dos cofres públicos.

As acusações são fruto de um levantamento feito nos quatro primeiros meses do novo governo, que enfrentava um déficit fiscal anual de US$ 240 milhões (8,5% do PNB). O turismo, responsável por 54% do PNB e pelo emprego de quase metade da população ativa, vinha sofrendo com a recessão nos EUA e na Europa, seus principais mercados. A atividade bancária decrescia com a concorrência de outros "paraísos fiscais" das proximidades, como as Ilhas Cayman. Com isso, o déficit quase dobrou, de 1990 para 1992, período em que a dívida externa também duplicou. A taxa de desemprego subiu de 12%, em 1989, para mais de 20% em 1992.



À espera de maiores investimentos externos, Ingraham recorreu a um empréstimo complementar do FMI, no valor de US$ 100 milhões (só a expansão do aeroporto internacional de Nassau deverá absorver um quarto dessa quantia); mas descartou mudanças no sistema fiscal, que não taxa importações de grande número de produtos e favorece ativo comércio de artigos de luxo.

Bangladesh

● **NOME OFICIAL:** República Popular de Bangladesh. **Capital:** Daca. **Nacionalidade:** bengalesa. **Hino:** *Minha bengala dourada* (1° verso). **Língua:** bengali (oficial); dialetos tribais. **Religião:** islamismo, 86,6% (oficial); hinduísmo, 12,1%; budismo, 0,6%; cristianismo, 0,3% (católicos e batistas); crenças tribais (minoria). **Datas nacionais:** 26/3 (Independência), 16/2 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Ásia. **Área:** 143.998 km². **Limites:** Índia (N, E, O); Mianmá (SE); golfo de Bengala (S). **Características:** planície entre os rios Ganges e Bramaputra (NO); colinas (SE); campos, florestas e pântanos nas demais regiões. **Ponto mais elevado:** pico Keorvadono (1.230 m). **Clima:** tropical com chuvas de monção. **Rios principais:** Ganges, Bramaputra, Tista, Meghma, Iamuna. **Cidades principais:** Daca (6.105.160 hab.); Chitagong (2.040.663); Kulna (877.388); Rajashahi (517.136) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +9h.

● **POPULAÇÃO:** 110.602.000 (est.1992); **urbana:** 24,4% (1989). **Composição demográfica:** bengaleses, 97,7%; outros, 2,3% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,1% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 42,3%; 15-59: 50,8%; **mais de 60:** 6,9% (1988). **Densidade (hab./km²):** 768,1 (1992). **Natalidade:** 32,8 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 11,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 94 por 1.000 (1990). **Fertilidade (n° de filhos por mulher):** 4,9 (1991). **Vida média homens:** 56,4; **mulheres:** 55,4 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 3,2 mil hab.; **médicos:** 1 por 5,5 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 6,5% do orçamento (1990/91).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 64,7% (1990). **Alunos de 1° e 2° graus:** 14,3 milhões; **professores:** 315,8 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 548,5 mil; **professores:** 16,6 mil (1989/90). **Gastos:** 16,4% do orçamento (1990/91).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 4/11/1972 (8 emendas). **Divisão administrativa:** 4 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Nacionalista, Liga Auami, Jatiya (Nacional), Jamaat-i-Islami, Comunista. **Chefe de Estado:** pres. Abdur Rahman Bisuas (desde 8/10/1991). **Chefe de governo:** 1ª-min. Khaleda Zia (desde 19/9/1991). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 330 membros (300 eleitos por voto direto e 30 mulheres indicadas por estes), para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 36,9%; indústria, 15,7%; comércio, 8,4%; serviços, 39% do PIB (1989/90). **Agricultura:** juta, chá. **Pecuária:** aves, bovinos, ovinos. **Pesca:** 893 mil t (1991). **Indústria:** têxtil, química, fumageira, alimentícia. **Minerais:** gás natural, petróleo, carvão. **Exportações:** US$ 1,5 bilhão; **produtos:** têxteis, juta, peixe e preparados, couro e peles (1990). **Importações:** US$ 3,4 bilhões; **produtos:** combustíveis minerais, têxteis, máquinas industriais, instrumentos elétricos e mecânicos, legumes e verduras (1990). **Parceiros comerciais:** Japão, EUA, Cingapura, Índia, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** padrões britânicos e unidades locais. **Moeda:** taca (dividida em 100 poisha); **cotação para 1 US$:** 39,00 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 22,6 bilhões (1992); **renda per capita:** US$ 200 (1990); **crescimento anual:** 3,7% (1980-1990). **Inflação:** 5% (1993). **Dívida externa:** US$ 12,3 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 30,9 milhões; **distribuição:** agricultura, 57,2%; indústria, 12,1%; comércio, 12,6%; serviços, 18,1%; **mão-de-obra feminina:** 8,2% (1985/86). **Desemprego:** 1,1% (1985/86).

• **DEFESA: Efetivo total:** 106,5 mil (1992); **Exército:** 93 mil; **Marinha:** 7,5 mil; **Força Aérea:** 6 mil; **outros:** 55 mil paramilitares. **Gastos:** 15,3% do orçamento (1990/91).

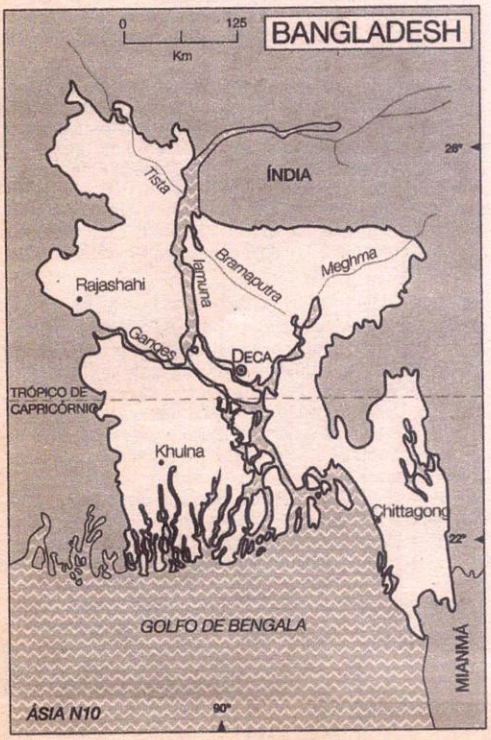
• **TRANSPORTES: Rodovias:** 193,3 mil km; 4% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 94,6 mil; **automóveis:** 41,4 mil (1990). **Ferrovias:** 2,7 mil km (1989/90). **Portos:** Chitagong, Chalna (fluviais); Mongla (marítimo). **Linha aérea:** Biman Bangladesh Airlines (internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 25 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 320 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 519 hab. (1990). **Jornais diários:** 55; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 110 (1990).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS-QL 10, cj. 1, casa 17, CEP 70468-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-4830.

HISTÓRIA

A cultura islâmica, trazida por invasores muçulmanos do reino bengalês de Vangalam (séc. XIII), atinge o apogeu no Império Mongol (1526 – 1857). A região resiste à dominação britânica. **1947:** independência como Paquistão Oriental. **1970:** fechada a Assembléia Nacional após a vitória eleitoral da autonomista Liga Auami. **1971:** proclamação da independência; guerra civil; intervenção da Índia. **1972:** tratados de amizade com a Índia e a URSS; o ingresso na ONU é vetado pela China; reconhecimento dos EUA; nova Constituição. **1973:** primeiras eleições parlamentares. **1974:** inundações arrasam dois terços das áreas cultiváveis. **1975:** ditadura do xeque Mujibur Rahman; instalação do presidencialismo; assassinato de Rahman (ago.), substituído por Abus Sadat Mohamed Sayen. **1976:** reatamento com o Paquistão; o gen. Ziaur Rahman assume plenos poderes. **1977:** forçada a renúncia de Sayen. **1979:** suspensa a lei marcial em vigor desde 1975; acordos de paz com a Índia. **1981:** o 1º-min. Azizur Rahman é assassinado; assume o vice, Abdus Sattar. **1982:** golpe do gen. Mohamed Ershad. **1983/84:** adiadas duas vezes as eleições. **1985:** protestos da oposição; fechamento das universidades, toque de recolher, reabertura dos tribunais especiais, proibição dos partidos; confirmação de Ershad no cargo após plebiscito (21/3); criação das *upazillas*, conselhos regionais. **1986:** vitória eleitoral de Ershad (15/10). **1987:** greve geral exige sua renúncia; repressão e fechamento do Parlamento. **1988:** a oposição boicota as eleições (3/3), vencidas pela Frente Jatiya; o islamismo é a religião oficial do Estado (7/6); os fundamentalistas do *Jamaat-i-Islami* rompem com a oposição e apóiam o governo. **1989:** nova legislação permite ao presidente reeleger-se apenas uma vez (jul.). **1990:** protestos da oposição; estado de emergência (27/11), suspensão dos direitos políticos e da liberdade de imprensa; cresce a tensão e Ershad renuncia (3/12); Shahabudin Ahmed, pres. da Suprema Corte, é o chefe do governo de transição (5/12); Ershad é preso (12/12). **1991:** nas urnas, o Partido Nacional de Bangladesh (PNB), de Khaleda Zia, viúva de Ziaur Rahman, obtém 140 cadeiras; Ershad é condenado a dez anos de prisão (12/6); restauração do parlamentarismo; ratificação de Shahabudin como pres. provisório; expurgo dos nomeados por Ershad (6/8); o PNB tem maioria nas eleições complementares (11/9); Khaleda é a chefe do governo (19/9); eleição do pres. do Parlamento, Abdur Rahman Bisuas, para a Pres. da República (8/10). **1992:** anistia beneficia 6 mil pessoas (15/3); chegam a 200 mil os refugiados muçulmanos *rohingya* perseguidos no vizinho Mianmá (mar.).



FATOS DO ANO

O país tem conseguido cumprir as metas fixadas pelo plano de saneamento de suas finanças, aplicado sob supervisão do Banco Mundial e do FMI: em 1993, a inflação cai para 5%, contra os 25% do ano anterior; a emissão de dinheiro diminui em 14%, em parte devido à redução de empréstimos ao setor privado; gastos governamentais são cortados, o déficit operacional é menor e as reservas em moeda estrangeira atingem um nível histórico: US$ 2 bilhões (embora grande parte do dinheiro venha de doações estrangeiras). A arrecadação de impostos tem um crescimento líquido de 10%, devido à melhor administração da receita. Na agricultura, acabam os subsídios aos fertilizantes, e as empresas que os distribuíam são privatizadas. Apesar dos prejuízos de US$ 2 milhões trazidos pelo ciclone de mai. de 1991, que matou 139 mil pessoas, o país consegue, em 1991–1993, três grandes safras, o que aumenta a produção de alimentos e dá a auto-suficiência em arroz. É liberada também a entrada de capitais estrangeiros, podendo o investidor possuir 100% do capital das empresas em qualquer setor produtivo.

O déficit da balança comercial, de US$ 1,399 milhão em 1991, é revertido com o aumento das exportações: dados do FMI apontam para um superávit de US$ 49,8 milhões na balança de 1993. A indústria têxtil é um dos setores que mais cresceram, superando inclusive, na pauta de exportações, a juta, tradicional produto bengalês. O problema mais sério, segundo o FMI, ainda é o programa de privatização, que não avança, embora, desde 1991, 42 empresas públicas tenham sido anunciadas como privatizáveis. O min. das Finanças, Saifur Rahman, tem enfrentado a oposição de centrais sindicais e trabalhadores principalmente das indústrias da juta, têxtil e ferroviária, temerosos do desemprego que a privatização possa trazer. *Hartals* (greves gerais) têm sido comuns, exigindo a criação de um salário mínimo no país.

Processo irresolvido – No plano político, a principal fonte de problemas, para o governo, tem sido o "caso Azam". A oposicionista Liga Auami (LA) exige a punição de Golam Azam, líder do grupo islâmico *Jamaat-i-Islami* – que apoiou o *Bangladesh Jatyatabadi Dal* (Partido Nacional de Bangladesh), da 1ª-min. Khaleda Zia, nas eleições de 27/2/1991 – e que é acusado, desde o início de 1992, de ter colaborado com o Paquistão, em 1971, durante a guerra de independência. As pressões da LA no *Jatiya Sangsad* (Parlamento) tinham feito com que, em

jun. de 1992, as autoridades aceitassem apresentar acusações contra ele; mas o fizeram através de procedimentos judiciários morosos, que adiaram o problema. Em ago., Khaleda escapou, por 162 votos contra 122, de uma moção de desconfiança apresentada, no Parlamento, pela LA, que a acusava de não manter a ordem no país, em especial no que se referia aos distúrbios na área universitária. No entanto, medidas antiterrorismo introduzidas em nov. foram criticadas pela LA, que as considerou demasiado severas e antidemocráticas. Nesse mesmo mês, uma greve geral de seis horas foi convocada pelo comitê nacional de oposição, exigindo que Azam fosse julgado. Para não passar uma imagem de parcialidade, o governo concordou em que ele fosse detido, mas, até o final de 1993, não havia indício de que o julgamento estivesse próximo.

A autonomia limitada oferecida ao Chitagong em 1989 é considerada insuficiente pela guerrilha *Shanti Bahini*, da minoria budista que habita essa região montanhosa, na fronteira com a Índia e o Mianmá; e que, por isso, prossegue na luta contra as autoridades de Daca. Essa questão e a da construção da barragem de Farrakka, no trecho indiano do rio Ganges – que priva o país de água para irrigação e transporte fluvial, na estação seca, e provoca inundações incontroláveis durante a cheia –, têm tornado muito tensas as relações com Nova Délhi. Além disso, há o problema da repatriação dos refugiados: a dos 250 mil muçulmanos *bihari*, que apoiaram o Paquistão em 1971, só começou em 1992. E, em jun. desse ano, chegou a 270 mil o número de muçulmanos *rohingya* fugidos do Mianmá, majoritariamente budista, onde são perseguidos. Os acordos de repatriação firmados entre os dois países durante 1992 foram incapazes de reverter o fluxo de fugitivos.

Barbados

● **NOME OFICIAL:** Barbados. **Capital:** Bridgetown. **Nacionalidade:** barbadiana. **Hino:** *Na fartura e no tempo da necessidade* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo (anglicanos, 39,7%; pentecostais, 7,6%; metodistas, 7,1%; católicos, 4,4%); judaísmo, hinduísmo, islamismo (minorias). **Data nacional:** 30/11 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América Central. **Área:** 430 km². **Limites:** oceano Atlântico. **Características:** relevo plano; encostas suaves (O); planalto (centro). **Ponto mais elevado:** monte Hillaby (340 m). **Clima:** tropical. **Rio principal:** Constitution. **Cidade principal:** Bridgetown (6.070 hab.) (zona urbana 97.517 hab.) (1991); a ausência de centros bem delimitados não permite a identificação de outras cidades. **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 259.000 (est.1992); **urbana:** 37,9% (1990). **Composição demográfica:** negros, 80%; mestiços, 16%; brancos, 4% (1988). **Crescimento demográfico:** 0,8% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 24,1%; 15-59: 60,5%; **mais de 60:** 15,4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 602,3 (1992). **Natalidade:** 16,4 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 8,8 por 1.000; **mortalidade infantil:** 11,8 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,8 (1990). **Vida média homens:** 72,9; **mulheres:** 77,9 (1990 – 1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 121 hab. (1987); **médicos:** 1 por 1 mil hab. (1986). **Gastos com saúde:** 11,9% do orçamento (1989/90).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 2% (1985). **Alunos de 1º e 2º graus:** 50,8 mil; **professores:** 3 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 1,3 mil; **professores:** 153 (1989/90). **Gastos:** 18,6% do orçamento (1989/90).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 30/11/1966. **Divisão administrativa:** 11 paróquias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrático Trabalhista, Trabalhista. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, representada pela gov.-geral Nita Barrow (desde 6/6/1990). **Chefe de governo:** 1º-min. Lloyd Erskine Sandiford (desde dez./1992). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 21 membros (12 indicados pelo 1º-min., 2 pelo líder da oposição, 7 pelo gov.-geral), e Câmara dos Representantes, com 28 membros eleitos por voto direto, ambos para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 4,8%; indústria, 14,5%; mineração, 0,6%; comércio e serviços (turismo, principal), 80,1% do PIB (1991). **Agricultura:** cana-de-açúcar, algodão, batata-doce, cenoura, mandioca, legumes, verduras e frutas. **Pecuária:** ovinos, suínos, caprinos. **Pesca:** 2,6 mil t (1990). **Indústria:** refino de petróleo, química, móveis, açucareira, alimentícia, plástica, borracha, bebidas, tabaco. **Minerais:** gás natural, petróleo. **Exportações:** US$ 204,7 milhões; **produtos:** açúcar, algodão, melaço, rum (1991). **Importações:** US$ 694,1 milhões; **produtos:** máquinas industriais, equipamentos de transporte, manufaturas básicas (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, países membros do CARICOM (Trinidad e Tobago, principal). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dólar barbadiano (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 2,01 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 6.540 (1990); **crescimento anual:** 1,7% (1980–1990). **Inflação:** 6,2% (1991). **Dívida externa:** US$ 506 milhões (1991). **Força de trabalho:** 122,5 mil; **distribuição:** agricultura, 5,4%; indústria, 20,1%; comércio e serviços, 71,9%; outros, 2,6% (1990); **mão-de-obra feminina:** 57,4% (1991). **Desemprego:** 17,2% (1991).

● **DEFESA:** 154 (guarda marinha e costeira) (1989). **Gastos:** 1,9% do orçamento (1989/90).

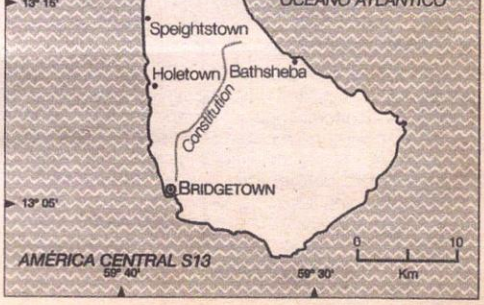
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 1,6 mil km; 95% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 47,5 mil; **automóveis:** 38,8 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Bridgetown. **Linha aérea:** EC Air (vôos regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 4; **receptores:** 1 por 1,3 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 3,7 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 2,4 hab. (1989). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 160 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Quinta Cantaralia, Primavera Avenida, nº 10, Campo Alegre, Caracas – Venezuela; tel. (0058-2) 951-5501.

HISTÓRIA

Ex-hábitat de arauaques e caraíbas, a ilha estava deserta ao chegarem os ingleses (1627) trazendo escravos negros para as lavouras de cana-de-açúcar. **1834:** abolição da escravatura. **1954:** independência; o trabalhista Tom Adams é o 1º-min. **1976:** Adams derrota Earl Barrow, do PDT, e volta ao poder. **1983:** apoio à intervenção americana em Granada. **1985:** Adams morre (11/3); o vice, Bernard St. John, assume. **1986:** vitória trabalhista



nas eleições (28/5); Barrow volta ao poder. **1987:** Barrow morre (2/6); o vice, Erskine Sandiford, assume. **1991:** o PDT, de Sandiford, obtém 49% dos votos (22/1); seu partido divide-se; surge nova legenda de oposição, o Partido Nacional Democrático; distúrbios causados pelo corte de 8% no salário dos funcionários públicos (set.-out.); greve geral dos sindicatos e empresariado pela renúncia de Sandiford (nov.), mas este mantém a política de austeridade. **1992:** em troca de um empréstimo de US$ 64,9 milhões, do FMI, Sandiford reduz os salários do funcionalismo, aumenta as taxas de juros, corta benefícios sociais e privatiza estatais dos setores de cimento, petróleo e turismo; renúncia, em protesto, do min. das Finanças, Harold Blackman (abr.), substituído por David Thompson, que obtém do Parlamento (jul.) aprovação para uma reforma fiscal que elimina subsídios e descontos no imposto de renda para as pessoas físicas; os protestos da população o fazem renunciar (nov.) e Sandiford acumula a pasta das Finanças, adotando medidas que visam a incentivar a exploração de gás e petróleo, implantar indústrias leves e de petróleo e transformar o país num centro financeiro.

Barein

● **NOME OFICIAL:** Estado de Barein. **Capital:** Manama. **Nacionalidade:** barenita. **Hino:** Nacional (sem letra). **Língua:** árabe (oficial); inglês. **Religião:** islamismo, 85% (xiitas, 59,5%; sunitas 25,5%); cristianismo, 7,3% (anglicanos, maioria). **Data nacional:** 16/12 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da Ásia. **Área:** 693.150 km². **Limites:** golfo Pérsico. **Características:** arquipélago formado pela ilha de Barein e 30 ilhotas (al-Muharraq, Sitra, Umm Nassam, principais); região plana e arenosa; colinas (centro); faixa fértil irrigada por poços artesianos (N e NE). **Clima:** árido tropical. **Rios principais:** não há rios perenes. **Cidades principais:** Manama (151.500 hab.); al-Muharraq (78.000) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 531.000 (est.1992); **urbana:** 83% (1990). **Composição demográfica:** barenitas, 66,3%; estrangeiros, 33,7% (1988). **Crescimento demográfico:** 3,4% (1993). **Faixas etárias:** 0-14: 32,7%; 15-59: 64,2%; mais de 60: 3,1% (1990). **Densidade (hab./km²):** 766,9 (1992). **Natalidade:** 27,9 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 3,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 17 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,7 (1990). **Vida média homens:** 71; **mulheres:** 76 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 328 hab.; **médicos:** 1 por 713 hab. (1987). **Gastos com saúde:** 7,7% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 22,6% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 106,7 mil; **professores:** 5,9 mil (1987/88). **Alunos no ensino superior:** 5,5 mil; **professores:** 539 (1987/88). **Gastos:** 14,5% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 6/12/1973. **Divisão administrativa:** 10 cidades (Hammad e Madinat Isa com estatutos especiais) e 1 arquipélago. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado:** emir xeque Issa ben Sulman al-Khalifa (desde 16/8/1971). **Chefe de governo:** 1º-min. xeque Khalifa ben Sulman al-Khalifa (desde 19/11/1970). **Legislativo:** fechado desde ago.1975.

● **ECONOMIA:** agricultura, 1,2%; indústria, 26,4%; mineração, 17,5%; comércio, 10,2%; serviços, 44,7% do PIB (1989). **Agricultura:** tomate, melão, tâmara. **Pecuária:** caprinos, bovinos, ovinos, aves. **Pesca:** 8,3 mil t (1990). **Indústria:** petrolífera, metalúrgica, siderúrgica, naval, química. **Minerais:** petróleo, gás natural. **Exportações:** US$ 3,5 milhões; **produtos:** petróleo e derivados, alumínio (1991). **Importações:** US$ 4,1 milhões; **produtos:** petróleo bruto, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, Austrália, Japão, Arábia Saudita, Iraque, Catar. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dinar (dividido em 1.000 fils); **cotação para 1 US$:** 376,00 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 3,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 6.380 (1989); **crescimento anual:** -0,1% (1980-89). **Inflação:** 0,8% (1991). **Dívida externa:** US$ 1,2 bilhão (1989). **Força de trabalho:** 192,9 mil (1988); **distribuição:** agricultura, 2%; indústria, 34,4%; comércio, 13,5%; serviços, 50,1% (1986); **mão-de-obra feminina:** 13,7% (1988). **Desemprego:** 10% (1988).

● **DEFESA: Efetivo total:** 6,15 mil (1992); **Exército:** 5 mil; **Marinha:** 500; **Força Aérea:** 650. **Gastos:** 14,1% do orçamento (1992).

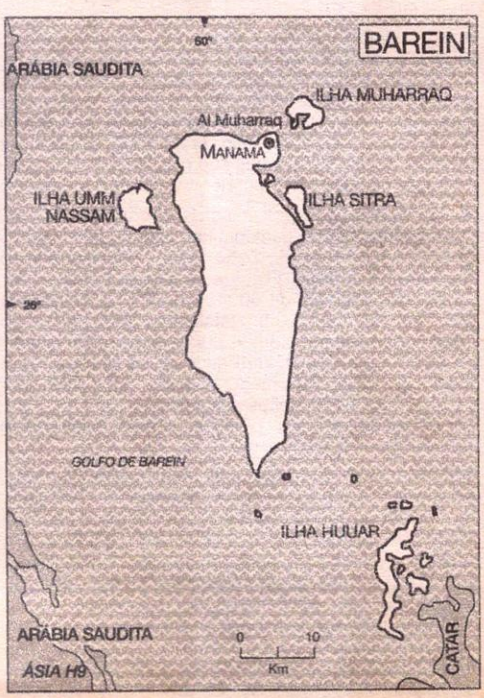
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 2,6 mil km; 75% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 98 mil; **automóveis:** 90 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Mina, Sulman. **Linha aérea:** Gulf Air (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 2,1 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 2,8 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,5 hab. (1989). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 116 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 2 United Nations Plaza, 25th Floor, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 223-6200.

HISTÓRIA

Ocupada por portugueses (1500), persas e omanis, tornou-se, em 1782, sede da dinastia Califa, fundada por árabes atabi do continente. **1820:** protetorado britânico, para impedir a anexação pelo Irã. **1932:** início da exploração petrolífera. **1942–1961:** reinado de Sulman bin Hamad al-Khalifa; expansão da assistência social. **1971:** independência (14/8). **1972:** eleição da Assembléia Constituinte. **1973:** nova Constituição; eleita a Assembléia Nacional. **1981:** criação do Conselho de Cooperação Regional do Golfo Pérsico; fracassa golpe de Estado. **1989:** protestos contra a construção da ponte Barein–Arábia Saudita. **1990:** apoio aos EUA contra o Iraque. **1991:** autorizada a instalação de empresas controladas por estrangeiros (2/7); contestada a reivindicação do Catar sobre as ilhas Hauar (8/7).



FATOS DO ANO

Durante 1993, o emirado se empenha em atrair investimentos estrangeiros – já desde ago. de 1991 tinha sido permitida a instalação no país de empresas totalmente controladas por capital externo – e em superar as disputas econômicas entre os países integrantes do Conselho do Golfo, de modo a estimular a assinatura de acordos de cooperação entre eles. Ao longo de 1993, fazem-se também campanhas sistemáticas de exploração do turismo, que se torna de novo atraente, uma vez superada a fase crítica da Guerra do Golfo: o país conta com moderna infra-estrutura, bons serviços e com a vantagem de, ao contrário das demais nações árabes, não proibir a venda de bebidas alcoólicas.

Fazendo concessões – Todas essas medidas são o resultado de pressões feitas pelo povo, descontente com a crise econômica que se seguiu à Guerra do Golfo: queda de 7,3% na receita proveniente das exportações; aumento do déficit público, que já é de 9% do PIB, devido à perda dos créditos externos, que vinham da Arábia Saudita e do Kuweit; fuga de capitais da ordem de US$ 51 bilhões; e crescimento do desemprego, que é, oficialmente, de 6,4%, embora, oficiosamente, se avalie que já passe dos 20%, o que é agravado pela taxa anual de 3,4% de crescimento demográfico.

Essas dificuldades econômicas levaram também o emir Sheikh Issa ben Sulman al-Khalifa a fazer concessões políticas: a criação, em 20/12/1992, de um conselho consultivo de trinta membros, com mandato renovável de quatro anos, encarregado de assessorá-lo na elaboração das leis e dos projetos econômicos e culturais, representou um considerável gesto de abertura num país onde, até bem pouco tempo, a família real não tolerava nenhuma forma de liberalidade.

Bélgica

• **NOME OFICIAL:** Reino da Bélgica. **Capital:** Bruxelas. **Nacionalidade:** belga. **Hino:** Canção de Brabante (título). **Língua:** holandês (N), francês (S), alemão, flamengo (Bruxelas) (oficiais). **Religião:** cristianismo (católicos, 96%; protestantes); judaísmo; islamismo (minoria). **Data nacional:** 21/7 (Independência).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-norte da Europa. **Área:** 30.519 km². **Limites:** Holanda (N); Alemanha (NE e L); Luxemburgo (SE); França (S e O); mar do Norte (NO). **Características:** terrenos baixos (80% do território); planície costeira com dunas; planícies inundáveis protegidas por diques e canais de drenagem (região do estuário do rio Escalda, NE); planalto com altitude de 600 a 700 m (interior, S); maciço das Ardenas (SE). **Ponto mais elevado:** monte Signal de Botrange (694 m). **Clima:** temperado oceânico. **Rios principais:** Sheldt, Meuse. **Cidades principais:** Bruxelas (136.424 hab.) (área metropolitana, 954.045); Antuérpia (467.518); Gand (230.246); Charleroi (206.214); Liège (194.596) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

• **POPULAÇÃO:** 10.021.000 (est.1992); **urbana:** 96,6% (1991). **Composição demográfica:** holandeses, 58,5%; franceses, 33,6%; italianos e alemães (minorias) (1987). **Crescimento demográfico:** 0,2% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 18,1%; 15-59: 61,2%; mais de 60: 20,7% (1991). **Densidade** (hab./km²): 328,3 (1992). **Natalidade:** 12,4 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 10,5 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 6,9 por 1.000 (1988 – 1990). **Fertilidade** (nº de filhos por mulher): 1,6 (1985 – 1990). **Vida média homens:** 72,4; **mulheres:** 79,1 (1988 – 1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 108 hab. (1988); **médicos:** 1 por 298 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 1,7% do orçamento (1988).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** insignificante. **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,7 milhão (1989/90); **professores:** 200,2 mil (1987/88). **Alunos no ensino superior:** 108,4 mil; **professores:** 10,5 mil (1989/90). **Gastos:** 15,1% do orçamento (1989).

• **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 1831 (2 revisões). **Divisão administrativa:** 9 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Social Cristão, Socialista de Flandres, Liberal, Reformista Liberal. **Chefe de Estado:** rei Alberto II (desde 9/8/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. Jean-Luc Dehaene (desde nov./1992). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 182 membros (106 eleitos por voto direto, 50 por conselhos provinciais, 25 indicados pelo senadores eleitos e 1 representante da família real) e Câmara dos Representantes, com 212 membros eleitos por voto direto, ambos para mandatos de 4 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 1,9%; indústria, 31%; mineração, 0,3%; comércio e serviços, 66,8% do PIB (1990). **Agricultura:** beterraba, cereais, batata. **Pecuária:** aves, suínos, bovinos. **Pesca:** 30 mil t (1990). **Indústria:** metalúrgica, siderúrgica, alimentícia, construção, têxtil, processamento de matérias-primas (plásticos e químicos), lapidação de diamantes. **Mineral:** carvão. **Exportações:** US$ 117,8 bilhões; **produtos:** manufaturas básicas (diamantes, ferro e aço, principais), máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos e derivados, alimentos e animais vivos (1991). **Importações:** US$ 120,6 bilhões; **produtos:** matérias-primas, petróleo e gás natural, alimentos, animais vivos, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1991). **Parceiros comerciais:** Alemanha, França, Holanda. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco belga (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 26,20 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 154,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 15.440 (1990); **crescimento anual:** 1,4% (1980–1990). **Inflação:** 2,3% (1992). **Força de trabalho:** 4,1 milhões; **distribuição:** agricultura, 2,5%; indústria, 25,2%; comércio, 16,5%; serviços, 45,4%; outros, 10,4%; **mão-de-obra feminina:** 41,2% (1989). **Desemprego:** 9,3% (1989).

• **DEFESA: Efetivo total:** 80,7 mil (1992); **Exército:** 54 mil; **Marinha:** 4,4 mil; **Força Aérea:** 22,3 mil. **Gastos:** 0,6% do orçamento (1991).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 128,3 mil km; 96% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 4,6 milhões; **automóveis:** 4 milhões (1991). **Ferrovias:** 3,5 mil km (1990). **Portos:** Antuérpia, Zeebruge, Bruxelas, Ostend, Ghent, Liège. **Linhas aéreas:** SABENA, Delta Air Transport (vôos internacionais e domésticos); Sobelair, Trans European Airways (charters).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 2,2 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 5; **receptores:** 1 por 2,4 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,9 hab. (1990). **Jornais diários:** 35; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 316 (1990).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 32, CEP 70422-900, Brasília, DF; tel. (061) 243-1133.

HISTÓRIA

Conquistados por Júlio César (50 a.C.) e Carlos Magno (séc. VIII), os Países Baixos (Bélgica, Holanda e Luxemburgo) foram dominados pela Borgonha (séc. XV) e pela Áustria e Espanha, contra as quais se rebelou no séc. XVI; os holandeses se emanciparam mas os belgas ficaram sob jugo espanhol até o séc. XVIII. **1713:** cedida à Áustria, pelo Tratado de Utrecht, no fim da Guerra da Sucessão Espanhola. **1792 – 1797:** ocupação francesa, pelo Tratado de Campofórmio. **1815:** anexação holandesa, pelo Tratado de Paris. **1830 – 1839:** revolução; independência; França e Grã-Bretanha forçam a Holanda a reconhecê-la; Leopoldo de Saxe-Coburgo-Gotha é coroado. **1885 – 1908:** Leopoldo II coroa-se rei do Congo; a desordem administrativa força-o a entregar a colônia aos belgas. **1914 – 1918:** ocupação alemã na I Guerra. **1940:** rendição à Alemanha; governo no exílio em Londres. **1950/51:** a oposição de esquerda a Leopoldo III força-o a renunciar em favor de seu filho Balduíno. **1960:** independência

do Congo Belga (30/6). **1970:** autonomia regional para valões e flamengos. **1980:** o Parlamento aprova a autonomia regional (9/8). **1984 – 1986:** greves e protestos contra a política econômica do 1º-min. Wilfried Martens. **1987:** conflito valões/flamengos provoca a renúncia de Martens; os socialistas, mesmo sem maioria absoluta, tornam-se a maior força política. **1988:** Martens forma seu 8º gabinete desde 1979 (8/5). **1989:** proclamado o Estado federal, com autonomia relativa para a Valônia e Flandres; o governo central responderá por defesa, segurança social, política monetária e relações exteriores. **1990:** para não assinar a legalização do aborto, Balduíno aceita ser declarado, por um dia, incapacitado para as suas funções (29/3). **1991:** opondo-se à decisão de vender armas ao Oriente Médio, o nacionalista *Volksunie* deixa o governo (set.), provocando a queda do 1º-min. Martens (4/10); o "voto de protesto", nas eleições antecipadas de 24/11, beneficia os ecologistas e a extrema direita do *Vlaams Blok*, separatista e racista. **1992:** Jean-Luc Dehaene, do Partido Cristão Social, forma governo; aprovação do Tratado de Maastricht (17/7).

FATOS DO ANO

Em 14/7/1993, o Parlamento aprova definitivamente a medida que vem sendo preparada pelas revisões constitucionais de 1970, 1980 e 1988 e, em 6/2, tinha sido convertida em lei pela Câmara Baixa: a mudança no artigo 1º da Constituição, que transforma o país em um Estado federal. Ao governo central caberá definir as grandes linhas da política externa, defesa, finanças e justiça. Nas decisões que envolvem agricultura, ciência e tecnologia, comércio exterior e cultura, grande autonomia é conferida à Valônia, Flandres e à comunidade de fala alemã.

Demissão recusada – O novo status, entretanto, está longe de trazer o equilíbrio desejado pelo 1º-min. Jean-Luc Dehaene, chefe da coalizão social-cristãos/socialistas, no poder desde o ano anterior. A crise econômica atravessada por um país que deixa para trás, a passos largos, a fase de crescimento não-inflacionário de 1988–1990 é a principal responsável pelo agravamento das tensões políticas. Em 23/3, véspera de a Bélgica assumir a presidência rotativa da CEE, ao ver recusadas as suas propostas de corte orçamentário, Dehaene apresenta sua demissão ao rei Balduíno. Em vez de aceitá-la, este lhe pede que seja o mediador das conversações entre os partidos da coalizão, visando a encontrar uma fórmula que equacione a dívida interna belga, de 7,9% do PIB no final de 1992, com as exigências do Tratado de Maastricht para a unificação econômica e monetária européia.

A economia belga, tradicionalmente orientada para a alta produtividade e a exportação, depende muito da flutuação de preços no mercado internacional e sofre com o processo recessivo por que passam seus principais parceiros comerciais, Alemanha, França e Holanda.

Isso fez com que a média de crescimento de 4% (1988–1990) caísse para 0,8% em 1992, com previsão de 0,7% para o final de 1993. O índice de investimentos baixou de 15% (1990) para 2% (1993) e o número de falências foi de 3.079 (jan.–jun./1993), 35% a mais do que no mesmo período de 1991. Junte-se a isso o desemprego que, de 9,3% em 1991, saltou para 11,9% em 1993, num país onde ainda existe a indexação automática de salários (a OECD calcula que, até 1994, os salários belgas terão aumentado em média 38% desde 1988, contra 30% na França e 28% na Holanda).

Motivo suplementar de tensão, para o qual o federalismo não parece trazer alívio, é o desenvolvimento de Flandres, prestes a voltar a ocupar, no plano europeu, o papel de predomínio comercial que exerceu nos séc. XVI-XVII, enquanto a indústria da Valônia está em pleno declínio. O aumento da importância de Antuérpia como capital econômica e cultural da Bélgica faz aumentarem as reivindicações separatistas e dificulta o diálogo entre as comunidades: os flamengos alegam não poder mais "carregar os valões nas costas". Embora, em 25/4/1993, haja em Bruxelas uma grande manifestação pela unidade nacional, resultados eleitorais como os 10,4% obtidos em 1991 pelos extremistas de direita do *Vlaams Blok* demonstram que o discurso separatista é cada vez mais forte do lado flamengo.

A morte do rei – O medo da desestabilização aumenta, em 31/7, quando o rei Balduíno, cujo prestígio pessoal era uma garantia da unidade, morre subitamente, de um enfarte, perto de Granada, na Espanha, onde passava as férias. O sucessor, seu irmão Alberto, escolhido pelo Parlamento em 1º/8, embora sem o mesmo carisma, é um diplomata experiente, com bom trânsito entre empresários e políticos e, como Balduíno, prefere manter-se à margem das agitações da corte. A cerimônia do juramento de Alberto II, diante do Parlamento, em 9/8, é perturbada por um deputado flamengo que grita "Viva a República! Viva Lahaut!" – o nome de um deputado comunista assassinado, em 1951, uma semana depois de, durante a coroação de Balduíno, ter também gritado "Viva a República!" Em seu discurso, Alberto II pede ao povo o mais estrito respeito à Constituição. Fica também decidido que o título de rainha da Bélgica – estendido à princesa Paola Ruffo di Calabria, com quem Alberto tem três filhos – não será retirado de Fabíola, a viúva de Balduíno.

Belize

● **NOME OFICIAL:** Belize. **Capital:** Belmopan. **Nacionalidade:** belizenha. **Hino:** *Terra dos deuses* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); crioulo de matiz inglês, espanhol; garifuna, maia, quéchua e dialeto alemão (minorias). **Religião:** cristianismo (católicos, 62,2%; anglicanos, 12%; metodistas, 6%; menonistas, 4%; adventistas do sétimo dia, 3%; petencostais, 2%); hinduísmo, judaísmo, islamismo (bahaístas) (minorias). **Datas nacionais:** 10/9 (Pátria), 21/0 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da América Central. **Área:** 22.965 km². **Limites:** México (N); mar das Antilhas (L e SE); Guatemala (O). **Características:** recifes e barreiras de coral (litoral); território baixo e pantanoso elevando-se no interior; montanhas (O). **Ponto mais elevado:** pico Vitória (1.122 m). **Clima:** tropical chuvoso. **Rios principais:** Belize, Mópan, Hondo. **Cidades principais:** Cidade de Belize (43.600 hab.); Orange Walk (10.400); San Ignacio/Santa Helena (8.000); Corozal (7.300); Belmopan (5.300) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -3h.

● **POPULAÇÃO:** 196.000 (est.1992); **urbana:** 51,6% (1990). **Composição demográfica:** crioulos, 39,7%; mestiços, 33,1%; índios maias, 9,5%; garífunas, 7,6%; brancos, 4,2%; asiáticos, 2,1%; outros, 3,8% (1980). **Crescimento demográfico:** 3,3% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 44,6%; **15-59:** 47,8%; **mais de 60:** 7,6% (1989). **Densidade (hab./km²):** 8,5 (1992). **Natalidade:** 38,1 por 1.000

(1990). **Mortalidade:** 5 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 35 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,7 (1991). **Vida média homens:** 67; **mulheres:** 72 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 309 hab.; **médicos:** 1 por 1,5 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 7,9% do orçamento (1990/91).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 7% (1991). **Alunos de 1º e 2º graus:** 52,5 mil; **professores:** 2,3 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 1,7 mil (1990/91); **professores:** 37 (1988/89). **Gastos:** 16,5% do orçamento (1990/91).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 21/9/1981. **Divisão administrativa:** 6 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Unido do Povo, União Democrata. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, representada pela gov.-geral Elmira Minita Gordon (desde 21/9/1981). **Chefe de governo:** 1º-min. George Price (reeleito em set./1989). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 8 membros indicados pelo gov.-geral, e Câmara dos Representantes, com 28 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 22,8%; indústria, 23,7%; mineração, 0,7%; comércio e serviços, 52,8% do PIB (1990). **Agricultura:** cana-de-açúcar, frutas cítricas, banana, arroz, milho. **Pecuária:** bovinos, suínos, eqüinos, aves. **Pesca:** 1,5 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia (açúcar, melaço, rum, farinha, principais); vestuário. **Mineral:** petróleo. **Exportações:** US$ 104,6 milhões; **produtos:** agrícolas (açúcar e banana); reexportações (1990). **Importações:** US$ 211,2 milhões; **produtos:** equipamentos industriais e de transporte, combustíveis (petróleo, principal); químicos (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, México, Holanda, Aruba e Antilhas Holandesas. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar de Belize (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 2,00 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 373 milhões; **renda per capita:** US$ 1.970 (1990); **crescimento anual:** 5,3% (1980–1990). **Inflação:** 5,6% (1991). **Dívida externa:** US$ 143 milhões (1991). **Força de trabalho:** 47,3 mil; **distribuição:** agricultura, 27,6%; indústria, 14,6%; comércio e serviços, 43,8%; outros, 14% (1983/84); **mão-de-obra feminina:** 32,5% (1980).

● **DEFESA: Efetivo total:** 660 (1992); **Exército:** 595; **Marinha:** 50; **Força Aérea:** 15. **Gastos:** 9,7% do orçamento (1990/91).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 2,6 mil km; 13% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 13,4 mil; **automóveis:** 11 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Belize, Commerce Bight, Big Creek. **Linhas aéreas:** Tropic Air (vôos internacionais); Maya Airways (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 1,9 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 16 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 12 hab. (1990). Jornais: 4 semanários (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 820 2nd Ave., Suite 922, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 599-0233.

HISTÓRIA

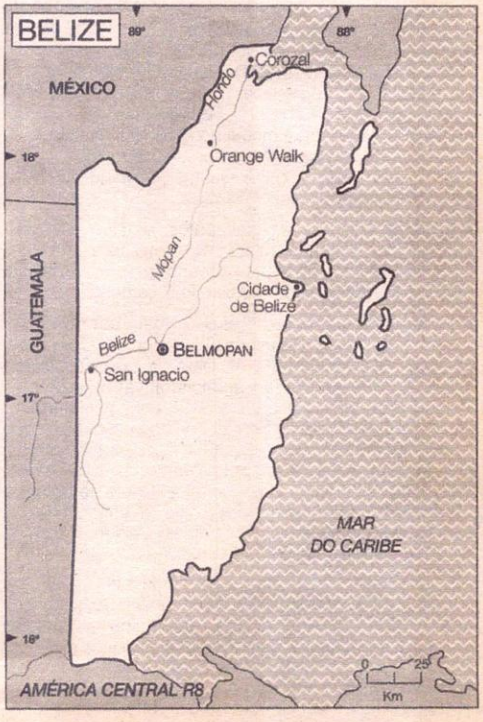
Foco pré-colombiano da cultura maia, visitado pelos europeus em 1502; as aldeias construídas por náufragos ingleses (1638) são atacadas por piratas, índios kakchi, descendentes dos maias e aventureiros espanhóis. **1798:** derrota dos espanhóis na batalha de St. Georges Cay consolida o domínio inglês. **1859:** a Guatemala denuncia a linha da fronteira, apesar do acordo com os ingleses. **1862:** criação das Honduras Britânicas. **1964:** autonomia administrativa (7/1). **1968:** Grã-Bretanha e Guatemala rejeitam a tentativa de mediação dos EUA. **1973:** adoção do nome Belize. **1975:** ameaça de invasão guatemalteca; a ONU reconhece o direito à autodeterminação. **1977:** envio de reforços britânicos. **1981:** ruptura da Guatemala com a Grã-Bretanha; independência (21/9). **1982/83:** impasse nas negociações. **1984:** após trinta anos no poder, George Price (PUP) perde as eleições para Manuel Esquivel (PDU). **1987:** reabertas as negociações com a Guatemala. **1989:** Price volta ao poder; reatamento com a Espanha e Formosa e conseqüente ruptura com a China. **1990:** o compromisso belizenho de reduzir seu mar territorial facilita as negociações com a Guatemala. **1991:** a Guatemala reconhece a soberania do país (set.); acordo entre o governista PUP e o oposicionista PDU cria a Zona Econômica Exclusiva, para pesca em águas profundas, fora do mar territorial.

FATOS DO ANO

Dois fatores concorrem para a derrota do 1º-min. George Price, do Partido Unido do Povo (PUP), nas eleições de 30/6/1993: a revelação do censo de 1992 de que a população mestiça, de fala espanhola, superou a crioula anglófona, que, ao lado dos descendentes de índios e europeus, sempre dominara o país; e a queda, na vizinha Guatemala, do pres. Jorge Serrano, que, em set. de 1991, assinara acordo com Price reconhecendo a soberania belizenha em troca de o país conceder aos guatemaltecos acesso ao golfo de Honduras, no mar do Caribe – o que reduziria o seu mar territorial. Horas depois do afastamento de Serrano, em 1º/6/1993, Price antecipa em quinze meses as eleições gerais, contando com nova vitória do PUP para ratificar as diretrizes de seu governo.

Desrespeito ao acordo? – Mas os oposicionistas do Partido Democrático Unido (PDU), de Manuel Esquivel, representantes da maioria mestiça, temem que o acordo com a Guatemala seja desrespeitado pelo novo governo daquele país, pondo em risco a segurança de Belize, garantida por uma guarnição britânica de apenas 1.800 homens. Para Esquivel, as concessões de Price à Guatemala só terão validade se referendadas pela população. Com base nesse argumento, conquista quinze das 29 cadeiras no Parlamento e torna-se o 1º-ministro.

Além dos 40 mil refugiados salvadorenhos, guatemaltecos, hondurenhos e nicaragüenses que recebeu na década de 80, o país tem acolhido também haitianos, camponeses que engrossam a mão-de-obra agrícola,



mais bem paga do que em seu país de origem. Isso faz crescer a produção de banana, cana-de-açúcar e frutas cítricas, que responde por 40% dos empregos e 4/5 das exportações. A pesca desponta como o quarto principal produto de um país com inflação de um dígito e melhor distribuição de renda do que seus vizinhos: os imigrantes contam com um bem organizado sistema de educação e saúde. Mas essa sobrecarga na seguridade social provoca o descontentamento dos belizenhos natos, que já começam a exigir a repatriação dos imigrantes.

Posto de lado o futuro das relações com a Guatemala, poucas mudanças são esperadas, neste país-ponte entre o Caribe e a América Central, com a troca de governo: como Price, Esquivel defende a já iniciada privatização das estatais e põe igual ênfase no incentivo ao turismo. É grande o potencial turístico de Belize, onde organismos preservacionistas ajudam a manter as reservas selvagens e a pureza das águas do mar; e onde recentes descobertas arqueológicas da cultura maia têm servido de ponto de atração para muitos visitantes.

Benin

● **NOME OFICIAL:** República Popular de Benin. **Capital:** Porto Novo. **Nacionalidade:** beninense. **Hino:** *A nova alvorada* (1º verso). **Língua:** francês (oficial); bariba, fulani (N), fon, iorubá (S). **Religião:** crenças tradicionais (animismo, 65%); cristianismo, 15% (católicos, 13%; protestantes, 2%); islamismo, 13%. **Data nacional:** 30/11 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da África. **Área:** 112.622 km². **Limites:** Burkina e Niger (N); Nigéria (L); golfo do Benin (S); Togo (O). **Características:** litoral arenoso e com lagoas; território plano e mais ondulado em direção ao interior. **Ponto mais elevado:** pico Atakora (800 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rios principais:** Uême, Mono, Cufo, Níger. **Cidades principais:** Cotonu (487.000 hab.); Porto Novo (208.000); Paraku (66.000); Abomey (54.000); Kandi (53.000) (1982). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 4.928.000 (est.1992); **urbana:** 19% (1985). **Composição demográfica:** fon, 65,6%; baribas, 9,7%; iorubás, 8,9%; sombas, 5,4%; peuls, 4%; outros, 6,4% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,3% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 46,6%; **15-59:** 48,8%; **mais de 60:** 4,6% (1990). **Densidade (hab./km²):** 43,8 (1992). **Natalidade:** 49 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 16 por 1.000; **mortalidade infantil:** 119 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 7 (1991). **Vida média homens:** 49; **mulheres:** 52 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 749 hab. (1982); **médicos:** 1 por 16 mil hab. (1983). **Gastos com saúde:** 2,3% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 76,6% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 579,5 mil; **professores:** 17,2 mil (1987/88). **Alunos no ensino superior:** 8.9 mil; **professores:** 625 (1989). **Gastos:** 12,8% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República presidencialista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade de Financeira Africana (CFA). **Data da Constituição em vigor:** 2/12/1990. **Divisão administrativa:** 6 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Democrática das Forças do Progresso, Mov. pela Democracia e Progresso Nac., União pela Liberdade e Desenvolvimento, Nac. pela Democracia e Desenvolvimento, Renovação Democrática. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Nicéphore Soglo (desde 4/4/1991). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 64 membros eleitos por voto direto.

● **ECONOMIA:** agricultura, 39,8%; indústria, 11,4%; comércio, 19,2%; serviços, 29,6% do PIB (1986). **Agricultura:** algodão, óleo de palma, tubérculos (amendoim, principal); mandioca, milho. **Pecuária:** caprinos, bovinos, ovinos. **Pesca:** 42,2 mil t (est.1989). **Indústria:** processamento de produtos primários (descaroçamento de algodão e óleo de palma, principais), petrolífera, cimento, açucareira (em cooperação com a Nigéria), siderúrgica (em cooperação com os EUA). **Minerais:** petróleo, mármore, calcário, exploração artesanal de ouro, minério de ferro, fosfato, cromo, sílica, caulim. **Exportações:** US$ 93,3 milhões; **produtos:** algodão têxtil, palmito e óleo de palma, combustíveis (1990). **Importações:** US$ 438,8 milhões; **produtos:** combustíveis, alimentos (cereais, principal), máquinas industriais e equipamentos de transporte, têxteis, bebidas, tabaco, químicos (1990). **Parceiros comerciais:** França, Tailândia, Holanda, Japão, Portugal, EUA, Itália, Nigéria, China, Formosa. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 239,10 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,8 bilhão; **renda per capita:** US$ 380 (1991); **crescimento anual:** 2,1% (1980–1991). **Inflação:** 1,9% (1990). **Dívida externa:** US$ 1,4 bilhão (1990). **Força de trabalho:** 1,4 milhão; **distribuição:** agricultura, 67,7%; indústria, 7,5%; comércio e serviços, 24,8%; **mão-de-obra feminina:** 35,6% (1986).

● **DEFESA: Efetivo total:** 4,5 mil (1992); **Exército:** 3,8 mil; **Marinha:** 200; **Força Aérea:** 350. **Gastos:** 3,5% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 7,4 mil km; 11% pavimentados (1986); **nº de veículos:** 34 mil; **automóveis:** 22 mil (1989). **Ferrovias:** 578 km (1992). **Porto:** Cotonou. **Linhas aéreas:** Air Afrique (vôos internacionais); Benin Inter-Regional (domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 14 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 292 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 279 hab. (1988). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 2,6 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 4 East 73rd St, New York, NY 10021, EUA; tel. (212) 249-6014.

HISTÓRIA

O Reino de Abomey domina os iorubás e os ashantis e controla todo o comércio de escravos da região. **1851:** o posto comercial concedido à França, em Cotonu, pelo rei Gezo, do Daomé, é o ponto de partida para a dominação colonial. **1892 – 1902:** sufocada a rebelião abomey; integração à África Ocidental Francesa. **1958:** independência na Comunidade Francesa. **1959:** Constituição; eleições para a Assembléia Nacional; Hubert Maga é o 1º-ministro. **1960:** independência total; Maga é o pres. (1º/8). **1963:** Maga é deposto pelo cel. Christophe Soglo, que fica como chefe de Estado interino até as eleições de **1964:** vencidas por Suru Migan Apithy, ex-vice de Maga. **1965:** dissensões entre Apithy e o 1º-min. Justin Ahomadegbê provocam novo golpe de Soglo, que proíbe a atividade política e o funcionamento dos sindicatos; protestos generalizados **1967:** Soglo é derrubado pelo maj. Maurice Kuandetê, que se torna o 1º-ministro de um governo interino chefiado pelo ten.-cel. Alphonse Alley (17/12). **1968:** apenas 26% de comparecimento nas eleições preparadas pelos militares; o governo é entregue a um civil, o ex-chanceler Emile-Derlin Zinsu. **1969:** Zinsu é deposto por Kuandetê, chefe de novo governo liderado pelo ten.-cel. Paul Émile de Souza (dez.). **1970:** fracasso de novas eleições; criada presidência colegiada com Maga, Apithy a Ahomadegbê. **1972:** golpe do maj. Mathieu Kéréku (out.). **1973:** suspensa a Constituição. **1975:** Kéréku cria um partido único nos moldes do PC soviético (3/11); o Daomé passa a chamar-se Benin; fracasso de um golpe de Zinsu, com apoio do Togo. **1977:** fracasso do ataque de mercenários pagos pela Frente de Libertação e Reabilitação do Daomé, com apoio do Togo e do Marrocos (16/1); nova Constituição (ago.). **1978:** 6 mil operários beninenses são expulsos do Gabão após críticas de Kéréku ao pres. Bongo. **1979 – 1984:** campanha para desburocratizar o país e combater a ineficiência administrativa. **1984 – 1986:** a Nigéria fecha as fronteiras com o país, tentando reduzir o contrabando. **1985:** protestos universitários contra a política econômica; cem funcionários e professores são presos. **1987:** Kéréku renuncia à sua

patente para desvincular-se da imagem de regime militar. **1988:** o Movimento Beninense pela Liberdade e a Democracia inspira-se, em Paris, no ten.-cel. François Kuyami, preso após golpe fracassado (mar.); nova tentativa de golpe (jun.); fuga de Kuyami. **1989:** novos distúrbios na área universitária; o Banco Central da África Ocidental, com sede em Cotonu, nega empréstimo ao país. **1990:** Kéréku nomeia governo de transição (mar.), chefiado por Nicéphore Soglo, que convoca a Constituinte; plebiscito (2/12) aprova a nova Constituição. **1991:** 21 partidos concorrem às eleições (17/2); Soglo, vitorioso (24/3), faz tratamento de tifo em Paris antes da posse (8/6); o pres. interino, Désiré Vieyra, tem problemas com os estudantes devido a corte nas bolsas de estudo estatais; Soglo volta (8/6) e o Parlamento rejeita seus projetos de privatização (dez.). **1992:** greves e manifestações contra a demissão de 10 mil funcionários públicos (mar.), a censura à imprensa e a prisão de membros do PC (abr.); o Conselho dos Bispos denuncia, na carta pastoral *Exigências da democracia*, os desmandos do governo (mai.); prisão do ex-min. do Interior, cel. Martin Dohu Azonhiho, do ex-chefe da guarda presidencial, com. Jean Ntcha, e do ex-chefe do Serviço de Informações, cap. Fusseini Gomina, por corrupção, tortura e assassinato de oposicionistas (3/9).

FATOS DO ANO

A crise política aberta, em 6/3/1993, pela fuga de cem presos da penitenciária de Ijidá demonstra, uma vez mais, a fragilidade das instituições nacionais. Reagindo à desorganização que permitiu essa fuga, o pres. Nicéphore Soglo demite, quatro dias depois, toda a cúpula da polícia e da segurança do Exército. Irritado por não ter sido consultado, o min. da Defesa, Jean Florentin Féliho, demite-se logo em seguida, sendo substituído pelo sec.-geral da presidência, Désiré Vieyra. Essa é uma decisão que desagrada a amplos setores, pois é malvista a interferência de Vieyra, cunhado de Soglo, em diversas áreas do governo.

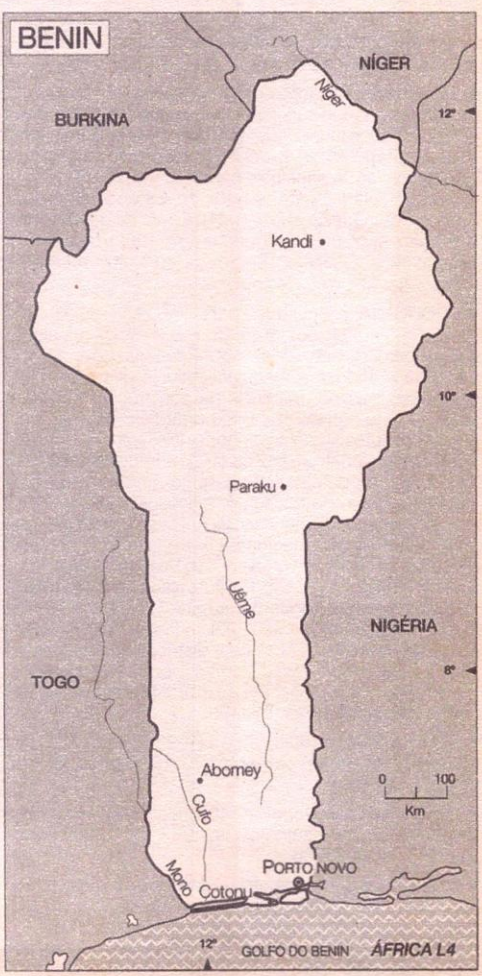
Um indício da desorganização em que essas mudanças deixam as forças de segurança é a demora, em abr., em controlar os distúrbios iniciados, no dia 16, por adeptos da seita animista zangbeto, que acusam membros da comunidade muçulmana de terem insultado o seu ídolo. São necessários três dias para que a calma volte às ruas da capital. Repete-se, assim, um padrão que tem sido comum desde o ano anterior, quando a resistência da oposição, na Assembléia Nacional, ao programa de reformas econômicas do governo – que inclui medidas como a privatização de estatais, acusadas de atender apenas a interesses estrangeiros – tinha retardado em seis meses a aprovação do orçamento para 1992/93.

Greves e levante – Em mai. de 1992, cerca de 5 mil servidores públicos em greve tinham-se manifestado em Cotonu, exigindo aumento salarial e protestando contra as restrições a seu direito de paralisar o trabalho para reivindicações. No final desse mesmo mês, o clima já tenso foi ainda mais conturbado por um tiroteio, junto ao palácio presidencial, envolvendo militares descontentes com seu soldo. Levados à prisão, alguns deles escaparam, em ago., inclusive seu líder, cap. Pascal Tawes, comandante da guarda pessoal do ex-pres. Matthieu Kéréku. Ele organizou um levante das tropas do Exército do Norte, região de que é originário e onde Kéréku tem sua base eleitoral entre os membros da etnia fon. A rebelião foi rapidamente controlada: 45 soldados foram presos, mas Tawes conseguiu escapar. O governo preferiu negar que o motim tivesse relação com as rivalidades regionais (Soglo é sulista, do clã fulani) e acusou o militar rebelde de corrupção e envolvimento com o tráfico de drogas. Não se apurou, tampouco, se Kéréku tinha participado do levante.

Em mar. de 1991, o Alto Conselho da República, responsável pela transição democrática, concedeu anistia ao ex-presidente em qualquer processo relativo a atividades posteriores ao golpe de 1972. Outros dirigentes desse período, porém, não tiveram a mesma sorte: um deles, o ex-min. Mohamed Amadu Cissê, foi condenado, em out. de 1992, a dez anos de prisão e a indenizar o erário por roubo de dinheiro público.

O governo de Soglo dava continuidade, enquanto isso, à política de reformas econômicas iniciada por Kéréku, em 1986, sob a supervisão do FMI. Para tirar as finanças do vermelho, o governo pretende privatizar estatais, cortar em 15% o número de funcionários do Estado e promover a reforma tributária. Mas o cancelamento de parte da dívida externa de Benin, como um incentivo de seus credores ocidentais à redemocratização, e a entrada de novos recursos não bastaram para aliviar a pressão sobre o orçamento: em 1992, o serviço da dívida consumiu 27% dos recursos disponíveis. Outra grande fonte de tensão social é o atraso cumulativo dos salários dos servidores públicos, um problema que se arrasta desde o final dos anos 80.

Essa tensão se agrava, em fev. de 1993, com o afluxo de 25 mil togoleses que cruzam a fronteira dos vizinhos Benin e Gana, fugindo à repressão desencadeada pelo governo de Lomé visando às manifestações de protesto contra o regime daquele país. Logo em seguida, iniciam-se contatos diplomáticos entre os dois países, em busca de uma solução para o problema. Nesse mesmo mês, ao visitar Cotonu, o papa João Paulo II pronuncia um sermão em que critica o envolvimento de padres na política – o que é visto como uma alusão ao arcebispo da capital, Isidore de Souza, que tem participado ativamente no processo de elaboração da nova Constituição.



Bielorrússia

• **NOME OFICIAL:** República da Bielorrússia. **Capital:** Minsk. **Nacionalidade:** bielorrussa. **Língua:** bielorrusso (oficial); russo. **Religião:** cristianismo (católicos, ortodoxos, batistas); judaísmo, islamismo (minorias). **Data nacional:** 9/9 (Pátria).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Europa. **Área:** 270.600 km². **Limites:** Rússia (N e L); Letônia (NO); Ucrânia (S); Polônia (O); Lituânia (NO). **Características:** planície pantanosa plana e baixa; colinas (centro). **Ponto mais elevado:** monte Dzerjínsk (346 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Dnieper, Pripiat, Berezina, Dvina, Niêmen, Zapádnaia. **Cidades principais:** Minsk (1.633.600 hab.); Gomel (503.300); Vitébsk (369.200); Moguilióv (363.000); Grodno (284.800) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

• **POPULAÇÃO:** 10.321.000 (est.1992); **urbana:** 67,1% (1991). **Composição demográfica:** bielorrussos, 77,9%; russos, 13,2%; poloneses, 4,1%, ucranianos, 2,9%; judeus, 8,1%; outros, 0,1% (1989). **Crescimento demográfico:** 0,3% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 23%; **15-59:** 61%; **mais de 60:** 16% (1989). **Densidade (hab./km²):** 49,7 (1992). **Natalidade:** 13,9 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 10,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 11,9 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2 (1989). **Vida média homens:** 63,9; **mulheres:** 74,7 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 76 hab.; **médicos:** 1 por 248 hab. (1990).

• **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 5% (1992). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,8 milhão; **professores de 1º grau:** 121,6 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 189,4 mil. **Gastos** (educação e saúde pública): 37,9% do orçamento (1992).

• **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). **Divisão administrativa:** 6 distritos e 1 capital. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Comunista, Frente Popular, União Cristã. **Chefe de Estado:** Stanislau Shúshkievitch (desde 18/9/1991). **Chefe de governo:** 1º-min. Vyacheslau F. Kebich (desde mai./1992). **Legislativo:** unicameral – Conselho Supremo, com 360 membros (272 eleitos por voto direto).

• **ECONOMIA:** agricultura, 29,3%; indústria, 55,8%; comércio, 5,5%; serviços, 9,4% do PIB (1990). **Agricultura:** batata, cereais, beterraba, linho. **Pecuária:** bovinos, suínos, ovinos. **Indústria:** máquinas industriais, metalúrgica, eletrônica, química, materiais de construção. **Minerais:** petróleo, gás natural, turfa. **Exportações:** US$ 22,9 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, bens de consumo, químicos, petroquímicos (1991). **Importações:** US$ 24 bilhões; **produtos:** eletricidade, alimentos, máquinas industriais, bens de consumo, químicos, petroquímicos (1991). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI (Rússia, principal). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** rublo (suplementada com o taler); **cotação para 1 US$:** 412,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 42,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 4.159 (1991); **crescimento anual:** -11% (1992). **Inflação:** 80,3% (1991). **Força de trabalho:** 5,1 milhões; **distribuição:** agricultura, 18,9%; indústria, 41,9%; comércio, 7,4%; serviços, 29,8%; outros, 2%; **mão-de-obra feminina:** 46,7% (1990). **Desemprego:** 2,9% (1990).

• **DEFESA: Efetivo total:** 125 mil (1992); **Exército:** 95 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 30 mil. **Gastos:** 8% do orçamento (1992).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 48,1 mil km; 94% pavimentados (1990); nº de **automóveis:** 498,7 mil (1988). **Ferrovias:** 5,6 mil km (1990).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 1,3 hab. (1990). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 3,3 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 6,3 hab. (1990). **Jornais diários:** 220; nº de exemplares por 1.000 hab.: 260 (1989).

HISTÓRIA

As tribos eslavas drégovitchi, rádmitchi, krívitchi e dreviáni formam principados na região (séc. VI–VIII), fundando Pólotsk (862), Túrov (980), Brest (1017) e Minsk (1067), logo submissas à cidade-Estado de Kíev. **1240:** tomada de Kíev pelos tártaros; controle lituano da região. **Séc. XIII – XIV:** o poder lituano estende-se até o mar Negro. **1386:** a dinastia Jaguelão unifica a Lituânia e Polônia; o catolicismo é a religião oficial; atritos com os ortodoxos bielorrussos. **Séc. XVI:** o Estatuto Lituano beneficia a aristocracia e a classe alta mercantil, em detrimento dos camponeses. **1557:** a *vóloka* (reforma agrária) introduz um sistema de exploração da terra que reduz os camponeses à servidão. **1648 – 1654:** revolta camponesa contra os nobres poloneses, sufocada com violência. **1772 – 1795:** partilha da Polônia; a Rússia apossa-se da região e persegue a Igreja Uniata, impondo a fé ortodoxa. **1812:** batalha de Berezina, contra Napoleão. **1861 – 1880:** emancipação dos servos; industrialização; chegada das ferrovias. **1896 – 1915:** crise econômica; migração de 1,5 milhão de pessoas para a Sibéria, EUA e América do Sul. **1898:** primeiro congresso do marxista Partido dos Trabalhadores Social-Democratas Russos. **1918:** armistício russo-germânico de Brest-Litóvsk (3/3). **1919:** derrota dos poloneses na revolta de Berezina contra a proclamação, pelos comunistas, da República da Bielorrússia. **1921:** Tratado de Riga: divisão do território entre a URSS e a Polônia (18/3). **1924:** anexação de Pólotsk, Vitébsk, Orsha, Moguilióv e **1926:** de Gômel. **1939:** invasão soviética do setor polonês; anexação a Bialystok após ataque alemão. **1941:** ocupação alemã e destruição de 10 mil fábricas. **1945:** confirmada a anexação de Bialystok, remoção compulsória dos poloneses. **1990:** declaração de soberania, rejeitada pelo Kremlin (jul.). **1991:** independência (25/8); Stanislau Shúshkievitch é pres. (set.); Minsk torna-se a capital da CEI (8/12). **1992:** a oposicionista Frente Popular pede plebiscito sobre novas eleições (mar.); Shúshkevietch assume o comando das tropas soviéticas na República, mas deixa à CEI o controle das armas nucleares (mai.); subscrição dos protocolos START de redução de armas nucleares estratégicas (23/5); começa a circular, paralelamente ao rublo, a nova moeda, o taler (25/5).

FATOS DO ANO

O principal acontecimento econômico, no país, ocorre fora de seu território: a decisão das autoridades de Moscou, em jul. de 1993, de tirar de circulação as cédulas de rublo emitidas antes desse ano e de criar, com a maior parte desse dinheiro, uma poupança compulsória de reajuste inferior ao da inflação tem grandes conseqüên-

cias nessa República onde, apesar da existência de uma moeda local, o taler, é grande a quantidade de rublos em circulação. Imediatamente após o "pacote" russo, a cotação do rublo bielorrusso (transformado pelas autoridades em cupons que o povo chama de "lebre", devido à efígie neles estampada) sobe de 1:1,8 para 1:2,6 em relação à moeda original. Surpresa, a população passa a pagar mais pelos produtos importados da Rússia e a receber menos por suas exportações.

Dependência de Moscou – O problema é a economia bielorrussa ainda estar atrelada à da Rússia, com a qual negocia 70% de seus produtos e da qual depende para 90% de seu abastecimento energético. Certo de que não há, a curto prazo, meios de ampliar o grau de independência em relação a Moscou, o pres. Stanislau Shúshkievitch decide confirmar a permanência de seu país dentro da Zona do Rublo e ainda defende o estabelecimento de uma "política comum" de créditos e impostos entre os dois países. Em mai. de 1993 ele já tinha assinado um protocolo de intenções com ex-Repúblicas soviéticas, para a criação de uma nova união econômica regional.

Paralelamente, Shúshkievitch tenta a aproximação com os EUA. Em fev. de 1993, o Parlamento ratifica o START, tratado para a redução de armas estratégicas assinado pela ex-URSS e pelos EUA em 1991 e que prevê, entre outros pontos, o deslocamento de 81 mísseis SS-25, instalados em seu território, para serem desmantelados na Rússia. Em troca, Washington mostra-se disposta a conceder ao país ajuda de US$ 65 milhões.

Bolívia

● **NOME OFICIAL:** República da Bolívia. **Capital:** La Paz (sede do governo e administração); Sucre (legal). **Nacionalidade:** boliviana. **Hino:** *Bolivianos, providente destino* (1º verso). **Língua:** espanhol, quéchua e aimará (oficiais). **Religião:** cristianismo (catolicismo, 92,5% – oficial; protestantes); islamismo, 2,6% (bahaístas); judaísmo (minoria). **Data nacional:** 6/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da América do Sul. **Área:** 1.098.581 km². **Limites:** Brasil (N e L); Argentina e Paraguai (S); Chile e Peru (O). **Características:** planalto árido e salino com altitude média de 3.500 m (altiplano), situado entre dois braços na cordilheira dos Andes; lago Titicaca, vales e vertentes de montanhas (L); terras baixas na região amazônica (N) e na planície do Chaco (SE). **Ponto mais elevado:** pico Sajama (6.570 m). **Clima:** equatorial (depressão amazônica); de montanha (altiplano). **Rios principais:** Beni, Mamoré, Pilcomayo, Paraguai, Paraguá, Madre de Dios. **Cidades principais:** La Paz (669.400 hab.); Santa Cruz de la Sierra (529.200); Cochabamba (403.600); Oruro (176.700) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 7.739.000 (est.1992); **urbana:** 51,4% (1990). **Composição demográfica:** mestiços, 31,2%; quéchuas, 25,4%; aimarás, 16,9%; brancos, 14,5%; outros, 12% (1982). **Crescimento demográfico:** 2,9% (1988). **Faixas etárias: 0-14:** 41,1%; **15-59:** 52,4%; **mais de 60:** 6,5% (1988). **Densidade (hab./km²):** 7 (1992). **Natalidade:** 42,8 por 1.000 (1988). **Mortalidade:** 14,1 por 1.000; **mortalidade infantil:** 102 por 1.000 (1988). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,1 (1987). **Vida média homens:** 51; **mulheres:** 55 (1987). **Leitos hospitalares:** 1 por 686 hab.; **médicos:** 1 por 2,1 mil hab. (1987). **Gastos com saúde:** 2,3% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 22,5% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,1 milhão; **professores:** 61,4 mil (1986/87). **Alunos no ensino superior:** 97,2 mil; **professores:** 3,6 mil (1986/87). **Gastos:** 18% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 1947. **Divisão administrativa:** 9 departamentos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Mov. Nac. Revolucionário, Ação Democrática Nac., Mov. da Esquerda Revolucionária, Consciência da Pátria, Esquerda Unida. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Gonzalo Sánchez de Losada (desde 6/6/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado com 27 membros e Câmara dos Deputados com 130 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 20,7%; indústria, 17,1%; mineração, 15,1%; comércio, 12,9%; serviços, 34,2% do PIB (1990); em 1990, o tráfico de drogas movimentou US$ 600 milhões (valor equivalente ao total de exportações do mesmo ano). **Agricultura:** madeira, soja, açúcar, castanha, café. **Pecuária:** ovinos, bovinos, caprinos. **Pesca:** 7,4 mil t (1990). **Indústria:** refino de petróleo, alimentícia, bebidas, couro e produtos, metais não ferrosos. **Minerais:** petróleo, gás natural, zinco, estanho, ouro, prata, chumbo, antimônio, tungstênio, cobre. **Exportações:** US$ 848,5 milhões; **produtos:** minerais metálicos, gás natural, madeira, carnes, peles (1991). **Importações:** US$ 992,3 milhões; **produtos:** equipamentos de transporte, máquinas industriais e bens de consumo (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Brasil, Japão, Argentina, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** peso boliviano (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 3,96 (31/8/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 4,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 620; **crescimento do PIB:** 3,8% (1992). **Inflação:** 21% (1990). **Dívida externa:** US$ 4,2 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 2,3 milhões (1990); **distribuição:** agricultura, 42,3%; indústria, 18,1%; comércio, 12,6%; serviços, 25,2%; outros, 1,8% (1988); **mão-de-obra feminina:** 54,5% (1990). **Desemprego:** 19% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 31,5 mil (1992); **Exército:** 23 mil; **Marinha:** 4,5 mil; **Força Aérea:** 4 mil. **Gastos:** 14,1% do orçamento (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 41,6 mil km; 4% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 234,6 mil; **automóveis:** 83,7 mil (1988). **Ferrovias:** 3,7 mil km (1990). **Portos:** escoadouro no rio Paraguai; utiliza os portos de Santos (Brasil), Matarani (Peru), Antofagasta e Arica (Chile), Rosário e Buenos Aires (Argentina). **Linhas aéreas:** LAB (vôos internacionais e domésticos), Tranportes Aéreos Bolivianos (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 1,9 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 12 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 37 hab. (1989). **Jornais diários:** 16; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 51 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHS – Quadra 04, Bloco E, CEP 70470-900, Brasília, DF; tel. (061) 322-4227.

HISTÓRIA

Os indígenas do altiplano, de civilização anterior à do período inca (séc. XIII), foram escravizados pelos espanhóis (1530), nas minas de prata do Alto Peru; uma das primeiras colônias a se rebelar (1830). **1824:** Antonio José de Sucre, lugar-ten. de Simón Bolívar, derrota os espanhóis em Ayacucho (9/12). **1825:** independência (6/8). **1826:** Constituição. **1826 – 1828:** golpes militares e guerra civil; invasão peruana; Andrés Santa Cruz toma o poder. **1835/36:** invasão do Peru e confederação. **1839:** derrota para o Chile e Argentina. **1841/42:** nova guerra com o Peru. **1848 – 1855:** ditadura do gen. Manuel Isidoro Belzú; devolução das terras aos índios. **1865 – 1871:** ditadura do gen. Mariano Melgarejo; confisco das terras indígenas. **1879 – 1884:** aliada ao Peru contra o Chile na Guerra do Pacífico; perda do único território costeiro, a província de Atacama. **1903:** venda ao Brasil do atual Acre, onde viviam seringueiros brasileiros. **1932 – 1935:** Guerra do Chaco, após a descoberta de petróleo no sopé dos Andes; perda do Chaco Boreal para o Paraguai. **1936/37:** golpe de esquerda do cel. David Toro, deposto pelo gen. Germán Busch. **1939:** Busch é assassinado. **1943 – 1946:** governo nacionalista do maj. Gualberto Vil-

laroel, deposto por rebelião popular e enforcado. **1951 – 1956:** junta militar impede a posse de Victor Paz Estenssoro; revolução popular leva-o ao poder; promulgada a reforma agrária; nacionalização das minas; expurgo e reestruturação das Forças Armadas; extensão do voto aos analfabetos. **1956 – 1965:** governo de Hernán Siles Zuazo e reeleição de Paz Estenssoro. **1964:** Paz é derrubado. **1966:** eleição do gen. René Barrientos Ortuño. **1967:** execução de Ernesto "Che" Guevara, na floresta boliviana, por tropas do Exército. **1969:** morte de Barrientos em acidente de helicóptero; o vice, Luis Adolfo Siles Salinas, é deposto pelo gen. Alfredo Ovando Candia. **1970:** Ovando é deposto pelo gen. Juan José Torres, de esquerda. **1971:** Torres é deposto pelo gen. Hugo Banzer. **1972 – 1974:** estado de sítio devido a greves e manifestações de protesto; fracasso de cinco golpes seguidos; o Exército assume o controle; dissolução dos sindicatos e partidos. **1975:** reatamento com o Chile. **1978:** rebelião militar; renúncia de Banzer em favor do gen. Juan Pereda Asbún, deposto pelo gen. David Padilla Arancibia; nova ruptura com o Chile. **1979:** nenhum candidato obtém maioria nas eleições; o Congresso elege o sen. Walter Guevara Arze, deposto, quatro meses depois, pelo cel. Alberto Natush Busch, que renuncia após quinze dias de protestos; Lidia Gueiler, pres. do Congresso, é eleita interinamente. **1980:** Siles Zuazo é eleito, mas o golpe do gen. Luis García Meza, contra Gueiler, impede sua posse; os EUA denunciam García por envolvimento no tráfico de cocaína. **1981:** Natush e o gen. Lucio Áñez Rivera derrubam García (4/8); o gen. Celso Torrelio assume. **1982:** concessões aos sindicatos indispõem os militares com Torrelio, que renuncia em favor do gen. Guido Vildoso Calderón (21/7); este também renuncia, e Siles, eleito em 1980, é empossado (8/10). **1983:** medidas de austeridade, greves, atentados e tentativas de golpe. **1984:** deterioração econômica; moratória unilateral; seqüestro de Siles por militares de direita; o golpe fracassa. **1985:** Paz, reeleito, decreta plano de austeridade; greve geral durante quinze dias; prisão de líderes sindicais (set.). **1986:** processo de García e ex-assessores por genocídio, tortura e tráfico (fev.); os EUA ajudam na repressão ao tráfico; protestos provocam estado de sítio; nova greve geral (ago.). **1987:** deterioração política e derrota do MNR nas eleições municipais. **1989:** de novo nenhum candidato tem maioria; o Congresso elege Jaime Paz Zamora, do MIR (ago.). **1990:** descontentamento, na área militar, pelo acordo de combate ao tráfico com os EUA; seqüestros e atentados. **1991:** os EUA ameaçam cortar a ajuda quando o cel. Faustino Rico Toro, ex-colaborador de García, é nomeado para chefiar a luta contra o tráfico; Rico demite-se (4/3); garantias de não-extradição (26/7) levam o traficante Jorge Flores Moisés a entregar-se. **1992:** assinatura, com o Peru, de acordo de concessão de uma zona franca no porto peruano de Ilo (jan.); greve de fome dos mineiros contra a desestatização e distúrbios de rua promovidos pelos estudantes (jan.-mar.); o oposicionista Movimento Nacionalista Revolucionário pede a abertura de investigações sobre as ligações de Paz e de Banzer com o tráfico de drogas (abr.); início do programa de privatização de 64 estatais (jun.); assinatura, com o Brasil, de acordo para fornecimento de gás (ago.).

FATOS DO ANO

Em mar. de 1993, descontentes com a política de privatização do pres. Jaime Paz Zamora, sindicatos e grupos estudantis – que, no final de 1992, já tinham conseguido o adiamento da desestatização de empresas na área da Defesa – voltam às ruas contra a política neoliberal do governo. Erguem barricadas contra os policiais que, em 19/3, ocupam a cidade-satélite de El Alto, próxima à capital. Em 25/3, o governo é forçado a um acordo com a Central Operária Boliviana (COB): embora seus termos não sejam divulgados, as partes parecem ter chegado a um consenso sobre o futuro das estatais; e a COB obtém aumentos salariais de 9% a 20%.

Apesar da queda do apoio popular ao plano econômico, Gonzalo Sánchez de Losada, ex-min. das Finanças do pres. Victor Paz Estenssoro, artífice de seu plano de ajuste, aparece à frente das pesquisas de opinião como o candidato à presidência pelo Movimento Nacional Revolucionário (MNR). E seu companheiro de chapa, Victor Hugo Cárdenas, é um respeitado líder indígena. Num país tradicionalmente conhecido por seus regimes ditatoriais, desenvolve-se em clima de normalidade a campanha eleitoral. E surpreende a todos a condenação, pela primeira vez na história do país, de um ex-ditador: em 21/4/1993, o ex-gen. Luis García Meza e catorze de seus colaboradores são condenados *in absentia* a trinta anos de prisão, pelos crimes que cometeram em 1980/81.

Sánchez presidente – Três candidatos estão entre os preferidos: Sánchez de Losada; o ex-ditador Hugo Bánzer (1971–1978), do direitista Acordo Patriótico, que concorre pela quinta vez; e o populista Max Fernández, da União Cívica. Em 3/6, o governista Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) esquenta a campanha com o debate sobre a intromissão dos EUA na política boliviana, depois de o embaixador americano, Charles Bowers, ter acusado seu candidato, Guillermo Capobianco, de estar envolvido com o tráfico de drogas.

Vencendo as eleições, em 6/6/1993, com 35% dos votos, Sánchez de Losada, um dos empresários mais ricos do país, inicia contatos para formar coalizão com os partidos minoritários. Como Sánchez não obteve a maioria dos votos, sua eleição tem de ser ratificada pelo Congresso. Em 4/8, Bánzer, o segundo colocado, reconhece sua vitória e se retira da competição. Na sua posse, em 6/8, Sánchez promete atrair investimentos estrangeiros da ordem de US$ 8 bilhões, criando, com isso, 500 mil novos empregos em quatro anos.

O plano de ajuste que Sánchez implantara, em 1985, derrotou a hiperinflação e elevou o país, em jun. de 1993, à condição de dono da mais baixa taxa de inflação na América Latina: 4,4% em seis meses, sem impedir o crescimento de 4,1% do PNB, no primeiro trimestre. A assinatura, em 30/3/1993, de um acordo com os 41 bancos credores internacionais que pôs fim a US$ 180 milhões de dívida externa fez da Bolívia o primeiro país do Terceiro Mundo a dar um passo para sair do endividamento – embora ainda continue devendo US$ 3,7 bilhões a instituições multilaterais e a governos estrangeiros.

A luta mais dura – Resta a terceira e mais difícil das batalhas: o combate à pobreza. Segundo o Banco Mundial, sua taxa de pobreza rural (97%) é a mais alta do mundo, e a renda per capita caiu 20% desde 1980. A volta do crescimento do PNB, a partir de 1987, pouco ultrapassou o crescimento demográfico e não trouxe prosperidade à maioria da população. Um relatório do GATT, de mar. de 1993, indica que a cocaína ainda é sua maior fonte de

riqueza, responsável por 13 a 15% do PNB, criando uma economia paralela que provoca forte alta na moeda nacional – o que prejudica as exportações, que caíram de um superávit de US$ 104 milhões, em 1989, para um déficit de US$ 561 milhões em 1992. Sánchez de Losada acusa Paz Zamora de não ter implantado infra-estrutura durante o período de estabilidade que conseguiu; e pretende estimular as privatizações para criar fundos com que o Estado possa investir em educação e bem-estar social.

As tentativas bolivianas de conseguir uma saída para o mar, que facilite suas exportações, começam a ter sucesso: depois de o Peru ter-lhe cedido, em jan. de 1992, o porto de Ilo, o Uruguai concordou, em ago. desse ano, em doar-lhe as instalações de carga de seus portos de Montevidéu e Nova Palmira. Com o Brasil, o país assinou, nesse mesmo mês, acordo para o fornecimento de gás natural. Com o Chile, porém, conversações iniciadas em jul. de 1992, visando à assinatura de um acordo comercial, entraram em impasse e foram interrompidas logo depois.

Bósnia-Herzegóvina

● **NOME OFICIAL:** República da Bósnia-Herzegóvina. **Capital:** Sarajevo. **Nacionalidade:** bósnia. **Língua:** esloveno, servo-croata e macedônio (oficiais). **Religião:** cristianismo, 50% (católicos e ortodoxos); islamismo (sunitas, maioria). **Data nacional:** 3/3 (independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Europa. **Área:** 51.129 km². **Limites:** Croácia (N e O); Iugoslávia (L e S). **Características:** território montanhoso nos alpes Dináricos, circundado pelas planícies férteis dos rios Sava (N), Drina (L) e Una (O). **Ponto mais elevado:** Orjen (1.895 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Una, Bosna, Drina, Sava. **Cidades principais:** Sarajevo (525.980 hab.); Banja Luka (195.139); Zenica (145.577); Tuzla (131.861); Mostar (126.067) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 4.397.000 (est.1992); **urbana:** 36,2% (1981). **Composição demográfica:** bósnios, 39,5%; sérvios, 2%; croatas, 18,4%; montenegrinos e ciganos (minorias) (1981). **Crescimento demográfico:** 0,8% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 27,6%; **15-59:** 64,2%; **mais de 60:** 8,2% (1981). **Densidade (hab./km²):** 86 (1992). **Natalidade:** 14,1 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6,4 por 1.000; **mortalidade infantil:** 15,2 por 1.000 (1990). **Vida média homens:** 68; **mulheres:** 73 (1980 – 1982). **Leitos hospitalares:** 1 por 219 hab. (1990); **médicos:** 1 por 624 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 3,4% do orçamento.

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 14,5% (1981). **Alunos de 1º e 2º graus:** 711,9 mil; **professores:** 32,4 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 37,5 mil; **professores:** 2,8 mil (1990/91). **Gastos:** 3,5% do orçamento.

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 1974 (3 emendas). **Divisão administrativa:** 50 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Ação Democrata, Democrático Sérvio, União Democrata Croata, Democrático Socialista/Aliança Socialista, Aliança das Forças Reformistas. **Chefe de Estado:** pres. Alija Izetbegović (desde 20/12/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Mile Akmadzic (desde 9/11/1992). **Legislativo:** bicameral – Câmara dos Cidadãos com 130 membros e Câmara das Comunas com 110 membros.

● **ECONOMIA:** agricultura, 10,9%; indústria, 66,2%; comércio, 13,9%; serviços, 9% do PIB (1989). **Agricultura:** tabaco, frutas, madeira. **Pecuária:** bovinos, caprinos. **Pesca:** 3,6 mil t (1990). **Indústria:** metalúrgica, siderúrgica, armamentista. **Minerais:** cobre, chumbo, zinco, minério de ferro, linhita. **Exportações:** US$ 2,1 bilhões; **produtos:** equipamentos industriais e de transporte, químicos, vestuário, móveis (1990). **Importações:** US$ 1,9 bilhão; **produtos:** combustíveis minerais, matérias-primas e semimanufaturados de base, bens de consumo (alimentos e tabaco) (1990). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dinar iugoslavo novo; **cotação para 1 US$:** 200 (30/6/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 10,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.454 (1990). **Inflação:** 575% (1990). **Força de trabalho:** 992 mil (1991); **distribuição:** agricultura, 3,8%; indústria, 57,8%; comércio, 12,8%; serviços, 25,6%; **mão-de-obra feminina:** 37,7% (1990).

● **DEFESA: Exército:** 30–50 mil; **outros:** 67 mil (milícia sérvia) e 50 mil (força croata) (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 21,2 mil km; 54% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 488,7 mil; **automóveis:** 438,1 mil (1990). **Ferrovias:** 1 mil km (1990). **Linha aérea:** Air Commerce (vôos internacionais).

● **COMUNICAÇÕES: Receptores de rádio:** 1 por 4,8 hab. (1989). **Receptores de TV:** 1 por 5,1 hab. (1989). **Linhas telefônicas:** 1 por 6 hab. (1990). **Jornais diários:** 3; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 37 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 866 United Nations Plaza, Suite 580, New York, NY 10017; tel. (212) 751-9015.

HISTÓRIA

Os ilírios se opuseram, desde o séc. VI, às tentativas de unificá-los aos sérvios, instalados em seu território. Dominados pela Hungria (1180), os bósnios – habitantes das margens do rio Bosna – foram governados pelos *báns* (cavaleiros): um deles, Matej Ninoslav, converteu-se ao catolicismo (1232) e lutou contra André II e Béla IV da Hungria (1235–1239) para libertar seu povo. **1254:** o *bán* Prijezda funda a dinastia de Kotromanić; seu filho Stefan (1322–1353) faz a paz com os húngaros, casando sua filha Elizabeth com László I. **1363:** Trvtko I rompe com László I e é derrotado; mas, em **1377**, coroa-se rei da Sérvia e da Bósnia. **1386:** invasão turca. **1390/91:** Trvtko I conquista a Dalmácia e a Croácia. **1391 – 1459:** declínio e conquista turca. **1461:** para lutar contra os turcos, o papa Pio II coroa Stefan Tomasević rei da Bósnia. **1463:** invasão de Mahmud Pasha Andjelović; Tomasević é decapitado. **1464 – 1528:** dominação otomana; tomada de Srebrnica e Jajce à Hungria. **1482:** conquista turca da Herzegóvina. **Séc. XVI – XVII:** o território é o posto avançado para os ataques otomanos à Áustria. **1697 – 1739:** tomada de Sarajevo por Eugênio da Sabóia; disputa do território por austríacos e turcos, até voltar para o Imp. Otomano. **Séc. XIX:** rebeliões lideradas por Mustafá Sko-

dra Pashá (1828), Hussein Gradashievć, o "Dragão da Bósnia" (1831), Ali Pashá Risvanbegović (1837) e Luka Vukalović (1862). **1850:** governo pró-turco do renegado croata Omer Pashá. **1875:** cresce a rebelião e fracassam a mediação austro-russa e as ofertas de reforma do sultão. **1876:** apoio à Sérvia e ao Montenegro na guerra contra os turcos; derrota. **1877:** Convenção de Berlim: ocupação austríaca embora, nominalmente, continue turca. **1878:** ocupação de Sarajevo (19/8), que se rebelou contra essa decisão. **1880 – 1908:** os gov. austríacos conde Veniamin Kállay (1880–1903) e barão István Burián (1903 – 1912) fazem concessões aos nacionalistas. **1905:** autonomia da Igreja Ortodoxa. **1908:** revolução dos Jovens Turcos, em Istambul; recusa dos nacionalistas bósnios em participar do Parlamento turco; anexação pelo Imp. Austro-húngaro (7/10). **1910:** Constituição outorgada (7/2). **1912:** o gov. Leon Bilinski choca-se com o grupo *Mlada Bosna* (Jovem Bósnia) e com o gov. militar gen. Oskar Potiorek, que reprime os nacionalistas. **1914:** contrariando Bilinski, Potiorek leva a Sarajevo, para inspecionar manobras, o arq. Francisco Ferdinando, que, com sua mulher, a duquesa de Hohenberg, é assassinado pelo nacionalista Gavrilo Princip (28/6); começa a I Guerra. **1918:** adesão ao reino da Iugoslávia. **1939 – 1945:** parte do Estado fantoche da Croácia, sob controle militar ítalo-germânico. **1946:** adesão à Iugoslávia. **1974:** criação da República Socialista da Bósnia-Herzegóvina. **1989:** primeiras reivindicações autonomistas. **1990:** proclamação da soberania. **1991:** a guerra civil atinge também a Bósnia (set.). **1992:** a comunidade sérvia proclama a República do Povo Sérvio da Bósnia-Herzegóvina (9/1), declarada inconstitucional pelo pres. Alija Izetbegović; em plebiscito, boicotado pelos sérvios, 99,4% dos bósnios e croatas optam pela independência (29/2 e 1º/3), proclamada em 3/3; rejeição da proposta da CEE de partilha da Bósnia em três repúblicas autônomas (18/3); ataque sérvio a uma manifestação muçulmana em favor da paz, com catorze mortos e cem feridos, desencadeia a guerra civil (6/4); bombardeio sistemático de Sarajevo; a ocupação do aeroporto impede a ajuda humanitária (mai.); força de paz da ONU assume o controle do aeroporto (8/6); assinatura do pacto de reconhecimento mútuo com a Croácia (21/7); denunciada a existência de campos de concentração sérvios (3/8) e da campanha de "purificação étnica" da população muçulmana; a ONU aprova o uso da força para fazer chegar ajuda a Sarajevo (13/8); ocupação sérvia de Bosanski Brod abre corredor entre a Sérvia, o norte da Bósnia e a região da Krajina, na Croácia (out.).

FATOS DO ANO

O assassinato do vice-1º-min. Hakija Turajlik, em 8/1/1993, por um pistoleiro sérvio, é a confirmação simbólica do desejo dessa comunidade de consolidar seu poderio. A essa altura, ela já domina 70% do território, graças aos equipamentos de que dispõe, à maior quantidade de artilharia e blindados e ao fato de ter conseguido, através das seis pontes que cruzam o rio Drina, na fronteira entre a Bósnia e a Sérvia, manter aberta a linha de abastecimento de armas e suprimentos, que lhes são fornecidos pela Nova Federação Iugoslava. Os bósnios, partidários de um Estado multiétnico e democrático, aprovado num plebiscito que os sérvios boicotaram, ficaram restritos a Sarajevo e a outras localidades menores, contando apenas com o apoio financeiro e moral de alguns países islâmicos. Já os croatas, inicialmente favoráveis à independência da Bósnia, mudaram de política, passando a apoiar o separatismo, diante da ofensiva sérvia.

Paralelamente aos combates, realizam-se, em Genebra, demoradas negociações em torno do plano de partilha do país em dez províncias semi-autônomas, controladas por cada um dos grupos étnicos, elaborado pelos mediadores nomeados pela ONU: o ex-secretário de Estado americano Cyrus Vance e o ex-chanceler britânico David Owen. Enquanto isso, criticado pelo Congresso e pelos meios de comunicação por sua atitude hesitante em relação à crise balcânica, o pres. Bill Clinton, dos EUA, ordena, em 1º/3/1993, que medicamentos e víveres sejam lançados, de pára-quedas, sobre as cidades muçulmanas; e determina o estudo de um ataque frontal aos sérvios, cuja recusa da independência bósnia é responsabilizada pelo desencadeamento da guerra civil.

Os 40 mil soldados sérvios, que dispõem de trezentos tanques, não resistiriam a uma intervenção direta dos EUA. Mas o que Washington teme são as conseqüências futuras, quando, refugiados nas montanhas, os 50 mil membros das milícias paramilitares se converteriam em guerrilheiros, continuando a fustigar com intensidade os civis das regiões vizinhas. Outro cuidado de Washington é não enfraquecer, com um ataque dessa natureza, a posição interna de seu aliado, o pres. Boris Iéltsin, da Rússia, pressionado pela opinião pública de seu país e que, por ser de origem eslava, tende a simpatizar com a causa sérvia. Prova disso é que, além de virtualmente ignorar o problema muçulmano, Moscou apresenta, em mar. de 1993, moção à ONU pedindo que se imponham à Croácia sanções semelhantes às que se decretaram contra a Nova Federação Iugoslava.

Partilha desigual – Uma catástrofe de maiores proporções tem sido impedida pela presença, na Bósnia, das tropas da ONU. Quando o enclave muçulmano de Serebrenica se rende, em 18/4/1993, após cerco prolongado, são os "capacetes azuis" que o impedem de ser ocupado pelos sérvios, convencendo-os a aceitarem uma fórmula de desmilitarização que o neutralize. Mas o custo de manutenção dessa força internacional, que não só escolta comboios de suprimentos mas controla também as linhas divisórias entre as forças inimigas, já atingiu os US$ 3 bilhões, estourando o orçamento da organização. O pagamento dos 40 mil soldados que seriam necessários para monitorar o acordo de paz seria o bastante para levar a ONU à falência.

Um acordo de partilha, imposto pelo líder sérvio Radovan Karadzić, é aceito em princípio pelo pres. Alija Izetbegović, em 26/6, por não lhe restar outra alternativa; mas a proposta é muito desvantajosa, pois, aos 40% de população muçulmana, reserva apenas 30% do território, contra 52% para os sérvios e 18% para os croatas. Izetbegović opõe-se, porém, à concretização dos ideais de criação da Grande Sérvia ou da Grande Croácia, o que inviabilizaria o plano bósnio de dispor de uma nação independente e predominantemente muçulmana. Enquanto isso, vendo que a partilha é iminente e querendo negociar a partir de uma posição de força, os croatas lançam, em jul., a ofensiva contra Mostar, na região central do país. Relatos da Comissão de Direitos Humanos da ONU dão conta, nessa época, de que 10 mil muçulmanos estão presos em campos de concentração montados pelos croatas, onde recebem tratamento desumano.

A situação em Sarajevo, em ruínas após dezessete meses de cerco, é caótica: faltam luz, água e víveres, as epidemias proliferam e os 300 mil habitantes sobrevivem com rações mínimas que as organizações internacionais têm dificuldade em fazer chegar às suas mãos. A única ligação com o resto do país é feita através de um túnel de 800 m de comprimento que leva para fora da cidade. Antes de os sérvios iniciarem, em ago., a retirada das posições que ocupavam no monte Igman, que domina a cidade, bombardeiam 176 vezes o Hospital Kosevo. Só depois que as tropas sérvias saem, é possível transferir por via aérea, para Londres e Estocolmo, os 39 feridos que estão em estado mais grave. Um deles, a menina Irma Hadzimuratović, cuja foto aparece nos jornais do mundo inteiro, torna-se o símbolo de uma nação dilacerada.

Em meio aos escombros, a idéia de que na Bósnia possa existir uma democracia pluralista só sobrevive nas páginas do *Oslobodjenje*, dirigido por Ivica Misic'. Em set. de 1993, graças aos esforços de jornalistas e funcionários pertencentes às diversas etnias, o diário comemora seu 50º aniversário com uma página em que defende a convivência pacífica no território nacional e que, no dia 16, é reproduzida por 81 dos principais jornais do mundo, inclusive o *Jornal do Brasil*.

Em 28/8/1993, o Parlamento bósnio-croata, reunido em Grude, antecipa-se ao acordo e declara a independência da região predominantemente habitada por sua comunidade. Em 6/9, Karadzić também ameaça com uma solução unilateral, caso Izetbegović não se mostre disposto a assiná-lo. Este, entretanto, argumenta, em 21/9, não poder concordar com os termos da partilha se não for assegurada aos muçulmanos uma saída para o mar.

Em 22/10, para complicar ainda mais o quadro, o líder rebelde muçulmano Fikret Abdić fecha acordo de paz em separado com Karadzić, abrindo confrontação direta com o governo bósnio e, com isso, deixando Izetbegović ainda mais isolado. O acordo geral, com isso, embora tenha sido extensamente discutido por todas as partes, continua sem ter sido assinado ao findar o mês de nov. Em 4/11, desanimado, lord Owen admite ter fracassado; e adverte para a catástrofe iminente: o inverno está chegando e o frio, a fome e as doenças podem matar até 4 milhões de pessoas nos Bálcãs. Na Europa Ocid., durante o mês de nov., os titulares dos min. do Interior dos países membros da CEE discutem, discretamente, meios de barrar a maré de refugiados da ex-Iugoslávia que as duras condições climáticas da virada de ano podem trazer.

Botsuana

● **NOME OFICIAL:** República da Botsuana. **Capital:** Gaborone. **Nacionalidade:** betchuana. **Hino:** *Nossa terra* (1º verso). **Língua:** inglês, setsuana (oficiais). **Religião:** animismo, 49,2%; cristianismo (protestantes, 29%; cristãos africanos, 11,8%; católicos, 9,4%); islamismo (minoria). **Data nacional:** 30/9 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da África. **Área:** 582 mil km². **Limites:** Zâmbia (N); Zimbábue (L); África do Sul (S); Namíbia (O e N). **Características:** planalto de altitude média 1.000 m (maior parte); deserto de Calahari (S); pântanos e depressões salinas (N). **Ponto mais elevado:** monte Otse (1.489 m). **Clima:** tropical de altitude. **Rios principais:** Ocavango, Choba, Limpopo. **Cidades principais:** Gaborone (133.791 hab.); Francistown (65.026); Selebi-Pikue (39.769); Molepolole (36.928); Kanye (31.341) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 1.359.000 (est.1992); **urbana:** 24,1% (1991). **Composição demográfica:** tsuanas, 75,5%; chonas, 12,4%; bosquímanos, 3,4%; hotentotes, 2,5%; ndebeles, 1,3%; outros, 4,9% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,4% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 48,2%; **15-59:** 46,6%; **mais de 60:** 5,2% (1987). **Densidade (hab./km²):** 2,3 (1992). **Natalidade:** 43,9 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 9,2 por 1.000 (1990–1995); **mortalidade infantil:** 67 por 1.000 (1985–1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5 (1989). **Vida média homens:** 52,7; **mulheres:** 59,3 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 440 hab. (1984); **médicos:** 1 por 7,2 mil hab. (1986). **Gastos com saúde:** 5,5% do orçamento (1990/91).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 26,4% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 384 mil; **professores:** 14,2 mil (1991). **Alunos no ensino superior:** 3,4 mil; **professores:** 370 (1991). **Gastos:** 22% do orçamento (1992/93).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 30/9/1966. **Divisão administrativa:** 11 distritos e 9 cidades. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrático, Frente Nacional. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Ketumile Joni Masire (desde 18/7/1980). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 34 membros (30 eleitos por voto direto, 4 indicados pelo pres.), para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 5,2%; indústria, 12%; mineração, 41,6%; comércio, 14,2%; serviços, 27% do PIB (1990/91). **Agricultura:** sorgo, milho, legumes. **Pecuária:** bovinos, caprinos, ovinos. **Pesca:** 1,9 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, bebidas, têxtil, química, papel, plástica, elétrica. **Minerais:** diamantes, liga de cobre e níquel, carvão, ouro, soda, sal, plutônio, cromita, espatoflúor, ferro, manganês, potassa, prata, talco, urânio, asbesto. **Exportações:** US$ 1,8 bilhão; **produtos:** diamantes, liga de cobre e níquel, carne (1990). **Importações:** US$ 1,9 bilhão; **produtos:** máquinas industriais, equipamentos elétricos e de transporte, metais, alimentos, bebidas, tabaco (1990). **Parceiros comerciais:** países membros da União Sul-Africana Alfandegária e da CEE (Grã-Bretanha, principal). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** pula (dividido em 100 tebe); **cotação para 1 US$:** 2,10 (30/9/1992). **Produto Interno Bruto (PIB):** US$ 2,5 bilhões (1989); **renda per capita (PNB):** US$ 2.040 (1990); **crescimento anual:** 9,9% (1980 – 1990). **Inflação:** 11,8% (1991). **Dívida externa:** US$ 515,6 milhões (1990). **Força de trabalho:** 367,9 mil (1984/85); **distribuição (setor formal):** agricultura, 3,3%; indústria, 31,5%; comércio, 18%; serviços, 47,2% (1989); **mão-de-obra feminina:** 54,7% (1984/85). **Desemprego:** 19,2% (1986).

● **DEFESA: Efetivo total:** 6,1 mil (1992); **Exército:** 6 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 100; **outros:** 1 mil paramilitares. **Gastos:** 8% do orçamento (1991/92).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 15 mil km; 13% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 45 mil; **automóveis:** 17 mil (1989). **Ferrovias:** 887 km (1991). **Portos:** não há. **Linha aérea:** Air Botswana (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 1,2 hab. (1991). **Emissora de TV:** não há, são retransmitidos programas da África do Sul; **receptores:** 1 por 145 hab. (1987). **Linhas telefônicas:** 1 por 26 hab. (1990). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 2,4 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 3.400 International Dr., N.W., Suite 7M, Washington, D.C. 20008; tel. (001-202) 244-4990.

HISTÓRIA

No séc. XIX, o chefe Khama III dos bechuana, migrantes bantu da África central, é derrotado pelos matabele e pelos bôeres do Transvaal; o sul da região é anexado à província do Cabo, o norte fica sob poder britânico até a independência. **1920:** Londres cria dois Conselhos Consultivos, europeu e africano. **1961:** o Conselho Consultivo, unificado, torna-se Legislativo; primeira Constituição. **1965:** nova Constituição; eleição do Legislativo; transferência da capital de Mafeking, na África do Sul, para Gaborone. **1966:** independência (30/9); Seretse Khama é o presidente. **1976:** criação do pula, a moeda nacional. **1980:** Khama morre (13/7); o vice, Quett (Ketumile) Masire, assume. **1984:** Masire é reeleito; repatriamento de guerrilheiros zimbabuanos de extrema direita; o descon-

tentamento com o alto nível de desemprego se reflete nas eleições municipais, em que o governo perde todas as prefeituras, à exceção da capital. **1985:** ataque sul-africano ao CNA, em Gaborone; morrem quinze pessoas (14/5). **1986:** criada comissão conjunta de defesa com o Zimbábue (fev.); novos ataques sul-africanos (19/5). **1987:** distúrbios de rua quase levam à proibição do oposicionista FNB, cujo líder, Kenneth Koma, é acusado por Masire de ligações com a Líbia e de ter insuflado as manifestações contra o governo; plebiscito aprova reforma eleitoral beneficiando o governista PNB. **1988:** após novo ataque sul-africano, dois militares de Pretória são presos e condenados a dez anos de prisão (dez.). **1989:** apesar das greves de empregados de banco, mineiros e professores, vitória do PNB; Masire é reeleito. **1990:** formada comissão de cooperação com a Namíbia. **1991:** greve de 70 mil funcionários públicos pois, Masire não cumpre a promessa, de início de out., de dar-lhes 154% de aumento; 12 mil grevistas são demitidos (6/11); acordo de cooperação com a África do Sul; criada a Frente Progressista do Povo da Botsuana, de oposição. **1992:** 250 soldados americanos treinam os 4.500 soldados da força de defesa; demissão do vice-pres., Peter Simako Mmusi, e do min. da Agricultura, Daniel Kuelagobe, por corrupção (9/3);Festus Mogae torna-se o vice; Mmusi e Kuelagobe são suspensos do Comitê Central do PNB (jun.); estudantes e oposição exigem que também deixem a Assembléia, que Masire renuncie e sejam convocadas eleições (10 a 17/3).

FATOS DO ANO

Durante 1993, prosseguem as negociações, iniciadas em 1991, visando a diminuir o controle que o grupo sul-africano De Beers detém de 80% da produção de diamantes do país. Essas conversações fazem parte de um esforço global para livrar-se da dependência econômica que Gaborone tem do país vizinho. Nesse contexto inserem-se os trabalhos, começados no ano anterior e intensificados em 1993, de construção de uma estrada que ligue a capital ao porto de Walvis Bay, na Namíbia, pelo qual a Botsuana possa escoar seu comércio exterior, evitando assim o uso de estradas que passem pelo território sul-africano.

A oposição não conseguiu êxito, em abr./mar. de 1992, em sua campanha pela renúncia do governo e pela convocação de eleições gerais antecipadas, motivada pelas denúncias de corrupção contra o vice-pres. Peter Simako Mmusi e o min. da Agricultura, Daniel Kuelagobe. Mas ambos foram demitidos de seus cargos ministeriais (9/3) e substituídos, respectivamente, pelo min. das Finanças, Festus Mogae, e por Kebathlamang Pitseyosi Morake. Em jun., foram desligados da direção do governista Partido Democrático da Botsuana (PDB), de que Kuelagobe era o secretário-geral. O pres. Ketumile Joni Masire assumiu interinamente esse posto, à espera de novas eleições.

Seca e desemprego – Num esforço para desanuviar o clima político e restabelecer o desgastado prestígio do PDB, o governo tenta reverter a taxa de desemprego, próxima dos 25%, por meio de incentivos à instalação de indústrias não-minerais, como uma alternativa à extração de diamantes, principal produto betchuano, responsável por 80% das exportações. Entre 1968 e 1989, esse produto deu ao país taxas médias de desenvolvimento anual superiores a 13%. No final da década de 80, porém, a crise internacional fez cair a demanda. Somando-se a isso o problema da seca, que, em 1°/4/1992, forçou a decretação do estado de emergência, o governo tem sido obrigado a promover cortes nos gastos públicos (mais de um terço da mão-de-obra é direta ou indiretamente empregada pelo Estado) e procurado criar incentivos que atraiam o capital estrangeiro.

O esforço de aproximação com os EUA resultou, durante 1992, na realização de exercícios militares conjuntos e na notícia, veiculada no início de 1993, de que estaria iminente a assinatura de um acordo para a instalação de uma base aérea americana perto da capital.

Brasil (ver capítulos *Dados Gerais, Geografia, População, História, Cidadania, Economia, Educação, Saúde Pública, Estados e Cronologia Brasil*)

Brunei

● **NOME OFICIAL:** Sultanato de Brunei. **Capital:** Bandar Seri Begauan. **Nacionalidade:** bruneiana. **Hino:** *Ó Deus, dê longevidade para nossa majestade, o sultão* (1° verso). **Língua:** malaio (oficial); chinês, inglês. **Religião:** islamismo, 66,5% (sunitas, maioria) (oficial); budismo, 11,8%; cristianismo, 8,9%; confucionismo e taoísmo. **Data nacional:** 1/1 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Ásia. **Área:** 5.765 km². **Limites:** mar da China Meridional (N); Estado de Sarauak (Malaísia) (L, S e O). **Características:** planície costeira pantanosa; colinas (O); montanhas (L). **Ponto mais elevado:** 369 m. **Clima:** equatorial chuvoso. **Rios principais:** Belait, Tutong, Temburong. **Cidades principais:** Bandar Seri Begauan (52.300 hab.) (área metropolitana, est.1988); Seria (23.511); Kuala Belait (19.281); Tutong (6.161) (1981). **Hora local** (em relação a Brasília): +11h.

● **POPULAÇÃO:** 268.000 (est.1992); **urbana:** 63,6% (1982). **Composição demográfica:** malaísios, 68,7%; chineses, 18,1%; outras etnias indígenas, 13,2% (1987). **Crescimento demográfico:** 2,6% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 36,1%; 15-59: 59,8%; mais de 60: 4,1% (1989). **Densidade (hab./km²):** 46,5 (1992). **Natalidade:** 29 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 3 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 9 por 1.000 (1989). **Fertilidade (n° de filhos por mulher):** 3,7 (1991). **Vida média homens:** 72,6; **mulheres:** 76,4 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 281 hab.; **médicos:** 1 por 1,5 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 27,8% do orçamento (1988).

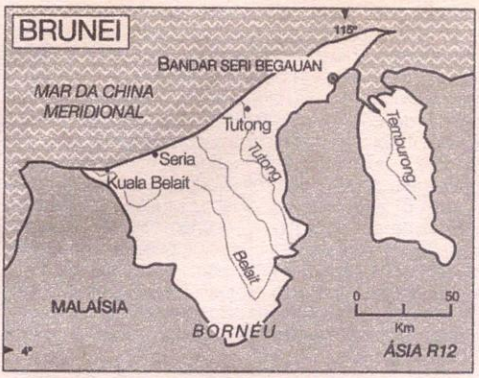
● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 14,9% (1986). **Alunos de 1° e 2° graus:** 70,9 mil; **professores:** 5 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 1,1 mil; **professores:** 214 (1989/90). **Gastos:** 10,7% do orçamento (1988).

● **GOVERNO:** sultanato. **Data da Constituição em vigor:** 29/9/1959 (vários artigos suspensos desde 1962). **Divisão administrativa:** 4 distritos. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado e de governo:** sultão Hassanal Bolkiah (desde 1°/8/1968). **Legislativo:** fechado.

● **ECONOMIA:** agricultura, 2,2%; indústria, 13,2%; mineração, 36,1%; comércio, 12,4%; serviços, 36,1% do PIB (1988). **Agricultura:** arroz, mandioca, banana, abacaxi. **Pecuária:** aves, suínos, búfalos. **Pesca:** 2,3 mil t (1990). **Indústria:** refino de petróleo, tijolos. **Minerais:** petróleo e gás natural. **Exportações:** US$ 2,4 bilhões; **produtos:** petróleo bruto e gás natural (1990). **Importações:** US$ 1 bilhão; **produtos:** manufaturas básicas, máquinas industriais e equipamentos de transporte, alimentos, animais vivos, químicos (1990). **Parceiros comerciais:** Japão, Grã-Bretanha, Coréia do Sul, Tailândia, Cingapura, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dólar do Brunei (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,59 (30/9/1992). **Produto Interno Bruto (PIB):** US$ 4 bilhões; **renda per capita:** US$ 27.860; **crescimento anual:** 2,9% (1983–1990). **Inflação anual:** 5,1% (1980–1989). **Dívida externa:** não há. **Força de trabalho:** 86,4 mil; **distribuição:** agricultura, 3,5%; indústria, 20,3%; comércio, 9,3%; serviços, 57,6%; outros, 9,3%; **mão-de-obra feminina:** 30,7% (1986). **Desemprego:** 6,1% (1986).

● **DEFESA: Efetivo total:** 4,45 mil (1992); **Exército:** 3,6 mil; **Marinha:** 550; **Força Aérea:** 300; **outros:** 1,7 mil paramilitares. **Gastos:** 18,4% do orçamento (1988).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 2,2 mil km; 50% pavimentados (1899); **n° de veículos:** 112,1 mil; **automóveis:** 100,1 mil (1990). **Ferrovias:** 19 km particulares (1990). **Portos:** Muara (marítimo); Bandar Seri Begauan, Seria, Luanda Belait (fluvial). **Linha aérea:** Royal Brunei Airlines (vôos internacionais).



• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; receptores: 1 por 2,6 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; receptores: 1 por 2,6 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 5,1 hab. (1989). **Jornais diários:** não há.

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 866 United Nations Plaza, Room 248, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 838-1600.

HISTÓRIA

O território incluía Bornéu do Norte (hoje Sabah) e Sarauak (hoje da Malaísia). **Séc. X – XIII:** presença de mercadores persas, árabes e indianos. **1405:** conversão do sultão Mohamed Auang Alak Betatar ao islamismo. **1432:** desligamento do império hindu-javanês de Majapahjit. **1500:** expedições do sultão Bolkiah Nakhoda Ragam a Java, Málaca e Filipinas. **1839:** ocupação de Sarauak pelo britânico James Brooke. **1847:** ocupação britânica da ilha de Labuan. **1878:** Sabah é comprado pela British North Borneo Company e, mais tarde, anexado pela Malaísia. **1888:** protetorado britânico. **1906:** Londres nomeia um conselheiro administrativo com poderes de governador-geral. **1907:** formação de um Conselho de Estado consultivo. **1941 – 1945:** dominação japonesa; volta a protetorado após a II Guerra Mundial. **1948 – 1959:** administração por um alto comissário, também gov.-geral do Sarauak. **1950:** Omar Ali Saifuddin é coroado sultão. **1959:** Constituição outorgada deixa a defesa e relações exteriores com a Grã-Bretanha. **1962:** A.M. Azahari proclama a independência do Calimantã do Norte; é derrotado e exilado; os partidos são proibidos. **1963:** Saifuddin renuncia à anexação à Malaísia, pois os sultões dessa federação recusam-lhe vassalagem. **1967:** Saifuddin abdica em favor de seu filho, Hassanal Bolkiah. **1971:** autonomia dentro da Comunidade Britânica. **1975:** resolução da ONU exige a retirada das tropas britânicas; retorno dos exilados e convocação de eleições. **1978:** acordo marca a independência para **1984** (1º/1). **1985:** criação do primeiro partido político, o Nacional Democrático (mai.). **1986:** surge o Partido Nacional Unido, dissidente do PND (fev.); ampliação do ministério para onze pastas e nomeação de ministros plebeus. **1988:** o PND é dissolvido e seus líderes presos por reivindicarem abertura. **1990:** libertados Abdul Latif Hamid e Abdul Latif Chuchu, do PND; campanha de islamização do país. **1991:** proibidas as bebidas alcoólicas (1º/1); assinatura, com a Grã-Bretanha, de um acordo de US$ 150 milhões, para modernizar as Forças Armadas (set.); reatamento com a China (30/9), a Rússia (1º/11) e em **1992:** com o Vietnã (29/2) e a Índia (set.); ingresso no Movimento dos Países Não-Alinhados (6/9); a comemoração dos 25 anos do sultanato de Muda Hassanal Bolkiah Muizzaddin Uadaulá (5/10) enfatiza a importância do islamismo e da cultura bruneio-malaia e o papel da monarquia para a afirmação da identidade nacional; adesão ao sistema de tarifas especiais comuns da ASEAN (23/10) e assinatura de acordos bilaterais com a CEE (31/10) visando à formação, até 1995, de 2 mil *joint-ventures*, que gerem de 20 mil a 30 mil novos empregos.

Bulgária

• **NOME OFICIAL:** República da Bulgária. **Capital:** Sófia. **Nacionalidade:** búlgara. **Hino:** *Pátria querida* (1º verso). **Língua:** búlgaro (oficial); macedônio, turco (minorias). **Religião:** cristianismo (Igreja Ortodoxa Búlgara, 88,5%); islamismo, 9%; judaísmo (minoria). **Datas nacionais:** 9 e 10/9 (Pátria); 7/11 (Revolução).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Europa. **Área:** 110.994 km². **Limites:** Romênia (N); mar Negro (L); Turquia (SE); Grécia (S); Macedônia (SO); Iugoslávia (O). **Características:** território cortado pela cadeia montanhosa dos Bálcãs; planície do rio Danúbio (N); bacia do rio Maritsa (S); maciço Rila-Ródope (SO). **Ponto mais elevado:** pico Musala (2.925 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Danúbio, Iskur, Struma. **Cidades principais:** Sófia (1.220.900 hab.); Plóvdiv (379.100); Varna (320.600); Burgas (226.100); Rêuss (209.800) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

• **POPULAÇÃO:** 8.985.000 (est.1992); **urbana:** 68,2% (1992). **Composição demográfica:** búlgaros, 85,3%; turcos, 8,5%; ciganos, 2,6%; macedônios, armênios, russos (minorias) (1989). **Crescimento demográfico:** -0,2% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 20,2%; **15-59:** 60,5%; **mais de 60:** 19,3% (1991). **Densidade (hab./km²):** 81 (1992). **Natalidade:** 10,7 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 12,1 por 1.000; **mortalidade infantil:** 16,7 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,6 (1991). **Vida média homens:** 68; **mulheres:** 74,7 (1989 – 1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 103 hab.; **médicos:** 1 por 337 hab. (1991).

• **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 4,5% (1980). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,3 milhão; **professores:** 90,9 mil (1991/92). **Alunos no ensino superior:** 175,6 mil; **professores:** 24 mil (1991/92). Gastos (educação e saúde pública): 18,8% do orçamento (1988).

• **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 13/7/1991. **Divisão administrativa:** 9 regiões e 1 comuna (Sófia). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União das Forças Democráticas, Socialista, Mov. pelos Direitos e pela Liberdade. **Chefe de Estado:** pres. Jéliu Jéliev (desde 1º/8/1990). **Chefe de governo:** 1º-min. Liúben Bérov (jan./1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 240 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 12,9%; indústria, 50%; comércio e serviços, 37,1% do PIB (1991). **Agricultura:** trigo, milho, cevada, beterraba, uva, tabaco. **Pecuária:** aves, ovinos, suínos. **Pesca:** 56,1 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, bebidas, fumageira, construção, eletrônica, química, fertilizantes, metalúrgica. **Minerais:** carvão, minério de ferro, cobre, chumbo, zinco, petróleo. **Exportações:** US$ 12,7 bilhões; **produtos:** vinho, máquinas e equipamentos industriais (1990). **Importações:** US$ 12,4 bilhões; **produtos:** máquinas e equipamentos industriais, combustíveis minerais, metais (1990). **Parceiros comerciais:** países membros do Conselho de Assistência Econômica Mútua, Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** leu (dividido em 100 stotinki); **cotação para 1 US$:** 23,30 (31/8/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 19,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.210 (1990); **crescimento anual:** 2,5% (1980 – 1990). **Inflação:** 73% (1991). **Dívida externa:** US$ 12,2 bilhões (1992). **Força de trabalho:** 4,9 milhões (1985); **distribuição (setor estatal):** agricultura, 19%; indústria, 44,6%; comércio, 8,9%; serviços, 26,9%; outros, 0,6% (1991); **mão-de-obra feminina:** 47,7% (1985). **Desemprego:** 17% (1993).

• **DEFESA: Efetivo total:** 107 mil (1992); **Exército:** 75 mil; **Marinha:** 10 mil; **Força Aérea:** 22 mil; **outros:** 16 mil paramilitares. **Gastos:** 7% do PNB (1991).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 36,9 mil km; 92% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 1,5 milhão; **automóveis:** 1,3 milhão (1990). **Ferrovias:** 6,6 mil km (1991). **Portos:** Burgas, Varna (mar Negro); Ruse, Lom (rio Danúbio). **Linhas aére-**

as: Balkan Bulgarian Airlines (vôos internacionais e domésticos); Hemus Airlines, Jes Air, Via Air, VSAU Helli Airlines (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,8 hab. (1992). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 3,9 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,6 hab. (1989). **Jornais diários:** 17; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 267 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SEN – Av. das Nações, lote 8, CEP 70432-900, Brasília, DF; tel. (061) 223-5193.

HISTÓRIA

Os búlgaros descendem de invasores eslavos da Trácia e Mésia (séc. VI) e da população turca local. Anexada pelo Imp. Bizantino (séc. XI), a região foi independente (séc. XII–XIII), depois dominada pelos otomanos até 1885. **1876:** esmagada revolta contra os turcos. **1878:** o Tratado de San Stefano, após a Guerra Russo-turca, cria o Principado da Bulgária, sob suserania otomana; a Rumélia, ao sul, permanece turca. **1885:** o princ. Alexandre de Battenberg anexa a Rumélia; seu sucessor, princ. Ferdinando de Saxe-Coburgo-Gotha, coroa-se tsar. **1912/13:** derrota nas Guerras Balcânicas; perda de territórios para a Sérvia, Romênia, Grécia e Turquia. **1914 – 1918:** apoio à Alemanha; perda de novos territórios. **1941 – 1944:** aliança com a Alemanha; invasão soviética põe o PC no governo. **1946:** fim da monarquia; nacionalização da indústria, coletivização da agricultura. **1955:** adesão ao Pacto de Varsóvia. **1969:** campanha de Todor Jívkov contra o "revisionismo" anti-soviético. **1971:** nova Constituição. **1973 – 1975:** acordos de cooperação com a Áustria e a Grécia. **1982:** expurgo de corruptos do Comitê Central do PC. **1987:** reformas baseadas na *pierestróika* soviética. **1989:** choques com a minoria turca, que resiste à eslavização compulsória; renúncia de Jívkov (10/11) por divergir dos reformistas; Pétar Mladênov o substitui; anistia e revogação das penas por "calúnia contra o Estado e o PCB" (17/11). **1990:** fim do monopólio do poder pelo PCB; reabilitação dos oposicionistas condenados (15/1); prisão de Jívkov, acusado de "crimes contra o povo" (18/1); reconhecidos os direitos da minoria turca (30/1); renúncia do 1º-min. Gueórgui Atanássov (1º/2), substituído por Aleksandr Lílov e, depois, por Andrêi Lukânov (3/2); implantação do pluripartidarismo (13/3); vitória do Partido Socialista Búlgaro (ex-PC) nas eleições constituintes (10 e 17/6); Mladênov, acusado de apoiar a repressão aos oposicionistas, renuncia (6/7) e é substituído por Jéliu Jéliev (30/7); protestos e greves (out.) contra o programa econômico de Lukânov, que renuncia (20/12) e é substituído por Dimíter Popóv, chefe de um governo interino de coalizão. **1991:** pacto com os sindicatos; protestos contra o fim dos subsídios aos produtos básicos e às tarifas públicas (fev.); nova Constituição (12/7) institui a inviolabilidade da propriedade privada e a liberdade de opinião; vitória da oposicionista União das Forças Democráticas; Filip Dmítrov é o 1º-ministro (8/11) e confisca os bens do ex-PC. **1992:** Jéliev tem dificuldade para se reeleger devido à não-aprovação de suas reformas econômicas (jan.); greve geral contra os baixos salários e o desemprego (8/1); a *Podkrepa*, central sindical de situação, rompe com o governo por divergências econômicas (fev.); fim das restrições à remessa de lucros, à propriedade estrangeira de empresas nacionais e de terras, desde que em *joint-ventures* (abr.); ingresso no Conselho da Europa (7/5); greve dos mineiros, liderada pelo *Podkrepa*, força reforma ministerial; prisão de Lukânov, acusado do desvio de US$ 500 milhões (jul.).

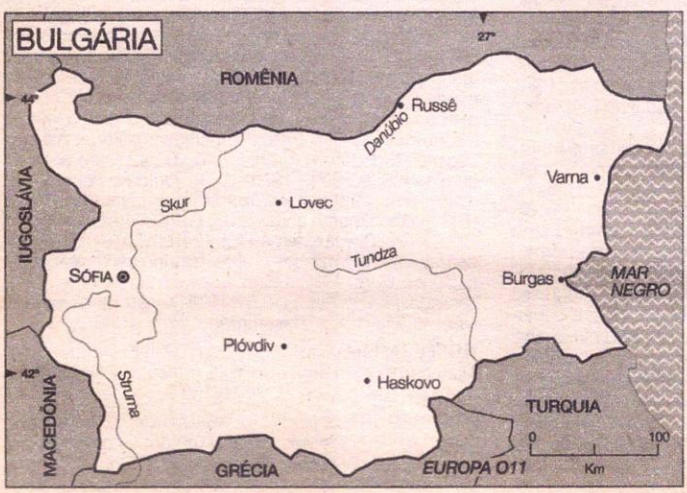
FATOS DO ANO

Em jan. de 1993, Liúben Bérov vai a Paris, em busca de créditos, pois o pagamento dos US$ 12 bilhões da dívida externa, ainda não equacionado com os credores, impede a entrada de novos investimentos. É a primeira gestão internacional do novo 1º-ministro, levado ao poder pelos problemas decorrentes da transição para a democracia liberal. A insatisfação com os 17% de desemprego e o baixo valor das aposentadorias – o país tem 2,3 milhões de aposentados, em sua maioria recebendo cerca de US$ 25 – tinham provocado, em out. de 1992, a queda do 1º-min. Filip Dimítrov, da conservadora União das Forças Democráticas (UFD). O que precipitou sua saída foi a retirada do apoio do Movimento pelos Direitos e as Liberdades (MDL), de Ahmed Dogan, representante da minoria turca, que rompeu com a coalizão de governo.

Um professor no comando – Mas o novo chefe de governo só foi apontado em 30/12/1992; e saiu do MDL, que, embora tenha apenas 24 cadeiras no *Národno Sobrânie* (a Assembléia Nacional), se posiciona como o fiel da balança. Professor universitário, Liúben Bérov passou a encabeçar a coligação do MDL com parte da UFD e alguns membros do Partido Socialista (ex-PC), de Jan Vidênov. Familiarizado com as reivindicações dos turcos, Bérov prometeu restituir-lhes as terras confiscadas pelos comunistas; fez planos para o aumento das pensões; e, defensor que é da pena de morte, empenhou-se no combate à crescente criminalidade.

Mas o estado de graça do novo governo dura pouco: em jun. de 1993, estouram protestos na capital contra a tolerância governamental em relação a antigos comunistas que continuam em atividade. Um voto de confiança renova o apoio a Bérov; mas o alvo, agora, parece ser o pres. Jéliu Jéliev, que se enfraquece, em jul., com a renúncia de sua vice, Blaga Dimítrova.

A transformação de uma economia, predominantemente agrícola, dos moldes socialistas para os capitalistas é desastrosa. Devido ao desmantelamento das cooperativas, é preciso sacrificar 1,9 milhão de ovelhas, 460 mil porcos e 235 mil cabeças de gado, pois as recém-criadas pequenas fazendas privadas não têm condições de absorvê-los. O setor industrial, sem competitividade, está em franco declínio desde a troca do regime. O comércio exterior caiu muito depois que dois terços das exportações búlgaras deixaram de ser escoados para a ex-URSS. O processo de privatização é lento: apenas doze empresas estão sendo vendidas; outras 84 foram selecionadas para serem repassa-



das à iniciativa privada, mas as autoridades temem que um programa de privatização executado às pressas possa colocar fábricas importantes nas mãos de ex-comunistas corruptos. Além disso, não há fundos para certos investimentos que são necessários, de modo a torná-los atraentes para os demais compradores. E o FMI impõe ao país que chegue a um déficit público de 7,9% do PIB, em 1993, quando a inflação anual bate na casa dos 80%. Mas o clima, nas ruas de Sófia, é descontraído. Uma nova elite ocidentalizada beneficia-se do conforto trazido por 50 mil novos negócios privados abertos entre 1992/93; e o fim da crise energética pode ser vislumbrado: em ago. de 1993, o Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento aprova verbas para a remodelação da usina nuclear de Kozlody, responsável por 40% da energia elétrica do país, mas considerada, pelos organismos internacionais, a mais perigosa da Europa.

A guerra na ex-Iugoslávia é fonte de preocupações para o país, que, devido às sanções econômicas que a ONU impôs ao vizinho em conflito, perde, em 1993, cerca de US$ 2 milhões em negócios. Pior do que o prejuízo econômico seria a ampliação do conflito, dizem as autoridades, lembrando-se de que, no século passado, búlgaros e sérvios guerrearam durante três anos pela posse da Macedônia. No plano do comércio exterior, entretanto, uma esperança está na intensificação do comércio com a vizinha Grécia, cujos empresários já demonstraram interesse em investir no mercado potencial búlgaro.

Burkina

● **NOME OFICIAL:** Burkina Fasso (República do Burkina). **Capital:** Uagadugu. **Nacionalidade:** burkinense. **Hino:** *O Volta* (1º verso). **Língua:** francês (oficial); numerosas línguas indígenas (mossi, principal); dialetos locais. **Religião:** animismo, 44,8%; islamismo, 43%; cristianismo, 12,2% (católicos, 9,8%; protestantes, 2,4%). **Datas nacionais:** 11/12 (República); 3/1 (Revolução de 1966).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da África. **Área:** 274.200 km². **Limites:** Mali (N e O); Níger (L); Benin (SE); Togo e Gana (S); Costa do Marfim (SO). **Características:** planalto ligeiramente descendente para o sul, cortado por vales; região desértica (N). **Ponto mais elevado:** monte Tenakuru (747 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rios principais:** Muhn, Nakambe, Nazinon. **Cidades principais:** Uagadugu (441.514 hab.); Bobo-Diulasso (228.668); Kudugu (51.926); Uahiguya (38.902); Banfora (35.319) (1985). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 9.515.000 (est.1992); **urbana:** 8,6% (1988). **Composição demográfica:** mossis, 47,9%; mandingos, 8,8%; peuls, 8,3%; lobis, 6,9%; bobos, 6,8%; senufos, 5,3%; grussis, 5,1%; gurmanches, 4,8%; tuaregues, 3,3%; outros, 2,8% (1983). **Crescimento demográfico:** 3% (1990–1995). **Faixas etárias:** 0-14: 49,1%; 15-59: 45,2%; mais de 60: 5,7% (1990). **Densidade (hab./km²):** 34,7 (1992). **Natalidade:** 47 por 1.000 (1990/91). **Mortalidade:** 17,1 por 1.000; **mortalidade infantil:** 127 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,5 (1990–1995). **Vida média homens:** 47,6; **mulheres:** 50,9 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,4 mil hab. (1984); **médicos:** 1 por 29,9 mil hab. (1988). **Gastos com saúde:** 7,2% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 81,8% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 564 mil (1989/90); **professores de 1º grau e de ensino profissionalizante:** 8,9 mil (1989/90); e **de 2º grau:** 1,7 mil (1987/88). **Alunos no ensino superior:** 5,7 mil; **professores:** 205 (1989/90). **Gastos:** 19,4% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana (CFA). **Data da Constituição em vigor:** 2/6/1991. **Divisão administrativa:** 30 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Frente Popular, Aliança pela Democracia e Federação, Organização pela Democracia Popular/Mov. do Trabalho. **Chefe de Estado:** pres. Blaise Compaorê (desde 1º/12/1991). **Chefe de governo:** 1º-min. Iussuf Uedraogo (desde 16/6/1992). **Legislativo:** unicameral – Assembléia dos Deputados Populares, com 107 membros eleitos por voto direto para mandatos de 7 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 45,8%; indústria, 16,6%; mineração, 0,1%; comércio, 12,3%; serviços, 25,2% do PIB (1987). **Agricultura:** algodão, tubérculos, semente de gergelim, milhete, sorgo, milho. **Pecuária:** caprinos, ovinos, bovinos. **Pesca:** 7 mil t (1990). **Indústria:** descaroçamento de algodão, têxtil, alimentícia, bebidas alcoólicas. **Minerais:** ouro, antimônio, mármore, manganês, fosfato, zinco, prata, chumbo, níquel, calcário. **Exportações:** US$ 94,9 milhões; **produtos:** pecuários, têxteis, ouro, animais vivos (1989). **Importações:** US$ 393 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, artigos manufaturados, alimentos (cereais, principal), químicos, derivados de petróleo (1989). **Parceiros comerciais:** França, Costa do Marfim, Tailândia, Togo, Itália. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 239,1 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 3,2 bilhões; **renda per capita:** US$ 350 (1991); **crescimento anual:** 4% (1980 – 1991). **Inflação anual:** 4,5% (1980 – 1990). **Dívida externa:** US$ 834 milhões (1990). **Força de trabalho:** 4 milhões; **distribuição:** agricultura, 92,3%; indústria, 2,8%; comércio e serviços, 4,9%; **mão-de-obra feminina:** 49,1% (1985). **Desemprego:** 0,9% (1985).

● **DEFESA: Efetivo total:** 7,2 mil (1992); **Exército:** 7 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 200; **outros:** 1,5 mil paramilitares. **Gastos:** 16,9% do orçamento (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 13,1 mil km (1991); 12% pavimentados (1986); **nº de veículos:** 25 mil; **automóveis:** 12 mil (1990). **Ferrovias:** 495 km (1989). **Portos:** não há. **Linhas aéreas:** Air Afrique (vôos internacionais), Air Burkina (domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 46 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 223 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 569 hab. (1988). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 0,9 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 2.340 Massachusetts Ave. NW., Washington, D.C. 20008, EUA; tel. (001-202) 332-5577.

HISTÓRIA

Os omagadongu, do Imp. Mossi, entram em declínio, no séc. XIX, ao serem derrotados pelos reinos do Mali e Senegal. **1896:** protetorado francês. **1904 – 1947:** desmembramento; anexação às colônias do Senegal, Níger e Costa do Marfim; volta a ser território unitário. **1958:** proclamada a República do Volta, dentro da Comunidade Francesa. **1959:** Maurice Yameogo, da União Pró-África

Francesa e Democrática, é o 1º-min. do Alto Volta. **1960:** independência; Yameogo é o presidente. **1966:** Yameogo é deposto pelo ten.-cel. Sangulé Lamizana. **1970/71:** redemocratização; eleições gerais; nova Constituição. **1974:** Lamizana assume poderes absolutos. **1977:** plebiscito aprova anteprojeto de Constituição. **1978:** reeleito, Lamizana nomeia Joseph Issufu Conombo 1º-ministro. **1980:** o cel. Saye Zerbo derruba Lamizana. **1981:** dissolução da Confederação Sindical Voltense; deposição de Zerbo por Jean-Baptiste Uedraogo. **1983:** Uedraogo ordena a prisão do 1º-min. cel. Thomas Sankara, de esquerda; anúncio do retorno dos militares à caserna; deposição de Uedraogo por Sankara, beneficiado por anistia. **1984:** o país passa a chamar-se Burkina Fasso (república dos homens honestos); aborta o golpe do cel. Didier Tendrebeogo. **1985:** anistia para presos políticos; guerra com o Mali (dez.) pela posse do Agacher. **1986:** Sankara substitui o gabinete por três coordenadores-gerais: os cap. Blaise Compaorê e Henri Zongo e o com. Jean-Baptiste Bukari Lingani (19/8). **1987:** prisão do líder sindical Suman Turê provoca o golpe de Compaorê: Sankara, deposto, é fuzilado (15/10); Turê, libertado, recusa-se a participar do governo; sufocada a revolta do cap. Bukari Kaborê (28/10) em Kudugu. **1988:** criação dos Comitês Revolucionários chefiados pelo cap. Arsène Yé-Bognessan (mar.); anistia aos golpistas de 1987 (jun.). **1989:** execuções de militares e civis leais a Sankara (jan.); a Organização para a Democracia Popular e o Movimento do Trabalho passam ao comando do regime (abr.); execução de Lingani e Zongo, acusados de traição; Compaorê assume duas pastas, do Exército e da Economia, e nomeia seu vice o cap. Gilbert Dienguerre. **1991:** reconhecimento dos partidos políticos (13/2); o ODP/MT abandona o marxismo-leninismo (mar.); Kaborê, beneficiado por uma anistia, volta de Gana (8/4); nova Constituição, aprovada em plebiscito (2/6); boicote da oposição às eleições: Compaorê é eleito como candidato único (1º/12); após o assassinato de Clément Umaru Uedraogo, do PTB, e o atentado de que escapa Tall Moctar, do GRD (9/12), Compaorê cancela as eleições de 9/1/1992; mas a reação popular o faz voltar atrás e convocar um Fórum de Reconciliação Nacional. **1992:** golpe militar frustrado (2/1); anistia a 4 mil presos políticos (9/1); o FRN se esvazia por falta de quórum (11 a 20/2); o ODP/MT ganha as eleições legislativas (24/5); Yussuf Uedraogo é nomeado 1º-ministro (16/6).

FATOS DO ANO

Em dez. de 1992 e de novo em mar. de 1993, a greve geral é convocada pela Confederação Geral do Trabalho, em protesto contra a estrita aplicação, pelo governo do pres. Blaise Campaorê, do Plano de Ajuste Estrutural adotado, cinco anos antes, de acordo com diretrizes do FMI. Para diminuir as pressões dos setores descontentes, Compaorê recorre à França, da qual recebe um empréstimo no valor de 600 milhões de francos CFA; e, com o objetivo de ampliar o mercado para os produtos de seu país, restabelece relações com a Indonésia (8/8/1992) e com o Chile (1º/10/1992).

Estudantes mortos – Apesar da adoção do multipartidarismo e da realização, em 24/5/1992, de eleições legislativas – contestadas por 27 dos 62 partidos registrados, sob a alegação de fraude na apuração –, os problemas econômicos, agravados pela seca e pela queda, no mercado internacional, do preço do algodão e do ouro, impedem que a tensão social diminua. Ao protestarem contra o aumento no preço dos alojamentos e das refeições no restaurante universitário, e contra os cortes nas bolsas de estudo, os estudantes da Universidade de Uagadugu são reprimidos pela polícia, deixando, entre 19 e 20/1/1993, um saldo de quinze feridos. No dia seguinte, os policiais ocupam o campus universitário para coibir as manifestações, que se espalharam pela capital com o apoio dos secundaristas.

Além disso o governo ignora, logo depois, as ameaças de Toliê Sagmon, o sec.-geral da CGT, que organiza uma campanha contra o desemprego e o arrocho salarial causados pelo plano de ajuste: ao votar o "orçamento de austeridade" para 1993, a nova Assembléia aprova também a criação de uma taxa sobre o valor agregado (TVA) a ser cobrada em todas as mercadorias. Causa surpresa, portanto, num país onde as tradições repressivas ainda não foram de todo eliminadas, a entrevista coletiva, em 20/6/1993, de Halidu Uedraogo, pres. do Movimento Burkinabê dos Direitos Humanos, afirmando não haver mais presos políticos no país.

Um fôlego novo é dado ao governo, em mai. de 1993, quando o min. das Finanças e do Planejamento, Roch Christian Kaborê, consegue negociar um acordo que concede ao Burkina um crédito de 10,4 bilhões de francos CFA e prevê o reescalonamento da dívida externa. Ao compromisso que o 1º-min. Yussuf Uedraogo formulara, ao tomar posse em jun. de 1992, de priorizar o desenvolvimento agrícola e incentivar a criação de pequenas e médias empresas, que criem novos empregos, junta-se, após o acordo com os credores internacionais, o de Kaborê, de enxugar a máquina administrativa (o país tem 36.000 funcionários públicos, em grande parte inativos).

Burundi

● **NOME OFICIAL:** República do Burundi. **Capital:** Bujumbura. **Nacionalidade:** burundinesa. **Hino:** *Caro burundi, ó doce terra* (1º verso). **Língua:** francês, quirundi (oficiais); suahili. **Religião:** cristianismo, 85,5% (católicos, 78,3%; protestantes, 4,9%; anglicanos, 2,2%); animismo, 13,5%; islamismo, 0,9%. **Data nacional:** 1º/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-leste da África. **Área:** 27.834 km². **Limites:** Ruanda (N); Tanzânia (L e S); Zaire, lago Tanganica (O). **Características:** elevações cobertas de relva e planaltos elevados (maior parte); parte do vale da Grande Fenda (S); planície do rio Ruzizi e lago Tanganica (O). **Ponto mais elevado:** monte Heho (2.670 m). **Clima:** tropical de altitude. **Rios principais:** Cagera, Ruvuvu, Ruzizi, Aquiniaru. **Cidades principais:** Bujumbura (226.628 hab.) (1990); Gitega (95.300) (1986); Ngozi (20.000) (1982). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 5.657.000 (est.1992); **urbana:** 7,5% (1986). **Composição demográfica:** rundis, 97,4% (hutus, 81,9%; tutsis, 13,5%); pigmeus twas, 1%; outros, 1,6% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,2% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 45,1%; **15-59:** 50,1%; **mais de 60:** 4,8% (1990). **Densidade (hab./km²):** 218 (superfície terrestre, 1992). **Natalidade:** 47 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 15 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 111 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,9 (1991). **Vida média homens:** 50; **mulheres:** 54 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 515 hab.; **médicos:** 1 por 31,8 mil hab. (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 50% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 640,5 mil; **professores:** 11,4 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 3,3 mil; **professores:** 556 (1989/90). **Gastos:** 16% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** regime militar. **Data da Constituição em vigor:** 13/3/1992. **Divisão administrativa:** 15 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União pelo Progresso Nac., de Libertação do Povo Hutu. **Chefe de Estado:** vago. **Chefe de governo:** 1º-min. Sylvie Knigi (interina). **Legislativo:** fechado.

● **ECONOMIA:** agricultura, 48,5%; indústria, 17,1%; comércio, 9,1%; serviços, 25,3% do PIB (1991). **Agricultura:** café, chá, mandioca, batata-doce. **Pecuária:** caprinos, bovinos, ovinos. **Pesca:** 17,3 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, têxtil. **Minerais:** ouro, tungstênio, colombo-tantalita, vanádio, urânio, níquel, petróleo. **Exportações:** US$ 91,7 milhões; **produtos:** café, chá, minerais, couros e peles (1991). **Importações:** US$ 254,3 milhões; **produtos:** equipamentos industriais e de transporte, combustíveis, materiais de construção, alimentos (1991). **Parceiros comerciais:** Bélgica, Luxemburgo, França, Alemanha.

Pesos e medidas: sistema métrico decimal. **Moeda:** franco do Burundi (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 208,00 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,2 bilhão; **renda per capita:** US$ 210 (1991); **crescimento anual:** 4,3% (1980 – 1991). **Inflação anual:** 4,2% (1980 – 1989). **Dívida externa:** US$ 961 milhões (1991). **Força de trabalho:** 2,7 milhões; **distribuição:** agricultura, 93,1%; indústria, 2,3%; comércio, 0,9%; serviços, 3,6%; outros, 0,1% (1979); **mão-de-obra feminina:** 52,7% (1986).

• **DEFESA: Efetivo total:** 6,15 mil (1992); **Exército:** 5,5 mil; **Marinha:** 50; **Força Aérea:** 150; **outros:** 1,5 mil paramilitares. **Gastos:** 2,6% do PNB (1989).

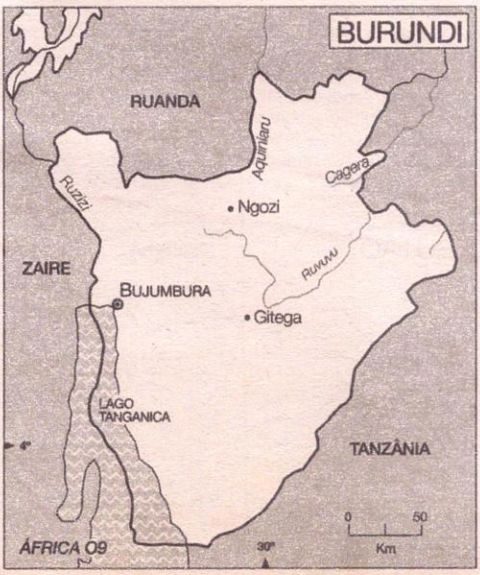
• **TRANSPORTES: Rodovias:** 6,3 mil km; 16% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 25,5 mil; **automóveis:** 12,7 mil (1990). **Ferrovias:** não há. Porto: Bujumbura (lago Tanganica). **Linha aérea:** Air Burundi (vôos internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 11 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 1,2 mil hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 611 hab. (1990). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 3,6 (1991).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 2.223 Wisconsin Ave. NW., Suite 212, Washington, D.C. 20007, EUA; tel. (001-202) 342-2574.

HISTÓRIA

Após expulsar os pigmeus tua da região, os hutu, de origem bantu, são subjugados (séc. XV–XVI) pelos tutsi, vindos da Etiópia, que resistem, até o fim do séc. XIX, às tentativas européias de colonização. **1899:** Burundi e Ruanda integram a África Or. Alemã, invadida, em 1918, pela Bélgica. **1946:** o Ruanda-Urundi belga torna-se curadoria da ONU. **1961:** regime de autogoverno limitado; o 1º-min. Ganua Ruagasore é assassinado. **1962:** no reinado de Muambutsa IV, o Burundi torna-se independente. **1966:** o rei é deposto por seu filho, Ntare V, derrubado pelo cel. Michel Micombero. **1972:** fracassa golpe de Ntare V, que é assassinado; a minoria tutsi, no poder, massacra, por rivalidades étnicas, 300 mil hutus. **1974:** nova Constituição. **1976:** Micombero é deposto pelo ten.-cel. Jean Baptiste Bagaza. **1978:** é abolido o posto de 1º-ministro. **1979:** o Comitê Central do Partido da União para o Progresso da Nação (Uprona) assume as funções executivas. **1981:** nova Constituição. **1984:** Bagaza é eleito como candidato único. **1984 – 1987:** perseguições à Igreja Católica; denúncias de violação dos direitos humanos pela Anistia Internacional. **1987:** Bagaza é deposto pelo maj. Pierre Buyoya (3/9); é dissolvido o Uprona, suspensa temporariamente a Constituição e instalado um Conselho Militar de Redenção Nacional; libertação de cem presos políticos; melhoram as relações com a Igreja; o novo gabinete (1º/10) tem apenas civis. **1988:** novo massacre de hutus (ago.) em Ntega e Marangara; 60 mil pessoas fogem para Ruanda; nomeação de onze ministros hutu. **1989:** comissão multiétnica estuda as causas do tribalismo e da desunião nacional (mai.) e, em **1990:** redige a *Carta da União Nacional* (mai.) que, em **1991:** aprovada em plebiscito (5/2), dá igualdade de direitos a todas as etnias; mas rebeldes do *Palipehutu* (Partido de Libertação do Povo Hutu) invadem Bujumbura e matam 114 pessoas; em represália, os tutsis matam 551 hutus e 50 mil pessoas fogem para o Zaire e Ruanda (nov.); é concedida anistia a todos os presos políticos. **1992:** Buyoya reúne-se com os pres. Mobutu, do Zaire, e Habyarimana, de Ruanda, para discutir sua repatriação (4/1); fracassa golpe de militares pró-Bagaza (4/3) e são presos o chanceler Cyprien Mbonimpa e o ex-min. do Interior Charles Kazata; remanejamento ministerial nomeia 60% de ministros hutus (2/4), provocando revolta dos setores tutsis.



FATOS DO ANO

No final de nov. de 1993, ainda está indefinida a situação política após o golpe de 21/10: ele derrubou o primeiro governo, na história do país, de um representante da maioria hutu. A vitória surpreendente de Melchior Ndadaye, líder da oposicionista Frente pela Democracia no Burundi (Fredebu), nas eleições de 1º/6/1993, é um claro sinal de que os hutu querem pôr um fim à dominação política da minoria tutsi e à ditadura do pres. Pierre Buyoya, no poder desde 1987. Buyoya obtém apenas 32,39% dos votos, contra 64,75% de seu adversário. E nas legislativas, em 28/6, a Fredebu conquista 71,4% dos votos, ficando com 65 das 81 cadeiras na Assembléia.

Dissidente eleito – Ndadaye, um psicólogo de 40 anos, que fez carreira como diretor de banco, foi exilado entre 1972 e 1983, por protestar contra massacres de sua etnia. Ao voltar, fundou a Fredebu; mas só em 1992 ela pôde ser legalizada. E em 1988 esteve preso por organizar uma campanha exigindo maior participação hutu nos quadros do governo. Tudo isso, somado ao descontentamento da oficialidade tutsi com sua eleição, faz com que aja cautelosamente: em 10/6, nomeia um gabinete em que há 40% de tutsis – a começar pela 1ª-min. Sylvie Knigi, muito ligada a Buyoya e responsável pelo Plano de Ajuste Estrutural do governo anterior. Assina uma anistia geral que beneficia 150 presos políticos e comuns; e promove o repatriamento de 300 mil hutus refugiados na Tanzânia devido aos massacres dos anos anteriores.

Nada disso, porém, acalma os militares: depois de ter fracassado, em 3/7, o golpe do ten.-cel. Sylvestre Ningaba, que é preso, Ndadaye é derrubado, em 21/10, pelo II Batalhão de Pára-Quedistas, chefiado pelo cel. Jean Pikomagu, chefe do Estado-Maior, e por François Ngeze, que se nomeia chefe de um Comitê de Salvação Nacional (ambos são tutsis da província de Burure). Ndadaye, seu vice, Giles Bimazubiute, o vice-1º-min., Bernard Ciza, e o pres. do Parlamento, Pontien Karibuami, são executados. Ningaba é posto em liberdade. A sra. Knigi e alguns ministros refugiam-se na embaixada francesa.

Mas os golpistas não contam com a reação popular: frustrados em sua esperança de ver mudar sua situação, hutus massacram tutsis por toda parte: sua comunidade é inteiramente dizimada em Cibitoke e Karuzi; os alunos de uma escola tutsi de Kibamba são trancados dentro do prédio e queimados; o Exército não consegue chegar a Gitega e Ruysi para protegê-los, pois as estradas foram bloqueadas com troncos e as pontes, dinamitadas. Mais de 300 mil pessoas cruzam a fronteira para Ruanda. Em 23/10, os golpistas, admitindo o fracasso, propõem a Knigi formar novo governo; mas ela se recusa a negociar e pede a intervenção dos EUA, França e Bélgi-

ca, alegando não poder conceder a anistia exigida pelos rebeldes pois, assim, eles continuariam a dominar a política nacional. Desconfia também que a oferta de reconciliação é um artifício para forçá-la a sair do asilo na embaixada e ser presa juntamente com o remanescente de seu ministério.

Em 26/10, diante das evasivas das nações ocidentais e após ter recebido do min. da Defesa, ten.-cel Charles Ntanije, a garantia de que há no Exército oficiais leais ao regime, ela suspende o toque de recolher; e em 10/11 faz um acordo com os militares, que concordam com o envio de uma força de paz da ONU para proteger os sobreviventes do efêmero governo Ndadaye. Resta-lhe, em seguida, a tarefa ingrata de nomear um governo interino e de convocar novas eleições, num país dividido por ódios tribais exacerbados, às voltas com o problema da reinserção de refugiados, dependente das flutuações do preço do café no mercado externo e sem condições, a longo prazo, de abrir mão da ajuda que recebe do exterior – mas que, agora, é condicionada à normalização democrática. Ficam, com isso, indefinidamente adiados os planos da sra. Knigi de criar, no país, uma zona de livre comércio, cujos alicerces tinham sido colocados por Adrien Sibomana, o último chefe de governo de Buyoya (para fatos posteriores a essa data, ver o capítulo *Cronologia Mundo*).

Butão

• **NOME OFICIAL:** Reino do Butão. **Capital:** Timfu. **Nacionalidade:** butanesa. **Hino:** *No reino da terra do dragão, ornamentado de sândalo* (1º verso). **Língua:** dzongká (oficial); nepalês (S). **Religião:** budismo mahayana, 69,6% (oficial); hinduísmo, 24,6% (S); islamismo, 5%. **Data nacional:** 17/12 (Pátria).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Ásia. **Área:** 46.500 km². **Limites:** China (N); Índia (L, S e O). **Características:** território circundado pela cordilheira do Himalaia; vales férteis (O); planície de Duar recoberta por florestas (S). **Ponto mais elevado:** pico Kula Kangri (7.554 m). **Clima:** de montanha. **Rios principais:** Dangmê Chu, Amo Chu, Tongsa Chu, Lhoorak. **Cidades principais:** Timfu (20.000 hab.) (1985); Funtsholing (10.000) (1982). **Hora local** (em relação a Brasília): +9h.

• **POPULAÇÃO:** 1.511.000 (est.1992); **urbana:** 13,1% (1985). **Composição demográfica:** butaneses, 62,5%; nepaleses gurungs, 17,7%; sharchops, 13,2%; outros, 6,6% (1983). **Crescimento demográfico:** 2% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 40,3%; **15-59:** 53,4%; **mais de 60:** 6,3% (1988). **Densidade (hab./km²):** 32,1 (1992). **Natalidade:** 39 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 19 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 128,2 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,9 (1991). **Vida média homens:** 49,2; **mulheres:** 47,8 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,5 mil hab.; **médicos:** 1 por 9,7 mil hab. (1988). **Gastos com saúde:** 4,2% do orçamento (1991/92).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 82% (1977). **Alunos de 1º e 2º graus:** 58,8 mil; **professores:** 2,2 mil (1988). **Alunos no ensino superior:** 1,8 mil; **professores:** 150 (1988). **Gastos:** 6,5% do orçamento (1991/92).

• **GOVERNO:** Monarquia absoluta (diferenciada). **Constituição:** não há. **Divisão administrativa:** 18 distritos. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado e de governo:** rei Jigme Singhi Wangchuk (desde jul./1972), que divide o poder com o Conselho de Ministros, com a Assembléia Nacional e com o abade-mor dos monges budistas. **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 150 membros (105 eleitos por voto direto, 10 representantes de grupos religiosos, 34 representantes do governo e 1 representante do setor industrial), para mandatos de 3 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 44,9%; indústria, 24,6%; mineração, 0,8%; comércio, 6,3%; serviços, 23,4% do PIB (1989). **Agricultura:** batatas, frutas (laranja, principal); cardamomo, madeira. **Pecuária:** bovinos, suínos, ovinos. **Pesca:** 1 mil t (1991). **Indústria:** cimento, energia elétrica, têxtil, sabão, fósforo, vela e carpete. **Minerais:** carbonato de cálcio, gesso, carvão, calcário, dolomita, ardósia. **Exportações:** US$ 74,1 milhões; **produtos:** cimento, madeira, eletricidade (1991). **Importações:** US$ 106,4 milhões; **produtos:** derivados de petróleo, automóveis e peças, arroz (1991). **Parceiro comercial:** Índia. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** ngultrum (dividido em 100 chetrum); **cotação para 1 US$:** 25,89 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 260 milhões; **renda per capita:** US$ 180 (1991); **crescimento anual:** 9% (1980–1991). **Inflação:** 9,4% (1990). **Dívida externa:** US$ 83 milhões (1990). **Força de trabalho:** 664 mil; **distribuição:** agricultura, 87,2%; indústria, comércio e serviços, 12,8%; **mão-de-obra feminina:** 55% (1984). **Desemprego:** 6,5% (1984).

• **DEFESA: Efetivo total:** 5,5 mil (tropa real) (1991). **Gastos:** 4,5% do orçamento (1991/92).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 2,5 mil km; 72% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 4 mil; **automóveis:** 2,6 mil (1988). **Ferrovias:** não há. **Portos:** não há. **Linha aérea:** Druk-Air (vôos internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 67 hab. (1991). **Emissoras de TV:** não há, são captados programas da Índia e do Bangladesh; **receptores:** 1 por 6,2 mil hab. (1983). **Linhas telefônicas:** 1 por 675 hab. (1986). **Jornal:** 1 semanário.

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 2 United Nations Plaza, 27th Floor, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 826-1919.

HISTÓRIA

Não há informação sobre o país antes da conquista tibetana (séc. XVI), que introduz a teocracia budista. Ocupado pelos britânicos (séc. XIX) e anexado pela Índia, passa a receber de Londres um subsídio anual. **1907:** o gov.-geral sir Ugyen Wangchuk cria a monarquia hereditária. **1910:** a Grã-Bretanha assume a direção dos assuntos externos. **1949:** tratado assinado com a Índia devolve terras anexadas pela Grã-Bretanha, fornece subsídios anuais e gere os assuntos externos. **1959:** a Índia impede a China de anexar o Butão como parte do Tibete. **1969:** o rei Dorji Sighme Wangchuk promulga lei pela qual o soberano deve renunciar se uma moção de desconfiança for adotada com dois terços dos votos; distribuição das terras da Coroa inicia a reforma agrária. **1971:** admissão na ONU. **1972:** Dorji morre; seu sucessor, Jigme Singhi Wangchuk, ainda é menor. **1973:** Jigme é coroado aos 19 anos, após descoberta de complô do min. do Interior para assassiná-lo. **1980:** concessão da nacionalidade aos tibetanos. **1983:** a Índia passa a coordenar seu comércio terrestre com Bangladesh e Nepal. **1985:** a cidadania passa a ser concedida apenas a quem vive no país desde 1958; a maioria dos tibetanos renuncia à sua nacionalidade. **1988:** programa de retorno às origens culturais, reprovado pela maioria; proibido o ensino do nepalês, o acesso de turistas aos locais sagrados, as transmissões de TV da

Índia e a concessão de vistos de trabalho a estrangeiros. **1990:** fundação, no Nepal, por R.K. Budathoki, do Partido do Povo Butanês (jun.), que organiza, no sul (set.), protestos contra a dominação budista e pede multipartidarismo e monarquia constitucional não absoluta; repressão às manifestações e morte de trezentas pessoas; em Katmandu, fundação do Fórum Popular de Direitos Humanos e da Frente Unida de Libertação Popular; saques e depredações no sul; fechamento de todas as cidades da região, em represália. **1991:** projeto de democratização; anistia para oitocentos militantes do PPB.

FATOS DO ANO

Em mai. de 1993, o governo do Nepal denuncia que cerca de quinhentos cidadãos nepaleses morreram, em conseqüência das precárias condições de alojamento nos campos provisórios para onde foram encaminhados pelas autoridades butanesas, ao tentar sair do país. Confirma-se, assim, a persistência, entre 1992/93, do principal problema social do Butão: os choques entre a minoria hinduísta de origem nepalesa (25% da população), que emigra atraída pela educação gratuita e pela boa assistência médica oferecidas pelo governo de Timfu, e a maioria drukpa, de origem local, que a hostiliza de todas as formas. Os nepaleses são chamados de "antinacionais" pelos butaneses, que lhes negam qualquer tipo de representatividade na vida econômica e política. Em out. de 1992, Katmandu informou ter acomodado precariamente, em acampamentos da província fronteiriça de Jhapa, 7.500 pessoas que tinham voltado ao Nepal pois eram perseguidas no Butão.

O rei dá o exemplo – Apesar de a renda per capita (US$ 180 em 1991) ser uma das mais baixas do mundo, o PIB butanês cresceu, em termos reais, à média anual de 7,5% entre 1980 e 1990. Os severos cortes nos gastos públicos, o combate ao nepotismo e a redução voluntária das despesas pessoais do rei Jigme Singhi Wangchuk – incluindo mudar-se do palácio real para uma cabana de madeira – estimularam as agências internacionais a oferecer créditos adicionais para projetos de desenvolvimento. Com isso, diminuiu a dependência de ajuda externa de 50%, em 1982, para 20%, em 1992. O programa de privatização em curso volta-se para a indústria turística, com o objetivo de aumentar o fluxo anual de visitantes dos atuais 2.500 para 4 mil. Quanto à demarcação das fronteiras, prosseguem as discussões com a China sobre a zona de Arunachal Pradesh: e com a Índia, embora se tenha chegado a um acordo prévio, resta a decidir o traçado definitivo de uma pequena região entre Sarbhang e Gueyilegfug.

Cabo Verde

● **NOME OFICIAL:** República do Cabo Verde. **Capital:** Praia (ilha de S. Tiago). **Nacionalidade:** cabo-verdiana. **Hino:** *Ó pátria amada* (1º verso). **Língua:** português (oficial); crioulo de matiz português. **Religião:** cristianismo (católicos, 97,8%; protestantes, 1%). **Datas nacionais:** 5/7 (Independência); 12/9 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da África. **Área:** 4.033 km². **Limites:** oceano Atlântico (a 540 km de Dacar). **Características:** arquipélago com 10 ilhas e 5 ilhotas de origem vulcânica, divididas em 2 grupos: Barlavento e Sotavento; litoral rochoso. **Ponto mais elevado:** monte Cano (2.829 m). **Clima:** semi-árido. **Rios principais:** não há. **Cidades principais:** Praia (61.070 hab.); Mindelo (47.080); São Felipe (5.616) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 346.000 (est.1992); **urbana:** 29,7% (1990). **Composição demográfica:** mestiços (africanos e portugueses), 71%; negros, 28%; brancos, 1% (1986). **Crescimento demográfico:** 2,4% (1987). **Faixas etárias:** 0-14: 44,5%; 15-59: 48,2%; **mais de 60:** 7,3% (1987). **Densidade (hab./km²):** 85,8 (1992). **Natalidade:** 32,1 por 1.000 (1987). **Mortalidade:** 7,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 51 por 1.000 (1987). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,3 (1990–1995). **Vida média homens:** 63; **mulheres:** 67 (1987). **Leitos hospitalares:** 1 por 550 hab.; **médicos:** 1 por 4.208 hab. (1987). **Gastos com saúde:** 1% do orçamento (1989).

● **EDUCAÇÃO: Analfabetos:** 52,6% (1985). **Alunos de 1º e 2º graus:** 69,1 mil; **professores:** 2,2 mil (1987/88). **Alunos no ensino superior:** 2,5 mil (Universidade de Bangui, apenas); **professores:** 134. **Gastos:** 7% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 25/9/1992. **Divisão administrativa:** 9 ilhas e 14 condados. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Mov. para Democracia, Africano da Independência. **Chefe de Estado:** pres. Antonio Mascarenhas Monteiro (desde 22/3/1991). **Chefe de governo:** 1º-min. Carlos Alberto Wahnon de Carvalho Veiga (desde jan./1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 79 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 10,3%; indústria, 25,6%; mineração, 0,5%; comércio, 21,3%; serviços, 42,3% do PIB (1986). **Agricultura:** milho, feijão, batata, mandioca, coco, tâmara, cana-de-açúcar, banana. **Pecuária:** caprinos, suínos, bovinos. **Pesca:** 8,6 mil t (peixes, crustáceos e moluscos) (1990). **Indústria:** processamento de pescados, máquinas industriais e equipamentos elétricos, química e têxtil. **Minerais:** sal, pozolana. **Exportações:** US$ 6,8 milhões; **produtos:** banana, peixe (atum), crustáceos (lagosta) e moluscos (1989). **Importações:** US$ 111,6 milhões; **produtos:** manufaturas básicas, alimentos, petróleo (1989). **Parceiros comerciais:** Portugal, Holanda, Japão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** escudo do Cabo Verde (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 63,09 (31/7/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 331 milhões; **renda per capita:** US$ 890 (1990); **crescimento anual:** 5,7% (1980 – 1990). **Inflação anual:** 9,8% (1980 – 1990). **Dívida externa:** US$ 147 milhões (1991). **Força de trabalho:** 131 mil (1990); **distribuição:** agricultura, 52%; indústria, 23,4%; serviços, 25%; **mão-de-obra feminina:** 30,5% (1980).

● **DEFESA: Efetivo total:** 1,3 mil (1992); **Exército:** 1 mil; **Marinha:** 200; **Força Aérea:** 100. **Gastos:** 12,1% do PNB (1981).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 5,6 mil km; 29% pavimentados (1987); **nº de veículos:** 17,4 mil; **automóveis:** 13 mil (1988). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Mindelo (ilha de São Vicente), Praia (ilha de São Tiago). **Linhas aéreas:** Transportes Aéreos de Cabo Verde (vôos internacionais e domésticos); CABOVIMO (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 6,8 hab. (1991). **Emissora de TV:** não há; **receptores:** 1 por 65 hab. (1987). **Linhas telefônicas:** 1 por 42 hab. (1988). **Jornais:** 5 semanários.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Permanent Mission of the Republic of Cape Verde to United Nations, 27 East 69th St., NY 10021, New York; tel. (212) 472-0333.

HISTÓRIA

Após a expedição de Diogo Gomes e Antônio de Nola à ilha de S. Tiago, o arquipélago foi doado por d. Afonso V, de Portugal, a seu irmão, o princ. Fernando. **1462:** fundação de Ribeira Grande, na ilha de Santo Antão. **1466:** seus habitantes recebem o monopólio do tráfico de escravos da Guiné. **1470:** morre d. Fernando; o território reverte à Coroa e é doado ao princ. Manuel. **1495:** d. Manuel torna-se rei; a região volta à Coroa. **1495 – 1530:** progresso econômico com o comércio de escravos. **1532:** primeiro bispado, em Ribeira Grande, que, entre **1585 – 1592:** é saqueada por sir Francis Drake e por navios holandeses da Companhia das Índias Ocidentais. **1595:** primeiro gov.-geral; Ribeira Grande é a capital. **1712:** saque por piratas franceses. **1770:** a capital é transferida para Praia, na ilha de S. Tiago. **Séc. XIX:** o fim do tráfico de escravos, a seca e a corrupção admi-

nistrativa provocam o declínio. **1875:** construção do porto de Mindelo, interseção da rota Europa–sul da África–América do Sul; construção, na ilha de S. Vicente, de uma estação de telégrafo submarino. **Séc. XX:** emigração em massa, especialmente da ilha de Brava. **1918:** redução do movimento portuário, declínio econômico, estagnação. **1974:** em Argel, o Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) obtém de Portugal o reconhecimento do direito à soberania. **1975:** independência (5/6); admissão na ONU; eleição da primeira Assembléia Legislativa; tratado de cooperação econômica com Portugal. **1980:** primeira Constituição. **1981:** ruptura com a Guiné-Bissau e formação de um partido independente, o PAICV; reeleição de Aristides Pereira. **1982:** reatamento com a Guiné-Bissau. **1985:** confirmação de Pereira e do 1º-min. Pedro Pires em seus cargos. **1987:** distúrbios em Mindelo, na ilha de São Vicente, em protesto contra a lei que descriminalizou o aborto como forma de controle demográfico. **1990:** pressões populares levam à supressão do artigo constitucional que previa o monopartidarismo; legalização dos partidos clandestinos. **1991:** o Movimento para a Democracia elege o pres., Antonio Mascarenhas Monteiro, e assume o controle de dez dos catorze conselhos locais (15/12); aproximação dos países ocidentais.

FATOS DO ANO

A liberação geral dos preços, a se realizar gradualmente ao longo de um período de quatro anos, é anunciada nos primeiros dias de jan. de 1993. Essa medida, juntamente com o plano de reduzir pela metade os 12 mil funcionários públicos do país, faz parte do programa de transição para a economia de mercado, que está sendo posto em prática pelo 1º-min. Carlos Alberto de Carvalho Veiga. Ao mesmo tempo, anuncia-se a abertura de um debate nacional sobre a manutenção da lei, aprovada na década de 80, que legalizou o aborto.

Em jan. de 1992, ao montar seu ministério, Carvalho Veiga tinha criado novas pastas: a dos Transportes e Infra-Estrutura, a da Cultura e Comunicações, a do Turismo, Indústria e Comércio e, o que é mais importante, a dos Assuntos Parlamentares, entregue a Alfredo Gonçalves Teixeira, o que indicou a intenção do governo de dividir com o Legislativo a tarefa de reestruturar a economia. Em 25/9/1992, passou a vigorar a nova Constituição, que ratificou a liberdade partidária – embora proibisse a formação de partidos com base em divisões religiosas, tribais ou regionais – e criou nova bandeira e emblema. No mesmo mês, foram aprovadas leis permitindo a privatização de estatais nas áreas de seguros, pesca e bancos, obedecendo às exigências dos organismos internacionais, dos quais o país tem dependido muito: a ajuda externa constitui 46% de seu PNB. Outros 15% provêm de remessas de dinheiro dos 700 mil cabo-verdianos (o dobro da população local) que vivem nos EUA, Portugal, Holanda e Itália. O atual governo, de orientação liberal, quer reverter a taxa de 25% de desemprego através da reestruturação do Estado, do incentivo à pesca, à indústria leve e ao turismo; da adoção de medidas que atraiam investimentos estrangeiros; e da criação de um centro internacional de comércio que ofereça facilidades para o transbordo naval além de serviços bancários especiais.

Em jan. de 1992, o país, que sempre manteve uma posição de independência, integrando durante anos o Movimento dos Não-Alinhados e desempenhando importante papel na mediação dos conflitos africanos, tornou-se membro não-permanente do Conselho de Segurança da ONU. Nesse mesmo mês, estabelece relações com Israel. Em mar., o pres. Antonio Mascarenhas Monteiro participou, em São Tomé e Príncipe, da reunião de cúpula das cinco ex-colônias portuguesas na África, em que se discutiu a cooperação entre esses países e a criação de um organismo conjunto para coordenar as relações com a CEE. Reuniões posteriores nesse sentido ocorreram, em jun., em Praia e Lisboa, envolvendo representantes da CEE, dos EUA e de Portugal.

Camarões

● **NOME OFICIAL:** República de Camarões. **Capital:** laundê. **Nacionalidade:** camaronesa. **Hino:** *Ô Camarões, berço dos nossos antepassados* (1º verso). **Língua:** francês, inglês (oficiais); línguas locais (fang, bamilekê e duala, principais). **Religião:** cristianismo, 53% (católicos, 35%; protestantes, 18%); crenças tradicionais, 25%; islamismo (N), 22%. **Data nacional:** 20/5 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da África. **Área:** 475.442 km². **Limites:** Nigéria (N e NO); Chade e Rep. Centro-Africana (L); Congo (SE); Gabão (S); Guiné Equatorial (SO); golfo da Guiné (O). **Características:** litoral arenoso e pantanoso (SO); território cortado de N a S por vale maciço e montanhoso; complexo de planícies e colinas (N e S). **Ponto mais elevado:** monte Camarões (470 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão (N); equatorial (S). **Rios principais:** Sanaga, Niong. **Cidades principais:** Duala (810.000 hab.); laundê (649.000); Garua (142.000); Marua (123.000); Bafussam (113.000) (1987). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 12.662.000 (est.1992); **urbana:** 41,2% (1990). **Composição demográfica:** mais de 200 grupos tribais – bantu, semibantu, quirdi, fulani, euondo; fulbê e pigmeus (florestas). **Crescimento demográfico:** 3,4% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 46,4%; **15-59:** 48,1%; **mais de 60:** 5,5% (1991). **Densidade (hab./km²):** 27,3 (1992). **Natalidade:** 47,3 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 13,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 86 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,9 (1990–1995). **Vida média** homens: 53,5; **mulheres:** 56,5 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 337 hab. (1984/85); **médicos:** 1 por 12.540 hab. (1986). **Gastos com saúde:** 4,5% do orçamento (1991/92).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 45,9% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 2,4 milhões; **professores:** 55,5 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 19,6 mil; **professores:** 975 (1986/87). **Gastos:** 22,7% do orçamento (1991/92).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana (CFA). **Data da Constituição em vigor:** 2/6/1972 (2 emendas). **Divisão administrativa:** 10 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Democrática do Povo, União Nac. pela Democracia e Progresso, União da População. **Chefe de Estado:** pres. Paul Biya (desde 6/11/1982). **Chefe de governo:** 1º-min. Simon Achidi Achu (desde dez./1992). **Legislativo:** unicameral – Assem-

bléia Nacional, com 180 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 23,5%; indústria, 17,9%; mineração, 11%; comércio, 10,9%; serviços, 36,7% do PIB (1987). **Agricultura:** café, cacau, algodão, raízes de tubérculos, banana-da-terra, milho, sorgo. **Pecuária:** bovinos, ovinos, caprinos. **Pesca:** 77,7 mil t (1990). **Indústria:** refino de petróleo, alimentícia, cimento. **Minerais:** petróleo, calcário (explorados); gás natural, bauxita, minério de ferro, urânio, estanho (reservas). **Exportações:** US$ 1,9 bilhão; **produtos:** café, cacau, petróleo bruto (1992). **Importações:** US$ 1,5 bilhão; **produtos:** equipamentos elétricos e de transporte rodoviário, aparelhos telefônicos e telegráficos, máquinas industriais, ferro e aço (1992). **Parceiros comerciais:** França, Holanda, Alemanha, Japão, Itália, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 239,10 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 11,2 bilhões; **renda per capita:** US$ 940 (1990); **crescimento anual:** 2,9% (1980–1990). **Inflação anual:** 5,6% (1980–1990). **Dívida externa:** US$ 5 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 4,3 milhões; **distribuição:** agricultura, 74%; indústria, 6,4%; comércio, 3,9%; serviços, 9%; outros, 6,7%; **mão-de-obra feminina:** 38,5% (1985).

• **DEFESA: Efetivo total:** 7,7 mil (1992); **Exército:** 6,6 mil; **Marinha:** 800; **Força Aérea:** 300; **outros:** 4 mil paramilitares. **Gastos:** 15,3% do orçamento (1991/92).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 52,2 mil km; 6% pavimentados (1987); **nº de veículos:** 122,1 mil; **automóveis:** 78,3 mil (1987). **Ferrovias:** 1,1 mil km (1989/90). **Portos:** Kribi, Limbe/Tiko; Douala-Bonabéri (estuário); Garoua (fluvial). **Linha aérea:** Cam-Air (vôos internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 6,1 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 2,5 mil hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 185 hab. (1988). Jornal diário: 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 5,4 (1991).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QL 6, cj. 5, casa 1, CEP 71600-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-6768.

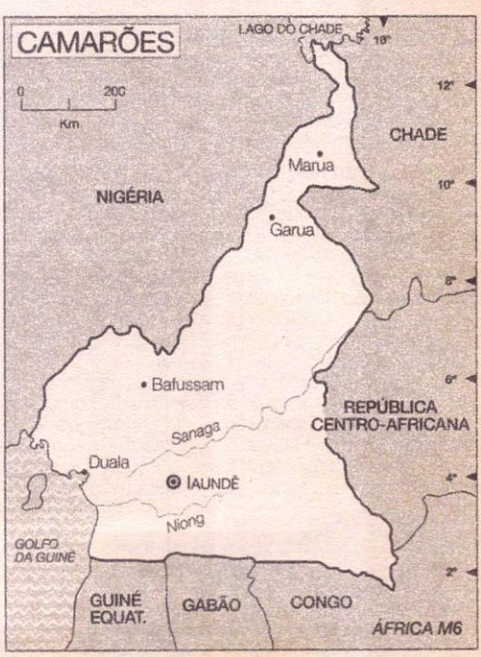
HISTÓRIA

O nome do país, dado pelos portugueses, vem do grande número de camarões encontrado num dos rios da região. Colônia alemã no final do séc. XIX, foi ocupado, na I Guerra Mundial, por franceses e britânicos, que o dividiram por mandato da Liga das Nações. **1946:** transformação dos mandatos em curadoria da ONU. **1959:** extinção da curadoria francesa. **1960:** o Camarões francês torna-se a República de Camarões (1º/1); a Assembléia Nacional nomeia o 1º-min. Ahmadu Ahidjo presidente. **1961:** em plebiscitos supervisionados pela ONU, a parte sul do Camarões britânico vota pela reunificação e a parte norte, pela união com a Nigéria; estabelecida a Federação de Camarões Ocidental e Oriental; John Ngu Foncha, 1º-min. do setor Ocid., é o vice-pres. da federação. **1966:** logo após a unificação dos principais partidos políticos nos Camarões Ocidental e Oriental, a oposição funde-se na União Nacional do Povo de Camarões. **1971:** julgamentos políticos e execuções põem fim a dez anos de movimentos de guerrilha. **1982:** Ahidjo renuncia por questões de saúde e é substituído pelo 1º-min. Paul Biya. **1983:** fracasso de golpe contra Biya, aparentemente inspirado por Ahidjo que, criticando seu sucessor, renuncia à presidência do partido do governo. **1984/85:** em conseqüência desse golpe frustrado, Biya remaneja políticos e militares, reorganiza o gabinete e chama ex-adeptos de Ahidjo; este é julgado *in absentia*, condenado à morte, mas a pena é comutada em prisão perpétua; rebelião do cel. Saleh Ibrahim deixa centenas de mortos; 51 envolvidos são condenados à morte; o partido passa a chamar-se União Democrática do Povo do Camarões. **1986:** denúncias da oposição de que dissidentes presos estão sendo submetidos a tortura. **1987:** o chanceler William Eteki Mbumua é demitido por ter reatado com a Hungria sem o conhecimento de Biya; reforma eleitoral garante, em **1989:** a reeleição do presidente. **1990:** anistia beneficia 300 golpistas de 1984 (23/4); libertados (11/8) os oposicionistas Yondo Black, Anicet Ekanê e Dominique Djeukam Tchameni; fim do monopartidarismo; surgem 25 partidos de oposição (dez.). **1991:** a nomeação de Sadu Hayatu para 1º-min. (25/4) desagrada à oposição, porém apenas três partidos são capazes de mobilizar o povo: a nacionalista de esquerda União das Populações dos Camarões (UPC), a defensora da minoria anglófona Frente Social Democrática (FSD) e a governista União Nacional para a Democracia e o Progresso (UNDP); manifestações e greves pedem a renúncia de Biya; repressão policial (12/8), com dezenas de mortos; a oposição prega a desobediência civil e a greve geral: o "Dia da Cidade Morta" paralisa o país (24/8); os oposicionistas Bello Buba Maigari e Jean-Michel Tekam voltam do exílio (ago.); Biya concorda com as eleições (11/10) mas não com uma conferência nacional, o que provoca manifestação de 50 mil pessoas (17/10); aprovação de legislação eleitoral restritiva (9/12) provoca o boicote da oposição às urnas. **1992:** as eleições de fev. são adiadas para mar. (7/2), mas dezesseis dos 48 partidos mantêm o boicote; a governista UDP vence as eleições (1º/3) e um acordo de Biya com Dakole Diassala, do Movimento de Defesa da República (9/3), dá-lhe maioria absoluta na Assembléia.

FATOS DO ANO

O assassinato, em jan. de 1993, em Bafussam, de Benjamin Menga, vice-pres. da oposicionista União Democrática de Camarões, é um episódio típico da confrontação entre o pres. Paul Biya e os partidos políticos que lutam contra suas tendências autoritárias. O descontentamento da oposição aumentara muito com o acordo que, após as eleições legislativas de 1º/3/1992, a governista União Democrática do Povo – à qual faltavam apenas três cadeiras para dispor de maioria absoluta na Assembléia Nacional – fizera com o Movimento de Defesa da República. Em troca, o líder do MDR, Daikole Daissala, ficara com cinco das 25 pastas no ministério, a ser chefiado por Simon Achidi Achu, que já pertencera ao gabinete do ex-pres. Ahmadu Ahidjo.

Em ago. de 1992, sob protestos da oposição, Biya



antecipou as eleições presidenciais de mai. de 1993 para 11/10/1992. Sete partidos registraram seus candidatos: entre eles estavam os dois principais oposicionistas – a Frente Social Democrática, de John Fru Ndi, representante da comunidade de fala inglesa, e a UDC, de Adamu Ndam Njoya (ambos tinham boicotado as eleições legislativas de mar. de 1992). Cercada de acusações de fraude, a apuração deu a vitória ao governo, por 39,98% dos votos contra 35,97% da FSD, o que provocou protesto na anglófona Província do Noroeste, onde o partido tem seus maiores redutos.

Eleito e preso – Em meados de out., alegando não reconhecer os resultados, Fru Ndi proclamou-se presidente baseando-se em dados preliminares que lhe atribuíam a vitória. Embora os observadores internacionais confirmassem a existência de fraude, a Suprema Corte, a que a FSD e a UNDP apelaram, recusou-se a anular a votação. Ainda em out., como a agitação continuasse, foi decretado estado de emergência, por três meses, no Noroeste, e Fru Ndi e seus colaboradores imediatos foram postos em regime de prisão domiciliar. Um "governo de coalizão", com a participação do MDR e dos oposicionistas União das Populações de Camarões, de Ndeh Ntumazah, e União Nacional para a Democracia e o Progresso, de Bello Buba Maigari, terceiro colocado nas eleições (19,2%), foi formado em nov. de 1992. Mas a repressão aos oposicionistas provocou protestos internacionais, principalmente depois que, em dez., quatro membros da Ordem dos Advogados foram presos por terem encabeçado uma greve de protesto contra as detenções arbitrárias. A denúncia da morte sob tortura de um desses oposicionistas chegou a fazer com que os EUA decidissem suspender, por um prazo que podia ir de quatro a seis meses, sua ajuda ao país. Diante disso, no final do mês, Biya pôs fim ao estado de emergência e libertou Fru Ndi.

Mas a morte de Menga não foi um ato isolado de violência política: de mar. a jul. de 1993, multiplicam-se os relatos de arbitrariedades contra a oposição e de censura à imprensa: são presos Victorin Hameni Bieleu, o pres. da União das Forças Democráticas do Camarões, o ex-min. Garga Hadji e Senhat Kuo, antigo dirigente dos tempos de Ahidjo; em Bamenda, três pessoas morrem e 23 ficam feridas em choques com as tropas governamentais; e uma reportagem sobre o campo de golfe particular de Biya faz com que o jornal independente *Le Messager*, de Pius Njaue, seja interditado e que seja confiscado um lote de 400 exemplares do diário francês *Libération*. Pressionado para atenuar a repressão, Biya anuncia, em mar., uma "grande conferência nacional" para discutir a revisão constitucional. Mas a FSD recusa-se a participar, afirmando que qualquer mudança na Constituição tem de ser aprovada em referendo popular.

Boicote à França – Embora Biya mantenha a política de não-alinhamento de seu predecessor, o pres. Ahidjo, as relações com a França, de que o país depende para um terço de seu comércio exterior, continuam muito estreitas – a ponto de, em jan. de 1992, terem sido nomeados dois franceses para altos cargos governamentais. Fru Ndi criticou essa medida e a UFDC chegou a conclamar a população a boicotar produtos franceses, em sinal de protesto contra "o apoio de Paris a Biya" (campanha que contribui para a prisão de Bieleu).

A queda dos preços das exportações camaronesas no mercado internacional e uma pesada burocracia estatal prejudicam a economia. Nos termos do acordo firmado com o FMI e o Banco Mundial, o governo deve reduzir a dependência que a economia tem do setor petrolífero, reestruturar o sistema bancário e sanear, privatizar ou fechar as estatais deficitárias. Procurando estimular a demanda internacional por café, cacau e algodão, as autoridades têm reduzido os preços dos produtos exportados diminuindo o valor pago aos produtores. Em jan. de 1993, o min. das Finanças, Antoine Ntsimi, anuncia cortes de 4% a 20% no salário dos funcionários públicos, para evitar que seja necessário demitir 50 mil servidores.

Camboja

● **NOME OFICIAL:** Estado do Camboja. **Capital:** Fnom Penh. **Nacionalidade:** cambojana. **Língua:** khmer (oficial); vietnamita, chinês (minorias). **Religião:** budismo theravada, 88,4% (oficial); islamismo, 2,4%; cristianismo, (minoria). **Datas nacionais:** 12/5 (Constituição); 7/1 (Libertação).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Ásia. **Área:** 181.035 km². **Limites:** Tailândia e Laos (N); Vietnã (L e S); golfo da Tailândia (O). **Características:** extensa planície de aluvião (maior parte do território), cercada de montanhas e banhada pelo rio Mekong; Grande Lago (centro). **Ponto mais elevado:** monte Fnum Aodal (1.813 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão de monção. **Rios principais:** Mecong, Tonlé Sap, Stung Sen. **Cidades principais:** Fnom Penh (800.000 hab.) (1989); Battambang (45.000); Kompong Cham (33.000); Pursat (16.000); Kompong Chhnang (15.000) (1987). **Hora local** (em relação a Brasília): +10h.

● **POPULAÇÃO:** 8.974.000 (est.1992); **urbana:** 12% (1990). **Composição demográfica:** cambojanos, 88,1%; chineses, 4,6%; vietnamitas, 4,6%; outros, 2,7% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,5% (1989). **Faixas etárias: 0-14:** 34,9%; **15-59:** 60,2%; **mais de 60:** 4,9% (1990). **Densidade (hab./km²):** 50,9 (1992). **Natalidade:** 41,8 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 16,9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 131 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,6 (1989). **Vida média homens:** 46,5; **mulheres:** 49,4 (1989). **Leitos hospitalares públicos:** 1 por 632 hab.; **médicos do Estado:** 1 por 27 mil hab. (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 52% (1980). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,6 milhão (1990/91); **professores de 1º grau:** 40,8 mil (1990/91); **de 2º grau:** 13,3 mil (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 6,6 mil; **professores:** 180 (1990/91).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** set./1993. **Divisão administrativa:** 22 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** do Povo, Liberal Democrático Budista, Mov. de Libertação Nacional do Campuchea. **Chefe de Estado:** rei Norodom Sihanuk (29/9/1993). **Chefe de governo:** princ. Norodom Ranaridh (29/9/1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 120 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 40,9%; indústria, 16,9%; comércio, 22,8%; serviços, 19,4% do PIB (1986). **Agricultura:** arroz, milho, cana-de-açúcar, mandioca, banana, madeira, borracha. **Pecuária:** bovinos, suínos, búfalos. **Pesca:** 105 mil t (1991). **Indústria:** alimentícia (arroz, principal), utensílios domésticos, têxtil, pneus, farmacêutica. **Minerais:** fosfato, pedras preciosas, petróleo (explorados); minério de ferro e de manganês, bauxita, silica (reservas). **Exportações:** US$ 32 milhões; **produtos:** borracha e madeira (1988). **Importações:** US$ 147 milhões; **produtos:** combustível, materiais agrícolas e de construção, bens de consumo (1988). **Parceiros comerciais:** Cingapura, Tailândia, Vietnã, Japão, Hong Kong. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** riel novo (dividido em 100 sen); **cotação para 1 US$:** 1.500,00 (30/9/1992). **Produto Interno Bruto (PIB):** US$ 585 milhões; **renda per capita:** US$ 78 (1986); **crescimento anual:** -3,2% (1980–1986). **Inflação:** 130% (jul.1992). **Dívida externa:** US$ 704 milhões (1988). **Força de trabalho:** 3,7 mi-lhões; **distribuição:** agricultura, 70,4%; indústria, comércio e serviços, 29,6%; **mão-de-obra feminina:** 40,5% (1989).

● **DEFESA: Efetivo total:** 85 mil (1992); **Exército:** 80 mil; **Marinha:** 4 mil; **Força Aérea:** 1 mil; **outros:** 50 mil (força de defesa das províncias).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 14,8 mil km; 18% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 11,1 mil; **automóveis:** 4 mil (1988). **Ferrovias:** 649 km (1988). **Portos:** Komporg-Song (golfo da Tailândia); fluviais ao longo do rio Mekong e Tonlé Sap e no grande lago. **Linhas aéreas:** Air

Kampuchea, Fnom Penh Airways, Cambodia International Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 11 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 125 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,3 mil hab. (1991). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 2,8 (1991).

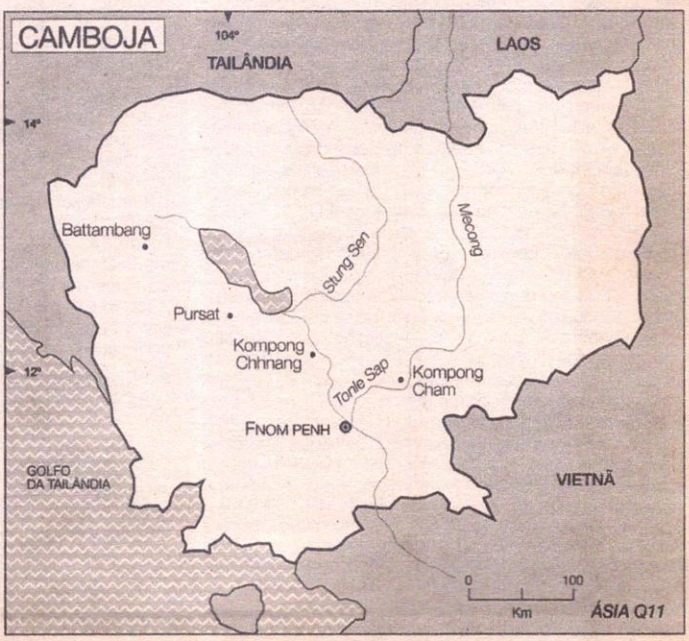
● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Permanent Mission of Camboja to the United Nations, 212 East 47th St., 24E, NY 10017, New York; tel. (212) 593-9189.

HISTÓRIA

Em 1200, o Imp. Khmer estendia-se do sul do mar da China até o Mianmá; invasões vietnamitas e tailandesas o reduziram (1800) às proporções atuais. **1863:** protetorado francês. **1887:** incorporação à União da Indochina. **1945:** expulsão dos franceses pelos japoneses. **1946:** retorno dos franceses; autonomia dentro da União Francesa. **1953:** independência (11/3). **1955:** saída da União Francesa; o princ. Norodom Sihanuk torna-se 1º-min e, em **1960:** chefe de Estado. **1965:** ruptura com os EUA. **1966:** o gen. Lon Nol torna-se 1º-ministro. **1967:** Lon renuncia; Sihanuk governa por decreto. **1969:** bombardeio pelos EUA; reatamento com Washington; Lon volta ao poder e, em **1970:** derruba Sihanuk e permite a entrada de americanos e sul-vietnamitas para combater os rebeldes do Khmer Vermelho. **1975:** Lon Nol foge; o Khmer Vermelho toma o poder. **1976:** nova Constituição; Sihanuk e Penn Nouth são os chefes do Estado e do governo; Sihanuk e Penn são afastados (5/4) e substituídos por Pol Pot e Khieu Samfan. **1977:** ruptura com o Vietnã. **1978:** o dissidente Heng Samrin, apoiado pelo Vietnã, toma Fnom Penh; Pol e Khieu voltam à guerrilha; criado, na França, por Son Sann, o Khmer Serei (nacionalista), que também luta contra Heng; calcula-se que, entre 1975 e 1979, a política genocida de Pol Pot provocou a morte de 2,5 milhões de cambojanos. **1980:** a ONU confirma o Khmer Vermelho como o representante do país. **1981:** nova Constituição; eleita Assembléia Nacional. **1982:** Chansi torna-se o 1º-ministro; Sihanuk, Son Sann e Khieu Samphan criam, em Cuala Lumpur, coalizão contra Heng reconhecida pela ONU. **1983:** avanço do Vietnã contra o Khmer; Sihanuk propõe a Heng um governo de união nacional. **1984/85:** o Khmer afasta Pol Pot de sua direção para facilitar a negociação. **1985 – 1988:** encontros entre Sihanuk e o 1º-min. Hun Sen, do regime Heng; divergências sobre a participação do Khmer no Exército nacional fazem fracassar a conferência de Bokor, na Indonésia. **1989:** Heng abole a pena de morte, declara o budismo religião nacional, modifica o hino e a bandeira e o país volta a chamar-se Estado do Camboja; nova conferência na Indonésia (jul./ago.) prepara a saída de 26 mil soldados vietnamitas (27/9). **1990:** intensificação da guerrilha; Hun aceita a instalação de duas administrações paralelas, em áreas distintas, sob supervisão da ONU (24/1); o min. Ung Fan, das Comunicações, e oito altos funcionários são presos por tentarem criar um partido de oposição; a coalizão e Hun aceitam (29/8) o plano de paz da ONU. **1991:** a conferência de Pequim (17/7) confirma Sihanuk na presidência da coalizão, decide pela manutenção do Exército de Fnom Penh e a participação do Khmer em igualdade de condições nas eleições; anunciada redução de 40% nas Forças Armadas cambojanas (25/8) e de 70% nas forças da coalizão; os restantes 30% ficam sob controle da ONU (28/8); o Acordo de Paris (23/10) oficializa o Conselho Nacional Supremo, presidido por Sihanuk, e marca eleições constituintes para mar. de 1993; Sihanuk volta a Fnom Penh e assume o governo provisório; ao fazer o mesmo (nov.), Khieu quase é linchado pela população e foge do país; a reunião do CNS tem de ser transferida para a Tailândia (3/12); Son Sann retorna ao país (15/12); protestos populares contra a corrupção no governo são reprimidos com a morte de três pessoas (21/12); o min. dos Transportes e das Comunicações, Ros Chhun, é demitido por corrupção; primeira reunião do CNS em Fnom Penh (30/12) a que Khieu comparece com forte esquema de segurança. **1992:** seqüestro e morte do min. das Questões Religiosas, Tea Bun Long, que denunciava a corrupção no governo (22/1); novos combates entre o Khmer e o governo em Kompong Thom; anistia a 434 dissidentes e presos de guerra (jan.); resolução 745 da ONU envia ao país 15.900 militares, 3.600 policiais e 2.400 civis para monitorar o cessar-fogo e organizar as eleições de abr. de 1993; retorno de 370 mil refugiados da Tailândia (mar.); chegada das tropas da Autoridade Transitória das Nações Unidas no Camboja (15/3); ofensiva contra o Khmer (29/3); Khieu recusa acesso da ATNUC ao território sob seu controle até serem abertos postos de fronteira para impedir a entrada de soldados vietnamitas no país (15/4); começam as inspeções em território Khmer (25/4); emenda à Constituição (6/4) dá a chefia do Estado ao pres. da Assembléia Nacional, Chea Sim; Heng permanece como pres. do Conselho de Estado; Hun é confirmado como 1º-ministro e Sihanuk como a autoridade suprema; o Khmer recusa-se a desmobilizar seus milicianos (13/6), alegando que Chea tem ligações com o Vietnã; em represália, a ONU corta a ajuda econômica a esse grupo (21/7).

FATOS DO ANO

O princ. Norodom Sihanuk é reentronizado rei em 29/9/1993, uma vez homologada a nova Constituição. Seu filho, princ. Norodom Ranaridh, torna-se 1º-ministro. Encerra-se, assim, o processo iniciado em 27/1, quando, na qualidade de pres. do Conselho Nacional Supremo, ele marca, para 23 a 25/5, as eleições constituintes, nos termos do Acordo de Paris (de 23/10/1991). Vinte parti-



dos inscrevem seus candidatos e 4.618.000 eleitores registram-se para votar. Mas o Khmer Vermelho – que firmara esse acordo juntamente com o governo de Heng Samrin; o grupo monarquista Frente Nacional Unida para um Camboja Neutro, Independente e Cooperador, de Norodom; e a Frente Nacional de Libertação do Povo Khmer, de Son Sann – recusa o pleito. Confirma, com isso, o padrão de violações das tentativas de pacificação que tem adotado.

Sabotagem do Khmer – Em out. de 1992, a Autoridade Transitória das Nações Unidas no Camboja, empossada em 15/3, já exigira,com base em resolução do Conselho de Segurança, que o Khmer passasse a colaborar com o governo provisório. Sem receber resposta, a ONU anunciara, em nov., sanções às áreas controladas pelo Khmer, a partir de jan. de 1993. Essa decisão fizera deteriorar ainda mais as já difíceis relações da ATNUC com o grupo guerrilheiro responsável pelo genocídio de 2,5 milhões de cambojanos entre 1975/1979. Situação que o seqüestro de funcionários da ONU, por forças do Khmer, em dez. de 1992, só viera piorar. Diante da intransigência dos guerrilheiros, as Forças Armadas do Camboja lançam, a partir de 1º/1/1993, ofensiva contra as províncias próximas à fronteira com a Tailândia, onde eles têm suas bases. No mais intenso ataque desde a chegada das forças de paz da ONU em mar. de 1991, 51 guerrilheiros são mortos e 89 feridos. Em 10/3, tentando explorar em proveito próprio o sentimento antivietnamita da população, o Khmer mata 34 pescadores desse país e deixa outros trinta feridos, num ataque ao noroeste do país. A matança é classificada pela ONU como uma tentativa de "purificação étnica"; o que não impede o Khmer, dias depois, de matar outros 37. Vários soldados da ATNUC também morrem em combate com os rebeldes.

À medida que as eleições se aproximam, cresce a tensão, não atenuada pela visita a Fnom Penh, em 7 e 8/4, do sec.-geral Butros-Gali, em sinal de apoio à campanha eleitoral. Mas o Khmer, além de intensificar, no norte e noroeste, as ações militares, retira, em 13/4, seu pessoal baseado na capital, num claro sinal de que não pretende participar das eleições. Ignora, inclusive, o apelo dos dezoito países signatários do Acordo de Paris, que, em comunicado emitido em 23/4, pedem a colaboração de todas as facções rivais para que o comparecimento às urnas se realize normalmente e apóiam o papel de promotor da reconciliação nacional desempenhado por Norodom. Mas um ataque do Khmer à cidade de Siem Reap, na véspera das eleições, em que morrem dezessete pessoas, não impede 90% do eleitorado de votar entre 23 e 28/5. Ao contrário do que se esperava, não há violência na maior parte do país, embora o Khmer não permita que se vote nos territórios sob seu controle. Os monarquistas ficam com 58 das 120 cadeiras na Constituinte do Camboja, seguidos pelo Partido do Povo Cambojano, de Heng Samrin e Hun Sen, com 51; pelo Partido Liberal Democrático Budista, de Ieng Muli, coligado à FLNPK, de Son Sann, com dez; e pelo Movimento de Libertação Nacional do Campuchea, com uma. Em 4/6/1993, Norodom Sihanuk propõe a formação de um governo de conciliação nacional de que participem todos os partidos vitoriosos. Mas após sua confirmação como chefe de Estado, em 14/6, na abertura da Assembléia Constituinte, ao indicar seu filho, Norodom Ranaridh, e o 1º-min. Hun Sen para atuarem como seus vices, é acusado de querer dar um golpe constitucional. Diante disso, dissolve esse governo provisório, que dura somente um dia. Não demora a surgir, porém, um movimento separatista em sete das 21 províncias do país, a leste do rio Mecong e na fronteira com o Laos e o Vietnã. Seu líder é um outro filho de Sihanuk, o princ. Chakkrapong, ligado ao PPC, e ex-vice-1º-ministro de Hun Sen, que não aceita a vitória eleitoral dos monarquistas. Mas sua rebelião se esvazia quando ele deixa de receber o apoio de Kompong Chhnang, a província mais densamente povoada do país.

Em 16/6, nova proposta de governo provisório é aceita pelo PPC, que passa a dividir a liderança com os monarquistas. Sihanuk conserva apenas a função de chefe de Estado, como um símbolo da união e da reconciliação nacionais, e renuncia ao comando das Forças Armadas, à administração do país e à condução da política externa. A primeira decisão do novo governo é desencadear, em 21/8, um ataque fulminante à base khmer de Phum Chat, na fronteira com a Tailândia, provocando, finalmente, a declaração de seu líder, Khieu Samphan, de que está disposto a iniciar negociações de paz. Embora os preços dos produtos básicos tenham aumentado 284%, entre jan. e nov. de 1992, a inflação não é o único problema econômico do país, cujo déficit público é de 55,68 bilhões de rieis, e que sofre com a corrupção crônica em seus ministérios, órgãos governamentais e sistema bancário. Para honrar a dívida externa de US$ 622 milhões que tinha com a ex-URSS, com os países membros do extinto Comecom e com a OECD, o governo cambojano vem negociando, desde o fim de 1992, empréstimos do Banco Mundial e do FMI, contando, para isso, com o apoio da França, anunciado pelo pres. François Mitterrand ao visitar Fnom Penh em fev. de 1993.

Canadá

● **NOME OFICIAL:** Canadá. **Capital:** Ottawa. **Nacionalidade:** canadense. **Hino:** *Ó Canadá! Terra dos vossos ancestrais* (1º verso). **Língua:** inglês e francês (oficiais). **Religião:** cristianismo, 75% (católicos, 46,5%; anglicanos, 41,2%; ortodoxos, 1,5%); judaísmo, 1,2%; islamismo, 0,4%; hinduísmo, 0,3%; sikhismo, 0,3%. **Data nacional:** 1º/7 (Confederação de 1867).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da América do Norte. **Área:** 9.970.610 km². **Limites:** oceano Ártico (N); Alasca (NO); oceano Atlântico (L); EUA (S); oceano Pacífico (O). **Características:** litoral bastante recortado com áreas de mar raso; região montanhosa de N a S na parte ocidental do território: cadeias Costeiras ao longo do Pacífico e montanhas Rochosas, separadas por planaltos; pradarias de N a S (centro); vales com numerosos lagos e pântanos na parte oriental do território; arquipélago Ártico (N); glaciares e lagos (1/7 da água do planeta). **Ponto mais elevado:** monte Logan (6.050 m). **Clima:** temperado continental (maior parte); subpolar (N); de montanha (região das montanhas Rochosas, E). **Rios principais:** Mackenzie, Yukon, S. Lourenço, Nélson, Colúmbia, Churchill, Atabaska, Fraser, Ottawa. **Cidades principais:** Toronto (3.893.046 hab.); Montreal (3.127.242); Vancouver (1.602.502); Ottawa (920.857); Edmonton (839.924) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h a -6h (Ottawa -2h).

● **POPULAÇÃO:** 27.737.000 (est.1992); **urbana:** 77,1% (1990). **Composição demográfica:** britânicos, 34,4%; franceses, 25,7%; alemães, 3,6%; italianos, 2,8%; ucranianos, ameríndios, esquimós, chineses, holandeses (minorias) (1986). **Crescimento demográfico:** 0,8% (1989). **Faixas etárias: 0-14:** 20,9%; **15-59:** 63,1%; **mais de 60:** 16% (1991). **Densidade (hab./km²):** 3 (1992). **Natalidade:** 14,9 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 7,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 7,1 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,7 (1986). **Vida média homens:** 73,3; **mulheres:** 80 (1985–1987). **Leitos hospitalares:** 1 por 143 hab.; **médicos:** 1 por 449 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 39% do orçamento (1990/91).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 1% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 5,1 milhões; **professores:** 286,4 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 856,5 mil; **professores:** 63,6 mil (1990/91). **Gastos:** 2,8% do orçamento (1988).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 17/4/1982. **Divisão administrativa:** 10 províncias e 2 territórios. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Conservador Progressista, Liberal, Novo Democrático. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, representada pelo gov.-geral Ramon Hnatyshyn (desde 29/1/1990). **Chefe de**

governo: 1°-min. Jean Chrétien (desde 24/10/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado com 110 membros indicados pelo gov.-geral e Câmara dos Comuns com 295 membros eleitos por voto direto, ambos para mandatos de 5 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 2,2%; indústria, 28,6%; mineração, 3,9%; comércio, 11,5%; serviços, 53,8% do PIB (1990). **Agricultura:** cereais (trigo e cevada); madeira. **Pecuária:** gado de corte e leiteiro, suínos. **Pesca:** 1,5 milhão t (1990). **Indústria:** equipamentos de transporte, máquinas industriais, alimentícia, papel e derivados, química, metalúrgica. **Minerais:** zinco, urânio, níquel, potassa, gesso (principais); ouro, prata, ferro, cobre, cobalto, chumbo, petróleo, gás natural. **Exportações:** US$ 120,5 bilhões; **produtos:** motores e autopeças, madeira e papel (1991). **Importações:** US$ 118,1 bilhões; **produtos:** motores, autopeças, automóveis, computadores, alimentos (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, países membros da CEE, Japão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dólar canadense (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,24 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 542,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 20.450 (1990); **crescimento anual:** 3,3% (1980 – 1990). **Inflação:** 5,6% (1991). **Força de trabalho:** 13,8 milhões; **distribuição:** agricultura, 4,9%; indústria, 25,9%; comércio, 19,4%; serviços, 29,4% (1991); **mão-de-obra feminina:** 44,3% (1989). **Desemprego:** 10,3% (1991).

• **DEFESA: Efetivo total:** 84 mil (1992); **Exército:** 22 mil; **Marinha:** 17 mil; **Força Aérea:** 22,4 mil; **outros:** 22,6 mil, não designados. **Gastos:** 8,1% do orçamento (1990/91).

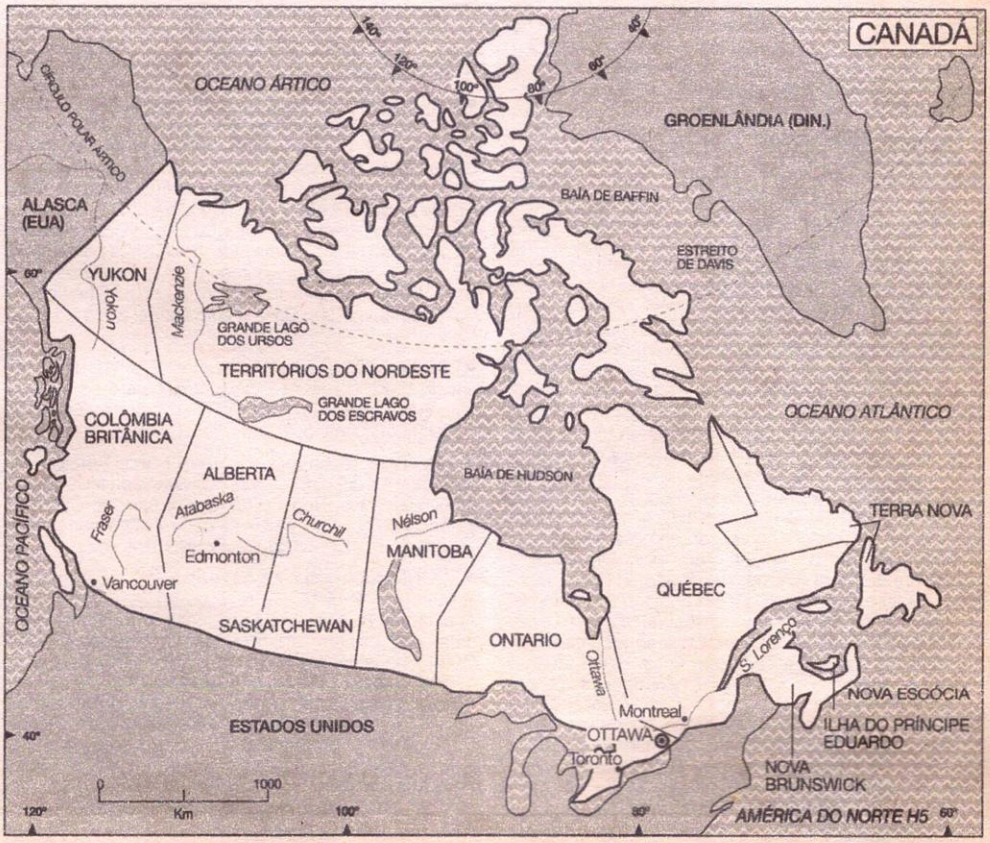
• **TRANSPORTES: Rodovias:** 879,5 mil km; 32% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 17 milhões; **automóveis:** 12,6 milhões (1990). **Ferrovias:** 91,4 mil km (1988). **Portos:** Vancouver, Halifax, St. John (marítimos); Hamilton, Montreal, Quebec, Sept (nos Grandes Lagos e no canal do rio São Lourenço). **Linhas aéreas:** Air Canada, Canadian Airlines International (vôos internacionais e domésticos), Nationair Canada (internacionais), Intair (regionais).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 116; **receptores:** 1 por 1,2 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 6; **receptores:** 1 por 1,7 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,3 hab. (1987). **Jornais diários:** 105; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 187 (1991).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 16, CEP 70410-900, Brasília, DF; tel. (061) 321-2171.

HISTÓRIA

A reivindicação da Terranova para a Inglaterra (John Cabot, 1497) e da península de Gaspé para a França (Jacques Cartier, 1534) cria a rivalidade que influenciará toda a história do país. **1689 – 1783:** com o apoio dos índios, a França ataca os britânicos; mas perde o controle do território. **1774:** o *Quebec Act* altera o tratamento de favor dado aos britânicos no Quebec, determina a preservação da cultura francesa e acaba estimulando a lealdade dos anglo-canadenses à Inglaterra, mesmo após a independência americana. **1791:** Ato Constitucional separa o Canadá Inferior do Superior, estabelecendo autogoverno limitado para ambos. **1837 – 1841:** reivindicações de autonomia levam Londres a reunificar as duas regiões. **1867:** o *British North America Act* cria as províncias da Nova Escócia, Nova Brunswick, Quebec e Ontario; as demais serão criadas gradualmente, nos anos seguintes, até Terranova (1949). **1914 – 1918:** oposição francófona à participação na guerra agrava a divisão entre as duas comunidades. **1931:** o Estatuto de Westminster estabe-



lece igualdade do Parlamento canadense com o britânico. **1957:** o conservador John Diefenbaker põe fim a 22 anos de regime liberal. **1963:** retorno dos liberais com Leslie Pearson, substituído, em **1968:** por Pierre Elliott Trudeau. **1969:** o *Official Language Act* formaliza o inglês e o francês como as línguas nacionais. **1974:** o francês é declarado língua oficial do Quebec. **1979:** o conservador Joe Clark derrota Trudeau, mas um voto de desconfiança no Parlamento força eleições antecipadas. **1980:** Trudeau vence; plebiscito sobre a independência do Quebec: vence a integração ao Canadá (59%). **1981:** Trudeau pede à Grã-Bretanha a devolução do BNAA, que, em **1982:** transforma-se na Constituição. **1984:** John Turner, substituto de Trudeau, é derrotado pelo conservador Brian Mulroney. **1985:** a vitória do Partido Liberal do Quebec (2/12) põe fim a nove anos de domínio do separatista *Parti Québécois*. **1988:** vitória de Mulroney (nov.). **1989 – 1991:** recessão, altos impostos, corrupção, escalada do separatismo, declínio da popularidade de Mulroney. **1992:** acordo de princípios entre as províncias, sobre o projeto que concede ao Quebec o status de "sociedade distinta", propõe a igualdade das províncias perante o Senado e reconhece o direito dos indígenas a um governo próprio dentro de dez anos (19/8), mas há rejeição, em referendo, a essas propostas (27/10), o Quebec por achá-las insuficientes, as demais províncias por julgá-las excessivas.

FATOS DO ANO

Apenas dois deputados eleitos: são 153 as cadeiras no Parlamento que os conservadores, há nove anos no poder, perdem nas legislativas de 24/11/1993. O maior desastre eleitoral da história, digno de figurar no Livro de Recordes da Guinness, e que coloca na chefia do governo o liberal Jean Chrétien, é o resultado da total incapacidade do 1º-min. Brian Mulroney de resolver os problemas da inflação, do desemprego, da dívida externa, do separatismo e de um acordo comercial com os EUA e o México que, até agora, não trouxe os benefícios esperados. E da falta de tempo de sua sucessora, Kim Campbell, que o sucedeu em jun., para reverter o quadro de impopularidade absoluta herdado de Mulroney (ela nem sequer consegue reeleger-se deputada).

A Thatcher canadense – O ano de 1993 começa com a demissão de cinco ministros, em 4/1, dentro dos planos de Mulroney de reduzir as pastas de 39 para 35, visando à contenção de despesas. A medida mais importante é a transferência, para a Defesa, da min. da Justiça, a sra. Campbell – que passa a ser a primeira mulher a ocupar esse cargo, incorporando a ele a extinta pasta dos Veteranos de Guerra. Com um estilo duro e combativo, que faz a imprensa compará-la à ex-1ª-min. Margaret Thatcher, da Grã-Bretanha, Campbell marca sua presença fazendo tropas canadenses participarem de várias missões especiais da ONU; e isso fortalece sua candidatura à sucessão de Mulroney na liderança do governista Partido Conservador Progressista.

Em 22/2/1993, depois de uma pesquisa ter demonstrado que sua política econômica impopular dá ao PCP o apoio de apenas 17% do eleitorado, contra 46% da oposição liberal, Mulroney decide renunciar. Mas atende ao apelo do gov.-geral, Ramon Hnatyshyn, de que permaneça no cargo até a nomeação de novo líder para o partido. Antes de sair, em jun., Mulroney tenta utilizar a maioria de dez cadeiras, de que dispõe no Parlamento, para o obter a ratificação do NAFTA, o acordo comercial com os EUA e o México, em que jogou todo o seu peso político. Mas a sua renúncia dá força ao argumento da oposição de que as eleições devem ser antecipadas e nenhuma decisão-chave deve ser tomada antes delas.

O prestígio de Kim Campbell faz com que dois dos candidatos à presidência do PCP, Michael Wilson, min. do Comércio, e Benoît Bouchard, desistam de competir. Em 13/6, ela derrota o min. do Meio Ambiente, Jean Charest, assumindo, no dia 21, o cargo de Mulroney, até as eleições de nov. E assume comprometendo-se a não revogar as medidas que provocaram a queda de seu companheiro de partido, como o imposto sobre mercadorias e serviços ou o NAFTA, que, na opinião dos liberais, é o maior responsável pelo alto nível de desemprego.

Sua primeira medida é reduzir ainda mais o ministério, de 35 para 24 pastas. E, em ago., percorre o país de ponta a ponta, numa ofensiva publicitária para desvincular sua imagem da do fim de mandato de Mulroney. Mas concentra sua campanha num tema de que os canadenses nem querem ouvir falar – a adoção de medidas de austeridade para combater o déficit orçamentário anual de US$ 26 milhões –, enquanto Chrétien promete dar prioridade à criação de novos empregos. E o golpe de misericórdia é uma propaganda, na televisão, que ridiculariza defeitos de fala que Chrétien teve na infância. Ao perceber os protestos de seus próprios eleitores, Campbell ordena que seja imediatamente tirada do ar, mas tarde demais.

Ao comemorar, em 26/10, as 178 cadeiras conquistadas por seu partido, Chrétien, que foi chanceler do liberal Pierre Elliott Trudeau, promete lutar pelo desemprego, pela unidade nacional – "provando que o Canadá ainda é a melhor opção para o Quebec" – e pela revisão do NAFTA, para proteger os exportadores canadenses.

Catar

● **NOME OFICIAL:** Estado de Catar. **Capital:** Doha. **Nacionalidade:** catariana. **Hino:** Nacional (sem letra). **Língua:** árabe (oficial); inglês. **Religião:** islamismo, 92,4% (sunitas, maioria; seita ortodoxa wahhabi; bahaístas, 0,2%); cristianismo, 5,9%; hinduísmo, 1,1%. **Data nacional:** 3/9 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da Ásia. **Área:** 11.437 km². **Limites:** golfo Pérsico (N e L); Emirados Árabes Unidos (S); Arábia Saudita (O). **Características:** território plano e baixo; península com planície árida de rochas calcárias e areias (S), colinas (SO). **Ponto mais elevado:** Quayn Aba al-Baul (105 m). **Clima:** árido tropical. **Rios principais:** não há rios perenes. **Cidades principais:** Doha (217.294 hab.); Rayyan (41.603); Uakrah (13.159); Umm Said (6.094) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 520.000 (est. 1992); **urbana:** 89,5% (1990). **Composição demográfica:** sul-asiáticos, 34%; árabes, 25%; nativos, 20%; iranianos, 16%; outros, 5% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,1% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 27,8%; **15-59:** 70,2%; **mais de 60:** 2% (1986). **Densidade (hab./km²):** 45,5 (1992). **Natalidade:** 22,7 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 1,8 por 1.000; **mortalidade infantil:** 31 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,7 (1990). **Vida média homens:** 65,2; **mulheres:** 67,6 (1986). **Leitos hospitalares:** 1 por 399 hab.; **médicos:** 1 por 568 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 3,2% do orçamento (1992/93).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 24,5% (1986). **Alunos de 1º e 2º graus:** 71,2 mil; **professores:** 4,8 mil (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 5,6 mil; **professores:** 504 (1989/90). **Gastos:** 3,4% do PNB (1990).

● **GOVERNO:** Monarquia absoluta. **Data da Constituição em vigor:** 2/4/1970 (provisória). **Divisão administrativa:** 9 municipalidades. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado e de governo:** emir xeque Khalifa ben Hamad ath-Thani (desde 22/2/1972). **Legislativo:** não há.

● **ECONOMIA:** agricultura, 0,9%; indústria, 18,4%; petróleo, 34%; comércio, 6,3%; serviços, 40,4% do PIB (1991). **Agricultura:** cereais, tâmara, legumes e verduras. **Pecuária:** aves, ovinos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 5,7 mil t (1990). **Indústria:** petrolífera, química, metalúrgica, siderúrgica, plástica, materiais de construção (cimento, concreto, tinta). **Minerais:** petróleo, gás natural. **Exportações:** US$ 3,1 bilhões; **produto:** petróleo (1991). **Importações:** US$ 1,7 bilhão; **produtos:** máquinas industriais e aparelhos elétricos, alimentos e animais vivos, químicos (1991). **Parceiros comerciais:** Japão, Grã-Bretanha, EUA, Alemanha, Itália, França. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** rial de Catar (divi-

dido em 100 dirhams); **cotação para 1 US$:** 3,64 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 6,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 15.870; **crescimento anual:** -6,6% (1980 – 1990). **Inflação anual:** 2,7% (1986 – 1990). **Dívida externa:** US$ 1,1 bilhão (1989). **Força de trabalho:** 201,2 mil; **distribuição:** agricultura, 3,1%; indústria, 32%; comércio, 10,9%; serviços, 53,3%; outros, 0,7%; **mão-de-obra feminina:** 9,8% (1986). **Desemprego:** 0,7% (1986).

● **DEFESA: Efetivo total:** 7,5 mil (1992); **Exército:** 6 mil; **Marinha:** 700; **Força Aérea:** 800. **Gastos:** 29,7% do PNB (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 1,1 mil km; 62% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 162,4 mil; **automóveis:** 115,2 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Doha, Umm Said. **Linha aérea:** Gulf Air (vôos internacionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 1,8 hab. (1991). **Emissora de TV:** não há; **receptores:** 1 por 2,8 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,1 hab. (1989). **Jornais diários:** 4; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 147 (1986).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 474 3rd Ave., 22nd Floor, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 486-9335.

HISTÓRIA

Dominado pelos persas, pagou tributos ao governo de Bushire pelo direito de recolher pérolas. **Séc. XIX:** independência com Thani, o fundador da dinastia ath-Thani. **1871 – 1913:** ocupação otomana. **1915:** protetorado britânico. **1935:** concedida a exploração do óleo cru a companhias britânicas por 75 anos. **1949:** início da produção de petróleo. **1960:** o xeque Ali ben Abdala ben Casim ath-Thani abdica em favor do filho, xeque Amad ben Ali Abdala ath-Thani. **1971:** independência. **1972:** o 1º-min. xeque Khalifa ben Hamad ath-Thani derruba o primo, Amad, durante visita deste ao Irã (22/2), anula a pensão de um quarto da venda do petróleo, recebida por ele, e cria um Conselho Consultivo de vinte membros. **1978:** ruptura com o Egito após o acordo de Camp David, mas, em **1987:** reatamento promovido pela Liga dos Estados Árabes (jul.); o Conselho de Cooperação do Golfo é o mediador do litígio com o Barein sobre a posse da ilha de Fasht ad-Dibal. **1989/90:** campanha antidrogas. **1991:** participa da Guerra do Golfo; pede à Corte Internacional de Justiça revisão do julgamento do litígio com o Barein; reata com a Bulgária; inaugurada a primeira fase do Campo Norte, que permitirá a extração de 800 milhões de pés cúbicos de gás natural (3/9); bombardeio de um barco catari por uma nave barenita (set.); acordo de cooperação técnico-econômica com a Itália (dez.). **1992:** petição, feita por cinqüenta intelectuais e empresários, de que o Conselho Consultivo seja convertido em Legislativo (jan.); redefinição das águas territoriais incluindo área reivindicada pelo Barein (abr.).

FATOS DO ANO

Durante 1993, é intenso o intercâmbio de visitas de destacados funcionários dos governos catari e saudita aos dois países. Esses contatos de alto nível visam a normalizar relações que, no ano anterior, tinham sido abaladas por um incidente fronteiriço. Em set. de 1992, em protesto contra um ataque saudita ao posto de al-Khufus, onde dois guardas tinham sido mortos e um outro seqüestrado, o Catar suspendera o acordo de limites que, desde 1965, mantinha com Jidá. E, em represália, retirara os 200 soldados que mantinha no Kuweit, como parte das forças "Escudo da Península", enviadas pelo Conselho de Cooperação do Golfo, de que é membro.

Ao protesto formal do chanceler catari, xeque Hamad ben Jaber ath-Thani, a Arábia Saudita respondera atribuindo o incidente a um conflito, dentro de seu território, entre tribos beduínas rivais, pelo qual seus militares não eram responsáveis. A resposta não satisfez as autoridades de Doha, e as relações permaneceram tensas até out. de 1992, quando foram amenizadas graças à mediação kuweitiana, que obteve a libertação do refém catari. Mesmo assim, o emir Khalifa ben Hamad ath-Thani não compareceu, em nov. de 1992, à reunião do CCG. Desta vez, a intervenção do pres. Hosni Mubarak, do Egito, obteve que, em 20/12/1992, Khalifa e o rei Fahd bin Abdelaziz assinassem, em Medina, na Arábia Saudita, um acordo criando um comitê que, durante 1993, reúne-se várias vezes, discutindo a demarcação das fronteiras entre os dois países. Após essa assinatura, Khalifa compareceu a nova reunião do CCG, em Abu Dabi (21/12/1992).

O Campo Norte – Quanto ao litígio com o Barein, também por demarcação de fronteiras, o impasse persiste: reivindicações dos dois países continuam, em 1993, à espera de julgamento na Corte Internacional de Justiça, de Haia, para onde foram levadas depois do incidente naval que, em set. de 1992, intensificou a hostilidade entre os dois governos. Embora a plena entrada em funcionamento do Campo Norte, que permitirá a extração de 800 milhões de pés cúbicos de gás natural por dia, seja essencial para o futuro da economia catari, as autoridades têm-se preocupado em diversificar as formas de produção, para reduzir a dependência do petróleo (52,4% do PIB em 1991), cujas reservas, avaliadas em 3,7 bilhões de barris em jan. de 1992, estarão esgotadas em 2016 se for mantido o ritmo de extração de 1991. Ainda está longe o momento em que isso poderá tornar-se realidade, mas a política governamental para os anos 90 prevê o desenvolvimento da indústria pesada, a privatização das indústrias estatais e o incentivo a investimentos nas pequenas empresas.

Cazaquistão

● **NOME OFICIAL:** República do Cazaquistão. **Capital:** Alma-Atá. **Nacionalidade:** cazaque. **Língua:** cazaque (oficial); russo. **Religião:** islamismo (sunitas, maioria); cristianismo (ortodoxos). **Data nacional:** 16/12 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da Ásia. **Área:** 2.717.300 km². **Limites:** Rússia (N e NO); Mongólia (L); China (SE); Quirguízia, Uzbequistão e Turcomênia (S); mar Cáspio (O). **Características:** bacia do rio Ural (O); planalto desértico e mar de Aral (SO); planície Ocidental da Sibéria (centro-norte); planície central com colinas; cadeias de montanhas, vales e lagos (S e L). **Ponto mais elevado:** pico Khantenqri (1.500 m). **Clima:** árido frio. **Rios principais:** Irtsh, Sirdária, Ural, Emba, Ili. **Cidades principais:** Alma-Atá (1.156.200 hab.); Karaganda (608.600); Tchimkent (438.800); Semipalatínsk (344.700); Pavlodár (342.500) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +9h.

• **POPULAÇÃO:** 17.008.000 (est.1992); **urbana:** 57,6% (1991). **Composição demográfica:** cazaques, 39,7%; russos, 37,8%; alemães, 5,8%; ucranianos, 5,4%; uzbeques e tártaros (minorias) (1989). **Crescimento demográfico:** 1,4% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 31,9%; 15-59: 58,9%; mais de 60: 9,2% (1989). **Densidade (hab./km²):** 6,3 (1992). **Natalidade:** 21,7 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 7,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 26,4 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,8 (1989). **Vida média homens:** 64,2; **mulheres:** 73,2 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 74 hab.; **médicos:** 1 por 244 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 28,9% do orçamento (1992).

• **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 7% (1992). **Alunos de 1º e 2º graus:** 3 milhões; **professores:** 8,1 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 285.6 mil (1989/90). **Gastos:** 22,7% do orçamento (1992).

• **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). **Data da Constituição em vigor:** 28/1/1993. **Divisão administrativa:** 19 regiões e 2 cidades. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Congresso do Povo, Republicano, Socialista, União pela Unidade Nacional. Chefe de Estado e de governo: pres. Nursúltan A. Nazarbáiev (desde 1/12/1991). **Legislativo:** unicameral – Conselho Supremo, com 360 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 39,9%; indústria, 42,9%; comércio, 4,6%; serviços, 12,6% do PIB (1990). **Agricultura:** cereais (principal); beterraba, verduras e legumes (batata); algodão. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos, suínos. **Indústria:** processamento de matérias-primas (metais, combustíveis, eletricidade), química, máquinas para construção, têxtil, alimentícia. **Minerais:** carvão, minério de ferro, chumbo, titânio, magnésio, cromo, tungstênio, molibdênio, ouro, prata, cobre, manganês, petróleo, gás natural. **Exportações:** US$ 9,3 bilhões; **produtos:** matérias-primas, agrícolas, petróleo e derivados, artigos manufaturados (1991). **Importações:** US$ 11,8 bilhões (1991); **Parceiros comerciais:** China, Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** rublo (provisória); **cotação para 1 US$:** 412,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 41,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.470; **crescimento anual:** -14,2% (1992). **Inflação:** 82,9% (1991). **Dívida externa:** US$ 2,5 bilhões (1992). **Força de trabalho:** 8,3 milhões (1990); **distribuição:** agricultura, 18,8%; indústria, 37%; comércio, 8,2%; serviços, 36%; **mão-de-obra feminina:** 54% (1989). **Desemprego:** 2,2% (1989).

• **DEFESA:** 63 mil (tropas da CEI) (1992).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 164,9 mil km; 64% pavimentados (1990); **nº de automóveis:** 734,8 mil (1988). **Ferrovias:** 14,6 mil km (1990).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1. **Emissora de TV:** 1; **receptores de rádio e de TV:** 3,5 por hab. **Linhas telefônicas:** 1 por 8,5 hab. (1990). **Jornais:** 450; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 405 (1989).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Permanent Mission of the Republic of Kazakhstan to the United Nations, 136 East 67th St., New York, NY 10021.

HISTÓRIA

O nome dos cazaques, descendentes dos kipchak, que vieram para a Ásia Central com a Horda Dourada dos invasores tártaros no início da Idade Média, significa, em turco, "cavaleiro das estepes"; mas os russos os chamaram, a partir de 1534, de *kaisak-kirguiz*, para evitar confusão com os cossacos (kazáky), com os quais não têm ligação alguma. **Séc. XV – XVI:** Burunduk Cã (1488–1509) e Kasym Cã (1509–1518) chefiam um império nômade após o declínio dos primitivos impérios de Oyrat e Tchagatai. Com Mamash, Taguir e Buidash, filhos de Kasym, o império fragmenta-se em hordas que lutam entre si; mas o mais novo, Hak-Nazar Cã (1538–1580), reunifica-as. **1643 – 1757:** retorno da dominação oyrat. **1716 – 1735:** os russos constroem fortes em Omsk, Semipalatínsk, Ust-Kamenogorsk e Orsk, para neutralizar a influência mandchu. **1731 – 1742:** protetorado russo, contra os oyrat, leva a nova dominação. **1757:** derrota dos oyrat pelos mandchu, que impõem controle menos repressivo. **1792 - 1797:** os russos sufocam a rebelião de Batyr Srym. **1822 - 1848:** o poder dos cãs é abolido; a rebelião de Kenesary Kasímov (1837–1847) é reprimida. **1853/54:** ocupação russa de Akméshet (atual Kyzyl-Orda) e fundação de Viérny (atual Alma-Atá); o território é dividido nas províncias de Uralsk, Turgay, Akmolinsk e Semipalatínsk. **1910:** o jornal *Aykan*, primeiro em língua cazaque, reflete idéias nacionalistas. **1916:** banho de sangue põe fim à revolta de Abdul Gafar e Amangéldy Imánov. **1917:** o nacionalista Ali Khan Bukei cria um governo local, a *Alash Orda*. **1919/20:** o Exército Vermelho instala uma República soviética com capital em Orenbúrg (mudada em 1925 para Kyzyl-Orda e, em 1929, para Alma-Atá). **1927:** reprimida a revolta de Kulumbétov contra a campanha de assentamento compulsório dos nômades. **1936:** constituição em República soviética. **1937:** I Congresso do PC, chefiado por Jumabái Shaiakhmétov. **1953 – 1964:** o programa Terra Virgem torna aráveis vastos terrenos abandonados. **1954:** substituição de Shaiakhmétov pelo russo P. Ponomarenko, por discordância com a política soviética de reforma agrária, e instalação de colonos russos e ucranianos na República. **1954 – 1956:** o então sec.-geral do PC local, Leonid Bréjnev, completa a instalação dos colonos e a construção, em Baikonur, no deserto de Karaganda, 240 km a NE do mar de Aral, da primeira pista soviética de lançamento de naves espaciais. 1986: protestos contra a nomeação do russo Guennádi Kólbyn sec.-geral do PC local. **1989:** protestos, em Nóvy Úzen, contra os russos, que têm melhores empregos do que os cazaques, reprimidos pelo com. militar da região, gen. Grigóri Kniázev; Kólbyn é substituído por Nursúltan Nazarbáiev, que é eleito presidente. **1990:** crescem as reivindicações separatistas, apoiadas, a partir de out., por Nazarbáiev; os nacionalistas russos do grupo Iedinstvo se manifestam contra a introdução do cazaque como língua oficial. **1991:** Nazarbáiev apóia os planos de Gorbatchóv de criar uma nova federação, mas, após o fracasso do golpe de ago. em Moscou, a independência é proclamada e o país adere à CEI; Nazarbáiev é reeleito (1º/12). **1992:** rebelião do regimento do Centro Espacial de Baikonur, contra as más condições de vida; o governo faz algumas concessões (fev.); acordos com a Elf Aquitaine, francesa, e a Chevron, americana, para a exploração de petróleo; criação do Ministério da Defesa e das Forças Armadas (mai.); assinatura, com a CEI, do Tratado de Defesa Coletiva (15/5); assinatura, com a Rússia, do Tratado de Amizade e Defesa Mútua (25/5); acordo com os mineiros grevistas de Karaganda (jun.); Nazarbáiev negocia com manifestantes que pedem o confisco dos bens do ex-PC e a formação de novo governo (jun.); adesão aos acordos START (jul.).

FATOS DO ANO

Relativa estabilidade política e gigantesco potencial econômico atraíram ao Cazaquistão várias firmas ocidentais – como a Chevron e a Elf-Aquitaine – desejosas de investir. Para isso tem contribuído o desempenho do pres. Nursúltan Nazarbáiev, reeleito, em 1991, como candidato único, com 98,8% dos votos. Fiel à sua fórmula de que "enquanto o novo não existe, não se pode abrir mão do velho" (discurso de jan. de 1993, no *Kenguês*, o Parlamento), ele põe em prática um cauteloso programa de transição para a democracia liberal. Programa esse que tem seu lado negativo: restrições à oposição – embora, em out. de 1992, três grupos tenham conseguido fundir-se na frente *Azat* (republicana), liderada por Kamal Ormantáiev – e rigoroso controle da imprensa, alegando rivalidades entre os 40% de cazaques e os 40% de russos e ucranianos. Com a política do Kremlin de ali instalar colonos russos, o Cazaquistão tornou-se o produtor de 1/3 dos grãos de toda a ex-URSS. Mas há desequilíbrios na escala social: hoje, 2/3 dos moradores de Alma-Atá descendem de russos e sua língua é a predominante nos negócios e na educação.

Conflitos graves não há, mas, preocupado em preservar esse frágil equilíbrio, Nazarbáiev assinou, em mai. de 1992, o Tratado de Amizade com a Federação Russa; em set. de 1992, ao visitar a Alemanha, ofereceu ao pres. Richard von Weizsäcker garantias de que também os direitos da comunidade de origem alemã seriam respeitados; e, em fev. de 1993, concorda em presidir a recém-formada União para a Integridade Nacional do Cazaquistão, cujo objetivo é combater o nacionalismo radical e promover a convivência pacífica entre as etnias.

A inflação tem sido sentida pelos assalariados, que têm baixo poder de compra, problema ligado à não existência de uma moeda local, pois o país ainda está ligado à Zona do Rublo. Mas as contas públicas, escoradas pela safra recorde de 32 milhões de t de grãos em 1992, contam com o aval do FMI, que, em jul. de 1993, concede um empréstimo de US$ 86 milhões. A expectativa é a de que rendimentos muito elevados resultem da exploração de recursos minerais – carvão, zinco, cobre – virtualmente intocados. São necessários mais investimentos e equipamentos mais modernos para que eles possam render o máximo. Para o petróleo, esses recursos já começaram a chegar, por meio de um acordo no valor de US$ 20 bilhões, assinado em abr. de 1993 com a Chevron, formando uma *joint venture* que dará à companhia americana 20% do lucro obtido. Contratos mais limitados são assinados com outras empresas, como a Elf-Aquitaine.

As reservas do país, de 25 bilhões de barris, são comparáveis às dos Emirados Árabes Unidos. Mas a prospecção da Chevron vai concentrar-se, inicialmente, apenas em Tenguíz e Korolióv, no litoral do mar Cáspio. O acordo prevê também a construção de um oleoduto, para o escoamento do produto, cujo traçado ainda não foi definido. Técnicos ocidentais avaliam que, em 2010, o país estará produzindo 1,5 milhão de barris por dia.

Chade

● **NOME OFICIAL:** República do Chade. **Capital:** Ndjamena. **Nacionalidade:** chadiana. **Hino:** A chadiana (título). **Língua:** árabe e francês (oficiais); línguas africanas. **Religião:** islamismo (N), 50%; animismo, 26,7%; cristianismo, 23,1% (católicos, maioria). **Data nacional:** 11/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da África. **Área:** 1.284.000 km². **Limites:** Líbia (N); Sudão (L); Rep. Centro-Africana (S); Camarões (SO); Níger (O). **Características:** depressão desértica cercada por montanhas (N a SE); planalto do Tibesti (N); lago Chade (O); planície tropical (S). **Ponto mais elevado:** pico Emi Cussu (3.415 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão (S); árido tropical (N). **Rios principais:** Chari, Longone. **Cidades principais:** Ndjamena (687.800 hab.); Sarh (129.600); Mundu (117.500); Abechê (95.800) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 5.961.000 (est. 1992); **urbana:** 32% (1990). **Composição demográfica:** muçulmanos de origem sudanesa (N e L); bantus (S); minoria européia (franceses). **Crescimento demográfico:** 2,5% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 42,8%; **15-59:** 51,5%; **mais de 60:** 5,7% (1990). **Densidade (hab./km²):** 4,6 (1992). **Natalidade:** 43,3 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 17,9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 122 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6 (1990). **Vida média homens:** 45,9; **mulheres:** 49,1 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,2 mil hab. (1978) ; **médicos:** 1 por 47,6 mil hab. (1980). **Gastos com saúde:** 0,6% do PNB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 70,2% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 550,8 mil; **professores:** 9 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 3 mil; **professores:** 59 (1989/90). **Gastos:** 2% do PNB (1989).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana (CFA). **Data da Constituição em vigor:** 1º/3/1991 (3 emendas). **Divisão administrativa:** 14 prefeituras. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Patriótico da Salvação, Ação pela Unidade e Socialismo, União pela Democracia e pela República. **Chefe de Estado:** pres. Idriss Deby (desde 4/12/1990). **Chefe de governo:** 1º-min. Joseph Yodoyman (desde nov./1990). **Legislativo:** não há. Conselho da República (provisório), com 31 membros indicados pelo pres. e nomeados pelo Conselho Nacional da Salvação.

● **ECONOMIA:** agricultura, 41,3%; indústria, 9,8%; mineração, 0,4%; comércio, 24,3%; serviços, 24,2% do PIB (1987). **Agricultura:** algodão, milhete, sorgo, amendoim. **Pecuária:** bovinos, caprinos, ovinos. **Pesca:** 115 mil t (1990). **Indústria:** agroindústrias (processamento de algodão e refino de açúcar). **Minerais:** natro (explorado); petróleo, tungstênio, cassiterita, bauxita, ouro, minério de ferro, titânio, calcário, caolin (reservas). **Exportações:** US$ 189,2 milhões; **produto:** algodão (1990). **Importações:** US$ 285,5 milhões; **produtos:** petróleo e derivados, cereais, farmacêuticos, químicos, equipamentos elétricos industriais e de transporte (1990). **Parceiros comerciais:** França, Camarões, Nigéria, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 239,10 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,1 bilhão; **renda per capita:** US$ 190 (1990); **crescimento anual:** 5,8% (1980–1990). **Inflação:** 0,6% (1990). **Dívida externa:** US$ 430,4 milhões (1990). **Força de trabalho:** 1,9 milhão (1989); **distribuição:** agricultura, 77,4%; indústria, 6,3%; comércio e serviços, 16,3%; **mão-de-obra feminina:** 21,6% (1987).

● **DEFESA: Efetivo total:** 25,2 mil (1992); **Exército:** 25 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 200; **outros:** 4,5 mil paramilitares. **Gastos:** 23,9% do orçamento (1991/92).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 40 mil km; 1% pavimentado (1983); **nº de veículos:** 14 mil; **automóveis:** 8 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Ndjamena (rios Chari e Longone). **Linhas aéreas:** Air Afrique (vôos internacionais); Air Tchad (domésticos e charters).

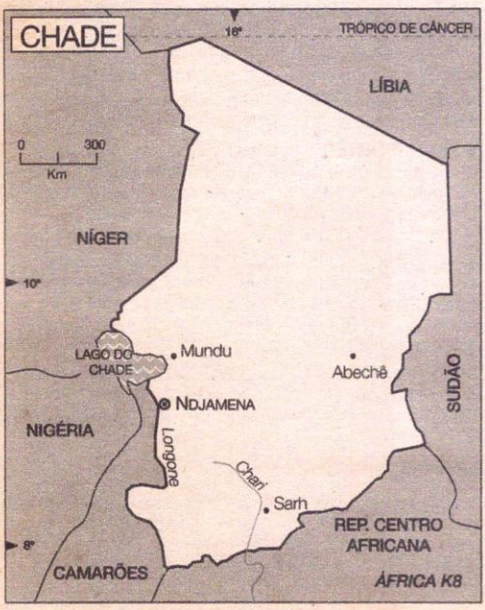
● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 4,7 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 1,1 mil hab. (1987). **Linhas telefônicas:** 1 por 555 hab. (1988). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 0,3 (1987).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Permanent Mission of the Republic of Chad to the United Nations, 201 East 42nd St., 31st Floor, New York, NY 10017, EUA; tel. (001-212) 986-0980.

HISTÓRIA

Invadido por bantus, muçulmanos sudaneses e povos nilóticos, foi dominado, até o fim do séc. XIX, por mercadores de escravos. Um deles, Rabah Amoney, invadiu o reino de Borcu (1897–1900), levando os chefes locais a pedir proteção à França, que o derrotou mas impôs sua dominação. **1910:** integrado à África Equatorial Francesa

com o Gabão, o Congo e o Ubangui-Chari (atual Rep. Centro-Africana). **1959**: membro autônomo da Comunidade Francesa. **1960**: República tendo François Tombalbaye como presidente (11/8). **1962**: a Constituição impõe o monopartidarismo. **1963**: golpe de Estado fracassado; estado de emergência; emendas constitucionais tentam apaziguar a rivalidade dos muçulmanos, do norte, com os bantu, do sul. **1969**: Tombalbaye pede ajuda francesa contra a Frente de Libertação Nacional (Frolinat), muçulmana, de Hissene Habrê. **1975**: Tombalbaye morre no golpe do gen. Félix Mallum. **1978**: acordo de Mallum com Habrê, designado 1º-ministro. **1979**: luta entre Habrê e Mallum, que renuncia; Lol Mohamed Shaua é o pres. provisório; acordo de Lagos: os líderes guerrilheiros Gucuni Uedei e Abdelcader Camuguê são o presidente e o vice. **1980**: guerra civil; Habrê ocupa Ndjamena, mas é desalojado por Uedei com apoio líbio. **1981**: II Conferência de Lagos: eleições marcadas para fev. de 1982; projeto de fusão com a Líbia; cinco facções fundem-se num Exército Nacional Integrado; pressionado pela França e pela OUA, Uedei substitui as tropas líbias por uma Força Interafricana de Paz, que, no entanto, não intervém quando recomeça a ofensiva de Habrê, que, em **1982**: ocupa Ndjamena; Uedei refugia-se em Camarões e, depois, contra-ataca com ajuda líbia. **1983**: a França dá apoio logístico a Habrê, mas não intervém diretamente. **1984**: o Governo de União Nacional de Transição, de Uedei, fragmenta-se em três movimentos. **1985**: encontro Uedei/Habrê, mediado por Mussa Traorê, do Mali: trégua nos combates. **1986/87**: reinício da guerra; avanços de Habrê contra os líbios, que se rendem; Habrê integra a seu governo Camuguê, o ex-aliado de Uedei, e o cel. Kotiga Guerina, líder dos rebeldes sulistas codos. **1988**: reatamento com a Líbia (nov.). **1989**: fracassa o golpe de Hassan Djamus; seu cúmplice, Idriss Deby, conselheiro militar de Habrê, refugia-se em Trípoli; acordo de paz com a Líbia (31/8); nova Constituição (10/12); as forças de Deby ocupam uma faixa na fronteira com o Sudão (25/11). **1990**: eleições gerais (8/7); a França recusa-se a intervir contra Deby (nov.); Habrê foge para Camarões (1º/12) e Deby proclama-se presidente, nomeia Maladum Bada Abbas seu vice, suspende a Constituição, dissolve a Assembléia e nega ao oposicionista Abderrahman Kulamala permissão para formar um partido. **1991**: Constituição provisória, que a oposição julga antidemocrática; Jean Alingue Bauoyeu, ex-pres. da Assembléia, é o 1º-ministro; Uedei volta (18/5) e negocia com Deby a implantação do pluripartidarismo; Habrê ataca no deserto do Tibesti (24/9) e nas bases de Bardai e Zumri (25/9); prisão de oposicionistas e restrições ao funcionamento dos partidos (ago./out.); após fracasso do golpe do min. do Interior, Maldon Bada Abbas, pró-Líbia (13/10), anulação do acordo com Trípoli (18/10); fracasso do golpe do min. dos Transportes, Abbas Koty (18/11); a França reforça o Dispositivo Gavião (out.); comissão é encarregada de preparar conferência nacional (dez.); rebeldes vindos do Níger atacam Líua e Bol (22/12). **1992**: a França manda reforços para combatê-los (3/1); protestos internacionais contra a prisão (13/1) de Mamadu Bisso, da oposicionista União pelo Desenvolvimento e o Progresso; pedidos da renúncia de Deby e Bauoyeu após o assassinato (16/1) de Joseph Behidi, vice-pres. da Liga dos Direitos Humanos; greve geral paralisa Ndjamena (17 e 18/1); anistia a todos os dissidentes (24/1); Abbas, reabilitado, torna-se conselheiro especial (15/2); aprovada a criação da União pela Democracia e o Progresso, de Lol Mahamat Chuam, e da União Chadiana pela Democracia e o Progresso, de Erie Romba (16/3); legalização do Movimento pela Democracia e o Socialismo no Chade, de Ngarta Baye Tombalbaye, filho do ex-presidente (abr.); para conceder empréstimo de US$ 20 milhões, Mitterrand exige (29/7) mudanças na situação dos direitos humanos; são libertados 200 presos políticos e demolidos dois centros de detenção e tortura (ago.).



FATOS DO ANO

Da conferência sobre os problemas nacionais, instalada em jan. de 1993, os observadores esperavam, no final desse ano, que encontrasse, para o país, a saída institucional que o pres. Idriss Deby não conseguiu oferecer. Mas o governo de transição por ela nomeado não é capaz de promover a redemocratização do país: os desentendimentos entre oposicionistas criam impasses que beneficiam a postura autoritária do governo.

Desde meados de 1992, declarando que sua prioridade era a reconciliação nacional, Deby tinha tentado firmar a paz com os diversos grupos guerrilheiros. Internamente, porém, a repressão indiscriminada continuava, comprometendo os objetivos pacíficos. Contra ela insurgiram-se, em 24/8/1992, os doze partidos reunidos, sob a liderança de Abderrahman Kulamala, na Coordenação da Oposição Democrática: denunciaram o massacre de 150 civis em Doba, no sul do país, onde há simpatizantes do Comitê de Preocupação Nacional com a Paz e a Democracia, do ten. Kette Nodji Moïse, líder do golpe fracassado de fev. de 1992. Essa denúncia provocou, em 9/9, a demissão do ten-cel Mahamat Garfa, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas.

Fazendo as pazes – Logo depois, Deby anunciou, como um sinal de que o país se normalizava, os acordos com o CPNPD; com a Frente Nacional Chadiana, de Faris Bachar, baseada no Sudão; e com o Movimento pela Democracia e o Desenvolvimento (MDD), instalado na Líbia. Isso não bastou, porém, para deter a União dos Sindicatos do Chade (USC), que, no início de out., convocou greve geral, com adesão de 80% dos trabalhadores, para protestar contra a política socioeconômica. Deby suspendeu as atividades da USC; mas, como dois de seus ministros renunciaram em protesto, teve de ceder às exigências dos grevistas, entre as quais a da realização de uma conferência sobre o futuro do país.

Em 15/10, depois de um remanejamento ministerial, em que o 1º-min. Joseph Yodoyman afastou o detestado min. das Finanças, Mohiaddin Salah, substituindo-o pelo min. dos Transportes e Serviços Públicos, Safi Abdelkader, Deby marcou para 15/1/1993 a conferência, que há tempos vinha sendo pedida. No entanto, nova greve, contra o aumento das tarifas públicas e impostos e o não-pagamento de salários, fez voltar a repressão: dirigentes da USC foram presos e suas atividades ficaram de novo proibidas até nov. E se, nesse mês, volta-

ram a ser autorizadas foi porque, nesse meio tempo, em represália, o MDD rompera o acordo recém-assinado, lançando nova ofensiva contra as tropas do governo, em Bagassola, perto do lago Chade.

A prisão no Camarões, em dez. de 1992, de Abbas Koti, autor de um golpe frustrado em mai., desarticulou seu grupo, o Conselho de Salvação Nacional, que, desde então, vinha operando nas proximidades de Faya Largeau. Em compensação, a Frente de Libertação do Chade/I Exército, de Mahamat Abbas Said, cujos 7 mil homens, estacionados no centro do país, estavam provisoriamente inativos, ameaçou voltar à ação caso a conferência não se realizasse.

Governo de transição – Diante disso, ela se reúne na data marcada, com a presença, inclusive, de representantes do MDD e do ex-pres. Gucuni Uedei. Só Deby não está presente: um problema de saúde forçou-o a ir tratar-se em Paris. Isso facilita que, para presidir a conferência seja eleito, em 11/2, em vez do candidato de Deby, Dela Kassinê Kumakuiê, o oposicionista Adun Maurice El-Bongo. Como esse cargo lhe confere poderes de que o governo não quer abrir mão, segue-se nova escalada da violência oficial e, em resposta a ela, a retomada da guerrilha. Apesar disso, em 7/4/1993, a conferência nomeia Fidèle Mungar chefe de um governo de transição de que Deby continuará como chefe de Estado e com.-em-chefe das Forças Armadas. Previsto para durar doze meses, esse governo teria como missão preparar as eleições multipartidárias, no que seria auxiliado por uma legislatura interina, o Alto Conselho de Transição (ACT), de 57 membros designados pela Conferência. Para presidi-la, é eleito, em 8/4, o ex-pres. Lol Mahamat Shaua, líder da União pela Democracia e o Progresso. Mas esse governo será de curta duração: uma moção de desconfiança do próprio ACT o derrubará em 28/10, deixando de novo o poder nas mãos de Deby.

Em 10/5, este tinha atendido a uma das decisões da conferência, fechando o Centro de Pesquisa e Coordenação, organismo de inteligência do governo. Mas novas atrocidades cometidas pelos militares, principalmente no sul, levaram membros do movimento Chade Não-Violência, de defesa dos direitos humanos, a se retirarem, em protesto, do ACT. Em 24/6, por decisão desse organismo, Mungar reduzira de 24 para dezesseis o número de pastas no ministério e nomeara para elas novos titulares. Ficara decidida, também, a não-ratificação do acordo de cooperação com a Líbia, até que a Corte Internacional de Justiça, em Haia, decidisse o litígio sobre a faixa de Auzu, anexada por Trípoli vinte anos antes.

O toque de recolher é decretado, em 9/8/1993: recorre-se a essa medida na tentativa de controlar as reações indignadas da população de Ndjamena, à notícia de que, em 7/8, o Exército promovera um massacre em Ueddai, no norte do país, deixando 82 mortos e 105 feridos. A manifestação de protesto, na capital, é igualmente reprimida pelos militares, com o saldo de 41 mortos e 135 feridos. O sucesso obtido por Deby, ao assinar um acordo de paz com Koti, do CSN, que volta ao país e depõe as armas, é apenas temporário. Embora anuncie, em 16/10/1993, estar disposto a transformar seu grupo guerrilheiro em um partido político e concorrer às eleições, Koti tenta, em 21/10, derrubar seu adversário; mas o golpe fracassa e ele é morto pelas forças fiéis a Deby.

Tudo isso demonstra o quanto o Chade continua ameaçado de ingovernabilidade, para a qual contribui o estado caótico de uma economia desmantelada por anos de guerra civil, pela falta de diversificação agrícola, a pobreza de exploração dos recursos minerais e a inadequação da infra-estrutura de transportes. Esses problemas foram responsáveis, em 1992, por um déficit orçamentário recorde de 25 bilhões de francos CFA, o que o torna totalmente dependente de ajuda externa. As únicas instalações industriais que ainda funcionam são uma refinaria de açúcar e a *Société Cotonnière du Tchad*, estatal do setor algodoeiro que, surpreendentemente, obteve alguns bons resultados desde 1990.

Chile

● **NOME OFICIAL:** República do Chile. **Capital:** Santiago. **Nacionalidade:** chilena. **Hino:** *Doce pátria, recebe os votos* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, 80,7%; protestantes, 6,1%); judaísmo, 0,2%; ateus, 12,8%. **Data nacional:** 18/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da América do Sul. **Área:** 756.626 km². **Limites:** Peru (N); Bolívia (NE); Argentina (L); oceano Pacífico (O); oceano Atlântico (SE). **Características:** região montanhosa de N a S, com a cordilheira da Costa (litoral) e a cordilheira dos Andes (L), separadas por planaltos desérticos e semidesérticos (N), por um vale fértil (centro), e que, no sul, formam lagos, ilhas e fiordes. **Ponto mais elevado:** pico Ojos del Salado (6.863 m). **Clima:** de montanha (interior); árido tropical (litoral N); mediterrâneo (litoral centro); temperado oceânico (litoral S). **Rios principais:** Bio Bio, Valdivia. **Cidades principais:** Santiago (5.342.900 hab., região metropolitana); Viña del Mar (312.300); Concepción (311.500); Valparaíso (296.000); Talcahuano (251.000) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h; Ilha de Páscoa (-3h).

● **POPULAÇÃO:** 13.599.000 (est.1992); **urbana:** 84,6% (1990). **Composição demográfica:** mestiços, 91,6%; índios araucãs, 6,8%; europeus (1983). **Crescimento demográfico:** 1,7% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 30,6%; **15-59:** 60,5%; **mais de 60:** 8,9% (1991). **Densidade (hab./km²):** 18 (1992). **Natalidade:** 23,3 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 17,1 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,6 (1990). **Vida média homens:** 68,1; **mulheres:** 75,1 (1985–1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 304 hab.; **médicos:** 1 por 919 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 5,9% do orçamento (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 6,6% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 2,7 milhões; **professores de 1º grau:** 55,3 mil (1989). **Alunos no ensino superior:** 233,1 mil (1989); **professores:** 15,1 mil (1984). **Gastos:** 9,8% do orçamento (1988).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 11/3/1981 (2 emendas). **Divisão administrativa:** 12 regiões e a região metropolitana de Santiago. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrata Cristão, Renovação Nac., pela Democracia, União Democrata Independente. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Patricio Aylwin Azócar (11/3/1990); Eduardo Frei, eleito em 11/12/1993, tomará posse em 1994. **Legislativo:** bicameral – Senado com 47 membros (9 indicados pelo pres.) e Câmara dos Deputados com 120 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 8 e 4 anos, respectivamente.

● **ECONOMIA:** agricultura, 8,4%; indústria, 28,8%; mineração, 7,3%; comércio, 18,5%; serviços, 36,7% do PIB (1991). **Agricultura:** frutas, legumes e verduras, madeira. **Pecuária:** ovinos, bovinos, suínos. **Pesca:** 6 milhões de t. (1991). **Indústria:** alimentícia, metais-não ferrosos, refino de petróleo, papel, química. **Minerais:** cobre (principal); ouro, prata, minério de ferro, salitre, molibdênio, iodo, petróleo e gás natural. **Exportações:** US$ 9 bilhões; **produtos:** cobre, frutas, legumes e verduras, químicos, papel e derivados (1991). **Importações:** US$ 7,7 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos e minerais (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Brasil, Alemanha, Argentina, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** peso chileno (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 375,30 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 28,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.160 (1991); **crescimento anual:** 3,4% (1980–1991). **Inflação:** 28,8% (1991). **Dívida externa:** US$ 17,9 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 5 milhões; **distribuição:** agricultura, 17,8%; indústria, 24,6%; comércio, 16,8%; serviços, 35,3%; outros, 5,5%; **mão-de-obra feminina:** 34,9% (1990). **Desemprego:** 5,6% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 91,8 mil (1992); **Exército:** 54 mil; **Marinha:** 25 mil; **Força Aérea:** 12,8 mil; **outros:** 27 mil paramilitares. **Gastos:** 10,5% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 79,6 mil km; 14% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 990 mil; **automóveis:** 690 mil (1989). **Ferrovias:** 4,5 mil km (1990). **Portos:** Valparaíso, Talcahuano, Antofagasta, San Antonio, Punta Arenas. **Linhas aéreas:** LAN-Chile, LADECO (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 146; **receptores:** 1 por 3,1 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 6; **receptores:** 1 por 4,1 hab. (1989). **Linhas telefônicas:** 1 por 15 hab. (1988). **Jornais diários:** 34; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 68 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 11, CEP 70407-900, Brasília, DF; tel. (061) 226-5545.

HISTÓRIA

Pedro de Valdivia conquista o Vale Central e funda Santiago (1541); até o fim do séc. XIX, os incas e araucanos continuam hostis à capitania-geral espanhola, subordinada ao vice-reino do Peru. **1818:** o argentino José de San Martín derrota os espanhóis na Batalha de Maipú; Bernardo O'Higgins proclama a independência (12/2). **1823 – 1830:** guerras civis; estabilização com Diego Portales. **1836 – 1839:** guerra com o Peru e a Bolívia. **1837:** assassinato de Portales. **1843:** reivindicação de soberania sobre o estreito de Magalhães, a Terra do Fogo e a Patagônia. **1865/66:** guerra com a Espanha. **1879 – 1883:** vitória sobre o Peru e a Bolívia na Guerra do Pacífico; conquista da região de mineração ao norte; paz com os araucanos permite a colonização do sul. **1891:** luta do Legislativo com o Executivo leva ao suicídio do pres. José Balmaceda; ditadura do Congresso. **1899 – 1902:** choques com a Argentina por litígio territorial; arbitragem internacional dá à Argentina as terras a leste dos Andes e ao Chile a oeste; fica em aberto a questão do canal de Beagle. **1904:** tratado com o Peru e a Bolívia: posse de Antofagasta. **1920:** com Arturo Alessandri, volta o presidencialismo. **1925 – 1931:** ditadura do gen. Carlos Ibáñez del Campo. **1932 – 1938:** Alessandri, reeleito, faz governo repressivo e impopular. **1938 – 1941:** governo da Frente Popular (socialistas, comunistas e radicais) de Pedro Aguirre Cerda. **1964:** programa de reformas do democrata cristão Eduardo Frei Montalva. **1969:** a americana Anaconda Co. aceita a nacionalização gradual do cobre. **1970:** a Unidade Popular, de esquerda, elege Salvador Allende. **1971:** nacionalização das companhias americanas do cobre; os EUA iniciam campanha de desestabilização de Allende. **1972:** aumento das relações comerciais com URSS e China. **1973:** o gen. Augusto Pinochet derruba Allende (11/9). **1974/75:** 150 companhias nacionalizadas são reprivatizadas; Pinochet nomeia-se chefe supremo do Estado; a repressão faz desaparecer centenas de oposicionistas. **1976:** o ex-chanceler Orlando Letelier e sua secretária, Ronnie Moffit, morrem num atentado da Dina, a polícia política, em Washington. **1977:** a ONU condena o país por violações dos direitos humanos. **1978:** anistia para mil exilados. **1979:** crise do canal de Beagle com a Argentina. **1980:** nova Constituição. **1981:** aumenta o terrorismo; suspensão do embargo americano de armas. **1982:** assassinato do sindicalista Tucapel Jiménez; manifestações de protesto; em resposta, Pinochet aumenta o número de militares no gabinete. **1983:** Dias Nacionais de Protesto mensais, reprimidos pelo Exército. **1984:** aumento dos atentados, protestos e repressão; oposicionistas são confinados ou expulsos; acordo com a Argentina e fim da crise de Beagle. **1985:** o assassinato, por policiais, de três militantes de esquerda força remanejamento dos carabineiros. **1986:** durante Dia Nacional de Protesto, carabineiros comandados pelo ten. Pedro Fernández ateiam fogo nos jovens Rodrigo Rojas de Negri e Carmen Quintana (ago.); Pinochet escapa de um atentado e volta a decretar estado de sitio (set.);

reinicia a campanha pelas eleições diretas. **1987**: aprovada a organização dos partidos, exceto os marxistas. **1988**: derrota do governo em plebiscito sobre redemocratização. **1989**: Patricio Aylwin, da frente Acordo pela Democracia, é eleito (11/12) com 52,2% dos votos. **1990**: exigida a investigação sobre violações de direitos humanos pelos militares; Pinochet continua no comando do Exército; o ex-chefe da Polícia Luís Fontaine Manríquez, culpado do assassinato de três líderes comunistas em 1985, morre num atentado (10/5); a prisão, na Flórida, de José Dionisio Suárez (12/4) comprova a culpa do gen. Manuel Contreras, ex-chefe da polícia política, na morte de Letelier; localizadas ossadas de desaparecidos em cemitérios clandestinos (jun.); manifestações pedem a apuração dos crimes dos militares; o corpo de Allende é trasladado de Viña del Mar para Santiago (4/9); a Corte Suprema aprova a lei de anistia aos militares, assinada por Pinochet; escândalo da financeira La Cutufa, que geria o pecúlio dos militares, envolve Augusto Pinochet Hiriart, filho do ex-presidente (out.); prisão do gen. Jaime Lucares, envolvido no caso La Cutufa (13/12); em represália, Pinochet ordena manobras militares intimidatórias (19/12). **1991**: divulgação dos nomes de 2.279 vítimas da ditadura e dos torturadores mais notórios; Aylwin pede reabertura do caso Letelier (11/3); prisão do gen. Hugo Salas, chefe da Dina, por venda ilegal de propriedade do Estado (24/3); terroristas assassinam o sen. Jaime Guzmán, de extrema direita (1º/4); criada comissão de combate ao terror (8/4); o cubano Virgilio Paz Romero é condenado, nos EUA, a doze anos de prisão pela morte de Letelier (jul.); acordo de integração comercial com o México (set.); ordenada a prisão domiciliar de Contreras e do cel. Pedro Espinoza pela morte de Letelier (23/9). **1992**: a OEA ordena o pagamento de US$ 2,6 milhões de indenização às famílias Letelier e Moffit; Contreras acusa o ex-vice-diretor da CIA Vernon Walters de ser o mandante da morte de Letelier (jan.); vitória da *Concertación* governista nas eleições municipais (28/6); prisão, no Brasil, do ex-torturador Oswaldo Enrique Romo Mena, da Dina (29/7), cuja extradição é pedida a Brasília (17/8).

FATOS DO ANO

A campanha para as eleições presidenciais de 14/1/1993 toma fôlego já no início do ano. Sem maioria no Senado, onde há nove "biônicos" nomeados pelos militares, o pres. Patricio Aylwin tenta fortalecer a democracia administrando o problema sucessório. Ele próprio dissuade a Democracia Cristã de tentar, via reforma constitucional, sua reeleição. Ele já procedera, em 23/9/1992, ao primeiro remanejamento ministerial desde sua posse, visando às eleições: substituíra os titulares da Educação – Ricardo Lagos, o candidato socialista à presidência –, Economia, Minas e Transportes, para manter o equilíbrio de forças entre os partidos da coalizão governamental. Em abr. de 1993, o favorito, com 37% das intenções de voto, é o democrata-cristão Eduardo Frei, filho do ex-presidente do mesmo nome; e Lagos tem 19,3%.

Os militares, enquanto isso, continuam reagindo a tudo o que consideram uma ameaça a seus privilégios. Em 11/9/1992, o 19º aniversário do golpe militar estivera cercado de tensão e violência. Na véspera, houvera dois atentados a bomba na capital, e três policiais e um extremista tinham morrido num choque armado. E, na data do golpe, grupos de defesa dos direitos humanos, sindicatos, organizações estudantis e de esquerda saíram às ruas, relembrando as vítimas da ditadura e protestando contra o bloqueio, no Congresso, das mudanças constitucionais que visam a conceder ao chefe de Estado maior controle sobre o com. do Exército, o ex-ditador gen. Augusto Pinochet, e outras altas patentes das Forças Armadas. Os militares se preocupavam também, a essa altura, com as revelações que poderiam ser feitas, diante do tribunal que investiga o desaparecimento de presos políticos, por Oswaldo Enrique Romo Mena, o torturador, ex-membro da polícia política, que fugira para o Brasil, onde foi preso, no ano anterior, e devolvido ao Chile.

Medida intimidatória – A situação se agrava, em 27/5/1993, quando o Movimento de Esquerda Democrática Allendista convoca uma jornada de protesto, pedindo que seja feita justiça contra os responsáveis pela repressão durante a ditadura. Nesse mesmo dia, o jornal *La Nación* informa a reabertura das investigações sobre o escândalo da compra pelo Exército, em 1990, por US$ 3 milhões, de uma fábrica de armas falida, de propriedade de Augusto Pinochet Hiriart, filho do ex-ditador. No dia seguinte, um grupo de pára-quedistas em uniforme de combate, fortemente armados, posta-se diante do Palácio de la Moneda, onde Aylwin, em visita à Escandinávia, está sendo substituído por seu vice, Enrique Krauss. Outros dispositivos de segurança cercam instalações militares de Santiago e dos arredores. Ao voltar ao país, em 1º/6, o pres. Aylwin – que, por imposição constitucional, não tem poderes para destituir Pinochet de seu cargo até 1997, nem para transferir comandantes militares ou passar oficiais para a reserva – nega estar negociando concessões a serem feitas às Forças Armadas.

Nova crise na área militar se arma, em jun., ao desaparecer, no Uruguai, Enrique Berrios, ex-agente da Dina, a polícia política da ditadura. Procurado pela Justiça chilena sob a acusação de ter fabricado armas químicas, Berrios está também envolvido no assassinato, em 1976, do chanceler Orlando Letelier. A imprensa sugere que militares chilenos e argentinos o ajudaram a fugir e especula sobre a existência de uma rede militar de proteção a violadores dos direitos humanos em todo o continente. Por seu lado, analistas militares argentinos expressam o temor de que o Chile, com o qual há antigos litígios fronteiriços, possua tecnologia e reserva de insumos para fabricar armas químicas. Uma carta de Berrios a seus familiares, enviada por intermédio do consulado uruguaio em Milão, põe fim aos rumores de que teria sido assassinado. Mas a decisão da polícia chilena de continuar a procurá-lo, como um dos responsáveis pela morte de Letelier, alimenta o desagrado entre os militares, a quem, como no caso de Romo Mena, não interessa que ele seja repatriado e interrogado.

Ponto final – Nesse contexto, Aylwin insiste, num pronunciamento de 25/6, em que o Exército revele o que aconteceu com os desaparecidos, para que se possa solucionar casos pendentes de direitos humanos. E, em 6/7, reúne-se com Pinochet para discutir formas de acelerar cerca de 230 processos contra militares envolvidos na repressão. Houve repúdio generalizado e pressão dos grupos que pedem justiça quando, após a mobilização de 28/5, os militares voltaram a propor que uma lei pusesse um "ponto final" nessas investigações. Buscando uma solução para o impasse, Aylwin envia ao Congresso, em 4/8, um projeto de lei regulamentando esses processos: propõe a designação de juízes especiais e garante o sigilo aos militares que dêem informações sobre os fatos investigados. A adoção dessa lei permitiria esclarecer 1.100 casos de desaparecimento. Em resposta, Pinochet declara à imprensa, em 5/8, estar insatisfeito com o projeto, pois os militares "não têm do que pedir perdão".

No dia seguinte, a Televisión Nacional transmite uma entrevista do americano Michael Townley, assassino confesso de Letelier, que diz ter obedecido a ordens diretas dos gen. Manuel Contreras e Pedro Espinoza, ex-chefes da Dina. Acusa o gen. Eduardo Iturriaga, ex-com. do Exército, de tê-lo encarregado, em 1975, do atentado em Roma em que o ex-vice-pres. Bernardo Leighton e sua mulher ficaram gravemente feridos. E responsabiliza Jaime Leppe, sec.-geral do Exército, e outros dois oficiais pelo assassinato, em Santiago (1976), de Carmelo Soria, diplomata na ONU. Contreras, que, como Espinoza, responde em liberdade ao processo sobre o caso Letelier, reage atribuindo a autoria do atentado à CIA, para a qual Townley trabalhava; e promete desmascarar funcionários do atual governo que colaboraram com a Dina. Aylwin desafia-o a revelar esses nomes, garantindo-lhe que ameaças dessa natureza não bastarão para desestabilizar seu governo. Toda a cautela de Aylwin no trato com

os militares e as constantes exortações da Igreja à reconciliação nacional não impedem que, em 11/9/1993, o 20º aniversário do golpe seja cercado de tensão: enquanto, numa entrevista, Pinochet chama os desaparecidos de "bandidos", há ameaças de bomba e manifestações contra violadores dos direitos humanos.

Com vistas às eleições presidenciais, a direita prepara-se para enfrentar, nas urnas, o governista Frei e o allendista pe. Eugenio Pizarro. A candidatura de Gonzalo Townsend Pinochet, sobrinho do ex-ditador, líder da recém-criada Aliança Pinochetista, é rejeitada pelo Serviço Eleitoral, pois não tem as 36,8 mil assinaturas exigidas pela lei imposta por seu tio para o reconhecimento de novos partidos. Mas o independente Arturo Alessandri, sobrinho e neto dos ex-pres. Arturo e Jorge Alessandri, surge, em 8/8, como o candidato dos conservadores Partido da Renovação Nacional e União Democrata Independente. A quatro meses do pleito – que será ganho por Frei –, a coalizão governamental ameaça dividir-se, pois os socialistas discordam da permissão que o projeto de Aylwin dá aos militares processados de prestarem depoimentos secretos. Em 2/9, após reunião com a liderança dos partidos que o apóiam, Aylwin retira o projeto do Congresso.

Para eleger, em 14/12/1993, seu sucessor, Aylwin contava, além do fortalecimento de suas bases de apoio político, com os números da economia: crescimento médio de 7% ao ano entre 1986 e 1992; queda da taxa de desemprego para 4,5%; e aumentos salariais 5% acima da inflação, que, em 1992, foi de 12,7%. Num país que leva a sério o equilíbrio das contas públicas, o alto custo social desse equilíbrio começa a ser esquecido, pois a renda per capita atinge US$ 3.030. Segundo estimativas do min. da Economia, Alejandro Foxley, a taxa de investimentos, em 1993, será de 27,2% do PIB, a mais alta da América Latina. Somados às reservas de US$ 9,9 bilhões de que o país dispõe, esses fundos serão também importantes para ajudar a controlar o déficit comercial de US$ 2,2 bilhões, previsto para 1993.

China

● **NOME OFICIAL:** República Popular da China. **Capital:** Pequim. **Nacionalidade:** chinesa. **Hino:** Marcha do Povo (título). **Língua:** mandarim (principal, N); tibetano, wu, mongol; dialetos locais (S e SE). **Religião:** confucionismo, budismo, taoísmo (principais); islamismo, cristianismo (minorias). **Datas nacionais:** 1º e 2/10 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da Ásia. **Área:** 9.571.300 km². **Limites:** Mongólia (N); Rússia (NE); Coréia do Norte, mar Amarelo e estreito de Formosa (L); Vietnã, Laos, Mianmá e Butão (S); Índia e Nepal (SO); Paquistão, Tadjiquistão e Quirguízia (O); Cazaquistão (NO). **Características:** sucessão de planaltos descendo na direção O–L; montes da Ásia Central e bacia do rio Tarim (NO); cordilheira do Himalaia (SO); deserto de Gobi e planalto da Mongólia (N); planalto do Tibete (O e centro); planície da Mandchúria (NE) e da China Setentrional (SE); vales férteis na parte oriental do território. **Ponto mais elevado:** monte Everest (8.872 m). **Clima:** subpolar (extremo NE); temperado continental (NE e L); subtropical (S e SE); de montanha (O e SO); árido frio (N, NO e centro); de monção (litoral S). **Rios principais:** Chang Jiang (Yang Tsê), Huang He (rio Amarelo), Si Jiang (rio do Oeste), Heilong Jiang (Amur). **Cidades principais:** Xangai (7.496.509 hab.); Pequim (5.769.607); Tianjin (4.574.689); Wuhan (3.284.299); Cantão (2.914.281) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +11h.

● **POPULAÇÃO:** 1.165.888.000 (est.1992); **urbana:** 26,2% (1990). **Composição demográfica:** chineses han, 92%; 54 minorias (chuang uigur, hui, yi, tibetanos, mongóis, miao, puyi, coreanos, cazaques, principais). **Crescimento demográfico:** 1,3% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 27,7%; **15-59:** 63,7%; **mais de 60:** 8,6% (1990). **Densidade (hab./km²):** 121,8 (1992). **Natalidade:** 19,7 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 33 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,3 (1991). **Vida média homens:** 68,6; **mulheres:** 71,8 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 428 hab.; **médicos:** 1 por 646 hab. (1991). **Gastos com saúde:** 3,9% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 22,3% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 193,2 milhões; **professores:** 9,8 milhões (1990). **Alunos no ensino superior:** 2,1 milhões; **professores:** 395 mil (1990). **Gastos:** 14% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista de modelo socialista. **Data da Constituição em vigor:** 4/12/1982. **Divisão administrativa:** 23 províncias, 5 regiões autônomas, 3 municipalidades. **Regime partidário:** unipartidarismo; **partido:** Comunista Chinês. **Chefe de Estado:** pres. Jiang Zemin (desde 27/3/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. Li Peng (desde jan./1993). **Legislativo:** unicameral – Congresso Nacional do Povo, com 2.970 membros eleitos por voto indireto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 34,1%; indústria, 53%; comércio, 6,4%; serviços, 6,5% do PIB (1990). **Agricultura:** batata-doce, trigo, milho, soja, cana-de-açúcar, tabaco, algodão, juta. **Pecuária:** suínos, ovinos, bovinos, bubalinos. **Pesca:** 12,1 milhões t (1990). **Indústria:** têxtil (algodão cru e tecidos); cimento. **Minerais:** carvão e grafite (principais); tungstênio, molibdênio, antimônio, estanho, chumbo, mercúrio, bauxita, fosfato, minério de ferro, manganês. **Exportações:** US$ 71,9 bilhões; **produtos:** manufaturas básicas, artigos manufaturados, alimentos e animais vivos, combustíveis minerais e lubrificantes (1991). **Importações:** US$ 63,8 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, químicos e derivados (1991). **Parceiros comerciais:** Hong Kong, Japão, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** iuan (dividido em 10 jiad ou 100 fen); **cotação para 1 US$:** 5,50 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 424 bilhões; **renda per capita:** US$ 370 (1991); **crescimento anual:** 9,4% (1980–1990). **Inflação:** 3,4% (1991). **Dívida externa:** US$ 55,1 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 567,4 milhões; **distribuição:** agricultura, 60,2%; indústria, 21,6%; comércio, 5,2%; serviços, 9,8%; outros, 3,2% (1990); **mão-de-obra feminina:** 49,7% (1989). **Desemprego urbano:** 2% (1989).

● **DEFESA: Efetivo total:** 3,04 milhões (1992); **Exército:** 2,3 milhões; **Marinha:** 260 mil; **Força Aérea:** 480 mil; **outros:** 90 mil da força estratégica e 12 milhões de paramilitares. **Gastos:** 8,4% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 1 milhão km; 86% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 5,8 milhões; **automóveis:** 1,7 milhão (1990). **Ferrovias:** 67,5 mil km (1990). **Portos:** Dalian, Qinhuang-dao, Tianjin, Shijiu, Yantai, Qingdao, Lianyungang, Nanjing, Nantong, Xangai, Ningpo, Xiamen, Guangzhou, Zhanjiang, Haikou. **Linhas aéreas:** China United Airlines, Air China, China Eastern Airlines (vôos internacionais e domésticos); China Northen Airlines, China Northwest Airlines, China Southern Airlines, China Southwest Airlines, Shangai Air Lines (domésticos e regionais).

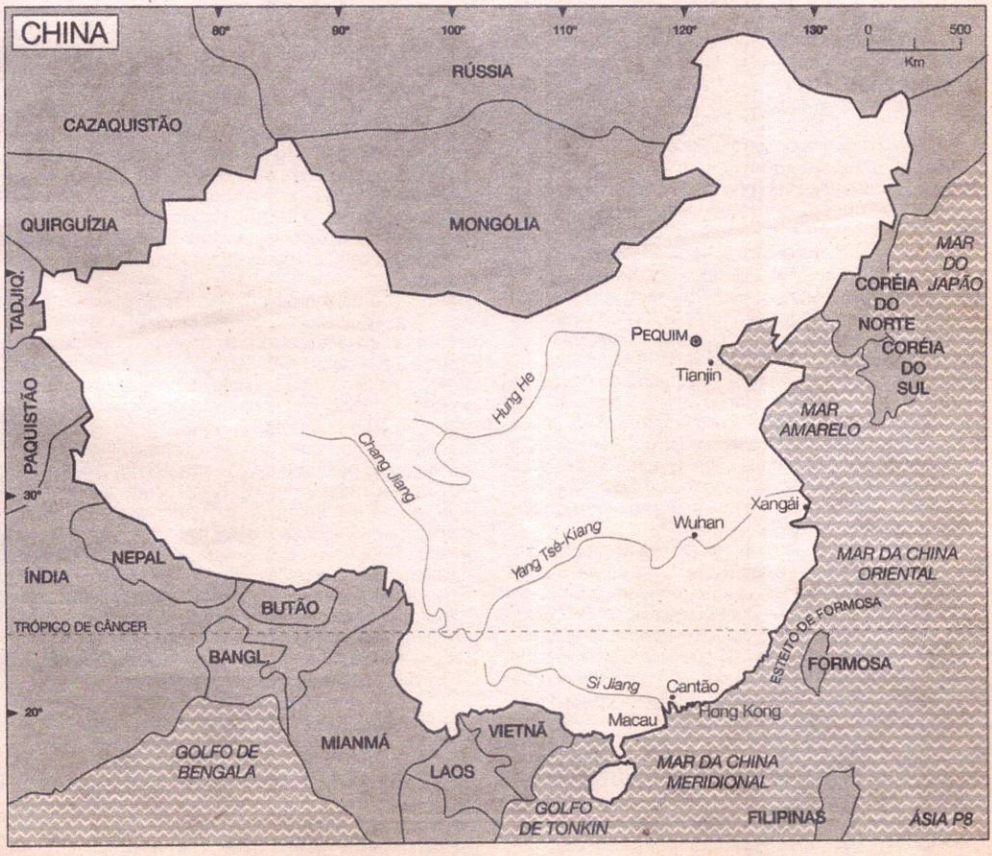
● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 9,4 hab. (1990). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 9,1 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 89 hab. (1990). **Jornais diários:** 78; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 37 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 51, CEP 70443-900, Brasília, DF; tel. (061) 224-2005.

HISTÓRIA

Sua história remonta a 2.000 a.C.; no início da Era Cristã, já possuía um poder unificado. **Séc. XIII:** primeiro contato com o Ocidente: o veneziano Marco Polo visita a corte de Kublai Cã, neto do mongol siberiano Gengis Cã, que ocupara Pequim em 1215. **1399 – 1443:** Cheng Ho, o Grande Eunuco, min. do imp. Ming Yunglo, estende o comércio das Filipinas à Somália. **1555:** fundação de

Macau; os portugueses obtêm exclusividade comercial. **1644**: dominação mandchu; sua dinastia governará até 1911. **1820**: os britânicos obtêm a exclusividade do comércio através de Cantão. **1839 – 1842**: na Guerra do Ópio, perda de Hong Kong para os britânicos. **1844**: o Tratado de Hohia, com os EUA, inaugura os "tratados desiguais" de exploração comercial estrangeira. **1857**: ocupação de Cantão por tropas anglo-francesas. **1858**: Tratado de Tianjin: abertura dos portos à Grã-Bretanha, EUA, França e Rússia. **1885**: perda do Anã (parte do atual Vietnã) para a França. **1894/95**: Guerra Sino-japonesa pelo controle da Coréia; perda de Formosa (Taiwan); da península de Liaotung e das ilhas Pescadores. **1899**: Rebelião dos Boxers, contra a presença estrangeira, debelada por tropas ocidentais e japonesas; imposição, pelos EUA, da Política de Porta Aberta, de total abertura comercial em troca do respeito à integridade territorial chinesa. **1911/12**: revolução: Sun Yatsen derruba a dinastia mandchu e proclama a República. **1921**: fundação do Partido Comunista. **1925/26**: morre Sun Yatsen; Chiang Kaishek, líder do *Kuomintang*, derrota os senhores feudais do norte. **1927**: Chiang rompe a aliança de Sun; começa a guerra civil. **1931**: invasão japonesa da Mandchúria, onde Pu Yi, último soberano da dinastia mandchu, é coroado imperador fantoche. **1934**: a Longa Marcha: 90 mil soldados comunistas, chefiados por Mao Tsetung, Lin Piao e Chu Enlai, andam 9.000 km para o norte, fugindo ao cerco do *Kuomintang*. **1939**: fracasso da aliança PC/*Kuomintang* contra os japoneses; a luta recomeça. **1949**: o PC obriga o *Kuomintang* a fugir para Formosa; Mao proclama a República Popular (1º/10). **1950**: intervenção na Guerra da Coréia, do lado nortista. **1951**: invasão do Tibete; execução de 5 milhões de contra-revolucionários em todo o país. **1954**: nova Constituição. **1958**: fracasso do Grande Salto para a Frente, programa de coletivização acelerada. **1959**: reprimida rebelião tibetana; o Dalai Lama foge para a Índia com 100 mil seguidores. **1963**: início do conflito sino-soviético. **1964**: 1ª bomba atômica. **1967**: Revolução Cultural; entre os expurgados está o pres. Liu Shaoqi; terrorismo da jovem Guarda Vermelha; 1ª bomba de hidrogênio. **1971**: ingresso na ONU em substituição a Formosa; Lin Piao morre após golpe fracassado. **1972**: aproximação com os EUA. **1974**: reatamento com o Brasil. **1975**: nova Constituição. **1976**: demissão do vice-1º-min. Deng Xiaoping, acusado de revisionismo e elitismo; morre Mao Tsetung (9/9), substituído pelo 1º-min. Hua Guofeng. **1977**: Deng é reabilitado (22/7); o Bando dos Quatro – Zhang Chungqiao, Yao Wenyuan, Wang Hongwen e Jiang Qing (viúva de Mao) –, radical, é expulso do PC. **1978**: nova Constituição; tratado de paz com o Japão. **1979**: reatamento com os EUA; invasão do Vietnã. **1980**: Hua é substituído por Zhao Ziyang; processo do Bando dos Quatro e dos generais cúmplices de Lin Piao em 1971. **1981**: Hua é substituído, no PC, por Hu Yaobang; penas de morte para o Bando dos Quatro. **1982**: nova Constituição. **1983**: comutação das penas do Bando em prisão perpétua. **1984**: adoção de reformas econômicas liberalizantes; acordo com Londres para a devolução de Hong Kong em 1997. **1986**: acordo consular China/URSS; criação do Great Wall Card, primeiro cartão de crédito, da Bolsa de Valores e da Associação Nacional dos Trabalhadores Autônomos; primeira negociação (US$ 720 milhões) com o FMI. **1987**: queda de Hu, substituído por Zhao Ziyang; criação do primeiro banco privado em Shezhen. **1988**: Li Peng torna-se sec.-geral do PC; crescem os atritos entre reformistas e conservadores e as reivindicações estudantis. **1989**: reatamento com a URSS; massacre dos manifestantes pró-democracia acampados na praça Tien An Men, em Pequim (3/6). **1990**: reprimidas todas as formas de oposição; sanções estrangei-



ras pelos acontecimentos de 1989; denúncias internacionais de violação dos direitos humanos. 1991: o XIII Congresso do PC recusa reformas que alterem o monopólio do poder pelo partido; o moderado Zhu Rongzhi, pref. de Xangai, é nomeado vice-1°-min.; renovado o status de nação favorecida nas relações comerciais com os EUA (10/7); libertação, a pedido do 1°-min. britânico John Major, de Luo Haixing, de Hong Kong, que ajudou dissidentes a fugir em 1989 (9/9); o número de pequenos empresários atinge 22,6 milhões (23/9); adesão ao Tratado de Não-proliferação Nuclear (dez.). 1992: anunciado o crescimento de 7% no PNB (27/1); aprovada, pelo Politburo, a aceleração das reformas econômicas (12/3); na VII sessão da ANP, os reformistas fazem 150 emendas liberais ao plano econômico de Li Peng (1°/4); a Anistia Internacional denuncia a existência de 20 mil presos políticos no país (jun.); reatamento com o Vietnã, a CEI, Israel e a Coréia do Sul (jul./ago.); decisão de deixar falir 66 empresas improdutivas (5/8); abertura da Bolsa de Valores da zona especial de Xenzhen, perto de Hong Kong (9/8); XIV Congresso do PC, dominado pelos pontos de vista dos reformistas (12/10).

FATOS DO ANO

Ao oficializar, no início de 1993, os conceitos de "socialismo com características chinesas" e "economia socialista de mercado", o XIV Congresso do PC abre nova fase na vida chinesa, assinalando o apoio declarado à política reformista de Deng Xiaoping e uma resposta positiva às mudanças econômicas em curso nas Zonas Econômicas Especiais (ZEE), implantadas no sul do país. O que não significa, porém, pôr em discussão a hegemonia política do partido: prova disso é a proclamação oficial da culpa do ex-sec.-geral Zhao Ziyang, responsabilizado pelos acontecimentos que levaram ao massacre de jun. de 1989, na praça Tien An Men (da Paz Celestial), o que afasta definitivamente a possibilidade de sua reabilitação. Em ago. de 1992, um ex-colaborador de Zhao, o alto funcionário Bao Tong, tinha sido condenado a cinco anos de prisão, por seu papel nos protestos daquela época, o que foi visto como um sinal a mais do desejo oficial de fazer concessões no plano econômico sem alterar os dados do jogo político.

Além de obter a aprovação para as reformas, Deng define sua sucessão ao nomear Zhu Rongji, promovido a membro do Politburo, para responsabilizar-se pela aplicação das reformas econômicas, e Jiang Zemin para responder pela manutenção de um sistema político fechado, herdado de Mao Tsetung, em que não faltam presos políticos sujeitos a maus-tratos e cumprindo penas de trabalhos forçados. O congresso também remove, da liderança do Exército de Libertação do Povo (ELP), os irmãos Yang Shangkun e Yang Baibing, acusados de terem promovido uma reunião não autorizada da cúpula militar, em que foram formuladas críticas ao governo. O expurgo que segue, nas fileiras do ELP, é o maior desde a criação da República Popular da China. Além disso, é eliminada grande parte da ala conservadora do partido, a começar pela abolição do Conselho do Comitê Central, cujo líder, Chen Yun, era um dos principais representantes dessa tendência dentro do PC.

O aumento no número de crimes, conseqüência das transformações econômicas pelas quais passa o país, preocupa as autoridades, que respondem à onda de roubos e assaltos com execuções sumárias: em 9/1/1993, 59 acusados de roubos em trens e estradas são enforcados. Em compensação, em 1°/2, são postos em liberdade Wang Xizhe, preso desde o movimento pró-democracia de 1982, Gao Shan, um dos líderes estudantis detidos na Tien An Men em 1992, além de dois outros estudantes, um padre católico e um editor: a decisão é interpretada como a tentativa de agradar ao novo governo americano, para que este renove o status de nação privilegiada nas relações comerciais, devolvido à China pelo ex-pres. George Bush; além de corresponder à necessidade de melhorar a imagem do país no exterior, em vista da intenção frustrada de que Pequim fosse escolhida como sede das Olimpíadas em 2000.

Quase capitalismo – Nove emendas à Constituição, adotadas ao ser inaugurada, em 15/3/1993, a oitava legislatura da Assembléia Nacional Popular, promovem a maior mudança institucional ocorrida no país nos últimos 25 anos, visando a aumentar o ritmo das reformas rumo à introdução da economia de mercado e a reduzir a influência do partido na administração. De acordo com essas emendas, o país se encontra num "estágio primário da economia socialista de mercado", em que firmas "quase capitalistas" e com capital estrangeiro podem se desenvolver ao lado das empresas estatais. Durante os quinze dias da reunião, é nomeado um novo gabinete de 45 membros, na maioria tecnocratas favoráveis às reformas.

Dois conhecidos reformistas – o chanceler Qian Qichen, artífice da reaproximação com a ex-URSS, e o min. do Comércio Exterior, Li Lanqing – passam a integrar a equipe de vinte vice-primeiros-ministros. Eleito presidente da República, em 27/3, em substituição ao conservador Yang Shangkun, o sec.-geral do PC, Jiang Zemin, torna-se o primeiro homem, desde a morte de Mao em 1976, a acumular as funções de chefe do Estado, do partido e de comandante das Forças Armadas – o que o qualifica para a sucessão de Deng, que tem 90 anos e está com câncer. E, em 28/3, o 1°-min. Li Peng é confirmado por mais cinco anos em seu cargo. Na sessão de encerramento, em 31/3, é aprovado o programa de trabalho que ele seguirá, e que fixa como meta um crescimento econômico de 8% a 9% ao ano.

Inflação em alta – O déficit orçamentário previsto para 1993, de US$ 14,8 bilhões, anunciado na Assembléia pelo min. das Finanças, Liu Zhongli, é inferior aos US$ 15,8 bilhões de 1992. Mas, para que ele seja ultrapassado, serão necessárias medidas drásticas: a redução, de 86 para 59, no número de ministérios e agências de alto nível, e um corte de 20%, ao longo de um ano, no funcionalismo público (segundo o min. da Administração de Pessoal, Zhan Dongwan, em mar. de 1993 havia 34 milhões de funcionários públicos, 9,2 milhões dos quais trabalhando para o partido). O crescimento econômico acelerado enfatiza a urgência em reformar o setor burocrático, para a qual Deng vem chamando a atenção desde 1979. O déficit público e a inflação têm aumentado assustadoramente, pois o governo emite moeda para financiar investimentos nos governos provinciais e municipais e nas estatais, que, responsáveis por 70% da arrecadação do governo central, representam hoje apenas 55% da produção nacional.

A inflação, acima de 20% no primeiro semestre de 1993, é a principal preocupação de Zhu Rongji, nomeado, em jul., para a presidência do Banco Central. Ela já assusta a população das Zonas Econômicas Especiais, de economia livre, no estilo capitalista onde a renda dos cidadãos é maior do que no resto do país e já há casos de especulação com ações no nascente mercado de capitais, em que entra também capital estrangeiro. A corrupção no processo de privatização das estatais tem provocado corrida aos bancos, à procura de ouro e dólares, o que superaquece as vendas e faz os preços aumentarem. A inflação e o aumento dos impostos para os 800 milhões de camponeses, principais marginalizados no processo de modernização, ameaçam a estabilidade social e política: entre 3 e 6/6/1993, centenas deles, insatisfeitos com o aumento de taxas e tarifas, invadem a prefeitura de Renshou, na província de Sichuan. Alarmado com a agitação num setor que constitui 67% dos 1,2 bilhão de habitantes, o governo dispensa-os do pagamento de dezenas de impostos e taxas. Em jul. de 1993, um relatório do Banco Popular da China revela que noventa altos funcionários do sistema bancário estatal fugiram para o exterior, escapando das medidas moralizadoras que acompanham o programa de austeridade de Zhu Rongji. Esse não é o único escândalo de corrupção enfrentado pelas autoridades: membros do PC ganham dinheiro ilegalmente manipulando as reformas capitalis-

tas. Os casos são tantos que, em 25/8/1993, reunindo seu comitê disciplinar, o PC baixa medidas de contenção a essa onda de corrupção, incluindo a proibição, para funcionários, de usar recursos públicos para atividades pessoais e de negociar na Bolsa de Valores.

O programa de austeridade que Zhu Rongji propõe, logo após sua nomeação para a presidência do Banco Central, inclui o aumento nas taxas de juros, cortes de 20% nos gastos do governo e a suspensão dos empréstimos para fins especulativos, medidas que visam ao urgente desaquecimento econômico: durante o primeiro semestre de 1993, as importações chinesas cresceram 23,4% em relação a 1992, atingindo os US$ 40,69 bilhões, contra um crescimento, no mesmo período, de apenas 4,4% nas exportações (US$ 37,15 bilhões). Outra medida drástica, em 12/8, é a que fecha mil zonas de desenvolvimento, na costa sul – o que não prejudica as Zonas Especiais, tidas como o carro-chefe da modernização: a decisão diz respeito apenas a projetos de desenvolvimento lançados por funcionários do governo e do PC, atraídos pelos lucros fáceis que os incentivos fiscais permitem. E em 18/8, além de congelar o salário dos funcionários excedentes das estatais, o governo informa: as que não se esforçarem por pagar seus débitos terão seus subsídios cortados. As relações com os EUA, abaladas desde o massacre de 1989, continuam deterioradas. As acusações de desrespeito aos direitos humanos e a denúncia de que a população carcerária chinesa é de 10 a 20 milhões de pessoas, 500 mil das quais por motivos políticos, agravam o isolacionismo, sobretudo depois que a dissolução do bloco socialista do Leste europeu faz o comunismo entrar em colapso. Em 28/5/1993, depois de o dissidente Harry Wu, asilado nos EUA, ter apresentado provas de que seu país exporta bens produzidos por presos políticos em regime de trabalho forçado, o pres. Bill Clinton renova por um ano o status de parceiro comercial privilegiado – fundamental para a China, pois, em 1992, 30% de suas exportações foram para os EUA –, mas condiciona sua prorrogação ao progresso no respeito aos direitos humanos, à não-proliferação das armas nucleares e à queda do superávit comercial que a China mantém em relação aos EUA. Em troca dessa renovação, Pequim liberta, de jan. a mai. de 1993, seis importantes prisioneiros: o último deles, Xu Wenli, sai em 26/5. Há perspectivas positivas nas relações com a Coréia do Sul, restabelecidas em 24/8/1993. Não é, porém, o caso da França, cujo consulado em Cantão foi fechado, em 23/12/1992, em represália pela venda de sessenta caças-bombardeiros a Formosa – país cuja soberania Pequim não reconhece, mas com o qual tem mantido relações comerciais intensificadas nos últimos anos.

Chipre

● **NOME OFICIAL:** República de Chipre. **Capital:** Nicósia. **Nacionalidade:** cipriota. **Hino:** Nacional (sem letra). **Língua:** grego e turco (oficiais). **Religião:** cristianismo (ortodoxos, 77,3%; apostólicos armênios, 0,6%; maronitas, 0,5%); islamismo, 18% (sunitas, maioria). **Datas nacionais: setor grego:** 25/3 (Independência da Grécia), 1º/10 (Independência de Chipre); **setor turco:** 29/10 (Independência da Turquia), 15/11 (Proclamação da República Turca do Norte de Chipre).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste do mar Mediterrâneo. **Área:** 9.251 km². **Limites:** mar Egeu. **Características:** planície de aluvião (litoral e central); cadeias montanhosas (Tróodos a SO; Kyrenia a N); planalto (S). **Ponto mais elevado:** monte Olimpo (1.951 m). **Clima:** mediterrâneo. **Rio principal:** Pedieos. **Cidades principais:** Nicósia (168.800 hab.); Limassol (132.100) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 756.000 (setor grego: 580.000; setor turco: 176.000) (est.1992); urbana: 68,5% (setor grego) (1990). **Composição demográfica:** gregos, 79,2%; turcos, 18,7%; outros, 2,1% (1985). **Crescimento demográfico:** setor grego: 0,9% (1991). **Densidade (hab./km²):** 81,7 (1992). **Natalidade:** 18,6 por 1.000 (1991) (setor grego). **Mortalidade:** 8,8 por 1.000 (setor grego); **mortalidade infantil:** 9,8 por 1.000 (setor grego, 1991); 6,3 por 1.000 (setor turco, 1987–89) . **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,5 (setor grego, 1983). **Vida média homens:** 73,9 (setor grego); **mulheres:** 78,3 (setor grego, 1985–90). **Leitos hospitalares:** 1 por 166 hab. (setor grego); 1 por 162 hab. (setor turco); **médicos:** 1 por 480 hab. (setor grego); 1 por 677 hab. (setor turco) (1989). **Gastos com saúde:** setor grego: 6,9% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública (setor turco). **Analfabetos:** 5% (setor grego, 1989). **Alunos de 1º e 2º graus:** 139 mil (setor grego, 1990/91); 38,8 mil (setor turco, 1991/92); **professores:** 6,6 mil (setor grego, 1990/91). **Alunos no ensino superior:** 440 (setor grego, 1992); 6.145 (setor turco, 1991/92); **Gastos:** 11,3% do orçamento (setor grego, 1990).

● **GOVERNO:** República presidencialista (setor grego); parlamentarista (setor turco). **Data da Constituição em vigor:** 16/8/1960 (setor grego); 5/5/1985 (setor turco). **Divisão administrativa:** 6 distritos (setor grego). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos: setor grego:** Democrático, Independente; **setor turco:** Unidade Nacional. **Chefe de Estado e de governo (setor grego):** Glafkos Klerides (desde 28/1/1993); **Chefe de Estado (setor turco):** Rauf R. Denktash (desde 13/2/1975). **Chefe de governo (setor turco):** 1º-min. Dervis Eroglu (desde fev. 1992). **Legislativo: setor grego:** unicameral – Câmara dos Representantes com 71 membros (56 da comunidade grega e 15 da turca); **setor turco:** unicameral – Assembléia com 50 membros, ambos eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 6,3%; indústria, 26,9%; mineração, 0,3%; comércio, 18,8%; serviços (turismo, principal), 47,7% do PIB (setor grego); agricultura, 9,1%; indústria, 19,7%; comércio, 20,4%; serviços (turismo, principal), 50,8% do PIB (setor turco) (1991). **Agricultura:** trigo, cevada, batata, uvas e frutas cítricas (setor grego); trigo, cevada, batata, alfaborra, frutas cítricas (setor turco). **Pecuária:** aves, ovinos, suínos (setor grego); aves, ovinos, caprinos (setor turco). **Pesca:** 2,7 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, vestuário, farmacêutica, cimento (setor grego). **Minerais:** asbesto, gesso, pirita de ferro, bentonita (setor grego). **Exportações:** US$ 986,7 milhões (setor grego); US$ 52,5 milhões (setor turco); **produtos:** vestuário e calçados, batata, frutas cítricas (setor grego); frutas cítricas, batata, tabaco (setor turco) (1991). **Importações:** US$ 2,6 bilhões (setor grego); US$ 301,1 milhões (setor turco); **produtos:** têxteis, minerais, metais, químicos, alimentos (setor grego); máquinas industriais e equipamentos de transporte, alimentos e animais vivos (setor turco) (1991). **Parceiros comerciais:** França, Grã-Bretanha, países árabes, Japão, Itália, Alemanha (setor grego); Turquia, Grã-Bretanha (setor turco). **Pesos e medidas:** unidades locais. **Moedas:** libra cipriota (dividida em 100 cents) (setor grego); lira turca (dividida em 100 kurush) (setor turco); **cotação para 1 US$:** 0,42 (setor grego); 7.324,70 (30/9/1992) (setor turco). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 6,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 8.640 (1991); **crescimento anual:** 6% (1980–1991). **Inflação:** 5% (1991). **Dívida externa:** US$ 3 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 279,3 mil (setor grego); 73,2 mil (setor turco); **distribuição:** agricultura, 12,3%; indústria, 26,3%; comércio, 21,7%; serviços, 30,9%; outros, 8,8% (setor grego); agricultura, 26,1%; indústria, 21,2%; comércio, 9,5%; serviços, 41,7%; outros, 1,5% (setor turco) (1991); **mão-de-obra feminina:** 39,2% (setor grego, 1990). **Desemprego:** 3,7% (setor grego, 1990).

● **DEFESA: Exército:** 10 mil; **outros:** 3 mil paramilitares (setor grego); **Exército:** 30 mil (setor turco). **Gastos:** 4,9% do PIB (setor grego, 1991); 5,1% do orçamento (setor turco, 1993).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 9,8 mil km; 43% pavimentados (1989, setor grego); **nº de veículos:** 239,8 mil; **automóveis:** 171 mil (setor grego, 1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Larcana, Limassol (setor grego); Vassilico, Limni,

Famgusta (setor turco). **Linhas aéreas:** Cyprus Airways (vôos internacionais) (setor grego); Kibris Turk Hava Yollari (internacionais) (setor turco).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 4. **Emissoras de TV:** 4; **receptores:** 1 por 2,5 hab. (setor grego, 1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,8 hab. (setor grego, 1988). **Jornais diários:** 11; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 161 (setor grego, 1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 13 East 40th St., New York, NY 10016, EUA; tel. (212) 481-6023.

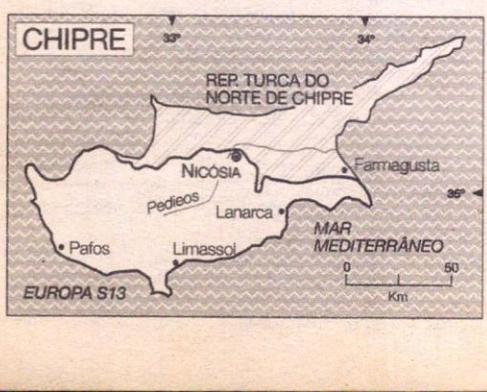
HISTÓRIA

Ocupada pelos gregos (1.500 a.C.), passa para o domínio romano (58 a.C.) e, mais tarde, para o bizantino; conquistada por Ricardo I da Inglaterra (1191), serve de base aos cruzados; conquistada pelos turcos (séc. XV), torna-se colônia britânica (séc. XX). **1946**: a Grécia propõe a *enosis* (união). **1956**: o arcebispo Makários, líder greco-cipriota, é deportado sob a acusação de apoiar o terrorismo. **1959**: acordo greco-turco sobre a independência; Makários volta e é eleito presidente. **1960**: independência (1º/10). **1963**: início dos conflitos intercomunitários. **1964**: os turco-cipriotas retiram-se do governo; a ONU manda força de paz. **1968**: fim do bloqueio ao setor turco. **1974**: golpe de oficiais gregos; Makários, deposto, refugia-se em Londres; intervenção turca, a pedido de Rauf Denktash; a ilha é dividida pela Linha Átila, que vai de Morfu (N) a Famagusta (NE); Nikos Sampson, empossado pelos gregos, renuncia em favor de Glafkos Klerides, pres. do Congresso; Makários volta e reassume (dez.). **1975**: criação da República Turca do Norte de Chipre (RTNC), com Denktash (fev.). **1976**: eleições separadas nos dois setores. **1977**: Makários morre (ago.); Spyros Kiprianu é o sucessor. **1978/79**: negociações intercomunitárias intermitentes. **1983**: só a Turquia reconhece a RTNC. **1985**: a RTNC aprova uma Constituição e reelege Denktash (jun.). **1988**: o independente Giórgios Vassíliu é eleito pres. do setor grego (fev.); fracasso das negociações em Genebra. **1990**: Denktash é reeleito na RTNC (24/4) e nomeia Dervis Erogen 1º-min.; negociações com a Turquia para a abolição da Alfândega e do passaporte; fracasso da conferência da ONU sobre a divisão do país (ago.). **1992**: a Resolução 750 da ONU declara o país bicomunal e bizonal, com direitos políticos iguais (abr.).

FATOS DO ANO

O direitista Glafkos Klerides, da Liga Democrática – pres. provisório em 1974, após o golpe de Nikos Sampson –, derrota o pres. Giórgios Vassíliu nas eleições de fev. de 1993. Sua primeira medida é reativar as discussões, na ONU, sobre a reunificação da ilha; que esbarram, porém, num problema interno: os desentendimentos entre Rauf Denktash, pres. da República Turca do Norte de Chipre, e seu 1º-min., Dervis Eroglu, que o acusa de pôr em suas mãos o fardo pesado de um debate sem solução, pois a fórmula de federação já demonstrou ser inviável. Uma das questões mais difíceis, para a qual, até fins de 1993, não havia solução, é a da restituição a seus ex-proprietários greco-cipriotas de sessenta hotéis, 2.953 casas de comércio e 4.649 residências na zona turística de Varosha, desde 1974 sob embargo turco-cipriota.

Em mai. de 1993, o financista turco Adil Nadir, ex-diretor da multinacional Polly Peck International, instalada no setor turco-cipriota, que deveria ir a julgamento na Grã-Bretanha, em set., para responder a acusações de desfalque no valor de US$ 46,9 milhões, foge de Londres e volta para o norte de Chipre. Legalmente, o governo nada pode fazer contra ele, pois não existe tratado de extradição com a Grã-Bretanha, que não reconhece a existência da RTNC. Mas esse fugitivo, que a população encara como um herói aventureiro, cria uma situação delicada para Denktash: ele manifesta, em 7/5, numa entrevista ao *Financial Times*, o temor de que sua fuga para a RTNC possa "confirmar a impressão de que a ilha é um paraíso para criminosos". Suas declarações são vistas como uma pressão para que Londres reconheça a RTNC. Em 7/8, a Christie's, de Londres, leiloa os bens da casa de Nadir, no bairro londrino de Belgravia, arrecadando £ 73.309, mais do que as £ 30.000 inicialmente previstas.



Cingapura

● **NOME OFICIAL:** República de Cingapura. **Capital:** Cidade de Cingapura. **Nacionalidade:** cingaporeana. **Hino:** *Para frente, Cingapura* (1º verso). **Língua:** inglês, malaio, mandarim e tâmil (oficiais). **Religião:** budismo, 38,3%; cristianismo, 18,7%; islamismo, 16%; taoísmo, 13,4%; hinduísmo, 4,9%; jainismo, sikhismo e zoroastrismo (minorias); ateus, 17,3%. **Data nacional:** 9/8 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Ásia. **Área:** 633 km². **Limites:** estreito de Johore (N); estreito de Cingapura (L e S); estreito de Málaca (O). **Características:** arquipélago separado do continente por um canal profundo e claro; terrenos baixos; escarpas (litoral de Pasir Panjang); planalto (centro). **Clima:** equatorial. **Rios principais:** Seletar, Cingapura. **Cidade principal:** Cingapura, 157.000 hab. (zona urbana central); 942.800 (periferia urbana). **Hora local** (em relação a Brasília): +10h.

● **POPULAÇÃO:** 2.792.000 (est.1992); **urbana:** 100%. **Composição demográfica:** chineses, 77,7%; malaios, 14,2%; indianos, 7,1%; outros, 1% (1991). **Crescimento demográfico:** 1,3% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 23,2%; **15-59:** 67,6%; **mais de 60:** 9,2% (1991). **Densidade (hab./km²):** 4.488,7 (1992). **Natalidade:** 17,3 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 4,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 5,5 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,7 (1991). **Vida média homens:** 70,3; **mulheres:** 75,8 (1988). **Leitos hospitalares:** 1 por 272 hab.; **médicos:** 1 por 779 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 4,6% do orçamento (1991/92).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 12,4% (1989). **Alunos de 1º e 2º graus:** 478,5 mil; **professores:** 20,8 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 55,6 mil; **professores:** 4,6 mil (1990). **Gastos:** 23,4% do orçamento (1991/92).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 3/6/1959 (3 emendas). **Divisão administrativa:** não há. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Ação Popular, Democrático, Trabalhadores. **Chefe de Estado:** pres. Wee Kim Wee (desde 30/8/1985). **Chefe de governo:** 1º-min. Goh Chok Tong (jun./1993). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 81 membros eleitos por voto direto; mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 0,5%; indústria, 36,8%; comércio, 17,5%; serviços, 45,2% do PIB (1991). **Agricultura:** frutas, legumes e verduras. **Pecuária:** aves. **Pesca:** 9,2 mil t (1992). **Indústria:** máquinas elétricas (rádio e televisão); petrolífera, metalúrgica, química, equipamentos de transporte (naval); alimentícia, vestuário. **Mineral:** granito. **Exportações:** US$ 59 bilhões; **produtos:** petroquímicos,

circuitos integrados, computadores, aparelhos de rádio, televisão, cassete e reexportações (1991). **Importações:** US$ 66,1 bilhões; **produtos:** componentes eletrônicos e circuitos elétricos, químicos, produtos de papel e borracha (1991). **Parceiros comerciais:** Japão, EUA, Malaísia, Hong Kong, Tailândia, Alemanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** dólar de Cingapura (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,60 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 39,2 bilhões; **renda per capita:** US$ 12.890 (1991); **crescimento anual:** 7,1% (1980–1991). **Inflação:** 2,3% (1992). **Dívida externa:** US$ 3,9 bilhões (1989). **Força de trabalho:** 1,5 milhão; **distribuição:** agricultura, 0,3%; indústria, 35,2%; comércio, 22,7%; serviços, 41,8%; **mão-de-obra feminina:** 39% (1990). **Desemprego:** 1,7% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 55,5 mil (1992); **Exército:** 45 mil; **Marinha:** 4,5 mil; **Força Aérea:** 6 mil; **outros:** 11,6 mil paramilitares e 100 mil de defesa civil.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 2,8 mil km; 97% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 427,8 mil; **automóveis:** 300,1 mil (1991). **Ferrovias:** 26 km (1991). **Porto:** Cingapura. **Linhas aéreas:** Singapure Airlines, Silk Air (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,1 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 4,9 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 2,1 hab. (1988). **Jornais diários:** 8; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 301 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 2 United Nations Plaza, 25th Floor, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 826-0840.

HISTÓRIA

Sir Stanford Raffles, da Companhia Britânica das Índias Ocidentais (CBIO), funda um posto comercial na ilha (1819), habitada por pescadores malaios, súditos do sultão de Johore, que a cede à CBIO em 1824. **1942:** invasão japonesa. **1946:** torna-se colônia separada da Coroa britânica. **1959:** autonomia administrativa (3/6). **1963:** união à Federação da Malaísia (16/9). **1965:** atritos entre chineses e malaios; ruptura da federação (9/8); proclamação da República (22/12); Li Kuan Yu é o 1º-ministro. **1971:** ingresso no ANZUS. **1981:** morre o pres. Benjamin Sheares, sucedido pelo dep. Chenagara Vitil Devan Nair; para sua vaga no Parlamento, é eleito J.B. Jeyaratnam, primeiro oposicionista, desde 1968, a tornar-se parlamentar. **1985:** Wee Kim Wee torna-se presidente. **1988:** Li designa sucessor seu vice, Goh Chok-Tong; nas legislativas, o governo fica com 80 das 81 cadeiras e Chian Si Tung é o único oposicionista eleito. **1990:** Li renuncia (27/11); Goh assume e nomeia seu vice, Li Hsien-Lung, filho do predecessor. **1991:** o governo conquista 77 cadeiras no Parlamento, contra quatro dos partidos Democrático, de Ling Hau Dung, e do Trabalho, de Wong Hong Toy (31/8).

FATOS DO ANO

Chi Sun Juan, candidato, nas eleições parciais de dez. de 1992 do ano anterior, pelo Partido Democrático de Cingapura, de oposição, perde o emprego de professor na Universidade Nacional em mar. de 1993. Ele é acusado de manter "comportamento impróprio" – ou seja, de fazer a seus alunos a pregação de idéias contrárias às oficiais. Esta é uma clara demonstração de que o governo não tenciona abrandar sua conduta, depois de ter confirmado seu prestígio com a vitória dos candidatos do Partido da Ação Popular (PAP) nesse pleito: eles conquistaram 72,9% dos votos, contra 24,5% da oposição. A consolidação no poder do 1º-min. Goh Chok-Tong tinha também ficado evidente quando, no mesmo mês da consulta às urnas, ele foi eleito, por unanimidade, para substituir o ex-pres. Li Kuan Yu na sec.-geral do partido (o outro candidato, Ong Teng Chong, ficou fora do páreo ao se revelar, em nov., que ele estava com câncer). Apesar da greve de fome realizada pelo prof. Chi, e dos protestos de seu partido, a demissão não é revogada, sob a alegação de que não teve motivos políticos. Mas foi o próprio Goh quem, antes das eleições, ameaçou os distritos onde a oposição é majoritária de fechar as creches e jardins de infância ali mantidos pelo Estado.

Funções aumentadas – O poder do presidente da República, que antes possuía funções apenas cerimoniais, é ampliado a partir de 1993: ele passa a ser eleito por sufrágio universal direto, com mandato de quatro anos, poderes de veto em questões financeiras, e o direito de indicar nomes para cargos públicos e decretar prisão por razões de segurança nacional. Ao se realizarem, em 29/8, as eleições presidenciais, Ong Teng Chong, cuja saúde melhorou o suficiente para poder concorrer pelo PAP, vence com 58,7% dos votos, contra 41% de seu adversário, o ex-banqueiro Chua Kim Yau.

A recessão por que passam o Japão, a CEE e os EUA, principais clientes dos produtos de exportação do país, é a responsável pela queda na taxa de crescimento de seu PIB, de 9,2% em 1989 para 5,8% no fim de 1992. Esse declínio é agravado pelo fato de os investidores estrangeiros preferirem procurar mão-de-obra mais barata em outros países do Sudeste Asiático, já que a legislação social cingaporeana torna muito elevado o custo de seus operários. Em 1992 e 1993, o programa de investimentos governamentais em obras de infra-estrutura leva a uma recuperação principalmente do setor de construção. O orçamento para 1993/94 reduz a taxação de pessoas físicas e jurídicas, substituindo o imposto de renda por uma taxa menor sobre o consumo, visando não só a tornar o país mais atraente para investidores estrangeiros como a estimular os cingaporeanos a fazer negócios, no exterior, em países como a China e o Vietnã, dois mercados em expansão.

Colômbia

● **NOME OFICIAL:** República da Colômbia. **Capital:** Bogotá. **Nacionalidade:** colombiana. **Hino:** *Ó glória imorredoura, alegria imortal* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, 95%; protestantes); judaísmo (minoria). **Data nacional:** 20/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da América do Sul. **Área:** 1.141.748 km². **Limites:** mar das Antilhas (N); Venezuela e Brasil (L); Peru e Equador (S); oceano Pacífico (O). **Características:** planícies costeiras; cordilheiras dos Andes (de N a S); bacias hidrográficas a L (Amazônica e do Orenoco) (60% do território). **Ponto mais elevado:** pico Cristóbal Colón (5.775 m). **Clima:** de montanha (centro); equatorial (L e litoral). **Rios principais:** Magdalena, Cauca, Orenoco, Atrato, Caquetá, Putumayo, Guaviare, Inírida, Vaupés. **Cidades principais:** Bogotá (4.921.600 hab.); Cali (1.624.400); Medellín (1.581.400); Barranquilla (1.018.800); Cartagena (688.300) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

● **POPULAÇÃO:** 33.392.000 (est.1992); **urbana:** 67,2% (1985). **Composição demográfica:** mestiços, 58%; brancos, 20%; mulatos, 14%; negros, 4%; ameríndios, 1%; outros, 3% (1985). **Crescimento demográfico:** 2% (1983–1988). **Faixas etárias: 0-14:** 36,1%; **15-59:** 57,8%; **mais de 60:** 6,1% (1990). **Densidade (hab./km²):** 29,2 (1992). **Natalidade:** 27,9 por 1.000 (1983–1988). **Mortalidade:** 7,4 por 1.000 (1983–1988); **mortalidade infantil:** 37 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,4 (1981–1986). **Vida média homens:** 66,4; **mulheres:** 72,3 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 612 hab. (1983); **médicos:** 1 por 1.079 hab. (1988). **Gastos com saúde:** 5,3% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 13,3% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 6,5 milhões; **professores:** 255,5 mil (1989). **Alunos no ensino superior:** 474,8 mil; **professores:** 51,7 mil (1989). **Gastos:** 16,6% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 6/7/1991. **Divisão administrativa:** 32 departamentos e o distrito de Bogotá. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Liberal, Social Conservador, Nova Força Democrática, Aliança Democrática, Mov. de Salvação Nacional. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Cesar Gaviria Trujillo (desde 7/8/1990). **Legislativo:** bicameral – Senado com 102 membros e Câmara dos Representantes com 161 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 16,7%; indústria, 29,4%; mineração, 7,6%; comércio, 14,1%; serviços, 32,2% do PIB (1990). **Agricultura:** café, cacau, cana-de-açúcar, banana, tabaco, algodão, flores, arroz, mandioca, bananada-terra, batata, madeira. **Pecuária:** aves, bovinos, ovinos. **Pesca:** 101,1 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, têxtil, bebidas, química, equipamentos de transporte. **Minerais:** petróleo, gás natural, carvão, níquel, esmeraldas e ouro (principais); prata, platina, ferro, chumbo, zinco, cobre, mercúrio, calcário, fosfato. **Exportações:** US$ 7 bilhões; **produtos:** agrícolas (café, banana, flores, algodão, principais), petróleo e derivados, carvão, químicos, têxteis, papel (1991). **Importações:** US$ 5 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos, minerais, metais, alimentos (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Porto Rico, Argentina, Brasil, Chile, México, Venezuela, Japão, países membros da CEE. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** peso colombiano (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 784,75 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 41,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.280 (1991); **crescimento anual:** 3,2% (1980–1991). **Inflação:** 30,4% (1991). **Dívida externa:** US$ 17,3 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 9,6 milhões (1985); **distribuição:** agricultura, 27% (1991); indústria, 17,4%; comércio, 14,9%; serviços, 31% (1980); **mão-de-obra feminina:** 32,8% (1985). **Desemprego:** 9% (1989).

● **DEFESA: Efetivo total:** 139 mil (1992); **Exército:** 120 mil; **Marinha:** 12 mil; **Força Aérea:** 7 mil; **outros:** 85 mil paramilitares. **Gastos:** 9,8% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 129,1 mil km; 8% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 1,3 milhão; **automóveis:** 936 mil (1989). **Ferrovias:** 3,2 mil km (1987). **Portos:** Buenaventura, Tumaco (oceano Pacífico); Santa Marta, Barranquilla, Cartagena (oceano Atlântico). **Linhas aéreas:** AVIANCA (vôos internacionais e domésticos); ACES (domésticos e charters internacionais); SATENA, SAM (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 7; **receptores:** 1 por 7,3 hab. (1989). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 6,1 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 11 hab. (1990). **Jornais diários:** 31; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 23 (1992).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 10, CEP 70444-900, Brasília, DF; tel. (061) 226-8997.

HISTÓRIA

Antes dos europeus (1534), a área era habitada pelos chibcha, na cadeia oriental dos Andes. Bogotá (1538) torna-se o centro da Nova Granada (Panamá, Venezuela e Equador) e, em 1740, do Vice-Reino de Santa Fé de Bogotá. **1810:** primeira rebelião em Bogotá. **1819:** Simón Bolívar declara a independência da Grã-Colômbia; em Angostura, o Congresso proclama a República, com capital em Cúcuta e dividida nos departamentos de Cundinamarca (Nova Granada), Venezuela e Quito (17/12). **1821:** Bolívar é eleito presidente. **1822:** Bolívar vai lutar no Equador e Peru; seu vice, Francisco de Paula Santander, assume. **1827:** Bolívar volta. **1828/29:** vitória na guerra com o Peru. **1830:** a Venezuela (13/1) e o Equador (10/8) saem da Grã-Colômbia; Bolívar é deposto e morre (17/12). **1839:** perseguições à Igreja provocam guerra civil. **1846:** tratado garante aos EUA trânsito pelo istmo do Panamá em troca do reconhecimento da soberania colombiana sobre a região. **1860/61:** guerra civil; ditadura do gen. Tomás Mosquera. **1863:** Nova Granada torna-se os Estados Unidos da Colômbia; guerra com o Equador. **1899 – 1903:** Guerra dos Mil Dias, entre conservadores e liberais: 100 mil mortes e ruína econômica. **1903:** o Panamá separa-se da Colômbia. **1932 – 1934:** ocupação peruana de Leticia, na Amazônia; intervenção da Liga das Nações e devolução da área invadida. **1943:** participação na II Guerra ao lado dos aliados. **1948:** o assassinato do liberal Jorge Gaitán (24/4) provoca a rebelião do Bogotazo, o estado de sítio e o período conhecido como *La Violencia*; milhares de pessoas morrem. **1953:** golpe do gen. Gustavo Rojas Pinilla. **1957:** Rojas é derrubado; a junta convoca eleições. **1970:** eleição do conservador Misael Pastrana Borrero; Carlos Toledo Plata e María Eugenia, filha de Rojas, fundam o guerrilheiro Movimento 19 de Abril (M-19). **1972:** Rojas é derrotado pelos liberais. **1974:** eleição do liberal Alfonso López Michelsen. **1975:** invasão do Museu Bolívar, em Bogotá, pelo M-19; reatamento com Cuba. **1978:** eleição do liberal Julio Cesar Turbay Ayala. **1980:** invasão da embaixada dominicana, durante sessenta dias, pelo M-19; a Nicarágua reivindica as ilhas de Providencia e San Andrés. **1982:** eleição do conservador Belisario Betancúr (30/5); o M-19 recusa a anistia; o país integra-se ao Grupo de

Contadora (ver *Nicarágua*). **1983**: Jaime Batemán, do M-19, morre em acidente de avião no Panamá; negociação com a guerrilha em Madri. **1984**: o assassinato do min. Rodrigo Lara Bonilla, da Justiça (30/4), dá início à guerra contra os traficantes de drogas; acordos de paz com três movimentos guerrilheiros. **1985**: na operação do Exército, para desalojar guerrilheiros do Palácio da Justiça, morrem noventa pessoas, entre elas onze juízes. **1986**: eleição do liberal Virgilio Barco Vargas; a ex-guerrilheira União Patriótica (UP) retira-se do Congresso em protesto contra o assassinato de 350 de seus integrantes em vinte meses de legalidade; assinado tratado de delimitação das águas submarinas, no mar do Caribe, com Honduras (ago.). **1987**: Carlos Lehder Rivas, do Cartel de Medellín, é deportado para os EUA; a guerrilha forma a Coordenadoria Nacional Simón Bolívar, para negociar com o governo; em represália, a extrema direita assassina o sen. Jaime Pardo Leal, pres. da UP. **1988**: o M-19 denuncia ligações do Cartel de Medellín com militares de governos latino-americanos (jan.); a UP torna-se a terceira força eleitoral do país; o governo aceita negociar com o M-19 e convocar plebiscito sobre reformas globais. **1989**: assassinatos e seqüestros políticos; decretação do estado de sítio; ofensiva contra os traficantes, com ajuda dos EUA; ameaçada pelo Cartel, a min. da Justiça, Mónica de Greiff, renuncia (21/9); a polícia mata o "chefão" Gonzalo Rodríguez Gacha e seu filho Freddy (16/12); o Cartel oferece rendição. **1990**: em atentados, durante a campanha eleitoral, morre, entre outros, o sen. Federico Estrada Gélez (22/5); eleição do liberal Cesar Gaviria Trujillo, que oferece renunciar à extradição em troca da rendição dos traficantes; impasse nas negociações com a guerrilha; nova ofensiva das FARC e ELN e contra-ofensiva do Exército (nov.); o M-19 obtém dezenove cadeiras na Constituinte (9/12); Fabio Ochoa Vásquez, do Cartel, entrega-se à Justiça (19/12); acordo com os guerrilheiros do PRT; o Tratado de San Pedro Alejandrino (mar.) dá início à solução de antigo litígio de fronteiras com a Venezuela. **1991**: ameaçado pelos esquadrões da morte, o EPL pede proteção após depor as armas; a ofensiva da FARC faz um ataque a cada cinco horas, quatro seqüestros e dois assassinatos por dia (abr.); Pablo Escobar Gaviria, do Cartel, entrega-se à Justiça (19/6) após anulação do tratado de extradição com os EUA; nova Constituição (6/7); anistia aos guerrilheiros que desejem reintegrar-se à vida civil (12/8); vitória dos liberais nas eleições gerais (27/10), mas o ex-M-19 torna-se a terceira força política do país; acordo de princípios com as FARC e ELN (nov.); traficantes massacram índios páez no vale de Cauca (dez.), para se apossar de suas plantações de papoula; assinado acordo para a criação, com a Venezuela e o México, de uma zona livre de comércio em 1994. **1992**: vitória, nas eleições para a Câmara de Bogotá (8/3), de Enrique Parejo e Carlos Lemos, contrários à política oficial para as drogas e a guerrilha; retomada, no México, do diálogo com a guerrilha (ago.); impasse nas negociações: ofensiva das FARC e ELN e contra-ofensiva do Exército (mai.); a oposição conservadora forma a Grande Convergência Nacional, contra Gaviria (jun.); protesto contra os EUA após seqüestro, pelo FBI, no porto venezuelano de Caraballeda, dos traficantes colombianos Ignacio Restrepo e Julio Rebolledo (jun.); Escobar foge da prisão de Envigado (21/7); o governo rejeita suas condições para se entregar (24/7); assassinato da juíza Myrian Rocio Vélez, que processava Escobar pelo assassinato de Guillermo Cano, editor do jornal *El Espectador* (1º/10).

FATOS DO ANO

O supertraficante Pablo Escobar Gaviria, evadido desde jul. de 1992, manda em 3/5/1993 uma carta às autoridades em que afirma estar disposto a se entregar, desde que lhe seja garantido que não será morto. Essa mensagem é um dos resultados mais importantes da ofensiva que, desde o final do ano anterior, o governo vem fazendo contra os guerrilheiros e os cartéis de drogas.

Em 8/11/1992, o pres. Cesar Gaviria Trujillo decretou o estado de emergência, em todo o país, por noventa dias, como forma de dar combate aos diversos grupos responsáveis pela escalada da violência. Paralelamente, abriu outra frente de luta contra a corrupção: em 20/10, o procurador-geral Carlos Gustavo Arrieta instaurou processo visando a 64 altos funcionários da polícia, alfândega e institutos de assistência social, consideradas as organizações mais corrompidas do país. E o governo ameaçou anular contratos com empresas nacionais e estrangeiras que financiassem a subversão e suspender de funções públicas os suspeitos de envolvimento com o tráfico de drogas.

A violência aumenta – O diálogo com a guerrilha, que Gaviria preconizava ao tomar posse, também foi abandonado diante do quadro na virada de 1992/93: 87 militares mortos só em out. de 1992; pontes e oleodutos destruídos no interior; bancos e supermercados assaltados nas cidades grandes. A guerrilha controlava a administração, coleta de impostos e ordem pública em pelo menos metade da zona rural e, em alguns departamentos, os governantes negociavam abertamente com a Coordenadoria Guerrilheira Simón Bolívar, que fizera nova ofensiva tentando reatar negociações interrompidas desde mai. de 1992. A situação era igualmente tensa na área militar: as Forças Armadas, que exigiam reforço de 20 mil homens para enfrentar os rebeldes, eram alvo constante das organizações internacionais, que as acusavam de bombardear alvos civis e de violar os direitos humanos.

Os traficantes eram os primeiros a desafiar o estado de emergência e, em 10/11, depois que o 24º policial foi morto em dez dias em Medellín, Gaviria proibiu os meios de comunicação de entrevistá-los ou publicar suas declarações, governadores e prefeitos de manter contato com eles ou com os guerrilheiros, e atribuiu poderes policiais a algumas unidades do Exército. Apesar do apoio que receberam da população e da Igreja, essas medidas foram criticadas pela oposição, que exigiu mediação internacional para o conflito colombiano. Em 12/11, protestando contra isso, os comandantes das três Armas renunciaram a seus postos e passaram para a reserva. Mas um severo golpe foi assestado, em 3/12/1992, contra os rebeldes do Exército de Libertação Nacional (ELN): o Exército prendeu Mario Pieschacón, um de seus principais líderes. O ELN reagiu atacando cinco aeroportos e três estações de rádio e a Simón Bolívar fez atentados com carros-bomba, que, só em 16/12, mataram 25 pessoas; mas a prisão do chefe guerrilheiro foi um significativo tento marcado pelo governo.

Um grupo novo – A decisão do foragido Escobar de reiniciar, em jan. de 1993, as ações armadas do Cartel de Medellín coincide com a aparição de um novo grupo, os Perseguidos por Escobar (Los Pepes) – cuja primeira operação é um atentado contra a casa de campo de sua mãe –, fruto de uma cisão no bloco dos traficantes. Esses rivais e ex-colaboradores de "don Pablo" afirmam querer aniquilá-lo e a seus familiares, sócios e propriedades. Apesar da advertência de Gaviria de que também serão punidos, Los Pepes continuam com sua guerra particular, matando trinta membros do Cartel até o fim de fev. – o que leva à prorrogação do estado de emergência por mais noventa dias, pois, nesse meio tempo, multiplicaram-se ataques como o dos dois carros-bomba que explodiram em Bogotá em 15/2.

Aos Pepes une-se, em fev., nova organização, a Colômbia Livre – integrada, segundo a revista *La Semana* (16/2/1993), por militares e policiais aposentados, advogados e ex-amigos de Escobar que, por discordarem de seus métodos violentos, dispõem-se agora a coletar informações para levá-lo à prisão e oferecem US$ 5 milhões de recompensa por sua cabeça. Seu aparecimento é, na opinião dos analistas, fruto tanto dos avanços obtidos pelo governo quanto da ajuda que os rivais de "don Pablo" recebem do Cartel de Cali, interessado na eliminação de seu concorrente. Entre fev.

e abr., vinte companheiros de Escobar são entregues à polícia pela Colômbia Livre e cinqüenta são assassinados pelos Pepes, que o atingem também em seus bens ao dinamitar, em Medellín, sua coleção de carros, avaliada em US$ 4 milhões.

Dentro de uma economia que, apesar de todos os problemas, está em crescimento – uma média anual de 3,7% desde a década de 80, associada à baixa inflação e a um ativo programa de privatização das estatais –, os cartéis têm peso expressivo, pelo volume de dinheiro que movimentam; e o de Cali prepara-se rapidamente para ocupar o espaço deixado pelo de Medellín, que está em declínio. Segundo relatório do Departamento do Tesouro dos EUA, divulgado em 1993, em Cali são fabricados 25% dos dólares falsos que circulam no mundo; e é esse cartel o distribuidor, hoje, através do Brasil, para os EUA e a Europa, de boa parte da pasta-base de cocaína produzida na Amazônia peruana e refinada na Colômbia. Embora as autoridades neguem a importância relativa do tráfico no conjunto da economia nacional – o país, rico em petróleo e minérios, é o segundo produtor mundial de café –, os analistas afirmam que a brusca interrupção dessas atividades ilegais teria, para ela, sérios reflexos.

Vontade de trégua – Em 16/3/1993, o governo anuncia a disposição em voltar a negociar com a guerrilha, diante da decisão de setecentos membros da Corrente de Renovação Socialista (CRS), facção dissidente do ELN, de decretar cessar-fogo unilateral e conversações, que eles pedem apenas que se realizem em Barranquilla, onde contam com o apoio do prefeito, o ex-guerrilheiro pe. Bernardo Hoyos, da Aliança Democrática M-19. Essa iniciativa da CRS leva os dois principais líderes do ELN, Nicolás Rodríguez e o ex-sacerdote Manuel Pérez, "Comandante Policarpo", a manifestar interesse em também reintegrar seus combatentes à sociedade. No fim de mar., em entrevista à TV espanhola, Pérez sugere uma trégua bilateral a ser decretada a partir de mai.

Enquanto isso, a guerra à droga prossegue sem trégua: a polícia atribui a Escobar a responsabilidade pelo carro-bomba que explode, em 15/4, diante de um shopping center, no bairro das embaixadas de Bogotá, deixando quinze mortos e 120 feridos (entre os quais cinco funcionários da embaixada brasileira) e destruindo vários prédios. A suspeita parece confirmada pela represália dos Pepes, que, no dia seguinte, assassinam Guido Parra Montoya, advogado de "don Pablo" e, em 18 e 20/4, dinamitam três prédios em Envigado, cidade natal do foragido. O governo reage oferecendo US$ 1,3 milhão de recompensa pela captura dos Pepes, aumentando de vinte para sessenta anos a pena para autores de atentados e formando um "bloco de busca" para atacar as rotas aéreas e marítimas do Cartel de Cali. É nesse momento que Escobar Gaviria, sentindo-se acuado, escreve a carta em que propõe render-se. Ele tenta pôr sua família em segurança fora do país, mas, em jul., tanto o Chile quanto a Argentina recusam-lhe permissão de residência; e, no fim de nov., a Alemanha faz o mesmo. Finalmente, em 2/12, Escobar é morto num tiroteio no centro de Medellín.

Sua morte, comemorada nas ruas em Bogotá, é recebida com alívio por muitas autoridades que se opunham à idéia de fazer, novamente, concessões a um criminoso que, depois de ter podido montar para si mesmo, em Envigado, uma prisão na qual dispunha de todo o luxo e privilégios, fugiu dela quando bem entendeu. Paralelamente, prossegue a ofensiva governamental contra todo tipo de criminoso: em 3/8/1993, após reunião de emergência, decreto especial impede que decisão da Corte Constitucional conceda *habeas-corpus* a 5.200 detidos, deixando em liberdade traficantes, terroristas e guerrilheiros. No mesmo mês, é aprovada nova lei anti-seqüestro, que prevê penas de até 60 anos para os autores do crime, obriga à denúncia do ato, embarga bens das vítimas para que não paguem resgate e pune quem negociar pagamento aos seqüestradores.

Congo

● **NOME OFICIAL:** República do Congo. **Capital:** Brazzaville. **Nacionalidade:** congolesa. **Hino:** Os Três Gloriosos. **Língua:** francês (oficial); línguas africanas. **Religião:** animismo, 50%; cristianismo (católicos, 40%; protestantes); islamismo (minoria). **Data nacional:** 15/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da África. **Área:** 342.000 km². **Limites:** Camarões e Rep. Centro-Africana (N); Zaire (L e S); enclave de Cabinda (Angola) (S); oceano Atlântico (O); Gabão (NO). **Características:** território dentro da bacia do Congo; planície aluvial (maior parte); planalto (O). **Clima:** equatorial (N); tropical com chuvas de verão (S). **Rios principais:** Congo, Ubangi, Sangha. **Cidades principais:** Brazzaville (937.600 hab.); Pointe-Noire (576.200); Lubomo (83.600); Mossendjo (16.400) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 2.727.100 (est.1992); **urbana:** 40,5% (1990). **Composição demográfica:** maioria bantu (congos, 51,5%; tequé, 17,3%; mbochis, 11,5%; sanga, 2,7%); minorias de pigmeus e europeus (franceses). **Crescimento demográfico:** 3,3% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 46,1%; **15-59:** 48,7%; **mais de 60:** 5,2% (1990). **Densidade (hab./km²):** 8 (1992). **Natalidade:** 46,1 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 13,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 65 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,6 (1990). **Vida média homens:** 52,1; **mulheres:** 57,3 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 456 hab.; **médicos:** 1 por 3,9 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 2,1% do PNB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 43,4% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 679,2 mil; **professores:** 14,4 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 10,3 mil; **professores:** 641 (1989/90). **Gastos:** 11,3% do orçamento (1983).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana (CFA). **Data da Constituição em vigor:** mar. de 1992. **Divisão administrativa:** 9 regiões e 6 comunas. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União pela Reconstrução Democrática, União Pan-Africana pela Democracia Social, do Trabalho. **Chefe de Estado:** pres. Pascal Lissuba (desde 31/8/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Joachim Iombi-Opango (desde 23/6/1993). **Legislativo:** fechado desde 17/11/1992.

● **ECONOMIA:** agricultura, 13,8%; indústria, 9,8%; mineração, 28%; comércio, 14,4%; serviços, 34% do PIB (1989). **Agricultura:** mandioca, banana-da-terra, cana-de-açúcar, óleo de palmeira, cacau, café, madeira. **Pecuária:** caprinos, ovinos, bovinos. **Pesca:** 48,2 mil t (1992). **Indústria:** alimentícia, processamento de madeira, têxtil, química, materiais de construção. **Minerais:** petróleo, gás natural, hidrocarbonetos, chumbo, zinco, ouro, cobre (explorados); fosfato, minério de ferro, potassa, bauxita (reservas). **Exportações:** US$ 912,2 milhões; **produtos:** petróleo e derivados (1989). **Importações:** US$ 426,4 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, alimentos, bebidas, tabaco, químicos (1989). **Parceiros comerciais:** França, EUA, Espanha, Holanda, Itália. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 239,10 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2,6 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.120 (1991); **crescimento anual:** 3,1% (1980–1991). **Inflação anual:** 0,5% (1980–1990). **Dívida externa:** US$ 5,1 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 849 mil; **distribuição:** agricultura, 59% (1991); indústria, 12,8%; comércio, 11,7%; serviços, 23,8%; **mão-de-obra feminina:** 45,6% (1984). **Desemprego:** 2,3% (1984).

● **DEFESA: Efetivo total:** 10,85 mil (1992); **Exército:** 10 mil; **Marinha:** 350; **Força Aérea:** 500; **outros:** 6,1 mil paramilitares. **Gastos:** 4,5% do PIB (1987).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 12 mil km (1992); **nº de veículos:** 46 mil; **automóveis:** 26 mil (1989). **Ferrovias:** 795

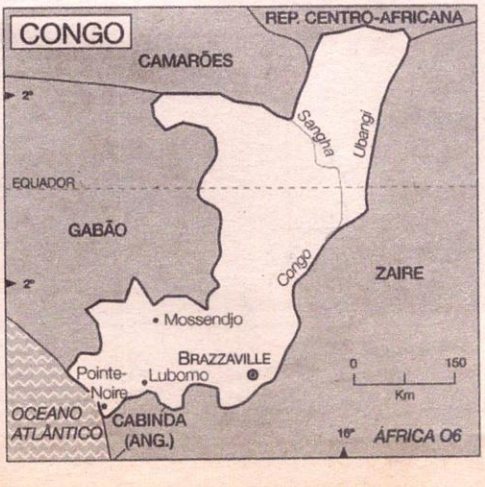
km (1989). **Portos:** Pointe-Noire, Brazzaville (fluvial). **Linhas aéreas:** Air Afrique, Lina Congo (vôos internacionais e domésticos); Afri-Congo (domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 9,3 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 404 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 111 hab. (1987). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 6,9 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 14 East 65 St., New York, NY 10021, EUA; tel. (212) 744-7840.

HISTÓRIA

Diogo Cão visita os imp. bantu de Loango e Mani-Congo na embocadura do rio Congo (1482). **Séc. XIX:** o conde Pierre Savorgnan de Brazza (de quem Brazzaville herdou o nome) estabelece o controle francês ao norte do rio, confirmado pela Conferência de Berlim (1885). **1910:** o Congo Médio, o Gabão, o Chade e o Ubangui-Chari (atual Rep. Centro-Africana) formam a África Equatorial Francesa. **1958:** República autônoma dentro da Comunidade Francesa; o pe. Fulbert Lulu é o presidente. **1960:** independência (15/8). **1963:** rebelião provoca a renúncia de Lulu (11 a 15/8); eleição de Alphonse Massemba-Débat. **1964:** URSS e China orientam a economia local. **1965:** ruptura com os EUA. **1966:** cubanos formam a milícia presidencial. **1968:** golpe do cap. Marien Nguabi, do Exército Popular do Norte. **1970:** criação da primeira República Popular da África. **1971:** aberto o primeiro poço de petróleo. **1972:** ruptura com Israel. **1973:** preso o min. Sylvain Bemba, da Informação, por conspiração; nova Constituição; acordo militar com a China. **1974:** nacionalização das oito empresas petrolíferas. **1975:** acordo de cooperação técnica com a URSS. **1977:** Nguabi é assassinado; o sucessor é o cel. Joachim Iombi-Opango. **1979:** Iombi-Opango renuncia e Denis Sassu-Nguesso o sucede; nova Constituição. **1983:** expurgo dos políticos do regime anterior. **1984:** Sassu aumenta seus poderes e restringe os do 1º-ministro, cargo para o qual nomeia seu conselheiro pessoal, Ange-Édouard Pungui. **1985/86:** remanejamentos em busca de maior eficiência administrativa. **1987:** fracassa golpe de oficiais da tribo kuyu, rival da mboshi, de Sassu, em que estavam envolvidos Iombi-Opango e seu ex-assessor Pierre Anga, postos em prisão domiciliar; Anga foge e forma um grupo guerrilheiro. **1988:** Anga é morto pelo Exército. **1989/90:** medidas liberais, visando às eleições, incluem o fim do monopartidarismo; a Assembléia prorroga o mandato de Sassu até 1994 (nov.). **1991:** Conferência Nacional (25/2) discute a revisão constitucional, o calendário eleitoral, a nova lei de imprensa e a redução dos poderes de Sassu, cria um Conselho Superior da República para substituir a Assembléia e forma um gabinete de transição, de doze meses, chefiado pelo 1º-min. André Milongo; Constituição provisória (22/12). **1992:** rebelião das Forças Armadas contra a nomeação, para min. da Defesa, do cel. Michel Ganguo (2/1), substituído pelo gen. Raymond Damase Ngolo (5/1); Sassu nomeia-se com. supremo das Forças Armadas, remaneja o gabinete e pune os suspeitos de tentativa de golpe (fev.); referendo aprova a Constituição (15/3); demissão do min. do Interior, Alexis Gabu (mai.), acusado de fraude na preparação das eleições, que se realizam entre 3/5 e 16/8; eleição de Pascal Lissuba, da União Pan-Africana para a Democracia Social.



FATOS DO ANO

Após as eleições de ago. de 1992, a maioria absoluta na Assembléia Nacional é obtida pela oposicionista União pela Reconstrução Democrática (URD), coligação que agrega, ao ex-partido único, o Congolês do Trabalho (PCT), do derrotado Denis Sassu-Nguesso, sete outras agremiações, lideradas pelo Movimento Congolês para a Democracia e o Desenvolvimento Integral, de Bernard Kolelas, e a União para a Democracia e o Progresso Social, de Jean-Pierre Thystère-Tchicaya. A URD tem força para fazer aprovar, no fim de out., um voto contrário ao 1º-min. Stéphane Maurice Bongo-Nuarra, designado em set. pelo pres. Pascal Lissuba, sob a alegação de que seu partido, a União Pan-Africana para a Democracia Social, está em minoria. Bongo-Nuarra é obrigado a renunciar e, em meados de nov., sob protestos da oposição, Lissuba dissolve a Assembléia e convoca eleições antecipadas. As divergências que isso provoca levam, em dez., a choques na capital, com três mortos e onze feridos. Em 2/12/1992, após acordo com mediação do com. das Forças Armadas, Lissuba nomeia Claude Antoine Dacosta ex-representante do país na FAO e no Banco Mundial, chefe de um governo de união nacional, integrado por doze oposicionistas, nove governistas e dez membros das Forças Armadas.

Resultado contestado – As eleições de 2/5/1993 são vencidas pelo governo, que conquista 62 das 125 cadeiras, contra 49 da coligação oposicionista. Onze lugares, porém, têm de ser decididos num segundo turno, que o governo marca para 6/6, embora o resultado do primeiro turno seja contestado pela oposição, que reivindica a anulação do pleito em doze circunscrições onde alega ter havido fraude. A URD-PCT faz campanha pelo boicote e a violência cerca o segundo turno: só em Brazzaville há quatro mortos em trocas de tiros. Ao anúncio do governo de que obteve maioria absoluta no pleito, a URD-PCT responde com um ultimato de 48 horas para a anulação do resultado, caso contrário dará início a uma campanha nacional de desobediência civil. Em 9/6, antes do término do prazo, o Exército sai às ruas e proíbe "qualquer manifestação ou reunião que interfira na ordem pública".

A intervenção dos militares não surte o mesmo efeito do ano anterior: o controle da capital é retomado apenas parcialmente; em 15/6, há seis mortos num tiroteio no centro; e prejuízos econômicos são causados pela sabotagem à ferrovia Brazzaville-Pointe-Noire, cujos trilhos são arrancados por oposicionistas. Ao fracassarem as tentativas de negociação, Lissuba nomeia, em 23/6, para a chefia do governo, Joachim Iombi-Opango, ex-1º-ministro entre 1977 e 1979. A oposição responde criando uma Assembléia Nacional paralela e um "governo de salvação nacional", liderado por Thystère-Tchicaya, que, para isso, abandona a pasta das Minas e Energia, ocupada por ele no gabinete Dacosta. Até meados do segundo semestre, a missão de Iombi-Opango de "restabelecer a paz e a segurança" parecia condenada pelo prosseguimento dos conflitos armados isolados e pelas repetidas exigências da oposição de que Lissuba dissolvesse a Assembléia oficial – situação muito prejudicial para a oscilante economia do país, já afetada pela decisão do Banco Mundial, em set. de 1991, de não fornecer novos empréstimos enquanto o país não pagar o serviço de dívidas anteriores.

Coréia do Norte

● **NOME OFICIAL:** República Democrática Popular da Coréia. **Capital:** Pionguiangue. **Nacionalidade:** norte-coreana. **Hino:** Canção do Mal. Kim Lisung (título). **Língua:** coreano (oficial). **Religião:** ateísmo, 67,9%; crenças tradicionais, 15,6%; chundo kyo, 13,9%; budismo, 1,7%; cristianismo, 0,9% (católicos maioria). **Datas nacionais:** 15/8 (Libertação); 9/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** nordeste da Ásia. **Área:** 120.538 km². **Limites:** China (N e NO); Rússia (NE); mar do Japão (L); Coréia do Sul (S); mar Amarelo (SO). **Características:** litoral rugoso (L), com estuários (O) e com labirinto de ilhas (SE); território montanhoso, com vales estreitos e pequenas planícies; regiões mais acidentadas (N e L). **Ponto mais elevado:** pico Paektu (2.744 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Tumen Kiang, Lalu Kiang, Chongchon, Taedong. **Cidades principais:** Pionguiangue (2.355.000 hab.); Hamhung (701.000); Chongjin (520.000); Nampo (370.000); Sonchon (356.000) (1987). **Hora local** (em relação a Brasília): +12h.

● **POPULAÇÃO:** 22.227.000 (est.1992); **urbana:** 59,8% (1990). **Composição demográfica:** coreanos, 99,8%; chineses, 0,2% (1989). **Crescimento demográfico:** 1,9% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 29,4%; **15-59:** 64,8%; **mais de 60:** 5,8% (1990). **Densidade (hab./km²):** 181,1 (1992). **Natalidade:** 24,3 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 5,5 por 1.000; **mortalidade infantil:** 30 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,5 (1991). **Vida média homens:** 66; **mulheres:** 72 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 74 hab.; **médicos:** 1 por 370 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 19,6% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 1% (1984). **Alunos de 1º e 2º graus:** 4,4 milhões (1987). **Alunos no ensino superior:** 301 mil (1987); **professores:** 9,2 mil (1982).

● **GOVERNO:** República parlamentarista de modelo socialista. **Data da Constituição em vigor:** 27/12/1972. **Divisão administrativa:** 9 províncias, 1 distrito e 3 cidades. **Regime partidário:** unipartidarismo; **partido:** Frente Democrática para a Reunificação da Pátria. **Chefe de Estado:** pres. Kim Il-Sung (desde 28/12/1972); suas funções são exercidas por seu filho Kim Jong-Il, 1º-secretário do Comitê (desde out./1980). **Chefe de governo:** 1º-min. Kang Song San (desde 22/12/1992). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Suprema do Povo, com 687 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 42,8%; indústria 30,3%; serviços, 26,9% do PIB (1986–1988). **Agricultura:** arroz, milho, batata, batata-doce, soja. **Pecuária:** suínos, bovinos, ovinos. **Pesca:** 1,7 milhão de t (1990). **Indústria:** metalúrgica, siderúrgica, elétrica, mecânica pesada, cimento, química, têxtil. **Minerais:** magnesita, carvão, ferro, chumbo, cobre, zinco, estanho, prata, ouro. **Exportações:** US$ 1,2 bilhão; **produtos:** metais não-ferrosos, carvão, arroz, pes-cados, seda, cimento (1991). **Importações:** US$ 2,3 bilhões; **produtos:** petróleo, químicos, cereais, máquinas industriais e bens de capital (1991). **Parceiros comerciais:** China, Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** uon norte-coreano (dividido em 100 chon); **cotação para 1 US$:** 215 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 22,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.038 (1991); **crescimento anual do PIB:** -5% (1992). **Mão-de-obra feminina:** 45,9% (1988–1990). **Inflação:** 2% (1991). **Dívida externa:** US$ 9,2 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 12,5 milhões (1987); **distribuição:** agricultura, 44,1%; indústria, 33%; comércio e serviços, 22,9% (1982).

● **DEFESA: Efetivo total:** 1,1 milhão (1992); **Exército:** 1 milhão; **Marinha:** 40 mil; **Força Aérea:** 92 mil; **outros:** 115 mil (força de segurança da fronteira) e 3,8 milhões (guarda vermelha). **Gastos:** 11,6% do orçamento (1992).

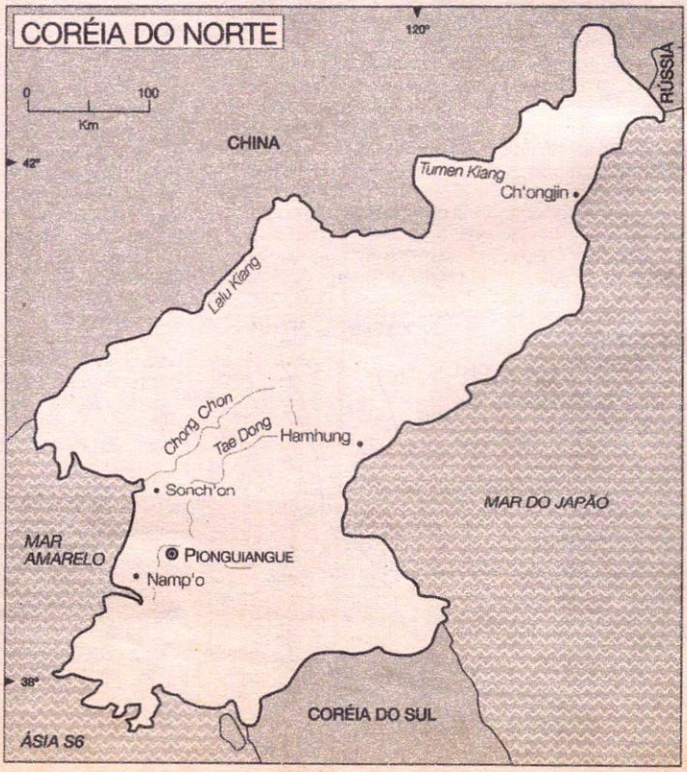
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 23 mil km; 2% pavimentados (1988); **nº de automóveis:** 248 mil (1988). **Ferrovias:** 5 mil km (1989). **Portos:** Nampo, Wonsan, Chongjin, Rajin, Hungnam, Songrim, Haeju. **Linha aérea:** Chosonminhang/Diretoria de Aviação Civil (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 5,8 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 87 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 700 hab. (1988). **Jornais diários:** 16; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 140 (1987).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 225 East 86th St., New York, NY 10028, EUA; tel. (212) 722-3536.

HISTÓRIA

Atribui-se a Kija (ou Kitze) a introdução da cultura chinesa na península (1.200 a.C.); com ajuda chinesa, o reino de Silla domina seus rivais (séc. VII) e unifica a região. A dinastia Koryô (séc. X) substitui o budismo pelo confucionismo. **1260:** ocupação mongol. **1274 – 1281:** expedições ao Japão. **1392:** o gen. Yi Sung-Ke funda a



dinastia Yi. **1396**: Seul torna-se capital. **1443**: o rei Sejong inventa o alfabeto coreano. **1592**: ajudados pela China, os Yi repelem os japoneses. **1876 – 1882**: abertura dos portos à Europa e aos EUA, forçada pelo Japão. **1894 – 1905**: consolidação do domínio japonês. **1910**: anexação ao Japão. **1919**: o nacionalista Singman Rhi cria, em Xangai, o governo no exílio. **1932**: Kim Il-Sung funda o Exército Popular Revolucionário. **1945**: ocupação dos EUA (sul) e URSS (norte), após a derrota do Japão, divididos pelo Paralelo 38. **1948**: Kim Il-Sung cria, no norte, a República Democrática Popular. **1950 – 1953**: Guerra da Coréia, encerrada com o armistício de Panmunjon. **1954 – 1961**: tratados de assistência militar com a China e a URSS. **1968/69**: crises com os EUA: espionagem feita pelo navio *Pueblo* e derrubada de um avião-patrulha em águas internacionais. **1972**: nova Constituição; Kim Il-Sung torna-se também presidente. **1976**: incidente de fronteira agrava as relações com o sul. **1980**: Kim Jong-Il, filho de Kim Il-Sung, torna-se chefe do governo. **1984**: o norte ajuda as vítimas de inundações no sul; permitida a formação de *joint-ventures* nas áreas de construção, tecnologia e turismo. **1988**: campanha de "retificação ideológica" contrária à *pierestróika*. **1990**: manifestações de apoio em massa no 78º aniversário de Kim, reeleito pela quinta vez (mai.). **1991**: o fornecimento de petróleo soviético é cortado pela metade; fim da proibição ao comércio com Formosa (nov.); assinatura, com Seul, do Acordo sobre Reconciliação, Não-Agressão e Cooperação, e da Declaração Conjunta de Desnuclearização da Península (13/12); Kim Jong-Il é nomeado com. das Forças Armadas. **1992**: Jong-Il é responsável pela formulação da política externa (jan.); entrega à AIEA de relatório sobre as instalações nucleares do país, incluindo a de Yongbion, capaz de produzir pequenas quantidades de plutônio (mai.); visita de 145 empresários estrangeiros para discutir negócios conjuntos (mai.).

FATOS DO ANO

A recusa do governo norte-coreano, em 15/2/1993, em permitir que uma equipe da AIEA inspecione a usina nuclear de Yongbion, onde, segundo denúncia americana, há instalações capazes de produzir plutônio para fins militares. Abre-se séria crise diplomática com a Coréia do Sul: alegando o risco de que os norte-coreanos venham a fabricar bombas nucleares, Seul ameaça congelar as conversações iniciadas, em 1991, com a assinatura do Acordo sobre Reconciliação, Não-Agressão e Cooperação. As conseqüências são prejudiciais para Pionguiangue, pois o reatamento com Seul levaria à normalização com Tóquio e Washington. Em 9/3, enfraquecido com a decisão russa, no final de fev., de cancelar a aliança militar de 1961 com a ex-URSS, o país protesta contra as manobras militares conjuntas Coréia do Sul/EUA, declarando-se em "estado de semiguerra". Em 12/3, depois que 50 mil fuzileiros americanos desembarcam em Seul para os exercícios *Team Spirit*, Pionguiangue resolve retirar-se do Tratado de Não-Proliferação Nuclear e proibir definitivamente vistorias em suas instalações nucleares. Ainda assim, a AIEA concede-lhe prazo até 25/3 para que volte atrás, prorrogando-o, depois, até 31/3. E os EUA, tentando diminuir a tensão, chamam suas tropas de volta antecipadamente (19/3). Isso não impede o 1º-min. Kang de, em 7/4, advertir para o risco da guerra nuclear se seu país continuar sob pressão.

Supervisão nuclear – Em 25/5, entretanto, Kang propõe a abertura de diálogo com Seul e, em 11/6, comunica que seu país permanecerá no TNP. Dá-se assim um passo para que, em 19/7, seja assinado, com mediação americana, acordo autorizando a inspeção da AIEA e concordando em iniciar, com os sul-coreanos, conversações sobre a desnuclearização da península. O relatório em que a AIEA, em 13/8, reclama do acesso insuficiente a Yongbion dado a seus inspetores ressalva não estarem as autoridades de Pionguiangue fechadas ao diálogo.

A transferência dos poderes de Kim Il-Sung para seu filho Jong-Il, já designado anteriormente comandante das Forças Armadas e responsável pela formulação da política externa, tinha prosseguido em 23/4/1992. No 60º aniversário da fundação do Exército Popular, ele foi nomeado marechal e 524 coronéis de sua guarda pessoal foram promovidos a general. Il-Sung, autoproclamado generalíssimo, continuou como chefe de Estado nominal e líder partidário; mas a gestão dos negócios estatais incumbe cada vez mais a Jong-Il – tanto assim que, em 24/12, foi um homem de sua confiança, Kang Song San, quem assumiu a chefia do governo, em substituição a Yon Hyong Muk. Ao aproximar-se o fim do III Plano Septenal (1987–1993), constata-se ser inalcançável a sua meta de 7% no crescimento econômico. A penúria dos recursos energéticos, devido à falta de reservas cambiais para comprar petróleo, faz a indústria funcionar com apenas 40% de sua capacidade de produção. O comércio com a ex-URSS, responsável, no passado, por um movimento semestral de até US$ 900 milhões, caiu a apenas US$ 11 milhões no fim de 1992, pois a Federação Russa passou a exigir o pagamento em divisas conversíveis em vez de moeda escritural transferível – além de cobrar uma dívida de US$ 4 bilhões que há tempos o Kremlin vinha ignorando. A forma de enfrentar essas dificuldades é a lei de 20/10/1992, que permite a empresas estrangeiras instalar fábricas em zonas econômicas especiais, semelhantes às existentes na China. Mas à exceção de grupos chineses, não são muitas as empresas que, até meados de 1993, tenham demonstrado interesse em instalar-se ali.

Coréia do Sul

● **NOME OFICIAL:** República da Coréia. **Capital:** Seul. **Nacionalidade:** sul-coreana. **Hino:** Nacional (sem letra). **Língua:** coreano (oficial). **Religião:** budismo mahayana, 46,9%; cristianismo (católicos, 37,7%; protestantes, 10,8%); confucionismo, 2,8%; chundo kyo, 0,2%; taoísmo. **Datas nacionais:** 15/8 (Independência); 3/10 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** nordeste da Ásia. **Área:** 99.237 km². **Limites:** Coréia do Norte (N); mar do Japão (L); estreito da Coréia (S); mar Amarelo (O). **Características:** litoral rugoso (L), com estuários (O) e com labirinto de ilhas (SE); relevo montanhoso (cadeia Taibaek a L); solo pouco arável com terras baixas e vales (S e SO). **Ponto mais elevado:** pico Halla (1.950 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Cum, Naktong, Han. **Cidades principais:** Seul (10.628.000 hab.); Pusan (3.798.000); Taegu (2.229.000); Inchón (1.818.000); Guanju (1.145.000) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +12h.

● **POPULAÇÃO:** 43.663.000 (est.1992); **urbana:** 74,4% (1990). **Composição demográfica:** coreanos, 99,9%; outros, 0,1% (1990). **Crescimento demográfico:** 1% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 25,4%; **15-59:** 66,8%; **mais de 60:** 7,8% (1190). **Densidade (hab./km²):** 439,9 (1992). **Natalidade:** 15,5 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 5,8 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 12,8 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,6 (1990). **Vida média homens:** 67,4; **mulheres:** 75,4 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 429 hab.; **médicos:** 1 por 1 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 1,2% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 3,7% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 9,2 milhões; **professores:** 325,8 mil (1991). **Alunos no ensino superior:** 1,5 milhão; **professores:** 43,8 mil (1991). **Gastos:** 16,2% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 25/2/1988. **Divisão administrativa:** 9 províncias e 6 cidades especiais. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrático Liberal, Democrático, Unificação Nacional. **Chefe de Estado:** pres. Kim Young-Sam (desde 25/2/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. Li Hoi-chang (desde 16/12/1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 299 membros eleitos por voto direto: mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 9,1%; indústria, 44,3%; mineração, 0,5%; comércio, 11,3%; serviços, 34,8% do PIB

(1990). **Agricultura:** arroz, milho, cevada, batata-doce, frutas. **Pecuária:** suínos, bovinos, aves. **Pesca:** 2,9 milhões t (1991). **Indústria:** máquinas industriais elétricas, motores para veículos leves, construção naval, química, têxtil, metalúrgica, siderúrgica, alimentícia. **Minerais:** carvão, minério de ferro, tungstênio, ouro, grafite, fluorita, gás natural. **Exportações:** US$ 76,6 bilhões; **produtos:** equipamentos industriais elétricos, têxteis, vestuário (1991). **Importações:** US$ 81,8 bilhões; **produtos:** equipamentos industriais e de transporte (máquinas elétricas, principais); petróleo e derivados, combustíveis minerais, manufaturas bá-sicas, químicos (1992). **Parceiros comerciais:** Japão, EUA, Alemanha, Arábia Saudita, Austrália, Hong Kong, Cingapura. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** uon sul-coreano (dividido em 100 chon ou 10 hwan); **cotação para 1 US$:** 788,4 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 274,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 6.340 (1991); **crescimento anual:** 10% (1980–1991). **Inflação:** 6,2% (1992). **Dívida externa:** US$ 40,5 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 18,5 milhões; **distribuição:** agricultura, 17,8%; indústria, 34,2%; comércio, 21,2%; serviços, 24,3%; outros, 2,5%; **mão-de-obra feminina:** 40,4% (1990). **Desemprego:** 2,4% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 633 mil (1992); **Exército:** 520 mil; **Marinha:** 60 mil; **Força Aérea:** 53 mil; **outros:** 3,5 milhões de paramilitares. **Gastos:** 22,1% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 96,5 mil km; 67% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 3,4 milhões; **automóveis:** 2,1 milhões (1990). **Ferrovias:** 6,5 mil km (1990). **Portos:** Pusan, Inchon, Donghae, Masan, Yeosu, Cheju, Guangyang, Gunsan, Mokto, Pohang, Ulsan. **Linhas aéreas:** Korean Air (vôos internacionais e domésticos); Asiana Airlines (domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 7; **receptores:** 1 por 1 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 5 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,3 hab. (1990). **Jornais diários:** 81; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 309 (1990).

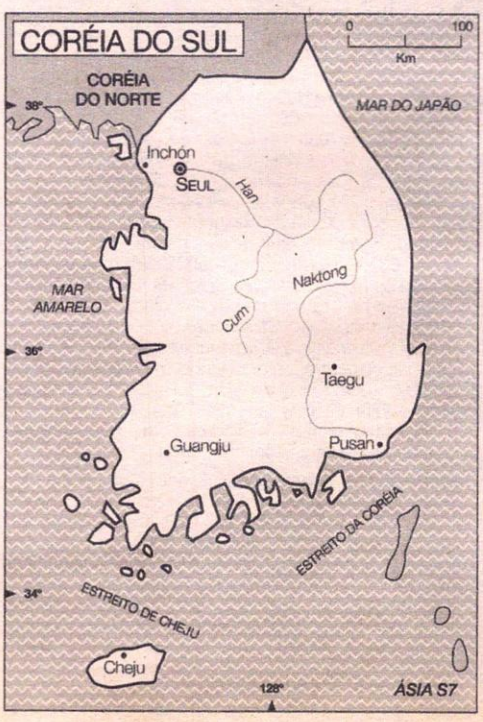
● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SEN – Av. das Nações, lote 14, CEP 70436-900, Brasília, DF; tel. (061) 223-3466.

HISTÓRIA

Sua história começa em **1948**: o nacionalista Singman Rhi assume o poder em Seul, com apoio dos EUA, e proclama a República (15/8). **1950 – 1953**: guerra civil, com intervenção dos EUA e da China; divisão da península na altura do Paralelo 38. **1960**: Singman, acusado de fraude eleitoral, renuncia e se exila. **1961**: golpe do gen. Park Chung-Hi. **1963**: Park é eleito apesar das denúncias de fraude. **1973**: o serviço secreto (KCIA) seqüestra o oposicionista Kim Dae-Jung, exilado no Japão, e o leva de volta a Seul. **1974**: 55 pessoas – entre elas Kim – são julgadas por traição; num atentado contra Park, é assassinada sua esposa. **1975/76**: mais cinqüenta processos políticos; Kim é condenado a cinco anos de prisão. **1977**: anistiados os presos políticos "arrependidos"; início da retirada das tropas americanas. **1978**: anistia a 5.368 presos políticos, incluindo Kim. **1979**: suspensa a retirada das tropas dos EUA; Park é assassinado por Kim Jah-Kyu, chefe da KCIA; o 1º-min. Choi Kyu-Hae assume e decreta a lei marcial. **1980**: em Guanju, massacre de manifestantes contra a lei marcial; Kim Dae-Jung, que protesta contra o massacre, é condenado à morte, mas a pena é comutada em prisão perpétua; golpe do gen. Chun Du Huan; nova Constituição. **1981**: o governo Chun é abalado por escândalos financeiros. **1982**: Kim recebe autorização para exilar-se nos EUA. **1983**: continuam os escândalos de corrupção e protestos; um avião da KAL é derrubado na URSS; durante visita de Chun à Birmânia (atual Mianmá), membros de seu gabinete morrem num atentado norte-coreano. **1984**: Chun suspende os direitos dos partidos mas, diante dos protestos do Comitê Consultivo de Defesa da Democracia, de oposição, cancela o decreto. **1985**: Chun é forçado a aceitar o retorno de Kim; a oposição ganha cinqüenta cadeiras na Assembléia e funde-se num partido único; primeira reunião das duas Coréias para discutir a reunificação. **1986**: campanha pelas eleições diretas. **1988**: Chun é substituído por Roh Tae-Wu; protestos impedem Roh de vetar o processo contra Chun por crimes administrativos (jul.). **1989**: protestos estudantis e dos trabalhadores provocam represálias da extrema direita. **1990**: os partidos Democrático da Justiça, da Reunificação Democrática e Democrático Republicano fundem-se no Democrático Liberal (PDL), ficando com 216 das 299 cadeiras no Legislativo; formada uma força de 10 mil policiais para reprimir greves; Roh recusa o pedido coletivo de renúncia da oposição, em protesto contra a formação do PDL; a prisão de 140 pessoas, entre out. e dez., acusadas de conspiração, não diminui os protestos. **1991**: distúrbios após a morte do estudante Kang Yung-Dae, com depredações e imolação de manifestantes; o 1º-min. Roh Jae-Bong renuncia, assumindo a responsabilidade pelo fracasso na repressão aos distúrbios; a indicação, para substituí-lo, do ex-min. da Educação Chung Won-Shik, é rejeitada pelos estudantes (3/6); renúncia do min. Yun Hyong-Sup, da Educação (6/6), e ofensiva do governo contra as universidades; o PDL obtém 62% dos votos nas eleições (19/6). **1992**: o PDL perde a maioria nas eleições legislativas (24/3), o PD, de Kim Dae-Jung, obtém 97 cadeiras e o recém-criado Partido da Unificação Nacional, de Chung Ju-Yung, pres. da *holding* Hyundai, conquista 31; Roh indica Kim Young-Sam candidato à sua sucessão (19/5).

FATOS DO ANO

Ao ser empossado, em 25/2/1993, o pres. Kim Young-Sam anuncia, como metas prioritárias de sua gestão, promover a abertura econômica, combater a corrupção e revitalizar a ética no trabalho. Concorrendo pelo governista Partido Liberal Democrático, Kim conquistou 41,4% dos votos nas eleições presidenciais de 18/12/1992 – as primeiras a que não concorreram os militares de extrema direita que, por trinta anos, controlaram o país, o que



estimulou a participação do eleitorado, cujo comparecimento foi de 81,9%. À eleição de Kim segue-se o processo de desorganização da oposição, com a renúncia, em 9/2/1993, de Chung Ju-Yung, líder do Partido do Povo Unido (16% de votos no pleito), acusado de ter aceito a contribuição ilegal de uma grande empresa para sua campanha.

Não são fáceis, porém, os desafios que Kim tem pela frente. O aumento no custo da mão-de-obra tem feito a Coréia do Sul, classificada como um dos Tigres Asiáticos, perder competitividade em relação a seus vizinhos. Conseqüência disso é o declínio no PIB, que, de 8,4% em 1991, cresceu apenas 4,9% em 1992. Além dos objetivos expressos em seu discurso de posse, Kim preocupa-se, também, com o problema da unidade nacional: embora não receba resposta, envia a seu colega do Norte, o pres. Kim Il-Sung, o convite para um encontro em que seria discutida a reunificação da Coréia. E em 6/3, ao indicar o general reformado Hwang In-Sung para o cargo de 1º-ministro, assina anistia beneficiando 41.886 dissidentes políticos e libertando 2.232 presos de direito comum, na tentativa de promover a reconciliação nacional. Em 8/3, demite três de seus ministros acusados de corrupção e, para remover os vestígios do passado autoritário, faz um remanejamento no alto escalão do Exército. Em abr., o combate à corrupção ganha impulso com as primeiras prisões de executivos de grandes empresas e oficiais das Forças Armadas – a estes últimos declara, em 26/4, que não terão direito a nenhuma forma de tratamento privilegiado. Determinação que, de início, parece confirmada quando, em 24/5, assina a demissão de quatro generais. Embora a pressão das Forças Armadas o leve a recuar, em 10/5, ordenando a libertação dos oficiais detidos, oito dias depois entra, novamente, em rota de colisão com os militares ao ordenar que o dia 18/2 – data do massacre na cidade de Guanju ordenado, em 1980, pelo ex-pres. gen. Chun Du Huan, na época o diretor da KCIA – torne-se um feriado nacional. Durante as manifestações promovidas por universitários para relembrar a rebelião de 1980 contra o autoritarismo do regime militar, há violentos confrontos com a polícia; que se repetem, em 12/6, quando um bloqueio policial, na fronteira, impede um contato tentado por estudantes das duas Coréias.

Rumo à OCDE – No plano econômico, uma das primeiras medidas do novo governo é, em 19/3, um pacote que congela por um ano os salários e o preço dos gêneros de primeira necessidade, com o objetivo de baixar a inflação, que, em 1992, tinha sido de 4,5%. O plano de revitalização da economia anunciado em 22/3 prevê cortes nas taxas de juros; e o programa estabelecido para 1994–1998, divulgado em 17/6, espera um crescimento anual de 6,9%, no qual as exportações deverão responder por um acréscimo anual de 10,4%. Para o PIB, o governo planeja o crescimento de 7,2% anuais, entre 1995 e 1998, com o objetivo de obter, até o fim desse período, o superávit comercial de US$ 5,3 milhões. Todas essas medidas pavimentam o caminho que leva ao desejado ingresso do país, no final da década de 90, na Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico.

Para que essas metas se cumpram, entretanto, será necessário modernizar a tecnologia industrial, como uma forma de enfrentar o alto custo da mão-de-obra. Para isso, está previsto um aumento do investimento em pesquisa tecnológica, de 1,7% para 5% do PIB. Desse quadro participa também, como um incentivo à produtividade industrial, a liberalização do setor financeiro, com o fim da fixação, pelo governo, das taxas de juros para os empréstimos. No plano do comércio e desenvolvimento regionais, são assinados importantes acordos com a China, aproveitando o processo de abertura por que passa esse gigantesco mercado consumidor. Os empresários sul-coreanos vêem, nesse país, a base para uma futura aliança econômica de fundamental importância para o Sudeste Asiático. Em 13/8, porém, o decreto de Kim proibindo todas as transações bancárias feitas com nome falso – medida anticorrupção que visa a acabar com os correntistas fantasmas e as transações ilegais que eles permitem – causa confusão no mercado financeiro, pois as pessoas, assustadas, correm aos bancos em busca de ouro e dólares, temendo que um confisco seja iminente. O índice da Bolsa de Valores cai 32,27 pontos só naquele dia. Mas a situação se normaliza quando os pequenos aplicadores se dão conta de que não correm nenhum risco; e a firmeza com que o governo trata os especuladores e os culpados de corrupção faz aumentar a popularidade do pres. Kim.

Costa do Marfim

● **NOME OFICIAL:** República da Costa do Marfim. **Capital:** Abidjã. **Nacionalidade:** ebúrnea ou marfinense. **Hino:** A Abidjanesa (título). **Língua:** francês (oficial); numerosas línguas africanas. **Religião:** animismo, 60%; islamismo, 20%; cristianismo, 20% (católicos, 15%; protestantes, 5%). **Data nacional:** 7/12 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da África. **Área:** 322.400 km². **Limites:** Mali e Burkina (N); Gana (L); oceano Atlântico (S); Libéria e Guiné (O). **Características:** litoral rochoso (O) e com lagunas (L); planície com altitudes de até 200 m (S); planaltos (centro e N);. **Ponto mais elevado:** monte Nimba (1.752 m). **Clima:** equatorial. **Rios principais:** Bandama, Sassandra, Comoê, Cavally. **Cidades principais:** Abidjã (2.168.000 hab.) (1990); Buaké (220.000); Iamussuco (120.000); Gagnoa (93.500); Daloa (59.500) (1984). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 12.951.000 (est.1992); **urbana:** 40,4% (1990). **Composição demográfica:** ashanti, agni e baulê, 74,5%; europeus, 25,5% (franceses); 80 grupos diferentes. **Crescimento demográfico:** 3,7% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 48,2%; **15-59:** 45,2%; **mais de 60:** 6,6% (1990). **Densidade (hab./km²):** 40,4 (1992). **Natalidade:** 50 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 13,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 87 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 7,4 (1991). **Vida média homens:** 52,8; **mulheres:** 56,2 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,6 mil hab.; **médicos:** 1 por 13,8 mil hab. (1992). **Gastos com saúde:** 6,9% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 46,2% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,5 milhão; **professores de 1º grau:** 33,5 mil (1985). **Alunos no ensino superior:** 19,7 mil (1990); **professores:** 1,3 mil (1982). **Gastos:** 30,9% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana (CFA). **Data da Constituição em vigor:** 31/10/1960 (7 emendas). **Divisão administrativa:** 49 departamentos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrático/União Democrática Africana, Frente Popular, dos Trabalhadores. **Chefe de Estado:** pres. Henri Konan Bediê (desde 8/12/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. Daniel Kablan Duncan (desde 11/12/1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 175 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 36,2%; indústria, 20,3%; comércio e serviços, 43,5% do PIB (1990). **Agricultura:** cacau, café, palmito, algodão, borracha, abacaxi, mandioca, banana-da-terra. **Pecuária:** ovinos, bovinos, caprinos. **Pesca:** 108,9 mil t (1990). **Indústria:** agroindústrias (processamento de cacau, café, algodão, palmito, abacaxi, peixe); fumageira, refino de petróleo. **Minerais:** petróleo, gás natural, diamantes, ouro (explorados); minério de ferro, cobre, níquel, fosfato, bauxita, cobalto (reservas). **Exportações:** US$ 2,9 bilhões; **produtos:** cacau, café e derivados, combustíveis, artigos manufaturados, madeira (1990). **Importações:** US$ 1,8 bilhão; **produtos:** combustíveis, artigos manufaturados, máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos, cereais (1990). **Parceiros comerciais:** França, Nigéria, Alemanha, Itália, Holanda, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 cêntimos);

cotação para 1 US$: 239,10 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 8,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 690 (1991); **crescimento anual:** 0,3% (1980–1991). Inflação anual: 2,3% (1980–1990). **Dívida externa:** US$ 18,8 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 4,7 milhões; **distribuição:** agricultura, 54,6% (1991); **mão-de-obra feminina:** 34,7% (1985). **Desemprego:** 3,1% (1990).

• **DEFESA: Efetivo total:** 7,1 mil (1992); **Exército:** 5,5 mil; **Marinha:** 700; **Força Aérea:** 900; **outros:** 7,8 mil paramilitares. **Gastos:** 6,8% do orçamento (1990).

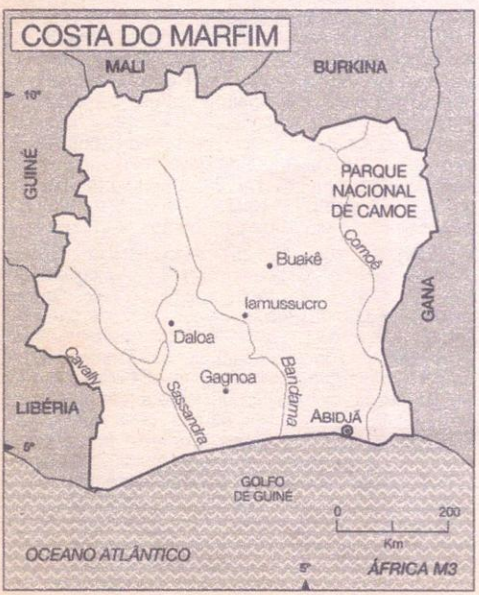
• **TRANSPORTES: Rodovias:** 67,5 mil km; 7% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 259 mil; **automóveis:** 168 mil (1989). **Ferrovias:** 660 km (1991). **Portos:** Abidjã, San Pedro. **Linhas aéreas:** Air Afrique (vôos internacionais), Air Ivoire (internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 8,3 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 15 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 143 hab. (1991). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 11 (1990).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SEN – Av. das Nações, lote 9, CEP 70473-900, Brasília, DF; tel. (061) 321-4656.

HISTÓRIA

A região, onde há vestígios de uma cultura neolítica, é visitada pelos portugueses (séc. XVI), dominada pelos baulês e pelos ashantis de Gana (séc. XVII–XVIII) e, embora resista aos europeus, torna-se protetorado francês (1893). **1898:** derrota do chefe malinquê Almamy Samory. **1946:** Félix Houphouët-Boigny funda o Congresso Democrático Africano, primeiro partido da África negra. **1947:** o Alto Volta separa-se da Costa do Marfim. **1958:** República autônoma dentro da Comunidade Francesa. **1959:** Houphouët-Boigny é o 1º-min. **1960:** independência (7/8); Houphouët-Boigny é o presidente. **1964:** abolição da poligamia. **1969:** sufocada rebelião do Movimento Sanui de Libertação, da tribo agui, na fronteira com Gana. **1972:** acordo de coordenação da política cafeeira com o Brasil; inauguração da represa de Cussu, que dobra o potencial energético. **1973:** sete oficiais do Exército são condenados à morte por conspiração. **1975:** anistia para presos políticos e comuns. **1976:** Jeanne Gervais, min. dos Assuntos Femininos, é a primeira mulher a ocupar cargo oficial. **1977 – 1980:** protestos de operários e estudantes levam Houphouët-Boigny a permitir eleições livres. **1981:** a morte, por negligência policial, de 47 ganenses presos em Abidjã provoca crise com Gana. **1983:** greve geral de professores e médicos, com sérios prejuízos econômicos; plano de austeridade; repatriação dos assessores franceses; suspensão dos projetos de desenvolvimento. **1985:** revisão da Constituição, abolição da vice-presidência; reatamento com Israel. **1987:** reprimida a oposição da Synesci (União dos Professores das Escolas Secundárias). **1988:** retorno de Laurent Gbagbo, da proscrita Frente Popular Ebúrnea, após seis anos de exílio. **1989:** criadas comissões para analisar os problemas nacionais; campanha de combate ao contrabando, à imigração ilegal e à violência nas cidades; diminuição do gabinete de 38 para 29 pastas e superpoderes ao min. da Economia para negociar com o FMI. **1990:** protestos estudantis forçam a redução dos preços da cesta básica; reações populares revertem o corte de 20% no salário do funcionalismo e o desconto de 11% aos trabalhadores, como "contribuição nacional de solidariedade"; pluripartidarismo; convocadas eleições presidenciais; Houphouët-Boigny derrota Gbagbo por 81% dos votos; criado o cargo de 1º-min., para o qual é nomeado Alassan Uattara; a oposição elege onze dos 175 deputados (25/11); a Federação Estudantil acusa o governo de ter infiltrado falsos estudantes no campus de Yopugon para linchar universitários manifestantes. **1991:** a oposição acusa o governo de usar um pretenso golpe fracassado (30/7) como pretexto para justificar a repressão; retirada das tropas de ocupação do campus (ago.); criação dos ministérios da Segurança e da Indústria e Comércio (nov.) tentando contornar a crise política e econômica. **1992:** comissão de inquérito responsabiliza o gen. Robert Güei, com. do Estado-Maior, pela violência na invasão do campus (30/1), mas o presidente recusa-se a puni-lo; greves e manifestações de protesto (jan./fev.); entre os presos, estão Gbagbo e René Degni-Zegui, pres. da Liga dos Direitos Humanos (18/2); o primeiro é condenado a dois anos de prisão mas, diante dos protestos, é libertado (31/7); essa anistia inclui o perdão aos agentes de segurança, o que provoca novos protestos (ago.).



FATOS DO ANO

A morte, em 7/12/1993, do pres. Félix Houphouët-Boigny põe em xeque as manobras que ele fazia para manter estrito controle sobre a sucessão: no dia seguinte, apesar dos protestos do 1º-min. Alassan Draman Uattara, o pres. da Assembléia, Henri Konan Bedié, assume o cargo e, em 11/12, nomeia o tecnocrata Daniel Kablan Duncan, de sua confiança, para formar novo gabinete. Essa decisão é facilitada pelo desgaste de Uattara, incapaz de debelar a crise econômica vivida pelo país.

A greve de 400 funcionários dos jornais *Fraternité-Matin* e *Ivoire-Soir* (7/1/1993), contra a decisão de seus empregadores de retirar-lhes benefícios sociais – a primeira no país em 29 anos, inspirada pela União das Forças Democráticas (UFD), coligação oposicionista formada, em 28/12/1992, sob a liderança de Fakuru Turé – demonstra que a sociedade desaprova Uattara. E não compartilha seu otimismo ao anunciar, em 1º/10/1992, a retomada, em Washington, das negociações com o FMI. Seu plano de demitir 25% dos funcionários públicos coincidira com o reinício das aulas, o que estimulou manifestações de protesto dos universitários. E também com o início da colheita do café, cujo preço, no mercado internacional, continua em queda livre, o que só serviu para ampliar os distúrbios de rua.

O projeto de Uattara de, em três anos, sanear as finanças públicas, privatizar o setor estatal e tornar as empresas privadas competitivas, foi prejudicado pelo atraso no pagamento da dívida externa de US$ 14 bilhões, que não pára de crescer; e pela queda no preço do cacau, que rendeu US$ 150 milhões em 1991/92, contra US$ 329 milhões em 1988/89. Só a ajuda de emergência, de US$ 200 milhões, da França, impede o colapso das negociações com o FMI. Reagindo a essa situação, surgiu a UFD:

contando com o apoio da esquerda – os trabalhistas de Kuassi Adolphe Blokon; os comunistas de Denis Gueu Dro; e os socialistas de Manduadjoa Kuaku –, ela se apresenta como alternativa para o principal partido de oposição, a Frente Popular Marfinense, de Laurent Gbagbo. Terá, agora, de enfrentar Bediê, em certa medida continuador do velho presidente.

À tensão interna vem juntar-se a externa: o bombardeio (27/2/1993) de postos de fronteira com a Libéria por aviões do Ecomog, que monitora o cessar-fogo nesse país. Pressionado pela oposição, o governo protesta (1º/3) junto ao pres. Nicéphore Sogio, do Benin, pres. em exercício da Comunidade Econômica dos Estados da África do Oeste, responsável pelo envio dessa força a Monróvia. Em 5/3, Soglo manda a Abidjã o vice-pres. Augustus Aikhomu e o chanceler Matthew Mbu,da Nigéria, para assegurar que foi um bombardeio acidental.

Em 29/5, reivindicando aumento salarial e benefícios sociais, 45 soldados da Guarda Republicana invadem o palácio presidencial e, como reféns, tomam hóspedes do chefe de Estado. Só deixam o local em 31/3, depois que Houphouët-Boigny promete estudar suas reivindicações. Como nada se resolve, a agitação retorna: em 4/4, 250 soldados promove tiroteios em diversos pontos da capital. A calma só se restabelece após negociações de que participam o min. da Defesa, Léon Konan Koffi, e representantes da Guarda Republicana. Mas a instabilidade permanece, prolongando-se pelo segundo semestre de 1993. A manutenção do equilíbrio interno é fundamental, pois dela dependem as negociações com a comunidade financeira internacional, das quais o novo governo espera concessões que lhe permitam conciliar a aplicação de um rigoroso plano de ajuste estrutural com as exigências da população, inquieta com as pressões que as crescentes medidas de austeridade exercem sobre ela.

Costa Rica

● **NOME OFICIAL:** República da Costa Rica. **Capital:** San José. **Nacionalidade:** costarriquenha ou costarriquense. **Hino:** *Nobre pátria, tua formosa bandeira* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos – oficial, 85,3%; protestantes, 14,7%). **Data nacional:** 15/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da América Central. **Área:** 51.100 km². **Limites:** Nicarágua (N); mar do Caribe (L); oceano Pacífico (O); Panamá (S e SE). **Características:** relevo montanhoso; litoral baixo; 3 cadeias vulcânicas (de N a S); vale fértil da Meseta Central (entre as cadeias). **Ponto mais elevado:** pico Chirripó (3.819 m). **Clima:** equatorial (litoral) e equatorial de altitude (interior). **Rio principal:** San Juan. **Cidades principais:** San José (294.200 hab.) (1990); Puerto Limón (43.200); Alajuela (41.400); Puntarenas (35.200) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): -3h.

● **POPULAÇÃO:** 3.161.000 (est.1992); **urbana:** 54% (1990). **Composição demográfica:** europeus, 87%; mestiços, 7%; mulatos, 3%; asiáticos (chineses), 2%; ameríndios, 2% (1985). **Crescimento demográfico:** 2,4% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 36,2%; 15-59: 57,4%; mais de 60: 6,4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 61,9 (1992). **Natalidade:** 27,4 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 3,8 por 1.000; **mortalidade infantil:** 15,3 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3 (1990). **Vida média homens:** 72,9; **mulheres:** 77,6 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 454 hab. (1990); **médicos:** 1 por 798 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 27,2% do orçamento (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 7,2% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 589,5 mil; **professores:** 21,5 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 57,8 mil; **professores:** 6,5 mil (1990). **Gastos:** 20,9% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 7/11/1949. **Divisão administrativa:** 7 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Unidade Social Cristã, Liberação Nacional. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Rafael Ángel Calderón Fournier (desde 8/5/1990). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Legislativa, com 57 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 16,1%; indústria, 25,7%; comércio, 20%; serviços, 38,2% do PIB (1990). **Agricultura:** café, banana, cana-de-açúcar, cacau, milho, arroz, feijão, batata. **Pecuária:** bovinos, suínos, eqüinos. **Pesca:** 21,1 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, bebidas, refino de petróleo. **Minerais:** ouro, bauxita, calcário, minério de ferro, enxofre, manganês. **Exportações:** US$ 1,6 bilhão; **produtos:** café, banana (1991). **Importações:** US$ 1,9 bilhão; **produtos:** matérias-primas, bens de consumo não duráveis, máquinas e equipamentos industriais (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Venezuela, Alemanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** colón costarriquenho (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 135,90 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 5,3 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.900 (1990); **crescimento anual:** 3% (1980–1990). **Inflação anual:** 23,5% (1980–1990). **Dívida externa:** US$ 3,7 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 1,1 milhão; **distribuição:** agricultura, 25,1%; indústria, 26,9%; comércio, 15,7%; serviços, 32,3%; **mão-de-obra feminina:** 29,7% (1991). **Desemprego:** 6,4% (1991).

● **DEFESA:** 7,5 mil (guarda civil e rural). **Gastos:** 0,4% do orçamento (1989).

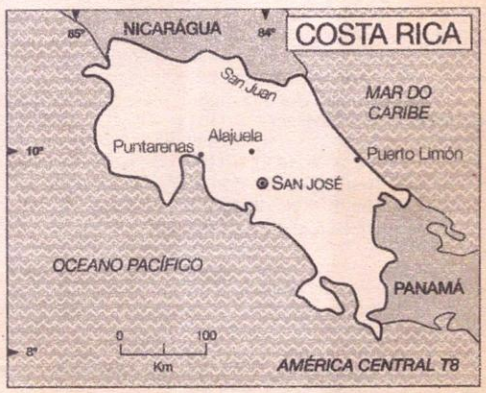
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 36,2 mil km; 20% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 263,9 mil; **automóveis:** 168,8 mil (1990). **Ferrovias:** 647 km (1990). **Portos:** Puntarenas, Limón, Caldera. **Linhas aéreas:** LACSA (vôos internacionais); SANSA (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 45; **receptores:** 1 por 12 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 5; **receptores:** 1 por 5,1 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 7 hab. (1990). **Jornais diários:** 6; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 102 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QL 10, cj. 4, casa 3, CEP 70630-100, Brasília, DF; tel. (061) 248-7656.

HISTÓRIA

Região dos índios guaymi, descoberta em 1501, foi ignorada pela Espanha devido à sua pobreza mineral; parte da capitania da Guatemala é colonizada por pequenos fazendeiros. **1821:** separação da Guatemala (15/9). **1822:** união da América Central com o México (5/1). **1823 – 1838:** vigência das Províncias Unidas da América Central, separadas do México. **1838:** independência (15/11). **1842:** Francisco Morazán tenta reconstituir as PUAC, mas, deposto, é fuzilado (15/7). **1848:** nova independência (30/8). **1856/57:** o americano William Walker, que se apossara da Nicarágua, tenta conquistar a região, mas é derrotado pela Aliança Centro-Americana. **1870 – 1882:** ditadura de Tomás Guardia. **1917 – 1919:** ditadura de



Federico Tinoco. **1932**: guerra civil; eleição de Ricardo Jiménez Oreamundo. **1948/49**: o pres. Teodoro Picado anula as eleições vencidas por Otilio Ulate; José Figueres lidera revolução civil e empossa Ulate; o Exército é dissolvido. **1963–1973**: erupções do Irazu e do Arenal e terremoto na província de Guanacaste devastam o país. **1978**: legalização do PC; crise política exacerbada por greve geral e tentativa de golpe. **1983**: tensão nas relações com a Nicarágua após ofensiva do guerrilheiro Edén Pastora. **1984**: desmanteladas as bases da anti-sandinista ARDE; crise econômica com o encerramento das atividades das companhias bananeiras americanas; o pres. Luís Alberto Monge renuncia ao projeto de neutralidade do país. **1985/86**: tensão crescente com a Nicarágua; o pres. Oscar Arias Sánchez tenta desmantelar as bases anti-sandinistas. **1987**: Arias recebe o Nobel da Paz por seu envolvimento no processo de paz centro-americano. **1990**: eleição do social-cristão Rafael Ángel Calderón Fournier (8/5). **1991**: rejeição popular às medidas do FMI e Banco Mundial: quebra-quebra e saques a lojas; renúncia do min. da Segurança Pública, Victor Herrera Alfaro, após o seqüestro, por agentes americanos, do cubano-americano Carlos Rafael Duque, ligado ao tráfico de drogas, e do min. do Planejamento, Helio Fellas, que discorda da política econômica de Calderón (ago.); renúncia do min. das Finanças, Thelmo Vargas, depois que Calderón, pressionado por manifestações, cancela a redução no orçamento da Educação (nov.). **1992**: grupos estrangeiros (jul.) propõem construção de ferrovia ligando os portos de Parismina, no Atlântico, e Cuajiniquil, no Pacífico (no país, empresas privadas estão proibidas de construir obras de infra-estrutura).

FATOS DO ANO

O país entra em 1993 economicamente abalado pelas oscilações, no mercado internacional, do preço da banana e do café, seus principais produtos de exportação. O programa de ajuste adotado pelo pres. Rafael Ángel Calderón Fournier é criticado pela oposição, pelos estudantes e sindicatos, que o acusam de empenhar-se demasiado nas questões fiscais, descuidando-se do resto, o que deixa o país à beira do colapso. Distanciam-se, assim, cada vez mais, os tempos em que a Costa Rica era conhecida por seus padrões de eficiência educacional, sanitária e assistencial de saúde pública e seguridade social, um oásis de boa qualidade de vida numa região marcada por sérios conflitos.

Financiamento suspeito – A imagem de Calderón também é prejudicada por acusações de que seu partido, o da Unidade Social Cristã, recebeu dinheiro do tráfico de drogas na campanha eleitoral de 1990. Com a queda do controle sobre o câmbio, há suspeitas de que o sistema bancário esteja sendo usado para a lavagem dos dólares do tráfico. Já em out. de 1992, o min. da Segurança Pública, Luís Fishman, tinha anunciado a investigação em catorze empresas nacionais suspeitas de envolvimento no repasse de US$ 100 milhões dos cartéis colombianos.

Além disso, num país onde não há Forças Armadas, ocorrem, durante o primeiro semestre de 1993, dois episódios violentos. Em 8/3, quatro nicaragüenses ocupam a embaixada de seu país em San José, mantendo 35 pessoas como reféns durante treze dias; entre elas está o emb. Alfonso Rabelo. E em 26/4, cinco indivíduos, que dizem pertencer a um "Comando da Morte" de terroristas colombianos, ligados a um dos cartéis de tráfico de drogas, invadem a sede do Tribunal Superior de Justiça e, por quatro dias, mantêm dezoito juízes e cinco funcionários presos, com explosivos amarrados ao corpo. Em 30/4, após prolongadas negociações com as autoridades policiais, concordam em levar os reféns até o aeroporto: ali, um comando antiterrorista os está esperando e liberta os prisioneiros. Os invasores, presos, são identificados como criminosos comuns costarriquenhos, que não tinham nenhuma motivação política.

Em troca da abertura do mercado – abrandamento das restrições cambiais e legalização do dólar paralelo – adotada em 1992, por sugestão do FMI, o país esperava a suspensão das barreiras comerciais a seus produtos e maior acesso ao mercado europeu de bananas, em função do qual expandiu sua produção. Mas já em set. de 1992 tinham fracassados as negociações para um acordo no GATT. Desde então, o país vem-se destacando por sua oposição à proposta da CEE de proteger as exportações de suas ex-colônias do Caribe, com prejuízo para os produtores latino-americanos. Nem em fev. de 1993, num encontro, em San Salvador, entre os representantes do Mercado Comum Centro-Americano e da CEE, chega-se a um acordo sobre a exportação de bananas. A venda do café também é prejudicada pela falta de um acordo no âmbito da Organização Internacional do Café. A alternativa, para reforçar o caixa, é incentivar o turismo, muito atraente num país banhado por dois oceanos e que tem 11% de seu território coberto por parques nacionais.

Croácia

● **NOME OFICIAL:** República da Croácia. **Capital:** Zagreb. **Nacionalidade:** croata. **Língua:** servo-croata, esloveno, macedônio (oficiais). **Religião:** cristianismo (católicos, 76,5%; ortodoxos, 11,1%; protestantes); islamismo, 1,2%; judaísmo (minoria). **Data nacional:** 8/10 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Europa. **Área:** 56.538 km². **Limites:** Eslovênia (N e NO); Hungria (NE); Iugoslávia e Bósnia-Herzegóvina (L); mar Adriático (S e O). **Características:** litoral com mais de 1,1 mil ilhas e ilhotas; cadeias de montanhas paralelas à costa (de N a S); região fértil (L); planícies dos rios Sava (S), Drava (N) e Danúbio (O). **Ponto mais elevado:** Vaganski (1.758 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Sava, Drava, Mura, Kupa. **Cidades principais:** Zagreb (930.753 hab.); Split (206.559); Rijeka (205.842); Osijek (164.589); Zadar (134.699) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 4.808.000 (est.1992). **Composição demográfica:** croatas, 78,1%; sérvios, 12,2%; húngaros, eslovacos e bósnios (minorias) (1991). **Crescimento demográfico:** 0,05% (1990). **Densidade (hab./km²):** 85 (1992). **Natalidade:** 11,9 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 11,4 por 1.000; **mortalidade infantil:** 10 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,7 (1985–1990). **Vida média homens:** 67; **mulheres:** 74 (1980–1982). **Leitos hospitalares:** 1 por 133 hab. (1990); **médicos:** 1 por 466 hab. (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e privada. **Alunos de 1º e 2º graus:** 713,2 mil; **professores:** 40,3 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 70,8 mil; **professores:** 6,6 mil (1990/91). **Gastos:** 4,3% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** dez. de 1991. **Divisão administrativa:** 102 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Democrática, Social-Liberal, Croata dos Direitos, Social-Democrata/Reforma Democrática, Sérvio do Povo. **Chefe de Estado:** pres. Franjo Tudjman (desde 30/5/1990). **Chefe de governo:** 1º-min. Nikica Valentić (desde mar./1993). **Legislativo:** bicameral – Câmara dos Deputados com 100 a 160 membros e Câmara dos Distritos com 63 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 11,2%; indústria, 56,6%; comércio, 19,4%; serviços (turismo, principal), 12,8% do PIB (1989). **Agricultura:** milho, beterraba, trigo. **Pecuária:** aves, suínos, bovinos. **Pesca:** 25 mil t (1991). **Indústria:** alimentícia, calçados, fumageira. **Minerais:** petróleo, gás natural, carvão, bauxita. **Exportações:** US$ 3,2 bilhões; **produtos:** equipamentos industriais e de transporte, químicos, alimentos e animais vivos, farmacêuticos, vestuário (1991). **Importações:** US$ 3,8 bilhões; **produtos:** matérias-primas e semimanufaturados, alimentos, bebidas, tabaco, vestuário, farmacêuticos (1991). **Parceiros comerciais:** Alemanha, Itália, Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** kuna. **Produto Interno Bruto (PIB):** US$ 7,5 bilhões (1992); **renda per**

capita: US$ 4.399 (1990); **crescimento anual:** -30% (1991). **Inflação:** de 435 a 1.355% (1992). **Força de trabalho:** 1,3 milhão (1991); **distribuição:** agricultura, 4,6%; indústria, 49,7%; comércio, 1,8%; serviços, 29,9%; **mão-de-obra feminina:** 44% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 105 mil (1992); **Exército:** 100 mil; **Marinha:** 5 mil; **Força Aérea:** 250; **outros:** 40 mil (polícia militar); 10 mil (Associação de Defesa Croata) e 4 mil (força aérea de defesa).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 32,1 mil km; 73% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 937,6 mil; **automóveis:** 865,5 mil (1990). **Ferrovias:** 2,4 mil km (1992). **Porto:** Rijeka. **Linhas aéreas:** Bonanca Air, Croatian Airlines (vôos domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 3,9 hab. (1989). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 4,5 hab. (1989). **Linhas telefônicas:** 1 por 4,3 hab. (1990). **Jornais diários:** 9; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 150 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Permanent Mission of the Republic of Croatia to the United Nations, 201 East 42nd St., 31st Floor, New York, NY 10017, EUA; tel. (001-212) 986-1585.

HISTÓRIA

Emigrando da Ucrânia para o vale do Danúbio (séc. VI) e, dali, para o Adriático, os *hrvati* expulsaram os primitivos habitantes avar e tomaram a cidade romana de Salona (614). Cristianizados (séc. VI), receberam um bispado em Nin e o direito de usar a língua nacional no serviço religioso. **Séc. VIII:** criação dos ducados da Panônia e Dalmácia. **812:** integração da Panônia ao Imp. Franco e da Dalmácia ao Bizantino. **860:** o chefe Branislav torna-se *dux Croatorum* (chefe dos croatas). **925:** Tomislav, coroado pelo papa João X, luta contra a Bulgária e Veneza. **969 – 997:** Stjepan Drzislav continua a luta contra Veneza, mas é dominado pelos bizantinos. **1058 – 1074:** Petar Kreshimir rompe com Bizâncio e expande seus domínios pelo Adriático. **1089:** Dmitrije Zvonimir apóia o papa na luta contra os turcos seljúcidas; a população rebela-se e o mata; guerra civil e nova dominação bizantina. **1091:** Lászlo I, da Hungria, ocupa a Panônia e, em **1094:** transforma-a no bispado de Zagreb, entregue ao bispo Álmos. **1093 – 1097:** o dálmata Petyar Svačić proclama-se rei mas é derrotado pelo húngaro Kálmán, apoiado pelo papa; domínio húngaro. **1493:** derrota de Lászlo II na Batalha de Krbavsko Polje; perda da região para o Imp. Otomano. **Séc. XVI–XVII:** retomada pelo Sacro Império e usada como a Vojná Krájina ("fronteira da guerra"), proteção da Europa contra o avanço turco. **1671:** sufocadas as rebeliões do conde Petar Zrinski e do duque Krsto Frankopan. **1724:** Sanção Pragmática: os Habsburgos impõem o domínio à Hungria e, por extensão, à Croácia. **1832:** surge o movimento pan-eslavista do conde Juraj Drasković e de Ljudevit Gaj. **1848:** campanha de Josip Jelačić pela independência e a federação com a Áustria. **1867/68:** o *Ausgleich* cria a monarquia dual austro-húngara; assinatura da *Nagodba*, acordo que faz da Croácia um Estado autônomo federado à Hungria. **1868 – 1882:** campanha contra a *Nagodba*, liderada pelo bispo Josip Strossmayer e Ante Starčević. **1883 – 1913:** a campanha de magiarização do gov. conde Károly Khün-Héderváry aumenta o nacionalismo croata, liderado, a partir de 1905, pelos irmãos Ante e Stjepan Radić. **1914 – 1917:** cresce a propaganda independentista. **1918:** ruptura com a Hungria (29/10) e adesão à Iugoslávia (1º/12). **1920:** S. Radić lidera a oposição à primazia sérvia; seu assassinato (1928) lança o país na crise. **1929:** ditadura do rei Aleksandar. **1939:** *Spozarum*, acordo de autonomia relativa dentro da Iugoslávia. **1941 – 1945:** independência (10/4) com apoio do Eixo; ditadura do fascista Ante Pavelić, líder da *Ustasha*; extermínio de sérvios, judeus e antifascistas; execução dos rebeldes Ante Vokić e Mladen Lorković; vitória comunista; fuga de Pavelić para a Argentina. **1946:** reintegração à Iugoslávia; mas prossegue o nacionalismo croata.

FATOS DO ANO

Embora menos sangrentos do que na Bósnia, os combates ainda prosseguiam, no segundo semestre de 1993. Acordos como o da retirada das forças federais da península de Prevlaka, no extremo sul, tinham sido obtidos; mas as conseqüências econômicas da guerra abalavam as estruturas da República. Após sua reeleição, em 2/8/1992, o pres. Franjo Tudjman conseguiu a reabertura da principal ligação rodoviária Zagreb-Belgrado, através de um acordo com a Nova Federação Iugoslava, negociado pelo mediador da ONU, o ex-secretário de Estado americano Cyrus Vance. E a desocupação da península foi feita em troca da promessa de desmilitarização da área – fundamental para os sérvios, que, após a independência da Croácia, têm como saída para o mar apenas o porto de Kotor, facilmente controlável a partir de Prevlaka.

Patrimônio devastado – Será muito difícil a recuperação dessa área, devolvida a Zagreb, em out. de 1992, pelos soldados da ONU que a supervisionavam: calcula-se em US$ 3,5 bilhões a reconstrução de Dubrovnik, cujo patrimônio arquitetônico foi devastado por 650 mil mísseis sérvios. Mas é impossível avaliar os custos dos saques e da violência física praticada pelos invasores contra a população civil. Outro problema a resolver é o dos rebeldes sérvios que, no enclave de Krajina, na fronteira com a Bósnia, mantêm, pela força das armas, uma autoproclamada República que nem Belgrado reconheceu. Três mil pessoas morreram, em nov. de 1992, na tomada de Vukovar e, em jan. de 1993, os revoltosos atingem a barragem de Peruca, em território croata, colocando em risco a população vale abaixo e cortando o fornecimento de energia elétrica à Dalmácia, cuja população, isolada do resto do país pela secessão na Krajina, manifesta seu descontentamento com Tudjman promovendo manifestações autonomistas.

Preocupado em evitar a proliferação dos separatismos, Tudjman oferece anistia e autonomia relativa aos sérvios da Krajina; e estes permitem a reconstrução da ponte de Maslenica, que liga o norte e o sul do país. Divergências sobre um acordo, porém, fazem os sérvios logo reiniciarem as hostilidades; e nem os "capacetes azuis" da ONU, sob a chefia do francês gen. Jean Cot, conseguem garantir a segurança na ponte. Paralelamente, 99% do eleitorado de Krajina são favoráveis à união com os sérvios da Bósnia; mas, até o final de 1993, nenhuma medida é tomada nesse sentido.

Quanto ao conflito na Bósnia, oficialmente Tudjman só apóia as reivindicações das regiões onde os bósnios-croatas são maioria; mas afirma-se que, em 1991, ele teria chegado a um entendimento com o pres. Slobodan Milosević para que, no caso de uma partilha da Bósnia, ficassem reservados aos bósnios muçulmanos, que são

44% da população, apenas 15% do território. Ele se recusa também a comentar o massacre de bósnios muçulmanos por bósnios-croatas, no primeiro semestre de 1993, em Mostar, onde seus patrícios chegaram a usar o símbolo dos *ustashes*, os croatas que, durante a II Guerra Mundial, aderiram ao nazismo. Por esses motivos, em fev. de 1993, Moscou defende, na ONU, a extensão das sanções internacionais a Zagreb.

Essas sanções, que não chegam a ser aplicadas, agravariam muito a crise de um país com 2% de inflação ao dia e 20% de desemprego – o que a força, em jan. de 1993, a pedir um empréstimo ao FMI. Os 6 milhões de turistas que a costa adriática recebia desapareceram e, com eles, a entrada de moeda estrangeira. Agora, a região abriga 700 mil refugiados balcânicos. Em mar., os trabalhadores reagem com uma greve geral que provoca a queda do 1º-min. Hrvoje Sarnić, substituído por Nikica Valentić. Militante da governista *Hrvatska Demokratska Zajednica* (União Democrática Croata) e pres. da INA, a estatal do petróleo, Valentić é um "especialista em privatizações". A imprensa, entretanto, apesar de ter seus direitos cerceados, denuncia negociatas que a cúpula da HDZ teria feito ao desestatizar algumas empresas. Sem muito espaço para manobras, o novo governo tenta, em jun., uma medida considerada superficial: faz voltar a kuna, utilizada, na II Guerra, pelo governo pró-nazista de Ante Pavelić.

Cuba

● **NOME OFICIAL:** República de Cuba. **Capital:** Havana. **Nacionalidade:** cubana. **Hino:** De Bayama (título). **Língua:** espanhol (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, 39,6%; protestantes, 3,3%); ateus, 55,1%. **Datas nacionais:** 1º/1 (Liberdade); 25–27/7 (Aniversário da Revolução); 10/1 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da América Central. **Área:** 110.681 km². **Limites:** estreito da Flórida (N); oceano Atlântico (L); mar das Antilhas (S); canal de Yucatán (O). **Características:** arquipélago com cerca de 1,6 mil ilhas (ilhas de Cuba e Pinos, principais); 3/5 do território plano ou levemente ondulado com vales férteis e planícies; montanhas (L). **Ponto mais elevado:** pico Turquino (1.994). **Clima:** tropical. **Rios principais:** Canto, Zaza, Jatibonico del Sur, Sagua La Grande, San Pedro. **Cidades principais:** Havana (2.077.900 hab.); Santiago de Cuba (397.000); Camagüey (279.000); Holguín (222.800); Guantánamo (197.900) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

● **POPULAÇÃO:** 10.848.000 (est.1992); **urbana:** 72,8% (1990). **Composição demográfica:** brancos, 66%; mestiços, 21,9%; negros, 12%; outros, 0,1% (1981). **Crescimento demográfico:** 1,1% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 23,3%; 15-59: 64,9%; mais de 60: 11,8% (1989). **Densidade (hab./km²):** 97,9 (1992). **Natalidade:** 18 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 7 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 11,1 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,1 (1991). **Vida média homens:** 73; **mulheres:** 78 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 141 hab.; **médicos:** 1 por 303 hab. (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 4% (1985). **Alunos de 1º e 2º graus:** 2,3 milhões; **professores:** 180,4 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 242,4 mil; **professores:** 24,5 mil (1989/90). **Gastos (educação e saúde pública):** 21,4% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República presidencialista de modelo socialista. **Data da Constituição em vigor:** 24/2/1976 (1 emenda). **Divisão administrativa:** 4 províncias e 1 municipalidade (Ilha da Juventude). **Regime partidário:** unipartidarismo; **partido:** Comunista de Cuba. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Fidel Castro Ruz (desde 2/12/1976). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional do Poder do Povo, com 589 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 15,9%; indústria, 51,4%; mineração, 3,9%; comércio, 20,1%; serviços, 8,7% do PIB (1989). **Agricultura:** cana-de-açúcar, tabaco, arroz, frutas cítricas, banana. **Pecuária:** bovinos, suínos, eqüinos. **Pesca:** 188,2 mil t (1990). **Indústria:** têxtil, calçados, fumageira, eletricidade, cimento. **Minerais:** níquel (principal); cobre, cromita, ouro, manganês, minério de ferro. **Exportações:** US$ 5,5 bilhões; **produtos:** agrícolas (açúcar, principal); minerais, reexportação de combustíveis minerais (1988). **Importações:** US$ 7,6 bilhões; **produtos:** combustíveis minerais, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1988). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI, Alemanha, Rep. Tcheca, Eslováquia, Bulgária, Romênia, China, Espanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** peso cubano (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 0,70 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 20,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.000 (1990); **crescimento do Produto Interno Bruto (PIB):** 4,1% (1980–1990). **Dívida externa:** US$ 6,8 bilhões com países ocidentais (1989) e 24,8 bilhões com as Repúblicas da CEI (1990). **Força de trabalho:** 4,6 milhões; **distribuição:** agricultura, 20,4%; indústria, 31,6%; comércio, 11,2%; serviços, 35,3%; outros, 1,5 %(1989); **mão-de-obra feminina:** 36,1% (1988). **Desemprego:** 6% (1988).

● **DEFESA: Efetivo total:** 175,5 mil (1992); **Exército:** 145 mil; **Marinha:** 13,5 mil; **Força Aérea:** 17 mil; **outros:** 15 mil paramilitares. **Gastos:** 9,5% do orçamento (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 46,6 mil km; 27% pavimentados (1986); **nº de veículos:** 452,7 mil; **automóveis:** 244,3 mil (1988). **Ferrovias:** 4,8 mil km (1989). **Portos:** Havana, Santiago de Cuba, Cienfuegos, Nuevitas, Matanzas, Antilla, Guayabal, Mariel. **Linhas aéreas:** CUBANA (vôos internacionais e domésticos); Aerocarribbean (charters).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 3,1 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 4,3 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 18 hab. (1990). **Jornais diários:** 19; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 121 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 5, cj. 18, casa 1, CEP 70481-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-4710.

HISTÓRIA

Descoberta por Colombo (1492), torna-se ponto de passagem das frotas que transportam produtos da colônia para a metrópole. **1868 – 1878:** Guerra dos Dez Anos; início da luta pela independência. **1895:** Guerra da Independência, liderada pelo poeta José Martí e pelos gen. Antonio Maceo e Máximo Gómez. **1898:** Guerra Hispano-americana (15/2–10/12): derrotada, a Espanha cede as Filipinas, Porto Rico, Guam e Cuba aos EUA. **1902:** independência; na Constituição, a Emenda Platt permite intervenção americana. **1908/09–1917:** ocupações pelos EUA. **1925–1933:** ditadura de Gerardo Machado, deposto por uma greve geral que o força a exilar-se. **1934–1959:** revogada a Emenda Platt; os EUA conservam a base naval de Guantánamo; ditadura do sarg. Fulgencio Batista, que depõe o pres. Carlos Prío Socarrás e instala um regime impopular.1953: Fidel Castro Ruz ataca o quartel de La Moncada, em Santiago de Cuba (jul.), é preso, depois solto e se exila **1956:** Castro volta ao país e reinicia a guerrilha em Sierra Maestra. **1959:** queda de Batista (1º/1); a Constituição de 1940 é substituída por uma Lei Fundamental e o governo emite decretos de reforma agrária e nacionalização de vários setores. **1960:** as empresas americanas recusam-se a refinar o petróleo soviético e são desapropriadas; em represália, os EUA cortam a importação de açúcar. **1961:** ruptura com os EUA; fracassa a tentativa americana de desembarcar exilados na baía dos Porcos; estabelecida a primeira República socialista da América. **1962:** expulsão da OEA; ruptura com Havana da maioria dos países do continente; crise dos mísseis: bloqueio dos EUA contra a instalação de mísseis soviéticos; a URSS recua em troca da garantia de não-intervenção dos EUA. **1974:** Venezuela e Panamá reatam relações. **1976:** nova Constituição. **1977:** "escritório de interesses" dos EUA em Havana. **1978/79:** anistia

para novecentos presos políticos. **1980**: 10 mil cubanos se refugiam na embaixada do Peru; nos meses seguintes, 125 mil vão para os EUA. **1981 – 1983**: os EUA ameaçam com o bloqueio naval, acusando Castro de apoiar a guerrilha da América Central; este, alegando defesa, recebe armamento da URSS. **1984**: acordo com os EUA, sobre o retorno de 2.746 cubanos "indesejáveis" (dez.), é cancelado em **1985**: ao entrar em funcionamento, nos EUA, a Rádio Martí, de propaganda anticastrista. **1986**: reatamento com o Brasil (25/6); ampliação, pelos EUA, do boicote comercial de 1961 (ago.). **1987**: corte de subsídios e despesas estatais; aumento das tarifas básicas; 300 funcionários demitidos por corrupção. **1989**: ataques de Fidel à *pierestróika* na URSS; execução do gen. Arnaldo Ochoa Sánchez e quatro oficiais (13/7) e vinte anos de prisão para os min. José Abrantes, do Interior, e Torralba González, dos Transportes, por tráfico de drogas. **1990**: "crise das embaixadas": asilo dado pela Tcheco-Eslováquia a sete dissidentes da associação Pró-Arte Livre; crise econômica e energética: medidas de desburocratização e concessão de eleições diretas para os comitês municipais; em Porto Rico, criação do Partido Democrático, de oposição (dez.). **1991**: os cidadãos com no mínimo 20 anos podem viajar para o exterior (6/8); retirada de 3 mil soldados soviéticos; oito organizações dissidentes unem-se na Coalizão Democrática; o IV Congresso do PC (10 a 13/10) aprova a eleição direta para as Assembléias nacional e provinciais; prisão para os dissidentes Elena Cruz Varela e Jorge Aracelio Pomar, do grupo Critério Alternativo (nov.); o boletim clandestino da Associação Martí de Oposição ao Regime, integrada por altos funcionários, acusa o governo de "incompetência" (dez.). **1992**: fim da ajuda militar a movimentos de libertação no exterior (13/1); condenação à morte de Eduardo Díaz Betancúr e Daniel Candelario Santovena, e a trinta anos de prisão de Pedro Álvarez Pedroso, que se infiltraram no país vindos dos EUA (16/1); Betancúr é executado (21/1); Candelario recebe 30 anos de prisão; a Rússia retira 650 dos 2.600 soldados da Brigada de Treinamento do Exército (fev.); substituição do chanceler Isidoro Malmierca pelo ortodoxo Ricardo Alarcón de Quesada (jun.); Fidel recebe o poder de decretar o "estado de emergência"; os deputados passam a ser eleitos por voto direto e secreto; garantia de liberdade religiosa à população; restrição da propriedade estatal aos meios de produção "fundamentais"; pequenos proprietários podem vender suas terras (jul.).

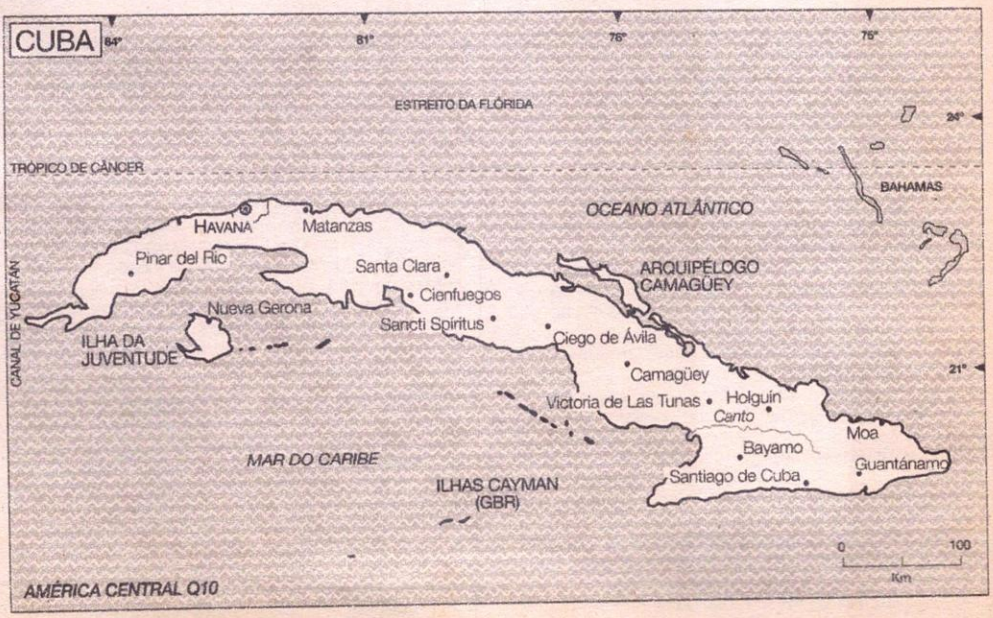
FATOS DO ANO

"Prova de fogo para o regime" é como o próprio Fidel Castro descreve o segundo turno, em 24/2/1993, das eleições iniciadas em 20/12 do ano anterior, para a escolha dos 589 deputados à Assembléia Nacional e dos 1.190 delegados das assembléias provinciais. Mesmo sem existir oposição legal, ele sabe que é grande o descontentamento popular com a crise econômica. Fidel e seu irmão, Raúl Castro, são eleitos deputados com 99% dos votos; mas o líder surpreende os jornalistas estrangeiros ao declarar, em 25/2, que pretende deixar o poder dentro de cinco anos.

O processo que levou às eleições encerradas em fev. de 1993 se iniciara em 30/10/1992, com a aprovação, na Assembléia Nacional, do projeto de lei que permitiu a eleição de deputados provinciais e nacionais pelo voto secreto e direto. Proposta desde o IV Congresso do PC (out./1991), a nova lei previa que 50% dos membros da futura Assembléia sairiam dos conselhos municipais e seriam representantes das organizações populares de operários, agricultores, estudantes e mulheres, vinculadas ao partido. Embora a dissidência interna – que tem crescido com a crise econômica, mesmo não a ponto de desestabilizar o governo – alertasse que, dessa forma, nenhum opositor passaria pelo crivo dos Conselhos, foi a primeira vez que não-filiados ao PC puderam concorrer.

Política de renovação – No primeiro turno, em 20/12/1992, cerca de 7,4 milhões de cubanos escolheram os 13.865 conselheiros municipais; mas os dissidentes boicotaram o pleito em protesto contra as intimidações durante a campanha: em 12/10, o independente Elizardo Sánchez Santa Cruz, ativista da defesa dos direitos humanos, tivera de ser internado num hospital militar após ser espancado por desconhecidos; e a casa de outros dissidentes fora cercada por soldados. As eleições de 1992/93 renovam 83% da Assembléia e a média de idade dos parlamentares baixa para 43 anos; mas só 13% dos eleitos não pertencem ao PC. Dentro dessa política de rejuvenescimento dos quadros, o sec.-geral da Juventude Comunista, Roberto Robaina González, é nomeado chanceler em substituição a Ricardo Alarcón. Os analistas creem que o surgimento de novas personagens na cena política poderá ser um fator de alívio para a tensão interna, na medida em que dará novas esperanças a um eleitorado desiludido com os políticos veteranos.

A crise econômica, porém, é tão grande que, em



26/7/1993, o tradicional comício de aniversário do assalto, em 1953, ao quartel de La Moncada é substituído por uma cerimônia fechada. Desde o colapso do bloco soviético, de que o país recebia petróleo, alimentos, matérias-primas e insumos industriais em troca de açúcar, níquel e cítricos, a economia cubana vive no que o governo chama de "regime especial". A Guerra Fria cessou, mas não o embargo comercial decretado pelos EUA desde 1961 e intensificado com a adoção pelo Congresso americano, em out. de 1992, da Emenda Torricelli, que proíbe às subsidiárias estrangeiras de empresas americanas comerciarem com Cuba – embargo suplementar que persiste, apesar das críticas internacionais à emenda e da recomendação da ONU, em nov. de 1992, para que as sanções cessassem.

Economia em pane – Carente de fundos e sem crédito internacional, pois não tem condições de pagar sua dívida externa, Cuba não pôde substituir seus antigos fornecedores soviéticos e muito menos concluir sua primeira usina nuclear, a de Jaraguá, que lhe forneceria 25% do total de suas necessidades energéticas. O racionamento de alimentos, combustíveis e energia chega a tal ponto que, em jun. de 1993, o principal estrategista econômico do governo, Carlos Lage, admite o fracasso da política de evitar choques bruscos aumentando os preços ou reduzindo os empregos. A falta de maquinaria, fertilizantes e peças de reposição provoca a queda na produção de cana-de-açúcar e tabaco. Em mar. de 1993, chuvas torrenciais destroem 6 milhões de bananeiras. Tendo colhido apenas 4,2 milhões t de cana em vez das 7 milhões habituais, o governo é obrigado a suspender, em jul., as exportações, com que, no ano anterior, obtivera a receita de US$ 500 milhões – valor semelhante ao da entrada, em 1992, do setor de turismo, devido às vantajosas *joint-ventures* com cadeias européias de hotéis.

Em jul.de 1993, em meio a um racionamento de combustível e energia que força blecautes de dez a vinte horas diárias, paralisando atividades fabris, administrativas e domésticas, já não se consegue mais manter o mínimo de 2 mil calorias diárias por habitante; e a cegueira ameaça milhares de pessoas atacadas de nevrite óptica devido à falta de vitaminas. O desemprego e a falta de lazer fazem crescer a delinqüência e o vandalismo. Na tentativa de reinserir o país no comércio mundial, Cuba se esforça por multiplicar vendas de produtos farmacêuticos, equipamentos médicos, biotecnologia e serviços (treinadores de atletas, médicos e instrutores de balé).

Precedido de grande expectativa, o discurso de Fidel em 26/7, no 40º aniversário da Revolução, autoriza os cubanos a possuírem dólares para deter o descontrolado mercado negro e, assim, atrair divisas para os cofres do Estado. Com o mesmo intuito, Fidel amplia as permissões para que cubanos residentes no exterior visitem o país e reitera o convite às multinacionais – inclusive as americanas – para que explorem o petróleo cubano. Os EUA reagem advertindo que continua a restrição ao envio de dólares para Cuba – calcula-se que US$ 500 milhões sigam esse destino anualmente –; mas empresários americanos, antecipando o momento em que o governo Clinton adote posição mais aberta em relação a Havana, já começam a visitar a ilha à procura de negócios potenciais. Sinal do desejo de mudança é o acordo da United Airlines com a ABC Charters, de Miami, em ago. de 1993, para fazer quatro vôos semanais ligando a Flórida a Havana – uma linha que atenderá os exilados que voltam ao país para rever os parentes e homens de negócios que queiram preparar-se para o futuro. E em 9/9/1993, é autorizada a formação de empresas privadas, medida que, na verdade, destina-se a legalizar o trabalho de autônomos prestadores de pequenos serviços que, há muito tempo, já trabalhavam clandestinamente.

Ainda assim, os analistas consideram essas medidas vagas e insuficientes diante da situação de calamidade; e a inexistência de mudanças políticas que as acompanhem mostra a opção pelo modelo chinês e vietnamita: pragmatismo econômico com autoritarismo de Estado. É por isso que dois altos funcionários, José Luis Rodríguez e Arturo Guzmán, visitam Hanói e Pequim em busca de "pontos de referência". E durante a reunião de cúpula Ibero-Americana (Salvador, Bahia, jul. de 1993), Fidel rejeita o pluripartidarismo e mudanças no sistema político. O que não o impede, em 4/8, de proceder ao maior remanejamento ministerial dos últimos anos, mudando os ministros da Agricultura, a Indústria Açucareira, as Comunicações e as Finanças do Estado. A perspectiva de uma mudança é trazida, em 3/11, pela resolução da Assembléia Geral da ONU, que, por 88 votos a 4 (EUA, Israel, Albânia e Paraguai), e 57 abstenções, pediu o fim do bloqueio econômico, financeiro e comercial à ilha.

Dinamarca

● **NOME OFICIAL:** Reino da Dinamarca. **Capital:** Copenhague. **Nacionalidade:** dinamarquesa. **Hino:** Rei Cristiano (título). **Língua:** dinamarquês (oficial). **Religião:** cristianismo (luteranos, 90,6% – oficial; católicos, 0,5%); judaísmo 0,1%. **Data nacional:** 5/6 (Constituição).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da Europa. **Área:** 43.093 km². **Limites:** estreito de Skagerrak (N); mar Báltico (L); Alemanha (S); mar do Norte (O). **Características:** relevo baixo e plano; litoral recortado por pântanos, florestas e fiordes; numerosos lagos (Mos e Fie na Jutlândia; Arre, Fureso e Esron na ilha de Lolland, principais). **Ponto mais elevado:** Yding Skovhoej (173 m). **Clima:** temperado oceânico. **Rios principais:** Storas, Skjern, Gudensal. **Cidades principais:** Copenhague (1.337.100 hab. – área metropolitana); Arhus (200.200); Odense (139.000); Alborg (113.600); Frederiksberg (85.600) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 5.167.000 (est.1992); **urbana:** 84,8% (1990). **Composição demográfica:** dinamarqueses, 97,1%; asiáticos, 1,2%; turcos, escandinavos, britânicos, iugoslavos (minorias) (1990). **Crescimento demográfico:** 0,05% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 17%; **15-59:** 62,7%; **mais de 60:** 20,3% (1992). **Densidade (hab./km²):** 119,9 (1992). **Natalidade:** 12,4 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 11,9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 7,5 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,7 (1990). **Vida média homens:** 72; **mulheres:** 77,7 (1989/90). **Leitos hospitalares:** 1 por 177 hab.; **médicos:** 1 por 360 hab. (1990). **Gastos (segurança e bem-estar social):** 24% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** insignificante. **Alunos de 1º e 2º graus:** 944,3 mil (1990/91); **professores:** 70,2 mil (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 126,2 mil (1990/91); **Gastos:** 5% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 5/6/1953. **Divisão administrativa:** 14 departamentos e 2 comunas. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Social Democrata, Conservador do Povo, Liberal, Socialista do Povo, Liberal Radical, Centro Democrático, Progresso, Cristão do Povo. **Chefe de Estado:** rainha Margrethe II (desde 14/1/1972). **Chefe de governo:** 1º-min. Poul Nyroup Rasmussen (jan./1993). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 179 membros (175 representantes da metrópole da Dinamarca e 4 das Ilhas Faroe e Groenlândia), eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 4,1%; indústria, 26,7%; mineração, 1,2%; comércio e serviços (finanças, principal), 68% do PIB (1991). **Agricultura:** trigo, cevada, batata, grãos. **Pecuária:** suínos, bovinos, aves. **Pesca:** 1,6 mil t (1991). **Indústria:** alimentícia, metalúrgica, siderúrgica, química, farmacêutica, gráfica e editorial, máquinas industriais e equipamentos de transporte, eletrônica. **Minerais:** petróleo, gás natural, titânio, zircônio, ítrio. **Exportações:** US$ 45,1 bilhões; **produtos:** alimentos, químicos, máquinas industriais (1991). **Importações:** US$ 32,2 bilhões; **produtos:** químicos, máquinas industriais, manu-

faturas básicas (ferro, aço, papel) (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Alemanha, Suécia, Grã-Bretanha, principais). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** coroa dinamarquesa (dividida em 100 ore); **cotação para 1 US$:** 5,48 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 121,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 23.660 (1991); **crescimento anual:** 2,2% (1980–1991). **Inflação:** 2,5% (1992). **Dívida externa:** US$ 45,1 milhões (1990). **Força de trabalho:** 2,9 milhões; **distribuição:** agricultura, 5,4%; indústria, 27,6%; comércio, 14,7%; serviços, 50,6%; outros, 1,7%; **mão-de-obra feminina:** 46,1% (1990). **Desemprego:** 11% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 29,2 (1992); **Exército:** 17,3 mil; **Marinha:** 4,9 mil; **Força Aérea:** 7 mil; **outros:** 69,2 mil (guarda nacional). **Gastos:** 4,5% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 71,1 mil km pavimentados (1991); **nº de veículos:** 1,9 milhão; **automóveis:** 1,6 milhão (1990). **Ferrovias:** 2,8 mil km (1990). **Portos:** Copenhague, Arhus, Alborg, Fredericia, Esbjerg. **Linhas aéreas:** DDL, Conair, Star Air, Sterling Airways, Maersk Air (vôos internacionais e domésticos); Muk Air, Cimber Air Denmark (domésticos e regionais); Danair (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 2,3 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 3; **receptores:** 1 por 1,7 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,2 hab. (1989). **Jornais diários:** 48; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 359 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, Lote 26, CEP 70416-900, Brasília, DF; tel. (061) 242-8188.

HISTÓRIA

Os vikings, navegadores de origem germânica, chegam à região no séc. VII a.C.; um de seus chefes, Rollon, torna-se duque da Normandia (911). O reinado, criado em 950, é convertido numa monarquia anglo-dinamarquesa por Canuto, o Grande (1018). **1066:** os dinamarqueses são expulsos da Inglaterra pelos normandos. **1167:** fundação de Copenhague. **1397–1523:** fusão da Dinamarca, Islândia, Noruega e Suécia pelo Tratado de Kalmar; desfaz-se gradualmente a partir de 1438. **1658–1679:** perda do Halland, Blekinge e Escânia para a Suécia. **1815:** aliada da França nas Guerras Napoleônicas, perde a Noruega para a Suécia. **1864:** guerra com a Prússia e a Áustria: perde o Schleswig-Holstein, que recupera, por plebiscito, em 1920. **1940–1945:** ocupação nazista. **1973:** ingresso na CEE. **1985:** greves contra a política econômica do conservador Poul Schlüter. **1987:** acordo reduz a jornada de trabalho de 39 para 37 horas semanais. **1988:** proibição de aportar para navios estrangeiros que levem armas nucleares; reeleição de Schlüter com coligação conservadora-liberal-radical. **1990:** nas eleições antecipadas (12/12), os social-democratas sobem de 29% para 37%, mas não obtêm maioria; nova coalizão de Schlüter com conservadores e liberais. **1991:** cortes nos gastos sociais e reforma tributária; acordo, com a Suécia, para a construção da rodovia e ferrovia submarinas Copenhague–Malmö, através do estreito de Sund (27/8). **1992:** rejeição, em plebiscito – 50,7% x 49,3% –, do Tratado de Maastricht (2/6).

FATOS DO ANO

O 1º-min. Poul Schlüter, no cargo desde 1982, renuncia em 14/1/1993, após a publicação, pela Corte Suprema, de um relatório que demonstra ter ele mentido ao Parlamento, em 1989, ao afirmar que ignorava as práticas ilegais de seu então min. da Justiça, Erik Nimm-Hansen. Entre 1987/88, este bloqueara os trâmites legais para o reagrupamento de famílias de refugiados tâmiles, vindos do Sri Lanka. Essa revelação faz com que, após dez anos de domínio conservador, o governo passe – no momento em que é a Dinamarca a responsável pela presidência rotativa da CEE – para as mãos do líder social-democrata Poul Nyroup Rasmussen. Em 25/1, ele apresenta à rainha Margrethe II o seu ministério, que conta com o apoio dos esquerdistas Partido Liberal Radical, de Centro Democrático e Popular Cristão. O mercado financeiro reage positivamente à mudança: não há desvalorização da moeda e os títulos da dívida permanecem estáveis. Duas são as prioridades do governo de Rasmussen: gerar maior número de empregos para reduzir a taxa de 11% de desemprego, em 1992, e ganhar o referendo de mai. sobre a unificação européia.

Quase um ano após terem rejeitado o Tratado de Maastricht, pondo em risco o projeto de consolidação da nova Europa, os dinamarqueses aprovam, em 18/5/1993, a união econômica, monetária e política da CEE. A aprovação, por 56,8% dos votos contra 43,2% de "não", é conseqüência da reação apreensiva dos parceiros europeus ao resultado de jun. de 1992, o que os levou a concordar com um tratamento especial para a Dinamarca, dando-lhe o direito de aprovar os pontos básicos do tratado, mas rejeitar outros mais delicados, como a moeda única e a política comum de defesa. Para os dirigentes da CEE, o resultado desse segundo referendo significa o fim de uma fase de incerteza sobre a unificação.

Redução no imposto – O primeiro fruto da aprovação é o debate imediato sobre o projeto de reforma fiscal, adotado por maioria absoluta, no *Folketing* (o Parlamento), em 24/6. Os contribuintes dinamarqueses, os mais pesadamente taxados em toda a Europa, se alegram com a perspectiva de uma redução progressiva na alíquota do imposto de renda, de 1994 a 1998, de 68% para 58% sobre os maiores salários, e de 52% para 38% para os de menor renda. A medida faz parte de um plano para sair da recessão e reativar o consumo interno, estagnado durante os últimos cinco anos. Prevê-se, para 1994, um excedente de 60 bilhões de coroas dinamarquesas na balança comercial, apesar da recessão econômica européia, e um excedente de cerca de 25 bilhões na balança de pagamentos.

Em 15/7, quando a crise na Bolsa de Valores francesa faz surgir o temor de que a moeda nacional se enfraqueça no mercado externo, a pres. do Banco Central, Kirsten Morhorst, apressa-se a negar que o governo pretenda retirar a coroa do Sistema Monetário Europeu; e a min. da Economia, Marianne Jelved, garante não haver a intenção de desvalorizá-la. A tese do governo de que tudo não

passou de manobra de especuladores não desfaz de todo, porém, a preocupação com o estado vulnerável da economia dinamarquesa. Apesar disso, o governo Rasmussen dá como seguro, para 1993, um crescimento da ordem de 2,1% do PIB e, para 1994, de 2,4%.

Djibuti

● **NOME OFICIAL:** República do Djibuti. **Capital:** Djibuti. **Nacionalidade:** djibutiense. **Hino:** Nacional (sem letra). **Língua:** árabe e francês (oficiais); somali, dialetos afar e issa. **Religião:** islamismo (sunitas, 94%); cristianismo (católicos, 4%; protestantes, 1%; ortodoxos). **Data nacional:** 27/6 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da África. **Área:** 23.200 km². **Limites:** Eritréia (N); Etiópia (S e O); golfo de Áden (L); Somália (SE). **Características:** solo de origem vulcânica; desertos (maior parte); relevo baixo (L); planície e bacias hidrográficas (interior). **Ponto mais elevado:** monte Djebal Mussa Ali (2.063 m). **Clima:** árido tropical. **Rio principal:** Helê (seco na maior parte do ano). **Cidades principais:** Djibuti (450.000 hab.); Ali Sabieh (4.000); Tadjura (3.500); Dikhil (3.000) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 557.000 (est.1992); **urbana:** 80,8% (1990). **Composição demográfica:** somalianos, 61,7% (issas, 33,4%; gadaburis, 15%; issaques, 13,3%); afars, 20%; árabes, 6%; europeus, 4%; outros, 8,3% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,9% (1990–1995). **Faixas etárias:** 0-14: 45,2%; 15-59: 50%; mais de 60: 4,8% (1990). **Densidade (hab./km²):** 24 (1992). **Natalidade:** 45,8 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 16,4 por 1.000; **mortalidade infantil:** 112 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,6 (1990). **Vida média homens:** 47,4; **mulheres:** 50,7 (1990–1995). **Leitos hospitalares do Estado:** 1 por 369 hab.; **médicos do Estado:** 1 por 5,3 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 3,9% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 66,3% (1987). **Alunos de 1º e 2º graus:** 39,7 mil; **professores:** 1 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 161 (1989/90). **Gastos:** 7,7% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 15/9/1992. **Divisão administrativa:** 5 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Popular do Progresso, Renovação Democrática. **Chefe de Estado:** pres. Hassan Guled Aptidon (desde 27/6/1977). **Chefe de governo:** 1º-min. Barkad Gurad Hamadu (desde 21/9/1978). **Legislativo:** unicameral – Câmara dos Deputados, com 65 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 3,1%; indústria, 14,7%; comércio, 10,8%; serviços, 71,4% do PIB (1986). **Agricultura:** maior parte da terra não é adequada ao cultivo. **Pecuária:** caprinos, ovinos, bovinos. **Pesca:** 400 t (1990). **Indústria:** móveis, bebidas não alcoólicas, carnes e peles, eletromecânica leve, água mineral. **Minerais:** sal e matérias-primas de construção para utilização local. **Exportações:** US$ 17,3 milhões; **produto:** animais vivos (inclusive camelos) (1991). **Importações:** US$ 214,4 milhões; **produtos:** bens de consumo, verduras e legumes, bebidas, vinagre, tabaco, máquinas, equipamentos de transporte, minerais (1991). **Parceiro comercial:** França. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco do Djibuti (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 177,72 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 216 milhões; **renda per capita:** US$ 600 (1986); **crescimento anual do PIB:** 2% (1980–1986). **Inflação:** 3% (1989). **Dívida externa:** US$ 150 milhões (1990). **Força de trabalho:** 165 mil; **distribuição:** agricultura, 76,9%; indústria, 8,5%; comércio e serviços, 14,6% (1987); **mão-de-obra feminina:** 39,1% (1985). **Desemprego:** 40% a 50% (1987).

● **DEFESA:** **Efetivo total:** 3,2 mil (1992); **Exército:** 3 mil; **Marinha:** 100; **Força Aérea:** 100; **outros:** 600 paramilitares. **Gastos:** 18,2% do orçamento (1990).

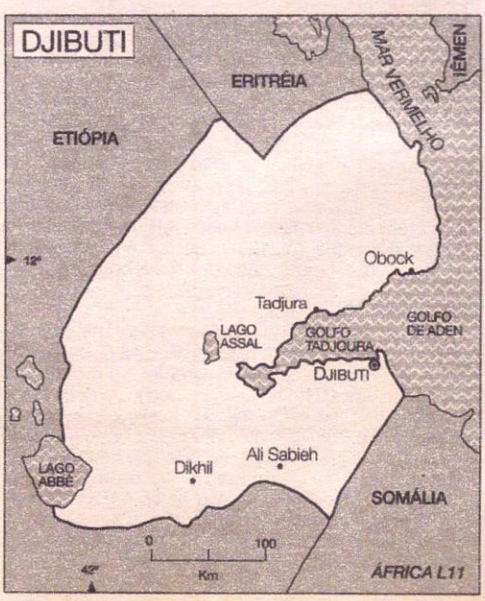
● **TRANSPORTES:** **Rodovias:** 3,1 mil km; 10% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 15 mil; **automóveis:** 13 mil (1989). **Ferrovias:** 106 km (1989). **Porto:** Djibuti. **Linha aérea:** Air Djibouti (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 18 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 39 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 100 hab. (1989). **Jornal:** 1 semanário; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 7,6 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 866 United Nations Plaza, Suite 4011, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 753-3163.

HISTÓRIA

Os nômades afar (ou danáquil), provavelmente do N da África, vão para o NE do continente, onde já viviam os issas; dessa época datam as rivalidades tribais que opõem as duas comunidades. **1862:** acordo com os danáquil cria a Somália Francesa (4/3). **1896:** anexação pela França; a política colonial de favorecer a minoria issa contribui para acirrar as tensões internas. **1947:** território ultramarino com autonomia limitada. **1958:** Departamento Ultramarino dentro da Comunidade Francesa. **1967:** 67% do eleitorado opta pela tutela francesa como o Território dos Afars e dos Issas; prisão do nacionalista Mahmud Sikieh Dirieh. **1975:** rejeitado pedido de independência. **1977:** em plebiscito (8/5), 99,5% pedem a independência; eleição de Hassan Guled Aptidon; independência (27/6) com o nome atual. **1979:** crise com a Etiópia, acusada de apoiar guerrilheiros djibutis; Guled forma a União Popular para o Progresso. **1984:** repatriação de 16 mil refugiados etíopes. **1986:** Guled acusa de terrorismo o min. do Comércio, Aden Robleh Aualeh, que, na Etiópia, forma um partido de oposição. **1989/90:** Guled recusa o multipartidarismo; distúrbios em protesto. **1991:** fracassa tentativa de golpe do ex-1º-min. Ali Aref Burhan, que é preso (10/1); conflitos entre issas e oromos, do N da Etiópia, com vinte mortos; a Anistia Internacional denuncia torturas e a morte de trezentos oposicionistas (6/11); luta com a Frente para a Restauração da Unidade e da Democracia, de Mohamed Adoita Yussuf; reforço da guarnição francesa no país (15/11). **1992:** Aptidon ignora o cessar-fogo da FRUD (25/2); renúncia de ministros em protesto; libertado Ebo Adu Abbatte, da FRUD (29/2); mas Aptidon não põe fim ao bloqueio do abastecimento às regiões revoltosas; nova Constituição (4/9).



FATOS DO ANO

No remanejamento ministerial de fev. de 1993, o pres. Hassan Guled Aptidon mantém Barkad Gurad Hamadu na chefia do governo; e troca seis dos ministros sem, no entanto, alterar a tradicional proporção étnica: oito pastas para os issas, sete para os afars (incluindo o 1º-ministro) e uma para cada minoria restante, árabe, issaque e gadabursi. Na metade de fev., anuncia-se também ter sido finalmente retomada a maior parte do sul do país, há um ano controlada pelos rebeldes da Frente para a Restauração da Unidade e da Democracia (FRUD), liderada pelo afar Mohamed Adoita Yussuf.

Nas eleições presidenciais de 7/5/1993, o fato de haver cinco candidatos, um dos quais independente, não altera em nada a situação: Aptidon é reeleito, com 60,76% dos votos. Atendendo ao pedido de boicote da FRUD, mais de 50% dos eleitores se abstêm. Antes da votação, os candidatos oposicionistas já tinham advertido contra a falta de lisura do pleito; num comunicado conjunto emitido no dia seguinte, denunciam "fraude e sérios incidentes"; e Aden Robleh Auleh, que se apresentou pelo Partido Nacional Democrático, chega a pedir a anulação, mas sem resultado. Em jul. de 1993, após uma semana de combates, durante a qual não são poupados sequer os civis, o governo anuncia ter retomado as últimas áreas ainda em mãos da FRUD.

Em protesto contra a forma como os habitantes dessas regiões foram tratados, o que obrigou 25 mil pessoas a se refugiarem na Etiópia, o min. da Cooperação francês, Michel Roussin, cancela a viagem que programara ao país. Nessa visita, Roussin discutiria a concessão ao Djibuti de uma ajuda em dinheiro, em agradecimento pelo apoio recebido pela França na Guerra do Golfo. Seria também a ocasião para debater uma questão que tem tornado tensas as relações bilaterais: as acusações de Aptidon de que não foi cumprido o acordo de 1992 pelo qual, em troca de uma base em seu território para os soldados franceses que participam da Força de Paz da ONU na Somália, a França se comprometeu a ajudar o país contra seus inimigos externos. O governo francês recusou-se a intervir na luta contra a FRUD, limitando-se a intermediar e a supervisionar acordos de cessar-fogo, embora Aptidon qualificasse as operações rebeldes de "uma agressão externa inspirada pela Etiópia".

Sempre prejudicado pelas fases alternadas de seca ou inundações, o país sofre, até hoje, com as conseqüências da Guerra do Golfo, que provocou a perda de US$ 23 milhões em receitas do porto, sua principal fonte de renda. Os planos para desenvolver esse porto, que, por sua posição na saída do canal de Suez para o mar Vermelho, tem condições de se transformar num valioso entreposto entre os países árabes e o leste da África, têm esbarrado na concorrência de outros portos árabes e dos preços competitivos que a Etiópia oferece para o uso de seus containers. Os investimentos têm-se voltado para a criação de uma infra-estrutura moderna cujas vantagens superem as tarifas mais baratas dos portos rivais.

Dominica

● **NOME OFICIAL:** Comunidade Dominicana. **Capital:** Roseau. **Nacionalidade:** dominicana. **Hino:** Canção do Dia de Dominica (título). **Língua:** inglês (oficial); crioulo de matiz francês (maioria); cocoy (dialeto inglês, NE). **Religião:** cristianismo (católicos, 76,9%; metodistas, 5%; adventistas do sétimo dia, 3,2%; pentecostais, 2,9%). **Data nacional:** 3/11 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-leste da América Central. **Área:** 750,6 km². **Limites:** oceano Atlântico (N, S, L); mar do Caribe (O). **Características:** ilha de origem vulcânica. **Ponto mais elevado:** monte Diablotin (1.447 m). **Clima:** tropical. **Rios principais:** Layou, Roseau. **Cidades principais:** Roseau (15.853 hab.); Portsmouth (3.621); Marigot (2.372); (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 71.500 (est.1992); **urbana:** 41% (1990). **Composição demográfica:** negros, 91,2%; mestiços, 6%; ameríndios e brancos (minorias) (1981). **Crescimento demográfico:** 1,5% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 35,1%; **15-59:** 52,1%; **mais de 60:** 12,8% (1989). **Densidade (hab./km²):** 96,9 (1992). **Natalidade:** 22,3 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 7,1 por 1.000; **mortalidade infantil:** 18,4 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,6 (1991). **Vida média homens:** 73; **mulheres:** 79 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 247 hab.; **médicos:** 1 por 1,9 mil hab. (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 5,6% (1986). **Alunos de 1º grau:** 12,8 mil (1990/91); **de 2º grau:** 5 mil (1989/90); **professores de 1º grau:** 439 (1990/91); **de 2º grau:** 171 (1987/88). **Alunos no ensino superior:** 68; **professores:** 12 (1988/89). **Gastos:** 4,7% do orçamento (1991/92).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 3/11/1978. **Divisão administrativa:** 10 paróquias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Liberdade, Trabalhadores Unidos, Trabalhista. **Chefe de Estado:** pres. Clarence Augustus Seignoret (desde 19/12/1983). **Chefe de governo:** 1ª-min. Mary Eugenia Charles (fev./1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 30 membros, 21 eleitos por voto direto e 9 indicados pelo pres., para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 27%; indústria, 15,8%; mineração, 0,7%; comércio e serviços, 56,5% do PIB (1989). **Agricultura:** banana, coco, frutas cítricas, legumes e verduras. **Pecuária:** caprinos, bovinos, ovinos. **Pesca:** 700 t (1990). **Indústria:** processamento de produtos agrícolas (banana, óleos vegetais, sucos enlatados, cigarros). **Minerais:** pedra-pomes, calcário, argila. **Exportações:** US$ 55,6 milhões; **produtos:** agrícolas (banana, principal) (1990). **Importações:** US$ 117,9 milhões; **produtos:** alimentos, animais vivos, manufaturas básicas (papel), máquinas industriais e equipamentos de transporte (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, países membros da CEE, da Organização dos Estados Caribenhos do Leste e do CARICOM. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** dólar do Caribe do leste (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 2,7 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 160 milhões; **renda per capita:** US$ 1.940 (1990); **crescimento anual:** 4,3% (1990). **Inflação:** 5,9% (1991). **Dívida externa:** US$ 83,9 milhões (1991). **Força de trabalho:** 30,6 mil; **distribuição:** agricultura, 25,8%; indústria, 21,2%; comércio e serviços, 53%; **mão-de-obra feminina:** 41,8% (1989). **Desemprego:** 15% (1992).

● **DEFESA:** 300 (força policial e guarda costeira).

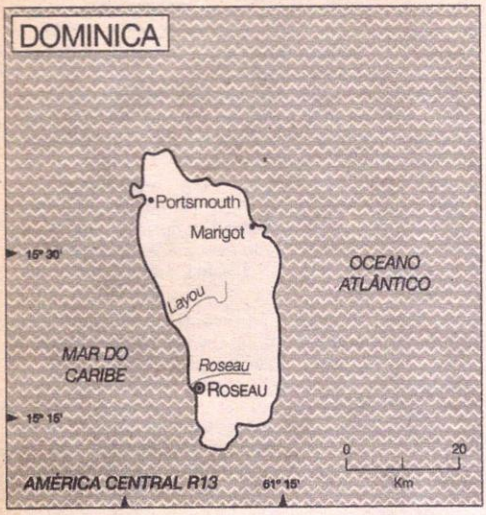
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 756 km (1988); **nº de veículos:** 9,3 mil; **automóveis:** 4,7 mil (1991). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Roseau. **Linha aérea:** LIAT (vôos regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 1,9 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 16 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 5,8 hab. (1991). **Jornais:** 2 semanários; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 14 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 17, cj. 3, casa 13, CEP 704466-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-1405.

HISTÓRIA

Habitada por índios caribes e arauaques, é descoberta por Colombo (1493) e disputada pelos franceses, na ilha desde 1632, e pelos ingleses. **1948:** colônia britânica; faz parte da Federação das Ilhas Leeward até 1939, sendo transferida para a das Ilhas Windward até dez. de 1959. **1960:** nova Constituição, status separado, administrador próprio. **1961:** Edward LeBlanc é o 1º-ministro. **1967:** Estado associado à Grã-Bretanha. **1978:** independência; Patrick John é o 1º-ministro. **1979:** John é substituído por Oliver Seraphine. **1980:** primeiras eleições gerais; vitória de Mary Eugenia Charles, do Partido da Liberdade. **1981:** fracassa conspiração para recolocar John no governo. **1985 – 1990:** Charles adota medidas de austeridade impopulares e reforma agrária; assembléia comum e in-



tegração tarifária com Granada, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas. **1991**: Charles escapa, por 11 x 10, de moção de censura apresentada pelo Partido dos Trabalhadores Unidos, de Edison James (abr.), e tenta impor legislação impedindo o funcionalismo de manifestar-se contra o governo (set.).

FATOS DO ANO

A 1ª-min. Mary Eugenia Charles enfrenta, em 1993, o problema do déficit no orçamento. Para supri-lo, aumenta as tarifas dos correios e de outros serviços, corta investimentos e propõe a contenção dos salários. Sua política de total alinhamento com os EUA, porém, tem sucesso: favorece a obtenção de ajuda internacional para a implementação do plano de revitalização da agricultura, cujas metas são melhorar a qualidade da produção da banana e estimular a floricultura e a produção de grãos. Para 1994, a expectativa é de que haja um crescimento de 5% nas exportações não tradicionais (flores e grãos).

O programa proposto por Mary Charles, de oferecer passaporte dominicano a 1.200 asiáticos em troca de investimentos no país, causa polêmicas durante 1992/93. Contra esse programa, são organizadas manifestações – de nítido cunho racista, num país de maioria negra – convocadas pelo oposicionista Partido dos Trabalhadores Unidos, de Edison James, e pelo grupo de pressão "Cidadãos Inquietos". Em ago., Charles modifica o projeto, aumentando de US$ 35 mil para US$ 60 mil a quantia mínima a ser investida no país e impondo restrições ao direito de voto dos cidadãos naturalizados. Essa decisão faz com que quatro empresários de Formosa, que tinham aderido ao programa, deixem o país em nov. Mas isso não põe fim aos atritos entre a conservadora 1ª-min. e os trabalhistas de James, que a acusam de ter adotado medidas apenas paliativas.

Embora ainda em estudo, vai avançando o projeto de fusão de Dominica com as ilhas de Barlavento (Santa Lúcia, Granada e São Vicente e Granadinas): já existe uma moeda comum, o dólar caribenho – usado também em outros países do leste do Caribe –, e a mesma sistemática jurídica e comercial em setores como o dos transportes aéreos e da exportação de bananas. Para defender a manutenção de seus privilégios no comércio do produto com a CEE, Dominica e seus parceiros entram em conflito, durante a reunião de 27 a 28/5/1993, na Jamaica, com os países do Mercado Comum Centro-Americano (Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Nicarágua e Honduras). Nenhuma solução imediata é encontrada, mas as partes envolvidas concordam em prosseguir a discussão em outra rodada de negociações.

Egito

● **NOME OFICIAL:** República Árabe do Egito. **Capital:** Cairo. **Nacionalidade:** egípcia. **Hino:** *A ti, a ti, meu país, entrego meu amor e meu coração* (1º verso). **Língua:** árabe (oficial); inglês, francês. **Religião:** islamismo, 90% (oficial) (sunitas, maioria); cristianismo (ortodoxos, 8,1%). **Data nacional:** 23/7 (Revolução).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** nordeste da África. **Área:** 997.738 km². **Limites:** mar Mediterrâneo (N); Israel (NO); mar Vermelho (L); Sudão (S); Líbia (O). **Características:** litoral retilíneo; deserto da Líbia (90% do território), cortado de N a S pelo vale fértil do rio Nilo; planaltos (O); montanhas do deserto da Arábia (L); oásis de SE a NO. **Ponto mais elevado:** Jabal Katrinah (2.642 m). **Clima:** árido subtropical. **Rio principal:** Nilo. **Cidades principais:** Cairo (6.452.000 hab.); Alexandria (3.170.000); Gizeh (2.156.000); (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 55.979.000 (est.1992); **urbana:** 43,9% (1986). **Composição demográfica:** egípcios, 99,8%; outros, 0,2% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,5% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 41,8%; **15-59:** 52,7%; **mais de 60:** 5,5% (1986). **Densidade (hab./km²):** 56,1 (1992). **Natalidade:** 32,2 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 7,5 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 49,6 por 1.000 (1987). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,4 (1987). **Vida média homens:** 59; **mulheres:** 60 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 493 hab. (1990); **médicos:** 1 por 1,8 mil hab. (1987). **Gastos com saúde:** 6,7% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 51,6% (1990). **Alunos de 1º grau:** 6,2 milhões; **professores:** 241,1 mil (1989–1990). **Alunos no ensino superior:** 656,2 mil; **professores:** 33,1 mil (1989/90). **Gastos:** 21,9% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 11/9/1971 (7 emendas). **Divisão administrativa:** 22 governadorias e 4 cidades. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Nac. Democrata, Trabalhadores Socialistas, Socialista Liberal, União Nac. Progressista. **Chefe de Estado:** pres. Mohamed Hosni Mubarak (desde 13/10/1981). **Chefe de governo:** 1º-min. Atef Sedki (desde 6/10/1981). **Legislativo:** unicameral – Assembléia do Povo, com 454 membros, 444 eleitos por voto direto e 10 indicados pelo pres., para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 19,7%; indústria, 30,1%; comércio e serviços, 50,2% do PIB (1989/90). **Agricultura:** algodão, arroz, trigo, cana-de-açúcar, milho. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 313 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, petrolífera, têxtil. **Minerais:** petróleo, gás natural, fosfato, manganês, urânio, carvão, minério de ferro, ouro. **Exportações:** US$ 2,9 bilhões; **produtos:** petróleo e derivados, têxteis, alimentos e animais vivos (1989/90). **Importações:** US$ 12,4 bilhões; **produtos:** cereais, químicos, máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas (1989/90). **Parceiros comerciais:** EUA, Repúblicas da CEI, Alemanha, França, Itália. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** libra egípcia (dividida em 5 tallaris, 100 piastras ou 1.000 milésimos); **cotação para 1 US$:** 3,31 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 31,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 600 (1990); **crescimento anual:** 4,7% (1980–1990). **Inflação:** 10% (1992). **Dívida externa:** US$ 39,9 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 12,1 milhões; **distribuição:** agricultura, 42,7%; indústria, 21,3%; comércio, 8,5%; serviços, 27,5%; **mão-de-obra feminina:** 14,6% (1986). **Desemprego:** 15% (1989).

● **DEFESA: Efetivo total:** 410 mil (1992); **Exército:** 290 mil; **Marinha:** 20 mil; **Força Aérea:** 30 mil; **outros:** 70 mil (comando de defesa aérea). **Gastos:** 7,4% do orçamento (1992/93).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 45,5 mil km; 68% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 1,4 milhão; **automóveis:** 826,9

mil (1989). **Ferrovias:** 5,1 mil km (1989/90). **Portos:** Alexandria, Port Said, Suez. **Linhas aéreas:** Egypt Air, ZAS (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 3,9 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 15 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 34 hab. (1989). **Jornais diários:** 17; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 62 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SEN – Av. das Nações, lote 12, CEP 70435-900, Brasília, DF; tel. (061) 225-8517

HISTÓRIA

Unificado em 3.000 a.C., foi governado por várias dinastias (Antigo, Médio e Baixo Impérios), até a conquista por Alexandre, o Grande (332 a.C.), fundador de Alexandria, grande centro de cultura grega. Conquistado pelos romanos (30 a.C.), pelos persas (616), pelos árabes (639) – que introduziram o islamismo –, pelos otomanos (1517) e por Napoleão (1796). **1801 – 1805:** ingleses e turcos expulsam os franceses; o albanês Mohamed Ali é designado paxá. **1869:** término do canal de Suez. **1914:** protetorado britânico. **1921:** revolta nacionalista proclama a Monarquia. **1936:** retirada britânica, com exceção da zona do canal de Suez. **1940 – 1942:** base aliada na luta contra o Eixo na África. **1948/49:** derrota na guerra contra Israel. **1952:** deposição do rei Faruk. **1953/54:** o gen. Mohamed Neguib proclama a República mas é deposto pelo cel. Gamal Abdel Nasser. **1956:** crise de Suez: nacionalização do canal; invasão israelense da Faixa de Gaza e da península do Sinai; ataque franco-britânico termina após pressões dos EUA, URSS e ONU. **1958:** forma, com a Síria e o Iêmen, a República Árabe Unida. **1961:** a Síria retira-se da RAU. **1967:** Guerra dos Seis Dias; perda de Gaza e do Sinai para Israel. **1968:** protestos estudantis contra Nasser. **1970:** trégua com Israel, garantida pelos EUA; denúncia da instalação no país de mísseis da URSS; Nasser morre e é substituído pelo vice, Anuar Sadat. **1971:** nova Constituição; inauguração da represa de Assuã. **1972:** Sadat expulsa 20 mil assessores soviéticos. **1973:** Guerra do Yom Kippur: nova derrota para Israel. **1974:** acordo de cessar-fogo, devolução de 30 km na margem oeste de Suez. **1975:** reabertura do canal, fechado desde 1967. **1976:** ruptura do Tratado de Amizade com a URSS. **1977:** Sadat visita Israel; Síria, Líbia, Iraque, Argélia e Iêmen do Sul rompem relações. **1978:** Acordo de Camp David, Egito/Israel, mediado por Jimmy Carter, dos EUA; Menachem Beguin, de Israel, visita o Egito. **1976:** tratado de paz com Israel. **1980:** impasse com Israel sobre a autonomia palestina. **1981:** expurgo dos fundamentalistas causa o assassinato de Sadat (6/10) pelo ten. Khaled Islambuli; sucede-o o vice, Hosni Mubarak. **1982:** devolução do Sinai (25/4). **1983:** legalização do *Wafd*, de oposição, que conquista 57 cadeiras na Assembléia. **1985:** distúrbios fundamentalistas; seu líder, imã Hafez Salama, é preso com 48 correligionários (jul.). **1986:** reações, em Assiut, à prisão de 33 membros do *Jihad al-Islami*; prisão de duzentos dirigentes das *jammaat-islamyia* (assembléias islâmicas). **1987/88:** manifestações, campanha eleitoral violenta; protestos em Assiut contra a prisão de 92 fundamentalistas; prisão de quinhentos estudantes. **1989:** prisão de 2 mil fundamentalistas para prevenir distúrbios durante o Ramadã (mês do jejum); eleição do conselho consultivo do *Majlis-e-Shura*, contestada pela Aliança Islâmica; Lei do Estado de Emergência contra a oposição de esquerda e à fundamentalista. **1990:** prisão do xeque Omar Abdel Rahman, do grupo islâmico *Sharia*, suspeito de terrorismo; condenação de membros do *al-Nagum min al-Nar* (Fugidos do Inferno) por atentados de 1987; assassinato de Rafaat Mahgub, pres. do Parlamento; reforma eleitoral favorece os candidatos independentes; gestões de Mubarak visando ao diálogo árabe-israelense (mar./jul.); plebiscito anula as eleições anteriores e convoca outras (14/10), boicotadas pela oposição legal; o governo fica com 348 cadeiras contra 96 dos independentes (29/11). **1991:** condenação à morte de 19 dos 25 fundamentalistas acusados da morte de Mahgub; um deles, Safuat Abdel Ghani, do *Jihad*, foge com a conivência dos guardas; renovação da Lei do Estado de Emergência; nomeação, para cargos de cúpula, de militares que se destacaram na Guerra do Golfo; anulação da dívida militar de US$ 7 bilhões com os EUA devido à participação nessa guerra. **1992:** a prisão, no Cairo, de quatro espiões do Mossad (18/2) força o governo israelense a concordar (22/7) em discutir com Mubarak o plano de concessão de autonomia aos territórios ocupados; alegando um complô, o governo prende vários fundamentalistas (10/3); prisão do oposicionista gen. Saadedin Chazli, que tenta voltar do exílio (14/3); o assassinato do escritor Farag Fudah, antifundamentalista (8/6), provoca a prisão de duzentas pessoas em Záuia-al-Hamra; nas eleições para a Ordem dos Advogados do Cairo, os fundamentalistas conquistam 15 das 24 cadeiras em disputa (jul.); terremoto de 6 graus Richter: 350 mortos e 4 mil feridos (12/10).

FATOS DO ANO

No plebiscito de 4/10/1993, o pres. Hosni Mubarak obtém 96,2% de aprovação a um novo mandato. Esse resultado é, na opinião unânime dos observadores, conseqüência do absoluto controle que as autoridades têm do processo eleitoral. Caso contrário, seria muito grande a possibilidade de, à semelhança do que poderia ter ocorrido na Argélia se não houvesse o golpe branco, os fundamentalistas muçulmanos chegarem ao poder. O eleitorado não tem, tampouco, condições reais de expressar seu descontentamento com uma situação socioeconômica por si só muito penosa e que foi agravada pelo terremoto de 12/10/1992. Os milhares de feridos superlotaram os deficientes hospitais, levando ao caos o sistema de saúde. A demora do governo em agir provocou, em 17/10, manifestações de revolta popular que vieram somar-se aos atentados a bomba, cada vez mais freqüentes, dos fundamentalistas muçulmanos contra turistas estrangeiros e monumentos históricos.

Alvo: o turismo – A tática dos extremistas islâmicos é atingir o governo Mubarak na maior fonte de divisas do país, a indústria do turismo. Em 1992, o país deixou de arrecadar US$ 3 bilhões com a queda na entrada de visitantes, afugentados pelos atentados e assassinatos de estrangeiros. Só em 12/11, oito pessoas foram baleadas em Kena, ao sul do Cairo, na rota entre Luxor e o mar Vermelho. Em resposta, no dia 13, a polícia prendeu 270 suspeitos de envolvimento no ataque; outras 250 pes-

soas foram detidas, nos dois dias seguintes, em Alexandria. Mas a ação policial atraiu, em represália, manifestações populares que degeneraram em choques de rua, e mais atentados contra turistas: antes do final do ano, já tinha havido mais de setenta mortes. Em 23/11, discursando na Assembléia Nacional, o min. do Interior, Mohamed Abdel-Halim Mussa, afirmou que os 250 detidos de Alexandria admitiram ter recebido treinamento militar no Paquistão e no Irã. Intensa troca de acusações se seguiu, durante semanas, nos jornais do Cairo e de Teerã, tornando ainda mais ríspidas relações internacionais já árduas.

Em fev. de 1993, o confronto com a militância islâmica se amplia, abrangendo também os sindicatos, contra os quais são adotadas medidas coercitivas. Para impedir que os sindicatos recebam doações de entidades muçulmanas estrangeiras – pois suspeita que esta é a forma que elas utilizam para fazer o dinheiro chegar aos grupos guerrilheiros fundamentalistas –, o governo faz aprovar, na Assembléia do Povo, uma nova lei sindical, que os proíbe de receber qualquer ajuda em dinheiro ou em bens que não sejam oficiais. Além disso, o decreto estabelece que, nas eleições sindicais seguintes, só será empossada a chapa que obtiver dois terços dos votos no primeiro escrutínio, ou um terço no segundo. Caso essa proporção não seja atingida, um interventor será designado pela Justiça. Visa-se, assim, a barrar o avanço dos fundamentalistas, que, nos anos anteriores, assumiram o controle das entidades de representação dos advogados, funcionários do Judiciário, médicos e engenheiros – que iniciam, aliás, em 17/2, campanha nacional para que essa lei seja revogada.

Em 18/4, tendo fracassado na tentativa de negociar uma trégua com os fundamentalistas, com a mediação de eminentes religiosos e intelectuais, o min. Mussa é demitido. Seu substituto, o gen. Hussein Mohamed al-Alfi, promete "decisiva e abrangente confrontação com os fora-da-lei" e descarta qualquer forma de diálogo com "terroristas". A resposta dos extremistas é uma onda de assassinatos, entre os quais o do brig.-gen. Mohamed al-Sheini, membro da Assembléia e chefe dos serviços de segurança da província de Assiut. Em 20/4, o min. da Informação, Saufat Sharif, escapa de um atentado, em Heliópolis, subúrbio do Cairo. O repúdio a essa operação faz-se sentir, três dias depois, na severidade da sentença da corte militar que condena à morte 32 militantes islâmicos acusados de terrorismo. A ampliação das medidas de segurança não impede que, em 21/5, uma explosão deixe dois feridos nas proximidades da pirâmide de Quéfren e um carro-bomba provoque, no centro do Cairo, a morte de sete pessoas e ferimentos em quinze outras. Oitocentas pessoas, acusadas de pertencer à nova organização guerrilheira *Vanguarda do Islã*, são presas nos dias seguintes e, para isolar os fundamentalistas, o governo decreta a interrupção de todas as ligações telefônicas com o Afeganistão, Irã, Iraque, Paquistão e Sudão.

Execuções e represálias – Ainda em mai., interrompendo conversações com o chanceler sul-africano Roelof "Pik" Botha, com quem discute (26/5) a possibilidade de um reatamento, e negociações com a França para o reescalonamento da dívida de US$ 5 bilhões que tem com ela, o pres. Mubarak faz uma série de visitas de urgência aos países membros do Conselho de Cooperação do Golfo: quer convencê-los a assinar um acordo de cooperação e segurança contra o "terrorismo e a subversão". E volta ao Cairo a tempo de iniciar, com o FMI, discussões sobre o reescalonamento de parte da dívida externa egípcia, que vence em 31/5.

Maio assiste à execução de dois ativistas islâmicos: é a primeira sentença de morte cumprida desde 1982, quando foram mortos os cinco responsáveis pela morte do ex-pres. Anuar Sadat. A represália não se faz esperar: dois carros-bomba explodem no centro do Cairo, deixando nove mortos e quarenta feridos; e os atentados prosseguem – o mais grave é o de que escapa, em 25/11, o 1º-min. Atef Sedki. A suspeita de apoio aos terroristas faz também deteriorarem-se as relações com o Sudão, já em litígio com o Egito devido à disputa pelo território fronteiriço de Halaib. Os consulados dos dois países são fechados e, só na reunião anual da OUA (20 a 22/6), começam contatos pouco conclusivos sobre a possibilidade de reconciliação. E a repressão continua: em 8/7, sete militantes muçulmanos, quatro dos quais estudantes de 2º grau, são enforcados numa prisão do Cairo; e anuncia-se o julgamento de outros 770.

Desafio a Mubarak – Em 21/7, designado candidato único pela Assembléia do Povo, Mubarak é eleito, para um terceiro mandato de seis anos, com o voto de 441 deputados – apesar da impopularidade provocada pela queda de 60% no turismo, o que deixa o país praticamente arruinado. É a essa altura que opta por convocar o plebiscito de out., que dá a seu cargo maior legitimidade, ainda que de fachada. As dificuldades internas não diminuem, porém, o empenho com que ele desenvolve sua atividade de mediador dos conflitos regionais. A situação dos palestinos expulsos de Israel e o futuro das negociações árabe-israelenses são discutidos nas visitas que faz ao rei Fahd, da Arábia Saudita, a Hafez Assad, da Síria, ao líder da OLP, Yasser Arafat, e ao pres. Bill Clinton, dos EUA. Durante a viagem a Washington, o xeque Omar Abdel Rahman, líder cego dos fundamentalistas novaiorquinos, o acusa de "não ser capaz de governar o Egito, uma hora sequer, sem apoiar-se na lei marcial". Rahman o desafia a abrir as portas das prisões egípcias aos jornalistas internacionais, para que estes possam constatar, pessoalmente, a forma como os direitos dos fundamentalistas detidos são violados.

El Salvador

● **NOME OFICIAL:** República de El Salvador. **Capital:** San Salvador. **Nacionalidade:** salvadorenha. **Hino:** *Orgulhosos te saudamos, ó pátria-mãe* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, 87%). **Data nacional:** 15/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da América Central. **Área:** 21.393 km². **Limites:** Honduras (NE); oceano Pacífico (S); Guatemala (O). **Características:** território cortado de N a S por cones vulcânicos; planície costeira estreita e plana; montanhas (N); vales (centro). **Ponto mais elevado:** pico Monte Cristo (2.418 m). **Clima:** tropical. **Rio principal:** Lempa. **Cidades principais:** San Salvador (481.400 hab.); Santa Ana (232.200); San Miguel (183.400) (1987). **Hora local** (em relação a Brasília): -3h.

● **POPULAÇÃO:** 5.460.000 (est.1992); **urbana:** 44,4% (1991). **Composição demográfica:** mestiços (brancos e índios), 89%; indígenas, 10%; brancos, 1% (1988). **Crescimento demográfico:** 2,7% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 44,4%; **15-59:** 49,9%; **mais de 60:** 5,7% (1990). **Densidade (hab./km²):** 259,5 (1992). **Natalidade:** 34 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 47 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4 (1991). **Vida média homens:** 63; **mulheres:** 68 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 973 hab. (1989); **médicos:** 1 por 1,3 mil hab. (1991). **Gastos com saúde:** 6,7% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 27% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,1 milhão; **professores de 1º grau:** 25,3 mil (1989). **Alunos no ensino superior:** 51,3 mil; **professores:** 2,6 mil (1990). **Gastos:** 13,6% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 20/12/1983. **Divisão administrativa:** 14 departamentos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Aliança Republicana Nacionalista, Democrata Cristão, Convergência Democrática, Conciliação Nacional. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Alfredo F. Cristiani Burkard (desde jun./1989). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Legislativa, com 84 membros eleitos por voto direto para mandatos de 3 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 11,2%; indústria, 23,2%; mineração, 0,2%; comércio, 34,8%; serviços, 30,6% do PIB

(1990). **Agricultura:** café, cana-de-açúcar, algodão, milho, arroz, feijão. **Pecuária:** bovinos, suínos, eqüinos. **Pesca:** 13,6 mil t (camarão, principal) (1989). **Indústria:** alimentícia, bebidas, refino de petróleo, tabaco, química. **Minerais:** não há reservas significativas. **Exportações:** US$ 2,3 bilhões; **produtos:** agrícolas (café, açúcar, algodão, principais), camarão, calçados, farmacêuticos, têxteis (1990). **Importações:** US$ 1,9 bilhão; **produtos:** petróleo, ferro, aço, cereais, químicos, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, países da América Central e membros da CEE, Japão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões locais. **Moeda:** colón salvadorenho (dividido em 100 centavos); **produto per capita** 1 US$: 8,53 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 5,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.070 (1991); **crescimento anual:** 1,1% (1980–1991). **Inflação:** 14,4% (1991). **Dívida externa:** US$ 2,2 bilhões (1991). **Força de trabalho urbana:** 1,1 milhão; **distribuição:** agricultura, 8,1%; indústria, 28,9%; comércio, 25,8%; serviços, 37,2%; **mão-de-obra feminina:** 44,7% (1990). **Desemprego:** 10% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 43,7 mil (1992); **Exército:** 40 mil; **Marinha:** 1,3 mil; **Força Aérea:** 2,4 mil; **outros:** 6 mil paramilitares e 24 mil (defesa civil territorial). **Gastos:** 4% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 12,5 mil km; 14% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 160 mil; **automóveis:** 80 mil (1990). **Ferrovias:** 602 km (1990). **Portos:** Acajutla, Cutuco. **Linha aérea:** TACA International Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 2,8 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 6; **receptores:** 1 por 11 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 42 hab. (1989). **Jornais diários:** 6; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 47 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 07, cj. 6, casa 14, CEP 70615-000, Brasília, DF; tel. (061) 248-3788.

HISTÓRIA

Pedro de Alvarado chega à região habitada pelos índios pipil, que a chamavam de Cuscatlán (1524). Com a independência da Capitania Geral da Guatemala, a que pertencia, une-se ao México (5/1/1822) e depois às Províncias Unidas do Centro da América (1823–1838), com capital em San Salvador. **1841:** independência (1º/2). **1842 – 1896:** confederação com Honduras e Nicarágua. **1863, 1885 e 1906:** guerras com a Guatemala. **1899:** guerra com a Nicarágua. **1931 – 1944:** ditadura do gen. Maximiliano Hernández Martínez. **1932:** massacre de 30 mil camponeses rebeldes chefiados pelo comunista Farabundo Martí. **1945 – 1960:** repetidos golpes de Estado. **1961:** criação de um diretório civil-militar. **1962:** nova Constituição; eleição do ten.-cel. Adalberto Rivera; fase de estabilidade. **1969:** Guerra do Futebol, com Honduras, causada pela imigração de trabalhadores, termina com mediação da OEA. **1977:** a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), querendo trocá-lo por 37 presos políticos, seqüestra e mata o chanceler Mauricio Borgonovo. **1979:** ocupação pela guerrilha da Catedral Metropolitana e das emb. da Costa Rica, Venezuela e França; estado de sítio. **1980:** início da guerra civil: as LP-28 seqüestram os emb. da Costa Rica e do Panamá e ocupam as emb. da Espanha e Panamá; o arceb. Oscar Romero é morto por direitistas (24/3); assassinada toda a liderança da Frente Democrática Revolucionária; suspensa ajuda dos EUA após assassinato de quatro freiras da ordem americana de Maryknoll. **1981:** reinício da ajuda dos EUA; o governo perde o controle de um quarto do país. **1982:** o ultradireitista maj. Roberto d'Aubuisson é eleito pres. da Constituinte; o democrata-cristão Álvaro Magaña é o presidente provisório. **1983:** aumento da ajuda dos EUA contra a guerrilha. **1984:** eleição de Napoleón Duarte, do PDC. **1985:** seqüestro da filha de Duarte (10/9), trocada, 44 dias depois, por 22 presos políticos. **1986:** terremoto em San Salvador (10/10): 1.200 mortos, 9 mil feridos, 210 mil desabrigados. **1987:** ataque da FMLN ao quartel de El Paraíso (31/3); assinatura do Tratado de Esquipulas (7/8); reinício das negociações com a FMLN, suspensas desde o assassinato de Herbert Anaya, pres. da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos; ofensiva contra a extrema direita e prisão do cap. Álvaro Saraiva. **1988:** a Arena vence as eleições (20/3); o vice Rodolfo Castillo substitui Duarte, doente de câncer. **1989:** a FMLN pede o adiamento das eleições de que vai participar; com a recusa da direita, ataca o quartel de Santa Rosa de Lima; eleição de Alfredo Cristiani, da Arena (19/3); cessar-fogo unilateral da FMLN (1º/9), rompido após atentado de direita em que morrem nove líderes sindicais; o governo admite que militares participaram do assassinato do pe. Ignacio Ellacuría, reitor da Universidade Centro-Americana; a guerrilha cerca o Hotel Sheraton, mantendo como refém o sec.-geral da OEA, João Clemente Baena Soares; aprovada nova Lei Antiterrorismo; assassinado José Francisco Guerrero, assessor de Cristiani. **1990:** confinado o cel. Alfredo Guillermo Benevides, matador do pe. Ellacuría; em troca de negociações patrocinadas pela ONU, a FMLN se compromete a pôr fim a torturas e seqüestros; a extrema direita faz ataque à sede da Força Aérea (17/10) e o atribui à FMLN, para evitar o corte de 50% na ajuda americana; impasse na reunião com o governo, no México (4/11); nova ofensiva da FMLN e outra trégua unilateral (24/12). **1991:** vitória da Arena, mas sem maioria (10/3); proposta de cessar-fogo da FMLN, prejudicada pela morte, em combate, de seu líder, Antonio Cardenal; novo impasse, no México, irrompido pela condenação de Benevides (28/9); Ata de Nova York: acordo de paz governo-guerrilha (31/12). **1992:** ratificação da Ata (15/3), cronograma para a desmobilização da FMLN, dissolução da Guarda Nacional e das polícias da Fazenda e Alfandegária, libertação de presos políticos e anistia aos exilados, reforma constitucional e legalização dos partidos; Lei da Reconciliação Nacional anistia todos os presos políticos (23/1), exceto os envolvidos em crimes contra os direitos humanos; final oficial da guerra (1º/2); morte de

d'Aubuisson (22/2) e protestos por seu enterro com honras de chefe de Estado; início da desmobilização dos rebeldes (30/6).

FATOS DO ANO

A cerimônia da Reconciliação Nacional, em que os últimos 1.700 rebeldes entregam suas armas, é feita em 15/2/1993, na presença dos pres. da Nicarágua, Honduras e Guatemala, dos vice-pres. dos EUA, Costa Rica e Panamá e de Butros-Gali, sec.-geral da ONU. Cumprida essa etapa, a Frente, oficializada como partido político, inicia, através das rádios Venceremos e Farabundo Martí, a campanha para as eleições de 1994. O governo, enquanto isso, tem de reinserir mais de 8 mil rebeldes na vida civil, o que inclui regularizar sua documentação, transferir terras e prover mercado de trabalho para ex-guerrilheiros e excedentes do Exército.

Prazo curto – Uma série de obstáculos tinha dificultado, em 1992/93, a implementação do acordo de paz entre o governo e a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional. O primeiro deles era o exíguo prazo, até 31/10/1992, para a desmobilização total da guerrilha, a redução dos efetivos militares e a devolução ao povo das terras antes ocupadas pela FMLN. Outro era a expectativa em torno do resultado das investigações da Comissão da Verdade, criada pela ONU para investigar violações dos direitos humanos durante os doze anos de guerra civil: o reconhecimento da responsabilidade e a aceitação das penalidades serão um teste para a submissão das duas facções ao controle civil.

Em 16/10/1992, ambas as partes acataram o plano de distribuição de terras elaborado pela ONU; mas, como as várias frentes rebeldes ainda não tinham terminado o levantamento das armas que possuíam, a ONU sugeriu dilatar até dez. o prazo de cumprimento do acordo. Um fato novo veio reabrir as feridas da guerra: em 19/10, foram exumados, na aldeia de El Mozote, no departamento de Morazán, onde a FMLN tinha um campo de treinamento, crânios e ossos de crianças. A descoberta confirmou uma denúncia – feita em 1981 por repórteres do *Washington Post* e do *New York Times*, e desmentida pelo gov. Reagan – de que o *Atlacatl*, batalhão de elite do Exército, treinado nos EUA, fizera um massacre de civis na região. Pressionados por essa revelação, governo e ex-rebeldes chegaram, em 8/11, a um acordo sobre a extensão do expurgo a ser feito nas Forças Armadas.

O mandante do crime – Três dias antes da divulgação, em 15/3/1993, do relatório da Comissão da Verdade sobre a guerra civil, o min. da Defesa, gen. René Emilio Ponce, renuncia após denunciar "pressões nacionais e internacionais" que impedem sua permanência no cargo. Ele é acusado, nesse relatório, de ser um dos mandantes, em nov. de 1989, do assassinato de seis jesuítas da Universidade Centro-Americana de San Salvador, além de uma empregada e sua filha. Mas os líderes rebeldes lhe atribuem, como atenuante, o mérito de ter criado, dentro das Forças Armadas, um consenso favorável ao processo de paz. Cristiani é duplamente pressionado a promover a depuração do Exército: de um lado por Butros-Gali, do outro pelos EUA, que ameaçam suspender a ajuda militar de US$ 11 milhões se, dentro de uma semana, não for afastada a alta hierarquia militar envolvida na guerra suja.

Acusada pela extrema direita de parcialidade em suas conclusões, a Comissão da Verdade divulga seu relatório em 15/3, confirmando a participação de Ponce na morte dos jesuítas e responsabilizando o falecido maj. Roberto d'Aubuisson, o fundador da ultradireitista Arena, a que Cristiani pertence, pelo assassinato do arceb. Oscar Romero, em 1980. A tortura e assassinato, nesse mesmo ano, de quatro freiras da ordem americana de Maryknoll são atribuídos à já extinta Guarda Nacional, então chefiada pelo ex-min. da Defesa Carlos Vides Casanova, que encobriu o crime. Do lado da FMLN, o ex-com. Joaquín Villalobos e outros chefes rebeldes são acusados de envolvimento no assassinato de prefeitos, empresários e políticos. Mas os militares, os esquadrões da morte a eles ligados e o Estado foram os responsáveis por quase 85% das violações dos direitos humanos durante a guerra.

Além de Ponce, a Comissão recomenda destituir 102 chefes militares e suspender, por dez anos, os direitos políticos de ex-chefes guerrilheiros. Repudiando o ultimato americano, Cristiani propõe anistia recíproca para os crimes da guerra civil, o que a FMLN e as Forças Armadas recusam. Em cadeia de rádio e TV, Ponce qualifica o relatório de "injusto, parcial e atrevido", jura inocência e acusa a Comissão de ter ignorado 695 casos de massacres de civis e militares por guerrilheiros. A Corte de Justiça também rechaça o informe, pois ele acusa catorze juízes – entre eles o pres. da Corte, Mauricio Gutiérrez Castro – de obstrução de inquérito. Em 20/3, a Assembléia, liderada por três partidos de direita, aprova a anistia geral para casos de abuso de violência. Beneficiados por ela, o cel. Guillermo Benevides e o ten. Yusshy René Mendoza deixam a prisão (2/4) a que tinham sido condenados por assassinar os jesuítas e as duas empregadas.

Em 13/3/1993, a Polícia Nacional Civil começa a atuar na província de Chalatenango. Financiada pelos EUA e pela Espanha, tem 20% de ex-guerrilheiros, 20% de ex-soldados e 60% de novos recrutas. Em 1º/7, pouco antes de expirar o prazo para a depuração das Forças Armadas, Cristiani muda dezessete altos postos militares, entre eles o de Ponce. Até ago. de 1993, as Forças Armadas estão reduzidas à metade e, em 3/9, a ONU anuncia o desmantelamento dos últimos arsenais da guerrilha.

Mas o governo, sem a maciça ajuda militar americana, vê-se às voltas com uma economia destroçada. O país sofre com a queda nos preços do café (25% das divisas e 10% do PIB). Para reativar o comércio e diversificar a indústria, o governo pretende criar zonas francas e incentivar microempresas que aproveitem a mão-de-obra barata para a montagem e exportação de produtos de multinacionais. Do exterior, para a reconstrução, Cristiani só recebe, do Japão, Alemanha e CEE, a promessa de US$ 210 milhões, para saúde, educação e cultura.

Emirados Árabes Unidos

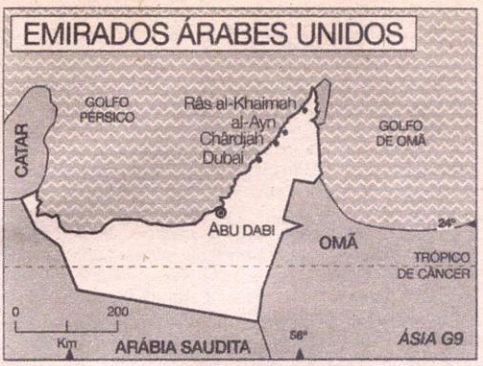
● **NOME OFICIAL:** Emirados Árabes Unidos. **Capital:** Abu Dabi. **Nacionalidade:** árabe. **Hino:** Nacional (sem letra). **Língua:** árabe (oficial); inglês. **Religião:** islamismo, 94,9% (sunitas, 80%; xiitas, 20%) (oficial); cristianismo, 3,8%. **Data nacional:** 2/12 (Dia Nacional).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da Ásia. **Área:** 77.700 km². **Limites:** Catar e golfo Pérsico (N); Omã e golfo de Omã (L); Arábia Saudita (S e O). **Características:** região desértica, plana e baixa; vários oásis (interior). **Ponto mais elevado:** Jabal Abhan (1.128 m). **Clima:** árido tropical. **Rios principais:** não há. **Cidades principais:** Abu Dabi (722.143 hab.); Dubai (266.000); Sharjah (125.000); Um al-Qaiuan (102.000); Ras al-Khaimah (42.000) (1980). **Hora local** (em relação a Brasília): +7h.

● **POPULAÇÃO:** 1.989.000 (est.1992); **urbana:** 77,8% (1990). **Composição demográfica:** árabes, 87,1% (originários dos Emirados, 30,7%); paquistaneses e indígenas, 9,1%; persas, 1,6%; baluches, africanos, britânicos e americanos (minorias) (1983). **Crescimento demográfico:** 1,6% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 30,6%; **15-59:** 66,2%; **mais de 60:** 3,2% (1990). **Densidade (hab./km²):** 25,6 (1992). **Natalidade:** 20,3 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 3,9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 22 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,3 (1990). **Vida média homens:** 69,8; **mulheres:** 74,1 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 442 hab.; **médicos:** 1 por 1,1 mil hab. (1991). **Gastos com saúde:** 6,9% do orçamento (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 27% (1986). **Alunos de 1º e 2º graus:** 311,2 mil; **professores:** 19,5 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 7,7 mil; **professores:** 478 (1988/89). 14,6% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** dez. de 1971



(provisória, 1 emenda). **Divisão administrativa:** 7 emirados. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado:** xeque Zayed ben Sultan an-Nahyan (desde 2/12/1971). **Chefe de governo:** 1º-min. xeque Maktun ben Rashid al-Maktun (desde out./1990). **Legislativo:** unicameral – Conselho Nacional Federal, com 40 membros indicados pelos emirados para mandatos de 2 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 1,7%; indústria, 20%; mineração, 39%; comércio, 10,9%; serviços, 28,4% do PIB (1989). **Agricultura:** tâmara, tomate, berinjela, melancia. **Pecuária:** caprinos, ovinos, bovinos, camelos. **Pesca:** 95,1 mil t (1990). **Indústria:** petrolífera, alumínio, siderúrgica, química. **Minerais:** petróleo, gás natural. **Exportações:** US$ 22,1 bilhões; **produtos:** petróleo bruto e gás natural, reexportação de máquinas industriais e equipamentos de transporte (1991). **Importações:** US$ 13,9 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, alimentos, animais vivos, combustíveis e lubrificantes, químicos (1991). **Parceiros comerciais:** Japão, EUA, Grã-Bretanha, Alemanha, França. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal, padrões britânicos e unidades locais. **Moeda:** dirrã (dividido em 100 fils); **cotação para 1 US$:** 3,67 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 32,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 19.870 (1991); **crescimento anual:** 1,8% (1980–1990). **Inflação:** 8% a 10% (1991). **Dívida externa:** US$ 9,3 bilhões (1989). **Força de trabalho:** 890,9 mil; **distribuição:** agricultura, 5%; indústria, 35,1%; comércio, 13,6%; serviços, 46,2%; **mão-de-obra feminina:** 6,6% (1986).

● **DEFESA: Efetivo total:** 54,5 mil (1992); **Exército:** 50 mil; **Marinha:** 2 mil; **Força Aérea:** 2,5 mil. **Gastos:** 43,9% do orçamento (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 4,4 mil km; 61% pavimentados (1984); **nº de veículos:** 434 mil; **automóveis:** 281 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Jabel Ali, Khalid, Fujairah; Zayed (artificial). **Linhas aéreas:** Emirates Dubai, Gulf Air Dubai (vôos internacionais e domésticos); Emirates Air Services (charters).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 5; **receptores:** 1 por 4,9 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 5,2 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 5,2 hab. (1990). **Jornais diários:** 9; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 127 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 5, chácara 18, CEP 71600-530, Brasília, DF; tel. (061) 248-0717.

HISTÓRIA

Entre os séc. XV e XVIII, o monopólio comercial português na área é gradualmente substituído pela influência holandesa e inglesa, formalizada, em 1820, pelo tratado com os xeques do golfo Pérsico. **1892:** os britânicos assumem o controle das relações exteriores. **1968:** formada a Federação dos Estados da Trégua; os ingleses comprometem-se a sair da região até 1970. **1971:** Abu Dabi, Dubai, Sharjah, Aiman, Um al-Qaiuan e Fujaira formam os Emirados Árabes Unidos. **1972:** adesão de Ras al-Khaimah. **1973:** apoio aos árabes na guerra contra Israel. **1979:** ruptura com o Egito após a paz com Israel. **1981:** o xeque Rashid ben Said al-Maktun, do Dubai, delega suas funções de 1º-min. aos quatro filhos. **1985:** crise interna com a criação, no Dubai, da Emirates Airline, que concorre com a Gulf Air, do Abu Dabi. **1987:** fracasso do golpe do xeque Abdelaziz contra seu irmão, Mohamed ben Salim ben Sultan al-Qassimi, emir do Sharjah; o Supremo Conselho de Estado confirma al-Qassimi no trono. **1990:** apoio aos aliados na luta contra o Iraque; o xeque al-Maktun morre e é sucedido pelo filho Maktun ben Rashid al-Maktun; reformulação do gabinete cria o Ministério do Exterior. **1992:** expulsão do emb. do Sudão, acusado de interferência em assuntos internos (jan.); primeiras manobras conjuntas no golfo com a Força de Ação Rápida francesa (fev.); sessenta cadetes femininas, treinadas por mulheres-soldado americanas, são incorporadas às Forças Armadas (jun.); denúncia de que os iranianos estão expulsando moradores árabes da ilha de Abu Mussa, em litígio com Teerã (set.).

FATOS DO ANO

A adoção do imposto sobre consumo de energia, em estudo pelos EUA e pela CEE, é condenada (4 e 5/4/1993) na reunião de chanceleres do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), em Riad, na Arábia Saudita: chamam a nova tarifa de "uma barreira para o comércio internacional". Mas os Emirados optam por uma posição moderada, apoiando a busca de uma solução negociada. O paz para o Oriente Médio é discutida com o pres. Hosni Mubarak, do Egito, quando este visita o país (12 a 14/5) para expor às autoridades locais o esforço diplomático conjunto sírio-egípcio Iniciativa Declaração de Damasco. O conflito árabe-israelense é discutido também no Catar, em 18/5, durante o encontro de mins. da Economia e das Finanças dos signatários da Declaração – embora não haja acordo sobre a prometida ajuda de US$ 10 milhões do CCG ao Egito e Síria. Nova reunião, em 12 e 13/6, no Abu Dabi, tampouco traz resultados conclusivos. Em 5/5/1993, os Emirados reatam com a Etiópia.

Ilhas em disputa – Continua sem solução o litígio territorial com o Irã, que, em set. de 1992, reitera a sua soberania sobre as ilhas de Abu Mussa, Tunb al-Cubra e Tunb al-Sughra. A mediação síria, porém, obtém o recuo de Teerã, que restringe sua reivindicação a Abu Mussa e permite o retorno dos residentes árabes expulsos dali. Mas a uma advertência do CCG (21/12) de que deve renunciar à anexação das ilhas, pertencentes aos Emirados, o Irã responde, quatro dias depois, que o CCG "terá de atravessar um mar de sangue se quiser reavê-las". Diante dessa reação, ao realizar-se a Exposição Internacional de Defesa (Abu Dabi, 14 e 18/2/1993), os Emirados gastam US$ 4 bilhões na compra de 436 tanques franceses *Leclerc*, com os quais pretendem defender-se, na eventualidade de terem de enfrentar um conflito com o Irã.

Equador

● **NOME OFICIAL:** República do Equador. **Capital:** Quito. **Nacionalidade:** equatoriana. **Hino:** *Salve, pátria mãe* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial); quéchua; línguas indígenas. **Religião:** cristianismo (católicos, 80%). **Data nacional:** 10/8 (Independência de Quito).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da América do Sul. **Área:** 270.670 km². **Limites:** Colômbia (N); Peru (L e S); oceano Pacífico (O). **Características:** território cortado de NE a SO por duas cadeias da cordilheira dos Andes; vale Central (entre as cadeias); planície costeira (O); planície amazônica (L). **Ponto mais elevado:** pico Chimborazo (6.310 m). **Clima:** equatorial (zona litorânea); equatorial de altitude (interior). **Rios principais:** Guayas, Esmeraldas, Napo, Pastaza, Tigre. **Cidades principais:** Guayaquil (1.508.844 hab.); Quito (1.100.847); Cuenca (194.981); Machala (144.197); Puertoviejo (132.937) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

● **POPULAÇÃO:** 10.607.000 (est.1992); **urbana:** 55,4% (1990). **Composição demográfica:** amerindios, 40%; mestiços, 40%; brancos, 15%; negros, 5% (1989). **Crescimento demográfico:** 2,8% (1988). **Faixas etárias:** 0-14: 38,8%; 15-59: 54,8%; **mais de 60:** 6,4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 39,2 (1992). **Natalidade:** 35,4 por 1.000 (1988). **Mortalidade:** 7,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 63 por 1.000 (1988). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,7 (1985–1990). **Vida média homens:** 63,4; **mulheres:** 67,6 (1985–1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 610 hab. (1988); **médicos:** 1 por 826 hab. (1984). **Gastos com saúde:** 6,7% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 10,2% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 2,6 milhões; **professores:** 114,2 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 206,5 mil; **professores:** 12,8 mil (1989/90). **Gastos:** 21,9% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 10/8/1979. **Divisão administrativa:** 21 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Social Cristão, Roldosista, Unidade Republicana, Esquerda Democrática. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Sixto Durán Ballén (desde 10/8/1992). **Legislativo:** unicameral – Congresso com 77 membros (12 representantes nacionais e 65 provinciais), eleitos por voto direto para mandatos de 4 e 2 anos, respectivamente.

● **ECONOMIA:** agricultura, 17,4%; indústria, 16,9%; mineração, 16,8%; comércio, 14,8%; serviços, 34,1% do PIB (1990). **Agricultura:** banana, café, cacau, madeira (bálsamo, principal). **Pecuária:** bovinos, suínos, ovinos. **Pesca:** 391,1 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, petrolífera, têxtil, química. **Minerais:** petróleo, gás natural, ouro, prata, cobre, antimônio, zinco. **Exportações:** US$ 2,9 bilhões; **produtos:** petróleo e derivados, banana, frutos do mar processados (camarão, principal) (1991). **Importações:** US$ 2,4 bilhões; **produtos:** matérias-primas industriais, bens de capital, equipamentos de transporte (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Alemanha, Peru, Brasil. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** sucre (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 1.462,00 (31/8/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 10,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.020 (1991); **crescimento anual:** 2% (1980–1991). **Inflação anual:** 36,6% (1980–1990). **Dívida externa:** US$ 12,5 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 3,6 milhões; **distribuição:** agricultura, 30,8%; indústria, 17,9%; comércio, 14,2%; serviços, 31,2%; outros, 5,9%; **mão-de-obra feminina:** 30% (1990). **Desemprego:** 5,8% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 58 mil (1992); **Exército:** 50 mil; **Marinha:** 4,5 mil; **Força Aérea:** 3,5 mil. **Gastos:** 16,7% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 37,6 mil km; 17% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 313,5 mil; **automóveis:** 272,3 mil (1987). **Ferrovias:** 965 km (1988). **Portos:** Guayaquil, Esmeraldas, Manta e Porto Bolívar. **Linhas aéreas:** ANDES, SAETA (vôos internacionais e domésticos); SAN, TAME (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 190; **receptores:** 1 por 3,5 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 10; **receptores:** 1 por 15 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 14 hab. (1989). **Jornais diários:** 26; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 87 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 11, cj. 9, casa 24, CEP 71625-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-5560.

HISTÓRIA

Após a derrota do Imp. Inca (1533), Quito é ocupada por Sebastián de Belalcázar e a região é administrada, a partir de Lima e Bogotá, com ampla exploração dos indígenas. **1822:** derrota dos espanhóis na Batalha de Pichincha (24/5); a região integra-se à Grã-Colômbia, sob Simón Bolívar. **1828/29:** guerra da Grã-Colômbia com o Peru; ocupação de Guayaquil. **1830 – 1845:** guerra da independência; Juan Flores proclama a República. **1858 – 1860:** derrota para o Peru. **1861 – 1875:** ditadura de Gabriel García Moreno, que faz reformas econômicas e sociais mas é assassinado. **1895 – 1911:** Eloy Alfaro separa a Igreja do Estado e faz reformas liberais; deposto, é assassinado em 1912. **1938 – 1942:** guerra com o Peru, perda de grande parte do território amazônico. **1961:** o pres. José Maria Velasco Ibarra, forçado a exilar-se, é sucedido pelo vice, Julio Arosemena Monroy, deposto em **1963:** pelo contra-alm. Ramón Castro Jiaón, que decreta a lei marcial. **1967:** nova Constituição. **1968:** primeiras eleições em sete anos; 5º mandato de Velasco Ibarra. **1970 – 1972:** ditadura de Velasco, deposto pelo gen.-brig. Guillermo Rodríguez Lara. **1973:** ingresso na OPEP. **1974:** suspensão das atividades políticas por cinco anos. **1976:** Rodríguez renuncia; assume o alm. Alfredo Póveda Burbano. **1978:** nova Constituição. **1979:** eleição de Jaime Roldós. **1981:** conflitos de fronteira com o Peru; Roldós morre em acidente aéreo; assume o vice, Osvaldo Hurtado. **1983:** protestos contra a política econômica. **1984:** eleição do conservador León Febres Cordero. **1985:** distúrbios contra o aumento de preços; crise com o Congresso sobre política salarial. **1986:** a oposição conquista 43 cadeiras, contra dezenove do governo; fracassa a rebelião do brig. Vargas Pazzos. **1987:** Febres e o min. da Defesa, seqüestrados por oficiais rebeldes, são soltos após a libertação de Vargas; estado de emergência decretado três vezes para sufocar greves. **1988:** a guerrilha do *Alfaro Vive* ocupa emissoras de rádio, opondo-se a Sixto Durán, candidato de Febres à presidência; eleição do social-democrata Rodrigo Borja Cervallos (8/5); o populista Abdala Bucaram, que disputou o segundo turno, foge do país (29/5), acusado de desfalque. **1989:** crise econômica, terremoto e queda nos preços do petróleo desgastam Borja. **1990:** a Confederação dos Indígenas, com apoio da esquerda, reclama restituição de terras; o levante faz Borja perder a maioria para Bucaram e Febres nas legislativas (17/6); escândalos de corrupção e fraude eleitoral levam Borja à beira da renúncia; Bucaram é destituído pelo Congresso (19/10); o *Alfaro Vive* é convertido em partido político; nova rebelião da Confederação Indígena. **1991:** dissolução do Serviço de Investigação Criminal, suspeito de violação dos direitos humanos (set.); processo de *impeachment* contra o min. das Minas e Energias, Óscar Garzón Quiroz, por decretar aumentos ilegais dos combustíveis; ele renuncia (nov.). **1992:** o Congresso ignora o projeto de reforma econômica de Borja (abr.); a Confederação Indígena considera insuficientes os 1,7 milhão de ha que lhe são entregues (13/5); eleição do conservador Sixto Durán Ballén (5/7), que lança rígido pacote econômico (3/9) e, em troca do apoio do Exército, dá-lhe poderes policiais (7/9) após atentados em Quito e Guayaquil; greve contra o pacote (23/9); adesão à zona de livre comércio Bolívia-Colômbia (1º/10).

FATOS DO ANO

No início de 1993, o pres. Sixto Durán Ballén tenta modificar, no Congresso, a reforma agrária de 1972, que deu às pequenas propriedades 36% do total da área cultivada. E em jan., após ameaçar romper com seu partido, o da Unidade Republicana, por falta de sintonia de seus parlamentares com o governo, consegue aprovar nova regulamentação para os investimentos estrangeiros, dando-lhes o mesmo tratamento do capital nacional. Essas decisões desagradam a muitos setores: por tê-las criticado, o min. das Minas e Energia, Andrés Barreiro, é demitido em 4/2 e substituído por Francisco Acosta.

Provas de insatisfação – Os protestos contra o plano de austeridade, de set. de 1992, não se deteve após a greve geral de 23/9, que paralisou todo o país; minou o apoio do Congresso a Durán, dando margem a tentativas de *impeachment* contra três de seus ministros. A insatisfação com o aumento nos preços dos alimentos e combustíveis, a desvalorização da moeda e o congelamento dos salários trouxe novas greves e atentados de grupos rebeldes emergentes. A Confederação das Nacionalidades Índias do Equador (Conaie) participou exigindo maior controle dos 3 milhões de acres a eles entregues pelo governo e reclamando da exploração de petróleo na Amazônia equatoriana, que ameaça os parques nacionais e as reservas indígenas. Para deter a rebelião dos indígenas, que bloqueavam estradas e chocavam-se com policiais e militares, Durán tornou-se, em nov. de 1992, o primeiro presidente do país a negociar com a Conaie. Nenhuma solução imediata foi encontrada; mas o início do diálogo já foi um fato significativo.

Concessões ao estrangeiro – Com a nova política de privatização de estatais e abertura do mercado, o governo permite a exploração de recursos naturais dentro de áreas protegidas e concede a algumas empresas estrangeiras a autorização para nelas construírem estradas de acesso e oleodutos: a petrolífera americana Maxus, por exemplo, instala-se na reserva Yasuni após acordo com os índios Huaorani, que conta com a aprovação de alguns grupos ambientalistas. A exploração intensiva do petróleo – num país em que, em 1992, apesar da retirada da OPEP em nov., o produto representou 40% das exportações, o equivalente a 60% do orçamento nacional – e a privatização de parte das atividades da Petroecuador são duas das diretrizes de Durán. Com elas, o governo pretende recuperar a combalida economia equatoriana, após o *boom* petrolífero que, nos anos 70/80, levou o país a um crescimento anual de 9%. Outro objetivo é reduzir a máquina administrativa, que, nesses anos prósperos, chegou a meio milhão de funcionários.

Além da queda na produção de petróleo, o que reduziu a taxa de crescimento a 2% em 1992, fortes chuvas provocam, em 1993, inundação nos vales mais férteis da província de Azuay, arrasando as colheitas e deixando ao desabrigo milhares de pessoas. Deslizamentos de terra causados pelas chuvas soterram, em mai., centenas de mineiros e suas famílias na província de Zamora. Nesse mesmo mês, Durán anuncia novas medidas, dentro do plano de ajuste orientado pelo FMI, entre as quais os aumentos de tarifas de eletricidade e energia. A resposta da Frente Unida dos Trabalhadores é, em 26/5/1993, uma greve geral que paralisa o país. Outra meta de Durán, a da renegociação dos US$ 12,5 bilhões de dívida externa, entra em impasse em mai. de 1993: enquanto o governo pede um desconto de quase 70%, os bancos credores exigem que o país reinicie os pagamentos de juros suspensos em jul. de 1992, e sugerem um acordo mais convencional de redução, que não convém ao Equador.

Quanto ao tráfico, embora situado entre o Peru e a Colômbia, o Equador, por possuir pouquíssimas plantações de coca ou papoula, é apenas "país de trânsito" para as drogas (o maior chefe traficante local, Jorge Reyes Torres, foi preso em 1992). Uma preocupação de Durán, porém, tem sido impedir o aparecimento de grupos rebeldes violentos, como o Sendero Luminoso no vizinho Peru.

Eritréia

● **NOME OFICIAL:** República da Eritréia. **Capital:** Asmará. **Nacionalidade:** eritreu. **Língua:** triguínia e árabe (oficiais); tigrê, afar, bilien. **Data nacional:** 24/5 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da África. **Área:** 93.679 km². **Limites:** mar Vermelho (N e L); Djibuti (SE); Etiópia (S); Sudão (O). **Características:** planalto (NO); planície litorânea. **Clima:** árido tropical. **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 3.050.000; **urbana:** 15,2% (1989). **Densidade (hab./km²):** 32,5 (1989). **médicos:** 0,02 por 1.000 hab. (1987).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 25/4/1993. **Regime partidário:** unipartidarismo; **partido:** Frente Popular de Libertação. **Chefe de Estado e de governo:** Issaias Afeuerki (desde 25/4/1993).

● **ECONOMIA: Moeda:** berr.

● **DEFESA:** 85 mil homens da Frente Popular de Libertação.

● **TRANSPORTES: Portos:** Assab, Massaua.

FATOS DO ANO

A independência é formalmente aprovada por 99,8% dos votantes no plebiscito de 23 a 25/4/1993: apenas 1.882 dos 900 mil eleitores eritreus optam por continuar ligados à Etiópia. Chegam ao fim os trinta anos de luta da Frente Popular de Libertação da Eritréia pela emancipação, iniciados em 1963, durante o reinado do imp. Hailê Selassiê. Logo após, a FPLE, que, desde 1991, já governava de fato o território como uma província autônoma, constitui um "governo de transição" encarregado de, no prazo de quatro anos, redigir a Constituição e convocar eleições multipartidárias. Nessa fase, as funções legislativas serão provisoriamente exercidas por uma Assembléia Nacional unicameral constituída pelos membros do Comitê Central da FPLE e sessenta outros membros por ele designado, sendo onze lugares reservados às mulheres.

Surge um país – A independência é oficialmente comemorada, em Asmará, em 24/5, segundo aniversário da vitória sobre o Exército do ex-ditador Hailê Mengistu Mariam; nesse mesmo mês, a Eritréia é admitida na ONU. Em 8/6, Issaias Afeuerki, líder da FPLE, sec.-geral do governo autônomo entre 1991/92, confirmado pela Assembléia como o chefe do governo de transição, nomeia um Conselho de Estado de 24 membros, do qual participam todos os governadores de regiões. Nas semanas seguintes, o novo país é formalmente reconhecido pelo Egito, Israel, Síria, Rússia, EUA, Itália e CEE.

O reconhecimento etíope é imediato, pois sempre foi muito estreita a colaboração entre a FPLE e a Frente Democrática Revolucionária do Povo da Etiópia (FDRPE), hoje no poder em Adis-Abeba. Antes da derrubada de Mengistu, era em território eritreu que a FDRPE tinha seus acampamentos, e foi a FPLE quem a treinou e re-

organizou, preparando a campanha de avanço rumo à capital que levou à vitória contra o regime comunista. Por essa razão, Afeuerki chegou a ser chamado de "o Mao Tsetung da África", alusão à Longa Marcha, comparável à dos chineses, que ele convenceu os líderes da FDRPE a fazer através do deserto. Quanto ao problema da Frente de Libertação da Eritréia/Organização Unida, de Mohamed Said Nauid, com bases no vale de Gash, a sudoeste do território, que se tinha oposto ao governo provisório instalado pela FPLE em Asmará, uma solução negociada está a caminho. Depois que, em jun. de 1992, uma ala dissidente FLE/OU aderiu a Afeuerki, o movimento como um todo decidiu, a partir de set., discutir a reconciliação.

Mas o novo país tem imensos problemas. Embora seu Exército, de 85 mil homens, seja um dos mais disciplinados da África, o soldo baixíssimo, de US$ 12, que recebe e o fato de ter sido convocado a continuar mobilizado, trabalhando como voluntário na reconstrução nacional, já cria agitação em suas fileiras. Em 20/5, ao ser anunciado que os soldados continuarão, por mais quatro anos, prestando "serviço civil", há uma manifestação de protesto no aeroporto de Asmará. Os distúrbios terminam depois que Afeuerki promete pagá-los pelos trabalhos que realizem.

O próprio governo, no entanto, não sabe de onde tirar os recursos para essa e outras despesas, pois, desde 1991, o país vem sendo fustigado pela seca, o sal comprado pela Etiópia e as peles de gado mandadas para a Arábia Saudita são os únicos artigos de exportação e 80% da população depende, para sobreviver, de 27 mil t de alimentos fornecidos mensalmente por organizações de ajuda humanitária internacionais e dos US$ 10 milhões anuais enviados por eritreus que trabalham no exterior. O porto de Assab, que, desde os tempos de Selassiê, era chamado de "o pulmão da Etiópia", tem elevado potencial econômico, mas precisa urgentemente de modernização e implantação de infra-estrutura. Serão necessários, também, grandes investimentos para explorar o ouro e o cobre que há no subsolo e para fazer a prospecção do petróleo e gás natural, de que, acredita-se, há jazidas razoáveis; mas o novo governo está tendo dificuldades em captar esses recursos no exterior: dos US$ 2 bilhões que terão de ser gastos na reconstrução do país, apenas US$ 92 milhões foram obtidos, dos organismos internacionais, entre o fim de 1992 e o início de 1993.

Eslováquia

● **NOME OFICIAL:** República Eslovaca. **Capital:** Bratislava. **Nacionalidade:** eslovaca. **Hino:** *Brilha sobre o Tatras* (1º verso). **Língua:** eslovaco (oficial); húngaro. **Religião:** cristianismo (católicos, maioria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Europa. **Área:** 43.035 km². **Limites:** Polônia (N); Rep. Tcheca (NO); Ucrânia (L); Hungria (S); Áustria (O). **Características:** relevo montanhoso dominado pela cadeia dos Altos Tatras (N) e dos Baixos Tatras (centro, L); rios de montanhas, terras baixas e planície do rio Danúbio (SE a SO); planícies férteis ao longo dos rios Danúbio e Uh (L). **Ponto mais elevado:** pico Gerlach (2.655 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Danúbio (Dunai), Uh, Vah. **Cidades principais:** Bratislava (442.197 hab.); Kósitche (235.260); Nitra (89.969); Préshov (87.765); Banská Bystritsa (85.030) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 5.274.335 (est.1992); **Composição demográfica:** eslovacos, 85,7%; húngaros, 11%; ciganos, 1,4%; tchecos, moravianos, silesianos, ucranianos, alemães, poloneses e russos (minorias) (1991). **Crescimento demográfico:** 0,4% (1991). **Densidade (hab./km²):** 107,9 (1992). **Natalidade:** 14,9 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 10,4 por 1.000 (1991); **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,09 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 76,7 hab.; **médicos:** 1 por 6,5 hab. (1992). **Gastos com saúde:** 65,3% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Alunos de 1º e 2º graus:** 306,7 mil; **professores:** 53,3 mil (1992/93). **Alunos no ensino superior:** 55,6 mil; **professores:** 7,9 mil (1992/93).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 1º/9/1992. **Divisão administrativa:** 4 regiões divididas em 38 municipalidades. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Mov. por uma Eslováquia Democrática, da Esquerda Democrática, Mov. Cristão Democrático, Nacional, Coexistência. **Chefe de Estado:** pres. Michal Kovac (desde 15/2/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. Liubomir Dolgos (desde jun./1993). **Legislativo:** unicameral – Conselho Nacional com 150 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

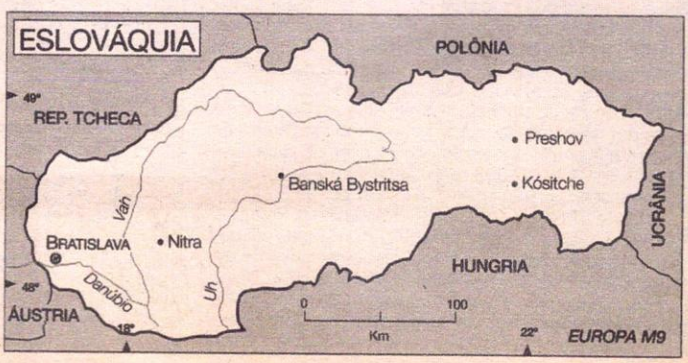
● **ECONOMIA:** agricultura, 7,4%; indústria, 59,6%; comércio e serviços, 33% do PIB (1990). **Agricultura:** cereais (trigo, principal), beterraba, batata, legumes e verduras. **Pecuária:** suínos, bovinos, ovinos. **Pesca:** 22,4 mil t (com Rep. Tcheca) (1990). **Indústria:** química, farmacêutica, têxtil, vestuário, vidro, couro, calçados, materiais de construção. **Minerais:** linhita, cobre, zinco, chumbo, minério de ferro, magnesita, petróleo, gás natural, mercúrio, calcário. **Exportações:** US$ 3,3 bilhões; **produtos:** manufaturas básicas, máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos (1991). **Importações:** US$ 3,8 bilhões; **produtos:** combustíveis minerais e lubrificantes, máquinas industriais e equipamentos de transporte, matérias-primas (1991). **Parceiros comerciais:** países membros do Conselho de Assistência Econômica Mútua e Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** koruna (dividido em 100 halierov); **cotação para 1 US$:** 28,90 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 11,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.218 (1991); **crescimento do Produto Interno Bruto (PIB):** 6% (1992). **Inflação:** 12% (1992). **Dívida externa:** 2,6 bilhões (1992). **Força de trabalho:** 2,3 milhões; **distribuição:** agricultura, 12,6%; indústria, 47,1%; comércio, 8,6%; serviços, 29,8% (1991); **Desemprego:** 11,8% (1993).

● **DEFESA: Exército:** 50 mil (1993). **Gastos:** 2,8% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 17,7 mil km (1993); **nº de veículos:** 1,2 milhão; **automóveis:** 906,1 mil (1991). **Ferrovias:** 3,7 mil km (1993). **Portos:** Bratislava, Komárno (rio Danúbio). **Linha aérea:** Tatra Air.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,8 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 4 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 4,1 hab. (1991). **Jornais:** 19 semanários (1992).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** WE sul, 508, CEP 70414-900, Brasília, DF; tel. (061) 243-1263.



FATOS DO ANO

Vladimír Meciar, co-artífice do processo que faz com que, em 1º/1/1993, um novo país surja da cisão da Tcheco-Eslováquia, é tido como um político contraditório e imprevisível. Líder do Movimento por uma Eslováquia Democrática (MED), esse ex-pugilista, de temperamento autoritário e centralizador, faz um discurso de fundação do novo país declarando-se contrário ao socialismo. Mas, ao mesmo tempo, rejeita o que chama de "capitalismo do séc. XX" e promete "respeitar o trabalho honesto realizado durante o período comunista" sem, no entanto, esclarecer à imprensa o que entende com isso.

É com os meios de comunicação, aliás, que entra em atrito, desde jan., ao reestatizar o jornal *Smena* (Mudança), dirigido pela oposicionista Gaba Baranovicová, que estava em processo de privatização. Impõe também à televisão um horário diário para informes governamentais. Em fev., governando com um gabinete em que há vários membros do Partido da Esquerda Democrática, de Peter Weiss, o ex-sec.-geral do PC, consegue manobrar o Parlamento e impor, como pres. da República, Michal Kovac, do MED. A essa altura, Frantísek Milosko, líder da oposição democrata-cristã, adverte contra o personalismo de Meciar, "que pode desaguar no fascismo" – atingindo principalmente a discriminada minoria húngara, de 600 mil pessoas, cujo partido, o *Együttélés* (Coexistência), de Miklós Duray, conta com apenas catorze das 150 cadeiras no Parlamento.

Esse populismo não vai longe: a popularidade de Meciar começa a cair, em mar., com o desemprego elevado (13%) e os salários baixos para os padrões europeus (US$ 150). Em abr., Alojs Englis, líder da Confederação dos Sindicatos Eslovacos, põe os trabalhadores nas ruas de Bratislava protestando contra o "imobilismo" das autoridades. Mas a Meciar, diz a imprensa, interessa apenas a possibilidade que o cargo lhe dá de projetar-se no exterior: é por isso que, nesse mesmo mês, demite seu chanceler, Milan Knazko, e vai a Moscou acertar uma velha dívida com a ex-URSS, em troca de cinco modernos caças *MiG-29*. O negócio, malvisto internamente, é condenado pela vizinha Hungria, preocupada com o tratamento dado à minoria húngara. As relações com Budapeste são difíceis pois, além das reivindicações de autonomia cultural e educacional feitas pelos 600.000 húngaros residentes na Eslováquia, os dois governos se desentendem devido à decisão húngara, tomada em 1989 por pressão dos ecologistas, de abandonar o projeto hidrelétrico de Gabtchikovo-Nagymáros – envolvendo a construção de duas represas e o desvio do rio Danúbio –, contratado em 1989 com a ex-Tcheco-Eslováquia.

Choques com os húngaros – Em jun., Budapeste opõe-se à entrada da Eslováquia no Conselho da Europa; mas decide se abster quando o Parlamento eslovaco admite o ensino do húngaro nas escolas. Contrariado, Meciar exige o retorno de uma antiga lei, caída em exercício findo, que forçava as mulheres húngaras a adotar, em seu sobrenome, o sufixo feminino eslavo *-ová*, como nos nomes eslovacos (Nagyová, por exemplo, no sobrenome húngaro Nagy). Com os tchecos, todavia, as dificuldades políticas parecem amenizadas: em jul., o pres. Vacláv Hável visita Bratislava, acertando com Meciar um patrulhamento conjunto da fronteira comum, usada como "rota de fuga" dos refugiados ameaçados pela guerra nos Bálcãs e pela crise econômica no Leste europeu. Em jun., entretanto, as pressões da oposição do Partido Nacional Eslovaco, de Liudovít Cernák, com o qual fracassa uma tentativa de acordo de governabilidade, forçam Meciar a entregar a chefia do governo ao min. da Privatização, Liubomir Dolgos.

A cisão prejudica a economia eslovaca, que perde de US$ 700 milhões a 1 bilhão em comércio mútuo. Na teoria, as coroas das duas Repúblicas têm o mesmo valor, mas, na prática, a eslovaca perde 20% no câmbio. A indústria metalúrgica é atingida por restrições comerciais da CEE. Sua indústria bélica, quase desmantelada quando o pacifista Hável era o pres. da Tcheco-Eslováquia, já não tem boa cotação no mercado internacional. Em jul., Meciar assina acordo com o FMI, que promete US$ 90 milhões ao país caso o déficit público fique em 5% do PIB e o processo de privatização seja acelerado. Quanto ao objetivo de atrair investimentos estrangeiros, ele tem sido dificultado pelas más condições gerais da economia.

Eslovênia

● **NOME OFICIAL:** República da Eslovênia. **Capital:** Liubliana. **Nacionalidade:** eslovena. **Língua:** esloveno, servo-croata e macedônio (oficiais). **Religião:** cristianismo (católicos, maioria; ortodoxos, protestantes); judaísmo, islamismo (minorias). **Data nacional:** 8/10 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Europa. **Área:** 20.251 km². **Limites:** Áustria (N); Hungria (L); Croácia (S); Itália (O). **Características:** alpes Julianos e Karavanos (maior parte); planície (L e SO) e o vale fértil do rio Sava. **Ponto mais elevado:** monte Triqlác (2.863 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Sava, Kupa, Mura e Drava. **Cidades principais:** Liubliana (323.291 hab.); Maribor (153.053); Kranj (72.814); Ptuj (68.846); Celie (66.443) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 1.985.000 (est.1992); **urbana:** 48,9% (1981). **Composição demográfica:** eslovenos, 90,5%; croatas, 2,9%; sérvios, 2,5%; bósnios e húngaros (minorias) (1981). **Crescimento demográfico:** 0,2% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 23%; **15-59:** 62,6%; **mais de 60:** 14,4% (1981). **Densidade (hab./km²):** 98 (1992). **Natalidade:** 12,1 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 9,9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 8,9 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,7 (1985–1990). **Vida média homens:** 67; **mulheres:** 75 (1980–1982). **Leitos hospitalares:** 1 por 143 hab. (1990); **médicos:** 1 por 481 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 4,6% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 0,8% (1981). **Alunos de 1º e 2º graus:** 320,5 mil; **professores:** 19 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 33,6 mil; **professores:** 2,6 mil (1990/91). **Gastos:** 3,4% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** dez./1991. **Divisão administrativa:** 62 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Liberal Democrático, Democrata Cristão, Lista Associada, Nacional, do Povo, Democrático, Verde, Social Democrata. **Chefe de Estado:** pres. Milan Kucan (reeleito em 6/12/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Janez Drnovsek (desde dez./1992). **Legislativo:** bicameral – Assembléia Nacional, com 90 membros (38 eleitos por voto direto, 50 indicados pela comissão eleitoral, 2 representantes indicados pelas minorias italiana e húngara), e Conselho Nacional com 40 membros (22 eleitos por voto direto, 18 indicados pelo colégio eleitoral), para mandatos de 4 e 5 anos, respectivamente.

● **ECONOMIA:** agricultura, 6,2%; indústria, 68;8%; comércio, 14,1%; serviços, 10,9% do PIB (1990). **Agricultura:** batata, milho, trigo, beterraba, uva. **Pecuária:** suínos, bovinos, aves. **Pesca:** 5,8 mil t (1991). **Indústria:** motores para automóveis, calçados, fumageira, bebidas. **Minerais:** carvão, chumbo, zinco. **Exportações:** US$ 5,2 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, artigos manufaturados (1991). **Importações:** US$ 5,3 bilhões; **produtos:** máquinas e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, químicos (1991). **Parceiros comerciais:** Alemanha, Itália, França, Áustria. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** tolar (dividido em 100 stotins); **cotação para 1 US$:** 98,50 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 12,6 bilhões; **renda per capita:** US$ 6.320 (1991); **crescimento do Produto Interno Bruto (PIB):** 6,5% (1992). **Inflação:** 5% (abr./1992). **Força de trabalho:** 747 mil (1991); **distribuição:** agricultura, 2,5%; indústria, 57,3%; comércio, 12,5%; serviços, 27,7%; **mão-de-obra feminina:** 47,2% (1990). **Desemprego:** 12,3% (1991).

• **DEFESA: Exército:** 15 mil (1992); **outros:** 4,5 mil paramilitares (1992). **Gastos:** 4,2% do orçamento (1991).

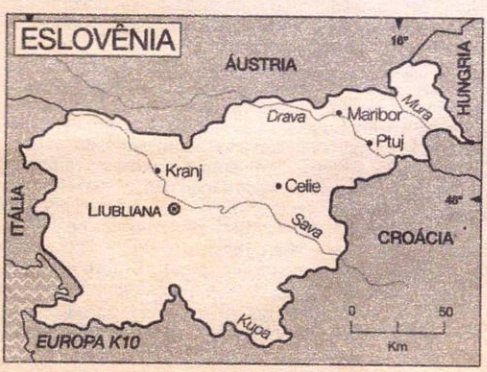
• **TRANSPORTES: Rodovias:** 14,6 mil km; 72% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 619,6 mil; **automóveis:** 583,9 mil (1990). **Portos:** Koper-Capodistria, Portoroz, Izola. **Linha aérea:** Adria Airways (vôos internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 2,9 hab. (1989). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 3,7 hab. (1989). **Linhas telefônicas:** 1 por 3 hab. (1990). **Jornais diários:** 3; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 112 (1990).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Permanent Mission of the Republic of Slovenia to the United Nations, One Dag Hammarskjold Plaza, 7th Floor, New York, NY 10007, EUA; tel. (001-212) 702-4884.

HISTÓRIA

Em seu território desde o séc. VI, os eslovenos foram dominados pelos ávaros (743), incorporados ao Imp. Carolíngio e, no séc. IX, devolvidos aos germânicos, que os escravizaram, dividindo-os nas províncias de Carintia, Carniola e Styria. **Séc. XIII:** Dominação dos Habsburgos, com revoltas ocasionais, como a de Matija Gubec (1573). **Séc. XVIII:** os imp. Maria Teresa e José II, da Áustria, atenuam a servidão. **1809 – 1814:** dominação napoleônica; permitido o uso da língua local; estímulo às iniciativas regionais. **1814:** restauração dos Habsburgos; primeiras manifestações nacionalistas. **1870 – 1890:** fundação dos partidos nacionalistas do Povo Esloveno, Progressista e Socialista. **1918:** apesar da proclamação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, a Conferência de Paris entrega a Gorizia à Itália, o sul da Caríntia à Iugoslávia e as demais regiões à Áustria. **1919 – 1938:** progressos econômicos; fundação, em Liubliana, da primeira universidade. **1939 – 1945:** partilha do território entre a Itália (SE), a Alemanha (NE) e a Hungria (a região de Prekomurje); resistência da Frente de Libertação, comunista. **1945:** reintegração à Iugoslávia; as eleições de 29/11 confirmam o país como pertencente à federação iugoslava, tendo o mal. Tito como presidente. **1946:** nova Constituição. **1947:** pelo Tratado de Paris, a Itália devolve terras a oeste, mas não a Gorizia. **1954:** anexação de parte do Território Livre de Trieste. **1974:** emenda constitucional muda o nome do país para República Socialista da Eslovênia. **1989:** declaração de soberania (jul.). **1990:** eleições gerais, vitória da coalizão separatista Oposição Democrática Eslovena (abr.); eleição de Milan Kucan, do PRD (ex-PC), severo crítico do expansionismo do pres. Slobodan Milosević, da Sérvia (mai.); nova declaração de soberania (2/7); plebiscito dá mandato ao governo para declarar a independência (23/12). **1991:** rejeitada a ordem federal de desarmar as "unidades militares não-autorizadas" (jan.); declaração da independência (20/2); pacto de defesa mútua com a Croácia (mar.); o Parlamento autoriza os recrutas a se recusarem a servir no Exército federal (mar.); a confirmação da independência inclui a suspensão da Constituição federal (25/6); as tropas federais atacam a Eslovênia (27/6), mas até 2/7 são derrotadas; encontro da ilha de Brioni (7/7): assina-se a trégua e as tropas federais são retiradas do país (18/7); os representantes eslovenos saem do governo colegiado (ago.); nova Constituição. **1992:** renúncia do 1º-min. Lojze Peterle, acusado de lentidão nas reformas rumo à economia de mercado (abr.); é substituído por Janez Drnovsek (mai.).



FATOS DO ANO

Em jan. de 1993, o 1º-min. Janez Drnovsek forma seu novo gabinete, ao ser confirmado no cargo pelo pres. Milan Kucan, reeleito em dez. do ano anterior. O novo gabinete de Drnovsek repousa sobre uma coligação mais ampla: de seu partido, o Liberal Democrata, com os social-democratas de Ivoze Pucnik, os democratas-cristãos do ex-1º-min. Lojze Peterle, os verdes liderados por Dusan Plut e a Lista Associada, aliança de quatro partidos menores muito influentes junto aos sindicatos. Esse conjunto de forças políticas permitirá, segundo o próprio Drnovsek, que seu governo tenha uma estabilidade mínima, por quatro anos, apesar das divergências ideológicas (é o caso da Lista, cujo apoio é importante devido ao programa de privatizações em curso, que já provocou 13% de desemprego).

Já na ex-Iugoslávia, na qual representavam apenas 8% da população, os eslovenos geravam 25% da riqueza nacional. A separação torna o país ainda mais próspero: hoje, ele possui o padrão de vida mais elevado do Leste europeu (US$ 6.000 de renda per capita) e suas reservas, subindo de US$ 50 para US$ 700 milhões, estabilizam o tolar, a moeda nacional. A inflação anual prevista para 1993 não deve ultrapassar 30%. Além disso, os eslovenos escaparam quase ilesos do conflito balcânico: em dez dias de combates e com apenas dezoito baixas, derrotaram o Exército federal iugoslavo e garantiram sua independência.

Pressão da direita – Mas não se mantêm à margem da guerra civil, na medida em que abrigam 70 mil refugiados de várias regiões em luta, que vivem em acampamentos improvisados, em péssimas condições. Sua presença desencadeia a campanha do ultranacionalista Zmago Jelincic, do Partido Nacional Esloveno, que, alegando estarem eles ocupando indevidamente postos de trabalho, propõe sua expulsão pura e simples – e, com essa plataforma, conquista nove cadeiras no *Drzavni Zbor* (a Assembléia Nacional). Também os 546 km de fronteira com a Croácia são fonte de tensão. Em jun. de 1993, as autoridades de Zagreb e de Liubliana reúnem-se para discutir seu traçado definitivo e outras pendências, como as contas particulares de cidadãos croatas que estão congeladas em bancos eslovenos e a partilha da energia da usina nuclear de Krsko, que serve aos dois países.

Em jan. de 1993, visando a integrar-se mais facilmente no cenário econômico internacional, o país ingressa no FMI; e, em mai., é admitido no Conselho da Europa e no acordo econômico do Grupo de Visehrád, formado pela República Tcheca e pela Eslováquia com a adesão da Polônia e da Hungria. Mas Mitja Tajnikar e Janez Jansa, os responsáveis pela Economia e Finanças, antevêem algumas dificuldades na colocação dos produtos eslovenos no mercado mundial. Na fase iugoslava, era mais fácil atender às exigências do consumo interno, e a matéria-prima, comprada dos sérvios ou croatas, custava mais barato. Todos os setores, entretanto, estão produzindo e têm a perspectiva de crescer.

A agricultura é altamente mecanizada e muitos de seus produtos são exportados já processados pela ativa indústria alimentícia. O turismo, em 1993, também dá sinais de recuperação. A lei das privatizações, aprovada em nov. de 1992, é bastante liberal, abrindo às empresas a possibilidade de se autoprivatizarem, escolhendo e conduzindo o seu próprio processo, auxiliadas, na desestatização, pela Bolsa de Valores, que, desde o início de 1993, funciona normalmente em Liubliana. Calcula-se que, durante esse ano, quatrocentas estatais passariam para mãos particulares.

Espanha

● **NOME OFICIAL:** Reino da Espanha. **Capital:** Madri. **Nacionalidade:** espanhola. **Hino:** Marcha Real (título). **Língua:** espanhol (oficial); basco (N); galego (NO); catalão (NE). **Religião:** cristianismo (católicos, 97%; protestantes, 0,4%). **Data nacional:** 12/10 (Hispanidade).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da Europa. **Área:** 504.872 km². **Limites:** baía de Biscaia (N); França, Andorra (NE); mar Mediterrâneo (L); estreito de Gilbratar (S); oceano Atlântico, Portugal (O). **Características:** planalto da Meseta Central (maior parte); cordilheira Cantábria (N); Pirineus (NE); montes Catalonianos (L); serra Nevada (SE). **Ponto mais elevado:** pico Teyde (3.718 m) (Tenerife). **Clima:** mediterrâneo (maior parte); tropical oceânico (N). **Rios principais:** Tejo, Ebro, Duero, Guadiana, Mírio. **Cidades principais:** Madri (2.909.792 hab.); Barcelona (1.623.542); Valença (752.909); Sevilha (659.126); Saragoça (586.219) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 39.085.000 (est.1992); **urbana:** 78,4% (1990). **Composição demográfica:** espanhóis, 72,3%; catalães, 16,3%; galegos, 8,1%; bascos, 2,3%; outros, 1% (1989). **Crescimento demográfico:** 0,2% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 18,4%; **15-59:** 62,2%; **mais de 60:** 19,4% (1992). **Densidade (hab./km²):** 77,4 (1992). **Natalidade:** 10,2 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 8,5 por 1.000; **mortalidade infantil:** 7,7 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,7 (1990–1995). **Vida média homens:** 74,4; **mulheres:** 80,3 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 198 hab. (1987); **médicos:** 1 por 275 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 12,8% do orçamento (1993).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 5,3% (1988/89). **Alunos de 1º e 2º graus:** 8 milhões; **professores:** 382,6 mil (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 1,1 milhão; **professores:** 55,5 mil (1988/89). **Gastos:** 7,2% do orçamento (1993).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 29/12/1978. **Divisão administrativa:** 18 comunidades autônomas subdivididas em 50 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Socialista Operário, Popular, Esquerda Unida, Convergência e União, Nacionalista Basco. **Chefe de Estado:** rei Juan Carlos de Borbón (desde 22/11/1975). **Chefe de governo:** 1º-min. Felipe González Márquez (reeleito em 6/7/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 25 membros (208 eleitos por voto direto e 47 representantes indicados pelas comunidades autônomas), e Congresso dos Deputados, com 350 membros eleitos por voto direto, ambos para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 5%; indústria, 35,5%; comércio e serviços (turismo, principal), 59,5% do PIB (1989). **Agricultura:** trigo, cevada, beterraba, verduras e legumes, frutas cítricas, uva, azeitona. **Pecuária:** ovinos, suínos, bovinos. **Pesca:** 1,4 milhão t (1990). **Indústria:** automobilística, construção naval, química, siderúrgica, têxtil, calçados, alimentícia (azeite e vinho). **Minerais:** carvão, petróleo, gás natural. **Exportações:** US$ 59,9 bilhões; **produtos:** veículos, máquinas industriais, alimentos, metalúrgicos e siderúrgicos (1991). **Importações:** US$ 93,1 bilhões; **produtos:** combustíveis minerais e derivados de petróleo, máquinas industriais e equipamentos elétricos, veículos, químicos (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Alemanha, França, Itália, Grã-Bretanha, principais). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** peseta (dividida em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 144,55 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 486,6 bilhões; **renda per capita:** US$ 12.460 (1991); **crescimento anual:** 3,2% (1980–1991). **Inflação:** 5,3% (1992). **Dívida externa:** US$ 73,9 bilhões (1992). **Força de trabalho:** 15,1 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 11,2%; indústria, 31,2%; comércio, 20,5%; serviços, 29,7%; outros, 7,4%; **mão-de-obra feminina:** 35,1% (1990). **Desemprego:** 16,3% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 217 mil (1992); **Exército:** 146 mil; **Marinha:** 36 mil; **Força Aérea:** 35 mil; **outros:** 64,6 mil paramilitares. **Gastos:** 2,1% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 324,2 mil km; 74% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 14,4 milhões; **automóveis:** 12 milhões (1990). **Ferrovias:** 12,6 mil km (1991). **Portos:** Barcelona, Bilbao, Santa Cruz de Tenerife, Gijón, Las Palmas, Sevilha, Valença. **Linhas aéreas:** IBERIA, Binter Mediterrânea (vôos internacionais e domésticos); Viva Air (internacionais); AVIANCO, Spanair, Pan Air Lineas Aereas, Andaluz Air, LTE, Air Europa/Air España, Binter Canarias (charters internacionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 14; **receptores:** 1 por 3,32 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 4; **receptores:** 1 por 2,3 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 2,5 hab. (1987). **Jornais diários:** 110; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 77 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 44, CEP 70429-900, Brasília, DF; tel. (061) 244-2177.

HISTÓRIA

A Península Ibérica é invadida por celtas (1.000 a.C.), fenícios, gregos (800 a.C.) e cartagineses, expulsos pelos romanos (45 a.C.), que dão à região unidade política e a cristianizam. Invasores vândalos (séc. V) são expulsos pelos visigodos, conquistados, por sua vez (700), pelos mouros. **756:** o princ. Abderrahman proclama-se emir da parte muçulmana. **825:** Sancho I cria o reino basco da Navarra. **873 – 896:** o conde Wilfredo de Barcelona cria o reino da Catalunha. **929:** Abderrahman III funda o califado de Córdoba. **935:** formação do reino de Castela. **1035:** formação do reino de Aragão. **1085:** Afonso VI, de Castela, toma Toledo dos árabes. **1090:** o almorávida Iusuf ibn Tachfin toma Algeciras e estabelece a capital em Granada. **1162 – 1230:** união dos reinos cristãos de Barcelona-Aragão e Leão-Castela. **1385:** Batalha de Aljubarrota, Portugal separa-se da Espanha. **1469:** Fernando de Aragão casa-se com Isabel de Castela e unifica a parte cristã. **1479:** Tratado de Alcaçovas troca as ilhas Canárias pela soberania portuguesa sobre a costa africana; a Inquisição persegue os marranos (judeus pseudoconvertidos). **1492:** queda de Granada, expulsão dos árabes e judeus; descoberta da América. **1494:** Tratado de Tordesilhas. **1512:** conquista de Navarra por Castela-Aragão. **1513:** criação do Conselho das Índias. **1519 – 1522:** o português Fernão de Magalhães faz, para Castela, a primeira viagem de circunavegação. **1521:** Hernán Cortés conquista o México. **1532:** Francisco Pizarro conquista o Peru. **1535 – 1542:** criação dos vice-reinos de Nova Espanha (México) e Nova Castela (Peru). **1536 – 1556:** Carlos V é sagrado rei da Espanha e imp. da Alemanha. **1556 – 1598:** Filipe II controla as colônias americanas, a Holanda e partes da Itália. **1571:** dominação das Filipinas. **1580 – 1640:** dominação de Portugal. **1648:** fim da Guerra dos Trinta Anos; perda da Holanda pelo Tratado da Westfália. **1700 – 1713:** Guerra da Sucessão, início da dinastia Borbón; Tratado de Utrecht: perda da Bélgica, Luxemburgo, Milão, Nápoles, Sardenha e Gibraltar. **1740:** criação do vice-reino de Santa Fé de Bogotá. **1750:** fixação das fronteiras hispano-portuguesas na América pelo Tratado de Madri. **1767:** expulsão dos jesuítas das colônias. **1776:** criação do vice-reino do Prata. **1777:** o Tratado de Santo Ildefonso reconhece a expansão da fronteira portuguesa na América. **1807 – 1821:** José Bonaparte é coroado rei por Napoleão; começam as guerras de independência na América. **1833 – 1876:** derrota dos liberais pelos conservadores nas Guerras Carlistas. **1861 – 1865:** reanexação da Rep. Dominicana. **1863 – 1866:** guerra com o Chile e o Peru pelas ilhas do Pacífico. **1873 – 1874:** o golpe do gen. Arsenio Martínez Campos restaura Alfonso XII. **1884:** anexação do Río de Oro (Saara Ocid.). **1898:** Guerra Hispano-americana: perda de Cuba, Porto Rico, Guam e Filipinas para os EUA. **1923 –**

1930: ditadura do gen. Miguel Primo de Rivera. **1931 – 1936**: deposição de Alfonso XIII, proclamação da II República; crise econômica e política; rebelião do gen. Francisco Franco. **1936 – 1939**: Guerra Civil: os republicanos são derrotados por Franco com apoio do nazi-fascismo; ditadura franquista. **1942 – 1947**: criação das Cortes fascistas sem representação popular; a Lei de Sucessão restabelece a monarquia e cria o conselho de regência, com Franco como chefe de Estado. **1958**: devolução ao Marrocos da área sob protetorado espanhol, à exceção do Rio de Oro, Ceuta, Melilla e Ifni. **1966 – 1968**: nova Constituição restringe o poder franquista; crescem as greves e protestos, reprimidos pela polícia. **1969**: Juan Carlos de Borbón é escolhido rei após a morte ou invalidez de Franco; Ifni é devolvido ao Marrocos. **1973**: atentado do ETA mata o 1º-min. Luís Carrero Blanco, substituído por Carlos Arias Navarro. **1975**: Franco morre (20/11); Juan Carlos é coroado (22/11). **1976**: Arias demite-se a pedido do rei e é substituído por Adolfo Suárez González, que faz aprovar programa de reformas (15/12). **1977**: legalização dos partidos políticos (9/4) e eleições gerais (15/6) com vitória de Suárez. **1978**: pré-autonomia ao País Basco; nova Constituição. **1979**: autonomia basca e catalã. **1980**: os nacionalistas bascos e catalães obtêm, nos Parlamentos regionais, 42 cadeiras sobre 60, e 57 sobre 135, respectivamente. **1981**: hostilizado pela ala direitista de seu partido, a União de Centro Democrático, Suárez renuncia e é substituído por Leopoldo Calvo Sotelo; fracassa o golpe do cel. Antonio Tejero Molina (23/2). **1982**: ingresso na OTAN; eleição do socialista Felipe González. **1983**: plano de austeridade inclui o fechamento de estatais deficitárias. **1984**: intensos protestos contra a política econômica; distúrbios, no País Basco, com a extradição de terroristas do ETA para a França. **1985**: reaberta a fronteira com Gibraltar; acordo com os EUA para redução dos efetivos da OTAN em território espanhol (11/12). **1986**: os socialistas obtêm maioria nas Cortes (22/6); reatamento com Israel (17/1); concessão de status paradiplomático à OLP (14/8). **1987**: os socialistas perdem a maioria em nível municipal; pacto antiterrorismo com oito dos partidos (5/11). **1988/89**: eleições antecipadas, após agitação trabalhista, confirmam González no cargo; ruptura das negociações com o ETA; reinício do terrorismo basco. **1990**: González tem maioria nas Cortes; um escândalo, envolvendo Juan Guerra, irmão do vice-1º-min. Alfonso Guerra, abala o governo. **1991**: Guerra renuncia; os socialistas perdem terreno nas eleições municipais; atentados terroristas paralisam o sistema ferroviário do País Basco (ago.); grande manifestação neofascista e neonazista, em Madri, no 16º aniversário da morte de Franco (set.); manifestações na Catalunha pela independência (set.); o país sedia a primeira sessão da Conferência de Paz Árabe-Israelense (out.). **1992**: inauguração da Exposição Universal de Sevilha, comemorando o V Centenário da Descoberta da América (jan.); demissão do min. da Saúde, Julián García Valverde, por fraude na compra de terrenos da estatal Renfe (14/1); greve dos metalúrgicos das Astúrias contra o desemprego (fev.); escândalo envolvendo o dir. do Banco Central, Mariano Rubio Jiménez, e a financeira Ibercorp (mar.); prisão de Francisco Mujica Garmendia (*el Artapalo*), principal líder do ETA (mar.); o Plano de Convergência Econômica, de adequação às exigências do Tratado de Maastricht (abr.), provoca greve convocada pela UGT (28/5); ajuste fiscal com novos cortes de gastos públicos e aumentos de impostos (jul.); emenda constitucional permite que residentes estrangeiros da CEE possam eleger-se para cargos municipais (jul.).

FATOS DO ANO

O governo sai vitorioso das eleições legislativas antecipadas de 6/7/1993 (38,9% dos votos), mas sem maioria absoluta: 159 cadeiras, dezessete a menos do que em 1989. Desgastado pelas denúncias de corrupção envolvendo seu partido, e pela crise econômica que corrói o "milagre espanhol", o 1º-min. Felipe González tinha se preocupado em desvincular-se da ala mais radical do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE). Isso o põe em choque com a ala esquerdista do ex-vice-1º-min. Alfonso Guerra; e leva, em 5/4/1993, à demissão do sec.-geral do PSOE, o basco José María Benegas (o "Txiki"), criando atrito entre os socialistas espanhóis e os do País Basco. Contribui também para o crescimento, sobretudo nos centros urbanos, do Partido Popular (PP), de direita (34,8%, com 141 cadeiras).

Para assegurar a maioria, o governo busca alianças com os partidos nacionalistas minoritários, para evitar que os cinco deputados do Partido Nacionalista Basco e os dezessete da *Convergencia i Unió* catalã apóiem o PP. A CiU condiciona seu apoio ao retorno, à Catalunha, de 15% do total do imposto de renda ali arrecadado. Não chega a haver coalizão; mas os nacionalistas aprovam, em 9/7, um gabinete de "renovadores" com seis independentes. Surge, porém, um problema com a ala esquerda do PSOE, que rejeita a indicação do direitista Carlos Solchaga Catalán para a Economia e Finanças. A solução é torná-lo porta-voz do PSOE no Parlamento e, em seu lugar (jul.), colocar o independente Pedro Solbes Mira – que, num primeiro momento, recebera a pasta da Agricultura, Pesca e Abastecimento.

Pedras no caminho – Os principais desafios de González são a corrupção, a crise econômica e o terrorismo. Grande desgaste para o PSOE foi causado, em 18/11 e 18/12/1992, pelas invasões de sua sede por agentes do Judiciário, buscando provas da existência de um esquema ilegal de financiamento das campanhas eleitorais – suspeita confirmada, em 22/3/1993, por um relatório revelando que as empresas Filesa e Time Export, administradas por militantes do PSOE, levantaram, entre 1989/1991, 997 milhões de pesetas, vendendo serviços inexistentes de consultoria para bancos e grandes empresas. A sentença de um ano de prisão (dez. de 1992) por crime de fraude, para Juan Guerra, irmão do ex-vice-1º-min. Alfonso Guerra, reaviva esse escândalo, que forçara a demissão do líder da esquerda do PSOE (1991). O governo é também acusado de descumprir a legislação ao permitir ao governo do Kuweit investir diretamente no país sem apresentar relatório a esse respeito às Cortes.

O pacto de redução de salários que González tenta com os sindicatos (5/7/1993), é conseqüência da recessão, que fez cair o nível de investimento, fez o PIB crescer apenas 1,2% em 1992, duplicou em doze meses o déficit público (1,4 milhão de pesetas em ago. de 1992), e manteve as taxas de 20,1% de desemprego e 5,3% de inflação. A peseta perde a estabilidade dentro do Sistema Monetário Europeu: de set. de 1992 a mai. de 1993, é desvalorizada três vezes, caindo 20% em relação às outras moedas. Somado à queda de 1,7% na produção industrial, e de 3% na agrícola, esse quadro requer uma tentativa de acordo com os trabalhadores.

Mas essas medidas desagradam aos sindicatos que, em 26/10/1992, tinham posto 50 mil metalúrgicos nas ruas de Madri, pedindo o arquivamento do projeto de reestruturação da indústria siderúrgica que, só nas Astúrias, pode desempregar 10 mil pessoas. Isso não deteve o governo que, nesse mesmo mês, anunciou a privatização do sistema de auxílio ao desemprego e, em 31/12, dividiu em dois o Instituto Nacional da Indústria para iniciar sua desestatização. Até o final de 1993, conta-se arrecadar US$ 1,5 bilhão com a privatização da telefônica, do banco Argentaria e da Endesa (eletricidade). Em compensação, para combater o desemprego, González anuncia, em 26/2/1993, um plano de emergência, de US$ 2,5 bilhões, para o aumento dos contratos temporários de trabalho, assistência à pequena empresa, incentivo a projetos de infra-estrutura e simplificação das leis trabalhistas, para estimular novas contratações.

Crise no ETA – A prisão de mais de 500 extremistas bascos (ago. de 1992-jan. de 1993) enfraquece o ETA a ponto de o governo poder recusar sua oferta de trégua durante os Jogos Olímpicos de Barcelona. A descoberta, no País Basco francês (fev. de 1993), de um grande arsenal dos terroristas, e a prisão de Rafael Caride, seu chefe de operações, têm represálias: em 21/6, dois carros-bomba deixam, em Madri, sete mortos e 27 feridos. Em dez. de 1992, é preso em Santander, Laureano Ortega, chefe do ultra-esquerdista Grupo de Resistência Antifascista 1º de Outubro que, desde sua fundação, em 1975, já matou 70 pessoas. Em represália, três bombas explodem em Madri em 3/3/1993, causando apenas danos materiais; e em abr. três membros do GRAPO morrem, num acidente de carro, quando transportavam uma bomba. À direita, um membro dos Grupos Antiterroristas de Libertação, preso em jul. de 1990 pelo assassinato de Josu Muguruza, do Herri Batasuna, braço político do ETA, é condenado a cem anos de prisão (mar./93).

Estados Unidos

● **NOME OFICIAL:** Estados Unidos da América. **Capital:** Washington. **Nacionalidade:** americana ou estadunidense. **Hino:** Bandeira Enfeitada de Estrelas (título). **Língua:** inglês (oficial); espanhol (minoria). **Religião:** cristianismo, 86,5% (protestantes, 52,7%; católicos, 26,2%); islamismo, 1,9%; judaísmo, 1,8%. **Data nacional:** 4/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da América do Norte. **Área:** 9.372.614 km². **Limites:** Canadá (N); oceano Pacífico (O); oceano Atlântico (L); México e golfo do México (S). **Características:** planície costeira separada da central pelos montes Apalaches (L); grandes lagos (Erie, Huron, Michigan, Ontário, Superior, principais) e montanhas (N); cadeia montanhosa das Rochosas (de NO a SO); cadeia da Costa (costa do Pacífico); serra Nevada (SO); vale Central da Califórnia (O); planaltos do Colorado (SO) e da Colúmbia (NO); pradarias (centro). **Ponto mais elevado:** monte Mc Kinley (6.194 m) (Alasca). **Clima:** temperado continental (L); subtropical (SE); de montanha (centro e montanhas Rochosas); árido tropical (SO); mediterrâneo (costa O); árido frio (O). **Rios principais:** Mississípi, Missouri, Grande, Yukon, Arkansas, Ohio, Vermelho, Colorado, Snake. **Cidades principais:** Nova York (7.322.600 hab.); Los Angeles (3.485.400); Chicago (2.783.700); Houston (1.630.600); Washington D.C. (606.900) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h (Nova York, Washington D.C.); -5h (costa O); -7h (Havaí); -7h a -8h (Alasca).

● **POPULAÇÃO:** 255.414.000 (est.1992); **urbana:** 75,2% (1990). **Composição demográfica:** brancos, 80,3%; negros, 12,1%; outros, 7,6% (1990). **Crescimento demográfico:** 0,8% (1992). **Faixas etárias: 0-14:** 21,9%; **15-59:** 61,4%; **mais de 60:** 16,7% (1991). **Densidade (hab./km²):** 27,3 (1992). **Natalidade:** 16,2 por 1.000 (1992). **Mortalidade:** 8,5 por 1.000 (1992); **mortalidade infantil:** 10,3 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2 (1989). **Vida média homens:** brancos: 72,6; negros: 68,4; **mulheres:** brancas: 79,3; negras, 76,3 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 202 hab.; **médicos:** 1 por 391 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 15,1% do orçamento (1991/92).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 4,5% (1980). **Alunos de 1º e 2º graus:** 40,5 milhões; **professores:** 2,4 milhões (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 8,2 milhões; **professores:** 825,7 mil (1990/91). **Gastos:** 13,8% do orçamento (1988/89).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 4/3/1789 (27 emendas). **Divisão administrativa:** 50 Estados e o distrito de Columbia. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Republicano, Democrata. **Chefe de Estado e de governo:** pres.

Bill Clinton (desde 20/1/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 100 membros (2/3 para mandatos de 6 anos e 1/3 para 2 anos), e Câmara dos Representantes, com 435 membros eleitos para mandatos de 2 anos, ambos por voto direto.

● **ECONOMIA:** agricultura, 2,2%; indústria, 26,5%; mineração, 1,5%; comércio, 16%; serviços, 53,8% do PIB (1989). **Agricultura:** feno, cereais (milho, soja, trigo, aveia, cevada); batata, beterraba, frutas cítricas, algodão, tabaco. **Pecuária:** bovinos, suínos, aves. **Pesca:** 8,6 bilhões t (1991). **Indústria:** equipamentos de transporte, máquinas industriais, aparelhos elétricos, refino de petróleo, gráfica e editorial, metalúrgica. **Minerais:** petróleo, gás natural, carvão, cobre, ferro, prata, urânio. **Exportações:** US$ 448,2 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, artigos manufaturados de base, combustíveis químicos e lubrificantes (1992). **Importações:** US$ 532,5 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, artigos manufaturados de base, químicos e derivados, alimentos e animais vivos (1992). **Parceiros comerciais:** Canadá, Japão, México, Grã-Bretanha, Alemanha. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar (dividido em 100 cents); **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 5,7 trilhões; **renda per capita:** US$ 21.810 (1991); **crescimento anual:** 3,1% (1980–1991). **Inflação:** 3% (1992). **Dívida externa:** US$ 499 bilhões (1992). **Força de trabalho:** 126,9 milhões; **distribuição:** agricultura, 2,9%; indústria, 25,6%; comércio, 20,4%; serviços, 50,4%; outros, 0,7%; **mão-de-obra feminina:** 45% (1991). **Desemprego:** 6,6% (1991).

● **DEFESA: Efetivo total:** 1,9 milhão (1992); **Exército:** 674,8 mil; **Marinha:** 739,6 mil; **Força Aérea:** 499,3 mil. **Gastos:** 19,8% do orçamento (1992/93).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 6,2 milhões km; 58% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 188,5 milhões; **automóveis:** 143,5 milhões (1990). **Ferrovias:** 232 mil km (1990). **Portos:** Nova York, Nova Orleans (marítimos); Duluth Superior (canal do rio São Lourenço-Grandes Lagos) e ao longo dos rios Mississipi e Ohio. **Linhas aéreas:** American Airlines, Braniff, Continental Airlines, Delta Airlines, Piedmont Airlines, Trans World Airlines, United Airlines, Northwest Airlines (vôos internacionais e domésticos); USAir (regionais); Hawaiian Airlines (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 453; **receptores:** 1 por 0,5 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 11; **receptores:** 1 por 1,2 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 2 hab. (1990). **Jornais diários:** 1.755; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 249 (1992).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 3, quadra 801, CEP 70403-900, Brasília, DF; tel. (061) 321-7272.

HISTÓRIA

A partir do séc. XVI, europeus visitam o território, habitado por indígenas seminômades: Ponce de León explora a Flórida (1512), Hernando de Soto, o Mississipi (1541), Francisco Coronado, o Colorado (1542), e João Cabrilho, a Califórnia (1542/43). **1586:** sir Walter Raleigh funda, na ilha de Roanoke, o povoado de Virgínia, em homenagem a Elizabeth I, a Rainha Virgem. **1600:** fundação de Jamestown, na Virgínia. **1614:** fundação de Nova Amsterdã pelos holandeses. **1619:** chegada dos primeiros escravos negros. **1620:** puritanos ingleses, vindos no navio *Mayflower*, fundam Plymouth, em Massachusetts, e assinam o *Mayflower Compact*, a Constituição colonial. **1630 – 1640:** a Grande Migração povoa Massachusetts e Connecticut. **1664:** os ingleses tomam Nova Amsterdã e a rebatizam de Nova York. **1682:** De la Salle toma posse da Louisiânia em nome da França. **1741:** Vitus Behring toma posse do Alasca em nome da Rússia. **1764 – 1775:** o *Currency Act* proíbe a cunhagem de moeda, o *Stamp* e o *Sugar Acts* impõem restrições econômicas e o *New England Restraining Act* proíbe o comércio com os países estrangeiros e provoca as primeiras rebeliões. **1775/76:** guerra da independência. **1776:** Declaração da Independência. **1783:** a Inglaterra reconhece a independência (Tratado de Paris). **1787:** a Constituição é ratificada por treze Estados. **1803:** compra da Louisiânia por US$ 15 milhões. **1803 – 1850:** ocupação do meio-oeste. **1812 – 1814:** guerra contra a Grã-Bretanha. **1819:** a Flórida é comprada da Espanha por US$ 5 milhões. **1824:** o litoral do Oregon é comprado da Rússia. **1841:** a Trilha do Oregon dá a 5 mil pessoas por ano o acesso à costa oeste. **1845:** guerra com o México e anexação do Texas. **1848:** o México perde a região que vai do Texas à Califórnia (Tratado de Guadalupe-Hidalgo); corrida do ouro na Califórnia. **1850 – 1890:** segunda grande migração para o oeste; derrota das tribos indígenas rebeldes do SE. **1853:** Arizona e Novo México são comprados do México por US$ 10 milhões. **1861:** após a eleição de Abraham Lincoln, forma-se a Confederação dos Estados do Sul, que proclama a Secessão. **1861 – 1865:** Guerra Civil, vencida pelo Norte: 617 mil mortos. **1862:** abolição da escravatura. **1865:** assassinato de Lincoln. **1867:** o Alasca é comprado da Rússia por US$ 7 milhões. **1868:** Tratado de Fort Laramie: fim da guerra contra os índios da Grande Planície. **1869:** as ferrovias *Union Pacific* e *Central Pacific* ligam o país costa a costa. **1898:** anexação do Havaí; Guerra Hispano-americana: cessão de Porto Rico, Guam e Filipinas, e de Cuba, que se torna protetorado. **1903:** independência do Panamá; obtida a posse perpétua da Zona do Canal. **1913/14:** intervenção na Revolução Mexicana. **1917/18:** participação na I Guerra Mundial. **1929:** quebra da Bolsa de Nova York; Grande Depressão. **1932:** Franklin Roosevelt enfrenta a crise com a política do *New Deal*. **1933:** a Lei Seca, proibindo as bebidas alcoólicas, faz proliferar o crime organizado. **1941:** ataque japonês a Pearl Harbour; entrada na II Guerra. **1945:** bombardeio atômico de Hiroxima e Nagasáqui. **1950:** campanha anticomunista do sen. Joseph McCarthy; terror macartista com perseguição a intelectuais. **1950 – 1953:** Guerra da Coréia. **1958:** lançamento do 1º satélite artificial. **1960:** eleição de John Kennedy. **1961:** fracasso da invasão da baía dos Porcos, em Cuba. **1962:** intervenção no Vietnã; crise dos mísseis em Cuba. **1963:** Kennedy é assassinado (22/11); assume Lyndon Johnson. **1963 – 1973:** Guerra do Vietnã. **1964:** Johnson é eleito; intervenção na Rep. Dominicana. **1968:** assassinatos de Martin Luther King e do sen. Robert Kennedy. **1970 – 1973:** intervenção no Camboja. **1972:** Richard Nixon visita a China e é reeleito; estoura o caso Watergate. **1974:** Nixon visita a URSS; renuncia (ago.) em conseqüência do Watergate; o vice, Gerald Ford, assume. **1976:** assinatura, com a URSS, do Tratado SALT-1, de limitação de armas nucleares; eleição de Jimmy Carter. **1977:** o Tratado de Tlatelolco proíbe armas nucleares na América Latina. **1978:** acordo de devolução do canal do Panamá em 1999. **1979:** crise dos reféns em Teerã; assinatura do SALT–2. **1980:** sanções à URSS e boicote das Olimpíadas em Moscou devido à intervenção no Afeganistão; eleição de Ronald Reagan. **1981:** mediante acordo secreto com Reagan, os iranianos só libertam os reféns após a derrota de Carter nas eleições, em troca do recebimento clandestino de armas americanas; Reagan escapa de um atentado. **1982:** o sec. de Estado, Alexander Haig, demite-se, por discordar da política externa de Reagan; é substituído por George Shultz; crise com a URSS pela instalação dos euromísseis. **1984:** reeleição de Reagan; retirada das tropas americanas do Líbano; intervenção em Granada; a CIA mina os portos nicaragüenses e dá ajuda clandestina aos anti-sandinistas. **1985:** cúpula com Gorbatchóv em Genebra; embargo total à Nicarágua. **1986:** crise EUA-Líbia e bombardeio de Trípoli; ajuda aos contras nicaragüenses e à UNITA angolana; oposição às sanções à África do Sul; estoura o escândalo Irã-contras. **1987:** Gorbatchóv assina, nos EUA, acordo de eliminação de armas nucleares de curto e médio alcance. **1988:** acusado de corrupção, o sec. da Justiça, Edwin Meese, renuncia; eleição de George Bush; primeira reunião, na Tunísia, com uma delegação da OLP. **1989:** Douglas Wider, na Virgínia, é

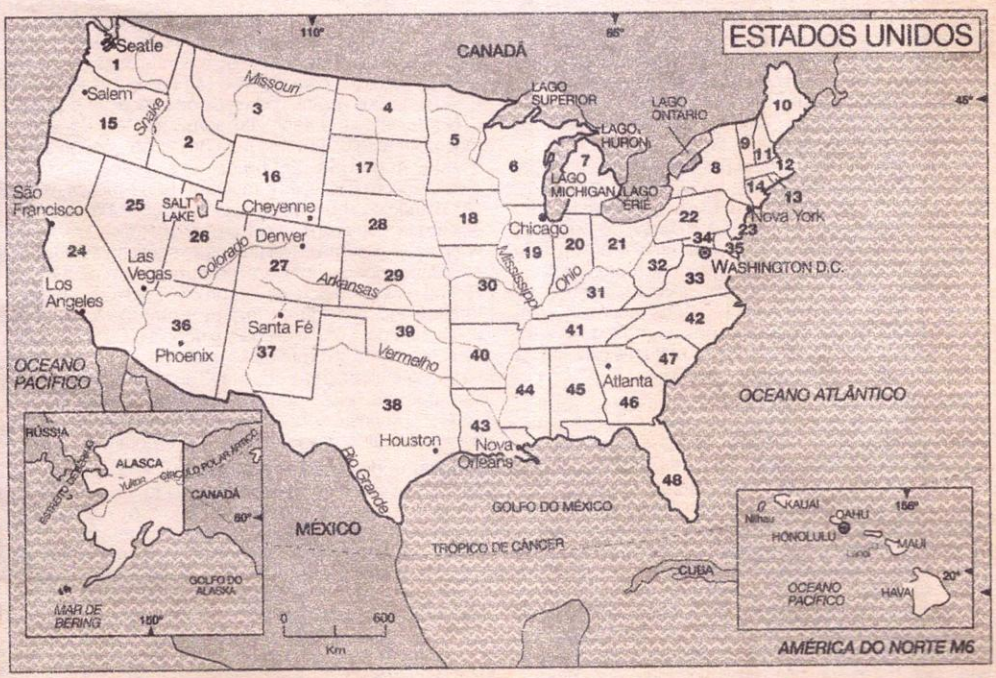
o primeiro negro a tornar-se governador de Estado; cúpula com Gorbatchóv em Malta; Bush visita a Polônia e a Hungria em apoio à dissolução do bloco socialista; intervenção no Panamá contra Manuel Noriega. **1990**: assinatura de cinco acordos com Gorbatchóv; Reagan admite ter autorizado a venda de armas para o Irã, mas nega que soubesse do repasse de dinheiro aos contras; o alm. John Poindexter, seu ex-assessor de segurança, é condenado a seis meses de prisão por envolvimento no caso Irã-contras; interrompido o diálogo com a OLP após ataque palestino a Israel; suspenso o embargo comercial contra a Nicarágua após a eleição de Violeta Chamorro; cúpula com Gorbatchóv em Helsinque; mobilização de tropas contra o Iraque. **1991**: indicação do juiz negro Clarence Thomas para a Suprema Corte, ameaçada pela denúncia da funcionária Anita Hill de que, no passado, ele a pressionara para obter favores sexuais; liderança na Guerra do Golfo leva à derrota do Iraque; reatamento com a Albânia; reconhecimento da independência das Repúblicas bálticas; patrocínio à conferência árabe-israelense de Madri; fim das sanções à África do Sul. **1992**: no Japão (7/1), Bush fracassa em negociar o aumento da cota de importação de produtos americanos; motim iniciado em Los Angeles (29/4), em protesto contra a absolvição dos policiais que, em mai. de 1991, espancaram o negro Rodney King, deixa, até 4/5, 58 mortos, 4 mil feridos, 12 mil presos e US$ 1 bilhão de prejuízos; a Suprema Corte autoriza o seqüestro de suspeitos, em países estrangeiros, para que sejam julgados nos EUA (15/6) e, contra a opinião de Bush, mantém o direito ao aborto (29/6); Bush é acusado de ter ajudado ilegalmente Saddam Hussein, antes da Guerra do Golfo, na compra de armamento químico e mísseis (10/7); os policiais do caso King são novamente indiciados (4/8); James Baker é substituído, na Secretaria de Estado, por Lawrence Eagleburger (13/8); o furacão *Andrews* devasta a Flórida (23/8) e a Louisiânia (24/8), matando 52 pessoas e deixando 250 mil desabrigados; eleição de Bill Clinton (3/11); o Iraque é seguidamente ameaçado de novas incursões militares; o país assume a entrega da ajuda humanitária à Somália (dez).

FATOS DO ANO

William (Bill) Jefferson Clinton toma posse, em 20/1/1993, como o 42º presidente dos EUA. Mais do que a economia, minada por US$ 300 bilhões de déficit público, e os problemas trazidos por envolvimentos em conflitos internacionais, ele tem como desafio a crise do sistema político americano, incapaz, nos últimos anos, de enfrentar o déficit, os problemas ambientais e educacionais (analfabetismo em ascensão), a deterioração da infra-estrutura, o crescimento dos guetos nas grandes cidades e o colapso da saúde pública.

A expectativa é a de que Clinton tente novas soluções e melhore o entendimento com o Congresso, hoje com maioria democrata. Ao montar sua equipe, ele escolhe representantes de várias correntes políticas e profissionais. Les Aspin, sec. da Defesa, chefe da Comissão das Forças Armadas na Câmara, tem pela frente o programa de redução do contingente, apesar do envolvimento militar da Bósnia à Somália, do Iraque ao Haiti. O secr. de Estado Warren Christopher tem de traçar nova estratégia para a política externa. E Lloyd Bentsen, do Tesouro e expres. da Comissão de Finanças do Senado, deve reformular as prioridades para 1994.

Para dar a seu governo um perfil liberal, Clinton nomeia negros – o sec. do Comércio, Ronald Brown – e mulheres. Mas Zoë Baird, escolhida para a Justiça, é vetada, em 21/1, após confessar ter empregado em sua casa um casal de imigrantes peruanos ilegais. Pelo mesmo motivo é vetada, em 5/2, a juíza Kimba Wood, indicada para substituí-la. O desejo de agradar aos setores mais progressistas evidencia-se na assinatura (20/1) do novo código de ética para ocupantes de cargos públicos, que terão de



1. Washington. 2. Idaho. 3. Montana. 4. Dakota do Norte. 5. Minnesota. 6. Wisconsin. 7. Michigan. 8. Nova York. 9. Vermont. 10. Maine. 11. New Hampshire. 12. Massachusetts. 13. Rhode Island. 14. Connecticut. 15. Oregon. 16. Wyoming. 17. Dakota do Sul. 18. Iowa. 19. Illinois. 20. Indiana. 21. Ohio. 22. Pensilvânia. 23. Nova Jersey. 24. Califórnia. 25. Nevada. 26. Utah. 27. Colorado. 28. Nebraska. 29. Kansas. 30. Missouri. 31. Kentucky. 32. Virgínia Ocidental. 33. Virgínia. 34. Maryland. 35. Delaware. 36. Arizona. 37. Novo México. 38. Texas. 39. Oklahoma. 40. Arkansas. 41. Tennessee. 42. Carolina do Norte. 43. Louisiana. 44. Mississipi. 45. Alabama. 46. Geórgia. 47. Carolina do Sul. 48. Flórida.

esperar cinco anos antes de atuarem como lobistas; na revogação (22/1) das restrições ao aborto, impostas pelos ex-pres. Reagan e Bush; e na polêmica proposta do fim à proibição de que homossexuais se alistem nas Forças Armadas.

A atenção à questão *gay* e o anúncio de que, ao contrário da promessa de campanha, não será aliviada a carga tributária da classe média explicam o elevado índice de rejeição de 32% em seus primeiros meses de governo. A proibição de que funcionários do segundo escalão falem a jornalistas cria o primeiro de uma série de atritos com a imprensa. E as feministas, alegando discriminação das juízas Baird e Wood, exigem que a investigação dos casos de contratação ilegal de empregados seja feita também entre os altos funcionários homens.

Invertendo as "Reaganomics" – A indicação de Janet Reno para a pasta da Justiça (12/2); a assinatura da lei, vetada por Bush, que autoriza os trabalhadores a tirarem licença não remunerada em caso de nascimento ou adoção de filho ou doença em família; e o anúncio (10/2) de que o governo começará a enxugar a máquina administrativa cortando 350 funcionários da Casa Branca contam alguns pontos a favor de Clinton. Mas o primeiro teste sério para seu governo vem em 15/2: a apresentação, pela TV, do pacote que inverte as "reaganomics", a estratégia conservadora de cortar impostos, adotada por Reagan e Bush, que incentivou o crescimento temporário, mas transformou os EUA nos maiores devedores do mundo. Apesar de causarem, na Bolsa de Valores de Nova York, a maior queda em quinze meses, as medidas, que incluem forte aumento de impostos, são bem recebidas por 75% dos americanos.

Após curta lua-de-mel com o Senado, que confirma a indicação de Reno em 10/3 e aprova, em 25/3, sua proposta orçamentária de US$ 1,5 trilhão, Clinton não consegue, em abr., os votos necessários a seu pacote contra o desemprego, que prevê US$ 16 bilhões de investimentos em obras de infra-estrutura e reciclagem de trabalhadores: os conservadores votam contra por considerarem que a economia voltou a crescer – embora as taxas de desemprego, em torno de 10%, não dêem sinais de reação. A essa derrota somam-se as oitenta mortes em conseqüência do ataque do FBI ao sítio, em Waco, no Texas, onde o fanático religioso David Koresh e seus seguidores estavam entrincheirados.

Na tentativa de recuperar o prestígio, Clinton anuncia, em 21/4, a decisão de assinar os tratados sobre biodiversidade e clima, da Rio-92, que Bush repudiara. Mesmo assim, ao completar, em 29/4, seus primeiros cem dias de governo, a desaprovação popular varia de 36% a 40% – o dobro dos índices de qualquer outro presidente, à exceção de Gerald Ford. O motivo, afirmam os observadores, é ele ter-se perdido em questões secundárias em vez de atacar frontalmente as propostas de fôlego – déficit público, saneamento da economia, restabelecimento da competitividade internacional – que fizera.

Corte caro – Com a popularidade em queda, Clinton tenta fazer as pazes com a imprensa ao substituir seu porta-voz, George Stephanopoulos, por David Gergen, ex-assessor de Richard Nixon, Ford e Reagan. Ao mesmo tempo, Clinton marca dois importantes tentos ao fazer aprovar, no Congresso, a lei que facilita o registro automático de eleitores – o que incentiva o comparecimento às urnas – e o projeto de regulamentação da atividade de lobista. Uma gafe presidencial, entretanto, compromete esses sucessos: durante visita a Los Angeles, Clinton congestiona o tráfego aéreo local para cortar os cabelos, a bordo do *Air Force One*, com um cabeleireiro de Hollywood que cobra US$ 200 pelo corte. Situação agravada por sua assessoria, que, alegando suspeitas de corrupção, despede sete funcionários da Casa Branca que, havia anos, operavam o serviço encarregado dos vôos charters para jornalistas que cobrem viagens presidenciais; e contrata uma agência de viagens de Little Rock, a cidade natal de Clinton, o que provoca denúncias de favorecimento.

Enquanto isso, ganha corpo no Congresso a rebelião dos democratas moderados – aliados históricos do presidente –, em boa parte representantes de Estados produtores de petróleo, contra o novo imposto sobre energia proposto pela Casa Branca e indispensável ao programa econômico prestes a ser apresentado. Há problemas também na área militar: em 30/5, antes de discursar, em Washington, diante do monumento aos mortos do Vietnã, Clinton é vaiado por ex-combatentes, que o criticam, pois, na década de 70, ele se manifestou contra a guerra e, ao contrário de todos os ex-presidentes dos últimos cinqüenta anos, fugiu do alistamento. E no início de jun., quando ele tem apenas 36% de aprovação popular, o gen. Harold Campbell, da Força Aérea, é processado por ter dito, durante um jantar oficial na Holanda, que Clinton é um "desertor mulherengo, maconheiro e admirador dos homossexuais".

Voto de Minerva – À punição exemplar de Campbell (18/6), recomendada pelos chefes militares e apoiada pela opinião pública, segue-se a bem recebida nomeação da juíza federal Ruth Bader Ginsburg para a Suprema Corte, o que recupera parcialmente a imagem presidencial. Mas é a decisão de mandar bombardear, em 26/6, um Centro de Informações em Bagdá, em represália a um suposto atentado iraquiano contra Bush, durante a visita que ele fizera ao Kuweit, que vale a Clinton o aplauso tanto de democratas quanto de republicanos.

Na véspera do ataque, o vice-pres. Al Gore comparece ao Senado para desempatar, com o "voto de Minerva", a votação sobre o plano que permitirá abater, em cinco anos, US$ 500 bilhões no déficit público. O projeto original prevê arrecadação de US$ 46 bilhões através de novos impostos; corte de US$ 20 bilhões nas despesas e de US$ 9 bilhões em novos investimentos; desativação progressiva de 21 bases militares em território americano e de outras no estrangeiro; corte de US$ 88 bilhões, durante quatro anos, nas verbas do Pentágono; redução ou adiamento de vários projetos de novas armas e redução no efetivo das Forças Armadas (1,6 milhão em 1995 contra 2,5 milhões em 1990). Clinton pede ajuda especial para Estados como a Califórnia, mais afetados por esses cortes, incentivos para a conversão de indústrias bélicas e aumento dos gastos nas áreas de educação e saúde.

No entanto, o anteprojeto aprovado pelo Senado é muito diferente do enviado por Clinton: embora preserve a redução de US$ 500 bilhões nos gastos, muda os critérios sobre despesas e impostos. Substitui, por exemplo, o imposto sobre energia por um outro apenas sobre a gasolina, que atingirá a classe média. Com aumento de apenas 0,1% no índice de preços ao consumidor em jun., e a inflação dos últimos doze meses recuando para 3,2%, Clinton ganha um pouco mais de credibilidade. Em ago., tendo o PIB atingido o ritmo de expansão lento, mas constante, de 1,6%, a Câmara e depois o Senado – graças novamente ao "voto de Minerva" de Gore – aprovam um pacote econômico que prevê aumento de impostos para pessoas físicas que ganhem mais de US$ 115 mil anuais; o imposto sobre a gasolina; reduções de gastos públicos e parte dos incentivos aos programas sociais.

Programa de desburocratização – Embora alterado pelo Congresso, o "pacotão" aprovado faz a imprensa mudar o tom e referir-se, em tom elogioso, à "turma caipira do Arkansas". Reação tardia, porém, para Vince Foster, do Conselho Jurídico da Presidência, amigo de infância de Clinton, que, envolvido no escândalo do contrato firmado sem licitação com uma agência de viagens do Arkansas, suicida-se em 22/7. Nas anotações que deixa, acusa o FBI e a Casa Branca de mentira e acobertamento, e a imprensa local de leviandade nas acusações que faz.

Em 7/9, aproveitando a recuperação de seu prestígio, Clinton lança o programa de desburocratização, elaborado por uma equipe liderada por Gore, que extingue 252 mil empregos e corta gastos supérfluos de US$ 108 bilhões até 1996. E, em 22/9, apresenta ao Congresso o plano, de autoria de uma comissão presidida por sua

mulher, Hillary, que assegura cobertura de saúde a todos os americanos (calcula-se que de 30 a 40 milhões de pessoas não possuam seguro algum nessa área). O sistema visa à universalização dos serviços médicos e hospitalares, através de mecanismos de mercado administrados pelo governo. As empresas – subsidiadas quando necessário – bancarão 80% dos custos do plano, que poderá ser implementado em três anos a partir de 1995.

O entusiasmo suscitado por esse plano eleva para 56% os índices favoráveis, o que ajuda Clinton, em out., a enfrentar os senadores republicanos, que, em vista da crise haitiana e da desastrosa atuação americana na Somália, querem limitar a autonomia do Executivo na condução da política externa. Mas essas questões, bem como a votação do plano de saúde, são prejudicadas, nesse mesmo mês, por um escândalo que paralisa o Senado e que envolve o republicano Robert Packwood, acusado por mais de vinte ex-assessoras de assédio e coerção sexual.

Novo sinal de dificuldades surge em 2/11, com o resultado das eleições para prefeito em 102 cidades e alguns governos estaduais: os republicanos ganham os três principais cargos em jogo – a prefeitura de Nova York e os governos da Virgínia e Nova Jersey. Em Nova York, o promotor ítalo-americano Rudolph Giuliani torna-se o primeiro republicano a se eleger prefeito desde 1965, derrotando o pref. David Dinkins; na Virgínia, George Allen põe fim a doze anos de hegemonia democrata; e, em Nova Jersey, Christine Whitman torna-se a primeira governadora do Estado (mas sua vitória é contestada após denúncia de seu assessor de campanha de que teria pago pastores protestantes negros para convencer seus paroquianos, na maioria democratas, a votar nela).

O NAFTA em jogo – Clinton, porém, prepara-se para a batalha mais ampla: a da aprovação, pelo Congresso, do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), que criará, a partir de 1º/1/1994, o maior mercado comum do mundo (EUA, Canadá, México), com 360 milhões de habitantes e produção anual conjunta de US$ 6,5 trilhões. Firmado durante o governo Bush, esse acordo foi ratificado no México mas, depois das eleições canadenses, está sujeito a um pedido de revisão que poderá ser apresentado, em 1994, pelo governo Chrétien. Nos EUA, constitui, segundo os analistas, um teste para a liderança interna de Clinton e uma prova externa do engajamento dos EUA com o internacionalismo da era pós-Guerra Fria. Uma avalanche de argumentos pró e contra é atirada sobre os congressistas, às vésperas da votação. A central sindical AFL-CIO e alguns setores empresariais advertem que o NAFTA custará aos EUA pelo menos 500 mil empregos, pois a mão-de-obra mexicana é mais barata. Os ecologistas temem que indústrias poluidoras agridam o já deteriorado meio-ambiente mexicano. Mas os apologistas do acordo afirmam que, a longo prazo, os EUA ganharão com a ampliação de suas exportações e a criação de 200 mil novos empregos; e o México, com a elevação do padrão de vida da população.

Clinton, por sua vez, alega que só a aprovação pelo Congresso lhe dará a posição de força para renegociar com o Canadá; e que, com a coesão do bloco americano, ao qual poderão filiar-se outros países latino-americanos, os EUA poderão defender maior abertura do comércio mundial no GATT. E faz concessões ao protecionismo americano ao manter os subsídios aos agricultores da Flórida. Com isso, consegue fazer aprovar o NAFTA no Senado, em 19/11, por 234 votos a 200.

Fortalecido, tenta, na reunião da Associação de Cooperação Econômica da Ásia e Pacífico (Seattle, 19 e 20/11), convencer os líderes dos países membros a reduzir suas barreiras comerciais, já que a Ásia é hoje mercado preferencial dos EUA. Seu discurso endereça-se especialmente ao Japão, com o qual os EUA têm gigantesco déficit comercial, e à China, ameaçada com sanções comerciais se não der mais atenção aos direitos humanos. A CEE, hoje o terceiro mercado dos EUA – e com a qual não houve entendimento quanto à questão da Bósnia –, reage com cautela à aprovação do NAFTA.

Paz para o Oriente – Os países da América Latina – à exceção do Haiti e Cuba, sob bloqueio comercial dos EUA – dão sinais de quererem participar do NAFTA através de mercados regionais como o Mercosul. Quanto ao Oriente Médio, a atuação dos EUA, no momento, é mais política. Tendo patrocinado, em set., a assinatura do acordo Israel/OLP – sucesso diplomático que atenua o revés na Somália –, Clinton deseja ampliar seus efeitos. Em dez., anuncia-se para jan. de 1994 uma reunião com o pres. Hafez Assad, da Síria, para discutir a possibilidade de uma segunda fase no plano de paz para a região.

Estônia

● **NOME OFICIAL:** República da Estônia. **Capital:** Tallin. **Nacionalidade:** estoniana. **Hino:** *Minha pátria, minha felicidade e minha alegria* (1º verso). **Língua:** estoniano (oficial); russo. **Religião:** cristianismo (luteranos, maioria; ortodoxos e protestantes, minorias). **Datas nacionais:** 21/7 (República); 20/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da Europa. **Área:** 45.215 km². **Limites:** golfo da Finlândia (N); Rússia (L); Letônia (S); mar Báltico (O). **Características:** litoral recortado e com 1.520 ilhas; planície da Rússia (maior parte), com 1.500 lagos (Peipsi e Chunskoye a L, principais); florestas (36% do território). **Ponto mais elevado:** monte Munamagi (318 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Pärnu, Narva, Emajogi. **Cidades principais:** Tallin (499.800 hab.); Tartu (155.400); Narva (82.300); Kohtla-Jarve (76.800); Pärnu (54.200) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 1.592.000 (est.1992); **urbana:** 71,6% (1991). **Composição demográfica:** estonianos, 61,5%; russos, 30,3%; ucranianos, 3,1%; bielorrussos e finlandeses (minorias) (1989). **Crescimento demográfico:** 0,2% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 22,2%; **15-59:** 60,9%; **mais de 60:** 16,9% (1989). **Densidade (hab./km²):** 35,2 (1992). **Natalidade:** 14,1 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 12,3 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 14,7 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,8 (1990). **Vida média homens:** 64,9; **mulheres:** 74,9 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 82,6 hab.; **médicos:** 1 por 219 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 7,6% do orçamento (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 4% (1992). **Alunos de 1º e 2º graus:** 247,5 mil; **professores:** 24,5 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 26,3 mil; **professores:** 3 mil (1989/90). **Gastos:** 17,5% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Divisão administrativa:** 15 distritos e 6 cidades. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Pro Pátria, Frente Popular, Independência Nacional. **Chefe de Estado:** pres. Lennart Meri (desde 5/10/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Mart Laar (desde fev./1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia, com 101 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 25,3%; indústria, 54,6%; comércio, 13,9%; serviços, 6,2% do PIB (1989). **Agricultura:** cereais, batata, legumes e verduras, madeira. **Pecuária:** suínos, bovinos, eqüinos, caprinos. **Pesca:** 317,4 mil t (1991). **Indústria:** máquinas para construção, eletrônica e elétrica, têxtil, processamento de pescados, bens de consumo. **Minerais:** óleo de xisto, turfa, minério de fosforito. **Exportações:** US$ 3,1 bilhões; **produtos:** têxteis, máquinas industriais, químicos, alimentos (1991). **Importações:** US$ 2,7 bilhões; **produtos:** têxteis, máquinas industriais, minerais, alimentos (1991). **Parceiros comerciais:** Finlândia, Rússia, Suécia, Ucrânia, Alemanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** coroa (dividida em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 12,59 (20/6/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 6,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 3.830 (1991); **crescimento anual:** -26% (1992). **Inflação:** 202% (1991). **Dívida externa:** US$ 650 milhões (1991). **Força de trabalho:** 811 mil;

distribuição: agricultura, 12,3%; indústria, 42,3%; comércio, 9,2%; serviços, 34,2%; outros, 2% (1989);

• **DEFESA: Exército:** 1,5 mil; **outros:** 10 mil (tropa russa). **Gastos:** 3% do orçamento (1992).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 45 mil km; 98% pavimentados (1989); nº de **automóveis:** 198,3 mil (1988). **Ferrovias:** 1 mil km (1990). Porto: Tallin.

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 1,7 hab. (1989). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 2,6 hab. (1989). **Linhas telefônicas:** 1 por 4,5 hab. (1989).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 9 Rockefeller Plaza, Suite 1421, New York, NY, 10020, EUA; tel. (212) 247-0499.

HISTÓRIA

A invasão dos vikings noruegueses (séc. IX) trouxe ao território dos maarahua novos costumes, moeda e religião. **Séc. X – XIII:** invasões dinamarquesas, suecas e russas. **1226:** invasão dos Cavaleiros Teutônicos; cristianização forçada. **1346:** revolta contra os tributos impostos pelos Cavaleiros; repressão violenta. **1558:** tomada de Narva por Ivã, o Terrível, da Rússia. **1561:** dissolução dos Cavaleiros Teutônicos; controle sueco da região. **1581:** derrota dos russos pelos suecos. **1629 – 1645:** barradas as invasões polonesa e dinamarquesa. **1632:** Gustavo Adolfo II funda uma universidade em Tartu. **1709:** derrota de Carlos XII, da Suécia, em Poltava; controle russo do território. **1721:** ratificação da conquista (Tratado de Nystadt); aliança dos aristocratas alemães locais com os senhores russos. **1740:** após processo do camponês Jaan de Vonhja contra seu senhor feudal, os russos proíbem os estonianos de reclamar seus direitos na Justiça. **1811:** o tsar Alexandre I abole a servidão; mas o direito de propriedade continua privilégio dos alemães. **1863:** concessão aos estonianos do direito de ir e vir. **1866:** supressão do castigo com açoite. **1882 – 1893:** campanha de russificação de Alexandre III; onda de emigração para os EUA e a Austrália. **1901:** fundação, pelo nacionalista Konstantin Päts, do jornal *Teataja*. **1905:** sufocada rebelião; 328 líderes são enforcados; Päts e o radical Jaan Teemant se exilam. **1917:** independência (12/10); Päts volta como pres. provisório; invasão bolchevique; governo fantoche de Jaan Anvelt. **1918:** ocupação alemã (fev.); independência (24/2); Päts e o gen. Johan Laidoner lideram a luta contra a Rússia. **1919 – 1933:** instabilidade; dez presidentes à frente de vinte coligações diferentes. **1920:** ratificação da independência (Tratado de Tartu); nova Constituição (15/6); eleição de August Rei. **1933 – 1938:** ditadura de Päts. **1936:** nova Constituição (dez.). **1938:** reeleição de Päts (abr.). **1939:** imposição, pela URSS, do Tratado de Assistência Mútua (28/9); governo fantoche de Juri Uluots. **1940:** invasão soviética (17/6) e incorporação à URSS (6/8); deportação de Päts e Laidoner para a Sibéria; prisão ou morte de 60 mil pessoas. **1941:** invasão nazista. **1945:** incorporação à URSS. **1946 – 1949:** deportação de 60 mil opositores; coletivização compulsória.

1988: fundação da autonomista Frente Popular; declaração de soberania (16/11). **1989:** a FP conquista o governo de nove dos dezenove distritos (26/3); eleição dos reformistas Vaino Valjas, Arnold Ruutel e Indrek Toome; autorizada a formação de empresas privadas (7/4); afastamento de 22 dirigentes conservadores (5/5); lei restringe os direitos da minoria russa (8/8), que entra em greve; a lei é revogada provisoriamente (5/10). **1990:** fim do monopólio político do PC (25/3); revogação do serviço militar obrigatório (12/4); ratificação da declaração de soberania (7/8). **1991:** independência (20/8); reconhecimento soviético (6/9) e estabelecimento de relações (9/10); entrada na ONU (12/9) e na CSCE (15/10). **1992:** crise devido à escassez de combustíveis e matérias-primas (jan.); o 1º-min. Edgar Savisaar recebe plenos poderes para decretar o "estado de emergência econômica" (16/1); os nacionalistas, descontentes, forçam sua renúncia (23/1); empossado o 1º-min. Tiit Vähi (30/1); criação da coroa, a nova moeda nacional (20/6); nova Constituição (28/6); tensão com a Rússia (jul.) devido à permanência de suas tropas.

FATOS DO ANO

Encontrar as formas de ver-se livre dos 30% de minoria russa, cuja presença no país tem sido motivo de debate desde a independência, é, durante 1993, um dos objetivos implícitos do governo. Após as eleições legislativas de 20/9/1992, em que seu partido, o *Isamaa* (Aliança da Mãe Pátria), obteve 29 dos 101 assentos, o professor de história Lennart Meri foi eleito pres. da República, em 5/10, pelo *Riigikogu* (o Parlamento), com 59 votos. Dispondo de grande peso parlamentar, o *Isamaa*, a que pertence também o 1º-min. Mart Laar, não precisa dissimular seu interesse em tornar difíceis as condições de vida dos russos na Estônia, na esperança de que se retirem.

A pressão nesse sentido começa a aumentar, em jun. de 1993, ao ser aprovado um rigoroso Estatuto dos Estrangeiros, que exige, para que um russo permaneça no país, a obtenção de um visto de permanência que, de acordo com os interesses das autoridades, pode ser recusado. Em represália, o pres. Boris Iéltsin, da Rússia, ordena a interrupção do fornecimento do gás natural, de que o país tem estreita dependência; e suspende o processo de retirada, do Báltico, das tropas russas remanescentes das forças soviéticas ali estacionadas.

Autonomia para os russos – Assustados com a possibilidade da expulsão, os russos promovem um plebiscito sobre autonomia em Narva e outras localidades onde são maioria. Embora declarado ilegal por Laar, o referendo se realiza no final de jun.; mas seus resultados são indefinidos: a autonomia é aprovada, mas por um número insuficiente de votantes, pois o comparecimento, em decorrência da proibição, foi muito baixo. Os organizadores, admitindo ter tido um objetivo puramente "simbólico", afirmam então ter querido apenas que ele servisse de base para a abertura de negociações sobre a forma de abrandar a nova lei dos estrangeiros.

A dependência energética da Rússia tem sido a principal preocupação do governo no plano econômico. Em dez. de 1992, o país já tinha conseguido do Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento um empréstimo de US$ 46 milhões destinado à construção de instalações mais modernas de armazenamento de gás e à compra de peças de reposição para as suas usinas de energia elétrica. Mas esse é um processo lento que deixará os estonianos, por muito tempo, sujeitos às pressões russas através de seus gasodutos. Primeiro país do Leste europeu a abandonar o rublo e criar, em 1992, uma moeda própria, a coroa, a Estônia conseguiu baixar drasticamente a inflação em 1993 (a expectativa era fechar o ano na casa dos 30%) e tinha, no início desse ano, um número de desempregados que não excedia os 15 mil. Isso se deve ao fato de que a coroa, atrelada ao marco alemão, está sendo mantida estável pelas reservas em moeda estrangeira que a lastreiam, obtidas através de empréstimos ou ajuda externa. O país recebeu de volta, também, 11,3 t de ouro que tinham sido depositadas em

bancos ocidentais antes da II Guerra, ficaram bloqueadas durante toda a ocupação soviética e foram liberadas após a independência.

Privatizações lentas – O comércio exterior tem procurado diversificar seus mercados. A Finlândia tornou-se seu maior parceiro, adquirindo 23% das exportações estonianas, o que deixou em segundo lugar a Rússia, sua tradicional primeira cliente. Quanto às privatizações, elas foram temporariamente suspensas, em dez. de 1992, devido à demissão do alto funcionário responsável por elas, acusado de negligência e desonestidade. Mas são retomadas no início de 1993 e, como estão intimamente ligadas ao processo de devolução, a seus antigos proprietários, de bens confiscados na época da invasão comunista, espera-se que, até o final do ano, 15% das 200 mil solicitações de particulares tenham sido atendidas. Em casos considerados impraticáveis, as autoridades decidiram distribuir bônus que, no futuro, poderão ser utilizados na compra de ações de empresas em curso de desestatização.

Etiópia

● **NOME OFICIAL:** República Democrática da Etiópia. **Capital:** Adis-Abeba. **Nacionalidade:** etíope. **Hino:** *Salve Etiópia, terra eleita* (1° verso). **Língua:** amárico (oficial); inglês, árabe, línguas locais. **Religião:** cristianismo, 57% (ortodoxos etíopes, 52,5%); islamismo, 31,4%; animismo, 11,4% (S e L); hiduísmo e sikhismo (minorias). **Data nacional:** 12/9 (Revolução Popular).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da África. **Área:** 1.157.602,8 km². **Limites:** Eritréia (N); Somália e Djibuti (L); Quênia (S); Sudão (O). **Características:** relevo montanhoso formado pelos planaltos da Etiópia (L) e da Somália (O) e dividido pelo vale da Grande Fenda (sentido SO–NE); lagos (Stéfanie, Rainha Margarida, Shala, Ziwai); planícies (NO e SE). **Ponto mais elevado:** pico Has-Dashen (4.620 m). **Clima:** árido tropical (N); tropical com chuvas de verão (S). **Rios principais:** Shibeli, Abali (Nilo Azul), Ganeli-Dória, Auash, Omo. **Cidades principais:** Adis-Abeba (1.673.100 hab.); Dire Daua (117.700); Gondar (95.000) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 53.845.000 (est.1992); **urbana:** 11,2% (1992). **Composição demográfica:** amharas, 37,7%; galas, 35,3%; tigrignas, 8,6%; gouragués, ometos, sidamos, tigrés, afars e somalianos (minorias) (1983). **Crescimento demográfico:** 3% (1990–1995). **Faixas etárias:** -14: 46,5%; 15-59: 47,3%; **mais de 60:** 6,2% (1992). **Densidade (hab./km²):** 43 (1992). **Natalidade:** 48,4 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 18,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 122 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (n° de filhos por mulher):** 6,8 (1990–1995). **Vida média homens:** 45,4; **mulheres:** 48,7 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 3,9 mil hab.; **médicos:** 1 por 36,7mil hab. (1986/87). **Gastos com saúde:** 2,6% do orçamento (1989/90).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 37% (1987). **Alunos de 1° e 2° graus:** 3,7 milhões; **professores:** 88 mil (1988). **Alunos no ensino superior:** 31,2 mil; **professores:** 1,7 mil (1988). **Gastos:** 7,5% do orçamento (1989/90).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 1°/12/1987. **Divisão administrativa:** 25 regiões administrativas e 5 autônomas. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Frente Revolucionária Democrática do Povo, Frente de Libertação Oromo, Unidade Democrática Etíope. **Chefe de Estado:** pres. Meles Zenáui (desde 23/7/1991). **Chefe de governo:** 1°-min. Tamirat Layne (desde fev./1992). **Legislativo:** suspenso em 1991 (Conselho dos Representantes com 87 membros instalado provisoriamente por 2 anos).

● **ECONOMIA:** agricultura, 41,1%; indústria, 16,2%; mineração, 0,2%; comércio, 9,6%; serviços, 32,9% do PIB (1989/90). **Agricultura:** café, cereais (cevada, milho, sorgo), cana-de-açúcar. **Pecuária:** caprinos, ovinos, bovinos. **Pesca:** 5 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, refino de petróleo, bebida, têxtil. **Minerais:** petróleo, ouro, platina, cobre, potassa (reservas). **Exportações:** US$ 188,6 milhões; **produtos:** café, couro e peles, derivados de petróleo (1991). **Importações:** US$ 471,9 milhões; **produtos:** cereais, combustíveis minerais, químicos, manufaturas básicas, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1991). **Parceiros comerciais:** Alemanha, Japão, Holanda, Arábia Saudita, EUA, Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** birr (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 2,07 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 6,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 120 (1991); **crescimento anual:** 1,5% (1980–1991). **Inflação:** 35,7% (1991). **Dívida externa:** US$ 3,5 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 19,8 milhões (1987); **distribuição:** agricultura, 78,1%; indústria, 8,5%; comércio e serviços, 13,4% (1985); **mão-de-obra feminina:** 35,2% (1987). **Desemprego:** 44,2% (1990).

● **DEFESA:** 90 mil (Frente Revolucionária da Etiópia). **Gastos:** 12,8% do PNB (1989).

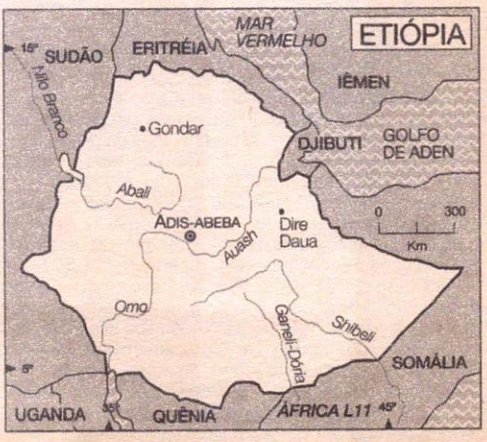
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 39,5 mil km; 20% pavimentados (1988); **n° de veículos:** 63,3 mil; **automóveis:** 42,3 mil (1989). **Ferrovias:** 782 km (1989). **Portos:** Adis-Abeba. **Linha aérea:** Ethiopian Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 5,8 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 518 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 320 hab. (1988). **Jornais diários:** 3; **n° de exemplares por 1.000 hab.:** 0,9 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 866 United Nations Plaza, Room 560, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 421-1830.

HISTÓRIA

Descendentes, segundo a lenda, do rei Salomão e de Makeba de Aksum, rainha de Sabá, os etíopes, cristianizados pelos coptas (séc IV), foram invadidos pelos árabes, que desagregaram lentamente o império. **1889–1913:** Menelik II consolida o reino e, em **1896:** derrota os italianos na Batalha de Ádua. **1914:** após sua morte, conquista italiana. **1916:** a imp. Zauditi nomeia sucessor o primo ras Tafari Makonnen. **1930:** o ras Tafari é coroado com o nome de Hailê Selassiê ("o poder da trindade"). **1931:** Selassiê outorga a primeira Constituição. **1935 – 1936:** ocupação italiana; Selassiê foge e apela à Liga das Nações em vão. **1941:** retorno de Selassiê, com apoio britânico, após a derrota italiana. **1952:** a ONU aprova a federação da Eritréia com a Etiópia. **1955:** primeiras eleições. **1961:** fundada, em Adis-Abeba, a Organização da Unidade Africana. **1971:** começa a rebelião da Frente Popular de Libertação da Eritréia (ver Fatos do Ano desse país). **1974:** golpe do gen. Aman Michael Andom. **1975:**



abolição da Monarquia. **1976**: Andom é deposto por Teferi Benti. **1977**: golpe do cel. Mengistu Hailê Mariam; guerra com a Somália pela posse do deserto de Ogaden. **1978**: ocupação do Ogaden com apoio cubano. **1979 – 1986**: luta contra a FPLE. **1987**: proclamada a República Popular Democrática; o Exército é derrotado pela FPLE perto de Nafka. **1988**: decretada mobilização geral; ordenada a retirada de todas as organizações internacionais da Eritréia e do Tigre; proibição à Cruz Vermelha de distribuir 36 mil t de cereais às vítimas da fome no norte do país. **1989**: avanço dos rebeldes da Frente Democrática Revolucionária do Povo Etíope, de Meles Zenáui, que conta com o apoio da FPLE, força o governo a negociar; golpe frustrado do gen. Hailê Gebre-Mikael. **1990**: duzentos militares golpistas são executados; reformas econômicas e políticas. **1991**: após a tomada de Ambo, perto de Adis-Adeba, Mengistu foge para o Zimbábue (21/5); o vice, gen. Tesfaye Gebre Kidan, não consegue impedir a invasão de Adis-Abeba (27/5); Zenáui torna-se pres. provisório; conferência nacional de reconciliação confirma-o como chefe do governo de transição (1º/7); a ONU estima que 1,4 milhão de pessoas estão ameaçadas pela fome (ago.); a FDRPE redivide o país em catorze províncias; choques entre os amharas e a etnia oromo, que deseja a autonomia da província de Harar (10/11). **1992**: eleição dos novos conselhos regionais, boicotada pelos oromos (20/3); Issaias Afeuerki, pres. provisório da Eritréia, denuncia mobilização de tropas etíopes contra sua província (1º/9).

FATOS DO ANO

A fragilidade do controle que a Frente Democrática Revolucionária do Povo Etíope (FDRPE) tem do país é demonstrada pelos distúrbios promovidos, em 4/1/1993, por estudantes de esquerda da Universidade de Adis-Abeba, durante a visita do sec.-geral da ONU, Butros Butros-Gali. Partidários do ex-ditador Mengistu Hailê Mariam, eles discordam da independência da Eritréia e protestam contra o referendo sobre a emancipação. O confronto com os estudantes, que se agrava quando, em 17/1, o governo decide fechar a universidade e demitir seu reitor, prolonga uma contestação iniciada no ano anterior, quando as eleições regionais (21/6/1992) se realizaram sob protestos da oposição, cercadas de acusações de fraude e manipulação de resultados.

A posição do governo torna-se ainda mais vulnerável em 23/6, quando, em protesto, a Frente de Libertação de Oromo retira do Conselho de Representantes seus doze membros. Pressionado por dez dos partidos que concorreram, e que exigem a anulação do pleito, o pres. Meles Zenáui responde, em 16/7, nomeando um comitê "para corrigir os erros eleitorais". Mas esse grupo não apresenta resultados e, entre 1992/93, movimentos antigovernamentais eclodem por toda a parte, principalmente entre os amáricos, do noroeste, e na província de Oromo, ao sul. São constantes, também, as denúncias de violações dos direitos humanos e de que há mais de 20 mil presos políticos em campos de concentração (a libertação de 16 mil deles, em fev. de 1993, não basta para acalmar a inquietação dos oposicionistas).

De volta para casa – Zenáui, enquanto isso, visando a recompor sua imagem pública, insiste em repatriar os etíopes que se exilaram nos últimos anos da ditadura de Mengistu. Em 6/3/1993, o Alto Comissariado da ONU para Refugiados anuncia já terem retornado 44.300, fugidos para o Quênia; em 10/5, o deputado sudanês Mohamed Ahmed al-As, representante do ACNUR, informa ser possível repatriar mais 300 mil. Mas essa política de reconciliação nacional não impede os choques da FDRPE com outros grupos. Em mar., realiza-se em Paris a conferência Paz para a Etiópia, convocada por dez partidos coligados na Aliança Democrática dos Povos do Sul, membro do Conselho de Representantes – e, em seu comunicado final, o encontro rejeita o processo de transição conduzido pela FDRPE. Reagindo a essa decisão, o governo exige, em abr., que a ADPS se defina quanto à participação no processo político. Como cinco desses partidos recusam-se a voltar atrás, são expulsos do Conselho, o que compromete as possibilidades desse organismo de garantir uma redemocratização tranqüila.

Reconhecimento imediato – Em todo o caso, mantendo a promessa de apoiar a Frente Popular de Libertação da Eritréia – da qual, na fase da luta contra Mengistu, recebera treinamento e ajuda logística –, Zenáui é o primeiro a reconhecer a independência da Eritréia, após o referendo de 23 e 25/4/1993. Em jan. de 1992 tinha sido assinado um acordo de livre comércio entre os dois países, e Adis-Abeba comprometera-se a colaborar para a reconstrução da ex-província, devastada pela guerra civil. A própria Etiópia, porém, necessita também de um programa de reconstrução e reabilitação da mão-de-obra. Contatos com o Banco Mundial que, em 1992, já se comprometera a fornecer US$ 672 milhões, levam, no final desse ano, à assinatura de acordos com credores internacionais que, até jun. de 1994, fornecerão US$ 1,2 bilhão. Como parte desses acordos, em out. de 1992 o governo aumentou as taxas de juros, desvalorizou o birr em 57% e destinou, no orçamento para 1993/94, 540 milhões de birr a um programa de alívio aos problemas sociais criados pelas reformas econômicas. Em 5/5/1993, o 1º-min. Tamirat Layne visita os Emirados Árabes Unidos, reata relações e obtém a promessa de empréstimos para os programas de recuperação da economia.

Fiji

● **NOME OFICIAL:** República de Fiji. **Capital:** Suva. **Nacionalidade:** fijiana. **Hino:** *Viva Fiji* (1º verso). **Língua:** fijiano (oficial); hindi, inglês. **Religião:** cristianismo, 52,9% (metodistas, maioria; católicos); hinduísmo, 38,1%; islamismo, 7,8%; sikhismo, 7,7%. **Data nacional:** 11/10 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-leste da Oceania. **Área:** 18.376 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago de origem vulcânica e relevo montanhoso com 800 ilhas (100 habitadas; Viti Levu e Vanua Levu, principais); cercadas por recifes de corais; solo fértil. **Ponto mais elevado:** monte Vitória (1.322 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rios principais:** Reua, Drequeti, Bua. **Cidades principais:** Suva (69.665 hab.); Lautoka (28.728); Nadi (7.679); Ba (6.515) (1986). **Hora local** (em relação a Brasília): +15h.

● **POPULAÇÃO:** 748.000 (est.1992); **urbana:** 38,7% (1986). **Composição demográfica:** fijianos, 48,9%; indianos, 46,2%; outros, 0,5% (1986). **Crescimento demográfico:** 1,9% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 37,9%; **15-59:** 56,8%; **mais de 60:** 5,3% (1989). **Densidade (hab./km²):** 40,9 (1992). **Natalidade:** 24,8 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 4,9 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 27 por 1.000 (1988). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,1 (1988). **Vida média homens:** 61; **mulheres:** 65,2 (1986). **Leitos hospitalares:** 1 por 413 hab.; **médicos:** 1 por 2,4 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 7,7% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 13% (1986). **Alunos de 1º e 2º graus:** 199,4 mil; **professores:** 7,3 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 2,2 mil; **professores:** 320 (1986). **Gastos:** 23,8% do orçamento (1991).

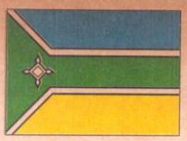
● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 25/7/1990. **Divisão administrativa:** 5 regiões divididas em 15 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Político Fijiano, Frente Unida Nac. (fijianos); Federação Nac., Trabalhista (indianos e multiétnicos). **Chefe de Estado:** pres. Camisese Mara (desde 16/12/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. maj.-gen. Sitiveni Rabuka (desde 2/6/1992). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 34 membros apontados pelo pres.; Câmara dos Representantes, com 70 membros eleitos por voto direto (37 representantes fijianos, 27 representantes de etnias indianas, 5 representantes de outras etnias e 1 representante da ilha Rotuma), ambos para mandatos de 5 anos.

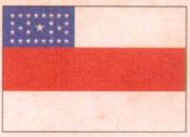
MINIATLAS

BANDEIRAS DO BRASIL

ACRE

ALAGOAS


AMAPÁ


AMAZONAS

BAHIA

CEARÁ

DISTRITO FEDERAL

ESPÍRITO SANTO

GOIÁS

MARANHÃO

MATO GROSSO

MATO GROSSO DO SUL

MINAS GERAIS

PARÁ

PARAÍBA

PARANÁ

PERNAMBUCO

PIAUÍ

RIO DE JANEIRO

RIO GRANDE DO NORTE

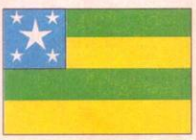
RIO GRANDE DO SUL

RONDÔNIA

RORAIMA

SANTA CATARINA

SÃO PAULO


SERGIPE

TOCANTINS

BANDEIRAS HISTÓRICAS

1320, da Ordem de Cristo: 1ª hasteada em solo brasileiro

1139-1521, a 1ª do reino de Portugal, hasteada nas naus do descobrimento

1521-1616, usada durante o reinado de d. João III

1640-1669, do reinado de d. João IV, marca o fim do domínio espanhol

1669-1816, do reinado de d. Pedro II, incorpora o verde da Ordem de Avis

1816-1822, do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, época de d. João VI

1822-1889, do Império, criada pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret

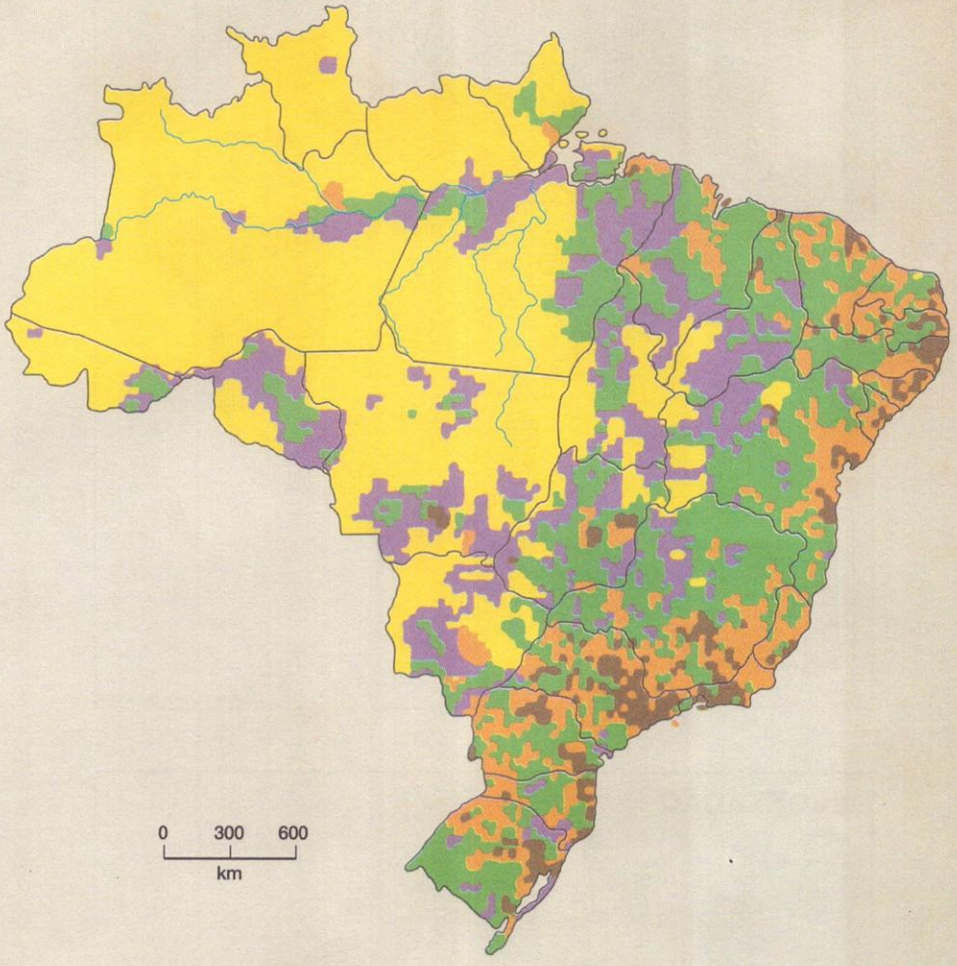
15 a 19/11/1889, dos Estados Unidos do Brasil, inspirada na norte-americana

19/11/1889, a atual, adaptação da imperial, com lema positivista

BRASIL REGIÕES

ILHAS OCEÂNICAS

POPULAÇÃO

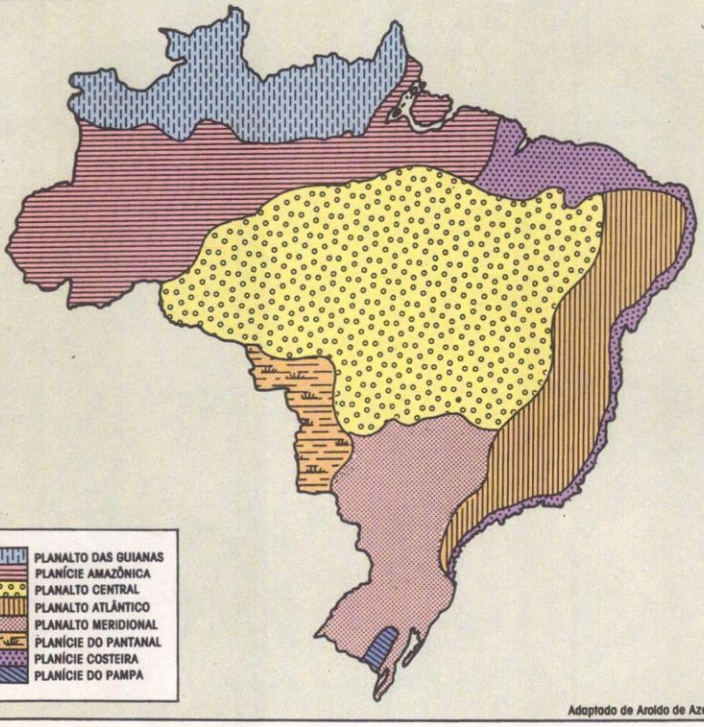


Densidade demográfica projetada pela sinopse preliminar do censo de 1991

HABITANTES POR km²

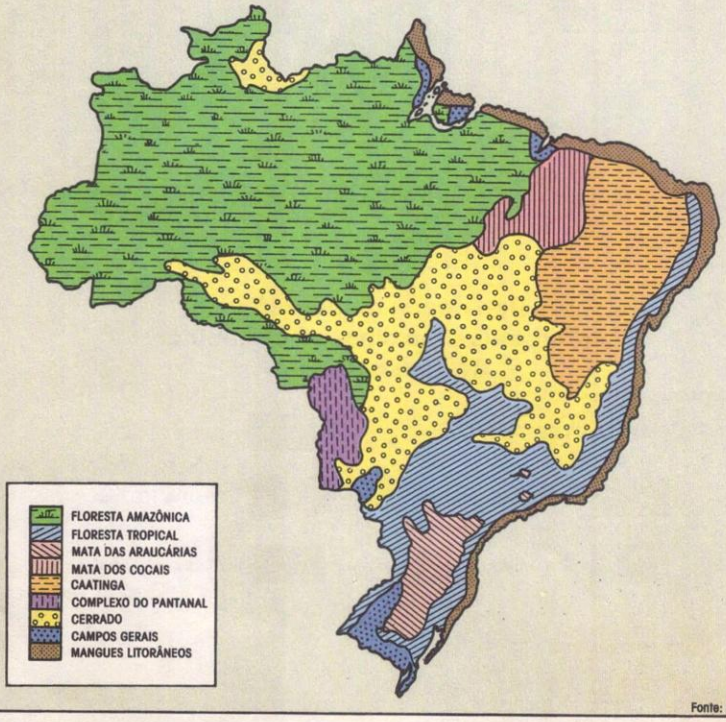
- Menos de 2 hab.
- 2 a 5 hab.
- 5,01 a 25 hab.
- 25,01 a 100 hab.
- Mais de 100 hab.

RELEVO



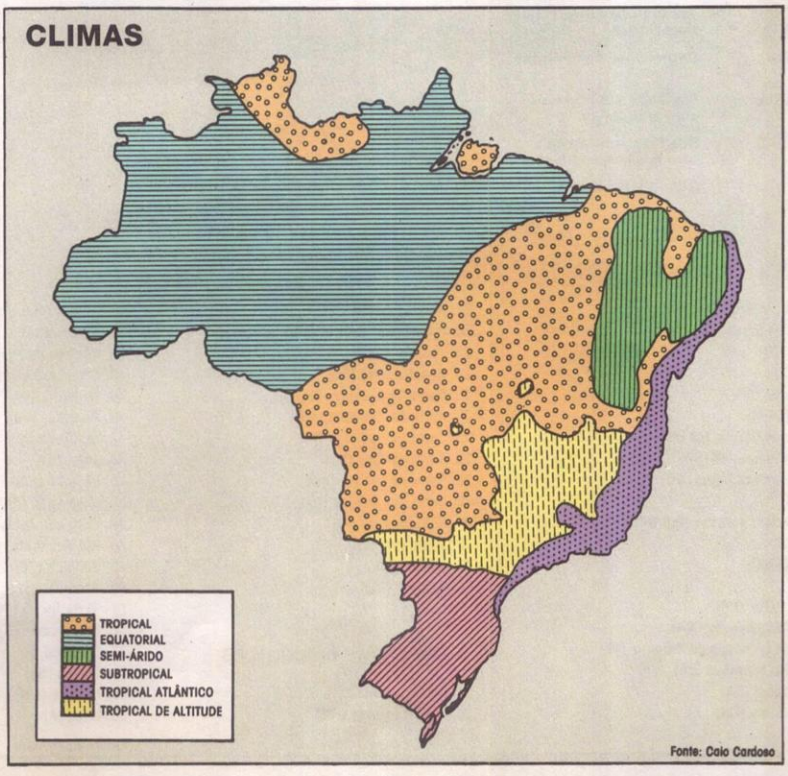
Adaptado de Aroldo de Azevedo

VEGETAÇÃO

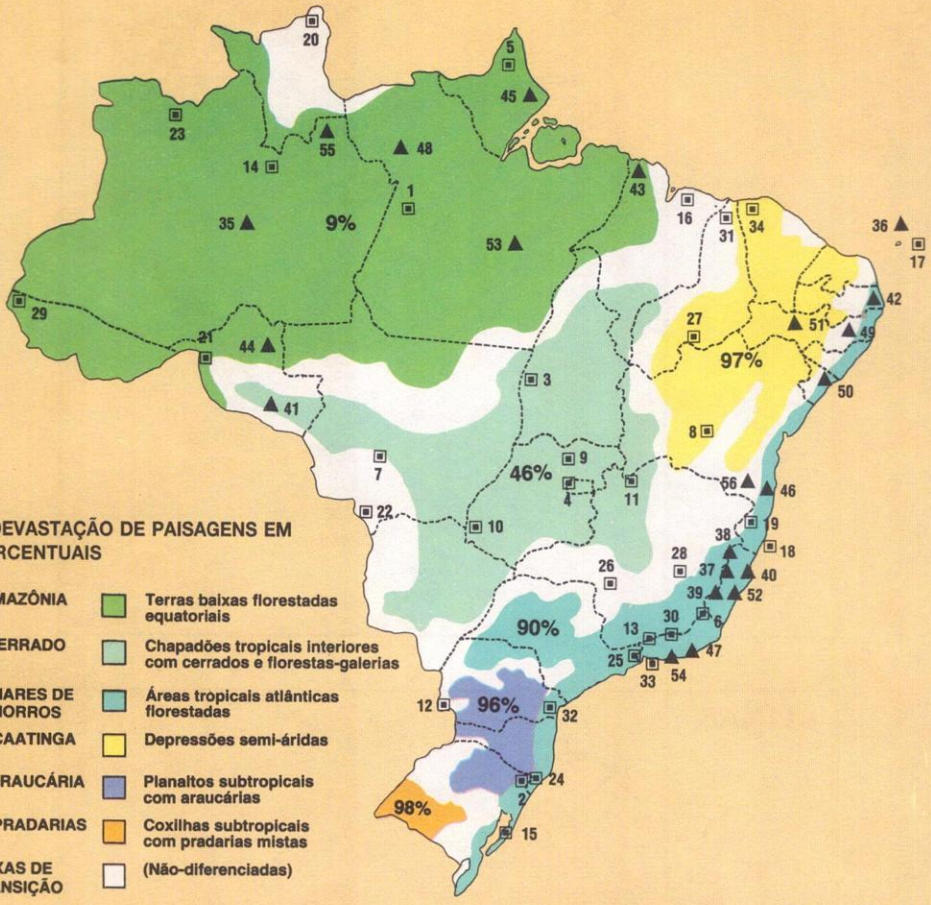


Fonte: IBGE

BACIAS HIDROGRÁFICAS
NORTE
Oiapoque
Araguari
Branco
Trombetas
Jari
Japurá
Negro
Amazonas
Solimões
AMAZÔNICA
Juruá
Madeira
Tapajós
Xingu
Gurupi
Grajaú
Itapicuru
NORDESTE
Acaraú
Jaguaribe
Paraíba do Norte
Capibaribe
Parnaíba
Araguaia
Tocantins
TOCANTINS
Maranhão
Paraná
SÃO FRANCISCO
São Francisco
Vaza-Barris
Paraguaçu
Contas
LESTE
Jequitinhonha
Velhas
Doce
São Lourenço
Taquari
Paranaíba
PRATA
Paraguai
Grande
Tietê
Paranapanema
Paraíba do Sul
Ribeira de Iguape
Canoas
Itajaí
Uruguai
Paraíba
Jacuí
SUDESTE/SUL
Fonte: IBGE


CLIMAS
TROPICAL
EQUATORIAL
SEMI-ÁRIDO
SUBTROPICAL
TROPICAL ATLÂNTICO
TROPICAL DE ALTITUDE
Fonte: Caio Cardoso

PAISAGENS, PARQUES E RESERVAS



A DEVASTAÇÃO DE PAISAGENS EM PERCENTUAIS

I. AMAZÔNIA	Terras baixas florestadas equatoriais
II. CERRADO	Chapadões tropicais interiores com cerrados e florestas-galerias
III. MARES DE MORROS	Áreas tropicais atlânticas florestadas
IV. CAATINGA	Depressões semi-áridas
V. ARAUCÁRIA	Planaltos subtropicais com araucárias
VI. PRADARIAS	Coxilhas subtropicais com pradarias mistas
FAIXAS DE TRANSIÇÃO	(Não-diferenciadas)

▣ PARQUES NACIONAIS:

1. Amazônia (PA/AM)
2. Aparados da Serra (RS)
3. Araguaia (TO)
4. Brasília (DF)
5. Cabo Orange (AP)
6. Caparaó (ES/MG)
7. Chapada dos Guimarães (MT)
8. Chapada Diamantina (BA)
9. Chapada dos Veadeiros (GO)
10. Emas (GO)
11. Grande Sertão: Veredas (MG/BA)
12. Iguaçu (PR)
13. Itatiaia (RJ/MG)
14. Jaú (AM)
15. Lagoa do Peixe (RS)
16. Lençóis Maranhenses (MA)
17. Marinho de Fernando de Noronha (PE)
18. Marinho dos Abrolhos (BA)
19. Monte Pascoal (BA)
20. Monte Roraima (RR)
21. Pacaás Novos (RO)
22. Pantanal Matogrossense (MT)
23. Pico da Neblina (AM)
24. São Joaquim (SC)
25. Serra da Bocaina (SP/RJ)
26. Serra da Canastra (MG)
27. Serra da Capivara (PI)
28. Serra do Cipó (MG)
29. Serra do Divisor (AC)
30. Serra dos Órgãos (RJ)
31. Sete Cidades (PI)
32. Superagui (PR)
33. Tijuca (RJ)
34. Ubajara (CE)

▲ RESERVAS BIOLÓGICAS:

35. Abufari (AM)
36. Atol das Rocas (RN)
37. Augusto Ruschi (ES)
38. Comboios (ES)
39. Córrego do Veado (ES)
40. Córrego Grande (ES)
41. Guaporé (RO)
42. Guaribas (PB)
43. Gurupi (MA)
44. Jaru (RO)
45. Lago Piratuba (AP)
46. Mico-Leão (BA)
47. Poço das Antas (RJ)
48. Rio Trombetas (PA)
49. Saltinho (PE)
50. Santa Isabel (SE)
51. Serra Negra (PE)
52. Sooretama (ES)
53. Tapirapé (PA)
54. Tinguá (RJ)
55. Uatumã (AM)
56. Una (BA)

Fonte: Aziz Ab'Sáber

FAUNA EM EXTINÇÃO

ANIMAIS EM EXTINÇÃO

1 - uacari-preto
2 - pirarucu
3 - peixe-boi
4 - gavião-penacho
5 - ariranha
6 - surucucu
7 - flamingo
8 - mutum
9 - cuxiú
10 - araponga-do-nordeste
11 - baleia-lisa
12 - macuco-do-nordeste
13 - ararinha-azul
14 - mutum-pinima
15 - ouriço-preto
16 - mico-leão-de-cara-dourada
17 - tartaruga-de-couro
18 - sagüi
19 - borboleta-das-dunas
20 - preguiça-de-coleira
21 - mico-leão-dourado
22 - choquinha
23 - mono-carvoeiro
24 - mico-leão-preto
25 - jacaré-de-papo-amarelo
26 - pica-pau-de-cara-amarela
27 - águia-cinzenta
28 - papagaio-de-peito-roxo
29 - zabelê
30 - tatu-canastra
31 - tamanduá-bandeira
32 - lobo-guará
33 - araraúna
34 - sabiá-do-mato-grosso
35 - onça-pintada
36 - cervo-do-pantanal

BANDEIRAS DAS NAÇÕES

Afeganistão

África do Sul

Albânia

Alemanha

Andorra

Angola

Antígua

Arábia Saudita

Argélia

Argentina

Armênia

Austrália

Áustria

Azerbaidjão

Bahamas

Bangladesh

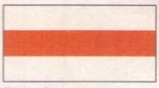
Barbados

Barein

Bélgica

Belize

Benin


Bielorrússia

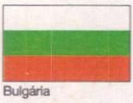
Bolívia

Bósnia-Herzegóvina

Botsuana

Brasil

Brunei


Bulgária

Burkina

Burundi

Butão

Cabo Verde

Camarões

Camboja

Canadá

Catar

Cazaquistão

Chade

Chile

China

Chipre

Cingapura

Colômbia

Congo

Coréia do Norte

Coréia do Sul

Costa do Marfim

Costa Rica

Croácia

Cuba

Dinamarca

Djibuti

Dominica

Egito

El Salvador

Emirados Árabes Unidos

Equador

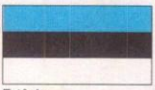
Eritréia

Eslováquia

Eslovênia

Espanha

Estados Unidos


Estônia

Etiópia

Fiji

Filipinas

Finlândia

Formosa (Taiwan)

França

Gabão

Gâmbia

Gana

Geórgia

Grã-Bretanha

Granada

Grécia

Guatemala

Guiana

Guiné

Guiné-Bissau

Guiné-Equatorial

Haiti

Holanda

Honduras

Hungria

Iêmen

Ilhas Comores

Ilhas Marshall

Ilhas Salomão

Índia

Indonésia

Irã

Iraque

Irlanda

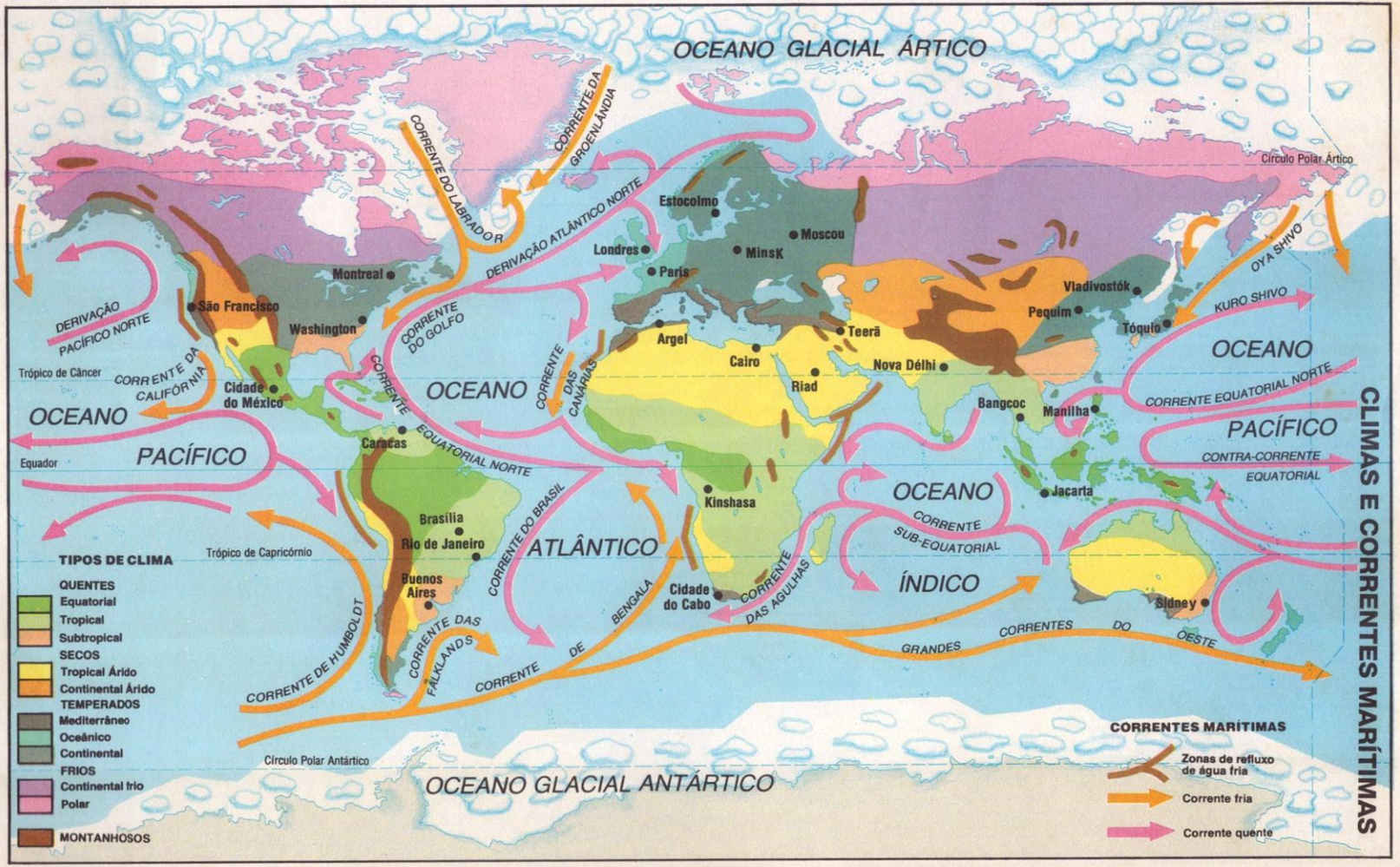
Islândia

Israel

Itália
Iugoslávia
Jamaica
Japão
Jordânia
Kiribati
Kuweit
Laos
Lesoto
Letônia
Líbano
Libéria
Líbia
Liechtenstein
Lituânia
Luxemburgo
Macedônia
Madagascar
Malaísia
Malavi
Maldivas
Mali
Malta
Marrocos
Maurício
Mauritânia
México
Mianmá (Birmânia)
Micronésia
Moçambique
Moldávia
Mônaco
Mongólia
Namíbia
Nauru
Nepal
Nicarágua
Niger
Nigéria
Noruega
Nova Zelândia
Omã
Panamá
Papua N. Guiné
Paquistão
Paraguai
Peru
Polônia
Portugal
Quênia
Quirguízia
Rep. Centro-Africana
Rep. Dominicana
Rep. Tcheca
Romênia
Ruanda
R
Rússia
Samoa Ocidental
San Marino
Santa Lúcia
S. Cristovão e Névis
São Tomé e Príncipe
S. Vicente/Granad.
Senegal
Serra Leoa
Seychelles
Síria
Somália
Sri Lanka
Suazilândia
Sudão
Suécia
Suíça
Suriname
Tadjiquistão
Tailândia
Tanzânia
Togo
Tonga
Trinidad e Tobago
Tunísia
Turcomênia
Turquia
Tuvalu
Ucrânia
Uganda
Uruguai
Uzbequistão
Vanuatu
Vaticano
Venezuela
Vietnã
Zaire
Zâmbia
Zimbábue

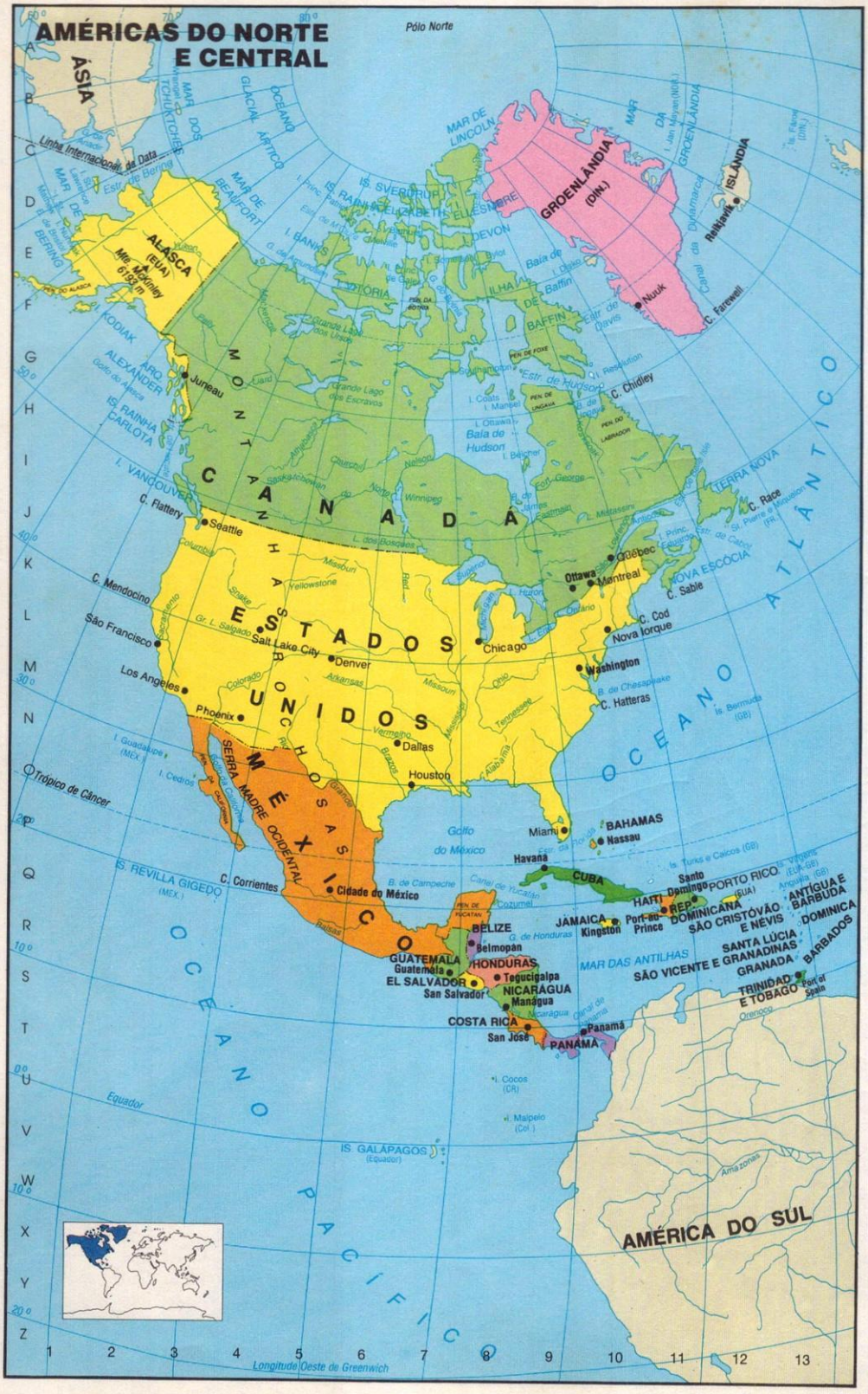
MAPA-MUNDI

OCEANO GLACIAL ÁRTICO
Terra de Francisco José
Svalbard
Groenlândia
Is. Sverdrup
Is. Rainha Elizabeth
Arq. da Nova Sibéria
ALASCA
ESTADOS UNIDOS
CANADÁ
ESTADOS UNIDOS
ISLÂNDIA
NORUEGA
SUÉCIA
FINLÂNDIA
ESTÔNIA
RÚSSIA
GRÃ-BRETANHA
DINAMARCA
LETÔNIA
LITUÂNIA
IRLANDA
HOLANDA
ALEMANHA
POL.
BIELORRÚSSIA
LUXEMBURGO
BÉLG.
TCHEC.
ESLV.
UCRÂNIA
LIECHTENSTEIN
AUS.
HUNG.
MOLDÁVIA
FRANÇA
SUÍÇA
ROMÊNIA
CAZAQUISTÃO
MONGÓLIA
MÔNACO
BÓSN.
GEÓRGIA
ANDORRA
S.MAR.
IRQ.
ALB.
MAC.
BULG.
PORTUGAL
GRÉCIA
TURQUIA
UZBEQUISTÃO
QUIRGUIZIA
ESPANHA
VAT.
MALTA
CHIPRE
SÍRIA
TURCOMENISTÃO
TADJIQUISTÃO
COREIA DO NORTE
LÍBANO
AZERBAIDJÃO
ISRAEL
IRAQUE
AFEGANISTÃO
CHINA
OCEANO PACÍFICO
JAPÃO
COREIA DO SUL
MARROCOS
TUNÍSIA
JORDÂNIA
PAQUISTÃO
IRÃ
KUWEIT
BAREIN
CATAR
EAU
NEPAL
BUTÃO
BANGLADESH
SAARA OCIDENTAL
ARGÉLIA
LÍBIA
EGITO
ARÁBIA SAUDITA
ÍNDIA
MIANMA
FORMOSA (TAIWAN)
BAHAMAS
CUBA
REP. DOM.
MÉXICO
JAMAICA
HAITI
ANTÍGUA
BELIZE
DOMINICA
S.C.NEV.
GUATEMALA
HOND.
STA LÚCIA
S.VIC.GRA.
EL SALVADOR
NICAR.
GRANADA
BARBADOS
COSTA RICA
PANAMÁ
TRINIDAD E TOBAGO
CABO VERDE
SENEGAL
GÂMBIA
MALI
NÍGER
ERITRÉIA
IÊMEN
DJIBUTI
LAOS
TAILÂNDIA
CAMBOJA
FILIPINAS
SRI LANKA
BRUNEI
MICRONÉSIA
IS. MARSHALL
MALÁSIA
VENEZUELA
GUIANA
SURINAME
GUIANA FRANCESA
GUINÉ-BISSAU
GUINÉ
COSTA DO MARFIM
BURKINA
NIGÉRIA
SUDÃO
SEHRA LEOA
LIBÉRIA
BENIM
REP. CENTRO-AFRICANA
ETIÓPIA
SOMÁLIA
COLÔMBIA
GUINÉ EQ.
CAMARÕES
CONGO
UGANDA
QUÊNIA
MALDIVAS
NAURU
KIRIBATI
S. TOMÉ E PRÍNCIPE
EQUADOR
RUANDA
BURUNDI
INDONÉSIA
PAPUA NOVA GUINÉ
IS. SALOMÃO
TUVALU
SAMOA OCIDENTAL
BRASIL
ZAIRE
SEYCHELLES
COMORES
PERU
BOLÍVIA
ZÂMBIA
ANGOLA
TANZÂNIA
MOÇAMBIQUE
MADAGASCAR
MAURÍCIO
FIJI
TONGA
VANUATU
OCEANO ÍNDICO
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
PARAGUAI
ZIMBÁBUE
BOTSUANA
NAMÍBIA
SUAZILÂNDIA
LESOTO
AUSTRÁLIA
URUGUAI
ÁFRICA DO SUL
CHILE
ARGENTINA
NOVA ZELÂNDIA
Is. Falkland (Is. Malvinas)
OCEANO GLACIAL ANTÁRTICO
Longitude Oeste de Greenwich
Longitude Leste de Greenwich


OCEANO GLACIAL ÁRTICO
Círculo Polar Ártico
CORRENTE DA GROENLÂNDIA
CORRENTE DO LABRADOR
DERIVAÇÃO ATLÂNTICO NORTE
Estocolmo
Moscou
Minsk
Londres
Paris
Montreal
São Francisco
Washington
DERIVAÇÃO PACÍFICO NORTE
CORRENTE DO GOLFO
CORRENTE DAS CANÁRIAS
Argel
Cairo
Riad
Teerã
Nova Délhi
Vladivostók
Pequim
Tóquio
OYA SHIVO
KURO SHIVO
Trópico de Câncer
CORRENTE DA CALIFÓRNIA
Cidade do México
OCEANO PACÍFICO
Equador
CORRENTE EQUATORIAL NORTE
Caracas
Bangcoc
Manilha
CONTRA-CORRENTE EQUATORIAL
Jacarta
Kinshasa
OCEANO ÍNDICO
CORRENTE SUB-EQUATORIAL
Brasília
Rio de Janeiro
Trópico de Capricórnio
CORRENTE DO BRASIL
OCEANO ATLÂNTICO
Buenos Aires
Cidade do Cabo
CORRENTE DAS AGULHAS
Sidney
CORRENTE DE HUMBOLDT
CORRENTE DAS FALKLANDS
CORRENTE DE BENGALA
GRANDES CORRENTES DO OESTE
Círculo Polar Antártico
OCEANO GLACIAL ANTÁRTICO
TIPOS DE CLIMA
QUENTES
Equatorial
Tropical
Subtropical
SECOS
Tropical Árido
Continental Árido
TEMPERADOS
Mediterrâneo
Oceânico
Continental
FRIOS
Continental frio
Polar
MONTANHOSOS
CORRENTES MARÍTIMAS
Zonas de refluxo de água fria
Corrente fria
Corrente quente
CLIMAS E CORRENTES MARÍTIMAS

GROENLÂNDIA
Círculo Polar Ártico
CANADÁ
RÚSSIA
ÁFRICA
BRASIL
AUSTRÁLIA
INDONÉSIA
JS. SALOMÃO
MADAGASCAR
LESOTO
SERRA LEOA
NIGÉRIA
ZAIRE
Trópico de Câncer
Equador
Trópico de Capricórnio
Círculo Polar Antártico
Montreal
Cleveland
New Haven
Denver
St. Louis
Nova York
Los Angeles
Birmingham
El Paso
Cidade do México
Caracas
Quito
Bogotá
São Paulo
Rio de Janeiro
Mendoza
Santa Fé
Santiago
La Plata
Estolcomo
Helsinque
São Petersburgo
Moscou
Glasgow
Copenhague
Belfast
Amsterdã
Varsóvia
Dunquerque
Berlim
Wróclaw
Volgograd
Le Havre
Estrasburgo
Lyon
Milão
Linz
Marselha
Turim
Zagreb
Lisboa
Madri
Atenas
Baku
Teerã
Bagdá
Alma Ata
Pequim
Seul
Kawasaki
Nova Délhi
Xangai
Calcutá
Hong Kong
Bombaim
Manilha
Bangcoc
Kuala Lumpur
Jacarta
Sidney
desertificação provocada pelo homem
desmatamento em áreas tropicais
florestas tropicais
águas fortemente poluídas
águas parcialmente poluídas
áreas afetadas pela chuva ácida
áreas potencialmente afetadas pela chuva ácida
cidades selecionadas com altos níveis de poluição atmosférica

AMÉRICA DO SUL
OCEANO ATLÂNTICO
MAR DAS ANTILHAS
Porto Rico
Guadalupe
Hispaniola
Martinica
L. de Nicaragua
Canal do Panamá
Pta. Gallinas
L. Maracaibo
Caracas
Orenoco
VENEZUELA
Georgetown
SURINAME
GUIANA
Paramaribo
Caiena
GUIANA FRANCESA
Cauca
Golfo do Panamá
Magdalena
Meta
Bogotá
Guaviare
COLÔMBIA
PLANALTO DAS GUIANAS
I. de Maracá
I. Caviana
I. Mexiana
Equador
São Pedro e São Paulo
I. Malpelo
Caquetá
Negro
Quito
EQUADOR
Arq. de Colón (Is. Galápagos)
Golfo de Guayaquil
Putumayo
Napo
Amazonas
Baía de São Marcos
Arq. Fernando de Noronha (Brasil)
Marañón
Javari
Madeira
Tapajós
Xingu
Parnaíba
C. de São Roque
Pta. Aguja
Juruá
Purus
PERU
CORDILHEIRA DOS ANDES
BRASIL
CHAP. DO ARARIPE
Francisco
Lima
Ucayali
Guaporé
Mamoré
Juruena
Arinos
Araguaia
Tocantins
São
Pta. Huacas
PLANALTO CENTRAL
Baía de Todos os Santos
L. Titicaca
La Paz
Brasília
SERRA DO ESPINHAÇO
BOLÍVIA
GRANDE CHACO
Paraguai
L. Poopó
Grande
I. de Trindade
I. Martim Vaz
PARAGUAI
C. São Tomé
C. Frio
Trópico de Capricórnio
Salado do Norte
Assunção
Paraná
Iguaçu
I. San Ambrosio (Chile)
I. San Félix (Chile)
Nevado Ojos del Salado (6.880 m)
Pelotas
I. de Sta. Catarina
ARGENTINA
Uruguai
Aconcágua (6.960 m)
I. dos Patos
URUGUAI
I. Robinson Crusoe
Santiago
Buenos Aires
Montevidéu
I. Alejandro Selkirk
Salado
Rio da Prata
Arq. de Juan Fernandez (Chile)
PAMPAS
C. San Antonio
Colorado
Baía Blanca
Negro
Golfo San Matias
Punta Delgada
I. Chiloé
Golfo del Corcovado
Arq. de los Chonos
Golfo San Jorge
C. Três Puntas
C. Três Montes
I. Campana
I. Wellington
I. Madre de Dios
Chico
Is. Falkland (Is. Malvinas) (GB)
Magalhães
Terra do Fogo
I. Desolación
I. Santa Inés
Estr. de
C. San Diego
I. de los Estados
C. Horn
I. Geórgia do Sul (GB)
Is. Sandwich do Sul (GB)
Is. Shetland do Sul
Is. Órcades do Sul (GB)
Círculo Polar Antártico
PEN. ANTÁRTICA
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
90° 80° 70° 60° 50° 40° 30°
30° 20° 10° 0° 10° 20° 30° 40° 50° 60°
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
1 2 3 4 5 6 8 9 10 11 12 13

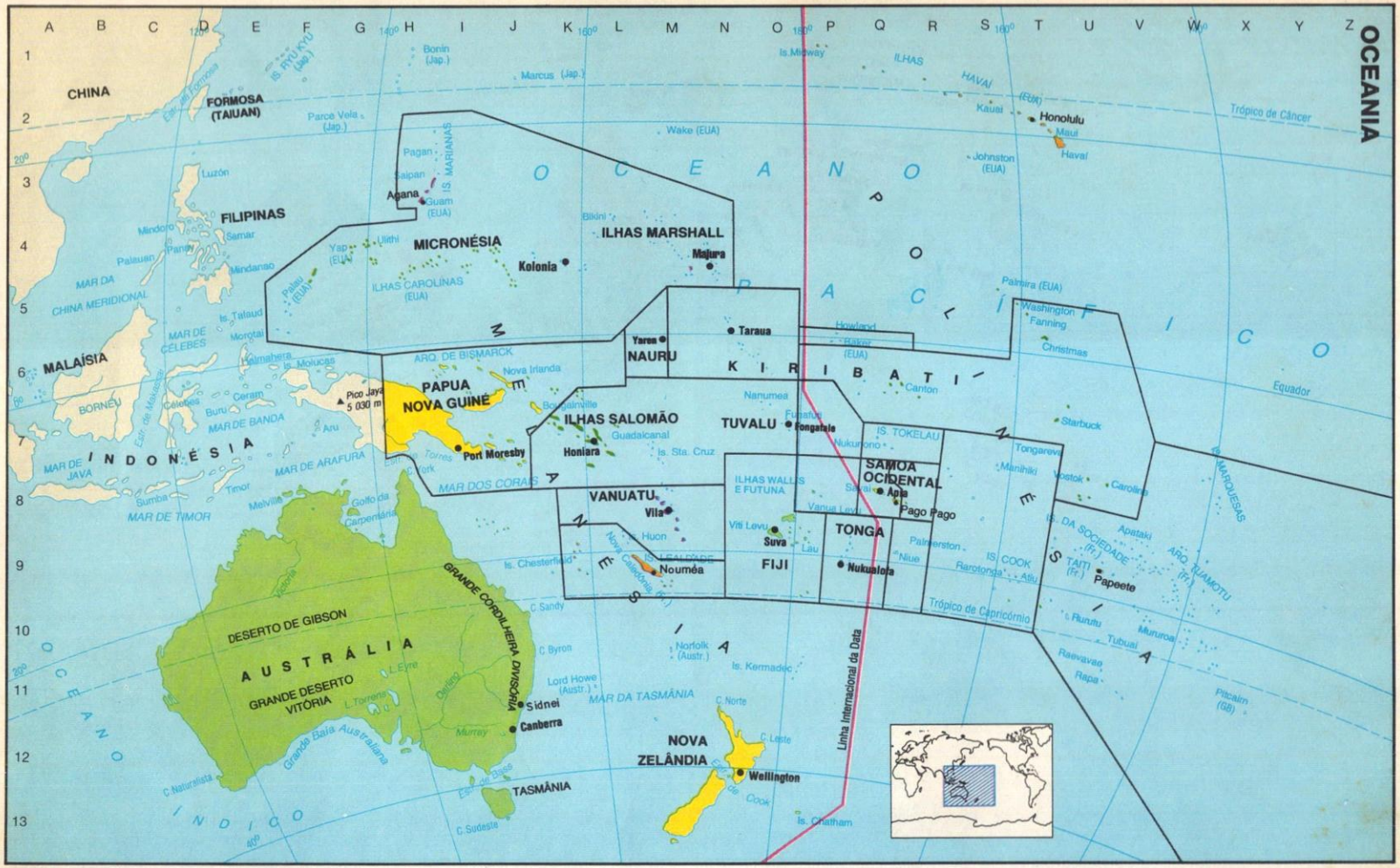

AMÉRICAS DO NORTE E CENTRAL
ÁSIA
Pólo Norte
Linha Internacional de Data
Estr. de Bering
MAR DE BEAUFORT
OCEANO ÁRTICO
GLACIAL ÁRTICO
MAR DE LINCOLN
MAR DA GROENLÂNDIA
GROENLÂNDIA (DIN.)
ISLÂNDIA
Reiquiavique
ALASCA (EUA)
Mte. McKinley 6194 m
IS. SVERDRUP
IS. PRINCE PATRICK
IS. ELIZABETH
ELLESMERE
I. BANKS
I. VICTORIA
I. DEVON
ILHA DE BAFFIN
Baía de Baffin
Estr. de Davis
C. Farewell
Nuuk
KODIAK
ARQ. ALEXANDER
IS. RAINHA CARLOTA
I. VANCOUVER
C. Flattery
Juneau
Seattle
MONTANHAS ROCHOSAS
CANADÁ
Grande Lago dos Escravos
Baía de Hudson
Estr. de Hudson
C. Chidley
PEN. DE LABRADOR
TERRA NOVA
C. Race
Québec
Ottawa
Montreal
NOVA ESCÓCIA
C. Sable
C. Cod
Nova Iorque
C. Mendocino
São Francisco
Salt Lake City
Denver
Chicago
ESTADOS UNIDOS
Washington
B. de Chesapeake
C. Hatteras
Los Angeles
Phoenix
Dallas
Houston
SERRA MADRE OCIDENTAL
MÉXICO
Trópico de Câncer
Golfo do México
Miami
BAHAMAS
Nassau
Havana
CUBA
Santo Domingo
HAITI
REP. DOMINICANA
PORTO RICO (EUA)
ANTÍGUA E BARBUDA
SÃO CRISTÓVÃO E NEVIS
DOMINICA
SANTA LÚCIA
GRANADA
SÃO VICENTE E GRANADINAS
BARBADOS
TRINIDAD E TOBAGO
Port of Spain
JAMAICA
Kingston
Port-au-Prince
C. Corrientes
Cidade do México
BELIZE
Belmopan
GUATEMALA
Guatemala
HONDURAS
Tegucigalpa
EL SALVADOR
San Salvador
NICARAGUA
Managua
COSTA RICA
San José
Panamá
PANAMÁ
MAR DAS ANTILHAS
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO
Equador
IS. GALÁPAGOS (Equador)
I. Cocos (CR)
I. Malpelo (Col.)
AMÉRICA DO SUL
Longitude Oeste de Greenwich

ÁFRICA
Longitude Oeste de Greenwich
Longitude Leste de Greenwich
EUROPA
ÁSIA
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO ÍNDICO
MAR MEDITERRÂNEO
MAR NEGRO
MAR CÁSPIO
MAR VERMELHO
Moscou
Paris
Budapeste
Belgrado
Bucareste
Roma
Tirana
Ancara
Madri
Lisboa
Atenas
Teerã
Damasco
Bagdá
Beirute
Jerusalém
Cairo
Riad
Sanaa
Argel
Tunis
Tripoli
Rabat
MARROCOS
ARGÉLIA
TUNÍSIA
LÍBIA
EGITO
MALTA
CORSEGA
SARDENHA
IS. BALEARES
SICÍLIA
CRETA
CHIPRE
ARQ. DA MADEIRA
IS. CANÁRIAS
Estreito de Gibraltar
Golfo de Sidra
Golfo Pérsico
PEN. DO SINAI
Canal de Suez
SAARA OCIDENTAL
DESERTO DO SAARA
DESERTO DA LÍBIA
DESERTO DA NÚBIA
MONTES HOGGAR
Trópico de Câncer
C. Bojador
El Aaiún
MAURITÂNIA
MALI
NÍGER
CHADE
SUDÃO
ERITRÉIA
Asmara
Cartum
Nuakchott
Dacar
SENEGAL
Banjul
GÂMBIA
Bamaco
Niamey
Ndjamena
Djibuti
C. Guardafui
Golfo de Aden
Conacri
Bissau
GUINÉ BISSAU
GUINÉ
Freetown
SERRA LEOA
Monróvia
LIBÉRIA
BURKINA
Uagadugu
TOGO
BENIM
NIGÉRIA
PLANALTO DE KORDOFAN
DJIBUTI
Abidjã
COSTA DO MARFIM
GANA
Acra
Lomé
Lagos
Porto-Novo
MAGIÇO DE ADAMAUA
REP. CENTRO-AFRICANA
Banguí
CAMARÕES
Malabo
Iaundé
ETIÓPIA
Adis-Abeba
SOMÁLIA
Mogadiscio
C. Palmas
Golfo da Guiné
Equador
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
GUINÉ EQUAT.
Libreville
GABÃO
C. López
Pagalu
ZAIRE
UGANDA
Campala
QUÊNIA
RUANDA
Quigali
Nairóbi
BURUNDI
CONGO
Brazzaville
Cabinda
Kinshasa
Mte. Kilimanjaro 5895 m
Pemba
ZANZIBAR
Dar-es-Salaam
Mafia
TANZÂNIA
I. Aldabra
SEYCHELLES
C. Delgado
Moroni
COMORES
I. Mayotte (Fr.)
C. d'Ambre
I. Ascensão (GB)
Luanda
ANGOLA
ZÂMBIA
Lusaca
MALÁVI
Lilongüe
MOÇAMBIQUE
MADAGASCAR
Antananarivo
St. Helena (GB)
C. Fria
Cunene
NAMÍBIA
Harare
ZIMBÁBUE
Bacia de Ocavanco
Windhoek
BOTSUANA
DESERTO KALAHARI
Gaborone
Pretória
Mbabane
Maputo
C. Ste. Marie
SUAZILÂNDIA
Trópico de Capricórnio
Masery
LESOTO
ÁFRICA DO SUL
Cidade do Cabo
C. da Boa Esperança
C. Agulhas
MAURÍCIO
Port Louis
Beau Bassin-Rose
Quatre Bornes
Vacoas-phoenix
Curepipe
REUNIÃO
Saint-Denis
Saint-Paul
Saint-Pierre
La Tamarin
Ribeira Grande
SANTO ANTÃO
Mindelo
SÃO NICOLAU
SANTA LUZIA
SÃO VICENTE
SAL
Sta. Maria
Sal Rei
BOA VISTA
IS. DO CABO VERDE
SÃO TIAGO
MAIO
FOGO
Praia
BRAVA

EUROPA
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO ÁRTICO
MAR MEDITERRÂNEO
MAR NEGRO
MAR CÁSPIO
MAR BÁLTICO
MAR DO NORTE
MAR BRANCO
ILHAS BRITÂNICAS
Círculo Polar Ártico
Is. Lofoten
Is. Féroe
Is. Shetland
Is. Órcades
Hébridas
C. Norte
PEN. DE KOLA
URAIS
RÚSSIA
ÁSIA
NORUEGA
SUÉCIA
FINLÂNDIA
Golfo de Bótnia
Oslo
Estocolmo
Helsinque
São Petersburgo
Moscou
Tallinn
ESTÔNIA
LETÔNIA
Riga
LITUÂNIA
Vilna
Minsk
BIELORRÚSSIA
POLÔNIA
Varsóvia
Berlim
DINAMARCA
Copenhague
GRÃ-BRETANHA
IRLANDA
Dublin
C. Clear
Amsterdã
HOLANDA
Londres
Land's End
Canal da Mancha
BÉLGICA
Bruxelas
ALEMANHA
LUXEMBURGO
Praga
REP. TCHECA
ESLOVÁQUIA
Viena
Bratislava
Paris
FRANÇA
Baía de Biscaia
C. Finisterra
Berna
LIECHTENSTEIN
SUÍÇA
ÁUSTRIA
Budapeste
HUNGRIA
Kiev
UCRÂNIA
Chisinau
MOLDÁVIA
PEN. DA CRIMÉIA
ROMÊNIA
ESLOVÊNIA
Ljubliana
Zagreb
CROÁCIA
Mte. Branco 4807 m
Belgrado
Bucareste
BÓSNIA-HERZ.
SAN MARINO
Saravejo
IUGOSLÁVIA
BULGÁRIA
Skopje
Sófia
MÔNACO
ANDORRA
PORTUGAL
Lisboa
Madri
ESPANHA
Douro
Tejo
Guadiana
Guadalquivir
C. de São Vicente
Golfo de Cádiz
Roma
VATICANO
Tirana
ALBÂNIA
MACEDÔNIA
TURQUIA
Ilhas Baleares
Minorca
Maiorca
Ibiza
Córsega
Sardenha
MAR TIRRENO
MAR ADRIÁTICO
MAR JÔNIO
Golfo de Lião
C. Spartivento
SICÍLIA
GRÉCIA
Atenas
Lesbos
Rodes
Chipre
C. Bon
MALTA
C. Passero
C. Matapán
GEÓRGIA
Tbilisi
Baku
AZERBAIDJÃO
ARMÊNIA
Ierevã
Longitude Oeste de Greenwich
Longitude Leste de Greenwich

Pólo Norte
EUROPA
RÚSSIA
ÁSIA
ÁFRICA
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ÍNDICO
MAR MEDITERRÂNEO
MAR NEGRO
MAR VERMELHO
MAR DA ARÁBIA
Golfo de Aden
Baía de Bengala
Londres
Paris
Berlim
Praga
Viena
Budapeste
Bucareste
Estocolmo
Moscou
Roma
Atenas
Tripoli
Argel
Lisboa
Madri
Ankara
TURQUIA
CHIPRE
Nicósia
LÍBIA
SÍRIA
Damasco
Beirute
Jerusalém
ISRAEL
AMÃ
JORDÂNIA
IRAQUE
Bagdá
Teerã
IRÃ
KUWEIT
Kuweit
CATAR
Doha
Riad
BAREIN
EMIRADOS ÁRABES UNIDOS
Abu Dhabi
ARÁBIA SAUDITA
Sanaa
IÊMEN
OMÃ
Mascate
CAZAQUISTÃO
Alma-Atá
Bishkek
UZBEQUISTÃO
Tashkent
TURCOMÊNIA
Ashkhabad
QUIRGUIZIA
TADJIQUISTÃO
Dushanbé
AFEGANISTÃO
Cabul
PAQUISTÃO
Islamabad
Nova Déli
ÍNDIA
NEPAL
Katmandu
Mte. Everest 8848 m
BUTÃO
Timfu
BANGLADESH
Daca
MIANMA
Yangum
MONGÓLIA
Ulan Bator
CHINA
Pequim
COREIA DO NORTE
Pionguiangue
COREIA DO SUL
Seul
JAPÃO
Tóquio
Taipé
FORMOSA
(TAIWAN)
Hong Kong
Macau
VIETNÃ
Hanói
LAOS
Vientiane
TAILÂNDIA
Bangcoc
CAMBOJA
Fnom Penh
FILIPINAS
Manilha
BRUNEI
Bandar Seri Begauan
MALAÍSIA
Cuala Lumpur
CINGAPURA
INDONÉSIA
BORNEU
SUMATRA
JAVA
MALDIVAS
Malé
SRI LANKA
Colombo
C. Comorin
C. Dondra
C. Guardafui
Equador
Trópico de Câncer
Círculo Polar Ártico
Meridiano de Greenwich
Linha de Data Internacional
Longitude Oeste
Longitude Leste

OCEANIA

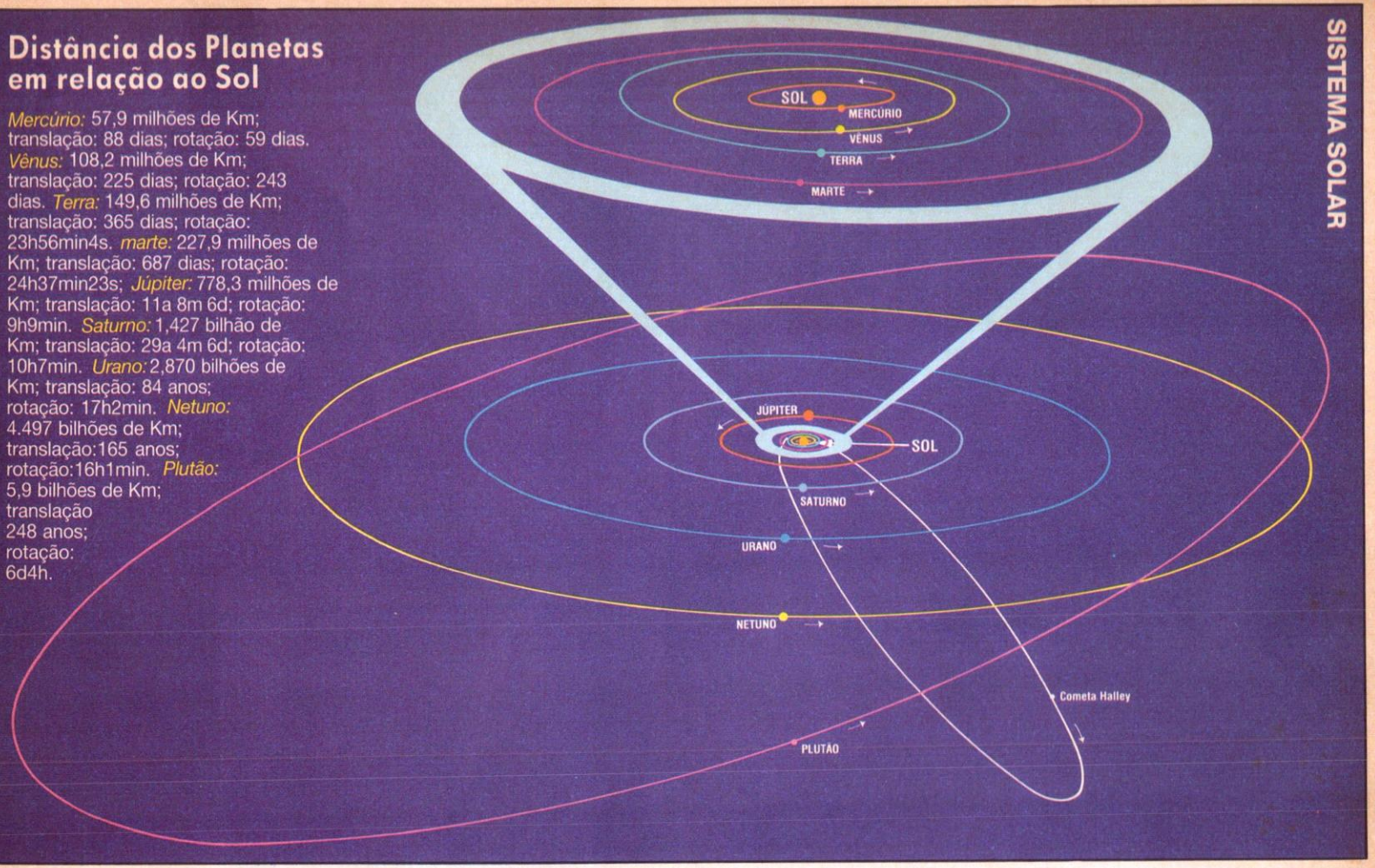


CHINA
FORMOSA (TAIUAN)
FILIPINAS
MALAÍSIA
INDONÉSIA
MICRONÉSIA
ILHAS MARSHALL
PAPUA NOVA GUINÉ
NAURU
KIRIBATI
ILHAS SALOMÃO
TUVALU
VANUATU
FIJI
SAMOA OCIDENTAL
TONGA
NOVA ZELÂNDIA
AUSTRÁLIA
DESERTO DE GIBSON
GRANDE DESERTO VITÓRIA
GRANDE CORDILHEIRA DIVISÓRIA
TASMÂNIA
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ÍNDICO
MELANÉSIA
POLINÉSIA
Trópico de Câncer
Trópico de Capricórnio
Equador
Linha Internacional da Data
Honolulu
Agana
Kolonia
Majura
Yaren
Taraua
Port Moresby
Honiara
Vila
Nouméa
Suva
Apia
Pago Pago
Nukualofa
Papeete
Sidnei
Canberra
Wellington
Pico Jaya 5 030 m

20° O
0°
20° L
40° L
60° L
80° L
40° O
60° O
80° O
100° O
120° O
140° O
160° O
180°
160° L
140° L
100° L
120° L
60° S
70° S
80° S
Círculo Polar Antártico
Limite extremo das geleiras flutuantes
OCEANO ATLÂNTICO
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ÍNDICO
ANTÁRTIDA
AMÉRICA DO SUL
Passagem de Drake
Ilhas Geórgia do Sul (GBR)
Ilhas Sandwich do Sul (GBR)
Ilhas Órcadas (base argentina)
Ilhas Órcadas do Sul (GBR)
Ilhas Shetland do Sul (Est. Cmte. Ferraz-BRASIL)
Península Antártida
Ilha Pedro I (NOR)
Terra da Rainha Maud
GELEIRA LAMBERT
GELEIRA D'OESTE
GELEIRA DE SHACKLETON
GELEIRA DE FILCHNER
MAR DE WEDDELL
MAR DE DAVIS
MAR DE BELLINGSHAUSEN
MAR DE AMUNDSEN
MAR DE ROSS
ANTÁRTIDA
• Pólo Sul
▲ Monte Vinson 5140m
Montes Transantárticos
Terra de Wilkes
GELEIRA DE BEARDMORE
Terra de Marie-Byrd
GELEIRA GETZ
Base de Scott (Nova Zelândia)
Terra de Vitória
Terra Adélia (França)
0 400 800 1200 km

Distância dos Planetas em relação ao Sol

Mercúrio: 57,9 milhões de Km; translação: 88 dias; rotação: 59 dias. *Vênus:* 108,2 milhões de Km; translação: 225 dias; rotação: 243 dias. *Terra:* 149,6 milhões de Km; translação: 365 dias; rotação: 23h56min4s. *marte:* 227,9 milhões de Km; translação: 687 dias; rotação: 24h37min23s; *Júpiter:* 778,3 milhões de Km; translação: 11a 8m 6d; rotação: 9h9min. *Saturno:* 1,427 bilhão de Km; translação: 29a 4m 6d; rotação: 10h7min. *Urano:* 2,870 bilhões de Km; translação: 84 anos; rotação: 17h2min. *Netuno:* 4.497 bilhões de Km; translação:165 anos; rotação:16h1min. *Plutão:* 5,9 bilhões de Km; translação 248 anos; rotação: 6d4h.



● **ECONOMIA:** agricultura, 19,6%; indústria, 17,8%; mineração, 3,3%; comércio, 22,8%; serviços, 36,5% do PIB (1989). **Agricultura:** cana-de-açúcar, coco, gengibre, arroz. **Pecuária:** bovinos, caprinos, suínos. **Pesca:** 35 mil t (1990). **Indústria:** processamento de produtos agrícolas (açúcar, principal; melaço e copra), vestuário. **Minerais:** ouro, prata. **Exportações:** US$ 448,5 milhões; **produtos:** açúcar, ouro, reexportação de vestimentas (1991). **Importações:** US$ 651,8 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturados básicos (1991). **Parceiros comerciais:** Austrália, Grã-Bretanha, Nova Zelândia, Japão, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dólar de Fiji (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,50 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,4 bilhão; **renda per capita:** US$ 1.830 (1991); **crescimento anual:** 1,5% (1980–1991). **Inflação:** 4,3% (1992). **Dívida externa:** US$ 339 milhões (1990). **Força de trabalho:** 241,5 mil; **distribuição:** agricultura, 44,1%; indústria, 13,8%; comércio, 10,8%; serviços, 23,1%; outros, 8,2%; **mão-de-obra feminina:** 19% (1988–1990). **Desemprego:** 6,4% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 5 mil (1992); **Exército:** 4,7 mil; **Marinha:** 300; **Força Aérea:** não há. **Gastos:** 5,8% do orçamento (1991).

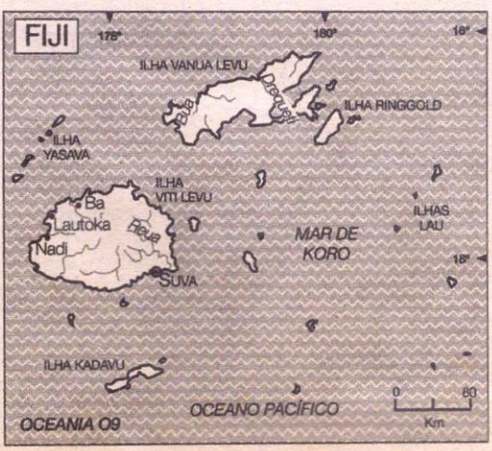
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 4,8 mil km; 13% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 67,8 mil; **automóveis:** 40,3 mil (1990). **Ferrovias:** 595 km (Corporação de Açúcar de Fiji) (1990). **Portos:** Suva, Lautoka, Levuka. **Linhas aéreas:** Air Pacific (vôos internacionais e domésticos); Fiji Air, Sunflower Airlines (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 1,6 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 73 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 10 hab. (1990). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 56 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 1 United Nations Plaza, 2nd Floor, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 355-7316.

HISTÓRIA

O holandês Abel Tansman descobre Vanua Levu e Taveuni (1643); o cap. James Cook descobre outras ilhas no século seguinte; em 1805, funda-se um posto britânico em Levuka. Convertido ao cristianismo, o chefe Cakobau extingue o canibalismo. **1874:** anexação pela Grã-Bretanha. **1879:** indianos vão trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar. **1904:** os europeus obtêm representação no Conselho local. **1929:** os indianos ganham o mesmo direito. **1963:** reconstituição do Conselho, com prioridade para os fijianos. **1970:** independência. **1973:** protestos contra os testes nucleares no Pacífico. **1980:** rivalidade entre melanésios e indianos gera crise política. **1987:** o ten.-cel. Sitiveni Rabuka depõe o 1º-min. Timoci Bavadra, indiano; pressionado pelo gov.-geral Penaia Ganilau, entrega o poder ao Conselho dos Chefes, mas dá novo golpe e proclama a República, tendo Ganilau como pres. e Camisese Mara como 1º-min.; o Exército sufoca a rebelião na ilha de Rotuma, que rejeita a República. **1989:** rejeitados diversos projetos de Constituição. **1990:** Rabuka afasta-se do governo; nova Constituição, outorgada por Ganilau, privilegia a maioria melanésia. **1991:** greves resultam na demissão de quatrocentos trabalhadores, abolição do salário mínimo e não reconhecimento dos sindicatos (fev.); Rabuka funda novo partido, o *Soqosoqo ni Vakavulea ni Taukei* (Partido Político de Fiji), de defesa dos melanésios (1º/12). **1992:** o SVT conquista 30 das 37 cadeiras dos melanésios (23 a 30/5); com apoio do trabalhista Mahendra Chaudhry, a quem promete eliminar as restrições aos sindicatos e rever a Constituição de 1990, Rabuka é indicado 1º-ministro; mas Chaudhry recusa-se a participar de uma coalizão antes do cumprimento dessas promessas.



Filipinas

● **NOME OFICIAL:** República das Filipinas. **Capital:** Manilha. **Nacionalidade:** filipina. **Hino:** *Terra da manhã, filha do sol que retorna* (1º verso). **Língua:** filipino (oficial); inglês, espanhol; línguas locais (cebuano, tagalog, iloco, ifugao). **Religião:** cristianismo, 94,2% (católicos, 84,1%; Igreja Independente Filipina, 6,2%; protestantes, 3,9%); islamismo, 4,3%; budismo, animismo (minorias). **Data nacional:** 2/6 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Ásia. **Área:** 300.000 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago com 7 mil ilhas – Luzón (N) e Mindanao (S), principais; relevo montanhoso; cordilheira central de Luzón com vulcões; planícies costeiras, fontes minerais e de água quente; terremotos constantes. **Ponto mais elevado:** monte Apo (2.954 m). **Clima:** equatorial. **Rios principais:** Cagayán, Agno, Agusán. **Cidades principais:** Manilha (1.876.200 hab.); Quezón (1.587.100); Cebu (610.000) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +11h.

● **POPULAÇÃO:** 63.609.000 (est.1992); **urbana:** 43,2% (1991). **Composição demográfica:** malaios, indonésios, mongóis (maioria); chineses, americanos, espanhóis (minorias). **Crescimento demográfico:** 2,3% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 38,6%; **15-59:** 56%; **mais de 60:** 5,4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 212 (1992). **Natalidade:** 31,2 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 7,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 42 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4 (1991). **Vida média homens:** 62,7; **mulheres:** 66,5 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 683 hab. (1988); **médicos:** 1 por 1,1 mil hab. (1985). **Gastos com saúde:** 3,6% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 11,3% (1980). **Alunos de 1º e 2º graus:** 14,5 milhões; **professores:** 449,8 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 1,2 milhão (1989/90); **professores:** 70 mil (1987/88). **Gastos:** 11,3% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 2/2/1987. **Divisão administrativa:** 13 regiões e a capital. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais coalizões e partidos:** União Nac. de Cristãos Democratas, Coalizão Nac. do Povo, Grande Aliança pela Democracia, Partido Nacionalista. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Fidel Ramos (desde 30/6/1992). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 24 membros, e Câmara dos Representantes, com 250 membros (50 apontados pelo pres.), eleitos por voto direto para mandatos de 5 e de 3 anos, respectivamente.

● **ECONOMIA:** agricultura, 23,2%; indústria, 31,4%; mineração, 1,5%; comércio, 19,8%; serviços, 24,1% do PIB (1990). **Agricultura:** coco, cana-de-açúcar, banana, abacaxi, arroz, milho, mandioca. **Pecuária:** suínos, búfalos, caprinos. **Pesca:** 2,2 milhões t (1990). **Indústria:** alimentícia, refino de petróleo, química, máquinas industriais elé-

tricas (equipamentos de telecomunicação, principal), metalúrgica, têxtil. **Minerais:** cobre, ouro, níquel, carvão, petróleo. **Exportações:** US$ 8,2 bilhões; **produtos:** vestuário, eletrônicos; agrícolas (frutas e derivados do coco), manufaturas de madeira, camarão e pitu, minério de cobre (1990). **Importações:** US$ 12,2 bilhões; **produtos:** combustíveis minerais e lubrificantes, eletrônicos e componentes, máquinas e equipamentos industriais, têxteis, máquinas e utensílios elétricos (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Formosa, Hong Kong, países membros da CEE (Alemanha, principal). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** peso filipino (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 25,10 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ US$ 46,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 740 (1991); **crescimento anual:** 1,2% (1980–1991). **Inflação:** 8,9% (1992). **Dívida externa:** US$ 31,9 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 24,5 milhões; **distribuição:** agricultura, 41,5%; indústria, 13,8%; comércio, 12,8%; serviços, 23,6%; outros, 8,3%; **mão-de-obra feminina:** 37% (1990). **Desemprego:** 8,3% (1993).

● **DEFESA: Efetivo total:** 106,5 mil (1992); **Exército:** 68 mil; **Marinha:** 23 mil; **Força Aérea:** 15,5 mil; **outros:** 45 mil (Forças Armadas das Unidades Geográficas dos Cidadãos). **Gastos:** 6,3% do orçamento (1992).

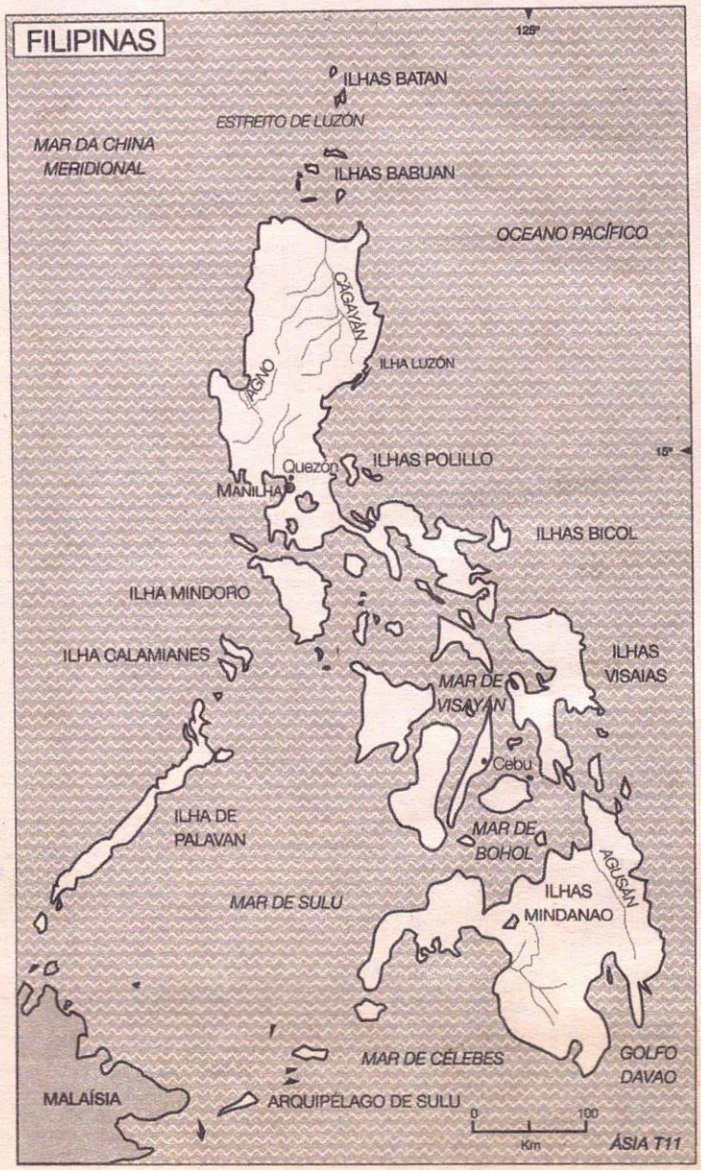
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 159,1 mil km; 14% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 1,2 milhão; **automóveis:** 454,5 mil (1990). **Ferrovias:** 1,1 mil km (1990). **Portos:** Manilha, Cebu, Iloilo, Cagayán de Oro, Zamboanga, General Santos, Polooc, Davao. **Linha aérea:** Philippine Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 270; **receptores:** 1 por 16 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 5; **receptores:** 1 por 8,9 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 60 hab. (1989). **Jornais diários:** 29; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 44 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SEN – Av. das Nações, lote 1, CEP 70431-900, Brasília, DF; tel. (061) 223-5143.

HISTÓRIA

Os malaios vysaya, do SE asiático, no arquipélago desde o séc. III a.C., são colonizados pelos indonésios de Sri Vyjava (séc. VIII); as ilhas são exploradas por chineses (séc. IX), muçulmanos (séc. XIII) e europeus (Fernão de Magalhães, 1521). Batizadas com o nome de Filipe II, são colonizadas pelos espanhóis (1570–1898). A campanha da independência, iniciada por Emilio Aguinaldo, é interrompida pela Guerra Hispano-americana. **1898:** o controle é cedido aos EUA. **1899 – 1905:** guerrilha contra os EUA termina com a união das ilhas. **1934:** os EUA marcam a independência para 1944. **1941 – 1945:** ocupação japonesa. **1946:** proclamação da República por Manuel Roxas. **1946 – 1954:** luta contra os comunistas huk. **1947:** tratado dá aos EUA o uso de 23 bases militares durante 99 anos. **1965:** eleição de Ferdinand Marcos. **1970 – 1972:** lei marcial, após greves e protestos. **1973:** nova Constituição; Marcos, presidente por tempo indeterminado, amplia a lei marcial; revolta, no sul, dos muçulmanos da Frente Moro de Libertação Nacional. **1974:** o Exército reprime guerrilha em Mindanao. **1975 – 1977:** plebiscitos aprovam lei marcial, adiamento da entrada em vigor da Constituição e extensão do cargo de 1º-min. a Marcos. **1976:** eleições fraudulentas: Marcos ganha maioria na Assembléia Nacional provisória. **1979:** canceladas as eleições de 1980. **1983:** o oposicionista Benigno Aquino Jr. é assassinado no aeroporto, ao voltar ao país. **1984:** a responsabilidade dos militares nesse assassinato faz crescerem os protestos. **1985:** Marcos recusa-se a punir os militares; a viúva de Benigno, Corazón Aquino, candidata-se à presidência; Marcos declara-se vencedor das eleições, mas a revolta



popular e a perda de apoio dos EUA o fazem sair do país; Corazón assume. **1986**: tentativas de golpe do ex-chanceler Arturo Tolentino (6/7) e do min. da Defesa, gen. Juan Ponce Enrile (23/11). **1987**: nova Constituição; tentativas de golpe, entre elas a do cel. Gregorio Honasán; o vice Salvador Laurel passa para a oposição. **1988**: a lei de reforma agrária desagrada aos conservadores; atentados agravam o confronto Corazón/Laurel; Rómulo Kintanar, líder do Novo Exército do Povo, foge da prisão. **1989**: o terrorismo do NEP e as violações de direitos humanos levam à lei de emergência: Corazón tem plenos poderes por seis meses. **1990**: fracassa o golpe do cel. Alexander Nobre, ligado a Honasán; prisão perpétua para dezesseis militares pelo assassinato de Aquino Jr.; intensificam-se as greves e operações terroristas; 81 militares recebem sentenças de até 32 anos pelo golpe de 1987; autorizado o retorno de Imelda, viúva de Marcos, que terá de responder a noventa processos por enriquecimento ilícito; Kintanar é recapturado. **1991**: Imelda retorna (4/11), paga fiança de US$ 6.700 e candidata-se às eleições; o furacão *Thelma* mata 5 mil pessoas e deixa 120 mil desabrigados (nov.). **1992**: eleição do gen. Fidel Ramos (11/5); anistia a 4.500 guerrilheiros do NEP e da Frente Moro (jul.); fechamento da base americana de Subic Bay, que deixa equipamentos no valor de US$ 8 bilhões (set.); retirada de 1.400 fuzileiros (24/11).

FATOS DO ANO

O pres. Fidel Ramos decide proceder, em fev. de 1993, a uma reestruturação completa da Polícia Nacional. A medida baseia-se na conclusão a que chegou a Comissão Anticrime, nomeada em jul. do ano anterior sob a liderança do vice-pres. Joseph Estrada, de que 239 oficiais da corporação estão envolvidos com o crime organizado, tendo participado direta ou indiretamente de seqüestros de homens de negócios. À aposentadoria compulsória desses suspeitos, e ao afastamento de outros num total de 10 mil funcionários, vem somar-se, nesse mesmo mês, a denúncia de que sete juízes da Suprema Corte estariam aceitando suborno de traficantes de drogas e outros criminosos, o que força o presidente desse órgão, Andrés Narva, a ordenar extensa investigação nos quadros da organização. Nesse contexto de desmoralização dos poderes constituídos, o Congresso decide, no fim de fev., restaurar a pena de morte, proibida pela Constituição de 1987. Essas denúncias de corrupção policial e judiciária comprometem os bons resultados obtidos pelo pres. Ramos no combate aos rebeldes comunistas e muçulmanos do sul do país, cuja atividade declina sensivelmente durante 1993 – embora, em fev. e mai. desse ano, ainda ocorram seqüestros de um padre e duas freiras espanhóis que faziam trabalho missionário naquela região, libertados ilesos após pagamento de resgate. A busca de maior cooperação regional e de novos investimentos externos tem sido a tônica do governo de Ramos, que, em 11/3, assina acordos de intercâmbio com Cingapura e, entre 9 e 13/3, em visita ao Japão, acerta o recebimento da última parcela de um empréstimo para financiar projetos de infra-estrutura. Nessa ocasião, o 1º-min. Kiichi Miyazawa pede oficialmente desculpas pelos maus-tratos sexuais infligidos a mulheres filipinas pelos soldados japoneses durante a Guerra do Pacífico; a que Ramos responde pedindo que o Japão lhes pague indenizações, ou às suas descendentes. Já as relações com a Malaísia continuam tensas devido ao litígio irresolvido sobre o Estado de Sabah. Uma vez mais, como já o tinham feito os expres. Ferdinand Marcos e Corazón Aquino, Ramos tenta, em meados do ano, renunciar à exigência, que data de 1962, de que Sabah seja devolvido às Filipinas; mas o Senado rejeita a idéia.

O investimento de 20% da receita com as exportações no pagamento do serviço da dívida externa de US$ 30 bilhões faz com que a imagem do país junto aos credores internacionais melhore consideravelmente. Novo alento, na área econômica, é trazido também pela saída das tropas americanas, em 24/11/1992, da base naval de Subic Bay: as instalações que eles deixam, avaliadas em US$ 8 bilhões, incluindo porto, aeroporto, canteiro naval, hospital e escolas, estão sendo convertidas numa zona econômica especial com grande potencial, para a qual já se candidataram 2.500 empresas nacionais e estrangeiras. Ramos quer obter, até o fim de seu mandato, em 1998, investimentos anuais de US$ 2,5 bilhões, 8% de crescimento anual e a elevação da renda per capita dos atuais US$ 740 para US$ 1.000. Os riscos dessa estratégia são o aumento do déficit público e o incremento da política monetária inflacionária. Outra prioridade é o aumento da capacidade energética: o país necessita de mais 726 MW/dia (25% do consumo diário): para tanto, desde abr. de 1993, Ramos dispõe de poderes especiais para aumentar tarifas e implementar projetos de construção de novas usinas. Em fev. de 1993, entram em impasse as negociações com Imelda Marcos, viúva do ex-ditador, a quem Ramos oferecera arquivar noventa processos por corrupção e abuso de poder em troca da devolução de US$ 356 milhões depositados na Suíça. Diante disso, os processos continuam e, em 24/9, Imelda é condenada, em dois deles, a dezoito anos de prisão; mas paga fiança e permanece em liberdade.

Finlândia

● **NOME OFICIAL:** República da Finlândia. **Capital:** Helsinque. **Nacionalidade:** finlandesa. **Hino:** *Nossa terra* (1º verso). **Língua:** finlandês e sueco (oficiais); lapão (N) (minoria). **Religião:** cristianismo (luteranos, 88,4%; ortodoxos, 1,1%). **Data nacional:** 6/12 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da Europa. **Área:** 338.145 km². **Limites:** Noruega (N); Rússia (L); golfo da Finlândia (S); mar Báltico (SO); golfo de Botnia e Suécia (O). **Características:** litoral plano; relevo baixo elevando-se na direção norte; planalto de Lapônia (N); colinas suaves e região de lagos (centro e S). **Ponto mais elevado:** monte Haltiantuturi (1.328 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Kem, Paats, Kökemaen, Tornio, Oulu. **Cidades principais:** Helsinque (496.300 hab.) (área metropolitana, 837.900); Espoo (175.800); Tampere (174.300); Turku (159.500); Vantaa (157.900) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 5.033.000 (est.1992); **urbana:** 61,7% (1992). **Composição demográfica:** finlandeses, 93,5%; suecos, 5,9%; outros, 0,6% (1991). **Crescimento demográfico:** 0,3% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 19,3%; **15-59:** 62,2%; **mais de 60:** 18,5% (1991). **Densidade (hab./km²):** 16,5 (1992). **Natalidade:** 13,1 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 9,8 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 6 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,7 (1991). **Vida média homens:** 70,8; **mulheres:** 78,9 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 75 hab.; **médicos:** 1 por 503 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 30,9% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 849,5 mil (1990/91); **professores:** 48,3 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 110,6 mil (1990/91); **professores:** 7,7 mil (1989/90). **Gastos:** 17,6% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 17/7/1919. **Divisão administrativa:** 12 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** do Centro, Social Democrata, Coalizão Nac., Aliança da Esquerda, União Verde, do Povo Sueco. **Chefe de Estado:** pres. Mauno Koivisto (desde 10/9/1981). **Chefe de governo:** 1º-min. Esko Aho (desde abr./1991). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 200 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 6,3%; indústria, 33,9%; mineração, 0,3%; comércio e serviços, 59,5% do PIB (1990). **Agricultura:** madeira, beterraba, batata. **Pecuária:** suínos, bovinos, aves. **Pesca:** 97,4 mil t (1990). **Indústria:** papel e

derivados, alimentícia, máquinas industriais, impressão e edição, madeireira, manufaturas de metal. **Minerais:** minérios de zinco, cobre e chumbo; prata. **Exportações:** US$ 23 bilhões; **produtos:** papel e derivados, máquinas industriais e equipamentos de transporte, matérias-primas (madeira e polpa, principais) (1991). **Importações:** US$ 21,7 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, combustíveis minerais, químicos e derivados (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Alemanha, Suécia e Grã-Bretanha, principais); Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** marco finlandês (dividido em 100 pennia); **cotação para 1 US$:** 4,47 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 122 bilhões; **renda per capita:** US$ 24.400 (1991); **crescimento anual:** 2,9% (1980–1991). **Inflação:** 2,6% (1992). **Força de trabalho:** 2,6 milhões; **distribuição:** agricultura, 8,3%; indústria, 30,8%; comércio e serviços, 60,3%; outros, 0,6%; **mão-de-obra feminina:** 47,1% (1990). **Desemprego:** 11% (1991/92).

• **DEFESA: Efetivo total:** 32,8 mil (1992); **Exército:** 27,3 mil; **Marinha:** 2,5 mil; **Força Aérea:** 3 mil; **outros:** 4,4 mil (guarda fronteira). **Gastos:** 5,3% do orçamento (1991).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 76,4 mil km; 61% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 2,2 milhões; **automóveis:** 1,9 milhão (1990). **Ferrovias:** 5,9 mil km (1991). **Portos:** Kotla, Helsinque, West Harbor, East Harbor, South Harbor, North Harbor, Herttoniemi (petróleo); Turku, Rauma, Hamina (marítimos); ao longo do canal Saimaa (fluvial). **Linhas aéreas:** Finnair, FA (vôos internacionais e domésticos); Karair (domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 63; **receptores:** 1 por 1 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 2,6 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,9 hab. (1991). **Jornais diários:** 54; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 521 (1990).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 27, CEP 70417-900, Brasília, DF; tel. (061) 242-8555.

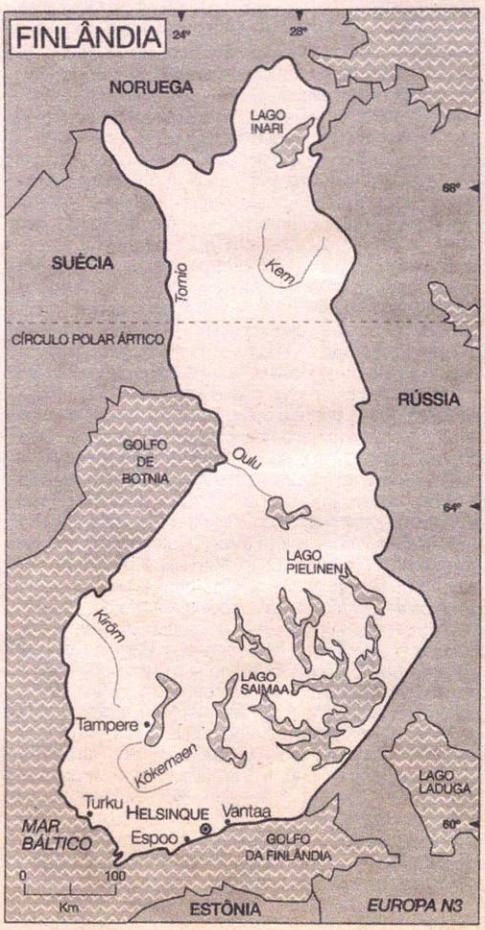
HISTÓRIA

Os antigos habitantes lapões foram expulsos para o norte por povos escandinavos (séc. VIII). Cristianizada pelos suecos (séc. XII), a região é transformada em grão-ducado (séc. XVI). A Rússia conquista a província de Vyborg (1721); depois, toda a área (1809). **1899 – 1906:** resistência nacionalista à campanha de russificação do tsar Nicolau II força-o a criar um Parlamento e estabelecer o voto direto. **1917 – 1920:** independência após a Revolução Russa; guerra civil entre comunistas e nacionalistas, liderados pelo mal. Carl Gustav Mannerheim, com apoio alemão; proclamação da República, reconhecida pela URSS. **1939/40:** o governo recusa a instalação de uma base da URSS no país; invasão soviética; anexação de 1/10 do território. **1941 – 1945:** durante a II Guerra, derrota para os soviéticos (1944); guerra contra os alemães. **1947:** perda do istmo da Carélia e da região de Petsamo para a URSS (Tratado de Paris, fev.). **1948:** Tratado de Amizade com a URSS, obrigando o país a defender o país vizinho, se algum ataque lhe for feito através de seu território; fracassa golpe comunista. **1956:** a URSS devolve Porkkala, arrendada em 1944. **1979:** Mauno Koivisto torna-se 1º-ministro. **1980:** a URSS instala mísseis terra-ar SA-3 em Helsinque. **1981:** o pres. Urho Kekkonen renuncia. **1982:** eleição de Koivisto; Kalevi Sorsa é o 1º-ministro. **1983/84:** renovação dos tratados com a URSS. **1986:** o conservador Harri Holkeri é o 1º-ministro. **1991:** os social-democratas perdem para os centristas; a coligação de centro-direita de Esko Arho tenta plano de estabilização econômica; a perda do mercado soviético, com a dissolução da URSS, força medidas de austeridade (mai.); desvalorização de 12,3% do marco e acordo de congelamento de salários com os sindicatos (nov.). **1992:** acordo de cooperação com a Rússia (jan.); corte de 2% nas despesas estatais.

FATOS DO ANO

Um drástico programa de austeridade é aprovado, em jan. de 1993, pelo *Eduskunta* (o Parlamento): esse é o preço a pagar pela dependência que o país sempre teve de um único mercado importador – a ex-URSS, com quem o intercâmbio caiu de 20% da pauta de comércio exterior, em 1980, para menos de 2% em 1992. Os cortes severos no setor social e o aumento de 2,2% nos impostos visam a financiar o pagamento de pensões aos aposentados e de ajuda aos desempregados. Estes últimos já perfazem, no início de 1993, 18,6% da força de trabalho, mas com a possibilidade, segundo a min. do Trabalho, Ilkka Kanerva, de atingir os 20% até o fim do ano. O peso do desemprego sobre as finanças públicas deverá, portanto, aumentar em 2,5 bilhões de marcos um déficit orçamentário que já é de 45,4 bilhões, ou seja, 26% do total previsto, de 175,3 bilhões.

Em conseqüência, a dívida externa vem aumentando vertiginosamente: em fev. de 1993, previa-se que ela atingisse os US$ 42 bilhões – num momento em que o Kansallis-Osake Pankki, o maior conglomerado bancário do país, anunciava que o PIB teria, naquele ano, o crescimento negativo de 0,5%, o que revertia a previsão de 1,5% feita no ano anterior. As perdas do setor bancário, estimadas em 20 bilhões de marcos em 1992, são responsáveis por um número crescente de falências. Com isso, calcula-se que, para reequilibrar a situação, o Estado precisará fazer empréstimos da ordem de 80 bilhões de marcos (quase 50% do orçamento), contra os 16,5% que foram pedidos em 1991.



Empréstimo ilegal – Contra esse quadro econômico caótico, já se prepara a campanha para as eleições presidenciais do início de 1994 – as primeiras em que o chefe de Estado será escolhido pelo voto direto e não por um colégio eleitoral –, atribuladas pelos últimos acontecimentos políticos. O anúncio do pres. Mauno Koivisto, em 19/3/1993, de que não concorrerá à reeleição ocorre em um momento particularmente difícil para o seu Partido Social Democrata. O prestígio do PSD está em baixa desde que, em 24/2, seu presidente, Ulf Sundqvist, renunciou devido ao escândalo do envolvimento num empréstimo ilegal feito a uma empresa da qual seu irmão é co-proprietário, no período 1982–1991, em que era o diretor da Caixa Econômica dos Trabalhadores.

Na tentativa de neutralizar o desgaste sofrido pelo PSD nesse processo, o candidato escolhido para representá-lo nas eleições é o respeitado diplomata Matti Ahtisaari, ex-alto comissário da ONU na Namíbia e secretário-geral da comissão Vance-Owen para a Iugoslávia – o que o torna uma personalidade totalmente desvinculada de comprometimentos econômicos. Embora Erkki Pennanen, o editorialista do *Helasingin Sanomat*, o principal diário da capital, tenha-se declarado pronto a apostar 1 milhão de marcos em suas chances de ser eleito, Ahtisaari terá de enfrentar, nas urnas, pesos pesados da política nacional, como o centrista Paavo Vayrinen, segundo mais votado nas eleições anteriores, ou o conservador Pertti Salolainen, ex-min. do Comércio Exterior.

Formosa

● **NOME OFICIAL:** República da China (território da Ilha de Formosa ou Taiwan). **Capital:** Taipé. **Nacionalidade:** chinesa, taiuanesa ou formosina. **Hino:** *Nosso objetivo deve ser terra livre* (1º verso). **Língua:** mandarim (oficial). **Religião:** budismo, 43%; confucionismo e taoísmo, 48,5%; cristianismo, 7,4% (católicos e protestantes); islamismo, 0,5%. **Datas nacionais:** 1º/1 (República); 25/12 (Constituição).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da Ásia. **Área:** 35.000 km². **Limites:** mar da China (N, S e SE); oceano Pacífico (L); estreito de Formosa (O). **Características:** arquipélago (uma grande ilha e 77 menores); planície costeira de N a S; montanhas (NE e SE); colinas (N). **Ponto mais elevado:** pico Hsinkao Shan (3.997 m). **Clima:** subtropical (N); tropical com chuvas de verão (S). **Rios principais:** Cho-Chui, Tan-Shuin, Hsia-tan-Chui. **Cidades principais:** Taipé (2.716.663 hab.); Gaoxiong (1.396.984); Taizhong (777.059); Tainan (689.509); Jilong (356.139) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): +11h.

● **POPULAÇÃO:** 20.727.000 (est.1992); **urbana:** 74,5% (1990). **Composição demográfica:** taiuaneses, 84%; chineses do continente, 14%; aborígenes, 2% (1986). **Crescimento demográfico:** 1% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 27,1%; 15-59: 63,2%; mais de 60: 9,7% (1990). **Densidade (hab./km²):** 575,7 (1992). **Natalidade:** 15,6 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 5,2 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 5,3 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,8 (1990). **Vida média homens:** 71,3; **mulheres:** 76,8 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 227 hab.; **médicos:** 1 por 965 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 18,7% do orçamento (1991/92).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 7,6% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 4,2 milhões; **professores:** 166,8 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 576,6 mil; **professores:** 27,6 mil (1990/91). **Gastos:** 19,6% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 1º/1/1947. **Divisão administrativa:** 7 municipalidades e 16 condados. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Nacionalista, Progressivo Democrático. **Chefe de Estado:** pres. Li Teng-hui (desde13/1/1988). **Chefe de governo:** 1º-min. Lien Chan (desde 23/2/1993). **Legislativo:** unicameral – 161 membros (125 eleitos por voto direto para mandatos de 3 anos e 36 escolhidos com base num sistema proporcional).

● **ECONOMIA:** agricultura, 3,6%; indústria, 41,9%; mineração, 0,4%; comércio, 15,7%; serviços, 38,4% do PIB (1991). **Agricultura:** arroz, cana-de-açúcar, milho, batata-doce. **Pecuária:** ovinos, caprinos, aves. **Pesca:** 1,3 milhão t (1991). **Indústria:** eletrônica, plástica, automobilística, fibras sintéticas. **Minerais:** cobre, mármore, dolomita. **Exportações:** US$ 76,2 bilhões; **produtos:** artigos manufaturados e manufaturas básicas, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1991). **Importações:** US$ 62,9 bilhões; **produtos:** máquinas industrias e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, químicos (1991). **Parceiros comerciais:** Japão, EUA, Hong Kong. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** novo dólar de Formosa (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 25,20 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 180,2 bilhões; **renda per capita:** US$ 8.813 (1991); **crescimento anual:** 7,2% (1991). **Inflação:** 4,6% (1992). **Dívida externa:** US$ 1,2 bilhão (1989). **Força de trabalho:** 8,6 milhões; **distribuição:** agricultura, 12,8%; indústria, 39,5%; comércio, 20,1%; serviços, 26,1%; outros, 1,5% (1991); **mão-de-obra feminina:** 38,5% (1990). **Desemprego:** 1,5% (1990).

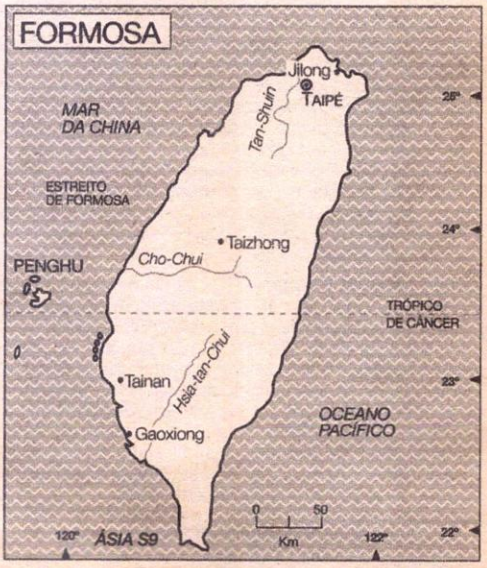
● **DEFESA: Efetivo total:** 360 mil (1992); **Exército:** 260 mil; **Marinha:** 30 mil; **Força Aérea:** 70 mil; **outros:** 25 mil paramilitares. **Gastos:** 22,8% do orçamento (1991/92).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 19,5 mil km; 86% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 3,3 milhões; **automóveis:** 2,6 milhões (1991). **Ferrovias:** 4,6 mil km (1991). **Portos:** Kaohsiung, Keelung, Taichung, Hualien. **Linhas aéreas:** CAL, EVA Airways, Mandarim Airlines (vôos internacionais e domésticos); FAT, Great China Airlines, Transasia Airways (domésticos e charters internacionais); Formosa Airlines, Makung Airlines, Taiwan Airlines (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 192; **receptores:** 1 por 1,5 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 3; **receptores:** 1 por 3,1 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 2,4 hab. (1990). **Jornais diários:** 93; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 202 (1988).

HISTÓRIA

Os portugueses (séc. XVI) chamam de Formosa a ilha de Taiwan, onde, desde o séc. VII, viviam imigrantes chineses. **1641 – 1662:** ocupação dos holandeses, expulsos pelos Ming, que fogem da invasão mandchu no continente. **1683:** ocupação mandchu. **1894 – 1945:** anexação pelo Japão. **1945:** serve de asilo aos adeptos do



Kuomintang, de Chiang Kaishek; o governo de Taipé, que se proclama a China legítima, é reconhecido por vários países. **1955**: bombardeio chinês às ilhas de Quemoi e Amoi; os EUA defendem Formosa e as ilhas Pescadores. **1969**: Chiang nomeia o filho, Ching-Kuo, vice-1°-ministro. **1970**: Chiang escapa de um atentado de radicais formosinos em Nova York; retirada da ONU, que reconheceu o governo de Pequim. **1972**: Chiang Ching-Kuo torna-se 1°-ministro. **1973**: fim da ajuda militar americana. **1975**: morre Chiang Kaishek; **1978**: seu filho é eleito presidente. **1979**: os EUA rompem com Taipé e reatam com Pequim. **1980**: saída do FMI e do Banco Mundial. **1981**: rejeição da proposta chinesa de unificação; morte do oposicionista Chen Wencheng sob tortura. **1984**: Chiang morre; no XIII Congresso do *Kuomintang*, o vice, Li Teng-hui, torna-se presidente e líder do partido; a oposição conquista 30% nas eleições de 2/12; Belize, Libéria, Bahamas e Granada reconhecem Taipé em troca de ajuda econômica. **1990**: aposentadoria dos deputados vitalícios, eleitos na China antes de 1949; fixado cronograma para a reforma constitucional. **1991**: fim do "estado de guerra civil" com a China, do Estatuto de Castigo à Sedição, que, desde 1949, punia a oposição ao *Kuomintang*, e da Polícia das Idéias, que, nas repartições, patrulhava o funcionalismo (jun.); Huang Hsin-chieh, do Partido Democrático, propõe que o país se chame Formosa (Taiwan), e não mais República da China (ago.); reações oficiais de repúdio o fazem renunciar à presidência do PPD em favor de Hsu Hsin-liang (set.); vitória do *Kuomintang* nas eleições (21/12). **1992**: prisão de catorze militantes da União Mundial dos Formosinos pela Independência (jan.); ruptura com a Coréia do Sul, que reata com Pequim (ago.); adoção de medidas que favorecem a aproximação com Pequim.

FATOS DO ANO

A renúncia, em 30/1/1993, do 1°-min. Hau Pei-tsu e de James Sung, sec.-geral do *Kuomintang*, ambos pertencentes à ala conservadora do partido governista, é conseqüência do resultado das eleições de 19/12/1992, as primeiras inteiramente livres desde 1949. Baseando sua campanha no desligamento formal entre Formosa e a China, o oposicionista Partido Progressista Democrático, de Hsu Hsin-liang, obtém 31% dos votos, conquistando 50 das 161 cadeiras no *Li-fa Yuan* (o Legislativo). Diante disso, Hau e Sung são pressionados, pela ala liberal majoritária do *Kuomintang*, a entregar seus cargos e, em 23/2, atendendo a uma indicação do pres. Li Teng-hui, o *Yuan* designa 1°-ministro o liberal Lien Chan – o primeiro governante do país nascido em Formosa, após quatro décadas de poder em mãos de exilados da China continental. Um sinal de que o novo governo deseja modificar o estado de coisas é a absolvição, em 20/3, de George Chang, líder da ilegal União Mundial dos Formosinos pela Independência, que era acusado de subversão. Em 19/5, o partido governista sofre sua primeira divisão: trinta deputados rompem com o *Kuomintang* para fundar o Partido da Nova Aliança Nacionalista. Em 15/6, o *Kuomintang* é derrotado pela primeira vez no Legislativo, quando parte de sua bancada vota com a oposição ao ser debatida a necessidade de o governo passar a fazer prestação das contas públicas.

Mais perto de Pequim – É o momento adequado para a distensão política, pois a crise econômica começa a atingir esse tigre asiático: em mar. de 1993, pela primeira vez em doze anos, o Banco Central anuncia ter havido déficit no balanço de pagamentos. Avalia-se que a causa desse saldo negativo tenham sido os gastos com armamentos: os 150 caças F-16 comprados dos EUA em set. de 1992, e que foram cedidos ao país apesar do rompimento oficial de relações com Washington em 1979, mediante uma decisão do ex-pres. George Bush que foi condenada por Pequim e muito criticada pelos que priorizam as relações com a China continental. Em dez. de 1992, de resto, Taipé recebeu, pela primeira vez desde a ruptura, a visita oficial de uma representante dos EUA.

Mas a reaproximação com Pequim também avança: em 29/4/1993, delegações extra-oficiais assinam, em Cingapura, quatro amplos acordos de cooperação bilateral. Formosa é representada, nessa conferência, pelo empresário Ku Chen-fu, pres. da Fundação para o Intercâmbio no Estreito de Taiwan; e a China, por Wang Daohan, da Associação para o Aperfeiçoamento das Relações no Estreito de Taiwan. Funcionamento do correio, repatriação de imigrantes ilegais, combate ao crime e ao contrabando, direitos autorais e patentes, disputas pesqueiras e discrepâncias entre sistemas jurídicos são abordados nesses acordos; e fixa-se um calendário para que as conversações prossigam. Não há entendimento, porém, sobre a proteção aos investimentos formosinos na China e a circulação direta de mercadorias e passageiros.

Unificação cautelosa – Segundo os analistas, a China tem pressa na reunificação, pois teme que o crescimento do movimento separatista de Formosa torne irreversível a secessão. O governo de Taipé é mais cauteloso: uma unificação demasiado rápida pode significar perda de eleitorado. Por outro lado, há a pressão dos industriais para que seja liberado o comércio direto entre os dois países, permitindo que se evite a intermediação de Hong Kong ou outros países. Os investimentos de industriais formosinos na China vêm crescendo: em 1992, chega, oficialmente, a US$ 9 bilhões (dados extra-oficiais garantem que atinge os US$ 25 bilhões).

Com a saída de recursos, a liquidez da economia se reduz e a elevação da taxa de juros dificulta a obtenção, pelo governo, de fundos para o megaplano de modernização da infra-estrutura, orçado, em 1991, em US$ 300 bilhões. Em mai. de 1993, já se fala em cortes no orçamento desse plano para 1994 e não falta, entre os oposicionistas, quem afirme que ele não passou de uma manobra publicitária para criar, no Ocidente, uma imagem positiva do país. Para retardar a saída de capitais, são adotadas duas medidas: a Bolsa de Valores de Taipé proíbe, em 13/5, o levantamento de capitais para empreendimentos na China; e passa a ser obrigatório que toda empresa consulte seus acionistas antes de investir no continente. Além disso, para facilitar a repatriação dos lucros, o governo autoriza, em 18/5, a transferência direta de recursos da China para Formosa, sem ter de passar por filiais de bancos locais em outros países. Paralelamente, em abr., o Legislativo tinha reconsiderado sua rejeição a oito artigos do Pacto Antipirataria, subscrito pelo país em jun. de 1992, após ameaças dos EUA de impor 100% de impostos sobre todos os produtos importados de Formosa.

Em 29/6/1993, é anunciada a troca de diplomatas com a Rússia; no final de jul., a representação semi-oficial chinesa Associação para as Relações no Estreito de Taiwan convida uma delegação formosina a fazer uma visita oficial a Pequim. Nesse mesmo mês, o governo lança uma campanha internacional para que o país seja reintegrado à ONU, alegando que, durante anos, ela aceitou legações duplas da Alemanha, Coréia e Iêmen, não fazendo sentido, portanto, a exclusão de um país de seu porte.

França

• **NOME OFICIAL**: República Francesa. **Capital**: Paris. **Nacionalidade**: francesa. **Hino**: A Marselhesa (título). **Língua**: francês (oficial); bretão, basco (minorias); dialetos locais. **Religião**: cristianismo, 80,1% (católicos, 76,4%; protestantes); islamismo, 3%; ateus, 3,4%; judaísmo (minoria). **Data nacional**: 14/7 (Queda da Bastilha).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA**: centro-oeste da Europa. **Área**: 543.965 km². **Limites**: Bélgica e canal da Mancha (N); Luxemburgo e Alemanha (NE); Suíça e Itália (L); mar Mediterrâneo (S); Andorra e Espanha (SO); oceano Atlântico (O). **Características**: relevo plano e ondulado (2/3 do território); planícies (N e O), limitadas pelos montes Pirineus (SO); maciço da Jura e dos Alpes (SE). **Ponto mais elevado**: monte Branco (4.807 m). **Clima**: temperado oceânico

(maior parte); mediterrâneo (S). **Rios principais:** Sena, Loire, Garona, Ródano, Reno. **Cidades principais:** Paris (2.175.200 hab.) (aglomeração urbana, 9.318.821); Marselha (807.726) (aglomeração urbana, 1.230.936); Lion (422.444); Toulouse (365.933); Nice (345.674) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 57.289.000 (est.1992); **urbana:** 74,3% (1990). **Crescimento demográfico:** 0,4% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 19,1%; **15-59:** 61%; **mais de 60:** 19,9% (1990). **Densidade (hab./km²):** 105,3 (1992). **Natalidade:** 13,3 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 9,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 7,3 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,8 (1991). **Vida média homens:** 73; **mulheres:** 81,1 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 81 hab. (1990); **médicos:** 1 por 374 hab. (1991). **Gastos com saúde:** 9,3% do PIB (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** insignificante. **Alunos de 1º e 2º graus:** 9,5 milhões; **professores:** 723,2 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 1,7 milhão; **professores:** 53,1 mil (1990/91). **Gastos:** 6,6% do PNB (1986).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana. **Data da Constituição em vigor:** 6/10/1958. **Divisão administrativa:** 21 regiões. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Socialista, União pela Democracia, União pela República Comunista. **Chefe de Estado:** pres. François Mitterrand (desde 21/5/1981). **Chefe de governo:** 1º-min. Edouard Balladur (desde 30/3/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 321 membros eleitos pelo colégio eleitoral da Assembléia Nacional e pelos delegados dos Conselhos dos Departamentos e dos Municípios, para mandatos de 9 anos (1/3 renovável a cada 3 anos); Assembléia Nacional, com 577 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 5,7%; indústria, 25,9%; comércio, 15,2%; serviços, 53,2% do PIB (1991). **Agricultura:** trigo, beterraba, milho, cevada, uva. **Pecuária:** bovinos, suínos, ovinos. **Pesca:** 896,8 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, equipamentos de transporte, química, máquinas industriais, metalúrgica, vinho. **Minerais:** carvão, petróleo e gás natural, minério de ferro, zinco. **Exportações:** US$ 212,9 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, químicos (1991). **Importações:** US$ 229,9 bilhões; **produtos:** máquinas e equipamentos de transporte, manufaturas básicas (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Alemanha, Itália, Bélgica, Luxemburgo e Grã-Bretanha, principais). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco francês (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 4,78 (30/9/92). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,2 trilhão; **renda per capita:** US$ 20.600 (1991); **crescimento anual:** 2,3% (1980/91). **Inflação:** 2% (1992). **Força de trabalho:** 24,8 milhões (1992); **distribuição:** agricultura, 7,5%; indústria, 23,6%; comércio, 16,1%; serviços, 43,8%; outros, 9% (1991); **mão-de-obra feminina:** 43,3% (1989). **Desemprego:** 10,4% (1993).

● **DEFESA: Efetivo total:** 431,7 mil (1992); **Exército:** 260,9 mil; **Marinha:** 64,9 mil; **Força Aérea:** 91,7 mil; **outros:** 94,6 mil paramilitares. **Gastos:** 3,2% do PIB (1993).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 810 mil (1985) km; 92% pavimentados (1985); **nº de veículos:** 29 milhões; **automóveis:** 23,8 milhões (1991). **Ferrovias:** 34,1 mil km (1991). **Portos:** Marselha, Le Havre, Dunquerque, Rouen, Nantes-Saint Nazaire, Bordeaux. **Linhas aéreas:** Air France, UTA, Euralair International (vôos internacionais e domésticos); Ait Inter (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 1.780; **receptores:** 1 por 1,2 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 6; **receptores:** 1 por 1,9 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,7 hab. (1987). **Jornais diários:** 114; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 176 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 4, CEP 70404-900, Brasília, DF; tel. (061) 312-9100.

HISTÓRIA

Desde 800 a.C., os celtas estão na região; os gregos fundam Massília (Marselha) em 600 a.C.; sob os romanos (conquista de Júlio César, 58 – 51 a.C.), formam-se a língua e as primeiras leis gaulesas. **Até 481:** dominação romana. **406 – 420:** invasões de vândalos, alanos, burgúndios e visigodos. **448:** o franco Meroveu funda a dinastia merovíngia. **451:** invasão huna; Átila é rechaçado, diante de Lutécia (Paris), por Santa Genoveva. **496:** Clóvis I, vencedor dos germânicos, é batizado. **511 – 687:** partilha do reino entre os filhos de Clóvis; os "reis indolentes" deixam o poder cair nas mãos dos mordomos do paço. **679:** ditadura do mordomo Pepino de Heristal. **732:** Carlos Martel vence os árabes em Poitiers. **752:** o mordomo Pepino, o Breve, depõe Childerico III e torna-se rei com apoio do papa Zacarias. **768 – 814:** apogeu com Carlos Magno. **814 – 1043:** divisão do reino (Tratado de Verdun): a Carlos II, o Calvo, cabe o correspondente à França atual. **1096 – 1291:** Cruzadas: Godofredo de Bouillon cria o Reino Franco de Jerusalém; cruzada de S. Luís IX (1248), que morre de peste em Túnis (1270). **1337 – 1453:** Guerra dos Cem Anos: litígio anglo-francês sobre a sucessão; **1429 – 1431:** Joana d'Arc reconquista Orleãs (1429) e é queimada como herege em Rouen. **1494 – 1559:** guerras com a Itália, por litígios territoriais. **1560 – 1598:** guerras de religião entre católicos e protestantes. **1572:** massacre de S. Bartolomeu: morte dos protestantes, ordenada por Catarina de Médicis. **1589:** Henrique IV, fundador da dinastia de Bourbon, é assassinado por François Ravaillac (1610). **1610 – 1643:** Luís XIII e o 1º-min. cardeal Armand Richelieu consolidam o absolutismo. **1643 – 1715:** com Luís XIV, hegemonia política, militar e cultural, mas início do declínio. **1715 – 1723:** regência do duque de Orleãs. **1723 – 1774:** reino de Luís XV; reformas e guerras, entre elas a de sucessão da Polônia e da Áustria e a dos Sete Anos (1756 – 1763), em que são perdidos Índia, Canadá, Ohio, a margem esquerda do Mississípi e grande parte das Antilhas para a Inglaterra. **1774 – 1792:** reinado de Luís XVI. **1789 – 1794:** Revolução Francesa; execução do rei e da rainha Maria Antonieta; I República. **1799 – 1815:** período napoleônico: primeiro cônsul, depois imperador, Napoleão é derrotado em Waterloo. **1815 – 1830:** restauração com Luís XVIII e Carlos X. **1830:** revolução derruba os Bourbon; Luís Filipe torna-se monarca constitucional. **1848:** nova revolução; II República; eleição de Luís Napoleão. **1852:** golpe; Luís Napoleão cria o II Império como Napoleão III. **1870/71:** derrota na Guerra Franco-prussiana; criação da III República. **1871:** revolução da Comuna, reprimida pelo mal. Edmé-Patrice de MacMahon. **1894 – 1906:** caso Dreyfus: erro judiciário contra o judeu cap. Alfred Dreyfus; campanha para reabilitá-lo, liderada pelo escritor Émile Zola. **1914 – 1918:** devastação econômica na I Guerra. **1929 – 1934:** crise econômica após a Grande Depressão. **1936:** o escândalo dos desfalques de Alexandre Stavisky, que contava com o apoio da direita, leva à eleição do esquerdista Léon Blum, da Frente Popular. **1939:** guerra com a Alemanha. **1940:** rendição; o mal. Henri Pétain forma governo colaboracionista em Vichy; o gen. Charles de Gaulle organiza a resistência em Londres. **1944:** libertação; os aliados reconhecem o gov. De Gaulle no exílio. **1946:** De Gaulle perde apoio da esquerda e renuncia. **1958 – 1961:** conflito argelino; De Gaulle é chamado de volta; nova Constituição; negociada a independência da Argélia. **1966:** as tropas francesas retiram-se da OTAN. **1968:** rebelião estudantil (mai.); vitória gaullista nas eleições. **1969:** derrota no plebiscito sobre reforma constitucional: De Gaulle renuncia; eleição do gaullista Georges Pompidou. **1970 – 1973:** reformas trabalhistas de Pompidou. **1974:** morre Pompidou; eleição de Valéry Giscard d'Estaing; protestos mundiais contra experiências nucleares no atol de Mururoa. **1977/78:** intervenções na Mauritânia, Chade e Zaire.

1980: criação da bomba de nêutrons. **1981**: eleição do socialista François Mitterrand. **1984**: protestos contra o fechamento de indústrias deficitárias previsto no Plano de Reconversão Industrial e contra a reforma do ensino pago; o 1°-min. Pierre Mauroy é substituído por Laurent Fabius; os comunistas deixam o governo. **1986**: a vitória do direitista Jacques Chirac torna-o 1°-ministro de um governo de "coabitação" com a esquerda. **1988**: reeleição de Mitterrand. **1989/90**: onda de terrorismo dos separatistas corsos, atentados anti-semitas e crescimento do neofascismo de Jean-Marie Le Pen; aprovação da Lei contra o Racismo; alinhamento com os EUA na Guerra do Golfo. **1991**: o 1°-min. Michel Rocard é substituído por Edith Cresson; intensificam-se os conflitos raciais; manifestações dos agricultores contra a política agrícola da CEE (set./out.); legislação punindo quem der emprego a imigrantes ilegais (15/10); greve geral dos funcionários públicos (24/10), das enfermeiras (out./nov.) e dos médicos e funcionários da saúde (nov.). **1992**: manifestações, em Paris, contra o racismo e a extrema direita (25/1); Georges Habache, da FPLP, suspeito de terrorismo, entra no país para tratar da saúde: isso causa a demissão de altos funcionários (fev.); derrota do PS nas eleições regionais (mar.); a Frente Nacional, de Le Pen, obtém 13,9%; Cresson é substituída por Pierre Bérégovoy (2/4), que luta contra o desemprego; nova crise com os agricultores (jun.) quase paralisa a produção; aprovação do Tratado de Maastricht, em plebiscito (20/9), por 50,95% x 49,05%.

FATOS DO ANO

Nas eleições gerais de 21/3 e 28/3/1993, a esquerda tem o pior desempenho nas urnas em toda a sua história: obtém apenas 15,4% dos votos contra 83,2% dos conservadores. Esse resultado não é uma surpresa, pois, desde jan., as pesquisas mostram os conservadores como os favoritos (80% das intenções de voto). A dúvida é saber como o chefe de governo que sairá de suas fileiras há de conviver com o socialista pres. François Mitterrand.

Com vistas nessas eleições, e visando a moralizá-las, a Assembléia Nacional já tinha aprovado, em 16/10/1992, a lei que regulamenta as doações aos partidos, limitando-as a 25% dos recursos anuais de cada um deles. Mas os seguidos escândalos de corrupção, o crescimento da pobreza e do desemprego e a perda de entusiasmo pelo projeto da unificação européia – prioritário para Mitterrand – levaram os franceses a desejar a mudança.

O desgaste é tão grande que, a cinco semanas da votação, o Partido Socialista não conta com mais do que 20% das preferências do eleitorado. Para tranqüilizar quem ainda se lembra dos anos difíceis de 1986 a 1988, em que Jacques Chirac, chefe de governo da coligação gaullista, majoritária na Assembléia, trocou a política socialista de Mitterrand por um ultraliberalismo de resultados muito discutíveis, desta vez os conservadores apresentam uma plataforma prudente, à base de privatizações, reforma fiscal e universitária, prometendo respeitar tanto as leis sociais quanto o plano do "franco forte", instituído pelo 1º-min. Pierre Bérégovoy.

O PS se dasgasta – Os dois lados são atingidos pelas denúncias de corrupção: François Léotard, ex-min. da Cultura e das Comunicações, membro do gaullista União pela República (RPR), é condenado, em 1992, por tráfico de influência numa operação imobiliária; e seu líder, Jacques Chirac, é acusado, pelo jornal de sátira política *Le Canard Enchainé*, de gastar US$ 150 mil nos feriados de final de ano, no sultanato de Omã. No PS, o ex-1º-min. Laurent Fabius é acusado de homicídio involuntário por não ter interceptado, durante seu governo, a distribuição a hemofílicos de sangue contaminado por vírus da AIDS. Bérégovoy é acusado de ter aceitado um empréstimo de US$ 180 mil, sem juros, do industrial Jean-Patrice Pelat, para comprar um apartamento (o empréstimo é legal, mas Pelat, antes de morrer, em 1989, estava sendo processado por ter recebido informações privilegiadas da Bolsa de Valores). E, no início de mar., o jornal *Libération* faz novas revelações sobre o escândalo da escuta clandestina, pelos serviços de segurança, do telefone de Edwy Plenel, jornalista autor de um *best seller* sobre os escândalos da administração socialista. A desmoralização faz com que o ex-1º-min. Michel Rocard chegue a propor, em entrevista à imprensa na véspera das eleições, que o PS seja dissolvido e reorganizado após o pleito.

Nas urnas, em mar. de 1993, os pequenos partidos são prejudicados pelo sistema de voto distrital majoritário: embora tenha recebido 12,5% de votos no primeiro turno, a Frente Nacional, do ultradireitista Jean-Marie Le Pen, não consegue eleger nenhum deputado. A direção socialista e a equipe mais próxima de Mitterrand sofrem baixas significativas: Rocard perde para um gaullista sua cadeira de deputado, enfraquecendo suas chances de disputar a presidência em 1995.

Novo 1º-ministro – Em 29/3, Mitterrand recebe o pedido de demissão de Bérégovoy, em lugar do qual entra Édouard Balladur. Membro do RPR, íntimo colaborador do ex-pres. Georges Pompidou, ele é escolhido por ter posições menos radicais do que as de Chirac, o que possibilita a "coabitação" com Mitterrand sugerida pelo ex-pres. Valéry Giscard d'Estaing, o líder da também vitoriosa União para a Democracia Francesa. Sua facilidade para a conciliação e o diálogo o levam a formar, em 30/3, um gabinete com as características exigidas por Mitterrand: moderado, pró-unificação européia e voltado para as questões sociais – ponto particularmente importante num país em que, segundo informação divulgada nesse mesmo dia, a taxa de desemprego atingiu 10,6% da força de trabalho. Balladur reduz o gabinete de 41 para 29 ministros, distribuindo-os equitativamente entre os dois partidos da coligação União pela França (RPR/UDF), com destaque para Charles Pasqua (Interior) e Alain Juppé (Exterior), ambos da RPR, e Edmond Alphandéry (Economia), da UDF. E, na primeira reunião do novo ministério, determina cortes de 20% nas despesas de cada um deles e de 30% na verba de representação dos ministros. Mas a publicação de um levantamento completo do estado real do país e o anúncio de medidas econômicas duras, previsto para 3/5, são adiados devido a um episódio que abala todo o país. Em 1º/5, deprimido por ver sua integridade questionada no caso do empréstimo, Bérégovoy suicida-se com um tiro na cabeça. Sua morte provoca todo um debate sobre a função da imprensa e a pertinência de se publicarem denúncias sem comprovação.

O austero reajuste anunciado em 10/5, conjugando o aumento dos impostos e da contribuição sindical ao estímulo a setores-chave da economia e a medidas de controle do déficit público (de 4,8% do PIB), provoca críticas dos sindicatos e da oposição socialista. Apesar delas, em 26/5, o gabinete aprova o plano de privatização, com o qual Balladur espera arrecadar US$ 60 bilhões em cinco anos, pondo à venda bancos, seguradoras e indústrias como a Elf-Aquitaine (combustíveis), a Rhône-Poulenc (química) e a Renault (veículos). O plano é aprovado no Parlamento, onde Balladur tem maioria de 80%. Mitterrand não se declara contrário às privatizações, mas recomenda extrema cautela no caso da estatal petrolífera Elf, por julgar que o abastecimento de petróleo e gás são uma questão de segurança nacional. Antecipando a desestatização, o governo capta US$ 19 bilhões com a emissão de títulos – os chamados "bônus Balladur" – que poderão ser trocados por ações das empresas privatizadas.

Começam os problemas – Em ago., Balladur sofre seu primeiro revés com a forte depreciação do franco francês em relação ao marco alemão e ao dólar. O esforço de defender a moeda contra a onda de vendas custa ao país US$ 32 bilhões; mas esse prejuízo, o aumento do desemprego, que vai bater nos 11%, e a redução dos direitos sociais prevista em seu plano de ajuste não o impedem de chegar a set. com 70% de aprovação do eleitorado – enquanto o prestígio de seu líder, Chirac, que era muito grande no dia seguinte às eleições, vai declinando em direção aos 20%. Segundo os analistas, um dos motivos dessa popularidade é a coabitação inteligente e tranqüila que ele estabeleceu com Mitterrand, que, tendo tido a experiência anterior da penosa convivência com Chirac, preparou-se para este segundo período colocando em postos-chave homens de sua confiança: é o caso do ex-min. da Defesa, Pierre Joxe, nomeado pres. do Tribunal de Contas.

Mitterrand será o último chefe de Estado pelo modelo tradicional francês de parlamentarismo com presidente forte. De acordo com o projeto de revisão constitucional que visa a "modernizar a República", e que foi elaborado por seus assessores e aprovado pelo gabinete em 19/3/1993, o mandato de sete anos do presidente não sofre redução, mas ele perde o direito de assumir plenos poderes em caso de crise grave. O voto de confiança passa a ser exigido para o 1º-ministro; e é o Parlamento quem passa a indicar a ordem do dia. No entanto, demonstrando não pretender abrir mão de suas prerrogativas nas áreas da Defesa e das Relações Exteriores, Mitterrand continua a exercer intensa atividade internacional. Participa das reuniões com os Sete Grandes; visita Jerusalém e Amã, em nov. de 1992, fazendo gestões para viabilizar o diálogo de Israel com a OLP; vai ao Vietnã e ao Camboja, em fev. de 1993, para estreitar os laços com as ex-colônias, e, ali, manifesta-se favorável ao fim do embargo econômico americano. Em mar., às vésperas das eleições, é recebido em Washington e Moscou. Em set. de 1993, propõe, em Seul, o diálogo, a cooperação e a reconciliação com a Coréia do Norte. Apesar dessa liderança externa, o presidente não consegue impedir que,

internamente, cresça a tendência contrária à unificação européia – principalmente a partir de set., depois que a crise monetária do verão europeu prejudica o franco francês, que não recebeu a esperada "ajuda" do marco alemão, e depois das abertas divergências da França com os EUA e os demais países da CEE em relação à política agrícola a ser adotada nos acordos com o GATT. Um outro problema que tem de enfrentar, a partir de set., é o debate sobre o direito de asilo aos imigrantes. Enquanto os conservadores pretendem restringi-lo, os socialistas defendem posição mais humanitária e não aceitam a rígida lei de imigração proposta por Pasqua, mas não votada até o final do ano.

A primeira contestação aberta a Balladur é, em out., a greve dos transportes coletivos e trens: em 15/10, 20 mil trabalhadores fecham o centro de Paris exigindo a adoção de medidas urgentes contra o desemprego. E, em 20/10, são os aeroviários da Air France que paralisam seu trabalho, em protesto contra o plano de reestruturação da empresa que prevê a demissão de 4 mil empregados. No dia 24, depois de a pista do aeroporto de Orly ter sido invadida pelos grevistas e o caos ter-se instalado nos aeroportos, onde milhares de pessoas ficam impedidas de viajar, o pres. da Air France, Bernard Attali, renuncia. Diante disso, Balladur retira o plano de reestruturação; mas só em 27/10 os grevistas retomam suas atividades.

Gabão

● **NOME OFICIAL:** República Gabonesa. **Capital:** Libreville. **Nacionalidade:** gabonesa. **Hino:** Harmonia (título). **Língua:** francês (oficial); fang (N); bantu (S). **Religião:** cristianismo, 96,2% (católicos, 65,2%; protestantes, 18,8%; seitas africanas, 12,1%); crenças tradicionais, 2,9%; islamismo, 0,8%. **Data nacional:** 17/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da África. **Área:** 267.667 km². **Limites:** Camarões (N); Congo (L e S); oceano Atlântico (O); Guiné Equatorial (NO). **Características:** planície costeira de arenito e aluvião, alargando-se na direção norte; litoral com lagoas (N) e estuários (S); planaltos irregulares (maior parte). **Ponto mais elevado:** monte Iboundji (1.580 m). **Clima:** equatorial. **Rios principais:** Oguê, Ngunié. **Cidades principais:** Libreville (352.000 hab.); Port-Gentil (164.000); Franceville (75.000) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 1.253.000 (est.1992); **urbana:** 45,7% (1990). **Composição demográfica:** fangs, 35,5%; mpongwes, 15,1%; M'Bedés, 14,2%; punus, 11,5%; outros, 23,7% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,7% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 32,5%; **15-59:** 58,6%; **mais de 60:** 8,9% (1990). **Densidade (hab./km²):** 4,7 (1992). **Natalidade:** 43,4 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 16 por 1.000; **mortalidade infantil:** 94 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,8 (1990). **Vida média homens:** 51,9; **mulheres:** 55,2 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 103 hab.; **médicos:** 1 por 2 mil hab. (1984). **Gastos com saúde:** 10% do orçamento (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 39,3% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 243,3 mil; **professores:** 6,5 mil (1987). **Alunos universitários:** 2,9 mil; **professores:** 363 (1988). **Gastos:** 5,6 % do PNB (1989).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana (CFA). **Data da Constituição em vigor:** 14/3/1991. **Divisão administrativa:** 9 províncias e 37 prefeituras. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrático, do Progresso, União Nac. dos Trabalhadores. **Chefe de Estado:** pres. Omar (Albert-Bernard) Bongo (desde 2/12/1967). **Chefe de governo:** 1º-min. Casimir Oye Mba (desde 27/4/1990). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 120 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 11,4%; indústria, 13,4%; mineração, 47,8%; comércio, 12,1%; serviços, 15,3% do PIB (1990). **Agricultura:** exploração florestal; cacau, café, óleo de palma, borracha, mandioca, banana-da-terra, milho. **Pecuária:** ovinos, suínos, caprinos. **Pesca:** 22 mil t (1990). **Indústria:** refino de petróleo, processamento de minérios e produtos agrícolas, preparação de madeira, química. **Minerais:** petróleo, manganês, urânio, ouro, nióbio, talco, barita, fosfato, terras raras, titânio, cádmio; ferro (reserva). **Exportações:** US$ 1,6 bilhão; **produtos:** petróleo e derivados, manganês, madeira, urânio (1989). **Importações:** US$ 758 milhões; **produtos:** máquinas e aparelhos industriais, equipamentos de transporte, alimentos, metais e manufaturas (1989). **Parceiros comerciais:** França, EUA, Alemanha, Espanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 276,25 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 4,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 3.780 (1991); **crescimento anual:** -0,9% (1980–1991). **Inflação:** 8,6% (1990). **Dívida externa:** US$ 3,6 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 518 mil; **distribuição:** agricultura, 10,2%; indústria, 15,4%; comércio, 2,7%; serviços, 31%; outros, 40,7% (1990); **mão-de-obra feminina:** 37,7% (1988–1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 4,7 mil (1992); **Exército:** 3,2 mil; **Marinha:** 500; **Força Aérea:** 1 mil; **outros:** 4,8 mil paramilitares. **Gastos:** 4,5% do PNB (1989).

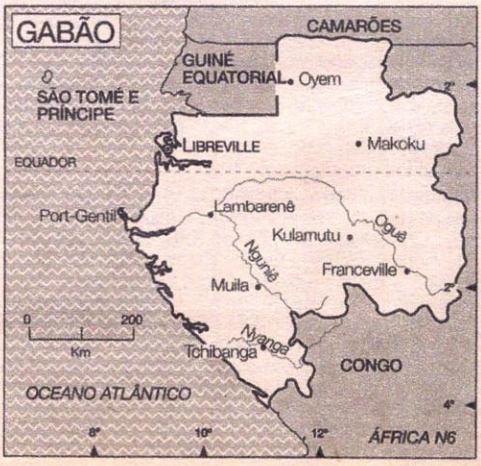
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 6,9 mil km; 11% pavimentados (1987); **nº de veículos:** 34 mil; **automóveis:** 19 mil (1989). **Ferrovias:** 688 km (1992). **Portos:** Port-Gentil, Uendo, Manjuba, Nujanga, Libreville. **Linhas aéreas:** Compagnie Nationale Air Gabon (vôos internacionais e domésticos); Air Affairs Gabon (domésticos e charters).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 4,8 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 30 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 64 hab. (1991). **Jornais diários:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 14 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 07, cj. 10, casa 01, CEP 70474-900; Brasília, DF; tel. (061) 248-3536.

HISTÓRIA

Visitada por portugueses (séc. XV), a região só é colonizada pela França no séc. XIX. **1890:** integrado ao Congo francês e, em **1910:** à África Equatorial. **1958/59:** República autônoma na Comunidade Francesa; Léon Mba é o 1º-ministro provisório. **1960:** independência. **1961:** Mba torna-se presidente. **1964:** Mba, derrubado pelo Exército, é restaurado por tropas francesas. **1967:** Mba morre (nov.); assume o vice Albert-Bernard Bongo. **1968:** monopartidarismo com o Partido Democrático Gabonês. **1975:** criação do cargo de 1º-ministro; nomeação de



Léon Mébiane. **1978:** expulsão de 11 mil imigrantes beninenses. **1981:** crise com os estudantes; fechamento da Universidade de Libreville. **1982 – 1984:** repressão aos oposicionistas; por pressões internas e externas, Bongo concede anistias. **1986:** reeleição de Bongo. **1987:** redução do ministério de 57 para 45 pastas. **1989:** o governo anuncia fracasso de conspiração contra Bongo. **1990:** manifestações e greves forçam a concessão do multipartidarismo; Casimir Oyê-Mba é nomeado 1º-ministro; o assassinato do oposicionista Joseph Redjemba força a decretação do estado de sítio. **1991:** nova Constituição prevê o multipartidarismo (14/3); primeiras eleições pluralistas (6/9), anuladas por denúncias de fraude e repetidas em 28/10; o PDG conquista 62 cadeiras; os oposicionistas, 55. **1992:** fusão dos oposicionistas Movimento de Reconstrução Nacional, Partido Socialista Gabonês e União pelo Socialismo no Gabão no Fórum Africano de Reconstrução; vitória do governo nas legislativas complementares (23 e 31/3); a oposição boicota a nova Assembléia (mai.) e se funde na Coordenação da Oposição Democrática, que convoca greve geral (jun.) pedindo a implementação da Constituição; Bongo forma a coalizão MRN/USG/ASG, chefiada por Oyê-Mba (18/6).

FATOS DO ANO

Em fev. de 1993, o pres. Albert-Bernard Bongo convida Paul Mba Abessole, da União Nacional dos Lenhadores, para discutir o calendário eleitoral e o programa de construção de estradas, postos de saúde e escolas. Seus adversários denunciam como demagógica essa manobra, que visa a dividir a oposição, e não consegue impedir que, durante o ano, ocorram manifestações de protesto reprimidas pela polícia. Nem Abessole nem Pierre-Louis Agondjo-Okauê, do Partido Gabonês do Progresso, com quem Bongo também tenta um contato, deixam-se comover por seu "apelo à consciência nacional".

Mantém-se, assim, o padrão estabelecido desde que, em 14/2/1992, Bongo, cedendo às pressões da Coordenação da Oposição Democrática – grupo de oito partidos liderado por Sébastien Mambundoy Muyama –, marcara as eleições para dez. do ano seguinte. Abessole, em fev. de 1992, convocara greve geral contra a escolha dessa data, considerada tardia. Ao mesmo tempo, multiplicavam-se as manifestações na Universidade de Libreville, exigindo mais verbas para a educação. Além de fechar a universidade, Bongo proíbe comícios ou reuniões políticas; mas isso não impede que, entre 23 e 25/2, a greve seja bem-sucedida, em particular em Port-Gentil, centro da indústria petrolífera.

Desobediência civil – Preocupado com a intensidade dos protestos, Bongo reabre a universidade e cancela a proibição das manifestações. Entretanto, em mar. de 1992, é a vez da COD convocar mais um dia de desobediência, em Libreville, em represália contra a morte de uma pessoa na repressão policial aos professores que reclamavam dos cortes em seus salários e reivindicavam melhores condições de trabalho. Quanto à passeata em seu próprio apoio, que Bongo organiza em abr., é um redondo fracasso, apesar da presença obrigatória da polícia e de todo o funcionalismo público.

Em jul., apesar de a COD exigir o cumprimento do estabelecido na Constituição de 14/3/1991, que autorizou o multipartidarismo, as 66 cadeiras de que o governista Partido Democrático Gabonês dispõe na Assembléia Nacional lhe garantem a aprovação de uma lei eleitoral que favorece o governo. Mesmo sabendo que é minoritária na Assembléia, a COD apresenta pela segunda vez, em ago. de 1992, uma moção de censura contra Bongo, que é derrotada.

Apesar do aprofundamento da crise político-social, Bongo dá prosseguimento à sua política de "reprimir-e-negociar" internamente enquanto, no plano externo, tenta desempenhar papel relevante de intermediário nas disputas regionais do continente. Já tendo participado das discussões sobre o litígio fronteiriço Líbia/Chade e do processo de estabelecimento do diálogo entre Angola e os EUA, ele representa, em out. de 1992, o pres. François Mitterrand, da França, na reunião de cúpula Franco-Africana, que se realiza em Libreville. O que não o impede de, em 20/10/1992, criar um atrito com as autoridades de Lagos ao anunciar a expulsão de 10 mil nigerianos que estavam em seu país "em situação irregular" e que serão mandados embora "como repatriados voluntários". A indignação do governo nigeriano ainda é maior porque ele os deixa em campos de concentração, à espera dos caminhões que os transportarão para seu país de origem.

Gâmbia

● **NOME OFICIAL:** República do Gâmbia. **Capital:** Banjul. **Nacionalidade:** gambiana. **Hino:** O Gâmbia (título). **Língua:** inglês (oficial); mandingo, fulani, uolof. **Religião:** islamismo, 95,4%; cristianismo, 3,7%; animismo e outros, 0,9%. **Data nacional:** 18/2 (Independência).

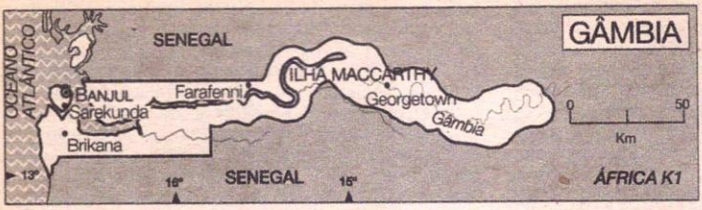
● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da África. **Área:** 11.295 km². **Limites:** Senegal (N, L e S); oceano Atlântico (O). **Características:** território plano cortado pelo rio Gâmbia no sentido L – O, formando uma planície aluvial pantanosa e fértil; planalto arenítico (N). **Clima:** equatorial. **Rio principal:** Gâmbia. **Cidades principais:** Serekunda (102.600 hab.); Banjul (44.188); Brikama (24.300) (1986). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 921.000 (est. 1992); **urbana:** 21,5% (1988). **Composição demográfica:** malinquês, 10,4%; peuls, 18,7%; uolof, 14,6%; diolas, 10,3%; soninquês, 8,2: outros, 7,8% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,5% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 44,1%; **15-59:** 51%; **mais de 60:** 4,9% (1990). **Densidade (hab./km²):** 106,9 (1992). **Natalidade:** 44,9 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 19,5 por 1.000; **mortalidade infantil:** 132 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,2 (1990–1995). **Vida média homens:** 43,4; **mulheres:** 46,6 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 865 hab. (1981); **médicos:** 1 por 17,6 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 4% do PNB (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 72,8% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 90,2 mil; **professores:** 3,3 mil (1989). **Alunos no ensino superior:** 1,5 mil; **professores:** 177 (1984/85). **Gastos:** 8,8% do orçamento (1988/89).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 24/4/1970 (1 emenda). **Divisão administrativa:** 5 províncias e 1 cidade. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principal partido:** Progressista do Povo. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Dauda Kairaba Jauara (desde 24/4/1970). **Legislativo:** unicameral – Câmara dos Representantes com 50 membros (36 eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos, 8 indicados, 5 eleitos por chefes tribais e 1 procurador-geral).

● **ECONOMIA:** agricultura, 23,6%; indústria, 14,1%; comércio, 37%; serviços, 25,3% do PIB (1990/91). **Agricultura:** amendoim, algodão, frutas cítricas, abacate, semente de gergelim, milhete, sorgo, arroz, milho. **Pecuária:** bovinos, caprinos, ovinos. **Pesca:** 16,8 mil t (1990). **Indústria:** processamento de amendoim, agroindústrias, bebidas, material de construção. **Mineral:** areia de cascalho. **Exportações:** US$ 37,7 milhões; **produtos:** amendoim e derivados, peixes e preparados, reexportações de combustíveis (1990/91). **Importações:** US$ 119,9 milhões; **produtos:** combustíveis e derivados, alimentos, animais vivos, manufaturas básicas, máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos (1990/91). **Parceiros comerciais:** Grã-Bretanha, Tailândia, China, Suíça, Holanda, Guiné-Bissau. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** dalasi (dividido em 100 butut); **cotação para 1 US$:** 8,74 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 322 milhões; **renda per capita:** US$ 360 (1991); **crescimento anual:** 3,2% (1980–1991). **Inflação:** 8,6% (1991). **Dívida externa:** US$ 350,7 milhões (1991). **Força de trabalho:** 398 mil (1991); **distribuição:** agricultura, 73,7%; indústria, 4,2%; comér-



cio, 5,1%; serviços, 9,3%; outros, 7,7% (1983); **mão-de-obra feminina:** 41% (1988–1990).

• **DEFESA: Exército:** 800. **Gastos:** 0,7% do PNB (1988/89).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 2,4 mil km; 32% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 6,5 mil; **automóveis:** 2,4 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Banjul e ao longo do rio Gâmbia. **Linha aérea:** Air-Gambia (vôos internacionais).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 5,2 hab. (1991). **Emissoras de TV:** não há. **Linhas telefônicas:** 1 por 80 hab. (1991). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 1,2 (1988).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 820 2nd Avenue, 9th Floor, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 949-6640.

HISTÓRIA

Associado aos impérios de Gana, Mali e Songhai; visitado pelos portugueses (séc. XV). **1588:** primeira colônia britânica na África. **1965:** autonomia dentro da Comunidade Britânica. **1966:** vitória eleitoral do Partido Progressista Popular, de Dauda Kairaba Jauara. **1970:** independência. **1980:** ruptura com a Líbia, acusada de apoiar golpistas expulsos com ajuda senegalesa. **1981:** assinado, com o Senegal, tratado de criação da Federação do Senegâmbia. **1985:** suspenso o estado de emergência imposto em 1980. **1987:** reeleição de Jauara. **1989:** retirada das tropas senegalesas; fracassa a fusão do Senegâmbia .**1990:** tentativas de distensão com Dacar. **1991:** anistia a 35 golpistas de 1980; Tratado de Amizade e Cooperação com o Senegal; troca de visitas oficiais entre Abdu Diuf (jul.) e Jauara (dez.) não faz avançarem as relações bilaterais; acordo de defesa com a Nigéria (ago.) põe no comando das Forças Armadas o nigeriano cel. Abubakar Dada; embora Jauara afirme não desejá-lo, o PPP designa-o candidato (dez.) e, em **1992:** ele derrota Sherif Mustafá Dibba, do Partido da Convenção Nacional (29/4).

FATOS DO ANO

A Casa dos Representantes abole, em 7/4/1993, a pena de morte para todos os delitos, inclusive assassinatos e crimes de traição nacional. A medida é simbólica: dos 87 condenados desde 1965, apenas um foi executado – um soldado implicado no golpe fracassado de 1981. Mas faz parte dos esforços do pres. Dauda Kairaba Jauara para melhorar o relacionamento com a oposição.

Após a vitória nas eleições de abr. de 1992, Jauara faz um remanejamento ministerial (11/5), abrindo mão de alguns de seus poderes de forma em resposta às acusações de que é demasiado centralista. O ex-min. das Finanças Saihu Sabally é promovido à vice-presidência, acumulando-a com a Defesa e os Assuntos Femininos. O vice-pres. Bakary Darbo, de bom trânsito junto à oposição, é nomeado min. da Economia e das Finanças.

Anistia insuficiente – Visando a ter relações menos tensas com os oposicionistas da Convenção Nacional, de Sherif Mustafá Dibba, e Popular de Gâmbia, de Assan Mussa Camará – ambos derrotados nas eleições de abr. –, assina logo em seguida anistia aos membros do clandestino Movimento pela Justiça na África-Gâmbia (MJAG), ligado a Kukoi Samba Saniang, líder do golpe frustrado de 1981 (aliás, o único prisioneiro político a não ser beneficiado por esse perdão). Mas a incapacidade de Jauara de impedir, durante 1993, o aprofundamento da crise econômica torna medidas como essa anistia ou a abolição da pena de morte insuficientes para amenizar os atritos com uma oposição, que vê como único responsável pelo beco-sem-saída um presidente que está no poder desde 1970.

Ela o culpa, principalmente, por ter-se desentendido com o pres. Abdu Diuf, do Senegal, inviabilizando o acordo de fusão dos dois países na Confederação do Senegâmbia, que teria constituído uma solução para os graves problemas econômicos nacionais. Afinal, com uma dívida externa que saltou de US$ 304 milhões, em 1990, para US$ 350 milhões em dez. de 1992, cerca de 30% do total das exportações são consumidos só pelo serviço desse débito. A expansão do turismo, que, durante 1992, empregou 7.500 pessoas e respondeu por 10% do PIB, não é suficiente para resolver os problemas de um país que é extremamente dependente da importação de produtos manufaturados. Essa situação mantém sob pressão um governo obrigado a arcar com os gastos de manutenção de cinqüenta assessores militares nigerianos, que estão no país em função dos acordos de defesa mútua assinados em ago. de 1992, encarregados de treinar os efetivos gambianos que, com a vinda ao país das tropas senegalesas de intervenção que detiveram o golpe de 1981, tinham sido reduzidos à guarda presidencial.

Gana

• **NOME OFICIAL:** República de Gana. **Capital:** Acra. **Nacionalidade:** ganense. **Hino:** *Levante-se bem alto a bandeira de Gana* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); 8 línguas regionais. **Religião:** cristianismo, 42,8%; crenças tradicionais, 38,2%; islamismo, 12%. **Data nacional:** 6/3 (Independência).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da África. **Área:** 238.537 km². **Limites:** Burkina (N); Togo (L); golfo da Guiné (S); Costa do Marfim (O). **Características:** litoral baixo com lagunas e baías; extensa planície do rio Volta (de SE a NE), limitada por planaltos; cadeia montanhosa (SE). **Ponto mais elevado:** monte Afadjoto (885 m). **Clima:** equatorial. **Rios principais:** Volta, Volta Negro, Volta Branco, Pra, Tano, Oti. **Cidades principais:** Acra (949.100 hab.); Kumasi (385.200); Tamale (151.100); Tema (110.000); Sekondi-Takoradi (103.600) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

• **POPULAÇÃO:** 15.237.000 (est.1992); **urbana:** 33% (1990). **Composição demográfica:** acã, 52,4%; mossi-dagombas, 15,8%; enê, 11,9%; gas-adangbes, 7,8%; gurmantches, 3,3%; outros, 8,8% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,1% (1985–1990). **Faixas etárias: 0-14:** 45%; **15-59:** 49,1%; **mais de 60:** 5,9% (1984). **Densidade (hab./km²):** 63,9 (1992). **Natalidade:** 44,4 por 1.000 (1985–1990). **Mortalidade:** 9,8 por 1.000; **mortalidade infantil:** 90 por 1.000 (1985–1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,4 (1985–1990). **Vida média homens:** 52,2; **mulheres:** 55,8 (1985–1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 791 hab. (1991); **médicos:** 1 por 22,5 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 10,1% do orçamento (1990).

• **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 39,6% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 2,5 milhões; **professores:** 111,3 mil (1988–1990). **Alunos no ensino superior:** 9,6 mil (1990/91); **professores:** 1,2 mil (1986/87). **Gastos:** 25,5% do orçamento (1990).

• **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 28/4/1992. **Divisão administrativa:** 10 regiões subdivididas em 110 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principal partido:** Congresso Nac. Democrata. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Jerry

Rawlings (desde 31/12/1981). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 200 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 47,9%; indústria, 13,9%; mineração, 1,8%; comércio, 19%; serviços, 17,4% do PIB (1990). **Agricultura:** cacau, café, banana, óleo de palma, coco, limão-doce, noz-de-cola, tubérculos. **Pecuária:** caprinos, ovinos, bovinos. **Pesca:** 391,8 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, têxtil, veículos, cimento, papel, química, petróleo, madeira. **Minerais:** ouro, diamantes, bauxita, minério de manganês. **Exportações:** US$ 1 bilhão; **produtos:** cacau, madeira, ouro (1989). **Importações:** US$ 1,3 bilhão; **produtos:** combustíveis, máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas (1989). **Parceiros comerciais:** Grã-Bretanha, EUA, Alemanha, Repúblicas da CEI, Nigéria, França, Japão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** cedi novo (dividido em 436 pesewas); **cotação para 1 US$:** 436,68 (31/7/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 6,2 bilhões; **renda per capita:** US$ 400 (1991); **crescimento anual:** 3,1% (1980–1991). **Inflação:** 10% (ago./1992). **Dívida externa:** US$ 4,2 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 5,6 milhões; **distribuição:** agricultura, 59,4%; indústria, 12,5%; comércio, 14,2%; serviços, 11,1%; outros, 2,8% (1984); **mão-de-obra feminina:** 40% (1988–1990). **Desemprego:** 2,8% (1984).

● **DEFESA: Efetivo total:** 7,2 mil (1992); **Exército:** 5 mil; **Marinha:** 1 mil; **Força Aérea:** 1,2 mil; **outros:** 5 mil paramilitares. **Gastos:** 0,6% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 28,3 mil km; 20% pavimentados (1985); **nº de veículos:** 106 mil; **automóveis:** 60 mil (1986). **Ferrovias:** 953 km (1989). **Portos:** Tema, Tacoradi. **Linha aérea:** Ghana Airways (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,7 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 85 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 189 hab. (1989). **Jornais diários:** 3; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 13 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 10, cj. 8, casa 2; CEP 70466-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-6047.

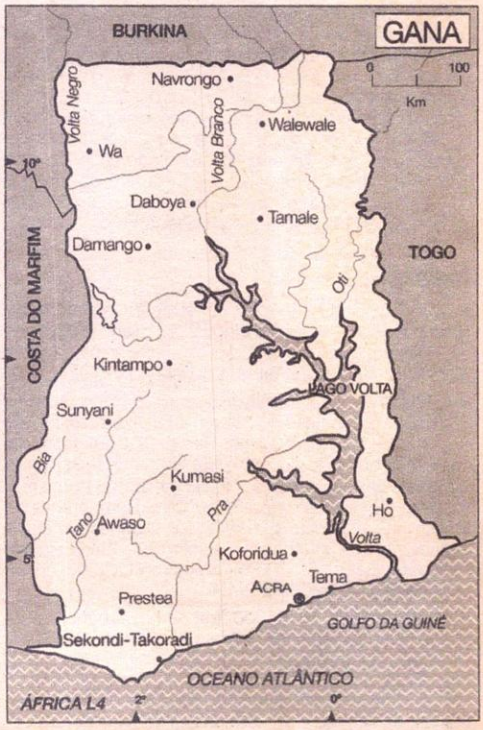
HISTÓRIA

Descoberta pelos portugueses (séc. XV), a Costa do Ouro era o centro do tráfico desse metal, abolido pelos ingleses (séc. XIX). Colônia inglesa (1874), foi anexada ao Reino Ashanti (1901). **1922:** a Liga das Nações entrega a Togolândia, ex-colônia alemã, à Grã-Bretanha. **1942 – 1948:** admissão dos africanos no governo local; Joseph Danquah e Kuame Nkrumah, da nacionalista Convenção Unida da Costa do Ouro, são presos. **1949:** libertado, Nkrumah rompe com Danquah e, à frente do Partido da Convenção Popular, lidera a desobediência civil aos ingleses. **1951/52:** nova Constituição; eleições; Nkrumah é o 1º-min. **1957:** independência com o nome atual. **1960:** República dentro da Comunidade Britânica; Nkrumah governa por decreto. **1961:** aproximação do bloco socialista. **1962 – 1964:** criado o monopartidarismo; atentados contra Nkrumah; detenções, inclusive de Danquah, que morre na prisão. **1968:** Nkrumah é deposto pelo gen. Joseph Ankrah. **1969:** Ankrah renuncia, acusado de corrupção; assume o gen. Akuasi Afrifa. **1970:** eleição do juiz Edward Askufo-Ado, deposto, em 1972 pelo gen. Ignatius Acheampong, que abole a Constituição. **1978:** plebiscito aprova governo de união civil-militar; Acheampong é deposto pelo gen. Fred Akufo. **1979:** golpe do ten. Jerry Rawlings; o Conselho Revolucionário ordena a execução de Afrifa, Acheampong e Akufo e convoca eleições; eleição de Hilla Limann. **1981:** conflitos étnicos no centro-oeste com 600 mortos; Rawlings depõe Limann, acusado de corrupção. **1983:** Fracassam vários golpes; repatriadas 500 mil pessoas expulsas da Nigéria. **1984 – 1987:** fracassam novos golpes; protestos estudantis fecham as universidades; presos os dirigentes dos semiclandestinos Novo Movimento Democrático e Guardas Revolucionários de Kuame Nkrumah. **1986:** eleições provinciais: início da redemocratização. **1989:** fracassa o golpe do ten. Courage Quashigah; a Anistia Internacional denuncia a morte, na prisão, de seu cúmplice, ten. William Domie; fórum sobre os problemas nacionais (jul.) pede multipartidarismo e nova Constituição. **1991:** Rawlings convoca Assembléia Consultiva (mai.) para redigi-la; criação do oposicionista Comitê Coordenador das Forças Democráticas; prisão de John Ndebugre, do Movimento pela Liberdade e a Justiça, acusado de conspiração (dez.). **1992:** anúncio de um calendário de transição para a democracia(6/3); referendo, em 29/4, sobre a Constituição, eleições presidenciais em 3/11, legislativas em 8/12 e inauguração da IV República em 7/1/1993; atendendo ao CCFD, anistia para presos políticos (20/3); aprovação da Constituição e legalização dos partidos (17/5); protestos contra a rigidez da lei eleitoral, que é flexibilizada (28/5).

FATOS DO ANO

A IV República ganense, inaugurada em 7/1/1993, após as eleições de 3/11/1992, é a culminação de tortuoso processo iniciado em 19/9 do ano anterior, quando o pres. Jerry Rawlings candidatou-se à reeleição pelo Congresso Nacional Democrático (cinco dias antes, ele passara à reserva, em obediência às novas exigências constitucionais). Apesar de a oposição pedir ao Judiciário que fosse declarado inelegível, ele obteve 58,3% dos votos de 8.255.690 eleitores.

As eleições foram tensas: três atentados a bomba, não reivindicados, durante a semana, na região de Acra. E os 2,327 milhões de votos atribuídos a Rawlings no primeiro turno foram imediatamente contestados pelos candidatos derrotados: Albert Adu Boahen, do Novo Partido Patriótico, o ex-pres. Hilla Liman, da Convenção Nacional do Povo, Kuabena Darko, do Partido da Independência Nacional, e o gen. E. A. Erskine, do Partido da Herança Popular. As denúncias de fraude, intimidação ostensiva de eleitores e violação de urnas não foram comprovadas pelos observadores internacionais, que consideraram as



eleições livres e imparciais. A oposição, respondendo que essa declaração "fora feita sob encomenda", exigiu a anulação e o recadastramento dos eleitores.

Atentados e boicotes – Choques entre partidários e oponentes de Rawlings se multiplicam: só em Tamale, 420 km ao norte de Acra, há 50 feridos numa manifestação antigovernamental; e o grupo *Farighan*, de ex-militares exilados em Lagos, na Nigéria, reivindica várias explosões na capital. Os partidos derrotados condenam esses atentados; mas anunciam o boicote às legislativas de 8/12/1992. Adiadas duas vezes, devido a esse boicote, elas se realizam, finalmente, em 29/12; delas participam três pequenos partidos formados para dar apoio a Rawlings: o Congresso Nacional Democrático, de Issifu Ali, a Convenção Nacional, de Abubakar Ziblim, e o Partido dos Ganenses do Mundo Inteiro, de Nana Ofori Atta. A vitória do CND, de Rawlings, é muito relativa devido à altíssima abstenção: o comparecimento é de apenas 29%.

Apesar disso, representantes de 78 países e organizações internacionais estão presentes, em 7/1/1993, à posse de Rawlings e seu vice, Kau Nkensen Arkaah. Esse apoio externo se explica pelo resultado obtido, nos últimos dez anos, com o plano de ajustel do FMI e também pelo pagamento pontual da dívida externa de US$ 4,2 bilhões, ainda que isso custe 35% do total das exportações.

Dando continuidade a essa política, o novo min. das Finanças, Kuesi Botchuey, anuncia, uma semana depois, que "1993 será um ano de rigor e austeridade fora do comum, para compensar os excessos de gastos no ano eleitoral de 1992". Rawlings transforma em peça de propaganda a designação dos 34 ministros que, iniciada no fim de fev., só termina em 22/3. O Parlamento rejeita apenas dois nomes: o de Kojo Thompson, para o min. regional Oeste, que estava sendo processado por contravenção penal; e o de Kau Spio-Garbrah, para a pasta da Informação, embargado por não ser eleitor registrado, o que é exigido por lei (em Gana, o voto não é obrigatório). Do total de ministros empossados, 21 já tinham servido ao governo anterior.

Depois disso, a oposição se divide. Liderada por Boahen e Komla Gbedena, do NPP, parte dela, coerente com o boicote eleitoral, recusa-se a dialogar com o novo governo ou com o Parlamento. Outra ala tenta conviver com Rawlings e, por isso, em abr., seu líder, Bernard da Rocha – também membro do NPP, de que é o presidente –, é convidado a discutir com o presidente o orçamento nacional. A decisão de Rocha cria sérios atritos no interior do NPP, entre seus seguidores e os de Boahen, para os quais o sec.-geral Agyenim Boateng não encontra solução conciliatória. O risco de cisão dentro do principal grupo oposicionista torna ainda mais problemático o avanço dos entendimentos entre a oposição e o governo.

Geórgia

● **NOME OFICIAL:** República da Geórgia. **Capital:** Tbilissi. **Nacionalidade:** georgiana. **Língua:** georgiano (oficial); russo. **Religião:** cristianismo (ortodoxos, maioria); judaísmo; islamismo. **Data nacional:** 9/4 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Europa. **Área:** 70.000 km². **Limites:** Rússia (N e L); Azerbaidjão (SE); Armênia (S); Turquia (SO); mar Negro (O). **Características:** cordilheira do Cáucaso (NO e NE); montanhas Suram (de N a S); bacias do rio Rion (O) e do rio Kura (L). **Ponto mais elevado:** monte El'Bruz (5.633 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Kura, Rioni. **Cidades principais:** Tbilissi (1.283.000 hab.); Kutáisi (238.200); Rustávi (161.900); Batúmi (137.500); Sukhúmi (120.000) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +7h.

● **POPULAÇÃO:** 5.482.000 (est.1992); **urbana:** 56,2% (1991). **Composição demográfica:** georgianos, 70,1%; armênios, 8,1%; russos, 6,3%; azeris, 5,7%; açorianos, 3%; gregos, 1,9%; abkhazianos, 1,8%; outros, 3,1% (1989). **Crescimento demográfico:** 0,8% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 24,8%; 15-59: 60,8%; **mais de 60:** 14,4% (1989). **Densidade (hab./km²):** 78,7 (1992). **Natalidade:** 17 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 9,8 por 1.000; **mortalidade infantil:** 15,9 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,1 (1989). **Vida média homens:** 69; **mulheres:** 76,3 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 90 hab.; **médicos:** 1 por 170 hab. (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 7% (1992). **Alunos de 1º e 2º graus:** 924,7 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 93,1 mil (1989/90).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). **Data da Constituição em vigor:** em elaboração. **Divisão administrativa:** 3 regiões. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Bloco da Paz, Coalizão 11 de Outubro, Bloco Unidade, Democracia Nac., Verde. **Chefe de Estado:** pres. Eduard Shevardnadze (desde 11/10/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Otar Patsatsia (desde 20/8/1993). **Legislativo:** unicameral – Soviete Supremo, com 234 membros eleitos por voto direto.

● **ECONOMIA:** agricultura, 37,2%; indústria, 46%; comércio, 5,6%; serviços, 11,2% do PIB (1990). **Agricultura:** chá e frutas cítricas, uvas, flores, tabaco, amêndoas, grãos, beterraba. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 104 mil t (1990). **Indústria:** de bens industriais leves, de material de construção. **Minerais:** carvão, minério de manganês, petróleo, metais não ferrosos, água mineral, iodo medicinal. **Exportações:** US$ 3,5 bilhões; **produtos:** alimentos, máquinas industriais leves (1990). **Importações:** US$ 4 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, alimentos, energia (1990). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** rublo (dividido em 100 copeques); **cotação para 1 US$:** 412,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 9 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.640 (1991); **crescimento anual do PML:** -25% (1991). **Inflação:** 80% (1991). **Dívida externa:** US$ 1,3 bilhão (1992). **Força de trabalho:** 2,8 milhões (1990); **distribuição:** agricultura, 26%; indústria, 36%; comércio, 7%; serviços, 31%; **mão-de-obra feminina:** 45,9% (1989). **Desemprego:** 3,5% (1989).

● **DEFESA: Efetivo total:** 20 mil.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 33,9 mil km; 87% pavimentados (1989); nº de **automóveis:** 427,4 mil (1988). **Ferrovias:** 1,6 mil km (1990). **Portos:** Batúmi, Sukhúmi. **Linha aérea:** Orbi.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1. **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 1,5 hab. (1990). **Jornais diários:** 147; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 671 (1989).

HISTÓRIA

A região é habitada desde o Paleolítico; escavações na bacia da Cólchida, no vale de Khrami e no sul da Ossétia encontraram aldeias do Neolítico e, em túmulos de Trialeti (2.000 a.C.), objetos trabalhados em ouro e prata. Os anais assírios e armênios (1.000 a.C.) mencionam os *daiuhi*, de Tao, e os *kulkha*, descritos pelos gregos como os habitantes da Cólchida (onde se ambientam os mitos de Medéia e do Velocino de Ouro). **Séc. VII a.C.:** gregos de Mileto colonizam a Cólchida, governada depois por Mitridates do Ponto; cimérios da Anatólia fundem-se à população do vale de Kura. **Séc. I a.C.:** apogeu do reino de Iberia, nas atuais regiões da Kartalínia e Kakhétia. **65 d.C.:** Pompeu conquista Iberia e a Cólchida. **330:** cristianização pela escrava Santa Nino. **Séc. IV:** domínio bizantino da Cólchida e persa de Iberia. **Séc. V:** a soberania iberiana proclamada por Vakhtang Gorgaslani é abolida pelo sassânida Khosrau I (531–579). **654:** emirado árabe em Tbilissi. **Séc. VIII:** Bagratid Ashot I, o Grande, de Artanuji, obtém de Bizâncio o título de *kuropalátes* (guardião do palácio) e, mais tarde, de príncipe hereditário de Iberia. **975 – 1014:** Bagrat III unifica os principados georgianos, exceto o de Tbilissi. **1122:** Davi II Agmashenebeli (o Construtor) toma Tbilissi dos árabes. **1184 – 1213:** Idade de Ouro: a rainha Tamara amplia o império do Azerbaidjão à

Turquia. **1220**: invasão dos mongóis hulagu no leste; o poder bagrátida reduz-se à Imerétia. **1314 – 1346**: renascimento com Gueórgui V, o Brilhante. **1386 – 1403**: os mongóis de Timur desmantelam a economia e a vida cultural. **1412 – 1443**: reinado de Aleksandr I: seus filhos redividem o território em principados. **1453**: com a queda de Constantinopla, dominação dos turcos, que, em **1510**: saqueiam Kutaisi, na Imerétia; o persa Ismail Xá invade a Kartalínia. **1578**: ocupação turca da Transcaucasiana. **1587 – 1629**: reinado do persa Abbas Xá; expulsão dos turcos; deportação de cristãos para o deserto da Pérsia; **1629 – 1723**: entronização dos vice-reis da Casa de Mukhran, em Tbilissi; o vice-rei Vakhtang VI (1703–1723), rei de Kartalínia, cria um código penal e introduz a imprensa na Geórgia. **1723 – 1782**: disputas persas e turcas. **1783**: Erekle II torna-se vassalo de Catarina, a Grande (24/7), em troca de proteção; mas, em **1798**: os russos não impedem a invasão do eunuco persa Aga Mohamed; Gueórgui XII inicia, com o tsar Paulo I, negociações que levam, em **1801**: à anexação da Kartalínia e da Kakhétia pelo tsar Alexandre I. **1801 – 1878**: dominação russa; os bagrátidas são deportados e substituídos por governadores russos; repressão a revoltas populares; os turcos tomam os portos de Batum e Poti, no mar Negro. **1845 – 1854**: o gov. princ. Mihkail Vorôntsov estimula o comércio e a vida cultural construindo um teatro em Tbilissi. **1864**: abolida a servidão. **1881 – 1894**: campanha de russificação de Alexandre III; eclodem movimentos nacionalistas: o *Pirveli Dasi* (Primeiro Grupo), moderado, de Iliá Chavchavadze; o *Meore Dasi* (Segundo Grupo), radical, de Giorgi Tsereteli; e o *Mesame Dasi* (Terceiro Grupo), socialista, de Noé Jordania e Karlo Tsckheidze (para ele entra, em 1898, Iosif Djugashvíli, apelidado Stálin). **1905**: revolta nacionalista sufocada pelos cossacos. **1917**: a revolução de mai. nomeia um comitê, o *Ozakom*, para governar a Geórgia, Armênia e Azerbaidjão, substituído, após a revolução de out., pelo Comissariado Transcaucasiano. **1918**: independência sob proteção alemã(26/5) ; ocupação britânica após a I Guerra; não coopera com as tropas brancas do monarquista gen. Anton Denikin. **1920**: reconhecimento britânico da independência (jan.); Tratado Russo-Georgiano (7/5); envio da uma missão soviética, chefiada por Serguêi Kírov, que prepara o golpe bolchevique. **1921**: Stálin e Gueórgui Ordjonikidze ocupam Tbilissi (25/2); integração à Federação Transcaucasiana; execução de nacionalistas, perseguição à Igreja, expurgo no PC. **1924**: rebelião camponesa de Kaikhósru Tcholokashvíli, sufocada pelo Exército Vermelho. **1936**: dissolução da Federação Transcaucasiana; proclamada a República. **1936/37**: expurgo organizado por Lavrênti Béria, da NKVD, elimina os trotskistas; industrialização e coletivização aceleradas. **1988**: movimento pró-autonomia regional. **1989**: reprimido o pedido de independência em Sukhúmi, na República autônoma da Abkházia (dezesseis mortos e duzentos feridos); caem o sec.-geral Borís Adleiba, o pres. Djumbér Patiashvíli e o 1º-min. Zurák Shkeide, substituídos por Guiví Gumbaridze e Nodár Chitanava; o chanceler Eduard Shevardnadze coordena o expurgo no PC (abr./mai.); novos distúrbios em Sukhúmi (16/7), com onze mortos e 127 feridos. **1990**: a anexação pela URSS é declarada ilegal (16/3); proclamado o multipartidarismo (21/3); proclamação unilateral da independência da Abkházia (ago.); eleição do oposicionista Zviad Gamsakhúrdia (28/10). **1991**: independência (9/4); proibição do PC (27/8); criação do Ministério da Defesa (28/8); Gamsakhúrdia, que apoiou o golpe contra Gorbatchóv, é cercado, no Parlamento (22/12), por Tenguiz Kitovani, com. da Guarda Nacional, com apoio do ex-1º-min. Tenguiz Sigúa; independência da Ossétia do Sul (dez.). **1992**: Gamsakhúrdia foge para a Armênia (6/1); Kitovani e Djabá Ioseliâni, chefe da organização paramilitar *mkhedrini*, põem Sigúa na chefia do governo; referendo, na Ossétia, confirma a independência e tropas de Tbilissi cercam sua capital, Tskhinvali (jan.); divergências entre Sigúa e Ioseliâni forçam a criação de um Conselho de Estado (mar.), com poderes legislativos e executivos, chefiado por Shevardnadze, eleito presidente em 11/10; fracassa golpe dos partidários de Gamsakhúrdia (jun.); cessar-fogo na Ossétia do Sul (24/6); anistia geral, suspensão do estado de emergência e apelo à reconciliação nacional (ago.); seqüestro, pelos separatistas abkhazes, do vice-1º-min. Otar Kvilitaia e do min. do Interior, Rôman Gventsadze, desencadeia guerra aberta: tropas georgianas fecham o Parlamento de Sukhúmi e decretam o toque de recolher (set.).

FATOS DO ANO

Toda a experiência diplomática que o pres. Eduard Shevardnadze acumulou quando era o chanceler da ex-URSS é necessária, em jan. de 1993, quando, em meio a uma ofensiva dos rebeldes da Abkházia, a República autônoma que quer tornar-se independente da Geórgia, ele tem de solicitar à ONU o envio de uma força de paz. O pedido é acompanhado da denúncia, negada por Moscou, da cooperação entre as tropas sublevadas e unidades do Exército russo, ainda estacionadas em território abkházio. Em 21/2, surge a prova material dessa aliança: um bombardeiro russo *Sukhôi* lança dois mísseis sobre Sukhúmi, a capital da Abkházia, em poder de tropas leais a Tbilissi, deixando um morto e oitenta feridos.

O QG do Exército russo, em Gudauta, apressa-se em justificar o ataque como uma represália à ação da artilharia georgiana contra seus soldados. Com as Forças Armadas desorganizadas pela luta em suas frentes – de um lado os separatistas, do outro os partidários do ex-pres. Zviad Gamsakhúrdia, que querem restaurá-lo no poder – , nada mais resta ao governo georgiano senão protestar; e dar-se por satisfeito que o Kremlin tenha, pelo menos provisoriamente, congelado as pretensões independentistas de outra República autônoma, a Ossétia do Sul. Shevardnadze vai a Kiev, em abr., buscando a aliança com a Ucrânia contra a hegemonia russa, de que as duas ex-Repúblicas soviéticas se ressentem. Mas, na prática, nada além de tratados de importância secundária é firmado com o pres. Leoníd Krávtchuk.

Ataque a Shevardnadze – Em 5/6, uma bomba explode em Sukhúmi, perto do automóvel em que viaja Shevardnadze, de visita à cidade. Ninguém fica ferido, mas a ousadia do atentado enfurece o dirigente que, no dia seguinte, decreta a lei marcial na região. No entanto, isso faz a situação deteriorar-se mais ainda, ficando fora de controle: em menos de um ano, há mais de 3 mil mortos e as tropas do governo central, desprovidas de oficiais, não conseguem estender sua dominação fora dos limites da capital abkházia.

A segurança do próprio Shevardnadze é precária, como demonstra o assassinato, em ago., do "diplomata" americano Fred Woodruff – na verdade, segundo o *New York Times*, um agente da CIA designado para organizar a sua defesa pessoal e que, o jornal americano o assegura, teria sido eliminado por ex-agentes do KGB, numa operação de acerto de contas com um membro do antigo serviço rival de espionagem. A questão é tão delicada que as autoridades georgianas nem se preocupam em desmenti-la: abafam o assunto o mais rápido possível. A nomeação para o cargo de 1º-

ministro, em 20/8, do moderado Otar Patsatsia, gov. da província de Sugadi, é vista como a tentativa de Shevardnadze de dialogar com os rebeldes.

O inimigo avança – Sem resultados, porém, pois os separatistas da Abkházia se fortalecem e, na região ocidental do país, registram-se avanços dos partidários de Gamsakhúrdia. Diante disso, o Parlamento aprova, em meados de set., o estado de emergência nacional, que provoca protestos dos parlamentares oposicionistas. Irritado, Shevardnadze apresenta sua renúncia (14/9) mas, dias depois, a pedido de seus correligionários, volta atrás. E, para desmentir os rumores de que tudo não passara de uma manobra para reforçar seu prestígio, parte para Sukhúmi, onde os combates são intensos: no dia 27, apesar do comando pessoal do presidente, a cidade cai em poder dos separatistas.

Os georgianos, que, apesar de tudo, são maioria na Abkházia, têm de refugiar-se em regiões vizinhas. O próprio Shevardnadze foge para o sul da República, com a humilhação de ter de aceitar a cobertura dos mesmos soldados russos cuja ação criticara, e que lhe é dada por ordem direta de Borís Iéltsin. Quando o inimigo toma o porto de Poti, no mar Negro, e ameaça Kutáisi, segunda cidade do país, ele se decide, finalmente, a aderir à CEI (9/10) como um recurso para obter a ajuda do Kremlin. Depois disso, o apoio das tropas russas lhe permite fazer rápidos avanços e acuar os rebeldes: em 31/12, corre o rumor, não confirmado, de que Gamsakhúrdia se suicidara para não ser preso. Mas a posição de Shevardnadze ainda é frágil: além de nem todos os rebeldes terem sido desarmados, ainda há fortes tensões separatistas.

Grã-Bretanha

● **NOME OFICIAL:** Reino Unido da Grã-Bretanha. **Capital:** Londres. **Nacionalidade:** britânica. **Hino:** Deus Salve a Rainha (título). **Língua:** inglês (oficial); gaélico (Escócia e Irlanda do Norte). **Religião:** cristianismo (anglicanos, 56,8%; católicos, 13,1%; presbiterianos, 7%; metodistas, 4,3%; batistas, 1,4%); sikhismo, 7,4%; islamismo, 1,4%; judaísmo, 0,8%; hinduísmo, 0,7%. **Datas nacionais:** 1º/3 (S. Davi – Gales); 17/3 (S. Patrício – Irlanda do Norte); 23/4 (S. Jorge – Inglaterra); 30/11 (S. André – Escócia).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da Europa. **Área:** 258.256 km². **Limites:** oceano Atlântico (N e SO); mar do Norte (L); canal da Mancha (S); mar da Irlanda e canal do Norte (O). **Características:** litoral com planícies (costa leste), com estuários (SO), com escarpas (SE) e fiordes (Escócia); terrenos mais elevados (N e O): montes Cambrianos (Gales) e montes Grampianos (Escócia); vales com lagos (Escócia); planícies onduladas (centro); planaltos e colinas (Irlanda no Norte). **Ponto mais elevado:** monte Ben Nevis (1.343 m) (Escócia). **Clima:** temperado oceânico. **Rios principais:** Severn, Tâmisa, Wye, Trent, Ouse (Inglaterra); Tweed, Tye, Clyde (Escócia); Teifi, Severn (Gales). **Cidades principais:** Londres (região metropolitana, 6.377.900 hab.); Birmingham (934.900) (1991); Glasgow (689.200) (1990); Edimburgo (434.500) (1991); Manchester (406.900) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 57.561.000 (est.1992); **urbana:** 91,5% (1986). **Composição demográfica:** brancos, 94,2%; indianos, 1,4%; antilhenses, 1%; paquistaneses, africanos, chineses, bengaleses, árabes (minorias) (1986). **Crescimento demográfico:** 0,2% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 19,2%; 15-59: 60,1%; **mais de 60:** 20,7% (1991). **Densidade (hab./km²):** 238,9 (1992). **Natalidade:** 13,8 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 11,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 7,4 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,8 (1990). **Vida média homens:** 72,4; **mulheres:** 78 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 146 hab. (1987); **médicos:** 1 por 611 hab. (1981). **Gastos com saúde:** 13,6% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 8 milhões (em escolas públicas, 1989/90); **no ensino profissionalizante:** 539,7 mil (1987/88); **professores:** 450,5 mil (em escolas públicas, 1989/90); **no ensino profissionalizante:** 93 mil (1984/85). **Alunos universitários:** 352,6 mil; **professores:** 49,4 mil (1990/91). **Gastos:** 13% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** não há Constituição escrita; a Carta Magna de 1215, a lei comum e o conjunto de práticas políticas formam a jurisprudência. **Divisão administrativa:** 8 regiões subdivididas em 46 condados (Inglaterra); 8 condados (País de Gales); 9 regiões e 3 zonas insulares (Escócia); 26 distritos (Irlanda do Norte). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Conservador, Trabalhista. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II (desde 6/2/1952). **Chefe de governo:** 1º-min. John Major (desde 28/11/1990). **Legislativo:** bicameral – Câmara dos Comuns, com 651 membros eleitos por voto direto para mandatos de no máximo 5 anos; Câmara dos Lordes, com 1.000 membros da nobreza e do clero com títulos vitalícios e hereditários.

● **ECONOMIA:** agricultura, 1,8%; indústria, 27,8%; mineração, 5,7%; comércio, 14,7%; serviços, 50% do PIB (1991). **Agricultura:** trigo, cevada, batata, beterraba. **Pecuária:** aves, ovinos, bovinos. **Pesca:** 24,1 mil t (1991). **Indústria:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, alimentícia, química, manufaturas de metal. **Minerais:** carvão, calcário, petróleo e gás natural. **Exportações:** US$ 185,6 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e elétricas, computadores, automóveis, petróleo (1991). **Importações:** US$ 210,2 bilhões; **produtos:** automóveis, máquinas industriais, computadores, papel, papelão e manufaturados, têxteis (1991). **Parceiros comerciais:** Alemanha, EUA, França, Holanda, Itália. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** libra esterlina (dividida em 100 pence); **cotação para 1 US$:** 0,66 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 963,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 16.750 (1991); **crescimento anual:** 2,8% (1980–1991). **Inflação:** 3,7% (1992). **Força de trabalho:** 28,4 milhões; **distribuição:** agricultura, 1%; indústria, 21,7%; comércio, 16,2%; serviços, 37,4%; outros, 23,7%; **mão-de-obra feminina:** 47,8% (1991). **Desemprego:** 7,9% (1991).

● **DEFESA: Efetivo total:** 293,5 mil (1992); **Exército:** 145,4 mil; **Marinha:** 62,1 mil; **Força Aérea:** 86 mil. **Gastos:** 4,2% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 358 mil km pavimentados (1990); **nº de veículos:** 22,5 milhões; **automóveis:** 19,7 milhões (1991). **Ferrovias:** 37,8 mil km (1990). **Portos:** Milford Haven (Gales); Glasgow (Escócia); Belfast (Irlanda do Norte); Dover, Liverpool, Londres, Southampton (Inglaterra). **Linhas aéreas:** Air UK (vôos internacionais); Britannia Airways, British Airways, Virgin Atlantic Airways (internacionais e domésticos); Brymon European Airways, Loganair (domésticos e regionais).

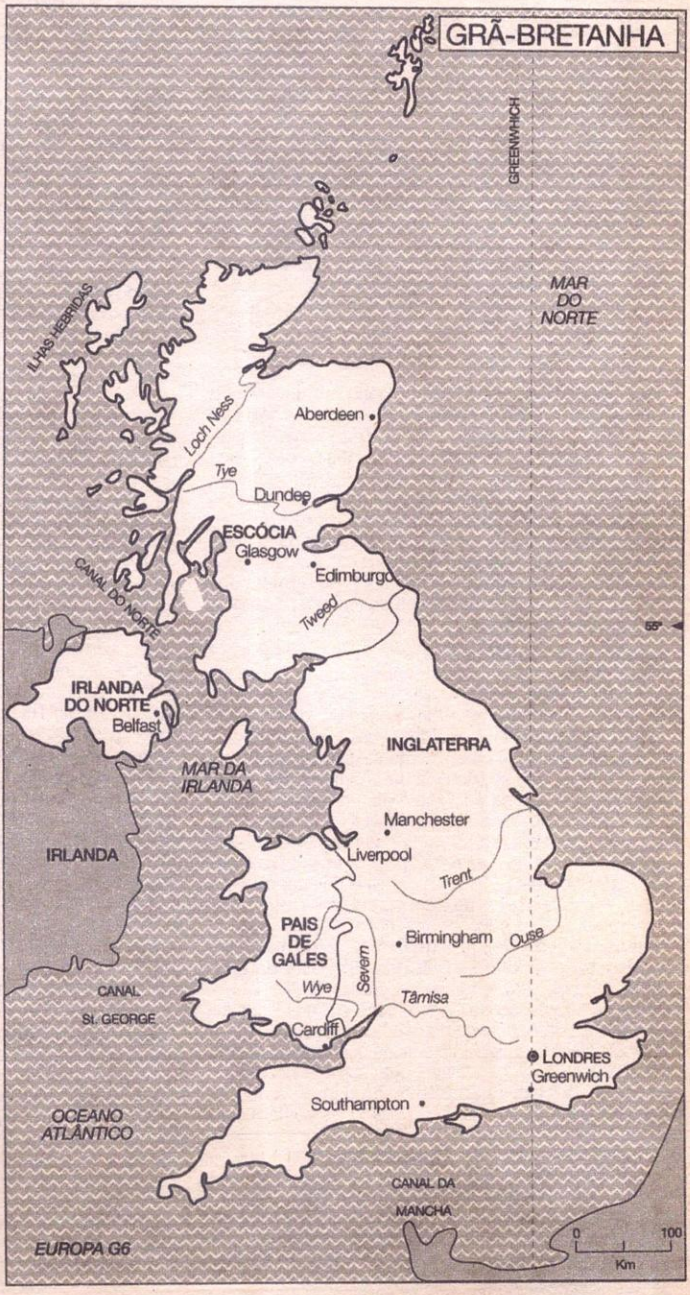
● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 93; **receptores:** 1 por 1 hab. (1990). **Emissoras de TV:** 4; **receptores:** 1 por 2,9 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,9 hab. (1984). **Jornais diários:** 99; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 388 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Quadra 801, cj. K, lote 8, CEP 70408-900, Brasília, DF; tel. (061) 225-2710.

HISTÓRIA

As tentativas romanas (Júlio César, 55 a.C.) de ocupar a ilha só são bem-sucedidas em 43 d.C.: Aulus Platius expulsa para oeste os celtas, desde o séc. VI a.C. instalados na região. Entre 834 e 870, os dinamarqueses conquistam a costa leste, East Anglia, Nortúmbria e Wessex. **446:** Egberto unifica os sete reinos anglo-saxões. **597:** evangelização com Sto. Agostinho. **1017 – 1042:** reinado do dinamarquês Canuto, o Grande. **1066:** invasão do normando Guilherme, o Conquistador. **1152:** pelo casamento com Eleanor de Aquitânia, Henrique II Plan-

tageneta herda o sudoeste da França. 1171: conquista da Irlanda. 1215: Ricardo Coração de Leão, filho de Henrique II, participa das Cruzadas (1189–1199);João sem Terra seu irmão, assina a Magna Carta, que estabelece a igualdade de reis e súditos perante a lei. 1284: anexação do País de Gales. 1327: divisão do Parlamento em câmaras dos Lordes e dos Comuns. 1337 – 1453: Guerra dos Cem Anos, causada pela reivindicação francesa dos territórios ingleses na França. 1348: a peste negra mata um terço da população. 1455 – 1485: Guerra das Duas Rosas, entre as casas de York e Lancaster, pelo trono; fundação da dinastia Tudor. 1534: o papa não concede o divórcio a Henrique VIII; este rompe com Roma e cria a Igreja Anglicana. 1542: Henrique VIII torna-se rei da Irlanda. 1554 – 1558: restauração do catolicismo com Maria Tudor, a Sanguinária. 1558 – 1603: reinado de Elizabeth I; restauração do protestantismo; apogeu cultural e político; domínio marítimo. 1603 – 1625: James I Stuart torna-se rei da Inglaterra e da Escócia. 1620: êxodo dos puritanos para a América no navio *Mayflower*. 1642 – 1649: guerra civil; execução de Carlos I; Oliver Cromwell proclama a República. 1660: restauração com Carlos II. 1665/66: nova epidemia de peste e o Grande Incêndio de Londres. Séc. XVIII: grandes mudanças com o parlamentarismo e a Revolução Industrial; início do colonialismo na América e Índia. 1707: Inglaterra, Escócia, Irlanda e País de Gales formam a Grã-Bretanha, ou Reino Unido. 1713: fim da Guerra dos Sete Anos: posse de Gibraltar, Minorca, Terranova e Acadia (Tratado de Utrecht) e consolidação do domínio na Índia e América do Norte (Tratado de Paris). 1776: independência dos EUA. 1787: dominação de Serra Leoa, na África. 1793: guerras contra Napoleão. 1814: posse de Malta, Trinidad, Colônia do Cabo, Maurício e Ceilão (Tratado de Viena). 1815: o duque de Wellington derrota Napoleão em Waterloo. 1837 – 1901: Era Vitoriana: liderança colonial e comercial; mas, na indústria, é sobrepujada pelos EUA e pela Alemanha. 1853 – 1856: Guerra da Criméia. 1889 – 1902: Guerra dos Bôeres, na África do Sul. 1914 – 1918: participação na I Guerra. 1921: a Irlanda obtém autonomia. 1923: em coalizão com os liberais, Ramsey MacDonald forma o primeiro governo trabalhista. 1939 – 1945: sob a liderança de Winston Churchill, vitória na II Guerra; enfraquecimento econômico; o trabalhista Clement Attlee no poder. 1947/48: independência da Índia, Paquistão, Ceilão e Birmânia. 1956: crise do canal de Suez. 1964: o conservador Anthony Eden é substituído pelo trabalhista Harold Wilson. 1969: intensifica-se a crise na Irlanda do Norte (Ulster). 1970: Wilson é derrotado pelo conservador Edward Heath. 1972: ocupação militar do Ulster para combater o terrorismo. 1973: ingresso no MCE. 1974: governo de minoria de Wilson. 1976: impasse na questão irlandesa; Wilson renuncia e é substituído por James Callaghan. 1979: a conservadora Margaret Thatcher torna-se 1ª-ministra. 1981: o desemprego provoca conflitos urbanos em Birmingham, Manchester, Liverpool, Newcastle e Londres; Thatcher não cede à greve de fome de militantes do IRA na penitenciária de Maze, em Belfast, e nove deles morrem. 1982: vitória na Guerra das Malvinas, contra a Argentina. 1983: os conservadores obtêm maioria no Parlamento. 1985: termina um ano



de greve dos mineiros de carvão, sem que Thatcher ceda às suas reivindicações. **1986**: renúncia do min. da Defesa, Michael Heseltine, envolvido num escândalo de suborno; governo irlandês ganha participação na administração do Ulster; ruptura com a Síria. **1987**: vitória conservadora nas urnas. **1988/89**: derrotas eleitorais devido à política econômica e fiscal de Thatcher. **1990**: o *Poll Tax*, imposto per capita para maiores de 18 anos, provoca protestos, demissões de ministros e o avanço eleitoral trabalhista; apoio aos EUA na Guerra do Golfo; renúncia de Thatcher ao perder o 1º turno das eleições internas de seu partido; eleição de John Major, que se torna o 1º-ministro. **1991**: abolido o *Poll Tax*; inflação, desemprego e altas taxas de juros prejudicam os conservadores nas eleições municipais; reatamento com a Argentina e a Síria; fracasso das negociações sobre a Irlanda do Norte (jul.), nova onda de atentados do IRA e mais tropas mandadas para a região (nov.); o país decide ter participação opcional na unificação financeira e monetária da Europa (dez.). **1992**: distúrbios sociais em Newcastle, Oxford e Bristol; reinício das negociações no Ulster (mar.); vitória conservadora (41,9%) nas eleições gerais (9/4) e nas municipais, em 207 distritos (mai.); mas derrota nas parciais complementares (7/11); reforma ministerial e plano de privatizações radicais (11/4); recusa do fim do controle de fronteiras imposto pela CEE (mai.); Neil Kinnock renuncia à presidência dos trabalhistas; é substituído por John Smith (jul.); violência social em Blackburn, Huddersfield e Burnley (jul.); campanha de terrorismo nas grandes cidades em resposta à intransigência dos unionistas norte-irlandeses (dez.).

FATOS DO ANO

Mau desempenho nas urnas, denúncias envolvendo doações ilegais para a campanha eleitoral, dissensão interna quanto à adesão britânica ao Tratado de Maastricht, crise econômica e reações contrárias à sua política de privatização fazem com que, para o 1º-min. John Major, 1993 seja um ano extremamente difícil. Nas eleições locais de 6/5, os conservadores perdem quinze dos dezesseis condados que governavam, incluindo seus tradicionais redutos de Sussex e Surrey. E nas parciais, nessa mesma data, a cadeira de Newbury, na Câmara dos Comuns, que lhes parecia garantida, é também perdida para os liberal-democratas.

Impostos impopulares – Dois anos de recessão e 3 milhões de desempregados explicam essa perda de popularidade, agravada, desde 16/3, pela previsão de que, no orçamento de 1993/94, haverá um déficit público de £ 50 bilhões (8% do PIB). Para compensá-lo, o min. da Economia, Norman Lamont, propõe aumentos de 5% a 10% nos impostos sobre cigarros, bebidas, combustíveis e gás de cozinha. Mas a previsão do FMI, em set., é a de que isso não será suficiente e que a Grã-Bretanha – que, em 3/2/1993, já passara por uma desvalorização brutal da libra e não pudera fixar, para o período, mais do que 1,25% de crescimento econômico – teria de encontrar meios de fazer cortes ainda mais drásticos em seu déficit público.

A tentativa que Major faz, em 27/5/1992, de resgatar a imagem conservadora, substituindo, na pasta da Economia, o impopular Lamont por Kenneth Clarke, que é favorável à integração do país na CEE, é um tiro que sai pela culatra: o remanejamento não traz mudança nenhuma à política econômica e as críticas que o demitido faz, no Parlamento, ao 1º-ministro provocam o pedido de John Smith, líder dos trabalhistas, de que ele renuncie. Nessa época, o *Times* revela que os *tories* contam com apenas 28% da preferência do eleitorado, contra 44% dos trabalhistas e 24% dos liberal-democratas, e que os 21% de aprovação a Major são inferiores ao que tinha Margaret Thatcher quando perdeu o seu cargo. Paralelamente, o crescimento dos trabalhistas se explica pela reestruturação que Smith vem pondo em prática, desde a quarta derrota consecutiva nas eleições de abr. de 1992. Embora as centrais sindicais não concordem com isso, as modificações que ele propõe, em fev. de 1993, para serem ratificadas no congresso partidário do final do ano – redução da participação dos sindicatos na estrutura partidária, fim de seu direito de votar em bloco nas decisões internas do partido e a retirada de velhos dogmas marxistas do estatuto de 1918 –, são bem-vistas pela ala mais arejada do eleitorado tradicionalista, profundamente descontente com o desempenho dos conservadores.

Financiamentos suspeitos – A perda, para os liberal-democratas, das eleições parciais de 29/5, em Christchurch, fazendo com que os conservadores passem de dezoito para dezessete deputados na Câmara dos Comuns, ocorre num momento em que o desgaste é aumentado pelas denúncias de que, dos £ 19 milhões que os conservadores declararam ter recebido, em 1992, apenas £ 3,7 milhões têm procedência especificada. Como o partido governista recusa-se a fornecer balanços detalhados de suas contas, trabalhistas e liberal-democratas pedem, em 22/6, a adoção de uma lei que obrigue os partidos a revelarem suas fontes e métodos de financiamento. A proposta é derrotada no Parlamento; mas o simples fato de ter sido feita é constrangedora para os *tories*, que acabam de admitir ter recebido doações de Asil Nadir, industrial turco-cipriota foragido da Justiça britânica devido à falência fraudulenta da multinacional *Polly-Peck*.

Major promete devolver o US$ 1 milhão que se avalia ter sido doado por Nadir; o min. do Comércio e Indústria, Michael Heseltine, sofre um infarto, em 21/6, após a revelação de seu envolvimento nas transações ilegais do cipriota; e, três dias depois, o min. da Segurança da Irlanda do Norte, Michael Mates, é forçado a pedir demissão por se ter descoberto que ele tentava proteger Nadir, com quem tinha relações pessoais de amizade, das investigações da Agência Antifraude. Além disso, a denúncia que Nadir faz à imprensa de que membros do governo aproveitavam-se de sua situação, tentando extorquir-lhe dinheiro, leva membros da Câmara dos Lordes – que exerce, nesses casos, a função de corte constitucional – a pedir, em 5/7, investigações independentes sobre esse escândalo. Como se isso não bastasse, o declinante prestígio de Major será ainda mais corroído, no início de out., pela publicação, na imprensa, de trechos das memórias de Margaret Thatcher, em que ela afirma sempre tê-lo considerado, dentre as lideranças partidárias, medíocre e incompetente.

O alinhamento irrestrito com os EUA, que sempre marcou o governo Thatcher, muda a partir da posse do democrata Bill Clinton: ao visitá-lo, em Washington, no final de fev. de 1993, Major apóia sua decisão de distribuir, por avião, suprimentos aos muçulmanos da Bósnia, mas reafirma a decisão britânica de não participar desse empreendimento. Confirma-se, assim, uma atitude tomada por Londres, em nov. de 1992, ao limitar em 4 mil o número de refugiados da ex-Iugoslávia a que dá abrigo, muito menos do que outros países da CEE estão recebendo. A discussão sobre a soberania das ilhas Malvinas/Falkland não é abordada quando, em 6/1/1993, o chanceler Douglas Hurd visita Buenos Aires; e, em mai., o governo Menem protesta quando os britânicos decidem estender de 12 para 200 milhas as águas territoriais em torno das ilhas Geórgia do Sul e Sandwich do Sul.

Crise com a Líbia – Tendo votado, no Conselho de Segurança da ONU, a favor de sanções limitadas contra a Líbia, que se recusa a extraditar dois envolvidos na explosão de um avião americano sobre a Escócia, em 1988, a Grã-Bretanha participa do embargo à venda de armas e aos vôos internacionais desse país; e, em fev. de 1993, reafirma a ruptura com o Irã, cuja Corte Suprema mantivera, em nov. do ano anterior, a condenação à morte de Salman Rushdie, autor de *Versículos satânicos*, considerado blasfemo. Em jan., as forças britânicas tinham participado, ao lado das americanas, de um ataque aéreo ao Iraque, dentro das áreas de exclusão xiita e curda decretadas pelos aliados.

Na presidência da CEE desde meados de 1992, Major foi criticado pela lentidão britânica em aderir ao Tratado de Maastricht e por recusar a proposta de aumento no orçamento comunitário para financiar as adaptações ao tratado. Em compensação, na reunião de cúpula da CEE (Edimburgo, Escócia, dez./1992), foi a Grã-Bretanha quem desbloqueou o impasse dinamarquês propondo soluções que permitiram, num segundo referendo, a aprovação do tratado, rejeitado no primeiro. Mas a batalha interna para a aprovação de Maastricht é outra fonte de desgaste.

Major consegue que a Grã-Bretanha seja aceita na CEE sem aprovar o "Capítulo Social" do tratado, que se refere aos direitos trabalhistas e sociais – o que é criticado pelo PT. Em 8/3/1993, ele consegue inserir, na votação pelo Parlamento, um destaque que prevê a reinclusão desse capítulo no texto aprovado. Os trabalhistas contam com o apoio dos conservadores "eurocéticos", contrários à entrada na CEE: liderados por Thatcher, esperam que a discussão jurídica sobre as discrepâncias entre o capítulo e a legislação britânica retarde a adesão à comunidade. Em 20/5/1993, o tratado passa na Câmara dos Comuns; mas, em 22/6, a decisão sobre o destaque empata, com 317 deputados de cada lado. O "voto de Minerva" da pres. da Câmara, a oposicionista Betty Boothroyd, é a favor do governo.

Major comete, então, o erro de pedir, no mesmo dia, que a Câmara o autorize a prosseguir nas negociações para a adesão à CEE: e aí perde por 324 a 316, pois os "eurocéticos" decidem votar com a oposição trabalhistas. Em 23/6, ele solicita que o Parlamento lhe dê um voto de confiança: desta vez, percebendo que, se Major cair e eleições antecipadas forem convocadas, a derrota conservadora será inevitável, os "eurocéticos" apoiam o 1º-ministro. Finalmente, em 31/7, o Tratado de Maastricht é oficialmente aprovado.

Como o plano de fechar 31 minas de carvão da British Coal (out. de 1992), desagradou aos oposicionistas e a certos setores *tories*, o governo volta atrás, enviando, em 26/3/1993, instruções para que a estatal prepare a privatização, até 1995, de doze dessas minas, desative sete temporariamente e feche as doze restantes. Os 5.800 desempregados que se uniriam aos 8 mil demitidos em out. provocam protestos dos sindicatos e dos trabalhistas, e dúvidas nos conservadores. A implementação do projeto é cercada de denúncias dos sindicatos de que mais minas terão de ser fechadas, até abr. de 1994, pois os contratos da British Coal com o setor elétrico prevêem a compra de menos carvão do que o produzido pelas minas sobreviventes e exigem a manutenção da produção atual.

Privatizações questionadas – Também os servidores públicos revoltam-se com o plano de privatização de vários setores e de limitação dos reajustes salariais a 1,5% ao ano. Em mai. de 1993, bombeiros, professores, enfermeiras e motoristas de ambulâncias propõem a greve contra a decisão do governo de testar sua produtividade comparando-a à dos trabalhadores do setor privado. Reações semelhantes cercam o anúncio do governo, em 28/9/1993, de que pretende privatizar o correio, que emprega 152 mil pessoas. Em jan. desse ano, 200 mil aposentados da British Rail tinham reclamado que, se os serviços de venda de bilhetes, manutenção dos trilhos e atendimento de bordo fossem terceirizados, o pagamento de seus benefícios, distribuídos a empresas diferentes, faria com que ficassem prejudicados.

Durante 1992/93, o impasse nas negociações sobre a Irlanda do Norte continua a provocar intensa campanha terrorista do IRA: o mais grave atentado dos últimos tempos, uma grande explosão na City de Londres, em abr. de 1993, deixa um morto, 36 feridos e elevados prejuízos materiais. O governo reage transferindo das mãos da polícia para as do MI-5, serviço de informação e contra-espionagem, a tarefa de investigar as atividades do IRA; e intensificando as condenações de militantes do grupo acusados de atos de terrorismo.

Granada

● **NOME OFICIAL:** Granada. **Capital:** St. George's. **Nacionalidade:** granadina. **Hino:** *Hail! Granada* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); dialeto francês. **Religião:** cristianismo (católicos, 59,3%; anglicanos, 17,1%; adventistas do sétimo dia, 5,7%; pentecostais, 3,9%); outros, 6,2%. **Data nacional:** 7/2 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da América Central. **Área:** 344 km². **Limites:** oceano Atlântico. **Características:** ilha vulcânica e montanhosa do arquipélago de Barlavento; planícies litorâneas; 2 lagos vulcânicos no interior. **Ponto mais elevado:** monte Santa Catarina (840 m). **Clima:** tropical. **Rios principais:** não há. **Cidade principal:** St. George (4.439 hab.) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 90.900 (est.1992); **urbana:** 32,2% (1991). **Composição demográfica:** negros, 82%; mestiços, 13%; brancos, 1%; outros, 4% (1991). **Crescimento demográfico:** 2,5% (1989). **Faixas etárias: 0-14:** 35,9%; **15-59:** 51,2%; **mais de 60:** 11,3%; 1,6% não determinado (1988). **Densidade (hab./km²):** 261,2 (1992). **Natalidade:** 33 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 8,3 por 1.000 (1989); **mortalidade infantil:** 29 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3 (1990). **Vida média homens:** 69; **mulheres:** 74 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 279 hab.; **médicos:** 1 por 1,6 mil hab. (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 15% (1988). **Alunos de 1º e 2º graus:** 27,5 mil; **professores:** 1,1 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 559; **professores:** 91 (1989/90). **Gastos:** 6,9% do PNB (1989).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 1974. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Congresso Nac. Democrata, Trabalhista Unido, Nac., Novo Nacional. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II, representada pelo gov.-geral Reginald Palmer (desde 6/8/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Nicolas Brathwaite (desde mar./1990). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 13 membros (7 indicados pelo gov.-geral, 3 pelo líder da oposição e 3 pelo 1º-min.); Câmara dos Deputados, com 15 membros eleitos por voto direto, para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 15,4%; indústria, 20,7%; mineração, 0,4%; comércio e serviços, 63,5% do PIB (1990). **Agricultura:** noz-moscada, banana, semente de cacau, frutas, legumes e verduras. **Pecuária:** caprinos, ovinos, suínos, bovinos. **Pesca:** 1,8 mil t (1990). **Indústria:** agroindústrias, vestuário, especiarias, madeira, bebidas (rum, principal). **Minerais:** não significativos. **Exportações:** US$ 20 milhões; **produtos:** agrícolas (noz-moscada, principal), madeira (1991). **Importações:** US$ 117,2 milhões; **produtos:** alimentos, máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, Trinidad e Tobago. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dólar do Caribe (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 2,70 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 198 milhões; **renda per capita:** US$ 2.180 (1991); **crescimento anual:** 5,9% (1980–1989). **Inflação:** 2,7% (1991). **Dívida externa:** US$ 91,1 milhões (1990). **Força de trabalho:** 38,9 mil; **distribuição:** agricultura, 14,3%; indústria, 17,7%; comércio, serviços e outros, 68%; **mão-de-obra feminina:** 48,6% (1988). **Desemprego:** 30% (1992).

● **DEFESA:** 632 paramilitares.

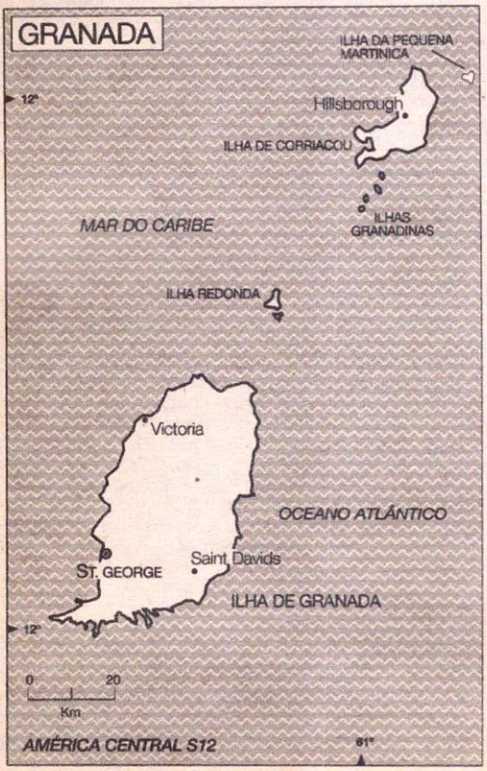
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 1,1 mil km; 51% pavimentados (1991); **Ferrovias:** não há. **Portos:** St. George's, Grenville (Granada); Hillsborough (Carriacou). **Linhas aéreas:** LIAT, Air Antilles (vôos regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 1,1 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 3; **receptores:** 1 por 3 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 8,3 hab. (1990). **Jornais diários:** 4 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** edif. Los Frailes, piso 3, oficina 34, Calle La Guairita, Urbanización Chuao, Caracas, Venezuela; tel. 919-359.

HISTÓRIA

Descoberta por Colombo (1498) e colonizada pela França (1627). **1665**: sob controle da Companhia Francesa das Índias Ocidentais. **1714**: introdução do café, algodão e coco. **1774**: domínio britânico (Tratado de Paris). **1795/96**: rebelião contra os britânicos. **1838**: emancipação dos escravos. **1885**: sede da Federação das Ilhas Britânicas de Sotavento. **1950**: o líder sindical Eric Gairy funda o Partido Unido do Trabalho, que dominará por muito tempo a vida política do país. **1965**: Estado Associado britânico com autonomia completa. **1974**: independência; Eric Gairy é o 1º-ministro. **1979**: golpe depõe Gairy: Maurice Bishop o substitui. **1983**: golpe do vice-1º-min. Bernard Coard e do com. do Exército, Hudson Austin; Bishop é fuzilado; intervenção dos EUA, prisão dos golpistas; governo provisório do gov.-geral Paul Scoon; repatriamento dos assessores cubanos. **1984**: Gairy volta ao país (jan.) mas, nas eleições, conquista apenas uma cadeira no Parlamento, contra catorze dos partidários do 1º-min. Herbert Blaize (dez.). **1986**: Coard é um dos catorze condenados à morte pelo assassinato de Bishop e vários membros de seu governo (4/12). **1987/88**: o autoritarismo de Blaize provoca cisões no Partido Nacional Novo e crises com o Parlamento, que, em **1989**: Blaize dissolve, para impedir um voto de censura contra seu governo; Blaize morre (dez.). **1990**: Scoon declara as eleições "inconclusivas" e nomeia o 1º-min. Nicholas Braithwaite, do Congresso Nacional Democrático. **1991**: a execução de Coard e outros treze, marcada para 1º/8, é adiada indefinidamente; os ministros oposicionistas do Partido Nacional rompem com Braithwaite por divergências sobre o orçamento; reunião sobre o projeto de união com Dominica, Santa Lúcia e São Vicente e Granadinas (set.); acordo com a Indonésia para exploração conjunta da noz-moscada.



FATOS DO ANO

O 1º-min. Nicholas Braithwaite enfrenta, em 1993, as conseqüências do plano de ajuste adotado, em 1992, sob orientação do FMI. Em 2/3/1993, reestrutura o gabinete, para afastar Michael Andrew, min. da Saúde, Habitação e Meio Ambiente, que criticara publicamente Joan Purcell, a min. dos Assuntos Femininos, da Juventude, Turismo e Aviação Civil, Esportes e Cultura, por contratar, sem seu conhecimento, um estudo sobre as condições de atendimento no hospital-geral de St. George's. Como Andrew recusa-se a pedir desculpas, Braithwaite o demite, colocando em seu lugar Phinsley St. Louis, antes min. do Trabalho, das Comunicações e do Serviço Público. Essas pastas, por sua vez, são assumidas pela sra. Purcell que, conservando apenas os Assuntos Femininos, confia suas atribuições ao então min. das Finanças, Tillman Thomas. Essa ciranda ministerial deixa vaga justamente a pasta da gestão econômica, que Braithwaite acumula com o Interior, Exterior e Defesa.

Este não é, porém, o problema mais grave do governo do Congresso Nacional Democrático, às voltas com taxas de desemprego de 25% a 30%, devido à queda, no mercado internacional, do preço da banana, coco, madeira e noz-moscada. O desemprego faz do país um exportador de mão-de-obra: 2% da população emigram a cada ano. Uma saída seria a federação com as demais ilhas de Barlavento (Dominica, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas), para explorar melhor o turismo na região.

Grécia

● **NOME OFICIAL:** República Helênica. **Capital:** Atenas. **Nacionalidade:** grega. **Hino:** da Liberdade (título). **Língua:** grego em 2 formas: katharevússa (formal) e demotikí (comum). **Religião:** cristianismo, 98% (ortodoxos, 97,6% – oficial); islamismo, 1,5%; outros, 0,4%. **Data nacional:** 25/3 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da Europa. **Área:** 131.957 km². **Limites:** Albânia (NO); Macedônia e Bulgária (N); Turquia (NE); mar Egeu (L); mar Mediterrâneo (S e O). **Características:** litoral acidentado com várias ilhas (Creta, principal) e arquipélagos das Ilhas Jônicas a NO, das Cíclades e das Espórades a L e SE; relevo montanhoso na parte continental e na península do Peloponeso; planícies isoladas (N e L). **Ponto mais elevado:** monte Olimpo (2.917 m). **Clima:** mediterrâneo. **Rios principais:** Aliácmon, Piniós, Évros, Nestós, Áxius. **Cidades principais:** Atenas (748.110 hab.); Salônica (377.951); Pireu (169.622); Patras (155.180); Peristerión (145.854) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 10.288.000 (est.1992); **urbana:** 62,5% (1990). **Composição demográfica:** gregos, 95%; macedônios, 2%; turcos, 0,5%; albaneses, 0,5%; outros, 2% (1985). **Crescimento demográfico:** 0,09% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 19,8%; **15-59:** 61,1%; **mais de 60:** 19,1% (1988). **Densidade (hab./km²):** 78 (1992). **Natalidade:** 10,1 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 9,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 9,7 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,8 (1989). **Vida média homens:** 72,6; **mulheres:** 77,6 (1985). **Leitos hospitalares:** 1 por 197 hab. (1989); **médicos:** 1 por 300 hab. (1987). **Gastos com saúde:** 3,2% do PNB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 6,8% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,7 milhão; **professores:** 91,4 mil (1987/88). **Alunos no ensino superior:** 189,2 mil; **professores:** 12,8 mil (1987/88). **Gastos:** 3,1% do PNB (1986).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 11/6/1975 (várias emendas). **Divisão administrativa:** 10 regiões divididas em 51 administrações. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Nova Democracia, Mov. Pan-Helênico Socialista, Coalizão Esquerda. **Chefe de Estado:** pres. Constantín Caramanlis (desde 5/5/1990). **Chefe de governo:** 1º-min. Andreas Papandreu (desde 12/10/1993). **Legislativo:**

unicameral – Parlamento, com 300 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 15,7%; indústria, 25,8%; mineração, 1,5%; comércio, 15%; serviços, 42% do PIB (1990). **Agricultura:** frutas, legumes e verduras, cereais, tabaco. **Pecuária:** ovinos, caprinos. **Pesca:** 140 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, têxtil (algodão, principal); refino de petróleo, máquinas elétricas, bebidas. **Minerais:** carvão, petróleo, ferro, aço, alumínio, linhita, magnesita, mármore, urânio, gás natural. **Exportações:** US$ 8,7 bilhões; **produtos:** vestuário, frutas, legumes e verduras, petróleo e derivados, têxteis (1991). **Importações:** US$ 21,5 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, alimentos e animais vivos, químicos e derivados, petróleo e derivados (1991). **Parceiros comerciais:** Alemanha, Itália, França, Holanda, EUA, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dracma (dividido em 100 leptae); **cotação para 1 US$:** 181,18 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 65,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 6.230 (1991); **crescimento anual:** 1,6% (1980–1991). **Inflação:** 19,5% (1991). **Dívida externa:** US$ 17,5 bilhões (1988). **Força de trabalho:** 4 milhões; **distribuição:** agricultura, 23,2%; indústria, 27,7%; comércio e serviços: 47,8%; outros, 1,3%; **mão-de-obra feminina:** 37,1% (1990). **Desemprego:** 7,3% (1991).

• **DEFESA: Efetivo total:** 159,3 mil (1992); **Exército:** 113 mil; **Marinha:** 19,5 mil; **Força Aérea:** 26,8 mil; **outros:** 26,6 mil paramilitares e 120 mil (guarda nacional). **Gastos:** 5,9% do PNB (1989).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 130 mil km; 79% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 2,5 milhões; **automóveis:** 1,7 milhão (1990). **Ferrovias:** 2,5 mil km (1988). **Portos:** Pireu, Patras, Salônica. **Linha aérea:** Olympic Airways (vôos internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 11; **receptores:** 1 por 2,5 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 3; **receptores:** 1 por 4,5 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 2,2 hab. (1989). **Jornais diários:** 147 (1989).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QL 4, cj. 1, casa 18, CEP 70461-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-1127.

HISTÓRIA

Depois do apogeu artístico e filosófico atingido em Atenas sob o gov. de Péricles (séc. V a.C.), as cidades-Estados gregas, divididas por rivalidades, são dominadas (séc. IV a.C.) por Felipe da Macedônia, cujo filho, Alexandre, o Grande, difunde a civilização helênica. Conquistada pelos romanos (séc. II a.C.), é anexada aos impérios Bizantino e Otomano (séc. XV). **1821 – 1830:** guerra contra os turcos; independência com a ajuda de Grã-Bretanha, França e Rússia. **1832 – 1862:** o princ. Oto da Baviera, coroado rei, é deposto. **1863:** o princ. Jorge da Dinamarca o substitui. **1912/13:** Guerras Balcânicas, conquista de novos territórios. **1917:** divergências, durante a I Guerra, entre pró-aliados e neutralistas, levam à renúncia de Constantino I. **1918/19:** apoio aos aliados, conquista de novos territórios. **1921/22:** invasão da Ásia Menor; derrota para os turcos. **1923:** hostilidade à Monarquia; Jorge II se exila. **1924 – 1935:** proclamação da República; golpes e atentados; plebiscito restaura a Monarquia. **1936 – 1941:** ditadura fascista do gen. Iannis Metaxás; ocupação italiana durante a II Guerra. **1941:** invasão alemã. **1944 – 1949:** expulsão dos alemães; guerra civil entre comunistas e monarquistas, que vencem com apoio dos EUA. **1967:** golpe militar (abr.); contragolpe fracassa; fuga de Constantino II; o gen. Giórgios Zoitákis é o regente e o gen. Giórgios Papadópulos, 1º-ministro. **1973:** fim da Monarquia; após derrota grega na intervenção em Chipre, deposição de Papadópulos (25/11). **1974:** redemocratização: governo civil de Constantín Caramanlis; retirada da OTAN; cessar-fogo com Chipre. **1975:** nova Constituição. **1980:** retorno à OTAN. **1981:** ingresso na CEE; Andreas Papandreu, do PASOK (socialista), torna-se 1º-ministro. **1983:** renovação do acordo que dá aos EUA bases em território grego. **1984:** vitória do PASOK para o Parlamento europeu. **1985:** Caramanlis renuncia; as medidas de austeridade do pres. Christos Sartzetakis provocam greves. **1986:** reforma constitucional: a presidência torna-se um cargo apenas cerimonial (7/3). **1987/88:** lei da intervenção estatal na administração das terras eclesiásticas; os mosteiros devolvem 150 mil ha de terras ao Estado. **1989:** assassinato, em Atenas, do dep. Paulo Bakoyannis, pela Organização Revolucionária 17 de Novembro (26/7); Papandreu é acusado de envolvimento no desvio de US$ 200 milhões do Banco de Creta, feito por seu diretor, Giórgios Coscotas; derrota do PASOK; o gov. provisório de Tzannis Tzannetakis indicia Papandreu e seus ministros; nenhum partido obtém maioria nas eleições (5/11); o gov. de unidade nacional do conservador Xenofôn Zolotás adota duro pacote econômico. **1990:** vitória da Nova Democracia: Caramanlis é o presidente e Constantín Mitsotákis, o 1º-ministro; política econômica austera provoca greves e protestos; vitória da ND nas eleições municipais (14/10); protestos da esquerda forçam a revogação da anistia a oficiais da ditadura (30/12). **1991:** protestos estudantis contra medidas disciplinares nas escolas, reprimidos pela polícia (10/1), provocam a queda do min. da Educação e a revogação dessas medidas; condenação do ex-vice-1º-min. Nikos Athanásopulos a três anos de prisão por fraude em transações com a CEE; divisões na ND devido à decisão do governo de vender 35 ilhas estatais na baía de Árgolis (out.); motins estudantis contra falta de verbas são reprimidos pela polícia: vinte feridos e 49 prisões (25/10); greve geral contra o desemprego e as privatizações (7/11). **1992:** absolvição de Papandreu das acusações de corrupção (17/1); aprovação do Tratado de Maastricht e apresentação de um Plano de Convergência Econômica, para o ajuste estrutural à unificação européia; por discordar da atitude de Mitsotákis em relação à Macedônia, o chanceler Antonis Samarás renuncia e passa à oposição (abr.); só em ago. ele é substituído por Michalis Papakonstantínu, intransigente defensor da integridade territorial.

FATOS DO ANO

A promessa de reverter a política de privatizações do governo conservador de Constantin Mitsotákis e de tentar conter a inflação de 12,8% ao ano são as responsáveis pela vitória do PASOK, o partido socialista de Andreas Papandreu, nas eleições legislativas de 12/10/1993. Com 171 das 300 cadeiras no Parlamento, contra 110 da *Néa Dimokrátia* (Nova Democracia) de Mitsotákis, volta ao poder um líder que, pouco antes, por problemas de saúde e desmoralização devido a acusações de corrupção que lhe tinham sido feitas, parecia fadado a encerrar sua carreira política. Mas a crise econômica e a desestatização desordenada não são os únicos pontos em que se alicerça a campanha eleitoral do PASOK. Papandreu faz também sérias críticas à política externa de Mitsotákis, responsável por dissensões dentro das próprias fileiras conservadoras desde o ano anterior.

Tinha causado descontentamento, em abr. de 1992, a saída do chanceler Antonis Samarás, que discordava do bloqueio ao reconhecimento da Macedônia, e sua substituição pelo radical Michalis Papakonstantínu, no contexto de um remanejamento ministerial condenado pela oposição pois ,na subsecretaria do chefe de governo, Mitsotákis colocara sua própria filha. Em fev. de 1993, finalmente, ele aceita que o país vizinho adote um nome oficial que o diferencie claramente da província setentrional grega da Macedônia, o que significará o abandono explícito a qualquer ulterior reivindicação territorial sobre ela. Em abr., por sugestão do Conselho de Segurança, ela passará a se chamar a Ex-República Iugoslava da Macedônia.

Outros ministros, porém, discordam da atitude moderada que Mitsotákis assume em relação à política da Nova Federação Iugoslava na Bósnia. Além disso, no final de 1992, entram em colisão com ele quando intensifica as medidas de austeridade econômica. Em dez., quando

Mitsotákis apresenta sua renúncia ao pres. Caramanlis, este lhe pede que permaneça no cargo e forme novo governo. Um outro gabinete, amplamente remanejado, é empossado em fev. de 1993.

A questão macedônia reaviva, no país, a discussão sobre nacionalismo, unidade territorial e pureza helênica da identidade nacional, noção intimamente associada à da religiosidade ortodoxa tradicional. É o que explica a vitória, em 7/4/1993, da campanha movida pelos conservadores e pela Igreja, com apoio dos socialistas do PASOK, que são nacionalistas, para que o Parlamento derrube o projeto governamental que tornava facultativa a menção à religião na carteira de identidade – o que provoca inúteis protestos das comunidades católica e judáica. Igualmente ligadas a essa ordem de preocupações estão as agitadas reações à visita privada que, em ago. de 1993, é feita ao país pelo ex-rei Constantino.

Ex-rei incômodo – Ele já provocara discussões acaloradas, em Atenas, ao declarar, numa entrevista à rede privada de televisão *Antenna*, que a questão do regime político grego não fora inteiramente resolvida pelo plebiscito de 1974, que optou pela República. Embora o PASOK afirme que o passaporte deveria ser-lhe cassado, e Maria Damanaki, a pres. do *Synaspismós* – aliança de nove partidos de esquerda –, peça que ele seja declarado *persona non grata* no país, o governo não consegue impedir seu desembarque em 9/8. E a situação torna-se constrangedora quando ele é recebido com honras de chefe de Estado, em Florina, no noroeste, pelo bispo Avgustínos Kantiótis, líder do integrismo nacionalista de ultradireita. O pres. Caramanlis é obrigado, em 11/8, a advertir formalmente o rei que se abstenha de fazer pronunciamentos ou adotar atitudes políticas. Considerando-o um gesto de provocação, o governo proíbe que ele visite em Vergina, no sul do Peloponeso, o túmulo de Felipe II, pai de Alexandre, o Grande, que Constantino afirma ser "o símbolo da identidade helênica da Macedônia".

Roubando votos – O descontentamento da população com a indecisão dos políticos forma o clima ideal para a aparição de um novo partido, que se coloca como uma alternativa para a bipolarização do poder, dividido entre os conservadores da *Néa Dimokrátia* e a oposição socialista do PASOK: as dez cadeiras que o *Políticki Anixi* (Primavera Política), fundado em 30/6/1993 pelo ex-chanceler Samaras, obtém nas eleições de out. são tiradas da ND, um indício a mais da insatisfação do eleitorado com a política econômica conservadora.

O impacto da recessão e a inflação a 14,4% – mais de duas vezes maior do que nos demais países da CEE, que, no início de 1993, manifesta-se pouco disposta a sustentar indefinidamente a Grécia com ajudas em dinheiro – desestabilizam Mitsotákis. Em 1992/93, apesar do aumento do turismo e do auxílio comunitário, o déficit público amplia-se em 33,4%, atingindo os US$ 2,03 bilhões. São pouco convincentes as previsões do min. da Economia, Stefanos Manos, em mar. de 1993, de que a elevação nos investimentos, prevista para esse ano, levará a um crescimento de 2% no PIB e de 10,9% no setor público (o governo esperava que os investimentos privados aumentassem 5,7%, contra os parcos 0,6% de 1992, após o declínio de 6% do ano anterior). Entretanto, em 29/4, Efthýmios Christódulu, pres. do Banco Central, pede urgência na luta contra a inflação apesar das pressões parlamentares que, às vésperas da campanha eleitoral, são feitas contra as medidas de austeridade. Apesar dessas advertências, a instabilidade política dificulta a aplicação das reformas econômicas. O programa de privatização das estatais de energia e telefones, refinarias e hotéis provoca greve convocada, a partir de 27/7, pela Confederação Nacional dos Trabalhadores, que afetam os setores dos transportes urbanos, bancos, correios e serviços. E quando, numa passeata, 2 mil trabalhadores filiados à CNTG colocam, diante do Ministério da Economia, um cartaz com a inscrição: Ministério Nacional das Vendas, já parece claro aos observadores que o governo conservador está com seus dias contados.

Não é fácil, porém, a tarefa de reconstrução do equilíbrio interno e externo herdado pelos novos ministros, o da Economia, Giórgios Yennimatas, e o chanceler Karólios Papúlias. Para o cargo de min. da Cultura, enquanto isso, volta a atriz Melina Mércuri, veterana militante da causa socialista.

Guatemala

● **NOME OFICIAL:** Guatemala. **Capital:** Cidade da Guatemala. **Nacionalidade:** guatemalteca. **Hino:** *Abençoada Guatemala* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial); mais de 29 línguas indígenas. **Religião:** cristianismo (católicos, 75%, protestantes, 25%). **Data nacional:** 15/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da América Central. **Área:** 108.889 km². **Limites:** México (N e O); Belize e mar do Caribe (L); Honduras e El Salvador (SE); oceano Pacífico (S). **Características:** região montanhosa; planície costeira fértil; cordilheira dos Andes (de NO a SE); planalto de Péten (N); vales (centro). **Ponto mais elevado:** vulcão Tajamulco (4.220 m). **Clima:** tropical. **Rios principais:** Motagua, Usumacinta. **Cidades principais:** Cidade da Guatemala (1.114.400 hab.); Villa Nueva (134.400); Chinautla (55.500); Amatitlan (35.700) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): -3h.

● **POPULAÇÃO:** 9.744.000 (est.1992); **urbana:** 38,3% (1992). **Composição demográfica:** ameríndios, 45%; mestiços, 45%; brancos, 5%; negros, 2%; outros mestiços e chineses, 3%. **Crescimento demográfico:** 3,2% (1989). **Faixas etárias: 0-14:** 45,4%; **15-59:** 49,5%; **mais de 60:** 5,1% (1990). **Densidade (hab./km²):** 89,5 (1992). **Natalidade:** 39,4 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 7,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 43,6 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,4 (1990). **Vida média homens:** 59,7; **mulheres:** 64,4 (1985–1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 602 hab.; **médicos:** 1 por 2,4 mil hab. (1987). **Gastos com saúde:** 8,8% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 39,4% (1989). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,5 milhão; **professores:** 51 mil (1989). **Alunos no ensino superior:** 69,5 mil; **professores:** 4,3 mil (1989). **Gastos:** 14,3% do orçamento (1993).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 14/1/1986. **Divisão administrativa:** 22 departamentos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União do Centro Nac., Democracia Cristã, Mov. para Ação e Solidariedade, Plataforma NOV-Venta. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Jorge Antonio Serrano Elias (desde 14/1/1991). **Legislativo:** unicameral – Congresso Nacional, com 116 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 25,8%; indústria, 19,4%; mineração, 0,2%; comércio, 24%; serviços, 30,6% do PIB (1991). **Agricultura:** café, cana-de-açúcar, banana, cardamomo, algodão. **Pecuária:** bovinos, suínos, ovinos. **Pesca:** 6,9 mil t (camarão, principal) (1990). **Indústria:** alimentícia, têxtil, química, farmacêutica. **Minerais:** petróleo, antimônio, chumbo, ferro, tungstênio. **Exportações:** US$ 1,2 bilhão; **produtos:** café, açúcar, banana, cardamomo, carne, algodão (1991). **Importações:** US$ 1,9 bilhão; **produtos:** matérias-primas industriais, bens não duráveis, bens de capital, combustíveis e lubrificantes (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Alemanha, México, El Salvador, Japão, Venezuela. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** quetzal (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 5,32 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 8,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 930 (1991); **crescimento anual:** 1% (1980–1991). **Inflação:** 33,2% (1991). **Dívida externa:** US$ 2,7 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 2,8 milhões; **distribuição:** agricultura, 58,1%; indústria, 18,1%; comércio, 7,3%; serviços, 14,5%; outros, 2%; **mão-de-obra feminina:** 14,1% (1990). **Desemprego:** 13% (1989).

● **DEFESA: Efetivo total:** 44,6 mil (1992); **Exército:** 42 mil; **Marinha:** 1,2 mil; **Força Aérea:** 1,4 mil; **outros:** 14,1 mil paramilitares. **Gastos:** 1,6% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 13,4 mil km; 26% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 230 mil; **automóveis:** 130 mil (1990). **Ferrovias:** 917 km (1990). **Portos:** Santo Tomás de Castilla, Quetzal. **Linhas aéreas:** AVIATECA (vôos internacionais e domésticos); Aeroquetzal (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 92; **receptores:** 1 por 23 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 5; **receptores:** 1 por 19 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 36 hab. (1990). **Jornais diários:** 8; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 22 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QL 8, cj. 5, casa 11, CEP 70460-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-3318.

HISTÓRIA

A conquista espanhola (Pedro de Alvarado, séc. XVI) faz da região sede da administração da América Central e põe fim à cultura maia, em declínio desde o séc. XI. **1821:** independência (15/9). **1822:** união com o México (5/1). **1823 – 1838:** separação do México; criação das Províncias Unidas da América Central (24/6). **1836:** a capital das PUAC é transferida da Cidade da Guatemala para San Salvador. **1838 – 1865:** fim das PUAC; ditadura de Rafael Caldera. **1863:** guerra com El Salvador. **1871:** guerra com Honduras; ditadura de Justo Rufino Barrios. **1885:** nova guerra com El Salvador; ditadura de Manuel Barillas. **1892:** ditadura de José María Reyna Barrios. **1898 – 1922:** Reyna é assassinado; ditadura de Manuel Estrada Cabrera; abertura ao capital estrangeiro. **1931:** ditadura do gen. Jorge Ubico, com apoio de Honduras e El Salvador. **1944:** revolta armada; Ubico renuncia em favor do gen. Francisco Ponce, que é deposto; eleição de Juan José Arévalo; nova Constituição. **1950:** eleição do cel. Jacobo Arbenz Guzmán; reforma agrária e desapropriação de terras das companhias bananeiras americanas. **1954 – 1957:** Arbenz é deposto pelo cel. Carlos Castillo Armas, que devolve as terras e é assassinado. **1958 – 1963:** terrorismo; as juntas militares se sucedem. **1965:** nova Constituição. **1966:** eleição de Julio César Méndez Montenegro. **1968:** suspensão das garantias constitucionais após o assassinato de dois oficiais americanos; o emb. John Mein, dos EUA, é morto (ago.). **1970:** eleição do gen. Carlos Araña Osorio; o emb. Karl Spreti, da Alemanha Ocid., é morto (nov.). **Década de 70:** aumenta o terrorismo de direita; assassinato de oposicionistas. **1980:** camponeses ocupam a embaixada da Espanha em protesto contra a repressão na região de Quiché; no ataque policial à embaixada morrem 39 pessoas; a Espanha rompe relações. **1981:** ofensiva guerrilheira de esquerda. **1982:** eleição do gen. Aníbal Guevara, deposto pelo gen. Efraín Ríos Montt. **1983:** Montt é deposto pelo gen. Oscar Mejía Víctores. **1984:** vitória dos centristas para a Constituinte. **1985:** eleição do democrata-cristão Vinicio Cerezo Arévalo (8/12). **1986:** anistia para crimes políticos; nova Constituição. **1987 – 1989:** fracassam as conversações com os guerrilheiros de esquerda; atentados do direitista Movimento de Libertação Nacional, do ex-vice-pres. Mario Sandoval; fracassam três golpes contra Cerezo. **1990:** acordo de trégua parcial com a esquerda; convocação da Constituinte; cassação da candidatura de Ríos Montt, substituído por Jorge Serrano Elías. **1991:** eleição de Serrano, que, em 30/1, escapa de um atentado; devido à divisão, no Exército, quanto à participação de militares nas negociações da Cidade do México com os guerrilheiros (24/4), intensifica-se o terrorismo de direita; o min. da Defesa, gen. Luís mendoza, é substituído pelo moderado gen. José Domingo García Samayoa (jul.); comissão parlamentar investiga violações de direitos humanos (ago.); sete militares são presos acusados de terem assassinado, no departamento de Escuintla, onze camponeses simpatizantes da guerrilha (ago.); realiza-se, em Quetzaltenango, o Encontro dos Povos Indígenas da América (out.); o *ombudsman* do governo, Ramiro de León Carpio, ob-

têm a demissão do chefe da polícia nacional, cel. Mario Enrique Paíz Bolaños, acusado de envolvimento em casos de tortura (dez.); substituição do min. da Defesa, o radical gen. Luís Mendoza, pelo moderado gen. José Domingo García (dez.). 1992: acordo com a guerrilha para pôr fim ao serviço militar obrigatório e aos grupos paramilitares (mar.); atentados e assassinatos políticos da extrema direita, que não quer o acordo com a guerrilha (mai.); acordo parcial, mediado pelo bispo Rodolfo Quezada Toruño, inclui a suspensão da atividade das patrulhas armadas (7/8); a militante indígena Rigoberta Menchú recebe o Nobel da Paz (out.)

FATOS DO ANO

O pres. Jorge Serrano Elias inicia 1993 levando à ONU, em 19/1, a proposta de reinício das negociações com a frente guerrilheira Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG), interrompidas um ano antes. Seu objetivo é chegar, em noventa dias, a um acordo que leve a um cessar-fogo. Em resposta, a URNG pede a redução de 50% nas Forças Armadas, a dissolução das Patrulhas de Defesa Civil (forças paramilitares que atuam no interior do país) e investigações sistemáticas sobre violações dos direitos humanos em 32 anos de guerra civil, que deixaram cerca de 100 mil mortos, 40 mil desaparecidos e 1 milhão de refugiados ou exilados.

Boa parte desses migrantes é de indígenas, cujas aldeias foram arrasadas pelas Forças Armadas, na década de 80, sob a alegação de que abrigavam guerrilheiros. Em out. de 1992, Serrano já iniciara negociações para o retorno de 40 mil deles refugiados no México, garantindo-lhes terras, segurança e isenção de serviço militar durante três anos. Em 20/1/1993, ao retornarem, os primeiros 2.500 repatriados são recebidos, na fronteira, pela ativista indígena Rigoberta Menchú, prêmio Nobel da Paz de 1992. Depois, sob a supervisão do Alto Comissariado da ONU para Refugiados, são encaminhados, em fev., para o Polígono 14, uma área de 2.800 ha, no departamento de Quiché, onde o processo de adaptação de quinhentas famílias servirá de teste para o retorno dos demais.

O problema dos repatriados – Na mesma época, porém, uma série de atentados na capital, que o chefe de polícia, Leopoldo Guerra, atribui a "forças obscurantistas" de extrema direita, demonstram a estreita faixa de manobra de Serrano diante das Forças Armadas, detentoras de 40% do orçamento do país. Por sua vez, os repatriados organizam-se em comitês e tentam retomar vínculos com grupos indígenas de resistência, estabelecidos nas zonas mais isoladas de Quiché. Acusados pelos militares de constituírem a base social e logística da guerrilha, esses indígenas reivindicam o estatuto de não-combatentes, com o apoio da Conferência Episcopal da Guatemala. A partir de 1992, tanto a Igreja Católica quanto o procurador de Direitos Humanos, Ramiro de León Carpio, admitem ter havido progresso relativo no respeito às liberdades fundamentais: diminuíram os assassinatos, mas aumentaram as ameaças de morte. Quanto à Igreja, ela anuncia, em 24/5, estar disposta a servir de mediadora nas negociações entre o governo e a guerrilha.

Em 25/5, porém, a pretexto de "limpar" o Congresso e os tribunais da corrupção patrocinada pelo tráfico de drogas, Serrano tenta um "autogolpe" inspirado no de Alberto Fujimori, do Peru, em abr. do ano anterior: dissolve o Congresso, o Superior Tribunal e o Tribunal Constitucional e promete convocar eleições dentro de sessenta dias. Segundo os observadores, ele temia um golpe dos militares, cada vez mais inquietos com as greves e protestos de rua contra sua política econômica, e com o rumo que tomavam as conversações com a URNG (o temor maior dos militares era o de que organizações internacionais conduzissem investigações sobre as violações dos direitos humanos).

No exterior, os EUA ameaçam rever o programa de assistência ao país – que inclui US$ 68 milhões de ajuda – e bloquear empréstimos do FMI e do Banco Mundial; a CEE, a OEA e vários presidentes latino-americanos (entre eles os do Brasil e Argentina), temendo o "efeito Fujimori", protestam energicamente contra o golpe. Em 26/5, Serrano impõe censura aos meios de comunicação; tropas blindadas dispersam a primeira manifestação pós-golpe (27/5) e, no dia seguinte, voltam às ruas em ostensiva demonstração de força. Apesar disso, em 1º/6, Rigoberta Menchú lidera passeata de mil pessoas, na capital, pedindo o fim da repressão. Nesse mesmo dia, um contragolpe militar remove Serrano de seu posto.

O vice-pres. Gustavo Adolfo Espina Salguero prontifica-se a assumir mas, como ele é um aliado de Serrano, o min. da Defesa, José Domingo García Samayoa, é quem efetivamente controla o governo. Contra essa situação "de fachada" insurgem-se populares e partidos políticos; em 4/6, Espina renuncia e, no dia seguinte, a Corte Constitucional determina que o Congresso eleja o novo presidente. Graças a uma insólita aliança entre setores do Exército, empresários e organizações populares, o escolhido é De León Carpio, o procurador dos Direitos Humanos, que substitui García Samayoa, na pasta da Defesa, pelo gen. Roberto Perussina. Serrano e Espina, exilados no Panamá e na Costa Rica, são acusados, em 15/6, pela Procuradoria Geral, de enriquecimento ilícito, depois de ter-se comprovado a existência de setenta propriedades registradas em seus nomes.

Cerca de um mês depois, De León apresenta à guerrilha proposta para retomar o processo de paz em três níveis: cessar-fogo, "construção da paz como responsabilidade de todos os setores da sociedade" e combate à pobreza, num país em que a maioria da população – de origem indígena – vive abaixo do nível mínimo de subsistência. Mas a situação continua muito tensa: em 3/7, o político centrista Jorge Carpio Nicolle, primo do presidente, candidato ao cargo nas eleições de 1985 e 1991, é morto numa emboscada, numa estrada de Quiché, junto com três correligionários; e em 27/7 Serrano escapa de um atentado no Panamá. Em 26/8, De León, diante das expectativas de "limpeza" nas instituições – e depois de eliminar fundos confidenciais que permitiam o enriquecimento ilícito dos chefes de Estado – propõe que os 116 deputados do Congresso e os nove juízes da Suprema Corte renunciem a seus cargos; e ameaça convocar um plebiscito e conclamar o povo a sair às ruas, se sua solicitação não for atendida.

Perguntando-se quais seriam os interesses por trás desse pedido, que consideram inconstitucional, os deputados dividem-se em dois grupos no Congresso: 75 parlamentares que, em jun., tinham exigido a volta à democracia, pedem a expulsão de dezesseis colegas acusados de corrupção – entre eles o pres. da Casa, o democrata-cristão José Lobo Dubón; os demais insurgem-se contra a medida. Em 5/9, o confronto entre os dois grupos torna-se tão violento que Lobo suspende a sessão e deixa o Congresso. Alegando que ele abandonou o posto, seus oponentes elegem outra liderança. No fim de set., a questão é encaminhada à Corte Constitucional mas, até o final do ano, está sem solução.

Guiana

● **NOME OFICIAL:** República Cooperativa da Guiana. **Capital:** Georgetown. **Nacionalidade:** guianense ou guianesa. **Hino:** *Querida terra da Guiana* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); dialetos ameríndio, hindi e urdu. **Religião:** cristianismo, 42,4% (protestantes, 30,5%; católicos, 11,4%); hinduísmo, 37,1%; islamismo 8,7%. **Data nacional:** 23/2 (República).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da América do Sul. **Área:** 214.969 km². **Limites:** oceano Atlântico (N); Venezuela (NO); Suriname (L); Brasil (S e SO). **Características:** planície estreita com mangues (litoral); planaltos a 152 m de altitude (maior parte); montanhas Acarai (S) e Pakaraima (O). **Ponto mais elevado:** monte Roraima (2.772 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão (N); equatorial (S).

Rios principais: Essequibo, Courantyne, Demerara, Berbici, Mazaruni, Cuyuni. **Cidades principais:** Georgetown (150.400 hab.); Linden (35.000); Nova Amsterdã (25.000); Corriverton (13.718) (1985); Bartica (6.223) (1980). **Hora local** (em relação a Brasília): -45min.

● **POPULAÇÃO:** 748.000 (est.1992); **urbana:** 34,5% (1990). **Composição demográfica:** indianos, 51,2%; negros, 29,4%; mulatos, 13,1%; ameríndios, 4% (caribenhos, 2,8%; arauaques, 1,1%); outros, 2,3% (1983). **Crescimento demográfico:** 1,6% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 33,4%; 15-59: 60,7%; **mais de 60:** 5,9% (1990). **Densidade (hab./km²):** 3,5 (1992). **Natalidade:** 23 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 51 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,7 (1991). **Vida média homens:** 61; **mulheres:** 68 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 341 hab. (1987); **médicos:** 1 por 6,8 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 4,4% do PNB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 3,6% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 6,6 mil (1985/86); **no ensino profissionalizante:** 5,4 mil (1989/90); **professores:** 6,6 mil (1985/86); **no ensino profissionalizante:** 176 (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 2,2 mil; **professores:** 370 (1989/90). **Gastos:** 6,4% do orçamento (1988).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 6/10/1980 (várias emendas). **Divisão administrativa:** 10 regiões. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Progressista do Povo, Congresso Nac. do Povo. **Chefe de Estado:** pres. Cheddi B. Jagan (desde 9/10/1992). **Chefe de governo:** 1º-min Sam Hinds (desde 10/10/1992). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 65 membros (53 eleitos por voto direto e 12 representantes regionais), para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 25%; indústria, 18,7%; mineração, 10,8%; comércio, 8,6%; serviços, 36,9% do PIB (1991). **Agricultura:** cana-de-açúcar, arroz, legumes e verduras, frutas, madeira. **Pecuária:** aves, bovinos, ovinos. **Pesca:** 36,9 mil t (1990). **Indústria:** processamento de bauxita, alimentícia (açúcar e arroz, principais), madeira, rum, farmacêutica. **Minerais:** bauxita, ouro, diamantes; petróleo (reserva). **Exportações:** US$ 554 milhões; **produtos:** bauxita, açúcar (1991). **Importações:** US$ 306,6 milhões; **produtos:** combustíveis e máquinas industriais (1991). **Parceiros comerciais:** Trinidad e Tobago, Venezuela, EUA, Grã-Bretanha, Canadá, Japão, Alemanha, países membros do CARICOM. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dólar guianense (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 126,00 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 233 milhões; **renda per capita:** US$ 290 (1991); **crescimento anual:** -3,8% (1980 – 1991). **Inflação:** 75% (1991). **Dívida externa:** US$ 2 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 270,1 mil (1987); **distribuição:** agricultura, 20,4%; indústria, 19,7%; comércio, 6,2%; serviços, 29%; outros, 24,7% (1980); **mão-de-obra feminina:** 21% (1988–1990). **Desemprego:** 13,5% (1991).

● **DEFESA: Efetivo total:** 2 mil (1992); **Exército:** 1,7 mil; **Marinha:** 100; **Força Aérea:** 200; **outros:** 3,5 mil paramilitares. **Gastos:** 2,7% do PNB (1989).

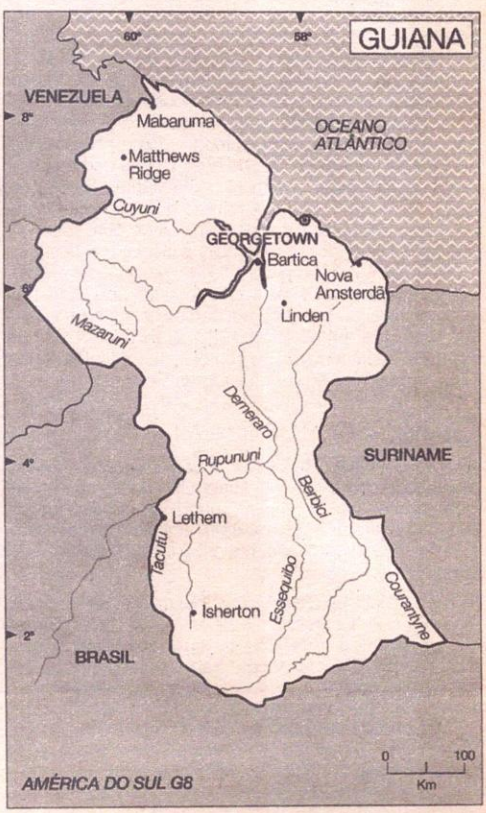
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 5,7 mil km; 11% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 33 mil; **automóveis:** 24 mil (1990). **Ferrovias:** 88 km (1990). **Portos:** Georgetown, Nova Amsterdã. **Linha aérea:** Guyana Airways (vôos domésticos e charters regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 2,4 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 19 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 47 hab. (1990). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 53 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SAS, quadra 5, bloco N, Edifício Ordem dos Advogados do Brasil, CEP 70070-900, Brasília, DF; tel. (061) 224-9229.

HISTÓRIA

Terra dos arauaques, caribes e uaraus, foi colonizada por holandeses (séc. XVIII) e dominada pelos ingleses (1814). **1831:** as colônias de Berbice, Essequibo e Demerara tornam-se a Guiana Inglesa. **1837:** emancipação dos escravos. **1928:** autonomia limitada. **1953 – 1957:** Constituição; Legislativo bicameral; o Partido Progressista do Povo vence as eleições; temendo a agitação comunista, os ingleses suspendem a Constituição. **1961:** autonomia total; nova Constituição; o PPP tem maioria no Legislativo; Cheddi Jagan é o 1º-ministro. **1962 – 1964:** choques entre o PPP e o Congresso Nacional Popular, dos negros. **1964:** coalizão CNP/Força Unida faz de Forbes Burnham o 1º-ministro; lutas comunitárias; estado de emergência; intervenção britânica. **1966:** independência dentro da Comunidade Britânica. **1968:** vitória do CNP nas urnas. **1970:** proclamação da República; o Protocolo de Port of Spain dá moratória de doze anos no litígio Guiana/Venezuela pela região de Essequibo. **1973:** acordo de pesca com Cuba; nova vitória do CNP. **1978:** plebiscito transforma o Parlamento em Constituinte. **1980:** a oposição acusa o governo de ter mandado matar Walter Rodney, da Aliança Operária Popular (jun.); o inquérito, só autorizado em 1987, inocentará as autoridades; nova Constituição; Burnham é o presidente, mas morre em **1985:** e o 1º-min. Desmond Hoyle o substitui, deixando Hamilton Green em seu cargo. **1986 – 1990:** manifestações, greves, sabotagem contra a crise econômica; acordo desvantajoso com o FMI; antecipação das eleições; demissão do min. do Exterior, Rashley Jackson, após envolvimento de seu filho com o tráfico de drogas; Hoyle acumula a Chancelaria. **1991:** acordo CNP/ PPP prorroga o mandato de Hoyle (abr.); protestos contra as irregularidades nas listas eleitorais; Hoyle decreta o estado de emergência (28/



11) e prorroga as eleições. 1992: vitória do oposicionista Cheddi Jagan, do PPP (5/10).

FATOS DO ANO

No início de 1993, o pres. Cheddi Jagan surpreende os observadores ao permitir – ao contrário dos países vizinhos, inclusive o Brasil – que tropas americanas façam operações de treinamento nas selvas de seu país. Dona de um vasto território, a Guiana tem disputas territoriais com os vizinhos Venezuela e Suriname; mas tem boas relações comerciais e militares com o Brasil. Após o anúncio dessa permissão, surge em Brasília a preocupação com a eventual transferência, para a Guiana, das bases que os EUA possuíam no Panamá. Em entrevista concedida, em mai. de 1993, ao jornal *O Globo*, Jagan nega tal possibilidade; mas admite contar com a colaboração militar americana para combater o tráfico de drogas e ajudar no desenvolvimento da infra-estrutura de saneamento básico, no interior do país.

Um dos primeiros líderes latino-americanos a levantar a bandeira do marxismo na década de 50, Jagan, líder do Partido Progressista Popular, da comunidade indiana, volta ao poder, nas eleições de 9/10/1992, pondo fim a 28 anos de domínio do Congresso Nacional do Povo. Decidido a cumprir a promessa eleitoral de fazer um governo com "equilíbrio de raças, classes e ideologias", nomeia um gabinete multirracial chefiado pelo industrial negro Sam Hinds. O primeiro dos desafios que tem a enfrentar é acabar com os conflitos de origem racial, como o que abalou Georgetown ao se definir a vitória eleitoral do PPP por 53,5% dos votos. A maioria negra, eleitora do CNP, julgou ter havido fraude: seus protestos, reprimidos pela polícia, deixaram um saldo de dois mortos e de vários feridos.

Combate à pobreza – O segundo desafio é o da economia: Jagan quer modificar o plano de ajuste acertado por seu antecessor, Desmond Hoyte, com o FMI, e que considera demasiado rígido. Seu governo defende o uso de métodos não-convencionais para resolver problemas sociais como a distribuição de terras, transporte, habitação, saúde, educação. Propõe a economia de mercado para resolver o problema da pobreza de 80% da população, cuja taxa de fluxo migratório – principalmente para os EUA – é superior à taxa de crescimento demográfico, o que faz decrescer o número de habitantes (811 mil em 1988, 748 mil em 1992). A riqueza guianense permanece quase intocada: grandes reservas de ouro, diamantes, bauxita, madeira e potencial agrícola; e o déficit de caixa do governo, gerando inflação elevada, deve-se ao contrabando de minérios e à inadequada política de preços para a exportação de açúcar, arroz e outros produtos agrícolas. Em set. de 1993, o diplomata Samuel Insanally, representante de seu país na ONU, torna-se o pres. da 48ª sessão da Assembléia Geral.

Guiné

● **NOME OFICIAL:** República da Guiné. **Capital:** Conacri. **Nacionalidade:** guineana. **Hino:** Liberdade (título). **Língua:** francês (oficial); sussu, mandingo e 6 línguas nativas. **Religião:** islamismo, 85%; animismo, 5%; cristianismo, 1,5% (católicos, maioria). **Data nacional:** 2/10 (República).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da África. **Área:** 245.857 km². **Limites:** Senegal e Mali (N); Guiné-Bissau (NO); Serra Leoa e Libéria (S); Costa do Marfim (L); oceano Atlântico (O). **Características:** planície costeira arenosa e pantanosa, com vales e ilhas; cadeias de montanhas (S); planaltos (centro); planícies fluviais (NE); bacia do rio Níger (L). **Ponto mais elevado:** monte Nimba (1.752 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rio principal:** Níger. **Cidades principais:** Conacri (705.280 hab.); Cancan (88.760); Labé (65.439); Kindia (55.904) (1983). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 7.232.000 (est.1992); **urbana:** 25,6% (1990). **Composição demográfica:** peuls, 38,6%; malinquês, 23,2%; sussus, 11%; kissis, 6%; kpellês, 4,6%; outros, 16,6% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,6% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 46,7%; 15-59: 48,9%; mais de 60: 4,4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 29,4 (1992). **Natalidade:** 47 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 21 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 134 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,5 (1990). **Vida média homens:** 44; **mulheres:** 45 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,9 mil hab.; **médicos:** 1 por 9,7 mil hab. (1988). **Gastos com saúde:** 1% do PNB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 76% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 388,7 mil (1989); **professores:** 12 mil (1989). **Alunos no ensino superior:** 6,2 mil; **professores:** 805 (1989). **Gastos:** 21,5% do orçamento (1988).

● **GOVERNO:** militar (em transição). **Data da Constituição em vigor:** 23/12/1991. **Divisão administrativa:** 33 regiões. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Popular, Renovação e Progresso/Convenção pela Oposição Democrática, União pela Prosperidade Nacional. **Chefe de Estado e de governo:** pres. gen. Lansana Contê (desde 4/4/1984). **Legislativo:** fechado.

● **ECONOMIA:** agricultura, 27,8%; indústria, 10%; mineração, 23,9%; comércio, 21,9%; serviços, 16,4% do PIB (1990). **Agricultura:** frutas, óleo de palma, amendoim, café, mandioca, cereais (arroz, principal), legumes e verduras. **Pecuária:** bovinos, ovinos, caprinos. **Pesca:** 32 mil t (1990). **Indústria:** metalúrgica, agroindústria, material de construção. **Minerais:** minério de bauxita, pedra-ume, diamantes, ouro; petróleo, minério de ferro, granito, urânio, cobalto, níquel, platina (reservas). **Exportações:** US$ 788 milhões; **produtos:** bauxita, pedra-ume, diamantes, ouro (1990). **Importações:** US$ 693 milhões; **produtos:** semimanufaturados, petróleo e derivados, alimentos, bens de consumo (1990). **Parceiros comerciais:** França, EUA, Alemanha, Bélgica, Luxemburgo. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 276,25 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 450 (1991); **crescimento anual do PIB:** 1,9% (1991). **Inflação anual:** 23,6% (1987–1991). **Dívida externa:** US$ 2,6 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 2,5 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 76,3%; indústria, 11,1%; comércio e serviços, 12,6% (1987); **mão-de-obra feminina:** 30,1% (1988–1990).

● **DEFESA:** **Efetivo total:** 9,7 mil (1992); **Exército:** 8,5 mil; **Marinha:** 400; **Força Aérea:** 800; **outros:** 9,6 mil paramilitares. **Gastos:** 1,2% do PNB (1988).

● **TRANSPORTES:** **Rodovias:** 28,4 mil km; 4% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 26 mil; **automóveis:** 13 mil (1989). **Ferrovias:** 622 km (1992). **Portos:** Conacri, Kamsar. **Linhas aéreas:** Air Guineé (vôos domésticos e regionais); Air Mano (regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 35 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 108 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 355 hab. (1990). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 2 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 140 East 39th St., New York, NY 10016, EUA; tel. (212) 687-8115.

HISTÓRIA

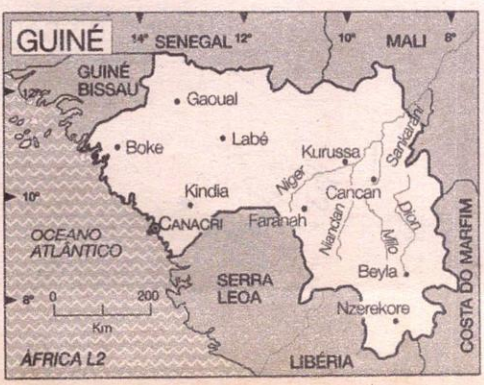
Parte dos imp. de Gana, Mali e Songhai (séc. X–XV), foi explorada por portugueses, holandeses e ingleses (séc. XVI–XVIII). Os fulani e malinquê opuseram-se ao protetorado francês até a derrota do chefe Samori Turê (1849 – 1898). **1958**: independência; Seku Turê é o presidente; vota contra a permanência na Comunidade Francesa; a França retira a ajuda. **1959 – 1961**: aproximação do bloco comunista. **1966**: Turê dá asilo a Kuame Nkrumah, deposto em Gana, e nomeia-o co-presidente; Gana corta relações. **1972**: criado o cargo de 1º-ministro, ocupado

por Louis Lansana Beavogui. 1974/75: acordo com a Arábia Saudita para a construção de uma refinaria de petróleo; e com os sauditas, Líbia, Kuweit e Egito para a exploração da bauxita; criação da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental. 1984: Turê morre; Beavogui é deposto pelo cel. Lansana Contê. 1985: fracassa golpe do ex-1º-min. Diara Traorê, que é executado. 1986: plano de desestatização e estímulo à iniciativa privada. 1987: saques e protestos contra aumentos no preço dos alimentos; retrocesso do governo. 1988: anistia a 39 presos políticos; nomeado comitê constitucional. 1989: prometido o bipartidarismo para 1995; nomeado Conselho Nacional de Transição. 1990: anistia a presos políticos e exilados; nova Constituição (23/12). 1991: greve geral contra baixos salários; o oposicionista Alpha Condê volta e funda a Aliança para a Introdução da Democracia; conflitos, em Nzerekorê, no sul, entre malinquês e guerzês (abr./jun.); proibidas reuniões políticas (21/5); repressão a passeata pedindo democratização (jun.): um morto, sessenta presos, Condê volta a exilar-se no Senegal; Contê anuncia multipartidarismo para abr. de 1992 e eleições legislativas em dez. (3/10); trinta organizações de oposição unem-se no Fórum Nacional Democrático (nov.), mas o governo recusa uma conferência sobre os problemas nacionais. 1992: Contê deixa a presidência do Conselho de Estado, que reduz de 36 para quinze membros (jan.), inclui oposicionistas moderados no gabinete, reduz seus integrantes de 23 para dezesseis e demite a maioria dos ministros militares (6/2).

FATOS DO ANO

As eleições presidenciais de 19/12/1993 pegam os observadores de surpresa pois, a essa altura, parecia definitivamente descartada a hipótese de sua convocação: o pres. Lansana Contê as adiara indefinidamente, alegando a necessidade do recadastramento eleitoral. O pleito é cercado de violência – dezenove pessoas morreram no dia da votação – e o principal candidato da oposição, Alpha Contê, qualifica de "golpe de Estado" o resultado oficial, que atribui 50,93% dos votos ao presidente, no primeiro turno. Apesar dos protestos da oposição, o general é empossado para novo mandato.

A oposição demonstrou não ter coesão suficiente para pressionar um governo corroído pela corrupção e pela ineficiência administrativa, a ponto de ter sido obrigado pelo Banco Mundial, durante 1992, a demitir 40 mil funcionários públicos inoperantes. Logo após a Lei Orgânica que permitiu o multipartidarismo, o dissidente Alpha Condê voltou do exílio, registrou a sua União do Povo Guineano e liderou a formação de um Fórum Nacional Democrático, reunindo trinta grupos de oposição. Mas as divergências entre os membros do FND prejudicaram os esforços para obter do governo que convocasse uma conferência sobre os problemas nacionais, na qual as eleições seriam preparadas. Ao mesmo tempo, a denúncia de que o recém-criado Partido pela Unidade e o Progresso, liderado por "conhecidos guineanos que vivem no exterior", não passava, provavelmente, de um movimento pró-Condê financiado pelo próprio Estado divide as opiniões no FND.



Quem é o mandante? – Os oposicionistas sentem-se diretamente atingidos, em out. de 1992, quando Amadu Ury Bah, líder da oposicionista União das Forças Democráticas, é preso sob a acusação de ser o mandante do atentado, realizado por um franco-atirador, de que o presidente tinha escapado no início do mês. Ury Bah é solto por falta de provas mas o FND, diante disso, decide só participar das eleições se elas forem precedidas da conferência. O PUP, que anuncia sua decisão de não obedecer ao boicote – o que parece confirmar as suspeitas de que ele é uma arma de manobra de Condê –, é expulso do FND em 15/11/1992. Dias depois, aproveitando a desordem nas fileiras de seus oponentes, Condê adia as eleições.

A situação, no campo adversário, se enfraquece ainda mais, em jan. de 1993, quando o Partido da Renovação e do Progresso, de Siradiu Diallo, rompe com o FND para aliar-se à Convenção da Oposição Democrática, uma coalizão de dezoito partidos liderada pelo ten.-cel. reformado Facinê Turê. Essa troca de lado indispõe Diallo com a ala radical do Fórum, pois Turê, ex-ministro de Condê que saiu do governo, em fev. de 1992, para formar seu próprio partido, a União pela Prosperidade Nacional, é favorável ao diálogo com o presidente.

Além dos problemas decorrentes da corrupção – cuja erradicação os órgãos internacionais de crédito exigem para poder implementar o plano de ajuste estrutural – e da queda, no mercado internacional, dos preços da bauxita, que responde por 60% de sua receita interna e 96% das exportações, a situação do país se agrava, em nov. de 1992, com a entrada de 650 mil refugiados vindos de Serra Leoa e da Libéria. Para evitar que o afluxo de fugitivos, que tem de instalar precariamente em acampamentos próximos da fronteira, onere suas já oscilantes finanças, a Guiné aumenta a participação de suas tropas nas forças de paz enviadas a esses dois países pela Comunidade Econômica da África do Sudoeste, com a função principalmente de vigiar as fronteiras.

Guiné-Bissau

● **NOME OFICIAL:** República da Guiné-Bissau. **Capital:** Bissau. **Nacionalidade:** guineana ou guineense. **Hino:** *Esta é nossa pátria bem-amada* (1º verso). **Língua:** português (oficial); crioulo, dialetos locais. **Religião:** animismo, 60%; islamismo, 30%; cristianismo, 5% (católicos, maioria). **Data nacional:** 10/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da África. **Área:** 36.125 km². **Limites:** Senegal (N); Guiné (L e S); oceano Atlântico (SO e O). **Características:** região baixa e pantanosa; litoral largo e bastante recortado, com o estuário dos rios Geba e Coruzal e o arquipélago de Bijagós (Formosa e Orango, principais ilhas); elevações (SE). **Clima:** equatorial. **Rios principais:** Cacheu, Geba, Corubal. **Cidades principais:** Bissau (125.000 hab.) (1988); Bafatá (13.429); Gabu (7.803) (1979). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 1.015.000 (est.1992); **urbana:** 19,9% (1990). **Composição demográfica:** balantes, 27,2%; peuls, 22,9%; malinquês, 12,2%; manjangos, 10,6%; papels, 10%; outros, 17,1%. **Crescimento demográfico:** 2,4% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 40,9%; **15-59:** 52,5%; **mais de 60:** 6,6% (1990). **Densidade (hab./km²):** 28,1 (1992). **Natalidade:** 42,9 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 18 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 140 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6 (1990). **Vida média homens:** 41,9; **mulheres:** 45,1 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 526 hab. (1983); **médicos:** 1 por 7,2 mil hab. (1985). **Gastos com saúde:** 5,4% do orçamento (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 63,5% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 85,4 mil (1988); **professores de 1º grau:** 3,1 mil (1987); **de 2º grau:** 842 (1986); **no ensino profissionalizante:** 107 (1988). **Gastos:** 5,2% do orçamento (1987).

• **GOVERNO:** regime militar. **Data da Constituição em vigor:** 16/5/1984 (várias emendas). **Divisão administrativa:** 8 regiões e 1 setor autônomo. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde, da Renovação e Desenvolvimento, Resistência da Guiné-Bissau, Movimento Bafatá, Frente de Luta para a Libertação da Guiné, Democrático para o Progresso, Movimento para a Unidade e a Democracia. **Chefe de Estado e de governo:** pres. com. João Bernardo Vieira (desde 14/11/1980). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional do Povo, com 150 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 51,7%; indústria, 5,1%; comércio, 18,2%; serviços, 25% do PIB (1987). **Agricultura:** castanha de caju, palmito, amendoim, algodão, arroz, milho, milhete, sorgo, madeira. **Pecuária:** bovinos, suínos, ovinos. **Pesca:** 5,4 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, bebidas alcoólicas, processamento de algodão. **Minerais:** petróleo (explorado); bauxita, fosfato (reservas). **Exportações:** US$ 15,9 milhões; **produtos:** palmito, amendoim, castanha de caju, algodão, peixe, madeira (1988). **Importações:** US$ 53,3 milhões; **produtos:** alimentos, combustíveis, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1988). **Parceiros comerciais:** Portugal, Repúblicas da CEI, França, Alemanha, Índia, Itália, Holanda, Espanha, Suíça. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** peso da Guiné (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 6.065,70 (30/4/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 194 milhões; **renda per capita:** US$ 190 (1991); **crescimento anual:** 3,3% (1980–1991). **Inflação anual:** 54,4% (1980–1990). **Dívida externa:** US$ 553,3 milhões (1992). **Força de trabalho:** 450 mil (1990); **distribuição:** agricultura, 82,4%; indústria, 3,5%; comércio e serviços, 14,1% (1980); **mão-de-obra feminina:** 42% (1988–1990).

• **DEFESA: Efetivo total:** 7,2 mil (1992); **Exército:** 6,8 mil; **Marinha:** 300; **Força Aérea:** 100; **outros:** 2 mil paramilitares. **Gastos:** 2,4% do PNB (1987).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 3,5 mil km; 15% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 5,6 mil; **automóveis:** 3,2 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Bissau e fluviais ao longo do rio Corubal. **Linha aérea:** TAGB (vôos internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 28 hab. (1991). **Emissoras de TV:** não há. **Linhas telefônicas:** 1 por 130 hab. (1987). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 12 (1990).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 211 East 43rd St. Room 604, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 661-3977.

HISTÓRIA

Descoberta por Álvaro Fernandes (1446), visitada por Alvise Cadamosto, Diogo Gomes e Pedro Sintra (séc. XVI). **1558:** cabo-verdianos fundam vila em Cachéu. **1624:** o Conselho Ultramarino efetiva a colonização. **1687:** fundação de Bissau. **1792:** conflito com a Grã-Bretanha pela posse de Bolama. **1870:** arbitragem dos EUA dá Bolama a Portugal. **1890 – 1915:** rebelião dos bissagos contra a dominação portuguesa. **1956:** Amilcar Cabral funda, em Conacri, o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde. **1961:** início da luta armada do PAIGC, que, em **1970:** controla dois terços do país. **1973:** Amilcar Cabral é assassinado em Conacri; seu irmão Luís proclama a República nos territórios liberados. **1974:** independência total (10/9). **1978:** o 1º-min. Francisco Mendes morre em acidente de automóvel; assume interinamente o com. das Forças Armadas, Umará Djalô. **1980:** Cabral é deposto pelo 1º-min. João Bernardo Vieira. **1981:** gov. provisório. **1983:** expurgo da ala radical pró-soviética. **1984:** novo expurgo; nova Constituição; reabertura da Assembléia, fechada desde 1980. **1985:** fracassa golpe de membros da tribo balanta. **1986:** execução de seis golpistas, entre eles o ex-vice-1º-min. Paulo Correia. **1989:** nomeada comissão para rever a Constituição. **1990:** conferência nacional redige cronograma de transição para o multipartidarismo (out.). **1991:** Congresso do PAIGC acaba com a censura e estabelece regras para o multipartidarismo; lei de liberdade de imprensa, sindical e partidária (out.); fim do monopartidarismo (18/11); legalização da Frente Democrática, de Aristides Menezes; a Corte Internacional de Justiça delimita as fronteiras marítimas com o Senegal (nov.); reestruturação do PAIGC como Partido Social-Democrata (dez.); Carlos Correa é designado para o recém-criado cargo de 1º-ministro (27/12); legalização da Frente Democrática Social, de Rafael Barbosa, e da Resistência de Guiné-Bissau/Movimento Bafatá, de Alexandre Bucanil Cabral (dez.). **1992:** primeiro comício da oposição reúne 30 mil pessoas (7/3); anúncio de eleições presidenciais para 15/11 e legislativas para 13/12.

FATOS DO ANO

O assassinato por um soldado raso, em 17/3/1993, do maj. Robalo de Pina, com. das Forças de Deslocamento Rápido do Exército, é o pretexto esperado pelo pres. João Bernardo Vieira: embora descarte oficialmente a hipótese de ter havido uma tentativa de golpe, diz não haver clima para a realização de eleições e as adia indefinidamente. É o ponto culminante de um processo iniciado em mar. de 1992, quando 30 mil pessoas saem às ruas de Bissau para exigir o fim da corrupção governamental, a dissolução da polícia política e a abertura democrática.

No fim de mai. de 1992, o "Grupo dos 121", ala dissidente do Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), liderado por Manuel Rambout Barcelos, Agnelo Regala e João da Costa, passa à oposição formando o Partido da Renovação e Desenvolvimento (PRD). Ao mesmo tempo, retorna ao país Domingos Fernandes Gomes, que, do exílio em Portugal, onde estava havia seis anos, dirigia a Resistência da Guiné-Bissau/Movimento Bafatá. Iniciam-se, então, reuniões entre Vieira e os líderes oposicionistas, que exigem o estabelecimento de um governo provisório, a convocação de eleições e o fim da repressão promovida pela polícia política. Em jul., como essas negociações não avançam, o Fórum Democrático, coalizão recém-constituída sob a liderança do PRD, anuncia que, sem acordo, boicotará as eleições e formará um governo paralelo. A braços com a crise política e econômica, e com o início de deserções em massa nas Forças Armadas, Vieira concorda em estabelecer uma comissão multipartidária para organizar e supervisionar as eleições.

No final de jul., é a vez de François Mendy Kankoila retornar de quarenta anos de exílio no Gâmbia, podendo legalizar a sua Frente de Luta para a Libertação da Guiné. O mesmo acontece, em ago., com o Partido Democrático para o Progresso, de Amin Michel Saad, e com o Movimento para a Unidade e a Democracia, de Filinto Vaz Martins. Vieira, por sua vez, demite, em fins de out., oito ministros veteranos que estavam em seu gabinete

desde 1974. Mas, em nov. de 1992, alegando questões de organização do pleito, adia para mar. de 1993 a consulta eleitoral.

O descontentamento da oposição com a medida cria o clima necessário para que, após a morte do maj. Pina, ele as adie indefinidamente. Em 27/5/1993, quando João da Costa é acusado de envolvimento no assassinato, a oposição protesta alegando ser essa uma manobra do governo para impedi-lo de lançar-se, com grandes chances de vitória, como o candidato do PRD às eleições presidenciais. As manifestações pedindo sua libertação crescem até que, em 15/6, Vieira é obrigado a ceder e colocá-lo em liberdade. Mas não há nenhum sinal de que pretenda voltar atrás em sua decisão de adiar o quanto possa as eleições.

Guiné Equatorial

● **NOME OFICIAL:** República da Guiné Equatorial. **Capital:** Malabo (na ilha de Bioko). **Nacionalidade:** guinéu-equatoriana. **Hino:** *Andemos através da floresta da nossa felicidade* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial); fang (rio Muni); combe, balemke, bujeba (tribos costeiras); bubi (Bioko); inglês; ibo. **Religião:** cristianismo, 88,8% (católicos, maioria); crenças tradicionais, 4,6%; islamismo, 0,5%. **Data nacional:** 5/3 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da África. **Área:** 28.051 km². **Limites:** Camarões (N); Gabão (L e S); oceano Atlântico (O). **Características:** estreita planície litorânea margeada por montanhas; relevo acidentado com maciços montanhosos de N a S; território abrangendo as ilhas de Annobón, Bioko, Corisco, Elobey Grande, Elobey Chico e Pagalu. **Ponto mais elevado:** pico Sta. Isabel (3.008 m). **Clima:** equatorial. **Rio principal:** Mbini. **Cidades principais:** Malabo (30.418 hab.); Bata (24.308) (1983). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 367.000 (est.1992); **urbana:** 31% (1987). **Composição demográfica:** fangs, 82,9%; bubis, 9,6%; ndoues, 3,8%; annobonés, 1,5%; bujebas, 1,4%; outros, 0,8% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,7% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 41,7%; **15-59:** 52%; **mais de 60:** 6,3% (1983). **Densidade (hab./km²):** 13,1 (1992). **Natalidade:** 43 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 16 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 127 por 1.000 (1985 – 1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,5 (1990). **Vida média homens:** 48; **mulheres:** 52 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 89 hab. (1982); **médicos:** 1 por 3,6 mil hab. (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 37,8% (1983). **Alunos de 1º e 2º graus:** 70,2 mil; **professores:** 1,4 mil (1987/88). **Alunos no ensino superior:** 1,5 mil; **professores:** 133 (1987/88).

● **GOVERNO:** regime militar. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana (CFA). **Data da Constituição em vigor:** 15/10/1982; uma nova Constituição foi aprovada em referendo em nov. de 1991, mas não vigora oficialmente. **Divisão administrativa:** 4 regiões continentais e 3 insulares. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrático, Coalizão Democrática de Oposição, Plataforma da Oposição Conjunta. **Chefe de Estado:** pres. brig.-gen. Teodoro Obiang Nguema Mbasogo (desde 25/8/1979). **Chefe de governo:** 1º-min. Silvestre Siale Bileka (desde jan./1992). **Legislativo:** unicameral – Câmara dos Representantes do Povo, com 41 membros indicados pelo pres. como candidatos à eleição, para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 53,6%; indústria, 9,9%; comércio, 8,4%; serviços, 28,2% do PIB (1989). **Agricultura:** café, cacau, batata-doce, madeira. **Pecuária:** ovinos, bovinos, suínos, caprinos. **Pesca:** 4 mil t (1990). **Indústria:** processamento de cacau e café. **Minerais:** petróleo, minério de ferro, tântalo, manganês, gás natural. **Exportações:** US$ 36,9 milhões; **produtos:** cacau, madeira, café (1989). **Importações:** US$ 58,2 milhões; **produtos:** alimentos, bebidas, tabaco, petróleo e derivados, motores para veículos, máquinas industriais, manufaturados de ferro e aço, vestuário (1989). **Parceiros comerciais:** Espanha, França. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 276,25 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 136 milhões; **renda per capita:** US$ 330 (1990); **crescimento anual do PIB:** 2,4% (1985–1989). **Inflação:** 1,1% (1990). **Dívida externa:** US$ 237,4 milhões (1990). **Força de trabalho:** 102,6 mil; **distribuição:** agricultura, 57,9%; indústria, 3,7%; comércio, 3%; serviços e outros, 35,5% (1983); **mão-de-obra feminina:** 35,7% (1988–1990). **Desemprego:** 24,2% (1983).

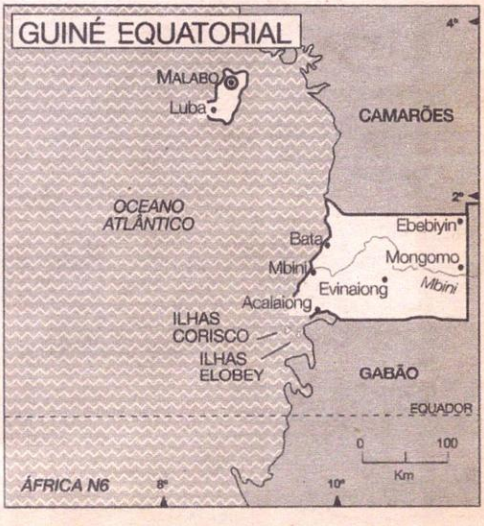
● **DEFESA: Efetivo total:** 1,32 mil (1992); **Exército:** 1,1 mil; **Marinha:** 120; **Força Aérea:** 100; **outros:** 2 mil paramilitares. **Gastos:** 1,8% do PNB (1981).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 2,7 mil km; 19% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 9 mil; **automóveis:** 5,5 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Malabo, Luba, Bata, Mbini, Kogo. **Linha aérea:** Air Afrique (vôos domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 3,6 hab. (1991). **Emissoras de TV:** não há; **receptores:** 1 por 143 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 163 hab. (1987). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 3 (1988).

HISTÓRIA

A ilha de Fernando Pó, descoberta pelo português do mesmo nome (séc. XV), foi cedida à Espanha (1778) e, no séc. XIX, aos britânicos, que fizeram dela uma base naval. A colonização da Guiné Espanhola só começa no séc. XX. **1958 – 1960:** convertida em província, obtém cidadania espanhola e representação nas Cortes, em Madri. **1963/64:** autonomia limitada como Guiné Equatorial. **1968:** independência; Francisco Macías Nguema é o presidente (12/10). **1972 – 1979:** ditadura de Macías, que se torna vitalício e é deposto por Teodoro Obiang Nguema Mbasogo. **1981 – 1983:** fracassam dois golpes contra Obiang; formado, em Paris, o governo no exílio da Reunião para a Libertação da Guiné Equatorial. **1988/89:** prisão de membros do governo por conspiração e corrupção. **1990:** pedido de multipartidarismo leva trinta oposicionistas à prisão (dez.). **1991:** fundação, no Gabão, da Coordenação Democrática dos Partidos de Oposição (abr.); assassinato do oposicionista Feliciano Moto pela guarda presidencial (mai.); nova Constituição; legalização dos partidos e fim da censura à imprensa (4/8); impedido o retorno de Severo Moto Nsa, sec.-geral da CDPO (17/8); prisão do dissidente Eduardo Ndong Elo Nzang, que tenta voltar ao



país (23/8); formada comissão para investigar violações aos direitos humanos (set.); nova Constituição (16/11), rejeitada pela oposição no exílio, pois autoriza a renovação indefinida do mandato presidencial. **1992**: anistia geral; a Lei dos Partidos Políticos proíbe os que tenham base tribal, regional ou provincial, e exige pagamento de US$ 157,8 mil para que sejam legalizados (8/1); formação de um gabinete provisório (23/1); relatório da ONU denuncia violações dos direitos humanos (fev.).

FATOS DO ANO

Os obstáculos que o pres. Teodoro Obiang Nguema Mbasogo interpõe à legalização dos partidos de oposição não impedem que, no início de 1993, dez deles tenham-se inscrito. Exige-se dos candidatos à presidência dez anos de residência no país, o que exclui todos os exilados. E estipula-se a taxa de US$ 157,8 mil, absurda em país tão pobre, para o registro dos partidos. A oposição acusa-o também de anistiar presos políticos só no papel e de continuar, na prática, prendendo e violando os direitos humanos dos opositores.

Em out. de 1992, num encontro com os líderes da oposição, Mbasogo prometera atenuar a repressão; mas, em 12/2/1993, a polícia dissolve uma reunião da União Popular, de Eusebio Eboga, que já estava legalizada, prendendo quarenta militantes. Na mesma semana, a agência de notícias United Press denuncia as torturas a que estariam sendo submetidos. Mbasogo desmente e ameaça, em represália, interromper os contatos com a oposição mas, finalmente, prosseguem essas conversações, em busca de uma saída negociada para um período de transição para a democracia.

Denunciando violações – O relatório que a Comissão de Direitos Humanos da ONU divulga em 10/3/1993 denuncia a violação sistemática das liberdades básicas dos opositores políticos, exige do governo guinéu-equatoriano o estabelecimento de um Judiciário independente e constitui uma comissão permanente de monitoramento da situação dos direitos humanos no país. A ONU acusa o governo Mbasogo de ter, também, instigado o atentado de que escapou o emb. dos EUA, John Bennett, depois que o Departamento de Estado criticou a prática, no país, de prisão ilegal, tortura e intimidação (em razão desse atentado, Bennett deixou o país em 3/3/1993).

A libertação de todos os presos políticos (30/3) está incluída no Pacto Nacional Democrático que, em 18/3, o governo assina com a Plataforma de Oposição Conjunta, coalizão dos dez partidos legalizados formada em nov. de 1992. Eleições são previstas, mas sem data definida. Embora esse acordo alivie temporariamente a pressão sobre o governo, o país ainda se debate com extensa crise econômico-social, resultado da queda, no mercado internacional, dos preços do cacau e do café e de uma dívida externa cujo serviço consome mais de 10% do total das exportações. E também a oposição no exílio continua se organizando para enfrentá-lo: no fim de mar. de 1993, os partidos Cristão do Progresso Democrático, de Teodoro Makuandji Bondjale-Oko e Severo Moto Nsa, e a União Popular Guineana, de Armengol Engonga, assinam, em Madri, um acordo de fusão.

Haiti

● **NOME OFICIAL:** República do Haiti. **Capital:** Porto Príncipe. **Nacionalidade:** haitiana. **Hino:** Canção de Dessalines (título). **Língua:** francês e crioulo (oficiais). **Religião:** cristianismo (católicos, 80,3%; protestantes, 15,8%) (80% dos católicos praticam o vudu). **Data nacional:** 1º/1 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América Central. **Área:** 27.750 km². **Limites:** oceano Pacífico (N); Rep. Dominicana (L); mar das Antilhas (S); passagem de Sotavento (O). **Características:** ocupa a parte oeste da ilha de Sto. Domingo – costa recortada pelo golfo de Gonaives e com várias ilhas (Gonaives e Tartaruga, principais); relevo montanhoso com maciços (N e S); planalto central e planície (SE). **Ponto mais elevado:** pico La Selle (2.674 m). **Clima:** tropical. **Rios principais:** Artibonite, Guaimuque. **Cidades principais:** Porto Príncipe (752.600 hab.) (área metropolitana, 1.255.078); Cap-Haitien (92.122); Gonaïves (63.291) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

● **POPULAÇÃO:** 6.764.000 (est.1992); **urbana:** 29,6% (1990). **Composição demográfica:** negros, 95%; mulatos, 4,9%; brancos, 0,1% (1985). **Crescimento demográfico:** 808% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 40,2%; **15-59:** 53,6%; **mais de 60:** 6,2% (1990). **Densidade (hab./1 km²):** 244,2 (1992). **Natalidade:** 43 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 15 por 1.000; **mortalidade infantil:** 106 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,3 (1991). **Vida média homens:** 52; **mulheres:** 55 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,3 mil hab.; **médicos:** 1 por 6,1 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 1,3 % do PNB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 47% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,3 milhão (1989/90); **no ensino profissionalizante:** 3 mil (1988/89); **professores:** 37,5 mil (1989/90); **no ensino profissionalizante:** 491 (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 6,3 mil (Universidade do Haiti); **professores:** 500 (Universidade do Haiti) (1990/91). **Gastos:** 19,7% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** regime militar. **Data da Constituição em vigor:** 29/3/1987 (suspensa em 1988 e parcialmente restituída em 1989). **Divisão administrativa:** 9 departamentos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Frente Nac. para Mudança e a Democracia, Aliança Nac. pela Democracia e Progresso. **Chefe de Estado:** junta militar chefiada por Raoul Cédras. **Chefe de governo:** vago (desde 15/12/1993). **Legislativo:** fechado.

● **ECONOMIA:** agricultura, 33,8%; indústria, 21,2%; mineração, 0,1%; comércio e serviços, 44,9% do PIB (1990). **Agricultura:** café, açúcar, óleos comestíveis e farmacêuticos, cacau, milho, arroz, banana, batata-doce. **Pecuária:** bovinos, caprinos, suínos. **Pesca:** 7,5 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, manufaturas de metal, máquinas industriais, têxtil. **Minerais:** mármore, calcário, cálcio, cobre, ouro. **Exportações:** US$ 107,8 milhões (excluindo reexportações); **produtos:** manufaturados, café (1991/92). **Importações:** US$ 226,4 milhões; **produtos:** manufaturados básicos, alimentos e animais vivos, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1991/92). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Canadá, Itália, França. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** gourde (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 5,00 (31/8/1991). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 370 (1991); **crescimento anual:** -0,6% (1980–1991). **Inflação:** 15,4% (1991). **Dívida externa:** US$ 747 milhões (1991). **Força de trabalho:** 2,7 milhões; **distribuição:** agricultura, 57,3%; indústria, 7,6%; comércio e serviços, 20%; outros, 15,1%; **mão-de-obra feminina:** 40% (1990). **Desemprego:** 12,7% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 7,4 mil (1992); **Exército:** 7 mil; **Marinha:** 250; **Força Aérea:** 150. **Gastos:** 1,9% do PNB (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 4 mil km; 15% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 53 mil; **automóveis:** 32 mil (1989). **Ferrovias:** 80 km (1990). **Portos:** Porto Príncipe, Cap-Haitien. **Linhas aéreas:** Haïti Trans Air, Haïti Régional (vôos regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 33; **receptores:** 1 por 2,2 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 5 (muitas emissoras fecharam em 1991 com a queda do pres.); **receptores:** 1 por 265 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 79 hab. (1990). **Jornais diários:** 4; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 6,9 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 17, cj. 4, casa 19, CEP 70465-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-6437.

HISTÓRIA

Descoberto pela Espanha (1492) e cedido à França (séc. XVII), que o transformou em centro de trabalho escravo. Após a Revolução Francesa, os escravos se rebelaram e massacraram seus senhores. **1801 – 1803**: Toussaint l'Ouverture abole a escravidão, promulga a Constituição, mas é morto pelo Exército francês. **1804 – 1811**: Jean-Jacques Dessalines proclama-se imperador, mas é assassinado; o país divide-se no reino (N) do negro Henri Christophe e na República (S) do mulato Alexandre Pétion. **1820**: reunificação por Jean-Pierre Boyer, que anexa Sto. Domingo. **1844**: Boyer é deposto; Sto. Domingo recupera a independência. **1848**: guerra com a Rep. Dominicana. **1849 – 1859**: Faustin Elie Soulouque proclama-se imperador; é deposto por Nicholas Fabre Geffard. **1859 – 1915**: fase de instabilidade política. **1905 – 1934**: ocupação americana. **1934 – 1957**: novo período de instabilidade. **1957 – 1971**: ditadura de François Duvalier (*Papa Doc*), que, em 1964, proclama-se pres. vitalício. **1971**: seu filho, Jean-Claude (*Baby Doc*), também proclama-se vitalício. **1984**: a oposição é banida; distúrbios, em protesto, em Gonaïves e Cap-Haitien. **1985**: reformas políticas; mas os protestos continuam. **1986**: Duvalier foge; assume uma junta, cujo chefe, gen. Henri Namphy, nomeia-se presidente; o governo provisório (10/2) tem vários duvalieristas; a Assembléia Nacional é dissolvida. **1987**: nova Constituição; eleições suspensas horas depois de começar; corte da ajuda dos EUA. **1988**: o pres. Leslie Manigat é deposto (jun.) por Namphy, substituído (17/9) pelo gen. Prosper Avril. **1989**: novo adiamento das eleições; distúrbios. **1990**: Avril é forçado a renunciar (12/3); a juíza Ertha Pascal-Trouillot é interina; eleição do pe. Jean-Bertrand Aristide (16/12). **1991**: manifestação popular impede o golpe de Roger Lafontant, ex-chefe dos *tontons macoute* (a polícia política duvalierista), contra Trouillot (7/1); Aristide é deposto pelo com. Raoul Cédras (30/9) e exila-se nos EUA; a OEA tenta, sem resultados, negociar seu retorno; o juiz Joseph Nerette é o presidente provisório (8/10); sanções econômicas dos EUA, ONU e CEE; cresce o êxodo de refugiados; greve geral de protesto (23/10); protestos estudantis (4/11) contra a violência dos *tontons macoute*; repressão às manifestações no 1º aniversário da eleição de Aristide (dez.). **1992**: oposição dos neoduvalieristas à indicação do oposicionista René Théodore como 1º-ministro interino (7/1) e ataque à sede de seu partido, o MNR (25/1); acordo entre os militares e Nerette impõe o moderado Marc Bazin nesse cargo (9/5); a Guarda Costeira americana recolhe 34 mil refugiados que são repatriados (24/5); aumento da repressão, o quartel de Pétionville transforma-se em centro de tortura (ago.); aceito o envio de observadores dos direitos humanos da OEA (11/9).

FATOS DO ANO

Ao vencer, em 30/10/1993, o prazo dado pela ONU, nos termos do acordo assinado em jul., em Nova York, para que o pres. Jean-Bertrand Aristide voltasse a seu país, era incerta a situação da política haitiana. Os pequenos partidos de direita propunham o afastamento do gen. Raoul Cédras, chefe da junta que derrubou Aristide, e a nomeação de um interino até a realização de novas eleições presidenciais. A exigência de Cédras para deixar o poder, de que seja votada a anistia aos militares, é inviabilizada pela falta de quórum no Parlamento, a que os deputados não compareceram intimidados por ameaças de morte. E caem no vazio os apelos de Dante Caputo, o representante da ONU, para que sejam reiniciadas as negociações. Em 1º/11/1993, atendendo a um pedido feito por Aristide na ONU, em 28/10, os EUA enviam 650 fuzileiros navais para reforçar, nas águas territoriais, o bloqueio da venda de armas e petróleo. Mas a situação de um país onde a eletricidade está racionada, as comunicações e transportes em pane e o abastecimento comprometido não convence Cédras a renunciar.

Os esforços para reconduzir ao poder o único presidente democraticamente eleito desde 1957 tinham-se intensificado, durante a campanha presidencial americana, em que o democrata Bill Clinton criticara o repatriamento compulsório imposto pelo governo Bush aos refugiados haitianos. Depois de eleito, Clinton mantém a política de seu predecessor, mas apóia as negociações com base na resolução da ONU, de nov. de 1992, que exige a volta de um governo legítimo no Haiti e sugere, como instrumento de pressão, o embargo da venda de armas e petróleo. Em dez., o sec.-geral da OEA, João Baena Soares, reúne-se com Butros-Gali, da ONU, para discutir os termos de aplicação desse embargo. A essa altura, como mediador dos dois organismos, é escolhido o ex-chanceler argentino Caputo, que, em sua primeira visita a Porto Príncipe, adverte quanto à pouca validade das eleições legislativas de 18/1/1993, destinadas a renovar um terço do Parlamento, que estão sendo boicotadas por oito partidos da oposição. Caputo tenta, sem sucesso, negociar com a junta e o 1º-min. Marc Bazin a vinda de observadores da OEA e da ONU, e o início de discussões multipartidárias para pôr fim à crise.

Negociações penosas – Cédras admite, porém, negociar com Aristide por intermédio da ONU; e o próprio Bazin, que recusava os observadores sob a alegação de que "o Haiti não quer ser tutelado", tem de voltar atrás, em 9/2, diante das ameaças americanas e canadenses de sanções mais vigorosas. Mas são rejeitadas, em abr., as propostas de Caputo de anistia para a alta oficialidade em troca da volta de Aristide e do envio de uma força de paz internacional de quinhentos homens, para supervisionar a transição para a democracia (segundo o gen. Philippe Biamby, "haveria resistência a qualquer invasão estrangeira"). Bazin renuncia, em 8/6, alegando atritos com o Exército, e o vazio de poder divide o Parlamento, onde uma minoria defende a volta de Aristide enquanto os demais, apoiados pelo Exército, sugerem a nomeação provisória do pres. do Supremo Tribunal, Émile Jonassaint, e a convocação de eleições presidenciais dentro de três meses. Mas as pressões dos EUA, França, Canadá e Venezuela, que insistem no embargo e no congelamento, no exterior, dos bens de todos os integrantes e simpatizantes do governo militar, levam o Parlamento, em 15/6, a reconhecer Aristide como o presidente constitucional. Mas quatro condições lhe são impostas: conceder anistia geral aos militares que o depuseram; reconhecer todos os atos do Parlamento desde sua deposição; pedir o fim das sanções internacionais; e condenar toda forma de violência (também Aristide é acusado de ter incitado a perseguição aos militares e a ex-duvalieristas). Em 16/6, no entanto, a ONU dá uma semana para que os militares devolvam o poder a Aristide – e a proposta radical, dos EUA e da França, de bloqueio naval do país só não é adotada por oposição do Brasil e da Venezuela. O embargo entra em vigor em 23/6, no mesmo dia em que, em Miami, 50 mil haitianos exilados revoltam-se contra a decisão da Supre-

ma Corte, que considerou legal a interceptação, em alto-mar, de barcos com refugiados haitianos, e seu repatriamento à força.

Plano em separado – Diante do embargo, Cédras concorda em negociar com Aristide (21/6) e, no dia 27, vai a Nova York para um primeiro contato com os mediadores. Ali Caputo discute, em separado, com ele e Aristide, um plano de paz que prevê: retorno do presidente deposto em 30/10; nomeação de um 1º-ministro indicado por ele, depuração das Forças Armadas e a separação do Exército e polícia, sob a orientação de uma missão internacional. A implementação dessas medidas levaria à suspensão (mas não à revogação total) do embargo.

A promessa de uma ajuda internacional de US$ 1 bilhão faz o reticente Aristide assinar, em 3/7, o Pacto de Nova York, referendado, em 18/7, pelos partidos políticos haitianos. Mas as dificuldades não demoram a surgir: em 28/7, o pres. do Senado, Eddy Dupiton, que se dispõe a renunciar para facilitar a transição, é ferido em atentado atribuído a militares descontentes. Seu sucessor é Firmin Jean-Louis, da Frente Nacional para a Mudança e a Democracia, a coalizão que elegeu Aristide. Enquanto isso, o empresário Robert Malval, indicado pelo presidente no exílio, toma posse, nos EUA, em 30/8, como 1º-ministro; mas não permanece no cargo por muito tempo: renuncia logo, diante do impasse.

O embargo é suspenso em 27/7; mas as portas ficam abertas para que ele retorne caso o acordo seja violado. E não são poucos os riscos de que isso aconteça, pois os militares golpistas e seus simpatizantes no Parlamento, a cúpula da Igreja Católica, da burguesia (onde muitos se beneficiaram com o tráfico de drogas, o contrabando e o mercado negro, impulsionados pelo embargo), e a polícia, cujo chefe, Michel François, terá de deixar o posto juntamente com Cédras, não querem a volta de Titide – como o chamam seus eleitores pobres. Prova disso é a onda de violência contra os partidários do retorno: mais de cem civis são mortos, na capital, entre jul. e out., e o perigo ronda não só os membros do governo recém-nomeado, mas também os jornalistas estrangeiros e os 190 observadores da ONU que estão no país.

Crimes políticos – Em 11/9, é assassinado o comerciante Antoine Izméry, que financiou a campanha eleitoral de Aristide. O Conselho de Segurança reage acelerando o envio de 1.300 soldados encarregados de orientar a reformulação da polícia e do Exército; mas o primeiro contingente a chegar é impedido de desembarcar por civis armados que atacam os jornalistas e os diplomatas americanos vindos para recepcioná-los. Os militares recusam-se a fornecer as explicações, pedidas pelo secretário de Estado Warren Christopher, para um incidente que Caputo considera uma violação do acordo de paz. O assassinato, em 14/9, de Guy Malary, min. da Justiça do governo de transição, leva o pres. Clinton a ameaçar com o uso de navios de guerra para fazer cumprir o embargo. Ele pede ao Conselho de Segurança que apóie a medida – o que ocorre em 16/9, no mesmo dia em que trezentos funcionários da ONU, que monitoram a situação dos direitos humanos, deixam o país temendo por sua segurança. Nessa noite, enquanto trezentas pessoas fazem, diante do Palácio Nacional, uma manifestação de apoio aos militares, circulam rumores, em Porto Príncipe, de que o ex-ditador Jean-Claude Duvalier, o *Baby Doc*, prepara-se para voltar ao país. Três dias depois, ao entrar em vigor o bloqueio naval para assegurar o cumprimento do embargo, Clinton congela todos os bens dos militares haitianos nos EUA.

Mas Aristide também está descontente com Washington, pois emissários da Casa Branca tentam convencer Malval a incluir, em seu ministério, alguns membros do regime militar. Cédras, enquanto isso, diz que o país ainda tem estoques de combustível para três meses e, em 26/10, declara que só deixará o poder depois de o Parlamento ter aprovado a anistia aos militares. Os parlamentares, entretanto, assustados com o assassinato, na semana anterior, de um colega seu, recusam-se a comparecer às sessões do Legislativo. E o país ingressa no mês de out. de 1993 a braços com uma crise de desdobramentos imprevisíveis (para fatos posteriores a essa data, ver capítulo *Cronologia Mundo*).

Holanda

● **NOME OFICIAL:** Reino dos Países Baixos. **Capital:** Amsterdã, Haia (sede do governo). **Nacionalidade:** holandesa. **Hino:** Guilherme de Nassau (título). **Língua:** holandês. **Religião:** cristianismo, 68% (católicos, 36%; reformistas holandeses, 18,5%; calvinistas, 8,4%); ateus, 32,6%. **Data nacional:** 30/4 (Aniversário da Rainha).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da Europa. **Área:** 33.936 km². **Limites:** mar do Norte (N e O); Alemanha (L); Bélgica (S). **Características:** relevo baixo e plano (1/5 do território abaixo do nível do mar); colinas (L); zonas pantanosas (N e NE); lagos com diques e terras resgatadas do mar – pôlderes (O). **Ponto mais elevado:** Vaalserberg (321 m). **Clima:** temperado oceânico. **Rios principais:** Mas, Ijssel, Waal. **Cidades principais:** Amsterdã (695.200 hab.); Roterdã (579.200); Haia (441.500); Utrecht (230.400); Eindhoven (191.500) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 15.163.000 (est.1992); **urbana:** 88,5% (1990). **Composição demográfica:** holandeses, 95,8%; turcos, 1,2%; marroquinos, 0,9%; alemães, 0,3%; outros, 1,8% (1990). **Crescimento demográfico:** 0,4% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 18,2%; **15-59:** 64,5%; **mais de 60:** 17,3% (1990). **Densidade (hab./km²):** 446,8 (1992). **Natalidade:** 13,2 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 8,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 7,1 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,6 (1989). **Vida média homens:** 73,7; **mulheres:** 79,7 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 164 hab. (1989); **médicos:** 1 por 415 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 8,5% do PNB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 2,8 milhões; **professores:** 192,9 mil (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 329 mil (1989/90); **professores:** 31 mil (1985/86). **Gastos:** 6,8% do PNB (1986).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 17/2/1983. **Divisão administrativa:** 12 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Apelo Democrata Cristão, Trabalhista, do Povo pela Liberdade e Democracia, Democracia 66. **Chefe de Estado:** rainha Beatriz Wilhelmina Armgard (desde 30/4/1980). **Chefe de governo:** 1º-min. Rudolphus (Ruud) Lubbers (desde 4/11/1982). **Legislativo:** bicameral – Primeira Câmara, com 75 membros eleitos pelos Conselhos Provinciais; Segunda Câmara, com 150 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 4,8%; indústria, 29,8%; mineração, 3,1%; comércio, 16,4%; serviços, 45,9% do PIB (1989). **Agricultura:** beterraba, batata, cereais, legumes e verduras, frutas, horticultura (plantas e flores). **Pecuária:** aves, suínos, bovinos. **Pesca:** 438,3 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, química, plástica, borracha, máquinas elétricas. **Minerais:** gás natural, petróleo. **Exportações:** US$ 133,2 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, alimentos e animais vivos, químicos, manufaturados, combustíveis minerais (1991). **Importações:** US$ 126,5 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturados básicos, alimentos e animais vivos, combustíveis minerais (1991). **Parceiros comerciais:** Alemanha, Bélgica, Luxemburgo, Grã-Bretanha, França, EUA, Itália. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** florim (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,82 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 278,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 18.560 (1991); **crescimento anual:** 2,1% (1980–1991). **Inflação:** 3,7% (1992). **Força de trabalho:** 7 milhões; **distribuição:** agricultura, 4,2%; indústria, 24%; comércio, 16,1%; ser-

viços, 47,4%; outros, 8,3%; **mão-de-obra feminina:** 39,2% (1990). **Desemprego:** 7,5% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 88,3 mil (1992); **Exército:** 60,8 mil; **Marinha:** 15,5 mil; **Força Aérea:** 12 mil; **outros:** 3,9 mil (guarda real), 800 (organização inter-serviços) e 270 (força de defesa civil). **Gastos:** 2,9% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 116,3 mil km; 88% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 6,1 milhões; **automóveis:** 5,5 milhões (1990). **Ferrovias:** 2,8 mil km (1989). **Portos:** Roterdã, Amsterdã. **Linhas aéreas:** KLM, Martinair Holland, Transavia Airlines (vôos internacionais e domésticos); Air Holland (charters).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 165; **receptores:** 1 por 1,2 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 8; **receptores:** 1 por 3 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,6 hab. (1986). **Jornais diários:** 45; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 332 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações Unidas, lote 5, quadra 801, CEP 70405-900, Brasília, DF; tel. (061) 321-4769.

HISTÓRIA

Ao ser conquistada (Júlio César, 55 a.C.), era habitada por saxões e frísios; depois, foi dominada pelos francos sálicos (séc. III). Fragmentando-se em ducados e condados (séc. IX), foi conquistada por Carlos V de Habsburgo (séc. XVI). **1568:** Guilherme, o Taciturno, de Orange, une as sete províncias do norte contra os espanhóis e declara sua independência. **1648:** o Tratado de Westfália, no fim da Guerra dos Trinta Anos, reconhece a independência das Províncias Unidas. **Séc. XVII:** o país torna-se uma potência marítima, comercial e cultural. **1715:** início do declínio. **1794:** invasão francesa; criação da República da Batávia. **1815:** o Congresso de Viena reconhece o Reino dos Países Baixos (Holanda e Bélgica). **1830:** independência da Bélgica. **1940 – 1945:** ocupação nazista. **1946 – 1949:** guerra da independência da Indonésia. **1957:** adesão à CEE. **1963:** devolução do Irian Ocid. à ONU. **1975 – 1977:** campanha terrorista da Organização pela Liberdade das Molucas do Sul. **1980:** a rainha Juliana abdica em favor de sua filha mais velha, Beatriz. **1982:** Ruud Lubbers lidera coligação democrata-cristã/liberal. **1985:** autorizada a instalação de euromísseis no país. **1989:** divergências sobre ecologia provocam a queda de Lubbers (mai.), que, após eleições, faz coligação com os trabalhistas, cujo líder, Wim Kok, torna-se vice-1º-ministro e min. das Finanças. **1991:** medidas de austeridade prejudicam PDC e PT nas urnas (6/3); em protesto contra acordo PDC/PT para a mudança no sistema de benefícios sociais (ago.), Marjanne Sint renuncia à presidência do PT (30/8) e há greves em todo o país (set.); em Maastricht, aprovação do tratado sobre unificação européia (dez.). **1992:** vitória dos ambientalistas no plebiscito que proíbe carros de circular no centro de Amsterdã (mar.); legalização de prostíbulos e clubes de sexo (mai.), para impedir a exploração das prostitutas por marginais.

FATOS DO ANO

É aprovada, em 16/2/1993, legislação que bane a discriminação não apenas racial mas também a qualquer tipo de opção política, sexual ou religiosa. É a primeira a especificar as diversas formas de preconceito e a permitir à pessoa que se sinta marginalizada buscar reparação por meio de procedimentos legais. Mas os esforços do Parlamento na luta contra a discriminação não eliminam a violenta onda de xenofobia – decorrente, em toda a Europa Ocid., do medo da concorrência no mercado de trabalho, ao aproximar-se a unificação européia, e em vista de acontecimentos como a fragmentação da URSS e da Iugoslávia.

No segundo semestre de 1993, ocorrem dois incidentes que têm ampla repercussão internacional. Em ago., uma menina marroquina morre afogada, em Roterdã, diante de duzentas pessoas que assistem, algumas gritando slogans racistas, outras fazendo gestos obscenos. Embora as autoridades prometam identificar e processar essas pessoas, concluem, quatro dias depois, não ter havido omissão de socorro, pois cinco transeuntes tentaram ajudar a polícia a salvar a menina. E, em set., apesar dos protestos e apelos do Comissariado de Refugiados da Anistia Internacional, a Câmara dos Deputados pronuncia-se favorável à restrição do asilo a estrangeiros, alegando que a manutenção de cada um deles custa ao governo 90 mil florins anuais.

Esse segundo ponto está ligado à política de redução de gastos de um governo que, até o fim de 1992, protegia financeiramente várias classes sociais. Entre os cortes, o que provoca maiores protestos é o que afeta cerca de 600 mil jovens maiores de 18 anos, cujas despesas com estudos superiores têm de ser parcialmente cobertas por suas famílias: a passeata de rejeição à medida, em ago., é reprimida pela polícia, com um saldo de trinta feridos e quarenta pessoas presas. E motiva a divulgação, pelo Parlamento, em 7/9/1993, de um documento em que se afirma estar ocorrendo radical mudança na tradicional proteção social aos assalariados e que chegou a hora de o governo deixar de ser "uma fábrica de abonos e gratificações". O documento inquieta os sindicalistas, perturba os trabalhistas e, embora surja às vésperas da campanha para as eleições legislativas de 1994, é recebido com demonstrações de entusiasmo pelo Partido Liberal. Estão sendo feitos cortes também na área militar: em mar. de 1993, começam a ser discutidas a abolição do serviço militar obrigatório a partir de 1994 e a redução de 14 bilhões de florins no orçamento de defesa.

Sim à eutanásia – O Tratado de Maastricht, sobre a unificação européia, aprovado pelos deputados em nov. de 1992, é ratificado pelos senadores em dez. Outra lei polêmica, discutida e aprovada pelos deputados em 9/2/1993, é a que se refere à eutanásia, que, desde 1973, vinha sendo informalmente praticada no país. A nova lei, por 91 votos contra 45, torna ilegal a prática da eutanásia por não-profissionais; mas permite que ela seja aplicada por médicos, depois que estes tenham respondido a 28 exigências legais, que incluem certificar-se de que o paciente está em estado terminal, com sofrimentos insuportáveis e tenha pedido repetidamente para morrer. Essa

legislação é, em seguida, encaminhada ao Senado para estudo e votação.

A recessão alemã tem sérios reflexos sobre a economia holandesa e, em especial, sobre suas principais corporações industriais: em fev. de 1993, a fábrica de caminhões DAF, a de aviões Fokker e a companhia aérea estatal KLM têm de recorrer, no exterior, a empréstimos que vão de 750 a 1 bilhão de florins, para evitar a falência. A indústria holandesa, que, em 1992, tinha a expectativa de 5% de crescimento, tem de aceitar, em meados de 1993, a perspectiva de um declínio de 4% em sua produtividade. Isso faz com que, dos 2% inicialmente previstos, o crescimento do PNB tenha de ser reduzido para 0,6% em 1993. No fim do primeiro semestre desse ano, a Federação das Indústrias anuncia que um em cada sete operários holandeses trabalha em uma empresa que está passando por problemas financeiros; e que, até o final do ano, esse número deverá aumentar de um para quatro.

Além disso, a tradicional abertura do mercado holandês faz – segundo relatório divulgado em set. de 1993 – com que ele seja, hoje, vítima da competição de firmas internacionais cuja entrada ele próprio permitiu. Uma forma de combater os desequilíbrios assim produzidos é a privatização das poucas empresas ainda sob controle estatal. A mais importante delas, prevista para 1994 – 1999, será a da Koninklijke PTT Nederland, a companhia dos correios e telégrafos, avaliada, no fim de 1993, em 22 bilhões de florins.

Honduras

● **NOME OFICIAL:** República de Honduras. **Capital:** Tegucigalpa. **Nacionalidade:** hondurenha. **Hino:** *A tua bandeira é uma luz celeste* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, 94,6%); islamismo (bahaístas) (minoria). **Data nacional:** 15/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da América Central. **Área:** 112.088 km². **Limites:** golfo de Honduras e mar das Antilhas (N); Guatemala (NO); Nicarágua (L e SE); oceano Pacífico (S); El Salvador (SO). **Características:** relevo montanhoso com planícies e terras pantanosas (litoral norte); vales férteis e encostas baixas (litoral sul); terras elevadas ao centro; cadeias de montanhas (L e O). **Ponto mais elevado:** pico Las Minas (2.865 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rios principais:** Patuca, Aguán, Humuya, Guayape. **Cidades principais:** Tegucigalpa (608.100); San Pedro Sula (300.400); La Ceiba (71.600); El Progreso (63.400); Choluteca (57.400) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): -3h.

● **POPULAÇÃO:** 4.996.000 (est.1992); **urbana:** 41,1% (1991). **Composição demográfica:** mestiços, 89,9%; ameríndios, 6,7%; negros, 2,1%; brancos, 1,3% (1987). **Crescimento demográfico:** 3,1% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 44,6%; 15-59: 50,5%; mais de 60: 4,9% (1990). **Densidade (hab./km²):** 44,6 (1992). **Natalidade:** 39 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 8 por 1.000; **mortalidade infantil:** 48 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,3 (1991). **Vida média homens:** 63; **mulheres:** 67 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 818 hab. (1991); **médicos:** 1 por 1,6 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 3,3% do PNB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 26,9% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,1 milhão; **professores:** 34,4 mil (1991); **no ensino profissionalizante:** 581 (1989). **Alunos no ensino superior:** 34,3 mil; **professores:** 2,7 mil (1991). **Gastos:** 4,6% do PNB (1989).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** nov./1992. **Divisão administrativa:** 18 departamentos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Liberal, Nacional. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Carlos Roberto Reina (desde 29/11/1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 128 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 22,8%; indústria, 24,7%; mineração, 1,9%; comércio, 12%; serviços, 37,6% do PIB (1991). **Agricultura:** café, banana, cana-de-açúcar, madeira. **Pecuária:** bovinos, suínos, eqüinos. **Pesca:** 15,4 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, têxtil, vestuário, química, máquinas industriais e equipamentos de transporte. **Minerais:** chumbo, zinco, prata, ouro, cobre, ferro, petróleo. **Exportações:** US$ 808,1 milhões; **produtos:** banana, café, moluscos, minerais (1991). **Importações:** US$ 879,8 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos, manufaturas básicas, combustíveis e lubrificantes (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Alemanha, México, Venezuela, Itália, Bélgica, Holanda. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** lempira (dividida em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 5,40 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 3 bilhões; **renda per capita:** US$ 570 (1991); **crescimento anual:** 2,6% (1980–1991). **Inflação:** 5,4% (1992). **Dívida externa:** US$ 3,2 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 1,5 milhão; **distribuição:** agricultura, 46,1%; indústria, 18,6%; comércio, 10,3%; serviços, 25% (1991); **mão-de-obra feminina:** 18,3% (1988–1990). **Desemprego:** 40% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 16,8 mil (1992); **Exército:** 14 mil; **Marinha:** 1 mil; **Força Aérea:** 1,8 mil; **outros:** 5,5 mil paramilitares. **Gastos:** 3,2% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 11,4 mil km; 21% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 107 mil; **automóveis:** 89 mil (1990). **Ferrovias:** 939 km (1990). **Portos:** Puerto Cortés, Tela, La Ceiba, Trujillo Castilla, Roatán, Amapala, San Lourenzo. **Linhas aéreas:** SAHSA (vôos internacionais e domésticos), LANSA (regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 281; **receptores:** 1 por 2,6 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 9; **receptores:** 1 por 24 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 46 hab. (1991). **Jornais diários:** 6; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 48 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 5, cj. 13, casa 1, CEP 70464-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-1200.

HISTÓRIA

Centro da civilização maia, a região foi visitada por espanhóis (1502), que, não encontrando ouro e prata, a deixaram inexplorada até a independência da Capitania Geral da Guatemala (15/9/1821). **1822:** união da América Central com o México (5/1). **1823 – 1838:** separação do México e fusão às Províncias Unidas do Centro da América. **1838:** independência (5/11). **1840 – 1852:** ditadura de Francisco Ferrera. **1842 – 1844:** confederação com Nicarágua e El Salvador. **1855:** o liberal Trinidad Cabañas, derrubado por intervenção da Guatemala, é substituído pelo conservador Santos Gardiola. **1862:** Santos é assassinado. **1871:** guerra com a Guatemala. **1876 – 1883:** o liberal Marco Aurélio Soto constrói estradas e abre o país ao capital estrangeiro. **1907:** guerra com a Nicarágua. **1920:** guerra entre conservadores e liberais. **1932 – 1948:** ditadura de Tiburcio Carías Andino. **1963:** o cel. Osvaldo López Arellano depõe o liberal Ramón Villa de Morales. **1965:** eleição de López pela Constituinte. **1969:** invasão de Honduras por El Salvador. **1971:** Ramón Ernesto Cruz vence as primeiras eleições diretas desde 1932, mas, em **1972:** é deposto por López, que, em **1975:** é deposto pelo cel. Juan Melgar Castro. **1976:** assinatura da paz com El Salvador. **1978:** Melgar é deposto pelo gen. Policarpo Paz García. **1981:** conflitos de fronteira com a Nicarágua; eleição do liberal Roberto Suazo Córdova (29/11). **1982:** nova Constituição; os EUA usam seus aeroportos para operações militares na América Central. **1983:** é oferecido abrigo a guerrilheiros anti-sandinistas; os EUA instalam, na costa atlântica, base para treinamento de soldados de países centro-americanos aliados. **1984:** o com. das Forças Armadas, o extremista gen. Gustavo Álvarez Martínez, é deposto, deportado e substituído pelo moderado brig. Walter López Reyes; pedida a revisão do tratado com os

EUA. 1986: eleição do liberal José Azcona del Hoyo. 1988: protestos contra a extradição, para os EUA, do "rei da droga" Ramón Matta Ballesteros. 1989: eleição de Rafael Leonardo Callejas. 1990: o plano de ajuste econômico provoca greve dos plantadores de banana, que termina com a intervenção do Exército. 1991: anistia a camponeses presos desde 1989 e militares acusados de violação dos direitos humanos; começa negociação com grupos guerrilheiros de esquerda; acusado de abuso contra os direitos civis, é destituído o com. das Forças Armadas, gen. Arnulfo Cantarera, substituído pelo gen. Luís Discua.; as Forças Armadas são acusadas da morte da estudante Riccy Mabel Martínez (set.); o Congresso exige a renúncia do pres. da Suprema Corte, Oswaldo Ramos Soto, acusado de corrupção (set.); cessar-fogo com a guerrilha (set.); criação de um departamento das Forças de Segurança Pública para investigar denúncias de corrupção e abuso dos direitos humanos (out.), a começar pelo massacre de agricultores e sindicalistas, por militares, entre 1990/91. 1992: a Corte Internacional de Justiça concede as ilhas de Meanguera e Meanguerita a El Salvador, e El Tigre, no golfo de Fonseca, a Honduras (11/9).

FATOS DO ANO

Preocupado com as chances que seu partido, o Nacional, terá nas eleições do final de 1993, o pres. Rafael Leonardo Callejas remaneja, em 11/1, o seu gabinete. Saem os dois ministros diretamente comprometidos com o criticado plano de ajuste econômico: Benjamín Villanueva Tabora, das Finanças, e Ramón Medina Luna, da Economia, substituídos respectivamente por René Ardón Matute e Carlos Chain. Oito dias antes, a substituição do gen. Lázaro Melanio Avila Soleno pelo cel. Claudio Laínez Coello, na pasta da Defesa, fora interpretada como um esforço do com.-em-chefe das Forças Armadas, gen. Luís Alonso Discúa Elvir, para consolidar seu poder entre os militares, deslocando para a área administrativa dois oficiais que, em dez., tinham-se declarado contrários ao remanejamento que ele fizera na cúpula do Exército.

Comissão de inquérito – A força de Discúa se manifesta abertamente em fev.: em cumprimento às suas ordens, tanques desfilam pelas ruas de Tegucigalpa e San Pedro Sula. O pretexto é combater a "delinqüência" e as "atividades terroristas"; mas a manobra é vista, pela imprensa e pela oposição, como uma medida intimidatória. A crescente pressão popular para que o governo tome medidas contra os assassinatos de opositores e outros abusos cometidos das Forças Armadas, relatados pelo Comitê Hondurenho de Defesa dos Direitos Humanos, leva à criação, em 16/3, de comissão de inquérito chefiada por mons. Oscar Andrés Rodríguez Madariaga e composta por representantes do Executivo, Legislativo, Judiciário e da imprensa, e de quatro candidatos presidenciais.

O braço-de-ferro entre Discúa e Callejas é visível. Embora este anuncie, em 1º/3, que as tropas serão retiradas das ruas, o general informa, no dia seguinte, que o "patrulhamento normal" prosseguirá, nas duas cidades, "a pedido da presidência". Desmente os rumores de golpe mas, ao mesmo tempo, convence o Legislativo a votar uma emenda constitucional que lhe permita prolongar seu período no comando.

A instabilidade e o recrudescimento do militarismo, em Honduras e em outros países que retornaram à democracia na região, comenta o *New York Times* (30/5/1993), devem-se à fragilidade da economia, que deixou de receber a enxurrada de dólares de ajuda militar americana, sem resolver seus problemas socioeconômicos e tendo de enfrentar a corrupção do tráfico de drogas. Callejas enfrenta não só a insatisfação popular com as duras medidas de ajuste e de modernização da agricultura, mas também críticas da Igreja Católica: ela adverte que as novas leis agrárias, que permitem a venda de terras desapropriadas pela reforma agrária, só favorecem a especulação e o enriquecimento das multinacionais agrícolas.

Problemas econômicos – A aprovação, pelo Congresso, em dez. de 1992, da lei de privatização de estatais, é saudada pelo setor privado; mas sofre ataques da oposição, temerosa de que a medida faça crescer a corrupção e os privilégios de alguns grupos. País agrícola, dos mais pobres da América Latina, Honduras é abalada não só pela baixa no preço do café, seu segundo produto de exportação, mas principalmente pela decisão da CEE de cortar em mais de 50% a importação de bananas latino-americanas, para favorecer suas ex-colônias da África e do Caribe. Para toda a América Latina, que tinha na Europa seu maior comprador, a medida – anunciada em fev. de 1993 e efetivada em 1º/7 – custará US$ 1 bilhão e 170 mil empregos até 1995. Para Honduras, que tinha na banana 60% do total de suas exportações, a medida é desastrosa. Em vista das dificuldades comuns, Honduras e seus vizinhos centro-americanos, igualmente dependentes da agricultura, iniciaram, desde out. de 1992, conversações visando a estabelecer uma federação política centro-americana.

Hungria

● **NOME OFICIAL:** República da Hungria. **Capital:** Budapeste. **Nacionalidade:** húngara. **Hino:** *Deus abençoe os húngaros* (1º verso). **Língua:** húngaro (oficial); alemão, croata, eslovaco, romênico e romeno (minorias). **Religião:** cristianismo, 87,9% (católicos, 64,1%; presbiterianos e luteranos, 23,3%; ortodoxos, 0,5%); judaísmo, 0,9%; islamismo (minoria). **Data nacional:** 4/4 (Libertação).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Europa. **Área:** 93.031 km². **Limites:** Eslováquia (N); Romênia e Ucrânia (L); Iugoslávia e Croácia (S); Áustria e Eslovênia (O). **Características:** extensas planícies cortadas por colinas e cadeias de montanhas (NE a SO) e pelo rio Danúbio (N a S); grandes Lagos (NO e L). Ponto mais elevado: monte Kékes (1.015 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Danúbio, Tisza, Drava, Raba. **Cidades principais:** Budapeste (2.018.000 hab.); Debrecen (213.900); Miskocl (194.000); Szeged (176.100); Pécs (170.000) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

• **POPULAÇÃO:** 10.303.000 (est.1992); **urbana:** 61,9% (1990). **Composição demográfica:** húngaros, 96,6%; alemães, 1,6%; eslovacos, 1,1%; outros, 0,7% (1987). **Crescimento demográfico:** -0,1% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 19,9%; 15-59: 61,1%; **mais de 60:** 19% (1991). **Densidade (hab./km²):** 110,7 (1992). **Natalidade:** 12,1 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 14 por 1.000; **mortalidade infantil:** 14,8 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,8 (1990). **Vida média homens:** 65,1; **mulheres:** 73,7 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 99 hab.; **médicos:** 1 por 306 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 7,7% do orçamento (1990).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 26,9% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,7 milhão; **professores:** 118,9 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 100,9 mil; **professores:** 16,3 mil (1989/90).

• **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 18/8/1949 (4 emendas). **Divisão administrativa:** 19 condados e a capital. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Fórum Democrático, Aliança dos Democratas Livres, Pequenos Proprietários, Socialista, Federação dos Jovens Democratas, Popular Democrata Cristão. **Chefe de Estado:** Árpád Göncz (desde 3/8/1990). **Chefe de governo:** Péter Boross (interino desde 7/10/1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 394 membros (386 eleitos por voto direto) para mandatos de 4 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 12,4%; indústria, 32,7%; comércio, 12,6%; serviços, 42,3% do PIB (1990). **Agricultura:** trigo, milho, cevada, beterraba, batata, uva. **Pecuária:** aves, suínos, ovinos. **Pesca:** 33,9 mil t (1990). **Indústria:** engenharia industrial, química, vinho. **Minerais:** bauxita, carvão, linhita. **Exportações:** US$ 10,2 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, alimentos e animais vivos, manufaturados básicos (1991). **Importações:** US$ 11,4 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturados básicos (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Alemanha, principal). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** forint (dividido em 100 fillér); **cotação para 1 US$:** 76,81 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 28,2 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.690 (1991); **crescimento anual:** 0,5% (1980–1991). **Inflação:** 36,4% (1991). **Dívida externa:** US$ 22,7 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 1,5 milhão; **distribuição:** agricultura, 13,9%; indústria, 36,8%; comércio, 13,3%; serviços, 27,3%; outros, 8,7%; **mão-de-obra feminina:** 46,3% (1992). **Desemprego:** 12,2% (1992).

• **DEFESA: Efetivo total:** 80,8 mil (1992); **Exército:** 63,5 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 17,3 mil; **outros:** 20 mil (guarda costeira). **Gastos:** 6,3% do PNB (1989).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 29,7 mil km; 99% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 2,1 milhões; **automóveis:** 1,9 milhão (1990). **Ferrovias:** 13,2 mil km (1990). **Portos:** Budapeste (rio Danúbio) e no lago Balaton. **Linha aérea:** MALÉV (vôos internacionais).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 1,7 hab.(1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 2,5 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 5,5 hab. (1990). **Jornais diários:** 29; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 266 (1990).

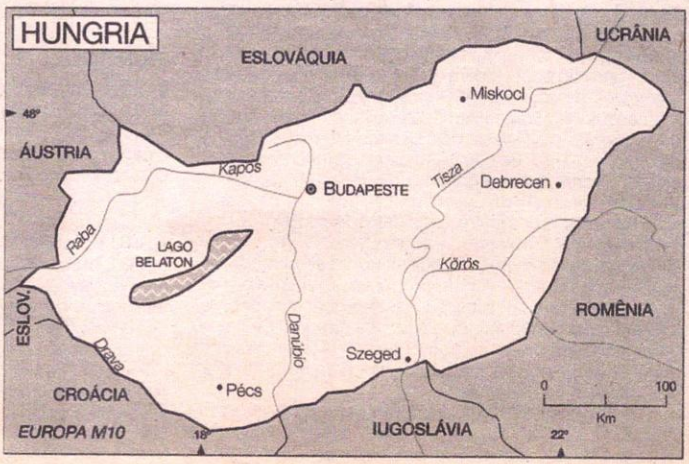
• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 19, CEP 70413-900, Brasília, DF; tel. (061) 243-0822.

HISTÓRIA

Vindos dos Urais (séc. IX), os magiares cristianizaram-se (séc. X) e fizeram alianças com o Sacro Império Romano-Germânico. Após a derrota para os turcos (1526), a eleição de Ferdinando da Áustria como rei abre caminho à dominação dos Habsburgos. **1713:** anexação pela Áustria. **1848/49:** fracassa a revolta de Lájos Kossuth. **1867:** *o Ausgleich* cria a Monarquia dual austro-húngara. **1919:** proclamação da República; regime comunista da Béla Kun, derrubado com ajuda romena. **1920:** perda de 3/4 do território (Tratado de Trianon); o alm. Nicholas Horthy toma o poder. **1938 – 1940:** com apoio da Itália e Alemanha, recupera as terras perdidas; alia-se ao Eixo. **1944:** ocupação soviética; o governo provisório declara guerra ao Eixo. **1948:** o PC toma o poder. **1949:** proclamação da República Popular. **1956:** revolta contra o regime; Imre Nagy toma o poder, declara a neutralidade e sai do Pacto de Varsóvia; János Kádár cria contragoverno e pede intervenção da URSS; 200 mil pessoas se exilam. **1958:** execução de Nagy e alguns ministros. **1971:** primeira eleição com candidatos não oficiais, que ganham oito cadeiras no Parlamento. **1982:** liberalização econômica permite o funcionamento de empresas privadas; entrada no FMI. **1983:** perseguição a dissidentes; criadas zonas francas de comércio. **1985:** dissidentes participam das eleições. **1987:** o liberal Károly Grosz é o 1º-ministro (25/6) e, em **1988:** substitui Kádár na liderança do PC. **1989:** multipartidarismo; reforma da Constituição, do Código Penal e da lei eleitoral. **1990:** vitória da oposicionista Fórum Democrático: o escritor dissidente Árpád Göncz é o presidente e József Antall, o 1º-ministro; crise econômica: o FD perde terreno nas eleições locais; greve dos transportes; troca do min. das Finanças, Ferenc Rabár, por Mihály Kupa; atritos Antall/Göncz devido à lei, derrubada em 3/3/1992, que permite processos contra ex-dirigentes comunistas acusados de assassinato ou traição (nov.); associação com a CEE (22/11) prevê a adesão à comunidade em dez anos. **1992:** Göncz não demite o diretor da rádio estatal, que entrou em choque com Antall (mai.); este pede ao Tribunal Constitucional que delimite a área de competência de Göncz, mas não o faz voltar atrás; József Torgyan, do governista Partido dos Pequenos Proprietários, passa à oposição (fev.) e organiza passeata de 15 mil pessoas (25/4) contra o desemprego e a inflação.

FATOS DO ANO

Apesar de gravemente enfermo, com câncer linfático, o 1º-min. József Antall – que morre em dez. de 1993 – consegue reeleger-se, em 24/1/1, pres. do Fórum Democrático:, aglutina, assim, à sua volta as mais diversas tendências dentro do partido. Isso surpreende os observadores, pois, após três anos de crise econômica, com queda de 5% no PIB em 1992, a insatisfação com seu



governo tem favorecido a eclosão de manifestações extremistas. A mais grave delas foi a publicação, em set. de 1992, pelo escritor nacionalista István Csurka, vice-pres. do FD, de um manifesto culpando ex-comunistas, liberais "ocidentalizados", ciganos e judeus pela "deterioração do clima social". A ala liberal do FD repudia imediatamente esse documento e, em 24/9, 70 mil pessoas das mais diversas filiações políticas desfilam por Budapeste numa "marcha pela democracia", para "afastar do país o fantasma do radicalismo". Uma das conseqüências dessa passeata é a decisão da Justiça, em nov., de condenar 48 *skinheads* (os cabeças raspadas neonazistas) por agressões contra ciganos e estrangeiros.

O fortalecimento que a reeleição lhe traz permite a Antall manobrar com mais liberdade. Em fev. de 1993, muda cinco de seus ministros, tentando reverter o baixíssimo índice de 8% de aprovação ao gabinete. Toma essa decisão no momento em que as pesquisas de opinião revelam que Viktor Orban, pres. da Federação dos Jovens Democratas, conta com 25% da preferência popular para as eleições de 1994. As posições políticas de Csurka, condenadas por vários setores, são um dos alvos da campanha de Antall. Em jun., o min. da Defesa, Lájos Für, renuncia a seu cargo de sec.-geral do FD, em protesto contra a permanência de extremistas no partido. Reagindo solidária, a maioria dos membros da agremiação vota pela expulsão de Csurka e três outros parlamentares.

Novo 1º-ministro – Por uma diferença de apenas quatro meses, o ex-vice pres. do FD – que funda um novo partido, o Nacional-Cristão – perde a chance de assumir a presidência de seu partido e, conseqüentemente, a chefia do governo: em 7/10/1993, Antall é hospitalizado e quem assume interinamente é o min. do Interior, Péter Boross, efetivado no cargo em 12/12, quando ele morre.

A reavaliação da História recente produz, durante 1993, várias polêmicas. Em 16/2, o Parlamento aprova lei que permite a abertura de processos pedindo indenizações por abusos cometidos durante o regime comunista. Nesse mesmo mês, a revista italiana *La Stampa* revela que, nos recém-abertos arquivos do Kremlin, consta o nome de Imre Nagy, que fracassou na tentativa de romper com a URSS em 1956, como agente da NKVD, a polícia política soviética, na década de 30 (em 15/10, a historiadora austríaca Elisabeth Heresch afirma que Nagy, então com 22 anos, fez parte do pelotão de fuzilamento húngaro que os russos, não desejando fazê-lo pessoalmente, encarregaram de executar o tsar Nicolau II e sua família). E causa grande escândalo, em set., a autorização para que seja enterrado em solo húngaro o alm. Miklós Horthy de Nagybánya, simpático às forças do Eixo durante a II Guerra, e que morrera no exílio, em 1957, em Portugal.

Em 7/7/1993, a *Országgyülés* (Assembléia Nacional) aprova lei garantindo plenos direitos às minorias étnicas estabelecidas na Hungria. Além de constituir uma resposta aos preconceitos ultranacionalistas, a preocupação dos parlamentares é em apresentar o país como um modelo de tolerância, pensando nos 3 milhões de húngaros que vivem nos países vizinhos: 2 milhões na Romênia, 350 mil na província iugoslava da Voivódina (onde está vivo o conceito de "limpeza étnica") e os restantes na Eslováquia e Ucrânia.

Em 8/10, a OCDE divulga um relatório pouco animador sobre o estado da economia húngara. Apesar de reconhecer alguns avanços na política adotada por Antall, em especial no campo das privatizações, a organização internacional crítica o déficit público de 8% do PIB, considerando-o o principal fator de desequilíbrio da economia. Para acomodar-se ao programa quadrienal de reajuste econômico, em curso desde 1991, o florim foi desvalorizado em 5,8%, em nov. daquele ano, e em outros 8,3% em nov. de 1992. Além disso, apesar dos protestos da população, uma taxa de 25% sobre o preço dos produtos ao consumidor foi criada em jan. de 1993, como uma forma de aumentar a arrecadação governamental.

Iêmen

● **NOME OFICIAL:** República do Iêmen. **Capital:** Sanaa. **Nacionalidade:** iemenita. **Língua:** árabe. **Religião:** islamismo, 99% (sunitas, 53%; xiitas, 46,9%) (oficial). **Data nacional:** 22/5 (Reunificação).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul do Oriente Médio. **Área:** 536.869 km². **Limites:** Arábia Saudita (N); Omã (L); golfo de Áden (S); mar Vermelho (O). **Características:** planície litorânea semidesértica com ilhas – Perim (golfo de Áden), Socotra (oceano Índico) e Camaran (mar Vermelho); regiões montanhosas com vales profundos e rios temporários (centro). **Ponto mais elevado:** Habur Shuayb (3.760 m). **Clima:** árido tropical (N); tropical com chuvas de verão (S). **Rios principais:** Wadi al Masilan, Wadi Jiz, Wadi Armá e Wadi Khabb. **Cidades principais:** Sanaa (427.150 hab.) (1986); Áden (318.000); Taiz (178.043); Hodeida (155.100) (1986). **Hora local** (em relação a Brasília): +8h.

● **POPULAÇÃO:** 12.147.000 (est.1992); **urbana:** 29,8% (1990). **Composição demográfica:** maioria árabe. **Crescimento demográfico:** 3,5% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 49,6%; **15-59:** 46,4%; **mais de 60:** 4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 22,8 (1992). **Natalidade:** 51,3 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 16,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 121 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 7,4 (1991). **Vida média homens:** 49; **mulheres:** 51 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 995 hab.; **médicos:** 1 por 5,5 mil hab. (1986). **Gastos com saúde:** 1,5% do PNB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 61,5% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,7 milhão; **professores:** 48,7 mil (Iêmen, 1988/89). **Alunos no ensino superior:** 23,5 mil; **professores:** 470 (Iêmen, 1988/89). **Gastos:** 6,1% do PNB (1989).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** aprovada em 15-16/5/1991 (provisória). **Divisão administrativa:** 16 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Congresso Geral do Povo, Islâmico Iemenita, Socialista. **Chefe de Estado:** pres. gen. Ali Abdala Saleh (desde 24/5/1990). **Chefe de governo:** 1º-min. Haidar Abu Bakr al-Attas (desde mai./1990). **Legislativo:** unicameral – Câmara dos Representantes, com 301 membros (159 do Conselho Consultivo do Iêmen e 111 do Conselho Supremo do Povo do Iêmen do Sul eleitos por voto direto; 31 nomeados pelo pres.).

● **ECONOMIA:** agricultura, 14,8%; indústria, 19,4%; comércio, 13,2%; serviços, 52,6% do PIB (1988). **Agricultura:** batata, tomate, melancia, uva. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 89,1 mil t (1990). **Indústria:** Iêmen do Sul: alimentícia (farinhas e farelos, principais); têxtil (fibra de algodão, principal), borracha, bebidas não alcoólicas e cerveja, fumageira. **Mineral:** gesso. **Exportações:** Iêmen: US$ 5,5 bilhões; **produtos:** petróleo e derivados, alimentos e animais vivos (1990); Iêmen do Sul: US$ 82,2 milhões; **produtos:** derivados de petróleo, algodão, peles e couros, peixe, arroz, café (1988). **Importações:** Iêmen: US$ 1,2 bilhão; **produtos:** petróleo, manufaturados básicos, vestuário, alimentos e animais vivos (1990); Iêmen do Sul: 782,3 milhões (excluindo multinacionais, 1988); **produtos:** alimentos e animais vivos, manufaturados básicos, máquinas industriais e equipamentos de transporte. **Parceiros comerciais:** Arábia Saudita, EUA, Itália, França, Grã-Bretanha, Repúblicas da CEI, Japão, China, Dinamarca, Emirados Árabes. **Pesos e medidas:** unidades locais. **Moeda:** rial iemenita (dividido em 100 fils). **cotação para 1 US$:** 12,01 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 6,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 540 (1991); **crescimento anual:** 5,5% (Iêmen, 1980–1988). **Inflação:** 100% (1992). **Dívida externa:** US$ 6,5 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 2,9 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 56,3%; indústria, 14,7%; comércio, 12,2%; serviços, 16,8% (1986); **mão-de-obra feminina:** 13,1% (1988–1990). **Desemprego:** 36% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 63,5 mil (1992); **Exército:** 60 mil; Marinha: 1,5 mil; **Força Aérea:** 2 mil; **outros:** 20 mil para-

militares e mais de 20 mil recrutas tribais. **Gastos:** 12,4% do PNB (1988).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 39,2 mil km (1986); **nº de veículos:** 364,5 mil; **automóveis:** 145,1 mil (1991). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Áden, Nishtun, Mosha, Salif; Hodeida (mar Vermelho). **Linhas aéreas:** Yemen Airways, Alyemda (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 36 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 39 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 157 hab. (1988). **Jornais diários:** Iêmen: 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 16 (1988).

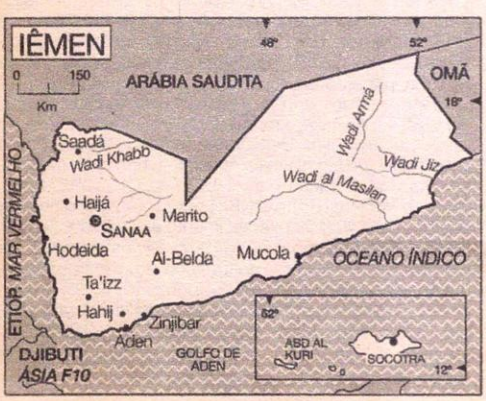
● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 866 United Nations Plaza, Room 435, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 355-1730.

HISTÓRIA

A *Arabia Felix* dos romanos foi a sede do reino mercantil de Sabá, dominado pelos himiaritas (115 a.C.), invadidos pelos etíopes (525) e persas (575). **Séc. VII:** islamização. **Séc. IX:** os rassitas impõem Estado teocrático xiita que dura até 1962. **1517 – 1918:** tutela do Império Otomano. **1834 – 1875:** protetorado inglês em Áden e nas ilhas de Kuria, Muria e Perim. **1937:** o N fica sob domínio turco; o S passa a colônia inglesa.

Iêmen (do norte) – 1948: assassinato do imã Lahya, substituído por seu filho, Ahman. **1958:** Federação dos Estados Árabes, com Egito e Síria. **1961:** Gamal Abdel Nasser, do Egito, desentende-se com Ahman e dissolve a FEA. **1972:** choques fronteiriços com o Iêmen do Sul. **1973:** primeiro projeto de fusão com o sul. **1974:** golpe pró-saudita do cel. Ibrahim Mohamed Hamidi para impedir a fusão. **1975:** dissolução do Conselho Consultivo. **1977:** assassinato de Hamidi, substituído pelo cel. Ahmed ibn Hussein al-Gashmi, que impõe a lei marcial. **1978:** Gashmi é assassinado por sul-iemenitas; assume o cel. Ali Abdala Saleh; Abdel Fatah Ismail torna-se secr.-geral. **1979:** acordo provisório de unificação. **1985:** eleições para os recém-criados Conselhos de Desenvolvimento Cooperativo, de administração local. **1986:** inauguração da barragem de Mareb (400 milhões de m³). **1988:** primeiras eleições diretas; Saleh é reeleito (5/7); apesar da oposição saudita, adesão ao Conselho de Cooperação Árabe. **1989:** a unificação é marcada para nov. de 1990.

Iêmen do sul – 1959: seis dos Estados sul-iemenitas formam a Federação da Arábia do Sul. **1963 – 1966:** Áden une-se à FAS; revolta da Frente de Libertação Nacional. **1967:** independência (14/10) com o pres. Gahtan Shaabi, que, em **1969:** renuncia; assume um Conselho Presidencial. **1974:** fim da poligamia. **1978:** o pres. Ali Rubaya, envolvido no assassinato do pres. Gashmi, do N, é deposto e fuzilado. **1980:** renúncia e exílio do pres. Abdul Fatah Ismail, sucedido pelo 1º-min. Ali Nasser Mohamed, que, em **1985:** nomeia 1º-min. Abu Bakr al Attas e, por pressão soviética, aceita o retorno de Ismail, reintegrando-o ao



partido. **1986:** Mohamed é derrubado por Attas, que nomeia 1º-min. Yassin Said Noaman. **1987:** Mohamed, exilado no N, é condenado *in absentia* com 34 partidários (12/12); cinco ex-dirigentes são fuzilados em Áden (29/12). **1988:** acordo Áden-Sanaa para a exploração conjunta do petróleo de Maareb-Chabua. **1989:** antes da unificação: pluripartidarismo, liberdade de imprensa e anistia para presos políticos (exceto Mohamed).

Iêmen – 1990: a unificação é antecipada para 22/5; 30 partidos são legalizados. **1991:** nova Constituição, rejeitada pelo fundamentalista xeque Abdala bin Hussein al-Ahmar por não incluir a *sharia* (lei corânica); atentados contra os oposicionistas Omar Gauí e Mudjahed Kahali, críticos da unificação; apoio ao Iraque na Guerra do Golfo; em represália, repatriamento, pela Arábia Saudita, de um milhão de trabalhadores, e redução da ajuda americana; agitação social: nove mortos numa manifestação em Sanaa (17/11). **1992:** greve por aumentos; criação de um programa de combate ao desemprego (mar.); assassinato do min. da Justiça, Abdala al-Wasi Ahmed Salam (abr.); fracassa atentado contra Ali Salim al-Baid, do Partido Socialista (9/5); explode uma bomba diante da casa de Attas (15/5); as três operações são atribuídas aos fundamentalistas; suspensão negociada da greve geral (mar.); o país recebe 4 mil refugiados somalianos (jun.); assassinato de Hasim al-Attas, irmão do 1º-ministro, atribuído a "inimigos da unificação" (15/6).

FATOS DO ANO

Presos em Áden em jan. de 1993, 36 militantes da ala iemenita do *Jihad-al-Islami*, o grupo extremista pró-Irã, são acusados de terem participado, em dez. do ano anterior, de atentados a bomba contra hotéis onde se encontravam cidadãos americanos – o que fizera o governo dos EUA retirar do país todos os seus soldados que estavam à espera de serem mandados para a Somália. Essas operações foram um protesto contra o corte da ajuda financeira dos EUA e seus aliados, em represália por o Iêmen ter-se oposto à intervenção contra o Iraque, na Guerra do Golfo. Em set. de 1990, por exemplo, 850 mil iemenitas que trabalhavam na Arábia Saudita foram expulsos; e seu retorno fez a taxa de desemprego atingir 36% no fim de 1992, e a da inflação chegar a 100%.

Violência generalizada – A população se revoltou com isso e, entre o segundo semestre de 1992 e o início de 1993, houve violentas manifestações de rua e atentados contra políticos; principalmente os do Partido Socialista do Iêmen (ex-partido único do Iêmen do Sul): mais de trinta militantes foram mortos nesse período. E, em set. de 1992, bombas explodiram diante da residência de líderes do Congresso Geral do Povo, de Ahmed al-Asbahi, partidário do pres. Ali Abdala Saleh. Em dez., distúrbios iniciados em Sanaa, Taiz e Hodeida, devido ao aumento de 80% no preço dos alimentos básicos, se alastraram para Áden e outras cidades, deixando quinze mortos, 98 feridos e 661 presos. A prisão, em jan. de 1993, dos fundamentalistas suspeitos de terrorismo não detém seus companheiros: em mar., embora sem causar grandes danos materiais, novas bombas explodem junto às embaixadas da Grã-Bretanha, EUA e Alemanha. Mas é difícil, para as autoridades, combater esses extremistas, pois a crise econômica tem consolidado a influência que os grupos islâmicos radicais têm sobre a população carente. Dotados de alto grau de organização, eles lhe fornecem serviços educacionais e assistenciais que o Estado, carente de recursos, não pode assegurar com a mesma eficiência. Contrários à unificação do país em 1990, os fundamentalistas pediram, em 1991, o boicote ao referendo para a aprovação da nova Constituição, por considerarem que ela incluía artigos que feriam o direito islâmico: a concessão do direito de voto à mulher, por exemplo. E hoje constituem quase um Estado dentro do Estado. O governo acusa também a Arábia Saudita de apoiar os grupos interessados em desestabilizar o regime, temerosa de que as eleições gerais de 27/3/1993 – o primeiro pleito multipartidário em toda a Península Arábica

– inspirem ondas democratizantes nos países vizinhos. Mas é da estabilidade proveniente dessas primeiras eleições democráticas que se esperam as condições para que o país, possuidor de grandes reservas de petróleo e gás natural, possa reestruturar-se economicamente. É por isso que, durante o mês de jan., é bastante ordeiro o processo de registro dos 4.730 candidatos que disputarão as 301 cadeiras da Câmara dos Representantes – apenas 30% deles filiados aos mais de cinqüenta partidos registrados.

Os governistas saem na frente, em um pleito que os observadores internacionais consideram, de forma geral, limpo: o CGP consegue 122 das 299 cadeiras; o Partido Socialista do Iêmen, 56; os fundamentalistas do *Islah* (o Partido da Reforma), do xeque Abdala bin Hussein al-Ahmar, 62; outras 57 ficam para os independentes e os partidos menores; até mesmo o radical islâmico *Al-Hak*, do xeque Ahmed ash-Shami, elege dois deputados.

O governo obtém a maioria na Assembléia fundindo, em 10/5, num partido único, o CGP e o PSI, o que dá folgadas condições ao pres. Saleh de, em 30/5, formar governo com quinze ministros do CGP, oito do PSI – além do 1º-min. Haidar Abu Bakr al-Attas – quatro do *Islah* (um dos quais o vice-1º-min. Abd al-Wahab Ali al-Unsi) e um independente. Para compensar a presença minoritária do *Islah* no gabinete, o xeque Ahmar é nomeado pres. da Assembléia. Isso não o satisfaz, entretanto, e, em 10/6, tendo ele reclamado que não tem participação proporcional ao número de votos que lhe foram dados nas urnas, recebe mais duas pastas ministeriais.

No plano internacional, o Iêmen fecha acordo, em out. de 1992, para a demarcação de suas fronteiras com o Omã; e, em abr. de 1993, o vice-pres. Ali Salim al-Baid o visita para a assinatura de tratados expandindo as relações comerciais bilaterais. Em mar. desse ano, o então chanceler Abdul Ali al-Karim al-Iriani tinha visitado os Emirados Árabes Unidos, na tentativa de renegociar a ajuda financeira recebida desse país antes da Guerra do Golfo. Quanto às negociações com a Arábia Saudita, iniciadas em 1992, também para a solução de litígios fronteiriços, elas são interrompidas na época da campanha eleitoral e retomadas após a posse do novo governo.

Ilhas Comores

● **NOME OFICIAL:** República Federal Islâmica de Comores. **Capital:** Moroni (ilha de Njazidja). **Nacionalidade:** comorense. **Hino:** *A União das Grandes Ilhas*. **Língua:** árabe e francês (oficiais); comorense (maioria). **Religião:** islamismo (sunitas, 94,7%; bahaístas, 0,1%) (oficial); cristianismo, 0,1%. **Data nacional:** 6/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da África. **Área:** 1.862 km². **Limites:** oceano Índico. **Características:** arquipélago de origem vulcânica (Grande Comore, Anjouan, Mohéli, principais); área montanhosa com um vulcão (Grande Comore); terrenos aráveis (Anjouan); colinas baixas e vales férteis (Mohéli). **Ponto mais elevado:** vulcão Karthala (2.361 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rios principais:** não há. **Cidades principais:** Moroni (22.000 hab.); Mutsamudu (14.000) (1988); Domoni (7.147) (1980); Fomboni (7.000) (1988); Uani (6.936) (1980). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 497.000 (est.1992); **urbana:** 27,8% (1990). **Composição demográfica:** comorenses, 96,9%; macuas, 1,6%; franceses, 0,4%; outros, 1,1% (1980). **Crescimento demográfico:** 3,5% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 45,8%; 15-59: 49,5%; mais de 60: 4,7% (1989). **Densidade** (hab./km²): 266,9 (1992). **Natalidade:** 47 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 12 por 1.000; **mortalidade infantil:** 87 por 1.000 (1991). **Fertilidade** (nº de filhos por mulher): 7 (1991). **Vida média homens:** 54; **mulheres:** 59 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 437 hab. (1982); **médicos:** 1 por 12,2 mil hab. (1984). **Gastos com saúde:** 7,3% do orçamento (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 53,7% (1980). **Alunos de 1º grau:** 64,7 mil (1987/88); **de 2º grau:** 14,5 mil (1989/90); **professores de 1º grau:** 1,8 mil (1987/88); **de 2º grau:** 577 (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 248; **professores:** 32 (1989/90). **Gastos:** 25,1% do orçamento (1987).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 7/6/1992. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Comorense para o Progresso, União Nacional para a Democracia nas Comores, União dos Democratas para o Desenvolvimento. **Chefe de Estado:** pres. Said Mohamed Djohar (desde 27/11/1989). **Chefe de governo:** 1º-min. Ahmed ben Cheikh (desde jun./1993). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 15 membros selecionados por colégios eleitorais; Assembléia Federal,com 42 membros eleitos por voto direto, para mandatos de 4 e de 6 anos, respectivamente.

● **ECONOMIA:** agricultura, 37%; indústria, 6,5%; comércio e serviços, 56,5% do PIB (1991). **Agricultura:** cravo-da-índia, baunilha, ambrevade, mandioca, batata-doce, arroz, banana. **Pecuária:** caprinos, bovinos, ovinos. **Pesca:** 8 mil t (1990). **Indústria:** destilação de essências, processamento de baunilha, bebidas, madeireira. **Mineral:** areia de cascalho (uso local). **Exportações:** US$ 24,9 milhões; **produtos:** baunilha, ambrevade, cravo-da-índia (1991). **Importações:** US$ 58,1 milhões; **produtos:** arroz, petróleo e derivados, equipamentos de transporte (1991). **Parceiros comerciais:** França, EUA, Barein, Quênia, Botsuana, Brasil, África do Sul. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco comorense (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 239,10 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 227 milhões; **renda per capita:** US$ 480 (1990); **crescimento anual:** 2,8% (1980–1990). **Inflação:** 4% (1990). **Dívida externa:** US$ 162,4 milhões (1990). **Força de trabalho:** 117,2 mil; **distribuição:** agricultura, 53,3%; indústria, 7,5%; comércio e serviços, 11,4%; outros, 27,8% (1985); **mão-de-obra feminina:** 41% (1988–1990). **Desemprego:** 36% (1987).

● **DEFESA: Exército:** 700 a 800 homens (1992). **Gastos:** 1,9% do PNB (1987).

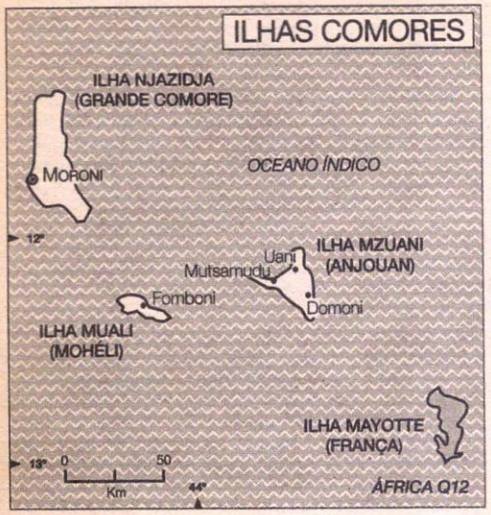
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 750 km; 53% pavimentados (1987); **nº de veículos:** 5 mil; **automóveis:** 1 mil (1987). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Moroni, Mutsamudu, Fomboni. **Linha aérea:** Air Comores (vôos domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 9,6 hab. (1991). **Emissoras de TV:** não há; **receptores:** 1 por 4,3 mil hab. (1988). **Linhas telefônicas:** 1 por 132 hab. (1991). **Jornais diários:** não há.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 336 East 45th St., New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 972-8010.

HISTÓRIA

Visitadas pelo inglês George Lancaster (1591) e pelo holandês Corneliusz Hoentman (1598), foram reivindicadas pelo cap. Passot (1841) em nome da França. **1886:** o protetorado de Grande Comore e Mohéli é, em **1909:** estendido a Anjouan. **1919:** o arquipélago é administrado por Madagascar. **1958:** território ultramarino. **1970:** eleição do princ. Said Ibrahim pres. do Conselho de Governo. **1971:** renúncia de Ibrahim, substituído por Ahmed Abdala. **1974:** em plebiscito, 63,85% da população de Mayotte opõe-se à independência. **1975:** independência unilateral; Abdala é deposto por Ali Soilih; nacionalização das propriedades francesas; admissão na ONU. **1976:** Mayotte permanece como departamento ultramarino francês. **1978:** Abdala derruba Soilih; nova Constituição. **1981:** Abdala dissolve o Parlamento e o gabinete e nomeia Ali Mrudjai 1º-ministro. **1983:** repressão aos oposicionistas. **1985:** emenda à Constituição abole o cargo de 1º-ministro; dissidentes formam, na França, frente contra Abdala; fracassa o golpe de Said Cheikh, chefe da banida Frente Democrática. **1986/87:** anistia aos envolvidos nesse golpe; distúrbios após denúncias de fraude eleitoral e fracasso de nova tentativa de golpe (nov.). **1988:** o oposicionista *L'Écho Mohélien* denuncia violações de direitos humanos



e casos de corrupção em Mohéli. **1989**: manifestações contra a emenda constitucional que concede novo mandato a Abdala, que é morto (27/11) por Bob Denard, mercenário francês, chefe de sua guarda pessoal; Denard nomeia o pres. interino Said Mohamed Djohar, mas conserva-se no poder; a França convence-o a deixar o país (dez.); eleições são convocadas. **1990**: Djohar, eleito, convida para seu gabinete dois dos derrotados, Mrudjai e Said Ali Kermal; mas não o segundo colocado, Mohamed Taki Abdulkarim, da União Nacional para a Democracia nas Comores, que o acusou de fraude; protestos dos simpatizantes de Taki (abr.); choques com a polícia e mortes; fracassa golpe atribuído a Taki (19/8); Max Veillard, líder dos mercenários golpistas, é morto pela Guarda Republicana (17/10). **1991**: a oposição boicota a conferência sobre os problemas nacionais, por não concordar com o direito de veto de Djohar (mai.); o pres. da Suprema Corte, Ibrahim Ahmed Halidi, destitui Djohar e proclama-se pres. interino; o golpe fracassa, Halidi e seus partidários são presos, todas as manifestações políticas são proibidas (13/8); Djohar convida para seu gabinete Soeuf Abdu e Ahmed Mohamed, da oposicionista Frente Democrática (ago.); em protesto, o Partido Comorense para a Democracia e o Progresso rompe com o governo e tira seus dois representantes do gabinete (set.); a Udzima também rompe e alia-se à FD; Djohar faz acordo com Taki (nov.), que, em **1992**: torna-se o 1º-ministro (jan.) e convoca eleições para o final do ano; nova Constituição (jun.).

FATOS DO ANO

Em 25/4/1993, a Corte de Segurança do Estado condena à morte nove dos responsáveis pelo golpe de set. de 1992 contra o pres. Said Mohamed Djohar. Entre eles estão os ten. Abderrahman e Cheikh Abdala, filhos do ex-pres. Ahmed Abdala. Mas, para evitar o aumento da tensão social e uma explosão nas Forças Armadas, onde os dois golpistas têm muitos adeptos, Djohar comuta a pena em prisão perpétua (1º/5), atitude que dá a medida do instável equilíbrio de seu governo. Logo depois de aprovada a nova Constituição, no referendo de 7/6/1992, Djohar, que deveria confirmar no recém-criado cargo de 1º-ministro o chefe do governo de transição – seu rival político Mohamed Taki Abdulkarim, da União Nacional para a Democracia nas Comores –, nomeia novo gabinete sem consultá-lo. E, em jul., o demite pois ele escolheu, para assessor financeiro, um ex-colaborador de Bob Denard, o mercenário que dominou o país em 1989. Ao nomear, no final do mês, os ocupantes das pastas que faltavam, deixa vago o cargo de 1º-ministro. No segundo semestre de 1992, a deterioração das condições econômicas provoca greves e protestos, que se agravam, em set., quando Djohar antecipa para out. as eleições legislativas de dez. A oposição, dizendo não ter tempo para se organizar, faz passeatas, reprimidas pela polícia, pregando o boicote e pedindo a renúncia de Djohar. Pressionado por esses distúrbios, ele acaba convocando as legislativas para nov. e, para dez., as eleições para governador.

No final de set. de 1992, durante uma viagem de Djohar a Paris, fracassa a tentativa de golpe em que estão envolvidos os filhos de Abdala. Embora os golpistas – seis oficiais do Exército e seis líderes de partidos da oposição – cheguem a tomar a estação de rádio de Moroni e anunciar a derrubada do governo, são logo presos por forças leais. Duas semanas depois de terem sido condenados pelo levante, o ten. Said Mohamed, ex-membro da guarda pessoal de Abdala, comanda um ataque à guarnição de Kandani, onde eles estão detidos, tentando libertá-los. Tendo fracassado, os rebeldes fogem para Mbeni, a NE de Moroni, e para a ilha de Nzuani, onde são perseguidos por tropas do governo (embora informações oficiais não tenham sido divulgadas, fala-se em várias baixas em combate nesses dois locais).

Campanha atribulada – Essa série de fatos amotina a população, que multiplica os protestos contra Djohar e, em out., também contra o governo francês, acusado de fornecer-lhe armamento. Os 25 mortos nos choques com o Exército, até 30/10, fazem com que Omar Tamu, da Udzima, e Abdulkarim, da UNDC, intensifiquem sua campanha pelo boicote no pleito de 2/11. A violência que cerca os últimos dias de campanha é tão grande que, em oito das 42 regiões, o próprio governo decide cancelar a votação. As numerosas irregularidades registradas fazem com que os oposicionistas que tinham decidido concorrer peçam a anulação e apóiem o boicote da Udzima/UNDC. No final, são eleitos 25 candidatos de oposição e 17 partidários do governo, entre eles sete membros da União dos Democratas para o Desenvolvimento, de Halidi Abdereman Ibrahim.

É ele o escolhido por Djohar, em 1º/1/1993, para chefiar o governo. Mas o gabinete de onze membros que ele forma, anunciado em 6/1, não tem vida longa: é derrubado, em mai., por uma moção de censura na Assembléia, onde a oposição tem maioria. Em 26/5, Said Ali Mohammed é encarregado de formar novo ministério; mas as relações com os parlamentares estão definitivamente comprometidas. A crise chega ao auge em 19/6, quando nova moção de censura, apresentada pelo ex-1º-min. Halidi Ibrahim, derruba Mohamed. Djohar responde dissolvendo a Assembléia, nomeando interinamente seu ex-conselheiro Ahmed ben Cheikh e, nos termos da Constituição, convocando, para daí a quarenta dias, novas eleições. A crise, entretanto, parece longe de amainar: poucas horas após a posse do gabinete ben Cheikh, ele se desentende com seu chanceler, Mussa Said, e seu min. da Educação, Ibrahim Hissan, e ambos se demitem. O relacionamento com a oposição é agravado pela decisão de Djohar de marcar as eleições para 10 e 14/10, embora o prazo estipulado pela Constituição o obrigasse a convocá-las para 25/8 (para fatos posteriores a essa data, ver capítulo *Cronologia Mundo*).

Ilhas Marshall

● **NOME OFICIAL:** República das Ilhas Marshall. **Capital:** Majuro. **Nacionalidade:** marshallina. **Língua:** inglês; línguas nativas. **Religião:** cristianismo (católicos, maioria); islamismo (bahaístas). **Data nacional:** 22/12.

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da Oceania. **Área:** 180 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** dois arquipélagos (Ratak e Ralik, principais ilhas); 32 atóis de coral. **Clima:** equatorial. **Cidades principais:** Dalap-Uliga-Darrit (atol de Majuro) (14.649 hab.); Ebeye (8.324) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): +15h.

● **POPULAÇÃO:** 50.000 (est. 1992); **urbana:** 64,5% (1988). **Composição demográfica:** marshallinos, 96,9%; originá-

rios das ilhas do Pacífico, 1,7%; americanos, 0,7%; filipinos, 0,5%; outros, 0,2% (1988). **Crescimento demográfico:** 3,9% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 51%; **15-59:** 44,6%; **mais de 60:** 4,4% (1988). **Densidade (hab./km²):** 275,6 (1992). **Natalidade:** 47 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 53 por 1.000; **mortalidade infantil:** 39 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 7,1 (1991). **Vida média homens:** 59,6; **mulheres:** 62,6 (1988). **Leitos hospitalares:** 1 por 698 hab.; **médicos:** 1 por 2,2 mil hab. (1985).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 8,8%. **Alunos de 1º e 2º graus:** 12,8 mil; **professores:** 633 (1988/89).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 1º/5/1979. **Divisão administrativa:** 25 distritos. **Regime partidário:** unipartidarismo; **partido:** Democrático Ralik Ratak. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Amata Kabua (desde 1984). **Legislativo:** unicameral – Senado (Nitijela), com 33 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 0,1%; indústria, 7,7%; comércio e serviços, 92,2% do PIB (1981). **Agricultura:** copra, fruta-pão, mandioca, frutas tropicais. **Pecuária:** suínos, bovinos, caprinos. **Pesca:** 200 t por ano. **Indústria:** agroindústrias (copra, óleo de copra, principais); artesanato, vestuário, esteiras e canoas. **Mineral:** fosfato. **Exportações:** US$ 2,1 milhões; **produtos:** óleo de copra, copra, artesanato (1988). **Importações:** US$ 33,8 milhões; **produtos:** alimentos e animais vivos, bebidas, tabaco (1988). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar americano. **Produto Interno Bruto (PIB):** US$ 63 milhões; **renda per capita:** US$ 1.500 (1989). **Força de trabalho:** 11,5 mil; **distribuição:** agricultura, 18,7%; indústria, 18,3%; comércio e serviços, 50,5%; outros, 12,5%; **mão-de-obra feminina:** 30,1% (1988). **Desemprego:** 12,5% (1988).

● **DEFESA:** os EUA são responsáveis pela defesa do território.

● **TRANSPORTES: Nº de veículos:** 843; **automóveis:** 763 (1984). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Majuro. **Linha aérea:** AIM (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1. **Emissoras de TV:** não há. **Linhas telefônicas:** 1 por 53 hab. (1988). **Jornais:** 2 semanários.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 220 East 42nd Street, New York, NY 10017; tel. (212) 983-8040.

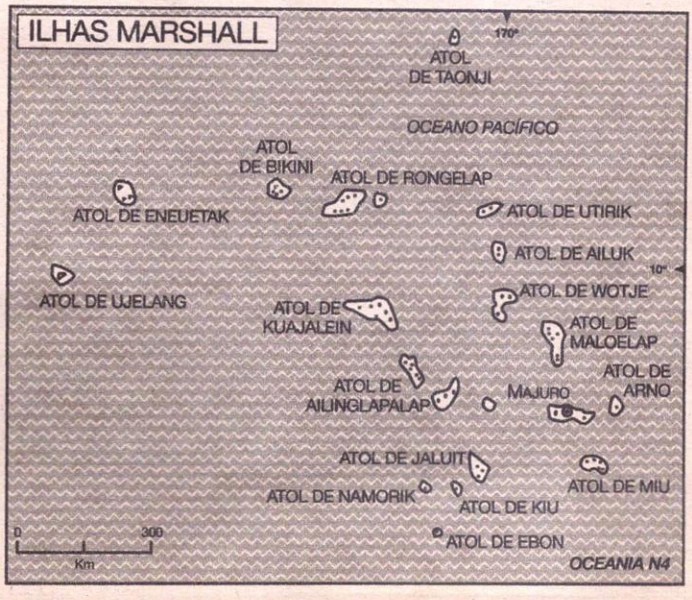
HISTÓRIA

Primeiros contatos com europeus: expedições do português Fernão de Magalhães (1521) e do espanhol Miguel de Saavedra (1529). **1850:** companhias de comércio alemãs usam as ilhas como entreposto. **1886:** o papa Leão XIII dá a posse das ilhas à Espanha, mas garante os direitos comercias da Alemanha que, em **1899:** compra dos espanhóis as ilhas Carolinas e Marianas do Norte (Guam fica com os EUA). **1914:** ocupação japonesa, legitimada pela Liga das Nações e, em **1920:** por mandato da ONU. **1944/45:** ocupação americana. **1947:** a ONU cria o Território Tutelado das Ilhas do Pacífico, administrado pelos EUA. **1947 – 1951:** sob governo da Marinha dos EUA. **1951:** sob administração civil; mas as Marianas do Norte ficam sob controle militar até 1962. **1965:** nomeado o Congresso da Micronésia. **1970:** proclamado o direito à autodeterminação. **1979:** Constituição (1º/5). **1982/83:** Acordo de Livre Associação com os EUA, aprovado em plebiscito. **1984:** eleição do pres. Amata Kabua. **1986:** começa a vigorar o acordo com os EUA. **1990:** a ONU vota o fim da tutela; independência. **1991:** ingresso na ONU; prisão, em Majuro, do falsificador australiano Gregory Symons (abr.); as pressões para que seja libertado, feitas por Graham Richardson, o min. dos Transportes da Austrália, criam um incidente diplomático que termina (18/5) quando Richardson é forçado a renunciar; o chanceler Tony DeBrun rompe com Kabua e funda o oposicionista Partido Democrático Ralik Ratak (jun.); mas Kabua vence as eleições (nov.), confirma seu gabinete e, em **1992:** é reeleito pelo *Nitijela* (Parlamento) para novo mandato (jan.).

FATOS DO ANO

A expansão da indústria pesqueira e um programa de criação de novos empregos são as metas prioritárias do plano econômico para 1993–1997, aprovado pelo governo do 1º-min. Amata Kabua no segundo semestre de 1992. Durante 1993, são também aplicados, na modernização da escola primária e na criação de centros de treinamento para a pesca e outros projetos aquáticos, os US$ 30 milhões obtidos do Banco de Desenvolvimento Asiático, no final do ano anterior, para remediar as devastadoras conseqüências do furacão que atingiu as ilhas em jun. de 1992, e da seca que se seguiu. Entre as medidas para captação de divisas estrangeiras, o país, que, entre suas atividades, tem a de emissor de selos para colecionadores, lança, em mai. de 1993, três moedas comemorativas do aniversário de gravação do primeiro disco de Elvis Presley.

No primeiro semestre de 1993, são estabelecidas relações, a nível de embaixada, com as Filipinas, Israel, a Coréia do Norte, Barbados, EUA e Grã-Bretanha. Os ambientalistas marshallinos que, em abr. de 1989, já protestavam contra a decisão do *Nitijela* (Parlamento) de permitir a uma companhia americana transportar para o arquipélago lixo não-tóxico, alegando que, com ele, poderia vir lixo tóxico, inclusive nuclear, descobriram, no final de 1992 que, no projeto de construção de uma estrada no atol de Kwajalein, seria utilizada terra transportada do Havaí; e que essa terra viria de locais onde o solo é tóxico. A esses protestos juntam-se os dos que se opõem, no início de 1993, a um programa que consideram poluidor da atmosfera: o de obter energia a partir da queima de pneus em desuso.



Ilhas Salomão

● **NOME OFICIAL:** Ilhas Salomão. **Capital:** Honiara (ilha de Guadalcanal). **Nacionalidade:** salomônica. **Língua:** inglês; 80 línguas locais (não há língua unificada). **Religião:** cristianismo, 96,7% (anglicanos, 35%; católicos, 19%; evangélicos, 17%; metodistas, 11%; adventistas do sétimo dia, 10%); animismo. **Data nacional:** 7/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Oceania. **Área:** 27.556 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago de origem vulcânica, as ilhas maiores (Choesul, Sta. Isabel, Nova Geórgia, Malaita, San Cristóban, Guadalcanal, principais) têm relevo montanhoso e vales cobertos por floresta tropical; as ilhas menores são atóis ou recifes de coral. **Ponto mais elevado:** monte Popomanasiu (2.331 m). **Clima:** equatorial. **Cidades principais:** Honiara (35.300) (1990); Gizo (3.727); Auki (3.262); Kira Kira (2.585); Buala (1.913) (1986). **Hora local** (em relação a Brasília): +14h.

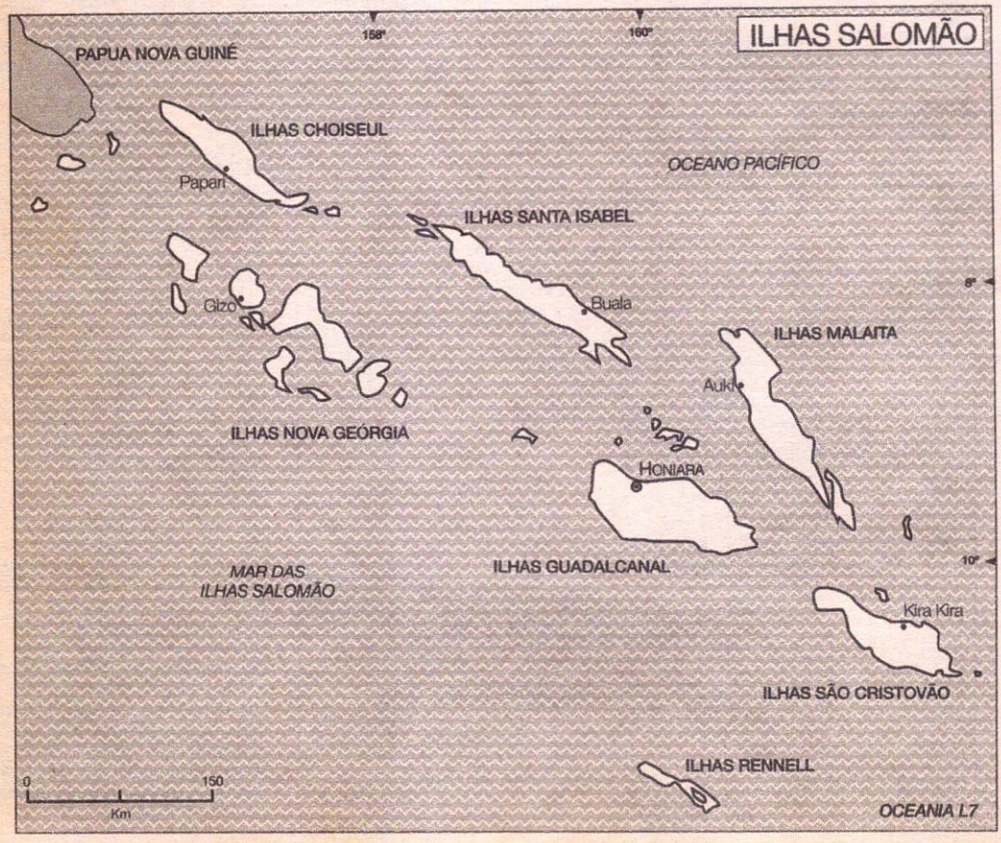
● **POPULAÇÃO:** 339.000 (est. 1992); **urbana:** 15,7% (1986). **Composição demográfica:** melanésios, 94,2%; polinésios, 3,7%; micronésios, 1,4%; europeus, 0,4%; asiáticos, 0,2%; outros, 0,1% (1986). **Crescimento demográfico:** 3,5% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 46,4%; **15-59:** 49,5%; **mais de 60:** 4,1% (1991). **Densidade (hab./km²):** 11,9 (1992). **Natalidade:** 40 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 5 por 1.000; **mortalidade infantil:** 39 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,2 (1991). **Vida média homens:** 59,3; **mulheres:** 59,3 (1988). **Leitos hospitalares:** 1 por 193 hab. (1986); **médicos:** 1 por 10 mil hab. (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública e privada. **Alunos de 1º e 2º graus:** 5,6 mil (1989); **no ensino profissionalizante:** 465 (1986); **professores:** 2,6 mil (1989); **no ensino profissionalizante:** 63 (1986). **Gastos:** 5,3% do PNB (1989).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 7/7/1978. **Divisão administrativa:** 8 províncias e a capital. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principal partido:** Grupo de União Nac. e Reconciliação. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II representada pelo gov.-geral George Gerea Dennis Leppin (desde jul./1988). **Chefe de governo:** 1º-min. Solomon Mamaloni (desde 28/3/1989). **Legislativo:** unicameral – Parlamento Nacional, com 47 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 31,2%; indústria, comércio e serviços, 68,8% do PIB (1991). **Agricultura:** coco, cacau, arroz e óleo de palma, pimenta, mel, batata-doce, inhame, copra, madeira. **Pecuária:** suínos, bovinos. **Pesca:** 55,8 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia (processamento de coco, principal), madeireira, artesanato. **Minerais:** ouro (explorado); cobre, chumbo, zinco, prata, cobalto, asbesto, fosfato, níquel, bauxita (reservas). **Exportações:** US$ 29,1 milhões; **produtos:** pescados, madeira, copra, óleo de palma, cacau (1990). **Importações:** US$ 50,4 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, alimentos, combustíveis minerais (1990). **Parceiros comerciais:** Austrália, Japão, Grã-Bretanha, Tailândia, Nova Zelândia, Cingapura. **Moeda:** dólar das Ilhas Salomão (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 3,10 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 184 milhões; **renda per capita:** US$ 560 (1991); **crescimento anual:** 6,7% (1980–1991). **Inflação anual:** 10% (1980–1990). **Dívida externa:** US$ 99,3 milhões (1991). **Força de trabalho:** 26,6 mil; **distribuição:** agricultura, 28,9%; indústria, 13,2%; comércio, 10,3%; serviços, 47,2%; **mão-de-obra feminina:** 25,4% (1991).

● **DEFESA:** a Austrália e a Nova Zelândia são responsáveis pela defesa do território.



● **TRANSPORTES: Rodovias:** 2,1 mil km; 8% pavimentados (1987); **nº de veículos:** 3,4 mil; **automóveis:** 1,4 mil (1986). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Honiara, Yandina, Noro, Gizo. **Linha aérea:** Solomon Airlines (vôos domésticos e internacionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,6 hab. (1990). **Emissoras de TV:** não há. **Linhas telefônicas:** 1 por 44 hab. (1989). **Jornais diários:** não há.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 820 2nd Avenue, Suite 800A, New York, NY, 10017, EUA; tel. (212) 599-6193.

HISTÓRIA

O espanhol Álvaro de Mendaña (1568) deu ao arquipélago o nome do rei judeu por achar que dali tinham vindo as riquezas para a construção do Templo de Jerusalém. Inteiramente esquecidas depois disso, as ilhas, palco de violentas guerras tribais no séc. XIX, foram celeiro de escravos para a plantação de cana-de-açúcar de Fiji e da Austrália. **1885:** protetorado alemão transferido, em **1893:** para os britânicos, à exceção de duas ilhas, só ocupadas durante a I Guerra Mundial. **1898 – 1914:** chegada de missões católicas, metodistas, evangélicas e adventistas. **1922:** criado, com residentes britânicos, Conselho de Assessoria do gov.-geral. **1942:** ocupação japonesa. **1960:** criados os conselhos Legislativo e Executivo, com membros nativos. **1973:** é eleito Solomon Mamaloni chefe do Conselho Executivo. **1976:** autonomia interna (2/1); eleição de Peter Kenilorea (jun.). **1978:** independência (7/7); o salomônico Baddeley Devesi é o gov.-geral e Kenilorea, o 1º-ministro. **1981:** Kenilorea é substituído por Mamaloni. **1984:** retorno de Kenilorea. **1986:** o tufão Namu deixa cem mortos e 90 mil desabrigados; renúncia de parte do gabinete em protesto pelo uso que Kenilorea fez da ajuda francesa para reparar os danos do ciclone em sua própria aldeia; Kenilorea troca de cargo com o seu vice, Ezekiel Alebua, mas continua virtualmente no poder. **1987/88:** repetidos votos de desconfiança contra Alebua. **1989:** vitória de Mamaloni nas eleições (22/2). **1990:** o pres. do Parlamento, Waeta Ben, recusa-se a encaminhar moção contra a política econômica de Mamaloni e seus planos de transformar o país em uma república federativa. **1991:** Mamaloni é inocentado, pelo Supremo Tribunal, de diversos escândalos de corrupção; envolvimento do 1º vice-min. Christopher Columbus Abe num empréstimo fraudulento de US$ 250 milhões, feito na Itália; denúncia de que o governo não pagou as contribuições ao Plano Nacional de Aposentadoria (mar.); investigação, no Parlamento, de irregularidades na venda da Companhia Nacional de Desenvolvimento da Pesca a uma firma canadense; a greve geral convocada pelo Conselho dos Sindicatos (nov.) é impedida, em **1992:** pelo convite a oposicionistas para integrarem o gabinete (abr.).

FATOS DO ANO

As críticas da oposição trabalhista, de Joses Tuhanuku, que o acusa de irresponsabilidade na condução da política econômica, e a crescente deterioração das relações com a Papua Nova Guiné são os principais problemas enfrentados pelo 1º-min. Solomon Mamaloni durante 1993. A população está muito insatisfeita com o envolvimento do país na questão do separatismo na ilha papuásia de Bougainville desde que, em set. de 1992, dois cidadãos salomônicos morreram num incidente armado relacionado com esse problema. As acusações de Mamaloni de que a Austrália está também envolvida nesse episódio tornam tensas as relações com esse país, do qual o seu tem grande dependência econômica. Em jan. de 1993, são feitas tentativas de negociar a distensão com Port Moresby; mas novas incursões, incluindo a ocupação por tropas papuásias, em abr., de uma ilha perto de Bougainville, voltam a tornar os contatos bilaterais muito penosos.

Essas dificuldades fazem com que Mamaloni, visando as eleições legislativas de 26/5, funde, no início de 1993, um novo partido, o Grupo de União Nacional e Reconciliação. Embora, nessa mesma época, o oposicionista Francis Saemala crie também o Partido da Ação Nacional, e se intensifique a campanha do PT contra seu governo, o GUNR conquista 21 das 47 cadeiras no recém-ampliado Parlamento Nacional. Politicamente recomposto, Mamaloni põe em prática um plano bienal 1993/94, visando a desenvolver as indústrias de beneficiamento de coco e cacau, e de exploração da madeira. O programa inclui também medidas de estímulo ao turismo e o projeto de criação de 21 centros de treinamento rural para modernizar a agricultura.

Índia

● **NOME OFICIAL:** República da Índia. **Capital:** Nova Délhi. **Nacionalidade:** indiana. **Hino:** Canção da Manhã (título). **Língua:** hindi e inglês (oficiais); 17 línguas regionais (telugu, bengali, marati, tâmil, urdu, gujarati, principais); línguas e dialetos locais. **Religião:** hinduísmo, 82,6%; islamismo, 11,4% (sunitas, maioria; xiitas, bahaístas); cristianismo, 2,4%; sikhismo, 2%; budismo, 0,7%; jainismo, 0,5%; zoroastrismo. **Data nacional:** 15/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Ásia. **Área:** 3.287.263 km². **Limites:** China, Nepal e Butão (N); Paquistão (NO); Mianmá e Bangladesh (NE); golfo de Bengala (L); estreito de Pak (S); mar da Arábia (O). **Características:** litoral regular e com pequenas enseadas (O), deltas, lagunas e pântanos (L); planalto do Decão (maior parte); cordilheira do Himalaia (N); planície Indo-Gangética (NO e NE), formando os Ghatts (altiplanos) Ocidental (costa Oeste) e Oriental (costa Leste). **Ponto mais elevado:** monte Kanshenjunga (8.598 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão, monção (maior parte); equatorial (extremo sul); árido tropical (NO); de montanha (N). **Rios principais:** Ganges, Bramaputra, Godavari, Krishna, Mahanadi. **Cidades principais:** Bombaim (9.909.547 hab.); Nova Délhi (7.174.755); Calcutá (4.388.262); Madras (3.795.028); Hiderabad (3.005.496) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +8h30.

● **POPULAÇÃO:** 889.700.000 (est.1992); **urbana:** 25,7% (1991). **Composição demográfica:** hindi, 45%; telugu, 8%; bengali, 7,6%; marati, 7,3%; tâmil, 6,6%; urdu, 5,2%; gujarati, 4,9%; outros, 15,4% (1981). **Crescimento demográfico:** 2% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 36,5%; **15-59:** 56,4%; **mais de 60:** 7,1% (1990). **Densidade (hab./km²):** 281,1 (1992). **Natalidade:** 29,9 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 9,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 80 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,7 (1991). **Vida média homens:** 58,1; **mulheres:** 59,1 (1986–1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 1.314 hab.; **médicos:** 1 por 2.337 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 2,9% do orçamento (1992/93).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 51,8% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 146,7 milhões; **professores:** 3,9 milhões (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 3,8 milhões; **professores:** 242 mil (1988/89). **Gastos:** 8,5% do orçamento (1987).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 26/1/1950 (71 emendas). **Divisão administrativa:** 25 Estados e 7 uniões territoriais. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Congresso Nac., Janata Dal, Bharatiya Janata, Comunista Marxista, Telugu Desam, Comunista, All India Dravida Munnetra Kazahgam. **Chefe de Estado:** pres. Shankar Dayal Sharma (desde 25/7/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. P.V. Narasimha Rao (desde jun./1991). **Legislativo:** bicameral – Conselho de Estado, com 245 membros (maioria eleita por Assembléias de Estado e o restante indicado pelo pres., 1/3 para mandatos de 2 anos), e Câmara do Povo,

com 542 membros eleitos por voto direto, para mandatos de 6 e de 5 anos, respectivamente.

• **ECONOMIA:** agricultura, 31,2%; indústria, 26,6%; mineração, 2,2%; comércio e serviços, 40% do PIB (1989/90). **Agricultura:** algodão, chá, arroz, pimenta, castanha de caju, café, juta. **Pecuária:** bovinos, caprinos, bubalinos. **Pesca:** 4 milhões t (1991). **Indústria:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, vestuário, química. **Minerais:** minério de ferro, diamante, carvão, calcário, zinco, chumbo. **Exportações:** US$ 14,3 bilhões; **produtos:** pedras preciosas e jóias, vestuário, couro e derivados (1991). **Importações:** US$ 19 bilhões; **produtos:** mecânica pesada, combustíveis minerais, lubrificantes, pedras preciosas e semipreciosas, ferro, aço (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Repúblicas da CEI, Japão, Alemanha, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal, padrões britânicos e unidades locais. **Moeda:** rúpia indiana (dividida em 100 paisa); **cotação para 1 US$:** 25,89 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 284,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 330 (1991); **crescimento anual:** 5,5% (1980–1991). **Inflação:** 9,3% (1992). **Dívida externa:** US$ 71,6 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 260,3 milhões; **distribuição:** agricultura, 66,4%; indústria, 12,5%; comércio e serviços, 15,1%; outros, 6% (1981); **mão-de-obra feminina:** 25,6% (1988–1990). **Desemprego e subemprego:** 23% (1992).

• **DEFESA: Efetivo total:** 1,265 milhão (1992); **Exército:** 1,1 milhão; **Marinha:** 55 mil; **Força Aérea:** 110 mil. **Gastos:** 3,1% do PNB (1989).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 2 milhões km; 49% pavimentados (1989/90); **nº de veículos:** 3,8 milhões; **automóveis:** 2,4 milhões (1990). **Ferrovias:** 62 mil km (1990). **Portos:** Bombaim, Calcutá, Haldia, Kanda, Cochi, Madras, Mormugao, Nova Mangalore, Paradip, Tuticorin, Visakhapatnam, Nhava Sheva. **Linhas aéreas:** Air India (vôos internacionais); Indian Airlines (domésticos e regionais); Viyuboot, Citylink Airways, Continental Aviation, East West Airlines, Jagsons Airlines (domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 148; **receptores:** 1 por 16 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 44 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 185 hab. (1990). **Jornais diários:** 2.281; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 21 (1989).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 9, cj. 9, casa 7, CEP 71625-090, Brasília, DF; tel. (061) 248-4006.

HISTÓRIA

Foco de civilização desde 3.000 a.C., o vale do Indo foi conquistado pelos arianos (1.550 a.C.), cuja sociedade baseava-se no sistema de castas. Após a invasão de Alexandre da Macedônia (327 – 325 a.C.), Asoka, o Grande, unificou o subcontinente tendo o budismo como religião do Estado; depois, o hinduísmo recuperou o terreno perdido. **Séc. IV**: apogeu no império de Chandragupta (380 – 414). **494 – 540**: invasões hunas e turcas. **1192**: fundação do sultanato muçulmano de Délhi. **Séc. XIII**: islamização do Sindh. **1498 – 1510**: conquista portuguesa de Goa. **1526 – 1707**: dinastia Mogul: apogeu do estilo indo-islâmico, de que o Taj Mahal é o exemplo. **Séc. XVII**: fundação das companhias inglesa (1600), holandesa (1602) e francesa (1664) das Índias Orientais. **1690**: os ingleses fundam Calcutá. **1746 – 1763**: luta franco-inglesa pelo domínio da região leva à supremacia britânica (Tratado de Paris). **1849**: os sikhs, do Pundjab, submetem-se aos britânicos. **1857/58**: repressão à revolta dos cipaios; dissolução da Companhia das Índias; controle direto da Coroa britânica. **1919**: campanha de resistência passiva de Mohandas Gandhi, o Mahatma (grande alma), contra os britânicos. **1942 – 1945**: ruptura do hinduísta Partido do Congresso (P do C) com a Liga Muçulmana, que, em troca do apoio à Grã-Bretanha na II Guerra, quer a independência do Paquistão; o P do C é posto fora da lei. **1947**: independência da Índia (Jauaharlal Nehru é seu 1º-ministro) e do Paquistão, que lutam pela Cachemira. **1948**: assassinato de Gandhi; a ONU põe fim à luta na Cachemira. **1962**: ocupação chinesa de Ladak, na Cachemira; anexação do enclave português de Goa. **1964**: Nehru morre; Lal Badur Shastri assume. **1965/66**: II Guerra Índia-Paquistão, pela Cachemira; Shastri morre e Indira Gandhi, filha de Nehru, assume. **1969**: morte do pres. Zakir Husain provoca cisão no P do C; Indira perde a maioria e compõe com os comunistas. **1971**: nas eleições, Indira conquista dois terços do Parlamento; apoio à independência do Paquistão Or. (Bangladesh). **1972**: acordo com o Paquistão sobre "linhas de controle" na Cachemira. **1974**: explosão da bomba-A indiana. **1975**: Indira, condenada por corrupção em Uttar Pradesh, é absolvida pela Suprema Corte; anexação do Siquim. **1977**: derrota do P do C; Indira renuncia em favor de Morarji Desai, que, em **1979**: renuncia; seu sucessor, Charam Singh, também renuncia. **1980**: vitória eleitoral do P do C. **1980 – 1984**: conflitos com os sikhs, no Pundjab: entre bengalis e imigrantes nepaleses, no Assam; entre hindus e muçulmanos em Maharashtra e Andra Pradesh. **1984**: invasão do Templo Dourado, dos sikhs, em Amritsar; seu líder, Jarnail Singh Bindranauale, é morto; em represália, Indira é assassinada (31/10) por seus guarda-costas; os sikhs são massacrados pelos hinduístas; Rajiv Gandhi, filho de Indira, assume e ganha as eleições (dez.). **1985**: o sikh moderado Sant Harchand Singh Longoual assina acordo de paz com Rajiv e, em represália, é assassinado pelos radicais do *Akali Dal*. **1986**: medidas especiais de combate ao terrorismo sikh. **1987/88**: escalada do terrorismo sikh contra a intervenção federal no Pundjab. **1989**: choques entre hindus e muçulmanos em Uttar Pradesh; Rajiv perde as eleições; Vishuanath Pratap Singh, da Frente Nacional, assume. **1990**: escalada de conflitos étnicos na Cachemira; distúrbios devido à lei que reserva 27% dos cargos públicos às castas inferiores; protestos contra o projeto de construção de um templo hindu na cidade muçulmana de Ayodhya; recomeço da violência no Pundjab; Pratap cai, o socialista Shandra Shekhar assume (7/11) e tenta pacificar os centros de conflitos étnicos. **1991**: a unificação dos grupos sikhs no *Shiromani Akali Dal* precipita a queda de Shekhar; durante a campanha eleitoral, Rajiv é assassinado em Shriperumpudur, no Tamil Nadu (21/5), por separatistas tâmil do Sri Lanka; Narasimha Rao, novo líder do P do C, é eleito 1º-ministro (20 a 26/5); suicídio, em Bangalore, do separatista tâmil Silvarasan e seis partidários, acusados do assassinato de Rajiv (20/8); greve muçulmana na Cachemira, em protesto contra a invasão, por forças de segurança, do santuário de Hazrat Bal (10/9), leva a conflito com cinqüenta mortes; lei proíbe a conversão dos locais de culto existentes na época da independência (10/9); trinta mortes na marcha dos extremistas do *Bharatta Janata*, em Kanyakumary, contra a autonomia regional para a Cachemira (11/12). **1992**: 36 mortes em choques entre militantes maoístas e proprietários de terras em Bara, no Bihar (12/2); o governo sobrevive à moção de desconfiança contra sua política econômica (mar.); renúncia do chanceler Madav Singh por escândalo de suborno (31/3); empréstimos irregulares feitos ao corretor Harshad Mehta, preso em jun., provoca perdas de US$ 1,2 bilhão para o governo.

FATOS DO ANO

Os conflitos de 6/1/1993, em Sopore, onde morrem sessenta pessoas durante uma manifestação pedindo a independência para a Cachemira; os de Bombaim, em 13/1, em que choques entre hindus e muçulmanos deixam 245 mortos; ou os de out., quando separatistas armados refugiam-se na mesquita de Hazrat Bal, na Cachemira (até 21/10 havia quarenta mortos), são apenas a rotina num país onde as rivalidades étnicas, religiosas e sociais alimentam um eterno circuito de violência. Atitudes modernizadoras, como a do governo do 1º-min. Narasimha Rao, que, em nov. de 1992, concedeu aos párias, membros da casta desfavorecida dos "intocáveis", o direito de ocupar 25% dos cargos no serviço

público, continuam sendo criticadas pela maioria da população; e, em especial, pelos membros das castas mais baixas que alegam estarem sendo, com essa medida, prejudicados no direito que lhes foi reconhecido, por uma lei de 1952, de deter essa fatia do mercado.

Mesquita destruída – Os incidentes de Bombaim ecoam os distúrbios que, em dez. de 1992, tinham ateado fogo ao país a partir do Estado de Uttar Pradesh. Ali, na cidade de Ayodhya, que, segundo a tradição hindu, é o local de nascimento do deus Brama, erguia-se uma mesquita construída em 1528. Em 6/12, Laikrishan Advani, líder do partido extremista *Bharatta Janata* (PBJ), ordenou a seus seguidores que promovessem a demolição do templo. Os choques intercomunitários que se seguiram fizeram 1.300 mortos em várias cidades do país e atingiram, inclusive, os vizinhos Paquistão e Bangladesh. O governo teve de reagir banindo cinco organizações fundamentalistas hindus e muçulmanas (10/12) e dissolvendo as assembléias regionais de três Estados governados pelo PBJ, que foram postos sob intervenção das autoridades federais (15/12). A moção de desconfiança que, em 21/12, o PBJ apresentou no *Lok Sabha* (a Assembléia) contra Rao, foi malsucedida. Com seu prestígio reforçado, o chefe do governo tem condições, em 18/1/1993, de fazer um remanejamento ministerial, afastando de seu gabinete ministros simpáticos à causa dos extremistas e, com isso, consegue suspender, graças à mobilização de forte esquema policial, uma manifestação convocada pelos nacionalistas hindus, para 25/2, em Nova Délhi. Mas se obtém sucesso na capital, não o consegue, em 12/3, em Bombaim, onde 273 pessoas morrem e mais de mil ficam feridas numa série de atentados reivindicados pela Força de Comando do Calistão, que luta pela independência dos sikhs no Es-

tado do Pundjab. Em 16 e 19/3, é a vez de Calcutá, onde duas bombas deixam 46 mortos. Durante o resto do ano, outros incidentes de caráter interétnico ou religioso são registrados. O mais grave deles é o que, em 16/8, faz quarenta vítimas na Cachemira, uma vez mais devido às reivindicações separatistas dos muçulmanos.

Mas essa não é a única dificuldade enfrentada por Rao: em 16/6/1993, o empresário Harshad Mehta, que, no ano anterior, fora preso por envolvimento no desfalque de US$ 1,2 bilhão da Bolsa de Bombaim, acusa-o de ter aceito suborno de US$ 300 milhões, durante a campanha eleitoral de 1991. Desta vez, é o PC quem, apoiado pelo PBJ e outros partidos menores de oposição, deposita um voto de desconfiança contra Rao – uma vez mais negado, em 28/7, por não ter surgido nenhuma prova concreta que o incriminasse.

Acordos com o exterior – Ao visitar a Índia, de 27 a 30/1/1993, o pres. Boris Iéltsin, da Rússia, assina com Rao um Tratado de Paz, Amizade e Cooperação Indo-Russo, em substituição ao que o país firmara com a ex-URSS, além de acordos de renegociação da dívida que a Índia tinha com os soviéticos, e de cooperação na área da defesa, incluindo pesquisa e treinamento de efetivos. Rao também visita a Espanha (7 a 10/2), onde assina acordos de intercâmbio cultural e uma declaração conjunta de combate ao terrorismo; recebe em Nova Délhi o chanceler alemão, Helmut Kohl (19/2), de quem ouve um apelo para que seu país subscreva o Tratado de Não-Proliferação Nuclear; e assina com a Itália um tratado de intercâmbio comercial e tecnológico (20/2).

O min. das Finanças, Man Mochan Singh, anuncia, em 8/2/1993, que a Índia receberá do Banco Mundial, durante o ano fiscal de 1993/94, empréstimos no valor de US$ 3,2 bilhões. Em troca, o país compromete-se a dar prosseguimento às reformas econômicas, fazendo mais cortes nas despesas e subsídios governamentais para reduzir o déficit público, fechando estatais improdutivas e liberalizando o câmbio (esta última medida é implementada em 1º/3). Mochan Singh apresenta, na mesma ocasião, um novo plano econômico que prioriza o incentivo à produtividade agrícola e industrial; e prevê investimentos para elevar a deficitária capacidade energética de um país que, além de seus distúrbios étnicos e sua pobreza endêmica, é também com freqüência vítima de catástrofes naturais, como o terremoto do início de out. de 1993. Atingindo entre 6 e 7 pontos na escala Richter, ele deixa 28 mil mortos na aldeia de Kilari, no Estado de Maharashtra, e causa devastação equivalente nas vizinhas Sastur e Talani. Nos dias que se seguem, a terra volta a tremer, atingindo cidades mais distantes, como Lastur, ao norte, e Umarga, ao sul, e fazendo seus efeitos serem sentidos até em Bombaim.

Indonésia

● **NOME OFICIAL:** República da Indonésia. **Capital:** Jacarta. **Nacionalidade:** indonésia. **Hino:** Grande Indonésia (título). **Língua:** indonésio (oficial); 25 línguas locais (javanês, principal); 250 dialetos. **Religião:** islamismo, 86,9%; cristianismo, 9,6% (católicos, 23,1%); hinduísmo, 3,9%; budismo, 1%. **Data nacional:** 17/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Ásia. **Área:** 1.919.443 km². **Limites:** mar de China (N); mar das Célebes (NE); oceano Índico (O); Malaísia (N da ilha de Borneu); Papua Nova Guiné (L da ilha de Irian Barat/Ocid.). **Características:** arquipélago com 13.700 ilhas (Bali, Java, Sumatra, Borneu, Irian Ocid., Célebes e Molucas, principais); relevo montanhoso com mais de 70 vulcões ativos; planícies (Sumatra e Borneu); recifes de coral (Célebes). **Ponto mais elevado:** monte Puntjakdjaja (5.030 m, Nova Guiné). **Clima:** equatorial. **Rios principais:** Capuas, Barito (em Calimantã); Mussi (em Sumatra). **Cidades principais:** Jacarta (7.829.000 hab.); Surabaya (2.345.000); Medan (2.110.000); Bandung (1.633.000) (1985); Semarang (1.269.000) (1984). **Hora local** (em relação a Brasília): +10h (Java e Sumatra); +11h (Calimantã, Sulavesi, Timor e Bali); +12h (Irian Ocid.).

● **POPULAÇÃO:** 184.796.000 (est.1992); **urbana:** 31,4% (1991). **Composição demográfica:** malaios e papuas (maioria); chineses. **Crescimento demográfico:** 2,1% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 37%; 15-59: 56,8%; mais de 60: 6,2% (1989). **Densidade (hab./km²):** 96,3 (1992). **Natalidade:** 32,2 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 11,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 90 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,7 (1991). **Vida média homens:** 55,6; **mulheres:** 58,9 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 1.490 hab. (1989/90); **médicos:** 1 por 7.427 hab. (1988/89). **Gastos com saúde:** 3,3% do orçamento (1989/90).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 22,4% (1987). **Alunos de 1º e 2º graus:** 26,4 milhões; **professores:** 2 milhões (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 1,2 milhão; **professores:** 115,4 mil (1987/88). **Gastos:** 13,1% do orçamento (1993/94).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** provisória de 1945 (reinstituída em 1959 e suplementada em 1969). **Divisão administrativa:** 24 províncias, 1 distrito metropolitano e 2 autônomos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Sekber Goldar, Desenvolvimento Unido, Democrático. **Chefe de Estado e de governo:** pres. gen. Suharto (desde 27/3/1968; reeleito em 1973, 1978, 1983, 1988, 1993). **Legislativo:** unicameral – Câmara dos Representantes, com 500 membros (400 eleitos por voto direto e 100 indicados pelo pres.), para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 21,7%; indústria, 25,6%; mineração, 14,5%; comércio, 16,2%; serviços, 22% do PIB (1990). **Agricultura:** madeira, borracha, óleo de palma, café, cana-de-açúcar, chá, coco, tabaco, arroz. **Pecuária:** caprinos, bovinos, suínos. **Pesca:** 3,1 milhões t (1990). **Indústria:** refino de petróleo, têxtil, alimentícia, fumageira, química, madeireira. **Minerais:** petróleo e gás natural, estanho, bauxita, níquel, cobre, ouro, carvão. **Exportações:** US$ 29,1 bilhões; **produtos:** petróleo e derivados, têxteis, madeira e manufaturados, gás natural e industrializado (1991). **Importações:** US$ 25,9 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, equipamentos elétricos e de transporte, químicos e minerais (1991). **Parceiros comerciais:** Japão, EUA, Cingapura, Alemanha, Formosa, Coréia do Sul. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** rúpia (dividida em 100 cen); **cotação para 1 US$:** 2.038,00 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 111,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 610 (1991); **crescimento anual:** 5,8% (1980–1991). **Inflação:** 5,4% (1992). **Dívida externa:** US$ 67,9 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 76,1 milhões; **distribuição:** agricultura, 54%; indústria, 8,5%; comércio, 14,2%; serviços, 15,4%; outros, 7,9%; **mão-de-obra feminina:** 39,9% (1989). **Desemprego:** 2,9% (1989).

● **DEFESA: Efetivo total:** 283 mil (1992); **Exército:** 215 mil; **Marinha:** 44 mil; **Força Aérea:** 24 mil; **outros:** 180 mil paramilitares; 1,5 milhão (segurança pública). **Gastos:** 1,7% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 150,3 mil km; 43% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 2,9 milhões; **automóveis:** 1,4 milhão (1991). **Ferrovias:** 6,6 mil km (1990). **Portos:** Tanjung Priok (Jacarta); Tanjung Perak (Surabaya); Belawan (Medan); Ujung Pandang (Sulavesi). **Linhas aéreas:** Garuda Indonesia, Sempati Air (vôos internacionais e domésticos); Mepati Nusantara Airlines, BOU (domésticos e regionais); Mandala Airlines (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 8,2 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 3; **receptores:** 1 por 16 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 172 hab. (1989). **Jornais diários:** 60; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 22 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 20, quadra 805, CEP 70479-900, Brasília, DF; tel. (061) 243-0102.

HISTÓRIA

Dominado pela Índia no início da Era Cristã, o arquipélago, islamizado no séc. XVI, foi conquistado pelos holandeses (séc. XVII). **1939:** ocupação japonesa. **1945 – 1949:** os nacionalistas Sukarno e Mohamed Hata proclamam a independência e lutam contra os holandeses; criação dos Estados Unidos da Indonésia, ligados à Holanda. **1950 – 1954:** luta leva à independência total; Sukarno é o presidente. **1959 – 1966:** ditadura de Sukarno: a "democracia dirigida". **1962:** a Holanda retira-se do Irian Barat (Ocid.), na Guiné. **1963:** campanha contra a criação da Malaísia. **1965:** retirada da ONU; aproximação com a China. **1966/67:** o gen. Suharto reprime um golpe comunista e toma o poder. **1969:** anexação do Irian Barat (Ocid.). **1971:** primeiras eleições desde 1955; vitória do governista *Golkar*. **1974:** protestos populares levam à devolução dos poderes ao Parlamento. **1976:** anexação da ex-Timor portuguesa. **1977:** anistia para 12 mil presos políticos. **1977 – 1980:** choques com os sino-javaneses e, em 1983/84: com os muçulmanos radicais do *Jimaá Imran*, que recusam o *Pancasila*, ideologia oficial inspirada no hinduísmo; a execução de seu líder, Imran ben Mohamed Zein, provoca escalada terrorista. **1985:** repressão aos dissidentes; a *Petição dos 50* denuncia massacres de oposicionistas e exige democratização. **1986:** execução de nove dirigentes do PC. **1987:** vitória do *Golkar* nas urnas. **1989:** acordo com os muçulmanos moderados. **1990:** oitenta mortos na ofensiva contra os rebeldes da Frente de Libertação Nacional Aceh-Sumatra; fundada a *Nahdatul Ulama*, que prega a abertura e o multipartidarismo. **1991:** cinco anos de prisão para Arsuendo Atmoiloto, diretor do *Monitor*, por publicar pesquisa de popularidade em que o profeta Maomé vinha em 5º lugar; 180 mortos em repressão a passeata de independentistas, em Dili, Timor Or. (nov.); em represália, corte da ajuda dos EUA, Canadá e CEE. **1992:** formam-se organizações de defesa dos direitos humanos e a *Petição dos 50* reivindica liberdade política; essas atividades são reprimidas; embora o *Golkar* só conquiste 270 cadeiras no *Majelis Permusyauaratan-Rakyat* (Assembléia), Suharto mantém a maioria nomeando os demais parlamentares (jun.); política de austeridade monetária para combater os US$ 6 bilhões de dívida externa; o país assume, por três anos, a presidência dos Não-Alinhados (set.).

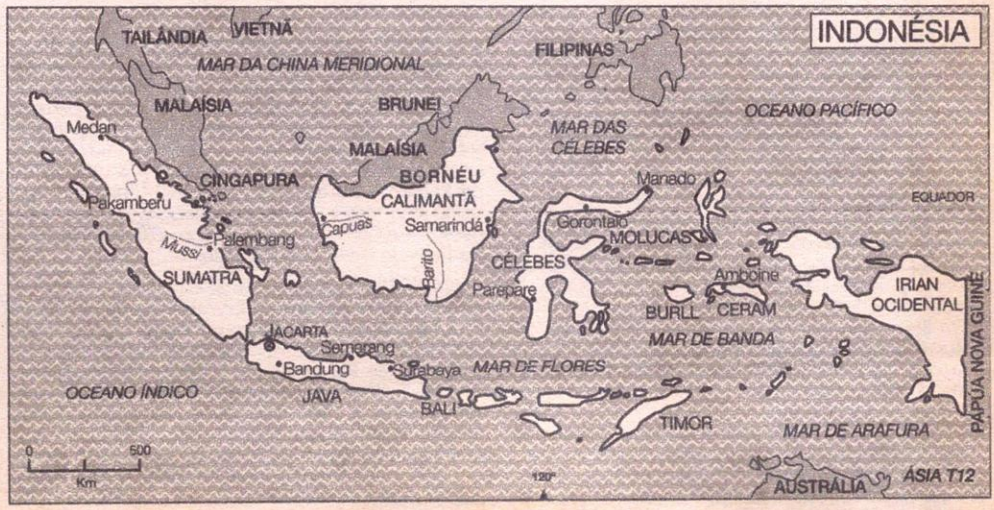
FATOS DO ANO

O pres. Suharto faz, em 17/3/1993, um remanejamento ministerial que, por afetar principalmente as pastas da área econômica, cria nos organismos internacionais o temor de que esteja a caminho uma mudança política nesse setor. Mas é um receio totalmente infundado: os novos ministros apressam-se a declarar que pretendem dar prosseguimento ao plano de desregulamentação da economia, que vem sendo implementado desde 1988, com apoio do Banco Mundial. A troca de ministros está relacionada, na verdade, com os distúrbios de fundo religioso que, no fim de 1992, agitaram Java e Sumatra. É para atenuar a tensão na comunidade muçulmana que os cristãos Radius Prauiro (Coordenação Econômica), Johannes Sumarlin (Finanças) e Adrianus Mooy (pres. do Banco Central) são substituídos por Saleh Affif, Marie Mohamed e Sudradjat Djiuandono.

Na verdade, muito pouco mudou com as eleições de 10/3/1993 para o *Majelis Permusyauaratan-Rakyat* (a Assembléia Consultiva do Povo): o gen. Suharto foi confirmado para seu sexto mandato; e a escolha de seu vice e herdeiro – pois o general, que está com 71 anos, já anunciou que não concorrerá mais à reeleição – tampouco ofereceu surpresas. Embora houvesse outros candidatos, o eleito por unanimidade, junto com Suharto, é o gen. Try Sutrisno, apoiado pelas Forças Armadas. O governo permitiu que, durante a campanha, as qualidades de cada um deles fossem debatidas pela imprensa; mas, no dia da votação, a polícia dispersou e prendeu vinte universitários que protestavam contra sua eleição.

Resultados positivos – O novo ministério de Suharto é dominado pelos "nacionalistas". Seu líder é o min. da Pesquisa e da Tecnologia, Bucharudin Iusuf Habibie, também pres. da Associação dos Intelectuais Muçulmanos e um dos candidatos à vice-presidência (havia quem dissesse que Suharto, de quem ele é conselheiro pessoal, o preferia, mas teve de aceitar o nome proposto pelos militares). Habibie é favorável a uma política de substituição das importações, em contraposição ao modelo atual, de superaproveitamento, para exportação, de mão-de-obra e matérias-primas baratas. Isso garante a manutenção da rota fixada pelo Banco Mundial; e de resto, em 7/1/1993, ao anunciar o orçamento para 1993/94, Suharto já tinha reafirmado a disposição de estender a desregulamentação à agricultura, animado com os resultados positivos na indústria de produtos não-petrolíferos, cuja exportação cresceu 25% durante 1992, chegando a US$ 14 bilhões – receita que supera as perdas com o declínio de 9% no preço do petróleo, tranqüilizando os credores internacionais quanto à capacidade do país de saldar o serviço de uma dívida externa de US$ 87 bilhões.

Está previsto o aumento dos gastos públicos, em 1993/94; mas o governo pretende compensar as perdas com cortes de US$ 1,45 bilhão em subsídios a combustíveis, e com a elevação dos impostos e da tarifa sobre energia elétrica. O progressivo esgotamento de suas reservas faz também com que o país tenha de se preparar para, até



o ano 2000, importar mais petróleo do que produz. Em 1992, houve queda nos investimentos externos e o crescimento de 5,75% no PIB foi 1% menor do que em 1991. Mas a política de redução da oferta de dinheiro no mercado, com limitação dos empréstimos, surte efeito: a inflação cai em um terço, chegando a 6% no fim de 1992. Um sério problema, porém, é o das dívidas "não-produtivas" (que não pagam juros há mais de três meses) de bancos privados, que chegam a 15% do patrimônio total do setor (US$ 58,7 bilhões, metade dos bancos estatais). Em out. de 1992, o décimo maior banco privado do país, o Bank Summa, tem de ser liquidado por esse motivo. Em dez. de 1992, 32% dos empréstimos de bancos estatais eram não-lucrativos, e 30% deles destinavam-se a apenas 35 empresas (26 delas eram conglomerados politicamente "bem relacionados"; três pertenciam, inclusive, a parentes de Suharto).

No início de 1993, o relatório do Banco Mundial critica esse financiamento de dívidas que permite o crescimento de conglomerados que não poderiam se desenvolver de outra forma, e que se tornam beneficiárias do complexo sistema de tarifas indonésio, contradizendo as regras da desregulamentação. Além disso, a forma como o governo concede os monopólios – muitos deles estão nas mãos de empresas dirigidas por filhos de Suharto – desencoraja a entrada de investimentos internacionais. O Banco frisa a necessidade de investimentos de US$ 70 bilhões na modernização da infra-estrutura, em grande parte com recursos do setor privado. Em 27/4/1993, o min. Mohamed, das Finanças, anuncia medidas de simplificação da burocracia para que novas empresas se instalem: elas visam a atrair capital estrangeiro, como uma forma de concorrer com a economia em expansão dos vizinhos China, Vietnã e Índia. E, em jun., Suharto proíbe trezentos empresários, cujas dívidas são superiores a 250 milhões de rúpias, de deixar o país durante seis meses: esse é o primeiro passo para enfrentar o problema dos conglomerados.

A crise de Timor – A questão de Timor Or. continua a ser o principal foco de tensão nas relações internacionais do país. Em out. de 1992, o Congresso dos EUA suspendeu os treinamentos militares conjuntos com a Indonésia, em protesto contra o massacre de manifestantes separatistas no ano anterior. Nesse mesmo mês, a Anistia Internacional denunciou a prisão e tortura de militantes da Frente Revolucionária de Este Timor Independente (Fretilin). E reações internacionais, principalmente de Portugal – que a ONU ainda considera responsável por sua ex-colônia –, se seguiram à prisão, em nov., do líder da Frente, José Gusmão, o "Xanana", levado a julgamento em Jacarta. As conversações a esse respeito, entre o chanceler Ali Alatas e seu colega português Manuel Durão Barroso (Roma, abr. e set. de 1993), não fazem, porém, avançar a busca de uma solução negociada para a crise timorense.

Foi posto em dúvida, no fim de nov. de 1992, o pronunciamento de Xanana, afirmando não se opor à autoridade indonésia e pedindo à Fretilin que se rendesse: foi unânime a opinião de que essa declaração foi obtida sob tortura. Em dez., o governo ofereceu anistia aos guerrilheiros que depusessem as armas e divulgou a cifra de mil rendições (outras fontes, porém, afirmaram que apenas 36 se entregaram). Em 11/3/1993, a Comissão de Direitos Humanos da ONU adota resolução alertando para a violação das liberdades básicas no país e pedindo acesso a Timor para investigar as denúncias de tortura, execuções sumárias e discriminação religiosa; mas não obtém nenhuma resposta das autoridades de Jacarta.

Em 3/4, o substituto de Xanana, Antônio Gomes da Costa, é também capturado. Após um julgamento descrito pelos grupos de direitos humanos como uma farsa, é condenado à prisão perpétua; mas as pressões internacionais fazem com que Suharto reduza a sentença, em 13/8, para vinte anos de prisão. Para diminuir a tensão criada por esse processo, é ordenada, no final do mês, a libertação de Andi Fátua, um dos signatários da *Petição dos 50*, que tinha sido sentenciado a dezoito anos de prisão por participar de reuniões clandestinas; mas causa indignação, aos setores liberais, serem soltos, junto com ele, três extremistas muçulmanos condenados por ataques a membros da comunidade de origem chinesa – que é hostilizada por motivos religiosos e também econômicos, devido à sua prosperidade. Como medida de conciliação, é autorizada, em 8/6, a criação de uma Comissão de Direitos Humanos independente, subordinada à Suprema Corte.

Irã

● **NOME OFICIAL:** República Islâmica do Irã. **Capital:** Teerã. **Nacionalidade:** iraniana. **Língua:** persa (maioria); árabe; azeris, baluche, curdo, turco e turcomano. **Religião:** islamismo, 99,5% (xiitas, 91%; sunitas, 7,8%) (oficial); cristianismo, 0,2% (ortodoxos armênios, 0,1%); judaísmo, 0,1%; zoroastrismo, 0,1%. **Data nacional:** 11/2 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da Ásia. **Área:** 1.648.000 km². **Limites:** Azerbaidjão e mar Cáspio (N); Turquia e Armênia (NO); Turcomênia (NE); Afeganistão e Paquistão (L); golfo de Omã (S); golfo Pérsico (SO); Iraque (O). **Características:** planície fértil de aluvião (litoral SE); planalto do Irã (centro): grande deserto Salgado (centro-norte), com lagos salgados e cercados pelas cordilheiras de Zagros (de NO e SE) e do Elburz (norte da costa do mar Cáspio). **Ponto mais elevado:** Damavand (5.604 m). **Clima:** árido subtropical (maior parte); subtropical de altitude (Zagros). **Rios principais:** Karun, Saditi, Karkeh, Zarandeh, Arak. **Cidades principais:** Teerã (6.042.584 hab.); Meshed (1.463.508); Ispahã (986.753); Tabriz (971.482); Chiraz (848.289) (1986). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h30.

● **POPULAÇÃO:** 59.570.000 (est.1992); **urbana:** 56,7% (1990). **Composição demográfica:** persas, 45,6%; azeris, 16,8%; curdos, 9,1%; gilakis, 5,3%; lurs, 4,3%; mazandaranis, 3,6% baluches, 2,3%; árabes, 2,2%; baquitiaris, 1,7%; turcomenos, 1,5%; armênios, 0,5%; outros, 7,1% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,5% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 43,8%; **15-59:** 50,4%; **mais de 60:** 5,8% (1990). **Densidade (hab./km²):** 36,5 (1992). **Natalidade:** 44 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 66 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,5 (1991). **Vida média homens:** 64; **mulheres:** 65 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 653 hab.; **médicos:** 1 por 2,9 mil hab. (1988/89). **Gastos com saúde:** 8,5% do orçamento (1989/90).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 46% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 13,5 milhões; **professores:** 625,3 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 315,7 mil; **professores:** 20,5 mil (1988/89). **Gastos:** 22% do orçamento (1989/90).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 2-3/12/1979 (45 emendas). **Divisão administrativa:** 23 províncias, 472 municípios e 499 municipalidades. **Regime partidário:** todos os partidos foram dissolvidos em 1987; o único reconhecido desde então é o oposicionista Mov. de Libertação do Irã. **Líder religioso:** aiatolá Said Ali Khamenei (desde 4/6/1989). **Chefe de Estado e de governo:** pres. Ali Akbar Hashemi Rafsandjani (desde 17/8/1989). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Consultiva Islâmica, com 270 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 18,2%; indústria, 15,2%; mineração, 4,6%; comércio e serviços, 62% do PIB (1990/91). **Agricultura:** frutas secas e frescas, trigo, cevada, beterraba, cana-de-açúcar. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos, aves. **Pesca:** 250 mil t (1990). **Indústria:** petrolífera, têxtil, alimentícia, equipamentos de transporte. **Minerais:** minerais metálicos, carvão, magnesita, gesso, petróleo e gás natural. **Exportações:** US$ 15,2 bilhões; **produtos:** petróleo bruto (principal); derivados de petróleo, agrícolas, minerais metálicos (1990). **Importações:** US$ 14,4 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, moto-

res de veículos, químicos e derivados, papel, têxteis, ferro e aço, manufaturas de minérios (1990). **Parceiros comerciais:** Alemanha, Japão, Grã-Bretanha, Itália, França, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** rial (dividido em 100 dinars); **cotação para 1 US$:** 63,01 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 139 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.450 (1990); **crescimento anual do PIB:** 2,5% (1980–1990). **Inflação:** 20% (1993). **Dívida externa:** US$ 11,5 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 12,8 milhões; **distribuição:** agricultura, 24,9%; indústria, 21,7%; comércio e serviços, 36,4%; outros, 17% (1986); **mão-de-obra feminina:** 17,5% (1988–1990). **Desemprego:** 20% (1993).

● **DEFESA: Efetivo total:** 528 mil (1992); **Exército:** 475 mil; **Marinha:** 18 mil; **Força Aérea:** 35 mil; **outros:** 2 milhões de paramilitares. **Gastos:** 2,2% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 153,3 mil km; 34% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 2,5 milhões; **automóveis:** 2 milhões (1989/90). **Ferrovias:** 4,5 mil km (1990). **Portos:** Kharg Island, Bandar Shahid Rajai, Bandar Khomeini, Bushehr, Bandar Abbas, Chah Bahar (golfo Pérsico); Bandar Anzali (Pahlavi), Bandar Mowsha Hr (mar Cáspio). **Linhas aéreas:** Iran Air, Kish Air (vôos internacionais e domésticos); Saha Airlines (vôos domésticos e regionais); Iran Asseman Airlines (domésticos e charters).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 5 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 26 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 26 hab. (1989). **Jornais diários:** 13; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 13 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 31, CEP 70421-900, Brasília, DF; tel. (061) 242-5733.

HISTÓRIA

Em 2.000 a.C., os agricultores elamitas, cassitas e hurritas, das montanhas de Zagros, foram dominados pelos arianos medos e persas. Ciro, o Grande, fundou o Império Persa (550 a.C.), aniquilado, mais tarde, por invasões árabes – a islamização foi no séc. VII –, mongóis e turcas. **1499 – 1736:** a dinastia Salávida restabelece a ordem interna. **1736 – 1747:** Nadir Shah cria a dinastia Afshar; invade a Índia (1738), mas é assassinado. **1794 – 1921:** dinastia Kajar, fundada por Aga Mohamed Khan. **Séc. XIX:** perda de territórios para o Afeganistão e a Rússia. **1901 – 1907:** disputa anglo-russa pelo petróleo persa leva a acordo anglo-russo que divide o país em zonas de influência. **1921:** ditadura do cel. Reza Khan, que derruba o sultão Kajar e, em **1925:** coroa-se Reza Shah, fundando a dinastia Pahlevi. **1935:** a Pérsia passa a chamar-se Irã (22/3). **1941:** ocupação russo-britânica; o pró-nazista Reza Shah abdica em favor de Mohamed Reza. **1942:** declaração de guerra ao Eixo. **1946:** retirada das tropas soviéticas. **1951:** campanha de nacionalização do petróleo do 1º-min. Mohamed Mossadegh; o xá se opõe, deixa o país e volta, após a derrubada de Mossadegh, com ajuda dos EUA. **1961:** início da "revolução branca", que promete o fim da servidão, a reforma agrária e nova lei eleitoral. **1964:** o líder religioso aiatolá Ruholá Khomeini é deportado para o Iraque. **1965:** o 1º-min. Hassan Ali Mansur, assassinado por um militante xiita, é substituído por Amir Abbas Hoveida. **1971:** programa de defesa americano-britânico de US$ 1 bilhão converte o país no "gendarme do Golfo". **1974:** conflito com o Iraque pela partilha das águas do Chatt-el-Arab. **1975:** monopartidarismo; paz com o Iraque (Tratado de Bagdá). **1976:** repressão aos oposicionistas (3 mil presos políticos). **1977:** criação do Comitê de Defesa da Liberdade e dos Direitos Humanos; o aiatolá Ruholá Khomeini, no exílio desde 1963, lidera a campanha contra o xá. **1978:** escalada de protestos; os 1º-min. Amir Abbas Hoveida, Charif Emami e Golam Azhari são incapazes de restabelecer a ordem. **1979:** o xá sai do país; retorno de Khomeini e renúncia do 1º-min. Chapur Baktiar, substituído por Mehdi Bazargan; invasão da emb. dos EUA em protesto contra a ida do xá a Nova York para tratamento de saúde; renúncia de Bazargan; nova Constituição. **1980:** eleição do pres. Abulhassan Bani-Sadr; designação do 1º-min. Mohamed Ali Radjai; morte do xá no Egito; início da guerra Irã-Iraque. **1981:** avanço iraquiano e ocupação de pontos na fronteira; Bani-Sadr, destituído, exila-se na França; 72 políticos morrem em atentado na sede do Partido Revolucionário Islâmico; Radjai, eleito presidente, designa Mohamed Djavad Bahonar 1º-min.; ambos morrem num atentado (30/8); Said Ali Khamenei e Hussein Mussavi os substituem; repressão à esquerda, prisão e execuções sumárias. **1982:** retomada dos pontos ocupados pelo inimigo; invasão do Iraque e assédio de Basra. **1983 – 1985:** bombardeios iraquianos às cidades iranianas. **1986:** Bazargan forma aliança oposicionista; o aiatolá Hussein Ali Montazeri é designado sucessor de Khomeini, mas adeptos seus são perseguidos; denúncia do escândalo *Irangate*: venda secreta ao Irã de armas dos EUA. **1987:** Montazeri é o presidente do Conselho de Tutela, que será presidência colegiada após a morte de Khomeini; execução de seu sobrinho, Said Hashemi, que denunciou o *Irangate* a uma revista libanesa; Khomeini abole os partidos políticos. **1988:** vitória, nas legislativas, da ala moderada de Hashemi Rafsandjani permite o cessar-fogo com o Iraque (18/7); a execução de adeptos seus, acusados de corrupção, leva, em **1989:** à renúncia de Montazeri; Khomeini condena à morte Salman Rushdie, por *Versículos satânicos*, considerado blasfemo; Khamenei, indicado sucessor de Khomeini, aponta Rafsandjani como candidato à presidência; Khomeini morre (3/6); eleição de Rafsandjani (28/7); plebiscito elimina o cargo de 1º-ministro. **1990:** prisão de Abdul Ali Bazargan, filho do ex-1º-ministro, que publicou manifesto pedindo democratização (16/6); desaprovada a anexação do Kuweit pelo Iraque, mas há oposição à intervenção dos EUA; reatamento com Bagdá (14/10); vitória moderada na eleição para a Assembléia dos Sábios, que confirma Khamenei como sucessor de Khomeini. **1991:** reatamento com a Arábia Saudita (1º/7); contrato de US$ 1,46 bilhão, com a Siemens, para a construção de uma usina de energia movida a gás natural (jul.); presos políticos passam a ter direito a advogado de defesa; assassinato de Baktiar em Paris (8/8); inauguração, em Ispahã, do maior pólo siderúrgico do mundo (US$ 3 bilhões) (28/9); libertação do eng. americano John Pattis, condenado, em 1987, a dez anos de prisão por espionagem. **1992:** contrato com a Peugeot francesa e a AWD-Bedford britânica para a instalação de montadoras de carros no país (22/1); vitória moderada, nas legislativas (10/4), contra os radicais de Mehdi Karrubi, pres. do *Majlis* (Parlamento); distúrbios em Khorramabad, Khorassã, Chiraz e Arak, devido à escassez de moradia (jun.); passeatas de trabalhadores por melhores condições de vida (jul.); em ambos os casos, os radicais pedem punições severas; Khamenei lança "campanha de erradicação da influência ocidental" (jul.) e entra em choque com Rafsandjani, que ameaça renunciar; o pedido é recusado e ele é obrigado a assinar um termo de "obediência total" ao aiatolá (set.).

FATOS DO ANO

Nas eleições presidenciais de 13/6/1993, o hodjatoleslam Ali Akbar Hashemi Rafsandjani é confirmado, por 63% dos votos, no cargo que ocupa desde jul. de 1989. Mas, dos 29 milhões de eleitores, apenas 59% comparecem às urnas. Taxa tão alta de abstenção é interpretada como sinal de descontentamento com os problemas econômicos que o país enfrenta; da mesma forma, os 24% concedidos ao único oponente de Rafsandjani, o eng. Ahmed Tavassoli, ligado ao *Nehzat-Azadi* (Movimento de Libertação do Irã), do ex-1º-min. Mehdi Bazargan – esse é um claro voto de protesto contra a corrupção, o nepotismo generalizado e as freqüentes violações das liberdades básicas, pois Tavassoli sempre esteve ligado aos movimentos de defesa dos direitos humanos.

Em 4/8, ao prestar juramento perante o *Majlis-e-Shura* (o Parlamento), Rafsandjani promete dar prosseguimento às grandes linhas da política que instaurou ao

chegar à presidência: moderação nas diretrizes islâmicas de seu governo, abertura para o exterior, sobretudo no plano econômico. Mas o sinal de que continua muito forte, dentro do *Majlis*, a oposição da ala radical às suas idéias é a recusa, em 16/8, do voto de confiança que confirmaria, na pasta da Economia e das Finanças, Mohsen Nurbakhsh, o ex-pres. do Banco Central, que já a ocupava desde fev., tendo conseguido, com uma atuação de cunho nitidamente liberal, que desagrada muito aos setores conservadores do clero islâmico, reduzir para 20% a taxa de inflação.

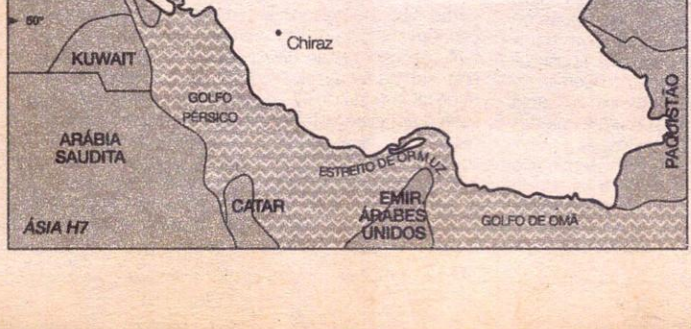
A solução de compromisso para o impasse – que evidenciou ainda haver uma certa fragilidade na posição de Rafsandjani como pres. da República – foi nomear um político de estilo mais conservador para esse ministério, dando a Nurbakhsh o cargo, de caráter consultivo, de vice-pres. para os Assuntos Econômicos. O choque constante entre radicais e moderados é também o responsável pela manutenção de um clima político repressivo que, em 17/8, provoca o protesto da ONU: sua subcomissão de controle do respeito aos direitos humanos denuncia o elevado número de execuções sumárias, amputações de membros, prática de tortura nas prisões, flagelação pública de mulheres acusadas de faltar com o decoro islâmico, perseguição às minorias étnicas (os curdos) e religiosas (os seguidores da seita bahai) e às famílias de refugiados políticos. Em 24/8, além de exigir do regime esclarecimentos sobre todos esses abusos, a subcomissão adota uma resolução em que as autoridades iranianas, suspeitas de participação no assassinato do dissidente prof. Kazem Radjavi em Genebra (24/4/1990), são intimadas a facilitar a elucidação desse crime.

Essa advertência, porém, não põe fim aos atos de violência em que, com grande probabilidade, estão envolvidos órgãos oficiais iranianos. Em 16/3/1993, já tinha sido morto, em Roma, o ex-diplomata Mohamed Hussein Nagdi, que, havia onze anos, chefiava o escritório romano do Conselho Nacional de Resistência (formado em Paris, em out. de 1981, pelo ex-pres. Abulhassan Bani-Sadr, o CNR é dirigido, hoje, a partir de Bagdá, por Massud Radjavi, o fundador do grupo extremista *Mudjahedin-e-Halk*/Guerrilheiros do Povo). A morte de Nagdi, seguindo-se a uma fase em que foram muito freqüentes os protestos internos contra os problemas econômicos, atribuídos pelas autoridades a uma campanha orquestrada por movimentos contrários à República islâmica, dá início a nova ofensiva repressora contra a oposição, levando a uma onda de detenções em várias cidades do país.

O antiamericanismo – Em 25/5, a aviação iraniana bombardeia, em território iraquiano, duas bases do Exército de Libertação Nacional, o braço armado dos *Mudjahedin-e-Halk*, formado, em jun. de 1987, por Radjavi, com apoio de Saddam Hussein. O relatório do porta-voz do ELN, de que houve vítimas entre a população civil, desencadeia a reação americana: o Departamento de Estado exige que os dois países respeitem o cessar-fogo estabelecido na resolução 598 do Conselho de Segurança da ONU, que pôs fim à guerra Irã-Iraque. É o que basta para acirrar o antiamericanismo iraniano, que aflora, com toda violência, nas passeatas e comícios que celebram, em 4/6, o quarto aniversário da morte do líder da revolução, o aiatolá Ruholá Khomeini. Protestos ainda mais vivos porque coincidem com outra condenação de Washington, desta vez a bombardeios iranianos a redutos dos rebeldes curdos, na fronteira com o Iraque. Nessa ocasião, Rafsandjani reafirma que seu país é vítima da propaganda hostil que, no Ocidente, é liderada pelos EUA e pede, uma vez mais – como já o fizera em jan., na época da posse do pres. Bill Clinton –, que seja suspenso o bloqueio dos bens iranianos naquele país, em vigor desde 1979. Esta não é a primeira vez, em 1993, que os EUA são alvo de manifestação de repúdio: a população já tinha pedido "morte à América, mãe de toda a corrupção", em 11/2, durante a grande festa na praça da Liberdade, no centro de Teerã, em comemoração ao 14º aniversário da queda da monarquia.

Os EUA não são o único país ocidental com o qual se mantém uma situação de atrito. A Grã-Bretanha reage com indignação ao anúncio, em 14/2/1993, de que o *wali-faqih* (líder religioso) aiatolá Said Ali Khamenei confirmou a sentença de morte contra o escritor britânico Salman Rushdie, acusado de ofender o islamismo e o profeta Maomé com seu romance *Versículos satânicos*. Londres volta a afirmar que o caso Rushdie é o obstáculo que impede a plena retomada de relações diplomáticas quando, em 19/3, ao fazer a oração da sexta-feira na Univ. de Teerã, o pres. do *Majlis*, Ali Akbar Nategh-Nuri, faz um apelo aos crentes para que assassinem o escritor sacrílego e critica o apoio que lhe é dado pelos países ocidentais. Com uma dívida externa de US$ 11,5 milhões e uma taxa de inflação e desemprego que, no início de 1993, alcançavam os 20%, não será fácil, para Rafsandjani, cumprir os objetivos que se propôs de libertar a economia dos rígidos controles impostos durante a guerra contra o Iraque, restabelecer a infra-estrutura – sobretudo a petrolífera, seriamente danificada pelo conflito – e incentivar a iniciativa privada, fortemente inibida nos primeiros anos da revolução. Subsídios à indústria estão sendo gradualmente suspensos e a meta do governo é reduzir a importação de matéria-prima para a indústria através do estímulo à exploração dos recursos minerais do país, além de diversificar as atividades industriais para reduzir a dependência do petróleo.

Para incentivar a exportação, houve três desvalorizações do rial em uma semana, durante



abr. de 1993: a terceira delas, no dia 14, foi de 6,7% em relação ao dólar. Além disso, têm sido muito intensos os esforços para estreitar os contatos comerciais com as Repúblicas muçulmanas da ex-URSS: entre 1992/93, são firmados acordos comerciais com o Azerbaidjão, Cazaquistão, Turcomênia, Tadjiquistão e Ucrânia; Teerã apadrinha a entrada desses novos países na Organização da Conferência Islâmica e serve de mediadora em conflitos como o da Armênia com o Azerbaidjão, ou o de moderados contra radicais no Afeganistão.

Relações com o Brasil – Desde a Guerra do Golfo, o Irã tornou-se o segundo parceiro comercial do Brasil no Oriente Médio, com um comércio bilateral da ordem de US$ 1,3 bilhão anuais, envolvendo a importação de armas, maquinaria, material siderúrgico, madeira, soja e suco de laranja brasileiros, e a exportação de petróleo – a atualização dos termos desse intercâmbio é feita, em Brasília, em 16/1/1993, durante a terceira reunião da comissão mista de alto nível que cuida dessas relações comerciais. A compra de armamentos e tecnologia militar tem sido uma das principais fontes de gastos do governo, em função da posição estratégica que o país ocupa no Golfo Pérsico. Dos US$ 27,4 bilhões do Plano Econômico 1990–1994, US$ 7,5 bilhões destinam-se à produção de armas; outros US$ 10 bilhões, segundo declarações do min. da Defesa e Logística, Ali Akbar Torkan, à importação de armas, inclusive do Brasil. Para o programa nuclear, está prevista também, até 1995, uma verba de US$ 6 bilhões para a compra de tecnologia e equipamentos da Alemanha, Grã-Bretanha, França, EUA, China, Coréia do Norte, Índia e Paquistão.

Iraque

● **NOME OFICIAL:** República do Iraque. **Capital:** Bagdá. **Nacionalidade:** iraquiana. **Hino:** da República (título). **Língua:** árabe (oficial); curdo e turcomano. **Religião:** islamismo, 95,8% (xiitas, 53,5%; sunitas, 42,3%) (oficial); cristianismo (minoria). **Data nacional:** 17/7 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da Ásia. **Área:** 438.317 km². **Limites:** Turquia (N); Jordânia (NO); Irã (L); Arábia Saudita, Kuweit e golfo Pérsico (S); Síria e Jordânia (O). **Características:** relevo montanhoso (N e NE); planalto desértico da Chamiye (O); planícies aluviais dos rios Tigre e Eufrates (NO e SE). **Ponto mais elevado:** 3.607 m. **Clima:** semi-árido e árido. **Rios principais:** Tigre e Eufrates. **Cidades principais:** Bagdá (3.884.608 hab.); Basra (616.700); Mossul (570.926); Irbil (333.903) (1985). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 18.838.000 (est.1992); **urbana:** 70,4% (1991). **Composição demográfica:** árabes, 77,1%; curdos, 19%; turcomanos, 1,4%; persas, 0,8%; assírios, 0,8%; outros, 0,9% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,9% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 44,5%; **15-59:** 50,3%; **mais de 60:** 5,2% (1991). **Densidade (hab./km²):** 43,3 (1992). **Natalidade:** 46 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 80 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,2 (1990). **Vida média homens:** 46; **mulheres:** 57 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 568 hab. (1990); **médicos:** 1 por 1,9 mil hab. (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 40,3% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 4,6 milhões; **professores:** 181,5 mil (1991/92). **Alunos no ensino superior:** 197,8 mil; **professores:** 10,5 mil (1991/92).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 16/7/1970 (3 emendas); a Constituição aprovada pela Assembléia Nacional em 1990 ainda não foi submetida a referendo popular. **Divisão administrativa:** 15 províncias e 3 regiões autônomas. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Frente Progressista Nac., Socialista, Curdo Democrático, Curdo Revolucionário Novo. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Saddam Hussein (desde 16/7/1979). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 250 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 20,3%; indústria, 19,1%; mineração, 11,8%; comércio, 16,1%; serviços, 32,7% do PIB (1990). **Agricultura:** tâmara, trigo, cevada, arroz, beterraba, cana-de-açúcar, melão. **Pecuária:** ovinos, bovinos, caprinos, aves. **Pesca:** 14 mil t (1990). **Indústria:** química, petrolífera, carvão, borracha, plástica, alimentícia, metalúrgica, têxtil. **Minerais:** petróleo, enxofre, fosfato, gás natural. **Exportações:** US$ 10,4 bilhões; **produtos:** petróleo bruto (principal); tâmara (1990). **Importações:** US$ 4,8 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, alimentos e animais vivos (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, Alemanha, Turquia, Grã-Bretanha, Itália, França. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** dinar iraquiano (dividido em 20 dirhams ou 1.000 fils); **cotação para 1 US$:** 0,31 (30/9/1992). **Produto Interno Bruto (PIB):** US$ 63,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 3.654 (1990); **crescimento anual:** -1,5% (1980–1988). **Inflação:** 2.000% (est. 1991). **Dívida externa:** US$ 42,3 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 4 milhões; **distribuição:** agricultura, 12,4%; indústria, 17,6%; comércio, 5,4%; serviços, 55,7%; outros, 8,9% (1987); **mão-de-obra feminina:** 5,8% (1988–1990). **Desemprego:** 4,6% (1987).

● **DEFESA: Efetivo total:** 381 mil (1992); **Exército:** 350 mil; **Marinha:** 1 mil; **Força Aérea:** 30 mil. **Gastos:** 18,2% do PNB (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 45,6 mil km; 84% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 1 milhão; **automóveis:** 744,3 mil (1991). **Ferrovias:** 2,4 mil km (1991). **Portos:** Basra, Ummqasr. **Linha aérea:** Iraki Airways (vôos internacionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 5,2 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 18 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 25 hab. (1990). **Jornais diários:** 5; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 32 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 64, CEP 70430-900, Brasília, DF; tel. (061) 346-2822.

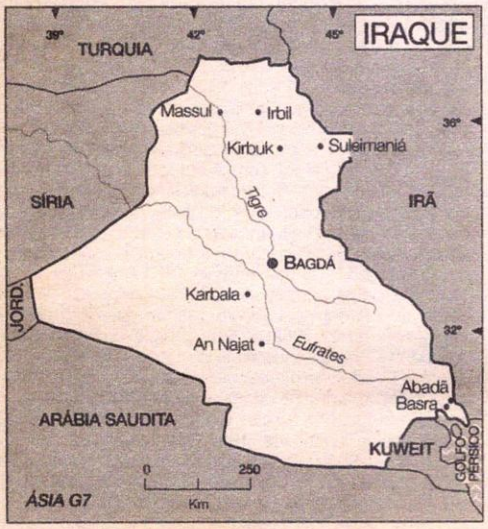
HISTÓRIA

Os sumérios fundaram, no sul da Mesopotâmia (3.000 a.C.), cidades-Estados em que floresceram as civilizações acadiana, babilônica e assíria. A região foi invadida pelos persas (500 a.C.), macedônios e romanos; pelos árabes (séc. VII), que fundaram Bagdá; pelos mongóis (séc. XII–XV) e otomanos (séc. XVI–XX). **1914 – 1918:** ocupação britânica. **1920:** mandato britânico da Liga das Nações. **1932:** independência; Faiçal I é coroado. **1941:** tropas britânicas derrubam o governo pró-nazista. **1948/49:** participação na guerra árabe-israelense. **1958:** fusão com a Jordânia; o gen. Abdul Karim Kassem derruba o rei e proclama a República; Faiçal II e o princ. Abdul Illah são assassinados; abolida a fusão. **1961 – 1970:** a rebelião curda provoca guerra civil; golpe do cel. Abdul Salim Aref, que morre e é sucedido por seu irmão, Abdul Rahman Aref (1966), deposto pelo gen. Ahmed Hassan al-Bakr, que concede aos curdos autonomia relativa. **1971:** fechamento da fronteira com a Jordânia, em apoio à OLP; confiscadas as propriedades da emb. dos EUA. **1974:** o curdo Taha Mohiedin Maaruf é nomeado vice-presidente como medida conciliatória. **1975:** acordo de partilha, com o Irã, das águas do Chatt-el-Arab. **1979:** golpe branco: al-Bakr é deposto por seu vice, Saddam Hussein. **1980 – 1988:** guerra com o Irã. **1981:** Israel destrói a central nuclear de Tamuz. **1982:** assédio iraniano de Basra. **1983:** campanha terrorista dos xiitas iraquianos, que criam, em Teerã, o Conselho Superior da Revolução Islâmica Iraquiana. **1984:** reatamento com os EUA. **1985:** violando o acordo com a ONU, o país bombardeia cidades iranianas e usa gases venenosos. **1986:** Naim Haddad, líder da oposição, é substituído por Saadun Hamadi, colaborador de Saddam. **1987:** reatamento com Egito e Líbia. **1989:** eleição da Assembléia Constituinte; explosão do complexo militar de al-Hilal. **1990:** o jornalista iraquiano Fazard

Bazoft, correspondente do *The Observer*, é enforcado (15/3), acusado de espionar para Israel; a enfermeira inglesa Daphne Parish, condenada a quinze anos como cúmplice (10/3), é libertada (10/7); Saddam torna-se presidente vitalício (20/7); invasão do Kuweit (2/8). **1991**: derrota na Guerra do Golfo (16/1 a 27/2); reprimida a rebelião curda e da comunidade xiita; êxodo curdo para a fronteira com a Turquia; Saadun Hamadi torna-se 1º-ministro; Saddam recusa eliminar os arsenais de armas de destruição maciça; os aliados ameaçam com nova guerra (14/7); concessão do pluripartidarismo (17/7) e anistia para presos políticos (21/7); imposição, pelos aliados, de zona de exclusão aérea, abaixo do paralelo 32, para impedir ataques aos xiitas e curdos (27/8); desentendimentos sobre a lei do pluripartidarismo: Hamadi é substituído por Mohamed Hamsa al-Zubeidi (14/9); são retidos em Bagdá (10 a 27/9) os 45 técnicos da ONU que investigam a desativação dos arsenais; é autorizada a supervisão dos centros militares pela ONU, que cria sistema de supervisão do desmantelamento das armas de destruição maciça (11/10) e descobre, numa usina de açúcar de Mossul, equipamento para a fabricação de armas químicas (dez.). **1992**: comprovada a existência de programa de enriquecimento de urânio por centrifugação, com ajuda alemã (jan.); imposta a pena de morte para roubos (jan.), visando a coibir o aumento da criminalidade; a ONU destrói 460 foguetes de 122 mm equipados com o gás venenoso *sarin* (fev.) e desmantela o complexo nuclear de al-Athir, as instalações de enriquecimento de urânio de Ash-Sharqat e Tarmiyah, e a fábrica de armas químicas de Muthana (abr.); ruptura das negociações sobre a autonomia do Curdistão (abr.); com apoio americano, realizam-se eleições unilaterais para a Assembléia Nacional do Curdistão Iraquiano (19/5): os líderes rivais, Massud Barzani e Djalal Talebani empatam e formam governo de coalizão; suspensos os vôos domésticos por falta de peças de reposição (jun.); proibida a importação de 150 artigos "de luxo" (jul.); segundo os EUA, houve expurgo de 135 oficiais após golpe de Estado frustrado (jul.); resolução da ONU confisca bens iraquianos no exterior para custear ajuda humanitária a curdos e xiitas (out.).

FATOS DO ANO

Em 6/1/1993, com o apoio da Grã-Bretanha, França e Rússia, o governo americano dá ao Iraque um ultimato para que retire, em 48 horas, mísseis antiaéreos deslocados para as zonas de exclusão aérea que, em 27/8/1991, tinham sido decretadas pelos aliados. Este é o ponto culminante de uma confrontação iniciada desde o ano anterior. Em 27/12/1992, um avião iraquiano fora derrubado dentro da zona abaixo do paralelo 32, criada para proteger a população xiita dos ataques do governo central. Dois dias depois, o vice-1º-min. Tareq Aziz negava o reconhecimento dessa área ao sul, bem como da que fora estabelecida, ao norte, acima do paralelo 36, para salvaguardar os refugiados curdos. Esses incidentes tinham inaugurado uma crise que quase levou a uma II Guerra do Golfo.



Bagdá, porém, não cede ao ultimato: não só o rejeita (7/1) como, em 10/1, proíbe o pouso de um avião da ONU transportando técnicos encarregados do desmantelamento de instalações militares iraquianas. A crise amplia-se, assim, abrangendo também as Nações Unidas. E a provocação é dupla, pois, a partir desse mesmo dia, tropas iraquianas começam incursões dentro do território kuweitiano, para recuperar armas ali abandonadas durante a retirada, no final do conflito, e que tinham sido apreendidas pelos agentes da ONU. Mas no dia 13, quando essas tropas se preparam para a terceira incursão, encontram à sua espera 116 aviões aliados que, vindos do sul, as bombardeiam até forçá-las a recuar. Dessa vez, o ataque surte o efeito desejado: Saddam Hussein suspende as operações de resgate de armamento no país vizinho e autoriza os aviões da ONU a pousar em seu território. Protesta, entretanto, contra os bombardeios, acusando os aliados de terem causado a morte de dezenove pessoas e de terem deixado quinze feridos; quanto aos equipamentos militares, diz ele, foram poucos os danos sofridos: das quatro bases de mísseis visadas, apenas uma foi destruída.

Dois pesos, duas medidas – Nos EUA, a decisão do pres. George Bush é apoiada pelo pres. eleito Bill Clinton e por boa parte da população. O mundo árabe, no entanto, reage lembrando a ausência de pressões semelhantes sobre Israel, para que obedeça à resolução da ONU, de 1980, e retire-se dos territórios ocupados. Os kuweitianos são os únicos árabes a comemorar o bombardeio. Novo desafio é feito por Bagdá em 16/1, dia do segundo aniversário do início da Guerra do Golfo: qualquer avião inimigo que invada o espaço aéreo iraquiano será derrubado, proclama Saddam. À resposta americana é, no dia seguinte, lançar mais de quarenta mísseis sobre uma fábrica da periferia de Bagdá, com o objetivo de destruir a rede de defesa aérea que vinha sendo remontada: três civis morrem nesse ataque e dezenove ficam feridos.

Nos dias que se seguem, baterias de mísseis e radares antiaéreos são visados pelos aviões que sobrevoam as duas áreas de exclusão. Os ataques são tão intensos e sistemáticos que, em 19/1, o pres. George Bush chega a ser criticado pela Grã-Bretanha, França, Itália, Holanda, Turquia e Espanha. Mas a ofensiva muda o tom do discurso de Saddam, que propõe um cessar-fogo, a vigorar a partir de 20/1, data da posse de Clinton na presidência dos EUA, e dispõe-se a aprovar, sem condições, os planos de vôo das missões de inspeção da ONU – de fato, a primeira delas desce em Bagdá em 22/1.

Mas Clinton não leva em conta a trégua anunciada: os ataques às instalações militares iraquianas prosseguem, apesar dos apelos e ameaças de Saddam, e, em 7/2, os EUA obtêm do Conselho de Segurança que aprove o envio de 750 soldados suplementares, para patrulhar a fronteira do Iraque com o Kuweit, impedindo novas incursões em busca de armas. O bombardeio mais violento é o de 26/6, a um centro de informações, em Bagdá: Washington o justifica como a represália contra a descoberta de que os iraquianos pretendiam assassinar o ex-pres. Bush, durante a viagem que ele fez ao Kuweit (14 e 16/4).

Embora, em 1º/7, Bob Kelley, especialista da Agência Internacional de Energia Atômica, tivesse anunciado que o programa nuclear iraquiano estava totalmente destruído, a equipe de inspetores da ONU sai de Bagdá, cinco dias depois, denunciando ter sido impedida de instalar câmeras de vídeo, para vigilância, em duas plataformas de mísseis. No dia 11, o compromisso recém-firmado com a organização é de novo desrespeitado: a equipe é

impedida de lacrar um depósito de armamentos confiscados. Diante disso, apesar da declaração de Saddam, em 19/7, de que se dispõe a aceitar a resolução 715 do Conselho de Segurança, que prevê a eliminação das armas de destruição maciça e a criação de mecanismos internacionais de controle, caso os EUA e a Europa adotem nova postura política em relação a seu país, a ONU decide, em 21/7, manter o embargo comercial até que os programas bélicos iraquianos tenham sido efetivamente inspecionados, que Bagdá tenha aceito a nova fronteira com o Kuweit e que a perseguição a curdos e xiitas tenha sido definitivamente suspensa. Só em 9/9 o governo Saddam manifesta-se pronto a cooperar com a ONU para o desarmamento; mas impõe uma condição: a de que lhe sejam dadas garantias de que será suspenso o embargo petrolífero, em vigor desde ago. de 1990.

O governo iraquiano depende do fim desse embargo para poder recuperar uma economia desmantelada pela guerra, cujos imensos problemas são agravados pela explosão da dívida externa. De US$ 75 bilhões antes do conflito, prevê-se que ela atinja os US$ 200 bilhões até o fim de 1993, devido às reparações de guerra, às compensações por danos a instalações petrolíferas e às indenizações aos trabalhadores estrangeiros forçados a sair do Kuweit, que o país terá de pagar.

Desde o segundo semestre de 1992, intensifica-se a cooperação entre os grupos de oposicionistas iraquianos instalados no exterior ou no Curdistão. Eles levam adiante os planos estabelecidos em uma conferência realizada em Viena, em jun., sob os auspícios do Congresso Nacional Iraquiano, que tem sua sede em Londres. Essa conferência elegeu uma assembléia de 87 membros e um comitê executivo de 17, encarregado de gestões junto aos governos ocidentais, em busca de apoio, e de convocar todas as facções que se opõem a Saddam Hussein a se reunirem, em 23/9, em Salahuddin, no Curdistão iraquiano. Nesse encontro, ficou decidido ampliar para 174 o número de membros da assembléia eleita em Viena, para que nela pudessem estar representados, além dos nacionalistas árabes, os curdos e os grupos religiosos. Em 27/10, essa assembléia elege um comitê executivo de 25 membros e uma junta presidencial no exílio, com três integrantes. Em jan. de 1993, depois dos incidentes que levaram ao ultimato dos EUA contra Saddam, o CNI pede aos aliados que criem uma zona de segurança no sul do país, para impedir ataques das forças governamentais à população civil.

Irlanda

● **NOME OFICIAL:** República da Irlanda. **Capital:** Dublin. **Nacionalidade:** irlandesa. **Hino:** Canção do Soldado (título). **Língua:** irlandês (O) e inglês (oficiais). **Religião:** cristianismo (católicos, 93,1%; anglicanos, 2,8%; presbiterianos, 0,4%). **Data nacional:** 17/3 (S. Patrício).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da Europa. **Área:** 70.238 km². **Limites:** Irlanda do Norte (N); mar da Irlanda (L); canal de S. Jorge (S); oceano Atlântico (O). **Características:** ilha com litoral acidentado e outras ilhas menores; planície central limitadas por montanhas mais baixas e com lagos (N) e mais altas (S). **Ponto mais elevado:** monte Carrauntoohuil (1.041 m). **Clima:** temperado oceânico. **Rios principais:** Shanonn, Liffey, Suir, Boyne, Nore, Barrow. **Cidades principais:** comunas: Dublin (477.674 hab.); Cork (127.024); Limerick (52.040); Galway (50.842); Waterford (40.235) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 3.519.000 (est. 1992); **urbana:** 57,1% (1990). **Composição demográfica:** mais de 94% da população composta por irlandeses (1981). **Crescimento demográfico:** 0,6% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 38,9%; **15-59:** 56,3%; **mais de 60:** 14,8%. **Densidade (hab./km²):** 51,1 (1992). **Natalidade:** 15,7 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 9 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 8 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,4 (1990–1995). **Vida média homens:** 71; **mulheres:** 76,7 (1985–1987). **Leitos hospitalares públicos:** 1.257 hab. (1990); **médicos:** 1 por 681 hab. (1984). **Gastos com saúde:** 14,5% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 904,3 mil; **professores:** 39,1 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 61,3 mil (1989/90); **professores:** 3,9 mil (1988/89). **Gastos:** 13,9% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 29/12/1937. **Divisão administrativa:** 26 comodatos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Republicano, Unido, Trabalhista, Democratas Progressistas. **Chefe de Estado:** pres. Mary Robinson (desde dez./1990). **Chefe de governo:** 1º-min. Albert Reynolds (desde fev./1992). **Legislativo:** bicameral – Câmara dos Representantes, com 166 membros eleitos por voto direto; Senado, com 60 membros (11 indicados pelo 1º-min. e 49 eleitos por voto indireto), ambos para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 10,1%; indústria, 37%; comércio e serviços, 52,9% do PIB (1990). **Agricultura:** cevada, beterraba, batata, trigo. **Pecuária:** ovinos, bovinos, suínos. **Pesca:** 187,7 mil t (1989). **Indústria:** eletrônica, refino de petróleo. **Minerais:** minério de chumbo-zinco, turfa, gás natural, carvão; petróleo (não explorado). **Exportações:** US$ 24,3 bilhões; **produtos:** eletrônicos, químicos, carne e laticínios (1991). **Importações:** US$ 20,8 bilhões; **produtos:** derivados de petróleo, máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos (1991). **Parceiros comerciais:** Grã-Bretanha, EUA, Alemanha, França. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** libra irlandesa (dividida em 100 pence); **cotação para 1 US$:** 0,53 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 37,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 10.780 (1991); **crescimento anual:** 2,4% (1980–1991). **Inflação:** 2,8% (1992). **Força de trabalho:** 1,3 milhão; **distribuição:** agricultura, 13,3%; indústria, 28,1%; comércio e serviços, 32,7%; outros, 25,9% (1992); **mão-de-obra feminina:** 30,5% (1988). **Desemprego:** 16,6% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 13 mil (1992); **Exército:** 11,2 mil; **Marinha:** 1 mil; **Força Aérea:** 800. **Gastos:** 1,6% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 92,3 mil km; 94% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 943,6 mil; **automóveis:** 796,4 mil (1990). **Ferrovias:** 2,8 mil km (1990). **Portos:** Dublin, Dún, Laoghaire, Cork, Waterford, Rosslare, Limerick, Foynes, Gaoway, New Ross, Drogheda, Dungalk, Fenit, Whiddy Island. **Linha aérea:** AER Lingus (vôos domésticos e internacionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 26; **receptores:** 1 por 1,8 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 3,6 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,8 hab. (1990). **Jornais diários:** 7; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 179 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 1 Dag Hammarskjöld Plaza, 885 2nd Avenue, 19th Floor, New York, NY 10017, tel. (212) 421-6934.

HISTÓRIA

Celtas de origem gaulesa fundam (séc. IV a.C.) a civilização gaélica, cristianizada gradualmente e dominada pelos vikings (séc. VIII) e pelos anglo-normandos (séc. XII). **1542:** o inglês Henrique VIII coroa-se rei da Irlanda. **1649:** Oliver Cromwell distribui 9/10 das terras irlandesas a colonos protestantes ingleses. **1801:** Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. **1846 – 1854:** epidemia de fome: 1 milhão de mortos; 1,5 milhão de emigrantes para os EUA. **1916:** os nacionalistas do *Sinn Fein* desencadeiam a Revolta da Páscoa, só esmagada em 1920. **1921/22:** guerra civil contra a criação do Estado Livre da Irlanda como domínio britânico. **1937:** o 1º-min. Éamon de Valera promulga Constituição que faz da Irlanda nação soberana dentro da Comunidade Britânica. **1939 – 1945:** neutralidade oficial durante a II Guerra; mas muitos irlandeses alistam-se como voluntários. **1949:** independên-

cia; proclamação da República; reivindicação do Ulster (Irlanda do Norte). **1959**: De Valera assume a presidência. **1969**: distúrbios, no Ulster, entre católicos e protestantes. **1973**: o protestante Erskine Childers substitui De Valera; entrada no MCE. **1974**: 29 mortos em atentados do IRA em Dublin e Monaghan. **1977**: assassinato de Seamus Costello, pres. do Partido Socialista Republicano Irlandês. **1979**: Charles Haughey torna-se 1º-ministro mas, em **1981**: cai com a crise econômica; eleição do liberal Garrett Fitz Gerald, que, em **1982**: renuncia; Haughey volta ao poder, mas é derrubado por um voto de desconfiança; Fitz Gerald, faz coalizão com os trabalhistas. **1985**: acordo de participação de Dublin no governo do Ulster (15/11). **1987**: ruptura dos trabalhistas com o governo; eleições antecipadas, ganhas por Haughey. **1989**: nova antecipação obriga Haughey à coligação com os democratas progressistas. **1990**: Haughey é o primeiro dirigente irlandês a visitar o Ulster em 25 anos; escândalos cercando o candidato governista Brian Lenihan fazem com que perca a presidência para a trabalhista Mary Robinson. **1991**: Haughey perde as eleições municipais e escapa, por três votos, de uma moção de desconfiança (out.); deputados de seu partido, chefiados pelo min. das Finanças, Albert Reynolds, tentam removê-lo da liderança do *Fianna Fáil* (nov.). **1992**: a descoberta de que, em 1982, ele autorizou a escuta telefônica de dois jornalistas força a renúncia de Haughey (30/1); Reynolds o substitui na liderança do partido (6/2) e como 1º-ministro (13/2); polêmica sobre a proibição para que uma menina de 14 anos faça, na Inglaterra, um aborto após um estupro (17/2) força Reynolds a autorizá-la a fazer a viagem (fim de fev.) e a convocar, para o final de 1992, um plebiscito sobre o direito ao aborto (7/4); aprovação do Tratado de Maastricht por 68,7% dos votos (18/6).

FATOS DO ANO

A confirmação de Albert Reynolds no cargo de 1º-ministro, em jan. de 1993, é o final de um tortuoso processo iniciado em out. de 1992, quando o progressista-democrata Desmond O'Malley, membro da coalizão de governo, o acusa de ter desfalcado os cofres públicos em US$ 295 milhões, ao conceder, na qualidade de min. da Indústria e Comércio (1987/88), subsídios à exportação de carne para o Iraque. Além de provocar, em 4/11, a ruptura da coalizão, essa denúncia leva à queda do governo após a aprovação no *Dáil* (o Parlamento), em 5/11, por 88 votos a 77, de uma moção de desconfiança apresentada pelos trabalhistas.

Nas legislativas antecipadas, de 25/11, o *Fianna Fáil*, de Reynolds, cai de 77 para 68 cadeiras; os democratas-cristãos do *Fine Gael* também reduzem sua bancada de 55 para 45 deputados; e o beneficiado é o PT, que passa de 15 para 33 cadeiras. Paralelamente, realiza-se um plebiscito sobre a polêmica questão do aborto: dois terços do eleitorado aceitam o direito de procurar informações sobre a interrupção da gravidez e de viajar para países onde ela seja legal, mas rejeitam a opção que torna o aborto legal nos casos em que haja risco de vida para a mãe.

Fortalecido pela imagem de "político limpo" de seu líder, Dick Spring, o PT, que já tem na Presidência da República sua militante Mary Robinson, muito respeitada no país, reivindica participação no governo. Tenta coalizão com John Burton, do *Fine Gael*, mas não obtém a maioria necessária. Como Reynolds também não a consegue, é necessário formar uma aliança PT/*Fianna Fáil*, que, em 12/1/1993, empossa um governo em que Reynolds é o 1º-ministro e Spring, além de seu vice, é o chanceler e o responsável pelas negociações com a Grã-Bretanha sobre a Irlanda do Norte. Aos trabalhistas, cabem seis das quinze pastas no ministério.

A crise cambial vivida pelo país, que coloca a libra irlandesa abaixo do limite da cesta monetária da CEE, força o governo a elevar em 100% os juros interbancários, na tentativa de conter a evasão de investimentos para outras moedas. O governo declara-se contrário à desvalorização da libra, para não alterar sua posição no Sistema Monetário Europeu (SME). Mas a política de juros altos desagrada aos empresários e agricultores, que, diante das dificuldades, ameaçam com demissão em massa de seus empregados. Além disso, os altos gastos com a manutenção do valor da libra criam atritos dentro do governo, pois põem em xeque a promessa de campanha do PT (aceita pelo *Fianna Fáil* ao formar a coalizão) de destinar 3,2% do PIB a programas sociais, principalmente os de criação de empregos. Como conseqüência, no início de fev. de 1993, enquanto o governo desvaloriza a moeda em 10%, Reynolds critica os demais membros da CEE, e em especial a Alemanha, por falharem em dar o prometido suporte à libra irlandesa, e pede uma revisão urgente do SME.

Em reunião realizada em 1º/6/1993, no Luxemburgo, os min. do Trabalho da CEE aprovam (com abstenção apenas da Grã-Bretanha) a limitação da jornada de trabalho em 48 horas semanais e estabelecem regras comuns para as férias remuneradas, as folgas em dias de semana e os períodos de descanso durante a jornada. A Irlanda terá três anos para implantar o regime de 48 horas semanais (juntamente com a Grã-Bretanha e a Dinamarca, era um dos países europeus a não adotá-la). Em jul., durante o debate sobre a dotação de recursos da CEE aos países membros, para a adequação ao Tratado de Maastricht, a Irlanda veta o programa de desenvolvimento regional 1994 – 1999 (com recursos da ordem de US$ 180 bilhões), exigindo a destinação originalmente requerida de IR£ 8 bilhões, contra os IR£ 7,5 bilhões que lhe são oferecidos. E argumenta que, encontrando-se sob forte pressão para implementar planos sociais, não pode contar com menos do que o anteriormente previsto.

O desemprego, calculado extra-oficialmente em 20%, é o maior da CEE. Apesar disso, avalia-se que a economia cresça 2,5% em 1993, em grande parte devido ao aumento das exportações, principalmente de manufaturados e da indústria de alta tecnologia (que, segundo previsões do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais, devem crescer 8,5% em 1993 e 10,5% em 1994; o IPES espera, ainda, um crescimento de 1,25% nos investimentos fixos, em comparação aos -2% de 1992).

Ao assumir a Chancelaria, Spring afirma ter como meta prioritária a solução do conflito norte-irlandês. Mas as

conversações bilaterais, envolvendo os partidos locais – à exceção do *Sinn Fáin*, o braço político do IRA –, terminam uma vez mais em impasse, em nov. de 1992, diante da exigência da comunidade britânica do Ulster de que sejam retirados de sua Constituição os artigos que reivindicam a posse da Irlanda do Norte. Em jan. de 1993, Robert Atkins, sec. britânico para a Irlanda do Norte, encontra-se com Spring e desafia o novo governo a rever a Constituição, possibilitando, assim, a reabertura do diálogo. Contrariando a postura do governo anterior, Spring afirma não se opor a uma "acomodação que seja razoável e justa para todos", cujos itens seriam acertados com a retomada do diálogo. Mas os unionistas protestantes do Ulster exigem o compromisso expresso do governo de reformar a Constituição, antes do reinício do diálogo, o que é inaceitável.

Conversações estancadas – Em mar., Spring declara-se favorável à proposta de campanha do pres. Bill Clinton de que os EUA participem das conversações; mas a idéia é recebida com frieza pela Grã-Bretanha. Nas viagens de Reynolds e do 1º-min. John Majors ao Ulster, em abr., no encontro de Spring com seu colega britânico Douglas Hurd em Dublin (5/5), na Conferência Anglo-Irlandesa de 25/5, e no encontro privado que a pres. Robinson mantém com a rainha Elizabeth II no final de mai., são feitas gestões visando à retomada das conversações, mas sem progressos substanciais. E quando, em jun., Robinson visita Belfast e se encontra com Gerry Adams, líder do *Sinn Fáin*, provoca a ira dos unionistas e de políticos conservadores em Londres – estes últimos a acusam de ter torpedeado os esforços de Major para convencer os unionistas a retomar o diálogo.

Em 15/12, finalmente, os governos de Londres e Dublin assinam uma declaração conjunta admitindo o direito da população norte-irlandesa à autodeterminação. A Grã-Bretanha renuncia a manter o controle do Ulster por motivos econômicos ou estratégicos, dizendo, entretanto, que o status definitivo da região só poderá ser definido com a aprovação da maioria de seus habitantes – o que significará convocar um plebiscito sobre a anexação ou a independência, cuja data ainda não está prevista.

Em 26/5, a Corte Suprema de Direitos Humanos da Europa considera "justificável" a decisão britânica de decretar, por cinco dias, sem existência de acusação formal, prisão para suspeitos de militância no IRA. A sentença reverte decisão contrária da mesma corte sobre o assunto, em 1988. Em 9/6, uma comissão independente de inquérito, presidida pelo advogado norueguês Törkel Opsahl, especialista em direitos humanos, e encarregada de analisar o conflito da Irlanda do Norte, publica relatório concluindo pela necessidade de substituir o poder britânico por um sistema de divisão do poder entre as forças locais. Durante 1992, 85 pessoas morreram vítimas do conflito entre católicos e protestantes. E, entre os atentados de 1993, o que causa a morte de duas crianças num shopping center da cidade inglesa de Warrington faz 20 mil pessoas saírem às ruas de Dublin, em 28/3, pedindo a paz. Grandes também são os estragos do carro-bomba que, em 24/4, explode na City londrina, matando uma pessoa e deixando quarenta feridos. Em 31/3, Paul "Dingus" Magee, pistoleiro do IRA acusado pelo assassinato de um policial em Yorkshire do Norte, na Grã-Bretanha, em jun. de 1992, é condenado à prisão perpétua.

Revisão da lei – Em 24/6, baseando-se numa sentença de 1988, da Corte de Direitos Humanos da Europa, decidindo que a Lei das Ofensas contra a Pessoa, de 1861, herdada da Grã-Bretanha e ainda em vigor, é obsoleta, o *Dáil* aprova a legalização do homossexualismo para maiores de 17 anos. Em jun., o governo reforma o Ato de Defesa para permitir a participação de tropas irlandesas em ações da Força de Paz da ONU na Somália. Em 27/7, dois soldados irlandeses da tropa da ONU são feridos durante um bombardeio israelense ao sul do Líbano, o que provoca uma nota de protesto de Dublin às autoridades de Jerusalém.

Islândia

● **NOME OFICIAL:** República da Islândia. **Capital:** Reykjavík. **Nacionalidade:** islandesa. **Hino:** *O Deus da nossa terra* (1º verso). **Língua:** islandês (oficial). **Religião:** cristianismo (evangélicos luteranos, 92,6% – oficial; luteranos, 3,2%; católicos, 0,9%). **Data nacional:** 17/6 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da Europa. **Área:** 103.000 km². **Limites:** círculo polar Ártico e mar da Groenlândia (N); oceano Atlântico (L, S e O). **Características:** ilha vulcânica de relevo montanhoso; litoral recortado e com fiordes; planalto central com vulcões ativos (Hekla e Askja, principais), geleiras, gêiseres (Grande Geyser, principal), fontes termais e sulfuratas. **Ponto mais elevado:** pico Orealfajokull (2.119 m). **Clima:** subpolar (maior parte); temperado oceânico (S). **Rios principais:** Thjórsá, Skjálfandafljót, Jökulsá. **Cidades principais:** Reykjavík (99.600 hab.) (zona urbana: 148.900); Kópavogur (16.700); Hafnarfjördur (15.600); Akureyri (14.400); Keflavik (7.600) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 261.000 (est.1992); **urbana:** 91% (1990). **Composição demográfica:** islandeses, 93,9%; dinamarqueses, 1,3%; americanos ou naturalizados, 0,7%; suecos, 0,5%; alemães, 0,4%; outros, 3,2% (1991). **Crescimento demográfico:** 1% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 24,7%; **15-59:** 60,5%; **mais de 60:** 14,8% (1991). **Densidade (hab./km²):** 3,3 (1992). **Natalidade:** 17,6 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6,9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 5,5 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,3 (1990). **Vida média homens:** 75,7; **mulheres:** 80,3 (1989/90). **Leitos hospitalares:** 1 por 100 hab. (1988); **médicos:** 1 por 373 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 40,1% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 58,6 mil (1990/91); **professores:** 3,2 mil (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 5,5 mil; **professores:** 369 (1990/91). **Gastos:** 13,5% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 17/6/1944. **Divisão administrativa:** 7 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Independente, Progressista, Social Democrata, Aliança do Povo. **Chefe de Estado:** pres. Vigdis Finnbogadottir (desde 1º/8/1980). **Chefe de governo:** 1º-min. David Oddsson (desde abr./1990). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 63 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 12,2%; indústria, 32,7%; comércio, 11,4%; serviços, 43,7% do PIB (1990). **Agricultura:** batata, nabo. **Pecuária:** ovinos, aves, bovinos. **Pesca:** 1 milhão t (1991). **Indústria:** processamento de pescados, lapidação de diamantes, diatomita, fertilizantes, metalúrgica. **Minerais:** não significativos. **Exportações:** US$ 1,6 bilhão; **produtos:** pescados e derivados, alumínio, ferro-silício, diatomita (1991). **Importações:** US$ 1,8 bilhão; **produtos:** manufaturas básicas, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Alemanha, Holanda, Grã-Bretanha, principais); EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** nova coroa islandesa (dividida em 100 aurar); **cotação para 1 US$:** 53,82 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 5,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 22.580 (1991); **crescimento anual:** 2,4% (1980 – 1991). **Inflação:** 3,6% (1992). **Dívida externa:** US$ 3,2 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 128,1 mil; **distribuição:** agricultura, 10,3%; indústria, 29%; comércio, 14,3%; serviços, 39,8%; outros, 6,6% (1989); **mão-de-obra feminina:** 39,5% (1984). **Desemprego:** 2,1% (1992).

● **DEFESA:** 130 (guarda costeira).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 11,4 mil km; 20% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 136,9 mil; **automóveis:** 120,9 mil (1991). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Reykjavík. **Linha aé-**

rea: Icelandair (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 1,7 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 3,4 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 2 hab. (1990). **Jornais diários:** 6; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 572 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 2022, Connecticut ave. NW, Washington, DC, 20080, EUA; tel. (202) 265-6353.

HISTÓRIA

O norueguês Ingolfur Arnasson (870) iniciou a colonização da ilha onde, em 930, instalou-se o *Althing*, o mais antigo Parlamento do mundo. Cristianizada em 1000, passou ao domínio norueguês (séc. XIII) e dinamarquês (1380). **1918:** Estado soberano ligado à Dinamarca. **1940 – 1941:** ocupação britânica e americana. **1944:** separação da Dinamarca; proclamação da República (17/6). **1949:** entrada na OTAN. **1951:** instalada base americana em Keflavik. **1972/73 e 1975/76:** "guerra do bacalhau" com a Grã-Bretanha pelos direitos de pesca em suas águas territoriais. **1980:** eleição da pres. Vigdis Finnbogadottir. **1983:** Steingrímmur Hermannsson forma governo de centro-direita. **1984:** greve geral do funcionalismo. **1985:** proibição da presença, em suas águas, de navios com armas atômicas. **1987:** pacto social restringe aumentos salariais; o min. da Energia e Indústria, Albert Gudmundsson, acusado de corrupção, rompe com o governo e funda o oposicionista Partido do Cidadão (P do C), que consegue sete cadeiras no *Althing*. **1988:** Finnbogadottir é reeleita; Hermannsson substitui Thorsteinn Pálsson. **1989:** Gudmundsson renuncia à presidência do P do C, que entra em coalizão com o governo. **1990:** criação do Ministério do Meio Ambiente, tendo Júliús Solnés como ministro; insatisfação com a política econômica de Hermannsson é a causa, em 1991: da vitória do conservador David Oddsson, com um programa de maior abertura para a Europa; aprovados investimentos estrangeiros em empresas locais; ruptura com a Comissão Internacional da Pesca de Baleias; mas decide-se não retomar a pesca antes de 1993. **1992:** Finnbogadottir é reconduzida, pois não houve outros candidatos ao cargo (27/6).

FATOS DO ANO

A entrada da Islândia no Espaço Econômico Europeu é aprovada pelo *Althing*, em 1º/1/1993. Os benefícios potenciais da união com um mercado que possui 380 milhões de consumidores saem vencedores num debate que, desde nov. de 1992, dividia a classe política. A oposicionista Aliança Popular, liderada por Ólafur Ragnar Grímsson, que congrega socialistas e dissidentes dos social-democratas, era contrária a esse ingresso. Mas o chanceler Jón Baldvin Hannibalsson, que é também o min. do Comércio Exterior, alegava que ele possibilitaria um fluxo mais livre de capitais e traria novos investimentos estrangeiros.

Em nov. de 1992, visando a estimular o desenvolvimento industrial, o governo tinha desvalorizado a coroa em 6% e transferido, para as pessoas físicas, impostos antes pagos pelas pessoas jurídicas. A proposta de orçamento para 1993 prevê o aumento dos investimentos no setor público, como forma de combater o desemprego, que atinge 5% da população ativa. Estão programados, além disso, cortes que permitam limitar o déficit orçamentário a 1,5% do PNB.

A pesca é um setor que está em crise: a da baleia, cuja carne era maciçamente exportada para o Japão, está proibida; e a redução das reservas de certos peixes – em especial o bacalhau – levou à adoção de leis que restringem o acesso de barcos estrangeiros às suas águas territoriais, o que cria uma área de atrito em suas relações comerciais com o exterior. A campanha dos ecologistas faz também declinar a procura, no mundo inteiro, de suas peles preciosas: foca, vison, marta e raposa. Dispondo de energia elétrica abundante, o país esperava poder desenvolver sua indústria de transformação de metais não-ferrosos; mas, nesse setor, tem enfrentado a concorrência da Rússia, que faz o preço diminuir no mercado internacional – tanto assim que, no início de 1993, são adiados os planos de construção de uma nova grande usina de produção de alumínio. Resta-lhe o turismo, que está em expansão e no qual, em 1993, repousavam as esperanças de equilibrar as contas do Estado.

Israel

● **NOME OFICIAL:** República de Israel. **Capital:** Jerusalém (não reconhecida pela ONU); Telavive (sede da maioria das embaixadas estrangeiras). **Nacionalidade:** israelense. **Hino:** A Esperança (título). **Língua:** hebreu (oficial); árabe; línguas européias. **Religião:** judaísmo, 81,9%; islamismo, 14,1%; cristianismo, 2,4%. **Data nacional:** 14/5 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da Ásia. **Área:** 21.946 km². **Limites:** Líbano (N); Síria (NE); Jordânia (L); golfo de Ácaba (S); Egito e mar Mediterrâneo (O). **Características:** deserto do Negev (50% do território); região montanhosa (N); planície costeira (centro). **Ponto mais elevado:** monte Meron (1.508 m). **Clima:** mediterrâneo. **Rios principais:** Jordão, Yarcon. **Cidades principais:** Jerusalém (504.100 hab.); Telavive (321.700); Haifa (223.600); Holon (148.400); Bat Yam (133.200) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 5.239.000 (est.1992); **urbana:** 89,9% (1990). **Composição demográfica:** judeus, 82%; árabes e outros, 18% (1991). **Crescimento demográfico:** 1,5% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 31,7%; **15-59:** 56%; **mais de 60:** 12,3% (1989). **Densidade (hab./km²):** 253,1 (1992). **Natalidade:** 21,4 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6,3 por 1.000 (1989); **mortalidade infantil:** 9 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,8 (1990). **Vida média homens:** 73,9; **mulheres:** 77,5 (1988). **Leitos hospitalares:** 1 por 1.162 hab. (1989); **médicos:** 1 por 345 hab. (1987). **Gastos com saúde:** 10% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,1 milhão; **professores:** 81,3 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 67,8 mil (1989/90); **professores:** 6,5 mil (1987/88). **Gastos:** 16% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** não há Constituição escrita. **Divisão administrativa:** 6 distritos, 31 municipalidades, 115 conselhos locais e 49 regionais. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Trabalhista, Likud, Meretz (coalizão). **Chefe de Estado:** pres. gen. Chaim Herzog (desde 5/5/1983; reeleito em 23/2/1988). **Chefe de governo:** 1º-min. Itzhak Rabin (desde fev./1992). **Legislativo:** unicameral – Assembléia, com 120 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 3,1%; indústria, 27,2%; comércio, 11,6%; serviços, 58,1% do PIB (1989). **Agricultura:** frutas cítricas, legumes e verduras (batata, principal), trigo, melão, abóbora, abacate. **Pecuária:** suínos, aves, ovinos. **Pesca:** 26,1 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, bebidas, fumageira, máquinas elétricas, química, refino de petróleo, carvão, manufaturas de metais, têxtil, vestuário, lapidação de diamantes. **Minerais:** gás natural, potassa, brometo, magnésio e outros sais; minério de cobre, ouro. **Exportações:** US$ 11,2 bilhões; **produtos:** diamantes lapidados, máquinas e peças industriais, químicos, frutas, legumes e verduras, bromo (1991). **Importações:** US$ 16,7 bilhões; **produtos:** diamantes, máquinas e peças industriais, químicos e derivados, petróleo bruto e derivados, veículos (1991). **Parceiros comerciais:** EUA (principal); Grã-Bretanha, Alemanha, Bélgica, Japão, Suíça. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** shekel novo (dividido em 100 agorot); **cotação para 1 US$:** 2,44 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 59,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 11.330 (1991); **crescimento anual:** 3,7% (1980–1991). **Inflação:** 9% (1993). **Dívida externa:** US$ 10 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 1,8 milhão; **distribuição:** agricultura, 3,1%; indústria, 25,5%; comércio, 12,7%; serviços, 47,6%; outros, 11,1%; **mão-de-obra feminina:** 41,1% (1991). **Desemprego:** 11% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 176 mil (1992); **Exército:** 134 mil; **Marinha:** 10 mil; **Força Aérea:** 32 mil. **Gastos:** 12,8% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 13 mil km pavimentados (1989); **nº de veículos:** 944,2 mil; **automóveis:** 786,3 mil (1990). **Ferrovias:** 520 km (1990). **Portos:** Haifa, Ashdod (mar Mediterrâneo); Eilat (mar Vermelho). **Linhas aéreas:** Israel Airlines (vôos internacionais); Arkia Israeli Airlines (domésticos e charters internacionais).

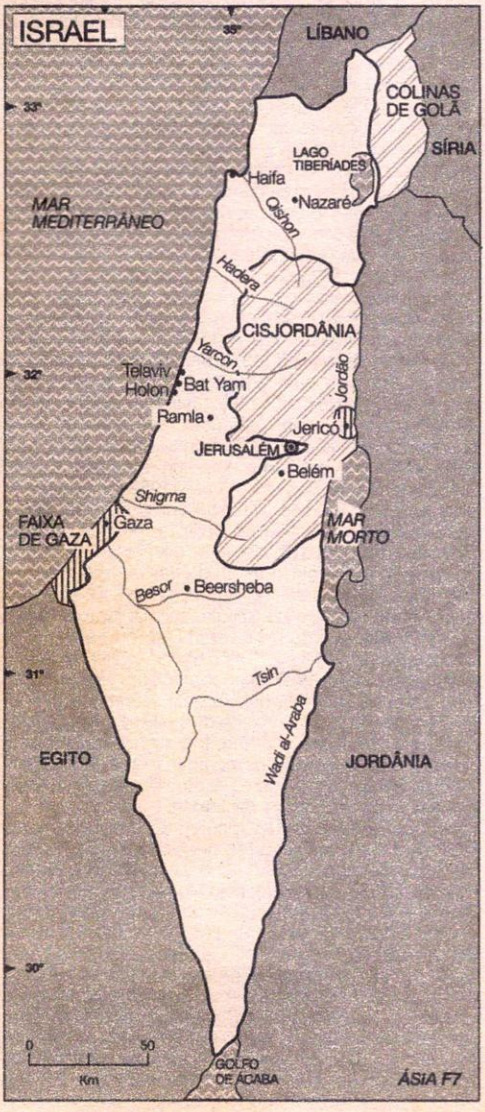
● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 2,2 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 4,1 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 2 hab. (1990). **Jornais diários:** 28; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 350 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 38, CEP 70424-900, Brasília, DF; tel. (061) 244-7675.

HISTÓRIA

Habitada, na Antiguidade, pelas doze tribos judaicas, a Palestina foi a sede do reino de Davi (1.008 – 1.000 a.C.). Seu filho, Salomão, fez construir o templo de Jerusalém e dividiu seus territórios nos reinos de Israel e Judá, conquistados pela Assíria (722 a.C.) e Babilônia (558 a.C.). A região esteve sob domínio persa, macedônio, grego e romano. **70:** o imp. Tito manda arrasar Jerusalém. **70 – 73:** resistência judaica na fortaleza de Massadá; os mil assediados preferem suicidar-se a entregar-se aos romanos. **132 – 135:** derrota da rebelião de Bar Kochba; a população judaica é dispersa (Diáspora). **Séc. V – VI:** progressiva ocupação árabe. **1099:** criação, pelos cruzados, do Reino de Jerusalém. **1187:** conquista por Saladino, sultão do Egito. **Séc. XIII:** invasões mongóis e tártaras. **1267:** Moshe ben Nachman reconstitui a comunidade judaica de Jerusalém. **1517 – 1917:** dominação otomana; o sultão Selim I encoraja os judeus a se instalarem na região. **1835:** fundação, em Praga, da primeira sociedade visando ao retorno à Palestina. **1870:** instalação, perto de Jaffa, da *Mikvê Israel*, primeira colônia judaica. **1891–1896:** o barão Edmond de Rotschild subvenciona a criação de dezessete colônias agrícolas. **1896:** I Congresso Sionista, em Basiléia: Theodor Herzl propõe a criação de um Estado Judeu na Palestina. **1909:** criação do *Degania*, o primeiro kibutz. **1916:** acordo secreto Sykes-Picot, para a partilha da Palestina entre a França e a Grã-Bretanha. **1917:** o chanceler britânico, Arthur Balfour, declara que os judeus têm direito a um lar nacional na Palestina. **1920:** mandato britânico. **1922 – 1927:** protestos árabes contra a imigração de 370 mil judeus. **1929:** massacres intercomunitários em Hebron. **1933 – 1935:** 138 mil imigrantes fogem do nazismo. **1936:** Vladímir Jabotinski, do *Irgun*, inicia a campanha terrorista contra os árabes e, em **1940:** alia-se ao *Grupo Stern*, de Avraham Stern. **1943:** Menahem Beguin chefia a luta do *Irgun* contra os britânicos. **1944:** assassinato, no Cairo, de lorde Moyne, min. para o Oriente Médio. **1945/46:** entre os atos de terrorismo, destruição do Hotel Rei Davi, QG britânico (22/7). **1947:** viagem do *Exodus*, com 4.551 imigrantes ilegais; a Liga Árabe recusa a partilha da Palestina proposta pela ONU. **1948:** o *Irgun* massacra 254 pessoas na aldeia de Deir Yassin (9/4) e assassina o mediador da ONU, conde Folke Bernadotte (17/9); David Ben Gurion proclama a independência (14/5). **1948/49:** I Guerra Árabe-israelense; o território aumenta de 14.400 km² para 20.700 km²; admissão na ONU. **1950:** a Lei do Retorno permite a imigração de todos os judeus. **1952:** a Lei da Nacionalidade dá a todo imigrante cidadania automática. **1953:** criação do *Mossad*, o serviço secreto. **1956:** ocupação da península do Sinai e da Faixa de Gaza. **1957:** sob pressão dos EUA e URSS, retirada para as antigas fronteiras; garantia americana do acesso israelense ao mar Vermelho através do estreito de Tirã. **1960:** seqüestro, na Argentina, do criminoso nazista Adolf Eichman, julgado e enforcado (1962). **1963:** Levi Eshkol substitui Ben Gurion. **1965:** reatamento com a Alemanha Ocid. **1967:** Guerra dos Seis Dias: ocupação da península do Sinai, Cisjordânia, Gaza e Golan. **1969:** morre Eshkol; assume a trabalhista Golda Meir. **1972:** massacre do aeroporto de Lod; atentado na Vila Olímpica de Munique; em represália, ataques a bases palestinas no Líbano. **1973:** Guerra do Yom Kippur contra o Egito e a Síria; quase todos os países africanos rompem relações. **1974:** retirada do território egípcio; desmilitarização da faixa a leste de Suez; a continuação da luta na frente síria provoca a renúncia de Golda; Itzhak Rabin forma coalizão trabalhista-liberal. **1975:** acordo de separação de forças com o Egito; o sionismo é declarado, pela ONU, "uma forma de racismo e de discriminação racial". **1977:** vitória de Menahem Beguin, do direitista *Likud;* o pres. do Egito, Anuar Sadat, visita o país. **1978:** invasão do sul do Líbano em represália a um ataque da al-Fatah. **1979:** Acordo de Camp David com o Egito. **1980:** resolução da ONU exige a retirada dos territórios ocupados; anexação do setor oriental de Jerusalém. **1981:** bombardeios da central nuclear iraquiana de Tamuz e do centro de Beirute (trezentas vítimas); anexação do Golan. **1982:** devolução do Sinai ao Egito; invasão do Líbano para expulsar dali a OLP; manifestações internas contra o envolvimento no massacre de Sabra e Chatila; entre os militares afastados de seus cargos, está o min. da Defesa, Ariel Sharon. **1983:** retirada unilateral, no Líbano, para o sul, ao longo do rio Auali; renúncia de Beguin, substituído por Itzhak Shamir. **1984:** acordo de revezamento do *Likud* e dos trabalhistas no poder; o 1º-min. Shimon Peres ordena a retirada do Líbano. **1986:** denúncia de que Avraham Shalom, chefe do *Shin Bet*, o serviço de segurança interna, foi cúmplice no assassinato de dois palestinos em 1984; seqüestro, em Roma, do eng. Mordechai Vanunu, que denunciou a fabricação da bomba-A israelense. **1987:** início da *intifada*, o movimento de rebelião palestino. **1988:** a renúncia do rei Hussein, da Jordânia, a todos os vínculos com a Cisjordânia (31/7) permite ao Conselho Nacional Palestino proclamar (2/8) o direito dos territórios ocupados à independência e (14/11) a existência do Estado Palestino. **1989:** seqüestro, pelo *Mossad*, do líder hezbolá xeque Abdel Obeid; ruptura dos trabalhistas com o gabinete; fracasso de Peres em formar novo governo (abr.); recondução de Shamir (26/4); assassinato, nos EUA, do líder ultra-radical rabino Meir Kahane (5/11); condenação, na ONU, pelo massacre de manifestantes árabes na Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém; concessões do *Likud* aos partidos religiosos para poder formar, com eles, um governo de extrema direita. **1991:** atacado, durante a Guerra do Golfo, Israel opta por agir de forma apenas defensiva; pressões americanas, após

a guerra, para a aceitação de uma conferência árabe-israelense, que é marcada para 30/10, em Madri; reatamento com a URSS (out.); o assassinato de Saleh Khalaf, segundo homem da OLP, intensifica a *intifada*; a intransigência de Shamir nas negociações faz os EUA bloquearem empréstimo de US$ 10 bilhões (nov.). **1992**: os partidos ultranacionalistas *Tehiya* e *Moledet* rompem com o *Likud*, que, por pressão americana, incluiu nas negociações a questão da autonomia palestina (jan.); a aviação israelense mata, no sul do Líbano, o xeque Abbas Mussáui, líder do Hezbolá (16/2), provocando, em represália, ataques ao norte do país e um atentado a bomba contra a emb. de Israel em Buenos Aires; os soldados recebem autorização para atirar sem advertência contra qualquer palestino que carregue uma arma (fev.); vitória de um grupo ligado aos radicais do *Hamas*, contrário às negociações de paz com Israel, nas eleições para a Câmara de Comércio de Ramallá e al-Birá, na Cisjordânia (mar.); vitória dos trabalhistas nas eleições gerais (23/6); Itzhak Rabin é o 1º-ministro; o congelamento parcial da construção de casas para colonos judeus nos territórios ocupados desbloqueia o empréstimo dos EUA.



FATOS DO ANO

Após meses de negociações secretas em Oslo, na Noruega, o governo israelense firma com a OLP, em Washington (13/9/1993), a Declaração de Princípios sobre os Arranjos do Autogoverno Interino, que prevê a instalação, por cinco anos, de um regime de autonomia limitada para os palestinos, inicialmente na Faixa de Gaza e na cidade de Jericó e, mais tarde, em toda a Cisjordânia. Terminada a retirada das tropas israelenses de ocupação, prevista para 13/4/1994 (mas sujeita a atrasos), o policiamento passa a ser feito por uma força palestina. O acordo, ratificado em 23/9 pela *Knesset* e, em 11/10, pelo Conselho Central da OLP, estabelece que, no terceiro ano de governo interino, começarão as negociações sobre o status permanente dos territórios e a questão de Jerusalém, ocupada por Israel em 1967 (mas a OLP a deseja como capital de um futuro Estado Palestino, hipótese descartada pelos israelenses).

Mas as negociações no Cairo, a partir de 13/10, sobre a aplicação do acordo, são entravadas por divergências sobre o controle dos postos fronteiriços entre Gaza e o Egito, Jericó e a Jordânia; o tamanho da área a ser patrulhada por soldados israelenses para garantir a segurança das colônias judaicas instaladas em território árabe; e o tamanho da área autônoma de Jericó, que poderia não chegar à fronteira jordaniana. Além disso, Israel não anuncia o esperado cronograma para a libertação de 10 mil presos políticos palestinos. O impasse provoca o adiamento, por tempo indefinido, do início da retirada das tropas, previsto para 13/12.

Árabes contra – Também a oposição dos extremistas árabes, principalmente do grupo de resistência islâmica Hamás, põe em risco a implementação do acordo. Opondo-se à sua assinatura, eles passam a atacar não apenas soldados mas também colonos israelenses; e a reação do Exército faz aumentar o número de vítimas palestinas: 44 entre 13/9 e 15/12. À morte do colono judeu Haim Mizrahi, na Cisjordânia, em 29/10, por militantes da Fatah – crime condenado publicamente por Yasser Arafat –, segue-se o assassinato, em Sidon (15/11), de Muín Shabeita, chefe da Fatah no Líbano. Em 24/11, é Imad Akel, líder do Kassam, o braço armado do Hamás, que é morto por soldados israelenses; e eles prendem, em 29/11, Taysir Bardini, chefe dos Falcões, uma das alas armadas da Fatah. Os distúrbios atingem o ponto máximo em 30/11, quando as tropas israelenses matam um manifestante palestino e ferem mais de sessenta na Faixa de Gaza.

A frustração dos palestinos, que não vêem melhorar suas condições de vida, faz crescer o apoio ao Hamás, que, aliado à facção de extrema esquerda da OLP, vence as eleições de 24/11 para o Conselho da Universidade de Bir-Zeit, na Cisjordânia (a Fatah não consegue cadeira nenhuma). Diante dos 30% a 40% de apoio que as pesquisas lhe atribuem em dez., o chefe do Hamás, Ahmed Yassin, admite, em 14/12, a possibilidade de que seu grupo dispute, em jul. de 1994, as eleições para o Conselho que deverá dirigir o governo interino. Diante disso, o chanceler Shimon Peres adverte que uma vitória do Hamás anularia o pacto de set. de 1993. Do lado israelense, a eleição dos direitistas Roni Millo e Ehud Olmert, do Likud, para as prefeituras de Telavive e Jerusalém (2/11), é o sinal do descontentamento com o acordo. Eles derrotam os trabalhistas Avigdor Talahani e Teddy Kollek, este último prefeito da capital havia 28 anos.

Palestinos deportados – O acordo foi negociado sem o conhecimento das delegações que, em Washington, participavam das conversações oficiais árabe-israelenses, iniciadas em Madri em 1991. Duas ações israelenses as tinham estancado: a expulsão, em 17/12/1992, de 415 palestinos que foram levados para uma "terra de ninguém" na fronteira com o Líbano; e a Operação Ajuste de Contas, de 25/7 a 31/7/1993. Os deportados, acusados de ligação com o Hamás ou o *Jihad al-Islami*, foram expulsos em represália pelo seqüestro e assassinato do soldado Nissim Toledano, pelo Kassam (13/12/1992). As

pressões internacionais fizeram com que eles fossem repatriados gradualmente: os últimos 197 voltam em 15/12/1993. Quanto à Ajuste de Contas, foi um ataque terrestre, marítimo e aéreo a bases do hezbolá e da Frente Popular para a Libertação da Palestina/Comando Geral, no sul do Líbano, que deixou 130 mortos, 520 feridos e 75 vilas ou pequenas cidades parcial ou totalmente destruídas. Trezentas mil pessoas fugiram para outros pontos do país.

No dia seguinte ao acordo de 13/9, Israel assina com a Jordânia uma agenda de negociações que fixa como objetivo a paz e a segurança das fronteiras. Esse documento prevê retirada israelense de faixas de terra de 400 km² ao sul do mar Morto e no norte da Jordânia; partilha das águas dos rios Jordão e Yarmuk; repatriação de 57 mil refugiados palestinos. O diálogo de Israel com a Síria e o Líbano, porém, não avança e é suspenso em set., pois Damasco continua a exigir a total desocupação das colinas de Golan, enquanto os israelenses exigem o compromisso sírio com a paz total, o reconhecimento mútuo e o estabelecimento de relações diplomáticas. Graças à mediação americana, sírios e israelenses concordam em retomar as conversações em jan. de 1994.

Itália

● **NOME OFICIAL:** República Italiana. **Capital:** Roma. **Nacionalidade:** italiana. **Hino:** De Mameli (título). **Língua:** italiano e seus dialetos (maioria); alemão e ladino (Alto Adige), francês (Vale d'Aosta), grego e albanês (S), língua aparentada ao catalão (Sardenha) (minorias). **Religião:** cristianismo (católicos, 83,2%); ateus, 16,2%. **Data nacional:** 2/6 (República).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da Europa. **Área:** 301.277 km². **Limites:** Áustria e Suíça (N); França (NO); Eslovênia (NE); mar Adriático (L); mar Mediterrâneo (S e O). **Características:** cordilheira dos Alpes (N); Apeninos (toda a península até a Sicília); Gennargentu (Sardenha); vulcões Etna, Vesúvio e Stromboli (S); bacia do rio Pó (NE). **Ponto mais elevado:** monte Branco (4.807 m). **Clima:** mediterrâneo (S); temperado oceânico (N). **Rios principais:** Pó, Tibre, Arno. **Cidades principais:** Roma (2.791.400 hab.); Milão (1.432.200); Nápoles (1.206.000); Turim (991.900); Palermo (734.200) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 57.103.000 (est.1992); **urbana:** 67,1% (1991). **Composição demográfica:** italianos, 94,1%; sardenhos, 2,7%; outros, 3,2% (1983). **Crescimento demográfico:** 0,05% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 17,8%; **15-59:** 62,8%; **mais de 60:** 19,4% (1988). **Densidade (hab./km²):** 189,5 (1992). **Natalidade:** 9,8 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 9,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 8,5 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,4 (1985–1990). **Vida média homens:** 73,2; **mulheres:** 79,7 (1988). **Leitos hospitalares:** 1 por 135 hab.; **médicos:** 1 por 225 hab. (1988). **Gastos com saúde:** 10,4% do orçamento (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 2,9% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 8,2 milhões; **professores:** 442,8 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 1,2 milhão; **professores:** 53,2 mil (1988/89). **Gastos:** 7,6% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 1º/1/1948. **Divisão administrativa:** 20 regiões divididas em 95 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democracia Cristã, Democrático da Esquerda, Socialista, Liga Lombarda, Mov. Social Italiano. **Chefe de Estado:** pres. Oscar Luigi Scalfaro (desde 18/6/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Carlo Azeglio Ciampi (desde 28/4/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 322 membros (7 vitalícios); Câmara dos Deputados com 630 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 3,1%; indústria, 33,1%; comércio, 18,7%; serviços, 45,1% do PIB (1990). **Agricultura:** beterraba, uva, trigo, milho, tomate. **Pecuária:** ovinos, suínos, bovinos. **Pesca:** 500 mil t (1990). **Indústria:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, têxtil, vestuário, química. **Minerais:** petróleo, linhita, pirita, espatofluor e barita: chumbo, zinco (reservas). **Exportações:** US$ 169,1 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, vestuário e calçado, manufaturas básicas, químicos (1991). **Importações:** US$ 182 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas (1991). **Parceiros comerciais:** Alemanha, França, EUA, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** lira italiana (dividida em 100 centesimi); **cotação para 1 US$:** 1.238,75 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,1 trilhão; **renda per capita:** US$ 18.580 (1991); **crescimento anual:** 2,4% (1980–1991). **Inflação:** 4,8% (1992). **Força de trabalho:** 24 milhões; **distribuição:** agricultura, 23%; indústria, 15,1%; comércio, 16,1%; serviços, 29,6%; outros, 16,2%; **mão-de-obra feminina:** 37,2% (1991). **Desemprego:** 11% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 354 mil (1992); **Exército:** 230 mil; **Marinha:** 48 mil; **Força Aérea:** 76 mil. **Gastos:** 2,4% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 302,4 mil km pavimentados (1988); **nº de veículos:** 26,4 milhões; **automóveis:** 24,3 milhões (1989). **Ferrovias:** 19,6 mil km (1989). **Portos:** Gênova, Nápoles, Palermo, Roma, Trieste, Veneza, Milão. **Linhas aéreas:** Alitalia; ATI (vôos internacionais e domésticos); Meridiana SpA (internacionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** cerca de 1.000; **receptores:** 1 por 3,9 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 10 nacionais; **receptores:** 1 por 3,4 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,8 hab. (1990). **Jornais diários:** 72; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 161 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 30, CEP 70420-900, Brasília, DF; tel. (061) 244-0044.

HISTÓRIA

Após a fragmentação do Imp. Romano (séc. V), a península dividiu-se, até o séc. XIX, em Estados independentes: a República de Gênova, os ducados de Lucca e Milão, os marquesados de Módena e Montferrat, os reinos de Nápoles e das Duas Sicílias, o ducado de Parma, o reino do Piemonte, da Sardenha e da Sabóia, o grão-ducado da Toscana, a República de Veneza e os Estados pontifícios. Após o apogeu cultural da Renascença (séc. XV–XVI), diversos Estados caem sob domínio da França, Espanha e Áustria. **1815**: colapso do império napoleônico; aumenta o controle austríaco na Lombardia. **1848/49**: repressão ao Risorgimento, movimento contra a Áustria, pró-unificação. **1859**: Batalha de Solferino, derrota da Áustria, pela Sardenha, com apoio francês. **1860**: aliança Sardenha/Duas Sicílias; Camilo di Cavour, Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi promovem a unificação. **1861**: Vitório Emanuel II, da Sardenha, é coroado rei da Itália. **1870**: anexação dos Estados pontifícios. **1860 – 1900**: emigração em massa para os EUA, Argentina e Brasil. **1885**: ocupação da Eritréia. **1911/12**: conquista da Tripolitânia (Líbia) e do Dodecaneso, na Grécia. **1915 – 1918**: participação na I Guerra ao lado dos aliados. **1922**: tomada do poder por Benito Mussolini. **1929**: o Tratado de Latrão delimita as posses do Vaticano. **1935/36**: conquista da Etiópia. **1936 – 1939**: apoio a Franco na Guerra Civil Espanhola. **1939**: anexação da Albânia. **1940 – 1943**: aliança com os nazistas na II Guerra; a invasão aliada da Sicília derruba Mussolini, que cria a efêmera República de Salò; o novo governo assina o armistício. **1945**: execução de Mussolini pela resistência. **1946**: República; vitória dos democratas-cristãos, que se mantêm no poder até 1963. **1947**: perda do Fiume, Zara, Pula e Ístria para a Iugoslávia, do Dodecaneso para a Grécia; as colônias ficam sob mandato da ONU. **1954**: recuperação de Trieste. **1975 – 1977**: escalada terrorista. **1978**: seqüestro e morte, pelas Brigadas Vermelhas, de Aldo

Moro, pres. do PDC. **1980**: "escândalo do petróleo", de desfalque nos impostos, envolve vários políticos; 84 mortes no atentado de extrema direita na estação ferroviária de Bolonha. **1981**: escândalo de tráfico de influência, da Loja Maçônica P-2, de Licio Gelli, provoca a queda do governo. **1982**: escândalos financeiros resultantes da quebra do Banco Ambrosiano. **1983**: governo socialista de Bettino Craxi. **1984**: início da ofensiva contra a Máfia. **1985**: renúncia de Craxi (17/10) após o escândalo do seqüestro, por palestinos, do transatlântico *Achille Lauro*; mas o pres. Francesco Cossiga o reconduz (21/10); abertura, em Palermo, de um processo contra 475 mafiosos (9/11). **1986**: processo, em Roma, contra 174 brigadistas. **1987**: renúncia de Craxi (9/4); o democrata-cristão Giovanni Goria forma novo governo (29/7). **1988**: Goria renuncia; Ciriaco de Mita, do PDC, forma governo pentapartidário (13/4); fim do julgamento dos brigadistas, condenados a longas penas de prisão (out.). **1989**: renúncia de De Mita, substituído por Giulio Andreotti; condenação de outros brigadistas (out./dez.) e prisão, em Paris, de seu líder, Enzo Calviti (12/10). **1990**: vitória da coligação de Andreotti, corroída, em nov., pela descoberta da organização secreta *Gladio*, anticomunista, ligada à CIA e à OTAN. **1991**: o PCI transforma-se no Partido Democrático da Esquerda; os republicanos abandonam a coligação, mas o PDC ganha as eleições parciais de maio; intensifica-se a luta contra a Máfia; greve geral (22/10) contra o pacote econômico de set., que reduziu os benefícios sociais; as eleições locais em Brescia, na Lombardia, são ganhas pela Liga Lombarda, de extrema direita (nov.). **1992**: lei da privatização das estatais (jan.); assassinato, pela Máfia, do dep. Salvatore Lima, de Palermo, ligado a Andreotti (12/3); derrota da DC nas eleições antecipadas (6/4) e renúncia de Andreotti e Cossiga (24/4), substituídos pelo democrata-cristão Oscar Luigi Scalfaro como presidente (25/5) e pelo socialista Giuliano Amato como 1°-ministro (18/6); assassinato dos juízes Giovanni Falcone (25/5) e Paolo Borsellino (18/7), responsáveis pelos processos contra a Máfia; 7 mil soldados reforçam a ação da polícia siciliana contra os mafiosos; a Câmara dos Deputados aumenta os poderes governamentais para o combate ao crime organizado (ago.); crescem os processos, iniciados em Milão, de combate à corrupção nos diversos níveis do governo; novo pacote econômico provoca greve geral de 10 milhões de trabalhadores (out.).

FATOS DO ANO

Das primeiras eleições diretas para prefeito, realizadas em 145 cidades entre 6/7 e 20/7/1993, saem vencedores os partidos situados nos extremos direito e esquerdo do espectro político italiano. Essa mesma tendência se confirma na segunda etapa das eleições municipais, em 428 cidades, entre 21/11 e 5/12. A queda vertiginosa da Democracia Cristã (DC), que, desde o final da II Guerra, controlou a política nacional, e a de outros partidos influentes como o Socialista, é o mais claro reflexo da "Operação Mãos Limpas", que, durante 1993, procede a um expurgo sem precedentes na história da Itália.

O primeiro preso – A seqüência de investigações sobre contratos fraudulentos, subornos a políticos, financiamento ilegal de partidos e relacionamento escuso entre as autoridades e o crime organizado teve seu início em fev. de 1992, com a prisão do socialista Mario Chiesa, diretor de um asilo para idosos. Após prendê-lo em flagrante, ao receber uma propina de US$ 10,5 mil, para conceder um contrato a uma firma de limpeza, a polícia descobriu que ele possuía, na Suíça, enorme conta em que depositava dinheiro obtido ilegalmente. Condenado a seis anos de prisão e a reembolsar US$ 4,8 milhões, Chiesa fez, em seus depoimentos, revelações que conduziram a novos inquéritos.

Utilizando o dispositivo legal que prevê atenuação de pena ou prisão domiciliar a quem colaborar com a Justiça, a equipe de juízes liderada pelo procurador-geral Antonio di Pietro obtém informações que permitem trazer à tona um complexo sistema de operações ilegais envolvendo políticos de todas as tendências, e que levam, durante 1993, à prisão de mais de mil corruptos e corruptores. O Centro de Investigações Luigi Einaudi calcula que, entre 1980 e 1992, a corrupção tenha custado de US$ 10 a 20 bilhões aos cofres públicos; e avalia que, devido às propinas, os investimentos públicos ficassem, na Itália, 25% mais caros do que nos demais países da CEE. Nomes de primeiro plano da vida pública italiana, como os ex-1°-min. Bettino Craxi, do Partido Socialista, e Giulio Andreotti, da Democracia Cristã, estão entre os processados; e vários acusados preferem o suicídio a ter de enfrentar o tribunal, entre eles dois dos maio-

res empresários do país: Gabriele Cagliari (20/7), pres. da estatal Ente Nazionale Idrocarburi, e Raul Gardini (23/7), do grupo Ferruzzi. Também a direita é atingida: em dez., é preso Alessandro Patelli, da Liga Lombarda.

Algumas derrotas – Nem sempre à "Operação Mãos Limpas" sai vitoriosa. Em 29/4, a Câmara dos Deputados nega o pedido de suspensão da imunidade parlamentar de Craxi para a investigação das denúncias mais pesadas contra ele, como a incorporação de bens de terceiros a seu patrimônio pessoal. Mas autoriza o processo por delitos mais leves, como o financiamento ilegal de partidos; o que provoca uma crise política: quatro ministros do 1º-min. Carlo Azeglio Ciampi, empossado um dia antes, ameaçam renunciar em protesto. Ciampi, ex-pres. do Banco Central, determinado a sanear as finanças públicas, não se deixa pressionar e substitui os demissionários. A investigação desencadeia também nova onda de atentados, promovidos pela Máfia, cujas atividades são sistematicamente combatidas, no quadro da Operação, e que tem um de seus principais chefes, Salvatore Riina, em fuga havia 23 anos, preso em 15/1. Entre esses atentados, os mais graves são o de Florença (27/5), contra a Galeria degli Uffizzi, que deixa cinco mortos e danifica diversas obras de arte; e os de Roma e Milão, em 27/7, também com cinco mortos.

Reforma eleitoral – Os resultados da "Mãos Limpas" condicionam também o do plebiscito de 18 e 19/4 em que, ao lado de questões mais gerais, os italianos são chamados a opinar sobre a mudança do sistema eleitoral no Senado. São aprovadas a abolição da prisão para viciados em drogas; a extinção de ministérios deficitários como o das Participações Estatais, da Agricultura e do Turismo e Espetáculo, tradicionais cabides de emprego e fontes de negociatas; e fixa-se o teto de US$ 23 milhões para a contribuição estatal aos partidos, como reembolso das despesas de campanha. Institui-se também o voto majoritário para a eleição de 238 dos 315 senadores (os demais serão designados pelos diversos partidos). Acaba, assim, o sistema tradicional em que os eleitores votavam em listas elaboradas pelos partidos, e estes, em seguida, escolhiam diretamente o candidato – o que muitas vezes dava margem a manobras e manipulações. A aprovação do voto majoritário no Senado é um primeiro passo para que, futuramente, esse sistema seja adotado também na Câmara dos Deputados.

Mas o recado mais claro do eleitorado é o resultado das eleições municipais, em que ao desmoronamento do PDC e do PSI correspondem a ascensão tanto do Partido Democrático de Esquerda (ex-PC) e da social-democracia quanto dos direitistas do Movimento Social Italiano (neofascista) e da Liga Lombarda. Em jul., Marco Formentini, da Liga, conquista a prefeitura de Milão, durante 25 anos governada pelos socialistas; e em Turim, sede da FIAT, o eleito é Mario Segni, da coalizão PDE/Aliança Democrática (formada por dissidentes da DC). Ao todo, a esquerda elege 72 prefeitos e a direita, dezesseis.

Mudanças no poder – O temor de que se assista a uma maré de extremismo de direita, suscitado principalmente pela vitória em Nápoles, no primeiro turno do pleito de dez., da candidata do MSI, Alessandra Mussolini, neta do Duce, é contrabalançado pela ampla vitória das forças esquerdistas – atribuída, pelos observadores, à decisão de última hora dos eleitores mais progressistas, que migraram para esse extremo do espectro, como forma de impedir um fortalecimento neofascista. Antonio Bassolino, do PDE/AD, derrota Alessandra em Nápoles; em Roma, o ecologista Franco Rutelli vence Gianfranco Fini, do MSI; em Gênova e Veneza, Adriano Sansa e Massimo Cacciari fazem o mesmo com Enrico Serra e Aldo Mariconda. A redistribuição de forças resultante dessas eleições, e da desmoralização dos partidos tradicionais com a "Mãos Limpas", permite a Achille Ochetto, sec.-geral do PDE, reivindicar para si o cargo de 1º-ministro no próximo governo – o que pareceria absolutamente impensável alguns anos antes.

Iugoslávia

● **NOME OFICIAL:** República Federativa da Iugoslávia. **Capital:** Belgrado. **Nacionalidade:** iugoslava. **Hino:** *Companheiro eslavo* (1º verso). **Língua:** servo-croata (maioria); macedônio, esloveno (minorias). **Religião:** cristianismo (ortodoxos, 34,6%; católicos, 26%); islamismo, 10,4%. **Datas nacionais:** 29 e 30/11 (República).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da Europa. **Área:** 255.804 km². **Limites:** Hungria (N); Romênia e Bulgária (L); Albânia e Macedônia (S); mar Adriático (SO); Croácia e Bósnia-Herzegóvina (O). **Características:** litoral de afundamento recente (costa de Dalmácia); Alpes Dináricos (maior parte), planaltos de NO a SO e central; planícies do rio Drava, Sava e Danúbio (N e NE); montanhas (sérvia). **Ponto mais elevado:** monte Trigláv (2.863 m). **Clima:** mediterrâneo. **Rios principais:** Danúbio, Drava, Sava, Drina, Tisa, Morava, Vardar. **Cidades principais:** Belgrado (1.087.915 hab.); Novi Sad (170.029); Nis (161.376); Kragujevac (146.607); Leskovac (160.948) (área metropolitana) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 10.394.000 (est.1992); **urbana:** 48% (1981). **Composição demográfica:** sérvios, 62,6%; albaneses, 13,5%; montenegrinos, 5,5%; húngaros, 3,9%; bósnios, 3%; croatas, 1,6%; ciganos, 1,1%; outros, 8,8% (1981). **Crescimento demográfico:** 5,3% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 24,3%; **15-59:** 63,4%; **mais de 60:** 12,3% (1981). **Densidade (hab./km²):** 101,7 (1992). **Natalidade:** 14,6 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 9,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 24,2 por 1.000 (1990). **Vida média homens:** 68,2; **mulheres:** 73,2 (1980 – 1982). **Leitos hospitalares:** 1 por 165 hab. (1990); **médicos:** 1 por 490 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 4,3% do PNB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 10,8% (1981). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,6 milhão; **professores:** 93,7 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 157,2 mil; **professores:** 12,6 mil (1990/91). **Gastos:** 3,6% do PNB (1986).

● **GOVERNO:** República federativa parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 27/4/1992. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Socialista, Sérvio Radical, Mov. Democrático, dos Socialistas Democratas. **Chefe de Estado:** Milos Raduloviç é o pres. da federação; Slobodan Milosevíç e Momir Bulatoviç, os da Sérvia e Montenegro. **Chefe de governo:** 1º-min. Radoje Kontiç (da federação). **Legislativo:** bicameral – Câmara dos Cidadãos, 138 membros, e Câmara da República, 40 membros (20 do Montenegro e 20 da Sérvia); voto direto.

● **ECONOMIA:** agricultura, 16,5%; indústria, 60,4%; comércio, 14,3%; serviços, 8,8% do PIB (1989). **Agricultura:** milho, trigo, beterraba, batata, frutas, legumes e verduras. **Pecuária:** aves, suínos, ovinos. **Pesca:** 2,2 mil t (1991). **Indústria:** alimentícia, equipamentos de transporte, máquinas industriais elétricas, siderúrgica, metalúrgica, têxtil. **Minerais:** carvão, bauxita, minério de cobre, minério de ferro, petróleo e gás natural. **Exportações:** US$ 456,8 milhões; **produtos:** manufaturas básicas, máquinas industriais e equipamentos de transporte, vestuário (1991). **Importações:** US$ 532,6 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, combustíveis minerais e lubrificantes, manufaturas básicas, químicos (1991). **Parceiros comerciais:** Alemanha e Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** novo dinar iugoslavo (dividido em 100 para); **cotação para 1 US$:** 11,32 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 31,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 3.093 (1990); **crescimento anual:** -27% (1992). **Inflação:** 7.000% (1992). **Dívida externa:** US$ 16,5 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 2,5 milhões (setor público); **distribuição:** agricultura, 5,1%; indústria, 52,66%; comércio, 13,2%; serviços e outros, 29,1% (1991); **mão-de-obra feminina:** 39,1% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 135 mil (1992); **Exército:** 100 mil; **Marinha:** 6 mil; **Força Aérea:** 29 mil. **Gastos:** 2,9% do PNB (1989).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 46 mil km; 59% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 1,5 milhão; **automóveis:** 1,4 milhão (1990). **Porto:** Montenegrin (Bar). **Linhas aéreas:** JAT, Air Jugoslavia, Air Montenegro, Aviogenex (vôos domésticos) (vôos internacionais suspensos desde 1992).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 8; **receptores:** 1 por 4,6 hab. (1989). **Emissoras de TV:** 6; **receptores:** 1 por 5,2 hab. (1989). **Linhas telefônicas:** 1 por 5,6 hab. (1990). **Jornais diários:** 12; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 98 (1990).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 15, quadra 803, CEP 70409-900, Brasília, DF; tel. (061) 223-7272.

HISTÓRIA

O país surgiu após a I Guerra: em 1914, eram independentes a Sérvia, líder do Movimento de Unificação Pan-Eslava, parte da Macedônia e o Montenegro. A Croácia, Eslovênia e Bósnia-Herzegóvina pertenciam ao Imp. Austro-húngaro. **1918:** o sérvio Pedro I cria o Reino dos Sérvios, Eslovenos e Croatas. **1929:** a ditadura de Alexandre I reprime o separatismo croata; adoção do nome atual. **1934:** assassinato de Alexandre I, em Marselha, por um terrorista croata; regência do princ. Paulo, na minoridade de Pedro II. **1941:** Paulo adere ao Eixo e é deposto; pacto de não-agressão com a URSS; invasão ítalo-germânica com apoio da Hungria e Bulgária. **1943:** luta entre os *chetniks*, monarquistas de Draja Mihailović, e os comunistas de Josip Broz Tito. **1944:** expulsão dos alemães pelos comunistas. **1945:** abolição da monarquia; Tito torna-se o líder republicano. **1946:** campanha de socialização; repressão aos monarquistas; execução de Mihailović. **1955:** aproximação com a URSS. **1956:** condenação à invasão soviética da Hungria. **1960 – 1967:** reaproximação com a URSS. **1968:** condenação à intervenção na Tcheco-Eslováquia; esfriamento com a URSS. **1971:** mais autonomia para as repúblicas; criação da presidência coletiva em rodízio. **1972:** atentados dos nacionalistas croatas; líderes dessa república são expulsos da Liga Comunista. **1973:** prisão de nacionalistas croatas, sérvios, bósnios e macedônios; nova Constituição; Tito torna-se presidente por tempo ilimitado. **1977:** anistia para 218 presos políticos, entre os quais o dissidente Mihajlo Mihajlov. **1980:** morte de Tito; intensificação das reivindicações dos dissidentes. **1981:** Kossovo, província sérvia de maioria albanesa, reivindica autonomia. **1986:** condenação à morte de Andrija Artuković, extraditado dos EUA, pelo extermínio de 900 mil pessoas na Croácia, na II Guerra. **1987:** trinta presos no escândalo das notas promissórias sem lastro da estatal Agrokomerc; demissão do vice-pres. Hamidja Pozderać. **1988:** 2 mil greves, de 350 mil trabalhadores, contra a política econômica, forçam sua reorganização (mai.). **1989:** distúrbios contra a redução da autonomia de Kossovo; toque de recolher (23/3); com a Eslovênia, começa a proclamação da soberania das repúblicas (27/7). **1990:** XIV Congresso da Liga Comunista: fim do monopólio partidário (22/1); proclamação da independência de Kossovo (2/6) provoca cerco a Pristina, sua capital (3/6); eleição de Slobodan Milosević pres. da Sérvia; nova Constituição federal reduz autonomia das províncias. **1991:** guerra civil, pela autonomia, acompanhada de greves e manifestações; derrota das tropas federais para as eslovenas; fracassam o encontro de Zagreb (6/6), para a criação de uma Aliança de Estados Soberanos, e as tentativas de mediação da CEE, apesar do cessar-fogo de 28/6; o encontro de Brioni (7/7) estabelece a independência da Eslovênia, e uma trégua, violada pela Sérvia, que ataca a Croácia (22/7); independência da Macedônia (8/9); ataque à Bósnia (set.), cuja capital, Sarajevo, é sistematicamente bombardeada; aumenta o fluxo de refugiados para países vizinhos; os sérvios obstruem a chegada da ajuda humanitária a Sarajevo; renúncia de Stipe Mesić à presidência colegiada, de onde a Eslovênia e a Croácia já se retiraram (dez.), e de onde sai também a Macedônia (13/2); renúncia do 1º-min. Ante Marković (20/12); os territórios bósnio-sérvios de Krajina e Eslovênia autoproclamam-se a República Sérvia da Krajina com o pres. Milan Babić (19/12). **1992:** a Sérvia impõe a substituição de Babić, em Krajina, por uma junta liderada por Stansko Cvijan, min. de Ligação com os Sérvios Extraterritoriais (fev.); termina a guerra com a Croácia (17/2) mas intensifica-se com a Bósnia; plebiscito, no Montenegro, decide pela permanência na federação (1º/3), mas pelo retorno do nome da capital, Titograd, ao antigo, Podgoriça; aprovada a Constituição da Nova Federação Iugoslava (27/4), integrada pelo Montenegro, a Sérvia e suas províncias de Kossovo e Voivódina; as tropas federais retiram-se da Macedônia (mar.); adotadas sanções pela ONU: corte de relações comerciais, congelamento dos bens sérvios no exterior, embargo de petróleo e suspensão dos vôos comerciais (22/5); a oposição a Milosević boicota as eleições legislativas (31/5), o que lhe dá maioria no Parlamento sérvio; o escritor Dobrica Cosić é eleito pres. da federação (15/6); o empresário Milan Panić, residente nos EUA, é nomeado 1º-ministro (jul.) e demonstra querer negociar a paz; a separatista Aliança Democrática ganha as eleições em Kossovo (mai.), e seu líder, Ibrahim Rugova, declara a independência da província; mas recua quando a polícia sérvia cerca o prédio do Parlamento (jun.); Panić concorda com as propostas de paz da Conferência Internacional da ONU e da CEE, em Londres (26 e 27/8), mas persistem os ataques à Bósnia, o que faz com que a Iugoslávia seja expulsa da ONU (23/9); Panić antecipa para 20/12 as eleições federais (out.); aprovação, na ONU, do bloqueio naval à federação (7/11); Milosević derrota Panić nas eleições (20/12).

FATOS DO ANO

Fortalecido com a vitória nas eleições sérvias, o pres. Slobodan Milosević pode dedicar-se, durante 1993, a seu projeto de reconstituição da "Grande Sérvia", por mais que ele seja internacionalmente condenado, custe milhares de vidas e leve a região à falência. Quanto a seu oponente, o 1º-min. Milan Panić, que, por suas posições moderadas, representou a esperança de uma solução negociada para o conflito na Bósnia, ele desaparece da cena política, em fev. de 1993, ao ser substituído por Radoje Kontić, um tecnocrata submisso a Milosević.

O poder fica cada vez mais concentrado nas mãos do líder sérvio, que, já em fev., promove um expurgo cujas vítimas são professores, jornalistas e intelectuais dissidentes, afastados de suas funções e substituídos por

leais militantes do Partido Socialista. Cerca de mil funcionários da rádio e da TV estatais são demitidos, e a oposição oficial é atingida, através do bloqueio à sua participação no Parlamento.

Em jun., é a vez do pres. da Nova Federação Iugoslava, Dobrica Cosić, sumariamente demitido de seu cargo decorativo. Suas acusações de que está sendo vítima de um golpe de Estado, e as comparações entre Milosević e Stálin que faz, não o impedem de ser substituído, em 25/6, por um títere, Zoran Lilić, homem de confiança de Milosević. E se há manifestações contra "Slobo", como ele é chamado, elas são duramente reprimidas: numa delas, é espancado e preso Vuc Drasković, o líder oposicionista, que só é solto em 9/7, por pressões internacionais, principalmente da França.

Quando parece, em set., estar em via de se concretizar, na Bósnia, um acordo amplamente favorável aos sérvios, Milosević volta-se contra seus antigos aliados do Partido Radical, força nacionalista de extrema direita que apoiava irrestritamente seu projeto de reconstrução da "Grande Sérvia". Seu líder, Vojslav Seselj, é acusado de adotar atitudes "primitivas" e, com isso, impedir um acordo nos Bálcãs. Milosević encontra, assim, um bode expiatório perfeito para concluir a pacificação da Bósnia à sua maneira e exibir ao mundo uma imagem de "sensatez". Seselj reage apresentando uma moção de desconfiança contra o governo minoritário do 1º-min. Nikola Sainović, que, depois de uma abstenção inicial, começa a ganhar apoio da oposição. Em 20/10, às vésperas de uma votação em que a censura ao governo seria inevitavelmente aprovada, Milosević vai à televisão e, alegando a necessidade de "acabar com o clima de circo no Legislativo", dissolve o Parlamento, anunciando eleições antecipadas para 12/12. Caracteriza-se claramente com isso, na opinião dos observadores, o autoritarismo de um chefe de Estado com tendências ditatoriais.

Choques com os vizinhos – As relações da Sérvia com as demais unidades integrantes da Nova Federação são tensas. Em 12/10/1993, um relatório da Anistia Internacional denuncia as violações dos direitos humanos que continuam a ocorrer na província de Kossovo, "onde a impunidade dos policiais sérvios é total". Quanto ao Montenegro, acusando-o de reexportar para a Albânia, em troca de combustível, alimentos comprados na Sérvia, Milosević ameaça-o, em meados de set., de um bloqueio dos produtos alimentícios. Para os 620 mil habitantes do Montenegro, que não são auto-suficientes quanto à produção agrícola e, por isso, dependem do que importam da Sérvia, a ameaça, logo materializada em postos de controle instalados na fronteira entre as duas repúblicas, acentua a sensação de que são "reféns" de Belgrado. Há protestos, rumores separatistas, mas, no final, as autoridades de Podgoriça têm de ceder: no fim de set., informa-se que um acordo foi firmado com as autoridades sérvias; mas o *Vecernje Novosti* (Notícias Vespertinas) anuncia, na mesma época, que os postos de fronteira serão mantidos, "para impedir o contrabando".

Com 89% das verbas do orçamento destinadas aos gastos militares e sofrendo um boicote internacional que só é violado pela Grécia e Macedônia – e, assim mesmo, com a possibilidade de mudanças radicais após a vitória eleitoral dos socialistas gregos, em out. –, a economia da Iugoslávia já foi comparada a um doente em estado terminal que só sobrevive "por aparelhos". Instrumento de pressão duvidoso, as sanções econômicas, aqui como na África do Sul ou no Haiti, parecem atingir muito mais a população do que seus governantes.

Economia em pane – A queda da produção industrial é de 43% nos seis primeiros meses de 1993, após um declínio de 21,4% em 1992. O PIB per capita cai quase dez vezes, entre 1989 e 1993, chegando a US$ 350. E o desemprego atinge mais de 30% da força de trabalho. O índice de inflação já está entre os maiores registrados na história econômica do séc. XX: em ago., os preços sobem 1.880% e, segundo uma avaliação do jornal francês *Le Monde*, feita em set., a taxa acumulada poderia elevar-se, no fim de 1993, a 1,6 bilhão%. Uma piada que corre em Belgrado diz que, para comprar um carro novo, é preciso abarrotar o velho de dinheiro. No começo de out., o governo emite a cédula de 10 bilhões de dinares, que, ao sair da gráfica, vale apenas US$ 6 e compra meio quilo de carne.

Jamaica

● **NOME OFICIAL:** Jamaica. **Capital:** Kingston. **Nacionalidade:** jamaicana. **Hino:** *Pai Eterno, abençoai a nossa terra* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); crioulo de matiz inglês. **Religião:** cristianismo (Igreja de Deus, 18,4%; batistas, 10%; anglicanos, 7,1%; adventistas, 6,9%; pentecostais, 5,2%; católicos, 5%, principais); rastafarianismo, 5%. **Data nacional:** 6/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da América Central. **Área:** 10.991 km². **Limites:** mar do Caribe. **Características:** relevo montanhoso a L (maior parte); terras baixas (O); planície aluvial costeira (S); mananciais, fontes termais e arroios. **Ponto mais elevado:** pico Blue Mountain (2.256 m). **Clima:** tropical. **Rios principais:** Black, Minho, rio Cobre. **Cidades principais:** Kingston (103.711 hab.) (área metropolitana, 643.801); Spanish Town (92.383); Montego Bay (83.446) (1991); Port Antonio (73.400) (1982); May Pen (46.785) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

● **POPULAÇÃO:** 2.445.000 (est.1992); **urbana:** 52,3% (1990). **Composição demográfica:** negros, 74,7%; mestiços, 12,8%; indianos, 1,3%; outros, 11,2% (1982). **Crescimento demográfico:** 1,9% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 33%; **15-59:** 57%; **mais de 60:** 10% (1991). **Densidade (hab./km²):** 222,5 (1992). **Natalidade:** 24,7 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 5,5 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 27 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,4 (1990). **Vida média homens:** 71,4; **mulheres:** 75,8 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 468 hab.; **médicos:** 1 por 5,9 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 1,5% do orçamento (1990/91).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 19,9% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 551,2 mil; **professores:** 18,2 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 19,2 mil (1989/90); **professores:** 1 mil (1987/88). **Gastos:** 6,6% do PNB (1989).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 6/8/1962. **Divisão administrativa:** 13 paróquias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Nac. Popular, Trabalhista. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II representada pelo gov.-geral Howard Felix Halan Coke (indicado em 1º/8/1991). **Chefe de governo:** 1º-min. Percival Patterson (desde 30/3/1992). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 21 membros indicados pelo gov.-geral e Câmara dos Deputados, com 60 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 5,7%; indústria, 33,9%; mineração, 11,4%; comércio, 20,7%; serviços, 28,3% do PIB (1991). **Agricultura:** cana-de-açúcar, banana, frutas cítricas, café, cacau. **Pecuária:** aves, caprinos, bovinos. **Pesca:** 10,4 mil t (1990). **Indústria:** agroindústria, processamento de bauxita, alimentícia, bebidas, fumageira, refino de petróleo, vestuário. **Minerais:** bauxita, pedra-ume, mármore, gesso, sílica, argila. **Exportações:** US$ 1,1 bilhão; **produtos:** bauxita, pedra-ume, vestuário, açúcar, rum, banana (1991). **Importações:** US$ 1,7 bilhão; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, combustíveis minerais (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, Canadá. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** dólar jamaicano (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 22,18 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 3,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.380 (1991); **crescimento anual:** 1% (1980–1991). **Inflação:** 80,2% (1991). **Dívida externa:** US$ 4,5 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 1,1 milhão; **distribuição:** agricultura, 23%; in-

dústria, 15,1%; comércio, 16,1%; serviços, 29,6%; outros, 16,2%; **mão-de-obra feminina:** 47,4% (1991). **Desemprego:** 15,7% (1991).

● **DEFESA: Exército:** 3 mil; **outros:** 150 (guarda costeira) e 150 (segurança aérea) (1992). **Gastos:** 1,1% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 16,4 mil km; 29% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 109 mil; **automóveis:** 93 mil (1989). **Ferrovias:** 339 km (1989). **Portos:** Kingston, Montego Bay. **Linhas aéreas:** Air Jamaica (vôos internacionais e domésticos); Trans-Jamaican Airlines (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 8; **receptores:** 1 por 1,6 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 5 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 13 hab. (1991). **Jornais diários:** 3; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 53 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 866 Second Avenue, 15th Floor, 2 Dag Hammarskjöld Plaza, New York, NY 10017, tel. (212) 688-7040.

HISTÓRIA

Habitada por arauaques na época da descoberta (1494). Domínio espanhol até 1655, quando passa à Inglaterra. Com o extermínio dos arauaques (séc. XVIII), escravos negros foram trazidos para as plantações de cana-de-açúcar. A abolição da escravatura (1833) causou crise econômica, pobreza e inquietação social. **1865/66:** lei marcial contra a rebelião negra; imposto governo colonial. **1930:** reivindicação de reformas políticas. **1944:** Constituição outorgada. **1953:** autonomia interna. **1958 – 1961:** união à Federação das Índias Ocidentais. **1962:** independência (ago.); sir Alexander Bustamante é o 1º-ministro. **1970:** crise econômica intensifica o movimento *black power*. **1972:** eleição de Michael Joshua Manley, do Partido Nacional do Povo (PNP). **1976:** estado de emergência; prisão de oposicionistas. **1980:** eleição de Edward Seaga, do Partido Trabalhista Jamaicano (PTJ). **1983:** participação na invasão de Granada; o PTJ conquista todas as cadeiras do Parlamento. **1985:** greve geral contra o desemprego e o alto custo de vida. **1986:** o PNP tem 57% nas eleições municipais (29/7). **1989:** o PNP conquista 43 das 60 cadeiras no Parlamento (fev.). **1990:** ao voltar de afastamento temporário (jul./set.), por motivo de saúde, Manley remaneja o gabinete, sem participação socialista; protestos da oposição ao reatamento com Cuba. **1991:** 22ª reeleição consecutiva de Manley (set.); os trabalhistas rejeitam o imposto de 10% sobre o consumo (17/10); protestos contra a isenção fiscal à Shell para a importação de produtos petrolíferos: demissão do vice-1º-min., Percival Patterson. **1992:** reescalonamento da dívida de US$ 47 milhões com os EUA (14/1); Manley renuncia por motivo de doença (15/3) e é substituído por Patterson (28/3) como pres. do PNP e 1º-ministro.

FATOS DO ANO

Confiando na popularidade em ascensão de seu partido, o Nacional Popular (PNP), demonstrada pelas pesquisas de opinião, o 1º-min. interino Percival Patterson marca, em fev. de 1993, eleições antecipadas para 30/3. Essa decisão deve-se também à fase de crise atravessada pelo adversário, o Partido Trabalhista da Jamaica, cujo líder, o conservador Edward Seaga, enfrenta dissidências internas; e à estabilidade econômica atingida, nos dez meses anteriores, após a forte onda inflacionária e a depreciação do dólar jamaicano, que se seguiram à desregulamentação da economia.

Campanha turbulenta – Animado com a baixa da inflação – 17,9% no ano fiscal 1992/93, contra 71,3% no período anterior – e visando a dar maior suporte eleitoral ao PNP, Patterson baixa as taxas de juros de 33% para 25%; anuncia um programa de construção de estradas orçado em milhões de dólares; e aumenta em 100% o salário de policiais e professores. Durante a campanha, a oposição denuncia o envolvimento do PNP em casos de corrupção, desde sua volta ao poder em 1989, e num recente escândalo no Banco Central. A despeito dos "acordos de paz" assinados por Patterson e Seaga, a violência do período pré-eleitoral provoca a morte de doze pessoas, entre as quais o presidente de uma secção eleitoral. Mas a tradicional rivalidade entre os militantes dos dois partidos não se baseia mais em divergências ideológicas profundas nos anos 70. Como o PNP adota, agora, teses centristas, como a do livre mercado, a opção para o eleitorado está entre o estilo unificador de Patterson e o belicoso de Seaga – que sofre nas urnas avassaladora derrota. O PNP obtém mais de 60% do total de votos (90% dos votos negros) e 52 das cadeiras no Parlamento.

Precisa-se de investimentos – Analistas consideram que a mais difícil prova de Patterson ainda está por vir: o cumprimento das promessas de campanha. O turismo, com fluxo equilibrado durante todo o ano, devido à diversificação do mercado, ainda é o maior gerador de divisas: até os anos 80, os americanos respondiam por 85% da procura; hoje, apenas 60% dos visitantes vêm dos EUA, ao lado de japoneses, europeus e sul-americanos. Mas o turismo não é tudo: com o preço de sua produção mineral, agrícola e industrial dependendo do aquecimento econômico dos países industrializados que a importam, a Jamaica não conseguiu investimentos estrangeiros suficientes para atingir a meta de Patterson de baixar a taxa de desemprego de 18% para 12% em cinco anos. Mas obteve um desconto de 70% de sua dívida com os EUA no início de 1993, em parte devido à sua política de controle do tráfico de drogas.

Em 6/4, Patterson remaneja o gabinete para dar prosseguimento às reformas econômicas. Falando em rede de televisão, em 3/4, compromete-se a reformar o sistema eleitoral vigente para evitar fraudes; mas recusa-se, como pede a oposição, a abrir inquérito sobre o último pleito – o que leva o PTJ a boicotar a cerimônia de abertura do Parlamento, em 20/4.

Japão

● **NOME OFICIAL:** Japão. **Capital:** Tóquio. **Nacionalidade:** japonesa. **Hino:** *O reino do nosso imperador* (1º verso). **Língua:** japonês. **Religião:** xintoísmo, 39,5%; budismo, 38,3% (principais); cristianismo, 3,9%. **Data nacional:** 11/2 (Fundação do País).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da Ásia. **Área:** 377.815 km². **Limites:** mar do Japão (O); oceano Pacífico (N e S). **Características:** montanhas (maior parte); 225 vulcões (65 ativos), terremotos freqüentes; fontes termais, gêiseres e sulfaratas; planícies no litoral e no interior da ilha de Honchua. **Ponto mais elevado:** monte Fuji (3.776 m). **Clima:** temperado continental (N); subtropical (S). **Rios principais:** Tone, Shinano, Ishikari, Kitakami. **Cidades principais:** Tóquio (8.154.400 hab.); Iocoama (3.250.900); Osaca (2.613.200); Nagóia (2.158.800); Saporo (1.696.100) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +12h.

● **POPULAÇÃO:** 124.310.000 (est.1992); **urbana:** 77,4% (1990). **Composição demográfica:** japoneses, 99,2%; estrangeiros, 0,8% (coreanos, principal). **Crescimento demográfico:** 0,3% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 17,3%; **15-59:** 64,1%; **mais de 60:** 18,6% (1992). **Densidade (hab./km²):** 329 (1992). **Natalidade:** 9,9 por 1.000 (1991). **Mor-**

talidade: 6,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 4,6 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,5 (1990). **Vida média homens:** 79,5; **mulheres:** 81,8 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 74 hab.; **médicos:** 1 por 588 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 6,8% do PNB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 19,8 milhões; **professores:** 1 milhão (1991). **Alunos no ensino superior:** 2,8 milhões; **professores:** 151 mil (1991). **Gastos:** 7,9% do orçamento (1992/93).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 3/5/1947. **Divisão administrativa:** 47 prefeituras. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrata-Liberal, Social Democrata, Socialista Komeito. **Chefe de Estado:** imperador Akihito (desde 7/1/1989). **Chefe de governo:** 1º-min. Morihoro Hosokawa (desde 9/8/1993). **Legislativo:** bicameral – Câmara dos Representantes com 512 membros e Câmara dos Conselheiros com 252 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 4 e de 6 anos, respectivamente.

● **ECONOMIA:** agricultura, 2,6%; indústria, 43,7%; mineração, 0,2%; comércio, 13,8%; serviços, 39,7% do PIB (1991). **Agricultura:** arroz, batata, cenoura, cana-de-açúcar, beterraba, frutas cítricas. **Pecuária:** aves, suínos, bovinos. **Pesca:** 10,4 milhões t (1990). **Indústria:** motores de veículos, metalúrgica, máquinas industriais, equipamentos elétricos, química, automóveis, caminhões e ônibus. **Minerais:** calcário, enxofre (consumo local). **Exportações:** US$ 314,5 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, artigos manufaturados, químicos, automóveis (1991). **Importações:** US$ 236,8 bilhões; **produtos:** combustíveis minerais e lubrificantes, alimentos e animais vivos, manufaturas básicas (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, China, Austrália, Indonésia, Coréia do Sul, Alemanha, Formosa, Hong Kong, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** iene (dividido em 100 cen); **cotação para 1 US$:** 119,95 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 3,3 trilhões; **renda per capita:** US$ 26.920 (1991); **crescimento anual:** 1,5% (1992). **Inflação:** 1,7% (1992). **Força de trabalho:** 65,1 milhões; **distribuição:** agricultura, 6,6%; indústria, 33,7%; comércio, 22%; serviços, 35,2%; outros, 2,5%; **mão-de-obra feminina:** 40,8% (1991). **Desemprego:** 2,4% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 246 mil (1992); **Exército:** 156 mil; **Marinha:** 44 mil; **Força Aérea:** 46 mil. **Gastos:** 1% do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 1,1 milhão km; 70% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 59,8 milhões; **automóveis:** 37,1 milhões (1991). **Ferrovias:** 38,1 mil km (1991). **Portos:** Tóquio, Iocoama, Nagóia, Osaca, Kobe. **Linhas aéreas:** JAL, ANA, Japan Air System, Japan Asia Airways (vôos internacionais e domésticos); Air Nippon, Southwest Airlines (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio e TV:** 1 empresa estatal e 1 conglomerado de 7 empresas privadas operam mais de 2.000 emissoras de rádio e TV; **receptores de rádio:** 1 por 1,3 hab. (1991); **receptores de TV:** 1 por 1,5 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 2,3 hab. (1990). **Jornais diários:** 124; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 585 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 39, CEP 70425-900, Brasília, DF; tel. (061) 242-6866.

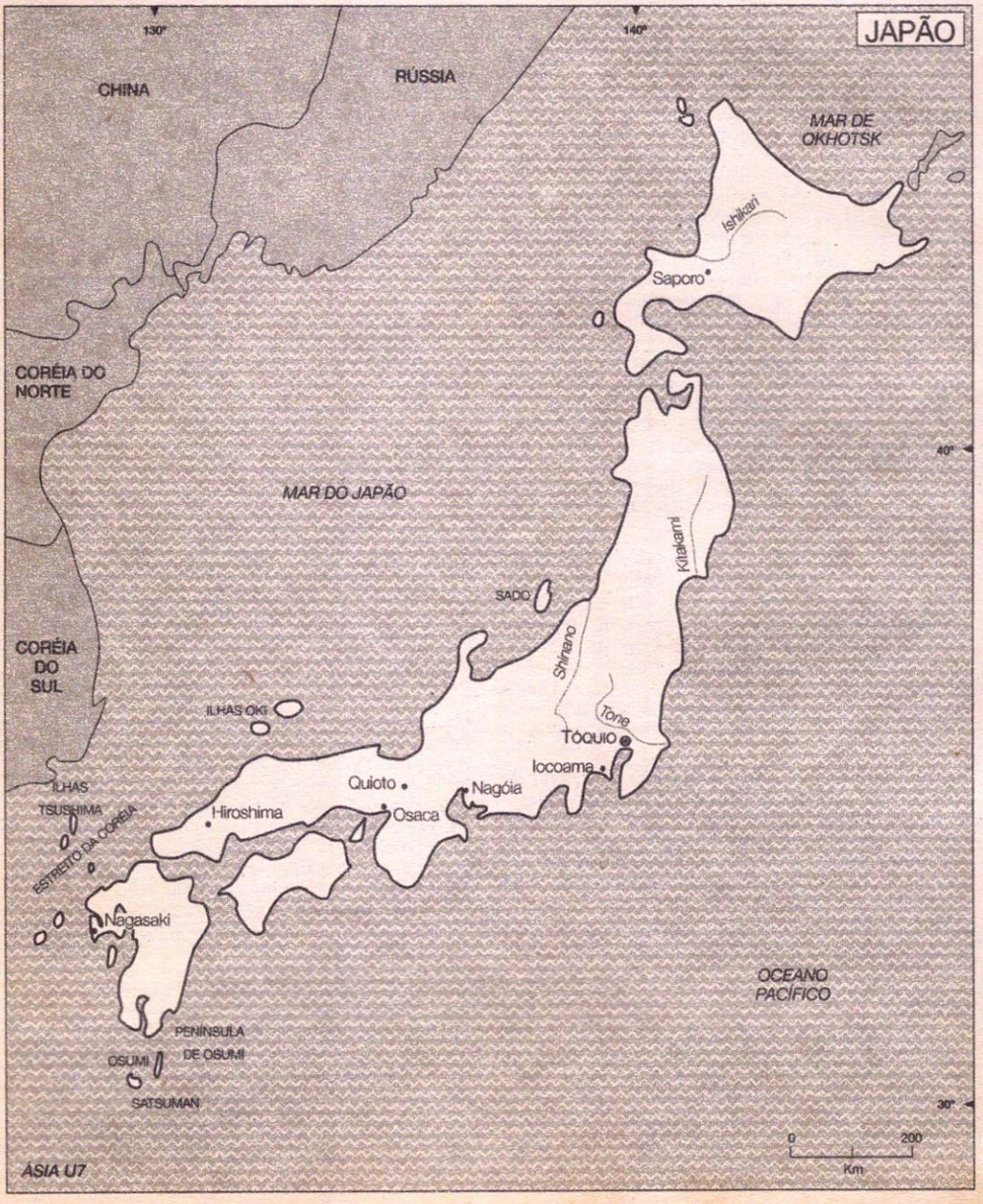
HISTÓRIA

Lendas atribuem sua fundação (660 a.C.) a Jimmu, descendente da deusa do Sol. Os documentos mais antigos datam de 400 a.C. Por influência chinesa (séc. VI–VIII), tornou-se budista. O feudalismo enfraqueceu o já pequeno poder dos imperadores. **794 – 1192:** época Heian; a capital vai para Quioto, fugindo à influência budista. **1192 – 1333:** ditadura de Yoritomo, da família Minamato, que assume o título de xógum (gov. militar); Era Kamakura; apogeu do xogunato. **1333 – 1573:** Era Muromachi: restauração do império. **1543:** abertura de Nagasáqui ao comércio estrangeiro. **1573 – 1603:** Era Azuchi Momoyama. **1582:** fundação de Edo (Tóquio). **1590:** Toyotomi Hideyoshi unifica o país. **1603 – 1868:** Era Edo; Tóquio é a capital. **1637:** o xógum Tokugaua proíbe o contato com o exterior, à exceção de comerciantes holandeses em Nagasáqui. **1853:** o americano comodoro Matthew Perry força a abertura do comércio com o Ocidente. **1858:** tratados comerciais com os EUA, Holanda, Rússia, Grã-Bretanha e França. **1862:** primeira emb. japonesa na Europa. **1867/68:** colapso do xogunato; Era Meiji: modernização com o imp. Mutsuhito. **1871:** o ensino torna-se obrigatório. **1872:** primeira ferrovia, Tóquio-Iocoama. **1873:** adoção do calendário gregoriano. **1889:** Constituição Meiji (11/2). **1890:** primeiras eleições para o Parlamento. **1894/95:** vitória na Guerra Sino-japonesa; anexação de Formosa, Pescadores e da península da Liaotung. **1900:** intervenção na Guerra dos Boxers, na China. **1904/05:** vitória na Guerra Russo-japonesa. **1910:** anexação da Coréia. **1914 – 1918:** ao lado dos aliados na I Guerra Mundial. **1931:** ocupação da Mandchúria; criação do Estado fantoche do Mandchukuo. **1937:** invasão do norte da China. **1940:** Tratado do Eixo, com a Alemanha e a Itália. **1941:** ataque à base americana de Pearl Harbour (dez.); guerra com os EUA. **1942/43:** vitórias iniciais; controle de territórios entre a Índia e as Aleutas. **1944:** perda de terreno para os aliados. **1945:** bombardeio atômico em Hiroxima (6/8) e Nagasáqui (9/8); rendição (14/8) e ocupação americana até 1951. **1946/47:** democratização e desmilitarização; nova Constituição; o imp. Hiroíto nega publicamente sua divindade. **1954:** pacto de assistência militar com os EUA. **1960:** manifestações contra os pactos militares. **1969:** reivindicada a devolução de Oquinaua, sob ocupação americana; em **1972:** restituição; tratados de cooperação atômica com Austrália, França, Grã-Bretanha e Alemanha Ocid. **1973:** reatamento com a China. **1974:** renúncia do 1º-min. Kakuei Tanaka, acusado de corrupção; Takeo Miki o substitui. **1975:** escândalo *Lockheed*, de suborno a políticos para a compra de aviões. **1976:** a URSS nega-se a devolver as ilhas Curilas, tomadas na II Guerra; Tanaka é envolvido no caso *Lockheed*; Takeo Fukuda substitui Miki (dez.). **1977:** o esquerdista Exército Vermelho seqüestra avião e troca seis presos políticos pelos reféns. **1978:** o Exército Vermelho explode no ar um avião, matando cem pessoas; Masayoshi Ohira substitui Fukuda. **1979:** moção de desconfiança contra Ohira; dissolução do Parlamento e eleições antecipadas. **1980:** Ohira é reconduzido, mas morre; Zenko Suzuki o substitui; por pressões americanas, aumento de 6,6% nos gastos com a defesa. **1982:** política do 1º-min. Iasuhiro Nakasone de alinhamento total com os EUA. **1983:** a recusa de Tanaka, envolvido no *Lockheed*, em renunciar como deputado, provoca novas eleições, que enfraquecem Nakasone. **1984:** plano de austeridade econômica. **1987:** Nakasone é substituído por Noburo Takeshita. **1988:** escândalo da venda de ações da Recruit Cosmos Co. (jul.) envolve membros do PLD, inclusive Takeshita. **1989:** Hiroíto morre (6/1); Takeshita renuncia após o suicídio de seu secretário particular, envolvido no *Recruitgate* (abr.); Toshiki Kaifu o substitui (19/8). **1990:** eleições antecipadas: o PLD perde 20% da bancada e o PS ganha mais 56 cadeiras (18/2); mas Kaifu é confirmado; o imp. Akihito é entronizado (12/11); escândalos financeiros enfraquecem o governo. **1991:** derrota do PLD nas eleições em Tóquio (7/4); adoção de leis anticorrupção (5/8); Kaifu renuncia à reeleição para a presidência do PLD (4/10); eleição do ex-chanceler Kiichi Miyazawa (27/10), que se torna 1º-ministro; seu vice, o chanceler Michio Watanabe, e o min. do Comércio Exterior, Kozo Watanabe, são suspeitos de envolvimento no *Recruitgate* (out.); seu assessor, Fumio Abe, é acusado de receber US$ 780 mil de suborno da metalúrgica Kyowa em 1990, e renuncia (nov.), o que acarreta a ruptura da aliança do PLD com o *Komeito* e o PSD (dez.), e o faz perder, para os socialis-

tas, em 1992: a eleição complementar do distrito de Nara (fev.); estoura o caso *Sagawa*, de US$ 635 milhões em subornos pagos a 130 políticos do governo e da oposição (fev.); condenação do ex-vice-min. do Trabalho Takashi Kato, pelo *Recruitgate* (24/3); lei permite o envio de tropas ao exterior (15/6); embora sem maioria, o PLD ganha as eleições para a Câmara Alta (26/7); Takeshita renuncia à chefia de uma das facções do PLD devido a um escândalo de tráfico de influência (jul.); o ex-vice-1°-min. Shin Kanemaru admite ter recebido US$ 4 milhões da *Sagawa* e abandona a chefia da maior facção do PLD (27/8) e sua cadeira no Parlamento (out.); Keizo Obuchi assume a chefia da facção de Takeshita no PLD; renúncia de Kiyoshi Kaneko, gov. da província de Niigata, devido ao *Sagawagate* (set.); tropas japonesas integram a missão de paz da ONU no Camboja (set.); denúncia de que Kanemaru ofereceu US$ 36 milhões à *Yakuza*, a máfia japonesa, para eliminar inimigos políticos.

FATOS DO ANO

O ex-vice-1°-min. Shin Kanemaru, o "fazedor de reis", é preso em 6/3/1993, acusado de sonegar impostos. A detenção de uma das figuras mais importantes dentro do Partido Liberal Democrático (PLD) e, conseqüentemente, de toda a política japonesa, demonstra que o governo do 1°-min. Kiichi Miyazawa está vivendo seus últimos dias. Embora Kanemaru seja solto, em 29/3, após pagar uma fiança de US$ 2,5 milhões, e seja beneficiado, em 8/6, pela anistia concedida em comemoração ao casamento do príncipe-herdeiro Naruhito, o desgaste, para o PLD, é irreparável. Em 18/6, o Parlamento, acusando Miyazawa de não ter levado adiante a reforma na legislação eleitoral, necessária para pôr um fim à crônica corrupção no sistema político japonês, recusa-lhe o voto de confiança e eleições antecipadas são convocadas para 18/7. A censura ao governo provoca, entre 21 e 22/6, a cisão no PLD,



que perde 54 parlamentares. Os dois grupos dissidentes que romperam com ele, liderados por Hideiomu Hata e Masayoshi Takemura, formam novos partidos: o do Renascimento e o Pioneiro. As eleições de 18/7/1993 têm o mais baixo índice de comparecimento desde o pós-guerra (67,3%), numa clara demonstração de que o eleitorado está insatisfeito com a onda de corrupção que desmoraliza a política nacional. O preço a pagar, para o PLD, no poder desde 1955, é a perda da maioria no *Kokkai* (o Parlamento): ele obtém apenas 228 das 512 cadeiras, contra 275 nas eleições de 1990. Os socialistas ficam com 70 cadeiras, o PR com 55 e o PP com treze. O resultado modesto da oposição é suficiente para alterar o equilíbrio do poder vigente desde o fim da II Guerra.

Miyazawa, que, em 19/7, tinha anunciado sua decisão de permanecer no cargo, mesmo o PLD tendo perdido as eleições, muda de idéia, no dia 22: renuncia à presidência do partido e afirma assumir a responsabilidade pela derrota. Em 28/7, os socialistas, o PP e o PR, os socialistas democratas de Takashi Yonezawa, o Novo Partido do Japão, de Morihoro Hosokawa, o *Komeito* (Partido do Governo Limpo, fundado em 1964 por Daisaku Ikeda) e os social-democratas do *Shakaito*, de Sadao Yamahana, chegam a um acordo para formar novo governo. Hosokawa, ex-gov. da província de Kunamoto, é escolhido, em 6/8, para chefiá-lo. Quanto à presidência do PLD, Yohei Kono a assume em 30/7. Hosokawa toma posse, em 9/8, com um plano de governo que propõe ampla reforma eleitoral, visando a combater a corrupção e a recessão e a modernizar os sistemas de aposentadoria e saúde. Seu partido, o PNJ, sofre porém um revés, em 13/8, quando um de seus candidatos a deputado, Tadao Hiroi, é acusado de ter tentado comprar votos durante a campanha. Isso o decide a intensificar a luta contra os abusos eleitorais, e um primeiro sinal de apoio é, em 16/8, o anúncio da Confederação das Indústrias de que deixará de fazer ao PLD contribuições que, em média, eram de US$ 125 milhões por ano. Nesse mesmo dia, suicida-se Tetsuya Mashiko, o secretário de Obras Públicas da província de Ibakari, acusado de suborno e tráfico de influência. Em 20/8, 165 dirigentes políticos e 445 empresários são presos por irregularidades cometidas durante a campanha para as eleições de 18/7; e são instaurados 5.500 processos por crimes eleitorais. E, em 26/10, é preso Shinji Kiyoyama, pres. da Kajima, a segunda maior construtora do país, acusado de, em dez. de 1992, ter pago US$ 185 mil ao ex-prefeito de Ibakari para vencer a concorrência de construção da nova sede da prefeitura. No plano internacional, é considerada um marco nas relações sino-nipônicas a visita do imp. Akihito à China (24 a 28/10/1992), onde assina contratos de comércio bilateral no valor de US$ 25 bilhões. A ampliação dos contatos regionais tinha sido uma preocupação de Miyazawa, que, enquanto no cargo, visitara a Indonésia, Malaísia, Tailândia e Brunei, onde expressara o interesse japonês em estabelecer uma rede de segurança no âmbito da ANSA. Em 22/1/1993, Miyazawa prometera expandir a atuação das Forças de Auto-Defesa Japonesas junto à ONU, através de uma maior contribuição, em termos financeiros e de pessoal, para as missões de paz da organização. Para isso se empenham os partidários da revisão do artigo constitucional que proíbe o envio de tropas ao exterior.

Crises externas – A polêmica a esse respeito, entretanto, se acirra quando, em 8/4, um civil e um oficial da polícia japonesa são assassinados no Camboja, onde estavam, em missão da ONU, participando da preparação das eleições no país. Apesar disso, em mai., outros 75 policiais civis e 600 soldados são enviados para acompanhar esse pleito. No mesmo mês, mais soldados vão para Moçambique com idêntico objetivo. As relações diplomáticas com a Rússia sofrem ligeira melhora em 13/4, quando o Japão, apesar de não desistir da reivindicação sobre as ilhas Curilas, ocupadas pelos soviéticos no final da II Guerra, anuncia que não mais condicionará a ajuda econômica a essa devolução. Em 12/10, o pres. Borís Iéltsin vai a Tóquio, onde pede oficialmente desculpas pela prisão de soldados japoneses, que morreram em campos de concentração russos, depois da guerra, e inicia o processo de negociação sobre as Curilas. Pedido de desculpas, seguido de condolências, é o que Hosokawa também apresenta, em 15/8, dia do 48º aniversário da rendição, às vítimas do colonialismo japonês. Já ao tomar posse, Hosokawa tinha-se referido, no primeiro discurso que fez no Parlamento (23/8), à agressividade com que seu país tratou os vizinhos asiáticos, da década de 30 até o final da II Guerra. O elevado superávit comercial japonês (US$107 bilhões em 1992, com a previsão de atingir os US$ 150 bilhões em 1993) vem causando constantes conflitos com seus parceiros comerciais. Em 16/4, o pres. Bill Clinton criticou-o severamente; mas as autoridades de Tóquio rebateram com irritação, negando aos EUA, "que não são parceiros leais", o direito de condená-las por isso. Em todo caso, com o objetivo de reduzir esse superávit, o governo vem promovendo a valorização do iene em relação ao dólar: essa relação caiu de 132,8 ienes por dólar, em set. de 1991, para 100,40 em ago. de 1993.

Contra a recessão – Além dos problemas causados por esse superávit, a economia japonesa também sofre com os efeitos da recessão mundial: a conseqüência mais visível é o desemprego, em ascensão desde meados de 1992. Para combatê-lo, além do plano de investimentos maciço em obras públicas que, desde ago. de 1992, mobiliza recursos da ordem de 10 trilhões de ienes, são lançados, em abr., ago. e set. de 1993, pacotes suplementares de emergência, no valor de US$ 117, 102 e 57 bilhões, respectivamente. A política de redução das taxas de juros está sendo também introduzida, para encorajar novos investimentos na indústria que estimulem a produtividade e gerem novos empregos. Em out., na esteira do escândalo da Kajima, Hosokawa decide ceder às pressões americanas e abrir o mercado japonês da construção às empresas estrangeiras, decisão que comunica a Clinton ao encontrar-se com ele, no início de nov., em Seattle, para discutir o comércio bilateral.

Jordânia

● **NOME OFICIAL:** Reino Hachemita da Jordânia. **Capital:** Amã. **Nacionalidade:** jordaniana. **Hino:** Saudação Real (título). **Língua:** árabe (oficial). **Religião:** islamismo (sunitas, 93%; xiitas) (oficial); cristianismo, 4,9%. **Datas nacionais:** 25/5 (Independência); 18/8 (Coroação do Rei); 15/11 (Aniversário do Rei).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da Ásia. **Área:** 97.740 km². **Limites:** Síria (N); Iraque (L); Arábia Saudita (S); Israel (O). **Características:** desertos (80% do território); planalto seco (NO); montanhas (L); depressão do rio Jordão e do mar Morto (O). **Ponto mais elevado:** monte Ramm (1.754 m). **Clima:** árido subtropical. **Rios principais:** Jordão, Iarmuc. **Cidades principais:** Amã (936.300 hab.); az-Zarga (318.100); Irbid (167.800); Russeifa (72.600) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 3.636.000 (est. 1992); **urbana:** 68% (1990). **Composição demográfica:** árabes, 99,2% (palestinos, 50%); circasianos, 0,5%; armênios, 0,1%; turcos, 0,1%; curdos, 0,1% (1989). **Crescimento demográfico:** 4,1% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 43,6%; **15-59:** 51,9%; **mais de 60:** 4,5% (1990). **Densidade (hab./km²):** 40,9 (1992). **Natalidade:** 45,7 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 4,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 38 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 7,1 (1991). **Vida média homens:** 70; **mulheres:** 73 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 502 hab. (1987); **médicos:** 1 por 813 hab. (1991). **Gastos com saúde:** 5,5% do orçamento (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 19,9% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 974,6 mil (1989/90); **professores de 1º grau e no ensino profissionalizante:** 23,3 mil (1989/90); **de 2º grau:** 10,3 mil (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 69,4 mil; **professores:** 3,4 mil (1989/90). **Gastos:** 5,9% do PNB (1989).

• **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 1º/1/1952. **Divisão administrativa:** 8 províncias (3 ocupadas por Israel desde jun./1967). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Aliança Nac., do Voto, Ação Islâmica, União Popular, O Futuro. **Chefe de Estado:** rei Hussein ibn Talal (desde 11/8/1952). **Chefe de governo:** 1º-min. Abdul Salam Madjali (desde mai./1993). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 30 membros indicados pelo rei, e Câmara dos Representantes, com 80 membros eleitos por voto direto, para mandatos de 4 e de 8 anos, respectivamente.

• **ECONOMIA:** agricultura, 6,9%; indústria, 23,5%; mineração, 7,7%; comércio, 9%; serviços, 52,9% do PIB (1989). **Agricultura:** legumes e verduras, frutas, tubérculos, trigo. **Pecuária:** aves, ovinos, caprinos. **Pesca:** 62 t (1990). **Indústria:** refino de petróleo, química, alimentícia, manufaturas de metal. **Minerais:** fosfato, potassa. **Exportações:** US$ 1,1 bilhão; **produtos:** químicos, fosfato (1990). **Importações:** US$ 2,3 bilhões; **produtos:** alimentos e animais vivos, manufaturas básicas, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1990). **Parceiros comerciais:** Iraque, Índia, Alemanha, Arábia Saudita, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** dinar jordaniano (dividido em 1.000 fils); **cotação para 1 US$:** 0,67 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 3,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.340 (1991); **crescimento anual:** 0,6% (1980–1991). **Inflação:** 8,2% (1991). **Dívida externa:** US$ 8,6 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 521,8 mil; **distribuição:** agricultura, 7,3%; indústria, 21,4%; comércio, 10,1%; serviços e outros, 61,2% (1988); **mão-de-obra feminina:** 9,9% (1988–1990). **Desemprego:** 25% (1991).

• **DEFESA: Efetivo total:** 99,4 mil (1992); **Exército:** 85 mil; **Marinha:** 400; **Força Aérea:** 14 mil; **outros:** 231 mil paramilitares. **Gastos:** 12,7% do PNB (1989).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 6 mil km pavimentados (1990); **nº de veículos:** 238,8 mil; **automóveis:** 173,1 mil (1990). **Ferrovias:** 788 km (1988). **Portos:** Ácaba, Amã. **Linha aérea:** Royal Jordanian Airlines (vôos internacionais).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,7 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 13 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 11 hab. (1989). **Jornais diários:** 5; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 73 (1990).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 9, cj. 18, casa 14, CEP 70165-180, Brasília, DF; tel. (061) 248-5407.

HISTÓRIA

Região original dos samaritanos, primeiros israelitas e ancestrais dos palestinos, dominada pela Grécia e Roma, foi anexada à província romana da Síria (64 a.C.), conquistada por árabes (séc. VII) e turcos (séc. XVI) e pertenceu ao Imp. Otomano até 1916, ano em que o acordo Sykes-Picot a dividiu entre a França e a Grã-Bretanha; a Transjordânia ficou sob influência britânica. **1921:** Abdulá, reconhecido rei da Transjordânia, funda a dinastia Hachemita. **1928:** a Grã-Bretanha reconhece a independência, mas controla o reino militar e financeiramente. **1946:** proclamação do Reino da Transjordânia. **1948/49:** fim do mandato britânico; luta com Israel; anexação da margem oeste do rio Jordão (Cisjordânia) e de parte de Jerusalém; adoção do nome atual. **1950:** anexação da Palestina árabe. **1951/52:** Abdulá, assassinado em Jerusalém, é sucedido pelo filho, Talal, afastado por problemas mentais; seu filho, Hussein, é o regente e, depois, seu sucessor. **1958:** federação com o Iraque, por cinco meses. **1967:** pacto de defesa mútua com o Egito; Guerra dos Seis Dias: perda de Jerusalém e da Cisjordânia. **1968/69:** ataques de Israel a bases da guerrilha palestina na costa leste. **1970:** seqüestro, por palestinos, de quatro aviões ocidentais levados para Amã: pretexto para o massacre de militantes da OLP (Setembro Negro); expulsão dos sobreviventes para o Líbano. **1971:** ofensiva final do Exército (jul.) contra as bases da guerrilha; ruptura com a Síria; assassinato, no Cairo, do 1º-min. Wasfi at-Tal. **1973:** Guerra do Yom Kippur: participa na frente do Golan. **1974:** nova Constituição fortalece o poder real. **1979:** encontro Hussein/Arafat para coordenar a oposição ao tratado de paz egípcio-israelense. **1980:** o palestino Hassan al-Rimáui substitui o 1º-min. Abdel Hamid Sharaf, que morreu; apoio ao Iraque na guerra contra o Irã. **1982:** Hussein negocia com Arafat o plano Reagan de paz, de criação de um Estado palestino confederado à Jordânia. **1983:** o apoio a Arafat provoca, na Europa, atentados da ala pró-Síria da OLP a alvos jordanianos. **1984:** primeira reunião, desde 1967, da Assembléia Nacional com a presença dos deputados cisjordanianos; nomeação de um gabinete com maior representatividade palestina; ruptura com a Líbia, contrária ao plano Reagan; por pressão israelense, os EUA cortam a venda de armas a Amã. **1985:** Hussein aproxima-se de Israel e da Síria; ruptura com Arafat. **1986:** fechamento dos escritórios da OLP e expulsão de Khalil al-Wazir, o Abu Jidá (7/7); medidas de pressão para forçar, nos países vizinhos, diminuição do apoio à OLP. **1988:** renúncia à soberania sobre a Cisjordânia, para facilitar a instalação, naquele território, de um Estado palestino (31/7). **1989:** nos EUA, Hussein reafirma o direito da OLP a ser a interlocutora nas negociações sobre a questão palestina. (9/4); protestos contra a política econômica do 1º-min. Zeid-al-Rifai (19/4), substituído pelo mal. Sherif Zeid ben Shaker (27/4); primeira eleição parlamentar desde 1967 (8/11); revogação da Lei Marcial, em vigor há 22 anos (19/12). **1990:** designado o 1º-min. Mudar Badran (jan.); George Habache, da FPLP, é autorizado a retornar ao país (set.); os fundamentalistas islâmicos conquistam 31 das 142 cadeiras da Assembléia e promovem manifestações de apoio ao Iraque na crise do golfo. **1991:** inclusão, no gabinete, de cinco fundamentalistas (1º/1); a Carta Nacional (9/6) legaliza os partidos, dá liberdade de imprensa, associação e reunião e promete reduzir os abusos dos serviços de segurança; Badran é substituído pelo palestino Taher Masri, que demite os fundamentalistas (jun.); quatro ministros discordam das negociações com Israel e renunciam (out.); renúncia de Masri após moção de desconfiança de 51 deputados contra seu apoio à conferência árabe-israelense (21/11); é substituído por ben Shaker, que nomeia o fundamentalista independente Atef Btush para o Ministério dos Assuntos Parlamentares; a Irmandade Muçulmana o apóia quando a aprovação do orçamento provoca moção de desconfiança no Parlamento (dez.). **1992:** multipartidarismo (jul.) para neutralizar a influência da Irmandade; por pressão ame-

ricana, o país adota algumas sanções comerciais contra o Iraque (jul.); Hussein, operado de câncer no ureter (ago.), designa seu herdeiro o irmão, Hassan ibn Talal.

FATOS DO ANO

Embora seja pequeno o poder da Câmara eleita em 8/11/1993 – ela pode ser dissolvida a qualquer momento pelo rei Hussein II, que também nomeia o Senado e tem poder de veto sobre qualquer uma de suas decisões – as primeiras eleições multipartidárias jordanianas desde 1956 são vistas pelos observadores como sem paralelo no Oriente Médio. Não tem as cartas marcadas dos pleitos no Egito e Síria, por exemplo, e os candidatos fundamentalistas são tratados de forma muito menos repressiva do que no Egito ou na Argélia. A Frente de Ação Islâmica (FAI), braço político da Irmandade Muçulmana, que dispunha do bloco mais numeroso dentro da Câmara, fica com apenas dezesseis das oitenta cadeiras, a que se somam cinco outras, de seus aliados mais à esquerda. A vitória moderada dificulta, assim, as tentativas da FAI, radicalmente oposta ao acordo Israel/OLP, de bloquear as iniciativas de paz do monarca. Uma surpresa, nessas eleições, é a vitória de Tuyan Faiçal, jornalista e apresentadora de um programa de TV, que se torna a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Câmara, com uma plataforma baseada na defesa dos direitos da mulher.

O risco fundamentalista – Mas a ameaça da FAI, que continua sendo o maior partido dentro da Câmara, ainda não está de todo afastada. Autorizada a funcionar, em 1965, como organização filantrópica, antes de se converter formalmente em partido, ela ganhou enorme prestígio junto à população atuando na área assistencial: possui um hospital em Amã e vinte outros espalhados pelo país, mais de quarenta escolas e 150 centros de estudos islâmicos – o que lhe deu grande suporte financeiro e eleitoral, permitindo-lhe eleger, em 1989, 34 dos 80 deputados. Como nenhum dos demais partidos legalizados – comunistas, socialistas ligados ao Baath da Síria e Iraque, pan-árabistas, liberais ou representantes de grupos tribais – conseguiu organizar-se tanto quanto a FAI, Hussein adiou, até depois das eleições, seu plano de negociar um acordo de paz com Israel, que poderia ser rejeitado por um Legislativo controlado pelos fundamentalistas.

Essa cautela se explica, também, devido às repercussões internas ao estado de saúde do monarca, que, em ago. de 1992, tinha ido aos EUA, submeter-se a uma cirurgia para extirpar um rim cancerígeno. Paralelamente aos rumores de que se estaria preparando o irmão do rei, Hassan, o porta-voz da Casa Real, para sucedê-lo, intensificou-se a propaganda da FAI, favorável à substituição da monarquia por um regime semiteocrático de estilo iraniano. Mas se Hussein tenta conviver com a Irmandade Muçulmana, também deixa muito claros seus limites de atuação: em 10/11/1992, a Corte Militar sentencia a vinte anos de trabalhos forçados dois deputados acusados de possuírem armas e de pertencerem à clandestina Mobilização Jovem Islâmica, favorável à deposição da monarquia (dois comerciantes igualmente envolvidos recebem penas de dez anos de trabalhos forçados). Um desses deputados, Leith Shbeilat, extremamente popular, denunciara pouco antes, a uma comissão parlamentar de inquérito, casos de corrupção no governo do ex-1º-min. Taher Masri. Uma semana depois, porém, os quatro são postos em liberdade, tendo sido beneficiados pela anistia concedida por Hussein a 140 presos políticos e de direito comum. Em jul. de 1993, é proibido o uso das mesquitas para fins políticos. E , em ago., são presos dez militantes do clandestino Partido Islâmico Tahrir, acusados de conspirar para assassinar o rei.

O alvo da reforma eleitoral de 18/8 – em que a votação em listas por distrito é substituída pelo sistema "um homem, um voto" – também é a Irmandade que, mais organizada, teria condições de apresentar listas completas de candidatos em cada distrito. Hussein toma a precaução de mudar a lei depois de o Parlamento ter sido dissolvido (4/8), o que impede os fundamentalistas de contestá-la ou bloqueá-la. Já em mai., pensando nas eleições, o rei fizera um remanejamento ministerial, desincompatibilizando de seus cargos políticos fiéis a ele, para que pudessem candidatar-se: assim, o 1º-min. Sherif Zeid ben Shaker é substituído por Abdul Salam Madjali, chefe da delegação jordaniana nas conversações de paz árabe-israelenses (o que demonstra a importância conferida pelo rei a esse tema); e os min. Basil Jardaneh, das Finanças, Jaudat as-Sbul, do Interior, e Mahmud ash-Sharif, da Informação, são substituídos por Sami Gammo, Salameh Hammad e Abu Nauar.

Mesmo tomando todos esses cuidados para que a Irmandade não assuma, oficialmente, um peso político indesejável, o equilíbrio instável das relações do trono com os fundamentalistas faz com que, em jun. de 1993, Hussein desminta a afirmação do chanceler israelense Shimon Peres de que está muito próximo um acordo de paz entre seu país e a Jordânia: para todos os efeitos, ele negocia apenas um acordo amplo para todo o Oriente Médio. Depois da assinatura do acordo Israel/OLP, porém, o min. Nauar admite que seu governo está disposto a firmar um "acordo de princípios" com o de Jerusalém; e, em 9/11, é Yasser Arafat quem, na sede da CEE em Bruxelas, garante estar a caminho uma paz em separado Jordânia/Israel.

Superando traumas – Uma preocupação de Hussein é aplainar, com o pres. Bill Clinton – a quem visita em jun. de 1993 –, o mal-estar deixado pelo apoio jordaniano ao Iraque na Guerra do Golfo. Além de perder US$ 570 milhões com a interrupção do trânsito no porto de Ácaba, ponto de escoamento das exportações iraquianas, e de arcar com o asilo de 40 mil refugiados curdos e da minoria cristã iraquiana, a Jordânia perde, em jun. de 1993, um financiamento de US$ 76 milhões: dois antes da chegada de Hussein a Washington, tinha sido divulgado relatório sobre a ajuda a Bagdá durante a guerra. Outro problema é o retorno de 300 mil jordanianos de origem palestina, repatriados pelo Kuweit, também por terem apoiado a invasão iraquiana. Em todo caso, esse contingente que retorna traz consigo grande quantidade de dinheiro; e revitalizou a da construção civil em Amã, onde, em pouco tempo, há 20 mil prédios prontos ou em construção.

Em out. de 1992, Hussein vai ao Cairo para normalizar as relações com o pres. Hosni Mubarak, que participou da guerra enviando 30 mil soldados. Reaproximar-se da Arábia Saudita é mais difícil: o rei Fahd e o emir Jaber al-Sabah, do Kuweit, exigem uma declaração pública admitindo que errou ao apoiar Saddam Hussein. No discurso de 5/11/1992, visando a neutralizar o efeito da condenação, pelo Parlamento de Amã, da zona de exclusão aérea aliada no país vizinho, Hussein afirma "nunca ter querido associar-se a um grupo no poder (Saddam) que entra para a História por ter destruído o Iraque". Mas em jan. de 1993, embora não mencione o nome de Saddam, critica os ataques aéreos do Ocidente a Bagdá. A posição do rei é muito delicada: ao mesmo tempo que precisa de boas relações com os EUA e a Arábia Saudita, tem de evitar que o radicalismo islâmico crie, internamente, uma situação como a da Argélia, onde o governo teve de recorrer ao "autogolpe" para recuperar o controle.

Kiribati

● **NOME OFICIAL:** República de Kiribati. **Capital:** Bairiki. **Nacionalidade:** kiribatiana. **Hino:** *Levante-se, Kiribati* (1º verso). **Língua:** i-kiribati (oficial); inglês. **Religião:** cristianismo (católicos, 53,5%; protestantes, 39,1%); islamismo, 2,4% (bahaístas). **Data nacional:** 12/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-norte da Oceania. **Área:** 810,5 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** 33 atóis e ilhas de coral; superfície coberta de coqueiros, inclui os arquipélagos Gilbert, Fênix e da Linha. **Clima:** equatorial. **Rios principais:** não há. **Cidade principal:** Taraua (região metropolitana - 25.154 hab.) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +15h.

● **POPULAÇÃO:** 74.700 (est.1992); **urbana:** 34,8% (1990). **Composição demográfica:** kiribatianos, 97,4%; mestiços, 1,5%; tuvaluanos, 0,5%; europeus, 0,2%; outros, 0,4% (1990). **Crescimento demográfico:** 2,1% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 40,3%; **15-59:** 54%; **mais de 60:** 5,7% (1990). **Densidade (hab./km²):** 102,9 (1992). **Natalidade:** 33 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 12 por 1.000; **mortalidade infantil:** 63 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,2 (1991). **Vida média homens:** 52; **mulheres:** 58 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 232 hab.; **médicos:** 1 por 4,1 mil hab. (1986).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 10% (1985). **Alunos de 1º e 2º graus:** 17,2 mil; **professores:** 743 (1989).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 12/7/1979. **Divisão administrativa:** não há. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Teatao Teannaki (eleito em 31/7/1991). **Legislativo:** unicameral – Assembléia, com 39 membros (1 nomeado pela Comunidade de Banaban e o procurador-geral) eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

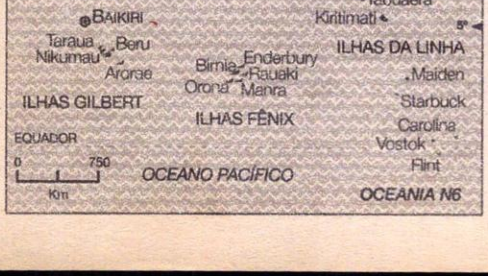
● **ECONOMIA:** agricultura, 24,5%; indústria, 7,5%; comércio, 13,5%; serviços, 54,5% do PIB (1989). **Agricultura:** coco, copra, banana, fruta-pão, papaia. **Pecuária:** aves, suínos. **Pesca:** 30 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia (coco, principal); artesanato, móveis, couro e vestuário. **Mineral:** sal. **Exportações:** US$ 2,9 milhões; **produtos:** copra, peixes e algas marinhas (1990). **Importações:** US$ 26,9 milhões; **produtos:** alimentos, máquinas industriais e equipamentos de transporte, combustíveis minerais, manufaturas básicas (1990). **Parceiros comerciais:** Austrália, Japão, Fiji. **Moeda:** dólar australiano; **cotação para 1 US$:** 1,45 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 53 milhões; **renda per capita:** US$ 750 (1991); **crescimento anual:** 2,4% (1980–1990). **Inflação:** 4,7% (1990). **Dívida externa:** US$ 12 milhões (1988). **Força de trabalho:** 32,6 mil; **distribuição:** agricultura, 71%; indústria, 3,8%; comércio, 4,1%; serviços, 17,7%; outros, 3,4%; **mão-de-obra feminina:** 46,4% (1990). **Desemprego:** 2,8% (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 640 km; 5% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 437; **automóveis:** 307 (1985). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Baikiri e Taraua (ilhas Gilbert), Kirimati (ilhas Christmas), Tabuaeran (ilhas Fanning), Teraina (ilhas Washington). **Linha aérea:** Air Tungaru (vôos domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 7,3 hab. (1991). **Emissoras de TV:** não há. **Linhas telefônicas:** 1 por 53 hab. (1988). **Jornais diários:** não há.

HISTÓRIA

As ilhas Gilbert, descobertas pelo espanhol Fernando de Grijalba (1537), que as chamou de Ilhas da Boa Viagem, tornaram-se protetorado (1872) e colônia britânica (1915 – 1937), com a inclusão das ilhas Fênix. **1915:** Gilbert e as ilhas Ellice, anexadas à Grã-Bretanha, são administradas pelas Ilhas Salomão. **1941 – 1944:** ocupação japonesa, massacre da população do arquipélago; Tarawa é devastada pelos combates. **1945 - 1948:** as ilhas Christmas são usadas por ingleses e americanos para experiências nucleares **1972:** governo próprio. **1975:** desmembrada a administração das duas ilhas. **1979:** independência das Gilbert com o nome atual; Tratado de Amizade com os EUA inclui renúncia à reivindicação sobre as ilhas Line e Fênix; nova Constituição prevê comissão para decidir o status da comunidade banaba, da ilha de Rabi. **1982:** reeleição do pres. Ieremia Tabai; dissolução do *Maneaba ni Maungatabu* (o Parlamento) devido a divergências sobre o salário mínimo. **1983:** vitória de Tabai nas eleições antecipadas. **1985:** conflito sobre direitos de pesca com uma estatal soviética: cisão no governo e formação do oposicionista Partido Democrata-Cristão, de Harry Tong. **1986 – 1988:** fim do acordo com a URSS, renovado com os EUA e a Coréia do Sul; reeleição de Tabai (mai.). **1990:** Tabai elege seu vice, Teatao Teannaki (3/7), que põe em prática programa de exploração das riquezas naturais (9/12); condenação do min. da Energia, pela compra de votos durante a campanha eleitoral (dez.); novos projetos pesqueiros com financiamento japonês.



FATOS DO ANO

Em jan. de 1992, a oposição independente ao governo no *Maneaba ni Maungatabu* (o Parlamento) pressiona o pres. Teatao Teannaki a pedir ao Japão uma compensação pelos prejuízos causados ao país durante a II Guerra Mundial. Essa moção, inspirada no sucesso de pedido semelhante apresentado pelas Ilhas Marshall, não é aceita pelo governo, ao qual não interessa criar uma zona de atrito com Tóquio. Além de, no início de 1991, o Japão ter finalmente concordado em proibir a prática predatória da pesca com redes de arrastão nas águas do Kiribati, empregou, durante esse mesmo ano, mais de cem pescadores nativos para trabalhar em suas embarcações. A manutenção das boas relações nessa área é importante, pois a atividade pesqueira está em acentuado declínio desde 1990, a ponto de, no início de 1991, o governo ter anunciado que seria obrigado a fechar a companhia pesqueira estatal. Esse setor tem sido praticamente mantido apenas com a renda que recebe do Tratado sobre a Pesca Regional firmado com os EUA: US$ 5,7 milhões em 1992 – 57% do total pago aos países do Pacífico Sul. Em out. de 1992, medidas rigorosas foram adotadas pelo *Maneaba*, para coibir a pesca ilegal, que aumentara muito durante esse ano.

Novos projetos – No início de 1993, respondendo à forma como o governo aplicou o plano qüinqüenal 1988–1992, o Banco do Desenvolvimento Asiático lhe concede a ajuda de US$ 300 mil para o levantamento do potencial agrícola, pesqueiro e turístico das Ilhas Line, no norte do país onde, em seguida, deverão ser instalados trabalhos de instalação de infra-estrutura. Prevê-se para 1995 o término do projeto, já em andamento, de união do norte ao sul do atol de Taraua através de pontes e estradas feitas em terrenos alagadiços aterrados.

Kuweit

● **NOME OFICIAL:** Estado do Kuweit. **Capital:** Cidade do Kuweit. **Nacionalidade:** kuweitiana. **Hino:** Nacional (sem letra). **Língua:** árabe (oficial); inglês. **Religião:** islamismo, 90% (sunitas, 63%; xiitas, 27%); cristianismo, 8%; hinduísmo, 2%. **Data nacional:** 25/2 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** O da Ásia. **Área:** 17.818 km². **Limites:** Iraque (N e O); golfo Pérsico (L); Arábia Saudita (S). **Características:** litoral baixo, cortado com ilhas; região plana e desértica; oásis de al-Jahrah (L). **Clima:** árido subtropical. **Rios principais:** não há. **Cidades principais:** as-Salimiyah (153.200 hab.); Haualli (145.215); al-Jahrah (111.165); al-Faruaniyah (68.665); Cidade do Kuweit (44.224) (1985). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 1.190.000 (est.1992); **urbana:** 95,6% (1990). **Composição demográfica:** kuweitianos, 51,6%; árabes, 45,3%; asiáticos, 3,1% (1991). **Crescimento de-**

mográfico: 2,3% (1989). **Faixas etárias:** 0-14: 35,5%; 15-59: 62,1%; mais de 60: 2,4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 66,8 (1992). **Natalidade:** 25,9 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 2,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 14 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,9 (1989). **Vida média homens:** 72; **mulheres:** 76 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 336 hab.; **médicos:** 1 por 695 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 6,5% do orçamento (1990/91).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 26,9% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 460,1 mil (1991/92); **no ensino profissionalizante:** 2,9 mil (1988/89); **professores:** 31,9 mil (1991/92); **no ensino profissionalizante:** 617 (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 18 mil; **professores:** 1,2 mil (1991/92). **Gastos:** 1,9% do orçamento (1990/91).

• **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 16/11/1962. **Divisão administrativa:** 5 governadorias. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado:** emir xeque Jaber al-Ahmed al-Sabah (desde 31/12/1977). **Chefe de governo:** 1º-min. princ. Saad al-Abdala al-Salim al-Sabah. **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 50 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 0,7%; indústria, 16,1%; mineração, 40,9%; comércio, 8,2%; serviços, 34,1% do PIB (1989). **Agricultura:** melão, tomate, tâmara, cebola. **Pecuária:** aves, ovinos, bovinos. **Pesca:** 4,5 mil t (1990). **Indústria:** petrolífera, manufaturas de minerais não metálicos e alimentícia. **Minerais:** petróleo e gás natural. **Exportações:** US$ 10,8 bilhões; **produtos:** petróleo e derivados (1989). **Importações:** US$ 6,3 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas (ferro, aço, têxteis, principais); alimentos e animais vivos (1989). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Alemanha, Grã-Bretanha, Itália, Holanda, Formosa, Paquistão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dinar kuweitiano (dividido em 10 dirharms ou 1.000 fils); **cotação para 1 US$:** 0,30 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 33,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 16.160 (1989); **crescimento anual:** 2,2% (1980–1989). **Inflação:** 3,3% (1989). **Dívida externa:** US$ 610 milhões (1989). **Força de trabalho:** 722,5 mil (1990); **distribuição:** agricultura, 1,3%; indústria, 24,5%; comércio, 11,4%; serviços, 61,5%; outros, 1,3%; **mão-de-obra feminina:** 18,8% (1988). **Desemprego:** 1,9% (1988).

• **DEFESA: Efetivo total:** 11,7 mil (1992); **Exército:** 8 mil; **Marinha:** 1,2 mil; **Força Aérea:** 2,5 mil; **outros:** 5 mil paramilitares. **Gastos:** 6,2% do PNB (1989).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 4,3 mil km pavimentados (1990); **nº de veículos:** 610,1 mil; **automóveis:** 449,4 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Shuwaikh, Shuaiba, Doha; Mina al-Amadi (petróleo). **Linha aérea:** KAC (vôos internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 1,9 hab. (1989). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 2,6 hab. (1989). **Linhas telefônicas:** 1 por 6,9 hab. (1988). **Jornais diários:** 9; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 550 (1992).

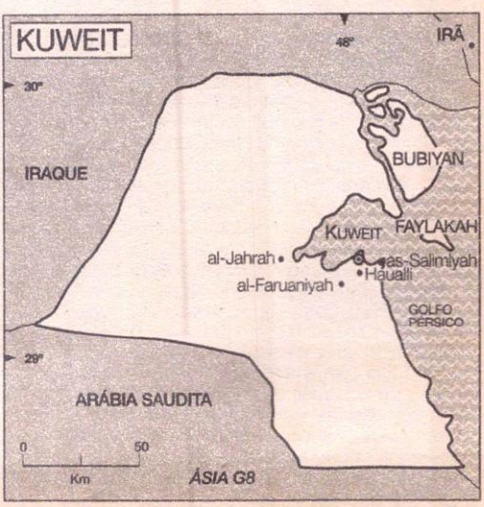
• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 5, chácara 30, CEP 70467-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-6133.

HISTÓRIA

Há, no sítio arqueológico de Failaká, sinais de povos primitivos que viveram em 2500 a.C. Povoado por tribos árabes no séc. XVIII. A atual dinastia, criada por Sabah Abdul Rahim (1756), pediu proteção britânica (1897) diante da ameaça turca, derrotada por Mubarak, o Grande, em 1896. **1899:** compromisso de não ceder ou alienar terras sem a aprovação britânica. **1914 – 1922:** separa-se da Turquia; proteção britânica contra a invasão saudita; criação de zona neutra com soberania comum saudita-kuweitiana; derrota dos guerreiros wahabitas da tribo Ikhuan. **1934:** concessão petrolífera à Kuweit Oil Company, que extrai petróleo em 1936. **1961:** a Grã-Bretanha reconhece sua independência e protege-o da reivindicação iraquiana de seu território. **1973:** choques de fronteira com o Iraque; adere ao embargo da OPEP contra o Ocidente. **1976:** o emir Sabah al-Salim al-Sabah dissolve o Parlamento, suspende parcialmente a Constituição e governa por decreto. **1978:** Sabah morre; seu herdeiro é Jaber al-Ahmed al-Sabah. **1979:** ruptura com o Egito devido ao acordo de paz com Israel. **1980:** restauração do Parlamento; compra de 10% das ações da Volkswagen do Brasil. **1983:** atentados múltiplos xiitas. **1984 – 1986:** condenação à morte de três extremistas; novos atentados fundamentalistas. **1985:** atentado fracassado contra Jaber. **1990:** a Assembléia Nacional torna-se um Conselho Provisório, sem caráter decisório (10/6); invasão iraquiana (2/8); Jaber refugia-se em Taif, na Arábia Saudita; anexação pelo Iraque. **1991:** Guerra do Golfo (16/1 a 27/2); retorno do 1º-min. Saad al-Abdala al-Sabah (4/3); início da reconstrução; retorno de Jaber (14/3); a Anistia Internacional denuncia maus-tratos a imigrantes palestinos, iraquianos e jordanianos; remanejamento do gabinete (20/3); a oposição pede a renúncia de Saad (24/3); autorizado o retorno dos trabalhadores exilados (8/4); comutação de 29 penas capitais para criminosos de guerra (26/6); acordo com o Iraque para a devolução dos bens confiscados durante a guerra (29/7); a família real é recriminada pelos oposicionistas por ter fugido durante a invasão iraquiana; a Middle East Watch denuncia a expulsão de 1.500 imigrantes (out.); pagamento, aos aliados, de US$ 22 bilhões, pelo custo da operação militar de libertação do país (dez.). **1992:** fim da censura à imprensa (jan.), mas não ao rádio e à TV; a produção de petróleo é de 600 mil barris/dia (fev.), contra 1,5 milhão de antes da guerra; aprovado programa de privatizações, para combater o déficit de US$ 3 bilhões no orçamento federal (mai.); vitória de 31 oposicionistas independentes, 19 fundamentalistas e 12 liberais, nas legislativas (5/10); na véspera, as mulheres tinham-se manifestado pedindo que lhes fosse concedido o direito de voto.

FATOS DO ANO

Os bens e os recursos de todos os cidadãos ligados ao escândalo financeiro que envolve investimentos do emirado no grupo empresarial espanhol Torras são congelados em 5/1/1993. O Escritório de Investimentos do Kuweit (EIK), com sede em Londres, cuja função é investir no exterior – principalmente no Japão, EUA e Europa – os lucros obtidos com a exportação de petróleo, é acusado de ter perdido, desde 1986, US$ 5 bilhões (e um bilhão teria sido desviado através do grupo Torras). Entre os principais suspeitos, todos eles altos funcionários do EIK, incluem-se dois membros da casa real. Uma das conseqüências desse escândalo foi a sangria que o governo teve de fazer no Fundo de Reserva para as Gerações



Futuras, que, antes da guerra, dispunha de US$ 65 bilhões e, com as despesas de reconstrução após o conflito, já tinha caído quase pela metade.

Autorização para atirar – Ao mesmo tempo, o início de 1993 é marcado pela retomada da tensão com o Iraque, ao aproximar-se a data limite de 15/1 estipulada pela ONU para a entrada em vigor da nova demarcação de fronteiras entre os dois países. Em 7/1, é decretado o estado de emergência para a Força Aérea e, no dia 9, as Forças Armadas são autorizadas a atirar em qualquer pessoa que tente cruzar a fronteira – medida adotada, principalmente, em vista das freqüentes incursões de tropas iraquianas, que vêm buscar, dentro do território do Kuweit, armas e outros tipos de equipamentos abandonados durante a retirada, no fim da Guerra do Golfo (por esse motivo, desde 29/12/1992 bases iraquianas estavam sendo bombardeadas pelos aliados).

Durante jan. de 1993, os EUA mandam mais de mil soldados ao Kuweit para dar apoio às operações de proteção dos postos fronteiriços e instalam mísseis no território do país. No início de fev., o Conselho de Segurança da ONU aprova o envio de uma força multinacional, inicialmente composta por 750 homens, para controlar a área entre os dois países. Nesse mesmo mês, porém, a proibição à imprensa de divulgar, sem prévio consentimento das autoridades, informações sobre fraudes na administração de investimentos no exterior choca-se com o processo de democratização, iniciado com as eleições de out. de 1992 para a Assembléia Nacional. Para impedir que esses abusos se repitam, o governo decide, nessa mesma época, que todas as estatais e corporações de investimentos serão obrigadas, daí em diante, a submeter seus balanços a um auditor e a um comitê de parlamentares. São adotadas penas muito severas para o mau uso de fundos públicos. E são tomadas medidas para amenizar o aumento nas despesas públicas acarretado, desde 1982, pela quebra da Bolsa de Valores não-oficial de Sukh-el-Manakh, devido a incompetência e desonestidade. Em 12/5, é firmado, com quatro empresas multinacionais, contrato de construção, ao longo da fronteira com o Iraque, de um muro de proteção de 130 km de extensão por 4 m de altura, equipado com 1,3 milhão de minas eletronicamente controladas. Intensifica-se também a punição dos colaboracionistas: em 5/6, o cel. Ali Hussein al-Khafadjii, que apoiou a invasão iraquiana e, em ago. de 1990, aceitou o cargo de chefe do Governo Livre Provisório do Kuweit instalado por Saddam Hussein, é condenado à morte. No dia seguinte, é a vez de cinco cidadãos que colaboraram com os soldados invasores e, em 12/6, a de dez jordanianos, membros da Frente Árabe de Libertação, filiada à OLP, acusados de terem trabalhado para o Exército iraquiano.

Desvio de fundos – Dentro desse contexto que mistura corrupção em grande escala a represálias contra quem não se opôs à ocupação do país, causa grande repercussão internacional a denúncia, feita pelo *Financial Times* em 7/7, de que US$ 300 milhões teriam sido desviados pelo EIK para comprar, no Conselho de Segurança da ONU, o apoio de vários diplomatas à ação militar que expulsaria as tropas iraquianas do território kuweitiano. Embora a acusação seja formalmente desmentida pelas autoridades do Kuweit, essa revelação tem um efeito interno bastante desgastante. Para tornar a economia menos dependente do petróleo (que, no final de 1992, tinha voltado ao nível normal de 1,67 milhão de barris/dia), o emirado vem estimulando todas as iniciativas em outros setores produtivos. Nesse sentido, tem insistido em que 30% do valor de qualquer contrato firmado com empresas estrangeiras, para o fornecimento de armamentos, seja investido dentro do país pelas companhias fornecedoras. Caso esse esquema funcione, o Kuweit deverá receber muitos investimentos pois estima-se que, em função de suas necessidades de defesa, ele gaste, até o fim da década de 90, mais de US$ 10 bilhões em armas.

Laos

• **NOME OFICIAL:** República Popular Democrática do Laos. **Capital:** Vientiane. **Nacionalidade:** laociana. **Hino:** Hino do Povo Lao (título). **Língua:** lao (oficial); francês; numerosos dialetos tribais (meo, principal). **Religião:** budismo, 57,8%; animismo, 33,6%; cristianismo, 1,8%. **Data nacional:** 2/12 (Pátria).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Ásia. **Área:** 236.800 km². **Limites:** China (N); Mianmá (NO); Vietnã (L); Camboja (S); Tailândia (O). **Características:** relevo montanhoso; planaltos e vales estreitos (N); planície ao longo do rio Mekong (O); cadeia montanhosa Anamita (L). **Ponto mais elevado:** monte Fu Bia (2.817 m). **Clima:** tropical com chuvas de monção e de monções. **Rio principal:** Mecong. **Cidades principais:** Vientiane (178.200 hab.); Savannakhet (96.700); Luangfrabang (68.400); Pakxe (47.300) (1985). **Hora local** (em relação a Brasília): +10h.

• **POPULAÇÃO:** 4.409.000 (est.1992); **urbana:** 19% (1990). **Composição demográfica:** lao-lu, 67%; vietnamitas, 16,5%; tailandeses, 7,8%; Lao-Sung (Miaos e Yaos), 5,2%; outros, 3,5% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,2% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 43,7%; **15-59:** 51,4%; **mais de 60:** 4,9% (1990). **Densidade (hab./km²):** 18,6 (1992). **Natalidade:** 37 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 15 por 1.000; **mortalidade infantil:** 124 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5 (1991). **Vida média homens:** 48,3; **mulheres:** 51,3 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 369 hab.; **médicos:** 1 por 6,5 mil hab. (1985).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 50% (1989). **Alunos de 1º e 2º graus:** 695,8 mil (1988/89); **professores:** 29,2 mil (1988/89); **Alunos no ensino superior:** 5,3 mil; **professores:** 503 (1988/89).

• **GOVERNO:** República parlamentarista de modelo socialista. **Data da Constituição em vigor:** 14/8/1991. **Divisão administrativa:** 16 províncias subdivididas em municipalidades. **Regime partidário:** unipartidarismo; **partido:** Revolucionário do Povo Laociano. **Chefe de Estado:** pres. Nuhak Fumsavanh (desde nov./1992). **Chefe de governo:** 1º-min. gen. Khamtay Sifandon (desde 15/8/1991). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 79 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 57,4%; indústria, 15,6%; mineração, 0,3%; comércio, 10,3%; serviços, 16,4% do PIB (1989). **Agricultura:** arroz, milho, mandioca, batata, batata-doce, café. **Pecuária:** suínos, búfalos, bovinos, aves. **Pesca:** 20 mil t por ano. **Indústria:** processamento de produtos agrícolas, serraria, têxtil, artesanato, bens de consumo. **Minerais:** estanho, gipsita, chumbo, zinco, carvão, níquel, potássio, ferro, ouro, pedras preciosas. **Exportações:** US$ 57 milhões; **produtos:** toras e artefatos de madeira, energia elétrica, têxteis, café, estanho, gesso (1989). **Importações:** US$ 219 milhões; **produtos:** alimentos, combustíveis minerais, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1989). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI, Tailândia, Japão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** kip novo (dividido em 100 at); **cotação para 1 US$:** 717,00 (30/11/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 965 milhões; **renda per capita:** US$ 230 (1991); **crescimento anual:** 3,7% (1980–1990). **Inflação:** 10% (1992). **Dívida externa:** US$ 1,1 bilhão (1991). **Força de trabalho:** 2 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 72%; indústria, comércio e serviços, 28% (1989); **mão-de-obra feminina:** 45,3% (1985). **Desemprego:** 17% (1987).

• **DEFESA: Efetivo total:** 37 mil (1992); **Exército:** 33 mil; **Marinha:** 500; **Força Aérea:** 3,5 mil. **Gastos:** 9,9% do orçamento (1989).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 14 mil km; 21% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 20,5 mil; **automóveis:** 17 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Vientiane, Tha Deva Pakkon (ao longo do rio Mecong). **Linha aérea:** Lao Aviation (vôos domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 10 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 134 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 450 hab. (1985). **Jornais diários:** 3; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 7,7 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 820 Second Avenue, suite 400, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 986-0277.

HISTÓRIA

Os lao, vindos da China (séc. XIII), estabelecem-se no sul, em território khmer. Combatendo os feudos da região, os reis de Luang Prabang unificam o território atual e o nordeste da Tailândia no Reino de Xang (a Terra dos Mil Elefantes), que, em 1707, divide-se em dois Estados, mais tarde dominados pelos tailandeses. Os franceses, em 1893, estabelecem o protetorado. **1945:** invasão japonesa do setor laociano da Indochina francesa. **1946:** retomada francesa reassume o controle. **1949:** independência dentro da União Francesa. **1950:** o princ. Sufanuvong funda o Pathet Lao, nacionalista e comunista. **1953:** o gov. do princ. Suvana Fuma, neutralista, combate o Pathet Lao e o Vietminh. **1954:** fim da Guerra da Indochina; independência; a Conferência de Genebra autoriza o Pathet Lao a ocupar duas províncias ao norte. **1960:** conflitos entre os neutralistas, apoiados por Moscou, os direitistas pró-americanos e o Pathet Lao; o direitista gen. Fumi Nosavan expulsa os neutralistas de Vientiane; Suvana foge para o Camboja. **1962:** os EUA brecam o avanço do Pathet Lao para Vientiane; acordo de neutralidade entre as três facções; Suvana reassume. **1963:** combates entre neutralistas e esquerdistas; o Pathet Lao retira-se do governo. **1965:** Fumi é banido e Suvana confirmado. **1969:** os EUA bombardeiam a Trilha Ho Chi Minh e outras rotas de infiltração comunista no Laos. **1971:** tropas sul-vietnamitas, apoiadas pelos EUA, atacam redutos comunistas. **1973:** cessar-fogo governo-Pathet Lao: fim da guerra. **1974:** gov. de coalizão Pathet Lao/Suvana. **1975:** proclamação da República; Kaysone Fomvihan, do Pathet Lao, é o presidente. **1976:** reabertura da fronteira com a Tailândia (jan.); fim dos conflitos no rio Mecong (ago.). **1977:** Tratado de Amizade com o Vietnã. **1979/80:** novo incidente no Mecong: fechamento, por um ano, da fronteira com a Tailândia. **1982:** reeleição de Kaisone Fomvihan sec.-geral do PRPL. **1984:** ameaça de guerra com a Tailândia pela posse de áreas fronteiriças. **1985:** campanha contra a corrupção e os funcionários da ex-Monarquia. **1989:** eleição da Assembléia Suprema do Povo, legislativa e constituinte (26/3). **1990:** subvenção japonesa para projetos hidrelétricos e agrícolas em Vientiane (ago.); prisão dos ex-vice-mins. Thongsouk Saisangkhi e Latsami Khamfui e de um ex-funcionário do Ministério da Justiça, acusados de subversão (out.); cooperação com a Tailândia para o desenvolvimento de projetos na bacia do Mecong (nov.). **1991:** problemas com a seca; retirada mútua de tropas das áreas de fronteira em litígio com a Tailândia (mar.); plano de repatriamento, até 1994, dos 62 mil laocianos refugiados em território tailandês (jul.); nova Constituição (ago.) dá direito à propriedade privada e autoriza a entrada de capital estrangeiro; Tratado de Cooperação e Segurança com a Tailândia (ago.); começa o retorno de 3,5 mil laocianos refugiados na China (out.); a representação diplomática americana torna-se embaixada (dez.). **1992:** morre Kaysone (21/11); o 1º-min. gen. Khamtay Sifandon assume interinamente a pres. da República e do PRPL.

FATOS DO ANO

Ao se reunir, em 22/2/1993, a Assembléia Suprema do Povo confirma em seus cargos os sucessores interinos do líder Kaysone Fomvihan, morto em 21/11/1992: na presidência da República, o ex-min. das Finanças, Nuhak Fumsavanh, e na presidência do PRPL, o ex-min. da Defesa, gen. Khamtay Sifandon. A reunião da ASP é convocada após as legislativas, no fim de dez. de 1992, a que só puderam concorrer candidatos do PRPL ou independentes aprovados por ele. É feita também uma renovação geral no ministério: veteranos como o chanceler Fun Sipraseuth ou o min. da Economia Khamfui Keobulafa são passados para o cargo de vice-1º-ministros e substituídos, em suas pastas, por Somsavath Legsavath e Khamtchay Sufanuvong, de uma geração mais jovem. O mesmo acontece em cinco outros ministérios. Ao gen. Saman Vignaket, afastado da Educação e Esportes, dá-se o cargo honorífico de pres. da ASP.

"Estilo chinês" – O novo governo continua as reformas iniciadas pelo predecessor: medidas capitalistas na economia e rédea curta na política, incluindo a proibição de manifestações contra o governo e o regime de partido único, segundo o modelo de Pequim. A assembléia mantém a prisão de três ex-vice-ministros do governo Fomvihan – Thongsuk Saisangkhi, da Ciência e Tecnologia, Latsami Khamfui, da Agricultura, e Feng Sakchitthafong, da Justiça –, detidos desde 1990 por terem reivindicado maiores liberdades democráticas. Por outro lado, autoriza a entrada no país do princ. Panya Suvanna Fuma, filho do ex-1º-ministro anticomunista, para cuidar de negócios como representante de empresas estrangeiras.

Sob a supervisão do FMI que, em jun. de 1993, concede-lhe novo empréstimo de US$ 50 milhões, o governo vem adotando, desde 1987, a economia de mercado: permitiu investimentos estrangeiros, reestruturou o sistema bancário e privatizou estatais, com bons resultados – a taxa média anual de inflação, de 46,5% entre 1980/1987, caiu para 10% em 1992; no mesmo ano, o PIB cresceu 7% e há a expectativa de que a economia cresça no mesmo ritmo nos próximos dois anos. O plano quinquenal de 1991/1995 prevê investimentos em infra-estrutura, incentivo à exportação e a indústrias que substituam a importação. Apesar disso, para evitar o desmatamento indiscriminado, o governo tem restringido a exportação da madeira em tronco, principal produto do país.

A abertura econômica traz o Laos ao centro das discussões sobre a integração regional na Indochina. Em jul. de 1992, o país já tinha assinado um Tratado de Amizade e Cooperação com os países membros da ASEAN. E, em fev. de 1993, firma acordos com a Tailândia, o Vietnã e a China para a construção de pontes sobre o rio Mekong e estradas que passem por seu território, interligando os quatro países. As autoridades de Vientiane, porém, assinam esses tratados temerosas de que as estradas transformem o Laos em um entreposto dos Estados vizinhos, o que, além de destruir a frágil indústria laociana, que não

teria como competir com os produtos chineses e tailandeses, mais baratos, afetaria a identidade cultural local. Mas avançam as relações com a Tailândia, maior investidor no país (US$ 160 milhões, 40% do total): o chanceler Prasong Sunsiri visita Vientiane em jan. de 1993, ao tomar posse; e de 4 a 6/6, é, a vez do 1º-min. Chuan Likpai, que assina com Sifandon dois tratados de cooperação. A disposição laociana em ajudar na busca a soldados americanos desaparecidos e a colaborar para a supressão do tráfico de drogas, tem melhorado as relações com os EUA. Também com a China a assinatura (jul. de 1991) de um acordo sobre repatriação de 4.300 refugiados laocianos facilita os contatos: metade deles volta voluntariamente até mar. de 1993.

Lesoto

● **NOME OFICIAL:** Reino de Lesoto. **Capital:** Maseru. **Nacionalidade:** lesota. **Hino:** *Lesoto, terra de nossos pais* (1º verso). **Língua:** inglês e sesoto (oficiais). **Religião:** cristianismo (católicos, 43,5%; anglicanos, 11,5%; evangélicos, 29,8%) (oficial). **Data nacional:** 4/10 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da África. **Área:** 30.355 km². **Limites:** África do Sul. **Características:** relevo de altitude; campinas com terras baixas (O); terras altas e a cadeia montanhosa de Drakensberg (L); terraço arenítico (centro), com as nascentes do rio Orange. **Ponto mais elevado:** monte Thabava Ntlinyana (3.482 m). **Clima:** tropical de altitude. **Rios principais:** Orange, Sinunyane, Kornetspruit. **Centros urbanos:** Maseru (109.400 hab.); Teyateyaneng (14.300); Mafeteng (12.700) (1986). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 1.854.000 (est.1992); **urbana:** 18,9% (1988). **Composição demográfica:** sothos, 99,7%; outros, 0,3% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,9% (1990–1995). **Faixas etárias:** 0-14: 40,7%; 15-59: 52,5%; mais de 60: 6,8% (1987). **Densidade (hab./km²):** 61,1 (1992). **Natalidade:** 40,2 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 11 por 1.000; **mortalidade infantil:** 89 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,8 (1990–1995). **Vida média homens:** 54; **mulheres:** 63 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 672 hab.; **médicos:** 1 por 15,7 mil hab. (1987). **Gastos com saúde:** 13,1% do orçamento (1992/93).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 26,4% (1985). **Alunos de 1º e 2º graus:** 409,9 mil; **professores:** 9,3 mil (1991). **Alunos no ensino superior:** 1,4 mil; **professores:** 204 (1991). **Gastos:** 21,9% do orçamento (1991/92).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista (sob regime militar). **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** mar.1993. **Divisão administrativa:** 10 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principal partido:** do Congresso. **Chefe de Estado:** rei Letsie III (desde 12/11/1990). **Chefe de governo:** Ntsu Mokhehle (desde abr. 1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 65 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 14,7%; indústria, 32,4%; mineração, 0,4%; comércio, 7%; serviços, 45,5% do PIB (1990). **Agricultura:** milho, trigo, aspargos, sorgo. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 30 t (1991). **Indústria:** alimentícia, bebidas, têxtil, vestuário, calçados e artigos de couro, química, manufaturas de metal, artesanato, joalheria. **Mineral:** diamantes. **Exportações:** US$ 67,6 milhões; **produtos:** vestuário, calçados, lã (1991). **Importações:** US$ 819,8 milhões; **produtos:** alimentos e animais vivos (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da União Alfandegária Sul-Africana, Suíça, Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** loti (dividido em 100 lisente); **cotação para 1 US$:** 3,05 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,1 bilhão; **renda per capita:** US$ 580 (1991); **crescimento anual:** 2,7% (1980–1991). **Inflação:** 17,7% (1991). **Dívida externa:** US$ 427,7 milhões (1991). **Força de trabalho:** 716,3 mil (1/3 da pop. ativa trabalha na África do Sul); **distribuição:** agricultura, 66,2%; indústria, 8,2%; comércio, 3,1%; serviços, 21,4%; outros, 1,1% (1985/86); **mão-de-obra feminina:** 43,8% (1988–1990). **Desemprego:** 35% (1989).

● **DEFESA:** 2 mil homens da força de defesa real (1992). **Gastos:** 6,6% do orçamento (1991/92).

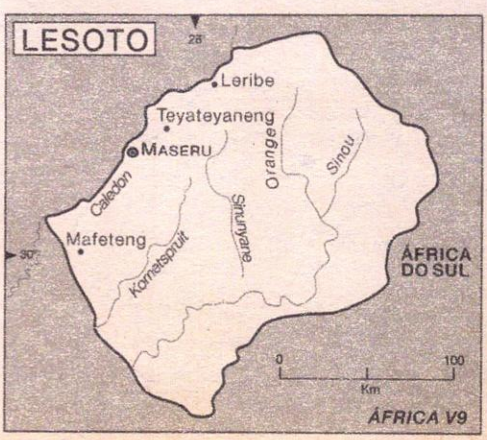
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 4,7 mil km; 12% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 20 mil; **automóveis:** 6 mil (1989). **Ferrovias:** 2,6 km (1991). **Portos:** não há. **Linha aérea:** Lesotho Airways (vôos domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,3 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 36 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 56 hab. (1988). **Jornais diários:** 3; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 5 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 204 East 39th ST, New York, NY 10016, EUA; tel. (212) 661-1690.

HISTÓRIA

No séc. XIX, Moshoeshoe I, da Basutolândia, que já tinha escapado às invasões dos zulus e matabeles, busca proteção britânica contra os bôeres do Estado Livre de Orange. Mas opõe-se à anexação à Colônia do Cabo (1868), obtendo o status de protetorado autônomo. Ao ser criada a União da África do Sul (1909), estipula-se que a Basutolândia, a Bechuanalândia (Botsuana) e a Suazilândia não seriam dominadas por ela sem prévio consentimento da população. **1910:** criado Conselho Consultivo de líderes basutos. **1959/60:** concedidos Constituição e um legislativo, o Conselho Nacional da Basutolândia. **1966:** independência com o nome atual; crise institucional quando Moshoeshoe II tenta obter poderes mais amplos. **1967:** o rei, por sugestão do 1º-min. Leabua Jonathan, torna-se monarca constitucional. **1970:** ditadura de Jonathan, que suspende a Constituição e prende o chefe da oposição, Ntxu Mokhehle; o rei é posto em prisão domiciliar, exilado e só volta após concordar em não participar da política. **1970 – 1973:** estado de emergência; Mokhehle é exilado (1971) e chefia, do exterior, um movimento de resistência contra Jonathan; atos terroristas. **1976:** não-reconhecimento da independência do Transkei; fechamento das fronteiras. **1979:** repressão aos dissidentes. **1980:** anistia geral; estado de emergência devido à seca. **1981/82:** aumento da repressão após atentados do Exército de Libertação do Lesoto, braço armado do Partido do Congresso. **1986:** o gen. Justin Lekhania depõe Jonathan (20/1), que morre na África do Sul; deportação do pe. Michael Worsnip, sec.-geral do Conselho Cristão do Lesoto, por denunciar o envolvimento de militares com esquadrões da morte sul-africanos. **1987:** prisão de Charles Mofeli, do Partido Democrático Unido, por ter pedido o retorno à democracia parlamentar. **1988:** pressões da oposição pró-governo civil obtêm o retorno de Mokhehle. **1989:** Lekhania é acusado de assassinar um civil; a Jus-



tiça o inocenta. **1990**: ruptura com a China e reatamento com Formosa; Moshoeshoe exila-se em Londres após desentendimentos com Lekhania, que retirara seus poderes transferindo-os para o Conselho; criada Assembléia Nacional Constituinte (jun.); destituição de Moshoeshoe (6/11); seu filho, princ. Bereng Mohato Seeiso, assume como Letsie III (12/11). **1991**: Lekhania é deposto (30/4) por oficiais descontentes com o soldo; assume o exchanceler Elias Pishona Ramaema, membro do Conselho Militar; toque de recolher após protesto contra a dominação estrangeira na economia: 34 mortos e 425 presos (mai.); fracassa golpe de oficiais pró-Lekhania (jun.); remanejamento ministerial inclui civis e chefes tribais no gabinete (jun.); suspensão do toque de recolher (jul.); Lekhania fica em prisão domiciliar por articular novo golpe (ago.); convocado plebiscito sobre a nova Constituição.

FATOS DO ANO

Em 14/1/1993, sem consultar a oposição, o governo, que, em 28/11 do ano anterior, já desmarcara as eleições, convoca-as para 27/7. Em 14/2, dissolve-se o gabinete, reconfirmando apenas cinco dos catorze ministros, entre eles o gen. Elias Phitsoane Ramaema, que, além de presidir o Conselho Militar, acumula outras pastas. Divergências com os chefes tribais, a respeito da Monarquia, adiam novamente o pleito. Já em jul. de 1992, Ramaema vetara o retorno de Moshoeshoe II do exílio. Não podendo impedi-lo de regressar, concordou em que reassumisse a chefia da Casa Real mas não o trono. Alguns chefes, porém, querem restaurá-lo e, em 11/3, seu aniversário, manifestam-se a seu favor. Contrariando a esperada vitória da oposição, o governista Partido Basoto do Congresso elege os 65 deputados da Assembléia. Há denúncias de fraude, mas os observadores da ONU concluem pela imparcialidade do pleito. A nova Constituição (mar.) faz do rei o chefe de Estado sem poderes legislativos ou executivos. Na primeira semana de abr., Ntsu Mokhehle, do PBC, torna-se o 1º-ministro.

As manifestações de protesto prosseguem, agravadas pela demissão, em 1992, de operários basotos que trabalhavam na África do Sul. O corte em suas remessas de dinheiro força o fechamento de empresas públicas. Em 11/5/1993, Mokhehle oferece ao Partido Basoto Nacional (PBN), de Evaristus Retselisitsoe Sekhon-Yana, duas cadeiras no Senado; mas ele recusa e, com toda a oposição, proclama a ilegitimidade do governo e da Assembléia. Causa indignação a escolha, para a pasta da Justiça (3/6), de Kelebone Maope, colaborador do regime militar na repressão aos dissidentes, e isso torna muito tenso o segundo semestre de 1993.

Ficará pronto, em 2017, o desvio de águas das Terras Altas para a África do Sul, em troca de fornecimento de energia elétrica ao país; mas em 1995 ele já funcionará parcialmente. O plano de reajuste do FMI (1993/94) visa a aumentar os investimentos, diversificar a manufatura e as exportações, reestruturar ou privatizar estatais.

Letônia

● **NOME OFICIAL**: República da Letônia. **Capital**: Riga. **Nacionalidade**: letã. **Hino**: *Deus, luz da Letônia* (1º verso). **Língua**: letão (oficial); russo. **Religião**: cristianismo (luteranos, maioria; católicos e protestantes). **Datas nacionais**: 21/7 (República); 21/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA**: centro da Europa. **Área**: 64.589 km². **Limites**: Estônia (N); Rússia (L); Bielorrússia (SE); Lituânia (S); golfo de Riga e mar Báltico (O). **Características**: planície costeira pouco recortada; extensas praias do mar Báltico (O); golfo de Riga (NO); planalto central declinando na direção SO e com mais de 1.000 lagos (L). **Ponto mais elevado**: monte Gaizinakalus (311 m). **Clima**: temperado continental. **Rios principais**: Dvina (Daugava), Venta, Ganja, Lielupe. **Cidades principais**: Riga (910.200 hab.); Daugavpils (129.000); Liepaja (114.900); Jelgava (74.500); Jurmala (66.500) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO**: 2.685.000 (est.1992); **urbana**: 71,1% (1991). **Composição demográfica**: letãos, 52%; russos, 34%; bielorrussos, 4,5%; ucranianos, 3,5%; poloneses, 2,3%; lituanos, 1,3%; judeus, 0,9%; outros, 1,5% (1989). **Crescimento demográfico**: 0,1% (1990). **Faixas etárias**: **0-14**: 21,5%; **15-59**: 61%; **mais de 60**: 17,5% (1990). **Densidade (hab./km²)**: 41,6 (1992). **Natalidade**: 14,1 por 1.000 (1990). **Mortalidade**: 13 por 1.000; **mortalidade infantil**: 13,7 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher)**: 2 (1989/90). **Vida média homens**: 64,2; **mulheres**: 74,6 (1990). **Leitos hospitalares**: 1 por 67,9 hab.; **médicos**: 1 por 202,7 hab. (1990). **Gastos com saúde**: 9,3% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO**: pública e particular. **Alunos de 1º e 2º graus**: 388,6 mil; **professores**: 32,2 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior**: 46 mil (1990/91). **Gastos**: 12% do orçamento (1992).

● **GOVERNO**: República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor**: 4/5/1990. **Divisão administrativa**: 40 distritos. **Regime partidário**: pluripartidarismo; **principais partidos**: Frente Popular, Mov. Nac. para a Independência, Social Democrata dos Trabalhadores, Comunista/Interfrom. **Chefe de Estado**: pres. Anatólijs Gorbúnovs (desde 3/5/1990). **Chefe de governo**: 1º-min. Ivars Godmanis (desde mai.1990). **Legislativo**: unicameral – Conselho Supremo, com 201 membros eleitos por voto direto.

● **ECONOMIA**: agricultura, 22,7%; indústria, 56,3%; comércio, 13,6%; serviços, 7,4% do PML (1990). **Agricultura**: cereais, beterraba, batata, forragem para gado. **Pecuária**: aves, bovinos, suínos. **Pesca**: 369,9 mil t (1991). **Indústria**: mecânica pesada, metalúrgica, química, madeireira. **Minerais**: turfa, dolomita, calcário, gipsita, âmbar, cascalho, areia. **Exportações**: US$ 4,6 bilhões; **produtos**: máquinas e equipamentos industriais, alimentos, têxteis (1991). **Importações**: US$ 3,8 bilhões; **produtos**: máquinas e equipamentos industriais, têxteis, químicos, combustíveis minerais (1991). **Parceiros comerciais**: Repúblicas da CEI (Rússia, Estônia e Lituânia, principais). **Pesos e medidas**: sistema métrico decimal. **Moeda**: lat (dividido em 100 copeques); **cotação para 1 US$**: 170,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB)**: US$ 9,2 bilhões; **renda per capita**: US$ 3.410 (1991); **crescimento anual do PIB**: -30% (1992). **Inflação**: 1.000% (1992). **Força de trabalho**: 1,4 milhão (1990); **distribuição**: agricultura, 17,8%; indústria, 35,9%; comércio e serviços, 46,3% (1991); **mão-de-obra feminina**: 42,2% (1991). **Desemprego**: 2,7% (1993).

● **DEFESA**: **Efetivo total**: 4,9 mil (1993); **Marinha**: 271; **Força Aérea**: 53; **outros**: 4,5 mil da guarda de fronteira. **Gastos**: 1,2% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES**: **Rodovias**: 79,1 mil km; 49% pavimentados (1990); **nº de veículos**: 285,6 mil; **automóveis**: 271,5 mil (1990). **Ferrovias**: 2,4 mil km (1990). **Portos**: Riga, Ventspils, Libava. **Linhas aéreas**: LATAVIO, RAF'AVIA, Baltic International Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES**: estatais. **Emissoras de rádio**: 2; **receptores**: 1,4 por 2 hab. (1990). **Emissora de TV**: 1; **receptores**: 1,2 por 2 hab. (1990). **Linhas telefônicas**: 1 por 3,7 hab. (1990). **Jornais diários**: 172; **nº de exemplares por 1.000 hab.**: 1.637 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA**: 344 East 49th Street, 1 AB, New York, NY 10017; tel. (212) 838-8877.

HISTÓRIA

Os contatos dos mercadores do Báltico com o Mediterrâneo são cortados pela expansão eslava (séc. VII) e as incursões suecas e russas (séc. IX-XI). Mercadores alemães instalam-se no estuário do rio Daugava (séc. XII); missionários católicos, liderados por Meinhard de Holstein, fundam uma igreja em Ikshkile, enfrentando a resistência pagã. **1199**: Berthold de Hanôver torna-se bispo da Livônia. **1202**: o bispo Albert von Buxhoevden,

a serviço do papa Inocêncio III, cria a Ordem dos Cavaleiros do Gládio, para cristianizar a região à força e, em 1237: funde-a com a Liga dos Cavaleiros Teutônicos, que tem o mesmo objetivo; dominam a Confederação da Livônia, que abrange também a Estônia e parte da Lituânia. 1282: ingresso na Liga Hanseática; prosperidade da aristocracia alemã e servidão dos letões. 1386 – 1560: união com a Polônia; guerras pela posse da Estônia. 1561: extinção dos Cavaleiros Teutônicos; a Confederação se desmembra; anexação polonesa do ducado da Curlândia. 1621: ocupação sueca de Riga. Séc. XVII – XVIII: Ivã, o Terrível, e Pedro I, o Grande, da Rússia, dominam a região. 1817: o tsar Alexandre I abole a servidão. 1830 – 1905: rebeliões pela posse da terra. 1905 – 1914: cresce o separatismo. 1918: independência (18/11) com o pres. Janis Cakste e o 1º-min. Karlis Ulmanis. 1919: instalação em Valmiera, pela URSS, do regime fantoche de Peteris Stutchka; ocupação de Riga (3/1); Ulmanis foge para Liepaja e, com ajuda britânica, detém os soviéticos. 1920 – 1933: instabilidade devido a choques entre tropas estrangeiras estacionadas no país. 1922: nova Constituição (15/2). 1934 – 1938: ditadura de Ulmanis. 1939: Pacto Germano-Soviético: os Estados bálticos ficam sob influência da URSS. 1940: invasão soviética (16/6); deportação de 35 mil políticos e intelectuais. 1941 – 1944: ruptura do Pacto; ocupação nazista. 1945: reincorporação à URSS; August Kirchenstein é o 1º-ministro; 65 mil pessoas se exilam. 1945/46: deportação de 105 mil dissidentes para a Sibéria. 1949: campanha stalinista de coletivização forçada; 70 mil camponeses são removidos de suas terras. 1952 – 1959: governo do nacionalista Karlis Ozolins, deposto pelo Kremlin por opor-se à influência soviética. 1987: manifestações em Riga contra o Pacto de 1939 (ago.). 1989: autorização das candidaturas multipartidárias nas eleições de 26/3; a Frente Popular conquista 25 dos quarenta distritos e, em seu congresso (9/10), propõe a transição para a independência; a URSS concede autonomia relativa aos Estados bálticos (27/11); o Parlamento vota o fim do monopólio do PC (28/12). 1990: independência unilateral (15/2); cisão no PC: 240 dos 792 delegados criam o PC Letão Independente, liderado por Ivars Kezbers, e ganham as eleições de 3/5; Anatólijs Gorbúnovs, do PCLI, torna-se presidente, e Ivars Godmaris, da FP, o 1º-ministro. 1991: intervenção soviética do maj. Tcheslav Mlinik contra os separatistas: quatro mortos e quatro feridos; comissão de inquérito, em Moscou, apura os desmandos militares; independência formal (21/8), reconhecida por Borís Iéltsin (24/8); início da retirada das tropas soviéticas (31/8); admissão na ONU (12/9) e na CSCE (15/10); a Lei da Cidadania (17/10), exigindo a comprovação de dezesseis anos de residência no país e a renúncia à naturalidade soviética, é considerada discriminatória pelos não letões; adesão ao Corpo Consultivo Interparlamentar, das Repúblicas bálticas (28/10). 1992: acordo com a Rússia (fev.) para a retirada de suas tropas a partir de mar.; acordo de livre comércio entre as Repúblicas bálticas (mar.); plebiscito sobre a Lei da Cidadania (mar.), mas nele só votam os cidadãos de antes de 1940 e seus descendentes; o Conselho Supremo garante às minorias o direito de usar sua própria língua, mas impõe que o ensino seja feito em letão (mar.); emissão do rublo letão, paralelo ao russo (6/5); bloqueio russo das importações por falta de definição da política alfandegária (jul.).

FATOS DO ANO

A decisão do *Saeima* (o Conselho Supremo) de remover do cemitério de Riga os corpos de militares soviéticos em fev., faz explodir um motim étnico. Os russos não aceitam o pretexto de que se quer preservar um símbolo nacional, a estátua da Mãe Letônia, erguida ali. Volta o temor de que a Rússia interrompa a retirada de seus 150 mil soldados, o que, em out. de 1992, já provocara o pedido de intervenção da ONU para que o Kremlin cumprisse esse compromisso. Esse episódio reforça o argumento do pres. Borís Iéltsin de que a retirada tem de ser gradual, para evitar represálias contra a população russa. Demonstrando querer uma solução negociada, o pres. Anatólijs Gorbúnovs substitui, em nov. de 1992, o chanceler Janis Jurkans por Georgs Andrêjevs, de origem russa. Graças à sua intervenção, o incidente é superado e a retirada não se interrompe. Em jun. de 1993, apenas 25 mil soldados russos ainda estavam na Letônia.

Vitória de Gorbúnovs – Em 21/10/1992, o 1º-min. Ivars Godmanis sobrevivera, por 71 votos a 36, à moção de desconfiança dos oposicionistas, que o acusavam de autoritarismo e incompetência. Apesar do apoio dos 131 deputados do governista Bloco Democrático, Godmanis faz, em abr. de 1993, uma concessão aos oposicionistas, trocando Arnis Kalnins, min. da Reforma Econômica, por Aivars Kreituss, de melhor trânsito junto a eles. Em jun. de 1993, 24 partidos participam das eleições gerais, mas não o Centro de Iniciativa Democrática, de Mikhail Gavrílov, da comunidade de origem russa. O vencedor é o centro-direitista *Latvijas Cels* (Caminho Letão), de Gorbúnovs, que, com 32,4% dos votos, conquista 36 cadeiras no *Saeima*. Seguem os nacionalistas do Movimento pela Independência da Letônia, de Odisejs Kostanda. Em 8/7/1993, o novo Parlamento elege presidente o economista Guntis Ulmanis, da União dos Fazendeiros Letões, liderada por Aivars Berkis. Este escolhe, para a chefia do governo, Valdis Birkas, do LC. Gorbúnovs é eleito pres. do *Saeima*, que, logo em seguida, restabelece a Constituição de 1922, abolida quando o país foi anexado pela URSS. O governo, que, em set., estuda os meios de absorver gradualmente a população russa, é surpreendido, em out., por um golpe frustrado de ex-comunistas, simultâneo à tentativa, em Moscou, de derrubar Iéltsin.

A economia letã saiu da Zona do Rublo: a ortodoxia do governo, orientada por técnicos nórdicos, fez com que, em set. de 1992, o FMI lhe concedesse US$ 81 milhões, e o lat, criado em jul., tem-se mantido estável graças a uma balança comercial positiva e à liberação do ouro depositado em bancos londrinos antes da ocupação soviética, o que permite modernizar o parque industrial.

Líbano

● **NOME OFICIAL:** República do Líbano. **Capital:** Beirute. **Nacionalidade:** libanesa. **Hino:** *Todos nós* (1º verso). **Língua:** árabe (oficial); francês, curdo e armênio (minorias). **Religião:** islamismo, 57% (sunitas, xiitas e drusos); cristianismo, 43% (católicos, maronitas, ortodoxos e protestantes). **Data nacional:** 21/11 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da Ásia, noroeste do Oriente Médio. **Área:** 10.452 km². **Limites:** Síria (N e L); Israel (S); mar Mediterrâneo (O). **Características:** planície costeira estreita e fértil com elevações (O); montes Líbanos (centro); vale do Bekaa e cordilheira do Antilíbano (L). **Ponto mais elevado:** pico Qurnat as-Sauda (3.088 m). **Clima:** mediterrâneo. **Rios principais:** Litani, Oronte, Cabir. **Cidades principais:** Beirute (1.500.000 hab.); Trípoli (160.000); Zahlé (45.000); Sidon (38.000); Tiro (14.000) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 2.803.000 (est.1992); **urbana:** 83,7% (1990). **Composição demográfica:** libaneses, 82,6%; palestinos, 9,6%; armênios, 4,9%; sírios, curdos e outros, 2,9% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,2% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 36,1%; **15-59:** 56%; **mais de 60:** 7,9% (1990). **Densidade (hab./km²):** 274 (1992). **Natalidade:** 29,6 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 7,7 por 1.000 (1990–1995); **mortalidade infantil:** 44 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,4 (1990–1995). **Vida média homens:** 61,5; **mulheres:** 69 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 263 hab. (1982); **médicos:** 1 por 771 hab. (1986). **Gastos com saúde:** 3,2% do orçamento (1986).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 19,9% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 709,3 mil (1986/87); **Alunos no ensino superior:** 70,5 mil (1986/87); **Gastos:** 11% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 23/5/1926 (5 emendas). **Divisão administrativa:** 6 governadorias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Falangista, Nac. Liberal, Al-Bataah, Frente Libanesa. **Chefe de Estado:** pres. Elias Hraui (desde 24/11/1989). **Chefe de governo:** 1º-min. Rafik Hariri (desde 16/5/1992). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 128 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 8,7%; indústria, 20,3%; comércio, 34,2%; serviços, 36,8% do PIB (1987). **Agricultura:** frutas cítricas, cereais, tomate, algodão, uva. **Pecuária:** caprinos, ovinos. **Pesca:** 1,8 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, refino de petróleo, têxtil, móveis e artigos de madeira, vinho. **Minerais:** linhita, minério de ferro. **Exportações:** US$ 500 milhões; **produtos:** jóias, vestuário, manufaturas de metal, máquinas industriais, aparatos elétricos, farmacêuticos, alimentos (1992). **Importação:** US$ 5 bilhões; **produtos:** bens de consumo, equipamentos industriais e de transporte, derivados de petróleo (1992). **Parceiros comerciais:** Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos Itália, França, Síria, Alemanha, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** libra libanesa (dividida em 100 piastras); **cotação para 1 US$:** 1.838,00 (31/12/1992). **Produto Interno Bruto (PIB):** US$ 3 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.095 (1991); **crescimento anual:** 3,7% (1991). **Inflação:** 120% (1992). **Dívida externa:** US$ 1,9 bilhão (1991). **Força de trabalho:** 693,8 mil; **distribuição:** agricultura, 19,1%; indústria, 25,1%; comércio, 3,5%; serviços, 52,3%; **mão-de-obra feminina:** 8,7% (1988–1990). **Desemprego:** 30% (1991).

● **DEFESA: Efetivo total:** 36,9 mil (1992); **Exército:** 35,7 mil; **Marinha:** 400; **Força Aérea:** 800; **outros:** 7 mil paramilitares. **Gastos:** 16,4% do orçamento (1992).

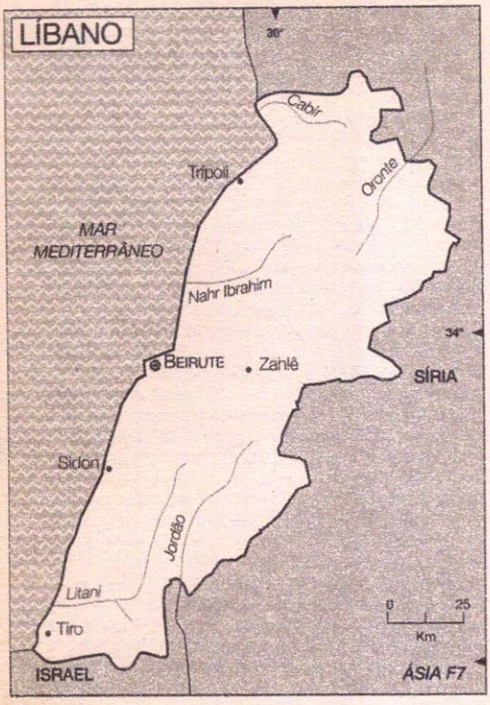
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 7,4 mil km; 85% pavimentados (1987); **nº de veículos:** 349,6 mil; **automóveis:** 300 mil (1985). **Ferrovias:** 417 km (1986). **Portos:** Juniê, Beirute, Trípoli, Saïda. **Linha aérea:** MEA (vôos internacionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 1,3 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 3; **receptores:** 1 por 3,3 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 18,4 hab. (1987). **Jornais diários:** 39; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 212 (1986).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, quadra 805, lote 17, CEP 70411-900, Brasília, DF; tel. (061) 242-4801.

HISTÓRIA

Habitada por hititas e aramaicos, a região torna-se o centro do Imp. Fenício, depois é subjugada por assírios, persas e gregos. Dominada pelos romanos (64 a.C.), integra-se ao Imp. Bizantino. A islamização (séc. VII) não reduz a influência dos cristãos maronitas. **1516:** anexação otomana. **1832 – 1840:** ocupação egípcia; abertura para o Ocidente. **1841:** massacre de cristãos por drusos; por pressão européia, a Turquia nomeia um governo prócristão. **1864:** criada a província autônoma do Monte Líbano. **1916:** ocupação anglo-francesa. **1920:** mandato francês. **1941:** independência sob controle francês; o Pacto Nacional estabelece a divisão proporcional do poder entre cristãos e muçulmanos. **1945:** independência. **1946:** retirada francesa. **1958:** intervenção americana debela rebelião contra o pres. Camille Chamun. **1968:** israelenses destroem treze aviões civis no aeroporto de Beirute, após ataque terrorista a avião da El Al em Atenas; chegam 450 mil refugiados palestinos vindos da Jordânia. **1969:** choques do Exército com os palestinos; o acordo do Cairo (3/11) autoriza-os a manter campos de treinamento desde que não ataquem Israel. **1972:** ataques israelenses aos palestinos após o atentado nas Olimpíadas de Munique. **1974:** bombardeios israelenses a campos palestinos atingem também aldeias xiitas. **1975:** conflitos entre palestinos e falangistas cristãos dão início à guerra civil. **1976:** intervenção síria contra as seguidas violações do cessar-fogo. **1977:** falangistas e palestinos lutam no sul; atentados terroristas em Beirute; assassinato de Kamal Jumblatt, do Partido Socialista Progressista (druso); em represália, massacre de 64 cristãos; ataques israelenses aos palestinos no sul. **1979:** O falangista Saad Hadad, pró-Israel, proclama, no sul, o Líbano Livre. **1980:** a Falange expulsa a milícia do Partido Nacional Liberal e controla o setor cristão de Beirute. **1981:** cerco sírio da Falange em Zahlê; a Síria instala mísseis no vale do Bekaa; ameaça israelense de intervenção no sul; bombardeio israelense da sede da OLP em Beirute: trezentos mortos e oitocentos feridos. **1982:** invasão israelense (6/6); devastação de Tiro, Sidon, Nabatiê e Trípoli por bombardeios; bloqueio de Beirute Ocid. até a saída da OLP; assassinato do recém-eleito pres. Bechir Gemayel; seu irmão Amin assume; Israel permite o massacre falangista nos campos palestinos de Sabra e Chatila; recusa síria do acordo de paz líbano-israelense. **1983:** no Bekaa, luta entre os adeptos de Arafat e os dissidentes de Abu Mussa, contrários à retirada da OLP de Beirute; Frente de Salvação Nacional, anti-Gemayel, formada por Walid Jumblatt, do PSP, o ex-1º-min. Rashid Karame e o ex-pres. Suleimã Franjiê; retirada israelense para o sul ao longo do rio Auali; derrota e expulsão de Arafat pelos dissidentes; atentados, em Beirute, contra as tropas americanas e francesas da Força Multinacional de Paz. **1984:** retirada das tropas da FMP; Gemayel revoga o acordo com Israel e forma governo de unidade nacional, liderado por Karame; no sul, a Resistência Nacional libanesa combate a ocupação israelense; recomeço da luta em Beirute (ago.); luta, em Trípoli, entre as forças pró e anti-Síria. **1985:** retirada unilateral israelense para o sul, onde reprimem a RNL; rebelião da direita da Falange contra Gemayel; união druso-xiita contra o rebelde cristão Samir Geagea, que entrega a direção da Falange a Elie Hobeika, favorável ao acordo com os muçulmanos; ataques xiitas aos campos palestinos de Sabra, Chatila e Burj-el-Barajnê, para expulsar guerrilheiros da OLP; adesão drusa à OLP contra os xiitas; ameaça síria de intervenção põe fim à luta; a Falange recusa o Plano de Reconstrução Nacional, assinado em Damasco (9/7), que prevê o fim do Pacto Nacional, e faz recomeçar a luta em Beirute; em Trípoli, combates dos pró e anti-Síria; início dos seqüestros políticos do *Jihad-al-Islami*. **1986:** Hobeika, com apoio xiita e druso, ataca Geagea; derrotado, exila-se; formação, em Damasco, da Frente Pró-Síria (xiitas, drusos, nacionalistas de esquerda e a milícia *Marada* do ex-pres. Franjiê), para lutar contra a ala Gemayel-Geagea; Hobeika volta e adere à FPS; mortos quatro reféns do *Jihad* em represália pelo ataque dos EUA à Líbia; novos ataques do Amal contra Sabra e Chatila com o apoio do Exército; intervenção síria põe fim à "Guerra dos Campos"; libertação, pelo *Jihad*, do refém pe. Lawrence Jenco, parte dos entendimentos secretos EUA/Irã, já em curso; luta, no sul, entre hezbolás e tropas francesas da ONU; luta de Hobeika contra Geagea com apoio da FPS; novo ataque xiita aos campos palestinos; o semanário *Ash-Shiraa* denuncia as negociações secretas EUA/Irã. **1987:** aliança tática falangista-palestina contra xiitas e drusos; em represália, campanha terrorista



hezbolá; assassinato, pelo Hezbolá, do druso Jamal Krara, chefe da segurança de Beirute: drusos lutam contra xiitas; luta do Amal contra seus aliados do PC, contrários à "Guerra dos Campos"; nova intervenção síria (9/4); Karame renuncia diante da oposição cristã ao acordo de Damasco e é morto em atentado (1º/6); Selim Hoss é o substituto interino; o Hezbolá luta com o Amal, que discorda dos seqüestros de estrangeiros; a Síria obtém, em Teerã, a libertação do refém americano Charles Glass, para melhorar as relações Damasco-Washington; choques entre Gemayel e Georges Saadê, da Falange Kataeb; recomeça a "Guerra dos Campos". **1988**: Berri suspende a "Guerra dos Campos", em apoio a Arafat, após ataques de Israel à OLP, no sul; o seqüestro do ten.-cel. William Richard Higgins, com. da Força de Paz da ONU, reativa a luta Amal-hezbolás; a Falange rejeita a candidatura de Franjiê à sucessão de Gemayel: cerco do Parlamento para impedir a eleição de novo presidente; Gemayel afasta Hoss (24/9) e nomeia 1º-ministro o gen. Michel Aun, rejeitado pelos muçulmanos. **1989**: Aun luta com a Falange pelo controle de Beirute Or.; união dos dois lados (14/3) para combater Hoss; Beirute entra em colapso; 500 mil pessoas fogem para o sul; atentado mata o grande mufti xeque Hassan Khaled, líder religioso sunita (16/5); fracasso da missão de paz de Lakhdar Ibrahimi, da Liga Árabe; fim do mandato de Gemayel (24/7); Aun aceita um cessar-fogo (22/9), mas recusa o Acordo de Taif (12/10) sobre maior participação muçulmana no Parlamento (23/10); eleição do maronita René Muauad (5/11), assassinado (22/11) e substituído pelo maronita Elias Hraui (24/11); reinício da luta de Aun contra os muçulmanos (6/12). **1990**: Aun rende-se (13/10) e exila-se na França (16/10); a Linha Verde, de divisão da capital, é desmantelada (17/10); assassinato de Dany Chamun, cristão pró-Aun, com a mulher e dois filhos (21/10); os principais líderes concordam com a retirada de suas milícias de Beirute; proibição à OLP de usar o país como base para ataques a Israel (13/11); renúncia de Hoss (17/12), substituído por Omar Karame; recusa de Geagea e Saadê de participar de um governo de reconciliação nacional. **1991**: renúncia de Jumblatt por divergências com Hraui; reunião em Chipre, mediada pelo secretário de Estado James Baker, dos EUA, impede a dissolução do gabinete (21/3); início do desarmamento das milícias (1º/5); o Tratado de Cooperação Damasco-Beirute (16/5) subordina as decisões do governo à aprovação síria; são nomeados parlamentares, igualando as bancadas cristã e muçulmana; o Exército desarma os grupos palestinos (jul.); são libertados vários reféns do *Jihad* (ago.-dez.); atentado com carro-bomba deixa trinta mortos e cem feridos (30/12), ameaçando prejudicar as negociações árabe-israelenses, comprometidas também em **1992**: pela morte, num ataque da aviação israelense, do xeque Abbas Mussáui, líder do Hezbolá, e de sua mulher e filho (16/2); execução, pelo Hezbolá, do piloto israelense Ron Arad, seqüestrado em 1986 (18/2); os israelenses bombardeiam, em Zautar-al-Garbié, a casa do líder hezbolá Ali Ezzedin; em resposta, 65 foguetes *katiusha* são atirados sobre *kibutzim* do norte de Israel; a trégua de 22/2 é rompida pelo atentado hezbolá de 18/3 contra a emb. de Israel em Buenos Aires e pelo bombardeio israelense, em represália, a Arab Salim e Kfar-Rummah (20/2); renúncia de Karame (7/5), substituído por Rashid Solh (13/5); primeira resposta das baterias antiaéreas sírias aos ataques israelenses em Mlita, Ain-Búsuas, Djardju e Djebel Safi, no vale do Bekaa (25/5), o que estimula os hezbolás a negociar a libertação dos últimos reféns ocidentais, Heinrich Strübig e Thomas Kemptner (15/6); o fim da "guerra dos reféns" faz a CEE conceder ao país empréstimo de US$ 216 milhões (jun.); a nova legislação eleitoral aumenta de 108 para 128 o número de deputados; renúncia dos min. Walid Jumblatt e Marun Hamadê, em protesto contra a ocupação, pelo Exército, de prédios em aldeias drusas do Chuf (30/7); o ex-pres. Gemayel retorna do exílio para liderar a campanha contra as eleições de 22/8, boicotadas pelos cristãos; inauguração do novo Parlamento (8/9), agora com dez deputados fundamentalistas, do Amal e do Hezbolá; Rafik Hariri, milionário saudita de origem libanesa, torna-se 1º-ministro (22/10); ataque israelense, de Natabiê ao vale do Bekaa (26/10), com 37 mortos e 97 feridos, em represália a um atentado contra comboio militar em que morreram cinco soldados.

FATOS DO ANO

Pela primeira vez desde 1978, o Banco Mundial concede (mar. de 1993) US$ 175 milhões ao governo libanês, para projetos de reconstrução e educação. É um voto de confiança internacional no 1º-min. Rafik Hariri, que, no fim de 1992, fez a moeda recuperar 10% e, no início de 1993, reduziu o déficit orçamentário e a taxa de inflação (120% em dez. de 1992). Esse milionário naturalizado saudita já tinha causado boa impressão ao nomear, pela primeira vez na história do país, um gabinete em que os ministros foram escolhidos com base em suas aptidões específicas e não em critérios confessionais. É positiva a reação ocidental ao plano de investimento de US$ 13 bilhões na reconstrução nacional (18/3/1993), que prevê, para 1996, superávit no orçamento e a venda de bônus do Tesouro da ordem de US$ 7,6 bilhões. Por isso há resposta internacional favorável, em jun. de 1993, à concorrência para a restauração do aeroporto da capital.

Problemas para Hariri – Mas ainda há obstáculos: a falta de legitimidade de seu governo aos olhos da comunidade cristã, que rejeitou o acordo de paz patrocinado pela Síria; o abismo entre ricos e pobres, agravado pela guerra civil, e, principalmente, a luta, no sul, entre Israel e os fundamentalistas hezbolás. Em 1º/4/1993, Israel volta a bombardear os campos palestinos; em 9/7, visa bases da Frente Popular de Libertação da Palestina/Comando Geral, de Ahmed Jibril, que, na véspera, matara cinco soldados judeus numa emboscada. O envolvimento hezbolá, em apoio à FPLP/CG, mantém os ataques até 30/7, provocando a fuga de 500 mil civis para Beirute e ameaçando as conversações árabe-israelenses de Washington. Por pressão americana, Israel aceita o cessar-fogo, mas há 130 mortos, 520 feridos e 75 vilas devastadas.

Mas a decisão do pres. Elias Hraui (3/8) de mobilizar para o sul tropas que mantenham sob controle o Hezbolá desagrada a Síria, que o apóia. Em 16/8, o pres. Hafez

Assad diz aos dirigentes libaneses, em Damasco, que decisões dessa natureza não devem ser tomadas sem sua aprovação. Em 19/8, após a retirada das tropas do governo central, outros sete soldados israelenses são mortos; no mesmo dia, o sul do país é varrido pelas bombas, apesar do cessar-fogo de jul. A proposta israelense (25/8) de retirada total em nove meses é rejeitada pelo chanceler Farez Buez, que considera inaceitáveis a exigência de desarmamento do Hezbolá; incorporação, ao Exército israelense, dos desertores libaneses do Exército do Sul do Líbano; e definição de normas de segurança na fronteira. Deterioram-se ainda mais as relações Beirute/Jerusalém e os libaneses estão, a partir de set., entre os opositores do acordo de paz Israel/OLP. Em 14/11, o min. do Turismo, Nicolas Fattush, chega a pedir pena de três anos de prisão para a miss Líbano, Ghada Turk, que aceitou posar, nos ensaios para o concurso de Miss Mundo, na África do Sul, ao lado da israelense Tamara Porat. As relações governo/Hezbolá também permanecem tensas. Em 13/9, desobedecendo às autoridades, que tinham proibido essa manifestação, os fundamentalistas protestam contra o acordo de paz Israel/OLP. O Exército dispersa a passeata, matando sete militantes, o que provoca a ameaça de novos atentados.

A crise dos deportados – Em 16/12/1992, após o assassinato de cinco soldados e do seqüestro de um policial pelo Movimento de Resistência Islâmica Hamás, Israel expulsou para o Líbano 415 palestinos dos territórios ocupados, simpatizantes dos extremistas muçulmanos. Como Beirute recusou-se a aceitá-los e os israelenses, apesar das pressões da ONU e dos EUA, não quiseram reconsiderar a decisão, eles permaneceram acampados em Marj-el-Zuhur, "terra de ninguém" entre a zona de segurança israelense e o território do Líbano. Em 29/12, quando já sofriam com a falta de alimentos, água e remédios, dez deles, deportados por engano, foram autorizados a voltar. Os demais continuaram proibidos de regressar pela Corte de Justiça de Israel (28/1/1993) apesar dos protestos dos deputados árabes na *Knesset*. Em 5/2/1993, quando Israel, pressionado pelos EUA, divulga lista de 101 palestinos que tiveram a deportação suspensa, o grupo diz só aceitar a repatriação integral, nos termos da resolução do Conselho de Segurança, de 18/12/1992. Os efeitos dessa crise são prejudiciais para as negociações árabe-israelenses: em 29/3/1993, os palestinos decidem só voltar a discutir quando a expulsão tiver sido suspensa. Em 9/9, Israel permite o retorno de 189; dessa vez, 187 concordam em voltar mas, chegando aos territórios ocupados, são presos, para responder a processo. Os demais preferem ficar em Marj-el-Zuhur apesar da escassez de alimentos, do frio e da falta de assistência médica. No final do ano, eles vão gradualmente retornando; mas o episódio causa grande desgaste às conversações sobre a paz na região.

Libéria

● **NOME OFICIAL:** República da Libéria. **Capital:** Monróvia. **Nacionalidade:** liberiana. **Hino:** *Salve, Libéria, salve* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); 16 línguas regionais. **Religião:** cristianismo, 67,7%; islamismo, 13,8%; animismo, 18,5%. **Data nacional:** 26/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da África. **Área:** 97.754 km². **Limites:** Guiné (N); Serra Leoa (NO); Costa do Marfim (L); oceano Atlântico (S e O). **Características:** planície litorânea com elevações (NE); planaltos (centro); cadeias de montanhas com nascentes de rios (NE). **Ponto mais elevado:** monte Wutivi (1.381 m). **Clima:** equatorial chuvoso. **Rios principais:** Cestos, Cavally, Loffa, St. Paul, St. John, Mano. **Cidades principais:** Monróvia (421.000 hab.) (est. 1984); Tubmanburg (14.089) (1974). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 2.180.000 (não compreende 600 mil refugiados) (est.1992); **urbana:** 45,9% (1990). **Composição demográfica:** kpellês, 19,4%; bassas, 13,8%; grebos, 9%; gios, 7,8%; krus, 7,3%; manos, 7,1%; outros, 35,6% (1984). **Crescimento demográfico:** 3,5% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 43,2%; **15-59:** 50,6%; **mais de 60:** 6,2% (1984). **Densidade (hab./km²):** 28,1 (1992). **Natalidade:** 46,7 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 14,1 por 1.000 (1990–1995); **mortalidade infantil:** 87 por 1.000 (1980–1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,7 (1990–1995). **Vida média homens:** 54; **mulheres:** 57 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 653 hab. (1981); **médicos:** 1 por 9,3 mil hab. (1983). **Gastos com saúde:** 5,1% do orçamento (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 60,5% (1990). **Alunos no ensino superior:** 5,1 mil; **professores:** 472 (1987). **Gastos:** 11% do orçamento (1988).

● **GOVERNO:** República presidencialista (sob administração de um gov. interino desde jan.1991). **Data da Constituição em vigor:** 6/1/1986 (1 emenda). **Divisão administrativa:** 11 condados e 2 territórios. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **partido tradicional:** Democrático Nac., **grupos guerrilheiros:** Frente Nac. Patriótica Independente, Mov. Unido de Libertação para a Democracia.. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Amos Sawyer (desde 30/8/1990). **Legislativo:** Assembléia Nacional com 28 membros, designada em jan. 1991, à espera das eleições.

● **ECONOMIA:** agricultura, 35,6%; indústria, 11%; mineração, 9,9%; comércio, 6,8%; serviços, 36,7% do PIB (1988). **Agricultura:** borracha, café, cacau, arroz, mandioca. **Pecuária:** ovinos, caprinos, suínos. **Pesca:** 16 mil t (1990). **Indústria:** bebidas, processamento de minérios, química, tabaco. **Minerais:** minério de ferro, ouro, diamantes, barita, cianita. **Exportações:** US$ 461,2 milhões; **produtos:** minério de ferro, borracha, toras de madeira (1989). **Importações:** US$ 129,9 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, alimentos, pecuários, manufaturados básicos, combustíveis minerais (1989). **Parceiros comerciais:** EUA, Alemanha, Itália, Grã-Bretanha, Holanda, França, Bélgica, Luxemburgo. **Pesos e medidas:** padrões britânicos e unidades locais. **Moeda:** dólar liberiano (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,1 bilhão; **renda per capita:** US$ 450 (1987); **crescimento anual:** -2,1% (1980–1987). **Inflação:** 5,9% (1989). **Dívida externa:** US$ 2 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 976 mil (1991); **distribuição:** agricultura, 68,3%; indústria, 5%; comércio, 6,6%; serviços, 11%; outros, 9,1%; **mão-de-obra feminina:** 41% (1984). **Desemprego:** 5% (1984).

● **DEFESA:** 5 mil (da guarda pessoal do pres.); **grupos guerrilheiros:** 15 mil (Frente Nac. Patriótica); 1-2 mil (Mov. Unido de Libertação pela Democracia); 1 mil (Frente Nac. Patriótica Independente) (estimativa não oficial). **Gastos:** 9,4% do orçamento (1988).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 8,1 mil km; 9% pavimentados (1987); **nº de veículos:** 12 mil; **automóveis:** 8 mil (1990). **Ferrovias:** 490 km (transporte de minério de ferro) (1990). **Portos:** Greenville, Karper. **Linha aérea:** Air Liberia (vôos internacionais e domésticos).

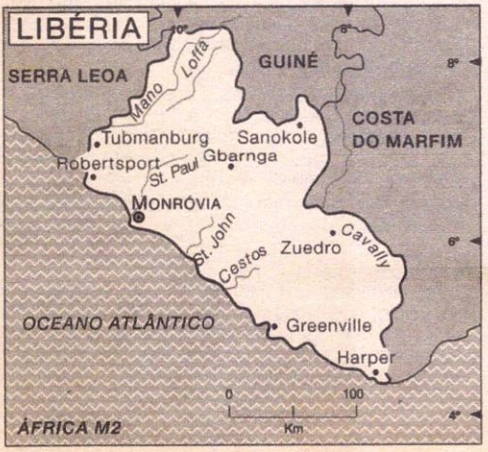
● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 5; **receptores:** 1 por 4,5 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 60 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 278 hab. (1988). **Jornais diários:** 1 **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 11,5 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 820 Second Avenue, 4th Floor, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 687-1033.

HISTÓRIA

Os habitantes da Costa da Pimenta, produtora de malagueta, originários das regiões subsaarianas, são escravizados no início do séc. XIX. **1816:** a Sociedade Americana de Colonização passa a enviar para a área escravos libertos. **1822:** criada a colônia da ilha de Providence, comprada pela SAC. **1824:** o país recebe seu nome atual; Providence é batizada Monróvia, em homenagem ao pres. James Monroe, dos EUA. **1847:** indepen-

dência; o gov. Joseph Jenkins Robert, mestiço americano, torna-se presidente. **1850 – 1920**: perda de territórios para os britânicos e franceses; a economia declina, mas o governo recusa tutela internacional. **1923**: ajuda financeira da *Firestone* em troca da exploração de borracha. **1944**: o pres. William Tubman, do conservador *True Whig*, aceita investimentos estrangeiros. **1955**: acusados de subversão, o Reforma Oposicionista e o *Independent True Whig* são banidos; liderança conservadora. **1971**: morte de Tubman; o vice William Tolbert assume e, em **1980**: é deposto e assassinado; o sarg. Samuel Doe, líder do Conselho de Redenção Popular, aproxima-se da URSS, mas mantém a ajuda financeira dos EUA. **1981**: envio de assessores militares dos EUA; prisão e execução do vice, Weh Syen, acusado de planejar o assassinato de Doe. **1984**: Doe cria o Partido Nacional Democrático e, em **1985**: vence as eleições sob acusações de fraude; fracassa golpe do gen. Thomas Kiuonkpa, que é assassinado. **1989**: invasão de Charles Taylor, da Frente Patriótica Nacional, vindo da Guiné (dez.). **1990**: a FPN e a Frente Patriótica Nacional Independente, de Prince Johnson, ocupam Monróvia; Doe esconde-se numa fortaleza (jun.); assassinato de civis refugiados numa igreja (jul.); Doe cai em emboscada da FPNI, é torturado e morto (9/9); intervenção da Nigéria (16/9); chega força de paz da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (ago.); o país tem quatro "presidentes": Taylor, Johnson, Amos Sawyer, indicado pela Cedeao, e David Nimley, ex-chefe da guarda de Doe; Sawyer é aceito como interino pelos liberianos exilados (22/11); o acordo de cessar-fogo, assinado em Bamaco, no Mali (28/11), não é respeitado. **1991**: 1,5 milhão de civis fogem para países vizinhos; 18% das crianças passam fome; fracassa reunião de Taylor e Johnson (12/2); na reunião da Cedeao, em Iamussucro, na Costa do Marfim (16/9), para proteger-se de ataques do Movimento Unido de Libertação da Libéria para a Democracia, de Raleigh Seekie, ex-membro da guarda pessoal de Doe, Taylor concorda com cessar-fogo, desarmamento, desmilitarização da fronteira com Serra Leoa e eleições em seis meses; reestruturação da Ecomog para contrabalançar a influência da Nigéria (out.); o MULLD rechaça e depois aceita o plano (nov.); a FPNL converte-se no Partido Patriótico Nacional (dez.); Taylor e Johnson rejeitam a reforma monetária de Sawyer, acusando-o de, com ela, tentar impedi-los de obter combustível e alimentos (dez.). **1992**: Taylor recusa a vice-presidência, que lhe é oferecida por Sawyer, mas permite que três de seus homens integrem o comitê de preparação das eleições (13/1); encontro da Cedeao em Genebra (7/4): Taylor recusa o desarmamento, por ser alvo de ataques do MULLD (22/4); finalmente, dissolve seu governo paralelo (29/4) e retira-se para a fronteira com Serra Leoa; ataque do MULLD a Tubmanburg, ao N de Monróvia, mata 2 mil homens da FPLN (17/8) e aproxima Taylor/Johnson (set.).



FATOS DO ANO

Cessar-fogo total em sete meses e eleições gerais: assim prevê o acordo de paz de Genebra (17/7/1993), entre os três principais grupos armados e o governo provisório do pres. Amos Sawyer – resultado não de entendimento mas da estagnação total a que chegaram os combates. Ratificado em Cotonu (25/7), ele determina a supervisão da trégua pela ONU, e não mais pelas tropas da Ecomog, mandadas pela Comunidade Econômica da África do Sudoeste – constante ponto de discórdia devido à preponderância que nela têm as forças nigerianas. Mas os observadores são céticos quanto ao futuro desse acordo, que pode ser, como o de Iamussucro (1991), incapaz de encerrar a guerra civil e os atritos entre os guerrilheiros e a Ecomog. Em 15/10/1992, acusando essa força de intervenção de ter bombardeado suas posições em Kakata e Harbel, nos subúrbios da capital e de Buchanan, Charles Taylor, da Frente Patriótica Nacional da Libéria, desencadeou ofensiva contra Monróvia, conquistando a estratégica White Plains, principal estação de tratamento de água da capita. Em nov., como o governo interino de Sawyer praticamente não existia mais, a Ecomog preferiu apoiar o Movimento Unido de Libertação da Libéria para a Democracia, de Raleigh Seekie, chefe da guarda do ex-pres. Samuel Doe. Diante disso, Taylor intensificou os combates, destruindo o aeroporto James Sprigs Payne, da capital, para cortar a rota de suprimentos da Ecomog, enquanto esta bombardeava sua base de Gbarnga. Em 10/11/1992, alarmados pelos reveses da Ecomog, a cúpula dos governos da Comunidade, em Cotonu, decidiu impor à força as decisões do Acordo de Iamussucro. As dissensões logo vieram à tona: a Nigéria era favorável a esmagar as tropas de Taylor; a Costa do Marfim e o Burkina insistiam em que a Ecomog deveria ser imparcial. As acusações nigerianas de que os dois países apoiavam a FPLN criaram o impasse. No encontro de Abuja, na Nigéria, reafirmou-se o princípio da imposição da paz à força.

A ONU age – O apoio americano ao aumento do envolvimento da ONU deu o sinal verde para que o Conselho de Segurança exigisse o cessar-fogo, decretasse o embargo de armas e autorizasse o sec.-geral Butros-Gali a enviar representantes ao país. Taylor aceitava o cessar-fogo, mas o MULLD – dividido em duas facções, a de Seekie, com base em Freetown, na Serra Leoa, e a do *alhadji* G.V. Kromah, em Tubmanburg – não queria depor armas. No final de dez., após negociações com Trevor Gordon-Somers, da ONU, Taylor concordou em manter suas tropas em campos especiais; o que não impediu os demais de continuar atacando a FPNL.

Em 15/1/1993, a Ecomog retoma White Plains; dias depois, o MULLD ocupa Kakata e a região mineira de Bong. Enquanto isso, as divergências dentro da Ecomog provocam, em 13/1, a decisão do Senegal de retirar seus 1.500 homens; eles são substituídos por regimentos do Gâmbia, Gana, Guiné, Mali e Serra Leoa. E em 30/1, a ONU renuncia a enviar tropas para substituir a Ecomog; esta, entretanto, fracassou de tal forma em sua missão que, em fev., é a OUA quem se mostra disposta a intervir. Apesar disso, no final de fev., a Ecomog garante ter derrotado Taylor e retomado a maior parte do território que estava sob seu controle. A FPNL está, de fato, em franca desagregação: seus homens rendem-se às forças de intervenção mas, a julgar pelo protesto de Taylor na ONU (mar.), são as ofensivas do MULLD, mais do que as da Ecomog, que o desestabilizam: Seekie conquista Lofa; em abr.-mai., caem Harbel e Buchanan e começa a ofensiva aérea contra Gbarnga.

Daí em diante, a guerra civil marca passo e o embargo do abastecimento, ordenado pela ONU, provoca ataques dos guerrilheiros aos civis para roubar os poucos alimentos de que eles ainda dispõem. Há 450 mortos no ataque ao campo de refugiados de Kata, perto de Harbel (6/6/1993); a Ecomog, da qual depende sua proteção, não consegue impedir essa "verdadeira orgia de assas-

sinatos e mutilações", no dizer de um funcionário do Alto Comissariado da ONU para Refugiados. Em 17/8, o acordo de Genebra cria um governo de transição com representantes da FPLN, do MULLD e de Sawyer. Bismarck Kuyon preside o Conselho de Estado, órgão colegiado que dirigirá a transição, mas com possibilidades de êxito limitadas.

Líbia

● **NOME OFICIAL:** Jamahiriya Popular Socialista Árabe da Líbia. **Capital:** Trípoli. **Nacionalidade:** líbia. **Hino:** *Deus todo-poderoso* (1º verso). **Língua:** árabe (oficial); inglês e italiano. **Religião:** islamismo (sunitas, 97%, oficial); cristianismo (minoria). **Data nacional:** 1º/9 (Revolução).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da África. **Área:** 1.775.500 km². **Limites:** mar Mediterrâneo (N); Tunísia (NO); Egito (L); Chade (S); Sudão (SE); Níger (SO); Argélia (O). **Características:** planície litorânea com rios temporários (N); planaltos desérticos com dunas e áreas pedregosas (95% do território); desertos do Saara (centro) e da Líbia (L); escarpas (NO e S). **Ponto mais elevado:** pico Bette (2.286 m). **Clima:** árido subtropical (N); e tropical (S). **Cidades principais:** Trípoli (591.100 hab.); Bengazi (446.300); Misratah (121.700) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 4.447.000 (est.1992); **urbana:** 70,2% (1990). **Composição demográfica:** árabes e berberes líbianos, 89%; outros, 11% (1984). **Crescimento demográfico:** 3,9% (1988). **Faixas etárias: 0-14:** 47,2%; **15-59:** 48,9%; **mais de 60:** 3,9% (1987). **Densidade (hab./km²):** 2,5 (1992). **Natalidade:** 46 por 1.000 (1988). **Mortalidade:** 7 por 1.000 (1988); **mortalidade infantil:** 82 por 1.000 (1985–1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,6 (1990). **Vida média homens:** 61,6; **mulheres:** 65 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 207 hab. (1982); **médicos:** 1 por 690 hab. (1984).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 36,2% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,4 milhão (1987/88); **professores:** 75,1 mil (1984/85). **Alunos no ensino superior:** 40,4 mil (1987/88).

● **GOVERNO:** República parlamentarista de modelo socialista. **Data da Constituição em vigor:** 28/3/1977. **Divisão administrativa:** 3 províncias, 10 governadorias e 1.500 comunas. **Regime partidário:** unipartidarismo; **partido:** União Socialista Árabe. **Chefe de Estado:** cel. Muamar Kadafi (desde 8/9/1969). **Chefe de governo:** sec.-geral do Comitê Geral do Povo Abu Zayd Umar Durdah. **Legislativo:** unicameral – Congresso Geral do Povo, com 1.112 membros indicados pelo partido único.

● **ECONOMIA:** agricultura, 5,5%; indústria, 22,6%; mineração, 27,8%; comércio, 6,8%; serviços, 37,3% do PIB (1989). **Agricultura:** cevada, trigo. **Pecuária:** aves, ovinos, caprinos. **Pesca:** 7,8 mil t (1990). **Indústria:** petrolífera, agroindústria, cimento. **Minerais:** petróleo, gás natural, minério de ferro, potássio, manganês, enxofre, gipsita. **Exportações:** US$ 8,6 bilhões; **produtos:** petróleo (1989). **Importações:** US$ 5,5 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, alimentos, animais vivos (1990). **Parceiros comerciais:** Itália, Alemanha, Japão, França, Grécia. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dinar líbio (dividido em 1.000 dirrãs); **cotação para 1 US$:** 0,30 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 23,3 bilhões; **renda per capita:** US$ 5.310 (1989); **crescimento anual:** -5,4% (1980–1990). **Inflação:** 0,2% (1980–1990). **Dívida externa:** US$ 2,1 bilhões (1988). **Força de trabalho:** 994,9 mil; **distribuição:** agricultura, 19,2%; indústria, 30,3%; comércio, 5,3%; serviços, 45,2% (1989); **mão-de-obra feminina:** 8,7% (1988–1990). **Desemprego:** 2% (1988).

● **DEFESA: Efetivo total:** 85 mil (1992); **Exército:** 55 mil; **Marinha:** 8 mil; **Força Aérea:** 22 mil; **outros:** 2,5 mil (Legião Pan-Africana Islâmica).

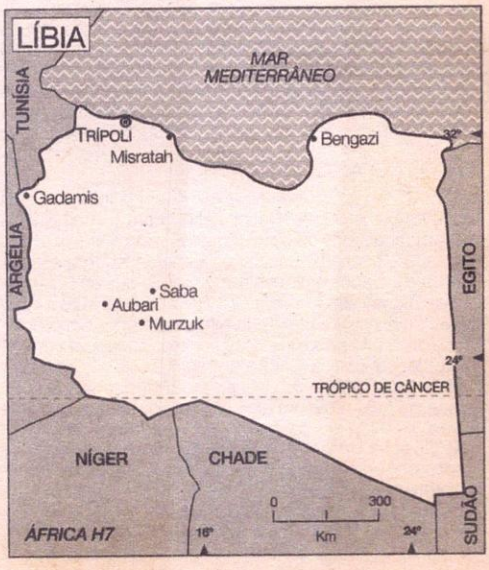
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 19,3 mil km; 56% pavimentados (1987); **nº de veículos:** 770 mil; **automóveis:** 448 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Trípoli, Benghazi, Misurata; Zuetina, Ras Lanouf, Mersa, Brega, Mersa Hariga as-Sider (petróleo). **Linha aérea:** Jamahiriya Libian Arab Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,3 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 8,7 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 8 hab. (1988). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 9,5 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 15, chácara 26, CEP 70462-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-6710.

HISTÓRIA

Dominada por cartagineses, romanos e vândalos; conquistada pelos árabes (séc. VII); disputada pelo Egito e a Turquia (séc. VIII-XV); controlada pelos espanhóis e os Cavaleiros da Malta (séc. XVI), a região cai em poder do Imp. Otomano (1551), que, no entanto, dá autonomia aos chefes locais. **1911 – 1933:** ocupação italiana após a derrota turca; luta contra a confraria muçulmana dos sanussis. **1943 – 1949:** conquista aliada na II Guerra; administração britânica da Tripolitânia e Cirenaica e francesa do Fezzan. **1951:** os EUA obtêm o direito de estabelecer uma base, em troca de ajuda financeira. **1959:** descoberto petróleo na Tripolitânia e Cirenaica. **1961:** começa a exploração. **1967:** pedida a desocupação da base de Wheelus após ajuda dos EUA a Israel na Guerra dos Seis Dias. **1969/70:** o cel. Muamar Kadafi derruba o rei Idris, ocupa a Wheelus, compra jatos *Mirage* da França e renegocia com as petrolíferas ocidentais. **1971:** Idris é condenado à morte *in absentia*; nacionalização dos poços da *British Petroleum*. **1972:** monopartidarismo. **1973:** nacionalização da americana *Bunker Hunt*. **1975:** compra de equipamentos militares da URSS. **1976:** universitários líbios no exterior protestam contra a morte de estudantes que criticavam o governo em Bengazi. **1977:** recebe seu atual nome oficial; mediação de Arafat e Bumediene num conflito com o Egito. **1979:** renúncia de Kadafi à sec.-geral do Congresso; é substituído por Abdel Atti el-Abidi. **1980:** apoio à Frente Polisário saariana e ruptura com o Marrocos; o apoio a um ataque à cidade tunisiana de Gafsa abala as relações com a Tunísia e a França; campanha de eliminação de dissidentes líbios no exterior cria crise com governos europeus; intervenção no Chade e plano de fusão com esse país. **1981:** acor-



dos militares com a URSS; crise com os EUA após a derrubada, por americanos, de dois aviões líbios no golfo de Sidra; a Conferência de Solidariedade com o Povo Líbio diminui o isolamento internacional do país; a pedido de Gucuni Uedei, Kadafi retira as tropas líbias do Chade. **1984**: o Tratado de Ujdá prevê fusão com o Marrocos (ago.). **1985**: tratado de cooperação com o Sudão; apoio ao Irã causa ruptura com o Iraque; repatriamento de operários tunisianos, trocados por marroquinos, provoca ruptura com a Tunísia; o país é acusado, pelos EUA, de responsável por atentado nos aeroportos de Roma e Viena (dez.). **1986**: em represália, embargo total dos EUA; manobras navais americanas no golfo de Sidra provocam choques armados e bombardeio das cidades de Sidra e Bengazi; culpado pelo atentado contra uma discoteca em Berlim ocidental, freqüentada por soldados americanos, o país sofre nova represália americana: Trípoli e Bengazi são bombardeadas; entre as vítimas, está a filha de Kadafi; retirada das petrolíferas americanas; sanções de aliados dos EUA; obtenção de armamento moderno da URSS; compra clandestina de armas francesas e britânicas. **1987**: o min. da Indústria Pesada, Omar al-Muntassir, torna-se o 1º-ministro; indenização aos operários repatriados em 1984 (set.); reatamento com a Jordânia (23/9); denúncia americana de que o país produz armas químicas proibidas pela Convenção de Genebra (dez.). **1989**: dois Mig–23 são derrubados, em Sidra, por um F-14 americano (4/11); acordo de paz com o Chade (31/8). **1990**: Pacto de Integração com o Sudão (4/3); neutralidade na Guerra do Golfo. **1991**: Kadafi assume a presidência do Maghreb Árabe e concorda que o conflito com o Chade seja resolvido pela Corte Internacional de Justiça; pressões dos EUA e da Inglaterra para extradição de dois líbios acusados da explosão de um avião da Pan Am sobre Lockerbie, na Escócia, em dez. de 1988 (nov.); Kadafi se compromete a investigar (25/11), mas obtém da OUA que peça à ONU o não decretamento de sanções contra seu país (5/12); decretada prisão domiciliar dos dois suspeitos (7/12); os EUA renovam as sanções (26/12). **1992**: a ONU exige a extradição (jan.); rejeitada a proposta de Kadafi de um julgamento em Trípoli (13/2); Bassam Sharif, da OLP, acusa Hamde Jabril, da FPLP/Comando Geral, de ser o autor do atentado de Lockerbie (16/2); a Justiça líbia nega a extradição (18/2); o *Times* de Londres acusa a CIA de ter destruído o avião numa "queima de arquivo" ligada ao caso Irã-Contras (20/2); resoluções da ONU nº 731 (21/3), exigindo a extradição, e 748 (31/3), dando prazo até 15/4 para que isso aconteça, e autorizando, caso contrário, sanções, bloqueio e medidas militares; adoção de sanções pela CEE e os Sete Grandes; apelo de Kadafi à Corte Internacional de Justiça (abr.); Kadafi entrega aos ingleses um relatório sobre a ajuda líbia ao IRA (9/6), o que provoca reações internas de condenação; o milionário americano Henry Kartchner, amigo de Kadafi, oferece US$ 1 milhão às famílias das vítimas para que peçam aos EUA que parem de pressionar a Líbia.

FATOS DO ANO

Em 29/9/1993, o cel. Muamar Kadafi aceita que dois agentes líbios, Abdel Baset al-Miugrahi e Amil Khalifa Fimah – acusados da explosão do Boeing que, em 1988, caiu sobre Lockerbie, na Escócia, matando 270 pessoas –, sejam julgados em Edimburgo, desde que ambos concordem com isso (o que a Grã-Bretanha considera insatisfatório e insuficiente). Este tem sido o principal problema externo do país, que o faz ser pressionado a cumprir a resolução 731 da ONU e entregar os dois acusados.

Em 12/8/1992, a renovação até dez. das sanções de embargo aéreo, diplomático e de venda de armas, força a flexibilização da política externa, principalmente em relação aos EUA. Sinal disso são os artigos publicados na imprensa líbia, exigindo medidas liberalizantes. Os remanejamentos ministeriais de nov. de 1992 foram entendidos como parte dessa modificação de atitude. A transferência do moderado Omar al-Muntasser do Planejamento para a Chancelaria foi visto como um aceno à negociação. Mas o encontro entre Kadafi e o sub-sec.-geral da ONU, Vladímir Petróvski, terminou mal: à advertência de que o não cumprimento da resolução 731 levaria à adoção de medidas de força, Kadafi respondeu não estar disposto à rendição.

Vítima do embargo – De 8 a 12/1/1993, fecha as fronteiras terrestres líbias, em protesto contra a ONU, que, em 9/12/1992, renovara as sanções. Trípoli chega a atribuir a elas a morte do min. da Justiça e Segurança Pública, Ibrahim Mohamed Bakkar (6/1). Não podendo, devido ao embargo aéreo, retornar de avião da reunião, em Túnis, dos min. da Justiça dos países da Liga Árabe, Bakkar teve de voltar de carro e, no caminho, foi assassinado por assaltantes. Em 8/1/1993, Muntasser inicia ofensiva diplomática reunindo-se, no Egito, com Butros-Gali e seu colega egípcio, Mohamed Mussa. Em 18/1, Kadafi encontra-se com o pres. Mubarak para discutir as relações da Líbia com o ocidente.

Preocupado, desde 1992, em liberalizar a economia, Kadafi definira, em set. desse ano, as regras para a privatização das estatais e dos serviços públicos, e permitira a iniciativa empresarial em setores que, antes, eram monopólio do Estado. No discurso de 8/5/1993, no Congresso Geral do Povo, propõe abertura da economia para atrair investimentos estrangeiros e advoga a criação de um "turismo de massas" e a retirada do controle econômico das mãos do Estado. Desde fev. de 1993, comerciantes particulares operam paralelamente aos supermercados estatais, realizando negócios diretamente com estrangeiros.

No ultimato de 13/8/1993, os EUA, a Inglaterra e a França ameaçam com a extensão do embargo aos setores petrolífero, financeiro e tecnológico se Kadafi não ceder até 1º/10. Em 3/9, este afirma que, se a Líbia for atacada, seus poços de petróleo serão incendiados, o que provocará o caos no mercado mundial. Mas isso significaria também, em poucos meses, o colapso total da Líbia; o que explica ele concordar com uma sugestão feita pelos EUA desde mar. de 1993: contrata um advogado escocês para defender os agentes líbios e começa a negociar com Londres um "julgamento justo". Ao mesmo tempo, dispõe-se a colaborar com os EUA no combate ao terrorismo e, rompendo com o Irã, conclama os líbios a "liquidarem como um cão, sem julgamento" todo fundamentalista islâmico com que depararem. O que não o impede de decretar (3/7), baseado na *sharia* (a lei corânica), que, em vez de pena de prisão, os ladrões tenham a mão direita decepada.

Liechtenstein

● **NOME OFICIAL:** Principado de Liechtenstein. **Capital:** Vaduz. **Nacionalidade:** liechtensteiniense. **Hino:** *Lá em cima, no Reno alemão* (1º verso). **Língua:** alemão (oficial); dialeto alemão. **Religião:** cristianismo (católicos, 86,3%; protestantes, 7,9%) outros, 5,8%. **Data nacional:** 14/2 (Príncipe).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Europa. **Área:** 160 km². **Limites:** Suíça (N, S e O); Áustria (L). **Características:** relevo acidentado e montanhoso – cadeia dos Alpes Réticos (N a S); planície pantanosa ao longo do rio Reno; montanhas (S e SE). **Ponto mais elevado:** pico Gruspitz (2.599 m). **Clima:** de montanha. **Rio principal:** Reno. **Cidades principais:** Schaan (4.390 hab.); Vaduz (4.874) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 29.600 (est.1992); **urbana:** 25,2%. **Composição demográfica:** nativos, 62,5%; suíços, 15,6%; austríacos, 7,6%; alemães, 3,7%; outros, 10,6% (1992). **Crescimento demográfico:** 0,8% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 19,4%; **15-59:** 67%; **mais de 60:** 13,6% (1992). **Densidade (hab./km²):** 185 (1992). **Natalidade:** 14,2 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6,4 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 7 por 1.000 (1985–1989). **Vida média homens:** 69,5; **mulheres:** 73,6 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 269 hab. (1985); **médicos:** 1 por 1 mil hab. (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 3,1 mil; **professores:** 269 (1990/91). Ensino superior: não há.

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 5/10/1921 (2 emendas). **Divisão administrativa:** 11 comunas. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Cidadãos Progressistas, União Patriótica. **Chefe de Estado:** princ. Hans-Adam II (desde 13/11/1989). **Chefe de governo:** 1º-min. Markus Büchel (desde 7/2/1993). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 25 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** o setor dominante é o de serviços, principalmente o financeiro e as transações bancárias. **Agricultura:** milho, trigo, batata. **Pecuária:** bovinos, suínos, ovinos. **Indústria:** metalúrgica, mecânica pesada, instrumentos de precisão, química, móveis, cerâmica. **Exportações:** US$ 1,2 bilhão; **produtos:** material odontológico, selos (1991). **Importações:** US$ 626,4 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, materiais de construção, metais brutos e semi-usinados, químicos (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Suíça, principal). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco suíço; **cotação para 1 US$:** 1,47 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 940 milhões; **renda per capita:** US$ 32.790 (1990). **Inflação:** 5,9% (1991). **Força de trabalho:** 14,7 mil; **distribuição:** agricultura, 2,4%; indústria, 42,6%; comércio, 11,3%; serviços, 42,9%; outros, 0,8%; **mão-de-obra feminina:** 37,8% (1991). **Desemprego:** 0,1% (1991).

● **DEFESA:** não há desde 1868.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 323 km (1989); **nº de veículos:** 18,6 mil; **automóveis:** 16,9 mil (1990). **Ferrovias:** 18,5 km (1990). **Portos:** não há. **Linhas aéreas:** não há.

● **COMUNICAÇÕES: Receptores de rádio:** 1 por 2,8 hab. (1990). **Receptores de TV:** 1 por 2,9 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,7 hab. (1991). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 598 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** representada pela Suíça.

HISTÓRIA

O feudo, pertencente ao Sacro Imp. Romano-Germânico, é criado (1719) pela união do condado de Vaduz e do baronato de Schellenberg, comprados dos condes de Hohenem pela família austríaca dos Liechtenstein. Invadido pela França nas guerras napoleônicas, une-se à Confederação Germânica em 1815. **1866:** dissolvida a Confederação, após a vitória da Prússia contra a Áustria, fim da ligação com os Estados germânicos. **1868:** dissolução do Exército; neutralidade. **1919 – 1924:** a Suíça controla sua diplomacia e assuntos fiscais. **1938:** o princ. Franz Josef II é o primeiro governante a residir no principado. **1945 – 1965:** o país torna-se centro de turismo, comércio e pequena manufatura. **1970:** a vitória da União Patriótica põe fim a 42 anos de liderança do Partido dos Cidadãos Progressistas. **1974:** o PCP volta ao poder. **1984:** referendo aprova parcialmente o voto feminino; Franz Josef II passa o poder a seu herdeiro, princ. Hans Adam. **1986:** aprovação geral do voto feminino. **1989:** morte de Franz Josef II; Hans Adam II assume. **1991:** adesão ao Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento (abr.) e à Associação Européia de Livre Comércio (22/5). **1992:** rejeição, em plebiscito, da proposta de diminuir a idade mínima do voto de 20 para 18 anos (jun.); Hans-Adam II ameaça bloquear o acesso da Tcheco-Eslováquia à AELC se esta não devolver terras de sua família confiscadas em 1945.

FATOS DO ANO

Nas eleições gerais de 7/2/1993, a União Patriótica, conquistando apenas onze das 25 cadeiras, perde sua tradicional maioria. O Partido dos Cidadãos Progressistas obtém doze cadeiras. Negociações entre esses dois partidos majoritários formam nova coalizão, liderada por Markus Büchel, do PCP, que nomeia para a pasta da Construção ornelia Gassner-Matt, primeira mulher a exercer um cargo ministerial no país.

Em out. de 1992, 2 mil pessoas protestaram, em Vaduz, contra a ameaça do princ. Hans Adam II de dissolver o *Landtag* (o Parlamento) se este não aceitasse sua proposta de o referendo sobre a entrada do Liechtenstein na Área Econômica Européia ocorrer antes de consulta semelhante na Suíça, com a qual o principado tem estreitos vínculos econômicos. O príncipe temia que o resultado na Suíça condicionasse a resposta em seu país. Diante da reação popular, concordou que o referendo fosse marcado para depois do suíço, mas a campanha governamental pelo "sim" à AEE fez com que, em 13/12/1992, mesmo depois da rejeição suíça, 55,8% dos votos aprovassem a entrada na organização.

Lituânia

● **NOME OFICIAL:** República da Lituânia. **Capital:** Vilnius. **Nacionalidade:** lituana. **Hino:** *Lituânia, meu país* (1º verso). **Língua:** lituano (oficial); russo. **Religião:** cristianismo (católicos, maioria; calvinistas, luteranos, ortodoxos, protestantes); islamismo (minoria). **Datas nacionais:** 20/7 (República); 11/3 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Europa. **Área:** 65.200 km². **Limites:** Letônia (N); Bielorrússia (L e S); Polônia (SO); mar Báltico e província de Kaliningrado (Rússia) (O). **Características:** relevo baixo com dunas e lagunas (litoral); extensa planície central; cadeias de colinas com lagos (S e L). **Ponto mais elevado:** monte Juozapine (294 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Niemen, Nemunos, Neris, Venta, Miniji, Svertoji. **Cidades principais:** Vilnius (596.900 hab.); Kaunas (433.600); Klaipeda (208.300); Chiauliai (149.000); Panevèzys (132.300) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 3.802.000 (est.1992); **urbana:** 68,8% (1992). **Composição demográfica:** lituanos, 76,9%; russos, 9,4%; poloneses, 7%; bielorrussos, 1,7%; outros, 5% (1989). **Crescimento demográfico:** 0,4% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 22,6%; 15-59: 61,7%; mais de 60: 15,7%

(1989). **Densidade (hab./km²):** 58,2 (1992). **Natalidade:** 15 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 10,9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 14,3 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2 (1990). **Vida média homens:** 66,6; **mulheres:** 76,3 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 82 hab.; **médicos:** 1 por 262 hab. (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 4% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 556 mil; **professores:** 47,8 mil (1991/92). **Alunos no ensino superior:** 60,5 mil (1991/92); **professores:** 9 mil (1987/88).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 25/10/1992. **Divisão administrativa:** 11 cidades, 44 distritos rurais. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrático Trabalhista, Sajudis/dos Cidadãos, Cristão Democrático. **Chefe de Estado:** pres. Algirdas Brazauskas (desde 14/2/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. Adolfas Sle'zevicius (desde mar.1993). **Legislativo:** unicameral – Seimas, com 141 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 19,6%; indústria, 71,9%; comércio e serviços, 8,5% do PNB (1991). **Agricultura:** cereais, linho, beterraba, batata, verduras e legumes. **Pecuária:** bovinos, suínos. **Pesca:** 371 mil t (1991). **Indústria:** alimentícia, industria leve, mecânica pesada, metalúrgica. **Minerais:** petróleo, gás natural, turfa, enxofre, areia, cascalho, argila, calcário. **Exportações:** US$ 5,1 bilhões; **produtos:** metalúrgicos, industriais leves, alimentos (1991). **Importações:** US$ 3,2 bilhões; **produtos:** derivados de petróleo, gás natural, máquinas industriais, metalúrgicos, químicos, industriais leves (1991). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI (Rússia, principal). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** litas; **cotação para 1 US$:** 378,85 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 10,2 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.710 (1991); crescimento anual do PML: -12,8% (1991). **Inflação:** cerca de 1.000% (est. 1993). **Dívida externa:** US$ 1,1 bilhão (1992). **Força de trabalho:** 2,1 milhões; **distribuição (setor estatal):** agricultura, 17,8%; indústria, 39,5%; comércio, 9,9%; serviços, 31%; outros, 1,8%; **mão-de-obra feminina:** 53,8% (1991). **Desemprego:** 5%–6% (1991).

● **DEFESA: Exército:** 7 mil homens; **outros:** 12,5 mil (guarda nacional) (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 44,5 mil km; 80% pavimentados (1991); **Ferrovias:** 3 mil km (1991). **Porto:** Klaipéda. **Linha aérea:** Lithuanian Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 1,2 hab. (1987). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 2,9 hab. (1987). **Linhas telefônicas:** 1 por 4,3 hab. (1991). **Jornais diários:** 12; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 1.547 (1983).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 41 West 82nd Street, New York, NY 10024, EUA; tel. (212) 877-4552.

HISTÓRIA

Povos das estepes do alto Dnieper ocupam, no séc. X, a região do rio Niemen. **1236:** o chefe Mindaugas enfrenta a Liga dos Cavaleiros Teutônicos; em **1251:** para manter a paz com ela, aceita o batismo e, em **1253:** unifica o país ao ser coroado, em Kernave, pelo papa Inocêncio IV. **1250 – 1263:** conquista territórios na Bielorrússia e Ucrânia, mas acaba assassinado. **1315 – 1341:** o rei Gediminas funda Vilnius (1323) e expande o território. **1386:** seu neto Jogaila casa-se com Jadwiga, da Polônia, é batizado em Cracóvia (15/2) com o nome de Wladyslaw Jagiello – ou Jaguelão –, é coroado rei da Polônia, em **1399:** derrota os tártaros e, em **1410:** na batalha de Grünwald, vence os Cavaleiros Teutônicos. **1413:** Pacto de Horodlo: união com a Polônia em igualdade de condições. **1569:** aceita a dominação polonesa para defender-se da Rússia. **1772 – 1793:** partilhas sucessivas da Polônia colocam os lituanos sob tutela russa. **1800 – 1860:** resistência à campanha de russificação de Nicolau I. **1830 – 1863:** reprimidas duas rebeliões contra a Rússia; na segunda, 180 nacionalistas são enforcados e 9 mil deportados. **1864–1905:** russificação total; mas o acordo de 30/10/1905 permite a publicação do *Vilniaus Zinios*, primeiro jornal em lituano. **1915:** invasão alemã (18/9). **1918:** sob ocupação, o *Lietuvos Taryba* (Conselho Lituano) proclama a independência (16/2); Augustinas Voldemaras é o 1º-ministro.(5/11). **1919:** os soviéticos instalam o gov. fantoche de Vincas Mickevicius-Kapsukas (5/1); Voldemaras transfere-se para Kaunas. **1920:** reconhecimento soviético da independência; ocupação polonesa de Vilnius. **1922:** reforma agrária e nova Constituição. **1926:** vitória do esquerdista Casimir Grinius, do Partido Populista Camponês, derrubado (dez.) por Voldemaras, à frente do movimento fascista *Lobos de Ferro*, com apoio do Exército e dos conservadores. **1926 – 1929:** ditadura de Voldemaras, que acaba deposto; assume o nacionalista Antonas Smetonas. **1938:** nova Constituição; coalizão nacionalistas-liberais-conservadores. **1939:** ocupação soviética; Smetonas refugia-se na Alemanha. **1940:** anexação pela URSS (21/7); deportação de 31 mil políticos e intelectuais. **1941 – 1944:** ocupação nazista; fechamento das universidades; judeus e dissidentes vão para campos de extermínio na Polônia. **1944:** retomada pela URSS (13/7); nova russificação. **1944 – 1949:** 80 mil exilados; 120 mil dissidentes são deportados e 145 mil compulsoriamente removidos pela campanha stalinista de coletivização. **1987:** começam, em Vilnius, passeatas contra o Pacto de 1939 (23/8). **1988:** manifestações em memória das vítimas da coletivização (jun.); surge o *Sajudis* (Movimento de Apoio às Reformas), de Jozuas Tumualis (23/10), que, em **1989:** ganha trinta dos 42 distritos em jogo (26/3); o Parlamento cancela o Pacto de 1939 (22/8); autonomia relativa para os Estados bálticos (27/11); o Parlamento põe fim ao monopólio político do PC (7/12). **1990:** o autonomista Algirdas Brazauskas é eleito presidente interino (jan.); eleições pluripartidárias (25/2); o *Sajudis* conquista cem das 141 cadeiras; secessão da URSS (11/3); eleição de Vytautas Landsbergis; a URSS exige a revogação da independência (15/3) e impõe bloqueio (19/3); diante do corte dos alimentos, Landsbergis congela a declaração de independência (29/6). **1991:** militares russos conservadores ocupam a TV estatal (13/1); o golpe fracassa mas deixa 13 mortos e cem feridos; Gorbatchóv nomeia comissão para apurar a responsabilidade do Exército; plebiscito opta pela independência (9/2); ocupação da central telefônica de Vilnius por "boinas negras" soviéticos (26/6); o pres. Borís Iéltsin, da Rússia, reconhece a independência, que se efetiva em 22/8; revogação, pela URSS, do Pacto de 1939 (6/9); começa a retirada das tropas soviéticas (8/9); adesão à ONU (12/9); dissolução dos conselhos municipais das regiões de maioria russa, acusados de terem apoiado o golpe de ago. contra Gorbatchóv (set.); nova Lei da Cidadania (dez.) impõe rígidas condições às minorias russa e polonesa. **1992:** assinatura,

com a Polônia, da Declaração de Amizade e Cooperação (jan.), mas proibição do uso, nas escolas, de livros impressos na Polônia; dez ministros pedem ao Conselho Supremo que restrinja as funções do 1°-min. Gediminas Vagnorius, acusado de ser ditatorial; demissão, em protesto, do vice Vytautas Pakalniskis; renúncia de Vagnorius (16/5), mas o pres. Landsbergis o mantém interinamente; rejeição, em plebiscito, da proposta de Landsbergis de reforçar os poderes da presidência (23/5); o impasse criado leva à antecipação das eleições (25/10), com a vitória de Algirdas Brazauskas, do Partido Democrático do Trabalho (ex-PC), com 46,57% dos votos; no mesmo dia, em plebiscito, criação do posto de pres. da República, a ser eleito em 1993.

FATOS DO ANO

Os 60% de votos de Algirdas Brazauskas, do Partido Democrático Trabalhista (ex-PC), nas eleições presidenciais de 14/2/1993, são a confirmação da popularidade que, nas legislativas de 25/11/1992, o levara à presidência do *Seismas* (o Parlamento). Já naquela época, embora governando interinamente, ele se sentira à vontade para nomear tecnocratas que, liderados por Bronislovas Lubys, aplicaram a política de privatizações. Mas tomou a precaução de não desestruturar bruscamente o sistema herdado da URSS. A retórica inflamada de seu antecessor, o pres. Vytautas Landsbergis, do *Sajudis* (Movimento da Lituânia), entusiasmara o povo quando se tratava de pregar a independência; mas a queda de 50% na produção industrial, durante sua gestão, é a principal causa da derrota de seu candidato, Stasys Lozoraitis, que recebe apenas 38,1% dos votos.

Brazauskas é uma figura enérgica e carismática; e é de energia que ele e seu 1°-min. Adolfas Sle'zevicius precisam pois, se o estatismo comunista não funcionou, a pressa em aderir à economia de mercado pode ser ainda mais danosa. Para começar, é difícil desvincular-se da dependência econômica da Rússia. O fornecimento de gás natural, interrompido por Moscou (jun. de 1993) em represália pelo não pagamento de uma dívida de US$ 40 milhões, ocorre justamente quando Brazauskas tenta negociar, com os russos, a redução no preço desse produto. Apesar do quadro econômico desfavorável, o pres. do Banco da Lituânia, Romualdas Visakavičius, garante, em jul., que o apoio do FMI e as reservas do país em ouro e moeda forte serão suficientes para garantir a estabilidade do litas, moeda que recebeu o mesmo nome da que circulava antes da invasão soviética, em 1939.

Em 31/8/1993, é comemorada a retirada dos últimos 150 soldados do Exército Vermelho. Em seu discurso, o ex-líder do PC diz que esse era "o sonho de mais de uma geração". A Lituânia pleiteia indenização pelos 54 anos de ocupação soviética, mas o Kremlin considera a soma exorbitante. Sabe-se que, em set., é acertado um acordo entre Vilnius e Moscou, mas seus termos não são divulgados.

Luxemburgo

● **NOME OFICIAL:** Grão-Ducado de Luxemburgo. **Capital:** Luxemburgo. **Nacionalidade:** luxemburguesa. **Hino:** *Nossa terra-mãe* (1° verso). **Língua:** luxemburguês (oficial); alemão e francês. **Religião:** cristianismo (católicos, 94,6%; protestantes, 1,1%); outros, 4,3%. **Data nacional:** 23/6 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Europa. **Área:** 2.586 km². **Limites:** Bélgica (N e O); Alemanha (L); França (S). **Características:** planalto cortado pelos afluentes do rio Sauer (3/4 do território, N), e com escarpas e amplos vales ao longo dos rios Mosela (SE) e Alzette (centro-sul). **Ponto mais elevado:** monte Huldange 559 m. **Clima:** temperado oceânico. **Rios principais:** Alzette, Sauer, Mosela. **Cidades principais:** Luxemburgo (75.377 hab.); Esch-sur-Alzette (24.012); Differdange (15.699); Dudelange (14.677); Pétange (12.345) (1991). **Hora local (em relação a Brasília):** +4h.

● **POPULAÇÃO:** 387.000 (est.1992); **urbana:** 85,9% (1991). **Composição demográfica:** luxemburgueses, 72,5%; portugueses, 9%; italianos, 5,4%; franceses, 3,4%; belgas, 2,5%; alemães, 2,4%; outros, 4,8% (1990). **Crescimento demográfico:** 0,3% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 17,1%; **15-59:** 64,1%; **mais de 60:** 18,8% (1989). **Densidade (hab./km²):** 149,7 (1992). **Natalidade:** 12,9 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 9,9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 7,3 por 1.000 (1990). **Fertilidade (n° de filhos por mulher):** 1,6 (1990). **Vida média homens:** 70,6; **mulheres:** 77,9 (1985–1987). **Leitos hospitalares:** 1 por 85 hab.; **médicos:** 1 por 498 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 6,2% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1° e de 2° grau:** 45,4 mil; **professores de 1° grau:** 1,7 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 5 mil; **professores no ensino superior e no ensino profissionalizante:** 1,9 mil (1990/91). **Gastos:** 14,1% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 17/10/1868 (várias emendas e uma revisão). **Divisão administrativa:** 12 cantões. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Social Cristão, Democrático, Socialista dos Trabalhadores. **Chefe de Estado:** grão-duque Jean d'Aviano (desde 12/11/1964). **Chefe de governo:** 1°-min. Jacques Santer (desde 1984). **Legislativo:** unicameral – Câmara dos Deputados, com 60 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 2%; indústria, 35,2%; mineração, 0,1%; comércio, 16,4%; serviços, 46,3% do PIB (1990). **Agricultura:** cereais, batata, uva. **Pecuária:** bovinos, suínos, aves. **Indústria:** metalúrgica, siderúrgica, química, borracha, plástica, máquinas industriais, papel e impressão, alimentícia, audiovisual, processamento de dados. **Minerais:** areia, cascalho. **Exportações:** US$ 6,3 bilhões; **produtos:** manufaturas de metal, plásticos, máquinas industriais, borracha (1991). **Importações:** US$ 8,1 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas de metal, químicos, minerais (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Bélgica, Alemanha, França, principais). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moedas:** franco luxemburguês e franco belga (divididos em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 33,25 (franco luxemburguês) (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 11,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 31.080 (1991); **crescimento anual:** 4,2% (1980–1991). **Inflação:** 3,1% (1991). **Força de trabalho:** 159,7 mil; **distribuição:** agricultura, 3,7%; indústria, 28,6%; comércio, 19,8%; serviços, 45,9%; outros, 2%; **mão-de-obra feminina:** 34,8% (1990). **Desemprego:** 1,4% (1991).

● **DEFESA: Exército:** 800; **outros:** 560 paramilitares (1992). **Gastos:** 2,9% do orçamento (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 5,1 mil km; 99% pavimentados (1990); **n° de veículos:** 211,1 mil; **automóveis:** 191,6 mil (1991). **Ferrovias:** 271 km (1990). **Portos:** não há. **Linha aérea:** Luxair (vôos internacionais).

● **COMUNICAÇÕES:** privadas. **Emissoras de rádio:** 6; **receptores:** 1 por 1,7 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 3,8 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 2,1 hab. (1990). **Jornais diários:** 5; **n° de exemplares por 1.000 hab.:** 340 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 801 Second Avenue, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 370-9850.

HISTÓRIA

O condado surge no séc. X e, em 1308, seu dirigente torna-se chefe do Sacro Imp. Romano-Germânico. Ducado em 1354, passa às mãos dos Habsburgos em 1482. Sua História confunde-se com a do S da Holanda, sob domínio espanhol e austríaco até a anexação, em 1797, pela França revolucionária. **1815:** o Congresso de Viena cria um ducado unido à Holanda, anexado, em

1839: pela província belga do Luxemburgo. **1867:** Tratado de Londres: Estado neutro associado à Holanda. **1890:** após a morte de Guilherme III da Holanda, o ducado é herdado por Adolfo de Nassau. **1914 – 1918:** ocupação alemã viola a neutralidade. **1919 – 1964:** reinado da grã-duquesa Carlota. **1940 – 1944:** ocupação nazista, governo no exílio em Londres. **1949:** fim da neutralidade, adesão à OTAN. **1964:** sobe ao trono o grão-duque Jean d'Aviano. **1980:** instalação de forças da OTAN no país. **1984:** insatisfação com a política econômica social-cristã; crescimento do Partido Operário Socialista Luxemburguês; coalizão PSC/PSOL: Jacques Santer é o 1º-ministro. **1985:** atentados dos ambientalistas radicais do *Mouvement Écologique Combattant* que, em **1989:** conquistam cadeiras na Câmara (jun.); mantida a coalizão com Santer. **1990:** demissão de Guy de Muyser, emb. na OTAN (abr.), que transmitiu informações secretas à URSS; abolição dos controles de fronteira com a Bélgica, França, Alemanha e Holanda. **1991:** escândalo da quebra do Banco de Crédito e Comércio Internacional, do Abu Dabi, cuja *holding* tinha sede no país. **1992:** a Corte Distrital ordena sua liquidação; ratificação do Tratado de Maastricht (2/7), por 51 votos a seis.

FATOS DO ANO

Após ratificar o Tratado de Maastricht, o país elege, em 6/1/1993, o delegado luxemburguês na Comissão Européia: o min. da Agricultura e Viticultura, René Steichen, também vice-min. da Cultura e da Pesquisa Científica. Para substituí-lo, o Partido Social Cristão, do 1º-min. Jacques Santer, designa Josée Jacobs, única ministra num país onde é restrita a participação política da mulher.

Ao equilíbrio político corresponde também o econômico: são muito baixos os níveis de inflação (menos de 2%) e desemprego (1,3% em ago. de 1993), e a queda do preço do aço no mercado internacional (1992/93) não afeta muito os negócios da ARBED, multinacional siderúrgica que é a maior empregadora do país. Prevê-se, entretanto, que a integração na Europa unificada, por meio da abolição de restrições ao fluxo de capital, possa enfraquecer sua posição como centro para investidores atraídos por sua vantajosa legislação financeira. Para evitá-lo, o governo Santer debate, no segundo semestre do ano, os meios efetivos de diversificar a economia.

A quebra do Banco de Crédito e Comércio Internacional é escândalo do qual o país ainda não conseguiu se livrar. Em out. de 1992, a Corte Distrital aprovou o plano de compensação dos acionistas e credores lesados, formulado pelos responsáveis pela liquidação do BCCI. Mas, em dez., a implementação desse plano foi embargada por três proeminentes credores que rejeitaram a cláusula de que qualquer reclamação posterior deveria ser pleiteada nos Emirados Árabes, onde ficava a sede do banco.

Macedônia

● **NOME OFICIAL:** República da Macedônia. **Capital:** Skopje. **Nacionalidade:** macedônia. **Língua:** servo-croata, esloveno e macedônio (oficiais); albanês (minoria). **Religião:** cristianismo (ortodoxos, maioria; católicos); judaísmo; islamismo (sunitas e dervishes).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Europa. **Área:** 25.713 km². **Limites:** Iugoslávia (N); Bulgária (L); Grécia (S); Albânia (O). **Características:** território montanhoso cortado na direção NO-SE pelo vale do rio Vardar. **Ponto mais elevado:** monte Tito (2.747 m). **Clima:** mediterrâneo. **Rio principal:** Vardar. **Áreas metropolitanas:** Skopje (563.301 hab.); Tetovo (180.654); Kumanovo (135.529); Bitolj (122.173); (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 2.050.000 (est.1992); **urbana:** 53,9% (1981). **Composição demográfica:** macedônios, 67%; albaneses, 19,8%; turcos, 4,5%; sérvios, 2,3%; romenos, 2,3%; bósnios, 2,1%; outros, 2% (1981). **Crescimento demográfico:** 0,9% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 29,1%; **15-59:** 61,6%; **mais de 60:** 9,3% (1981). **Densidade (hab./km²):** 80,6 (1992). **Natalidade:** 16,9 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 35,3 por 1.000 (1990). **Vida média homens:** 68; **mulheres:** 72 (1980–1982). **Leitos hospitalares:** 1 por 171 hab. (1990); **médicos:** 1 por 464 hab. (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 10,9% (1981). **Alunos de 1º e 2º graus:** 343,8 mil; **professores:** 17,2 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 26,4 mil; **professores:** 2,1 mil (1990/91).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 17/11/1991. **Divisão administrativa:** 30 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Organização Revolucionária Interna/Democrático pela Unidade Nac., Aliança Democrática Social, Prosperidade Democrática, Aliança das Forças Reformistas. **Chefe de Estado:** pres. Kiro Gligovov (desde 27/1/1991). **Chefe de governo:** 1º-min. Branko Crvenkovski (desde set. 1992). **Legislativo:** unicameral – Assembléia, com 120-140 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 16,8%; indústria, 62,6%; comércio, 14,4%; serviços, 6,2% do PIB (1989). **Agricultura:** beterraba, tabaco. **Indústria:** metalúrgica, têxtil, calçados. **Minerais:** minérios de ferro, zinco, cromo, manganês e chumbo. **Exportações:** US$ 579,2 milhões; **produtos:** vestuário, máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos (1990). **Importações:** US$ 1,1 bilhão; **produtos:** matérias-primas e semimanufaturados, bens de consumo, alimentos, bebidas, tabaco, vestuário (1990). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE, Iugoslávia. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dinar macedônio; **cotação para 1 US$:** 865,00 (out./1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 5,1 bilhões (1991); **renda per capita:** US$ 1.756 (1989); **crescimento anual:** -14% (1992). **Inflação:** 120% (1990). **Força de trabalho:** 493 mil; **distribuição:** agricultura, 8,3%; indústria, 53,5%; comércio, 12,5%; serviços, 25,7% (não compreende 15 mil trabalhadores do setor privado); **mão-de-obra feminina:** 37,7% (1990). **Desemprego:** 40% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 20.050 (1992); **Exército:** 20 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 50.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 11 mil km; 48% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 253,6 mil; **automóveis:** 231 mil (1990). **Ferrovias:** 693 km (1990). **Linha aérea:** Palair Macedonian Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 30; **receptores:** 1 por 4,5 hab. (1989). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 5,2 hab. (1989). **Linhas telefônicas:** 1 por 5,7 hab. (1990). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 26 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 866 United Nations Plaza, suite 4050, New York, NY 10017; tel. (212) 308-8504.

HISTÓRIA

O Imp. Macedônio, que se estendia ao NE da Grécia e ao SO da Bulgária, atinge seu apogeu sob Alexandre III, o Grande (336 – 323 a.C.), que conquista a Pérsia, o Egito, a Mesopotâmia e parte da Índia. Após sua morte, o império fragmenta-se e, em 148, torna-se uma província romana. **Séc. VI:** eslavos ocupam a região. **Séc. VII:** turcos mudam-se para o S do Danúbio. **Séc. IX:** missionários bizantinos usam o dialeto macedônio como base para o eslavônio eclesiástico, escrito com alfabeto cirílico; o búlgaro Samuil forma, no lago Ochrida, a resistência contra a dominação bizantina, continuada pelo imp. Vassili II. **1014:** retorno da dominação bizantina; Ochrida torna-se bispado ortodoxo. **Séc. XII:** a região é disputada por Bizâncio, Bulgária e Sérvia. **Séc. XIV:** os sérvios fundam, em Skopje, uma igreja Ortodoxa. **1371:** conquista otomana; a região fica sob controle do patriarca ecumênico de Constantinopla (Istambul). **1878:** passa para o Exarcado da Bulgária (Igreja independente da bizantina). **1878:** o Congresso de Berlim nega à Bulgária a anexação da área. **1885/1890:** sérvios e gregos, reivindicando o território, formam as sociedades nacionalistas de São Sava e *Ethnikê Hetáiria*; criadas escolas sérvias, gregas e búlgaras; também os romenos reivindicam a área de Vlah, no oeste. **1893:** a Organização Revolucionária Interna da Macedônia é favorável à federação com búlgaros e sérvios. **1895:** a Organização Externa dos Supremacistas prega a anexação pela Bulgária. **1903:** rebelião de Ilinden, contra os otomanos, liderada por Gótse Délchev. **1913:** a Bulgária perde o controle do território. **1918:** anexação pelo Reino dos Sérvios, Coatas e Eslovenos, sob a autoridade da Igreja sérvia, tendo o sérvio como língua oficial. **1941 – 1944:** ocupação búlgara; mas a Alemanha impede a anexação; o PC de Tito opõe-se à federação com a Bulgária. **1945:** a oficialização do macedônio estimula o nacionalismo antibúlgaro. **1958:** restabelecimento da arquidiocese de Ochrida com a mesma finalidade. **1967:** a declaração de autocefalia (separação das igrejas sérvia e macedônia) tem também sentido emancipacionista (18/7). **1968:** manifestações da minoria de origem albanesa que, insuflada pelas reivindicações da população da província sérvia de Kossovo, pede a criação de uma República Iugo-albanesa; o governo de Belgrado reage proibindo a adoção de nomes albaneses e faz campanha para diminuir a taxa de natalidade entre os membros dessa etnia. **1989:** o governo federal emenda a Constituição macedônia, eliminando referências às minorias. **1990:** o separatismo, nas outras Repúblicas da federação, leva à vitória, nas eleições (11 e 25/11 e 9/12), do Partido Democrático pela União Nacional Macedônia. **1991:** declaração de soberania (25/1) recusada por Belgrado, que manda tropas à República; mas a situação fica estacionária; os macedônios retiram-se da presidência colegiada da federação (19/12). **1992:** a Grécia se opõe ao reconhecimento pela CEE (15/1), por temer que um Estado soberano com esse nome, em sua fronteira, estimule o separatismo da Macedônia grega; a Nova Federação Iugoslava retira as tropas estacionadas no país (mar.); o gabinete renuncia por não ter conseguido reconhecimento internacional (jul.); o Parlamento recusa a proposta da CEE de mudar o nome do país para que a Grécia retire suas objeções (ago.); o 1º-min. Branko Crvenkovski, social-democrata, assume (13/8) e consegue o reconhecimento da Rússia, Albânia, Bulgária e Turquia.

FATOS DO ANO

O Conselho de Segurança da ONU recomenda a admissão do país na Assembléia Geral, em abr. de 1993, com o nome provisório de Ex-República Iugoslava da Macedônia. É o caminho para seu reconhecimento internacional, impedido pela Grécia, que teme ver embutidas, no nome do novo país, ambições territoriais sobre a província grega limítrofe, também chamada Macedônia. Embora nunca tenha ameaçado usar a força, Atenas bloqueou como pôde as relações exteriores de Skopje, pois desejava a mudança do nome oficial, a alteração da Constituição, considerada "expansionista", e da bandeira, adotada em ago. de 1992: o emblema usado, a estrela de Vergina, associada a Alexandre, o Grande, era reclamado como símbolo típico da cultura helênica. Após o ingresso na ONU, iniciam-se negociações entre os dois países, mediadas pelo britânico lorde Owen e pelo sueco Thornvald Stoltenberg, já em atividade nos Bálcãs. E a vitória do socialista Andreas Papandreu, nas eleições gregas (out. de 1993), indica um rumo de moderação nesse debate.

Dependência econômica – Mas não é esse o único problema do país: a guerra nos Bálcãs atinge duramente sua economia. Embora aderindo formalmente às sanções internacionais contra a ex-Iugoslávia, o governo de Kiro Gligorov é obrigado a permitir a passagem, por seu território, dos caminhões que levam mercadorias para Belgrado. Também continua funcionando a estrada de ferro Atenas-Belgrado, para o transporte de petróleo. Essa política dupla vem da dependência econômica em relação à Iugoslávia. Lembrando que, em 1992, seu país perdeu US$ 1,2 bilhão e que o desemprego afeta 30% da força de trabalho, Gligorov apela, em out. de 1993, à ajuda econômica internacional para compensar o prejuízo com o bloqueio. Mas adota também iniciativas que lhe permitam libertar-se da Iugoslávia: em abr., pede ao FMI e ao Banco Mundial a abertura de uma linha de crédito. E, em ago., a estatal Makpetro inicia a construção de 100 km de gasoduto, de Skopje à fronteira com a Bulgária, para a troca de gás natural russo por produtos manufaturados macedônios.

As disputas interétnicas são outra fonte de atrito: em 6/11/1992, o protesto contra a agressão a camelô albanês, por parte da polícia, terminou com a morte de seis membros da minoria albanesa. No *Sobranie* (o Parlamento), Sami Ibrahimi, vice-líder do Partido para a Prosperidade Democrática, representante dos muçulmanos e dos albaneses, criticou o min. do Interior, Liubomír Danáilov-Frókvski, pela repressão e adverte que as questões étnicas podem acabar acarretando a fragmentação do país.

Madagascar

● **NOME OFICIAL:** República Democrática de Madagascar. **Capital:** Antananarivo. **Nacionalidade:** malgaxe. **Hino:** *Pátria bem-amada* (1º verso). **Língua:** francês e malgaxe (oficiais); hova; dialetos locais. **Religião:** cristianismo, 51%; animismo, 47%; (católicos, 26%; protestantes, 22,8%); islamismo, 1,7%; outros, 0,3%. **Data nacional:** 26/6 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da África. **Área:** 587.041 km². **Limites:** oceano Índico (N, L e S); canal de Moçambique (O). **Características:** litoral estreito e retilíneo, com baías, penínsulas e ilhas (NO) e com recifes de coral (O e SO); planícies costeiras com lagunas; planalto (centro), declinando na direção L-O. **Ponto mais elevado:** monte Maromokotro (2.876 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão (maior parte); árido tropical (extremo sul). **Rios principais:** Betsiboka, Mangoky, Mangoro, Onilahy, Mahavavy. **Cidades principais:** Antananarivo (802.400 hab.); Toamasina (145.400); Fianarantsoa (124.500); Mahajanga (122.000) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 12.804.000 (est.1992); **urbana:** 21,9% (1990). **Composição demográfica:** malgaxes, 98,9% (merinas, 26,6%; betsimisarakas, 14,9%; betsiléos, 11,7%; tsimihety, 7,4%; sakalawas, 6,4%; antandroy 5,3%); comorenses, 0,3%; indianos e paquistaneses 0,2%; franceses, 0,2%; outros, 0,3% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,2% (1990–1995). **Faixas etárias:** 0-14: 46%; 15-59: 49%; mais de 60: 5% (1990). **Densidade (hab./km²):** 21,8 (1992). **Natalidade:** 44,9 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 12,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 110 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,9 (1989). **Vida média homens:** 54; **mulheres:** 57 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 442 hab. (1982); **médicos:** 1 por 8,6 mil hab. (1985). **Gastos com saúde:** 6% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 19,8% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,9 milhão; **professores:** 53,9 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 37 mil; **professores:** 960 (1989/90). **Gastos:** 15,8% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 19/8/1992. **Divisão administrativa:** 6 províncias, 10 prefeituras, 1.252 subprefeituras e 11.333 vilas. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Comitê das Forças Vivas, Mov. Militante pelo Socialismo, Mov. pelo Progresso, União pelo Socialismo e Democracia, Social-Democrata. **Chefe de Estado:** pres. Albert Zafy (desde 27/3/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. Guy Razanamasy (desde ago. 1991). **Legislativo:** bicameral – Senado (2/3 escolhidos por um colégio eleitoral e 1/3 apontado pelo pres.) e Assembléia Nacional, cujos membros são eleitos por voto direto; mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 42%; indústria, 16,7%; mineração, 0,3%; comércio, 12,8%; serviços, 28,2% do PIB (1987). **Agricultura:** arroz, café, baunilha, cravo, açúcar, coco, frutas tropicais, algodão, sisal. **Pecuária:** aves, bovinos, suínos. **Pesca:** 106,7 mil t (1990). **Indústria:** refino de petróleo, têxtil e vestuário, alimentícia, bebidas, química. **Minerais:** cromita, grafite, mica, pedras semipreciosas, carvão, quartzo (explorados); bauxita, minério de titânio, petróleo e gás natural (reservas). **Exportações:** US$ 304,6 milhões; **produtos:** baunilha, café, cravo, derivados de petróleo, açúcar (1991). **Importações:** US$ 428,1 milhões; **produtos:** minerais (petróleo bruto, principal); químicos, máquinas industriais, veículos (1991). **Parceiros comerciais:** França, Japão, Alemanha, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco malgaxe (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 1.910,20 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2,6 bilhões; **renda per capita:** US$ 210 (1991); **crescimento anual:** 0,5% (1980–1991). **Inflação:** 8,6% (1991). **Dívida externa:** US$ 3,7 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 4,7 milhões; **distribuição:** agricultura, 77,9%; indústria, 9,8%; comércio e serviços, 12,2% (1987); **mão-de-obra feminina:** 39,7% (1988–1990). **Desemprego:** 0,6% (1982).

● **DEFESA: Efetivo total:** 21 mil (1992); **Exército:** 20 mil; **Marinha:** 500; **Força Aérea:** 500; **outros:** 7,5 mil paramilitares. **Gastos:** 6,9% do orçamento (1991).

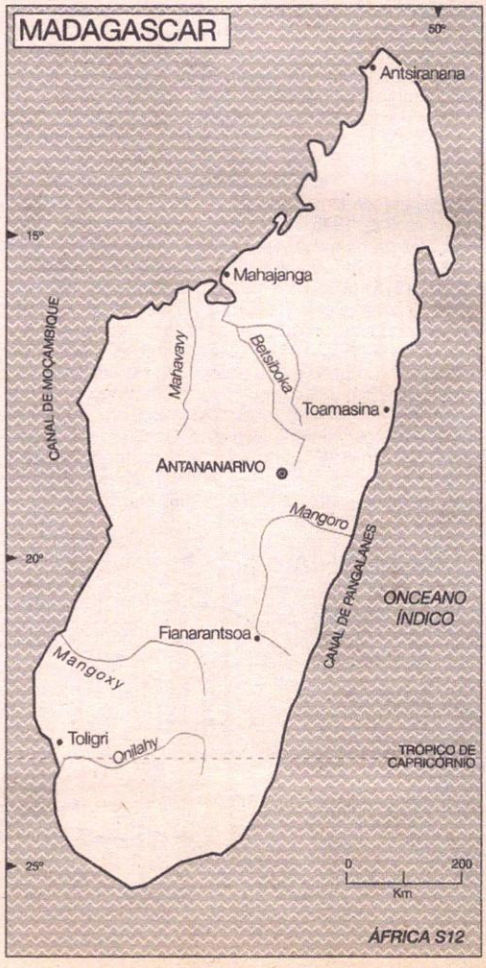
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 54,2 mil km; 10% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 79,8 mil; **automóveis:** 46,6 mil (1990). **Ferrovias:** 1,1 mil km (1990). **Portos:** Toamasina, Mahajanga. **Linha aérea:** Air Madagascar (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 8,3 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 95 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 258 hab. (1988). **Jornais diários:** 5; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 4 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 801 Second Avenue, suite 404, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 986-9491.

HISTÓRIA

Supõe-se que a migração começou através das ilhas de Sunda, atual Indonésia (séc. II e I a.C.). Árabes e africanos misturam-se à população (900 a.C.); portugueses, franceses, ingleses disputam seu domínio com os reis locais (séc. XVI–XIX). **1885 – 1905:** invasão francesa, protetorado; consolidação do controle com resistência



local. 1942/43: ocupação britânica, sob o regime de Vichy, para impedir invasão japonesa; controle da França Livre. 1947: revolta dos nacionalistas malgaxes contra a autonomia dentro da União Francesa; vitória francesa: 80 mil mortos. 1956: República dentro da Comunidade Francesa. 1959: Philibert Tsiranana é o primeiro pres. da República. 1960: independência. 1972: conflitos forçam renúncia de Tsiranana; assume o gen. Gabriel Ramanantsoa. 1973: saem as tropas francesas. 1975: Ramanantsoa renuncia; substitui-o Richard Ratsimandrava, assassinado cinco dias depois (11/12); o gen. Gilles Andriamahazo assume; o cap. Didier Ratsiraka é eleito presidente; nova Constituição. 1976/77: conflito entre malgaxes e imigrantes comorenses, na costa NE, com 121 mortos; 50 mil comorenses são repatriados (jan.); Désiré Rakotoarijaona é o 1º-ministro. 1978: a França inclui as ilhas Gloriosas, Juan de Nova, Europa e Bassas em sua zona de interesse econômico exclusivo; após protestos, são anexadas a Madagascar. 1980: crise econômica: motins, prisões. 1981: o Clube de Paris refinancia a dívida externa. 1982: Ratsiraka afasta ministros contrários à política socialista, descobre trama para assassiná-lo e é reeleito sob protestos da oposição, cujo líder, Monja Jaona, é destituído do Conselho Supremo da Revolução e detido. 1984/85: problemas com a seita Kung-fu, liderada por Pierre Mizael Andrianarijaona; seus redutos são desmantelados (2/8/1985). 1987: fim do tráfico de drogas na Universidade de Antananarivo; reprimido choque entre malgaxes e karanas (indo-paquistaneses que controlam a maior parte do comércio). 1988: doente, Rakotoarijaona é sucedido pelo ten.-cel. Victor Ramahatra, min. dos Trabalhos Públicos. 1989/90: Ratsiraka assume pela terceira vez (abr.); nomeia ministros da oposição, incentiva reformas, restaura o pluripartidarismo (mar./90); o Conselho das Igrejas Cristãs lidera movimento reformista; o Comitê das Forças Vivas une a oposição. 1991: manifestos da oposição (jun.) exigem a renúncia de Ratsiraka; o CFV nomeia (16/7) o gen. Jean Rakotoarison, da reserva, chefe de Estado, e o prof. Albert Zafy, 1º-min.; a oposição contesta o estado de emergência e a prisão de dois ministros do governo de transição (23/7); Ratsiraka anula decreto que lhe permitia prender oposicionistas (30/7); manifestação exigindo renúncia do presidente deixa 31 mortos (10/8); criação da Suprema Autoridade Estatal de Transição para a III República, presidida por Zafy, ligada a um Comitê Nacional para a Regeneração Econômica (31/10); formado gabinete de consenso (19/12): catorze ministros pertencem ao CFV e o 2º-vice-1º-min., Alfred Ramangasoavina, é da confiança de Zafy. 1992: impasse quando a SAET decide supervisionar as eleições para as *fokontany* (assembléias municipais), o que é rejeitado pela oposição (jan.); não há consenso no Fórum Nacional (22 a 31/3), mas prevalece o princípio da descentralização e de que o presidente não poderá ser líder de partido político enquanto estiver no cargo, nem ter mais de dois mandatos sucessivos (o que exclui a reeleição de Ratsiraka); nova Constituição (19/8).

FATOS DO ANO

A posse do pres. Albert Zafy (mar. de 1993), encerra dezessete anos de regime militar e o ciclo de choques entre o ex-pres. Didier Ratsiraka e o oposicionista Comitê das Forças Vivas, cuja greve geral de seis meses (1991) desencadeara a redemocratização do país. Ratsiraka, muito popular no interior, tentara neutralizar o prestígio do CFV nas grandes cidades estabelecendo uma federação que desse autonomia às regiões que controlava. A campanha para o primeiro turno das eleições (25/11/1992) foi marcada por choques entre os federalistas e os unionistas do CFV, cujo líder, Zafy, obtém 45,16% dos votos contra 19,22% de Ratsiraka. Este tenta ganhar tempo adiando o segundo turno de 25/12 para 10/2/1993. Ainda assim, Zafy vence com 66,62% dos votos.

Desenvolvendo uma política de abertura, Zafy anuncia, em 17/4, o reatamento com Israel, a África do Sul e a Coréia do Sul. Em 9/5, obedecendo à Constituição, renuncia à presidência da União Nacional pela Democracia e Desenvolvimento (UNDD) e do CFV, sendo sucedido por Emmanuel Rakotovahiny, seu min. da Agricultura. As eleições legislativas, duas vezes adiadas, realizam-se em 22/6, com abstenção de 40% do eleitorado. São vencidas pelos dezesseis partidos do CFV. A Vanguarda para a Reconstrução Econômica e Social, de Ratsiraka, obtém pouco mais de 10% dos votos.

O plano de investimentos públicos 1991 – 1993, financiado pelo Banco Mundial, no valor de US$ 1 bilhão, teve resultados precários devido à incompetência do regime militar, à desarticulação trazida pela greve geral – o governo esgotou suas reservas de divisas para impedir o desabastecimento e, com isso, ficou na impossibilidade de importar determinados bens de primeira necessidade –, e à seca e epidemia de fome de 1992. Com isso, foi necessário paralisar boa parte do programa de investimentos, em especial a que se refere à privatização das estatais improdutivas e à redução das despesas públicas.

Malaísia

● **NOME OFICIAL:** Federação da Malaísia. **Capital:** Cuala Lumpur. **Nacionalidade:** malaísia. **Hino:** *Nossa terra* (1º verso). **Língua:** malaio bahasa (oficial); inglês, chinês, tamil, iban (minorias). **Religião:** islamismo, 52,9% (oficial); budismo, 17,3%; confucionismo e taoísmo (11,6%); cristianismo, 6,4%; hinduísmo, sikhismo e animismo (minorias). **Data nacional:** 31/8 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Ásia. **Área:** 329.758 km². **Limites:** Tailândia e mar da China (N); mar de Celébes (L); estreito de Johore e Indonésia (S); estreito de Málaca (O); Brunei (NO) (Sarauak). **Características:** litoral com maguesais e praias arenosas (O) e com corais (N da ilha de Borneu); planícies litorâneas, cadeias montanhosas paralelas na península (de N a S); relevo montanhoso em Sabah e Sarauak; floresta equatorial (70% do território). **Ponto mais elevado:** monte Kinabalu (4.101 m). **Clima:** equatorial. **Rios principais:** Perak (continente); Rajang; Kinabatangã (Sabah). **Cidades principais:** Cuala Lumpur (1.209.800 hab.); Ipoh (293.849); Penang (248.241); Johore Bahru (246.395) (1980). **Hora local (em relação a Brasília):** +10h30.

● **POPULAÇÃO:** 18.630.000 (est.1992); **urbana:** 38,2% (1985). **Composição demográfica:** malaios, 61,7%; chineses, 29,7%; indianos, 8,1%; outros, 0,5% (1990). **Crescimento demográfico:** 2,3% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 36,8%; 15-59: 57,1%; **mais de 60:** 6,1% (1990). **Densidade (hab./km²):** 56,5 (1992). **Natalidade:** 28 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 4,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 12,6 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,5 (1989). **Vida média homens:** 68,8; **mulheres:** 73,3 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 457 hab.; **médicos:** 1 por 2,6 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 6,1% do orçamento (1993).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 21,6% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 3,8 milhões; **professores:** 193,4 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 108,8 mil; **professores:** 10,7 mil (1989). **Gastos:** 23,4% do orçamento (1993).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 31/8/1957 (8 emendas). **Divisão administrativa:** 13 regiões (subdivididas em 130 distritos) e 2 territórios federais (Kuala Lumpur e Luabuan). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Frente Nac. (coalizão), Ação Democrática, Unido de Sabah. **Chefe de Estado:** sultão Azlan Muhibbuddin Shan (desde 26/4/1989). **Chefe de governo:** 1º-min. Mahathir Mohamed (desde 8/7/1981). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 70 membros (40 apontados pelo chefe de Estado, 26 escolhidos por assembléias legislativas estatuais e 4 pelos territórios); Câmara dos Representantes, com 180 membros (132 da península, 27 de

Sarauak e 21 de Sabah) eleitos por voto direto, para mandatos de 3 e de 5 anos, respectivamente.

• **ECONOMIA:** agricultura, 18,8%; indústria, 32,4%; mineração, 9,7%; comércio, 11%; serviços, 28,1% do PIB (1990). **Agricultura:** arroz, borracha, óleo de palma, cacau, pimenta, coco, chá, abacaxi. **Pecuária:** suínos, bovinos, caprinos. **Pesca:** 609 mil t (1989). **Indústria:** componentes elétricos e eletrônicos (receptores de rádio e de TV, principais); borracha, refino de petróleo, fertilizantes, veículos. **Minerais:** gás natural, petróleo, estanho, bauxita, cobre, ferro. **Exportações:** US$ 34,4 bilhões; **produtos:** petróleo, gás natural, óleo de palma, madeira, semicondutores, estanho, máquinas industriais e equipamentos de transporte, borracha (1991). **Importações:** US$ 36,7 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, químicos, alimentos e animais vivos (1991). **Parceiros comerciais:** Japão, Cingapura, EUA, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** dólar da Malaísia (dividido em 100 sen); **cotação para 1 US$:** 2,62 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 45,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.490 (1991); **crescimento anual:** 5,6% (1980–1991). **Inflação:** 4,6% (1992). **Dívida externa:** US$ 21,4 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 7,5 milhões; **distribuição:** agricultura, 26%; indústria, 27,9%; comércio e serviços, 46,1% (1992); **mão-de-obra feminina:** 31,1% (1988–1990). **Desemprego:** 4,1% (1992).

• **DEFESA: Efetivo total:** 127,5 mil (1992); **Exército:** 105 mil; **Marinha:** 10,5 mil; **Força Aérea:** 12 mil; **outros:** 218 mil paramilitares. **Gastos:** 9,9% do orçamento (1993).

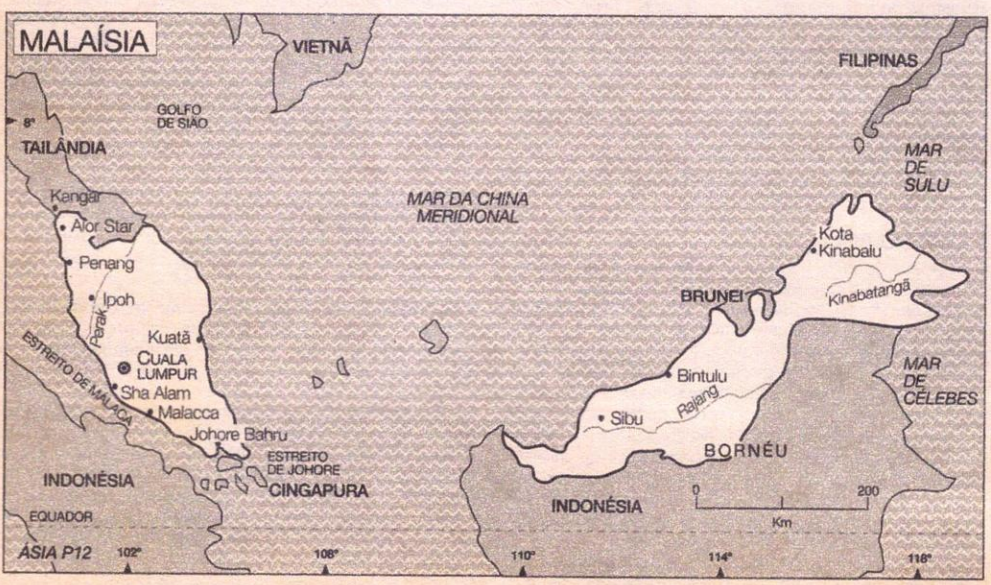
• **TRANSPORTES: Rodovias:** 52,5 mil km; 68% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 2,3 milhões; **automóveis:** 1,8 milhão (1990). **Ferrovias:** 2,2 mil km (1990). **Portos:** Klang, Penang, Johore, Kuantan, Bintulu (península); Kota Kinabalu, Sandakan, Tawau, Lahad Datu, Kudat, Semporna, Kunar (Sabah); Kuching, Rajang, Miri, (Sarauak). **Linha aérea:** Malaysia Airlines (vôos internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 5,2 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 9,1 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 8,8 hab. (1990). **Jornais diários:** 47; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 145 (1988).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 5, chácara 62, CEP 70477-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-5008.

HISTÓRIA

A pesca e o comércio de especiarias atraem portugueses, holandeses e ingleses à Malaísia, Sarauak e Sabah (séc. XIII): depois, os portugueses ocupam Málaca (1511) e a Companhia Inglesa das Índias Orientais, Penang (1592). **1867**: os Entrepostos dos Estreitos (Penang, Málaca, Cingapura) tornam-se colônia britânica. **1868**: Bornéu do Norte (Sabah), Sarauak e Brunei viram protetorados. **1941**: invasão japonesa expulsa britânicos e holandeses. **1946**: rendição japonesa; a Grã-Bretanha junta Penang e Málaca aos nove Estados malaios e forma a União da Malaísia; Cingapura, Sabah e Sarauak são colônias britânicas. **1948**: a União torna-se Federação; rebelião comunista da população chinesa; estado de emergência (até 1960). **1957**: independência na Comunidade Britânica. **1962/63**: acordo com a Grã-Bretanha forma a Nova Federação (Malaísia, Cingapura, Sarauak e Sabah) dentro da Comunidade Britânica. **1965**: Cingapura separa-se da Federação. **1966**: paz com a Indonésia, contrária à Federação, após três anos de ameaças de invasão. **1968**: ruptura com as Filipinas, que reivindicam Sabah. **1969**: conflitos entre chineses e malaios, na capital: suspensão da Constituição e substituição do governo por um Conselho de Emergência. **1971**: fim do estado de emergência (19/2); restaurado o governo parlamentar. **1974**: reatamento com a China. **1975**: guerrilhas; legislação de emergência. **1979**: expulsão de refugiados vietnamitas. **1981**: doente, o 1º-min. Hussein bin Onn é substituído por Mahathir Mohamed. **1983**: um projeto de lei que reduz os poderes reais cria crise de governo; Mahathir concorda com solução de compromisso. **1984 – 1986**: conflito entre fundamentalistas islâmicos, cristãos, chineses e indianos. **1987**: acusado de abusar do poder, Mahathir demite o min. Razaleigh Hamzah, do Comércio e Indústria, prende oposicionistas e censura a imprensa. **1988/89**: Mahathir entra em choque com o Judiciário, que dissolve o seu partido, a OMNU; cria a OMNU-Baru, mas perde as eleições; tratado de paz, em Hatyai, sul da Tailândia, com a guerrilha comunista (2/12). **1990**: eleições antecipadas (22/10), após dez dias de conflitos entre governo, oposição, agrupada no *Gagasan Rakyat* (Poder Popular) e liderada por Hamza, e a polícia; Mahathir é o 1º-min. pela Frente Nacional, coalizão multirracial de onze partidos com maioria no Parlamento. **1991**: prisão do *datuk* Joseph Pairin Kitingan, 1º-min. do Sabah (5/1); acordo entre o *Bersatu Sabah* (União de Sabah) e a FN pelo governo de Sabah; renúncia do min. Daim Zainuddin, das Finanças, por discordar de



Mahathir. **1992:** Hamzah, gov. do Kelantan, ordena o bloqueio das estradas (jul.) pois Mahathir recusa-se a pagar indenização ao Estado, o mais pobre do país, pelas perdas com a construção da hidrelétrica de Pergau.

FATOS DO ANO

Aprovada em jan. de 1993, a emenda constitucional que o 1º-min. Mahathir Mohamed apresentara, em nov. de 1992, abolindo a imunidade dos sultões perante a lei, é vetada pelo Conselho dos Governantes, onde nove deles têm assento. Em represália, Mahathir retira-lhes privilégios financeiros não previstos na Constituição e, com isso, obtém um acordo (mar.) que permite a aprovação da emenda, com alterações.

Choques com o Sabah – Mas os sultões não são os únicos problemas de Mahathir: em 1º/1/1993, ele proíbe o Estado de Sabah de exportar madeira em troncos, em represália contra o 1º-min. Joseph Pairin Kitingan, desse sultanato, líder do nacionalista Partido do Sabah Unificado (PSU). Desde nov. de 1992, Mahathir acusa Kitingan de conspirar com o sultão Mohamed Said Keruak para tornar esse Estado independente. O que desencadeou o atrito foi a decisão de Kitingan, baseado na Constituição estadual, de exigir dos membros de outros sultanatos passaporte para entrar no Sabah. Em compensação, os choques que, em 1992, Mahathir tivera com o 1º-min. do Kelantan, Razaleigh Hamzah, líder do partido islâmico *Semangat '46* (O Espírito de 1946), terminaram quando, no final daquele ano, o sultão Ismail Petra ibn al-Marhum substituiu Hamzah por Nik Abduiaziz Nikmat.

Conseqüência do choque Mahathir/Kitingan é, em abr., a cisão na oposicionista Organização Nacional do Sabah Unido, de orientação islâmica: cinco de seus deputados aderem ao PSU e seis à Organização Nacional dos Malaios Unidos, de Mahathir. Para contornar a crise, o governo central institui o Ministério dos Assuntos do Sabah (19/5), chefiado por Mustafá Harun. Tais divergências não interessam a Mahathir num ano de campanha eleitoral. Tranqüilizadora para ele é também, em ago., a absolvição do min. da Energia, Samy Vellu – líder do Congresso dos Indianos Malaios, aliado da ONMU –, acusado de fraude na privatização de uma estatal.

Em jan. de 1993, o governo restringe o crédito, aumenta as taxas de juros para diminuir a inflação (4,6% em 1992 contra 4,4% em 1991) e, para combater a escassez de mão-de-obra, regulariza a situação dos imigrantes clandestinos. Cria incentivos ao investimento, pois deseja suplantar Hong Kong, depois de sua reanexação à China, em 1997, como centro regional financeiro e de telecomunicações. Também em jan. de 1993, a 4ª reunião de cúpula da ASEAN, em Cingapura, rejeita a proposta malaia de criar a Coalizão Econômica do Leste Asiático, que incluiria o Japão. A oposição americana a essa idéia faz esfriarem as relações Cuala Lumpur/Washington. Com a China, são assinados, de 14 a 22/6, trinta acordos de *joint-ventures* e outros contratos no valor de US$ 568 milhões.

Malavi

● **NOME OFICIAL:** Malavi. **Capital:** Lilongüe. **Nacionalidade:** malaviana. **Hino:** *O Deus, abençoa a terra do Malavi* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); chicheua. **Religião:** cristianismo, 64,5% (protestantes, 33,7%; católicos, 27,6%); animismo, 19%; islamismo (muçulmanos, 16,2% e bahaístas); hinduísmo (minoria). **Data nacional:** 6/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da África. **Área:** 118.484 km². **Limites:** Tanzânia (N); Moçambique (L e S); Zâmbia (O). **Características:** planalto (maior parte) declinando na direção E-O e cortado de N a S pelo vale da Grande Fenda; lago Malavi (L); vale do rio Shiré (S). **Ponto mais elevado:** pico Mulanjé (3.000 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão (maior parte); tropical de altitude (O). **Rios principais:** Shiré, Bua, Rucuru, Duanga. **Cidades principais:** Blantyre (333.120 hab.); Lilongüe (223.318); Mzuzu (44.217) (1987). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 9.484.000 (não compreende 950 mil refugianos) (est.1992); **urbana:** 14,6% (1989). **Crescimento demográfico:** 3,6% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 48,1%; **15-59:** 47,8%; **mais de 60:** 4,1% (1989). **Densidade** (hab./km²): 100,6 (1992). **Natalidade:** 55,4 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 19 por 1.000; **mortalidade infantil:** 138 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade** (nº de filhos por mulher): 7,6 (1990–1995). **Vida média homens:** 48,4; **mulheres:** 49,7 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 627 hab. (1987); **médicos:** 1 por 27,1 mil hab. (1984). **Gastos com saúde:** 6% do orçamento (1989/90).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 58,4% (1987). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,4 milhão; **professores:** 21,9 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 2,7 mil; **professores:** 235 (1989/90). **Gastos:** 7% do orçamento (1989/90).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 6/7/1966 (1 emenda). **Divisão administrativa:** 3 regiões subdivididas em 24 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo (adotado em jun. de 1993). **Chefe de Estado e de governo:** pres. Hastings Kamuzu Banda (desde 6/7/1966; vitalício desde 6/7/1991). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 141 membros eleitos por voto direto e número ilimitado indicado pelo pres., para mandatos de 5 anos (10 membros indicados nas eleições de 1992).

● **ECONOMIA:** agricultura, 34,9%; indústria, 19,7%; comércio, 12,5%; serviços, 32,9% do PIB (1991). **Agricultura:** tabaco, chá, cana-de-açúcar, café, tubérculos, algodão, milho, leguminosas, mandioca, milhete, arroz. **Pecuária:** aves, bovinos, caprinos. **Pesca:** 74,1 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, química, têxtil, bebidas. **Minerais:** carvão, calcário, pedras preciosas (explorados); bauxita, urânio, areias vítreas, asbesto, grafite, vermiculita (reservas). **Exportações:** US$ 475,5 milhões; **produtos:** tabaco, chá, açúcar (1991). **Importações:** US$ 704,8 milhões; **produtos:** manufaturas de base, equipamentos industriais e de transporte, bens de consumo, material de construção (1991). **Parceiros comerciais:** África do Sul, Grã-Bretanha, Japão, EUA, Alemanha, Holanda. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** cuacha malaviana (dividida em 100 tambala); **cotação para 1 US$:** 4,39 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2 bilhões; **renda per capita:** US$ 230 (1991); **crescimento anual:** 3,5% (1980-91). **Inflação:** 12,6% (1991). **Dívida externa:** US$ 1,7 bilhão (1991). **Força de trabalho:** 3,7 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 81,8%; indústria, 4,8%; comércio, 3,1%; serviços, 4,9%; outros, 5,4% (1987); **mão-de-obra feminina:** 41,8% (1988–1990). **Desemprego:** 5,4% (1987).

● **DEFESA: Exército:** 10,7 mil; **outros:** 6 mil paramilitares (1992). **Gastos:** 1,4% do PIB (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 12,2 mil km; 22% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 33,5 mil; **automóveis:** 16,1 mil (1989). **Ferrovias:** 797 km (1988/89). **Porto:** Chipoka. **Linha aérea:** Air Malawi (vôos internacionais e domésticos).

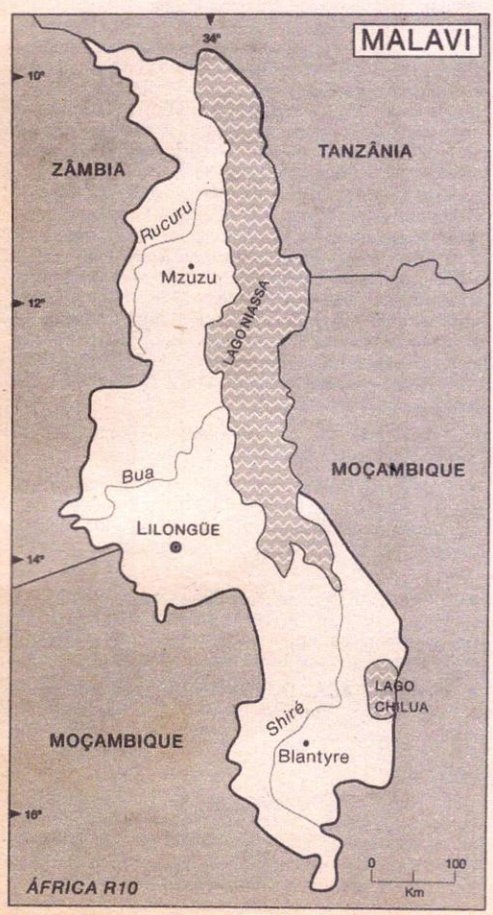
● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 8,6 hab. (1991). **Emissoras de TV:** não há. **Linhas telefônicas:** 1 por 176 hab. (1990). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 2,7 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 600 Third Avenue, 30th Floor, New York, NY 10016, EUA; tel. (212) 949-0180.

HISTÓRIA

Na Niassalândia, o escocês David Livingstone cria missões religiosas e comerciais em substituição ao tráfico de escravos (1859). Para afastar os portugueses e alemães da região, a Grã-Bretanha torna-se seu protetorado (1891). **1953:** apesar da oposição dos niassas, união à Federação Centro-Africana, que inclui as Rodésias do

Norte (Zâmbia) e do Sul (Zimbábue). **1959**: prisão de Hastings Kamuzu Banda, do Congresso Africano de Niassalândia, e mais de mil correligionários, acusados de planejar o massacre de autoridades brancas; absolvidos, criam o Partido do Congresso do Malavi. **1960/61**: Constituição, outorgada pela Grã-Bretanha, assegura maioria africana no Congresso; vitória do PCM nas eleições. **1963**: dissolução da FCA; nova Constituição; Banda é o 1º-ministro. **1964/65**: independência com o nome atual. **1966**: República dentro da Comunidade Britânica. **1969**: no Encontro dos Estados Centro e Leste-Africanos, recusa-se a criticar os governos brancos da Rodésia, África do Sul e colônias portuguesas. **1970**: Banda nomeia-se pres. vitalício, recebe a visita do pres. sul-africano John Vorster e, em **1971**: vai à África do Sul. **1972**: expulsão da seita das Testemunhas de Jeová. **1978**: primeiras eleições legislativas desde 1961. **1983**: morte suspeita, em desastre de carro, de Dick Matenje, provável sucessor de Banda; condenação à morte, comutada em prisão perpétua, de Orton Chirua, líder do Mafremo (Movimento pela Libertação do Malavi), e de sua esposa; assassinato de Attati Mpakati, da Liga Socialista do Malavi, em Harare, no Zimbábue. **1984**: Chakakala Chazia, pres. do Banco Central, é o candidato à sucessão de Banda. **1987**: ataque do Mafremo a um posto de fronteira; Banda ameaça suspender a comutação da pena dos Chirua. **1989**: governo nega participação no bombardeio em Lusaca, na Zâmbia, em que morreram dirigentes do Mafremo; a Anistia Internacional o acusa de torturar presos políticos. **1990**: em represália à sugestão da organização inglesa *Africa Watch*, de direitos humanos, de que a Grã-Bretanha suspenda a ajuda econômica (10/10), simpatizantes do Mafremo são perseguidos. **1991**: inundações: 500 mortos, milhares de desabrigados e desaparecidos. **1992**: nomeação de novo governo, para contrabalançar a campanha dos oposicionistas no exílio; Chaufua Chihana, da recém-criada Frente Unida pela Instalação do Multipartidarismo e da Democracia em Malavi, é preso ao tentar voltar ao país (8/4); campanha internacional impede sua execução; repressão à greve dos trabalhadores têxteis: 38 mortos e cem feridos (7/5); em represália, o Banco Mundial congela parte da ajuda financeira (13/5); reprimido o protesto diante do tribunal onde Chihana vai depor (27/5); para acalmar a situação, Banda liberta dez presos políticos (10/7); o Congresso do Malavi, único a concorrer, elege 114 deputados (27/6); reação internacional à expulsão do padre católico irlandês Thomas Leahy, acusado de ingerência em assuntos internos do país (31/8); a Anistia Internacional denuncia prisões arbitrárias e tortura (3/9); carta pastoral dos bispos pede redemocratização (set.).



FATOS DO ANO

No referendo de 14/6/1993, 67% do eleitorado optam pelo pluripartidarismo, em inequívoca rejeição aos 26 anos do repressivo regime do pres. Hastings Kamuzu Banda. Pressionado pela suspensão, no início de 1992, da ajuda ocidental, Banda fora obrigado a adotar medidas de liberalização. Mas o fez de forma errática: em jul. de 1992, após libertar Chakufuwa Chihana, da Aliança para a Democracia, mandou prendê-lo de novo sem explicações. Em ago., deteve líderes religiosos que, em carta pastoral, tinham pedido liberdade e democracia. E em out., quando os partidos banidos anunciaram a formação de uma Frente de Oposição, ordenou a dissolução da AD e o julgamento de Chihana, condenado a dois anos de prisão (dez.). Ao mesmo tempo, prometeu um referendo sobre a implantação do multipartidarismo – vaga promessa que teve de se transformar em medida concreta diante da indignação popular com a notícia de que Orton Chirua, do Movimento pela Libertação de Malavi (Mafremo), preso desde 1981, tinha morrido sob tortura: em 31/12, Banda marcou o referendo para 14/3/1993.

Em jan. de 1993, ele nomeia novo gabinete chefiado por John Tembo e, em 11/1, designa uma comissão de oito membros para organizar o plebiscito. Embora, para chefiá-la, escolha um oposicionista, o vice-reitor da Universidade de Malavi, Brown Chiphanba, a AD o acusa de servir aos interesses do governo. Em 12/1, a AD e a Frente Democrática Unida convocam, em Blantyre, uma manifestação pedindo o adiamento do referendo para jun., a nomeação de uma comissão neutra, liberdade de imprensa e o fim da legislação repressiva. Num gesto conciliatório, Banda liberta, em 24/1, Vera Chirua, esposa do dissidente assassinado, a mais antiga presa política da África. Derrotado no referendo, Banda nega-se a renunciar; mas promete eleições presidenciais em 1994 e, para restabelecer relativo equilíbrio, concorda em formar um Conselho Executivo Nacional Multipartidário (21/6) para conduzir a fase de transição, redigir nova Constituição e convocar eleições gerais.

Maldivas

● **NOME OFICIAL:** República das Maldivas. **Capital:** Malê. **Nacionalidade:** maldívia. **Hino:** Saudação da Paz (título). **Língua:** maldívio (divehi) (oficial). **Religião:** islamismo (sunitas, maioria) (oficial). **Data nacional:** 7/1 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da Ásia. **Área:** 302 km². **Limites:** oceano Índico. **Características:** arquipélago com 1.200 ilhas montanhosas agrupadas em 19 atóis coralinos; planícies costeiras; coqueirais e lagoas internas. **Clima:** equatorial. **Cidade principal:** Malê (55.130 hab.) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +8h.

● **POPULAÇÃO:** 230.000 (est.1992); **urbana:** 25,9% (1990). **Composição demográfica:** a maioria da população é de origem singalesa e dravidiana com influência árabe e afri-

cana. **Crescimento demográfico:** 3,7% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 46,9%; 15-59: 48%; mais de 60: 4,8; não determinado: 0,3% (1990). **Densidade (hab./km²):** 771,8 (1992). **Natalidade:** 46 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 9 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 34 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,6 (1991). **Vida média** homens: 66; mulheres: 64,1 (1990). **Leitos hospitalares públicos:** 1 por 1,3 mil hab.; **médicos:** 1 por 5,4 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 7,3% do orçamento (1992).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 1,8% (1991). **Alunos de 1º e 2º graus:** 45,9 mil; **professores:** 1,5 mil (1986). **Ensino superior:** não há. **Gastos:** 14,7% do orçamento (1992).

• **GOVERNO:** República presidencialista. Condição especial: membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 11/11/1968. **Divisão administrativa:** 20 distritos (19 atóis e a capital federal). **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Maumun Abdul Gayum (desde 11/11/1978). **Legislativo:** unicameral – Conselho dos Cidadãos, com 48 membros (40 eleitos por voto direto e 8 apontados pelo pres.), para mandatos de 5 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 23,7%; indústria, 14,5%; mineração, 1,9%; comércio, 17,5%; serviços, 42,4% do PIB (1991). **Agricultura:** coco, cereais, frutas, verduras e legumes. **Pesca:** 80,7 mil t (1991). **Indústria:** processamento de pescados, bebidas não alcóolicas, artesanato e produção artesanal de fios de fibra de coco e embarcações. **Exportações:** US$ 53,7 milhões; **produtos:** pescados, vestuário (1991). **Importações:** US$ 150,9 milhões; **produtos:** manufaturados, derivados de petróleo, alimentos (1991). **Parceiros comerciais:** Grã-Bretanha, EUA, Tailândia, Sri Lanka, Alemanha, Japão. **Moeda:** rúpia maldívia (dividida em 100 laari); **cotação para 1 US$:** 10,54 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 101 milhões; **renda per capita:** US$ 460 (1991); **crescimento anual:** 10,2% (1980–1991). **Inflação anual:** 14,7% (1990/91). **Dívida externa:** US$ 80,4 milhões (1991). **Força de trabalho:** 56,4 mil; **distribuição:** agricultura, 25%; indústria, 22,3%; comércio, 15,7%; serviços, 32,3%; outros, 4,7%; **mão-de-obra feminina:** 19,9% (1990). **Desemprego:** 0,9% (1990).

• **DEFESA:** não há.

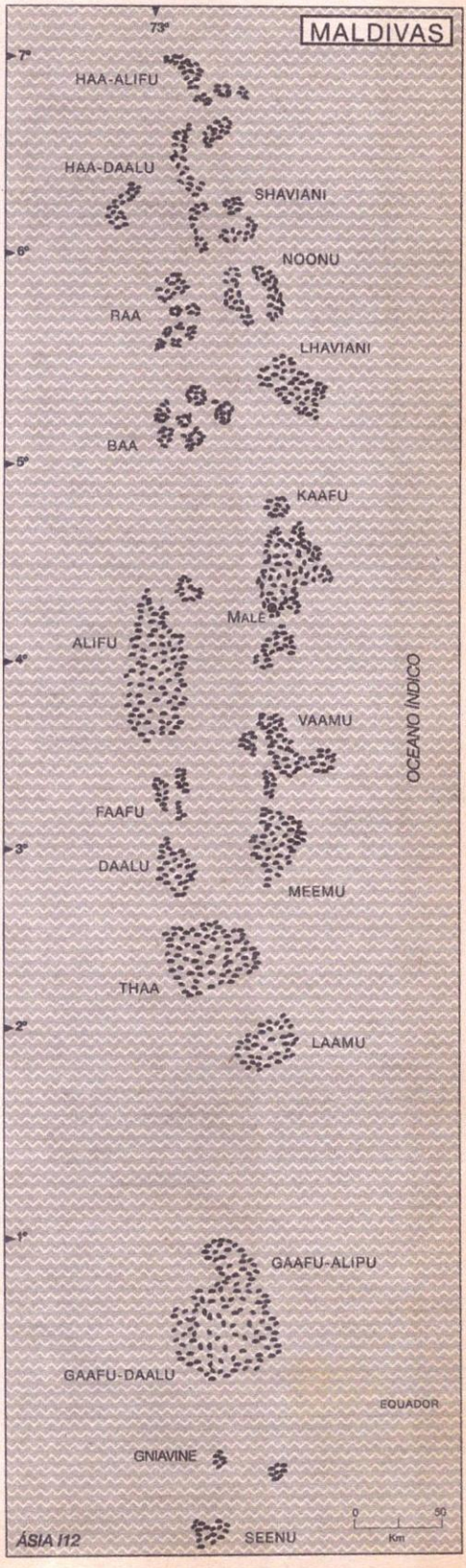
• **TRANSPORTES:** nº de veículos: 1,4 mil; **automóveis:** 623 (1990). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Malê. **Linha aérea:** Air Maldives (vôos domésticos e regionais).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 8,1 hab. (1990). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 47 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 60 hab. (1989). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 11 (1987).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 820 Second Avenue, suite 800 C, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 599-6195.

HISTÓRIA

Avistadas e descritas por Ibn Batuta (séc. XIV), são ocupadas pelos portugueses (de 1518 até o séc. XVII). Sob protetorado da Holanda, que controla também o Ceilão (Sri Lanka), depois dos britânicos, os maldívios conservam o mesmo estatuto. **1887**: independência do Ceilão; controle britânico apenas nos assuntos externos. **1953**: o sultanato é abolido; República; conflitos entre o governo e os conservadores; restauração do sultanato. **1957**: oposição ao acordo que permite a Londres reativar base aérea na ilha de Gan; renúncia do 1º-min. Ibraim Ali Didi; o sucessor, Ibraim Nasir, diz que a base violaria a neutralidade das ilhas. 1960: concessão de Gan, até 1986, em troca de ajuda na repressão a uma revolta nos atóis do sul. **1965**: independência plena (6/7) **1968**: adoção do presidencialismo; eleição de Nasir. **1976**: retirada britânica de Gan. **1978**: doente, Nasir renuncia; eleição de Maumun Abdul Gayum. **1980**: golpe de Estado fracassado. **1981**: três golpistas, incluindo um cunhado de Nasir,



são condenados à prisão perpétua (27/4). **1988:** intervenção indiana impede invasão de 400 mercenários ligados a Nasir. **1989:** julgamento de 73 golpistas: dezessete penas de morte, comutadas para prisão perpétua (mar.). **1990:** Gayum aceita descentralizar seus poderes (fev.); o min. da Defesa, Ilyas Ibraim, cunhado de Gayum, acusado de desfalque na Corporação Comercial do Estado, de que é presidente (mai.), deixa o país, mas volta (ago.) e é posto em prisão domiciliar; críticas ao governo provocam prisão de jornalistas; jornais não autorizados são banidos. **1991:** autorizada investigação sobre os crimes de Ibrahim (abr.); perdão a Nasir pelo golpe de 1980.

FATOS DO ANO

O déficit orçamentário de 259 milhões de rúpias, em 1993, ainda é o resultado do prejuízo de US$ 30 milhões com as tempestades monçônicas de maio de 1991 – quadro agravado pelo déficit de US$ 109 milhões no comércio exterior em 1992. Para sair da crise, 25% das ações do Banco das Maldivas são vendidas (jan. de 1993) e adota-se uma política de mercado livre estendida a todos os setores, exceto o da exportação de peixe congelado. Mas a ajuda externa ainda é fundamental: além dos acordos de cooperação com a China (jun. de 1992) e dos programas de auxílio japoneses, o apoio aos aliados na Guerra do Golfo tem resultados práticos: o secretário de Estado americano James Baker e o emir Jaber al-Ahmed al-Jaber as-Sabah, do Kuweit, visitaram o país em jun. e set. de 1992.

Internamente, o país tem-se mantido estável, embora a oposição – informal, pois não há partidos políticos – cobre resultados da Junta Anticorrupção, formada em abr. de 1991 para investigar funcionários do governo, e medidas contra Ilyas Ibrahim, cunhado do presidente, ex-min. da Defesa e do Comércio e Indústria, culpado de desfalque. Desde que voltou do exílio, em ago. de 1990, ele está em prisão domiciliar mas não foi processado.

Mali

● **NOME OFICIAL:** República do Mali. **Capital:** Bamaco. **Nacionalidade:** malinesa. **Hino:** *Ao teu chamado, ó Mali* (1º verso). **Língua:** francês (oficial); línguas regionais (bambara, fulfulde, sonrai, tamashek, soninquê e dogon, principais). **Religião:** islamismo, 90%; animismo 9%; cristianismo 1% (católicos, maioria). **Data nacional:** 22/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da África. **Área:** 1.240.192 km². **Limites:** Argélia (N); Níger (L); Costa do Marfim e Guiné (S); Burkina (SE); Mauritânia e Senegal (O). **Características:** planícies desérticas do Saara (N e S); planalto (SO); terras mais elevadas (L); região pantanosa formada pelo delta do rio Níger (centro e L). **Ponto mais elevado:** monte Hombori Tondo (1.155 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão (maior parte); árido tropical (N). **Rios principais:** Níger, Senegal. **Cidades principais:** Bamaco (646.163 hab.); Segu (88.877); Mopti (73.979); Sikasso (73.050); Gao (54.874) (1987). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 8.464.000 (est.1992); **urbana:** 24,9% (1992). **Composição demográfica:** bambaras, 31,9%; peuls, 13,9%; senufos, 12%; soninquês, 8,8%; tuareg, 7,3%; songuais, 7,2%; malinquês, 6,6%; dogons, 4%; dioias, 2,9%; bobos, 2,4%; árabes, 1,2%; outros, 1,8% (1983). **Crescimento demográfico:** 3% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 46,1%; **15-59:** 47,8%; **mais de 60:** 6,1% (1987). **Densidade (hab./km²):** 6,8 (1992). **Natalidade:** 51 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 21 por 1.000; **mortalidade infantil:** 114 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 7 (1991). **Vida média homens:** 45; **mulheres:** 47 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,7 mil hab.; **médicos:** 1 por 20,6 mil hab. (1983). **Gastos com saúde:** 3,5% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 68% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 375,2 mil; **professores:** 11 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 5,8 mil; **professores:** 499 (1985/86). **Gastos:** 6,6% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana. **Data da Constituição em vigor:** 12/1/1992. **Divisão administrativa:** 8 regiões e o distrito de Bamaco. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Aliança pela Democracia/Africano pela Solidariedade e Justiça, Congresso Nac. de Iniciativa Democrática, União Sudanesa/Reunião Democrática Africana. **Chefe de Estado:** pres. Alfa Umar Konarê (desde 8/6/1992). **Chefe de governo:** 1º-min/ Abdulaye Seku Sau (desde mai.1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 129 membros (13 representantes dos residentes no exterior) eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 45,6%; indústria, 12,1%; mineração, 1,5%; comércio, 15,5%; serviços, 25,3% do PIB (1991). **Agricultura:** algodão, tubérculos, verduras e legumes, manga, sorgo, arroz, milho. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 65 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia (açúcar e arroz); tabaco, materiais de construção. **Minerais:** ouro, sal, mármore, rocha fosfática, calcário, minério de ferro, minerais radioativos (explorados); petróleo, diamantes, bauxita, manganês, zinco, cobre, lítio (reservas). **Exportações:** US$ 374,3 milhões; **produtos:** algodão, manufaturados, animais vivos (1990). **Importações:** US$ 689,5 milhões; **produtos:** manufaturados, máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos, derivados de petróleo (1990). **Parceiros comerciais:** França, Costa do Marfim, Senegal, Holanda, Alemanha, Repúblicas da CEI, Suíça. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 céntimos); **cotação para 1 US$:** 276,25 (31/12/1991). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 280 (1991); **crescimento anual:** 2,5% (1981–1990). **Inflação:** 1,1% (1991). **Dívida externa:** US$ 2,5 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 3 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 82,4%; indústria, 2,5%; comércio e serviços, 15,1% (1987); **mão-de-obra feminina:** 16,4% (1988–1990). **Desemprego urbano:** 1,3% (1987).

● **DEFESA: Efetivo total:** 7.350 (1992); **Exército:** 6,9 mil; **Marinha:** 50; **Força Aérea:** 400; **outros:** 7,8 mil paramilitares. **Gastos:** 5,4% do orçamento (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 18 mil km; 8% pavimentados (1987); **nº de veículos:** 37 mil; **automóveis:** 29,4 mil (1987). **Ferrovias:** 646 km (1988). **Portos:** ao longo do rio Níger. **Linhas aéreas:** Air Afrique (vôos domésticos e regionais); Tombouctou Air Service, STA (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 8; **receptores:** 1 por 55 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 830 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 730 hab. (1991). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 4,9 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 111 East 69th, Street, New York, NY 10021, EUA; tel. (212) 737-4150.

HISTÓRIA

Parte dos imp. de Gana, Malinkê e Songhai (séc. VIII – XVI), conquista Gao e Tombuctu (1325), centros comerciais saarianos. Após a destruição dos impérios por invasores marroquinos, é dividido por chefes locais. O tuculor *al-hadji* Omar e o mandingo Samori Turê opõem-se às incursões francesas no séc. XIX. Derrotado Turê (1898), começa a colonização do Sudão Francês. **1946:** autonomia relativa; criação da Assembléia Territorial que, em **1957:** expande seus poderes. **1958:** plebiscito cria República autônoma dentro da Comunidade Francesa. **1959:** o Sudão Francês e o Senegal formam a Federação do Mali que, em **1960:** se dissolve; independência com o nome atual; Modibo Keita é o presidente. **1968:** o ten. Mussa Traorê derruba Keita. **1975:** litígio fronteiriço com o Alto Volta (Burkina). **1979:** fundação do partido único União Democrática do Povo Malinês; reeleição de Traorê;

vigência da Constituição aprovada em 1974. **1980:** reprimidos protestos estudantis contra o sistema de vestibular e o aumento das anuidades; fracassa golpe militar. **1981:** julgamento de 21 oficiais golpistas (12/3): três execuções (17/3). **1982:** remanejamento ministerial fortalece a ala moderada. **1983/84:** a mais grave seca da História do país. **1986:** solução do litígio com o Burkina: divisão da faixa de Agacher; reatamento. **1987 – 1989:** acusações de corrupção contra o governo. **1990:** rebelião tuaregue de Iyad Ghali, com o qual é negociado cessar-fogo (jun.) com mediação argelina; passeatas contra o autoritarismo de Traorê (10/12). **1991:** acordo de paz com os tuaregues (6/1); greve geral (8 e 9/1); repressão a manifestações estudantis (mar.): 140 mortos e 1,3 mil feridos; o cel. Amadu Turê derruba Traorê (26/3), suspende a Constituição e convoca eleições para 1992; o ex-min. das Finanças, Sumana Sacko, é o 1º-ministro (abr.); Conferência Nacional adota anteprojeto de Constituição e multipartidarismo (12/8); abolição do Tribunal Especial de Segurança do Estado e demissão de ministros responsáveis por repressão (ago.). **1992:** nova Constituição (12/1); vitória, nas eleições municipais, da Aliança para a Democracia no Mali/Partido Pan-Africano para a Liberdade, a Solidariedade e a Justiça, de Alfa Umar Konarê (19/1); o governo conquista 96 das 192 cadeiras nas legislativas (23/2 e 8/3); eleição de Konarê (12/4).

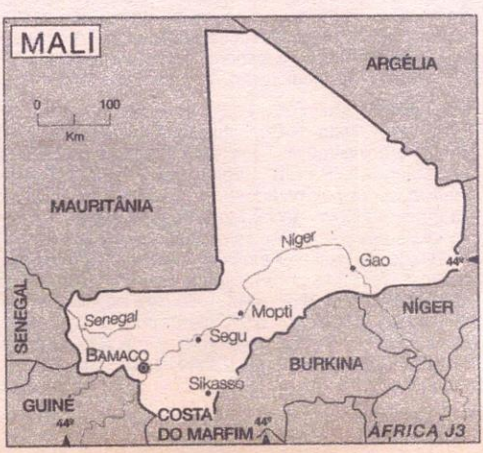
FATOS DO ANO

O julgamento de Mussa Traorê, derrubado pela rebelião popular em 1991, termina em 12/2/1993. Com seus ex-min. do Interior, Seku Ly, e da Defesa, Mamadu Culibaly, e o ex-com. das Forças Armadas, Usman Culibaly, Traorê é condenado à forca pela morte de 106 pessoas na repressão à revolta (e ainda será processado pelo desvio de US$ 2 bilhões, depositados no exterior).

A população protesta – A insatisfação com a política econômica do pres. Alfa Umar Konarê provoca, em mar., a ocupação, por estudantes, do prédio da rádio estatal, e manifestações em abr. Há um morto e doze feridos quando a polícia impede que se ateie fogo à Assembléia Nacional, à casa do min. da Educação Superior, Charles Abdulaye Agnyoko, e à sede da governista Aliança para a Democracia no Mali. Em 12/4, o 1º-min. Yunussi Turê renuncia e Konarê designa Abdulaye Seku Sau chefe de um gabinete de conciliação, com membros da oposição.

O principal obstáculo para a vigência do Pacto Nacional, de 11/4/1992, com os Movimentos e Frentes Unificados do Azauad, a coalizão de organizações rebeldes tuaregues, é a não-adesão da dissidente Frente Popular de Libertação do Azauad, com base no Burkina. Negociações com mediação burquinense levam a novo acordo (13/5/1993) com Rhissa Ag-Sidi Mohamed, da FPLA. Nesse meio tempo, tinham-se criado patrulhas conjuntas na área de implementação do Pacto (nov. de 1992); e fora assinado, com a Argélia (9/2/1993), acordo de repatriamento de 100 mil malineses e, com os MFUA, o de integração de 600 guerrilheiros tuaregues no Exército.

Com ajuda internacional, Konarê pretende consolidar a liberalização econômica iniciada com Traorê, reformando a arrecadação de impostos, reduzindo despesas públicas e privatizando estatais improdutivas. O controle de preços é eliminado e o governo consegue, dos credores externos, a renegociação da dívida externa, de US$ 2,392 bilhões.



Malta

● **NOME OFICIAL:** República de Malta. **Capital:** La Valeta. **Nacionalidade:** maltesa. **Hino:** *Esta doce terra* (1º verso). **Língua:** maltês e inglês (oficial); italiano. **Religião:** cristianismo (católicos, 97,3% – oficial; anglicanos, 1,2%); outros, 1,7%. **Data nacional:** 31/3 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da Europa. **Área:** 316 km². **Limites:** mar Mediterrâneo. **Características:** arquipélago (ilhas de Malta, Gozo e Comino, principais); litoral recortado e relevo de colinas baixas. **Ponto mais elevado:** 253 m (ilha de Malta). **Clima:** mediterrâneo. **Cidades principais:** Birkirkara (21.000 hab.); Qormi (19.100); Hamrun (13.700); Sliema (13.500); La Valeta (9.200) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 360.000 (est.1992); **urbana:** 85,3% (1985). **Composição demográfica:** malteses, 95,7%; britânicos, 2,1%; outros, 2,2% (1980). **Crescimento demográfico:** 0,7% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 23,2%; 15-59: 62%; mais de 60: 14,8% (1991). **Densidade (hab./km²):** 1.139,2 (1992). **Natalidade:** 15,2 por 1.000 (21990). **Mortalidade:** 7,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 11,3 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,9 (1980 – 90). **Vida média homens:** 73,7; **mulheres:** 78,1 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 107 hab.; **médicos:** 1 por 444 hab. (1991). **Gastos com saúde:** 7,3% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 12,1% (1986). **Alunos de 1º e 2º graus:** 68,9 mil; **professores:** 3,9 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 2,5 mil; **professores:** 244 (1989/90). **Gastos:** 8% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** jul. 1964 (substancialmente emendada em 1974). **Divisão administrativa:** não há. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrata Cristão, Trabalhista. **Chefe de Estado:** pres. Vincent Tabone (desde 4/4/1989). **Chefe de governo:** Edward Fenech Adami (desde mai./1987). **Legislativo:** unicameral – Câmara dos Representantes, com 65 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 3,5%; indústria, 30,5%; comércio, 14,4%; serviços, 51,6% do PIB (1990). **Agricultura:** cereais, tomate, cebola, batata, verduras e legumes. **Pecuária:** suínos, bovinos, ovinos. **Pesca:** 694 t (1991). **Indústria:** calçados, vestuário, alimentícia, bebidas, equipamentos elétricos e eletrônicos, fumageira, construção e oficina naval, impressão e editoração, manufaturas de metal. **Minerais:** pedra e areia, petróleo, gás natural. **Exportações:** US$ 1,3 bilhão; **produtos:** manufaturados, vestuário, máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas (1991). **Importações:** US$ 2,1 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, fibras têxteis, tecidos, alimentos e animais vivos (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Itália, principal), Alemanha, Grã-Bretanha, França, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** lira maltesa (dividida em 100 cents ou 1.000 mils); **cotação para 1 US$:** 0,37 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2,6 bilhões; **renda per capita:** US$ 6.850 (1991); crescimento anual: 3,5% (1980–1991). **Inflação:** 2,1% (1991). **Dívida externa:** US$ 612,2 milhões (1991). **Força de trabalho:** 136,5 mil; **distribuição:** agricultura, 2,4%;

indústria, 26,5%; comércio, 10,5%; serviços, 56,9%; outros, 3,7%; **mão-de-obra feminina:** 26% (1992). **Desemprego:** 3,9% (1992).

● **DEFESA: Exército:** 1.650 homens. **Gastos:** 1,7% do orçamento (1991).

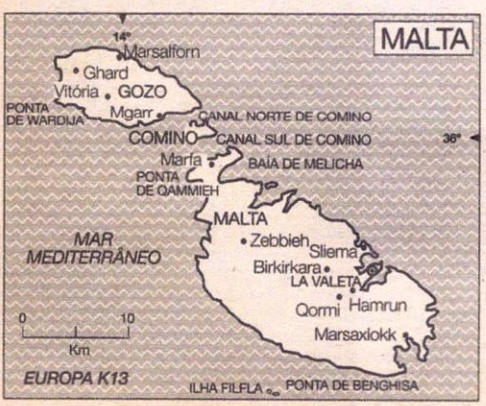
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 1,6 mil km; 91% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 124,8 mil; **automóveis:** 104,9 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Linha aérea:** Air Malta (vôos internacionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 10; **receptores:** 1 por 4 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 2,4 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,9 hab. (1991). **Jornais diários:** 3; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 192 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Av. W3 Norte, quadra 507, bloco C, CEP 70475-900, Brasília, DF; tel. (061) 272-0402.

HISTÓRIA

Ocupada por fenícios, gregos, cartagineses, romanos, bizantinos e árabes, conquistada pelos normandos (1091), é cedida por Carlos V (1530) à Ordem dos Hospitalários – transformada nos Cavaleiros de Malta –, que a defendem contra os turcos (1565) e a conservam até a conquista napoleônica (1798). **1800:** revolta popular apóia a expulsão dos franceses pelos ingleses. **1814:** confirmada a posse britânica (Tratado de Paris). **1921:** autonomia limitada. **1942:** o povo, em conjunto, recebe a Cruz de São Jorge, britânica, pela resistência aos alemães e italianos. **1955 – 1958:** governo do trabalhista Dom Mintoff; distúrbios após sua renúncia e estado de emergência; assume o gov.-geral inglês Maurice Dorman. **1961:** nova Constituição; Borg Olivier é o 1º-ministro. **1964:** independência. **1969:** retirada das tropas britânicas. **1971:** Mintoff derrota Olivier e substitui Dorman pelo maltês Anthony Mamo. **1972:** acordos financeiros e de defesa com a Grã-Bretanha e a OTAN. **1974:** República; separação Igreja/Estado; o governo encampa as telecomunicações. **1976:** nova vitória trabalhista. **1979:** desmantelamento da base militar britânica na ilha. **1981:** acordo petrolífero com a URSS. **1983:** desapropriação de 75% dos bens da Igreja; reforma no ensino católico. **1984:** Mintoff renuncia em favor de Carmelo Misfud Bonnici. **1985 – 1987:** litígios com o Vaticano devido à reforma do ensino nas escolas católicas. **1987:** acordo com a oposição nacionalista; em troca do não-alinhamento e da neutralidade, estabelece-se que o partido mais votado terá automaticamente a maioria parlamentar; vitória nacionalista (mai.): Eddie Fenech Adami é o 1º-ministro. **1989:** o nacionalista Vincent Tabone é eleito presidente. **1990:** visita do papa João Paulo II (23 a 26/5): fim do litígio com o Vaticano; pedido de adesão à CEE (16/7). **1992:** nova vitória nacionalista (22/2); oposição trabalhista à pronta adesão à CEE; derrotado, Bonnici renuncia à presidência do PT em favor de Alfred Sant; abertura da primeira Bolsa de Valores; início da construção de um porto livre.



FATOS DO ANO

As relações com os EUA, estremecidas desde que, em 1988, o país estreitou os laços com a Líbia, passam por nova tensão em 1993. Em 11/3, o pres. Bill Clinton acusa o pres. Vincent Tabone de violar o embargo imposto pela ONU ao permitir que seu país comercie com a Nova Federação Iugoslava. É um atrito prejudicial para o país, que compra dos EUA grande parte de seus produtos básicos. O turismo é o principal meio de subsistência, empregando um terço da força de trabalho. A clientela maltesa tem mudado: 1991/92 eram britânicos; em 1993, a ilha é invadida por alemães, atraídos pelos preços convidativos. A única desvantagem é que o desembarque no aeroporto de Lucqa sai caro para eles pois, do ponto de vista das tarifas aéreas, Malta é considerado um país africano – o que, para o europeu, significa pagar uma soma adicional pela mudança de continente.

Marrocos

● **NOME OFICIAL:** Reino do Marrocos. **Capital:** Rabat. **Nacionalidade:** marroquina. **Língua:** árabe (oficial); berbere, espanhol (N), francês. **Religião:** islamismo (sunitas), 98,7% (oficial); cristianismo, 1,1% (católicos); outros 0,2%. **Data nacional:** 18/11 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da África. **Área:** 458.730 km². **Limites:** estreito de Gibraltar (N); Argélia (L e SE); Saara Ocidental (S); oceano Atlântico (O). **Características:** litoral escarpado (Mediterrâneo) e plano (Atlântico); planícies costeiras; planaltos (L); 4 sistemas montanhosos da Cadeia dos Atlas (centro e O). **Ponto mais elevado:** monte Tubkal (4.165 m). **Clima:** mediterrâneo (litoral); árido subtropical (centro); de montanha (L). **Rios principais:** Umer-Rabia, Muluia. **Cidades principais:** Casablanca (2.139.200 hab.); Rabat (518.600); Fez (448.800) (1982). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 26.448.000 (est.1992); **urbana:** 46,2% (1990). **Composição demográfica:** árabe, 70%; berberes, 30% (1986). **Crescimento demográfico:** 2,4% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 40,5%; **15-59:** 53,5%; **mais de 60:** 6% (1990). **Densidade (hab./km²):** 37,2 (1992). **Natalidade:** 32,6 por 1.000 (1990–1919). **Mortalidade:** 8,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 68 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,7 (1990). **Vida média homens:** 61,6; **mulheres:** 65 (1990–1995). **Leitos hospitalares públicos:** 1 por 938 hab.; **médicos:** 1 por 4,4 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 12% do orçamento (1993).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 50,5% (1990). **Alunos de 1º grau e no ensino profissionalizante:** 2,6 milhões; de 2º grau em escolas públicas: 1,1 milhão; **professores de 1º grau e no ensino profissionalizante:** 93,2 mil; **de 2º grau em escolas públicas:** 5,4 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 225 mil; **professores:** 7,7 mil (1990/91). **Gastos:** 26,7% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 4/9/1992. **Divisão administrativa:** 30 províncias e duas prefeituras (Casablanca e Rabat). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Constitucional, União Nac. pela Independência, Mov. Popular, Istiqlal, União Socialista das Forças Populares, Nac. Democrata. **Chefe de Estado:** rei Hassan II (desde 3/3/1961). **Chefe de governo:** 1º-min. Mohamed Karim Lamrani (desde 11/8/1992). **Legislativo:** unicameral – Câmara dos Representantes, com 306 membros (2/3 eleitos por voto direto e 1/3 escolhido por um colégio eleitoral formado por conselhos locais e por representantes industriais, para mandatos de 6 anos).

● **ECONOMIA:** agricultura, 15,5%; indústria, 31,4%; mineração, 2,7%; comércio, 19,9%; serviços, 30,5% do PIB

(1990). **Agricultura:** cereais (trigo e cevada, principais); frutas cítricas, azeitonas, leguminosas, tomate, batata. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 565,5 mil t (1990). **Indústria:** manufaturas de fosfato (fertilizantes, principal); refino de petróleo, cimento, alimentícia, têxtil. **Minerais:** rocha fosfática, ácido fosfórico, petróleo, gás natural, carvão, minério de ferro, barita, chumbo, cobre, zinco, manganês (explorados), níquel, cobalto, bauxita (reservas). **Exportações:** US$ 4,2 bilhões; **produtos:** alimentos, fosfato (1990). **Importações:** US$ 6,9 bilhões; **produtos:** bens de capital, petróleo bruto, bens de consumo, alimentos, bebidas, tabaco (1990). **Parceiros comerciais:** França, EUA, Espanha, Iraque, Itália, Alemanha, Bélgica, Luxemburgo. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dirrã marroquino (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 9,05 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 26,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.030 (1991); **crescimento anual:** 4,3% (1980–1991). **Inflação:** 4,9% (1992). **Dívida externa:** US$ 21,2 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 8 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 39,2%; indústria, 24,3%; comércio e serviços, 27,4%; outros, 9,1% (1982); **mão-de-obra feminina:** 26,1% (1990). **Desemprego:** 15,4% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 195,5 mil (1992); **Exército:** 175 mil; **Marinha:** 7 mil; **Força Aérea:** 13,5 mil; **outros:** 40 mil paramilitares. **Gastos:** 14,7% do orçamento (1990).

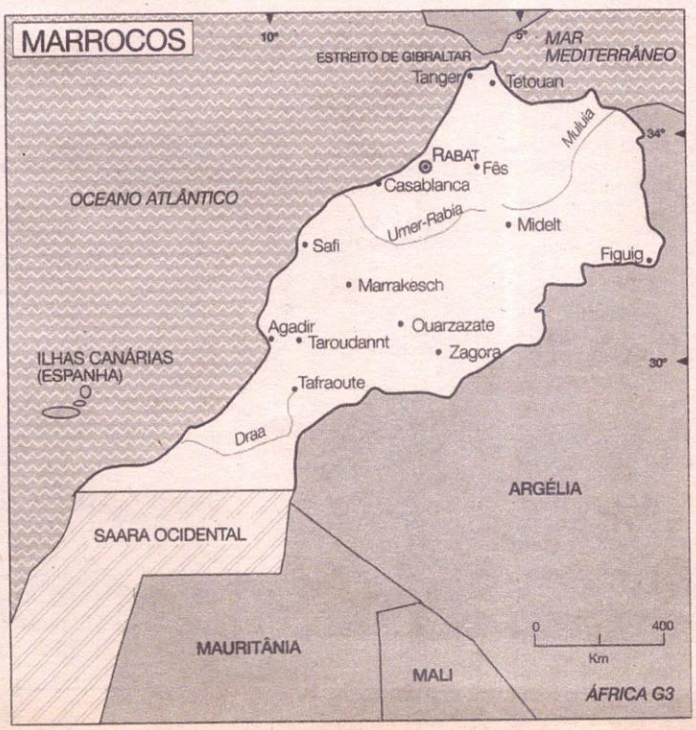
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 59,5 mil km; 49% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 952,6 mil; **automóveis:** 669,6 mil (1990). **Ferrovias:** 1,9 mil km (1990). **Portos:** Casablanca, Muhammadia, Jorf Lasfar, Safi, Tangier. **Linha aérea:** Royal Air Maroc (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 4; **receptores:** 1 por 5,7 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 21,2 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 62 hab. (1990). **Jornais diários:** 11; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 15 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SEN – Av. das Nações, lote 02, CEP 70431-900, Brasília, DF; tel. (061) 321-4487.

HISTÓRIA

Parte do imp. cartaginês transforma-se na província romana da Mauritânia, conquistada pelos árabes (683), que a tornam reino independente (788). No séc. X, divide-se em reinados tribais, reunificados pelos almorávidas, cujo reino estende-se do Senegal à Espanha. **Séc. XV:** Portugal e Espanha conquistam os portos da região, que só perdem no séc. XVII, para a França. **1906:** Conferência de Algeciras: a França recebe direitos sobre o território. **1912:** protetorado francês; Acordo Franco-Espanhol: divisão em duas regiões administrativas, com uma zona internacional em Tânger. **1953:** a França depõe o sultão Sidi Mohamed, favorável à independência, e o exila em Madagascar. **1955:** retorno de Sidi. **1956:** independência. **1957 – 1961:** Sidi reina como Mohamed V. **1961:** sobe ao trono Hassan II. **1962:** nova Constituição. **1965:** Hassan II declara o estado de emergência e assume poderes ditatoriais. **1970:** nova Constituição: fim do poder absoluto do rei. **1972:** fracassa o golpe do gen. Mohamed Ufkir. **1976/77:** ruptura com a Argélia, que se opôs à anexação da faixa norte do Saara Ocid. e apóia o movimento saariano Polisário. **1979:** ruptura com o Egito após acordo de paz com Israel. **1980:** anistia a 91 presos políticos para acalmar protestos de operários e estudantes. **1981:** novos choques com oposição, estudantes e fundamentalistas islâmicos. **1982:** autorizada a reabertura de sindicatos e partidos de oposição. **1983:** governo de Mohamed Karim Lamrani, com representantes de todos os partidos. **1984:** protestos, no norte, contra o aumento do custo de vida; muitos dos envolvidos são condenados; perseguição aos membros da seita Bahai; isenção de impostos aos camponeses até o ano 2000, como parte da campanha para as eleições, em que a centro-direita é vitoriosa. **1985:** construção, no Saara Ocid., de muros de proteção contra o Polisário. **1987:** anistia a oposicionistas no exílio. **1988:** proibida a criação da Organização Marroquina dos Direitos Humanos (28/5). **1989:** primeiro encontro marroquino-saariano (jan.); o rei recusa-se a negociar com o Polisário (set.); plebiscito adia por dois anos as eleições (dez.). **1990:** instalação do Conselho Consultivo dos Direitos Humanos (8/5); repressão à greve geral por aumento de salários (4/12): 46 mortos e mil detidos; em represália, os grevistas incendeiam hotel em Fez (15/12); condenação de 87 dos envolvidos (27/12). **1991:** 15% de aumento no salário mínimo; condenação de mais 380 grevistas; anistia a 269 presos do Polisário; libertação e exílio, em Paris, de Abraham Serfaty, fundador do PC, preso desde 1977 (13/9); demolição da prisão militar de Tazmamart, símbolo da repressão; 26 militares ali detidos revelam que trinta de seus companheiros morreram sob tortura (26/11). **1992:** anulada sentença de 260 presos políticos; a CEE cancela empréstimo de US$ 600 milhões em protesto contra a violação dos direitos humanos (jan.); greve dos trabalhadores da saúde, do açúcar e dos fosfatos (fev.); impasse na convocação do referendo sobre a independência do Saara Ocid.; a condenação de Nabir Amáui, do Politburo da USPF, leva à formação da frente única de oposição Bloco Democrático (17/4); Lamrani, 1º-ministro interino, é encarregado de convocar eleições (18/6); expulsão pela França, a pedido de Hassan II, do marroquino Abdel al-Mumm Diur,



que o acusou de ser "o maior traficante de cocaína da África" (jun.); campanha internacional faz a expulsão ser revogada; ruptura do BD no plebiscito sobre a Constituição (4/9): o PPS a aprova, os outros a boicotam.

FATOS DO ANO

Dois escândalos abalam, em fev. de 1993, o governo do rei Hassan II. Em 17/2, o ex-sec.-geral da ONU, Javier Pérez de Cuellar, é demitido do Conselho de Administração da empresa francesa *Optorg*, comprada pela OMNIUN, pertencente ao soberano marroquino. A imprensa denunciara sua nomeação como uma "recompensa" por "serviços prestados" a Hassan II no caso do Saara Ocidental. Este se defende afirmando tê-lo despedido pois Pérez "não correspondeu ao que se esperava dele". Esse episódio coincide com o julgamento do chefe da polícia de Casablanca, Mustafá Tabit, de 53 anos, executado em 9/8 por ter estuprado 518 mulheres valendo-se das prerrogativas de seu cargo.

Presos políticos – Esses fatos desmoralizadores aumentam o desgaste de um regime que tem a repressão como tônica. Em 21/11/1992, a polícia já dispersara a manifestação dos sindicalistas que, diante da prisão de Salê, exigiam a libertação do socialista Nubir Amauí, sec.-geral da Confederação Democrática do Trabalho, condenado a dois anos de prisão por "difamar" o regime. Em 21/1/1993, a rejeição do apelo de seus advogados provoca novos protestos; mas eles não impedem a condenação a três anos de prisão de Ahmed Belaichi, da Associação Marroquina dos Direitos Humanos, que denunciara a violência das Forças Armadas. Apesar dessa sentença, a AMDH divulga, em fev. de 1993, a lista dos 750 presos políticos ainda encarcerados no país.

Nessa época, os oposicionistas Istiqlal, União Socialista das Forças Populares, Partido do Progresso e do Socialismo e Organização pela Ação Popular Democrática repudiam a nova legislação eleitoral, retiram-se da Comissão Eleitoral e ameaçam com o boicote. Hassan II adia as eleições para 25/6/1993, enquanto tenta um acordo, pois, a essa altura, eclodem greves em vários setores, principalmente o do funcionalismo, em protesto contra o rebaixamento salarial e a degradação da qualidade de vida devido ao plano de ajuste estrutural imposto pelo FMI. A insatisfação faz aumentar o número de pessoas que tentam sair do país: em out. de 1992, 800 marroquinos foram detidos em Tarifa, no sul da Espanha, tentando imigrar ilegalmente; e 35 outros fracassaram, afogando-se na costa. E, no Saara Ocidental, a Frente Polisário acusa o Marrocos de violar o cessar-fogo mediado pela ONU. Tropas do Exército mantêm El Aaiún, a capital, e Samará, sua segunda cidade, sob cerco virtual.

Esse quadro de crise faz com que, em 25/6, a oposição conquiste 222 das 333 cadeiras no *Majlis an-Nuuab* (o Parlamento), abrindo, pela primeira vez, a possibilidade de um governo de contestação ao soberano. Depois disso, Amauí é libertado, em 12/7, juntamente com Driss Laghmini, da União Geral dos Trabalhadores Marroquinos, preso havia cinco anos por "atentado às sagradas instituições nacionais".

Maurício

● **NOME OFICIAL:** Maurício. **Capital:** Port Louis. **Nacionalidade:** mauriciana. **Hino:** *A nossa pátria* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); crioulo de matiz francês (língua franca); crioulo de matiz inglês, hindi e bhojpuri. **Religião:** hinduísmo, 51,1%; cristianismo, 31,3% (católicos, 26%); islamismo, 16,6% (muçulmanos e bahaístas); budismo, 0,6%. **Data nacional:** 12/3 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da África. **Área:** 2.040 km². **Limites:** oceano Índico. **Características:** arquipélago de origem vulcânica (ilhas Maurício, principal; Rodrigues, Agalega, Cargados Carajos); linhas de recifes de coral (litoral); planalto central cercado por elevações (Maurício). **Ponto mais elevado:** Piton de la Petite Rivière Noire (826 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. Rio principal: Poste. **Cidades principais:** Port Louis (142.600 hab.); Beau Bassin (95.700); Curepipe (66.800); Quatre-Bornes (66.600); Vacoas-Phoenix (57.200) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +7h.

● **POPULAÇÃO:** 1.081.000 (est.1992); **urbana:** 40,7% (1991). **Composição demográfica:** crioulos, 55,5%; indianos, 39,6%; europeus, 3,8%; chineses, 0,6%; outros, 0,5% (1983). **Crescimento demográfico:** 1,4% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 29,6%; 15-59: 62,3%; mais de 60: 8,1% (1990). **Densidade (hab./km²):** 529,9 (1992). **Natalidade:** 20,7 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6,6 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 20,4 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,2 (1989). **Vida média homens:** 64,7; **mulheres:** 72,2 (1986–1988). **Leitos hospitalares:** 1 por 366 hab.; **médicos:** 1 por 1,1 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 8,3% do orçamento (1991/92).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 17,2% (1985). **Alunos de 1º e 2º graus:** 215,6 mil (1990); **professores:** 10,2 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 2,2 mil; **professores:** 382 (1989). **Gastos:** 14,2% do orçamento (1991/92).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 12/3/1968 (1 revisão). **Divisão administrativa:** 4 ilhas e 9 distritos (na ilha Maurício). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Mov. Socialista, Mov. Militante, Trabalhista, Socialista. **Chefe de Estado:** pres. Cassam Utim (desde 30/6/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Anirud Jugnauth (desde 11/6/1982). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 72 membros (o procurador geral, o relator, 62 eleitos por voto direto e 8 indicados pela Comissão de Supervisão Eleitoral), para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 11,2%; indústria, 33%; mineração, 0,1%; comércio, 17,9%; serviços, 37,8% do PIB (1991). **Agricultura:** cana-de-açúcar, chá, tabaco, batata, milho. **Pecuária:** caprinos, bovinos, suínos, aves. **Pesca:** 14,7 mil t (1990). **Indústria:** processamento de ma-

térias-primas importadas (têxtil, vestuário, componentes eletrônicos, diamantes); refino de açúcar. **Exportações:** US$ 1,2 bilhão; **produtos:** açúcar, melaço, chá (1990). **Importações:** US$ 1,6 bilhão; **produtos:** fios têxteis e tecidos, derivados de petróleo, máquinas industriais, veículos (1990). **Parceiros comerciais:** França, Grã-Bretanha, África do Sul, Alemanha, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** rúpia mauriciana (dividida em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 16,99 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2,6 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.420 (1991); **crescimento anual:** 7,2% (1980–1991). **Inflação:** 4,6% (1992). **Dívida externa:** US$ 991 milhões (1991). **Força de trabalho:** 463 mil; **distribuição:** agricultura, 16,2%; indústria, 43,6%; comércio, 6,4%; serviços, 28,9%; outros, 4,9%; **mão-de-obra feminina:** 35,2% (1991). **Desemprego:** 2% (1991).

● DEFESA: não há.

● TRANSPORTES: **Rodovias:** 1,8 mil km; 93% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 31,3 mil; **automóveis:** 29,4 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Port Louis. **Linha aérea:** Air Mauritius (vôos internacionais).

● COMUNICAÇÕES: estatais e privadas. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,3 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 8,4 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 14 hab. (1990). **Jornais diários:** 7; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 77 (1991).

● REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA: 211 East 43rd Street, 15th Floor, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 949-0190.

HISTÓRIA

Descoberta e abandonada pelos holandeses (séc. XVII), a ilha de Mauritius é ocupada pelos franceses (séc. XVIII), que a chamaram Île-de-France, nela instalando um centro de produção de açúcar. Cedida à Grã-Bretanha (1814), readquire o nome original. Com a abolição da escravatura (1834), é importada mão-de-obra indiana, por muito tempo desprovida de direitos políticos. **1948:** nova Constituição; os indianos podem votar e têm maioria no Conselho, pondo fim à dominação dos franco-mauricianos. **1961:** negociações para a autonomia prejudicadas pela luta entre trabalhistas, indianos e pró-independência, e os partidos minoritários, opostos a ela. **1967:** autonomia administrativa; Siusagur Rangulam, do PT, é o 1º-ministro; conflitos raciais e políticos; estado de emergência até 1970. **1968:** independência. **1971/72:** greves e prisão de líderes do Movimento Militante Mauriciano; novo estado de emergência. **1975:** prisão de estudantes que protestam contra o preço da educação privada. **1976:** fechamento da base britânica de Vacoas (mar.). **1981:** descoberto que Rangulam contratara agentes da CIA para assassinar Paul Bérenger, do MMM. **1982:** vitória da coligação esquerdista MMM/PSM; o socialista Anirud Jugnauth torna-se 1º-ministro. **1983:** cisão do MMM: Bérenger e Paul de l'Estrac passam para a oposição; Jugnauth forma novo partido, mas perde a confiança do Parlamento; eleições antecipadas. **1984:** reeleição de Jugnauth em aliança com a direita; Rangulam é eleito gov.-geral. **1985:** descontentamento com a repressão à imprensa e aos sindicatos e o reatamento com a África do Sul são causa da vitória do MMM nas eleições municipais. **1987:** o governo obtém maioria nas legislativas (30/8), apesar do envolvimento de deputados da coalizão MSM/PSM no tráfico de drogas. **1988:** o direitista Gaëtan Duval rompe com a coalizão. **1990:** Jugnauth reconcilia-se com Bérenger; o vice-1º-min. Satcam Buleil, que contesta a aliança MSM/MMM, é demitido e substituído por Prem Nababsingh, pres. do MMM (set.). **1991:** a coalizão obtém 57 das 62 cadeiras em jogo (15/9); na Guerra do Golfo, o país apóia o Iraque; vitória da coligação MSM/MMM/MTD nas eleições (15/9); Duval e Rangulam, alegando fraude, não comparecem à abertura da Assembléia, para a qual foram eleitos; Jugnauth põe fim aos vínculos com a Coroa britânica, a partir de 12/2/1992, sem ter convocado plebiscito a esse respeito; em protesto, Duval renuncia a seu mandato. **1992:** o gov.-geral Virasamy Ringadu torna-se presidente interino (12/3); o min. da Indústria e da Tecnologia Industrial, Cassam Utim, é eleito presidente (30/6).

FATOS DO ANO

O chanceler Paul Bérenger, do Movimento Militante Mauriciano, retira-se do gabinete em 18/8/1993, criando dificuldades para o 1º-min. Anirud Jugnauth, do Movimento Socialista Mauriciano, pois sua presença no governo garantia a maioria na Assembléia. Desde 1992, Bérenger discordava de atitudes de Jugnauth, como a de emitir, em abr., uma nota com a efígie de sua própria mulher, Sarojni. A coalizão governamental sobreviveu, entretanto, aos ataques da oposição e, em 30/6/1992, quando o pres. interino Virasamy Ringadu renunciou por problemas de saúde, seu sucessor foi o já designado Cassam Utim, do MSM, e o vice, Robindranuth Ghurburrun, do MMM. No segundo semestre de 1992, porém, Jugnauth fez ameaças a Harish Bhudu, do Partido Socialista Mauriciano, que convocara uma manifestação de protesto diante de sua residência; e Bhudu reagiu pedindo que ele fosse preso por intimidação.

Suspensão de mandato – Jugnauth entrou também em choque com Navin Rangulam, do Partido Trabalhista Mauriciano, que decidira ir terminar em Londres seus estudos de Direito. Com base na Constituição, que cassa o mandato do deputado que faltar, por três meses consecutivos, à Assembléia, ele suspendeu, em dez. de 1992, uma sessão a que Rangulam compareceria. E, em jan. de 1993, convoca uma sessão extra sem lhe dar tempo de estar presente. Em seguida, o pres. da Assembléia, Isuardeo Sitaram, pede a suspensão do mandato de Rangulam (o caso, em seguida, é entregue à Suprema Corte). Essas questões desgastam as relações MSM/MMM, levando Bérenger à ruptura.

Em 1992/93, o governo luta, na ONU e na Corte Internacional de Justiça, pela posse do arquipélago de Chagos – que inclui Diego Garcia, emprestada pela Inglaterra aos EUA para o estabelecimento de uma base militar. Em represália, Londres congela a ajuda econômica ao país. O plano trienal 1993/1996 inclui medidas de incentivo ao investimento estrangeiro, o aumento da exportação e cortes nas despesas públicas.

Mauritânia

● NOME OFICIAL: República Islâmica da Mauritânia. **Capital:** Nuakchott. **Nacionalidade:** mauritana. **Língua:** árabe (oficial); poular, uolof, solinquê e francês. **Religião:** islamismo (muçulmanos, 99,4%) (oficial); cristianismo, 0,4%; outros, 0,2%. **Data nacional:** 28/11 (Independência).

● SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: noroeste da África. **Área:** 1.030.700 km². **Limites:** Argélia (N); Saara Ocidental (NO); Mali (L e SE); Senegal (S); oceano Atlântico (O). **Características:** deserto do Saara (maior parte); litoral baixo e plano (O); planície arenosa (N); elevações (O); bacia arenosa ao longo do rio Senegal (SO a SE); bacia do rio Níger (L). **Ponto mais elevado:** monte Kedietjill (915 m). **Clima:** árido tropical (N); tropical de altitude (S). **Rio principal:** Senegal. **Cidades principais:** Nuakchott (393.300 hab.); Nuadibu (59.200); Kaedi (30.500); Kiffa (29.300); Rosso (27.800) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● POPULAÇÃO: 2.108.000 (est.1992); **urbana:** 49,4% (1990). **Composição demográfica:** mauricios, 81,5%; uolofs, 6,8%; tuculors, 5,3%; soninquês, 2,8%; peuls, 1,1%; outros, 2,5% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,2% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 44,6%; **15-59:** 50,5%; **mais de 60:** 4,9% (1990). **Densidade (hab./km²):** 2 (1992). **Natalidade:** 49,6 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 17,5 por 1.000; **mortalidade infantil:** 94 por 1.000 (1991). **Fertilida-**

de (nº de filhos por mulher): 7,2 (1991). Vida média homens: 44; mulheres: 50 (1991). Leitos hospitalares: 1 por 1,2 mil hab.; médicos: 1 por 10,1 mil hab. (1988).

• EDUCAÇÃO: pública e particular. Analfabetos: 66% (1990). Alunos de 1º e 2º graus: 196,2 mil; professores: 5 mil (1988/89). Alunos no ensino superior: 5,8 mil (1988/89); professores: 267 (1988).

• GOVERNO: República parlamentarista com chefe de Estado forte. Data da Constituição em vigor: 12/7/1991. Divisão administrativa: 12 regiões e o distrito de Nuakchott. Regime partidário: pluripartidarismo; principais partidos: Republicano Social e Democrático, para Renovação, Agrupamento para Democracia e Unidade Nacional. Chefe de Estado: pres. Maauía Uld Sid Ahmed Taia (desde 12/12/1984). Chefe de governo: 1º-min. Sidi Mohamed Uld Bubacar (desde 18/4/1992). Legislativo: bicameral – Assembléia Nacional, com 79 membros eleitos por voto direto; Senado, com 56 membros eleitos por líderes municipais, para mandatos de 5 e de 6 anos, respectivamente.

• ECONOMIA: agricultura, 29%; indústria, 17,3%; mineração, 6,9%; comércio e serviços, 46,8% do PIB (1988). Agricultura: milhete, arroz, sorgo, leguminosas. Pecuária: ovinos, caprinos, bovinos. Pesca: 91 mil t (1990). Indústria: processamento de pescados e de minérios. Minerais: ferro, gipsita, cobre, ouro, fosfato, enxofre, turfa, petróleo. Exportações: US$ 222,5 milhões; produtos: peixes e derivados, minério de ferro (1991). Importações: US$ 224,7 milhões; produtos: alimentos, máquinas industriais e equipamentos de transporte, material de construção (1991). Parceiros comerciais: países membros da CEE (França e Espanha, principais); Japão. Pesos e medidas: sistema métrico decimal. Moeda: ugüia (dividida em 5 klum); cotação para 1 US$: 115,10 (31/12/1992). Produto Nacional Bruto (PNB): US$ 1 bilhão; renda per capita: US$ 510 (1991); crescimento anual: 0,6% (1980–1991). Inflação: 7,2% (1992). Dívida externa: US$ 2,3 bilhões (1991). Força de trabalho: 666 mil (1991); distribuição: agricultura, 66%; indústria, 10%; comércio e serviços, 24% (1987); mão-de-obra feminina: 22,1% (1990). Desemprego: 50% (1988).

• DEFESA: Efetivo total: 9,6 mil (1992); Exército: 9 mil; Marinha: 400; Força Aérea: 200; outros: 5,7 mil paramilitares.

• TRANSPORTES: Rodovias: 7,6 mil km; 23% pavimentados (1989); nº de veículos: 15 mil; automóveis: 10 mil (1990). Ferrovias: 689 km (1990). Portos: Point-Central, Naubidu, Nuakchott. Linhas aéreas: Air Mauritanie, Air Afrique (vôos domésticos e regionais).

• COMUNICAÇÕES: estatais. Emissora de rádio: 1; receptores: 1 por 8,2 hab. (1991). Emissora de TV: 1; receptores: 1 por 1,9 mil hab. (1991). Linhas telefônicas: 1 por 431 hab. (1989). Jornal diário: 1 (1991).

• REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA: 9 East 77th Street, New York, NY 10021, EUA; tel. (212) 737-7780.

HISTÓRIA

Os negros sudaneses, habitantes da região, são escravizados ou expulsos pelos berberes, que, no séc. XI, destroem o Imp. de Gana. Estes, por sua vez, são conquistados pelos árabes (séc. XVI). O comércio com os portugueses (séc. XV) atrai os franceses, que, em 1903, estabelecem ali o protetorado e, em 1920, a colônia. **1946**: autonomia interna. **1956**: representação na Assembléia da União Francesa. **1958**: República autônoma dentro da Comunidade Francesa; a capital passa de Saint Louis, no Senegal, para Nuakchott. **1960**: independência; Mokhtar Uld Dadá é o 1º-ministro e, em **1961**: o presidente; o Partido do Povo é o único autorizado. **1969**: inauguração, em Nuakchott, da primeira usina africana de dessalinização. **1973**: criada a ugüia, a moeda nacional; admissão na Liga Árabe. **1975**: fundada a Comunidade Econômica da África Ocidental; pacto com a Espanha e o Marrocos sobre o Saara Ocid. **1976**: ocupação de Aargub, no Saara, após luta com tropas da Argélia e do Polisário. **1977**: o Polisário ataca Zuerate. **1978**: Dadá é deposto pelo ten.-cel. Mustafá Uld Mohamed Salek. **1979**: novo golpe; Salek tem funções apenas cerimoniais e Ahmed Uld Buceif governa; com a sua morte e a renúncia de Salek, Mahmud Uld Ahmed Luly é o presidente e o cel. Mohamed Huna Uld Haidalá, o 1º-ministro. **1980**: Haidalá depõe Luly; abolição da escravatura. **1981**: ruptura com o Marrocos, suspeito de envolvimento em tentativa de golpe; o ten.-cel. Maauía Uld Sid Ahmed Taia torna-se 1º-ministro. **1982**: fracassa golpe do ex-1º-min. Sid Ahmed Uld Bneijara. **1984**: Haidalá afasta Taia, mas é deposto; Taia reassume. **1985**: anistia aos golpistas de 1981. **1986**: primeiras eleições livres multipartidárias (19 e 26/12). **1987**: fracassa golpe contra Taia; três militares são condenados à morte (21/10). **1989**: ruptura com o Senegal por litígios de fronteira e o apoio de Dacar aos dissidentes da Frente de Libertação dos Africanos da Mauritânia. **1990**: fracassa golpe de membros das minorias negras soninkê e tuculor (27/11): cinqüenta militares são presos. **1991**: anistia aos detidos, por pressão popular (mar.); plebiscito aprova nova Constituição e multipartidarismo (12/7); na Guerra do Golfo, apoio ao Iraque. **1992**: reeleição de Taia com 62,7% dos votos (17/1); recusa da Suprema Corte em anular o pleito devido a fraudes: manifestações com dois mortos, 160 presos e o toque de recolher em Nuakchott e Nuadibu; a Frente Africana de Libertação da Mauritânia retoma a luta armada (jan.); boicote da oposição e vitória do governo nas legislativas (13/3 e 3/4); inauguração da II República: Sidi Mohamed Uld Bubacar é o 1º-ministro (18/4).

FATOS DO ANO

Os empréstimos de US$ 9,5 milhões e de US$ 12,8 milhões, concedidos pela China e pela França em jan. de 1993 – somados aos US$ 47 milhões concedidos pelo próprio Fundo em dez. de 1992 –, dão fôlego novo ao governo do pres. Maauía Uld Sid Ahmed Taia, pressionado por denúncias da oposição de que houve fraude nas urnas e por uma precária situação econômica. A aplicação, desde o fim de 1992, do plano do FMI/Banco Mundial fez o clima sócio-político deteriorar-se. A desvalorização de 28% no ugüia, em out. de 1992, provocou aumentos dos produtos básicos, causando protestos que levaram à decretação do toque de recolher na capital. Taia prometeu reajustes salariais no início de 1993; mas os concedidos são insatisfatórios.

A repressão aos manifestantes, porém, custa o cargo, em 3/1/1993, ao min. do Interior, Ba Aliu Ibra Hasni Uld Didi, que o 1º-min. Sid Mohamed Uld Bubaker substitui pelo moderado Lemrabet Sidi Mahmud Uld Cheikh Ahmed, min. da Indústria e das Minas. Na mesma ocasião, Khattar Uld Cheikh Ahmed, nomeado sec. para as Questões Civis, é encarregado de preparar as eleições legis-

lativas do fim de 1993. E, em 8/6, para acelerar o plano de ajuste, Taki Uld Sidi é nomeado min. do Planejamento.

O reatamento com o Senegal (23/4/1992) foi um passo para solucionar litígios fronteiriços e a questão dos refugiados que se encontram no país vizinho e se recusam a serem repatriados enquanto Taia não reconhecer sua nacionalidade e o direito às suas antigas propriedades, cassadas quando eles fugiram do país. Outro problema está pendente com o Mali: os mauritanos ali asilados só serão aceitos de volta se Bamaco receber 40 mil tuaregues e bellas que se refugiaram na Mauritânia e rejeitam o acordo que os demais líderes de sua etnia assinaram com o governo do Mali.

México

● **NOME OFICIAL:** Estados Unidos do México. **Capital:** Cidade do México. **Nacionalidade:** mexicana. **Hino:** *Mexicanos, ao chamado da guerra* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial); línguas indígenas. **Religião:** cristianismo (católicos, 92,6%; protestantes, 3,3%); outros, 0,9%; ateus, 3,1%. **Data nacional:** 16/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da América do Norte. **Área:** 1.908.691 km². **Limites:** EUA (N); golfo do México (L); Belize e Guatemala (S); oceano Pacífico (O). **Características:** duas cadeias montanhosas percorrendo o território de N a S: serra Madre Oriental (L) e serra Madre Ocidental (O), encontrando-se ao centro-sul com uma cadeia vulcânica (L a O); meseta do México (centro), cortada pela cadeia de Zacatecas (NO a SE); relevo baixo no litoral e a planície da península de Yucatan (SE); áreas desérticas (N). **Ponto mais elevado:** pico Citlaltépeti (5.700 m). **Clima:** tropical (maior parte); árido tropical (N); de montanha. **Rios principais:** Bravo (Grande), rio Grande de Santiago, Usumacita, Pañuco, de la Bahia. **Cidades principais:** Cidade do México (8.236.960 hab.); Guadalajara (1.628.617); Monterrey (1.064.197); Puebla (1.054.921) (1990). **Hora local (em relação a Brasília):** -3h (Cidade do México) a -4h (extremo O).

● **POPULAÇÃO:** 84.439.000 (est.1992); **urbana:** 71,3% (1990). **Composição demográfica:** mestiços, 55%; ameríndios, 29; europeus, 15%; negros, 0,5%; outros, 0,5% (1981). **Crescimento demográfico:** 2,6% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 38,3%; 15-59: 54,9%; mais de 60: 6,2; não especificados: 0,6% (1990). **Densidade (hab./km²):** 43,2 (1992). **Natalidade:** 31,2 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 5 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 46,6 por 1.000 (1988). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,7 (1990). **Vida média homens:** 66,5; **mulheres:** 73,1 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,3 mil hab. (1990); **médicos:** 1 por 600 hab. (1987). **Gastos com saúde:** 1,9% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 12,5% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 21,6 milhões; **professores:** 911,7 mil (1992/93). **Alunos no ensino superior:** 1,3 milhão; **professores:** 128,2 mil (1992/93). **Gastos:** 13,7% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 5/2/1917. **Divisão administrativa:** 31 Estados e 1 Distrito Federal. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Revolucionário Institucional, Ação Nac., Revolução Democrática, Frente Cardenista de Reconstrução Nac., Socialista Unificado. **Chefe de Estado e de governo:** Carlos Salinas de Gortari (desde 1/12/1988). **Legislativo:** bicameral – Senado com 64 membros e Câmara Federal dos Representantes com 500 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 6 e de 3 anos, respectivamente.

● **ECONOMIA:** agricultura, 8,9%; indústria, 27,6%; mineração, 2,3%; comércio, 26,7%; serviços, 34,5% do PIB (1991). **Agricultura:** milho, trigo, cevada, arroz, feijão, batata, café, algodão, cana-de-açúcar, frutas, legumes e verduras (tomate, principal). **Pecuária:** bovinos, suínos, caprinos. **Pesca:** 1,4 milhão t (1990). **Indústria:** automobilística, alimentícia, siderúrgica, metalúrgica, petrolífera, química, bebidas, máquinas industrias elétricas e empresas maquiladoras (empresas que processam ou montam equipamentos e materiais produzidos nos EUA). **Minerais:** petróleo, gás natural, prata, cobre, celestita, fluorita, mercúrio, bismuto, antimônio, cádmio, manganês, fosfato, zinco, urânio. **Exportações:** US$ 31,3 bilhões; **produtos:** petróleo bruto, café, engenhos e peças de automóvel, alimentos (1991). **Importações:** US$ 38,2 bilhões; **produtos:** ferro, aço, aparelhos de telecomunicação, químicos orgânicos, petróleo e derivados (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Espanha, Alemanha, Canadá. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** novo peso mexicano (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 3,12 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 252,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.870 (1991); **crescimento anual:** 1,5% (1980-91). **Inflação:** 15,5% (1992). **Dívida externa:** US$ 101,7 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 24,1 milhão; **distribuição:** agricultura, 22%; indústria, 27%; comércio, 16,1%; serviços, 28,8%; outros, 6,1%; **mão-de-obra feminina:** 23,5% (1990). **Desemprego:** 2,7% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 175 mil (1992); **Exército:** 130 mil; **Marinha:** 37 mil; **Força Aérea:** 8 mil; **outros:** 14 mil (milícia rural). **Gastos:** 2,3% do orçamento (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 243,5 mil (1992) km; 35% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 9,9 milhões; **automóveis:** 6,8 milhões (1990). **Ferrovias:** 26,3 mil km (1992). **Portos:** Tampico-Altamira, Veracruz, Caotzalcoalcos (golfo do México); Guaymas (golfo da Califórnia); Manzanillo, Acapulco, Mazatlán (oceano Pacífico). **Linhas aéreas:** Aerovías de México, Mexicana, Aerocancún (vôos internacionais e domésticos); Aero California, Aerocaribe, Aeromar (domésticos); LATUR, Aero Cozumel (charters).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2.283; **receptores:** 1 por 5,1 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 752; **receptores:** 1 por 6,7 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 7,6 hab. (1992). **Jornais diários:** 392; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 142 (1986).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 18, CEP 70412-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-7000.

HISTÓRIA

As civilizações olmeca, tolteca, asteca e maia florescem antes da conquista espanhola (1519). A região é o centro administrativo das colônias espanholas graças à exploração do trabalho indígena e à descoberta das minas de prata. As idéias da Revolução Francesa estimulam o nacionalismo dos criollos, mestiços de espanhol. **1810:** o pe. Miguel Hidalgo y Costilla começa a luta separatista. **1821:** independência (16/9); anarquia, corrupção e divergências políticas. **1822/23:** o cel. Agustín Iturbide coroa-se imperador como Agustín I; a América Central separa-se do México. **1824:** Guadalupe Victoria é o primeiro presidente. **1832 – 1855:** ditadura do gen. Antonio López de Santa Ana. **1836:** independência do Texas, colonizado por americanos (2/3). **1846 – 1848:** anexação do Texas (29/12): guerra com os EUA; Tratado de Guadalupe Hidalgo: perda de metade do território para os EUA. **1853:** por US$ 10 milhões, Santa Ana vende La Mesilla aos EUA. **1857 – 1861:** o pres. Benito Juárez outorga Constituição liberal e seculariza os bens da Igreja; a oposição conservadora leva à Guerra da Reforma (1858–1861), ganha pelos liberais. **1861 – 1867:** invasão francesa, espanhola e britânica para cobrar a dívida externa; os franceses coroam o austríaco Maximiliano de Habsburgo imperador fantoche (1862); Juárez chefia a resistência, os franceses se retiram e Maximiliano é fuzilado (19/6). **1876 – 1909:** ditadura de Porfirio Díaz: reforma das finanças; mas as terras dos camponeses são entregues aos latifundiários; três quartos dos recursos minerais são comprados por estrangeiros. **1910:** Revolução Mexicana; Díaz é deposto e Francisco Madero assume. **1914:** tropas dos EUA ocupam Veracruz. **1916:** o gen. John Pershing ataca

Pancho Villa em território mexicano. **1919**: assassinato do líder camponês Emiliano Zapata (10/4). **1924 – 1934**: ditadura de Plutarco Elías Calles; conflitos com a Igreja resultam na Rebelião Cristera. **1934 – 1940**: Lázaro Cárdenas faz a reforma agrária e desapropria as companhias estrangeiras. **1968**: repressão à manifestação estudantil na praça de Tlatelolco, contra a violação dos direitos constitucionais: vinte mortos e 100 feridos. **1969**: protesto do governo faz os EUA moderarem combate ao contrabando de drogas na fronteira. **1971**: onze mortos e 150 feridos num choque de estudantes com um grupo de extrema direita provocam crise governamental; onda de seqüestros políticos. **1972**: novos choques entre estudantes e policiais em Puebla, Culiacán, Monterrey, Chihuahua e Colima. **1974**: ruptura com o Chile após o golpe de Pinochet. **1978**: legalização do PC, do Partido Mexicano dos Trabalhadores e do Partido Democrático, de direita. **1982**: eleição de Miguel de la Madrid Hurtado; participação no Grupo de Contadora, que negocia uma solução para a crise da América Central; moratória na dívida externa. **1983**: a oposição conquista a prefeitura de cinco capitais de Estado. **1984**: o Exército da Guatemala ataca campos de refugiados no sul; fraude eleitoral em favor do PRI provoca conflitos no N. **1985**: novas fraudes do PRI (jul.); terremoto destrói parte da capital (19/9). **1986**: crise com a queda da exportação de petróleo. **1987**: dificuldade para pagar a dívida externa, arrocho salarial, insatisfação popular. **1988**: eleição de Carlos Salinas de Gortari (1º/12); ofensiva contra a corrupção. **1989**: coligação do oposicionista Partido de Ação Nacional com o PRI; fraude no Estado de Michoacán provoca ocupação de trinta prefeituras por militantes do Partido Revolucionário Democrático (dez.). **1990**: o PRI vence as novas eleições em Michoacán (3/6). **1991**: com novas fraudes, o PRI elege 31 senadores e 320 deputados (18/8); manifestações de protesto em Sonora e Guanajuato; afastamento dos gov. de San Luís de Potosí, Jalisco e Guanajuato, acusados de fraude nas urnas (set.); críticas à assinatura (7/10) do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), com EUA e Canadá, que entrará em vigor em 1º/1/1994; permitida a compra, por camponeses, de lotes dos 28 mil *ejidos*, fazendas comunais do Estado (nov.); privatização, por US$ 1,5 bilhão, de três siderúrgicas deficitárias (23/11); fim da lei que, desde a Revolução Mexicana, bania o ensino religioso e proibia os sacerdotes de votar (dez.). **1992**: fim da proteção constitucional ao setor petrolífero (jan.); adoção oficial, pelo PRI, do "socialismo liberal", redução do Comitê Executivo do partido de 1.500 para 800 membros, e do número de secretarias de trinta para sete (mar.); protestos contra a decisão da Corte Suprema americana de permitir o seqüestro, no exterior, de criminosos perseguidos pela Justiça dos EUA (jun.); fraude nas eleições para governador em Michoacán e Chihuahua (jul.): ocupação de 15 prefeituras por seguidores do líder camponês Cuauhtémoc Cárdenas (set.); reatamento com o Vaticano (set.).

FATOS DO ANO

A vitória, no Canadá, do liberal Jean Chrétien põe em risco a entrada em vigor, em jan. de 1994, do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), principal meta da política econômica do pres. Carlos Salinas de Gortari. Outro problema para ele é escolher, para as eleições de 1994, um candidato à sucessão que assegure a vitória ao Partido Revolucionário Institucional, desgastado por inúmeras denúncias de fraude nas urnas.

Sucessos econômicos – Em seu governo, Salinas consegue que a inflação baixe de três dígitos para 9% em 1993; adota uma política neoliberal, privatizando estatais e, com isso, obtém, entre dez. de 1988 e jun. de 1993, mais de US$ 21 bilhões; e renova anualmente o pacto entre governo, empresários e trabalhadores. Em 3/10/1993, promete reduzir em 1%, em 1994, o imposto sobre o lucro das empresas, cortar pela metade o preço dos combustíveis e da eletricidade, aumentar em 8,5% os salários e extinguir impostos, em resposta à acusação dos opositores do NAFTA, nos EUA, de que a baixa remuneração mexicana ameaça os empregos americanos.

Para reduzir o preço dos produtos agrícolas até 1995, Salinas anuncia, nessa mesma data, um programa de

US$ 11,7 bilhões de subsídios às plantações por hectare de terra cultivada. Mas a baixa da inflação através de juros altos, adotada para facilitar a entrada no NAFTA, desacelera a economia, sufocando pequenas e médias empresas e aumentando o desemprego e o subemprego (estimados em 5 e 12 milhões de pessoas, respectivamente). Para contrabalançá-los, o governo criou o Programa Nacional de Solidariedade (Pronasol), que já levou luz elétrica e água potável a 12 milhões de pessoas, drenagem, esgoto e centros de saúde a 8,5 milhões; bolsas de estudo para 1 milhão de crianças e reformas em 70 mil escolas públicas, criando um modelo hoje seguido por outros países em desenvolvimento. O responsável pelo Pronasol, ex-senador Luiz Colossio Donaldo, pres. do PRI até 1992, é o virtual candidato à sucessão presidencial. Ele concorrerá com Cuauhtémoc Cárdenas, do esquerdista Partido Revolucionário Democrático, que, para enfrentá-lo, vem adotando posições mais moderadas do que na campanha anterior.

Pedindo contribuições – O plebiscito de mar., para determinar se o prefeito da capital continuará a ser nomeado pelo presidente, leva à vitória da coligação oposicionista, que deseja um governo e uma Câmara de vereadores eleitos. Entre os vitoriosos está o independente "Super Barrio", folclórico defensor de causas populares que, em set., derrota o PRI ao liderar um protesto de inquilinos que força Salinas a suspender a já promulgada Lei do Inquilinato. Entre os derrotados está o pref. Manuel Camacho, outro possível candidato do PRI à presidência. Tem repercussão negativa, nessa época, o pedido que Salinas faz a altos executivos de vultosas colaborações para a campanha eleitoral, de modo a romper a dependência que o partido tem dos recursos estatais. A oposição exige que se discipline essas doações aos partidos de modo a acabar com a fraude nas eleições. Em ago., é aprovada a Lei da Reforma Eleitoral, que, além de regulamentar a publicidade e as verbas de campanha, abre nova vaga no Senado para os partidos minoritários e cria uma comissão federal para supervisionar as eleições.

Em mar., preparando-se para as eleições, Salinas afasta políticos suspeitos de corrupção: como pres. do PRI, substitui Genaro Borrego Estrada por Fernando Ortiz Araña e, na sec. dos Transportes, Andrés Lombardo por Emilio Gamboa Patrón. Da direção do *Banco de México* tira o ex-procurador Enrique Álvarez del Castillo, acusado de envolvimento, em 1985, no seqüestro de um agente americano do serviço de combate às drogas. Uma complicação nessa área é o assassinato, em maio, do card.-arceb. de Guadalajara, don Juan Jesús Posadas Ocampo, num tiroteio no aeroporto da cidade: seu carro é confundido com o do traficante Joaquín Guzmán, cuja morte fora "encomendada" por um grupo rival.

Mianmá

● **NOME OFICIAL:** União de Mianmá. **Capital:** Yangum (ex-Rangum). **Nacionalidade:** birmanesa. **Hino:** *Nossa livre terra natal* (1º verso). **Língua:** birmanês (oficial); dialetos tribais. **Religião:** budismo, 89,4%; cristianismo, 4,9% (católicos, 1,1%); islamismo, 3,8%; animismo, 1,1%; hinduísmo (minoria). **Datas nacionais:** 4/1 (Independência); 3/12 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da Ásia. **Área:** 676.522 km². **Limites:** China (N e L); golfo de Bengala (S); Laos e Tailândia (SE); Bangladesh (SO); Índia (O). **Características:** litoral recortado por golfos, ilhas e montanhas (O); cadeia montanhosa de Arakan Yoma (N e NO); planalto de Shan (L); terras baixas e bacia do rio Irrauadi (centro). **Ponto mais elevado:** vulcão Hkakabo Razi (5.881 m). **Clima:** tropical com chuvas de monção. **Rios principais:** Irrauadi, Saluen, Sitang, Mecong. **Cidades principais:** Yangum (2.513.023 hab.); Mandalai (532.949); Mulmein (219.961); Pegu (150.528) (1983). **Hora local** (em relação a Brasília): +9h30.

● **POPULAÇÃO:** 43.466.000 (est.1992); **urbana:** 25% (1991). **Composição demográfica:** birmaneses, 69%; chans, 8,5%; karens, 6,2%; arakãs, 4,5%; outros, 11,8% (1983). **Crescimento demográfico:** 1,9% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 36,8%; **15-59:** 56,9%; **mais de 60:** 6,3% (1988). **Densidade (hab./km²):** 64,2 (1992). **Natalidade:** 32 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 13 por 1.000; **mortalidade infantil:** 62 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,1 (1991). **Vida média homens:** 60; **mulheres:** 63,5 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,6 mil hab.; **médicos:** 1 por 3,4 mil hab. (1990/91). **Gastos com saúde:** 6,5% do orçamento (1990/91).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 19,4% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 6,7 milhões; **professores:** 268,5 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 218,8 mil; **professores:** 6 mil (1990/91). **Gastos:** 15,9% do orçamento (1990/91).

● **GOVERNO:** regime militar. **Data da Constituição em vigor:** em elaboração (suspensa desde 1988). **Divisão administrativa:** 7 divisões e 7 Estados. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Liga Nac. pela Democracia, Unidade Nac., Liga Nac. Shan pela Democracia, Liga Arakan. **Chefe de Estado e de governo:** Than Shuê (desde 23/4/1992). **Legislativo:** fechado desde 18/9/1988.

● **ECONOMIA:** agricultura, 59,2%; indústria, 9,9%; mineração, 0,8%; comércio, 20,6%; serviços, 9,5% do PIB (1989/90). **Agricultura:** arroz, cana-de-açúcar, milho, amendoim, leguminosas, borracha, tabaco, madeira. **Pecuária:** bovinos, suínos, bubalinos. **Pesca:** 743,8 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, bebidas, cimento, madeireira, fertilizantes, refino de petróleo, química. **Minerais:** petróleo, gás natural, estanho, zinco, cobre, tungstênio, carvão, chumbo, pedras preciosas, prata. **Exportações:** US$ 588 milhões (1991); **produtos:** madeira, arroz, minerais, pedras preciosas, cimento (1989). **Importações:** US$ 1,1 bilhão (1991). **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos, bens de consumo (1989). **Parceiros comerciais:** Japão, Índia, países membros da CEE (Alemanha, principal), China. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** quiat (dividido em 100 pyas); **cotação para 1 US$:** 6,24 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 16,3 bilhões; **renda per capita:** US$ 400 (1990); **crescimento anual do PIB:** 3,2% (1985–1989). **Inflação:** 20,4% (1992). **Dívida externa:** US$ 4,9 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 15,7 milhões; **distribuição:** agricultura, 69,7%; indústria, 9,3%; comércio e serviços, 21% (1990); **mão-de-obra feminina:** 37,4% (1988–1990). **Desemprego:** 3,5% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 286 mil (1992); **Exército:** 265 mil; **Marinha:** cerca de 12 mil; **Força Aérea:** 9 mil; **outros:** 85 mil paramilitares. **Gastos:** 22,3% do orçamento (1990/91).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 23,5 mil km; 38% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 69 mil; **automóveis:** 42 mil (1989). **Ferrovias:** 3,1 mil km (1990/91). **Portos:** Yangum, Thilawa. **Linha aérea:** Myanmar Airways (vôos internacionais e domésticos).

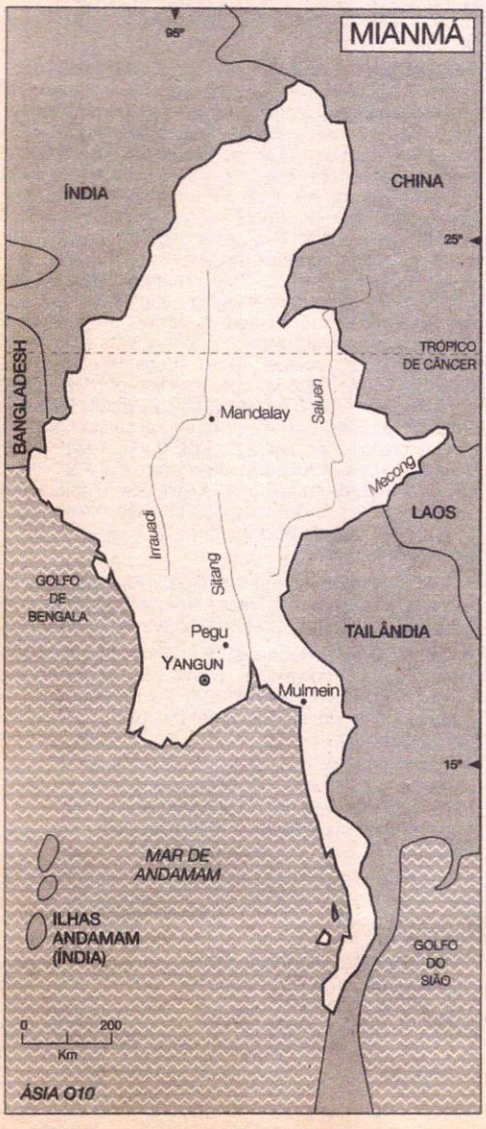
● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 13 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 43 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 501 hab. (1988). **Jornais diários:** 6; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 12 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 135 East 36th Street, New York, NY 10016, EUA; tel. (212) 685-2003.

HISTÓRIA

Mongóis do Tibete migraram para o S (séc. VIII), fixando-se ao longo do rio Irrauadi, cujo delta foi dominado pelo rei Anauratha (séc. XI), que introduziu o budismo hinayana. Conquistado por Kublai Khan, o reino passou à dinastia chinesa Shan (1287–1548). No séc. XIX, foi gradualmente conquistado pela Grã-Bretanha, até que, em **1885 – 1937:** foi anexado ao Imp. Britânico da Índia. **1942 – 1945:** invasão japonesa, expulsão dos britânicos:

os EUA, a Grã-Bretanha e a China expulsam os japoneses. **1948**: independência; U Nu é o 1º-ministro e, em **1958**: pede ao gen. Ne Win que assuma o poder para pôr fim à crise política. **1960**: vitória de U Nu, que, em **1962**: é deposto por Ne Win e se exila. **1967/68**: manifestações contra a comunidade chinesa provocam a Lei Marcial; a China retira sua missão econômica. **1970**: luta contra os rebeldes do norte. **1973**: reprimida a rebelião da tribo lahu; fracassado golpe comunista do *thakin* Soe, que é executado. **1974**: nova Constituição. **1976**: descoberta conspiração para matar Ne Win; revogação da Lei Marcial. **1978**: massacre de muçulmanos *rohingia* que se recusam a ser "birmanizados". **1979**: retirada do Movimento dos Não-Alinhados. **1980**: anistia aos presos políticos; U Nu volta do exílio. **1981**: doente, Ne Win passa a presidência ao gen. San Yu, mas fica como sec.-geral do PPS. **1982**: guerrilha do Exército de Libertação Nacional, da etnia caren. **1983**: o provável sucessor de Ne Win, gen. U Tin U, é afastado de seus cargos; atentado norte-coreano, durante visita a Rangum do pres. Chun Du-Huan, da Coréia do Sul, mata 21 pessoas; em represália, ruptura com a Coréia do Norte; prisão perpétua para



U Tin U, por corrupção. **1985**: reeleição de Ne Win e duras medidas econômicas provocam protestos estudantis. **1988**: repressão aos protestos contra a indicação do min. do Interior, gen. Sein Luin, para substituir Ne Win; greve geral força a substituição de Sein pelo moderado Maung Maung; estudantes e monges budistas assumem o controle de várias cidades; U Nu pede apoio estrangeiro para formar um "governo alternativo"; golpe do gen. Sau Maung (18/9), que impõe a Lei Marcial, cria o Conselho de Restauração da Lei e da Ordem e dissolve a Assembléia; morte de mais de mil manifestantes; a ativista Aung San Suu Kyi volta da Inglaterra (out.) e faz apelos à resistência. **1989**: Suu Kyi é presa; a junta militar dá ao país o nome atual (13/6). **1990**: a Liga Nacional da Democracia (LND) ganha 393 das 485 cadeiras na Assembléia; derrotados, os militares decidem só entregar o poder após vigorar a nova Constituição (27/5); 2º aniversário do levante de 1988: a polícia abre fogo contra manifestantes em Mandalai (8/8); prisão dos oposicionistas Kyi Maung e Chit Khaing, da LND (6/9); a oposição é forçada a ratificar o Decreto 1/90, que concentra poderes nas mãos da junta; são postas fora da lei as seitas budistas de oposição (3/10) e 350 monges são presos; Sein Winn, do Partido Nacional pela Democracia, forma governo paralelo em Manerplau, na fronteira com a Tailândia (18/12), declarado ilegal; a LND rejeita o governo paralelo (20/12). **1991**: cessar-fogo com a guerrilha *pa-o* (11/4); o governo demite o comitê central da LND (22/4), condena 34 oposicionistas por "alta traição" e reabre as universidades (15/5); Suu Kyi recebe o Nobel da Paz (out.); proibida a exportação de teca, petróleo, pedras preciosas e arroz. **1992**: o gen. Sau Maung sofre um colapso nervoso (23/4) e é substituído pelo min. da Defesa, gen. Than Shuê; libertados cem presos políticos; Suu Kyi pode receber a visita do marido, o escritor americano Michael Aris, e de seus filhos (abr.); mas rejeita a liberdade em troca do exílio (27/5); libertação de 92 dissidentes (29/6); autorizada a reabertura de 31 universidades e escolas (24/8); retorno ao Movimento dos Não-Alinhados (ago.); suspensão da Lei Marcial (26/9); mas um relatório da Anistia Internacional denuncia a prática, no país, de tortura e arbitrariedades (28/10).

FATOS DO ANO

Para a oposição, é uma farsa a Convenção Nacional que os militares inauguram em 9/1/1993, para debater a nova Constituição. Os diplomatas da CEE no país também acham que, apesar dos dez partidos representados, ela não é democrática e, por isso, não comparecem à abertura. Dois dias depois, ela é suspensa até 1º/2, na opinião dos dissidentes como medida intimidatória dos militares, que, no início do encontro, já deixaram claro os poderes que desejam manter no futuro. Reaberta em 1º/2, a convenção é de novo suspensa em 8/4, sem data para recomeçar: há divergências intransponíveis, mesmo sendo os delegados escolhidos pela forma dócil como agiriam.

Nesse meio tempo, apesar dos apelos do pres. Bill Clinton, dos EUA, e de líderes da CEE, é prorrogada por mais um ano (20/7) a prisão da oposicionista Aung San Suu Kyi, prêmio Nobel da Paz de 1991. Em dez. de 1992, o governo desmentira a notícia de que ela estava em greve de fome para protestar contra sua prisão. A repressão e as constantes violações dos direitos humanos têm afugentado os investidores estrangeiros, apesar das reformas político-econômicas adotadas: programa de privatização, redução das restrições ao turismo e ao trabalho dos jornalistas estrangeiros, fim do toque de recolher. Mas a abertura política extremamente relativa divide os ocidentais: alguns setores defendem a não concessão de empréstimos à espera de real distensão política; outros alertam que o caos econômico poderá levar a nova revolta popular e a mais repressão.

Também a corrupção generalizada, o emperramento burocrático e a má qualidade da rede de transportes e comunicações espanta os investidores. Além disso, o governo não desvaloriza o quiat, alegando que isso faria

disparar a inflação e causaria distúrbios sociais; e as transações têm de ser efetuadas com base num câmbio que vale 1/20 do oficial. Entre fev. e mar. de 1993, são assinados, com a China e a Índia, acordos de colaboração, nas regiões fronteiriças, para a supressão dos movimentos separatistas e a repressão ao tráfico de drogas.

Micronésia

● **NOME OFICIAL:** Federação dos Estados da Micronésia. **Capital:** Kolonia. **Nacionalidade:** micronésia. **Língua:** inglês; línguas locais. **Religião:** cristianismo (católicos, maioria; assembléia de Deus, testemunhas de Jeová, adventistas do sétimo dia, protestantes, mórmons, batistas); islamismo (bahaístas).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da Oceania. **Área:** 700 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago com mais de 2.000 ilhas. **Clima:** equatorial. **Cidades principais:** Moen (10.351 hab.); Palikir (6.306) (1985). **Hora local** (em relação a Brasília): +13h.

● **POPULAÇÃO:** 114.000 (est.1992); **urbana:** 19,4% (1980). **Composição demográfica:** micronésios e polinésios (maioria). **Crescimento demográfico:** 2,7% (1985). **Faixas etárias: 0-14:** 46,4%; **15-59:** 47,9%; **mais de 60:** 5,7% (1980). **Densidade (hab./km²):** 162,6 (1992). **Natalidade:** 30,6 por 1.000 (1985). **Mortalidade:** 3,6 por 1.000 (1985); **mortalidade infantil:** 23,3 por 1.000 (1987). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5 (1990). **Vida média homens:** 64; **mulheres:** 68,1 (1985). **Leitos hospitalares:** 1 por 280 hab.; **médicos:** 1 por 2,5 mil hab. (1985).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 23,3% (1980). **Alunos de 1º e 2º graus:** 28,4 mil (1986); **professores:** 1,3 mil (1984). **Alunos no ensino superior:** 861 (1986).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 10/5/1979. **Divisão administrativa:** 4 Estados. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Bailey Olter (desde 21/5/1991). **Legislativo:** unicameral – Congresso – com 14 membros eleitos por voto direto, 10 para mandatos de 2 anos e 4 para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 42,2%; indústria e serviços, 16,3%; comércio, 11,9%; administração, 29,6% do PIB (1983). **Agricultura:** coco, mandioca, batata-doce, copra. **Pesca:** 3,6 mil t (1990). **Indústria:** processamento de pescados, agroindústria. **Mineral:** areia. **Exportações:** US$ 13,2 milhões; **produtos:** copra, manufaturados, animais vivos, óleos vegetais (1988). **Importações:** US$ 67,7 milhões; **produtos:** alimentos, bebida, tabaco, máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos, bens de consumo (1988). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, países da região do Pacífico, Austrália. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar americano; **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 150 milhões; **renda per capita:** US$ 1.500 (1989); **Força de trabalho:** 9,8 mil; **distribuição:** agricultura, 2%; indústria, 10,8%; comércio, 8,8%; serviços, 55,5%; outros, 22,9%; **mão-de-obra feminina:** 29,8% (1982). **Desemprego:** 80% (1988).

● **DEFESA:** não há; os EUA são responsáveis pela defesa da região.

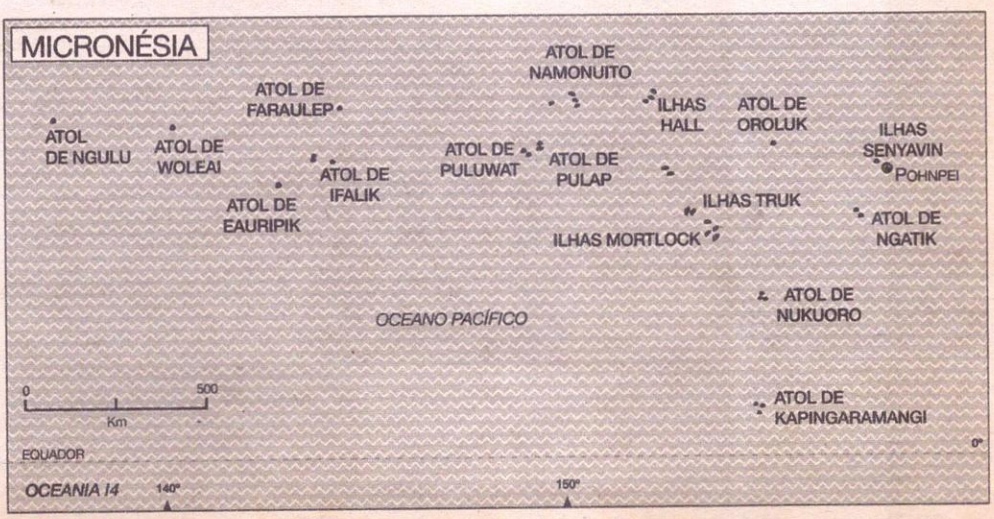
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 226 km; 17% pavimentados (1990); **Ferrovias:** não há. **Portos:** nas ilhas Chuu, Pohnpei, Kosrae e Yap. **Linhas aéreas:** não há.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 4; **receptores:** 1 por 1,6 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 3; **receptores:** 1 por 16 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 61 hab. (1986). **Jornais diários:** não há.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Two United Nations Plaza, 28th Floor, New York, NY 10017; tel. (212) 752-0220.

HISTÓRIA

Primeiro contato com os europeus: expedições do português Fernão de Magalhães (c. de 1510) e do espanhol Miguel de Saavedra (1529). **1885:** anexação alemã. **1914:** ocupação japonesa, legitimada pela Liga das Nações e ratificada em 1920. **1944/45:** ocupação americana. **1947:** a ONU cria o Território Tutelado das Ilhas do Pacífico. **1947:** governo pela Marinha dos EUA e, em **1951:** por administração civil americana. **1965:** nomeado o Congresso. **1970:** direito à autodeterminação. **1980:** nova Constituição. **1982/83:** Acordo de Livre Associação com os EUA, aprovado em plebiscito. **1986:** fim da administração americana; novo Acordo de Livre Associação com os EUA. **1990:** dissolução do Território Tutelado das Ilhas do Pacífico; ingresso na ONU (set.); o tufão *Owen* deixa 4.500 pessoas ao desabrigo e destrói 90% das culturas de subsistência. **1991:** eleições legislativas (mar.); derrota do pres. John Haglelgam, impedido de recandidatar-se; eleição do vice, Bailey Olter (21/5); venda da maior parte das ações da Air Micronesia, para um grupo americano, por US$ 270 milhões (27/10); inauguração, na ilha de Kosrae, de uma fábrica de processamento de atum instalada com capital japonês (dez.). **1992:** estado de emergência devido à seca (abr.); são estabelecidas relações com a Tailândia, a Malaísia, a Espanha, a Grã-Bretanha e a Coréia do Sul.



FATOS DO ANO

A adesão ao FMI e ao Banco Mundial, em 25/6/1993, faz parte dos esforços do pres. Bailey Olter para resolver problemas decorrentes da seca de abr. de 1992. Créditos externos são essenciais, pois o turismo, no primeiro semestre de 1993, teve resultados insatisfatórios, devido à falta de infra-estrutura. O país sobrevive com os fundos obtidos por meio do Acordo de Livre Associação com os EUA, que delegou a Washington a responsabilidade pela defesa e segurança micronésias.

Moçambique

• **NOME OFICIAL:** República de Moçambique. **Capital:** Maputo. **Nacionalidade:** moçambicana. **Hino:** *Avante operários e camponeses, na luta contra a exploração* (1º verso). **Língua:** português (oficial); línguas africanas (ronga, shaengaan, muchopi, principais). **Religião:** animismo, 47,8%; cristianismo, 38,9% (católicos, 31,4%); islamismo, 13%; hinduísmo (minoria). **Data nacional:** 2/6 (Independência).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da África. **Área:** 799.380 km². **Limites:** Tanzânia (N); Zâmbia e Malavi (NO); oceano Índico (L); Suazilândia e África do Sul (SE); Zimbábue (O). **Características:** planície litorânea estreita; planícies de Lourenço Marques e Beira (L); planalto central com colinas e montanhas (O); lago Malavi (NO). **Ponto mais elevado:** monte Binga (2.436 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rios principais:** Zambeze, Limpopo, Save, Ligonha, Lúrio. **Cidades principais:** Maputo (931.600 hab.); Beira (298.800); Nampula (250.500) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

• **POPULAÇÃO:** 14.842.000 (não compreende refugiados) (est.1992); **urbana:** 13,2% (1980). **Composição demográfica:** makuas, 47,3%; thongas, 23,3%; malavis, 12%; chonas, 11,3%; yaos, 3,8%; suahilis, 0,8%; makondés, 0,6%; portugueses, 0,2%; outros, 0,7% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,7% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 44%; **15-59:** 50,8%; **mais de 60:** 5,2% (1990). **Densidade** (hab./km²): 18,6 (1992). **Natalidade:** 44 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 17 por 1.000; **mortalidade infantil:** 130 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade** (nº de filhos por mulher): 6,2 (1990–1995). **Vida média homens:** 46,9; **mulheres:** 50,2 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,2 mil hab.; **médicos:** 1 por 43,5 mil hab. (1988). **Gastos com saúde:** 2,8% do orçamento (1990).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 67,1% (1990). **Alunos de 1º grau e no ensino profissionalizante:** 2,6 milhões; **de 2º grau em escolas públicas:** 1,1 milhão; **professores de 1º grau e no ensino profissionalizante:** 93,2 mil; **de 2º grau em escolas públicas:** 5,4 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 225 mil; **professores:** 7,7 mil (1990/91). **Gastos:** 10% do orçamento (1990).

• **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 30/11/1990. **Divisão administrativa:** 10 províncias e 1 cidade (Maputo). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Frente de Libertação, Resistência Nacional Moçambicana. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Joaquim Alberto Chissano (desde 6/11/1986). **Legislativo:** unicameral – Assembléia da República, com 200 a 250 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 15,5%; indústria, 31,4%; mineração, 2,7%; comércio, 19,9%; serviços, 30,5% do PIB (1990). **Agricultura:** castanha de caju, cana-de-açúcar, algodão, mandioca, milho, batata, arroz, coco, óleo de sementes, tabaco, sisal. **Pecuária:** bovinos, caprinos, ovinos. **Pesca:** 35 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, têxtil, vestuário, tabaco, química. **Minerais:** carvão, sal, minério de ferro, tantalita, bauxita, titânio, espatofluor, zincônio, grafite, asbesto, urânio, cobre, níquel, ouro, platina, diamantes, esmeraldas, pedras semipreciosas, gás natural. **Exportações:** US$ 162 milhões; **produtos:** camarão e pitu, castanha de caju, algodão, açúcar (1991). **Importações:** US$ 731,1 milhões; **produtos:** alimentos, máquinas e peças industriais, petróleo e derivados (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, Espanha, Japão, África do Sul, Portugal. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** metical (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 2.951,40 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,2 bilhão; **renda per capita:** US$ 70 (1991); **crescimento anual:** -1,1% (1980–1991). **Inflação:** 50% (1992). **Dívida externa:** US$ 4,7 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 8,3 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 83,8%; indústria, 6,8%; comércio e serviços, 7,7%; outros, 1,7%; **mão-de-obra feminina:** 52,4% (1980). **Desemprego:** 1,7% (1980).

• **DEFESA:** 30 mil (tropas do governo) e 30 mil (tropas da Resistência Nacional Moçambicana). **Gastos:** 38% do orçamento (1993).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 26,1 mil km (1991); 20% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 111,5 mil; **automóveis:** 87,5 mil (1990). **Ferrovias:** 3 mil km (1991). **Portos:** Maputo, Beira, Nacala, Quelimane. **Linhas aéreas:** LAM (vôos internacionais e domésticos); TTA (domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 29 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 418 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 217 hab. (1990). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 3,3 (1991).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 70 East 79th Street, New York, NY 10021, EUA; tel. (212) 517-4550.

HISTÓRIA

Descoberto por Vasco da Gama (1448), sua costa era a escala ideal para a travessia do Índico. **1505:** início da colonização litorânea. **1544:** busca do ouro; ocupação da região. **1697:** a Companhia de Comércio administra o comércio português de ouro, marfim e escravos. **1752:** Capitania Geral, separada do governo da Índia e subordinada à metrópole. **1781:** nomeado o gov.-geral Baltasar Pereira do Lago; cultura de mandioca, caju e outras espécies, importadas do Brasil. **1798:** o brasileiro Francisco José Lacerda e Almeida chega à atual fronteira com o Zâmbia. **1822 – 1825:** colonizadores britânicos instalam-se na baía de Lourenço Marques; conflitos esparsos até 1875. **1850:** suspenso o tráfico de escravos para o Brasil; crise econômica compensada por incrementação do comércio de ouro, prata e marfim. **1877 – 1879:** Serpa Pinto explora o interior do continente; a British South Africa Company, que controla os atuais Zâmbia e Zimbábue, veta o projeto de fusão Angola-Moçambique. **1886 – 1893:** fronteiras fixadas por acordos com a Grã-Bretanha e a Alemanha. **1919:** o Tratado de Versalhes dá a Portugal o Triângulo de Kionga, da ex-África Or. Alemã. **1926:** perda da autonomia após o golpe do gen. Oscar Carmona na metrópole. **1951:** a Constituição portuguesa converte as colônias em províncias ultramarinas. **1955:** autonomia limitada. **1960:** Adelino Guambe funda a União Democrática de Moçambique. **1961:** fundada a União Nacional Africana de Moçambique em Mombaça, Quênia. **1962:** Eduardo Mondlane funda a Frente de Libertação de Moçambique, fundindo os três grupos nacionalistas; guerra da independência. **1964:** repressão portuguesa: 10 mil pessoas fogem para a Tanzânia; Portugal impede a entrada de guerrilheiros da Tanganica. **1966:** a polícia política portuguesa mata Jaime Sigauke, da Frelimo. **1967:** acordo com a África do Sul para a construção da hidrelétrica de Cabora-Bassa, no rio Zambeze. **1969/70:** Mondlane é assassinado em Dar-es-Salaam; Uria Simango é o interino até a eleição de Samora Machel e Marcelino dos Santos para presidente e vice da Frelimo. **1975:** independência (25/6); Machel é o presidente; admissão na ONU. **1976:** fechadas as fronteiras com a Rodésia (atual Zimbábue), governada pelo racista Ian Smith. **1977:** a Frelimo torna-se o Partido Operário e Camponês de Moçambique; agressões armadas da Rodésia; tratado de amizade com a URSS e de cooperação com a Tanzânia e Zâmbia. **1979:** fechamento de quinze missões: cri-

se com a Igreja. **1981 – 1983**: guerrilha da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), apoiada pela África do Sul; instabilidade interna. **1984/85**: Acordo de Nkomati, de não-agressão, com a África do Sul, logo violado por ela; a Renamo ocupa Marromeu, perto do porto de Beira; Machel assina acordos de intercâmbio com os EUA. **1986**: ofensiva da Renamo no N; morte de Machel em desastre aéreo; substitui-o o chanceler Joaquim Chissano. **1989**: a Frelimo retira de seu programa as referências ao marxismo-leninismo (jul.); a Zâmbia entra na luta contra a Renamo (nov.). **1990**: nova Constituição (1º/12) separa o Estado e a Frelimo, cria o pluripartidarismo, liberdade de imprensa e Judiciário independente e abandona o marxismo-leninismo; acordo com a Renamo sobre os soldados do Zimbábue que protegem estradas estratégicas moçambicanas (1º/12). **1991**: a Renamo rompe o acordo (23/2) e ataca esses soldados; criado o Partido Liberal e Democrático de Moçambique, de oposição (6/5); fracassa golpe da ala contrária às negociações de paz (22/6); grande parte da população passa fome; VI Congresso da Frelimo (12 a 23/8): reeleição de Chissano e designação de Feliciano Salamão Gundana secretário-geral; julgamento do gen. Sebastião Mabote, do cel. Manuel José Antônio e de três irmãos do ex-pres. Machel por envolvimento no golpe de jun. (4/9); Chissano e Afonso Dhlakama, da Renamo, firmam, em Roma, protocolos preliminares para um acordo de paz (19/10 e 13/11) e, em **1992**: protocolos complementares sobre sistema eleitoral, liberdade de imprensa, direito à livre expressão, livre acesso aos meios de comunicação, reintegração de refugiados e realização de eleições um ano após a conclusão da paz (12/3).

FATOS DO ANO

A proposta de Aldo Ajello, representante da ONU em Moçambique, em fev. de 1993, de que as eleições gerais, previstas para out. daquele ano, sejam adiadas para meados de 1994 é conseqüência das dificuldades de implementação do Acordo Geral de Paz. Assinado, em 4/10/1992, pelo pres. Joaquim Alberto Chissano e Afonso Dhlakama, líder da direitista Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), esse acordo, ratificado em 9/10 pela Assembléia do Povo, visava a encerrar dezesseis anos de guerra civil. Os pontos mais importantes eram o confinamento das tropas da Renamo e do governo em locais pre estabelecidos e a entrega das armas aos soldados da ONU, encarregados de completar o desarmamento em seis meses. As tropas do Zimbábue, que controlavam dois corredores ligando esse país aos portos de Moçambique, seriam retiradas em um mês. O acordo previa ainda a integração de 30 mil homens, de cada lado, no Exército de Defesa Nacional.

Desrespeito ao acordo – Em out. de 1992, porém, o governo acusou a Renamo de violar o tratado ao ocupar quatro cidades; mas isso não impediu que se instalasse, em Maputo, a Comissão de Supervisão e Controle da ONU, encarregada de criar as comissões de trabalho que resolveriam os problemas setoriais. Mas as divergências entre as partes fizeram com que, em dez., o Conselho de Segurança interviesse diretamente, aprovando um Plano de Paz que incluía o envio de observadores civis e de uma força de paz com 7.500 soldados. A primeira leva dessa tropa, comandada pelo brasileiro gen. Lélio Gonçalves da Silva, chega a Maputo em 16/2/1993; os restantes 4.700 homens, vindos de Bangladesh, da Botsuana, Itália, Uruguai, Argentina, Índia, Japão e Portugal, vêm em 7/5. Paralelamente, em fev. e mar., há em Fort Bragg, nos EUA, 45 dias de manobras conjuntas moçambicano-americanas – prova de que a Frelimo muda sua orientação ideológica para aproximar-se do Ocidente, do qual espera ajuda.

Os incidentes provocados pela Renamo, porém, adiam a vigência de pontos fundamentais do tratado, aos quais os organismos internacionais condicionam a continuidade da ajuda humanitária. Em ago., Dhlakama recusa-se a ir a Maputo para concluir as negociações, alegando falta de alojamentos e de uniformes condizentes. O Conselho de Segurança tem de levá-lo quase à força, num avião da ONU, em 21/8. Ainda assim, ele se recusa a depor as armas definitivamente e exige assumir o governo de cinco das dez províncias do país. Diante disso, Ajello sugere o adiamento das eleições até que o desbloqueio do impasse. A intransigência de Dhlakama, porém, faz com que o processo permaneça estagnado.

A guerra desorganizou a economia – a agricultura está desmantelada, os campos em grande parte ainda minados –, ameaçando mais da metade da população com a fome e epidemias de cólera e tifo. As privatizações impostas pelo plano de ajuste do FMI/ Banco Mundial deixaram o governo incapaz de atender às necessidades básicas de saúde e higiene da população. Em 28/4/1993, a Itália, Portugal e África do Sul prometem empréstimo de US$ 125 milhões, para a recuperação das linhas de transmissão de energia da hidrelétrica de Cabora-Bassa.

Moldávia

● **NOME OFICIAL**: República da Moldávia. **Capital**: Chisinau. **Nacionalidade**: moldava. **Língua**: romeno (oficial); russo. **Religião**: cristianismo (ortodoxos, maioria). **Data nacional**: 27/8 (independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA**: centro-sul da Europa. **Área**: 33.700 km². **Limites**: Ucrânia (N, L e S); Romênia (O). **Características**: planície fértil com colinas (centro e N); rios Dniestr (L) e Prut (O). **Clima**: temperado continental. **Rios principais**: Dniestr, Prut. **Cidades principais**: Chisinau (ex-Kishinióv) (753.500 hab.); Balti (ex-Belts) (164.900); Tighina (ex-Benderi) (141.500) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO**: 4.394.000 (est.1992); **urbana**: 47,5% (1991). **Composição demográfica**: moldávios, 64,5%; ucranianos, 13,8%; russos, 13%; gagauz, 3,5%; judeus, 2%; búlgaros, 1,5%; outros, 1,7% (1989). **Crescimento demográfico**: 0,8% (1990). **Faixas etárias**: 0-14: 27,9%; 15-59: 59,5%; **mais de 60**: 12,6% (1989). **Densidade (hab./km²)**: 130,4 (1992). **Natalidade**: 17,7 por 1.000 (1990). **Mortalidade**: 9,7 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil**: 19 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher)**: 2,5 (1989). **Vida média homens**: 65,2; **mulheres**: 72 (1990). **Leitos hospitalares**: 1 por 77 hab.; **médicos**: 1 por 251 hab. (1991). **Gastos com saúde**: 12,2% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Alunos de 1º e 2º graus:** 743,5 mil; **professores:** 54,3 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 54,7 mil (1990/91). **Gastos:** 21,4% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). **Data da Constituição em vigor:** em elaboração. **Divisão administrativa:** 10 cidades e 38 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Frente Popular Democrática Cristã, Democrático Agrário, Democrático Trabalhista, do Povo, Gagauz, Social Democrata. **Chefe de Estado:** pres. Mircea Ion Snegur (desde 8/12/1991). **Chefe de governo:** 1º-min. Andrei Sangheli (desde jun./1992). **Legislativo:** unicameral – Parlamento com 332 membros.

● **ECONOMIA:** agricultura, 41,7%; indústria, 43,4%; comércio, 9,2%; serviços, 5,1% do PIB (1990). **Agricultura:** uva, frutas, tabaco, verduras e legumes. **Pecuária:** aves, suínos, ovinos. **Indústria:** alimentícia, tabaco, vinícola, indústrias leves, montagem de máquinas industriais, metalúrgica. **Minerais:** petróleo e gás natural (reservas). **Exportações:** US$ 3,7 bilhões; **produtos:** alimentos, agrícolas, industriais leves, máquinas, manufaturas de metal (1990). **Importações:** US$ 3,8 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, manufaturas de metal, industriais leves, energia elétrica (1990). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI (Rússia e Ucrânia, principais); Romênia. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** leu; **Produto Nacional Bruto (PNB):** 22.252 milhões rublos; **renda per capita:** 5.100 rublos (1991); **crescimento anual do PML:** -11,9% (1991). **Inflação:** 1.500% (1992). **Dívida externa:** US$ 1,7 bilhão (1992). **Força de trabalho:** 2,1 milhões (exclui desempregados); **distribuição:** agricultura, 32,5%; indústria, 30,3%; comércio, 7,1%; serviços, 28,5%; outros, 1,6%; **mão-de-obra feminina:** 50% (1990). **Desemprego:** 4,2% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 12 a 15 mil (1992); **outros:** 4 mil (guarda nacional).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 10,3 mil km; 94% pavimentados (1991); nº de **automóveis:** 177,1 mil (1988). **Ferrovias:** 1,2 mil km (1991).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1. **Emissora de TV:** 1; **receptores de rádio e de TV:** 1 por 2,5 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 8,1 hab. (1990). **Jornais diários:** 189.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 573-577 Third Avenue, New York, NY 10016; tel. (212) 682-3523.

HISTÓRIA

A região entre os rios Dniestr e Prut, pertenceu à Cítia (1.000 a.C.), depois à Dácia, sob controle romano. Após sucessivas invasões bárbaras, esteve submetida aos principados de Kiev (séc. X – XII) e da Galícia e, de 1240 até o fim do séc. XIV, foi vassala dos tártaros. A abertura para o Ocidente intensificou-se com a instalação, às margens do Dnestr, de postos comerciais genoveses (séc. XVI). Nessa época, integrada ao principado romeno da Moldávia, a região era chamada de Bessarábia, devido à família Besarab, que a governara. **1484:** anexação turca da Bessarábia. **1711:** pedido de ajuda ao tsar Pedro, o Grande, na luta contra os turcos. **1812:** o Tratado de Bucareste dá à Rússia o protetorado da Bessarábia e parte da Moldávia. **1818 – 1828:** autonomia local com governador moldávio e criação de um arcebispado. **1829:** Tratado de Andrinópolis: o protetorado russo é estendido às províncias de Izmail, Kagul e Bolgrad, no delta do Danúbio. **1856:** Tratado de Paris, no fim da Guerra da Criméia: devolução das províncias danubianas à Romênia. **1869:** a campanha de russificação do protetorado; milhares de pessoas fogem para o lado romeno. **1878:** pelo Tratado de Berlim, no fim da Guerra Russo-turca, a Romênia perde as três províncias para a Rússia. **1881:** reivindicada, em Bucareste, a reintegração das províncias. **1903:** *pogromim* (perseguições) contra os judeus de Kishinióv. **1914:** as potências centrais oferecem a independência da Bessarábia em troca do apoio na I Guerra; mas os moldávios preferem aliar-se à Rússia (1916). **1917:** após a revolução de Kerênski (mar.), criação de um Comitê Nacional que reivindica autonomia, reforma agrária e o direito ao uso da língua romena, e do *Statul Târei* (nov.), conselho nos moldes da *Rada*, de Kiev (ver a História da *Ucrânia*), com 84 deputados moldavos e 36 de outras minorias, e que, em dez., proclama a Bessarábia República autônoma dentro da Federação Russa. **1918:** Kishinióv é ocupada pelos bolcheviques (5/1), expulsos pelo Exército romeno (24/1); o *Statul* proclama a independência (24/1) e, em seguida, opta pela união com a Romênia (27/3), ratificada pelo Tratado de Paris (28/10/1920) e reconhecida pelos aliados, mas não pela URSS. **1918 – 1940:** fracasso da tentativa romena de implantar a reforma agrária. **1940:** invasão russa da Bessarábia; proclamada a República autônoma da Moldávia, tendo Kishinióv como capital; anexação dos distritos nortistas de Khotin, Izmail e Cetatea Alba pela Ucrânia; remoção da população de origem alemã para a Polônia Ocid. **1941:** aliada à Alemanha, a Romênia reocupa o território. **1944:** invasão soviética da Bessarábia. **1947:** tratado com a Romênia (10/2): a Moldávia volta a ser uma das Repúblicas da URSS. **1989:** passeatas em Kishinióv pedindo que o moldavo volte a ser a língua oficial (20/1) e protestando contra o acordo de anexação (25/6). **1990:** reprimida, em Dubossary, manifestação da Frente Popular Moldava, de Iurie Rosca, pedindo a anexação à Romênia; seis mortos e trinta feridos; Kishinióv rejeita a proclamação unilateral das independências das províncias autônomas do Dniestr e da Gagaúzia, de maioria russa, contrária à anexação (set.). **1991:** independência (27/8); Kishinióv passa a ter o nome romeno de Chisinau; reconhecimento pela Romênia; o ex-comunista Mircea Snegur é confirmado na presidência (8/12). **1992:** estado de emergência no Dniestr, cujo autoproclamado presidente, Igor Smírnov, pede a ajuda do 14º Exército da ex-URSS (28/3); choques, em Benderi, entre tropas do governo e manifestantes russos: dezoito mortos (1º/4); fracasso do cessar-fogo intermediado pelos chanceleres da Rússia, Ucrânia e Romênia (6/4); o Parlamento dá ao Dniestr a garantia de que não haverá anexação à Romênia sem plebiscito prévio; após a tomada de Benderi pelos separatistas, Snegur declara guerra à Rússia (22/6); cessar-fogo firmado em Istambul (25/6); acordo, em Moscou, entre Iéltsin, Snegur e Smírnov: o Dniestr troca a independência por autonomia regional ampla (21/7).

FATOS DO ANO

A principal meta do pres. Mircea Snegur, em 1993, é o plebiscito sobre a reunificação com a Romênia – possibilitado pela assinatura, em abr. de 1992, do acordo com os autonomistas do Transdniestr, o que pôs fim à guerra civil. Menos de 10% da população aprovariam a proposta unionista; mas Snegur, certamente pressionado por Bucareste, insiste na realização do referendo e acaba criando um conflito com o Parlamento. A derrota do projeto, em 20/1/1993, com a diferença de um voto, provoca denúncias, dos deputados favoráveis à consulta, de que há uma conspiração contra ela. Pressionado por Snegur, o pres. da Casa, Alexandru Moshanu, renuncia em favor de Petru Lutchinschi, mais afinado com o presidente. Mas as divergências dentro do Parlamento retardam a votação do projeto e, até o fim de out. de 1993, nada estava decidido.

As tropas russas – Em fev., o país consegue US$ 19 milhões do FMI, para compensar a quebra na colheita de cereais de 1992. Fustigado pela crise econômica, a rebelião parlamentar e a intransigência dos eslavos do Transdniestr, Snegur inicia ofensiva diplomática em Moscou, pois precisa ver-se livre do 14º Exército russo, estacionado no Transdniestr, cujas tropas impediram as forças de Chisinau de massacrar os separatistas eslavos. Mas, nas conversas com Borís Iéltsin, não consegue obter um cronograma de retirada desse contingente. E se as autoridades do Kremlin estão relutantes em retirá-lo, seu comandante, o gen. Aleksandr Liébed, está firmemente decidido a mantê-lo. Esse veterano do Afeganistão tornou-se um verdadeiro "senhor da guerra" local, com poderes quase autônomos em relação ao Kremlin; autoridade reforçada pela fidelidade cega que lhe é votada por seus oficiais transdniestrianos, intransigentes defensores do separatismo.

Mônaco

● **NOME OFICIAL:** Principado de Mônaco. **Capital:** Monaco-Ville. **Nacionalidade:** monegasca. **Hino:** *Principado de Mônaco, minha terra natal* (1º verso). **Língua:** francês (oficial); inglês, italiano, monegasco. **Religião:** cristianismo (católicos, 93,1% – oficial; anglicanos); judaísmo (minoria). **Data nacional:** 19/11 (Festa do Príncipe).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Europa; sudeste da França. **Área:** 1,95 km². **Limites:** França (N, O e S); mar Mediterrâneo (L). **Características:** estreita faixa litorânea (500 m); relevo constituído de promontório e colinas; alpes Marítimos limitando a fronteira do território. **Ponto mais elevado:** promontório de Mônaco (63 m). **Clima:** mediterrâneo. **Rios principais:** não há. **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 30.300 (est.1992); **urbana:** 100% (1992). **Composição demográfica:** franceses, 46,8%; monegascos, 16,6%; italianos, 16,5%; outros, 20,1% (1988). **Crescimento demográfico:** zero (1989). **Faixas etárias:** 0-14: 11,9%; 15-44: 38,4%; mais de 45: 49,7% (1982). **Densidade (hab./km²):** 15.538,5 (1992). **Natalidade:** 7 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 9 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,2 (1989). **Vida média homens:** 72; **mulheres:** 80 (1987). **Leitos hospitalares:** 1 por 54 hab.; **médicos:** 1 por 362,5 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 12,7% do orçamento (1993).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 5,5 mil; **professores:** 735 (1990). **Ensino superior:** não há. **Gastos:** 19,4% do orçamento (1993).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 17/12/1962. **Divisão administrativa:** 1 comuna. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado e de governo:** princ. Rainier III (desde 9/5/1949). **Legislativo:** unicameral – Conselho Nacional, com 18 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** o setor dominante é o de serviços, particularmente o turismo. **Agricultura:** não há terras cultivadas. **Pecuária:** não há. **Indústria:** química e farmacêutica, plástica, microeletrônica, equipamentos elétricos, manufaturas de papel-cartão, vestuário, têxtil. **Minerais:** não há. **Exportações e importações:** incluídas no total da França; **Parceiro comercial:** França. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco francês; **cotação para 1 US$:** 5,52 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 280 milhões; **renda per capita:** US$ 11.350 (1982); **crescimento anual:** 2% (1989); **Força de trabalho:** dependente do trabalho emigrante. **Desemprego:** não há.

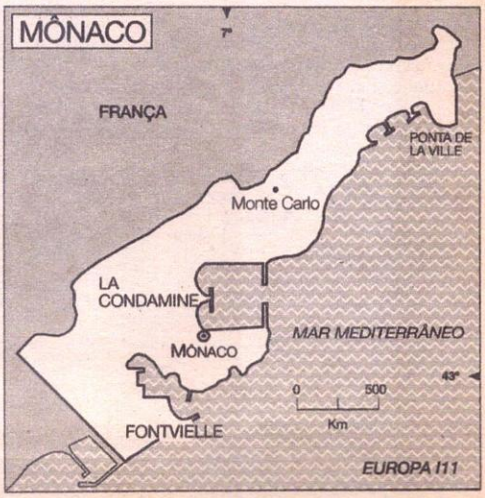
● **DEFESA: Gastos:** 9,4% do orçamento (1993).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 50 km pavimentados (1991); **nº de veículos:** 19,8 mil; automóveis: 19,2 mil (1987). **Ferrovias:** 1,6 km. **Porto:** La Condamine. **Linhas aéreas:** não há.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 2,7 hab. (1990). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 1,7 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,1 hab. (1990). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 408 (1982).

HISTÓRIA

Ocupado por fenícios (séc. X – V a.C.) e gregos, pertenceu aos romanos até as invasões bárbaras e sarracenas e foi cedido à casa genovesa dos Grimaldi (1297) pelo imp. Otto I, do Sacro Imp. Romano-Germânico. A família francesa dos Goyon-Matignon sucedeu aos Grimaldi adotando-lhes o nome. **1793:** anexação à França. **1815:** protetorado do reino da Sardenha. **1861:** protetorado francês. **1918:** tratado com a França faz com que a sucessão ao trono deva ser aprovada por ela. **1949:** morte do princ. Louis II; sucede-o o neto Rainier III. **1962:** fim do direito divino do monarca; divide-se o poder legislativo com o Conselho Nacional eleito por sufrágio universal a cada cinco anos. **1963:** a "guerra do imposto" com a França leva à assinatura de nova convenção fiscal. **1967:** Rainier tira o controle da *Société Anonyme des Bains de Mer* do armador grego Aristóteles Onassis. **1982:** a princesa Grace morre em desastre de automóvel (14/9). **1988:** eleições (jan.); a União Nacional e Democrática, que apóia o príncipe, elege todos os deputados do Conselho. **1991:** o principado integra-se ao Plano de Ação para o Mediterrâneo, de proteção do meio ambiente; cresce a oposição a que o país se integre à CEE. **1992:** derrotando Jean-Louis Médecin, prefeito de Monaco-Ville desde 1971, Anne-Marie Campora torna-se a primeira mulher a ocupar esse cargo (19/3).



FATOS DO ANO

Para as eleições de jan. de 1993, como não há partidos políticos, os candidatos organizam-se em duas chapas. A de Jean-Louis Campora conquista quinze das dezoito cadeiras no Conselho Nacional; a de Jean-Louis Médecin fica com duas; o independente René Giordano também se elege. A nova legislatura encaminha o pedido de ingresso do país na ONU, efetivado em 29/5/1993. No final de 1992, iniciou-se amplo projeto de obras públicas que favorecerá a diversificação da economia, para diminuir a dependência que o principado tem do jogo.

Mongólia

● **NOME OFICIAL:** República Popular da Mongólia. **Capital:** Ulan Bator. **Nacionalidade:** mongol. **Hino:** *A nossa terra livre e revolucionária* (1º verso). **Língua:** mongol khalkha (maioria); cazaque (província de Bayan-Olgiy). **Religião:** budismo lamaísta (principal); cristianismo (protestantes), islamismo (sunitas), xamanismo (minorias). **Data nacional:** 11/7 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-leste da Ásia. **Área:** 1.565.000 km². **Limites:** Rússia (N); China (L, S e O); Cazaquistão (O). **Características:** planalto da Mongólia (maior parte); cercado por cadeias montanhosas (O); deserto de Gobi (SE e centro); numerosos lagos por todo o norte do território. **Ponto mais elevado:** Najrambal Uul (4.358 m). **Clima:** temperado continental árido (S); árido frio (N). **Rios principais:** Selenga Moron, Kerulen, Orhon Gol. **Cidades principais:** Ulan Bator (575.000 hab.); Darkhan (90.000) (1991); Erdenet (56.200) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +11h.

● **POPULAÇÃO:** 2.182.000 (est.1992); **urbana:** 58% (1990). **Composição demográfica:** mongóis (calcas, 77,5%; dorbeds, 2,8%; bouriates, 1,9%; darigangas, 1,5%); cazaques, 5,3%; bayads, 2%; outros, 9% (1979). **Crescimento demográfico:** 2,8% (1989). **Faixas etárias: 0-14:** 41,9%; **15-59:** 52,3%; **mais de 60:** 5,8% (1989). **Densidade (hab./km²):** 1,4 (1992). **Natalidade:** 36 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 8 por 1.000 (1989); **mortalidade infantil:** 64 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,7 (1990). **Vida média homens:** 61,2; **mulheres:** 63,8 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 79 hab.; **médicos:** 1 por 345 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 12,7% do orçamento (1993).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 2,1% (1989). **Alunos de 1º e 2º graus:** 488,5 mil (1990/91); **professores de 1º grau:** 21,9 mil (1990/91); **de 2º grau:** 1,2 mil (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 13,8 mil; **professores:** 1,5 mil (1990/91). **Gastos:** 19,4% do orçamento (1993).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 12/2/1992. **Divisão administrativa:** 18 províncias e 1 municipalidade (Ulan Bator). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Revolucionário do Povo, Democrata Nac., Social Democrata. **Chefe de Estado:** pres. Punsalmagiyn Otchirbat (desde 3/9/1990). **Chefe de governo:** 1º-min. Puntsagiyn Jasray (desde 16/7/1992). **Legislativo:** unicameral – Assembléia, com 76 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 16,1%; indústria, 33%; comércio, 21,7%; serviços, 29,2% do PIB (1989). **Agricultura:** cereais, batata, verduras. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 19,7 t (1992). **Indústria:** alimentícia, bebidas, tabaco, couro e calçados, têxtil, manufaturas de metal e de madeira, móveis. **Minerais:** carvão, cobre, fluorspar, tungstênio, estanho, ouro, chumbo, molibidênio. **Exportações:** US$ 368 milhões; **produtos:** combustíveis, minerais, metais, matérias-primas, alimentos, bens de consumo industriais (1992). **Importações:** US$ 399 milhões; **produtos:** combustíveis, minérios, metais, bens de consumo industrializados (1992). **Parceiros comerciais:** Rússia, China, Japão, Alemanha, Suíça, Itália, Coréia do Sul. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** tögrög (dividido em 100 möngö); **cotação para 1 US$:** 40,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 240,7 milhões; **renda per capita:** US$ 112 (1990); **crescimento anual:** -16% (1992). **Inflação:** 126% (1992). **Dívida externa:** US$ 16,8 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 1,1 milhão (1991); **distribuição:** agricultura, 29,4%; indústria, 25,5%; comércio, 9%; serviços, 28,5%; outros, 7,6% (1989); **mão-de-obra feminina:** 52,4% (1987). **Desemprego:** 10% (1991).

● **DEFESA: Efetivo total:** 15,5 mil (1992); **Exército:** 14 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 1,5 mil; **outros:** 10 mil paramilitares. **Gastos:** 9,4% do orçamento (1993).

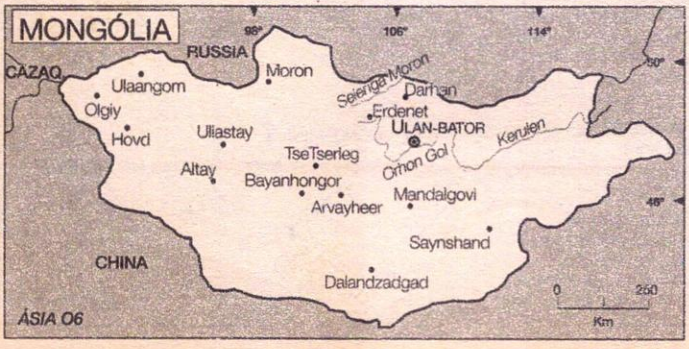
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 49,2 mil km; 2% pavimentados (1988); **Ferrovias:** 2,3 mil km (1991). **Portos:** ao longo dos rios Hov Sgöl e Selenge. **Linha aérea:** MAIT (vôos regionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 7,8 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 18 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 32 hab. (1990). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 106 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 6 East 77th Street, New York, NY 10021, EUA; tel. (212) 861-9460.

HISTÓRIA

Gengis Cã unificou os mongóis (séc. XIII), nômades da Mongólia, China e Sibéria, formando vasto império eurasiano, dividido e desintegrado após sua morte. Separaram-se, então, os mongóis do S, ou interiores, anexados pela China, e os do N, os exteriores, que aceitaram a autoridade chinesa em 1861 e foram dominados até o séc. XX. **1911:** Monarquia independente dos mongóis exteriores, após a derrubada da dinastia Mandchu na China; sobe ao trono Bogdo Gegen, o Buda Vivo de Urgá. **1915:** tratado com a China e a Rússia cria autonomia sob autoridade chinesa, com controle russo da política externa. **1919 – 1921:** após a Revolução Russa, os chineses tentam a anexação, mas são expulsos pelo Exército Vermelho; nova proclamação da independência. **1924:** morte de Bogdo; proclamação da República comunista com ajuda soviética. **1950:** tratado China/URSS assegura a independência. **1954:** Jamsaranguin Sambuu é o chefe do Estado. **1962:** expurgo dos simpatizantes da China. **1970:** remoção dos mongóis interiores para outras províncias chinesas, para que o nacionalismo mongol não os afete. **1971:** acordo de comércio com a Grã-Bretanha. **1972:** morte de Sambuu, substituído por Jumjanguin Tseden-



bal. **1974**: Jambyn Batmönh torna-se o 1º-ministro. **1984**: doente, Tsedenbal é substituído por Batmönh; Dumaaguin Sodnon torna-se o 1º-ministro. **1986 – 1988**: remanejamentos ministeriais para fortalecer a economia. **1990**: manifestações pedindo reestruturação política acelerada (14/1); a União Democrática da Mongólia é o primeiro partido de oposição (18/2); renúncia da cúpula do PC (12/3); eleição do sindicalista reformista Gombojaviin Otshirbat sec.-geral do Partido Popular Revolucionário, ex-PC (15/3); eliminado o monopólio político do PPR (23/3); primeiras eleições livres (22 e 30/7): a oposição obtém 23 cadeiras na Câmara Baixa; no Grande Khural (Câmara Alta), o PPR fica com 357 das 430 cadeiras, a Liga Revolucionária da Juventude (pró-comunista) com nove, e a oposição com vinte; Punsalmaagiyn Otchirbat, do PPR, é eleito presidente (set.) e o oposicionista Radnaasümberelıyn Gontchigdorj é seu vice; Jambyn Gombojav torna-se o pres. do Presidium; revogada lei de 1957 que impunha impostos a solteiros e casais sem filhos; início do programa de privatizações. **1991**: XX Congresso do PPR: confirmado o pluripartidarismo; aprovada a entrada de empresas estrangeiras no país (fev.). **1992**: nova Constituição (12/2); vitória do PPR nas eleições, com 70 das 76 cadeiras (28/6); liberação dos preços: apenas o pão e a farinha de trigo permanecem sob controle estatal (1º/3).

FATOS DO ANO

No 3º aniversário do novo regime (23/3/1993), oposicionistas da Coalizão das Quatro Uniões – criada por universitários e jovens políticos para exigir reformas econômicas – saem às ruas exigindo a renúncia do 1º-min. Puntsagiyn Jasray. Apesar da insatisfação dos jovens com seu governo, Jasray fez algumas reformas políticas: em out. de 1992, o Partido Popular Revolucionário Mongol – PPRM (ex-PC) expandiu para 169 os integrantes de seu Comitê Central (Pequeno Hural); e o Presidium passou a ter nove membros, liderados pelo sec.-geral Büdragchaagiyn Dash-Yondon. Nesse mesmo mês, derrotada nas eleições de jun., a oposição fundiu-se no Partido Nacional Democrático Mongol (PNDM), tendo como líder Davaadorjiyn Ganbold; apenas os social-democratas, de Bat-Erdeniyn Batbayar, preferiram permanecer independentes.

Otchirbat reeleito – Mas PNDM e PSD se juntam, para as eleições presidenciais de 6/6/1993, apoiando a reeleição de Punsalmaagiyn Otchirbat, favorável ao aprofundamento das reformas, contra Lodongiyn Tüdev, o editor do *Ünen* (Verdade), o jornal do PPRM. A aliança garante 57,8% dos votos a Otchirbat, que prometera mudanças rumo a um governo de estilo ocidental, condenando medidas como a desvalorização da moeda, adotada por Jasray, que fez o tögrög cair de 1 = US$ 1.590, em jan. de 1993, para 1 = US$ 400 no paralelo, às vésperas da eleição. Anunciara também planos para a redução de 16% nos efetivos das Forças Armadas.

A economia mongol continua dependente de auxílio externo. Em 1992, 74% de seu comércio exterior ainda era realizado com ex-países socialistas, em moedas instáveis, de conversão difícil; e a conseqüente queda nas importações levou ao racionamento dos bens de primeira necessidade. Escassez de combustíveis e eletricidade fizeram cair a produção industrial e o PIB (14,8% e 16% respectivamente em 1992), o que afetou as exportações, fez triplicarem os preços e aumentou para 50% o desemprego. E US$ 82 milhões em reservas do Mongolbank foram perdidas, entre 1990/91, em transações malsucedidas, feitas pelos ex-diretores Gochgiyn Huderchülüün e Naidansürengiyn Jargalsaikhan, levados a julgamento em 14/6/1993. O país já recebeu US$ 300 milhões do FMI e do Japão; mas financiamentos mais amplos dependem das reformas econômicas. Para a privatização de 80% das estatais, é distribuído a cada habitante, em nov. de 1992, um vale de 10 mil tögrög (£167), para a compra de ações; mas a população, em grande parte nômade, não entende o processo e prefere vender os vales no mercado negro, por até 20 mil tögrög.

Relações com a Rússia – Em 1992 termina a retirada das tropas russas, iniciada em 1987. No encontro de Otchirbat com Boris Iéltsin (Moscou, 19 a 21/1/1993), este último se desculpa pela execução, em 1937, por ordem de Stálin, de 32 dirigentes mongóis, entre eles o 1º-min. Butachiyn Genden; e pela instalação da ditadura do mal. Horloogiyn Choybalsan. Ambos assinam um Tratado de Amizade e Cooperação que substitui o de 1986, com a ex-URSS (em nov. de 1992, documento semelhante fora assinado, em Ulan Bator, com o pres. Leonid Krávtchuk, da Ucrânia).

Namíbia

• **NOME OFICIAL**: República da Namíbia. **Capital**: Windhoek. **Nacionalidade**: namibiana. **Língua**: inglês (oficial); africâner; alemão; línguas locais. **Religião**: cristianismo, 82,1% (luteranos, 51,2%; católicos, 19,8%; calvinistas, 6,1%; anglicanos, 5%); outros, 17,9%. **Data nacional**: 21/3 (Independência).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA**: sudoeste da África. **Área**: 824.929 km². **Limites**: Angola (N); Zâmbia (NE); Botsuana (L); África do Sul (S); oceano Atlântico (O). **Características**: planalto central (metade do território); desertos de Namib (litoral O) e de Kalahari (N, NE e L). **Ponto mais elevado**: monte Brandberg (2.606 m). **Clima**: árido tropical. **Rio principal**: Orange. **Cidades principais**: Windhoek (114.500 hab.); Swakopmund (15.500); Rundu (15.000); Rohoboth (15.000) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

• **POPULAÇÃO**: 1.511.000 (est.1992); **urbana**: 27,8% (1990). **Composição demográfica**: africanos (ovambos, 49,8%; cavangos, 9,3%; hereros, 7,5%; damaras, 7,5%; namas, 4,8%); brancos, 6,4%; outros, 14,7% (1989). **Crescimento demográfico**: 3,1% (1990–1995). **Faixas etárias**: **0-14**: 45,7%; **15-59**: 49,1%; **mais de 60**: 5,2% (1990). **Densidade (hab./km²)**: 1,8 (1992). **Natalidade**: 41,6 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade**: 10,6 por 1.000; **mortalidade infantil**: 97 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher)**: 5,7 (1990–1995). **Vida média homens**: 57,5; **mulheres**: 60 (1990–1995). **Leitos hospitalares**: 1 por 166 hab.; **médicos**: 1 por 4,5 mil hab. (1988). **Gastos com saúde**: 9,7% do orçamento (1991/92).

• **EDUCAÇÃO**: pública e particular. **Analfabetos**: 60% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus**: 364,6 mil; **professores**: 12,5 mil (1988). **Alunos no ensino superior**: 2,5 mil; **professores**: 213 (1991). **Gastos**: 22,2% do orçamento (1991/92).

• **GOVERNO**: República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial**: membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor**: 21/3/1990. **Divisão administrativa**: 13 distritos. **Regime partidário**: pluripartidarismo; **principais partidos**: Organização Popular da África Sul/Oeste, Aliança Democrática Turnhalle. **Chefe de Estado e de governo**: pres. Samuel (Sam) Daniel Nujoma (desde 21/3/1990). **Legislativo**: unicameral – Assembléia Nacional, com 78 membros (72 eleitos por voto direto e 6 nomeados pelo pres.) para mandatos de 5 anos.

• **ECONOMIA**: agricultura, 15,4%; indústria, 10,5%; mineração, 21,6%; comércio, 12,4%; serviços, 40,1% do PIB (1990). **Agricultura**: milho, milhete, tubérculos. **Pecuária**: ovinos, bovinos, caprinos. **Pesca**: 289,8 mil t (1990). **Indústria**: processamento de minérios, peixe e carne; panificadora. **Minerais**: diamantes, urânio, zinco, prata, estanho, ouro, sal, pedras semipreciosas. **Exportações**: US$ 576 milhões; **produtos**: diamantes, urânio, gado de corte (1991). **Importações**: US$ 637 milhões; **produtos**: químicos, derivados de petróleo, alimentos, equipamentos industriais e de transporte (representam 90% dos produtos consumidos no país) (1991). **Parceiro comercial**: África do Sul. **Pesos e medidas**: sistema métrico decimal. **Moeda**: rand (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$**: 3,05 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB)**: US$ 2,1 bilhões; **renda per capita**: US$ 1.120 (1991);

crescimento anual: 1,6% (1980–1991). **Inflação:** 20,4% (1992). **Dívida externa:** US$ 28 milhões (1991). **Força de trabalho:** 230 mil; distribuição (setor formal): agricultura, 19,5%; indústria, 18,1%; comércio, 15,9%; serviços, 46,5% (1988); **mão-de-obra feminina:** 23,8% (1988–1990). **Desemprego:** 30%–40% (1993).

● **DEFESA: Efetivo total:** 7,5 mil (1992); **Exército:** 7,4 mil; **Marinha:** 100; **Força Aérea:** não há. **Gastos:** 6,5% do orçamento (1991/92).

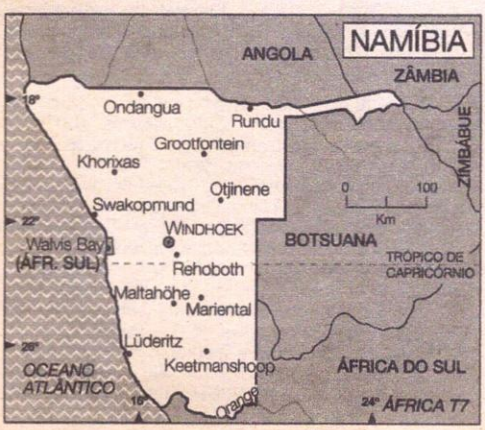
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 47,8 mil km; 11% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 122,3 mil (1991). **Ferrovias:** 2,8 mil km (1990). **Portos:** Walvis Bay, Lüderitz. **Linha aérea:** Air Namibia (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 5,7 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 49 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 17 hab. (1987). **Jornais diários:** 5; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 36 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 135 East 36th Street, New York, NY 10016, EUA, tel. (212) 685-2003

HISTÓRIA

Habitada por caçadores San e, mais tarde, por namas e bantus, foi descoberta por portugueses (1487) e explorada por holandeses (séc. XVII) e ingleses (séc. XVIII). **1884:** protetorado alemão, com o nome de África do Sudoeste. **1908:** descobertos diamantes; aumenta a imigração européia. **1915:** ocupação sul-africana. **1920:** a Liga das Nações passa o mandato alemão à África do Sul, então sob domínio britânico; distribuição de terras a fazendeiros brancos. **1946:** a África do Sul recusa-se a devolver o território à tutela da ONU. **1958/59:** criação da Organização do Povo do Sudoeste da África (SWAPO); Sam Nujoma torna-se seu líder. **1966:** início da luta armada (ago.); Pretória recusa a decretação, pela ONU, do fim do mandato (out.). **1968:** a ONU dá ao território seu nome atual. **1978:** Pretória ataca bases da SWAPO no S de Angola; no campo de Cassinga, morrem quase mil pessoas. **1985:** instalação, pela África do Sul, de um governo provisório multirracial, sem participação da SWAPO. **1988/89:** negociações para a emancipação. **1989:** a SWAPO obtém 41 das 72 cadeiras na Assembléia. **1990:** outorgada a Constituição (9/2); eleição de Nujoma (16/2); independência (21/3); fracassa golpe de militares sul-africanos (jul.). **1991:** acordo, com Pretória, de administração conjunta do porto de Walvis Bay (20/9); abertura de escritório comercial em Pretória (29/10); instalação de postos de controle na fronteira com a Zâmbia, para coibir o contrabando e o tráfico de drogas (1º/11); dissolução, em Havana, da Comissão Conjunta de Supervisão da Independência da África do Sudoeste, cuja missão terminou (21/11); nomeada comissão para investigar a denúncia de que partidos namíbios antiindependência eram subvencionados por Pretória (nov.); o escândalo impede a coalizão Aliança Democrática Turnhalle, uma das subvencionadas, de transformar-se em partido unificado sob a liderança do namíbio Mishake Muyongo; reeleição de Nujoma pres. da SWAPO (dez.). **1992:** permissão para que os barcos-patrulha atirem em pesqueiros estrangeiros que entrem em suas águas territoriais.



FATOS DO ANO

Em jan. de 1993, é instalado o Conselho Nacional (Câmara Alta do Parlamento); mas ele só abre em 11/5, após um curso obrigatório para os senadores, sobre procedimentos legislativos, ministrado por consultores internacionais. Há também divergências sobre o papel e os poderes desse Parlamento, apesar de o pres. Sam Nujoma ter maioria (a SWAPO domina nove dos treze conselhos regionais, contra três da opositora Aliança Democrática Turnhalle, de Dirk Mudge, e um da Frente Democrática Unida, de Justus Garoeb).

Jatinho polêmico – Durante 1992, Nujoma reestruturou o ministério, para enfrentar problemas econômicos e preparar-se para as eleições regionais. A seca, que destruiu 80% da colheita de milho, ameaçava 20% da população com a fome. No fim do ano, Nujoma pediu ajuda internacional de emergência. No início de 1993, porém, a Noruega cancela sua ajuda ao saber que US$ 30 milhões foram usados na compra do jatinho presidencial. Em represália à declaração de Nujoma de que Oslo interfere nos assuntos internos namíbios, também a Suécia suspende sua ajuda.

Quanto ao porto de Walvis Bay, que a África do Sul se recusara a devolver à Namíbia, um acordo preliminar, de administração paritária, foi assinado em ago. de 1992. O termo definitivo, de transferência para as autoridades de Windhoek em 1º/3/1994, é firmado com Pretória em 8/9/1993. O acordo de ago. de 1992 também fixara o meio do rio Orange como a fronteira sul, o que permitirá a diminuição dos choques armados entre os dois países nessa região e controle mais estrito do contrabando. Documento assinado com a Botsuana (24/12/1992) definiu a fronteira na região do rio Chobe e das ilhas Kasili e Sedudu, reclamadas pelos dois governos.

Nauru

● **NOME OFICIAL:** República de Nauru. **Capital:** Yaren. **Nacionalidade:** nauruana. **Língua:** nauruano (oficial); inglês. **Religião:** cristianismo (protestantes, maioria; católicos). **Data nacional:** 31/11 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da oceania. **Área:** 21,3 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** ilha cercada por recifes de coral; terreno árido de rocha fosfática (interior). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Cidades principais:** Denigomodu (2.600 hab.); Meneng (1.024); Aiwo (812); Boe (578); Yaren (559) (1983). **Hora local** (em relação a Brasília): +14h.

● **POPULAÇÃO:** 9.600 (est.1992); **urbana:** 100% (1985). **Composição demográfica:** nauruanos, 61,7%; asiáticos, 8,5%; europeus, 3,3% (1983). **Crescimento demográfico:** 1,6% (1989). **Faixas etárias:** 0-14: 41,4%; 15-59: 52,9%; mais de 60: 5,7% (1987). **Densidade (hab./km²):** 452,8 (1992). **Natalidade:** 21 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 5 por 1.000; **mortalidade infantil:** 41 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,5 (1989). **Vida média homens e mulheres:** 55,5 (1987). **Gastos com saúde:** 5,3% do orçamento (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 1% (1989). **Alunos de 1º e 2º graus:** 2,8 mil; **professores:** 169 (1989). **Alunos no ensino superior:** 99 no exterior (1989). **Gastos:** 5,9% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 31/1/1968. **Divisão administrativa:** 14 distritos. **Regime partidário:** o Partido Democrático é o único partido, no entanto candidatos independentes

participam das eleições. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Bernard Douiyogo (desde 12/12/1989). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 18 membros eleitos por voto direto para mandatos de 3 anos.

● **ECONOMIA:** fundamentada na extração de rocha fosfática. **Agricultura:** frutas tropicais (coco, abacaxi, banana, principais), verduras e legumes. **Pecuária:** suínos, aves. **Indústria:** processamento de fosfato. **Mineral:** rocha fostática. **Exportações:** US$ 35 milhões; **produto:** fosfato (1992). **Importações:** US$ 32 milhões; **produtos:** alimentos, água mineral, manufaturados, petróleo (1991). **Parceiros comerciais:** Austrália, Nova Zelândia, Japão. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar australiano (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,45 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 90 milhões; **renda per capita:** US$ 10.000 (1989); **crescimento anual:** 6,4% (1975–1985). **Dívida externa:** US$ 223 milhões (1990). **Força de trabalho:** 1,8 mil (1981); a economia local depende do trabalho imigrante, principalmente do Kiribati, Tuvalu, China e Filipinas.

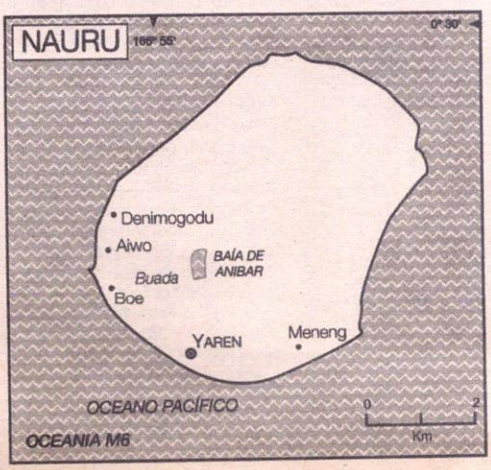
● **DEFESA:** não há. A Austrália é responsável pela defesa do território.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 27 km; 78% pavimentados (1985); **nº de veículos:** 1,5 mil (1989). **Ferrovias:** 16 km (1989). **Linha aérea:** Air Nauru (vôos domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 2,3 hab. (1990). **Emissora de TV:** 1. **Linhas telefônicas:** 1 por 4,6 hab. (1989). **Jornal:** 1 bimensal; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 95.

HISTÓRIA

Descoberta por pescadores americanos (1798) e anexada pela Alemanha (1888), que iniciou a exploração do fosfato (1901). Foi ocupada pela Austrália (1914), que a administrou, sob mandato da Liga das Nações, juntamente com a Grã-Bretanha e a Nova Zelândia. **1942 – 1945:** ocupação japonesa; 1.200 nativos são levados para trabalho forçado em Truk. **1947 –1967:** novo mandato australiano. **1968:** independência; Hammer De Roburt é o presidente. **1976 – 1986:** De Roburt e Bernard Douiyogo revezam-se no poder. **1986:** divergências sobre o orçamento; renúncia de De Roburt; mas seu sucessor, Kennan Adeang, é derrubado por um voto de desconfiança, e ele volta ao cargo. **1987:** Adeang forma o Partido Democrático e luta pela limitação dos poderes presidenciais. **1989:** De Roburt exige que a Austrália indenize seu país pela extração predatória do fosfato que fez entre 1919 e 1967; moção de desconfiança do PD derruba De Roburt. **1990:** deterioram-se as relações com a Austrália, devido a um litígio sobre direitos de navegação aérea, e com Samoa Ocid., que acusa o Nauru de financiar sua oposição; a oposição de Douiyogo ao desmantelamento dos arsenais de armas químicas no atol de Johnston agrava a tensão com a Austrália. **1991:** a Austrália contesta, na Corte Internacional de Justiça, o direito do país a pedir-lhe indenização, mas concorda em iniciar negociações; o país tem, pela primeira vez, um déficit orçamentário, de A$ 5,6 milhões (30/6).



FATOS DO ANO

Em abr. de 1993, o pres. Bernard Douiyogo, reeleito em nov. de 1992, acumula também as pastas do Exterior, do Desenvolvimento e Indústria, dos Serviços Públicos e da Aviação Civil. Logo após sua posse, volta a debater com a Austrália o pedido que fizera, em 1989, de indenização pela extração predatória de fosfato por empresas australianas, no período em que Canberra administrava o país. No primeiro semestre de 1993, faz gestões junto à Corte Internacional de Justiça. Mas é preciso dar andamento a essa questão sem fazer deteriorarem-se as relações com o país vizinho, de que o Nauru tem grande dependência.

No final de 1992, os oito países membros do Acordo de Nauru assinaram tratado sobre o controle das reservas de atum, restringindo as licenças de pesca concedidas a estrangeiros. O Nauru se empenha, durante 1993, em coibir a pesca ilegal e aplica planos para que a economia da ilha, combalida pelo esgotamento das reservas de fosfato, sirva de "paraíso fiscal" e atraia investimentos estrangeiros em outras áreas. Enfrenta, entretanto, a oposição dos que temem que a abertura dos bancos "offshore" prejudique suas relações com os países da região.

Nepal

● **NOME OFICIAL:** Reino do Nepal. **Capital:** Katmandu. **Nacionalidade:** nepalesa. **Hino:** *Que a glória coroe nosso ilustre soberano* (1º verso). **Língua:** nepali (oficial); maithir e bhojpuri. **Religião:** hinduísmo, 89,5%; budismo, 5,3%; islamismo, 2,7%; jainismo, 1%. **Datas nacionais:** 18/2 (Pátria); 15/2 (Constituição).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Ásia. **Área:** 147.181 km². **Limites:** China (N); Índia (L, S, O). **Características:** cordilheira do Himalaia (maior parte); com vales férteis e escarpas (centro); região mais baixa no sopé das montanhas (S). **Ponto mais elevado:** monte Everest (8.848 m). **Clima:** de montanha (maior parte). **Rios principais:** Kali, Karnali, Gandak, Kosi. **Cidades principais:** Katmandu (235.160 hab.); Patã (79.875); Badgaon (48.472); Pokhara (46.642) (1981). **Hora local** (em relação a Brasília): +8h45.

● **POPULAÇÃO:** 19.795.000 (est.1992); **urbana:** 10% (1990). **Composição demográfica:** nepaleses, 58,4%; biharis, 18,7%; tarus, 3,6%; tamanos, 3,5%; neuars, 3%; outros, 12,8% (1981). **Crescimento demográfico:** 2,4% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 42,2%; **15-59:** 52,9%; **mais de 60:** 4,9% (1986). **Densidade (hab./km²):** 134,5 (1992). **Natalidade:** 26,4 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 9,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 98 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,6 (1991). **Vida média homens:** 55,4; **mulheres:** 52,6 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 4 mil hab.; **médicos:** 1 por 19,6 mil hab. (1989/90). **Gastos com saúde:** 4,7% do orçamento (1990/91).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 74,4% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 3,5 milhões; **professores:** 94 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 102,8 mil; **professores:** 4,8 mil (exclui a Universidade em Banepa) (1990). **Gastos:** 10,6% do orçamento (1992/93).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 9/11/1990. **Divisão administrativa:** 14 zonas. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** do Congresso, Comunista (Unificado Marxista-Leninista) **Chefe de Estado:** rei Birendra Bir Bikram Sha Deva (desde 24/2/75). **Chefe de governo:** 1º-min. Girija Prasad Koirala (desde 1991). **Legislativo:** bicameral – Câmara dos Representantes, com 205 membros eleitos

por voto direto; Conselho Nacional, com 60 membros (10 nomeados pelo rei, 35 eleitos pela Câmara e 15 por um colégio eleitoral formado por comitês locais), para mandatos de 5 e de 6 anos, respectivamente.

● **ECONOMIA:** agricultura, 54%; indústria, 12,4%; mineração, 0,1%; comércio, 4,8%; serviços, 28,7% do PIB (1989/90). **Agricultura:** arroz, milho, cevada, milhete, trigo, cana-de-açúcar, tabaco, batata, cardamono, frutas. **Pecuária:** bovinos, caprinos, bubalinos. **Pesca:** 14,5 mil t (1990). **Indústria:** tijolos e telhas, têxtil (roupas de algodão, principal), papel, produção artesanal de cestas, tecidos de algodão e óleos comestíveis. **Minerais:** mica, linhita, cobre, cobalto, minério de ferro. **Exportações:** US$ 204,1 milhões; **produtos:** alimentos e animais vivos, manufaturas básicas, matérias-primas (1990/91). **Importações:** US$ 672,9 milhões; **produtos:** manufaturas básicas, máquinas e equipamentos de transporte, químicos, farmacêuticos (1992). **Parceiros comerciais:** Índia, Alemanha, Japão, Cingapura, EUA. **Pesos e medidas:** unidades locais. **Moeda:** rúpia do Nepal (dividida em 100 paisa); **cotação para 1 US$:** 43,20 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 3,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 180 (1991); **crescimento anual:** 4,7% (1980–1991). **Inflação:** 21,1% (1991/92). **Dívida externa:** US$ 1,8 bilhão (1991). **Força de trabalho:** 7,8 milhões (1986); **distribuição:** agricultura, 93%; indústria 0,6%; serviços, 6,4% (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 33,8% (1988–1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 35 mil (1992); **Exército:** 34,8 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 200. **Gastos:** 5,9 % do orçamento (1990/91).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 7 mil km; 41% pavimentados (1989). **Ferrovias:** 53 km (1989/90). **Linhas aéreas:** Royal Nepal Airlines (vôos internacionais e domésticos); Nepal Airways, Everest Air, Nicon Air (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 32 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 539 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 415 hab. (1989). **Jornais diários:** 28; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 6,7 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 820 Second Avenue, Suite 202, New York, NY 10016, EUA, tel. (212) 370-4188.

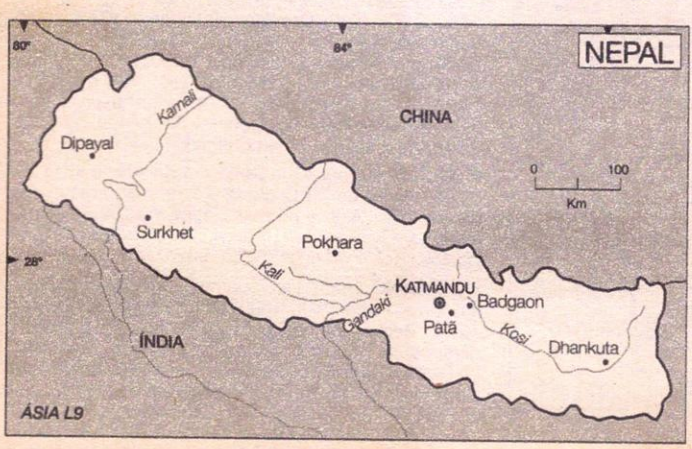
HISTÓRIA

Os descendentes do princ. de Gurkha, que criou o reino no séc. XVIII, fizeram do hinduísmo a religião oficial e deram ao país suas fronteiras atuais. **1790 – 1793:** tratado com os ingleses, de ajuda na luta contra a China, pela posse do Tibete. **1814 – 1816:** perda, para a Grã-Bretanha, de parte do território; instalação de posto britânico em Katmandu. **1850 – 1950:** dominação dos aristocratas Rana sobre a família real. **1951 – 1955:** reinado de Tribuvana Bir Bikram Sha Deva, que, com ajuda indiana, põe fim a essa dominação. **1955 – 1972:** reinado de seu filho Mahendra. **1959:** primeira Constituição e primeiras eleições. **1961:** Mahendra dissolve o gabinete e o Parlamento, extingue os partidos e exerce o poder absoluto; prisões políticas. **1962:** nova Constituição cria conselhos municipais e provinciais subordinados ao *Panchayat* (Assembléia Nacional). **1963:** criação de um Conselho de Estado para assessorar o monarca. **1972:** sobe ao trono seu filho Birendra. **1973:** nacionalização do petróleo e da juta; a maconha e o haxixe são declarados ilegais. **1975:** coroação de Birendra depois de três anos no trono. **1979:** manifestações de protesto de estudantes contra o governo. **1980:** plebiscito rejeita o pluripartidarismo; nova Constituição. **1981:** Surya Bahadur Thapa torna-se 1º-ministro. **1983:** acusado de corrupção, Thapa é substituído por Lokendra Bahadur Chand; os partidos reivindicam legalização. **1985:** Lokendra anistia presos políticos (27/8), mas parlamentares continuam exigindo seu afastamento. **1986:** ele renuncia (20/3) e Najendra Prasad Rijal o substitui até a eleição de Marich Man Singh Shrestha (12/5). **1987:** campanha contra a corrupção. **1988:** reestruturação dos serviços públicos e ministério (mar.); chuvas deixam 450 mortos (ago.); prisões políticas, inclusive do liberal Krishna Bhattarai, pres. do Partido do Congresso Nepalês. **1990:** prisão de 350 oposicionistas; Lokendra volta ao poder; substituição do gabinete por um conselho de quatro membros (5/4); a guarda palaciana reprime manifestações da oposição; toque de recolher (6/4); os problemas sociais forçam Birendra a autorizar o funcionamento dos partidos (8/4), dissolver o *Panchayat* e substituir Lokendra por Bhattarai; o Judiciário torna-se independente, há liberdade de imprensa e a pena de morte é abolida; a não-renovação do Tratado de Comércio com a Índia resulta em crise com esse país. **1991:** o PCN ganha 110 cadeiras na *Pratinidhi Sabha* (Câmara Baixa), contra votação ínfima do governo; Girija Prasad Koirala, sec.-geral do PCN, torna-se 1º-ministro, chanceler e min. das Finanças, Relações com o Palácio, Defesa e Saúde; a visita do 1º-min. Chandra Shekhar, da Índia, põe fim à crise diplomática; Koirala demite seis de seus dezessete ministros, insatisfeitos com sua política (dez.); acordos comerciais e de transportes com a Índia (dez.). **1992:** 22 mil butaneses entram no país (mar.), fugindo de conflitos étnicos; greve geral e manifestações com seis mortos, em protesto contra a corrupção e os aumentos de preços (6/4); o toque de recolher não impede novas passeatas.

FATOS DO ANO

Para atrair investimentos estrangeiros, o 1º-min. Girija Prasad Koirala promove, em 12/2/1993, a conversão total da rúpia em relação às moedas estrangeiras; e assina com a Índia novo acordo comercial, visando a restabelecer relações abaladas, em 1990, pela recusa em renovar o Tratado de Comércio bilateral. Mas esse documento passa a ser examinado, a partir de abr. de 1993, por uma comissão indo-nepalesa, sob a chefia do pres. da Câmara, Daman Nath Dhungana, por exigência do líder comunista Mohan Chandra Adhikari, que não aceitou o fato de Koirala – notoriamente pró-Índia – ter cedido alguns hectares de território nepalês ao vizinho, para trabalhos de irrigação na área de fronteira.

O Nepal depende da ajuda estrangeira para dois terços de seu orçamento; por isso promoveu, em 1992, com patrocínio da ONU, o Fórum do Investimento, em que empresários nacionais e estrangeiros discutiram 115 projetos industriais, no valor de US$



650 milhões, nos setores agrícola, hoteleiro e de mineração. Para obter mais divisas, o governo começa, em 1993, a cobrar US$ 10 mil de cada expedição que pretenda escalar o Everest (a partir de 1994, a licença custará US$ 50 mil e as expedições não poderão ter mais de cinco alpinistas). Além de aumentar a arrecadação, o governo quer combater a deterioração das encostas do Himalaia, que já perderam 70% de sua cobertura florestal.

Nicarágua

● **NOME OFICIAL:** República da Nicarágua. **Capital:** Manágua. **Nacionalidade:** nicaragüense. **Hino:** *Salve, Nicarágua* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial); inglês. **Religião:** cristianismo (católicos, 93%; episcopais, batistas). **Data nacional:** 15/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da América Central. **Área:** 130.700 km². **Limites:** Honduras (N); mar das Antilhas (L); Costa Rica (S); oceano Pacífico (O). **Características:** planície costeira (litoral L); cadeia vulcânica (litoral O); cordilheira central (de NO a SE); zona baixa e com lagos entre as duas cadeias; meseta (N); terras baixas (L); depressão da Nicarágua formando os lagos de Manágua e Nicarágua (SE). **Ponto mais elevado:** pico Mogotón (2.107 m). **Clima:** tropical. **Rios principais:** Coco (Segovia); Grande de Matagalpa, Prinzapolca, Escondido, San Juan. **Cidades principais:** Manágua (682.100 hab.); León (101.000); Granada (88.600); Masaya (74.900); Chinandega (67.800) (1985). **Hora local** (em relação a Brasília): -3h.

● **POPULAÇÃO:** 4.131.000 (est.1992); **urbana:** 59,8% (1990). **Composição demográfica:** mestiços, 77%; brancos, 10%; negros, 9%; ameríndios, 4% (1985). **Crescimento demográfico:** 2,8% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 45,8%; 15-59: 49,9%; **mais de 60:** 4,3% (1990). **Densidade** (hab./km²): 34,3 (1992). **Natalidade:** 37 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 9,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 60 por 1.000 (1991). **Fertilidade** (nº de filhos por mulher): 4,7 (1991). **Vida média homens:** 60; **mulheres:** 65 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 761 hab.; **médicos:** 1 por 2 mil hab. (1988). **Gastos com saúde:** 16,4% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 19% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 801,8 mil (1990); **professores de 1º grau e no ensino profissionalizante:** 19,9 mil (1989); **de 2º grau:** 4,8 mil (1988). **Alunos no ensino superior:** 34,2 mil; **professores:** 1,6 mil (1988). **Gastos:** 12% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 9/1/1987. **Divisão administrativa:** 16 departamentos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Nac. de Oposição; Frente Sandinista de Libertação Nacional. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Violeta Barrios de Chamorro (desde 25/4/1990). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 92 membros eleitos por voto direto para mandatos de 6 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 30,2%; indústria, 20,6%; mineração, 0,6%; comércio, 22,3%; serviços, 26,3% do PIB (1990). **Agricultura:** café, algodão, cana-de-açúcar, banana, milho, feijão, arroz, tabaco, madeira. **Pecuária:** aves, bovinos, suínos. **Pesca:** 2,8 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, bebidas, química, refino de petróleo. **Minerais:** ouro, prata, chumbo, zinco. **Exportações:** US$ 321,2 milhões; **produtos:** café, algodão, banana, açúcar, carne (1990). **Importações:** US$ 664,7 milhões; **produtos:** petróleo, matérias-primas, bens de consumo, máquinas industriais (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, Alemanha, Japão, Repúblicas da CEI, Cuba, Canadá, Itália. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** ouro córdoba (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 5,00 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,9 bilhão; **renda per capita:** US$ 340 (1991); **crescimento anual:** -1,4% (1980–1991). **Inflação:** 9,9% (1992). **Dívida externa:** US$ 10,4 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 1,4 milhão (1991); **distribuição:** agricultura, 32,4%; indústria, 10,5%; comércio, 8,4%; serviços, 23,6%; outros, 25,1% (1987); **mão-de-obra feminina:** 33,2% (1991). **Desemprego:** 60% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 14,7 mil (1992); **Exército:** 13 mil; **Marinha:** 500; **Força Aérea:** 1,2 mil. **Gastos:** 16% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 15 mil km; 10% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 74,1 mil; **automóveis:** 31,1 mil (1990). **Ferrovias:** 300 km (1991). **Portos:** Corinto, Puerto Sandino, San Juan del Sur (oc. Pacífico); Puerto Cabezas, Bluefields, Puerto Arlen Siu, Puerto General Benjamin Zeledón (mar do Caribe). **Linha aérea:** AERONICA (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 58; **receptores:** 1 por 4,5 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 19 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 82 hab. (1990). **Jornais diários:** 3; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 28 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS - QI 15, cj. 7, casa 14, CEP 70454-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-5366.

HISTÓRIA

Habitada por indígenas até a conquista espanhola (Gil González de Ávila, 1552), foi província relativamente próspera da Capitania Geral da Guatemala; sua sede, León, era a segunda cidade da América Central. O protetorado britânico (1687) da Costa dos Mosquitos, no Atlântico, foi devolvido à Espanha em 1783. **1821:** independência da Capitania da Guatemala (15/9). **1822:** união da América Central ao México (5/1). **1823 – 1838:** separação do México e integração às Províncias Unidas do Centro da América (24/6). **1838:** República independente (30/4). **1842 – 1844:** confederação com Honduras e El Salvador, reeditada entre 1848 e 1852. **1855 – 1857:** o americano William Walker apossa-se da presidência, mas é derrotado por uma coligação de Estados centro-americanos. **1858:** Manágua torna-se a capital. **1863 – 1894:** dominação dos conservadores. **1895 – 1898:** união com Honduras e El Salvador. **1911:** os EUA assumem o controle da alfândega. **1916:** o Tratado Bryan-Chamorro dá aos EUA a opção de construir novo canal Atlântico-Pacífico; será anulado em 1970. **1926 – 1933:** ocupação americana; início da guerrilha de Augusto César Sandino; criação da Guarda Nacional, entregue a Anastasio Somoza García. **1934:** assassinato de Sandino (21/2). **1936 – 1956:** ditadura de Somoza; após seu assassinato (29/9/1956), o filho, Luís Somoza Debayle, termina seu mandato e, em 1957, é eleito presidente. **1955 – 1957:** conflitos de fronteira com a Costa Rica e Honduras. **1961:** Carlos Fonseca Amador funda a Frente Sandinista de Libertação Nacio-

nal. **1967**: eleição de Anastasio Somoza Debayle, irmão de Luís e chefe da Guarda Nacional. **1972**: terremoto destrói Manágua (23/12); Somoza desvia a maior parte da ajuda internacional. **1974/75**: a guerrilha da FSLN leva à decretação da Lei Marcial, suspensa em 1977. **1978/79**: os protestos contra o assassinato do jornalista Pedro Joaquín Chamorro, o estado de sítio e a invasão, pela FSLN, do Palácio Nacional dão início à guerra civil; vitória sandinista; Somoza exila-se no Paraguai. **1980**: Violeta Chamorro e Alfonso Robelo rompem com a junta de governo e são substituídos por Rafael Córdoba e Arturo Cruz; assassinato de Somoza em Assunção. **1981**: suspensão da ajuda americana, sob acusação de que os sandinistas fornecem armas aos guerrilheiros de El Salvador; tensão entre a junta e oposição. **1982**: denúncias de massacre dos índios misquitos, na costa atlântica; estado de emergência devido à ameaça de intervenção americana; ataques dos contras, apoiados por Tegucigalpa, criam atritos com Honduras. **1983**: os EUA impõem sanções econômicas e enviam frota para patrulhar a costa; convocação dos reservistas e obrigatoriedade do serviço militar para os homens de 18 a 30 anos; a guerrilha recusa anistia. **1984**: tensão Igreja/Estado; a Corte Internacional de Justiça condena os EUA por minarem os portos do país; a FSLN aceita o plano de paz de Contadora, rejeitado pelos EUA, e vence as eleições, boicotadas pela oposição; Daniel Ortega é o presidente (4/11). **1985**: a guerrilha rejeita nova anistia; os EUA rejeitam proposta de paz e decretam embargo total; novo estado de emergência. **1986**: os EUA aprovam, para os contras, verba de US$ 100 milhões condenada pela CIJ; o jornal oposicionista *La Prensa* é fechado por tempo indeterminado; a derrubada de um avião, com abastecimento para os contras, pilotado pelo americano Eugene Hasenfus, comprova a interferência dos EUA. **1987**: revogação parcial da censura à imprensa; protestos contra a nova Constituição (10/1) levam à supressão das eleições municipais; Alfredo Calero, em confronto com Robelo e Cruz, renuncia à presidência da União Nicaragüense Opositora e é substituído por Pedro Joaquín Chamorro Barrios, ex-dir. do *La Prensa*; tratado de paz de Esquipulas II (7/8); reabertura do *La Prensa* e da Rádio Católica; cessar-fogo dos contras em Jinotega e Nueva Segovia (7/10); a FSLN aceita negociar e anistia mil pessoas. **1988**: os signatários de Esquipulas II comprometem-se a negociar com os rebeldes; a Resistência Nicaragüense aceita dialogar com a FSLN (19/1); suspensão do estado de emergência e dos tribunais populares anti-somozistas; assinada trégua de sessenta dias em Sapoá; expulsão do emb. americano, acusado de conspirar contra os sandinistas; o país atinge a hiperinflação. **1989**: plano de austeridade demite 30 mil funcionários públicos (fev.); Ortega oferece eleições em nov. de 1990 e restabelecimento das liberdades políticas e de imprensa em troca da desmobilização dos contras por noventa dias. **1990**: libertação de 1.190 presos políticos; eleição de Violeta Chamorro, da UNO (26/2); os EUA cancelam o embargo; os contras suspendem as hostilidades (4/3); Chamorro mantém Humberto Ortega no comando militar (25/4); termina a desmobilização dos contras (27/6); greves paralisam o país; começam, no N, ataques dos "recontras", que rejeitam a desmobilização; prisão de seu líder, Aristides Sánchez (16/11). **1991**: a FSLN rejeita a acusação do assassinato de Enrique Bermúdez, líder dos contras (16/2); Chamorro escapa de atentado (27/4); atritos FSLN/governo devido à exigência de devolução de propriedades confiscadas pelos sandinistas (jun.); o *Le Monde* denuncia a existência de cemitérios clandestinos sandinistas (27/6); reeleição de Ortega para a sec.-geral da FSLN (jul.) leva a acordo sobre os confiscos (16/8); acordo com José Angel Morán, dos "recontras", interrompe os ataques (5/9); veto presidencial a 20 dos 33 artigos da lei que obriga a devolução de imóveis adquiridos no fim do regime sandinista (12/9); polêmica sobre a revogação parcial da reforma agrária sandinista. **1992**: congelamento temporário da ajuda dos EUA em represália contra a influência sandinista no governo (jun.); *La Prensa* pede a renúncia do gen. Humberto Ortega, que se recusou a depor no julgamento de oito militares acusados de assassinato (jul.); pressões de Washington levam ao afastamento do sandinista René Vivas Lugo, com. da Polícia Nacional (6/9); mas ele é substituído pelo sandinista moderado Fernando Caldera.

FATOS DO ANO

O não cumprimento do acordo de paz que pôs fim à guerra civil ameaça, em 1993, o governo de Violeta Barrios de Chamorro. Sem terras ou empregos que os reintegrem à sociedade, 2 mil "recompas" (ex-milicianos sandinistas) e "recontras" (somozistas remobilizados) voltam à luta armada até ago. de 1993. Some-se a isso a tensão, em 23/11/1992, com o assassinato de Arges Sequeira, da União dos Produtores Agrícolas, que pedia a devolução de terras confiscadas pelos sandinistas. Dirigentes patronais e a governista União Nacional Opositora responsabilizaram a FSLN por sua morte e, com o apoio da Igreja Católica, acusaram Chamorro de ser "manipulada" pelos sandinistas.

Racha no governo – As exigências de que sejam investigados casos de corrupção e de que sejam ressarcidos os 6 mil proprietários expropriados por Ortega levam, em jan. de 1993, à ruptura entre Chamorro e a coalizão que a elegeu. Essa confrontação já se iniciara em dez. de 1992, quando Chamorro, apoiada pela Suprema Corte, ordenara a ocupação da Assembléia Nacional para afastar do cargo seu presidente, Alfredo César Aguirre, que queria impugnar a atual legislatura. César é substituído, em jan. de 1993, por Gustavo Tablada Zelaya. O grupo de sustentação do governo no Legislativo passa a ser constituído por 39 deputados da FSLN e o Grupo de Centro, nove moderados que romperam com a UNO. Em fev., o sandinista Fernando Guzmán Cuadra é nomeado min. do Turismo; em represália, a UNO expulsa sua ala de centro-esquerda e muda de nome para Aliança Política Opositora.

Em jan. de 1993, com a taxa de crescimento econômico a apenas 0,5%, baixa nos preços do café e precisando de US$ 730 milhões de ajuda, o governo desvaloriza a córdoba para fazer crescer as exportações, cria incentivos aos investimentos e passa a priorizar a questão social. Abandona a política econômica ortodoxa que reduzira a inflação de 7.000%, em 1990, para 3,8% em 1992, mas fizera declinar a renda per capita e deixara 60% de desempregados ou subempregados.

A violência prossegue – Em 18/8 Chamorro anistia todos os rebeldes, na tentativa de desarmar grupos como os "recompas" da Frente Revolucionária Operária e Camponesa do ex-maj. Victor Gallego ("Pedrito el Hondureño"), que atacou agências bancárias e um hospital em Estelí; ou os "recontras" da Frente Norte 3-80, de José Ángel Talavera ("El Chacal"), que seqüestrou funcionários do governo em Caulatu, no norte. Mas os ataques e seqüestros prosseguem mesmo depois de Chamorro e Daniel Ortega, em documento conjunto, exortarem os dois lados à trégua. Cedendo, finalmente, às pressões da APO e dos EUA, Chamorro destitui, em 22/9, o chefe sandinista do Serviço Secreto e anuncia que, a partir de 1994, afastará H. Ortega de seu comando. Os sandinistas negam-lhe poderes para nomear ou demitir o chefe do Exército; mas a OEA a apóia, oferecendo mediação no diálogo governo/FSLN/APO. Esta última, porém, exige a renúncia dos deputados do Grupo de Centro – o que Chamorro recusa. A tensão aumenta com a greve dos transportes (20 a 24/9), apoiada pela FSLN/APO, que causa prejuízos de US$ 10 milhões e faz Chamorro acusar Ortega de querer "levar o país à destruição econômica". O prestígio do ex-presidente declina com duas descobertas: em mai., a de um *bunker* contendo armas e documentos da "conexão Manágua", que seqüestrou personalidades latino-americanas, entre elas o empresário brasileiro Abílio Diniz; e, em set., a de um arsenal da guerrilha guatemalteca, avaliado em US$ 5 milhões. Em ambos os casos, Ortega é acusado de ter permitido o armazenamento dessas armas. Em set., pesquisa oficial revela: 50% da população acham que o país era melhor durante a ditadura Somoza.

Níger

● **NOME OFICIAL:** República do Níger. **Capital:** Niamei. **Nacionalidade:** nigeriana. **Hino:** A Nigeriana (título). **Língua:** francês (oficial); tuaregue, haussá, djerma, fulani. **Religião:** islamismo (sunitas, 80%); animismo, 20%. **Data nacional:** 3/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da África. **Área:** 1.267.000 km². **Limites:** Argélia e Líbia (N); Chade (L); Nigéria e Benin (S); Burkina (SO); Mali (O). **Características:** deserto do Saara (centro, L e O); vale do rio Níger com falésias (SE); montanhas e maciço de Air (N e NE). **Ponto mais elevado:** monte Greboun (2.000 m). **Clima:** árido tropical (N); tropical com chuvas de verão (S). **Rio principal:** Níger. **Cidades principais:** Niamei (392.169 hab.); Zinder (119.838); Maradi (109.386); Tahua (49.941); Agadez (9.361) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 8.281.000 (est.1992); **urbana:** 20% (1990). **Composição demográfica:** haussás, 52,8%; djerma-songhai, 21%; tuaregues, 10,6%; peuls, 9,8%; kanuri, 4,5%; tedas, 0,5%; outros, 0,8% (1988). **Crescimento demográfico:** 3,3% (1990–1995). **Faixas etárias:** 0-14: 48,7%; 15-59: 46,2%; **mais de 60:** 5,1% (1988). **Densidade (hab./km²):** 7 (1992). **Natalidade:** 51,3 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 18,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 124 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 7,1 (1990). **Vida média homens:** 44,9; **mulheres:** 48,1 (1990–1995). **Médicos:** 1 por 38,5 mil hab. (1985). **Gastos com saúde:** 5,2% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 71,6% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 445,5 mil (1990); **professores:** 11,5 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 4,5 mil; **professores:** 341 (Universidade de Níger, 1988). **Gastos:** 10,3% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana. **Data da Constituição em vigor:** jan. de 1993. **Divisão administrativa:** 7 departamentos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Mov. Nac. por uma Sociedade de Desenvolvimento-Nassara; Convenção Democrática e Social pela Democracia e Socialismo, Aliança pela Democracia e Progresso. **Chefe de Estado:** pres. Mahaman Usman (desde 26/4/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. Mahamadu Issufu (desde 17/4/1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 833 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 36,3%; indústria, 15,5%; mineração, 6,4%; comércio e serviços, 41,8% do PIB (1989). **Agricultura:** algodão, milho, sorgo, mandioca, arroz. **Pecuária:** aves, caprinos, ovinos. **Pesca:** 3,4 mil t (1990). **Indústria:** processamento de produtos agrícolas (tubérculos, cereais, algodão e arroz); indústrias leves (têxtil, bebidas, cimento). **Minerais:** urânio, cassiterita, gesso, carvão, sal, ouro, minério de ferro (explorados); petróleo, fosfatos de cálcio, cobre, manganês, lítio, chumbo, diamante, tungstênio (reservas). **Exportações:** US$ 280 milhões; **produtos:** minério de urânio, animais vivos (1992). **Importações:** US$ 264 milhões; **produtos:** cereais, máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturados, derivados de petróleo, químicos (1992). **Parceiros comerciais:** França, EUA, Costa do Marfim, Nigéria, Alemanha, Japão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 276,25 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 300 (1991); **crescimento anual:** -0,9% (1980–1991). **Inflação:** 7,8% (1991). **Dívida externa:** US$ 1,7 bilhão (1991). **Força de trabalho:** 2,3 milhões; **distribuição:** agricultura, 77,8%; indústria, 3,7%; comércio e serviços, 15,4%; outros, 3,1%; **mão-de-obra feminina:** 20,7% (1988). **Desemprego:** 46,8% (1989).

● **DEFESA:** Efetivo total: 3,3 mil (1992); **Exército:** 3,2 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 100; **outros:** 4,3 mil paramilitares. **Gastos:** 5,2% do orçamento (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 40 mil km; 8% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 34 mil; **automóveis:** 16 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Gaya (rio Níger); usa os portos Harcourt (Nigéria), Lomé (Togo) e Tema (Gana). **Linhas aéreas:** Air Afrique (vôos internacionais); SONITA; Trans-Niger Aviation (domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 20 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 321 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 563 hab. (1985). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 0,6 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 417 East 50th, Street, New York, NY 10022, EUA, tel. (212) 421-3260.

HISTÓRIA

Talvez conhecido dos primitivos egípcios, tornou-se, durante mil anos, campo de batalha para povos africanos até a chegada do europeu (séc. XVIII). **1901 – 1922:** vencendo a resistência tuaregue, a França coloniza a região. **1946:** criada assembléia consultiva; concessão de cidadania francesa à população. **1958:** República autônoma dentro da Comunidade Francesa. **1960:** independência (3/8); Hamani Diori é o presidente. **1964/65:** atentados, inclusive contra Diori, dirigidos do exílio pelo oposicionista Djibo Bakari. **1974:** Seini Kuntchê derruba Diori e exige a retirada das tropas francesas. **1976:** falha golpe dos ex-min. Mussa Baiere e cap. Sidi Mohamed. **1980:** refugiados chadianos entram no país. **1983:** adoção por Kuntchê de medidas liberalizadoras; Hamid Algabit chefia gabinete civil. **1984:** anistia para presos políticos, incluindo os envolvidos no golpe de 1976. **1987:** morte de Kuntchê (11/11); o cel. Ali Seibu assume. **1989:** nova Constituição conserva o monopartidarismo; abolição do cargo de 1º-ministro (20/12). **1990:** Aliu Mahamidu assume o cargo restabelecido de 1º-ministro (abr.); ataques tuaregues ao quartel de Tchin Tabaraden; após greves (ago./nov.), Seibu promete o multipartidarismo. **1991:** fusão de ministérios para reduzir despesas do governo (jan.); concessões à oposição impedem nova greve geral (abr.); Seibu renuncia à pres. do MNDS (20/7); a Conferência Nacional decide ter poderes executivos, nomeia o oposicionista André Salifu seu presidente e dá a Seibu funções apenas cerimoniais (9/8); inquérito sobre a repressão aos tuaregues em Tchin Tabaraden leva o chefe do Estado-Maior, cel. Tumba Bubacar, a tentar fechar a CN, para impedir o julgamento de cinco militares; mas seu golpe fracassa (29/8); o governo é dissolvido (10/9); Amadu Cheiffu é o 1º-min. interino (26/10); a CN é dissolvida (3/11) e Salifu torna-se o pres. do Legislativo interino; nomeação de um gabinete de tecnocratas sem partido (4/11); prisão do cap. Malik Bureima, acusado do massacre de tuaregues (out.). **1992:** Cheiffu aceita negociar com o tuaregue Rissa Bula, da Frente de Libertação de Air e Azauad, que pede autonomia regional (5/1); fechamento do posto de Assamaka, na fronteira com a Argélia, para

impedir o reabastecimento dos tuaregues (25/1); apoio popular a Cheiffu faz fracassar tentativa de golpe (28/2); o impopular min. do interior, Mohamed Mussa, é substituído pelo moderado Dauda Rabiu (27/3), mas, como ele é tuaregue, as conversações com a FLAA que estava articulando são suspensas.

FATOS DO ANO

A criação, em 31/1/1993, do Ministério da Rebelião e Reconciliação Nacional não põe fim à rebelião dos tuaregues, que não confiam no titular da nova pasta, Albert Wright, min. das Comunicações e Cultura e porta-voz do governo. Recomeça a ofensiva no Tchin Tabaraden, a nordeste, deixando trinta mortos. A incapacidade do governo em negociar contribui para sua derrota nas legislativas de 14/2. A oposicionista Aliança das Forças de Mudança (AFM) fica com o controle da Assembléia Nacional, regida pela nova Constituição, aprovada por 89,79% dos votos no plebiscito de 26/12/1992, que criou a III República nigerina.

Tentando obter financiamentos externos, o 1º-min. interino Amadu Cheiffu reatara com Formosa, em jul. de 1992, relações rompidas em 1974. Isso lhe valeu o empréstimo de US$ 50 milhões; mas também a ruptura com a China e protestos dos esquerdistas do Alto Conselho da República. Essas divergências ainda não tinham amainado ao se realizarem, em 27/2 e 27/3/1993, as eleições presidenciais, de que sai vitorioso, no segundo turno, Mahaman Usman, da Convenção Social-Democrática, membro da AFM. As eleições tinham sido precedidas, em mar., pela greve do funcionalismo, que abalara definitivamente o governo.

As dificuldades surgem logo. O MNDS, ex-partido único, não aceita a escolha de Mumuni Adamu Djermakoye, do *Zaman Lahiya* (Aliança Nigeriana pela Democracia e o Progresso), para pres. da Assembléia (13/4); e de Mahamadu Issufu, do *Tarayya* (Partido Nigeriano pela Democracia e o Socialismo (17/4), para 1º-ministro; e convoca manifestações contra eles. Pressionada, a Suprema Corte anula, em 23/4, a escolha de Djermakoye; mas na nova eleição (14/5) ele é reescolhido pelos 55 votos da AFM (os 33 deputados do MNDS abstêm-se de votar, mas, dessa vez, o aceitam).

Em 10/6, é suspenso o estado de emergência no norte do país e obtém-se, com os tuaregues, cessar-fogo por mais três meses. A trégua prevê liberdade de movimento para eles entre o Níger e a Argélia e reassentamento de 10 mil refugiados no país vizinho. Em 11/6, porém, Attaher Abdul Munim, chefe da ala militar da Frente de Libertação do Air e Azauad, opõe-se ao acordo, negociado por Rissa Bula, chefe da ala política; e, em 24/6, cria o Exército Revolucionário de Libertação do Norte de Níger e reinicia a luta armada. Cria-se, assim, o clima para que, em 16/7, após manifestações de soldados que reclamavam soldos atrasados, oficiais ligados ao antigo governo tentem derrubar Usman. O golpe fracassa, mas demonstra a fragilidade de seu governo.

Nigéria

● **NOME OFICIAL:** República da Nigéria. **Capital:** Abuja. **Nacionalidade:** nigeriana. **Hino:** *Nigéria, nós te saudamos* (1º verso). **Língua:** francês (oficial); línguas indígenas (haussá, tuaregue, djerma e fulani, principais). **Religião:** islamismo, 85% (seitas sufis: tijanis, sanusis e hamalis); animismo; cristianismo. **Data nacional:** 1º/10 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da África. **Área:** 923.768 km². **Limites:** Níger (N); lago do Chade (NE); Camarões (L); golfo da Guiné (S e SO); Benin (O). **Características:** litoral com lagos; região plana e baixa com as depressões dos vales do Níger e do Benuê (S); elevações e platôs (centro, N); planícies e lago do Chade (NE). **Ponto mais elevado:** pico Dimlang (2.042 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão (N); equatorial (S). **Rios principais:** Níger, Benuê, Socoto, Caduna. **Cidades principais:** Lagos (1.347.000 hab.); Ibadan (1.295.000); Kano (699.900); Ogbomosho (660.600); Oshogbo (441.600) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 89.666.000 (est.1992); **urbana:** 35,2% (1990). **Composição demográfica:** haussás, 21,3%; iorubas, 21,3%; ibos, 18%; peuls, 11,2%; ibibios, 5,6%; kanuris, 4,2%; edos, 3,4%; tivs, 2,2%; ijos, 1,8%; buras, 1,7%; nupês, 1,2%; outros, 8,1% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,2% (1990–1995). **Faixas etárias:** 0-14: 47,4%; **15-59:** 48,4%; **mais de 60:** 4,2% (1990). **Densidade (hab./km²):** 97,1 (1992). **Natalidade:** 46,5 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 14 por 1.000; **mortalidade infantil:** 96 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,6 (1990–1995). **Vida média homens:** 50,8; **mulheres:** 54,3 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,2 mil hab.; **médicos:** 1 por 6,6 mil hab. (1986). **Gastos com saúde:** 1,5% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 49,3% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 15,4 milhões (1989/90); **professores:** 480,9 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 55,1 mil; **professores:** 3,2 mil (1989/90). **Gastos:** 4,1% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República presidencialista (sob regime militar). **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 27/8/1993. **Divisão administrativa:** 30 Estados. **Regime partidário:** bipartidarismo; **partidos:** Social Democrata, Convenção Republicana Nacional. **Chefe de Estado e de governo:** gen. Sani Abacha (desde 17/11/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado com 91 membros e Câmara dos Representantes com 593 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 39,2%; indústria, 10,7%; mineração, 12,7%; comércio, 13,1%; serviços, 24,3% do PIB (1991). **Agricultura:** cacau, tubérculos, óleo de palma, borracha, arroz, milho, mandioca, sorgo, milhete. **Pecuária:** caprinos, ovinos, bovinos. **Pesca:** 316,3 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, petrolífera, metalúrgica, siderúrgica, veículos, têxtil, fumageira, calçados, farmacêutica, polpa e papel, cimento. **Minerais:** petróleo, gás natural, carvão, estanho, minério de ferro, urânio. **Exportações:** US$ 11,1 bilhões; **produtos:** petróleo, semente de cacau, borracha (1990). **Importações:** US$ 4,6 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, químicos, alimentos (1990). **Parceiros comerciais:** Grã-Bretanha, EUA, França, Alemanha, Espanha, Itália, Holanda. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** naira (dividida em 100 kobo); **cotação para 1 US$:** 19,65 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 34,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 290 (1991); **crescimento anual:** 1,4% (1980–1991). **Inflação:** 46% (1992). **Dívida externa:** US$ 34,5 bilhões (1992). **Força de trabalho:** 30,8 milhões; **distribuição:** agricultura, 43,1%; indústria, 6%; comércio e serviços, 44,4%; outros, 6,5% (1986); **mão-de-obra feminina:** 19,7% (1988–1990). **Desemprego:** 3,4% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 76 mil (1992); **Exército:** 62 mil; **Marinha:** 4,5 mil; **Força Aérea:** 9,5 mil. **Gastos:** 1,4% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 124 mil km; 48% pavimentados (1984); **nº de veículos:** 1,4 milhão; **automóveis:** 785 mil (1990). **Ferrovias:** 3,5 mil km (1987). **Portos:** Lagos-Apapa, Tin Can Island, complexo Delta Port, Port Harcourt, Calabar; Bonny, Burutu (petróleo). **Linhas aéreas:** Nigeria Airways (vôos internacionais e domésticos); Kabo Air, Okada Air (domésticos e charters); Intercontinental Airlines, Aero Contractors of Nigeria (charters).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 12 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 30 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 117 hab. (1988). **Jornais diários:** 24; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 18 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SEN - Av. das Nações, lote 5, CEP 70459-900, Brasília, DF; tel. (061) 226-1717.

HISTÓRIA

À cultura Nok (700–200 a.C.) seguem-se a iorubá,os contatos com os reinos do Sudão Ocid. (Idade Média) e a islamização, ao N (séc. XIV); na costa, portugueses e ingleses traficavam escravos (séc. XV–XVII). **1861 – 1914**: anexação inglesa de Lagos. **1915 – 1951**: autonomia gradual. **1952 – 1954**: transição para o autogoverno. **1960 – 1963**: independência; República Federativa no Commonwealth. **1966**: golpe do ibo maj.-gen. Johnson Aguiye-Ironsi, assassinado pelos antiibos do Exército; o ten.-cel. Iacubo Gouon assume; massacre e fuga do N de mais de 1 milhão de ibos. **1967**: redivisão administrativa com bases étnicas; no L, o ten.-cel. Odumegu Ojucu proclama a República de Biafra; invasão federal, guerra civil. **1968/69**: epidemia de fome. **1970**: rendição de Biafra; anistia aos que aceitam a autoridade federal. **1973**: adoção da naira. **1975**: golpe do gen. Murtala Rufai Mohamed que, em **1976**: morre num golpe frustrado; assume o gen. Olusegum Obasanjo; criados sete novos Estados; começa a construção de Abuja, a nova capital. **1979**: nova Constituição (1º/10); eleição de Shehu Shagari, 1º presidente civil em treze anos. **1983**: reeleição de Shagari; denúncias de corrupção; golpe do gen. Mohamed Buhari (31/12). **1984**: proibição dos partidos, repressão, conflitos entre muçulmanos e animistas; fracassa, em Londres, seqüestro do dissidente Uamaru Dikko, ex-min. dos Transportes; impasse nas negociações com o FMI. **1985**: golpe do gen. Ibrahim Babangida (27/8). **1987**: conflito entre cristãos e muçulmanos; criado Conselho Nacional Consultivo para Questões Religiosas; Comissão Nacional Eleitoral prepara o pleito de 1992. **1990**: fracassa golpe de Nguassa Orkar; prisão e execução dos golpistas (abr./set.); Babangida restringe o poder dos militares; revisão da legislação eleitoral (nov.); eleições locais (8/12): vitória parcial do PSD; na Guerra do Golfo, apoio ao Ocidente. **1991**: fim dos subsídios aos partidos legais; toque de recolher em Bauchi, no N (23/4), por conflitos religiosos; acordo com o Camarões sobre direitos de pesca (17/7); criação de nove Estados novos, para separar etnias inimigas, provoca protestos: 300 mortos (ago.); toque de recolher (14/10); anuladas fraudulentas eleições para escolha de candidatos a governador (19/10); novo recenseamento (27 a 29/11) elimina eleitores fantasmas; a capital muda para Abuja (12/12); eleições para governador (14/12): o PSD fica com 16 Estados e a CNR, com 14; anistia para toda a oposição (19/12); libertação de 11 dissidentes (20/12); suspensa a lei que proibia membros de ex-governos de se candidatarem. **1992**: a prisão de 263 militantes muçulmanos provoca luta interétnica no Estado de Katsina (jan.), o que força a antecipação das legislativas; ajuda nigeriana a rebeldes do Chade: atritos com Ndjamena e fechamento da fronteira (jan.), depois, compromisso de interromper essa ajuda (fev.); trinta mortes, no Estado de Kaduna, em lutas entre hausas e katafs (fev.); litígios de terra entre tivs e jukins, no Estado de Taruba, com 5 mil mortos (mar.); o SDP ganha 52 cadeiras no Senado e 314 na Câmara, contra 37 e 275 da CNR (4/7); anulação das primárias para presidente por fraude (jul.).

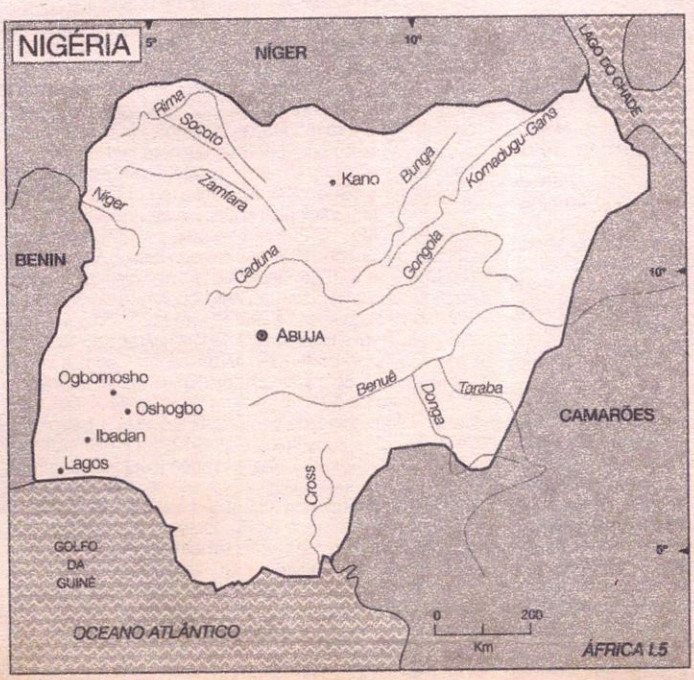
FATOS DO ANO

O estabelecimento, em 4/1/1993, do Conselho de Transição nada muda, pois, no mesmo dia, também se instala o Conselho de Segurança e Defesa Nacional, liderado pelo pres. Ibrahim Babangida. Em 5/2, a Comissão Eleitoral Nacional anuncia que, às eleições presidenciais de jun., não poderão concorrer os 23 ex-candidatos do pleito cancelado em 1992 nem os dirigentes dos dissolvidos partidos Social Democrata e Nacional Republicano; e que o governo deve aprovar todos os candidatos.

Raízes econômicas da crise – As medidas impostas pelo FMI – desvalorização de 30% da naira e sua flutuação em relação ao dólar – produziram aumento de preços e arrocho salarial. Privatizações desordenadas desestruturaram o parque industrial. Na metade de 1992, o governo foi obrigado a importar petróleo, aumentando as tarifas de transporte público, o que provocou revoltas populares. A inflação subiu de 13%, em 1991, para 46% em dez. de 1992 – mês em que o min. das Finanças, Oladele Olashore, anunciou o acordo, com o Clube de Londres, de redução da dívida externa em US$ 6,3 bilhões. Isso dá condições ao 1º-min. de transição, chefe Ernest Shonekan, de acertar, com o 1º-min. britânico, John Major, ajuda a um Plano de Desenvolvimento trienal. Mas não impede a greve geral do funcionalismo e dos empregados das estatais, que exigem reajuste salarial de 45%.

Em 10/6/1993, a Alta Corte de Abuja aceita o pedido de uma organização civil, ligada a Babangida, de que os militares fiquem no poder até 1997. Mas a suspensão das eleições não é acatada pela Comissão Eleitoral. Elas são realizadas em 12/6, como previsto, mas Babangida as anula, em 23/6. Em conseqüência, os EUA e a Grã-Bretanha suspendem a ajuda e o treinamento militar e congelam as relações diplomáticas com a Nigéria. A reação externa anima Moshud Kashimauo Olauale Abiola, milionário muçulmano candidato do Partido Social Democrata, de centro-esquerda, a proclamar-se presidente e conclamar o povo à desobediência civil. Assim pressionado, Babangida promete novas eleições até 27/8. Mas as novas regras excluem explicitamente Abiola e o candidato nacional republicano, Bashir Othma Tofa.

A onda de protestos e repressão (jun./jul.) faz com que ele renuncie, em ago., entregando a presidência provisória a Shonekan. Mas os sindicatos convocam greve geral, exigindo a posse de Abiola, que, ao voltar do exílio em Londres (24/9), é aclamado por milhares de eleitores. Em 10/11, a



Suprema Corte declara inconstitucional o governo de Shonekan; cinco dias depois, os sindicatos decretam greve contra o aumento de 600% no preço dos combustíveis. Em 17/11, Shonekan entrega o poder ao min. da Defesa, gen. Sani Abacha, que dissolve a Assembléia, os partidos e a comissão eleitoral, proíbe a atividade política e ordena o fim da greve – no que é prontamente atendido. Suprime a censura aos jornais do grupo Concorde, de Abiola, mas adverte-os de que devem dar "provas de moderação"; e promete "para breve" a convocação de uma Constituinte.

Noruega

● **NOME OFICIAL:** Reino da Noruega. **Capital:** Oslo. **Nacionalidade:** norueguesa. **Hino:** *Sim, nós amamos esta nossa terra* (1º verso). **Língua:** norueguês, em 2 formas: bokmaal (antigo, maioria) e nynorsk (neonorueguês) (oficiais); lapão (N). **Religião:** cristianismo (luteranos, 92% – oficial; católicos, 0,7%). **Data nacional:** 17/5 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da Europa. **Área:** 323.878 km². **Limites:** oceano Ártico (N); Rússia, Finlândia (NE); Suécia (L); mar do Norte (S); oceano Atlântico (O). **Características:** planalto com numerosos lagos (maior parte); litoral recortado por profundos fiordes, baías, golfos e ilhas; cadeias montanhosas (centro S). **Ponto mais elevado:** monte Galdhoeppigen (2.469 m). **Clima:** temperado oceânico (litoral); temperado continental (interior); frio (N). **Rios principais:** Glomma, Lagen. **Cidades principais:** Oslo (467.100 hab.); Bergen (216.000); Trondheim (139.700); Stavänger (99.800) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 4.283.000 (est.1992); **urbana:** 75% (1990). **Composição demográfica:** noruegueses, 96,6%; dinamarqueses, suecos, britânicos, paquistaneses, americanos, vietnamitas (minorias) (1991). **Crescimento demográfico:** 0,3% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 19%; **15-59:** 60,1%; **mais de 60:** 20,9% (1991). **Densidade (hab./km²):** 13,2 (1992). **Natalidade:** 14,3 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 10,5 por 1.000; **mortalidade infantil:** 7 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,9 (1990). **Vida média homens:** 73,4; **mulheres:** 79,8 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 168 hab. (1990); **médicos:** 1 por 309 hab. (1991). **Gastos com saúde:** 22,8% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 712,4 mil; **professores:** 54,6 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 138 mil; **professores:** 7,6 mil (1990/91). **Gastos:** 9% do orçamento (1993).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 17/5/1814. **Divisão administrativa:** 19 condados. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Trabalhista, Conservador, Progressista, Esquerda Socialista, Cristão Democrático, do Centro. **Chefe de Estado:** rei Harald V (desde 17/1/1991). **Chefe de governo:** 1ª-.min. Gro Harlem Brundtland (desde fev./1981). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 165 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 2,9%; indústria, 21,7%; mineração, 14,9%; comércio e serviços, 60,5% do PIB (1990). **Agricultura:** cevada, batata, aveia, trigo. **Pecuária:** ovinos, bovinos, suínos. **Pesca:** 1,9 milhão t (1991). **Indústria:** alimentícia, química, manufaturas de metais não ferrosos, papel, máquinas industriais e equipamentos de transporte (construção de embarcações, principal). **Minerais:** petróleo, gás natural, minério e piritas de ferro, cobre, chumbo, zinco. **Exportações:** US$ 22,2 bilhões; **produtos:** petróleo e gás natural, equipamentos de transporte, manufaturas de metal, pescados (1991). **Importações:** US$ 25,5 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Grã-Bretanha e Alemanha, principais), Suécia, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** coroa norueguesa (dividida em 100 ore); **cotação para 1 US$:** 6,92 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 102,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 24.160 (1991); **crescimento anual:** 2,5% (1980–1991). **Inflação:** 2,3% (1992). **Força de trabalho:** 2,1 milhões; **distribuição:** agricultura, 5,5%; indústria, 21,9%; comércio e serviços, 72,6% (1991); **mão-de-obra feminina:** 43,6% (1990). **Desemprego:** 5,9% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 32,7 mil (1992); **Exército:** 15,9 mil; **Marinha:** 7,3 mil; **Força Aérea:** 9,5 mil; **outros:** 680 (guarda costeira) e 500 (guarda nacional). **Gastos:** 6,8% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 88,8 mil km; 70% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 2 milhões; **automóveis:** 1,6 milhão (1991). **Ferrovias:** 4,2 mil km (1990). **Portos:** Narvik, Bergen, Stavänger, Oslo, Trondheim. **Linhas aéreas:** DNL, Braathens, SAFE (vôos internacionais e domésticos); Widerõe's Flyrelskap (domésticos); Norsk Air (regionais); Busy Bee (charters).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 76; **receptores:** 1 por 1,3 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 54; **receptores:** 1 por 2,9 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 2 hab. (1990). **Jornais diários:** 61; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 508 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES - Av. das Nações, lote 28, CEP 70418-900, Brasília, DF; tel. (061) 243-8720.

HISTÓRIA

Na *Crônica Anglo-Saxônica* (séc.VIII), há a primeira menção aos vikings, navegadores que, em suas viagens, chegaram a atingir a Inglaterra: eles unificaram seus reinos em 900, na batalha de Hafrsfjord e dominaram a Islândia e a Groenlândia, descoberta por Leif Ericsson. Olav Haraldsson e Magnus, o Bom, reinaram sobre a Dinamarca, até que ela foi perdida, em 1066, por Harald, o Severo. Em 1274/76, Magnus o Legislador criou o primeiro código do país. Unida à Suécia (1319), a região incorporou-se a ela e à Dinamarca, na União de Kalmar (1397–1813). **1814:** a Dinamarca, aliada da França nas guerras napoleônicas, é derrotada e perde a Noruega para a Suécia; os noruegueses adotam Constituição própria e escolhem como rei um príncipe dinamarquês, mas o Exército sueco força-o à união. **1866 - 1873:** cem mil pessoas emigram para os EUA. **1905:** independência; o princ. Carlos, da Dinamarca, torna-se o rei Haakon VII. **1914 – 1918:** embora neutra, sua frota comercial sofre perdas. **1940 – 1945:** ocupação alemã; Haakon VII forma governo no exílio em Londres; gabinete fantoche do nazista Vidkun Quisling elimina do poder os trabalhistas, que governavam desde 1935; libertação (mai. de 1945). **1949:** abandono da tradicional política de neutralidade; o país adere à OTAN. **1952:** torna-se uma das fundadoras do Conselho Nórdico. **1957:** morte de Haakon VII; assume seu filho Olaf V. **1965:** derrota dos trabalhistas, no poder há trinta anos; Per Borten chefia coalizão não socialista. **1972:** plebiscito rejeita a entrada no MCE; com isso, cai o 1º-min. Trygve Bratelli, do PT. **1973:** vitória do PT (set.); Bratelli volta ao poder. **1974/75:** disputas com a URSS sobre a pesca do bacalhau e os diretos de navegação no mar de Barents. **1976:** Bratelli renuncia em favor de Odvar Nordli. **1980:** prejuízos com a greve do setor petrolífero. **1981:** Nordli é substituído por Gro Harlem Brundtland; vitória do conservador Kaare Willoch (set.). **1986:** renúncia de Willoch após rejeição de seu programa econômico (29/4); volta a trabalhista Brundtland. **1989:** PT e PC perdem cadeiras para o Partido do Progresso (11/9); o conservador Jan Syse lidera governo minoritário. **1990:** renúncia de Syse por divergências sobre a entrada na CEE (29/10); Brundtland volta com apoio dos centristas e da esquerda socialista; na Guerra do Golfo, Oslo apóia os aliados. **1991:** morte de Olaf V, assume Harald V; vitória, nas eleições comunitárias e regionais (9/10), dos partidos hostis à entrada na CEE; aumento de 50% nos programas de

apoio à infância, transporte ferroviário e proteção ao meio ambiente (out.); a falência do Christiana Bank of Kreditkasse força o aumento do Fundo Nacional de Seguro Bancário (out.). 1992: início da campanha pró-adesão à CEE (abr.).

FATOS DO ANO

Os 89,1% de votos dos trabalhistas, nas eleições de 13/9/1993, garantem a permanência da 1ª-min. Gro Harlem Brundtland no poder. São o resultado de sua política econômica, que baixou a inflação a 2%, reduziu juros, manteve os preços estáveis e combateu o desemprego. Também o "efeito Holst" rende votos aos trabalhistas. Em abr. de 1993, o min. da Defesa, Johan Jörgen Holst substitui, na Chancelaria, Thorvald Stoltenberg, negociador da ONU na Iugoslávia. Será ele o mediador do acordo Israel/OLP, conduzindo as conversações secretas entre os delegados israelenses e palestinos – e isso dá grande crédito à diplomacia norueguesa no plano internacional. Dessa forma os trabalhistas, que só teriam obtido 25% dos votos se as eleições fossem em 1992, superam a fase de instabilidade que o partido atravessava e ganham as eleições com resultados inesperados.

No primeiro semestre de 1993, era frágil o quadro econômico. Em mai., o min. das Finanças, Sigbjörn Johansen, anuncia que o crescimento do PIB não ultrapassaria 0,8%, e que o déficit público, excluindo-se as rendas provenientes do petróleo e gás explorados no mar do Norte, ia ampliar-se para 77,1 bilhões de coroas, contra a previsão inicial de 76,6 bilhões. Para combater esse quadro, anuncia-se a privatização gradual dos bancos comerciais, a começar pelo Christiana Bank of Kreditkasse, o segundo maior do país; e medidas que visam à criação de novos empregos, estímulo à exportação de outros produtos além do petróleo, e à elevação da competitividade industrial.

Mas Brundtland terá problemas com os oposicionistas do Partido Agrário de Centro – que obtiveram 18,6% nas urnas – e com os socialistas, pois ambos são contrários a seus planos de adesão à CEE, que vetaram, por 104 votos a 55, em 19/11/1992. O apoio que uma parte do eleitorado dá à rejeição ao ingresso na CEE explica que o PAC dobre, em 1993, os votos recebidos na eleição anterior. Na Noruega, portanto, o braço-de-ferro da unificação européia está em mãos de duas mulheres: a pres. Brundtland e sua principal rival, Anne Enger Lahnstein, líder do PAC, de um conservadorismo que a leva a ser ferrenhamente contrária à unificação européia.

Nova Zelândia

● **NOME OFICIAL:** Domínio da Nova Zelândia. **Capital:** Wellington. **Nacionalidade:** neozelandesa. **Hino:** *Deus salve a Nova Zelândia* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); maori. **Religião:** cristianismo (anglicanos, 21,4%; presbiterianos, 16%; católicos, 14,8%; metodistas, 4,1%); sem filiação religiosa, 19,7%. **Data nacional:** 6/2 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Oceania. **Área:** 267.844 km². **Limites:** oceano Pacífico; estreito de Cook (entre as ilhas do Norte e do Sul). **Características:** arquipélago formado pelas ilhas do Norte, do Sul e Steward, cortadas por numerosos rios; litoral recortado por fiordes; vulcões ativos; gêiseres, fontes termais e sulfaratas (ilha do Norte); estreita planície litorânea, alpes Neozelandeses (O) e lagos glaciares (ilha do Sul). **Ponto mais elevado:** monte Cook (3.764 m). **Clima:** temperado oceânico. **Rios principais:** Waikato, Rangitaiki, Wanganui (ilha do Norte), Wairau, Rangitata, Clutha (ilha do Sul). **Cidades principais:** Auckland (315.925 hab.); Christchurch (292.537); Manukau (225.928); Wellington (149.598) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +15h.

● **POPULAÇÃO:** 3.481.000 (est.1992); **urbana:** 75,9% (1991). **Composição demográfica:** europeus, 73,8%; maoris, 9,6%; polinésios, 3,6%; outros, 13% (1991). **Crescimento demográfico:** 0,9% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 23,2%; 15-59: 61,4%; mais de 60: 15,4% (1991). **Densidade (hab./km²):** 12,9 (1992). **Natalidade:** 17,8 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 7,9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 8,3 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,2 (1991). **Vida média homens:** 72; **mulheres:** 77,9 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 114 hab.; **médicos:** 1 por 359 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 13,4% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 707,3 mil; **professores:** 36,8 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 78,9 mil; **professores:** 3,8 mil (1990). **Gastos:** 15,8% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Constituição:** não há Constituição escrita; segue a legislação britânica. **Divisão administrativa:** 93 distritos e 4 distritos maoris. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Nacional, Trabalhista. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, representada pela gov.-geral Catherine Tizard (desde 20/11/1990). **Chefe de governo:** 1º-min. James B. Bolger (desde out./1990, reeleito em 1993). **Legislativo:** unicameral – Câmara dos Representantes, com 97 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 9%; indústria, 24%; mineração, 1%; comércio, 17,1%; serviços, 48,9% do PIB (1988/89). **Agricultura:** cevada, trigo, milho, frutas (kiwi, maçã e pêra, principais). **Pecuária:** ovinos, bovinos, veados. **Pesca:** 565,4 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, impressão e editoração, madeireira, papel e derivados, química, manufaturas de metal, máquinas industriais e equipamentos de transporte. **Minerais:** carvão, petróleo, gás natural, ferro, ouro, silica. **Exportações:** US$ 9,6 bilhões; **produtos:** alimentos (carne, laticínios, peixe, verduras e legumes); fibras têxteis (1991/92). **Importações:** US$ 7,6 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, minerais, químicos, plásticos (1991/92). **Parceiros comerciais:** Austrália, EUA, Japão, países membros da CEE (Grã-Bretanha, principal). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dólar da Nova Zelândia (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,95 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 41,6 bilhões; **renda per capita:** US$ 12.140 (1991); **crescimento anual:** 1% (1980–1991). **Inflação:** 1% (1992). **Força de trabalho:** 1,6 milhão; **distribuição:** agricultura, 9,4%; indústria, 20,6%; comércio, 19,3%; serviços, 40,7%; outros, 10% (1992); **mão-de-obra feminina:** 43,5% (1991). **Desemprego:** 10,3% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 10,9 mil (1992); **Exército:** 4,8 mil; **Marinha:** 2,4 mil; **Força Aérea:** 3,7 mil.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 93 mil km; 56% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 1,9 milhão; **automóveis:** 1,6 milhão (1990). **Ferrovias:** 4,2 mil km (1990). **Portos:** Auckland, Tauranga, Wellington, Lyttleton (em Christchurch) Port Chalmers (em Dunedin). **Linhas aéreas:** Air New Zealand (vôos internacionais e domésticos); Air Nelson, Ansett New Zealand, Mount Cook Airline (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 38; **receptores:** 1 por 1,1 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 6; **receptores:** 1 por 3,1 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,4 hab. (1988). **Jornais diários:** 34; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 306 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 1 United Nations Plaza, 25th Floor, New York, NY 10017, EUA, tel. (212) 826-1960.

HISTÓRIA

Descoberta pelo holandês Abel Tasman (1642), foi visitada pelo britânico cap. James Cook (1769). No fim do séc. XVIII, os ingleses estabeleceram, na costa, colônias de baleeiros. **Séc. XIX:** imigração em grande escala. **1840:** Tratado de Waitangi: os maoris submetem-se à soberania inglesa em troca da posse de suas terras; programa de colonização da Companhia Britânica da Nova Zelândia. **1845 – 1848:** os maoris rebelam-se contra o não cumprimento do tratado e são derrotados. **1860 – 1870:** nova derrota maori; descoberta do ouro (1861): cresce a imigração. **1907:** concessão do status de domínio. **1914 – 1918 e 1939 – 1945:** luta com os aliados nas duas guerras mundiais. **1947:** independência (Estatuto de Westminster). **1951:** forma o ANZUS, com os EUA e a Austrália. **1962:** separação da Samoa Ocid. **1971:** retirada de suas tropas do Vietnã. **1975:** derrota dos trabalhistas; renúncia do 1º-min. Wallace Rowling; assume Robert Muldoon, do Partido Nacional. **1980:** expulsão do emb. soviético, acusado de financiar o Partido Socialista Unido; em represália, a URSS expulsa o emb. neozelandês. **1984:** vitória do trabalhista David Lange (jul.). **1985/86:** atentado do serviço secreto francês (10/7) ao navio da organização ecologista *Greenpeace*, que supervisionaria os testes nucleares no atol de Mururoa, em que morre uma pessoa, leva a acordo com Paris sobre esses testes (7/7). **1986 – 1988:** plano econômico reduz a inflação mas com falências e desemprego. **1989/90:** Lange renuncia; assumem Geo-

ffrey Palmer (7/8) e Mike Moore (set.); o PN obtém 68 das 97 cadeiras no Parlamento; James Bolger assume e, em **1991**: anuncia medidas drásticas de combate ao déficit público (1º/4); protestos e greve convocada pelas Câmaras do Comércio; queda do apoio ao PN devido ao plano econômico da min. Ruth Richardson, que extingue vários dos benefícios sociais; a oposição pede à Coroa britânica que demita Bolger (ago.); devido ao plano Richardson, ruptura com o PN dos parlamentares Gilbert Myles e Hamish McIntyre (15/8), e do min. para os Assuntos Maoris, Winston Peters, que passam para a oposição; formação da Aliança, coalizão oposicionista do Novo Partido Trabalhista, de Jim Anderson, com os partidos Democrático, Verde de Aotearoa, e *Mana Motuhake*, dos maoris (dez.). **1992**: Muldoon rompe com o PN, em protesto contra a política econômica de Bolger, e renuncia a seu mandato no Parlamento (jan.); a Aliança tem 38% de votos nas eleições complementares (fev.); privatização de quatro estatais no valor de US$ 600 milhões (mai.).

FATOS DO ANO

Os 49 deputados que o 1º-min. James Bolger, do Partido Nacional, elege nas legislativas de 9/11/1993, contra 46 da oposição trabalhista, de Michael Moore, deixam-no à frente de um governo frágil. Isso se deve à insatisfação do eleitorado com a "Rogernomics", a desregulamentação econômica introduzida, em 1987, durante a gestão do trabalhista David Lange, pelo min. das Finanças, Roger Douglas, e mantida por sua sucessora, Ruth Richardson, no governo de Bolger. A "Rogernomics" liberou taxas de juros e câmbio, eliminou subsídios e barreiras comerciais, deu autonomia ao Banco Central e reduziu impostos, reduzindo a inflação a menos de 1% e projetando para o PIB crescimento 3% (1993).

Mas seu custo social foi elevado: 10% de desemprego e a sensação, entre sindicalistas, universitários e aposentados, de terem arcado com o custo da reforma sem receber seus benefícios – o que se traduz, no início de 1993, no mais baixo índice de popularidade de Bolger desde sua chegada ao poder. E os sociólogos atribuem à política radical do PN o aumento da criminalidade, da pobreza e da intolerância contra os imigrantes asiáticos e polinésios que disputam emprego, no mercado de trabalho, com os habitantes locais.

Acordo com os maoris – Em nov. de 1992, houve um primeiro resultado nas negociações que, há décadas, vinham sendo feitas pelos trabalhistas e o PN para atender às reivindicações dos nativos maoris. Estes acusavam o governo neozelandês de não honrar o Tratado de Waitangi, de 1840, firmado com os ex-colonizadores britânicos, e que garantia os direitos dos indígenas sobre a terra e a pesca. O acordo assinado com a liderança maori permite que eles comprem, por US$ 175 milhões, 50% das ações da Sealord: esta é a principal companhia pesqueira estatal, que controla 25% do mercado dessa área, o que compensará parcialmente os maoris pela perda de terrenos confiscados pelos colonizadores.

Omã

• **NOME OFICIAL:** Sultanato de Omã. **Capital:** Mascate. **Nacionalidade:** omani. **Hino:** *Deus salve o sultão* (1º verso). **Língua:** árabe (oficial); inglês. **Religião:** islamismo, 86% (ibadistas, maioria; sunitas) (oficial); hinduísmo, 13%; outros, 1%. **Data nacional:** 8/11 (Aniversário do Sultão).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da Ásia. **Área:** 300.000 km². **Limites:** golfo de Omã, estreito de Ormuz (N); mar da Arábia (L e S); Iêmen (SO); Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos (O). **Características:** cadeia montanhosa Hajar (maior parte); planície costeira fértil limitada a oeste por colinas áridas; planalto (SO); deserto de areia e a península do Musandã (extremo N). **Ponto mais elevado:** monte ash-Sham (2.980 m). **Clima:** árido tropical. **Cidades principais:** Mascate (85.000 hab.); Nízua (62.900); Samail (44.700); Salalah (10.000) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +7h.

• **POPULAÇÃO:** 1.640.000 (est.1992); **urbana:** 10,6% (1990). **Composição demográfica:** árabes omanis, 73,5%; paquistaneses, 21%; outros, 5,5% (1990). **Crescimento demográfico:** 3,5% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 43,1%; 15-59: 53,8%; **mais de 60:** 3,1% (1990). **Densidade (hab./km²):** 5,4 (1992). **Natalidade:** 41 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 40 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 7 (1990). **Vida média homens:** 65; **mulheres:** 68 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 380 hab.; **médicos:** 1 por 1,1 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 5,4% do orçamento (1991).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 59% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 346,4 mil; **professores:** 15,3 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 3,9 mil; **professores:** 482 (1989/90). **Gastos:** 11,4% do orçamento (1991).

• **GOVERNO:** Monarquia absoluta. **Constituição:** não há; o sultão governa por decreto. **Divisão administrativa:** 59 distritos. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado e de governo:** sultão Qabus ibn Said (desde 23/7/1970). **Legislativo:** não há.

• **ECONOMIA:** agricultura, 3,1%; indústria, 8,1%; mineração, 50,6%; comércio, 11,4%; serviços, 26,8% do PIB (1990). **Agricultura:** tâmara, tomate, lima, alfafa, manga, melão, banana, papaia, coco, pepino, cebola, pimenta. **Pecuária:** caprinos, ovinos, bovinos. **Pesca:** 120,2 mil t (1990). **Indústria:** petrolífera, materiais de construção, cimento. **Minerais:** petróleo, gás natural, cobre, cromita, mármore, gesso, calcário (explorados); carvão, minério de manganês (reservas). **Exportações:** US$ 5,5 bilhões; **produtos:** petróleo, peixe (1990). **Importações:** US$ 2,7 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, alimentos e animais vivos (1990). **Parceiros comerciais:** Emirados Árabes Unidos, Japão, EUA, Coréia do Sul, Cingapura. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal, padrões britânicos e unidades locais. **Moeda:** rial omani (dividido em 1.000 baiza); **cotação para 1 US$:** 0,38 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 7,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 5.220 (1990); **crescimento anual:** 8,6% (1980–1989). **Inflação:** 7,2% (1991). **Dívida externa:** US$ 2,7 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 529,1 mil; **distribuição:** agricultura, 27,7%; indústria, 27,3%; comércio, 16,5%; serviços, 28,5% (1990); **mão-de-obra feminina:** 8,1% (1988–1990).

• **DEFESA: Efetivo total:** 26,5 mil (1992); **Exército:** 20 mil; **Marinha:** 3 mil; **Força Aérea:** 3,5 mil; **outros:** 6 mil paramilitares. **Gastos:** 35,4% do orçamento (1991).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 27,4 mil km; 18% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 166,8 mil; **automóveis:** 96,6 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Mina Qaboos, Mina al-Fahal, Riyam, Mina Raysuto. **Linhas aéreas:** Gulf Air (vôos internacionais e domésticos); Oman Aviaton Service (domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 1,7 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 1,6 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 14 hab. (1990). **Jornais diários:** 4; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 39 (1991).

HISTÓRIA

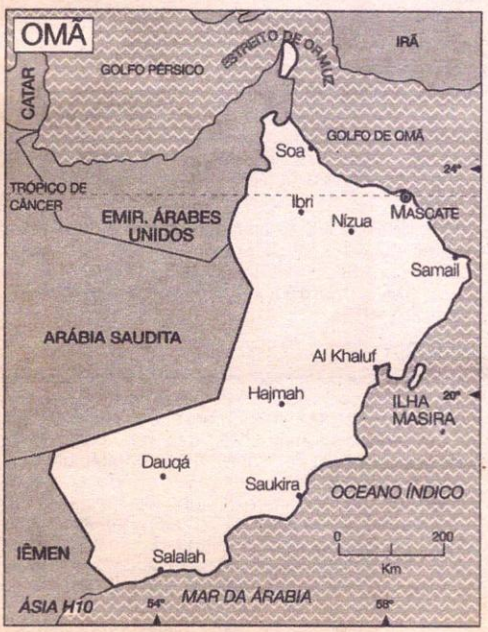
Habitado por comerciantes que chegaram até a China, foi dominado pelos persas e iemenitas (séc. V–VI) e conquistado por Abdel Malik (685) para o califa de Bagdá. **751 – 1154**: regime dos imãs, chefes religiosos. **1154 – 1428**: monarquia dos Banu Habhan. **1429 – 1624**: luta pelo poder entre os reis e os imãs. **1624 – 1650**: ocupação portuguesa, derrotada por Nasir ibn Murshid; fundação do sultanato de Zanzibar. **1737**: domínio persa. **1741**: independência; Ahmed ibn Said funda a dinastia atual. **1856 – 1861**: disputa pela sucessão de Said ibn Sultan; acordo, com mediação britânica, separa Zanzibar de Mascate. **1913**: rebelião tribal contra o sultão de Mascate; eleição do imã Abdala ibn Humaid Salim, que é assassi-

nado. 1920: o acordo de Sib, entre o sultão e o imã Mohamed Khalid: autonomia às tribos. 1957: Ghalib ibn Ali, sucessor de Khalid, rompe o acordo de 1920 e é expulso da capital; a rebelião pró-imã é reprimida com ajuda britânica. 1958: venda ao Paquistão do porto de Guadar. 1965/66: a ONU pede o fim da presença britânica. 1969: Said ibn Taimur combate os esquerdistas de Dofar com ajuda iraquiana. 1970: Said é derrubado por seu filho Qabus. 1971: admissão na ONU e na Liga Árabe. 1972: Qabus ibn Said torna-se também 1º-ministro. 1973: adesão à Carta da Solidariedade Islâmica; ruptura com a África do Sul. 1976: fim da luta em Dofar; mas os iraquianos não se retiram. 1978: reatamento com a China. 1980: acordo de defesa com os EUA: concessão do direito a ter bases no país. 1981/82: protestos do Iêmen do Sul contra esse acordo quase levam à guerra. 1983: reatamento com o Iêmen do Sul; o Omã é a sede militar do Conselho de Cooperação do Golfo. 1990: aberta embaixada da OLP em Mascate; tentativas de mediação na crise do Golfo. 1991: a Assembléia Consultiva é substituída por um Conselho Consultivo mais representativo (nov.). 1992: plano de quinze anos, para a a indústria, inclui liberação de crédito e diminuição da burocracia para empresas que queiram desenvolver sua infra-estrutura; política de "omanização" da força de trabalho concede subsídios às empresas que contratem apenas trabalhadores locais; acordos de cooperação com a França, os Emirados Árabes Unidos e o Irã; tratado com o Iêmen de demarcação das fronteiras comuns.

FATOS DO ANO

As reservas limitadas de petróleo, que se esgotarão em menos de 25 anos, levam à instituição, em 1993, do IV Plano de Desenvolvimento, para ser aplicado até 1995. Trata-se de um programa de diversificação da economia através da expansão do setor privado (incluindo privatização de parte do patrimônio estatal), do desenvolvimento da agricultura, pesca e turismo, e de subsídios à pequena e média empresa. O IV PD prevê ainda investimentos nos distritos menos desenvolvidos, para gerar empregos, diminuir disparidades regionais e a migração interna.

Apesar de seu discreto apoio aos aliados na Guerra do Golfo, o governo não se opõe a que a imprensa de Mascate, por ocasião dos bombardeios americanos a instalações militares iraquianas (jun. de 1993), critique a "política dúbia" dos EUA, que combatem muçulmanos no Iraque, Líbia e Somália, mas se omitem no caso das atrocidades que são cometidas contra eles pelos cristãos na Croácia e Bósnia, apenas porque esses países não são, como o Kuweit, produtores de petróleo.



Panamá

● **NOME OFICIAL:** República do Panamá. **Capital:** Cidade do Panamá. **Nacionalidade:** panamenha. **Hino:** Istmenho (título). **Língua:** espanhol (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, 84%; protestantes, 4,8%); islamismo 5,6% (muçulmanos, 4,5%; bahaístas, 1,1%); hinduísmo, 0,3%. **Datas nacionais:** 11/10 (Revolução); 3/11 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da América Central. **Área:** 77.082 km². **Limites:** mar das Antilhas (N); Colômbia (L); golfo do Panamá, oceano Pacífico (S); Costa Rica (O). **Características:** planícies costeiras aluviais; 2 cadeias montanhosas com picos vulcânicos (L e O) cortam o país de N a S; vales profundos, colinas e o canal do Panamá (centro); 1.023 ilhas no Atlântico e 1.518 no Pacífico. **Ponto mais elevado:** vulcão Chiriquí (3.475 m). **Clima:** equatorial. **Rios principais:** Bayamo (Chepo); Chucunaque, Tuira, Changuinola, Indio. **Cidades principais:** Cidade do Panamá (411.549 hab.); San Miguel (zona urbana, 242.529); David (65.635); Colón (54.469); Barú (45.669) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

● **POPULAÇÃO:** 2.515.000 (est.1992); **urbana:** 52,9% (1990). **Composição demográfica:** mestiços, 60%; negros e mulatos, 20%; brancos, 10%; índios, 8%; asiáticos, 2% (1987). **Crescimento demográfico:** 2,1% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 34,8%; 15-59: 57,7%; mais de 60: 7,5% (1990). **Densidade (hab./km²):** 33,3 (1992). **Natalidade:** 26 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 5 por 1.000; **mortalidade infantil:** 21 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3 (1991). **Vida média homens:** 72; **mulheres:** 76 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 330 hab.; **médicos:** 1 por 880 hab. (1990). **Gastos** com saúde: 7,8% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 11,9% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 515,8 mil; **professores:** 23 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 53,2 mil; **professores:** 3,5 mil (1990). **Gastos:** 12,9% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 1º/10/1972 (2 emendas). **Divisão administrativa:** 9 províncias e 3 reservas indígenas autônomas. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Aliança Democrática de Oposição Civilista, Democrata Cristão, Mov. Liberal Republicano Nacionalista, Coalizão de Libertação Nacional. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Guillermo Endara Galimany (desde 20/12/1989). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Legislativa, com 67 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 11,3%; indústria, 16,7%; mineração, 0,2%; comércio, 12,1%; serviços, 59,7% do PIB (1991). **Agricultura:** banana, cana-de-açúcar, café, arroz, milho, feijão, madeira. **Pecuária:** aves, bovinos, suínos. **Pesca:** 106 mil t (1992). **Indústria:** alimentícia, refino de petróleo, química, manufaturas de metal, bebidas; montagem de equipamentos leves (zona franca). **Minerais:** cobre, carvão. **Exportações:** US$ 474,2 milhões; **produtos:** banana, camarão, açúcar, café (1992). **Importações:** US$ 2 bilhões; **produtos:** minerais, químicos e derivados, equipamentos elétricos, eletrônicos e de transporte (1992). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Costa Rica, Equador, Alemanha, Venezuela. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** balboa (dividida em 100 centésimos); o papel-moeda circulante é o dólar americano; **cotação para 1 US$:** 1,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 5,3 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.180 (1991); **crescimento anual:** 10% (1991/92). **Inflação:** 1,2% (1991). **Dívida externa:** US$ 4,01 bi-

lhões (1992). **Força de trabalho:** 820 mil (não compreende a região do canal e as zonas indígenas); **distribuição:** agricultura, 25,4%; indústria, 14,9%; comércio, 14,4%; serviços, 36,3%; outros, 9%; **mão-de-obra feminina:** 33,3% (1989). **Desemprego:** 28% (1992).

• **DEFESA: Efetivo total:** 11,7 mil (1992); **Exército:** 11 mil; **Marinha:** 350; **Força Aérea:** 350. **Gastos:** 1,4% do PNB (1991).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 10 mil km; 30% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 236,1 mil; **automóveis:** 186,9 mil (1989/90). **Ferrovias:** 402 km (1987). **Portos:** canal do Panamá, com terminais em Balboa (oc. Pacífico) e Cristóbal (mar do Caribe). **Linhas aéreas:** COPA, Panama Air International (vôos internacionais); Aeroperlas (domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 102; **receptores:** 1 por 5,5 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 7; **receptores:** 1 por 12 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 9,4 hab. (1990). **Jornais diários:** 5; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 60 (1990).

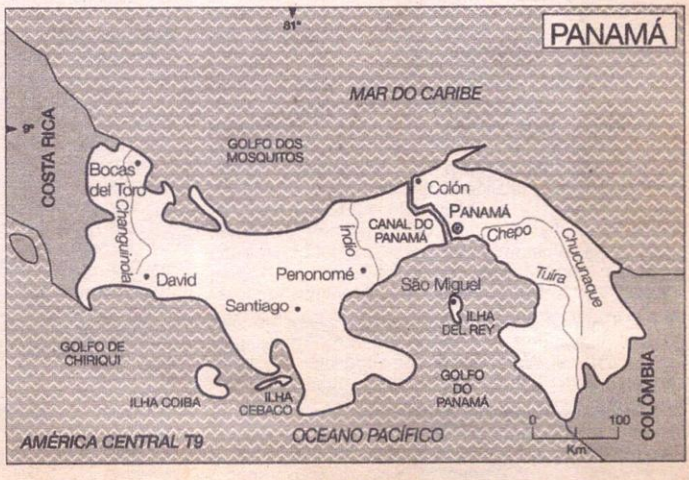
• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SCS – Edifício JK, 13º andar, salas 132 e 133, CEP 70449-900, Brasília, DF; tel. (061) 225-0859.

HISTÓRIA

Explorado por Rodrigo de Bastidas (1502) e Vasco Núñez de Balboa, que atravessou o istmo (1513), tornou-se, sob dominação espanhola, rota de comércio marítimo. **1821**: união com a Grã-Colômbia e, posteriormente, com a Colômbia. **1840**: República (28/3). **1848/49**: o istmo faz a ligação Atlântico-Pacífico durante a corrida do ouro na Califórnia. **1889 – 1891**: Ferdinand de Lesseps começa a construção do canal. **1903**: o Senado colombiano não ratifica o Tratado Hay-Herrán, sobre a construção do canal; secessão da Colômbia; torna-se virtual protetorado americano (3/11); os EUA têm o direito perpétuo de controlar o canal e de intervir no país (a primeira intervenção é em 1912). **1914**: inauguração do canal. **1918**: nova intervenção. **1939**: emenda ao tratado elimina o direito de intervenção. **1940/41**: eleição de Arnulfo Arias Madrid, derrubado no ano seguinte. **1955**: assassinato do pres. José Remón (2/1). **1959**: protestos contra a soberania americana na Zona do Canal. **1964**: ruptura com os EUA durante três meses. **1968**: assume o oposicionista Arias, derrubado pela Guarda Nacional; suspensão da Assembléia e das garantias constitucionais; o cel. José Pinilla é o presidente provisório. **1969**: o brig.-gen. Omar Torrijos Herrera torna-se o homem forte do país. **1974**: renúncia dos EUA à soberania perpétua sobre o canal; reatamento com Cuba. **1977**: dois novos acordos com os EUA sobre o canal. **1978**: eleição de Aristides Royo; Torrijos é o comand. da Guarda Nacional. **1979**: revolta camponesa contra o programa agrário. **1981**: morte de Torrijos em acidente de avião. **1982**: renúncia de Royo, devido às suas posições antiamericanas; o vice Ricardo de La Espriella é o interino; o país torna-se sede do Grupo de Contadora. **1983**: o gen. Antonio Noriega é o comand. da Guarda Nacional. **1984**: De La Espriella renuncia (fev.); assume o vice, Jorge Illueca; eleição do governista Nicolas Ardito Barletta; cancelamento de seu programa econômico por oposição popular. **1985**: Ardito, que insistiu na investigação da morte do oposicionista Hugo Spadafora, atribuída aos militares, é destituído; assume o vice, Eric Arturo del Valle. **1986**: a imprensa dos EUA denuncia as ligações de Noriega com o tráfico de drogas. **1987**: criada a Cruzada Civilista, coalizão anti-Noriega; o gen. Roberto Díaz Herrera confirma as denúncias americanas. **1988**: Del Valle demite Noriega de seu comando (fev.); militares pró-Noriega substituem Del Valle por Manuel Solís Palma; sanções americanas em represália. **1989**: os EUA liberam US$ 10 milhões de ajuda à Cruzada; Noriega forma os "batalhões da dignidade" (10 mil civis armados) em defesa do regime; o oposicionista Guillermo Endara, da Aliança Democrática de Oposição, e o governista Carlos Duque proclamam-se vencedores das eleições (8/5), anuladas pelo Superior Tribunal Eleitoral (11/5); Francisco Rodríguez é o presidente provisório (31/8); sufocado golpe do batalhão de Urraca (3/10); a Assembléia dá poderes absolutos a Noriega; *Operação Causa Justa*: intervenção americana (18/12) empossa Endara (20/12); Noriega refugia-se na Nunciatura (24/12) e, em **1990**: rende-se (4/1) e é levado para julgamento em Miami; a Assembléia eleita em 1989 confirma Endara no cargo (mai.); as tropas de ocupação sufocam a rebelião do cel. Eduardo Assam Herrera, da polícia (4/12). **1991**: protestos por Endara não promover a reforma constitucional; denúncia de que o vice, Ricardo Arias Calderón, conspira contra Endara: cisão na Aliança (30/3); aprovado o projeto de substituição da Guarda Nacional por uma força policial (19/6); julgamento de Noriega em Miami (set.); fracassa golpe de oficiais pró-Noriega (7/10); reforma constitucional (26/12) cria o cargo de *ombudsman* para proteger os direitos do cidadão e dá autonomia ao Tribunal Eleitoral. **1992**: fracassa novo golpe (6/2); Noriega é culpado de oito das dez acusações sobre tráfico (9/4); manifestação contra a corrupção e o desemprego: 30 feridos e 23 presos (11/5); suspensão parcial do pagamento dos US$ 4,01 bilhões de dívida externa, visando a obter recursos para programas sociais (mai.); Noriega é condenado a quarenta anos de prisão (10/6); atentados da Frente Patriótica de Libertação Nacional e dos grupos Mão Branca e Movimento 20 de Dezembro, ligados ao tráfico e pró-Noriega; o pres. George Bush, dos EUA, é vaiado ao visitar o país (11/6).

FATOS DO ANO

Mesmo depois da condenação, nos EUA, do ex-"homem forte" gen. Manuel Antonio Noriega, a corrupção aumenta: em ago. de 1993, descobre-se que, através do consulado panamenho em Barcelona, foram compradas armas para os sérvios da Bósnia. O incidente provoca, em 17/8, a demissão do chanceler Julio Liñares, envolvido no caso. Na opinião dos observadores, o governo do pres. Guillermo Endara Galimany continua permeável ao contrabando de armas, à lavagem de dinheiro e ao tráfico de drogas. E a classe média alta, que apoiou a campanha anti-Noriega, desilude-se com a crise política aliada à pobreza e ao desemprego.



A vitória do "não" (63,5% contra 31,5%) no plebiscito de 15/11/1992 sobre a reforma constitucional equivaleu a uma condenação moral e política do governo. O povo rejeitou a abolição formal das Forças Armadas, o prolongamento da escolaridade obrigatória, a autonomia da assistência social ou a concessão de maior independência ao Tribunal Eleitoral. A abstenção de 59,6% de 1,4 milhão de eleitores deixou claro o desinteresse pelas reformas. E o "não" à abolição das Forças Armadas é prova do temor nacionalista de que, sem elas, os EUA não se retirem da Zona do Canal em 31/12/1999.

Governo enfraquecido – Endara admitiu a derrota mas recusou a exigência da esquerdista Frente do Não de que se convocasse uma Assembléia Constituinte. Mas seu governo se desmoralizou com a renúncia, em 17/12/1992, do 2º vice-pres. Ricardo Arias Calderón, democrata-cristão, que o acusa de ser incapaz de enfrentar a crise social; e com a destituição, no mesmo mês, do procurador-geral Rogelio Cruz, posto sob prisão domiciliar por ter descongelado contas de traficantes de drogas no valor de US$ 40 milhões.

A economia, afetada pelas sanções anti-Noriega, cresceu 10% ao ano em 1991/92, graças à zona franca de Colón, a segunda do mundo, depois de Hong Kong. Mas o desemprego é grande e a taxa de pobreza, de 40% da população; nas favelas e cortiços, cresce o uso do *crack*, provocando aumento da violência. Até as eleições presidenciais de 1994, esperam-se mudanças no Código Eleitoral, entre as quais a extinção do cargo de 2º vice-presidente. No final do ano, o favorito à sucessão era Rubén Blades, residente nos EUA, que prometia concorrer pelo partido alternativo *Movimiento Papa Egoró*, de Raúl Alberto Leís.

Papua Nova Guiné

● **NOME OFICIAL:** Estado Independente de Papua Nova Guiné. **Capital:** Port Moresby. **Nacionalidade:** papuásia ou papua. **Hino:** *Levantem-se todos vocês, filhos* (1º verso). **Língua:** inglês, motu (origem local) e pidgin (dialeto originário do inglês) (oficiais); 742 línguas nativas. **Religião:** cristianismo, 93% (protestantes, 58,4%; católicos, 32,8%; anglicanos, 5,4%); panteísmo; presença de várias sociedades missionárias. **Data nacional:** 16/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da Oceania. **Área:** 462.840 km². **Limites:** oceano Pacífico (N); mar das ilhas Salomão (L); mar dos Corais, estreito de Torres (S); Iriã Ocid. (O). **Características:** ocupa a metade oriental da ilha da Nova Guiné, o arquipélago de Bismark e as ilhas Bougainville e Buka; região vulcânica e coralígena. **Ponto mais elevado:** monte Wilhelm (4.694 m). **Clima:** equatorial. **Rios principais:** Fly, Kikori, Ramu. **Cidades principais:** Port Moresby (193.242 hab.); Lae (80.655); Madang (27.057); Wewak (23.224); Goroka (17.855) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +13h.

● **POPULAÇÃO:** 3.834.000 (est.1992); **urbana:** 15,2% (1990). **Composição demográfica:** papuas, 84%; melanésios, 15%; outros, 1% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,2% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 41,6%; 15-59: 52,8%; **mais de 60:** 5,6% (1985). **Densidade (hab./km²):** 8,3 (1992). **Natalidade:** 34 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 12 por 1.000; **mortalidade infantil:** 59 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,3 (1991). **Vida média homens:** 54; **mulheres:** 56 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 222 hab. (1984); **médicos:** 1 por 11,9 mil hab. (1987). **Gastos com saúde:** 27% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 48% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 484,8 mil; **professores:** 16,2 mil (1989). **Alunos no ensino superior:** 6,4 mil; **professores:** 902 (1986). **Gastos:** 15,3% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 16/9/1975. **Divisão administrativa:** 20 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Pangu Pati, Mov. Democrático do Povo, Ação Popular, Progresso do Povo. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, representada pelo gov.-geral Wiwa Korowi (desde 11/11/1991). **Chefe de governo:** 1º-min. Paias Wingti (desde 17/7/1992). **Legislativo:** unicameral - Parlamento, com 109 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 28,8%; indústria, 19,2%; mineração, 12,1%; comércio e serviços, 39,9% do PIB (1990). **Agricultura:** café, coco, abacaxi, óleo de palma, borracha, chá, raízes e tubérculos, verduras, banana, melão, madeira. **Pecuária:** aves, suínos, bovinos. **Pesca:** 25 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, bebidas, tabaco, madeireira, manufaturas de metal, máquinas industriais e equipamentos de transporte. **Minerais:** cobre, ouro, prata, gás natural, petróleo, cromita, cobalto, níquel, quartzo. **Exportações:** US$ 1,8 bilhão; **produtos:** minério de cobre e concentrados, café, madeira (1992). **Importações:** US$ 1,5 bilhão; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, alimentos e animais vivos (1992). **Parceiros comerciais:** Austrália, Japão, Alemanha, Grã-Bretanha, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** kina (dividida em 100 toea); **cotação para 1 US$:** 0,98 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 3,3 bilhões; **renda per capita:** US$ 820 (1991); **crescimento anual:** 1,7% (1980–1991). **Inflação:** 3,6% (1992). **Dívida externa:** US$ 2,8 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 732,8 mil; **distribuição:** agricultura, 77%; indústria, 5,8%; comércio, 3,4%; serviços, 13,6%; outros, 0,2%; **mão-de-obra feminina:** 39,1% (1988/1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 3,8 mil (1992); **Exército:** 3,2 mil; **Marinha:** 500; **Força Aérea:** 100; **outros:** 4,6 mil paramilitares (1991). **Gastos:** 3,6% do orçamento (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 19,7 mil km; 6% pavimentados (1986); **nº de veículos:** 46,6 mil; **automóveis:** 17,5 mil (1988). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Kieta, Lae, Mandang, Port Moresby, Rabaul. **Linhas aéreas:** Air Niugini (vôos internacionais e domésticos); Talair (domésticos e charters).

● **COMUNICAÇÕES: Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 16 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 375 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 49 hab. (1988). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 18 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 866 United Nations Plaza, Suite 322, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 832-0043.

HISTÓRIA

No séc. XIX, a ilha foi dividida nos setores ocidental, dos holandeses, setentrional, dos alemães, e meridional, dos britânicos, que a chamaram de Papua. A administração britânica passou para a Austrália (1906), que, durante a I Guerra, ocupou o setor alemão em nome da Liga das Nações. **1939 – 1945:** ocupação parcial japonesa **1949:** administração australiana sob controle da ONU. **1951:** 4 mil mortos na erupção do vulcão Lamington. **1960:** direito de eleição dos Conselhos Legislativos. **1962:** rebelião nas ilhas Baku, por recusa de pagar impostos. **1964:** primeiras eleições. **1971:** adoção do nome atual. **1973:** autonomia na administração, defesa civil e governo local. **1975:** independência (16/9). **1978:** Tratado do Estreito de Torres, com a Austrália, sobre a fronteira marítima. **1979:** fim do apoio papuásio aos rebeldes do Irian Ocid. e paz com a Indonésia; estado de emergência devido a lutas tribais nas Terras Altas. **1980:** derrota do 1º-min. Michael Somare; assume Julius Chan. **1982:** volta Somare. **1987/88:** eleição do trabalhista Paias Wingti, derrubado por moção de censura; assume Rabbie Namaliu, do *Pangu Pati* (Partido da Unidade); fechamento da Bougainville Copper Ltd. a pedido dos proprietários de terras, que exigem indenização de US$ 11,5 bilhões. **1989:** separatistas de Bougainville sabotam e paralisam a mina da BCL (mai.). **1990:** boicote econômico e repressão aos separatistas; seu líder, Francis Ona, ameaça declarar a independência; Namaliu viola a trégua de 29/7 e manda tropas à ilha de

Buka, vizinha a Bougainville. **1991**: acordo assinado em Honiara, nas Ilhas Salomão; Ona o rejeita alegando que inclui cláusulas inaceitáveis; o gov.-geral Vincent Serei Eri recusa-se a demitir o vice-1º-min. Ted Diro, pres. do Partido da Ação Popular, condenado pela Suprema Corte a perder seus direitos políticos, por ser culpado de 81 acusações de corrupção (27/9); Namaliu e Wingti pedem à rainha Elizabeth II que demita Eri; este renuncia (1º/10) e é interinamente substituído pelo pres. do Parlamento, Dennis Young; Diro renuncia e o min. da Pesca, Akoka Doi, eleito pres. do PAP, o substitui como vice-1º-ministro (5/11); Ona rejeita a autonomia limitada oferecida por Namaliu (nov.); Wiwa Korowi é eleito gov.-geral (11/11), derrotando o min. do Trabalho, Tony Illa, do PAP, que em **1992**: é também processado por corrupção (jan.); o chanceler Somare negocia, com Anthony Anugu, líder moderado do sul de Bougainville, um acordo em separado que restaura os serviços governamentais nessa região da ilha (4/2); em represália, Anugu é assassinado (15/4); colapso das negociações e retorno das tropas a Bougainville (13/5); Wingti vence as eleições gerais (13 a 27/6).

FATOS DO ANO

O projeto do 1º-min. Paias Wingti, para o segundo semestre de 1993, é a racionalização da vida política papuásia, dentro da campanha de combate à corrupção a que deu início, em jul. de 1992, após derrotar Rabbie Namaliu (17/7), no cargo desde 1988. Já em out. de 1992 Wingti demitira seis dos governadores das vinte províncias, acusados de corrupção; e planeja substituir os outros catorze, ineficientes e desonestos, por interventores. Embora o min. da Administração local, John Nilkare, garanta, em jan. de 1993, que todo político demitido será indenizado, a idéia provoca intranqüilidade. Os cinco governos insulares ameaçam com a secessão; e acusam Wingti de "tribalismo" (ele pertence às tribos montanhesas das Highlands, que sempre dominaram a população do arquipélago). Acusação de peso num país mobilizado pelo problema da violência tribal, que, em jan., faz mais de cem vítimas na província de Enza. Mas a campanha de Wingti visa não apenas os governadores corruptos como também o governo anterior: em jun., Namaliu e seu ex-min. das Finanças, Paul Pora, têm de depor sobre desvio de fundos públicos.

Outra preocupação é a área econômica, afetada pelos problemas sociopolíticos. Visando à auto-suficiência na exploração mineral, Wingti propõe o aumento da participação nacional nas *joint-ventures* com estrangeiros, o que o põe em choque com a PJV, anglo-australiano-canadense que controla 90% da mina de ouro de Porgera, a maior do país. Wingti a acusa de ter informado às autoridades, em 1992, que obtivera menos de 1 milhão de onças de ouro quando, na realidade, extraíra mais de 1,5 milhão. Isso torna tensas as relações com a Austrália, de que o país dependerá, em 1993, para cobrir 16% de seu déficit de 160 milhões de kinas.

A guerrilha ainda age – Wingti pretende reabrir, ainda em 1993, a mina de cobre de Panguna, em Bougainville, desativada desde o início do conflito separatista nessa ilha, em 1989. Mas a mina fica na área ocupada pelos rebeldes do Exército Revolucionário, de Francis Ona, que, embora politicamente desarticulados, ainda operam como bandoleiros: em jan., trinta pessoas morreram em choques com eles. Durante 1993, modernizava-se o controle do tráfego aéreo no aeroporto internacional de Port Moresby, para estimular o turismo.

Negociações iniciadas em fev. visam a normalizar relações com as Ilhas Salomão, deterioradas, em mar. de 1992, pela acusação de que elas apoiavam Ona. É proposto um tratado de vigilância mútua na fronteira. E Wingti visita Jacarta para discutir o repatriamento de refugiados indonésios, vítimas do conflito separatista na província do Irian Ocid.

Paquistão

● **NOME OFICIAL**: República Islâmica do Paquistão. **Capital**: Islamabad. **Nacionalidade**: paquistanesa. **Hino**: *Paquistão, terra sagrada* (1º verso). **Língua**: urdu (oficial); inglês; línguas locais (punjabi, pushtu, sindhi, saraiki, principais). **Religião**: islamismo, 97% (sunitas, 92%; xiitas, 5%) (oficial); hinduísmo, 1,6%; cristianismo, 1,3% (católicos e protestantes); outros, 0,1%. **Datas nacionais**: 23/3 (Pátria); 14/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA**: centro-sul da Ásia. **Área**: 803.943 km². **Limites**: Afeganistão (N); China (NE); Índia (L); mar da Arábia (S); golfo de Omã (SO); Irã (O). **Características**: planície litorânea cortada por deltas de rios (S); cadeias montanhosas de N a O; geleiras (N); planície do alto Indo com vales estreitos e profundos (NE); planície árida entre litoral e montanhas. **Ponto mais elevado**: pico k-2 (Goldwin-Austen, 8.611 m). **Clima**: árido subtropical. **Rios principais**: Indo, Sutlej, Ravi, Shenab, Jelum. **Cidades principais**: Carachi (5.208.100 hab.); Faísa-labad (1.104.200); Raualpindi (794.800); Islamabad (204.400) (1981). **Hora local** (em relação a Brasília): +8h.

● **POPULAÇÃO**: 130.129.000 (compreende refugiados do Afeganistão) (est.1992); **urbana**: 32% (1990). **Crescimento demográfico**: 2,9% (1991). **Faixas etárias**: **0-14**: 46%; **15-59**: 47,9%; **mais de 60**: 6,1% (1987). **Densidade (hab./km²)**: 163,5 (1992). **Natalidade**: 40,5 por 1.000 (1991). **Mortalidade**: 10,8 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil**: 113 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher)**: 5,4 (1991). **Vida média homens**: 59,3; **mulheres**: 60,7 (1991). **Leitos hospitalares**: 1 por 1,7 mil hab.; **médicos**: 1 por 2,4 mil hab. (1990). **Gastos com saúde**: 0,7% do orçamento (1992/93).

● **EDUCAÇÃO**: pública. **Analfabetos**: 65,2% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus**: 12,4 milhões; **professores**: 411,2 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior**: 658,9 mil; **professores**: 26,1 mil (1990/91). **Gastos**: 1,5% do orçamento (1992/93).

• **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 10/4/1973 (10 emendas). **Divisão administrativa:** 4 províncias, a capital federal e áreas tribais. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Aliança Democrática, Aliança Democrática do Povo, Mov. Muhajir-Qaumi. **Chefe de Estado:** pres. Faruk Ahmed Leghari (desde 13/11/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. Benazir Buto (desde 19/10/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 87 membros eleitos pelas assembléias provinciais; Assembléia Nacional, com 207 membros eleitos por voto direto, para mandatos de 6 e de 5 anos, respectivamente.

• **ECONOMIA:** agricultura, 22,7%; indústria, 21,6%; mineração, 0,6%; comércio, 15%; serviços, 40,1% do PIB (1990/91). **Agricultura:** algodão, arroz, trigo, milho, cana-de-açúcar. **Pecuária:** caprinos, ovinos, bovinos. **Pesca:** 479 mil t (1990). **Indústria:** têxtil, bens de consumo, alimentícia. **Minerais:** petróleo, calcário, sal, gipsita, gás natural, carvão, areia silica, grafite, cobre, manganês. **Exportações:** US$ 6,9 bilhões; **produto:** algodão (fios, tecidos, malhas e meias) (1991/92). **Importações:** US$ 9,2 bilhões; **produtos:** máquinas pesadas, aparatos elétricos, óleos minerais, manufaturas de ferro e de aço, equipamentos de transporte (1991/92). **Parceiros comerciais:** Japão, EUA, Alemanha, Grã-Bretanha, Arábia Saudita. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal, padrões britânicos e unidades locais. **Moeda:** rúpia paquistanesa (dividida em 100 paisa); **cotação para 1 US$:** 25,70 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 46,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 400 (1991); **crescimento anual:** 6,5% (1980–1991). **Inflação:** 12,3% (1991). **Dívida externa:** US$ 23 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 32,8 milhões; **distribuição:** agricultura, 49,6%; indústria, 19,2%; comércio, 11,5%; serviços, 19,7%; **mão-de-obra feminina:** 11,4% (1990/91). **Desemprego:** 3,1% (1990/91).

• **DEFESA: Efetivo total:** 580 mil (1992); **Exército:** 515 mil; **Marinha:** 20 mil; **Força Aérea:** 45 mil; **outros:** 168 mil paramilitares. **Gastos:** 37,5% do orçamento (1992/93).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 140,1 mil km; 46% pavimentados (1990/91); **nº de veículos:** 909,6 mil; **automóveis:** 738,1 mil (1989). **Ferrovias:** 8,8 mil km (1990/91). **Portos:** Carachi, Port Mohammad bin Qasim, Port Guader, Port Pasni. **Linhas aéreas:** PIA, Shaheen (vôos internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 18; **receptores:** 1 por 13 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 61 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 131 hab. (1990). **Jornais diários:** 271; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 9 (1989).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SCS – Ed. Central, 5º andar, CEP 70304-900, Brasília, DF; tel. (061) 224-2922.

HISTÓRIA

Depois de islamizada (séc. VIII–X), a região viveu, com o Imp. Mogul (1526–1857), o apogeu da cultura muçulmana, preservada apesar dos intercâmbios com os hindus, durante toda a dominação britânica, até meados do séc. XX. **1940:** Mohamed Ali Jinná funda a Liga Muçulmana. **1947:** o Paquistão, domínio separado da Grã-Bretanha, engloba o Baluquistão, Pundjab Ocid., Sind e Bengala Or. (futura Bangladesh); Jinná é o gov.-geral e Liaqat Ali Khan, o 1º-ministro. **1948/49:** guerra não declarada com a Índia pela posse de Jammu e Cachemira, de população predominantemente muçulmana, mas governada por príncipes hindus; após o cessar-fogo, linha temporária de demarcação no Jammu. **1951 – 1956:** assassinato de Liagat; atritos entre os setores ocidental e oriental; República e primeira Constituição; o cel. Iskander Mirsa é o presidente. **1958 – 1962:** distúrbios ocidente/oriente; Ayub Khan assume; nova Constituição. **1965:** luta com a Índia pelo Kutche e a Cachemira. **1969:** renúncia de Ayub; o gen. Agha Mohamed Yahia Khan impõe a Lei Marcial. **1970:** criado o Estado federal islâmico; guerra de secessão do setor oriental, que é derrotado; intervenção indiana assegura a independência de Bangladesh; Yahia renuncia; eleição de Zulficar Ali Buto. **1974:** reconhecimento de Bangladesh. **1975:** luta do Baluquistão pela autonomia. **1977:** golpe do gen. Mohamed Zia Ul-Hak. **1978:** condenação de Buto à morte; negociações de paz com a Índia e Bangladesh. **1979:** execução de Buto, apesar dos protestos internacionais; em represália, corte dos empréstimos do Banco Mundial. **1980:** campanha de islamização. **1981:** Benazir, a filha de Buto, lidera a coligação Movimento pela Restauração da Democracia, de nove partidos postos fora da lei. **1983:** campanha de desobediência civil do MRD; seus líderes são presos. **1984:** 97,7% do eleitorado aprovam a islamização do país. **1985:** eleições e formação de Assembléia apartidária; Mohamed Khan Junejo é nomeado 1º-ministro; suspensão da Lei Marcial (30/12). **1986:** renúncia coletiva do gabinete Junejo devido a choques, no Sind, entre patás e urdus. **1988:** demissão de Junejo devido a conflitos interétnicos e terrorismo; Zia morre em desastre de avião (17/8), provocado por sabotagem; assume o pres. do Senado, Gulam Ishak Khan; estado de emergência. **1989:** eleições multipartidárias (2/10); vitória do oposicionista PPP, com 92 das 207 cadeiras: Benazir Buto torna-se a 1ª-ministra (2/12). **1990:** 41 manifestantes morrem, em Carachi, em choque com a polícia; toque de recolher (fev.); Gulam destitui Benazir e dissolve o Parlamento (6/8); estado de emergência e convocação de eleições; Gulam Mustafá Jatoi é o 1º-ministro interino; a Aliança Democrática Islâmica conquista 105 cadeiras no Parlamento; Benazir é eleita deputada e seu partido conquista 45 cadeiras (24/10); seu marido, Asif Zardari, da ADI, é preso, acusado de extorsão e corrupção (10/10), e libertado em 6/11; Nauaz Sharif torna-se o 1º-ministro (6/11). **1991:** manifestação contra o apoio aos aliados na Guerra do Golfo: o chanceler Yakub Khan (fev.) e o min. do Desenvolvimento, Maulana Niazi (mar.), renunciam em protesto; choques da ADI com o PPP, sobretudo após o assassinato (jun.) do juiz Nabi Junejo, encarregado do processo contra Zardari; protestos do PPP contra a lei antiterrorismo; demissão do 1º-min. da Cachemira, Nuntaz Rathores, do PPP, substituído pelo fundamentalista Sadar Gayum (jun.); escândalo dos empréstimos ilegais, feitos pelos bancos cooperativos, a empresas pertencentes a Sharif e ao min. do Interior, Shujaat Hussain (ago.); Benazir acusa Sharif de corrupção. **1992:** sete mortos e 22 feridos na repressão à "marcha pela independência" dos separatistas do Jammu e da Cachemira (12/2); agitação, no Sind, dos ultranacionalistas do *Jiye Sind* (mar.); choques entre xiitas, sunitas e ismailitas: bomba na mesqui-

ta sunita de Carachi (5/6); Benazir lidera passeata de Raualpindi a Islamabad, pedindo a renúncia de Sharif (13/11): há 1.600 presos e ela é confinada em Carachi durante trinta dias.

FATOS DO ANO

As eleições presidenciais de 13/11/1993 põem fim aos choques entre o pres. Gulam Ishaq Khan e o chefe do governo. Em ago. de 1990, eles já tinham resultado na demissão da 1ª-min. Benazir Buto, do Partido do Povo do Paquistão. E prosseguiram com seu sucessor, Mohamed Nauaz Sharif, da Liga Muçulmana, agravados, no início de 1993, pela renúncia de oito ministros, em protesto contra a paralisação dos negócios públicos que essas divergências provocam. Em 18/4/1993, Sharif é demitido por Ishaq Khan, que o acusa de má administração, corrupção e prática do nepotismo. A Assembléia Nacional é dissolvida e eleições antecipadas convocadas para 14/7. O deputado Mir Balakh Sher Mazari, da Liga Muçulmana, sucessor interino, nomeia um gabinete de base ampla que inclui Asif Ali Zadari, marido da ex-1ª-min. Benazir.

Governo interino – Mas Sharif apela para a Corte Suprema, que, em 26/5, o reinstala no poder, revoga a dissolução da Assembléia e cancela as eleições de 4/7. Mas o retorno de Sharif agrava a luta com Ishaq Khan, até tornar-se patente que a antecipação do pleito é inevitável: ele é marcado para 6/10, após a renúncia de ambos (18/7). O interino Moin Kureishi, ex-funcionário do Banco Mundial e do FMI, adota medidas inéditas: suspende o esquema pelo qual, tradicionalmente, membros do Parlamento recebiam verbas governamentais para investir em suas jurisdições – fonte inesgotável de corrupção – e cria impostos para os latifundiários, antes isentos dessas taxas. Para aliviar o déficit comercial de US$ 3,26 bilhões, desvaloriza a rúpia em 9% e, para conter a inflação, eleva em 2% as taxas de juros. Privatiza estatais e exige o pagamento de US$ 2 bilhões em empréstimos feitos por bancos e órgãos governamentais a políticos. E negocia ajuda de emergência de US$ 100 milhões, do Banco Mundial/FMI e do Banco de Desenvolvimento Asiático.

As eleições de 6/10 reconduzem Benazir ao poder: o PPP conquista 86 das 217 cadeiras, contra 72 de Sharif. Não tendo maioria, o PPP negocia coalizão com partidos menores e, em 19/10, a Assembléia a confirma no cargo por 121 votos (Sharif obtém apenas 72, dos deputados que elegeu). A posição de Benazir se consolida, em 13/11, com a eleição do chanceler Faruk Ahmed Leghari para a presidência, com 170 votos, contra Wassim Sadjad, da Liga Muçulmana. A eleição de um presidente do PPP significa o fim dos choques entre os chefes de Estado e do governo. Benazir tenciona dar prosseguimento ao programa de modernização de Sharif e Kureishi. Entre as estatais a serem privatizadas estão o Banco Comercial Muçulmano, o Banco Aliado do Paquistão e a Companhia de Telecomunicações. Outra prioridade é, com US$ 262 milhões do FMI, reconstruir a Azad Cachemira, o Pundjab e o noroeste do Sindh, devastados por inundações que, em set. de 1992, deixaram 1.300 mortos, 3 milhões de desabrigados e prejuízos de US$ 2,4 bilhões.

Paraguai

• **NOME OFICIAL:** República do Paraguai. **Capital:** Assunção. **Nacionalidade:** paraguaia. **Hino:** *Paraguaios, República ou morte* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial); guarani. **Religião:** cristianismo (católicos, 96%; protestantes, 2,1%). **Datas nacionais:** 1º/3 (Heróis); 14/5 (Independência).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da América do Sul. **Área:** 406.752 km². **Limites:** Bolívia (N); Brasil (L); Argentina (S e O). **Características:** território baixo cortado de N a S pelo rio Paraguai; prolongamento do planalto Brasileiro (O); escarpas cobertas por solos de aluvião (NO); planície do Chaco (L). **Ponto mais elevado:** Cerro Vilarrica (700 m). **Clima:** tropical seco (NO e NE); tropical com chuvas de verão (centro); subtropical (S). **Rios principais:** Paraguai, Pilcomayo, Paraná. **Cidades principais:** Assunção (607.700 hab.); Ciudad del Este (110.600); Concepción (62.600); Encarnación (44.100) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

• **POPULAÇÃO:** 4.519.000 (est.1992); **urbana:** 47,5% (1990). **Composição demográfica:** mestiços (espanhóis e guaranis), 90,8%; ameríndios, 3%; alemães, 1,7%; outros, 4,5% (1980). **Crescimento demográfico:** 2,7% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 40,6%; **15-59:** 54%; **mais de 60:** 5,4% (1988). **Densidade (hab./km²):** 11,1 (1992). **Natalidade:** 34,1 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6,5 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 39 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,3 (1990–1995). **Vida média homens:** 65,1; **mulheres:** 69,5 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 931 hab.; **médicos:** 1 por 1 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 4,3% do orçamento (1990).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 9,9% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 840,5 mil (1990); **professores de 1º grau:** 27,5 mil (1990); **de 2º grau:** 9,4 mil (1988). **Alunos no ensino superior:** 29,4 mil (1990); **professores:** 2,7 mil (1985). **Gastos:** 12,7% do orçamento (1990).

• **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 20/8/1992. **Divisão administrativa:** 19 departamentos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Colorado, Liberal Radical Autêntico. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Juan Carlos Wasmosy (desde 9/5/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado com 45 membros e Câmara dos Deputados com 80 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 27,8%; indústria, 25,3%; mineração, 0,4%; comércio, 29%; serviços, 17,5% do PIB (1990). **Agricultura:** algodão, óleo de sementes (soja, principal), cana-de-açúcar, milho, mandioca, trigo, madeira. **Pecuária:** bovinos, suínos, ovinos. **Pesca:** 12,5 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, bebidas, tabaco, madeireira, têxtil, couro e vestuário, química, manufaturas de minerais não metálicos, papel, impressão e editorial. **Mineral:** petróleo. **Exportações:** US$ 737,1 milhões; **produtos:** algodão cru, óleo de sementes (soja, principal), carne, couro, madeira e derivados (1991). **Importações:** US$ 1,3 bilhão; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, combustíveis minerais, bebidas, tabaco (1991). **Parceiros comerciais:** Brasil, Argentina, EUA, países membros da CEE (Alemanha e Holanda, principais), Japão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** guarani (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 1.600,20 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 5,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.210 (1991); **crescimento**

anual: 2,3% (1980–1991). **Inflação:** 24,3% (1991). **Dívida externa:** US$ 2,2 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 1 milhão; **distribuição:** agricultura, 48,6%; indústria, 20,5%; serviços, 30,9%, (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 41,1% (1988–1990). **Desemprego:** 9,2% (1989).

● **DEFESA: Efetivo total:** 16,5 mil (1992); **Exército:** 12,5 mil; **Marinha:** 3 mil; **Força Aérea:** 1 mil; **outros:** 8 mil paramilitares. **Gastos:** 13,3% do orçamento (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 25,7 mil km; 9% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 120,4 mil; **automóveis:** 117,1 mil (1990). **Ferrovias:** 441 km (1988). **Portos:** Assunção (marítimo); e Concepción (rio Paraguai). **Linha aérea:** LAP (vôos internacionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 42; **receptores:** 1 por 5,7 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 4; **receptores:** 1 por 13 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 33 hab. (1990). **Jornais diários:** 6; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 28 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES - Av. das Nações, lote 42, CEP 70427-900, Brasília, DF; tel. (061) 243-1622.

HISTÓRIA

Habitado por guaranis, que viviam da agricultura, teve em Assunção, no séc. XVI, o maior centro de colonização espanhola do SE do continente. Até sua expulsão, em 1767, os jesuítas mantiveram, nas missões indígenas, uma sociedade organizada e auto-suficiente. A região decaiu quando Buenos Aires tornou-se a capital do vice-reino do Rio da Prata. **1811:** independência (14-15/5). **1813:** governo dos cônsules Fulgencio Yegros e José Rodríguez de Francia (30/9). **1814 – 1840:** ditadura de Francia; isolacionismo. **1840 – 1862:** governo de Carlos Antonio López; contatos com o exterior; desenvolvimento educacional e industrial; construção da primeira ferrovia sul-americana. **1862 – 1870:** governo de seu filho, Francisco Solano López; prosseguimento da política de desenvolvimento autônomo; derrota na guerra com o Brasil, Argentina e Uruguai. **1870 – 1876:** ocupação brasileira. **1876 – 1932:** disputas entre *colorados* (conservadores) e liberais. **1932 – 1935:** vitória na guerra do Chaco, contra a Bolívia, pela posse do petróleo na fronteira. **1940 – 1948:** ditadura do *colorado* Higinio Moriñigo leva à guerra civil; exílio de Moriñigo. **1954:** golpe do gen. Alfredo Stroessner (4/5). **1959/60:** esmagadas rebeliões oposicionistas. **1964:** fracasso do "golpe dos coronéis" anti-Stroessner. **1967/68:** nova Constituição; a oposição pode concorrer, mas Stroessner vence nas duas Câmaras. **1973:** acordo com o Brasil para construir Itaipu. **1976:** denúncias da Anistia Internacional ao regime Stroessner. **1979:** formada a frente oposicionista quadripartidária Acordo Nacional. **1980:** esfriamento com os EUA, devido à saída do emb. Robert White, pró-oposicionistas; assassinato, em Assunção, do ex-ditador nicaragüense Anastasio Somoza Debayle. **1982:** expulsão do oposicionista Domingo Laino. **1983:** Miguel Ángel Casablanca, da Mopoco (dissidência do Partido Colorado), volta após vinte anos de exílio. **1984:** volta do sindicalista Eligio Pacce, exilado desde 1959. **1986/87:** a polícia impede o regresso de Laino; mas ele volta (abr./87) e lidera o Acordo Nacional; manifestação de 30 mil pessoas, contra o regime, em Oviedo (jun.); estudantes, sindicalistas e religiosos formam o Movimento Democrático Popular; "marcha silenciosa" de 40 mil pessoas, em Assunção, contra o governo (dez.); o cap. Napoleón Ortigoza, o mais antigo preso político da América Latina, é libertado e se exila na Espanha (dez.). **1988:** denunciado envolvimento de Gustavo Stroessner, filho do ditador, com o tráfico de drogas. **1989:** queda de Stroessner, que se asila no Brasil (4/2); eleição do gen. Andrés Rodríguez (mai.). **1990:** demissão do chanceler Luís María Argaña, por afirmar que os *colorados* não deveriam deixar o governo (jul.); dispersão, pela polícia, de manifestantes que pedem a volta de Stroessner (nov.). **1991:** oposicionistas exigem medidas contra a corrupção e o contrabando (15/3); o centro-esquerdista Carlo Alberto Fizzola torna-se pref. de Assunção (mai.); os *colorados* perdem a maioria a âmbito nacional; aprovada a promoção da reforma constitucional, eleição da Constituinte; aprovada a Lei dos Militares (20/11), que preserva sua autonomia e permite que participem da política; o gen. Dionisio Cabello, rebelado contra a nomeação do gen. Ramón Humberto Garcete para comand. das Forças Armadas, é substituído na Força Aérea pelo brig.-gen. José Céspedes Zarza 21/11); acordo entre Rodríguez e as facções coloradas: lançamento de um candidato único às eleições (nov.); com isso, a ANR-PC obtém 123 cadeiras na Constituinte (1º/12), contra 57 dos liberais radicais de Laino e dezesseis dos independentes do grupo Constituição para Todos. **1992:** Stroessner e assessores são condenados à prisão *in absentia* pelo assassinato, na década de 70, da mulher do dissidente prof. Martín Almada (abr.); quatro policiais são condenados a 25 anos de prisão pelo assassinato, em 1976, do dissidente Mario Schaerer (22/5); a Constituinte impede Rodríguez de dissolver o Congresso, escolher juízes unilateralmente e governar por decreto (15/6); em protesto pela proibição de que se reeleja, Rodríguez não comparece ao encerramento dos trabalhos da Constituinte (18/6); nova Constituição (20/8).

FATOS DO ANO

Nas eleições gerais de 9/5/1993, Juan Carlos Wasmosy, do oficialista Partido Colorado, obtém 40% dos votos: mais de 10% de vantagem sobre Domingo Laino, do Partido Liberal Radical Autêntico, e Guillermo Caballero Vargas, do Encontro Nacional. Denúncias de fraude não são confirmadas por observadores internacionais como o secretário-geral da OEA e o ex-pres. Jimmy Carter, dos EUA. A reviravolta na preferência do eleitorado, concentrada em Caballero, deve-se aos indecisos, que, no último minuto, decidiram-se por Wasmosy. Mas o pleito rompe a bipolarização colorados/liberais, fazendo surgir uma terceira força: o Encontro Nacional, englobando os socialistas do Partido Revolucionário Febrerista, os católicos progressistas dissidentes dos dois partidos tradicionais e os independentes *Asunción para Todos*, que, em 1991, ganharam a prefeitura da capital. É a primeira vez, em meio século, que os colorados perdem a maioria no Senado e na Câmara.

Governo de união – Ao tomar posse (15/8) Wasmosy promete ampla liberdade política, modernização da economia, combate à pobreza (54% da população) e redefinição do papel das Forças Armadas. Em seu gabinete, ao lado de três ex-ministros de Rodríguez, há membros da oposição, sinal de que ele quer um pacto de governabilidade. O Banco Mundial e o BID apóiam suas metas: melhorar a produtividade industrial, aumentar a exportação de produtos não primários, modernizar a agricultura através do aumento de créditos, manter estável a inflação de 18,3% ao ano, acelerar as privatizações e incentivar os investimentos. São-lhe prometidos créditos de US$ 800 milhões (além de US$ 105 milhões da Espanha e US$ 4 bilhões em atraso, pelo fornecimento de energia de Itaipu, que ele tenta negociar com o Brasil).

Wasmosy negocia também, com Brasília, uma segunda saída para o mar, através do terminal de Pederneiras, na hidrovia Tietê-Paraná; e discute o problema crônico do contrabando na fronteira, que envolve até ricos empresários e altas patentes militares. Isso pode mudar, pois a nova Constituição permite o julgamento civil de militares por crimes comuns. Entre os militares processados por contrabando de carros brasileiros está o com. do Exército, R.H. Garcete, afastado do cargo em out. de 1992. Wasmosy terá também de afastá-los dos postos de direção que têm em estatais a serem privatizadas. O temor das altas patentes de serem punidas por crimes cometidos durante a ditadura aumenta, em fev. de 1993, ao descobrirem arquivos comprovando as violações da Operação Condor, de repressão a dissidentes, em coordenação com as ditaduras do Cone Sul (sua existência sempre foi negada por brasileiros, argentinos e uruguaios).

Peru

● **NOME OFICIAL:** República do Peru. **Capital:** Lima. **Nacionalidade:** peruana. **Hino:** *Somos livres, sejâmo-lo sempre* (1º verso). **Língua:** aimará, espanhol e quéchua (oficiais). **Religião:** cristianismo (católicos, 92,5% – oficial; protestantes, 5,5%). **Data nacional:** 28/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da América do Sul. **Área:** 1.285.261 km². **Limites:** Equador, Colômbia (N); Brasil, Bolívia (L); Chile (S); oceano Pacífico (O). **Características:** faixa litorânea desértica limitada a leste por três cadeias verticais da cordilheira dos Andes (de NO e S); vales profundos com diversos rios (entre as cadeias); altiplano andino com o lago Titicaca (SE); planícies onduladas com floresta tropical amazônica (62% do território, NE e L). **Ponto mais elevado:** pico Huascarán (6.768 m). **Clima:** árido tropical (litoral); de montanha (altiplano e cordilheira); equatorial (trecho amazônico). **Rios principais:** Apurímac, Marañón, Ucaiali, Napo, Urubamba, Putumayo, Madre de Diós. **Cidades principais:** Lima (6.115.700 hab.); Arequipa (621.700); Callao (572.300); Trujillo (532.000); Chiclayo (419.600) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

● **POPULAÇÃO:** 22.454.000 (est.1992); **urbana:** 71,3% (1992). **Composição demográfica:** quéchuas, 47,1%; mestiços, 32%; brancos, 12%; aimarás, 5,4%; outros ameríndios, 1,7%; outros, 1,8% (1981). **Crescimento demográfico:** 2,4% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 37,2%; 15-59: 56,8%; mais de 60: 6% (1991). **Densidade (hab./km²):** 17,5 (1992). **Natalidade:** 32,8 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 8,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 80,7 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,2 (1990). **Vida média homens:** 61,5; **mulheres:** 65,3 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 625 hab. (1990); **médicos:** 1 por 997 hab. (1989). **Gastos** com saúde: 5,1% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 10,7% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 6,4 milhões; **professores:** 246,7 mil (1991). **Alunos no ensino superior:** 751,2 mil; **professores:** 44,4 mil (1991). **Gastos:** 16,2% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 31/10/1993. **Divisão administrativa:** 25 departamentos capitais, 155 províncias e 1.586 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Cambio 90/Nova Maioria, Aliança Popular Revolucionária Americana, Acão Popular. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Alberto Fujimori (desde 28/7/1990). **Legislativo:** unicameral – Congresso Democrático Constituinte interino, com 80 membros.

● **ECONOMIA:** agricultura, 8,8%; indústria, 38,7%; mineração, 2,2%; comércio, 15,3%; serviços, 35% do PIB (1990). **Agricultura:** café, algodão, cana-de-açúcar, arroz, milho, batata, folha de coca (o Peru é o maior produtor mundial). **Pecuária:** ovinos, bovinos, suínos. **Pesca:** 6,9 milhões t. (1990). **Indústria:** alimentícia, refino de petróleo, têxtil, vestuário, bebidas, metalúrgica, química, equipamentos de transporte. **Minerais:** cobre, petróleo, chumbo, zinco, ouro, prata, minério de ferro, carvão, fosfatos, potassa. **Exportações:** US$ 3,3 bilhões; **produtos:** metais (cobre, chumbo e zinco, principais), petróleo e derivados, pescados, café (1991). **Importações:** US$ 3,9 bilhões; **produtos:** alimentos (cereais, principal), matérias-primas, bens de capital (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Alemanha, Brasil, Argentina, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** sol novo (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 1,63 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 38,3 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.020 (1991); **crescimento anual:** -0,4% (1980–1991). **Inflação:** 73,5% (1992). **Dívida externa:** US$ 20,7 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 7,7 milhões; **distribuição:** agricultura, 34%; indústria, 16,9%; comércio, 15,6%; serviços, 33,5 (1990); **mão-de-obra feminina:** 33,1% (1988–1990). **Desemprego:** 8,2% (1986).

● **DEFESA: Efetivo total:** 112 mil (1992); **Exército:** 75 mil; **Marinha:** 22 mil; **Força Aérea:** 15 mil; **outros:** 84 mil. **Gastos:** 13,6% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 69,9 mil km; 11% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 605,6 mil; **automóveis:** 368,2 mil (1990). **Ferrovias:** 3,5 mil km (1991). **Portos:** Callao, Salaverry, Pacasmayo, Paita, San Juan; Iquitos, Pucallpa, Yurimaguas (fluviais). **Linhas aéreas:** Aeroperu Cia. da Aviacíon Faucett, Aeronaves del Peru (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 300; **receptores:** 1 por 5,2 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 5; **receptores:** 1 por 11 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 28 hab. (1990). **Jornais diários:** 70; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 71 (1986).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES - Av. das Nações, lote 43, CEP 70428-900, Brasília, DF; tel. (061) 242-9933.

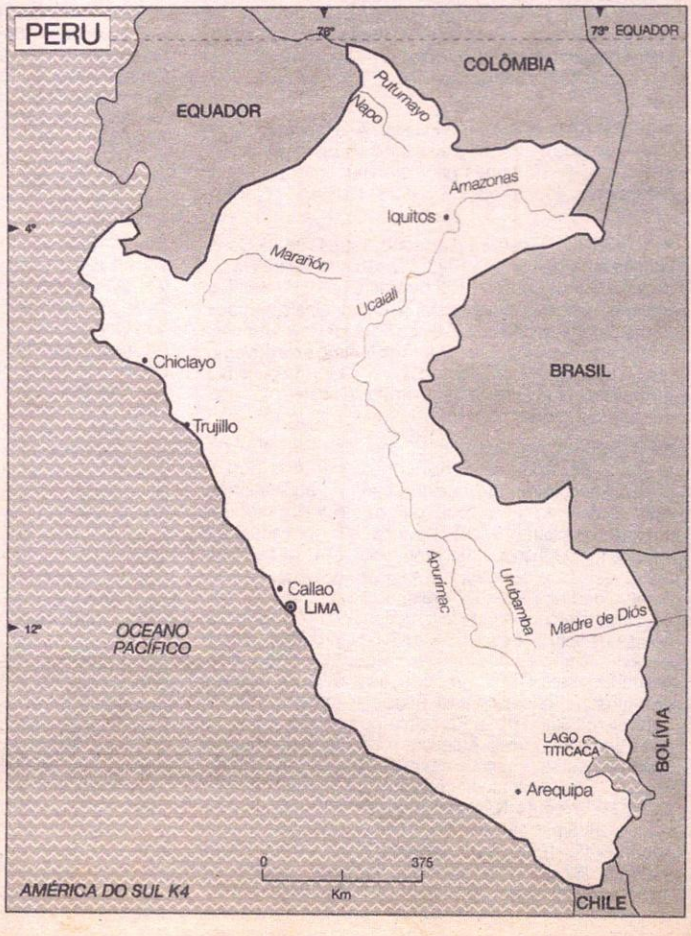
HISTÓRIA

Chefiados por Francisco Pizarro, os espanhóis conquistaram o Imp. Inca (1532), que, por sua riqueza mineral e abundante mão-de-obra indígena, tornou-se foco de atenção para a Coroa. **1819:** o argentino gen. José de San Martín inicia a luta autonomista. **1820:** independência (28/7); a região da serra fica sob o controle espanhol. **1824:** San Martín e Simón Bolívar derrotam os realistas nas batalhas de Junín (6/8) e Ayacucho (9/12). **1825:** separação do Alto Peru, atual Bolívia (6/8). **1826:** Constituição. **1828/29:** derrota na guerra contra a Grã-Colômbia. **1836 – 1839:** confederação com a Bolívia; derrota para o Chile e a Argentina. **1844 – 1851:** governo Ramón Castilla: prosperidade com a exportação de guano. **1855 – 1862:** Castilla volta ao poder; nova Constituição (1860); abolição da escravidão e do tributo pago pelos índios; o catolicismo volta a ser a religião oficial. **1858 – 1860:** vitória contra o Equador. **1863:** choques navais com a Espanha, que, em **1879:** reconhece a independência. **1879 – 1884:** derrota, junto com a Bolívia, na guerra contra o Chile; ocupação chilena de Lima e das províncias de Tacna e Arica; perda da província de Tarapacá. **1919 – 1930:** ditadura de Augusto Leguia. **1924:** Víctor Raúl Haya de la Torre funda a Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), defende reformas sócio-econômicas e a nacionalização das companhias estrangeiras. **1929:** mediação dos EUA decide a devolução de Tacna e a entrega de Arica ao Chile. **1932 – 1934:** ocupação colombiana de Letícia, na Amazônia; conflito armado; intervenção da Liga das Nações; retirada das tropas peruanas. **1938 – 1940:** governo Manuel Prado: conflitos fronteiriços com o Equador. **1941/42:** vitória contra o Equador e concessão, pelo Protocolo do Rio de Janeiro, do território em disputa, até hoje contestado por Quito. **1945:** impedida de apresentar candidatos, a APRA ajuda a eleger José Luis Bustamante, que substitui Prado. **1946 – 1956:** ditadura do gen. Manuel Odría, que depõe Bustamante. **1956:** reeleição de Prado com o apoio da APRA, que é legalizada. **1962:** a APRA não obtém maioria nas eleições; fracassam as tentativas de coalizão; golpe militar. **1963 – 1968:** vitória de Fernando Belaúnde Terry; oposição a seu governo provoca crise econômica e ele é deposto pelo gen. Juan Velasco Alvarado. **1969:** desapropriação da *International Petroleum Co.* e apreensão de pesqueiros americanos. **1971:** fim das concessões americanas para a exploração do cobre. **1973:** ruptura com a França devido aos testes nucleares no Pacífico. **1975:** o gen. Morales Bermúdez sucede Velasco (29/8). **1980:** vitória do governo nas eleições gerais (18/5) e municipais. **1981:** novos conflitos de fronteira com o Equador; greves e protestos contra a política econômica. **1982/83:** terrorismo do Sendero Luminoso em Ayacucho, nos Andes, reprimido pelo Exército; atentados em Lima e outras cidades; greves e agitação sindical; vitória da esquerda nas eleições municipais. **1984:** greves paralisam vários seto-

res; encontrados cemitérios clandestinos nos Andes, com vítimas da violência política. **1985**: vitória de Alan García Pérez, da APRA (14/4), com maioria absoluta no Congresso; limitação do pagamento da dívida externa a 10% das exportações provoca suspensão da ajuda dos EUA (ago.); demissão de oficiais culpados de atrocidades na repressão à guerrilha. **1986**: estado de emergência em Lima (fev.); rebelião de presos políticos, em Lurigancho (jul.), reprimida pelo Exército: morte de 400 presos; presos Claudio Bellilo Huytala ("camarada Gazeli"), chefe de operações do Sendero, e David Rosemberg Vidal, chefe político-militar. **1987**: Sendero provoca blecaute em um terço do país (mai.); assassinato do sec. da APRA, Nelson Pozo Garland, prisão do senderista Antonio Ponce (out.); lei permite o julgamento civil de militares por genocídio, tortura ou seqüestro; oito oficiais são acusados do assassinato de jornalistas, em Ayacucho, em 1982 (mar.); fracassa rebelião na base de Las Palmas, após destituição do com. da Força Aérea, Luis Abram Cavallerino, por articular golpe contra o recém-criado Ministério da Defesa (abr.); greve geral contra a política econômica (mai.); renúncia do 1º-min. Luís Alva Castro (jun.); o escritor Mario Vargas Llosa lidera oposição conservadora à estatização dos bancos e do sistema financeiro (jul.); os diretores dos 33 bancos atingidos acampam em suas empresas; o governo renuncia à intervenção. **1988**: cinco greves gerais e queda de quatro min. da Economia; nova lei antiterror. **1989**: 3.000% de inflação (fev.); Vargas Llosa é candidato à presidência pela conservadora Fredemo. **1990**: senderistas matam o ex-min. da Defesa gen. Enrique López Albujar (9/1); Vargas vence o primeiro turno (8/4), mas perde o segundo para Alberto Fujimori, do Movimento Independente Cambio 90 (10/6); os tupamaros aceitam dialogar com Fujimori; pacote econômico recessivo: aumento das tarifas até 3.000%; tumultos e saques nas grandes cidades; estado de emergência (8/8); assassinato do ex-min. do Trabalho Orestes Rodríguez Campos; García abre mão da imunidade parlamentar para responder sobre o massacre de Lurigancho; atentados senderistas: oitocentos mortos em set./out.; em represália à condenação de Osmán Morote Barmo, do Sendero, a vinte anos de prisão (13/11), assassinato do deputado Alejandro Victoria Mendoza (16/12). **1991**: ofensiva do Sendero contra Lima atinge as emb. de Israel, Colômbia e Japão (6/4); bombas contra cinqüenta bancos (25/4); capturados, no departamento de San Martín, sete líderes senderistas (10/5); bomba diante do palácio presidencial (set.); assassinato do contra-alm. Jorge Novoa Altamirano (2/9); fim da imunidade de García, acusado de corrupção (19/10); protesto contra a Lei da Mobilização Nacional, de amplos poderes aos militares contra o terrorismo (nov.). **1992**: nova escalada senderista (fev.); a oposição exige a renúncia do min. das Finanças, Carlos Boloña Beher (abr.); com apoio militar, Fujimori fecha o Congresso e o Judiciário e suspende as garantias constitucionais (5/4); suspensa a censura à imprensa (8/4), mas demissão de treze dos 28 juízes da Suprema Corte, acusados de corrupção (9/4); 120 membros do Congresso, em sessão secreta, empossam o 2º vice-pres., Carlos García y García, "presidente constitucional" (9/4); os EUA cortam ajuda de US$ 320 milhões, o BID bloqueia crédito de US$ 222 milhões, a Venezuela e o Panamá cortam relações, a OEA apenas "deplora" o golpe (abr.); morrem 28 presos e dois policiais em rebelião senderista no presídio Miguel Castro y Castro (5/5); 70% da população aprovam Fujimori (mai.); o 1º vice-pres. Máximo San Román lidera frente ampla de esquerda contra plebiscito convocado para jul. (mai.); Fujimori marca eleição da Constituinte para 22/11 (17/5); caminhão-bomba contra o canal de TV *Frecuencia-2* mata o jornalista Alejandro Pérez (5/6); carro-bomba mata 23 pessoas e fere duzentas no bairro rico de Miraflores (17/7); novas medidas antiterror (24/7); tupamaros seqüestram o empresário David Ballón (set.); prisão em Lima dos senderistas Abimael Guzmán, Elena Ipaguirre, Elvia Zanabria e Laura Zambrano (12/9); Guzmán é condenado à prisão perpétua (7/10); prisão, em Lima, de seu sucessor, Óscar Alberto Ramírez ("Comandante Feliciano") (19/10).

FATOS DO ANO

No terceiro aniversário de sua posse, em 28/7/1993, apoiado em pesquisas que lhe atribuem 60% de apoio popular, o pres. Alberto Fujimori discursa no Congresso para justificar o seu golpe de 5/4/1992. O modelo que os analistas vêm chamando de "fujimorização" força os políticos, diz ele, "a se darem conta de que o que o povo quer são soluções". E Fujimori não hesita em afirmar que "seu exemplo ainda será seguido por muitos países". Nessa



mesma época, os congressistas estão preparando novo texto constitucional que, entre outras coisas, lhe dará o direito de concorrer a novo mandato.

O apoio popular a Fujimori, que permanece intacto apesar da dureza de seu plano econômico, do "autogolpe", das constantes violações aos direitos humanos e de seu estilo autoritário de governo, desafia as análises dos observadores. Ao jornal espanhol *El País*, um sociólogo peruano diz que ela está na razão inversa da inflação (1,8% em jun. de 1993, o mais baixo índice em dezesseis anos) e do terrorismo: o número de mortos por violência caiu, em relação a 1990/91, graças à prisão, em set. de 1992, de Abimael Guzmán e outros senderistas, submetidos a julgamentos sumários por juízes que se mantiveram no anonimato; e o Movimento Revolucionário Tupac Amaru também está sendo rapidamente dizimado.

Boicote armado – Mas o Sendero, para provar que ainda está vivo, retomou, desde nov. de 1992, os atentados com carros-bomba, em protesto contra as eleições para o Congresso Constituinte Democrático, que substituirá o Congresso normal, fechado em abr. por Fujimori. Uma ameaça de "boicote armado" do pleito leva à mobilização das Forças Armadas: em 22/11/1992, com 100.000 soldados nas ruas e a presença de observadores da OEA, é feita a votação, de que não participam os grandes partidos tradicionais. A coalizão governamental Nova Maioria/Câmbio 90 fica com a maioria (44 cadeiras) e o ex-min. das Minas e Energia, Jaime Yashiyama Tanaka, líder da Nova Maioria, é eleito pres. do CCD, inaugurado em 31/12. Em 12/1/1993, ele é nomeado vice-presidente.

O ano de 1992 terminou com a condenação de 82 senderistas à prisão perpétua, permitida pela lei especial antiterrorismo. Mas o Sendero, desde os primeiros dias de 1993, mobiliza-se para nova ofensiva, contra as eleições municipais de 29/1, as primeiras desde o golpe a contarem com a participação de todos os partidos. Treze candidatos a prefeito e setenta parentes ou assessores de candidatos são mortos pelo Sendero que, para o dia do pleito, decreta "paralisação armada". A resposta da população é comparecer maciçamente às urnas, em eleições vigiadas pela OEA e consideradas um teste para o processo de redemocratização. Os candidatos independentes vencem em pelo menos quinze das 25 maiores cidades; e partidos tradicionais, como a Aliança Popular Revolucionária Americana ou a Ação Popular (AP), dos ex-pres. Alan García e Fernando Belaúnde Terry, só conseguem eleger meia dúzia de representantes na Câmara Municipal de Lima. Os observadores da OEA declaram-se satisfeitos com o processo eleitoral; com isso, espera-se o reinício do fluxo de ajuda externa.

Militares inquietos – Apesar da aprovação nesse teste eleitoral, Fujimori reconhece haver mal-estar na área militar: eles se queixam dos soldos baixos, de ter sido dado tratamento humilhante aos envolvidos no contragolpe de 13/11/1992, e de serem alvo de denúncias de tortura, como a que se refere à morte do maj. Hugo Ormeño durante um interrogatório sobre o complô de nov. de 1992. Em 14/1/1993, o gen. Nicolás Hermoza, com. do Exército, adverte que seu serviço secreto frustrou outra tentativa de golpe; mas o próprio Hermoza e o assessor militar de Fujimori, gen. Vladimiro Montesinos, são acusados de violações aos direitos humanos. Um dos acusadores é o gen. Rodolfo Robles, terceiro homem na hierarquia do Exército; mas ele também, por sua vez, acusado em mai. de liderar nova tentativa de golpe, refugia-se com a família na embaixada americana em Lima e, em seguida, exila-se na Argentina, denunciando que Fujimori "foi recrutado pelo Exército".

Em Lima, o presidente desmente estar sob controle militar e reitera o apoio a Hermoza e Montesinos. Em 11/5, transpira a informação de que ambos serão citados para depor no Conselho Supremo da Justiça Militar; mas há quem considere essa medida uma manobra para impedir que eles tenham de responder, no Congresso, sobre sua eventual responsabilidade no desaparecimento e provável execução de um professor e nove alunos da Faculdade de Educação de La Cantuta, perto de Lima. Em 26/6, um relatório parlamentar os incrimina; e as investigações prosseguem após a descoberta, em 9/7, de restos humanos enterrados nos arredores da capital.

Fontes da polícia informam, em 28/6, que o Sendero já tem novo líder: Maria Jenny Rodríguez Neyra, a "camarada Rita" (as mulheres detêm, atualmente, mais da metade dos postos de comando político-militar no movimento). O gen. Sinesio Jarama, ex-chefe da 2ª Divisão Militar, afirma que a ofensiva do Exército reduziu a 1.500 militantes o contingente senderista. Não surte o mesmo efeito, entretanto, a ofensiva em relação ao tráfico de drogas que, entre 1980/1990, cresceu dez vezes. E a guerrilha chega a cobrar "pedágio" sobre a comercialização da folha de coca no Alto Huallaga, seu maior produtor mundial.

O Congresso começa a debater, em 10/6, as quinze emendas à Constituição: a recomendação da comissão jurídica de que se adote pena de morte para casos de terrorismo é referendada pelos congressistas, em votação secreta, em 3/8 (55 votos a favor, 21 contra e uma abstenção). Em 26/6, a mesma comissão aprova o projeto de emenda que possibilita a reeleição presidencial, ratificado pelos congressistas em 4/8. Em prazo recorde de 21 dias, o CCD aprova a nova Constituição em 26/8, por 54 votos a dez votos; e em 1º/9, decide submetê-la a plebiscito entre 26/10 e 26/11.

Buscando investidores – Em 28/8, a renúncia do gabinete de Oscar de La Puente Raygada visa a permitir melhorias nas relações com a comunidade internacional. Afonso Bustamente y Bustamente acumula o cargo de 1º-min. com a Indústria, Comércio, Integração e Turismo; o empresário Efraín Goldenberg, com experiência em comércio exterior, recebe a Chancelaria ; e Jorge Camet Dickman, que renunciara em jul. depois de deter a inflação e renegociar a dívida externa, volta à pasta da Economia. A expectativa do governo era a de que a prisão de Guzmán, a queda da inflação, a venda de estatais como a *Aeroperu* e a renegociação dos US$ 22 bilhões de dívida externa com o FMI acelerassem os investimentos, especialmente no deprimido setor de mineração, principal fonte de exportações do país. Em fev. de 1993, Japão e EUA decidem participar de novo empréstimo-ponte ao Peru e, em mai., o Clube de Paris perdoa US$ 1,88 bilhão dos US$ 3 bilhões da dívida peruana. Mas o país continua à espera de um maior volume de investimentos para combater o desemprego que atinge a maioria da população ativa.

Em 12/9/1993, quando o procurador-geral Manuel Catacora anuncia que Abimael Guzmán será tirado do isolamento total, passando ao regime normal de prisão, as sondagens demonstram que a maioria dos peruanos acredita estar próximo o fim da guerra contra o Sendero Luminoso, que custou ao país 25.000 vidas e US$ 22 bilhões. Em apoio a esse ponto de vista, ao visitar a ONU em 1º/10, Fujimori exibe à imprensa uma carta de Guzmán em que ele pede conversações com o governo, e diz que os senderistas estão "às portas da rendição"; mas afirma que não negociará com eles, a menos que os "arrependidos" forneçam informações que levem a novas prisões e participem das operações antiterrorismo.

Reunião na cadeia – Mas a resposta dos extremistas à exibição pela TV, em 3/10, de Guzmán lendo a carta em que propõe a paz, são novos atentados com carro-bomba que semeiam morte e pânico em Lima. Em 28/10, Fujimori vai à TV e informa ter havido, na prisão, uma reunião de cúpula do Sendero em que se discutiu a possibilidade de pedir aos militantes que deponham as armas; dois dias depois, exibe carta em que eles pedem a suspensão dos atentados – mas a transmissão da TV é interrompida por um blecaute.

Com as forças de segurança em alerta máximo e depois de Fujimori ter prometido renunciar se a nova Carta não for aprovada, em 31/10 o "sim" obtém 52,9% contra 47,1% para o "não". Além da pena de morte para terroristas e do direito à reeleição, a nova Carta limita o papel do Estado na economia e cria um Congresso unicameral.

Polônia

• **NOME OFICIAL:** República da Polônia. **Capital:** Varsóvia. **Nacionalidade:** polonesa. **Hino:** *A Polônia é nossa para sempre* (1º verso). **Língua:** polonês (oficial); alemão. **Religião:** cristianismo (católicos, 95%; ortodoxos e outros); islamismo (minoria). **Data nacional:** 22/7 (Pátria).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Europa. **Área:** 312.683 km². **Limites:** mar Báltico (N); província russa de Kaliningrado e Lituânia (NE); Bielorrússia, Ucrânia (L); República Tcheca e Eslováquia (S); Alemanha (O). **Características:** planícies (91,3% do território); região de lagos ao longo do vale do rio Vístula (N); cadeia montanhosa dos Cárpatos (S). **Ponto mais elevado:** monte Rysy (2.449 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Vístula, Oder, Bug, Warta. **Cidades principais:** Varsóvia (1.654.500 hab.); Lodz (846.500); Cracóvia (750.600) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

• **POPULAÇÃO:** 38.429.000 (est.1992); **urbana:** 62% (1992). **Composição demográfica:** poloneses, 98,7%; ucranianos, 0,6%; outros, 0,7% (1990). **Crescimento demográfico:** 0,4% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 25,3%; 15-59: 60%; mais de 60: 14,7% (1990). **Densidade (hab./km²):** 122,9 (1992). **Natalidade:** 14,3 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 10,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 15 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,1 (1991). **Vida média homens:** 66,5; mulheres: 75,5 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 154 hab.; **médicos:** 1 por 471 hab. (1992). **Gastos com saúde:** 16,9% do orçamento (1990).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 2% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 7,6 milhões (1991/92); **professores:** 437,6 mil (1991/92). **Alunos no ensino superior:** 423,5 mil; **professores:** 63,2 mil (1991/92). **Gastos:** 14,6% do orçamento (1990).

• **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** nov. de 1992 (provisória). **Divisão administrativa:** 49 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Democrática, Solidariedade, Aliança Democrática da Esquerda, Ação Católica. **Chefe de Estado:** pres. Lech Walesa (desde 22/12/1990). **Chefe de governo:** 1º-min. Waldemar Pawlak (desde 25/10/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado com 100 membros e Sejm com 460 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 14,5%; indústria, 60,9%; comércio, 18,3%; serviços, 6,3% do PIB (1989). **Agricultura:** trigo, centeio, aveia, repolho, batata, beterraba. **Pecuária:** aves, suínos, bovinos. **Pesca:** 473 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, máquinas industriais, metalúrgica, têxtil, vestuário, equipamentos de transporte, química. **Minerais:** carvão, cobre, prata, enxofre, gás natural. **Exportações:** US$ 14,9 bilhões; **produtos:** carvão, vestuário, manufaturas de ferro, aço e outros metais, agrícolas (1991). **Importações:** US$ 15,5 bilhões; **produtos:** manufaturas de metal, máquinas e equipamentos industriais, petróleo, gás natural, químicos, alimentos, têxteis (1991). **Parceiros comerciais:** Alemanha, Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** zloty (dividido em 100 groszy); **cotação para 1 US$:** 15.767,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 70,6 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.830 (1991); **crescimento anual:** 1,2% (1980–1991). **Inflação:** 43% (1992). **Dívida externa:** US$ 52,5 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 18,5 milhões; **distribuição:** agricultura, 30,1%; indústria, 33,3%; comércio, 8,9%; serviços, 8%; outros, 19,7%; **mão-de-obra feminina:** 45,4% (1991). **Desemprego:** 13,9% (1992).

• **DEFESA: Efetivo total:** 296,5 mil (1992); **Exército:** 194,2 mil; **Marinha:** 19,3 mil; **Força Aérea:** 83 mil; **outros:** 38 mil paramilitares. **Gastos:** 7% do orçamento (1990).

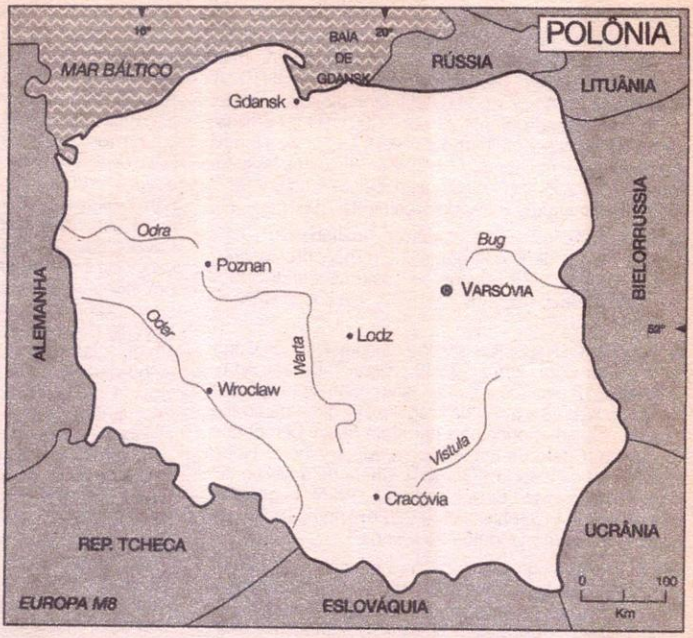
• **TRANSPORTES: Rodovias:** 363,1 mil km; 62% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 6,4 milhões; **automóveis:** 5,3 milhões (1991). **Ferrovias:** 25,8 mil km (1991). **Portos:** Gdynia, Gdańsk, Szczecin (mar Báltico). **Linha aérea:** LOT (vôos internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 20; **receptores:** 1 por 3,7 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 3,8 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 7,5 hab. (1990). **Jornais diários:** 48 (1991).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 33, CEP 70423-900, Brasília, DF; tel. (061) 243-3438.

HISTÓRIA

Unificando-se no séc. X, as tribos eslavas convertem-se ao catolicismo. Uniu-se à Lituânia sob o rei Wladyslaw Jagueilão (1386), que derrotou os Cavaleiros Teutônicos (1410). Após a morte do último Jagueilão (1572), conflitos internos causaram o declínio. **1772 – 1774:** sucessivas partilhas fazem o país desaparecer como Estado soberano. **1774:** fracasso da revolta nacionalista de Tadeusz Kosciusko. **1918 – 1921:** República; concessão, pelo Tratado de Versalhes, do acesso ao Báltico pelo chamado "corredor polonês"; Dantzig (atual Gdańsk) é declarada cidade livre. **1920:** tentativa aliada de entregar à Rússia as províncias orientais provoca a guerra entre esses países, ganha com ajuda francesa. **1921:** o Tratado de Riga atende à maioria das reivindicações territoriais polonesas. **1926 – 1935:** ditadura do gen. Jozef Pilsudski e, após sua morte, do gen. Edward Rydz-Smigly. **1939:** invasão alemã e soviética; nova partilha do território (set.). **1941:** domínio nazista; extermínio de 6 milhões de poloneses, metade dos quais judeus; deportação para a Alemanha de 2,5 milhões como mão-de-obra escrava. **1944:** invasão soviética; levante de Varsóvia (ago.), esmagado pelos nazistas. **1945:** expulsão dos alemães. **1945 – 1947:** guerra civil entre comunistas e republicanos: 50 mil mortos; vitória comunista. **1946:** nacionalização da indústria. **1947:** repatriação de 1,5 milhão de poloneses da URSS e de 400 mil ucranianos para a URSS. **1952:** nova Constituição. **1956:** manifestações em Poznan derrubam o stalinista Stanislaw Bierut; Wladyslaw Gomulka é o líder do Partido Operário Unido Polonês (POUP); libertação do card. Stefan Wyszynski, preso desde 1953. **1968:** participação na invasão da Tcheco-Eslováquia; campanha interna contra "sionistas" e "revisionistas". **1970:** acordo com a Alemanha Ocid. fixa a linha Oder-Neisse como fronteira comum; crise econômica derruba Gomulka, substituído por Edward Gierek. **1973:** reatamento com a Alemanha Ocid. **1974:** nova lei agrária concentra pequenas propriedades em unidades maiores, para torná-las mais eficientes. **1976:** nova Constituição; repressão aos protestos contra o governo; fundação do Comitê de Autodefesa dos Trabalhadores. **1979:** o papa João Paulo II visita seu país. **1980:** crise econômica: cai o 1º-min. Piotr Jaroszewicz, sucedido por Edward Babiuch; greve nos estaleiros de Gdańsk e nas minas da Silésia; permitida a fundação do sindicato Solidariedade; Babiuch é substituído por Józef Pinkowski. **1981:** tensão governo/Solidariedade: decretação do estado de guerra (13/12); criado o Conselho Militar de Salvação Nacional sob o gen. Wojciech Jaruzelski; prisão de 5.096 pessoas, entre elas o líder Lech Walesa. **1982:** o Solidariedade cai na ilegalidade (out.); Walesa é solto (nov.); revogação do estado de guerra (dez.). **1983:** nova visita do papa; fim do estado de sítio, mas a Constituição incorpora as medidas de restrição à liberdade; Nobel da Paz para Walesa. **1984:** anistia aos presos políticos (jun.); protestos pelo seqüestro e morte (19/10) do pe. Jerzy Popieluszko, do Solidariedade. **1985:** boicote das eleições legislativas (13/10). **1986:** anistia restrita e incondicional (17/7); criado Conselho Provisório do Solidariedade (30/9); o governo declara-o ilegal; derrota do governo no plebiscito sobre reforma econômica (29/11). **1988:** greves na siderúrgica de Nova Huta, nos estaleiros de Gdańsk e na fábrica de tratores Ursus (abr./mai.); boicote às eleições municipais (19/6); greves dos mineiros de Katowice e Jastrzebie e dos portuários de Szczecin e Gdańsk (ago.); renúncia coletiva do gabinete (19/9): o 1º-min. Zbigniew Messner é substituído por Mieczyslaw



Rakowski. **1989**: legalização do Solidariedade (5/4); a oposição elege 99 dos cem senadores e os 35% de deputados permitidos por lei (4/6); Jaruzelski, eleito presidente, nomeia Czeslaw Kiszczak 1º-ministro (19/7); mas ele não chega a tomar posse: em seu lugar, assume Tadeusz Mazowiecki, editor do jornal do Solidariedade (20/8); pacote econômico põe fim a subsídios, restringe o crédito e congela salários (14/12). **1990**: transformação do POUP na Social Democracia da República Polonesa; uma ala dissidente forma a União Social-Democrata (jan.); Walesa, eleito presidente (9/2), nomeia 1º-min. o economista Jan Krzysztof Bielecki (16/12). **1991**: eleição de Marian Krzaklewski pres. do Solidariedade (fev.); a revisão da lei eleitoral cria confronto Executivo/Legislativo (jun./jul.); greve do Solidariedade contra a política econômica (mai.–ago.); a renúncia de Bielecki é negada pelo Parlamento (3/8); vitória da União Democrática (UD) (27/10), mas nem Mazowiecki nem Bronislaw Geremek, também da UD, conseguem formar governo (out./nov.); Walesa tenta acumular a chefia do Estado e do governo, mas é forçado a nomear Jan Olszewski, da Aliança de Centro, apoiado pela centro-direita (5/12); ingresso no Conselho da Europa (nov.); acordo de associação com a CEE (dez.). **1992**: greve do Solidariedade (13/1), contra o corte de subsídios propostos por Olszewski, apoiada pelo sindicato comunista OPZZ (21/1); Olszewski cede: renúncia do min. das Finanças, Karol Lutkowski (fev.); rejeição do plano econômico pelo Parlamento; o governo o reapresenta com medidas mais severas (mar.); renúncia do min. das Finanças, Andrzej Olechowski, em protesto contra o aumento do funcionalismo concedido pelo Tribunal Constitucional (mai.); moção de desconfiança derruba Olszewski (5/6); fracasso de Waldemar Pawlak, do Partido Camponês, em formar novo governo; coligação de sete partidos apóia Hanna Suchocka, da UD (10/7), que propõe controle monetário e aceleração das privatizações; greves dos mineiros da Silésia e das montadoras de carros contra o arrocho salarial (ago.); a Lei das Privatizações (18/8) cria fundo de investimento, aberto a todos os cidadãos, para gerenciar ações das quatrocentas estatais privatizadas.

FATOS DO ANO

É o social-democrata Aleksander Kwasniewski o vencedor das eleições de set. de 1993, em aliança com o Partido Camponês – a que pertence Waldemar Pawlak, convidado em 25/10, pelo pres. Lech Walesa, a formar gabinete. Apesar dos bons resultados que vinha obtendo em sua gestão econômica, interrompe-se o governo da 1ª-min. Hanna Suchocka.

Desde jul. de 1992, Suchocka tentara sanear a economia com o controle monetário e das privatizações, receita ortodoxa que, num primeiro momento, mostrou-se eficiente. Mas o desemprego saltou de 12%, em 1992, para 14% em 1993, afetando sobretudo os 300 mil mineiros de carvão da Silésia, que, em dez. de 1992, fizeram uma greve enfrentada com firmeza por Suchocka. Mas há sinais de que a Polônia, ajudada pelo FMI com US$ 700 milhões (dez. de 1992), se adapta bem à economia de mercado: seu índice de crescimento de 4% em 1993 é um dos maiores da Europa; e crescem os investimentos estrangeiros. A Fiat tem planos de montar 240 mil veículos, até 1994, em sua sucursal polonesa. Novo lote de privatizações é aprovado, em mai. de 1993, com apoio até mesmo de ex-comunistas da Aliança Democrática de Esquerda.

Não ao aborto – O reverso da moeda é o crescimento do tradicional conservadorismo católico. Em fev. de 1993, pressionado pela Igreja e passando por cima dos liberais que a defendiam, Walesa revoga a permissiva legislação comunista sobre o direito ao aborto. Causa estranheza a aprovação (28/5), por um único voto de diferença, de moção de censura contra Suchocka, por pressão do Solidariedade, insatisfeito com sua política trabalhista. Nas eleições antecipadas, a surpresa: vencem a ASD/PC. Ao apresentar seu gabinete, em 25/10, Pawlak promete manter as privatizações e as linhas gerais da política de sua predecessora.

Em out. de 1992, por solicitação de Varsóvia, o Kremlin liberou documentos comprovando a ordem de Stálin, que a URSS sempre desmentira, para que 20 mil poloneses fossem massacrados em Katyn, em 1940. Quando Borís Iéltsin visita a Polônia, em 1993, Walesa lhe agradece pelo total esclarecimento desse episódio da II Guerra Mundial.

Portugal

● **NOME OFICIAL:** República Portuguesa. **Capital:** Lisboa. **Nacionalidade:** portuguesa. **Hino:** A portuguesa (título). **Língua:** português. **Religião:** cristianismo, 96% (católicos, 94,5%; anglicanos, protestantes); islamismo, 0,1%; judaísmo, 0,1%. **Datas nacionais:** 25/4 (Liberdade); 1º/12 (Restauração da Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da Europa. **Área:** 92.389 km². **Limites:** Espanha (N e L); golfo de Cádiz (S); oceano Atlântico (O). **Características:** litoral retilíneo; região acidentada, com serras e vales ao norte do rio Tejo; região mais baixa e suavemente inclinada para oeste ao sul do Tejo; montanhas do Algarve (SO). **Pontos mais elevados:** monte Malhão (1.991 m, continente); Ponta do Pico (2.345 m., arquipélago dos Açores). **Clima:** mediterrâneo (S), temperado oceânico (N). **Rios principais:** Tejo, Douro, Minho, Sado. **Cidades principais:** Lisboa (830.500 hab.); Porto (350.000) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 10.429.000 (est.1992); **urbana:** 33,6% (1990). **Composição demográfica:** portugueses, 99,5%;

cabo-verdianos, americanos, britânicos, brasileiros, espanhóis (minorias). **Crescimento demográfico:** 0,1% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 22,7%; **15-59:** 59,9%; **mais de 60:** 17,4% (1987). **Densidade (hab./km²):** 113,4 (1992). **Natalidade:** 11,8 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 10,4 por 1.000; **mortalidade infantil:** 11 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,7 (1990–1995). **Vida média homens:** 70,6; **mulheres:** 77,6 (1987/88). **Leitos hospitalares:** 1 por 236 hab.; **médicos:** 1 por 374 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 8,5% do orçamento (1991).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 13,2% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,9 milhão; **professores:** 136,9 mil (1991/92). **Alunos no ensino superior:** 182,3 mil; **professores:** 15,1 mil (1991/92). **Gastos:** 11,2% do orçamento (1988).

• **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 25/4/1976 (2 revisões). **Divisão administrativa:** 18 distritos e 2 regiões autônomas (o arquipélago dos Açores e a Ilha da Madeira). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Social Democrata, Socialista. **Chefe de Estado:** pres. Mário Alberto Nobre Lopes Soares (desde 9/3/1986). **Chefe de governo:** 1º-min. Aníbal Cavaco Silva (desde out./1985). **Legislativo:** unicameral – Assembléia, com 230 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 6,3%; indústria, 39%; comércio, 20%; serviços, 34,7% do PIB (1989). **Agricultura:** trigo, milho, batata, tomate, uva. **Pecuária:** caprinos, suínos, bovinos. **Pesca:** 321,9 mil t (1990). **Indústria:** têxtil, vestuário, calçados, vinícola, polpa de papel, cortiça, química, aparelhos elétricos, cerâmica. **Minerais:** calcário, granito, mármore, piritas de cobre, ouro, urânio. **Exportações:** US$ 18,2 bilhões; **produtos:** vestuário, têxteis, calçados, polpa e papel, manufaturas de madeira e de cortiça, equipamentos elétricos, químicos (1992). **Importações:** US$ 30 bilhões; **produtos:** alimentos, fios têxteis, químicos, equipamentos de transporte (1992). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Alemanha, Espanha e França, principais). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** escudo (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 146,45 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 58,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 5.620 (1991); **crescimento anual:** 3,2% (1980–1991). **Inflação:** 8,9% (1992). **Dívida externa:** US$ 19,4 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 4,9 milhões; **distribuição:** agricultura, 17,1%; indústria, 32,8%; comércio, 14,7%; serviços, 30,7%; outros, 4,7%; **mão-de-obra feminina:** 43,1% (1990). **Desemprego:** 4,2% (1992).

• **DEFESA: Efetivo total:** 58,3 mil (1992); **Exército:** 32,7 mil; **Marinha:** 15,3 mil; **Força Aérea:** 10,3 mil; **outros:** 49,8 mil paramilitares. **Gastos:** 5,9% do orçamento (1988).

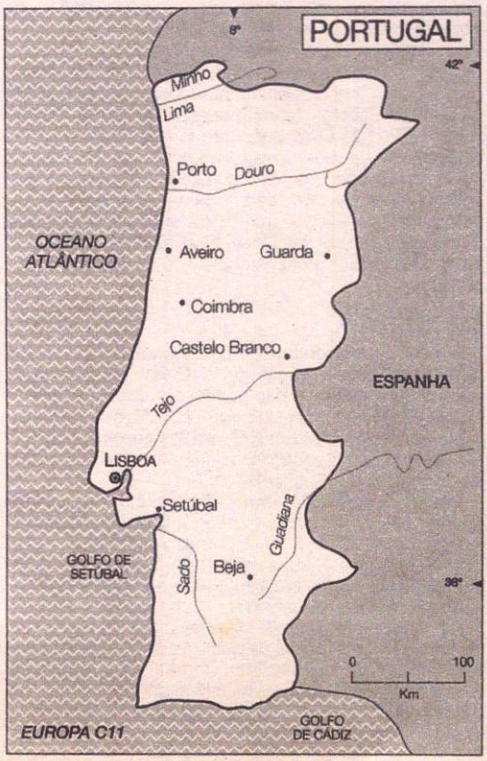
• **TRANSPORTES: Rodovias:** 50,2 mil km (1991); **nº de veículos:** 4,5 milhões; **automóveis:** 3,4 milhões (1990). **Ferrovias:** 3,6 mil km (1991). **Portos:** Lisboa, Leixões (Porto), Setúbal, Funchal (em Madeira), Portimão (em Algarve), Açores. **Linhas aéreas:** TAP, Air Atlantis, LAR Transregional, Portugália (vôos internacionais e domésticos); SATA (regionais).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 322; **receptores:** 1 por 4,2 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 3; **receptores:** 1 por 5,8 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,6 hab. (1991). **Jornais diários:** 30; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 50 (1991).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 2, CEP 70402-900, Brasília, DF; tel. (061) 321-3434.

HISTÓRIA

Ocupada pelos iberos, a Lusitânia foi conquistada por Júlio César e Augusto, depois controlada pelos visigodos (séc. V) até a chegada dos mouros (séc. VIII). Independente em 1185, o Estado português consolidou-se após a expulsão dos mouros (1249). A ameaça de Castela à sua autonomia terminou com a vitória na Batalha de Aljubarrota (1385). **1415:** Henrique, o Navegador, captura Ceuta, no NE da África; início da exploração marítima; descoberta da ilha da Madeira. **1499:** Vasco da Gama descobre o caminho marítimo para a Índia. **1500:** Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil. **1580 – 1640:** d. Sebastião morre na Batalha de Alcácer-Quibir; Felipe II da Espanha torna-se rei de Portugal; domínio espanhol; d. João de Bragança recupera a independência; torna-se d. João IV. **1807:** invasão napoleônica; a família real foge para o Brasil. **1910:** deposição de d. Manuel II; República. **1932:** ditadura do min. das Finanças, Antônio de Oliveira Salazar, que se torna 1º-ministro. **1961:** anexação, pela Índia, do enclave de Goa; surgem movimentos pró-independência em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. **1968:** colapso de Salazar, que morre em 1970; Marcelo Caetano assume. **1974:** Revolução dos Cravos: fim do salazarismo (25/4); assume o gen. Antônio Spínola, que renuncia (set.) e é substituído pelo gen. Francisco Costa Gomes. **1975:** independência das colônias africanas; fracassa golpe liderado por Spínola (11/3), primeiras eleições constituintes desde 1928; os socialistas rompem com o governo (11/7); assume triunvirato: Francisco Costa Gomes, Otelo Saraiva de Carvalho e Vasco Gonçalves (25/7), este último substituído, como 1º-ministro, por José Batista de Azevedo (29/8). **1976:** vitória socialista na Assembléia Legislativa: Mário Soares é o 1º-ministro e o gen. Antônio Ramalho Eanes, o presidente. **1978/79:** renúncia de Soares, substituído por Alfredo Nobre da Costa, Alberto Mota Pinto e, interinamente, Maria de Lourdes Pintassilgo; vitória da Aliança Democrática (out.), com 128 das 250 cadeiras do Parlamento. **1980:** morte do 1º-min. Francisco Sá Carneiro em desastre de avião (dez.); sucede-o Francisco Pinto Balsemão; aprovada autonomia da Madeira. **1982:** dissolução do Conselho da Revolução para que o governo aprove a lei de aumento da iniciativa privada. **1983:** renúncia de Pinto Balsemão; o PS ganha eleições antecipadas (abr.); Soares assume, em coligação com o PSD; reaberto o setor bancário à iniciativa privada. **1985:** o PSD sai do governo e vence as



eleições antecipadas (6/10); Aníbal Cavaco Silva é o 1º-ministro. **1986**: adesão à CEE (1º/1); Soares torna-se presidente. **1987**: a oposição unida aprova moção de desconfiança (3/4); vitória do PDS, com maioria absoluta, nas eleições antecipadas (19/7); condenação de Saraiva de Carvalho a quinze anos de prisão, por chefiar organização terrorista, aniquilada três anos antes (19/5); mas, em **1989**: sua prisão é considerada inconstitucional e ele é solto para aguardar julgamento em liberdade (17/5). **1991**: reeleição de Soares com 70,4% de votos (out.); vitória do PSD com maioria parlamentar (out.); em conseqüência da derrota, em **1992**: o sec.-geral do PS, Jorge Sampaio, é substituído por Antonio Guterres; e o do CDS, Freitas do Amaral, por Manuel Monteiro (fev.); greve dos universitários contra a Prova Geral de Acesso, acusada de favorecer os alunos mais ricos (fev.): renúncia do min. da Educação, Diamantino Durão, substituído por Antonio Couto Santos (16/3); ingresso do escudo no Sistema Cambial Europeu (abr.).

FATOS DO ANO

O pres. Mário Soares veta o projeto do 1º-min. Aníbal Cavaco Silva de restringir o direito de asilo e de rever o estatuto dos refugiados; mas ele é aprovado (25/8/1993) na Assembléia da República. Tachado de "eurocêntrico, racista e xenófobo", ele permite a expulsão de qualquer estrangeiro, alegando proteger o país da invasão do mercado de trabalho. Entre os atingidos estão os brasileiros que tentam imigrar para Portugal: já em 24/1, dezessete deles, detidos no aeroporto de Lisboa, tinham sido expostos a maus-tratos, criando atrito diplomático.

Relatório de fev. de 1993 mostra a estagnação do crescimento demográfico: Portugal está no topo da pirâmide de envelhecimento européia. Mas a situação melhorou desde o ingresso na CEE: 63% das famílias têm casa de três cômodos, 50% têm automóvel e 98,4%, aparelho de TV. A liberação total do crédito externo (17/8/1992), sem a necessidade do depósito compulsório de 25% do total obtido, aqueceu o mercado econômico-financeiro. A princípio, acreditou-se que estrangeiros voltassem a adquirir títulos da dívida indexada; mas o desinvestimento acelerado fez crer que o Banco de Portugal tinha razão ao pedir processos mais graduais de liberação. Além de cortes orçamentários, o pacote de out. de 1992 visou a reduzir o déficit a menos de 4% do PIB.

Desestatização em marcha – Da arrecadação de US$ 1,8 bilhão prevista para 1993, com as privatizações – US$ 292 milhões obtidos em dez. de 1992, com a do Banco de Crédito Predial –, US$ 360 milhões serão investidos na reestruturação das empresas públicas. Mas os empresários acusam o min. das Finanças, Jorge Braga de Macedo, de ser demasiado lento e de fixar, nos leilões, preços altos para os grupos nacionais: em fev. de 1993, quatro interessados nas fábricas de cimento Sial e CMP desistem da operação; e, em jun., a empresa francesa Total, que comprara 25% da Petrogal, recusa-se a aumentar seu capital em 40 bilhões de escudos alegando ignorar, no momento da transação, os prejuízos sofridos em 1992. Em compensação, é bem-sucedida a privatização do Banco Português do Atlântico (jun.) e do Banco Pinto e Sotto Mayor (ago.). Até 1995, serão privatizados bancos, estaleiros, usinas de cimento e gás, e quatro companhias de ônibus da Rodoviária Nacional.

A queda da inflação de 11,7%, em 1991 para 6% em abr. de 1993 manteve os juros baixos; mas a permanência no Sistema Monetário Europeu obriga a desvalorizações sucessivas. Em protesto, Antonio Borges, gov. do Banco de Portugal, renuncia (mar. de 1993), causando desvalorização recorde de 1DM = ES 94. Para impedir a especulação, o Banco de Portugal intervém (14/3) e estabiliza a moeda em 1DM = ES 92,75. Mas a paridade que se mantinha entre o escudo e a peseta espanhola força novas desvalorizações. Em mai., com o câmbio a 1DM = ES 97,5, o novo gov. do Banco, Miguel Beleza, renuncia a essa paridade, alegando que a crise da economia espanhola está puxando a portuguesa para baixo. Em 7/8, é aprovado o plano de desenvolvimento 1993–1997, de US$ 39 bilhões, financiado pelo fundo da CEE para os países membros mais pobres: ele prevê investimentos na educação e nos transportes, redução de deficiências da área industrial e criação de 100 mil novos empregos; mas pode deixar Portugal muito dependente dos fundos comunitários.

Quênia

● **NOME OFICIAL:** República do Quênia. **Capital:** Nairóbi. **Nacionalidade:** queniana. **Hino:** *Deus de toda a criação* (1º verso). **Língua:** suahili (oficial); inglês, quicuiu e luo. **Religião:** crenças tradicionais, 18,9%; cristianismo, 73% (protestantes, 26,5%; católicos, 26,4%; anglicanos e outros); islamismo, 6% (muçulmanos principalmente no litoral, ao norte e em Nairóbi; bahaístas a leste); hinduísmo (minoria). **Data nacional:** 12/12 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da África. **Área:** 580.367 km². **Limites:** Etiópia (N); Sudão (NO); Somália e oceano Índico (L); Tanzânia (S); Uganda (O). **Características:** planície litorânea árida com savanas; planalto central (N a S) dividido pelo vale da Grande Fenda e por cordilheiras vulcânicas (centro-oeste); lagos Rudolf (N), Vitória (O) e Natron (S). **Ponto mais elevado:** monte Quênia (5.199 m). **Clima:** equatorial (litoral); equatorial de altitude (interior). **Rios principais:** Tana, Athi, Turkwell, Galana. **Cidades principais:** Nairóbi (1.504.900 hab.); Mombaça (425.600); Kisumu (167.100); Nakuru (101.700); Machakos (92.300) (1984). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 26.985.000 (est.1992); **urbana:** 25,3% (1991). **Composição demográfica:** africanos, 98,5% (maioria bantu, nilo-hamíticos, nilóticos, hamíticos); asiáticos, 0,4%; europeus, 0,3%; árabes, 0,2%. **Crescimento demográfico:** 3,7% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 49,6%; **15-59:** 47%; **mais de 60:** 3,4% (1992). **Densidade (hab./km²):** 47,2 (1992). **Natalidade:** 47 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 9,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 63 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,8 (1990–1995). **Vida média homens:** 59; **mulheres:** 63 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 734 hab.; **médicos:** 1 por 7,3 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 4,2% do orçamento (1990/91).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 31% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 6 milhões; **professores:** 193 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 29,2 mil. **Gastos:** 16,7% do orçamento (1990/91).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 12/12/1963 (várias emendas). **Divisão administrativa:** 8 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Nac. Africana, Fórum para a Restauração da Democracia-Asili, Fórum para a Restauração da Democracia-Quênia, Democrático. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Daniel Arap Moi (desde 17/10/1978). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 202 membros (188 eleitos por voto direto, 12 nomeados pelo pres., o relator e o procurador-geral), para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 24,3%; indústria, 17,9%; mineração, 0,2%; comércio, 9,4%; serviços, 48,2% do PIB (1990). **Agricultura:** café, chá, hortaliças, sisal, cana-de-açúcar, algodão, milho. **Pecuária:** bovinos, caprinos, ovinos. **Pesca:** 142,4 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, derivados de petróleo importado, química, cimento, papel e derivados, bebidas, tabaco, têxtil e vestuário, couro e derivados, derivados de borracha, manufaturas de metal, cerâmica, equipamentos elétricos e de transporte. **Minerais:** espatoflúor, sal, calcário, rubi, ouro, vermiculita. **Exportações:** US$ 1,1 bilhão; **produtos:** café, chá, derivados de petróleo (1991). **Importações:** US$ 1,8 bilhão; **produtos:** máquinas industriais, petróleo bruto, veículos, ferro, aço (1991). **Parceiros comerciais:** Grã-Bretanha, Alemanha, Japão, Emirados Árabes Unidos. **Pesos e**

medidas: sistema métrico decimal. **Moeda:** xelim queniano (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 36,22 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 8,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 240 (1991); **crescimento anual:** 4,1% (1980–1991). **Inflação:** 35% (1992). **Dívida externa:** US$ 7 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 1,4 milhão (empregados, 1989); **distribuição:** agricultura, 81%; indústria, 6,8%; serviços, 12,2%; **mão-de-obra feminina:** 40,3% (1988–1990). **Desemprego urbano:** 16% (1992).

• **DEFESA: Efetivo total:** 24,2 mil (1992); **Exército:** 20,5 mil; **Marinha:** 1,2 mil; **Força Aérea:** 2,5 mil; **outros:** 5 mil paramilitares. **Gastos:** 7,3% do orçamento (1990/91).

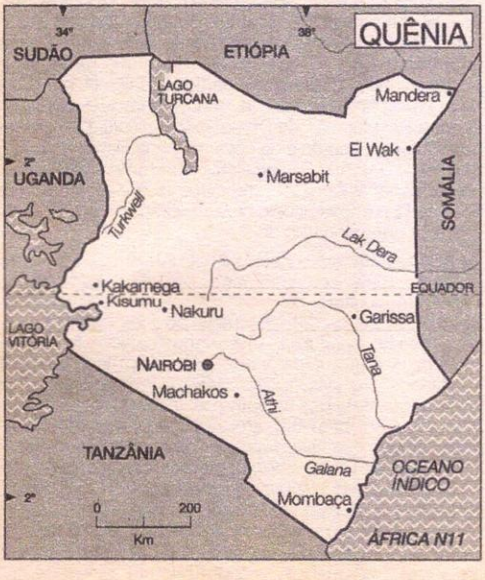
• **TRANSPORTES: Rodovias:** 54,7 mil km; 15% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 282 mil; **automóveis:** 133 mil (1989). **Ferrovias:** 3 mil km (1989/90). **Portos:** Mombaça, Nairóbi. **Linhas aéreas:** Kenya Airways (vôos internacionais e domésticos); Airkenya Aviation (domésticos e charters).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 6,2 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 100 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 67 hab. (1989). **Jornais diários:** 5; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 13 (1991).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 866 United Nations Plaza, Room 486, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 421-4740.

HISTÓRIA

Fenícios, egípcios e gregos visitaram sua costa, onde os árabes instalaram colônias (séc. VIII) e os portugueses comercializaram escravos e especiarias (séc. XVI). **1895:** protetorado da África Oriental Britânica. **1944:** indicado o primeiro membro negro do Conselho Legislativo. **1952 – 1959:** rebelião Mau Mau; terrorismo da tribo quicuiu contra os brancos, que respondem com violência; os negros obtêm representação minoritária no Conselho. **1960/61:** maioria africana nas eleições para o Conselho. **1961/62:** prisão de Jomo Keniata, acusado de liderar os Mau Mau; em liberdade, chefia a União Africana do Quênia (KANU), com apoio dos quicuius e luos. **1964:** República; Keniata forma Estado unipartidário. **1966:** renúncia do vice-presidente, o luo Oginga Odinga, que acusa o governo de ser "capitalista". **1968:** nacionalização do comércio: êxodo dos asiáticos. **1969:** assassinato do luo Tom Mboya, min. da Economia, por um quicuiu: manifestações antigovernistas e prisão de Odinga. **1970:** proibidas as atividades comerciais de mil asiáticos. **1971:** libertação de Odinga; seca e fome assolam o país. **1976:** deterioram-se as relações com Uganda, por questões territoriais, e pelo apoio de Nairóbi ao ataque israelense, no aeroporto ugandense de Entebbe. **1978:** morre Keniata, sucedido pelo vice, Daniel Arap Moi. **1979:** acordo de Arusha: reabertura do espaço aéreo com a Tanzânia, fechado havia dois anos. **1980:** reabilitação de Odinga; ataques dos guerrilheiros shifta (nov.), apoiados pela Somália. **1981:** após prisão de extremistas que tentavam seqüestrar um avião da El Al, atentado palestino no Hotel Norfolk, de Nairóbi (2/1): treze mortos e 86 feridos. **1982:** fracassa golpe contra Arap Moi (ago.); adoção do unipartidarismo. **1984:** acordos solucionam litígios com a Tanzânia e Uganda. **1990:** assassinato do chanceler Robert Ouko (16/2), opositor de Arap Moi. **1991:** fundação do Partido Democrático Nacional, de Odinga; convocação do Fórum para a Restauração da Democracia; revolta estudantil contra o aumento das anuidades (jul.); demissão do min. da Indústria, Nicholas Biwot, mandante da morte de Ouko (set.); rumores de que Biwot será inocentado por decreto: o PDN convoca conferência sobre o futuro do país, dissolvida pela polícia (16/11); em represália, credores estrangeiros suspendem ajudas já programadas; Arap Moi ordena a libertação dos presos, aprova o pluripartidarismo e convoca eleições (15/12). **1992:** vários ministros se demitem para formar novos partidos (jan.); reprimidos a greve de fome das mulheres de presos políticos (mar.) e os choques tribais no O do país (abr.); proibidas reuniões políticas; censura à imprensa; mas a greve geral convocada pela oposição força Arap Moi a recuar (abr.); o *Sunday Times*, de Londres, acusa-o de ter sido cúmplice de Biwot na morte de Ouko (26/4).



FATOS DO ANO

Em 4/1/1993, o pres. Daniel Arap Moi assume o quarto mandato consecutivo, após vencer as eleições gerais de dez. de 1992. Sob fortes acusações de corrupção e fraude, o KANU obteve 36,35% dos votos e, além do presidente, elegeu 95 deputados. Os sete partidos de oposição, apesar de terem mais de 60% dos votos, obtiveram apenas 88 cadeiras no Parlamento. O principal trunfo de Arap Moi foi a cisão, em 1992, do Fórum pela Restauração da Democracia, em duas alas: a de Oginga Odinga (FRD/Quênia) e a de Kenneth Matiba (FRD/Asili). Juntamente com o Partido Democrático, de John Keen, essas duas alas anunciam, em 20/1, a formação de uma Aliança de Oposição. E divulgam o relatório dos observadores da Comunidade Britânica, que descreve o pleito como "um gigantesco obstáculo no caminho para uma democracia multipartidária". No final de jan., a polícia dispersa inúmeras manifestações anti-governamentais. Em 26/1, ignorando os protestos da oposição, Arap Moi suspende o Parlamento indefinidamente. À tensão política somam-se os problemas trazidos por 500.000 refugiados vindos da Somália, Etiópia e Sudão.

Idas e vindas – Em 21/2, adotam-se mudanças no mercado de cereais, preparam-se privatizações e libera-se o comércio exterior – medidas consideradas insuficientes pela delegação do FMI que está no país. O impasse leva, em 22/3, ao rompimento das negociações: Arap Moi não aceita elevar taxas de juros para 45% e reduzir o funcionalismo de 270.000 para 45.000. Em 22/2, o min. das Finanças, Musalia Mudavadi, revoga as medidas adotadas. Mas as negociações prosseguem e, em 15/4, após nova desvalorização do xelim (23,47%), o Banco Mundial libera US$ 350 milhões. Em 15/5, anunciando o "consenso" com o FMI, o governo faz voltar as medidas revogadas.

Nesse mesmo mês, é preso o xeque Khaled Balala, do Partido Islâmico do Quênia, acusado de matar três políticos de Mombaça. Ele anunciara a criação da "ala militar" do PIQ, a quem o governo recusara legalização, para "desalojar Arap Moi do poder". Um escândalo que vem à tona em 23/7 envolve governo e oposição: ao se revelar que a exportadora Goldenberg lesara o Estado

em US$ 50 milhões, vendendo para o exterior, com faturas frias do Banco de Comércio Exterior, descobre-se que um dos envolvidos é Odinga que, em 15/9, reconhece ter recebido US$57 mil como "ajuda para a campanha eleitoral".

Quirguízia

● **NOME OFICIAL:** República da Quirguízia. **Capital:** Bishkek. **Nacionalidade:** quirguiz. **Língua:** quirguiz (oficial); russo. **Religião:** islamismo (sunitas, maioria). **Data nacional:** 31/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da Ásia. **Área:** 198.500 km². **Limites:** Cazaquistão (N); China (L); Tadjiquistão (S); Uzbequistão (O). **Características:** relevo acidentado; cadeias de montanhas (NE, SO e centro); terras baixas, vales entre montanhas (SO e N). **Ponto mais elevado:** pico Pobedy (7.439 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Naryn, Sirdária, Tchu, Talass. **Cidades principais:** Bishkek (631.300 hab.); Osh (218.700); Djalal-Abad (74.200); Tokmak (71.200); Karakol (64.300) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +9h.

● **POPULAÇÃO:** 4.533.000 (est.1992); **urbana:** 38,1% (1991). **Composição demográfica:** quirguizes, 52,4%; russos, 21,5%; uzbeques, 12,9%; ucranianos, 2,5%; alemães, 2,4%; tártaros, 1,6%; outros, 6,7% (1989). **Crescimento demográfico:** 2,2% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 37,5%; 15-59: 54,2%; **mais de 60:** 8,3% (1989). **Densidade (hab./km²):** 22,8 (1992). **Natalidade:** 29,3 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 30 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,8 (1989). **Vida média homens:** 64,5; mulheres: 72,8 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 84 hab.; **médicos:** 1 por 275 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 13,4% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 7% (1992). **Alunos de 1º e 2º graus:** 970,2 mil; **professores:** 74,1 mil (exclui ensino profissionalizante) (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 59,3 mil (1989/90). **Gastos:** 24,8% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). **Constituição:** 5/5/1993. **Divisão administrativa:** 6 regiões e a municipalidade de Bishkek. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Livre Democrático, Mov. Democrático, Justiça Uzbeque. **Chefe de Estado:** pres. Askár Akáiev (desde 28/10/1990). **Chefe de governo:** 1º-min. Tursunbek Chyngyshev. **Legislativo:** unicameral – Soviete Supremo, com 350 membros.

● **ECONOMIA:** agricultura, 36,4%; indústria, 45,3%; comércio e serviços, 18,3% do PIB (1991). **Agricultura:** grãos, batata, verduras e legumes, frutas, algodão, tabaco. **Pecuária:** ovinos, caprinos, eqüinos. **Indústria:** metalúrgica, têxtil, máquinas agrícolas, eletrônica e de instrumentos, têxtil, processamento de produtos agrícolas (refino de açúcar, principal). **Minerais:** carvão, ouro, estanho, mercúrio, antimônio, zinco, tungstênio, urânio, petróleo, gás natural. **Exportações:** US$ 3,8 bilhões; **produtos:** metais não ferrosos e minerais, têxteis e lã, alimentos, eletricidade, eletrônicos (1991). **Importações:** US$ 3,2 bilhões; **produtos:** petróleo e gás natural, ferro, aço, químicos, farmacêuticos, materiais de construção, alimentos (1991). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** som; **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 6,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.550 (1991); **crescimento anual do PML:** -2% (1991). **Inflação:** 88,2% (1992). **Dívida externa:** US$ 700 milhões (1992). **Força de trabalho:** 1,9 milhão; **distribuição:** agricultura, 33,2%; indústria, 28%; comércio, 6,5%; serviços, 28,5%; outros, 3,8%; **mão-de-obra feminina:** 48,6% (1990). **Desemprego:** 2,6% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 5 mil a 7 mil homens; **outros:** 8 mil (tropas da CEI). **Gastos:** 4% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 19,1 mil km; 86% pavimentados (1990); **nº de automóveis:** 173,8 mil (1988). **Ferrovias:** 789 km (1990).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1. **Emissora de TV:** 1; **receptores de rádio e TV:** 1 por 5,9 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 14 hab. (1990). **Jornais diários:** 128; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 367 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 136 East 67th Street, New York, NY 10021; tel. (212) 472-5934.

HISTÓRIA

Os quirguizes vieram, provavelmente, das cabeceiras do rio Ienissêi, na fronteira com a China (séc. XII), acompanhando incursões dos mongóis khara-khitai e, até o séc. XIX, mantiveram-se nômades, vassalos do cã de Kokand. **1850 – 1915:** a colonização russa cria descontentamento crescente. **1916:** revolta violentamente sufocada; divisão do território nas províncias de Semirétchie e Ferganáy. **1924:** província autônoma russa (14/10). **1926:** República autônoma dentro da Rússia (1º/2). **1936:** República soviética independente. **1937:** promovido grande expurgo stalinista: o 1º-ministro e o pres. da Comissão de Planejamento desaparecem. **1980:** assassinato do 1º-min. Sultán Ibraimov, favorável à independência. **1989:** primeiras manifestações autonomistas. **1990:** independência unilateral (12/12). **1991:** independência formal; banimento do PC (31); eleições confirmam o pres. Askár Askáiev (18/10); adesão à CEI. **1992:** legalização do Movimento Democrático Quirguiz, de Toptchúbek Turgunály Kojombérditegin, e do Quirguízia Livre, de Ómurbek Tekebáiev; criação de Forças Armadas próprias (jun.), embora se mantenha o envio de recrutas para as tropas comunitárias; I Congresso do ex-PC, reorganizado por Absámat Masáliev como o Partido dos Comunistas da Quirguízia (22/6); reformas econômicas: cortes orçamentários, política monetária coordenada com a da Rússia, formação de sistema bancário privado, aceleração das privatizações (25/6); negociado com a OTAN eventual ingresso na aliança (jul.); série de terremotos: cinqüenta mortos e duzentos feridos (ago.).

FATOS DO ANO

A nova Constituição (5/5/1993) marca para o fim de 1995 o término dos mandatos do pres. Askár Akáiev e dos parlamentares do *Uluk Kenesh* (o Parlamento) e as eleições, em que concorrerão os oposicionistas do *Erkin* (Liberdade), de Toptchúbek Kojombérditegin, e da coalizão Movimento Democrático, de Gazat Akhmátov. A Carta cria também nova moeda, o som, que passa a circular em 14/5, com apoio do FMI, que concede ao país crédito de US$ 62 milhões – condicionado, porém, ao prosseguimento das privatizações e à implementação dos planos de exploração do potencial hidrelétrico nacional, com vistas à exportação.

Tida como a mais democrática ex-república soviética, a Quirguízia sediou, em out. de 1992, um encontro internacional sobre direitos humanos. Mas, contraditoriamente, durante essa conferência, com a cumplicidade das

autoridades quirguizes, agentes uzbeques seqüestraram em Bishkek o prof. Abdurakhim Pulátov, do oposicionista *Birlik* (Unidade), posto fora da lei no Uzbequistão. É o resultado, segundo o vice-pres. e min. do Interior, Féliks Kulóv, de "um acordo de cooperação entre Bishkek e Táshkent para combater a criminalidade". Em ago. de 1993, na conferência, em Moscou, sobre a guerra civil no Tadjiquistão, em que o pres. Borís Iéltsin advoga a formação de uma linha de defesa contra a expansão, a partir do Afeganistão, do fundamentalismo islâmico, Akáiev discorda: para ele, o tribalismo é o responsável pelo conflito tadjique.

República Centro-Africana

● **NOME OFICIAL:** República Centro-Africana. **Capital:** Bangui. **Nacionalidade:** centro-africana. **Hino:** *Ó África Central, ó berço dos bantu* (1º verso). **Língua:** francês (oficial); sango. **Religião:** animismo, 60%; cristianismo, 35% (católicos, 20%, protestantes, 15%); islamismo, 5%. **Data nacional:** 13/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da África. **Área:** 622.984 km². **Limites:** Chade (N); Sudão (L); Zaire (S); Congo (SO); Camarões (O). **Características:** extenso planalto (maior parte), separando as bacias do Chade (N) e do Congo (S); maciços montanhosos (L e O). **Ponto mais elevado:** 1.400 m. **Clima:** equatorial (S); tropical com chuvas de verão (centro e N). **Rios principais:** Chari, Ubangui, Kotto. **Cidades principais:** Bangui (451.690 hab.); Bambari (52.100); Bouar (49.200); Berbérati (45.400); Bossangos (41.900) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 2.930.000 (est.1992); **urbana:** 46,7% (1990). **Composição demográfica:** bandas, 28,6%; bayas, 24,5%; ngbandis, 10,6%; zandês, 9,8%; saras, 6,9%; mbakas, 4,3%; mbums, 4,1%; karês, 2,4%; outros, 8,8% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,9% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 43,2%; **15-59:** 51,7%; **mais de 60:** 4,9; **não determinados:** 0,2% (1988). **Densidade (hab./km²):** 4,7 (1992). **Natalidade:** 45,1 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 16,3 por 1.000 (1990–1995); **mortalidade infantil:** 219 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,1 (1989). **Vida média homens:** 48; **mulheres:** 53 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 689 hab. (1990); **médicos:** 1 por 17,3 mil hab. (1988). **Gastos com saúde:** 1,2% do PNB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 62,3% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 370,9 mil; **professores:** 4,7 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 2,5 mil; **professores:** 134 (Universidade de Bangui) (1991). **Gastos:** 16,8% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana. **Data da Constituição em vigor:** 21/11/1986 (2 emendas). **Divisão administrativa:** 16 prefeituras e 52 subprefeituras. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Democrática, União Popular pela Reconstrução, Concentração das Forças Democráticas. **Chefe de Estado:** pres. Ange-Félix Patassé (desde 29/9/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. Enoch Derant Lackuê (desde 26/2/1993). **Legislativo:** bicameral – Assembléia Nacional, com 5 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos; Conselho Econômico e Regional (50% eleitos pela Assembléia e 50% apontados pelo pres.).

● **ECONOMIA:** agricultura, 39,8%; indústria, 11,7%; mineração, 3,5%; comércio e serviços, 45% do PIB (1990). **Agricultura:** café, algodão, mandioca, madeira. **Pecuária:** bovinos, caprinos, suínos. **Pesca:** 13 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, bebidas, tabaco, móveis, papel, têxtil. **Minerais:** diamante, ouro, urânio, minério de ferro, cobre, manganês. **Exportações:** US$ 134,4 milhões; **produtos:** diamante, algodão, madeira, café (1989). **Importações:** US$ 150,4 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, alimentos e animais vivos, químicos e derivados, bebidas, tabaco (1989). **Parceiros comerciais:** Alemanha, França, Bélgica, Luxemburgo, Zaire, Israel. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 276,25 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,2 bilhão; **renda per capita:** US$ 390 (1990); **crescimento anual:** 1,4% (1980–1990). **Inflação:** 0,2% (1992). **Dívida externa:** US$ 901 milhões (1990). **Força de trabalho:** 1,4 milhão; **distribuição:** agricultura, 65,8%; indústria, 6,8%; comércio e serviços, 27,4% (1987); **mão-de-obra feminina:** 47% (1985).

● **DEFESA: Efetivo total:** 3,8 mil (1992); **Exército:** 3,5 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 300; **outros:** 2,7 mil paramilitares. **Gastos:** 1,7% do PNB (1989).

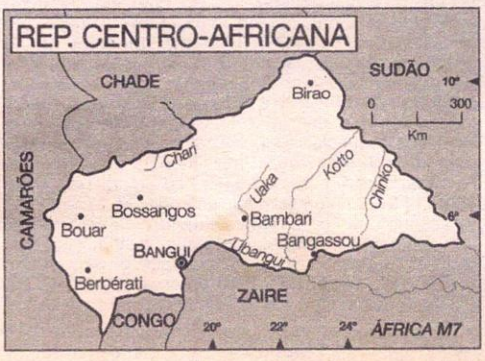
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 23,4 mil km; 2% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 18,8 mil; **automóveis:** 10,8 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Bangui (rio Ubangui) e Salo (rio Sangha). **Linhas aéreas:** Air Afrique (vôos internacionais); Inter-RCA (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 5,3 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 393 hab. (1988). **Linhas telefônicas:** 1 por 716 hab. (1991). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 0,1 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 386 Park Ave. South, Room 1614, New York, NY 10016, EUA; tel. (212) 689-6195.

HISTÓRIA

Encruzilhada das migrações de povos bantu, a região dos rios Ubangui-Chari foi colonizada pelos franceses no séc. XIX. **Início do séc. XX:** unida ao Chade, integra-se à África Equatorial Francesa. **1946:** concedida cidadania francesa e representação no Parlamento de Paris. **1958:** República na Comunidade Francesa, com o nome atual; Barthélémy Boganda é o presidente. **1959:** Boganda, morto em desastre de avião, é sucedido por seu primo, David Dacko. **1960 – 1965:** independência; Dacko dissolve os partidos e reelege-se como candidato único. **1966:** golpe do cel. Jean-Bedel Bokassa, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas; expulsa a missão chinesa. **1969:** ruptura com o Congo, que denunciou o assassinato, no país, de trabalhadores congoleses; fracassa golpe de oficiais do Exército. **1972:** Bokassa torna-se presidente vitalício. **1974:** nacionalização de empresas estrangeiras. **1976:** tentativa de assassinar Bokassa (fev.): oito condenados à morte, entre eles seu genro, o maj. Fidel Obron; demissão da 1ª-min. Elizabeth Domitien: Bokassa acumula os dois cargos; nova Constituição: o país torna-se um império parlamentar (dez.). **1977:** coroação do imp. Bokassa I; os EUA suspendem ajuda econômica devido à violação dos direitos humanos. **1979:** a Anistia Internacional denuncia o massacre de cem estudantes oposicionistas; Bokassa, deposto por Dacko, exila-se na França e é condenado à morte à revelia; restauração da República. **1981:** nova Constituição; reeleição de Dacko; proibição dos movimentos oposicionistas e prisão de seus



dirigentes, após atentado num cinema de Bangui; Dacko é deposto pelo gen. André Kolingbá; criado o Comitê Militar de Salvação Nacional. **1982**: fracassa golpe do oposicionista Ange Patassé. **1983/84**: Kolingbá afasta os opositores do governo e fecha a universidade, onde os estudantes protestam contra o exílio do reitor Patrice Endjimungu. **1985**: anistia aos oposicionistas presos. **1986**: a União Democrática Centro-Africana torna-se o partido único; nova Constituição; novo mandato de sete anos para Kolingbá; Bokassa volta do exílio, é julgado e, em **1987**: condenado à morte, pena comutada para prisão perpétua. **1989**: prisão do gen. François Bozise e de onze oposicionistas, após golpe fracassado; primeiras eleições municipais livres. **1990**: nomeação de onze civis para o gabinete; greve geral (nov.) e pressões externas forçam Kolingbá, em **1991**: a dividir o poder com o 1º-min. Edouard Frank; nova greve geral (29/4); adoção do multipartidarismo (6/7), mas o registro dos partidos não é imediatamente autorizado; em represália pela greve, o sindicato dos funcionários públicos é suspenso até 30/10; o oposicionista Nicolas Tianguay exige a renúncia do governo e uma conferência nacional sobre os problemas do país; absolvição de Bozise (24/9); greves e manifestações forçam Kolingbá a aceitar a conferência (30/10), mas a oposição rejeita o governista Alphonse Blagnet como seu coordenador; o debate com a oposição (dez.) é interrompido porque Kolingbá recusa-se a reformar a legislação eleitoral e insiste em Frank como seu sucessor; prisão do oposicionista Joseph Bendonga, acusado de insultar Kolingbá em carta aberta à nação (dez.). **1992**: Bendonga é condenado a seis meses de prisão (20/5); abertura da conferência, boicotada pela oposição (1º/8), que se funde no Conselho das Forças Democráticas; assassinato de Jean-Claude Conjugo, da Aliança pela Democracia e o Congresso (1º/8); em protesto, greves paralisam o país (3 a 20/8); autorizado o registro dos partidos (30/8); o regime passa a semipresidencial (o 1º-ministro tem poderes executivos); Kolingbá é autorizado a governar por decreto até as eleições, mas, horas depois de iniciada (25/10), a votação é suspensa porque faltam urnas, as listas de eleitores estão incompletas e as instruções para os votantes são confusas.

FATOS DO ANO

A criação do Conselho Nacional Provisório pela República (7/1/1993) não preenche o vácuo criado pelo cancelamento, em 25/10/1992, das eleições gerais. Uma semana depois, esse Conselho, em que estão os cinco candidatos ao pleito abortado, anuncia novas eleições para 18/4 e 14/5/1993. Em 26/2, o pres. André Kolingbá nomeia o 1º-min. Enoch Derant Lackuê, que concorreria pelo Partido Social Democrata. Em 16/4, porém, o ministério sofre a primeira baixa: Simon Feikumom demite-se da Saúde Pública, denunciando o adiamento das reformas: as eleições, recuadas para 30/5, o são de novo, em 29/4, para 17/10 – apesar dos protestos de Abel Gumba, da Frente Patriótica do Ubangi/Partido do Trabalho. Em 15/5, soldados tomam o palácio presidencial e a rádio de Bangui, exigindo o pagamento de oito meses de soldos atrasados; e só voltam aos quartéis em 19/5, após receber dois meses de pagamento. Nova crise surge (24/6) quando Kolingbá substitui o min. da Segurança Pública, gen. Alphonse Gumbadias, por Christophe Grelombe, chamado por Lackuê de "símbolo da repressão". O impasse se resolve com a divisão da pasta: Grelombe fica com a da Segurança Pública, e Lackuê nomeia para a do Interior um de seus assessores.

As eleições são finalmente adiantadas para 22/8, mas, uma vez realizadas, Kolingbá modifica, por decreto, o resultado do primeiro turno, no qual mal chegou ao quarto lugar. Só a ameaça francesa de cortar o auxílio financeiro e militar o decide a permitir o segundo turno (19/9), vencido, com 52,45% dos votos, por Ange-Félix Patassé, ex-1º-ministro do imp. Bokassa, empossado em 29/9. O país que governará tem infra-estrutura de transportes inadequada, condições climáticas adversas e foi prejudicado pela flutuação do preço do café e do algodão no mercado internacional. O plano de ajuste do FMI/Banco Mundial prioriza privatizações e cortes no setor público.

República Dominicana

● **NOME OFICIAL:** República Dominicana. **Capital:** Santo Domingo. **Nacionalidade:** dominicana. **Hino:** *Bravos homens de Quisquenya* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, 76,9%; metodistas, 5%; adventistas do sétimo dia, 3,2%; pentecostais, 2,9%). **Data nacional:** 27/2 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-leste da América Central. **Área:** 48.443 km². **Limites:** oceano Atlântico (N e L); mar das Antilhas (S); Haiti (O). **Características:** ocupa a parte oriental da ilha de Hispaniola; cadeias de montanhas (L e O); vales (centro). **Ponto mais elevado:** pico Duarte (3.175 m). **Clima:** tropical. **Rios principais:** Yaque del Norte, Ozama, Yaque del Sur, Artibonito. **Centros urbanos principais:** Santo Domingo (2.200.000 hab.); Santiago de los Caballeros (467.000); La Vega (189.000); San Pedro de Macorís (137.000) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 7.471.000 (est.1992); **urbana:** 60,4% (1990). **Composição demográfica:** mestiços, 70%; brancos, 15%; negros, 15% (1990). **Crescimento demográfico:** 2% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 37,9%; **15-59:** 56,6%; **mais de 60:** 5,5% (1990). **Densidade (hab./km²):** 154,2 (1992). **Natalidade:** 27 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 60 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,1 (1991). **Vida média homens:** 65; **mulheres:** 69 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 508 hab. (1987); **médicos:** 1 por 934 hab. (1988). **Gastos com saúde:** 5% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 16,7% (1990). **Alunos de 1º grau:** 1 milhão (escolas públicas, 1989/90); **de 2º grau:** 430,6 mil (1986/87); **professores de 1º grau:** 21,9 mil (escolas públicas, 1989/90); **de 2º grau:** 10,1 mil (1986/87). **Alunos no ensino superior:** 86,5 mil; **professores:** 5,3 mil (somente universitários) (1990/91). **Gastos:** 5,2% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 28/11/1966. **Divisão administrativa:** 26 províncias e o distrito nacional. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Reformista Social Cristão, de Libertação, Revolucionário Dominicano. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Joaquín Balaguer Ricardo (desde 16/8/1986). **Legislativo:** bicameral – Senado com 30 membros e Câmara dos Deputados com 120 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 15,3%; indústria, 25%; mineração, 3,4%; comércio, 14,6%; serviços, 41,7% do PIB (1991). **Agricultura:** cana-de-açúcar, café, cacau. **Pecuária:** aves, bovinos, caprinos. **Pesca:** 20 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, refino de petróleo, bebidas, química. **Minerais:** ferro-níquel. **Exportações:** US$ 658,3 milhões; **produtos:** ferro-níquel, açúcar (1991). **Importações:** US$ 1,7 bilhão; **produtos:** petróleo e derivados, máquinas industriais (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Venezuela, México. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** peso dominicano (dividido em 100 centavos); **cotação para 1 US$:** 12,72 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 6,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 950 (1991); **crescimento anual:** 1,9% (1980–1991). **Inflação:** 0,5% (1992). **Dívida externa:** US$ 4,4 bilhões (1990). **Força de trabalho:** 1,9 milhão; **distribuição:** agricultura, 45,7%; indústria, 15,5%; serviços, 38,8% (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 14,5% (1988–1990). **Desemprego:** 30% (1991).

● **DEFESA: Efetivo total:** 22,2 mil (1992); **Exército:** 15 mil; **Marinha:** 3 mil; **Força Aérea:** 4,2 mil; **outros:** 15 mil paramilitares. **Gastos:** 4,3% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 17 mil km; 17% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 186 mil; **automóveis:** 114 mil

(1989). **Ferrovias:** 142 km. **Porto:** Santo Domingo. **Linhas aéreas:** Compañía Dominicana de Aviación (vôos internacionais); Alas del Caribe (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 150; **receptores:** 1 por 6,4 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 7; **receptores:** 1 por 10 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 24 hab. (1991). **Jornais diários:** 9; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 37 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS, cj. 3, c/13, CEP 70446-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-1405.

HISTÓRIA

A ilha de Hispaniola, habitada por caraíbas e arauaques, que a chamavam de Quisquenya, foi descoberta por Cristóvão Colombo (1492) e tornou-se ponto de partida para a expansão espanhola nas Antilhas e no continente. Sto. Domingo, primeira cidade européia na América, entrou em decadência após as conquistas do Peru e do México. **1697:** o terço ocidental da ilha é cedido à França, que, em 1797, adquire o restante. **1808:** expulsão dos franceses da região oriental, que, em 1814, reverte à Espanha. **1821:** independência liderada por José Núñez de Cáceres (1º/12), que espera uni-la à Grã-Colômbia como o Haiti espanhol. **1822:** domínio haitiano. **1844:** revolta de Juan Pablo Duarte; independência; Pedro Santana proclama a República. **1848:** guerra com o Haiti. **1861 – 1869:** revolta popular expulsa os espanhóis (1865); Buenaventura Báez negocia a anexação pelos EUA, mas o Senado americano recusa a ratificação. **1882 – 1899:** ditadura de Ulises Heureaux; termina com o seu assassinato. **1905 – 1924:** controle das finanças pelos americanos; desordens internas; ocupação americana a partir de 1916. **1930 – 1961:** ditadura de Trujillo Molina, assassinado em 30/5/1961. **1962/63:** eleição de Juan Bosch, da Esquerda Democrática, destituído pelos militares sete meses depois; assume triunvirato que, em **1965:** é derrubado; guerra civil entre a esquerda, que quer a volta de Bosch, e os militares de direita, apoiados pela intervenção americana: ocupação por tropas continentais (inclusive do Brasil); vitória do ex-vice de Trujillo, Joaquín Balaguer. **1973:** invasão frustrada de castristas para derrubar Balaguer; morre seu líder, o excel. Francisco Caamaño Deñó. **1974:** a oposição recusa-se a colaborar com o governo. **1978:** militares tentam impugnar a eleição de Antonio Guzmán Fernández, do Partido Revolucionário Dominicano, depois voltam atrás. **1982:** eleição de Salvador Jorge Blanco, do PRD (16/5); Guzmán morre (4/7); seu vice, Jacobo Majluta, dá posse a Blanco (16/8); protestos contra os aumentos de preços determinados pelo FMI: dezenas de mortos, centenas de feridos, milhares de presos. **1985:** agrava-se a crise econômica; protestos e greve geral: um morto e centenas de detidos. **1986 – 1990:** eleição de Balaguer, acusado de fraude na reeleição, ele permite a recontagem dos votos e confirma a vitória; pacote de austeridade: greve geral reprimida pela polícia, com catorze mortos, cem feridos e mil detidos; os sindicatos pedem a renúncia de Balaguer, que, em **1991:** deixa a liderança do Partido Reformista Social Cristão (fev.); o ex-pres. Blanco é condenado a vinte anos de prisão por corrupção; denúncias de que altos funcionários estão envolvidos com o tráfico de drogas comprometem os bons resultados na área econômica; a oposição condena a construção de gigantesco farol, em forma de cruz, em homenagem ao V Centenário da Descoberta da América. **1992:** as manifestações contrárias forçam Balaguer a simplificar o monumento e antecipar sua inauguração (6/10).

FATOS DO ANO

Aos 86 anos e quase cego, o pres. Joaquín Balaguer tem grandes chances de ser reeleito em mai. de 1994. Em 25/2/1993, embora afirme não pretender concorrer, coloca no Ministério do Turismo Luís Taveras, artífice de sua vitória eleitoral de 1990; e, em ago., vai para o cargo de assessor pessoal Elías Wessin Chávez, do direitista Partido Quisqueyano Democrata, pois ele quer também o apoio dos conservadores. Seu êxito na renegociação da dívida externa e no desenvolvimento do turismo (o país é o quarto mercado turístico do Caribe) contam a seu favor.

Contra ele há o desemprego: 10 mil a 20 mil dominicanos emigram anualmente para os EUA, enquanto os *braceros* (a mão-de-obra na colheita da cana-de-açúcar) são clandestinos haitianos que se sujeitam a maus-tratos e baixíssimos salários que recebem. Como esses clandestinos são um problema para o país, Balaguer é contra o embargo a Porto Príncipe, mantém intercâmbio comercial com o Haiti e envia-lhe "ajuda humanitária" – segundo a oposição, "apoio disfarçado" aos militares haitianos – tentando deter a avalanche de refugiados. Outro alvo de críticas é o novo código trabalhista, que o Congresso aprovou em 1992: ele é acusado de tolher a liberdade de organização sindical.

República Tcheca

● **NOME OFICIAL:** República Tcheca. **Capital:** Praga. **Nacionalidade:** tcheca. **Hino:** *Onde está o meu lar* (1º verso). **Língua:** tcheco (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, 39,5%). **Data nacional:** 28/10 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Europa. **Área:** 84.845 km². **Limites:** Alemanha (NO e O); Polônia (NE); Eslováquia (S); Áustria (L). **Características:** extenso planalto limitado por cadeias montanhosas baixas (NO, SO); terras-baixas (centro-norte); cadeia dos Cárpatos Brancos (L). **Ponto mais elevado:** monte Snezka (1.603 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Vitava, Ohre, Elba, Morava. **Cidades principais:** Praga (1.215.076 hab.); Brno (392.614); Ostrava (331.504); Olomouc (224.815) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 10.302.215 (1991) (est.1992); **Composição demográfica:** tchecos, 81,2%; morávios, 13,2%; eslovacos, 3,1%; outros, 2,5% (1991). **Crescimento demográfico:** -0,1% (1985–1991). **Densidade (hab./km²):** 130,6 (1992). **Mortalidade infantil:** 10,4 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,89 (1990–1995). **Médicos:** 1 por 270 hab. (1988).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 1º/1/1993. **Divisão administrativa:** 8 regiões subdivididas em municipalidades. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrático Cívico, Bloco da Esquerda, Social Democrático, União Social Liberal (coalizão), União Cristã Democrática, do Povo, Associação pela República, Republicano, Aliança Cívica Democrática. **Chefe de Estado:** pres. Václav Havel (desde 26/1/1993). **Chefe de governo:** 1º-min. Václav Klaus (desde jul./1992). **Legislativo:** bicameral – Senado com 81 membros e Câmara dos Deputados com 200 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 6 e de 4 anos, respectivamente.

● **ECONOMIA: Agricultura:** trigo, cevada, batata, beterraba, madeira. **Pecuária:** aves, suínos, bovinos. **Indús-**

tria: alimentícia, máquinas industriais, siderúrgica, metalúrgica, equipamentos industriais, química industrial, refino de petróleo. **Minerais:** carvão, linhita, minério de ferro, urânio, antimônio, cobre, chumbo, mercúrio, prata, ouro, tungstênio, zinco. **Produtos exportados:** máquinas industriais e equipamentos de transporte. **Produtos importados:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, combustíveis. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** koruna tcheca (dividida em 100 heller); **cotação para 1 US$:** 27,01 (30/9/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 38,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.450 (1991); **crescimento anual:** 0,7% (1980–1991). **Inflação:** 11,1% (1992). **Dívida externa:** US$ 6,9 bilhões (1992).

• **DEFESA:** a reestruturação das Forças Armadas deverá terminar em 1997, e compreenderá no máximo 93,3 mil homens.

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 55,5 mil km (1993). **Porto:** Praga. **Linha aérea:** CSA (vôos internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 7. **Emissora de TV:** 1. **Jornais diários:** 22 principais.

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** Via L3 Sul, quadra 805, lote 21, CEP 70414-900, Brasília, DF; tel. (061) 242-7785.

HISTÓRIA

Criado e cristianizado no séc. IX, o Grande Imp. Morávio, dos tchecos e eslovacos, durou até o séc. X, quando a Hungria anexou a Eslováquia e os tchecos fundaram o reino da Boêmia. Ali se iniciaram as guerras religiosas (séc. XIV), que continuaram durante a Reforma e a Contra-Reforma. Dominados por diversas dinastias estrangeiras, tchecos e eslovacos foram, finalmente, incorporados ao Imp. Austro-húngaro. **1918:** República chefiada pelo nacionalista Tomas Masaryk. **1938:** o Pacto de Munique (França, Alemanha, Grã-Bretanha e Itália) determina a devolução, à Alemanha, dos Sudetos, na fronteira com a Boêmia, habitados por uma minoria alemã; renúncia do pres. Eduard Benes. **1939 – 1946:** ocupação alemã; libertação pelas tropas americanas e soviéticas; Benes reassume. **1948:** comunistas tomam o poder; renúncia de Benes. **1955:** adesão ao Pacto de Varsóvia. **1968:** Alexander Dubcek torna-se o sec.-geral do PC; suas medidas liberalizantes (Primavera de Praga) causam a invasão soviética. **1969:** Gustáv Husák substitui Dubcek e põe fim à liberalização; expurgo dos progressistas: Dubcek é expulso do Presidium do PC. **1970:** Lubomir Strougal substitui Oldrich Cervik como 1º-ministro. **1972:** confirmação de Husák na liderança do PC. **1973:** primeiro acordo consular direto com os EUA; reatamento com a Alemanha Ocid. **1975:** pagamento de indenização à Áustria pelas propriedades confiscadas em 1945. **1977:** Carta 77, de intelectuais dissidentes, contra a repressão (jan.). **1979:** seu porta-voz, Jaroslav Sabta, é condenado a nove meses de prisão. **1982:** manifestações condenam a Lei Marcial na Polônia e a permanência no país de tropas do Pacto de Varsóvia. **1983:** instalação no país de mísseis nucleares soviéticos. **1987:** Husák é substituído, na sec.-geral, por Milos Jakes, mas mantém-se na presidência (dez.). **1989:** o dramaturgo Václav Havel, líder da Carta 77, é condenado a nove meses de prisão (16/1); pressões internas e externas forçam sua libertação com metade da pena cumprida; começa a Revolução de Veludo: passeata da União Socialista da Juventude, contra a liderança comunista, é o estopim para outras manifestações (17/11); renúncia de Jakes, substituído por Karel Urbanek (24/11); primeira reaparição de Dubcek, discursando para 250 mil pessoas (nov.); greve geral: fim da liderança do PCT; inclusão, no gabinete, de ministros não comunistas; legalização do oposicionista Fórum Cívico; o 1º-min. Ladislav Adamec é substituído por Marian Calfa, cujo ministério é de maioria não comunista; Husák renuncia, Havel torna-se o presidente provisório e Dubcek, o pres. da Assembléia Geral. **1990:** o país passa a chamar-se República Federativa Tcheca e Eslovaca (abr.); reeleição de Havel (jul.); cresce, na Eslováquia, a campanha separatista; reforma constitucional concede mais autonomia às duas repúblicas. **1991:** separação do Fórum Cívico no Partido Democrático Cívico, do min. das Finanças Václav Klaus, de tendências reformistas, e no Movimento Cívico, do chanceler Jiri Dienstbier, mais moderado; em Bratislava, cisão no Partido do Povo contra a Violência forma a Plataforma para uma Eslováquia Democrática, do 1º-min. Vladimír Meciar, favorável a reformas econômicas graduais; os eslovacos exigem a proclamação da soberania de sua República; Meciar é substituído por Jan Carnogursky, contrário à secessão, o que provoca protestos em Bratislava (abr.); impasse nas discussões sobre a Constituição federal (jun.–dez.); acordo de associação com a CEE (nov.) **1992:** Tratado de Amizade e Cooperação com a Alemanha (fev.); projeto de acordo de reconhecimento recíproco da soberania tcheca e eslovaca (fev.), aprovado pelo Parlamento tcheco (12/2); mas o eslovaco o rejeita; o novo Tratado de Amizade e Cooperação com a Rússia admite ter sido "injustificada" a invasão de 1968 (abr.); vitória, nas eleições gerais (5 e 6/6), do PDCívico, de Klaus, e do MED, de Meˇiar; o MED bloqueia a reeleição de Havel para a presidência (3/7); é aprovada a declaração de soberania eslovaca (17/7); Havel renuncia (18/7); as eleições presidenciais, com novos candidatos, são inconclusivas; acordo Klaus/Meciar de dissolução da federação (jul.), marcada para 1º/1/1993 (ago.); nova Constituição eslovaca (set.); aprovada a emenda constitucional que divide o país (25/11); a Tcheco-Eslováquia deixa de existir (31/12).

FATOS DO ANO

A pretensão da nova República Tcheca de integrar-se rapidamente ao Primeiro Mundo não é descabida: apesar dos preços liberados e do imposto sobre o consumo, adotado em jan. de 1993, a inflação, no final desse ano, não passa de 17%; e o desemprego mantém-se em 2,5%, o que, somados à elevada renda per capita, a coloca em situação privilegiada no Leste europeu. Em 26/1, é eleito o pres. Václav Havel, ex-chefe de Estado da extinta Tcheco-Eslováquia. Com o apoio da coligação tetrapartidária do 1º-min. Václav Klaus, ele obtém 109 votos, contra os 49 da comunista Marie Stiborová. Os comunistas, de resto, passam por fase crítica: em mar., seu líder, Jiri Svoboda, renuncia após ser recusado seu pedido de que o nome da agremiação fosse mudado para Partido Socialista Democrático.

Atitudes liberais – O gabinete é o mesmo, mas com duas novas pastas, a da Defesa e a dos Transportes, confiadas ao democrata-cristão Antonín Baudys e a Jan Strásky, do Partido Cívico Democrático, de Klaus. As reformas econômicas são prioritárias: privatização das estatais, o combate ao florescente crime organizado; e defesa do meio ambiente agredido, particularmente, por centrais energéticas a carvão. Demonstrando seu liberalismo, num gesto pioneiro nos ex-países comunistas, Havel autoriza (mar.) a criação de duas emissoras de rádio particulares. Uma delas, a Alfa, de ex-dissidentes, pro-

põe-se a ser uma tribuna de crítica ao governo. É um gesto coerente com as atitudes de Havel, que, em 1992, vetou a exportação de armas – grande fonte de renda do país – em nome de princípios pacifistas.Conseqüência direta desse tipo de gestão é o *impeachment* do pref. de Praga, Milan Kondr, acusado do favorecimento de parentes e amigos, aprovado pela Câmara Municipal em 30/4. Em 21/8, no 25º aniversário da Primavera de Praga, o chefe do Estado-Maior do Exército, gen. Jiri Nekvásil, desculpa-se pelo papel de sua arma durante a invasão do país pelo Pacto de Varsóvia.

Logo depois de eleito, Havel visita Bratislava, na Eslováquia, onde discute o maior controle do movimento, na fronteira, de refugiados do conflito nos Bálcãs. Quer também a adesão à OTAN, pois não esconde o temor dos efeitos, para o Leste europeu, da instabilidade na Rússia. Nem mesmo a estatização comunista conseguiu destruir a capacidade industrial tcheca; num certo sentido, até a beneficiou, criando-lhe mercados cativos. Hoje, deixando a condição teórica de "proprietários dos meios de produção", os tchecos tornaram-se, efetivamente, seus acionistas: três em cada quatro cidadãos possuem bônus de participação de suas empresas. Dois terços dessas companhias, porém, estão tecnicamente falidas devido a endividamento, e seu destino depende de como a Justiça, que também passa por reformas, interpretará a Lei da Falência, aprovada em abr. de 1993. Mas o turismo, já lucrativo, está em expansão graças à beleza de Praga, os preços relativamente baixos e certa tolerância das autoridades em relação a drogas. Controle alfandegário comum foi estabelecido com a Eslováquia; a koruna tcheca foi usada pelos dois países até fev. de 1993; a partir daí, passaram a circular a koruna tcheca e a eslovaca.

Romênia

● **NOME OFICIAL:** Romênia. **Capital:** Bucareste. **Nacionalidade:** romena. **Hino:** Acorda, Romeno (título). **Língua:** romeno (oficial); húngaro; alemão. **Religião:** cristianismo (ortodoxos, 70%; ortodoxos gregos, 10%; católicos e protestantes, minorias); islamismo, 1%; ateus, 16%; outros, 3%. **Data nacional:** 1º/12 (União).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Europa. **Área:** 237.500 km². **Limites:** Ucrânia (N e L); Moldávia (NE); mar Negro (L); Bulgária (S); Iugoslávia, Hungria (O). **Características:** litoral recortado (L); cadeias montanhosas dos Cárpatos (NE e SE) e dos Alpes da Transilvânia (O e L) no centro do território, rodeadas por planícies; vale pantanoso do Danúbio (S). **Ponto mais elevado:** pico Moldoveanu (2.543 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Danúbio, Prut, Siret, Oltu, Ialomitza, Somes. **Cidades principais:** Bucareste (2.064.474 hab.); Constança (350.476); Timichoara (334.278); Cluj-Napoca (328.008) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 23.332.000 (est.1992); **urbana:** 54,4% (1992). **Composição demográfica:** romenos, 78,3%; húngaros, 10,8%; ciganos, 9,9%; alemães, 0,9%; judeus, 0,1%. **Crescimento demográfico:** 0,3% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 23,9%; 15-59: 60,8%; mais de 60: 15,3% (1989). **Densidade (hab./km²):** 98,2 (1992). **Natalidade:** 13,6 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 10,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 26,9 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,1 (1990). **Vida média homens:** 66,5; **mulheres:** 72,4 (1987–1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 107 hab.; **médicos:** 1 por 472 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 9,2% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 4% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 3,8 milhões; **professores:** 219,3 mil (1991/92). **Alunos no ensino superior:** 270,1 mil; **professores:** 18,9 mil (1991/92). **Gastos:** 10% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 8/12/1991. **Divisão administrativa:** 40 distritos e a municipalidade de Bucareste. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Frente Democrática de Salvação Nac., Aliança da Convenção Democrática (coalizão), Frente de Salvação Nacional. **Chefe de Estado:** pres. Ion Iliescu (desde 26/12/1989). **Chefe de governo:** 1º-min. Nicolae Vacaroiu (desde nov./1992). **Legislativo:** bicameral – Senado com 143 membros e Câmara dos Deputados com 341 membros (13 representantes das minorias étnicas), eleitos por voto direto.

● **ECONOMIA:** agricultura, 15,2%; indústria, 66,4%; comércio e serviços, 18,4% do PIB (1989). **Agricultura:** milho, trigo, cevada, batata, beterraba, uva, tomate, repolho, semente de girassol, madeira. **Pecuária:** aves, ovinos, suínos. **Pesca:** 127,7 mil t (1990). **Indústria:** metalúrgica, siderúrgica, engenharia mecânica, química, madeireira. **Minerais:** carvão, minério de ferro, petróleo, hicrocarboneto, metano. **Exportações:** US$ 4,2 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, veículos (1991). **Importações:** US$ 5,6 bilhões; **produtos:** alimentos, combustíveis (1991). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI, Alemanha, Irã, Polônia, Itália. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** leu (dividido em 100 bani); **cotação para 1 US$:** 460,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 31,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.340 (1991); **crescimento anual:** 0,3% (1980–1991). **Inflação:** 199% (1992). **Dívida externa:** US$ 2,3 milhões (1992). **Força de trabalho:** 10,8 milhões; **distribuição:** agricultura, 28,6%; indústria, 43%; comércio, 6,3%; serviços, 19,8%; outros, 2,3%; **mão-de-obra feminina:** 42,6% (1990). **Desemprego:** 9,4% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 200 mil (1992); **Exército:** 161 mil; **Marinha:** 19 mil; **Força Aérea:** 20 mil; **outros:** 49,8 mil paramilitares. **Gastos:** 10,3% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 153 mil km; 51% pavimentados (1992); **nº de veículos:** 1,7 milhão; **automóveis:** 1,4 milhão (1992). **Ferrovias:** 11,1 mil km (1991). **Portos:** Constança (mar Negro); Tulcea, Galati, Braila, Giurgiu (rio Danúbio). **Linhas aéreas:** TAROM (vôos internacionais e domésticos); LAR (charters).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 7,1 hab. (1989). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 5,8 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 7,7 hab. (1990). **Jornais diários:** 36; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 134 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SEN – Av. das Nações, lote 6, CEP 70456-900, Brasília, DF; tel. (061) 226-0746.

HISTÓRIA

A Dácia, parte do Imp. Romano até o séc. III a.C., foi dominada por godos, hunos, ávaros, eslavos e mongóis, até o estabelecimento dos principados da Valáquia e da Moldávia (séc. XIII), que, pouco depois, caíram sob domínio turco até o séc. XIX. **1828/29:** após a Guerra Russo-turca, eles se tornam protetorados russos. **1859:** Alexandre Cuza é eleito princ. da Valáquia e Moldávia. **1861:** formação do país com o nome atual. **1866:** deposição de Alexandre, sucedido por Carol I de Hohenzollern-Sigmaringen. **1878:** independência. **1914 – 1918:** na I Guerra, com os Aliados. **1919:** o Estado Nacional Unitário Romeno une a Bessarábia, a Bucovina e a Transilvânia. **1938:** ditadura fascista de Carol II. **1940 – 1945:** devolução dos territórios tomados da Rússia e Hungria, sob pressão alemã; deposição de Carol II pelo mal. Ion Antonescu, com apoio da Guarda de Ferro fascista. **1941:** na II Guerra, ao lado dos nazistas. **1944:** deposição de Antonescu; invasão soviética; governo comunista de Gheorge Gheorghiu-Dej. **1947:** República. **1964:** proclamado o direito de cada PC estabelecer seu próprio programa, sem interferência da URSS. **1965:** morre Gheorghiu-Dej; assume Nicolae Ceausescu; nova Constituição. **1967:** reatamento com a Alemanha Ocid.: recusa em condenar Israel na Guerra dos Seis Dias. **1968:** na

Primavera de Praga, apoio ao governo tcheco; recusa em aderir à invasão do Pacto de Varsóvia. **1969**: visita do pres. Nixon, dos EUA. **1974**: abolida a censura prévia à imprensa. **1977**: presos nove dissidentes por assinarem manifesto em favor dos direitos humanos; greve dos mineiros do carvão por melhoria salarial. **1980**: Elena Ceausescu, mulher do líder, é designada vice-1ª-ministra. **1981**: crise de abastecimento; dificuldades em pagar a dívida externa. **1984**: participação nas Olimpíadas de Los Angeles, desrespeitando o boicote imposto pela URSS. **1985**: reeleição de Ceausescu (mar.); o Exército assume a direção das usinas de energia elétrica (17/10) e, em **1989**: reprime, juntamente com a *Securitate*, manifestações em Timichoara: cem mortos (17/12); assassinato do min. da Defesa, gen. Valise Milea, que se recusa a autorizar que a tropa disperse os manifestantes em Bucareste; adesão das Forças Armadas à rebelião; o casal Ceausescu e seu filho Nicu tentam fugir, mas são presos; formação da Frente de Salvação Nacional, liderada pelo ex-sec. de Propaganda do Comitê Central do PCR, Ion Iliescu, e pelo ex-chanceler Corneliu Manescu; condenação e fuzilamento do casal Ceausescu (25/12); Iliescu é nomeado pres. da República e o arqueólogo Petre Roman, 1º-ministro (26/12); extinção da *Securitate* e do monopólio político do PC (31/12). **1990**: anistia aos presos políticos (5/11); 40 mil pessoas pedem a não participação da FSN nas eleições (28/1); demissão de integrantes da FSN e transferência das eleições para 20/5 (fev.); Iliescu é eleito com 85% dos votos; a FSN obtém dois terços do Parlamento (20/5); confirmação de Roman como 1º-ministro; congelamento de preços e salários por seis meses (20/6); os mineiros do vale do Jiu invadem Bucareste (jun.) e agridem quem se opõe à política econômica do governo; Nicu Ceausescu é condenado a vinte anos de prisão (set.); novos protestos contra o fim dos subsídios e os aumentos de 100% a 120% nos preços (nov.); greve geral convocada pela Aliança Cívica, do líder estudantil Marian Munteanu (nov.), e pelo Sindicato dos Rodoviários (dez.); greves em Timichoara e Iachi até 21/2/1991. **1991**: segunda fase de liberação dos preços (abr.); passeata da Aliança Cívica pela antecipação das eleições (13/4); greves e manifestações, do Sindicato Confederativo Nacional e do bloco sindical *Fratia*, contra o desemprego e pedindo a demissão de Roman (jun.); os mineiros do Jiu voltam a invadir Bucareste, pedindo a saída de Roman (25/9): quatro mortos e 193 feridos; pressionado por estudantes e trabalhadores da capital, Roman renuncia (25/9); seu sucessor, Theodor Stolojan (1º/10), congela preços dos produtos de primeira necessidade e faz coligação FSN/Movimento Ecológico/Partido Nacional Liberal (15/10); nova Constituição (nov.), referendada em dez., institui o pluripartidarismo, garante a defesa dos direitos humanos e estabelece bases para a economia de mercado. **1992**: formada a Convenção Democrática, de oposição (jan.), que obtém 24,3% dos votos nas eleições municipais (fev./mar.), contra 33,6% da FSN; Congresso da FSN (mar.): diante da reeleição de Roman para a presidência do partido, a facção de Iliescu se retira e funda a FSN/Grupo 22 de Dezembro, que, em abr., transforma-se na Frente Democrática de Salvação Nacional (FDSN); Tratado de Amizade e Cooperação com a Alemanha (abr.); a Romênia é uma das nações comercialmente favorecidas pelos EUA (abr.); privatização de 6 mil estatais; venda de 30% de suas ações à população (jun.); créditos de US$ 400 milhões do Banco Mundial e FMI financiam as reformas (jun.); o desemprego ultrapassa os 3,8% (mai.); Iliescu vence as eleições (set./out.) mas, no Parlamento, a FDSN tem apenas 28%; protestos da União Democrática dos Húngaros da Romênia contra a nomeação de prefeitos romenos para cidades de maioria húngara forçam o governo a recuar (jul.); acordos de aproximação com a Moldávia (ago.).

FATOS DO ANO

Manifestantes invadem Bucareste, em 15/2/1993, pedindo a renúncia do pres. Ion Iliescu e do 1º-min. Nicolae Vacaroiu. O protesto reflete a insatisfação dos trabalhadores, ligados à federação sindical Solidariedade 90, com o governo da Frente Democrática de Salvação Nacional – reeleito, em 1992, mais por falta de alternativas do que por aprovação do eleitorado a seu desempenho. Iliescu tampouco inspira confiança aos EUA e à CEE, que vêem em seu regime resquícios do de Nicolae Ceausescu, de quem foi colaborador. E isso desestimula os investimentos estrangeiros e explica a decisão americana, em out. de 1992, de negar à Romênia o status de nação comercialmente favorecida.

Voto de censura – Em mar. de 1993, os oposicionistas se insurgem, no Parlamento, contra a política do min. das Finanças, Florin Georgescu, que insiste em manter controle absoluto da transição para a economia de mercado. A FDSN, porém, consegue escapar, por 260 votos contra 192, da moção de censura da Convenção Democrática da Romênia, de Emil Constantinescu, e dos democratas-cristãos de Corneliu Coposu. As autoridades sentem-se, assim, seguras para, em mai., eliminar subsídios aos produtos básicos, para diminuir o déficit público – o que afeta ainda mais o poder aquisitivo da população que, na manifestação de fev., pedia um salário mínimo de US$ 80 (a queda real nos salários, desde a derrubada de Ceausescu, é de 40%). O FMI exige, com urgência, a redução do endividamento das estatais, fator que impede, em jul. de 1993, a obtenção de um crédito de US$ 3 bilhões.

Em set. de 1993, o chanceler Teodor Viorel Melescanu se encontra, em Bucareste, com seu colega húngaro Géza Jesnenszky, para discutir o tratamento dado pelos

romenos aos 1,7 milhão de húngaros que vivem no país. Embora seus direitos sejam defendidos pela União Democrática dos Húngaros da Romênia, de Béla Markó – seu presidente, László Tökes, de Timichoara, é o pastor cuja prisão, em 1989, desencadeou a revolta que culminou na queda de Ceausescu –, eles são hostilizados pelos monarquistas de Dan Cernovodeanu, ou a extrema direita do *Romania Mâre* (Grande Romênia), de Corneliu Vadim Tudor.

Ruanda

● **NOME OFICIAL:** República Ruandesa. **Capital:** Quigali. **Nacionalidade:** ruandesa. **Hino:** *Nossa Ruanda* (1º verso). **Língua:** francês e quiniaruanda (oficiais); kisuahili. **Religião:** animismo, 50%; cristianismo (católicos, 40%; protestantes e anglicanos); islamismo (minoria). **Data nacional:** 1º/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-leste da África. **Área:** 26.338 km². **Limites:** Uganda (N); Tanzânia (L); Burundi (S); Zaire (O). **Características:** planalto central montanhoso; lago Quivu, vulcões e cadeias montanhosas (O); planície e complexo de lagos pantanosos (L). **Ponto mais elevado:** vulcão Karismbi (4.507 m). **Clima:** tropical de altitude. **Rios principais:** Kegera, Niabarongo, Acaniaru, Ruziri. **Cidades principais:** Quigali (232.733 hab.); Ruhengeri (29.578); Butare (28.645); Gisenyi (21.918) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 7.347.000 (est.1992); **urbana:** 5,4% (1991). **Composição demográfica:** hutus, 90%; tutsis, 9%; tvas, 1% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,4% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 49%; **15-59:** 47,1%; **mais de 60:** 3,9% (1990). **Densidade (hab./km²):** 279 (1992). **Natalidade:** 50 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 15,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 112 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 8 (1990–1995). **Vida média homens:** 48,8; **mulheres:** 52,2 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 649 hab.; **médicos:** 1 por 33,2 mil hab. (1984). **Gastos com saúde:** 3,3% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 49,8% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,1 milhão; **professores:** 22,5 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 3,4 mil; **professores:** 646 (1989/90). **Gastos:** 17,1% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana (CFA). **Data da Constituição em vigor:** 19/12/1978 (várias emendas). **Divisão administrativa:** 10 prefeituras subdivididas em 143 comunas. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Mov. Republicano Nac. pela Democracia e Desenvolvimento, Frente Patriótica, Coalizão para a Defesa da República. **Chefe de Estado:** pres. Juvenal Habiarimana (desde 5/7/1973). **Chefe de governo:** 1ª-min. Agathe Uilingimana (desde 16/7/1993). **Legislativo:** unicameral – Conselho Nacional do Desenvolvimento, com 70 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 37,9%; indústria, 21,6%; mineração, 0,2%; comércio, 12,7%; serviços, 27,6% do PIB (1988). **Agricultura:** café, chá, piretro, banana-da-terra, batata-doce, mandioca, sorgo. **Pecuária:** caprinos, bovinos, ovinos. **Pesca:** 2,5 mil t (1990). **Indústria:** bebidas, tabaco, alimentícia, refino de petróleo, química, manufaturas de metal, borracha e plástico, máquinas industriais. **Minerais:** cassiterita, tungstênio, ouro, columbo-tantalita, berilo, gás natural. **Exportações:** US$ 96,7 milhões; **produtos:** café, chá (1991). **Importações:** US$ 307,5 milhões; **produtos:** alimentos, vestuário, combustíveis minerais e lubrificantes, materiais de construção, bens de capital (1991). **Parceiros comerciais:** Quênia, países membros da CEE (Bélgica e Luxemburgo, principais), Japão, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco da Ruanda (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 146,27 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,9 bilhão; **renda per capita:** US$ 260 (1991); **crescimento anual:** 0,5% (1980–1991). **Inflação:** 9,5% (1992). **Dívida externa:** US$ 844,6 milhões (1991). **Força de trabalho:** 3,4 milhões; **distribuição:** agricultura, 92,8%; indústria, 3%; serviços, 4,2% (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 48% (1988–1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 5,2 mil (1992); **Exército:** 5 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 200; **outros:** 1,2 mil paramilitares. **Gastos:** 33,8% do orçamento (1991).

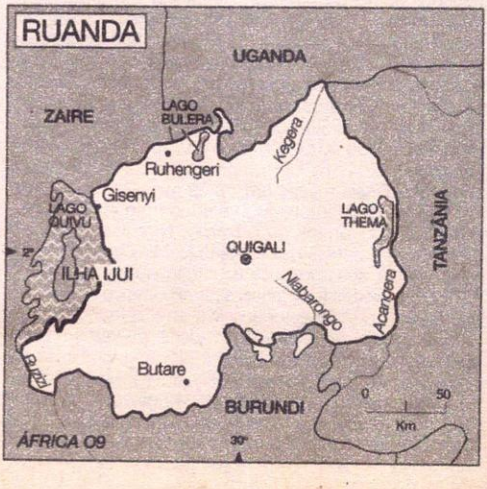
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 13,2 mil km; 9% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 9,9 mil; **automóveis:** 7,9 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Porto:** no lago Kivu. **Linha aérea:** Air Rwanda (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 11 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 497 hab. (1990). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 14 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 124 East 39th St., New York, NY 10016, EUA; tel. (212) 696-0644.

HISTÓRIA

A região, habitada por pigmeus, foi ocupada pelos hutu, povo bantu da bacia do Congo, dominados, no séc. XV, pelos tutsi (ou uatutsi), originários da Etiópia. Os alemães a colonizaram de 1885 a 1914, quando foi cedida à Bélgica. O crescimento do nacionalismo fez os hutu quererem emancipar-se dos tutsi. **1955 – 1958:** massacre de hutus pela elite tutsi. **1959:** revolta hutu derruba a monarquia tutsi. **1960:** governo provisório do *Parmehutu* (Movimento Hutu de Emancipação). **1961:** eleições. **1962:** a ONU põe fim ao mandato belga; independência. **1963/64:** fracassa invasão tutsi, vinda de Burundi; massacre de 12 mil tutsi; fim dos intercâmbios bancários e alfandegários com o Burundi. **1970:** pacto de amizade com a Bélgica; começa a construção da estrada Quigali–Campala, em Uganda. **1973:** Juvenal Habiarimana derruba o pres. Grégoire Kayibanda. **1976:** acordos de cooperação regional com o Burundi. **1982:** fechada fronteira com Uganda para impedir a entrada de refugiados. **1985:** a demissão do arceb. Vincent Nsengiyuma, do Comitê Central do MRDN, formaliza a separação Igreja/Estado. **1986:** processo de 296 membros de seitas religiosas não reconhecidas. **1988/89:** reeleito, Habiarimana concede anistia a presos políticos. **1990:** invasão de refugiados tutsi, liderados por Fred Ruiguemo, dá início à guerra civil; intervenção franco-belga pró-Habiarimana; Ruiguemo morre em combate. **1991:** cessar-fogo (29/3), com mediação da OUA; ataques da Frente Patriótica Ruandense (FPR), do cel. Alex Kaniarengüe (abr.–jun.); multipartidarismo; nova Constituição (10/6) prevê direito de greve, separação dos



poderes, e regime semipresidencialista; Sylvestre Nsanzimana é o 1º-ministro com poderes executivos (12/12); só o direitista Partido Democrata Cristão, de Nayinzira Nepomuscen (30/12), aceita participar do governo de transição. **1992**: massacre de 150 tutsi por hutu, em Bugesera (3 a 10/3), interrompe negociações com a oposição e força a substituição de Nsanzimana por Dismas Nsengiyaremye (16/4); conversações, em Arusha, na Tanzânia, com a FPR (jul.): cessar-fogo (31/7) que entra em colapso (28/10) devido a divergências sobre o calendário eleitoral e a representação dos rebeldes no Parlamento.

FATOS DO ANO

No início de 1993, o pres. Juvenal Habiarimana rejeita o Acordo de Arusha (9/1) entre a delegação ruandense chefiada pelo 1º-min. Dismas Nsengiyaremye, do Movimento Democrático Republicano, e os rebeldes da *Iukotanyi* (Frente Patriótica Ruandesa), do cel. Alex Kanyarengüe, formada por exilados tutsi que contestam a dominação dos de etnia hutu sobre sua comunidade. Habiarimana nega-se a partilhar o poder com a FPR, que exige cinco cadeiras no ministério, a incorporação de seus soldados no Exército regular e a repatriação dos refugiados tutsi que estão em Uganda e na Tanzânia. As hostilidades que se seguem fazem 1 milhão de pessoas fugirem para países vizinhos. O conflito se agrava quando Habiarimana impõe toque de recolher em Quigali (20/1) e incentiva manifestações contra o acordo. Em 23/1, para demonstrar sua força, ele substitui, na chefia da delegação que negocia com a FPR, o chanceler Boniface Ngulinzaira, do MDR, pelo min. da Defesa, James Gasana, do governista Movimento Nacional Republicano para a Democracia e o Desenvolvimento. A FPR interrompe as conversações (8/2) e lança novo ataque, dobrando o território sob seu controle e preparando-se para avançar sobre a capital. Em 1º/3, uma proposta de trégua permite o reinício das discussões em Arusha e, para permitir que se concluam, os cinco partidos integrantes do governo de transição concordam em prorrogar seu mandato de abr. até jul.

Crime político – O assassinato de Emmanuel Gapiysi, pres. do MDR (19/5), ameaça com o reinício das hostilidades; mas em 29/5 é assinado o acordo global governo/FPR. O ex-min. da Justiça, Stanislas Mbonampeka, responsabiliza a FPR pela morte de Gapiysi; e esta insinua que Habiarimana, inimigo de Nsengiyaremye, íntimo colaborador de Gapiysi, inspirou o crime. No fim de jun., apesar do acordo, a troca de acusações e as operações militares, negadas pelos dois lados, levam a novo impasse. As discussões entram em colapso (23/6), quando o Gabinete de Transição rejeita Nsengiyaremye como chefe de novo governo de coalizão, a ser formado após a vigência do acordo de paz. Para desbloquear o impasse, a resolução 846, da ONU, instala uma força de paz na fronteira Ruanda/Uganda, para impedir ajuda militar à FPR. Com isso, chega-se a um consenso e, em 16/7, Habiarimana nomeia a 1ª-min. Agathe Uilingimana, do MDR. O Acordo de Arusha, de 4/8, que encerra três anos de guerra civil, será supervisionado por 3.500 homens da ONU, designados em 5/10.

Rússia

● **NOME OFICIAL:** Federação Russa. **Capital:** Moscou. **Nacionalidade:** russa. **Língua:** russo (oficial); várias línguas das Repúblicas (tchuvache, calmúquio, chechênio). **Religião:** cristianismo (ortodoxos, maioria); islamismo, budismo, judaísmo (minorias).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da Europa; norte da Ásia. **Área:** 17.075.400 km². **Limites:** oceano Ártico (N); mares de Bering e de Okhotsk (L); mar do Japão, Coréia do Norte e China (SE); Mongólia e Cazaquistão (S); mares Cáspio e Negro, Geórgia e Azerbaidjão (SO); Ucrânia, Bielorrússia, Letônia, Estônia e mar Báltico (O); Noruega e Finlândia (NO). **Características:** território dividido pelos montes Urais (de N a S); extensas planícies com colinas e vales na metade européia e na Sibéria Ocidental; terreno ondulado (SO); montes Cáucasos (S); planalto da Sibéria Central (centro N), cercado por montanhas (centro S) e pelos vales dos rios Ienissêi (O) e Lená (L); cadeias montanhosas (SE a NE); geleiras permanentes. A província de Kaliningrado fica fora do território contínuo, entre Lituânia e Polônia. **Ponto mais elevado:** vulcão Kliutchevski (4.750 m). **Clima:** subpolar (extremo N); temperado continental (maior parte); de montanha (centro). **Rios principais:** Volga, Don, Dnieper, Ural (parte européia), Obi, Ienissêi, Lená (parte asiática). **Cidades principais:** Moscou (8.801.500 hab.); S. Petersburgo (4.466.800); Novosibírsk (1.446.300); Nijni Novgórod (1.445.000); Ekaterinenburgo (1.375.400) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +5 a +15; Moscou, +6.

● **POPULAÇÃO:** 149.469.000 (est.1992); **urbana:** 73,9% (1991). **Composição demográfica:** russos, 83%; 38 grupos minoritários (tártaros, ucranianos, tchuvaches, bashquires, bielorrussos, cazaques, uzbeques, ossétios, principais). **Crescimento demográfico:** 0,2% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 23,1%; **15-59:** 61,5%; **mais de 60:** 15,4% (1989). **Densidade (hab./km²):** 8,8 (1992). **Natalidade:** 13,4 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 11,2 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 17,4 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,9 (1990). **Vida média homens:** 63,9; **mulheres:** 74,3 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 77 hab.; **médicos:** 1 por 221 hab. (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 6% (1992). **Alunos de 1º e 2º graus:** 23,1 milhões; **professores:** 1,5 milhão (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 1,6 milhão (1990/91).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). **Data da Constituição em vigor:** 12/12/1993. **Divisão administrativa:** 21 repúblicas autônomas, 10 distritos autônomos, 1 região autônoma, 6 territórios e 49 regiões administrativas. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Opção Rússia; União Cívica, Comunista (restabelecido em 1993), Agrário, Unidade e Acordo, Liberal Democrático, Democrático da Rússia, Mov. de Reformas Democráticas. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Borís N. Iéltsin (desde 12/6/1991). **Legislativo:** bicameral – Congresso dos Deputados do Povo, com 1.068 membros eleitos por voto direto; Soviete Supremo, com 252 membros eleitos dentre os membros do Congresso (1/5 reeleito a cada ano).

● **ECONOMIA:** agricultura, 19,9%; indústria, 54,9%; comércio, 15,1%; serviços, 10,1% do Produto Material Líquido (1991). **Agricultura:** grãos, batata. **Pecuária:** aves, caprinos, ovinos, bovinos. **Indústria:** metalúrgica, siderúrgica, petrolífera, química, máquinas industriais. **Minerais:** petróleo, cobre, gás natural, turfa, cobre, minério de ferro, chumbo, rocha fosfática, níquel, manganês, ouro, diamante. **Exportações:** US$ 24,6 bilhões; **produtos:** petróleo, gás natural, combustíveis, matérias-primas (1990). **Importações:** US$ 28,3 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, alimentos, suprimentos médicos (1990). **Parceiros comerciais:** Alemanha, Repúblicas da CEI, Itália, EUA, Grã-Bretanha, Finlândia, Japão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** rublo (dividido em 100 copeques); **cotação para 1 US$:** 412,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 479,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 3.220 (1991); **crescimento anual do PIB:** -19% (1992). **Inflação:** 2.540% (1992). **Dívida externa:** US$ 80 bilhões (1992). **Força de trabalho:** 78,7 milhões; **distribuição:** agricultura, 12,5%; indústria, 37%; comércio, 7,1%; serviços, 43,4% (1990); **mão-de-obra feminina:** 52,4% (1989). **Desemprego:** 9% (1989).

● **DEFESA: Efetivo total:** 2,02 milhões (1992); **Exército:** 1,4 milhão; **Marinha:** 320 mil; **Força Aérea:** 300 mil; **outros:** 520 mil paramilitares e 350 mil tropas da CEI. **Gastos:** 13,2% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 884 mil km; 74% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 9,4 milhões; **automóveis:** 9

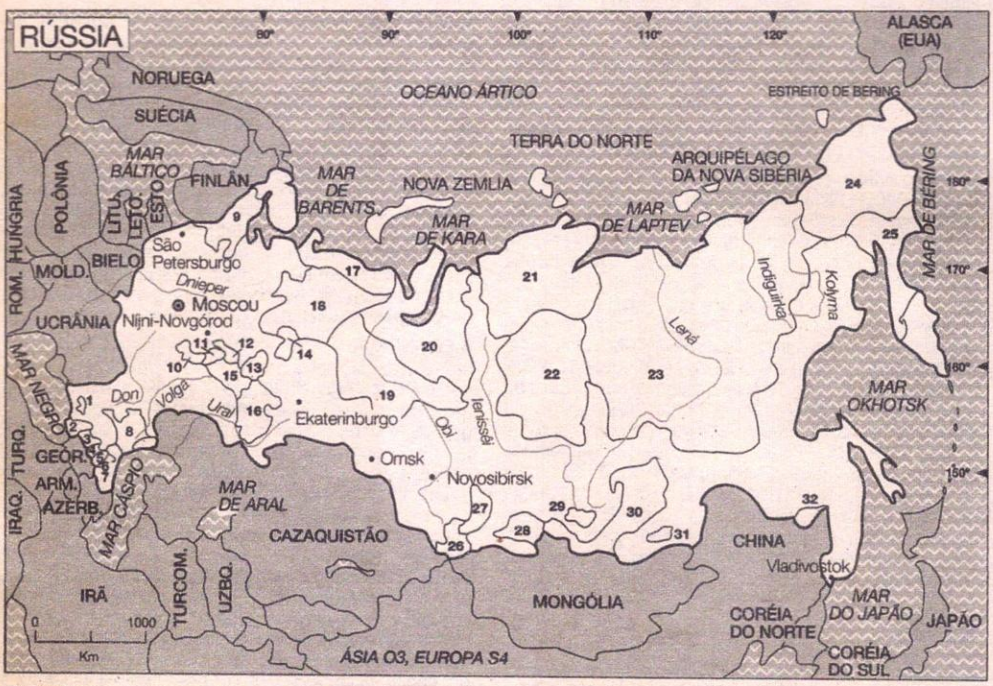
milhões (1991). **Ferrovias:** 160,8 mil km (1990). **Portos:** Vladivostók, Nakhodka, Magadan, Petropavlovsk (oc. Pacífico); S. Petersburgo, Kaliningrado (mar Báltico); Murmansk (oc. Atlântico); Novorossiysk, Sochi (mar Negro). **Linha aérea:** Aeroflot (vôos internacionais e domésticos).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 3 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 2,7 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 6,3 hab. (1991). **Jornais diários:** 4,8 mil; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 112 (1990).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote A, CEP 70476-900, Brasília, DF; tel. (061) 223-3094.

HISTÓRIA

Os indo-europeus kurgan, instalados nas estepes, do Dnieper ao Alto Ienissêi (4.000 a.C.), foram conquistados pelos persas cimérios (2.000 a.C.), dominados, por sua vez, pelos citas do Volga (1.000 a.C.). O Imp. Cimero-cita foi invadido (séc. III – IV) por godos, hunos, avar e khazars; desde o séc. V, os eslavos, de origem ariana, espalharam-se pelas atuais Rússia, Ucrânia e Bielorrússia. **862 – 879:** o escandinavo Rúrik funda a cidade-Estado de Novgórod; seu sucessor, Oliég, funda Kíev. **988:** Vladímir de Kíev proclama o cristianismo religião do Estado. **1054:** Kíev integra-se ao Imp. Bizantino. **1237 – 1249:** domínio tártaro. **1300:** capital em Moscou. **1480:** unificação por Ivã III. **1547 – 1584:** reinado de Ivã IV, o Terrível, que conquista a Sibéria (1556). **1654:** conquista da Ucrânia, tomada da Polônia. **1700 – 1721:** vitória na Grande Guerra do Norte contra a Suécia. **1732:** conquista das províncias turcas do mar Cáspio; anexação do Alasca. **1743:** anexação de parte da Finlândia. **1760:** participação na Guerra dos Sete Anos: ocupação de Berlim. **1762 – 1796:** reinado de Catarina II, a Grande, que anexa a Criméia e parte da Polônia (1770). **1801 – 1825:** reinado de Alexandre I, que anexa territórios persas (1804) e o sul da Finlândia (1809). **1812:** ocupação de Moscou por Napoleão; Batalha de Borodino: derrota francesa pelo gen. Kutúzov. **1826 – 1861:** revoltas camponesas contra Nicolau I e Alexandre II. **1853 – 1856:** derrota na Guerra da Criméia, pela coalizão anglo-francesa. **1861:** Alexandre II abole a servidão. **1867:** venda do Alasca aos EUA. **1869:** surge, em S. Petersburgo, o primeiro círculo revolucionário. **1904/05:** derrota na guerra com o Japão. **1905:** Nicolau II é forçado a conceder uma Constituição e um Parlamento (a *Duma*). **1914:** do lado aliado na I Guerra. **1917:** revolução de Aleksandr Kerênski (fev.): Nicolau II abdica; o governo é derrubado pelos bolcheviques, de Vladímir Ilítch Uliânov (Lênin). **1918 – 1922:** vitória comunista na guerra civil contra os russos brancos apoiados pelo Ocid.; criação da URSS, que existirá até 1991. O país é governado por Lênin (1917–1924), Iósif Stálin (1924–1953), Nikita Kruchóv (1956–1964), Leonid Bréjnev (1964–1982), Iúri Andrópov (1982–1984), Konstantín Tchernenko (1984/85) e Mikhaíl Gorbatchóv (1985–1991). **1986:** Gorbatchóv dá início às reformas político-econômicas da *pierestróika* (reconstrução), regidas por uma atitude de *glásnost* (transparência), que leva à abertura em todos os níveis. **1987:** Borís Iéltsin, sec.-geral do PC russo, é desligado do Politburo do PCUS



Repúblicas e distritos autônomos da Federação Russa e capitais*:
1. RA de Adiguéia (Máikop). 2. RA dos Karatcháis - Tcherkesses (Tcherkésk). 3. RA de Kabardino-Balkária (Náltchik). 4. RA da Ossétia do Norte (Vladikavkaz). 5. RA da Chechênia (Grózny). 6. RA da Inguchétia (Nazrânie). 7. RA do Daguestão (Mahkatchkála). 8. RA da Calmúquia (Elishta). 9. RA da Carélia (Pietrozávodsk). 10. RA da Mordóvia (Saránsk). 11. RA da Tchuváchia (Tchéboksary). 12. RA dos Maris (Ioshkak-Olá). 13. RA da Udmúrtia (Ijésvsk). 14. DA dos Komis-Permiaks (Kúdimkar). 15. RA da Tartária (Kazân). 16. RA de Bashkortostão (Ufá). 17. DA de Neniéts (Narián-Mak). 18. RA dos Komis (Vorkuta). 19. DA de Khanti-Mansi (Khânti-Mansíisk). 20. DA de Iamálo-Neniéts (Sálekhard). 21. DA de Taimír (Dúdinka). 22. DA de Evênki (Tura). 23. RA da Iakútia (Iakútsk). 24. DA dos Tchúktches (Anadyr). 25. DA de Koriaks (Palaná). 26. RA do Alto-Altai (Gorno-Altai). 27. RA dos Khakasses (Abakã). 28. RA de Tuva (Kyzyl). 29. DA de Buriatas de Ust-Ordínski (Ust-Ordínski). 30. RA da Buriátia (Ulan-Ude). 31. DA de Buriatas de Aguínskoie (Aguínskoie). 32. Região Aut. dos Judeus (Birobidján).

(*) Os dados indicados neste mapa devem ser considerados com reserva em função dos vários movimentos separatistas em andamento na nova Federação Russa e da conseqüente disparidade de informações nas fontes de referência.

por divergências sobre as reformas com o ideólogo oficial Ligatchóv. **1989**: Iéltsin, deputado por Moscou (90% dos votos), lidera o Grupo Inter-Regional, de oposição, no novo Congresso dos Deputados do Povo (CDP). **1990/91**: eleito pres. da Federação Russa (mai.), Iéltsin lidera campanha pela aceleração das reformas econômicas; encabeça a resistência ao golpe contra Gorbatchóv (ago. de 1991), proclama a independência da Rússia e cria a Comunidade dos Estados Independentes; o PC é banido; o vice-pres. Aleksandr Rutskôi opõe-se à sua política econômica do governo (dez.). **1992**: liberação dos preços, majorados de três a trinta vezes (2/1); choques do pres. do Parlamento, Ruslán Khásbulatov, com Iéltsin sobre a extensão dos poderes do Executivo (jan.); manifestações dos comunistas contra o governo (12/1); dezoito das vinte repúblicas autônomas assinam o Novo Tratado da Federação (NTF), que redefine os poderes central e local (mar.); golpe quase derruba Djákhar Dudáiev, pres. da Chechen-Inguchétia, que não subscreveu o NTF porque os chechenos querem independência e os inguchétios, permanecer na federação (mar.); referendo, em Kazan, aprova a soberania da Tartária, que tampouco subscreveu o NTF (21/3); pressionado pelo CDP, Iéltsin demite Égor Gáidar, artífice da *pierestróika*, do Ministério das Finanças, mas o mantém como vice-1º-ministro (abr.); ameaça dos EUA de cortar a ajuda de US$ 24 bilhões: o CDP recua nas pressões contra a reforma (14/4); criadas as Forças Armadas da Rússia (mai.); aumentos de 80% a professores e médicos, em greve havia um mês (15/5); restauração da República autônoma do Volga, da comunidade russo-alemã, eliminada por Stálin em 1941 (mai.); Gáidar torna-se 1º-ministro, para coordenar as privatizações amplas (mai.); pedido de adesão ao Conselho da Europa (mai.); separação da Chechênia e Inguchétia (jun.); acordo de redução de armas com os EUA (17/6); o Tribunal Constitucional julga a legitimidade do decreto que baniu o PC (jul.): por ter-se recusado a depor; Gorbatchóv é proibido de viajar para o exterior; distribuição gratuita dos "certificados populares de privatização" (10 mil rublos), a serem trocados por ações de estatais privatizadas (ago.); confisco da sede da Fundação de Estudos Políticos e Econômicos, de Gorbatchóv (out.).

FATOS DO ANO

A vitória dos nacionalistas de Vladímir Jirinóvski é a grande surpresa nas eleições legislativas de 12/12/1993. Extrema-direita que prega o retorno às fronteiras do império soviético, cuja ideologia é tingida de neofascismo e anti-semitismo, seus 24% dos votos tornam seu partido mais votado do que a Opção Rússia, do pres. Borís Iéltsin, ou os comunistas. Esse resultado inesperado é o fruto das turbulências por que passou a Rússia, durante 1993, e que se iniciou com a admissão, por Iéltsin, no final do ano anterior, de que suas reformas econômicas estavam sendo barradas por interesses políticos.

Pedindo ao grupo dos diretores e presidentes das estatais, liderado por Arkádi Vólski, apoio na confrontação entre o Executivo e o Legislativo, promete-lhes proteger determinados setores econômicos – a indústria aeronáutica, espacial e de medicina – contra a presença estrangeira. A crise econômica é grave: a queda da produção, em doze meses, é de 25%, e o Parlamento, em rota de colisão com o presidente, recusa, em 9/12/1992, sua indicação de Égor Gáidar, artífice das reformas econômicas, para o cargo de 1º-ministro. Em seu lugar, Iéltsin tem de colocar o moderado Viktor Tchômomyrdin.

Choques com o Parlamento – Em fev. de 1993, desafiando Iéltsin, o Parlamento vota a manutenção de sua própria milícia defensiva, o que provoca, em 28/2, um duro discurso em que o presidente critica o excesso de poder concedido pela Constituição ao Congresso do Povo. Em 5/3, o pres. do Parlamento, Ruslán Khásbulatov, denuncia da tribuna um suposto plano presidencial para assassinar os líderes parlamentares e, no dia 11, o Parlamento exige, por decreto, que em trinta dias ele "ajuste" seus atos à letra da Constituição. Em resposta, Iéltsin atribui a si mesmo poderes especiais (20/3) e convoca, para 25/4, um plebiscito sobre o sistema de governo. O pres. da Corte Constitucional, Valiéry Zórkin, pede-lhe explicações; o min. da Defesa, mal. Pável Gratchóv, admite que as Forças Armadas estão inquietas; mas a manobra conta com o apoio decisivo do Ocidente.

Tentando uma última cartada, o Parlamento vota, em 28/3, o *impeachment* de Iéltsin; mas essa medida extrema é derrotada por 72 votos. Manifestações de rua, pró e contra, se equilibram. Resignado, o Parlamento aceita o plebiscito de 25/4, em que 58% dos eleitores dizem "sim" a Iéltsin, que, logo em seguida, proíbe manifestações na praça Vermelha e afasta da comissão de combate à corrupção o seu maior rival, o vice-pres. Aleksandr Rutskôi. A convocação de uma comissão de oitocentos membros (5/6) para elaborar o projeto de nova Constituição é acompanhada de pressões para que os deputados aceitem a antecipação do pleito para a renovação do Parlamento. Paralelamente, em 13/8, ele reúne representantes dos 88 Estados e territórios da Federação, em Petrozavódsk, a 700 km de Moscou, para discutir uma Carta que lhes conceda autonomia regional – quer, com isso, garantir para si o apoio regional.

Ataque ao Biély Dom – Em 1º/9, Iéltsin demite Rutskôi acusando-o de ter desviado US$ 20 milhões para uma conta na Suíça. Quando o Parlamento anula essa decisão, Iéltsin parte para a provocação aberta: chama Gáidar de volta para o governo e, diante da reação dos deputados, dissolve o Parlamento (21/9) e convoca eleições legislativas para 12/12. No mesmo dia, o Parlamento vota a demissão de Iéltsin e sua substituição por Rutskôi. A Bolsa de Nova York cai 50 pontos, mas logo se recupera ao ficar claro de que lado está o Exército Vermelho, e que é a Iéltsin que o pres. Bill Clinton dá o seu respaldo. Cinco mil policiais cercam o *Biély Dom* (Casa Branca), sede do Parlamento, onde a energia foi cortada por ordem de Iéltsin. Há incidentes com feridos na rua Arbat (2/10), no centro de Moscou, e no dia seguinte conservadores tomam a prefeitura: 21 pessoas morrem.

Tanques T-84 e soldados de várias unidades atacam, em 4/10, o *Biély Dom:* os deputados se rendem, há mais de trezentos mortos, Khásbulatov e Rutskôi são presos, Iéltsin pode finalmente confirmar o plebiscito em que se aprove uma Carta consagradora de um Executivo forte – aprovada, em 12/12, por 58% dos votos, o que lhe garante bom espaço de manobra até o fim do mandato. Mas Jirinóvski também aguardará as eleições presidenciais com otimismo, pois o resultado das eleições dá-lhe boas chances.

Na tentativa de conter a inflação, o governo retira de circulação, em meados de 1993, as cédulas de rublo emitidas em 1992 ou antes, causando grande confusão na Rússia e em ex-repúblicas onde a moeda ainda é utilizada. A dívida externa, de US$ 72 bilhões, é reescalonada pelos credores ocidentais, mesmo sem o aval do FMI, pois estão interessados na estabilidade política de Iéltsin – que, em out., autoriza a compra e venda de terras na Rússia, embora ainda mantenha a proibição para investidores estrangeiros. Em dez., o FMI libera um empréstimo de US$ 1,5 bilhão, indispensável num momento em que se observa queda de 11% do PIB e o salário mínimo teve de ser dobrado para 14.620 rublos (US$ 13).

A máfia em ação – Em ago. de 1993, admite-se 41% de aumento da criminalidade, desde o fim da URSS, em especial a da máfia asiática (Geórgia, Armênia, Azerbaidjão), que aplica nos novos ricos o golpe da "proteção" – estes, por sua vez, defendem-se contratando guarda-costas veteranos do Afeganistão. Em set., Iéltsin ordena ao Exército uma "limpeza" de Moscou apoiada pela população.

No plano externo, a Rússia tenta impedir a expansão do fundamentalismo na região tadjique; usando o fornecimento de energia como instrumento de pressão, obtém da Ucrânia a devolução de metade da frota do mar Negro; e mostra-se disposta a devolver ao Japão as ilhas Curilas, desde que em troca de uma ajuda de US$ 4,6 bilhões. O fortalecimento dos nacionalistas inspira, naturalmente,

temores em todo o mundo, pois Jirinóvski menciona, em seus discursos, a expansão das fronteiras – e seus alvos mais imediatos são as repúblicas bálticas, que, depois de independentes, não quiseram sequer integrar-se à CEI.

Samoa Ocidental

● **NOME OFICIAL:** Estado Independente de Samoa Ocidental. **Capital:** Ápia. **Nacionalidade:** samoana. **Hino:** A Bandeira da Liberdade (título). **Língua:** inglês; samoano. **Religião:** cristianismo (congregacionistas, católicos e metodistas). **Data nacional:** 10/1 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-leste da Oceania. **Área:** 2.832 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago com 9 ilhas (4 habitadas); litoral plano; relevo bastante acidentado com vales férteis de aluvião. **Ponto mais elevado:** monte Silisili (1.858 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Cidade principal:** Apia (33.170 hab.) (1981). **Hora local** (em relação a Brasília): -11h.

● **POPULAÇÃO:** 160.000 (est.1992); **urbana:** 21% (1990). **Composição demográfica:** samoanos, 88%; mestiços, 10%; europeus, 2% (1982). **Crescimento demográfico:** 2,8% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 41,2%; 15-59: 53,2%; mais de 60: 5,6% (1986). **Densidade (hab./km²):** 56,5 (1992). **Natalidade:** 34 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 47 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,5 (1991). **Vida média homens:** 64; **mulheres:** 69 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 255 hab. (1989); **médicos:** 1 por 3,6 mil hab. (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 8% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 52 mil; **professores:** 2,1 mil (1986). **Alunos no ensino superior:** 562; **professores:** 37 (1983). **Gastos:** 5,3% do PIB (1990).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 1º/1/1962. **Divisão administrativa:** 21 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Proteção aos Direitos Humanos, Desenvolvimento Nacional. **Chefe de Estado:** rei Malietoa Tanumafili (desde 1º/1/1962). **Chefe de governo:** 1º-min. Tofilau Eti Alesana (desde dez./1982). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Legislativa, com 49 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 47,1%; indústria, 19%; comércio, 10,3%; serviços, 23,6% do PIB (1989). **Agricultura:** cacau, coco, mandioca, banana. **Pecuária:** suínos, bovinos, eqüinos. **Pesca:** 3,6 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia (copra, principal); vestuário e artigos em couro, materiais de construção, arames e fios elétricos. **Exportações:** US$ 6 milhões; **produtos:** alimentos, madeira, bebidas (1992). **Importações:** US$ 113 milhões; **produtos:** alimentos e animais vivos, máquinas industriais e equipamentos de transporte, combustíveis, manufaturados (1992). **Parceiros comerciais:** Nova Zelândia, Austrália, Alemanha, EUA, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** tala (dividida em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 2,56 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 156 milhões; **renda per capita:** US$ 930 (1991); **crescimento anual:** 6% (1980–1991). **Inflação:** 8,5% (1992). **Dívida externa:** US$ 140,3 milhões (1991). **Força de trabalho:** 45,6 mil; **distribuição:** agricultura, 63,6%; indústria, 5,5%; comércio, 3,7%; serviços, 25,8%; outros, 1,4%; **mão-de-obra feminina:** 18,8% (1986).

● **DEFESA:** não há; a Nova Zelândia é responsável pela defesa da região.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 2,1 mil km; 19% pavimentados (1987); **nº de veículos:** 5,6 mil; **automóveis:** 2,5 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Apia, Asau. **Linha aérea:** Polynesian Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 2,1 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 26 hab. (1987). **Linhas telefônicas:** 1 por 29 hab. (1988). **Jornais diários:** não há.

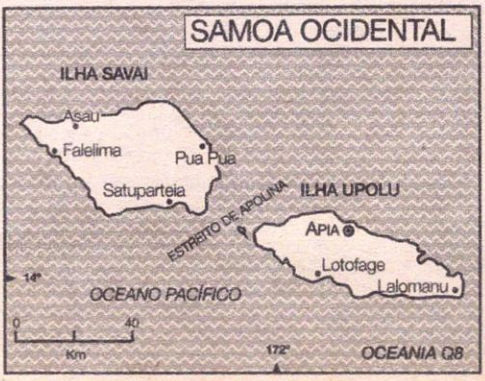
● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 820 2nd Avenue, Suite 8000, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 599-6196.

HISTÓRIA

Há indícios de vida em Samoa em 1.000 a.C.; as ilhas foram descobertas pelos holandeses (1722) e, no séc. XIX, usadas como penhor do conflito entre os EUA, Grã-Bretanha e Alemanha. **1889:** tratado entrega Samoa Or. aos EUA e Samoa Ocid. à Alemanha. **1914 – 1920:** ocupação da Nova Zelândia, que recebe, da Liga das Nações, o protetorado. **1927 – 1936:** campanha de desobediência civil transforma-se em movimento pró-independência. **1946:** tutela da ONU, sob supervisão neozelandesa. **1961/62:** plebiscito: opção pela independência, proclamada pelos chefes Tupua Tamasese Meaole e Malietoa Tanumafili. **1963:** Meaole morre. **1966/67:** furacão deixa nove mortos, o país fica um ano sem suprimentos. **1968:** novo furacão. **1969:** aumenta a emigração de estudantes para a Nova Zelândia; cresce a oposição ao poder dos chefes. **1970:** Tamasese Lealofi IV, líder dos reformistas, é o 1º-ministro. **1973:** reunião, em Apia, das nações do Pacífico Sul: protesto contra as experiências nucleares francesas em Mururoa. **1976:** admissão na ONU; eleição de Tupuola Taisi Efi. **1982:** Tupuola, derrotado (fev.), anula as eleições; em novo pleito (dez.), vitória de Tofilau Eti Alesana. **1985:** renúncia de Eti; o cargo fica vago até **1987:** eleição de Váai Kolone. **1988:** vitória da coalizão democrata-cristã de Kolone; a transferência de um membro do PDC para o Partido da Proteção dos Direitos Humanos (PPDH) força eleições antecipadas e Eti volta ao cargo. **1990:** crise com o Nauru, acusado de subvencionar a oposição samoana (jan.): seu cônsul retira-se de Apia; os bens de nauruanos em Samoa são liquidados; plebiscito aprova adoção do voto direto (out.), substituindo a escolha dos deputados pelos matai, chefes eleitos dos clãs; mas rejeita o desdobramento do *Fono* (Assembléia) em duas câmaras; Eti nomeia *ombudsman* para examinar queixas contra agências estatais, mas proíbe-o de investigar a atuação de membros dos gabinetes. **1991:** eleições diretas (5/4): o governista PPDH obtém 26 cadeiras contra 18 do PDNS; Eti reassume (mai.); a min. da Educação, Fiame Naomi, filha do ex-1º-min. Fiame Mataafa Mulinuu, é a primeira mulher no gabinete; vitória do PPDH nas eleições complementares (nov.); ciclone causa prejuízos de 662 bilhões de talas (dez.): crise na indústria da copra e do cacau. **1992:** a CEE deve fornecer US$ 12 milhões durante cinco anos para a reconstrução; remessa recorde de US$ 39,4 milhões por samoanos que trabalham no exterior; programa de estímulo a investimentos estrangeiros (jun.).

FATOS DO ANO

Em mar. de 1993, para concorrer a uma vaga no *Fono* (a Assembléia Legislativa), o independente sir Tagiloa Peter funda novo partido de oposição, o Democrático Samoano. Mas, depois de conquistá-la, ameaça com a renúncia,



em protesto contra o projeto do governista Partido de Proteção dos Direitos Humanos, do 1º-min. Tofilau Eti Alesana, apoiado pelos oposicionistas do Partido do Desenvolvimento Nacional Samoano, de Tupuola Taisi Efi, de aumentar de três para cinco anos o mandato parlamentar. Em 1992, tinha sido lançado um programa de incentivo aos investimentos estrangeiros, para reduzir as importações e criar novas formas de entrada de divisa forte. Em 1993, instalam-se no país firmas estrangeiras que ali fabricam seus produtos e, de lá, os exportam. Em fev. de 1993, Samoa encomenda ao Banco de Reserva da Austrália notas de duas talas feitas de plástico, mais resistentes do que o tradicional papel-moeda.

San Marino

● **NOME OFICIAL:** Sereníssima República de San Marino. **Capital:** San Marino. **Nacionalidade:** samarinesa. **Hino:** *Glória a ti, velha República* (1º verso). **Língua:** italiano. **Religião:** cristianismo (católicos, 95,2%). **Data nacional:** 3/9 (República).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da Europa, centro da Itália. **Área:** 60,5 km². **Limites:** Itália. **Características:** relevo acidentado encravado na cadeia montanhosa dos Apeninos, regiões férteis no sopé das montanhas. **Ponto mais elevado:** monte Tirano (738 m). **Clima:** mediterrâneo. **Rios principais:** San Marino, Fiumicello, Ansa, Marano. **Cidades principais:** Serravalle/Dogano (4.640 hab.); San Marino (2.340); Borgo Maggiore (2.180); Domagnano (1.000) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 23.600 (est.1992); **urbana:** 90,1% (1991). **Composição demográfica:** samarineses, 80,4%; italianos, 18,7%; outros, 0,9% (1992). **Crescimento demográfico:** 0,3% (1987–1991). **Faixas etárias:** 0-14: 16,1%; 15-59: 65,2%; mais de 60: 18,7% (1991). **Densidade (hab./km²):** 385,7 (1992). **Natalidade:** 10,6 por 1.000 (1987–1991). **Mortalidade:** 7,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 13,1 por 1.000 (1987–1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,3 (1984). **Vida média homens:** 70,7; **mulheres:** 76,2 (1980–1985). **Leitos hospitalares:** 1 por 151 hab.; **médicos:** 1 por 375 hab. (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 1,6% (1987). **Alunos de 1º e 2º graus:** 2,4 mil; **professores:** 347 (não compreeende ensino profissionalizante) (1991/92). **Alunos no ensino superior:** 332 (na Itália); **professores:** (1986/87). **Gastos:** 7,1% do orçamento (1981).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Divisão administrativa:** 9 castelos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrático Cristão, Socialista, Democrático Progressista. **Chefe de Estado e de governo:** capitães-regentes Patricia Busignani e Salvatore Tonelli (abr.–set. de 1993). **Legislativo:** unicameral – Grande Conselho, com 60 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA: Agricultura:** trigo, cevada, milho, azeitona, uva. **Indústria:** vinícola, cimento, borracha sintética, têxtil, cerâmica. **Minerais:** exploração de pedreiras. **Exportações:** incluídas no total da Itália; **produtos:** vinho, vestuário (roupas de lã), móveis, cerâmicas, pedras para construção, artesanato. **Importações:** incluídas no total da Itália; **produtos:** manufaturados, óleo. **Parceiro comercial:** Itália. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** lira italiana. **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 188 milhões; **renda per capita:** US$ 1.987 (1991); **Inflação:** 6,1% (1990). **Força de trabalho:** 13,3 mil; **distribuição:** agricultura, 2,2%; indústria, 41,7%; comércio e serviços 56,1%; **mão-de-obra feminina:** 40,7% (1991). **Desemprego:** 3,7% (1992).

● **DEFESA:** força nacional voluntária composta de 50 homens. **Gastos:** 0,9% do PNB (1987).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 237 km (1987); **nº de veículos:** 24,6 mil; **automóveis:** 21,2 mil (1992). **Ferrovias:** não há. **Portos:** não há. **Linhas aéreas:** não há.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 1,9 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 3,2 hab. (1987). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,5 hab. (1988). **Jornais diários:** 5 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 745 Fifth Avenue, Suite 1208, New York, NY 10151, EUA; tel. (212) 751-1234.

HISTÓRIA

Fundado, segundo a tradição, por Marino, pedreiro cristão da Dalmácia, mais tarde canonizado. **1631:** independência reconhecida pelo papa Urbano VII. **1739/40:** ocupação pelo legado papal card. Giulio Alberoni; o papa Clemente II lhe ordena retirar-se. **1862:** união alfandegária com a Itália. **1939 – 1944:** ocupação alemã, apesar da neutralidade. **1945:** vitória comunista-socialista nas eleições para o Grande Conselho. **1957:** cinco membros retiram-se do Conselho: queda da coalizão PC/PS; governo anticomunista. **1971:** reatamento com a China. **1973:** crise econômica: desacordo na coalizão social-democrata/democrata-cristã; renúncia do Conselho; nova coalizão democrata-cristã/socialista. **1975:** saída dos socialistas; queda do governo. **1978 – 1983:** governo do PC com maioria absoluta. **1982:** direito às samarinesas, que se casarem com estrangeiros, de conservar a cidadania. **1984:** coalizão PC/PS; direito de naturalização para estrangeiros residentes no país há trinta anos. **1986:** escândalo financeiro envolve socialistas e força coalizão DC/PC. **1988:** ingresso no Conselho da Europa; as eleições mantêm o governo DC/PC. **1990:** primeira participação do país em reuniões internacionais: o encontro, em Viena (jan.), da OTAN e do Pacto de Varsóvia com países europeus não-alinhados e neutros; a reunião do Conselho da Europa, em Lisboa (mar.); e a reunião, em Paris (nov.), que põe fim à Guerra Fria; o PC passa a chamar-se Partido Democrático Progressista (nov.). **1991:** integração ao tratado antidrogas no esporte, do Conselho da Europa, e primeira participação no Campeonato Europeu de Futebol (nov.). **1992:** substituição da coligação DC/PDP pela PDC/PS (fev./mar.); ingresso na ONU (mar.) e no FMI (set.).

FATOS DO ANO

Nas eleições de 30/5/1993, o Partido Democrático Cristão, de Pier Menicucci, obtém 26 cadeiras no *Consiglio Grande e Generale*; e catorze ficam para o Partido Socialista, de Antonio Volpinari, no poder desde mar. de 1992. Os capitães-regentes para o período abr.–set. de 1993 são Patricia Busignani e Salvatore Tonelli. Quanto

aos partidos recém-criados, a Aliança Popular, o Movimento Democrático e a Refundação Comunista, eles obtêm, respectivamente, quatro, três e dois representantes no CGG. A República, que não possuía emissoras de rádio ou de TV, fundou em 1991 a San Marino RTV, que inicia suas atividades em jun. de 1993; na mesma época, começa a funcionar a Radio Tifano, privada. A economia continua dependendo do turismo (3 milhões de visitantes/ano) e da venda de selos (10% da renda). O plano de expansão da indústria ligeira, com matérias-primas importadas da Itália, tem feito crescer a manufatura de têxteis, objetos de borracha, couro e cerâmica. Em 1993, aumenta também a produção de azeite e vinho, para exportação.

Santa Lúcia

● **NOME OFICIAL:** Santa Lúcia. **Capital:** Castries. **Nacionalidade:** santa-lucense. **Hino:** *Filhos e filhas de Santa Lúcia* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); crioulo de matiz francês. **Religião:** cristianismo (católicos, 85,6%; adventistas do sétimo dia, 4,3%; anglicanos, 2,7%). **Datas nacionais:** 22/2 (Independência); 13/12 (Santa Lúcia).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América Central. **Área:** 616 km². **Limites:** mar do Caribe. **Características:** ilha de origem vulcânica; cadeia de montanhas (de N a S); vales férteis. **Ponto mais elevado:** monte Gimie (950 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rios principais:** Canelles, Grand Cul de Sac, Roseau, Vieux Fort. **Cidade principal:** Castries (11.147 hab.) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

● **POPULAÇÃO:** 135.000 (est.1992); **urbana:** 46,4% (1990). **Composição demográfica:** negros, 87%; mestiços, 9,1%; indianos, 2,6%; brancos, 1,3% (1985). **Crescimento demográfico:** 1,7% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 36,8%; **15-59:** 54,4%; **mais de 60:** 8,8% (1991). **Densidade (hab./km²):** 218,8 (1992). **Natalidade:** 23,2 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 5,6 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 17,7 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,4 (1990). **Vida média homens:** 68,6; **mulheres:** 74,4 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 283 hab.; **médicos:** 1 por 2,5 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 6,3% do orçamento (1991/92).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 20% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 39,4 mil; **professores:** 1,5 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior e no ensino profissionalizante:** 763 (1989/90). **Gastos:** 11,5% do orçamento (1991/92).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 22/2/1979. **Divisão administrativa:** 8 regiões. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Unido dos Trabalhadores, Trabalhista. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II, representada pelo gov.-geral Stanislaus A. James (desde 10/10/1988). **Chefe de governo:** 1º-min. John G.M. Compton (desde 3/5/1982). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 11 membros (9 indicados pelo gov.-geral e 2 independentes); Assembléia, com 17 membros eleitos por voto direto, ambos para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 13,8%; indústria, 17,2%; mineração, 0,7%; comércio e serviços, 68,3% do PIB (1990). **Agricultura:** banana, coco, manga, frutas cítricas, cacau, temperos. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos, suínos. **Pesca:** 974 t (1990). **Indústria:** processamento de produtos agrícolas, montagem de componentes eletrônicos, vestuário, plástico, papel e embalagens, bebidas (rum e cerveja, principais). **Exportações:** US$ 117 milhões; **produto:** banana (1991). **Importações:** US$ 209 milhões; **produtos:** alimentos, manufaturas básicas, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, Trinidad e Tobago. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar do Caribe (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 2,70 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 380 milhões; **renda per capita:** US$ 2.500 (1991); **crescimento anual:** 6,3% (1980–1991). **Inflação:** 7,3% (1991). **Dívida externa:** US$ 69,9 milhões (1991). **Força de trabalho:** 42,2 mil (1980); **distribuição:** agricultura, 33,9%; indústria, 15,2%; comércio e serviços, 50,9% (1985); **mão-de-obra feminina:** 39,1% (1980). **Desemprego:** 13% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 300 (Força Policial Real).

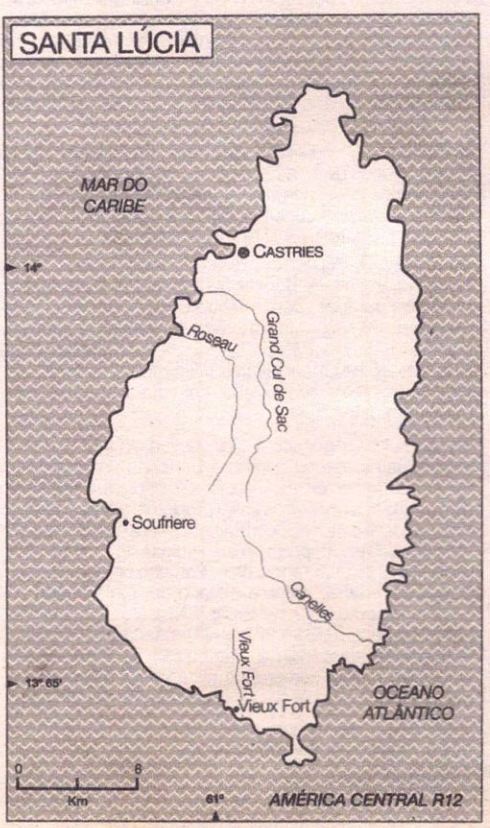
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 805 km; 56% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 10,5 mil; **automóveis:** 6,5 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Castries, Vieux Fort, Soufrière, Cul de Sac. **Linhas aéreas:** Air Antilles (vôos internacionais e domésticos); Caribbean Air Transport (domésticos e charters); Eagle Air Services, Helenair (charters).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 1,7 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 6 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 11 hab. (1990). **Jornais:** 3 (publicados 2 ou 3 vezes por semana) (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 820 2nd Avenue, Suite 900, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 697-9360.

HISTÓRIA

Descoberta por Cristóvão Colombo (13/12/1502), disputada pela França e Inglaterra (séc. XVII–XIX), tornou-se possessão britânica em 1814. **1838 – 1885:** administração subordinada à de Barbados. **1885:** dependência britânica com governo próprio. **1924:** nova Constituição: um dos membros do governo é eleito pelos nativos. **1958:** ingresso na Federação das Índias Ocidentais. **1960:** maior autonomia dentro da federação. **1967:** Estado Associado à Grã-Bretanha; o conservador John Compton é o 1º-ministro. **1979:** independência; vitória do trabalhista Allan



Louisy, que, em 1980: disputa o poder com seu vice, George Odlum; o furacão *Allen* devasta o país. 1981: renúncia de Louisy, substituído por Winston Cenac. 1982: conflitos forçam a renúncia de Cenac; eleição de Compton. 1983: participa da invasão de Granada. 1984 – 1986: fracasso do plano de Odlum de unificar a oposição contra Compton, que, em 1987: é reeleito (6/4). 1988: estatização da Associação dos Plantadores de Banana, cuja diretoria é demitida; demissão do chefe da polícia por suspeita de envolvimento no tráfico de drogas. 1989: com oposição da Igreja Católica, aprovado plano de instalação de um cassino. 1990: Compton exige a renúncia de Desmond Fostin, min. do Trabalho, Comunicações e Transportes, acusado de corrupção (fev.): assume seu vice, Gregory Avril; combate ao tráfico: confisco de armas e drogas, prisão de traficantes, com um morto e um ferido (6/10); cooperação com a Martinica e São Vicente e Granadinas para combate conjunto ao tráfico. 1991: crescimento econômico de 3,5%: consolidado o prestígio de Compton, apesar da campanha do oposicionista PTSL, de Julian Hunte. 1992: vitória de Compton com onze das dezesseis cadeiras no Parlamento; o poeta Derek Walcott recebe o Nobel de Literatura.

FATOS DO ANO

Castries é a sede da reunião da Organização dos Estados do Leste do Caribe (3 e 4/6/1993), pois a meta do 1º-min. John Compton é, reforçando a integração regional, obter a unificação com as outras ilhas de Barlavento: Dominica, Granada e São Vicente e Granadinas. Quer também reorganizar a administração municipal de Castries: na posse da pref. Adelina Auguste (jul. de 1992), já tinha anunciado o próximo restabelecimento das eleições municipais, suspensas na década de 70. Em dez. de 1992, foi aberto processo após constatar-se malversação de fundos no Conselho Municipal de Castries. Em 1993, tendo aumentado as despesas no orçamento, são elevadas as taxas de desembarque em navios de cruzeiro.

São Cristóvão e Névis

● **NOME OFICIAL:** São Cristóvão e Névis. **Capital:** Basseterre. **Nacionalidade:** são-cristovense. **Hino:** *Nossa terra de beleza* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo (protestantes, 40,2%; anglicanos, 36,2%; católicos, 10,7%). **Data nacional:** 19/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América Central. **Área:** 261,6 km². **Limites:** oceano Atlântico (N e L); mar do Caribe (S e O). **Características:** arquipélago com 2 ilhas de origem vulcânica cobertas por florestas; relevo montanhoso (ilha de Névis); planície litorânea (ilha de S. Cristóvão, (SE). **Ponto mais elevado:** monte Misery (1.156 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Cidades principais:** Basseterre (18.500 hab.); Charlestown (1.700) (1985). **Hora local (em relação a Brasília):** -2h.

● **POPULAÇÃO:** 43.100 (est.1992); **urbana:** 48,9% (1990). **Composição demográfica:** negros, 86%; mestiços, 11%; brancos, 2%; indo-paquistaneses, 1% (1988). **Crescimento demográfico:** 1,1% (1989). **Faixas etárias:** 0-14: 32,1%; 15-59: 55,6%; mais de 60: 12,3% (1988). **Densidade (hab./km²):** 161,7 (1992). **Natalidade:** 22,5 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 11 por 1.000; **mortalidade infantil:** 22,2 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,6 (1991). **Vida média homens:** 64; **mulheres:** 71 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 167 hab.; **médicos:** 1 por 1,6 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 11,3% do orçamento (1985).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 8% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 11,6 mil; **professores:** 635 (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 211 (1989/90); **professores:** 37 (1987/88). **Gastos:** 12% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 19/9/1983. **Divisão administrativa:** 2 Estados (S. Cristóvão e Névis) e 14 paróquias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Mov. Ação Popular, Trabalhista, Névis de Reforma. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II, representada pelo gov.-geral Clement Arindel (desde 10/9/1983). **Chefe de governo:** 1º-min. Kennedy Alphonse Simmonds (desde fev./1980). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 14 membros (3 apontados pelo gov.-geral) eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 8,5%; indústria, 26,8%; mineração, 0,5%; comércio e serviços, (turismo, principal), 64,2% do PIB (1990). **Agricultura:** cana-de-açúcar, arroz, café, coco, algodão. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 1,7 mil t (1990). **Indústria:** açucareira (açúcar e alcool etílico), vestuário, componentes elétricos, bebidas (cerveja, principal). **Minerais:** não há. **Exportações:** US$ 30 milhões; **produto:** açúcar (1990). **Importações:** US$ 62,2 milhões; **produtos:** alimentos, manufaturas básicas (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, Trinidad e Tobago, S. Vicente e Granadinas. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar do Caribe (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 2,7 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 156 milhões; **renda per capita:** US$ 3.960 (1991); **crescimento anual:** 4,5% (1980–1991). **Inflação:** 4,2% (1991). **Dívida externa:** US$ 43,5 milhões (1991). **Força de trabalho:** 14,8 mil (empregados); **distribuição:** agricultura, 29,6%; indústria, 24,4%; comércio e serviços, 42,9%; outros, 3,1% (1984); **mão-de-obra feminina:** 41% (1980). **Desemprego:** 10% (1988).

● **DEFESA:** força voluntária de defesa e polícia tática, com 380 homens; participa do Sistema de Segurança Regional dos EUA.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 300 km; 41% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 4,3 mil; **automóveis:** 3,6 mil (1986). **Ferrovias:** 36 km (1990). **Porto:** Basseterre. **Linhas aéreas:** não há.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 1,7 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 4,5 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 4,6 hab. (1990). **Jornais diários:** não há.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 414 East 75th St., 5th Floor, New York, NY 10021, EUA; tel. (212) 535-1234.

HISTÓRIA

São Cristóvão homenageia Colombo, descobridor das ilhas (1493), Névis refere-se às nuvens brancas como neve, sobre as montanhas do arquipélago. Os criadores da primeira colônia inglesa do Caribe (1623) abreviaram o nome para St. Kitts. Após breve colonização francesa (1627), os ingleses estabeleceram-se em Névis (1628). 1713: soberania britânica pelo Tratado de Utrecht. 1728: a França tenta invadi-las. 1783: domínio britânico (Tratado de Versalhes). 1816: St. Kitts, Névis, Anguilla (que formarão a Federação das Ilhas Barlavento em 1871) e as ilhas Virgens formam uma só colônia. 1958 – 1962: St. Kitts, Névis e Anguilla participam da Federação das Índias Ocidentais. 1967: Estado Livre Associado à Grã-Bretanha; o trabalhista Robert Bradshaw é o 1º-ministro; rebelião de Anguilla contra St. Kitts; intervenção britânica. 1978/79: Bradshaw morre; sucede-o Paul Southwell, que, em 1979: morre e é sucedido por Lee Moore. 1980: vitória do oposicionista Kennedy Simmonds; separação de Anguilla. 1983/84: independência (9/9); eleições antecipadas (jun.) para ampliar a Assembléia: vitória da coalizão governista Partido Reformista de Névis/Movimento de Ação Popular. 1987: nova vitória PRN/MAP (dez.). 1989: campanha de combate ao cultivo e comercialização do *hemp* (maconha). 1990: greve de trabalhadores agrícolas a quem se negou aumento de 10%: contratados mil trabalhadores de São Vicente e Granadinas para colher a cana-de-açúcar; o 1º-min. Simeon Daniel, de Névis, promete a secessão de São Cristóvão para o fim de 1992 (out.). 1991: acordo de cooperação

com a Venezuela (abr.). **1992**: por razões pessoais, Simmonds demite seu vice, Michael Powell, um dos fundadores do MAP: protestos de seus simpatizantes em Basseterre; vitória, em Névis, do oposicionista Movimento dos Cidadãos Conscientes, de Vance Amory; morte misteriosa de Weston Paris, representante, em Névis, do gov.-geral sir Clement Arindel.

FATOS DO ANO

Durante 1993, aumenta a possibilidade da separação das duas ilhas de que se compõe o país, como o assegura a Constituição de 1983. São grandes as divergências entre o Movimento de Ação Popular, do 1°-min. Kennedy Simmonds, que governa São Cristóvão, e o Movimento dos Cidadãos Conscientes, de Vance Amory (em jun. de 1992, ele elegeu três deputados à Assembléia de Névis, suplantando o Partido Reformista de Névis, de Simeon Daniel, que compunha com o MAP a coalizão dominante). O desenvolvimento diferente das duas ilhas também alimenta as divergências. Enquanto Névis cultivava cana-de-açúcar e algodão, indústrias leves instalavam-se em São Cristóvão. Só o turismo sempre foi a atividade comum às duas e, mesmo assim, o mercado de trabalho é restrito para uma população na qual um terço tem menos de 15 anos. O interesse em participar de uma federação com outros países da Organização dos Estados do Leste do Caribe esbarra na relutância de Antígua, Barbuda e Monserrat, devido à sua instabilidade.

São Tomé e Príncipe

● **NOME OFICIAL:** República Democrática de São Tomé e Príncipe. **Capital:** São Tomé. **Nacionalidade:** são-tomense. **Língua:** português (oficial); dialetos nativos. **Religião:** cristianismo, 90% (católicos, maioria; protestantes). **Data nacional:** 12/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** costa oeste da África. **Área:** 964 km². **Limites:** oceano Atlântico. **Características:** arquipélago de origem vulcânica; litoral recortado por baías (L) e escarpas (O); interior montanhoso. **Ponto mais elevado:** pico São Tomé (2.135 m). **Clima:** equatorial chuvoso. **Cidade principal:** São Tomé (34.997 hab.) (1984). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 126.000 (est.1992); **urbana:** 33% (1990). **Composição demográfica:** matis; angolares (descendentes de escravos angolanos); forros (descendentes de escravos africanos); serviçais (trabalhadores estrangeiros); tongas (descendentes de serviçais); europeus. **Crescimento demográfico:** 2,5% (1989). **Faixas etárias:** 0-14: 46,3%; 15-59: 46,6%; **mais de 60:** 7,1% (1981). **Densidade (hab./km²):** 125,9 (1992). **Natalidade:** 35 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 10,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 72 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,4 (1990). **Vida média homens:** 64; **mulheres:** 67 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 158 hab. (1983); **médicos:** 1 por 2,8 mil hab. (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública a particular. **Analfabetos:** 37% (1990). **Alunos de 1° e 2° graus:** 27,6 mil; **professores:** 895 (1989). **Ensino superior:** não há. **Gastos:** 18,8% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana (CFA). **Data da Constituição em vigor:** 10/9/1990. **Divisão administrativa:** 7 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Convergência Democrática-Grupo de Reflexão, Mov. de Libertação Social Democrático. **Chefe de Estado:** pres. Miguel dos Anjos da Cunha de Lisboa Trouvoada (desde 3/4/1991). **Chefe de governo:** 1°-min. Norberto da Costa Alegre (desde mai./1992). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 55 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 25,8%; indústria, 22,6%; comércio, 9,7%; serviços, 41,9% do PIB (1987). **Agricultura:** cacau, óleo de palma, coco, banana. **Pecuária:** caprinos, bovinos, suínos. **Pesca:** 3,6 mil t (1990). **Indústria:** processamento (sabonete, bebidas não alcoólicas, produtos têxteis e cerveja). **Exportações:** US$ 3 milhões; **produtos:** cacau, copra (1991). **Importações:** US$ 35 milhões; **produtos:** alimentos, combustíveis minerais (1991). **Parceiros comerciais:** Portugal, Alemanha, Holanda, Bélgica. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dobra (dividida em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 375,54 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 42 milhões; **renda per capita:** US$ 350 (1991); **crescimento anual:** -1,2% (1980–1991). **Inflação:** 19,9% (1980–1990). **Dívida externa:** US$ 164,4 milhões (1991). **Força de trabalho:** 20,9 mil; **distribuição:** agricultura, 40,4%; indústria, finanças e comércio, 9%; serviços, 19,9%; outros, 30,7% (1987); **mão-de-obra feminina:** 32,4% (1981). **Desemprego:** 30,7% (1987).

● **DEFESA: Efetivo total:** 900 (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 380 km; 66% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 2,9 mil; **automóveis:** 2,6 mil (1987). **Ferrovias:** não há. **Porto:** São Tomé. **Linha aérea:** Equatorial Airlines of São Tomé e Príncipe (vôos domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1. **Linhas telefônicas:** 1 por 42 hab. (1988). **Jornais:** 2 semanários.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 801 2nd Avenue, Suite 1504, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 697-4211.

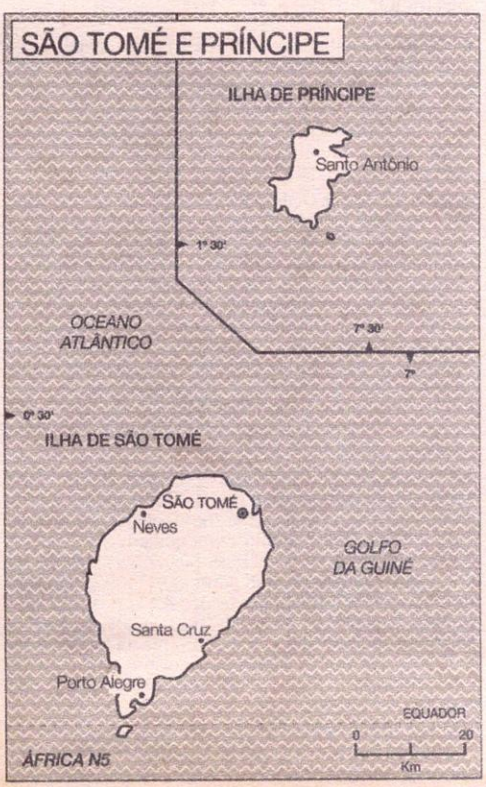
HISTÓRIA

Nas ilhas, descobertas por João de Santarém e Pedro Escobar (1471), Portugal explorou cana-de-açúcar e trigo até o açúcar brasileiro suprir todas as necessidades da metrópole, transformando o arquipélago em entreposto de escravos. **1485:** deportação, para as ilhas, de judeus e sentenciados às galés. **1522:** província portuguesa; designado o primeiro gov.-geral. **Séc. XVII:** ocupação holandesa; após sua retirada, declínio. **1822:** introdução do cacau; retorno à prosperidade. **1953:** repressão à revolta dos trabalhadores africanos. **1960:** fundado o Comitê de Libertação de S. Tomé e Príncipe (CLSTP), em Sta. Isabel, na Guiné Equatorial. **1963:** greve geral de 24 horas, inspirada pelo CLSTP. **1966:** prisão, em Lisboa, de dezesseis líderes separatistas. **1972:** em Libreville, no Gabão, o CLSTP torna-se o Movimento de Libertação de

S. Tomé e Príncipe (MLSTP). 1974: reconhecimento do MLSTP pelo Gabão. 1975: independência; acordos de cooperação com a China e Coréia do Norte; admissão na ONU. 1977: fracassa conspiração contra o pres. Manuel Pinto da Costa; adesão ao FMI. 1979: fracassa golpe do 1º-min. Miguel dos Anjos Lisboa Trouvoada, que se asila no prédio da ONU, de onde é tirado à força (out.) 1981: Trouvoada é libertado (jul.) após apelos internacionais e se exila. 1988: Celestino Rocha da Costa é o 1º-ministro (jan.); fracassa novo golpe (8/3). 1989: medidas de liberalização do regime (jul.). 1990: plebiscito aprova (71,9%) pluripartidarismo e prorrogação do mandato de Pinto Costa até dez. 1991: Trouvoada retorna ao país, é eleito (3/3), nomeia 1º-ministro o chefe do governo de transição, Daniel Lima dos Santos Daio, mas o demite em abr., o que o indispõe com o Partido da Convergência Democrática/Grupo de Reflexão, de Daio e Leonel Mário d'Alva; acordo com d'Alva, mediado pelo MLSTP/PSD: nomeação do 1º-min. Norberto Costa Alegre; manifestações contra a política econômica; empréstimo de US$ 9,8 milhões do Banco Mundial (dez.).

FATOS DO ANO

O 1º-min. Norberto José d'Alva Costa Alegre, do Partido da Convergência Democrática, é derrotado, em jan. de 1993, nas eleições locais. O ex-partido único Movimento pela Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social Democrático (MLSTP/PSD) conquista 38 dos 59 conselhos municipais, contra apenas um do PCD; e seu sec.-geral, Carlos da Graça, torna-se candidato à sucessão de Alegre, cuja popularidade está em baixa devido ao caos socioeconômico que se seguiu aos planos de ajuste estrutural do FMI/Banco Mundial. Em jun. de 1992, Alegre admitiu: "O caixa do Estado está vazio, a dívida externa de US$ 250 milhões não cessa de crescer, as infra-estruturas estão degradadas, o aparelho de Estado não funciona mais". As demissões de funcionários e o congelamento de seus salários provocam protestos. Em 26/2/1993, o retorno do exílio do ex-pres. Manuel Pinto da Costa é recebido com tanta indiferença que ele decide aposentar-se definitivamente. Apesar dos problemas que enfrenta, Alegre mantém seu gabinete durante 1993, embora se peça o afastamento de seu min. das Finanças, Arlindo Carvalho. Mas é um gabinete frágil, sem condições de sustentação a longo prazo.



São Vicente e Granadinas

● **NOME OFICIAL:** São Vicente e Granadinas. **Capital:** Kingstown. **Nacionalidade:** são-vicentina. **Hino:** *São Vicente, terra tão linda* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo (anglicanos, 36%; metodistas, 20,4%; católicos, 19,3%). **Datas nacionais:** 3/8 (Independência); 27/10 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América Central. **Área:** 39,3 km². **Limites:** oceano Atlântico (N e L); mar das Antilhas (S e O). **Características:** arquipélago de origem vulcânica (ilha de S. Vicente, principal) e 600 ilhotas (Granadinas), cercadas por recifes coralinos. **Ponto mais elevado:** pico La Soufrière (1.234 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Cidade principal:** Kingstown (15.670 hab.) (1991). **Hora local (em relação a Brasília):** -2h.

● **POPULAÇÃO:** 109.000 (est.1992); **urbana:** 24,7% (1991). **Composição demográfica:** negros, 65,5%; mulatos, 19%; índios, 5,5%; brancos, 3,5%; ameríndios, 2%; outros, 4,5% (1986). **Crescimento demográfico:** 1,7% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 37,4%; **15-59:** 55,1%; **mais de 60:** 7,5% (1985). **Densidade (hab./km²):** 280 (1992). **Natalidade:** 23,9 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6,4 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 21,3 por 1.000 (1988–1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,8 (1991). **Vida média homens:** 68; **mulheres:** 72 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 258 hab. (1987); **médicos:** 1 por 2,7 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 15,1% do orçamento (1989/90).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 16% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 31,6 mil; **professores:** 1,6 mil (não compreende ensino profissionalizante) (1991/92). **Ensino superior:** não há. **Gastos:** 18,1% do orçamento (1989/90).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 27/10/1979. **Divisão administrativa:** 5 paróquias (S. Vicente). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principal partido:** Novo Democrático. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, representada pelo gov.-geral David Jack (desde 20/9/1989). **Chefe de governo:** 1º-min. James F. Mitchell (desde 31/7/1984). **Legislativo:** unicameral – Assembléia, com 21 membros (15 eleitos por voto direto e 6 apontados pelo gov.-geral), para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 19,3%; indústria, 22,6%; mineração, 0,3%; comércio, 14,2%; serviços, 43,6% do PIB (1990). **Agricultura:** banana, araruta, banana-da-terra, coco, tabaco, temperos. **Pecuária:** ovinos, bovinos, caprinos. **Pesca:** 8,4 mil t (1990). **Indústria:** vestuário, montagem de componentes eletrônicos, processamento de produtos agrícolas. **Exportações:** US$ 95 milhões; **produto:** banana (1991). **Importações:** US$ 154 milhões; **produtos:** manufaturas básicas (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, Trinidad e Tobago. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar do Caribe (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 2,70 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 187 milhões; **renda per capita:** US$ 1.730 (1991); **crescimento anual:** 6,1% (1980–1991). **Inflação:** 1,7% (1991). **Dívida externa:** US$ 62,4 milhões (1991). **Força de trabalho:** 34,7 mil; **distribuição:** agricultura, 25,7%; indústria, 16,8%; comércio, 7,4%; serviços, 28,2%; outros, 21,9%; **mão-de-obra feminina:** 36,1% (1980). **Desemprego:** 19% (1991).

● **DEFESA:** possui uma unidade especial de defesa; participa do Sistema de Segurança Regional dos EUA. **Gastos:** 5,6% do orçamento (1989/90).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 1,1 mil km; 43% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 8,2 mil; **automóveis:** 5,4 mil (1991). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Kingstown. **Linhas aéreas:** Mustique Airways, Saint Vicent Airways (charters).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 2 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 6,2 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 6,4 hab. (1990). **Jornais diários:** não há.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 801 2nd Avenue, 21st Floor, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 687-4490

HISTÓRIA

Habitada por índios arauaques, foi descoberta por Colombo (22/1/1498). Disputada pela França e Grã-Bretanha (séc. XVII), tornou-se possessão britânica (Tratado de Versalhes, 1783). Após um levante fracassado (1795/96), a população foi deportada para Roatán, em Honduras; escravos africanos a repovoaram. **1833**: integração às ilhas Sotavento. **1951**: primeiras eleições por sufrágio universal. **1958 – 1962**: parte da Federação das Índias Ocidentais. **1966/67**: vitória do Partido Político Popular no Conselho Legislativo; eleições complementares: os trabalhistas ganham seis das nove cadeiras. **1969**: Estado Associado à Grã-Bretanha. **1972**: governo de coalizão de James Mitchell. **1974**: vitória de Milton Cato, do PTSV. **1979**: independência (27/10). **1980**: devastação pelo furacão *Allen*. **1981**: os secessionistas de Granadinas tentam tomar o poder. **1983**: participa da invasão de Granada. **1984/85**: Mitchell volta ao poder; Cato se aposenta e é sucedido, como pres. do PTSV, pelo ex-vice 1º-min. Hudson Tannis, que morre num acidente de avião; em **1986**: Vincent Beache o sucede. **1987**: polêmica com a oposição sobre o controle governamental dos meios de comunicação. **1989**: reeleição de Mitchell. **1990**: formada frente de oposição PTSV/pequenos partidos. **1991**: Jonathan Peters é nomeado articulador da campanha contra a frente oposicionista; para ampliar sua base de apoio, Mitchell nomeia chanceler o granadino Herbert Young e cria o Ministério dos Assuntos Granadinos, confiado a Stephanie Brown. **1992**: fim das obras de ampliação do aeroporto da ilha de Bequia.

FATOS DO ANO

Durante 1993, é cerrada a campanha do líder trabalhista Stanley John contra o 1º-min. James Mitchell, do Novo Partido Democrático. Com vistas às eleições, alia-se internamente ao recém-formado Parlamento do Povo e, externamente, à oposição aos governantes de Santa Lúcia, Dominica e Granada, com os quais São Vicente e Granadinas constitui o chamado Grupo das Ilhas de Barlavento, que estuda uma fórmula de federação entre esses países. John acusa-os de tratar o tema de modo superficial, sem medidas concretas que conduzam à fusão efetiva. São Vicente também defende – em reuniões regionais como a do Mercado Comum do Caribe, em jul. de 1993 – a manutenção do status de fornecedor preferencial de bananas à CEE (o produto foi responsável por 79,5% da receita de suas exportações em 1990).

Senegal

● **NOME OFICIAL:** República do Senegal. **Capital:** Dacar. **Nacionalidade:** senegalesa. **Hino:** *Toquem o kora, façam soar os balafões* (1º verso). **Língua:** francês (oficial); línguas regionais (uolof, serer, diolo, bambará, sarakolê, tuculor, peul, principais). **Religião:** islamismo (sunitas, 94%; bahaístas); cristianismo, 4,9% (católicos, maioria); animismo, 1,1%. **Data nacional:** 14/7 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da África. **Área:** 196.192 km². **Limites:** Mauritânia (N); Mali (L); Guiné e Guiné-Bissau (S); Gâmbia e oceano Atlântico (O). **Características:** relevo plano coberto por savanas; planície litorânea com península, dunas e falésias (NO) e estuários de rios (O); vale fluvial navegável (N) e maciços vulcânicos baixos (L); território de Gâmbia encravado de SO ao centro. **Ponto mais elevado:** monte Keddugu (498 m). **Clima:** tropical árido e semi-árido. **Rios principais:** Senegal, Salum, Gâmbia, Casamance, Felemê. **Cidades principais:** Dacar (1.729.800 hab.); Thiès (201.350); Kaolack (179.900); Ziguinchor (148.800); Saint-Louis (125.700) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 7.691.000 (est.1992); **urbana:** 38% (1990). **Composição demográfica:** uolofs, 43,5%; peuls, 24,1%; serers, 14,9%; diulas, 5,3%; malinquês, 4,3%; outros, 7,9% (1988). **Crescimento demográfico:** 3,1% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 47,5%; **15-59:** 47,5%; **mais de 60:** 5% (1988). **Densidade (hab./km²):** 39,1 (1992). **Natalidade:** 44 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 13 por 1.000; **mortalidade infantil:** 86 por 1.000 (1991). **Fertilidade** (nº de filhos por mulher): 6,2 (1991). **Vida média homens:** 54; **mulheres:** 56 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,1 mil hab.; **médicos:** 1 por 17,1 mil hab. (1988). **Gastos com saúde:** 2,5% do orçamento (1993).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 61,7% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 888,2 mil (1990/91); **professores:** 13,4 mil (1990/91); **2º grau:** 5,1 mil (1989). Alu-

nos no ensino superior: 18,9 mil (1990/91); professores: 810 (1989). Gastos: 13,3% do orçamento (1992).

● GOVERNO: República presidencialista. Condição especial: membro da Comunidade Financeira Africana. Data da Constituição em vigor: 7/3/1963 (2 emendas). Divisão administrativa: 10 regiões. Regime partidário: pluripartidarismo; principais partidos: Socialista, Democrático. Chefe de Estado e de governo: pres. Abdu Diuf (desde 1º/1/1981). Legislativo: unicameral – Assembléia Nacional, com 120 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● ECONOMIA: agricultura, 20,9%; indústria, 19,1%; comércio, 24,6%; serviços, 35,4% do PIB (1990). Agricultura: tubérculos, algodão, milhete, sorgo, milho, arroz, verduras e legumes. Pecuária: ovinos, bovinos, caprinos. Pesca: 229,7 mil t (1990). Indústria: alimentícia (peixe, tubérculos e açúcar); química, têxtil, melatúrgica. Minerais: fosfatos de cálcio e alumínio, cádmio, sal, greda, gás natural (explorados); ouro, minério de ferro, turfa, petróleo (reservas). Exportações: US$ 950 milhões; produtos: peixe fresco e processado, químicos, fosfatos de cálcio, combustíveis (1992). Importações: US$ 1,3 bilhão; produtos: máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturados, combustíveis, químicos, minerais, cereais (1992). Parceiros comerciais: França, EUA, Costa do Marfim, Índia. Pesos e medidas: sistema métrico decimal. Moeda: franco CFA (dividido em 100 cêntimos); cotação para 1 US$: 276,25 (31/12/1992). Produto Nacional Bruto (PNB): US$ 5,5 bilhões; renda per capita: US$ 720 (1991); crescimento anual: 2,9% (1980–1991). Inflação: 1,8% (1991). Dívida externa: US$ 3,5 bilhões (1991). Força de trabalho: 3,2 milhões (1991); distribuição: agricultura, 80,6%; indústria, 6,2%; serviços, 13,2% (1986–1989); mão-de-obra feminina: 26% (1988–1990). Desemprego: 12% (1988); Dacar: 25% (1991).

● DEFESA: Efetivo total: 9,7 mil (1992); Exército: 8,5 mil; Marinha: 700; Força Aérea: 500. Gastos: 7% do orçamento (1993).

● TRANSPORTES: Rodovias: 14,1 mil km; 27% pavimentados (1988); nº de veículos: 127 mil; automóveis: 90 mil (1989). Ferrovias: 904 km (1992). Porto: Dacar. Linhas aéreas: Air Sénégal (vôos internacionais e domésticos); Air Afrique (vôos regionais).

● COMUNICAÇÕES: estatais e privadas. Emissoras de rádio: 3; receptores: 1 por 8,8 hab. (1991). Emissoras de TV: 3; receptores: 1 por 125 hab. (1991). Linhas telefônicas: 1 por 150 hab. (1991). Jornal diário: 1; nº de exemplares por 1.000 hab.: 6,2 (1990).

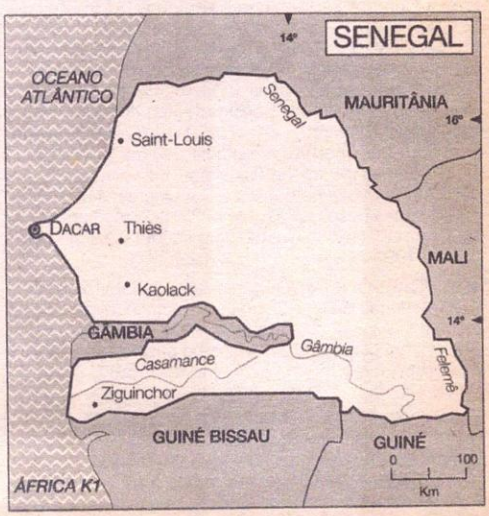
● REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA: SEN – Av. das Nações, lote 18, CEP 70437-900, Brasília, DF; tel. (061) 226-4405.

HISTÓRIA

A região foi dominada pelos muçulmanos tuculor; no séc. XVI, os portugueses estabeleceram-se na costa; no séc. XVII, os franceses conquistaram um bastião na área e, em 1893, dominaram-na totalmente. **Séc. XIX**: centro da África Ocidental Francesa. **1946**: fusão à União Francesa. **1958**: República autônoma na Comunidade Francesa; Léopold Senghor é o presidente. **1950**: federação com o Mali, dissolvida por divergências entre os dois países. **1962/63**: conflitos com a Assembléia derrubam o 1º-min. Namadu Dia, substituído por Habib Thiam, logo demitido por Senghor, que acumula os dois cargos; nova Constituição; reeleição de Senghor, candidato único. **1964**: proibidos os partidos de oposição, à exceção da Reunião Africana. **1968**: reeleição de Senghor; oitenta membros da governista União Progressista Senegalesa se elegem sem oposição para a Assembléia Nacional; greves estudantis e operárias contra as medidas de austeridade. **1970**: estado de emergência; proibição de que, pelo país, passem suprimentos da Guiné para os rebeldes da Guiné-Bissau. **1974**: conflitos fronteiriços com a Gâmbia. **1976**: emenda limita a três o número dos partidos. **1977**: ruptura com a África do Sul. **1979**: autorizada a criação do Movimento Republicano Senegalês, de direita. **1980**: renúncia de Senghor em favor do 1º-min. Abdu Diuf. **1981**: Diuf promove a reforma do ensino e o pluripartidarismo. **1983**: reeleição de Diuf; o regime torna-se presidencialista. **1984**: vitória de Diuf nas eleições (nov.); seu poder se consolida com o afastamento dos aliados de Senghor. **1985**: criada a oposicionista Aliança Democrática Senegalesa (set.); choques com o governo, que a dissolve. **1987**: congressos da oposição: proposta frente ampla contra o PSS. **1988**: reeleição de Diuf (fev.): acusações de fraude, repressão aos protestos. **1989**: após criticarem a repressão, os cel. Umar Ndiaiê e Joseph Bampassy são passados para a reserva, e o gen. Joseph-Louis Tavares de Souza, emb. na Alemanha Ocid., é demitido. **1990**: redução do gabinete de 27 para 21 ministros; a oposição exige eleições antecipadas (fev./abr.); a Anistia Internacional denuncia a execução de cinco militantes do Movimento das Forças Democráticas de Casamance (MFDC), que reivindica autonomia para o S do país (out.). **1991**: denúncias de cem mortes em Casamance e da detenção de trezentos membros do MFDC (abr.); o governo recusa-se a informar o paradeiro do abade Diacamunê Senghor, líder do MFDC; 1.600 casamanceses refugiam-se na Guiné-Bissau; emenda permite à oposição participar do governo (mar.); restauração do cargo de 1º-ministro; recondução de Habib Thiam, seu ocupante em 1963; participação, em seu gabinete, de oposicionistas do PDS (Abdulaiê Uade, min. sem pasta, e Usman Ngom, Trabalho) e do PIT (Amath Dansoko, Planejamento); designada comissão para rever a lei eleitoral (mai.): a nova lei (20/9) baixa de 21 para 18 anos a idade mínima para votar, cria os dois turnos, mantém o mandato presidencial de sete anos, mas limita-o a uma só reeleição. **1992**: trégua com os separatistas de Casamance e negociações com mediação da Guiné-Bissau (2/1); reinício da luta (1º/9): 52 mortos e 70 feridos; ataque à cidade turística de Cap Skirring (26/10), de onde a população foge em massa.

FATOS DO ANO

Sete candidatos disputam o primeiro turno das eleições presidenciais (21/2/1993) com o pres. Abdu Diuf, que, concorrendo à reeleição, começa sua campanha pela província sulista de Casamance, onde, no início do ano, a luta separatista já fez mais de trinta mortes. Essa gestão conciliadora não acalma os rebeldes: o Movimento das Forças Democráticas do Casamance não consegue impedir a realização do pleito, mas cria tal clima de terror na região que demonstra dispor de meios para tornar a província incontrolável. A situação no Casaman-



ce e as denúncias de Abdulaiê Uade, do Partido Democrático Senegalês – ex-membro do governo de coalizão estabelecido em abr. de 1991 –, de que o governo prepara vasta fraude, cercam de tensão a consulta às urnas. Em 27/2, alegando divergências quanto aos procedimentos de apuração, o pres. da Comissão Eleitoral, Andresia Vaz, anuncia não haver data para divulgar os resultados. Desaparecimento de urnas, troca de cédulas após a votação, intimidação de eleitores e compra de votos são inutilmente denunciadas pela oposição.

Vitória contestada – Em 13/3, a Corte Constitucional declara Diuf vencedor do primeiro turno, com 58,40% dos votos. O apelo da oposição à "resistência passiva" contra sua permanência no poder (28/3) e novos combates no Casamance (10 a 17/3) fazem com que as eleições legislativas (9/5) ocorram sob forte vigilância policial. Uma vez mais, o governo tem o controle da Assembléia Nacional (84 das 120 cadeiras em disputa), embora perca 19 das 103 cadeiras de que dispunha antes (o PDS, de Uade, fica com 27). O assassinato, em 15/5, de Babacar Seye, vice-pres. da Corte Constitucional, responsável pela divulgação dos resultados de 13/3, é visto como uma represália da oposição. Diuf confirma no cargo o 1º-min. Habib Thiam (2/6) e, em 8/7, com mediação da Guiné-Bissau, assina um cessar-fogo com o MFDC. Fortalecido por essa trégua, pode acusar Uade e sua esposa francesa de "atentado à segurança do Estado" e "cumplicidade no assassinato de Babacar Seye" (1º/10).

Serra Leoa

● **NOME OFICIAL:** República da Serra Leoa. **Capital:** Freetown. **Nacionalidade:** leonesa. **Hino:** *Nós te exaltamos, terra da liberdade* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); crioulo, mende, limba e temne. **Religião:** animismo, 51,5%; islamismo, 35% (sunitas, 34,4%); cristianismo (protestantes, 4,7%; católicos, 2,2%; anglicanos, 1,2%). **Datas nacionais:** 8/3 (Independência); 19/4 (República).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da África. **Área:** 71.740 km². **Limites:** Guiné (N e L); Libéria (SE); oceano Atlântico (S e O). **Características:** planície costeira pantanosa, com penínsulas e a ilha de Chebro; planalto montanhoso com mesetas (centro e L); montanhas mais elevadas (N). **Ponto mais elevado:** monte Loma Mansa (1.948 m). **Clima:** equatorial chuvoso. **Rios principais:** Rockel (Serra Leoa); Moa, Jong, Sulima, Scarcy Pequeno. **Cidades principais:** Freetown (469.776 hab.); Koidu-New Sembehun (80.000); Bo (26.000); Kenema (13.000); Makeni (12.000) (1985). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 4.373.000 (est.1992); **urbana:** 32,2% (1990). **Composição demográfica:** mende, 34,6%; temné, 31,7%; limbas, 8,4%; conos, 5,2%; bulons, 3,7%; peuls, 3,7%; corancos, 3,5%; ialuncas, 3,5%; quissis, 2,3%; outros, 3,4% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,6% (1990–1995). **Faixas etárias:** 0-14: 41,4%; 15-59: 53,5%; mais de 60: 5,1% (1985). **Densidade (hab./km²):** 61 (1992). **Natalidade:** 48,1 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 21,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 154 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,5 (1990–1995). **Vida média homens:** 41,4; **mulheres:** 44,6 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 980 hab.; **médicos:** 1 por 13,2 mil hab. (1988). **Gastos com saúde:** 3,2% do orçamento (1990/91).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 79,3% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 464,5 mil (exclui ensino profissionalizante); **professores:** 16,4 mil (exclui ensino profissionalizante, 1990). **Alunos no ensino superior:** 4,7 mil; **professores:** 600 (1990). **Gastos:** 18,8% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** regime militar (desde 29/4/1992). **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Constituição:** suspensa. **Divisão administrativa:** 4 regiões. **Regime partidário:** suspenso. **Chefe de Estado e de governo:** cap. Valentine E.M. Strasser (desde 6/5/1992). **Legislativo:** fechado.

● **ECONOMIA:** agricultura, 35,3%; indústria, 10,1%; mineração, 9,1%; comércio e serviços, 45,5% do PIB (1990/91). **Agricultura:** café, cacau, mandioca, arroz, banana. **Pecuária:** ovinos, bovinos, caprinos. **Pesca:** 50 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia (óleo de palma, principal), têxtil, móveis. **Minerais:** rutílio, diamantes, ouro, bauxita. **Exportações:** US$ 149,9 milhões; **produtos:** rutílio, bauxita, diamantes, café, cacau (1992). **Importações:** US$ 130,5 milhões; **produtos:** alimentos, máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas (1992). **Parceiros comerciais:** Grã-Bretanha, EUA, Alemanha, China. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** leone (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 526,32 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 904 milhões; **renda per capita:** US$ 210 (1991); **crescimento anual:** 1,1% (1980–1991). **Inflação:** 65,5% (1992). **Dívida externa:** US$ 1,3 bilhão (1991). **Força de trabalho:** 1,5 milhão (1991); **distribuição:** agricultura, 69,6%; indústria, 14,1%; serviços, 16,3% (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 33,1% (1988–1990). **Desemprego:** 5% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 6.150 (1992); **Exército:** 6 mil; **Marinha:** 150. **Gastos:** 7,9% do orçamento (1990/91).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 7,5 mil km; 20% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 39,7 mil; **automóveis:** 29 mil (1989). **Ferrovias:** 84 km (1985). **Porto:** Freetown. **Linha aérea:** Sierra Leone National Airlines (somente vôos para Paris).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,7 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 170 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 160 hab. (1990). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 2,4 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 57 East 64th St., New York, NY 10021, EUA; tel. (212) 570-0030.

HISTÓRIA

O nome do país foi dado pelo português Pedro Sintra (1460) à península montanhosa na embocadura do rio Rockel. Até o séc. XVIII, foi centro de tráfico de escravos. **1787:** fundação de Freetown, para instalar escravos libertos na Grã-Bretanha. **1808:** fundação da colônia. **1896:** protetorado britânico. **1924:** indicação de chefes locais para o Legislativo, o que não satisfaz aos nacionalistas. **1943:** admissão dos africanos no Conselho Executivo. **1951:** nova Constituição, base para a descolonização. **1957/58:** eleição da Câmara dos Deputados; vitória de Milton Margai, do Partido Popular de Serra Leoa. **1961:** independência. **1964:** morte de Margai; assume seu irmão, Albert, min. das Finanças. **1967:** vitória do oposicionista Siaka Stevens, do Congresso do Povo, derrubado pelo cel. Andrew Juxon-Smith, que forma o Conselho de Recuperação Nacional, dissolve a Câmara e suspende a Constituição. **1968:** contragolpe da polícia e oficiais de menor patente; Stevens é reempossado; tropas da Guiné ajudam a reprimir o golpe do brig. John Bagura; proclamação da República. **1975:** execução de seis civis e dois militares golpistas. **1977:** manifestações estudantis: estado de emergência. **1981/82:** corrupção envolve membros do gabinete e altos funcionários. **1984:** distúrbios estudantis: fechamento da Faculdade de Furah-Bay. **1985:** adiamento das eleições a pretexto de recadastrar o eleitorado; o gen. Joseph Saidu Momoh sucede Stevens (2/8). **1990:** o comitê central do CP propõe emendas liberalizadoras à Constituição. **1991:** para discutir essas emendas, a oposição exige plebiscito, que se realiza em 30/8; anunciada a redemocratização do regime (3/9); formada a oposicionista Frente Unida dos Movimentos Políticos, de Thaimu Bangura e Alpha Lavalie (14/9); James Funa, executivo do Banco Mundial, é nomeado min. das Finanças, Economia, Planejamento e Desenvolvimento; acordo de coexistência pacífica com a oposição (dez.). **1992:** o programa econômico do FMI – controle monetário, estímulo à explora-

ção estrangeira dos recursos naturais, enxugamento da máquina estatal e privatização ampla – provoca o golpe do cap. Valentine Strasser (29/4); Momoh foge para a Guiné; Strasser cria o Conselho de Governo Provisório Nacional, liderado por ele, dissolve a Assembléia, suspende a Constituição, proíbe os partidos, confirma Funa em seu cargo e propõe negociações a Foday Sankoh, da Frente Revolucionária Unida.

FATOS DO ANO

O cancelamento britânico, em 5/1/1993, da ajuda de US$ 7 milhões prometida ao país é um golpe para o governo do pres. Valentine E.M. Strasser, economicamente desorganizado pelas frentes de guerra que enfrenta. Além de descontente com o autoritarismo dos militares leoneses, Londres condena a sumária execução, em 30/12/1992, de 26 acusados de corrupção e tentativas de golpe. Durante jan. de 1993, há manifestações de apoio a Strasser na capital, mas prosseguem descontroladas a corrupção, o contrabando das riquezas minerais e a guerra civil. O leste é dominado pelo Movimento Unido de Libertação da Libéria pela Democracia, ex-soldados do ditador liberiano Samuel Doe, que usam o território leonês como base de ataques às forças de Charles Taylor, na Libéria. E, no sudeste, opera a Frente Revolucionária Unida, de Foday Sankoh (só em 30/3/1993 o governo consegue retomar-lhes Pujehun, a 210 km de Freetown)

Civis fora do poder – Esse quadro impede a reorganização econômica, mesmo estando Strasser disposto a seguir à risca as exigências do FMI e do Banco Mundial – que incluem a dispensa de três quartos dos 20 mil funcionários públicos. Em 4/5/1992, o Conselho Dirigente Nacional Provisório dissolveu a Casa dos Representantes, proibiu o funcionamento de todos os partidos e ordenou a prisão de 55 membros do antigo governo. Em jun., três cidadãos britânicos foram presos, acusados de atividade mercenária e de planejarem um golpe de Estado – pretexto para que Strasser, no mês seguinte, removesse os civis do Conselho, transformando-o no Supremo Conselho de Estado. A administração ficou a cargo de um Conselho de Secretários, encabeçado pelo cap. Solomon Anthony James Musa, vice-pres. do SCE. A partir daí, impõe-se controle à imprensa, que aumentou à medida que Musa remanejava os dois conselhos (set./out. de 1992) para fortalecer os militares.

Começa aí a crise diplomática com Londres, que inicia campanha internacional pedindo sanções contra o país. Em 5/7/1993, Strasser demite Musa, que, no dia 23, asila-se na Inglaterra. Em seu lugar, assume o ten. Julius Maada Bio, seu suplente no SCE. Com esses choques de cúpula está relacionada a tentativa de golpe de 19/10; depois dela, anuncia-se a prisão de quatro "mercenários sino-vietnamitas", com passaportes britânicos, que teriam sido contratados pelos rebeldes – mas não se especifica quem seriam os mandantes da quartelada frustrada.

Seychelles

● **NOME OFICIAL:** República de Seychelles. **Capital:** Vitória. **Nacionalidade:** seichelense. **Hino:** *Orgulhosos seichelenses* (1º verso). **Língua:** crioulo (oficial); inglês, francês. **Religião:** cristianismo (católicos, 90%; anglicanos, 8%). **Data nacional:** 5/6 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** 1.200 km a leste da África. **Área:** 454 km². **Limites:** oceano Índico. **Características:** território compreendendo um arquipélago de origem coralínea com terrenos planos e recifes de coral e outro de origem granítica de relevo montanhoso, com litoral estreito e colinas (centro); principais ilhas: Mahé e Praslin. **Ponto mais elevado:** monte Seichellois (912 m). **Clima:** tropical chuvoso. **Rios principais:** não há. **Cidade principal:** Vitória (24.325 hab.) (1987). **Hora local** (em relação a Brasília): +7h.

● **POPULAÇÃO:** 71.000 (est.1992); **urbana:** 59,3% (1990). **Composição demográfica:** crioulos de Seychelles, 89,1%; indianos, 4,7%; malgaxes, 3,1%; chineses, 1,6%; ingleses, 1,5%; (1983). **Crescimento demográfico:** 1,6% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 35,1%; **15-59:** 56%; **mais de 60:** 8,9% (1989). **Densidade (hab./km²):** 156,7 (1992). **Natalidade:** 24,2 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 7,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 12,9 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,8 (1990). **Vida média homens:** 65; **mulheres:** 75 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 171 hab.; **médicos:** 1 por 992 hab. (1991). **Gastos com saúde:** 5% do orçamento (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 11% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 22,1 mil; **professores:** 1,4 mil (1992). **Alunos no ensino superior:** 1,7 mil (1990/91). **Gastos:** 16% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 18/6/1993. **Divisão administrativa:** não há. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Frente Popular Progressista do Povo Seichelense, Democrático, Seselwa. **Chefe de Estado e de governo:** pres. France-Albert René (desde 5/6/1977). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 33 membros (22 eleitos por voto direto e 11 indicados proporcionalmente pelos partidos).

● **ECONOMIA:** agricultura, 4,4%; indústria, 15,3%; comércio, 11,4%; serviços, 68,9% do PIB (1990). **Agricultura:** coco, canela, chá, patchuli, baunilha, limão. **Pecuária:** suínos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 5,4 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, bebidas, tabaco, papel, manufaturas de metal, química, processamento de madeira. **Minerais:** guano, gás natural; granito (reserva). **Exportações:** US$ 41 milhões; **produtos:** atum, copra, canela (1992). **Importações:** US$ 180 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, alimentos, combustíveis minerais (1992). **Parceiros comerciais:** Kuweit, França, Grã-Bretanha, Itália, África do Sul, Reunião. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** rúpia de Seychelles (dividida em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 5,25 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 350 milhões; **renda per capita:** US$ 4.820 (1990); **crescimento anual:** 3,2% (1980–1990). **Inflação:** 3% (1992). **Dívida externa:** US$ 201,1 milhões (1991). **Força de trabalho:** 25,4 mil (1991); **distribuição** (não compreende profissionais liberais e domésticos): agricultura, 9,4%; indústria, 18,3%; comércio, 14,1%;

serviços, 53,9%; outros, 4,3% (1990); **mão-de-obra feminina:** 42,5% (1988–1990). **Desemprego:** 20,6% (1985).

● **DEFESA: Efetivo total:** 1,3 mil (1992); **Exército:** 1 mil; **Marinha:** 200; **Força Aérea:** 100; **outros:** 800 paramilitares. **Gastos:** 4,2% do PNB (1989).

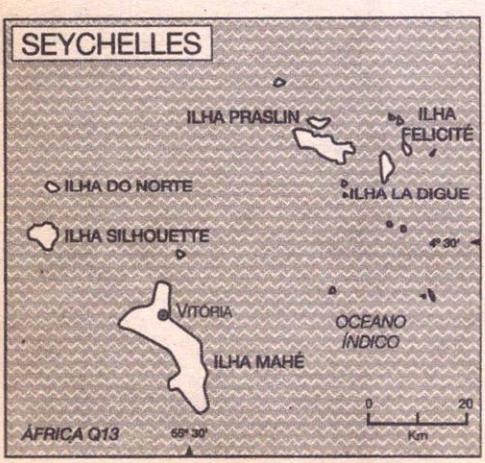
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 308 km; 67% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 5,4 mil; **automóveis:** 4,1 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Vitória. **Linha aérea:** Air Seychelles (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 2,3 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 8,3 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 4,8 hab. (1988). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 47 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 820 2nd Avenue, Room 900F, New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 687-9766.

HISTÓRIA

Já conhecido, na Idade Média, dos comerciantes árabes e navegadores portugueses, foi explorado, desde 1742, pela França, que reivindicou sua posse, em 1756, ocupando-o em 1768. **1794:** intervenção britânica. **1810:** incorporação ao Imp. Britânico como dependência de Maurício. **1814:** confirmação da posse britânica (Tratado de Paris). **1903:** separação de Maurício; colônia com governador e Legislativo próprios. **1963:** fundação dos partidos Democrata (conservador) e Popular Unido (independentista). **1970:** eleição de James Mancham, do PD. **1971:** a ONU e a OUA pedem a descolonização. **1974:** vitória do PD; Mancham defende a independência. **1975:** coalizão PD/PPU e Constituição interina. **1976:** independência. **1977:** deposição de Mancham e dissolução da Assembléia Nacional; assume France-Albert René, que, em **1979:** torna-se presidente. **1986:** fracassa golpe do cel. Ogilvy Bertolouis. **1991:** questionamento do unipartidarismo; René promete plebiscito sobre a questão; o oposicionista Maxime Ferrari, da Reunião do Povo Seichelense para a Democracia, volta do exílio (9/8) e pede conferência nacional sobre o futuro do país; seu filho, Jean-François, funda o Partido Seichelense e pede antecipação das eleições com supervisão internacional; venda dos quatro maiores hotéis do Estado (out.), para reativar o turismo, abalado pela Guerra do Golfo; dívida externa recorde de US$ 170 milhões (dez.); eleições com candidatos apenas da Frente Progressista do Povo Seichelense (FPPS): 50% de abstenção e alto índice de anulação (1º/12); diante disso, René adota novo calendário de democratização; o min. do Turismo e dos Transportes, Jacques Hodeul, rompe com o governo e funda o Movimento Seichelense pela Democracia. **1992:** René é forçado a autorizar o pluripartidarismo; Mancham retorna ao país (abr.) e lidera o novo Partido Democrático; eleições para a Constituinte (jul.).



FATOS DO ANO

Em plena crise do setor do turismo, principal fonte de divisas e de empregos, o pres. France-Albert René remaneja o ministério em abr. de 1993. Assume as pastas das Finanças e da Informação, transforma a da Indústria, que já ocupava, na do Desenvolvimento Comunitário e entrega a da Defesa a James Michel, que, em nov. de 1992, deixara a chefia do Estado-Maior das Forças Armadas, dentro do programa de separação entre o ex-partido único e os militares. Seu governo, entretanto, continua a apoiar-se em estruturas do tempo do monopartidarismo. Por isso fracassou o plebiscito de nov. de 1992, que rejeitou o projeto de Constituição que ele apresentava. A campanha pela rejeição, com apoio das igrejas Católica e Anglicana, foi uma vitória do Partido Democrático, do ex-pres. James Mancham. Após conquistar oito cadeiras na Constituinte (jul. de 1992), Mancham retirou-se dela (set.) ao constatar que a FPPS, de René, agia como se a oposição não existisse. Continuando os trabalhos sem o PD, a FPPS acabou vendo seu anteprojeto rejeitado.

Enfim o pluripartidarismo – A Constituinte reabre em jan. de 1993, após acordo com o PD, que retorna à Assembléia. O novo anteprojeto, fruto do consenso PD/FPPS, é aprovado em 18/6/1993, por 73,6% dos votantes: consagra o pluripartidarismo; cria uma Assembléia Nacional de 33 membros, dos quais 22 eleitos diretamente e os outros indicados proporcionalmente pelos partidos; e fixa em cinco anos o mandato presidencial, renovável três vezes. René vence as eleições gerais (23/7), com maioria absoluta na Assembléia Nacional.

Síria

● **NOME OFICIAL:** República Árabe da Síria. **Capital:** Damasco. **Nacionalidade:** síria. **Hino:** *Salve, defensores da pátria* (1º verso). **Língua:** árabe (oficial); curdo (minoria). **Religião:** islamismo, 89,6% (sunitas, maioria; xiitas, ismaelitas, drusos, alauítas, yezidiz); cristianismo, 8,9%. **Data nacional:** 16/11 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da Ásia. **Área:** 180.180 km². **Limites:** Turquia (N); Iraque (L e SE); Jordânia (S); Israel (SO); Líbano (O). **Características:** planície costeira estreita e fértil, limitada a L pelas cordilheiras do Líbano e Antilíbano, paralelas à costa; maciços vulcânicos (S); depressão central (metade do território); platô desértico (SE). **Ponto mais elevado:** monte ash-Shaykh (2.814 m). **Clima:** mediterrâneo (litoral); árido (interior). **Rios principais:** Eufrates, Orontes. **Cidades principais:** Damasco (1.451.000 hab.); Aleppo (1.445.000); Homs (518.000); Lataquia (284.000); Hama (254.000) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 12.958.000 (est.1992); **urbana:** 50,4% (1990). **Composição demográfica:** árabes, 88,8%; curdos, 6,3%; outros, 4,9% (1981). **Crescimento demográfico:** 3,6% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 48,3%; **15-59:** 47,5%; **mais de 60:** 4,2% (1990). **Densidade (hab./km²):** 70 (1992). **Natalidade:** 42,5 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 5,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 39 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,3 (1990–1995). **Vida média homens:** 65,2; **mulheres:** 69,2 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 840 hab.; **médicos:** 1 por 1,3 mil hab. (1988). **Gastos com saúde:** 3,1% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 35,5% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 3,4 milhões; **professores:** 141 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 204 mil (1989/90); **professores:** 4,6 mil (1986/87). **Gastos:** 12,2% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 12/3/1973.

Divisão administrativa: 14 distritos. **Regime partidário:** unipartidarismo; **principal partido:** Árabe Socialista Baath. **Chefe de Estado:** pres. Hafez Assad (desde 12/3/1971). **Chefe de governo:** 1º-min. Mahmud az-Zubi (desde nov./1987). **Legislativo:** unicameral – Assembléia do Povo, com 250 membros (84 reservados a candidatos independentes) eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 23,9%; indústria, 13,1%; mineração, 12,3%; comércio, 22,4%; serviços, 28,3% do PIB (1989). **Agricultura:** algodão, frutas, verduras e legumes. **Pecuária:** caprinos, ovinos, bovinos. **Pesca:** 5,6 mil t (1989). **Indústria:** petrolífera, química, manufaturas de borracha e de plástico, têxtil, vestuário, calçados e couro, alimentícia, bebidas e tabaco. **Minerais:** petróleo, fosfatos, gás natural, minério de ferro. **Exportações:** US$ 4,2 bilhões; **produtos:** petróleo, têxteis, animais vivos e carne (1990). **Importações:** US$ 2,4 bilhões; **produtos:** alimentos, máquinas industriais, metais e manufaturas de metal (1991). **Parceiros comerciais:** França, Itália, Alemanha, Arábia Saudita, Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** libra síria (dividida em 100 piastras); **cotação para 1 US$:** 11,23 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 14,2 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.110 (1991); **crescimento anual:** 1,4% (1980–1991). **Inflação anual:** 14,6% (1980–1990). **Dívida externa:** US$ 16,8 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 3,1 milhões; **distribuição:** agricultura, 22%; indústria, 27,8%; comércio, 12,2%; serviços, 34,2%; outros, 3,8% (1989); **mão-de-obra feminina:** 15,4% (1988–1990). **Desemprego:** 3,8% (1986).

● **DEFESA: Efetivo total:** 408 mil (1992); **Exército:** 300 mil; **Marinha:** 8 mil; **Força Aérea:** 100 mil; **outros:** 8 mil paramilitares. **Gastos:** 16% do PIB (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 29,7 mil km; 78% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 256,2 mil; **automóveis:** 117,6 mil (1990). **Ferrovias:** 1,5 mil km (1991). **Portos:** Latakia, Banias, Tartus. **Linha aérea:** Syrianair (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,4 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 17,9 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 17 hab. (1989). **Jornais diários:** 9; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 19,5 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SEN – Av. das Nações, lote 11, CEP 70434-900, Brasília, DF; tel. (061) 226-1260.

HISTÓRIA

Habitada por amoritas, arameus, fenícios e hebreus, invadida por assírios, babilônios, egípcios, hititas e persas, foi unificada por Alexandre, o Grande (331 a.C.), caindo, mais tarde, sob domínio romano. Passou para Bizâncio na divisão dos Imp. Romanos do Ocid. e do Or. **Séc. VII:** invasão árabe. **Séc. XI:** invasão dos turcos seljúcidas, da Ásia Menor. **Séc. XII:** lutas entre o turco Saladino e os cruzados; estes últimos controlam a costa (1189–1192). **1516 – 1918:** domínio otomano. **1920:** mandato francês (Acordo de San Remo). **1941 – 1946:** ocupação britânica e francesa; a França concede a República (1944). **1958 – 1961:** união com o Egito: República Árabe Unida, presidida por Gamal Abdel Nasser; golpe militar e ruptura com a RAU. **1963 – 1966:** sucessão de golpes militares; mas o esquerdista Partido Baath mantém o controle do governo. **1966:** golpes de Nureddin al-Attasi. **1967:** derrota na Guerra dos Seis Dias; ocupação israelense das colinas de Golan, no SE do país. **1968:** os militares derrubam os ideólogos do Baath; Attasi torna-se 1º-ministro. **1970:** apoio à OLP contra a Jordânia no Setembro Negro. **1971:** Hafez Assad depõe Attasi; ruptura com a Jordânia, após choque fronteiriço. **1973:** inaugurada a primeira etapa da represa de Tabka, no Eufrates; Guerra do Yom Kippur, contra Israel. **1974:** devolução de parte dos territórios perdidos para Israel em 1967 e 1973. **1976:** intervenção no Líbano. **1979:** fracassa a união com o Iraque. **1980:** Abdul-Rauf Kassem é o 1º-ministro; fracassa fusão com a Líbia; deterioram-se as relações com a Jordânia. **1982:** após atentados da Confraria Muçulmana, tropas do governo devastam Hamá, sua sede. **1983:** doença de Assad: luta pela sucessão entre seu irmão Rifaat, da seita alauíta, e o sunita gen. Hitmet Shehabi; Assad volta, exila Rifaat, prende Shehabi e nomeia o chanceler Abdel Halim Khaddam vice-pres. e seu virtual sucessor. **1986:** atentados matam 150 pessoas em sete cidades do país; ruptura com a Grã-Bretanha após um episódio de terrorismo (out.). **1987:** campanha contra a corrupção e a incompetência administrativa: renúncia do 1º-min. Rauf Kassem, substituído por Mahmud Zohbi (31/10). **1989:** reatamento com a França (abr.); ataque, por engano, de helicópteros sírios a dois navios soviéticos diante do porto de Tartus (sete feridos), abala as relações com a URSS (abr.). **1990:** vitória da Frente Progressista Popular; insatisfação dos militares com o apoio de Assad aos aliados na Guerra do Golfo; mas, em troca, a Síria obtém sinal verde dos EUA para impor ao Líbano o fim da guerra civil (out.) e, em **1991:** a CEE lhe dá ajuda de US$ 205 milhões (fev.), e os países do Golfo, de US$ 2 bilhões; Lei do Capital Externo, para atrair investimentos estrangeiros (mai.); reeleição de Assad (21/12), com 99,98% dos votos. **1992:** abolição da pena de morte (mar.); 4 mil judeus são autorizados a viajar para o exterior (mai.); Arafat reúne-se com Assad, tentando evitar acordo de paz em separado Síria/Israel (set.).

FATOS DO ANO

Reagindo à assinatura, uma semana antes, do acordo de paz Israel/OLP, o pres. Hafez Assad critica-o (20/9/1993) por não incluir, em sua pauta, a retirada israelense das colinas de Golan. Para ele, o pacto divide os árabes, só trará benefícios para Israel e não modificará a posição síria nas conversações árabe-israelenses em curso. A suspensão, em out. e nov. de 1992, da autorização para que os judeus-sírios emigrassem fora um meio de pressionar o recém-eleito pres. Bill Clinton para que, no âmbito das conversações de Washington, fosse inserida a questão do Golan. Já descontente com essa decisão – pois três quartos dos judeus-sírios tinham pedido o visto de emigração para os EUA –, o governo americano condena também a declaração de Assad de que não pretende reprimir os grupos radicais palestinos sediados em Damasco, que rejeitam o acordo e prometem sabotá-lo.

Investimentos lentos – O mal-estar cresce, em 2/10, quando Assad apóia o uso da violência para a libertação dos territórios árabes ocupados (referência ao movimento de resistência Hamás). Em 7/10, o chanceler sírio Faruk

Shará volta a criticar o acordo, em Washington – em resposta, Yasser Arafat, discursando na sede da CEE, em Bruxelas (9/10), censura nominalmente Assad pelo "livre trânsito que dá aos grupos fanáticos". A tensão com os EUA, porém, não atende aos atuais interesses sírios, beneficiados pelo apoio dado à coalizão ocidental contra o Iraque, na Guerra do Golfo. No final de 1992, o PIB cresceu 7% e as exportações de petróleo e derivados totalizaram US$ 2 bilhões. Em 1993, são estabelecidas *joint-ventures* com o Egito (jun.) e o Líbano (set.). Mas os investimentos ocidentais demoram a vir, pois é baixa a confiança dos americanos e europeus nas deficientes estatais sírias, e na possibilidade de que, a curto prazo, o país passe por uma real liberalização política.

Isso talvez não aconteça nem depois do afastamento de Assad, pois os dois candidatos à sucessão – seu filho Bassil e seu irmão Rifaat, um dos três vice-presidentes do país, responsável pelas questões militares e de segurança – são da linha dura. Aliás, a operação sírio-libanesa de combate ao cultivo de papoula e maconha no vale do Bekaa, em mai. de 1993, mobilizando os 40 mil soldados sírios estacionados nessa região do Líbano, parece estar ligada a essa confrontação: Rifaat é acusado de ser um dos beneficiários da venda de drogas no país vizinho.

Somália

● **NOME OFICIAL:** República Democrática Somali. **Capital:** Mogadíscio. **Nacionalidade:** somali. **Hino:** *Viva a Somália* (1º verso). **Língua:** árabe e somali (oficiais); inglês, italiano. **Religião:** islamismo (sunitas, 99,8%) (oficial); cristianismo, 0,1%. **Datas nacionais:** 26/6 (Independência); 21/10 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da África. **Área:** 637.657 km². **Limites:** golfo de Áden (N); Djibuti (NO); oceano Índico (L e S); Quênia (SO); Etiópia (O). **Características:** relevo plano e árido; litoral com recifes de coral (maior parte) e com escarpas (N); planície litorânea (L); cadeia montanhosa (N); vales fluviais férteis (SO). **Ponto mais elevado:** monte Surud Ad (2.408 m). **Clima:** árido tropical. **Rios principais:** Juba, Shebelli. **Cidades principais:** Mogadíscio (500.000 hab.); Hargeysa (70.000); Kismayu (70.000); Berbera (65.000); Marca (60.000) (1981). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 7.872.000 (est.1992); **urbana:** 36,4% (1990). **Composição demográfica:** somalianos, 98,3%; árabes, 1,2%; bantus, 0,4%; outros, 0,1% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,9% (1985–1990). **Faixas etárias: 0-14:** 47%; **15-59:** 48,6%; **mais de 60:** 4,4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 12,4 (1992). **Natalidade:** 50,1 por 1.000 (1985–1990). **Mortalidade:** 20,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 132 por 1.000 (1985–1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,6 (1985–1990). **Vida média homens:** 43,4; **mulheres:** 46,6 (1985–1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,1 mil hab. (1985); **médicos:** 1 por 19,1 mil hab. (1987). **Gastos com saúde:** 1% do orçamento (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 75,9% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 374 mil; **professores:** 10,8 mil (1989). **Alunos no ensino superior:** 15,7 mil; **professores:** 817 (1986). **Gastos:** 1,9% do orçamento (1988).

● **GOVERNO:** a Conferência de reconciliação de mar. de 1993 criou um Conselho Nacional de Transição, de 74 membros, para governar o país; mas sua possibilidade de exercer controle sobre ele tem sido muito limitada. **Constituição:** suspensa. **Divisão administrativa:** 18 regiões. **Regime partidário:** o país está dividido em diversas facções em luta. **Chefe de Estado:** não há.

● **ECONOMIA:** agricultura, 64,5%; indústria, 8,9%; mineração, 0,2%; comércio, 9,3%; serviços, 17,1% do PIB (1991). **Agricultura:** banana. **Pecuária:** caprinos, ovinos, camelos. **Pesca:** 17,5 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia (refino de açúcar, principal), processamento de couro animal, refino de petróleo. **Minerais:** sal, estanho, zinco, cobre, gesso, manganês, urânio, minério de ferro (explorados); petróleo e gás natural (reservas). **Exportações:** US$ 120 milhões; **produtos:** pecuários, banana (1991). **Importações:** US$ 456 milhões; **produtos:** petróleo, fertilizantes, alimentos, máquinas industriais (1991). **Parceiros comerciais:** Itália, Arábia Saudita, Grã-Bretanha, Alemanha, Quênia, Etiópia. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** xelim somaliano (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 5.000,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 946 milhões; **renda per capita:** US$ 150 (1990); **crescimento anual:** -1,1% (1980–1990). **Inflação:** 100% (1990). **Dívida externa:** US$ 2,4 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 3 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 75,6%; indústria, 8,4%; serviços, 16% (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 39% (1988–1990).

● **DEFESA:** não há desde jan. de 1991.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 17,2 mil km; 15% pavimentados (1985); **nº de veículos:** 32 mil; **automóveis:** 20 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Merca, Berbera, Mogadishu, Kismayu. **Linha aérea:** Somali Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES: Emissoras de rádio:** 5; **receptores:** 1 por 19 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 2,3 mil hab. (1987). **Linhas telefônicas:** 1 por 882 hab. (1988). **Jornal diário:** 1 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 425 East 61st St., Suite 703, New York, NY 10021, EUA; tel. (212) 688-9410.

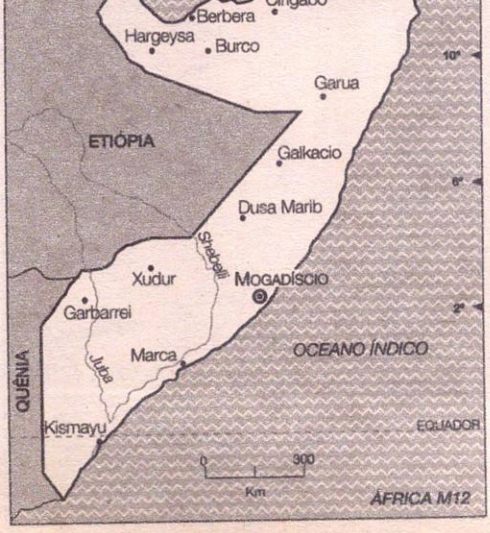
HISTÓRIA

A "Terra de Deus" dos egípcios, fornecedora de especiarias como mirra e incenso, era habitada por clãs ásio-africanos, cujos sultanatos foram centros comerciais prósperos. **Séc. XIX:** protetorado britânico no NE e italiano no SE. **1901 – 1920:** guerra antibritânicos, liderada por Mohamed bin Abdala Hassan, o "Sábio Louco". **1940/41:** a Itália ocupa o setor britânico; britânicos reagem e ocupam a área italiana. **1947:** renúncia da Itália à colônia. **1950:** a ONU dá à Itália mandato de transição para a autonomia. **1960:** fusão dos dois setores; independência; República. **1961 – 1964:** seca, inundações, ajuda externa contra a fome. **1967:** acordo sobre conflitos fronteiriços com Quênia e Etiópia. **1969:** assassinato do pres. Abdi Rashid Ali Shermarke; golpe do gen. Mohamed Siad Barre. **1970/71:** golpes fracassados, prisão de civis e militares. **1973:** discute-se com a Etiópia o litígio sobre o deserto de Ogaden, ocupado pelos etíopes. **1974:** admissão na Liga Árabe. **1976:** choques com a Etiópia; criação do Partido Revolucionário Somali. **1977:** Guerra do Chifre da África, com a Etiópia, pelo Ogaden; ruptura com Adis-Abeba; expulsão dos assessores soviéticos. **1978:** retirada do Ogaden; fuzilamento de dezessete oficiais por tentativa de golpe. **1980:** acordo cria base naval americana em Berbera; novos ataques etíopes: estado de emergência; Barre assume plenos poderes e restabelece o SCR. **1981:** formada a oposicionista Frente Democrática da Salvação da Somália, com apoio etíope. **1982:** suspenso o estado de emergência; tropas etíopes e da FDSS invadem o N do país. **1985:** reatamento com a Líbia. **1986:** reaproximação com a Etiópia; Barre sofre acidente de carro: suspeita de atentado da FDSS. **1987:** o min. da Defesa, Mohamed Ali Samantar, é nomeado 1º-ministro; a ala anti-Samantar tenta derrubar Barre: seu filho, cel. Maslah Barre, ordena a prisão dos oito envolvidos, que, em **1988:** são fuzilados (fev.); ofensiva do rebelde Movimento Nacional Somaliano contra Burao e Hargeisa, ao N, retomadas pelo Exército; prisão de oposicionistas, execuções sumárias, tortura de presos políticos; acordo de paz com a Etiópia. **1989:** bombardeio dos redutos do MNS em Erigayo e Hargesia: êxodo de refugiados para a Etiópia; anistia a 104 presos políticos; o MNS toma um posto militar em Loyada e ataca Zeila; choques entre manifestantes e a polícia: centenas de mortos; emenda à Constituição legaliza os partidos de oposição. **1990:** ofensiva contra o N, dominado pelo MNS e, na capital, prisão de

dissidentes, incluindo 45 dos cem signatários do Manifesto de Mogadíscio, pedindo a renúncia de Barre; criação de governo provisório e a convocação de eleições; Samantar é substituído pelo moderado Mohamed Hauadle Madar (3/8); nova Constituição: pluripartidarismo, liberdade de imprensa e fim da repressão (12/10); Barre renuncia à sec.-geral do PSR; o Congresso Somali Unificado e o Movimento Patriótico Somali ocupam Jauhar e Kismayu (nov.); Mogadíscio é ocupada pelo CSU (30/12). **1991**: Barre foge (27/1); Hussein Ali Shidau, do CSU, nomeia o pres. provisório Ali Mahdi Mohamed (29/1), que escolhe Umar Arteh Ghalib como 1°-ministro. (2/2); o MNS proclama a independência do N, com o pres. Abdurahman Ahmed Ali (18/5); fracassa mediação do pres. Hassan Guled Aptidon, do Djibuti (jun.); luta entre facções rivais do CSU: 300 mortos, 1.500 feridos (set.); Ghalib forma gabinete com membros dos principais clãs do país (1°/10); Mahdi nomeia os vice-pres. Abdel Kader Mohamed Rebeh, do MPS, e Umar Maalim Mohamed, do Movimento Democrático Somali; Mohamed Farah Aidid, do clã *habar-gadir*, rival no CSU da facção *abgal*, de Mahdi, rejeitando essas nomeações e a do *abgal* gen. Ahmed Sahal Ali para o comando das Forças Armadas (14/10), ataca as tropas de Mahdi (16/11), que foge de Mogadíscio, onde já há mil mortos e 6 mil feridos; fracasso da mediação da Etiópia, Itália e ONU. **1992**: os *musarad*, até então neutros, aliam-se a Mahdi contra Aidid (11/1); cessar-fogo, assinado em Nova York (14/1), é violado logo em seguida; ajuda externa para minorar a fome da população (21/1); a resolução 733 da ONU exige cessar-fogo e impõe sanções (23/1); já há 300 mil refugiados na Etiópia, Quênia e Sudão (abr.); saque da ajuda humanitária da ONU no aeroporto de Mogadíscio (2/6): força de paz da ONU supervisiona a entrega dos alimentos, mas Aidid as impede de entrar nas áreas sob seu controle (14/9); o ex-min. da Defesa Siad Hersi, o "capitão Morgan", do clã *darod-marehan*, forma milícia, ataca Aidid e toma Bardera (out.).

FATOS DO ANO

Em 7/1/1993, a força-tarefa americana, no país desde 9/12/1992 para restaurar a ordem e garantir a ajuda humanitária, se envolve diretamente nos combates: ataca um depósito de armas do Exército de Libertação Somali, braço armado da Aliança Nacional Somali, do gen. Mohamed Farah Aidid, que controla dois terços da capital e a maior parte do sul. A mudança de orientação das forças enviadas pela ONU agrava uma situação já muito tensa, como demonstrara, em 3/1, o repúdio popular à visita do sec.-geral Butros-Gali, obrigado a se esconder na embaixada dos EUA, pois a multidão apedrejava o prédio da ONU. Em 13/1, morre o primeiro soldado americano; e basta que morra o segundo (27/1) para que a intervenção na Somália divida as opiniões nos EUA, onde a lembrança da derrota no Vietnã ainda é muito forte.



Retirada americana – Também a opinião pública internacional se preocupa, no fim de jan., quando dezesseis somalis são mortos num fogo cruzado noturno entre as tropas de intervenção, em Bela Dogle, ao norte de Mogadíscio. Logo depois, o pres. Bill Clinton anuncia que 2.700 soldados americanos serão substituídos por militares de outros países. Paralelamente, forças belgas e americanas impedem a ocupação de Kismaniu, ao sul, por Siad Hersi (o "capitão Morgan"), ligado ao ex-pres. Mohammed Siad Barre. As conversações de Adis-Abeba, patrocinadas por Butros-Gali, levam a um cessar-fogo e à convocação de uma Conferência Nacional de Paz (15/3), na sede da ONU na capital etíope. Os dirigentes das catorze facções presentes pedem a retirada das tropas da ONU, o que Butros-Gali recusa. Há, com isso, novos choques com mortos (23 e 24/2) e manifestações contra as embaixadas dos EUA e da França, o que acelera a substituição de 25 mil americanos por 20 mil homens de outros países, comandados pelo turco gen. Cevik Bir. Em 4/5, os americanos são formalmente substituídos pela "Operação da ONU na Somália-II".

À ONUSOM-II cabe controlar todo o país, incluindo a Somalilândia, no norte, cuja independência unilateral foi proclamada, em 1991, por Abderrahman Ahmed Ali, do sub-clã *habrê-yunis* (seu novo presidente, Mohammed Ibrahim Egal, 1°-ministro de Siad Barre entre 1967/1969, é eleito em 5/5/1993, com 97 dos 140 votos do Parlamento separatista instalado em Berbara). Mas ela não consegue cumprir sua missão. Em 6/6, a resolução 837 da ONU pede a prisão de Aidid e mais soldados são enviados para uma "enérgica ação de desarmamento". O resultado é a morte de 31 soldados da ONU e centenas de somalis e o aumento da popularidade do líder rebelde. Toda a operação da ONU fica abalada pela morte, em 13/6, por tropas paquistanesas, de vinte mulheres e jovens que protestavam contra os bombardeios.

Crise com a Itália – Em jul., afirmando que a Somália precisa de uma solução política, e não militar, o chanceler italiano Beniamino Andreatta pede a suspensão dos combates, pois as forças de paz se converteram em "tropas de ocupação". Em 14/7, Kofi Annan, representante de Butros-Gali em Mogadíscio, diz que o gen. Bruno Loi fora chamado de volta a Roma por ter permitido que Aidid fugisse, durante a operação de cerco à sua casa. Ao desmentir irritadamente essa notícia, o gen. Bruno Buscemi, chefe do Estado-Maior italiano, anuncia (12/8) que as tropas de seu país sairão da Somália, deixando-a aos "rambos" da ONU. Para substituí-las, os EUA são forçados a enviar tropas de elite, os *rangers*, que, em 30/8, atacam e destroem a sede de uma agência da ONU prendendo seus funcionários. A guerrilha, ao contrário, acerta seus alvos: quase destrói o aeroporto e o QG da ONU em 5/9. Quatro dias depois, os americanos atiram em mulheres e crianças somalis, matando mais de cem delas.

Em 19/9, diante da estagnação total, Clinton pressiona a ONU a adotar uma "iniciativa política"e esta, uma semana depois, dá à ONUSOM-II o prazo de dezoito meses para concluir sua tarefa. A deterioração militar ao longo de out. faz Clinton anunciar que os americanos, alvo de constantes emboscadas de Aidid, serão retirados em seis meses; antes, porém, o contingente será aumentado para 10 mil homens. A ONU, enquanto isso, discordando da "saída política" (10/10), reafirma o princípio de que Aidid deve ser aprisionado. Este, em resposta, mostra-se pronto a negociar a paz (15/10) e, para provar isso, liberta um refém americano e um nigeriano.

No dia seguinte, porém, o Senado americano aprova o plano de Clinton de retirada em 31/3/1994, com a ressalva de que, até lá, haja empenho para que Aidid colabore com a ONU.

Sri Lanka

● **NOME OFICIAL:** República Democrática do Sri Lanka. **Capital:** Colombo. **Nacionalidade:** cingalesa. **Hino:** *Salve, salve terra mãe* (1° verso). **Língua:** inglês, sinhala e tâmil (oficiais). **Religião:** budismo, 69,3%; hinduísmo, 15,5; islamismo, 7,6%; cristianismo, 7,5% (católicos, maioria). **Datas nacionais:** 4/2 (Independência); 22/5 (República).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da Ásia. **Área:** 65.610 km². **Limites:** estreito de Palk (N); golfo de Bengala (L); oceano Índico (S); golfo de Manar (O). **Características:** litoral com recifes coralinos (S e L), com ilhas calcárias (N); montanhas com vales profundos de aluvião (centro e S); planície (centro e N). **Ponto mais elevado:** monte Pidurutalagala (2.524 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão (N); equatorial (S). **Rio principal:** Mahavali. **Cidades principais:** Colombo (615.000 hab.); Dehivala-Mount Lavinia (196.000); Moratuva (170.000); Jaffna (129.000) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +8h.

● **POPULAÇÃO:** 17.464.000 (est.1992); **urbana:** 21,6% (1991). **Composição demográfica:** cingaleses, 74%; tâmil, 18,2%; mouros do Sri Lanka, 7,1%; outros, 0,7% (1981). **Crescimento demográfico:** 1,5% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 35,3%; **15-59:** 58,1%; **mais de 60:** 6,6% (1989). **Densidade (hab./km²):** 270,1 (1992). **Natalidade:** 21,2 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 5,8 por 1.000; **mortalidade infantil:** 25 por 1.000 (1991). **Fertilidade (n° de filhos por mulher):** 2,6 (1991). **Vida média homens:** 69,1; **mulheres:** 73,4 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 356 hab.; **médicos:** 1 por 6,6 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 5% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 11,6% (1990). **Alunos de 1° e 2° graus:** 4,2 milhões; **professores:** 182 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 42 mil; **professores:** 2,2 mil (1990). **Gastos:** 9,1% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 7/9/1978 (6 emendas). **Divisão administrativa:** 9 províncias e 24 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Nacional Unido, Liberdade. **Chefe de Estado e de governo:** Dingiri Banda Wijetunga (desde 7/5/1993). **Legislativo:** unicameral – Parlamento eleito por voto direto, cujo número de membros é determinado pela Comissão Delimitadora (em 1990, havia 225 membros).

● **ECONOMIA:** agricultura, 26,3%; indústria, 23,5%; mineração, 2,4%; comércio, 21,3%; serviços, 26,5% do PIB (1990). **Agricultura:** chá, borracha, coco, arroz. **Pecuária:** bovinos, búfalos, caprinos. **Pesca:** 165,4 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, vestuário, têxtil, refino de petróleo. **Minerais:** pedras preciosas, grafite, minério de ferro, monazita, urânio, areia ilmelita, calcário, argila. **Exportações:** US$ 1,9 bilhão; **produtos:** chá, borracha, vestuário, pedras preciosas (1990). **Importações:** US$ 2,6 bilhões; **produtos:** máquinas e equipamentos industriais, derivados de petróleo, açúcar (1990). **Parceiros comerciais:** Japão, EUA, Alemanha, Grã-Bretanha, Irã. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** rúpia cingalesa (dividida em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 46,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 8,7 bilhões; **renda per capita:** US$ 500 (1991); **crescimento anual:** 4% (1980–1991). **Inflação:** 11,4% (1992). **Dívida externa:** US$ 6,6 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 7 milhões; **distribuição:** agricultura, 40,9%; indústria, 17,6%; comércio, 7,3%; serviços, 18,3%; outros, 15,9%; **mão-de-obra feminina:** 37,3% (1990). **Desemprego:** 14,4% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 105,9 mil (1992); **Exército:** 89 mil; **Marinha:** 8,9 mil; **Força Aérea:** 8 mil; **outros:** 57,2 mil paramilitares. **Gastos:** 6,8% do orçamento (1989).

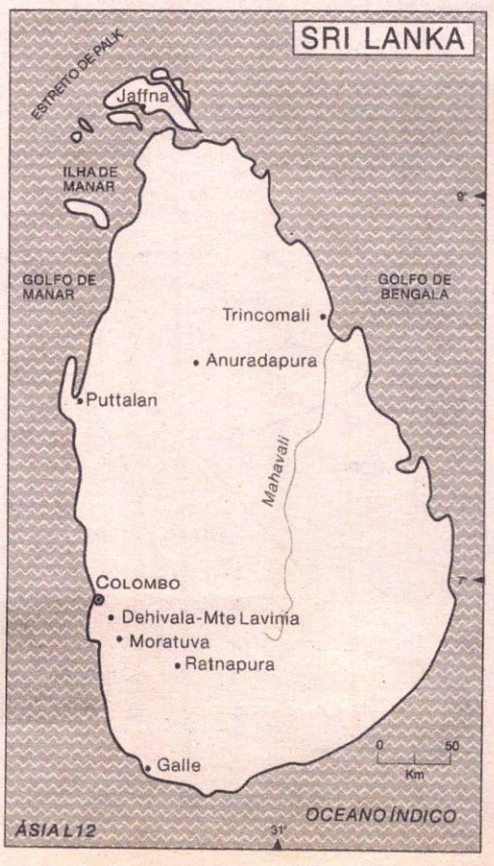
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 26 mil km; 81% pavimentados (1990); **n° de veículos:** 319,5 mil; **automóveis:** 173,5 mil (1990). **Ferrovias:** 1,5 mil km (1990). **Portos:** Colombo, Tricomali, Galle, Jaffna. **Linha aérea:** Air Lanka (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 7,8 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 25 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 102 hab. (1990). **Jornais diários:** 15; **n° de exemplares por 1.000 hab.:** 44 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 630 3rd Avenue, 20th Floor, New York, NY10017, EUA; tel. (212) 986-7040.

HISTÓRIA

Vindos do N da Índia, os cingaleses fundaram Anuradapura (séc. VI a.C.), grande centro religioso após a introdução do Budismo (séc. III a.C.). Os tâmil, vindos do S da Índia, invadem o Ceilão e os expulsam para o SE da ilha. **Séc. XVI:** ocupação portuguesa da costa. **1650 – 1795:** possessão holandesa, depois transferida para a Grã-Bretanha. **1948:** independência dentro da Comunidade Britânica. **1956:** Solomon Bandaranaike lidera coalizão esquerdista. **1959:** conflitos entre cingaleses e tâmil: assassinato de Bandaranaike. **1960 – 1965:** sua mulher, Sirimavo, lidera nova coalizão esquerdista; política neutralista e de nacionalização das companhias petrolíferas cria disputa com a Grã-Bretanha e os EUA. **1965/66:** vitória do pró-ocidental Dudley Senanayake, do Partido Nacional Unido (PNU), que indeniza as companhias nacionalizadas: os EUA restabelecem a ajuda econômica. **1970:** retorno de Sirimavo Bandaranaike. **1971:** repressão a



manifestação estudantil favorável ao socialismo radical, com milhares de mortos. **1972**: República com o nome atual; a reforma agrária coloca 400 mil acres sob o controle do governo. **1973**: o tâmil é declarado língua oficial nas províncias do N e do L; campanha de desobediência civil da Frente Tâmil Unificada, pedindo autonomia regional. **1974**: proibidos os protestos políticos; fechados jornais oposicionistas. **1975**: nacionalização das plantações de chá, coco e seringueiras. **1976**: repressão às manifestações estudantis. **1977**: eleição de Junius Richard Jaieuardene. **1980**: Sirimavo, condenada por corrupção, é cassada por sete anos. **1981**: distúrbios na região tâmil: estado de emergência. **1984**: legislação especial de combate aos rebeldes. **1985**: ameaça de intervenção indiana, para proteger a comunidade tâmil; fracasso da conferência de paz com a FTU. **1986**: escalada terrorista da FTU; ofensiva para recuperar Jaffna. **1987**: fracassa acordo de paz mediado pela Índia; intervenção indiana. **1988**: vitória de Ranasinghe Premadasa, do Partido Nacional Unido. **1989**: massacre de guerrilheiros e civis por tropas do governo (mai.); acordo de retirada das tropas indianas até o fim do ano (set.); fim do estado de emergência, anistia aos presos políticos (out.); os Tigres Libertadores do Ilam Tamil (LTTE) transformam-se em partido político. **1990**: retirada das tropas indianas (24/3); reinício da luta pelo controle do N e L (jun.): recomeça a guerra civil (11/6); a Anistia Internacional denuncia o terrorismo oficial contra os LTTE e os esquerdistas cingaleses da FLP; o Parlamento Europeu denuncia o desaparecimento de 60 mil pessoas. **1991**: a Frente das Mães protesta contra a violência política (fev.); atentado com carro-bomba (2/3) mata o min. da Defesa, Ranjan Wijeratne, mentor da luta dos "esquadrões da morte" contra o FLP e os LTTE; afastados do gabinete os radicais anti-LTTE, mas a violência não diminuiu; ameaçado de *impeachment*, Premadasa fecha o Parlamento (30/8): renúncia, em protesto, dos min. da Educação, Lalith Athulathmuudali, e do Trabalho, G.H. Premathandra. **1992**: Vellupillai Prabhakaran, dos LTTE, e seu vice, Pottu Amman, são acusados da morte de Rajiv Gandhi (2/2); cerco de Jaffna, último reduto dos LTTE, e toque de recolher em toda a região (15/2).

FATOS DO ANO

Em fev. de 1993, o líder dos Tigres Libertadores do Tâmil Ilam, Vellupillai Prabhakaran, mostra-se disposto a aceitar um arranjo federalista; diante disso, os empresários também dão sinais de apoiar negociações com a guerrilha. Embora o governo recuse, num encontro com uma delegação da Igreja Católica, o pedido de Prabhakaran de que seja suspenso o bloqueio econômico à península tâmil de Jaffna, decretado em fev. de 1992 e ampliado em 16/1/1993, o Parlamento começa a discutir os termos desse acordo.

Atentados e violações – As violações dos direitos humanos, de lado a lado, dificultam as negociações: 14 mil pessoas acusadas de subversão desapareceram nas mãos do governo; 2 mil civis foram presos pelos "tigres" no território que controlam; em out. de 1992, os LTTE massacraram 170 muçulmanos na aldeia nordestina de Polonnaruua; no mês seguinte, um carro-bomba matou, em Colombo, o vice-alm. Clancey Fernando, com. da Marinha. Quando o governo exige dos proprietários de casas a lista de seus inquilinos, para controlar o afluxo de ativistas tâmil à capital, em represália é assassinado (23/4/1993) o ex-min. Lalith Athulatmuudali, pres. da Frente Nacional Democrática Unida (mas a FNDU acusa o governo de tê-lo eliminado para impedir sua vitória nas eleições regionais de 17/5.

No desfile do Dia do Trabalho (1º/5), é a vez do pres. Ranasinghe Premadasa, morto por um terrorista de 14 anos que, tendo a bomba amarrada ao corpo, atira-se contra sua comitiva (ele trazia consigo a cápsula de cianureto com que os "tigres" se matam para não serem presos; mas os LTTE dizem ser o revide da FNDU à morte de seu líder). Em 7/5, o 1º-min. Dingiri Banda Wijetunga, nomeado presidente, designa o 1º-min. Ranil Wickremasinghe, também min. das Finanças, Defesa e Ciência e Tecnologia. Os assassinatos não mudam os resultados eleitorais: em 17/5, o PNU perde em três das sete províncias. Na Província Oeste, onde fica a capital, só obtém 41 das 104 cadeiras, perdendo para a coalizão da FNDU com o Partido da Liberdade, da ex-1ª-min. Sirimavo Bandaranaike. Quanto à possibilidade de um acordo de paz, ela é cada vez mais remota: em 28/8, Prabhakaran decreta a prisão de seu vice, Gopalasuami Mahendrarajah, favorável às negociações com o governo; em set., 150 guerrilheiros e 118 soldados morrem numa ofensiva contra o porto de Kalili; e, no início de nov., noticia-se que 10 mil novos recrutas e 80 mil soldados estão sendo treinados para maciça ofensiva contra Jaffna, em 1994.

Suazilândia

● **NOME OFICIAL:** República da Suazilândia. **Capital:** Mbabane. **Nacionalidade:** suazi. **Hino:** *Ó Deus, que abençoa os suazi* (1º verso). **Língua:** inglês e sisuati (oficiais). **Religião:** cristianismo, 77% (protestantes, 37,3%; católicos, 10,8%); animismo. **Data nacional:** 6/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da África. **Área:** 14.363 km². **Limites:** África do Sul (N, S e O); Moçambique (L). **Características:** planalto (maior parte), declinando na direção L–O; planícies com vales (L). **Ponto mais elevado:** pico Emlembe (1.862 m). **Clima:** tropical de altitude. **Rios principais:** Comat, Umbuluzi, Uzutu. **Cidades principais:** Manzini (52.000 hab.); Mbabane (38.290); Nhlangano (4.108); Pigg's Peak (3.223); Siteki (2.271) (1986). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 826.000 (est.1992); **urbana:** 33% (1990). **Composição demográfica:** suazis, 84,3%; zulus, 9,9%; tongas, 2,5%); indianos e paquistaneses, 1,6%; portugueses, 0,2%; outros, 1,5% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,5% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 47,3%; **15-59:** 47,4%; **mais de 60:** 4,7%; não determinados: 0,6% (1986). **Densidade (hab./km²):** 57,5 (1992). **Natalidade:** 46,7 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 11,1 por 1.000; **mortalidade infantil:** 107 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,5 (1990–1995). **Vida média homens:** 56,2; **mulheres:** 59,8 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 396 hab.; **médicos:** 1 por 8 mil hab. (1984). **Gastos com saúde:** 7,3% do orçamento (1991/92).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 29% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 235,2 mil; **professores:** 7,4 mil (1991). **Alunos no ensino superior:** 1,7 mil; **professores:** 146 (1991). **Gastos:** 23,4% do orçamento (1991/92).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Constituição:** suspensa em out. de 1992. **Divisão administrativa:** 210 áreas tribais compreendendo 40 comunidades tradicionais. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado:** rei Msuati III (desde 25/4/1986). **Chefe de governo:** 1º-min. Obed Mfanyana Dlamini (desde 12/7/1989). **Legislativo:** fechado.

● **ECONOMIA:** agricultura, 15,9%; indústria, 36,7%; mineração, 1,3%; comércio e serviços, 46,1% do PIB (1991). **Agricultura:** cana-de-açúcar, algodão, frutas cítricas, abacaxi, milho, tabaco, arroz. **Pecuária:** bovinos, caprinos, ovinos. **Pesca:** 110 t. (1990). **Indústria:** alimentícia, bebidas, manufaturas de metal. **Minerais:** cobre, diamante, asbesto, estanho, caulim, talco, minério de ferro, pirofilita, sílica. **Exportações:** US$ 510,3 milhões; **produtos:** alimentos, animais vivos, madeira e derivados (1990). **Importações:** US$ 685,2 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, combustíveis minerais e lubrificantes, manufaturas básicas, alimentos e animais vivos (1991). **Parceiros comerciais:** África do Sul, Grã-Bretanha, Suíça, Holanda. **Pesos e medidas:**

sistema métrico decimal. **Moeda:** lilangeni (dividida em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 3,05 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 645 milhões (1990); **renda per capita:** US$ 1.060 (1991); **crescimento anual:** 4,5% (1980–1990). **Inflação anual:** 11,1% (1980–1990). **Dívida externa:** US$ 258,4 milhões (1991). **Força de trabalho:** 160,4 mil (1986); **distribuição:** agricultura, 74%; indústria, 9%; serviços, 17% (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 40% (1988–1990). **Desemprego:** 27% (1986).

• **DEFESA: Efetivo total:** 2,7 mil (1983). **Gastos:** 4,8% do orçamento (1991/1992).

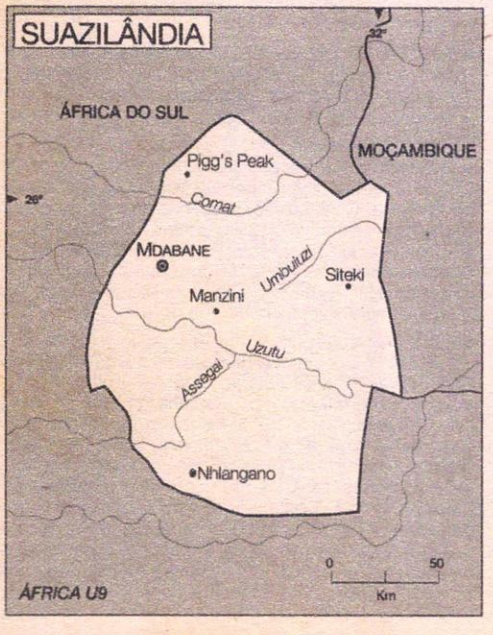
• **TRANSPORTES: Rodovias:** 2,8 mil km; 26% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 33,9 mil; **automóveis:** 25,3 mil (1991). **Ferrovias:** 301 km (1992). **Portos:** não há. **Linhas aéreas:** Royal Swazi National Airways (vôos regionais); Air Swazi (charters).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 13 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 64 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 31 hab. (1989). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 24 (1992).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 430 Connecticut Ave. NW, Washington, D.C., 20008 EUA; tel. (202) 362-6683.

HISTÓRIA

Os suazi, expulsos pelos zulus do N do rio Pongola, estabeleceram-se na região (1820), onde pediram ajuda da Grã-Bretanha, que forçou as duas tribos à convivência pacífica. **1881:** independência concedida pela Grã-Bretanha e, em **1884:** confirmada pelo governo do Transvaal. **1890:** governo provisório representa os suazi e seus dois protetores. **1902:** após a guerra dos Bôeres, os direitos do Transvaal passam para os britânicos. **1907:** território especial governado por comissário britânico. **1921:** Sobuza II torna-se *guenyama* (rei), após regência de sua mãe (1900–1920). **1949:** oposição britânica ao *apartheid*: rejeitado o pedido sul-africano de controle da Suazilândia, Basutolândia (Lesoto) e Bechuanalândia (Botsuana). **1967:** autonomia administrativa. **1968:** independência; Sobuza II é o rei. **1970:** seca ameaça a pecuária, mas a renda da união alfandegária com a África do Sul sustenta o país. **1973:** Sobuza cancela a Constituição, decreta o estado de emergência, suspende toda atividade política e cria o Exército nacional. **1974:** introduzido o lilangueni, a nova moeda. **1975:** reatamento com Moçambique e, em **1976:** com o Lesoto. **1978:** nova Constituição restringe os poderes do *Libandla* (Parlamento). **1980:** anistia política; campanha de combate à corrupção. **1982:** acordo com a África do Sul permite-lhe o acesso ao Índico pelo bantustan do Kanguane; morre Sobuza II; seu sucessor é o princ. Makhosetive, e a regente, a *indlovukazi* (a grande elefanta) rainha Dzeliue. **1983:** fracassa golpe do 1º-min. princ. Mabandla; seu sucessor, princ. Bhekimpi Dlamini, liberta o princ. Mfanasibili, preso por corrupção; este derruba Dzeliue, substituindo-a pela rainha Ntombi. **1984:** demissão do min. das Finanças, Sishayi Nxumalo, por tentativa de golpe; o princ. Sozisa Dlamini também fracassa em derrubar Bhekimpi. **1986:** Makhosetive é coroado rei como Msuati III; Bhekimpi é substituído por Sotsha Dlamini. **1987/88:** fracassam novas conspirações; Mfanasibili é preso por corrupção e golpismo. **1989:** Sotsha é substituído por Obed Diamini (12/7). **1990:** o Movimento Democrático Unido Popular (PUDEMO), oposicionista ilegal, exige o pluripartidarismo (jan.); Msuati III cria o *Indaba*, encarregado de recomendar mudanças no sistema eleitoral (ago.); condenação de membros do PUDEMO (out.); repressão a protestos estudantis: 86 feridos (nov.); em conseqüência, o min. da Justiça, o reformista Reginald Dhladhla, é trocado pelo conservador Zonke Khumalo. **1991:** repressão ao PUDEMO; pressões internacionais: libertação de cinco dirigentes do movimento, em greve de fome; libertação de Mfanasibili; Msuati III tem de aceitar a formação da Associação Suazi dos Direitos Humanos e de anular as sentenças de Dominic Mngomezulu e Ray Russon, do PUDEMO; criado o *Vusela* (Saudação), para a revisão do sistema eleitoral (set.,); Dlamini convida o oposicionista Albert Nhlanhla para o min. dos Transportes e Comunicação (12/10). **1992:** o PUDEMO declara-se oposição oficial, rejeita as reformas propostas pelo *Vusela*, exige referendo sobre a Constituição e obtém adesão da Frente Unida da Suazilândia, de Matsapa Shongüe, e da Frente Nacional da Suazilândia, de Elmond Shongüe; Msuati III nomeia onze membros do PUDEMO e da ASDH para o *Vusela-2*; sua recusa em autorizar atividade política faz esse comitê entrar em colapso.



FATOS DO ANO

Em 3/6/1993, o rei Msuati III assina, com a África do Sul, acordos para a formação e a especialização de membros do Judiciário, parte do projeto de transformação do regime tradicional, de raízes tribais, numa Monarquia parlamentar. Os planos de modernização respondem aos protestos contra o desemprego, a inflação e a falta de liberdade, que forçaram Msuati III a criar os Comitês Reais de Discussão (*Vusela* I e II), para formular as mudanças. Mas em out. de 1992, em choque com a oposição, o rei tinha dissolvido o Parlamento e assumido os poderes legislativos, assistido pelo gabinete, interinamente chefiado por Obed Mfanyana Dlamini, até a promulgação de nova Constituição, após as eleições. Mas declarou aceitar as recomendações do *Vusela-II*: fim do estado de emergência e das detenções sem julgamento, reforma eleitoral e aumento de cadeiras na Assembléia – os chefes elegerão cinqüenta representantes para a Câmara Baixa e dez para a Alta, enquanto o rei indicará dez e vinte, respectivamente.

A oposição protestou pois as recomendações feitas pelo *Vusela-II* não prevêm o pluripartidarismo e mantém o controle real sobre as instituições. Mesmo assim, Msuati criou o *Vusela-III*, para "ensinar a população a votar", e prometeu convocar eleições na primeira metade de 1993, embora, até nov. desse ano, elas não se tivessem realizado. A seca prolongada, que destrói a colheita de milho e aumenta o desemprego, vêm somar-se dois problemas crônicos: o contrabando na fronteira, que traz enormes prejuízos para a economia nacional, e os constantes choques com soldados moçambicanos, que saqueiam fazendas suazis para abastecerem-se na luta contra os guerrilheiros direitistas da Renamo.

Sudão

● **NOME OFICIAL:** República Democrática do Sudão. **Capital:** Cartum. **Nacionalidade:** sudanesa. **Hino:** *Soldados de Deus* (1º verso). **Língua:** árabe; inglês. **Religião:** islamismo (sunitas, 73%; sufis); animismo, 16,7% (S); cristianismo (católicos, 5,6%; anglicanos, 2,3%). **Data nacional:** 1º/1 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-leste da África. **Área:** 5.813 km². **Limites:** Egito (N); mar Vermelho (NE); Eritréia e Etiópia (L); Quênia, Uganda e Zaire (S); República Centro-Africana (SO); Chade (O); Líbia (NO). **Características:** planície banhada pelo rio Nilo e seus afluentes (maior parte); litoral estreito; região semidesértica com colinas (NO); deserto da Núbia (N); montes Nubia envolvidos por um cinturão de areia (centro O); região argilosa (L), estendendo-se até as zonas pantanosas (S). **Ponto mais elevado:** monte Marrah (3.088 m). **Clima:** árido tropical (N); tropical com chuvas de verão (S). **Rios principais:** Nilo Azul, Nilo Branco, Nilo. **Cidades principais:** Omdurman (526.287 hab.); Cartum (476.218); Port Sudan (215.000); Cartum do Norte (341.146) (1983). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 29.971.000 (est.1992); **urbana:** 22% (1990). **Composição demográfica:** árabes sudaneses, 49,1%; dincas, 11,5%; nubas, 8,1%; bedjas, 6,4%; nuers, 4,9%; zandês, 2,7%; baris, 2,5%; furs, 2,1%; outros, 12,7% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,1% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 45,2%; **15-59:** 50,2%; **mais de 60:** 4,6% (1990). **Densidade (hab./km²):** 12 (1992). **Natalidade:** 44 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 13 por 1.000; **mortalidade infantil:** 85 por 1.000 (1991). **Fertilidade** (nº de filhos por mulher): 6,4 (1991). **Vida média homens:** 52; **mulheres:** 54 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 1,3 mil hab.; **médicos:** 1 por 10,1 mil hab. (1986). **Gastos com saúde:** 0,2% do PIB (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 72,9% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 2,6 milhões; **professores:** 87,7 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 58,6 mil; **professores:** 3,4 mil (1990/91). **Gastos:** 4,8% do PIB (1989).

● **GOVERNO:** regime militar (desde 30/6/1989). **Constituição:** suspensa em 30/6/1989. **Divisão administrativa:** 9 estados subdivididos em 66 províncias e 281 áreas de governo local. **Regime partidário:** suspenso. **Chefe de Estado e de governo:** gen. Omar Hassan Ahmad al-Bashir (desde 30/6/1989). **Legislativo:** fechado (Assembléia Nacional provisória, com 300 membros).

● **ECONOMIA:** agricultura, 36%; indústria, 14,5%; serviços, 49,5% do PIB (1988/89). **Agricultura:** algodão, sorgo, trigo. **Pecuária:** bovinos, ovinos, caprinos. **Pesca:** 38,8 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia (refino de açúcar, principal), têxtil, cimento, refino de petróleo. **Minerais:** petróleo, mármore, mica, cromita, gipsita, ouro. **Exportações:** US$ 275 milhões; **produtos:** algodão, semente de gergelim, milhete, sorgo, goma árabe (1992). **Importações:** US$ 1,1 bilhão; **produtos:** petróleo e derivados, trigo, máquinas industriais (1992). **Parceiros comerciais:** Grã-Bretanha, EUA, Japão, Alemanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** libra sudanesa (dividida em 1.000 milésimos ou 100 piastras); **cotação para 1 US$:** 135,14 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 10,1 bilhões (1991); **renda per capita:** US$ 400 (1990); **crescimento anual:** 0,3% (1980–1991). **Inflação:** 150% (1992). **Dívida externa:** US$ 15,9 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 8,4 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 63,4; indústria, 4,3%; serviços, 32,3% (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 29,1% (1988–1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 82,5 mil (1992); **Exército:** 75 mil; **Marinha:** 1,5 mil; **Força Aérea:** 6 mil; **outros:** 15-20 mil paramilitares. **Gastos:** 4,1% do PIB (1990).

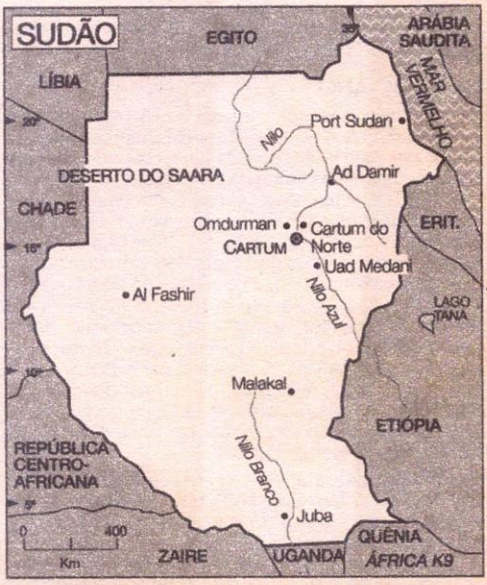
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 6,6 mil km; 59% pavimentados (1985); **nº de veículos:** 173,4 mil; **automóveis:** 116,5 mil (1990). **Ferrovias:** 4,7 mil km (1988). **Portos:** Port Sudan, Saukin. **Linha aérea:** Sudan Airways (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 4,9 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 117 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 338 hab. (1988). **Jornais diários:** 5; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 21 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 210 East 49th St., New York, NY 10017, tel. (212) 421-2680.

HISTÓRIA

A Núbia, ao N do país, foi colonizada pelo Egito antes da Era Cristã. Cristianizados por coptas nilóticos (séc. VI), os núbios foram islamizados pelos árabes (séc. XVI). **Séc. XIX:** unido ao Egito. **1881 – 1885:** a revolta do muçulmano Mahdi libera o maior parte do território. **1898/99:** derrota dos mahdistas; nomeado gov.-geral egípcio aprovado pela Grã-Bretanha. **1936:** condomínio anglo-egípcio pelo tratado Londres-Cairo. **1948:** vitória da autonomista Frente da Independência sobre a Frente Nacional, favorável à união com o Egito. **1956:** independência; proclamação da República. **1958:** golpe do gen. Ibrahim Abud; dissolvido o Parlamento, anulada a Constituição. **1964/65:** manifestações antigovernamentais: renúncia de Abud; eleição da Constituinte; Mohamed Ahmed Magub lidera governo civil de coalizão; guerrilha do Exército de Libertação do Povo Sudanês, de John Garang, dos negros sulistas, contra o governo árabe nortista. **1968:** dissolução da Constituinte; eleições: a nova Assembléia elege o Conselho Supremo, que designa o pres. Ismail al-Azari. **1969:** golpe do cel. Jaafar Mohamed Nimeiri; fim do Conselho Supremo, anulação da Constituição provisória, criação de um Conselho Revolucionário. **1971:** golpe comunista anti-Nimeiri e contragolpe. **1972:** acordo com o Movimento de Libertação do Sudão Meridional, de Joseph Lagu, nomeado general do Exército; fim do estado de emergência e anistia aos rebeldes. **1973:** fracassa complô para matar Nimeiri; nova Constituição; a União Socialista Sudanesa torna-se partido único. **1974:** anistia inclui o ex-1º-min. Sadik Mahdi, do governo al-Azari; eleições para a Assembléia Popular; estado de emergência contra protestos estudantis e tentativas de matar Nimeiri. **1975:** fracassa golpe de oficiais rebeldes (set.); em **1976:** execução dos envolvidos; novo golpe frustrado (jul.); ruptura com a Líbia, nele envolvida. **1977:** anistia parcial. **1979:** apoio às negociações Egito/Israel; repressão aos



que se opõem a elas. **1980**: aproximação com a Etiópia e, em **1981**: com o Egito e os EUA e conseqüente ruptura com a Síria; formado novo Parlamento. **1985**: Nimeiri é deposto pelo min. da Defesa, gen. Abdel Rahman Suar-al-Dahab; Dafalla Djazuli é o 1º-ministro; tentativa fracassada, no N, de derrubar o governo. **1986**: vitória do Partido Umma, de Mahdi; dissolução do Comitê Militar de Transição e transferência de seus poderes executivos para o Conselho de Soberania, presidido por Ahmed Ali Mirgani; criado ministério para negociar a paz com Garang; Mahdi promete rever o acordo com a Líbia e impor a *Sharia* (a lei corânica) ao país (jul.), o que não impede o avanço da guerrilha: tomada de Juba e Wan, capitais de Equatória e Bar-el-Gazal; massacre, por milicianos árabes *rigazat*, de negros *dinka*, suspeitos de apoiar Garang. **1988**: epidemia de fome: 3,5 milhões de pessoas; acordo provisório com o ELPS; congelamento da Sharia: protestos da FNI e confrontos de rua (nov.); fracasso do acordo com a guerrilha; fortalecimento da FNI. **1989**: pressão militar contra a presença da FNI no novo gabinete, protestos dos fundamentalistas, instabilidade: Mahdi é deposto pelo gen. Omar Hassan al-Bashir (30/6). **1990**: fracassa golpe de dois generais de reserva: 20 oficiais são fuzilados; al-Bashir proíbe a ajuda estrangeira (out.), para impedir que caia em mãos de simpatizantes do ELPS; a fome gera greves e protestos (nov.). **1991**: criados três novos ministérios, na tentativa de recuperar a economia (jan.); redivisão do país em 9 estados, 66 províncias e 281 áreas locais, tentando pôr fim à guerra civil; adoção, no N, de novo código penal baseado na *Sharia*; fechamento do min. do Socorro, encarregado do combate à fome, provoca tentativa fracassada de golpe (abr.): vinte oficiais são executados; convocada conferência nacional sobre o futuro do país (29/4 a 2/5); aceita a formação de rede internacional de ajuda contra a fome (abr.); anistia beneficia Mahdi; fracassa mediação da OUA entre o governo e o ELPS (set.); os separatistas Lam Akol e Ryak Meccar rompem com Garang e lutam contra o ELPS (out.); fracassa o cessar-fogo de Nairóbi (24/11), mediado pela Igreja do Quênia; 250 mil refugiados vão para países vizinhos; al-Bachir não participa, em Atlanta, de reunião com Garang, patrocinada pelo ex-pres. Jimmy Carter, pois isso equivaleria a reconhecer o ELPS (dez.). **1992**: o Bureau Internacional de Ajuda a Vítimas de Catástrofes denuncia o extermínio sistemático de negros nuba e a expulsão, para regiões desérticas, de refugiados que afluíram para Cartum (21/2); nomeados os 300 membros da Assembléia Nacional Transitória, destinada a preparar as eleições (24/2); ofensiva contra o ELPS, com apoio da Etiópia, Irã e Líbia: apenas Bol, no S, é retomada e 3 milhões de pessoas ficam em risco de morrer de fome (mar.).

FATOS DO ANO

No remanejamento ministerial de 18/1/1993, o gen. Omar Hassan Ahmed al-Bashir abole umas pastas e cria outras para sanar divergências na cúpula do governo e adequá-lo às metas fixadas pelo FMI e pelo Banco Mundial. Essas organizações, porém, consideram as reformas insuficientes e, em abr., suspendem o financiamento de projetos de infra-estrutura, pois o serviço da dívida externa não foi pago (o país gasta US$ 2 milhões por dia com despesas militares). Já a nomeação do min. do Interior, Abderrahim Mohamed Hussein, da Frente Islâmica Nacional, visa a atenuar a crise aberta pelo líder desse grupo, Hassan Turabi, ao declarar que o Conselho do Comando Revolucionário, presidido por al-Bashir e pelo brig. Zubair Mohamed Saleh, deveria ser dissolvido. O CCR não pode ser dissolvido, diz al-Bashir, pois prepara a descentralização do poder que, em 1994, será dividido com os conselhos regionais.

Extermínio sistemático – A perda do controle do interior – no sul para o Exército Popular de Libertação do Sudão, de John Garang, e, no norte, para o *Nasir*, de Riek Machar, dissidente do EPLS – provoca a repressão violenta dos opositores e, no campo, das comunidades que apóiam os guerrilheiros. Em mar. de 1992, a Anistia Internacional denunciou o extermínio sistemático dos nubas (400 mil vivem, hoje, em campos perto de Cartum e 2 mil foram massacrados, em dez. de 1992, na cidade de Bor). Negociações em Abuja, na Nigéria (26/5/1992), com patrocínio do pres. Ibrahim Babangida, se encerraram, em 5/6, com um comunicado genérico e inconclusivo. A pressão internacional, em todo caso, forçou al-Bashir a revogar a proibição de vôos para o sul, o que impedia o transporte de alimentos às vítimas da fome na região (calcula-se que, entre 1993/94, 6 milhões de pessoas poderão ter o mesmo destino das 60 mil que, durante fev. de 1993, morrem de fome em Parayang, 800 km a sudeste de Cartum).

Em 23/2, recomeçam em Entebbe, Uganda, as negociações entre Garang e al-Bashir – a que Machar não adere, pois prefere acelerar, em Nairóbi, a fusão com um outro grupo de dissidentes do ELPS, dirigido por William Nyuon. É essa aliança, firmada em 5/4, que permite a assinatura de um cessar-fogo com o governo e a promessa de levar adiante conversações realizadas de 7 a 26/5/1992, no Quênia. As discussões com Garang, em Abuja, esbarram, em 19/6/1993, em desacordos sobre a devolução do poder às províncias, e o impasse permanece até o final do ano. Em 13/10, tentando romper o isolamento do país, Turabi visita o papa João Paulo II no Vaticano, discutindo com ele a busca de uma saída negociada para a crise.

Suécia

● **NOME OFICIAL:** Reino da Suécia. **Capital:** Estocolmo. **Nacionalidade:** sueca. **Hino:** *Minha pátria antiga e livre* (1º verso). **Língua:** sueco (oficial); finlandês, lapão (minorias). **Religião:** cristianismo (evangélicos luteranos, 89% – oficial; católicos, 1,7%; judeus, minoria. **Data nacional:** 6/6 (Bandeira).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da Europa. **Área:** 440.945 km². **Limites:** Noruega (N e O); Finlândia (NE); mar Báltico (S e L). **Características:** planície costeira estreita com numerosas ilhas (N); relevo montanhoso (N, NO e O), com vales profundos e lagos glaciais; planaltos escalonados declinando na direção L–O; planícies com numerosos lagos (L e S). **Ponto mais elevado:** Kebnekaise (2.111 m). **Clima:** temperado frio (maior parte); subpolar (N). **Rios principais:** Torne, Lule, Ume, Dal, Indals. **Cidades principais:** Estocolmo (679.400 hab.); Göteborg (432.100); Malmö (234.800); Uppsala (170.700); Linköping (124.400) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 8.673.000 (est.1992); **urbana:** 84% (1990). **Composição demográfica:** suecos, 90,8%; finlandeses, 2,5%; outros, 6,7% (1991). **Crescimento demográfico:** 0,3% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 18%; **15-59:** 59,3%; **mais de 60:** 22,7% (1991). **Densidade (hab./km²):** 19,7 (1992). **Natalidade:** 14,1 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 11 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 5,6 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,9 (1990). **Vida média homens:** 74,4; **mulheres:** 80,2 (1986-90). **Leitos hospitalares:** 1 por 148 hab. (1988); **médicos:** 1 por 320 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 27,2% do orçamento (1992/93).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,2 milhão; **professores:** 130,1 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 272,7 mil; **professores:** 27,5 mil (1989/90). **Gastos:** 10,6% do orçamento (1992/93).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 1º/1/1975. **Divisão administrativa:** 24 municípios e 286 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Trabalhista Social Democrático, Moderado, Liberal, do Centro. **Chefe de Estado:** rei Carl Gustaf (desde 15/9/1973). **Chefe de governo:** 1º-min. Carl Bildt (desde 31/10/1991). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 349 membros eleitos por voto direto para mandatos de 3 anos.

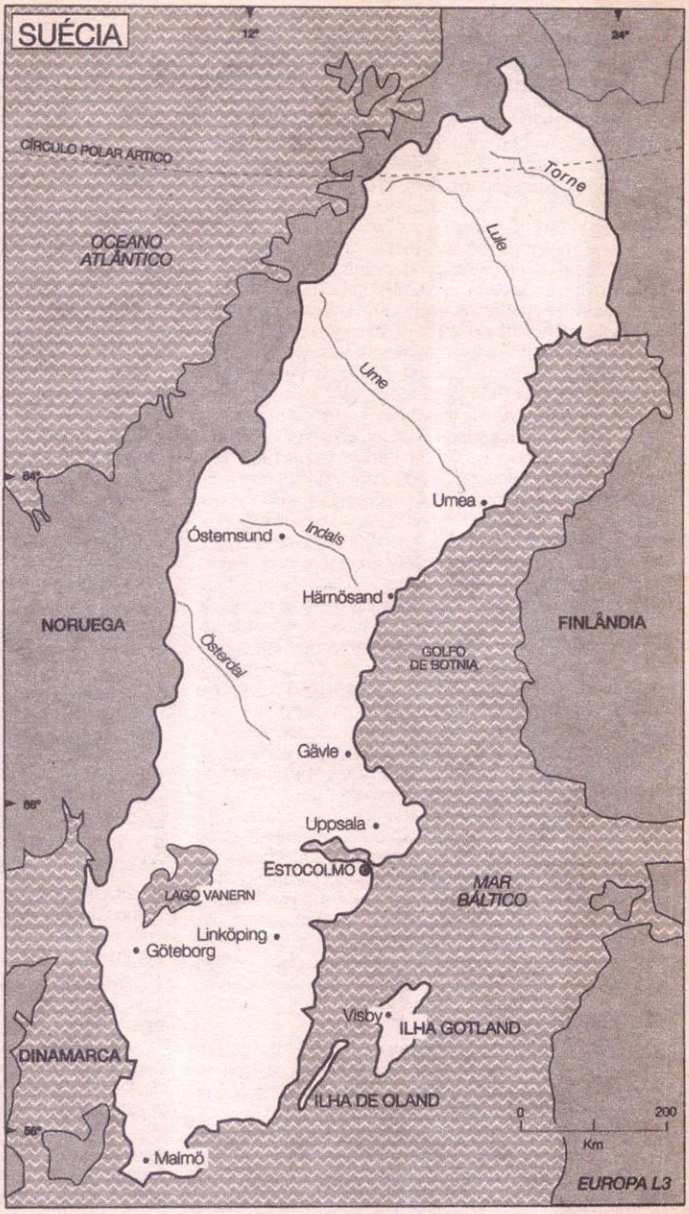
● **ECONOMIA:** agricultura, 2,6%; indústria, 35,2%; mineração, 0,3%; comércio e serviços, 61,9% do PIB (1991). **Agricultura:** cereais, batata. **Pecuária:** aves, suínos, bovinos. **Pesca:** 300 mil t (1990). **Indústria:** equipamentos de transporte (veículos motorizados, principal), alimentícia, papel, química, aparelhos elétricos, impressão e editoração. **Minerais:** minério de ferro, urânio, cobre, chumbo, zinco. **Exportações:** US$ 56 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, madeira, polpa e papel (1992). **Importações:** US$ 49,8 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, combustíveis minerais, alimentos, manufaturados (1991). **Parceiros comerciais:** Alemanha, Grã-Bretanha, Noruega, EUA, Dinamarca, Finlândia. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** coroa sueca (dividida em 100 öre); **cotação para 1 US$:** 7,07 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 218,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 25.490 (1991); **crescimento anual:** 2% (1980-91). **Inflação:** 2,3% (1992). **Força de trabalho:** 4,5 milhões; **distribuição:** agricultura, 3,2%; indústria, 27,5%; comércio, 13,7%; serviços, 53,1%; outros, 2,5% (1991); **mão-de-obra feminina:** 48% (1990). **Desemprego:** 4,8% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 60,5 mil (1992); **Exército:** 43,5 mil; **Marinha:** 9,5 mil; **Força Aérea:** 7,5 mil. **Gastos:** 8% do orçamento (1992/93).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 133,7 mil km; 71% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 3,9 milhões; **automóveis:** 3,6 milhões (1991). **Ferrovias:** 11,2 mil km (1990). **Portos:** Götenborg, Estocolmo, Malmö, Helsingborg. **Linhas aéreas:** SAS, Transwede Airways (vôos internacionais e domésticos); Avia, Swedair (domésticos e regionais); Air Hudik.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 27; **receptores:** 1 por 1,2 hab. (1990). **Emissoras de TV:** 4; **receptores:** 1 por 2,3 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,1 hab. (1983). **Jornais diários:** 177; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 574 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES - Av. das Nações, lote 29, CEP 70419-900, Brasília, DF; tel. (061) 243-1444.



HISTÓRIA

Os suiones, do lago Maralen, que no séc. I d.C. já possuíam frota poderosa e Exército regular, conquistaram, no séc. VI, os gotar, do S, fundindo-se a eles. Os navegadores viking expandiram-se da Rússia até o mar Negro (séc. IX–XII) e, unindo-se a dinamarqueses e noruegueses, incursionaram pela Europa Ocid. e pelas ilhas britânicas. **829:** cristianização pelo monge franco Sto. Ansgar. **1150 – 1160:** eliminação do paganismo por Eric IX, que faz cruzada contra a Finlândia pagã, anexando-a. **1319:** união à Noruega por Manus VII. **1397:** união com a Dinamarca e a Noruega, sob a rainha dinamarquesa Margrete, para enfrentar a Liga Hanseática. **1523 – 1560:** Gustav Eriksson (o rei Gustavo I) funda a dinastia dos Vasa, rompe com a Dinamarca e a Noruega e funda a Igreja Luterana Sueca. **1611 – 1632:** grande potência sob Gustavo II: expansão do território em guerras contra a Rússia e a Polônia, e, na Guerra dos Trinta Anos, contra os Habsburgo. **1648:** Paz de Westfália: aquisição de territórios alemães; os reis suecos tornam-se princ. do Sacro Imp. Romano. **1700:** Grande Guerra do Norte: Carlos XII contra a Rússia, Polônia e Dinamarca. **1709:** invasão russa; derrota para Pedro, o Grande, na batalha de Poltava; até **1721:** declínio como grande potência. **1805 – 1809:** participa da aliança anti-Napoleão; perde territórios alemães para a França, e finlandeses para a Rússia; queda

de Gustavo IV; Monarquia constitucional. **1813/14**: o exmal. francês Jean Bernadotte, escolhido rei, comanda aliança anti-Napoleão e obriga a Dinamarca a ceder-lhe a Noruega; em **1818**: é coroado como Carlos XIV e declara a neutralidade. **1905**: dissolução pacífica da união com a Noruega. **1920**: primeiro governo social-democrata. **1939 – 1945**: embora neutro, o país é forçado a permitir a passagem das tropas nazistas por seu território; mas asila fugitivos do nazismo e permite atividades dos líderes da Resistência de países ocupados. **1969**: reconhecimento do Vietnã do Norte: crise diplomática com os EUA; o 1º-min. Tage Erlander é substituído por Olof Palme. **1972**: críticas à intervenção no Vietnã: ruptura com os EUA. **1973**: o Chile expulsa o emb. Harald Edelstam, que deu asilo a refugiados, acusando-o de interferência em assuntos internos (9/12). **1974**: reatamento com os EUA. **1975**: nova Constituição; reatamento com Moçambique; reconhecimento do governo provisório do Vietnã. **1976**: vitória do centrista Thorbjörn Fälldin. **1981**: encalhe, junto à base de Karlskrona, de submarino soviético que entrou ilegalmente em águas suecas: tensão com a URSS. **1982**: vitória social-democrata: Palme retorna (set.). **1983**: retirada do emb. em Moscou devido a novos incidentes com submarinos soviéticos. **1984**: aprovado fundo para a compra, por trabalhadores, de ações das suas empresas: protestos dos empresários. **1985**: greves contra a política de reajuste salarial. **1986**: assassinato de Palme (28/8), sucedido por Ingvar Carlsson (12/3). **1989**: Christian Petterson, condenado à pena capital pela morte de Palme (27/7), é posto em liberdade: havia irregularidades em seu julgamento. **1990**: o Parlamento derruba o programa econômico de Carlsson, ele renuncia, mas é reconduzido. **1991**: o adiamento na desativação da energia nuclear, a reforma fiscal e a proposta de um pacto voluntário de contenção de salários derrotam os social-democratas: entra coligação conservadora dos moderados, centristas, liberais e democratas-cristãos (15/9), liderada por Carl Bildt, que apresenta programa de redução no imposto de renda e gastos públicos, e de entrada na CEE; redução de impostos, privatização de 35 estatais e fim das restrições ao capital estrangeiro. **1992**: cortes no seguro-saúde, nos subsídios à habitação, nos gastos com a defesa (jan.) e outros benefícios sociais (abr.); descobertas escutas clandestinas na embaixada em Moscou (20/8): tensão com a Rússia; pacto Bildt/Carlsson para a adoção de cortes que atingem as pensões dos aposentados (set.).

FATOS DO ANO

Falando ao *Riksdag* (o Parlamento), em 11/1/1993, a min. das Finanças, Anne Wibble, descreve alarmante quadro recessivo: o déficit previsto para o ano fiscal que termina em 30/6 é de US$ 26,8 bilhões, estando os rombos maiores na saúde e serviços sociais (27,2% do total) e na educação (10,6%). Para reduzi-lo, anuncia Wibble, serão cortadas verbas, no valor de US$ 2,27 bilhões, para o sistema previdenciário e a ajuda ao exterior. Serão fechadas representações diplomáticas e comerciais e desativado um projeto de usina para a produção de energia nuclear. Desempregados, vítimas de acidentes de trabalho, estudantes e aposentados perderão muitos dos benefícios que recebiam. As despesas do Estado devem baixar 10%; mas a receita cairá 6% devido à menor arrecadação – o que manterá, em 1993/94, o déficit orçamentário de 162,300 milhões de coroas. Por mais polêmico que seja, o plano Wibble é aprovado, em 13/3, por 172 votos contra 154 e 23 abstenções.

A não desvalorização da coroa em jun. de 1993 é o primeiro sinal de estabilização. Em set., após avaliação do FMI de que o pior já passou, o governo tem esperanças de derrotar, nas legislativas de 1994, os oposicionistas social-democratas, do ex-1º-min. Ingvar Carlsson, que pedem uma política de estímulo ao consumo. Há indícios de que o setor industrial vai crescer 2% até o final do ano; e as exportações aumentaram 15% em jan.-set. de 1993. Mas a recessão deve permanecer: o consumo, que caiu mais 4% até o final de 1993, continuará negativo em 1994. Em fev. de 1993, a min. do Exterior, baronesa Margaretha af Ugglas, inicia negociações para o ingresso na CEE; e em jun., o governo promete ajuda humanitária de US$ 6,4 milhões ao Iraque, em troca da libertação de três suecos presos em Bagdá.

Suíça

● **NOME OFICIAL:** Confederação Helvética. **Capital:** Berna. **Nacionalidade:** suíça. **Hino:** Salmo Suíço (título). **Língua:** alemão, francês e italiano (oficiais); romanche (cantão de Grisons). **Religião:** cristianismo (católicos, 47,6%; protestantes, 44,3%); judaísmo, 0,3%. **Data nacional:** 1º/8 (Dia da Suíça).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Europa. **Área:** 41.293 km². **Limites:** Alemanha (N); Liechtenstein, Áustria (L); Itália (S); França (O). **Características:** cadeia dos Alpes de SE a SO (58% do território), cortada pelos vales profundos do Ródano e Reno; montes Jura (SO a N) (12% do território); planalto com colinas férteis entre as caeiras; mais de 1.000 lagos. **Ponto mais elevado:** pico Dufour (4.634 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Reno, Ródano, Aar, Inn, Tessino. **Cidades principais:** Zurique (341.300 hab.); Basiléia (171.000); Genebra (167.200); Berna (134.600); Lausanne (123.200) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 6.911.000 (est.1992); **urbana:** 59,7% (1991). **Composição demográfica:** alemães, 63%; franceses, 17,6%; italianos, 9,4%; espanhóis, 1,7%; iugoslavos, 2,1%; romenos, 0,8%; outros, 5,4% (1990). **Crescimento demográfico:** 0,3% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 17,2%; **15-59:** 63,4%; **mais de 60:** 19,4% (1991). **Densidade (hab./km²):** 167,4 (1992). **Natalidade:** 12,6 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 6,8 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,6 (1990). **Vida média homens:** 74; **mulheres:** 80,8 (1989/90). **Leitos hospitalares:** 1 por 117 hab.; **médicos:** 1 por 317 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 22,8% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 1 milhão (1991/1992). **Alunos no ensino superior:** 143,2 mil (1991/92). **Gastos:** 7,5% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República federativa. **Data da Constituição em vigor:** 29/5/1874 (1 emenda). **Divisão administrativa:** 20 cantões e 6 subcantões. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Radical-Democrático, Social-Democrático, Cristão-Democrático do Povo, do Povo, Verde. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Adolf Ogi (para 1993). **Legislativo:** bicameral – Conselho dos Estados, com 46 membros (2 para cada cantão e 1 para cada subcantão); Conselho Nacional, com 200 membros eleitos por voto direto, para mandatos de 3 a 4 anos e de 4 anos, respectivamente.

● **ECONOMIA:** agricultura, 3,6%; indústria, 35,5%; comércio, 17,4%; serviços, 43,5% do PIB (1985). **Agricultura:** beterraba, batata. **Pecuária:** bovinos, suínos, ovinos. **Pesca:** 4,2 mil t (1990). **Indústria:** engenharia industrial, construção de máquinas, têxtil, alimentícia (chocolate, principal), química, farmacêutica. **Mineral:** sal-gema. **Exportações:** US$ 61,3 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, farmacêuticos, químicos, instrumentos de precisão, têxteis, vestuário (1991). **Importações:** US$ 66,3 bilhões; **produtos:** energia, máquinas industriais, veículos, químicos, manufaturas de metal (1991). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (Alemanha, principal) e do Tratado Europeu de Livre Associação. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco suíço (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 1,47 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 225,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 33.150 (1991); **crescimento anual:** 2,2% (1980–1991). **Inflação:** 4% (1992). **Força de trabalho:** 3,6 milhões (inclui 929,7 mil estrangeiros); **distribuição:** agri-

cultura, 5,5%; indústria, 34,4%; comércio e serviços, 60,1%; **mão-de-obra feminina:** 38,3% (1991). **Desemprego:** 2% (1991/92).

● **DEFESA: Efetivo total:** 625 mil quando mobilizada. **Gastos:** 17,5% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 71,1 mil km (1990); **nº de veículos:** 3,3 milhões; **automóveis:** 3 milhões (1990). **Ferrovias:** 5 mil km (1989). **Portos:** ao longo do rio Reno. **Linhas aéreas:** Swissair, Crossair (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 528; **receptores:** 1 por 2,6 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 3; **receptores:** 1 por 2,8 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 11 hab. (1990). **Jornais diários:** 106; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 458 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 41, quadra 811, CEP 70448-900, Brasília, DF; tel. (061) 244-5500.

HISTÓRIA

Os romanos conquistaram, em 580 a.C., o território dos celtas helvéticos, ali permanecendo até o séc. III. A região foi invadida por alamanos e burgúndios (séc. V); mais tarde, pelos francos. Dividida entre a Suábia e a Borgonha Transjurana (séc. IX), recuperou a unidade no Sacro Imp. Romano (1033). **1291:** a liga dos cantões de Schwyz, Uri e Unterwalden defende o país contra os Habsburgo. **1315:** vitória da liga no desfiladeiro de Morgarten. **1386 – 1388:** adesão de cinco outros cantões: expulsão dos austríacos; criada confederação. **1499:** independência concedida pelo imp. Maximiliano I. **1519:** Huldreich Zwingli, vigário em Zurique, inicia a sua Reforma. **1541:** João Calvino introduz o protestantismo em Genebra; criação de um Estado teocrático. **1648:** Paz de Westfália (fim da Guerra dos Trinta Anos): independência definitiva. **1798 – 1803:** a Revolução Francesa cria a República Helvética, controlada por Paris. **1815:** Congresso de Viena: neutralidade perpétua. **1937:** Acordo da Paz no Trabalho, entre sindicatos patronais e operários, elimina as greves. **1967 – 1970:** governo da coalizão social-democrata/radical/católica-conservadora/popular. **1971:** as mulheres recebem o direito de votar em eleições federais e de ocupar cargos no governo. **1978:** plebiscito cria o 23º cantão, do Jura. **1982:** adesão ao FMI e ao Banco Mundial. **1984:** plebiscito rejeita o fim do sigilo bancário; adotadas restrições à compra de propriedades por estrangeiros. **1986:** plebiscito veta a adesão à ONU. **1987:** aprovados critérios mais rigorosos para o visto a refugiados estrangeiros (5/4). **1989:** congelada a construção da 6ª usina nuclear em Kaiseraugst, perto de Basiléia, por pressão de movimentos ecológicos; rejeitada proposta de abolir as Forças Armadas; empresas envolvidas em lavagem do dinheiro de drogas provocam a queda da min. da Justiça, Elisabeth Koop. **1990:** suspensão, por dez anos, dos projetos de novas centrais nucleares. **1991:** redução, de 20 para 18 anos, da idade mínima para votar (3/3); concessão do voto feminino ao cantão de Appenzell Innerrohden, o único a tê-lo recusado em 1971 (27/11); greve feminina, organizada pela Federação dos Sindicatos, reivindica paridade salarial com os homens (jul.); eleições para o Conselho Nacional (20/10): crescimento dos partidos de extrema direita (o dos Automobilistas, de Jürg Scherer, a Liga de Ticino e o dos Democratas Suíços, de Rudolf Keller); o socialista René Felber é o pres. da Confederação (4/12). **1992:** plebiscito aprova (55,8%) a adesão ao FMI e ao Banco Mundial (17/5).

FATOS DO ANO

A renúncia do chanceler René Felber, em jan. de 1993, por motivo de saúde, cria o impasse na coalizão chefiada por Adolf Ogi, do Partido Popular: Christiane Brunner, a candidata dos social-democratas, a quem pertence essa pasta, é rejeitada pelos democratas-cristãos (mar.) em favor de Francis Matthey, também do PSD – que recusa o cargo. Como solução de compromisso, o PSD propõe Ruth Dreifuss, de posições políticas semelhantes às de Brunner; e ela se torna a segunda mulher a ter sido eleita, na Suíça, para um cargo no Conselho Federal. Mas o PDC não quer uma mulher na chefia da política externa. Em mai., impõe seu militante Flavio Cotti como chanceler e Dreifuss passa a min. do Interior. Quanto a Brunner, em jun. ela é inocentada de acusações de corrupção feitas, no início do ano, pelo deputado socialista Jean Ziegler, de Genebra, que por isso é expulso de seu partido.

Crise com a Turquia – Depois do assassinato de um cidadão turco (24/6), durante manifestação de emigrados curdos diante da embaixada da Turquia em Berna, as autoridades de Ancara expulsam o emb. Paul-André Ramseyer e seus conselheiros Jean-Pierre Baumeyer e Heinrich Maurer (24/8); mas o governo suíço não adota represálias contra o emb. turco Kaya Toperi.

Em 1993 continua um leve declínio do PNB: a recessão vem aumentando desde 1991 e o desemprego, em jan. de 1993, chega a 4,6%. Reagindo a isso, o governo coloca em prática, a partir de mar., programas de revitalização econômica e convoca os eleitores para um plebiscito (7/3) em que 72,4% dos eleitores concordam com a reabertura dos cassinos. O programa prevê ainda estímulo ao comércio, equiparação dos preços aos de outros países europeus, relativa liberalização da política sobre trabalhadores imigrantes e cortes aos subsídios agrícolas. Mas o ingresso na Área Econômica Européia, rejeitado em 6/12/1992, será inevitável para que a indústria suíça ganhe livre acesso aos mercados da CEE. Em relação aos bancos, porém, a não adesão foi vantajosa: o movimento, em mai. de 1993, é 67% mais alto do que em igual período do ano anterior. Um indício do fortalecimento do setor bancário é o aumento de conglomerados como o *CS Holding*, que, no início de 1993, compra, por US$ 1 bilhão, o *Volksbank*, quinta instituição bancária do país.

No plebiscito de 6/6/1993, 57,2% dos eleitores aprovam a modernização do armamento defensivo e 55,3% opõem-se à iniciativa do *Groupe pour une Suisse Désarmée* de limitar a quarenta o número de centros de treinamento para militares. O ponto de vista de que, mesmo neutro, o país não deve descuidar-se da defesa prevalece, em 10/6/1993, quando a Câmara Baixa aprova, por 106 votos contra dezoito, a participação de soldados suíços nas Forças de Paz da ONU.

Suriname

• **NOME OFICIAL:** República do Suriname. **Capital:** Paramaribo. **Nacionalidade:** surinamesa. **Língua:** holandês (oficial); hindustani, javanês, inglês, francês, crioulo de matiz francês. **Religião:** cristianismo (católicos, 26,1%; protestantes, 18%); hinduísmo, 26%; islamismo, 18,6%. **Datas nacionais:** 25/2 (Revolução); 25/11 (Independência).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** nordeste da América do Sul. **Área:** 163.265 km². **Limites:** oceano Atlântico (N); Guiana Francesa (L); Brasil (S); Guiana (O). **Características:** colinas com savanas (75% do território); planície fértil (N); florestas com algumas savanas (interior). **Ponto mais elevado:** pico Juliana (1.280 m). **Clima:** equatorial chuvoso. **Rios principais:** Suriname, Courantyne, Coppename. **Distritos principais:** Paramaribo (192.100 hab.); Nieuw Nickerie (6.078); Meerzorg (5.335) (1980). **Hora local** (em relação a Brasília): -30min.

• **POPULAÇÃO:** 404.000 (est.1992); **urbana:** 47% (1990). **Composição demográfica:** indo-paquistaneses, 37%; crioulos do Suriname, 31,3%; javaneses, 14,2%; saramacas, 8,5%; ameríndios, 3,1%; chineses, 2,8%; holandeses, 1,4%; outros, 1,7% (1983). **Crescimento demográfico:** 1,7% (1988). **Faixas etárias: 0-14:** 33,9%; **15-59:** 60%; **mais de 60:** 6,1% (1991). **Densidade (hab./km²):** 2,5 (1992). **Natalidade:** 22,5 por 1.000 (1991. **Mortalidade:** 6,4 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 28,6 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,6 (1990–1995). **Vida média homens:** 67,1; **mulheres:** 72,1 (1985-90). **Leitos hospitalares:** 1 por 200 hab.; **médicos:** 1 por 1,8 mil hab. (1985).

• **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 5,1% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 89,8 mil (exclui ensino profissionalizante); **professores:** 4,6 mil (1991/92). **Alunos no ensino superior:** 2,2 mil (1989/90); **professores:** 187 (1986/87). **Gastos:** 9,7% do PIB (1990).

• **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 31/3/1987. **Divisão administrativa:** 9 distritos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Nova Frente, Democrático Nac., Alternativa Democrática. **Chefe de Estado:** pres. Ronald Venetiaan (desde 7/9/1991), **Chefe de governo:** vice-pres. e 1º-min. Jules Adjodhia (desde mai. 1991). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 51 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 11,1%; indústria, 21,3%; mineração, 2,7%; comércio e serviços, 64,9% do PIB (1991). **Agricultura:** arroz, banana, cana-de-açúcar, frutas cítricas, banana-da-terra, coco, milho, verduras e legumes, madeira. **Pecuária:** aves, bovinos, caprinos. **Pesca:** 4 mil t (1990). **Indústria:** refino e fundição de bauxita, alimentícia, fumageira, bebidas, material de construção. **Minerais:** bauxita, minério de ferro, manganês, cobre, níquel, platina, ouro, caulim, petróleo. **Exportações:** US$ 471,6 milhões; **produtos:** bauxita e derivados, camarão, arroz, banana (1990). **Importações:** US$ 471 milhões; **produtos:** equipamentos industriais e de transporte, combustíveis e lubrificantes (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Noruega, Holanda e Antilhas Holandesas, Trinidad e Tobago, Brasil. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** guilder florim do Suriname (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,79 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,4 bilhão; **renda per capita:** US$ 3.050 (1991); **crescimento anual:** – 2,6% (1980–1990). **Inflação:** 26% (1991). **Dívida externa:** US$ 80 milhões (1989). **Força de trabalho:** 99,2 mil; **distribuição:** agricultura, 1,7%; indústria, 21,4%; serviços, 77,9% (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 29% (1988–1990). **Desemprego:** 15,6% (1989).

• **DEFESA:** **Efetivo total:** 1,8 mil (1992); **Exército:** 1,4 mil; **Marinha:** 250; **Força Aérea:** 150. **Gastos:** 4,1 % do PIB (1990).

• **TRANSPORTES:** **Rodovias:** 9,2 mil km; 29% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 51,2 mil; **automóveis:** 36,8 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Paramaribo e ao longo dos rios Marowijne e Courantyne. **Linhas aéreas:** Gonini Air Service (vôos internacionais e domésticos); Gum Air (charters).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 9; **receptores:** 1 por 1,7 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 10 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 8,4 hab. (1990). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 43 (1991).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 07, cj. 01, casa 06, CEP 70457-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-1210.

HISTÓRIA

Os primeiros exploradores (séc. XVI – XVII) encontraram ali índios arauaques, tupis e caraíbas. **Fim do séc. XVII:** colonização holandesa. **Séc. XVIII:** holandeses e britânicos disputam sua posse. **1815:** torna-se a Guiana Holandesa. **1828 – 1848:** Guiana e Antilhas Holandesas ficam sob o governo de Paramaribo. **1863:** abolição da escravatura; os ex-escravos mineram a bauxita. **1873:** imigração indiana e, em **1890:** javanesa. **1917:** cancelamento do acordo com a Grã-Bretanha sobre imigração indiana. **1900 – 1950:** substituição das grandes plantações por pequenas propriedades; troca de cacau, café, cana-de-açúcar e algodão por frutas e arroz. **1954:** autonomia interna; adesão ao MCE como território associado de Ultramar. **1967 – 1970:** litígio fronteiriço com a Guiana Inglesa. **1975:** independência com o nome atual. **1980:** deposição do 1º-min. Henck Arron e do pres. John Ferrier; Chin-A-sen acumula os dois cargos; o maj. Desi Bouterse afasta os membros da esquerda do Conselho Militar. **1981:** fracassa golpe do ex-vice-pres. André Haakmat; Bouterse depõe Chin-A-sen; fracassa golpe do ten. Surendre Rambocus e do sarg. Wilfried Hawker; este último é executado. **1983:** expulsão de oitenta cubanos, em apoio à intervenção dos EUA em Granada. **1985:** expulsão de trabalhadores guianenses. **1987:** retirada do emb. holandês Dirk Van Houten, acusado de interferência em assuntos internos (12/1); coalizão oposicionista ganha quarenta das 51 cadeiras do Parlamento. **1988:** fim da ditadura de Bouterse, que permanece no comando das Forças Armadas; o ex-min. Ramseuak Shankar é o presidente. **1989/90:** fracassam tentativas de prender Ronnie Brunswijk, do guerrilheiro Comando Rebelde da Selva, com o qual é assinado acordo de trégua não reconhecido pelo Exército; renúncia de Bouterse, que alega estar sendo desprestigiado pelo Executivo; deposição de Shankar pelo ten.-cel. Iwan Graanoogst (24/12); John Kraag é o presidente provisório (29/12). **1991:** Acordo de

Drietabbetje, entre Bouterse e Brunswijk (26/3), de trégua durante as eleições, extensivo aos guerrilheiros do Angula e Mandela, pró-direitos dos negros, e Tucayana, pró-direitos dos índios (25/4); a oposicionista Nova Frente para a Democracia e o Desenvolvimento ganha trinta das 51 cadeiras (25/5); seu líder, Ronald Venetiaan, é o presidente (16/9); corte de 50% no orçamento da Defesa e redução de 2/3 nas Forças Armadas (17/10). **1992**: emenda à Constituição reduz os poderes presidenciais (mar.); abolição do Conselho de Estado, controlado pelo Exército (abr.); em troca da promessa estrangeira de ajuda, os grupos guerrilheiros aceitam a suspensão das hostilidades (5/5); acordo de paz com o ESL/CS e os tucaianos (8/5); acordo de cooperação com a Holanda de US$ 720 milhões (18/6); o Angula e o Mandela aderem ao acordo de 8/5 em troca do recrutamento de seus homens pela Força Policial do Interior; desmobilização dos guerrilheiros, supervisionada pelo Brasil e pela Guiana, em nome da ONU (17/8).

FATOS DO ANO

1993 começa cheio de apreensão. O ex-ditador Desi Bouterse renunciara, em 20/11/1992, ao com. das Forças Armadas, por discordar do pres. Ronald Venetiaan, que permitira um desfile no 10º aniversário do massacre de quinze oposicionistas à ditadura militar. O medo se explica: em dez. de 1990, Bouterse também renunciou a esse cargo antes de dar seu segundo golpe; e, agora, além disso, denunciado por envolvimento em corrupção e tráfico de drogas, tem interesse em voltar ao poder para adquirir imunidade. Sua substituição polariza a vida política até abr., quando Venetiaan indica o cel. Arthur Gorré, ex-assessor do min. da Defesa Siegfried Gilds. Essa nomeação desagrada aos oficiais ligados a Bouterse e ele volta a fazer ameaças de golpe. Em 12/5, com apoio da Holanda, a Assembléia Nacional ratifica a escolha de Gorré, por 41 votos a 9, e exige a renúncia do alto comando, fiel a Bouterse. Os comand. Ivan Graagnogst, Badresein Sital, Chas Mijnals e Etienne Boerenvoeén não questionam a decisão: em 13/5, anunciam sua demissão coletiva.

Manobras suspeitas – Outro motivo de temor é o de que as manobras conjuntas dos EUA com a vizinha Guiana preparem uma invasão do país. Mas Washington dá a Paramaribo garantias de que o treinamento na selva relaciona-se com o combate ao tráfico de drogas. Em 15/5, embora desvinculando-o da movimentação de tropas na fronteira, a Holanda envia material militar à sua ex-colônia e promete uma ajuda de US$ 720 milhões – cujo pagamento é ameaçado, em ago., pela descoberta de novos escândalos de corrupção envolvendo Bouterse, seu grupo e Henk Goedschalk, diretor do Banco Central, que Venetiaan demite, em 20/8.

Tadjiquistão

● **NOME OFICIAL:** República do Tadjiquistão. **Capital:** Dushanbê. **Nacionalidade:** tadjique. **Língua:** tadjique (oficial); russo. **Religião:** islamismo (sunitas, maioria); cristianismo (ortodoxos); judaísmo. **Data nacional:** 9/9 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da Ásia. **Área:** 143.100 km². **Limites:** Quirguízia (N); Uzbequistão (O); China (L); Afeganistão (S). **Características:** território montanhoso; montes Tien Shan (N e centro) e Pamir (SE); vales com numerosos lagos (SE). **Ponto mais elevado:** pico Comunista (7.495 m). **Clima:** árido frio (maior parte); de montanha (SE). **Rios principais:** Pyandzh, Zeravshen, Vakhsh. **Cidades principais:** Dushanbê (582.400 hab.); Khodjent (164.500); Kurgan-Tiurbê (58.400); Ura-Tiurbê (47.700) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): +7h.

● **POPULAÇÃO:** 5.568.000 (est.1992); **urbana:** 31,4% (1991). **Composição demográfica:** tadjiques, 62,3%; uzbeques, 23,5%; russos, 7,6%; tártaros, pamiris, quirguízes, ucranianos, alemães (minorias) (1989). **Crescimento demográfico:** 3,2% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 42,9%; 15-59: 50,9%; mais de 60: 6,2% (1989). **Densidade (hab./km²):** 38,9 (1992). **Natalidade:** 38,8 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 40,7 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,1 (1989). **Vida média homens:** 67; **mulheres:** 72,1 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 93 hab.; **médicos:** 1 por 362 hab. (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 7% (1992). **Alunos de 1º grau:** 1,3 milhão (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 65,6 mil (1989/90).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). **Data da Constituição em vigor:** nov. de 1992. **Divisão administrativa:** 19 regiões e a cidade de Dushanbê. **Regime partidário:** unipartidarismo; Partido Comunista. **Chefe de Estado:** pres. Imamáli Sháripovitch Rakhmônov (desde 19/11/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Abdumálik Abdúllodjonov (eleito em 10/12/1992). **Legislativo:** unicameral – Soviet Supremo, com 230 membros.

● **ECONOMIA:** agricultura, 38,3%; indústria, 43,2%; comércio e serviços, 18,5% do PIB (1990). **Agricultura:** algodão, grãos, verduras e frutas. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos. **Indústria:** extração de minerais, geração de energia, alimentícia, têxtil, tapeçaria. **Minerais:** alumínio, ferro, chumbo, mercúrio, estanho, petróleo, gás natural. **Exportações:** US$ 1,6 bilhão; **produtos:** alumínio, algodão cru, têxteis, alimentos (frutas e verduras), seda, mármore (1990). **Importações:** US$ 2,4 bilhões; **produtos:** energia, bens de consumo, alimentos (1990). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI, Alemanha, países do leste europeu, Cuba, Afeganistão, Paquistão, Irã, China. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** rublo (dividido em 100 copeques); **cotação para 1 US$:** 412,00 (31/12/1992). **Produto Material Líquido (PML):** US$ 5,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.094 (1991); **crescimento anual do PML per capita:** – 8,7% (1980–1990). **Inflação:** 102,9% (1991). **Dívida externa:** US$ 495 milhões (1991). **Força de trabalho:** 1,9 milhão; **distribuição:** agricultura, 42,9%; indústria, 21,8%; comércio, 7,5%; serviços, 27,8%; **mão-de-obra feminina:** 39% (1990). **Desemprego:** 2% (1990).

● **DEFESA:** em formação; **outros:** 6 mil (tropas da CEI). **Gastos:** 8,3% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 13,4 mil km; 93% pavimentados (1990); **nº de automóveis:** 209,1 mil (1988). **Ferrovias:** 891 km (1990). **Portos:** Termez, Sarava, Jilikulam.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 6,2 hab. (1989). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 6,6 hab. (1989). **Linhas telefônicas:** 1 por 19,6 hab. (1989). **Jornais diários:** 74; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 298,2 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 136 East 67th Street, New York, NE 10021; tel. (212) 472-7040.

HISTÓRIA

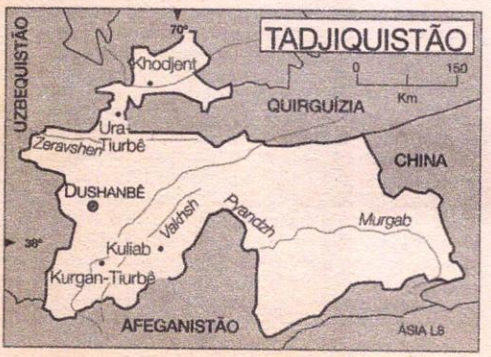
De origem persa, os tadjiques estiveram sob domínio persa (séc. V – VII), árabe (séc. VIII – IX) e turco (séc. X em diante) nos vales de Sirdariá e do rio Amu-Dariá. Até a metade do séc. XVIII, ficaram sob controle do emirado de Bukhara, vassalo otomano. Conquistado pelos afeganes (1750), Bukhara foi gradualmente retomado pela Rússia (1860–1870), que colonizou os vales de Zeravshân e Ferganá. **1868**: Bukhara passa a protetorado russo. **1920**: criada a República soviética de Bukhara. **1921**: Dushanbê e Kuliab, resistentes ao socialismo, são ocupadas pelo Exército Vermelho. **1922/23**: a URSS sufoca a revolta dos basmachi; mas seu líder, Ibrahim Bek, continua a guerrilha até 1931, a L de Bukhara. **1924**: República autônoma dentro do Uzbequistão. **1925**: o Pamir torna-se a Província autônoma do Gorno-Badaquistão. **1929**: Bukhara, Samarcanda, Khodjent (ex-Leninabad) e o Pamir são unificados como uma República soviética. **1928/29**: expurgos dos que se opõem à coletivização compulsória da agricultura. **1989**: choques com

a comunidade quirguiz, que deseja ser anexada pela Quirguízia; primeiras manifestações autonomistas. **1990**: independência unilateral (24/8). **1991**: o pres. Kakhár Makhkámov, que apoiou o golpe contra Gorbatchóv, renuncia; sucede-o Kadreddín Aslônov, pres. do Soviete Supremo (ago.); independência formal (9/9); Aslônov bane o PC: choque com os parlamentares comunistas; é substituído por Rákhman Nábiev, ex-sec.-geral do PC (set.), que cancela o banimento; estado de emergência; campanha de oposição do Partido Democrático, de Shádman Iussúpov, do *Rástokhez* (Renascimento), de Takhír Abduldjabórov, e do Renascença Islâmica, fundamentalista: Nábiev suspende o PC, cancela o estado de emergência (6/10), renuncia para candidatar-se à presidência e é eleito (24/11), com 57% dos votos; adesão à CEI (dez.). **1992**: o 1º-min. Izatulá Khaiêiev, doente, é substituído por Akbár Mirzóiev (jan.); o pres. do Soviete Supremo, Sarfáli Kendjáiev, ordena a prisão do pref. de Dushanbê, Máksud Ikrámov, por corrupção (mar.); a oposição exige a libertação de Ikrámov (abr.), cerca o Parlamento, toma dezoito deputados como reféns: Kendjáiev renuncia (21/4); mas Nábiev o nomeia chefe do Comitê para a Segurança do Estado, obtém do Soviete o reforço de seus poderes (30/4) e recoloca Kendjáiev em seu antigo cargo; a oposição toma o palácio presidencial, Nábiev refugia-se no Parlamento, decreta o estado de emergência, depois esconde-se no prédio da KGB (mai.); formados coalizão com oito ministros oposicionistas (11/5) e Legislativo transitório; nabievistas matam 180 pessoas no reduto islâmico de Kurgân-Tiurbê, no S (mai.); em represália, oposicionistas invadem o palácio, fazendo 32 reféns, e substituem Nábiev, interinamente, por Gáidar Iskandárov (8/9); tropas nabievistas, dirigidas por Kendjáiev, atacam Dushanbê (24/10) e matam centenas de pessoas; mas são forçadas a se retirar (26/10).

FATOS DO ANO

Se o pres. Borís Iéltsin, da Rússia, é o primeiro a reconhecer, em fev. de 1993, o governo do ex-comunista Imamáli Sháripovitch Rakhmônov, é porque lhe interessa ver instalados, na Ásia Central, regimes que sirvam de barreira à expansão do fundamentalismo islâmico a partir do Irã e do Afeganistão. Mas é instável um governo saído da guerra civil contra os partidários do ex-pres. Rákhman Nábiev, derrubado em set. de 1992. Embora o ataque de 24/10/1992 a Dushanbê deixasse 600 mortos, os rebeldes foram repelidos pela 201ª Divisão Blindada russa. Mas esse apoio é insuficiente para pacificar uma região onde cerca de cinqüenta exércitos particulares se defrontam. O mais violento é o de Sangák Sáparov, que promete restaurar o comunismo no Tadjiquistão e também na Rússia. A invasão de Dushanbê por sua tropa (12/12) faz 300 mil pessoas fugirem para o Afeganistão – entre elas o *kazi* (juiz supremo) Akbar Turajônzoda, líder islâmico substituído, em fev., pelo mais manipulável *mufti* Fatkhúllo Sharífov.

Sáparov troca o pres. interino Gáidar Iskandárov por Rakhmônov. Mas em 30/3, desentendendo-se com Faizáli Sáidov, chefe de um exército particular em Kurgan-Tiurbê, Sáparov o mata e é imediatamente fuzilado por seus guarda-costas. Sua morte e a de Nábiev, em 12/4, "de causas naturais", deixam muito debilitado Rakhmônov, que, na verdade, não passava de um títere nas mãos dos dois. O vale de Garm e a região do Gorno-Badakhshan não reconhecem sua autoridade e proclamam-se Repúblicas islâmicas autônomas; e 6 mil adeptos de Iskandárov fugiram para o Afeganistão, onde estão sendo armados por grupos locais. Denúncias de Cabul (16/6) de que havia escaramuças, em seu território, entre rebeldes tadjiques e forças russas pró-Rakhmônov levam a Dushanbê o min. russo da Defesa, gen. Pavel Grachóv, para orientar a 201ª Divisão Blindada e os 3.500 guardas de fronteira. A reunião dos chefes de Estado da região em Moscou (7/8) não chega a conclusão nenhuma sobre meios de pacificação.



Tailândia

● **NOME OFICIAL:** Reino da Tailândia. **Capital:** Bangcoc. **Nacionalidade:** tailandesa. **Hino:** *Tailândia é o lugar de todos os tai* (1º verso). **Língua:** thai (oficial). **Religião:** budismo theravada, 94,4% (oficial); islamismo, 4%; cristianismo, 0,5% (católicos, maioria); bramanismo, confucionismo, hinduísmo, sikhismo (minorias). **Data nacional:** 5/12 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Ásia. **Área:** 513.115 km². **Limites:** Laos (N e L); Camboja (SE); golfo da Tailândia e Malaísia (S); estreito de Málaca (SO); Mianmá (O). **Características:** planície central cercada a N e O por montanhas; meseta oriental (L); maciços montanhosos na península com vales de aluvião (S). **Ponto mais elevado:** Doi Inthanon (2.595 m). **Clima:** tropical com chuvas de monção. **Rios principais:** Mecong, Meping, Mun. **Cidades principais:** Bangcoc (5.876.000 hab.) (1990); Nonthaburi (277.500); Nakhon Ratchasima (206.600) (1989); Chiang Mai (167.000) (1990); Chon Caen (131.500) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): +10h.

● **POPULAÇÃO:** 56.801.000 (est.1992); **urbana:** 18,7% (1990). **Composição demográfica:** tailandeses, 79,5%; chineses, 12,1%; malásios, 3,7%; cambojanos, 2,7%; outros, 2% (1983). **Crescimento demográfico:** 1,4% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 44,3%; **15-59:** 49,6%; **mais de 60:** 6,1% (1990). **Densidade (hab./km²):** 110,7 (1992). **Natalidade:** 20,9 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 25 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,4 (1991). **Vida média homens:** 64,4; **mulheres:** 68,5 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 597 hab.; **médicos:** 1 por 4,2 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 6,5% do orçamento (1993).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 7% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 11,2 milhões; **professores:** 571 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 641,8 mil; **professores:** 15,3 mil (exclui as Universidades de Ramkhamhaeng e Sukhothai Thammarati, 1990). **Gastos:** 19,5% do orçamento (1992/93).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 9/12/1991. **Divisão administrativa:** 5 regiões e 73 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrata, Chart Thai, Chart Pattana, Nova Aspiração, Palang Darma, Ação Social. **Chefe de Estado:** rei Bumibol Adulyadej (Rama IX) (desde jun. de 1946). **Chefe de governo:** 1º-min. Chuan Lekpai (desde 23/9/1992). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 279 membros nomeados; Câmara dos Representantes, com 360 membros eleitos por voto direto.

● **ECONOMIA:** agricultura, 12,4%; indústria, 35,6%; mineração, 3,6%; comércio, 15,2%; serviços, 33,2% do PIB (1990). **Agricultura:** arroz, mandioca, borracha, cana-de-açúcar, milho, juta. **Pecuária:** bovinos, suínos, búfalos. **Pesca:** 2,7 milhões t. (1990). **Indústria:** têxtil vestuário, elétrica e eletrônica (semicondutores, principal), cimento, açucareira, refino de petróleo, veículos. **Minerais:** esta-

nho, linhita, gipsita, tungstênio, chumbo, antimônio, manganês, cobre, zinco, petróleo. **Exportações:** US$ 32,7 bilhões; **produtos:** têxteis, vestuário, aparelhos eletrônicos, alimentos (arroz, mandioca e açúcar), borracha (1992). **Importações:** US$ 40,5 bilhões; **produtos:** maquinários, máquinas industrias elétricas, químicos, ferro, aço (1992). **Parceiros comerciais:** Japão, EUA, Cingapura, Alemanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** baht (dividido em 100 satang); **cotação para 1 US$:** 25,52 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 89,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.580 (1992); **crescimento anual:** 7,8% (1980–1991). **Inflação:** 4,5% (1992). **Dívida externa:** US$ 35,8 bilhões (1992). **Força de trabalho:** 29,5 milhões (com mais de 13 anos); **distribuição:** agricultura, 56%; indústria, 14,8%; comércio, 10,5%; serviços, 12,7%; outros, 6%; **mão-de-obra feminina:** 45,4% (1989). **Desemprego:** 4,9% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 283 mil (1992); **Exército:** 190 mil; **Marinha:** 50 mil; **Força Aérea:** 43 mil; **outros:** 141,7 mil paramilitares. **Gastos:** 15,9% do orçamento (1993/94).

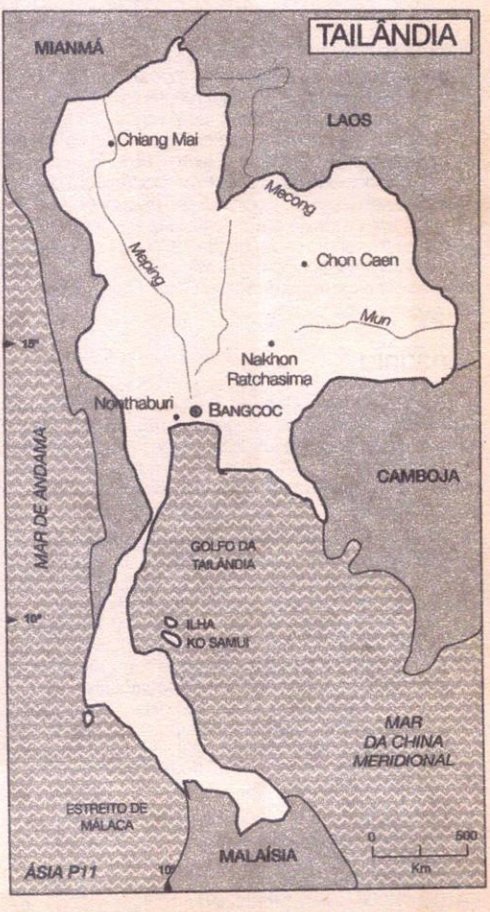
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 73,2 mil km; 53% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 2,2 milhões; **automóveis:** 655,9 mil (1989). **Ferrovias:** 3,7 mil km (1990). **Portos:** Bangcoc, Laem Chabang. **Linha aérea:** TAI (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 94; **receptores:** 1 por 5,6 hab. (1991). **Emissora de TV:** 14; **receptores:** 1 por 17 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 41 hab. (1990). **Jornais diários:** 40; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 90 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SEN – Av. das Nações, lote 10, CEP 70433-900, Brasília, DF; tel. (061) 224-6943.

HISTÓRIA

Vindo da província chinesa de Yunan para os vales do Chao Fraia e do Mecong (séc. XI), no S, os tai formaram o Estado governado pelo rei Rama Kamhaeng. No séc. XV, uniram-se aos tai de Chiang Mai, a NE, e com os malaios, do N. No séc. XVIII, ao estabelecer-se o comércio com a Europa, o Sião consolidou-se como nação. **1833**: acordo comercial com os EUA. **1917**: envio de tropas contra a Alemanha. **1932**: golpe militar: a Monarquia absoluta passa a constitucional. **1939**: adoção do nome atual. **1941**: invasão japonesa. **1946**: morre o rei Ananda Mahidol; sucede-o seu irmão, Bumibol Adulia-dej. **1947 e 1957/58**: novos golpes militares; formação de juntas. **1958 – 1963**: ditadura do mal. Sarit Tanarat, que, ao morrer; é substituído pelo mal. Tanom Kittikachorn. **1969**: controle militar da Câmara dos Deputados. **1971**: Kittikachorn fecha o Congresso e suspende a Constituição. **1973**: manifestações violentas em Bangcoc (out.): saem os militares. **1974**: restabelecimento do comércio com a China. **1975**: o 1º-min. Seni Pramoj é derrubado; assume Kukrit Pramoj. **1976**: retirada das tropas americanas que, desde a década de 60, usavam o país como base de ataques à Indochina; greve geral, dissolução da Assembléia; Seni, reconduzido, é derrubado pelo alm. Sangad Chaloriu e substituído pelo civil Tanin Kraivichien, cujo governo anticomunista é logo derrubado. **1977**: assume Kriangsak Chomanan. **1979**: aumento dos refugiados cambojanos, laocianos e vietnamitas. **1980**: Prem Tinsulanonda torna-se 1º-ministro. **1981**: fracassa golpe do gen. Sant Chitpatima. **1983**: eleições antecipadas reconduzem Prem. **1984**: tentativa militar de participação no poder põe em risco o governo de Prem. **1985**: fracassa golpe do gen. Serm Na Kakhom. **1986**: eleições antecipadas: vitória de Prem; renúncia e prisão do vice-min. do Interior, Vira Musigapon (1/9), que criticara a família real. **1988**: Prem ganha as eleições (2/6), mas renuncia (4/8); Chatichai Chunhavan assume. **1991**: atritos civil-militares: golpe do gen. Sunthorn Kongsompong (23/2), que forma o Conselho Nacional da Paz com as três armas: lei marcial, suspensão da Constituição, dissolução da Câmara e do Senado, congelamento dos bens dos ex-ministros; Anand Paniarachun é o 1º-ministro interino; o CNPF nomeia 292 membros para a Assembléia (15/3); libertado, Chunchavan se exila (mar.); Bumibol dissolve 61 sindicatos das estatais (abr.); suspensão da lei marcial (mai.); manifestações pró-democracia (jun.-nov.) forçam a promessa de criação de uma Assembléia Legislativa com 360 deputados eleitos por voto direto (nov.); aprovada nova Constituição (7/12) por 262 votos parlamentares contra sete. **1992**: eleições com a vitória do *Samakkhi Tham*, pró-militares (mar.); seu líder, Narong Wongwan, forma coalizão pentapartidária (25/3); acusado de ligações com o tráfico de drogas, perde o apoio da coalizão, que o substitui pelo gen. Suchinda Krapayun, com. das Forças Armadas (27/3); manifestações contra um militar na chefia do governo, lideradas pelo gen. Chamlong Srimaung, do oposicionista *Palang Dharma* (abr./mai.); choques com a polícia, estado de emergência (17/5); choques com o Exército: cem mortos (18/5); reunião de conciliação de Bumibol com Suchinda e Chamlong; libertação de 3 mil presos (20/5); o rei pede que o Parlamento reforme a Constituição; Suchinda renuncia (24/5); seu vice, Mitchai Ruchuphan, assume interinamente; emendas reduzem a participação militar no governo (10/6); e o Parlamento aceita a indicação de Anand Panyarachun, que se torna 1º-ministro, forma gabinete de tecnocratas, rebaixa doze militares responsáveis pelo massacre de mai., dissolve o Parlamento (29/6) e convoca eleições (13/9) vencidas pelos democratas (79 cadeiras): coalizão PD/*Palang Dharma*/Nova Aspiração/Solidariedade, liderada pelo antimilitarista Chuan Likpai (23/9); adesão do pró-militarista Partido da Ação.



FATOS DO ANO

O1°-min. Chuan Likpai anuncia, em 19/1/1993, um programa visando a atrair os investidores estrangeiros, afugentados pela instabilidade política tailandesa e atraídos pela mão-de-obra mais barata de outros países da região. O plano do min. das Finanças, Tarrin Nimmanahaeminda, inclui incentivos fiscais à zona rural, para fixar no campo os migrantes internos e estimular o retorno às províncias de desempregados urbanos, freando o descontrolado crescimento demográfico de Bangcoc. O déficit orçamentário de 1993 (US$ 22 bilhões) corresponde a 0,9% do PIB; mas é justificado pela necessidade de investir em estradas e infra-estrutura, pois a Tailândia quer transformar-se na ponte para as empresas que investem na Índia e na China. E, em mar. de 1993, visando a promover-se a centro financeiro regional, autoriza 47 bancos a realizar operações financeiras no exterior.

Pobreza e AIDS – Mas ainda há muitos obstáculos: 15% da população está abaixo da pobreza absoluta, o desflorestamento é acelerado, a poluição é crescente e a AIDS prolifera num país que é um centro tradicional de prostituição. Há necessidade premente de profissionais com treinamento científico e tecnológico. E a oposição acusa Chuan de ser lento e ineficiente: tanto assim que, entre 10 e 12/6, sua coalizão escapa, por 204 votos contra 153, de uma moção de censura no Parlamento. Há também problemas políticos: a honestidade de Chuan não é questionada, mas membros de seu gabinete envolveram-se, no passado, com manobras ilegais. Há processos em curso contra o golpista gen. Manun Rupkachorn e os ex-1°s-min. Chatichai Chunhavan e Anand Paniachurun; mas desagrada à oposição a interrupção do processo contra Montri Pongpanich, do Partido da Ação Social – liderar um dos partidos da coalizão governamental dá-lhe imunidade.

Papel regional – O separatismo muçulmano, no sul do país, conta com o apoio do fundamentalista Nik Abdulaziz Nikmat, gov. do vizinho Estado de Kelantan, na Malaísia, oposicionista do governo central do 1°-min. Mahathir Mohamed. Vários incidentes violentos, de fundo religioso, são registrados durante o ano. Preocupado com o papel regional a ser desempenhado por seu país, Chuan reforça os laços com a China e a Indonésia e, em out., encerra oficialmente o apoio dado, desde 1979, aos cambojanos do Khmer Vermelho. Com o Brasil, gestões diplomáticas envolvem a extradição de Paulo César Farias, preso em Bangcoc em 29/11/1993.

Tanzânia

● **NOME OFICIAL: Capital:** Dodoma. **Nacionalidade:** tanzaniana. **Hino:** *Deus abençoe a Tanzânia* (1° verso). **Língua:** inglês e suahili (oficiais); línguas tribais. **Religião:** cristianismo, 34%; islamismo, 33%; hinduísmo e crenças nativas (minorias). **Datas nacionais:** 12/1 (Revolução de Zanzibar); 26/4 (União); 9/12 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: leste da África. Área:** 945.087 km². **Limites:** Uganda e Quênia (N); Zaire, Ruanda e Burundi (O); oceano Índico (L); Mali e Zâmbia (SO); Moçambique (S). **Características:** planalto de altitude entre 1.000 e 1.500 m (maior parte), cercado por lagos (Tanganica, L; Malavi, S; Vitória, N) e por montanhas (NO e O); lagos salobros (interior). **Ponto mais elevado:** monte Kilimandjaro (5.985 m). **Clima:** equatorial (litoral); equatorial de altitude (interior). **Rios principais:** Rovo, Pangani, Rufuji, Ruaha, Caguera, Ruvuma. **Cidades principais:** Dar-es-Salaam (1.360.850 hab.); Muanza (223.000); Dodoma (203.800); Tanga (187.600); Zanzibar (157.600) (1988). **Hora local (em relação a Brasília):** +6h.

● **POPULAÇÃO:** 25.809.000 (est.1992); **urbana:** 32,8% (1990). **Crescimento demográfico:** 3,4% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 49,1%; **15-59:** 47,1%; **mais de 60:** 3,8% (1990). **Densidade (hab./km²):** 27,3 (1992). **Natalidade:** 49,5 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 15,2 por 1.000; **mortalidade infantil:** 105 por 1.000 (1991). **Fertilidade (n° de filhos por mulher):** 7 (1991). **Vida média homens:** 50; **mulheres:** 55 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 924 hab.; **médicos:** 1 por 19,8 mil hab. (1984). **Gastos com saúde:** 5% do orçamento (1988/89).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 35% (1990). **Alunos de 1° e 2° graus:** 3,4 milhões (não compreende alunos de 1° grau em Pemba e Zanzibar); **professores:** 107,3 mil (não comprende professores de 1° grau em Pemba e Zanzibar) (1989). **Alunos no ensino superior:** 5,3 mil; **professores:** 1,2 mil (1989). **Gastos:** 6,3% do orçamento (1990/91).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 25/4/1977 (Tanzânia); jan.1985 (Zanzibar). **Divisão administrativa:** 25 regiões. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Revolucionário, Mov. pela Democracia Alternativa. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Ali Hassan Muini (desde 5/11/1985). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Legislativa, com 291 membros (216 eleitos por voto direto, 15 mulheres, 15 representantes do Partido Revolucionário, 15 nomeados pelo pres., 25 comissários regionais e 5 membros da Câmara dos Representantes de Zanzibar), para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 51,2%; indústria, 10,2%; mineração, 0,3%; comércio, 13,3%; serviços, 25% do PIB (1989). **Agricultura:** café, sisal, pireto, tabaco, coco, cana-de-açúcar, cardamomo, tubérculos, castanha de caju; cravo-da-índia (ilha de Pemba). **Pecuária:** bovinos, caprinos, ovinos. **Pesca:** 377 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, têxtil, fumageira, bebidas, papel, fertilizantes, cimento, vestuário, calçados, pneus, baterias, farmacêutica, tijolos e telhas, elétrica. **Minerais:** diamantes, pedras preciosas, ouro, petróleo, sal, fosfatos, carvão, gipsita, caulim, estanho, níquel, carbonato de cálcio, minério de ferro, urânio, gás natural. **Exportações:** US$ 405,3 milhões; **produtos:** café, algodão, tabaco, cravo-da-índia, chá (1990). **Importações:** US$ 1,2 bilhão; **produtos:** equipamentos industriais, bens de consumo, materiais de construção (1991). **Parceiros comerciais:** Grã-Bretanha, Alemanha, Japão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** xelim tanzaniano (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 335,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 100 (1991); **crescimento anual:** 2% (1980–1991). **Inflação:** 22,1% (1992). **Dívida externa:** US$ 6,5 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 12,1 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 85,6%; indústria, 4,5%; serviços, 9,9% (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 48,3% (1988–1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 46,8 mil (1992); **Exército:** 45 mil; **Marinha:** 800; **Força Aérea:** 1 mil; **outros:** 101,4 mil paramilitares. **Gastos:** 15,1% do orçamento (1988/89).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 82,1 mil km; 4,2% pavimentados (1989); **n° de veículos:** 100 mil; **automóveis:** 45 mil (1990). **Ferrovias:** 4,6 mil km (1990). **Portos:** Dar es Salaam, Tanga, Zanzibar, Pemba. **Linhas aéreas:** Air Tanzania (vôos internacionais e domésticos); Zanzibar Airways (regionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 6,3 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 314 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 174 hab. (1990). **Jornais diários:** 2; **n° de exemplares por 1.000 hab.:** 7,6 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 205 East 42nd St., 13th Floor, New York, NY 10017, tel. (212) 972-9160.

HISTÓRIA

Zanzibar e a costa leste da África foram centros de comércio árabe (séc. VIII – XVI); depois, ficaram sob controle português. **1861:** independência do sultanato de Zanzibar. **1885:** formado o protetorado da África Oriental Alemã. **1920:** expulsão dos alemães; Tanganica, sob

mandato britânico, é elevada, em **1946**: à condição de território. **1961**: independência; o 1º-min. é Julius Nierere, da União Africana de Tanganica. **1962**: República; Nierere é o presidente. **1963**: independência de Zanzibar. **1964**: deposição do governo de minoria árabe de Zanzibar, pelo partido Afro-Shirazi, da maioria africana; República: o xeque Abud Jumbe é o presidente; formada a República Unida da Tanzânia; Nierere é o presidente. **1965**: imposto o monopartidarismo: a UAT e o Afro-Shirazi têm o monopólio político em Tanganica e Zanzibar; início do Plano de Desenvolvimento Socialista: nacionalização da indústria e da agricultura. **1972**: assassinato do xeque Abib Amani Karume, pres. de Zanzibar e vice da Tanzânia; Idi Amin, de Uganda, acusa o país de invadir seu território. **1973**: acordo põe fim ao litígio com Uganda. **1976**: união UAT/Afro-Shirazi no *Chama cha-Mapinduzi* (Partido Revolucionário do Povo); Edward Sokoine torna-se 1º-ministro. **1978**: invasão de tropas ugandenses; retirada após pressões da OUA sobre Amin. **1979**: abertura do espaço aéreo Quênia/Tanzânia, interditado desde 1977. **1980**: Cleopha Msuya torna-se 1º-ministro. **1984**: crise política causada pela renúncia do vice-pres. Abud Jumbe, substituído por Ali Hassan Muini. **1985**: Muini é eleito presidente (5/11). **1988**: retirada das tropas pró-Maputo, que lutavam contra a Renamo, em Moçambique. **1989**: asilo a 72 mil refugiados moçambicanos; ampliação dos poderes de Muini, também min. da Defesa. **1990**: Nierere se aposenta; Muini torna-se o pres. do CcM (ago.) e é reeleito (28/10); o 1º-min. Joseph Warioba é substituído por John Malecela (8/11). **1991**: comissão estuda a instauração do pluripartidarismo (mar.); reivindicações da oposição: Muini proíbe todos os movimentos oposicionistas; aceleram-se as privatizações; decreto de anistia (7/7): começa a libertação dos 23.180 presos políticos (19/8). **1992**: emendas constitucionais permitindo o multipartidarismo são ratificadas pelo Congresso do CcM (19/2) e pela Assembléia Nacional (abr.); nove partidos registram-se até jun.

FATOS DO ANO

O anúncio, em 12/3/1993, de que por exigência do FMI/Banco Mundial 30 mil funcionários públicos serão demitidos até o fim de 1994 provoca manifestações de protesto, especialmente dos fundamentalistas islâmicos, que o pres. Hassan Ali Muini promete "esmagar com todos os poderes do Estado". Os protestos crescem, em 25/4, com a expulsão de três professores sudaneses acusados de pregarem a *jihad* (guerra santa) contra o governo. Há cinqüenta presos, entre eles o imã Kasim bin Djuma, da grande mesquita de Dar-es-Salaam. Contra esse pano de fundo agitado, o min. Samuel Sitta, do recém-criado Ministério dos Assuntos Legais e Constitucionais (13/4), organiza as primeiras eleições multipartidárias do país. Mas a candidatura dos oposicionistas não impede o governista *Chama cha-Mapinduzi* de ganhar, em 19/4, 89% dos votos.

Separatismo frustrado – Em 23/8, os deputados de Tanganica, a porção continental do país, aprovam por unanimidade moção sobre a possibilidade de ela vir a ter governo próprio, desde que mantendo o vínculo federativo com Zanzibar e Pemba. É a conseqüência da decisão unilateral de Salmin Amur, pres. do Supremo Conselho Revolucionário de Zanzibar, de inscrever sua ilha, em dez. de 1992, como membro da Organização da Conferência Islâmica, sem consultar Dar-es-Salaam – o que uma comissão parlamentar considera inconstitucional em fev. de 1993. Em 15/9, Amur volta atrás e retira Zanzibar da OCI. Em 11/10/1993, é aberto em Dar-es-Salaam o primeiro banco estrangeiro, o Méridien Biao. Visando a atrair investimentos do exterior, já se tinha facilitado, em mar. de 1992, o câmbio para importação/exportação e procedido a sucessivas desvalorizações do shilling tanzaniano, para adequá-lo à realidade do mercado externo.

Togo

● **NOME OFICIAL:** República Togolesa. **Capital:** Lomé. **Nacionalidade:** togolesa. **Hino:** *Salve a lei dos nossos antepassados* (1º verso). **Língua:** francês, kabriê e euê (oficiais). **Religião:** animismo, 58,8%; cristianismo (católicos, 21,5%; protestantes, 16,8%); islamismo, 12,1%. **Data nacional:** 27/4 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da África. **Área:** 56.785 km². **Limites:** Burkina (N); Benin (L); golfo da Guiné (S); Gana (O). **Características:** litoral arenoso e baixo; planaltos (centro-sul); montes Togo (centro-norte); planícies do rio Oti (L e NO). **Ponto mais elevado:** pico Baumann (986 m). **Clima:** equatorial chuvoso (litoral); tropical com chuvas de verão (interior). **Rios principais:** Oti, Mono. **Cidades principais:** Lomé (366.476 hab.) (1983); Socodé (48.098); Kpalimé (27.669) (1981). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 3.701.000 (est.1992); **urbana:** 25,7% (1990). **Composição demográfica:** euês, 45,4%; cabriês, 23,9%; gurmas, 10,5%; tems, 7,3%; outras etnias africanas, 12,1%; europeus, 0,8% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,6% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 45,3%; **15-59:** 49,7%; **mais de 60:** 5% (1990). **Densidade (hab./km²):** 65,2 (1992). **Natalidade:** 49 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 13 por 1.000; **mortalidade infantil:** 110 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 7,1 (1991). **Vida média homens:** 54; **mulheres:** 58 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 752 hab. (1982); **médicos:** 1 por 13 mil hab. (1985). **Gastos com saúde:** 5,2% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 56,7% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 679,2 mil; **professores:** 14,8 mil (1988). **Alunos no ensino superior:** 7,7 mil (somente universitários); **professores:** 276 (1988). **Gastos:** 23,1% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana (CFA). **Data da Constituição em vigor:** 27/9/1992. **Divisão administrativa:** 5 regiões e 21 prefeituras. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União do Povo, Colizão de Oposição Democrática, Comitê de Ação para a Renovação, União pela Democracia. **Chefe de Estado:** pres. gen. Gnassingbê Eiadema (desde 13/1/1967). **Chefe de governo:** 1º-min. Joseph Koku Koffigoh (desde ago. de 1991). **Legislativo:** unicameral – Assembléia, com 79 membros.

● **ECONOMIA:** agricultura, 34,4%; indústria, 14,4%; mineração, 6,4%; comércio, 22,5%; serviços, 22,3% do PIB (1988). **Agricultura:** algodão, café, cacau, mandioca, milho, milhete, sorgo. **Pecuária:** caprinos, ovinos, suínos. **Pesca:** 15,8 mil t (1990). **Indústria:** processamento de

produtos agrícolas e de fosfato, siderúrgica, cimento. **Minerais:** fostato de cálcio, calcário, mármore, manganês, cromita, turfa. **Exportações:** US$ 320 milhões; **produtos:** fosfato de cálcio, café verde, cacau, algodão descaroçado, máquinas industriais e equipamentos de transporte (1992). **Importações:** US$ 451 milhões; **produtos:** manufaturados (tecidos e fios de algodão), máquinas industriais e equipamentos de transporte, alimentos, químicos, derivados de petróleo, bebidas, tabaco (1992). **Parceiros comerciais:** França, Holanda, Alemanha, Grã-Bretanha, Costa do Marfim, França, Espanha, EUA, Itália. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco CFA (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 276,25 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 1,5 bilhão; **renda per capita:** US$ 410 (1991); **crescimento anual:** 1,8% (1980–1991). **Inflação:** 0,4% (1991). **Dívida externa:** US$ 1,4 bilhão (1991). **Força de trabalho:** 1,5 milhão (1991); **distribuição:** agricultura, 64,3%; indústria, 6,3%; serviços, 29,4% (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 36,8% (1988–1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 5.250 (1992); **Exército:** 4,8 mil; **Marinha:** 200; **Força Aérea:** 250; **outros:** 750 paramilitares. **Gastos:** 3,3 % do PNB (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 7,5 mil km; 25% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 5,3 mil; **automóveis:** 4,9 mil (1990). **Ferrovias:** 525 km (1991). **Portos:** Lomé, Kpémé. **Linhas aéreas:** Air Afrique (vôos regionais); Air Togo (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 5,1 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 156 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 169 hab. (1990). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 2,9 (1990).

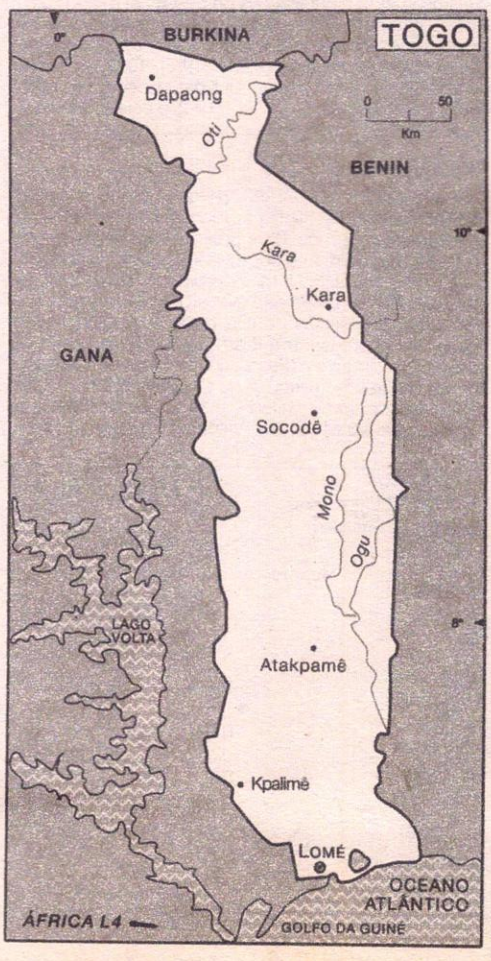
● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 11, cj. 9, casa 10, CEP 70478-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-4209.

HISTÓRIA

Os euês, do S do país, vieram do vale do Níger (séc. XII – XIV). Após a exploração portuguesa (séc. XV – XVI), a região foi chamada, pelos traficantes, de "costa dos escravos". Protetorado alemão (1884), incorporada, com a Costa do Ouro (Gana), à Togolândia. **1914:** ocupação francesa a L e britânica a O., confirmada, em **1922:** pela Liga das Nações. **1946:** a ONU os converte em protetorados. **1956:** a Togolândia britânica une-se à Costa do Ouro; a francesa torna-se autônoma, recurso rejeitado pela ONU. **1958:** o Comitê da Unidade Togolesa vence as eleições; seu líder, Sylvanus Olympio, é o 1º-ministro. **1960:** República com o nome atual; Olympio, o presidente (24/4), em **1963:** é assassinado por oficiais nortistas sublevados (13/1) e sucedido por Nicolas Grunitzki, do Partido Progressista Togolês, que, em **1967:** é deposto pelo com. do Estado-Maior, ten.-cel. Gnassingbê Eiadema (13/11); suspensão da Constituição, dissolução da Assembléia, proibição das atividades políticas. **1968:** adiado o plebiscito sobre a nova Constituição. **1970:** golpe fracassado. **1972:** eleição de Eiadema. **1974:** nacionalização das minas de fosfato. **1975:** fechada fronteira com o Benin. **1976:** tratado de defesa e assistência mútua com a Líbia. **1977:** fracassa novo golpe. **1979:** Eiadema é reeleito; nova Constituição. **1984:** afastamento de vários ministros. **1985:** atentados a bomba: canceladas medidas de democratização. **1986:** tentativa de golpe de togoleses exilados em Gana: 26 mortos (set.); protestos forçam a criação de comitê para redigir nova Constituição. **1991:** pluripartidarismo e anistia geral para presos políticos (10/4); formação da Frente de Oposição Democrática; Joseph Koku Koffigoh é o 1º-ministro de transição; Eiadema nomeia os moderados gen. Yao Mauulimplimi Amegi, para a Defesa, e Amelavi Amela, para a Educação (8/7); fracassam duas tentativas de golpe (1º/10 e 28/11): Gana é acusada de cumplicidade com os conspiradores; após escapar de três tentativas de golpe e ter sua casa cercada por tropas leais a Eiadema (3/12), Koffigoh concorda em incluir no gabinete dois assessores do presidente: Yao Komlavi (Segurança) e Abudu Assuma (Defesa). **1992:** calendário para a redemocratização (jan.); recadastramento do eleitorado (mar.); Gilchrist Olympio, filho do presidente assassinado, candidato da União das Forças de Mudança, escapa de atentado (5/5); em protesto, os Sindicatos Independentes convocam três dias de greve geral; assassinato do oposicionista Tavio Amorin (24/6); manifestações exigem a demissão de Komlavi (30/6): trinta feridos; em reação, o povo ergue barricadas na rua; greve convocada pelo Coletivo de Oposição Democrática (7/8); o atentado de que escapa o min. das Minas, Joseph Yao Amefia (17/8), é o argumento para que Eiadema obtenha, do Alto Conselho da República, a restauração de seus poderes (27/8); imposto a Koffigoh maior número de adeptos seus no gabinete (1º/9); essas decisões são ratificadas em referendo (27/9), apesar das greves convocadas pela oposição (out.); alegando recadastramento incompleto (embora as listas tenham servido para o referendo de set.), Komlavi adia indefinidamente as eleições (30/10).

FATOS DO ANO

Embora o 1º-min. Joseph Koku Koffigoh represente a oposição no governo do pres. Gnassingbê Eiadema, o Coletivo da Oposição Democrática-2 abandona as negociações com ele, em 3/1/1993, em protesto por ele ter pedido aos trabalhadores que suspendessem a greve geral iniciada em nov. de 1992. Essa greve fora a forma encontrada pelo COD-2 para pressionar Eiadema a con-



vocar eleições. Após a ruptura, o COD-2 se reúne no Benin e nomeia Jean-Lucien Savi de Tové, do Partido dos Democratas para a Unidade, chefe de um governo paralelo. Em 25/1, a polícia mata cem pessoas, ao reprimir uma manifestação durante a visita a Lomé de Marcel Debarge, sec. francês da Cooperação, e Helmut Schäfer, enviado especial de Klaus Kinkel, min. alemão do Exterior, que foram discutir com Eiadema uma saída política. Diante disso, Gana propõe, em fev., que a ECOWAS intervenha no Togo, como fez na Libéria. Conversações de paz promovidas pelo governo Mitterrand, em Colmar, na França, fracassam: a delegação governamental se retira por discordar da supervisão internacional das eleições.

Eleições – A "limpeza" de Lomé (8 e 9/2), feita pela guarda presidencial, faz metade da população fugir para Gana e o Benin. As autoridades ganenses reforçam o controle das fronteiras, a França e Alemanha cancelam a ajuda financeira – e Eiadema tem de entrar em acordo com Koffigoh. Mas as medidas que tomam são rejeitadas pelo COD-2 e o Alto Conselho da República (o Legislativo interino), que as consideram um "golpe de Estado constitucional". Em mar., fracassa o golpe do cel. Kofi Tepe, vice-com. do Estado-Maior (Eiadema acusa Gilchrist Olympio, filho do ex-pres. S. Olympio, candidato a presidente, de tê-lo instigado). Em 7/4, marcam-se as eleições presidenciais para 6/6 e 20/6; e as legislativas para 11 e 25/7; mas Eiadema continua a adiar o pleito e só em 25/8 o povo é chamado às urnas. Os sinais de fraude são tão gritantes que o ex-pres. Jimmy Carter, dos EUA, chefe dos observadores internacionais, sai do país dizendo que esta foi "uma eleição de cartas marcadas". Em clima de guerra civil, Eiadema "vence" com 96,5% dos votos. Essa vitória suspeita desagrada não só aos políticos mas também à população: em dez., Eiadema está a braços com uma escalada de protestos que pode, facilmente, fazê-lo perder o controle da situação.

Tonga

● **NOME OFICIAL:** Reino de Tonga. **Capital:** Nukualofa. **Nacionalidade:** tonganesa. **Hino:** *Deus todo-poderoso nos céus* (1º verso). **Língua:** tonganês e inglês (oficiais). **Religião:** cristianismo (metodistas, 43%; católicos, 16%; mormons, 12,1%; adventistas do sétimo dia, anglicanos). **Data nacional:** 4/6 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Oceania. **Área:** 748 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago polinésio com 150 ilhas; cadeia montanhosa (NE e SO); planícies com savanas (N, L e S). **Ponto mais elevado:** 1.029 m (ilha Kao). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rios principais:** não há. **Cidade principal:** Nukualofa (21.383 hab.) (1986). **Hora local** (em relação a Brasília): +15h.

● **POPULAÇÃO:** 97.300 (est. 1992); **urbana:** 30,7% (1986). **Composição demográfica:** tonganeses, 95,5%; outros, 4,5% (1986). **Crescimento demográfico:** 2,3% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 40,6%; **15-59:** 53%; **mais de 60:** 6,4% (1986). **Densidade (hab./km²):** 130 (1992). **Natalidade:** 30,4 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 7,1 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 49 por 1.000 (1988). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4 (1988). **Vida média homens:** 61; **mulheres:** 64,8 (1980–1985). **Leitos hospitalares:** 1 por 312 hab.; **médicos:** 1 por 2,1 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 6,6% do orçamento (1990/91).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 7,2% (1976). **Alunos de 1º e 2º graus:** 31,3 mil; **professores:** 1,5 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 705; **professores:** 17 (1985). **Gastos:** 13% do orçamento (1990/91).

● **GOVERNO:** Monarquia absoluta. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 1875. **Divisão administrativa:** 5 grupos de ilhas subdivididos em 23 distritos. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado e de governo:** rei Taufahau Tupu IV (15/12/1965). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Legislativa, com 30 membros (o rei e membros do gabinete, 9 nobres e 9 eleitos por voto direto), para mandatos de 3 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 33,7%; indústria, 15,8%; mineração, 0,8%; comércio, 9,6%; serviços, 40,1% do PIB (1988/89). **Agricultura:** coco, baunilha, abóbora, mandioca, batata-doce, melancia, tomate, lima, limão, laranja, tubérculos, fruta-pão. **Pecuária:** suínos, bovinos, caprinos. **Pesca:** 2,6 mil t (1990). **Indústria:** blocos de concreto, vestuário, móveis, artesanato, equipamentos para esportes (inclui pequenos barcos), bebidas, processamento de coco (óleo de coco) e de sândalo. **Exportações:** US$ 15,9 milhões; **produtos:** abóbora, baunilha (1991). **Importações:** US$ 59,3 milhões; **produtos:** alimentos, manufaturas básicas, máquinas industriais e equipamentos de transporte, combustíveis minerais (1991). **Parceiros comerciais:** Nova Zelândia, Japão, Austrália, Fiji, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dólar tonganês (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,39 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 110 milhões; **renda per capita:** US$ 1.100 (1991); **crescimento anual:** 2,1% (1980–1990). **Inflação:** 7,9% (1992). **Dívida externa:** US$ 50,2 milhões (1991). **Força de trabalho:** 24,3 mil; **distribuição:** agricultura, 42,9%; indústria, 11,2%; comércio, 6,6%; serviços, 29,3%; outros, 10%; **mão-de-obra feminina:** 21,5% (1986). **Desemprego:** 13% (1987).

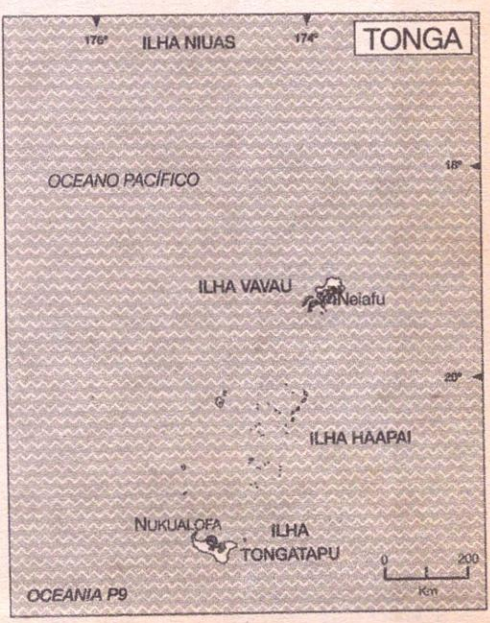
● **DEFESA: Efetivo total:** polícia nacional com 300 homens. **Gastos:** 4,9% do orçamento (1989/90).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 433 km; 65% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 4,2 mil; **automóveis:** 1,4 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Nukualofa (Tongatapu); Neiafu (Vavau); Pangai, Niuatoputapu. **Linha aérea:** Royal Tongan Airlines (vôos domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** privadas. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 1,2 hab. (1988). **Emissoras de TV:** não há. **Linhas telefônicas:** 1 por 18 hab. (1990). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 73 (1988).

HISTÓRIA

Centro de uma teocracia (séc. X) cuja influência se expandiu até o Havaí, a Monarquia do arquipélago cindiu-se, no séc. XIV, entre uma autoridade espiritual e um rei secular. Os holandeses o visitaram em 1616; o inglês cap. James Cook, em 1773 e 1777, chamando-o de *Friendly Islands* (ilhas Amigáveis). **Séc. XVIII – XIX:** guerra civil por



rivalidades entre o poder temporal e o espiritual. **1845 – 1893**: Taufahau (rei George Tupu I) pacifica e unifica o país, assina tratados com a Alemanha, EUA, França e Grã-Bretanha, introduz o parlamentarismo e dá, a cada homem adulto que pague impostos, o direito a oito acres de terra cultivável. **1900**: protetorado britânico. **1918 – 1965**: a rainha Solote Tupu III, neta de George I, elimina o analfabetismo e paga a dívida externa; seu filho, Taufahau Tupu IV, a sucede. **1970**: independência (4/6). **1974**: a aristocracia rejeita reformas no Legislativo. **1982 e 1985**: prejuízos à safra de bananas com furacões; Taufahau apóia os testes nucleares franceses em Mururoa. **1986**: acordo, com os EUA, regulamenta a pesca do atum. **1987**: seis oposicionistas entram na Assembléia. **1988**: Akilisi Pohiva, diretor do jornal *Kelea* (Concha), ganha processo contra o governo, iniciado em 1985, por demissão ilegal de cargo público. **1989**: tratado permite a entrada, em águas do país, de barcos dos EUA carregando armas nucleares. **1990**: Pohiva denuncia a venda, pelo governo, de passaportes a cidadãos de Hong Kong: protestos forçam a interrupção dessa venda. **1991**: o min. da Polícia, George Akauola, admite ter autorizado a venda de 426 passaportes (22/2); mas o processo é arquivado (1º/5) e ele é apenas condenado a pagar multa de US$ 14 mil; manifestações pedem inutilmente sua renúncia ao cargo; o min. das Finanças, Cecil Cocker, reconhece que os US$ 29,6 milhões da venda dos passaportes refinanciaram as dívidas da *Royal Tongan Airlines*, compraram ações do Banco de Tonga e terrenos em Londres (jul.); com o escândalo, cai o 1º-min. Fatafehi Tuipelehake, sucedido pelo min. da Agricultura, Florestamento, Pesca e Assuntos Marítimos, barão Vaea (ago.) ,que, em **1992**: recebe a aprovação popular, pois faz boa administração (jun.); mas Pohiva pede reforma constitucional que permita criar um partido de oposição.

FATOS DO ANO

Nas eleições de fev. de 1993, a conquista de seis das nove cadeiras na Assembléia pelo recém-fundado Movimento Pró-Democracia é prova do desejo de mudança do eleitorado. A fundação do MPD, em nov. de 1992, pelo padre católico Seluini Akau'ola, desafiou a proibição do rei Taufahau Tupu IV, que não quer abrir mão do poder absoluto. Mas, diante do resultado nas urnas, o herdeiro do trono, princ. Tupouto'a, que é também o chanceler e min. da Defesa no gabinete do 1º-min., barão Vaea de Houma, declara não concordar com as idéias de Akau'ola, mas admitir ser necessário, a curto prazo, instituir o multipartidarismo.

No segundo semestre de 1992, estudaram-se programas de diversificação da economia, prejudicada por más condições climáticas, altos níveis de inflação, desemprego e emigração em larga escala, e dificuldades no setor agrícola. Há planos para o desenvolvimento da indústria de peixe enlatado e para a construção de uma refinaria de petróleo e de uma usina de energia elétrica. Ficou pronto o aeroporto internacional e a rede hoteleira está sendo expandida, o que aumentará o turismo.

Trinidad e Tobago

● **NOME OFICIAL:** República de Trinidad e Tobago. **Capital:** Port of Spain. **Nacionalidade:** trinitina ou tobaguiana. **Hino:** *Formados no amor da liberdade* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); francês, espanhol, hindi, chinês. **Religião:** cristianismo (católicos, 32,2%; anglicanos, 14,4%; presbiterianos, 3,7%; pentecostais, 3,3%); hinduísmo, 24,3%; islamismo, 5,9%. **Data nacional:** 31/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da América central. **Área:** 5.128 km². **Limites:** mar do Caribe (N); oceano Atlântico (L, S, O). **Características:** arquipélago com 25 ilhas. Trinidad: região plana com montanhas (costa N); Tobago: elevações vulcânicas (centro e centro-oeste); rio Caroni e as cataratas de Caras (N). **Ponto mais elevado:** pico do Aripo (940 m). **Clima:** tropical. **Rios principais:** Caroni, Ortoire (Guatare), Oropuche (Trinidad). **Cidades principais:** Port of Spain (50.878 hab.); San Fernando (30.092); Arima (29.695); Point Fortin (20.025); Scarborough (6.089) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 1.261.000 (est.1992); **urbana:** 69,1% (1990). **Composição demográfica:** negros, 43%; indianos, 36%; mestiços, 16%; brancos, 2%; chineses, 1%; outros, 2% (1986). **Crescimento demográfico:** 1,4% (1989). **Faixas etárias:** 0-14: 31,3%; 15-59: 60,6%; **mais de 60:** 8,1% (1990). **Densidade (hab./km²):** 245,9 (1992). **Natalidade:** 20,7 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 6,8 por 1.000; **mortalidade infantil:** 10,2 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,8 (1990). **Vida média homens:** 69,7; **mulheres:** 74,7 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 318 hab.; **médicos:** 1 por 1,5 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 10% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 4% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 280,6 mil; **professores:** 12,3 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 4,1 mil; **professores:** 346 (somente na Universidade do Caribe, campus S. Augustin, 1990/91). **Gastos:** 11,6% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 1º/8/1976. **Divisão administrativa:** 7 condados, 4 cidades com governo próprio e uma ilha semi-autônoma (Tobago). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Mov. Nac. do Povo, Congresso Nac. Unido; Aliança Nac. para a Reconstrução (Tobago). **Chefe de Estado:** pres. Nur Mohamed Hassanali (desde mar.1987). **Chefe de governo:** 1º-min. Patrick Manning (desde 17/12/1991). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 31 membros nomeados pelo pres. e Câmara dos Representantes, com 36 membros eleitos por voto direto, ambos para mandatos de 5 anos; Tobago: unicameral – Assembléia, com 15 membros (12 eleitos por voto direto).

● **ECONOMIA:** agricultura, 2,6%; petróleo, 20,7%; mineração, 22,9%; comércio, 14,2%; serviços, 39,6% do PIB (1991). **Agricultura:** cana-de-açúcar, café, cacau, frutas cítricas. **Pecuária:** bovinos, caprinos, suínos. **Pesca:** 3,3 mil t (1990). **Indústria:** refino de petróleo, alimentícia, bebidas, química, metalúrgica, siderúrgica, papel, impressão e editoração, equipamentos de transporte (montagem de veículos, principal). **Minerais:** petróleo, gás natural. **Exportações:** US$ 2,1 bilhões; **produtos:** combustíveis minerais, lubrificantes, químicos, manufaturas básicas (1990). **Importações:** US$ 1,3 bilhão; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, alimentos (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, Canadá, países membros do CARICOM. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** dólar de Trinidad e Tobago (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 4,25 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 4,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 3.620 (1991); **crescimento anual:** -3,9% (1980–1991). **Inflação:** 3,9% (1991). **Dívida externa:** US$ 2,3 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 467,7 mil; **distribuição:** agricultura, 10,8%; indústria, 30,3%; comércio, 17,3%; serviços, 41,3%; outros, 0,3%; **mão-de-obra feminina:** 34% (1990). **Desemprego:** 18,8% (1991).

● **DEFESA:** Efetivo total: 2.650 (1992); **Exército:** 2 mil; **Força Aérea:** 50; **outros:** 600 (guarda costeira); 10 (força de defesa aérea). **Gastos:** 1,5% do PIB (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 7,9 mil km; 46% pavimentados (1987); **nº de veículos:** 338 mil; **automóveis:** 269,2 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Porto Espanha, Pointe-à-Pierre, Point Lisa (Trinidad); Scarborough (Tobago). **Linha aérea:** BWIA (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 1,8 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 5 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 5,7 hab. (1990). **Jornais diários:** 4; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 140 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 08, cj. 04, casa 05, CEP 71620-245, Brasília, DF; tel. (061) 248-1922.

HISTÓRIA

Descobertas por Cristóvão Colombo (1498), as ilhas, que não possuem metais preciosos, ficaram esquecidas. Trinidad, explorada para plantação, no séc. XVII, com escravos africanos, foi conquistada pela Grã-Bretanha (1797) e formalmente cedida a ela em 1802. **Séc. XVII – XVIII:** invasões piratas. **1814:** Tobago também passa à Coroa Britânica. **1834:** abolição da escravatura. **1845:** importados trabalhadores indianos. **1889:** uma só colônia, unida à Federação das Índias Ocidentais. **1962:** independência; assume Eric Williams. **1970:** reprimidas a rebelião das Forças Armadas e as manifestações do Poder Negro. **1976:** nova Constituição; República. **1980:** criação da Câmara de Tobago, passo inicial para a autonomia administrativa. **1981:** morte de Wiliams, assume George Chambers. **1983:** recusa de participar da invasão de Granada: quase ruptura com Barbados (out.). **1984:** greve paralisa as refinarias de petróleo (mai.). **1990:** o grupo islâmico *Jamaat-al-Muslim* (Sociedade Muçulmana), do "imã" Yasin Abu Bakr, ataca o Parlamento e a TV estatal, retém o 1º-min. Arthur Raymond Robinson e onze reféns, mas é desalojado pelo Exército. **1991:** 114 jamaatistas são condenados à prisão perpétua ou longa detenção; reabertura do Parlamento (27/7); central de 32 sindicatos luta contra a política econômica recessiva de Robinson (jul.); prorrogação do estado de emergência vigente desde 28/7 (nov.); o Conselho Privado de Londres atende à apelação do *Jamaat* (26/11): os 114 condenados serão libertados em 1º/7/1992; eleições (16/12): a governista Aliança Nacional para a Reconstrução mantém apenas duas de suas 33 cadeiras; Patrick Manning, do Movimento Nacional Popular (social-democrata), torna-se o 1º-ministro (17/12); Robinson renuncia à presidência da ARN.

FATOS DO ANO

Milhares de funcionários saem às ruas de Port of Spain (jan. de 1993) exigindo o pagamento de seus salários atrasados. Despenca, assim, a popularidade que o 1º-min. Patrick Manning mantinha desde 1991, e que o fizera ganhar as eleições regionais de set. de 1992. O estopim para o protesto são as declarações do min. das Finanças, Wendell Mottley, de que cortes no setor público serão inevitáveis, devido à queda nos preços internacionais do petróleo, ao aumento dos juros externos e à alta folha de pagamentos das estatais. Manning quer cortar 3 mil funcionários dos setores portuário, de distribuição de água e dos transportes. Em 15/2, o Exército entra em prontidão, devido à agitação trabalhista nas zonas rurais e urbanas, depois de o governo decidir privatizar 24 das 83 estatais do país. A crise econômica se reflete na política: em 19/7, Nello Mitchell, sec.-geral do MNP, é expulso do partido, acusado de "grave desrespeito" à executiva partidária. Em 20/7, surge novo partido, o do Desenvolvimento Nacional, liderado por Carson Charles, da Aliança Nacional para Reconstrução, que, tendo deixado em 1991 o cargo ministerial que exercia, perde em 1993 a disputa pela liderança de seu partido. O desemprego faz crescer a violência, a que a Justiça responde condenando à morte dois assassinos. Mas em ago. de 1993, a pedido da Anistia Internacional, a juíza Margot Warner suspende as execuções – o que é criticado pelos setores radicais favoráveis à pena capital.

Tunísia

● **NOME OFICIAL:** República da Tunísia. **Capital:** Túnis. **Nacionalidade:** tunisiana. **Hino:** *Sangue mortal e precioso* (1º verso). **Língua:** árabe (oficial); berbere, francês. **Religião:** islamismo, 99% (oficial); cristianismo (católicos, ortodoxos, protestantes); judaísmo (minorias). **Data nacional:** 20/3 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da África. **Área:** 163.610 km². **Limites:** mar Mediterrâneo (N e L); Líbia (S e SE); Argélia (O). **Características:** litoral com o arquipélago de Kerkenna e a ilha Jerba; cadeia dos Atlas com numerosos lagos (NO); platô central; deserto (S). **Ponto mais elevado:** monte Chombi (1.544 m). **Clima:** árido tropical (maior parte); mediterrâneo (litoral). **Rio principal:** Medjerda. **Cidades principais:** Túnis (620.100 hab.); Sfax (221.800); Ariana (131.400); Sussa (101.100) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 8.413.000 (est.1992); **urbana:** 54% (1990). **Composição demográfica:** árabes, 98,2%; berberes, 1,2%; franceses, 0,2%, italianos, 0,1%; outros. 0,3% (1983). **Crescimento demográfico:** 1,9% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 37,3%; **15-59:** 55,2%; **mais de 60:** 7,5% (1990). **Densidade (hab./km²):** 51,4 (1992). **Natalidade:** 25,4 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6,4 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 44 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,4 (1990–1995). **Vida média homens:** 66,4; **mulheres:** 68,7 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 506 hab.; **médicos:** 1 por 1,8 mil hab. (1989). **Gastos com saúde:** 8,5% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 34,7% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,9 milhão; **professores:** 79,1 mil (1991/92). **Alunos no ensino superior:** 68,5 mil (1990/91); **professores:** 237 (1988/89). **Gastos:** 14,1% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista com chefe de Estado forte. **Data da Constituição em vigor:** 1º/6/1959 (1 emenda). **Divisão administrativa:** 18 governadorias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principal partido:** União Constitucional Democrática. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Zin al-Abidin ben Ali (desde 7/11/1987). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 141 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 14,5%; indústria, 21,4%; mineração, 6,8%; comércio, 23,2%; serviços, 34,1% do PIB (1990). **Agricultura:** trigo, cevada, azeitona, frutas cítricas, tâmara. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 92,1 mil t (1990). **Indústria:** processamento de produtos agrícolas e minerais, têxtil, materiais de construção, maquinários, química, papel, madeireira. **Minerais:** petróleo, gás natural, fosfatos, ferro, zinco, chumbo. **Exportações:** US$ 4 bilhões; **produtos:** petróleo bruto, fosfatos, fertilizantes, azeite de oliva, têxteis, vestuário (1992). **Importações:** US$ 6,4 bilhões; **produtos:** maquinário, petróleo e derivados, ferro, aço, cereais (1992). **Parceiros comerciais:** países membros da CEE (França, Itália e Alemanha, principais), EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico

decimal. **Moeda:** dinar tunisiano (dividido em 100 milliémes); **cotação para 1 US$:** 0,95 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 12,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.510 (1991); **crescimento anual:** 3,5% (1980–1991). **Inflação:** 5,5% (1992). **Dívida externa:** US$ 8,3 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 2,8 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 23%; indústria, 32%; comércio e serviços, 34,5% outros, 10,5%; **mão-de-obra feminina:** 20,9% (1989). **Desemprego:** 9,2% (1989).

● **DEFESA: Efetivo total:** 35 mil (1992); **Exército:** 27 mil; **Marinha:** 4,5 mil; **Força Aérea:** 3,5 mil; **outros:** 13,5 mil paramilitares. **Gastos:** 2,8% do orçamento (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 29,2 mil km; 60% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 529,6 mil; **automóveis:** 321,1 mil (1989). **Ferrovias:** 2,2 mil km (1990). **Portos:** Tunis-La Goulette, Radés, Bizerta, Soussa, Sfax, Gabés, Zarzis; La Skhirra (petróleo). **Linhas aéreas:** Air Liberté Tunisie, Tunis Air (vôos internacionais e domésticos); Tunisavia (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,8 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 13 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 24 hab. (1991). **Jornais diários:** 6; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 28 (1991).

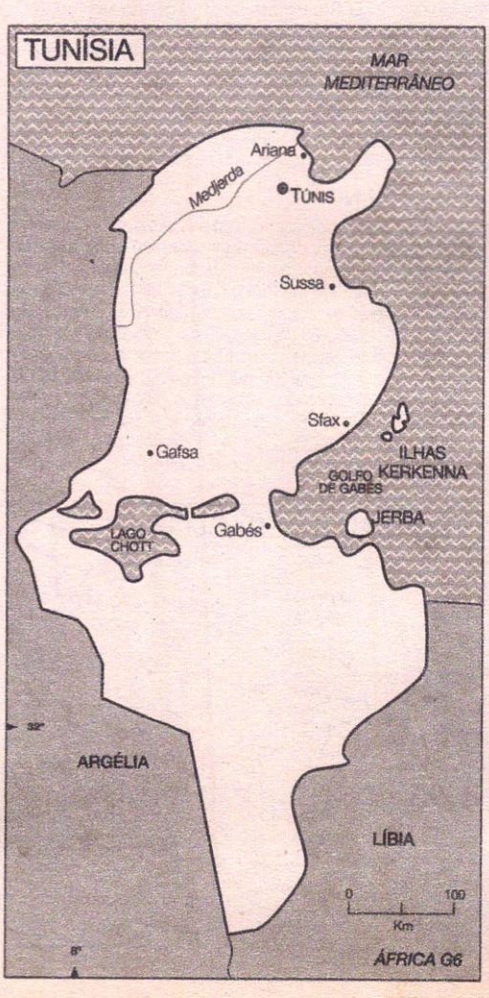
● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 09, cj. 16, casa 20, CEP 70484-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-3725.

HISTÓRIA

Os fenícios a colonizaram (séc. XII a.C.), fundando a cidade-Estado de Cartago (séc. VI a.C.), destruída pelos romanos (146 a.C.). Foi ocupada pelos árabes (séc. VII) e os turcos (1574, mas com autonomia plena). **1705:** fundada a dinastia Hussein. **1881:** protetorado francês. **1934:** Habib Burguiba funda o *Neo-Destur* (Nova Constituição), pró-independência. **1942 – 1945:** na II Guerra, campanha alemã do N da África. **1956:** independência (20/3). **1957:** deposição do bey Sid Lamine; República com Burguiba presidente. **1968:** ruptura com a Liga Árabe por apoiar o reconhecimento de Israel. **1970:** Burguiba, presidente vitalício. **1977/78:** reprimidas manifestações de trabalhadores. **1979:** ruptura com o Egito, em protesto pelo acordo de paz com Israel. **1981:** restauração da atividade sindical; eleições com participação da oposição, mas só o governo elege parlamentares. **1982:** acordo sobre águas territoriais com a Líbia, na Corte Internacional da Justiça; acolhidos mil guerrilheiros palestinos, expulsos de Beirute. **1984:** distúrbios causados pelo aumento do preço do pão. **1985:** choques com sindicatos e estudantes; bombardeio israelense do quartel-general da OLP. **1986:** o 1º-min. Mohamed Mzali, ligado ao grupo reformista de Wassila Burguiba, mulher do presidente, perde o cargo para Rashid Sfar e é exilado. **1987:** distúrbios estudantis e sindicais; atentados fundamentalistas; Sfar é substituído por Zin Abidin ben Ali, que embarga Burguiba e assume a presidência; medidas liberalizantes. **1988:** fim da presidência vitalícia; reeleição restrita a apenas dois mandatos; o *Destur* passa a chamar-se União Constitucional Democrática; pluripartidarismo. **1989:** eleição de Ben Ali com 99% dos votos; o 1º-min. Hedi Baccuche é substituído por Hamed Karru; proibição dos partidos religiosos. **1991:** apoio ao Iraque na Guerra do Golfo: queda do chanceler Ismail Khelil, substituído por Habib Bulares (ago.); após acusações da Anistia Internacional: anistia a presos políticos e criação da Comissão Nacional dos Direitos Humanos (7/11); prisão de fundamentalistas: protestos e atentados contra a sede da UCD; prisão e condenação dos culpados (21 e 22/5); três deles, do *Hezb-Ennahdaa* (Movimento da Renascença), de Rashid Ganuchi, são executados (9/10); atritos de fronteira com o Sudão e a Argélia, que asilam os fundamentalistas; acordo com Argel: em troca da suspensão desse asilo, anistia para 1.070 presos políticos e redução da pena de 141 outros (nov.); a Anistia Internacional denuncia torturas, a Liga Tunisiana dos Direitos Humanos exige a apuração (10/12) mas, em resposta, em **1992:** a Lei das Associações (4/3) restringe a existência de organizações de defesa dos direitos civis; criado o Ministério da Cooperação Internacional e do Investimento Externo, para abrir o país ao exterior (9/6); manifestações contra o julgamento (10/7) de 171 membros do *Ennahdaa*: trinta deles (entre os quais Ganuchi, *in absentia*) são condenados à prisão perpétua; a criação do Ministério dos Assuntos Religiosos, entregue ao moderado Ali Chebbi, não diminui as reivindicações e protestos integristas (ago.).

FATOS DO ANO

O pres. Zin al-Abidin ben Ali confirma, em 10/1/1993, que eleições gerais pluripartidárias se realizarão em mar. de 1994. A abertura foi retomada, no fim de 1992, após a fase repressiva em que a Liga Tunisiana dos Direitos Humanos esteve fechada; e liga-se à retomada de desenvolvimento da economia que, em 1992, voltou a crescer 4,8% – tanto que, em out. daquele ano, tendo recebido dos EUA US$ 28 milhões, Ben-Ali dispensou novos empréstimos do FMI. Preparando-se para as eleições, a oposição passa por mudanças: em 15/3, o comunista Mohamed Harmel anuncia que o PC abandonou o marxismo, optou por um "pensamento progressista" e passa a chamar-se Movimento de Renovação. Isso contribui para o apoio que o Banco Mundial dá, em 6 e 7/5, aos planos do min. das Finanças, Nuri Zorgati. Representantes da oposição assistem, em 29/7, à abertura do con-



gresso da governista União Constitucional Democrática, de que Ben Ali é reeleito presidente. E em 2/8, após seu encerramento, ele promove ampla reestruturação do Politburo, numa medida preparatória para as eleições.

Turcomênia

● **NOME OFICIAL:** República Turcomênia. **Capital:** Ashkhábad. **Nacionalidade:** turcomana. **Língua:** turcomano (oficial); russo. **Religião:** islamismo (sunitas, maioria). **Data nacional:** 27/10 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da Ásia. **Área:** 488.100 km². **Limites:** Uzbequistão (N); Irã (S); Afeganistão (SE); mar Cáspio (O); Cazaquistão (NO). **Características:** deserto central (4/5 do território); montanhas e rios na porção oriental do território. **Clima:** árido frio. **Rios principais:** Murgab, Amudária. **Cidades principais:** Ashkhábad (416.400 hab.); Tchárdzov (166.400); Tachauz (117.000); Mary (94.900); Nebit-Dag (89.100) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +8h.

● **POPULAÇÃO:** 3.859.000 (est.1992); **urbana:** 45,4% (1991). **Composição demográfica:** turcomanos, 72%; russos, 9,5%; uzbeques, 9%; cazaques, 2,5%; tártaros, 1,1%; outros, 5,9% (1989). **Crescimento demográfico:** 2,7% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 40,5%; 15-59: 53,4%; mais de 60: 6,1% (1989). **Densidade (hab./km²):** 7,9 (1992). **Natalidade:** 34,2 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 45,2 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4,3 (1989). **Vida média homens:** 62,9; **mulheres:** 69,7 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 86 hab.; **médicos:** 1 por 274 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 13% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 7% (1992). **Alunos de 1º e 2º graus:** 860,6 mil; **professores:** 55,2 mil (não compreende ensino profissionalizante, 1989/90). **Alunos no ensino superior:** 42 mil (1989/90). **Gastos:** 30% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade dos Estados Independentes. **Data da Constituição em vigor:** 18/5/1992. **Divisão administrativa:** 3 províncias e uma região dependente da República (Achgabat). **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Democrático, Renascença Islâmica. **Chefe de Estado e de governo:** pres. gen. Saparmurád A. Niázov (desde 27/10/1990). **Legislativo:** unicameral – Majlis, com 50 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 46,4%; indústria, 42,3%; comércio e serviços, 11,3% do PIB (1991). **Agricultura:** algodão, grãos, verduras, frutas (uva e melão). **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos, suínos. **Indústria:** extração e manufaturas minerais, têxtil, geração de eletricidade, química. **Minerais:** petróleo, gás natural, iodo-bromina, sulfato de sódio e sais. **Exportações:** US$ 4,7 bilhões; **produtos:** industriais leves (fios de algodão, principal), petróleo e gás natural (1991). **Importações:** US$ 4,2 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, metalúrgicos, industriais leves, alimentos (1991). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** rublo (dividido em 100 copeques); **cotação para 1 US$:** 412,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 11,1 bilhão; **renda per capita:** US$ 2.992 (1991); **crescimento anual do PML:** -0,6% (1991). **Inflação:** 90,4% (1991). **Dívida externa:** US$ 420 milhões (1992). **Força de trabalho:** 1,6 milhão; **distribuição:** agricultura, 42,6%; indústria, 20,1%; comércio, 5,7%; serviços, 29,9%; outros, 1,7% (1991); **mão-de-obra feminina:** 52,2% (1990). **Desemprego:** 20-25% (1991).

● **DEFESA: Efetivo total:** 34 mil (1992); **outros:** 100 mil da Guarda Nacional.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 13,4 mil km; 86% pavimentados (1990); nº de automóveis: 170,6 mil (1988). **Ferrovias:** 2,1 mil km (1990). **Porto:** Krasnovódsk.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1. **Emissora de TV:** 1; **receptores de rádio e de TV:** 1 por 307 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 15 hab. (1989). **Jornais diários:** 66; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 307 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 136 East 67th Street, New York, NY 10021; tel. (212) 472-5921.

HISTÓRIA

Originários do extremo do vale de Sirdariá, os turcomanos moveram-se para o S no séc. X. Sem unidade política até o início do séc. XX, suas tribos nômades eram vassalas dos persas ou do emirado de Bukhara. **Séc. XVI/XVII:** a tribo chaudor domina o N do território; e a salor, o S. **Séc. XVIII:** a ascendência passa para os tekes, yomud, ersari e saryk, com bases no oásis de Khorezm e às margens dos rios Atrek, Tedjen e Murgab; os tekes são rivais dos yomud e ambos são hostilizados pelos goklan, do oásis de Khiva. **1717:** expedição russa do princ. Aleksandr Biekóvitch-Tcherkásski, expulso pelos tekes. **1869:** um regimento russo, com apoio dos yomud e goklan contra os tekes, funda, a L do mar Cáspio, o porto de Krasnovódsk. **1874:** criado distrito militar russo. **1881:** criada a Província Transcaspiana; derrota dos tekes, pelo gen. Mikhaíl Skobelióv, na batalha de Geok-Tepe. **1899:** a província torna-se governo-geral. **1916:** em Tedjen, revolta contra a dominação russa: oficiais do Exército são mortos. **1918:** turcomanos, com apoio de 1.200 britânicos, cujo quartel-general é no NE do Irã, opõem-se ao avanço dos bolcheviques vindos do Táshkent. **1919:** retirada britânica (abr.); o Exército Vermelho captura Ashkhábad (jul.). **1920:** os bolcheviques ocupam Krasnovódsk (fev.). **1920 – 1923:** divisão da Turcomênia nas Repúblicas de Bukhara e de Khorezm, reunificadas, em 1924: na República soviética da Turcomênia (27/10). **1928:** todas as instituições islâmicas são fechadas. **Década de 30:** expurgo dos autonomistas e dos opositores ao programa de coletivização. **1958:** demissão do sec.-geral do PC, Karim Babáiev, que exigiu equilíbrio, na distribuição dos cargos públicos, entre turcomanos e russos. **1989:** primeiras manifestações separatistas: criação da "frente popular" *Agzybirlik*. **1990:** declaração unilateral de independência (24/8). **1991:** adesão ao projeto de Gorbatchóv de reformulação da URSS; depois do golpe de ago. em Moscou, o pres. Saparmurád Niázov convoca plebiscito (26/10) que formaliza a independência, adere à CEI e troca o nome do PC para Partido Democrático da Turcomênia. **1992:** nova Constituição (mar.): Niázov recebe poderes de chefe de Estado e de governo, abole o cargo de vice-presidente e cria o *Majlis* (Parlamento) e um Conselho Popular; Niázov rejeita a economia de mercado e a privatização das estatais, mas assina com o Irã acordos de exploração de gás natural, transportes, sistema bancário e relações comerciais (mai.); é reeleito (21/6) com 99,5% dos votos; acordo cria comando conjunto das Forças Armadas com a Rússia (8/6).

FATOS DO ANO

Autoritarismo, centralização econômica – apesar de vagas promessas de privatização –, repressão a dissidentes e culto da personalidade marcam o governo do pres. Saparmurád Niázov, sec.-geral do ex-PC, que, hoje, chama-se Partido Democrático da Turcomênia. Chamado de "Herói da Turcomênia", ele é agraciado com prêmios literários, títulos honoríficos (em dez. de 1992, o recém-criado *Khalk Maslakháty*, Conselho do Povo, conferiu-lhe o título de general), e toma-se, em 1993, nome de rua – a começar pela avenida central de Ashkhábad, que, antes, chamava-se Lênin. E a sua biografia é um best-seller em todo o país. Em nov. de 1992, dez oposicionistas foram presos e a Anistia Internacional não conseguiu autorização para verificar, de perto, a situação dos direitos humanos no país. Até a troca do min. do Interior, cargo fundamental num regime que opta pela repressão à dissidência, é cercada de mistério: até o final do ano, não se sabe o nome do substituto de F. Tchariarov, "demitido por incompetência" em abr. de 1993.

Afastando-se da CEI – No início de 1993, Niázov assina acordos comerciais com a Rússia, acerta a construção de uma ferrovia Ashkhábad-Teerã e, durante uma viagem privada a Paris, consegue firmar termos de formação de *joint-ventures* com a Elf-Aquitaine e a Thomson. Mas é cada vez menor seu interesse nos contatos com a CEI: no encontro de jan. de 1993, em Minsk, Niázov recusa-se a assinar o tratado que criava maiores vínculos político-econômicos entre os países membros; em mai., negou-se a aderir ao processo de união econômica com eles, para não ter de vender-lhes gás natural a preços reduzidos; e, em 1º/11, saiu da Zona do Rublo criando nova moeda, o manat.

Turquia

● **NOME OFICIAL:** República da Turquia. **Capital:** Ancara. **Nacionalidade:** turca. **Hino:** Marcha da Independência (título). **Língua:** turco (oficial); curdo (SE, minoria). **Religião:** islamismo (sunitas, 99,2%); cristianismo (ortodoxos, 0,3%). **Datas nacionais:** 27/5 (Constituição); 29/10 (República).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** uma parte no sudeste europeu e outra no centro-oeste da Ásia. **Área:** 779.452 km². **Limites:** mar Negro (N); Bulgária e Grécia (NE); Iraque, Síria e mar Mediterrâneo (S); Geórgia, Armênia e Irã (L); mar Egeu (O). **Características:** território formado pelas mesetas da Anatólia (altitude média 1.000 m, a O) e da Armênia (entre 1.500 e 1.800 m, a L); planície costeira estreita e irregular; montes Jônicos (N) e Taurus (S). **Ponto mais elevado:** monte Ararat (5.185 m). **Clima:** mediterrâneo (litoral e S); temperado continental (N). **Rios principais:** Kizilirmak, Sakaria, Seyhan, Tigre, Eufrates. **Cidades principais:** Istambul (6.620.241 hab.); Ancara (2.559.471); Esmirna (1.757.414); Adana (916.150); Bursa (834.576) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 58.584.000 (est.1992); **urbana:** 61,3% (1990). **Composição demográfica:** turcos, 85,7%; curdos, 10,6%; árabes, 1,6%; circasianos, 0,3%; turcomanos, 0,3%; georgianos, 0,2%; outros, 1,3% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,2% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 34,6%; **15-59:** 58,4%; **mais de 60:** 7% (1990). **Densidade (hab./km²):** 75,2 (1992). **Natalidade:** 28 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 54 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,6 (1991). **Vida média homens:** 68; mulheres: 72 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 465 hab.; **médicos:** 1 por 1,1 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 3% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 19,3% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 10,5 milhões; **professores:** 383,8 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 644,8 mil; **professores:** 32 mil (1989/90). **Gastos:** 17,6% do orçamento (1991).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Data da Constituição em vigor:** 7/11/1982 (1 emenda). **Divisão administrativa:** 74 províncias e 2.074 municipalidades. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Justa Via, da Mãe Pátria, Populista Social Democrata. **Chefe de Estado:** pres. Süleyman Demirel (desde 16/5/1993). **Chefe de governo:** 1ª-min. Tansu Çiller (desde jun. 1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 450 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 15,5%; indústria, 28%; mineração, 1,7%; comércio, 17%; serviços, 37,8% do PIB (1992). **Agricultura:** algodão, tabaco, trigo, frutas, noz, cevada, semente de girassol, milho, beterraba, batata, chá, azeitona. **Pecuária:** ovinos, bovinos, caprinos. **Pesca:** 382,2 mil t (1992). **Indústria:** têxtil, alimentícia, refino de petróleo, metalúrgica, siderúrgica, química. **Minerais:** cromo, cobre, bórax, carvão, petróleo, gás natural, bauxita, minério de ferro, manganês, enxofre. **Exportações:** US$ 14,7 bilhões; **produtos:** têxteis, metais, frutas secas, tabaco, químicos (1992). **Importações:** US$ 22,9 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, combustíveis líquidos, ferro, aço, veículos, químicos (1992). **Parceiros comerciais:** Alemanha, EUA, França, Itália, Grã-Bretanha, Arábia Saudita, Repúblicas da CEI, Iraque. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** lira turca (dividida em 100 kurush); **cotação para 1 US$:** 8.564,40 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 103,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.820 (1991); **crescimento anual:** 5,4% (1980–1991). **Inflação:** 70,1% (1992). **Dívida externa:** US$ 50,3 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 20,7 milhões; **distribuição:** agricultura, 46,4%; indústria, 18,1%; comércio, 10,2%; serviços, 18,2%; outros, 7,1%; **mão-de-obra feminina:** 31,1% (1991). **Desemprego:** 11,8% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 570,3 mil (1992); **Exército:** 460 mil; **Marinha:** 52,3 mil; **Força Aérea:** 58 mil; **outros:** 120 mil paramilitares. **Gastos:** 10,4% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 367,4 mil km; 14% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 2,7 milhões; **automóveis:** 1,9 milhão (1990). **Ferrovias:** 8,4 mil km (1990). **Portos:** Bandirma, Derince, Istambul, Iskenderun, Esmirna, Mersin, Samsun. **Linhas aéreas:** THY, TUR European Airways, Sultan Hava Yollari, Istanbul Hava Yollari (vôos internacionais e domésticos); Birgen Hava Yollari, Green Air, Onur Air, Pegasus Hava Tasimaciligi Sun Express.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 87; **receptores:** 1 por 8,1 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 5,4 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 7 hab. (1991). **Jornais diários:** 31 principais; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 72 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 23, CEP 70452-900, Brasília, DF; tel. (061) 242-1850.

HISTÓRIA

Bizâncio (Istambul), fundada pelos gregos (séc. VII a.C.), foi capturada pelos romanos (96 a.C.), reconstruída pelo imp. Constantino e rebatizada em sua homenagem. Constantinopla, tomada pelos turcos (1453), tornou-se a sede do Imp. Otomano. Sua queda (1918) marca o início da história moderna do país. **1920:** a sujeição de Mohamed VI às imposições do Tratado de Sèvres descontenta os nacionalistas, liderados por Mustafá Kemal. **1923:** deposição do sultão; República: Kemal é o presidente. **1923/24:** Constituição; campanha de ocidentalização. **1934:** Kemal assume o nome de Atatürk ("pai dos turcos"). **1938:** morte de Atatürk, sucedido por Ismet Inönü, que liberaliza o regime. **1950:** Celâl Bayar e Adnan Menderes, do Partido Democrata, tornam-se chefes do Estado e do governo. **1959:** rápida industrialização com o Plano Marshall: crise econômica, plano de austeridade. **1960:** golpe do gen. Cemal Gürsel; banimento do PD; julgamento de Bayar e Menderes, este último é enforcado. **1961/62:** nova Constituição; Gürsel e Inönü governam o país. **1964:** interferência no conflito entre greco e turco-cipriotas. **1965:** vitória de Süleyman Demirel, do

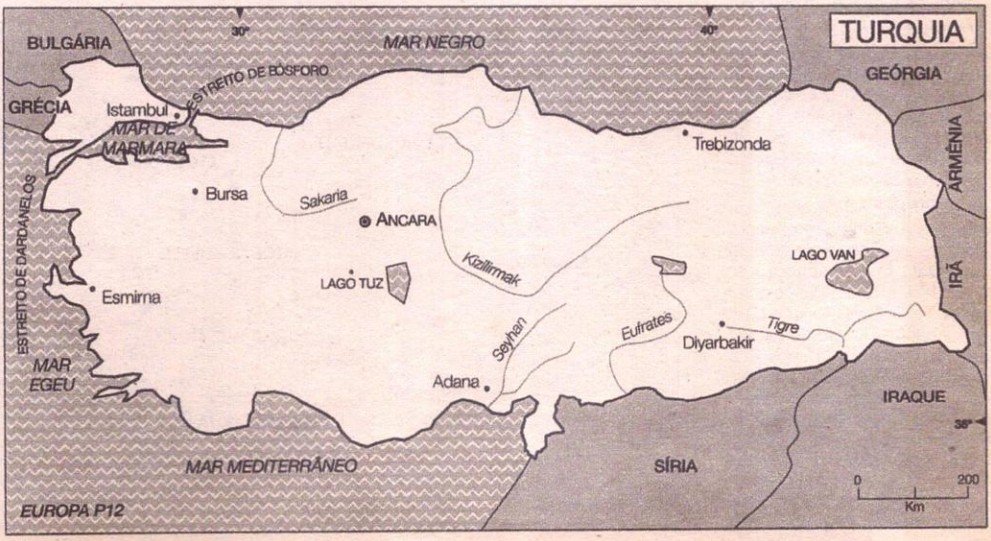
Adalet (Partido da Justiça). **1966**: afastamento de Gürsel, por doença. **1968/69**: protestos estudantis contra a presença americana no país. **1974**: intervenção em Chipre, renúncia do 1º-min. Bülent Ecevit. **1975**: Demirel forma coalizão de direita. **1976**: renovado acordo de ajuda militar americana. **1977 – 1979**: Demirel e Ecevit revezam-se no poder sem obter a confiança do Parlamento; instabilidade, Lei Marcial contra o terrorismo de direita e esquerda. **1980**: acordo com os EUA para a utilização de bases militares em troca de US$ 1 bilhão anual em ajuda; organizações internacionais denunciam violação de direitos humanos; golpe do gen. Kenan Evren depõe Demirel; proibidas as atividades políticas e sindicais; repressão e combate ao terrorismo. **1981**: cassação da nacionalidade de oposicionistas exilados; nomeada Constituinte sob controle militar; a repressão provoca ruptura com a CEE; aproximação com o governo Reagan. **1982**: nova Constituição, restabelecimento dos partidos, reforma da lei eleitoral, convocadas eleições para 1983; mas continuam os processos contra dissidentes, a censura à imprensa e os expurgos na universidade. **1983**: vitória do conservador Partido da Mãe Pátria (PMP) (6/11), de Turgut Özal. **1985**: suspensão parcial da Lei Marcial. **1986**: nova vitória do PMP. **1987**: plebiscito suspende a cassação dos direitos políticos de dirigentes: Demirel e Ecevit voltam à política; nova vitória do PMP. **1988**: Özal escapa de atentado (18/6); processo contra Niahat Sargin e Haydar Kutky, do PC (8/6); denúncia, pela Anistia Internacional, de 250 mil torturados desde 1980. **1989**: renúncia do vice-1º-min. Kaya Erden por escândalos financeiros (4/1); Özal assume a presidência (17/10) e nomeia Yildrim Akebulut 1º-ministro (9/11); a catedral de Santa Sofia, transformada em museu, torna-se uma mesquita. **1990**: repatriação de turcos que fogem da eslavização forçada na Bulgária, protestos contra a repressão aos curdos e a permissão para que os EUA bombardeiem o Iraque a partir da Turquia provocam a renúncia do chanceler Mesut Yilmaz, do min. da Defesa, Safa Gyray, e do com. do Estado-Maior, gen. Necip Toruntay; o apoio aos aliados na Guerra do Golfo aumenta o terrorismo fundamentalista e do *Dev Sol* (Esquerda Revolucionária), os assassinatos políticos e os choques com os separatistas curdos. **1991**: autorizado o uso da língua curda na vida privada e na música, mas permanece a proibição no rádio e nos jornais (8/3); permitida a formação de partidos comunistas ou fundamentalistas; comutada a pena de morte de 256 condenados; 500 mil curdos iraquianos são abrigados em campos na fronteira; greve geral paralisa 1,5 milhão de trabalhadores; renúncia de Akbulut (jun.), após a perda da presidência do PMP para Yilmaz, que o substitui; vitória do *Dogru Yol* (Justa Via), de Demirel (20/10), mas sem maioria. **1992**: nova lei antiterrorismo atenua a repressão; anistia a 5 mil presos políticos (abr.); crise com Berlim, que protesta por terem sido usadas, na repressão aos curdos, armas compradas na Alemanha (mar.); por pressão do Conselho da Europa, apresentação, no Parlamento, da proposta de suspensão da tortura, redução da detenção sem julgamento e aceleração do processo penal (6/5); permitida a circulação de dois jornais em curdo (jun.); legalização do Partido Populista Republicano, suspenso desde 1980 (set.); ataque a bases curdas no N do Iraque.

FATOS DO ANO

A morte do pres. Turgut Özal, em 17/4/1993, traz mudanças inesperadas à política turca. O 1º-min. Süleyman Demirel, eleito seu sucessor (16/5), é substituído, em 14/6, por Tansu Çiller, ministra da área econômica que, nesse meio tempo, conquistara a liderança do *Dogru Yol* (Partido da Justa Via), principal componente da coalizão que Demirel chefiava. Além de ser a primeira vez que uma mulher chefia o governo, interrompem-se os planos da ala moderada do *Anavatan* (Partido da Mãe Pátria), de Özal, de formar novo partido, que ele lideraria, em protesto contra o crescimento, dentro da organização, do extremismo de direita. Por enquanto, não há outro político tão carismático quanto Özal para liderá-lo.

Rumo à CEE – O gabinete Çiller (25/6) exclui a velha guarda do DY e seu programa de governo, aprovado em 5/7, inclui privatizações aceleradas – que o Parlamento lhe permitiu fazer por decreto –, reforma fiscal e desinvestimento estatal amplo, para aliviar o déficit orçamentário previsto de US$ 9,4 bilhões. Pôr em ordem a economia é prioritário para um país que, desde 1987, tenta ser aceito na CEE. Para a Europa, ele representa uma barreira à propagação do fundamentalismo islâmico, mantido relativamente sob controle pelo governo – embora ainda haja episódios como o assassinato do jornalista Ügür Mumcü (24/1/1993), que criticava o extremismo muçulmano. A Turquia é, também, uma ponte para o comércio com as Repúblicas asiáticas da ex-URSS, com as quais tem vínculos étnicos, lingüísticos e religiosos. Inflação elevada, baixo índice de industrialização e assistência social obsoleta são obstáculos ao ingresso; mas em nov. de 1992, a CEE fixou para 1996 a união aduaneira, primeiro passo para posterior integração.

As violações dos direitos humanos e a perseguição aos curdos também têm sido internacionalmente condenadas. Em 24/1/1993, a greve de fome de setecentos exi-



lados curdos em Bruxelas chama a atenção para greve semelhante de mil membros dessa etnia, presos na Turquia, em protesto contra os maus-tratos recebidos. Visando a abrir caminho para uma solução negociada, Abdala Ocalan, do Partido dos Trabalhadores do Curdistão, anuncia em 17/3 um cessar-fogo a vigorar entre 20/3 e 15/4 e dispõe-se a renunciar ao item programático do PTC que propõe a criação de um Estado curdo. A trégua é prorrogada até 24/5, mas, como há apenas evasivas de Ancara, a ofensiva recomeça: cinco civis e 33 soldados são mortos na província de Bingöl, a sudeste da Anatólia. Declarando "guerra total", o PTC faz, em pouco tempo, trezentos mortos, entre os quais turistas estrangeiros; e começa, em 24/6, ataques simultâneos a embaixadas e escritórios de empresas turcas, em dezoito cidades européias. Até nov., há dois mortos e dezenas de feridos. A essa altura, atendendo ao pedido de Ancara, a Alemanha, onde residem 450 mil curdos, passa a perseguir os militantes do PTC que operam em seu território.

Tuvalu

● **NOME OFICIAL:** Ilhas de Tuvalu. **Capital:** Fongafale. **Nacionalidade:** tuvaluana. **Hino:** *Tuvalu para o todo-poderoso* (1º verso). **Língua:** tuvaluano, inglês. **Religião:** cristianismo (congregacionistas, 96,9%; adventistas do sétimo dia, 1,4%; católicos, 0,2%); islamismo (bahaístas, 1%). **Data nacional:** 1º/10 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Oceania. **Área:** 26 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** 9 atóis de solo pobre, dispersos numa região de 560 km². **Clima:** equatorial chuvoso. Cidade principal: Fongafale (3.430 hab.)(zona urbana, 1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +15h.

● **POPULAÇÃO:** 9.500 (est.1992); **urbana:** 34,2% (1985). **Composição demográfica:** tuvaluanos, 91,2%; mestiços, 7,2%; europeus, 1%; outros, 0,6% (1979). **Crescimento demográfico:** 2% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 33,8%; **15-59:** 58,5%; **mais de 60:** 7,7% (1979). **Densidade (hab./km²):** 365,3 (1992). **Natalidade:** 30 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 10 por 1.000; **mortalidade infantil:** 78,6 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,1 (1990). **Vida média homens:** 60; **mulheres:** 63 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 302 hab.; **médicos:** 1 por 2,3 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 3,1% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 5% (somente tuvaluanos, 1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 1,7 mil (1989); professores de 1º grau: 64 (1987). **Ensino superior:** não há. **Gastos:** 13% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** Monarquia parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 1º/10/1978. **Divisão administrativa:** 9 ilhas. **Regime partidário:** não há. **Chefe de Estado:** rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, representada pelo gov.-geral Toalipi Lauti (desde 1º/10/1990). **Chefe de governo:** 1º-min. Bikenibeu Paeniu (desde 27/9/1989). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 12 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 24,1%; indústria, 19,9%; mineração, 2,7%; comércio e serviços, 53,3% do PIB (1990). **Agricultura:** coco, mandioca, papaia, pandano, banana. **Pecuária:** suínos. **Pesca:** 1,5 mil t (1990). **Indústria:** processamento de coco, sabonete, artesanato. **Exportações:** US$ 2 milhões; **produto:** copra (1991). **Importações:** US$ 3 milhões; **produtos:** alimentos, manufaturas básicas, máquinas industriais e equipamentos de transporte, combustíveis minerais (1991). **Parceiros comerciais:** Austrália, Nova Zelândia. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moedas:** dólar australiano e dólar tuvaluano (divididos em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,45 (dólar australiano, 31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 3 milhões; **renda per capita:** US$ 326 (1987); **Inflação:** 3,8% (1990). **Força de trabalho:** 4 mil (1979); **distribuição:** agricultura, 1%; indústria, 7,5%; comércio e serviços 14%; setores não produtivos, 73,5%; outros, 4%; **mão-de-obra feminina:** 51,3% (1979). **Desemprego:** 4% (1979).

● **DEFESA:** polícia com 32 homens (1987).

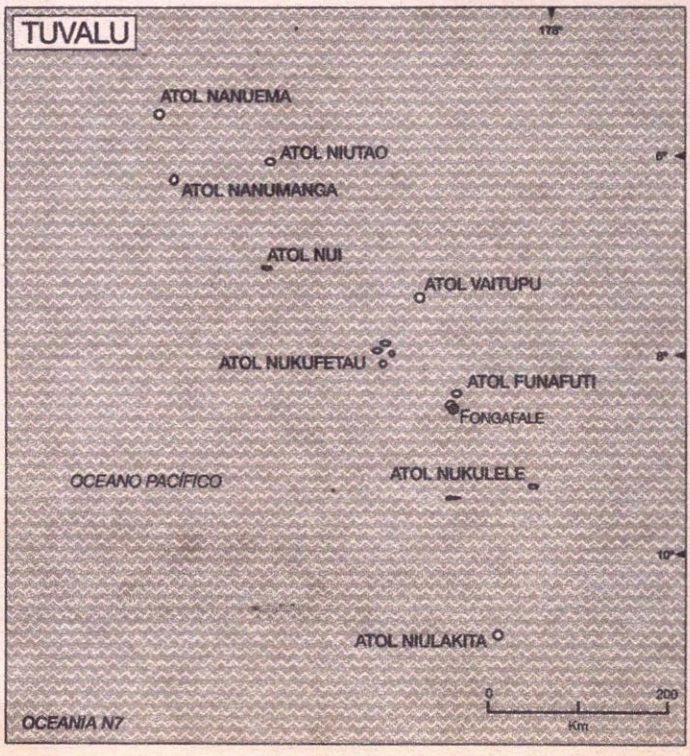
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 8 km não pavimentados. **Ferrovias:** não há. **Porto:** Funafuti. **Linhas aéreas:** não há.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 3,1 hab. (1991). **Emissoras de TV:** não há. **Linhas telefônicas:** 1 por 54 hab. (1987). **Jornais diários:** não há.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** representada por Fiji.

HISTÓRIA

As ilhas da Laguna espanholas chamaram-se Ilhas Ellice ao serem postas sob jurisdição britânica (1877). Entre 1850 – 1875, o atol foi visitado por traficantes de escravos. **1882:** protetorado administrado pelas ilhas Gilbert (Kiribati). **1916:** criada a Colônia de Gilbert e Ellice, com comissário residente em Gilbert. **1942/43:** ocupação japonesa; transferência da capital para Funafuti. **1974:** substituição do Conselho Legislativo por uma Assem-



bléia; separação de Gilbert. **1975**: dependência autônoma com o nome atual; o vice-governador da ex-colônia é o alto comissário; oito representantes na Assembléia das Gilbert tornam-se deputados; Toalipi Lauti é o 1º-ministro. **1977**: eleições (ago.) aumentam para doze os deputados. **1978**: independência (1º/10); Lauti é o chefe do governo. **1981**: vitória de Tomasi Puapua. **1987**: emenda constitucional reduz os vínculos com a Comunidade Britânica. **1989**: Bikenibeu Paeniu é o 1º-ministro. **1991**: abertura a investimentos estrangeiros; delegação do Banco Mundial implanta fontes de energia alternativa; o país pede à Grã-Bretanha, na Corte Internacional de Justiça, US$ 3,35 bilhões de indenização por não ter sido adequadamente preparado para a independência (ago.); acordo com japoneses para a instalação de fábricas de cerveja e biscoitos e de uma fazenda marinha para cultura de algas (dez.).

FATOS DO ANO

O país é admitido, em mai. de 1993, entre os beneficiários do Banco de Desenvolvimento Asiático. O 1º-min. Bikenibeu Paeniu busca, ali, fundos para explorar a descoberta, feita em ago. de 1991, de uma montanha submarina, próxima à ilha de Niulakita, rica em minerais e coral cor-de-rosa; e para implementar o projeto de expansão da pesca de fundo do mar. Com esse objetivo, projeta, para 1993, o excedente orçamentário de 1,5 milhão de dólares australianos. Além disso, para estimular o turismo, está sendo construído um grande hotel no atol de Funafuti, que ficará pronto em 1994. A Grã-Bretanha reagiu negativamente, no final de 1992, ao pedido de aumento de sua quota para o fundo de assistência ao país, formado juntamente com a Austrália e a Nova Zelândia (41,6 milhões de dólares australianos em 1992) e, em meados de 1993, ameaça suspender inteiramente a ajuda econômica.

Ucrânia

● **NOME OFICIAL:** República da Ucrânia. **Capital:** Kíev. **Nacionalidade:** ucraniana. **Língua:** ucraniano (oficial); russo. **Religião:** cristianismo (ortodoxos, maioria; católicos, protestantes); judaísmo, islamismo (minorias). **Data nacional:** 24/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-leste da Europa. **Área:** 603.700 km². **Limites:** Bielorrússia (N); Rússia (L e NE); mar Negro e de Ázov (S); Polônia, Eslováquia, Hungria, Romênia e Moldávia (O). **Características:** planície central cortada de N a S pelo rio Dniepper, cercada por planaltos (O e SO) e pelas montanhas da Criméia (S). **Ponto mais elevado:** monte Goverla (2.061 m). **Clima:** temperado continental. **Rios principais:** Dnieper, Dniester. **Cidades principais:** Kíev (2.643.000 hab.); Kharkov (1.622.800); Dnepropetrovsk (1.189.300); Dõnetsk (1.160.700); Odessa (1.127.700) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): + 6h.

● **POPULAÇÃO:** 52.135.000 (est.1992); **urbana:** 67,5% (1991). **Composição demográfica:** ucranianos, 72,2%; russos, 22,1%; bielorrussos, moldavos, poloneses (minorias). **Crescimento demográfico:** 0,06% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 21,5%; **15-59:** 60,1%; **mais de 60:** 18,4% (1991). **Densidade (hab./km²):** 86,4 (1992). **Natalidade:** 12,7 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 12,1 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 12,8 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,9 (1990). **Vida média homens:** 66; **mulheres:** 75 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 74 hab.; **médicos:** 1 por 229 hab. (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 6% (1992). **Alunos de 1º e 2º graus:** 7,7 milhões; **professores:** 532 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 881,3 mil (1990/91). **Gastos:** 25,3% do orçamento (1992).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). **Constituição:** à espera de aprovação. **Divisão administrativa:** 24 regiões e a área metropolitana de Kíev; a República da Criméia possui um status especial com grande autonomia interna. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Congresso das Forças Nacionais Democráticas, Nova Ucrânia, Mov. Popular. **Chefe de Estado:** pres. Leonid M. Krávtchuk (desde 1º/12/1991). **Chefe de governo:** 1º-min. Leonid Kútchma (desde 13/10/1992). **Legislativo:** unicameral – Conselho Supremo, com 450 membros eleitos por voto direto.

● **ECONOMIA:** agricultura, 28,7%; indústria, 56,9%; comércio e serviços, 14,1% do PML (1991). **Agricultura:** grãos, beterraba, batata, verduras e legumes. **Pecuária:** bovinos, suínos, ovinos, caprinos. **Indústria:** metalúrgica, engenharia mecânica, química, maquinária (locomotivas, equipamentos ferroviários, tratores, automóveis e ferramentas), armamentista. **Minerais:** carvão, minério de ferro, manganês, gás natural, petróleo. **Exportações:** US$ 27 bilhões; **produtos:** maquinários, manufaturas de metal, matérias-primas ferrosas e não ferrosas, petroquímicos, carvão, alimentos, bens de consumo (1990). **Importações:** US$ 31,9 bilhões; **produtos:** máquinas, manufaturas de metal, industriais leves, químicos, alimentos, energia (1991). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** karbovanets (temporária); hryvnia (permanente, introduzida em 1993). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 121,5 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.340 (1991); crescimento anual do PML: – 9,6% (1980–1991). **Inflação:** 1.600% (1992). **Dívida externa:** US$ 10 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 24,2 milhões; **distribuição:** agricultura, 25,3%; indústria, 39,4%; comércio, 4,2%; serviços, 26%; outros, 2,1% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 230 mil (1992); **Exército:** 150 mil; **Marinha:** 30 mil; **Força Aérea:** 50 mil; **outros:** 610 mil (Força Aérea de Defesa) e 6 mil (guarda Nacional). **Gastos:** 6,3% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 167,8 mil km; 94% pavimentados (1991); **nº de automóveis:** 2,9 milhões (1988). **Ferrovias:** 22,8 mil km (1991). **Portos:** Ialta, Ievpatória; usa os portos de Novorossijsk e Sochi (Rússia) e Batúmi, Sukhúmi (Geórgia). **Linha aérea:** Ukranian Airlines (vôos domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 4,1 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 3 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 7,5 hab. (1991). **Jornais diários:** 1.787; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 48 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** embaixada da Rússia, SES, Av. das Nações, lote A, Brasília, DF, CEP 70476-900; tel. (061) 232-3094.

HISTÓRIA

No séc. IX, os habitantes de Kíev, Tchernigóv e Pereiáslavl, chamados por seus vizinhos eslavos de *rus* (do finlandês *ruotsi*, "do outro lado do mar", pois eles vinham de além-Báltico), formaram o *Kíevski Rus*, cristianizado pelo princ. S. Vladímir (989): ele estendeu os territórios para O e NE, dividindo-os em principados com capitais em Volodímir, na Volínia, e em Gálitch, às margens do Dniestr. **1199**: Rôman Volínski os unifica. **1237 – 1323**: invasões tártaras: declínio da dinastia Volínski. **1324**: o sucessor é o polonês princ. Boleslaw de Mazowice. **1340**: anexação por Casimiro, o Grande, da Polônia. **1386**: a Polônia-Lituânia coloniza a região *ukraina* ("perto da fronteira"); quem não quer submeter-se foge para áreas desertas do Baixo Dniepr: por isso, são chamados de cossacos zaporojes (do turco *kazakh*, "fugitivo"; e do russo *za póroj*, "além das cataratas"). **Séc. XVI**: poloneses e moscovitas contratam cossacos para protegê-los dos tártaros. **1569**: reação separatista dos cossacos, a quem os poloneses tentam impor a servidão e o catolicismo. **1595/96**: adesão do Sínodo de Brzecz, na Polônia, ao catolicismo romano, rejeitada pelos católicos uniatas e os ortodoxos ucranianos. **1578**: os cossacos registrados como empregados dos poloneses (8 mil até 1630) ganham o direito de exercer cargos públicos; os demais zaporojes são considerados rebeldes. **1635 – 1638**: su-

focada a revolta zaporojes contra a construção, nas cataratas do Dniepr, da fortaleza de Kúdak, para submetê-los. **1638**: O *Sejm* (Parlamento polonês) reduz a 6 mil os registrados e ordena a supressão dos zaporojes. **1647/48**: em protesto, o registrado Bogdán Khmelnítski volta ao Dniepr, onde é eleito *hetman* (comandante), toma Kúdak, derrota os poloneses em Jóvti Vódy e Korsún, toma Pilawce, Lwów e Zamość: massacra latifundiários, padres e judeus. **1649**: o rei da Polônia não cumpre suas promessas conciliatórias; Khmelnítski o obriga, em Zborowo, a aumentar os registrados para 40 mil. **1651**: inimigos do *hetman* o derrotam em Berestétchko (30/6): os cossacos perdem as províncias de Tchernigóv e Bratslav; os registrados são reduzidos para 20 mil. **1652**: insatisfeita, a *Rada* (conselho) cossaca pede ao tsar Aleksêi Mikháilovitch Românov proteção contra a Polônia. **1653 – 1656**: I Guerra Russo-Polonesa; a Ucrânia torna-se protetorado russo. **1657**: morte de Khmelnítski; seu sucessor, Ivan Vykhóvski, rejeita o protetorado: acordo de fusão com a Polônia-Lituânia (Hadziacz, 16/9/1658), que leva, em **1658 – 1667**: à II Guerra Russo-Polonesa; Tratado de Andrúsovo: partilha da Ucrânia, contra a qual, em **1668**: o *hetman* Petro Doroshenko reage oferecendo o protetorado ao sultão otomano Maomé IV. **1672**: a Turquia ataca Kamieniec e Podolski; o Tratado de Buczacz impõe a soberania otomana à Ucrânia polonesa. **1684**: derrota dos turcos por Jan III Sobieski; Paz de Karlowitz (26/1/1699). **1708**: Na Ucrânia russa, o *hetman* Ivan Mazeppa alia-se a Carlos XII, da Suécia, contra Pedro I, o Grande, em troca da independência; mas é derrotado na batalha de Poltava (8/7/1709); os *hetmans* passam a ser nomeados pelo tsar; o último deles, Kyrylo Razumóvski, será demitido por Catarina II, a Grande, em 1764. **1775**: divisão em três províncias do território livre zaporoje; os cossacos são desarmados. **1793**: segunda partilha da Polônia: anexação russa de toda a Ucrânia. **1847**: os historiadores Mykola Kostomariv e Pantêleimon Kúlish e o poeta Taras Shevtchênko criam, em Kíev, a clandestina Irmandade de São Cirilo e São Metódio, nacionalista; são deportados. **1861**: Kúlish e Volodímir Antônovitch publicam, em S. Petersburgo, o jornal *Osnôva* (Despertar) e, em **1863**: fundam, em Kíev, o *Hromada* (Grupo), também nacionalista. **1868** e **1872**: surgem, na Galícia, anexada pela Áustria, as sociedades nacionalistas *Prosvita* (Iluminação) e *Shevtchênko*. **1876**: o tsar proíbe o ensino e as publicações em ucraniano. **1878 – 1883**: Miháilo Dragomânv publica o jornal do *Hromada* em Genebra. **1876 – 1904**: a Galícia torna-se o centro do autonomismo ucraniano: ali, em **1898**: Miháilo Hrushévski, prof. da Univ. de Lvov, começa a publicar a *História da Rus Ucraniana*. **1905**: revogada a proibição do ucraniano; Hrushévski volta para Kíev. **1914**: anexação russa da Galícia: o gov.-geral, conde Gueórgui Bobrínski, declara russos seus habitantes. **1917**: o Congresso Nacional Ucraniano elege uma *Rada* chefiada por Hrushévski, presidente, em 23/6, da República autônoma da Ucrânia; tendo Volodímir Vinnítchenko (16/7) como 1º-ministro; Assembléia Constituinte (20/11); nomeado, em Khárkov, um governo ucraniano soviético (26/12). **1918**: independência unilateral (22/1); ocupação comunista de Kíev: a *Rada* foge para Jitomír (8/2); invasão alemã e austríaca: Pavlo Skoropádski é o *hetman* fantoche (24/4); em Lvov, o gov. conde von Huyn cria a República da Ucrânia Ocid., pró-Áustria; os poloneses libertam essa área; Evgên Petrushévitch assume e, no fim da I Guerra, devolve o poder a Vinnítchenko. **1919**: invasão do Exército Vermelho; Khristian Rakóvski é o chefe de uma República soviética (22/1); Vinnítchenko refugia-se em Vinnítsa; vitória bolchevique sobre as tropas brancas do gen. Andrêi Deníkin. **1920**: Rakóvski assina, em Moscou (28/12), acordo de anexação; já está praticamente derrotado o polonês mal. Józef Pilsudski, aliado ao ucraniano gen. Símon Petliúra, ligado a Vinnítchenko. **1921**: Tratado de Riga: a Ucrânia torna-se parte da URSS, e a Galícia e Volínia, da Polônia. **1923 – 1927**: fase de ucranização, parte da Nova Política Econômica leninista: o ucraniano torna-se a língua oficial (1º/8/1923); Hrushévski é o pres. da Academia de Ciências. **1928**: com Stálin, fim da campanha de ucranização: o russo também é língua oficial. **1930**: Processo de Khárkov: execução de treze intelectuais antistalinistas, entre os quais Sérguy Efrêmov; deportação de 32 outros, incluindo Hrushévski. **1931**: Processo do "Centro Nacionalista" de Vsévolod Holúbovitch: fuzilamento de vários políticos. **1933**: fuzilamento do vice-1º-min. Iúri Kotsiubínski, por traição; outro vice, Mykola Skrípnik, suicida-se antes de ser julgado. **1937**: fuzilamento do 1º-min. Pánas Liubtchenko, por traição; o mesmo acontece, em **1939**: ao 1º-min. Vlas Tchubár. **1941**: nacionalistas da Galícia, contando com apoio alemão, proclamam a independência sob o pres. Iároslav Stétsko; nazistas dissolvem seu governo e o prendem; os líderes galícios Rôman Shukhévitch e Stéfan Bandera serão mortos por agentes soviéticos depois da guerra, em que morrem 6 milhões de ucranianos. **1945 – 1947**: anexação de territórios poloneses, tchecos e romenos à Ucrânia soviética. **1954**: integração da Criméia à Ucrânia (19/2). **Década de 60**: cresce a oposição ao Kremlin através de *samizdaty* (panfletos clandestinos). **1972**: repressão à dissidência; expurgo no PC. **1973**: o sec.-geral Petr Shélest, acusado de tolerância com os dissidentes, é substituído pelo brejnevista Vladímir Shtcherbítzki; fase de repressão. **1986**: acidente na usina nuclear de Chernobyl, com elevado número de vítimas. **1988**: fundação do *Rukh* (Movimento para a Reestruturação do Povo Ucraniano) e do ecologista *Zelény Svit* (Mundo Verde), ambos autonomistas. **1989**: exigida, em Kíev (5/9), com apoio do *Rukh*, a oficialização do ucraniano como língua nacional; manifestação em Lvov (17/9) pró-liberdade religiosa. **1990**: eleição do conservador Vladímir Ivátchko (4/6); mas o Parlamento proclama a independência (16/7) e impõe a ratificação local de todas as leis soviéticas (25/10); sanções de Moscou; criação do sindicato livre dos mineiros de Dónietski (27/10); acordo de cooperação em separado com a Federação Russa (21/11). **1991**: independência (24/8); eleição de Leoníd Krávtchuk; acordo com a Rússia

sobre a frota do mar Negro (ago.). **1992**: liberação dos preços, mas distribuição, ao povo, de cupons para compras em lojas do Estado (10/1); criada nova moeda, a *hryvuna*; leilão das fábricas de material bélico; criados incentivos a investimentos estrangeiros (mar.); declaração de independência da Criméia (5/5), rejeitada pelo Parlamento (12/5): o governo de Simferopol retrocede (20/5), cancelando-a; a Rússia anula o decreto de 1954 que cedeu a Criméia à Ucrânia e reclama sua devolução; Kíev a rejeita e dá aos criméios autonomia econômica (jun.); reformas lentas e inflação crescente provocam a queda do 1º-min. Vitold Fôkin (30/9), substituído por Leonid Kútchma.

FATOS DO ANO

O leilão de dezessete estatais, em fev. de 1993, é o máximo que o 1º-min. Leonid Kútchma consegue arrancar da *Verkhóvna Ráda* (Conselho Supremo), dominada pela velha guarda comunista, oposta à política liberal do novo governo e às privatizações. Têm sido muitos os obstáculos enfrentados por Kútchma, ex-administrador da maior indústria de foguetes astronáuticos e militares da extinta URSS, para governar um país com 30% de inflação ao mês, queda anual de 20% no PIB e déficit público equivalente a 40% do PIB. Mas a reação dos trabalhadores a seu projeto de equilibrar as contas públicas cortando os subsídios aos produtos básicos – que fez o preço do pão subir quatro vezes e o do metrô de Kíev, pelo menos dez – foi imediata: um grande protesto na capital, em 26/2.

O arsenal nuclear – Diante disso, e da queda-de-braço com o Conselho, Kútchma apresenta seu pedido de demissão (21/5), negado pelo pres. Leonid Krávtchuk. O Conselho, enquanto isso, desafiando a política externa de Krávtchuk, aprova, em 3/6, lei que estabelece a propriedade ucraniana sobre todo o arsenal nuclear da ex-URSS – decisão alarmante para Washington e Moscou, ambas empenhadas na desnuclearização da Ucrânia, que, com a fragmentação da URSS, tornara-se a terceira potência nuclear do mundo. Ironicamente, a lei favorece Krávtchuk: é o argumento de barganha com que assina um acordo com a Rússia (3/9), trocando armas por dinheiro. O Kremlin perdoa dívida de US$ 2,5 bilhões contra a devolução de metade da frota do mar Negro e compromete-se a fornecer energia elétrica gratuita pela devolução das ogivas nucleares.

Kútchma, em protesto, volta a demitir-se (4/9) e, em 22/9, é substituído por Leonid Zvýguilski, mais conservador. A cisão no Conselho força a convocação de eleições antecipadas: em 27/4/1994, para a renovação do Legislativo, e em 26/6, para a presidência. A economia, com isso, deteriora-se ainda mais (a inflação chega a 100% em out. de 1993), o que se reflete na desesperança dos que se deixam envolver pela pregação da Irmandade Branca, seita de fanáticos que, criando grande tumulto, faz vigília em Kíev anunciando que o mundo vai acabar no dia 14/11. Em 18/11, convencendo-se finalmente de que, para um país falido, de nada vale um arsenal nuclear condenado a transformar-se em sucata, o Conselho ratifica o acordo START-1, de limitação de armas estratégicas, e aceita o desmantelamento gradual das 1.656 ogivas que estavam na Ucrânia.

Uganda

● **NOME OFICIAL:** República de Uganda. **Capital:** Campala. **Nacionalidade:** ugandense. **Hino:** *Ó, Uganda, Deus te proteja* (1º verso). **Língua:** inglês; línguas locais (luganda, principal). **Religião:** cristianismo (católicos, 49,6%; protestantes, 28,7%); animismo; islamismo, 6%. **Data nacional:** 9/10 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da África. **Área:** 241.139 km². **Limites:** Sudão (N); Quênia (L); Tanzânia, Ruanda e lago Vitória (S); Zaire (O). **Características:** planalto de altitude entre 1.000 e 2.000 m (maior parte); vale da Grande Fenda (centro); cadeias de montanhas (S); região árida (NE); lagos Albert (O), Eduard (SO), Kyoga (centro) e Vitória (S). **Ponto mais elevado:** pico Margarida (5.119 m). **Clima:** equatorial de altitude. **Rio principal:** Nilo Branco. **Cidades principais:** Campala (773.000 hab.); Jinja (61.000); Mbale (54.000); Masaca (49.000); Entebbe (42.000) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 17.194.000 (est.1992); **urbana:** 11,3% (1991). **Composição demográfica:** africanos, 98% (ganda, 17,8%; teso, 8,9%; niancole, 8,2%; soga, 8,2%; gisu, 7,2%; chiga, 6,8%; lango 6%; ruanda, 5,8%, principais); outros, 2% (1983). **Crescimento demográfico:** 3,7% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 48,5%; **15-59:** 47,3%; **mais de 60:** 4,2% (1985). **Densidade (hab./km²):** 87,3 (1992). **Natalidade:** 51,5 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 14,1 por 1.000; **mortalidade infantil:** 94 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 7,3 (1990–1995). **Vida média homens:** 51,4; **mulheres:** 54,7 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 817 hab. (1989); **médicos:** 1 por 20,3 mil hab. (1984). **Gastos com saúde:** 9,9% do orçamento (1989/90).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 51,7% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 2,9 milhões; **professores:** 91 mil (1989). **Alunos no ensino superior:** 14,3 mil; **professores:** 1,2 mil (1988/89). **Gastos:** 8,9% do orçamento (1989/90).

● **GOVERNO:** regime militar. **Constituição:** em elaboração. **Divisão administrativa:** 38 distritos. **Regime partidário:** suspenso. **Chefe de Estado e de governo:** pres. ten.-gen. Iueri Kaguta Museveni (desde 29/1/1986). **Legislativo:** Conselho de Resistência Nacional (interino), com 278 membros (210 eleitos por voto indireto e 68 nomeados pelo pres.), para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 35,4%; indústria, 14,9%; comércio, 21,5%; serviços, 28,2% do PIB (1990). **Agricultura:** café, algodão, chá, milho, tabaco, cana-de-açúcar, cacau, banana-da-terra, mandioca, batata-doce, milhete, sorgo, tubérculos, arroz. **Pecuária:** bovinos, caprinos, ovinos. **Pesca:** 245,2 mil t (1990). **Indústria:** processamento de produtos agrícolas, bebidas, montagem de veículos, têxtil, cimento, sabonete, fertilizantes, manufaturas de metal, sapatos, tinta, fósforo, baterias. **Minerais:** cobre, apatita, calcário, magnetita, estanho, tungstênio, berílio, ouro, bismuto, tantalita. **Exportações:** US$ 199,8 milhões; **produto:** café (1991). **Importações:** US$ 168,5 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte (1991). **Parceiros comerciais:** Quênia, Grã-Bretanha, Holanda, EUA, França, Alemanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** novo xelim de Uganda (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1.217,20 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 2,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 160 (1991); **crescimento anual:** 5,9% (1980–1991). **Inflação:** 31,8% (1993). **Dívida externa:** US$ 2,8 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 8,4 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 85,9%; indústria, 4,4%; serviços, 9,7% (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 41,4% (1988–1990).

● **DEFESA: Exército:** 90 mil (1992); **outros:** 16,8 mil da Força Policial (1991). **Gastos:** 15% do orçamento (1989/90).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 18,3 mil km; 22% pavimentados (1986); **nº de veículos:** 50,4 mil; **automóveis:** 35,5 mil (1990). **Ferrovias:** 1,2 mil km (1990). **Portos:** Jinja (fluvial) e no Lago Vitória; usa o porto de Mombaça (Quênia). **Linhas aéreas:** Uganda Airlines (vôos internacionais e domésticos); African Joint Air Services (regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 5,1 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 197 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 286 hab. (1990). **Jornais diários:** 6; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 3,7 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 336 East 45th St., New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 949-0110.

HISTÓRIA

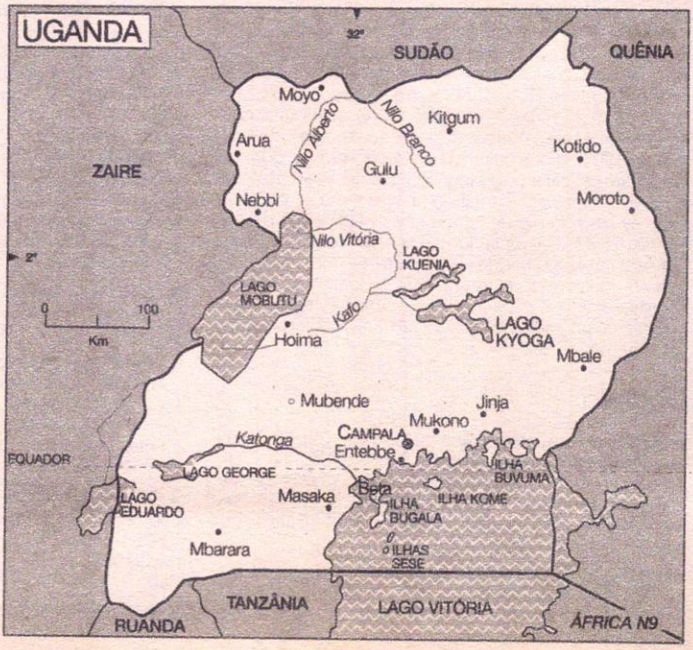
Até o final do séc. XIX havia, na região, os reinos de Bunyoro, Kitara, Buganda e outros. **1894:** Buganda torna-se protetorado britânico – condição gradualmente estendida ao resto do território –, mas seu nacionalismo dificulta a unificação. **1953:** o *kabaka* (rei) Mutesa II, de Buganda, que se recusa a combater os chefes rebeldes, é deposto e exilado mas, em **1955:** é reconduzido como monarca constitucional; Buganda submete-se ao poder central. **1962:** independência; Apolo Milton Obote torna-se o 1º-min. **1963:** abolição do posto de governador-geral; Mutesa é eleito presidente pelo Parlamento. **1966:** deposição de Mutesa; Obote assume, com plenos poderes; suspensão da Constituição e abolição do sistema federativo. **1967:** nova Constituição republicana. **1971:** golpe do maj.-gen. Idi Amim Dadá; a recusa da Tanzânia em reconhecer o novo governo resulta em guerra entre os dois países. **1972:** expulsão de 500 mil residentes asiáticos. **1974:** rebelião militar fracassada; execução de seu líder, gen. Arube. **1975:** ruptura com a URSS. **1976:** a invasão israelense ao aeroporto de Entebbe, para liberar judeus de um seqüestro aéreo, provoca a deterioração das relações com o Quênia, que reabasteceu os aviões de Israel; ruptura com a Grã-Bretanha. **1978:** reatamento com o Quênia; invasão da Tanzânia pelas forças de Amin. **1979:** tomada de Campala por tropas tanzanianas, auxiliadas por exilados ugandenses; fuga de Amin; novo governo, de Iusufu Lule, logo substituído por Godfrey Binaisa. **1980:** deposição de Binaisa; Paulo Muanga é empossado; reeleição de Obote. **1981:** união de toda a oposição na Frente Popular Ugandense. **1982 – 1984:** repressão sistemática aos simpatizantes da guerrilha faz crescer a oposição. **1985:** deposição de Obote pelo brig. Basílio Olara Okello; o novo presidente, gen. Tito Okello, nomeia Paulo Muanga 1º-min.; acordo de trégua, em Nairóbi; entre o governo e a FPU. **1986:** os rebeldes acusam Okello de não respeitar o acordo; a FPU cerca Campala e Okello é derrubado; Iueri Museveni, do Movimento de Resistência Nacional, assume a presidência. **1987:** denúncia de violações dos direitos humanos pela Anistia Internacional (30/10); luta contra os rebeldes, chefiados por Fred Ruigyema; **1988:** processo para apurar atrocidades cometidas durante os regimes de Amin, Obote e Okello; volta de 350 mil camponeses, refugiados no Sudão devido à guerra civil. **1989:** criação de um tribunal para julgar casos de violação dos direitos humanos; extensão do mandato de Museveni por mais cinco anos e proibição das atividades políticas. **1990:** acordo entre a oposição e o governo, prevendo a absorção, pelo Exército regular, dos 5 mil rebeldes do Exército Democrático do Povo de Uganda, de Erik Otema Allimadi (12/7). **1991:** substituição do 1º-min. Samson Kisekka por George Adyebo; Kisekka torna-se vice-pres.; prisão do chanceler Daniel Omara Atubo e de outros membros do Conselho de Resistência Nacional (CRN), acusados de planejar a derrubada de Museveni; propagação da epidemia de Aids: mais de 1 milhão de pessoas são portadoras do HIV; assinatura de acordos de cooperação econômica com o Quênia e a Tanzânia (nov.); Ruanda força a repatriação de 64 mil pessoas e o Sudão bombardeia o norte do país ao perseguir rebeldes ali escondidos (dez.). **1992:** Museveni reúne-se, em Dar-es-Salaam, com Juvénal Habiarimana, de Ruanda, para debater os problemas fronteiriços; prometida nova Constituição para 1995; prisão de funcionários do governo acusados de conspirar contra Museveni (jan.).

FATOS DO ANO

Pressionado pela oposição e os organismos internacionais, o pres. Iueri Kaguta Museveni decide autorizar, em 16/2/1993, a eleição, em 1995, de uma Assembléia Constituinte, para trabalhar em cima de um anteprojeto de Carta. O texto é muito criticado pelos oposicionistas Partido Democrático, de Paul Kawanga Ssemogerere, e Movimento Democrático do Povo de Uganda, do ex-pres. Apolo Milton Obote, pois prevê a manutenção da vida política ugandense, por mais sete anos, no regime de semilegalidade partidária em que se encontra. Ao anunciar a notícia, porém, o min. da Justiça e dos Assuntos Constitucionais, Sam Njuba, garante que a votação será por sufrágio universal e com total liberdade em relação ao governista Movimento de Resistência Nacional. Mas em 4/5, Museveni, acusando os partidos de dividir o país, afirma que suas atividades deverão permanecer proibidas por mais tempo.

O rei retorna – Por outro lado, como parte de seu plano de "abertura", e para captar o apoio da comunidade baganda, que conta com cinco milhões de membros, Museveni permite a restauração do Reino de Buganda, extinto no governo Obote. Durante a cerimônia de reentronização como *kabaka* (rei) do princ. Ronald Muenda Mutebi – que terá funções apenas cerimoniais –, realizada em Campala em 31/7, são devolvidas todas as propriedades reais confiscadas das pelo antigo regime.

A tensão com os oposicionistas volta a crescer, em 31/8, com o assassinato, no sul do Quênia, de Amon Bazira, líder no exílio. Obote, Ssemogerere e Eric Otema Allimadi, do Movimento Democrático do Povo de Uganda, acusam Museveni de mandar matá-lo para enfrentar as eleições sem adversários. A declaração do papa João Paulo II, durante a visita a Campala (6/2/1993), de que a abstinência sexual é o melhor remédio conta a AIDS, causa mal-estar interno e é criticada no mundo inteiro, pelo mau gosto de ser feita num país em que mais de 10% da população está infectada pelo HIV.



Uruguai

• **NOME OFICIAL:** República Oriental do Uruguai. **Capital:** Montevidéu. **Nacionalidade:** uruguaia. **Hino:** *Orientais, nosso país ou a morte* (1º verso). **Língua:** espanhol. **Religião:** cristianismo, 62,9% (católicos, 59,5%); judaísmo, 1,7%; ateus, 35,1%. **Data nacional:** 25/8 (Independência).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da América do Sul. **Área:** 176.215 km². **Limites:** Brasil (N e NE); oceano Atlântico (L); rio da Prata (S); Argentina (O). **Características:** relevo baixo com pontas, ilhas, lagoas (litoral); planícies onduladas, vegetação rasteira (interior); bacias hidrográficas atlântica (NE e L) e dos rios Uruguai (O) e Prata (S). **Ponto mais elevado:** monte de las Animas (501 m). **Clima:** subtropical. **Rios principais:** Prata, Uruguai, Yaguarón, Tacuarembó. **Cidades principais:** Montevidéu (1.311.976 hab.); Salto (80.823); Paysandú (76.191); Las Piedras (58.288); Rivera (57.316) (1985). **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

• **POPULAÇÃO:** 3.130.000 (est.1992); **urbana:** 85,5% (1990). **Composição demográfica:** descendentes de espanhóis e italianos, 85,9%; mestiços, 3%; italianos, 2,6%; judeus, 1,7%; mulatos, 1,2%; outros, 5,6% (1990). **Crescimento demográfico:** 0,8% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 25,8%; 15-59: 57,7%; mais de 60: 16,5% (1990). **Densidade (hab./km²):** 17,9 (1992). **Natalidade:** 18,3 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 9,9 por 1.000; **mortalidade infantil:** 20,4 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,3 (1990–1995). **Vida média homens:** 68,9; **mulheres:** 75,3 (1985–1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 127 hab. (1983); **médicos:** 1 por 341 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 4,4% do orçamento (1990).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 3,8% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 612,4 mil (1989); **professores de 1º grau:** 19,4 mil (1989); **de 2º grau:** 13,6 mil (em escolas públicas, 1988). **Alunos no ensino superior:** 63,8 mil (1989); **professores:** 5,9 mil (1988). **Gastos:** 7,3% do orçamento (1990).

• **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 27/11/1986. **Divisão administrativa:** 19 departamentos. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Nacional, Colorado, Frente Amplio. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Luis Alberto Lacalle Herrera (desde 1º/3/1990). **Legislativo:** bicameral – Senado com 30 membros e Câmara dos Deputados com 99 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

• **ECONOMIA:** agricultura, 9,3%; indústria, 30%; mineração, 0,2%; comércio, 1,8%; serviços, 48,7% do PIB (1991). **Agricultura:** arroz, trigo, milho, cevada, sorgo, cana-de-açúcar, beterraba, batata. **Pecuária:** ovinos, bovinos, eqüinos. **Pesca:** 90,8 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, têxtil, vestuário, refino de petróleo, manufaturas de carvão, química, equipamentos de transporte, bebidas, couro. **Mineral:** minério de ferro. **Exportações:** US$ 1,60 bilhão; **produtos:** têxteis, animais vivos e pecuários (carne e couro), alimentos (1991). **Importações:** US$ 1,63 bilhão; **produtos:** máquinas e instrumentos industriais, manufaturas minerais e químicas, equipamentos de transporte (1991). **Parceiros comerciais:** Brasil, Argentina, Alemanha, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** novo peso uruguaio (dividido em 100 centésimos); **cotação para 1 US$:** 3.480,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 8,9 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.860 (1991); **crescimento anual:** 0,2% (1980–1991). **Inflação:** 68,5% (1992). **Dívida externa:** US$ 4,2 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 1,2 milhão (1991); **distribuição:** agricultura, 15,3%; indústria, 18,2%; serviços, 66,5 (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 30,9% (1988–1990). **Desemprego:** 8,3% (1988).

• **DEFESA: Efetivo total:** 24,7 mil (1992); **Exército:** 17,2 mil; **Marinha:** 4,5 mil; **Força Aérea:** 3 mil; **outros:** 1,2 mil paramilitares. **Gastos:** 9,1% do orçamento (1991).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 52 mil km; 23% pavimentados (1985); **nº de veículos:** 397,1 mil; **automóveis:** 252,3 mil (1988). **Ferrovias:** 3 mil km (1988). **Portos:** Montevidéu, Punta del Este, Maldonado, La Paloma, Colonia, Camelo, Nueva Palmira, Fray Bentos, Paysandú, Salto, Dolores. **Linhas aéreas:** PLUNA (vôos internacionais e domésticos); TAMU (domésticos e charters).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 104; **receptores:** 1 por 1,7 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 20; **receptores:** 1 por 4,4 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 5,8 hab. (1989). **Jornais diários:** 33; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 227 (1988).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, lote 14, CEP 70450-900, Brasília, DF; tel. (061) 224-2225.

HISTÓRIA

A margem oriental dos rios Uruguai e da Prata era habitada por índios charrua quando os espanhóis se estabeleceram na área, fundando a colônia de Soriano (1624). **1680:** fundação da Colônia do Sacramento pelos portugueses. **Fim do séc. XVIII:** os espanhóis retomam a região, integrando-a ao Vice-Reino do Rio da Prata; a ocupação britânica, durante as guerras napoleônicas, incentiva o aparecimento de idéias independentistas. **1810 – 1814:** guerra da independência, liderada por José Gervasio Artigas. **1815:** ocupação de Montevidéu por Artigas. **1816:** a Banda Oriental é ocupada por tropas luso-brasileiras. **1821:** anexação ao Brasil como Província Cisplatina. **1825:** proclamação da independência de Montevidéu por Juan Antonio Lavalleja (25/8); união com a Argentina. **1827:** com o apoio argentino, derrota do Brasil na Batalha de Ituzaingó (20/2). **1828:** sob pressão britânica, tratado de paz com o Brasil e a Argentina, em que renuncia às suas pretensões na região; o país surge como Estado-tampão entre os dois países. **1832:** guerra civil entre os blancos, de Manuel Oribe, apoiado pelo ditador argentino Juan Manuel de Rosas, e os colorados de Fructuoso Rivera. **1836 – 1838:** a deposição de Oribe provoca nova guerra civil. **1843:** Rosas invade o país para incorporá-lo à Argentina; nove anos de cerco a Montevidéu. **1852:** Rosas é deposto com auxílio uruguaio. **1853 – 1855:** nova guerra civil entre blancos e colorados. **1863:** tomada do poder pelo colorado gen. Venancio Flores; a guerra termina com a intervenção brasileira em apoio a Flores. **1865 – 1870:** união com a Argentina e o Brasil na guerra contra o Paraguai. **1872 – 1903:** fase de grande prosperidade; chegada de imigrantes europeus. **1911 – 1915:** reformas sociais e econômicas do pres. José Battle y Ordóñez. **1919:** nova Constituição restringe os poderes do presidente. **1934:** volta do presidencialismo. **1951:** abolição do presidencialismo; o Poder Executivo é exercido por um Conselho Nacional de nove membros. **1958:** vitória dos blancos. **1966:** retomada do presidencialismo. **1967 – 1968:** o pres. Oscar Gestino morre e é sucedido pelo vice, Jorge Pacheco Areco; estado de emergência após greves gerais e rebeliões estudantis. **1969:** suspensão do estado de emergência (mar.); Pacheco decreta estado de sítio (jun.); o fechamento dos jornais de oposição desencadeia greve de solidariedade; movimento, no Congresso, pró-impeachment de Pacheco. **1970:** os guerrilheiros de esquerda tupamaros seqüestram Dan Mitrione, funcionário americano que trabalhava para a polícia uruguaia, Claude Fly, técnico americano a serviço do Ministério da Agricultura, e Aloísio Dias Gomide, cônsul do Brasil; o governo recusa-se a libertar 150 presos; revogação de algumas restrições impostas pelo estado de sítio; restauração do habeas-corpus; legalização do Partido Socialista e quatro outros grupos de esquerda. **1971:** Mitrione é executado, Gomide e Fly são postos em liberdade; o emb. da Grã-Bretanha é seqüestrado pelos tupamaros (jan.) e, apesar da recusa do governo em negociar, é libertado (set.); 106 tupamaros escapam da prisão de Punta Carretas. **1972:** eleição de Juan Maria Bordaberry; declarado "estado de guerra interna", as Forças Armadas obtêm plenos poderes para combater os

tupamaros. **1973:** fechamento do Congresso, suspensão da Constituição, criação de um Conselho de Estado, dissolução da Confederação Nacional do Trabalho, intervenção na universidade, proibição do PC, PS e doze outros grupos de esquerda, censura à imprensa e fechamentos dos jornais da oposição. **1974:** reorganização do ministério com maior participação militar. **1976:** as Forças Armadas depõem Bordaberry (5/6) e escolhem o civil Aparicio Méndez como presidente fantoche. **1980:** o projeto constitucional das Forças Armadas é rejeitado em plebiscito (30/11). **1981:** novo plano político prevê plebiscito para 1984, com o apoio da oposição; o gen. Gregório Álvarez assume a presidência; regulamentação da atividade sindical e dos partidos Blanco, Colorado e União Cívica; começa nova onda repressiva. **1982:** vitória da oposição nas eleições partidárias internas. **1983:** proibição, pelo governo, das atividades políticas. **1984:** suspensão e fechamento de dezenas de jornais e emissoras de rádio e TV; prisão, no retorno ao país, do oposicionista blanco Wilson Ferreira Aldunate; vários políticos são libertados ou podem voltar do exílio; recomeço do diálogo para a instauração de um governo civil; eleição do colorado Julio Sanguinetti (25/11); libertação de Ferreira Aldunate, que tinha sido impedido de concorrer (30/11). **1985:** reabertura do Congresso e renúncia de Álvarez à presidência (11/12); Sanguinetti assume (1º/3) e inicia a redemocratização; o Congresso denuncia o envolvimento de 46 oficiais das Forças Armadas em casos de violação dos direitos humanos (6/11). **1986:** aprovação, pelo Senado, da Lei do Ponto Final, de anistia aos militares; protestos da oposição e campanha contra a ratificação. **1989:** vitória do "sim" no plebiscito sobre essa lei, com 52% dos votos (16/4); o blanco Luís Alberto Lacalle Herrera vence as eleições. **1990:** Lacalle firma com os colorados o pacto de "Coincidência Nacional", de troca de ministérios por apoio parlamentar; aprovação do projeto de reforma fiscal; greves contra o desemprego e a política de austeridade econômica. **1991:** o dep. Hugo Cores, da esquerdista Frente Ampla, escapa de um atentado a bomba; a Lei das Privatizações (25/9) é condenada pela oposição; a FA pede plebiscito contra a desestatização. **1992:** a reforma ministerial (7/2) não acalma a oposição e os atentados da extrema direita se intensificam (abr./mai.); Lacalle convoca os líderes da oposição para um debate (mai.) e concorda com o plebiscito; greve de 36 horas (12/5) em protesto contra a política econômica; vitória do governo no plebiscito (5/7) e privatização da Antel; a companhia telefônica (ago.); mas novo plebiscito é marcado para 30/12.

FATOS DO ANO

A greve geral de 11/3/1993, contra o arrocho salarial, responde ao mesmo temor das reformas que fez 71,75% do eleitorado rejeitarem, no plebiscito de 13/12/1992, o programa de privatizações do pres. Luís Alberto Lacalle Herrera. O resultado suspendeu, entre outras, a privatização da estatal de telecomunicações Antel, de alta lucratividade (US$ 80 milhões em 1992). Os oposicionistas concordam com a necessidade das privatizações, mas temem as mudanças num país de alta renda e maior índice de alfabetização da América Latina, com eficiente sistema de segurança social. Lacalle, insistindo na importância das reformas, tenta assegurar, junto à oposição, condições de governabilidade, mas, em mar., por ter-se recusado a substituir o min. da Economia, Ignacio de Posadas, perde o apoio de duas facções do governista Partido Nacional: o Movimento Nacional de Rocha/Corrente Popular Nacionalista, de Carlos Julio Pereyra e Juan Pivel Devoto, e o Renovação e Vitória, do vice-pres. Gonzalo Aguirre Ramírez. Em represália, o min. dos Transportes, Wilson Santiago Elso, do MNR/CPN, é substituído por Juan Carlos Raffo, da facção de Lacalle dentro do PN, o Conselho Nacional Herrerista.

Tensão militar – O pacote econômico de Posadas (23/6), visando a frear os 21,56% de inflação, inclui o corte de 2 mil vagas nas Forças Armadas, redução nos gastos públicos, reforma da previdência social e alguns impostos. O enxugamento das Forças Armadas provoca cisões e protestos que, em set., levam à demissão do com. do Exército, gen. Juan Modesto Rebollo, e do min. da Defesa, Mariano Brito Cecchi, substituídos pelo gen. Daniel García e por Daniel Martínez. Mas Lacalle se fortalece com a habilidade com que procede a essas demissões. Ao ser lançada, em set., a candidatura do pref. de Montevidéu, Tabare Vázquez, à presidência pela esquerdista Frente Ampla, conta com o apoio de 50% do eleitorado. No final de nov., o Partido Blanco ainda não tem candidato oficial; e três nomes postulam à do Colorado, entre eles os expres. Julio Sanguinetti e Jorge Pacheco Areco.

Uzbequistão

● **NOME OFICIAL:** República do Uzbequistão. **Capital:** Táshkent. **Nacionalidade:** uzbeque. **Língua:** uzbeque (oficial); russo. **Religião:** islamismo (sunitas, maioria); cristianismo (ortodoxos); judaísmo. **Data nacional:** 31/8 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-oeste da Ásia. **Área:** 447.400 km². **Limites:** Cazaquistão (N); Quirguízia (L); Tadjiquistão (S); Afeganistão (S); Turcomênia (O). **Características:** território desértico (maior parte); montanhas (SE), com nascentes de rios que correm para o mar Aral (NE). **Clima:** árido frio. **Rios principais:** Amudariá, Sirdariá, Chirchik. **Cidades principais:** Táshkent (2.119.900 hab.); Samarcanda (394.600); Namangan (319.200); Andijan (298.300); Bukhára (249.600) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +8h e +9h (Táshkent).

● **POPULAÇÃO:** 21.363.000 (est.1992); **urbana:** 40,3% (1991). **Composição demográfica:** uzbeques, 71%; rus-

sos, 8,3%; tadjiques, 4,7%; cazaques, 4,1%; tártaros, 2,4%; kanakalpaks, coreanos, quirguízes, ucranianos, turcomenos, turcos (minorias). **Crescimento demográfico:** 2,7% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 40,8%; **15-59:** 52,7%; **mais de 60:** 6,5% (1989). **Densidade (hab./km²):** 47,7 (1992). **Natalidade:** 33,7 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6,1 por 1.000; **mortalidade infantil:** 34,6 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 4 (1989). **Vida média homens:** 66,2; **mulheres:** 72,6 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 81,2 hab.; **médicos:** 1 por 281 hab. (1990). **Gastos com saúde:** 27% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 7% (1992). **Alunos de 1º e 2º graus:** 5,1 milhões; **professores:** 352,6 mil (não compreende ensino profissionalizante) (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 331,6 mil (1989/90).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). **Data da Constituição em vigor:** 8/12/1992. **Divisão administrativa:** 12 regiões. **Regime partidário:** unipartidarismo; **principal partido:** Democrático do Povo. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Islam A. Karimov (desde 24/3/1990). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Suprema, com 150 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 43,2%; indústria, 43,9%; comércio, 8,7%; serviços, 4,2% do PIB (1991). **Agricultura:** algodão, grãos, verduras, frutas, bicho-da-seda. **Pecuária:** ovinos, caprinos, bovinos, suínos. **Indústria:** processamento de produtos agrícolas e minerais, química, metalúrgica. **Minerais:** petróleo, gás natural, carvão, ouro, prata, urânio, cobre, chumbo, zinco, volframita, tungstênio. **Exportações:** US$ 5,5 bilhões; **produtos:** algodão, têxteis, máquinas industriais, químicos, alimentos, energia (1990). **Importações:** US$ 8,7 bilhões; **produtos:** máquinas industriais, artigos industriais leves, alimentos, matérias-primas (1990). **Parceiros comerciais:** Repúblicas da CEI. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** sum. **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 28,3 bilhões; **renda per capita:** US$ 1.350 (1991); crescimento anual do PML: – 0,9% (1991). **Inflação:** 82,2% (1991). **Dívida externa:** US$ 2 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 9 milhões; **distribuição (setor formal):** agricultura, 29,1%; indústria, 28,1%; comércio, 6,8%; serviços, 34,1%; outros, 1,9 (1991); **mão-de-obra feminina:** 43,8% (1989). **Desemprego:** 3,9% (1990).

● **DEFESA:** em formação; **outros:** 15 mil tropas da CEI.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 89,2 mil km; 83% pavimentados (1990); **nº de automóveis:** 790,8 mil (1988). **Ferrovias:** 6,8 mil km (1990). **Linha aérea:** Uzbekistan Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 5,6 hab. (1990). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 6,5 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 14,8 hab. (1990). **Jornais diários:** 279; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 249,1 (1990).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 866 United Nations Plaza, Suite 326, New York, NY 10017; tel. (212) 486-7570.

HISTÓRIA

Os sinais mais antigos de presença humana na área do atual Uzbequistão remontam a 70.000 a.C. No primeiro milênio a.C., a região assistiu ao desenvolvimento dos primitivos Estados da Bactriana, Khuarezm e Sogdiana, devastados mais tarde pelos exércitos de Dario da Pérsia (séc. VI a.C.), Alexandre da Macedônia (séc. IV a.C.) e dos invasores árabes (séc. VIII) e mongóis (séc. XIII). **Séc. XIII – XVI:** a região é anexada pelo Império Timúrida (do mongol Timur ou Tamerlão); Shibakã (ou Sheibã), neto de Gengis Cã, recebe em herança esse território, a que dá o nome de Kiptchak e onde funda a dinastia sheibânida. **Séc. XIV:** o cã özbeg converte a região ao islamismo; em sua homenagem, os habitantes passam a chamar-se uzbeques. **Séc. XV:** sob a liderança de Abu Khayr Cã, os uzbeques mudam-se para a margem norte do rio Sirdariá, onde guerreiam com os timúridas da Transoxânia, mas são também ameaçados por incursões dos oyrat, vindos da Mongólia ocidental. **1468:** Abu Khayr é morto por seus vassalos Karay e Janibegg, que se aliam ao cã Chagatai do Mugalistão; seus descendentes formarão, nos séculos seguintes, as hordas cazaques. **Cerca de 1500:** Mohamed Sheibani domina toda a Transoxânia, incluindo a cidade de Samarcanda. **1510:** Sheibani é assassinado; seu reino abrange todas as terras entre os rios Sirdariá e Amu-dariá. **1510 – 1580:** a dinastia dos sheibânidas governa a Transoxânia e uma linhagem aparentada reina em Khuarezm. **1583 – 1598:** reino de Abdala Cã II; idade de ouro das artes uzbeques, apesar do relativo declínio comercial, que se acentua com a morte do governante. **1598 – 1785:** dinastia dos janidas, originários de Astracã, na região do Volga; decadência cultural e comercial. **1740:** o general persa Nadir Xá invade Bukhara e domina Khuarezm. **1758 – 1785:** o último janida, Abu Gazi Cã, perde gradualmente o poder para os chefes tribais de Mangit; um deles, Murad Xá, usurpa seu trono e reina até 1800. **Séc. XIX:** a região uzbeque está dividida nos canatos de Bukhara, Kiva e Kokand, sem fronteiras definidas, que lutam constantemente entre si, mas unem-se eventualmente contra tentativas externas de intervenção, como as expedições russas de 1817 e 1839. **1855:** os russos tomam de Kokand a região de Ak-Metchet, às margens do Sirdariá, onde constroem um forte. **1864 – 1866:** tomada de Kokand, Tchimkent e Tashkent e imposição de um tratado a Khudayar Cã. **1868:** o emir de Bukhara é forçado a aceitar a condição de vassalo da Rússia. **1873:** o mesmo acontece com o cã de Khiva. **1876:** sufocada uma rebelião, Kokand é anexado ao Império Russo. **1917:** no momento da Revolução, os uzbeques estão distribuídos nas províncias de Sirdariá, Samarcanda e Ferganá e nos canatos semi-independentes de Bukhara e Khiva, sem status nacional ou reconhecimento de identidade étnica para fins administrativos; protestando contra a falta de representação no Conselho controlado pelos comunistas, os muçulmanos de Kokand convocam um

Congresso Nacional (dez.) e nomeiam um governo chefiado por Mustafá Tchokáiev. **1918:** a dissolução desse governo por tropas vindas do Tashkent provoca a revolta dos basmachi contra os soviéticos; em abr., é proclamada a República autônoma do Turquestão, mas a área está basicamente em mãos de tropas russo-brancas. **1919:** Lênin nomeia a Comissão do Turquestão, encarregada de adotar reformas que carreiem as simpatias dos muçulmanos para Moscou. **1920 – 1922:** os basmachi revoltam-se contra a transformação dos canatos de Khiva e Khuarezm em Repúblicas socialistas; mas as reformas implementadas pela Comissão esvaziam sua rebelião. **1924:** a reformulação das fronteiras na Ásia Central leva à extinção das Repúblicas do Turquestão, Khiva e Bukhara; surgem o Uzbequistão, Tadjiquistão, Quirguízia, Turcomênia e Cazaquistão. **1929:** o Tadjiquistão, que era uma República autônoma dentro do Uzbequistão, torna-se independente. **1936:** o Uzbequistão anexa a República autônoma do Karalpak, que tinha pertencido ao Cazaquistão. **1937/38:** durante o grande expurgo stalinista, o 1º-min. Feizulá Khodjiáiev e o sec.-geral Akmal Ikrámov são executados, por "conspiração nacionalista"; após a morte de Stálin, são reabilitados. **1989:** Choques, em Ferganá, com a minoria meshkét, de origem turca (5/6); noventa mortos e 974 feridos até 12/6; 16.282 meshkéti são retirados para Smólensk, Oré e Belgórod; surgem as primeiras manifestações autonomistas. **1990:** independência unilateral (20/6). **1991:** independência (30/8); o PC local rompe com o PCUS e torna-se um partido independente; o pres. Islám Karímov é confirmado no cargo e, nas eleições de 29/12, conquista novo mandato; o secessionista *Birlik* (Unidade), de Abdulrráhmid Pulátov, e os fundamentalistas do Partido da Renascença Islâmica são proibidos de concorrer. **1992:** protestos contra o aumento dos preços no restaurante universitário são reprimidos e há seis mortos (jan.); o governo antecipa as férias escolares; o país assume o comando das ex-tropas soviéticas estacionadas em seu território (jan.); estabelecimento de relações com a Hungria (mar.); assinatura de acordos bilaterais com a Turquia (abr.), o Afeganistão e o Paquistão (jul.).

FATOS DO ANO

Impedir o extremismo islâmico tem sido o argumento do pres. Islam Karímov para justificar seu autoritarismo. Em 7/8/1993, na reunião, em Moscou, sobre a guerra civil no Tadjiquistão, ele defende a criação de uma defesa comum contra o Afeganistão, para barrar a difusão do fundamentalismo. Embora lidere o Partido Democrático do Povo do Uzbequistão (ex-PC), quer desvincular-se tanto das lembranças da fase soviética quanto da identidade asiática de sua República, chegando, em 3/9, a trocar o alfabeto cirílico, com que o uzbeque é escrito, pelo latino. Tem sido cerrado seu cerco aos dissidentes, principalmente do Partido da Renascença Islâmica, de Abdala Utah. Em 8/11/1992, mandou prender Abdurakhim Pulátov, do nacionalista *Birlik* (Unidade), que o "ridicularizara" desfilando, numa manifestação, com um retrato do presidente em que fora pintado um bigodinho de Hitler (causou indignação Pulátov ter sido seqüestrado, por agentes uzbeques, em Bishkek, na Quirguízia, onde assistia a uma conferência sobre direitos humanos, e com cumplicidade das autoridades locais). Em seguida, Karímov vetou a circulação dos jornais contrários ao governo, até mesmo o *Uzbekiston Adabieti va Sanyati* (Literatura e Arte do Uzbequistão), da União dos Escritores.

Em fev. de 1993, o min. da Justiça, Alishér Márdiev, anuncia haver 166 militantes do *Birlik* na cadeia, vinte deles já sendo processados. Pulátov é condenado a três anos de prisão mas, depois, é anistiado e posto em liberdade. O mesmo acontece ao ex-1º-min. Shukrúlla Misáidov, condenado por corrupção – mas este terá de devolver US$ 5,6 milhões. A liberalização de preços, privatização e reformas financeira e fiscal, desde o fim de 1992, têm sido menos drásticas do que em outras ex-Repúblicas soviéticas, para evitar traumas sociais. Por meio de *joint-ventures* com firmas estrangeiras, quer-se explorar mais os recursos minerais e energéticos, para reduzir a dependência do cultivo do algodão.

Vanuatu

● **NOME OFICIAL:** República do Vanuatu. **Capital:** Porto-Vila (ilha de Efate). **Nacionalidade:** vanuatense. **Língua:** bismalá, francês e inglês (oficiais); numerosas línguas e dialetos melanésios. **Religião:** cristianismo, 81,5% (presbiterianos, 36,7%; anglicanos, 15,1%; católicos, 14,8%; adventistas do sétimo dia, 6,7%); crenças tradicionais, 17,6%. **Data nacional:** 30/7 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da Oceania. **Área:** 12.189 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago (80 ilhas); relevo montanhoso; vulcões ativos na maioria das ilhas. **Ponto mais elevado:** monte Tabuemasana (1.810 m). **Clima:** equatorial chuvoso. **Cidades principais:** Porto-Vila (19.400 hab.); Luganville (6.900) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): +14h.

● **POPULAÇÃO:** 154.000 (est.1992); **urbana:** 21% (1990). **Composição demográfica:** vanuatuenses, 98%; outros, 2% (1989). **Crescimento demográfico:** 3,1% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 45,5%; **15-59:** 50,2%; **mais de 60:** 4,3% (1989). **Densidade (hab./km²):** 12,6 (1992). **Natalidade:** 36 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 5 por 1.000; **mortalidade infantil:** 36 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,2 (1991). **Vida média homens e mulheres:** 69,5 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 404 hab.; **médicos:** 1 por 7,3 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 6,6% do orçamento (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 33% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 28,1 mil; **professores:** 1,1 mil (1989). **Gastos:** 12,6% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** República parlamentarista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 30/7/1980 (uma emenda). **Divisão administrativa:** 11 governadorias e 2 municípios. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União dos Partidos Moderados, *Vanuaaku* (Nossa Terra), Nac. Unido. **Chefe de Estado:** pres. Fred Timakata (desde 30/1/89). **Chefe de governo:** 1º-min. Maxime Carlot (desde 2/12/1991). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 46 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 20%; indústria, 13,6%; comércio, 32,2%; serviços (transações bancárias offshore, principal), 34,2% do PIB (1990). **Agricultura:** coco, cacau, café, mandioca, fruta-pão, verduras e legumes. **Pecuária:** suínos, caprinos, eqüinos. **Pesca:** 3,4 mil t (1990). **Indústria:** processamento de produtos agrícolas. **Exportações:** US$ 23 milhões; **produto:** madeira (1991). **Importações:** US$ 124 milhões; **produtos:** alimentos, manufaturas básicas, derivados de petróleo (1991). **Parceiros comerciais:** Austrália, Japão, Nova Zelândia, Holanda, Formosa. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** vatu (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 119,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 175 milhões; **renda per capita:** US$ 1.120 (1991); **crescimento anual:** 4,5% (1989). **Inflação:** 5% (1990). **Dívida externa:** US$ 39,3 milhões (1991). **Força de trabalho:** 67 mil; **distribuição:** agricultura, 61,1%; indústria, 3,4%; comércio, 4%; serviços, 14,3%; outros, 17,2%; **mão-de-obra feminina:** 46,5% (1989). **Desemprego:** 0,5% (1989).

● **DEFESA: Efetivo total:** 300 paramilitares (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 1,1 mil km; 24% pavimentados (1984); **nº de veículos:** 7 mil; **automóveis:** 4,2 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Port Vila, Luganville. **Linhas aéreas:** Air Vanuatu (vôos regionais); Dovair, Vanair (domésticos).

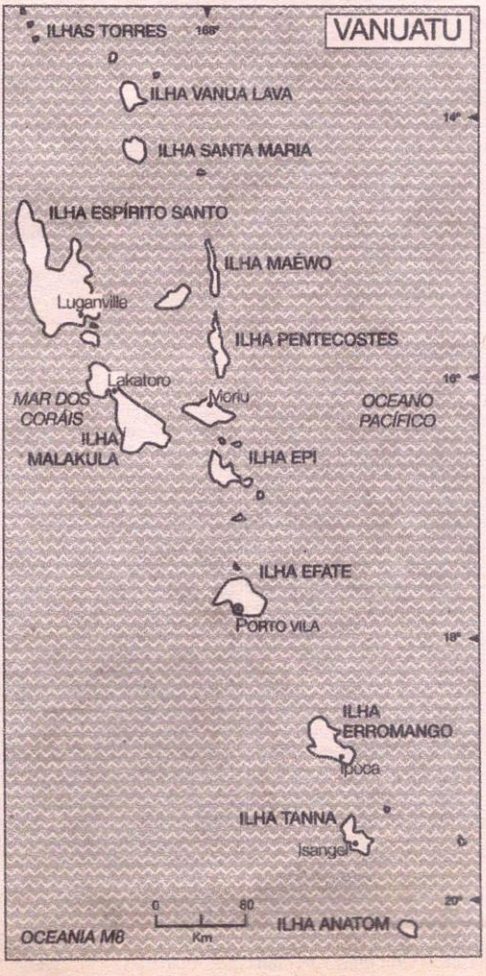
● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 7,5 hab. (1991). **Emissoras de TV:** não há;

receptores: 1 por 136 hab. (1987). **Linhas telefônicas:** 1 por 44 hab. (1986). **Jornais diários:** não há.

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 416 Covent Avenue, New York, NY, EUA; tel. (212) 926-3311.

HISTÓRIA

Visitadas, em 1606, pelo português Pedro Fernandes de Queirós, as Novas Hébridas foram ocupadas, em 1756, em nome da França, pelo alm. Bougainville, que as chamou de Grandes Cíclades. Desde o séc. XIX, entram em choque grupos de colonos franceses e britânicos. **1904:** a Declaração de Londres proclama a colonização conjunta. **1906:** estabelecimento de um condomínio anglo-francês. **1940:** as ilhas são uma base naval aliada durante a II Guerra. **1979:** nova Constituição e eleições gerais. **1980:** Jimmy Stevens, do movimento nacionalista Nagriamel, proclama a independência da ilha de Espírito Santo; a França e a Grã-Bretanha mandam tropas para garantir a independência (30 de jul.); a pedido do 1º-min. Walter Lini, tropas papuásias intervêm em Espírito Santo; Stevens é preso (ago.). **1981:** deterioram-se as relações com a França; admissão na ONU. **1988:** fracassa uma tentativa de golpe do pres. George Kalkoa Sokomanu, que é preso (dez.). **1989:** fracassa novo golpe, incitado por Sokomanu (20 de fev.); são presos os oposicionistas Barak Sopê e Maxime Carlot, que o apoiaram; Sokomanu é condenado a seis anos de prisão, mas o veredicto é anulado e ele é libertado (15 de abr.); Fred Timakata o substitui. **1990:** Lini assume várias pastas e centraliza o poder em suas mãos. **1991:** o min. das Finanças, Selá Molisa, é substituído por Sethy Regenvanu, colaborador de Lini; a saúde de Lini piora e aumentam as exigências de que renuncie; a oposição dentro de seu próprio partido, o Vanuaaku, faz Lini demitir os min. da Educação, Donald Kalpokas, e do Interior, Iolu Abil (jun.); Kalpokas o derrota nas eleições para a presidência do partido (7/8), de que Abil torna-se o vice; Lini é derrubado por uma moção de desconfiança (6/9), Kalpokas torna-se o 1º-ministro e chama de volta Abil, Molisa e o ex-chanceler Edward Natapei; Lini forma o Partido Nacional Unido (out.) mas, nas eleições (2/12), a vitória é da União dos Partidos Moderados, de Carlot. **1992:** Carlot faz coalizão com o PNU e Lini faz-se representar, no gabinete, por sua irmã, Hilda, min. da Saúde (jan.); o francês é restabelecido como língua oficial; o programa do min. das Finanças, Willie Jimmy, prioriza as exportações, os investimentos estrangeiros, a reforma agrária e a criação do ensino primário gratuito; programa de diversificação agrícola visa a diminuir a dependência da produção de copra.



FATOS DO ANO

A meta prioritária do 1º-min. Maxime Carlot, em 1993, é diversificar a agricultura, plantando batata, tomate, pimentão e repolho, para atenuar os efeitos do ciclone *Betsy*, que, em 1992, danificou 30% de toda a colheita. Está em estudos, também, a possibilidade de cultivar cana-de-açúcar, abóbora e baunilha, nunca plantadas antes na ilha; esse processo conta com o apoio dos partidos Na-Griamel, Namaki Aute, União Tan e Fren Melanesia, representantes dos agricultores nas ilhas de Espírito Santo e Malakula. Com a assinatura, em dez. de 1992, de um acordo comercial com Formosa, esse país deve tornar-se parceiro tão ativo quanto a Austrália, para as importações, e a Holanda, para as exportações. Boa fonte de renda são as aplicações estrangeiras, devido às facilidades do sistema bancário, e o turismo: novos hotéis estão sendo construídos e a rede de transportes aéreos, modernizada. Há estudos de expansão do turismo, hoje restrito às ilhas de Efate, Espírito Santo e Tanna.

Vaticano

● **NOME OFICIAL:** Estado da Cidade do Vaticano. **Capital:** Cidade do Vaticano. **Hino:** Marcha Pontifical. **Língua:** italiano e latim (oficiais). **Religião:** cristianismo (catolicismo, oficial).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** L da Itália (Itália). **Área:** 0,44 km². Limites: Roma. **Características:** área triangular que abrange a praça e a Basílica de S. Pedro, edifícios administrativos, parque Belvedere e palácios pontifícios; igrejas e palácios de Roma, uma estação de rádio (a 19 km de Roma) e Castelgandolfo (residência papal). **Clima:** mediterrâneo. **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 830 (1980). **Densidade (hab./km²):** 2.272,2 (1987).

● **EDUCAÇÃO:** particular. **Alunos no ensino superior:** 6,1 mil.

● **GOVERNO:** papado vitalício. **Data da Constituição em vigor:** 1º/3/1978. **Divisão administrativa:** duas administrações paralelas: Santa Sé (órgão supremo da Igreja Católica); Cidade do Vaticano (sede da Igreja). **Chefe de Estado:** papa João Paulo II (Karol Wojtyla) – desde 16/10/1978. **Chefe de governo:** cardeal Rosalio José Castillo Lara (pres. da Comissão Pontifícia). **Legislativo:** Comissão Pontifícia, com 7 membros nomeados pelo papa.

● **ECONOMIA: fontes de renda:** Fundo de São Pedro (donativos); Istituto per le Opere di Religione (Banco do Vaticano); Administração do Patrimônio da Santa Sé (controle do Banco de Roma e do Banco do Espírito Santo). **Receita:** US$ 86,1 milhões; **despesas:** US$ 177,8 milhões; **déficit orçamentário:** US$ 91,7 milhões (1993). **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** lira italiana.

• **DEFESA:** não há.

• **TRANSPORTES:** utiliza os serviços públicos de Roma; possui um heliponto e uma estação ferroviária. **Ferrovias:** 862 m.

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 1. **Emissoras de TV:** não há (o Centro Televisivo Vaticano produz e distribui programas religiosos). **Publicações:** 1 jornal diário (L'osservatore Romano); 1 boletim mensal; 2 anuários (1 pontifício e 1 estatístico).

• **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES, Av. das Nações, lote 1, quadra 801, Brasília, DF, CEP 70401-900; tel. (061) 223-0794.

HISTÓRIA

Suas atuais possessões são remanescentes dos antigos Estados Pontifícios. Durante quase mil anos, o papado manteve domínios temporais, incluindo áreas na Itália e parte do sul da França. Com a unificação da Itália, somente Roma ficou sob controle papal protegida por uma guarnição francesa. **1870:** anexação de Roma à Itália; saída da guarnição; Pio XI perde o poder temporal. **1929:** Tratado de Latrão: reconhecimento da independência e soberania do Vaticano. **1947:** confirmação do Tratado de Latrão. **1971:** primeira visita de um chefe de Estado comunista, o mal. Tito, da Iugoslávia. **1978:** morte do papa Paulo VI, eleição de João Paulo I, que morre trinta dias depois; é sucedido por João Paulo II. **1979:** visita do chanceler soviético Andrêi Gromiko; reatamento com a Grécia. **1981:** atentado ao papa (13/5): seu agressor, o turco Mehmet Ali, é condenado à prisão perpétua. **1982:** escândalos financeiros envolvem personalidades da Igreja. **1984:** reatamento com os EUA; reestruturação da Santa Sé e da Cúria Romana. **1985:** nova Concordata com a Itália; retirada da maior parte dos privilégios da Igreja. **1987:** recusa de João Paulo II de entregar à Justiça o arceb. Paul Marcinkus, pres. do instituto de Obras de Religião, e dois de seus assessores acusados de participar da queda do Banco Ambrosiano (mar.); a Suprema Corte absolve o Vaticano (jul.). **1988:** reformas na Cúria e consolidação do poder do Secretariado de Estado. **1990:** reatamento com a Hungria e a Tcheco-Eslováquia. Angelo Sodano substitui Agostino Casaroli na secretaria de Estado. **1991:** nova visita do papa ao Brasil (out.); reatamento com os países do Leste europeu e a Albânia (ago./set.). **1992:** reconhecimento da independência da Rússia, Croácia e Eslovênia (jan.); reatamento com a Ucrânia (fev.); críticas da Igreja Ortodoxa (mar.) à nomeação, em 1990, de cinco bispos e um arcebispo para a ex-URSS levam à reunião de Gênova (mar.), em que a Santa Sé e o Patriarcado de Moscou definem zonas de influência; críticas dos setores liberais à beatificação do pe. José María Escrivá Balaguer, fundador da direitista *Opus Dei* (mai.), e à condenação do homossexualismo em documento oficial (jul.); mas o novo Catecismo (ago.), que considera pecados veniais a masturbação e a prostituição, condena a corrupção e a dominação econômica como pecados mortais; a Santa Sé recrimina a decisão da Igreja Anglicana de permitir a ordenação de mulheres (out.); visita do 1º-min. Shimon Peres, de Israel, ao papa (23/10).

FATOS DO ANO

Em 1993, o déficit orçamentário estimado (US$ 91,7 milhões) ultrapassa a receita prevista (US$ 86,1 milhões), obtida através do Fundo de Pensão, que, desde set. de 1992, dividiu entre as dioceses do mundo inteiro as despesas da Santa Sé. Em jun. de 1992, houve protesto inédito dos trabalhadores leigos do Vaticano, pedindo aumento de salários e pensões. Diante disso, o cardeal Edmund Casimir Szoka, da Prefeitura de Assuntos Econômicos, toma decisão sem precedentes: permite que, na viagem de João Paulo II a Denver, nos EUA (jun. de 1993), sua imagem seja explorada mercadologicamente, estampada em pôsteres e camisetas. No fim de 1992, houve o reatamento com a Mongólia, Romênia, Bulgária, Ucrânia e as Repúblicas bálticas. O acordo de jul. de 1992, sobre as relações com Israel, leva ao reconhecimento mútuo em 30/12/1993. Em set. de 1993, apesar do desconforto causado pela morte (24/5) do cardeal Juan Jesús Posadas Ocampo, morto acidentalmente num tiroteio no aeroporto de Guadalajara, reatam-se as relações com o México, abaladas desde a revolução de 1910. Em 1993, João Paulo II visita a Albânia, até pouco antes o único país oficialmente ateu do mundo, e ali faz um apelo a que os sérvios respeitem as reivindicações da maioria albanesa da província de Kossovo. A libertação (20/3/1993) de padres católicos na China dá início à reaproximação: em 3/9, o cardeal Francis Roger Paz vai a Pequim, para os VII Jogos Nacionais, pondo fim a quarenta anos de distanciamento. Um atrito com a Holanda ocorre em fev., ao ser aprovada, nesse país, a prática limitada da eutanásia. Quanto aos EUA, as feministas e os defensores do controle demográfico protestam, em mai., quando Raymond Flynn, líder da campanha antiaborto, é nomeado emb. no Vaticano. Mas as posições do papa sobre aborto, celibato clerical ou sexo antes do casamento, como demonstra a encíclica *Splendor veritatis* (O esplendor da verdade, out. de 1993), continuam absolutamente conservadoras.

Venezuela

• **NOME OFICIAL:** República da Venezuela. **Capital:** Caracas. **Nacionalidade:** venezuelana. **Hino:** *Glória do bravo povo* (1º verso). **Língua:** espanhol (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, 91,7%). **Data nacional:** 5/7 (Independência).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da América do Sul. **Área:** 912.050 km². **Limites:** mar do Caribe (N); Guiana (L); Brasil (S); Colômbia (O). **Características:** litoral com várias penínsulas e ilhas; 2 cadeias da cordilheira dos Andes (N e NO); lago Maracaibo (entre as cadeias, no litoral); delta do rio Orenoco (litoral S); região de platôs baixos (L do Orenoco); planalto das Guianas (O do Orenoco); montanhas (SE). **Ponto mais elevado:** pico Bolívar (5.002 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão (maior parte); de montanha (SO); semi-árido (litoral). **Rios principais:** Orenoco, Caroní, Apure, Portuguesa, Arauca. **Cidades principais:** Caracas (1.290.100 hab.); Maracaibo (1.206.700); Valencia (955.000); Barquisimeto (723.600); Maracay (538.600) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

• **POPULAÇÃO:** 20.184.000 (est.1992); **urbana:** 84% (1990). **Composição demográfica:** mestiços, 69%; brancos, 20%; negros, 9%; indígenas, 2% (1981). **Crescimento demográfico:** 2,5% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 38,3%; **15-59:** 56%; **mais de 60:** 5,7% (1990). **Densidade (hab./km²):** 22,1. (1992). **Natalidade:** 29,9 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 4,7 por 1.000; **mortalidade infantil:** 25,9 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,6 (1990). **Vida média homens:** 67; **mulheres:** 73,3 (1990).

Leitos hospitalares: 1 por 370 hab. (1990); **médicos:** 1 por 576 hab. (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 7,8% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 4,3 milhões; **professores:** 292,9 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 550 mil; **professores:** 46,1 mil (1990/91). **Gastos:** 28,5% do orçamento (1988).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Data da Constituição em vigor:** 23/1/1961. **Divisão administrativa:** 22 Estados, a capital federal e 72 dependências federais. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Ação Democrática, Social-Cristão, Mov. para o Socialismo/Mov. da Esquerda Revolucionária. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Rafael Caldeira Rodríguez (desde 5/12/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado com 49 membros e Câmara dos Deputados com 201 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 5,5%; indústria, 28,9%); petróleo, 17,5%; comércio, 15,6%; serviços, 32,5% do PIB (1990). **Agricultura:** cana-de-açúcar, banana, banana-da-terra, milho, arroz, sorgo, mandioca, laranja. **Pecuária:** bovinos, suínos, caprinos. **Pesca:** 332,3 mil t (1990). **Indústria:** refino de petróleo, petroquímica, manufaturas de metal (alumínio, ferro-gusa e aço), veículos. **Minerais:** petróleo, alumínio, minério de ferro, gás natural, carvão, diamantes, ouro, zinco, cobre, chumbo, prata, fosfatos, manganês, titânio. **Exportações:** US$ 13,3 bilhões; **produtos:** minerais (petróleo, alumínio, minério de ferro e gás natural, principais), petroquímicos, manufaturas básicas (1992). **Importações:** US$ 13,5 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, químicos, manufaturas básicas, matérias-primas, alimentos e animais vivos (1992). **Parceiros comerciais:** EUA, Alemanha, Itália, Brasil, Canadá, Colômbia, França, Espanha, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** bolívar (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 79,45 (21/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 52,8 bilhões; **renda per capita:** US$ 2.610 (1991); **crescimento anual:** 1,1% (1980–1991). **Inflação:** 31,4% (1992). **Dívida externa:** US$ 34,4 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 7,2 milhões; **distribuição:** agricultura, 11,9%; indústria, 26,9%; comércio, 20,9%; serviços, 39,9%; outros, 0,4% (1990); **mão-de-obra feminina:** 29,8% (1989). **Desemprego:** 9,9% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 52 mil (1992); **Exército:** 34 mil; **Marinha:** 11 mil; **Força Aérea:** 7 mil; **outros:** 23 mil (Guarda Nacional). **Gastos:** 13,6% do orçamento (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 77,5 mil km; 34% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 2 milhões; **automóveis:** 1,6 milhão (1990). **Ferrovias:** 363 km (1990). **Portos:** La Guaira, Puerto Cabello, Maracaibo; Puerto Ordaz (rio Orenoco). **Linhas aéreas:** AVENSA, Aereotuy (vôos internacionais e domésticos); VIASA (internacionais); Aero-Ejecutivos, Aeronanes del Centro (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 255; **receptores:** 1 por 2,4 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 5; **receptores:** 1 por 5,3 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 10 hab. (1988). **Jornais diários:** 56; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 119 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SES – Av. das Nações, quadra 803, lote 13, CEP 70451-900, Brasília, DF; tel. (061) 223-9325.

HISTÓRIA

A região era habitada pelos índios arauaques e caraíbas quando Cristóvão Colombo tocou seu litoral (1498). Mais tarde, ao chegar às margens do lago Maracaibo (1499) e avistar as casas dos indígenas, Alonso de Ojeda chamou a região de Venezuela (Pequena Veneza). O território foi administrado por S. Domingos e Bogotá até 1776, quando foi criada a Real Audiência de Caracas. **1806:** ataque da esquadra de Francisco de Miranda às instalações espanholas. **1810:** cabildo aberto em Caracas destitui o gov. Vicente de Emperán e compõe uma junta de governo (19/4). **1811:** I República sob a liderança do gen. Francisco de Miranda (15/7); a Espanha recupera o território (30/7). **1813:** Simón Bolívar chefia a República (7/8); os espanhóis retornam (5/12/1814). **1817:** Simón Bolívar chefia a III República, após derrotar os espanhóis com a ajuda de José Antonio Páez. **1819:** nova derrota dos espanhóis; independência da Grã-Colômbia; proclamação da República com capital em Cúcuta, dividida nos departamentos de Venezuela, Cundinamarca e Quito (17/2). **1821:** o Congresso de Cúcuta dá a presidência a Bolívar. **1830:** o país retira-se da Grã-Colômbia (13/1); Páez é nomeado presidente pelo Congresso Constituinte (6/5). **1846 – 1858:** dominação dos irmãos José Tadeo e José Gregório Monangas. **1858 – 1868:** fase das guerras civis. **1870 – 1888:** ditadura anticlerical de Antonio Guzmán Blanco; expansão econômica. **1895 – 1897:** disputas com a Guiana Inglesa quase levam à guerra com a Grã-Bretanha; a Comissão de Arbitragem, patrocinada pelos EUA, declara britânica a maior parte do território em disputa. **1906 – 1935:** a ditadura do gen. Juan Vicente Gómez abre a exploração de petróleo a empresas estrangeiras. **1937 – 1938:** Eleazar López Contreras substitui Gómez, exila oposicionistas e inicia programa de desenvolvimento econômico e social. **1945:** golpe dos liberais chefiados por Rómulo Bettancourt; adoção do voto universal e instituição de reformas sociais; Rómulo Gallegos, da Ação Democrática, é eleito presidente. **1948:** deposição de Gallegos pelos coronéis Marcos Pérez Jiménez e Carlos Delgado Chalbaud (23/11). **1953:** Pérez Jiménez toma o poder e em **1958:** é deposto por liberais das Forças Armadas. **1959:** Bettancourt é eleito presidente. **1962:** nova Constituição; luta do movimento guerrilheiro contra Bettancourt, que apoiou o bloqueio americano a Cuba; ruptura com Havana. **1963:** Raúl Leoni, da AD, torna-se presidente; suspensão das garantias democráticas; combate à guerrilha. **1968:** eleição do democrata-cristão Rafael Caldera; a AD mantém o controle do Congresso. **1970:** moratória de doze anos sobre as disputas fronteiriças, declarada pela Guiana e Venezuela. **1973:** eleição de Carlos Andrés Pérez, da AD. **1974:** reatamento com Cuba. **1975:** nacionalização das indústrias do ferro e do petróleo. **1978:** eleição de Luís Herrera Campins, do COPEI; assinatura de convênio petrolífero entre Herrera e López Portillo, do México, para satisfazer às necessidades energéticas de vários países da América Central e das Antilhas. **1982:** participação do Grupo de Contadora, que tenta solucionar os problemas da América Central. **1983:** eleição de Jaime Lusinchi, da AD. **1987:** manifestações estudantis contra a política econômica. **1988:** suspensão do pagamento da dívida externa, devido às dificuldades econômicas; reeleição de Pérez. **1989:** conflitos e saques causados pela política de austeridade financeira, arrocho salarial, aumento de 94% dos combustíveis; morrem cerca de quinhentas pessoas em choques com a tropa (27/2); decretada a prisão de cinco ex-ministros e do ex-presidente do Banco Central, por concessão irregular de dólares subsidiados a 3 mil empresas (29/11); a AD elege doze dos vinte governos de Estado (13/12). **1990:** protestos adiam o aumento no preço dos combustíveis; aprovadas novas leis trabalhistas; criam-se o sistema previdenciário e o seguro-desemprego (nov.). **1991:** novas manifestações contra as condições de vida do povo; morte de dois estudantes em Los Torques, ao sul de Caracas (out.); greve geral contra o desemprego (7/11); criação de grupos de discussão para estudar as reivindicações dos grevistas; protestos contra o aumento dos combustíveis decidido pelo plano de austeridade econômica são reprimidos pela polícia (out./dez.). **1992:** greves dos professores e dos servidores públicos; Pedro Rosas Bravo, autor do plano de austeridade, é nomeado min. das Finanças (jan.); fracassa golpe dos oficiais do Movimento Revolucionário Bolivariano 200, chefiado pelo cel. Hugo Chávez Frías (4/2), com dezoito mortos, sessenta feridos e mil soldados presos; eles exigiam o fim das negociações com a Colômbia para delimitar a fronteira no golfo da Venezuela, a revisão do programa econômico, a luta contra o

desemprego, a fome e a corrupção, e a convocação de uma Constituinte; o governo suspende as garantias constitucionais, proíbe manifestações e censura as comunicações; a polícia invade redações de jornais e revistas (fev.); prisão do gen. Jacopo Yépez Daza, autor de um manifesto contra o governo (fev.); suspensão da censura, aumento dos militares e remanejamento ministerial (10/2); o COPEI e os socialistas recusam-se a participar de um Comitê de Consultas (24/2); o governo suspende os aumentos dos combustíveis, reduz preços de alimentos e remédios, inicia o combate à corrupção, criando para isso o Tribunal Superior de Salvaguardas, e processa funcionários do ex-governo Lusinchi; dois membros do COPEI são nomeados para o gabinete (10/3); restauração das garantias constitucionais (9/4); protestos estudantis e saques reprimidos pela polícia levam à renúncia dos ministros do COPEI (jun.); a AD rejeita tentativas de reduzir o mandato de Pérez (18/6); a criação, pela Câmara, do cargo de 1º-ministro e a proibição da reeleição do presidente (28/7) são rejeitadas, no Senado, pela AD, em coalizão com partidos pequenos (4/9); "panelaço" pedindo a renúncia de Pérez resulta em um morto e catorze presos (17/9); fracassa novo golpe de oficiais ligados a Chávez (11/10); Pérez escapa de um atentado no Estado de Zulia (12/10); sufocado pelo Exército o terceiro levante de oficiais ligados a Chávez (27/11), nas bases aéreas de La Carlota e Libertador, em Maracay, com 160 mortos.

FATOS DO ANO

É o ex-pres. Rafael Caldera Rodríguez o vencedor das eleições presidenciais de 5/12/1993, com 32% dos votos. Esse resultado representa a derrota do bipartidarismo que, durante 35 anos, vinha dominando a política venezuelana: Claudio Fermín, da governista Ação Democrática, e Osvaldo Álvarez Paz, do oposicionista COPEI, que as pesquisas prévias davam como favoritos, são deixados para trás pelo septuagenário fundador do COPEI que, tendo sido expulso dele no início do ano, candidatara-se pela Convergência Nacional, coligação de dezessete partidos menores, entre eles o PC e o Movimento para o Socialismo. A escolha da população, nas urnas, significa a rejeição dos partidos tradicionais, da política neoliberal que caracterizou os governos anteriores – e que esteve na base, em 1992, de um levante popular com 300 mortos e duas tentativas fracassadas de golpe – e da corrupção generalizada, que levou a um processo contra o ex-pres. Jaime Lusinchi e ao *impeachment* do pres. Carlos Andrés Pérez.

Pérez vê seu julgamento ser autorizado, em 20/5/1993, por "corrupção, encobrimento e traição à Pátria". Em 21/5, o Senado ratifica a decisão por unanimidade e o presidente, que, em 1978, terminara seu primeiro mandato com alto prestígio interno e externo, é afastado de suas funções nove meses antes de completar o segundo. No mesmo dia, nos termos da Constituição, é substituído pelo pres. do Senado, Octavio Lepage, até que o Congresso nomeie um presidente interino. Nas ruas, manifestantes comemoram seu afastamento. A maior acusação que pesa contra ele – a de malversação de dinheiro público – apóia-se em indícios de que houve irregularidades, no início de 1989, na aplicação de US$ 17 milhões de uma verba secreta destinada à segurança. São denúncias que encontram terreno propício numa sociedade convencida da corrupção dos políticos e que atribui às medidas econômicas ortodoxas de Pérez as suas dificuldades. Ao contrário dos anos 70, quando seu governo, apoiado nos altos preços do petróleo, promoveu a elevação do nível de vida, nacionalizou o petróleo e o ferro e questionou o FMI, ao voltar ao governo e ter de enfrentar a crise gerada pela queda nos preços do petróleo e a elevação da dívida externa – em boa parte contraída em seu governo anterior –, Pérez recorreu ao FMI e tentou reconduzir o país à economia de mercado.

Além de provocar manifestações de protesto e duas rebeliões de militares nacionalistas, que contaram com a simpatia popular, a nova política conduziu à derrota de seu partido, a Ação Democrática, nas eleições regionais e municipais de dez. de 1992, em que a esquerdista Causa Radical, de Andrés Velásquez, conquistou a prefeitura de Caracas. Foi o secr.-geral da Causa-R, Pablo Medina, quem pediu, no fim de 1992, a abertura do processo contra Pérez, barrado pela Justiça em jan. de 1993, mas aceito em maio.

Em 4/6, um acordo entre a AD e o social-cristão COPEI, os dois maiores partidos, leva o Congresso a eleger o senador independente Ramón José Velásquez como presidente interino, até a posse do novo presidente em fev. de 1994; e em meados de jun., é escolhido novo gabinete. Velásquez exige poderes especiais de emergência para governar por decreto e aplicar medidas como a taxa sobre valor agregado (TVA) e um imposto sobre os ativos das empresas, para combater o déficit fiscal de US$ 5 bilhões. Também tenta reformar o sistema bancário de modo a permitir o controle de bancos por estrangeiros, simplificar as normas de privatização e obter do Congresso a aprovação para alianças estratégicas entre as companhias petrolíferas estrangeiras e a estatal Petróleos da Venezuela S.A.

A Venezuela enfrenta, em 1993, queda em relação ao acentuado crescimento de 1991 (10,7%) e 1992 (7,3%); o volume de emprego informal chega a 40% do total da população economicamente ativa; e cerca de 50% da população encontra-se abaixo da linha de pobreza. Segundo estimativas do jornal *Le Monde*, no segundo semestre de 1993, os venezuelanos já remeteram US$ 60 bilhões para fora do país. Tudo isso justificaria a resposta de Velásquez ao descar-

tar, em princípio, a decretação do estado de emergência devido a uma onda de alarmes falsos e cartas-bomba que assola o país em jul.-ago., entremeada com atentados reais, um deles com uma vítima fatal. Ele alega que a solução dos problemas econômicos é mais urgente. Em 10/8, a Justiça aprova a abertura de processo contra o ex-pres. Jaime Lusinchi, também da AD, por suposta omissão de informações sobre o desaparecimento de uma verba secreta do governo em 1988 – aparentemente destinada à compra de carros presenteados a dirigentes de seu partido. O Senado, ao qual caberia ratificar a decisão da Corte, aprova, em 11/8, uma lei de proteção ao patrimônio público que descriminaliza a malversação de fundos – o que beneficia Pérez e Lusinchi (a AD tem 23 representantes na Câmara Alta). À responsabilidade de ambos é atribuída à onda de atentados que, em out., a Polícia Técnica Judicial esclarece terem tido por objetivo produzir pânico nos meios financeiros e na Bolsa de Valores, criando o clima propício para um golpe de Estado.

Treze executivos e três militares, envolvidos no financiamento e organização dos atentados, são presos em 31/9. Um mês antes, em 31/8, o Congresso votara o *impeachment* de Pérez, embora a Justiça não tivesse chegado à decisão sobre a culpabilidade ou não do presidente. A um mês das eleições gerais de 5/12, nova investigação sobre a campanha de desestabilização do governo é desencadeada por um decreto que Velásquez assinou, por engano, beneficiando Larry Salvador Tovar Acuña, chefe da conexão euro-americana do Cartel de Medellín. Isso também contribui, na opinião dos observadores, para beneficiar Caldera. Além da Convergência surge, como segunda força, a Causa Radical, pois Velásquez obtém 25% dos votos, contra 23,5% da AD e 19% do COPEI.

Vietnã

● **NOME OFICIAL:** República Socialista do Vietnã. **Capital:** Hanói. **Nacionalidade:** vietnamita. **Hino:** Marcha do soldado (título). **Língua:** vietnamita (oficial). **Religião:** budismo, 55,3%; cristianismo (católicos, 7%); confucionismo, taoísmo, hoa hao, caodaísmo (minorias). **Data nacional:** 2/7 (Pátria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Ásia. **Área:** 329.566 km². **Limites:** China (N); mar da China Meridional (L e S); Camboja e Laos (O). **Características:** território montanhoso; litoral baixo, recortado e com ilhas; maciços montanhosos (N); cordilheira Anamita (O); planície aluvial de Tonquim (do centro a L) e do delta do rio Mekong (S). **Ponto mais elevado:** Fan Si Pan (3.143 m). **Clima:** tropical com chuvas de monção. **Rios principais:** Vermelho, Song Ma, Song Ca, Dong Nai, Mecong. **Cidades principais:** Ho Chi Minh (4.075.400 hab.); Hanói (2.095.000); Haiphong (1.516.000); Da Nang (370.670); Long Xuyen (217.171) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): +10h.

● **POPULAÇÃO:** 69.052.000 (est.1992); **urbana:** 22% (1990). **Composição demográfica:** vietnamitas, 87,1%; tailandeses, chineses, cambojanos, mongóis (minorias). **Crescimento demográfico:** 2,1% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 39%; 15-59: 53,8%; **mais de 60:** 7,2% (1989). **Densidade (hab./km²):** 209,5 (1992). **Natalidade:** 29,5 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 8,1 por 1.000; **mortalidade infantil:** 48 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 3,7 (1991). **Vida média homens:** 63; **mulheres:** 67 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 400 hab.; **médicos:** 1 por 2,8 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 3,7% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 12,4% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 12 milhões; **professores:** 445,2 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 129,6 mil; **professores:** 21,9 mil (1990-91). **Gastos:** 2,9% do orçamento (1990).

● **GOVERNO:** República parlamentarista de modelo socialista. **Data da Constituição em vigor:** 15/4/1992. **Divisão administrativa:** províncias e municipalidades. **Regime partidário:** unipartidarismo; Partido Comunista. **Chefe de Estado:** pres. gen. Le Duc Anh (desde 23/9/1992). **Chefe de governo:** 1º-min. Vo Van Kiet (desde 9/8/1991). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 400 membros eleitos por voto direto; mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 51,7%; indústria, 27,2%; comércio, 18%; serviços, 3,1% do PIB (1991). **Agricultura:** arroz, borracha, café, chá, algodão, soja. **Pecuária:** aves, suínos, bovinos, búfalos. **Pesca:** 850 mil t (1990). **Indústria:** cimento, fertilizantes químicos, têxtil, eletrônica. **Minerais:** petróleo, carvão, estanho, zinco, ferro, antimônio, cromo, apatita, fosfato, petróleo. **Exportações:** US$ 2,1 bilhões (o comércio exterior ilegal foi equivalente a 50% do comércio oficial em 92); **produtos:** agrícolas, petróleo bruto, carvão, vestuário, calçados, cerâmicas, pedras preciosas, seda (1990). **Importações:** US$ 2,9 bilhões; **produtos:** combustíveis minerais, tratores, fertilizantes, máquinas industriais (1990). **Parceiros comerciais:** Cingapura, Japão, Hong Kong, França, Alemanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dong novo (dividido em 100 xu); **cotação para 1 US$:** 10.565,00 (31/12/1992). **Produto Material Líquido (PML):** US$ 7,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 109 (1989); crescimento anual do PML: 3,4% (1985-89). **Inflação:** 15% (1992). **Dívida externa:** US$ 15,1 bilhões (1989). **Força de trabalho:** 31,1 milhões; **distribuição:** agricultura, 72,7%; indústria, 13,5%; comércio, 5,5%; serviços, 5,8%; outros, 2,5% (1991); **mão-de-obra feminina:** 51,7% (1989). **Desemprego rural:** 28%; **urbano:** 22% (1993).

● **DEFESA: Efetivo total:** 757 mil (1992); **Exército:** 700 mil; **Marinha:** 42 mil; **Força Aérea:** 15 mil; **outros:** 4-5 milhões de paramilitares. **Gastos:** 1,2% PML (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 146,5 mil km; 12% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 84,8 mil; **automóveis:** 24,3 mil (1985). **Ferrovias:** 5,1 mil km (1989). **Portos:** Haiphong, Da Nang, Ho Chi Minh. **Linhas aéreas:** Viet-Nam Airlines (vôos internacionais e domésticos); Pacific Airlines (internacionais); Viet Air (domésticos).

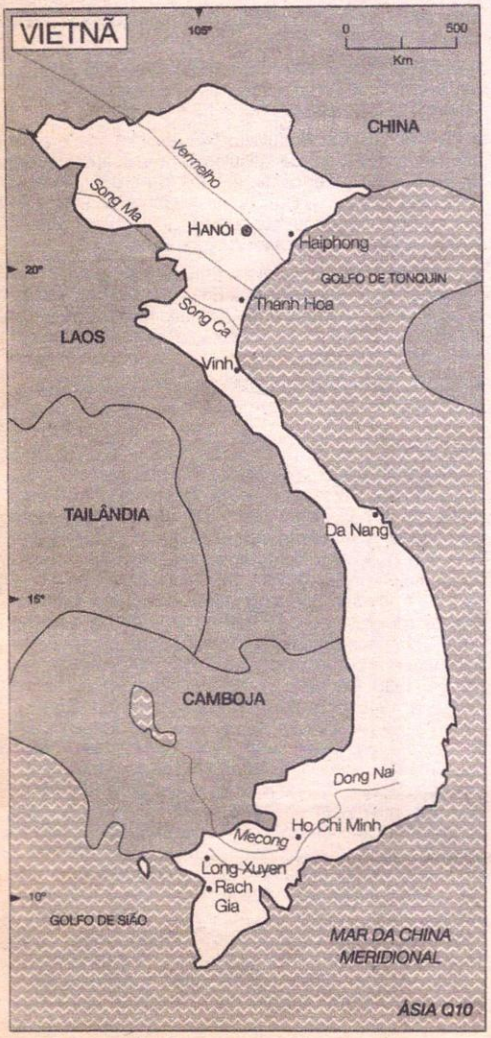
● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 10 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 1,7 mil hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1 mil hab. (1988). **Jornais diários:** 7; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 1,4 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 20 Waterside Plaza, New York, NY 10010, EUA, tel. (212) 679-3779.

HISTÓRIA

Originários do território chinês dos han, os habitantes da região fixaram-se no delta do rio Vermelho (ex-Vietnã do Norte), no séc. III a.C. **Séc. II a.C. – 938 d.C.:** dominação chinesa. **938:** libertação por No Quyen, cujo Estado se expande, dominando os hinduístas que viviam na área do ex-Vietnã do Sul. **1862 – 1867:** a Cochinchina é gradualmente cedida à França. **1884:** estabelecimento de protetorados franceses em Anã, no centro, e Tonquim, ao norte. **1887:** incorporação do Camboja, Cochinchina, Anã e Tonquim à União Indochinesa, sob a autoridade da França. **1930:** fundação do PC indochinês (fev.) por Ho Chi Minh. **1940:** ocupação japonesa. **1941:** fundação da Liga Revolucionária para a Independência do Vietnã (Vietminh), de resistência nacionalista, por Ho. **1945:** concessão, pelo Japão, de independência ao governo fantoche do imp. Bao Dai, do Anã; instauração da República, no norte, pelo Vietminh. **1946:** reconhecimento francês do Vietnã do Sul como Estado livre; bombardeio francês a Haiphong, controlada pelo Vietminh; Ho conclama a insurreição contra a França. **1948:** a França coloca Bao Dai como chefe de um Estado independente em Saigon; integração da Cochinchina ao Vietnã. **1954:** derrota da França na Guerra da Indochina; o acordo de Genebra (21/7) divide o país ao longo do paralelo 17; o setor norte, comunista, tem capital em Hanói, e a do sul, chefiado por Bao Dai, é Saigon. **1955:** deposição de Bao Dai por Ngo Dinh Diem, que proclama a República no sul e toma-se

presidente (26/10). **1960:** fundação do Vietcong, a Frente Nacional de Libertação do Sul, comunista (20/12). **1961:** criação do braço militar da FNL; no Vietnã do Sul, envio, pelo pres. Kennedy, de assessores militares americanos. **1962:** criação do Comando Militar americano em Saigon. **1963:** assassinato de Ngo no golpe de Duoh Van Minh (1º/11). **1964:** deposição de Duoh pelo gen. Nguyen Khan, substituído, nove dias depois, por um triunvirato que dura dois meses; Hoan Khac Suu é eleito presidente; o suposto bombardeio norte-vietnamita a barcos americanos, no golfo de Tonquim, serve de pretexto ao pres. Johnson para uma operação militar contra Hanói. **1965:** golpe do gen. Nguyen Van Thieu, que assume a chefia do Estado; o mal. Nguyen Cao Ky torna-se 1º-min. **1967:** Nguyen Van Thieu assume a presidência em Saigon. **1968:** início das negociações de paz entre EUA–Hanói (3/5). **1969:** o Vietnã do Sul participa de conversações de paz em Paris; a FNL forma o Governo Revolucionário Provisório do Vietnã do Sul (GRP); morre Ho Chi Minh (9/9). **1972:** ataque americano ao norte. **1973:** assinatura do Acordo de Paris; saída dos americanos (27/1); reinício dos combates entre sul-vietnamitas e vietcongs. **1974:** interrupção das negociações para o estabelecimento de um governo de conciliação nacional; entrada dos vietcongs em Saigon; fim da guerra (30/4). **1975:** Saigon passa a chamar-se Ho Chi Minh. **1976:** reunificação. **1977:** conversação EUA–Hanói visando ao reatamento. **1978:** adesão ao Comecon; ruptura com a China, devido à expulsão de residentes chineses resistentes à campanha de "Vietnamização". **1979:** guerra com a China (17/2); Heng Samrin derruba o Khmer Vermelho, no Camboja, com a ajuda de tropas vietnamitas (7/1). **1980:** novos choques com a China devido à questão cambojana. **1981:** o 1º-min. Pham Van Dong é substituído por Truong Chinh. **1984:** perseguições religiosas; processo contra acusados de atividades contra-revolucionárias. **1985:** anistia aos presos políticos. **1986:** expurgo na área econômica, preparando reformas a serem implantadas durante o Congresso do PCV (dez.); morre o sec.-geral Le Duan (10/7). **1988:** a fome causa protestos contra o 1º-min. Do Muoi. **1989:** participação de candidatos não comunistas nas eleições para a Assembléia Nacional. **1990:** autorizada a formação da oposicionista Associação dos Veteranos Vietnamitas; Tran Xuan Bach, membro da AVV e do PC, é afastado por ter pedido reformas políticas; prisão de adeptos do pluripartidarismo; demissão de 18 mil funcionários públicos acusados de corrupção; em Paris, Bui Tin, editor do jornal do PC, pede eleições livres e acusa o governo de corrupção e fraude. **1991:** expulsão de Bui, acusado de traição (mar.); prisão da escritora Duong Thu Huong, do PC, por ter pedido o fim do comunismo (abr.); no VI Congresso do PC (jul.), Do Muoi torna-se secretário-geral. **1992:** embora a nova Constituição (15/4) permita candidatos independentes, 90% dos que se apresentam às eleições legislativas (9/7) são do PC; a nova Assembléia elege presidente o gen. Le Duc Anh, da ala ortodoxa (23/9), mas favorável ao reformismo do 1º-min. Vo Van Kiet; visita de uma comissão de senadores americanos (nov.) para discutir o problema dos 2.265 prisioneiros de guerra cujo destino é desconhecido; abertura de um consulado tailandês em Ho Chi Minh e de um escritório de representação vietnamita em Rayong, no sul da Tailândia.



FATOS DO ANO

O progresso material, com a implantação da economia de mercado, não encontra correspondência no plano político: em 21/3/1993, vinte pessoas são presas, em Ho Chi Minh, por conspirarem contra o governo. Em abr. de 1992, penas de oito meses a vinte anos de prisão já tinham sido dadas a oito intelectuais ligados ao dissidente Fórum da Liberdade; e, em 25/8/1993, três *viet kieu* (vietnamitas exilados), líderes presumíveis do levante de mar., são condenados à revelia à prisão perpétua. Não se reprime apenas a ideologia: uma lei de 27/7 proíbe a venda de revistas e vídeos eróticos e pornográficos ou de lutas marciais. Mas a abertura econômica, que faz do país forte candidato a "tigre asiático", provoca a corrida dos investidores: a mão-de-obra é barata e bem instruída (só 12,4% de analfabetismo) e há boas reservas naturais, apesar do desmantelamento provocado pelos anos de guerra. De 1988 a mai. de 1993, houve investimentos de US$ 6 bilhões, com crescimento de 73% só em 1992: como resultado, cresceram o PIB (8,3%), a indústria (15%), a agricultura (4,4%) e as exportações (19%); e o país registrou, pela primeira vez desde 1976, o superávit de US$ 150 milhões, devido ao aumento na produção de petróleo e arroz (24 milhões de t em 1992).

Obstáculo: o embargo – A introdução do imposto de renda (1991) aumentou em 82% a receita orçamentária e estabilizou o dong, que, em 1992, só se desvalorizou 15% em relação ao dólar. O controle da emissão de moeda e o fim dos subsídios a estatais deficitárias reduziram a inflação a 15% (1992) contra 67% em 1991. Mas o desemprego ainda é alto (28% no campo, 22% nas cidades) e a concentração das geradoras de eletricidade no norte dificulta o fornecimento de energia ao sul. O governo precisa de US$ 20 bilhões, até 2000, para recuperar a geração e transmissão de energia, telecomunicações, estradas e portos, para garantir o crescimento anual de 7,5%. Outro obstáculo, o embargo dos EUA aos empréstimos internacionais ao Vietnã, começa a desaparecer em jan. de 1993, quando uma comissão do Senado conclui

não haver indícios de que soldados americanos ainda estejam presos no país. Um mês antes, o pres. George Bush – pressionado ao mesmo tempo pelos empresários, temerosos de perderem o novo mercado, e pelos veteranos de guerra, favoráveis ao embargo – permitira a instalação de escritórios no Vietnã, mas não a assinatura de contratos com firmas locais.

Em 8/6/1993, os restos de 26 soldados americanos são devolvidos aos EUA. Em mar. de 1993, o 1º-min. Vo Van Kiet obtivera, em Tóquio, a promessa de que os japoneses tentariam convencer os EUA a reatar com Hanói; e conseguiu o mesmo na Coréia do Sul, Nova Zelândia, França, Alemanha e Austrália (em mai. de 1993, assinou, com a firma australiana BHP Petroleum, acordo de exploração, por vinte anos, de parte do campo petrolífero de Dai Hung). Em 2/7/1993, tendo o pres. Bill Clinton suspendido o veto à concessão de empréstimos, o Vietnã paga ao FMI US$ 142 milhões (out.), e obtém novo empréstimo de US$ 223 milhões, além de US$ 1 bilhão dos bancos Mundial e do Desenvolvimento Asiático. A partir de 10/9, empresas americanas podem participar de projetos de desenvolvimento financiados por organismos internacionais; e, em 14/9, o Departamento de Estado libera US$ 3,5 milhões para uma entidade assistencial que ajuda vietnamitas mutilados de guerra.

Zaire

● **NOME OFICIAL:** República do Zaire. **Capital:** Kinshasa. **Nacionalidade:** zairense. **Hino:** Canção da Independência (título). **Língua:** francês (oficial); 400 dialetos bantus e sudaneses (kisuahili, kiluba, kikongo e lingala, principais). **Religião:** cristianismo, 48,4% (protestantes, 29%; cristãos africanos, 17,1%); crenças tradicionais 3,4%; islamismo, 1,4%. Datas nacionais: 30/6 (Independência); 24/11 (II República).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da África. **Área:** 2.344.885 km². **Limites:** Rep. Centro-Africana (N); Sudão (NE); Uganda, Ruanda, Burundi e Tanzânia (L); Zâmbia (S e SE); Angola (SO); Congo (O). **Características:** bacia do rio Congo, com lagos e pântanos (centro e NO), circundada por relevos elevados; planície dos grandes lagos (L); montanhas (SE). **Ponto mais elevado:** pico Margarida (5.119 m). **Clima:** equatorial chuvoso (maior parte). **Rios principais:** Zaire, Ubamgui, Aruuími, Luabala. **Cidades principais:** Kinshasa (3.804.000 hab.); Lubumbashi (739.100); Mbuji-Mayi (613.000); Kisangani (373.400); Kananga (371.900) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 41.151.000 (est.1992); **urbana:** 40% (1990). **Composição demográfica:** bantus (maioria); sudaneses, nilotas, pigmeus, hamitas (minorias). **Crescimento demográfico:** 3,2% (1990–1995). **Faixas etárias:** 0-14: 45,2%; 15-59: 50,2%; **mais de 60:** 4,6% (1985). **Densidade (hab./km²):** 17,6 (1992). **Natalidade:** 45,3 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 13 por 1.000 (1990–1995); **mortalidade infantil:** 83 por 1.000 (1985–1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,1 (1990–1995). **Vida média homens:** 52,3; **mulheres:** 55,7 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 476 hab.; **médicos:** 1 por 23,2 mil hab. (1985). **Gastos com saúde:** 1,5% do orçamento (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 28,2% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 5,4 milhões (1987/88); **professores:** 1º grau: 113,5 mil (1986/87); **de 2º grau:** 49,2 mil (1987/88). **Alunos no ensino superior:** 52,8 mil; **professores:** 3,5 mil (1987/88). **Gastos:** 6,7% do orçamento (1989).

● **GOVERNO:** parlamentarismo com presidente forte. **Condição especial:** membro da Comunidade Financeira Africana (CFA). **Data da Constituição em vigor:** 15/2/1978. **Divisão administrativa:** 11 regiões. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Mov. Popular da Revolução, União dos Federalistas e Republicanos Independentes, União pela Democracia e pelo Progresso Social, União Sagrada (coalizão). **Chefe de Estado:** pres. Mobutu Sese Seko Kuku Ngbendu ua za Banga (desde 24/11/1965, que permanece no cargo mesmo depois da expiração do seu mandato, em dez. de 1991). **Chefe de Governo:** a nomeação de Faustin Birindua (mar. de 1993) é contestada por todos os setores da sociedade, que exigem o retorno de Étienne Tshisekedi ua-Mulumba. **Legislativo:** fechado.

● **ECONOMIA:** agricultura, 26,1%; indústria, 7,5%; mineração, 21,1%; comércio, 17,4%; serviços, 27,9% do PIB (1988). **Agricultura:** café, óleo de palma e palmito, cana-de-açúcar, chá, cacau, borracha, algodão. **Pecuária:** aves, caprinos, bovinos. **Pesca:** 162 mil t (1990). **Indústria:** fundição e refino de cobre e de outros minerais, têxtil, cimento, agroindústria (café, principal). **Minerais:** cobre, cobalto, manganês, zinco, urânio, estanho, ouro, diamantes, petróleo. **Exportações:** US$ 408 milhões; **produtos:** minerais (cobre e petróleo, principais) (1992). **Importações:** US$ 425 milhões; **produtos:** manufaturados, alimentos, matérias-primas (1992). **Parceiros comerciais:** Bélgica, EUA, França, Alemanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** zaire (dividido em 100 makuta); **cotação para 1 US$:** 1.900.000,00 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 8,1 bilhões; **renda per capita:** US$ 220 (1990); **crescimento anual:** 1,6% (1980–1990). **Inflação:** 3.023,8% (1992). **Dívida externa:** US$ 10,7 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 13,6 milhões (1991); **distribuição:** agricultura, 71,5%; indústria, 12,9%; serviços, 15,6% (1986–1989); **mão-de-obra feminina:** 35,9% (1988–1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 29,1 mil (1992); **Exército:** 26 mil; **Marinha:** 1,3 mil; **Força Aérea:** 1,8 mil; **outros:** 35 mil paramilitares. **Gastos:** 7,5% do orçamento (1989).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 146,5 mil km; 12% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 84,8 mil; **automóveis:** 24,3 mil (1985). **Ferrovias:** 5,1 mil km (1989). **Portos:** Matadi, Boma, Banana. **Linhas aéreas:** Air Zaire, Scibe Airlift of Zaire, Zairean Airlines (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 10 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 1,7 mil hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1 mil hab. (1988). **Jornais diários:** 7; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 1,4 (1988).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** SHIS – QI 9, cj. 8, casa 20, CEP 70439-900, Brasília, DF; tel. (061) 248-3347.

HISTÓRIA

Na Antiguidade, essa região, originalmente habitada por pigmeus, foi ocupada por bantus da África Oriental e povos vindos das margens do Nilo, que ali fundaram os reinos de Baluba e do Congo. Na época da chegada dos portugueses (séc. XV), o Reino do Congo incluía os atuais Zaire e Angola. **1879 – 1884:** exploração por Henry Stanley, em nome de Leopoldo II, da Bélgica. **1885:** fundação do Estado Livre do Congo, tendo Leopoldo como rei. **1908:** formação do Congo Belga. **1960:** independência e proclamação da República (30/6); proclamação da independência unilateral de Catanga, pelo 1º-min. Moïse Tshombe, e da província de Casai, por Albert Kalongui; envio de tropas da ONU para a pacificação; confronto entre o pres. Joseph Kasavubu, de direita, e o 1º-min. Patrice Lumumba, de esquerda; o cel. Joseph Mobutu assume o controle do governo. **1961:** Kasavubu retoma o poder; assassinato de Lumumba; fim da separação de Catanga. **1964:** Tshombe volta do exílio e torna-se 1º-min. **1965:** deposição de Tshombe; golpe de Mobutu contra Kasavubu. **1967:** nova Constituição cria o parlamentarismo com Executivo forte. **1973:** o país assume seu nome atual; ruptura com Israel. **1974:** reatamento com Cuba. **1975:** fundação, com Burundi e Ruanda, da Comunidade dos Estados dos Grandes Lagos. **1977:** rechaçada, com auxílio estrangeiro, a invasão de ex-adeptos de Tshombe, apoiados por cubanos, na província de Shaba, ex-Catanga; reeleição de Mobutu. **1978:**

rechaçada nova invasão de Shaba; anistia aos presos políticos. **1979**: retirada das forças africanas de intervenção que protegiam Shaba. **1980**: Nguza Karl-I-Bond torna-se o 1º-ministro. **1981**: renúncia de Nguza, que se exila na Bélgica; é substituído por Kengo-ua-Dongo. **1982**: recusa da ajuda americana, reduzida pelo Congresso dos EUA a 1/8 do prometido; o reatamento com Israel causa a ruptura com nações africanas e árabes. **1986**: criação do Departamento dos Direitos do Cidadão, em resposta a denúncias de violação dos direitos humanos; afastamento do 1º-min. Kengo-ua-Dongo (30/11). **1987**: rompimento com o FMI; o economista Mabi Mulumba é nomeado 1º-min. **1988**: prisão do oposicionista Étienne Tshisekedi ua-Mulumba (20/1), internado numa clínica psiquiátrica. **1989**: o país é retirado da lista da Comissão dos Direitos Humanos da ONU e da Anistia Internacional (fev.). **1990**: formação de três partidos políticos, fim do monopólio do MPR, pluralismo sindical; Mobutu renuncia à chefia do MPR (24/4); o 1º-min. Lengo au-Dongo é substituído por Luanda Bululu; libertação de Tshisekedi; legalização de seu partido, a União pela Democracia e pelo Progresso Social; invasão da Universidade de Lubumbashi para reprimir protestos estudantis; autorização do pluripartidarismo e inscrição de 24 partidos; exigência belga de investigações sobre o massacre de Lubumbashi, sob pena de corte de ajuda econômica. **1991**: outros 28 partidos são legalizados (jan.); os 52 partidos já registrados organizam greve geral pela renúncia de Mobutu (7 a 9/1); anistia aos zairenses exilados que retornem até 31/12 (10/2); o 1º-min. de transição, Lunda Bululu (1º/3), renuncia (15/3) e é substituído por Mulumba Lukoji; formação de CPI sobre o caso Lubumbashi, que indicia o gov. de Shaba; condenação de oito pessoas pela Suprema Corte; saques em Kinshasa de soldados protestando contra baixos salários (23/9); demissão de Lukoji, substituído por Tshisekedi (21/10); mas este recusa-se a formular o juramento de fidelidade a Mobutu e é substituído por Bernardin Mungul Diaka (23/10); passeata e saque da sede do MPR em protesto contra a instabilidade política (out.); quando Diaka anuncia seu gabinete (31/10), a oposição forma um "governo paralelo" liderado por Tshisekedi; os EUA põem em dúvida a legitimidade do governo e a Alemanha corta ajuda de US$ 100 milhões anuais; o líder senegalês Abdulaie Wade obtém de Mobutu a promessa de reconduzir Tshisekedi (18/11), mas, no lugar de Diaka, ele nomeia Nguza, que voltou do exílio (28/11), cancela as eleições (4/12) e anuncia que exercerá um quarto mandato, provocando com isso novas manifestações e quebra-quebras

(dez.). **1992**: sufocado levante de militares que exigem a renúncia de Nguza e a abertura de uma Conferência Nacional (22/1); dezessete oficiais são executados; em protesto contra a morte de dezessete manifestantes pela guarda presidencial (16/2), greve geral paralisa o país (3/3); o FMI declara o país "não cooperativo" e afirma "não haver segurança em negociar com ele"; a Conferência, presidida pelo arceb. Laurent Monsengüo nya-Pasinya, declara-se soberana e rebatiza o país como Congo (abr.); repressão ao apoio popular à Conferência; remanejamento do gabinete (mai.) não aumenta a base de apoio do governo; em troca da desistência de mudar o nome do país, Mobutu reconduz Tshisekedi ao cargo (17/8).

FATOS DO ANO

Em 14/1/1993, o Alto Conselho da República (ACR), criado em 1992 pela Conferência Nacional, declara o pres. Mobutu Sese Seko culpado de traição, ordena seu desligamento dos negócios do Estado e convoca greve geral. Mobutu ignora essas resoluções mas, no final de jan., o Exército amotina-se quando ele tenta pagar seu soldo com notas de 5 milhões de zaires (cerca de US$ 2) já recusadas, em dez. de 1992, pelo ACR e toda a população. O motim deixa mais de mil mortos, entre eles o emb. francês, Henri Rethoré, e outros estrangeiros. A França e a Bélgica enviam tropas para retirar seus cidadãos residentes. Em fev., o próprio ACR lhes pede, e aos EUA, que mandem soldados para restaurar a ordem; mas esses países limitam-se a exigir que Mobutu transfira seus poderes para o ACR. Mobutu, acusando o 1º-min. Étienne Tshisekedi, líder da frente oposicionista União Sagrada (US), de ser o responsável pela revolta, declara-o culpado de traição por ter pedido a intervenção de tropas estrangeiras e exige sua demissão.

Ministro rejeitado – Em mar., num simpósio sobre o futuro do país, do qual a US recusa-se a participar, Mobutu nomeia Faustin Birindua chefe de um "governo de união nacional", e este, em abr., designa um ministério que inclui, como seu vice e min. da Defesa, o ex-1º-min. Nguza Karl-I-Bond. Três oposicionistas que aceitam participar são expulsos da US, que convoca greve geral de protesto. Os EUA e a CEE recusam-se a reconhecer Birindua e apóiam o Governo de Transição chefiado por Tshisekedi. O risco de guerra civil faz a OUA interferir pressionando a US para que aceite negociar com Mobutu. O encontro de Gbadolite, no norte do país (21/5), não leva a acordo nenhum. A missão de ajuda humanitária, enviada uma semana depois por Butros-Gali, da ONU, tampouco contribui para amenizar a tensão.

Em jun., como subproduto da intimidação dos militares contra a oposição, reacendem-se os conflitos tribais em Shaba e na província nordestina de Kivu: choques entre refugiados hutus e tutsis originários de Ruanda, com 3 mil feridos, fazem 300 mil pessoas fugirem para a vizinha província de Kasai. Causa indignação internacional a oferta de Mobutu ao governador de Kivu (15/7) de ajuda financeira e militar para que a área seja "limpada" dos ruandenses. Em 5/10, Birindua faz uma reforma monetária, introduzindo o "novo zaire"; mas, como já acontecera antes, praticamente ninguém acata a nova moeda.

Zâmbia

● **NOME OFICIAL:** República do Zâmbia. **Capital:** Lusaca. **Nacionalidade:** zambiana. Hino: *Fique de pé e cante, Zâmbia, orgulhosa e livre* (1º verso). **Língua:** inglês (oficial); línguas africanas (nianja, bemba, tonga, lozi, lunda e luvale, principais). **Religião:** animismo, maioria; cristianismo, 20% (católicos e protestantes); islamismo, hinduísmo (minorias). **Data nacional:** 24/10 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da África. **Área:** 752.614 km². **Limites:** Zaire (N); Tanzânia (NE); Malavi (L); Moçambique (SE); Namíbia, Botsuana e Zimbábue (S); Angola (O). **Características:** bacia do rio Zimbábue (NO a S); lagos Banguieulu, Mueru e Tanganica (N); lago Kariba

(S); planalto elevado (L); pântanos (O). **Ponto mais elevado:** monte Zunzu (2.067 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rios principais:** Zambebe, Luanga, Chambeshi, Cafue, Cabompo, Dongue. **Cidades principais:** Lusaca (982.362 hab.); Ndola (376.311); Kitue (338.207); Mifulira (152.944) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +9h.

● **POPULAÇÃO:** 8.303.000 (est.1992); **urbana:** 42% (1990). **Composição demográfica:** bemba, 36,2%; nianja, 17,6%; tonga, 15,1%; tribos do noroeste, 10,1; rotse, 8,2%; mambuê, 4,6%; tumbuca, 4,6%; outros, 3,6% (1980). **Crescimento demográfico:** 3,7% (1990–1995). **Faixas etárias: 0-14:** 47%; **15-59:** 48,7%; **mais de 60:** 4,3% (1986). **Densidade (hab./km²):** 11 (1992). **Natalidade:** 50,3 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 12,4 por 1.000; **mortalidade infantil:** 72 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 7,2 (1990–1995). **Vida média homens:** 54,4; **mulheres:** 56,5 (1990–1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 349 hab. (1989); **médicos:** 1 por 8,4 mil hab. (1984). **Gastos com saúde:** 7,4% do orçamento (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 27,2% (1990). **Alunos de 1º grau e no ensino profissionalizante:** 1,5 milhão (1989); **de 2º grau:** 161,3 mil (1988); **professores de 1º grau:** 28,9 mil (1986); **de 2º grau:** 5,8 mil (1988); **no ensino profissionalizante:** 846 (1989). **Alunos no ensino superior:** 6,2 mil; **professores:** 320 (1989). **Gastos:** 8,6% do orçamento (1988).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 2/8/1991. **Divisão administrativa:** 9 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** Mov. por uma Democracia Multipartidária, Independência Nacional Unida. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Frederick Chiluba (desde 2/11/1991). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Legislativa, com 150 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 16,7%; indústria, 46,7%; mineração, 8,2%; comércio, 14,3%; serviços, 14,1% do PIB (1990). **Agricultura:** milho, mandioca, milhete, sorgo, feijão, trigo, arroz, algodão, tabaco, semente de girassol, tubérculos, cana-de-açúcar. **Pecuária:** aves, bovinos, caprinos. **Pesca:** 64,5 mil t (1990). **Indústria:** fundição de cobre e outros minerais, montagem de veículos, refino de petróleo, alimentícia (enlatados); fertilizantes, explosivos, têxteis, garrafas, baterias, tijolos, fios de cobre. **Minerais:** cobre, cobalto, zinco, chumbo, carvão, ouro, esmeraldas, ametistas, calcário, selênio, fosfato, espatoflúor, minério de ferro. **Exportações:** US$ 1 bilhão; **produtos:** cobre, cobalto, zinco (1992). **Importações:** US$ 810 milhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, combustíveis minerais, lubrificantes, eletricidade, manufaturas básicas, químicos (1992). **Parceiros comerciais:** África do Sul, Grã-Bretanha, EUA, Japão, China, Alemanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** cuacha zambiana (dividida em 100 ngui); **cotação para 1 US$:** 180,18 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 3,4 bilhões; **renda per capita:** US$ 420 (1990); **crescimento anual:** 0,7% (1980–1990). **Inflação:** 207% (1992). **Dívida externa:** US$ 7,3 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 2,7 milhões; **distribuição:** agricultura, 68,9%; indústria, 5,4%; comércio, 1,1%; serviços, 5,9%; outros, 18,7% (1990); **mão-de-obra feminina:** 28,7% (1988-90). **Desemprego:** 17,4% (1987).

● **DEFESA: Efetivo total:** 24 mil (1992); **Exército:** 20 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 4 mil; **outros:** 1,4 mil paramilitares. **Gastos:** 1,4% do PNB (1989).

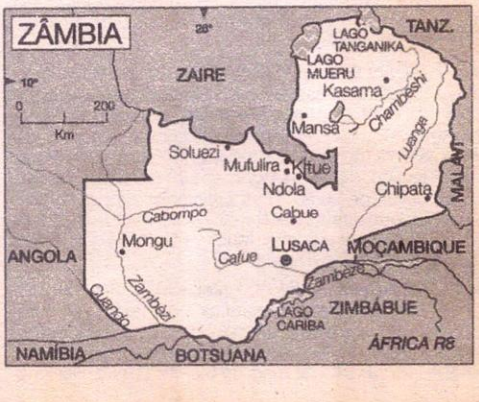
● **TRANSPORTES: Rodovias:** 37,4 mil km; 18% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 200,6 mil; **automóveis:** 105,8 mil (1982). **Ferrovias:** 2,2 mil km (1988). **Portos:** não há. **Linha aérea:** ZA (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 5,3 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 44 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 78 hab. (1990). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 17 (1989).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 237 East 52nd ST., New York, NY 10022, EUA; tel. (212) 758-1110.

HISTÓRIA

Habitada por povos primitivos (10.000 a.C.), foi ocupada pelos bantus (séc. XV). O reino dos Lozi, na planície do Zambeze, comerciou com os portugueses de Moçambique (1798). **1851 – 1873:** visita de David Livingstone. **1891:** a Companhia Britânica da África do Sul administra o território, que passa a chamar-se Rodésia do Norte. **1924:** protetorado britânico. **1930 – 1944:** imigração européia para as minas de cobre. **1964:** República com o nome atual (24/10); Kenneth Kaunda, da União Nacional da Independência, é o presidente. **1969:** nacionalização da indústria do cobre. **1971:** renúncia do vice-pres. Simon Kaoweowe, que forma um partido de oposição. **1972:** monopartidarismo com ampliação dos poderes de Kaunda. **1973:** nova Constituição; fechamento das fronteiras com a Rodésia, em protesto contra o regime racista de Ian Smith. **1976:** recusa em reconhecer o governo do MPLA em Angola. **1978:** reeleição de Kaunda. **1979:** destruição, pela Rodésia, do quartel-general do movimento guerrilheiro ZAPU, em Lusaca. **1982:** greve geral contra as medidas de austeridade econômica. **1983:** reeleito, Kaunda promove reforma ministerial e campanha de combate à corrupção. **1984 – 1985:** demissão dos funcionários incompetentes de paraestatais. **1986:** protestos, com quinze mortos e centenas de feridos, contra o aumento de 100% no preço da farinha de milho (11/12), imposto pelo FMI para reduzir o déficit público; anulação da medida e volta do subsídio. **1987:** mesmos protestos por causa dos combustíveis; rompimento com o FMI; atentados a bomba em Lusaca, atribuídos à África do Sul (out.). **1988:** novos atentados a bomba (jan.); confisco de duzentas empresas suspeitas de envolvimento com o mercado negro; presas nove pessoas, entre elas seis oficiais acusados de conspirar contra o governo; vitória de Kaunda, candidato único; mas há 46% de abstenção. **1990:** aprovação do plebiscito sobre o pluripartidarismo; protestos devido ao aumento de 100% no preço da farinha de milho; toque de recolher e massacre de 26 pessoas (jun.); golpe fracassado do ten. Muamba Luchembe (30/6), que é anistiado (25/7); transferência do plebiscito para ago. do ano seguinte; assinatura da lei de legalização dos partidos políticos; fundação do Movimento pela Democracia Multipartidária, de Frederick Chiluba, e da Aliança Nacional Democrática, de Joshua Mumpanshya. **1991:** o moderado gen. Hananiah Lungu é nomeado min. da Defesa; vitória do MDM nas eleições (nov.); Chiluba torna-se presidente e reestrutura os serviços públicos visando a combater a corrupção; nomeação de um gabinete pluripartidário e de Levy Munauasa para a vice-presidência (7/11); suspensão do estado de emergência (9/11); o corte do subsídio aos produtos de trigo (13/12) causa insatisfação e está na raiz do atentado contra Munauasa, pelo qual é



preso o brig. Godfrey Miyanda (dez.). **1992:** o min. da Defesa, Benjamin Yoram Muila, acusa o PUIN de conspirar a favor de Kaunda (jan.); CPI inocenta Miyanda por falta de provas e convoca Kaunda para depor sobre apropriação de dinheiro público (mar.); reescalonamento da dívida externa (abr.); ruptura com Chiluba dos min. dos Esportes, Baldwin Manakumabu Nkumbula, e da Tecnologia, Akashambátua Mbikusita-Leuanika.

FATOS DO ANO

Em 4/3/1993, o pres. Frederick Chiluba decreta o estado de emergência contra os planos do ex-partido único, o Unido pela Independência Nacional (PUIN), de pregar uma campanha de desobediência civil para desestabilizar seu governo. Vários membros do partido, entre os quais o maj. Wezi Kaunda, filho do ex-pres. Kenneth Kaunda, são presos. Kebby Musokotuane, pres. do PUIN, admite a autenticidade dos planos, mas os atribui à ala extremista do partido; e Kaunda acusa Chiluba de tê-los forjado, com ajuda da CIA, para desmoralizá-lo. Após a descoberta desse complô, Chiluba expurga seu governo afastando, em abr., ministros suspeitos de pouca lisura no trato da coisa pública. Mas causa descontentamento ao não afastar Michael Chilufya Sata, o min. do Governo Local, suspeito de desvio de fundos públicos. A revogação, em 21/5/1993, da ordem de prisão contra os envolvidos na presumível conspiração evidencia a fragilidade e confusão que dominam o governo: dias depois, sem justificativa, eles são novamente presos. O estado de emergência é suspenso em 25/5.

Desilusão popular – A perda da base de apoio que o levara ao poder explica a instabilidade de Chiluba. A adoção, em dez. de 1992, de medidas sugeridas pelo FMI/Banco Mundial – desvalorização do cuacha em 29%, liberação do mercado de câmbio e desregulamentação do comércio exterior – fez a inflação disparar, desorganizando a economia já afetada pela seca. Em mar. de 1993, Chiluba pede ajuda internacional para importar US$ 300 milhões em milho, de forma a combater a fome. As eleições municipais, no meio do ano, confirmam a desilusão do povo com a classe política: o PUIN virtualmente some do mapa: mas a vitória do Movimento para a Democracia Multipartidária, de Chiluba e Godfrey Miyanda, é esvaziada pelo comparecimento de menos de 10% do eleitorado. Em jun., respondendo às pressões contra Chilufya Sata, Chiluba o substitui, no Governo Local, por Roger Chongüe; mas não o demite: transfere-o para a pasta do Trabalho e da Segurança Social, o que é a causa de novas críticas – diante da quais ele volta a pôr em liberdade os acusados de golpismo.

Zimbábue

● **NOME OFICIAL:** República do Zimbábue. **Capital:** Harare. **Nacionalidade:** zimbabuana. **Língua:** inglês (oficial); línguas africanas (chishona e sindebele, principais). **Religião:** cristianismo, 44,8% (protestantes, 17,5%; cristãos africanos, 13,6%; católicos, 11,7%); crenças tradicionais, 40,4%; islamismo, hinduísmo (minorias). **Data nacional:** 11/11 (Independência).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da África. **Área:** 390.759 km². **Limites:** Zâmbia (N); Moçambique (L); África do Sul (S); Botsuana (O). **Características:** região de planaltos ondulados que separam as bacias dos rios Zambeze (N) e as do Limpopo e Save (S); lago Kariba (NO). **Ponto mais elevado:** monte Inyangani (2.593 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rios principais:** Limpopo, Sabi. **Cidades principais:** Harare (863.000 hab.); Bulauayo (495.317); Güeru (78.940); Mutare (75.400) (1987). **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

● **POPULAÇÃO:** 9.871.000 (est.1992); **urbana:** 28% (1990). **Composição demográfica:** bantus, 97,6%; europeus, 2%; outros, 0,4% (1982). **Crescimento demográfico:** 3,1% (1990–1995). **Faixas etárias:** 0-14: 44,9%; 15-59: 51,1%; **mais de 60:** 4% (1987). **Densidade (hab./km²):** 25,3 (1992). **Natalidade:** 39,9 por 1.000 (1990–1995). **Mortalidade:** 8,9 por 1.000 (1990–1995); **mortalidade infantil:** 67 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 5,1 (1989). **Vida média homens:** 57,9; **mulheres:** 61,4 (1987). **Leitos hospitalares:** 1 por 411 hab. (1985); **médicos:** 1 por 7 mil hab. (1987). **Gastos com saúde:** 4,9% do orçamento (1991/1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 27,2% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 3 milhões; **professores:** 84,2 mil (1988/89). **Alunos no ensino superior:** 9,3 mil (1989); **professores:** 561 (1988). **Gastos:** 16,3% do orçamento (1991/92).

● **GOVERNO:** República presidencialista. **Condição especial:** membro da Comunidade Britânica. **Data da Constituição em vigor:** 18/4/1980 (4 emendas). **Divisão administrativa:** 8 províncias. **Regime partidário:** pluripartidarismo; **principais partidos:** União Nac. Africana/Frente Patriótica. **Chefe de Estado e de governo:** pres. Robert Gabriel Mugabe (desde 31/12/1987). **Legislativo:** unicameral – Assembléia, com 150 membros (120 eleitos por voto direto, 12 nomeados pelo pres., 10 chefes tribais e 8 gov. provinciais), para mandatos de 6 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 12,9%; indústria, 31,9%; mineração, 8,2%; comércio, 11,5%; serviços, 35,5% do PIB (1990). **Agricultura:** tabaco, milho, algodão, café, açúcar, trigo, soja, tubérculos. **Pecuária:** bovinos, caprinos, ovinos. **Pesca:** 25 mil t (1990). **Indústria:** alimentícia, metalúrgica (ferro-cromo), siderúrgica, química, têxtil. **Minerais:** ouro, asbesto, níquel, cobre, prata, esmeralda, lítio, estanho, minérios de ferro e cromo, cobalto, carvão, diamante, cianita, platina, zinco, chumbo. **Exportações:** US$ 1,5 bilhão; **produtos:** minerais (ouro, asbesto e níquel, principais), tabaco, algodão, fibra de algodão, milho (1992). **Importações:** US$ 2,4 bilhões; **produtos:** máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, químicos, combustíveis minerais (1992). **Parceiros comerciais:** África do Sul, Alemanha, Grã-Bretanha, EUA, Botsuana, Japão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dólar zimbabuano (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 5,48 (31/12/93). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 6,2 bilhões; **renda per capita:** US$ 620 (1991); **crescimento anual:** 3,6% (1980-91). **Inflação:** 59,5% (1992). **Dívida externa:** US$ 3,4 bilhões (1991). **Força de trabalho:** 1,2 milhão (assalariados, 1990); 3,5 milhões (1986/87); distribuição (assalariados): agricultura, 24,3%; indústria, 27,9%; comércio, 8%; serviços, 39,8% (1990); **mão-de-obra feminina:** 35% (1988–1990). **Desemprego:** 40% (1993).

● **DEFESA: Efetivo total:** 48,5 mil (1992); **Exército:** 46 mil; **Marinha:** não há; **Força Aérea:** 2,5 mil. **Gastos:** 10,3% do orçamento (1991/92).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 85,2 mil km; 19% pavimentados (1989); **nº de veículos:** 260 mil; **automóveis:** 178 mil (1990). **Ferrovias:** 2,8 mil km (1989). **Portos:** não há. **Linha aérea:** AirZim (vôos internacionais e domésticos).

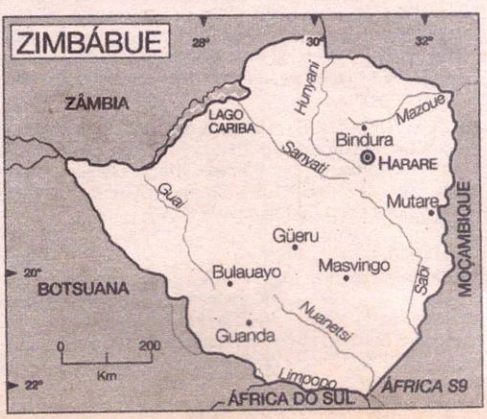
● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 18 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 70 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 32 hab. (1990). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 20 (1991).

● **REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA:** 19 East 47th St. New York, NY 10017, EUA; tel. (212) 980-9511.

HISTÓRIA

Os bantus chegaram à região entre os séc. V e X; os portugueses, no séc. XVI. **1889–1897:** fundação da Companhia Britânica da África do Sul por Cecil Rhodes; derrota dos mashona e dos matabele, com o apoio de tropas britânicas; chegada de colonos ingleses. **1923:** autonomia da Rodésia do Sul dentro da Comunidade Britânica. **1953:** formação de uma federação com a Rodésia do Sul, a do Norte (atual Zâmbia) e a Niassalândia (Malavi). **1964:** dissolução da federação; a independência, concedida aos territórios do Norte, é recusada à Rodésia do Sul, à

espera de que se estabeleça um governo representativo. **1965:** proclamação, pelo 1º-min. Ian Smith, da independência unilateral; Constituição; declaração, pela Grã-Bretanha, da ilegalidade do governo Smith. **1966:** embargo econômico decretado pela ONU; só Portugal e a África do Sul não aderem. **1969:** proposta de Constituição que prevê a manutenção do domínio da minoria branca; plebiscito com participação exclusiva dos brancos leva à proclamação da República. **1970:** ruptura com a Grã-Bretanha. **1971:** acordo condiciona o reconhecimento da independência, pela Grã-Bretanha, ao desejo da população. **1972:** comissão enviada por Londres recomenda a não ratificação da independência pelo Parlamento britânico. **1974:** acordo entre Smith e os nacionalistas africanos põe fim à guerrilha da Frente Patriótica, no norte, liberta presos políticos e inicia as negociações para maior participação dos negros no governo. **1977:** Smith fecha o Parlamento; seu partido, a Frente Rodesiana, vence as eleições; Smith aceita negociar o direito de voto com os líderes negros moderados. **1978:** acordo de Lancaster House, para a transferência pacífica do poder à maioria negra; criação do Conselho Executivo da Rodésia. **1979:** nova Constituição; eleições para o Parlamento birracial; o bispo Abel Muzoreua é indicado 1º-min.; Josiah Gumene é eleito presidente, no fim do ano; dissolução do Parlamento e renúncia de Gumene e Muzoreua. **1980:** eleições gerais; concessão formal da independência à ex-colônia, que adota o nome atual; Robert Mugabe, da União Nacional do Zimbábue (ZANU) torna-se o 1º-min.; Canaã Banana assume a presidência; adesão à ONU (26/8); ruptura com a África do Sul (5/9). **1983:** ataques dos guerrilheiros da União dos Povos Africanos do Zimbábue (ZAPU), de Joshuah Nkomo, oposicionista de Mugabe, levam o país a um estado de guerra civil; após o massacre na Matabelelândia, de homens da ZAPU por soldados do Exército, Nkomo se exila na Grã-Bretanha. **1984:** volta de Nkomo; recomposição da ZAPU; mas a luta com o governo recomeça. **1985:** eleições reforçam o poder da ZANU. **1987:** dissolução da Câmara branca no Parlamento, que contava com o voto de oito deputados (21/8); Mugabe acumula o cargo de presidente e 1º-min. (31/12). **1988:** denunciados funcionários que compraram e revenderam, com lucro, automóveis da Willowvale Motor Industries (out.). **1989:** renúncia de quatro ministros, dois assessores e um governador, implicados no Willowgate (mar./abr.); expulsão da ZANU de seu ex-sec.-geral, Edgar Tekere, por ter acusado alguns funcionários de corrupção; Tekere funda o partido dissidente Movimento pela Unidade do Zimbábue (ZUM) (abr.); a convenção da ZANU decide pela fusão com a ZAPU (dez.). **1990:** coligação do ZUM com a Aliança Conservadora do Zimbábue, do ex-1º-min. Ian Smith; atentado fere Patrick Kombayi, candidato a vice-pres. pelo ZUM (24/3); vitória de Mugabe nas eleições (28 a 30/3); a ZANU/ZAPU conquista 116 cadeiras no Parlamento; criação de duas vice-presidências; uma fica com Nkomo, a outra com Simon Muzenda, vice-pres. da ZANU; desapropriação de terras de fazendeiros brancos, a serem pagas em moeda local, alterando o acordo de Lancaster House (18/5). **1991:** suspensão do estado de emergência, anistia a duzentos homens da ZAPU presos em 1983; Mugabe renuncia ao plano de restabelecer o monopartidarismo; plano de ajuste estrutural para 1991 – 1995 propõe privatização total, liberação dos preços, enxugamento da máquina administrativa e estímulo aos investimentos estrangeiros. **1992:** a supressão de 32 mil postos nos setores oficial e privatizado geram protestos contra o desemprego (jan.); choques com os brancos devido à Lei da Reforma Agrária, aprovada (19/3) depois que o governo concorda em indenizar os desapropriados; os protestos estudantis contra o corte de bolsas e verbas para a educação e o fim do ensino superior gratuito (mai.) resultam na expulsão de 10 mil alunos da Universidade do Zimbábue (10/6); a polícia reprime as manifestações de repúdio a essa decisão; greve geral convocada pelo Congresso dos Sindicatos (13/6); pressionado pelo FMI e pelos sindicatos, Mugabe reduz os gastos governamentais diminuindo o número de ministérios (3/7), mas desagrada à oposição, que esperava cortes maiores (jul.).



FATOS DO ANO

Com o país assolado pela seca, que obriga à importação de mais de 5.000 t de milho para combater a fome, aumentam, no início de 1993, as manifestações de protesto contra o governo do pres. Robert Mugabe. Três pessoas morrem, em 1º/2, quando a polícia abre fogo contra uma passeata de estudantes, mulheres e crianças que, na região das minas de ouro, 150 km a leste de Harare, reivindicam melhores condições de vida. No mesmo mês, a oposição protesta contra os 45 dias de manobras conjuntas entre o Exército e tropas americanas de elite, vindas de Fort Bragg, na Carolina do Norte. À alegação do governo de que essas forças estão sendo treinadas para futuras ações na Somália – onde o país mantém, desde jan. de 1993, 150 homens –, os oposicionistas respondem que elas servem também para adestrar os ziumbabuanos em técnicas repressivas.

Sinal do confronto aberto entre o governo e a classe política já tinha sido, no final de jul. de 1992, a unificação de várias organizações de oposição numa Frente Unida, liderada por Walter Mutimukulu, do Conselho Nacional Africano Unido, cujo objetivo expresso é "remover Mugabe do poder". Mas isso não impediu o presidente de, no final de ago. daquele ano, fazer aprovar, na Assembléia, legislação que garante subsídios governamentais apenas aos partidos que tenham um mínimo de quinze cadeiras na Assembléia – o que, na prática, significa a concessão de fundos apenas ao governista União Nacional Africana do Zimbábue/Frente Patriótica, cuja liderança Mugabe compartilha com seu ex-rival Joshua Nkomo (a oposição qualifica essa decisão de "apropriação de fundos públicos para fins privados").

Em vez de reprimir os dissidentes, essa medida estimula o Fórum pelas Reformas Democráticas, formado em maio de 1992 para debater os problemas do país, a transformar-se em um partido político sob a liderança do ex-min. da Justiça Enoch Dumbutshena. Fundindo-se com outras pequenas organizações, o FRD converte-se, em maio de 1993, no Partido do Fórum do Zimbabue. Essa aglutinação dos oposicionistas agrava a crise política, que chega a um ponto perigoso quando, em meados de 1993, Mugabe dispõe-se a implementar a Lei da Reforma Agrária, aprovada em 1992. A União Comercial dos Fazendeiros, apoiadas pelos partidos da comunidade branca – a Aliança Conservadora, de Gerald Smith, e o Grupo Independente, de Bill Irvine –, acusa o governo de desapropriar terras produtivas, o que contraria a legislação. Diante dos sinais de resistência dos fazendeiros à distribuição de terras aos negros, Mugabe ameaça, em 20/8, deportar todos os brancos se continuarem impedindo a reforma – declaração puramente retórica, mas que torna mais tenso o clima político nacional. ■

TERRITÓRIOS

Anguilla

● **CONDIÇÃO:** dependência da Grã-Bretanha. **Capital:** The Valley. **Habitante:** anguilano. **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo (anglicanos e metodistas).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América Central. **Área:** 96 km². **Limites:** mar do Caribe. **Características:** arquipélago de terrenos coralíneos baixos, vegetação rasteira. **Clima:** tropical. **Rios principais:** não há. **Cidade principal:** The Valley (595 hab.) (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 8.960 (1992). **Crescimento demográfico:** 1,3% (1991). **Densidade (hab./km²):** 93,3 (1992). **Natalidade:** 20,3 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6,4 por 1.000 (1991). **Gastos com saúde:** 12% do orçamento (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Alunos de 1° e 2° graus:** 2,4 mil (1992). **Gastos:** 14% do orçamento (1991).

● **GOVERNADOR:** Alan W. Shave (desde 14/8/1992). **Ministro-chefe:** Emile R. Gumbs (desde mar./1984). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Legislativa, com 11 membros (2 ex-officio, 2 nomeados pelo gov. e 7 eleitos por voto direto), para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 2,6%; indústria, 20,7%; mineração, 0,8%; comércio e serviços, 75,9% do PIB (1991). **Agricultura:** ervilha, batata-doce, milho. **Pesca:** 324 t (lagosta, principal) (média anual). **Indústria:** construção de barcos, processamento de pescados, construção. **Mineral:** sal. **Produtos exportados:** peixe, lagosta, gado, sal. **Produtos importados:** alimentos, materiais de construção, manufaturas, maquinário e equipamentos de transporte. **Parceiros comerciais:** EUA, Porto Rico, Trinidad e Tobago, Grã-Bretanha; Ilhas Virgens Americanas, Antilhas Holandesas. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** dólar do Caribe (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 2,70 (31/12/1992). **Produto Nacional Bruto (PNB):** US$ 25,5 milhões (1991). **Inflação:** 2,4% (1992). **Força de trabalho:** 6,7 mil (1992). **Desemprego:** 1,1% (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 140 km; **n° de veículos:** 4,6 mil (1992). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Sandy Ground. **Linhas aéreas:** Air Anguilla, American Eagle (vôos regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 3 mil (1991). **Emissoras de TV:** não há. **Jornal:** 1 mensal.

HISTÓRIA

Colônia britânica desde 1650. **1967:** forma-se o Estado associado de S. Cristóvão (St. Kitts) e Névis-Anguilla; secessão unilateral anguilana. **1969:** cancelada a separação, tropas britânicas garantem a unificação. **1976:** dependência britânica autogovernada com direito a Constituição própria, fazendo parte do Estado associado. **1980:** separação de S. Cristóvão e Névis. **1982:** nova Constituição. **1985:** estudada reforma constitucional. **1989:** eleições gerais; Emile Gumbs, nomeado em 1984, é confirmado como ministro-chefe do Conselho Executivo. **1990:** Emendas à Constituição; o setor financeiro é responsabilidade do governador; é criado o cargo de vice-governador. **1991:** aumento do controle do governo sobre o setor financeiro. **1992:** Alan Shave é eleito governador.

Antilhas Holandesas

● **CONDIÇÃO:** parte autônoma da Holanda. **Capital:** Willemstad (ilha de Curaçao). **Habitante:** antilhano. **Língua:** holandês (oficial); papiamento (mais falada); espanhol. **Religião:** cristianismo (católicos, Barlavento e Saba; protestantes, St. Maarten e St. Eustatius).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América Central. **Área:** 800 km². **Limites:** mar do Caribe. **Características:** 2 arquipélagos: Barlavento, na costa da Venezuela, semi-árido e plano, integrado por Bonaire e Curaçao; e Sotavento, montanhoso e chuvoso, entre Anguilla, Ilhas Virgens e S. Cristóvão, integrado por Saba, St. Eustatius e St. Maarten. **Ponto mais elevado:** St. Christoffelberg (Curaçao), 372 m. **Clima:** tropical úmido (Barlavento); tropical semi-árido (Sotavento). **População por ilha:** Curaçao, 143.800 hab.; St. Maarten (setor holandês), 33.500; Bonaire, 11.100; St. Eustatius, 1.800; Saba, 1.100 (1992). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 191.300 (est. 1992); **urbana:** 92,4% (1992). **Composição demográfica:** crioulos das Antilhas, 84%; brancos, 6,1%; outros antilhanos, 4,9%; crioulos do Suriname, 2,9%; outros, 2,1% (compreende Aruba, 1980). **Crescimento demográfico:** 1,2% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 26,2%; **15-59:** 63,9%; **mais de 60:** 9,9% (1990). **Densidade (hab./km²):** 238,8 (1992). **Natalidade:** 18,3 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 5,8 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 6,3 por 1.000 (1989). **Fertilidade (n° de filhos por mulher):** 3,4 (1984). **Leitos hospitalares:** 1 por 133 hab.; **médicos:** 1 por 701 hab. (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 5%. **Alunos de 1° e 2° graus:** 36,8 mil; **professores:** 2,1 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 700; **professores:** 80 (1986/87). **Gastos:** 32% do orçamento (1991).

● **GOVERNADOR:** Jaime M. Saleh. **1ª-ministra:** Maria P.H. Liberia-Peters (desde mai./1988). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 22 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 0,9%; indústria, 20,8%; comércio, 26,4%; serviços, 51,9% do PIB (1988). **Agricultura:** babosa, sorgo, dividivi, tubérculos, feijão, verduras, legumes, frutas tropicais. **Pecuária:** caprinos, ovinos, eqüinos. **Pesca:** 1,2 mil t (1990). **Indústria:** refino e transporte de petróleo, alimentícia, bebidas (licor Curaçao, principal), tinta, papel, sabonete, cigarros, têxtil. **Minerais:** sal, fosfatos. **Exportações:** US$ 1,8 bilhão (Curaçao e Bonaire); **produtos:** reexportação de petróleo e derivados, químicos (1990). **Importações:** US$ 2,1 bilhões (Curaçao e Bonaire); **produtos:** petróleo e derivados, equipamentos industriais e de transporte, alimentos (1990). **Parceiros comerciais:** Venezuela, EUA, Holanda, Equador, Rep. Dominicana. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** florim das Antilhas Holandesas (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,79 (31/12/1992). **Renda:** US$ 295,2 milhões; **despesas:** US$ 313,1 milhões (1991). **Ajuda financeira da metrópole:** 15,3% da receita (1991). **Inflação:** Curaçao: 4%; Bonaire: 4,4%; St. Maarten: 3,5% (1991). **Força de trabalho:** 72,9 mil; **distribuição:** agricultura, 0,7%; indústria, 15,4%; comércio, 21,8%; serviços, 62,1% (1988); **mão-de-obra feminina:** 43,1% (1986). **Desemprego:** 14% (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 590 km; 50,8% pavimentados (1992); **n° de veículos:** 67,6 mil; **automóveis:** 55,1 mil (1992). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Schottegat, Bullen Bay, Caracos Bay (Curaçao); Philipsburg (St. Maarten). **Linhas aéreas:** ALM (vôos internacionais e domésticos); WIA-Winan (regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 13; **receptores:** 1 por 1,5 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 5,5 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,3 hab. (1991). **Jornais diários:** 10; **n° de exemplares por 1.000 hab.:** 499 (1990).

HISTÓRIA

Colonizadas pela Espanha (séc. XVII). **1954:** autonomia interna. **1969:** reprimidos distúrbios em Willemstad. **1986:** Claude Wathey, do Partido Democrático de St. Maarten, defende status separado para todo o arquipélago. **1990:** a Holanda propõe dividir o território em dois blocos: Curaçao e Bonaire; St. Maarten, Saba e St. Eustatius; o Partido Nacional do Povo obtém sete cadeiras

nas eleições; Maria Liberia-Peters permanece chefe do governo. **1991:** em troca do apoio do separatista Raymond Bentoera, o governo promete para 1992 plebiscito sobre a independência de Curaçao. **1992:** a Frente de Libertação dos Trabalhadores e o Partido Social Independente rompem com a coalizão governamental (mar.); Liberia-Peters forma governo com o Partido Democrático de St. Maarten e Curaçao e com a União Patriótica Bonairiana; adoção de medidas para coibir a lavagem de dinheiro nas ilhas. **1993:** reforma constitucional: status especial para Curaçao, autonomia para St. Maarten; Bonaire, Saba e St. Eustatius permanecem ligados à Holanda; não será aplicado às ilhas o Tratado de Estrasburgo, que previa para 1999 seu total desligamento da metrópole.

Aruba

● **CONDIÇÃO:** parte autônoma da Holanda. **Capital:** Oranjestad. **Habitante:** arubense. **Língua:** holandês (oficial); papiamento (mais falada). **Religião:** cristianismo (católicos, 80%; anglicanos e metodistas).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da América Central. **Área:** 193 km². **Limites:** mar do Caribe. **Características:** território plano. **Clima:** tropical semi-árido. **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 62.365 (1989). **Crescimento demográfico:** 1,2% (1989). **Densidade (hab./km²):** 323,1 (1989). **Natalidade:** 18,3 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 6 por 1.000 (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 5%. **Alunos de 1º grau:** 6,4 mil; **professores:** 284 (1989). **Gastos:** 25% do orçamento (1991).

● **GOVERNADOR:** Olindo Koolman. **1º-ministro:** Nelson O. Oduber (desde fev./1989). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 21 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** turismo, finanças, comércio (zona franca). **Agricultura:** babosa. **Pesca:** 800 t (1990). **Indústria:** refino e transporte de petróleo, tabaco, bebidas. **Minerais:** sal, hidrocarbonetos. **Exportações:** US$ 30,5 milhões; **produtos:** matérias-primas, combustíveis minerais, lubrificantes (1988). **Importações:** US$ 336,4 milhões; **produtos:** alimentos, manufaturas básicas, maquinário e equipamentos de transporte (1988). **Parceiros comerciais:** EUA, Holanda, Grã-Bretanha, Venezuela. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** florim de Aruba (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,79 (31/12/1992). **Produto Interno Bruto (PIB):** US$ 652,5 milhões (1989). **Ajuda financeira da metrópole:** 4,7% da receita (1989). **Inflação:** 3,9% (1992). **Dívida externa:** US$ 81 milhões (1987). **Desemprego:** 1,5% (1989).

● **DEFESA:** a Holanda responde pela defesa da região.

● **TRANSPORTES: nº de veículos:** 27,2 mil; **automóveis:** 24,1 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Oranjestad, Barcadera, San Nicholas. **Linha aérea:** Air Aruba (vôos internacionais e domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** privadas. **Emissoras de rádio:** 6; **receptores:** 40 mil (1988). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 20 mil (1988). **Linhas telefônicas:** 1 por 19 mil (1988). **Jornais diários:** 8.

HISTÓRIA

Descoberta por espanhóis, colonizada por holandeses (séc. XVIII). **1977:** plebiscito opta pela emancipação (57%). **1985:** dificuldades econômicas com fechamento de refinaria de petróleo. **1986:** separação das Antilhas Holandesas; o 1º-min. é Henry Heman, do Partido do Povo de Aruba. **1989:** acordo com companhia americana para reabertura parcial da refinaria; o Movimento Eleitoral Popular conquista 10 das 21 cadeiras no Parlamento; Nelson Oduber é o 1º-min.; em **1990:** apóia a proposta de que a ilha continue na Comunidade Holandesa. **1991:** desiste-se da independência: o território seria economicamente inviável sem o apoio da metrópole. **1992:** crise financeira com a falência de empresas estrangeiras do setor de turismo. **1993:** nova vitória do MEP; política de diversificação da economia para diminuir a dependência do turismo e dos investimentos estrangeiros; a Holanda decide (mai.) não aplicar a Aruba o Tratado de Estrasburgo (ver *Antilhas*, neste capítulo).

Bermudas

● **CONDIÇÃO:** dependência da Grã-Bretanha. **Capital:** Hamilton. **Habitante:** bermudense. **Língua:** inglês (oficial); português (minoria). **Religião:** cristianismo (anglicanos, maioria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da América Central. **Área:** 53 km². **Limites:** oceano Atlântico. **Características:** arquipélago com cerca de 150 pequenas ilhas rochosas (20 habitadas); vegetação abundante. **Ponto mais elevado:** Town Hill (79 m). **Clima:** tropical. **Cidades principais:** Hamilton (6.000 hab.); St. George's (3.000) (est.1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 58.433 (1991). **Crescimento demográfico:** 0,7% (1980–1990). **Densidade (hab./km²):** 1.103 (1991). **Natalidade:** 14,6 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 7,3 por 1.000 (1990). **Gastos com saúde:** 20,7% do orçamento (1991/92).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Gastos:** 14,2% do orçamento (1991/92).

● **GOVERNADOR:** lorde Waddington (desde 25/8/1992). **1º-ministro:** John W. Swan (desde 1982). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 11 membros nomeados, e Assembléia, com 40 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA: Agricultura:** batata, tomate, cenoura, banana, repolho, flores. **Pecuária:** aves, suínos, bovinos e caprinos. **Pesca:** 463 t (1990). **Indústria:** construção civil, construção e conserto de barcos, tintas, farmacêutica, cosmética. **Exportações:** US$ 50 milhões; **produtos:** rum, flores (orquídeas), farmacêuticos, reexportação de derivados de petróleo (1989). **Importações:** US$ 534,6 milhões; **produtos:** máquinas e equipamentos de transporte, manufaturados, alimentos (1989). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, Canadá, Japão. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** dólar de Bermuda (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,00 (31/12/1992). **Renda:** US$ 361,1 milhões; **despesas:** US$ 322,5 milhões (1991/92). **Inflação:** 2,5% (1992). **Força de trabalho:** empregados: 36,2 mil; **distribuição:** agricultura, 1,2%; indústria, 12,9%; comércio e serviços, 85,9%; **mão-de-obra feminina:** 47,6% (1989). **Desemprego:** 2% (1990).

● **DEFESA: Efetivo total:** 734 (1990); **outros:** 300 soldados americanos (1993).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 224 km; nº de veículos: 45,7 mil; **automóveis:** 18,9 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Hamilton, St. George's; Freeport (ilha Irlanda).

● **COMUNICAÇÕES:** privadas. **Emissoras de rádio:** 8; **receptores:** 81 mil (1990). **Emissoras de TV:** 3 (1 a cabo); **receptores:** 55 mil (1990). **Linhas telefônicas:** 56,3 mil. **Jornal diário:** 1 (1990).

HISTÓRIA

Descobertas por espanhóis, ocupadas por britânicos em 1609. **1684:** colônia britânica. **1977:** repressão a conflitos raciais. **1978:** comissão britânica sugere a independência e reforma eleitoral que aumente a representação do Partido Trabalhista Progressista, de maioria negra; a maioria da população é contra. **1980:** o Partido da Bermuda Unida, multirracial, vence as eleições. **1982:** renúncia do 1º-min. David Gibbons, substituído por John Swan. **1985 – 1989:** novas vitórias do PBU; Swan permanece no poder; Londres rejeita os planos de emancipação do território. **1990:** discutida nova legislação sobre investi-

mentos. **1992:** lorde Waddington torna-se governador; crise econômica com o fechamento da base naval francesa e a redução do pessoal na base aérea americana. **1993:** crescente desvio de fundos causado pelo tráfico de drogas; medidas para controlar as operações *offshore*.

Ceuta e Melilla

● **CONDIÇÃO:** territórios da Espanha metropolitana. Ceuta é parte da província de Cádiz, Melilla é parte da província de Málaga. **Capital:** não há. **Habitante:** ceutense e melilhês. **Língua:** espanhol e árabe. **Religião:** cristianismo (católicos, maioria); judaísmo (europeus); islamismo (árabes).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da África, norte do Marrocos. **Área:** 19,5 km². **Limites:** mar Mediterrâneo (N); Marrocos (L, S, O). **Características:** penínsulas montanhosas encravadas no Marrocos. **Clima:** mediterrâneo. **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 136.878 (1991). **Densidade (hab./km²):** 4.211 (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1° e 2° graus:** 23,4 mil (1990/91).

● **DELEGADOS DO GOVERNO:** Pedro-Miguel González Márquez (Ceuta); Manuel Céspedes Céspedes (Melilla).

● **ECONOMIA:** atividades portuárias e pesca. **Indústria:** bebidas (Ceuta). **Produtos exportados:** peixe (sardinha e anchova), cerveja, alimentos. **Produtos importados:** alimentos, combustíveis minerais. **Parceiros comerciais:** Espanha, Ilhas Canárias. **Moeda:** peseta espanhola (dividida em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 114,55 (31/12/1992). **Força de trabalho:** 49,4 mil; **distribuição:** agricultura, 0,2%; indústria, 6,5%; comércio, 31%: serviços, 62,3% (1989). **Desemprego:** 25,5% (1992).

● **TRANSPORTES: N° de veículos:** Ceuta: 3 mil (89); Melilla: 1,5 mil (1987). **Portos:** Ceuta e Melilla.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 7 (Ceuta); 4 (Melilla). **Emissora de TV:** 1 (Ceuta). **Jornais diários:** Ceuta: 2; Melilla: 1.

HISTÓRIA

Após a independência do Marrocos (1956), Ceuta faz parte da província espanhola de Cádiz e, Melilla, da de Málaga. **1978:** o Marrocos os reivindica. **1981:** a Espanha os reclama na ONU como seus. **1985:** protestos contra a nova lei de registro dos estrangeiros: a Espanha garante a total integração muçulmana. **1987:** líderes muçulmanos são levados presos para a Espanha. **1988:** estatuto de autonomia dos territórios. **1991:** protesto muçulmano, em Melilla, contra a Guerra do Golfo; encontro dos chanceleres espanhol e marroquino, para solucionar o problema. **1991:** as Cortes espanholas discutem novo estatuto para o território; o PSOE perde as duas prefeituras nas eleições para os Conselhos Municipais. **1992:** greve geral em Ceuta contra a concessão de autonomia limitada ao Legislativo territorial; o chanceler espanhol, Javier Solana Madariaga, discute, em Rabat (set.), meios de impedir a imigração ilegal para seu país, via Marrocos, Ceuta e Melilla. **1993:** Madri requer à OTAN permissão para usar seu equipamento militar na defesa dos territórios (mar.); o Partido Popular de Melilla apresenta anteprojeto de maior autonomia (mar.), que a Espanha considera inconstitucional; Ceuta não recebe verbas para modernização de infra-estrutura, por ser centro de lavagem de dinheiro de drogas; eleições gerais (jun.); o PP se fortalece em Ceuta e o PSOE em Melilla.

Gibraltar

● **CONDIÇÃO:** colônia da Grã-Bretanha reivindicada pela Espanha. **Capital:** Gibraltar. **Habitante:** gibraltariano. **Língua:** inglês (oficial); espanhol. **Religião:** cristianismo (católicos, 74,5%; anglicanos, 8%); judaísmo, 3,5%; islamismo, 8,5%.

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da Europa, sudoeste da Espanha. **Área:** 5,5 km². **Limites:** Espanha (N e O); mar Mediterrâneo (L e S). **Características:** península arenosa. **Ponto mais elevado:** rochedo de Gibraltar (425 m). **Clima:** mediterrâneo. **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

● **POPULAÇÃO:** 28.074 (1991); **urbana:** 100%. **Composição demográfica:** gibraltarianos, 71,3%; britânicos, 18,5%; outros, 10,2% (1991). **Densidade (hab./km²):** 4.319,1 (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1° e 2° graus:** 6 mil (1991); **professores:** 295 (1991); **no ensino profissionalizante:** 25 (1990).

● **GOVERNADOR:** John Chapple (desde abr./1993). **Ministro-chefe:** José Bossano (desde mar./1988). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Legislativa, com 17 membros (2 ex-officio e 15 eleitos por voto direto), para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** não há terras cultivadas nem recursos naturais; a renda provém das Forças Armadas britânicas, da marinha mercante, do turismo e de transações financeiras. **Indústria:** construção e conserto de embarcações, processamento de café, engarrafamento, artesanato. **Exportações:** US$ 22,8 milhões (exclui petróleo); **produtos:** derivados de petróleo, manufaturados, bebidas (vinho, aguardentes, malte), tabaco (reexportações) (1991). **Importações:** US$ 123,8 milhões (exclui petróleo); **produtos:** combustíveis minerais, manufaturados, alimentos (1991). **Parceiros comerciais:** Grã-Bretanha, Japão, Espanha, Dinamarca. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** libra de Gibraltar (dividida em 100 pence); **cotação para 1 US$:** 66,10 (31/12/1992). **Renda:** US$ 163,9 milhões; **despesas:** US$ 171,6 milhões (1991/92). **Inflação:** 6,8% (1992). **Força de trabalho:** 14,2 mil (exclui agricultura e mineração); **distribuição:** indústria, 23,3%; comércio e serviços, 48,6%; outros, 28,1%; **mão-de-obra feminina:** 48,6% (1990). **Desemprego:** 11% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 400 (1992); **outros:** 500 (Marinha britânica); 100 (Exército britânico).

● **TRANSPORTES: N° de veículos:** 24,2 mil; **automóveis:** 19,9 mil (1990). **Linha aérea:** GB Airways (vôos para a Grã-Bretanha e Marrocos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissora de rádio:** 1. **Emissora de TV:** 1; **receptores de rádio e TV:** 7,9 mil (1991). **Linhas telefônicas:** 14,7 mil (1989). **Jornal diário:** 1 (1991).

HISTÓRIA

Cedido pela Espanha à Grã-Bretanha pelo Tratado de Utrecht (1713). **1964:** a Espanha reivindica a devolução. **1967:** a população prefere a tutela britânica. **1968:** o Comitê de Administração da Assembléia Geral da ONU determina a devolução à Espanha. **1969:** a Espanha fecha a fronteira, corta as comunicações e retira os trabalhadores espanhóis. **1977:** negociações restauram as ligações telefônicas. **1982:** reaberta a passagem de pedestres. **1984:** reaberta a fronteira. **1987:** Londres permite à Espanha utilizar o aeroporto; a Assembléia local é contra: renúncia do min.-chefe Joshua Nassan, substituído por Adolfo Canepa. **1988:** o Partido Socialista de Gibraltar vence as eleições: José (Joe) Bossano é o min.-chefe. **1991:** o 1°-min. espanhol, Felipe González, sugere soberania conjunta britânica e espanhola, prevendo autonomia total do território. **1992:** Bossano, reeleito, reivindica autonomia total e inclusão na CEE; os socialistas obtêm maioria na Assembléia; negociações hispano-britânicas sobre a soberania: a Espanha rejeita a criação de um centro financeiro internacional e os planos de Bossano; acordo de cooperação político-econômica com as Ilhas Falkland (set.). **1993:** protestos contra o intenso controle espanhol na fronteira.

Groenlândia

● **CONDIÇÃO:** Estado semi-autônomo da Dinamarca. **Capital:** Nuuk. **Habitante:** groenlandês. **Língua:** groenlandês (oficial); dinamarquês. **Religião:** cristianismo (luteranos, 95,7%; pentecostais, 1,4%).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** nordeste da América do Norte. **Área:** 2.175.600 km². **Limites:** oceano Ártico (N); oceano Atlântico (L e S); estreito de Davis, baía Baffin (O). **Características:** maior ilha do mundo, quase totalmente coberta por gelo, com apenas 15,7% do território habitado. **Ponto mais elevado:** Gunnjoerns Fjeld (3.733 m). **Clima:** subpolar. **Cidades principais:** Nuuk (12.233) (1992); Sisimiut (4.871); Ilulissat (4.191); Aasiaat (3.308); Maniitsoq (3.135) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

● **POPULAÇÃO:** 55.385 (est.1992); **urbana:** 79,8% (1990). **Crescimento demográfico:** -0,3% (1991). **Faixas etárias:** 0-14: 25,6%; 15-59: 68%; mais de 60: 6,4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 0,025 (1992). **Natalidade:** 22,7 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 8,4 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 16,5 por 1.000 (1988). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,2 (1989). **Vida média homens:** 62; **mulheres:** 68 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 125 hab.; **médicos:** 1 por 710 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 23,2% do orçamento (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e privada. **Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 9,2 mil; (1990/91); **no ensino profissionalizante:** 2,3 mil (1986/87); **professores:** 899 (exclui ensino profissionalizante) (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 200; **professores:** 35 (1989/90). **Gastos:** 17% do orçamento (1990).

● **ALTO COMISSÁRIO:** Torben Hede Pedersen. **1º-ministro:** Lars Emil Johansen (desde mai./1991). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 27 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** pesca e caça (152 raposas, 122 ursos polares, 64,5 mil focas e 93 baleias em 1991). **Pecuária:** ovinos, renas. **Pesca:** 147,3 mil t (1990). **Indústria:** pesqueira, impressão, bebidas, construção naval. **Minerais:** chumbo, zinco, prata, ouro (não explorados). **Exportações:** US$ 340,7 milhões; **produtos:** peixe e derivados (1991). **Importações:** US$ 407,9 milhões; **produto:** equipamentos de transporte (1991). **Parceiro comercial:** Dinamarca. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** coroa dinamarquesa (dividida em 100 re); **cotação para 1 US$:** 5,48 (30/9/1992). **Renda:** US$ 489,7 milhões; **despesas:** US$ 453,5 milhões (1989). **Ajuda financeira da metrópole:** 43,5% da receita (1990). **Inflação:** 4,5% (1991). **Força de trabalho (assalariados):** 23,1 mil; **mão-de-obra feminina:** 43,4% (1987). **Desemprego:** 5,6% (1990).

● **DEFESA:** a Dinamarca é responsável pela manutenção do Comando da Groenlândia, na base naval Gronnedal. **Gastos:** 9,1% do orçamento (1991).

● **TRANSPORTES: Nº de veículos:** 3,4 mil (exclui as estações militares e meteorológicas); **automóveis:** 1,7 mil (1991). **Portos:** Nuuk, Paamiut, Maniitsoq, Sisimiut. **Linha aérea:** Greenlandair (vôos domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 50; **receptores:** 20 mil (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 14 mil (1991). **Jornais diários:** 7 semanários.

HISTÓRIA

Descoberta em 982 por Erik, o Vermelho. **1380:** domínio dinamarquês. **1953:** integração à Dinamarca. **1979:** autonomia interna. **1980:** extensão do mar territorial para 200 milhas; protesto da Noruega pela posse de uma ilha a 400 km da costa. **1982:** a população vota pela saída da CEE. **1985:** retirada da CEE. **1988:** a Dinamarca pede à Corte Internacional de Justiça arbitragem sobre as águas do território. **1990:** o Partido Atassut, conservador, rompe com o governo; antecipação das eleições. **1991:** o Partido Siumut, social-democrata, conquista 11 das 27 cadeiras; disputa interna no *Siumut*: o 1º-min. Jonathan Motzfeldt é substituído por Lars Emil Johansen; adoção da economia de mercado: o setor de transportes é privatizado. **1992:** maior autonomia: o território passa a administrar o setor de saúde; os EUA transferem para a ilha a posse e controle de sua base aérea de Kangerlussuaq, com a condição de poderem continuar a usá-la (set.).

Guadalupe

● **CONDIÇÃO:** departamento de ultramar da França. **Capital:** Basse-Terre. **Habitante:** guadalupense. **Língua:** francês (oficial); crioulo. **Religião:** cristianismo (católicos, 91,8%).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da América Central, sul de Antígua. **Área:** 1.780 km². **Limites:** mar do Caribe (N, S, O); oceano Atlântico (O). **Características:** arquipélago formado por duas ilhas maiores: Grande-Terre, plana; Basse-Terre, montanhosa; as dependências menores são Marie Galante, La Desirade, Les Saintes, St. Barthélemy e parte de St. Martin. **Ponto mais elevado:** vulcão Soufrière (1.467 m). **Clima:** tropical. **Cidades principais:** Les Abymes (62.809 hab. – aglomeração urbana: 141.000); Saint-Martin (28.524); Pointe-à-Pitre (26.083); Le Gosier (20.708); Basse-Terre (14.000) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 400.000 (est.1992); **urbana:** 48,4% (1990). **Composição demográfica:** crioulos, 77%; negros, 10%; mestiços guadalupenses, 10%; brancos, 2%; outros, 1% (1980). **Crescimento demográfico:** 1,3% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 24,8%; 15-59: 63,4%; mais de 60: 11,8% (1991). **Densidade (hab./km²):** 224,7 (1992). **Natalidade:** 19,4 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 10 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,3 (1990). **Vida média homens:** 70; **mulheres:** 77 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 99 hab. (1987); **médicos:** 1 por 682 hab. (1986). **Gastos com saúde:** 23,7% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 9,9% (1982). **Alunos de 1º e 2º graus:** 89,1 mil; **professores:** 5,3 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 2,4 mil (1988).

● **PREFEITO:** Franck Perriez. **Legislativo:** Conselho Geral com 42 membros e Conselho Regional com 41 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 6 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, turismo, indústrias leves. **Agricultura:** cana-de-açúcar, coco, abacaxi, melão, mandioca, batata-doce, banana-da-terra. **Pecuária:** bovinos, caprinos, suínos. **Pesca:** 8,5 mil t (1990). **Indústria:** processamento de produtos agrícolas (açúcar, rum e farinha). **Exportações:** US$ 147,3 milhões; **produtos:** banana, açúcar mascavo, maquinário e equipamentos de transporte, rum (1991). **Importações:** US$ 1,6 bilhão; **produtos:** maquinário e equipamentos de transporte, alimentos, manufaturados básicos (1991). **Parceiros comerciais:** França, Alemanha, Itália, Japão, Antilhas Holandesas, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco francês (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 4,78 (30/9/1992). **Renda:** US$ 348,1 milhões; **despesas:** US$ 348,1 milhões (1991). **Inflação:** 3% (1991). **Força de trabalho:** 172,4 mil; **distribuição:** agricultura, 7,2%; indústria, 12,1%; comércio, 7,4%; serviços, 73,3%; **mão-de-obra feminina:** 45,5% (1990). **Desemprego:** 27% (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 2,1 mil km; 80% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 70,2 mil; **automóveis:** 69,2 mil (1986). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Pointe-à-Pitre, Basse-Terre. **Linha aérea:** Air Guadeloupe (vôos domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 4; **receptores:** 1 por 4 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 1 por 2,6 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,2 hab. (1991). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 63 (1991).

HISTÓRIA

Descoberta por Cristóvão Colombo (1493). **1635:** ocupação francesa. **1644:** desenvolvimento com o cultivo da cana-de-açúcar. **1789 - 1801:** revoltas de escravos. **1848:** abolição da escravatura. **1946:** departamento de ultramar da França. **1974:** formado um Conselho Regional eleito indiretamente. **1980/81:** o Grupo de Libertação Armada provoca atentados a bomba em escritórios e hotéis públicos. **1983:** a Aliança Revolucionária do Caribe (ARC) realiza novos atentados; começa a reforma descentralizadora; coalizão de centro-direita vence as eleições para o Conselho Regional. **1984:** a ARC é colocada na clandestinidade; fundado o Partido de Guadalupe, conservador, pelo presidente do Conselho Regional. **1985:** coalizão, formada pelo Partido Socialista (PS) e pelo Partido Comunista Guadalupense (PCG), conquista maioria no Conselho Geral; Dominique Larifa, do PS, é nomeado presidente do Conselho; a ARC participa das eleições. **1986:** após as eleições, Félix Proto, do PS, substitui José Moustache, da União Pela Democracia Francesa, na presidência do Conselho Regional. **1988:** os partidos de esquerda conquistam maioria no Conselho Geral. **1989:** aprovada anistia para os crimes políticos cometidos antes de jun. de 1988 pela França; o furacão *Hugo* causa prejuízos à economia e deixa 12 mil desabrigados. **1990:** o Conselho Regional declara-se contrário à instalação de uma refinaria no território. **1992:** o Conselho de Estado anula as eleições regionais; em plebiscito com 83,4% de abstenção (set.), o Tratado de Maastricht é ratificado; os habitantes despejam frutas nas rodovias, bloqueando o acesso aos portos e aeroportos (nov.), em protesto contra o corte na exportação de bananas para a França, a partir de 1993, decidida pelo MCE; a ordem é restabelecida ao se assegurar que os subsídios e a proteção ao comércio de alguns produtos serão mantidos dentro do mercado comum.

Guam

● **CONDIÇÃO:** território não incorporado dos EUA. **Capital:** Agana. **Habitante:** guamense. **Língua:** inglês (oficial); japonês e chamorro (língua local). **Religião:** cristianismo (católicos, 93%; episcopais, batistas); judaísmo; islamismo, budismo (minorias).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da Oceania, leste das Filipinas. **Área:** 549 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** ilha de origem vulcânica (a maior do arquipélago das Ilhas Marianas); montanhosa ao S, plana ao N. **Clima:** tropical chuvoso. **Hora local** (em relação a Brasília): +13h.

● **POPULAÇÃO:** 133.152 (1990). **Crescimento demográfico:** 2,5% (1980–1991). **Densidade (hab./km²):** 242,5 (1990). **Natalidade:** 27,6 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 4,1 por 1.000 (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1° e 2° graus:** 26,8 mil; **professores (em escolas públicas):** 1,2 mil (1991/92). **Alunos no ensino superior:** 9,6 mil (1991/92).

● **GOVERNADOR:** Joseph F. Ada (desde jan./1987). **Legislativo:** Legislativo Guam, com 21 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** turismo, agropecuária, zona franca portuária. **Agricultura:** melancia, milho, batata-doce, mandioca, banana, fruta-pão, coco, cana-de-açúcar. **Pesca:** 564 t (1991). **Indústria:** têxtil, vestuário, construção de barcos. **Exportações:** US$ 39,2 milhões; **produtos:** reexportação de petróleo e derivados, ferro, aço, ovos (1983). **Importações:** US$ 636,1 milhões (1983). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Hong Kong, Micronésia. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar americano (dividido em 100 cents). **Renda:** US$ 655 milhões; **despesas:** US$ 527 milhões (1991). **Inflação:** 10,8% (1989). **Força de trabalho:** 66,9 mil; **distribuição:** agricultura, 0,6%; indústria, 21,2%; comércio, 20,3%; serviços, 28,5%; outros, 29,4% (1991). **Desemprego:** 2,2% (1991).

● **DEFESA: Efetivo total:** 7,3 mil soldados americanos (o território tem uma importante base militar dos EUA).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 674 km. **nº de veículos:** 89,9 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Agana, Piti, Tamuning. **Linha aérea:** Guam Marianas Air.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 5; **receptores:** 187 mil (1990). **Emissoras de TV:** 3 (1 a cabo); **receptores:** 87 mil (1990). **Jornal diário:** 1 (1989).

HISTÓRIA

Descoberta por Fernão de Magalhães (1521). **1565:** reclamada pela Espanha. **1898:** cedida aos EUA após a Guerra Hispano-americana. **1941:** invasão japonesa. **1944:** é recuperada pelos EUA. **1976:** plebiscito mantém laços com os EUA. **1982:** referendo aprova o status de Commonwealth. **1987:** plebiscitos definem novo Estatuto; o ex-gov. Ricardo Bordallo é condenado por suborno, extorsão e conspiração; sua mulher, Madeleine, o substitui no Parlamento. **1990:** Bordallo suicida-se; Madeleine candidata-se a governadora; Joseph Ada é reeleito e obtém dos EUA a redução das operações em uma de suas bases. **1992:** a lei de 1990 que proíbia o aborto é considerada inconstitucional; a perda da base naval de Subic, nas Filipinas, leva os EUA a instalarem outra na ilha; o Partido Democrático obtém a maioria nas eleições legislativas (nov.); Robert Underwood torna-se o delegado na Câmara dos Representantes. **1993:** a base aérea naval de Agana é fechada; é proposto o controle da taxa de imigração para a ilha: os grupos que a defendem alegam que seu aumento ameaça a preservação da cultura dos indígenas chamorro e a estabilidade político-social do território; discute-se ainda a possibilidade da instalação de um centro financeiro *offshore;* depois que o tufão *Omar* causa um prejuízo de US$ 100 milhões, o pres. Bill Clinton declara o estado de calamidade pública.

Guiana Francesa

● **CONDIÇÃO:** departamento de ultramar da França. **Capital:** Caiena. **Língua:** francês (oficial); crioulo. **Religião:** cristianismo, 75% (católicos, maioria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da América do Sul. **Área:** 90.000 km². **Limites:** oceano Atlântico (N); Brasil (S e L); Suriname (O). **Características:** litoral baixo e pantanoso (concentra 90% da população); colinas baixas e escarpadas (interior). **Ponto mais elevado:** montes Lorquim e Tinokato (800 m). **Clima:** equatorial chuvoso. **Rios principais:** Maroni, Oiapoque. **Cidades principais:** Caiena (41.164 hab.); Kourou (13.848); Saint-Laurent-du-Maroni (13.606) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): a mesma.

● **POPULAÇÃO:** 123.000 (est.1992); **urbana:** 81,8% (1990). **Composição demográfica:** crioulos guianenses, 72,3%; saramacas, 6,4%; brasileiros, 5,9%; ameríndios, 4,2%; outros, 11,2% (1986). **Crescimento demográfico:** 2% (1991). **Faixas etárias: 0-14:** 33,4%; **15-59:** 60,7%; **mais de 60:** 5,9% (1991). **Densidade (hab./km²):** 1,4 (1992). **Natalidade:** 29,4 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 9,2 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 22,7 por 1.000 (1987/88). **Leitos hospitalares:** 1 por 103 hab.; **médicos:** 1 por 374 hab. (1987).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 18% (1982). **Alunos de 1° e 2° graus:** 32,6 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 212 (1990).

● **PREFEITO:** Jean-François Cordet. **Legislativo:** Conselho Geral com 19 membros e Conselho Regional com 31 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 6 anos.

● **ECONOMIA:** madeira, pesca, turismo. **Agricultura:** madeira, mandioca, verduras, arroz, abacaxi, cana-de-açúcar. **Pecuária:** aves, bovinos, suínos. **Pesca:** 8,7 mil t (1990). **Indústria:** processamento de pescados (camarão congelado), rum. **Minerais:** ouro, rocha triturada (explora-

dos); bauxita, caulim (reservas). **Exportações:** US$ 69,7 milhões; **produtos:** camarão, madeira, peixe, rum (1991). **Importações:** US$ 772,8 milhões; **produtos:** alimentos e animais vivos, petróleo, químicos, maquinário e equipamentos de transporte, manufaturados (1991). **Parceiros comerciais:** França, Alemanha, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco francês (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 4,78 (30/9/1992). **Renda:** US$ 160,4 milhões; **despesas:** US$ 160,4 milhões (1992). **Inflação:** 82,9% (1991). **Dívida externa:** US$ 1,2 bilhão (1988). **Força de trabalho:** 48,8 mil; **mão-de-obra feminina:** 61,8% (1990). **Desemprego:** 9,5% (1991).

● **DEFESA:** 8.200 homens administrados pela França (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 1,1 mil km; 40% pavimentados (1990); **nº de veículos:** 28,1 mil; **automóveis:** 17 mil (1987). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Dégrad-des-Cannes (rio Mahury); Le Larivot, Saint-Laurent-du-Maroni, Kourou. **Linha aérea:** Air Guyane (vôos domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 4; **receptores:** 1 por 1,8 hab. (1987). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 18 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,3 hab. (1989). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 45 (1989).

HISTÓRIA

Colônia francesa desde 1817. **1946:** elevada a departamento de ultramar da França. **1968:** instalação do Centro Espacial de Kourou, pertencente à Agência Espacial Européia. **1983:** a esquerda obtém maioria no Conselho Regional. **1985:** o Partido Socialista Guianense (PSG) e outros partidos de esquerda ganham treze das dezenove cadeiras do Conselho Geral. **1986:** o PSG conquista 15 das 31 cadeiras do Conselho Regional; Georges Othily é reeleito pres. do Conselho. **1990:** comissão dos Departamentos e Territórios de Ultramar propõe medidas para minorar os problemas socioeconômicos. **1991:** greve geral une todos os partidos e anula o acordo de exploração de ouro feito pela França com um grupo de mineração sul-africano. **1992:** os socialistas Élie Castor e Antoine Karam são reeleitos pres. do Conselho Geral e do Regional; proposta a criação de uma Assembléia única; demonstrações e greve geral de uma semana, dos sindicatos patronais, de operários e das confederações de trabalho, contra a indiferença francesa à crise econômica local; o governo francês é forçado a assinar acordo promovendo o financiamento de um programa para a melhoria da infra-estrutura, do serviço de educação e do bem-estar social; a demora em implementar esse programa faz com que mais de duzentas pessoas entrem em choque com a polícia de Caiena (dez.); o pres. do Conselho Geral, Élie Castor, pede que o governo de Paris crie uma comissão interministerial de investigação para analisar e solucionar o problema; o governo francês implanta um programa para repatriar refugiados do Suriname, que permite o retorno de 2.500 dos 5.900 refugiados registrados. **1993:** em plebiscito com abstenção de 81,4% do eleitorado, o Tratado de Maastricht é ratificado (jan.); Léon Bertrand e Antoine Karam são eleitos para a Assembléia Nacional francesa (mar.).

Hong Kong

● **CONDIÇÃO:** território da China sob administração da Grã-Bretanha até 1997. **Capital:** Vitória. **Língua:** inglês e chinês (oficiais). **Religião:** budismo e taoísmo (principais); cristianismo, islamismo e hinduísmo.

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da Ásia, sul da China. **Área:** 1.075 km². **Limites:** China (N); mar do sul da China (L e S); foz do rio Chu Chiang (O). **Características:** formado pelas ilhas de Hong Kong e Stonecutters, península de Kaulun e os Novos Territórios, no continente. **Ponto mais elevado:** pico Vitória (551 m). **Clima:** tropical. **Hora local** (em relação a Brasília): +11h.

● **POPULAÇÃO:** 5.799.000 (est.1992); **urbana:** 100% (1992). **Distribuição da população residente:** ilha de Hong Kong (1.250.993 hab.); Novos Territórios (2.374.818); Kaulun e New Kaulun (2.030.683) (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 232 hab.; **médicos:** 1 por 896 hab. (1991). **Gastos com saúde:** 10,8% do orçamento (1992/93).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1º e 2º graus:** 958,1 mil (1990/91); **no ensino profissionalizante:** 30,8 mil (1989/90); **professores:** 41,5 mil (1987/88). **Alunos no ensino superior:** 67,4 mil (1990/91); **professores:** 1,4 mil (1987/88). **Gastos:** 17,3% do orçamento (1992/93).

● **GOVERNADOR:** Christopher Pattem (desde 9/7/1992). **Legislativo:** unicameral – Conselho Legislativo, com 60 membros (21 apontados pelo gov., 21 representantes de setores profissionais e 18 eleitos por voto direto).

● **ECONOMIA:** o setor de serviços, principalmente o financeiro, representou 78,3% do PIB em 1991. **Agricultura:** flores, verduras, tubérculos, frutas. **Pecuária:** aves, suínos. **Pesca:** 220,6 mil t (1990). **Indústria:** têxtil, vestuário, plásticos, manufaturas de metal, equipamentos elétricos (principalmente aparelhos de rádio e de televisão). **Minerais:** feldspato e areia de feldspato. **Exportações:** US$ 119,5 bilhões; **produtos:** têxteis, vestuário, maquinário elétrico, componentes elétricos, aparelhos eletrônicos e de som (1992). **Importações:** US$ 123,4 bilhões; **produtos:** alimentos, químicos, têxteis, máquinas industriais e equipamentos de transporte, manufaturados (1992). **Parceiros comerciais:** China, Japão, EUA, Formosa, Alemanha, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** dólar de Hong Kong (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 7,74 (31/12/1992). **Renda:** US$ 14,5 bilhões; **despesas:** US$ 14,6 bilhões (1991/92). **Inflação:** 9,4% (1992). **Força de trabalho:** 2,8 milhões; **distribuição:** agricultura, 0,7%; indústria, 33,1%; comércio e serviços, 66%; outros, 0,2% (1992); **mão-de-obra feminina:** 48% (1991). **Desemprego:** 2% (1992).

● **DEFESA: Efetivo total:** 6,5 mil (1992); **Exército:** 5,7 mil; **Marinha:** 500; **Força Aérea:** 300. **Gastos:** 10,7% do orçamento (1992/93).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 1,5 mil km; 100% pavimentados (1991); **nº de veículos:** 369,3 mil; **automóveis:** 236,7 mil (1991). **Ferrovias:** 34 km (1990). **Porto:** Hong Kong. **Linhas aéreas:** Cathay Pacific Airways (vôos internacionais); Dragonair (regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 4; **receptores:** 1 por 1,9 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 4; **receptores:** 1 por 3,4 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,8 hab. (1990). **Jornais diários:** 69; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 602 (1990).

HISTÓRIA

Região cedida à Grã-Bretanha pela China (Tratado de Nanquim, 1842). A península de Kaulun foi cedida em 1860 pela Convenção de Pequim, e a dos Novos Territórios alugada, em 1898, por 99 anos. **1941:** invasão japonesa. **1945:** retomada britânica. **1949:** a China cancela os acordos com a Grã-Bretanha. **1984:** declaração sino-britânica propõe a devolução à China em 1997 e a permanência do capitalismo por cinqüenta anos após essa data. **1985:** eleições diretas para o Conselho Legislativo. **1986:** realizam-se as primeiras eleições municipais diretas. **1987:** morre o gov. Edward Youde; David Wilson o substitui. **1988:** publicado o primeiro esboço da Lei Básica; críticos denunciam que a lei não garante os direitos humanos e a democracia; ocorrem protestos contra o massacre da praça da Paz Celestial. **1989:** a China aprova novo esboço da Lei Básica; anunciado um plano de construção de novo aeroporto; a China faz restrições ao projeto. **1990:** o governo britânico anuncia a concessão de direito de residência a 50 mil famílias do território, a população protesta por considerar os critérios muito elitistas. **1991:**

o Partido Democrata Unido consegue dezesseis das dezoito cadeiras do Conselho Legislativo; seu líder, Martin Lee, recebe 10% dos votos; Grã-Bretanha e China combinam a construção de um moderno aeroporto na região; o Conselho Legislativo rejeita o acordo da composição da Corte de Apelação assinado pelo grupo de Ligação Sino-Britânico. **1992:** Chris Pattern é o governador; acordos de repatriamento com o Vietnã praticamente extinguem a imigração ilegal de vietnamitas; a China e o Centro Cooperativo de Recursos protestam contra os altos custos da construção do aeroporto; o deslocamento de indústrias para o SE da China causa aumento do desemprego e queda de salários no território; pacote de reformas, a ser aplicado até 1997, inclui mudanças no sistema eleitoral, a total separação Legislativo/Executivo, novas instituições políticas e financeiras e novas diretrizes para os gastos governamentais; aprovado pelo Conselho Legislativo de Hong Kong e pelo governo britânico, é criticado pela China, pois vai contra os princípios da Lei Básica; Pequim ameaça anular, em 1997, todos os acordos financeiros e contratos comerciais assinados entre o governo de Hong Kong e o setor privado que não tenham recebido sua total aprovação. **1993:** o Congresso Nacional do Povo chinês nomeia (mar.) o Comitê Preparatório para a Região Administrativa de Hong Kong, órgão de administração alternativa para o território, liderado por Qian Qichen e composto por cidadãos proeminentes de Hong Kong e consultores do governo colonial; Pequim e Londres concordam em retomar as negociações (abr.); em Pequim, o sec. para Assuntos da Comunidade Britânica, Douglas Hurt, obtém a aprovação para que seja acelerada a preparação das eleições de 1994/95, e para que seja construído o aeroporto (mai.); nas instruções que Deng Xiao Ping redige para a liderança chinesa em Hong Kong (set.), inclui-se a possibilidade de adiamento da transferência de posse.

Ilha de Man

● **CONDIÇÃO:** dependência da Coroa Britânica. **Capital:** Douglas. **Habitante:** manxman. **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo (anglicanos, protestantes, católicos).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da Europa, leste da Irlanda. **Área:** 572 km². **Limites:** mar da Irlanda. **Características:** baixadas com solos férteis de N a S; colinas (centro). **Ponto mais elevado:** Snaefell (620 m). **Clima:** tropical úmido. **Cidades principais:** Douglas (22.214 hab.); Onchan (8.483); Ramsey (6.496); Peel (3.829); Castletown (3.152) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 69.788 (1991). **Crescimento demográfico:** -0,1% (1992). **Densidade (hab./km²):** 122 (1991). **Natalidade:** 12,3 por 1.000 (1992). **Mortalidade:** 13,1 por 1.000 (1992). **Gastos com saúde:** 22,3% do orçamento (est.1994).

● **EDUCAÇÃO: Alunos de 1º grau:** 5,6 mil (1992); **de 2º grau:** 4,5 mil (1993). **Gastos:** 17,8% do orçamento (est.1994).

● **GOVERNADOR:** Laurence Jones. **1º-ministro:** Miles R. Walker. **Legislativo:** bicameral – Câmara, com 24 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos; Conselho Legislativo, com 11 membros (o pres. do Conselho, o bispo de Sodor e de Man, o proc.-geral e 8 membros eleitos pelo Parlamento).

● **ECONOMIA:** setor financeiro, turismo. **Agricultura:** cereais, verduras e legumes. **Pecuária:** ovinos, aves, bovinos. **Pesca:** 3,3 mil t (1992). **Moeda:** libra esterlina (dividida em 100 pence); **cotação para 1 US$:** 0,66 (31/12/1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 640 km. **nº de veículos:** 49,2 mil; **automóveis:** 39,9 mil (1992/93). **Ferrovias:** 58,5 km. **Linha aérea:** Manx Airlines (vôos regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** privadas. **Emissora de rádio:** 1. **Emissoras de TV:** não há; **receptores:** 21,9 mil (1993). **Linhas telefônicas:** 37,5 (1992).

HISTÓRIA

Território norueguês passa ao domínio da Escócia em 1266. **1765:** administração direta da Grã-Bretanha. **1986:** aprovada lei que determina maior controle sobre as companhias de seguro e favorece a instalação de novas empresas. **1991:** asseguradas garantias para todos os depósitos bancários até 20 mil libras. **1992:** o escândalo da venda ilegal de armas pela empresa Kennford leva o Parlamento a estudar emenda à legislação que autoriza o funcionamento de companhias estrangeiras na região; revogada (mar.) a lei que proíbia o homossexualismo.

Ilha Norfolk

● **CONDIÇÃO:** território externo da Austrália. **Capital:** Kingston. **Habitante:** norfolquês. **Língua:** inglês (oficial); dialeto polinésio. **Religião:** cristianismo.

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Oceania. **Área:** 34,6 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** ilha montanhosa e de solo fértil, com litoral escarpado. Inclui a ilha desabitada de Phillip, a 7 km da ilha principal. **Clima:** subtropical. **Hora local** (em relação a Brasília): + 14h30m.

● **POPULAÇÃO:** 2.285 (1991); **Densidade (hab./km²):** 55,3 (1991).

● **EDUCAÇÃO: Alunos de 1º e 2º graus:** 221; **professores:** 17 (1990/91). **Gastos:** 16,9% do orçamento (1991).

● **ADMINISTRADOR:** Alan Gardner Kerr (desde abr./1992). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Legislativa, com 9 membros eleitos por voto direto para mandatos de 3 anos.

● **ECONOMIA:** turismo, venda de selos, extrativismo (pinhos). **Agricultura:** sementes, cereais, verduras, frutas, flores, madeira. **Exportações:** US$ 2,2 milhões; **produto:** madeira (pinhos) (1991). **Importações:** US$ 20,1 milhões (1991). **Parceiro comercial:** Austrália. **Pesos e medidas:** sistema métrico. **Moeda:** dólar australiano (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,40 (30/9/1992). **Renda:** US$ 5 milhões; **despesas:** US$ 4,8 milhões (1991). **Força de trabalho:** 1,4 mil; **mão-de-obra feminina:** 51% (1991).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 88 km; 66,3% pavimentados. **Ferrovias:** não há.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1,5 mil (1990). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 mil (1990). **Jornais diários:** 2 semanários.

HISTÓRIA

Descoberta pelo inglês James Cook (1774), torna-se colônia penal (1788/1814 e 1825/1855). **1856:** chegada de 194 imigrantes da ilha Pitcairn. **1897:** dependência da Nova Gales do Sul. **1913:** sob controle da Austrália. **1979:** autonomia (Tratado da Ilha Norfolk); criação da Assembléia Legislativa e do Conselho Executivo. **1985:** o governo local assume responsabilidades executivas e legislativas. **1989:** David Ernest Buffett eleito pres. da Assembléia Legislativa. **1991:** rejeição da proposta de Sídnei de incluir a ilha no eleitorado australiano. **1992:** Alan Gardner Kerr é indicado administrador (fev.); David Ernest Ruffet é eleito pres. da Assembléia Legislativa (mai.); o governo desiste definitivamente de incluir a população da ilha no eleitorado australiano (jul.); em conseqüência disso, dezenove questões constitucionais são transferidas para a responsabilidade local.

Ilha Wake

● **CONDIÇÃO:** possessão dos EUA. **Língua:** inglês (oficial).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da Oceania. **Área:** 8 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Hora local** (em relação a Brasília): +15h.

● **POPULAÇÃO:** 1.600 (1983).

● **ADMINISTRAÇÃO:** Departamento de Defesa dos EUA.

HISTÓRIA

Anexada pelos EUA em 1899. **1941:** breve ocupação japonesa (dez.). **1967:** submersa temporariamente por ondas provocadas pelo furacão *Sara*. **1972:** passa à administração do Departamento de Defesa dos EUA. **1990:** proposta a anexação ao território de Guam, em projeto de lei apresentado no Congresso dos EUA.

Ilhas Aland

• **CONDIÇÃO:** território associado à Finlândia com poder autônomo. **Capital:** Marienhamn. **Língua:** sueco (oficial). **Religião:** cristianismo (luteranos, maioria).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da Europa. **Área:** 1.552 km². **Limites:** mar Báltico. **Características:** arquipélago coberto por florestas, 7% da área cultivável. **Clima:** temperado frio. **Hora local** (em relação a Brasília): +5h.

• **POPULAÇÃO:** 24.847 (1992). **Crescimento demográfico:** 2,4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 10 (1992). **Natalidade:** 14,8 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 9,3 por 1.000 (1990).

• **GOVERNADOR:** Henrik Gustafsson. **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 30 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

• **ECONOMIA:** marinha mercante, comércio e turismo (principais setores); finanças, criação de ovelhas e de gado leiteiro, pesca. **Agricultura:** cereais, beterraba, batata, frutas. **Pecuária:** ovinos. **Exportações:** US$ 258,7 milhões (1985). **Importações:** US$ 272,7 milhões (1985). **Moeda:** marco finlandês (dividido em 100 penni); **cotação para 1 US$:** 4,47 (30/9/1992). **Renda:** US$ 199,2 milhões; **despesas:** US$ 214,5 milhões (1991). **Força de trabalho:** 12,4 mil; **mão-de-obra feminina:** 47,5% (1989).

• **TRANSPORTES: Porto:** Marienhamn.

• **COMUNICAÇÕES: Emissora de rádio:** 1. **Jornais diários:** 2.

HISTÓRIA

Incorporadas à Finlândia e cedidas à Rússia pela Suécia em 1809. **1917:** com a independência da Finlândia, reivindicam a autonomia e a volta ao domínio sueco. **1920:** concedida a autonomia mas recusada a separação. **1921:** garantida a soberania da Finlândia sobre o território pela Liga das Nações. **1951:** assegurada a autonomia interna. **1987:** nas eleições gerais, o Partido do Centro conquista nove cadeiras e o Liberal, oito. **1988:** reforma constitucional dá direito a representação no Conselho Executivo aos partidos que alcancem um mínimo de cinco cadeiras na ausência de um governo majoritário; formado um governo de coalizão pelo Partido do Centro, os liberais e os moderados. **1991:** Novo Ato de Autonomia; nova coalizão formada após as eleições deixa o Partido Liberal fora do governo. **1993:** entra em vigor (1º/1) o Novo Ato de Autonomia, que faz do sueco a língua oficial, aumenta os poderes do Legislativo, concede voz ativa ao território em tratados internacionais que envolvam sua soberania, prevê maior autonomia administrativa e econômica e maior controle sobre a propriedade e a cidadania regional.

Ilhas Cayman

• **CONDIÇÃO:** dependência da Grã-Bretanha. **Capital:** George Town. **Habitante:** caimanês. **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, presbiterianos, batistas – principais).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da América Central. **Área:** 259 km². **Limites:** mar do Caribe. **Características:** arquipélago (Grand Cayman, Little Cayman e Cayman Brac, principais). **Ponto mais elevado:** monte Bluff (42 m). **Clima:** tropical. **Cidades principais:** George Town (12.921 hab.); West Bay (5.362); Bodden Town (3.407) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

• **POPULAÇÃO:** 25.355 (1989); **urbana:** 100%. **Crescimento demográfico:** 1,4% (1991). **Densidade (hab./km²):** 97,9 (1989). **Natalidade:** 18,7 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 4,2 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 11 por 1.000 (1985–1990). **Gastos com saúde:** 11,2% do orçamento (1992).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 2,5% (1990). **Alunos de 1º e 2º graus:** 4,4 mil (1990). **Gastos:** 10,4% do orçamento (1991).

• **GOVERNADOR:** Michael E.J. Gore (desde 14/9/1992). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Nacional, com 18 membros (3 oficiais apontados pelo gov. e 15 eleitos por voto direto).

• **ECONOMIA:** finanças (maior centro *offshore* do mundo); criação de tartarugas (única comercial no mundo); **distribuição:** indústria, 14,5%; comércio e serviços, 85,5% do PIB (1991). **Agricultura:** tomate, banana. **Pecuária:** aves, bovinos, caprinos. **Pesca:** 390 t (1990). **Indústria:** alimentícia. **Exportações:** US$ 2 milhões; **produtos:** carne de tartaruga, químicos, automóveis usados (1991). **Importações:** US$ 189 milhões; **produtos:** maquinário e equipamentos de transporte, alimentos, combustíveis minerais (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, Suíça, Japão, Antilhas Holandesas. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar das Ilhas Cayman (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 0,83 (31/12/1992). **Renda:** US$ 117,2 milhões; **despesas:** US$ 134,2 milhões (1990). **Dívida externa:** 1,2 bilhão (1990). **Inflação:** 8% (1991). **Força de trabalho:** 16,7 mil; **mão-de-obra feminina:** 48,4% (1991). **Desemprego:** 7,6% (1992).

• **DEFESA:** a Grã-Bretanha responde pela defesa da região.

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 254 km; 79,1% pavimentados; **nº de veículos:** 14,3 mil (1991). **Ferrovias:** não há. **Portos:** George Town (em Grand Cayman); Creek (em Cayman Brac). **Linha aérea:** Cayman Airways (vôos domésticos e regionais).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 24 mil (1990). **Emissoras de TV:** 2; **receptores:** 15 mil (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 19,7 mil (1991). **Jornal diário:** 1 (1990).

HISTÓRIA

Dominadas pelos britânicos (1670). **1863:** dependência da Jamaica. **1883:** povoamento das duas ilhas menores. **1962:** ficam como colônia após a independência da Jamaica. **1980:** a chapa Unidade conquista oito das doze cadeiras na Assembléia Legislativa. **1984:** os independentes conquistam nove cadeiras na AL. **1986:** os EUA podem quebrar o sigilo bancário em casos de suspeita de atividades criminosas. **1988:** reeleição de sete membros da AL. **1990:** o Legislativo passa a integrar a Comissão de Finanças, responsável pela política econômica. **1992:** revisão constitucional restabelece o cargo de sec.-chefe; fundação do Partido Democrático Progressista, que adere à coalizão Time Nacional; Michael Gore é indicado governador; o TN elege doze dos quinze deputados à AL (nov.); medidas de combate ao desvio de fundos do tráfico de drogas, que afasta turistas e investidores.

Ilhas Cook

• **CONDIÇÃO:** território externo da Nova Zelândia. **Capital:** Avarua. **Língua:** inglês e maori das Ilhas Cook (oficiais). **Religião:** cristianismo (congregacionistas, 70%; católicos).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da Oceania, sudeste da Samoa Ocidental. **Área:** 237 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago com 15 ilhas: 7 baixas e áridas (N); 8 mais altas, populosas e de solo fértil. **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Cidades principais:** ilhas: Rarotonga (10.913 hab.); Aitutaki (2.366); Atiu (1.003); Mangaia (1.105); Manihiki (666) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): -7h30.

● **POPULAÇÃO:** 18.547 (1991). **Crescimento demográfico:** 1,8% (1990). **Densidade (hab./km²):** 78 (1991). **Natalidade:** 25,1 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6,7 por 1.000 (1990).

● **EDUCAÇÃO: Alunos de 1º grau:** 1,4 mil (1991); **professores:** 141 (1989). **Alunos de 2º grau e no ensino superior:** 2,2 mil (1991); **professores:** 159 (1989). **Gastos:** 9,5% do orçamento (1986).

● **REPRESENTANTE DA NOVA ZELÂNDIA:** Tim Caughley. **1º-ministro:** Geoffrey A. Henry (desde jan./1989). **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 25 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** venda de licenças para pesca; **distribuição:** agricultura, 17,1%; indústria, 6,4%; comércio e serviços, 76,5% do PIB (1990/91). **Agricultura:** papaia, coco, frutas cítricas e tropicais, mandioca, batata-doce. **Pecuária:** aves, suínos. **Pesca:** 1,2 mil t (1990). **Indústria:** processamento de frutas, artesanato, vestuário. **Exportações:** US$ 5,4 milhões; **produtos:** papaia, pérolas (1991). **Importações:** US$ 57,7 milhões; **produtos:** alimentos, manufaturados, máquinas e equipamentos de transporte, combustíveis minerais (1991). **Parceiros comerciais:** Nova Zelândia, Hong Kong, Austrália. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moedas:** dólar da Nova Zelândia e dólar das Ilhas Cook (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,95 (31/12/1992). **Renda:** US$ 40,1 milhões; **despesas:** US$ 43,3 milhões (1992/93). **Ajuda financeira da metrópole:** 13,8% da receita (1991). **Inflação:** 10,8% (1988). **Força de trabalho (empregados):** 4,9 mil; **distribuição:** agricultura, 6,2%; indústria, 20%; comércio e serviços, 43,8%; turismo: 30%; **mão-de-obra feminina:** 36,8% (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 33 km; **nº de veículos:** 6,6 mil (1983). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Rarotonga, Mangaia, Aitutaki. **Linhas aéreas:** Air Rarotonga (vôos domésticos); Cook Airlines.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 13 mil (1990). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 3 mil (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,1 mil (1989). **Jornal diário:** 1 (1989).

HISTÓRIA

Descobertas por James Cook (1773). **1888:** protetorado britânico. **1901:** integração à Nova Zelândia. **1965:** território autogovernado em livre associação com a Nova Zelândia; Albert Henry, do Partido das Ilhas Cook (PIC), é o 1º-ministro. **1978:** cancelados os votos de eleitores que vieram da Nova Zelândia em viagens pagas pelo dinheiro público; Thomas Davis, do Partido Democrático (PD), é indicado 1º-ministro. **1979:** Henry é condenado por fraude. **1987:** moção de desconfiança derruba Thomas Davis; Pupuke Robati, do PD, o sucede. **1989:** o PIC tem doze cadeiras no Parlamento; Geoffrey Henry é o 1º-ministro. **1991:** o PIC, com maioria no Parlamento, propõe reforma constitucional; Tratado de Amizade e Cooperação com a França. **1992:** incêndio criminoso, não-reivindicado, destrói o correio, a central telefônica e parte do centro administrativo de Rarotonga, comprometendo a instalação de empresas de Hong Kong e a modernização das telecomunicações (mar.); o dep. Norman George rompe com o Partido Democrático (nov.), fundando o Partido da Aliança; maior déficit desde 1972, devido aos gastos com a infra-estrutura construída para que as ilhas participassem, em out., do Festival de Artes do Pacífico.

Ilhas do Canal

● **CONDIÇÃO:** dependência da Coroa Britânica. **Língua:** inglês (oficial); francês (minoria-Jersey); crioulo de matiz francês (minoria-Guernsey). **Religião:** cristianismo (anglicanos, maioria; católicos, protestantes).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oeste da Europa, sul da Inglaterra. **Área:** 195,5 km². **Limites:** canal da Mancha (N, O); golfo de Saint-Malo (L, S). **Características:** arquipélago formado por Guernsey (centro administrativo: St. Peter); Jersey (centro administrativo: St. Helier); Alderney (centro administrativo: St. Anne); Sark; Herm; Jethou; Brechou e Lihou. **Clima:** temperado oceânico. **Cidades principais:** Saint-Helier (27.100 hab.); Saint-Peter-Port (16.100) (1986). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 149.000 (est.1992). **Crescimento demográfico:** 0,27% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 16,2%; **15-59:** 63,6%; **mais de 60:** 20,2% (1986). **Densidade (hab./km²):** 765,3 (1992). **Natalidade:** 13,6 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 10,9 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 6 por 1.000 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 98 hab.; **médicos:** 1 por 650 hab. (1983).

● **EDUCAÇÃO: Analfabetos:** não há. **Alunos de 1º e 2º graus:** 10,2 mil (Jersey, 1990).

● **GOVERNADORES:** John Sutton (Jersey); Michael Wilkins (Guernsey, Alderney, Sark, Herm, Jethou, Brechou e Lihou).

● **ECONOMIA:** agricultura, turismo e finanças; **distribuição:** agricultura, 4%; indústria, 2%; comércio e serviços, 94% do PIB (Jersey, 1986). **Agricultura:** batata, couve-flor, tomate (Jersey). **Pecuária:** bovinos. **Pesca:** 2,9 mil t (crustáceos) (1989). **Exportações:** US$ 55,7 milhões (Jersey); **produtos:** tomate, flores, pimenta (1989). **Produtos importados:** carvão, petróleo, manufaturados. **Parceiro comercial:** Grã-Bretanha. **Moeda:** libra esterlina (dividida em 100 pence); **cotação para 1 US$:** 0,66 (31/12/1992). **Renda:** US$ 383,1 milhões; **despesas:** US$ 283,6 milhões (1991). **Inflação:** 2,5% (1992). **Força de trabalho:** 45 mil; **mão-de-obra feminina:** 41,6% (1986, Jersey). **Desemprego:** 2% (1990).

● **TRANSPORTES: Ferrovias:** não há. **Portos:** Saint-Helier (Jersey); Saint-Peter-Port (Guernsey); na ilha Sark. **Linhas aéreas:** Jersey European Airways, Aurigny Air Services (vôos domésticos regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3. **Emissoras de TV:** não há. **Linhas telefônicas:** 1 por 0,9 hab. (Jersey, 1989). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 270.

HISTÓRIA

Passam para o domínio britânico (Tratado de Paris, 1258) como parte do ducado da Normandia. **1284 – 1468:** a França tenta sete vezes a reconquista. **1684:** instalação de base naval britânica. **1779 – 1781:** dois ataques franceses. **1941 – 1945:** ocupação alemã; volta ao domínio britânico. **1989:** cancelado o imposto de renda das empresas instaladas em Lark por falta de normas para o seu funcionamento. **1992:** os habitantes protestam contra a decisão de Londres de demitir o vice-intendente Vernon Tomes (mar.); este decide não abandonar a vida pública e inicia campanha pedindo reforma da Constituição que possibilite a eleição direta do intendente e de seu vice.

Ilhas Falkland (Malvinas)

● **CONDIÇÃO:** colônia da Grã-Bretanha reivindicada pela Argentina. **Capital:** Stanley. **Habitante:** kelper (malvinense). **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo (anglicanos, católicos, protestantes).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sul da América do Sul, sudeste da Argentina. **Área:** 12.173 km². **Limites:** oceano Atlântico. **Características:** arquipélago com cerca de 200 ilhas (Isla Soledad ou East Falkland e Gran Malvinas ou West Falkland, principais), separadas pelo estreito das Malvinas; região montanhosa e com charcos. **Ponto mais elevado:** monte Adam (704 m). **Clima:** temperado frio. **Cidade principal:** Stanley (1.329 hab.) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 2.121 (1991). **Densidade (hab./km²):** 0,17 (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Alunos de 1º e 2º graus:** 279; **professores:** 71 (Stanley, 1991).

• GOVERNADOR: David E. Tatham (desde ago./1992). **Legislativo:** unicameral – Conselho Legislativo, com 10 membros (8 eleitos por voto direto e 2 ex-officio).

• ECONOMIA: criação de ovinos, venda de selos e moedas. **Pecuária:** ovinos, bovinos, eqüinos. **Indústria:** processamento de pescados, fiação de lã. **Minerais:** turfa, petróleo. **Produto exportado:** lã; **produtos importados:** bebidas, materiais de construção, vestuário. **Parceiro comercial:** Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** libra das Ilhas Falkland (dividida em 100 pence); **cotação para 1 US$:** 66,10 (31/12/1992). **Renda:** US$ 69 milhões; **despesas:** US$ 44,4 milhões (1991/92). **Inflação:** 4,8% (1990). **Força de trabalho:** 1 mil; **mão-de-obra feminina:** 30,8% (1986).

• DEFESA: **Efetivo total:** 1,6 mil soldados britânicos.

• TRANSPORTES: **Rodovias:** 81 km. **Ferrovias:** não há. **Porto:** Stanley. **Linha aérea:** FIGAS (para serviços sociais, médicos e postais).

• COMUNICAÇÕES: estatais. **Emissora de rádio:** 1.

HISTÓRIA

Descobertas por Américo Vespúcio (1502). **1833:** soberania britânica; são reivindicadas pela Argentina. **1982:** guerra das Malvinas (2/4 a 14/6): derrota argentina; criada zona de proteção naval de 150 milhas. **1983:** criado o posto de chefe executivo do governo. **1985:** aprovada nova Constituição pelo Conselho Legislativo do arquipélago; separação das Ilhas Geórgia e Sandwich do Sul. **1986:** criada uma zona de preservação pesqueira de 150 milhas; o ato é condenado pela ONU. **1989:** candidatos contrários ao reatamento de ligações com a Argentina vencem as eleições parlamentares; anunciado o fim da zona de proteção naval. **1990:** inclusão na província da Terra do Fogo, criada pela Argentina; suspensa temporariamente a pesca na região para preservar duas espécies de lulas. **1991:** o governo local compra 27% das terras que pertencem à Companhia das Ilhas Falkland; autorizada a prospecção de petróleo na plataforma continental. **1992:** o pres. Carlos Menem, da Argentina, pede que uma corte de arbitragem internacional julgue a questão da posse do território; visita da ex-1ª-ministra Margaret Thatcher; início da investigação sobre a execução de prisioneiros argentinos durante a guerra; William Fullerton assume o cargo de governador (ago.); a indústria pesqueira entra em crise (set.), pois, tendo a Argentina autorizado, em ago., a pesca em suas águas territoriais, a Coréia do Sul, Formosa e a Espanha deixam de comprar licenças de pesca no território. **1993:** acordo com Buenos Aires sobre limitação do número de embarcações estrangeiras em águas argentinas e preservação ambiental; em conseqüência desse acordo, a Grã-Bretanha adia a prospecção de petróleo no arquipélago; novo acordo (jul.) leva à redução gradual da zona de exclusão de 200 milhas estabelecida em redor das ilhas em 1982.

Ilhas Farö

• CONDIÇÃO: dependência da Dinamarca. **Capital:** Tórshavn. **Habitante:** faroense. **Língua:** faroês. **Religião:** cristianismo (evangélicos luteranos, maioria; católicos).

• SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: noroeste da Europa, noroeste da Noruega. **Área:** 1.398,9 km². **Limites:** oceano Atlântico. **Características:** arquipélago com 18 ilhas (17 habitadas – Stromo, Ostero, Vaago, principais); região com lagos e pântanos. **Ponto mais elevado:** 882 m. **Clima:** temperado frio. **Cidade principal:** Tórshavn (16.223) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

• POPULAÇÃO: 47.310 (1991). **Crescimento demográfico:** 1% (1980–1991). **Densidade (hab./km²):** 33,8 (1991). **Natalidade:** 18,4 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 8,4 por 1.000 (1991). **Gastos com saúde:** 27,2% do orçamento (1990).

• EDUCAÇÃO: **Gastos:** 11,6% do orçamento (1990).

• ALTO COMISSÁRIO: Bent Klinte. **1º-ministro:** Atli P. Dam. **Legislativo:** unicameral – Parlamento, com 27 a 32 membros eleitos por voto direto.

• ECONOMIA: pesca, caça (baleias, 976 em 1991), criação de ovelhas; **distribuição:** agricultura, 15,5%; indústria, 30,5%; mineração, 0,1%; comércio e serviços, 53,9% do PIB (1988). **Agricultura:** batata. **Pecuária:** ovinos, caprinos. **Pesca:** 282,9 mil t (1990). **Indústria:** têxtil (lã). **Minerais:** carvão, petróleo. **Exportações:** US$ 434,9 milhões; **produtos:** pescados, embarcações (1991). **Importações:** US$ 307,7 milhões; **produtos:** alimentos e animais vivos, combustíveis minerais, químicos, máquinas e equipamentos de transporte (1991). **Parceiros comerciais:** Dinamarca, Noruega. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** coroa dinamarquesa (dividida em 100 ore); **cotação para 1 US$:** 5,48 (30/9/1992). **Renda:** US$ 513,6 milhões; **despesas:** US$ 530,4 milhões (1992). **Ajuda financeira da metrópole:** 28% da receita (1992). **Inflação:** 3,7% (1991). **Força de trabalho:** 17,6 mil (1977); **distribuição:** pesca, 26% (1987).

• TRANSPORTES: **Rodovias:** 443 km; **nº de veículos:** 17,5 mil; **automóveis:** 13,1 mil (1991). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Tórshavn, Fuglafjordur, Klaksvík, Skalágjordur, Tvoroyri, Vágur, Vestmanna. **Linha aérea:** Atlantic Airways Farö Islands (vôos regionais).

• COMUNICAÇÕES: **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 20 mil (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 14 mil (1991). **Jornais:** 7 semanários.

HISTÓRIA

Administradas pela Dinamarca desde 1380. **1939 – 1945:** ocupação britânica. **1946:** volta ao domínio dinamarquês. **1948:** assinado o Ato de Autonomia Interna. **1973:** opção pela não integração à CEE. **1980:** vitória dos partidos de centro-direita nas eleições. **1984:** formada coalizão dos partidos de esquerda; Atli Dam, do Partido Social Democrata, é nomeado 1º-min. **1986:** início dos estudos para a regulamentação da pesca da baleia. **1988:** o Partido do Povo vence as eleições. **1989:** formada coalizão de centro-direita; vários partidos abandonam o governo; formado novo gabinete pelo PP, com apoio dos partidos Republicano e da União. **1990:** o Partido Social Democrata vence as eleições; Atli Dam é indicado 1º-min. **1992:** A crise econômica, causada pelo endividamento do território na década de 80, agrava-se com o corte de subsídios à indústria pesqueira (a Dinamarca tem de arcar com 28% do orçamento); é assinado acordo de livre comércio com a Islândia, Noruega, Suécia e Finlândia; o governo ameaça retirar-se da Comissão Internacional de Pesca às Baleias (set.), por ter recebido críticas a seus métodos de captura; associadas à Groenlândia, Noruega e Finlândia, as ilhas criam a Comissão dos Mamíferos Marítimos do Atlântico Norte.

Ilhas Geórgia e Sandwich do Sul

• CONDIÇÃO: colônia britânica reivindicada pela Argentina. **Língua:** inglês (oficial).

• SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: sudeste da América do Sul. **Área:** 3.592 km² **Limites:** oceano Atlântico. **Características:** ilha Geórgia do Sul e arquipélago de Sandwich do Sul com 11 ilhas. **Clima:** temperado frio. **Hora local** (em relação a Brasília): +1h.

• COMISSÁRIO: David E. Tatham.

HISTÓRIA

Anexação pela Grã-Bretanha em 1775. **1908:** integração à dependência das Ilhas Falkland. **1927:** reivindicação argentina sobre a ilha Geórgia do Sul. **1948:** reivindicação argentina sobre o arquipélago de Sandwich do Sul. **1955:** pedida pela Grã-Bretanha à Corte Internacional de Justiça uma decisão a respeito da soberania sobre a Geórgia e Sandwich do Sul; negação da Corte por ter sido

um pedido unilateral. **1976:** instalação de cinqüenta argentinos em Sandwich do Sul. **1982:** expulsão dos argentinos por forças britânicas. **1985:** desligamento da dependência das ilhas. **1993:** Buenos Aires protesta contra a decisão britânica de estender, de 12 para 200 milhas, a jurisdição marítima dos arquipélagos, medida tomada para cercear a venda de licenças de pesca argentinas a outros países; dias depois, os países envolvidos concordam em negociar um plano de preservação das águas de pesca do Atlântico Sul.

Ilhas Marianas do Norte

● **CONDIÇÃO:** Estado livre associado aos EUA. **Capital:** Garapan. **Habitante:** norte-marianense. **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, maioria; episcopais e protestantes).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da Oceania, norte da Micronésia. **Área:** 457 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago com 16 ilhas vulcânicas e coralinas (6 habitadas). **Clima:** equatorial. **População nas ilhas:** Saipan (38.896 hab.); Rota (2.295); Tinian (2.118); Northern Islands (36) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +13h.

● **POPULAÇÃO:** 43.345 (1990). **Crescimento demográfico:** 3,4% (1989). **Densidade (hab./km²):** 94,8 (1990). **Natalidade:** 39,5 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 4,9 por 1.000 (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1° e 2° graus:** 9,2 mil (1991/92); **professores:** 350 (1987/88). **Alunos no ensino superior:** 1,7 mil (1986).

● **GOVERNADOR:** Lorenzo (Larry) I. De Leon Guerrero (desde 9/1/1990). **Legislativo:** bicameral – Senado com 9 membros e Câmara dos Representantes com 18 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 2 anos.

● **ECONOMIA:** turismo. **Agricultura:** coco, fruta-pão, tomate, melão. **Pesca:** 320 t (1990). **Indústria:** vestuário, processamento de pescados e de coco (copra), artesanato. **Produtos exportados:** verduras, carne (bovina e suína). **Importações:** US$ 219,7 milhões; **produtos:** alimentos, materiais de construção, automóveis, bebidas, derivados de petróleo (1988). **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar americano (dividido em 100 cents). **Renda:** US$ 67,7 milhões; **despesas:** US$ 80 milhões (1989). **Ajuda financeira da metrópole:** 8% da receita (1991). **Força de trabalho:** 5,4 mil; **distribuição:** agricultura, 2%; indústria, 3,5%; comércio e serviços, 13,1%; turismo, 45%; outros, 36,4%; **mão-de-obra feminina:** 39,7% (1985).

● **DEFESA:** os EUA respondem pela defesa da região.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 494 km (1991). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Saipan, Rota, Tinian. **Linhas aéreas:** Air Micronesia (vôos internacionais e domésticos); Air Mike Express, Pacific Island Aviation (domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** privadas. **Emissoras de rádio:** 4; **receptores:** 15,4 mil (1987). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 7 mil (1988). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,1 mil (1985). **Jornais diários:** 2.

HISTÓRIA

Descobertas por Fernão de Magalhães (1521). **1668:** colonização espanhola. **1899:** compradas pela Alemanha. **1914:** ocupação japonesa. **1921:** controle da Liga das Nações. **1947 – 1975:** Território Tutelado das Ilhas do Pacífico, sob administração dos EUA. **1975:** a população vota pela separação. **1978:** autonomia política interna; posse do governador, e do legislativo bicameral, eleitos em 1977. **1990:** votado fim da tutela pelo Conselho de Segurança da ONU; Estado livre associado aos EUA. **1991:** o Partido Republicano tem maioria; projeto de modificação do status em relação aos EUA, para assegurar o controle sobre sua zona econômica exclusiva de 200 milhas. **1992:** a Suprema Corte dos EUA não modifica o sistema de posse de terra, só permitida aos nativos (dez.).

Ilhas Turks e Caicos

● **CONDIÇÃO:** colônia da Grã-Bretanha. **Capital:** Cockburn Town. **Língua:** inglês (oficial); crioulo. **Religião:** cristianismo (batistas 25,5%; anglicanos, católicos e protestantes).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-leste da América Central, leste de Cuba. **Área:** 430 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago com mais de 30 ilhas coralíneas de relevo baixo e plano. **Ponto mais elevado:** (48 m). **Clima:** equatorial. **Cidades principais:** Cockburn Town (2.500 hab.); Cockburn Harbour (1.000) (1987). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

● **POPULAÇÃO:** 12.350 (1990). **Densidade (hab./km²):** 28,7 (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1° e 2° graus:** 2,3 mil (1990). **Gastos:** 11,2% do orçamento (1985).

● **GOVERNADOR:** Martin Bourke (desde fev./1993). **Legislativo:** unicameral – Conselho Legislativo, com 20 membros (13 eleitos por voto direto, 3 membros ex-officio do Conselho Executivo, 3 nomeados e o relator).

● **ECONOMIA:** turismo, pesca de peixes, lagostas e cultivo de conchas (o maior do mundo). **Agricultura:** feijão, milho, frutas e verduras (em baixa escala). **Pesca:** 1 mil t (1990). **Indústria:** construção voltada para o turismo e processamento de pescados. **Exportações:** US$ 4,7 milhões; **produtos:** sal, pescados (lagostas e conchas) (1990). **Importações:** US$ 38,2 milhões; **produto:** combustíveis minerais (1990). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar americano (dividido em 100 cents). **Renda:** US$ 39,9 milhões; **despesas:** US$ 43,9 milhões (1989/90). **Ajuda financeira da metrópole:** 60% da receita (1989/90). **Inflação:** 5% (1990). **Força de trabalho:** 4,8 mil; **mão-de-obra feminina:** 52,4% (1990). **Desemprego:** 12% (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 121 km; **n° de veículos:** 1,6 mil (1984). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Jamestown, Providenciales, Salt Cay, Cockburn Harbour. **Linha aérea:** Turks and Caicos National Airlines (vôos domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 6; **receptores:** 6 mil (1990). **Emissora de TV:** 1 a cabo. **Linhas telefônicas:** 1,4 mil (1985). **Jornais:** 2 semanários.

HISTÓRIA

Ocupadas por grupos indígenas até a chegada dos primeiros colonizadores vindos das Bermudas e das ex-colônias britânicas na América do Norte. **1874 – 1959:** permanência sob administração da Jamaica. **1962 – 1973:** associação às Bahamas após a independência da Jamaica. **1972:** nomeação do primeiro governador. **1976:** primeiras eleições legislativas; conquista da maioria das cadeiras pelo Movimento Democrático do Povo, separatista. **1986:** renúncia de três ministros acusados de incendiar um prédio do governo. **1991:** vitória do Partido Nacional Progressista (PNP) sobre o Movimento Democrático do Povo (MDP) nas eleições para o Conselho Legislativo; Washington Misick, líder do PNP, é nomeado 1°-min. **1992:** são adotadas medidas de combate à pesca ilegal e ao uso do território por contrabandistas de drogas; o governo territorial enfrenta o problema crescente da migração de mão-de-obra, em busca de melhores empregos, e da vinda de haitianos clandestinos que trabalham em empregos não qualificados.

Ilhas Virgens Americanas

● **CONDIÇÃO:** dependência dos EUA. **Capital:** Charlotte Amalie. **Habitante:** virginiano. **Língua:** inglês (oficial); espanhol; crioulo. **Religião:** cristianismo (protestantes, 63,2%; católicos, 33,6%); judaísmo (minoria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América Central, leste de Porto Rico. **Área:** 354,8 km². **Limites:** mar do

Caribe. **Características:** arquipélago formado pelas ilhas de St. Croix, St. Thomas e St. John. **Clima:** tropical úmido. **Cidades principais:** ilhas: St. Croix (50.139 hab.); St. Thomas (48.166); St. John (3.504) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 101.809 (1992). **Densidade (hab./km²):** 287,2 (1992).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1° e 2° graus:** 28,7 mil; **professores (em escolas públicas):** 1,3 mil (1992). **Alunos no ensino superior:** 2,7 mil (1992).

● **GOVERNADOR:** Alexander A. Farrelly (desde 1986). **Legislativo:** unicameral – Senado, com 15 membros eleitos por voto direto para mandatos de 2 anos.

● **ECONOMIA:** o turismo funciona como catalisador para o comércio (zona franca) e os transportes (cruzeiros marítimos). **Agricultura:** sorgo. **Pecuária:** aves, caprinos, bovinos. **Pesca:** 801 t (1989). **Indústria:** refino de petróleo (St. Croix tem uma das maiores refinarias de petróleo do mundo), bebidas (rum). **Mineral:** alumina. **Exportações:** US$ 2,1 milhões; **produto:** derivados de petróleo (1987). **Importações:** US$ 3,4 milhões; **produtos:** petróleo bruto, alimentos, bens de consumo (1987). **Parceiros comerciais:** Porto Rico, EUA. **Moeda:** dólar americano (dividido em 100 cents). **Renda:** US$ 364,4 milhões; **despesas:** US$ 364,4 milhões (1990). **Força de trabalho:** 46 mil; **distribuição (somente empregados):** agricultura, 0,1%; indústria, 12,5%; comércio, 23,4%; serviços, 28,3%; setor público, 35,7% (1989). **Desemprego:** 3,1% (1988).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 885,5 km; **n° de veículos:** 59,7 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Portos:** St. Croix, St. Thomas.

● **COMUNICAÇÕES:** privadas. **Emissoras de rádio:** 10; **receptores:** 100 mil (1989). **Emissoras de TV:** 4 (2 a cabo); **receptores:** 64 mil (1989). **Jornais diários:** 2.

HISTÓRIA

Descobertas pelos europeus (1493), eram habitadas por índios Caribe e Arauac. **1666 – 1733:** controladas sucessivamente por ingleses, franceses e holandeses. **1670:** St. Thomas e St. John tornam-se colônias da Dinamarca; St. Croix é comprada da França; as ilhas passam a integrar as Índias Ocidentais Dinamarquesas. **1917:** são compradas pelos EUA, por US$ 25 milhões. **1954 – 1981:** plebiscito rejeita quatro tentativas de independência. **1989:** furacão *Hugo:* prejuízos de US$ 1 bilhão.

Ilhas Virgens Britânicas

● **CONDIÇÃO:** colônia da Grã-Bretanha. **Capital:** Road Town. **Habitante:** virginiano. **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo (anglicanos e protestantes).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América Central; noroeste das Ilhas Virgens Americanas. **Área:** 153 km². **Limites:** oceano Atlântico (N, L, O); mar do Caribe (S). **Características:** ilhas montanhosas de origem vulcânica; ilha Anegada (origem coralínea). **Clima:** tropical úmido. **Cidade principal:** Road Town (2.500 hab.) (1987). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 16.664 (1991). **Crescimento demográfico:** 1,3% (1989). **Densidade (hab./km²):** 108,8 (1991). **Natalidade:** 19,5 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 6,1 por 1.000 (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1° grau:** 2,7 mil (1990); **de 2° grau:** 1,1 mil (1987/88); **professores de 1° grau:** 104 (1990); **de 2° grau:** 81 (1987/88). **Gastos:** 12% do orçamento (1991).

● **GOVERNADOR:** Peter Alfred Penfold (desde 14/10/1991). **Legislativo:** Conselho Legislativo, com 11 membros (9 eleitos por voto direto, o relator e 1 membro *ex-officio*).

● **ECONOMIA:** turismo, finanças. **Agricultura:** verduras e legumes, frutas, cana-de-açúcar. **Pesca:** 1,4 mil t (1990). **Indústria:** materiais de construção, rum. **Mineral:** sal. **Exportações:** US$ 2,6 milhões; **produtos:** peixe fresco, rum, cascalho, frutas e verduras (1987). **Importações:** US$ 105,7 milhões; **produtos:** máquinas e equipamentos de transporte (1987). **Parceiros comerciais:** EUA, Porto Rico, Ilhas Virgens Americanas, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar americano (dividido em 100 cents). **Renda:** US$ 50,7 milhões; **despesas:** US$ 46,7 milhões (exclui ajuda britânica, 1990/91). **Inflação:** 1% (1987). **Dívida externa:** US$ 26 milhões (1990). **Força de trabalho (empregados):** 8,6 mil (1990); **distribuição:** agricultura, 1,8%; indústria, 16%; comércio e serviços, 82,2%; **mão-de-obra feminina:** 43,2% (1987). **Desemprego:** não há.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 113 km (1987); **n° de veículos:** 3,9 mil (1987). **Ferrovias:** não há. **Linha aérea:** Atlantic Air (vôos domésticos e regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** privadas. **Emissoras de rádio:** 4; **receptores:** 8 mil (1990). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 3 mil (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 4 mil (1985). **Jornais:** 2 semanários.

HISTÓRIA

Descobertas por Cristóvão Colombo em 1493, eram habitadas principalmente por caribenhos. **1648:** ocupação por piratas e colonização holandesa. **1774:** posse britânica garantida por Constituição. **1872:** integração à Federação do Arquipélago de Barlavento. **1950:** instituição de governo representativo próprio. **1956:** administração do Arquipélago de Barlavento após a dissolução da Federação. **1960:** nomeação do primeiro governador. **1967:** nova Constituição cria o cargo de 1°-min., ocupado por Lavity Stoutt. **1977:** ampliado o poder local através de emenda à Constituição. **1986:** Stoutt volta a ocupar o cargo de 1°-min. **1990:** reconfirmação de Stoutt no cargo; novas leis reprimem a imigração ilegal e orientam o setor financeiro.

Ilhas Wallis e Futuna

● **CONDIÇÃO:** território de ultramar da França. **Capital:** Mata-Utu. **Língua:** francês (oficial); walliriano. **Religião:** cristianismo (católicos, 98,9%).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Oceania; leste da Austrália. **Área:** 274 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago formado por dois grupos de ilhas vulcânicas: a ilha Wallis e 22 ilhotas próximas; e as ilhas Alofi e Futuna. **Ponto mais elevado:** monte Puke (850 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Cidade principal:** Mata-Utu (815 hab.) (1983). **Hora local** (em relação a Brasília): +15h.

● **POPULAÇÃO:** 14.000 (exclui imigrantes para a Nova Caledônia) (1992). **Composição demográfica:** polinésios, 97,5%; europeus, 2,5% (1983). **Crescimento demográfico:** 2,3% (1990). **Faixas etárias: 0-15:** 44%; **16-65:** 52%; **mais de 66:** 4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 51,1 (1992). **Natalidade:** 28,4 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 5,2 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 33 por 1.000 (1989). **Vida média homens:** 69; **mulheres:** 70 (1989).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Analfabetos:** 51,1% (1983). **Alunos de 1° e 2° graus:** 4,6 mil (1987).

● **ADMINISTRADOR-CHEFE:** Robert Pommies (desde set./1990). **Legislativo:** Assembléia, com 20 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** a maior parte da renda provém de empregos públicos e pelo envio de dinheiro por habitantes empregados em Nova Caledônia. **Agricultura:** coco, mandioca, banana. **Pecuária:** suínos, caprinos. **Pesca:** 1 mil t (1990). **Indústria:** artesanato. **Produtos exportados:** derivados de coco (copra, principal); artesanato. **Produtos importados:** materiais de construção, manufaturados, derivados de petróleo. **Parceiros comerciais:** França e Nova Caledônia. **Pesos e medidas:** sistema métrico deci-

mal. **Moeda:** franco do Pacífico (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 86,95 (30/9/1992). **Renda:** US$ 14,5 milhões; **despesas:** US$ 14,5 milhões (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 100 km (1977). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Mata-Utu (em Wallis); Sigave (em Futuna).

● **COMUNICAÇÕES: Emissoras de rádio e de TV:** não há. **Linhas telefônicas:** 1 por 32 hab. (1989).

HISTÓRIA

Ocupadas por polinésios imigrantes das ilhas de Tonga e de Samoa no séc. XII. **1842:** protetorado francês, com um reino para Wallis e dois para Futuna. **1959:** reivindicada integração à França. **1961:** território ultramarino francês. **1985:** opta por permanecer sob administração francesa. **1989:** o administrador-chefe, Roger Dumec, é acusado de abuso de poder ao excluir das decisões os chefes tribais e a Assembléia. **1990:** Robert Pommies torna-se admin.-chefe; revela-se que 50% da população emigram por falta de emprego. **1991:** abertura do Banco de Wallis e Futuna. **1992:** o partido Reunião para a República perde a maioria pela primeira vez em vinte anos; Soane Mani Uhila é o pres. da Assembléia; 76,5% dos habitantes aprovam a ratificação do Tratado de Maastricht (set.); o governo francês concorda em revisar o status constitucional do território (dez.). **1993:** terremoto danifica o suprimento de água e energia das ilhas e mata cinco pessoas.

Irian Barat (Ocidental)

● **CONDIÇÃO:** província anexada ilegalmente pela Indonésia. **Capital:** Jayapura. **Habitante:** irianense. **Língua:** indonésio. **Religião:** cristianismo, islamismo.

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Ásia; oeste de Papua Nova Guiné. **Área:** 421.981 km². **Limites:** oceano Índico (N, S e O); Papua Nova Guiné (L). **Características:** pântanos (litoral); montanhas cobertas de neve (interior). **Ponto mais elevado:** monte Suarno (1.040 m). **Clima:** tropical úmido. **Hora local** (em relação a Brasília): +12h.

● **POPULAÇÃO:** 1.555.682 (1989). **Densidade (hab./km²):** 3,7 (1989).

● **ECONOMIA:** mineração, agropecuária, pesca. **Agricultura:** banana, batata-doce, inhame. **Minerais:** petróleo, ouro, diamante, cobalto, níquel, cobre, urânio.

HISTÓRIA

Colonizada pelos holandeses no séc. XVII. Até 1962 a região era conhecida como Países Baixos do Oeste da Nova Guiné. **1962:** administração da ONU. **1963:** passa para o controle indonésio, sem consulta à população. **1971:** criado o Movimento para a Libertação de Papua, liderado por Seth Dunikoren, que pretendia anexar a parte ocidental (Irian) à região livre, a leste da Ilha de Nova Guiné; proclamação de independência (jul.), não reconhecida pela Indonésia. **1977:** formação do Movimento pela Papua Livre (MPL), favorável à anexação à Papua Nova Guiné. **1984:** fuga de 10 mil pessoas para a Papua em conseqüência da repressão do Exército contra o MPL. **1989:** o governo de Papua abre um consulado no Irian para tentar resolver o problema dos refugiados. **1990:** Papua Nova Guiné e Indonésia assinam acordo sobre fronteiras; Malkianus Salossa, líder do MPL, é preso, deportado para a Indonésia e, em **1991:** condenado à prisão perpétua. **1992:** a Indonésia e a Papua Nova Guiné assinam acordo (jan.) visando à maior cooperação na segurança e defesa dos dois setores do território; tropas indonésias destroem, em Wutung, um acampamento do Movimento pela Papua Livre (mar.); novo acordo (set.) facilita o trânsito do comércio entre os dois países, como medida preliminar para a instalação (out.) de um consulado indonésio em Vanimo, na fronteira do Irian Ocid. com Papua Nova Guiné. **1993:** a queda de um avião da companhia indonésia Merpati Nusuntara Airlines mata quarenta pessoas perto da cidade de Sorongo (jul.).

Macau

● **CONDIÇÃO:** território da China sob administração de Portugal até 1999. **Capital:** Macau. **Habitante:** macauense. **Língua:** português e chinês (oficiais); inglês. **Religião:** budismo, 45%; cristianismo, 8,7% (católicos, 7,4%; protestantes); ateus, 45,8%.

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da Ásia; sudeste da China. **Área:** 17.300 km². **Limites:** China (N, L e O); mar da China Meridional (S). **Características:** península sem áreas verdes (Macau); ilhas cobertas por florestas (Taipa e Coloane). **Ponto mais elevado:** 99 m. **Clima:** tropical. **Rio principal:** Cantão. **Cidade principal:** Macau (342.548 hab.) (1991). **Hora local** (em relação a Brasília): +11h.

● **POPULAÇÃO:** 367.000 (est. 1992); **urbana:** 100%. **Composição demográfica:** chineses, 68,2%; portugueses, 27,9%; ingleses, 1,8%; outros, 2,1% (1991). **Crescimento demográfico:** 1,2% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 24,6%; **15-59:** 65,8%; **mais de 60:** 9,6% (1991). **Densidade (hab./km²):** 21,2 (1992). **Natalidade:** 15,3 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 3,3 por 1.000; **mortalidade infantil:** 8,4 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,5 (1988). **Vida média homens:** 75,1; **mulheres:** 80,3 (1988). **Leitos hospitalares:** 1 por 327 hab.; **médicos:** 1 por 1,2 mil hab. (1990). **Gastos com saúde:** 12% do orçamento (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 38,7% (1981). **Alunos de 1º e 2º graus:** 53,1 mil; **professores:** 2,4 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 6,9 mil; **professores:** 383 (1990/91). **Gastos:** 5,3% do orçamento (1991).

● **GOVERNADOR:** Vasco Rocha Vieira (desde 23/4/1991). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Legislativa, com 23 membros (8 eleitos por voto direto, 8 por voto indireto e 7 nomeados pelo gov.), para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** indústria e turismo. **Agricultura:** arroz, verduras. **Pesca:** 2,5 mil t (1991). **Indústria:** têxtil, vestuário, calçados, móveis, brinquedos, eletrônica, ótica, construção. **Exportações:** US$ 1,8 bilhão; **produtos:** têxteis, vestuário, brinquedos, equipamentos eletrônicos (1992). **Importações:** US$ 2 bilhões; **produtos:** matérias-primas industriais, bens de consumo (1992). **Parceiros comerciais:** Hong Kong, China, Japão, EUA, Alemanha, França. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** pataca (dividida em 100 anas); **cotação para 1 US$:** 7,97 (31/12/1992). **Renda:** US$ 2,8 bilhões; **despesas:** US$ 3,6 bilhões (1992/93). **Inflação:** 10% (1991). **Força de trabalho:** 193,8 mil; **distribuição:** indústria, 40,6%; comércio e serviços, 31,7%; outros, 27,7% (1991).

● **DEFESA:** 3 mil (1990); 150 homens de Portugal (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 97 km pavimentados (1988); **nº de veículos:** 33 mil; **automóveis:** 27,6 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Macau, Kao-ho.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 1,9 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 6,8 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,4 hab. (1990). **Jornais diários:** 10; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 568 (1990).

HISTÓRIA

Território chinês ocupado pelos portugueses em 1557, a primeira feitoria européia na China. **1680:** nomeação do primeiro governador. **1849:** proclamada independente da China. **1887:** reconhecimento da soberania portuguesa pelo governo chinês. **1951:** torna-se Província Ultramarina portuguesa. **1976:** transformada em Território Especial, sob jurisdição portuguesa. **1984:** extensão do direito de voto aos chineses membros da Assembléia Legislativa. **1986:** renúncia do gov. Almeida Costa e substituição por Joaquim Pinto Machado. **1987:** renúncia de Machado alegando problemas de corrupção administrativa; Carlos Melancia assume; decidida a devolução à China em 20/12/1999, com direito de manter a livre economia de mercado e independência financeira por cinqüenta anos. **1990:** assegurada maior autonomia administrativa, eco-

nômica e financeira pela Assembléia Legislativa; aumento do número de cadeiras na Assembléia de 17 para 23; renúncia de Melancia após acusação de suborno. **1991:** Vasco Rocha Vieira é nomeado governador; a X Conferência do Grupo de União Sino-Português garante a participação de Macau em organizações internacionais, a abertura de empregos públicos a chineses e a formalização do chinês e do português como línguas oficiais a partir de 1999; publicação do esboço da Lei Básica. **1992:** assinatura de acordo para a construção do primeiro aeroporto internacional e para comércio e cooperação econômica com a CEE; visita do 1º-min. Li Peng, da China, a Portugal; eleições legisiativas (set.), de que participam 59% do eleitorado: as associações pró-China conquistam a maioria das cadeiras. **1993:** é aprovado (jan.) o esboço final da Lei Básica – que servirá de Constituição ao território após a devolução à China, em 1999 –, ratificado, em seguida, pelo Congresso Nacional do Povo, em Pequim (mar.); entre suas provisões estão a preservação do sistema capitalista, a ausência de impostos chineses, a permissão para que pessoas com passaportes estrangeiros ocupem postos na administração, o não fechamento dos cassinos, a eleição do chefe de Estado por um colégio eleitoral composto de trezentos representantes locais e a formação de um Conselho Legislativo de 23 membros, com mandato até 2001.

Martinica

● **CONDIÇÃO:** departamento de ultramar da França. **Capital:** Fort-de-France. **Habitante:** martiniquense. **Língua:** francês (oficial); crioulo. **Religião:** cristianismo (católicos, 87,9%; testemunhas de Jeová e sincretistas, 12,1%; adventistas do sétimo dia).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** SE da América Central, S de Dominica. **Área:** 1.100 km². **Limites:** oceano Atlântico (N e L); mar do Caribe (S e O). **Características:** relevo montanhoso; vulcões ativos; vegetação espessa. **Ponto mais elevado:** vulcão Pelée (1.397 m). **Clima:** tropical úmido. **Rios principais:** La Lézarde, Galion. **Cidades principais:** Fort-de-France (101.540 hab.); Le Lamentin (30.586); Schoelcher (19.874); Sainte-Marie (19.760); Le Robert (17.065) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 369.000 (est.1992); **urbana:** 80,5% (1990). **Composição demográfica:** mulatos, 93,7%; franceses metropolitanos e brancos, 2,6%; indianos, 1,7%; outros, 2% (1983). **Crescimento demográfico:** 1,2% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 23,1%; **15-59:** 62,9%; **mais de 60:** 14% (1990). **Densidade (hab./km²):** 327,1 (1992). **Natalidade:** 17,8 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6,1 por 1.000; **mortalidade infantil:** 7,1 por 1.000 (1990). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 1,9 (1989). **Vida média homens:** 71; **mulheres:** 77 (1991). **Leitos hospitalares:** 1 por 101 hab. (1990); **médicos:** 1 por 573 hab. (1989). **Gastos com saúde:** 35% do orçamento (1991).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 7,5% (1982). **Alunos de 1º e 2º graus:** 99,3 mil (1991); **professores de 1º grau:** 2 mil (1988/89); **de 2º grau:** 2,7 mil (1986/87). **Alunos no ensino superior:** 2,7 mil (1988/89); **professores:** 40 (1986/87)

● **PREFEITO:** Jean-Claude Roure. **Legislativo:** Conselho Geral com 45 membros e Conselho Regional com 41 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 6 anos.

● **ECONOMIA:** o turismo é o setor principal. **Agricultura:** banana, cana-de-açúcar, abacate, lima, melão, abacaxi, tubérculos. **Pecuária:** ovinos, suínos, caprinos. **Pesca:** 3,4 mil t (1990). **Indústria:** processamento de açúcar e rum (principal), manufaturas de metal, química, madeireira, impressão, têxtil, refino de petróleo, cimento. **Exportações:** US$ 214,3 milhões; **produtos:** banana, rum, derivados de petróleo (1991). **Importações:** US$ 1,7 bilhão; **produtos:** maquinário e equipamentos de transporte, alimentos e animais vivos, manufaturados, químicos, petróleo bruto (1991). **Parceiros comerciais:** França, Alemanha, Itália, Japão, Grã-Bretanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco francês (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 4,78 (30/9/1992). **Renda:** US$ 311,1 milhões; **despesas:** US$ 311,1 milhões (1991). **Inflação:** 4,2% (1992). **Força de trabalho:** 164,9 mil (1990). **Desemprego:** 32,1% (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 1,7 mil km; 75% pavimentados (1988); **nº de veículos:** 142,6 mil; **automóveis:** 135,3 mil (1985). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Fort-de-France. **Linha aérea:** Air Martinique (vôos regionais e para Paris).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 6,1 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 8,1 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 2,9 hab. (1989). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 8,3 (1990).

HISTÓRIA

Descoberta por Cristóvão Colombo em 1493. **1635:** possessão francesa. **1790:** início das revoltas contra colonizadores. **1848:** abolição da escravatura. **1946:** passa a departamento de ultramar da França; substituição do governador por um comissário; criação do Conselho Geral a ser eleito pelo voto direto. **1974:** criação do Conselho Regional. **1982:** concessão de maior autonomia aos conselhos pelo pres. François Mitterrand. **1983:** Movimento Independentista Martiniquês fica com 3% dos votos nas eleições para o Conselho Regional (fev.). **1983 /84:** atentados provocados pela proscrita Aliança Revolucionária Caribenha. **1986:** eleição do primeiro representante de esquerda para o Senado francês. **1988:** coalizão de esquerda conquista 23 das 45 cadeiras no Conselho Geral. **1989:** nas eleições municipais, os partidos de centro-direita recebem 43,5% dos votos para o Parlamento europeu; os socialistas, 35,6%, com abstenção de 83,9%. **1991:** greve geral do funcionalismo durante a visita dos pres. François Mitterrand, da França, e George Bush, dos EUA. **1992:** os partidos de esquerda e os favoráveis à independência conseguem maioria nas eleições; Emile Capgras, do PC, é eleito pres. do Conselho Regional, e Claude Lise, do Partido Progressista, do Conselho Geral; num plebiscito, com abstenção de 75,5%, é ratificado o Tratado de Maastricht; plantadores protestam (nov.) contra a possibilidade de a unificação européia interferir na exportação de bananas para a França.

Mayotte

● **CONDIÇÃO:** território de ultramar da França. **Capital:** Dzaoudzi. **Habitante:** maiotense. **Língua:** francês (oficial). **Religião:** islamismo (sunitas, 97,2%); cristianismo, 2,4% (católicos, maioria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da África, noroeste de Madagascar. **Área:** 376 km². **Limites:** oceano Índico. **Características:** ilha vulcânica cercada por ilhotas coralíneas. **Ponto mais elevado:** 660 m. **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Cidades principais:** Mamoudzou (7.325 hab.); Dzaoudzi (5.425); Pamandzi (5.425); Sada (3.718); Choconi (3.152) (1985). **Hora local** (em relação a Brasília): +6h.

● **POPULAÇÃO:** 97.400 (est.1992); **urbana:** 59,7% (1985). **Composição demográfica:** comorenses, 96,9%; europeus, 2,5%; outros, 0,6% (1985). **Crescimento demográfico:** 3,8% (1991). **Faixas etárias: 0-19:** 61%; **20-59:** 35%; **mais de 60:** 4% (1990). **Densidade (hab./km²):** 261 (1992). **Natalidade:** 43,7 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 38 por 1.000 (1991). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 6,8 (1989). **Vida média homens:** 54; **mulheres:** 58 (1987). **Leitos hospitalares:** 1 por 514 (1982) hab.; **médicos:** 1 por 5,8 mil hab. (1980).

● **EDUCAÇÃO: Alunos de 1º e 2º graus:** 21,8 mil; **professores:** 510 (1989/90).

● **PREFEITO:** Jean-Jacques Debacq. **Legislativo:** Conselho Geral, com 17 membros eleitos por voto direto para mandatos de 3 anos.

● **ECONOMIA:** o setor agrícola é dominante. **Agricultura:** baunilha, ylang-ylang (ingrediente de perfumes), café, coco, arroz, mandioca, milho. **Pecuária:** caprinos, bovinos, ovinos. **Pesca:** 1,7 mil t (1989). **Indústria:** de construção. **Exportações:** US$ 6,9 milhões; **produtos:** óleo aromático, baunilha (1990). **Importações:** US$ 60,2 milhões; **produtos:** alimentos, maquinário e equipamentos de transporte, metais (1990). **Parceiros comerciais:** França, África do Sul, Tailândia, Reunião. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco francês (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 4,78 (30/9/1992). **Renda:** US$ 62,2 milhões; **despesas:** US$ 62,2 milhões (1992). **Força de trabalho:** 22,3 mil; **distribuição:** agricultura, 55%; indústria, 12,7%; comércio, 2,7%; serviços, 19,6%; outros, 10%; **mão-de-obra feminina:** 40,1% (1985). **Desemprego:** 8,8% (1985).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 230 km; 49% pavimentados (1984); **nº de veículos:** 658 (1991). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Longoni.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 2,7 hab. (1990). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 24 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 32 hab. (1988). **Jornal diário:** 1; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 160 (1988).

HISTÓRIA

Dominada pelos árabes descendentes de Shiraz, do séc. XVI ao início do séc. XX. **1943:** domínio francês. **1974:** decisão por plebiscito pela permanência como colônia das Ilhas Comores. **1975:** declaração de independência unilateral das Ilhas Comores; o território decide ficar sob o domínio francês. **1976:** adquire a condição de coletividade territorial da França. **1984:** adiado o referendo sobre a condição política. **1989:** usada como base militar após o assassinato do presidente das Ilhas Comores, Ahmed Abdallah; forças de segurança impedem o desembarque de 150 mil refugiados comorenses. **1990:** criada uma organização paramilitar com o objetivo de expulsar os imigrantes ilegais. **1991:** manifestações da Associação dos Jovens pelo Desenvolvimento, em Pamandzi, contra a má administração do pref. Soilih Ahmed, exigindo sua demissão imediata; a Assembléia Geral da ONU registra maioria de votos favoráveis à soberania das Ilhas Comores sobre o território. **1992:** aumentam os ataques a imigrantes comorenses residentes em Mayotte (jun.), o que faz com que o representante do Movimento Popular (MP) peça (set.), ao 1º-min. Pierre Bérégovoy, da França, a reintrodução de vistos para restringir a imigração de comorenses; o MP organiza o boicote ao plebiscito sobre o Tratado de Maastricht (out.); o gov. Jean-Paul Costes e vários altos funcionários são responsabilizados pela morte de seis pessoas (dez.), por terem autorizado a importação de um combustível perigoso vindo do Barein. **1993:** greve geral por aumento de salários culmina em um violento tumulto, com muitos feridos e presos, que exige a vinda de tropas de Reunião para restabelecer a ordem.

Montserrat

● **CONDIÇÃO:** colônia da Grã-Bretanha. **Capital:** Plymouth. **Habitante:** montserrano. **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo (anglicanos, católicos, metodistas).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudeste da América Central, sul de Anguilla. **Área:** 109 km². **Limites:** mar do Caribe. **Características:** ilhas vulcânicas montanhosas. **Ponto mais elevado:** pico Chance (914 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Cidade principal:** Plymouth (1.478 hab.) (1980). **Hora local** (em relação a Brasília): -1h.

● **POPULAÇÃO:** 11.900 (1987). **Crescimento demográfico:** 0,6% (1986). **Densidade (hab./km²):** 116,7 (1987). **Natalidade:** 16,8 por 1.000 (1986). **Mortalidade:** 10,3 por 1.000 (1986).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1º e 2º graus:** 2,4 mil (1990).

● **GOVERNADOR:** Frank Savage (desde fev. 1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia Legislativa, com 12 membros (7 eleitos por voto direto e 5 indicados).

● **ECONOMIA:** turismo, finanças, processamento de dados. **Agricultura:** lima, pimenta, tomate, algodão, madeira. **Pecuária:** aves, bovinos, caprinos. **Pesca:** 115 t (1990). **Indústria:** montagem de aparelhos eletrônicos, processamento de produtos agrícolas (algodão e frutas), engarrafamento de água, vestuário, sacolas plásticas. **Exportações:** US$ 1,6 milhão; **produto:** componentes eletrônicos (1986). **Importações:** US$ 31 milhões; **produtos:** maquinário e equipamentos de transporte, alimentos (1989). **Parceiros comerciais:** EUA, Grã-Bretanha, Canadá, Antígua e Barbuda, São Cristóvão e Névis. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e padrões britânicos. **Moeda:** dólar do Caribe (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 2,70 (31/12/1992). **Renda:** US$ 15,6 milhões; **despesas:** US$ 14,4 milhões (1991/92). **Inflação:** 9,2% (1991). **Dívida externa:** US$ 2,1 milhões (1987). **Força de trabalho:** 5,2 mil; **distribuição:** agricultura, 9,6%; indústria, 31%; comércio e serviços, 59,4% (1987). **Desemprego:** 2% (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 269 km; 75,4% pavimentados; **nº de veículos:** 2,7 mil; **automóveis:** 1,8 mil (1990). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Plymouth.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 6 mil (1990). **Emissoras de TV:** 2 a cabo; **receptores:** 2 mil (1990). **Linhas telefônicas:** 3 mil (1990). **Jornais:** 2 semanários (1990).

HISTÓRIA

Descoberta por Cristóvão Colombo (1493). **1632:** a colonização inglesa e irlandesa dizima os nativos. **1664:** cultivo da cana-de-açúcar com escravos africanos. **1783:** fim da disputa anglo-francesa pela posse da ilha: o Tratado de Versalhes assegura o domínio britânico. **1834:** abolição da escravatura. **1871 – 1956:** integração à Federação das Ilhas Sotavento; autonomia após dissolução de Sotavento. **1958 – 1962:** integração à Federação do Caribe. **1962 – 1970:** domínio político do 1º-min. William Bramble. **1978:** John Osborne elege-se 1º-ministro e luta pela independência. **1989:** destruição do porto, casas e plantações pelo furacão *Hugo;* os bancos *offshore* são acusados de lavar dinheiro ilícito; as operações financeiras são praticamente extintas. **1991:** Ruben Meade é o 1º-ministro; renúncia de Benjamim Chalmers, subchefe do Conselho Executivo; nova legislação permite o restabelecimento do centro financeiro *offshore*; abolição da pena de morte. **1992:** a investigação sistemática das operações bancárias feitas na ilha leva a Grã-Bretanha a fechar 90% dos bancos comerciais e *offshore*, envolvidos em transações ilegais e em lavagem de dinheiro do tráfico de drogas.

Niue

● **CONDIÇÃO:** estado associado à Nova Zelândia. **Capital:** Alofi. **Habitante:** niuense. **Língua:** niuano; inglês. **Religião:** cristianismo (protestantes, 75%).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Oceania, sudeste de Tonga. **Área:** 262 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** ilha coralínea plana e coberta de vegetação. **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Hora local** (em relação a Brasília): -9h.

● **POPULAÇÃO:** 2.239 (14.556 niuenses na Nova Zelândia) (1991). **Composição demográfica:** niuenses, 87,7%; polinésios, 4%; europeus, 3,9%; outros (principalmente samoanos e asiáticos), 4,4% (1986). **Densidade (hab./km²):** 8,5 (1991).

● **EDUCAÇÃO: Alunos de 1º e 2º graus:** 620; professores:

48 (1990). **Alunos no ensino superior:** 40 (1990). **Gastos:** 10,1% do orçamento (1988).

• **REPRESENTANTE DA NOVA ZELÂNDIA:** Kurt Meyer. **1°-ministro:** Frank F. Lui (9/3/1993). **Legislativo:** unicameral – Assembléia, com 20 membros (14 representantes das aldeias).

• **ECONOMIA:** agricultura e pecuária de subsistência. **Agricultura:** coco, tubérculos, maracujá, papaia, mel, mandioca, batata-doce. **Pecuária:** aves, suínos, bovinos. **Pesca:** 90 t (1990). **Indústria:** processamento de produtos agrícolas, artesanato. **Exportações:** US$ 70,3 mil; **produtos:** creme de coco, artesanato, bolas de futebol, frutas (lima) (1989). **Importações:** US$ 2,4 milhões; **produtos:** alimentos, manufaturados, máquinas industriais, combustíveis, químicos (1989). **Parceiro comercial:** Nova Zelândia. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dólar da Nova Zelândia (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,95 (31/12/1992). **Renda:** US$ 6,7 milhões; **despesas:** US$ 7 milhões (1990). **Ajuda financeira da metrópole:** 67,5% da receita (1990). **Inflação:** 5,5% (1988). **Força de trabalho (empregados):** 701; **distribuição:** agricultura, 6,4%; indústria, 9%; comércio, 8,3%; serviços, 71%; outros, 5,3% (1991).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 229 km (1990); **n° de veículos:** 6,6 mil (1983). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Alofi. **Linha aérea:** Niue Airways (vôos suspensos em 1992).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1,2 mil (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 300 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 389 hab. (1989). **Jornal:** 1 semanário (1990).

HISTÓRIA

Habitada por polinésios e descoberta por James Cook em 1774. **1830:** início da colonização européia, retardada em virtude da hostilidade dos nativos. **1900:** transformada em protetorado britânico. **1901:** anexação à Nova Zelândia como parte das Ilhas Cook. **1904:** administração independente. **1974:** concessão do status de Estado associado da Nova Zelândia, com governo próprio; Robert Rex é eleito 1°-min., permanecendo no cargo em eleições subseqüentes. **1981:** onda de imigração para a Nova Zelândia. **1989:** o auditor-geral critica o governo local por malversação de verbas. **1990:** eleições legislativas; dois ministros são demitidos por discordarem da política econômica; a Assembléia rejeita moção de desconfiança ao governo do 1°-min. Robert Rex. **1991:** anunciada redução de ajuda financeira neozelandesa. **1992:** visita do 1°-min. Robert Rex à Austrália, para estreitar relações com esse país; Rex morre e é substituído por Young Vivian, membro de seu gabinete. **1993:** Vivian é derrotado por seu colega de ministério Frank Lui, min. do Trabalho – que tem por objetivo continuar estimulando o turismo: Rex aumentara, em 1992, a freqüência dos vôos entre Niue e Auckland e projetara a construção de sessenta novos quartos de hotel.

Nova Caledônia

• **CONDIÇÃO:** território de ultramar da França. **Capital:** Numea. **Habitante:** neocaledônio. **Língua:** francês (oficial); línguas melanésias. **Religião:** cristianismo (católicos, 62,7%; protestantes); islamismo (minoria).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-sul da Oceania, leste da Austrália. **Área:** 19.103 km² **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** recifes de coral (litoral); montanhas (maior parte do território). **Ponto mais elevado:** monte Panjé (1.628 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Cidades principais:** Numea (65.110 hab.); Mont-Doré (16.370); Dumbéa (10.052); Païta (6.049) (1989). **Hora local** (em relação a Brasília): +14h.

• **POPULAÇÃO:** 174.000 (est. 1992); **urbana:** 59,4% (1989). **Composição demográfica:** melanésios, 44,8%; europeus, 33,6%; nativos de Wallis, 8,6%; indonésios, 3,2%; outros, 9,8% (1989). **Crescimento demográfico:** 1,7% (1989). **Faixas etárias: 0-14:** 32,6%; **15-59:** 60,4%; **mais de 60:** 7% (1989). **Densidade (hab./km²):** 9,2 (1992). **Natalidade:** 23,9 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 11,2 por 1.000 (1989). **Fertilidade (n° de filhos por mulher):** 3 (1989). **Vida média homens:** 66,5; **mulheres:** 71,8 (1989). **Leitos hospitalares:** 1 por 150 hab.; **médicos:** 1 por 776 hab. (1990).

• **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 42,1% (1989). **Alunos de 1° e 2° graus:** 21 mil; **professores:** 3,4 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 1,2 mil (1990); **professores:** 141 (1989).

• **ALTO COMISSÁRIO:** Alain Christnacht (desde 1991). **Legislativo:** unicameral – Congresso Territorial, com 54 membros (representantes eleitos das 3 Assembléias Provinciais), para mandatos de 6 anos.

• **ECONOMIA:** extração de níquel, turismo e pesca; **distribuição:** agricultura, 1,6%; indústria, 30,2%; mineração, 5,2%; comércio, 20,8%; serviços, 42,2% do PIB (1988). **Agricultura:** milho, mandioca, batata-doce, coco. **Pecuária:** aves, bovinos, suínos. **Pesca:** 4,8 mil t (1990). **Indústria:** materiais de construção, móveis, alimentícia (perecíveis e peixes conservados em sal). **Minerais:** níquel (a maior reserva do mundo), minério de cromo, cobalto, ferro, manganês, chumbo, zinco. **Exportações:** US$ 460,9 milhões; **produtos:** níquel, peixe (atum e camarão) (1990). **Importações:** US$ 912 milhões; **produtos:** combustíveis minerais, alimentos, maquinário e equipamentos de transporte (1990). **Parceiros comerciais:** França, Austrália, Alemanha, Japão, EUA. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco do Pacífico (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 86,95 (30/9/1992). **Renda:** US$ 592,9 milhões; **despesas:** US$ 592,9 milhões (1991). **Ajuda financeira da metrópole:** 2% da receita (1991). **Dívida externa:** US$ 313 milhões (1989). **Força de trabalho:** 65,9 mil; **distribuição:** agricultura, 11,8%; indústria, 16,2%; comércio, 14,3%; serviços, 41,9%; outros, 15,8%; **mão-de-obra feminina:** 37,5% (1989). **Desemprego:** 7,9% (1989).

• **DEFESA:** 4,8 mil soldados franceses (1992).

• **TRANSPORTES: Rodovias:** 5,8 mil km; 22% pavimentados (1989); **n° de veículos:** 68 mil; **automóveis:** 50 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Portos:** Numea, Nepoui. **Linhas aéreas:** Air Calédonie International (vôos internacionais); Air Calédonie (domésticos e regionais).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 4; **receptores:** 1 por 1,9 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 4,8 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 5,8 hab. (1990). **Jornal diário:** 1; **n° de exemplares por 1.000 hab.:** 106 (1991).

HISTÓRIA

Descoberta por James Cook em 1774. **1853:** transformada em colônia francesa como dependência do Taiti. **1949:** torna-se território francês de ultramar; colonizadores europeus tomam o poder dos canacas – nativos de origem melanésia –, provocando inúmeras rebeliões. **1963:** sobe o preço do níquel no mercado internacional; a prosperidade econômica favorece o surgimento de movimentos nacionalistas. **1985:** proposta de um plano de paz do 1°-min. Laurent Fabius divide o território em quatro regiões administrativas. **1987:** 98% da população opta em plebiscito boicotado pela Frente de Libertação canaca (FLNCS) pela permanência como possessão francesa. **1988:** assinado o Acordo de Matignon entre os líderes da FLNCS e da RPCR, patrocinado pelo governo francês, que concede anistia aos presos políticos e divide o território em três províncias administrativas. **1989:** assassinados Jean-Marie Tjibáu e Yeiuenê, principais líderes da FLNCS. **1990:** o presidente da FLNCS, Jacques Lafleur, vende ao governo parte de suas ações numa mina de níquel para facilitar a participação dos canacas na economia. **1991:** a FLNCS, de Paul Néaoutyine, rompe o Acordo de Matignon; a política de estímulo à imigração de trabalhadores qualificados franceses e

de outros países é causa de atrito entre a FLNCS e o Partido de União pela Caledônia Republicana (UPCR). **1992:** cem jovens canacas incendeiam o principal centro comercial de Numea, durante protesto contra o crescente aumento do desemprego juvenil entre a comunidade melanésia; um balneário é inaugurado na Província do Norte; é assinado acordo de exportação de produtos agrícolas com a Austrália e a Nova Zelândia (ago.); a Frente Unida de Libertação Canaca abandona a coalizão com a FLNCS e funda o Partido do Congresso do Povo Canaca, liderado por Yann Celene Uregei (set.); 34% do eleitorado comparece ao plebiscito sobre a ratificação do Tratado de Maastricht; 50,3% votam contra; Simon Loueckhote é eleito representante do território no Senado francês (set.). **1993:** Jacques Lafleur e M. Ténou-Pwataho, ambos do UPCR, são reeleitos para a Assembléia Nacional francesa (mar.).

Palau

● **CONDIÇÃO:** território tutelado pela ONU, administrado pelos EUA. **Capital:** Koror. **Habitante:** palauense. **Língua:** inglês (oficial); línguas locais. **Religião:** cristianismo (católicos e protestantes).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** nordeste da Oceania, sudoeste das Filipinas. **Área:** 488 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago com mais de 200 ilhas. **Clima:** equatorial. **Cidade principal:** Koror (10.486 hab.) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +12h.

● **POPULAÇÃO:** 15.105 (1990). **Densidade (hab./km²):** 29,7 (1990).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1° e 2° graus:** 2,7 mil (1990). **Alunos no ensino superior:** 305 (1986).

● **PRESIDENTE:** Kuniwo Nakamura (desde jan.1993). **Administrador:** Stella Guerra. **Legislativo:** bicameral – Senado, com 14 membros e Câmara dos Delegados, com 16 membros.

● **ECONOMIA:** turismo, venda de licenças para pesca. **Agricultura:** coco, mandioca, batata-doce. **Pesca:** 1,4 mil t (1990). **Exportações:** US$ 460 mil; **produtos:** atum, copra, artesanato (1984). **Importações:** US$ 288,2 milhões (1984). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar americano (dividido em 100 cents). **Dívida externa:** US$ 100 milhões (1989).

● **DEFESA:** os EUA respondem pela defesa da região.

● **TRANSPORTES: Rodovias governamentais:** 61 km; 59% pavimentados; **Ferrovias:** não há. **Porto:** Malakal Harbour. **Linha aérea:** Palau Paradise Air (vôos domésticos).

● **COMUNICAÇÕES: Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 4,3 mil (1990). **Emissoras de TV:** 2 (1 a cabo); **receptores:** 1,7 mil (1990). **Jornais:** 2 semanários.

HISTÓRIA

Explorada sob o controle espanhol a partir de 1500 até o fim do séc. XIX. **1850:** início da comercialização com companhias alemãs. **1899:** domínio alemão através da compra das ilhas Carolinas (das quais Palau faz parte) e Marianas do Norte. **1914:** ocupação japonesa. **1920:** concessão de mandato de administração ao Japão pela Liga das Nações. **1944/1945:** ocupação pelas forças militares americanas. **1947:** estabelecimento do Território Tutelado das Ilhas do Pacífico pela ONU, sob o domínio da Marinha americana. **1951:** o controle passa para a administração civil. **1965:** começam as negociações sobre o término da tutela. **1981:** criada a República de Palau. **1982:** assinado o Acordo de Livre Associação com os EUA, desfazendo-se o Território Tutelado das Ilhas do Pacífico; Palau torna-se a única a manter esse status. **1986:** os EUA pedem à ONU a extinção do mandato de tutela. **1990:** plebiscito mantém a tutela e recusa o direito de passar a Estado livre associado aos EUA. **1991:** o governador acusa os EUA pela má administração econômica e responsabiliza tropas americanas por danos causados ao arquipélago. **1992:** decide-se que as eleições presidenciais passarão a ser realizadas em dois turnos; Kuniwo Nakamura é eleito presidente (nov.) e, em plebiscito, é aprovada a medida que reduz de 75% para maioria simples os votos necessários para a aprovação de emenda constitucional; o min. de Estado John Ngiraked e sua esposa são indiciados pelo assassinato do pres. Hauro Ramelilk; em 1993: ambos são considerados culpados pelo crime (mar.); plebiscito (jul.) aprova a entrada em vigor do Tratado de Livre Associação com os EUA, até então não ratificado.

Polinésia Francesa

● **CONDIÇÃO:** território de ultramar da França. **Capital:** Papeete. **Habitante:** polinésio. **Língua:** francês e taiti (oficiais). **Religião:** cristianismo (protestantes, 46%; católicos, 39,4%; mórmons, 5%); ateus, 5%.

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da Oceania, sudeste de Kiribati. **Área:** 4.000 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago com ilhas montanhosas de origem vulcânica; correntes marítimas rápidas; recifes e lagos de coral. **Ponto mais elevado:** monte Orohena (2.237 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Cidades principais:** Papeete (23.555 hab. – aglomeração urbana: 103.857); Faaa (24.048); Punaauia (15.781); Pirae (13.366); Mahina (10.323) (1988). **Hora local** (em relação a Brasília): -7h.

● **POPULAÇÃO:** 206.000 (est.1992); **urbana:** 55% (1988). **Composição demográfica:** polinésios, 66,5%; mestiços, 18,4%; europeus (franceses principalmente), 10,5%; chineses, 4; outros, 0,6% (1989). **Crescimento demográfico:** 2,3% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 35,3%; **15-64:** 61,5%; **mais de 65:** 3,2% (1988). **Densidade (hab./km²):** 58,5 (1992). **Natalidade:** 27,4 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 4,6 por 1.000; **mortalidade infantil:** 10,4 por 1.000 (1990). **Fertilidade (n° de filhos por mulher):** 3,9 (1990). **Vida média homens:** 66,1; **mulheres:** 71,3 (1987/88). **Leitos hospitalares:** 1 por 174 hab.; **médicos:** 1 por 1,1 mil hab. (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1° e 2° graus:** 64,9 mil; **professores:** 3,8 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 701; **professores:** 70 (1988/89).

● **ALTO COMISSÁRIO:** Michel Jau (desde 1992). **1°-ministro:** Gaston Flosse. **Legislativo:** unicameral – Assembléia Territorial, com 44 membros eleitos por voto direto para mandatos de 5 anos.

● **ECONOMIA:** turismo, pesca (atum), cultivo de pérolas negras; **distribuição:** agricultura, 4,6%; indústria, 15,1%; comércio, 22,7%; serviços, 57,6% do PIB (1990). **Agricultura:** coco, verduras, frutas cítricas, abacaxi, baunilha, café. **Pecuária:** suínos, caprinos, bovinos. **Pesca:** 3 mil t (1990). **Indústria:** processamento de produtos agrícolas (óleo de coco, copra, cerveja, laticínios, essência de baunilha). **Exportações:** US$ 107,6 milhões; **produtos:** pérolas negras, óleo de coco (1990). **Importações:** US$ 964,4 milhões; **produtos:** maquinário e equipamentos de transporte, manufaturas básicas, alimentos (1990). **Parceiros comerciais:** França, EUA, Austrália, Nova Zelândia. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco do pacífico (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 86,95 (30/9/1992). **Renda:** US$ 732,1 milhões; **despesas:** US$ 690,4 milhões (1991). **Inflação:** 0,6% (1991). **Dívida externa:** US$ 433 milhões (1990). **Força de trabalho:** 65,2 mil; **distribuição:** agricultura, 11,3%; indústria, 14,6%; comércio, 18,6%; serviços, 50,5%; outros, 5%; **mão-de-obra feminina:** 36,6% (1988). **Desemprego:** 15% (1990).

● **DEFESA:** 4,7 mil soldados franceses (1992).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 792 km; 33% pavimentados (1991); **n° de veículos:** 52 mil; **automóveis:** 37 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Papeete (Taiti). **Linhas aéreas:** Air Tahiti (vôos domésticos e regionais); Air Moorea (domésticos).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 1 por 2,2 hab. (1991). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 7,6 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 4,2 hab. (1987). **Jornais diários:** 2; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 100 (1991).

HISTÓRIA

Descobertas pelo espanhol Álvaro de Mendaña (1595). **1767:** o inglês Samuel Wallis chega ao Taiti. **1842:** protetorado francês no Taiti. **1880:** colônia francesa; anexação gradual das ilhas no fim do séc. XIX. **1957:** território de ultramar, com administração em Papeete; eleitos o Conselho de Governo e a Assembléia Territorial. **1957 – 1982:** a Assembléia reivindica independência. **1984:** concessão de maior autonomia; o Conselho de Ministros substitui o Conselho de Governo; Gaston Flosse é eleito presidente. **1975 – 1989:** 110 testes nucleares no atol de Mururoa. **1989:** Alexandre Leontieff, pres. do Conselho de Ministros, exige indenização por esses testes; todos os partidos boicotam as eleições para o Parlamento europeu. **1990:** maior autonomia: ampliandos os poderes da Assembléia Territorial; criação de cinco conselhos consultivos; confirmada a manutenção dos testes nucleares. **1991:** Emile Vernaudou é o pres. da Assembléia Territorial; Gaston Flosse, o 1º-ministro; o aumento dos impostos, por provocar tumultos sociais, é cancelado; Flosse é acusado de desfalque e se afasta uma semana do governo; ruptura da coalizão Flosse/Vernaudou; formada nova coalizão com Jean Juventin, do Partido Pupu Here Aia Te. **1992:** suspensão, por um ano, dos testes nucleares em Mururoa; Flosse é condenado a seis meses de suspensão pela venda ilegal de terras do governo a um membro de sua família (abr.); a oposição pede a demissão do governo territorial e novas eleições; Juventin assume a presidência da Assembléia no lugar de Vernaudou; Juventin e Michel Leontieff, dep. na Assembléia Nacional francesa, são acusados de corrupção passiva em escândalo de irregularidades em construções turísticas (nov.). **1993:** acordo com a França para investimentos na educação (fev.); Flosse é reeleito dep. na Assembléia francesa (mar.).

Porto Rico

● **CONDIÇÃO:** Estado livre associado aos EUA. **Capital:** San Juan. **Habitante:** porto-riquenho. **Língua:** espanhol, inglês (oficiais). **Religião:** cristianismo (católicos, 85,3%; protestantes, 4,7%).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América Central. **Área:** 9.104 km². **Limites:** mar do Caribe. **Características:** região montanhosa (cordilheira central de L a O). **Clima:** tropical. **Cidades principais:** San Juan (437.700 hab.); Bayamón (220.300); Ponce (187.700); Carolina (177.800) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

● **POPULAÇÃO:** 3.581.000 (est.1992); **urbana:** 70,5% (1985). **Composição demográfica:** brancos, 80%; negros, 20% (1980). **Crescimento demográfico:** 1,1% (1990). **Faixas etárias: 0-14:** 31,6%; **15-59:** 57,2%; **mais de 60:** 11,2% (1980). **Densidade (hab./km²):** 393,3 (1992). **Natalidade:** 18,3 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 6,9 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 14,3 por 1.000 (1989). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,4 (1988). **Vida média homens:** 72,5; **mulheres:** 79,2 (1990/1995). **Leitos hospitalares:** 1 por 262 hab.; **médicos:** 1 por 433 hab. (1984). **Gastos com saúde:** 3,5% do orçamento (1989/90).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1º e 2º graus:** 797 mil; **professores:** 33,4 mil (1989/90). **Alunos no ensino superior:** 156,1 mil (1989/90). **Gastos:** 20,3% do orçamento (1989/90).

● **GOVERNADOR:** Pedro Rosselló (desde 2/1/1993). **Legislativo:** bicameral – Senado com 27 membros e Câmara dos Deputados com 53 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos.

● **ECONOMIA:** agricultura, 1,5%; indústria, 41,4%; comércio, 14,9%; serviços, 42,2% do PIB (1991). **Agricultura:** cana-de-açúcar, café, abacaxi, coco, cacau. **Pecuária:** aves, bovinos, suínos. **Pesca:** 2,1 mil t (1990). **Indústria:** farmacêutica, equipamentos elétrico e eletrônicos, petroquímica, alimentícia, têxtil, vestuário, bebidas (rum). **Minerais:** cobre e níquel (não explorados). **Exportações:** US$ 21,3 bilhões; **produtos:** químicos e farmacêuticos, equipamentos elétricos e eletrônicos, alimentos (1991). **Importações:** US$ 15,9 bilhões; **produtos:** químicos, alimentos, equipamentos elétricos, petróleo e derivados (1991). **Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Grã-Bretanha, Rep. Dominicana, Ilhas Virgens Americanas. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal e unidades locais. **Moeda:** dólar americano (dividido em 100 cents). **Renda:** US$ 5,9 bilhões; **despesas:** US$ 5,6 bilhões (1992). **Inflação:** 4,5% (1980–1987). **Força de trabalho:** 1,1 milhão; **distribuição:** agricultura, 2,9%; indústria, 20,5%; comércio, 16,9%; serviços, 44,5%; outros, 15,2% (1991); **mão-de-obra feminina:** 37,1% (1990). **Desemprego:** 15,2% (1991).

● **DEFESA:** os EUA respondem pela defesa do território.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 4 mil km; 87% pavimentados (1986); **nº de veículos:** 1,5 milhão; **automóveis:** 1,3 milhão (1989/90). **Ferrovias:** 96 km particulares para o transporte de açúcar. **Portos:** San Juan, Ponce, Mayagüez.

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 105; **receptores:** 1 por 1,8 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 10; **receptores:** 1 por 4,4 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 4,3 hab. (1985). **Jornais diários:** 4; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 133 (1991).

HISTÓRIA

Descoberto por Cristóvão Colombo em 1493. **1509:** início da colonização espanhola. **1898:** cedido aos EUA com o fim da guerra hispano-americana. **1917:** concedido o direito à cidadania americana. **1947:** eleição do primeiro governador. **1952:** promulgação da Constituição; transformado em Estado livre associado aos EUA. **1967:** plebiscito aprova a manutenção do status atual. **1980/81:** onda de atentados contra instalações americanas provocada pelo desemprego e pela recessão praticada pelos separatistas. **1989:** os estragos provocados pelo furacão *Hugo* prejudicam o turismo. **1991:** o inglês deixa de ser considerado língua oficial por decisão do Congresso local; reafirmado o direito de autonomia através de resolução do Comitê de Descolonização da ONU; rejeição, em plebiscito, da Carta dos Direitos Democráticos proposta por Hernández Colón, que garante cidadania americana aos porto-riquenhos; diante disso, Hernández renuncia à liderança do Partido Popular Democrático. **1992:** Pedro Rossello é eleito governador e Carlos Romero-Barcelo, representante na Câmara dos Representantes nos EUA (nov.); o novo governo põe em prática um programa de reformas e melhorias na saúde pública, no sistema de educação e na força policial interna. **1993:** o inglês recebe status de língua oficial ao lado do espanhol; em plebiscito (nov.), os habitantes votam pela manutenção do status de livre associação aos EUA; durante todo o ano são feitas críticas a dois fatores que afetarão a economia do território: a eliminação da Seção 936, que oferece incentivos fiscais às empresas americanas estabelecidas no território; e a entrada em vigor do NAFTA (o mercado comum EUA/Canadá/México), pois a mão-de-obra mexicana é até quatro vezes mais barata que a do território; afirma-se que a indústria têxtil, a de calçados e a pesca do atum serão os setores mais atingidos.

Reunião

● **CONDIÇÃO:** território de ultramar da França. **Capital:** Saint-Denis. **Habitante:** reunionense. **Língua:** francês (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, 91,2%); islamismo (minoria).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** oceano Índico; sudeste da África. **Área:** 2.592 km². **Limites:** oceano Índico. **Características:** ilha montanhosa de origem vulcânica. **Ponto mais**

elevado: Piton de Neiges (3.069 m). **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Rio principal:** Mât. **Cidades principais:** Saint-Denis (100.926 hab.); Le Port (29.190); Le Tampon (27.300); Saint-André (25.237); Saint-Pierre (23.899) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): +7h.

● **POPULAÇÃO:** 623.000 (est.1992); **urbana:** 73,4% (1990). **Composição demográfica:** mestiços, 63,5%; indianos, 28,2%; chineses, 2,2%; franceses, 1,9%; africanos do leste, 1,1%; outros, 3,1% (1983). **Crescimento demográfico:** 1,8% (1990). **Faixas etárias:** 0-14: 31,3%; 15-59: 60,6%; mais de 60: 8,1% (1990). **Densidade (hab./km²):** 248 (1992). **Natalidade:** 23,5 por 1.000 (1990). **Mortalidade:** 5,4 por 1.000 (1990); **mortalidade infantil:** 12 por 1.000 (1990–1995). **Fertilidade (nº de filhos por mulher):** 2,6 (1990). **Vida média homens:** 69; **mulheres:** 78,3 (1990). **Leitos hospitalares:** 1 por 184 hab.; **médicos:** 1 por 638 hab. (1990).

● **EDUCAÇÃO:** **Alunos de 1º e 2º graus:** 160,6 mil (1992/93); **professores de 1º grau:** 3,9 mil (1986); **de 2º grau:** 5,2 mil (1990/91). **Alunos no ensino superior:** 4,6 mil; **professores:** 137 (1990/91).

● **PREFEITO:** Hubert Fournier. **Legislativo:** Conselho Geral com 47 membros e Conselho Regional com 45 membros, eleitos por voto direto para mandatos de 6 anos.

● **ECONOMIA:** serviços (setor público e turismo); pesca; **distribuição:** agricultura, 8,8%; indústria, 17,7%; comércio e serviços, 73,5% do PIB (1988). **Agricultura:** cana-de-açúcar, milho, tabaco, baunilha, raízes de genânio e vetiver. **Pecuária:** aves, suínos, caprinos. **Pesca:** 2,3 mil t (1991). **Indústria:** processamento de cana-de-açúcar (principal); materiais de construção, mecânica, impressão, metalúrgica, têxtil, vestuário, eletrônica. **Exportações:** US$ 146,2 milhões; **produtos:** açúcar, rum, óleo (1991). **Importações:** US$ 2,1 bilhões; **produtos:** alimentos, maquinário elétrico e equipamentos de transporte (1991). **Parceiros comerciais:** França, Itália, Barein, Alemanha, Japão, África do Sul. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco francês (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 4,78 (30/9/1992). **Renda:** US$ 669,8 milhões; **despesas:** US$ 669,8 milhões (1991). **Inflação:** 4,1% (1991). **Dívida externa:** US$ 63 milhões (1989). **Força de trabalho:** 233,6 mil; **distribuição:** agricultura, 4,8%; indústria, 12%; comércio e serviços, 45,8%; outros, 37,4%; **mão-de-obra feminina:** 41,1% (1990). **Desemprego:** 37% (1992).

● **DEFESA:** 3,4 mil soldados franceses (1992).

● **TRANSPORTES:** **Rodovias:** 2,7 mil km. **nº de veículos:** 195 mil; **automóveis:** 145 mil (1990). **Ferrovias:** 614 km (1984). **Porto:** Port de la Pointe Galets (dividido em Port Ouest e Port Est). **Linhas aéreas:** Air Austral (vôos regionais); Air Outre-Mer (apenas para Paris).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais e privadas. **Emissoras de rádio:** 3; **receptores:** 1 por 4,1 hab. (1991). **Emissoras de TV:** 8; **receptores:** 1 por 6,8 hab. (1991). **Linhas telefônicas:** 1 por 3,7 hab. (1990). **Jornais diários:** 3; **nº de exemplares por 1.000 hab.:** 98 (1990).

HISTÓRIA

Descoberta pelo navegador português Diogo Fernandes Pereira, em 1507. **1642:** transformada em possessão francesa, com o nome de Ilha de Bourbon. **1665:** chegada dos primeiros colonizadores. **1719:** transformada em possessão da Companhia Francesa das Índias Orientais. **1767:** retorno ao domínio da Coroa francesa. **1793:** passa a chamar-se Reunião. **1810 – 1815:** ocupação britânica. **1848:** abolição da escravatura; imigração de indianos e chineses para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar. **1946:** transformada em departamento de ultramar da França. **1980:** ciclone estraga plantações e provoca quarenta mortes (jan.). **1982:** protestos da população contra a proposta de descentralização política do governo francês. **1989:** greve dos plantadores de cana e choque com a polícia em conseqüência dos prejuízos provocados por um ciclone em jan.; o governo anuncia um plano para compensar as perdas. **1990:** protestos contra o governo pelo anúncio da suspensão da emissora de rádio e TV Free-DOM, dirigida à população de baixa renda; o Conselho Geral e o Comitê Econômico e Social apresentam propostas para minorar o atraso socioeconômico. **1991:** o governo francês adota medidas econômicas e sociais visando a reduzir o desemprego; a região recebe 46% dos fundos europeus destinados aos territórios e dependências franceses; o Conselho Superior de Audiovisual francês é contra a concessão de registro à TV Free-DOM. **1992:** Camile Sudre, pres. da TV Free-DOM, é eleito pres. do Conselho Regional e ordena o reinício das transmissões mesmo sem a permissão do Conselho Superior de Audiovisual; uma delegação do Conselho Regional encontra-se com o pres. François Mitterrand (jun.), propondo-lhe várias reformas econômicas a serem adotadas no território; mas os benefícios sociais anunciados pelo governo francês (jul.) causam descontentamento geral por parecerem insuficientes; diante disso, o governo concorda em seguir o programa econômico formulado pelo Conselho (set.); o território se recusa a participar do plebiscito sobre a ratificação do Tratado de Maastricht (set.), em protesto contra a incapacidade do governo francês em reconhecer as necessidades de seus departamentos de ultramar; Michel Boyer e Pierre Lagourne são eleitos para o Senado francês (set./out.); membros do Conselho Geral, entre os quais o senador Boyer, são acusados de desviar dinheiro público através de contratos fraudulentos (out.); o governo francês nomeia uma comissão especial para investigar essas acusações (nov.). **1993:** as decisões de Sudre relacionadas com a TV, levam o Conselho de Estado a invalidar sua eleição para o Conselho Regional e a impedi-lo de candidatar-se para outros cargos públicos durante um ano (jan.); mesmo assim, os candidatos do movimento Free-DOM, liderados por sua mulher, Margie Sudre, ganham as eleições regionais (fev.); o governo francês oferece incentivos financeiros a empresas voltadas para a exportação e permite a criação de uma zona franca em Reunião (mar.).

Saara Ocidental

● **CONDIÇÃO:** território em litígio entre o Marrocos e a Frente Polisário de Libertação. **Capital:** El Aiún. **Habitante:** saarauís ou saariano. **Língua:** árabe. **Religião:** islamismo.

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** noroeste da África. **Área:** 305.240 km². **Limites:** Marrocos (N); Mauritânia (L e S); oceano Atlântico (O). **Características:** desertos (maior parte do território). **Clima:** árido tropical. **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

● **POPULAÇÃO:** 163.868 (1982). **Densidade (hab./km²):** 0,5 (1982).

● **ECONOMIA:** pesca, agricultura de subsistência, mineração. **Mineral:** fosfato.

HISTÓRIA

Transformado em possessão espanhola, em 1491. **1912:** tratado franco-espanhol estabelece as fronteiras. **1957:** recuo do Exército espanhol diante das forças saarauís e marroquinas. **1958:** passa para o controle espanhol após acordo diplomático com o Marrocos. **1973:** criação da Frente Polisário. **1975:** a Corte Internacional de Justiça se pronuncia a favor da emancipação; com o Acordo de Madri, a Espanha cede o norte e o centro do Saara Ocid. ao Marrocos e o sul à Mauritânia; a Frente Polisário inicia a guerra pela independência do Saara (dez.). **1976:** a Frente Polisário proclama a República Árabe Democrática do Saara (RADS). **1979/80:** a Mauritânia desiste de sua parte, que é anexada pelo Marrocos. **1981:** início da construção do primeiro dos seis muros de proteção do Saara contra os ataques da Frente Polisário. **1984:** a RADS é reconhecida pela Organização da Unidade Africana. **1988:** a ONU propõe um cessar-fogo e um

plebiscito sobre a emancipação. **1991:** plano de paz da ONU impõe cessar-fogo ao Marrocos e à Frente Polisário; o plebiscito sobre a anexação ou a emancipação do território é marcado para jan. de 1992; fica decidido que o eleitorado será definido com base no censo espanhol de 1974. **1992:** o plebiscito é prorrogado porque não há acordo sobre sua base eleitoral: a RADS acusa o Marrocos de estar enviando colonos para o território de modo a aumentar artificialmente o número de pessoas favoráveis à anexação; a tensão aumenta com a inclusão do território nas eleições gerais do Marrocos e com a repressão do governo às demonstrações populares. **1993:** o Conselho de Segurança da ONU aprova, para o fim do ano, a realização do plebiscito sobre a independência ou a anexação do território ao Marrocos (mar.); o sec.-geral da ONU, Butros-Gali, é encarregado de entregar, até o fim de mai., relatório propondo uma solução para o impasse sobre a base eleitoral a ser usada nesse plebiscito; a Anistia Internacional denuncia o rompimento do acordo de cessar-fogo e violações dos direitos humanos por parte tanto dos marroquinos quanto da Frente Polisário.

Saint-Pierre e Miquelon

● **CONDIÇÃO:** departamento de ultramar da França. **Capital:** Saint-Pierre. **Língua:** francês (oficial). **Religião:** cristianismo (católicos, 98,3%).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** leste da América do Norte, sudeste do Canadá. **Área:** 242 km². **Limites:** oceano Atlântico. **Características:** arquipélago formado por ilhotas planas e de origem vulcânica. **Ponto mais elevado:** 240 m. **Clima:** temperado continental. **Grupos de ilhas:** Saint-Pierre (5.392 hab.); Miquelon-Langlade (709) (1990). **Hora local** (em relação a Brasília): -2h.

● **POPULAÇÃO:** 6.300 (est. 1992). **Composição demográfica:** franceses, 98,4%; outros, 1,6% (1989). **Crescimento demográfico:** 0,6% (1991). **Faixas etárias: 0-19:** 30,1%; **20-59:** 56,6%; **mais de 60:** 13,1% (1990). **Densidade (hab./km²):** 26 (1992). **Natalidade:** 13 por 1.000 (1991). **Mortalidade:** 7 por 1.000 (1991); **mortalidade infantil:** 12,3 por 1.000 (1983). **Leitos hospitalares:** 1 por 62 hab.; **médicos:** 1 por 515 hab. (1988).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Analfabetos:** 0,5% (1985). **Alunos de 1° e 2° graus:** 1,5 mil (1991); **professores:** 105 (1987).

● **PREFEITO:** Yves Henry. **Legislativo:** Conselho Geral, com 19 membros (15 representantes de Saint Pierre e 4 de Miquelon), eleitos por voto direto para mandatos de 6 anos.

● **ECONOMIA:** pesca (principalmente a de arrasto) e indústria pesqueira, reabastecimento de embarcações. **Pesca:** 13,2 mil t (1990). **Indústria:** processamento de pescados (congelados, em conserva, ração animal). **Exportações:** US$ 30,3 milhões; **produto:** pescados (1991). **Importações:** US$ 81,3 milhões; **produtos:** combustíveis, materiais de construção, vestuário, bens de consumo (1991). **Parceiros comerciais:** Canadá, França, EUA, Espanha. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** franco francês (dividido em 100 cêntimos); **cotação para 1 US$:** 4,78 (30/9/1992). **Renda:** US$ 31,2 milhões; **despesas:** US$ 31,2 milhões (1992). **Inflação:** 3,6% (1991). **Força de trabalho:** 3 mil; **distribuição:** agricultura, 4,3%; indústria, 20,8%; comércio, 2,1%; serviços, 55%; outros, 17,8%; **Desemprego:** 12% (1990).

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 120 km; 42% pavimentados (1988); **n° de veículos:** 2,7 mil; **automóveis:** 1,9 mil (1988). **Ferrovias:** não há. **Linhas aéreas:** Air Saint-Pierre, Provincial Airways (vôos regionais).

● **COMUNICAÇÕES: Emissoras de rádio:** 2; **receptores:** 1 por 2,1 hab. (1990). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 1 por 3,2 hab. (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 1,4 hab. (1989). **Jornal:** 1 semanário.

HISTÓRIA

Descobertas em 1520 pelo navegador português José Álvares Fagundes. **1604:** ocupação do litoral por pescadores franceses. **1713 – 1814:** ocupação britânica em quatro períodos; concedida a posse definitiva à França pelo Tratado de Paris. **1946:** fechado um acordo de pesca com o Canadá. **1976:** transformadas em Departamento Francês de Ultramar; início de disputas entre França e Canadá pelos limites das águas territoriais. **1985:** transformadas em Coletividade Territorial da França. **1989:** acordo entre os governos francês e canadense estabelece os direitos de pesca na região até 1991. **1992:** as autoridades francesas protestam (jun.) contra o Tribunal Internacional de Arbitragem, que definiu em 2.537 milhas marítimas quadradas a zona econômica exclusiva do território; alegam que a área concedida é insuficiente e prejudicará a indústria pesqueira; funcionários franceses e canadenses negociaram novas cotas de pesca para a área de Newfoundland (jul.).

Samoa Americana

● **CONDIÇÃO:** território não incorporado dos EUA. **Capital:** Pago-Pago. **Habitante:** samoano. **Língua:** inglês e samoano. **Religião:** cristianismo (congregacionistas, 50%; católicos, 20%).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-leste da Oceania, nordeste de Fiji. **Área:** 194,8 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago com 7 ilhas: Aunuu, Ogu, Olosega, Rose, Swains, Tau e Tutuila. **Clima:** tropical com chuvas de verão. **Cidade principal:** Pago-Pago (3.075 hab.) (1980). **Hora local** (em relação a Brasília): -10h.

● **POPULAÇÃO:** 46.800 (1990). **Crescimento demográfico:** 1,8% (1980/1991). **Densidade (hab./km²):** 240,2 (1990). **Natalidade:** 38,2 por 1.000 (1989). **Mortalidade:** 3,8 por 1.000 (1989). **Gastos com saúde:** 16,4% do orçamento (1988/89).

● **EDUCAÇÃO:** pública e particular. **Alunos de 1° e 2° graus:** 1,6 mil; **professores:** 683 (1989). **Alunos no ensino superior:** 1 mil (1989). **Gastos:** 25,3% do orçamento (1988/89).

● **GOVERNADOR:** A.P. Lutali (desde nov. /1992). **Legislativo:** bicameral – Senado, com 18 membros eleitos por chefes tribais (Matai) e Câmara dos Representantes, com 20 membros eleitos por voto direto para mandatos de 4 e de 2 anos, respectivamente.

● **ECONOMIA:** a indústria de processamento de pescados controla o nível de salários e emprega 1/3 da população. **Agricultura:** coco, banana, mandioca, abacaxi, fruta-pão. **Pecuária:** aves, suínos, eqüinos. **Pesca:** 100 t (1990). **Indústria:** processamento de pescados (atum enlatado), artesanato, laticínios. **Exportações:** US$ 307,5 milhões; **produto:** atum enlatado (1989). **Importações:** US$ 168,7 milhões; **produtos:** alimentos, bebidas, tabaco, combustíveis minerais, materiais de construção, têxteis, vestuário (1989). **Parceiros comerciais:** EUA, Austrália, Japão, Nova Zelândia. **Pesos e medidas:** padrões britânicos. **Moeda:** dólar americano (dividido em 100 cents). **Renda:** US$ 112,6 milhões; **despesas:** US$ 120,1 milhões (1989). **Ajuda financeira da metrópole:** 18,2% da receita (1989). **Inflação:** 2,7% (1988). **Força de trabalho:** 24,3 mil; **distribuição:** pesca e processamento de atum, 32%; setor público, 31,1%; outros, 36,9% (1989). **Desemprego:** 10,1% (1989).

● **DEFESA:** os EUA respondem pela defesa da região.

● **TRANSPORTES: Rodovias:** 350 km; 75% pavimentados; **n° de veículos:** 5,1 mil; **automóveis:** 4,1 mil (1989). **Ferrovias:** não há. **Porto:** Pago-Pago. **Linha aérea:** Samoa Air (vôos regionais).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 47 mil (1990). **Emissora de TV:** 1; **receptores:** 9 mil (1990). **Linhas telefônicas:** 1 por 8,3 mil (1989). **Jornal diário:** 1 (1988).

HISTÓRIA

Ocupadas por navegadores holandeses em 1722. **1830:** chegada dos missionários ingleses. **1878:** o reino de Samoa concede aos EUA o direito de fundar uma base naval em Pago-Pago. **1899:** os alemães assumem o controle da porção ocidental, atualmente independente (Samoa Ocidental). **1904:** os chefes da região leste cedem suas terras aos EUA. **1922:** a parte oriental é transformada em território não incorporado dos EUA. **1977:** Peter Coleman é eleito governador. **1978:** Coleman assume o governo. **1980 – 1988:** Coleman é reeleito. **1990:** um ciclone provoca sérios prejuízos à economia; restrições ao poder de veto do governador sobre o Legislativo são derrubadas em plebiscito; Coleman defende a independência do território.

Santa Helena

• **CONDIÇÃO:** colônia da Grã-Bretanha. **Capital:** Jamestown. **Habitante:** helenense. **Língua:** inglês (oficial). **Religião:** cristianismo (anglicanos, maioria).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** sudoeste da África, oeste de Angola. **Área:** 122 km². **Limites:** oceano Atlântico. **Características:** duas dependências: ilhas de Ascensão e Tristão da Cunha; território rochoso; fauna e flora escassas. **Ponto mais elevado:** pico de Diana (820 m). **Clima:** tropical semi-árido. **Cidade principal:** Jamestown (1.413 hab.) (Santa Helena, 1987). **Hora local** (em relação a Brasília): +3h.

• **POPULAÇÃO:** Santa Helena: 5.644 (1987); Ascensão e Tristão da Cunha: 1.396 (exclui militares) (1991). **Densidade (hab./km²):** 46,3 (Santa Helena, 1992).

• **GOVERNADOR:** Alan Hoole. **Administradores:** Brian N. Connelly (Ascensão); Bernard E. Pauncefort (Tristão da Cunha). **Legislativo:** unicameral – Conselho legislativo, com 16 membros (12 eleitos por voto direto, 3 ex-officio e o relator).

• **ECONOMIA:** Santa Helena: pesca, criação de gado e artesanato; Ascensão: comunicações (é a maior estação de transmissão a cabo entre o sul da África e a Europa); Tristão da Cunha: pesca de crayfish (espécie de lagosta), venda de selos e artesanato. **Pecuária:** aves, caprinos, bovinos. **Pesca:** 1 mil t (1989). **Exportações:** US$ 124,2 mil; **produtos:** peixe, café (1989/90). **Importações:** US$ 8,9 milhões; **produtos:** alimentos e bebidas, tabaco, combustíveis (1989/90). **Moeda:** libra de Santa Helena (dividida em 100 pence); **cotação para 1 US$:** 66,01 (31/12/1992). **Renda:** Santa Helena: US$ 9,8 milhões (1990); Ascensão: US$ 560,1 mil (1991); Tristão da Cunha: US$ 1 milhão (1990/91); **despesas:** Santa Helena: US$ 15,1 milhões (1990); Ascensão: US$ 679,8 mil (1991); Tristão da Cunha: US$ 933,2 mil (1990/91). **Ajuda financeira da metrópole:** Santa Helena: US$ 18,8% da receita (1991).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1; **receptores:** 2,5 mil (1990). **Emissoras de TV:** não há. **Jornal:** 1 semanário.

HISTÓRIA

Descoberta pelo português João da Nova Castella (1502). **1633:** anexação à Holanda. **1673:** governo da Companhia Inglesa das Índias Orientais. **1815 – 1821:** abrigo de Napoleão Bonaparte no exílio. **1833:** cedida à Inglaterra. **1967:** Constituição própria. **1980:** vitória do Partido Progressista nas eleições para o Conselho Legislativo. **1989:** nova Constituição. **1990–1992:** estudos sobre a flora da ilha, em que há quarenta espécimes desconhecidos no resto do mundo; a maior parte da mão-de-obra local procura emprego em Ascensão,onde há a maior estação de transmissão a cabo entre o sul da África e a Europa e uma base para mísseis norte-americanos.

Svalbard

• **CONDIÇÃO:** território da Noruega. **Capital:** Longyearbyen. **Habitante:** svalbardense. **Língua:** norueguês. **Religião:** cristianismo (luteranos, maioria).

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** norte da Europa, norte da Noruega. **Área:** 62.294 km². **Limites:** oceano Ártico. **Características:** arquipélago com 9 ilhas; geleiras (60% da superfície). **Clima:** subpolar. **Hora local** (em relação a Brasília): +4h.

• **POPULAÇÃO:** 3.116 (1992). **Composição demográfica:** russos, 62,9%; noruegueses, 36,8%; poloneses, 0,3% (1992). **Densidade (hab./km²):** 0,05 (1992).

• **GOVERNADOR:** Odd Emil Blomdal.

• **ECONOMIA:** extração de carvão, venda de licenças para pesca. **Minerais:** carvão, fosfato, asbestos, minério de ferro, amianto, calcário. **Moeda:** coroa norueguesa (dividida em 100 ore); **cotação para 1 US$:** 6,92 (31/12/1992). **Renda:** US$ 10,6 milhões; **despesas:** US$ 10,6 milhões (1993). **Ajuda financeira da metrópole:** 75,3% da receita (1993).

• **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissora de rádio:** 1. **Emissora de TV:** 1.

HISTÓRIA

Descoberta em 1194 pelos vikings e disputada pela Noruega, Inglaterra e Holanda nos séc. XVII e XVIII, devido ao grande número de baleias em seu litoral. **1920:** reconhecimento da soberania da Noruega; garantidos os direitos internacionais de exploração econômica; proibida a utilização do arquipélago para fins bélicos; transformação de uma parte em condomínio soviético-norueguês. **1925:** incorporação ao reino da Noruega, que nomeia um governador local. **1941:** retirada da população pelos aliados. **1945:** retorno da população. **1977:** a zona de proteção à pesca estabelecida pela Noruega não é reconhecida pela URSS. **1989:** os noruegueses rejeitam a proposta soviética de acordo sobre os direitos à área. **1991:** duas companhias norueguesas iniciam a exploração experimental de um poço de petróleo. **1992:** 61% do orçamento passam a ser subsidiados pela Noruega; 55% do carvão ali consumido têm de ser importados da Rússia; 166 expedições turísticas e 33 missões científicas visitam o território. **1993:** sobe para 75% a porcentagem do orçamento que tem de ser subsidiada pela Noruega.

Tibete

• **CONDIÇÃO:** território anexado ilegalmente pela China. **Capital:** Lhasa. **Habitante:** tibetano. **Língua:** tibetano, chinês. **Religião:** budismo tibetano.

• **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro da Ásia; sudoeste da China. **Área:** 1.228.000 km². **Limites:** China (N, L); Índia (O, S); Nepal e Butão (S); Mianmá (SE). **Características:** planalto de altitude média 4.000 m (maior parte do território); cadeia do Himalaia (S). **Clima:** de montanha. **Cidade principal:** Lhasa (105.000 hab.) (1982). **Hora local** (em relação a Brasília): +11h.

• **POPULAÇÃO:** 2.196.000 (1990). **Densidade (hab./km²):** 2 (1990).

• **ECONOMIA:** agricultura, pecuária. **Agricultura:** arroz, trigo, ervilha, colza. **Minerais:** cromo, ferro, cobre, chumbo, zinco, sal.

HISTÓRIA

Séc. VII: dominação dos lamas budistas. **1289 – 1368:** domínio mongol. **Séc. XVIII:** controle mandchu. **1950:** ocupação do Exército chinês. **1959:** fracasso da revolta contra a ocupação; fuga de Tenzin Gyatso, o dalai-lama, líder político e religioso, para a Índia com 100 mil partidários. **1965:** transformação em região autônoma da China. **1987:**

conflitos violentos entre partidários da independência e chineses. **1989:** imposição da Lei Marcial; outorga ao dalai-lama do prêmio Nobel da Paz. **1990:** suspensão da Lei Marcial. **1991:** novos protestos contra a presença chinesa; o dalai-lama propõe que seja concedida autonomia interna à região, o que é recusado pelo governo chinês. **1992:** a Anistia Internacional acusa a China de violações dos direitos humanos; as autoridades chinesas anunciam o processo de modernização e de abertura do território a investimentos estrangeiros, a permissão para o funcionamento de linhas aéreas, o direito aos estrangeiros de comprar o uso da terra e o desenvolvimento do turismo. **1993:** o pres. Bill Clinton, dos EUA, encontra-se com o dalai-lama (fev.) e manifesta solidariedade à proteção da identidade cultural e dos direitos humanos tibetanos; mas reafirma o reconhecimento americano da soberania chinesa sobre o território; autoridades chinesas concordam em conversar sobre a situação do território com o dalai (jun.), mas continuam fechadas a qualquer negociação que passe pela independência do território; o dalai anuncia (ago.) que concentrará esforços na obtenção da autonomia política e abdica da luta pela independência total do Tibete, por considerar ser esta a única maneira de impedir o extermínio da cultura de seu povo; durante o ano, são registrados vários confrontos entre tibetanos e oficiais chineses: o maior deles ocorre no dia seguinte à comemoração chinesa dos 42 anos de domínio sobre o Tibete e envolve cerca de 2 mil tibetanos.

Timor

● **CONDIÇÃO:** território anexado ilegalmente pela Indonésia. **Capital:** Dili. **Habitante:** timorense. **Língua:** tetum.

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Oceania; norte da Austrália. **Área:** 14.874 km². **Limites:** oceano Índico. **Características:** cadeia montanhosa (centro). **Clima:** equatorial. **Hora local** (em relação a Brasília): +11h.

● **POPULAÇÃO:** 714.847 (est.1989). **Densidade (hab./km²):** 48,1 (1989).

● **GOVERNADOR:** Mário Vargas Carrascalao.

● **ECONOMIA:** agropecuária. **Agricultura:** milho, arroz, café.

HISTÓRIA

Colonizada pelos portugueses a partir de 1586. **1859:** a parte oeste fica com a Holanda e a leste com Portugal. **1954:** a parte ocidental fica sob o controle de Jacarta. **1975:** ; o acordo de Macau, que prevê a independência para 1978, é rejeitado pelos autonomistas; a Indonésia, alegando proteger seus cidadão residentes nessa parte da ilha, a invade e anexa com o nome de Loro Sae; morrem cerca de 200 mil pessoas em confrontos entre a Frente Timorense de Libertação Nacional (Fretilin) e as Forças Armadas da Indonésia, durante a anexação. **1976:** o Conselho Representativo, manipulado por Jacarta, pede a integração definitiva à Indonésia. **1983:** reconhecimento da autonomia pela ONU. **1984:** crise econômica provoca fome e doenças. **1985:** repressão aos membros da Fretilin após a anexação pela Indonésia ser reconhecida pela Austrália. **1989:** violentos protestos contra o governo indonésio durante a visita do papa à capital. **1990:** repressão militar a protestos contra a visita do emb. americano. **1991:** repressão militar a uma demonstração pacífica durante o funeral de um militante separatista; a comissão nacional de investigação nomeada pelo governo denuncia a morte de cinqüenta civis e o desaparecimento de outros noventa. **1992:** Abílio Soares é indicado governador; a Anistia Internacional denuncia a tortura e prisão de centenas de militantes separatistas no primeiro aniversário do massacre; prisão do líder da Fretilin, Xanana Gusmão (nov.), logo substituído por Antonio Gomes Costa; Xanana retira publicamente sua oposição ao governo indonésio, convocando os guerrilheiros a se renderem; Gomes Costa acusa Jacarta de ter obtido essa declaração por meio de tortura; afirmando que os timorenses são favoráveis à anexação do território pela Indonésia, Soares anuncia anistia para os separatistas (dez.); mas os relatos de prisões e torturas desmentem essas informações. **1993:** Gomes Costa é preso (abr.) pela morte de oito soldados indonésios e é substituído por Konis Santana; os chanceleres da Indonésia e de Portugal encontram-se (abr.), em Roma, com o sec.-geral da ONU, Butros-Gali, para discutir a posse de Timor; nenhum resultado prático sai dessa reunião nem da nova rodada em set.

Toquelau

● **CONDIÇÃO:** território da Nova Zelândia. **Habitante:** toquelauense. **Língua:** inglês; toquelauano. **Religião:** cristianismo (protestantes, 67,2%; católicos, 30%).

● **SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** centro-leste da Oceania; norte da Samoa Ocidental. **Área:** 12,2 km². **Limites:** oceano Pacífico. **Características:** arquipélago formado por 3 atóis: Atafu, Fakaofo e Nukunonu. **Clima:** tropical com chuvas de verão. **População por atol:** Atafu (603 hab.); Nukunonu (426); Fakaofo (661). **Hora local** (em relação a Brasília): -10h.

● **POPULAÇÃO:** 1.690 (1986). **Crescimento demográfico:** 1,5% (1983). **Densidade (hab./km²):** 167 (1986). **Natalidade:** 22 por 1.000 (1983). **Mortalidade:** 7 por 1.000 (1983).

● **EDUCAÇÃO:** pública. **Alunos de 1º e 2º graus:** 618; **professores:** 54 (1987). **Gastos:** 14% do orçamento (1989/90).

● **ADMINISTRADOR:** Graham K. Ansell (desde jul./1990). **Legislativo:** cada atol possui um Conselho dos Velhos (Taupulega), composto por chefes de grupos de família e 2 membros eleitos por voto direto para mandatos de 3 anos.

● **ECONOMIA:** venda de selos postais, moedas e licenças para pesca. **Agricultura:** coco, fruta-pão, papaia, pandanus, banana. **Pecuária:** suínos. **Indústria:** processamento de produtos agrícolas (copra), artesanato. **Produtos exportados:** copra, artesanato. **Produtos importados:** alimentos, materiais de construção, combustíveis. **Parceiros comerciais:** Nova Zelândia, Japão, Samoa Ocidental. **Pesos e medidas:** sistema métrico decimal. **Moeda:** dólar da Nova Zelândia (dividido em 100 cents); **cotação para 1 US$:** 1,95 (31/12/1992). **Renda:** US$ 3,3 milhões; **despesas:** US$ 3,8 milhões (1991). **Ajuda financeira da metrópole:** 75,1% da receita (1991).

● **COMUNICAÇÕES:** estatais. **Emissoras de rádio:** cada atol possui uma estação de rádio; **receptores:** 1 mil (1990). **Jornais:** 2 (1988).

HISTÓRIA

Estabelecido como protetorado britânico com o nome de União em 1877. **1916:** anexação à Grã-Bretanha a pedido da população e administração a partir das ilhas Gilbert e Ellice, atuais Kiribati e Tuvalu. **1925:** transferência da administração britânica das ilhas União para a Nova Zelândia. **1926:** União passa a chamar-se Toquelau. **1948:** anexação à Nova Zelândia. **1976:** recebem oficialmente o nome de Toquelau; relatório do Comitê Especial de Descolonização da ONU indica que a população não quer a autonomia política. **1987:** manifestações populares pedem maior autonomia política. **1989:** proibida a pesca de arrastão; relatório da ONU sobre o "efeito estufa" conclui que o arquipélago pode desaparecer no séc. XXI se as calotas polares derreterem. **1990:** ciclone causa prejuízos à região, aumenta o fluxo migratório para a Nova Zelândia. **1991:** a Nova Zelândia instala o primeiro serviço regular de transporte marítimo entre os três atóis, que, apesar de trazer benefícios econômicos, estimula a entrada de alimentos importados, o que agrava os problemas sociais. **1993:** é anunciada a transferência, de Toquelau para o arquipélago, do Escritório de Negócios até então sediado em Ápia, na Samoa Ocid. (fev.). ■

ORGANIZAÇÕES

Associações internacionais ou regionais de países, de caráter político oficial ou privado, que atuam em conjunto em programas supranacionais, com objetivos econômicos ou sociais.

Organização das Nações Unidas (ONU)

Criada em 24/10/1945 por representantes de cinqüenta países, a partir de uma Carta de Princípios, documento básico que passou a orientar sua atuação visando manter a paz e a segurança mundiais e promover a cooperação internacional em problemas econômicos, sociais, culturais e humanitários, entre eles, o respeito aos direitos humanos e às liberdades individuais. Seus idiomas oficiais são: árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo. A Carta é constituída de 111 artigos em que descreve seus propósitos e princípios, as condições para associação das nações, as funções e os poderes de cada um de seus órgãos. Sucedeu à Liga das Nações, dissolvida em 18/4/1946.

Países membros – Integrada por 184 países dos 193 existentes em 30/6/1993. A Iugoslávia (formada agora pela Sérvia e Montenegro) foi excluída pela Assembléia Geral, em 22/9/1992.

Os reconhecidos mais recentemente são Rep. Tcheca, Eslováquia (19/1/1993); Macedônia (8/4/1993); Eritréia (8/5/1993); Andorra (28/6/1993). Na relação de seus países membros, a seguir, aparecem em destaque os fundadores e o ano de sua admissão: Afeganistão, 1946; *África do Sul*, 1945; Albânia, 1955; Alemanha, 1973; Angola, 1976; Antígua, 1981; *Arábia Saudita*, 1945; Argélia, 1962; *Argentina*, 1945; Armênia, 1992; *Austrália*, 1945; Áustria 1955; Azerbaidjão, 1992; Bahamas, 1973; Bangladesh, 1974; Barbados, 1966; Barein, 1971; *Bélgica*, 1945; Belize, 1981; Benin, 1960, *Bielorrússia*, 1945, *Bolívia*, 1945; Bósnia-Herzegóvina, 1992; Botsuana, 1966; *Brasil*, 1945; Brunei, 1984; Bulgária, 1955; Burkina, 1960; Burundi, 1962; Butão, 1971; Cabo Verde, 1975; Camarões, 1960; Camboja, 1955; *Canadá*, 1945; Catar, 1971; Cazaquistão, 1992; Chade, 1960; *Chile*, 1945; China (1), 1945; Chipre, 1960; Cingapura, 1965; *Colômbia*, 1945; Congo, 1960; Coréia do Norte, 1991; Coréia do Sul, 1991; Costa do Marfim, 1960; *Costa Rica*, 1945; Croácia, 1992; *Cuba*, 1945; *Dinamarca*, 1945; Djibuti, 1977; Dominica, 1978; *Egito*, 1945; *El Salvador*, 1945; Emirados Árabes Unidos, 1971; *Equador*, 1945; Eslovênia, 1992; Espanha, 1955; Estônia, 1991; *EUA*, 1945; *Etiópia*, 1945; Fiji, 1970; *Filipinas*, 1945; Finlândia, 1955; *França*, 1945; Gabão, 1960; Gâmbia, 1965; Gana, 1957; Geórgia, 1992; *Grã-Bretanha*, 1945; Granada, 1974; *Grécia*, 1945; *Guatemala*, 1945; Guiana, 1966; Guiné, 1958; Guiné-Bissau, 1974; Guiné Equatorial, 1968; *Haiti*, 1945; *Holanda*, 1945; *Honduras*, 1945; Hungria, 1955; Iêmen, 1947; Ilhas Comores, 1975; Ilhas Marshall, 1991; Ilhas Salomão, 1978; *Índia*, 1945; Indonésia, 1950; *Irã*, 1945; *Iraque*, 1945; Irlanda, 1955; Islândia, 1946; Israel, 1949; Itália, 1955; Jamaica, 1962; Japão, 1956; Jordânia, 1955; Kuweit, 1963; Laos, 1955; Lesoto, 1966; Letônia, 1991; *Líbano*, 1945; *Libéria*, 1945; Líbia, 1955; Liechtenstein, 1990; Lituânia, 1991; *Luxemburgo*, 1945; Madagascar, 1960; Malaisia, 1957; Malavi, 1964; Maldivas, 1965; Mali, 1960; Malta, 1964; Marrocos, 1956; Maurício, 1968; Mauritânia, 1961; *México*, 1945; Mianmá, 1948; Micronésia, 1991; Moçambique, 1975; Moldávia, 1992; Mongólia, 1961; Namíbia, 1990; Nepal, 1955; *Nicarágua*, 1945; Níger, 1960; Nigéria, 1960; *Noruega*, 1945; *Nova Zelândia*, 1945; Omã, 1971; *Panamá*, 1945; Papua Nova Guiné, 1975; Paquistão, 1947; *Paraguai*, 1945; *Peru*, 1945; *Polônia*, 1945; Portugal, 1955; Quênia, 1963; Quirguízia, 1992; Rep. Centro-Africana, 1960; *Rep. Dominicana*, 1945; Romênia, 1955; Ruanda, 1962; *Rússia*, 1945; Samoa Ocid., 1976; San Marino, 1992; Sta. Lúcia, 1979; S. Cristóvão e Névis, 1963; S. Tomé e Príncipe, 1975; S. Vicente e Granadinas, 1980; Senegal, 1960; Serra Leoa, 1961; Seychelles, 1976; *Síria*, 1945; Somália, 1960; Sri Lanka, 1955; Suazilândia, 1968; Sudão, 1956; Suécia, 1946; Suriname, 1975; Tadjiquistão, 1992; Tailândia, 1946; Tanzânia, 1964; *Tcheco-Eslováquia*, 1945 (a partir de 1º/1/1993 foi desmembrada em Rep. Tcheca e Eslováquia); Togo, 1960; Trinidad e Tobago, 1962; Tunísia, 1956; Turcomênia, 1992; *Turquia*, 1945; *Ucrânia*, 1945; Uganda, 1962; *Uruguai*, 1945; Uzbequistão, 1992; Vanuatu, 1981; *Venezuela*, 1945; Vietnã, 1977; Zaire, 1960; Zâmbia, 1964; Zimbábue, 1980.

(1) Até 25/10/1971 os chineses eram representados na ONU pelo governo nacionalista de Formosa; nessa data, a Assembléia Geral decidiu que o governo de Pequim deveria ser o único representante da China.

PRINCIPAIS ÓRGÃOS

Assembléia Geral – É a reunião das delegações dos países membros, cada uma com até cinco titulares e tantos assessores quantos necessários e igualdade de voto. Ocorre anualmente da terceira terça-feira de set. até meados de dez. Elege um presidente, 21 vices e os presidentes das comissões permanentes. Em 21/9/1993, foi eleito o embaixador da Guiana, Samuel R. Insanallly. Supervisiona os organismos subsidiários, determina prioridades e debate os principais assuntos internacionais. Está capacitada a fazer recomendações, mas não decide sobre questões de segurança e cooperação internacionais. Também não pode interferir em questões internas dos países membros.

As recomendações sobre ações conjuntas em questões de paz e segurança devem ser repassadas ao Conselho de Segurança. Decisões sobre formação de forças conjuntas, atuação em regime de tutela, admissão, exclusão ou suspensão de países membros e problemas tarifários exigem maioria de dois terços dos votos. Mantém sete comitês, que se dividem em outros 24, em que todos os países estão representados: Desarmamento e questões ligadas à Segurança Internacional; Político Especial; Econômico e Financeiro; Social; Humanitário e Cultural; Descolonização; Administrativo-Orçamentário e Legal.

Ao longo de sua existência, reuniu-se nove vezes em sessões de emergência, para debater problemas sobre os quais o Conselho de Segurança não tinha chegado a uma decisão: Oriente Médio (1958 e 1967); Hungria (1956), Suez (1956), Congo (1960), Afeganistão (1980), Palestina (1980), Namíbia (1981) e territórios árabes ocupados (1982).

Conselho de Segurança – Integrado por delegados de quinze países membros, dos quais cinco são permanentes, e com poder de veto sobre qualquer resolução (China, EUA, França, Grã-Bretanha, Rússia), e outros dez eleitos a cada dois anos. Cabo Verde, Hungria, Japão, Marrocos e Venezuela encerram participação neste ano; Brasil, Djibuti, Nova Zelândia, Paquistão e Espanha permanecem no biênio 1993/94. Até 6/10/1993 aprovou 73 resoluções.

Tem o direito de investigar qualquer disputa ou situação que possa levar ao confronto entre dois ou mais países; pode recomendar caminhos e meios para acordos de paz e adotar medidas de restauração da paz e segurança internacionais que vão desde o corte nas comunicações ou relações diplomáticas até o bloqueio econômico e, se necessário, ações através do uso de forças especiais por ar, terra e mar, como foi o caso recente da Guerra do Golfo.

Conselho Econômico e Social – Promove a cooperação em problemas econômicos, culturais e humanitários entre os países membros, executa a política central da ONU, por meio de suas agências especializadas, e presta assessoria, com apoio de voluntários ou de Organizações Não Governamentais (ONGs) que atuam dentro da esfera de suas atividades.

Organizado em comissões funcionais (Estatística e

População, Desenvolvimento Social, Direitos Humanos, Situação da Mulher, Drogas Entorpecentes), comitês e corpos subsidiários (ONGs, Corporações Transnacionais, entre outros), comissões regionais (Europa, Ásia, Pacífico, América Latina e Caribe, África, Ásia Ocidental) e órgãos afins (UNICEF, UNCHR, UNDP, entre outros). Atuações no período 1945–1993: Grécia (1947–1951), Coréia (1950–1953), Suez (1956–1967), Líbano (1958), Zaire (1960–1964), Nova Guiné (1962/63) Iêmen (1962–1964), Afeganistão e Paquistão (1988–1990), Oriente Médio (1973–1979), Nicarágua (1989/90). Ações em curso: Palestina, desde 1947; Índia e Paquistão, desde 1949; Chipre, desde 1964; colinas de Golan (Síria e Israel), desde 1974; Líbano, desde 1978; Irã/Iraque, desde 1988; Angola, desde 1989; e Golfo Pérsico, desde 1991.

É constituído de 54 países membros, sendo dezoito eleitos anualmente pela Assembléia Geral por um período de três anos.

Conselho de Tutela – Encarregado de promover o progresso político, econômico, social e educacional das populações dos dezoito territórios sob tutela da ONU e seu desenvolvimento para a conquista de autonomia; estimula o respeito aos direitos humanos e às liberdades individuais, sem distinção de raça, sexo, idioma ou religião, e o reconhecimento ao direito de independência dos povos; e visa assegurar tratamento igual aos países membros em questões socioeconômicas e comerciais.

Integrado por países membros do Conselho de Segurança que não tenham territórios sob sua tutela e pelos encarregados da administração tutelada em territórios do Pacífico, anteriormente do Japão e, hoje, dos EUA. Deles, Micronésia e Ilhas Marshall decidiram pela independência em 1991, enquanto Palau optou por permanecer sob tutela dos EUA. Saara Ocid. tenta, desde jan. de 1992, organizar um plebiscito sobre sua independência.

Corte Internacional de Justiça – Examina e julga questões legais e disputas entre países membros que a tenham reconhecido como jurisdição; assessora todos os outros órgãos e agências com pareceres jurídicos em tratados ou acordos bilaterais e multilaterais. Integrada por quinze juízes de diferentes nacionalidades, eleitos pela Assembléia Geral e pelo Conselho de Segurança, para mandato de nove anos. Sede: Haia, Holanda.

Entre os acordos mais conhecidos estão: Tratado de Paz com o Japão (1951), Convenção Européia para Disputas e Assentamentos Pacíficos (1957), Convenção Única sobre Drogas Entorpecentes (1961), Protocolo sobre a Situação dos Refugiados (1967), Convenção de Haia sobre o Seqüestro de Aeronaves (1970).

Secretaria Geral – Executa os programas e as políticas estabelecidas pela Assembléia Geral e pelos Conselhos. Dirigida pelo secretário-geral, eleito pela Assembléia Geral, após indicação do Conselho de Segurança, para mandato de cinco anos, renovável uma vez. Ele deve desempenhar um papel conciliador e diplomático e estar capacitado a tomar suas próprias iniciativas, entre elas, alertar o Conselho de Segurança para as ameaças à paz internacional. Sua escolha é um ato político que envolve delicadas questões de equilíbrio entre as diversas tendências representadas pelos países membros. Para o período 1992–1996, foi eleito o egípcio Butros Butros-Gali.

AGÊNCIAS ESPECIALIZADAS

Organismos intergovernamentais de caráter social, científico e técnico que trabalham em colaboração com a ONU, mediante acordos especiais. Devem apresentar relatórios de suas atividades ao Conselho Econômico e Social. São as seguintes:

Acordo Geral de Tarifas e Comércio (*General Agreement Tarifs and Trade*, GATT) – Auxilia os países em desenvolvimento no estabelecimento de acordos que levem à supressão das barreiras comerciais. Sua atuação rege 80% do comércio internacional. Integrado por 84 países; outros 31 participam por meio de acordos especiais. Sede: Genebra, Suíça.

Agência Internacional de Emergência Atômica (*International Atomic Energy Agency*, IAEA) – Promove o emprego da energia nuclear para fins pacíficos, dá assistência a pesquisas e desenvolvimento nuclear, estabelece medidas de segurança contra o desvio de materiais nucleares para uso militar, supervisiona o funcionamento de usinas nucleares. Suas missões de controle do desmonte de equipamento nuclear têm sido contestadas por países como o Iraque. Integrada por 118 países. Sede: Viena, Áustria.

Associação Internacional de Desenvolvimento (*International Development Association*, IDA) – Empresta capital aos países membros em desenvolvimento – em geral com renda per capita inferior a US$ 680 – em condições mais flexíveis do que as oferecidas pelo BIRD (veja a seguir), do qual é afiliada. Para o ano fiscal iniciado em 30/6/1993, aprovou empréstimos a 85 países para 123 projetos no valor de US$ 6,8 bilhões. Integrada por 140 países. Sede: Washington, EUA.

Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (*International Bank for Reconstruction and Development*, IBRD ou BIRD) – Executa os projetos a serem financiados pelo Programa de Desenvolvimento. Tem três afiliados: a IDA, a Corporação Financeira Internacional e a Agência Multilateral de Investimentos Garantidos. É mais conhecido como **Banco Mundial**. Criado em 1945, voltou-se, inicialmente, para a reconstrução da Europa no pós-guerra; depois passou a auxiliar no desenvolvimento econômico dos países membros, através de empréstimos para empresas estatais e privadas. Desde 1980, vinha aprovando projetos que visassem a diminuição dos efeitos sociais dos programas de ajustamento econômico do FMI (veja a seguir). A partir de 1991, passou a apoiar a política de desenvolvimento sustentado do Programa de Meio Ambiente. A partir de 1949, quando passa a fazer empréstimos ao Brasil, investe US$ 16 bilhões, sendo US$ 7,5 bilhões para investimentos em energia, transporte e indústria pesada. Em 1993 o banco aprova projetos para o país que somam US$ 818,5 milhões.

Seus empréstimos têm cinco anos de carência e prazo de até quinze anos, com taxas de juros de mercado. Funciona com um Conselho Diretor (um presidente, um vice e 22 diretores) e é integrado por cinco representantes dos maiores países membros acionistas e dezesseis eleitos pelos demais. Integrado por 156 países. Sede: Washington, EUA.

Corporação Financeira Internacional (*International Finance Corporation*, IFC) – Empresta, investe e fornece ajuda técnica, sem necessidade de aval dos governos, para empresas privadas dos países em desenvolvimento com renda per capita inferior a US$ 830, para estimular o fluxo do mercado internacional de capitais, agindo em cooperação com o FMI. Integrada por 143 países. Sede: Genebra, Suíça.

Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (*International Fund for Agricultural Development*, IFAD) – Mobiliza recursos para projetos de aumento da produção de alimentos em países pobres, especialmente de pequena agricultura, pesca artesanal, pastoreio nômade, mulheres e agricultores sem-terra. Oferece três espécies de empréstimo: altos incentivos, sem juros, com taxa de serviço anual de 1%, carência de dez anos e prazo de quarenta anos; de prazo intermediário, com 4% de juros anuais, cinco anos de carência e prazo de quinze anos; e de prazo normal, com 8% de juros anuais, carência de três anos e prazo de quinze a oito anos para pagamento. Integrado por 147 países. Sede: Genebra, Suíça.

Fundo Monetário Internacional (*International Monetary Fund*, IMF ou FMI) – Funciona como um banco. Promove a cooperação monetária internacional em macroescala, desde a expansão e o crescimento do comércio, passando pelas relações cambiais, até o socorro aos países membros em dificuldades temporárias para o pagamento de suas dívidas. O capital é constituído por cotas subs-

critas pelos países membros, numa moeda escritural chamada Direito Especial de Saque – DES (*Special Drawing Rights*). Os empréstimos são concedidos na proporção de 25% em DES e 75% em moeda nacional. As cotas determinam o total dos recursos a serem distribuídos entre as várias linhas de financiamento e o poder de voto de cada país membro. Os EUA detêm 20% das cotas e 19,3% dos votos. O Brasil tem 1,6% da cota total e 1,6% dos votos. Elas são expressas em cinco moedas correntes dos países com maior participação nas exportações mundiais, exceto de petróleo: 42% para o dólar americano, 19% para o marco alemão, 13% para o iene japonês, o franco francês e a libra esterlina. As cotas reproduzem-se com a cobrança de juros, comissões e lucros dos empréstimos. Todos os membros podem sacar até 25% de sua cota sem condições prévias. A partir daí é preciso assinar acordos que vinculam a liberação parcelada dos créditos ao cumprimento de metas expressas pelo sacador em uma Carta de Intenções. Ela deve atender às condições de ajustamento da economia de todos os países que buscam empréstimos: equilíbrio dos balanços de pagamentos, eliminação da inflação, de subsídios aos produtos básicos dos gastos e investimentos públicos, restrição do crédito privado, aumento dos impostos e da taxa de juros e adoção de uma política salarial baseada na estimativa da inflação futura para diminuir o consumo. Sede: Washington, EUA.

Organização de Alimentação e Agricultura (*Food and Agriculture Organization*, FAO) – Criada em 1977 como resultado da Conferência Mundial sobre Alimentação, realizada em 1974, trabalha para elevar o nível de nutrição e a qualidade de vida dos povos através do estímulo à produção, distribuição e estocagem adequada de alimentos e outros produtos derivados da agropecuária, pesca e florestas. Suas preocupações básicas são a produção de cereais e legumes e a integração das culturas agrícolas. Auxilia na criação de bancos regionais de genes animais e apóia os direitos dos agricultores sobre os bancos genéticos das florestas. Estimula programas que assegurem o uso sustentável das florestas tropicais. Combate os subsídios à exportação e as medidas protecionistas que dificultam o comércio internacional de produtos agrícolas. Monitora o estoque mundial de cereais. Integrada por 161 países. Sede: Roma, Itália.

Organização Internacional de Aviação Civil (*International Civil Aviation Organization*, ICAO) – Desenvolve técnicas de navegação aérea internacional e ajuda no planejamento e aperfeiçoamento do transporte aéreo. Sede: Montreal, Canadá.

Organização Internacional do Trabalho (*International Labor Organization*, ILO ou OIT) – Promove padrões dignos de vida, condições satisfatórias de trabalho e salário e oportunidades adequadas de emprego; desenvolve normas trabalhistas internacionais, oferece assistência técnica aos governos. Em 1990 o governo alemão deu apoio à criação do IPEC (Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil), que agora se estende para outras nações. No biênio 1992/93, Brasil, Índia, Indonésia, Quênia, Tailândia e Turquia receberam assistência técnica para ações de proteção às crianças trabalhadoras, combate e eliminação do trabalho infantil. O orçamento para o mesmo período é US$ 405,7 milhões. Com o ingresso da Eritréia em 7/6/1993, passa a ser integrada por 167 países. Sede: Genebra, Suíça.

Organização Marítima Internacional (*International Maritime Organization*, IMO) – Promove a cooperação em torno de questões de navegação internacional, controla a poluição marítima e protege o equilíbrio da fauna marítima. Integrada por 144 países. Sede: Londres, Grã-Bretanha.

Organização Meteorológica Mundial (*World Meteorological Organization*, WMO) – Promove o intercâmbio de informações meteorológicas e suas aplicações. Integrada por 161 países e cinco territórios. Sede: Genebra, Suíça.

Organização Mundial da Propriedade Intelectual (*World Intellectual Property Organization*, WIPO) – Promove a proteção da propriedade intelectual através de tratados multilaterais abrangendo tanto os direitos autorais quanto a propriedade industrial, marcas registradas etc. Integrada por 130 países. Sede: Genebra, Suíça.

Organização Mundial da Saúde (*World Health Organization*, WHO ou OMS) – Apóia e dirige programas de controle e erradicação de doenças e de treinamento de profissionais em 187 países membros, com a inclusão de Tuvalu em 6/5/1993 e Eritréia, admitida em 24/7/1993. Ajuda em emergências e acidentes naturais. Estabelece padrões para o uso de entorpecentes, de vacinas e outras substâncias que afetam a saúde. Elabora análise estatística sobre doenças como câncer, AIDS, ataques cardíacos e doenças mentais. Já conseguiu a erradicação da varíola (1977) e tenta erradicar a poliomielite até o ano 2000. Expandiu as campanhas de imunização de crianças contra coqueluche, tétano, difteria e tuberculose. Mantém um programa de combate às doenças tropicais, entre elas malária, doenças de Chagas e do sono, dengue e esquistossomose. O orçamento para o período 1991/92 é de US$ 653,7 milhões, com um reforço de US$ 926 milhões para 1992/93. Sede: Genebra, Suíça.

Organização para a Educação, Ciência e Cultura (*United Nations, Educational, Scientific and Cultural Organization*, UNESCO) – Amplia as bases da educação no mundo, leva os benefícios da ciência a todos os países e estimula o intercâmbio e a divulgação cultural. É formada uma Conferência Geral a cada dois anos para estabelecer um programa para o período seguinte. Integrada por 171 países. Sede: Paris, França.

Organização para o Desenvolvimento Industrial (*United Nations Industrial Development Organization*, UNIDO) – Ajuda na industrialização dos países em desenvolvimento através da assistência direta e da mobilização de recursos nacionais e internacionais. Integrada por 155 países. Sede: Viena, Áustria.

União Internacional de Telecomunicações (*International Telecomunication Union*, ITU) – Promove a cooperação mundial no uso das telecomunicações e o desenvolvimento técnico do setor; harmoniza as políticas nacionais. Integrada por 176 países. Sede: Genebra, Suíça.

União Postal Internacional (*Universal Postal Union*, UPU) – Unifica a política postal e garante a liberdade de trânsito para o correio; arbitra as disputas e promove o desenvolvimento dos serviços postais. Integrada por 176 países. Sede: Berna, Suíça.

OUTROS ORGANISMOS

São as agências de serviços, as consultorias, os programas de ajuda, subsidiários de outros organismos ou agências e executores da política da ONU.

Alto Comissariado para Refugiados (*United Nations High Commissioner for Refugees*, UNHCR) – Garante proteção internacional a qualquer pessoa que, comprovadamente, seja perseguida por questões raciais, religiosas, de nacionalidade ou por opiniões políticas; oferece asilo, alimentos e assistência médica, de acordo com os padrões reconhecidos pelo Estatuto dos Refugiados, aceito por 107 países, em 1990.

Desde 1975, assiste, entre outras, as populações deslocadas do Laos, Camboja, Vietnã, Afeganistão, os curdos do Irã, Iraque e Turquia, Chipre, Iêmen, Etiópia, Somália, Sudão, Burundi, Uganda, Moçambique, Namíbia, Senegal, Libéria, El Salvador, Guatemala, Nicarágua, Chile e Uruguai. Seus diretores são eleitos pela Assembléia Geral e suas atividades, relatadas ao Conselho Econômico e Social. Sede: Genebra, Suíça.

Conferência sobre Comércio e Desenvolvimento (*United Nations Conference of Trade Development*, UNCTAD) – É o principal órgão da Assembléia Geral para deliberação e negociações relativas ao comércio interna-

cional e questões ligadas à cooperação econômica internacional. Atua na expansão e diversificação das exportações, na abertura de mercados e ajustamento de estruturas produtivas dos países em desenvolvimento. Integrada por 186 países. Sede: Genebra, Suíça.

Fundo para Crianças (*United Nation Children's Fund*, UNICEF) – Criado em 1946, pela Assembléia Geral da ONU, para atender as crianças dos países em desenvolvimento e, a seguir, de todo o mundo. A prioridade é ajudar crianças dos grupos de menor renda dos países menos desenvolvidos, melhorar os cuidados materno-infantis e combater a mortalidade infantil. Atua em conjunto com organizações comunitárias em campanhas como a de reidratação oral através do soro caseiro, com as agências especializadas e ONGs em ajuda de emergência e reabilitação para vítimas de enchentes, fome e conflitos políticos. Tem forte presença na África e no Oriente Médio. Reforça seu orçamento com doações voluntárias, principalmente de governos e ONGs. O orçamento para o período 1994/95 é de US$ 445,6 milhões. Tem escritórios regionais em 117 países. Sede: Nova York, EUA.

Missões Observadoras e Corpos de Paz (*United Nations Observer Missions and Peace Keeping Forces*) – São os instrumentos de controle de conflitos. Operam com o consentimento das partes para manter a paz, facilitar o entendimento e a assinatura de acordos mediados pelo secretário-geral. Os corpos de paz são tropas fornecidas pelos países membros para patrulhar e colocar-se fisicamente entre os oponentes. São autorizadas a usar armas apenas em defesa própria. As missões observadoras são requisitadas pelo secretário-geral para investigar violações dos acordos de cessar-fogo e agir para amenizar situações de conflito. Integram ainda a relação de outros organismos: Fundo de Populações; Agências de Ajuda e Trabalho para os Refugiados Palestinos no Oriente Médio, Conselho e Programa Mundiais de Alimentação, Autoridade Marítima Internacional, Escritório Coordenador de Ajuda em Desastre, Centro de Assentamento Humano e Programas de Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Governamentais regionais

LATINO-AMERICANAS

Associação Latino-Americana de Integração (*Associatión Latinoamericana de Integración*, ALADI) – Criada em 1980 (Tratado de Montevidéu) para estabelecer um mercado comum latino-americano. Substitui a Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC). Integrada por Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Sede: Montevidéu, Uruguai.

Banco Interamericano de Desenvolvimento (*Inter-American Development Bank*, BID) – Criado em 1959 para financiar projetos dos Estados membros ou de empresas privadas com o aval governamental. Integrado por 44 países (27 americanos, 15 europeus, Israel e Japão). Sede: Washington, EUA.

Organização dos Estados Americanos (*Organization of American States*, OEA) – Criada em 1948 (Carta de Bogotá). Promove a solidariedade entre os países membros, defende a soberania de cada um deles e presta assistência econômica e técnica a projetos de desenvolvimento. É também um fórum para discussões políticas regionais. Órgãos principais: Assembléia Geral, Conselho Permanente, Secretaria Geral. Em 1978 criou uma Corte Interamericana dos Direitos do Homem. Integrada por 32 países. Sede: Washington, EUA.

Organização dos Estados Centro-Americanos (*Organización de Estados Centroamericanos*, OECA) – Criada em 1951. Promove a unidade da região, a consulta mútua entre os países membros, a solução negociada dos conflitos regionais e a cooperação econômica, cultural e social. Integrada por Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua. Sede: San Salvador, El Salvador.

Pacto Andino – Estabelecido em 1969 para facilitar a integração econômica dos países andinos, promover o desenvolvimento regional e diminuir as disparidades existentes. Integrado por Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. Sede: Lima, Peru.

EUROPÉIAS

Comunidade Econômica Européia (*European Economic Community*, CEE) – Criada em 1957 (Tratado de Roma) por Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e Holanda; em 1973, aderiram a Dinamarca, a Grã-Bretanha e a Irlanda; em 1981, a Grécia foi admitida, seguida de Portugal e Espanha, em 1986. Também conhecida como Mercado Comum Europeu. Visa a abolir as fronteiras entre os países membros, permitir o livre trânsito dos indivíduos, das mercadorias e dos capitais; revitalizar os mercados, respeitando as regras da concorrência leal; garantir a regiões, setores ou populações menos favorecidas a solidariedade comunitária.

Os principais órgãos da CEE são: Comissão da CEE (órgão executivo com dezesseis representantes e sede em Bruxelas), Conselho de Ministros (com função legislativa; reúne-se em Bruxelas nove meses do ano e em Luxemburgo nos meses de abr., jun. e out.), Parlamento Europeu (ver adiante) e Corte de Justiça (formada por treze juízes e com sede em Luxemburgo).

Comunidade Européia do Carvão e do Aço (CECA) – Instituída em 1952 para manter um mercado comum para carvão, minério de ferro e aço e harmonizar os preços e taxas de transporte. Integrada por Alemanha, Bélgica, Dinamarca, França, Itália e Luxemburgo. Sede: Luxemburgo.

Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) – Instituída em 1951 para promover o crescimento econômico, criar empregos para a população dos países membros e colaborar para o desenvolvimento econômico mundial. Integrada por 24 países. Sede: Paris, França.

Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) – Criada em 1949, com objetivo estritamente defensivo; estabelece um sistema de segurança coletiva para a região do Atlântico Norte, respeitando a soberania dos Estados. Integrada por Alemanha, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, EUA, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Islândia, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Turquia. Sede: Bruxelas, Suíça.

Parlamento Europeu – Criado em 1951 para intermediar diplomaticamente as relações entre a CEE e os parlamentos de outros países; é consultado sobre todas as decisões a serem tomadas pela CEE e exerce um controle político, podendo votar moções de censura. Integrado por 518 representantes dos países membros da CEE eleitos por voto direto. Sede: Luxemburgo.

AFRICANAS

Banco para o Desenvolvimento Africano (BDA) – Fundado em 1963 para contribuir para o desenvolvimento, a cooperação econômica e o progresso social de seus membros. Integrado por 75 países da África, América, Ásia e Europa. Sede: Abidjã, Costa do Marfim.

Comunidade Econômica da África Ocidental (CEAO) – Instituída em 1974 com objetivos semelhantes aos da CEE, incluindo a unificação das tarifas e a abolição das barreiras comerciais. Integrada por Benin, Costa do Marfim, Mali, Mauritânia, Níger, Senegal, Burkina. Sede: Uagadugu, Burkina.

Comunidade Financeira Africana (CFA) – Instituída no fim da década de 50 para equilibrar e uniformizar a moeda de seus países membros, que usam como moeda oficial o franco CFA. Integrada por catorze ex-colônias france-

sas que vinculam suas moedas e reservas de divisas ao franco francês, trocadas no mercado financeiro de Paris com uma taxa fixa de câmbio. Sede: Paris, França.

Organização da Unidade Africana (OUA) – Criada em 1963; promove a unidade e solidariedade dos países africanos, defende sua soberania, integridade territorial e independência, e a supressão do colonialismo na África. Integrada por cinqüenta países. Sede: Adis-Abeba, Etiópia.

ÁRABES

Conselho de Cooperação Regional dos Países do Golfo – Instituído em 1981 para estabelecer cooperação mútua que garanta a segurança interna e externa da Arábia Saudita, Barein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Kuweit, Omã. Sede: Riad, Arábia Saudita.

Liga Árabe (LA) – Instituída em 1945 para defender os interesses dos povos árabes. Integrada por 22 países (incluindo a Palestina, considerada Estado independente pela Liga). Sede: Túnis, Tunísia.

ASIÁTICAS E DO PACÍFICO

Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) – Instituída em 1967 para desenvolver a região e aumentar sua estabilidade. Integrada por Brunei, Cingapura, Filipinas, Indonésia, Malaísia, Tailândia. Sede: Jacarta, Indonésia.

Fórum do Pacífico Sul (SPE) – Instituído em 1973. Promove consultas e cooperação sobre comércio, economia, transporte, turismo, telecomunicações, energia, pesca e proteção ao meio ambiente. Integrado por catorze países. Sede: Suva, Fiji.

Plano Colombo Para o Desenvolvimento Cooperativo no Sul e Sudeste da Ásia – Instituído em 1950. Promove acordos bilaterais para a obtenção de capital, de treinamento técnico e equipamentos. Integrado por 26 países, incluindo EUA, Grã-Bretanha e Canadá. Sede: Colombo, Sri Lanka.

INTERCONTINENTAIS

Comunidade Britânica (*The Commonwealth*) – Instituída em 1926. Promove a integração entre 48 ex-colônias da Grã-Bretanha, suas dependências e as da Austrália e Nova Zelândia. Sede: Londres, Grã-Bretanha.

Comunidade dos Estados Independentes (CEI) – Instituída em 21/12/1991, integrada pela Armênia, Bielorrússia, Cazaquistão, Geórgia, Moldávia, Quirguízia, Rússia, Tadjiquistão, Turcomênia, Ucrânia, Uzbequistão (o Azerbaidjão é apenas observador, desde out. de 1992), com população total de 277.558.000 hab. (1992). Sede em Minsk, na Bielorrússia. É gerida por conselhos de chefes de Estado e de governo das repúblicas participantes criados em 30/12/1991. Embora herdeira da ex-URSS, a CEI não é um país, pois cada uma de suas unidades constitutivas é politicamente soberana; mas é mais do que uma comunidade econômica, pois tem Forças Armadas centralizadas e, embora os países-membros estejam criando gradualmente suas próprias moedas, o rublo ainda circula paralelamente na maioria delas. Está sendo lenta, também, a superação da estrutura setorizada da economia, herdada do período soviético, o que cria grande interdependência. As questões militares – o comando da frota do mar Negro, o controle do armamento nuclear estacionado em cada república, a integração a alianças internacionais – são causa de litígios que os acordos de defesa mútua de 30/12/1991 não conseguiram solucionar e têm exigido negociações em separado.

Conselho para Assistência Econômica Mútua (*Council for Mutual Economic Assistance*, Comecon) – Instituído em 1949; promove o desenvolvimento econômico através da coordenação e utilização conjunta dos recursos disponíveis. Com as mudanças no Leste europeu, foi criada em jan. de 1991 uma comissão para preparar a sua reestruturação. Integrado por Bulgária, Cuba, Hungria, Mongólia, Polônia, Romênia, Rep.Tcheca, Eslováquia, Rússia e Vietnã; Afeganistão, Angola, Etiópia, Iêmen, Laos, Moçambique e Nicarágua são observadores. Sede: Moscou, Rússia.

Organização Internacional de Polícia Criminal (Interpol) – Criada em 1923; garante a cooperação entre autoridades policiais dos países membros, excluindo-se completamente assuntos políticos, militares, religiosos e raciais. Integrada por 138 países. Sede: Paris, França.

Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) – Criada em 1960 por cinco países produtores (Arábia Saudita, Iraque, Irã, Kuweit e Venezuela) para coordenar e unificar a política petrolífera, controlando o volume de produção e os preços. Integrada, além dos fundadores, por Indonésia, Líbia, Catar, Argélia, Abu Dabi, Nigéria, Equador, Gabão. Todos juntos controlam dois terços das reservas de petróleo recuperáveis do mundo. Sede: Viena, Áustria.

Não governamentais (ONGs)

São organizações privadas que se definem por três critérios: o caráter internacional de seus membros, o caráter privado de sua constituição e o caráter benévolo de suas atividades.

Anistia Internacional – Criada em 1961 pelo inglês Peter Benenson para defender os prisioneiros por questões de raça, religião e opinião. Baseia sua ação na Declaração Universal dos Direitos do Homem. Recebeu o prêmio Nobel da Paz em 1977. Atua de forma descentralizada, com grupos de adoção que tomam para si a causa de alguns prisioneiros, selecionados em zonas geográficas e políticas diferentes. Integrada por seções nacionais em 45 países, mais de 3 mil grupos locais de adoção e um total superior a 500 mil adesões em 150 países.

Caritas (*Confederação Internacional das Organizações Católicas de Caridade e Ação Social*) – Fundada em 1951 para estudar e propor soluções para os problemas da pobreza, ajudar os membros das organizações nacionais a praticar a caridade, lutar pela justiça social e exercer uma função apostólica. Integrada por 120 organizações nacionais. Sede: Vaticano.

Comitê Olímpico Internacional – Instituído em 1894 para desenvolver as relações de amizade entre as nações através do esporte. Promove duas competições internacionais a cada quatro anos: Jogos Olímpicos e os Jogos Olímpicos de Inverno. Integrado por 167 comitês olímpicos nacionais. O núcleo decisório é formado por 91 pessoas, escolhidas independentemente das nações que representem. Sede: Lausanne, Suíça.

Conselho Mundial de Igrejas – Criado em 1948, com o objetivo de favorecer a aproximação e a cooperação entre as igrejas cristãs. Integrado por 317 igrejas (protestantes, reformadas, ortodoxas e católicas) atuantes em 115 países. Sede: Genebra, Suíça.

Cruz Vermelha – Instituída em 1859 para ajudar as vítimas de guerras e de calamidades, respeitando os princípios de neutralidade, universalidade e benevolência. O trabalho é coordenado pelo Comitê Internacional (25 cidadãos suíços) e pela Liga das Sociedades Nacionais, que se encarregam do envio de socorro em casos de catástrofes. Está presente em 136 países. Sede: Genebra, Suíça.

Fundo Mundial para a Natureza (*World Wildlife Fund for Nature*, WWF) – Criado em 1961 para preservar os recursos naturais e meio ambiente e, principalmente, os animais em extinção. Desempenha um papel educativo. Integrado por associações em 24 países e por membros individuais no mundo inteiro. Sede: Gland, Suíça.

Greenpeace International – Criado em 1971. Atua em protestos contra a destruição do meio ambiente e os testes nucleares. Tem filiais em todos os continentes. Sede: Lewes, Grã-Bretanha. ■

CONHECIMENTOS GERAIS

Artes Plásticas, Astronáutica, Astronomia, Biologia, Cinema, Cultura Popular, Ecologia, Esportes, Física, Informática, Línguas, Literatura, Matemática, Medicina, Medidas, Meios de Comunicação, Música, Quadrinhos, Química, Teatro e Tecnologia. São 21 capítulos que compõem um guia básico de cultura geral, com todos os conceitos, descobertas, invenções e movimentos históricos, registrados em cronologias tematizadas, desde a Antiguidade até 1993.

ARTES PLÁSTICAS

Antes mesmo da invenção da escrita, o homem já se expressava através de imagens: desde a Pré-história, desenhava figuras humanas e cenas de caçada (pintura rupestre) nas paredes de cavernas como as de Altamira, na Espanha, ou Lascaux, na França. Pintura, escultura e desenho foram as técnicas com que, a partir da Antiguidade, representou plasticamente o mundo à sua volta. A invenção da fotografia, no séc. XIX, libertou sua arte, porém, da função de reproduzir a realidade, permitindo uma expressão cada vez mais subjetiva de suas idéias e sensações e levando-o ao extremo de fazê-lo de uma forma inteiramente abstrata. No séc. XX, novos materiais e meios de reprodução da imagem (o filme, a TV, o vídeo, a computação gráfica), trazidos pelo progresso da eletrônica, ampliam o universo de atuação do artista plástico. Rompe-se também a divisão entre as categorias artísticas e são incorporados procedimentos e idéias de outras áreas, como o teatro (performance e instalação) e a filosofia (arte conceitual).

ARTE GREGA

Do séc. VII a.C. ao V d.C., cria os padrões de beleza, na representação do corpo humano, que serão imitados pelos romanos, retomados pelo Renascimento e pelo Neoclassicismo, e serão referência obrigatória até mesmo para tendências artísticas que desejarão negar os seus cânones. Na fase arcaica, predominam estátuas de pedra com leve sorriso nos lábios e postura influenciada pela arte egípcia (perna avançada, tronco ereto, braços estendidos ao longo do corpo). A estatuária e a arquitetura começam a obedecer a um sistema de proporções ideais no período Clássico (cerca de 50 a.C.): o escultor Fídias, que comanda, entre 447 e 438 a.C., a construção do Partenon, dedicado a Palas Atena, padroeira de Atenas, molda a fisionomia dos deuses à imagem e semelhança dos mais belos atletas da época. E as primeiras experiências sobre perspectiva são feitas por Zêuxis e Polignoto.

Entre 350 e 40 a.C., enquanto surgem, em Roma, os primeiros templos da era republicana, escultores gregos como Lísipo, Apeles e Protógenes interessam-se pela interpretação psicológica da figura humana, o que influenciará a estatuária romana. Nos séc. I e III, surgem em Roma construções monumentais (basílicas, termas e palácios) e a pintura mural decorativa, comum nas casas dos ricos, é praticada em Pompéia, Herculano e Stábia. O arco de Constantino, no final do Império, modifica as proporções plásticas tradicionais. A arquitetura pagã é adaptada à construção dos primeiros templos cristãos (séc. IV a VII) e, em Milão, a arte do mosaico deriva das tradições bizantinas.

IDADE MÉDIA

Após as invasões bárbaras, a arte lombarda (séc. VII a IX) abandona a representação fiel da realidade, herdada dos gregos, e retorna à estilização de gosto oriental. No período carolíngio, desenvolvem-se a iluminura (a ilustração manual de livros), a ourivesaria, a tapeçaria e o mural. Na arquitetura espanhola, influenciada pelos invasores árabes, aparecem minuciosos rendilhados em pedra. O estilo românico, com arcos de forma arredondada, surge na arquitetura da Borgonha (abadia de Cluny) e da Normandia (catedral de Rouen), e é levado para a Inglaterra, no séc. XI, pelos conquistadores normandos.

Na metade do séc. XII, a arte gótica caracteriza-se por: arcos de forma angulosa que sustentam amplas naves (basílica de Saint-Denis, catedrais de Notre-Dame, Chartres, Estrasburgo); figuras esguias, de fisionomia delicada, cujas proporções adquirem valor simbólico, pois o seu tamanho indica a importância social ou religiosa das personagens representadas; rígida simetria na composição da imagem, em que o santo principal ocupa o centro, enquanto os anjos e santos secundários são colocados lateralmente, aos pares; e vitrais com rosáceas, cenas da *Bíblia* ou da vida dos santos, que filtram a luz através de painéis multicoloridos.

No séc. XIV, desenvolve-se o estilo dito *flamboyant* (flamejante), de formas leves e elegantes e decoração rebuscada (a catedral de Colônia, na Alemanha), enquanto a Basílica de São Marco, em Veneza, funde a influência do gótico com a da arte bizantina. Na pintura, destacam-se o monge Giotto da Bondone, que, em seus murais sacros, rompe com a estilização bizantina e introduz os princípios do Naturalismo; e o arquiteto e escultor florentino Filippo Brunelleschi, que, no início do séc. XV, inventa a perspectiva, artifício geométrico para criar a ilusão de profundidade e distância numa superfície plana.

RENASCIMENTO

O pensamento medieval, dominado pela religião, cede lugar a uma cultura voltada para os valores do indivíduo; e os artistas, inspirando-se uma vez mais no legado clássico grego, buscam as dimensões ideais da figura humana e a representação fiel da realidade. O florentino Paolo Uccello, autor do tríptico em madeira da Batalha de São Romano, faz a transição entre as convenções geométricas e simbólicas do gótico e a prática da perspectiva do séc. XV. Piero della Francesca atinge precisão matemática na representação da profundidade, nos cenários arquitetônicos que cria

como fundo para telas como *A anunciação*. Donatello di Bettobardi é o maior escultor dessa fase inicial.

O elo de ligação entre o Quattrocento (séc. XIII) e o Renascimento pleno são as pinturas de tema mitológico de Sandro Boticelli *(O nascimento de Vênus)*, a atividade científica e artística de Leonardo da Vinci *(Mona Lisa)*, levando, no séc. XV, às proporções ideais que há nas madonas de Rafael Sanzio. Nesse período surgem, na Bélgica e na Holanda, os primeiros representantes da escola flamenga (Jan van Eyck, Hans Memling, Rogier van der Weyden), que desenvolvem a técnica da pintura a óleo a níveis antes desconhecidos. Michelangelo Buonarotti, escultor (o *Davi*, Academia de Florença), pintor (os afrescos no teto da Capela Sistina, em Roma) e arquiteto (a cúpula da Basílica de São Pedro), propõe uma forma de representar a figura humana e uma utilização do espaço que já prenunciam o Barroco. Também a recusa que há, em Tintoretto e Tiziano, do espaço "concluído" e medido segundo regras geométricas marca a transição para o período seguinte.

Na França, além do maneirismo das telas anônimas da Escola de Fontainebleau, destacam-se os retratos alegóricos e mitológicos de François Clouet *(Diana)*. Na Holanda, Pieter Bruegel cria a pintura narrativa, documentando costumes da época *(Caçadores na neve)*, e Hieronymus Bosch pinta figuras de pesadelo, meio homem, meio animal, cheias de simbolismo místico *(O jardim das delícias terrenas)*. Na Alemanha, Albrecht Dürer cria um sistema de proporções, na representação da figura humana, derivado do Classicismo, que influenciará Lucas Cranach, Albrecht Altdorfer, Matthias Grünewald e os dois Hans Holbein, pai e filho. Na Espanha, El Greco, pseudônimo de Domenico Theotokópulos *(O enterro do conde de Orgaz)*, alonga as figuras, justapõe cores violentas e usa contrastes de luz e sombra, num estilo influenciado por Tintoretto e pela arte bizantina.

BARROCO

Do séc. XVII ao começo do séc. XVIII, marcado por contradições e polêmica: enquanto Annibale Carracci faz uma pintura de equilíbrio clássico, o romano Caravaggio (Michelangelo Merisi) pinta telas com formas sinuosas, cores intensas e jogos de luz e sombra, cheias de movimento e drama, além da atrevida temática homossexual *(O jovem Baco)*. Na arquitetura, destaca-se Lorenzo Bernini, autor das colunatas recurvas no altar-mor da Basílica de São Pedro, em Roma, que utiliza as massas e os espaços em função de suas relações com a luz. Na Holanda, surgem novos gêneros de pintura: a paisagem e a natureza-morta; Frans Hals e Anton van Dyck renovam a técnica do retrato, Pieter-Paul Rubens faz um uso intenso da cor em telas enormes, cheias de movimento *(A quermesse)*, que influenciarão o francês Eugène Delacroix no séc. XIX; Rembrandt van Rijn cria retratos de grande penetração psicológica e grandes composições em que poucos focos de luz fazem as figuras principais se destacarem das sombras *(A ronda noturna)*; e Johannes Vermeer transfigura, com lirismo, os ambientes burgueses e as paisagens urbanas *(Vista de Delft)*. Na Espanha, com estilo límpido, Diego Velásquez pinta Cristo, os santos e profetas com a fisionomia de simples seres humanos. Na França, o maneirismo de Nicolas Poussin *(A inspiração do poeta)*, que leva o Barroco ao exagero e à superficialidade elegante, prenunciando o rococó, contrasta com a sobriedade de Claude Lorrain e os claros-escuros de Georges de Latour, adepto do "caravagismo". Na arquitetura e urbanismo, destacam-se Louis Le Vaux, André Le Nôtre e François Mansard, que, trabalhando para Luís XIV, constroem o Palácio de Versalhes e reformam Paris. Manifestação barroca tardia, no início do séc. XVIII, é o rococó: o mobiliário de André Boulkle, coberto de ornamentos rebuscados; e a sensualidade sofisticada das cenas galantes de Antoine Watteau, Jean-Honoré Fragonard e François Boucher.

NEOCLASSICISMO

Na segunda metade do séc. XVIII, o desejo de recriar o espírito e as formas da arte greco-romana coincide com as escavações arqueológicas de 1748, que descobrem as ruínas de Pompéia e Herculano. Na França, a técnica de colorido de Jean-Baptiste Chardin já prenuncia o Impressionismo. Após a Revolução, a ordem e a clareza da arte clássica permanecem na pintura grandiloqüente de Louis David *(A coroação de Napoleão)*, na delicada escultura de Antonio Canova, que representa as personagens contemporâneas – Napoleão ou sua irmã Paulina – como divindades mitológicas, e na limpidez de traço de Dominique Ingres *(O banho turco)*, reminiscente de Rafael. A arquitetura atinge concepções espaciais arrojadas, de proporções gigantescas, em monumentos como o Arco do Triunfo, de Paris, ou a Porta de Brandenburgo, em Berlim. O uso virtuosístico da perspectiva e a fantasia no uso das cores caracterizam as vedutas (paisagens amplas, às vezes imaginárias, com ruínas que já anunciam um gosto pré-romântico) dos venezianos: Giambattista Tiepolo, Francesco Guardi e Canaletto (Antonio Canali). Na Grã-Bretanha, William Hogarth produz impiedosos comentários aos costumes da época em séries de gravuras, como *A carreira do libertino*, com grandes tiragens e venda popular (copiadas em larga escala por falsificadores, elas motivam a primeira Lei do Direito Autoral, em 1735). O formalismo dos retratos oficiais é rejeitado por sir Joshua Reynolds e Thomas Gainsborough *(O menino azul)*, que apresentam seus modelos em atitudes naturais e descontraídas. Na Espanha, a série de gravuras *Os desastres da guerra*, do pintor e gravador Francisco de Goya (autor também das duas Majas, a vestida e a desnuda), unindo o grotesco e o fantástico à crítica social e política, prenuncia o Expressionismo, sobre o qual terá grande influência.

ROMANTISMO

Predominante na primeira metade do séc. XIX, reage à arte cerebral neoclássica e explora a intuição e o instinto: os serenos ideais greco-romanos são substituídos pelo arrebatamento e pela paixão. Na Grã-Bretanha, paisagistas como John Constable rompem com a imponência clássica, propondo temas mais coloquiais que, mais tarde, vão influenciar, na França, a espontaneidade poética da Escola de Barbizon, de que o maior expoente é Camille Corot. William Turner, artista viajante que, em suas telas e aquarelas, registra os efeitos da luz sobre as cores e formas, é um precursor do Impressionismo. E o gosto romântico pelo fantástico e pelo sobrenatural comparece nos trabalhos do suíço naturalizado Henry Fuseli e do poeta e pintor William Blake. Na França, Eugène Delacroix *(A morte de Sardanapalo)* e Théodore Géricault *(A jangada do Medusa)* têm grande liberdade de traço, com pinceladas ágeis; seus temas são, com freqüência, exóticos ou de um patriotismo exaltado: por exemplo, a *Liberdade guiando o povo*, de Delacroix, alusiva à Revolução de 1830.

REALISMO/IMPRESSIONISMO

Aos excessos emocionais dos românticos opõem-se, na segunda metade do séc. XIX, pintores que buscam a naturalidade e exploram temas populares e cotidianos. Gustave Courbet mostra humildes operários quebrando pedras para abrir uma estrada. E Édouard Manet causa escândalo ao retratar Olympia, mulher despida que não é a divindade mitológica inatingível e aceitável para o moralismo vigente, mas uma pessoa comum, de carne e osso. E o pintor e gravador Honoré Daumier faz caricaturas corrosivas que o colocam como um dos precursores do Expressionismo. Em 1847, em reação às convenções rígidas dos salões oficiais, onde predominam os temas históricos e as imitações de mestres do passado, surgem os impressionistas. O movimento deve seu nome ao quadro *Impressão: amanhecer*, de Claude Monet, um estudo do efeito da luz sobre os objetos. A paisagem é o tema típico de Monet, Alfred Sisley ou Camille Pissaro. Os pintores saem de seus ateliês e vão pintar ao ar livre, para captar,

com pinceladas ágeis que dissolvem o contorno exato das figuras, a mudança rápida das cores e luzes ao longo do dia. Influenciados pelas pesquisas sobre a refração da luz e a invenção da fotografia, tentam aprisionar em suas telas o instante que não se repete. Edgar Degas, pintando bailarinas e cavalos, estuda problemas de ritmo, tentando captar toda a leveza do movimento. Auguste Renoir, retomando o traço esfumado de Rubens e dos barrocos venezianos, pinta com grande sensualidade figuras opulentas de mulher.

PÓS-IMPRESSIONISMO

Na virada dos séc. XIX e XX, o pontilhismo de Georges Seurat *(Domingo de manhã na ilha da Grande Jatte)* e Paul Signac – a técnica de pintar com pontinhos multicoloridos que, embora isolados, são unidos pelo olhar – formam a transição entre o impressionismo e os pintores que, rompendo com a preocupação em apenas fixar objetivamente instantes fugazes ao ar livre, buscam, de forma mais cerebral, uma arte em que a cor e a linha adquirem valores mais simbólicos. Paul Cézanne cria naturezas-mortas de traços simples e sutis variações de tons que influenciarão o nascimento do Cubismo. As grandes superfícies de cores cruas de Paul Gauguin; que retrata os nativos do Taiti, onde morou, anunciam o Fauvismo (do francês *fauve*, fera). Henri de Toulouse-Lautrec, retratando, com um misto de ironia e ternura, o ambiente teatral, as corridas de cavalos e o submundo parisiense, lança, com seus cartazes, as bases para as artes gráficas aplicadas à publicidade. O holandês Vincent van Gogh *(Trigal com corvos)* usa suas neuroses suicidas como o motor de uma revolução visual feita com pinceladas tortuosas, amarelos intensos e traços negros, influenciados pelo ukiyo-e, a técnica japonesa de gravura, abrindo caminho para os expressionistas. Na escultura, destacam-se Auguste Rodin *(O pensador)*, cujas figuras têm um acabamento clássico, e Antoine Bourdelle, que esculpe formas mais rudes. Ambos influenciarão o maior escultor da primeira metade do séc. XX, Henry Moore *(O rei e a rainha)*, cujas figuras são sempre monumentais. Na fase que vai até o entreguerras, dois pós-impressionistas de cunho muito individual são o paisagista Maurice Utrillo, que pinta delicadas vistas de Paris, e Amedeo Modigliani, cujas figuras alongadas têm um traço muito original.

Esse é um período em que a arte se afasta cada vez mais da representação do real, voltando-se sobre si mesma – caminho que vai bifurcar-se em duas tendências fundamentais: o Expressionismo, que deforma a figura humana para refletir dramas e conflitos psicológicos; e o Abstracionismo, que abole a figura, substituindo-a por formas geométricas e manchas de cor. Radicaliza-se, assim, a idéia de que a função da arte é transmitir sensações e idéias e não mais ser um retrato da realidade – papel que, a essa altura, foi assumido pela fotografia.

ART NOUVEAU

De 1890 ao início da I Guerra Mundial, floresce, na Europa e nos EUA, o estilo chamado na França de Art Nouveau, na Alemanha de Jugendstil (estilo da juventude) e na Itália de Liberty. Influenciado pelos pré-rafaelitas ingleses – Dante-Gabriel Rossetti, sir Edward Burne-Jones, sir John Everett Millais –, consiste numa forma de arte decorativa romântica e saudosista, que usa exuberantes ornamentos de origem floral, ao longo de sinuosas linhas ascendentes entrelaçadas, em composições assimétricas. Os quadros do austríaco Gustav Klimt *(O beijo)*, em que as figuras humanas quase desaparecem sob a decoração; as luminárias, bibelôs e vasos de vidro dos franceses Émile Gallé e René Lalique; as ilustrações morbidamente eróticas do inglês Aubrey Beardsley; os cartazes de propaganda de Alfons Mucha; os móveis do escocês Mackintosh; os projetos arquitetônicos do belga Victor Horta, do francês Hector Guimard, que desenha as saídas do metrô de Paris, ou do extravagante catalão Antoni Gaudí (a Casa Milá, em Barcelona) são os mais típicos exemplos desse estilo.

Na arquitetura do fim de século, predomina o ferro batido, em esguias e leves estruturas (a torre Eiffel, Paris, 1889), de que a Grã-Bretanha e a França são os principais pólos de difusão. Países periféricos como o Brasil compram essas estruturas com produtos agrícolas – café e algodão –, usando-as para erguer estações ferroviárias (a Estação da Luz, em São Paulo) ou teatros (o José de Alencar, em Fortaleza, CE). Dessa época é também a invenção do concreto armado, que permitirá a construção de prédios cada vez mais altos, revolucionando a fisionomia das cidades, que se verticalizam.

ARTE CONTEMPORÂNEA

A invenção do avião e do automóvel, na primeira década do século; o nascimento das grandes cadeias de jornais e, mais tarde, das redes de TV com transmissão por satélite encurtam as distâncias e ampliam a circulação da informação. A conseqüência, para as artes visuais, é a aceleração vertiginosa dos estilos e escolas, na chamada era dos "ismos". Desenvolvem-se as editoras de livros e revistas de arte e multiplicam-se, desde meados do século, grandes exposições periódicas – como a Bienal de Veneza, criada em 1895 – reunindo as últimas tendências da produção artística mundial. A Bienal de São Paulo, iniciada em 1951, e a Documenta, de Kassel; na Alemanha, a partir de 1955, são as mais importantes. As diversas tendências estéticas do séc. XX são, com freqüência, simultâneas, exercendo influência umas sobre as outras.

Fauvismo – Prenunciado por Gauguin, surge em Paris, em 1905, com Henri Matisse, Maurice Vlaminck, Raoul Dufy e André Derain, que usam cores fortes, saídas diretamente dos tubos de tinta, em exuberantes composições que celebram o uso dos instintos em lugar da razão. Fase breve mas que influencia o Expressionismo.

Primitivismo – Arte ingênua, representada pelo francês autodidata Henri Rousseau *(A encantadora de serpentes)*, caracteriza-se por um desenho próximo ao infantil, com erros de perspectiva, temas alegres ou exóticos, cheios de detalhes engenhosos. O espanhol Joan Miró fará deliberadamente um tipo muito sofisticado de Primitivismo inspirado nos desenhos infantis.

Expressionismo – Expressa as angústias humanas, motivado pelo clima de insegurança que se segue à I Guerra Mundial. Seus precursores são Goya, van Gogh, o austríaco Egon Schiele, que desenha figuras humanas deformadas pelo sofrimento, o norueguês Edvard Munch *(O grito)* e o belga James Ensor, que pinta cenas grotescas, com figuras mascaradas. Na Alemanha, de 1905 a 1930, os grupos Die Brücke *(A ponte)* e Der blaue Reiter *(O cavaleiro azul)* revelam Oskar Kokoschka, Emil Nolde e Vassily Kandinski. Este último participará também da Escola Bauhaus e pintará, em 1910, a primeira obra abstrata.

Cubismo – *As senhoritas de Avignon*, pintadas por Pablo Picasso em 1907, marcam o aparecimento da técnica que consiste em representar objetos e figuras em todos os seus ângulos simultaneamente. No rosto, por exemplo, vê-se o nariz representado ao mesmo tempo de frente e de perfil. As principais influências vêm da escultura africana e das últimas pinturas de Cézanne. O estilo se ramifica em Cubismo analítico, que desmonta a figura e estuda as relações entre seus diversos elementos, e Cubismo sintético, que reorganiza a figura fragmentada sem preocupar-se em ligá-la à realidade. Os cubistas Picasso *(Guernica)*, Georges Braque e Juan Gris praticam também a colagem, agregando à tela pedaços de jornal, rótulos e materiais diversos.

Futurismo – Fundado em 1909 pelo poeta italiano Filippo Marinetti, celebra a velocidade dos novos meios de transporte e o dinamismo da vida moderna. Nas artes visuais, é representado por Umberto Boccioni e Giacomo Balla. Na França, o entusiasmo com o progresso tecnológico marca as telas de Fernand Léger, saído do Cubismo.

Dadaísmo – Caracterizado por violenta revolta contra os valores tradicionais, é fundado em Zurique, em 1915, por Tristan Tzara. Não há um estilo único mas um comportamento comum: ironia e provocação para combater o conformismo. Em 1912, com uma roda de bicicleta instalada sobre um banquinho de cozinha, Marcel Duchamp inventa o *ready-made*, composições utilizando objetos já existentes. Francis Picabia cria obras em que as noções de beleza ou significado são postas de lado. Esse movimento influencia o Surrealismo e a arte conceitual.

Bauhaus – Escola de arquitetura e artes aplicadas, fundada na Alemanha, em 1919, por Walter Gropius, transforma-se, durante a década de 20, no centro do moderno desenho industrial, adaptando a forma dos objetos às novas técnicas de produção. Estilo de linhas severas, reúne a forma à função e estuda as relações entre o indivíduo e o ambiente. Depois que ela é fechada pelos nazistas (1933), seus professores – os pintores Paul Klee e Vassily Kandinsky, os arquitetos Gropius e Mies van der Rohe – espalham suas idéias em vários países: a filial mais importante será a Escola Superior da Forma, fundada em 1955, em Ulm (Alemanha), pelo suíço Max Bill, um dos pioneiros da arte concreta (sua exposição, na I Bienal de São Paulo, em 1951, influenciou o aparecimento dessa tendência no Brasil).

Abstracionismo – Com origem no Cubismo sintético e no Fauvismo, deve sua criação aos russos Vassily Kandinsky, Casimir Malévitch, Naum Gabo e Antoine Pevsner e ao romeno Constantin Brancusi, autores de quadros e esculturas cujas formas simplificadas não contêm qualquer referência a figuras existentes na realidade. O Abstracionismo pode ser informal, caracterizado pelo uso de manchas de cor e gestos espontâneos do pincel, em composições livres que buscam expressar sensações subjetivas, ou geométrico, como nos retângulos de cores intensas do holandês Piet Mondrian, que são precursores da optical art. Um dos pioneiros desse estilo é, nos EUA, o expressionista abstrato Jackson Pollock, inventor da *action-painting* (pintura de ação), feita de rápidos respingos de tinta que escorrem sobre a tela. Na França, esse estilo é denominado tachismo (de *tâche*, mancha), representado por Georges Mathieu. A portuguesa Maria Helena Vieira da Silva ou o holandês Karel Appel estão ligados a essa tendência à abstração livre. Uma aplicação do Abstracionismo à escultura encontra-se nos móbiles de Alexander Calder, com peças soltas de formato não-figurativo. Na década de 60, o Abstracionismo será revitalizado, nos EUA, por Kenneth Noland, Frank Stella e pelos membros do grupo Campo de Cor – Mark Rothko, Barnett Newman e Morris Louis –, que visam, através da harmonia entre cores e formas, a transmitir uma sensação de equilíbrio e concisão.

Surrealismo – Surge na França, em 1924, liderado pelo poeta e crítico de arte André Breton, sob a influência das teorias de Sigmund Freud sobre as forças inconscientes do pensamento. Fascinados pela simbologia dos sonhos, os surrealistas tentam captar esse clima fantástico em suas pinturas através do livre fluxo das idéias e da eliminação do controle da razão. O espanhol Salvador Dalí *(A persistência da memória)* e os belgas René Magritte e Paul Delvaux são os pintores mais famosos. Na Itália, o Surrealismo está representado pela pintura metafísica de Giorgio de Chirico, que pinta praias ou ruas desertas com fragmentos de colunas, os quadros cheios de alusões simbólicas de Carlo Carrà e Giorgio Morandi e as figuras tragicamente esqueléticas esculpidas por Alberto Giacometti. A maioria dos surrealistas opta pelo figurativismo detalhista da arte acadêmica, como forma de demonstrar seu desprezo pela discussão dos problemas formais. Mas a abstração aparece nas formas cartilaginosas das paisagens de pesadelo de Yves Tanguy.

Concretismo – Termo criado em 1930 pelo holandês Theo Doesburg para designar o Abstracionismo com formas geométricas simples, quadrados, triângulos ou círculos, em composições rigorosamente planejadas. Tem um seguidor em Josef Albers (a série *Homenagem ao quadrado*), ex-professor da Bauhaus emigrado para os EUA.

Optical art ou op art – Tipo de abstração geométrica visando a criar efeitos ópticos, praticada pelo húngaro naturalizado francês Victor Vasarely, que influencia o argentino Julio Le Parc, criador da arte cinética, em que partes do quadro, acionadas por mecanismos elétricos, criam desenhos novos sobre a trama do fundo.

Pop art – Surge no final dos anos 50, na Grã-Bretanha, com Richard Hamilton, e floresce na década de 60, nos EUA. Reutiliza imagens típicas da sociedade de consumo, saídas do cinema, publicidade, histórias em quadrinhos ou marcas industriais. Andy Warhol faz gravuras em série com o rosto de artistas de cinema ou embalagens de latas de sopa. Jasper Johns usa a bandeira americana em suas telas. Roy Lichtenstein amplia desenhos de histórias em quadrinhos. Robert Rauschenberg transforma objetos preexistentes em obras de arte, com uma técnica que relembra a dos *ready-mades* dadaístas.

Minimalismo ou minimal art – No final da década de 50, propõe exprimir-se com um mínimo de recursos e a simplificação extrema da forma. O francês Yves Klein pinta suas telas com uma única cor, em especial um tom de azul desenvolvido por ele; e é um dos pioneiros, no início dos anos 60, da *body-art* (arte do corpo), em que a pele da modelo é usada como tela. Piero Manzoni, na Itália, Don Judd e Robert Morris, nos EUA, são outros representantes. O exagero do uso, pelos minimalistas, de materiais exclusivamente nobres, produz, na Itália, em 1970, uma reação: a *arte povera* (arte pobre), que trabalha com materiais como o metal enferrujado, que estão em processo de transformação natural.

Neo-realismo – Minimalistas como Klein e Manzoni evoluem para uma fórmula em que o importante é o processo criativo, e não a obra acabada, que deve ser apenas um reflexo dele. Esse destaque para o momento da criação caracteriza o trabalho de George Maciunas, Nam June Pak, Joseph Beuys, do grupo alemão Zero, ou do francês GRAV (Groupe de Recherches de l'Art Visuel), que incorporam a suas buscas estéticas diversos avanços científicos, como a fotografia ou as imagens de videoteipe.

Hiper-realismo – Retorno ao figurativismo, no final da década de 60. Chuck Close, Richard Estes, Malcolm Morley e o escultor Duane Hanson propõem que suas obras sejam "espelhos" da realidade, reproduzindo-a fotograficamente.

Arte conceitual – Criada por Joseph Kossuth, no início dos anos 60, parte do princípio de que a idéia é mais importante do que o que resulta dela. Usa fotos, textos, mapas, diagramas e vídeos para arrancar o espectador da observação passiva e motivar sua reflexão. *Uma e três cadeiras* (1965), por exemplo, reúne uma cadeira a uma foto da cadeira e à ampliação fotográfica de um verbete de dicionário definindo a palavra "cadeira", propondo como o objetivo discutir se as palavras traduzem com eficiência o mundo real. A arte conceitual tem ramificações como a *land-art* (arte da terra), de Michel Heizer, Richard Long ou Robert Smithson, que manipula as imagens da natureza; ou a *body-art* proposta por Y. Klein, que tem em Bruce Nauman, Keith Sonier e Vito Acconci seus principais seguidores.

Arte performática – O pioneiro Allen Kaprow, que cria o *happening* (acontecimento), no limite entre o teatro e as artes plásticas, para representar as sensações e emoções com o auxílio de imagens, música e leitura de textos. Do *happening*, de caráter improvisado, no qual a participação do público é fundamental, deriva a *performance* (desempenho), que é cuidadosamente planejada e não prevê colaboração da platéia. Numa das mais famosas, *Como explicar quadros a uma lebre morta* (1965), Joseph Beuys, cobrindo o rosto com mel e folhas de ouro e carregando nos braços o cadáver do animal, percorreu uma exposição de pinturas fazendo comentários que pretendiam demons-

trar a futilidade da arte diante da tragédia ecológica.

Transvanguarda – Reagindo à abolição da pintura pela arte conceitual, os jovens alemães do grupo Neue Wilden (Novos Selvagens) buscam resgatar a tradição figurativa. O pós-expressionista Anselm Kiefer, desse grupo, pinta enormes telas com paisagens desoladas e perspectivas esmagadoras. A exposição da Transvanguarda italiana, organizada em 1979 pelo crítico Achile Bonito Oliva, revela Sandro Chia, cujos quadros usam figuras humanas gigantescas ao lado de colunas e estátuas de estilo neoclássico, numa alusão irônica à estética fascista dos anos 20/30. O movimento Pós-moderno, iniciado pelo arquiteto Paolo Portogallo, funde o antigo ao moderno – arcos, colunas, capitéis, rodapés decorados, associados com objetos de metal ou vidro com gás néon –, na busca deliberada do ecletismo. A nova figuração francesa e a nova imagem americana reafirmam os princípios formulados pelo hiper-realismo e a pop art. A esta última está ainda ligada a nova geração de escultores ingleses, que atualiza a crítica dos anos 60 à sociedade de consumo: Tony Cragg trabalha com fragmentos de lixo plástico, e Bill Woodrow, com recortes de carcaças de automóveis. A invenção de aparelhos produtores e transmissores de imagens a longa distância também estimula pesquisas como a do americano Bill Viola, que trabalha com vídeo, eletrografia (gravuras feitas com fax e xerox), fotografia holográfica (a raio laser) e computação gráfica.

Tendências recentes – Na IX Documenta, de Kassel (jun. de 1992), destacam-se o casebre russo montado por Iliá Kabákov, num protesto contra a "arrogância da prosperidade ocidental"; e a pintura intelectualizada dos americanos Ellsworth Kelly e Brice Marden, que fazem grandes painéis em geral monocromáticos. Na Bienal de Veneza (jun. de 1993) é premiada *Germania*, a instalação do alemão Hans Haacke, metáfora satírica sobre a Alemanha que tenta caminhar sobre os escombros de sua própria história); e desperta muito interesse a alegoria da perseguição anti-semita, durante a II Guerra, que Fabio Mauri faz com pilhas de malas, numa alusão àqueles que foram compulsoriamente removidos para campos de concentração. A freqüência com que os artistas escolhem temas como o racismo, a violência, a AIDS e a intolerância política, racial ou religiosa parece assinalar um abandono do esteticismo em favor de se colocar de novo a arte como um veículo de discussão dos grandes problemas humanos.

Artes plásticas no Brasil

Entre os primeiros artesãos que vêm para o Brasil com os jesuítas, para atender à sua demanda de mobiliário e objetos sacros, está o tirolês Johann Traer, que, influenciado pelo Barroco europeu, entalha os púlpitos da Igreja de S. Francisco Xavier, em Belém do Pará. A pintura jesuítica se inicia em 1587, com a chegada de frei Belchior Paulo (retrato de Anchieta), seguido de outros pintores jesuítas ou beneditinos: Domingos da Conceição, Agostinho da Piedade e Agostinho de Jesus. Após a invasão holandesa, vêm para o Recife, em 1637, importantes artistas flamengos: o arquiteto Pieter Post e os pintores Frans Post, Albert Eckout e Zacharias Wagener, que documentaram a fauna, a flora e as paisagens tropicais, influenciando artistas locais como João dos Santos Simões.

BARROCO

O estilo brasileiro tem seu apogeu do séc. XVIII à chegada da missão francesa, em 1816. A pintura italiana, com efeitos de perspectiva que dão a ilusão de profundidade, é praticada pelo fluminense Caetano da Costa Coelho e pelo baiano Joaquim José da Rocha, enquanto, em São Paulo, trabalhando isolado, o pe. Jesuíno do Monte Carmelo faz uma obra sacra muito pessoal. Na escola mineira, cujo florescimento é favorecido pelo ciclo do ouro, o pintor Manuel da Costa Ataíde *(A última ceia)* e o escultor e arquiteto Antônio Francisco Lisboa, o "Aleijadinho" (os *Profetas* e os *Passos da cruz*, em Congonhas), fundem meios de expressão convencionais com uma vivência nacional e o uso de materiais tipicamente brasileiros (madeira, pedra-sabão). No Rio, o entalhador Mestre Valentim da Fonseca e Silva modifica a fisionomia da cidade com o planejamento paisagístico (Passeio Público). A carta-régia de 20/11/1800 funda a Aula Pública de Desenho e Figura, dirigida por Manuel Dias de Oliveira (o "Brasiliense"). Outros pintores cariocas importantes são José Teófilo de Jesus, Antônio Velasco, Manuel da Cunha e Francisco Pedro do Amaral.

NEOCLASSICISMO

Entre as medidas modernizadoras do príncipe-regente d. João, a partir de 1808, está a decisão, inspirada por Antônio Araújo e Azevedo, o conde da Barca, de contratar uma missão artística francesa encarregada de fundar e dirigir, no Rio de Janeiro, uma Escola de Artes e Ofícios. O grupo, dirigido por Joachim Lebreton, chega em 1816, reunindo pintores, escultores, engenheiros, artífices e um músico. Mas como, na maioria, são bonapartistas, o cônsul-geral francês, nomeado pela monarquia Bourbon, os hostiliza – o que, somado às intrigas palacianas e à inércia da administração colonial, faz com que, à exceção de Jean-Baptiste Debret, todos voltem à França após a morte de Lebreton e do conde da Barca. A Academia Imperial de Belas-Artes é inaugurada em 5/11/1826, mas seu funcionamento é dificultado por desentendimentos entre Debret e o co-diretor português, Henrique José da Silva. Mas ficam as paisagens de Nicolas Antoine Taunay, os projetos arquitetônicos de Auguste Grandjean de Montigny e, sobretudo, os desenhos e as telas em que Debret fixou costumes, cenas populares e personagens típicos do Brasil da época. Em 1834, a academia é ampliada por Félix-Émile Taunay, consolidando, no Brasil, o gosto pelos padrões neoclássicos europeus. A partir de 1840, há tentativas de descentralizar o ensino de arte, mas, à exceção da Escola de Belas-Artes de Salvador, dirigida pelo espanhol Miguel Navarro y Cañizares (1877), nenhuma outra surgirá antes da República. A vinda da missão francesa atrai ao Brasil outros estrangeiros que se inspiram em suas diretrizes: Auguste Marie Taunay, Charles-Simon Pradier, Marc e Zéphyrin Ferrez, Manuel de Araújo Porto-Alegre, August Müller, Thomas Ender, Charles Landseer, Armand Julien Pallière, Johann Moritz Rugendas, Louis-Alexis Boulanger, Claude-Joseph Barandier, François e Louis Moreau, Jules La Chevrée, Abraham Buvelot, Henri-Nicolas Vinet, Alessandro Cicarelli, Georg Grimm, Jean-Baptiste Borely, Ferdinand Krumholz. Entre os alunos da Academia ou desses pintores estrangeiros, destacam-se Manuel de Araújo Porto-Alegre, Rafael Mendes de Carvalho, Francisco Antônio Nery, Francisco Pedro do Amaral, Simplício Rodrigues de Sá, Manuel Joaquim de Melo Corte Real, José Leandro de Carvalho e Agostinho José da Mota.

ACADEMICISMO

Manifestações surgidas em torno da Academia (1850–1920), tributárias de movimentos europeus: Neoclassicismo e Romantismo tardios, Impressionismo. Destacam-se João Zeferino da Costa (painéis da Igreja da Candelária, no Rio), Rodolfo Amoedo, influenciado pelo lirismo pós-romântico de Puvis de Chavannes; Antônio Parreiras, paisagista pré-impressionista, de cores pálidas e temas tristonhos; e o escultor neoclássico Rodolfo Bernardelli. Posteriormente, sob a direção de Porto-Alegre, a academia questiona a rígida observância da composição clássica e revela pintores voltados para temas brasileiros (paisagens, episódios históricos, tipos e costumes, naturezas-mortas): José Ferraz de Almeida Jr., Henrique Bernardelli, Vitor Meirelles e Pedro Américo. No início do séc. XX, marcas do art nouveau surgem nas marinhas de Pedro Weingartner, nas paisagens de João Batista da Costa, nas naturezas-mortas de Pedro Alexan-

drino Borges e em telas de pintores como Eliseu Visconti e Belmiro de Almeida, que, depois, evoluirão para tendências menos convencionais. Características acadêmicas persistirão, ao longo do século, em artistas como o italiano Aldo Locatelli, imigrado para o Rio Grande do Sul em 1948. São, aliás, numerosos os estrangeiros que, instalando-se no país, fazem escola: os italianos Carlo de Servi, Giambattista Castagnetto, Beniamino Parlagreco, Carlo Campofiorito e Gustavo dall'Ara, o alemão Thomas Driendl, o norueguês Alfred Andersen, o espanhol Modesto Brocos y Gómez, os franceses Berthe Worms e Émile Rouède. Outros nomes importantes dessa fase: Fernando de Figueiredo e Mello, Antônio Firmino Monteiro, Antônio Rafael Pinto Bandeira, Décio Villares, Benedito Calixto, Eugênio Latour, Manuel Madruga, Hélios Aristides Seelinger, Hipólito Boaventura Caron, Pedro Vásquez, Joaquim José de França Júnior, Jerônimo José Telles Jr., Teodoro Braga, os irmãos Rodolfo e Carlos Chambelland, e Carlos Oswald.

MODERNISMO

A exposição do russo Lasar Segall (1913), na confluência do Expressionismo com o Cubismo, é a primeira a romper com o Academicismo. Mas é Anita Malfatti quem, ao voltar dos EUA (12/12/1917), desencadeia transformações radicais com uma exposição que escandaliza o ambiente intelectual paulista, provocando ataques de Monteiro Lobato em *O Estado de S. Paulo*. Aos quadros de Malfatti – em que se mesclam Expressionismo, Cubismo e Fauvismo – vêm juntar-se as esculturas de Vitor Brecheret, influenciadas por Émile Bourdelle e Ivan Mestrovic; as gravuras expressionistas de Osvaldo Goeldi e as telas de Vicente do Rego Monteiro, de desenho muito pessoal, filiado ao monumentalismo da escultura primitiva. Estes e outros artistas participam da exposição, no Teatro Municipal de São Paulo, durante a Semana de Arte Moderna de 1922. Os anos seguintes aprofundam a intenção de destruir o ranço acadêmico do passado. Malfatti, Rego Monteiro, Emiliano Di Cavalcanti vão estudar na Europa; mas despontam novos nomes: Tarsila do Amaral, ligada à Antropofagia de Oswald e Mário de Andrade; Cícero Dias, o primeiro muralista abstrato sul-americano; o cubista Antônio Gomide, seguidor de Georges Braque e Picasso; Segall, que aclimata seu Expressionismo ao ambiente tropical brasileiro; Ismael Nery, que, influenciado por Chagall, orienta-se para um Surrealismo muito lírico (mas sua obra só será corretamente avaliada a partir de 1965); e Alberto da Veiga Guignard, que reinterpreta poeticamente a paisagem de Ouro Preto, criando toda uma escola de paisagistas nas cidades históricas mineiras.

Décadas de 20/30 – O período que vai até o início da II Guerra Mundial é dominado pelas telas e murais de Cândido Portinari, voltado para problemas sociais, na linha dos muralistas mexicanos Diego Rivera, David Siqueiros e José Clemente Orozco, mas com algumas soluções que deve ao Picasso de *Guernica*, por exemplo. Depois de 1954, sua pintura passará por um processo de internacionalização, por influência da abstração informal ou geométrica. A temática de Tomás Santa Rosa e Orlando Teruz também é brasileira, mas com menor conotação social. As despojadas marinhas de José Pancetti e o Cubismo lírico e ingênuo de Milton Dacosta são os melhores produtos do Núcleo Bernardelli. Em 1927, o arquiteto Grigóri Warchavchik, russo naturalizado, constrói em São Paulo a primeira casa modernista brasileira, de linhas geométricas severas e desprovida de ornamentações. No projeto do prédio do MEC, atual Palácio da Cultura, no Rio, feito em 1936 pela equipe de Lúcio Costa, sob orientação do suíço Charles Le Corbusier, trabalhará o jovem Oscar Niemeyer, que, no futuro, despertaria a atenção internacional para a arquitetura brasileira. Entre 1930 e 1932, são criados, em São Paulo, a Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM), o Clube dos Artistas Modernos (CAM) e o Grupo Santa Helena, antecipando as tendências cosmopolitas que marcarão a arte brasileira depois de 1945. Alfredo Volpi, representante principal deste último, depois de uma fase expressionista (marinhas, paisagens, naturezas-mortas), evolui para o Abstracionismo geométrico, sempre com o mesmo tema e recursos: composições a têmpera com mastros e bandeirinhas de São João. Com a intenção de repensar o caminho percorrido desde 1922, o grupo reúne também Clóvis Graciano, Francisco Rebolo Gonzáles, Mário Zanini, Fulvio Penachi, Aldo Bonadei, Carlos Scliar e Bruno Giorgi.

Década de 40 – Nos outros Estados, a fixação do Modernismo é tardia: a primeira exposição de modernos em Belo Horizonte (1944) provoca escândalo, mas resulta na criação da Escola de Belas-Artes – na qual se formam Ligia Clark e Maria Helena Andrés – e na construção da Igreja de São Francisco, no bairro da Pampulha, desenhada por Niemeyer e decorada com telas, murais e azulejos de Portinari. O conjunto que cerca a igreja, com projeto paisagístico de Roberto Burle Marx, é revolucionário por trabalhar o concreto armado com linhas sinuosas. O escultor Mário Cravo, o tapeceiro Genaro de Carvalho e o desenhista Carybé (Héctor Júlio Bernabó) na Bahia; Aldemir Martins e o mineiro José de Paula Inimá, revelados pelo Salão Cearense de abr. de 1943; o gravador e desenhista Poty (Potyguara Lazzaratto) e o pintor Loio Pérsio, que colaboram, em Curitiba, com a revista *Joaquim*, dirigida por Dalton Trevisan, são nomes que surgem fora do eixo Rio-São Paulo. O papel de Burle Marx é fundamental: ele implanta, na urbanização brasileira, a idéia da harmonização das áreas verdes horizontais com os complexos verticais de cimento, aço e vidro. Os escultores Bruno Giorgi, Felícia Leirner, Alfredo Ceschiatti e Celso Antônio também buscam essa integração. A decoração de interiores recebe um impulso com os móveis de estilo moderno de Joaquim Tenreiro, os tapetes de Madeleine Colaço (a inventora do ponto brasileiro), Augusto Degois e a dupla Jacques Douchez/Norberto Nicola, além das telas de Maria Martins, José Pedrosa e Francisco (Xico) Stockinger. A gravura, partindo do exemplo pioneiro de Goeldi, se renova com Darel Valença Lins, Iara Tupinambá, Marcelo Grassmann e os trabalhos de Lasar Segall e Lívio Abramo, em que avultam temas de preocupação social (a guerra, a prostituição, a miséria). Os alemães Axel Leskoschek e Johann Friedländer, fugindo do nazismo, instalam-se no Brasil, onde formam toda uma geração de artistas: Fayga Ostrower, Ivan Serpa, Renina Katz, Edith Behring, Ana Letícia, Isabel Pons, Roberto Lamônica e outros.

Década de 50 – O curso de gravação de Iberê Camargo, no Instituto de Belas-Artes do Rio, e o do Clube de Gravura de Porto Alegre, ambos orientados para a pesquisa de fontes populares de inspiração que rompam com a tendência ao Abstracionismo, fazem essa técnica ter extraordinário desenvolvimento. Surge toda uma nova geração de gravuristas: Antoni Babinsk, Vilma Martins, Tereza Miranda, Maria Bonomi, Mário Gruber, Lótus Lobo, Karlheinz Hansen-Bahia, Emanoel Araújo e outros. Após a II Guerra, um figurativismo ancorado em temática tipicamente brasileira continua a ser explorado por Emeric Marcier, Djanira, Pancetti, Di Cavalcanti e Guignard. Mas, por influência dos centros europeus e da nova pintura americana, o Abstracionismo passa a ser a linguagem dominante. Para isso, concorrem a fundação dos museus de Arte Moderna de São Paulo (1948) e do Rio de Janeiro (1949) e a criação da Bienal de São Paulo (1951). São pioneiros dessa nova fase Antônio Bandeira, cujo Abstracionismo informal é analogicamente figurativo (há, em suas manchas, sugestão de árvores, cidades, céus estrelados), e Cícero Dias, que tende para a abstração geométrica. No fim da década, o impacto do tachismo de Georges Mathieu se exerce sobre abstracionistas de tendência construtivista como Manabu Mabe, Flávio Shiró, Yolanda Mohályi, László Meitner, Danilo di Prete, Domenico di Prete, Wega Nery, Sara Ávila, M.H. Andrés, Glauco Velásquez (em muitos deles, o abstracionismo é uma fase rumo ao retorno ao figurativismo). Com propensão à disciplina geométrica, assinalam-se Geraldo de Souza, Tomie

Ohtake, Fayga Ostrower, Arcângelo Ianelli e Samson Flexor, fundador do Atelier Abstração, de São Paulo. Essa vertente geométrica tende para o Concretismo, que rejeita analogias com formas da realidade e, inspirado no trabalho de Mondrian e da Bauhaus, pesquisa formas puras, inteiramente novas. Ivan Serpa, que mais tarde retornará a um figurativismo neo-expressionista, e Valdemar Cordeiro, que se dedicará à pop art e aos trabalhos com elementos eletrônicos e cibernéticos, são os primeiros a aderir ao Concretismo. Depois deles, virão Lígia Clark, Hélio Oiticica e Ligia Pape. Em 1957, os concretistas cariocas rompem com o grupo paulista – pois este não aceita qualquer tipo de alusão, ainda que indireta, à figuração – e formam o movimento neoconcretista, que rompe com o espaço bidimensional do quadro, reduz o uso de cores a monocromias com variação de textura e intensidade, ou trabalha com chapas de metal móveis, articuladas por dobradiças, que propõem, pioneiramente no Brasil, a participação do espectador na feitura de obras nunca finalizadas (Clark, e as "instalações" a que Oiticica chamava de parangolés).

TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

Na década de 60, *happenings*, pop art, *assemblages* (colagens caóticas de objetos disparatados), modismos importados da Europa e dos EUA, abrem as comportas à experimentação com temas e materiais, recusando as regras ou as categorias fechadas. Processos de comunicação de massa (foto, cartaz, televisão, história em quadrinhos) são usados, visando à contestação da própria arte e da sociedade de consumo que a produz e que aliena o homem de seus valores mais profundos. Essa seqüência de "antis" e "contras" deságua num conceito de arte total, em que vida e arte não constituem pólos extremos, e sim uma síntese redefinidora. Rubens Gerchman, um dos introdutores da pop art no Brasil, preocupa-se com o social e procura novas ordens estruturais de manifestação; os *happenings* de Nélson Leirner, Júlio Plaza e Regina Silveira, influenciados pela op art e pelas pesquisas cinéticas de Le Parc, solicitam a participação do espectador através de artifícios mecânicos; Rubem Valentim trabalha com símbolos que lembram os dos rituais negros da Bahia e com a superposição de módulos de madeira criando objetos. Pintores de outra geração – Volpi, Dacosta, Maria Leontina – aderem a essas tendências. Abraão Palatnik aproveita os desenhos naturais de lâminas de madeira superpostas, abrindo caminho para a transformação de elementos diretamente extraídos da natureza: os bambus pintados de Ione Saldanha; os troncos, torrões de terra e raízes usados por Frans Krajcberg. Conscientizando-se de que a situação social do país exige propostas de trabalho na área da cultura popular, abstracionistas como Farnese de Andrade, Glauco Rodrigues, Pietrina Checacci e Humberto Espíndola retomam a figuração. É uma fase em que são muito valorizados pintores ingênuos e primitivos como Heitor dos Prazeres, Djanira, Cardosinho, Xico da Silva ou Raimundo de Oliveira. As mostras Opinião, no MAM do Rio, a partir de 1965, consolidam a preferência pela figuração, com Newton Resende ou Antônio Dias, e com a nova figuração – ou figuração mágica – de Cláudio Tozzi, Wesley Duke Lee ou Luiz Paulo Baravelli. A arte pobre, que aproveita lixo e detritos; o poema-processo, que tenta a síntese entre pintura e literatura; e a arte conceitual, em que a obra de arte passa a ser a formulação da proposta de sua realização, surgem como formas de contestação dos processos tradicionais de fazer artes plásticas. As pesquisas de Ana Bella Geiger com temas indígenas, o uso que Bené Fontelles faz do xerox, as telas hiper-realistas de Gregório Gruber, as gravuras de Júlio Plaza usando símbolos da cultura de massa, os desenhos eróticos de Lígia Pape e os trabalhos conceituais de Waltércio Caldas Jr., Artur Alípio Barros e Ivald Granato marcam o fim dos anos 60.

Década de 70 – A vanguarda radicaliza sua busca da liberdade expressiva explorando cada vez mais os objetos característicos do mundo contemporâneo, utilizando sistematicamente artefatos industrializados e rompendo com a noção de obra de arte única. Praticam-se a videoarte (José Roberto Aguilar) e a *performance* (Granato, Flávio Pons, Aguilar e sua Banda Performática). Os artistas encontram em grandes locais públicos (murais de Cláudio Tozzi, Tomie Ohtake, Maria Bonomi ou Sérvulo Esmeraldo para praças e prédios) a forma de sair do espaço fechado dos centros culturais. Reagindo à arte conceitual e performática, a Geração FAAP – formada em torno de Walter Zanini na Fundação Armando Álvares Penteado, de São Paulo – volta a produzir pintura e escultura, mas com um tom crítico, irreverente e irônico: Leda Catunda, Leonilson, Caetano de Almeida, Sérgio Romagnolo, Luís Zerbini, Ana Maria Tavares, Jac Leiner são seus nomes principais. Optando por permanecer fora do eixo Rio-São Paulo, Siron Franco (Goiânia), João Câmara Filho (Recife), Arlindo Daibert Amaral (Juiz de Fora), Humberto Espíndola (Cuiabá), Maria Tomaselli (Porto Alegre), Carlos Eduardo Zimmermann (Curitiba) ou Rodrigo de Haro (Florianópolis) empenham-se na revalorização das culturas locais.

Décadas de 80/90 – O novo informalismo, rebelando-se contra o racionalismo excessivo dos anos 70 e pregando o resgate da emoção através do retorno à pintura de cavalete e à exploração sensual do colorido, constitui uma abertura para a redescoberta do prazer de pintar, de expressar mais livremente as imagens do cotidiano ou de jogar com a atualização de técnicas tradicionais, extraídas da história da arte. A Geração 80, lançada pela exposição coletiva da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ), em 1984, propõe a busca, rejeitada pelos artistas conceituais, de um compromisso entre a integridade artística e as exigências do mercado. Daniel Senise, Jorge Guinle Filho Jorge Duarte, os artistas da Geração FAAP e do extinto Grupo Casa 7 (Nuno Ramos, Rodrigo Andrade) são seus representantes. Nesse período, observa-se ainda o retorno à arte tridimensional (escultura e objetos) e ao Neoconcretismo. O prestígio da Bienal de São Paulo, recuperado no início dos anos 80, declina no final da década, em função da crise na cúpula de curadores, que tem como resultado a edição anêmica da 20ª Bienal (1989), o quase cancelamento da mostra de 1991 e o adiamento da seguinte para 1994. Em compensação, artistas brasileiros conseguem destaque no exterior. Em jun. de 1992, pela primeira vez, entre os 186 artistas selecionados para a IX Documenta, de Kassel, estão cinco brasileiros: os paulistas José Resende e Jac Leiner; os cariocas Cildo Meireles e Waltércio Caldas; e o gaúcho Saint-Clair Cemin, que, há vinte anos, reside no exterior. Também a Bienal de Veneza, em jun. de 1993, convida o paraense Carlos Fajardo, o paulista Ângelo Venosa e o carioca Emmanuel Nassar. Internamente, no segundo semestre de 1993, despertam o interesse da crítica nomes novos como os dos cariocas Jefferson Svoboda e Ricardo Basbaum ou, revelados por uma exposição no Museu de Arte Moderna do Rio, os mineiros Amilcar de Castro, Manfredo de Souza Neto, Marcos Coelho Benjamin e Celso Renato de Lima.

Em set. de 1993, duas exposições realizadas em São Paulo sintetizam tendências cuja influência ainda é marcante. No Museu de Arte Contemporânea, abre uma retrospectiva do *Fluxus*, grupo assim batizado, em 1961, pelo arquiteto e designer George Maciunias, e que reuniu praticantes de modalidades artísticas tão variadas quanto a *performance*, o *happening* e a arte conceitual: Dick Higgins, Bob Watts, Jackson MacLow, Alison Knowles e a japonesa Yoko Ono, viúva do "beatle" John Lennon. Na frase de Joseph Beuys, "qualquer um pode ser um artista", resumem-se as propostas desses criadores que tentam mostrar o que há de artístico no momento efêmero, que não pode ser reproduzido nem repetido. Enquanto isso, no mesmo museu, *Permanência do Ready-Made* mostra como, oitenta anos após seu surgimento, as idéias de Marcel Duchamp (obras de arte construídas a partir de objetos já existentes), são retomadas e atualizadas por artistas como Regina Silveira e Guto Lacaz, Lia Menna Barreto e Rosangela Rennó. ■

ASTRONÁUTICA

É a ciência da navegação no espaço exterior, além da atmosfera terrestre. Engloba o conjunto de técnicas relacionadas com a exploração do espaço cósmico e as viagens entre os corpos celestes. É conhecida também pelos termos cosmonáutica e espaçonáutica.

ORIGENS

Konstantín Eduardóvitch Tsiolkóvski, um professor primário do interior da Rússia, autodidata em Matemática e Física, é considerado o pai da Astronáutica. Suas leituras de Julio Verne o levam a sonhar com viagens interplanetárias desde a adolescência. Em 1883, ele concebe o princípio da obtenção de movimento por reação química, ejetando-se partículas gasosas. Foi o primeiro a deduzir as leis que regem o movimento de um foguete fora da gravidade terrestre. Propôs o emprego de foguetes para a exploração do espaço interplanetário e o uso de oxigênio e hidrogênio líquidos como propulsores. Em 1935, ano em que Tsiolkóvski morre, o americano Robert Hutchings Goddard, professor de Física Experimental, inicia suas experiências com foguetes de autopropulsão. O seu primeiro e pequeno (3 m de altura) foguete de combustível líquido voa a 2.100 m de altura, percorrendo uma distância de 4.130 m a 990 km/h, no deserto de Rosswell, Novo México.

Os cientistas da base de Peenemünde, na ilha de Usedom (Alemanha), desenvolvem, de 1935 a 1945, as bombas voadoras V-1 e V-2, projetadas por Wernher von Braun. A V-1 é usada contra a Inglaterra e a Bélgica durante a II Guerra Mundial. É constituída por um pequeno avião, sem piloto, equipado com motor a jato, que transporta uma bomba de 908 kg. A V-2 é considerada o primeiro míssil balístico e precursora dos modernos mísseis de longo alcance e dos veículos de lançamento espacial.

No final da guerra, os americanos se apoderam de vários documentos relativos à V-2 e passam a contar com o trabalho de dezenas de especialistas emigrantes da Alemanha e liderados por von Braun. A URSS fica com o que sobra da base e das fábricas de foguetes de Nordhausen e com uma centena de técnicos ligados à produção da V-2, liderados por Helmut Grotrupp.

Em 30/10/1947, Grotrupp dirige o primeiro disparo de uma V-2 em solo soviético. A partir daí, sua importância e a dos outros cem técnicos alemães começa a declinar e, em 1950, eles voltam à Alemanha. Os soviéticos aprendem rapidamente o que os alemães têm a lhes transmitir, porque já possuem uma longa tradição de pesquisa em foguetes, herdada do pioneiro Tsiolkóvski. Enquanto isso, nos EUA, o conhecimento de von Braun e sua equipe economiza dez anos de pesquisas e centenas de milhões de dólares. Finalmente, em 1957, depois de mais de setenta anos de pesquisas, existem condições de construir o primeiro objeto que irá deixar a Terra.

PRINCÍPIOS BÁSICOS

Partindo da superfície da Terra, uma nave precisa ganhar altitude, acelerando cada vez mais à medida que deixa para trás o ar mais denso. Isso é conseguido com o empuxo de foguetes, produzido pela retroexaustão de gases em altíssima velocidade. Um foguete químico leva como fonte de energia combustíveis sólidos ou líquidos, que também constituem a massa expelida. Ao contrário dos motores dos aviões a jato, que utilizam o oxigênio da atmosfera na combustão, os de um foguete usam o oxigênio líquido ou o liberado por reações químicas. Quanto maior a massa de combustível em relação à massa total do foguete, maior a velocidade final atingida pela carga útil. Para não carregar peso morto, ejetam-se estágios já consumidos.

Decolagens e pousos – Para afastar-se da Terra, em uma viagem espacial, uma nave deve atingir a velocidade de 40 mil km/h (11 km/s) antes de esgotar os foguetes. Contudo, a velocidade horizontal de 28 mil km/h (8 km/s) já é suficiente para mantê-la em órbita da Terra como um satélite artificial, a poucas centenas de quilômetros de altitude, sem propulsão. A nave fica em queda livre – nada a sustenta –, mas não volta ao solo porque há um equilíbrio entre a força centrífuga, que a leva a se afastar da Terra, e a centrípeta, que a leva a se aproximar.

Em órbitas baixas, a atração da gravidade é quase igual à que reina na superfície, mas na condição de queda livre um tripulante não tem sensação de peso. O passageiro de um elevador que descesse em grande velocidade teria uma experiência semelhante. Essa sensação de imponderabilidade é característica marcante de todo vôo livre no espaço, com foguetes desligados e sem arrasto nem sustentação de atmosfera.

Se a atmosfera é um pequeno obstáculo a vencer na partida, torna-se uma grande aliada na volta à superfície: em vez de usar foguetes para reduzir a zero uma enorme velocidade antes do pouso, pode-se aproveitar o arrasto atmosférico fazendo uma reentrada cuidadosa. Para isso é necessário blindagem térmica e um formato aerodinâmico para trazer a nave de volta. Já o pouso na Lua, que não tem ar, requer a ação dos retrofoguetes. A gravidade lunar, cerca de seis vezes menor do que a terrestre, facilita tanto o pouso quanto a decolagem.

Os foguetes só são empregados na partida, em pequenas correções de meio-curso e na chegada. Ao longo da maior parte da viagem a espaçonave descreve uma trajetória curva ditada pela atração predominante do Sol, como se fosse um asteróide.

A gravidade dos planetas, obstáculo a se vencer nos pousos e decolagens, pode ser também aproveitada em manobras inteligentes de "quase colisão", que permitem acelerar e desviar a nave sem gasto de combustível, como forma de chegar a um outro planeta mais distante ou mesmo escapar inteiramente do sistema solar.

Objetos espaciais – Para projetar e construir um satélite ou uma sonda interplanetária, é necessário dar atenção aos requisitos do ambiente espacial. A estrutura mecânica deve ser projetada para resistir aos esforços decorrentes de manobras no espaço e especialmente aos pousos e decolagens. Naves montadas no espaço, como as futuras estações orbitais, poderão ser tão franzinas que, se colocadas na Terra, não se sustentariam de pé.

No espaço não há a corrosão química comum, mas, em compensação, o efeito de radiações de alta energia é mais severo do que no solo. Há também grandes mudanças de temperatura. É necessário garantir o controle térmico através da absorção e irradiação de calor, com a nave exposta ao sol ou eclipsada. A energia elétrica de bordo costuma ser gerada através de células solares e, em casos mais raros, por reatores nucleares. Baterias químicas são empregadas como acumuladores de energia.

PRIMEIRAS REALIZAÇÕES

A URSS é o primeiro país a colocar no espaço um satélite feito pelo homem: o *Sputnik I*. Lançado em 4/10/1957 da base de Baikonur, no Cazaquistão, a 2 mil km de Moscou, é constituído por uma esfera de alumínio de 58 cm de diâmetro, 83 kg de peso, com dois pares de antenas de 2,4 e 2,9 m. Os americanos são surpreendidos novamente em 3/11/1957 com o lançamento de um foguete de 600 t de empuxo, que leva um satélite de 560 kg, com uma cadela da raça laika (cão esquimó) a bordo. Seu nome é Kudriávka (Crespinha), o primeiro ser vivo a viajar e morrer no espaço.

Enquanto os jornais de todo o mundo falam da espantosa conquista soviética, os americanos aceleram o lançamento do *Vanguard*, que acaba em fracasso: o foguete não vai além de 1 m da plataforma de lançamento e despenca, rompendo os tanques de combustível e provocando uma grande explosão (1957). Os cientistas da

Marinha são substituídos pela equipe de von Braun, que, em 31/1/1958, lança com sucesso o satélite *Explorer I*, um cilindro de 2 m de comprimento e 13 kg de peso. A partir de 1958 multiplicam-se os lançamentos de satélites para observações astronômicas e meteorológicas, orientação da navegação aérea e marítima e telecomunicações. Em jul. de 1962, o lançamento do satélite americano *Telstar* inaugura o sistema de transmissão intercontinental de imagens de televisão.

Primeiros astronautas – O primeiro homem a voar numa nave espacial é Iúri Gagárin, a bordo da *Vostok I*, lançada pela URSS em 1961. Permanece 108 min em órbita e regressa à Terra sem nenhum problema. Ao ver nosso planeta do espaço exclama: "A Terra é azul!". Depois de Gagárin sobe o também soviético Titóv, que permanece 25h18min no cosmo, nos dias 6 e 7/8/1961. Em 20/2/1962 sobe o primeiro astronauta americano, John Glenn, para um vôo de três órbitas em torno da Terra, que dura 4h56min. Antes dele dois americanos haviam feito vôos espaciais suborbitais. Em 16/6/1963, os soviéticos lançam a *Vostok VI*, com um único tripulante, Valentina V. Teréshkova, a primeira mulher astronauta, num vôo de 48 órbitas completadas em mais de 70 h.

Naves espaciais – Para explorar melhor o espaço cósmico, os cientistas precisam de veículos melhores do que a pequena *Mercury* ou a pouco sofisticada *Vostok*. Os soviéticos começam então o projeto da nave *Soiúz*, com 23 t e 23 m³ de espaço interno, e os americanos imaginam a nave *Apollo*. O término dos dois projetos estava previsto para 1967, mas sabia-se que, mesmo que ficassem prontos antes, os foguetes da época não teriam força para colocar veículos tão pesados no espaço.

Americanos e soviéticos desenvolvem rapidamente naves intermediárias, as *Gemini* (3,8 t, 2,5 m³) e as *Voskhod* (6,5 t, 8 m³). A segunda fica famosa por transportar o primeiro grupo de passageiros celestes, os cientistas Konstantin Feokístov (médico) e Borís Iegórov (físico), que sobem com o astronauta Vladímir Komárov.

Em 18/3/1965, sobe a *Voskhod II* com Aleksêi Leônov e Pável Beliáiev. Em pleno vôo, Leônov sai da sua cabine, mantendo-se ligado ao veículo espacial apenas por um "cordão umbilical" que lhe transmite oxigênio e eletricidade. Dois meses e meio depois, Edward White, companheiro de vôo de James McDivitt na *Gemini 4*, sai também da cabine e permanece 21 min no vazio.

Aparentemente satisfeitos com a liderança obtida nos oito anos iniciais da corrida espacial, os soviéticos interrompem os vôos tripulados e passam a aperfeiçoar sua nave *Soiúz* e um foguete lançador maior que os já existentes, num projeto de viagens automáticas. Nesse período, nove duplas de astronautas americanos, em nove naves *Gemini*, batem todos os recordes quantitativos soviéticos.

No começo de 1967, estão prontos os foguetes *Saturno 5* (3.500 t de empuxo) e *Proton-Soiúz* (1.500 t de empuxo) e as naves *Apollo* e *Soiúz*, que podem partir para a conquista da Lua.

O HOMEM NA LUA

Edwin Aldrin, Michael Collins e Neil Armstrong descem na Lua em 20/7/1969. Armstrong e Aldrin passam 21 h no solo lunar, onde instalam uma bandeira americana, um sismógrafo, um refletor de raios laser, uma antena de comunicação, um painel aluminizado para estudo da radiação solar e uma câmera de TV. Colhem 27 kg de amostras de pedras e poeira. Cinco outras missões tripuladas à Lua são realizadas com sucesso pelos americanos. Os soviéticos orientam suas pesquisas em outra direção.

Em 1975, americanos e soviéticos unem-se numa mesma experiência espacial, realizando o acoplamento das naves *Apollo* (com três cosmonautas americanos) e *Soiúz 19* (com dois soviéticos). As duas tripulações se cumprimentam em pleno cosmo num sinal do abrandamento da guerra fria travada entre os dois países.

PROGRAMAS RECENTES

Na década de 80, os EUA inauguram o projeto *Space Shuttle*, com naves capazes de fazer repetidas viagens entre a Terra e o espaço, decolando com auxílio de um foguete e pousando como um avião. A primeira dessas naves, conhecidas como "ônibus espaciais", é a *Columbia*, lançada em abr. de 1981. Depois vêm os modelos *Challenger*, *Discovery* e *Atlantis*. A tragédia ocorrida com a décima missão *Challenger* – a 25ª viagem dos ônibus espaciais –, que explode, provocando a morte dos sete tripulantes (28/1/1986), faz com que a NASA interrompa o programa por dois anos e meio. Em 29/9/1988, os EUA realizam nova missão tripulada com a *Discovery*. Com cinco astronautas, a nave permanece em órbita quatro dias.

No mesmo ano a URSS lança seu primeiro ônibus espacial, o *Buran* (Nevasca), num vôo não tripulado completado com uma aterrissagem perfeita, comandada por controle remoto. É o coroamento de uma década em que a URSS, que já se dedicava ao aperfeiçoamento de sua estação orbital *Saliut 7*, envia ao espaço uma outra estação, *Mir* (Paz), maior e com mais recursos (20/2/1986). Ainda na década de 80, os astronautas soviéticos quebram cinco vezes o recorde de permanência no espaço, saltando de 184 dias, em 1980, para 366 dias em 1988.

Paralelamente a essas experiências, as duas potências passam a realizar testes militares siderais, preparando-se para uma eventual "guerra nas estrelas". É a militarização do espaço. Essa preocupação bélica é acompanhada de um maciço investimento em telecomunicações, como resultado de missões comerciais.

A Europa, o Japão e a China também realizam lançamentos. Os ônibus espaciais e os foguetes convencionais colocam em órbita inúmeros satélites para a retransmissão de sinais.

Pesquisa astronáutica – Além de sua dimensão científica, a pesquisa espacial traz grande retorno também para a tecnologia e para o cotidiano das pessoas. Exemplos desse retorno vão desde microcomputadores, sistemas miniaturizados, novas ligas metálicas para a fuselagem de aviões e satélites de comunicação até objetos de uso doméstico desenvolvidos com a tecnologia espacial.

Projetos importantes em andamento são o telescópio orbital *Hubble*, que, apesar de um defeito em um dos espelhos, está em operação desde 1990, e o satélite astrométrico *Hiparco*. O primeiro fornece informações sobre a galáxia e o universo que impulsionam os estudos astronômicos, marcando o início de uma nova era (ver capítulo *Astronomia*). O segundo tem como objetivo analisar a posição e os movimentos de estrelas com precisão jamais conseguida antes.

Outros projetos em andamento são as sondas *Magalhães*, para estudos sobre Vênus, e *Galileu*, para pesquisas sobre Júpiter, ambas dos EUA.

A sonda americana *Cassini* deverá ser lançada em 1996 e chegar a Saturno em 2002. Os americanos têm também um projeto para construção de uma estação espacial – a *Freedom* –, que, como a estação orbital soviética *Mir*, tem por objetivo o estudo no espaço de fenômenos em várias áreas do conhecimento humano.

O homem em Marte – Cientistas de vários países planejam enviar uma missão tripulada ao planeta, entre os anos 2005 e 2020. Eles partem de conhecimentos sobre o planeta que começaram a ser obtidos em 1976, quando duas naves americanas não tripuladas, as *Viking 1* e *2*, entram na órbita do planeta e lançam módulos que, após aterrissarem em solo marciano, enviam cerca de 50 mil fotos de sua superfície.

Em 1988, a URSS envia a Marte duas naves-robô, a *Fobos 1*, lançada em 7/7, e a *Fobos 2*, lançada em 12/7. Ambas deveriam pousar no satélite de Marte que lhes deu o nome, mas a primeira se extravia. A *Fobos 2* mantém contato até o final de mar. de 1989 e confirma a existência de cristais de água no solo marciano.

Em 25/9/1992 começa uma nova série de missões internacionais destinadas a estudar o ambiente marciano. Os EUA lançam a *Mars Observer*. A sonda, após um ano de viagem, deveria pesquisar a existência de um campo magnético marciano, estudar os minerais e outros compostos químicos do solo e tentar descobrir o que aconteceu com a água que existiu no planeta. Esses estudos estão seriamente ameaçados já que, em 21/8/1993, os técnicos perdem contato com a nave. A Rússia prevê o lançamento da *Marte-94* para out. de 1994. Com um conjunto de instrumentos construídos por cientistas alemães, finlandeses, franceses, americanos e russos, a sonda deverá estudar ventos, campo magnético e solo. Com o patrocínio da Rússia, EUA e França, uma nave automática russa levará, em 1996, um balão e um carro-robô para novas pesquisas. Um dos objetivos dessas missões é descobrir se em alguma época houve vida em Marte.

NOVOS CAMINHOS

O ímpeto inicial da exploração espacial, que colocou homens na Lua, há quase um quarto de século, enquanto explorava os confins do sistema solar com naves não tripuladas cada vez mais notáveis, diminuiu sob o impacto dos custos elevados. A grande ênfase dada às missões tripuladas contribuiu para elevar os orçamentos além do que seria necessário para objetivos puramente científicos, tecnológicos e comerciais. Atualmente, a NASA encontra problemas para realizar a estação espacial *Freedom*. Constantes cortes de verbas forçam a alterações substanciais no projeto. O desmantelamento da URSS fez desmoronar também grande parte de seu programa espacial, assumido pela Rússia, com participação dos países membros da CEI.

Duas novas grandes potências espaciais estão surgindo, a Europa e o Japão, que têm investido principalmente no lançamento de satélites (sete a nove missões por ano na Europa, através da Arianespace) e sondas espaciais (no caso do Japão). Cresce também a tendência para empreendimentos de cooperação, contrastando com a competição pura e simples das décadas passadas. Em jun. de 1992, as agências espaciais americana e russa assinam acordo que permitirá missões conjuntas dos dois países. Está prevista a participação de um astronauta russo numa viagem do ônibus espacial americano e a visita de astronautas americanos à estação russa *Mir*, no final de 1993, e o acoplamento de um ônibus espacial americano com a *Mir*, em 1994. O acordo prevê também estudos que possibilitem a utilização da *Soiúz TM* como nave salvavidas para os astronautas da futura estação *Freedom*.

Outra tendência observada é o aumento da participação do setor privado no espaço. Bilhões de dólares estão hoje em órbita na forma de satélites comerciais, principalmente de telecomunicações, e há planos concretos de pesquisa aplicada e industrialização no espaço. Em nov. de 1992, sobe a primeira espaçonave russa financiada por empresas particulares, a *Recurso 500*, como parte das comemorações pelos quinhentos anos de descoberta da América.

PRINCIPAIS VÔOS ESPACIAIS TRIPULADOS

Vostok I (URSS). *Lançamento:* 12/4/1961. *Tripulação:* Iúri A. Gagárin. *Tempo de vôo:* 1h48min. *Realização:* primeiro vôo tripulado.

Mercury 3 (EUA). *Lançamento:* 5/5/1961. *Tripulação:* Alan B. Shepard Jr. *Nº de órbitas:* suborbital. *Tempo de vôo:* 15 min. *Realização:* primeiro americano no espaço.

Mercury 4 (EUA). *Lançamento:* 27/7/1961. *Tripulação:* Virgil I. Grissom. *Nº de órbitas:* suborbital. *Tempo de vôo:* 16 min. *Realização:* a nave cai, Grissom é resgatado.

Vostok II (URSS). *Lançamento:* 6/8/1961. *Tripulação:* Guérman S. Titóv. *Tempo de vôo:* 25h18min. *Realização:* mais de 24 h no espaço.

Mercury 6 (EUA). *Lançamento:* 20/2/1962. *Tripulação:* John H. Glenn Jr. *Tempo de vôo:* 4h56min. *Realização:* primeiro americano em órbita.

Vostok III (URSS). *Lançamento:* 11/8/1962. *Tripulação:* Adrian G. Nikoláiev. *Tempo de vôo:* 94h22min. *Realização:* primeiro vôo conjunto, feito com a *Vostok IV*, realizadas experiências de comunicação.

Vostok IV (URSS). *Lançamento:* 12/8/1962. *Tripulação:* Pável Románovitch Popóvi. *Tempo de vôo:* 70h57min. *Realização:* vôo conjunto com a *Vostok III*.

Vostok VI (URSS). *Lançamento:* 16/6/1963. *Tripulação:* Valentina V. Teréshkova. *Tempo de vôo:* 70h50min. *Realização:* passa a 4.827 m da *Vostok V*; primeira mulher no espaço.

Voskhod I (URSS). *Lançamento:* 12/10/1964. *Tripulação:* Vladímir M. Komárov, Konstantín P. Feokístov, Borís B. Iegórov. *Tempo de vôo:* 24h17min. *Realização:* primeira nave tripulada por três homens.

Voskhod II (URSS). *Lançamento:* 18/3/1965. *Tripulação:* Aleksêi A. Leônov, Pável I. Beliáiev. *Tempo de vôo:* 26h02min. *Realização:* primeiro homem (Leônov) a sair da nave espacial e realizar um "passeio" de 12min09s.

Gemini 3 (EUA). *Lançamento:* 23/3/1965. *Tripulação:* Virgil I. Grissom, John W. Young. *Tempo de vôo:* 4h53min. *Realização:* primeira manobra orbital feita pelo homem.

Gemini 4 (EUA). *Lançamento:* 3/6/1965. *Tripulação:* James A. McDivitt, Edward H. White, II. *Tempo de vôo:* 97h56min. *Realização:* White fica 21 min no espaço fora da nave.

Gemini 5 (EUA). *Lançamento:* 21/8/1965. *Tripulação:* L. Gordon Cooper Jr., Charles Conrad Jr. *Tempo de vôo:* 190h55min. *Realização:* primeiro vôo tripulado de longa duração.

Gemini 6A (EUA). *Lançamento:* 15/12/1965. *Tripulação:* Walter M. Schirra Jr., Thomas P. Stafford. *Tempo de vôo:* 25h52min. *Realização:* primeiro encontro espacial (com a *Gemini 7*) realizado com sucesso.

Gemini 11 (EUA). *Lançamento:* 12/9/1966. *Tripulação:* Charles Conrad Jr., Richard F. Gordon Jr. *Tempo de vôo:* 71h17min. *Realização:* encontro e acoplagem.

Gemini 12 (EUA). *Lançamento:* 11/11/1966. *Tripulação:* James A. Lovell Jr., Edwin E. Aldrin Jr. *Tempo de vôo:* 94h34min. *Realização:* três excursões extraveiculares com sucesso.

Soiúz 1 (URSS). *Lançamento:* 23/4/1967. *Tripulação:* Vladímir M. Komárov. *Tempo de vôo:* 26h30min. *Realização:* a mais pesada nave tripulada; sofre acidente. Komárov morre.

Apollo 7 (EUA). *Lançamento:* 11/10/1968. *Tripulação:* Walter M. Schirra Jr., Donn F. Eisele, Walter Cunningham. *Tempo de vôo:* 260h09min. *Realização:* primeiro vôo tripulado da nave *Apolio*; acoplamento com o estágio *Saturno IV-B*.

Apollo 8 (EUA). *Lançamento:* 21/12/1968. *Tripulação:* Frank Borman, James A. Lovell Jr., William A. Anders. *Tempo de vôo:* 147h. *Realização:* primeiro vôo tripulado em torno da Lua; fotos da superfície lunar enviadas à Terra.

Apollo 9 (EUA). *Lançamento:* 3/3/1969. *Tripulação:* James A. McDivitt, David R. Scott, Russel L. Schweickart. *Tempo de vôo:* 241h01min. *Realização:* primeira acoplagem com o módulo lunar na atmosfera terrestre.

Apollo 10 (EUA). *Lançamento:* 18/5/1969: *Tripulação:* Thomas P. Stafford, Eugene A. Cernan, John W. Young. *Tempo de vôo:* 192h03min. *Realização:* ensaio de descida na superfície lunar.

Apollo 11 (EUA). *Lançamento:* 16/7/1969. *Tripulação:* Neil A. Armstrong, Edwin E. Aldrin Jr., Michael Collins. *Tempo de vôo:* 195h18min. *Realização:* primeira descida

na Lua; Armstrong e Aldrin permanecem 21h36min no solo lunar e coletam 27 kg de amostras.

Apollo 12 (EUA). *Lançamento:* 14/11/1969. *Tripulação:* Charles Conrad Jr., Alan L. Bean, Richard F. Gordon. *Tempo de vôo:* 244h36min. *Realização:* segunda descida na Lua; permanecem 31h31min no satélite.

Soiúz 9 (URSS). *Lançamento:* 1º/6/1970. *Tripulação:* Adrian G. Nikoláiev, Vitáli I. Sevastiánov. *Tempo de vôo:* 424h59min. *Realização:* o mais longo vôo espacial até essa data, planejado para estudar reações físicas.

Apollo 14 (EUA). *Lançamento:* 31/1/1971. *Tripulação:* Alan B. Shepard Jr., Stuart A. Rosa, Edgar D. Mitchell. *Tempo de vôo:* 216h02min. *Realização:* terceira descida na Lua; coleta de 43 kg de amostras; os astronautas permanecem 33h31min na Lua.

Soiúz 11 (URSS). *Lançamento:* 6/6/1971. *Tripulação:* Georgui T. Dobrovólski, Vladímir N. Volkóv, Viktor L. Patsáiev. *Tempo de vôo:* 569h40min. *Realização:* liga-se à estação espacial *Saliut*; os cosmonautas são encontrados mortos na volta à Terra (30/6).

Apollo 15 (EUA). *Lançamento:* 26/7/1971. *Tripulação:* David R. Scott, Alfred M. Worden, James B. Irwin. *Tempo de vôo:* 295h12min. *Realização:* quarta descida na Lua; Irwin e Scott permanecem 66h55min no satélite e trazem 77 kg de amostras lunares.

Apollo 16 (EUA). *Lançamento:* 16/4/1972. *Tripulação:* Charles M. Duke Jr., Thomas K. Mattingly, John W. Young. *Tempo de vôo:* 265h51min. *Realização:* Young e Duke permanecem 71h02min na Lua; trazem 97 kg de elementos do solo lunar.

Apollo 17 (EUA). *Lançamento:* 7/12/1972. *Tripulação:* Harrison H. Schmidt, Eugene A. Cernan, Ronald E. Evan. *Tempo de vôo:* 301h51min. *Realização:* recorde de permanência no solo lunar (75 horas).

Skylab 2 (EUA). *Lançamento:* 25/5/1973. *Tripulação:* Charles Conrad Jr., Joseph P. Kewin, Paul J. Weitz. *Tempo de vôo:* 672h49min. *Realização:* primeiro vôo tripulado à estação espacial *Skylab*.

Skylab 4 (EUA). *Lançamento:* 16/11/1973. *Tripulação:* Gerald P. Carr, William R. Poque, Edward G. Gibson. *Tempo de vôo:* 2.017h17min. *Realização:* o vôo de mais longa duração até aquela data.

Soiúz 13 (URSS). *Lançamento:* 18/12/1973. *Tripulação:* Piotr I. Klimuk, Valentín V. Lebedév. *Tempo de vôo:* 188h55min. *Realização:* cosmonautas cultivam amostras de proteínas nutritivas.

Soiúz 19 (URSS), **Apollo 18** (EUA). *Lançamento:* 15/7/1975. *Tripulação:* Aleksêi A. Leônov, Valiéri N. Kubásov (*Soiúz*); Thomas P. Stafford, Vance D. Brand, Donald K. Slayton (*Apollo*). *Tempo de vôo:* 143h31min (*Soiúz*), 217h30min (*Apollo*). *Realização:* as duas naves acoplam-se durante 138 horas em 17 de jul.; os cosmonautas soviéticos passam para a *Apollo*; diversas experiências em comum.

Soiúz 35 (URSS). *Lançamento:* 9/4/1980. *Tripulação:* Leonid Popóv, Valiéri Riúmin. *Tempo de vôo:* 185 dias. *Realização:* acopla com a *Saliut 6* para reparos técnicos.

Columbia (EUA). *Lançamento:* 12/4/1981. *Tripulação:* John Young, Robert Grippen. *Nº de órbitas:* 36. *Tempo de vôo:* 54h30min. *Realização:* teste da nave.

Soiúz T-6 (URSS). *Lançamento:* 24/6/1982. *Tripulação:* Vladímir Djánibekov, Aleksandr Ivantchénkov, J.L. Chrétien (França). *Tempo de vôo:* 7 dias. *Realização:* visita à tripulação da *Saliut-7*, com flores e presentes.

Columbia (EUA). *Lançamento:* 27/6/1982. *Tripulação:* Thomas Mattingly, Henry Hartsfield. *Tempo de vôo:* 7 dias. *Realização:* primeira experiência espacial militar.

Columbia (EUA). *Lançamento:* 11/11/1982. *Tripulação:* Vance Brand, Joseph Allen, Robert Overmyer, William Lenoir. *Tempo de vôo:* 5 dias. *Realização:* primeira missão comercial, põe em órbita um satélite dos EUA e um do Canadá, que pagam US$ 18 milhões à NASA.

Challenger (EUA). *Lançamento:* 5/4/1983. *Tripulação:* Paul Weitz, Karol Bobko, Story Musgrave, Donald Peterson. *Tempo de vôo:* 5 dias. *Realização:* lança satélite de rastreamento e transmissão; astronautas americanos voltam a passear fora da nave depois de nove anos.

Challenger (EUA). *Lançamento:* 18/6/1983. *Tripulação:* Robert Crippen, Frederick Hauck, Sally Ride, John Fabian, Norman Thagard. *Tempo de vôo:* 6 dias. *Realização:* leva a primeira mulher americana, além do primeiro satélite reutilizável; um braço mecânico solta e depois recupera um satélite pela primeira vez; coloca dois satélites em órbita.

Soiúz T-9 (URSS). *Lançamento:* 27/6/1983. *Tripulação:* Vladímir Liákhov, Aleksandr Aleksándrov. *Tempo de vôo:* 149 dias. *Realização:* acoplagem com a *Saliut-7*; experiências científicas e instalação de uma bateria solar na estação.

Challenger (EUA). *Lançamento:* 30/8/1983. *Tripulação:* Richard Truly, Daniel Brandenstein, Guion Bluford, Dale Gardner, William Thornton. *Tempo de vôo:* 6 dias. *Realização:* coloca em órbita um satélite de comunicações da Índia; o médico Thornton realiza experiências com células vivas.

Columbia (EUA). *Lançamento:* 28/11/1983. *Tripulação:* John Young, Brewster Shaw, Owen Garriot, Robert Parker, Byron Lichtenberg, Ulf Merbold (Alemanha Ocid.). *Tempo de vôo:* 10 dias. *Realização:* leva a bordo o laboratório espacial *Spacelab* e com ele são realizadas setenta experiências científicas; pela primeira vez um astronauta não-americano sobe em uma nave dos EUA.

Challenger (EUA). *Lançamento:* 3/2/1984. *Tripulação:* Vance Brand, Robert Gibson, Bruce McCandless, Ronald McNair, Robert Stewart. *Tempo de vôo:* 8 dias. *Realização:* Bruce McCandless torna-se o primeiro homem a voar livremente no espaço com uma mochila propulsora nas costas, a 100 m de distância da nave.

Soiúz T-11 (URSS). *Lançamento:* 3/4/1984. *Tripulação:* Rakesh Sharma (Índia), Iúri Maíchev, Guenádi Strekálov. *Realização:* acoplagem com a *Saliut-7*.

Challenger (EUA). *Lançamento:* 4/4/1984. *Tripulação:* Robert Crippen, Francis Scobee, Terry Hart, George Nelson, James van Hoften. *Tempo de vôo:* 6 dias. *Realização:* recupera e conserta o satélite *Solar Max*, que girava sem controle havia quatro anos; põe em órbita o maior satélite artificial já construído; eleva-se 558 km, a maior altitude já conseguida por uma nave de seu tipo.

Soiúz T-12 (URSS). *Lançamento:* 17/7/1984. *Tripulação:* Vladímir Djanibekov, Igor Volk, Svertlana Savítskaia. *Tempo de vôo:* 12 dias. *Realização:* acoplagem com a *Saliut-7*; Svertlana é a primeira mulher a retornar ao espaço e também a primeira a passear livremente fora da nave.

Challenger (EUA). *Lançamento:* 5/10/1984. *Tripulação:* Robert Crippen, Jon McBride, Kathryn Sullivan, Sally Ride, Marc Garneau (Canadá), David Leestima, Paul Scully-Power. *Tempo de vôo:* 8 dias. *Realização:* observação da Terra por radar; pela primeira vez mulheres americanas passeiam fora da nave; coloca em órbita um satélite para estudar a troca de energia entre a Terra e o Sol.

Discovery (EUA). *Lançamento:* 8/11/1984. *Tripulação:* Frederick Hauck, David Walker, Anna Fischer, Joseph Allen, Dale Gardiner. *Tempo de vôo:* 8 dias. *Realização:* resgate dos satélites *Westar-6* e *Palapa B-2* para reparos na Terra; coloca em órbita dois satélites de comunicação.

Discovery (EUA). *Lançamento:* 24/1/1985. *Tripulação:* Thomas Mattingly, Loren Shriver, James Bucholi, Ellison Onizuka, Gary Payton. *Tempo de vôo:* 3 dias. *Realização:* lançamento de um satélite para espionar a URSS.

Discovery (EUA). *Lançamento:* 12/4/1985. *Tripulação:* Karol Bobko, Donald Williams, sen. Jake Garn, Charles Walker, Jaffrey Hoffman, David Griggs, Rhea Seddon. *Tempo de vôo:* 7 dias. *Realização:* lançamento do primeiro satélite militar de comunicações, o *Syncom-IV-3*, que não funciona.

Discovery (EUA). *Lançamento:* 17/6/1985. *Tripulação:* Daniel Brandestein, John Creighton, Steven Nagel, John Fabian, Shannon Lucid, princ. Sultan El Saud (Arábia Saudita), Patrick Baudry (França). *Tempo de vôo:* 7 dias. *Realização:* lançamento dos satélites *Morelos A* (México), *Arabsat* (Países Árabes), *Telstar 3-D* (EUA) e do módulo recuperável *Spartan-1*; efetua o primeiro teste com raio laser para o programa Guerra nas Estrelas.

Challenger (EUA). *Lançamento:* 29/7/1985. *Tripulação:* Roy Bridges Jr., Anthony England, Karl Henize, Story Musgrave, Gordon Fullerton, Loren Acton, John-David Bartoe. *Tempo de vôo:* 8 dias. *Realização:* observação do Sol, prejudicada por defeitos no motor principal e num dos três telescópios.

Challenger (EUA). *Lançamento:* 30/10/1985. *Tripulação:* Henry W. Hartsfield Jr., Steven R. Nagel, James F. Buchli, Guion S. Bluford Jr., Bonnie J. Dunkar, Ernst Messerschmid, Reinhard Fürer, Wubbo Ockls. *Tempo de vôo:* 7 dias. *Realização:* primeira viagem contratada por uma nação, a Alemanha Ocid.; experiências científicas em metalurgia, crescimento de cristais, Biologia e Fisiologia Humana.

Soiúz T-15 (URSS). *Lançamento:* 13/3/1986. *Tripulação:* Leonid Kizim, Vladímir Slovióv. *Tempo de vôo:* 238 dias. *Realização:* primeira viagem de ida e volta entre duas estações espaciais, com os astronautas voando da *Mir* para a *Saliut-7*.

Soiúz TM-2 (URSS). *Lançamento:* 5/2/1987. *Tripulação:* Iúri Romanenko, Aleksandr Lavêikin. *Tempo de vôo:* 327 dias. *Realização:* instalação de uma minifábrica, denominada *Korund* (rubi), destinada à produção de cristais de selênio e de antimônio, cuja fabricação na Terra é praticamente impossível; observações da supernova Shelton, além de experiências com sementes de cedro.

Soiúz TM-3 (URSS). *Lançamento:* 22/7/1987. *Tripulação:* Aleksandr Vitorenko, Aleksandr Aleksándrov, Mohamed Faris (Síria). *Tempo de vôo:* 8 dias. *Realização:* acoplamento com a *Mir* e experiências tecnológicas e médicas; Aleksándrov permanece na estação *Mir* substituindo Lavêikin.

Discovery (EUA). *Lançamento:* 29/9/1988. *Tripulação:* Frederick E. Hauck, Richard Covey, John Lounge, David C. Hilmes, George Nelson. *Tempo de vôo:* 4 dias. *Realização:* primeira missão tripulada americana após a explosão da *Challenger*; lançamento de um satélite de comunicações.

Soiúz TM-7 (URSS). *Lançamento:* 26/11/1988. *Tripulação:* Aleksandr Volkóv, Serguêi Krikalev, Jean-Loup Chrétien (França). *Tempo de vôo:* 26 dias. *Realização:* Vladímir Titóv e Musa Nanárov voltam à Terra após o recorde de 366 dias de permanência no espaço; Aleksandr Volkóv e Serguêi Krikalev permanecem na *Mir*.

Atlantis (EUA). *Lançamento:* 1º/12/1988. *Tripulação:* os militares Robert Gibson, Guy Gardner, Mike Mulligan, Jerry Ross, William Sheperd. *Tempo de vôo:* 4 dias. *Realização:* lançamento do satélite espião *Lacross* para esquadrinhar o território soviético.

Atlantis (EUA). *Lançamento:* 4/5/1989. *Tripulação:* 5 astronautas. *Tempo de vôo:* 4 dias. *Realização:* colocar em órbita a sonda *Magalhães*.

Columbia (EUA). *Lançamento:* 8/8/1989. *Tripulação:* 5 astronautas. *Tempo de vôo:* 5 dias. *Realização:* colocar em órbita um satélite fotográfico com sensores ultra-sensíveis para missão militar de esquadrinhamento do território da URSS, China e Oriente Médio.

Atlantis (EUA). *Lançamento:* 18/10/1989. *Tripulação:* 5 astronautas. *Tempo de vôo:* 5 dias. *Realização:* colocar em órbita a sonda *Galileu*.

Soiúz TM-9 (URSS). *Lançamento:* 11/2/1990. *Tripulação:* Anatoly Solovyov, Aleksandr Balandin. *Tempo de vôo:* 6 meses. *Realização:* acoplar com a estação *Mir* o módulo *Kristall*, fábrica espacial soviética para produzir materiais de alta tecnologia e substâncias biotecnológicas só possíveis de serem produzidas em microgravidade. *Retorno à Terra:* 9/8/1990.

Discovery (EUA). *Lançamento:* 25/4/1990. *Tripulação:* 5 astronautas (3 homens e 2 mulheres). *Tempo de vôo:* 5 dias. *Realização:* colocar em órbita o telescópio *Hubble*.

Soiúz TM-10 (URSS). *Lançamento:* 1/8/1990. *Tripulação:* Guenádi Manákov e Guenádi Strekálov. *Tempo de vôo:* 4 meses e meio, acoplada à estação espacial *Mir*, para troca de sua tripulação. *Retorno à Terra:* 10/12/1990.

Discovery (EUA). *Lançamento:* 6/10/1990. *Tripulação:* 5 astronautas. *Tempo de vôo:* 5 dias. *Realização:* colocar em órbita a sonda espacial *Ulisses*.

Atlantis (EUA). *Lançamento:* 14/11/1990. *Tripulação:* 5 astronautas. *Tempo de vôo:* 4 dias. *Realização:* missão secreta militar.

Columbia (EUA). *Lançamento:* 2/12/1990. *Tripulação:* 7 astronautas. *Tempo de vôo:* 10 dias. *Realização:* 135 fotos feitas com o observatório *Astro 1*, equipado com 3 telescópios sensíveis à faixa ultravioleta e outro para captar raios X.

Soiúz TM-11 (URSS). *Lançamento:* 2/12/1990. *Tripulação:* Musa Manarov, Victor Afanasiev e o jornalista japonês Toyehiro Akiyama. *Tempo de vôo:* 5 meses, acoplada com a *Mir*. *Realização:* substituição da tripulação da *Soiúz TM-10*, que permanece na estação espacial por 4 meses e retorna à Terra com o jornalista japonês a bordo a 10/12/1990.

Atlantis (EUA). *Lançamento:* 6/4/1991. *Tripulação:* 5 astronautas (4 homens e 1 mulher). *Tempo de vôo:* 6 dias. *Realização:* testar sistemas que facilitem a caminhada no espaço dos astronautas que se encarregarão da construção da estação espacial *Freedom*.

Discovery (EUA). *Lançamento:* 28/4/1991. *Tripulação:* 7 astronautas. *Tempo de vôo:* 10 dias. *Realização:* missão militar com o objetivo de testar detectores de mísseis do sistema de defesa contra foguetes nucleares.

Discovery (EUA). *Lançamento:* 12/9/1991. *Tripulação:* 5 astronautas. *Tempo de vôo:* 6 dias. *Realização:* lançamento do satélite *UARS*, para estudo da camada de ozônio que protege a Terra.

Soiúz TM-12 (URSS). *Lançamento:* mai./1991. *Tripulação:* Helen Shaman, Serguêi Krikalev, Anatóli Artsebarski. *Realização:* substituição da tripulação da estação *Mir*.

Columbia (EUA). *Lançamento:* 5/6/1991. *Tripulação:* Bryan O'Connor, Sidney Gutierrez, Tamara Jernigan, Millie Hughes Fulford, James Bagian, Margareth Rhea Seddon e Andrew Gaffney. *Tempo de vôo:* 9 dias. *Realização:* pesquisa biológica e sobre os efeitos da ausência de peso.

Atlantis (EUA). *Lançamento:* 2/8/1991. *Tripulação:* John Blaha, Michael Baker, David Low, James Adamson e Shanon Lucid. *Tempo de vôo:* 9 dias. *Realização:* lançamento do satélite de comunicação *TDRS*.

Discovery (EUA). *Lançamento:* 12/9/1991. *Tripulação:* 5 astronautas. *Tempo de vôo:* 6 dias. *Realização:* manobra de emergência para evitar colisão com restos

de foguete russo; lançamento de satélite observador da camada de ozônio.

Soiúz TM-14 (CEI). *Lançamento:* 17/3/1992. *Tripulação:* Aleksandr Viktorenko, Aleksandr Káleri e Klaus Dietrich Flade (Alem.). *Tempo de vôo:* 8 dias. *Realização:* resgate do astronauta Krikalev, que permanece na *Mir* cinco meses a mais do que o planejado.

Atlantis (EUA). *Lançamento:* 24/3/1992. *Tripulação:* 7 astronautas. *Tempo de vôo:* 10 dias. *Realização:* análise da camada de ozônio e da radiação solar na atmosfera.

Endeavour (EUA). *Lançamento:* 7/5/1992. *Tripulação:* Kevin Chilton, Richard Hieb, Pierre Thout, Tom Akers, Dan Brandenstein e Kathryn Thornton. *Realização:* recuperação do satélite *Intelsat-6*, em manobra manual, para correção de sua órbita.

Columbia (EUA). *Lançamento:* 25/6/1992. *Tripulação:* 7 astronautas (5 homens e 2 mulheres). *Tempo de vôo:* 13 dias. *Realização:* recorde de tempo de vôo de ônibus espacial.

Soiúz-TM-15 (CEI). *Lançamento:* 27/7/1992. *Tripulação:* Anatóli Soloviov, Serguêi Avdêiev, Michel Tognini. *Tempo de vôo:* 14 dias. *Realização:* missão conjunta Rússia-França; experiências biomédicas; troca de astronautas russos na *Mir*, regressam Aleksandr Viktorenko e Aleksandr Káleri.

Atlantis (EUA). *Lançamento:* 31/7/1992. *Tripulação:* 7 astronautas (1 suíço e 1 italiano). *Tempo de vôo:* 8 dias. *Realização:* lançamento do laboratório europeu *Eureca-1*; fracassa no lançamento de um satélite italiano.

Endeavour (EUA). *Lançamento:* 12/9/1992. *Tripulação:* Mark Lee e Jan Davis (1º casal a voar junto), Mae Jamison, Mamoru Mohri (japonês), Robert Gibson, Curtis Brown e Jay Apt. *Tempo de vôo:* 8 dias. *Realização:* pesquisa sobre reprodução animal.

Columbia (EUA). *Lançamento:* 22/10/1992. *Tripulação:* 6 astronautas. *Tempo de vôo:* 10 dias. *Realização:* lançamento do satélite italiano *Lageos* para pesquisa de terremotos.

Discovery (EUA). *Lançamento:* 2/12/1992. *Tempo de vôo:* 7 dias. *Realização:* lançamento do satélite militar americano *Lacrosse*; pesquisas médicas e de engenharia.

Endeavour (EUA). *Lançamento:* 13/1/1993. *Tripulação:* John Casper, Donald McMonagle, Gregory Harbaugh, Mario Runco e Susan Helms. *Tempo de vôo:* 6 dias. *Realização:* lançamento de um satélite de telecomunicações.

Soiúz TM-16 (CEI). *Lançamento:* 24/1/1993. *Tripulação:* Guenádi Manákov e Aleksandr Poliéshtchuk. *Tempo de vôo:* 8 dias. *Realização:* experiências de captação de raios solares; troca de astronautas da *Mir*; retornam Anatóli Soloviov e Serguêi Avdêiev.

Discovery (EUA). *Lançamento:* 7/4/1993. *Tripulação:* 5 astronautas. *Tempo de vôo:* 8 dias. *Realização:* recuperação do satélite *Spartan* para estudo de ventos solares.

Columbia (EUA). *Lançamento:* 26/4/1993. *Tripulação:* Ulrich Walter e Hans William Schlegel (alemães), Steven Nagel, Terence Henricks, Jerry Ross, Charles Precourt e Bernard Harris. *Tempo de vôo:* 10 dias. *Realização:* lançamento do laboratório alemão *Spacelab D-2*; experiências médicas e de produção de ligas metálicas.

Endeavour (EUA). *Lançamento:* 21/6/1993. *Tripulação:* Ronald Grabe, Brian Duffy, David Low, Nancy Sherlock, Janice Voss e Peter Wisoff. *Tempo de vôo:* 8 dias. *Realização:* recuperação do satélite *Eureca*; caminhada no espaço para teste de técnicas que serão usadas no conserto do telescópio *Hubble* e na construção da estação espacial *Freedom*.

Soiúz TM-17 (Rússia). *Lançamento:* 1º/7/1993. *Tripulação:* Guenádi Manákov, Aleksandr Poliéshtchuk e Jean-Pierre Haignere (francês). *Tempo de vôo:* 22 dias. *Realização:* visita à estação *Mir*.

Astronáutica no Brasil

É em 1961 – quatro anos depois do primeiro *Sputnik* – que o Brasil oficializa seu interesse pela pesquisa e exploração do espaço, com a criação do Grupo de Organização da Comissão Nacional de Atividades Espaciais (CNAE), embora os primeiros estudos brasileiros sobre o assunto sejam anteriores a essa data.

Em 1971 a CNAE, que já desenvolvia importantes pesquisas próprias e em colaboração com a NASA e outras agências estrangeiras, é transformada no atual Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Logo depois é criada a Comissão Brasileira de Atividades Espaciais (Cobae), sob comando militar, para supervisionar toda a área.

Paralelamente, o Ministério da Aeronáutica instala, em 1964, o Centro de Lançamentos da Barreira do Inferno, perto de Natal, e desenvolve foguetes de sondagem no Centro Técnico Aeroespacial (CTA). Atualmente, está em construção uma grande base de lançamentos em Alcântara (MA), ainda mais próxima da linha do equador, localização vantajosa para o lançamento de satélites de órbita equatorial. Além de usar dados de satélites científicos em suas pesquisas, o INPE recebe imagens de satélites meteorológicos e de sensoreamento para levantamento de recursos naturais e condições do ambiente terrestre.

Na área comercial, a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) participa das comunicações internacionais por satélite pelos sistemas Intelsat e Inmarsat e desde 1985 opera com grande sucesso técnico seus próprios satélites geoestacionários para comunicações nacionais (domésticas). Entretanto, todos esses satélites intensamente utilizados pelo Brasil são de fabricação 100% estrangeira.

Satélites – Em 1980, o governo brasileiro aprova um projeto de desenvolvimento tecnológico com a meta de construir no INPE quatro pequenos satélites experimentais para serem colocados em órbita por um foguete nacional de propelente sólido. Inicialmente previsto para 1986, o lançamento do primeiro é adiado para 1989. Não é, porém, feito de acordo com os planos, devido às dificuldades que até hoje prejudicam o programa Veículo Lançador de Satélites (VLS), a cargo do CTA. As principais dificuldades são insuficiência de recursos orçamentários, êxodo de pessoal qualificado e falta de uma estrutura gerencial compatível. Além disso, a restrição internacional à disseminação de tecnologias nesse campo, que sempre existiu, acentua-se nos últimos dez anos. Apesar desses problemas, o esforço para realizar o VLS prossegue.

Em 1988, a Cobae rejeita recomendação do INPE no sentido de usar um foguete estrangeiro para lançar o primeiro satélite construído no Brasil, o Satélite Coletor de Dados 1 (SCD-1), de 110 kg, cuja missão é retransmitir dados sobre o meio ambiente coletados no solo.

O governo empossado em 1990 decide a favor do lançamento do SCD-1 no exterior, se possível antes da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (a Rio-92), o que acaba não se concretizando. Em 9/2/1993, o SCD-1 é finalmente lançado nos EUA por um foguete Pegasus, que subiu os primeiros 13 km a bordo de um avião B-52. O satélite faz estudos oceanográficos, atmosféricos e florestais, retransmitindo para bases do INPE dados ambientais enviados por plataformas em terra, balões e bóias marítimas.

Atualmente, o INPE está construindo o segundo satélite (SCD-2) e projetando os dois seguintes, de sensoreamento remoto (1.500 kg), que serão lançados pelos chineses. Esses projetos sofreram grande prejuízo nos últimos anos com o corte de recursos orçamentários da parte do governo brasileiro. Mas, em abr. de 1993, o pres. Itamar Franco enviou ao Congresso Nacional um projeto de lei criando a Agência Espacial Brasileira (AEB) como um órgão civil ligado à Presidência da República e um plano de carreira para 40 mil

pesquisadores federais. Um dos objetivos da criação da Agência é permitir que o Brasil participe do mercado internacional de utilização pacífica do espaço por meio do lançamento de satélites na base de Alcântara.

Cronologia geral

IDADE CONTEMPORÂNEA

Acidentes: explode um foguete na plataforma de lançamento e mata dezenas de técnicos e cientistas soviéticos, entre eles Mitrofan Nedelin, que a imprensa ocidental identificava como o comandante do programa espacial da URSS (1960). O astronauta Valentín Bondarenko, de 24 anos, morre queimado dentro da cabine de uma nave *Vostok*. (Isto só foi admitido oficialmente pela URSS em abr. de 1985.) (1961). Um curto-circuito incendeia a *Apollo 1* na plataforma de lançamento, carbonizando Virgil Grissom, Edward White e Roger Chaffee • A *Soiúz 1* tem seu pára-quedas danificado ainda no lançamento, dia 23/4, e, no dia seguinte, ao retornar à Terra, espatifa-se no solo, matando Vladímir Komárov (1967). Após 24 dias no espaço, um recorde até então, Georgui Dobrovólski, Vladímir Volkóv e Viktor Patsáiev morrem em conseqüência de uma súbita despressurização da cabine da *Soiúz 11*, antes de a nave tocar o solo (1971). Explode a *Challenger*, 1min12s após o lançamento em Cabo Cañaveral, Flórida, matando seus sete tripulantes: Michael Smith, Francis Scobee, Ronald McNair, Judith Renik, Gregory Jarvis, Ellison Onizuka e a professora Christa MacAuliffe, primeira cidadã comum a integrar uma tripulação espacial; o desastre foi provocado por um defeito no anel de vedação de um dos tanques de combustível (1986). Caem sobre a cidade argentina de Puerto Madryn fragmentos do complexo espacial soviético formado pela estação *Saliut-7* e pelo satélite *Cosmos 1686*, sem provocar vítimas • A nave *Discovery* executa manobra de emergência no espaço, para desviar de restos de um foguete soviético (1991). Explode poucos minutos após a decolagem o foguete americano *Titan 4*, que levava, provavelmente, um satélite militar espião • A *Mars Observer* perde contato com a Terra (ago./1993). **Conquistas:** Konstantín Tsiolkóvski formula o princípio da propulsão dos foguetes (1895). Robert Hutchings Goddard, americano, faz as primeiras experiências com foguetes (1914). Goddard dispara o primeiro foguete movido a combustível líquido (1926). A URSS lança em out. o primeiro satélite artificial, o *Sputnik* (1957). Sondas espaciais revelam a existência, em torno da Terra, do cinturão de Van Allen, formado por elétrons e prótons com elevado nível de energia, motivo de preocupação para futuros vôos (1958). Os EUA lançam o *Echo*, um satélite radiorrefletor (1960). O soviético Iúri Gagárin faz o primeiro vôo orbital tripulado (12/4/1961). John Glenn faz o primeiro vôo espacial tripulado americano (20/2/1962). O soviético Aleksêi Leônov e o americano Edward Higgins White são os primeiros homens a sair do interior de suas naves para o espaço exterior (1965). As naves espaciais *Luna 9* (sov.) e *Surveyor* (am.) descem na Lua (1966). A *Apollo 11* é a primeira nave tripulada a descer na Lua; dois de seus três tripulantes, Neil Armstrong e Edwin Aldrin, foram os primeiros homens a pisar o solo lunar (1969). A primeira experiência espacial conjunta EUA/URSS, com o acoplamento das naves *Apollo 18* e *Soiúz 19* e intercâmbio das tripulações (1975). O astronauta americano Bruce McCandless torna-se o primeiro homem a voar livremente no espaço, com uma mochila propulsora às costas, distanciando-se até 100 m da nave *Challenger* (1985). Os cosmonautas soviéticos Leonid Kizim e Vladímir Soloviov completam, com êxito, a primeira transferência no espaço entre duas estações orbitais: saem da *Mir* a bordo do módulo de transporte *Soiúz T-15* e percorrem 3 mil km até se acoplarem à *Saliut-7*, à qual estava unida a nave não tripulada *Cosmos 1686* (6/5); em 27/6, eles regressam à *Mir*, completando a primeira missão de ida e volta entre duas instalações espaciais (1986). A URSS coloca em operação o mais poderoso lançador de foguetes existentes, o *Enérguia* (Energia), com capacidade de carga de 135 t. O soviético Iúri Romanenki é enviado à estação *Mir*, onde vai bater o recorde de permanência no espaço: 326 dias (1987). Missão a bordo do ônibus espacial *Discovery* lança a sonda espacial *Ulisses*, para estudar as regiões polares do Sol; horas depois de lançada, a sonda bate o recorde de velocidade de veículos: 54.925 km/h (1990). A astronauta americana Shannon Lucid bate recorde de permanência de uma mulher no espaço: 530 horas (1991). A sonda espacial *Pioneer 10* completa vinte anos de funcionamento no espaço e continua enviando informações para a Terra (mar.) • A nave *Soiúz TM-14*, com dois astronautas russos e um alemão, resgata o astronauta Serguêi Krikalev da estação espacial *Mir*; com permanência no espaço prevista para cinco meses, ele acabou ficando dez, devido aos acontecimentos políticos que resultaram na desintegração da URSS (mar.) • Com sete tripulantes a bordo, o ônibus *Atlantis* realiza missão de estudo sobre a atmosfera terrestre e os gases que a ameaçam (mar.) • Lançado mais um foguete europeu *Ariane*, que colocou em órbita dois satélites de comunicações (mai.) • Missão espacial a bordo do *Endeavour* obtém sucesso em operação manual de resgate do *Intelsat-6* e seu relançamento, para correção de órbita (mai.) • A Índia coloca em órbita satélite científico impulsionado por foguete construído com tecnologia própria (mai.) • Diretores das agências espaciais americana e russa assinam contrato comercial para integração dos sistemas espaciais dos dois países (jun.) • O ônibus espacial *Columbia* realiza seu vôo mais longo (treze dias) (jun.) • A NASA lança o *Mars Observer* (set./1992). Lançado com sucesso nos EUA o satélite brasileiro SCD-1 • A Rússia testa com sucesso a vela solar, dispositivo criado para refletir a luz do sol na Terra; ela poderá ser usada para iluminar as noites de inverno nas áreas próximas ao pólo Norte ou para impulsionar veículos espaciais através da pressão exercida pela radiação da luz (1993). **Instituições:** a URSS cria o Escritório Central para o Exame de Problemas dos Foguetes Espaciais (1924). Os EUA criam a National Aeronautics and Space Administration (Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço - NASA) (1958). A NASA anuncia a criação de um departamento especial para desenvolvimento de foguetes a propulsão nuclear, retomando projetos abandonados em 1973; o objetivo é conseguir pelo menos o dobro da potência dos motores químicos (1991). **Naves espaciais:** os EUA lançam sua primeira nave espacial, a *Explorer I (1958)*. A nave espacial soviética *Lunik* atinge a Lua (1959). A nave espacial *Enterprise* realiza seu primeiro vôo tripulado (1977). Tem início nova fase da exploração espacial com o vôo do ônibus espacial *Columbia*, primeira nave especialmente construída para fazer várias viagens entre a Terra e o espaço (1981). A NASA lança o ônibus espacial *Discovery*, com a missão de reaver satélites no espaço • A URSS lança a *Cosmos 1614*, primeiro ônibus espacial soviético. (1985). Os EUA retomam o programa de ônibus espacial, interrompido com o desastre da *Challenger*, com a *Discovery*, levando cinco astronautas veteranos • O ônibus espacial soviético *Buran* (Nevasca) é lançado num vôo experimental não tripulado (1988). Vôo inaugural do ônibus espacial americano *Atlantis*, em missão militar sigilosa • A *Atlantis* coloca em órbita a sonda *Magalhães* (mai.) e a sonda *Galileu* (out./1989). O Japão lança a nave *Muses-A*, que coloca em órbita lunar o satélite *Hagorono* • A *Discovery* coloca em órbita o telescópio *Hubble* (abr.) e a sonda espacial *Ulisses* (out./1990). O ônibus espacial *Columbia*, com sete tripulantes, decola para missão de pesquisa médica, em viagem com duração de nove dias (5 a 14/6) • Lançado o ônibus espacial *Atlantis*, com cinco tripulantes, para pesquisas sobre o câncer, camarões, vespas e o lançamento do satélite de comunicações TDRS (1991). A *Atlantis* lança o laboratório europeu *Eureca-1* (1992). A *Columbia* lança o laboratório alemão *Spacelab D-2* (1993). **Vôos com animais:** a URSS lança ao espaço o primeiro ser vivo, uma cadela da raça laika, a bordo do *Sputnik II* (1957). A URSS lança o primeiro foguete com dois macacos a bordo (1959). ■

ASTRONOMIA

É a ciência que se dedica ao estudo da natureza física dos corpos celestes, suas origens, posições e movimentos. Compreende a Astrofísica, que se ocupa das propriedades físicas, origem e evolução dos astros; a Astrometria, que mede a posição e o movimento dos astros; a Mecânica Celeste, que estuda o movimento dos corpos sujeitos à gravitação, em particular os objetos do sistema solar; e a Cosmologia, que investiga a origem, a estrutura e a evolução do Universo como um todo.

DESENVOLVIMENTO

É uma das ciências mais antigas. Os primeiros registros datam de 5.000 a 3.000 a.C., na China, Índia, Mesopotâmia, Caldéia e Egito, como conseqüência da observação de fenômenos da natureza, como as mudanças de fase da Lua e os eclipses. O primeiro povo a observar sistematicamente os corpos celestes foi o sumério, que vivia na Baixa Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates. Da observação inicial, por motivos místicos (Astrologia), passaram ao estudo mais criterioso, introduzindo métodos matemáticos na descrição dos movimentos da Lua e dos planetas. No primeiro milênio a.C., os planetas conhecidos eram Júpiter, Vênus, Mercúrio, Marte e Saturno, observáveis a olho nu.

Na Grécia, a partir de 650 a.C., surgem grandes nomes como Tales de Mileto, Pitágoras, Aristóteles, Eratóstenes, Hiparco e Ptolomeu; já se sabe que a Terra tem curvatura e que a Lua apenas reflete a luz do Sol (Tales de Mileto, séc. VI a.C.); e são feitas as primeiras deduções sobre a esfericidade da Terra, da Lua e do Sol, e sobre a rotação da Terra (Pitágoras, séc. VI a.C.).

Na Idade Média há acentuada estagnação até a publicação, em 1512, da obra *Seis livros sobre as revoluções dos corpos celestes*, de Nicolau Copérnico, que estabelece, com bases científicas, a idéia do sistema heliocêntrico, isto é, o Sol como centro do Universo, refutando a teoria geocêntrica de Ptolomeu, aceita até então. A partir das viagens de Cristóvão Colombo e Fernão de Magalhães fica comprovada a esfericidade da Terra. Galileu Galilei, em 1610, registra a existência de mares, crateras e montanhas na Lua e descobre quatro satélites em Júpiter, provando que alguns corpos celestes são capazes de atrair outros e os manter em sua órbita. Isaac Newton formula a lei da gravitação universal e descreve os movimentos dos planetas em termos de massa, movimento e força, em 1666. A descoberta de novos planetas (Urano, em 1781, e Netuno, em 1846) e o avanço no conhecimento das estrelas marcam os séc. XVIII e XIX.

A partir do séc. XX, as grandes descobertas teóricas da Física – como a teoria da Relatividade , a Física Quântica, Atômica, Nuclear e de Partículas – propiciam conceituações mais precisas e melhor compreensão dos objetos celestes. Além disso, a descoberta da Radioastronomia, ainda na primeira metade do século, torna possível estudar as propriedades físicas dos astros através das ondas de rádio por eles emitidas ou absorvidas. O domínio das técnicas de fabricação de grandes lentes e espelhos, aliados ao desenvolvimento de telescópios de grande porte, instalados na Terra ou enviados ao espaço – como o telescópio espacial *Hubble* –, expande a cada dia os limites do Universo conhecido.

Origem e evolução do Universo

A teoria da Relatividade , formulada por Albert Einstein em 1916, embora conduzisse à noção de um Universo estático, permite melhor compreensão do Universo e de sua origem e, com isso, a formulação de modelos cosmológicos consistentes. O mais aceito atualmente é a teoria do Big Bang (Grande Explosão), que começou a ser elaborada ainda na década de 20. O ponto de partida é a pesquisa desenvolvida pelo físico soviético Albert Friedmann, em 1922, que se soma a constatação empírica de Edwin Hubble, em 1924, de que o Universo está em permanente expansão e as galáxias se afastam uma das outras em grande velocidade .

De acordo com a teoria, há cerca de 15 bilhões de anos, o Universo inteiro estava reduzido a um ponto, que apresentava uma altíssima densidade energética e uma temperatura superior a 100 bilhões de graus centígrados. Nesse instante "zero", iniciou-se sua expansão, que é observada até hoje. Durante os três primeiros minutos, foram formados os prótons, os elétrons e os nêutrons (os constituintes básicos dos átomos e da matéria), que passaram a coexistir com os fótons (partículas associadas à radiação eletromagnética). À medida que o Universo se expandia, ele se resfriava. Quando sua temperatura atingiu 4 mil graus centígrados (cerca de 300 mil anos após o início da expansão), os elétrons e os prótons – que até então tinham uma relação muito estrita com os fótons – formaram os átomos de hidrogênio. Houve então um desacoplamento entre matéria e radiação: o Universo ficou mais transparente, de modo que os fótons existentes na época tiveram mais espaço para se propagar, sem colidir com a matéria. Esses fótons são observados até hoje como uma radiação de fundo, presente em todo o Universo. A detecção dessa radiação, feita pelos astrônomos Arno Penzias e Robert Wilson, em 1965, constitui uma das indicações fortes da validade da teoria do Big Bang.

A matéria formada pela combinação dos prótons e elétrons, na forma de átomos de hidrogênio principalmente, deu origem às galáxias (cerca de 2 bilhões de anos depois do Big Bang) e às estrelas (cerca de 4 bilhões de anos após o Big Bang).

O último e importante reforço para a teoria do Big Bang vem em 1992, com os dados obtidos pelo satélite americano Cobe. Ele capta variações na radiação cósmica de fundo, que vinham sendo perseguidas pelos cientistas desde sua descoberta. Ainda que mínimas, as diferenças de temperatura encontradas pela equipe do cientista americano George Smoth são suficientes para indicar que, num passado remoto, alguns pontos foram mais densos que outros e teriam atraído massa e energia, explicando a origem das galáxias.

A evolução do Universo, de acordo com a teoria da Relatividade , depende da densidade da matéria nele existente. Se essa densidade for superior a um valor crítico, o Universo é finito e pode deixar de se expandir devido à atração gravitacional mútua de seus constituintes, podendo até se contrair. No caso de a densidade ser inferior, ele continuará sempre em expansão. Dados coletados pelo satélite europeu Rosat, no início de 1993, indicam pela primeira vez a existência de 25 vezes mais matéria invisível que matéria visível na composição do Universo. Essa proporção reforçaria a idéia de que ele não deverá se expandir para sempre, devido à atração gravitacional decorrente de sua própria massa. Mas as observações astronômicas atuais não fornecem um quadro conclusivo sobre o futuro do Universo.

Galáxias

As galáxias são os elementos básicos do Universo, considerado em larga escala. São constituídas por cerca de 100 bilhões de estrelas, gás e poeira (partículas sólidas, minerais ou orgânicas, de dimensões microscópicas). Morfologicamente são classificadas em três tipos: elípticas, constituídas quase que totalmente de estrelas, com pouco gás e poeira; espirais, que possuem um núcleo estelar maciço, do qual saem braços de forma espiral contendo estrelas, gás e poeira; irregulares, de forma indefinida. Qualquer que seja o tipo, elas giram em torno de um ponto central, com períodos da ordem de milhões de anos, que variam de acordo com a distância do centro.

As galáxias tendem a se juntar em aglomerados, com cem a mil galáxias, com dimensão média de 18 milhões

de anos-luz (1 ano corresponde a 9,5 trilhões de km). Os aglomerados, por sua vez, tendem a formar superaglomerados com dimensão ainda maior. Algumas galáxias são fontes intensas de ondas de rádio, geradas por processos físicos muito energéticos. Acredita-se que os quasares, fontes intensíssimas de rádio, com aspecto estelar, sejam ninhos de galáxias ativas, situadas a distâncias enormes; já foram detectados a distâncias de 15 bilhões de anos-luz da Terra.

Via-Láctea – A galáxia em que está a Terra é uma espiral de dimensão de 100 mil anos-luz aproximadamente e possui três braços espirais conhecidos. O Sol situa-se em um desses braços, a cerca de 33 mil anos-luz do centro. Na vizinhança do Sol, a Via-Láctea gira com uma velocidade de cerca de 250 km por segundo. O Sol leva 200 milhões de anos para dar uma volta completa em torno do centro da Via-Láctea.

Estrelas – São objetos aproximadamente esféricos, constituídos quase totalmente de hidrogênio, a uma temperatura muito alta. Na região central da estrela ocorrem reações termonucleares que liberam grande quantidade de energia que se propaga para o espaço, sob a forma de radiação eletromagnética – principalmente luz ultravioleta, visível e infravermelha.

As estrelas nascem a partir das reações causadas pela contração gravitacional nas regiões centrais de uma nuvem de gás, moléculas e poeira do meio interestelar. Essas reações ocorrem com aumento da pressão interna e da temperatura do núcleo, que atinge 10 milhões de graus centígrados. As reações nucleares consistem principalmente na transformação do hidrogênio em hélio, e deste em carbono. Nesta fase ocorrem mudanças estruturais, em geral vinculadas à massa do núcleo da estrela, que determinam sua fase evolutiva.

Quando o hélio do núcleo da estrela é transformado em carbono, ela pode ter dois caminhos evolutivos. Se a massa do núcleo for inferior a 1,4 da massa solar, não podem ocorrer reações nucleares do carbono. A estrela, então, sem fonte de energia, passa a esfriar lentamente, transformando-se em um objeto de pouca luminosidade , e é chamada de anã branca. Se, por outro lado, a massa do núcleo for superior a 1,4 da massa solar, ocorrem reações com o carbono. Essas reações são muito energéticas e, como resultado, a estrela ejeta para o espaço toda a massa gasosa que envolve o núcleo, transformando-se em uma supernova.

A partir da explosão da supernova, a estrela pode transformar-se em dois tipos de objeto, dependendo da massa de seu núcleo. Se esta for inferior a 1,4 da massa solar, os átomos do núcleo transformam-se em nêutrons, com diâmetro da ordem de 20 km e massas comparáveis ao Sol, gerando a estrela de nêutrons ou pulsar. Entretanto, se a massa do núcleo for muito grande, este entra em colapso contínuo, tornando-se um objeto cada vez menor e mais denso, até que efeitos relativísticos o tornam invisível para um observador fora dele. Tal objeto é conhecido como buraco negro.

Constelações – Regiões delimitadas no céu, ocupadas pela configuração idealizada de um conjunto de estrelas. São 88 ao todo e têm sua denominação regulamentada em latim pela União Astronômica Internacional. Em geral, as estrelas dentro de determinada constelação são denominadas por uma letra grega seguida do genitivo, em latim, do nome da constelação. A estrela mais brilhante chama-se alfa (α), a primeira letra do alfabeto grego; a segunda mais brilhante chama-se beta (β), e assim sucessivamente.

Sistema solar

Compreende o Sol, os planetas e seus satélites, os asteróides e os cometas que gravitam em torno do Sol. Em ordem crescente de distância do Sol, a distribuição dos planetas é a seguinte: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão. Em uma órbita entre Marte e Júpiter situa-se o conjunto de asteróides.

A formação do sistema solar ocorreu a aproximadamente 5 bilhões de anos, por condensação de uma nuvem de gás, moléculas e partículas sólidas microscópicas existentes no meio interestelar.

O SOL

Como toda estrela, é uma esfera de gás, constituído principalmente por hidrogênio, a uma temperatura muito alta. Em sua região central ocorrem as reações nucleares responsáveis pela produção de energia, que é transportada até a sua superfície e emitida para o espaço sob a forma de radiação eletromagnética (luz, calor, raios X etc.), principalmente.

O Sol possui, a partir de seu centro, quatro regiões que se superpõem até a superfície: núcleo, fotosfera, cronosfera e coroa. O núcleo, que produz energia, apresenta uma temperatura em torno de 15 milhões de graus centígrados. A fotosfera tem a espessura de cerca de 500 km e temperatura em torno de 6 mil graus centígrados. A cronosfera, com espessura de cerca de 10 mil km, tem uma temperatura de aproximadamente 8 mil graus centígrados. A camada mais externa é a coroa, que se estende até 20 milhões de km e apresenta uma temperatura de 2 milhões de graus centígrados.

O Sol possui um campo magnético de importância fundamental na produção dos chamados fenômenos solares: as manchas e as explosões solares. As manchas ocorrem na fotosfera solar em decorrência de alterações hidromagnéticas e apresentam temperaturas muito mais baixas que as áreas a seu redor, o que as faz menos brilhantes (mais escuras) que estas. As explosões solares estão associadas às manchas. São fenômenos energéticos que emitem radiação eletromagnética e causam a ejeção de matéria da superfície do Sol. Uma parte dessa matéria vai para o espaço na forma de prótons e elétrons, constituindo o chamado vento solar. Uma das características das manchas e explosões é sua ocorrência periódica: o número desses fenômenos aumenta de onze em onze anos, passando por fases em que quase desaparecem.

O Sol em números – *Massa:* 1,9 x 10^{33} gramas , 365 mil vezes maior que a da Terra. *Diâmetro*: aproximadamente 1,4 milhão de km, 109 vezes o da Terra. *Densidade média:* 1,4 g/cm^3, cerca de um quarto a da Terra. *Temperatura central*: 15 milhões de graus centígrados. *Temperatura da fotosfera:* 6 mil graus centígrados.

A TERRA

É o terceiro planeta do sistema solar em ordem de proximidade do Sol, do qual dista 150 milhões de km, em média. É uma posição privilegiada, considerados os limites de variação da temperatura, que permitiu o desenvolvimento da vida no planeta. Colaborou também para isso sua massa – 5.883 sextilhões de t –, possibilitando a existência de um tipo de atmosfera que o protege das radiações solares prejudiciais (raios ultravioleta e raios X) e possibilita um resfriamento mais gradativo à noite.

Sua idade é estimada em 4,5 bilhões de anos, embora as rochas mais antigas encontradas em seu território tenham 3,4 bilhões de anos. Tem sido representada como uma esfera levemente achatada nos pólos, mas medições feitas por satélites espaciais indicaram duas depressões no hemisfério Norte, dando ao planeta uma forma semelhante à de uma pêra. Há também outros pequenos abaulamentos, que produzem quatro "cantos": um na Irlanda, outro ao largo do Peru, um ao sul da África e outro perto da Nova Guiné.

Movimentos – A Terra executa dois movimentos principais. Um de rotação, em torno de seu próprio eixo, realizado em 23h56min4s. O outro, de translação, em torno do Sol, consome 365 dias, 6h9min5s.

Atmosfera – Tem uma composição bastante homogênea em seus primeiros 96 km. Gases que a compõem com suas respectivas porcentagens por volume: nitrogênio (N_2): 78,088%; oxigênio (O_2): 20,949%; argônio (Ar):

0,93%; dióxido de carbono (CO_2): 0,03%; neônio (Ne): 0,0018%; hélio (He): 0,0005%; metano (CH_4); e criptônio (Kr): 0,0001%. Acima de 96 km, perde a homogeneidade ; formam-se camadas sucessivas de oxigênio (O), hélio (He) e hidrogênio (H) atômicos.

Os raios solares aquecem a superfície terrestre em torno de -27ºC. Em resposta, a Terra emite raios infravermelhos em todas as direções. Eles são absorvidos pelo dióxido de carbono e pelas moléculas de vapor de água que se encontram nas camadas inferiores da atmosfera e devolvidos. Parte deles é dirigida para baixo, retornando à superfície terrestre. Isso provoca um aumento da temperatura em 43ºC, o que resulta em uma temperatura média de 16ºC, durante o ano inteiro.

Camadas – São cinco, dependendo do gradiente de temperatura da região, ou seja, de sua variação em relação à altitude de uma determinada região atmosférica, medida a partir do nível do mar:

Regiões atmosféricas	Altitude	Gradiente de temperatura
Troposfera	0 a 11 km	negativo
Estratosfera	11 a 48 km	positivo
Mesosfera	48 a 80 km	negativo
Termosfera	80 a 650 km	positivo
Exosfera	acima de 650 km	indefinido

Um gradiente positivo significa que a temperatura aumenta com a altitude; um gradiente negativo, que ela decresce com a altitude; e um gradiente indefinido, que a densidade das moléculas é baixa demais para que a temperatura tenha um valor significativo.

A troposfera contém cerca de dois terços da massa total da atmosfera. Nessa camada a temperatura diminui com o aumento da altitude à razão de 6ºC/km aproximadamente. Isso acontece porque a atmosfera é aquecida principalmente pelas radiações solares absorvidas pela superfície da Terra. Todos os fenômenos que afetam o tempo, como nuvens e precipitações, resultam de fenômenos troposféricos. Assim, sempre que existe ar quente sob o ar frio, ocorrem movimentos verticais na atmosfera, já que o ar quente é mais leve que o ar frio. Isso provoca ventos verticais, ou correntes convectivas.

Na parte superior da troposfera, chamada estratosfera, a temperatura aumenta com a altitude, atingindo um valor máximo de 13ºC. Isso ocorre porque os raios solares ultravioleta são absorvidos pela camada estratosférica de ozônio. Como ela absorve a maior parte desses raios, sua radiação letal não atinge a superfície, onde poderia prejudicar a vida. (Ver Fuga do ozônio, no capítulo *Ecologia*.)

Após a estratosfera se inicia a mesosfera, em que a temperatura cai 17ºC a cada 305 m, chegando a -95ºC, a mais baixa de toda a atmosfera. É registrada no topo da mesosfera e marca o limite a partir do qual se inicia a termosfera. Nessa faixa, a temperatura sobe com a altitude devido à absorção e ao subseqüente aquecimento dos raios X solares e dos raios ultravioleta de ondas curtas.

A temperatura da termosfera varia entre 1.093ºC e 1.648ºC. Acima desta camada está a exosfera, região isotérmica que é o ápice da atmosfera neutra. Para além dela encontram-se várias regiões com grandes quantidade s de núcleos atômicos ionizados e elétrons. A absorção de raios X solares e de raios ultravioleta provoca a ionização do ar, que por sua vez produz várias camadas ionizadas conhecidas como ionosfera.

Estrutura – É dividida em três zonas concêntricas. A parte mais externa é uma crosta rochosa – a litosfera; a zona intermediária, o manto; e a parte mais central, núcleo. A litosfera é constituída por rochas ígneas, sedimentares e metamórficas. A parte recoberta por água é chamada de hi-drosfera. Há dois tipos de crosta, a continental e a oceâni-ca, que diferem entre si principalmente em relação à espessura. A continental recobre os continentes, mares rasos e taludes e varia de 25 a 50 km; a oceânica recobre os oceanos com profundidade superior a 2.000 m e varia de 6 a 11 km. O manto, entre a crosta e o núcleo, tem espessura de cerca de 2.900 km. Os minerais que o compõem, em estado pastoso, ficam mais líquidos conforme as condições de temperatura e pressão em seu interior.

O núcleo central tem duas partes, uma interna e outra externa. O núcleo interno, sólido, é cercado pelo externo, líquido, de ferro e níquel. A temperatura do núcleo interno atinge cerca de 5.500ºC; sua densidade é de aproximadamente 17 g/cm³ – dezessete vezes a da água. A espessura do núcleo exterior é estimada em aproximadamente 2.250 km e sua densidade varia de 10 a 15 g/cm³. O núcleo central ainda é pouco conhecido, por dificuldades técnicas. É impossível reproduzir em laboratórios, por exemplo, as condições de pressão a que ele está submetido pela superposição das camadas que o envolvem. As ondas sísmicas que se originam nos terremotos vêm fornecendo informações valiosas.

A LUA

Satélite da Terra, é o corpo celeste mais próximo de nosso planeta. A distância varia de 356.334 km (perigeu) a 406.610 km (apogeu), porque a órbita que ela desenha no céu é elíptica. Completa uma volta ao redor da Terra em 27 dias, 7h43min e gira também em torno de seu próprio eixo no mesmo período. Isso faz com que ela nos mostre sempre uma mesma face, que corresponde a 59% de sua superfície, já que o seu movimento ao redor da Terra não é uniforme (é mais rápido no perigeu e mais lento no apogeu) e também porque ela tem uma inclinação equatorial de cerca de 6 graus em relação ao plano da eclíptica.

A massa lunar corresponde a 1/81 à da massa da Terra e seu raio mede 1.738 km, ou um quarto do raio da Terra. Sua densidade média é de 3,34 g/cm³.

Fases – A Lua é visível porque reflete a luz do Sol, assim como a Terra e os outros planetas. É, no entanto, um refletor relativamente pobre, pois devolve apenas 7% da luz que recebe. De acordo com sua posição em relação ao Sol, a Lua é vista da Terra de diferentes formas que se sucedem. Esses diversos formatos são conhecidos como as fa-ses da Lua. Quando a Terra se interpõe entre a Lua e o Sol, o disco lunar fica totalmente iluminado e tem-se a Lua cheia. Em seguida temos o paulatino escurecimento da superfície lunar e a formação do quarto minguante, caminhando para a Lua nova, quando a Lua, que fica entre o Sol e a Terra e o hemisfério voltado para nosso planeta, fica em completa escuridão. Em seqüência a essa fase, uma estreita faixa vai se iluminando e temos o quarto crescente.

Superfície lunar – É dividida em áreas montanhosas brilhantes, que ocupam dois terços do território, e áreas planas e escuras chamadas *maria* (plural de mar em latim), pois acreditava-se que fossem mares. A característica mais forte da superfície lunar, no entanto, são as crateras, que seriam resultado de impactos meteoríticos e de um processo de vulcanismo.

As amostras de material lunar trazidas pelos astronautas são rochas ígneas basálticas, formadas entre 3,3 e 3,7 bilhões de anos atrás. Em 1970, uma das rochas lunares trazidas pela *Apollo 12* foi datada em 4,6 bilhões de anos de idade , sendo assim a rocha mais antiga encontrada até hoje na Lua ou na Terra.

A Lua em números – *Diâmetro médio:* 3.476 km. *Período de rotação:* cerca de 27 dias e 8 horas. *Revolução em torno da Terra:* 27 dias e 8 horas.

OUTROS PLANETAS

Mercúrio – É o menor planeta do sistema solar, com 4.850 km de diâmetro, e o mais próximo do Sol, mantendo uma distância média de 58 milhões de km. Recebe 6,6 vezes mais radiação que a Terra e sua temperatura oscila entre 350ºC e -180ºC. A alta temperatura e a pequena massa, equivalente a 0,06 vezes à da Terra, não permitem a existência de atmosfera. Sua superfície é semelhante à da Lua, rochosa e com crateras.

Vênus – Conhecido como Estrela-d'alva, é o astro mais brilhante do céu, depois do Sol e da Lua. Tem diâmetro aproximadamente igual ao da Terra, 12.112 km, e é o segundo em ordem de afastamento do Sol – do qual dista, em média, 108 milhões de km – e o mais próximo da Terra, a uma distância que varia entre 39 milhões e 260 milhões de km. Sua temperatura é de 474°C e a atmosfera tem 95% de gás carbônico. A superfície, mapeada por sondas espaciais soviéticas, tem menos acidentes naturais que a Terra; é constituída, basicamente, por vastíssimas planícies. Além delas, há duas grandes regiões montanhosas: a Terra de Afrodite, no hemisfério Sul e próximo do equador, com área igual à da África; e a Terra de Ishtar, no hemisfério Norte, com área semelhante à da Austrália. Essas regiões montanhosas possuem, em média, de 4 a 5 km de altitude em relação às planícies.

Marte – Por sua cor vermelha, recebeu o nome do deus da guerra. É o quarto planeta em distância do Sol – 227 milhões de km, em média –, com diâmetro de 6.790 km e temperatura que varia de 17°C a -120°C. Sua atmosfera é quase cem vezes mais tênue que a da Terra e composta basicamente de carbono, monóxido de carbono, nitrogênio, oxigênio e traços de vapor d'água. Sua superfície é muito variada, com predominância de planícies com muitas crateras, no hemisfério Sul, e vulcões altíssimos no hemisfério Norte. O maior deles, o monte Olympus, possui 26 km de altura e 550 km de largura na base. Há também vários *canyons* de origem desconhecida, confundidos no passado com canais que teriam sido construídos pelos "marcianos" O planeta tem dois satélites, Fobos e Deimos.

Júpiter – É o maior planeta do sistema solar, com um diâmetro de 143 mil km e massa 318 vezes maior que a da Terra. A temperatura é de -130°C. A atmosfera atinge 1.000 km de altura e é formada, basicamente, de hidrogênio e hélio, com metano e amônia em pequenas quantidade s. É constantemente afetada por um regime de ventos com velocidade de até 1.000 km/h, que produzem correntes paralelas ao equador, resultando em faixas multicoloridas visíveis da Terra. Apresenta também manchas de origem desconhecida que se assemelham a redemoinhos gigantes. A mais importante delas é a Grande Mancha Vermelha, no hemisfério Sul. O planeta possui um forte campo magnético que emite ondas de rádio naturais cuja origem é ainda desconhecida. Possui dezesseis satélites já identificados, os quatro maiores por Galileu, em 1610 – Io, Europa, Ganimedes e Calixto –, e os três últimos pela missão americana *Voyager,* que também apontou a existência de um sistema de anéis que gravita em torno do planeta a uma distância de 100 mil a 200 mil km de seu centro, tem largura aproximada de 6.500 km e espessura de 20 km. Dados coletados pela sonda americana *Ulisses,* em 1993, devem provocar uma revisão nos conhecimentos sobre o planeta.

Saturno – É o segundo maior planeta do sistema solar, com diâmetro de 115.200 km, 9,2 vezes maior que o da Terra. Está a 1,4 bilhão de km do Sol e sua temperatura é de -160°C. Sua atmosfera é muito semelhante à de Júpiter, tanto na dinâmica quanto na composição química, embora registre níveis maiores de hidrogênio e metano e menores de amônia. Há milhares de anéis girando em torno dele, a distâncias que variam de 67 mil a 483 mil km de seu centro. Embora a análise de sua estrutura e estabilidade ainda não esteja concluída, sabe-se que é constituído de blocos de gelo, de dimensões da ordem de centímetros a metros, e de partículas sólidas de dimensões da ordem de micra. O planeta possui dezessete satélites – seis deles descobertos pelas sondas *Voyager 1* e *2* –, em sua maioria pequenos e localizados próximos aos anéis, desempenhando importante papel em sua estabilização. O maior desses satélites, Titã, é também o maior de todo o sistema solar e possui atmosfera.

Urano – É o terceiro maior do sistema solar e tem uma característica peculiar: enquanto os demais planetas possuem eixo de rotação quase perpendicular à eclíptica, ele tem seu eixo quase coincidente com ela. Embora a distância média de 2,8 bilhões de km do Sol seja menor que a de Netuno, o fato de suas órbitas serem elípticas faz com que, atualmente, Urano esteja mais longe do Sol que Netuno. Seu diâmetro é quase quatro vezes maior que o da Terra e sua temperatura máxima atinge -196°C. Sua constituição física é análoga à de Júpiter, Saturno e Netuno, com um pequeno núcleo sólido e espessa atmosfera, composta de amoníaco e metano, principalmente, o que lhe dá um tom azulado. Dez de seus quinze satélites foram descobertos pela *Voyager 2;* os outros cinco, de grandes dimensões – Miranda, Uriel, Umbriel, Oberon e Titania –, já eram conhecidos. Possui também um sistema de onze anéis a uma distância entre 38 mil e 51 mil km de seu centro.

Netuno – Sua descoberta foi resultado de cálculos matemáticos desenvolvidos para entender perturbações que ocorriam na posição de Urano. Após exaustivos estudos, o astrônomo francês Urbain Le Verrier determinou o dia, a hora e a localização em que o suposto planeta poderia ser observado no céu. Suas conclusões foram confirmadas pelo astrônomo alemão Johann Gottfried Galle, que encontrou na região indicada do céu o planeta anunciado por Le Verrier. Seu diâmetro é de 50 mil km e a distância média que o separa do Sol é de 4.500 milhões de km. Sua temperatura é de -210°C e sua atmosfera é composta de metano, hidrogênio e amônia. Possui oito satélites, dos quais seis foram descobertos pela *Voyager.* Os outros dois, Tritão e Nereida, foram descobertos em 1846 e 1949, respectivamente. Possui também um sistema de três anéis que vão desde 42 mil km a 63 mil km do centro do planeta.

Plutão – É o mais distante do sistema solar e foi também descoberto matematicamente, por Percival Lowell, em 1914. Só foi observado em 1930, por Clyde Tombaugh. Está a uma distância média do Sol de 5,9 bilhões de km e a temperatura média é de -200°C. Sua atmosfera parece ser rica em metano e sua massa é 470 vezes inferior à da Terra. Seu único satélite, Caronte, foi descoberto em 1978 por James Christi. É o planeta menos estudado do sistema solar.

ASTERÓIDES

São pequenos corpos celestes que giram ao redor do Sol. Contam-se aos milhares e o maior deles foi o primeiro a ser descoberto, em 1801, pelo astrônomo italiano Piazzi. A órbita desse primeiro asteróide foi calculada pelo matemático Carl Friedrich Gauss.

Devido a seu grande número e às posições planetárias, os asteróides foram considerados por muito tempo restos de um planeta que explodira. Outra hipótese, mais provável, é a de que seriam remanescentes sólidos da poeira original da qual teriam se originado o Sol, a Terra e outros planetas. Pouco se conhece sobre sua composição. A primeira observação detalhada de um asteróide foi realizada em out. de 1991 pela sonda *Galileu,* que passou a 1.600 km do asteróide 951 Gaspra, mas somente em nov. de 1992 os dados coletados por ela foram transmitidos para a Terra, devido a problemas técnicos, e ainda estão sendo estudados.

METEOROS

São corpos sólidos que se movem no espaço exterior e ao penetrarem na atmosfera provocam uma luminescência. Recebem também o nome de meteoróides ou estrela cadente e quando atingem a superfície terrestre são chamados de meteoritos.

O maior meteorito conhecido é o Grootfontein, ainda hoje semi-enterrado nas proximidade s da cidade do mesmo nome, na África do Sul, onde caiu. Seu peso é calculado em 70 t. O maior meteorito caído no Brasil é conhecido como Pedra de Bendengó, pesando 5,4 t e encontrado no sertão baiano em 1784. Desde 1888 ele está conservado no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

As crateras existentes no Diablo Canyon, no Arizona, em certas regiões do Texas e no leste do Canadá são

consideradas provas de que, embora nunca tenham sido encontrados, meteoritos bem maiores caíram nessas regiões. O fluxo de meteoritos é considerado responsável por cerca de 100 t do material extraterreno que cai na Terra a cada dia. Um mesmo observador, de um único ponto, pode ver de cinco a dez meteoros no período de uma hora e há cerca de 200 mil meteoros visíveis por dia em todo o mundo.

COMETAS

São corpos celestes do sistema solar que se movem em torno do Sol com órbitas parabólicas, hiperbólicas ou elípticas de grande excentricidade. Observações feitas da Terra revelaram que seus componentes mais comuns são o hidrogênio, o oxigênio, o carbono e o sódio, sempre sob a forma de moléculas geladas. No interior do núcleo, há também blocos sólidos, cujos tamanhos vão de um grão de areia a rochas e granitos gigantescos.

Quando visto longe do Sol, um cometa não passa de uma mancha aproximadamente esférica, eventualmente alongada, mas ainda destituída de cauda. Quando se aproxima do Sol, recebe mais calor, e parte do gelo que forma o núcleo se transforma em gás, formando a cabeleira do cometa. Quando está ainda mais próximo do Sol, sofre a ação do vento solar – um fluxo de partículas ejetadas do Sol com velocidade de centenas de quilômetros por segundo –, que "sopra" a cabeleira no sentido oposto ao do Sol, formando a cauda do cometa. Ela será tanto maior quanto mais próximo ele estiver do Sol. Nesse momento, ele já apresenta a estrutura tríplice com que será observado da Terra: núcleo, coma e cauda.

São muitas as teorias sobre a origem dos cometas. Uma delas situa um "ninho" de cometas a 20 trilhões de km do Sol, mas girando à sua volta. Trata-se de um anel de gelo e rochas amalgamadas em dezenas de bilhões de blocos congelados. Variações na força gravitacional interestelar, por causa do movimento do Sol na galáxia, fazem com que esses blocos soltem-se do "ninho" e sejam atraídos para o interior do sistema solar. As perturbações que sofrem podem alterar muito suas órbitas, às vezes até expulsando o cometa do sistema solar.

Até que se demonstrasse que eles viajam pelo espaço segundo trajetórias elípticas – ou parabólicas –, muitas hipóteses foram estabelecidas. Quando Newton formulou as leis matemáticas da gravitação universal – que permitia o cálculo de qualquer tipo de órbita – constatou-se que os cometas seguem circuitos alongados semelhantes a parábolas.

As observações do inglês Edmund Halley, discípulo de Newton, permitem determinar pela primeira vez a periodicidade de um cometa. Sua pesquisa partiu de um cometa observado em 1682, que apresentava semelhanças em sua órbita elíptica, brilho e grandeza com outros observados e descritos em 1607 e 1531. Com esses dados, Halley afirma tratar-se de um mesmo cometa e calcula seu retorno entre 1758 e 1759 – para repetir os intervalos anteriores de 75 a 76 anos entre uma e outra aparição. De fato, em 12/3/1759, o cometa passa pelo periélio (ponto da órbita mais próximo do Sol). Halley já havia morrido (dezesseis anos antes), mas seu nome foi dado a esse que é o mais conhecido dos cometas.

Apesar do avanço tecnológico, pouco se sabe sobre os cometas. Ainda não foram analisadas todas as informações enviadas pelas sondas *Vega* (ex-URSS), *Giotto* (França), *MST-5* e *Planet-A* (Japão), que interceptaram o cometa Halley no início de 1986, visando conhecer melhor esses corpos celestes, sua origem, sua natureza química e estrutura física e as interações com o vento solar. As sondas *Vega*, que passaram a 5.000 km do Halley, obtiveram os primeiros dados que permitem uma análise detalhada do material que compõe a poeira dos cometas. Essas pesquisas, divulgadas no início de 1993, põem em dúvida a teoria de que os cometas contêm apenas materiais não processados do tempo em que se formou o sistema solar, pois foram detectados compostos que teriam se formado a partir de reações químicas posteriores.

Observação astronômica

Como ciência de observação, o desenvolvimento da Astronomia está intimamente ligado aos métodos e instrumentos que utiliza. Telescópios cada vez mais potentes, o uso de freqüências mais altas, como os raios gama, raios X e ultravioleta, e de mais baixas, como o infravermelho e o rádio, tornam acessíveis aos olhares terrestres corpos e fenômenos cada vez mais distantes no tempo e no espaço.

Telescópios – A função básica de um telescópio é coletar luz de modo a detectar objetos pouco luminosos que não seriam vistos a olho nu. O primeiro telescópio de que se tem notícia foi construído em 1609 por Galileu, que aperfeiçoou um instrumento ótico feito pelo fabricante de lentes holandês Jan Lippershey. Depois dele, os grandes inovadores foram James Gregory (Escócia, 1663), Isaac Newton (Inglaterra, 1672) e Guillaume Cassegrain (França, 1672), que criaram telescópios cuja superfície coletora eram espelhos. Até hoje há dois tipos de telescópio: o refletor, cuja objetiva é um espelho (nesta categoria está o *Hubble*), e o refrator, cuja objetiva é uma lente. O estudo da radiação proveniente dos corpos celestes é feito por equipamentos acoplados ao telescópio, entre os quais o espectrógrafo. Sua função é decompor a radiação emitida pelos objetos, tal como um prisma decompõe a luz solar nas cores do arco-íris. O resultado dessa decomposição – o espectro do objeto – permite o conhecimento detalhado de suas propriedades físicas (pressão, temperatura, densidade) e de sua composição química. Os telescópios com detectores infravermelhos permitiram o estudo da poeira interestelar, das regiões onde ocorre a formação de estrelas e das regiões próximas a estrelas frias. Os radiotelescópios demonstraram a existência de moléculas no meio interestelar e permitiram o conhecimento das propriedades físicas desse meio, assim como de objetos peculiares como os pulsares e os quasares.

Hubble – O mais sofisticado aparelho enviado ao espaço é o telescópio de longo alcance *Hubble*, lançado pelo ônibus americano *Discovery*, em 25/4/1990, em órbita a 612 km da superfície terrestre. Embora tenham sido constatados defeitos graves de curvatura em um de seus espelhos côncavos, que fornece uma imagem desfocada, são muito valiosas as descobertas proporcionadas por suas investigações. Dentre elas, fez fotos de Marte, registrou uma tempestade em Saturno, fotografou Plutão e seu satélite Caronte, mediu a distância de um aglomerado de mais de trezentas galáxias, encontrado a cerca de 4 bilhões de anos-luz e detectou um outro aglomerado ainda mais distante: 10 bilhões de anos-luz. Graças ao *Hubble*, os astrônomos mudaram sua concepção sobre a formação das galáxias. Ele deverá permanecer em operação por quinze anos e está planejada uma missão espacial americana que deverá instalar novos giroscópios, dois painéis solares, uma nova câmera de captação de imagens e lentes corretoras que compensarão a deformação do espelho do telescópio. Em abr. de 1993 a NASA anunciou a possibilidade de os reparos serem realizados em duas missões espaciais sucessivas, dada a complexidade das operações.

Sondas – Com exceção da radioastronomia, os outros métodos usados para observar os corpos celestes sofrem grande perturbação da atmosfera terrestre. Para superar esse problema, detectores de diferentes tipos de radiação têm sido enviados ao espaço em sondas e satélites artificiais a partir da década de 70. A primeira experiência com sondas interplanetárias ocorre em 1971, quando os americanos enviam a Marte a nave *Mariner 9*, que se tornou o primeiro satélite artificial de exploração do espaço. Ela enviou 7 mil fotografias com inúmeros detalhes da superfície do planeta.

A experiência mais ousada ocorre em 1983, quando a *Pioneer 10*, lançada dez anos antes, cruza a órbita de Netuno, completando o percurso de 4,5 bilhões de km, e mergulha no espaço interestelar. Foi o primeiro objeto

construído pelo homem com possibilidade de abandonar o sistema solar. O envio de 67 fotos do sistema solar, com imagens do Sol e dos planetas Vênus, Terra, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno, tiradas de uma distância de 3 bilhões de km da Terra, foi outro feito fantástico, realizado em 1990 pela sonda espacial americana *Voyager 2*, lançada treze anos antes.

Das sondas espaciais atualmente em operação, só a *Magalhães* não apresentou problemas. Ela está em órbita ao redor de Vênus desde abr. de 1990 e envia feixes de ondas eletromagnéticas que refletem na superfície, formando imagens tão nítidas quanto fotografias. A sonda *Galileu* teve sua antena avariada. A sonda *Ulisses*, enviada ao Sol, apresentou uma oscilação descontrolada que prejudicou seu trabalho. Outras duas sondas interplanetárias estão com previsão de lançamento até o final do século. Uma para estudar Titã, a maior lua de Saturno (projeto Cassini); a outra, para explorar o interior de um cometa (projeto Craf). (Ver capítulo *Astronáutica*.)

Os calendários

A observação empírica dos fenômenos da natureza – a alternância dia/noite, as fases da Lua, o ciclo das estações – criou, já na Antiguidade , os conceitos de dia, mês e ano. O dia baseia-se na rotação da Terra e no intervalo entre o nascer e o pôr-do-Sol. O mês correspondia aproximadamente a uma lunação. A partir da repetição alternada das estações estabeleceu-se o conceito do ano correspondente ao intervalo de tempo entre a passagem do Sol por um mesmo ponto de uma determinada constelação. Já a semana tem uma origem astrológica: cada um dos sete dias é dedicado a um deus, associado a um dos sete astros que se movimentam com relação às 6 mil estrelas "fixas" visíveis a olho nu.

Os diversos calendários criados a partir desses conceitos se dividem em solares, lunares e luni-solares. Os solares seguem unicamente o curso aparente do Sol e obedecem com precisão aos ciclos das estações. Têm 365 dias, divididos em 12 meses, com um ajuste periódico nos anos bissextos. Os lunares obedecem aos ciclos das fases da Lua. Os anos têm 12 meses de 29 ou 30 dias, alternadamente, totalizando 354 dias. A diferença de 11,25 dias em relação ao ano solar provoca uma defasagem rápida em relação ao início de cada estação. Os calendários luni-solares baseiam-se no mês lunar, com a intercalação de um mês a mais no fim de um certo número de anos, para corrigir a defasagem em relação ao início das estações.

CALENDÁRIOS ATUAIS

Gregoriano – É o que vigora hoje na maior parte do mundo. Resultou de uma reforma proposta pelo papa Gregório XIII ao calendário juliano que introduzia em 46 a.C. o ano bissexto a cada 3 anos e chegou a 1582 com uma defasagem de 10 dias na data do equinócio de primavera (21/3) no hemisfério Norte. Esta diferença foi suprimida e, para evitar defasagens futuras, optou-se pela supressão de 3 anos bissextos a cada 400 anos (abolindo os bissextos seculares, cujas centenas não são divisíveis por 4). Ainda assim, o calendário gregoriano tem um excesso de 0,0003 dias em relação ao ano trópico, ou seja, 1,132 dia em 4 mil anos.

Muçulmano – É puramente lunar e resulta em um ano de 12 meses de 29 ou 30 dias, somando 354 ou 355 dias, causando uma defasagem de 11 dias para cada ano solar ou um mês para cada 31 anos. O primeiro dia do ano 1 do calendário muçulmano corresponde a 16 de julho de 622 do calendário gregoriano.

Judeu – Baseia-se em ciclos de 19 anos, com 12 meses de 29 ou 30 dias, com um 13º mês adicionado aos anos 3º, 6º, 8º, 11º, 14º, 17º e 19º desse período. O primeiro dia do ano 1 judaico corresponde ao 3.760 a.C. do calendário gregoriano.

Estações do ano

Embora não se manifestem em todas as partes do globo da mesma maneira, são quatro: primavera, verão, outono e inverno. São regidas pelos equinócios e pelos solstícios. Equinócios são os instantes em que o Sol, no seu movimento aparente, corta o equador celeste. O equinócio da primavera marca o instante em que o Sol passa do hemisfério Sul para o hemisfério Norte. Essa data (20 ou 21 de março) é que marca o início da primavera no hemisfério Norte e do outono no hemisfério Sul. O equinócio do outono é o instante inverso, em que o Sol passa do hemisfério Norte para o Sul, em 22 ou 23 de setembro, marcando portanto o início do outono no hemisfério Norte e da primavera no hemisfério Sul.

Solstício é a época em que o Sol atinge seu maior afastamento do equador. Isso ocorre em duas épocas no ano: em 22 ou 23 de dezembro, quando ele se afasta em direção ao pólo Sul e marca o verão no hemisfério Sul e o inverno no hemisfério Norte; e, em 21 de junho, quando o Sol se afasta do equador em direção ao pólo Norte, marcando o início do inverno no hemisfério Sul e do verão no hemisfério Norte.

Cronologia geral

ANTIGUIDADE

Calendários: os egípcios dividem o ano em 12 meses de 30 dias, totalizando 360 dias (5.000–4.000 a.C.); os egípcios passam a utilizar um calendário de 365 dias (2.772 a.C.). É desenvolvido na China o método para determinar o equinócio e o solstício (2.500–2.000 a.C.). O babilônio Naburianu determina a duração do mês lunar (450 a.C.). **Instrumentos:** Hiparco de Nicéia formula a Trigonometria e inventa a maioria dos instrumentos astronômicos utilizados durante os 2 mil anos seguintes, compilando o primeiro catálogo sobre o assunto (200–150 a.C.). **Observações astronômicas:** são feitos os primeiros registros sistemáticos de observações astronômicas no Egito, Babilônia, China e Índia (2.500–2.000 a.C.). **Planetas:** astrônomos chineses e babilônios descrevem o movimento planetário (700 a.C.). **Eclipse:** o grego Tales de Mileto faz a primeira previsão de um eclipse solar (500 a.C.). **Mensuração astronômica:** os babilônios usam a Geometria como base para a mensuração astronômica (2.000–1.500 a.C.). **Sistemas astronômicos:** o grego Heráclito de Ponto adota o sistema astronômico de uma revolução terrestre no centro de um universo circular (300 a.C.). O grego Aristarco de Samos propõe um sistema astronômico em que o Sol é o centro do universo, mas a idéia é rejeitada (300 a.C.). O grego Eratóstenes afirma que a Terra gira em torno do Sol, traça o mapa do curso do Nilo e calcula a circunferência da Terra, errando em aproximadamente 1% (250 a.C.). O grego Cláudio Ptolomeu defende sua teoria geocêntrica, ou seja, de que a Terra está no centro do universo (178).

IDADE MÉDIA

Obras: o trabalho de Ptolomeu é traduzido para o árabe sob o título de *Almagesto* (828). Fase áurea da ciência islâmica, com destaque para os astrônomos al-Batani, autor de *O movimento das estrelas*, al-Sufi e ibn Iúnis (900–1200). **Previsão meteorológica:** o inglês William Merlee faz, em Oxford, Grã-Bretanha, os primeiros estudos sobre previsão meteorológica (1337).

IDADE MODERNA

Cometas: o inglês Edmund Halley prevê corretamente que o cometa que observou em 1682 (e que receberá seu nome) voltará a aparecer entre 1758 e 1759 (1705). **Estrelas:** o dinamarquês Tycho Brahe descobre uma estrela "nova" na Via-Láctea e, posteriormente, demonstra que ela está na área a que Cláudio Ptolomeu dera o nome de "esfera das estrelas fixas", onde nada poderia se alterar, segundo seu sistema geocêntrico (1572). O alemão Johann

Kepler edita a obra de Tycho Brahe *Astronomia instauratae progymnasmata*, em que é dada a localização de 777 estrelas (1602). O italiano Nicolas Pieresc descobre a nebulosa de Orion (1610). Kepler elabora as *Tabulae rudolphinae*, em que fornece a localização de 1.005 estrelas (1618). O inglês William Herschel publica um catálogo sobre as nebulosas (1786). **Instrumentos:** Galileu fabrica o primeiro telescópio refrator para uso astronômico (1602). **Lua:** o alemão Johann Hevell faz a descrição da superfície lunar (1647). O italiano Giovanni Battista Riccioli faz um mapa da Lua onde é registrada a maioria dos nomes dos acidentes selenográficos usados até hoje (1651). O inglês Isaac Newton mede a órbita da Lua (1666). **Meteorologia:** o inglês Edmund Halley traça o primeiro mapa meteorológico e elabora a fórmula do nivelamento barométrico (1686). **Movimentos:** Kepler formula as leis do movimento planetário em sua obra *Harmonia mundi* (1618). Galileu publica o *Dialogo sopra i due masimi sistemi del mondo*, em que descreve os movimentos de rotação e translação da Terra (1632). **Planetas:** Galileu observa pela primeira vez ao telescópio os satélites de Júpiter (1610). O italiano Giovanni Cassino determina a rotação de Júpiter, Marte e Vênus (1665). O russo Mikhail Lomonóssov descreve a atmosfera de Vênus (1761). O inglês William Herschel descobre o planeta Urano (1781). **Sistemas astronômicos:** o polonês Mikolaj Kopernik (Nicolau Copérnico) afirma que a Terra e os outros planetas giram em torno do Sol (heliocentrismo) (1512). O italiano Giordano Bruno é condenado à morte na fogueira pela Inquisição, acusado de heresia por defender, entre outras, a idéia do sistema heliocêntrico e a do movimento da Terra (1600). **Teorias:** o inglês Isaac Newton desenvolve a teoria das marés e da atração gravitacional exercida pelo Sol e pela Lua (1683). O francês Pierre Laplace publica *Les lois du système planetaire* (1788). Laplace inicia a publicação de seu tratado sobre a mecânica celeste (1789).

IDADE CONTEMPORÂNEA

Anel de Einstein: pesquisadores do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos EUA, detectam o mais perfeito exemplo de um Anel de Einstein, fenômeno cuja existência teórica havia sido prevista pelo cientista alemão em 1936 e seria resultado de uma "lente gravitacional", onde a luz de um objeto distante seria distorcida por outro objeto mais próximo, dando um aspecto anular ao primeiro apenas quando absolutamente alinhados (1988). **Buraco negro:** o Observatório Interamericano, no Chile, descobre o LCM-X3, o maior buraco negro já detectado, a 180 mil anos-luz da Terra (1983). Carole Haswell, da Universidade do Texas, EUA, e Allen Shafter, da Universidade de San Diego, EUA, conseguem determinar a provável existência de mais um buraco negro, confirmando as teorias de Einstein (1990). A agência espacial americana NASA divulga fotos de um imenso disco de matéria incandescente provavelmente envolvendo um buraco negro, feita pelo telescópio *Hubble* (1992). **Cometas:** o cometa Halley reaparece, confirmando a precisão dos cálculos de Edmund Halley no séc. XVII (1835). A sonda européia *Giotto*, lançada na base de Kourou, na Guiana Francesa, em 2/7/1985, encontra-se com o cometa Halley a uma distância aproximada de 141 milhões de km da Terra (1986). A *Pioneer 12*, na órbita de Vênus, envia imagens sobre o cometa Wilson (1987). Os astrônomos franceses Edmond Giraud e Alain Snette comprovam que o cometa Halley sofreu grande explosão em fev. (1991). **Estrelas:** o francês Michel François de Lalande cataloga 47.390 estrelas (1801). O inglês William Herschel descobre as estrelas binárias (1802). O alemão Friedrich Wilhelm Bessel cataloga 3.222 estrelas (1818). Bessel faz a primeira medição precisa da paralaxe de uma estrela (1838). O americano William Weber Coblentz obtém medidas precisas da temperatura de estrelas (1922). O inglês Arthur Stanley Eddington descobre que a luminosidade de uma estrela é aproximadamente proporcional ao cubo de sua massa (1924). O americano Edwin Powell Hubble faz medidas espectrais em nebulosas extragalácticas (1929). O inglês Antony Hewish descobre os pulsares (1968). O satélite Exosat, da Agência Espacial Européia, descobre uma estrela com densidade 500 mil vezes superior à do Sol (1985). Os americanos I. Shelton, O. Duhalde e A. Jones, em locais diferentes do hemisfério Sul, observam a explosão de uma supernova na galáxia vizinha Grande Nuvem de Magalhães (1987). O Observatório de Raios Gama (GRO), da NASA, detectou a mais potente fonte de raios gama e de raios X (1992). **Galáxias:** o americano Carl Keenan Seyfert observa galáxias que recebem seu nome e que têm mecanismos de produção de energia desconhecidos, que lhes dão uma luminosidade duzentas vezes superior à da galáxia comum (1943). Astrônomos americanos observam duas galáxias adjacentes à Via-Láctea (1971). Lançado na Califórnia, EUA, o telescópio infravermelho IRAS, que localiza um possível sistema planetário em formação em torno da estrela Vega, da constelação de Lira, e revela a existência de 20 mil galáxias e 180 mil corpos estelares desconhecidos (1983). O polonês Stanislaw Djorgovski e o americano Hyrom Spinrad, da Universidade da Califórnia, EUA, descobrem a galáxia 3C 256, que tem provavelmente a mesma idade da Via-Láctea e está a 12 bilhões de anos-luz da Terra (1984). A Universidade do Novo México, EUA, anuncia a descoberta da maior estrutura já observada no espaço, um grupo de galáxias muito maior que o Aglomerado de Virgem, o mais extenso conhecido até então • O americano Roger Lynds, do Observatório Nacional do Arizona, nos EUA, anuncia a descoberta de três arcos de luz com 300 mil anos-luz de comprimento – aproximadamente três vezes o diâmetro da Via-Láctea –, cuja natureza é ainda objeto de especulação (1987). O Observatório de Kitt Peak, nos EUA, fotografa a maior galáxia conhecida, a Abel 2029, que reúne cerca de 100 trilhões de estrelas (1990). Os astrônomos Mario Mateo, chileno, e Richard Nahan, americano, do Observatório de Cerro Tololo, no Chile, descobrem perto da Via-Láctea uma pequena galáxia, esférica, pálida e transparente, o que impedia sua observação (1991). Detectado pelo telescópio *Hubble* o mais distante conjunto galáctico já observado – cerca de 4 bilhões de anos-luz • O astrônomo americano George Smoot anuncia que o satélite Cobe detectou flutuações na radiação de fundo do Universo, que explicariam a origem das galáxias (1992). **Hubble:** o ônibus espacial *Discovery* coloca em órbita o telescópio *Hubble* (US$ 1,5 bilhão), com dois anos de atraso em relação ao cronograma original; o *Hubble* faz a primeira foto completamente desfocada e a NASA reconhece um defeito de fabricação num dos espelhos; técnicos da NASA desenvolvem um programa de computador que melhora a qualidade das imagens produzidas pelo *Hubble*, que ainda apresenta limitações, e exibem as primeiras fotos nítidas (1990). A NASA confirma o lançamento de um ônibus espacial com o objetivo de corrigir os espelhos do telescópio *Hubble* (abr./1993). **Lua:** o inglês George Howard Darwin formula a teoria de que a Lua teria se destacado da massa da Terra (1898). O *Ranger VII* fotografa a superfície lunar (1964). **Observatórios:** o primeiro laboratório para observação de raios cósmicos é construído no monte Wrangell, no Alasca (1953). A Associação de Pesquisa em Astronomia da Califórnia, nos EUA, instala, no topo do vulcão Mauna Kea, no Havaí, o maior telescópio do mundo, o Keck, com potência semelhante à do *Hubble* (1991). **Planetas:** o italiano Giovanni Virgilio Schiaparelli observa o que chama de "canais" de Marte (1877). Schiaparelli descobre a rotação sincrônica de Marte e Vênus (1889). O americano C.W. Tombaugh descobre o planeta Plutão (1930). As sondas *Mariner* fotografam a superfície de Marte (1969). A nave soviética *Vênus VII* desce no planeta Vênus. São instalados telescópios refletores de 150 polegadas (381 cm) em Tucson, no Arizona, EUA, e em Cerro Tololo, Chile (1970). A *Pioneer 10* transmite imagens da superfície do planeta Júpiter (1973). O *Mariner 10* transmite fotos detalhadas da superfície de Vênus e de Mercúrio (1974). São descobertos cinco anéis do planeta Urano, semelhantes aos de Saturno (1976). Descoberta uma lua de Plutão

(1978). O americano Bradford Smith, da Universidade do Arizona, EUA, descobre um possível novo sistema planetário em formação em torno da estrela Beta Pictoris, a 470 bilhões de km do Sol (1984). Um módulo espacial lançado pela nave-sonda *Vega 2* pousa em Vênus (1985). A sonda americana *Voyager 2* fotografa o planeta Urano, revelando a existência de cerca de quinze luas e onze anéis (1986). Os alemães Manfred Pakull e Klaus Reinsch, da Universidade de Berlim Ocid., determinam o tamanho de Plutão e de seu satélite Caronte, que tem quase a metade do diâmetro do planeta; o sistema passa a ser conhecido como "planeta duplo", pois a proporção planeta/satélite é muito diferente de qualquer outra conhecida (1987). Os EUA lançam a sonda espacial *Magalhães* para mapear a superfície de Vênus • A nave *Voyager 2* revela que o planeta Netuno possui cinco anéis e que sua lua Tritão possui uma tênue atmosfera de nitrogênio e vulcões ativos (1989). Cientistas americanos observam, através do telescópio *Hubble*, o maior fenômeno atmosférico do sistema solar, uma gigantesca tempestade em Saturno (1990). A sonda *Magalhães* completa a primeira etapa da exploração de Vênus, fotografando a maior parte da superfície do planeta • Uma equipe da Universidade de Manchester, na Inglaterra, anuncia o descobrimento dos primeiros planetas fora do sistema solar, ao redor do pulsar PRS 1829-10, a 32 mil anos-luz do Sol • A sonda *Galileu* detecta relâmpagos sobre Vênus, confirmando a existência de manifestações elétricas no planeta (1991). Desmentida por Andrew Lyne, chefe da equipe de radioastrônomos da Universidade de Manchester, na Inglaterra, a descoberta de planetas fora do sistema solar anunciada por eles em jul. de 1991. Pesquisadores espanhóis, americanos e soviéticos encontram na Antártica um meteorito de 20 kg proveniente de Marte. Cientistas americanos, do Laboratório de Pasadena, descobrem que Marte sofre abalos sísmicos com regularidade (1992). **Quasares:** os americanos Thomas A. Matthews e Alex Rex Dandage observam pela primeira vez os quasares (1963). O americano Samuel Gulvis e o australiano David Jancey, do Observatório de Pasadena, nos EUA, localizam o quasar PKS 2000-3000, o corpo celeste mais antigo e mais distante já observado (18 bilhões de anos-luz da Terra) (1982). O Observatório Real de Greenwich, na Inglaterra, anuncia a descoberta de um quasar 1 quatrilhão de vezes mais luminoso que o Sol, situado a 12 bilhões de anos-luz do sistema solar (1991). Imagens captadas pelo satélite alemão Rosat reforçam a teoria de que os quasares são a fase inicial das galáxias (1993). **Radioastronomia:** o americano Karl Guthe Jansky descobre fontes de ondas de rádio na constelação de Sagitário e lança os fundamentos da Radioastronomia (1931). O inglês Edward Victor Appleton descobre que as manchas solares emitem ondas de rádio (1946). **Sistema solar:** as naves *Voyager 1* e *2* iniciam uma jornada para fora do sistema solar (1976). A sonda americana *Pioneer 10*, lançada em 1972, torna-se o primeiro objeto construído pelo homem a ultrapassar os limites do sistema solar (1983). **Sol:** é determinada a estrutura magnética do Sol a partir de dados enviados pela sonda *Pioneer 2* (1976). O Japão lança seu 14º satélite científico, o Solar-A, que vai se dedicar exclusivamente ao estudo do Sol (1991). O americano Leon Golub, do Observatório Astrofísico Smithsonian, demonstra que as erupções solares são responsáveis pelo maior aquecimento da coroa solar, em relação à camada imediatamente inferior (abr./1993). **Terra:** o inglês Henry Cavendish verifica a atração universal e determina a massa da Terra (1798). O alemão Friedrich Wilhelm Bessel mede a elipticidade da Terra (1841). Os ingleses Arthur Edwin Kennely e Olivier Heaviside descobrem a ionosfera (1910). O inglês Frederick Alexander Lindemann investiga o tamanho dos meteoros e a temperatura da atmosfera superior (1923). O primeiro satélite meteorológico, o Tiros-1, transmite para os EUA imagens de TV da calota de nuvens em torno da Terra (1960). **Teorias:** o francês Pierre Laplace inicia a publicação de seu tratado sobre a mecânica celeste (1798). O francês Dominique François Jean Arago escreve um dos primeiros manuais de divulgação científica, *Astronomie populaire* (1834). **Via-Láctea:** o americano Harlow Shapley determina as dimensões da Via-Láctea (1918). O inglês Max Wolf descreve a estrutura da Via-Láctea e faz a primeira aplicação da fotografia para a descoberta de asteróides (1920). Observações do satélite americano Cobe revelam que a Via-Láctea tem uma barra de estrelas no centro, tendo então a forma de um S (1992). Um aglomerado de vinte estrelas gigantes – dez vezes maior e 1 milhão de vezes mais brilhante que o Sol – foi detectado no centro da Via-Láctea, por observatório anglo-australiano (jan./1993).

Cronologia Brasil

COLÔNIA

Primeiras observações: João Emenelau, físico e cirurgião da frota de Pedro Álvares Cabral, realiza observações astronômicas (1500). O alemão Georg Marggrav faz a primeira observação científica de um eclipse do Sol nas Américas, em Recife (1640). **Observatório:** instalado em Recife, durante a ocupação holandesa, o primeiro observatório astronômico do hemisfério Sul (1639). Montado no Rio de Janeiro um observatório astronômico e meteorológico para uso da Marinha (1809).

IMPÉRIO

Observatório: criado o Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, mais tarde Observatório Nacional (1827).

REPÚBLICA

Fusos horários: é adotada a hora fundamental do meridiano de Greenwich e o país é dividido em fusos horários (1914). **Estrelas:** Ronaldo R. de Freitas Mourão revela a existência de um planeta em órbita da estrela dupla Aitken 14 (1970). Os astrônomos João Steiner e Francisco Jablonski descobrem uma estrela anã que descreve um círculo em torno de outra estrela em apenas 97 min (1984). Equipe de astrônomos do Laboratório Nacional de Astrofísica descobre três estrelas "jovens" chamadas T-Tauri, a trezentos anos-luz do sistema solar (1988). **Eclipse:** acontece o eclipse total do Sol, conhecido como o eclipse de Bagé, devido ao grande número de astrônomos reunidos na cidade gaúcha para observar o fenômeno (1966). Brasil, México e Havaí vivem um eclipse total do Sol coincidente com a época de máxima atividade solar; sua observação leva a importantes descobertas sobre a coroa solar (1991). **Entidades:** é criada a Sociedade Astronômica Brasileira, que representa o país na União Astronômica Mundial (1974). **Galáxias:** os astrônomos Paulo M. dos Santos e Jacques R.D. Lépine, do Instituto Astronômico e Geofísico da USP, detectam a primeira fonte intensa de vapor de água extragaláctico, na galáxia NGC4945, com o telescópio do Rádio Observatório de Itapetinga (1978). O pesquisador mineiro Domingos Sávio Soares, do depto. de Física da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a supervisão do holandês Tjeerd van Albada, do Kapten Astronomical Institute, de Groningen, elabora catálogo completo sobre seiscentos grupos de galáxias (1991). **Instrumentos:** a Divisão de Astrofísica do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe) desenvolve o primeiro telescópio brasileiro capaz de detectar radiações nas faixas X e gama, reproduzindo imagens de regiões e corpos celestes invisíveis a olho nu (1991). **Observatórios:** inaugurado o Observatório de São Paulo, hoje Instituto Astronômico e Geofísico da USP (1912). Entra em funcionamento o Rádio Observatório de Itapetinga, o maior do gênero da América do Sul, em Atibaia, SP (1971). Criação do Observatório Astronômico do Laboratório Geral de Astrofísica, que abriga o maior telescópio do país, em Brasópolis, MG (1981). Anunciada a participação do Brasil no Projeto Gemini, para a construção de um dos maiores telescópios do mundo (abr./1993). ■

BIOLOGIA

É a ciência que estuda a vida. O nome vem do grego. *biós* (vida) e *logia* (ciência). Um ser vivo pode ser caracterizado por possuir capacidades de adaptação, de alimentação e de reprodução. Assim, a Biologia pode ser entendida como o estudo dos fenômenos vitais, comuns a todos os seres vivos, e reúne diversas áreas do conhecimento que examinam essas manifestações.

OS SERES VIVOS

Até a metade do séc. XX, os seres vivos eram classificados em dois reinos: o vegetal e o animal. Com o progresso da Biologia, percebeu-se que essa divisão era insatisfatória, já que existem organismos primitivos cuja classificação não se enquadra entre animais nem vegetais. A partir da década de 60, o critério internacionalmente aceito divide os organismos em cinco reinos, em ordem crescente de complexidade:

Moneras – Seres unicelulares (formados por uma única célula) procariotos (células sem núcleo). O material hereditário é constituído por uma molécula circular presente no citoplasma. São as bactérias e as cianófitas (algas azuis), antes consideradas vegetais primitivos.

Protistas – Seres unicelulares eucariotos (a célula tem um núcleo). O material genético está organizado nos cromossomos, dentro do núcleo. Representados por protozoários, como a ameba, o tripanossomo (causador do mal de Chagas) e o plasmódio (agente da malária), antes considerados animais primitivos.

Fungos – Seres eucariotos uni e pluricelulares como as leveduras, o mofo e os cogumelos. Já foram classificados como vegetais, mas diferem destes porque sua membrana celular não é formada por celulose, mas por quitina, um polissacarídeo que não se encontra entre as plantas. Além disso, são heterótrofos (não produzem seu próprio alimento), por não possuírem clorofila.

Plantas – São os vegetais desde as algas verdes até as plantas superiores (árvores frutíferas). Caracterizam-se por ter as células revestidas por uma membrana de celulose e por serem autótrofas (sintetizam seu próprio alimento, através da fotossíntese). A maioria não se move.

Animais – São heterótrofos, a maioria é móvel e alguns destes são os únicos seres que têm um sistema nervoso organizado. Englobam desde as esponjas marinhas até o homem, cujo nome científico é *Homo sapiens*.

CAMPOS DE ESTUDO

Com o desenvolvimento da Biologia, surge a necessidade de subdividi-la em áreas de estudo, embora o limite entre elas nem sempre seja preciso. As principais áreas e seus respectivos campos de estudo são:

Anatomia: estrutura dos organismos. **Biofísica:** fenômenos biológicos em termos físicos. **Biogeografia:** distribuição geográfica dos seres vivos. **Biomatemática:** aplicação da Matemática à Biologia para cálculos probabilísticos. **Bioquímica:** química dos seres vivos. **Botânica:** plantas. **Citologia:** células. **Cronobiologia:** "relógio interno" que regula o funcionamento dos organismos. **Ecologia:** relações entre os seres vivos e com o ambiente em que vivem. **Embriologia:** formação e desenvolvimento do embrião. **Etologia:** estudo comparado do comportamento animal. **Evolução:** origem das espécies dos seres vivos através de processos evolutivos. **Fisiologia:** funções orgânicas. **Genética:** mecanismos da hereditariedade. **Histologia:** constituição microscópica dos tecidos e órgãos. **Imunologia:** processos internos de defesa do organismo. **Microbiologia:** micróbios ou microrganismos. **Paleontologia:** fósseis. **Psicobiologia:** psicologia dos animais. **Taxonomia (ou Sistemática):** ciência da classificação dos organismos. **Virologia:** vírus. **Zoologia:** animais.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa biológica já era praticada pelos povos da Antiguidade. Ela então se confundia com a Medicina, sendo usada para fins terapêuticos. Os hebreus listam, no livro bíblico do *Levítico* (séc. IX–V a.C.), uma série de animais "impuros", impróprios para a alimentação – provavelmente por transmitir doenças.

O filósofo grego Aristóteles (384–322 a.C.) estuda os animais, deixando a principal obra do gênero do período. O romano Plínio, o Velho, publica trabalho em 77 d.C., onde utiliza pela primeira vez o nome que designaria esta ciência até o séc. XIX: História Natural, que agrupava também a Geografia e a Geologia.

Na Idade Média, a Biologia tem um progresso limitado. Ela só ganha impulso a partir do final do séc. XVI, com a invenção do microscópio. Torna-se possível conhecer, então, o que o olho humano, por si só, não consegue captar. É assim que, em 1665, o inglês Robert Hooke descobre a célula.

No séc. XVIII, a teoria dominante sobre a origem dos seres vivos é a fixista ou criacionista, segundo a qual as espécies teriam sido criadas tais como são hoje, não se considerando a possibilidade do processo evolutivo. Outras duas teorias de grande aceitação são a da Préformação e a da Abiogênese. A primeira afirma que os animais (inclusive o homem) já estariam com sua anatomia pré-formada dentro do óvulo (ou do espermatozóide). A segunda defende que, em condições ambientais favoráveis, os organismos surgiriam espontaneamente, como moscas que aparecem sobre o lixo exposto. Ainda no séc. XVIII o sueco Carl von Linné, estudando as semelhanças anatômicas entre os seres, cria um sistema de classificação que é adotado até hoje, o da nomenclatura binária latina (ex.: *homo sapiens, homo erectus*).

Na primeira metade do séc. XIX os conceitos básicos da Biologia sofrem uma verdadeira revolução. Os trabalhos do francês Jean Baptiste Lamarck e do inglês Charles Darwin, responsáveis pela teoria da evolução, derrubam o fixismo. Em 1827, o alemão Karl Ernst von Baer refuta as idéias pré-formistas, inaugurando a Embriologia. Em 1862, o francês Louis Pasteur demonstra que qualquer ser vivo só pode ser gerado a partir de um outro, contradizendo a Abiogênese. Sua maior contribuição, no entanto, é a descoberta dos microrganismos, causadores do bolor e da transmissão de doenças. Vem daí a base científica para a assepsia médica e a produção de vacinas.

As pesquisas do químico alemão Friedrich Wöhler, em 1828, levam à produção em laboratório da uréia – uma substância orgânica, presente apenas nos seres vivos – a partir de uma substância inorgânica. Com os estudos de Wöhler, de seu conterrâneo alemão Justus von Liebig e outros, nasce a Bioquímica, que resulta em grandes avanços para a Medicina e a agricultura. Em 1839, os alemães Theodor Schwann e Matthias Schleiden concluem que a célula é a unidade fundamental da matéria viva. Em 1865, o austríaco Gregor Mendel dá a partida para a grande revolução biológica do século seguinte, fundando a Genética. Suas pesquisas identificam o mecanismo que transmite caracteres para a geração seguinte e levam às leis da herança genética.

O séc. XX começa com os biólogos perseguindo a origem da vida. Em 1924, o russo Aleksandr Opárin formula a teoria segundo a qual a vida teria começado a partir da combinação de substâncias inorgânicas em reações de oxidação e fermentação, aproveitando uma atmosfera mais rica em hidrogênio, cerca de 3,8 bilhões de anos atrás. Essas idéias formam a base de quase todas as teorias modernas sobre a origem da vida. A investigação científica dá um salto com a invenção do microscópio eletrônico em 1932, que permite a pesquisa no interior do núcleo celular. Com o conhecimento da anatomia e da fisiologia das moléculas, nasce a Biologia Molecular.

A grande conquista do século, no entanto, vem em 1953. O americano James Watson e o inglês Francis Crick descobrem a estrutura da molécula de DNA (sigla em inglês de ácido desoxirribonucléico), onde se situa o

gene, o patrimônio genético descoberto por Mendel. A partir daí, é possível prosseguir com mais segurança os estudos sobre a origem do homem, a herança que transmite aos descendentes (incluindo as doenças) e até a sua identificação genética, a partir de amostras de sangue, cabelo, saliva, pele ou sêmen.

NOVAS PESQUISAS E PERSPECTIVAS

A Biologia hoje procura dominar o processo vital para poder preservá-lo, aumentando a produção de alimentos e eliminando as doenças. Com o desenvolvimento alcançado pela Biotecnologia, os cientistas estão decifrando a mensagem hereditária contida nas células e descobrindo instrumentos para manipulá-la.

O melhor exemplo disso é o projeto internacional Genoma. Iniciado em out. de 1990, sob o comando dos EUA, tem o objetivo de mapear todo o genoma humano, isto é, identificar os quase 100 mil genes distribuídos pelos 23 pares de cromossomos humanos. Com os resultados já obtidos abrem-se inúmeras possibilidades. Uma delas é a terapia genética, nome dado ao tratamento feito com a retirada de genes defeituosos para serem "reparados" e reinjetados no organismo. Como conseqüência, embriões já estão sendo pesquisados para se descobrirem doenças antes do nascimento.

Muitas preocupações são levantadas com relação a essas pesquisas e suas aplicações. A manipulação de embriões traz o temor da imposição de padrões racistas. Além disso, há o risco da discriminação genética. Alguns cientistas temem que pessoas cuja ficha genética indique que elas são propensas a contrair doenças sejam discriminadas pelo mercado de trabalho.

Uma aplicação importante das pesquisas é a manipulação genética dos animais, com o objetivo de garantir alimentos mais nutritivos e saborosos. Na prevenção e tratamento de doenças intensifica-se a prática de inoculação de genes humanos em ratos e porcos, para a obtenção de órgãos com menor risco de rejeição para transplante em seres humanos.

Uma controvérsia envolve o patenteamento dos genes já identificados, para garantir a exclusividade sobre as informações contidas no código genético. A primeira solicitação partiu do National Institutes of Health (NIH), nos EUA, em relação aos genes catalogados pelo seu corpo de pesquisadores. Em seguida, centros de pesquisa britânicos e japoneses fizeram o mesmo. Os cientistas franceses e de outros países, incluindo o Brasil, declararam-se contrários à medida, argumentando que o mapa genético é um patrimônio da humanidade e não deve ser monopólio da exploração comercial de uma entidade.

Cronologia geral

ANTIGUIDADE

Primeiros estudos: o romano Catão, o Censor, escreve *De agricultura*, contendo estudos sobre a fauna e a flora, o plantio e a colheita (160 a.C.). O romano Plínio, o Velho, escreve *Naturalis historia*, em 37 volumes (77 d.C.). **Zoologia:** o grego Aristóteles escreve *História dos animais*, o principal estudo do gênero da Antiguidade (cerca de 350 a.C.).

IDADE MODERNA

Botânica: é publicado *O livro das ervas*, do alemão Otto Brunsfel, primeiro manual de Botânica (1532). A publicação do tratado do espanhol Clusius sobre as flores da península Ibérica inaugura a Botânica moderna (1576). **Célula:** o inglês Robert Hooke descreve a estrutura celular em plantas (1665). **Classificação:** o sueco Carl von Linné (Carolus Linnaeus ou Lineu), em seu livro *Systema naturae*, propõe o método de nomenclatura binária para classificar plantas e animais (1735). O dinamarquês Johann Cristian Fabricius publica, em *Systema entomologiae*, uma classificação dos insetos (1775). **Epigênese:** o alemão Kaspar Friedrich Wolff, estudando ovos de galinha, enuncia a teoria da epigênese, segundo a qual o embrião se desenvolve a partir de uma massa homogênea de matéria viva, onde não há uma estrutura pré-formada (1759). **Evolução:** o francês Benoit de Mallet formula a primeira hipótese evolucionária para explicar a origem do homem (1735). O francês Georges Louis Leclerc, conde de Buffon, publica o primeiro dos 44 volumes de *Histoire naturelle*, onde antecipa algumas idéias evolutivas que seriam defendidas por Lamarck e Darwin (1749). **Fecundação:** o italiano Lazzaro Spallanzani demonstra que os espermatozóides são os responsáveis pela fecundação (1779). **Fertilização:** o alemão J.G. Köllreuter inicia experiências de fertilização cruzada em plantas, usando animais como portadores de pólen (1763). **Inseminação artificial:** Spallanzani faz a primeira inseminação artificial da história, numa cadela (1777). **Micróbios:** o holandês Anton van Leeuwenhoek dá início à Microbiologia ao constatar a existência dos microrganismos (1675). **Ornitologia:** o italiano Ulisse Aldrovandi publica um tratado sobre o assunto (1599). **Preservação de alimentos:** ao tentar provar a teoria da Biogênese, Spallanzani descobre que a selagem hermética preserva os alimentos (1765). **Zoologia:** a *Historia animalium*, do suíço Konrad Gesner, dá início aos modernos estudos de Zoologia (1551).

IDADE CONTEMPORÂNEA

Ácidos nucléicos: o suíço Friedrich Miescher descobre os ácidos nucléicos (1869). Os canadenses Oswald Avery e Colin MacLeod e o americano Maclyn McCarty demonstram, pela primeira vez, que o DNA é o material genético (1944). O austríaco Erwin Chargaff descreve a composição química dos ácidos nucléicos (1950). O americano James Dewey Watson e o inglês Francis Harry Compton Crick, auxiliados pelas pesquisas do inglês Maurice Hugh Frederick Wilkins, descobrem a estrutura do DNA (1953). Os franceses François Jacob e Jacques Monod descobrem o RNA-mensageiro, uma molécula que atua como intermediária na síntese de proteínas comandada pelos genes (1961). Por meio de um microscópio efeito túnel, cientistas da Califórnia obtêm a primeira imagem direta da molécula de DNA • David Dunlap e Carlos Bustamante, da Universidade do Novo México, EUA, conseguem desenrolar e fotografar um filamento de DNA, cuja imagem coincide com a projetada teoricamente em 1961 (1989). Em Idaho, EUA, cientistas obtêm a mais antiga mostra de DNA – de uma árvore de 20 milhões de anos (1990). **Anatomia:** o francês Georges Cuvier cria a Anatomia Comparada e enuncia a teoria do catastrofismo (1796). **Animais transgênicos:** os americanos Richard Palmiter e Ralph Brinster "criam" o primeiro animal por manipulação genética: um rato gigante, que contém o gene do hormônio de crescimento humano (1982). Cientistas da Universidade de Harvard, EUA, criam e patenteiam Myc Mice, um rato transgênico, possuidor do gene humano que causa propensão ao câncer (1988). Nasce na Holanda Herman, o primeiro touro transgênico do mundo; suas crias poderão produzir leite enriquecido com lactoferina, uma rara proteína humana que combate infecções (1991). Cientistas da Comunidade Científica e Organização de Pesquisa Industrial da Austrália modificam em laboratório a bioquímica de ovelhas, fazendo com que os folículos da lã dos animais secretem repelentes contra traças, moscas-varejeiras e outros tipos de insetos • Nasce o primeiro porco transgênico do mundo, nos laboratórios da Universidade de Cambridge, Inglaterra (1992). **Bactérias:** cientistas americanos e australianos, dirigidos pelo australiano Kendall Clements, encontram, no intestino de um peixe no litoral da Austrália, a maior bactéria do mundo, batizada de *Epulopiscium fishelsoni*; o organismo mede 0,5 mm, 1 milhão de vezes mais que as espécies convencionais • O americano William Schopf descobre, na Austrália, bactérias fossilizadas de cerca de 3,5 bilhões de anos que fariam fotossíntese (mar./1993). **Botânica:** o francês Antoine Laurent de Jussieu propõe, em *Genera plantarum*, um sistema natural de classificação das plantas (1789). O alemão Justus von Liebig conclui que as plantas se alimentam de compostos inorgânicos extraídos do solo, o

que revoluciona a agricultura (1830). **Célula:** o inglês Robert Brown descobre o núcleo das células vegetais (1831). Os alemães Theodor Schwann e Matthias Jakob Schleiden concluem que a célula é a unidade estrutural básica de todos os seres vivos (1839). **Código genético:** o soviético George Gamow formula a hipótese do código genético, segundo a qual os ácidos nucléicos contêm as informações que determinam o tipo de proteína a ser sintetizada (1948). O americano Marshall Warren Nirenberg e o alemão Johann Matthaei decifram a primeira seqüência de nucleotídeos de DNA, os que sintetizam a fenilalanina (1961). Equipes independentes, lideradas por Nirenberg e pelo indiano Har Gobind Khoranna, ampliam a decifração do código genético, isto é, as seqüências de bases químicas do DNA que codificam cada tipo de aminoácido, unidade estrutural da proteína (1963). Nirenberg e Philip Leder chegam à decifração completa do código utilizando um outro método (1964). Charles Yanofsky demonstra a correspondência biunívoca entre as seqüências de trincas de nucleotídeos de DNA e as de aminoácidos da cadeia de proteínas (1966). **DNA fóssil:** equipe do americano Robert de Salles identifica uma molécula de DNA de 40 milhões de anos; extraída do fóssil de um ancestral do cupim, é a seqüência mais antiga já isolada (1992). **Embriologia:** a *Epistola de ova mamalium et hominis generis*, do alemão Karl Ernst von Baer, inaugura a Embriologia Comparativa e derruba a teoria da pré-formação (1827). **Engenharia Genética:** os americanos Arthur Kornberg, Mehran Goulian e Robert Louis Sinsheimer sintetizam em laboratório o DNA de um vírus (1967). A equipe de Khoranna realiza a primeira síntese completa de um gene, na seqüência desejada de nucleotídeos (1970). O americano Paul Berg faz experiências sobre a modificação dos caracteres genéticos hereditários de um vírus • São feitas experiências sobre a possibilidade de separar células com genes defeituosos na Universidade de Maryland, EUA (1972). Os americanos Stanley Cohen e H. Boyer criam uma técnica para introduzir um gene estranho no DNA de uma bactéria, dando início à era dos organismos manipulados geneticamente (1973). Cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, EUA, anunciam a construção de um gene sintético funcional completo, incluindo mecanismos de regulação (1976). Os americanos Walter Gilbert e A.M. Maxam criam uma técnica de leitura da informação contida no DNA das bactérias que acelera a clonagem (reprodução de organismos com material genético modificado) (1977). São liberadas pela primeira vez bactérias geneticamente alteradas, na tentativa de evitar danos causados por congelamento em uma plantação de morangos em Brentwood, EUA (1987). **Enzimas:** equipe de bioquímicos, dirigida pelos americanos Robert Merrifield e Robert Denkewalter, realiza pela primeira vez a síntese de uma enzima, a ribonuclease (1969). Os americanos Howard Temin e David Baltimore descobrem simultaneamente a existência de uma enzima que sintetiza o DNA a partir do RNA, abrindo um campo de nova tecnologia de sínteses bioquímicas (1970). Christiane Rayssiguier, Miroslav Radman e David Thaler obtêm sucesso no cruzamento de bactérias de espécies diferentes e descobrem as enzimas que impedem o cruzamento entre espécies (1989). **Espécies:** a nova edição do *Global biodiversity*, o tratado mais completo de "coisas vivas", cataloga 1,4 milhão de espécies já identificadas (1992). **Evolução:** Jean Baptiste Lamarck publica *Philosophie zoologique*, em que expõe a teoria da evolução orgânica: as influências exercidas pelo ambiente sobre os organismos causam alterações que são transmitidas às gerações seguintes (1809). Os ingleses Charles Robert Darwin e Alfred Russel Wallace anunciam uma nova teoria da evolução (1858). Darwin publica *The origin of species*, formulando os princípios do evolucionismo e da seleção natural (1859). O alemão Ernst Haeckel publica *Natürliche Schöpfungsgeschichte*, em que desenvolve as idéias de Darwin e afirma que o homem descende dos símios (1868). **Fermentação:** o francês Louis Pasteur demonstra que os organismos vivos são os responsáveis pela fermentação (1857). **Fisiologia:** o francês Claude Bernard inicia seus estudos sobre a Fisiologia, que resultarão em trabalhos sobre a digestão, a circulação e o sistema nervoso (1843). **Genética:** o austríaco Johann Gregor Mendel enuncia as leis da herança, fundando a Genética (1865). Trabalhando separadamente, o holandês Hugo De Vries, o austríaco Erich Tschermak e o alemão Karl Correns chegam às mesmas conclusões e redescobrem as pesquisas de Mendel, que, até então, tinham permanecido no esquecimento (1900). O americano Thomas Hunt Morgan começa a estudar o inseto *Drosophila melanogaster*, com o que vai demonstrar as teorias de Mendel (1909). Morgan e seus colaboradores publicam *Mechanism of mendelian heredity*, em que descrevem o sistema dos genes e formulam a teoria cromossômica da herança (1915). Os americanos George Wells Beadle e Edward Lawrie Tatum demonstram que os genes controlam a síntese de enzimas (1941). Tatum e o americano Joshua Lederberg observam, na bactéria *Escherichia coli*, que é assexuada, a possibilidade de transferência de material genético de um organismo para outro (1946). O americano Seymour Benzer, estudando o vírus T4, descobre que o gene pode ser dividido em unidades menores, que atuam nos níveis de função, mutação e recombinação (1957). **Hormônios:** o japonês Takamine Jokichi isola o primeiro hormônio (substâncias secretadas pelo organismo que estimulam o funcionamento de outros órgãos ou tecidos), a adrenalina (1901). **Identificação genética:** o inglês Alec Jeffreys cria o teste de identificação genética (*DNA fingerprint*), que permite, a partir de uma amostra de sangue, cabelo, sêmen, saliva ou pele, reconhecer o DNA e identificar a pessoa a que pertence a amostra (1984). Os tribunais americanos e europeus passam a aceitar, como prova de identidade ou paternidade, o teste de "impressão de DNA" (1988). **Impressões digitais:** o inglês *sir* Francis Galton demonstra a individualidade das impressões digitais (1885). **Impulsos nervosos:** os ingleses Alan Lloyd Hodgkin, John Casew Eccles e Andrew Fielding Huxley estudam os processos de transmissão dos impulsos nervosos (1963). **Novas técnicas:** o americano Ross Granville Harrison e o francês Alexis Carrel desenvolvem técnicas que permitem a cultura de tecidos em tubos de ensaio com substâncias nutritivas (1909). Kary Mullis inventa a PCR (*polymerase chain reaction*), técnica que permite reconstruir um gene completo a partir de um pedaço reproduzido de DNA (1985). **Novos organismos:** encontrada nas Bahamas uma alga vermelha que cresce e fotossintetiza numa profundidade de 268 m; essa descoberta provoca uma revisão sobre a quantidade mínima de luz necessária para a fotossíntese (1985). **Origem da vida:** em *A origem da vida*, o russo Aleksandr Ivánovitch Opárin postula o começo da vida a partir da combinação de elementos inorgânicos promovida pelas condições ambientais existentes na Terra (1924). O inglês John Scott Haldane desenvolve independentemente teorias semelhantes às expostas por Opárin (1929). **Projeto Genoma:** os EUA lançam o Projeto Genoma, que pretende obter o mapeamento de cada um dos 23 pares de cromossomos humanos até o ano 2005; os países europeus e a URSS aderem ao projeto (1988). Começa o Projeto Genoma • Pesquisadores britânicos anunciam a descoberta do gene que determina o sexo (1990). A equipe de Craig Venter isola, de uma só vez, 2.375 genes humanos • O americano Eduardo de Robertis anuncia a descoberta dos genes que controlam a formação da coluna vertebral; dos 38 genes que interferem no desenvolvimento do embrião humano, 26 já foram isolados • São divulgados os primeiros mapas completos de dois cromossomos humanos: o sexual Y (presente apenas nos homens) e o 21 (associado à síndrome de Down e a problemas neurológicos), construídos, respectivamente, pelo Instituto Whitehead de Cambridge, EUA, e por uma equipe internacional liderada pelo francês Daniel Cohen (1992). Cientistas da Universidade de Nova York, EUA, identificam o gene que fabrica a proteína que permite o contato do óvulo com o espermatozóide (mar./1993). **Proteínas:** a equipe de Douglas Melton, da Univer-

sidade de Harvard, EUA, identifica a activina, proteína que induz o desenvolvimento do óvulo fecundado (1991). Os americanos Edmond Fischer e Edwin Krebs ganham o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia pelas pesquisas sobre proteínas que atuam no controle energético da célula (1992). **Terapia gênica:** equipe do National Institute of Health (NIH), EUA, liderada por French Anderson, Kenneth Culver e Michael Blaese, realiza o primeiro implante genético em humano (1990). **Vírus:** o francês Félix d'Hérelle descobre os bacteriófagos, vírus destruidores de bactérias (1915). O bioquímico Luiz Alberto Colnago e seus colegas do Depto. de Química da Universidade da Pensilvânia, EUA, conseguem, através da ressonância magnética nuclear, flagrar um vírus invadindo uma célula (1991). Cientistas alemães do laboratório de pesquisas da IBM testemunham, pela primeira vez, a fuga de partes de um vírus de uma célula viva (1992).

Cronologia Brasil

COLÔNIA

Grandes expedições: os naturalistas alemães Carl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptist von Spix iniciam expedição de três anos pelo interior do Brasil, onde catalogam 6.500 espécies de plantas e 3.400 de animais, além de encontrar fósseis em Minas Gerais e na Bahia (1817). A expedição científica do barão von Langsdorff, cônsul da Rússia no Brasil, coleta e envia 60 mil exemplares de plantas para S. Petersburgo (1820). **Plantas medicinais:** as plantas medicinais brasileiras são descritas pelo pe. Francisco Lima em *Dioscorides brasilicus de medicinalibus brasiliae plantae* (1770). **Primeiros estudos:** é feita a primeira descrição da fauna e flora brasileiras na carta de Pero Vaz de Caminha (1500). É publicada em Amsterdã, Holanda, a *Historia naturalis brasiliae*, de Willem Piso e Georg Marcgraf (1648).

IMPÉRIO

Botânica: W. Draenert identifica a bacteriose da cana-de-açúcar; é a primeira vez no mundo em que há o reconhecimento de que uma doença vegetal é causada por uma bactéria (1869). **Fósseis:** o naturalista alemão Wilhelm Ludwig von Eschwege relata a presença de vertebrados fósseis em São João del Rey, MG, em *Beiträge zur Gebirgskunde Brasiliens* (1832). O dinamarquês Peter Wilhelm Lund, considerado o pai da Paleontologia brasileira, estuda a fauna de mamíferos pleistocênica de MG, descobre o "Homem da Lagoa Santa" e identifica 115 espécies de mamíferos fósseis (1835–1844). O botânico inglês George Gardner coleta pela primeira vez no Brasil espécies fossilizadas em uma formação geológica datada do período anterior ao Quaternário e encontra peixes fósseis na chapada do Araripe, CE (1839). O inglês Nathaniel Plant identifica, em camadas carboníferas do Rio Grande do Sul, os vegetais extintos *Glossopteris* e *Lipodendron* (1853). Domingos Soares Ferreira Pena descobre as camadas fossilíferas de Pirabas, PA (1876).

REPÚBLICA

Amazônia: o biofísico Carlos Chagas Filho publica seus estudos sobre o poraquê, o peixe elétrico do rio Amazonas (1939). Em reserva florestal do Instituto Nacional de Proteção Ambiental, tenta-se, pela primeira vez no mundo, o controle do ecossistema de uma floresta tropical (1963). Paulo Emílio Vanzolini e o americano Ernest Williams chegam à mesma conclusão do alemão Jürgen Haffer, embora trabalhando separadamente: secas prolongadas na floresta Amazônica, em eras passadas, eliminaram parcialmente a mata, restando apenas manchas verdes ou áreas de refúgio, onde a fauna sobreviveu e passou por um processo de especiação (diferenciação em novas espécies); essa teoria explica a presença hoje de espécies semelhantes em áreas vizinhas na floresta (1970). Divulgado o livro *The fishes and the forest: explorations in Amazonian natural history*, de Michael Goulding, que sistematiza a relação dos peixes com a várzea amazônica (1981). **Aves:** Lenir Alda do Rosário realiza a primeira pesquisa de migração de aves marinhas no país (1981). **Banco de sêmen:** criado no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, o primeiro banco de sêmen do país, para homens que vão se tornar estéreis como resultado de terapias contra o câncer (1989). **Engenharia Genética:** uma levedura que diminui a acidez do vinho é produzida por pesquisadores da Universidade de Caxias do Sul, RS, tornando-se o primeiro ser vivo a ser patenteado no país (1989). Spartaco Astolfi Filho desenvolve processo para produção de insulina humana sintetizada por bactérias geneticamente modificadas, equiparando o Brasil aos EUA e à Dinamarca, até então os únicos produtores desse tipo de insulina (1991). **Esquistossomose:** Manuel Augusto Pirajá da Silva prova a existência do *Schistosoma mansoni*, causador da doença, descoberto em 1907 por *sir* Patrick Manson, mas sem provas conclusivas (1908). Pirajá da Silva identifica pela primeira vez a cercária do esquistossomo – ou uma forma de evolução do verme (1912). Milward de Andrade descobre que o protozoário *Collepsnirtus* pode destruir os caramujos transmissores da esquistossomose (1971). **Fósseis:** o paleontólogo pe. Giuseppe Leonardi encontra pegadas fósseis de até 80 cm de diâmetro em Araraquara, SP, e Souza, PB (1980). O paleontólogo Fausto Luís de Souza Cunha identifica fóssil de mamífero conhecido como Xenoungulado, de 70 milhões de anos, em Itaboraí, RJ (1982). Oscar Rössler descobre os fósseis de uma fêmea e quatro filhotes de *Brazilosaurus*, espécie de lagarto que viveu há cerca de 250 milhões de anos (1985). A arqueóloga Sílvia Maranca encontra em São Raimundo Nonato, PI, vestígios da presença de seres humanos datados em cerca de 48 mil anos, os mais antigos do continente; a descoberta suscita polêmicas e dúvidas na comunidade científica (1988). Klaus Hilbert descobre no Amapá vestígios de povoamentos anteriores à cultura cerâmica, datados de 12 mil anos (1989). Professores da Unisinos encontram bactérias fossilizadas em Carajás, PA, com cerca de 2,7 bilhões de anos de idade; é a forma de vida mais antiga já encontrada na América do Sul (1992). **Genética:** Crodowaldo Pavan e a alemã Martha Erps Breuer, estudando os cromossomos dos insetos *Rhynchosciara*, descobrem que a quantidade de DNA na célula não é constante; o fenômeno é chamado de "amplificação gênica" e mostra o gene em atividade (1956). Realizada em Curitiba, PR, a I Reunião Brasileira de Genética Humana (1958). Pesquisadores do Centro Nacional de Pesquisa de Recursos Genéticos e Biotecnologia (Cenargen) obtêm sucesso em técnica de identificação do sexo de embriões de animais (1991). **Leishmaniose:** Gaspar de Oliveira Viana classifica o agente transmissor da leishmaniose cutâneo-mucosa (úlcera de Bauru) (1910). Oliveira Viana descobre a cura para a doença (1912). **Mal de Chagas:** Carlos Chagas identifica, no interior de MG, o *Trypanosoma cruzi*, protozoário causador da doença que leva seu nome (1909). **Melhoramentos genéticos:** criação de híbridos de milho no Instituto Agronômico de Campinas faz do Estado de São Paulo a segunda região do mundo a produzir híbridos derivados de suas próprias variedades (1933). **Novo animal:** o agrônomo Acácio Costa descobre o *Peripatus acacioi*, com características intermediárias entre os anelídeos e os artrópodos (1953). **Proteínas:** descoberta por Karl Slotta e H.L. Fraenkel-Conrat, do Instituto Butantan, no veneno da cascavel, a crotoxina, primeira proteína tóxica isolada do reino animal (1939). **Soros e vacinas:** o Instituto Butantan produz a primeira série de soros e vacinas contra a peste e a primeira série de soro antiofídico (1901). Instalada a filial do Instituto Oswaldo Cruz em Belo Horizonte, MG, onde é desenvolvido pela primeira vez o soro antiescorpiônico por Eurico de Azevedo Vilela (1907). **Teste de paternidade:** Sérgio Danilo Pena e o alemão Jorge Epplen desenvolvem um teste que permite a determinação da paternidade em órfãos do sexo masculino (1992). ■

CINEMA

Veículo de comunicação de massa e expressão artística, baseado num sistema de reprodução de imagens em movimento, registradas em filme e projetadas sobre uma tela, tem suas origens mais remotas nos "jogos de sombra" dos teatros de marionetes orientais (China, Indonésia, Birmânia, entre 150–120 a.C.) e em experiências como a câmera escura de Leonardo da Vinci (séc. XV) ou a lanterna mágica de Athanasius Kirchner (séc. XVII), ancestrais do moderno projetor de slides.

Pré-história – Baseados no fenômeno da persistência da imagem na retina, são construídos vários aparelhos que visam a reconstituir o movimento: o fenaquistiscópio, de Joseph Plateau (1832), o zootrópio, de Joseph Horner (1833), o praxinoscópio, de Émile Reynaud (1877), e o teatro óptico, de Plateau e Reynaud (1895), que, em vez de desenhos, usa fotografias, criadas no início do século por Jacques-Louis Daguerre e Nicéphore Niepce. Em 1878, o fuzil fotográfico de Edward Muybridge, que registra cada fase do trote de um cavalo, possibilitando a análise do movimento, torna-se o antecessor da câmera de filmar. Em 1890, Thomas Alva Edison sintetiza essas experiências no cinetoscópio, de uso individual, em que, através de um visor, assiste-se à projeção de fotografias fixas sucessivas. Esse invento é aperfeiçoado pelos irmãos Louis e Auguste Lumière, que descobrem a solução para a passagem do filme em ritmo constante: a película com perfurações laterais, puxada por uma engrenagem em forma de cruz-de-malta. A primeira apresentação pública do cinematógrafo Lumière ocorre em Paris (28/12/1895).

Os pioneiros – Na França, na primeira década do séc. XX, enquanto o *cinéma d'art* filma peças de teatro com grandes nomes do palco, como Sarah Bernhardt, Georges Méliès faz os primeiros filmes de ficção (*Viagem à lua, A conquista do pólo*) e descobre diversas técnicas de filmagem: fusão, exposição múltipla, uso de maquetes e truques ópticos precursores dos efeitos especiais. Em 1913, surgem, com Max Linder, o primeiro tipo cômico e, com o *Fantômas*, de Louis Feuillade, o primeiro seriado de histórias policiais. Na Grã-Bretanha, as filmagens ao ar livre, com dinâmica não-teatral, prenunciam os grandes documentaristas dos anos 30. Na Itália, Giovanni Pastroni (*Cabíria*) faz superproduções épicas e históricas. Nos EUA, Edison limita-se a filmagens em local fechado, no primeiro estúdio, a *Black Mary*; Edwin Porter (*O grande assalto do trem*, 1903) formula os rudimentos da montagem artística e inaugura o faroeste e o filme policial; e David Wark Griffith (*Nascimento de uma nação*, 1915, e *Intolerância*, 1916) inova a linguagem, ao utilizar planos distintos, combinação de imagens e montagem ágil tornando o cinema consciente de suas possibilidades estéticas.

Grandes estúdios – Com a crise da indústria européia durante a I Guerra Mundial, a produção de filmes desloca-se para Hollywood, na Califórnia, onde a fundação da Famous Players (1912, futura Paramount) e da Fox (1916) faz surgir o *star system*, a política de "fabricação" de estrelas que atraíam a platéia: Mary Pickford, a "noivinha da América", Theda Bara, Tom Mix, Douglas Fairbanks, Rodolfo Valentino. É a fase da consolidação dos gêneros: o faroeste, o policial, o musical e, principalmente, a comédia com os *Keystone Cops* de Mack Sennett e os tipos desenvolvidos por Ben Turpin, Buster Keaton, Harold Lloyd e Charlie Chaplin (*Em busca do ouro*). Com o êxito do *star system*, os filmes passam dos 20 min iniciais a pelo menos 90 min de projeção. Para enfrentar os altos salários e custos de produção, exibidores e distribuidores reúnem-se em conglomerados autônomos, como a United Artists (1919).

Expressionismo – Na década de 20, a recusa das artes plásticas em representar objetivamente a realidade influencia os cineastas alemães. As experiências formais de Robert Wiene (*O gabinete do dr. Caligari*), Friedrich Murnau (*Nosferatu*), Georg Pabst (*Lulu*) ou Fritz Lang (*Metropolis*), cujos filmes têm clima onírico ou simbólico, traduzem as angústias e frustrações do país, derrotado e em crise econômica e social.

Vanguarda francesa – O lirismo e a luminosidade da pintura impressionista inspiram Louis Delluc (*A mulher de parte alguma*), Abel Gance (*A roda*), Jean Epstein (*Coração fiel*) e Marcel L'Herbier (*A desumana*). A partir de 1923, o cinema experimental de Man Ray (*O retorno à razão*), René Clair (*Entreato*) e Luis Buñuel (*O cão andaluz*) é influenciado pelo Dadaísmo, pelo Cubismo e pelo Surrealismo.

Cinema épico soviético – Na URSS, o cinema é encarado como um instrumento de difusão dos ideais revolucionários. Serguêi Eisenstéin (*Encouraçado Potiômkin, Outubro*), Vsiévolod Pudóvkin (*Mãe*) e Aleksandr Dovjenko (*A terra*) retratam as principais etapas da Revolução de 1917, renovando as técnicas de angulação e movimentação da câmera, iluminação e montagem. O *kinoglaz* (cinema-olho), de Dziga Vértov (*A sexta parte do mundo*), documentando o cotidiano soviético, antecipa o cinema-verdade dos anos 60.

Países nórdicos – Com o dinamarquês Carl Dreyer (*A paixão de Joana d'Arc*) e os suecos Mauritz Stiller (*A saga de Gösta Berling*) e Victor Sjöström (*O vento*) há uma produção de grande lirismo e beleza plástica, que entra em crise quando, com a Depressão, os estúdios vão à falência.

Filme falado – As primeiras experiências de sonorização, feitas por Edison em 1889, são seguidas pelo *grafofonoscópio*, de Auguste Baron (1896), e pelo *cronógrafo*, de Henri Joly (1900), sistemas ainda falhos de sincronização imagem/som. O sistema Lee de Forest de gravação magnética em película (1907), que permite a reprodução simultânea de imagens e sons, é comprado em 1926 pela Warner, que produz o primeiro filme com trilha sonora – *Don Juan*, de Alan Crosland –, o primeiro com passagens faladas e cantadas – *O cantor de jazz* (1927), de Crosland, com Al Jolson – e o primeiro inteiramente falado: *Luzes de Nova York*, de Brian Foy (1928). A adesão da quase totalidade das produtoras ao novo sistema, que se consolida em 1929, abala convicções, causa a inadaptação de atores, roteiristas e diretores e reformula os fundamentos da linguagem cinematográfica, fazendo surgir um gênero novo, o musical. Diretores como Charlie Chaplin (*Luzes da cidade*) e René Clair (*Sob os céus de Paris*) resistem à novidade, depois acabam cedendo. *Alvorada do amor*, de Ernst Lubitsch, *O anjo azul*, de Joseph von Sternberg, *M, o vampiro de Düsseldorf*, de Fritz Lang, são alguns dos primeiros grandes títulos do cinema falado.

Anos dourados de Hollywood – Nos EUA, após a Depressão, a indústria recupera-se. Hollywood vive seus anos de ouro em 1938/39. Todos os recursos da nova linguagem se desenvolvem na comédia social de Frank Capra (*A felicidade não se compra*), nos faroestes de John Ford (*No tempo das diligências*), na elegância narrativa de William Wyler (*O morro dos ventos uivantes*) e Howard Hawks (*Sargento York*) e no romantismo de *...E o vento levou*, de Victor Fleming. Em 1941, com *O cidadão Kane*, Orson Welles desafia o esquema dos estúdios e revoluciona a estética do cinema.

Europa na II Guerra – Na França, o Realismo poético de Jean Renoir (*A grande ilusão*), Marcel Carné (*Cais das sombras*), Julien Duvivier (*Carnê de baile*) e Jean Vigo (*Atalante*) dá uma visão lírica dos problemas sociais; mas a invasão nazista provoca o exílio de seus representantes. Na URSS, o "Realismo socialista" imposto por Stálin barra a criatividade e gera filmes de propaganda sobre os planos qüinqüenais: *Nova Babilônia*, de Grigóri Kozínt-

sev, *Volga, Volga*, de Grigóri Aleksándrov. *Aleksandr Niévski* e *Ivã, o Terrível*, de Eisenstéin, e a *Trilogia de Máksim Górki*, de Mark Donskôi, são raras exceções. A Alemanha nazista também descobre, com *O triunfo da vontade*, de Leni Riefenstahl, ou *O judeu Süss*, de Veit Harlan, o cinema como instrumento de propaganda do regime; depois disso, o cinema alemão mergulhará numa crise de que só sairá nos anos 60/70.

ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

Os traumas do pós-guerra fazem os realizadores assumirem postura mais crítica em relação aos problemas sociais e reagirem contra os esquemas tradicionais de produção.

Neo-realismo italiano – *Roma, cidade aberta*, de Roberto Rossellini, que descreve a resistência da população contra o fascismo, inaugura um estilo que privilegia a temática contestadora e filmagens ao ar livre, com atores não-profissionais. Filmes representativos da primeira fase são *Paisà*, de Rossellini, *Ladrões de bicicleta*, de Vittorio de Sica, *A romana*, de Alberto Zampa, *O capote*, de Alberto Lattuada, *O ferroviário*, de Pietro Germi. A partir dos anos 60, o cinema italiano torna-se mais intimista, de investigação psicológica, retratando uma sociedade em crise: Michelangelo Antonioni, com a trilogia da incomunicabilidade (*A aventura, A noite, O eclipse*), e Federico Fellini (*A doce vida* e *8 1/2*) fazem reflexões morais sobre a condição humana; Lucchino Visconti, em *Rocco e seus irmãos*, mostra a vida dos migrantes do sul da Itália; e Pier Paolo Pasolini (*Teorema*) discute a sexualidade como meio de autoconhecimento e transformação. Nos anos 70, uma nova geração de cineastas retoma a discussão política ou existencial: Francesco Rosi (*O caso Mattei*), Elio Petri (*A classe operária vai ao paraíso*), Gillo Pontecorvo (*Queimada*), Valerio Zurlini (*A última noite de tranqüilidade*), Mario Monicelli (*Os companheiros*), Dino Risi (*Aquele que sabe viver*), Mauro Bolognini (*O belo Antonio*), Marco Ferreri (*Dillinger está morto*), Marco Bellocchio (*De punhos cerrados*), Bernardo Bertolucci (*O conformista*). Na década de 80, toda a força e originalidade do cinema mediterrâneo continua presente nos irmãos Vittorio e Paolo Taviani (*Pai patrão*), Lina Wertmüller (*Pasqualino Sete Belezas*), Ermanno Olmi (*A árvore dos tamancos*), Ettore Scola (*Nós que nos amávamos tanto*); e na de 90, em Giuseppe Tornatore (*Cinema paradiso*), Maurizio Nichetti (*Ladrões de sabonete*), Gabriele Salvatore (*Mediterrâneo*), Daniele Luchetti (*O senhor ministro*), Nanni Moretti (*A missa acabou*) e Gianni Amelio (*Ladrão de crianças*).

EUA – Após a II Guerra, o macartismo instaura um clima de intolerância e perseguições que favorece a proliferação de musicais – *Cantando na chuva*, de Gene Kelly, *Sinfonia de Paris*, de Vincente Minnelli, *Cinderela em Paris*, de Stanley Donen –, comédias românticas e sofisticadas – *A princesa e o plebeu*, de William Wyler – ou superproduções: *Os dez mandamentos*, de Cecil B. de Mille. Nos estúdios ainda trabalham diretores de grande talento: Alfred Hitchcock (*Janela indiscreta*), Billy Wilder (*Crepúsculo dos deuses*), John Huston (*O tesouro de Sierra Madre*), Fred Zinnemann (*Matar ou morrer*), George Stevens (*Os brutos também amam*), Douglas Sirk (*Palavras ao vento*), George Cukor (*Nasce uma estrela*), Roger Corman (*Obsessão macabra*). A partir de 1955, a reação a esse sistema vem com a escola de Nova York, influenciada pelo Neo-realismo italiano – Delbert Mann (*Vidas separadas*) e Martin Ritt (*Despedida de solteiro*) – e os jovens cineastas saídos da TV: Sidney Lumet (*O homem do prego*), Arthur Penn (*Um de nós morrerá*). Surge um cinema inconformista, de temas polêmicos: o conflito de gerações em *Juventude transviada*, de Nicholas Ray; a guerra em *O julgamento de Nüremberg*, de Stanley Kramer; injustiça social em *Sindicato de ladrões*, de Elia Kazan; sexo e intolerância moral em *Clamor do sexo*, de Kazan, ou *Gata em teto de zinco quente*, de Richard Brooks.

Na década de 60, Stanley Kubrick (*O Dr. Fantástico*), John Frankenheimer (*Sob o domínio do mal*) e Sidney Pollack (*A noite dos desesperados*) continuam voltados para a crítica social e os problemas humanos. Nos anos 70, Francis Ford Coppola (*O poderoso chefão*), Martin Scorsese (*Taxi driver*) e Robert Altman (*Nashville*) dissecam diversos aspectos traumáticos da sociedade americana, enquanto a tradição do musical é renovada por Bob Fosse (*Cabaré*) e a do cinema de humor por Woody Allen (*Annie Hall*), Mel Brooks (*O jovem Frankenstein*) e Blake Edwards (*S.O.B.*). Emigrados do Leste europeu, o tcheco Milos Forman (*Um estranho no ninho*) e o polonês Roman Polanski (*Chinatown*) aclimatam-se aos EUA. A era das superproduções renasce com Steven Spielberg (*Contatos imediatos do terceiro grau*) e George Lucas (*Guerra nas estrelas*).

A década de 80 traz visões contestadoras da vida social nos filmes de Michael Cimino (*O franco-atirador*), Philip Kaufmann (*Os eleitos*), David Lynch (*Veludo azul*); de Brian de Palma (*Carrie, a estranha*), seguidor de Hitchcock; de roteiristas que passam à direção, como Lawrence Kasdan (*Corpos ardentes*), Paul Schrader (*Mishima*) e Oliver Stone (*Platoon*); de jovens e competentes artesãos como John Landis (*O lobisomem americano em Londres*) ou John Carpenter (*Fuga de Nova York*). Os independentes nova-iorquinos Jim Jarmusch (*Daunbailó*) e John Sayles (*Lianna*) fazem filmes baratos, influenciados pelo Neo-realismo. Como já acontecera na época da II Guerra, a indústria importa diretores de outros países: os australianos Peter Weir (*A testemunha*) e George Miller (*As bruxas de Eastwick*), os argentinos Luis Puenzo (*Gringo velho*) e Hector Babenco (*Ironweed*), o francês Barbet Schroder (*Barfly*) ou o holandês Paul Verhoeven (*Robocop*).

Em anos recentes, o cineasta negro Spike Lee (*Malcolm X*), Joel Coen (*Arizona nunca mais*), Steven Soderbergh (*Sexo, mentiras e videoteipe*), John McNaughton (*Retrato de um assassino*), o ator e diretor Tim Robbins (*Bob Roberts*), John Hughes (*Antes só do que mal acompanhado*), Jonathan Demme (*O silêncio dos inocentes*) surgem como uma promessa de sangue novo para o cinema americano. Entre eles, há casos raros de mulheres diretoras: Penny Marshall (*Big – quero ser grande*) e Jodie Foster (*Mentes que brilham*).

França – Até o fim da década de 50, persiste um cinema tradicional. Claude Autant-Lara (*Adúltera*), André Cayatte (*Somos todos assassinos*) e Henri Clouzot (*O salário do medo*) fazem um cinema politizado e pessimista; os católicos Robert Bresson (*Um prisioneiro à morte escapou*) e Jean Delannoy (*Sinfonia pastoral*) reagem ao materialismo existencialista; Jacques Tati (*Meu tio*) surge como uma renovação da comédia. Em 1957, a *nouvelle vague* propõe um "cinema de autor", preocupado com a experimentação de técnica narrativa e marcado por uma visão amarga do mundo. Seus representantes, Jean-Luc Godard (*Acossado*), François Truffaut (*Os incompreendidos*), Claude Chabrol (*Os primos*), Alain Resnais (*Hiroxima meu amor*), Louis Malle (*Trinta anos esta noite*) seguirão, no futuro, caminhos individuais divergentes.

Nas décadas de 60-90, predomina um cinema intimista voltado para o retrato do cotidiano: Bertrand Blier (*Meu marido de batom*), Eric Rohmer (*Amor à tarde*), Bertrand Tavernier (*Um sonho de domingo*), Patrice Leconte (*O marido da cabeleireira*), Yves Robert (*A glória de meu pai*) e Michel Deville (*Uma leitora bem particular*). Pierre Beineix (*Betty Blue*) e Luc Besson (*Nikita*) revigoram o "film noir" enquanto superproduções de sucesso são realizadas por Jean-Jacques Annaud (*O amante*), Léo Carax (*Os amantes do Pont-Neuf*), Maurice Pialat (*Van Gogh*), Régis Wargnier (*Indochina*), Jean-Paul Rappeneau (*Cyrano de Bergerac*) ou Alain Corneau, que, com *Todas as manhãs do mundo*, biografia do compositor Marin Marais, provoca uma onda de interesse pela música francesa do séc. XVII.

Grã-Bretanha – Na década de 60, a inquietação dos *young angry men*, os "jovens irados", vindos do teatro, cria o *free cinema*, "cinema livre", que rompe com as fórmulas tradicionais do Realismo e o superficialismo de produções como os de filmes de terror dos estúdios Hammer (p. ex. *O vampiro da noite*, de Terence Fisher). Tony Richardson (*Odeio essa mulher*), Karel Reisz (*Tudo começou num sábado*), Richard Lester (*A bossa da conquista*) e John Schlesinger (*Domingo maldito*) fazem filmes irreverentes e de tema polêmico. Depois de uma fase de recesso, a década de 80 traz o humor irreverente do grupo Monty Python (*Na Távola Redonda*), do qual saem Terry Gilliam (*Brazil*) e Terry Jones (*O sentido da vida*); e aparecem bons artesãos logo envolvidos com grandes projetos: Alan Parker (*O expresso da meia-noite*), Roland Joffé (*Os gritos do silêncio*), Ridley Scott (*Blade Runner*). Se muitos desses ingleses filmam nos EUA, há também americanos, como Joseph Losey (*O mensageiro*) ou James Ivory (*Uma janela para o amor*), que rodam seus filmes na Grã-Bretanha. Saída da TV, uma nova geração destaca-se por sua temática ousada e suas posturas acidamente críticas: Stephen Frears (*Relações perigosas*), Derek Jarman (*Caravaggio*), Terence Davies (*Vozes distantes, vidas imóveis*), Neil Jordan (*Mona Lisa*), Peter Greenaway (*O cozinheiro, o ladrão, sua mulher e o amante*), Michael Radford (*1984*), Jim Sheridan (*Meu pé esquerdo*). Já Kenneth Branagh tem raízes teatrais que revela em *Henrique V*, adaptado de Shakespeare.

Japão – A premiação de *Rashômon*, de Akira Kurosawa, no Festival de Veneza de 1951, faz o Ocidente descobrir uma produção de extrema originalidade, que se divide entre os estilos *jidai-geki*, de temática histórica e tradicional, e *gendai-geki*, sobre assuntos contemporâneos. Kenzo Mizoguchi (*Contos da lua vaga e misteriosa após a chuva*), Teinosuke Kinugasa (*As portas do inferno*), Kaneto Shindo (*A ilha nua*), Masaki Kobayashi (*Harakiri*), Hiroshi Teshigahara (*Mulher da areia*), Yasuhiro Ozu (*Contos de Tóquio*), Heinosuke Kinoshita (*A balada de Narayama*) são alguns de seus grandes nomes. Na nova geração, destacam-se Nagisa Oshima, cujo *Império dos sentidos* fez escândalo; e Juzo Itami (*Tampopo*), Katsuhiro Otomo (*Akira*), Mitsuo Kurotsuchi (*Engarrafamento*), Kazuo Hara (*O exército nu do imperador*) e Kohei Oguri (*O ferrão da morte*).

Países socialistas – Na URSS, a doutrina do "Realismo socialista" produz filmes de estilo conservador, fiéis à estética oficial: *Quando voam as cegonhas*, de Mikhaíl Kalatósov, *A balada do soldado*, de Grigóri Tchúkhrai. A única obra original é a de Andréi Tarkóvski (*Solaris*). Nikita Mikhálkov (*Peça inacabada para piano mecânico*) faz um trabalho íntegro, de boa qualidade; seu irmão, Andrêi Kontchalóvsky, prefere exilar-se nos EUA (*Os amantes de Maria*). A *pierestróika* dá maior liberdade na escolha de temas e na discussão de problemas políticos e sociais: Elem Klímov (*Agonia*), Tenguiz Abduladze (*Arrependimento*), Karen Tchakhnazárov (*Cidade zero*), Pavel Lunguines (*Taxi blues*), Serguêi Paradjánov (*Cavalos de fogo*) e Vassíli Pitchul, cujo *Pequena Vera* é o primeiro filme a abordar uma insatisfação dos jovens com a falta de perspectivas para o futuro que o cinema oficial sempre ignorou.

Em quatro outros países do bloco socialista firma-se um cinema de qualidade. **Polônia** – Andrzej Wajda (*Cinzas e diamantes*), Jerzy Kawalerowicz (*Madre Joana dos Anjos*), Aleksander Ford (*Os cavaleiros teutônicos*), Krzysztof Zanussi (*Espiral*), Krzysztof Kieslowski (*Não amarás*) e Agnieszka Holland (*Os filhos da guerra*). **Tcheco-Eslováquia** – Milos Forman (*Os amores de uma loura*), Jiri Weiss (*Romeu e Julieta nas trevas*), Jiri Menzel (*Trens estreitamente vigiados*) e, recentemente, Jan Sverák (*Lições de infância*). **Hungria** – Mikiós Jancsó (*Salmo vermelho*), Márta Meszáros (*Diário íntimo*), István Szabó (*Mephisto*). **Iugoslávia** – Dusan Makavejev (*WR, os mistérios do organismo*) e Emir Kusturica (*Quando papai saiu em viagem de negócios*).

Países nórdicos – A crise sueca dos anos 20 só é contornada com o aparecimento de Ingmar Bergman (*Morangos silvestres*), grande influência sobre cineastas de seu país – Alf Sjöberg (*Tortura do desejo*), Vilgot Sjöman (*Sou curiosa: amarelo*), Lasse Hallström (*Minha vida de cachorro*) – e do mundo inteiro: seus temas principais são a incomunicabilidade, a ausência de Deus e o absurdo da condição humana. Nos anos 80, prêmios internacionais fazem descobrir o novo cinema dinamarquês: Bille August (*Pelle, o conquistador*), Gabriel Axel (*A festa de Babette*), Lars von Trier (*O elemento do crime*), Kaspar Rostrup (*Dançando pela vida*) e Stellan Olsson (*O grande dia na praia*).

Alemanha – Os anos 60/70 marcam autêntico renascimento com os filmes amargurados de Rainer Werner Fassbinder (*O casamento de Maria Braun*), o lirismo de Werner Herzog (*O enigma de Kaspar Hauser*), as felizes adaptações literárias de Volker Schlöndorf (*O tambor*, do romance de Günther Grass), a visão do universo feminino de Margarete von Trotta (*Os anos de chumbo*), as experiências de Werner Schroeter (*Macbeth*) e Hans-Jürgen Syberberg (*Parsifal*) com a linguagem teatral, e a obra muito particular de Wim Wenders (*Asas do desejo*), considerado um seguidor de Antonioni. O cinema comercial tem revelações em Wolfgang Petersen (*História sem fim*), Robert van Ackeren (*Armadilha para Vênus*), Rudolf Thomme (*O filósofo*), Michael Verhoeven (*Uma cidade sem passado*), Doris Dorrie (*Homens*) e Percy Adlon (*Bagdá Café*).

Outros centros – O cinema da **Espanha**, cujo único grande nome, no passado, fora Juan Antonio Bardem (*Morte de um ciclista*), produz três grandes nomes: Carlos Saura (*Cria cuervos*), Victor Érice (*O espírito da colméia*) e Pedro Almodóvar (*Mulheres à beira de um ataque de nervos*); além deles, Mario Camús (*Os santos inocentes*), Bigas Luna (*Lola*), Vicente Aranda (*Os amantes*) e Fernando Trueba (*Belle Époque*) são artesãos competentes. **Austrália** – O cinema americano logo atrai talentos como os de Peter Weir (*O ano em que vivemos em perigo*), Bruce Beresford (*A força do carinho*), George Miller (*Mad Max*) e Gillian Armstrong (*Mrs. Soffel*). O mesmo parece estar perto de acontecer com a nova safra de cineastas desse país: Jane Campion (*Um anjo em minha mesa*), Jocelyn Moorhouse (*A prova*) e Baz Luhrmann, cujo *Vem dançar comigo* foi enorme sucesso de bilheteria em 1993. **Nova Zelândia** – Num país geralmente à margem da grande produção cinematográfica, os insólitos *O intruso* e *Navigator* lançam o talento original de Vincent Ward. **Canadá** – Uma fórmula original de cinema de animação é desenvolvida por Norman McLaren e seus discípulos, subvencionados pelo National Film Board of Canada. Dentre os diretores convencionais, durante muito tempo apenas Gilles Carle (*A verdadeira natureza de Bernardette*) e Denys Arcand (*O declínio do império americano*) conseguem ser conhecidos fora do país. Hoje, Patricia Rozema (*O segredo do quarto branco*), Jean-Claude Lauzon (*Noite no zôo*) e Atom Egoyan (*O corretor*) já têm prestígio internacional. **Portugal** – Já no final da carreira, Manuel de Oliveira (*Amor de perdição*) é descoberto e valorizado pela crítica francesa; na nova geração, destaca-se João Botelho (*Tempos difíceis, estes tempos*). **Holanda** – Pátria, nos anos 50/60, de uma ilustre escola de documentaristas (Joris Ivens, Bert Haanstra), o país volta ao circuito internacional, na década de 70, com Paul Verhoeven (*Louca paixão*). Depois que ele vai para os EUA, o prestígio do cinema holandês no exterior fica a cargo do Neo-realismo de Alex van Warmerdam (*Os do Norte*) e do Surrealismo de Jos Stelling (*O ilusionista*). **Finlândia** – A produção pequena e negligenciada desse país ganha renome mundial com os filmes irônicos dos irmãos Aki (*Os cowboys de Leningrado vão para a América*) e Mika Kaurismäki (*Zumbi e o trem fantasma*). **Grécia** – Nas décadas de 60/70, suas adaptações de teatro clássico celebrizam Michael Cacoyannis (*Electra*). A premiação de *Paisagem*

na neblina, no Festival de Cannes de 1991, chama a atenção para o talento de Theo Angelópulos, confirmado, em 1993, por *O passo suspenso da cegonha*.

Terceiro Mundo – Na África, o senegalês Sembene Usman (*Garota negra*), o argelino Mohamed Lakhdar-Hamina (*Crônica dos anos de brasa*) e o malinês Suleimã Cissê (*Vento*) já têm seu espaço conquistado junto à crítica mundial. Na Índia, durante muito tempo, apenas Satiajit Ray (*Aparajito*) tinha obtido reconhecimento; na década de 90, surge o cinema de análise social de Mira Nahir (*Salaam Bombay!*). A partir dos anos 80, a maturidade da produção chinesa leva à premiação de Zhang Yimou (*Lanternas vermelhas*) no Festival de Veneza de 1991, e à de Chen Kaige (*Adeus minha concubina*) no de Cannes, em 1993. Depois da morte de Ilmaz Güney, que causara grandes repercussões com a denúncia política de *Yol*, o cinema da Turquia volta a passar por uma fase de relativa esterilidade.

América Latina – José Agustín Ferreyra (*As ruas de Buenos Aires*) é, na década de 30, o criador da escola nacional de cinema da Argentina. Seus seguidores principais são Fernando Birri (*Os inundados*) e Leopoldo Torre-Nilsson (*Pele de verão*). A denúncia social de *A hora dos fornos* leva Fernando Solanas ao exílio, de que só volta na década de 90, para engajar-se na vida política de seu país. Na nova geração, marcados pelos traumas da "guerra suja", destacam-se Hector Olivera (*Não haverá mais dores nem esquecimento*), Luís Puenzo (*A história oficial*), Luísa Bemberg (*Miss Mary*) e Eliseo Subiela (*O lado escuro do coração*). Cuba – A escola de documentário criada por Santiago Álvarez (*Now*) tem influência continental, moldando, por exemplo, o estilo do colombiano Carlos Álvarez (*O que é democracia*), do boliviano Jorge Sanjinés (*A coragem do povo*), do chileno Patricio Guzmán (*A batalha do Chile*) ou do uruguaio Adolfo Aritarian (*Um lugar no mundo*). Na produção ficcional mais copiosa da América Latina, destacam-se as obras de Tomás Gutiérrez Alea (*A última ceia*) e Humberto Solas (*Um homem de êxito*). Colômbia – Carlos Mayolo (*Carne da tua carne*) e Jorge Ali Triana (*Tempo de morrer*) são os únicos a obter um certo reconhecimento. Venezuela – Román Chalbaud (*Caim adolescente*), Mauricio Wallerstein (*A empresa perdoa um momento de loucura*) e Eduardo Barbarena (*A hora Texaco*) são alguns dos diretores ainda em atividade. Uruguai – Juan Carlos Rodríguez Castro (*Mataram Venancio Flores*) é um caso isolado dentro de uma produção quase inexistente. Chile – Influenciados por P. Guzmán, Raúl Ruiz (*Três tigres tristes*) e Miguel Littín (*Atas do Chile*) fazem, quase clandestinamente, filmes de protesto contra o regime militar, e só recentemente podem retornar a Santiago. Na nova geração, surge Pablo Pereiman (*Arquipélago*). Peru – Egresso do surto de curta-metragem dos anos 70, Francisco Lombardi (*A cidade e os cães*) é, por muito tempo, o único a desenvolver uma carreira de longas-metragens. Marianne Eyde (*A vida é uma só*) é a revelação dos anos 90. México – Emilio Fernández (*Maria Candelária*) é o maior nome da fase de apogeu da indústria cinematográfica, nos anos 30/40; nas décadas de 50/60, Paul Leduc (*México insurgente*), Jaime Hermosillo (*A paixão segundo Berenice*) e Luís Alcoriza (*O importante é viver*) assimilam as lições de Luís Buñuel, que também filma no país (*Os esquecidos, O anjo exterminador*). A geração de 80/90 é representada por Alfonso Arau (*Como água para chocolate*) e Alejandro Jodorowsky (*A montanha sagrada*).

Cinema no Brasil

Em quase cem anos de existência, a indústria cinematográfica brasileira produz cerca de 2 mil filmes e conquista mais de cinqüenta prêmios internacionais. Mas a produção, sem infra-estrutura econômica autônoma, dependente da ajuda oficial e sem retorno do mercado, abastecido por produtos estrangeiros, entra em crise, nos anos 90, com a política cultural adotada pelo governo Collor.

OS PIONEIROS

Em 8/7/1896, realiza-se, no Rio de Janeiro, a primeira sessão de cinema no país. Um ano depois, Pascoal Segreto e José Roberto Cunha Salles inauguram, na rua do Ouvidor, uma sala permanente. Em 1898, Afonso Segreto roda o primeiro filme brasileiro: algumas cenas da baía de Guanabara. Forma-se, entre 1908 e 1911, um centro carioca de produção de curtas cômicos, policiais ou "musicais" (os cantores ficavam por trás da tela e se dublavam), que acaba derrotado pela concorrência estrangeira. Muitos sobrevivem fazendo cinema "de cavação" (documentários sob encomenda). Há manifestações isoladas: Luís de Barros, no Rio de Janeiro, e Francisco Santos, em Pelotas (RS).

Década de 20 – Em São Paulo, Gilberto Rossi dirige o longa *Fragmentos da vida*. Dentre os ciclos regionais, o mais fecundo é o de Pernambuco: Édison Chagas, Gentil Roiz, Ary Severo e Jota Soares. Em Volta Grande (MG), surge Humberto Mauro (*Ganga bruta*). No Rio de Janeiro, Mário Peixoto realiza o vanguardista *Limite*, influenciado pelo cinema europeu. *Acabaram-se os otários* (1929), de Luís de Barros, é o primeiro filme nacional inteiramente sonorizado.

PRIMEIROS ESTÚDIOS

Em 1930, Ademar Gonzaga cria, no Rio de Janeiro, a Cinédia, para produzir filmes carnavalescos e dramas populares (*Bonequinha de seda*, da peça de Oduvaldo Viana). Para a Brasil-Vita Filmes, fundada pela atriz e cineasta Carmem Santos (1931), trabalha Humberto Mauro, que, em 1937, passa também a fazer documentários para o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE). Os dois maiores estúdios, a Atlântida (1941) e a Vera Cruz (1949), realizam *chanchadas* (produções musicais de baixo custo, com enorme apelo popular, como *Aviso aos navegantes*, de Watson Macedo, ou *Nem Sansão nem Dalila*, de Carlos Manga), que dominarão o mercado até meados de 1950, promovendo comediantes como Oscarito e Grande Otelo. Os estúdios produzem também filmes sérios: *Floradas na serra*, do italiano Luciano Salce; *O canto do mar*, de Alberto Cavalcânti, que volta da Europa para dirigir a Vera Cruz; ou *O cangaceiro* (1953), de Lima Barreto, que faz sucesso internacional e dá início ao ciclo de filmes sobre cangaço.

Fora dos estúdios – *O grande momento*, de Roberto Santos, *Agulha no palheiro*, de Alex Vianny, e *Rio 40 graus*, de Nélson Pereira dos Santos, inspiram-se no modelo do Neo-realismo italiano. No fim da década de 50, os estúdios abrem falência e a chanchada, que não consegue concorrer com a TV nem com as comédias ingênuas de Amácio Mazzaropi (*O gato de madame*), entra em declínio. Surgem a Comissão Federal de Cinema (1956) e o Grupo de Estudos da Indústria Cinematográfica (1958).

CINEMA NOVO

"Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça" é o lema de cineastas que, nos anos 60, se propõem a realizar filmes de autor, baratos, com preocupações sociais e enraizados na cultura brasileira. *Vidas secas*, de Nélson Pereira dos Santos, *Deus e o diabo na terra do sol*, de Gláuber Rocha, *Os fuzis*, de Rui Guerra, *A falecida*, de Leon Hirszman, *O desafio*, de Paulo César Saraceni, *A grande cidade*, de Carlos Diegues, e *Menino de engenho*, de Walter Lima Jr., imprimem nova dimensão ao cinema nacional. Paralelamente, Anselmo Duarte, premiado em Cannes, em 1962, com *O pagador de promessas*; Walther Hugo Khouri (*Noite vazia*), que imita Antonioni e Bergman; e Luís Sérgio Person (*São Paulo S.A.*) fazem um cinema independente.

Com *Terra em transe* (1967), de Gláuber Rocha, o Cinema Novo evolui para formas alegóricas, próximas do hermetismo, como um meio de contornar a censura do regime militar. Dessa fase, destacam-se *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade, *Brasil ano 2000*, de Walter

Lima Jr., *O bravo guerreiro*, de Gustavo Dahl, e *Pindorama*, de Arnaldo Jabor. *O bandido da luz vermelha*, de Rogério Sganzerla, *Matou a família e foi ao cinema*, de Júlio Bressane, e *A margem*, de Ozualdo Candeias, são os filmes-chave de uma corrente *underground* alinhada com o movimento mundial de contracultura e com a explosão do Tropicalismo na MPB. Em 1966, o Instituto Nacional de Cinema (INC) substitui o INCE; é criada, em 1969, a Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme) para financiar, co-produzir e distribuir os filmes brasileiros.

Década de 70 – No esforço para reconquistar o público perdido, a "Boca do Lixo" paulista produz "pornochanchadas" que, no início dos anos 80, evoluirão para os filmes de sexo explícito, de voga muito efêmera. Pedro Rovai (*Ainda agarro essa vizinha*) e L. S. Person (*Cassy Jones, o magnífico sedutor*) renovam a comédia de costumes numa linha seguida por Denoy de Oliveira (*Amante muito louca*) e Hugo Carvana (*Vai trabalhar, vagabundo*). O Conselho Nacional de Cinema (Concine) substitui o INC (1976), com a função de normatizar e fiscalizar o mercado. Remanescentes do Cinema Novo ou cineastas estreantes, em busca de um estilo de maior comunicação popular, adaptam obras literárias – *São Bernardo*, de Leon Hirszman, *Lição de amor*, de Eduardo Escorel, *Dona Flor e seus dois maridos*, de Bruno Barreto – ou fazem filmes de técnica apurada: *Pixote* e *Lúcio Flávio, passageiro da agonia*, de Hector Babenco, *Tudo bem*, de Arnaldo Jabor, *Como era gostoso o meu francês*, de Nélson P. dos Santos, *Os inconfidentes*, de Joaquim Pedro, ou *Xica da Silva*, de Cacá Diegues, autor também de *Bye Bye, Brasil*, que reflete as transformações e contradições da realidade nacional.

TENDÊNCIAS ATUAIS

A abertura política favorece a discussão de temas antes proibidos. *Pra frente, Brasil*, de Roberto Farias, é o primeiro a discutir a questão da tortura; *Jango*, de Silvio Tendler, relata a História recente; *Rádio auriverde*, de Silvio Back, dá uma visão polêmica da atuação da FEB na II Guerra. Em meados da década de 80, surgem novos diretores – Lael Rodrigues (*Bete Balanço*), André Klotzel (*Marvada carne*), Susana Amaral (*A hora da estrela*) – mas suas carreiras não têm continuidade. No final da década, a retração do público interno e a atribuição de prêmios estrangeiros a filmes brasileiros fazem surgir uma produção voltada para a exibição no exterior: *O beijo da mulher aranha*, de Babenco, ou *Memórias do cárcere*, de Nélson P. dos Santos. As funções da Embrafilme começam a esvaziar-se, em 1988, com a criação da Fundação do Cinema Brasileiro, que, além disso, tem suas atividades impedidas pela crônica falta de verbas.

Década de 90 – A extinção da Lei Sarney e da Embrafilme e o fim da reserva de mercado para o filme brasileiro fazem a produção cair quase a zero. A tentativa de privatização da produção esbarra na inexistência de público num quadro onde é forte a concorrência do filme estrangeiro, da TV e do vídeo. Uma das saídas é a internacionalização, como em *A grande arte*, de Walter Salles Jr., co-produzida com os EUA. A crise chega a tal ponto que filmes como *Capitão Lamarca*, de Sérgio Resende, ou *Moças de fino trato*, de Paulo Tiago, não são concluídos por falta de financiamento; o 25º Festival de Brasília (1992) é adiado por falta de filmes concorrentes e no de Gramado, internacionalizado para poder sobreviver, só se inscrevem, em 1993, dois filmes brasileiros: *Capitalismo selvagem*, de André Klotzel, e *Forever*, de W. H. Khouri, rodado com financiamento italiano. Contatos mantidos pelo pres. Itamar Franco, em 1993, com diversas delegações de cineastas e artistas que o procuram, resultam em promessas mas em nenhuma medida concreta imediata. Alguma esperança é deixada pelo financiamento, no valor de US$ 5 milhões, que, em 23/7/1993, o Banespa concede a quinze dos 175 projetos de filme que a ele concorreram. ■

CULTURA POPULAR

O conceito de cultura popular é tão impreciso quanto o próprio conceito de cultura, com o qual se confunde e, no entanto, é usualmente contraposto.

Na concepção românica, cultura significa ao mesmo tempo lavoura, cultivo e instrução. No alemão, *Kultur* designa, a partir do séc. XVIII, "aperfeiçoamento do espírito humano, de um povo" e, depois, "sistema de atitudes, instituições e valores de uma sociedade". No francês, se desenvolve o vocábulo *civilisation*, como "refinamento do indivíduo, da sociedade". Cultura e civilização passam a ser usados praticamente como sinônimos. Em 1871, o antropólogo britânico Burnett Tylor define cultura ou civilização como "complexo no qual estão incluídos conhecimentos, crenças, artes, leis, moral, costumes e muitas outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade".

Genericamente, cultura popular pode ser definida como o acervo intelectual e espiritual de um povo, o conjunto de conhecimentos espontâneos, passados de geração para geração, pelos quais a maioria da população se orienta. São os costumes, tradições, mitos, lendas, provérbios, adivinhações, sabenças, formas naturais de expressão de uma comunidade, representações coletivas características de uma sociedade.

Em sentido mais corrente, cultura é entendida como acumulação de conhecimentos, sabedoria, erudição, contrapondo-se à cultura popular – ou cultura do "povo", primitiva, ingênua, inculta. A distinção exprime, de algum modo, um preconceito social. Ou seja: embora esteja presente em toda a cultura (mitos, rituais religiosos, hábitos culinários, festas, jogos, brincadeiras, manifestações artísticas), cultura popular serve para conceituar tudo aquilo que seria alheio a pessoas, grupos ou classes que uma discutível sociologia considera superiores ao "povo".

Quando se institui como tradição, a cultura popular é folclore – do inglês *folk*, povo; e *lore*, conhecimento, saber, educação, instrução. Alguns autores distinguem cultura do povo de cultura popular, considerando esta uma recriação popularesca da cultura de massa ou indústria cultural, como prefere o filósofo alemão Theodor Adorno (1903–1969). Outros identificam o popular na indústria cultural, desconsiderando o caráter espontâneo, marginal, autêntico e puro atribuído à cultura produzida pelo "povo". Por este conceito, novelas de TV e revistas em quadrinhos seriam manifestações de cultura popular. Há até quem considere outra categoria: a cultura popular de destino, por se destinar ao "povo" – como o teatro do Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE ou a música "engajada" dos anos 60.

Considerando-se os diversos conceitos, são manifestações de cultura popular: as histórias árabes de *As mil e uma noites*, os mitos gregos, os contos de fadas de origem celta, o Halloween (Dia das Bruxas) dos americanos, os dragões chineses, o monstro de Loch Ness escocês, os desenhos de Disney, as touradas espanholas, os rituais de magia africanos, o bicho-papão, a mula-sem-cabeça, o bumba-meu-boi, as danças típicas (antes ou depois de se tornarem típicas), Papai Noel, o réveillon, a corrida de S. Silvestre, o Carnaval, as despedidas de solteiros, os grafites, os vampiros e as partidas de futebol.

Arte popular no Brasil

Expressão da cultura popular brasileira, a arte popular pode também ser definida de várias formas. A mais usual considera arte popular, contraposta à "erudita", uma atividade de camadas sociais carentes de instrução e marginalizadas dos modos de produção industriais e urbanos. Por este conceito, associa-se às vezes a arte popular à arte primitiva ou à das crianças. Em acepção menos restrita, seria a arte – literária, musical e plástica – produzida espontaneamente por integrantes de uma comuni

dade. Arte popular confunde-se com folclore. O senso comum pensa a arte popular como aquela que toda a população entende facilmente. Pode-se ainda distinguir a arte do "povo" da popular. Esta seria uma elaboração da arte mais autêntica, filtrada pela indústria cultural.

De acordo com a concepção mais tradicional, adotada na maioria das escolas e livros, considera-se arte popular brasileira a literatura de cordel, a música dos cantadores, o artesanato e outras expressões do gênero.

ARTESANATO

Obra de artesão, pessoa que trabalha por conta própria em ofício manual, sozinho ou com assistentes e aprendizes, muitas vezes da própria família. O artesanato é em geral espontâneo; os artesãos se utilizam de materiais com que convivem, como madeira, argila, fios, fibras, sucata. Confunde-se, nos últimos tempos, com o comércio de bijuterias das "feiras hippies".

Em quase todo o Nordeste, a produção de mini-indústrias é vendida como artesanato. Embora as peças tenham deixado de ser artesanais, ainda revelam aspectos da cultura e dos costumes dos povos da região.

Cerâmica – Uma das formas de arte popular e de artesanato mais desenvolvidas no Brasil. Nas feiras e mercados do Nordeste, os bonecos de barro reconstituem personagens do cotidiano. Os mais conhecidos são os de Mestre Vitalino (Vitalino Pereira dos Santos, 1909–1963), pernambucano que ajudou a dar fama à feira de Caruaru, onde, segundo o baião de Luís Gonzaga, "de tudo que há no mundo, nela tem pra vendê". Outros ceramistas de renome em PE: Manuel Eudócio, Zezinho de Tracunhaém e alguns dos filhos e sobrinhos de Vitalino. O Vale do Jequitinhonha (MG) também tem cerâmica de características próprias: em geral, grandes bilhas em formato de mulher com as mãos na cintura, formando vãos por onde passa o ar, que mantém a água fresca.

Esculturas em madeira – As carrancas são uma das manifestações mais expressivas do trabalho em madeira na arte popular. São figuras reais ou mitológicas, com formas humanas ou de animais, geralmente com expressões iradas, que os navegantes costumam colocar à proa de suas embarcações. São vistas, correntemente, como um meio de enfrentar os maus espíritos. São muito conhecidas as carrancas do rio São Francisco, obras de anônimos, chamadas também de cabeças-de-proa.

Outro tipo de escultura popular em madeira é o produzido em Teresina (PI) por Mestre Dezinho (José Alves de Oliveira), um marceneiro que se especializou em esculpir anjos e santos marcados pelo rosto triangular e pelos olhos esbugalhados.

LITERATURA ORAL

São casos (causos, no dialeto rural), lendas, anedotas e mitos de criação coletiva, às vezes recolhidos por estudiosos, como fez Graciliano Ramos no livro *Alexandre e outros heróis*, coleção de mentiras que o povo conta. Os relatos da literatura oral se perpetuam pela palavra falada ou pelas cantorias; de tanto ouvi-los, as pessoas decoram o enredo básico e acrescentam aspectos novos.

LITERATURA DE CORDEL

Originária do Nordeste. O nome vem dos varais improvisados com cordinhas para pendurar os folhetos com versos que relatam acontecimentos dramáticos do cotidiano, da história política, ou reproduzem lendas e histórias. Os folhetos ou livrinhos de cordel são impressos em papel barato e ilustrados com xilogravuras. Os próprios artistas costumam vendê-los nas feiras e ruas.

As grandes enchentes, as vidas dos artistas mais populares, as façanhas de Lampião (Virgulino Ferreira da Silva, 1900–1938) e seus cangaceiros, a epopéia do rei Carlos Magno e os Doze Pares de França são alguns dos temas dos cordéis de maior tiragem. Um dos campeões de vendas é *A morte de Getúlio Vargas*: lançado logo após o suicídio de Getúlio, em ago. de 1954, vendeu 70 mil exemplares em 48 horas. Um dos poetas de cordel mais conhecidos é o pernambucano Leandro Gomes de Barros (1865–1918), autor de mais de mil títulos.

No início do século, estudiosos do folclore brasileiro temeram que os livrinhos de cordel – principal fonte de informação das populações mais pobres do interior – desaparecessem com o aumento das tiragens dos jornais, o que acabou não acontecendo. Mas houve uma adaptação, principalmente em São Paulo, onde vive a maior comunidade de nordestinos do Brasil: o cordel industrializado, impresso em gráfica e em papel de melhor qualidade, com conteúdo mais literário e intenção especial de dar informação imediata dos acontecimentos.

MÚSICA E PINTURA

O desafio, praticado em várias regiões do país, é uma das expressões musicais mais identificadas com a arte popular (ver capítulo de *Música*). Acompanhados em geral por violas e rabecas, no Nordeste, ou violão e sanfona, no Sul, cantadores fazem um duelo em versos, com temas improvisados. No Nordeste as estrofes são chamadas de repentes e os desafiantes, repentistas.

Na pintura, se considera em geral popular a arte de temas populares ou de autor do "povo", de pouca instrução e escassos recursos técnicos, também conhecido como primitivo ou ingênuo – do francês *naif*. São, do gênero, Heitor dos Prazeres, José Antônio da Silva e Xico da Silva (ver capítulo de *Artes plásticas*).

Folclore no Brasil

O termo folclore é criado em 1846 pelo arqueólogo inglês William John Thoms, para substituir "antiguidades populares", derivado do latim *antiquitates vulgares*. Em seu *Dicionário do folclore brasileiro*, Luís da Câmara Cascudo (1898–1986), autor de mais de cem obras sobre o assunto, define folclore como "a cultura do popular tornada normativa pela tradição; compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa ampliação emocional, além do ângulo do funcionamento racional". Para Cascudo (nome adotado pelo avô paterno, adepto do Partido Conservador, então conhecido no Rio Grande do Norte como "partido cascudo"), o conteúdo do folclore ultrapassa o enunciado de Thoms. "Nenhuma disciplina de investigação humana imobilizou-se nos limites impostos quando do seu nascimento", diz o folclorista. "Qualquer objeto que projete interesse humano, além de sua finalidade imediata, material e lógica, é folclórico. Desde que o laboratório químico, o transatlântico, o avião atômico, o parque industrial determinem projeção cultural no plano popular, acima do seu programa específico de produção e destino normais, estão incluídos no folclore." Ou seja: a maquinaria também, como os contos e cantos, faz nascer hábitos, costumes, gestos, superstições, alimentação, indumentária, sátiras, lirismo, assimilados nos grupos sociais participantes.

PERSONAGENS MITOLÓGICAS

As principais personagens mitológicas do folclore brasileiro têm origem indígena ou européia.

Boitatá – Gênio protetor dos campos. Aparece sob a forma de enorme serpente de fogo, que mata quem destrói os campos. O pe. José de Anchieta, em 1560, é o primeiro a mencionar o boitatá como mito indígena brasileiro. Trata-se, na verdade, do nome dado pelos índios ao fenômeno do fogo fátuo.

Boto – Mito amazônico. É o pai das crianças de paternidade ignorada. Descrito como rapaz bonito, bem vestido, boêmio, dançarino exímio. Nos bailes, encanta as moças, leva-as para igarapés afluentes do Amazonas e as engravida. Antes da madrugada, mergulha no rio e se transforma em boto. Chamado também de boto tucuxi.

Caipora – Segundo a mitologia tupi, uma personagem das florestas, com a propriedade de atrapalhar os negócios de quem a vê. Quando um projeto sai errado, se diz

que seu autor viu o càipora, ou caapora. Em algumas regiões, é um indiozinho de pele escura. Em outras, uma indiazinha feroz. Descreve-se ainda o caipora como criança de uma perna só e cabeça enorme.

Cuca – A velha feia, influenciada pela bruxa de origem européia, que ameaça crianças desobedientes, em especial as que não querem dormir à noite.

Curupira – Mito conhecido de vários índios sul-americanos. Na Venezuela, o chamam de Máguare. Na Colômbia, Selvage. Os incas peruanos o denominam Chudiachaque. A cabeça também varia: em alguns lugares, ele é careca, em outros tem cabeleira vermelha. Mas todos o descrevem como um anão com os pés às avessas – calcanhar para frente, dedos para trás. Seu rastro engana os caçadores inescrupulosos, fazendo com que eles se percam na floresta. Não varia, também, sua função de ente protetor das árvores e dos animais.

Iara – Tem as mesmas características das sereias: mulher da cintura para cima, peixe da cintura para baixo, canto irresistível aos ouvidos dos homens, que atrai para a profundidade das águas, onde habita.

Lobisomem – Homem aparentemente comum, vive e trabalha como os demais da comunidade, mas nas noites de lua cheia se transforma em um lobo, ou em um homem com cabeça de lobo. O lobisomem mata quem cruza o seu caminho, readquirindo a forma humana antes de o dia clarear.

Matintapereira – Segundo a mitologia tupi, é uma pequena coruja que canta à noite para anunciar a morte próxima de uma pessoa. Descrevem-na também como mulher grávida que deixa o feto na rede de quem lhe nega fumo para o cachimbo.

Mula-sem-cabeça – Personagem monstruosa em que se transforma a mulher que tem relações sexuais com padres ou compadres. Acredita-se que a metamorfose se dá nas noites de sexta-feira, quando o galope da mula-sem-cabeça assombra pessoas da comunidade.

Negrinho do pastoreio – Na tradição gaúcha, uma espécie de anjo bom, ao qual se recorre para achar objetos perdidos ou conseguir graças. É o negrinho escravo que o dono da estância pune injustamente, açoitando-o e depois amarrando-o sobre um formigueiro. Mas seu corpo no dia seguinte aparece intacto, como se não tivesse sofrido flagelo nenhum, e sua alma passa a vaguear pelos pampas.

Saci-pererê – Negrinho de uma perna só, fuma cachimbo e cobre a cabeça com carapuça vermelha. É inofensivo: se diverte assustando gado no pasto, dando nó em rabo de cavalo e criando pequenas dificuldades domésticas.

FESTAS

As festas populares, ou folclóricas, costumam ter como base o calendário religioso. E são comuns manifestações de sincretismo afro-cristão, que fundem os orixás do candomblé com os santos católicos. Às vezes as festas coincidem com o calendário laico, civil. Algumas delas:

Auto de Natal – Representação simbólica do nascimento de Cristo, no estilo dos autos ibéricos da Idade Média. A encenação mais conhecida é a dos Arcos da Lapa, Rio.

Auto dos Quilombos – Encenação dramática feita em diferentes datas religiosas, freqüentemente no Natal, em Estados do Nordeste. Com danças e cânticos, procura-se reconstituir os quilombos, núcleos povoados por escravos fugitivos no séc. XVII. São representadas duas guerrilhas: uma de índios, outra de negros aquilombados. Os negros, vencidos, são levados em folia pelas ruas, onde são vendidos ou trocados por balas e doces.

Bom Jesus dos Navegantes – Realizada em Salvador, no primeiro dia do ano. A imagem de Cristo, em embarcação ornamentada e acompanhada por centenas de outras, cruza a baía de Todos os Santos.

Círio de Nazaré – Procissão festiva realizada desde 1793, em Belém, no segundo domingo de outubro. A origem da celebração é, segundo os crentes, um milagre ocorrido no início do séc. XVIII: desaparece a imagem de N.S. de Nazaré, em madeira, que o lenhador mulato Plácido José de Sousa mantém em sua casa; dias depois, reaparece no lugar de sempre. Os paraenses dão ao Círio de Nazaré importância equivalente à do Natal. Preparam ceia com pratos típicos, trocam presentes e os trabalhadores costumam ganhar gratificação semelhante ao 13º salário. Fiéis de todo o Brasil comparecem, para pedir graças ou pagar as alcançadas.

Corpus Christi – Dia santo, de celebração do corpo de Cristo, e feriado nacional. Em muitas cidades, ornamentam-se as faixas centrais das ruas com coloridas figuras da liturgia católica, feitas de flores, plantas, folhagens, serragem, pó de café, areia. Florianópolis (SC), Cabo Frio e Petrópolis (RJ), Matão, Ibitinga e São Manoel (SP) destacam-se por ornamentações esmeradas.

Divino Espírito Santo – Misto de manifestação religiosa e profana, estabelecido em Portugal pela rainha Isabel, no séc. XIV. Chega dois séculos depois a Parati (RJ), onde se comemora o Boi Divino, com distribuição de comida aos pobres. Conserva as ladainhas, procissões e danças folclóricas portuguesas, como nos festejos originais. Em Alcântara (MA), os participantes representam personagens do Brasil colonial e, pela tradição, o imperador prende alguém antes da festa, acusando-o de provocar desordem. Em vários municípios da Bahia, as comemorações se estendem por dez dias, em fins de maio, com desfecho no domingo de Pentecostes.

Drama da Paixão – Representação da morte de Cristo, na Semana Santa. A maioria das cidades brasileiras realiza procissões que lembram os últimos dias de Cristo e sua ressurreição, no domingo de Páscoa. Em Brejo da Madre de Deus (PE), na cidade-teatro de Nova Jerusalém, quinhentos atores locais revivem anualmente o drama da Paixão, com diferentes encenações na quinta e sexta-feira santas e no sábado de Aleluia.

Fandango – Também tem o nome de marujada, no Norte e no Nordeste. No período do Natal, personagens vestidos de marinheiros cantam e dançam ao som de instrumentos de corda. No Sul, é festa típica dos pescadores e caboclos do litoral paranaense. Os fandangos são cerca de trinta danças rurais regionais, divididas em dois grupos: as batidas, exclusivas para homens, marcadas por sapateado forte e barulhento; e as valsadas, ou bailadas, nas quais os casais arrastam os pés no chão.

Festa do Bonfim – Em Salvador, a lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim, que no sincretismo afro-cristão corresponde a Oxalá, o maior dos orixás, filho de Olorum, ente supremo da mitologia iorubá. A festa se realiza a partir da segunda quinta-feira após o Dia de Reis (6 de janeiro) e se prolonga até o domingo.

Festa de Iemanjá – Realizada na madrugada do primeiro dia do ano, no Sul e no Sudeste, e no dia 2/2, em Salvador. Entregam-se flores e outras oferendas a Iemanjá (ou Janaína), principal orixá feminino, mãe de Xangô, Iansã e Oxóssi; considerada rainha das águas e sereia do mar.

Festa de Reis – Ou Folia de Reis, é um auto popular natalino de evocação da visita dos três reis magos ao menino Jesus, com apresentação de danças dramáticas como o Terno de Reis, o rancho e o bumba-meu-boi. Os foliões fazem paradas em casas previamente escolhidas, para cantorias, em troca de comida e bebida.

Festas Juninas – No mês de junho, em todo o Brasil, com comidas típicas, fogos e dança de quadrilha nos dias consagrados a Santo Antônio (13), São João (24) e São Pedro (29). As maiores comemorações são realizadas no Nordeste, onde o dia de São João costuma ser feriado.

Nossa Senhora de Aparecida – O dia dedicado à padroeira do Brasil, 12 de outubro, é feriado nacional. Centenas de milhares de fiéis chegam de todo o Brasil a

Aparecida (SP), nesse dia, para missas, procissão e visita à basílica. É a maior concentração religiosa do país.

Nossa Senhora das Dores – A cidade de Juazeiro do Norte (CE) registra duas grandes romarias por ano: a de Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade, na segunda semana de setembro; e a do pe. Cícero Romão Batista, religioso a quem se atribuem milagres (chegou à região em 1921, morreu em 1934), nos dias 1º e 2/11.

Nossa Senhora dos Navegantes – A festa religiosa mais tradicional de Porto Alegre, no dia 2 de fevereiro, comemorada desde 1871, quando a santa se tornou padroeira da cidade. Realizada também na cidade de Laguna (SC), no mesmo dia.

Páscoa – A tradição do coelho e dos ovos de Páscoa no Brasil data do início do século. Foi trazida em 1913, por imigrantes alemães. Os ovos são símbolos pascais inspirados no costume chinês de colorir ovos de pata para celebrar a vida que deles se origina. Diversos países europeus fabricam ovos de chocolate, na Páscoa, desde 1834. O coelho, da mesma época, tem origem anglo-saxônica e simboliza fecundidade.

San Gennaro – Em São Paulo, de 10 a 19 de setembro, homenagem ao padroeiro da colônia italiana do bairro da Mooca, com procissão, missa, músicas e danças típicas na rua, em torno de barraquinhas com comidas. Outra festa comemorada pela colônia italiana desde o início do século é a de Nossa Senhora da Aquiropita, devoção dos imigrantes da Calábria, realizada na rua principal do bairro da Bela Vista, em agosto.

FOLGUEDOS

Festejos em que predomina o espírito lúdico. Embora latente em muitos casos, a religiosidade não prevalece. Realizam-se em datas mais ou menos prefixadas, anualmente. Os principais:

Afoxé – Cortejo que sai pelas ruas de Salvador desde 1922. Acontece também em Fortaleza e no Rio de Janeiro. Os participantes cantam em dialetos africanos, acompanhando-se de atabaques, agogôs e cabaças. Tem origem religiosa, ligada ao candomblé. Chamado também de candomblé de rua.

Bumba-meu-boi – Representação originada no Nordeste e disseminada pelo país, em torno da vida, morte e ressurreição do boi. As personagens são humanas (Mateus, Bastião, Padre), animais (a Ema, a Cobra) e fantásticas (o Caipora, o Diabo). Em geral, só se tocam instrumentos de corda, como o violão e o cavaquinho, acompanhados de zabumba, ganzá e pandeiro. O público forma uma roda que abre e fecha em torno dos intérpretes. Nos diálogos, são feitas sátiras à vida local. O boi-de-mamão, do litoral de SC, é uma versão do bumba.

Congadas – Desfiles de negros, no dia de São Benedito (26 de dezembro), comemorando a coroação de um rei do Congo. São danças e cantos originários da África e da península Ibérica. As congadas mais conhecidas são as de Lapa (PR), as de alguns municípios de Santa Catarina e as das antigas regiões de ouro em Minas Gerais. Na Paraíba, descendentes de escravos fazem congadas em homenagem à padroeira dos negros, Nossa Senhora do Rosário, na primeira semana de outubro.

Farra do boi – Diversão tipicamente masculina, registrada entre descendentes de açorianos no litoral de Santa Catarina. Ocorrem nos períodos do Natal e da Páscoa. Começa num bar local, onde os participantes se cotizam para comprar um boi bravo. Solto para dar corridas nos participantes, o boi finalmente é abatido e repartido entre os "sócios". Nos últimos anos, a farra do boi tem sido alvo de intensa campanha de grupos ecológicos.

Maracatu – Folguedo pernambucano de origem afro-brasileira. Como as congadas, inspira-se nas coroações de reis negros. Num cortejo real, os blocos saem pelas ruas nos dias de Carnaval, divididos em alas que representam nações africanas.

Peão de boiadeiro – Rodeios, no estilo dos americanos. Tornam-se cada vez mais populares nos últimos anos, em especial no interior paulista. Têm origem nas viagens de boiadeiros, as comitivas, levando gado para corte ou para invernada. A maior e mais antiga festa de peão de boiadeiro acontece em Barretos (SP), há quarenta anos. Começa com a "queima do alho", numa referência às paradas para refeição das tropas, e segue com apresentações de grupos folclóricos e provas eqüestres.

Vaquejada – Conjunto de provas de habilidade e força de vaqueiros, com música e clima de festa. Os participantes competem em duplas para apartar e marcar o gado. A cada rês dominada, o público comemora, com gritos e foguetes. As vaquejadas acontecem sobretudo no Nordeste. A mais famosa é a de Orós (CE).

Carnaval

Misto de folguedo, festa e espetáculo teatral – portanto, arte e folclore –, é a maior manifestação de cultura popular do país, ao lado do futebol. Sua duração aumenta, com o passar dos anos. Inicialmente, era uma festa que se estendia pelo domingo, a segunda e a terça-feira que antecedem a Quaresma (os quarenta dias de reflexão reservados pelo catolicismo como preparativos da celebração da morte de Cristo, na Semana Santa). Com o tempo, o início da festa recuou um dia, para o sábado; depois mais outro, para a sexta. Nos últimos anos, há bailes em toda a semana pré-carnavalesca.

O Carnaval chega ao Brasil no séc. XVII, com o nome de entrudo (o introito da Quaresma), trazido pelos portugueses como forma alegre, mas agressiva, de brincar: as pessoas se jogam reciprocamente baldes d'água e os chamados limões de cheiro (de odor desagradável), misturados com farinha de trigo e às vezes cal. Algumas cidades brasileiras, como Cruz Alta (RS), mantêm a tradição dos banhos recíprocos. Nas demais, a água foi substituída pela serpentina e o confete (durante um tempo, também o lança-perfume, proibido desde os anos 60).

Nos primeiros anos da República, surgem os cordões, as sociedades carnavalescas, blocos, ranchos, corsos e outros grupos de foliões que saem às ruas para dançar e cantar quadrinhas anônimas, ao ritmo de instrumentos de sopro e percussão. A pianista, maestrina e precursora da luta pelos direitos da mulher Chiquinha Gonzaga, com a marcha *Oh, abre alas* (1899), inaugura a prática das composições feitas exclusivamente para os grupos de foliões, hoje uma das principais características dos desfiles das escolas de samba. Os ritmos preferidos pelos que brincam no Carnaval são o samba, a marchinha, a marcha-rancho, o frevo pernambucano e, nos últimos anos, novidades introduzidas pelos "trios elétricos" dos baianos (fricote, deboche, timbalada, axé music etc).

O Carnaval é, desde sua origem, uma festa tipicamente de rua. Na maioria das grandes capitais, no entanto, acabou sendo confinado aos sambódromos e bailes de clubes – para muitos apenas um show na TV. Sobrevive, hoje, em sua forma mais original e espontânea, principalmente em Salvador, Recife e Olinda.

FOLIA CARIOCA

No Carnaval, o Rio readquire status de capital nacional, perdido com a mudança do DF para Brasília. Desde o início da temporada de verão, os cariocas realizam bailes pré-carnavalescos. Também muito concorridos, no mesmo período, são os ensaios nas quadras das escolas de samba. Os três fins de semana que antecedem o Carnaval são marcados pelos desfiles das bandas de bairros. Participam artistas, intelectuais, profissionais liberais.

Escola de samba – É a maior contribuição carioca para o Carnaval brasileiro. Espalhadas por praticamente todo o país, as escolas do Rio permanecem como as maiores, mais bem organizadas e responsáveis por desfiles de grande beleza e alto nível profissional. A primeira a desfilar oficialmente foi a Deixa Falar (núcleo inicial da atual Está-

cio de Sá), criada pelo sambista Ismael Silva em 1928, com formação semelhante à dos atuais blocos.

As escolas de samba obedecem a uma formação mais elaborada, predeterminada, e se apresentam dentro de quesitos julgados por especialistas, entre eles: **comissão de frente:** formada por sambistas que melhor representam a escola, em geral os mais antigos, às vezes as mulheres mais bonitas; **mestre-sala e porta-bandeira:** casal formado por grandes passistas que carregam e protegem o estandarte da escola; **bateria:** responsável pela marcação do ritmo da escola, usando apenas instrumentos de percussão; **samba-enredo:** o samba que conta o enredo escolhido pela escola, versando sempre em torno de temas nacionais (nos últimos anos, têm sido aproveitados temas internacionais já integrados ao cotidiano brasileiro); **harmonia:** a evolução da escola, contando pontos a boa seqüência das diversas alas (das baianas, das crianças, dos compositores etc.), sem espaços vazios entre uma e outra; **alegorias e adereços:** enfeites que os passistas levam na mão ou na fantasia, com figurações da história contada no samba-enredo.

Principais escolas de samba do Rio (entre parênteses, o ano de fundação e as cores básicas) – Grêmio Recreativo Escola de Samba da Portela (11/4/1923, azul e branco), Estação Primeira de Mangueira (28/4/1928, verde e rosa), Unidos de Vila Isabel (4/4/1946, azul e branco), Império Serrano (23/3/1947, verde e branco), Beija-Flor de Nilópolis (25/12/1948, azul e branco), Acadêmicos do Salgueiro (3/4/1953, vermelho e branco), Estácio de Sá (27/2/1955, vermelho e branco), Mocidade Independente de Padre Miguel (10/11/1955, verde e branco).

Campeãs cariocas dos últimos dez anos – 1983, Beija-Flor; 1984, Mangueira; 1985, Mocidade Independente de Padre Miguel; 1986 e 1987, Mangueira; 1988, Unidos de Vila Isabel; 1989, Imperatriz Leopoldinense; 1990 e 1991, Mocidade Independente de Padre Miguel; 1992, Estácio de Sá; 1993, Salgueiro.

Blocos – Existem, no desfile oficial do Carnaval carioca, os blocos de enredo e os de empolgação, ou de embalo. Entre os primeiros, com número de componentes entre 200 e 500, destacam-se: Canários das Laranjeiras, Flor da Maina do Andaraí, Quem Fala de Nós Não Sabe o Que Diz, Bafo de Bode. Os blocos de empolgação desfilam em grupos de acordo com o número máximo de componentes (entre 200 e 400). Três deles são *hors concours*: Cacique de Ramos, Bafo da Onça e Boêmios do Irajá.

OUTROS CARNAVAIS

O Carnaval da **Bahia** é o que mais rivaliza com o do Rio. Milhares de foliões dançam pelas ruas, 24 horas por dia, correndo atrás dos trios elétricos – caminhões com cantores, instrumentistas e poderoso equipamento de som. O primeiro trio elétrico saiu em 1950, quando Antônio Adolfo do Nascimento, o Dodô (da dupla Dodô e Osmar), desfilou fantasiado de arco-íris e tocando frevos em uma guitarra elétrica ligada na bateria do carro. Os trios ganharam notoriedade em todo o país desde que Caetano disse, em canção de1969, que "atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu" (ver capítulo *Música*).

O Carnaval baiano tem ainda muitos blocos e ranchos, que brincam ao som de ritmos afro-brasileiros. Alguns dos grupos que desfilam no Carnaval de Salvador: os afoxés, ou ranchos negros (Filhos de Gandhi, Badauê), e os blocos de índio e afro (Olodum, Apaches do Tororó, Ilealê, Malê de Balê, Olorum Babami).

Em **Recife** e **Olinda**, predomina o Carnaval de rua. Os grupos organizados dançam o maracatu, manifestação tipicamente pernambucana. A mais importante contribuição de Pernambuco para o Carnaval é o frevo, dançado por multidões pelas ruas de Olinda e Recife. Há também grupos organizados de frevo, ou clubes. Os mais famosos são o Pás Douradas e o Vassourinhas.

São Paulo tenta seguir o modelo carioca, na organização das escolas, dos desfiles e na composição dos sambas-enredo. Principais escolas: Vai Vai, Camisa Verde e Branco, Nenê de Vila Matilde e Rosas de Ouro. ■

ECOLOGIA

Campo interdisciplinar que estuda as relações dos seres vivos entre si e com o meio ambiente. Um de seus objetivos é a análise dos *ecossistemas:* a forma como os fatores físicos (clima, solo, água) interagem com a parcela viva da natureza (flora, fauna e microrganismos), criando um sistema estável. Os ecossistemas são definidos de acordo com o objetivo do pesquisador: podem ser grandes áreas relativamente homogêneas, como a floresta Amazônica, ou uma pequena bromélia que, na água armazenada entre as folhas, abriga algas produtoras de fotossíntese e uma fauna de microrganismos.

O exemplo clássico de ecossistema é um pequeno lago ou reservatório. Nele, as partes físicas são constituídas pela água, o oxigênio dissolvido, o dióxido de carbono, os sais orgânicos (nitratos, fosfatos e cloreto de sódio, potássio e cálcio) e grande variedade de matéria orgânica em decomposição. Os seres vivos se subdividem em produtores, consumidores e decompositores, de acordo com a função específica que exercem na manutenção do ecossistema.

O ciclo vital – Por meio da fotossíntese, os organismos produtores – as plantas verdes – fabricam compostos orgânicos, a partir de substâncias inorgânicas simples. Em um lago, há duas espécies desses produtores: os vegetais de maior porte, que crescem ao longo das margens ou flutuam na água (aguapés, por exemplo), e o fitoplâncton – vegetal de dimensões microscópicas que se encontra por toda a extensão do lago onde a luz penetra. Geralmente invisível para o olho, é mais importante do que os vegetais maiores como fonte de alimento para os animais que habitam o lago. Os organismos consumidores – os animais herbívoros – alimentam-se dos produtores. O ciclo completa-se e recomeça quando entram em ação os decompositores (fungos e bactérias, entre outros), que degradam as moléculas dos seres vivos, fazendo-as voltar à categoria de não-vivas para serem usadas como matéria-prima pelas plantas verdes.

As origens – As primeiras pesquisas sobre as relações dos seres vivos com o meio ambiente remontam à *História dos animais* (séc. IV a.C.), do filósofo grego Aristóteles. No séc. XIX, a investigação avança com os trabalhos de vários naturalistas: o francês René Réaumur observa o amadurecimento dos frutos em função da temperatura; Georges Leclerc, conde de Buffon, na França, e Alexander von Humboldt, na Alemanha, desenvolvem separadamente conceitos de meio ambiente geográfico; o dinamarquês Eugenius Warming amplia os estudos de botânica; o inglês Thomas Malthus elabora teorias sobre o crescimento demográfico. A contribuição mais polêmica é a do livro *A origem das espécies* (1859), em que o inglês Charles Darwin formula a teoria do evolucionismo. Finalmente, em 1866, surge o termo Ecologia, utilizado pelo biólogo alemão Ernst Heinrich Haeckel em seu livro *Morfologia geral dos organismos*.

Os estudos científicos se especializam no séc. XX. Na década de 30, surge a Ecologia Humana, que estuda as relações dos indivíduos, famílias e comunidades com o meio ambiente e suas condições de sobrevivência. Dela deriva a Ecologia Urbana, que investiga os espaços ambientais e sociais para definir a organização interna de uma cidade e, assim, contribuir para o diagnóstico de seus problemas.

No final da década de 70, com a *Hipótese Gaia* (nome da deusa grega da Terra), o britânico James Lovelock e o americano Lynn Margulis questionam a teoria de que a vida existe na Terra devido às condições favoráveis do planeta, alegando que a própria vida cria as condições de que necessita para manter-se. E dão como exemplo o surgimento dos vegetais: como os microrganismos primordiais estavam ameaçados de extinção por consumirem em grande escala a matéria orgânica existente nos

oceanos, teriam surgido as plantas, capazes de sintetizar matéria orgânica por meio da fotossíntese. Com elas teria surgido, entretanto, um novo problema: o excesso, na atmosfera, do oxigênio produzido pelos vegetais era venenoso para quase todos os seres existentes, predominantemente anaeróbicos. A vida teria superado essa crise criando os seres que respiram oxigênio.

AS AMEAÇAS À VIDA

A vida, que se estabeleceu na Terra cerca de 3,5 bilhões de anos atrás, só é possível de forma permanente na *biosfera*, a parte superficial do planeta. Formada pelas regiões terrestre, aquática e aérea, ela engloba: áreas continentais e marinhas, podendo, em alguns casos, chegar às fossas oceânicas de 10 km de profundidade; a crosta terrestre até uma profundidade de 5 km; e a atmosfera, atingindo altitude aproximada de 6 km acima do nível do mar. A gradativa destruição desse meio ambiente, provocada pelo homem, representa uma ameaça a todas as espécies vivas.

Poluição atmosférica

Presença, na atmosfera, de substâncias nocivas (resíduos sólidos, líquidos e gasosos) em quantidade suficiente para afetar sua composição e equilíbrio e prejudicar a vida na Terra. Divide-se em dois tipos: a *poluição da miséria*, provocada pela ausência de infra-estrutura e saneamento básico, que leva ao lançamento de toda espécie de dejetos a céu aberto; e a *poluição da riqueza*, causada pelos resíduos químicos das atividades industriais nos centros urbanos, e pela acumulação de lixo resultante do consumo excessivo e do desperdício.

CONTAMINAÇÃO DO AR

Provocada pela emissão de gases tóxicos e gerada por três tipos de combustão: de veículos automotores, que emitem óxido de nitrogênio, monóxido e dióxido de carbono, dióxido de enxofre, derivados de hidrocarbonetos e chumbo, responsáveis por 40% da poluição atmosférica nas grandes cidades; de indústrias químicas, siderúrgicas, fábricas de cimento e papel e refinarias de petróleo; e de queimadas e incineração de lixo doméstico e industrial, responsáveis por emissão de fumaça. Embora haja quem o conteste, a maioria dos cientistas acredita que essa contaminação da atmosfera é a principal causa da formação de chuva ácida e do efeito estufa. Nos seres humanos, ela provoca distúrbios respiratórios, alergias, lesões degenerativas no sistema nervoso e em órgãos vitais e até câncer. Esses distúrbios são agravados durante o inverno, quando ocorre a inversão térmica e uma camada de poluentes fica presa perto do solo por uma camada de ar frio.

A concentração, na atmosfera, de gases como o dióxido de carbono vem-se elevando em média 1% ao ano. A queima de florestas e pastos nos países subdesenvolvidos contribui com cerca de 25% da emissão total desses gases. No Japão, os atuais padrões de emissão têm crescido devido à queda do preço dos combustíveis, o que favorece o transporte rodoviário: de 1985 a 1989, a emissão de gases tóxicos passou de 265 milhões de t/ano para 299 milhões, o maior aumento entre os países industrializados.

Estas são as áreas mais afetadas por esse tipo de poluição: na América do Norte, a Cidade do México, Los Angeles, Nova York, Montreal e Denver; na América do Sul, Caracas, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Bogotá, Quito, Buenos Aires, Mendoza e Santiago; na Europa, Milão, Paris, Londres, Varsóvia, Amsterdã, Turim, Marselha, o vale alemão do Ruhr, Moscou, Leningrado e Baku, no Azerbaidjão; na Ásia, Tóquio, Seul, Hong Kong, Pequim, o Kuweit, Xangai, Bombaim, Calcutá, Nova Délhi, Bangcoc, Alma-Atá, no Cazaquistão, e Tcheliabinski, na Rússia; e na Oceania, Sidney.

EFEITO ESTUFA

Fenômeno provocado pela propriedade que possuem determinados gases – dióxido de carbono (CO_2), metano (CH_4), óxido nitroso (N_2O), ozônio (O_3) e clorofluorcarbonos (CFCs) – de aprisionar o calor do sol na atmosfera, impedindo que escape para o espaço depois de refletido para a Terra. Em condições normais, esses gases ajudam a manter a temperatura do planeta numa média anual de 15ºC, porque uma pequena parcela é absorvida pelos vegetais, na fotossíntese, e uma parte maior pelos oceanos. Liberados em quantidades consideradas nocivas, num volume ainda não determinado com precisão, eles alteram as condições do meio ambiente.

Atualmente, o CO_2 concentrado na atmosfera atinge 350 partes por milhão, contra 280 p/milhão no final do século passado. Esse aumento é provocado pela industrialização, com a queima de combustíveis fósseis (gás natural , petróleo, carvão mineral, linhita) e a emissão de outros gases liberados por fábricas e veículos automotores; pelas queimadas em florestas; pela decomposição de matéria orgânica em aterros, depósitos de lixo e arrozais inundados; pelo uso de produtos tóxicos nas lavouras; e pelo gás clorofluorcarbono (CFC) usado nos *sprays*.

Degelo em ação – Está comprovada a elevação, desde o início do século, de 0,18ºC na média da temperatura mundial; as maiores ondas de calor foram registradas na década de 80. Nessa época, ao comparar as fotos tiradas pelo satélite meteorológico *Nimbus* num período de quinze anos, cientistas da NASA descobrem que o perímetro do mar de gelo em volta dos pólos está diminuindo. O aquecimento do ar eleva a evaporação da água do mar e cria um volume maior de nuvens, o que aumenta as chuvas e altera o regime dos ventos. Os cientistas prevêem tanto chuvas mais intensas em áreas hoje desérticas, como o norte da África e o nordeste do Brasil, quanto falta de água em regiões hoje férteis, como o meio-oeste dos EUA. A diminuição da calota polar elevaria o nível do mar, inundando ilhas e áreas costeiras, podendo, eventualmente, riscar do mapa toda a Holanda e Bangladesh, Miami, o Rio de Janeiro e parte de Nova York.

Segundo o Fundo Mundial da Vida Selvagem, o aumento da temperatura global traria outras perturbações à vida das espécies: multiplicação de ervas daninhas e insetos; transferência do *habitat* das pragas de clima quente – como a mosca tsé-tsé, que vive no centro da África – para regiões de clima frio; a absorção do excesso de dióxido de carbono pela vegetação, que cresceria mais rapidamente, retirando mais nutrientes do solo, forçando, assim, a utilização de mais fertilizantes; ameaças às florestas temperadas, que talvez só sobrevivessem no Canadá.

CHUVA ÁCIDA

Precipitações em forma de chuva, geada, neve ou neblina, contendo ácido sulfúrico, são formadas por reações químicas de gases como o carbônico, formas oxidadas de carbono, nitrogênio e oxigênio que, liberados durante a queima de combustíveis fósseis, transformam-se ao entrar em contato com o vapor de água da atmosfera. Alteram a qualidade química do solo e da água doce, atingem as cadeias alimentares, destroem florestas e lagos e causam danos à agricultura. Segundo relatório do Fundo Mundial para a Natureza (1993), cerca de 35% dos ecossistemas europeus sofrem contaminação acima dos padrões tolerados. Na América do Norte, a região mais afetada por esse tipo de poluição é uma área triangular que vai do norte da província de Quebec, no Canadá, ao sul da Flórida, passando pelo centro dos EUA. Na América do Sul, são dois semicírculos: um começa no golfo de Paria, na Venezuela, e se fecha na cordilheira dos Andes, ao norte de Quito; o outro vai do sul de Salvador, na Bahia, até La Plata, na Argentina, passando pelo Brasil Central e pelo Paraguai. Na Europa, há uma área circular que, partindo do oeste de Belfast, na Irlanda do Norte, esten-

de-se até a Escandinávia, desce pelos montes Urais, na Rússia, passa a oeste de Zaporojie, na Ucrânia, depois por cima de Zagreb, na Croácia, e de Milão, prosseguindo pelo norte de Lyon até a região francesa da Bretanha. Na África, a região atingida começa no litoral de Gana, segue para leste pelo meio da Nigéria, passa ao sul do lago Chade, cruza a República Centro-Africana e, pelo norte do Congo, fecha-se ao norte do Gabão. Na Ásia, há dois círculos: um compreende parte de Pequim até Chongqing, no sudoeste da China, e fecha-se na baía de Hong Kong; o outro passa pelo sul de Hanói, cruza o Laos, passa pelo golfo de Martaban, a oeste, vai até o leste da Jacarta, na Indonésia, e volta para o norte através da província de Bornéu e do mar da China Meridional. Na Oceania, ainda não foi constatado esse fenômeno.

Danos maiores – Os efeitos mais graves são observados em florestas da Alemanha e Holanda, destruídas em mais de 50%; na Suécia, onde, além das florestas, houve comprometimento da pesca em lagos; na costa do Atlântico Norte, onde a água tornou-se de 10 a 30% mais ácida nos últimos vinte anos; nos montes Apalaches, cuja acidez é dez vezes superior à das áreas vizinhas, de menor altitude, e cem vezes maior do que a das áreas sem esse tipo de poluição. Nos EUA, as usinas termelétricas a carvão são responsáveis por quase 65% do total de lançamentos de dióxido de enxofre na atmosfera. Em São Paulo, a chuva contém mais poluentes do que os tolerados pelos padrões internacionais. E a usina de Candiota, termelétrica a carvão do município gaúcho de Bagé, está provocando a formação de chuva ácida no Uruguai. As substâncias ácidas da chuva também estão corroendo estátuas, monumentos e edificações em mármore. Tem sido necessária a intervenção dos governos locais e de organismos internacionais para impedir a completa deterioração da Acrópole, em Atenas, do Coliseu romano, das catedrais de Notre Dame, em Paris, e de Colônia, na Alemanha, ou do Taj Mahal, na Índia.

FUGA DO OZÔNIO

Gás rarefeito formado por três átomos de oxigênio, o ozônio concentra-se em 90% na estratosfera, numa camada de 30 km de espessura, a cerca de 15 km da superfície terrestre. Nessa altitude, funciona como um escudo que protege o planeta dos raios ultravioleta do sol. Age de forma diferente a pequena quantidade de ozônio presente na troposfera, a camada de ar que se eleva da superfície até 10 km de altitude: junto com outros gases, ela colabora para a manutenção da temperatura média do planeta. Estudos feitos pela NASA, baseados em informações transmitidas pelo satélite meteorológico *Nimbus* de 1979 a 1986, indicam que anualmente esse escudo vem perdendo eficiência através de uma fenda aberta sobre o continente Antártico. Por ela desaparece quase metade da concentração de ozônio, deixando um buraco de 31 milhões de km², equivalente a 15% da superfície terrestre. Esse fenômeno parece estar atrasando a chegada da primavera antártica.

Os cientistas supõem que períodos mais longos de inverno podem comprometer o ciclo biológico das espécies animais da região. E já relacionam o déficit periódico de ozônio com a quebra na cadeia alimentar da fauna local. A perspectiva mais inquietante é de que a diminuição do ozônio e o conseqüente aumento da temperatura contribuam para o derretimento da camada de gelo que cobre os pólos. As causas da diminuição do ozônio ainda não foram completamente esclarecidas; mas os cientistas já sabem que as correntes de ar circulam sobrepostas na atmosfera: vão dos pólos para o equador, em baixa altitude, e retornam do equador para os pólos em altitudes mais elevadas. Esses movimentos levam a milhares de quilômetros do local de origem qualquer agente poluidor que alcance tais altitudes.

Na Antártica, porém, os movimentos são diferentes: de abr. a ago., a região permanece no escuro e os ventos giram em círculos impenetráveis, atraindo massas de ar de outras partes da Terra, geralmente com grande quantidade de substâncias químicas poluidoras. Em set. e out., os raios de sol agem sobre essa concentração de poluentes, que reagem destruindo o ozônio. Forma-se o buraco, que, embora se feche parcialmente em nov., com a renovação do ar vindo de outras regiões, não volta a atingir os níveis normais.

O grande perigo – Um dos poluentes que contribuem para diminuir a camada de ozônio foi identificado em 1987. É o monóxido de cloro, formado pela reação do gás cloro com o ozônio. O cloro, cuja vida útil é no mínimo de 75 anos, está presente no clorofluorcarbono (CFC, usado como *spray* em inseticidas ou desodorantes, produtos de limpeza e tintas, circuitos de refrigeração, espuma de plástico, chips de computadores, formas e bandejas porosas para embalar ovos e alimentos, e solventes utilizados pela indústria eletrônica). Todas as vezes que o *spray* é utilizado, as moléculas de CFC passam intactas pela troposfera e chegam à estratosfera, onde combinam-se com o oxigênio e liberam os átomos de cloro, que reagem com o ozônio, destruindo-o.

Os países desenvolvidos produzem anualmente uma média de 1 kg de CFC por pessoa; os países em desenvolvimento são responsáveis por 6% da fabricação internacional. No Brasil, menos de 5% dos *sprays* contêm CFC. Ainda em 1987, representantes de 57 países, incluindo os maiores representantes, assinaram no Canadá o Protocolo de Montreal, que entrou em vigor em jan. de 1989, contendo o compromisso de reduzir a produção pela metade até 1999. Em jun. de 1990, a ONU determinou o fim gradativo da produção de CFC, autorizando, porém, as nações em desenvolvimento a prorrogar seu uso até 2010. Até hoje, 92 nações aderiram ao acordo, entre elas o Brasil. Espera-se, com isso, a redução de 35% no total de CFC na atmosfera até o final do século.

Os últimos números divulgados pela NASA confirmam a fuga gradativa do ozônio: de 1980 a 1990, sua presença reduziu-se em 8% nas altitudes mais próximas da Terra; em 1991, essa redução foi 20% maior do que no ano anterior; e o relatório de fev. de 1992 foi inquietante: o buraco já atinge os EUA, Canadá e o Círculo Polar Ártico. Informação parcialmente confirmada, em 1993, pelo anúncio da Organização Meteorológica Mundial (OMM) de que o nível de ozônio, embora permaneça dentro dos limites considerados normais, baixou de 20 a 25%, em março, entre os países nórdicos e a costa asiática do Pacífico, e 30% a leste dos montes Urais. Surgem também indícios de que a destruição do ozônio está atingindo o Brasil. Em 30/3/1993, o físico Nelson Schuch, da Universidade Federal de Santa Maria (RS), anuncia que o nível de ozônio, nessa cidade gaúcha, foi 9% inferior ao normal em outubro de 1992. Têm-se intensificado, em todo o mundo, manifestações a favor da mais rápida eliminação do uso do CFC. Como precaução, cientistas e médicos recomendam que as pessoas não se exponham ao sol entre 10h e 15h, evitando os raios ultravioleta, que podem causar câncer de pele e doenças oculares.

Ataques à água e ao solo

Presença de substâncias nocivas (resíduos sólidos, líquidos e gasosos) na superfície terrestre e no subsolo, em quantidade suficiente para afetar sua composição e equilíbrio e prejudicar as espécies animais e vegetais.

POLUIÇÃO DA SUPERFÍCIE

Provocada pelo enterro no subsolo ou o despejo, sem tratamento, de substâncias tóxicas não-biodegradáveis em córregos, lagos, rios, mares ou terrenos ao ar livre. As mais prejudicadas são as reservas de água doce, que ocupam apenas 2% da superfície terrestre e estão concentradas, em sua maior parte, nas calotas polares ou em lençóis subterrâneos. Seus principais agentes poluidores são os detergentes e sabões em pó, resíduos industriais e de mineração ou os metais pesados: chumbo, cádmio, arsênico e mercúrio.

No ambiente marítimo, as principais causas são a

prospecção e o transporte de petróleo e a queima de seus derivados. Vazamentos em poços petrolíferos terminais e navios petroleiros e a limpeza de seus tanques são responsáveis pelo despejo anual de 1 milhão de t de óleo nessas águas. O óleo forma, na superfície, uma camada compacta que impede a oxigenação da água, afetando a fauna e a flora marinhas e provocando um desequilíbrio ecológico que pode durar vários anos. O maior desastre já verificado é o incêndio de cerca de setecentos poços, provocado pelas tropas iraquianas durante a retirada do Kuweit, em fev. de 1991: o equivalente ao despejo de 1,2 milhão de barris de óleo nas águas do golfo Pérsico mata 20 mil aves, cobre 400 km de areia da costa da Arábia Saudita e leva toneladas de resíduos para a atmosfera, tapando o sol e fazendo a temperatura cair, durante o dia, de 30°C para 15°C. O último foco de incêndio é extinto em nov. de 1991; mas a remoção do óleo misturado com a areia ainda vai demorar alguns anos.

A contaminação – Herbicidas, fungicidas e inseticidas agrícolas também são poluidores: usados em grande quantidade, fazem a terra perder seus nutrientes, atingem o subsolo, onde contaminam os lençóis subterrâneos, e são levados pela chuva para os cursos de água. Matam os microrganismos, dizimam peixes e aves e acabam atingindo o homem através dos alimentos. Essa degradação induzida pelo homem já afeta 15% da área total da Terra. Seus danos são muitas vezes irreversíveis. Perda de matéria orgânica com queimadas, compactação da terra causa pelo uso de equipamentos agrícolas pesados, chuva ácida, alterações climáticas provocadas pelo aumento da radiação ultravioleta, erosão em conseqüência de desmatamento e manejo inadequado da terra cultivada são outras causas desse tipo de poluição, responsável pela perda anual de 6 a 7 milhões de ha produtivos.

Áreas mais afetadas: na América do Norte, as águas dos Grandes Lagos e do golfo do México e montanhas como a dos Apalaches são poluídas por mineração e descargas químicas; em algumas regiões, águas subterrâneas são esgotadas pela irrigação, e outras, envenenadas por lixo industrial, pesticidas e fertilizantes. Na América do Sul, o lixo industrial polui reservatórios de água em São Paulo e Buenos Aires, os esgotos contaminam a baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, e, na Venezuela, o óleo que vaza de poços de petróleo do lago Maracaibo suja o litoral. Na Europa, a poluição vai do litoral leste da Grã-Bretanha e norte da França até o sul da Finlândia; no Mediterrâneo, vai do leste da Espanha ao sul da Itália, chega ao mar Egeu, em Atenas, ao mar Negro, na foz do Danúbio, e ao mar Cáspio, na foz do Volga. Na Polônia, um quarto das terras cultiváveis está contaminado por chumbo e outros metais pesados, e 9/10 da água dos rios são tóxicos demais para serem potáveis. Na África, ataca o delta do Nilo e o litoral da Tunísia, Marrocos, Libéria, Camarões, África do Sul, Quênia, Tanzânia e Madagascar. Na Ásia, afeta a baía de Bengala, o golfo da Tailândia, o estreito de Málaga, os mares de Java, China e Japão, o lago Baikal, na Rússia, e o deserto da Sibéria, cujos poços de petróleo vazam 920 mil barris por dia. No Oriente Médio, a contaminação é grave em todo o litoral mediterrâneo, no mar Vermelho e no golfo Pérsico. Na Oceania, atinge as ilhas Salomão e o litoral australiano em Port Phillip, Sidney e golfo de Spencer.

DESMATAMENTO

Sempre foi comum, em todos os continentes, o corte, capina ou queimadas não-controladas – com fogo ou produtos químicos – da cobertura vegetal de determinada área, justificados seja pela necessidade de aumentar os terrenos para a agricultura e as pastagens, seja pela exploração industrial, a ocupação humana ou a especulação imobiliária. Tem por conseqüência a extinção de espécies vegetais e animais, o lançamento de grandes quantidade de dióxido de carbono na atmosfera e erosão, pois o solo fica exposto à ação do vento e da chuva.

Atualmente, as florestas tropicais das Américas Central e do Sul, da África e da Ásia – 16,8 milhões de km², cerca de 20% das terras do planeta, abrigando de 50 a 75% das espécies vegetais e animais que há no mundo – são as mais atingidas: diariamente são desvastados 500 km², 50% dos quais na América Latina. O corte da madeira para exportação produz um comércio mundial da ordem de US$ 6,8 bilhões anuais; a Malaísia vende 33 milhões de m³ por ano, a Indonésia, 23,7 milhões, e o Brasil, 11,3 milhões. A África exporta 15 milhões de m³ anuais e a atividade responde por 2,5 a 6% do PIB do Zaire, Tanzânia, República Centro-Africana, Camarões, Gabão e Congo. Segundo relatório da FAO, de mar. de 1993, 154 milhões de ha de florestas tropicais – o equivalente a 30% da Amazônia – foram destruídos entre 1981 e 1990.

DESERTIFICAÇÃO

A transformação de uma região fértil em deserto é considerada natural quando mudanças climáticas diminuem as chuvas em determinada região: exemplo disso é o Saara, formado entre 5.000 a.C. e 1.000 a.C. E é artificial quando provocada pela erosão do solo atingido por queimadas e desmatamentos, ou esgotado pelo uso de técnicas agrícolas inadequadas que abusam de fertilizantes e pesticidas e não controlam a irrigação. Anualmente, 60 mil km² se desertificam no mundo, o que significa a perda, em vinte anos, de 2 milhões de km² de florestas e 500 milhões de t de solo fértil. Na África, entre os 22 países atingidos, estão dezoito dos mais pobres do mundo: 32 milhões de pessoas são afetadas e a produção per capita de grãos vem caindo quase 30% desde 1967; em meados da década de 80, 3 milhões de pessoas morreram de fome na região subsaariana.

Nos últimos trinta anos, a planície de 68 mil km² vizinha ao mar de Aral, no Uzbesquistão, perdeu metade do seu volume de água e recuou, em alguns pontos, até 80 km, devido ao desvio da água de dois afluentes para a irrigação de imensas lavouras mecanizadas de algodão. O lago partiu-se em uma porção maior e várias outras menores, impedindo a navegação interior e provocando o fim da pesca industrial e da extração de caviar (10% de toda a produção da ex-URSS). A salinidade da água, multiplicada por três, atingiu terras cultiváveis; agora, os ventos levam a poeira salina, carregada de pesticidas, até 500 km de distância, podendo criar novo deserto.

As áreas mais afetadas pela desertificação são: na América do Norte, do sudoeste dos EUA até o norte da Cidade do México. Na América do Sul, uma faixa que vai do lago Titicaca, no Peru, a Oruro, na Bolívia, outra no centro-oeste da Argentina e uma terceira no município de Alegrete, sul do Brasil. Na Europa, uma faixa no sudoeste da Espanha. Na África, todo o litoral do Mediterrâneo e uma faixa que cruza o centro do continente, de leste a oeste, com uma pequena interrupção no Chade; outra nas regiões oeste e sul de Madagascar; um semicírculo no sul da Somália; e, no centro-sul, uma faixa que vai da África do Sul em direção ao Malavi. Na Ásia, uma mancha triangular que vai do Líbano ao Paquistão, estendendo-se até o Cazaquistão; outra que percorre o centro-sul da Índia; e uma terceira na parte centro-sul da China. Na Oceania, dois focos no centro da Austrália.

LIXO TÓXICO

Acúmulo de detritos domésticos e industriais não-biodegradáveis e de resíduos de combustíveis nucleares (lixo atômico) no solo e subsolo, na atmosfera e nas águas continentais e marítimas; desprende substâncias tóxicas não absorvidas pela natureza e provoca danos ao meio ambiente e doenças nos seres humanos. As substâncias não-biodegradáveis estão presentes em plásticos, produtos de limpeza, tintas e solventes, pesticidas e produtos eletroeletrônicos, e na radiatividade desprendida pelo urânio e outros metais atômicos, como o césio, utilizados em usinas, armas nucleares e equipamentos médicos.

É encontrado tanto em países desenvolvidos, onde é comum a utilização de produtos descartáveis, quanto em regiões subdesenvolvidas, que não dispõem de técnicas

adequadas para o tratamento desses resíduos químicos perigosos. Muitos dos produtos descartáveis poluem o meio ambiente por tempo quase indefinido: calcula-se que plásticos levem de quatro a cinco séculos para se decompor; as fraldas descartáveis levam meio século. Ao longo do tempo, os mares, oceanos e manguezais vêm servindo de depósito para esses resíduos: o Mediterrâneo é a região mais afetada.

É recente o questionamento da exportação desse lixo dos países industrializados para os subdesenvolvidos. As estatísticas são precárias, mas fala-se em 1 milhão de t que países como os EUA, Japão e França – não-signatários da Convenção de Basiléia (1989), que regulamenta esse tipo de comércio – exportam anualmente. Só em 1988, segundo a organização Greenpeace, foram detectados 115 carregamentos desse tipo, destinados à África e América do Sul, inclusive o Brasil. Uma das áreas apontadas, no Atlântico Sul, em frente à costa uruguaia, teria sido utilizada como lixeira de resíduos nucleares dos países europeus até o final da década de 70. Após a assinatura da Convenção da Basiléia, a Guatemala, El Salvador e o México são dos poucos países que continuam a importar essas cargas tóxicas. Uma das soluções que vêm sendo tentadas é aprisionar parte desse lixo, principalmente os metais pesados, em blocos de concreto e depositá-los em aterros especiais.

Resíduo atômico – Lixo venenoso formado por substâncias radiativas (iodo, césio, urânio, plutônio) resultantes do funcionamento das mais de quatrocentas usinas nucleares que há em operação no mundo – a maior parte delas no Leste europeu. A ameaça radiativa existe em quase toda a Rússia e, no fundo do mar, no litoral das Repúblicas bálticas, repousa a sucata de submarinos nucleares. Desde 1983, despejos no mar e na atmosfera estão proibidos, mas, até hoje, não se encontrou lugar seguro para armazenar essas substâncias tóxicas, que continuam radiativas durantes milhares de anos, provocando danos ao meio ambiente e, nos seres humanos, doenças como câncer e alterações genéticas. Os cientistas recomendam que esses detritos, colocados em tambores ou recipientes impermeáveis de concreto, à prova de radiação, sejam enterrados em terrenos estáveis; mas essas precauções nem sempre são tomadas e vazamentos são freqüentes.

A precariedade da instalação das usinas leva também ao risco constante de acidente nuclear. O primeiro deles, na usina russa de Tcheliabínski (29/9/1957), em conseqüência de um defeito no sistema de resfriamento do reator, contaminou 270 mil pessoas. O mais grave foi o de Chernobyl, na Ucrânia (1986), em que a explosão de um reator deixou mais de trinta mortos e centenas de feridos; as nuvens radiativas levadas pelo vento contaminaram milhares de pessoas em toda a Europa. Também a Grã-Bretanha, os EUA e a França, entre outras nações, passaram por acidentes semelhantes.

O Brasil entrou nessa lista com o acidente ocorrido em Goiânia (GO), em 1987: uma cápsula de césio-137, do equipamento radiológico do Instituto Goiano de Radioterapia, abandonada em um prédio de onde a instituição tinha se mudado, foi recolhida por sucateiros e vendida como ferro velho. Ela provocou a morte de quatro pessoas e a contaminação de duzentas.

Reciclagem – A recuperação de detritos, por reprocessamento, para reutilização industrial, permite a redução substancial da quantidade de lixo jogada no meio ambiente, menor agressão à natureza e economia para as empresas. Vidros, papéis, ferros velhos, alumínio, cobre, chumbo e zinco são os materiais mais reaproveitados. Todas as grandes cidades do mundo já ocupam nesse processo boa parcela da mão-de-obra não qualificada. O lixo doméstico e agrícola pode ser reciclado por compostagem: deixa-se uma mistura de restos orgânicos em fermentação, dela obtendo-se um produto homogêneo, rico em húmus e microrganismos, utilizado como fertilizante natural.

Extinção de espécies

A eliminação total de qualquer espécie provoca desequilíbrio dos ecossistemas e destrói fontes de pesquisa científica. Anterior ao aparecimento da espécie humana, pode ter causas naturais, devido a modificações abruptas nas condições ambientais, que impedem a sobrevivência de algumas espécies, ou ser provocada pelo homem. Glaciações, aridez excessiva e até colisões de meteoritos estão entre as causas naturais: esta última teria sido, segundo os cientistas, a causa provável para a extinção dos dinossauros, há 70 milhões de anos. A ação do homem dá-se principalmente por meio da destruição dos ecossistemas e da caça e pesca predatórias.

Cientistas do Plano das Nações Unidas para o Meio Ambiente calculam que existam, no planeta, de 10 a 100 milhões de espécies, das quais apenas 1,4 milhão já foi nomeado e poucos milhares estudados: são 751 mil insetos, 281 mil outras espécies animais, mil vírus, 4 mil bactérias e assemelhados, 26.900 mil algas, 248.400 mil plantas superiores e 30.800 mil protozoários. Desse total, 25% correm sério risco de extinção nos próximos vinte anos e, a cada dia, a ação humana faz desaparecerem cerca de trezentas espécies animais e vegetais. Entre os animais extintos estão o rinoceronte negro, da África, o cervo da Tailândia, o pingüim grande da Islândia e do Canadá, o cavalo selvagem da Europa Central, o bisão e o pelicano branco da França. Entre os vegetais, desapareceram várias espécies de orquídea, como a de Chiapas, no México.

Alguns dos animais ameaçados: na África, o jumento da Somália, o chimpanzé da África Ocidental, o crocodilo do Nilo, o elefante africano, a pantera e a zebra-da-montanha. Na América do Norte, o condor da Califórnia, o cisne do Alasca e do Canadá, a foca da Groenlândia e o urso branco. Nas América Central e do Sul, o crocodilo e o papagaio de Cuba, a chinchila dos Andes e a tartaruga gigante de Galápagos. Na Europa, o bisão europeu, o falcão-peregrino e a foca. Na Ásia, a salamandra gigante da China e do Japão, a águia das Filipinas, o rinoceronte de Java, o cavalo da Ásia Central, o delfim e a baleia do oceano Pacífico, o orangotango de Sumatra e Borneu, o leão e o javali pigmeu da Índia, e o búfalo anão da Indonésia. Na Oceania, várias espécies de papagaio e de borboleta.

Na flora, mais de cem espécies correm o risco de extinção com queimadas, desmatamento, uso de fertilizantes e fungicidas e com a introdução de espécies exóticas. Entre as ameaçadas estão os alerces, pinheiros gigantes do Chile; a orquídea brasileira *Constantia cipoensis*; várias espécies de bromélia, nas zonas tropicais e subtropicais das Américas e parte da África; algumas espécies de kiwi, na América do Sul; e árvores da espécie *Saphora toromiro*, na ilha de Páscoa.

CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

A partir da segunda metade do séc. XVII, com a Revolução Industrial e o conseqüente aumento da degradação ambiental, provocada pela descoberta e exploração de novas tecnologias, surgem os primeiros movimentos que exigem a preservação de áreas naturais em benefício da coletividade. A pressão da sociedade civil leva à criação, no séc. XIX, dos primeiros Parques Nacionais nos EUA, Austrália e Nova Zelândia. A partir da década de 60, a divulgação de pesquisas comprovando a deterioração da qualidade de vida nas cidades, e de projeções científicas que mostram a Terra transformada num imenso deserto e os grandes centros urbanos destruídos por inundações, desperta a preocupação de milhares de pessoas, principalmente na Europa e nos EUA, dando origem a amplos movimentos ambientalistas. Essas pesquisas indicam que a Terra atravessa rápido período de transformação, que duplicará o contingente demográfico em apenas quarenta anos (o mundo levara 30 mil anos para atingir os 3 bilhões de habitantes existentes na época).

Demonstra-se também a relação direta que existe entre

crescimento demográfico, degradação dos recursos naturais e desigualdade nos padrões de consumo das nações ricas ou em desenvolvimento. E apontam como agravante o alto índice de concentração humana nos grandes centros urbanos. Comparando cifras do início do séc. XX, quando apenas 10% da população viviam nas cidades, com projeções para o ano 2000, nota-se um crescimento de 50% – do total, 500 milhões de pessoas estariam concentrados em cidades com mais de 5 milhões de habitantes.

Esse quadro convence os especialistas de que a preservação da qualidade de vida e da própria sobrevivência das espécies depende da mudança no atual modelo predatório de desenvolvimento econômico para um sistema de exploração racional dos recursos naturais que leve em conta os danos ao meio ambiente. Essas idéias são defendidas pelos diversos grupos e associações de preservação ambiental, hoje reunidos sob a denominação de Organizações Não-Governamentais, as ONGs. Delas, a que mais cresceu, espalhando sedes e adeptos por todo o mundo, foi a inglesa Greenpeace, que se destaca por ações pacíficas de protesto inspiradas em táticas de guerrilha. O movimento também ocupa espaços na política tradicional, institucionalizando-se em partidos, os Verdes, constituídos em vários países.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO

Teoria que prega o desenvolvimento econômico a partir da aplicação de políticas governamentais visando à preservação do meio ambiente. Formulada por especialistas reunidos pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Estocolmo, 1972), sob patrocínio da ONU, foi exposta no livro *Nosso futuro comum*, publicado em 1987. Nele se destaca que, até o ano 2000, o crescimento demográfico obrigará os países em desenvolvimento a aumentar em 65% sua infra-estrutura de moradia e serviços urbanos, apenas para manter as condições atuais, o que impedirá o acesso das futuras gerações aos recursos necessários à sua sobrevivência. O livro comprova o vínculo existente, nesses países, entre pobreza, desigualdade de renda e deterioração ambiental. Ao mesmo tempo, responsabiliza os governos e populações dos países desenvolvidos pela manutenção da vida de todas as espécies. Recomenda a adoção de políticas que previnam disputas pela exploração das últimas fontes naturais existentes na Terra, localizadas, em sua maioria, nos países do hemisfério Sul; desaconselha o incentivo à reprodução, nos países em desenvolvimento, do modelo econômico predatório e sugere que as nações ricas destinem verbas à pesquisa, nos outros países, de modelos alternativos viáveis de preservação da natureza.

Documentos de compromisso – Após a Conferência de Estocolmo, em mais de cem países criam-se organismos específicos para tratar de questões do meio ambiente. O documento resultante do encontro de 1988, na Itália, denuncia as pressões que os credores internacionais exercem para que seja paga a dívida externa dos países do hemisfério Sul, responsabilizando-os pelas drásticas transformações econômicas ocorridas na sociedade e no meio ambiente dos países devedores. Resulta daí a proposta de venda de parcelas da dívida por preços abaixo do valor nominal, em bolsas internacionais, e a doação do produto aos países devedores para investimento em projetos ambientais. A Bolívia, o Equador e o Peru são os primeiros beneficiados por essa medida.

Na área latino-americana, as ONGs elaboram dois documentos: *Nossa própria agenda* (1990), propondo a criação de um programa de negociações com os países ricos sobre meio ambiente e desenvolvimento, visando à reorientação do crescimento desordenado e à participação social em estratégias não destrutivas; e o *Pacto por um mundo novo* (1991), para estimular os governos americanos a assumir compromissos recíprocos na busca de soluções para os problemas ambientais do continente.

CÚPULA DA TERRA

A II Conferência Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a *Rio-92*, realizada no Rio de Janeiro, em jun. de 1992, reúne 114 chefes de Estado e cerca de 40 mil militantes de 3.200 ONGs. Sob patrocínio da ONU, é organizada em quatro reuniões preparatórias e conta com a participação de equipes do FMI e do Banco Mundial. Representantes das ONGs, vindos de todos os continentes, debatem as questões relacionadas com o meio ambiente em 36 tendas armadas no aterro do Flamengo, de onde pressionam as delegações oficiais, reunidas no Riocentro. Na Kari-Oca, taba construída por índios tucanos e do Alto Xingu no bairro de Jacarepaguá, realiza-se a Conferência Mundial dos Povos Indígenas.

As delegações oficiais, presentes à reunião no Riocentro, concordam teoricamente com os princípios da preservação ambiental; mas as formas práticas de fazê-lo são motivo de controvérsia, devido à necessidade de grandes mudanças econômicas que permitam o desenvolvimento sustentado. O quadro de recessão mundial e a pressão demográfica, muito grande nos países do hemisfério Sul, impedem que se chegue a um consenso sobre a maneira de preservar o meio ambiente mantendo, ao mesmo tempo, o nível atual de crescimento econômico, de criação de emprego e de competitividade no mercado mundial.

Acordos importantes – Essa questão não impede que, na Conferência, sejam assinados dois documentos fundamentais, saídos das reuniões preparatórias: a *Carta da Terra* e a *Agenda 21*. O primeiro, conhecido como *Declaração do Rio*, expõe 27 princípios que não constituem obrigações para os países signatários e pretende ter o mesmo valor da Declaração dos Direitos Humanos. Seu principal ponto é a constatação de que os países ricos poluem mais o planeta e, portanto, devem ajudar as nações pobres com tecnologias limpas e avanços científicos que as conduzam a um desenvolvimento mais rápido. Seus principais pontos são:

Os seres humanos constituem o centro das preocupações relacionadas com o desenvolvimento; os Estados têm o direito soberano de aproveitar seus próprios recursos segundo suas próprias políticas ambientalistas e de desenvolvimento e a responsabilidade de assegurar que atividades sob seu controle não causem danos sobre o meio ambiente de outras nações; devem também desenvolver legislação prevendo indenização às vítimas de poluição e outros danos ambientais; todos os governos e pessoas devem cooperar na erradicação da pobreza como requisito indispensável ao desenvolvimento sustentado; o ambiente e os recursos naturais dos povos submetidos à opressão e dominação devem ser protegidos.

Os Estados têm responsabilidades comuns, mas diferenciadas, em relação à degradação ambiental global. Os países desenvolvidos devem reconhecer sua responsabilidade na busca do desenvolvimento global sustentável, em vista das pressões exercidas por suas sociedades sobre o meio ambiente e das tecnologias e recursos que controlam. Todos os governos devem apoiar a identidade e a cultura dos povos indígenas e outras comunidades locais que, em virtude de seus conhecimentos tradicionais, têm papel fundamental na gestão do meio ambiente.

Buscando melhor qualidade de vida, os governos devem reduzir e eliminar sistemas de produção e consumo insustentáveis e incentivar políticas demográficas apropriadas; as necessidades especiais dos países em desenvolvimento, sobretudo os menos adiantados e mais vulneráveis do ponto de vista ambiental, devem receber prioridade especial; toda pessoa deve ter o mesmo acesso às informações sobre ambiente disponíveis para as autoridades públicas de seu país, inclusive dados sobre atividades que ofereçam perigo à sua comunidade.

Para que a *Carta da Terra* possa ser respeitada, é aprovada a *Agenda 21*. De seus quarenta capítulos, oito tratam de questões econômicas e sociais; catorze são dedicados à conservação e gestão dos recursos naturais; sete descrevem o papel dos grupos sociais; e onze tratam

dos meios de implantação das novas políticas, sem que tenha sido possível especificar de onde partirão os recursos para o desenvolvimento de ações que garantam a qualidade de vida das próximas gerações. Nem todos os participantes concordam com a proposta de que os países ricos destinem 0,7% do seu PIB a esses programas. Inúmeras divergências entre as 170 delegações têm de ser superadas; para isso, são feitas várias emendas. O texto que limita o despejo de lixo nuclear nos oceanos é amenizado, para atender aos países ricos do hemisfério Norte, que não aceitam as restrições impostas. Em 1993, o Brasil é indicado como um dos 53 países que integrarão a Comissão para o Desenvolvimento Sustentável (CDS), que irá fiscalizar o cumprimento da *Agenda 21*.

Principais discussões – Três outros documentos tratam do desmatamento, do clima e da biodiversidade. A declaração sobre as florestas, devido às pressões de países como a Indonésia, a Malaísia e o Brasil, não passou de uma declaração de princípios, em que se garante a soberania de cada país no uso de suas riquezas florestais. São eliminadas as barreiras comerciais para a madeira e a borracha, desde que exploradas com técnicas de manejo florestal que evitem o esgotamento dos recursos e que se incentive a criação de projetos de desenvolvimento sutentável. Só depois de os mecanismos para financiamento de projetos e transferência de tecnologia, necessários à concretização do acordo, terem sido discutidos em fóruns internacionais, poderão ser definidos o sistema de comércio, a criação e implementação de novas regras e os organismos que fiscalizarão a sustentabilidade do aproveitamento desses produtos florestais. Formas de redução do desmatamento também não são discutidas nesse documento.

A convenção sobre mudanças climáticas, assinada por 153 países, limita a emissão de gases tóxicos aos níveis de 1990, embora não defina datas para o seu cumprimento. Esse limite à poluição atmosférica é fundamental para conter a expansão do efeito estufa e da destruição da camada de ozônio com que todos os países são afetados. Fica também estabelecido que os países signatários são obrigados a comunicar a um comitê provisório da convenção qualquer alteração em seus níveis de emissão, indicando a quantidade e o tipo de poluente. Os EUA, porém, não aceitam limites à emissão de poluentes atmosféricos e recusam-se a assinar a convenção.

Elaborado pelos técnicos do World Resource Institute, dos EUA, e da União Mundial para a Natureza, da Suíça, o documento *Estratégia global para a biodiversidade* é aprovado pelo Programa de Meio Ambiente da ONU e por representantes das ONGs que participam do Fórum Global. Desenvolvido durante três anos, traz, entre suas 85 propostas, as que se referem à conservação da diversidade biológica e ao uso sustentado de recursos biológicos que requeiram financiamento especial para os países em desenvolvimento. Chama a atenção para o perigo dos desmatamentos, que podem destruir milhares de espécies vivas sem que se descubra seu potencial, e para a necessidade do acesso igualitário à tecnologia de conservação e à tecnologia baseada em recursos biológicos.

Esse documento é fundamental para o Brasil, que concentra enorme variedade de espécies animais e vegetais. Por implicar o reconhecimento da soberania dos países detentores da biodiversidade e seu direito de participar dos lucros resultantes de sua exploração, o documento não é assinado pelos EUA, o país que mais recebe *royalties* por descobertas farmacêuticas. A questão das patentes sobre descobertas científicas, atualmente discutida em todo o mundo, pode ameaçar o direito dos países com grande biodiversidade que disponham de poucos recursos tecnológicos para explorá-la. Em abril de 1993, ao anunciar a intenção de firmar esse documento, desde que se negocie a modificação de parte do texto, o pres. Bill Clinton, dos EUA, compromete-se também a reduzir a emissão de gases poluentes sem, no entanto, aderir à convenção climática. Em 4/6/1993, o pres. Clinton assina a Convenção da Biodiversidade.

PANORAMA BRASILEIRO

De dimensões continentais, com 70% da população concentrados em áreas urbanas, o Brasil é o país em desenvolvimento que mais tem atraído a atenção internacional, pois, em seu território, reproduzem-se todos os exemplos de problemas que constituem ameaça à vida e são muito grandes os efeitos nocivos da poluição sobre seus diversificados ecossistemas.

Problemas ambientais

As origens históricas dos problemas de poluição no país ligam-se à industrialização iniciada na década de 50, ao modelo agrícola monocultor e exportador instituído desde os anos 70 e à desigualdade sócio-econômica deles decorrente. Dejetos humanos e resíduos industriais saturam a deficiente rede de saneamento básico e envenenam águas e solos, enquanto a fumaça tóxica das fábricas e das queimadas e os gases liberados por veículos tornam irrespirável o ar das grandes cidades.

POLUIÇÃO DO AR

A situação é mais grave em centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, mas, em quase todas as aglomerações urbanas e industriais do país, crescem as emissões de dióxido de enxofre, monóxido de carbono, óxido de nitrogênio e de material particulado: poeira, fumaça, fuligem. Automóveis, caminhões e indústrias são as principais fontes desse tipo de poluição. Pesquisas divulgadas pela Cetesb, em 1991, revelaram que as indústrias paulistas lançam no ar da Grande São Paulo cerca de 305 mil t de material particulado e 56 mil t de dióxido de enxofre anuais, resultantes da combustão de petróleo e carvão mineral. Esses números já foram maiores mas o aumento da fiscalização e a obrigatoriedade do uso de filtros reduziram em 85% a emissão de dióxido de enxofre de origem industrial. A Cetesb revela, ainda, que automóveis e veículos pesados são responsáveis pela emissão de 2.065 t anuais de monóxido de carbono.

Efeitos nocivos – Ao lado de Seul e Milão, o Rio de Janeiro detém um dos maiores índices de poluição atmosférica do mundo. No complexo industrial da Baixada Fluminense, a concentração de partículas em suspensão no ar atinge uma média anual duas vezes superior ao nível considerado seguro (80 microgramas por m^3). Os efeitos nocivos manifestam-se a grande distância, contribuindo, na região metropolitana, para prejudicar uma qualidade do ar já bastante deteriorada pelo intenso tráfego de veículos. O ar de Belo Horizonte possui também índice elevado de partículas poluentes: uma média de 94 microgramas por m^3, além de níveis de dióxido de enxofre maiores do que os registrados em São Paulo. A causa é o município de Contagem, onde se concentram indústrias metalúrgicas, têxteis e de transformação de minerais não-metálicos.

A poluição causada por automóveis e caminhões motiva o governo federal a criar, em 1986, o Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores, que estabelece os limites de emissão de poluentes. Entra em funcionamento em 1988 e deve estar concluído em 1997. Desde jan. de 1992, com a obrigatoriedade de instalação de filtros catalisadores no escapamento dos automóveis e caminhões novos, espera-se reduzir à metade a emissão de poluentes por veículo.

POLUIÇÃO DA SUPERFÍCIE

Praticamente todas as grandes e médias cidades têm suas águas contaminadas por lançamento de esgotos, metais tóxicos ou outras substâncias químicas nocivas. Os deltas do Amazonas e do Capibaribe, as baías de Todos os Santos, de Guanabara e de Paranaguá, os rios das bacias Amazônica, das Velhas, Paraíba do Sul, Tietê, Paranapanema, do Peixe, Itajaí, Jacuí, Gravataí, Sinos e Guaíba são repositórios desses resíduos. Na Amazônia,

o maior dano é provocado pelo mercúrio, jogado nos rios à média de 2,5 kg para cada grama de ouro produzido nos garimpos. O Tapajós, o Xingu, o Taquari, o Miranda e o Madeira são os mais afetados.

Para diminuir a poluição e desassorear o rio Tietê, em São Paulo, o governo do Estado começa a utilizar, em mar. de 1993, o sistema Dragagem a Longa Distância (DLD). Duas barcaças retiram areia e lixo do leito do rio e o transportam até um depósito intermediário. Dali, um sistema de sucção conduz a areia e a terra a uma distância de 5 km. O lixo, retirado por uma grade de aço, é transportado para aterros sanitários.

No litoral, já afetado pelo lançamento de altas doses de dejetos industriais e orgânicos, acidentes graves são provocados por vazamentos de petróleo em poços da plataforma submarina, nos terminais de armazenamento e nos navios-tanque. No litoral de Ilhabela (SP), ocorreram 105 vazamentos em 1990 e 1991. No litoral do Pará, o pentaclorofeno de sódio, usado no tratamento da madeira, é altamente tóxico e já contaminou a ilha de Marajó.

O principal fator de poluição do solo, do subsolo e das águas é a utilização abusiva, nas lavouras, de pesticidas e fertilizantes. Além de alcançar média anual duas vezes superior à do mundo inteiro, continuam a ser utilizados, no Brasil, os organoclorados e organofosforados, já banidos ou de uso restrito em mais de cinqüenta países, pois seus efeitos são altamente tóxicos e sua permanência no meio ambiente é muito prolongada. As regiões mais atingidas são o Centro-Oeste, o Sudeste e o Sul, responsáveis por toda a produção agrícola para consumo interno e exportação. Um dos pesticidas mais perigosos, o *agente laranja* – usado, na guerra do Vietnã, para devastar a mata tropical –, já foi aplicado, na Amazônia, por empresas transnacionais, para transformar a floresta em terrenos agropastoris. A cultura da soja, espalhada hoje por quase todas as regiões do país, também faz uso acentuado desses fosforados.

Os efeitos nocivos desses produtos são pouco perceptíveis a curto prazo; porém, a médio e longo prazo, desequilibram os ecossistemas, destruindo microrganismos, fungos e insetos, contaminando animais maiores, tornando as pragas mais resistentes e exigindo a aplicação de quantidades cada vez maiores de pesticidas. No homem, causam lesões hepáticas e renais e problemas no sistema nervoso, podendo levar os adultos ao envelhecimento precoce e as crianças à diminuição da capacidade intelectual. Casos de intoxicação forte podem ser letais.

QUEIMADAS E DESERTOS

A queima da vegetação original, para cultivo, pecuária, mineração e expansão urbana, é comum no país desde o início da ocupação portuguesa. Esse método destruiu quase toda a cobertura original da mata Atlântica, para dar lugar às plantações do Sul e Sudeste. No Centro-Oeste, o cerrado vem sendo queimado para abrir espaço à soja e à pecuária. Quanto às queimadas da floresta Amazônica, na década de 80 elas foram consideradas uma das piores catástrofes ecológicas do mundo. A seca também é responsável pela devastação dos ecossistemas, facilitando a ocorrência de incêndios que anualmente destroem milhares de hectares de matas. Em 1988, 80% do Parque Nacional das Emas, na divisa de GO com MS, foram destruídos pelo fogo. Em 19991, outro incêndio arrasou 17 mil ha.

Desmatamento indiscriminado, queimadas, mineração, uso excessivo dos defensivos agrícolas, poluição, manejo inadequado do solo e seca trazem a desertificação de algumas áreas do país. A região Nordeste é a mais atingida: alí, 97% da cobertura nativa já foi dizimada; a área atingida chega a 50 mil ha e afeta a vida de 400 mil pessoas. A mineração e as salinas também afetam o sul do Pará e a região de Mossoró (RN). O mais novo deserto está em Alegrete (RS), onde o "deserto dos pampas", de 200 ha, surgiu devido à superexploração agrícola e à pecuária extensiva.

RADIATIVIDADE

O funcionamento da Usina de Angra I, em Angra dos Reis (RJ), tem preocupado os ambientalistas. O grupo Greenpeace denuncia, em mar. de 1993, a paralisação da usina, provocada por aumento anormal de radiatividade no coração do reator. Técnicos da usina confirmam a informação, mas garantem que o problema, numa das varetas do reator, não é preocupante. A ausência de comunicação imediata do problema preocupa militantes ecológicos e cientistas, que consideram fundamental a transparência sobre o funcionamento de qualquer usina nuclear. E alerta-se para o fato de ainda não se ter estabelecido um plano eficiente para a população abandonar a cidade em caso de acidente grave.

FAUNA E FLORA

A mais recente lista oficial de animais em extinção no Brasil, divulgada em 1990, enumera 57 mamíferos, entre eles o mico-leão-dourado, a jaguatirica, a lontra, a onça-pintada, o tamanduá-bandeira; 108 aves, entre elas o macuco, o flamingo, o gavião-real e a choquinha; nove répteis, entre eles a surucucu, algumas espécies de tartaruga e o jacaré-de-papo-amarelo; 32 invertebrados, borboletas e libélulas em sua maioria; e outras 117 espécies que, segundo o relatório, "são insuficientemente conhecidas e estão presumivelmente ameaçadas". Esses animais, disseminados pelos grandes domínios paisagísticos, concentram-se na Amazônia, na Mata Atlântica e no Pantanal e têm sido vítimas da destruição de seus *habitats* e da caça indiscriminada. Algumas tentativas de preservação têm sido bem-sucedidas. É o caso do Projeto Mico-Leão-Dourado, na reserva de Poço das Antas (RJ), que, com a reprodução em cativeiro, aumentou para quatrocentos exemplares uma população que, em 1982, reduzira-se a apenas cem. O Projeto Tamar também tem evitado a extinção de espécies de tartaruga marinha.

A substituição de seus *habitats* por pastagens, a poluição e o extrativismo desordenado têm ameaçado o pinheiro-do-paraná, o pau-brasil e vários membros da família das bromeliáceas. Só na Amazônia, dentre as 100 espécies florais existentes, há pelo menos mil com potencial para a exploração econômica e possível aplicação em farmacologia.

Situação dos ecossistemas

Amazônia – A floresta ocupa 3,3 milhões de km², 60% do total de 5,5 milhões de km², seu subsolo é riquíssimo em minérios – ouro, bauxita, cassiterita, manganês – e sua superfície abriga cerca de 2 milhões de espécies. Tem apenas 10% de terras produtivas, 12% das quais ocupados pelo homem. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a área devastada, em 1991, chegou a 11.100 km², ou 0,3% da floresta. No Amapá e em Rondônia, a metade da área cultivável já foi devastada. Os focos de incêndio passaram de 362.161 km², em 1990 para 404.343 em 1991. A nuvem de fumaça desses incêndios já chegou a alcançar a África e a Antártica.

Grande parte dos 3,9 milhões de km² da bacia hidrográfica amazônica sofre assoreamento devido à erosão provocada por utilização inadequada do solo. Há também contaminação das águas pelo mercúrio utilizado nos garimpos de ouro, que já estão invadindo a Venezuela. A busca de ouro também tem contribuído para dizimar a população indígena, principalmente a tribo dos ianomâmis.

Mata Atlântica – A segunda maior floresta tropical úmida do Brasil cobria, no séc. XVI, uma área quase contínua de cerca de 1,5 milhão de km² paralela ao litoral, que ia do Ceará ao Rio Grande do Sul. A vegetação remanescente concentra-se, em sua maior parte, nos Estados da região Sul. Só em São Paulo, os 82% da floresta original foram reduzidos a 5% pelos desmatamentos. Mesmo assim, ela conserva um dos mais altos níveis de diversidade biológica do planeta. A devas-

tação começou com a exploração do pau-brasil, retirado por portugueses, franceses e holandeses, e prosseguiu, no séc. XVII, com o ciclo do açúcar, que devastou o Nordeste. No séc. XVIII, o ciclo do ouro ampliou até Minas Gerais a área devastada, que, a partir da segunda metade do séc. XIX, expandiu-se para o Sul, com a introdução da cultura do café, atingindo, no séc. XX, a fronteira de Mato Grosso.

Os últimos efeitos poluidores são frutos da industrialização iniciada, na década de 40, com a entrada em operação, em Volta Redonda (RJ), da Companhia Siderúrgica Nacional, que alimentava seus alto-fornos com a madeira das matas próximas. Persiste, ainda hoje, o lançamento de poluentes na atmosfera e cursos d'água por indústrias de todo o Sudeste, entre as quais o pólo petroquímico de Cubatão, provocando a destruição de porção significativa da cobertura vegetal da área próxima. Os trechos ainda existentes continuam sendo agredidos por indústrias de papel e celulose, do Espírito Santo, de móveis, da Bahia, e pela especulação imobiliária.

Novo decreto regulamentando a utilização da Mata Atlântica, assinado pelo pres. Itamar Franco em fev. de 1993, procura resolver os problemas criados pelo anterior – que virtualmente proibia qualquer forma de utilização econômica da região –, permitindo que comunidades locais mantenham a exploração tradicional de algumas espécies vegetais e definindo critérios para uso urbano. Além disso, prevê que os Estados e municípios também participem da fiscalização do ecossistema.

Pantanal – Ocupa 140 mil km² no sudoeste do Mato Grosso e oeste do Mato Grosso do Sul, estendendo-se até o Paraguai. No verão, época das chuvas, suas terras são inundadas pelas cheias do rio Paraguai. As usinas de álcool, o mercúrio dos garimpos, a caça e a pesca predatórias, o excesso de fertilizantes das lavouras, as queimadas, a construção de usinas hidrelétricas em regiões periféricas e até mesmo o turismo, crescente na área, vêm poluindo suas águas. Caçadores clandestinos já mataram cerca de 2 milhões de jacarés e dizimam, entre outros, onças-pintadas, veados, cotias, ariranhas e lontras. A criação do Parque Nacional do Pantanal Mato-Grossense e da Estação Ecológica do Taimã ainda é insuficiente para preservar a região.

Manguezais – Ambientes de transição entre os meios terrestre e marinho, característicos dos litorais tropicais, distribuem-se do extremo Norte, no Amapá, até o Sul, na foz do rio Araranguá (SC). Vêm sofrendo contínua destruição para dar lugar a estradas, como a Rio-Santos, loteamentos, complexos portuários e industriais, como em Bertioga e Cubatão, em São Paulo, ou têm servido para depósitos de lixo, como os que se encontram no litoral sul da Bahia, no Rio de Janeiro e em Florianópolis. Alguns poucos, transformados em parques estaduais, como o da ilha do Cardoso, em São Paulo ou nacionais, como o de Superagui, no Paraná, foram preservados.

Legislação atual

O capítulo sobre meio ambiente da Constituição de 1988 é considerado um dos mais avançados do mundo. Reconhece o meio ambiente ecologicamente equilibrado como um bem de uso comum do povo, essencial à qualidade de vida; e coloca como dever dos governos e da coletividade defendê-lo e preservá-lo para as gerações presentes e futuras. Para garantir a preservação ambiental, o poder público deve: preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e dar condições para o manejo ecológico das espécies e ecossistemas; preservar a diversidade e a integridade do patrimônio genético e fiscalizar as entidades dedicadas à pesquisa e manipulação desse material; definir, em todo o país, os espaços a serem especialmente protegidos; exigir relatório de impacto ambiental para a instalação de toda obra ou atividade potencialmente causadora de degradação ambiental; controlar a produção, comercialização e emprego de técnicas, métodos e substâncias que possam comprometer a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente; promover educação ambiental em todos o níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação; proteger a fauna e a flora, proibindo práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem extinção de espécies e submetam os animais a crueldade.

Além disso, a Constituição obriga os que exploram recursos minerais a recuperar o meio ambiente degradado; sujeita os infratores a sanções penais e administrativas, independente da obrigação de reparar os danos; reconhece a floresta Amazônica, a Mata Atlântica, a serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira como patrimônio nacional; torna indisponíveis terras devolutas ou arrecadadas pelo Estado, necessárias à proteção dos ecossistemas; e exige que as usinas nucleares tenham sua localização definida por lei federal.

Unidades de Preservação

São áreas com características naturais de valor relevante, com garantias de proteção, mantidas sob regime especial de administração que preserve a diversidade biológica, proteja as espécies raras ou em perigo de extinção, incentive o uso sustentável dos recursos naturais e conserve paisagens naturais de notável beleza. Representam área total de 31.294.911 ha, equivalendo a 3,7% da superfície do país, e compõem o Sistema Nacional de Unidades de Preservação.

Parques nacionais – São áreas de extensão considerável, exclusivas do poder público federal, delimitadas por abrangerem espécies raras de fauna e flora; são criadas visando à proteção dos recursos hídricos e das formações geológicas. Estão abertos à visitação pública, mas é proibida qualquer forma de exploração dos recursos naturais. Podem ser terrestres ou marinhos. Ex.: Parque Nacional de Itatiaia (RJ/MG).

Reservas biológicas – São áreas de dimensões variáveis, caracterizadas por conter ecossistemas ou comunidades de relevância biológica, mas de manutenção difícil. São fechadas à visitação pública e é proibida exploração dos recursos, a não ser para pesquisas científicas. Ex.: Reserva Biológica de Atol das Rocas (RN/MA).

Estações ecológicas – São áreas representativas de ecossistemas naturais, destinadas à realização de pesquisa em ecologia, à proteção do meio ambiente natural e ao desenvolvimento da educação preservacionista. Devem ter, no mínimo, 90% da área destinados à preservação integral e 10% às pesquisas. Podem ser criadas pela União, pelos Estados ou municípios. Ex.: Estação Ecológica de Taim (RS).

Florestas nacionais – São áreas extensas de cobertura florestal abrigando espécies sobretudo nativas e oferecendo condições à produção sustentável de madeira, proteção dos recursos hídricos, manejo de fauna silvestre e recreação. Sua principal característica é o uso sustentado dos recursos, excetuando-se algumas áreas, submetidas a proteção mais rigorosa. Ex.: Floresta Nacional do Rio Preto (ES).

Áreas de proteção – Estão destinadas à conservação da vida silvestre e dos recursos naturais, à manutenção dos bancos genéticos e da qualidade de vida de seus habitantes. Sua utilização deve obedecer a um zoneamento ambiental, sem desapropriação das terras pelo poder público. O zoneamento é estabelecido em conjunto com universidades, ONGs e comunidades. Ex.: Área de Proteção de Jericoacoara (CE).

Reservas extrativistas – São área naturais, ou pouco alteradas, onde vivem grupos sociais que usam produtos da flora nativa como fonte de subsistência, extraídos segundo planos de manejo preestabelecidos. De domínio público, são utilizadas mediante concessão federal e estadual. Ex.: Reserva Extrativista Chico Mendes (AC). ■

ESPORTES

Práticas sistemáticas de caráter competitivo ou recreativo, baseadas geralmente em atividade física – individual ou de equipe. Alguns jogos de atividade essencialmente intelectual, como o xadrez, são também considerados esportes. O barão francês Pierre de Coubertin, organizador da primeira Olimpíada da "era moderna", em 1896 – mais conhecido por sua afirmação de que o importante não é vencer, mas competir –, definiu esporte como "o culto voluntário e habitual de exercícios musculares intensivos, apoiado no desejo de progredir, e sem que isso acarrete riscos". Com o tempo, os riscos passaram a garantir o interesse por muitos esportes, como automobilismo, boxe, esqui, alpinismo ou pára-quedismo.

A palavra esporte vem do inglês *sport*, simplificação de *disport*, absorvido do francês *disport*, *desport*, *déport*, passatempo, recreação, distração, prazer, lazer – por isso, desporte, desporto, em português. Há diversas classificações para as práticas esportivas. As principais dividem os esportes em olímpicos ou não-olímpicos; profissionais ou amadores; de inverno ou de verão; ou atléticos, ginásticos, eqüestres, motorizados, com bola, de combate etc.

ATLETISMO

Praticado há quase 3 mil anos, deu origem aos jogos olímpicos gregos (uma homenagem aos deuses do Olimpo), às modernas olimpíadas – disputadas pela primeira vez na própria Grécia, em 1896 –, às maratonas de São Silvestre (São Paulo) e Nova York, aos *meetings* (encontros) internacionais, ao Pan-Americano e aos campeonatos mundiais, disputados de quatro em quatro anos. No último, o quarto, realizado em ago. de 1993, em Stuttgart, Alemanha (ver *Medalhas do Mundial/1993*), são quebrados quatro recordes: no masculino, 4 x 400 m (EUA) e 110 m com barreiras; no feminino, 400 m com barreiras e salto triplo. A China supera três recordes um mês depois, durante seu campeonato nacional em Pequim: 1.500 m, 3.000 m e 10.000 m. O Brasil volta de Stuttgart sem medalhas. O destaque é Carmen de Oliveira: fica em 11º nos 10.000 m, mas estabelece novo recorde sul-americano.

Medalhas do Mundial/1993

País*	Ouro	Prata	Bronze	Total
1º Estados Unidos	13	7	6	26
2º China	4	2	2	8
3º Rússia	3	8	5	16
4º Inglaterra	3	3	4	10
Quênia	3	3	4	10
6º Alemanha	2	2	4	8
7º Espanha	2	1	2	5
8º Cuba	2	1	0	3
9º Finlândia	1	2	0	3
10º Jamaica	1	1	3	5
11º Etiópia	1	1	1	3
Ucrânia	1	1	1	3
13º Namíbia	1	1	0	2
14º Argélia	1	0	1	2
Japão	1	0	1	2
16º Noruega	1	0	0	1
Suíça	1	0	0	1
Moçambique	1	0	0	1
Rep.Tcheca	1	0	0	1
Tadjiquistão	1	0	0	1
21º Itália	0	3	1	4
22º Bielorrússia	0	2	2	4
23º Austrália	0	1	0	1
Irlanda	0	1	0	1
Cazaquistão	0	1	0	1
Polônia	0	1	0	1
Portugal	0	1	0	1
Gâmbia	0	1	0	1

(*) Com, no mínimo, uma medalha de prata

Recordes masculinos

Prova	Brasileiro	Sul-Americano	Mundial	Olímpico
100m	Robson Caetano 10s00 - 22/7/88	Robson Caetano (Bra.) 10s00 - 31/5/87 e 22/7/88	Carl Lewis (EUA) 9s86 - 25/8/91	Carl Lewis (EUA) 9s92 - Seul, 24/9/88
200m	Robson Caetano 19s96 - 24/8/89	Robson Caetano (Bra.) 19s96 - 24/8/89	Pietro Mennea (Ita.) 19s72 - 17/9/79	Mike Marsh (EUA) 19s73 - Barcelona, 5/8/92
400m	Robson Caetano 45s06 - 19/5/91	Robson Caetano (Bra.) 45s06 - 19/5/91	Butch Reynolds (EUA) 43s29 - 17/8/88	Quincy Watts (EUA) 43s50 - Barcelona, 5/8/92
800m	Joaquim Cruz 1min45s77 - 26/8/84	Joaquim Cruz (Bra.) 1min45s77 - 26/8/84	Sebastian Coe (GBR) 1min41s71 - 10/6/81	Joaquim Cruz (Bra.) 1min43s00 - LA, 6/8/84
1.500m	Joaquim Cruz 3min34s63 - 14/8/88	Joaquim Cruz (Bra.) 3min34s63 - 14/8/88	Noureddine Morceli (Agl.) 3min28s86 - 5/9/92	Sebastian Coe (GBR) 3min32s53 - LA, 11/8/84
5.000m	Valdenor dos Santos 13min36s56 - 20/7/91	Antonio Silio (Arg.) 13min19s64 - 17/7/91	Said Aouita (Mar.) 12min58s39 - 22/7/87	Said Aouita (Mar.) 13min05s59 - LA, 11/8/84
10.000m	José João da Silva 28min9s59 - 13/6/84	Antonio Silio (Arg.) 27min46s54 - 25/6/91	Yobes Ondieki (Quê.) 26min58s38 - 10/7/93	Ibrahim Boutaib (Mar.) 27min11s46 - Seul, 26/9/88
110 c/b*	Lyndon J. Campos 13s65 - 22/7/88	Elvis Cedeño (Ven.) 13s60 - 22/7/88	Colin Jackson (GBR) 12s91- 20/8/93	Roger Kingson (EUA) 12s98 - Seul, 26/9/88
400 c/b*	Eronilde Araújo 49s10 - 3/8/92	Eronilde Araújo (Bra.) 49s10 - 3/8/92	Kevin Young (EUA) 46s78 - 6/8/92	Kevin Young (EUA) 46s78 - Barcelona, 6/8/92
3.000 c/b*	Clodoaldo L. Carmo 8min19s80 - 28/8/92	Clodoaldo L. Carmo (Bra.) 8min19s80 - 28/8/92	Moses Kiptanui (Quê.) 8min02s08 - 19/8/92	Julius Karsiuki (Quê.) 8min05s51 - Seul, 30/9/88
4 x 100m	Seleção 38s8 - 1º/5/84	Brasil 38s8 - 1º/5/84	EUA 37s40 - 8/8/92 e 21/8/93	EUA 37s40 - Barcelona, 8/8/92
4 x 400m	Seleção 3min1s38 - 7/8/92	Brasil 3min1s38 - 7/8/92	EUA 2min54s29 - 22/8/93	EUA 2min55s74 - Barcelona, 8/8/92
Altura	Cláudio Freire 2,25m - 10/10/82	Cláudio Freire (Bra.) e Fernando Pastoriza (Arg.) 2,25m - 10/10/82 e 23/7/88	Javier Sotomayor (Cuba) 2,45m - 27/7/93	Gennadi Avdêienko (URSS) 2,38m - Seul, 25/9/88

Distância	João C. de Oliveira 8,36m - 21/7/79	João C. de Oliveira (Bra.) 8,36m - 21/7/79	Mike Powell (EUA) 8,95m - 30/8/92	Bob Beamon (EUA) 8,90m - México, 18/10/68
Triplo	João C. de Oliveira 17,89m - 15/10/75	João C. de Oliveira (Bra.) 17,89m - 15/10/75	Willie Banks (EUA) 17,97m - 16/6/85	Mike Conley (EUA) 17,63m - Barcelona, 3/8/92
Vara	Tomas Hinthaus 5,76m - 21/8/85	Tomas Hinthaus (Bra.) 5,76m - 21/8/85	Serguêi Bubka (Ucr.) 6,15m - 21/2/93	Serguêi Bubka (URSS) 5,90m - Seul, 28/9/88
Peso	Adilson Oliveira 18,61m - 21/6/87	Gert Weil (Chl.) 20,90m - 17/8/86	Randy Barnes (EUA) 23,12m - 20/5/90	Ulf Timmermann (GBR) 22,47m - Seul, 23/9/88
Disco	José Araújo de Souza 60,26m - 28/4/90	Ramón G. Gauna (Par.) 62,14m - 11/5/91	Juregen Shult (Ale. Or.) 74,08m - 6/6/86	Mac Wilkins (EUA) 68,28m - Montreal, 24/7/76
Dardo	Ivan R. da Costa 67,26m - 2/5/92	Luis C. Lucumi (Col.) 77,80m - 7/8/89	Jan Zelezny (Tch.) 95m54 - 6/4/93	Jan Zelezny (Tch.) 89,66m - Barcelona, 8/8/92
Martelo	Celso J. de Moraes 65,50m - 9/12/78	Andres Charadia (Arg.) 74,38m - 6/6/92	Yuri Sedykh (URSS) 86,74m - 30/8/86	Serguêi Litvinov (URSS) 84,80m - Seul, 26/9/88
Decatlo	Pedro Silva Filho 8.266 pontos - 25/4/87	Tito Steiner (Arg.) e Pedro S. Filho (Bra.) 8.291 pts. - 23/6/83 e 26/4/87	Dan O'Brien (EUA) 8.891 pontos - 5/9/92	Daly Thompson (GBR) 8.847 pontos - LA, 8/9/84
Maratona	Osmiro de Souza 2h09min55 - 31/1/91	Osmiro de Souza (Bra.) 2h09min55 - 31/1/91	Belayneh Densimo (Eti.) 2h06min50s - 17/4/88	Carlos Lopes (Por.) 2h09min21 - LA, 12/8/84
Marcha 20	Marcelo Palma 1h21min30 - 15/6/91	Marcelo Palma (Bra.) 1h21min30 - 15/6/91	Stefan Johansson (Sué.) 1h18min35s02 - 15/5/92	José Pribiline (Tch.) 1h19min57 - Seul, 23/9/88
Marcha 50	Cícero S. de Moura 4h10min43 - 31/5/92	Maurício Cortez (Col.) 4h17min11 - 16/11/86	Andrei Perlov (URSS) 3h37min41 - 25/5/89	Viacheslav Ivanenko (URSS) 3h38min29 - Seul, 30/9/88

Recordes femininos

Prova	Brasileiro	Sul-Americano	Mundial	Olímpico
100m	Esmeralda Freitas 11s31 - 24/8/83	Jennifer Innis (Gui.) 11s26 - 15/7/84	Florence G. Joyner (EUA) 10s49 - 16/7/88	Florence G. Joyner (EUA) 10s54 - Seul, 25/9/88
200m	Maria M. Figueiredo 22s99 - 7/9/88	Ximena Restrepo (Col.) 22s04 - 22/7/91	Florence G. Joyner (EUA) 21s34 - 29/9/88	Florence G. Joyner (EUA) 21s34 - Seul, 29/9/88
400m	Maria M. Figueiredo 50s62 - 21/8/90	Ximena Restrepo (Col.) 49s64 - 5/8/92	Marita Koch (Ale.Or.) 47s60 - 6/10/85	Olga Bryzgina (URSS) 48s65 - Seul, 6/9/88
800m	Maria M. Figueiredo 1min59s53 - 17/7/91	Leticia Vriesde (Sur.) 1min57s36 - 28/6/92	Jarmila Kratochvilova (Tch.) 1min53s28 - 26/7/83	Nadezda Olizarenko (URSS) 1min53s48 - Moscou, 27/7/80
1.500m	Soraya Vieira Telles 4min10s07 - 28/6/88	Leticia Vriesde (Sur.) 4min05s67 - 31/8/91	Qu Yunxia (Chn.) 3min50s46 - 11/9/93	Paula Ivan (Rom.) 3min53s27 - Seul, 1°/10/88
3.000m	Carmen de Oliveira 9min08s83 - 29/6/90	Carmen de Oliveira (Bra.) 9min08s83 - 29/6/90	Wang Junxia (Chn.) 8min06s11 - 13/9/93	Tayana Samolenko (URSS) 8min26s53 - Seul, 25/9/88
10.000m	Carmen de Oliveira 31min47s76 - 21/8/93	Carmen de Oliveira (Bra.) 31min47s76 - 21/8/93	Wang Junxia (Chn.) 29min31s78 - 8/9/93	Olga Bondarenko (URSS) 31min05s21 - Seul, 24/9/88
100 c/b*	Juraciara P. da Silva 13s52 - 6/7/83	Nancy Vallecila (Equ.) 13s16 - 13/8/87	Yordanka Donkova (Bul.) 12s21 - 21/8/88	Yordanka Donkova (Bul.) 12s38 - Seul, 30/9/88
400 c/b*	Maria do C. Bortolocci 57s20 - 13/6/87	Liliana Chala (Equ.) 57s12 - 24/7/88	Sally Gunnell (GBR) 52s74 - 19/8/93	Debbie F. King (Aut.) 53s17 - Seul, 28/9/88
4 x 100m	Seleção 44s60 - 15/9/90	Brasil 44s60 - 15/9/90	Alemanha Or. 41s37 - 6/10/85	Alemanha Or. 41s60 - Moscou, 1°/8/80
4 x 400m	Seleção 3min29s21 - 24/7/88	Brasil 3min29s21 - 24/7/88	URSS 3min15s17 - 1°/10/88	URSS 3min15s17 - Seul, 1°/10/88
Altura	Orlane dos Santos 1,92m - 11/8/89	Orlane dos Santos (Bra.) 1,92m - 11/8/89	Stefka Kostadinova (Bul.) 2,09m - 30/8/87	Lovise Ritter (EUA) 2,03m - Seul, 30/9/88
Distância	Esmeralda F. Garcia 6,57m - 31/5/85	Jennifer Innis (Gui.) 6,82m - 14/8/82	Galina Chistyakova (URSS) 7,52m - 11/6/88	Jackie Joyner-Kersee (EUA) 7,40 m - Seul, 29/9/88
Peso	Elisângela M. Adriano 17,09m - 19/4/92	Elisângela M. Adriano (Bra.) 17,36m - 9/5/92	Natalia Lisovskaya (URSS) 22,63m - 7/6/87	Ilona Slupianek (Ale. Oc.) 22,41m - Moscou, 24/7/80
Disco	Fátima A. Germano 53,90m - 30/5/92	Maria Isabel Urrutia (Col.) 57,08m - 10/8/87	Gabriele Reinsch (Ale. Or.) 76,80m - 9/7/88	Martina Helmann (Ale. Or.) 72,30m - Seul, 29/9/88
Dardo	Sueli P. dos Santos 60,34m - 15/5/88	Sueli P. Santos (Bra.) 60,34m - 15/5/88	Petra Felke (Ale. Or.) 79,98m - 9/9/88	Petra Felke (Ale. Or.) 74,68m - Seul, 26/9/88
Heptatlo	Orlane dos Santos 5.608 pontos - 15/6/91	Orlane dos Santos (Bra.) 5.608 pontos - 15/6/91	Jackie Joyner-Kersee (EUA) 7.291 - 24/9/88	Jackie Joyner-Kersee (EUA) 7.291 - Seul, 24/9/88
Maratona	Janete Mayal 2h31min27s - 29/9/91	Janete Mayal (Bra.) 2h31min27s - 29/9/91	Ingrid Kristiansen (Nor.) 2h21min06s - 21/4/85	Joan Benoit (EUA) 2h24min52s - 4/8/84

(*) Com barreiras

Campeões da São Silvestre

Ano	Vencedor	País	Distância*	Tempo
1947	Oscar Moreyra (1)	Uruguai	7.000	21min45s0
1948	Raul Inostroza	Chile	7.000	22min06s1
1949	Viljo Heino	Finlândia	7.300	22min37s8
1950	Lucien Theys	Bélgica	7.300	22min37s8
1951	Erik Kruczilky	Alemanha	7.300	22min26s5
1952	Franjo Mihalic	Iugoslávia	7.300	21min38s4
1953	Emil Zatopek	Tcheco-Esl.	7.300	20min30s4
1954	Franjo Mihalic	Iugoslávia	7.400	21min51s0
1955	Kenneth Norris	Inglaterra	7.400	22min12s2
1956	Manuel Faria	Portugal	7.300	21min58s9
1957	Manuel Faria	Portugal	7.400	21min37s4
1958	Osvaldo Suárez	Argentina	7.400	21min40s3
1959	Osvaldo Suárez	Argentina	7.400	21min55s8
1960	Osvaldo Suárez	Argentina	7.400	22min02s1
1961	Martin Hyman	Inglaterra	7.400	21min14s7
1962	Hamoud Ameur	França	7.400	22min08s2
1963	Henri Clerck	Bélgica	7.400	21min55s4
1964	Gaston Roeiants	Bélgica	7.400	21min37s7
1965	Gaston Roelants	Bélgica	7.400	21min20s1
1966	Álvaro Meila Flores	Colômbia	9.200	29min57s7
1967	Gaston Roelants	Bélgica	8.700	24min51s2
1968	Gaston Roelants	Bélgica	8.700	24min32s9
1969	Juan Martinez	México	8.700	24min02s3
1970	Frank Shorter	EUA	8.900	23min51s4
1971	Rafael Palomares	México	8.900	24min27s4
1972	Victor Mora	Colômbia	8.900	23min24s2
1973	Victor Mora	Colômbia	8.900	23min25s2
1974	Rafael Angel Pérez	Costa Rica	8.900	23min58s0
1975	Victor Mora	Colômbia	8.900	23min13s2
1976	Edmundo Wamke	Chile	8.900	23min50s8
1977	Domingo Tibedulza	Colômbia	8.900	23min55s0
1978	Radouane Bouster	França	8.900	23min51s6
1979	Herbert Lindsay	EUA	9.000	23min26s5
1980	**José João da Silva**	**Brasil**	**8.900**	**23min40s3**
1981	Victor Mora	Colômbia	8.900	23min30s2
1982	Carlos Lopes	Portugal	13.548	39min41s5
1983	**João da Mata**	**Brasil**	**12.900**	**37min39s19**
1984	Carlos Lopes	Portugal	12.640	36min43s79
1985	**José João da Silva**	**Brasil**	**12.640**	**36min48s96**
1986	Rolando Vera	Equador	12.640	36min46s0
1987	Rolando Vera	Equador	13.000	39min02s0
1988	Rolando Vera	Equador	12.600	36min24s77
1989	Rolando Vera (2)	Equador	12.640	36min45s0
1990	Arturo Barrios	México	12.640	35min58s0
1991	Arturo Barrios	México	15.000	44min04s0
1992	Simon Chemwoyo	Quênia	15.000	44min08s0
1993	Simon Chemwoyo	Quênia	15.000	43min20s0

(*) A distância é em metros. (1) A partir desse ano, torna-se internacional. (2) A partir desse ano, é realizada durante o dia

AUTOMOBILISMO

Esporte das corridas de automóvel, de diversas categorias e modalidades: dos ralis aos campeonatos mundiais de Fórmula 1, Fórmula 3000 ou Fórmula Indy. A primeira grande corrida de carros com motor a explosão é realizada em 13/6/1895, no circuito Paris–Bordeaux–Paris, de 1.280 km, vencida por Émile Levassor.

Fórmula 1

O principal campeonato mundial de pilotos, transformado a partir de 1966 na atual Fórmula 1, começa a ser disputado em 1950. Em 44 anos, vencem mais vezes: Juan Manuel Fangio (Arg.), com cinco títulos; Alain Prost (Fra.), quatro; **Ayrton Senna (Bra.)**, Jack Brabham (Aut.), Jackie Stewart (Esc.), **Nélson Piquet (Bra.)**, Nick Lauda (Áus.), três. Os pilotos brasileiros têm o maior número de títulos (8), seguidos pelos ingleses (6). A partir de 1958, é disputado o mundial de Construtores. O campeonato de Fórmula tem dezesseis etapas ou *grands prix* (GPs).

CAMPEÕES DE TODOS OS TEMPOS

Pilotos – 1950: Giuseppe Farina (Itá.), Alfa-Romeo. 1951: Juan Manuel Fangio (Arg.), Alfa-Romeo. 1952/53: Alberto Ascari (Itá.), Ferrari. 1954: Juan Manuel Fangio, Mercedes-Maserati. 1955: Juan Manuel Fangio, Mercedes. 1956: Juan Manuel Fangio, Lancia-Ferrari. 1957: Juan Manuel Fangio, Maserati. 1958: Mike Hawthorn (GBR), Ferrari. 1959/60: Jack Brabham (Aut.), Cooper-Climax. 1961: Phil Hill (EUA), Ferrari. 1962: Graham Hill (GBR), BRM. 1963: Jim Clark (Esc.), Lotus-Climax. 1964: John Surtees (GBR), Ferrari. 1965: Jim Clark, Lotus-Climax. 1966: Jack Brabham, Brabham-Repco. 1967: Dennis Hulme (N. Zel.), Brabham-Repco. 1968: Graham Hill, Lotus-Ford. 1969: Jackie Stewart (Esc.), Matra-Ford. 1970: Jochen Rindt (Áus.)*, Lotus-Ford. 1971: Jackie Stewart, Tyrrell-Ford. 1972: Emerson Fittipaldi (Bra.), Lotus-Ford. 1973: Jackie Stewart, Tyrrell-Ford. 1974: Emerson Fittipaldi, McLaren-Ford. 1975: Niki Lauda (Áus.), Ferrari. 1976: James Hunt (GBR), McLaren-Ford. 1977: Niki Lauda, Ferrari. 1978: Mario Andretti (EUA), Lotus-Ford. 1979: Jody Scheckter (Áfr. S.), Ferrari. 1980: Alan Jones (Aut.), Williams-Ford. 1981: Nélson Piquet (Bra.), Brabham-Ford. 1982: Keke Rosberg (Fin.), Williams-Ford. 1983: Nélson Piquet, Brabham-BMW. 1984: Niki Lauda, McLaren-Tag. 1985/86: Alain Prost (Fra.), McLaren-Honda. 1987: Nélson Piquet, Williams. 1988: Ayrton Senna (Bra.), McLaren-Honda. 1989: Alain Prost, McLaren-Honda. 1990/91: Ayrton Senna, McLaren-Honda. 1992: Nigel Mansell (GBR), Williams-Renault. 1993: Alain Prost (Fra.), Williams-Renault.

(*) Título póstumo (morreu em Monza, Itá., em 5/9/1970)

Construtores – 1958: Vanwall. 1959/60: Cooper. 1961: Ferrari. 1962: BRM. 1963: Lotus. 1964: Ferrari. 1965: Lotus. 1966/67: Brabham. 1968: Lotus. 1969: Matra. 1970: Lotus. 1971: Tyrrell. 1972/73: Lotus. 1974: McLaren. 1975–1977: Ferrari. 1978: Lotus. 1979: Ferrari. 1980/81: Williams. 1982/83: Ferrari. 1984/85: McLaren. 1986/87: Williams. 1988/1991: McLaren. 1992/93: Williams.

Pilotos que disputaram mais GPs – Riccardo Patrese (Itá.), 240; **Nélson Piquet (Bra.)**, 204; Alain Prost (Fra.), 199; Andrea de Cesaris (Itá.), 196; Nigel Mansell (GBR), 181.

Pilotos que acumularam mais pontos – Alain Prost (Fra.), 798,5; Ayrton Senna (Bra.), 614; **Nélson Piquet (Bra.)**, 485,5; Nigel Mansell (GBR), 469.

Pilotos com melhor média de pontos por GP – Juan Manuel Fangio (Arg.), 5,44; Alain Prost (FRA), 4,0.

Pilotos com maior número de pole positions – **Ayrton Senna (Bra.)**, 62; Alain Prost (Fra.) e Jim Clark (Esc.), 33; Nigel Mansell (GBR), 31; Juan Manuel Fangio (Arg.), 28.

Pilotos que mais subiram ao pódio – Alain Prost (Fra.), 106; Ayrton Senna (Bra.), 80; **Nélson Piquet (Bra.)**, 60.

CLASSIFICAÇÃO DA TEMPORADA 1993

Pilotos – 1º Alain Prost (Fra.), Williams-Renault, 99 pontos. 2º **Ayrton Senna (Bra.)**, McLaren-Ford, 73. 3º Damon Hill (GBR), Williams-Renault, 69. 4º Michael Schumacher (Ale.), Benetton-Ford, 52. 5º Riccardo Patrese (Itá.), Benetton-Ford, 20. 6º Jean Alesi (Fra.), Ferrari, 16. 7º Martin Brundle (GBR), Ligier-Renault, 13. 8º Gerhard Berger (Áus.), Ferrari, 12. 9º Johnny Herbert (GBR), Lotus-Ford, 11. 10º Mark Blundell (GBR), Ligier-Renault, 10. 11º Michael Andretti (EUA), McLaren-Ford, e Karl Wendlinger (Fra.), Sauber, 7. 13º J.J. Lehto (Fin.), Sauber e **Christian Fittipaldi (Bra.)**, Minardi-Ford, 5. 15º Derek Warwick (GBR), Footwork-Mugen, e Mika Hakkinen (Fin.), McLaren-Ford, 4. 17º Philippe Alliot (Fra.), Minardi-Ford; Fabrizio Barbazza (Itá.), Minardi-Ford, e **Rubens Barrichello (Bra.)**, Jordan-Hart, 2. 20º Alessandro Zanardi (Itá.), Lotus-Ford; Eric Comas (Fra.), Larrousse-Lamborghini, e Eddie Irvine (Irl.), Jordan-Hart, 1.

Construtores – 1º Williams, 168 pontos; 2º McLaren, 84; 3º Benetton, 72; 4º Ferrari, 28; 5º Ligier, 23; 6º Lotus e Sauber, 12; 8º Minardi, 7; 9º Footwork, 4; 10º Larrousse e Jordan, 3.

BASQUETE

Basquetebol, ou simplesmente basquete, do inglês *basketball* (*basket*, cesto, cesta; *ball*, bola), também conhecido no passado como bola-ao-cesto, é inventado em 1891, nos EUA, pelo canadense James Naismith a pedido da YMCA (Young Men's Christian Association, Associação Cristã de Moços, ACM), de Massachusetts. O objetivo era criar um esporte menos violento que o futebol americano (derivado do *rugby*) e o beisebol, e que pudesse ser praticado no inverno, em espaços fechados. É um dos três esportes mais populares dos EUA, junto com o beisebol e o futebol americano.

Campeonato da NBA

Principal competição do basquete, o campeonato profissional da NBA (National Basketball Association) é disputado desde 1947. O maior cestinha, em média de pontos por partida, é Michael Jordan, que encerra sua carreira em 1993, no Chicago Bulls: faz 19.000 pontos em 589 partidas, atingindo a média de 32,2 pontos. A grande vitoriosa, em 47 anos de disputa, é a equipe Boston Celtics, com dezesseis títulos. Os três últimos campeonatos (1991, 1992, 1993) são conquistados pelo Chicago Bulls, que tem agora um total de oito títulos. Em 1993, vai à final contra o Phoenix Sun, em seis partidas: 100 x 92, 111 x 108, 121 x 129, 111 x 105, 98 x 108 e 99 x 98.

CAMPEÕES DE TODOS OS TEMPOS

1947: Philadelphia. 1948: Baltimore. 1949/50: Minneapolis. 1951: Rochester. 1952–1954: Minneapolis. 1955: Syracuse. 1956: Philadelphia. 1957: Boston. 1958: St. Louis. 1959–1966: Boston. 1967: Philadelphia. 1968, 1969: Boston. 1970: New York. 1971: Milwaukee. 1972: Los Angeles. 1973: New York. 1974: Boston. 1975: Golden State. 1976: Boston. 1977: Portland. 1978: Washington. 1979: Seattle. 1980: Los Angeles. 1981: Boston. 1982: Los Angeles. 1983: Philadelphia. 1984: Boston. 1985: Los Angeles. 1986: Boston. 1987/88: Los Angeles. 1989/90: Detroit. 1991–1993: Chicago.

Os cestinhas* – 1947: Joe Fulks, Philadelphia, 23,2; 1948: Max Zaslofsky, Chicago, 21,0. 1949: George Mikan, Minneapolis, 28,3. 1950: George Mikan, Minneapolis, 27,4. 1951: George Mikan, Minneapolis, 28,4. 1952: Paul Arizin, Philadelphia, 25,4. 1953: Neil Johnson, Philadelphia, 22,3. 1954: Neil Johnson, Philadelphia, 24,4. 1955: Neil Johnson, Philadelphia, 22,7. 1956: Bob Pettit, St. Louis, 25,7. 1957: Paul Arizin, Philadelphia, 25,6. 1958: George Yardley, Detroit, 27,8. 1959: Bob Pettit, St. Louis, 29,2. 1960: Wilt Chamberlain, Philadelphia, 37,9. 1961: Wilt Chamberlain, Philadelphia, 38,4. 1962: Wilt Chamberlain, Philadelphia, 50,4. 1963: Wilt Chamberlain, San Francisco, 44,8. 1964: Wilt Chamberlain, San Francisco, 36,5. 1965: Wilt Chamberlain, San Francisco-Philadelphia, 34,7. 1966: Wilt Chamberlain, Philadelphia, 33,5. 1967: Rick Barry, San Francisco, 35,6. 1968: Dave Bing, Detroit, 27,1. 1969: Elvin Hayes, San Diego, 28,4. 1970: Jerry West, Los Angeles, 31,2. 1971: Lew Alcindor, Milwaukee, 31,7. 1972: Kareem Abdul-Jabbar (1), Milwaukee, 34,8. 1973: Nate Archibald, Kansas City-Omaha, 34,0. 1974: Bob McAdoo, Buffalo, 30,6. 1975: Bob McAdoo, Buffalo, 34,5. 1976: Bob McAdoo, Buffalo, 31,1. 1977: Pete Maravich, New Orleans, 31,1. 1978: George Gervin, San Antonio, 27,1. 1979: George Gervin, San Antonio, 27,2. 1980: George Gervin, San Antonio, 29,6. 1981: Adrian Dantley, Utah, 30,7. 1982: George Gervin, San Antonio, 32,3. 1983: Alex English, Denver, 28,4. 1984: Adrian Dantley, Utah, 30,6. 1985: Bernard King, New York, 32,9. 1986: Dominique Wilkins, Atlanta, 30,3. 1987: Michael Jordan, Chicago, 37,1. 1988: Michael Jordan, Chicago, 35,0. 1989: Michael Jordan, Chicago, 32,5. 1990: Michael Jordan, Chicago, 33,6. 1991: Michael Jordan, Chicago, 31,5. 1992: Michael Jordan, Chicago, 30,1. 1993: Michael Jordan, Chicago, 32,6.

(*) Média de pontos por jogo na temporada

(1) Nome de Lew Alcindor após converter-se ao islamismo

Campeonatos mundiais

SELEÇÕES*

Masculino – 1950, Buenos Aires (Arg.): Argentina. 1954, Rio de Janeiro: EUA. 1959, Santiago (Chl.): Brasil. 1963, Rio de Janeiro: Brasil. 1967, Montevidéu (Uru.): URSS. 1970, Liubliana (Iug.): Iugoslávia. 1974, San Juan (Porto Rico): URSS. 1978, Manilha (Fil.): Iugoslávia. 1982, Bogotá (Col.): URSS. 1986, Madri (Esp.): EUA. 1990, Buenos Aires (Arg.): Iugoslávia.

Feminino – 1953, Santiago (Chl.): EUA. 1957, Rio de Janeiro: EUA. 1959, Moscou (URSS): URSS. 1964, Lima (Peru): URSS. 1967, Praga (Tch.): URSS. 1971, São Paulo: URSS. 1975, Cáli (Col.): URSS. 1979, Seul (Cor.): EUA. 1983, São Paulo: URSS. 1986, Moscou (URSS): EUA. 1990, Cuala Lumpur (Malaísia): EUA.

(*) Ano, local e campeão

INTERCLUBES

Masculino – 1966: Ignis Varese (Itá.). 1967 a 1969: Goodyear (EUA). 1970: Ignis Varese (Itá.). 1971: não realizado. 1972: Sel. Univ. (EUA). 1973: Ignis Varese (Itá.). 1974 (1): Maryland University (EUA). 1975: Birra Fort Cantu (Itá.). 1976–1978: Real Madrid (Esp.). 1979: Sírio (Bra.). 1980: Macabi de Tel Aviv (Isr.). 1981: Real Madrid (Esp.). 1982: Birra Fort Cantu (Itá.). 1983: Obras Sanitarias (Arg.). 1984: Banco di Roma (Itá.). 1985: Barcelona (Esp.). 1986: Jauquiris Kaunas (URSS). 1987: Tracer Milano (Itá.).

Feminino – 1991: Consteca-Sedox-Sorocaba (Bra.). 1992: Dorna (Esp.). 1993: Nossa Caixa/Ponte Preta (Bra.).

(1) A partir desse ano, passa a ser conhecido também como Copa William Jones. Não é disputado desde 1987

Campeonatos sul-americanos

SELEÇÕES

Masculino – 1930, 1932: Uruguai. 1934/35: Argentina. 1937: Chile. 1938: Peru. 1939: Brasil. 1940: Uruguai. 1941/42: Argentina. 1943: Argentina, Peru e Uruguai. 1945: Brasil. 1947/48, 1953: Uruguai. 1955: Paraguai e Uruguai. 1958, 1960/61, 1963: Brasil. 1966: Argentina. 1968: Brasil. 1969: Uruguai. 1971, 1973: Brasil. 1976: Argentina. 1977: Brasil. 1979: Argentina. 1981: Uruguai. 1983, 1985: Brasil. 1987: Argentina. 1989: Brasil. 1991: Venezuela. 1993: Brasil.

Feminino – 1946: Chile. 1948: Argentina. 1950: Chile. 1952: Paraguai. 1954: Brasil. 1956: Chile. 1958: Brasil. 1960: Chile. 1962: Paraguai. 1965, 1967/68, 1970, 1972, 1974: Brasil. 1977: Peru. 1978, 1981: Brasil. 1984: Colômbia. 1986, 1989, 1991, 1993: Brasil.

INTERCLUBES

Masculino – 1967: Tomas-Bata (Chl.). 1968: Sírio (Bra.). 1969: Corinthians (Bra.). 1970 – 1972: Sírio (Bra.). 1973: não realizado. 1974/75: Amazonas (Bra.). 1976: não realizado. 1977: Amazonas Franca (Bra.). 1978/79: Sírio (Bra.). 1980: Francana (Bra.). 1981/82: Ferro Carril (Arg.). 1983: Peñarol (Uru.). 1984: Sírio (Bra.). 1985/86: Monte Líbano (Bra.). 1987: Ferro Carril (Arg.). 1988/89: Trotamundos (Ven.). 1990/91: Ravelli Franca (Bra.). 1992: Biguá (Uru.). 1993: Atenas (Arg.).

Feminino – 1981: Higienópolis (Bra.). 1982: não realizado. 1983/84: Prudentina (Bra.). 1985: não realizado. 1986: Unimep (Bra.). 1987: Unimep-BCN (Bra.). 1988: não realizado. 1989: BCN (Bra.). 1990: Perdigão Divino (Bra.). 1991: BCN (Bra.). 1992: Unimed (Bra.). 1993: Leite Moça (Bra.).

Campeonato brasileiro

Masculino – 1965/66: Corinthians (SP). 1967: Botafogo (RJ). 1968: Sírio (SP). 1969: Corinthians (SP). 1970: Sírio (SP). 1971: não realizado. 1972: Sírio (SP). 1973: Vila Nova (MG). 1974: Emmanuel de Franca (SP). 1975/76: não

realizado. **1977:** Palmeiras (SP). **1978/79:** Sírio (SP). **1980:** Francana (SP). **1981(1):** Tênis São José (SP), em jan.; Francana (SP), em abr. **1982:** Monte Líbano (SP). **1983:** Sírio (SP). **1984, 1985, 1986, 1987:** Monte Líbano (SP). **1988:** Sírio (SP). **1989/90:** Ravelli Franca (SP). **1991:** CESP de Rio Claro (SP). **1992:** All-Star de Franca (SP).

(1) Realizados dois torneios no mesmo ano

Feminino – **1984:** Prudentina (SP). **1985/86:** Unimep (SP). **1987:** Minercal (SP). **1988:** BCN (SP). **1989:** Perdigão Divino (SP). **1990:** BCN (SP). **1991:** Consteca-Sedox de Sorocaba (SP). **1992:** Leite Moça (SP).

BOXE

Os primeiros registros conhecidos de combates "esportivos" travados com os punhos são da Grécia Antiga. O pugilato (do latim *pugilatus*, luta com os punhos, de *pugil*, dado a brigas) surge supostamente em Esparta, onde guerreiros, protegendo-se com um escudo na mão esquerda, trocam socos com a direita, para treinar os movimentos reais de combate, com espada. O exercício dá origem ao pancrácio, uma espécie de vale-tudo baseado no pugilato e praticado pela primeira vez, oficialmente, na 25ª Olimpíada (652 a.C.). Por volta do séc. IV a.C., as mãos são envolvidas com tiras de couro. Em Roma, essas bandagens são cobertas com pequenas bolas de metal, e o combate só acaba com a morte de um dos lutadores.

Boxe contemporâneo – Pode-se considerar que o boxe contemporâneo (do francês *boxe* e do inglês *box*, golpe, soco, e *to box*, bater, lutar com os punhos), ou pugilismo, começa nos EUA, entre 1889, quando se disputa a última luta com os punhos nus, e 1892, ano da primeira luta com luvas semelhantes às atuais. John Lawrence Sullivan, campeão mundial desde 1885, participa dos dois embates: vence o primeiro enfrentando Jake Kilrain e perde o segundo para James Jim Corbett – campeão até 1897.

O boxe é disputado hoje em doze categorias, de acordo com o peso dos boxeadores: mosca-ligeiro, mosca, galo, pena, leve-ligeiro, leve, meio-médio ligeiro, meio-médio, médio-ligeiro, médio, meio-pesado e pesado. Existem três entidades internacionais que organizam o boxe: Associação Mundial de Boxe (AMB), Conselho Mundial de Boxe (CMB), Federação Internacional de Boxe (FIB).

Éder Jofre é o único brasileiro campeão mundial, e em duas categorias: galo (1961) e pena (1973). O peso pesado Adilson Maguila, campeão sul-americano, chega em 1992 ao primeiro lugar no *ranking* do CMB e luta com Evander Holyfield, que derrota o brasileiro por nocaute no 1º *round* e mantém o título mundial – perdido no mesmo ano para Riddick Bowe e recuperado em 1993, em revanche com Bowe. Holyfield encerra o ano como detentor do cinturão de campeão mundial em duas versões (AMB e FIB), preparando-se para enfrentar Lennox Lewis, declarado campeão pelo CMB no início de 1993, quando Riddick Bowe desiste de lutar com Lewis por não aceitar as bolsas (prêmios em dinheiro) oferecidas pelos promotores.

CAMPEÕES MUNDIAIS DE PESO PESADO

1885 – 1892: John L. Sullivan. **1892 – 1897:** James J. Corbett. **1897 – 1899:** Bob Fitssimons. **1899 – 1905:** James J. Jeffries. **1905/06:** Marvin Hart. **1906 – 1908:** Tommy Burns. **1908 – 1915:** Jack Johnson. **1915 – 1919:** Jess Willard. **1919 – 1926:** Jack Dempsey. **1926 – 1928:** Gene Tunney. **1930 – 1932:** Max Schmeling. **1932/33:** Jack Sharey. **1933/34:** Primo Carnera. **1934/35:** Max Beer. **1935 – 1937:** James J. Braddock. **1937 – 1949:** Joe Louis. **1949 – 1951:** Ezzard Charles. **1951/52:** Jersey Joe Walcott. **1952 – 1956:** Rocky Marciano. **1956 – 1959:** Floyd Patterson. **1959/60:** Ingemar Johansson. **1960 – 1962:** Floyd Patterson. **1962 – 1964:** Sonny Liston. **1964 – 1970:** Cassius Clay (Muhammed Ali). **1965 – 1967:** Ernie Terrell (AMB). **1968 – 1970:** Joe Frazier. **1968 – 1970:** Jimmy Ellis (AMB). **1970 – 1973:** Joe Frazier. **1973/74:** George Foreman. **1974 – 1978:** Muhammad Ali. **1978:** Leon Spinks. **1978:** Ken Norton (CMB). **1978 – 1980:** Larry Holmes (CMB). **1978/79:** Muhammad Ali. **1979/80:** John Tate (AMB). **1980 – 1982:** Mike Weaver (AMB). **1980 – 1985:** Larry Holmes. **1982/83:** Michael Dokes (AMB). **1983/84:** Gerrie Coetzee (AMB). **1984:** Tim Witherspoon (CMB). **1984 – 1986:** Pinklon Thomas (CMB). **1984/85:** Greg Page (AMB). **1985:** Tony Tubbs (AMB). **1985:** Michael Spinks (FIB). **1985 – 1987:** Michael Spinks. **1986:** Tim Witherspoon (AMB) e Trevor Berbick (CMB). **1986/87:** Mike Tyson (CMB), James Smith (AMB). **1987:** Tony Tucker (FIB). **1987 – 1990:** Mike Tyson (CMB, AMB, FIB). **1990:** Buster Douglas (CMB, AMB, FIB). **1990 – 1992:** Evander Holyfield (CMB, AMB, FIB). **1992/93:** Riddick Bowe (CMB, AMB, FIB). **1993:** Evander Holyfield (AMB e FIB) e Lennox Lewis (CMB).

FUTEBOL

Do inglês *football* (*foot*, pé; *ball*, bola), é antecedido por muitos jogos praticados com os pés, pelo menos desde a Antiguidade. O futebol moderno é criado a partir de 1863, na Inglaterra, como *football association*, distinguindo-se do *rugby football*, jogado basicamente com as mãos e origem do futebol americano, *football*. *Calcio* na Itália, *soccer* (redução de *association*) nos EUA, foi durante muito tempo um esporte exclusivo das elites.

No Brasil – Há registros de jogos improvisados no país desde cerca de 1870. Mas é a partir do trabalho de Charles Miller que o esporte começa a ser de fato difundido. Nascido em 1874, no Brás, zona Leste de São Paulo, e filho de pai inglês e mãe brasileira, estudou na Inglaterra (1884–1894). Voltou com as regras, duas bolas de couro e uniformes para organizar os primeiros jogos na várzea do Carmo (Brás), entre ingleses e brasileiros da Companhia de Gás, do London Bank e da São Paulo Railway, e depois entre sócios do São Paulo Athletic Club e da Associação Atlética Mackenzie College. O Sport Club Rio Grande (Rio Grande, RS) é considerado oficialmente pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) o clube mais antigo, fundado especialmente para o futebol, em 24/6/1900, 48 dias antes da fundação da Associação Atlética Ponte Preta (Campinas, SP), em 11/8. O Fluminense Futebol Clube, mais antigo do Rio, surge em 1902.

Em 1901 é fundada a primeira entidade, a Liga Paulista de Futebol, formada pelo São Paulo Atlhetic, o Mackenzie, o Sport Clube Internacional e o Sport Club Germânia. Em 1902 é disputado o primeiro campeonato oficial; o primeiro campeonato carioca é de 1906. De 1923 a 1963, seleções estaduais se enfrentam no primeiro campeonato brasileiro, vencido pelo Rio (então Distrito Federal), 13 vezes; São Paulo, 9; Bahia, 1; Minas, 1.

Entidades internacionais – A primeira entidade organizadora do futebol na Inglaterra é a Football Association (FA), de 1863; a segunda, a International Football Association Board, de 1886, reunindo as quatro grandes entidades do Reino Unido – da Inglaterra, Escócia, Irlanda e de Gales. Em 1904, sem os britânicos, que preferem o isolamento, surge em Paris (hoje sediada em Zurique) a Fédération Internationale de Football Association (FIFA), fundada por sete países: França, Espanha, Bélgica, Suíça, Holanda, Dinamarca e Suécia. A estes se juntam, em 1905, Alemanha, Áustria, Itália, Hungria e Inglaterra. Os ingleses se desfiliam em 1919, voltam em 1924, saem outra vez em 1929, até a filiação definitiva, em 1946. Em 1974, João Havelange, ex-presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), atual CBF, é eleito presidente da FIFA e reeleito em 1978, 1982, 1986 e 1990.

Copa do Mundo

Em 1930, a FIFA, dirigida pelo francês Jules Rimet, organiza a primeira Copa do Mundo de seleções, em Montevidéu, Uruguai. Só treze países se inscrevem: Uruguai, Argentina, México, Chile, Brasil, Peru, Bolívia, Paraguai, Estados Unidos, Iugoslávia, França, Bélgica e Romênia. Os outros países europeus deixaram de participar por causa da distância. O Uruguai fica com o primeiro

título, jogando com Ballesteros, Nasazzi, Mascheroni, Andrade, Fernández, Gestido, Dorado, Scarone, Castro, Cea e Iriarte. Integram ainda a "Celeste" (por causa da cor azul-clara das camisas) Tejera, Urdinaram, Petrone e Anselmo. Os uruguaios vencem a Argentina na final por 4 x 2.

Ranking de todas as copas*

	País	PG[1]	J	V	E	D	GP	GC	NP
1°	**Brasil**	**99**	**66**	**44**	**11**	**11**	**148**	**65**	**14**
2°	Alemanha Ocid.	93	68	39	15	14	145	90	12
3°	Itália	74	54	31	12	11	89	54	12
4°	Argentina	57	48	24	9	15	82	59	10
5°	Inglaterra	48	41	18	12	11	55	38	9
6°	Uruguai	38	37	15	8	14	61	52	9
7°	URSS	36	31	15	6	10	53	34	7
8°	França	35	34	15	5	14	71	56	9
9°	Iugoslávia	35	33	14	7	12	55	42	8
10°	Hungria	33	32	15	3	14	87	57	9
11°	Espanha	33	32	13	7	12	43	38	8
12°	Polônia	31	25	13	5	7	39	29	5
13°	Suécia	28	31	11	6	14	51	52	8
14°	Tcheco-Eslov.	27	30	11	5	14	44	45	8
15°	Áustria	26	26	12	2	12	40	43	6
16°	Holanda	22	20	8	6	6	35	24	5
17°	Bélgica	18	25	7	4	14	33	49	8
18°	México	18	29	6	6	17	27	64	9
19°	Chile	17	21	7	3	11	26	32	6
20°	Escócia	14	20	4	6	10	23	35	7
21°	Portugal	12	9	6	0	3	19	12	2
22°	Suíça	12	18	5	2	11	28	44	6
23°	Peru	11	15	4	3	8	19	31	4
24°	Irlanda do N.	11	13	3	5	5	13	23	3
25°	Paraguai	10	11	3	4	4	16	25	4
26°	Camarões	9	8	3	3	2	8	10	2
27°	Romênia	9	12	3	3	6	16	20	5
28°	Dinamarca	6	4	3	0	1	10	6	1
29°	EUA	6	10	3	0	7	14	29	4
30°	Alemanha Or.	6	6	2	2	2	5	5	1
31°	Bulgária	6	16	0	6	10	11	35	5
32°	Argélia	5	6	2	1	3	6	10	2
33°	País de Gales	5	5	1	3	1	4	4	1
34°	Marrocos	5	7	1	3	3	5	8	2
35°	Costa Rica	4	4	2	0	2	4	6	1
36°	Colômbia	4	7	1	2	4	9	15	2
37°	Eire	4	5	0	4	1	2	3	1
38°	Tunísia	3	3	1	1	1	3	2	1
39°	Coréia do N.	3	4	1	1	2	5	9	1
40°	Cuba	3	3	1	1	1	5	12	1
41°	Turquia	2	3	1	0	2	10	11	1
42°	Honduras	2	3	0	2	1	2	3	1
43°	Israel	2	3	0	2	1	1	3	1
44°	Egito	2	4	0	2	2	3	6	2
45°	Kuweit	1	3	0	1	2	2	6	1
46°	Austrália	1	3	0	1	2	0	5	1
47°	Irã	1	3	0	1	2	2	8	1
48°	Coréia do Sul	1	8	0	1	7	5	29	3
49°	Noruega	0	1	0	0	1	1	2	1
50°	Iraque	0	3	0	0	3	1	4	1
51°	Canadá	0	3	0	0	3	0	5	1
52°	Ant. Holandesas	0	1	0	0	1	0	6	1
53°	E. Árabes Unidos	0	3	0	0	3	2	11	1
54°	Nova Zelândia	0	3	0	0	3	2	12	1
55°	Haiti	0	3	0	0	3	2	14	1
56°	Zaire	0	3	0	0	3	0	14	1
57°	Bolívia	0	3	0	0	3	0	16	2
58°	El Salvador	0	6	0	0	6	1	22	2

(*) Critérios de desempate, em caso de igualdade em n° de pontos: vitórias e saldo de gols

(1) PG: pontos ganhos; J: jogos; V: vitórias; E: empates; D: derrotas; GP: gols pró; GC: gols contra; NP: n° de participações

Até 1990 são disputadas catorze copas, de quatro em quatro anos (ver *Retrospectiva*), precedidas por uma etapa eliminatória dividida em zonas continentais. O torneio é interrompido em 1942 e 1948, por causa da II Guerra Mundial. Alemanha Ocid. (1954, 1974, 1990), Brasil (1958, 1962, 1970) e Itália (1934, 1938, 1982) são os países que vencem mais vezes, seguidos por Argentina (1978, 1986), Uruguai (1930, 1950) e Inglaterra (1966). Os sul-americanos têm metade dos títulos. O grande artilheiro da competição é o francês Fontaine: faz treze gols em 1958.

RETROSPECTIVA

1930 – URUGUAI (13 a 30/7): **Semifinais:** Argentina 6 x EUA 1; Uruguai 6 x Iugoslávia 1. **Final:** Uruguai 4 x Argentina 2. Não houve disputa de 3° e 4° lugares. **Finalistas:** 1° Uruguai; 2° Argentina; 3° EUA; 4° Iugoslávia.

1934 – ITÁLIA (25/5 a 10/6): **Semifinais:** Tcheco-Eslováquia 3 x Alemanha Ocid. 1; Itália 1 x Áustria 0. **Decisão do 3° lugar:** Alemanha Ocid. 3 x Áustria 2. **Final:** Itália 2 x Tcheco-Eslováquia 1 (tempo normal: 1 x 1; pror.: 1 x 0). **Finalistas:** 1° Itália; 2° Tcheco-Eslováquia; 3° Alemanha Ocid.; 4° Áustria.

1938 – FRANÇA (4 a 19/6): **Semifinais:** Itália 2 x **Brasil** 1; Hungria 5 x Suécia 1. **Decisão do 3° lugar:** **Brasil** 4 x Suécia 2. **Final:** Itália 4 x Hungria 2. **Finalistas:** 1° Itália; 2° Hungria; 3° **Brasil**; 4° Suécia.

1950 – BRASIL (24/6 a 16/7): **Fase final:** Uruguai 2 x Espanha 2; **Brasil** 7 x Suécia 1; Uruguai 3 x Suécia 2; **Brasil** 6 x Espanha 1; Suécia 3 x Espanha 1; Uruguai 2 x **Brasil** 1. **Finalistas:** 1° Ururguai; 2° **Brasil**; 3° Suécia; 4° Espanha.

1954 – SUÍÇA (16/6 a 4/7): **Semifinais:** Alemanha Ocid. 6 x Áustria 1; Hungria 4 x Uruguai 2. **Decisão do 3° lugar:** Áustria 3 x Uruguai 1. **Final:** Alemanha Ocid. 3 x Hungria 2. **Finalistas:** 1° Alemanha Ocid.; 2° Hungria; 3° Áustria; 4° Uruguai.

1958 – SUÉCIA (8 a 29/6): **Semifinais:** **Brasil** 5 x França 2; Suécia 3 x Alemanha Ocid. 1. **Decisão do 3° lugar:** França 6 x Alemanha Ocid. 3. **Final:** **Brasil** 5 x Suécia 2. **Finalistas:** 1° **Brasil**; 2° Suécia; 3° França; 4° Alemanha Ocid.

1962 – CHILE (8 a 29/6): **Semifinais:** **Brasil** 4 x Chile 2; Tcheco-Eslováquia 3 x Iugoslávia 1. **Decisão do 3° lugar:** Chile 1 x Iugoslávia 0. **Final:** **Brasil** 3 x Tcheco-Eslováquia 1. **Finalistas:** 1° **Brasil**; 2° Tcheco-Eslováquia; 3° Chile; 4° Iugoslávia.

1966 – INGLATERRA (11 a 30/7): **Semifinais:** Alemanha Ocid. 2 x URSS 1; Inglaterra 2 x Portugal 1. **Decisão do 3° lugar:** Portugal 2 x URSS 1. **Final:** Inglaterra 4 x Alemanha Ocid. 2 (tempo normal: 2 x 2; pror.: 2 x 0). **Finalistas:** 1° Inglaterra; 2° Alemanha Ocid.; 3° Portugal; 4° URSS.

1970 – MÉXICO (31/5 a 17/6): **Semifinais:** Itália 4 x Alemanha Ocid. 3; **Brasil** 3 x Uruguai 1. **Decisão do 3° lugar:** Alemanha Ocid. 1 x Uruguai 0. **Final:** **Brasil** 4 x Itália 1. **Finalistas:** 1° **Brasil**; 2° Itália; 3° Alemanha Ocid.; 4° Uruguai.

1974 – ALEMANHA OCIDENTAL (13/6 a 7/7): **Segunda Fase Grupo A:** Holanda 4 x Argentina 0; **Brasil** 1 x Alemanha Or. 0; **Brasil** 2 x Argentina 1; Holanda 2 x Alemanha Or. 0; Holanda 2 x **Brasil** 0; Alemanha Or. 1 x Argentina 1. **Grupo B:** Alemanha Ocid. 2 x Iugoslávia 0; Polônia 1 x Suécia 0; Polônia 2 x Iugoslávia 1; Alemanha Ocid. 4 x Suécia 2; Alemanha Ocid. 1 x Polônia 0; Suécia 2 x Iugoslávia 1. **Decisão do 3° lugar:** Polônia 1 x **Brasil** 0. **Final:** Alemanha Ocid. 2 x Holanda 1. **Finalistas:** 1° Alemanha Ocid.; 2° Holanda; 3° Polônia; 4° **Brasil**.

1978 – ARGENTINA (1° a 25/6): **Segunda Fase Grupo A:** Holanda 5 x Áustria 1; Itália 0 x Alemanha Ocid. 0; Itália 1 x Áustria 0; Alemanha Ocid. 2 x Holanda 2; Áustria 3 x Alemanha Ocid. 2; Holanda 2 x Itália1. **Grupo B:** Argentina 2 x Polônia 0; **Brasil** 3 x Peru 0; Argentina 0 x **Brasil** 0; Polônia 1 x Peru 0; **Brasil** 3 x Polônia 1; Argentina 6 x Peru 0. **Decisão do 3° lugar:** **Brasil** 2 x Itália 1. **Final:** Argentina

3 x Holanda 1 (tempo normal 1 x 1; pror.: 2 x 0). **Finalistas:** 1º Argentina; 2º Holanda; 3º **Brasil**; 4º Itália.

1982 – ESPANHA (13/6 a 11/7): **Semifinais:** Polônia 0 x Itália 2; Alemanha Ocid. 8 x França 7 (tempo normal 1 x 1; pror.: 2 x 2; disputa de pênaltis: 5 x 4). **Decisão do 3º lugar:** Polônia 3 x França 2. **Final:** Itália 3 x Alemanha Ocid. 1. **Finalistas:** 1º Itália; 2º Alemanha Ocid.; 3º Polônia; 4º França.

1986 – MÉXICO (31/5 a 29/6): **Semifinais:** Argentina 2 x Bélgica 0; França 0 x Alemanha Ocid. 2. **Decisão do 3º lugar:** França 4 x Bélgica 2 (tempo normal: 2 x 2; pror.: 2 x 0). **Final:** Argentina 3 x Alemanha Ocid. 2. **Finalistas:** 1º Argentina; 2º Alemanha Ocid.; 3º França; 4º Bélgica.

1990 – ITÁLIA (8/6 a 8/7): **Semifinais:** Argentina 5 x Itália 4 (tempo normal: 1 x 1; pror.: 0 x 0; disputa em pênaltis: 4 x 3); Alemanha Ocid. 5 x Inglaterra 4 (tempo normal: 1 x 1; pror.: 0 x 0; disputa em pênaltis: 4 x 3). **Decisão do 3º lugar:** Itália 2 x Inglaterra 1. **Final:** Alemanha Ocid. 1 x Argentina 0. **Finalistas:** 1º Alemanha Ocid.; 2º Argentina; 3º Itália; 4º Inglaterra.

Artilheiros – **1930:** Stabile (Arg.), 8 gols. **1934:** Schiavo (Itá.), Nejedly (Tch.) e Conen (Ale.), 4. **1938:** Leônidas (Bra.), 8. **1950:** Ademir (Bra.), 9. **1954:** Kocsis (Hun.), 11. **1958:** Fontaine (Fra.), 13. **1962:** Jerkovic (Iug.), 5. **1966:** Eusébio (Por.), 9. **1970:** Müller (Ale. Oc.), 10. **1974:** Lato (Pol.), 7. **1978:** Kempes (Arg.), 6. **1982:** Paolo Rossi (Itá.), 6. **1986:** Lineker (Ing.), 6. **1990:** Schillaci (Itá.), 6.

Brasil nas copas – Três vezes campeão (1958, 1962 e 1970) e único país a participar de todas as copas, o Brasil não precisa disputar sete eliminatórias. Em 1930, todos os inscritos jogam; nas duas copas seguintes, garante sua vaga sem jogar graças à desistência de Peru (1934) e Bolívia (1938); em 1950, classifica-se automaticamente por ser país-sede do torneio; em 1962, 1966 e 1974, é pré-qualificado por ter sido campeão em 1958, 1962 e 1970. O Brasil é o primeiro do *ranking* de todas as Copas do Mundo (ver quadro à pág. 687), com 99 pontos ganhos em 66 partidas.

Em 1958, na Suécia, a Seleção Brasileira é campeã com Gilmar, Djalma Santos e Bellini; Nilton Santos, Zito e Orlando; Garrincha, Didi, Vavá, Pelé e Zagalo (técnico: Vicente Feola). Em 1962, no Chile, vence com Gilmar, Djalma Santos e Mauro; Nilton Santos, Zito e Zózimo; Garrincha, Didi, Vavá, Amarildo e Zagalo (técnico: Aimoré Moreira). Em 1970, no México, chega ao terceiro título com Félix, Carlos Alberto, Brito, Piaza e Everaldo; Clodoaldo e Gérson; Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivelino (técnico: Mário Jorge Lobo Zagalo). Por duas vezes, um jogador brasileiro se destaca como principal artilheiro da Copa: em 1938, Leônidas, com 8 gols; em 1950, Ademir, com 9 gols. No *ranking* dos maiores artilheiros da Seleção em todos os tempos (contadas todas as partidas, incluindo-se outros torneios e amistosos), Leônidas, com 0,96, e Ademir de Menezes, com 0,85, têm a melhor média de gols por partida, acima de Pelé, que, apesar do maior número de gols (97), tem média de 0,84 gols.

Maiores artilheiros do Brasil

Jogador	Gols		Jogador	MG*	
Pelé	97	1º	Leônidas	0,96	(1)
Zico	68	2º	Ademir de Menezes	0,85	(2)
Jairzinho	44	3º	Pelé	0,84	(3)
Rivelino	43	4º	Romário	0,73	(4)
Tostão	36	5º	Zico	0,72	(5)
A. de Menezes	35	6º	Jair da Rosa Pinto	0,58	(6)
Zizinho	31	7º	Zizinho	0,57	(7)
Careca	30	8º	Tostão	0,55	(8)
Bebeto	29	9º	Pepe	0,55	(9)
Gérson	28	10º	Roberto Dinamite	0,53	(10)

(*) MG: média de gols por partida. 1) 25 gols em 26 jogos; 2) 41 jogos; 3) 115 jogos ; 4) 27 gols em 37 jogos; 5) 94 jogos; 6) 24 gols em 41 jogos; 7) 54 jogos; 8) 65 jogos; 9) 22 gols em 40 jogos; 10) 26 gols em 49 jogos

COPA DE 1994

De 17 de jun. a 17 de jul. deste ano, 24 países disputam nos Estados Unidos a XV Copa do Mundo: Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Bulgária, Camarões, Colômbia, Coréia do Sul, Espanha, Estados Unidos, Grécia, Holanda, Irlanda (Eire), Itália, Marrocos, México, Nigéria, Noruega, Romênia, Rússia, Suécia e Suíça. Da Copa de 1990, na Itália, para a de 1994, há uma renovação de 41,67% dos participantes. Só seis seleções estiveram presentes nas últimas quatro copas: Alemanha, Argentina, Bélgica, Brasil, Espanha e Itália. As partidas são jogadas em nove cidades: Boston, Chicago, Dallas, Detroit, Los Angeles, Nova York, Orlando, São Francisco e Washington. A final é disputada em Los Angeles.

É a primeira Copa totalmente informatizada, com sistema *on line* para processamento e transmissão de informações em tempo real. Em 1993 estimava-se um volume de negócios associados à Copa da ordem de US$ 4 bilhões, e uma audiência, pela TV, de 2 bilhões de pessoas em todo o mundo. A próxima disputa, de 1998, deverá acontecer mais uma vez na França (sede em 1938).

Eliminatórias – Inscrevem-se para participar da Copa 146 dos 178 países filiados à FIFA. Dois são suspensos: o Chile, punido em conseqüência dos incidentes da partida contra o Brasil, no Maracanã, pelas eliminatórias da Copa de 1990, quando o goleiro Rojas fingiu ter sido atingido por um rojão; e a Iugoslávia, por estar em guerra (ver capítulo *Nações*). Dezesseis desistem, antes ou depois das eliminatórias: Burkina, Cuba, Gâmbia, Libéria, Líbia, Liechtenstein, Malavi, Mali, Mauritânia, Mianmá (Birmânia), Samoa Ocidental, São Tomé e Príncipe, Serra Leoa, Sudão, Tanzânia e Uganda. Restam 128 (27 a mais do que em 1990), divididos em seis zonas continentais, subdivididas em grupos.

Com exceção da Europa e da América do Sul, a eliminatória é dividida em duas fases. Participam 44 países da segunda fase das zonas da Ásia, África, Concacaf e Oceania; e 45, da única fase das outras duas zonas (Europa e América do Sul), totalizando 89 países: Ásia (seis grupos, 28 países); África (três grupos, 10 países); Europa (seis grupos, 36 países); América do Sul (dois grupos, 9 países); Concacaf – Confederação Norte-Centro-Americana e do Caribe de Futebol (um grupo, 4 países, das Américas do Norte e Central); e Oceania (um grupo, 2 países, Austrália e Nova Zelândia). A Alemanha, campeã de 1990, e os EUA, sede, já estavam automaticamente classificados. A grande surpresa é a classificação, pela primeira vez, da Grécia, Arábia Saudita e Nigéria e a eliminação da França e da Inglaterra. É também a primeira participação da Rússia, desmembrada da extinta URSS.

Preparação do Brasil – Em 1993, com várias formações, com ou sem os jogadores que atuam no exterior, a Seleção Brasileira se prepara para a Copa de 94, disputando, em jun., a US Cup (pré-exibição aos americanos) e a Copa América, e amistosos ao longo do ano. Perde a US Cup, conquistada pela Alemanha, jogando com os EUA (2 x 0), Alemanha (3 x 3) e a Inglaterra (1 x 1). Perde a Copa América (ver *Torneios sul-americanos*), vencida pela Argentina. E vence, dois de cinco amistosos: Brasil 1 x Argentina 1; Brasil 2 x Polônia 2; Brasil 2 x Paraguai 0; Brasil 1 x México 1; Brasil 1 x Alemanha 2; Brasil 1 x México 0.

De jul. a set., o Brasil entra nas eliminatórias, no grupo B da zona da América do Sul. Comandada por Carlos Alberto Parreira e Mário Jorge Lobo Zagalo, a equipe brasileira joga em sistema de ida e volta, com Uruguai, Bolívia, Equador e Venezuela. A Bolívia (penúltima colocada no *ranking* mundial) vence os brasileiros em La Paz, por 2 x 0; é a primeira derrota em eliminatórias (ver quadro *Eliminatórias/ranking sul-americano*). Resultados: Brasil e Equador (0 x 0, 2 x 0), Brasil e Bolívia (0 x 2, 6 x 0), Brasil e Venezuela (5 x 1, 4 x 0), Brasil e Uruguai (1 x 1, 2 x 0).

Eliminatórias sul-americanas/1993

País	PG*	J	V	E	D	GP	GC	SG
Grupo A								
Colômbia	10	6	4	2	0	13	2	11
Argentina	7	6	3	1	2	7	9	-2
Paraguai	6	6	1	4	1	6	7	-1
Peru	1	6	0	1	5	4	12	-8
Grupo B								
Brasil	12	8	5	2	1	20	4	16
Bolívia	11	8	5	1	2	22	11	11
Uruguai	10	8	4	2	2	10	7	3
Equador	5	8	1	3	4	7	7	0
Venezuela	2	8	1	0	7	4	34	-30

Eliminatórias/ranking sul-americano

País	PG*	J	V	E	D	GP	GC	SG
Brasil	**66**	**38**	**29**	8	1	**100**	**14**	**86**
Argentina	43	30	19	5	6	62	28	34
Uruguai	59	42	24	11	7	62	32	30
Paraguai	51	48	20	11	17	57	54	3
Colômbia	39	45	12	15	18	47	60	-13
Bolívia	39	46	17	5	24	63	89	-25
Peru	37	42	13	11	18	52	60	-8
Equador	21	39	5	4	23	33	71	-38
Venezuela	7	36	2	3	31	17	116	-99

(*) PG: pontos ganhos; J: jogos; V: vitórias; E: empates; D: derrotas; GP: gols pró; GC: gols contra; SG: saldo de gols

Mundial de Juniores

Realizado de dois em dois anos, a partir de 1977. O Brasil ganha três das nove edições, em 1983 (México), 1985 (URSS) e 1993 (Austrália). Portugal tem dois títulos. A Seleção Brasileira de Juniores é também campeã sul-americana de 1983 e 1985, e três vezes campeã do Torneio Juvenil de Toulon (1980, 1981, 1983).

CAMPEÕES DE TODOS OS TEMPOS*

1977 (Tunísia): URSS, México, **Brasil**, Uruguai. 1979 (Japão): Argentina, URSS, Uruguai, Polônia. 1981 (Austrália): Alemanha Ocid., Catar, Romênia, Inglaterra. 1983 (México): **Brasil**, Argentina, Polônia, Coréia do Sul. 1985 (URSS): **Brasil**, Espanha, Nigéria, URSS. 1987 (Chile): Iugoslávia, Alemanha Ocid., Alemanha Or., Chile. 1989 (Arábia Saudita): Portugal, Nigéria, **Brasil**, EUA. 1991 (Portugal): Portugal, **Brasil**, URSS, Austrália. 1993 (Austrália): **Brasil**, Gana, Inglaterra, Austrália.

(*) Ano, local, campeão, vice, terceiro e quarto colocados

Mundial Interclubes

Título disputado, todos os anos, desde 1960, entre os vencedores da Copa dos Campeões (européia) e da Taça Libertadores da América. A partir de 1980, a final passa a ser disputada em uma só partida, em Tóquio. Até 1993, ainda não é reconhecido oficialmente pela FIFA. Dos 32 títulos disputados até agora, seis são vencidos por times brasileiros: Santos (1962/63), Flamengo (1981), Grêmio (1983) e São Paulo (1992/93).

CAMPEÕES DE TODOS OS TEMPOS*

1960: Real Madrid (Esp.). 1961: Peñarol (Uru.). 1962: **Santos (Bra.)**. 1963: **Santos (Bra.)**. 1964: Internazionale (Itá.). 1965: Internazionale (Itá.). 1966: Peñarol (Uru.). 1967: Racing (Arg.). 1968: Estudiantes (Arg.). 1969: Milan (Itá.). 1970: Feyenoord (Hol.). 1971: Nacional (Uru.). 1972: Ajax (Hol.). 1973: Independiente (Arg.). 1974: Atlético de Madrid (Esp.). 1975: não realizado. 1976: Bayern Munique (Ale.). 1977: Boca Juniors (Arg.). 1978: não realizado. 1979: Olimpia (Par.). 1980 (1): Nacional (Uru.). 1981: Flamengo (Bra.). 1982: Peñarol (Uru.). 1983: Grêmio (Bra.). 1984: Independiente (Arg.). 1985: Juventus (Itá.). 1986: River Plate (Arg.). 1987: Porto (Por.). 1988: Nacional (Uru.). 1989: Milan (Itá.). 1990: Milan (Itá.). 1991: Estrela Vermelha (Iug.). 1992/93: São Paulo (Bra.).

(*) Ano e campeão
(1) A partir desse ano, a final passou a ser disputada em uma só partida, em Tóquio, no Japão

Torneios europeus

A Copa Européia, de seleções, a Copa dos Campeões, a Recopa e a Copa da Uefa (União Européia de Futebol), as três interclubes, são as competições de maior interesse na Europa.

Copa Européia* – Disputada de quatro em quatro anos, desde 1960. A atual campeã, de 1992, é a Seleção da Dinamarca. A Alemanha tem dois títulos (1972, 1980). **Campeões – 1960:** Paris (Fra.), URSS, Iugoslávia. **1964:** Madrid (Esp.), Espanha, URSS. **1968:** Roma (Itá.), Itália, Iugoslávia. **1972:** Bruxelas (Bél.), Alemanha Ocid., URSS. **1976:** Belgrado (Iug.), Tcheco-Eslováquia, Alemanha Ocid. **1980:** Roma (Itá.), Alemanha Ocid., Bélgica. **1984:** Paris (Fra.), França, Espanha. **1988:** Munique (Ale.), Holanda, URSS. **1992:** Gotemburgo (Sué.), Dinamarca (1), Alemanha.

(*) Ano, local, campeão e vice
(1) Substituiu a Iugoslávia, suspensa por causa da guerra civil, durante a convocação das seleções

Copa dos Campeões – Realizada anualmente entre os times campeões de cada país. Em 1993, o Olympique de Marselha venceu a final com o Milan por 1 x 0, mas perdeu o título francês por suborno envolvendo um dirigente do Olympique e três jogadores do Valenciènnes (entre eles, o argentino Burruchaga), em disputa pelo campeonato nacional. O título ficou com o Mônaco. Em conseqüência, o Olympique perdeu, para o Milan, o direito de disputar o Mundial Interclubes com o São Paulo (Bra.) e a final da Supercopa da Europa com o Parma (campeão da Recopa). **Campeões – 1956:** Real Madrid (Esp.). **1957:** Real Madrid (Esp). **1958:** Real Madrid (Esp.). **1959:** Real Madrid (Esp.). **1960:** Real Madrid (Esp.). **1961:** Benfica (Por.). **1962:** Benfica (Por.). **1963:** Milan (Itá.). **1964:** Internazionale (Itá.). **1965:** Internazionale (Itá.). **1966:** Real Madrid (Esp). **1967:** Celtic (Esc.). **1968:** Manchester United (Ing.). **1969:** Milan (Itá.). **1970:** Feyenoord (Hol.). **1971:** Ajax (Hol.). **1972:** Ajax (Hol.). **1973:** Ajax (Hol.). **1974:** Bayern Munique (Ale.). **1975:** Bayern (Ale.). **1976:** Bayern Munique (Ale.). **1977:** Liverpool (Ing.). **1978:** Liverpool (Ing.). **1979:** Nottingham Forest (Ing.). **1980:** Nottingham Forest (Ing.). **1981:** Liverpool (Ing.). **1982:** Aston Villa (Ing.). **1983:** Hamburgo (Ale.). **1984:** Liverpool (Ing.). **1985:** Juventus (Itá.). **1986:** Steaua (Rom.). **1987:** Porto (Por.). **1988:** PSV Eindhoven (Hol.). **1989:** Milan (Itá.). **1990:** Milan (Itá.). **1991:** Estrela Vermelha (Iug.). **1992:** Barcelona (Esp.). **1993:** Olympique de Marselha (Fra.).

Recopa – Disputada pelos vencedores das copas nacionais, das quais participam os campeões de todas as divisões profissionais de cada país – em geral três, como na Itália. Realizada anualmente desde 1961, foi vencida três vezes pelo Barcelona (Esp.), em 1979, 1982 e 1989. O campeão da Recopa enfrenta, na Supercopa, o vencedor da Copa dos Campeões. O título de 1993 é do Parma (Itá.). **Campeões – 1961:** Fiorentina (Itá.). **1962:** Atlético de Madrid (Esp.). **1963:** Tottenham (Ing.). **1964:** Sporting (Por.). **1965:** West Ham (Ing.). **1966:** Borussia Dortmund (Ale.). **1967:** Bayern Munique (Ale.). **1968:** Milan (Itá.). **1969:** Slovan Bratslava (Tch.). **1970:** Manchester City (Ing.). **1971:** Chelsea (Ing.). **1972:** Rangers Glasgow (Esc.). **1973:** Milan (Itá.). **1974:** Magdeburgo (Ale.Or.). **1975:** Dínamo Kiev (URSS). **1976:** Anderlecht (Bél.). **1977:** Hamburgo (Ale.). **1978:** Anderlecht (Bél.). **1979:** Barcelona (Esp.). **1980:** Valência (Esp.). **1981:** Dínamo Tbilisi (URSS). **1982:** Barcelona (Esp.). **1983:** Aberdeen (Esc.). **1984:** Juventus (Itá.). **1985:** Everton (Ing.). **1986:** Dínamo Kiev (URSS). **1987:** Ajax (Hol.). **1988:** Malines (Bél.). **1989:** Barcelona (Esp.).

1990: Sampdoria (Itá.). 1991: Manchester United (Ing.). 1992: Werder Bremen (Ale.). 1993: Parma (Itá.).

Copa da Uefa – Disputada anualmente desde 1958 pelos segundos, terceiros e quartos colocados de cada campeonato nacional. Em caso de desistência de algum time, entram os seguintes na ordem da classificação geral. Os maiores vencedores são o Barcelona (Esp.) e a Juventus, de Turim (Itá.), com três títulos cada um. A Juve, como é conhecida na Itália, é a campeã de 1993. **Campeões** – 1958: Barcelona (Esp.). 1959: não realizada. 1960: Barcelona (Esp.). 1961: Roma (Itá.). 1962: Valência (Esp.). 1963: Valência (Esp.). 1964: Zaragoza (Esp.). 1965: Ferencvaros (Hun.). 1966: Barcelona (Esp.). 1967: Dínamo Zagreb (Iug.). 1968: Leeds United (Ing.). 1969: Newcastle (Ing.). 1970: Arsenal (Ing.). 1971: Leeds United (Ing.). 1972: Tottenham (Ing.). 1973: Liverpool (Ing.). 1974: Feyenoord (Hol.). 1975: Borussia Dortmund (Ale.). 1976: Liverpool (Ing.). 1977: Juventus (Itá.). 1978: PSV Eindhoven (Hol.). 1979: Borussia Dortmund (Ale.). 1980: Eintracht Frankfurt (Ale.). 1981: Ipswich (Ing.). 1982: IFK Gotemburgo (Sué.). 1983: Anderlecht (Bél.). 1984: Tottenham (Ing.). 1985: Real Madrid (Esp). 1986: Real Madrid (Esp.). 1987: IFK Gotemburgo (Sué.). 1988: Bayern Leverkusen (Ale.). 1989: Napoli (Itá.). 1990: Juventus (Itá.). 1991: Internazionale (Itá.). 1992: Ajax (Hol.). 1993: Juventus (Itá.).

Torneios sul-americanos

A Copa América, de seleções, e a Taça Libertadores da América, interclubes, são as duas competições internacionais mais importantes e mais tradicionais da América do Sul. Recentemente, seguindo o modelo europeu, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol – Confederación Meridional de Futebol) passou a promover mais cinco torneios interclubes: Supercopa, Copa Masters, Copa Conmebol, Recopa e Copa de Ouro.

Copa América – O campeonato sul-americano de seleções começa a ser disputado em 1916, como parte das comemorações pelo centenário da independência da Argentina. O Uruguai é o primeiro campeão. A partir de 1917 passa a ser chamado de Copa América. Foi vencida pela Argentina e Uruguai (13 vezes), Brasil (4), Paraguai e Peru (2) e Bolívia (1). A partir da 36ª edição, em 1993, a competição é aberta às três Américas. Nesse ano, o título fica com a Argentina. O Brasil enfrentou o Peru (0x0), o Chile (2x3), o Paraguai (3x0) e a Argentina (1x1, no tempo regulamentar; 5x6 nos pênaltis) e ficou fora das finais. **Campeões*** – 1916: B. Aires (Arg.), Uruguai. 1917: Montevidéu (Uru.), Uruguai. 1919: Rio de Janeiro (Bra.), **Brasil**. 1920: Viña del Mar (Chl.): Uruguai. 1921: B. Aires (Arg.), Argentina. 1922: Rio de Janeiro (Bra.), **Brasil**. 1923: Montevidéu (Uru.), Uruguai. 1924: Montevidéu (Uru.), Uruguai. 1925: B. Aires (Arg.), Argentina. 1926: Santiago (Chl.), Uruguai. 1927: Lima (Peru), Argentina. 1929: B. Aires (Arg.), Argentina. 1935: Lima (Peru), Uruguai. 1937: B. Aires (Arg.), Argentina. 1939: Lima (Peru), Peru. 1941: Lima (Peru), Argentina. 1942: Montevidéu (Uru.), Uruguai. 1945: Lima (Peru), Argentina. 1946: B. Aires (Arg.), Argentina. 1947: Guayaquil (Equ.), Argentina. 1949: Rio de Janeiro (Bra.), **Brasil**. 1953: Lima (Peru), Paraguai. 1955: Santiago (Chl.), Argentina. 1956: Montevidéu (Uru.), Uruguai. 1957: Lima (Peru), Argentina. 1959: B. Aires (Arg.), Argentina. 1961: Guayaquil (Equ.), Uruguai. 1963: La Paz e Cochabamba (Bol.), Bolívia. 1967: Montevidéu (Uru.), Uruguai. 1975 (1): Peru. 1979 (1): Paraguai. 1983 (1): Uruguai. 1987: B. Aires, Córdoba e Rosário (Arg.), Uruguai. 1989: Rio de Janeiro, Goiânia, Recife e Salvador (Bra.), **Brasil**. 1991: Viña del Mar e Santiago (Chl.), Argentina. 1993: Quito, Ambato, Cuena, Machala, Porto Viejo e Guayaquil (Equ.), Argentina.

(*) Ano, local e campeão

(1) Jogos em sistema de ida e volta; sem país-sede

Taça Libertadores da América – Promovida a partir de 1960, com equipes campeãs de países sul-americanos. Onze anos depois é aberta para dois times – primeiro e segundo colocados dos campeonatos nacionais ou, como no Brasil, desde 1989, os vencedores do Brasileiro e da Copa do Brasil. O campeão da Libertadores enfrenta o campeão da Copa dos Campeões européia na disputa do título mundial interclubes. Os clubes argentinos são os grandes vencedores da Taça (15 vezes), seguidos pelos uruguaios (8) e pelos brasileiros (6). **Campeões** – 1960: Peñarol (Uru.). 1961: Peñarol (Uru.). 1962: **Santos (Bra.)**. 1963: **Santos (Bra.)**. 1964: Independiente (Arg.). 1965: Independiente (Arg.). 1966: Peñarol (Uru.). 1967: Racing (Arg.). 1968: Estudiantes (Arg.). 1969: Estudiantes (Arg.). 1970: Estudiantes (Arg.). 1971: Nacional (Uru.). 1972: Independiente (Arg.). 1973: Independiente (Arg.). 1974: Independiente (Arg.). 1975: Independiente (Arg.). 1976: **Cruzeiro (Bra.)**. 1977: Boca Juniors (Arg.). 1978: Boca Juniors (Arg.). 1979: Olimpia (Par.). 1980: Nacional (Uru.). 1981: **Flamengo (Bra.)**. 1982: Peñarol (Uru.). 1983: **Grêmio (Bra.)**. 1984: Independiente (Arg.). 1985: Argentinos Jr. (Arg.). 1986: River Plate (Arg.). 1987: Peñarol (Uru.). 1988: Nacional (Uru.). 1989: Nacional (Col.). 1990: Olimpia (Par.). 1991: Colo-Colo (Chl.). 1992/93: **São Paulo (Bra.)**.

Supercopa – Competição anual, instituída em 1988, reúne todos os campeões da Taça Libertadores da América. **Campeões** – 1988: Racing (Arg.). 1989: Boca Juniors (Arg.). 1990: Olimpia (Par.). 1991/92: **Cruzeiro (Bra.)**. 1993: **São Paulo (Bra.)**.

Copa Masters – Organizada a partir de 1992 pela Conmebol, com o objetivo de atrair um número cada vez maior de clubes campeões para seus torneios. São convidados todos os vencedores da Supercopa. O primeiro campeão da Masters é o Boca Juniors (Arg.).

Copa Conmebol – Competição promovida para dar oportunidade aos vice-campeões nacionais ou clubes de expressão escolhidos pelas confederações dos países convidados, que não chegam à Taça Libertadores da América. A Confederação Brasileira de Futebol optou por mandar como representantes os vice-campeões da Copa do Brasil e do Brasileiro mais os terceiro e quarto colocados do Brasileiro. **Campeões** – 1992: **Atlético Mineiro (Bra.)**. 1993: **Botafogo-RJ (Bra.)**.

Recopa – Torneio realizado desde 1989 entre os maiores do futebol sul-americano. Participam os campeões da Taça Libertadores da América e da Supercopa. O título de um ano é disputado no seguinte. Por exemplo: o São Paulo, campeão da Libertadores de 1992, ficou com a Recopa desse ano vencendo o Cruzeiro, campeão da Supercopa de 1992, em set. de 1993. **Campeões** – 1989: Boca Juniors (Arg.). 1990: Olimpia (Par.). 1991: Colo-Colo (Chl.). 1992: **São Paulo (Bra.)**.

Copa de Ouro – É a mais nova taça promovida pela Conmebol a partir de 1992. Participam os campeões da Conmebol, Masters, Supercopa e Taça Libertadores da América. O primeiro título é do Boca Juniors (Arg.).

Torneios nacionais

Hoje, além dos campeonatos estaduais, o principal evento do futebol no país é o Campeonato Brasileiro, interclubes, realizado desde 1971 – então com o nome de Copa Brasil. De 1950 a 1966, além dos campeonatos de seleções estaduais, o torneio mais importante é o Rio–São Paulo, que volta a ser realizado em 1993. Em 1989, é criada a Copa do Brasil, nos moldes da antiga Copa Brasil (como as copas disputadas na Europa), reunindo os campeões dos Estados.

Rio–São Paulo – Incluída a disputa de 1993, o Corinthians e o Santos vencem mais vezes (4), seguidos por Palmeiras e Botafogo (3). Em 1955, o torneio recebe o nome de Roberto Gomes Pedroza, ex-presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF). Em 1956, não há torneio; em 1964, o título é dividido entre Santos e Botafogo; em 1966, pela proximidade da Copa do Mundo, os quatro finalistas são considerados vencedores. **Campeões** – 1950: Corinthians. 1951: Palmeiras. 1952: Portuguesa de

Desportos. 1953: Corinthians. 1954: Corinthians. 1955: Portuguesa de Desportos. 1956: não realizado. 1957: Fluminense. 1958: Vasco da Gama. 1959: Santos. 1960: Fluminense.1961: Flamengo. 1962: Botafogo. 1963: Santos. 1964: Santos e Botafogo. 1965: Palmeiras. 1966: Vasco da Gama, Santos, Corinthians e Botafogo. 1993: Palmeiras.

A partir de 1967, participam também do torneio o campeão do Paraná e os campeões e vices de Minas e Rio Grande do Sul. **Campeões e vices** – 1967: Palmeiras, Internacional. 1968: Santos, Internacional. 1969: Palmeiras, Cruzeiro. 1970: Fluminense, Palmeiras.

Campeonato Brasileiro – Principal confronto interclubes, a Copa Brasil (1971 a 1986) é dividida, entre 1979 e 1983, em Taça de Ouro e de Prata. Em 1987, é rebatizada como Copa União. Sport, do Recife, e Guarani, SP, finalistas da 2ª Divisão, devem disputar o título com Flamengo e Inter (RS), finalistas da 1ª, que se recusam a enfrentá-los, como manda a CBF. Esta considera Sport e Guarani campeão e vice, com direito a representar o Brasil na Libertadores. Em 1989, passa a se chamar Campeonato Brasileiro. **Campeões e vices** – 1971: Atlético (MG), São Paulo. 1972: Palmeiras, Botafogo. 1973: Palmeiras, São Paulo. 1974: Vasco da Gama, Cruzeiro. 1975: Inter (RS), Cruzeiro. 1976: Inter (RS), Corinthians. 1977: São Paulo, Atlético (MG). 1978: Guarani, Palmeiras. 1979: Inter (RS), Vasco da Gama. 1980: Flamengo, Atlético (MG). 1981: Grêmio, São Paulo. 1982: Flamengo, Grêmio. 1983: Flamengo, Santos. 1984: Fluminense, Vasco da Gama. 1985: Coritiba, Bangu. 1986: São Paulo, Guarani. 1987: Sport do Recife e Guarani (SP). 1988: Bahia, Inter (RS), 1989: Vasco da Gama, São Paulo. 1990: Corinthians, São Paulo. 1991: São Paulo, Bragantino. 1992: Flamengo, Botafogo. 1993: Palmeiras, Vitória (BA).

Copa do Brasil – Os campeões de cada Estado disputam o direito a uma vaga nas Libertadores, de onde sai a equipe que disputa o Mundial Interclubes com o o campeão da Copa dos Campeões européia. **Campeões e vices** – 1989: Grêmio, Sport. 1990: Flamengo, Goiás. 1991: Criciúma, Grêmio. 1992: Internacional, Fluminense. 1993: Cruzeiro, Grêmio.

NATAÇÃO

A natação moderna, como esporte, começa no fim do séc. XIX, na Europa, em torneios isolados e campeonatos nacionais. A partir de 1900, a França organiza provas com a participação de franceses, ingleses, holandeses, australianos, suecos, austríacos, alemães e belgas. É praticada em campeonatos mundiais a cada quatro anos; o próximo está marcado para ago. de 1994, em Roma, na Itália.

Existem seis estilos básicos de nado nas competições – livre, de costas, peito, borboleta, medley individual e medley por revezamento –, disputadas em várias distâncias. Existem duas piscinas consideradas oficiais: a de 25 m, ou olímpica, e a de 50 m.

No Brasil – A natação é considerada uma competição a partir de 1898, quando o Clube de Natação e Regatas, do Rio de Janeiro, realiza o primeiro campeonato brasileiro. O percurso escolhido tem distância de 1.500 m, da fortaleza Villegaignon até a praia de Santa Luzia. Em 1913, as provas (chamadas concursos aquáticos) são organizadas pela Federação Brasileira das Sociedades de Remo e realizadas na enseada de Botafogo, no Rio. A partir de 1914, a natação passa a ser promovida pela Confederação Brasileira de Desportos. As primeiras piscinas para competições são construídas em 1919, pelo Fluminense Futebol Clube, no Rio, e em 1923, pela Associação Atlética São Paulo, em São Paulo. O primeiro destaque brasileiro no exterior é uma mulher: Maria Lenk, recordista mundial dos 200 m e 400 m nado de peito, em 1939. Nas Olimpíadas de 1952, em Helsinque, Finlândia, Tetsuo Okamoto conquista medalha de bronze na prova dos 1.500 m e, em 1961, Manuel dos Santos bate o recorde mundial dos 100 m nado livre, com o tempo de 53s6. Mais recentemente, o Brasil ganha projeção internacional com os recordistas sul-americanos Djan Madruga, Ricardo Prado, Gustavo Borges, Rogério Romero, Daniela Lavagnino, Adriana Pereira, Patrícia Amorim, Ana Azevedo.

Recordes masculinos

Prova	Brasileiro	Sul-Americano	Mundial	Olímpico
NADO LIVRE				
50m	Gustavo Borges 22s82 - 17/8/1991	Gustavo Borges (Bra.) 22s82 - 17/8/1991	Tom Jager (EUA) 21s81 - 24/3/1990	Alexandre Popov (CEI) 21s91 - Barcelona, 1992
10m	Gustavo Borges 49s43 - 28/7/1992	Gustavo Borges (Bra.) 49s43 - 28/7/1992	Matt Biondi (EUA) 48s42 - 10/8/1988	Matt Biondi (EUA) 48s63 - Seul, 1988
200m	Gustavo Borges 1min49s74 - 12/8/1991	Gustavo Borges (Bra.) 1min49s74 - 12/8/1991	Giorgio Lamberti (Itá.) 1min46s69 - 15/8/1989	Evgeni Sadovyl (CEI) 1min46s70 - Barcelona, 1992
400m	Djan Madruga 3min53s91 - 10/4/1980	Djan Madruga (Bra.) 3min53s91 - 10/4/1981	Evgeni Sadovyl (CEI) 3min45s00 - 29/7/1992	Evgeni Sadovyl (CEI) 3min45s00 - Barcelona, 1992
800m	Djan Madruga 7min59s85 - 9/4/1980	Djan Madruga 7min59s85 - 9/4/1981	Kieren Perkins (Aut.) 7min46s60 - 15/2/1992	(*)
1.500m	Djan Madruga 15min19s84 - 20/7/1976	Djan Madruga (Bra.) 15min19s84 - 20/7/1976	Kieren Perkin (Aut.) 14min43s48 - 31/7/1992	Kieren Perkin (Aut.) 14min43s48 - Barcelona, 1992
4 x 100m	Brasil 3min20s50 - 28/7/1992	Brasil 3min20s50 - 29/7/1992	Estados Unidos 3min16s53 - 23/9/1988	Estados Unidos 3min16s53 - Seul, 1988
4 x 200m	Brasil 7min24s03 - 27/7/1992	Brasil 7min24s03 - 27/7/1992	CEI 7min11s95 - 27/7/1992	CEI 7min11s95 - Barcelona, 1992
NADO COSTAS				
100m	Rogério Aoki Romero 57s08 - 22/6/1991	Rogério A. Romero (Bra.) 57s08 - 22/6/1991	Jeff Rouse (EUA) 53s86 - 31/7/1992	Jeff Rouse (EUA) 53s86 - Barcelona, 1992
200m	Rogério Aoki Romero 2min00s99 - 28/7/1992	Rogério A. Romero (Bra.) 2min00s99 - 28/7/1992	Martin Lopez-Zubero (Esp.) 1min56s57 - 28/11/1991	Martin Zubero (Esp.) 1min58s47 - Barcelona, 1992
NADO PEITO				
100m	Cicero Tortelli 1min04s64 - 17/8/1986	Pablo Restrepo (Col.) 1min03s89 - 17/8/1983	Karoly Guttler (Hun.) 1min00s95 - 3//8/1993	Nelson Diebel (EUA) 1min01s50 - Barcelona, 1992

200m	Alexandre Hermeto 2min21s67 - 19/12/1990	Pablo Minelli (Arg.) 2min17s96 - 16/8/1991	Mike Barrowman (EUA) 2min10s16 - 29/7/1992	Mike Barrowman (EUA) 2min10s16 - Barcelona, 1992
BORBOLETA				
100m	André Teixeira 54s59 - 18/12/1992	Anthony Nesty (Sur.) 53s00 - 1988	Pablo Morales (EUA) 52s84 - 23/6/1986	Anthony Nesty (Sur.) 53s00 - Seul, 1988
200m	Ricardo Prado 1min59s00 - 21/8/1983	Rafael Vidal (Ven.) 1min57s51 - 3/8/1984	Melvin Stewart (EUA) 1min55s69 - 12/1/1991	Melvin Stewart (EUA) 1min56s26 - Barcelona, 1992
MEDLEY IND.				
200m	Ricardo Prado 2min04s10 - 4/8/1983	Ricardo Prado (Bra.) 2min04s10 - 4/8/1983	Tamas Darnyi (Hun.) 1min59s36 - 13/1/1991	Tamas Darnyi (Hun.) 2min00s17 - Seul, 1988
400m	Ricardo Prado 4min18s45 - 30/7/1984	Ricardo Prado (Bra.) 4min18s45 - 30/7/1984	Tamas Darnyi (Hun.) 4min12s36 - 8/1/1991	Tamas Darnyi (Hun.) 4min14s75 - Seul, 1988
MEDLEY REV.				
4 x 100m	Brasil 3min48s15 - 4/4/1993	Brasil 3min48s15 - 4/4/1993	Estados Unidos (1) 3min36s93 - 25/9/1988	Estados Unidos (1) 3min36s93 - Seul, 1988

Recordes femininos

Prova	Brasileiro	Sul-Americano	Mundial	Olímpico
NADO LIVRE				
50m	Adriana Pereira 26s24 - 2/2/1989	Adriana Pereira (Bra.) 26s24 - 2/2/1989	Yang Wenyi (Chn.) 24s79 - 31/7/1992	Yang Wenyi (Chn.) 24s79 - Barcelona, 1992
100m	Adriana Pereira 57s67 - 1/2/1989	Adriana Pereira (Bra.) 57s67 - 1/2/1989	Jenny Thompson (EUA) 54s48 - 1/3/1992	Young Zhuang (Chn.) 54s64 - Barcelona, 1992
200m	Patrícia Amorim 2min04s27 - 13/5/1989	Patrícia Amorim (Bra.) 2min04s27 - 13/5/1989	Heike Friedrich (Ale.Or.) 1min57s55 - 18/6/1986	Heike Friedrich (Al.) 1min57s65 - Seul, 1988
400m	Patrícia Amorim 4min19s64 - 22/9/1988	Patrícia Amorim (Bra.) 4min19s64 - 22/9/1988	Janet Evans (EUA) 4min03s85 - 22/9/1988	Janet Evans (EUA) 4min03s85 - Seul, 1988
800m	Patrícia Amorim 8min51s95 - 22/9/1988	Patrícia Amorim (Bra.) 8min51s95 - 23/9/1988	Janet Evans (EUA) 8min16s22 - 20/8/1989	Janet Evans (EUA) 8min20s20 - Seul, 24/9/1988
1.500m	Patrícia Amorim 16min59s85 - 1/2/1989	Alicia Barrancor (Arg.) 16min59s26 - 1/2/1993	Janet Evans (EUA) 15min52s10 - 27/3/1988	(*)
4 x 100m	Brasil 3min52s92 - 14/8/1991	Brasil 3min52s92 - 14/8/1991	Estados Unidos 3min39s46 - 28/7/1992	Estados Unidos 3min39s46 - Barcelona, 1992
4 x 200m	Brasil 8min30s25 - 12/8/1991	Brasil 8min30s25 - 12/8/1991	Alemanha Or. 7min55s47 - 18/8/1987	(*)
NADO COSTAS				
100m	Ana Catarina Azevedo 1min04s30 - 4/4/1993	Ana C. Azevedo (Bra.) 1min04s30 - 4/4/1993	Kristina Egerszegi (Hun.) 1min00s31 - 22/8/1991	Kristina Egerszegi (Hun.) 1min00s68 - Barcelona, 1992
200m	Ana Catarina Azevedo 2min19s36 - 28/5/1992	Ana C. Azevedo (Bra.) 2min19s36 - 28/5/1992	Kristina Egerszegi (Hun.) 2min06s62 - 25/8/1991	Kristina Egerszegi (Hun.) 2min07s06 - Barcelona, 1992
NADO PEITO				
100m	Gabrielle Rose 1min13s27 - 19/8/1992	Alicia Boscato (Arg.) 1min12s56 - 15/4/1982	Silke Hoerner (Ale.Or.) 1min07s91 - 21/8/1987	Tania Dangalokova (Bul.) 1min07s95 - Seul, 1988
200m	Gabrielle Rose 2min35s10 - 19/8/1992	Gabrielle Rose (Bra.) 2min35s10 - 19/8/1992	Anita Nall (EUA) 2min25s35 - 2/3/1992	Kyoko Iwasaki (Japão) 2min26s65 - Barcelona, 1992
BORBOLETA				
100m	Daniela Lavagnino 1min03s61 - 21/12/1986	Daniela Lavagnino (Bra.) 1min03s61 - 21/12/1986	Mary Meagher (EUA) 57s93 - 16/8/1981	Hong Qian (Chn.) 58s62 - Barcelona, 1992
200m	Daniela Lavagnino 2min17s89 - 18/12/1986	Daniela Lavagnino (Bra.) 2min17s89 - 18/12/1986	Mary Meagher (EUA) 2min05s96 - 13/8/1981	Mary Meagher (EUA) 2min06s90 - L. Angeles, 1984
MEDLEY IND.				
200m	Gabrielle Rose 2min18s72 - 18/8/1992	Gabrielle Rose (Bra.) 2min18s72 - 18/8/1992	Li Lin (Chn.) 2min11s65 - 30/7/1992	Li Lin (Chn.) 2min11s65 - Barcelona, 1992
400m	Gabrielle Rose 5min01s30 - 19/8/1992	Gabrielle Rose (Bra.) 5min01s30 - 19/8/1992	Petra Schneider (Ale.Or.) 4min36s10 - 1/8/1982	Petra Schneider (Ale.Or.) 4min36s29 - Moscou, 1980
MEDLEY REV.				
4 x 100m	Brasil 4min23s45 - 17/8/1991	Brasil 4min23s45 - 17/8/1991	EUA 4min02s54 - 30/7/1992	EUA 4min02s54 - Barcelona, 1992

(*) Prova não disputada em jogos olímpicos. (1) Recorde masculino igualado durante as Olimpíadas de Barcelona em 31/7/1992

TÊNIS

Praticado por duas pessoas (simples) ou quatro (duplas), em quadras de grama, saibro ou cimentadas, o tênis (do francês, *tenez*, pegue, agarre) começa a ganhar popularidade na França e Inglaterra a partir do séc. XVI, quando surgem as primeiras regras. Em 1877, o All England Croquet Club, de Wimbledon, passa a organizar os primeiros campeonatos. Em 1913, é criada a FILT (Federação Internacional de Lawn Tennis). Em 1950, surge a ATP (Associação dos Tenistas Profissionais), que elabora e atualiza semanalmente o *ranking* mundial masculino. O feminino é feito pela WTA, Women Tennis Association, fundada em 1973 (ver *Rankings mundiais de 1993*).

Uma partida, ou *match*, é dividida em *sets* (até cinco, no masculino; até três, no feminino), subdivididos em seis *games* de quatro pontos (15, 30, 40 e *game point*). Um *game* empatado em 40 é decidido com vantagem de dois pontos sucessivos de um dos jogadores. Um *set* empatado em 5 x 5 é decidido em *tye-break* (seis pontos corridos, um saque cada um), em geral até fechar com sete *games*. O *match point* é o ponto que decide a partida.

No Brasil – O tênis é difundido a partir de 1888, por ingleses. Em nov. de 1956 é criada a Confederação Brasileira de Tênis (CBT), que passa a organizar os campeonatos nacionais. O país ganha projeção internacional com Maria Esther Bueno, campeã de simples (1959, 1960, 1964) e de duplas (1958, 1960, 1963, 1965, 1966), no Torneio de Wimbledon. Outros destaques que conquistaram as melhores posições de jogadores brasileiros no *ranking* mundial: no masculino, Thomaz Koch (24º em 1974), Luiz Mattar (29º em 1989), Marcos Hocevar (30º em 1983); no feminino, Niege Dias (32º em 1988), Patrícia Medrado (48º em 1982) e Cláudia Monteiro (72º em 1982). No tempo de Maria Esther não havia *ranking*; se houvesse, ela teria provavelmente sido a primeira colocada durante três anos consecutivos.

Torneios internacionais

Wimbledon (desde 1877), em Londres, Aberto dos EUA ou US Open (1881), em Nova York, Roland Garros (1897), em Paris, e Aberto da Austrália (1905), em Melbourne, são os quatro maiores e mais tradicionais torneios internacionais de tênis, que concorrem ao Grand Slams – título dado ao jogador que vencer todas essas competições em um mesmo ano. Até 1992, só seis tenistas conseguiram essa façanha: John Donald Budge (EUA), 1938; Maureen Connely (EUA), 1953; Rod Laver (Aut.), 1962, 1969; Margareth Smith Court (Aut.), 1970; Martina Navratílova (EUA), 1983, 1984; e Steffi Graf (Ale.), 1988. O maior torneio de duplas entre países é a Taça Davis.

ABERTO DA AUSTRÁLIA*

Simples masculina – 1973: John Newcombe (Aut.). 1974: Jimmy Connors (EUA). 1975: John Newcombe. 1976: Mark Edmondson (Aut.). 1977: Roscoe Tanner (EUA), em jan.; Vitas Gerulaitis (EUA), em dez. 1978/79: Guillermo Villas (Arg.). 1980: Brian Teacher (EUA). 1981/82: Johan Kriek (Áfr.S.). 1983/84: Mats Wilander (Sué.). 1985: Stefan Edberg (Sué.).1986: não realizado.1987/88: Stefan Edberg. 1989/90: Ivan Lendl (Tch.). 1991: Bóris Becker (Ale.). 1992: Jim Courier (EUA).

Simples feminina – 1973: Margareth S. Court (Aut.). 1974 – 1976: Evonne Goolagong (Aut.). 1977: Kerry Reid (Aut.), em jan.; Evonne Cawley (Aut.), em dez. 1978: Chris O'Neil (Aut.). 1979: Barbara Jordan (EUA). 1980: Hana Mandlíkova (Tch.). 1981: Martina Navratílova (1) (Tch.). 1982: Chris Evert (EUA). 1983: Martina Navratílova (EUA). 1984: Chris Evert. 1985: Martina Navratílova. 1986: não realizado. 1987/88: Hana Mandlíkova. 1989: Martina Navratílova. 1990: Steffi Graf (Ale.). 1991/92: Monica Seles (Iug.).

(*) Só dos últimos vinte anos
(1) Naturalizou-se americana no final de 1981

ABERTO DOS EUA*

Simples masculina – 1973: John Newcombe (Aut.). 1974: Jimmy Connors (EUA). 1975: Manoel Orantes (Esp.). 1976: Jimmy Connors. 1977: Guillermo Villas (Arg.). 1978: Jimmy Connors. 1979 – 1981: John McEnroe (EUA). 1982/83: Jimmy Connors. 1984: John McEnroe. 1985 – 1987: Ivan Lendl (Tch.). 1988: Mats Wilander (Sué.). 1989: Bóris Becker (Ale. Oc.). 1990: Pete Sampras (EUA). 1991/92: Stefan Edberg (Sué.). 1993: Pete Sampras.

Simples feminina – 1973: Margareth Smith Court (Aut.). 1974: Billie Jean King (EUA). 1975 – 1978: Chris Evert (EUA). 1979: Tracy Austin (EUA). 1980: Chris Evert. 1981: Tracy Austin. 1982: Chris Evert. 1983/84: Martina Navratílova (EUA). 1985: Hana Mandlíkova (Tch.). 1986/87: Martina Navratílova. 1988/89: Steffi Graf (Ale. Oc.). 1990: Gabriela Sabatini (Arg.). 1991/92: Monica Seles (Iug.). 1993: Steffi Graf (Ale.).

(*) Só dos últimos vinte anos; até 1978, conhecido como Torneio de Forest Hills (nome do parque onde era disputado); hoje, como Flushing Meadow (outro parque)

ROLAND GARROS*

Simples masculina – 1973: Ilie Nastase (Rom.). 1974/75: Bjorn Borg (Sué.). 1976: Adriano Panatta (Itá.). 1977: Guillermo Villas (Arg.). 1978 – 1981: Bjorn Borg. 1982: Mats Wilander (Sué.). 1983: Yannick Noah (Fra.). 1984: Ivan Lendl (Tch.). 1985: Mats Wilander. 1986/87: Ivan Lendl. 1988: Mats Wilander. 1989: Michael Cheng (EUA). 1990: Andres Gomes (Equ.). 1991/92: Jim Courier (EUA). 1993: Sergi Burguera (Esp.).

Simples feminina – 1973: Margareth Smith Court (Aut.). 1974/75: Chris Evert (EUA). 1976: Sue Barker (GBR). 1977: Mirna Jausovec (Iug.). 1978: Virginia Ruzici (Rom.). 1979/80: Chris Evert (EUA). 1981: Hana Mandlíkova (Tch.). 1982: Martina Navratílova (EUA). 1983: Chris Evert. 1984: Martina Navratílova. 1985/86: Chris Evert. 1987/88: Steffi Graf (Ale. Oc.). 1989: Arantxa Sanchez (Esp.). 1990 – 1992: Monica Seles (Iug.). 1993: Steffi Graf (Ale.).

(*) Só dos últimos vinte anos

WIMBLEDON*

Simples masculina – 1973: Jan Kodes (Tch.). 1974: Jimmy Connors (EUA). 1975: Arthur Ashe (EUA). 1976 – 1980: Bjorn Borg (Sué.). 1981: John McEnroe (EUA). 1982: Jimmy Connors (EUA). 1983/84: John McEnroe. 1985/86: Bóris Becker (Ale. Oc.). 1987: Pat Cash (Aut.). 1988: Stefan Edberg (Sué.). 1989: Bóris Becker. 1990: Stefan Edberg. 1991: Michael Stich (Ale.). 1992: André Agassi (EUA). 1993: Pete Sampras (EUA).

Simples feminina – 1973: Billie Jean King (EUA). 1974: Chris Evert (EUA). 1975: Billie Jean King. 1976: Chris Evert. 1977: Virginia Wade (GBR). 1978/79: Martina Navratílova (Tch.). 1980: Ivonne Goolagong (Aut.). 1981: Chris Evert (EUA). 1982 – 1987: Martina Navratílova (EUA). 1988/89: Steffi Graf (Ale. Oc.). 1990: Martina Navratílova. 1991 – 1993: Steffi Graf (Ale.).

(*) Só dos últimos vinte anos

TAÇA DAVIS*

Resultados das finais – 1973: Austrália 5 x EUA 0. 1974: África do Sul (campeã por W.O. contra a Índia). 1975: Suécia 3 x Tcheco-Eslováquia 2. 1976: Itália 4 x Chile 1. 1977: Austrália 3 x Itália 1. 1978: EUA 4 x Inglaterra 1. 1979: EUA 5 x Itália 0. 1980: Tcheco-Eslováquia 4 x Itália 1. 1981: EUA 3 x Argentina 1. 1982: EUA 4 x França 1. 1983: Austrália 3 x Suécia 2. 1984: Suécia 4 x EUA 1. 1985: Suécia 3 x Alemanha Ocid. 2. 1986: Austrália 3 x Suécia 2. 1987: Suécia 5 x Índia 0. 1988: Alemanha Ocid. 4 x Suécia 1. 1989: Alemanha Ocid. 3 x Suécia 2. 1990: EUA 3 x Austrália 1. 1991: França 3 x EUA 2. 1992: EUA 3 x Suíça 1. 1993: Alemanha 4 x Austrália 1.

(*) Só dos últimos vinte anos

Rankings mundiais de 1993* – Masculino: 1º Pete Sampras (EUA), 2º Jim Courier (EUA), 3º Michael Stich (Ale.), 4º Sergi Burguera (Esp.), 5º Stefan Edberg (Sué.), 6º Andrei Medvedev (Ucr.), 7º Bóris Becker (Ale.), 8º Michael Chang (EUA), 9º Goran Ivanisevic (Tch.), 10º Thomas Muster (Aut). **Feminino:** 1º Steffi Graf (Ale.), 2º Arantxa Sanchez (Esp.), 3º Martina Navratílova (EUA), 4º Conchita Martinez (Esp.), 5º Monica Seles (Iug.), 6º Gabriela Sabatini (Arg.), 7º Marie Joe Fernandez (EUA), 8º Jana Novotna (Tch.), 9º Jennifer Capriati (EUA), 10º Anke Huber (Ale.).

Luiz Mattar (46º), Fernando Meligeni (95º) e Jaime Oncins (108º) são os três brasileiros mais bem classificados no *ranking* masculino de 1993. No feminino, as melhores colocações são de: Andrea Vieira (134º), Luciana Tella (216º) e Claudia Chabalgoity (230º).

(*) Jogador, nacionalidade e pontos em 8/11

VOLEIBOL

Idealizado em 1895 pelo diretor do ginásio da Associação Cristã de Moços (ACM), William C. Morgan, para distrair pessoas idosas. No início, chamado *minonette*, fica restrito aos associados do ginásio em Hollyoke, Massachusetts. Depois de demonstração a vários diretores de outros estabelecimentos de ensino, passa a ser conhecido como *volleyball* (do inglês *volley*, rebater bola antes que toque o chão; *ball*, de bola). As equipes, nesse tempo, têm cinco jogadores e as partidas são divididas em parciais de 21 pontos. Durante a I Guerra Mundial, soldados americanos difundem o esporte pela Europa. Desde 1918, cada equipe tem seis jogadores, obedecendo ao sistema de rodízio após cada pontuação, e uma partida é decidida em até cinco *sets* de quinze pontos.

No Brasil – O voleibol, ou vôlei, passa a ser conhecido no Brasil entre 1916 e 1917, introduzido pela ACM de São Paulo (SP), e, em 1951, é formada a primeira seleção, campeã sul-americana desse ano, no masculino e feminino. A equipe masculina detém o título até hoje. Com o vôlei, o Brasil conquista sua primeira medalha de ouro em esporte coletivo, em 9/8/1992, nos Jogos Olímpiços de Barcelona. A seleção derrota a Holanda por três *sets* a zero, jogando com Maurício, Marcelo Negrão, Paulão, Carlão, Tande e Giovane. A última conquista é de 1993, na Liga Mundial, quebrando a hegemonia italiana, mantida desde 1990, vencendo por três *sets* a zero (15/2, 15/13, 15/9) em partida que durou 1h20. Em 1994, de 29/9 a 8/10, o Brasil participa do Campeonato Mundial de Seleções na Grécia, título ainda inédito.

Torneios mundiais

Existem, atualmente, um campeonato mundial entre seleções, a cada quatro anos; outro anual, chamado Liga Mundial (masculino; o feminino tem o nome de Grand Prix e sistema diferenciado), idealizado pela federação italiana, em 1990, com objetivo comercial. Só em1993, patrocinadores distribuem prêmios de mais de US$ 3 milhões. Há também, anualmente, desde 1989 (masculino) e 1991 (feminino), campeonatos mundiais interclubes.

Em 1987, é disputado o primeiro torneio mundial de vôlei de praia, em quadra de areia, que pode fazer parte dos Jogos Olímpicos de 1996, em Atlanta, nos EUA. Até o fim de 1993, o Comitê Olímpico Internacional (COI), que já aprovara a nova modalidade, aguardava petição do comitê organizador de Atlanta. O vôlei de praia é sempre jogado em duplas. **Campeões da categoria masculina – 1987:** Smith/Stoklos. **1988:** Kiraliy/Powers. **1989 – 1992:** Smith/Stoklos. **1993:** Steffens/Johnson; **da categoria feminina – 1992:** Karolyn Kirby/Nancy Reno. **1993:** Karolyn Kirby/Liz Masakayan. Todos são americanos.

SELEÇÕES*

Masculino – 1949, Praga (Tch.): Tcheco-Eslováquia, URSS. **1952,** Moscou (URSS): URSS, Tcheco-Eslováquia. **1956,** Paris (Fra.): Tcheco-Eslováquia, URSS. **1960,** Rio de Janeiro (Bra.): URSS, Tcheco-Eslováquia. **1962,** Moscou (URSS): URSS, Tcheco-Eslováquia. **1966,** Praga (Tch.): Tcheco-Eslováquia, Romênia. **1970,** Sófia (Bul.): Alemanha Or., Bulgária. **1974,** Cidade do México (Méx.): Polônia, URSS. **1978,** Roma (Itá.): URSS, Itália. **1982,** Buenos Aires (Arg.): URSS, **Brasil. 1986,** Paris (Fra.): EUA, URSS. **1990,** Brasília, Curitiba e Rio de Janeiro: Itália, Cuba.

Feminino – **1952,** Moscou (URSS): URSS, Tcheco-Eslováquia. **1956,** Paris (Fra.): URSS, Romênia. **1960,** Rio de Janeiro: URSS, Japão. **1962,** Moscou (URSS): Japão, URSS. **1967,** Tóquio (Jap.): Japão, URSS. **1970,** Varna (Bul.): URSS, Japão. **1974,** Cidade do México (Méx.): Japão, URSS. **1978,** Moscou (URSS): Cuba, Japão. **1982,** Lima (Peru): China, Peru. **1986,** Praga (Tch.): China, Cuba. **1990,** Pequim (Chn.): URSS, China.

(*) Ano, local, campeão e vice

INTERCLUBES

Masculino – 1989: Maxicono/Parma (Itá.). **1990:** Mizura/Mediolanum (Itá.). **1991:** Il Messaggero/Ravena (Itá.). **1992:** Mizura/Mediolanum (Itá.). **1993:** não realizado. **Feminino – 1991: Sadia (Bra.). 1992:** Il Messagero/Ravena (Itá.). **1993:** não realizado.

Torneios sul-americanos

O campeonato sul-americano de seleções é disputado desde 1951, a cada dois anos. A seleção brasileira masculina nunca perdeu o título. O sul-americano interclubes é anual e existe desde 1970. Em 22 edições, as equipes brasileiras venceram vinte vezes no masculino e dezesseis no feminino.

SELEÇÕES*

Masculino – **1973,** Bucaramanga (Col.): **Brasil,** Argentina. **1975,** Assunção (Par.): **Brasil,** Venezuela. **1977,** Lima (Peru): **Brasil,** Venezuela. **1979,** Rosário (Arg.): **Brasil,** Venezuela. **1981,** Santiago (Chl.): **Brasil,** Argentina. **1983,** São Paulo (Bra.): **Brasil,** Argentina. **1985,** Caracas (Ven.): **Brasil,** Venezuela. **1987,** Montevidéu (Uru.): **Brasil,** Argentina. **1989,** Curitiba (Bra.): **Brasil,** Argentina. **1991/93,** São Paulo (Bra.): **Brasil,** Argentina.

Feminino – **1973,** Bucaramanga (Col.): Peru, **Brasil. 1975,** Assunção (Par.): Peru, **Brasil. 1977,** Lima (Peru): Peru, **Brasil. 1979:** Santa Fé (Arg.): Peru, **Brasil. 1981,** Santo André (Bra.): **Brasil,** Peru. **1983,** São Paulo (Bra.): Peru, **Brasil.1985,** Caracas (Ven.): Peru, **Brasil. 1987,** Montevidéu (Uru.): Peru, **Brasil. 1989,** Curitiba (Bra.): Peru, **Brasil. 1991,** São Paulo (Bra.): **Brasil,** Peru. **1993,** Cuzco (Peru): Peru, **Brasil.**

(*) Ano, local, campeão e vice, só dos últimos vinte anos

INTERCLUBES

Masculino – **1970:** Randi (Bra.). **1971/72:** Botafogo (Bra.). **1973:** Paulistano (Bra.). **1974:** Gimnasia y Esgrima (Arg.). **1975:** não realizado. **1976:** Paulistano (Bra.). **1977:** Botafogo (Bra.). **1978 – 1980:** Paulistano (Bra.). **1981:** Pirelli (Bra.). **1982:** Atlântica Boavista (Bra.). **1983:** Pirelli (Bra.). **1984/85:** Minas Tênis (Bra.). **1986:** Bradesco (Bra.). **1987:** Ferrocarril Oeste (Arg.). **1988 – 1993:** Banespa (Bra.).

Feminino – 1970: Pinheiros (Bra.). **1971/72:** Fluminense (Bra.). **1973:** Paulistano (Bra.). **1974/75:** Gimnasia y Esgrima (Arg.). **1976:** não realizado. **1977 – 1980:** Fluminense (Bra.). **1981:** Flamengo (Bra.). **1982:** não realizado. **1983/84:** Power (Peru). **1985:** Bradesco (Bra.). **1986/87:** Power (Peru). **1988 – 1991:** Sadia (Bra.). **1992/93:** Colgate/S. Caetano (Bra).

Torneios nacionais

Masculino – **1962:** Grêmio Náutico União (RS). **1963/64:** Minas Tênis (MG). **1965, 1966, 1967:** não realizado. **1968:** Santos (SP). **1969:** Randi (SP). **1970:** não realizado. **1971/72:** Botafogo (RJ). **1973/74:** Paulistano (SP). **1975/76:** Botafogo (RJ). **1977:** não realizado. **1978:** Paulistano (SP).

1979: não realizado. **1980:** Pirelli (SP). **1981:** Atlântica Boavista (RJ). **1982/83:** Pirelli (SP). **1984 – 1986:** Minas Tênis (MG). **1987:** Banespa (SP). **1988:** Pirelli (SP). **1989 – 1993:** Banespa (SP).

Feminino – **1976:** Fluminense (RJ). **1977:** não realizado. **1978 – 1980:** Flamengo (RJ). **1981:** não realizado. **1982:** Paulistano (SP). **1983:** Supergasbrás (RJ). **1984:** Bradesco (RJ). **1985/86:** Supergasbrás (RJ). **1987:** Lufkin (SP). **1988 – 1991:** Sadia (SP). **1992:** Colgate/S. Caetano (SP). **1993:** L'Ácqua Di Fiori (MG).

XADREZ

Jogo de tabuleiro, de estratégia, considerado uma prática esportiva. Originado de um jogo indiano, o *chaturanga* – nome que aludia às armas de um exército. A palavra xadrez (em francês, *échecs*; em inglês, *chess;* em italiano, *scacchi)* vem da expressão persa *sháh mát*, "o rei está morto" – daí também xeque-mate, lance da partida em que o rei, principal peça, não tem como se defender, nem como fugir. O xadrez é disputado em um tabuleiro de 64 casas, sempre por dois jogadores, com dezesseis peças, brancas ou pretas, cada um: o rei, a dama, dois bispos, dois cavalos, duas torres e oito peões.

Em 1924, é criada a Fédération International de Échecs (Fide), que considera o austríaco Wilhelm Steinitz (1836–1900) primeiro campeão, de 1866. Nesse ano, o americano Paul Morphy (1837–1884) desiste de jogar, aos 29 anos, depois de dezesseis anos de invencibilidade. Com 13 anos, venceu, em seu primeiro grande embate, o húngaro Johan Jacob Löwenthal (1810–1876), trinta anos mais velho.

Em 1993, são realizados pela primeira vez dois campeonatos paralelos. O oficial, promovido pela Fide, é vencido pelo russo Anatoly Karpov, em confronto com o holandês Jan Timman. O outro é organizado pela Associação dos Profissionais de Xadrez, fundada pelo armênio Garry Kasparov (campeão, pela Fide, de 1985 a 1993), que não concordou com os prêmios e as regras do campeonato da Fide. O título não oficial fica com Kasparov, que vence o inglês Nigel Short. Este, embora a Fide não reconhecesse, considerava-se o oponente direto do armênio (ex-representante da extinta URSS), por ter derrotado Karpov, em 1992, nas semifinais do torneio interzonal.

No Brasil – Torna-se conhecido por meio de obra que tratava do jogo, doada por d. João VI à Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, em 1808. Poucos brasileiros se destacam na história do xadrez. O grande-mestre internacional Henrique da Costa Mecking, o Mequinho, abandona cedo as competições.

CAMPEÕES DE TODOS OS TEMPOS*

1866 – 1894: Wilhelm Steinitz (Áus.). **1894 – 1921:** Emanuel Lasker (Ale.). **1921 – 1927:** José Raúl Capablanca (Cuba). **1927 – 1934:** Alexander A. Alekhine (Fra.). **1935 – 1937:** Max Euwe (Hol.). **1937 – 1946:** Alexander A. Alekhine (Fra.). **1948 – 1957:** Mikhail Botvinnik (URSS). **1957/58:** Vassily Smyslov (URSS). **1958/59:** Mikhail Botvinnik (URSS). **1960 – 1963:** Mikhail Tal (URSS). **1963 – 1969:** Tigran Petrosian (URSS). **1969 – 1972:** Boris Spassky (URSS). **1972 – 1975:** Bobby Fisher (EUA). **1975 – 1985:** Anatoly Karpov (URSS). **1985 – 1993:** Garry Kasparov (URSS). **1993:** Anatoly Karpov (Rús.).

(*) Reconhecidos pela Fide

JOGOS OLÍMPICOS

As Olimpíadas têm origem na Grécia Antiga, cerca de 2.500 a.C. Os jogos olímpicos modernos, disputados de quatro em quatro anos, surgem em 1896, outra vez na Grécia, por sugestão do professor francês Pierre de Fredy, barão de Coubertin. A idéia é aprovada em 1894, em congresso da Universidade Sorbonne, de Paris. Um total de 285 atletas de treze países participam dos I Jogos Olímpicos em Atenas. A bandeira olímpica – cinco anéis entrelaçados, nas cores azul, amarela, preta, verde e vermelha, sobre um fundo branco – representa os cinco continentes. Em 1906, dezoito países disputam os "Jogos Intercalados" (entre as Olimpíadas de 1904, em St. Louis, EUA, e as de 1908, em Londres, Inglaterra), que dão origem aos jogos de inverno.

A próxima edição (26ª) será realizada em Atlanta, nos EUA, em 1996, no centenário dos Jogos Olímpicos.

Total de medalhas (1896–1992)*

País	Ouro	Prata	Bronze	Total
Estados Unidos	778	599	518	1.895
União Soviética (1)	395	319	286	1.000
Grã-Bretanha	169	215	215	599
Alemanha Or. (2)	153	129	127	409
França	148	166	175	489
Itália	147	120	129	396
Suécia	133	145	165	443
Hungria	133	120	141	394
Alemanha (3)	132	152	140	424
Finlândia	97	77	111	285
Japão	90	83	93	266
Austrália (4)	71	72	88	231
Romênia	59	70	90	219
Alemanha Ocid. (5)	56	74	98	228
Tcheco-Eslováquia	49	49	45	143
Canadá	45	66	83	194
Holanda	45	51	69	165
CEI	45	38	29	112
Polônia	43	62	105	210
Bulgária	40	69	58	167
Noruega	40	37	34	111
Suíça	37	60	56	153
Cuba	37	28	26	91
China (6)	36	41	37	114
Bélgica	33	40	39	112
Dinamarca	32	57	56	145
Coréia do Sul	31	27	41	99
Iugoslávia	26	29	28	83
Turquia	26	15	12	53
Nova Zelândia (7)	26	10	26	62
Espanha (8)	17	20	11	48
Grécia	16	26	27	69
África do Sul	16	17	20	53
Áustria	15	26	31	72
Argentina	13	19	15	47
Quênia	13	13	13	39
México	9	13	18	40
Brasil	9	10	20	39
Australásia (9)	9	4	9	22
Índia	8	3	3	14
Estônia (10)	7	6	10	23
Coréia do Norte	6	5	10	21
Egito (11)	6	5	5	16
Irlanda	6	5	5	16
Etiópia	6	1	6	13
Jamaica (12)	4	13	7	24
Irã	4	12	17	13
Marrocos	4	2	3	9
Paquistão	3	3	4	10
Portugal	2	4	7	13
Indonésia	2	3	1	6
Uruguai	2	1	6	9
Rússia (13)	1	4	3	8
Uganda	1	3	1	5
Peru	1	3	0	4
Venezuela	1	2	5	8
Trinidad e Tobago (14)	1	2	4	7
Tunísia	1	2	2	5

Luxemburgo	1	1	0	2
Argélia	1	0	3	4
Bahamas	1	0	2	3
Lituânia	1	0	1	2
Suriname	1	0	1	2
Zimbábue	1	0	0	1
Chile	0	6	2	8
Mongólia	0	5	8	13
Nigéria	0	4	4	8
Letônia (15)	0	4	2	6
Colômbia	0	2	4	6
Formosa (16)	0	2	2	4
Líbano	0	2	2	4
Namíbia	0	2	0	2
Tanzânia	0	2	0	2
Filipinas	0	1	7	8
Porto Rico	0	1	4	5
Gana	0	1	3	4
Tailândia	0	1	3	4
Croácia (17)	0	1	2	3
Equipe Independente (18)	0	1	2	3
Camarões	0	1	1	2
Haiti	0	1	1	2
Islândia	0	1	1	2
Israel	0	1	1	2
República Árabe Unida (19)	0	1	1	2
Antilhas Holandesas	0	1	0	1
Cingapura	0	1	0	1
Costa do Marfim	0	1	0	1
Costa Rica	0	1	0	1
Ilhas Virgens	0	1	0	1
Senegal	0	1	0	1
Síria (20)	0	1	0	1
Sri Lanka	0	1	0	1
Boêmia (21)	0	0	2	2
Eslovênia	0	0	2	2
Índias Oc. Britânicas (22)	0	0	2	2
Panamá	0	0	2	2
Bermudas	0	0	1	1
Djibuti	0	0	1	1
Guiana	0	0	1	1
Iraque	0	0	1	1
Malaísia	0	0	1	1
Níger	0	0	1	1
Catar	0	0	1	1
Rep. Dominicana	0	0	1	1
Zâmbia	0	0	1	1

(*) Sem considerar as medalhas dos "Jogos Intercalados" de 1906, em Atenas.

(1) A partir de 1952; não são consideradas as medalhas obtidas até 1912 pela Rússia e até 1936 pela Estônia e Letônia, nem pela CEI em 1992.

(2) A partir de 1968; não são consideradas as medalhas obtidas por atletas da Alemanha Or. que disputaram os jogos de 1956, 1960 e 1964 como integrantes da equipe unificada da Alemanha.

(3) Embora existissem, desde 1949, dois Estados alemães, uma equipe unificada disputou também os jogos de 1956, 1960 e 1964; em 1992, a Alemanha participa de seus primeiros jogos depois da reunificação.

(4) A partir de 1920; até 1912, os atletas australianos concorriam pela equipe da Australásia, que reunia Austrália e Nova Zelândia.

(5) A partir de 1968; não são computadas as medalhas obtidas pelos atletas da Alemanha Ocid. que disputaram os jogos de 1956, 1960 e 1964 como integrantes da equipe unificada da Alemanha.

(6) Referente à República Popular da China, que disputou os jogos de 1948 e reintegrou-se às Olimpíadas em 1984.

(7) A partir de 1920; até 1912 os atletas neozelandeses concorriam, ao lado dos australianos, pela equipe da Australásia.

(8) Até 1960; desde 1964, estava impedida de participar dos jogos; retornou em 1992.

(9) De 1896 a 1912, Austrália e Nova Zelândia participam como Australásia.

(10) Até 1936; depois integrou-se à URSS; voltou a disputar como República independente em 1992.

(11) Nos jogos de 1960, atletas egípcios concorreram pela República Árabe Unida.

(12) Nos jogos de 1960, atletas jamaicanos concorreram pela equipe das Índias Ocidentais Britânicas.

(13) Até 1912; depois, integrou-se à URSS.

(14) Nos jogos de 1960, atletas de Trinidad e Tobago concorreram pela equipe das Índias Ocidentais Britânicas.

(15) Até 1936; depois, integrou-se à URSS; voltou a disputar como República independente em 1992.

(16) Somadas as três medalhas (1 de prata, 2 de bronze) dos jogos de 1960, quando a equipe de Formosa concorreu com o nome de China.

(17) Separou-se da Iugoslávia e disputou os jogos em 1992.

(18) Formada por atletas das ex-Repúblicas soviéticas que não aderiram à CEI, disputou os jogos de 1992.

(19) Egito, Síria e Iêmen, só disputa os jogos de 1960.

(20) Nos jogos de 1960, atletas sírios concorreram pela equipe da República Árabe Unida.

(21) Até 1912; a partir de 1919, integrou-se à Tcheco-Eslováquia.

(22) Jamaica e Trinidad e Tobago; disputam só os jogos de 1960.

Pan-Americano

Torneio entre atletas de países das três Américas, filiados ao Comitê Olímpico Internacional, realizado de quatro em quatro anos, nos moldes das Olimpíadas. Criado pelo I Congresso Desportivo Pan-Americano, reunido em Buenos Aires, em 1940. A Argentina é sede da primeira competição, em 1942, durante a II Guerra Mundial. Os jogos são suspensos por nove anos, até 1951. Do último Pan-Americano (11º), de 1991, em Havana, Cuba, participam 4.685 atletas representando 39 países, em 32 modalidades esportivas. O próximo será disputado em Mar del Plata, Argentina, em 1995.

Total de medalhas (1951–1991)*

País	Ouro	Prata	Bronze	Total
Estados Unidos	1.259	872	574	2.705
Cuba	472	348	284	1.104
Canadá	169	405	784	1.358
Argentina	166	179	201	546
Brasil	115	144	198	457
México	85	130	281	496
Venezuela	29	85	115	229
Chile	25	44	72	141
Colômbia	20	49	79	148
Porto Rico	13	50	71	134
Jamaica	10	20	45	75
Trinidad e Tobago	6	12	14	32
Peru	4	19	30	53
Equador	4	5	14	23
Costa Rica	4	5	7	16
Panamá	2	17	24	43
Bahamas	2	6	5	13
Guatemala	2	3	10	15
Guiana	2	3	9	14
Uruguai	2	3	3	8
Rep. Dominicana	1	19	39	59
Ant. Holandesas	1	8	10	19
Suriname	1	2	1	4
Barbados	-	2	4	6
Nicarágua	-	2	3	5
Ilhas Virgens	-	1	6	7
Bermudas	-	1	2	3
Haiti	-	1	2	3
Bolívia	-	1	-	1

(*) Com no mínimo 1 medalha de prata. ■

FÍSICA

A Física é a ciência das propriedades da matéria, de seus níveis de organização, das leis de seu movimento e de suas transformações. Suas formulações abrangem uma ampla variedade de fenômenos e são, com freqüência, compactamente expressas em linguagem matemática.

A introdução da investigação experimental, assim como a aplicação do método matemático à compreensão da natureza, contribuiu para a distinção entre a Física, a Filosofia e a Religião, que, originalmente, tinham como objetivo comum compreender a origem e a constituição do Universo.

O vasto conteúdo dessa ciência trata de aspectos macroscópicos, microscópicos e mesmo submicroscópicos da matéria, como os níveis molecular, atômico, nuclear e subnuclear, assim como trata dos níveis de organização da matéria, ou seja, os estados sólido, líquido, gasoso e plasmático. As interfaces com outras ciências resultam em campos interdisciplinares como a Biofísica, a Geofísica, a Físico-Química e a Astrofísica, que podem ou não ser incluídos entre suas especializações.

A Física experimental realiza a investigação das propriedades da matéria e de suas transformações, através de observações e medidas, geralmente realizadas em condições laboratoriais universalmente repetíveis. A Física teórica sistematiza os resultados experimentais, estabelece relações gerais entre conceitos e grandezas físicas, permite a previsão de fenômenos inéditos e também formula a teoria dos procedimentos e instrumentos de medida. Esses dois tipos de abordagem, o experimental e o teórico, são empregados em todos os campos da Física, estabelecendo entre si complementaridade dinâmica.

DESENVOLVIMENTO

A motivação dos estudos identificados hoje como Física foram a navegação, a engenharia militar, a astrologia, o comércio e a arquitetura. O apogeu desta Ciência na Antiguidade greco-egípcia acontece em Alexandria, nos séc. III e II a.C., quando os conhecimentos físicos ainda se confundiam com técnicas de produzir milagres nos templos ou de fazer a guerra nos exércitos. Desse período são, por exemplo, o desenvolvimento do modelo geocêntrico de Ptolomeu, a hidrostática (ligada ao bombeamento de água), a estática das construções, o magnetismo (associado à prestidigitação), as balanças e outros mecanismos.

O Império Romano pouco acrescentou à Física. Após sua queda, quem herda a cultura grega é a Igreja Católica: excetuando-se importantes contribuições à Óptica e à Astronomia, feitas no Império Árabe, a maior parte da Física medieval foi desenvolvida por sacerdotes católicos. A Cinemática e a Dinâmica, ciências do movimento desenvolvidas a partir da Balística, também foram discutidas no interior dos mosteiros.

A Renascença é um período extremamente fértil para a Física: são dessa época o heliocentrismo de Copérnico, que revoluciona a Astronomia, e a Mecânica de Galileu, que dá origem à ciência moderna. A partir de então a Física ganha realidade como atividade profissional específica e universitária. Mecânica, Óptica, Magnetismo e Astronomia são os principais campos de investigação na época, devido a sua importância para a navegação.

O séc. XVII lança as bases para a Física da era industrial. Simon Stevin, um engenheiro dos exércitos de Maurício de Nassau, desenvolve a Hidrostática, ciência fundamental a seu país, a Holanda, protegida do mar por comportas e diques. Na Óptica, contribuição equivalente é dada por um compatriota seu, Christiaan Huygens, que constrói lunetas e desenvolve teorias sobre a propagação da luz. Mas Isaac Newton é o grande nome dessa época: são dele a teoria Geral da Mecânica e da Gravitação, assim como o cálculo matemático, ferramentas essenciais para as teorias físicas.

No séc. XVIII, embora haja universidades e academias nos grandes centros, mais uma vez é por razões práticas que a Física se desenvolve: a partir de uma máquina concebida para retirar a água que inundava as minas de carvão, Thomas Newcomen cria a máquina a vapor, mais tarde aperfeiçoada por James Watt. E é em torno do desempenho dessas máquinas que o engenheiro francês Sadi Carnot estabelece uma das mais importantes sistematizações da Termodinâmica, delimitando a transformação de energia térmica (calor) em energia mecânica (trabalho).

Os trabalhos de Michael Faraday, André-Marie Ampère, Alessandro Volta e Georg Simon Ohm – com cargas e correntes elétricas – e os de Hans Christian Oersted e Carl Friedrich Gauss – com o magnetismo – permitiram a grande sistematização de James Clerk Maxwell, já no séc. XIX, tão definitiva à formalização do eletromagnetismo clássico quanto as idéias de Newton à Mecânica: por meio de suas equações pode-se, inclusive, prever as ondas eletromagnéticas (mais tarde são verificadas experimentalmente por Heinrich Hertz). No final do séc. XIX, com as leis de conservação e a Mecânica Estatística desenvolvida por Ludwig Boltzmann, a Física Clássica – anterior à Quântica e à Relativística – atinge a maturidade teórica, com um modelo consistente para todos os campos de experiência e aplicação.

Na virada do século, o impasse da radiação do corpo negro (dificuldade para estabelecer uma teoria da distribuição de intensidade das cores da luz produzida por aquecimento; de grande importância para a metalurgia) e a dificuldade de medir velocidades relativas ao "meio de propagação da luz" eram os grandes problemas.

A interpretação de Albert Einstein de que não existe um "éter", ou seja, de que a luz se propaga no vácuo e que sua velocidade é inalterada e limítrofe em qualquer referencial, dá origem à teoria da Relatividade, que alterou profundamente as noções de espaço e tempo. O trabalho de Max Planck sobre o "corpo negro" e o de Einstein sobre o efeito fotoelétrico deram elementos para Niels Bohr propor um "átomo quântico", aperfeiçoando o átomo planetário de Ernest Rutherford. Isso foi a origem da outra grande revolução da ciência moderna, a teoria Quântica.

O séc. XX surpreende pela tecnologia, com todas as suas variantes. Para citar dois exemplos da participação da Física, vale mencionar: a indústria nuclear, de importância bélica e energética, que utiliza a um só tempo os resultados quânticos e relativísticos; e a moderna Informática, que, lado a lado com as telecomunicações, faz uso abrangente de resultados da teoria Quântica em seus semicondutores, lasers e tantos outros dispositivos.

DISCIPLINAS GERAIS

Há muitas formas de enumerar ou agrupar as disciplinas gerais da Física, que englobam estruturas lógicas e técnicas matemáticas, assim como distintos campos temáticos:

Mecânica Clássica – A Mecânica trata do movimento da matéria, cuja inércia é expressa pela massa. Estabelece princípios gerais de conservação e leis de transformação das grandezas associadas ao movimento.

Mecânica Quântica – É a Mecânica do universo infinitesimal, das moléculas e de seus átomos, dos núcleos atômicos e das partículas que o constituem. Trabalha com uma dimensão do universo onde se confundem os conceitos de partícula e de onda, exigindo por isso formas completamente novas de equacionar o movimento. Tanto quanto a Mecânica Clássica, a Mecânica Quântica lida com todos os campos de força da natureza indistintamente, ou seja, com as forças eletromagnéticas, gravitacionais ou nucleares.

Termodinâmica e Mecânica Estatística – Ambas compõem a Física Térmica e tratam do trânsito da energia, envolvendo o calor, a sua transformação em trabalho e vice-versa: a Termodinâmica de uma forma fenomenológica a partir de elementos macroscópicos dos sistemas físicos, a Mecânica Estatística a partir de modelos (quânticos) idealizados da constituição infinitesimal daqueles sistemas.

Eletromagnetismo – Estuda os campos eletromagnéticos, que são causa e efeito dos movimentos das cargas elétricas, assim como as propriedades elétricas e magnéticas dos materiais e sistemas. Abrangendo as ondas eletromagnéticas, que incluem as ondas usadas em telecomunicações, a luz, raios X e raios gama, o eletromagnetismo se ocupa de boa parte dos fenômenos físicos e também exige um tratamento quântico ao lidar com fenômenos em dimensões atômicas e subatômicas.

CAMPOS DE ATUAÇÃO

As disciplinas descritas acima são instrumentos gerais na sistematização dos conhecimentos físicos. Outra coisa são os muitos campos de especialização temática, como, por exemplo:

Cosmologia e Astrofísica – Ambas tratam da natureza do universo físico, sua origem, evolução e as suas possíveis extensões espaço-temporais. A Astrofísica, sobretudo, trata da evolução cósmica e dos processos de síntese estelar e da Mecânica Celeste.

Física Atômica, Molecular e de Polímeros – Dedicam-se à descrição da estrutura e das propriedades de sistemas de muitos elétrons, como os átomos complexos, ou como moléculas e compostos orgânicos.

Física da Matéria Condensada e do Estado Sólido – Ocupa-se das propriedades gerais dos materiais, como cristais, vidros ou cerâmicas, possuindo muitas subespecializações, como Física de semicondutores, Física de superfícies etc.

Física Nuclear – Estuda a estrutura nuclear e os mecanismos de reação, emissão de radiatividade natural, de fissão e fusão nuclear.

Física dos Plasmas – Estuda a matéria a centenas de milhares de graus ou mesmo a milhões de graus de temperatura, estado em que a estrutura atômica regular é desfeita em íons e elétrons ou em que ocorrem fusões nucleares, como no Sol e nas demais estrelas.

Física das Partículas Elementares – Trata da busca de constituintes fundamentais da matéria, da sua classificação e das suas formas de interação.

Física das Radiações – Estuda os efeitos produzidos pela absorção pela matéria da energia da radiação eletromagnética em geral ou da radiação ionizante em particular.

Gravitação e Relatividade Geral – Tratam das propriedades geométricas do espaço/tempo, como decorrentes das concentrações de massa no Universo, a partir da identificação entre as massas inercial e gravitacional. Em grande medida, integram a Cosmologia.

Mecânica dos Fluidos – Estuda as propriedades gerais e as leis de movimento dos gases e dos líquidos.

Óptica – Estuda propriedades e efeitos de fontes de luz, como os raios laser; de transmissores de luz, como as fibras ópticas; e de fenômenos e instrumentos ópticos, como o arco-íris e os microscópios.

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Há questões que têm atraído atenção especial e muitos pesquisadores. A supercondutividade a temperaturas intermediárias, a fusão nuclear controlada e a Física dos primeiros instantes do Universo (ou de altíssimas energias) têm sido as vedetes da pesquisa nos últimos tempos. Existe a expectativa de que a solução das dificuldades nesses campos poderá trazer reformulações teóricas a esta ciência ou revoluções tecnológicas. Trabalhando em conjunto, físicos das mais diversas especialidades, engenheiros e técnicos realizam em torno desses desafios experiências em laboratórios e elaboração de modelos teóricos. Nenhuma dessas questões é nova, mas os possíveis dividendos práticos ou teóricos fizeram surgir generosos financiamentos à sua pesquisa.

Supercondutores – Sabia-se há décadas que em temperaturas próximas ao zero absoluto (0°K, ou seja, -273,15°C), os metais deixam de apresentar resistência à passagem da corrente elétrica. Em condições normais, essa resistência resulta em aquecimento, ou seja, parte da energia original se perde, transformada em calor. Desse modo, uma parcela da energia produzida numa usina de eletricidade se dissipa durante o trajeto nas redes de transmissão. Com a ajuda da Engenharia de Materiais, foi produzida uma cerâmica especial, que se torna supercondutora a -48°C. Com ela já se produziram pequenas pastilhas capazes de levitar no campo magnético de um ímã. Quanto mais alta a temperatura em que o material se torna supercondutor, mais baratos os equipamentos para o aproveitamento dessas propriedades. Se forem superadas as dificuldades técnicas, podem ser concebidas aplicações práticas dos supercondutores, que permitirão, por exemplo, construir trens que, flutuando sobre trilhos pela ação de potentes eletroímãs, viajarão a quase 500 km/h, assim como computadores mais velozes, motores mais eficientes e equipamentos médicos que obterão imagens extremamente precisas do interior do corpo humano utilizando potentes campos magnéticos. Tudo isso explica a pesquisa febril neste campo.

Fusão nuclear controlada – O fenômeno da fusão nuclear ocorre naturalmente no interior das estrelas quando núcleos leves como o do hidrogênio e seus isótopos – o deutério e o trítio – se fundem criando elementos de um núcleo mais pesado, como o hélio. Nesse processo, há uma liberação de grande quantidade de energia. O combustível para a fusão, o deutério, é um isótopo de hidrogênio abundante na água: um balde com 4 litros de água possui o equivalente a 1 gota de deutério. No processo da fusão nuclear, esta única gota produziria energia equivalente à queima de 1.200 litros de petróleo. Uma energia, portanto, que poderia ser obtida de matéria-prima abundante e considerada absolutamente limpa – não polui com resíduos químicos (como o monóxido de carbono, resultante da queima de combustíveis) nem radiativos (como na fissão nuclear).

A fusão termonuclear da bomba H não é obtida de forma controlada. Usa-se uma bomba de fissão (bomba A, radiativa) como espoleta e a energia obtida é liberada destrutivamente de uma só vez. Há cerca de meio século, busca-se sem êxito um acesso controlado a tal fonte de energia, procurando-se outras formas que não a bomba A para se alcançar a condição de fusão. Alguns sistemas têm chegado a esta condição, mas por intervalos de tempo ainda muito curtos. Causou grande interesse nos meios científicos, no início de 1989, a possibilidade de obter a fusão nuclear por eletrólise, também chamada de fusão "a frio", mas se tratava de um equívoco. Assim, a busca continua.

Física do universo infinitesimal – Neste campo, as teorias sobre a evolução do Universo a partir do seu momento inicial, o Big Bang (Grande Explosão), se encontram com as teorias das partículas elementares. A hipótese aceita hoje em dia é que, logo após o Big Bang, teria se formado uma espécie de "sopa" superquente de partículas básicas das quais se constitui toda a matéria e que, ao se resfriarem, teriam dado origem à matéria em seu estado atual. O grande desafio é estabelecer uma teoria do Campo Unificado que descreva a ação das forças gravitacionais, eletromagnéticas e nucleares num único conjunto de equações ou a partir de um princípio geral, que as abranja, e que seria "a força" presente no início dos tempos.

Cronologia geral

ANTIGUIDADE

Primeiros estudos: os egípcios e mesopotâmios afirmam que a água, o ar e a terra são os elementos primários da natureza; os gregos acrescentam o fogo em 380 a.C. (1.600–1.100 a.C.). Euclides publica estudos sobre Óptica (295 a.C.). Arquimedes de Siracusa formula o princípio da flutuação e das densidades relativas. É o primeiro a

aplicar a Física à tecnologia da guerra (250 a.C.). Leucipo, de Mileto, e Demócrito, de Abdera, elaboram a hipótese de estrutura atômica da matéria, que seria constituída por unidades ínfimas e indivisíveis (50 a.C.).

IDADE MODERNA

Mecânica Clássica, Termodinâmica e Acústica: o italiano Galileu Galilei realiza os primeiros estudos sobre o pêndulo (1583). Galileu reúne em *De Motu* experimentos sobre a queda livre de diversos tipos de corpos (1590). No *Della scienza mechanica,* Galileu estuda problemas de levantamento de pesos (1592). Galileu apresenta os primeiros enunciados para as leis da gravitação e da oscilação (1602). O italiano Evangelista Torricelli inventa o barômetro • O holandês Villebrordus Snellius descobre a lei da refração da luz (1648). Blaise Pascal, francês, prova a existência da pressão atmosférica e, juntamente com o francês Pierre de Fermat, formula a teoria das Probabilidades, que o holandês Christiaan Huygens amplia em 1657 (1654). O inglês Isaac Newton faz suas primeiras experiências sobre gravitação e identifica, dois anos depois, a dispersão da luz (1665). O abade francês Edmé Mariotte enuncia a lei da compressibilidade dos gases (1676). Newton publica *Philosophiae naturalis principia mathematica,* em que enuncia o princípio da inércia, a lei da gravitação universal e resume suas descobertas (1687). O suiço Daniel Bernoulli publica estudos sobre a pressão e a velocidade dos fluidos – teoria Cinética dos Gases (1738). O inglês Joseph Black cria a calorimetria, o estudo quantitativo do calor (1761). Os franceses Antoine Lavoisier e Pierre Laplace inventam o calorímetro de gelo (1784). **Óptica, Eletromagnetismo, Relatividade, Física dos Materiais e Eletrônica:** o inglês William Gilbert publica *De Magnete,* sobre a eletricidade e o magnetismo (1600). O alemão Wilhelm Leibniz propõe a existência do éter (1671). O astrônomo dinamarquês Olaus Römer descobre que a velocidade da luz é finita (1676). Huygens descobre a polarização da luz (1678). Huygens formula a teoria Ondulatória da Luz (1690). O alemão Ewald Jürgen von Kleist inventa o capacitor elétrico – garrafa de Leyden (1745). O francês Charles Augustin Coulomb enuncia a lei das forças eletrostáticas (1785).

IDADE CONTEMPORÂNEA

Mecânica Clássica, Termodinâmica e Acústica: os franceses Pierre Louis Dulong e Alexis Thérèse Petit estabelecem a lei que relaciona o peso atômico e a capacidade específica de calor de um elemento sólido (1819). O inglês Charles Wheatstone demonstra as condições da reprodução sonora (1821). O francês Augustin Fresnel aperfeiçoa as lentes usadas em faróis • O dinamarquês Hans Oersted mede a compressibilidade dos sólidos (1822). O francês Nicolas Sadi Carnot publica *Réflexions sur la puissance motrice du feu,* que constituiria mais tarde a base da Termodinâmica (1824). Christian Doppler, austríaco, formula as bases do efeito Doppler, utilizado na Acústica e na Astronomia (1842). O inglês James Joule determina a quantidade de trabalho mecânico necessária para produzir uma unidade de calor (1843). O alemão Hermann von Helmholtz enuncia o princípio da conservação de energia (1847). O inglês William Thomson (lord Kelvin) cria a escala termométrica absoluta (1849). O alemão Rudolf Julius Emmanuel Clausius formula a segunda lei da Termodinâmica e a teoria Cinética dos Gases (1850). Kelvin formula as leis da conservação e da dissipação da energia (1851). O escocês William Rankine conceitua energia potencial e energia cinética • Kelvin descobre o resfriamento provocado pela expansão de gases (1852). O inglês James Clerk Maxwell demonstra que a energia cinética das moléculas depende de sua temperatura (1860). Clausius define a entropia (1865). O austríaco Ludwig Boltzmann calcula a velocidade das moléculas (1869). O holandês Johannes van der Waals descobre a continuidade dos estados líquido e gasoso (1873). Philipp von Jolly, alemão, mede a variação do peso em relação à altitude (1880). O alemão Walter Hermann Nernst postula a terceira lei da Termodinâmica (1901). O alemão Albert Einstein expande a teoria da Relatividade na teoria Geral do Campo (1950). **Mecânica Quântica, Radiatividade, Física Atômica, Nuclear e de Partículas Elementares:** o francês Antoine Becquerel descobre a célula fotovoltaica (1839). O inglês William Crookes usa pela primeira vez o termo "raio catódico" e o considera uma nova forma radiante de matéria (1876). O francês Paul Villard identifica os raios gama • Os ingleses Ernest Rutherford e Frederick Soddy conceituam as famílias radiativas (1890). O irlandês George Stoney formula a teoria da existência do elétron, associando-o aos raios catódicos (1894). O holandês Hendrik Lorentz desenvolve um modelo atômico que permite explicar a estrutura fina dos espectros atômicos • O alemão Wilhelm Röntgen descobre os raios X (1895). O francês Henri Becquerel descobre a radiatividade (1896). Rutherford descobre os raios alfa e beta produzidos nos átomos radiativos • Os alemães Julius Elster e Hans Geitel determinam os períodos dos radioelementos (1899). O alemão Max Planck formula as leis da radiação do corpo negro, abrindo caminho para a teoria Quântica (1901). A polonesa Marie Sklodowska Curie publica o *Traité sur la radiographie,* em que sintetiza as pesquisas feitas com seu marido, Pierre Curie, e com seu aluno Langevin (1910). Os americanos Gockel e Victor Hess descobrem os raios cósmicos • Rutherford formula a estrutura atômica "planetária" • O americano Robert Millikan mede a carga do elétron (1911). O escocês Charles Wilson torna visíveis os caminhos de partículas eletricamente carregadas em câmaras com gás ionizável (1912). O alemão Hans Geiger inventa um aparelho elétrico para contar os raios alfa • O dinamarquês Niels Bohr formula a sua teoria da estrutura atômica • Soddy cunha o termo "isótopo" • O inglês James Frank e o alemão Gustav Hertz criam o conceito do nível de energia do elétron dentro do átomo • O inglês Henry Moseley relaciona o número atômico de um elemento a seu espectro de raios X (1913). O inglês Francis Aston aperfeiçoa o espectrógrafo de massa e define o fenômeno da isotopia • Rutherford descobre que é possível romper um núcleo de nitrogênio mediante o impacto direto de uma partícula alfa (1919). O indiano Megmed Saha desenvolve a equação de ionização térmica, aplicada à interpretação do espectro estelar (1921). O francês Louis de Broglie estabelece uma correspondência entre onda e partícula e formula a Mecânica Ondulatória (1923). O americano Samuel Goldsmith e o dinamarquês George Uhlenbeck definem o spin do elétron • O austríaco Wolfgang Pauli enuncia o princípio quântico da exclusão • Os alemães Werner Heisenberg, Ernst Jordan, o austríaco Erwin Schrödinger, o dinamarquês Niels Bohr e o inglês Paul Dirac formulam a nova teoria da Mecânica Quântica (1925). Heisenberg reelabora a teoria Quântica (1926). Heisenberg formula o princípio da incerteza, segundo o qual a posição e a velocidade das partículas não podem ser conhecidas ao mesmo tempo e com precisão • Schrödinger aplica a Mecânica Ondulatória à teoria Atômica • Os americanos Thompson, Clinton Davisson e Lester Germer produzem a difração de elétrons • O italiano Enrico Fermi dá uma interpretação estatística da Mecânica Quântica (1927). Os alemães Hans Geiger e Walter Müller inventam o contador Geiger para medir a radiatividade (1928). O holandês P.J. Debye usa os raios X para investigar a estrutura molecular (1930). O americano Ernest Lawrence desenvolve o ciclotron, instrumento para a aceleração de partículas carregadas (1931). Os americanos Carl Anderson, Robert Millikan e o inglês James Chadwick descobrem o neutrino e o pósitron • O inglês John Cockcroft e o irlandês Ernest Walton constroem um acelerador de partículas (1932). O casal francês Frédéric e Irène Joliot-Curie descobrem a radiatividade artificial • Fermi conclui que nêutrons e prótons são as mesmas partículas fundamentais, em estados quânticos diferentes • O japonês Hideki Yukawa formula a teoria da existência do méson (1934). O americano Anderson e o alemão Neddermeyer observam na prática o méson • Fermi bombardeia elementos químicos

pesados com nêutrons, produzindo elementos mais pesados que os existentes na natureza (1936). Os alemães Otto Hahn e Fritz Strasmann descobrem a fissão nuclear (1938). Inicia-se, nos EUA, o Projeto Manhattan, para a construção da bomba atômica (1941). Fermi coordena, em Chicago, EUA, a construção do primeiro reator nuclear (1942). A primeira bomba atômica é detonada pelos EUA em Alamogordo, Novo México, em16/7; 6/8, os EUA lançam a bomba atômica sobre Hiroshima; 9/8, sobre Nagasáqui (1945). Os EUA explodem a primeira bomba de hidrogênio, no oceano Pacífico; no ano seguinte a URSS explode a sua (1952). O Laboratório de Los Alamos, nos EUA, detecta o neutrino (1956). A China explode sua primeira bomba de hidrogênio (1967). Na Universidade de Princeton, EUA, é realizada a primeira fusão nuclear controlada, durante 5 segundos, a 100.000ºC (1982). O Centro de Pesquisas Nucleares de Genebra, na Suíça, descobre uma partícula (o bóson intermediário Z) que confirma a teoria da unificação da força eletromagnética com energia nuclear fraca (1983). Ephraim Fishbach, americano, propõe a existência de uma quinta força, repulsiva – além das já conhecidas: forte, fraca, eletromagnética e gravitacional (1986). Físicos do Laboratório Nacional de Los Alamos, nos EUA, afirmam ter comprovado a existência da quinta força • Eric Storm testa com êxito um novo método de fusão atômica que gera polêmica no meio científico (1988). O inglês Martin Fleishmann e o americano Stanley Pons afirmam ter obtido fusão nuclear à temperatura ambiente, que é tentada de novo sem sucesso por outros cientistas, até que Fleishmann admite ter se enganado (1989). **Óptica, Eletromagnetismo, Relatividade, Física dos Materiais e Eletrônica:** o alemão Friedrich Herschel descobre a existência dos raios infravermelhos (1799). O inglês Thomas Young descobre as interferências luminosas • O alemão Carl Ritter descobre o raio ultravioleta (1801). Fresnel faz pesquisas sobre a difração da luz • O inglês Humphry Davy inventa o arco elétrico (1811). Fresnel desenvolve a teoria Ondulatória da Luz (1819). O francês André-Marie Ampère formula leis da eletrodinâmica • Laplace calcula a força eletromagnética • Os franceses Jean-Baptiste Biot e Félix Savart medem a indução criada por uma corrente • Oersted descreve o desvio produzido pelas correntes elétricas sobre a agulha da bússola e une definitivamente eletricidade e magnetismo (1820). O inglês Michael Faraday descobre os fundamentos da indução eletromagnética • Fresnel efetua as primeiras medições de comprimento de onda elétrica (1821). Fresnel aperfeiçoa as lentes usadas em faróis (1822). O alemão Georg Ohm formula a lei que define o potencial, a resistência e a corrente elétrica (1827). Faraday descobre a indução eletromagnética • James Maxwell afirma o caráter eletromagnético da luz (1831). O russo Heinrich Lenz determina a lei do sentido das correntes induzidas (1833). Faraday formula as leis da eletrólise • Wheatstone descobre o processo para medir a velocidade de uma carga elétrica num campo condutor (1834). O alemão Ernest Weber constrói o primeiro eletrodinamômetro, para medir a força de atração entre cargas elétricas (1846). O francês Armand Fizeau mede a velocidade da luz (1849). O alemão Franz Ernst Neumann formula a lei da indução eletromagnética (1851). O inglês George Stokes formula a lei da fluorescência, observando o efeito da luz ultravioleta sobre o quartzo (1852). O francês Leon Foucault descobre as correntes induzidas nos condutores metálicos (1855). Os alemães Robert Bunsen e Gustav Kirchhoff desenvolvem a análise espectral, que fornece subsídios para químicos e astrônomos (1859). Maxwell expõe a teoria eletromagnética da luz (1865). James Wimshurt, inglês, inventa o gerador eletrostático (1880). O inglês James Alfred Ewing e o alemão Emil Warburg descobrem a histerese magnética (campo residual de um objeto ferromagnético) (1881). O americano Thomas Edison faz a primeira válvula eletrônica (1884). Os americanos Albert Michelson e Edward Williams Morley mostram a constância da velocidade da luz • O alemão Heinrich Rudolf Hertz descobre o efeito fotoelétrico e estuda as ondas eletromagnéticas (1887). Trabalhando separadamente, Hertz e Oliver Lodge estabelecem que as ondas de rádio pertencem à mesma família das ondas de luz (1888). Jean-Baptiste Perrin, francês, demonstra que os raios catódicos transportam eletricidade negativa (1895). Rutherford descobre o processo de detecção magnética das ondas eletromagnéticas (1896). O russo Piotr Liébedev prova experimentalmente a pressão da luz (1901). Oliver Heaviside, inglês, afirma existir uma camada atmosférica que favorece a refração das ondas de rádio (1902). Einstein formula os fundamentos da teoria da Relatividade, restrita à lei da equivalência entre massa e energia, a teoria do movimento browniano e a teoria fotônica da luz (efeito fotoelétrico) • Lee de Forest, americano, inventa o tríodo, a válvula eletrônica de três elementos (1905). Einstein e Langevin demonstram a inércia da energia (1911). O alemão Johannes Stark descobre a ação do campo elétrico sobre a luz (1913). Einstein publica seus estudos finais sobre a teoria Geral da Relatividade (1916). O americano Louis Bauer analisa o campo magnético da Terra (1923). Einstein publica suas conclusões sobre a teoria do Campo Unificado (1929). O americano Robert van de Graaff constrói a primeira máquina eletrostática (1932). Os americanos John Bardeen, Walter Brattain e William Shokley formulam a teoria do transistor e constroem os primeiros modelos (1948). O Instituto de Tecnologia de Massachusetts, EUA, produz as primeiras ondas de freqüência ultra-rápida (1955). J. Weber, alemão, observa as ondas gravitacionais, postuladas por Einstein em 1916 (1969). J.G. Bednorz e K.A. Müller produziram, com uma liga cerâmica de vários elementos químicos, um supercondutor a "alta" temperatura, ou seja, material que, sob temperaturas baixas, mas não tão baixas como as dos supercondutores puros, apresenta resistividade elétrica nula (1986).

Cronologia Brasil

IMPÉRIO

Cursos: é criada a Escola Central, antiga Academia Militar, com uma seção de estudos das ciências físicas e matemáticas (1858).

REPÚBLICA

Cursos e centros de pesquisa: a Universidade de São Paulo (USP) implanta seu primeiro grupo de pesquisa, com Marcelo Dami de Souza Santos, Mário Schemberg e Paulus Aulus Pompéia, orientados por Gleb Wataguin (1934). Fundado o Instituto de Física Teórica, em São Paulo (1951). Fundado o Instituto de Pesquisas Radiativas, em Minas Gerais (1953). **Descobertas:** Joaquim Costa Ribeiro descobre o efeito termodielétrico, conhecido por efeito Costa Ribeiro (1944). César Lates participa da descoberta do méson (1947). Mário Schemberg descobre um processo de perda de energia de estrelas, por emissão de neutrinos – efeito Urca (1954). André Koch Torres Assis desenvolve nova interpretação cosmológica da força centrífuga • Antônio Figueiredo Neto, Francisco Augusto Tourinho e Maria de Fátima Silva inventam novo cristal líquido, que pode ser acionado por ímãs (1991). **Energia nuclear:** criada a Comissão Nacional de Energia Nuclear, no Rio de Janeiro (1951). Criado o Instituto de Energia Atômica de São Paulo (1957). Instalado na USP, em São Paulo, o primeiro reator nuclear da América Latina (1958). Jacques Danon e Argus Henrique Moreira projetam novo acelerador de partículas (1959). Cesar Lattes comprova sua descoberta da "bola de fogo" dentro do núcleo atômico, estágio intermediário na formação de novas partículas (1967). Instalado em Piracicaba, SP, o Centro de Energia Nuclear na Agricultura (1968). José Goldemberg é co-partícipe da comprovação de que os átomos de elementos químicos leves também podem sofrer fissão (1971). Assinado o Acordo Nuclear Brasil/Alemanha, contra o qual se manifestam os físicos brasileiros (1974). Inaugurada a usina nuclear Angra I, em Angra dos Reis, RJ (1983). Entra em funcionamento, em Campinas, SP, o maior acelerador de partículas do país (1989).

INFORMÁTICA

É a ciência do tratamento lógico e automático da informação – entendida, esta última, como suporte dos conhecimentos e das comunicações.

Podem-se distinguir: a informática teórica, que diz respeito à análise numérica, à teoria da informação, linguagem e sintaxes, à concepção de autômatos; a informática de sistemas, que envolve a arquitetura de computadores e de sistemas operacionais, comunicação entre processadores, redes; a informática tecnológica, que se refere aos materiais – componentes eletrônicos, semicondutores, memórias e memórias auxiliares, gravação sobre meios magnéticos, equipamentos periféricos de entrada e saída; a informática metodológica, que trata sobretudo do *software*, que é a parte lógica dos programas e dos sistemas de operação, incluindo compilação, linguagens, técnicas de operação, análise e programação estruturada; e a informática aplicada, que abarca todas as realizações que empregam computadores e o tratamento automático da informação.

DESENVOLVIMENTO

A Informática cobre hoje quase todas as áreas da atividade humana. Seu pioneiro é o matemático inglês Charles Babbage (1792–1871), que desenvolve, a partir de 1833, o projeto de uma máquina de calcular baseada no cálculo das diferenças finitas e capaz de efetuar séries de operações. Ele não consegue concluir um modelo experimental de sua máquina. Os fundamentos lógicos que permitem a criação dos programas são dados por George Boole (1815–1864), matemático inglês que publica, em 1854, *As leis do pensamento*, estabelecendo uma forma de armazenar e processar informações utilizando relações binárias. Em 1944, 73 anos após a morte de Babbage, surge o Mark I, a primeira máquina capaz de efetuar cálculos complexos sem intermediação humana, desenvolvido na Universidade de Harvard, nos EUA. Em 1976 é a vez do Apple II, o primeiro computador pessoal, criado pelos americanos Steve Jobs e Steve Wozniac, que revoluciona o mercado. A IBM lança o seu PC (Personal Computer) cinco anos depois, inovando com uma "arquitetura aberta" e um sistema operacional que pode ser utilizado por qualquer outro fabricante. Surgem dezenas de produtos periféricos e mesmo outros micros que, embora de outros fabricantes, seguem o padrão IBM. Isso garante à empresa o domínio do mercado. Mais três anos (1984) e a Apple apresenta sua resposta ao PC, o Macintosh, revolucionário na utilização de ícones para indicar um comando, e do *mouse,* que substitui muitas das funções do teclado. No final dos anos 80, a Microsoft, empresa de Bill Gates, torna-se a mais importante produtora de *softwares* do mercado.

Na década de 80 a informática passa definitivamente a fazer parte do dia-a-dia das pessoas com a consolidação da automação bancária; o aumento no número dos programas de editoração eletrônica, desenho arquitetônico, contabilidade, gerenciamento de empresas; o uso cada vez maior da computação gráfica na televisão, cinema, propaganda. Os robôs são cada vez mais utilizados na automação de linhas de produção.

TENDÊNCIAS

Equipamentos menores tornam-se rotineiros no início dos anos 90. Grandes empresas substituem seus computadores de grande porte por outros menores, muito potentes mas de manutenção mais barata, num processo conhecido por *downsizing*. Os equipamentos pessoais são simplificados; surge o ambiente gráfico Windows que incorpora o uso de ícones acionados por *mouse* para os PCs, tornando mais fácil o uso de microcomputadores por quem não domina a linguagem tradicional de Informática. Aumenta o número de programas multimídia educativos e de entretenimento, utilizando os CD-ROM para armazenar imagens e som. Os principais lançamentos de 1993 são o Pentium, novo microprocessador da Intel para uma nova geração de PCs, e o Windows NT, sistema operacional da Microsoft destinado a unir o ambiente gráfico Windows à capacidade de gerenciar redes de micros.

A área de entretenimento cresce, nos últimos cinco anos, com o segmento de jogos eletrônicos. Há jogos para computador e os que utilizam a tela da TV como monitor. Os lançamentos mais recentes são os consoles que utilizam CD no lugar de cartuchos e os com processador de 32 bits. É cada vez maior o número de BBS *(Bulletin Board System)* disponíveis aos usuários de microcomputador. Para entrar em contato com um deles é necessário possuir um *modem* e uma linha telefônica. Depois é só preencher a ficha de cadastramento através do próprio micro e pagar uma assinatura para ter acesso a serviços que variam de correio eletrônico a pesquisas internacionais. Alguns BBS permitem a comunicação dos micros localmente, outros, como a Internet, ligam milhares de computadores em todo o mundo. Além disso, alguns *freewares* e *sharewares* costumam ser colocados à disposição dos usuários dos BBS.

PESQUISAS

A área que mais tem atraído atenção em virtude de seu potencial é a realidade virtual – a simulação de situações reais com uso de computadores e acessórios como óculos, capacetes e luvas. Ela já é usada pela NASA no treinamento de astronautas para o conserto de satélites; em arquitetura, para verificar, por exemplo, se um projeto arquitetônico é adequado ao uso de deficientes físicos; em medicina, no estudo de cirurgia; e em jogos eletrônicos. As pesquisas caminham para tornar a realidade virtual cada vez mais próxima da real, aperfeiçoando as sensações visuais, táteis e auditivas e buscando incluir também sensações olfativas e gustativas.

Informática no Brasil

O desenvolvimento se dá em três etapas. A primeira, de 1958 a 1975, é caracterizada pela importação de tecnologia, dos EUA principalmente. O processamento eletrônico de dados é centrado em grandes empresas, universidades, órgãos governamentais e agências de serviços. Surge nessa época (1972) o primeiro computador nacional, o "Patinho Feio", construído pela USP. Em seguida, vem o projeto G-10, desenvolvido na USP e na PUC-RJ (1974), com incentivo da Marinha, que necessitava de equipamentos para seu programa de nacionalização da eletrônica de bordo. No mesmo ano é criada a Cobra – Computadores Brasileiros S.A., primeira empresa brasileira no ramo, cuja missão é justamente transformar em realidade o projeto G-10.

Com a criação de uma reserva de mercado dos minicomputadores para as empresas nacionais, o país entra em sua segunda etapa. A indústria nacional cresce, embora apenas cinco empresas, com autorização do governo federal, atuem na área, ainda com tecnologia estrangeira. Em 1979, a reserva de mercado é estendida aos microcomputadores; em 1984, ao *software,* mas com data marcada para a abertura total do mercado: out. de 1992.

A indústria nacional cresce 30% ao ano, em meados da década de 80. Em 1986, o país alcança a 6ª posição no mercado mundial de Informática, posto mantido até o último levantamento (1991). É o 5º maior fabricante mundial e, fora Japão e EUA, o único país com capacidade de suprir mais de 80% de seu mercado interno.

Uma terceira etapa tem início com o fim da reserva de mercado à indústria nacional, em out. de 1992. Antecipando-se à medida, os principais fabricantes buscam parceiros estrangeiros e formam *joint ventures,* em que os primeiros assumem o perfil de prestadores de serviço, entrando com o conhecimento do mercado; e os segundos, com os produtos de ponta.

Após dezesseis anos de reserva de mercado, as indústrias nacionais, com raras exceções – área de automação bancária, principalmente –, não conseguiram criar tecnologia capaz de competir em igualdade com os produtos de linha estrangeiros. O aumento da concorrência, após o fim da reserva, faz com que os preços no mercado interno caiam cerca de 50% entre fev. de 1992 e fev. de 1993. O aumento no número de interessados em microcomputadores para uso doméstico faz surgir as primeiras grandes lojas de informática. As empresas maiores, que cada vez mais trocam seus equipamentos de grande porte por micros, têm utilizado principalmente equipamentos nacionais.

Glossário

Aplicativo – programa destinado a executar uma tarefa específica, como processamento de texto ou gerenciamento de banco de dados.

ASIC (*Application Specific Integrated Circuit* – Circuitos integrados de aplicação específica) – são chips que dão inteligência a produtos de consumo, como fornos de microondas, máquinas de lavar e automóveis, aos instrumentos médicos, equipamentos de telecomunicações, de robótica e às linhas de produção industrial.

Banco de dados – conjunto de dados organizados de acordo com uma seqüência lógica que permite o acesso, de forma simples, por parte dos programas de aplicação.

Basic (abreviatura de *Beginner's All-Purpose Symbolic Instruction Code* – Código de instrução simbólica para todos os fins destinado a iniciantes) – designa uma linguagem simples de aprender, preferida por iniciantes.

BBS (*Bulletin Board System*) – são os clubes de microcomputadores que usam linha telefônica para estabelecer comunicação entre seus usuários, com caráter profissional – clubes de agricultores, advogados, médicos – ou de lazer.

Bit (contração de *Binary Digit* – dígito binário) – pode designar um dos algarismos do sistema de numeração binária (em geral representados por zero) ou a unidade de quantidade de informação.

Byte – unidade básica de informação; termo usado para designar um conjunto de bits.

C – linguagem de programação que se destaca pela sua eficiência na execução e pela facilidade de acesso a recursos do *hardware*, sendo ideal para a implementação de *software* básico, como computadores e sistemas operacionais.

CAD/CAM (*Computer-Aided Design/Computer-Aided Manufacturing* – Projeto e produção assistidos por computador) – sistema que engloba computador e mesa gráfica, onde são desenhados os projetos, interligados a máquinas de comando numérico ou robôs. As informações transmitidas à mesa gráfica e ao computador acionam máquinas numa linha de produção automatizada.

CD-I (*Compact-Disc Interactive*) – disco-laser que serve de *software* para um programa de multimídia, com texto, fotos, esquemas, animação, som, música ou vozes, abordando um determinado assunto.

CD-ROM (*Compact-Disc Read-Only Memory*) – disco-laser com informação permanentemente gravada. O convencional, de 5 polegadas, tem capacidade de 600 megabytes, o equivalente a 1.500 disquetes comuns ou 250 mil páginas de texto (cerca de quinhentos livros). Mais raro, o de 3 polegadas armazena 200 megabytes.

Chip – pastilha de silício que forma uma pequena superfície de material semicondutor, capaz de comportar circuitos integrados contendo até centenas de milhares de transistores.

Clipper – compilador para a linguagem de comandos do dBASE (versão IBM).

Cobol – linguagem de processamento de dados que utiliza o inglês. Foi concebida para uso universal nas aplicações comerciais.

CPU (*Central Processing Unit* – Unidade de processamento central) – designa a parte do computador responsável pela interpretação e execução das instruções fornecidas pelo programa.

Cursor – indicador luminoso móvel que assinala, na tela do computador, a posição da próxima informação a ser digitada.

Disco rígido (*Hard-disk*) – memória secundária de um computador, que pode armazenar de 10 a 80 megabytes, cuja principal vantagem é a de possibilitar acesso rápido à informação, além de ser mais durável do que o disquete. É lacrado para garantir maior segurança. Também chamado de *winchester*.

Disk-drive – unidade de disco. Parte do computador que registra e recupera informações contidas no disquete ou no disco rígido *(winchester)*.

Disquete – disco para armazenar e transportar dados; pode ser flexível, com 5 1/4 polegadas, ou rígido, com 3 1/2 polegadas.

DOS (*Disk Operating System*) – designa o sistema operacional comumente usado em microcomputadores da linha PC.

Downsizing – substituição das redes de processamento baseadas em grandes computadores por configurações que utilizam equipamentos de menor porte.

Draft – modo de impressão através do qual cada caractere é impresso apenas uma vez, permitindo maior velocidade de impressão.

EB (*Electronic Books* – livros eletrônicos) – disquetes de leitura a laser, de 8 cm de diâmetro (o CD comum tem 12 cm), protegidos em capas de plástico rígido. Cada um contém 200 megabytes de informação, equivalentes a 100 mil páginas ou 32 mil imagens.

EDI (*Electronic Data Interchange* – Intercâmbio eletrônico de dado) – troca de documentos comerciais através do computador.

EPROM (*Erasable Programmable Read-Only Memory* – Memória somente para a leitura programável apagável) – tipo de memória que pode ser alterada pelo usuário, como é o caso dos cartuchos de videogame.

Fortran (contração de *Formula Translation System* – Sistema de tradução de fórmulas) – linguagem utilizada especialmente para expressar programas de computador por fórmulas aritméticas.

Frames – molduras. Elemento gráfico auxiliar da diagramação das páginas. Pode conter textos, grafismos ou ilustrações produzidas por programas gráficos.

Freehand – programa de ilustração profissional para computadores Macintosh. Produz imagens baseadas em objetos.

Freeware – programas distribuídos gratuitamente.

Front end – computador associado a um computador central, dedicado ao controle de linhas de comunicação e tratamento de mensagens.

Hardware – termo usado para designar os elementos materiais de um computador. Engloba a parte mecânica, magnética, eletromecânica, elétrica e eletrônica do computador e seus periféricos.

High end – termo usado para designar produtos de topo de linha.

Hipertexto – apresentação de textos, imagens, sons e ações interligados em uma teia não linear que permite ao usuário percorrer assuntos inter-relacionados independentemente da ordem em que são apresentados.

Ink jet – impressoras de jato de tinta.

Interface – conjunto de dispositivos, regras e convenções a respeitar para que dois sistemas de computadores possam trocar informações.

Kerning – ajuste de pares de letras.

Laptops – micros pessoais, do tamanho de uma pasta executiva, com peso em torno de 6 kg. São bem menores que um PC, mas têm a mesma capacidade de processamento. Atualmente quase não são fabricados, já que os notebooks os substituem com vantagem.

Light-pen (Caneta óptica) – dispositivo sensível à luz, semelhante a uma caneta, que permite ao usuário inserir informações num computador escrevendo sobre a tela.

Mainframe – computador de grande porte.

MIDI (*Musical Instrument Digital Interface*) – padronização que permite aos instrumentos musicais eletrônicos serem controlados por computador.

Minisave – dispositivo que armazena alterações realizadas em um documento sempre que o usuário "virar" uma página.

Modem – contração de modulador/demodulador, elemento periférico do computador que possibilita a transmissão de dados de uma máquina para outra, via linha telefônica, peça fundamental para o acesso do computador a redes telefônicas ou a redes de transmissão de dados.

Mouse – dispositivo localizador dotado de duas ou três teclas, usado para substituir algumas funções do teclado, como a indicação da posição do cursor, em aplicações gráficas.

Multimídia – conjunto de tecnologias que permitem ao computador a incorporação de recursos de som, vídeo e animação.

Notebooks – microcomputadores portáteis do tamanho de um caderno universitário com a mesma capacidade de processamento de um PC; pesam cerca de 3 kg.

Notepad – prancheta eletrônica.

OEM – sistema de vendas bastante utilizado na área de Informática, em que um fabricante fornece equipamentos sem arcar com os serviços que deveriam acompanhar a maquinaria (transporte, instalação, assistência técnica); pratica-se entre indústrias, como, por exemplo, uma fábrica de computadores que compra a impressora de um terceiro, só colocando nela a sua marca.

Off-line (Desconectado da linha) – designa um processador de dados desligado da rede, sem poder entrar em comunicação com outro computador.

On-line (Conectado à linha) – designa um processador de dados ligado na rede, em comunicação com outro computador.

PDA (*Personal Digital Assistant* – Assistente pessoal digital) – equipamento portátil que permite ao usuário gerenciar seus compromissos pessoais, podendo funcionar como agenda, bloco de anotações, fax.

PageMaker – principal programa de *layout* de páginas do mercado, disponível para computadores compatíveis com o IBM PC e o Macintosh. Indicado para diagramação e composição de documentos como *newsletters*, brochuras, relatórios e livros.

Palmtops – microcomputadores que cabem na palma da mão; não são adequados para a digitação de grandes textos.

Pasteboard – placa de colagem, área útil ao redor das páginas.

Pentium – mais novo e mais poderoso microprocessador para a linha PC.

Periférico – dispositivos exteriores à unidade de processamento, podendo ser de entrada/saída (impressoras, terminais, teclados) ou de memória (discos, tambores ou fitas magnéticas).

Photo CD – equipamento que permite ao usuário gravar imagens fotográficas num CD e reproduzi-las na tela da TV.

Plotter – traçadores gráficos. Podem ser vetoriais (reproduzem desenhos traçando linhas com penas e grafite) ou rasters (eletrostáticos, térmicos, a jato de tinta ou laser, que geram os desenhos por pontos).

Print preview – visualização da página inteira na tela do computador, incluindo as margens, antes da impressão.

RAM (*Random Access Memory* – Memória de acesso) – tipo de memória de computador em que as informações podem ser alteradas pelo usuário. A quantidade de RAM disponível num computador determina o quanto de memória o programador poderá usar para a execução de programas dados.

RISC (*Reduced Instruction Set Computer* – Computador com conjunto reduzido de instruções) – os computadores desta linha de arquitetura possuem um repertório pequeno de instruções, extremamente rápidas. Nasceram da constatação de que mais de 85% das instruções usadas na prática são simples.

ROM (*Read-Only Memory* – Memória apenas para leitura) – memória em que as informações estão armazenadas permanentemente. As instruções podem ser examinadas e lidas, mas nunca alteradas.

Scanner – equipamento usado para produção de fotolitos de jornais, revistas, livros, folhetos e catálogos, com alta definição de imagens.

Shareware – sistema que permite ao usuário testar um programa e só pagar caso tenha intenção de utilizá-lo.

Sistema operacional – conjunto de programas básicos, responsável pelo controle e supervisão de todas as operações internas de um computador e seu interfaceamento com os periféricos. É o sistema periférico que possibilita, por exemplo, a sincronização de tarefas como o acionamento de uma impressora ou unidade de disco.

Slot (Conectador) – espaço reservado no computador para a conexão de expansões e periféricos. Quando aumenta a memória de um computador, a placa adicional é ligada num slot.

Software – os programas, procedimentos e documentação necessários para operar o sistema de computação.

Sound board – placa de som, compatível com MIDI, para produzir sons sintetizados.

Tracking – ajuste de todas as letras de um texto.

Winchester – ver *Disco rígido*.

Workstations (Estações de trabalho) – não diferindo muito na aparência externa de um computador convencional de mesa, as mais simples são capazes de executar 27,5 milhões de instruções por segundo, algo que só era possível em computadores de grande porte.

WORM – espécie de disquete óptico de alta capacidade – 200 megabytes ou 100 mil páginas de texto – em que a informação pode ser gravada com um raio laser e armazenada para leitura posterior. Uma vez gravados, os dados não podem mais ser alterados.

Cronologia geral

IDADE CONTEMPORÂNEA

Computação gráfica: pela primeira vez a Justiça americana aceita como prova imagens de um assassinato, reconstituídas por computação gráfica, apresentadas em júri popular em São Francisco (1992). **Lançamentos:** são anunciados comercialmente o UNIVAC I e o IBM 701 (1951). Os americanos Steve Jobs e Steve Wozniac criam, numa garagem nos EUA, o primeiro computador pessoal, o Apple, inaugurando a quarta geração, a dos micro-

computadores, que logo abre um novo mercado (1976). A IBM lança o seu PC (Personal Computer), que tem a vantagem de uma "arquitetura aberta", ou seja, um sistema operacional utilizável por qualquer outro fabricante, e com isso impõe-se no mercado (1981). A Apple lança o microcomputador Macintosh, revolucionário na utilização de ícones para indicar um comando e do *mouse*, dispositivo que substitui muitas das funções do teclado (1984). A Motorola e a TRW, associadas ao Departamento de Defesa americano, anunciam o desenvolvimento de um superchip, capaz, entre outras funções, de se autoconsertar e de alcançar uma velocidade de 200 milhões de informações por segundo (1990). Dissemina-se o uso de laptops e notebooks, microcomputadores portáteis • A NEC, do Japão, lança o primeiro PC portátil a trazer embutido um *modem*, modulador/demodulador de sinais que permite ao usuário transmitir dados a outros computadores via sinais de telefone • Anunciado o lançamento do micro pentop, combinação do laptop comum com uma caneta eletrônica com a qual se pode escrever diretamente na tela do computador (1991). Lançado, nos EUA, o primeiro livro eletrônico; uma edição de *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Caroll • Lançados os "livros interativos", programas de computador baseados no conceito de multimídia, com texto, imagens e som • Membros do Museu de Ciência de Londres, na Inglaterra, fazem os ajustes finais em uma máquina de calcular analítica construída a partir dos desenhos e especificações do pioneiro da Informática, o inglês Charles Babbage, feitos em 1840 • Chegam ao mercado mundial os *softwares* Windows 3.1, da Microsoft, e o sistema operacional OS/2 2.0, da IBM, em que as empresas buscam integrar funções e aplicativos para fornecer ambiente adequado à implementação de sistemas de multimídia • Surge uma nova geração de máquinas, menores que os microcomputadores e que cabem no bolso; têm a potência de um micro de mesa (1992). A Intel lança o microprocessador Pentium, sucessor do 486 • A Microsoft lança o sistema operacional Windows NT, que une o sistema de janelas à capacidade de gerenciar redes • Começa a ser comercializado o DECpc AXP 150, primeiro PC a utilizar o Alpha, processador RISC de 64 bits (1993). **Pesquisas:** o americano Howard Haiken desenvolve, na Universidade de Harvard, nos EUA, o Mark I, primeira máquina capaz de fazer cálculos complexos sem intermediação humana; seus componentes são ainda eletromecânicos (1944). A Universidade da Pensilvânia, nos EUA, impulsionada pela II Guerra Mundial, constrói o ENIAC, o primeiro computador eletrônico, concebido a partir das teorias de Neumann, para fazer cálculos de balística (1946). As válvulas eletrônicas começam a ser substituídas por transistores, dando início à segunda geração de computadores, produzidos em série, a preços mais acessíveis (1961). Anunciados os computadores de circuitos integrados de terceira geração: uma pequena partícula de silício compatibiliza transistores e resistores, entre outros componentes (1964). Desenvolvem-se os chips e surgem os discos (1970). Anunciados os primeiros microprocessadores (1971). O Japão anuncia investimentos em projeto de computadores de quinta geração, com recursos de inteligência artificial que lhes permitirão o desenvolvimento de raciocínios lógicos em vez de simples cálculos matemáticos (1982). Em Baltimore, nos EUA, fabricantes de todo o mundo apresentam uma rede de 310 computadores comunicando-se entre si; o fato marca os esforços de padronização e intercomunicação exigidos pelo mercado (1988). A Nippon Telegraph and Telephone Corp., do Japão, desenvolve um sistema óptico de armazenamento de massa de dados capaz de guardar um tetrabyte de informação, ou seja, o equivalente a 5 milhões de páginas de jornal • Cientistas da Universidade de Oxford, na Inglaterra, criam o "neurônio de silicone", um chip que se comporta como uma célula do cérebro humano, ou seja, de modo analógico, enquanto os outros chips operam de modo digital; é um grande passo em direção à criação do cérebro artificial e outras máquinas inteligentes (1991). Cientistas da empresa Molecular Devices, de Menlo Park, nos EUA, criam o biossensor, dispositivo que usa células vivas em chips de silicone, resultado de uma combinação de pesquisas nas áreas de biologia e semicondutividade; ele vai ajudar a diagnosticar moléstias e a criar novas drogas (1992). **Segurança:** cresce a venda de dispositivos de segurança depois que os computadores da NASA e da Moby Oil Co. sofrem ataques de vírus (1989). O governo americano admite a vulnerabilidade do sistema de computadores do Pentágono depois que três jovens são acusados de obter informações confidenciais por meio de "acesso ilegal" aos computadores (1990). **Teoria:** o matemático americano John von Neumann desenvolve a idéia de "programa interno", ou seja, de memória, lançando os fundamentos teóricos para a construção de computadores eletrônicos (1944). **Vírus:** Vírus (programas destruidores) atacam 6 mil computadores militares e universitários americanos (1988).

Cronologia Brasil

REPÚBLICA

Empresas: é criada a estatal Cobra – Computadores Brasileiros S.A., primeira empresa de fabricação de computadores do país • O governo federal estabelece a reserva de mercado para minicomputadores, a fim de estimular sua fabricação (1974). **Lançamentos:** lançada a primeira placa de som feita inteiramente no país, a Musicon, com doze vozes simultâneas e amplificador interno maior que o dos concorrentes, gerando até 6 watts de potência (1991). **Legislação:** a reserva de mercado se estende aos microcomputadores (1979). O *software* é incluído na reserva de mercado, que tem seu término marcado para out. de 1992 (1984). Os EUA anunciam sobretaxas na importação de 66 produtos da pauta de exportação brasileira, em retaliação à política de reserva de mercado na Informática (1987). Sancionada a lei do *software*, que protege os direitos autorais sobre programas de computador (1988). O pres. Fernando Collor assina decreto oficializando a abertura do mercado de Informática, com a interdição de alguns produtos até out. de 1992 • O Senado americano proíbe a venda de tecnologia para supercomputadores ao Brasil, devido à participação do país no desenvolvimento de armas para o Iraque (1990). Sancionada a nova lei de Informática (1993). **Organizações:** o governo federal cria a Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico (Capre), para estabelecer uma política para o setor de Informática (1974). É criada a Secretaria Especial de Informática – SEI (1979). É extinta a SEI (1990). **Pesquisas:** a USP constrói o "Patinho Feio", primeiro computador brasileiro (1972). A USP inicia a construção do primeiro supermicrocomputador brasileiro, capaz de processar 150 milhões de operações por segundo (1988). Inaugurado, no depto. de Engenharia Mecânica da Escola Politécnica da USP, um protótipo da fábrica do futuro, segundo o conceito de CIM (*Computer Integrated Manufacturing* – "Fábrica Integrada por Computador") • Avançam as pesquisas sobre computadores de estrutura semelhante ao cérebro humano • Pesquisadores da USP, campus de São Carlos, SP, produzem filmes ultrafinos, base para a produção de biochip, matéria-prima do computador inteligente (1990). O Laboratório de Sistemas Integráveis da Escola Politécnica da USP, em São Paulo, desenvolve pesquisas na área das novas arquiteturas computacionais paralelas, bem como o *hardware* para a construção de supercomputadores no país (1992). **Telecomunicações:** a Renpac – Rede Nacional de Computação por Pacotes, da Embratel, aumenta para 30.600 canais sua capacidade de comunicação de dados, facilitando a troca de informações entre computadores pela rede pública de comunicações (1992). ■

LÍNGUAS

Também chamadas idiomas, são conjuntos de sons organizados em vocabulários e gramática, com sistemas de regras específicas, para a comunicação oral e escrita entre os diversos povos. As palavras e frases entendidas pelos membros de uma mesma comunidade formam um código com uma estrutura característica, que a torna diferente de todas as outras, e que permite determinar a que ramo ou família lingüística pertence. O romeno, por exemplo, embora tenha em seu vocabulário muitas palavras de origem eslava, é classificado como uma língua latina, pois a sua estrutura é mais próxima dos idiomas que se desenvolveram a partir do latim.

As características que formam a espinha dorsal de uma língua são estáveis no tempo e no espaço, o que nos permite, à exceção de um ou outro detalhe, entender, ainda hoje, um texto escrito no séc. XVI. É o que faz também com que um brasileiro do sul do país possa conversar, sem grandes dificuldades, com seus compatriotas do norte. Outros elementos, entretanto, são flutuantes, modificando-se de acordo com a época ou o lugar. É o caso das palavras arcaicas, que deixaram de ser usadas; dos regionalismos, vocábulos ou expressões que só se empregam em determinadas regiões; e da gíria, que muda de acordo com o lugar ou a época, está sujeita a modismos e pode ser praticada apenas por pequenos grupos fechados (a gíria dos surfistas, dos roqueiros, dos traficantes, dos policiais etc.).

Língua e fala – Em seu *Curso de lingüística geral*, o filólogo suíço Ferdinand de Saussure formula dois conceitos básicos para os estudos lingüísticos: o de *língua* – as convenções adotadas por determinado grupo social e que, portanto, não podem ser criadas nem modificadas por um indivíduo isolado (noção que se liga, portanto, à de estrutura) – e o de *fala*: a forma como os indivíduos utilizam essas convenções, essa, sim, sujeita a modificações regionais ou em virtude da criação de gírias ou jargões (noção que se liga à de variação, mobilidade). A fala varia, além disso, em função dos diversos *registros* em que é empregada, ou seja, os níveis de linguagem, ora mais formais, ora mais descontraídos, em que a língua é utilizada. Não se fala da mesma maneira quando se está pronunciando uma conferência ou conversando despreocupadamente com um amigo pelo telefone; e não se escreve da mesma maneira quando se está redigindo um ensaio ou uma carta para um parente.

Língua comum – É a empregada, em geral, num grande centro urbano, foco de influência política e cultural (no caso brasileiro, por exemplo, o eixo Rio/São Paulo/Belo Horizonte), e que serve de modelo básico para a fala de todo o país. Pode sofrer modificações provocadas pelos imigrantes, que acrescentam suas contribuições regionais. Mas sua extensão a todo o país é feita por meio do ensino e também da imprensa, rádio e televisão, que são agentes poderosos no processo de nivelamento da língua nacional, de acordo com os padrões dos grandes centros de produção econômica e cultural. Esse nivelamento pode acarretar a perda da identidade local, pois a imposição artificial de um comportamento lingüístico do centro-sul dilui a maneira de falar típica de cada região.

A língua escrita, naturalmente, mantém-se mais estável do que a oral, pois sua uniformidade é assegurada pelas escolas, dicionários e gramáticas. Esse é, aliás, um fenômeno geral: o espanhol escrito da Espanha e dos países hispano-americanos difere menos do que o falado, muito mais sujeito à influência de regionalismos e de gírias locais (o *lunfardo* argentino, por exemplo, é um tipo de gíria portenha sem correspondente em outros países de fala espanhola, embora seus vocábulos, por proximidade de fronteiras, sejam anexados por nações vizinhas, incluindo-se aí até o português do Brasil). A mesma distância menor para a escrita e maior para a fala verifica-se com o português do Brasil e de Portugal, o inglês dos EUA e da Inglaterra, o francês do Canadá e da França.

Circunstâncias históricas fazem também com que um país possa ser bilíngüe (o inglês e o francês no Canadá, o francês e o flamengo na Bélgica) ou multilíngüe (francês, alemão, italiano e romanche na Suíça; todas as línguas faladas nas unidades autônomas da Federação russa ou em países multiétnicos como a Índia). Em muitos lugares, a convivência entre comunidades de línguas diferentes é harmoniosa; em outros, como a Bélgica, são comuns os conflitos entre os valões francófonos e os flamengos, resultado também de disparidades econômicas e sociais. Quanto às ex-colônias – as da África, por exemplo, onde predominam o inglês e o francês, herdados do europeu –, assiste-se, com freqüência, ao esforço para restabelecer, como língua nacional, o idioma original da região (o árabe no norte do continente, o suahili ou o iorubá em diversos países da África negra etc.). Por outro lado, dentro de alguns países, há minorias lutando pelo direito de que a sua língua seja considerada oficial: os bérberes da Argélia, que reivindicam o direito de falar e escrever cabile; os tuaregues no Mali; os curdos no Iraque, Irã e Turquia; os bascos e catalães da Espanha, que, durante o franquismo, foram impedidos de cultivar sua língua; e, na Índia, os sikhs do Pundjab, que têm reivindicações separatistas, ou os extremistas hindus que hostilizam os muçulmanos, de fala árabe, por razões lingüísticas, religiosas e de costumes.

Língua padrão – Existe, entretanto, a necessidade de se estabelecer uma língua padrão, acima de todas as variantes criadas pela inserção de regionalismos na língua comum, para que ela reflita o que o consenso coletivo considerou ser a forma mais correta de expressão, a ser usada em documentos e cerimônias oficiais, no ensino básico, nos meios de comunicação e na maior parte dos modos de produção cultural. As convenções que regem essa língua padrão a tornam bem distante da língua escrita informal, e mais distante ainda das formas orais de fala. E podem, em alguns casos, levar a extremo artificialismo, como é o caso do grego, que possui duas modalidades nitidamente separadas: o *katarevússa*, próximo do grego antigo, mais sintético, usado em todos os documentos oficiais (e, até certa época, na literatura), e o *demotiki*, mais analítico, usado oralmente (e, hoje em dia, também pelos meios de comunicação e a maioria dos literatos).

Mesmo essa língua padrão, entretanto, está sujeita à intromissão de palavras estrangeiras, principalmente de uma língua como o inglês, falada em países geradores de alta tecnologia. Em determinados casos, assiste-se a um esforço deliberado das autoridades culturais para preservar o legado lingüístico desse tipo de invasão, como foi o caso da Academia Francesa, que, na década de 70, elaborou uma lista de vocábulos a serem empregados no lugar das palavras inglesas: *ordinateur* em vez de *computer*, *magnétoscope* e não *videocassette*, *magnétophone* para substituir *recorder* (gravador), e assim por diante. Contornou-se, assim, um fenômeno que é comum, por exemplo, no português do Brasil: o de se anexar a palavra estrangeira mesmo existindo, no léxico nacional, uma alternativa para ela (na linguagem de informática, *deletar* em vez de *eliminar*, *printar* em vez de *imprimir*, ou *fazer um back-up* em vez de *um arquivo de segurança*).

Dialetos – Raro é um caso como o do português do Brasil, que, sendo falado numa imensa extensão territorial, manteve sua unidade e uniformidade, variando apenas em questões superficiais de léxico e modalidades de pronúncia regionais. A maioria das línguas européias fragmentou-se, desde cedo, em *dialetos*, ramificações da língua principal, com diferenças de vocabulário e estrutura suficientes para dificultar sua

compreensão por moradores de áreas vizinhas onde ele não é praticado.

Na França, dois grandes grupos, a *langue d'oil* e a *langue d'oc* – assim chamadas pela forma divergente que tinham de pronunciar o *oui* (sim) – deram origem ao francês e ao provençal. Mas essas duas línguas também se subdividiram em *patois*, ou falares locais: da primeira derivam o valão da Bélgica e da Lorena, o picardo, o normando, o borgonhês, o angevino e outros; da segunda, o gascão, o auverniano, o delfinês, e assim por diante. O mesmo aconteceu com o italiano, formado a partir da modalidade dialetal falada na Toscana, que foi a língua culta usada, no séc. XIV, por escritores como Dante e Petrarca: ele também se subdivide em dialetos como o calabrês, o lucano, o napolitano, o vêneto, o siciliano. Asturiano, leonês, aragonês são as principais ramificações do espanhol, que, como língua padrão, também desenvolveu-se a partir de um dialeto, o castelhano. Processo idêntico acontece com o alemão, o russo e outras línguas saxãs e eslavas.

Há ainda um outro fenômeno a considerar: o dos dialetos coloniais, tipos de *patois* surgidos do contato entre a língua do colonizador e os idiomas dos colonizados – o resultado, em geral, é um dialeto que herda a estrutura da língua mais culta, conservando, porém, uma alta porcentagem de palavras nativas e deformando o léxico de origem européia de acordo com os hábitos de pronúncia locais. São assim os diversos tipos de *créole*, a forma como o francês é falado no Haiti, Seychelles, Martinica, Maurício, Guadalupe, Reunião, e até mesmo no Estado americano da Luisiânia, que, na origem, pertenceu à França. Fenômeno idêntico ocorre com o *pidgin english*, o inglês deturpado das ex-colônias britânicas. O crioulo português existe também em Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, onde se mistura com elementos vindos das línguas africanas. Na Ásia, o contato com o malaio fez nascer o crioulo de Java, Timor ou Cingapura; com o chinês, o de Macau; com as diversas línguas indianas, o de Goa, Bombaim, Mangalor, Diu e outras cidades onde há comunidades de origem lusitana.

Famílias

São os conjuntos de línguas derivadas de um mesmo tronco. Sua classificação é feita segundo a origem e o parentesco de cada uma. As principais são:

INDO-EUROPÉIA

Grupo anatólico – Hitita, hitita hieroglífico, palaíta, luvita, lício, lídio.

Grupo indo-irânico – Sânscrito, prácrito, hindi, pelvi ou pálavi, sogdiano, cotanês, persa ou farsi, pushtu, dari, baluche, curdo, osseto. *Principais dialetos hindi:* hindustani, urdu, bengali, pundjabi, cingalês, romani.

Grupo tocariano – Tocariano oriental e tocariano ocidental.

Grupo armênio – Armênio oriental e armênio ocidental.

Grupo frígio – Frígio.

Grupo grego ou helênico – Micênio, grego moderno ou romaico. *Principais dialetos micênicos*: grego ocidental, grego oriental, eólio, árcado-cipriota, koiné.

Grupo albanês – Albanês.

Grupo ilírio – Ilírio.

Grupo trácio – Trácio.

Grupo itálico – Osco, úmbrio, latim, italiano, provençal, francês, espanhol, catalão, português, galego, romeno, sardo ou logudorês, reto-romano, falisco, corso, dálmata.

Grupo céltico – Gaulês, galês, córnico, bretão, irlandês ou gaélico.

Grupo germânico – Alemão, holandês, inglês, sueco, dinamarquês, norueguês, feróico, islandês, gótico. *Principais dialetos góticos*: bávaro, alemânico, iidiche, flamengo, afrikaans, saxão.

Grupo balto-eslavo – Eslavo arcaico, búlgaro, servo-croata, esloveno, tcheco, eslovaco, polonês, sorábio, russo, ucraniano, prussiano arcaico, lituano, letão.

CAMITO-SEMÍTICA (OU AFRO-ASIÁTICA)

Principais – Acadiano, ugarítico, fenício, hebraico, aramaico, árabe, etíope, egípcio arcaico, copta, líbico, berbere, guanche, somali, gala, afar-saho, hausa. *Principais dialetos aramaicos*: aramaico arcaico, palestino, nabateu, babilônico, neo-aramaico, siriaco. *Principais dialetos árabes*: libianita, tamudiano, safaítico, sudárabe.

URALO-ALTAICA

Grupo lapão – Lapão.

Grupo fínico – Finlandês, carélio, ingrio, vepse, ludo, estoniano, vote, live, morduínio, tcheremisso, zirieno, voltíaco.

Grupo úgrico – Ostíaco, vogul, húngaro.

Grupo samoiedo – Yurak, ienisseiano, tavgui, selkup.

Grupo mandchu-tungúsio – Mandchu, nanaj, evenki.

Grupo turco – Turco, azerbaidjano, gagaúzo, turcomano, kumik, tártaro, cazaque, quirguiz, uzbeco, uigur.

Grupo mongol – Mogul, oirate, khalkha, khorein, ordos, pao-an.

Grupo japonês – Japonês.

Grupo coreano – Coreano.

DRAVÍDICA

Línguas – Télugo, tamil, canará, malaiala.

MALAIO-POLINÉSIA

Grupo indonésio – Malaio, indonésio, javanês, sudanês, madurês, tagalog, malgaxe.

Grupo polinésio – Maori.

Grupo melanésio – Banoni, areare, tana, lifu, huailu, fijiano.

TIBETO-BIRMANESA E TAI-BHINESA

Grupo tibetano – Tibetano.

Grupo birmanês – Birmanês, bodo, naga, cachin, caren, chin.

Grupo kam-tai – Tailandês, laociano, yuan, shan, chuang, tung, miao-yao.

Grupo chinês – Mandarim. *Principais dialetos mandarim*: wu, min, fuchau, amoy-suatau, cantonês, hakkà, xiang.

AUSTRO-ASIÁTICA

Grupo munda – Sentali, kharia, juang, kurku, sora.

Grupo mon-khmer – Mon, khmer.

Grupo vietnamita – Vietnamita, muong.

AFRICANA

Não estão classificadas segundo o sistema genealógico, devido à dificuldade de comprovar sua procedência por meio de documentação. Dividem-se em quatro grandes grupos:

Nilo-chariano: *Subgrupo nilo-camítico* – Teso, nandi, massai, bari, kakua, turkana, tatoga, dinka, luo e nuer. *Subgrupo sudanês* – Sara, logbuari, endu, mangbetu, nuba.

Nilo-saariano: *Subgrupo songhai* – Songhai, canuritubu, maba, runga, mimi, fur, koma, ganza, gule, uduk.

Nígero-congolês: *Subgrupo ocidental* – Fulani, uorof, kemme, serere, kissi, bulom, balante. *Subgrupo mande* – Bambara, mende, soninke, loma, kpele, kueni. *Subgrupo oriental* – Losengo, quiniaruanda, rundi, ganda, suahi-

li, kongo, ngála, luba-lulua, makua, mbundu, sesoto ou soto, zulu-ngoni, xhosa, nyanja. *Subgrupo kua* – Ibo, iorubá ou nagô, akan, euê ou ehue, kru. *Subgrupo gur* – Dogon, lobi, mossi.

Khoin: *Línguas* – Hotentote e bosquímano.

Português

Origem – Com a invasão romana, em 218 a.C., todos os habitantes da península Ibérica, à exceção dos bascos, adotaram o latim como língua, dando início ao processo, mais rápido e completo no sul do que no norte dessa região, de formação do espanhol e do português e galego. Em 409 d.C., as invasões germânicas – vândalos, suevos, alanos e visigodos – romperam a unidade lingüística românica, introduzindo palavras relativas à guerra (*roubar, espiar, guerrear*), à indumentária (*fato, ataviar*), à casa (*estaca, espeto*) e aos animais (*ganso, marta*), além de palavras várias (*agasalhar, branco, brotar*). Esse rompimento se acentuará, mais tarde, levando à formação de línguas bem diferenciadas.

Os árabes – As contribuições dos árabes, que invadiram a península em 711, deram-se na agricultura (*arroz, azeite, azeitona, bolota, açucena, alface*), ciências e técnicas (*alfinete, alicerce, alicate, azulejo, almofada*), profissões (*alfaiate, almocreve*), organização administrativa (*alcaide, almoxarife, alfândega*), culinária (*acepipe, açúcar, javali*), vida militar (*alferes, refém*) e urbana (*arrabalde, aldeia*). As palavras de origem árabe começam geralmente com o artigo definido *al* (p. ex. *almofada*, de *al* + *mohada*), sendo às vezes o "l" assimilado pela consoante seguinte (p. ex. *azeitona*, de *al* + *ceitun*). Além desses substantivos, o árabe deixou também alguns adjetivos (*mesquinho, baldio*) e uma preposição (*até*). No séc. XI, com a Reconquista, o centro-sul de Portugal foi repovoado por cristãos que falavam galego-português, idioma adotado pelos moçárabes (os cristãos que se tinham submetido aos invasores árabes).

Separação – Com a ruptura entre o Condado de Portugal e Castela (séc. XIII), desfez-se a unidade do galego-português. Mas nessa língua ainda são escritos os primeiros documentos oficiais – testamentos, títulos de venda – e textos literários: poemas recolhidos nos cancioneiros da *Ajuda*, da *Vaticana* e *Colocci-Brancuti* (da Biblioteca Nacional de Lisboa). No séc. XIV, com o *Livro de linhagens*, de d. Pedro, conde de Barcelos, e a *Crônica geral de Espanha* (1344), surge a prosa literária em português, diferenciado do galego.

Expansão – Com a construção do império português de ultramar (séc. XIV–XVI), o português espalha-se por diversas regiões da África, Ásia e América, recebendo também influências dos idiomas locais: *cáfila, alcova, monção* (do árabe falado no norte da África), *pagode* (do dravídico, falado na Índia), *zumbaia* e *jangada* (do malaio), *junco* (do chinês), *chá* (do japonês). Com o Renascimento, aumenta o número de italianismos e palavras eruditas de derivação grega, tornando o português mais complexo e maleável. No séc. XVI, ao aparecerem as primeiras gramáticas, a morfologia e a sintaxe já estavam definidas, e a língua, a partir daí, teria mudanças estruturais menores, como a influência francesa do séc. XVIII, que fez o português falado de Portugal afastar-se do falado nas colônias. Por outro lado, a fase 1580–1640, em que Portugal foi governado pelo trono espanhol, provocou a entrada no léxico de palavras castelhanas, como *bobo, gana, granizo*. Nos séc. XIX e XX, a língua recebeu novos aportes: termos internacionais de origem greco-latina designando avanços tecnológicos (*automóvel, televisão, telefone, aeroplano, rádio*); nesse sentido, foi muito importante a contribuição do inglês em ramos da técnica como a corrida espacial, as ciências médicas e especialmente a informática (*winchester, drive, software*).

No Brasil – Afastada da metrópole, a língua falada no Brasil não acompanhou as mudanças ocorridas no falar lusitano durante o séc. XVIII: além de manter-se fiel, basicamente, à maneira de pronunciar da época da descoberta, o português brasileiro sofreu fortes influências indígenas e africanas e, mais tarde, de imigrantes europeus que se instalaram no centro-sul. Isso explica, numa língua que para ser falada em território tão amplo conservou singular unidade, a presença de modalidades fonéticas tão distintas quanto as do nordestino, do mineiro ou do gaúcho.

O tupi-guarani, usado como língua geral até a metade do séc. XVIII, teve sua utilização proibida por uma Provisão Real de 1757; mas, a essa altura, já estava sendo suplantado pelos portugueses em virtude da chegada de grandes levas de imigrantes da metrópole. Com a expulsão dos jesuítas (1759), a decadência da língua geral se acentuou e o português fixou-se definitivamente como o idioma do Brasil. Do tupi, o português herdou palavras referentes à flora (*abacaxi, buriti, carnaúba, mandacaru, mandioca, sapé, taquara, peroba, imbuia, jacarandá, ipê, cipó, pitanga, maracujá, jabuticaba, caju*), à fauna (*capivara, quati, tatu, sagüi, caninana, sucuri, piranha, araponga, urubu, curió, sabiá*), a nomes geográficos (*Aracaju, Guanabara, Tijuca, Niterói, Pindamonhangaba, Itapeva*) e a nomes próprios (*Jurandir, Ubirajara, Maíra*).

O iorubá, falado pelos negros vindos da Nigéria, deixou o vocabulário ligado ao candomblé (nomes de divindades como *Exu, Iansã*) e à cozinha afro-brasileira (*vatapá, abará, acarajé*); o quimbundo angolano trouxe palavras mais gerais (*caçula, cafuné, molambo, moleque*) e termos relativos à escravidão (*bangüê, senzala, mocambo, maxixe, samba*).

O individualismo e nacionalismo românticos intensificaram o projeto de criação de uma literatura nacional expressa na variedade brasileira de língua portuguesa, argumento retomado pelos modernistas, que defendiam, em 1922, a necessidade de romper com os modelos tradicionais portugueses e privilegiar as peculiaridades do falar brasileiro. A abertura conquistada pelos modernistas consagrou literariamente a norma brasileira. A distância inicial existente acentuou-se com o aporte dos diversos imigrantes que vieram para o Brasil e com o avanço tecnológico, que fez com que muitas palavras tivessem formas diferentes nos dois países. Assim é que no Brasil diz-se *trem, ônibus, aeromoça, rádio, vitrine, meias, espátula, terno, necrotério, a descarga do banheiro* e, em Portugal, *combóio, autocarro, hospedeira, telefonia, montra, peúgas, corta-papel, fato, morgue, a autoclave da sala de banhos*.

Declínio na Ásia – A presença política de Portugal na Ásia no séc. XX limita-se a Macau; mas os portugueses já controlaram regiões muito mais extensas, que incluíam partes da Índia, da Indonésia, do Sri Lanka e da Malaísia. Além disso, o português serviu de língua franca nos portos da Índia e sudeste da Ásia do séc. XVI ao séc. XVIII. Entretanto, o único lugar onde o português sobreviveu na sua forma oficial foi em Goa, na Índia; mas, mesmo lá, ele vem sendo gradualmente substituído pelo inglês. Em Damão e Diu (Índia), Java (Indonésia), Macau (ainda possessão portuguesa, mas de população predominantemente chinesa), Sri Lanka e em Málaca (Malaísia) são falados apenas variedades de crioulo – idiomas que guardam do português que os originou apenas a base lexical, diferindo muito na parte gramatical.

Variedades africanas – Na África, o português é a língua oficial de cinco países: S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Angola. Nesses países, ele é utilizado na administração, no ensino, na imprensa e nas relações internacionais. Esse português regional, no entanto, distancia-se cada vez mais do português europeu, especialmente a língua falada, aproximando-se em muitos casos do português falado no Brasil. Em todos esses países existem línguas nacionais ou crioulos, que são utilizados nas situações da vida cotidiana. S. Tomé e Príncipe e Cabo Verde se

utilizam de um crioulo de origem portuguesa; a Guiné-Bissau, além do crioulo, possui inúmeros dialetos africanos; em Angola e em Moçambique existem várias línguas nativas. Além disso, os crioulos falados na África são muito diferentes entre si e resultam de uma grande reestruturação do português provocada pelo contato com as línguas locais.

Reforma ortográfica – Muito antes da divulgação, em 11/12/1990, do acordo que representantes dos diversos países de fala portuguesa tinham feito sobre um Projeto de Ortografia Unificada, já haviam começado, principalmente em Portugal, os protestos contra os princípios nele expressos. A comissão encarregada de redigir esse projeto tinha sido integrada por Filipe Silvino de Pina Zau (Angola), Antônio Houaiss e Nélida Piñón (Brasil), Manuel Veiga (Cabo Verde), Antonio Lopes Júnior (Guiné-Bissau), Maria Eugênia Paiva Cruz (Moçambique), João Hermínio da Silva Pontífice (S.Tomé e Príncipe) e Manuel Jacinto Nunes (Portugal).

Embora os protestos, vindos principalmente de escritores e editores, tivessem se avolumado nos meses seguintes, o acordo foi assinado, em 16/12/1990, pelos ministros da Educação e da Cultura dos sete países de expressão portuguesa; e, em 4/6/1991, foi ratificado pelo Parlamento português. São as seguintes as mudanças previstas, a serem implementadas até 1994:

1) O fim do "c" mudo: desaparece da língua escrita, em Portugal, nas palavras onde não é pronunciado; ex.: *acção, acto, actor, actual, electricidade, inspector, exacto, colectivo, direcção, abjecção* (mas permanece em palavras como *secção, compacto, convicto*).

2) O fim do "p" mudo: desaparece da escrita, em Portugal, nas palavras onde não é pronunciado; ex.: *adopção, baptismo, óptimo, Egipto* (mas permanece em palavras como *egípcio, apocalipse, rapto, óptica*).

3) A dupla grafia é consagrada para palavras escritas e pronunciadas de maneira diferente em Portugal e no Brasil; ex.: *aspeto* e *aspecto*, *caracter* e *caráter*, *facto* e *fato*, *sector* e *setor*, *ceptro* e *cetro*, *amnistia* e *anistia*, *indemnizar* e *indenizar*.

4) A dupla acentuação é aceita para as palavras que têm acento circunflexo no Brasil e agudo em Portugal; ex.: *bebê* e *bebé*, *bidê* e *bidé*, *crochê* e *croché*, *matinê* e matiné, *fêmur* e *fémur*, *ônus* e *ónus*, *tênis* e *ténis*, *acadêmico* e *académico*, *anatômico* e *anatómico*, *cômodo* e *cómodo*, *efêmero* e *efémero*; ou o nome *Antônio* e *António*.

5) Caem os acentos agudos nas paroxítonas que têm "ei" na sílaba tônica: *assembléia, idéia, boléia* passam a *assembleia, ideia, boleia*.

6) Caem os acentos diferenciais para as palavras homófonas; ex.: *pára* do verbo parar e *para* preposição; *pêlo* substantivo e *pelo* contração; *pólo* substantivo e *polo* forma arcaica ou regional da contração.

7) Caem os circunflexos das paroxítonas terminadas em "o" duplo: *abençôo, enjôo, vôo* passam para *abençoo, enjoo, voo*.

8) Permanece o hífen antes das palavras que começam com "h": *anti-higiênico, pré-histórico, anti-heróico*.

9) Permanece o hífen diante de palavras que comecem com a última letra do prefixo: *contra-almirante, hiper-resistente, pré-escolar*.

10) Não se usa o hífen diante das palavras formadas com os prefixos *des-* e *in-* (as palavras iniciadas com "h" o perdem ao receberem o prefixo): *desumano, desiratado, inábil, inumano*.

11) Desaparece totalmente o trema: *lingüiça, seqüência, freqüência, qüinqüênio* passam a *linguiça, sequência, frequência, quinquênio*.

12) As letras "k", "y" e "w" passam a ser oficialmente incorporadas ao alfabeto da língua portuguesa. ■

LITERATURA

É o uso das palavras, com intenção artística, para criar uma obra de ficção em que se descreve uma suprarealidade concebida pela imaginação do artista, mesmo quando fatos reais são tomados como ponto de partida. As formas literárias não-escritas, preservadas pela transmissão oral, pertencem ao domínio dos estudos folclóricos. São gêneros da literatura a poesia, épica ou lírica, a prosa, sob a forma de romance, conto ou novela, e o texto dramático (ver capítulo *Teatro*). A literatura ocidental se divide em nove grandes períodos.

ANTIGUIDADE CLÁSSICA

A *Ilíada* e a *Odisséia* (séc. IX–VIII a.C.) são o primeiro grande texto da poesia épica grega. Nesses dois poemas em 24 cantos, à narrativa da Guerra de Tróia e das aventuras de Odisseu (Ulisses) em sua volta para Ítaca, associam-se reflexões sobre a vida do homem e suas relações com o plano divino. São atribuídos a Homero, cuja existência foi contestada, em 1795, pelo alemão Friedrich August Wolff: com base em estudos estilísticos, ele afirmou tratar-se da obra de dois poetas desconhecidos diferentes. Tenha Homero existido ou não, esses dois textos servem de modelo para outros poemas épicos, como a *Theogonia* (A origem dos deuses), de Hesíodo. Paralelamente, desenvolvem-se, até o séc. III a.C., a poesia lírica com Píndaro e Safo, Anacreonte e Baquílides; a oratória com Górgias e Demóstenes; a fábula com Esopo; a historiografia com Heródoto de Halicarnasso; e a biografia com Plutarco de Queronéia e Luciano de Samósata.

Roma – É grande a influência helênica sobre sua literatura, a começar pela épica: a *Eneida*, de Virgílio, que narra a viagem do troiano Enéias, a quem os deuses encarregaram de, no Lácio, plantar a pedra fundamental da cidade que, mais tarde, será Roma; o poema didático *A natureza das coisas*, de Lucrécio; e a *Farsália*, de Lucano, celebrando a vitória de César sobre Pompeu. Mas as mais altas expressões da literatura romana estão na poesia satírica – os epigramas de Marcial, Juvenal e Pérsio – ou lírica: as *Éclogas* e as *Bucólicas* de Virgílio, as *Odes* de Horácio, os poemas amorosos de Catulo. Na prosa, destacam-se o *Satyricon*, de Petrônio, e o *Asno de ouro*, de Apuleio. Em suas fábulas em versos, Fedro imita Esopo. A oratória grega tem em Cipião, o Antigo, e Cícero seus maiores seguidores.

IDADE MÉDIA

A tradição greco-romana, recolhida por filósofos e doutores da Igreja (Tertuliano, Sto. Ambrósio e Sto. Agostinho), não se extingue: é preservada pelos mosteiros e floresce em cortes como a de Carlos Magno, onde surge o poema épico *A canção de Rolando*, narrando as lutas contra os sarracenos. São comuns os sermões, vidas de santos, relatos de milagres e a compilação anônima de sagas de tradição oral, como a *Canção do Nibelungo*, reunindo lendas da mitologia nórdica. A literatura cortês, celebrando formas idealizadas de amor, em geral platônico e inatingível em sua perfeição, surge, a partir do séc. XI, na poesia provençal, do sul da França, com Arnaut Daniel, Guilherme de Aquitânia, Marcabru, Peyre Cardenal ou Bernart de Ventadorn; e dali se irradia para toda a Europa, através de trovadores como o alemão Walther von der Vogelweide, ou os reis d. Afonso X, o Sábio, da Espanha, e d. Dinis, de Portugal. Sua manifestação culminante é *O romance da rosa*, dos franceses Guillaume de Lorris e Jean de Meung, verdadeiro compêndio dos elaborados códigos amorosos aristocráticos. As cantigas de amor ou "de escárnio e mal dizer" (sátiras) dos trovadores, feitas para serem cantadas, são recolhidas em cancioneiros: os mais famosos são os portugueses, da *Ajuda*, da *Vaticana* e o *Colocci-Brancuti*.

As novelas de cavalaria – Narrativas de aventuras guerreiras, exaltando a valentia e a fidelidade ao soberano, postas a serviço da defesa dos fracos, celebram também uma concepção mais realista do amor do que a literatura cortês, porque nelas as relações homem/mulher são concretizáveis. As lendas celtas e bretãs do ciclo arturiano, relatando as peripécias do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda; os poemas ingleses *Beowulf* e *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde*; os espanhóis *Amadis de Gaula* e *Los cantares del mio Cid*; os franceses *O romance de Alexandre* e *Lancelot*, de Chrétien de Troyes; ou o russo *Canto da batalha de Ígor* são exemplos de novela centrada em proezas militares. As várias versões da lenda de *Tristão e Isolda*, entre as quais a do alemão Gottfried von Strassburg, são a mais bela contribuição para a novela de temática amorosa. A assimilação desse gênero pela Igreja, como instrumento de disseminação da doutrina, faz surgir *A demanda do Santo Graal*, vinculada ao ciclo arturiano, em que se descreve a busca, pelos cavaleiros da Távola Redonda, do cálice onde teria sido guardado o sangue de Cristo após a crucificação. A versão mais perfeita dessa história é a do alemão Wolfram von Eschenbach. Quanto à historiografia, seus pontos altos são as crônicas dos franceses Geoffroy de Villehardouin e Jean Froissart, dos ingleses Aelfric e Wulfstan de York, dos portugueses Fernão Lopes e Damião de Góis.

Pré-renascimento – Desde o séc. XIII, surgem manifestações precursoras do espírito humanista que presidirá ao Renascimento: o processo de depuração da teologia que se deve a Sto. Tomás de Aquino, cuja filosofia incorpora conceitos herdados de Aristóteles; a glorificação do amor que há na lírica de Francesco Petrarca, cujo *Cancioneiro* fixa a forma do soneto; a síntese da alma medieval com o espírito novo que há na *Divina comédia*, de Dante Alighieri, alegoria do percurso do homem em busca de si mesmo e, ao mesmo tempo, ampla crônica política e filosófica; e o *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, cujas histórias de conteúdo erótico, satírico ou edificante fazem impiedosa radiografia da sociedade de seu tempo. Outros nomes importantes nessa fase de transição: os poetas franceses Guilherme de Orleãs, de delicado lirismo, e François Villon, cujo *Grande testamento* é um amargo testemunho sobre a condição humana naquela fase; e Geoffrey Chaucer, cujos *Contos de Canterbury*, em versos, sintetizam os costumes e a cultura ingleses do séc. XV.

RENASCIMENTO

Marcado pela consolidação do capitalismo mercantilista (séc. XV a meados do séc. XVI), tem como pressupostos ideológicos básicos a crença no direito à livre iniciativa e, conseqüentemente, à liberdade em relação às imposições morais – o que gera a atitude de epicurismo e busca de uma moral naturalista. A valorização do potencial criador do Homem, considerado, como na filosofia da Antiguidade Clássica, "a medida de todas as coisas", é responsável por uma atitude *antropocentrista* (o Homem como centro das preocupações), que se opõe ao *teocentrismo* da religiosidade medieval. A natureza é o modelo básico para o conhecimento humano: nela, o estudioso identifica harmonia e equilíbrio, apesar de sua diversidade aparente. Há a imitação de modelos greco-latinos nos *Lusíadas* (1572), de Luís de Camões; na poesia pastoral de Angelo Poliziano; nos escritos eróticos de Pietro Aretino; e na lírica do espanhol Jorge Manrique, dos franceses Joachim du Bellay e Pierre de Ronsard, ou dos portugueses Sá de Miranda e Cristóvão Falcão. Constata-se crescente interesse pela cultura, em seus termos universalmente mais abrangentes, no *Elogio da loucura*, do holandês Erasmo de Roterdã; em *O príncipe*, de Niccolò Macchiavelli, pragmático manual da arte de governar; ou nos romances satíricos de François Rabelais, *Gargantua* e *Pantagruel*, súmulas do conhecimento da época, em que se ressalta a importância do aprimoramento físico e intelectual.

BARROCO

Da segunda metade do séc. XVI à primeira metade do séc. XVIII, compõe-se de três fases mais ou menos nítidas: o *Maneirismo* (1530–1640), em que se alargam e distorcem as formas renascentistas; o *Barroco* (1570–1680), de expressão depurada e estilo sóbrio; e o *Barroquismo* ou *Barroco tardio* (1680–1750), uma vez mais rebuscado e excessivo. Recebe denominações locais: na Itália, marinismo, do poeta Giambattista Marino; na Inglaterra, eufuísmo, do título do poema *Euphues*, de John Lyle; preciosismo, na França; cultismo ou conceptismo em Portugal e, na Espanha, gongorismo, do nome de Luís de Góngora y Argote. Essas designações referem-se, em geral, ao Maneirismo e seus ornamentos abundantes e, não raro, abuso de figuras de linguagem que torna os textos herméticos. Arte da Contra-reforma, o Barroco reage ao racionalismo renascentista e retorna à tradição cristã. Cheio de tensão interna, seu sentimento da transitoriedade das coisas faz com que a poesia do espanhol Francisco de Quevedo y Villegas, do francês Agrippa d'Aubigné ou do alemão Angelus Silesius seja marcada por pessimismo e gosto pelo macabro (embora restos do epicurismo renascentista ainda se encontrem nos sonetos de Michelangelo Buonarroti ou de William Shakespeare). A religiosidade atormentada se manifesta na poesia mística de São João da Cruz, Sta. Teresa de Ávila ou do inglês John Donne, freqüentemente tingida de erotismo; na oratória do pe. Antônio Vieira ou do francês Jacques Bénigne Bossuet; e no *Paraíso perdido*, de John Milton, sobre a queda de Lúcifer e o pecado original. No domínio profano, a *Jerusalém libertada*, de Torquato Tasso, e o *Orlando furioso*, de Lodovico Ariosto, renovam a épica.

A prosa barroca – As tortuosas histórias de amor de Honoré d'Urfé (*Astréia*) e Mlle. de Scudéry (*Clélia*) retomam e atualizam os estilizados códigos sentimentais da literatura cortesã medieval. Os *Ensaios*, de Michel de Montaigne, abordando as mais diversas áreas do conhecimento e do comportamento, formulam uma visão estóica da condição humana. O personagem-título do *Don Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, sátira à novela de cavalaria, dividido entre a ilusão e a realidade, é o símbolo da face idealista e aventureira do espírito humano, complementada pelo lado realista e de bom senso, representado por seu criado Sancho Pança, camponês que tem os pés solidamente plantados no chão. Na área da literatura infanto-juvenil, coletâneas são publicadas, na década de 1630, pelos italianos Giovanni Caravaggio e Giambattista Basile e pelo português Gonçalo Fernandes Troncoso. Em 1696, os *Contos de Mamãe Gansa*, de Charles Perrault, estabelecem o modelo do conto de fadas que será seguido por diversos autores.

NEOCLASSICISMO

Ao longo do séc. XVIII, influenciado pela filosofia iluminista, que presidirá à gênese da Revolução Francesa. Há o predomínio de uma atitude racionalista, em reação ao emocionalismo Barroco, e teóricos como Nicolas Boileau ou Johann Christoph Gottsched propõem o retorno às normas renascentistas de imitação dos modelos greco-romanos e o uso de uma linguagem clara, simples e nobre. A preocupação com a finalidade social e política da arte, e com a formulação de projetos para que o mundo seja mais justo e igualitário, permeia *O espírito das leis*, de Charles-Louis de Montesquieu, os contos filosóficos de Voltaire (*Cândido, Zadig*), ou o trabalho de Denis Diderot à frente da equipe que redige a *Enciclopédia*, principal porta-voz do pensamento iluminista. Na fase final do século, uma visão ácida e polêmica da decadência aristocrática é dada por Choderlos de Laclos (*As relações perigosas*) e pelos romances eróticos do marquês Donatien-Alphonse de Sade (*A filosofia na alcova*) e Restif de la Bretonne (*O camponês pervertido*). Na Inglaterra, destacam-se *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, *As aventuras de Gulliver*, de Jonathan Swift – que se tornarão, ambos, clássicos da literatura juvenil –, e o satírico *A vida*

e as opiniões de Tristram Shandy, revolucionário romance de Laurence Sterne, precursor, à distância, do Surrealismo. O poeta e cientista Mikhaíl Lomonósov é o primeiro nome importante da literatura culta da Rússia, onde surge o talento original do fabulista Ivan Krylóv, imitador de Esopo, Fedro e La Fontaine.

Pré-romantismo – Anunciadas, desde 1731, pela *Manon Lescaut*, do abade Prévôt, que narra um caso de paixão fatal e destruidora, algumas manifestações do fim do séc. XVIII prenunciam a revolução literária do início do século seguinte: o gosto de Jean-Jacques Rousseau pela natureza (*Devaneios do caminhante solitário*) e sua defesa do homem no "estado natural" (*Emílio* e *A nova Heloísa*); a sensibilidade e o individualismo do poeta André Chénier; o sentimentalismo de *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre, sobre os amores de dois adolescentes, ambientados na paisagem exótica dos trópicos; a poesia melancólica de Edward Young e Thomas Gray, cheia da obsessão pela morte e do gosto por paisagens tristonhas; o temperamento exaltado e a liberdade temática do português Manuel Maria du Bocage, embora sua forma ainda seja contidamente clássica; e, principalmente, o movimento alemão *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), responsável por uma voga européia de emotividade exacerbada – seus principais representantes são Friedrich Schiller (*Poemas filosóficos*) e Johann Wolfgang von Goethe, o autor de *Os sofrimentos do jovem Werther*, que se mata devido a um amor impossível, o que desencadeou verdadeira epidemia de suicídios entre jovens.

ROMANTISMO

Na primeira metade do séc. XIX, condicionada pelo fenômeno da ascensão da burguesia, provocado pela Revolução Francesa e consolidado com as revoluções liberais de 1830 e 1848. Em reação ao universalismo neoclássico, propõe uma arte subjetiva e individualista, de que a poesia dos alemães Novalis e Friedrich Hölderlin, dos ingleses John Keats, Percy Shelley e William Wordsworth, dos franceses Alphonse de Lamartine e Alfred de Musset, dos italianos Ugo Foscolo e Giacomo Leopardi, dos espanhóis Gustavo Adolfo Bécquer e José Espronceda constitui típico exemplo. A exacerbação desse individualismo e o tédio e o ceticismo diante da existência criam a sensação indefinida de insatisfação a que os românticos davam o nome de "mal do século", expressa por autores tão diversos quanto lord Byron (*Don Juan*), François-René de Chateaubriand (*Memórias de além-túmulo*), ou Heinrich Heine (*O livro das canções*). O gosto pelo mistério e a dificuldade em distinguir entre o sonho e a realidade marcam, na Alemanha, os poemas de Jean-Paul Richter, ou as novelas fantásticas de Ernst Theodor Hoffmann e Adalberto von Chamisso. O nacionalismo e a valorização do passado se manifestam nos romances históricos do escocês sir Walter Scott (*Ivanhoe*), do francês Victor Hugo (*Notre Dame de Paris*), do italiano Alessandro Manzoni (*Os noivos*) ou do português Alexandre Herculano (*Eurico, o presbítero*). O desejo de reforma e o engajamento político transparecem na poesia, de caráter filosófico, de Giosuè Carducci, de Alfred de Vigny e Hugo, ou num romance como *Os miseráveis*, deste último. O romance, de resto, é o gênero romântico por excelência, tomando como tema, com freqüência, o amor em suas formas mais exaltadas, acima do controle da razão e inevitavelmente ligado à morte, como acontece com Emily Brontë (*O morro dos ventos uivantes*), com sua irmã Charlotte (*Jane Eyre*) ou com o português Camilo Castelo Branco (*Amor de perdição*). Mais lírico e bucólico é o amor descrito por Georges Sand (*A pequena Fadette*) ou Júlio Dinis (*A morgadinha dos canaviais*).

As escolas nacionais – Os movimentos de luta pela soberania desencadeados, em vários países europeus e americanos, por influência das revoluções de 1830 e 1848, têm como subproduto o desejo de afirmação, no plano estético, de uma identidade nacional, o que se manifesta, a nível da temática e da linguagem, através da incorporação de uma série de elementos tipicamente locais. Alguns dos criadores dessas escolas, na Europa, são os poetas Aleksandr Púshkin (*Ievguéni Oniéguin*), Fiódor Tiútchev (*Lírica*) e Mikhaíl Liérmontov (*O demônio*), na Rússia; Sándor Petöffi (*János Vitesz*), Mihály Vörösmárty (*Szép Ilonka*) e János Arany (*Ramalhete de outono*), na Hungria; e o contista dinamarquês Hans-Christian Andersen (*Contos de fada*), cujas histórias infanto-juvenis prolongam as pesquisas feitas, na Alemanha, pelos irmãos Jakob e Wilhelm Grimm. Nos EUA, florescem os escritos de Ralph Waldo Emerson (*Ensaios*) e do rousseauísta Henry David Thoreau (*Walden*); os romances de Nathaniel Hawthorne (*A letra escarlate*) e Fenimore Cooper (*O último dos moicanos*); a poesia indigenista de Henry Longfellow (*Hiawatha*) ou o lirismo muito pessoal de John Greenleaf Whittier e Emily Dickinson. Na Argentina, contribuição original é a de Esteban Echeverría (*O matadouro*), porta-voz da luta contra a ditadura de Rosas, de José Hernández (*Martín Fierro*), precursor do regionalismo, e do poeta José Mármol (*Cantos do peregrino*).

REALISMO

A desilusão com o fracasso dos ideais do liberalismo, a miséria das cidades e a crise da produção no campo, as más condições de vida das classes carentes contrapostas aos privilégios abusivos da burguesia dominante explicam a substituição do idealismo romântico, desde o fim da primeira metade do séc. XIX, por uma visão mais objetiva e desiludida da realidade, observada minuciosamente e fixada em toda a sua verdade. Elementos românticos e realistas misturam-se em autores de transição: os franceses Honoré de Balzac, cujo ciclo de romances, *A comédia humana*, traça vasto painel da sociedade oitocentista, Stendhal (*O vermelho e o negro*) e Prosper Merrimée (*Carmen*); o inglês William Mackepeace Thackeray (*A feira das vaidades*); ou os russos Nikolái Gógol (*Almas mortas*) e Ivan Turguêniev (*Pais e filhos*). A preferência por temas e personagens contemporâneos caracteriza a *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, o *Judas, o obscuro* de Thomas Hardy, *Crime e castigo* de Fiódor Dostoiévski, ou os contos de Guy de Maupassant, Giovanni Verga, Anton Tchekhóv. Há atitude crítica e de combate nos *Maia*, de Eça de Queirós, *Ressurreição*, de Liev Tolstói, *Sangue e areia*, de Vicente Blasco-Ibáñez, ou *A terra prometida*, do dinamarquês Henrik Pontoppidan, preocupados com mensagens de alcance moral ou social. A mesma postura engajada observa-se em poetas como os portugueses Antero de Quental (*Sonetos*) e Abílio Manuel Guerra Junqueiro (*A velhice do Padre Eterno*).

Naturalismo – Influenciado pelo racionalismo positivista e o grande desenvolvimento, no final do século, dos estudos científicos. É formulado por Émile Zola, que, no ciclo *Os Rougon-Macquart*, vê o Homem como fruto de condicionamentos biológicos e sociais, e faz estudos de psicopatologia, descrevendo casos de alcoolismo, histeria, desvios sexuais e tendência ao crime.

Parnasianismo – Movimento poético restrito à França; mas teve grande influência no Brasil a partir de 1880. De caráter realista, propõe uma poesia objetiva e impessoal, que busca a perfeição formal desvinculada de preocupações não-estéticas. Representantes: Théophile Gautier (*Esmaltes e camafeus*), Leconte de Lisle (*Poemas bárbaros*), Théodore de Banville (*Odes funambulescas*) e José Maria Hérédia (*Os troféus*).

SIMBOLISMO

Da metade do séc. XIX aos primeiros anos do XX, tem como principal campo de ação a poesia. Precursores: o americano Edgar Allan Poe (*Contos do grotesco e do arabesco*) e os franceses Charles Baudelaire (*As flores do mal*), Paul Verlaine (*Festas galantes*) e Arthur Rimbaud (*Iluminações*). Em sua obra, já se percebem as características básicas: subjetivismo intenso, concepção mística da vida, melancolia e atração pelo mórbido, e a procura de um significado mágico para os seres e as coisas. O gosto pela metáfora hermética e por uma linguagem

ornamentada, colorida, exótica, em que as palavras são escolhidas mais por sua musicalidade do que pelo sentido, marca a poesia dos franceses Stéphane Mallarmé e Paul Valéry, dos alemães Arno Holz e Christian Morgenstern, do espanhol Eugenio d'Ors ou do holandês Karel van de Woestijne. Preocupada mais em sugerir do que em descrever, e muito influenciada pelo ideal wagneriano da "obra de arte total", que seja o resultado da conjugação de todas as outras, a poesia simbolista tem outros pontos altos em *As cidades tentaculares*, do belga Émile Verhaeren; *A terra dos desejos do coração*, do irlandês William Butler Yeats; *O ano da alma*, do alemão Stefan George; *As elegias de Duíno* e os *Poemas de Lóris*, dos austríacos Rainer Maria Rilke e Hugo von Hofmannsthal; os *Poemas à linda senhora* e as *Sinfonias e arabescos*, dos russos Aleksandr Blok e Andrêi Biéli; as *Eternidades* e as *Solidões*, dos espanhóis Juan Ramón Jiménez e Antonio Machado; e, em Portugal, os *Oaristos*, de Eugênio de Castro, a *Clépsidra*, de Camilo Pessanha, e os *Sonetos*, de Florbela Espanca. Também a América espanhola assiste a um florescimento da poesia, nessa fase, com o nicaragüense Rubén Darío (*Prosas profanas*), o colombiano José Asunción Silva (*Noturnos*), o cubano José Martí (*Versos livres*), o mexicano Amado Nervo (*Jardins interiores*), o chileno Vicente Huidobro (*O espelho de água*) ou o argentino Leopoldo Lugones (*As horas douradas*).

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Seu desenvolvimento, na virada do século, é considerável. O nonsense e as brincadeiras verbais são exploradas por Lewis Carroll (*Alice no país das maravilhas*); lições morais ou patrióticas são transmitidas pelos italianos Carlo Collodi (*Pinóquio*) e Edmondo de Amicis (*Coração*); os livros de aventuras de Robert Louis Stevenson (*A ilha do tesouro*) e do visionário Jules Verne (*Viagem à Lua*), que anteviu muitas das conquistas da ciência do futuro, terão seguidores no americano Edgar Rice Burroughs (*Tarzan, o rei dos macacos*), nos ingleses Rudyard Kipling (*O livro da jângal*) e Percival C. Wren (a trilogia de *Beau Geste*), no alemão Karl May (*Winnetou*) ou no italiano Emilio Salgari (*Sandokan*). O romance de capa-e-espada de fundo histórico tratado com muita fantasia, cujo precursor fora Alexandre Dumas (*Os três mosqueteiros*), desenvolve-se com Michel Zévaco (a série dos *Pardaillan*), ou a baronesa Orczy (a série do *Pimpinella escarlate*). Lugar de destaque cabe ao americano Mark Twain (*Tom Sawyer* e *Huckleberry Finn*), criador de uma fórmula inimitável de romance juvenil, humorístico e regionalista. Numa faixa que abrange o público juvenil mas também o adulto, o romance policial, que tivera precursores em Émile Gaboriau (*Os mistérios de Paris*), Edgar Allan Poe (*Os assassinatos da rua Morgue*) e Robert Louis Stevenson (*O médico e o monstro*), tem um ponto alto com sir Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes. Seu modelo inspirará, no futuro, o Arsène Lupin de Maurice Leblanc, o Hercule Poirot de Agatha Christie, o Nero Wolfe de Rex Stout, o comissário Maigret de Georges Simenon.

ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

A fase que vai até o fim da I Guerra Mundial prolonga, de modo geral, as tendências predominantes no fim do séc. XIX: a tradição do romance realista, de indagação psicológica e crítica social, permanece nos franceses Marcel Proust (o ciclo *Em busca do tempo perdido*) e André Gide (*Os moedeiros falsos*); nos ingleses Joseph Conrad (*Lord Jim*), polonês naturalizado, e D.H. Lawrence (*O amante de lady Chatterley*); no americano europeizado Henry James (*Washington Square*); nos italianos Italo Svevo (*A consciência de Zeno*) e Grazia Deledda (*Cinzas*); na contista neozelandesa Katherine Mansfield (*Felicidade*); nos húngaros Dezsö Kostolányi (*Ana Édes*) e Zsigmond Móricz (*A tocha*); na dinamarquesa Karen Blixen/Isak Dinesen (*A fazenda africana*); nos espanhóis Pío Baroja (*A feira dos discretos*) e Ramón del Valle-Inclán (*Tirano Banderas*); ou nos alemães Thomas Mann (*A montanha mágica*), Hermann Hesse (*O lobo da estepe*) e Robert Musil (*Um homem sem qualidades*), nos quais já se sente a angústia pelas transformações e a perda de valores que o mundo está sofrendo. O gosto pelo experimentalismo, pela invenção verbal e a renovação dos gêneros tradicionais marca, enquanto isso, poetas como o francês Guillaume Apollinaire, os alemães Georg Heym e Georg Trakl, os americanos Thomas Stern Elliot, Ezra Pound e Gertrude Stein, o húngaro Endre Ady ou o italiano Filippo Tommaso Marinetti, fundador do Futurismo, que celebra o progresso e exalta as máquinas e a industrialização. Com o tempo, o Futurismo italiano tenderá para as idéias fascistas, ao contrário dos futuristas russos de Moscou, Vladímir Maiakóvski e Velimír Khlébnikov, entusiasmados defensores da revolução bolchevique. Paralelamente, em Leningrado, Serguêi Iessênin, Anna Akhmátova, Óssip Mandelshtám e Borís Pasternák reagem contra os excessos do Simbolismo, mas visando, através de uma poesia de cunho realista e de refinamento formal clássico, a preservar as grandes tradições da cultura russa, sem as posturas vanguardistas radicais dos moscovitas. Difíceis de qualificar, pela originalidade de sua forma e profundeza de pensamento, são figuras como o romancista irlandês James Joyce (*Ulisses*), o austríaco Franz Kafka (*A metamorfose*), dono de uma obra insólita e inquietante, que se passa num mundo burocratizado e absurdo; e, no plano da poesia, o grego Constantín Caváfis e o português Fernando Pessoa, cujos heterônimos – Augusto de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro – fazem, de formas diferenciadas, a mesma indagação sobre o significado da existência humana. Na América Latina, não são poucos os nomes que se destacam: as poetas argentinas Alfonsina Storni (*A inquietude do roseiral*) e Juana de Ibarborou (*A rosa dos ventos*); o romancista mexicano Mariano Azuela (*Os de baixo*), cronista da revolução em seu país, e o poeta Xavier de Villaurrutia (*Nostalgia da morte*); o poeta uruguaio Julio Herrera y Reissig (*Os êxtases da montanha*) e o peruano José Santos Chocano (*Alma América*); o romancista venezuelano Rufino Blanco Fombona (*O homem de ferro*) e o regionalista equatoriano Jorge Icaza (*Huasipungo*).

O entreguerras – É marcado pela crise das democracias liberais e pela ascensão dos regimes ditatoriais, em grande parte explicada pelos problemas econômicos dessa fase, que atingem o ápice em 1929, com a quebra da Bolsa de Nova York. Certas tendências, já perceptíveis no início do século, fascinado, por exemplo, pelas teorias psicanalíticas, que revelam o caminho inexplorado dos impulsos inconscientes, desenvolvem-se alimentadas pelos problemas socioeconômicos deixados pela guerra. Movimentos diversos propõem a renovação radical da linguagem e refletem a angústia e a perplexidade do homem diante de um mundo em virtual estado de caos. É a era dos "ismos": o Expressionismo, muito forte nas artes visuais – teatro, cinema, pintura –, explora os estados patológicos mórbidos, descrevendo-os de modo extravagante; o Dadaísmo é iconoclasta e irresponsavelmente anárquico; o Surrealismo tenta fixar o funcionamento do inconsciente através de procedimentos como as associações de idéias e a escrita automática – e tem seus expoentes nos poetas André Breton, Louis Aragon, Paul Éluard, Jean-Cocteau, e no romancista Louis-Ferdinand Céline (*Viagem ao fim da noite*).

O filão do romance realista, com preocupações sociais e políticas, se mantém com François Mauriac (*Thérèse Desqueyroux*), André Malraux (*A condição humana*), Georges Bernanos (*Sob o sol de Satã*) e Antoine de Saint-Exupéry (*Terra dos homens*), na França; Virginia Woolf (*Orlando*) e Aldous Huxley (*Contraponto*), na Inglaterra; Stefan Zweig (*Amok*), Erich Maria Remarque (*Nada de novo no front*) e Alfred Döblin (*Alexanderplatz*), na Alemanha; Alberto Moravia (*O conformista*), Vitaliano Brancati (*O belo Antonio*) e Ignazio Silone (*Fontamara*), na Itália; Isaak Bábel (*A cavalaria vermelha*) e Mikhail Shólokhov (*O Don silencioso*), na URSS, onde a teoria oficial do "Realismo socialista", ou seja, da arte posta a serviço da divulgação da doutrina política, já impõe aos intelectuais diversas

restrições; Aquilino Ribeiro (*O Malhadinhas*) e José Maria Ferreira de Castro (*A selva*), em Portugal. Literaturas menos familiares surpreendem com a revelação de nomes que se impõem como sucessos de público: o búlgaro Elias Canetti (*Auto da fé*), o grego Nikos Kazantzakis (*O Cristo recrucificado*), o finlandês Mika Waltari (*O egípcio*), o iugosiavo Ivo Andriç (*A ponte sobre o Drina*), o romeno Liviu Rebreanu (*A floresta dos enforcados*). Lugar especial, nas décadas de 20/30, é ocupado pelo romance americano, dominado pelo talento de escritores tão diversos quanto Francis Scott Fitzgerald (*O grande Gatsby*), Sinclair Lewis (*Babbitt*), John dos Passos (a trilogia *USA*), Ernest Hemingway (*Por quem os sinos dobram*), William Faulkner (*O som e a fúria*) e John Steinbeck (*As vinhas da ira*).

A poesia, com os mais variados tipos de experimentação formal, encontra seus expoentes máximos nos britânicos Dylan Thomas, Wynstan Hugh Auden e Stephen Spender; nos americanos Robert Frost, Marianne Moore, e.e. cummings (que sempre escrevia seu nome com minúsculas), Wallace Stevens, William Carlos Williams e Sylvia Plath; no espanhol Federico García Lorca; nos italianos Giuseppe Ungaretti e Salvatore Quasimodo; nos gregos Giórgios Seféris, Odyssêus Elýtis e Iánnis Ritsos; nos tchecos Vitzslav Nezval e Jaroslav Seifert. A literatura hispano-americana conhece, no entreguerras, uma de suas fases mais ricas: o fantástico é uma constante nos livros dos argentinos Jorge Luís Borges (*Ficções*), Adolfo Bioy Casares (*Diário da guerra do porco*) e Robert Arlt (*Os sete loucos*); a sátira política permeia os romances dos cubanos Alejo Carpentier (*O recurso do método*) e José Lezama Lima (*Paraíso*), do uruguaio Horacio Quiroga (*Anaconda*), do peruano Ciro Alegría (*O mundo é largo e estranho*), do venezuelano Rómulo Gallegos (*Canaima*). A poesia tem também seus nomes fundamentais: os chilenos Gabriela Mistral, Pablo Neruda e Nicanor Parra, o cubano Nicolás Guillén, o peruano César Vallejo, o colombiano Porfirio Barba Jacob. Nos EUA, o apogeu do crime organizado, durante a Lei Seca, estimula o aparecimento de uma rica literatura policial, com nomes de primeiro plano como Raymond Chandler (*A dama do lago*) e Dashiel Hammett (*O homem magro*). Fora dos EUA há, entre outros, a inglesa Patricia Highsmith (*Mr. Ripley*) ou os franceses Boileau e Narcejac (*As diabólicas*) e Sébastien Japrisot (*Uma loura de óculos escuros e com um fuzil*).

Tendências atuais – Do final da II Guerra Mundial até os dias de hoje, coexistem várias correntes que, em cada país, assumem feições e tomam rumos diferentes. Prossegue o interesse pela renovação formal e temática em vanguardistas como os representantes do "romance novo" francês: Alain Robbe-Grillet (*O ciúme*), Michel Butor (*A modificação*), Marguerite Duras (*O amante*), Nathalie Sarraute (*Os frutos dourados*) ou os poetas herméticos alemães Paul Celan, Ingeborg Bachmann e hans magnus enzensberger. O inconformismo com a situação social e política e a incorporação ao texto literário de conceitos provenientes da sociologia, da psicanálise, do marxismo ou da filosofia existencialista comparecem em um amplo espectro de ficcionistas: na França, Albert Camus (*A peste*), Jean-Paul Sartre (a trilogia *Os subterrâneos da liberdade*), Simone de Beauvoir (*Memórias de uma moça bem-comportada*), Boris Vian (*A espuma dos dias*) e Marguerite Yourcenar (*Memórias de Adriano*); na Grã-Bretanha, Arthur Koestler (*O zero e o infinito*), George Orwell (*1984*), Graham Greene (*Nosso homem em Havana*), Iris Murdoch (*O castelo de areia*), Anthony Burgess (*A laranja mecânica*), Lawrence Durrell (*O quarteto de Alexandria*) ou Doris Lessing (*O carnê dourado*); os alemães Günther Grass (*O tambor*) e Heinrich Böll (*A honra perdida de Katharina Blum*); os italianos Vasco Pratolini (*Crônica de pobres amantes*), Carlo Levi (*Cristo parou em Éboli*), Italo Calvino (a trilogia *Nossos antepassados*), Giuseppe Tommasi di Lampedusa (*O leopardo*), Dino Buzzati (*O deserto dos tártaros*); o polonês Witold Gombrowicz (*Bakakai*); os portugueses Fernando Namora (*Fogo na noite escura*), Miguel Torga (*Bichos*), Antonio José Branquinho da Fonseca (*O barão*) ou Sophia de Mello Breyner (*A sibila*). As linguagens específicas dos modernos meios de comunicação desempenham papel preponderante na renovação dos recursos e processos técnicos da ficção contemporânea; onde isso se pode perceber com muita clareza é no moderno romance americano, que, desligando-se em ritmo acelerado dos modelos europeus desde o início do séc. XX, conhece uma fase áurea a partir da década de 50, com uma variedade que vai do Naturalismo de Henry Miller (*Trópico de Câncer*) ao Surrealismo agressivo de Charles Bukowski (*Cartas da rua*). O Realismo psicológico, com objetivos sociais, manifesta-se em Norman Mailer (*Os nus e os mortos*), William Styron (*A escolha de Sofia*), Bernard Malamud (*O homem de Kiev*), John Updike (a série da personagem chamada *Rabbit*), Saul Bellow (*O legado de Humboldt*), Philip Roth (*O complexo de Portnoy*), Tom Wolfe (*A fogueira das vaidades*), William Kennedy (*Vernônia*). O romance-reportagem em *A sangue frio*, de Truman Capote, ou *A canção do carrasco*, de Mailer; a recriação histórica em *Criação* ou *Washington D.C.*, de Gore Vidal; o delírio de drogado em *O almoço nu*, de William Burroughs; a liberação hippie em *Com o pé na estrada*, de Jack Kerouac, ilustram a diversidade dessa literatura, para a qual contribuem também estrangeiros naturalizados, como o russo Vladímir Nabókov (*Lolita*) ou o polonês Jerzy Kosinski (*O pássaro pintado*). Fundamental é também a contribuição feminina: Carson McCullers (*Reflexos num olho dourado*), Joyce Carol Oates (*Eles*), Mary McCarthy (*O grupo*), Annie Dillard (*O peregrino de Tinker Creek*), Joan Didion (*Dance conforme a música*). O romance britânico, nas décadas de 80/90, vê surgir uma safra de escritores originários das ex-colônias ou filhos de imigrantes orientais; precedida, numa fase anterior, pelos indianos Rabindranath Tagore (*O jardineiro do rei*) e Vidiadur Surajprasad Naipaul (*Uma casa para Mr. Biswas*), que escreviam em inglês, afirma-se uma nova geração com o indiano Salman Rushdie (condenado à morte, no Irã, por seu romance *Os versículos satânicos*, considerados ofensivo ao islamismo); o descendente de japoneses Kazuo Ishigurô (*Uma pálida visão dos montes*); Timothy Mo, de origem chinesa, e Shashi Tharoor, de família indiana; ou o filho de paquistaneses Hanif Kureishi (*O Buda de subúrbio*), que escreveu também roteiros para o cineasta Stephen Frears.

A situação da URSS é muito particular: a denúncia dos excessos do stalinismo, por Nikita Kruchóv, em 1956, dá início ao período de liberação gradual das imposições do "Realismo socialista", a que se batizou com o título de um romance de Iliá Erenbúrg: *O degelo*. Poetas de uma geração anterior, como Aleksandr Tvardóvski, Nikolái Tikhonov, Olga Berggólts ou Vera Inbér puderam escrever com menos constrangimento; e o tom rebelde dos poemas de Ievguêni Ievtushenko abre caminho para toda uma geração de poetas que abrem espaço cada vez maior para o lirismo intimista, a expressão da dissidência e uma visão crítica da sociedade: Andrêi Voznessiênski, Ievguêni Vinokúrov, Róbert Rojdéstvienski, Bella Akhmadúlina, Iósif Bródski. No domínio da prosa, as denúncias de Aleksandr Soljenítsin (*O arquipélago Gúlag*) lhe valem o exílio. Mas com a *pierestróika*, implantada por Mikhail Gorbatchóv, resgata-se a obra de autores antes proibidos, entre os quais Anatóli Ribakóv (*Os meninos da rua Arbat*) é o mais interessante.

A poesia não tem, no Ocidente, o mesmo vigor que na ex-URSS, mas merecem menção os beatniks americanos Allen Ginsberg, Lawrence Ferlinghetti, Gregory Corso, que, na década de 60, uniem suas vozes à da juventude contestadora, e alguns grandes nomes isolados, como o português Herberto Helder, os espanhóis Vicente Aleixandre e Rafael Alberti, os gregos Andréas Embirikos e Nános Valaorítis e o italiano Cesare Pavese.

Em anos recentes, ficcionistas como o italiano Umberto Eco (*O nome da rosa*), o alemão Peter Handke (*A mulher canhota*), o espanhol Gonzalo Torrente Ballester (*O rei pasmado e a rainha nua*) e, principalmente, o português José Saramago (*Memorial do convento*) impõem-se internacionalmente.

Novos nomes da América hispânica ganham prestígio mundial: os argentinos Julio Cortázar (*O jogo da amarelinha*), Ernesto Sábato (*O túnel*) e Manuel Puig (*O beijo da mulher aranha*); a chilena Isabel Allende (*A casa dos espíritos*); os mexicanos Carlos Fuentes (*A morte de Artemio Cruz*) e Juan Rulfo (*Pedro Páramo*); os uruguaios Juan Onetti (*O junta-cadáveres*) e Mario Benedetti (*A trégua*); os peruanos Mario Vargas Llosa (*Conversa na catedral*) e Manuel Scorza (*Bom dia para os defuntos*); o colombiano Gabriel García Márquez (*Cem anos de solidão*); o guatemalteco Miguel Ángel Asturias (*O senhor presidente*); ou o paraguaio Augusto Roa Bastos (*Eu, o supremo*).

É importante assinalar também o florescimento de um gênero típico do séc. XX, estreitamente ligado a seu desenvolvimento científico, em especial nas áreas da astronomia e da astronáutica: a ficção científica, que, levando adiante o trabalho de pioneiros como Jules Verne, Conan Doyle, H.G. Wells (*Guerra dos mundos*), Karel Capek (*R.U.R.*) ou Howard Phillips Lovecraft (*A história de Charles Dexter Ward*), produz livros que são, ao mesmo tempo, divulgação científica e fantasias premonitórias sobre os rumos que podem ser tomados pela humanidade: Isaac Asimov (*Eu, robô* e a trilogia *Fundação*), Ray Bradbury (*Crônicas marcianas* e *O homem ilustrado*), Arthur Clarke (*2001*), Van Vogt (*O mundo dos Não-A*), Robert Heinlein (*Um estranho numa terra estranha*), Clifford Simak (*A roda do tempo*) e Kurt Vonnegut Jr. (*Matadouro nº 5*) são alguns de seus expoentes nos EUA. Na Europa, destacam-se o prolífico francês Stefan Wul, autor de centenas de romances, o polonês Stanislaw Lem (*Solaris*) ou o russo Ivan Iefrêmov (*Stalker*).

Literatura no Brasil

Pode ser dividida em duas grandes eras: a *Colonial*, dependente da literatura portuguesa e de caráter pragmático, preocupado com a informação sobre a terra, a exploração e a conquista do território, e a dominação religiosa; e a *Nacional*, fruto do empenho dos intelectuais, influenciados pelos ideais da Revolução Francesa e das guerras de independência nas colônias, em dar à sua arte uma identidade autônoma.

ERA COLONIAL

Inicia-se em 1500, com a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, primeira manifestação do deslumbramento do colonizador com a exuberância da natureza na terra recém-descoberta, e com os relatos dos cronistas portugueses Pero Lopes de Souza (*Diário de navegação*), Pero Magalhães Gandavo (*Tratado da terra do Brasil*), Fernão Cardim (*Tratado da terra e da gente do Brasil*) e Gabriel Soares de Sousa (*Tratado descritivo do Brasil*).

Entre os poemas, sermões e autos sacramentais escritos pelos jesuítas, a partir de 1549, para a catequese dos índios, destacam-se os dos pe. José de Anchieta (*Poema à Virgem*) e Manuel da Nóbrega (*Discurso sobre a conversão do gentio*).

Barroco – Seu marco inicial é a publicação, em 1601, da *Prosopopéia*, poema épico de Bento Teixeira sobre a conquista de Pernambuco. As características estilísticas do Barroco europeu marcam as crônicas de Ambrósio Fernandes Brandão e Simão de Vasconcelos; os sermões do frei Vicente do Salvador e do pe. Antônio Vieira; os poemas nativistas de Manuel Botelho de Oliveira (*Música do Parnaso*) e do frei Manuel de Santa Maria Itaparica, celebrando as belezas e os recursos naturais da colônia; e os poemas satíricos e religiosos do baiano Gregório de Matos, a obra mais importante produzida no Brasil nesse período.

No início do séc. XVIII, as academias disseminam o gosto pela literatura, estimulam a consciência da brasilidade e realizam significativo trabalho de pesquisa histórica. As mais importantes são a dos Esquecidos (Salvador, 1724/25) e, no Rio de Janeiro, a dos Felizes (1736–1740) e a dos Seletos (1752–1754), cujos textos foram publicados na antologia *Júbilos da América*.

Arcadismo – Começa com a publicação, em 1768, das *Obras poéticas*, de Cláudio Manoel da Costa, membro do "grupo mineiro" que, juntamente com Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga, tenta adequar as propostas do Neoclassicismo europeu às condições de vida e à temática brasileira. Embora produza uma poesia essencialmente lírica e bucólica – à exceção de Gonzaga, autor também das *Cartas chilenas*, mordaz sátira política –, o grupo tem, a nível pessoal, envolvimento na Inconfidência Mineira. A poesia épica, de inspiração camoniana, dos também mineiros Basílio da Gama (*O Uraguai*) e José de Santa Rita Durão (*Caramuru*), é original por não recorrer às alegorias mitológicas convencionais, distanciar-se do bucolismo predominante na poesia da época e já conter elementos precursores do indianismo. No Rio de Janeiro, Domingos Caldas Barbosa faz, com a coleção de cantigas *Viola de Lereno*, uma poesia de acentuado sabor popular.

ERA NACIONAL

Resultado de um longo processo que começa no fim do séc. XVIII e tem como precursores os pré-românticos Antônio de Souza Caldas (*Ode ao homem selvagem*), Elói Ottoni (*Provérbios de Salomão*) ou Domingos Borges de Barros (*Os túmulos*), a afirmação da identidade nacional se intensifica com as modificações provocadas pela vinda para o país da Corte portuguesa (1800).

Romantismo – Seu marco inicial é a publicação dos *Suspiros poéticos e saudades* (1836), de Domingos Gonçalves de Magalhães, que, juntamente com Araújo Porto Alegre e Dutra Melo, publicava, com apoio do imp. Pedro I, a revista *Nictheroy*, cujo objetivo era consolidar uma cultura brasileira. Visa a exprimir as peculiaridades da natureza, história, costumes e língua brasileiros; o ideal da pureza amorosa contraposto às convenções sociais; o sentimento da natureza como um refúgio e o gosto pelas paisagens exóticas; a valorização do passado e do individualismo. O primeiro grande romântico brasileiro é Antonio Gonçalves Dias: é o criador do indigenismo (*I-Juca Pirama*), espécie de declaração simbólica da maioridade brasileira, na medida em que substitui o ancestral português pelo índio, elemento diferenciador da originalidade étnica brasileira. Na prosa, Joaquim Manuel de Macedo (*A moreninha*) formula as bases para o romance de costumes nacional: sentimentos inflamados, situações complexas, realismo da ambientação, bem dosado bom humor e hábil uso da linguagem coloquial.

Década de 1850 – Nessa fase de transição, Álvares de Azevedo (*Noites na taverna*) é influenciado pela mistura de misticismo e satanismo, sentimentalismo e sátira, além do gosto pelo sombrio e o macabro, típicos da poesia do inglês lord Byron. Casimiro de Abreu (*As primaveras*) tem um lirismo mais sentimental; mas a musicalidade do verso de Nicolau Fagundes Varela (*Os cantos*) prenuncia o Simbolismo. A poesia social, comprometida com questões políticas, é praticada pelo ex-escravo Luís Gama (*Sátiras*) e por Antônio Castro Alves, muito retórico nas *Espumas flutuantes*, de inspiração abolicionista, mas despido de pieguice em sua lírica sensual, e com um rigor formal que anuncia o Parnasianismo. Também o antisentimentalismo, o estilo seco e irônico de Manuel Antônio de Almeida, que, em *As memórias de um sargento de milícias*, faz um rico retrato do Rio de Janeiro de sua época, está a meio caminho do Realismo. O maior prosador dessa fase é José de Alencar, que, em seus romances, faz um vasto retrato da realidade brasileira: a indigenista (*O guarani, Iracema*), em que a paixão entre índio e português corresponde à visão mítica da origem da nacionalidade; a urbana (*Lucíola*), mostrando os conflitos entre amor, honra e dinheiro; e a regionalista (*O gaúcho*), fazendo um retrato épico do homem do campo. Também Bernardo Guimarães (*A escrava Isaura*) e Alfredo de Taunay (*Inocência*) orientam-se para o regionalismo. Totalmente isolada é a figura de Souzândrade (Joaquim de Souza Andrade), cujo *Inferno de Wall Street*, de

estrutura anticonvencional, precursora do Modernismo, só será devidamente valorizado no séc. XX.

Realismo/Naturalismo – A crise do Romantismo, com as transformações político-sociais do II Reinado, fazem surgir, na prosa de ficção, a tendência à análise do meio provinciano e à caracterização ambiental nos regionalistas Inglês de Souza (*O missionário*), Franklin Távora (*O ermitão de Muquém*) e Simão Lopes Neto (*Contos gauchescos*). Na linha da indagação psicológica, Raul Pompéia aborda, em *O Ateneu*, o relacionamento entre alunos e professores num repressivo colégio interno, e suscita questões éticas surpreendentes para seu tempo. Sob a influência do Naturalismo, as personagens de Aluísio Azevedo (*O cortiço*) são grotesca galeria de tipos ilustrando todos os segmentos sociais. A denúncia e a crítica estão presentes em Adolfo Caminha (*O bom crioulo*), Domingos Olímpio (*Luzia Homem*) e, na fase de declínio do gênero, em Henrique Coelho Neto (*A muralha*). Mais mecanicista e superficial é o romance de tese de Júlio Ribeiro (*A carne*). A obra mais importante do período é a de Joaquim Maria Machado de Assis, que, em seus romances e contos da maturidade, aprofunda a análise social e renova-a do ponto de vista da linguagem. Seu humor pessimista e a complexidade de seu pensamento fazem com que *Dom Casmurro* ou *As memórias póstumas de Brás Cubas* se afastem da visão simplista, e de puro pitoresco, de alguns de seus contemporâneos, ou do "fisiologismo" superficial dos seguidores de Zola.

Parnasianismo – Influenciado, na década de 1880, pelo movimento homônimo francês, rejeita o sentimentalismo romântico e as preocupações sociais, propondo uma poesia objetiva, de rebuscamento formal. Alberto de Oliveira (*Meridionais*), Raimundo Correa (*Sinfonias*) e Olavo Bilac (*Poesias*) não renunciam ao lirismo pessoal, mas buscam a correção métrica, o vocabulário raro, as rimas exóticas e formas fixas pouco usuais como o rondel, o triolé, o pantum ou o vilancete. Um parnasiano tardio como Vicente de Carvalho (*Poemas e canções*) ilustra, já no séc. XX, o enraizamento dessa tendência no espírito brasileiro: seus resquícios estão, por exemplo, no estilo declamatório e empolado de alguns textos produzidos nos meios político e intelectual.

Simbolismo – A publicação de *Broquéis* e *Missal* (1893), de João da Cruz e Souza, inaugura este movimento, que se caracteriza por melancolia, gosto dos ritmos fluidos e musicais (em contraste com a regularidade métrica parnasiana), incluindo o uso de versos livres; uso de imagens incomuns e ousadas e de um vocabulário vago, cheio de sugestões de musicalidade e que, com freqüência, recorre ao neologismo; e cuidado na evocação das cores e de seus múltiplos matizes que denota também uma influência do Impressionismo. Alphonsus de Guimaraens (*Câmara ardente*) é um outro grande nome desse período. O simbolista tardio Guilherme de Almeida (*Eu e você*) funciona como uma ponte entre essa fase e o Pré-modernismo. Uma figura isolada é Augusto dos Anjos (*Eu e outras poesias*), fascinado pelo vocabulário e os conceitos da ciência e da filosofia, que pratica uma poesia de reflexão metafísica e de denúncia da injustiça social.

Pré-modernismo – Corresponde a uma fase de prosperidade econômica, consolidação da República e expansão cultural. Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Afonso Henriques de Lima Barreto revela-se agudo intérprete da vida urbana carioca. *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, de valor sociológico hoje envelhecido, permanece como uma obra de arte da linguagem. José Bento Monteiro Lobato, além de ficção (*Urupês*) e ensaios, deixa, com o ciclo do *Pica-pau amarelo*, o maior conjunto de literatura infantil já escrito no Brasil.

Modernismo – A divulgação, no Brasil, das teorias vanguardistas européias é feita, em 1922, pela Semana de Arte Moderna. Essa revolução estética corresponde a uma crise mais ampla, de toda a estrutura socioeconômica do país, e se manifesta, artisticamente, repensando a busca de uma identidade nacional – o que prolonga a atitude de nacionalismo crítico de autores do período anterior, como Euclides da Cunha, Graça Aranha ou Monteiro Lobato. É este último quem, em 1917, faz a uma exposição da pintora Anita Malfatti um severo ataque, ao qual os modernistas respondem com a Semana. Em torno dela, surgem Mário de Andrade (*Paulicéia desvairada, Macunaíma*), Oswald de Andrade (*Memórias sentimentais de João Miramar*), Manuel Bandeira (*Ritmo dissoluto*), Cassiano Ricardo (*Martim-Cererê*) e movimentos como o da *Revista Antropofágica* e o do *Pau-Brasil*, ambos liderados por Oswald, ou o da revista *Verde*, de Cataguazes, sempre com tendências nacionalistas. A esse núcleo vêm agregar-se Carlos Drummond de Andrade (*Alguma poesia*), Augusto Meyer (*Giraluy*), Mário Quintana (*A rua do catavento*), Jorge de Lima (*Poemas negros*) e o romancista José Lins do Rego (*Menino de engenho*).

Em reação ao liberalismo desse grupo, o *Verde-amarelismo* e o movimento *Anta*, de 1926, ambos comandados por Plínio Salgado e contando com poetas conservadores como Menotti del Picchia (*Juca Mulato*), fecham-se às vanguardas européias e esposam idéias políticas que prenunciam o movimento integralista, versão brasileira do fascismo.

Com a chamada Geração de 22, instalam-se, na literatura brasileira, a escrita automática, influenciada pelos surrealistas franceses, o verso livre, o lirismo paródico, a prosa experimental e uma exploração criativa do folclore, da tradição oral e da linguagem coloquial. Em seu conjunto, essa é uma fase contraditória, de ruptura com o passado literário mas, por outro lado, de tentativa de resgate de tradições tipicamente brasileiras.

Geração de 30 – O clima decorrente da Revolução de 30 ajuda a consolidar as revoluções propostas, ainda de forma desorganizada, em 22. Poetas como Drummond (*A rosa do povo*), Bandeira (*Estrela da vida inteira*) ou romancistas como Lins do Rego (*Fogo morto*) atingem a maturidade; e surgem nomes novos: Érico Veríssimo (a trilogia *O tempo e o vento*), Jorge Amado (*Capitães de areia, Seara vermelha*), Rachel de Queirós (*O quinze*), José Geraldo Vieira (*A mulher que fugiu de Sodoma*) e, principalmente, Graciliano Ramos (*Vidas secas*), de estilo seco e preciso, um dos maiores ficcionistas brasileiros. Essa é uma fase de grande tensão ideológica e de abordagem da literatura como um instrumento privilegiado de conhecimento e modificação da realidade. Numa linha mais intimista, surgem poetas como Cecília Meireles (*Vaga música*), Vinicius de Moraes (*Poemas, sonetos e baladas*), o regionalista Raul Bopp (*Cobra Norato*), Augusto Frederico Schmidt (*Desaparição da amada*) e Henriqueta Lisboa (*A face lívida*), influenciados pelo Neosimbolismo europeu; e prosadores como Cornélio Pena (*A menina morta*), Lúcio Cardoso (*Crônica da casa assassinada*), Dionélio Machado (*Os ratos*), Alcântara Machado (*Brás, Bexiga e Barra Funda*).

Geração de 45 – Em reação à postura muito politizada da fase anterior, os poetas dessa geração voltam para um Neoparnasianismo, que se preocupa com o apuro formal e foge a temas considerados banais. Dentre esses autores – Geir Campos (*Coroa de sonetos*), Péricles Eugênio da Silva Ramos (*Poesia quase completa*), Alphonsus de Guimaraens Filho (*Lume de estrelas*), Ledo Ivo (*Acontecimento do soneto*) – apenas João Cabral de Melo Neto (*Educação pela pedra, Morte e vida severina*) é um escritor de primeiro plano, cuja inventividade verbal e intensidade da participação nos problemas sociais dão-lhe lugar de destaque. O mais importante livro de poesia dessa fase, influenciado pelas idéias dessa geração de artistas, é *Claro enigma*, de Carlos Drummond. Na prosa, os inovadores são Clarice Lispector (*A maçã no escuro*), que experimenta com o universo da linguagem, e João Guimarães Rosa, que explora o manancial dos falares regionais pondo-o a serviço de uma escrita complexa, de imensa criatividade: *Grande sertão: veredas* é uma epopéia ambientada no interior de Minas, que transpõe para o Brasil o eterno mito fáustico da luta entre o Homem e o Diabo.

TENDÊNCIAS ATUAIS

A prosa, a partir da década de 50, oferece um panorama de grande variedade: o **experimentalismo** de Osman Lins (*Avalovara*), Nélida Piñón (*O fundador*) ou Ivan Ângelo (*A festa*); as **pesquisas regionalistas** de Bernardo Élis (*Veranico de janeiro*), Mário Palmério (*Chapadão do Bugre*), José Cândido de Carvalho (*O coronel e o lobisomem*), Valdomiro Autran Dourado (*A ópera dos mortos*), Adonias Filho (*Memórias de Lázaro*), Josué Montello (*Os tambores de São Luís*), José Condé (*Vento do amanhecer em Macambira*), Dalcídio Jurandir (*Chão dos lobos*) ou Jorge Medauar (*O incêndio*); a **narrativa realista urbana** de Fernando Sabino (*Encontro marcado*), Carlos Heitor Cony (*Informação ao crucificado*), Rubem Fonseca (*A grande arte*), João Antônio (*Leão de chácara*), Edilberto Coutinho (*Maracanã, adeus!*) ou Ignácio de Loyola Brandão (*Zero*); os **romances de costumes** de Lígia Fagundes Telles (*As meninas*), Ricardo Ramos (*Tempo de esperança*), Sônia Coutinho (*Os venenos de Lucrécia*), Edla van Steen (*Corações mórbidos*) ou Marcos Rey (*O enterro da cafetina*); as **narrativas com elementos fantásticos ou supra-reais** de Aníbal Machado (*A morte da porta-bandeira*), José J. Veiga (*A hora dos ruminantes*), Murilo Rubião (*O dragão e outros contos*) ou Campos de Carvalho (*Vaca de nariz sutil*); as **crônicas do cotidiano urbano**, um gênero tipicamente brasileiro, em que se destacam Fernando Sabino (*O homem nu*), Rubem Braga (*Ai de ti, Copacabana*), Paulo Mendes Campos (*O cego de Ipanema*), Carlos Drummond (*A bolsa ou a vida*), Stanislaw Ponte Preta (*O festival de besteira que assola o país*), Luís Fernando Veríssimo (*O analista de Bagé*); a **renovação do conto** com Dalton Trevisan (*Cemitério de elefantes*), Moacyr Scliar (*O ciclo das águas*), Luís Vilela (*Tremor de terra*) ou Roniwalter Jatobá (*Crônicas da vida operária*); o **romance de denúncia**, satírica ou não, dos abusos ocorridos depois de 1964, com Antônio Callado (*Quarup*), Márcio Souza (*Galvez, imperador do Acre*), Antônio Torres (*Essa terra*) ou Roberto Drummond (*O sangue de Coca-Cola*); ou o **romance-reportagem** de José Louzeiro (*Lúcio Flávio, passageiro da agonia*) e Aguinaldo Silva (*República dos assassinos*). Em anos mais recentes, há outros nomes a serem mencionados na prosa de ficção: Sérgio Sant'Anna (*O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*), Abel Silva (*Açougue das almas*), Murilo Carvalho (*Raízes da morte*), Álvaro Cardoso Gomes (*A teia de aranha*), Flávio Aguiar (*Os caninos do vampiro*), Moacir Amâncio (*Estação dos confundidos*), Domingos Pellegrino Jr. (*Os meninos*).

Na poesia, diversos movimentos de vanguarda se desenvolvem a partir dos anos 50: o **concretismo** dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari; a **poesia-práxis**, com Mário Chamie; e, paralelamente, a renovação do **gosto pelo regional** e o popular, e pela **literatura comprometida**. Resguardadas as diferenças individuais, são exemplo dessas atitudes nomes tão diversos quanto os de Ferreira Gullar (*Poema sujo*), Mário Faustino (*Toda a poesia*), Affonso Ávila (*Carta do solo*), Carlos Nejar (*A árvore do mundo*), Tiago de Melo (*Faz escuro mas eu canto porque a manhã vai chegar*), Afonso Romano de Sant'Anna (*Que país é este?*), Moacyr Félix (*Um poeta na cidade e no tempo*). Mais recentemente, a vertente satírica ou a tradição coloquial do Modernismo são retomadas por José Paulo Paes (*Resíduo*), Ana Cristina César (*Aos teus pés*), Ilka Brunhilde Laurito (*Sal do lírico*), Cacaso (*Beijo na boca*), Chacal (*O preço da passagem*).

Nos últimos anos, a reflexão sobre a literatura, no Brasil, vem marcada pela busca de pontos de vista alternativos: a literatura sobre os problemas da comunidade negra (os poemas de Adão Ventura ou Osvaldo de Camargo), voltada para a problemática da emancipação feminina (*Bagagem*, de Adélia Prado), ou que enfoque o problema das drogas, da miséria, das minorias eróticas (*Em nome de Deus*, de João Silvério Trevisan), ou da busca de uma inserção mais ampla e efetiva no contexto cultural da América Latina. ■

MATEMÁTICA

Ciência que estuda as quantidades (Aritmética), o espaço (Geometria), o raciocínio simbólico e as relações entre as quantidades e o espaço (Álgebra e Análise), e abarca todos os tipos de pensamento formal e dedutivo (Lógica).

DESENVOLVIMENTO

As noções de quantidade, grandeza e forma são tão antigas quanto a existência do ser humano e estão ligadas a atividades essenciais à sobrevivência da espécie. A Matemática que conhecemos hoje tem origem nos países do Mediterrâneo, com contribuições da Índia e da China. Há registros de familiaridade dos egípcios com grandes números, superiores a 1 milhão, desde cerca de 3.000 a.C.; observações astronômicas e cálculos matemáticos são usados para prever as cheias do Nilo, e propriedades geométricas para remarcar as terras após as grandes inundações do rio desde 2.000 a.C. A China desenvolve a Matemática sem muitas influências externas; o *Chou Pei Suang Ching* é considerado o mais antigo clássico matemático conhecido; o *Chui-Chang Suan-Shu* ou *Nove capítulos sobre a arte matemática*, composto por volta de 250 a.C., traz soluções para 246 problemas que vão da mensuração de terras a equações e triângulos retângulos. No séc. V, Tsu Chungchih calcula o π (área de um círculo de raio 1) com uma aproximação só superada, no séc. XV, pelos árabes.

O apogeu grego – Quando declinam as civilizações do vale do Nilo e da Mesopotâmia, a civilização helênica começa a se destacar. Estudiosos gregos viajam ao Egito e à Babilônia em busca de maiores conhecimentos. Do séc. VII a.C. ao séc. VII d.C., eles realizam grandes avanços, principalmente em Geometria; e mesmo sob o domínio romano permanecem como os maiores estudiosos da Matemática. O séc. VI a.C. é a época de Tales, de Mileto, o primeiro homem a quem são atribuídos avanços no conhecimento matemático. É também o século de Pitágoras, para quem a Matemática está mais ligada a questões filosóficas do que à vida prática. No séc. V a.C., Atenas passa por um grande desenvolvimento cultural e artístico. A Geometria desenvolve-se enormemente e, apesar de restarem pouquíssimos documentos, sabe-se que foram estudados problemas como a quadratura do círculo, a duplicação do cubo, razão de grandezas incomensuráveis ou trissecção do ângulo.

Euclides, professor em Alexandria no séc. IV a.C., é o mais antigo matemático grego cujas obras sobreviveram. Seu livro *Os elementos* cobre toda a Matemática elementar da época: Aritmética, Álgebra Geométrica e Geometria. A parte dedicada ao estudo de pontos, retas, esferas e círculos, com cinco postulados, é base para quase todo o desenvolvimento posterior da Geometria, levando à criação do termo Geometria euclidiana. Seu livro é considerado uma das mais importantes obras matemáticas de todos os tempos. No séc. III a.C., nasce Arquimedes de Siracusa, o mais importante matemático da Antiguidade. Deixa vários tratados sobre Geometria. É um dos primeiros a estudar a Física Matemática, em seus livros *Sobre o equilíbrio dos planos*, em que pesquisa alavancas, e *Sobre corpos flutuantes*. Quando Justiniano se torna imperador do Oriente, em 529, e fecha as escolas não cristãs, o estudo da Matemática é quase abandonado no mundo europeu, e muitos matemáticos gregos se transferem para outras regiões orientais.

Na Índia, a partir do séc. V, são escritos os *Sidanta*. Neles aparece pela primeira vez a função seno de Trigonometria, que relaciona lados e ângulos. Brahmagupta, no séc. VII, é o primeiro matemático a sistematizar o uso do zero e dos números negativos. Bhaskara, no séc. XII, conclui que um número inteiro dividido por zero é igual a infinito.

No séc. VII nasce o islamismo; e o século seguinte assiste à consolidação do império muçulmano e o surgimento, na África e na Ásia islâmica, de um grande interesse pela Matemática. São trazidos estudiosos da Grécia e da Mesopotâmia e feitas traduções de diversas obras gregas, entre elas *Os elementos*, de Euclides, e de tratados indianos. O matemático e astrônomo Mohamed al-Khuarizmi escreve dois importantes livros sobre Aritmética e Álgebra. Em *Sobre a arte indiana de calcular*, que sobrevive apenas numa cópia latina, al-Khuarizmi expõe o sistema de numeração da Índia, que une a base decimal, o sistema posicional – indicando unidade, dezena, centena e assim por diante – e o uso do zero. Esse livro propaga o sistema de notação numérica usado atualmente em todo o mundo, que, apesar da origem indiana, é muitas vezes atribuído aos árabes. O nome de al-Khuarizmi dá origem às palavras algarismo e algoritmo. De seu estudo *al-jabr wa'l muqabalah* surge a palavra álgebra, e é por esse livro, conhecido também em sua versão latina, que a Europa posteriormente aprende esse ramo da Matemática.

Renascimento europeu – A partir do séc. XII, ressurge na Europa o interesse pela Matemática. Os estudiosos aprendem o árabe para traduzir obras para o latim; em seguida algumas obras são traduzidas diretamente do grego. Parte desses estudos é desenvolvida nos conventos, parte por comerciantes e mercadores. Coincide com o início da Renascença a difusão européia dos números indo-arábicos; a Álgebra avança além do já estudado pelos árabes. São descobertas as fórmulas para as equações de 3º e 4º graus e a Europa se torna o grande centro da pesquisa matemática. No séc. XVII, surgem grupos científicos organizados na França, Itália e Inglaterra. A primeira metade desse século vê surgir dois grandes matemáticos: René Descartes e Pierre de Fermat. Descartes, formado em Direito e durante anos participante das campanhas do Exército francês, é responsável pelo surgimento de um novo ramo na Matemática, a Geometria Analítica. Fermat, advogado, dedica-se à Matemática nas horas de lazer, pesquisando textos antigos. Suas obras praticamente não são publicadas em vida, mas sabe-se que ele chega simultaneamente a Descartes ao princípio fundamental da Geometria Analítica. Isaac Newton e Gottfried Wilhelm Leibniz são os maiores responsáveis pelos avanços na segunda metade desse século. Além da lei da gravitação, Newton descobre o Cálculo Diferencial e Integral, também desenvolvido por Leibniz cerca de dez anos mais tarde. As descobertas de Newton não são muito divulgadas fora da Inglaterra, mas Leibniz conta com dois grandes divulgadores, os irmãos Jacques e Jean Bernoulli. Jacques Bernoulli escreve também uma das primeiras obras sobre a teoria das Probabilidades, baseada em Huygens e Pascal.

Aperfeiçoamento das notações – Leonhard Euler, suíço que trabalha na Rússia por 25 anos, é o mais prolífico matemático do séc. XVIII. Publica mais de quinhentos livros e artigos durante a vida, sobre quase todos os ramos da Matemática pura e aplicada, do nível mais elementar ao mais avançado, e transforma o Cálculo num ramo mais geral da ciência, posteriormente chamado Análise, que se ocupa do estudo dos processos infinitos. Ele sistematiza a notação utilizada atualmente e cria símbolos em Geometria, Álgebra, Trigonometria e Análise. Carl Friedrich Gauss é o maior matemático do séc. XIX. Ele descobre aos 18 anos a solução para um problema de mais de 2 mil anos: a construção de um polígono regular de dezessete lados e, em seus estudos posteriores, descobre quais polígonos podem ser construídos por régua e compasso; é considerado o criador da teoria dos Números e da Geometria Diferencial. No séc. XIX, Nicolai Lobatchevsky e G.F.B. Riemann desenvolvem geometrias não euclidianas. A Análise avança com Augustin Cauchy e Karl Weierstrass, a Álgebra moderna com Évariste Galois, a teoria dos Conjuntos com Georg Cantor, a Lógica com George Boole e Giuseppe Peano.

Discussões recentes – As geometrias não euclidianas, ao negar alguns postulados da Geometria euclidiana, levam a um grande debate filosófico entre a corrente que apóia a tese das bases naturais da Matemática e a que afirma que essa ciência parte de postulados arbitrários para chegar a conclusões válidas. No séc. XX, Bertrand Russell lidera a corrente que iguala a Matemática à Lógica, mas prevalece o formalismo, que considera a Matemática a ciência das deduções formais, afirmando que não se deve questionar qual das geometrias é verdadeira, basta que elas sejam consistentes.

Uma das conquistas do séc. XX é a descoberta de estruturas semelhantes em diversas áreas da Matemática. A chamada Álgebra moderna descobre que as propriedades das quatro operações elementares não são exclusivas dos números, mas aparecem, por exemplo, nas operações geométricas, com matrizes ou conjuntos. O estudo dessas operações pode ser feito de forma abstrata e geral, levando à descoberta de regras válidas para vários contextos. É o que tenta demonstrar o grupo de matemáticos franceses que, sob o pseudônimo coletivo de Nicolas Bourbaki, começa a publicar, em 1939, os cerca de trinta volumes dos *Éléments de mathématiques*. André Weil e Jean Dieudonné são alguns dos que participam do grupo.

TENDÊNCIAS ATUAIS

Apesar de a Matemática ter conhecido, no séc. XX, um grande crescimento na pesquisa pura, nunca ela foi tão solicitada por outras áreas do conhecimento como economia, psicologia, biologia, sociologia, medicina, lingüística, história ou música, e nunca essas áreas motivaram tanto novas pesquisas. Um exemplo disso está no desenvolvimento da Informática. Avanços na Lógica Matemática permitiram a criação dos *softwares* para computadores, ao mesmo tempo que estes possibilitam avanços na Análise numérica, nos estudos de Geometria e conduzem à criação de novas disciplinas, como a programação linear. O computador passa, a partir de 1976, a ser utilizado para demonstrar teoremas. Dois pesquisadores usam a Informática para provar a conjectura das quatro cores, que afirma bastarem quatro cores para colorir qualquer mapa.

Um dos mais recentes campos de pesquisa é a Etnomatemática, que procura estudar a Matemática produzida por tribos ou grupos populares sem acesso ao sistema oficial de ensino. Para determinada tribo africana, por exemplo, a afirmação de que João vem de uma região onde todos são desonestos não leva à conclusão de que João é desonesto; para eles as propriedades de um conjunto não abarcam necessariamente todas as propriedades de um único elemento. É uma lógica diferente da ocidental.

Teorema de Fermat – Em jun. de 1993, o inglês Andrew Wiles, numa conferência em Cambridge, anuncia ter demonstrado o Grande Teorema de Fermat. Esse teorema foi anunciado, por volta de 1637, por Pierre de Fermat. Ele afirma que a equação $x^n + y^n = z^n$ só pode ter números inteiros não nulos x, y e z como solução se $n \leq 2$. A prova jamais foi encontrada e a busca pela solução se arrastava há mais de trezentos anos. A demonstração de Wiles, com cerca de duzentas páginas, será checada exaustivamente por estudiosos de todo o mundo.

Cronologia geral

ANTIGUIDADE

Álgebra: o indiano Aryabhata descobre um processo para a extração de raízes quadradas e cúbicas (517 a.C.). O grego Diofanto escreve a *Arithmetica*, o primeiro manual de Álgebra, usando de forma sistemática símbolos para indicar as potências e as equações, chamadas "diofantinas" (cerca de 250 a.C.). Surge a tábua de números primos, chamada de crivo de Eratóstenes (230 a.C.). **Fundamentos:** o grego Zenão, de Eléia, expõe exercícios de Lógica

aplicáveis à Matemática e tenta evidenciar o paradoxo do movimento (450 a.C.). **Geometria:** o grego Pitágoras, de Samos, demonstra o teorema do quadrado da hipotenusa (cerca de 650 a.C.). O grego Arquitas estuda o problema da duplicação do cubo em Geometria • O grego Menecmo descobre as seções cônicas: elipse, parábola e hipérbole • O grego Eudoxo, de Cnido, estuda as seções cônicas e formula a teoria das Proporções (cerca de 350 a.C.). O grego Euclides escreve *Os elementos*, com os postulados básicos da Geometria (323 a.C.). O grego Arquimedes calcula áreas e volumes pelo chamado método de exaustão, precursor do Cálculo integral (287 a.C.). O grego Apolônio, de Pérgamo, elabora estudos completos das seções cônicas, usados por Kepler e Newton vinte séculos depois (225 a.C.). O chinês Tsu Chungchih calcula o valor do π como 3,1415927 (470). **Matemática aplicada:** os sumérios utilizam um sistema numérico baseado nos múltiplos de 6 e de 12 (cerca de 2.700 a.C.). Em Creta, é adotado o sistema decimal (cerca de 2.300 a.C.). **Obras:** no Egito, o escriba Ahmes copia o papiro que levará o seu nome (ou *Papiro de Rhind*) e que contém o mais extenso documento matemático da época (1.650 a.C.). É publicado, na China, o *Chou Pei Suang Ching*, primeiro manual de Matemática conhecido (900 a.C.). O grego Pappus registra na obra *Sinagoga* (reunião) todas as pesquisas matemáticas gregas e apresenta novas conclusões e generalizações (340).

IDADE MÉDIA

Álgebra: os árabes adotam os numerais indianos, inclusive com o uso do zero (814). É introduzida na Europa a notação matemática de origem oriental, usada até hoje, que passa a ser conhecida como "números arábicos", por oposição aos "números romanos" (975). O italiano Scipione del Ferro resolve as equações cúbicas (1520). **Obras:** o astrônomo Varahamihira escreve os *Sidanta*, reunindo todo o conhecimento matemático da Índia (550). Em *Brahmasphutasidanta* (a abertura do universo), o indiano Brahmagupta encontra a solução, em números inteiros, para a equação de 2º grau e desenvolve a aplicação de métodos algébricos gerais em Astronomia (650). *Os elementos*, de Euclides, são traduzidos para o árabe (774). É publicado o comentário do persa Mohamed al-Khuarizmi sobre as obras de Diofanto, onde é utilizada, pela primeira vez, a expressão "álgebra" (810). O indiano Bhaskara publica o *Lilavati*, em que soluciona equações indeterminadas, demonstra de forma simplificada o teorema de Pitágoras e calcula as tabelas de senos com intervalos de um grau (1150). O *Liber abaci*, do italiano Leonardo de Pisa (conhecido como Fibonacci), divulga na Europa os conhecimentos matemáticos árabes • O inglês William de Moerbeke publica uma tradução em latim dos principais tratados de Arquimedes, versão que será usada, na Renascença, por Leonardo da Vinci (1202). *As Nove seções de matemática*, do chinês Chin Kuishao, introduzem o uso do zero e os métodos algébricos para a resolução de problemas trigonométricos (1347).

IDADE MODERNA

Álgebra: o italiano Girolamo Cardano, em *Ars magna*, resolve as equações de 3º e 4º graus (1545). O italiano Rafaele Bombelli sistematiza os estudos sobre os números imaginários e a utilização de frações contínuas (1572). O francês François Viète introduz o cálculo de frações decimais (1576). O belga Simon Stevin introduz as casas decimais nos números (1585). O francês François Viète introduz na Álgebra o uso de letras para designar quantidades desconhecidas (1591). O escocês John de Merchiston Napier publica as primeiras tábuas de logaritmos (1614). O inglês Edmund Gunter divulga as primeiras tábuas logarítmicas com sete decimais (1620). O inglês Isaac Newton formula o teorema hoje conhecido como binômio de Newton (1663). **Análise:** o francês Pierre de Fermat introduz o método de máximos e mínimos para o cálculo matemático (1628). O suiço Jacques Bernoulli estuda a espiral logarítmica • O francês Guillaume de l'Hôpital publica o primeiro tratado completo sobre Cálculo Infinitesimal (1698). O inglês Brook Taylor inventa o cálculo de diferenças finitas e formula o desenvolvimento de uma função em série (1715). O suiço Leonhard Euler introduz a noção de equação com derivadas parciais, inicia pesquisa sobre Mecânica Analítica e cria a moderna teoria das Frações Contínuas e o Cálculo das Variações (1734–1736). O francês Jean Le Rond d'Alembert estabelece o princípio básico de Mecânica que tornou o seu nome (1742). O francês Joseph Louis de Lagrange introduz as coordenadas generalizadas (funções do tempo) (1760). **Geometria:** Rhaeticus (o alemão Georg Joachim von Lauchen) publica as tábuas trigonométricas (1550). O alemão Kepler relaciona as cônicas (elipse, hipérbole e parábola) com o movimento dos planetas (1604). O francês René Descartes publica sua *Géométrie*, o primeiro tratado de Geometria Analítica, e formula as leis da refração (1637). O francês Gérard Desargues cria a Geometria Projetiva, só reconhecida dois séculos mais tarde (1638). O francês Blaise Pascal publica seu famoso teorema sobre o hexágono, inspirado pelas idéias de Desargues (1640). O italiano Jacopo Riccati estuda as funções hiperbólicas em Geometria (1757). O suiço Johan Heinrich Lambert prova que o número π é irracional • O suiço Leonhard Euler estabelece, com o auxílio do "teorema de Moivre", a fórmula $exp(ix) = cosx + isenx$, relacionando a função exponencial com as funções trigonométricas (1761). O francês Gaspard Monge cria a Geometria Descritiva (1768). O francês Jean Henri Lambert desenvolve a Trigonometria esférica, que revoluciona a cartografia (1770). **Fundamentos:** o matemático alemão Widmann passa a usar os símbolos + e - (1489). O francês Albert Gérard introduz o uso de parênteses, chaves e outras abreviações no cálculo matemático (1629). O inglês William Oughtred começa a usar o símbolo x para a multiplicação (1631). **Matemática aplicada:** o inglês William Oughtred desenha a primeira régua de cálculo (1622). O francês Blaise Pascal inventa a primeira máquina de calcular (1642). Os franceses Pierre de Fermat e Blaise Pascal criam o cálculo das probabilidades (1654). O alemão Johann Peter Süssmilch dá início ao estudo científico da estatística (1761). **Obras:** é publicado o *De triangulis omnimodis*, o tratado de Trigonometria do astrônomo alemão Johan Müller Regiomontanus (1533). O inglês Isaac Newton escreve sua obra principal, a *Philosophiae naturalis principia mathematica* (1686/87). O alemão Gottfried Wilhelm Leibniz desenvolve o Cálculo Infinitesimal e publica suas conclusões em *Nova methodus pro maximis et minimis* (1674–1684). O francês Abraham de Moivre publica na Grã-Bretanha sua *Miscellanea analytica de seriebus et quadraturis*, em que apresenta a "fórmula de Moivre" (1730). O suiço Leonhard Euler publica a *Introductio in analysin infinitorum* (1748). Euler sistematiza o estudo da Álgebra no livro *Instutiones calculis algebricorum* (1771). O francês Lagrange publica *Mécanique analytique*, primeira obra de Mecânica e ciência construída sobre fundamentos matemáticos e científicos (1778).

IDADE CONTEMPORÂNEA

Álgebra: o francês Évariste Galois estuda a resolubilidade das equações algébricas por radicais e lança as bases da teoria dos Grupos e dos Corpos (1830). O alemão Carl Friedrich Gauss descreve os números complexos (1832). O irlandês William Hamilton rejeita a lei da comutatividade para a multiplicação e inventa os quaterniões, o que leva à descoberta de um grande número de álgebras; formula as equações dinâmicas na Mecânica (equações de Hamilton) e estabelece o princípio da menor ação (1843). O russo Pafnuti Tchebichev desenvolve a teoria dos Números Primos (1850). O inglês James Joseph Sylvester faz o exame geométrico dos espaços com *n* dimensões (1863). O americano Charles Pierce estuda as estruturas algébricas (1864). O inglês Arthur Cayley formula pela primeira vez de modo rigoroso a definição de grupo e desenvolve trabalhos importantes sobre a teoria dos Invariantes e a

Geometria dos Hiperespaços • O alemão Christian Felix Klein desenvolve, aplica e populariza o conceito de grupo (1885–1900). O alemão Gerd Faltings demonstra a validade da conjectura do americano Louis Joel Mordell, de 1922, segundo a qual uma grande classe de equações tem apenas um número finito de soluções racionais (1983). O inglês Andrew Wiles demonstra o Grande Teorema de Fermat (1993). **Análise:** o francês Jean-Baptiste Joseph Fourier formula a teoria do desenvolvimento das funções em séries trigonométricas • O norueguês Niels Henrik Abel cria as funções elípticas, gerando toda a análise do séc. XIX; realiza o primeiro estudo sistemático das funções algébricas e formula idéias gerais sobre a teoria da Convergência (1805). O francês Augustin Louis Cauchy estabelece o critério de convergência que leva seu nome e desenvolve o cálculo de resíduos (1821). O tcheco Bernhard Bolzano é o precursor da teoria dos Conjuntos, de Cantor • O alemão Carl Gustav Jacob Jacobi dá continuidade aos estudos iniciados por Gauss e Abel sobre as funções elípticas (1832). O alemão Peter Gustav Lejeune Dirichlet desenvolve importantes trabalhos sobre as funções elípticas (1850). O francês Charles Hermite resolve a equação de 5º grau utilizando as funções elípticas (1858). Os alemães Karl Theodor Wilhelm Weierstrass e Julius Wilhelm Richard Dedekind dão início à época moderna da Análise, forçando uma revisão conceitual • O francês Henri Poincaré descobre a generalização das funções elípticas (1880). O francês Henri Léon Lebesgue propõe nova conceituação de integral; seus estudos serão ampliados, em 1904, pelo alemão David Hilbert (1901). O alemão Felix Hausdorff desenvolve a teoria dos Espaços Métricos (1914). O alemão Hermann Weyl desenvolve a parte matemática da teoria da Relatividade e a Mecânica Quântica (1915). O polonês Stefan Banach funda a Análise funcional moderna e introduz o conceito de espaços vetoriais normados (1920). O francês Laurent Schwartz generaliza o conceito de função através da teoria das Distribuições (1950). **Fundamentos:** o alemão Georg Cantor cria a teoria dos Conjuntos (1874). O alemão Julius Dedekind estabelece a definição de número irracional (1880). O italiano Giuseppe Peano efetua a axiomatização da Aritmética e formaliza a lógica do raciocínio matemático (1885–1900). O inglês Bertrand Russel estabelece que a Matemática é indistinguível da Lógica (1903). O alemão Ernst Zermelo formula o axioma da escolha, "axioma de Zermelo" (1906). O holandês L.E.J. Brouwer critica os fundamentos lógicos da Aritmética e da Análise e funda a "escola intuicionista" (1907). O austríaco Kurt Gödel demonstra a consistência do Axioma da Escolha e da Hipótese do Contínuo, na teoria dos Conjuntos (1940). Continuando o trabalho de Gödel, Paul J. Cohen demonstra a independência do Axioma da Escolha e da Hipótese do Contínuo (1963). **Geometria:** o francês Jean Victor Poncelet cria a moderna Geometria Projetiva (1822). O russo Nikolái Ivánovich Lobatchévski divulga suas primeiras pesquisas sobre um sistema de Geometria não euclidiana (1826). O alemão Ferdinand Augustus Möbius introduz a noção geral da transformação homográfica (1827). O húngaro János Bolyai propõe uma Geometria não euclidiana (1832). O alemão Georg Friedrich Bernhard Riemann faz estudos sobre a Geometria não euclidiana (1854). O alemão Carl Louis Ferdinand von Lindemann demonstra a transcendência do número π e a impossibilidade da quadratura do círculo (1882). O francês René Maurice Fréchet introduz, em Matemática, a noção do espaço abstrato (1906). O lituano Hermann Minkowski formula a Geometria quadridimensional espaço-tempo (1908). O francês Benoît Mandelbrot desenvolve, nos EUA, a Geometria dos fractais (1965–1975). **Matemática aplicada:** o húngaro Johannes von Neumann é o pioneiro no tratamento da economia matemática (1930). Von Neumann integra, por dois anos, a equipe que prepara um relatório para o Exército americano sobre a capacidade dos computadores (1944). Kenneth Appel e Wolfgang Haken demonstram com o uso do computador a conjectura das quatro cores (1976). O grupo britânico de pesquisas Alvey Colour sistematiza, matematicamente, segundo 43 mil parâmetros diferentes, o processo pelo qual o ser humano "entende" as cores, possibilitando a obtenção de imagens digitalizadas de pinturas famosas, que podem ser armazenadas, transmitidas ou exibidas eletronicamente, sem deterioração ou alterações de cor • A partir de princípios da teoria do Caos, Gottfried Mayer-Kress, da Universidade da Califórnia, elabora um programa de computador que permite prognosticar a ocorrência de um futuro ataque cardíaco com a análise das variações em eletrocardiogramas passados (1990). **Obras:** é publicada a obra-prima *Mécanique céleste*, do francês Laplace, que reúne seus principais estudos matemáticos (1799–1825). O alemão Carl Friedrich Gauss publica *Disquisitiones arithmeticae*, demonstra pela primeira vez o teorema fundamental da Álgebra, cria a Geometria Diferencial e descobre a lei da reciprocidade quadrática (1803). O inglês George Boole divulga *The mathematical analysis of logic*, com os princípios da moderna Lógica simbólica (1847). O alemão Hermann Günther Grassmann introduz em *A teoria da extensão* conceitos fundamentais para o desenvolvimento da Álgebra moderna (1850). As teorias de Riemann são consolidadas por Lobatchevski na *Pangeometria* (1855). O inglês Bertrand Russel traduz em enunciados lógicos os fundamentos da teoria dos Conjuntos e começa a publicação, junto com o inglês Whitehead, dos três volumes de *Principia mathematica* (1910). Um grupo de matemáticos franceses, com o pseudônimo coletivo de Nicolas Bourbaki, inicia a publicação dos *Éléments de mathématiques*, que visa estudar as relações entre os diversos ramos da Matemática, mostrando as semelhanças estruturais entre eles; cerca de trinta volumes foram publicados (1939).

Cronologia Brasil

IMPÉRIO

Entidades: criada a Escola Central, antiga Academia Militar, que introduz uma seção de estudos das ciências físicas e matemáticas (1858). A Escola Central é transformada em Escola Politécnica, a primeira instituição a ter um curso não elementar de Matemática (1874). **Obras:** Joaquim Gomes de Souza apresenta na França seus trabalhos de Matemática, primeira obra consistente de pesquisa escrita por um brasileiro (1855).

REPÚBLICA

Cursos: criados os primeiros cursos regulares de Lógica Matemática pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro • Criado o primeiro curso de metodologia da Matemática (1962). **Entidades:** criada a Universidade de São Paulo (USP); e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras traz para o Brasil professores italianos que vão dar início ao ensino da Matemática com o objetivo de formar pesquisadores e professores (1934). Fundada a Sociedade de Matemática de São Paulo, que sobrevive até 1969 • A USP traz para o Brasil professores franceses do grupo Bourbaki, entre eles André Weil (1945). Criado no Rio de Janeiro o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), centro de pós-graduação e pesquisa (1952). Criada a Sociedade Brasileira de Matemática (1969). **Obras:** publicado *As idéias fundamentais da matemática*, primeiro livro brasileiro sobre fundamento e Lógica Matemática, de Amoroso Costa (1929). Criada a revista *Summa brasiliensis mathematical*, da Fundação Getúlio Vargas (1945). Leônidas Hegenberg publica *Lógica simbólica*, o primeiro livro didático de Lógica brasileiro (1966). Ubiratan d'Ambrosio conceitua o termo Etnomatemática (1976). **Prêmio:** o matemático Jacob Palis recebe o prêmio anual da Academia de Ciências do Terceiro Mundo por seus trabalhos acerca dos sistemas caóticos (1990). ■

MEDICINA

Ciência que investiga a natureza e a origem das doenças do organismo humano, com o objetivo de produzir meios para preveni-las e curá-las. A prática médica abrange a etiologia (estudo das causas das doenças), a patologia (estudo das condições produzidas pela doença), a anamnese (coleta da história médica e dos sintomas do paciente), o diagnóstico (determinação da causa e da natureza da doença baseada em métodos científicos), o prognóstico (previsão da duração, evolução e fim da doença baseada no diagnóstico), a terapêutica (tratamento da doença ou de uma condição patológica com a aplicação de remédios e outros métodos), a profilaxia (emprego de medidas preventivas para evitar as enfermidades) e a deontologia (observação das obrigações e compromissos profissionais).

ESPECIALIZAÇÕES

O progresso dos conhecimentos médicos e a introdução de novas técnicas aumentam a complexidade da prática médica e levam à especialização em diferentes campos, como os seguintes:

Medicina clínica – Tratamento individual, através de medicação, em diversas especialidades. Entre elas: Cardiologia (coração); Dermatologia (pele); Endocrinologia (distúrbios hormonais); Gastrenterologia (aparelho digestivo); Ginecologia (aparelho reprodutor feminino); Infectologia (doenças infecciosas); Neurologia (sistema nervoso); Obstetrícia (gravidez, parto e pós-parto); Oftalmologia (olhos e visão); Oncologia (câncer); Ortopedia e Traumatologia (sistemas ósseo e muscular); Otorrinolaringologia (ouvidos, nariz e garganta); Pediatria (desenvolvimento da criança e enfermidades infantis); Pneumologia (pulmão); Psiquiatria (doenças mentais e distúrbios da personalidade); Reumatologia (cartilagens e articulações); Urologia (aparelho urinário).

Medicina cirúrgica – Tratamento de doenças e correção de deformidades ou lesões através de operações. Engloba várias especialidades, como cirurgia de cabeça e pescoço, cirurgia cardiovascular (coração e artérias), cirurgia plástica, cirurgia torácica e neurocirurgia (sistema nervoso e medula), entre outras.

Medicina esportiva – Previne e trata doenças causadas pela prática de esporte, orientando a execução das atividades esportivas.

Medicina legal – Também conhecida como forense ou judicial, consiste na aplicação do conhecimento médico ao exercício da Justiça. Dedica-se à investigação, para fins legais, dos fenômenos que atingem o ser humano vivo ou morto, como autópsias e exames de corpo de delito.

Medicina nuclear – Dedica-se ao diagnóstico, pesquisa e tratamento das doenças através de radiação. Exige conhecimentos nas áreas de Física Nuclear, Eletrônica, Radiobiologia e Radioproteção, além dos especificamente ligados à Medicina.

Medicina do trabalho – Aplica-se ao saneamento dos locais e métodos de trabalho, assistência preventiva e tratamento dos problemas e acidentes sofridos pelo trabalhador.

Medicina preventiva (social) – Dedicada à promoção da saúde e à prevenção em larga escala das doenças da população. É o ramo que estabelece o vínculo entre o médico e a comunidade através dos tratamentos em massa, da prevenção de doenças infecto-contagiosas e da educação sanitária. Considera a saúde como valor social, investigando as condições médicas de grupos específicos e estabelecendo padrões para a melhoria dessas condições. Divide-se nas especialidades de Medicina geral e comunitária e Medicina sanitária.

DESENVOLVIMENTO

O homem procura curar doenças desde a Pré-história, mas apenas na Antiguidade a Medicina adquire uma estrutura mais definida. Mesopotâmicos, egípcios, indianos e chineses praticam uma medicina de caráter religioso; já conhecem os sintomas e a evolução de muitas doenças e realizam cirurgias como a retirada de cálculos da vesícula, a extirpação de tumores, enxertos de pele, correções de fraturas e amputação de membros. Na Grécia, a influência da religião foi marcante até o séc. IV a.C., quando surge a Medicina científica e leiga. Hipócrates sistematiza o conhecimento de seu tempo e identifica a febre como uma forma de defesa do organismo. Galeno desenvolve, em Roma, um detalhado estudo do esqueleto humano e cria a chamada patologia local, segundo a qual cada doença de um determinado órgão é um fato específico e isolado.

Durante a Idade Média, novamente acentua-se o caráter religioso e cristão. Os mosteiros transformam-se nos maiores centros de estudo e de tratamento dos doentes, com a criação de hospitais anexos a eles. No entanto, foram poucos os progressos realizados no período.

A Medicina moderna tem início no séc. XVI, com a invenção da imprensa e maior repercussão do trabalho desenvolvido pelos gregos e com o estudo da Anatomia humana, desenvolvido por alguns artistas do Renascimento. Destacam-se nessa área Leonardo da Vinci e André Vesálio, considerado o pai da Anatomia científica moderna. Com a descoberta da circulação sanguínea, por William Harvey, no séc. XVII, surge a Fisiologia contemporânea. Também é criado nesse século o microscópio, que trouxe grande progresso aos estudos anatômicos e ao conhecimento da estrutura dos tecidos.

No séc. XVIII, começam a ser realizadas as primeiras inoculações de varíola, a partir da introdução de material infectado de uma forma atenuada da doença em organismos sãos, que desenvolviam então condições para se proteger da forma maligna. Em seguida, Edward Jenner demonstra que a varíola bovina imuniza contra a varíola humana sem os riscos da inoculação entre seres humanos, criando então a vacinação.

O grande avanço da Medicina no séc. XIX é a descoberta, por Louis Pasteur, de que várias doenças são provocadas por organismos microscópicos, os micróbios e as bactérias. As experiências de Pasteur são confirmadas por Robert Koch, que descobre o bacilo da tuberculose e o vibrião da cólera. A partir daí, outras vacinas são criadas, evitando a propagação de doenças que antes dizimavam a população.

As pesquisas de Pasteur permitem a Joseph Lister introduzir a assepsia na cirurgia, diminuindo consideravelmente o risco de infecções. Também nessa época a anestesia geral começa a ser aplicada nas operações. São utilizados para esse fim o óxido nitroso, o éter e o clorofórmio. Essas duas descobertas revolucionam a prática cirúrgica.

No final do séc. XIX e durante o séc. XX, as inovações passaram a surgir num ritmo muito rápido, ocasionando uma queda acentuada na taxa de mortalidade dos países industrializados. Entre as grandes conquistas desse período estão: os raios X e o rádio, que significaram um grande avanço no diagnóstico e tratamento de várias doenças, principalmente o câncer; os antibióticos, que começaram a ser desenvolvidos a partir da descoberta da penicilina por Alexander Fleming; e as vacinas antivirais, que reduziram a incidência de enfermidades como a tuberculose, a poliomielite e o sarampo. Na área cirúrgica, os transplantes de órgãos podem ser considerados um dos acontecimentos mais importantes deste século.

RECURSOS DIAGNÓSTICOS

As inovações tecnológicas recentes trouxeram à Medicina um avanço significativo. Na forma de técnicas e equipamentos sofisticados, muitos deles auxiliados por computador, tornaram o diagnóstico mais preciso e o tratamento mais eficiente.

Imagem por Ressonância Magnética (IRM) – Utiliza campos magnéticos para excitar o núcleo dos átomos de hidrogênio (responsáveis por 70% do peso corporal na forma de água e gorduras) e assim obter imagens anatomicamente perfeitas do interior do corpo humano.

Ultra-sonografia – Técnica que utiliza os ecos resultantes de uma fonte sonora para obter uma imagem das estruturas internas. Neste exame, um transdutor (aparelho que transforma um sinal elétrico num pulso sonoro de alta freqüência) é pressionado sobre a pele e um computador apresenta as imagens formadas pelo eco numa tela. Enquanto o médico conduz o transdutor sobre a pele, as imagens obtidas se alteram de acordo com o ângulo em que o sinal sonoro penetra no corpo.

Cintilografia (ou Cintigrafia) – Este exame fornece imagens esquematizadas do funcionamento (fisiologia) dos órgãos. Uma substância radiativa é ingerida ou injetada no paciente (normalmente o isótopo radiativo de um elemento presente nos processos metabólicos), participa das reações químicas do organismo, e é seguida pela radiação beta que emite. Sua concentração atesta o funcionamento de um órgão na tela do computador, onde uma escala de cores representa as variações na captação.

Tomografia axial computadorizada – Um fino feixe de raios X varre um plano do corpo humano, movendo-se em arcos até ter realizado "cortes" em todos os ângulos. Um computador calcula o resultado de todas as projeções, realizando uma reconstrução matemática do corte. A técnica submete o paciente a uma dose bastante reduzida de radiação e permite o estudo minucioso das estruturas anatômicas envolvidas.

Tomografia por emissão de pósitrons – Reúne as vantagens da cintilografia com a tomografia. Usada principalmente pela Neurologia, fornece imagens em corte do cérebro, registrando em quais regiões é maior o consumo de oxigênio, correlacionando área e função. Permite estudar onde a atividade cerebral é mais intensa durante, por exemplo, um cálculo matemático, a lembrança de uma canção ou uma atividade manual.

Tomografia tridimensional – A imagem tridimensional e transparente da parte do corpo que está sendo estudada é reconstituída a partir das chapas em "fatias" obtidas pela tomografia axial computadorizada ou pela ressonância magnética; o computador "empilha" na sua memória as fatias, projetando uma imagem espacial e anatomicamente perfeita do corpo.

Endoscopia – Um tubo de borracha reveste dois feixes de fibras ópticas. Num deles passa a luz; pelo outro é possível ao médico olhar o interior do aparelho digestivo. O gastroendoscópio desce pela boca, permitindo o exame do esôfago, estômago e duodeno. O colonoscópio serve para examinar o intestino grosso (cólon), sigmóide e reto. O endoscópio permite a visualização direta das lesões e também é capaz de executar algumas intervenções, como biópsias, retirada de pequenos cálculos, pólipos e corpos estranhos. É, portanto, também um método terapêutico, além de diagnóstico.

Anticorpos monoclonais – Marcados radiativamente, estes verdadeiros mísseis moleculares teleguiados, criados pela Engenharia Genética, introduzidos no organismo indicam na cintilografia onde o tumor cancerígeno está localizado, por exemplo. Eles são considerados também um eficiente recurso terapêutico, pois têm a capacidade de procurar e destruir um determinado alvo no organismo (células cancerígenas, vírus, bactérias), levando até ele o medicamento específico.

LINHAS TERAPÊUTICAS

Alopatia – Sistema que utiliza como terapêutica medicamentos que produzem efeitos contrários aos da doença tratada, procurando conhecer sua etiologia e combater suas causas. Chamada também de Medicina tradicional ou convencional, é a prática médica oficial do país.

Homeopatia – Reconhecida oficialmente pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) como especialidade médica, trata doentes com doses muito diluídas de substâncias cuja ação, em doses maiores, provoca os mesmos sintomas da doença. Defende a tese de que o indivíduo deve ser medicado de acordo com as características de sua personalidade e de situações pessoais de vida.

Acupuntura – Prática milenar chinesa que, apesar de não ter o reconhecimento oficial como linha terapêutica, vem ganhando espaço no país. Atua por meio de agulhas que são espetadas em pontos específicos do corpo do paciente, chamados meridianos. Segundo os acupunturistas, cada meridiano corresponde a algum órgão ou região do corpo, formando uma rede por onde passam correntes de energia. Baseia-se também na idéia de que todo o universo é regido por forças opostas e complementares (*yin* e *yang*). As doenças expressariam uma ou outra dessas forças, enquanto a saúde seria o equilíbrio entre elas.

Fitoterapia – Apoiada nos princípios ativos presentes em algumas plantas, recorre ao uso de chás, infusões, unguentos e xaropes, elaborados com folhas, raízes e flores, para o restabelecimento da saúde ou prevenção de doenças. Alguns centros de pesquisa do país já descobriram propriedades farmacológicas e clínicas em diversas plantas adotadas como remédio pela população.

Medicina psicossomática – Do grego *psiqué* (alma) e *soma* (corpo), reconhece a importância da relação corpo/mente em todas as doenças, encarando os males físicos como resultado dos conflitos psíquicos. A sua terapêutica abrange esses dois aspectos.

Medicina holística – Do grego *holos* (todo), considera o homem como um todo integrado. Busca a causa do processo de adoecimento, direcionando a terapêutica para ela, com o intuito de promover a cura e não apenas o alívio do sintoma. Usa todas as técnicas terapêuticas e diagnósticas existentes, desde a Alopatia até a Acupuntura.

O corpo humano

O estudo do corpo humano, do ponto de vista de sua constituição e desenvolvimento, é realizado pela Anatomia. Fundamentalmente, a divisão anatômica do corpo humano é feita em cabeça, pescoço, tronco e membros. Do ponto de vista morfofuncional, temos as células, os tecidos, os órgãos e os sistemas e aparelhos orgânicos.

SISTEMAS ORGÂNICOS

Constituídos por órgãos com características genéticas e anatômicas equivalentes e que desempenham funções determinadas.

Esquelético – Estrutura interna formada de ossos e cartilagens que dá sustentação ao corpo, fazendo parte do aparelho locomotor. O conjunto dos 198 a 214 ossos do esqueleto constitui um arcabouço de alavancas articuladas, protege certos órgãos, como o cérebro e o coração, e fabrica, na sua medula, algumas células do sangue. Divide-se em axial (ossos da cabeça, pescoço e tórax) e apendicular (ossos dos membros). Segundo a forma, os ossos classificam-se em: longos, curtos, planos e irregulares. Formados principalmente de cálcio – elemento presente em algumas rochas como o mármore e o calcário –, são também estruturas vivas, repletas de células nutridas pelo sangue.

A união de dois ossos forma uma articulação, que pode ser móvel (diartrose), como a do cotovelo; semimóvel (anfiastrose), como a das costelas; ou fixa (sinartrose), como a dos ossos do crânio. O maior osso do corpo humano é o fêmur, da coxa, com cerca de 50 cm num homem de 1,80 m; o menor é o estribo, no ouvido interno, que mede de 2,6 a 3,4 mm.

Principais doenças: fraturas, raquitismo, osteoporose.

Muscular – Os músculos são órgãos ativos formados por feixes de fibras que atuam sobre os ossos e as articulações, movimentando o corpo. Dividem-se, segundo seu

aspecto, em lisos e estriados; segundo a sua localização, em viscerais, esqueléticos e cardíaco; segundo seu funcionamento, em voluntários e involuntários. A principal característica da fibra muscular é a contratibilidade. Quando estimulado, o músculo contrai todas as suas fibras, diminuindo seu comprimento, aumentando sua espessura e imprimindo movimento a alguma parte do corpo. Essa contração produz calor, porque durante sua realização há grande consumo de glicose e oxigênio.

Principais doenças: distensões, câibras, distrofia muscular.

Circulatório – Constitui um circuito fechado e contínuo, fazendo circular pelos vasos, continuamente, sempre a mesma quantidade de sangue bombeada pelo coração. O coração é um órgão muscular cujas contrações (sístoles) e relaxamentos (diástoles) bombeiam ritmicamente (freqüência normal: 72 batimentos por minuto) o sangue que corre pelas artérias e veias. É dividido em duas metades: direita, onde circula o sangue arterial, e esquerda, com sangue venoso. Essas partes se subdividem em câmaras superiores, ou aurículas, que recebem o sangue, e inferiores, ou ventrículos, que bombeiam o sangue.

Toda vez que o coração se contrai, o sangue é expulso através das artérias, seguindo por vasos de diâmetro cada vez menor até chegar aos finíssimos capilares (da grossura de um fio de cabelo), que passam o oxigênio às células. Estas, por sua vez, descarregam no sangue o gás carbônico, produto da "queima" do oxigênio pelo metabolismo celular. O sangue, agora venoso, volta pelas veias ao lado esquerdo do coração, de onde é bombeado, através das artérias pulmonares, em direção aos pulmões. Nos capilares situados nas paredes dos alvéolos pulmonares, o gás carbônico é liberado e o oxigênio absorvido. O sangue, novamente arterial, volta agora ao lado direito do coração, pelas veias pulmonares, para reiniciar a viagem pelas artérias.

O sangue é um fluido nutritivo que alimenta todas as células do organismo. É composto por uma parte líquida, o plasma, outra sólida, as células sanguíneas – glóbulos vermelhos, ou hemácias, glóbulos brancos, ou leucócitos, e as plaquetas. Circula por artérias, arteríolas e capilares arteriais, que o transportam do coração para a periferia. Exceto as artérias pulmonares, todas as demais conduzem sangue arterial. As veias, vênulas e capilares venosos transportam o sangue venoso da periferia para o coração, com exceção das veias pulmonares. O plasma é rico em proteínas, glicose (açúcar) e outros elementos nutritivos. As hemácias são responsáveis pelo transporte do oxigênio e do gás carbônico. Já os leucócitos cuidam da defesa do organismo. As plaquetas participam do processo de coagulação sanguínea.

Para irrigar eficientemente o organismo, o sangue viaja sob pressão no interior das artérias. Um aparelho chamado esfigmomanômetro mede a pressão arterial em milímetros de mercúrio (mmHg). Apresenta-se como pressão arterial sistólica (medida durante a contração cardíaca) e pressão arterial diastólica (durante a fase de relaxamento cardíaco). Os valores considerados normais para um adulto são 120 mmHg (sistólica) x 80 mmHg (diastólica).

Principais doenças: arteriosclerose, enfarte, hipertensão arterial e acidentes vasculares cerebrais.

Nervoso – Desempenha funções de controle do organismo. Está presente em todas as partes através dos nervos periféricos e está conectado a uma estrutura central formada pela medula espinhal e pelo cérebro. A maioria das suas atividades tem origem nas experiências dos receptores sensoriais, localizados na periferia (olhos, ouvidos, nariz, língua e pele), sejam elas visuais, auditivas, térmicas, dolorosas, gustativas, olfativas ou táteis. Tais experiências podem desencadear uma resposta motora imediata ou serem memorizadas e armazenadas no cérebro, por minutos, semanas ou anos, a fim de determinar as reações do organismo em qualquer data futura e ajudar no processo de pensamento. A resposta motora realiza-se pelo controle da contração dos músculos esqueléticos em todo o corpo, da contração da musculatura lisa dos órgãos internos ou da secreção das glândulas em diferentes partes do corpo.

A estocagem de informações é chamada de memória. O sistema nervoso humano divide-se em três níveis: o medular, o mais primitivo, localizado na medula espinhal, responsável pelos reflexos motores, inconscientes, como o coçar; o encefálico inferior, que engloba as partes inferiores do cérebro – bulbo, ponte, mesencéfalo, hipotálamo, tálamo, gânglios basais e cerebelo –, responsáveis pelas atividades subconscientes, como o controle da pressão arterial, do equilíbrio, da respiração, da salivação e muitas das expressões emocionais, como raiva, excitação e atividades sexuais; e o encefálico superior ou cortical, no córtex cerebral, sede da consciência e do raciocínio.

Principais doenças: encefalite, meningite, mal de Parkinson.

Endócrino – É formado pelas glândulas endócrinas, estruturas constituídas de células secretoras e capilares vizinhos sustentados por tecido conjuntivo. Podem aparecer como minúsculos fragmentos de tecido endócrino (como as células foliculares no ovário) ou formar um único órgão visível a olho nu. As glândulas endócrinas produzem hormônios que lançam diretamente nos capilares ou nos fluidos teciduais. Os hormônios atuam como reguladores químicos, desencadeando, inibindo, ativando ou mantendo, em conjunto com o sistema nervoso determinadas funções (como crescimento, ciclos reprodutores e estabilidade metabólica).

São glândulas endócrinas a hipófise, a tireóide, as paratireóides, as supra-renais, o pâncreas, os ovários e os testículos. O fígado, apesar de não produzir hormônio, secreta substâncias diretamente no sangue, sendo, por isso, considerado uma glândula endócrina.

Principais doenças: bócio, hipertireoidismo, diabetes.

APARELHOS ORGÂNICOS

São grupos de órgãos ou de sistemas que atuam no desenvolvimento de determinada função orgânica. Órgãos de diferentes sistemas se agrupam no exercício de uma outra função.

Respiratório – Quando o tórax se expande durante a inspiração, o ar é sugado através das narinas e da boca, desce pela traquéia – dividida em dois brônquios –, penetra nos pulmões por esses brônquios, que se ramificam em bronquíolos, até chegar aos alvéolos pulmonares, microscópicos "sacos de ar" de paredes finíssimas. As narinas têm a tripla função de aquecer, umedecer e filtrar o ar. A traquéia e os brônquios são revestidos por um epitélio ciliado forrado por um muco que ajuda a limpar o trajeto, pois os cílios, como as fibras de um tapete, empurram os intrusos em direção à faringe. Partículas maiores que se alojam nas vias aéreas acionam o reflexo da tosse, pelo qual os corpos estranhos são expelidos.

Nos alvéolos, o ar inspirado irá oxigenar o sangue e receber deste o gás carbônico produzido por todas as células do organismo. O tórax então se contrai e o ar é expulso, eliminando o gás carbônico no ar expirado.

Principais doenças: pneumonia, tuberculose, bronquite.

Digestivo – É constituído pelo tubo digestivo, formado, em disposição contínua pela boca, faringe, esôfago, estômago, duodeno, intestino delgado, intestino grosso, reto e ânus. Sua principal função é preparar os alimentos para serem absorvidos pelo organismo, através de ações químicas e mecânicas. As principais glândulas que se ligam a ele são as glândulas salivares, o fígado e o pâncreas.

A digestão começa na boca, onde dentes e língua trituram o alimento com a ajuda da saliva. O estágio seguinte acontece no estômago, quando o suco gástrico desintegra as fibras dos alimentos, preparando-as para a ação do intestino delgado. No intestino grosso, a água, os minerais e algumas vitaminas são absorvidos. Os nutrientes, então, são levados para o fígado, para serem armazenados ou enviados ao sangue pelas veias hepáticas. A defecação é a última etapa do processo e ocorre quando as fezes são expulsas através do ânus, esfíncter (anel

musculoso) terminal do tubo digestivo que controla voluntariamente esse ato.

Principais doenças: úlcera, cirrose hepática, hepatite.

Urinário – Formado pelos órgãos urinários (rins, ureteres, bexiga e uretra), sua função é eliminar os produtos do metabolismo e elementos químicos desnecessários ao organismo dissolvidos em água. As principais estruturas desse aparelho são os rins, que processam o plasma sanguíneo e mantêm o volume hídrico do corpo, excretando os líquidos excedentes. Os ureteres são tubos fibromusculares que conduzem a urina para a bexiga. Desse reservatório, a urina é drenada para fora do corpo pela uretra, canal que atinge cerca de 20 cm no homem e 4 cm na mulher.

Principais doenças: nefrite, cistite, cálculos renais.

Reprodutor – *Masculino*: os testículos são as duas glândulas sexuais masculinas que se alojam no escroto. São responsáveis pela produção dos espermatozóides (células reprodutoras masculinas) e da testosterona (hormônio sexual masculino). A testosterona aparece em abundância na puberdade e provoca o crescimento dos órgãos sexuais, o fortalecimento de ossos e músculos, o alargamento das cordas vocais (engrossamento da voz) e o surgimento dos pêlos no corpo. O desenvolvimento das células do esperma requer uma temperatura de cerca de 35ºC, atingida pelo fato de estas células estarem no escroto, separadas das partes mais quentes do corpo. As células espermáticas são secretadas através do duto referente e passam pela parede abdominal e pela cavidade pélvica para entrar na uretra através do duto ejaculador. Nessa fase, as secreções da glândula prostática (ou próstata) e das vesículas seminais são adicionadas ao esperma, formando o sêmen. A uretra atravessa três estruturas diferentes: a próstata, a camada fibromuscular (diafragma urogenital), dividindo o períneo em duas partes, e o corpo esponjoso do pênis. *Feminino*: apresenta como órgão principal o ovário, que produz os óvulos e secreta os hormônios estrógeno e progesterona. O estrógeno é o mais importante hormônio do sexo feminino, sendo responsável pelo desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários (crescimento da mama, alargamento dos quadris, aparecimento de pêlos pubianos) e das glândulas e dutos do aparelho reprodutor na puberdade. O útero é o órgão onde se dá a implantação e o amadurecimento do novo embrião. As tubas uterinas, ou trompas, servem como duto de condução do óvulo fertilizado ou não para o útero. A vagina é um canal com revestimento fibromuscular que recebe o sêmen e o leva ao útero; no parto leva o bebê do útero ao exterior.

Principais doenças: sífilis, gonorréia, herpes (doenças venéreas); cistos no ovário, mioma.

Glossário de doenças

Acidente vascular cerebral – Suspensão do funcionamento cerebral por ruptura ou bloqueio de uma artéria no cérebro. É conseqüência de pressão arterial elevada ou endurecimento das artérias.

AIDS – Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida. Doença de origem viral que reduz drasticamente a capacidade de reação imunológica do organismo, permitindo o aparecimento de tumores e infecções graves (ver capítulo *Saúde Pública*).

Arteriosclerose – Endurecimento das artérias causado pela deposição de minerais e gorduras. Os vasos perdem a elasticidade, ficam duros e rígidos, podendo se romper com a pressão sanguínea.

Bócio – Hipertrofia (crescimento exagerado) da glândula tireóide causada por falta de iodo no organismo.

Bronquite – Inflamação ou infecção dos brônquios. Origina-se de outras doenças pulmonares, de vírus ou de irritação causada por fumaça, gases ou pó.

Câibras – Contrações repentinas, involuntárias e dolorosas de músculos isolados ou grupo de músculos.

Cálculos renais – Pedras que se formam nos rins pela agregação de sais minerais contidos no fluido renal.

Câncer – Tumor causado pelo crescimento anormal e imprevisível de células que destroem tecidos sadios (ver *capítulo Saúde Pública*).

Cirrose hepática – Endurecimento patológico dos tecidos do fígado devido à proliferação de tecido conjuntivo.

Cistite – Inflamação aguda ou crônica da bexiga causada por microrganismos.

Cistos no ovário – Pequeno saco que contém líquidos ou material sólido. É uma estrutura anormal do ovário causada por anomalias, obstrução de dutos ou infecção parasitária.

Diabetes – Insuficiência da produção de insulina que impede o organismo de metabolizar o açúcar, ocasionando um aumento excessivo dessa substância no sangue e na urina.

Distensões – Estiramento brusco e exagerado de um músculo.

Distrofia muscular – Alterações das fibras musculares que provocam a perda de força para a realização dos movimentos. Em conseqüência, os músculos se atrofiam.

Doenças venéreas – Infecções transmitidas pelo contato sexual. As mais comuns são a sífilis, a gonorréia e o herpes.

Encefalite – Inflamação do sistema nervoso central, geralmente causada por vírus.

Enfarte – Destruição de parte do miocárdio causada por um bloqueio nas artérias coronárias que impede a irrigação sanguínea do músculo cardíaco.

Epilepsia – Distúrbio do sistema nervoso central caracterizado por crises que provocam perda ou alteração passageira do conhecimento, com ou sem movimentos convulsivos.

Fratura – Ruptura de ossos ou cartilagens.

Hepatite – Infecção aguda ou crônica do fígado produzida por um vírus.

Hipertensão arterial – Elevação acima do normal da pressão arterial causada principalmente pela diminuição da elasticidade das artérias.

Hipertireoidismo – Secreção excessiva das glândulas tireóides, ocasionando um aumento no ritmo metabólico do organismo.

Mal de Alzheimer – Doença degenerativa irreversível que ataca o cérebro, causando perda progressiva da memória e das faculdades mentais.

Mal de Parkinson – Doença nervosa crônica que se caracteriza por leves tremores e espasmos em todo o corpo e por fraqueza e rigidez muscular.

Meningite – Inflamação das meninges, membranas que cobrem o encéfalo e a medula espinhal, provocada pela infecção por diversos microrganismos.

Mioma – Tumor resultante do amolecimento do tecido muscular do útero.

Nefrite – Inflamação aguda ou crônica dos rins.

Osteoporose – Rarefação anormal do osso, que se torna flexível e quebradiço, causando deformações.

Pneumonia – Inflamação dos pulmões provocada por diversos microrganismos.

Raquitismo – Insuficiência de cálcio nas cartilagens e ossos. Afeta principalmente crianças e pode causar deformações, já que impede o desenvolvimento normal do esqueleto.

Tuberculose – Doença crônica caracterizada pela formação de tubérculos (nódulos arredondados) em diversas partes do corpo, mas principalmente no aparelho respiratório.

Úlcera – Lesão que ocorre nas paredes do estômago e do duodeno causada pela ação dos sucos digestivos sobre as membranas mucosas.

Novas pesquisas e perspectivas

Cérebro – Várias pesquisas estão sendo realizadas, principalmente nos Estados Unidos, para tentar encontrar as causas biológicas dos distúrbios do sistema nervoso e regenerar lesões na rede de neurônios. Os cientistas já conseguiram reproduzir em laboratório os neurônios humanos e reparar danos no cérebro com o implante de tecidos cerebrais de fetos abortados. Também foram identificados os genes que influem no surgimento de algumas doenças do sistema nervoso, como o mal de Alzheimer. As pesquisas revelaram ainda que as regiões do cérebro que controlam o movimento e as sensações são mais extensas do que se acreditava e se superpõem, mudando o mapa tradicional do órgão. Essas descobertas devem levar a novos métodos de diagnósticos e a tratamentos que não apenas atenuem os sintomas das doenças cerebrais, mas impeçam a sua evolução.

Genética – A Engenharia Genética é considerada o instrumento do futuro para o tratamento de várias enfermidades. Os cientistas acreditam que, se o código genético do DNA humano (molécula responsável pela transmissão de características hereditárias) for decifrado, será possível localizar nos mapas dos cromossomos o gene causador das doenças. Com isso, será possível evitar o seu aparecimento, começando a prevenção já com os recém-nascidos. Com alguns dias de vida, será tirada do bebê uma amostra de sangue, de onde se extrairá o DNA a ser analisado por uma máquina, o seqüenciador. Esse aparelho examinará os genes da criança e verificará se ela tem predisposição para alguma doença (suspeita-se que quase 4 mil enfermidades têm alguma origem genética). Se algum gene defeituoso for encontrado, os médicos poderão retirá-lo e substituí-lo por outro em perfeitas condições. O mapeamento dos cromossomos ainda está no início, mas os cientistas do chamado Projeto Genoma pretendem desvendar até o ano 2005 os 100 mil genes que caracterizam a espécie humana (ver capítulo *Biologia*).

Transplantes – O problema da falta de doadores pode ser resolvido nos próximos anos com os transplantes de órgãos de animais para seres humanos. Algumas cirurgias desse tipo, chamadas de xenoenxertos, já foram realizadas nos Estados Unidos, com órgãos de babuínos e de porcos. Os pacientes não sobreviveram por muito tempo, mas estão sendo testadas drogas anti-rejeição para inibir o ataque ao órgão implantado pelo sistema imunológico do receptor.

Laparoscopia – Essa técnica, hoje ainda restrita às cirurgias ginecológicas e de vesícula, é a tendência para a próxima década, por dispensar os grandes cortes das operações convencionais, que causam grande trauma no organismo. São feitos no abdômen apenas quatro furos, com no máximo 1 cm de diâmetro, por onde o médico passa uma microcâmera de vídeo e os instrumentos cirúrgicos, controlados de acordo com as imagens transmitidas por uma tela de TV. Com isso, as cicatrizes ficam quase invisíveis e a recuperação do paciente é mais rápida. No futuro, a laparoscopia deverá ser usada também nas operações de esôfago, intestino e pulmão.

Cronologia geral

ANTIGUIDADE

Acupuntura: é publicado na China o primeiro código terapêutico, o *Nei Ching So Wen*, que apresenta a acupuntura como técnica principal (2.700 a.C.). **Anatomia**: na Índia, surgem os primeiros ensinamentos com base na observação anatômica (800–700 a.C.). **Aparelho auditivo**: Alcmeon descobre as tubas auditivas (400 a.C.). **Circulação**: Alcmeon de Crotona descobre a diferença entre as veias e as artérias e também a conexão entre o cérebro e os órgãos sensoriais (600–500 a.C.). Praxágoras de Cós estuda a diferença entre veias e artérias (350–300 a.C.). **Cirurgias**: os médicos egípcios praticam a cirurgia e o diagnóstico (1.700–1.200 a.C.). **Genética**: a escola hipocrática discute a origem das "sementes" masculina e feminina, a formação do feto e a hereditariedade (400–300 a.C.). **Medicina natural**: os médicos egípcios desenvolvem uma farmacopéia baseada em produtos naturais (1.700–1.200 a.C.). O grego Asclepíades notabiliza-se, em Roma, usando produtos naturais na prática médica (120 a.C.). Galeno usa sucos extraídos de plantas em tratamentos médicos (190 d.C.). **Medicina preventiva**: no *Levítico*, os judeus registram prescrições de Medicina preventiva relacionadas com a dieta alimentar, cuidados higiênicos e medidas de combate à lepra através de isolamento (600–500 a.C.). **Observação**: o grego Hipócrates, considerado o "pai da Medicina", cria a Escola de Cós, cujo princípio básico é a observação direta do paciente (400 a.C.). **Regulamentação**: o Código de Hamurábi, na Babilônia, faz a primeira codificação da profissão de médico, fixando a recompensa a ele devida em caso de cura e a punição em caso de morte ou de dano grave ao doente (1.950 a.C.).

IDADE MÉDIA

Cirurgias: há registros, na Índia, de cirurgias no fígado, no estômago e de pequenas operações plásticas (650). **Dissecação**: o italiano Guglielmo Saliceto publica *Chirurgia*, o primeiro registro da dissecação de um cadáver humano (1275). O italiano Mondino de Luzzi realiza, em Bolonha, a primeira dissecação pública de um cadáver humano; no ano seguinte, publica *Anatomia*, em que discute as teorias de Hipócrates e Galeno (1315). **Doenças infecciosas**: Rhasis faz a descrição sistemática de várias doenças infecciosas (870). **Exames**: pela primeira vez, o exame de urina é usado como auxiliar no diagnóstico (1300). **Farmacologia**: Avicena dedica o quinto volume de seu *Cânon* à Farmacologia, inaugurando a separação entre esta ciência e a Medicina (750). **Médicos**: Avicena e al-Hazen, autor de *Tesouro de ótica*, são tidos como os maiores médicos islâmicos • O bizantino Constantino, o Africano, traz para o ocidente a medicina grega (900–1100). **Obras**: a Escola de Salerno publica um dos primeiros tratados de prática médica • O francês Nicolas Prévôt publica o *Antidotarum*, coleção de 2.650 receitas médicas desenvolvidas pela Escola de Salerno (900–1100). **Veterinária**: o italiano Giordano Rufo publica *De medicina equorum*, o primeiro manual importante de Veterinária (1250).

IDADE MODERNA

Anatomia: o holandês André Vesálio elabora o primeiro manual de Anatomia, *De humanis corporis fabrica* (1542). O italiano Gabriele Fallopio publica suas *Observationes anatomicae* (1561). O suíço Gaspar Baujin inaugura a Anatomia moderna com sua obra *Theatrum anatomicum* (1605). O francês Jean-Baptiste Morgagni inaugura a Anatomia patológica com sua obra *Sur les causes des maladies* (1761). **Aparelho auditivo**: o italiano Bartolommeo Eustachio descreve, nas *Tabulae anatomicae*, as trompas e válvulas do ouvido, que recebem seu nome (1552). **Circulação**: o espanhol Miguel Servet descobre a circulação pulmonar do sangue (1540). O inglês William Harvey faz importantes descobertas sobre a circulação sanguínea (1619). Harvey publica a *Exercitatio anatomica de motu cordis et sanguinis*, sobre a circulação do sangue (1628). O dinamarquês Jan Swammerdam observa os glóbulos vermelhos do sangue (1658). O dinamarquês Nicolaus Steno constata que o coração é um músculo (1663). O holandês Anton van Leeuwenhoek faz a primeira descrição precisa dos glóbulos vermelhos (1668). **Cirurgias**: o suíço Paracelso (Theophrastus Bombastus von Hohenheim) produz o primeiro manual de cirurgia, *Die kleine chirurgia* (1528). O francês Abroise Paré publica os seus *Cinq livres de chirurgie*, em que aperfeiçoa a técnica das amputações e desenvolve o uso de ligaduras para estancar a hemorragia (1563). O alemão Johann Schultes publica o *Armamentarium chirurgicum*, que revoluciona o uso dos instrumentos cirúrgicos (1653). O francês Claude

Aymand conduz a primeira operação bem-sucedida de apendicite (1736). **Dieta**: o escocês John Arbuthnot expõe novos conceitos sobre o valor da dieta no tratamento de certas moléstias em *An essay concerning the nature of aliments* (1731). **Difteria**: o inglês John Fothergill faz a primeira descrição sistemática da difteria (1748). **Dissecação**: o Real Colégio de Medicina de Londres recebe autorização para dissecar cadáveres humanos (1565). **Doenças infecciosas**: o italiano Girolame Fracastoro apresenta o resultado de importantes pesquisas sobre moléstias infecciosas em *De contagione a contagiosis morbis* (1546). É publicado o primeiro compêndio médico na América, *A brief rule in smallpox or measles* (sobre varíola e sarampo) (1678). **Farmacologia**: o austríaco Hyeronimus Brunschwig publica o *Lider de arti distillandi*, primeiro manual europeu sobre a Medicina de ervas (1500). Valerio Cordo publica a primeira obra sobre farmacopéia européia (1546). O italiano Ulisse Aldrovandi elabora um dos primeiros tratados sistemáticos sobre drogas usadas como medicamentos, o *Antidotarii bononiensis epitome* (1574). O quinino começa a ser usado com fins medicinais (1639). A utilização medicinal do arsênico começa a ser testada (1641). **Febre tifóide**: o inglês Thomas Willis faz a primeira descrição sistemática da febre tifóide (1659). **Glândulas**: o inglês Thomas Wharton faz a primeira descrição do sistema glandular (1656). **Instrumentos**: pela primeira vez, a temperatura humana é medida com um termômetro, pelo italiano Santorio Santorio (1626). O inglês Peter Chamberlen, médico do rei Carlos II da Inglaterra, inventa o fórceps (1630). O francês Dominique Anel inventa a seringa para uso cirúrgico (1714). **Metabolismo**: o italiano Santorio Santorio expõe os primeiros estudos sobre metabolismo em *De medicina statica* (1614). **Odontologia**: Urbain Hérmand faz os primeiros estudos sobre anatomia dentária (1582). O francês Pierre de Fauchard introduz concepções revolucionárias sobre o tratamento dentário com sua obra *Le chirurgien-dentiste* (1728). **Peste**: o holandês Isbrand de Diemerbrock faz o primeiro estudo sistemático da peste (1649). **Regulamentação**: surgem as primeiras leis européias restringindo a prática da Medicina a profissionais formados na matéria (1509). **Reprodução**: o italiano Matteo Realdo Colombo descreve a posição e a evolução do embrião humano durante a gravidez (1559). **Sistema nervoso**: o inglês Thomas Willis faz a descrição do sistema nervoso em seu *Cerebrianatome* (1664). O italiano Luigi Galvani descobre a natureza elétrica dos impulsos nervosos (1771). **Técnica**: o austríaco Joseph Leopold Avenbrugger desenvolve a técnica de identificação de doenças do peito por percussão do tórax (1761). O alemão Franz Anton Mesmer começa a usar o hipnotismo em tratamentos médicos (1774). **Vacinas**: a inglesa Mary Wortley Montagu introduz na Inglaterra a inoculação contra a varíola (1717). **Veterinária**: o italiano Carlo Ruini publica o manual de Veterinária *Dell'anatomia e dell'infirmitá del cavallo e suoi remedi* (1598). O alemão Martin Böhme desenvolve estudos de Veterinária (1619).

IDADE CONTEMPORÂNEA

AIDS: o AZT (azidotimidina) é introduzido no combate à AIDS (1987). Pesquisadores da Universidade de Genebra desenvolvem um teste capaz de detectar a presença do vírus HIV no organismo humano (1988). Cientistas do Instituto Pasteur, na França, descobrem em filhotes de chimpanzés da África Equatorial um novo vírus, o CIV *(Chimpanzee Immunodeficiency Virus)*, semelhante ao HIV (1990). Técnicas de Engenharia Genética possibilitam a fabricação, em escala industrial, da eritropoietina, hormônio natural produzido pelos rins, que auxilia no combate à anemia resultante do tratamento com AZT, estimulando a medula óssea a fabricar mais células vermelhas • Médicos do Instituto Mexicano de Seguro Social desenvolvem método para a identificação do vírus da AIDS pelo exame da saliva (1991). Cientistas do Instituto Nacional de Saúde dos EUA testam uma vacina contra a AIDS em cães e conseguem desenvolver anticorpos para neutralizar o vírus HIV • Equipe de pesquisadores da Universidade de São Francisco, nos EUA, identifica um novo tipo de célula do sistema imunológico que impede a multiplicação do vírus da AIDS • O imunologista Sudhir Gupta, da Universidade da Califórnia, EUA, isola um novo retrovírus em uma mulher que apresenta os sintomas da AIDS, mas não é portadora dos vírus HIV-1 e HIV-2, os únicos conhecidos • O francês Luc Montagner, descobridor do vírus da AIDS, isola um vírus mutante, mas diz tratar-se de uma variante do HIV, e não um terceiro vírus causador da doença • Pesquisadores do Instituto Nacional de Alergias e Doenças Infecciosas dos EUA desenvolvem em laboratório uma nova droga capaz de matar seletivamente as células infectadas pela AIDS (1992). Equipe chefiada pelo pesquisador Roel Coutinho, na Holanda, anuncia a descoberta de uma linhagem muito mais agressiva do vírus HIV, com um poder de infecção sete vezes maior do que as linhagens conhecidas até então (mai./1993). **Alergia**: o austríaco Clemens von Pirquet define a sintomatologia da alergia (1906). **Anafilaxe**: o francês Charles Robert Richet descobre a anafilaxe (sensibilidade anormal do paciente a tratamento com soro) e a forma de testá-la (1902). **Anestésico**: o alemão Crawford Williamson Long utiliza o éter como anestésico (1842). Na Universidade da Califórnia, EUA, é sintetizada a betaendorfina, substância analgésica existente no organismo humano (1982). **Antibióticos**: o inglês Alexander Fleming descobre a penicilina (1928). **Anticorpos monoclonais**: o argentino Cesar Milstein e Giorge Kuhler desenvolvem a tecnologia da produção de anticorpos monoclonais a partir de células híbridas (os hibridomas) (1975). **Antitoxinas**: von Behring descobre as antitoxinas (1890). **Bactérias**: o austríaco Christian Albert Theodor Billroth descobre os estafilococos e estreptococos (1874). O alemão Robert Koch descobre o bacilo do antraz e, no ano seguinte, inventa um método de identificação de bactérias (1876). **Câncer**: são realizados nos EUA os primeiros estudos demonstrando a relação entre o hábito de fumar e a incidência de câncer no pulmão (1953). Baseada em pesquisas do americano Robert Gallo, equipe da Universidade da Carolina do Norte, EUA, isola o vírus que produz a leucemia do tipo células-T (1983). Cientistas da Universidade Stanford, EUA, descobrem como sintetizar o taxol, uma das drogas mais eficazes contra o câncer • Depois de dez anos de pesquisa, cientistas da Universidade Aston, Inglaterra, desenvolvem a temozolomide, uma nova droga para o tratamento de tumores no cérebro • Médicos do Royal Marsden Hospital, na Inglaterra, anunciam que uma nova droga, a deoxiformicina, é capaz de curar um tipo raro de leucemia • Equipe médica da Clínica de Steglitz, na Alemanha, desenvolve um novo método para combater o câncer de fígado, usando uma sonda com raio laser para destruir as células degeneradas • Médicos do Instituto de Câncer John Wayne, nos EUA, desenvolvem um reagente capaz de reconhecer as proteínas produzidas por vários tipos de câncer em apenas uma gota de sangue • Regina Santella, pesquisadora da Escola de Saúde Pública da Universidade Columbia, EUA, anuncia que um teste sanguíneo é capaz de definir as chances que uma pessoa tem de desenvolver câncer no pulmão, de acordo com o número de agentes cancerosos presentes no sangue • Cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, EUA, descobrem a localização de um gene que, ao ser danificado, inicia o desenvolvimento de processos cancerosos (1992). Pesquisadores da Universidade de Gnent, na Bélgica, e do laboratório suíço Roche desenvolvem a forma sintética do Fator de Necrose Tumoral, substância tóxica produzida por células do sistema de defesa do organismo humano, que distingue e destrói as células cancerosas (jan./1993). Cientistas da Universidade de Sidney, na Austrália, descobrem que o cromossomo número nove é o portador do gene que favorece o surgimento do câncer de pele hereditário (fev./1993). Pesquisadores da Universidade Monash e do Instituto Príncipe Henry, na Austrália, desenvolvem um teste de sangue para detectar a presença de câncer no ovário dois anos antes de o tumor ser des-

coberto clinicamente (mar./1993). Cientistas da Universidade de Montana, EUA, anunciam a produção sintética do taxol, droga usada no tratamento de algumas formas de câncer (abr./1993). **Circulação**: o inglês Joseph Lister estuda a coagulação do sangue (1858). É descoberto o processo de refrigeração do plasma sanguíneo para transfusões (1916). O francês Alexis Carrel descobre os glóbulos do sangue (1922). O francês Alexis Carrel desenvolve o primeiro coração artificial (1936). Os americanos Philip Levine e Rufus Stetson descobrem o fator Rh no sangue (1939). **Cirurgias**: o inglês Joseph Lister introduz a assepsia cirúrgica com o uso do fenol (1865). O alemão Ernst Gustav Benjamin von Bergmann aplica o vapor na esterilização de instrumentos cirúrgicos (1886). Pela primeira vez, luvas de borracha são usadas em uma cirurgia, no Hospital John Hopkins, em Baltimore, EUA (1890). O romeno Toma Ionescu faz a primeira simpatectomia (remoção de parte do sistema nervoso simpático), para aliviar a angina pectoris (1916). O americano Harvey Williams Cushing desenvolve técnicas de cirurgia cerebral (1920). O americano Richard C. Lillehei realiza a primeira cirurgia de coração aberto (1954). O americano Michael Ellis De Bakey usa pela primeira vez um coração mecânico para assegurar a circulação sanguínea durante uma cirurgia cardíaca; dois anos depois, ele faz o primeiro implante de artérias de plástico (1963). O sul-africano Christiaan Neethling Barnard faz o primeiro transplante de coração, na Cidade do Cabo, África do Sul (1967). Os primeiros marcapassos com energia nuclear são experimentados em doentes cardíacos na França e na Grã-Bretanha (1970). O cardiologista Kiyoshi Tatemichi realiza a primeira implantação de aurícula do coração • William de Vries, da Universidade de Utah, EUA, implanta em Barney Clark o primeiro coração artificial; o paciente não resiste e morre três meses e meio depois (1982). Dois fetos de 6 meses são operados na Universidade da Califórnia, EUA, ainda no útero, de hérnia diafragmática, que provoca a morte por asfixia logo após o parto • Realizado em Pittsburgh, EUA, o primeiro transplante de intestino delgado • O urologista Ralph Clayman, de Saint Louis, EUA, emprega pela primeira vez a laparoscopia para a remoção de um grande órgão (um rim) (1990). Médicos franceses implantam, pela primeira vez na Europa, um coração artificial movido por eletricidade, para que o paciente possa esperar o aparecimento de um doador (1991). Equipe médica dos EUA e do Japão, chefiada pelo neurocirurgião Chikao Nagashima, realiza a primeira cirurgia de reconstrução da medula espinhal • Equipe chefiada pelo cirurgião Andreas Tzakis, do Hospital da Universidade de Pittsburgh, EUA, transplanta pela primeira vez um fígado de um animal (um babuíno) em um portador de hepatite B; o paciente morre 71 dias depois de hemorragia cerebral • Cirurgiões do Centro Médico Cedars Sinai, nos EUA, implantam um fígado de porco em Susan Fowler, portadora de hepatite, enquanto aguardam um órgão humano; a jovem morre horas depois, sem conseguir um doador • Médicos do Hospital da Universidade Presbiteriana de Pittsburgh, EUA, realizam um transplante de estômago, fígado, pâncreas e intestinos delgado e grosso em uma paciente de 4 anos de idade; é o primeiro transplante múltiplo já feito em uma criança • Um robô desenvolvido pelo médico William Bargar e pelo veterinário Howard Paul, da Universidade da Califórnia, substitui o cirurgião e realiza uma operação de transplante de fêmur no Sutter General Hospital, EUA (1992). Equipe comandada pelo cirurgião Vaughn Starns, do Hospital Universitário de Los Angeles, EUA, realiza o primeiro transplante de pulmões de doadores vivos; a jovem Stacey Sewell, de 22 anos, recebe parte dos pulmões de seus pais (fev./1993). Médicos do Colégio de Medicina da Virgínia, EUA, transplantam células de fígado para o baço de Arlene Cardinal, para manter as funções hepáticas da paciente até ser encontrado um órgão adequado; as células começaram a funcionar imediatamente após sua implantação (mar./1993). O médico Patrick Soon-Shiong, do Centro Médico São Vicente, EUA, faz o primeiro implante de um pâncreas artificial para o tratamento da diabetes (mai./1993). Médicos da Universidade da Califórnia, EUA, transplantam um coração pela segunda vez depois da morte do primeiro receptor (jun./1993). Equipe chefiada pelo cirurgião Magdi Yacoub, do Harefield Hospital, Inglaterra, faz o primeiro transplante duplo de coração e medula do mundo em um bebê de 6 meses • O médico Licinio Angelini, da Universidade La Sapienza, Itália, realiza a primeira cirurgia via satélite, comandando, de Milão, um robô localizado no Laboratório de Robótica de Pasadena, EUA; o paciente foi um porco, que teve um pedaço de seu fígado retirado para ser submetido a uma biópsia • É realizada na Clínica Universitária de Navarra, Espanha, a primeira cardiomioplastia em um paciente com coração transplantado; a técnica consiste em implantar um músculo intercostal do próprio paciente no seu coração para bombear o sangue (jul./1993). **Cólera**: o francês Louis Pasteur cria a vacina para a cólera dos galináceos (1880). **Contração muscular**: o italiano Luigi Galvani faz experiências sobre a contração muscular usando sapos mortos (1789). **Diabetes**: o alemão Joseph Freiherr von Behring e o russo Hermann Minkowski demonstram que a falta de insulina causa a diabetes (1889). Começa a ser usada no tratamento da diabetes a insulina artificial preparada pelos canadenses Frederick Banting e Charles Best e pelo escocês John McLeod (1922). Simon Pilkis, pesquisador do Centro de Ciências de Saúde Stony Brook, nos EUA, e uma equipe internacional de cientistas identificam as mutações genéticas que causam o desenvolvimento da diabetes (mar./1993). **Disenteria**: o japonês Kiyoshi Shiga descobre o bacilo da disenteria (1898). **Esclerose**: um vírus ainda não descrito é identificado como o causador da esclerose múltipla (1976). **Farmacologia**: o iodo começa a ser usado como anti-séptico (1878). O americano Paul Ehrlich usa a acriflavina como anti-séptico (1912). O alemão Gehard Domagk cria o prontosil, a primeira droga da linha das sulfas para o tratamento de infecções estreptocócicas (1935). O australiano Howard Walter Florey converte a penicilina em um antibiótico de uso prático (1940). O americano Philip Showalter Hench descobre a cortisona (1949). **Febre amarela**: o americano William Crawford Gorgas desenvolve o modo de erradicar a febre amarela (1904). **Febre puerperal**: o americano Oliver Wendell Holmes demonstra o caráter contagioso da febre puerperal (1843). **Fisiologia**: o alemão Johannes Peter Müller estabelece os fundamentos da Fisiologia experimental e comparada (1833). **Genética**: os cientistas americanos Michael McCune e Donald Mosier conseguem recriar órgãos humanos em camundongos e infectá-los com vírus também humanos, o que fornece à ciência a possibilidade de estudar determinados problemas sem recorrer a experiências com seres humanos (1990). Equipe chefiada pelo prof. Alain Fischer, do Hospital de Pediatria Necker, na França, transplanta em uma criança com imunodeficiência congênita um gene capaz de modificar as células do sangue originais; curadas, essas células passam a se reproduzir e a fazer parte do novo patrimônio genético do paciente (abr./1993). **Glândulas**: o americano Harvey W. Cushing faz as primeiras pesquisas sobre a pituitária (1902). **Hepatite**: a primeira vacina contra a hepatite A, desenvolvida na Bélgica, é aprovada em testes clínicos e pode ser iniciada sua comercialização (1992). **Hidroterapia**: o polonês Vincenz Priessnitz formula os princípios básicos da hidroterapia (1829). **Hipnose**: o escocês James Braid descobre o método moderno de hipnose (1841). **Homeopatia**: o alemão Christian Friedrich Samuel Hahnemann publica as primeiras conclusões de seus estudos sobre Homeopatia, que ele sistematiza em 1810 no *Organum therapeuticum* (1796). **Hormônios**: o japonês Jokichi Takamine isola a epinefrina, também chamada de adrenalina (1901). O americano Edward Adelbert Doisy, nos EUA, e o alemão Adolf Friedrich Butenandt, na Alemanha, isolam a estrona, um dos hormônios responsáveis pela atividade sexual feminina (1929). O alemão Adolf Friedrich Butenandt isola a androsterona, o hormônio masculino, em forma cristalina (1934). Na Universidade de Virgínia, EUA, isola-se o GHFR, substân-

cia capaz de induzir a produção natural do hormônio do crescimento (1983). Pesquisadores da AMGen, na Califórnia, EUA, transferem gene da eritropoietina – hormônio que estimula a produção de glóbulos vermelhos no sangue humano – para outros mamíferos, possibilitando assim sua produção em grande escala para fins terapêuticos (1987). **Instrumentos**: o francês René Laënnec inventa o estetoscópio (1816). O alemão Helmholtz inventa o oftalmoscópio, um aparelho para examinar o fundo do olho (1851). O inglês Alexander Wood desenvolve a seringa hipodérmica para injeções subcutâneas (1853). O espanhol Manuel Patrício Rodríguez García inventa o laringoscópio (1854). **Legislação**: o governo americano autoriza a transferência de células geneticamente alteradas para seres humanos como tratamento de certos tipos de câncer (1989). O Parlamento da Alemanha proíbe a produção de embriões para fins de pesquisa e transferência de genes humanos (1990). O Instituto Nacional de Saúde dos EUA aprova a aplicação experimental de terapia genética em portadores de tumor cerebral • A Comissão Italiana de Bioética autoriza os transplantes de corações de macacos para seres humanos (1992). **Lepra**: o norueguês Gerhard Amauer Hansen descobre o bacilo da lepra (hanseníase) (1871). **Macrobiótica**: o alemão Christoph Wilhelm Hufeland publica o primeiro manual de Macrobiótica (1796). **Mal de Alzheimer**: cientistas da Universidade de Indiana e do Instituto de Biotecnologia Salk, nos EUA, anunciam a criação do primeiro exame para diagnosticar o mal de Alzheimer (1992). Pesquisadores do Instituto Huntington de Pesquisas Médicas, nos EUA, anunciam a criação de um novo teste que detecta os desequilíbrios químicos dos pacientes do mal de Alzheimer através de um equipamento de ressonância magnética (abr./1993). Cientistas do Instituto Nacional de Saúde dos EUA anunciam ter descoberto como a proteína beta-amilóide, há muito tempo sob suspeita de causar o mal de Alzheimer, mata as células do cérebro (jun./1993). **Malária**: o francês Charles Louis Alphonse Laveran descobre o parasita da malária (1880). O inglês Ronald Ross descobre o bacilo da malária (1897). A Organização Mundial da Saúde (OMS) anuncia os resultados positivos de nova droga antimalária, baseada na planta chinesa *Qinghao* (1992). **Osteopatia**: o americano Andrew Taylor Still inicia estudos de osteopatia (1875). Pesquisadores da Universidade de Tacoma, EUA, desenvolvem molécula proteínica sintética capaz de fortalecer a estrutura óssea (1982). **Peste bubônica**: o francês Alexandre Yersin e o japonês Shibasaburo Kitasato descobrem simultaneamente o bacilo da peste bubônica (1894). **Proteína**: cientistas da Faculdade de Medicina da Universidade de Harvard, EUA, isolam a proteína angiogenina – estimuladora do crescimento dos órgãos –, determinam sua estrutura química e obtêm réplicas do gene responsável por sua produção (1985). **Próteses**: Per Ingvar Branemark, professor de Anatomia da Universidade de Gotenburgo, na Suécia, desenvolve prótese permanente e integral das pernas (1992). **Reprodução**: é produzida a primeira pílula anticoncepcional (1952). O uso indiscriminado de talidomida provoca o nascimento de crianças com deformação (1961). Nasce na Inglaterra Louise Brown, primeiro bebê de proveta (1978). Yuri Verlinsky, do Masonic Medical Center, nos EUA, anuncia uma nova técnica de fertilização *in vitro*, que permite a mães portadoras de doenças conceber filhos saudáveis (1989). Cientistas americanos e franceses localizam o gene que causa a forma aguda da amiotrofia espinhal, enfermidade genética hereditária (1990). **Sistema nervoso**: o suíço Rudolf Albert von Kolliker faz a primeira descrição da função dos neurônios (1841). Helmholtz determina a velocidade dos impulsos nervosos (1850). O francês Jean Martin Charcot publica suas *Leçons sur les maladies du système nerveux* (1873). Pesquisadores da Escola de Medicina de John Hopkins, EUA, criam pela primeira vez culturas de células de tecido cerebral (1990). Cientistas americanos conseguem regenerar fibras nervosas do sistema nervoso central do ser humano • O cientista japonês Shigetada Nakanishi, da Universidade de Quioto, isola uma estrutura existente nas células do cérebro que está ligada à ocorrência de derrame e epilepsia, além de influir nos padrões de memória e aprendizado (1991). Pesquisadores da Universidade de Calgary, EUA, descobrem que os neurônios, células nervosas do cérebro, podem se reproduzir • Equipes de médicos da Universidade de Lund, na Suécia, e das universidades de Yale e do Colorado, nos EUA, conseguem reparar lesões cerebrais com o implante de tecido cerebral de fetos abortados • Pesquisa realizada pelo Instituto Médico John Hopkins, nos EUA, demonstra que as regiões cerebrais responsáveis pelos movimentos do corpo se sobrepõem e são muito maiores do que se imaginava, mudando o mapa tradicional do cérebro • Estudo do psiquiatra americano Daniel Freedman, da Universidade da Califórnia, EUA, demonstra pela primeira vez que a psicoterapia é capaz de produzir mudanças metabólicas e funcionais no cérebro de portadores de distúrbios mentais (1992). Cientistas da Universidade de Harvard, EUA, confirmam que as imagens são criadas numa parte posterior do cérebro, onde passado e presente se combinam e seguem uma ordem determinada (fev./1993). Médicos do Hospital Geral de Massachusetts, EUA, descobrem que um gene defeituoso no cromossomo 22 é responsável por um terço dos tumores cerebrais (mar./1993). Equipe da Universidade de Yale, EUA, desenvolve um sistema de imagens por ressonância magnética que permite fotografar as regiões do cérebro em atividade quando uma pessoa pensa (jun./1993). Pesquisadores do Instituto Geral de Neurologia de Tóquio, no Japão, conseguem pela primeira vez produzir reações sensoriais num ser humano com potentes campos magnéticos dirigidos para partes específicas do cérebro (1993). **Técnica**: o alemão Friedrich Dessauer faz a utilização terapêutica dos raios X de média voltagem (1921). O raio laser é utilizado, no Japão, para extirpar um câncer do estômago de um paciente (1981). **Transplante de medula**: pela primeira vez, quatro fetos com doenças genéticas são submetidos a transplante de medula óssea, em Jerusalém (1991). Médicos do Instituto Hutchinson de Pesquisa sobre o Câncer, nos EUA, criaram um método para prevenir infecções graves após transplantes de medula; consiste na injeção, antes da cirurgia, de células de defesa do sangue especializadas na destruição dos citomegalovírus, que costumam atacar nesses casos (1992). **Tétano**: o alemão Arthur Nicolaier descobre o bacilo do tétano (1884). **Vacinas**: o alemão Robert Koch descreve um método de inoculação preventiva contra o antraz (1883). O francês Louis Pasteur prepara a vacina anti-rábica (1885). Os franceses Albert Calmette e Camille Guérin preparam a vacina BCG contra a tuberculose (1921). O americano Max Theiler desenvolve a vacina contra a febre amarela (1930). O americano Albert Sabin prepara a vacina contra a poliomielite de uso oral (1956). Equipe chefiada pelo microbiologista Peter Andrew, da Universidade de Leicester, na Inglaterra, desenvolve a primeira vacina capaz de imunizar idosos e crianças contra a bactéria *Streptococcus pneumonia*, causadora de alguns tipos de pneumonia, meningite e septicemia (1992). Cientistas da Universidade de Wisconsin-Madison, EUA, descobrem um novo tipo de vacina, que não utiliza o vírus causador da doença a ser combatida, mas apenas o seu ADN sem a capa de proteína que o envolve; a vacina causa uma resposta muito mais forte no sistema imunológico e poderá ser usada contra o vírus da AIDS (jun./1993). **Varíola**: o inglês Edward Jenner introduz a vacina contra a varíola (1796). A OMS marca para dez. de 1993 a destruição do Orthopox, o vírus que provoca a varíola, a primeira doença erradicada pelo homem; as últimas reservas do Orthopox estão confinadas em laboratórios de alta segurança nos EUA e na Rússia (1991). **Vitaminas**: o inglês Frederick Hopkins descobre a importância das vitaminas na prevenção e no tratamento de raquitismo, escorbuto, beribéri (1912). Os americanos Robley Dunglison Evans e Everett Lassiter Bishop identificam a vitamina E e descobrem que a sua ausência causa esterilidade em ratos (1922).

Cronologia Brasil

COLÔNIA

Doenças tropicais: publicado em Lisboa o *Tratado de las siete enfermedades* – o primeiro sobre doenças tropicais –, de Aleixo de Abreu (1623). **Escorbuto**: publicada em Lisboa a *Relação cirúrgica e médica*, na qual João Cardoso de Miranda aconselha terapêuticas para o escorbuto (1741). **Febre amarela**: João Ferreira da Rosa publica, em Lisboa, a primeira obra sobre a febre amarela da literatura mundial: *Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco* (1694). **Plantas medicinais**: as plantas medicinais brasileiras são descritas pelo pe. Francisco Lima em *Dioscorides brasilicus seu de medicina-libus brasiliae plante* (1770). **Sarampo**: lançado em Lisboa o *Tratado único das bexigas e sarampo* – o primeiro livro de Medicina do Brasil –, de Romão Rosia Reinhipo, pseudônimo de Simão Pinheiro Morão (1648). **Vacinas**: o cirurgião-mor Francisco Mendes Ribeiro promove a primeira vacinação antivariólica do Brasil (1798).

IMPÉRIO

Cirurgias: Cândido Borges Monteiro, futuro visconde de Itaúna, realiza no Rio de Janeiro a primeira cirurgia de ligadura da aorta abdominal do país e a quarta operação do gênero no mundo (1842). **Febres**: Otto Wucherer, John Ligertwood Patterson e José Francisco da Silva Lima identificam a febre amarela na Bahia (1849). Publicado o *Estudo Clínico* sobre as febres no Rio de Janeiro, de João Vicente Torres Homem (1877). Filogônio Lopes Utinguassu lança a tese de que a febre amarela é transmitida por mosquito, confirmada por Carlos Finlay no início do séc. XX (1885). **Vacinas**: fundado o Instituto Pasteur no Rio de Janeiro, que vai se dedicar ao preparo da vacina contra a hidrofobia – raiva (1888).

REPÚBLICA

Acupuntura: plebiscito realizado na Associação Paulista de Medicina aprova a criação de um Departamento Multidisciplinar de Acupuntura, primeiro passo para o reconhecimento dessa técnica como especialidade médica (1992). **AIDS**: morre a primeira vítima de AIDS (1983). No Rio de Janeiro, a equipe de Bernardo Galvão, do Depto. de Imunologia da Fiocruz, consegue isolar pela primeira vez no Brasil o vírus HIV-1, dando ao país condições de produzir seus próprios kits para o diagnóstico da doença, testar remédios e tentar desenvolver vacinas (1987). A Fundação Oswaldo Cruz confirma a presença do vírus HIV-II no país (1990). **Aparelho auditivo**: o Hospital das Clínicas de Porto Alegre desenvolve, pela primeira vez na América Latina, o processador de sons (ou "ouvido eletrônico") para implante coclear, em pacientes surdos (1992). **Blastomicose**: Adolfo Lutz identifica a blastomicose sul-americana (1908). **Câncer**: Antônio Franco Montoro cria um método de detecção do câncer mamário por termografia (1973). Os pesquisadores Antônio Salustiano e Aurélio Maranduba, da Universidade de Juiz de Fora (MG), desenvolvem tecnologia nacional para sintetizar a cisplatina, droga usada no tratamento de vários tipos de câncer • O endocrinologista Raul Maranhão, pesquisador do Instituto do Coração (Incor), em São Paulo, desenvolve uma terapia em que uma molécula sintética transporta drogas diretamente para as células doentes de alguns tipos de câncer, sem afetar as normais (1992). É criada, por iniciativa da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica, a primeira Escola Brasileira de Oncologia, instituição itinerante que viajará por todo o país para treinar médicos não especialistas em câncer (mai./1993). **Cardiologia**: Euryclides de Jesus Zerbini organiza, no Hospital das Clínicas de São Paulo, a primeira oficina brasileira de máquinas cardiológicas (1958). Testada e aprovada em seres humanos a válvula cardíaca de epóxi, desenvolvida por Paulo Horta Barbosa (1973). O depto. de Física da PUC-RJ anuncia ter desenvolvido o magnetocardiógrafo, que substitui o eletrocardiograma na medição do campo magnético do coração (1979). Entra em operação o primeiro coração artificial desenvolvido na América Latina, na Divisão de Bioengenharia do Incor, em São Paulo (1990). **Cirurgias**: Eduardo Chapôt Prévost separa gêmeas xifópagas unidas pelo tórax, pela primeira vez no país; elas morrem dias depois (1900). Prévost separa xifópagos, com sucesso, no Hospital S. Sebastião, no Rio de Janeiro (1906). Hugo João Fellipozzi implanta o primeiro marcapasso cardíaco na Santa Casa de São Paulo (1963). Euclides Marques faz, no Hospital das Clínicas de São Paulo, o primeiro implante de membro (um braço) no país (1964). O prof. J.G. Campos Freire, chefe do Serviço de Urologia do Hospital das Clínicas de São Paulo, transplanta o primeiro rim no país (1965). Adib Jatene implanta a primeira ponte de safena • Massayuki Okumura faz o primeiro transplante de intestino no país (terceiro no mundo) • Marcel Cerqueira César Machado faz o primeiro transplante de fígado no país (o paciente não sobrevive) • Primeiro transplante cardíaco do país, pelo dr. Zerbini, no Hospital das Clínicas de São Paulo (1968). Implantada a primeira válvula cardíaca de silicone (1971). A equipe de Hugo João Felipozzi implanta, pela primeira vez na América Latina (30ª no mundo), um marcapasso de pilha atômica (1972). Eurípedes Ferreira faz com sucesso o primeiro transplante de medula óssea da América Latina, no Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Paraná (1981). Primeiro transplante de fígado bem-sucedido, em São Paulo, pelo prof. Silvano Raia • Primeiro transplante de coração, no mundo, em portador de mal de Chagas, pelo prof. Euryclides de Jesus Zerbini (1985). No Incor, em São Paulo, primeiro transplante latino-americano de fígado e rim provenientes do mesmo doador (1987). Adib Jatene realiza a primeira operação de cardiomioplastia • Silvano Raia realiza pela primeira vez no mundo um transplante de fígado intervivos • José Pedro da Silva realiza o primeiro transplante conjunto de coração e pulmão no Brasil (1988). O cirurgião Ônio Búffolo e sua equipe empregam, pela primeira vez no mundo, a técnica da hipotermia profunda – diminuição da temperatura corporal para 16 graus, retirada do sangue do corpo, paralisação das funções vitais – em uma gestante; paciente e feto sobrevivem (1991). Pela primeira vez no país é realizada cirurgia para retirada de tumor cerebral com anestesia local; a paciente permanece lúcida, informando o que sente ao neurocirurgião Sebastião Carlos da Silva, do Hospital Austa, em São José dos Campos, SP • Técnica revolucionária para cirurgia da próstata – com anestesia local, em quinze minutos, e recuperação em duas horas – passa a ser empregada no Hospital das Clínicas de Campinas (SP), ligado à Unicamp, tornando o Brasil o primeiro país das Américas nesta utilização • O Conselho Federal de Medicina (CFM) proíbe oito tipos de cirurgias oftalmológicas para corrigir vícios de retração por miopia e hipermetropia • O cirurgião Thomas Szego retira por laparoscopia, pela primeira vez, a vesícula de uma paciente grávida de seis meses • Pesquisadores da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Araraquara (SP), desenvolvem uma nova cola cirúrgica a partir de um componente extraído do veneno de cobras • O prof. Arthur Garrido, da Universidade de São Paulo (USP), realiza operação inédita em duas irmãs para redução do colesterol; a técnica consiste em desativar o íleo, porção final do intestino delgado, órgão responsável pela absorção do colesterol • Equipe chefiada pelo cardiologista José Pedro da Silva, do Hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo, implanta pela primeira vez no Brasil um coração sem retirar o órgão antigo do próprio paciente; Eliel Sabino da Luz permanece com os dois corações funcionando ao mesmo tempo • Equipe do Incor, em São Paulo, coordenada pelo cirurgião Miguel Barbero Marcial, realiza um transplante de coração em um bebê de 13 dias de idade, o mais jovem transplantado da América Latina (1992). O médico Valdenor Bezerra, do Hospital de Base de Brasília, usa brocas de perfurar aço e parede em cirurgia para reconstituir o fêmur de um paciente portador de picnodi-

sostose, enfermidade caracterizada pela falta quase total de medula óssea em todos os ossos; por ser uma doença rara, as indústrias de instrumentos cirúrgicos não fabricam peças capazes de perfurar ossos tão duros como os do paciente (jan./1993). Médicos do Incor, em São Paulo, implantam pela primeira vez no país um ventrículo esquerdo artificial em um paciente portador do mal de Chagas • Equipe chefiada pelo cardiologista Adib Jatene realiza no Instituto do Coração, em São Paulo, o primeiro transplante de coração artificial em ser humano da América Latina (fev./1993). Médicos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, realizam o primeiro transplante duplo de pulmão da América Latina (mar./1993). Equipe chefiada pelos médicos Luiz Pereira Lima, da Faculdade de Ciências Médicas de Porto Alegre, e Carlos Domene, da USP, utilizam pela primeira vez no país a técnica de videolaparoscopia para a extração de cálculos biliares, em cirurgia realizada na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (mai./1993). **Endocrinologia**: a equipe do endocrinologista Geraldo Medeiros, da USP, descobre que o hipotireoidismo e o bócio relacionam-se a uma falha genética (1991). **Esporotricose**: Adolfo Lutz e Alfonso Spendore identificam a esporotricose (1906). **Esquistossomose**: Manuel Augusto Pirajá da Silva prova a existência do *Schistosoma mansoni*, causador da esquistossomose, descoberto por Louis Westenra Sambon em 1907 sem provas conclusivas (1908). Manuel Augusto Pirajá da Silva descobre a cercária de esquistossoma – uma forma de evolução do verme causador da esquistossomose – e faz sua primeira descrição. Gaspar de Oliveira Viana descobre a cura para a doença (1912). Publicado o trabalho de Natale Katz e J. Pellegrino, *Quimioterapia experimental da esquistossomose mansoni*, com repercussões mundiais • O prof. Milward de Andrade descobre que o protozoário *Collepsnirtus* pode destruir os caramujos transmissores da esquistossomose (1971). Cientistas do Centro de Pesquisas René Rachou, da Fiocruz, em Minas Gerais, desenvolvem um teste mais rápido e seguro para o diagnóstico da esquistossomose, baseado no exame do DNA da cercária, larva do verme causador da doença (fev./1993). **Exames**: é introduzida a ecocardiografia nos diagnósticos • Inaugurada a Central de Radioimunoensaio de São Paulo para o tratamento de hormônios e localização de minúsculos tumores cancerígenos e parasitas intestinais (1974). Pesquisadores do Instituto de Física e Química de São Carlos, da USP, produzem o primeiro tomógrafo de ressonância magnética nuclear do Brasil • Cientistas do Instituto Fernandes Figueira, da Fundação Oswaldo Cruz, criam teste que detecta doenças metabólicas causadas por defeitos genéticos em bebês; o exame utiliza a cromatografia para quantificar os aminoácidos presentes no sangue dos recém-nascidos (1992). **Farmacologia**: publicada a Farmacopéia Paulista, a primeira do país (1917). É oficializada em São Paulo a Farmacopéia Homeopática Brasileira (1972). O Ministério da Saúde proíbe a utilização do vegetal confrei na composição de medicamentos (1992). **Gripe espanhola**: a gripe espanhola assola o país; em quatro dias, morrem 8 mil pessoas em São Paulo (1918). **Homeopatia**: com doze anos de atraso em relação à Associação Médica Brasileira e ao CFM, a Associação Paulista de Medicina reconhece a Homeopatia como especialidade médica (1991). **Icterícia**: estudo do pediatra Manoel de Carvalho, do Instituto Fernandes Figueira, da Fundação Oswaldo Cruz, revela que a icterícia está associada à quantidade de excreção do recém-nascido; quanto mais ele excreta, menos chances tem de possuir a doença (1992). **Instituições**: por iniciativa do médico Emílio Marcondes Ribas, é criado o Instituto Soroterápico do Butantan, anexo ao Instituto Bacteriológico, que realizará estudos sobre impaludismo, peste, varíola, cólera, disenteria e febre tifóide; em 1901, sob a administração de Vital Brasil, torna-se instituição autônoma, com o nome de Instituto Butantan • No Rio de Janeiro, é fundado o Instituto Soroterápico Federal, que, em 1902, sob a direção do médico Oswaldo Cruz, passa a ser chamado de Instituto Manguinhos e, em 1908, Instituto Oswaldo Cruz (1889). Criado em São Paulo o Laboratório Bacteriológico, que, de 1893 a 1908, será dirigido pelo médico Adolfo Lutz, iniciador, no Estado, da Medicina investigadora; em 1940, esse órgão passa a se chamar Instituto Adolfo Lutz (1892). **Legislação**: o CFM aprova normas para regulamentar a fertilização *in vitro* no país (1992). **Leishmaniose**: Gaspar de Oliveira Viana classifica o agente transmissor da leishmaniose cutâneo-mucosa (úlcera de Bauru, ou *Leishmania brasiliensis*) e descobre sua cura no ano seguinte (1911). Reaparece no Rio de Janeiro a leishmaniose, erradicada do Brasil desde 1922 (1974). O prof. Wilson Mayrink anuncia a descoberta da primeira vacina contra a leishmaniose, primeira no mundo contra doença causada por protozoário (1984). **Malária**: o médico Carlos Ribeiro Justiniano das Chagas elabora doutrina da infecção domiciliar da malária, base de todo o combate à doença (1906). Os brasileiros Victor e Ruth Nussenzweig, ligados ao Centro Médico da Universidade de Nova York, EUA, sintetizam uma proteína que permite ao organismo humano desenvolver anticorpos contra o parasito da malária, o que permitirá a produção industrial da vacina contra a doença (1984). **Mal de Chagas**: Carlos Chagas descobre que uma doença comum nos meios rurais é causada por um micróbio que ele chamou de *Trypanosoma cruzi;* essa doença ficou conhecida como mal de Chagas; entre 1909 e 1934, Chagas recebe 33 prêmios internacionais pelas descobertas envolvendo a enfermidade (1909). R.L. Teixeira e Charles Santos-Buch descobrem a patogenia do mal de Chagas (1974). Maria das Dores Medina Lopes descobre que o mal de Chagas pode ser transmitido pela amamentação (1984). Cientistas do Centro de Pesquisa René Rachou, da Fiocruz, em Minas Gerais, criam um novo exame que detecta se uma pessoa é portadora do mal de Chagas a partir do DNA de moléculas extraídas do sangue do paciente (1992). **Medula óssea**: inaugurado em São Paulo o primeiro banco de medula óssea da América Latina (1992). **Meningite**: pesquisadores da Fiocruz, no Rio de Janeiro, isolam, pela primeira vez, o EV-71, um enterovírus que provoca meningite, encefalite e um quadro semelhante ao da poliomielite (1990). **Oftalmologia**: o oftalmologista Paulo Galvão desenvolve técnica inédita que permite que uma mesma córnea, dividida em duas, beneficie dois deficientes visuais (1990). **Peste pulmonar**: é feita campanha sanitária contra a peste pulmonar (1936). **Peste suína**: Bonilha de Toledo reconhece a peste suína no país (1896). **Raios X**: na Bahia, são utilizados pela primeira vez no país os raios X (1897). **Reprodução**: feita a primeira fertilização *in vitro* em São Paulo • Instalado, em Cubatão, SP, o primeiro ambulatório de Genética do país (1982). Nasce em Curitiba o primeiro bebê de proveta da América do Sul (1984). É criado no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, o primeiro banco de sêmen do país, para homens que vão se tornar estéreis em conseqüência de terapias de combate ao câncer (1989). **Tenossinovite**: o Ministério do Trabalho e da Previdência Social estabelece parâmetros ergonométricos para o trabalho dos profissionais de digitação, vítimas da tenossinovite, reconhecida como doença do trabalho em 1986 (1991). **Tifo**: Henrique da Rocha Lima descobre o *Rickettsia prowazecki,* microrganismo que provoca o tifo exantemático ou "tabardilho"; por isso, em 1940, receberá a medalha Bernhard Nocht do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, Alemanha (1916). Início da campanha sanitária contra o tifo exantemático (1929). **Vacinas**: o Instituto Butantan produz a primeira série de soros e vacinas antipestosos e a primeira série de soro antiofídico (1901). Instalada a filial do Instituto Oswaldo Cruz em Belo Horizonte (MG), onde é desenvolvido pela primeira vez o soro antiescorpiônico por Eurico de Azevedo Vilela (1906). O Instituto Butantan conclui o desenvolvimento de nova vacina contra a raiva humana, obtida pelo processo de cultura de células (1991). Pesquisadores da Fiocruz isolam, pela primeira vez, o vírus da hepatite A no Brasil, primeiro passo para a produção de uma vacina nacional contra a doença (1992). ■

MEDIDAS

Medir significa avaliar uma grandeza através da comparação com outra grandeza da mesma espécie tomada como unidade de referência e estabelecer o número (inteiro ou fracionário) de vezes que a grandeza contém a unidade. As unidades de medida são definidas arbitrariamente e têm como referência um padrão material. A ciência que estuda e normatiza as medidas e as medições de grandezas físicas – mecânicas, ópticas, geométricas, acústicas ou luminosas – é a Metrologia. Ela codifica os conhecimentos relativos a medidas, padrões e unidades de medir, seus métodos, técnicas e instrumentos. O sistema métrico, surgido no final do séc. XVIII, é o primeiro sistema de medidas planejado. Até então, todos os sistemas existentes são consuetudinários, ou seja, baseados em costumes e tradições.

DESENVOLVIMENTO

Estimar e avaliar grandezas diversas são capacidades e habilidades desenvolvidas pela humanidade desde o início de sua evolução cultural. O homem primitivo apenas comparava volumes, aspectos e peso, mas ainda não media. Como crescimento demográfico, o surgimento das cidades e o incremento do sistema de trocas, surge a necessidade de fixar unidades que permitam uma comparação mais precisa entre dois objetos ou mercadorias – e o homem começa a desenvolver a noção de medir.

Os primeiros padrões utilizados para medir e pesar são partes do corpo humano, como a palma da mão, a polegada, o braço ou o tamanho de uma passada, e utensílios simples, de uso cotidiano e generalizado nas diferentes culturas, como cuias e vasilhas. Com o tempo, cada civilização define padrões e fixa suas próprias unidades de medidas, às vezes até mais de uma para a mesma grandeza física. Daí a multiplicidade de sistemas de medição existente desde a Antiguidade.

As primeiras medidas não são muito precisas. Um bom exemplo é o côvado egípcio, medida de comprimento cujo padrão era a distância entre o cotovelo e a ponta do dedo médio, estando o braço e o antebraço dobrados em ângulo reto e a mão esticada. Com unidades desse tipo, as medições podem dar resultados tão variados quantas são as diferenças individuais do corpo humano. Para contornar esse problema, as civilizações antigas acabaram estabelecendo uma unidade média, fixada através de padrões materiais, feitos em pedra, argila ou ligas metálicas.

O surgimento desses padrões marca o início da construção de sistemas de pesos e medidas. Eles estão presentes nas civilizações da Assíria, Babilônia, Caldéia. Os padrões de peso mais antigos até hoje conhecidos datam do quarto milênio antes de Cristo. São pequenos cilindros de base côncava, com cerca de 13 gramas, encontrados nos túmulos de Amrah, elaborados por uma civilização do período pré-dinástico da história do Egito. O sistema egípcio tem grande influência sobre os povos da Antiguidade. Do vale do Nilo espalha-se pela Judéia, Ásia e Grécia antiga, chega às colônias gregas da península Itálica e, mais tarde, é levado pelos romanos para as diferentes regiões da Europa. Mistura-se, então, aos sistemas locais, assumindo novas características.

Durante a Idade Média, feudos e cidades-Estados adotam sistemas particulares de pesos e medidas. Nas grandes feiras comerciais medievais, os diferentes sistemas iam se misturando e diversificando. A partir do Renascimento, com as grandes navegações e o surgimento da ciência experimental moderna, começa a crescer a necessidade de unidades de medidas cada vez mais precisas. Para os cientistas do início da era moderna, conhecer um fenômeno significa poder medi-lo e, a partir do séc. XVII, o conhecimento científico é acompanhado pelo desenvolvimento de instrumentos de medida de precisão. Surgem os termômetros, as lunetas e aperfeiçoam-se os relógios. Com a revolução industrial e o desenvolvimento do capitalismo, o comércio internacional também se intensifica e surge a necessidade de uma maior padronização e racionalidade das unidades de medidas.

Sistema métrico – A construção de um sistema internacional de medidas começa no séc. XVIII e faz parte das reformas desencadeadas pela Revolução Francesa. Na época, a Academia Francesa de Ciências propõe que todas as unidades de comprimento existentes sejam substituídas pelo metro, definido como a décima milionésima parte da distância entre o pólo Norte e o equador, medida pelo meridiano que passa por Paris. A grande originalidade do sistema proposto é ser construído em base decimal, com múltiplos e submúltiplos. Para a nova unidade de massa, o peso, a Academia Francesa sugere uma medida derivada da massa de um metro cúbico de água. O padrão material de referência estabelecido nessa época para o metro é a distância entre duas marcas numa barra de platina. Para o grama, unidade básica de massa, fabrica-se um cilindro de platina com massa igual a de um centímetro cúbico de água a 4°C de temperatura.

Aos poucos, o sistema métrico decimal é adotado por vários países. Seu uso é oficializado no Brasil em junho de 1862, ainda durante o Império, embora as medidas tradicionais de origem portuguesa até hoje sejam usadas (veja tabela). Em 1875, o governo francês convoca a Conferência Diplomática do Metro, que cria o Bureau Internacional de Pesos e Medidas, primeiro organismo internacional responsável pela padronização das unidades de medida. Com o avanço das ciências, novas unidades de medidas são criadas para medir os fenômenos estudados. A necessidade de ter unidades de medidas cada vez mais precisas também produzem várias modificações nos padrões materiais usados como referências, inclusive para o metro. Desde 1983, ele é definido como a distância percorrida pela luz no vácuo, num intervalo de tempo igual a 1/299.792.458 de segundo.

Sistema inglês – A Inglaterra é o primeiro país a normatizar seu sistema consuetudinário de pesos e medidas. Isso ocorre no séc. XIII, logo após a Carta Magna (1215). Esse sistema (veja tabela) é usado por mais de seiscentos anos e, embora o Parlamento britânico tenha decidido pela adesão do país ao Sistema Internacional de Unidades, a população inglesa continua utilizando o antigo sistema em seu dia-a-dia.

Os Estados Unidos herdam o tradicional sistema de medidas inglês que, com pequenas modificações, se mantém em uso até hoje. O sistema métrico é oficialmente permitido desde 1866. Em 1959, as unidades de medidas tradicionais americanas passam a ser definidas em função das unidades do Sistema Internacional de Unidades e, no final dos anos 60, o país inicia um movimento de conversão para o Sistema Internacional. No entanto, a população americana também tem resistido a abandonar as antigas medidas.

Sistema Internacional de Unidades

Criado em 1960 por decisão da Conferência Internacional de Pesos e Medidas para substituir o Sistema Métrico, seu principal objetivo é padronizar em um sistema prático de unidades os diferentes subsistemas improvisados que proliferaram nas diferentes áreas da ciência. O Sistema Internacional de Unidades (SI) compreende três tipos de unidades: as de base, as derivadas e as suplementares.

UNIDADES DE BASE

O Sistema Internacional é construído a partir de sete unidades de base. Sua escolha é arbitrária elas são selecionadas entre as mais capazes de satisfazer tanto as necessidades cotidianas como as das atividades técnicas e científicas e que sirvam de referencial para a definição de outras unidades.

Comprimento – A unidade básica é o metro (m), definido como a distância percorrida pela luz no vácuo, num intervalo de tempo igual a 1/299.792.458 de segundo.

Massa – A unidade é o quilograma (kg), definido como a massa do protótipo internacional, um padrão construído com uma liga de platina e irídio.

Tempo – A unidade é o segundo (s), que corresponde a 9.192.631.770 ciclos de radiações emitidas entre dois níveis de energia do átomo de césio 133.

Corrente elétrica – A unidade é o ampère (A), definido como a corrente elétrica invariável capaz de produzir uma força igual a 2×10^{-7} entre dois condutores de comprimento infinito e seção transversal desprezível, situados no vácuo e com um metro de distância entre si.

Temperatura termodinâmica – A unidade é o kelvin (K), definido como a fração de 1/273,16 da temperatura termodinâmica do ponto tríplice da água, que corresponde às condições de temperatura e pressão em que a água em estado líquido, o vapor de água e o gelo estão em perfeito equilíbrio. O ponto zero da escala (0°K) corresponde ao zero absoluto (-273,15°C).

Quantidade de matéria – A unidade é o mol (símbolo mol), definido como a quantidade de matéria de um sistema que reúne tantas entidades elementares quanto o número de átomos contidos em 0,012 Kg de carbono. As entidades são partículas e devem ser especificadas.

Intensidade luminosa – A unidade é a candela (cd), que é a intensidade luminosa emitida em uma determinada direção por uma fonte de radiação monocromática com freqüência igual a 540×10^{12} hertz e com uma intensidade energética de 1/683 watt por esterradiano.

UNIDADES DERIVADAS

São aquelas obtidas pela multiplicação de uma unidade de base por si mesma, ou quando se associam duas ou mais unidades de base ou suplementares diferentes através de multiplicação e/ou divisão.

UNIDADES SUPLEMENTARES

Radiano – Ângulo plano entre dois raios de um círculo que leva a um arco de circunferência de comprimento igual ao do raio (rad).

Esterradiano – Ângulo sólido que, tendo o vértice no centro de uma esfera, leva a um corte em sua superfície com área igual a de um quadrado com lados iguais ao raio da esfera (sr).

OUTRAS UNIDADES

As unidades SI ainda convivem com várias outras tradicionais, de origem consuetudinária e de grande utilização em diferentes tipos de atividades (ver tabela *Unidades tradicionais*).

UNIDADES TRADICIONAIS BRASILEIRAS

O Sistema Métrico Decimal é adotado no Brasil em 1862, durante o Império. No entanto, um grande número de medidas tradicionais, quase todas de origem portuguesa, continua em uso no país, especialmente no meio rural. Algumas variam muito de tamanho de uma região para outra.

Principais unidades – **Alqueire** – Como medida de área, tem três diferentes valores no país: alqueire mineiro, 48.400 m^2; paulista, 24.200 m^2; "do Norte", 27.225 m^2. **Arroba** – 15 kg, com pequenas variações regionais para alguns produtos. **Braça** – 2,2 m. **Bruaca** – 50 kg ou 45 kg (para farinha de mandioca). **Cesto** – Apresenta grande variação regional: aturá, 40 kg (PA e AM); caçuá, 40 kg (regiões N e NE); canastra, 15 kg (AC, AM, PA); cofo, 40 kg (MA e BA); gigo ou cabaz, 20 kg; jacá, 50 kg; panacum, também conhecido como "balaio do norte", 40 kg; paneiro, 25 kg; seirão, 40 kg. **Côvado** – 2 pés ou 66 cm. **Cuia** – Muito usada no comércio de cereais, varia de 4,5 a 10 kg, conforme o tipo de produto. **Garrafa** – Usada para comércio de manteiga e banha, especialmente no Nordeste. Equivale a dois terços de litro ou 650 gramas. **Légua** – 6 km, ou 6,6 km (légua brasileira). **Linha** – 2,3 mm. **Litro** – Recipiente metálico, cilíndrico, que não corresponde ao litro. O litro de mandioca varia entre 0,50 e 1 kg. **Palmo** – 8 polegadas ou 22 cm. **Pé** – 12 polegadas ou 33 cm. **Polegada** – 2,54 cm. **Vara** – 1,1 m.

Unidades SI* derivadas simples

	Unidade	Símbolo
Área	metro quadrado	m^2
Velocidade	metro/segundo	m/s
Volume	metro cúbico	m^3
Densidade	quilograma/metro cúbico	kg/m^3
Concentração em quantidade de matéria	mol/metro cúbico	mol/m^3
Velocidade angular	radiano/segundo	rad/s
Aceleração angular	radiano/segundo quadrado	rad/s^2
Intensidade energética	watt por esterradiano	W/sr
Luminância energética	watt por esterradiano-metro quadrado	$W/sr\ m^2$

Unidades SI* derivadas especiais

	Unidade	Símbolo	Definição
Energia	joule	J	$m^3kgs^{-2} = N/m$
Potência	watt	W	$m^2kgs^{-3} = J/s$
Carga elétrica	coulomb	C	sA
Diferença de potencial	volt	V	$m^2kgs^{-3}A^{-1} = W/A$
Resistência elétrica	ohm	W	$m^2kgs^{-3}A^{-2} = V/A$
Condutância elétrica	siemens	S	$m^2kg^{-1}s^3A^2 = W^{-1}$
Capacitância elétrica	farad	F	$m^2kg^{-1}s^4A^2 = C/V$
Fluxo magnético	weber	Wb	$m^2kgs^{-2}A^{-1} = Vs$
Indutância	henry	H	$m^3kgs^{-2}A^{-2}$=Wb/A
Indução magnética	tesla	T	$kgs^{-2}A^{-1} = Wb/m^3$
Freqüência	hertz	Hz	s^{-1}
Pressão	pascal	Pa	$m^{-1}kgs^{-2}$ =Nm

Unidades tradicionais

	Unidade	Símbolo	Equivalência
Comprimento	quilômetro	km	1.000 m
	parsec	pc	$3{,}0857 \times 10^{16}$
Área	hectare	ha	10.000 m^2
	acre	–	4.047 m^2
Massa	tonelada métrica	t	1.000 kg
Volume	litro	l	1 dm^3
Força	quilograma força	kgf	9,8 N
Energia	quilowatt-hora	kWh	3.600 kJ
	caloria	cal	4,18 J
Potência	horse power	HP	07457 kW
	watt	W	m^2kgs^{-3}=J/s
Tempo	minuto	min	60 s
	hora	h	60 min = 3.600 s
	dia	d	24 h = 86.400s
Ângulos	grau	°	1° = p/180 rad
	minutos	'	1' = p/10.800
	segundos	"	1" = p/648.000
	número	p	3,1416
Velocidade angular	rotação por minuto	rpm	p/30 rad/s

(*) Sistema Internacional de Unidades

Unidades tradicionais inglesas e americanas

	Unidade	Símbolo	Valor
Comprimento	polegada	in	2,54 cm
	pé	ft	30,48 cm
	jarda	yd	91,44 cm
	milha	mi	1.609 m
	milha náutica	–	1.852 m
Massa	libra	lb	454 g
	tonelada inglesa	–	1.016 kg
	tonelada americana	–	907 kg
	onça	–	28,35 g
	onça troy	–	31,10 g
	quilate	–	0,2 g
Volume	galão inglês	–	4,546 l
	galão americano	–	3,785 l
Velocidade	milha por hora (mi/h)	–	1,609 km/h
	nó (milha náutica por hora)	–	1,852 km/h

Tabela de prefixos

Prefixo/símbolo	Fator multiplicador	Prefixo/símbolo
	1 000 000 000 000 000 000	exa(E)
	1 000 000 000 000 000	peta(P)
	1 000 000 000 000	tera(T)
	1 000 000 000	giga(G)
	1 000 000	mega(M)
	1 000	quilo(k)
	100	hecto(h)
	10	deca(da)
deci(d)	0,1	
centi(c)	0,01	
mili(m)	0,001	
micro(μ)	0,000 001	
nano(n)	0,000 000 001	
pico(p)	0,000 000 000 001	
femto(f)	0,000 000 000 000 001	
atto(a)	0,000 000 000 000 000 001	

REGRAS PARA CONVERSÃO DE UNIDADES

Para operar com unidades derivadas SI, seus múltiplos e submúltiplos, ou ainda saber os valores de medidas em outros sistemas, basta procurar sua definição em unidades SI. **Exemplos:**

polegada quadrada *em* cm^2

polegada x polegada = 2,54 cm x 2,54 cm = 6,45 cm^3

0,3 m^2 *para* cm^2 = 0,3 m x m
= 0,3 x 100 cm x 100 cm
= 3.000 cm x cm = 3.000 cm^3

2.500 dm^3 *em* m^3 = 2.500 dm x dm x dm
= 2.500 x 0,1 m x 0,1 m x 0,1 m
= 2,5 m^3

20 km/h *em* m/s = 20 x (1.000 m : 3.600 s)
= 5,5 m/s

10 m/s *em* km/h = 10 x (1/1.000 km : 1/3.600)
= 10 x (3.600 : 1.000) = 36 km/h

Escalas de temperatura – De Celsius para Kelvin: + 273
De Celsius para Fahrenheit: x 9 : 5 + 32 ■

MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Veículos ou sistemas de veículos que elaboram e transmitem mensagens. Assim como as mercadorias atingem seu destino por vários meios de transporte, a informação – vista como seqüência de sinais físicos – chega ao receptor utilizando diversos meios de comunicação.

Partindo da comunicação oral, direta, que tem a voz como meio natural, o homem passa à comunicação indireta, através de canais industrializados. O primeiro deles é o livro, com a invenção dos tipos móveis de impressão que impulsiona também o desenvolvimento da imprensa. Nas primeiras décadas do séc. XX surgem outros meios de comunicação – cinema, rádio e televisão. Com eles, a comunicação sai dos limites impostos pela impressão gráfica e entra nos domínios da eletrônica, que cria a possibilidade de comunicação imediata da informação a toda parte do globo.

DESENVOLVIMENTO

Presume-se que a comunicação oral tenha surgido na fase do *Homo sapiens*, cerca de 3.500 a.C. Desde a escrita hieroglífica, desenvolvida por escribas egípcios, por volta de 3.100 a.C., até a elaboração do alfabeto latino (600 a.C.) – base para a maioria das línguas ocidentais –, os alfabetos desenvolveram-se como forma de registrar o conhecimento e transmiti-lo às gerações futuras.

Durante muitos séculos, a comunicação escrita é feita por manuscritos, ou processos artesanais de entalhação, gravação ou impressão de caracteres, em livros fabricados com pergaminho, preparado a partir do couro de animais; e a correspondência é enviada por intermédio de mensageiros. O noticiário tem origem em 60 a.C. quando o fórum romano afixa diariamente a *Acta Diurna*, contendo informações governamentais.

No período medieval as notícias são comunicadas oralmente por arautos (mensageiros) ou afixadas em lugares públicos sob a forma de cartazes ou proclamações. No séc. XIII é criado, pela Universidade de Paris, o primeiro correio institucional, um sistema postal próprio que mantém os estudantes em contato com suas famílias. No século seguinte, mercadores da Liga Hanseática financiam e mantêm um correio entre as cidades com as quais comerciam.

O papel, trazido para a Europa pelo viajante Marco Polo no séc. XII, é o primeiro passo para uma revolução cultural: a industrialização do livro, que será possível, a partir do séc. XV, com a invenção da tipografia por Johann Gutenberg. Ao longo dos séculos seguintes, com a evolução da indústria gráfica, apoiada em ciências e tecnologias auxiliares – a Mecânica, a Química, a Eletrônica –, a imprensa tem grande desenvolvimento. A invenção da fotografia, em 1822, pelo francês Jean-Nicéphore Niepce, dá impulso à comunicação visual, enriquecendo as técnicas de ilustração de livros, jornais e revistas. A partir das primeiras décadas do séc. XX, os chamados meios de comunicação de massa – cinema, rádio, televisão – dão maior dimensão à difusão de informações. As comunicações de longo alcance são possibilitadas pelo uso combinado dos meios eletrônicos – telégrafo e teletipo, telefone e transmissões por fax, rádio e radiofoto, televisão, videoteipe – e, por último, do satélite, que, reduzindo o tempo de transmissão e superando os limites de distância, transformou o mundo no que o americano Marshall McLuhan chamou de uma "aldeia global". Se, no início do século, uma notícia demorava até quatro meses para atravessar um continente, hoje ela chega a qualquer parte do mundo em poucos segundos.

No estágio atual de desenvolvimento tecnológico, as inovações são cada vez mais rápidas e sofisticadas. Da união dos meios eletrônicos com os de processamento de dados, surgiu o microcomputador; a *telemática* veio

como o resultado da soma das telecomunicações com a informática. Através dos microcomputadores é possível, de um país para outro, acessar bancos de dados e realizar teleconferências em que as pessoas podem se ver enquanto conversam ou trocam informações escritas ou visuais.

Graças à sua eficiência, esses meios de comunicação eletrônica têm sido explorados comercialmente pelas empresas jornalísticas, editoriais e teledifusoras. Atualmente, impressoras a laser e computadorizadas são capazes de receber sinais emitidos por satélites e de imprimir textos, simultaneamente, em diversos países.

Imprensa escrita

Meio de comunicação de massa baseado na palavra escrita, inclui jornais e revistas. Iniciando-se, no séc. XVI, com as *fogli d'avvisi* italianas e, no séc. XVII, com os *corantos* ingleses e as *gazettes* francesas, transforma-se, com o tempo, numa forte indústria. Seu poder, hoje, depende da eficiência com que coleta e analisa as notícias, do número de exemplares que vende e anúncios que veicula. Dependendo do conteúdo tratado, jornais e revistas podem ser classificados em:

Informação geral – Aborda todos os assuntos e dirige-se ao público em geral.

Informação especializada – Dirige-se a públicos específicos, abordando assuntos restritos, de interesse limitado.

Documentação – Dedica-se à análise e à publicação de estudos e informações técnicas.

Entretenimento – Preocupa-se mais com a distração e o lazer do que com a informação.

JORNAL

Veículo impresso, noticioso e periódico, de tiragem regular, constituído de folhas soltas e dobradas em um ou mais cadernos, é produzido, geralmente, num formato padrão (tamanho standard) de 38 cm de largura por 58 cm de altura; mas pode ter também 28 cm de largura por 38 cm de altura (tamanho tabloide). Os periódicos denominam-se *matutinos*, quando são publicados pela manhã, e *vespertinos*, quando começam a circular à tarde. Divulgam notícias de caráter geral, distribuídas por várias seções (política, economia, polícia, esportes, cultura, utilidade pública, entretenimento), em âmbito local, nacional e/ou internacional.

Principais diários do mundo – Países com maior número de diários de tiragem acima de 300 mil exemplares, excluída a edição dominical: **Alemanha:** *Bild Zeitung*, 4,9 milhões; *Westdeutsche Allgemeine Zeitung*, 1,2 milhão; *Freie Press*, 560 mil; *Mitteldeutsche Zeitung*, 510 mil; *Sächsische Zeitung*, 470 mil; *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 392 mil; *Suddeutsche Zeitung*, 390 mil; *Rheinische Post*, 390 mil. **China:** *Renmin Ribao* (Diário do Povo), 5 milhões; *Can Kao Xiau Xi* (reimpressão de jornais estrangeiros), 3,6 milhões; *Zhongguo Qingnian Bao* (Notícias para a Juventude Chinesa), 3 milhões; *Xin Min Wan Bao*, 1,7 milhão; *Yangcheng Wanbao*, 1,6 milhão; *Sichuan Ribao*, 1,3 milhão; *Beijing Ribao*, 1 milhão. **EUA:** *Wall Street Journal*, 1,8 milhão; *USA Today*, 1,4 milhão; *Los Angeles Times*, 1,2 milhão; *New York Times*, 1,1 milhão; *Washington Post*, 839 mil; *New York Daily News*, 782 mil; *Newsday*, 758 mil. **França:** *Le Figaro*, 433 mil; *Le Parisien*, 402 mil; *Le Monde*, 362 mil; *France-Soir*, 301 mil; *L'Equipe*, 300 mil. **Grã-Bretanha:** *The Sun*, 3,6 milhões; *Daily Mirror*, 2,7 milhões; *Daily Mail*, 1,8 milhão; *Daily Express*, 1,4 milhão; *Daily Telegraph*, 1 milhão; *Daily Star*, 782 mil; *Today*, 532 mil. **Itália:** *La Gazzetta dello Sport*, 830 mil; *La Repubblica*, 810 mil; *Corriere della Sera*, 660 mil; *Corriere dello Sport*, 622 mil; *La Stampa*, 403 mil; *Il Messagero*, 390 mil. **Japão:** *Yomiuri Shimbun*, 19,9 milhões (1); *Asahi Shimbun*, 18,2 milhões (2); *Mainichi Shimbun*, 7,4 milhões (4); *Nihon Keizai Shimbun*, 5,5 milhões (3); *Seikyo Shimbun*, 5,5 milhões; *Sankei Shimbun*, 3 milhões (5); *Chunichi Shimbun*, 3 milhões. **Rússia:** *Argumenty i Fakty* (Argumentos e Fatos), 12,5 milhões; *Trud* (Trabalho), 3 milhões; *Izvéstia* (Notícias), 2 milhões; *Moskovsky Komsomolets* (Liga Comunista Leninista da Juventude Moscovita), 1,4 milhão; *Sélskaya Jizn* (Vida no Campo), 1,3 milhão.

(1) Somadas as tiragens matutinas e vespertinas de Tóquio, Osaca, Tacaoaca, Quitaquiúshu, Saporo. (2) Somadas as tiragens matutinas e vespertinas de Tóquio, Osaca, Saporo, Fucuoca. (3) Somadas as tiragens matutinas e vespertinas de Osaca, Saporo, Fucuoca e Nagóia. (4) Somadas as tiragens matutinas e vespertinas de Tóquio, Nagóia e Quitaquiúshu. (5) Somadas as tiragens matutinas e vespertinas de Tóquio e Osaca.

Principais diários brasileiros – O total de jornais diários brasileiros é 595, o que coloca o país em segundo lugar no mundo, precedido pelos EUA (626 jornais diários) e pela Alemanha (356). A medição da tiragem e circulação, no Brasil, é feita pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC).

Jornais brasileiros (*)

Títulos	Média de circul. diária
Folha de S.Paulo (SP)	429.856
O Globo (RJ)	304.422
O Estado de S. Paulo (SP)	295.187
Jornal do Brasil (RJ)	134.195
Zero Hora (RS)	128.425
Diário Popular (SP)	118.807
Notícias Populares (SP)	93.628
Jornal da Tarde (SP)	84.648
O Estado de Minas (MG)	74.234
Gazeta Mercantil (SP)	67.745
A Tarde (BA)	67.167
Gazeta do Povo (PR)	44.055
A Gazeta (ES)	36.285
Correio Braziliense (DF)	35.699
Diário Catarinense (SC)	32.024

(*) Tiragem acima de 30 mil exemplares - Mai. de 1993. *Fonte:* IVC.

REVISTA

Publicação periódica que trata de assuntos de interesse geral ou relacionados com determinada atividade ou ramo de conhecimento. Produzida em forma de brochura, apresenta-se, geralmente, em formato menor do que o jornal, com maior número de páginas, capa colorida e papel encorpado. As publicações mais comuns, entre as que se dirigem ao grande público, são as noticiosas, as infanto-juvenis, as de histórias em quadrinhos (gibis), de esportes, de automobilismo. As noticiosas, geralmente semanais ou mensais, seguem linha relativamente próxima à dos jornais; mas as notícias recebem cobertura factual menos detalhada e tratamento mais analítico. A apresentação gráfica e o estilo redacional são em geral mais amenos, dando destaque aos artigos, críticas, notas, entrevistas, foto-legendas e fotorreportagens.

Principais revistas do mundo – Países com maior número de revistas de circulação média acima de 500 mil exemplares: **Alemanha:** *Hörzu* (rádio e TV), 3,8 milhões (S); *TV Hören + Sehen* (rádio e TV), 2,9 milhões (S); *Burda Moden* (feminina), 2,3 milhões (M); *Funk Uhr* (rádio e TV), 2 milhões (S); *Neue Post* (geral), 1,8 milhão (S); *Das Beste Readers Digest* (geral), 1,6 milhão (M); *Bild + Funk* (geral), 1,4 milhão (S); *Der Spiegel* (política e geral), 1,4 milhão (S); *Stern* (geral), 1,4 milhão (S); *Brigitte* (feminina), 1,3 milhão (M); *Bravo* (revista juvenil), 1,2 milhão (S); *Neue Revue* (geral), 1,1 milhão (S); *Die Fackel* (política, literatura e geral), 1 milhão (S); *FF* (geral), 1 milhão (S). **China:** *Ban Yue Tan* (geral), 6 milhões (Q); *Jiating* (geral), 1,9 milhão (M); *Qiushi* (política partidária), 1,8 milhão (M); *Gongchandang Yuan* (política partidária), 1,6 milhão (M); *Shichang Zhoubao* (economia e negócios), 1 milhão (M). **EUA:** *TV Guide* (TV), 16,3 milhões (S); *Reader's Digest* (geral), 16,2 milhões (S);

National Geographic Magazine (geografia geral), 9,9 milhões (M); *McCall's Magazine* (feminina), 5 milhões (M); *Ladie's Home Journal* (feminina), 5 milhões (M); *Time* (geral), 4,1 milhões (S); *Consumer Reports* (marketing), 4 milhões (M); *Playboy* (masculina), 3,5 milhões (M); *People Weekly* (geral), 3,2 milhões (S); *Sports Illustrated* (esportes), 3,2 milhões (S); *Highlights for Children* (infantil), 3 milhões (M). **França:** *Télé 7 Jours* (TV), 3,3 milhões (S); *Télé-Poche* (TV), 1,8 milhão (S); *Modes et Travaux* (moda), 1,5 milhão (M); *Sélection du Reader's Digest* (geral), 1,1 milhão (M); *Femme d'Aujourd'hui* (feminina), 850 mil (M); *Nous Deux* (feminina), 823 mil (M); *Paris Match* (geral), 690 mil (S). **Grã-Bretanha:** *Radio Times* (rádio), 1,5 milhão (S); *Reader's Digest* (geral), 1,5 milhão (M); *Bella* (feminina), 1,2 milhão (M); *TV Time* (TV), 1,1 milhão (S); *Woman's Weekly* (feminina), 1 milhão (S). **Itália:** *L'Automobile* (automobilismo e turismo), 1,5 milhão; *Famiglia Cristiana* (católica), 1 milhão (M); *Gente* (geral), 901 mil (S); *Quattroruote* (automobilismo), 700 mil (M); *Oggi* (geral), 696 mil (S); *Qui Touring* (arte, geografia e turismo), 510 mil (M); *Panorama* (geral), 504 mil (S). **Japão:** *Kaisha Shikiho* (economia), 1,3 milhão (T); *Ie-no-Hikari* (agropecuária), 1,1 milhão (M); *Lettuce Club* (gastronomia), 750 mil (Q); *Bungei-Shunju* (geral), 666 mil (M); *Popeye* (moda), 650 mil (S); *Hot-Dog Press*, 650 mil (M); *Croissant* (decoração), 600 mil (B); *Liberal Star* (política partidária), 500 mil (M); *Money Japan* (economia), 500 mil (M). **Rússia:** *Krestiánka* (Mulher Camponesa), 20,5 milhões (M); *Rabotnítsa* (Mulher Operária), 20,5 milhões (M); *Zdoróvie* (saúde), 16,8 milhões (M); *Visióli Kartínki* (Quadros Alegres), 9,35 milhões (M); *Sêmia* (Família), 4,6 milhões (M); *Iúnost* (Juventude), 3,3 milhões (M); *Murzilka* (infantil), 2,9 milhões; *Krokodil* (imprensa), 2,2 milhões (M).

B (Bimestral); M (Mensal); Q (Quinzenal); S (Semanal); T (Trimestral).

Revistas brasileiras

TÍTULOS	EDITORA	CIRCULAÇÃO* Mai/92	Mai/93
Informação			
Veja (S)	Abril	798,6	761,0
IstoÉ (S)	Três	191,6	182,5
Manchete (S)	Bloch	77,4	70,2
Interesse geral			
Superinteressante (M)	Abril	237,6	252,0
Globo Rural (M)	Globo	150,2	133,1
Saúde (M)	Azul	73,1	71,0
Manchete Rural (M) (1)	Bloch	21,7	19,5
Negócios			
Exame (Q)	Abril	112,4	140,7
Pequenas Empresas Grandes Negócios (M)	Globo	86,3	91,2
Masculinas			
Playboy (M)	Abril	203,6	200,2
Ele Ela (M)	Bloch	93,0	82,2
Automobilismo			
Quatro Rodas (M)	Abril	153,4	178,4
Arquitetura e Decoração			
Casa Claudia (M)	Abril	109,7	138,0
Arquitetura & Construção (M)	Abril	55,7	79,3
Casa & Jardim (M) (1)	Efecê	12,7	13,0
Femininas			
Claudia (M)	Abril	240,2	321,4
Manequim (M)	Abril	232,8	337,9
Capricho (M)	Abril	187,0	209,0
Criativa (M)	Globo	179,4	173,5
Nova (M)	Abril	170,3	199,8
Carícia (M)	Azul	305,5	137,4
Moda Moldes (M)	Globo	119,4	145,5
Faça Fácil (M)	Globo	114,0	162,7
Máxima (M)	Abril	111,2	146,7
Guia Astral (M)	Alto Astral	104,3	102,5
Querida (M)	Globo	88,5	93,0
Marie Claire (M)	Globo	87,4	144,7
Destino (M)	Globo	83,0	87,1
Horóscopo (M)	Azul	76,7	88,9
Pais & Filhos (M)	Bloch	74,2	77,6
Contigo (S)	Azul	71,0	75,4
Elle (M)	Abril	55,4	62,4
Mulher de Hoje (M)	Bloch	55,2	55,1
Desfile (M)	Bloch	54,6	57,0
Amiga (S) (1)	Bloch	30,1	23,5
Infantis			
Mônica (M)	Globo	180,7	231,3
Cebolinha (M)	Globo	401,9	175,3
Chico Bento (Q)	Globo	149,5	279,0
Cascão (Q)	Globo	148,9	170,6
Magali (Q)	Globo	112,6	154,8
Disney Especial (B) (1)	Abril Jovem	54,2	39,1
Tio Patinhas (M) (1)	Abril Jovem	143,0	30,4
Almanaque Disney (M) (1)	Abril Jovem	32,9	23,1
Zé Carioca (Q) (1)	Abril Jovem	27,6	21,0

* em milhares de exemplares.
B (Bimestral); M (Mensal); Q (Quinzenal); S (Semanal) (1) Não filiada ao IVC. Estimativa DINAP. *Fonte:* **IVC**

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Empresas que elaboram e fornecem matérias jornalísticas, a baixo custo e por meios rápidos de transmissão – teletipo, telex, telefoto, fax –, a seus assinantes: órgãos de imprensa ou instituições privadas. De âmbito internacional, nacional ou local, essas agências transmitem, regularmente e de forma ininterrupta, noticiário geral ou especializado, fotografias, resenhas ou os chamados *features*: qualquer notícia, nota, crônica ou artigo de variedade menos perecível do que a notícia comum; ou as tiras de histórias em quadrinhos, colunas de passatempo, conselhos médicos, receitas culinárias, curiosidades, comentários esportivos ou horóscopo – textos que, de um modo geral, ocupam as páginas do segundo caderno dos jornais. Essas matérias são fornecidas "por atacado" a veículos informativos que as vendem "a varejo".

As agências de notícias dispõem de redes de correspondentes e informantes em vários países, para colher e transmitir, por meios próprios e de forma imediata, todos os fatos de interesse jornalístico. São as maiores fontes fornecedoras de informação para jornais, revistas e emissoras de rádio e TV em todo o mundo.

Escritórios no Brasil – AFP (Agence France-Presse) – Fundada em 1944, com sede em Paris. Brasil: r. México, 21, 7º, tel. (021) 240-6634, telex (21) 22494, fax (021) 262-6717, Rio de Janeiro, RJ – CEP 20031-144. **ANSA (Agenzia Nazionale Stampa Associata)** – Fundada em 1945, com sede em Roma. Brasil: av. São Luís, 258, 130, cj. 1302/04, tel. (011) 257-9214, telex (11) 21421, fax (011) 256-5835, São Paulo, SP – CEP 01046-000. **AP (Associated Press)** – Fundada em 1848, com sede em Nova York. Brasil: av. Brasil, 500, 8º, sl. 847, tel. (021) 580-4442, telex (21) 21888, fax (021) 580-2309, Rio de Janeiro, RJ – CEP 20940-070. **DPA (Deutsche Presse Agentur)** – Fundada em 1949, com sede em Hamburgo. Brasil: r. Abade Ramos, 65, tel. (021) 266-5937, telex (21) 22550, fax (021) 286-0349, Rio de Janeiro, RJ – CEP 22461-090. **EFE** – Fundada em 1939, com sede em Madri. Brasil: av. Rio Branco, 25, 13º, tel. (021) 253-4465, telex (21) 30073, fax (021) 253-4861, Rio de Janeiro, RJ – CEP 20090-003.

JIJI PRESS – Fundada em 1945, com sede em Tóquio. Brasil: av. Paulista, 54, cj. 71, tel./fax (011) 257-4610, telex (11) 31912, São Paulo, SP – CEP 01302-000. **Reuters** – Fundada em 1851, com sede em Londres. Brasil: r. Libero Badaró, 377, 210, cj. 2111, tel. (011) 35-0146, telex (11) 25376, fax (011) 37-8253, São Paulo, SP – CEP 01014-000. **SIPA PRESS/Keystone** – Fundada em 1973, com sede em Paris. Brasil: r. da Quitanda, 199, 5º, tel. (021) 253-

9033, telex (21) 33520, fax (021) 253-9694, Rio de Janeiro, RJ – CEP 20091-000. **UPI (United Press International)** – Fundada em 1907, com sede em Washington. Brasil: r. Uruguaiana, 94, 18º, tel. (021) 224-4194, telex (21) 22680, fax (021) 232-8293, Rio de Janeiro, RJ – CEP 20050-000. **XINHUA (Nova China)** – Fundada em 1950, com sede em Pequim. Brasil: SHIS, QI 5, cj. 16, casa 14, tel./fax (061) 248-5489, DF – CEP 71635-360.

Agências brasileiras – **Abril Imagens** – Fundada em 1968. Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, tel. (011) 877-1356, telex (11) 22115, fax (011) 76-4771, São Paulo, SP – CEP 02909- 900. **Estado** – Fundada em 1970. Av. Eng. Caetano Álvares, 55, tel. (011) 856-2691, telex (11) 23511, fax (011) 265-6203, São Paulo, SP – CEP 02445-000. **Folhas** – Fundada em 1973. Al. Barão de Limeira, 425, tel. (011) 224-3702, telex (11) 22930, fax (011) 221-3850, São Paulo, SP – CEP 01202-000. **O Globo** – Fundada em 1974. R. Irineu Marinho, 35, tel. (021) 292-2000, r. 757, telex (21) 31614, fax (021) 292-2000, Rio de Janeiro, RJ – CEP 20233-900. **JB** – Fundada em 1966. Av. Brasil, 500, 8º, tel. (021) 585-4422, telex (21) 21160, fax (021) 580-9944, Rio de Janeiro, RJ – CEP 20949-900. **Radiobrás** – Fundada em 1988 (fusão da antiga Radiobrás com a EBN). SCRM, 702/3, Bl E 16/18, tel. (061) 321-3949, telex (61) 1128, fax (061) 321-4748, Brasília, DF – CEP 70710-750.

Radiodifusão

Difusão sistemática de informação sonora, através de sinais eletromagnéticos (ondas hertzianas) em diversas freqüências, para recepção simultânea pelo público em determinada área geográfica, sob a forma de programas recreativos, noticiosos, educativos, culturais, de mensagens políticas ou oficiais. Obedece a regulamentos mundiais, sistematizados pela União Internacional de Telecomunicações da Organização das Nações Unidas (ONU).

GLOSSÁRIO

Onda – Vibração que se propaga pelo espaço e que pode transportar energia de um ponto a outro; oscilação periódica capaz de transmitir a imagem e o som.

Onda eletromagnética – É a que se propaga num espaço vazio ou num meio material; origina-se num circuito eletromagnético.

Onda Curta (OC) – Onda eletromagnética cujo comprimento varia de 10 a 100 metros, com freqüência entre 10 e 30 MHz.

Onda Longa – Onda eletromagnética cujo comprimento varia de 1 a 10 km, com freqüência inferior a 100 kHz.

Onda Média (OM) – Onda eletromagnética cujo comprimento varia de 100 a 1.000 kHz.

Onda Tropical (OT) – Onda eletromagnética cujo comprimento varia de 2.300 a 5.060 kHz; só existe no Brasil.

Amplitude Modulada (AM) – Sistema de transmissão de sinais eletromagnéticos pela modulação da amplitude (comprimento) das ondas, em freqüências que variam de 550 a 1.600 kHz. As transmissões podem ser por meio de ondas curtas, médias, e longas.

Freqüência Modulada (FM) – Sistema de transmissão de sinais eletromagnéticos baseado na modulação de seqüência das ondas (e não na variação do seu comprimento, como ocorre em AM). Permite uma recepção em alta fidelidade, inclusive estereofônica; seu alcance é bastante limitado em relação à AM.

Televisão

Conjunto de atividades e serviços que permitem, pelas técnicas de transmissão instantânea de imagens e sons, a elaboração e difusão de informações e o entretenimento de grande número de pessoas. Transmitida em dois sistemas: preto-e-branco (definido pelo número de linhas que compõem a imagem – 525 ou 625 – e pela freqüência das imagens – 25 ou 30 por segundo) e em cores, que incorpora ao preto-e-branco um sistema que permite a emissão de sinais em vermelho, verde e azul. Os principais padrões de decodificação de cores usados atualmente no mundo são:

NTSC *(National Television System Committee)* – Nome da comissão do governo dos EUA que o definiu em 1953; subdividido em sistemas M e N. Funciona em 525 linhas e 30 imagens por segundo (60 Hz). Adotado pelos EUA, Canadá e Japão.

PAL *(Phase Alternative Line)* – Desenvolvido pela empresa alemã Telefunken, em 1963. Subdivide-se em sistemas B, G, H, D, K, I, A, N e M. Funciona em 625 linhas e 25 imagens por segundo (50 Hz). Adotado pela Alemanha, Grã-Bretanha, Suíça, Itália, Índia, China e Brasil.

SECAM *(Système Séquentiel à Mémoire)* – Desenvolvido na França em 1959. Subdivide-se nos subsistemas B, D, G e K. Funciona com 625 linhas e 25 imagens por segundo (50 Hz). Adotado pela França e pelas ex-repúblicas soviéticas.

Emissoras de rádio e TV no Brasil (*)

	RÁDIOS				TELEVISÃO	
	OM	OT	OC	FM	Geradora	TVA
AC	5	5	0	3	1	0
AL	15	0	0	18	2	0
AM	24	10	1	13	1	0
AP	9	2	0	4	1	0
BA	90	1	1	86	1	1
CE	83	2	2	25	0	1
DF	7	0	1	13	1	2
ES	19	1	0	26	1	0
GO	53	4	2	34	0	0
MA	7	3	2	20	0	1
MG	175	5	3	179	11	5
MS	42	5	0	19	1	0
MT	38	5	0	15	3	0
PA	30	3	0	22	1	0
PB	32	0	0	26	2	0
PE	38	1	0	44	2	0
PI	50	1	0	15	0	0
PR	164	2	4	99	2	3
RJ	59	4	4	68	2	5
RO	17	5	0	18	0	0
RR	2	1	0	2	1	0
RN	30	1	0	11	1	0
RS	176	0	4	146	3	2
SC	100	0	2	62	5	0
SE	13	0	0	17	1	0
SP	260	15	8	257	13	4
TO	8	1	0	6	0	0
Total	**1.570**	**82**	**32**	**1.248**	**56**	**24**
Licenc.	1.440	78	30	1.035	52	5
Em Inst.	130	4	2	213	9	20

(*) Até 31/8/1993. *Fonte:* Dentel.

GLOSSÁRIO

Camcorder – Palavra inglesa formada pela aglutinação de *camera* e *recorder* (gravador), designando um aparelho compacto de vídeo que incorpora esses dois equipamentos.

Decodificador – Aparelho alugado ao telespectador, pelos serviços de TV por assinatura, para decodificar o sinal transmitido.

Dolby Surround – Sistema de codificação de dois outros sinais adicionais de áudio que, após serem decodificados, alimentam caixas acústicas proporcionando um efeito de eco durante a exibição do filme de cinema ou programa de TV.

HDT (*High Definition Television*, TV de alta definição) – Moderno padrão de televisor que oferece melhor resolução horizontal (a imagem é formada por 1.250 linhas e a tela é mais larga do que o normal). Os japoneses realizam transmissões regulares em HDT desde as Olimpíadas de 1988.

Monitor – Aparelho de TV dotado de uma ou mais entradas diretas de sinal de vídeo que proporciona melhor imagem.

MTS (*Multichannel TV Sound*, som multicanal para TV) – Padrão adotado pelos EUA, Japão e Brasil para a transmissão/recepção simultânea de três canais de áudio na TV: os canais esquerdo e direito do sinal estéreo e o canal SAP, secundário; permite, por exemplo, que se assista opcionalmente a um filme em versão original ou dublada.

PIP (*Picture in Picture*, imagem dentro de imagem) – Permite a exibição simultânea de imagens de dois canais; o canal secundário, ocupando um pequeno retângulo num dos cantos da tela, permite que se verifique o que está se passando em outro canal, sem a necessidade de abandonar aquele a que se está assistindo. Os aparelhos mais avançados, graças aos recursos digitais, permitem a divisão da tela em nove ou doze telinhas, cada uma sintonizada num canal diferente.

SAP (*Second Audio Program*, programa de áudio secundário) – Desenvolvido no Japão para a transmissão de programas de TV bilíngües, permite a transmissão simultânea de um sinal suplementar de áudio (a trilha sonora de um filme, comentários nos eventos esportivos ou musicais) que não interfere no sinal principal, sendo audível somente nos equipamentos dotados de um decodificador (TVs ou vídeos estéreos).

SHF (*Super High Frequency*, freqüência superalta) – Sinais de TV captados por uma antena especial, utilizando a freqüência de 900 a 1.300 MHz. Apenas para assinantes.

TV a cabo – Sinal de TV distribuído para assinantes através de um cabo semelhante ao telefônico.

TV por assinatura – Transmissão de um sinal televisivo codificado, pelo qual o telespectador paga uma taxa mensal correspondente à quantidade de canais e/ou à programação que escolher.

UHF (*Ultra High Frequency*, freqüência ultra-alta) – Faixa de transmissão que, no televisor, vai do canal 13 ao 83, sintonizados nas freqüências entre 340 e 890 MHz. As imagens podem ser captadas em qualquer televisor equipado com antena apropriada, ou sistemas fechados, apenas para assinantes.

VHF (*Very High Frequency*, freqüência muito alta) – No televisor, são os canais de 2 a 13, abrangendo as freqüências de 50 a 360 MHz.

Videocassete – Equipamento de gravação e reprodução de sinais de áudio e vídeo em fitas magnéticas. Existem três sistemas com cassete de tamanho e formato diferentes, incompatíveis entre si: o VHS, de maior participação no mercado, oferece 230 linhas de resolução (sua variedade, S-VHS ou Super-VHS, permite imagens de ótima resolução, com 430 linhas); o Beta e o ED-Beta, apesar da excelente qualidade de imagem, não conseguiram conquistar o público e estão praticamente extintos; e o Vídeo-8, de fita compacta, também com ótima resolução.

Videolaser – Equipamento de reprodução de videodiscos de 8" ou 12" (seja CAV ou CLV), gravados num sistema semelhante ao dos CDs, com leitura a raio laser, que oferece imagens de excelente resolução (450 linhas) e som digital. Muitos desses aparelhos são também capazes de tocar os CDs convencionais, os CD-C (CDs compactos de 3") e os CD-V (CDs de 5", que comportam uma gravação de clipe de até 5 min).

Cronologia geral

IDADE MODERNA

Imprensa: os navegantes europeus utilizam-se das cartas noticiosas para veicular informações comerciais • Na Itália, as *fogli d'avvisi* (folhas de aviso) recebem o nome de *gazzetta* devido à pequena moeda veneziana com que são pagas • Na Europa tornam-se comuns panfletos vendidos em feiras, relatando notícias políticas ou ocorrências miraculosas (séc. XVI). Na Grã-Bretanha surgem os *corantos* para a difusão de notícias correntes; o primeiro deles é o *The Coranto of News from Italy, Germany, Hungarie, Spaine and France* (1621). Circulam clandestinamente, em Portugal, sob o domínio espanhol, as *Relações das Novas Gerais*, proibidas por d. João IV em 1642, após a restauração da independência portuguesa (1630). Theóphraste Ranauldot edita a *Gazette de France*, sob o patrocínio do cardeal Richelieu (1631). Lançado o primeiro jornal de língua portuguesa: *Gazeta*, em Lisboa (1641). Oliver Cromwell, sob o pretexto de coibir os abusos dos jornais ingleses, proíbe a circulação de todos, à exceção do *Mercurius Politicus* e do *Public Intelligencer* (1650). Elizabeth Mallet funda, em Londres, o primeiro diário do mundo, *The Daily Courant*, que dura apenas uma semana (1702). Na França, é fundado o *Journal de Paris* (1711). Na Espanha, surge o *Diario Noticioso* (1758). Nos EUA, começam a circular o *Pensylvania Evening Post* e o *New York Daily Advertiser* (1783). Na Inglaterra, tem início a circulação do *Daily Universal Register*, que, três anos mais tarde, passa a se chamar *The Times* (1785).

IDADE CONTEMPORÂNEA

Correio: na Grã-Bretanha, Rowland Hill moderniza as comunicações postais, criando um sistema de expedição por peso de carga e também o selo postal (1840). Durante a Convenção de Berna, os governos de todos os países adotam a inviolabilidade da correspondência (1874). **Imprensa:** Friedrich Koenig inventa a rotativa, capaz de imprimir 1.100 folhas por hora (1811). Lançado em Londres o diário *The Guardian* (1821). Em Paris, Charles Havas funda a primeira agência de notícias (1832). Émile de Girardin funda em Paris o *La Presse*, primeiro diário a publicar anúncios pagos (1836). Lançado em Londres o semanário de informações econômicas *The Economist* (1843). Criada nos EUA a agência Associated Press (1848). Lançado nos EUA o *The New York Times* • Criada em Londres a agência Reuteurs (1851). Em Turim, Itália, é lançado o diário *La Stampa* (1867). Em Buenos Aires, Argentina, é lançado o jornal independente *La Prensa*, que entre 1951 e 1955 foi confiscado pelo regime peronista e reapareceu em fev. de 1956 (1869). No Japão é lançado o jornal *Yomiuri Shimbun* com duas edições diárias (1874). Surge em Milão o *Corriere Della Sera* (1876). Nos EUA é lançado o *Washington Post* (1877). Otto Mergenthaler inventa o linotipo, eliminando o processo manual de composição gráfica (1885). Lançado no Japão, com duas edições diárias, o *Asashi Shimbun* (1888). Lançado em Londres o jornal *Daily Mirror* (1903). Surge nos EUA a agência de notícias United Press (1907). Com impressão em quarenta cidades russas é lançado o jornal *Pravda*, órgão do Partido Comunista russo (1912). Lançado em Moscou o semanário político *Izvéstia*, ligado ao Partido Comunista (1917). Lançada em Nova York, EUA, a revista semanal de informações *Time* (1923). Em Nova York é lançada a revista semanal de economia e negócios *Business Week* (1929). Fundada a revista semanal de economia, negócios e indústria *Fortune*, em Nova York (1930). Lançamento da revista de informações gerais *Newsweek* e da revista semanal de assuntos gerais *Esquire*, nos EUA (1933). Fundada, na França, a agência France-Presse • Fundação do *Le Monde* em Paris (1944). Na Itália, surgem a agência ANSA e a revista de ilustração *Oggi* (1945). Criada, na Alem. Ocid., a agência de notícias DPA (1949). Lançada em Chicago (EUA) a revista *Playboy* • Fundação do *Le Figaro* em Paris (1953). São lançadas

as edições russas da revista econômica *Business Week* e a de artigos sobre assuntos gerais do *Reader's Digest* (1990). A revista americana *Life*, fechada em 1972 e editada como revista mensal a partir de 1978, volta a circular como semanário especializado em fotojornalismo • A Editora Abril funda, na Argentina, o GEBA (Grupo Empresarial Brasil–Argentina), para publicar revistas brasileiras • Começa a circular, na Itália, *L'Independente*, com participação acionária de quatro grandes grupos empresariais dos setores imobiliário e têxtil • Deixa de circular a revista inglesa *Marxism Today*, lançada em 1957, responsável pela renovação do pensamento político da esquerda inglesa (1991). Criado, por decreto, a RITA, Agência Telegráfica Russa de Informações, fusão da Agência Tass, Agência Telegráfica da União Soviética, com a *Novosti* (Notícias), semi-oficial • Deixa de circular o jornal russo *Pravda*, que chegou a alcançar quase 10 milhões de exemplares • Uma *joint-venture* do *Times* com o semanário *Moskóvskie Novíny* (Notícias de Moscou) resulta na primeira edição russa do *The New York Times in Review*, com circulação quinzenal em 32 cidades da CEI • O GEBA lança *Panorama*, versão argentina de *Exame* • A editora Penthouse lança *For Women*, primeira revista erótica britânica para mulheres • O semanário alemão *Quick*, fundado em 1948, com tiragem de 700 mil exemplares, deixa de circular por falta de anúncios • O jornal *Pravda*, ex-porta-voz do PCUS, fundado por Lenin em 1912, é vendido para a holding grega *Steellight*, para evitar a falência • O GEBA lança a edição argentina de *Claudia* • A Dow Jones & Co., que publica o *The Wall Street Journal*, e a Hearst Corporation lançam a revista bimensal *Smart Money* (Dinheiro Esperto), sobre finanças pessoais (1992). A SIP denuncia Cuba e o Haiti como os dois únicos países do hemisfério onde não existe liberdade de expressão e de imprensa • O jornal *The Guardian* compra, por US$ 41 milhões, *The Observer*, que encerrou 1992 com prejuízo de US$ 14 milhões • O jornal turco *Aydinlik* é processado pelo governo por ter sido o primeiro, num país islâmico, a publicar trechos de *Versículos satânicos*, de Salman Rushdie, condenado por blasfêmia no Irã • A edição polonesa da revista *Playboy*, com 100 mil exemplares, se esgota no segundo dia de circulação (mai./1993). **Rádio:** Lee de Forest realiza, do alto da torre Eiffel, em Paris, uma emissão captada em Marselha (1908). A voz do tenor Enrico Caruso é transmitida do Metropolitan Opera House, de Nova York (1909). Lee de Forest instala, em Nova York, uma estação emissora experimental (1916). Inaugurada, em Roterdã, a primeira emissora popular de rádio (1919). A KDKA, de Pittsburgh (EUA), transmite um programa para Londres em ondas curtas (1922). John Bardeem, Walter Brattain e William Shockley inventam o transistor, e o número de aparelhos e estações cresce vertiginosamente nas décadas de 40 e 50 (1947). **Telecomunicações:** é lançado, nos EUA, pela Picturetel, o *System 4000*, que opera através de linhas digitais privadas, fibra óptica ou satélite e permite ao usuário entrar em contato com até dezesseis pessoas simultaneamente (1992). Lançado, na Grã-Bretanha, pelo Instituto Real para Cegos o jornal *The Guardian*, que exige um aparelho de leitura em braile ou então um computador com antena de TV, decodificador e sintetizador de som • Tecnologia de "compressão digital", desenvolvida pela Tele-Communications Inc. dos EUA, possibilita colocar quinhentos canais de TV a cabo no ar até 1994 (mai./1993). A rede americana Star Television lança na Índia cinco canais de TV. A rede local, Doordarshan, tem apenas dois canais (ago./1993). A revista *Time* lança o sistema *Time Line*, em que o leitor pode acessar os textos da redação por computador (set./1993). **Telefone:** Alexander Graham Bell realiza, pela primeira vez, uma transmissão inteligível de voz através do telefone (1876). **Telégrafo:** Samuel Morse inventa o telégrafo (1845). O primeiro cabo telegráfico submarino passa a ligar permanentemente a Europa à América (1866). Aproveitando a descoberta das ondas de rádio e a invenção da antena, Guglielmo Marconi cria o telégrafo sem fio, emitindo e captando sinais a centenas de metros de distância; as mensagens são transmitidas em código Morse (1896). **Televisão:** Vladimir K. Zworykin tira patente do iconoscópio, invento que inaugura a TV eletrônica (1922). John L. Baird faz as primeiras transmissões de imagens (1926). René Barthélémy faz a primeira transmissão de TV a distância (1931). Realiza-se na Alemanha a primeira transmissão oficial de TV • Começa a funcionar regularmente o posto emissor da torre Eiffel (1935). Em Londres, é inaugurada a estação regular da BBC • Nos EUA, têm início as transmissões televisadas (1936). Três câmeras eletrônicas retransmitem a cerimônia de coroação do rei Jorge VI, da Grã-Bretanha (1937). Com a II Guerra, o único país a manter a TV em funcionamento é a Alemanha (1939–1945). A BBC de Londres faz a primeira transmissão de imagens para além do canal da Mancha • Criada a rede de TV Eurovision (1950). Entra em funcionamento o sistema de TV em cores, inventado em 1940 por Peter Goldmark (1954). Realiza-se a primeira transmissão via satélite (1962). Inaugurado, em Moscou, o primeiro canal de TV privado da Rússia • A BBC inicia suas operações na Ásia, primeiro passo para a formação de sua rede mundial de notícias pela TV (1991). Dificuldades econômicas fecham o canal 5 da TV francesa • A mexicana Televisa compra por US$ 130 milhões o grupo América, subsidiário americano da editora espanhola Anaya, responsável por oitenta publicações, com tiragem anual de 120 milhões de exemplares • A Comissão Federal de Comunicações dos EUA aprova a transmissão de programas de televisão através de cabos telefônicos • A International Pictures, formada pelos estúdios Paramount, Universal e Metro, firma acordo com a mexicana Multivisión, a venezuelana Cable Cinema e a Sociedad Argentina de Cable Comunicación para lançar na América Latina o Cine Canal, estação multinacional de TV a cabo • A Televisa compra, por US$ 7,7 milhões, 76% do capital da Companía Peruana de Radiodifusión S.A., formada por dez estações de televisão • É lançada, no Japão, uma antena de TV para automóveis, com sistema de transmissão digital de baixa velocidade capaz de captar imagens de satélites como uma antena parabólica • A Sociedade Independente de Comunicação, primeira emissora de TV independente de Portugal, tem 15% de participação acionária da Rede Globo (1992).

Cronologia Brasil

COLÔNIA

Correio: início de operação no Brasil (25/1/1663). Tem início o funcionamento oficial do Correio Geral do Rio de Janeiro (1798). Criam-se as caixas postais para organizar a entrega das cartas (1801). **Imprensa:** a Carta Régia proíbe a impressão de livros e jornais, sob pena de confisco e degredo (6/7/1747). Hipólito José da Costa funda, em Londres, o *Correio Braziliense* (ou *Armazém Literário*) • Com a vinda da família real para o Brasil, a Imprensa Régia cria a *Gazeta do Rio de Janeiro*, dirigida por frei José Tibúrcio da Rocha (1808). Surge o primeiro jornal informativo brasileiro: o *Diário do Rio de Janeiro* • Circulam as primeiras folhas essencialmente políticas: o *Reverbero Constitucional Fluminense*, de Gonçalves Ledo e Januário Barbosa, e o *Correio do Rio de Janeiro*, de João Soares Barbosa (1821).

IMPÉRIO

Correio: um decreto determina o pagamento do porte de cartas e torna o Brasil o segundo país do mundo a selar correspondência (1842). Regularizado o serviço de correios para o exterior (1881). **Imprensa:** apesar da censura, circulam jornais como o *Typhis Pernambucano*, do frei Joaquim do Amor Divino Caneca, que faz críticas violentas contra o governo (1823). Fundação do *Diário de Pernambuco*, o mais antigo jornal em circulação no Brasil • Pierre Plancher funda, no Rio de Janeiro, o *Jornal do Commercio* • O liberal Evaristo da Veiga funda o *Aurora Fluminense* (1826). São igualmente combativos o *República*, de Borges da Fonseca, o *Observador Constitucio-*

nal, de Líbero Badaró, e a *Sentinela do Serro*, de Teófilo Otoni, em Ouro Preto, MG • O país conta com 54 periódicos, sendo dezesseis na capital (1827). Início da publicação, no Rio de Janeiro, da mais antiga revista em circulação no Brasil, a do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1839). Surge o primeiro diário de São Paulo, o *Constitucional* (1848). Lançado na Bahia o primeiro periódico feminino do Brasil, o *Jornal das Senhoras*, de Violante Bivar e Velasco (1852). Quintino Bocaiúva lança *A República*, órgão do Partido Republicano (1870). Rangel Pestana funda *A Província de S. Paulo* (4/1/1875). Surge em São Paulo o *Diário Popular* (1884).

REPÚBLICA

Correio: estabelecida a primeira linha regular de correio aéreo (1927). Forma-se o Departamento de Correios e Telégrafos (DCT) com a fusão da Repartição Geral dos Correios e da Repartição dos Telégrafos (1931). Criado o Correio Aéreo Nacional, sucessor do Correio Aéreo Militar, que realizara seu primeiro vôo em 1931, levando correspondência a muitas cidades brasileiras e da América Latina (1941). Criada a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, vinculada ao Ministério das Comunicações, que substitui o DCT (1969). **Imprensa:** sob a direção de Júlio de Mesquita, *A Província de S. Paulo* passa a se chamar *O Estado de S. Paulo* (10/1/1890). No Rio de Janeiro, Rodolfo Dantas funda o *Jornal do Brasil* (1891). Vários jornais são fechados pelo governo; sobrevivem apenas o *Diário Popular* e *A Gazeta*, em São Paulo, *A Tribuna*, em Santos (SP), e o *Correio do Povo*, em Porto Alegre, RS (1891–1894). A *Gazeta de Notícias* imprime o primeiro clichê em cores (1907). Gustavo de Lacerda funda a Associação Brasileira de Imprensa – ABI (1908). Renato de Toledo Lopes funda *O Jornal*, que seria comprado por Assis Chateaubriand e se tornaria o órgão líder dos Diários Associados (1919). Lançado em São Paulo o jornal *Folha da Noite*, o primeiro do grupo Folhas (1921). Surge em São Paulo a *Folha da Manhã* • Irineu Marinho funda, no Rio de Janeiro, o jornal *O Globo* (1925). Criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que sujeita a imprensa a rigorosa censura (1939). Ficam suspensas 61 publicações e o jornal *O Estado de S. Paulo* fica sob intervenção (1940–1945). Fundada a *Folha da Tarde* em São Paulo • Carlos Lacerda funda a *Tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro (1949). Samuel Wainer funda o jornal *Última Hora*, no Rio de Janeiro (1951). Lançada, pela Editora Abril, a revista *Capricho* (1952). Lançado o jornal *Folha de S.Paulo*, fusão dos jornais *Folha da Manhã, Folha da Tarde* e *Folha da Noite* • Fundado, em Brasília, o diário *Correio Braziliense* • A Editora Abril lança a revista *Quatro Rodas* (1960). A Editora Abril lança a revista *Claudia* (1961). Fundação do diário *Zero Hora*, de Porto Alegre, RS (1964). A Editora Abril lança o *Guia Quatro Rodas Brasil* (1965). Começa a circular, em São Paulo, o *Jornal da Tarde* • A Editora Abril lança a revista *Realidade*, que existirá até mar. de 1976 (1966). Lançamento da revista *Veja* (1968). Lançado, no Rio de Janeiro, o tablóide satírico *O Pasquim* (1969). A Editora Abril lança a revista de esportes *Placar* (1970). A Editora Abril lança a revista *Exame*, de economia (1971). É lançada a revista feminina *Nova*, pela Editora Abril (1972). Deixa de circular o diário carioca *Correio da Manhã* • A Editora Abril lança o *Almanaque Abril*, publicação de referência com periodicidade anual (1974). Lançada pela Editora Abril a *Revista do Homem*, que, em jul. de 1978, passa a se chamar *Playboy* (1975). A Editora Três lança a revista *IstoÉ* (1977). Lançada pela Editora Três a revista *Som-3*, especializada em música, que circulará até o fim da década de 80 • Deixam de circular o vespertino carioca *Notícia* e o diário paulista *Última Hora* (1979). Decretada a falência de três empresas do grupo Diários Associados: *Diário da Noite, Diário de S. Paulo* e Rádio Difusora (1981). A Editora Abril lança o *Guia do Estudante* (1983). Surge, no Rio de Janeiro, *O Planeta Diário*, jornal mensal de humor (1984). A Editora C lança o semanário *Afinal*, de vida efêmera • A crise na Companhia Jornalística Caldas Júnior, de Porto Alegre, tira de circulação o *Correio do Povo*, a *Folha da Tarde*, de 1936, e a *Folha da Manhã*, de 1969 (1984). Lançada pela Editora Abril a revista de música popular *Bizz* (1985). O *Diário Catarinense*, da Rede Brasil Sul de Comunicações, torna-se o primeiro jornal totalmente informatizado do país (1986). O *Correio do Povo* volta a circular, com vinte páginas e em formato tablóide • Lançado, em Porto Alegre, o *Diário do Sul*, do grupo Gazeta Mercantil • A Editora Abril lança o anuário *Guia Rural* (1986). Lançadas as revistas *Imprensa*, da empresa Feeling, sobre questões jornalísticas, *Superinteressante*, da Abril, dedicada à divulgação científica, e *Estilo Brasil*, da Editora Azul, destinada ao público que vive fora dos grandes centros (1987). A Editora Abril lança a versão brasileira da revista feminina francesa *Elle* • A revista *IstoÉ* volta à Editora Três, com o nome de *IstoÉ/Senhor* • Deixa de circular o *Diário do Sul* (1988). A Editora Abril lança a revista *Máxima* (1989). A Editora Abril lança o *Guia dos Restaurantes 4 Rodas São Paulo/Rio* (1990). Lançada, pela Editora Globo, a versão brasileira da revista feminina francesa *Marie Claire*, que, a partir do número 3, passa a ser impressa na Itália, por vantagens econômicas • Sob a direção do humorista Jaguar, volta a circular, no Rio de Janeiro, o jornal *A Notícia*, desativado em 1979 • Três promotores da Infância e Juventude pedem, na Justiça, o envelopamento do jornal *Notícias Populares*, com base no Estatuto da Criança e do Adolescente • A Editora Abril lança o guia *Viajar Barato*, com roteiros econômicos para viagem • O jornal *Última Hora* abre falência • A revista *IstoÉ/Senhor* volta a circular com seu nome original, *IstoÉ* • Lançada a *Revista da Folha*, acompanhando a edição dominical da *Folha de S.Paulo*, distribuída apenas na região da Grande São Paulo • A Abert (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão) reelege Joaquim Mendonça para sua diretoria no biênio 1992/1994 • A Justiça paulista, atendendo à ação do Ministério Público, condena o *Notícias Populares* a ser vendido em embalagem lacrada com a informação de que é inadequado para menores de 18 anos • A Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado Federal aprova o substitutivo do sen. Magno Bacelar (PDT-MG) ao projeto de lei do sen. Márcio Lacerda (PMDB-MT), determinando que o direito de inviolabilidade das comunicações deixa de existir quando uma autoridade judicial autorizar a quebra do sigilo • O Senado brasileiro aprova o projeto de Lei de Imprensa, do sen. José Fogaça (PMDB–RS), que depende de votação pela Câmara Federal • Jayme Sirotsky, pres. do Conselho da Rede Brasil Sul (RBS), é eleito presidente da Associação Nacional de Jornais para o período 1992/93 • A RBS lança o *Jornal de Santa Catarina*, em Blumenau • O Tribunal de Justiça paulista rejeita recurso dos promotores que pediam o ensacamento do *Notícias Populares* (1992). Suspensa a publicação, pelo *Notícias Populares*, de série de reportagens sobre a vida do cantor Roberto Carlos, consideradas violação de sua privacidade (jan./1993). É lançado o *Estadão no Ar – Economia e Negócios*, serviço por telefone que dá, de hora em hora, notícias econômicas e cotações do mercado financeiro • A CLW Produções lança a *Vídeo Magazine*, primeira revista eletrônica do Brasil, com uma hora de duração. **Rádio:** fundada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Henrique Morize e Edgar Roquete Pinto (1923). Começa a funcionar no Rio de Janeiro a Rádio Mayrink Veiga (1927). Fundação da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, líder de audiência por duas décadas (1936). Criada a Rede Bandeirantes de Rádio, a primeira no Brasil via satélite, com setenta emissoras de FM e sessenta de AM em oitenta localidades do país (1990). A Igreja Católica monta a primeira rede nacional de rádio, a Igreja–Sat, com 138 emissoras • Inaugurada a Rádio Catedral, primeira emissora de FM católica do Rio de Janeiro • O sistema Jornal do Brasil lança a Rede Cidade, via Brasilsat, distribuída inicialmente a vinte emissoras nas principais cidades do país • A Câmara de Deputados do Distrito Federal aprova a emenda do dep. Maurílio Silva (PTR–DF) à Lei Orgânica que defende a isenção de impostos para as

empresas de radiodifusão e televisão • O Sistema Globo de Rádio lança a rede Central Brasileira de Notícias – CBN no Rio de Janeiro e São Paulo (1991). A Rádio JB AM, do sistema Jornal do Brasil, comprada pelo dep. fed. evangélico Francisco Silva (PP–RJ), passa a se chamar Rádio Cristo em Casa (mai./1993). **Televisão:** inaugurada oficialmente a primeira estação brasileira de TV: a TV Tupi de São Paulo, pertencente aos Diários Associados (1950). Inaugurada a TV Tupi, no Rio de Janeiro (1951). Fundada no Rio de Janeiro a Rede Globo de Televisão • O Brasil integra-se ao sistema Intelsat (1965). A transmissão da abertura da Festa da Uva, de Caxias do Sul, pela TV Difusora, de Porto Alegre, marca a implantação da TV em cores no Brasil (1972). A Rede Manchete de Televisão inicia suas transmissões (1983). Autorizada, no Brasil, a criação da TV a cabo – Serviço Especial de Televisão por Assinatura (TVA) –, em que os programas são transmitidos exclusivamente para os assinantes da emissora • Entra no ar, no Rio de Janeiro, a TV Rio, canal 13 (1988). Estréia, em São Paulo, o Canal +, UHF 29, a primeira TV por assinatura do país, transmitindo o sinal da ESPN, rede americana de esportes (1989). Começa a funcionar, em São Paulo, o Super Canal, TV por assinatura em SHF, oferecendo três opções: a CNN (Cable News Network), telejornalismo americano 24 horas/dia, a RAI (Radiotelevisione Italiana), 12 horas da rede estatal italiana, e boletins da UPI, mais tarde substituídos por clipes musicais • O Super Canal começa a operar no Rio de Janeiro • A TV Abril, São Paulo, UHF canal 32, até então com sintonia aberta, assina acordo com a MTV, Music Television americana, para transmitir sua programação • A TV Abril assina contrato com a Embratel para transmitir a MTV via satélite, e com a TV Corcovado, canal 9, para o Rio de Janeiro • A Editora Abril associa-se ao Grupo Empresarial Machline para instalar o primeiro canal de TV por assinatura • O bispo Edir Macedo, presidente da Igreja Universal do Reino de Deus, compra a Rede Record de Rádio e Televisão, dos grupos Silvio Santos e Paulo Machado de Carvalho, por US$ 45 milhões (1990). Inaugurada em Belo Horizonte a TVC–BH, primeira emissora de TV a cabo de Minas Gerais, operando através de assinaturas com doze canais • Entra em funcionamento, em fase experimental, em São Paulo, a TVA, do consórcio Abril/Machline • Começa a operar a Globosat, terceira emissora brasileira a transmitir pelo sistema de assinatura, com quatro canais • A Indústria Brasileira de Formulários (IBF) compra a TV Manchete • O Grupo Abril adquire os 50% do controle acionário do Grupo Machline, assume o controle total da TVA, funde-a com a MTV e forma a Rede de Televisão Abril • Iniciada investigação sobre irregularidades na compra, pela IBF, da TV Jovem Pan, que deve Cr$ 17,9 bilhões à Embratel e, juntamente com a Rede Manchete, sofre ameaça de corte do uso do satélite Brasilsat (1991). A Rede Globo conquista a concessão do primeiro canal de TV privado em Portugal • Estréia a Rede OM Brasil de Televisão, do empresário e político paranaense José Carlos Martinez • Com noticiários da OM, entra em operação a Brasilian Television Network, dirigida aos brasileiros em Miami (1992). A TV Cultura de São Paulo aluga, por US$ 64 mil mensais, um canal do satélite Brasilsat, que pertencia à TV Jovem Pan, cancelado por falta de pagamento, e que passa a ser captado por antena parabólica em todo o país • Hamilton Lucas de Oliveira renegocia a dívida que tem com a Embratel, evitando que a TV Manchete seja tirada do ar • O canal 11 do satélite Brasilsat-II passa a transmitir o telejornal *Fujisankei Supertime News*, da KTV japonesa, com informações do mercado financeiro internacional e noticiário • Instalada a CPI que investiga irregularidades na compra da TV Jovem Pan • Liminar da Justiça permite a Adolpho Bloch reassumir o comando da TV Manchete (abr./1993). A Rede OM (Organizações Martinez) muda a programação e passa a se chamar CNT (Central Nacional de Televisão) • Funcionários da TV Manchete de São Paulo em greve ocupam o prédio da emissora durante 15 horas e produzem programas com entrevistas e debates que defendem seus interesses (jul./1993). ■

MÚSICA

A arte de combinar sons para obter efeitos expressivos é usada, desde muito cedo, pelos povos primitivos, em seus rituais mágicos e religiosos, cerimônias familiares, cânticos e danças de trabalho ou lazer. A música associa-se, na Antiguidade, à leitura dos textos sacros, à declamação poética e à representação teatral. A decifração de antigos códigos de representação gráfica dos sons e a reconstituição de instrumentos das civilizações antigas, descritos em textos da época ou representados em vasos, mosaicos e baixos-relevos, têm permitido, em anos recentes, que se forme idéia mais clara dos primórdios da composição musical. No Ocidente, a música desenvolve-se a partir do séc. I d.C., ligada ao nascente cristianismo.

MÚSICA ERUDITA

Baseada em processos de elaboração cultos, embora aproveite material de origem popular. Desenvolve-se, no Ocidente, desde os primórdios da era medieval.

IDADE MÉDIA

Os mais antigos cânticos cristãos, organizados no séc. IV por Sto. Ambrósio, são salmos *monódicos* (a uma só voz), sem acompanhamento, que incorporam técnicas harmônicas bizantinas. No séc. VI, para unificar a liturgia, contaminada por influências profanas, o papa Gregório Magno proíbe o uso de determinadas sonoridades; e ao canto que, em sua homenagem, passa a ser chamado de *gregoriano* impõe austeridade e a prática da *homofonia*: o canto em uníssono, sem acompanhamento. A música dessa época é *modal*: as escalas dos diversos modos têm intervalos de cinco tons e dois semitons, cuja posição (altura) varia de uma escala para outra. As tentativas de estabelecer uma notação musical uniforme são consolidadas, no séc. X, pelo monge beneditino italiano Guido d'Arezzo, que nomeia as sete notas da escala moderna: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.

A era da polifonia – Na fase chamada de *Ars Antiqua* (séc. XI), influências profanas populares (danças e canções de trabalho) e aristocráticas (canções de trovadores e menestréis) sobrepõem-se ao ascetismo gregoriano. As elaboradas estruturas da *polifonia*, execução simultânea de duas ou mais melodias independentes, suplantam as formas singelas da monódia. Com Leonino e Perotino Magno, membros da "escola de Notre-Dame" (séc. XII–XIII), surge a figura do compositor; antes deles, a música era uma criação anônima. Nascem formas vocais polifônicas variadas, em que se destacam autores como Adam de la Halle. As inovações formais dos séc. XIV–XV recebem, em 1330, a designação genérica de *Ars Nova*. O *moteto*, sobre texto sacro, para coro, e a missa cantada florescem com Guillaume de Machaut (*Missa de Notre-Dame*); e o *madrigal*, canção polifônica para pequeno grupo de solistas, faz escola na França (Guillaume Dufay, Clément Jannequin, Josquin des Près), Bélgica e Holanda (Jacob Arcadelt, Jacob Obrecht, Johannes Ockeghem, Orlando di Lasso); Alemanha (Heinrich Isaac, Hans Leo Hassler, Michael Praetorius), Inglaterra (William Byrd, John Dowland, John Bull, Orlando Gibbons, John Taverner, Thomas Weelkes, John Dunstable, Thomas Morley, Thomas Tallis), Espanha (Tomás Luís de Victoria, Antonio Cabezón, Cristóbal Morales, Juan del Encina) e Itália (Francesco Landini, Luca Marenzio, Orazio Vecchi, Gesualdo da Venosa, Sigismondo d'India, Adriano Banchieri). Nessa época, dos antigos modos, a música passa a utilizar apenas o maior, de dó, e o menor, de lá.

No fim do séc. XVI, Giovanni Pierluigi da Palestrina (*Missa do papa Marcelo*) renova a composição sacra, incorporando-lhe técnicas vindas do madrigal. As sonatas, fantasias e tocatas de Giovanni Gabrielli fazem desenvolver-se a música instrumental, até então mantida em

segundo plano. E surge a ópera, que terá enorme repercussão futura: a primeira delas, *Dafne* (1597), cuja partitura se perdeu, é de Jacopo Peri e Ottavio Rinuccini – logo imitada, na Alemanha, por Heinrich Schütz e Martin Opitz. Nela, a polifonia é substituída pelo canto solista para facilitar a compreensão do texto.

BARROCO

Do fim do séc. XVI à metade do séc. XVIII, as melodias com acompanhamento cada vez mais complexo desenvolvem a harmonia, arte de combinar sons simultâneos, e consolidam a música tonal, baseada nos modos maior e menor, que prevalecerá até o início do séc. XX. Com a fundação, em Veneza, do Teatro San Cassiano (1637), a ópera, tornando-se um espetáculo popular, expande seus recursos: coro, orquestra maior, corpo de baile, cenários sofisticados, uso de maquinaria para efeitos especiais. Claudio Monteverdi (*A coroação de Popéia*), Pietro Francesco Cavalli (*La Calisto*), Marcantonio Cesti (*A maçã de ouro*) são os primeiros grandes operistas. Na França, o italiano naturalizado Jean-Baptiste Lully (*Alceste*) cria um modelo nacional de ópera que terá prosseguimento com André Cardinal-Destouches (*Omphale*), Marc-Antoine Charpentier (*Medéia*) e André Campra (*Europa galante*). Tentativa no mesmo sentido, do inglês Henry Purcell (*Dido e Enéias*), é barrada por sua morte prematura; até o fim do séc. XVIII, o que predomina, em Londres, é a ópera de estilo italiano. Surgem novos gêneros: o *oratório* e a *cantata*, formas vocais dramáticas não-encenadas, de tema sacro ou profano; a *suite*, seqüência de danças populares ou cortesãs; o *ricercare*, a *chacona*, a *passacalha*, baseadas nas transformações de um tema melódico e precursoras da *fuga*; a *tocata* para solista; e principalmente o *concerto grosso*, em que o conjunto de solistas (*concertino*) se opõe ao *ripieno* (o restante da orquestra). As orquestras se ampliam e, com o aperfeiçoamento dos instrumentos, surgem virtuoses do violino (Arcangelo Corelli, Benedetto Marcello, Tommaso Albinoni, Heinrich Biber), do cravo (John Bull, Girolamo Frescobaldi, Johann Mattheson), do órgão (Diderik Buxtehude, Samuel Scheidt, Johann Pachelbel, Jan Pieterszoon Sweelinck), ou da viola (Marin Marais).

Na passagem do séc. XVII para o XVIII, esses gêneros novos se expandem e aperfeiçoam. Na escola napolitana, Alessandro Scarlatti (*Mitridate Eupatore*) propõe, para a ópera, formas que supervalorizam o virtuosismo vocal. A *ópera séria* barroca, de estrutura extremamente rígida, terá seus expoentes em Georg Friedrich Haendel (*Júlio César, Alcina*), Agostino Steffani (*Niobe*), Antonio Caldara (*Mitridate*), Nicola Porpora (*Ezio*), Baldassare Galuppi (*Adriano na Síria*), Giovanni Bononcini (*Griselda*), Johann Adolf Hasse (*Dido abandonada*). Niccolò Jommelli (*Demétrio*) e Tommaso Traetta (*Demoofonte*), atenuando a rigidez das fórmulas fixas, já prenunciam a reforma a ser feita por Gluck. Na França, a fórmula de Lully é consolidada por Jean-Philippe Rameau (*Castor et Pollux*). Quanto à música não-operística, Antonio Vivaldi leva ao apogeu a escola do violino; François Couperin, Domenico Scarlatti e Carlos Seixas, a do cravo; Haendel (*Messias*) e Georg Philip Telemann (*O dia do juízo*), a do oratório. O maior nome do período é Johann Sebastian Bach, autor da *Paixão segundo São Mateus*, da *Missa em si menor*, duzentas cantatas sacras e profanas e peças para solo instrumental, concertos grossos (*Concertos de Brandenburgo*) e para solistas que sintetizam a música do passado e de seu tempo. No *Cravo bem temperado*, coleção de prelúdios para cravo em todos os tons maiores e menores, ele consolida a base harmônica da música dos séculos seguintes.

CLASSICISMO

Na segunda metade do séc. XVIII, aparece a *forma de sonata*, instrumental e com estrutura ternária: na primeira seção, os temas, de caráter contrastante, são expostos; na segunda, são desenvolvidos, combinando-se ou se opondo; na terceira, são recapitulados e conduzidos a um final (*coda*). As melodias são modificadas por *modulação*, isto é, a passagem de uma tonalidade para outra. A *forma de sonata* será a base da construção dos gêneros instrumentais clássicos: a sonata para solista, o concerto para solista e orquestra, a sinfonia. Os primeiros a fixá-la, em sinfonias e sonatas, são Carl-Philipp Emmanuel Bach, um dos filhos de Johann Sebastian, e o tcheco Anton Stamitz, que, em Mannheim, cria uma orquestra-laboratório e descobre vários procedimentos técnicos novos. Franz Joseph Haydn (104 sinfonias, 50 sonatas para piano, 80 quartetos) e Wolfgang Amadeus Mozart (41 sinfonias, concertos para diversos instrumentos, 24 quartetos, sonatas) estabelecem o modelo para as formas fixas do Classicismo. A ópera é reformada pelo alemão Christoph Willibald Gluck (*Orfeu e Eurídice*), que elimina os excessos do virtuosismo barroco, torna-a sóbria e natural e dá-lhe acompanhamento orquestral elaborado; suas fórmulas se impõem às tradicionais, ainda representadas por Niccolò Piccinni (*La Cecchina*). Com Mozart, os modelos operísticos do Classicismo chegam ao apogeu: o sério (*Idomeneo*), o cômico (*As bodas de Fígaro*), o tragicômico (*Don Giovanni*). *A Flauta mágica* é a grande síntese de todas as formas de teatro musical, erudito e popular de seu tempo.

PRÉ-ROMANTISMO

Na transição entre os séc. XVIII e XIX, notam-se os primeiros sinais de rebelião individualista e subjetiva contra o racionalismo e o universalismo clássicos. Ludwig van Beethoven e Franz Schubert, em suas sinfonias, sonatas, quartetos e música vocal, usam formas que, embora ampliadas e inovadas, ainda têm estrutura clássica; mas a sensibilidade que as impregna já é tipicamente romântica. O modelo gluckiano é prolongado nas óperas heróicas de Luigi Cherubini (*Medéia*) e Gasparo Spontini (*A vestal*). Na Itália, a passagem da ópera clássica, de estilo mozartiano, para a romântica é efetuada por Domenico Cimarosa (*O matrimônio secreto*), Simon Mayr (*Medéia em Corinto*), Ferdinand Päer (*Leonora*), Giovanni Paisiello (*O barbeiro de Sevilha, Nina louca de amor*).

ROMANTISMO

Na primeira metade do séc. XIX, a mais típica manifestação da mudança do gosto, com a ascensão da burguesia, é o *grand-opéra* francês, de estilo suntuoso, em que o luxo do espetáculo sobrepuja a própria música: Jacques Meyerbeer (*Os huguenotes*) e Fromental Halévy (*A judia*) são seus representantes. As óperas de Hector Berlioz (*Os troianos*) tratam essa forma com mais comedimento e bom gosto. Na comédia, destaca-se Daniel Auber (*Fra Diavolo*). Mais tarde, Charles Gounod (*Fausto*), Ambroise Thomas (*Mignon*), Georges Bizet (*Carmen*) e Camille Saint-Saëns (*Sansão e Dalila*) escrevem obras muito populares. No final do século, as características românticas permanecem em Jules Massenet (*Manon*). Na Itália, Gioacchino Rossini (*O barbeiro de Sevilha*) faz a transição entre o fim do Classicismo e a primeira geração romântica, que tem em Gaetano Donizetti (*Lucia di Lammermoor*) e Vincenzo Bellini (*Norma*) seus maiores nomes. Giovanni Pacini (*Safo*) e Saverio Mercadante (*O regente*) ficam à sombra de Giuseppe Verdi, que, com *Rigoletto, Traviata* e, mais tarde, *Aida, Otello, Falstaff*, edifica o mais diversificado conjunto operístico do Romantismo. Depois dele, na transição para o Realismo, impõem-se Arrigo Boito (*Mefistófeles*), Alberto Franchetti (*Germania*), Amilcare Ponchielli (*La Gioconda*) e Alfredo Catalani (*La Wally*).

As escolas nacionais – O individualismo romântico, aliado à afirmação do sentimento patriótico, fruto das revoluções de 1830 e 1848, faz surgir as escolas nacionais, com temática e formas musicais próprias. A ópera alemã nasce com Carl Maria von Weber (*O caçador furtivo*), Ludwig Spohr (*Jessonda*), Heinrich Marschner (*O vampiro*), e as comédias de Albert Lortzing (*Tsar e carpinteiro*), Friedrich von Flotow (*Martha*) e Otto Nicolai (*As alegres comadres de Windsor*), e culmina em Richard Wagner (*Tristão e Isolda*, a tetralogia do *Anel do Nibelungo*,

Parsifal), que funde drama e música numa unidade indissolúvel, dando à orquestra um papel fundamental na ação. A revolução que instaura, em termos formais e harmônicos, abre as portas à música do séc. XX. Sua influência se exerce sobre Peter Comelius (*O barbeiro de Bagdá*), Engelbert Humperdinck (*Hänsel e Gretel*), Hans Pfitzner (*Palestrina*) e seu filho Siegfried Wagner (*O reino do cisne negro*); e, na França, sobre Vincent d'Indy (*Fervaal*), Ernest Chausson (*O rei Arthus*), Albéric Magnard (*Guercoeur*) e Emmanuel Chabrier (*Gwendoline*) – este último segue, mais tarde, um caminho pessoal (*O rei à força*), que prenuncia o impressionismo. Na Rússia, Mikhail Glinka (*A vida pelo tsar*) e Aleksandr Dargomýjski (*O convidado de pedra*) abrem caminho para os nacionalistas do Grupo dos Cinco: Módest Mússorgski (*Borís Godunóv*), Aleksandr Borodín (*O príncipe Igor*), Nikolái Rímski-Kórsakov (*O galo de ouro*), César Cui (*O prisioneiro do Cáucaso*) e Mily Balákirev (*Islamey*). Paralelamente, um grupo de compositores mais cosmopolitas forma-se em torno de Anton Rubinstéin (*O demônio*): além de Piotr Tchaikóvski (*Ievguêni Oniéguin*), o maior deles, destacam-se Serguêi Tanêiev (*Orestíada*), Edvard Naprávnik (*Dubróvski*) e o sinfonista Aleksandr Glazunóv. O sinfonista sueco Franz Berwald, o dinamarquês Nieis Gade (*Os cruzados*), o húngaro Ferenc Erkel (*Hunyadyi László*), o polonês Stanislaw Moniuszko (*Halka*) e os tchecos Bedrich Smetana (*A noiva vendida*) e o sinfonista Antonín Dvorák fundam também as escolas nacionais de seus países.

Formas novas – A recusa dos modelos clássicos faz surgirem estruturas livres – *rapsódia, prelúdio, noturno, estudo, scherzo, balada, improviso* – na obra pianística de Robert Schumann, Frédéric François Chopin, Franz Liszt, Charles Valentin Alkan e Adolph Henselt, que, com freqüência, exploram o teclado de forma orquestral. Torna-se comum o fenômeno do compositor, que é também um virtuose instrumental, adorado pelo público: violinistas como Niccolò Paganini e os irmãos Henryk e Józef Wieniawski, pianistas como Liszt, Ferdinand Ries, Carl Czerny, Ferdinand Hiller, Ignaz Moscheles, Sigismund Thalberg e, já no início do séc. XX, Ignacy Paderewski, Eugen d'Albert, Ferruccio Busoni, Serguêi Rachmáninov. A visão orgânica que o romântico tem da relação entre as artes faz desenvolverem-se o *poema-sinfônico*, de inspiração literária ou pictórica (*Mazeppa*, de Liszt; *O Moldávia*, de Smetana), e o *lied*, canção sobre texto poético: *Viagem de inverno* e *A bela moleira*, de Franz Schubert; *A vida e o amor de uma mulher*, de Robert Schumann; *A bela Maguelonne*, de Johannes Brahms; o *Livro das canções italianas*, de Hugo Wolf. A modernização dos instrumentos, a construção de grandes salas de concerto e a ampliação da orquestra criam peças instrumentais mais elaboradas (as sinfonias de Schumann, Berlioz, Félix Mendelssohn, Johannes Brahms, Anton Bruckner, César Franck).

Pós-romantismo – Características desse período permanecem, séc. XX adentro, nas sinfonias e canções de Gustav Mahler; nos poemas sinfônicos (*Assim falava Zaratustra*), óperas (*O cavaleiro da rosa*) e canções de Richard Strauss; na música de câmara e para órgão de Max Reger; nas sinfonias do finlandês Jan Sibelius, do dinamarquês Carl Nielsen, do sueco Wilhelm Stenhammar, do inglês Edward Elgar, dos alemães Franz Schmidt, Alexander von Zemlinsky e Wolfgang Korngold.

REALISMO/NEO-ROMANTISMO

A estréia, em 1890, da *Cavalleria Rusticana*, de Pietro Mascagni, inaugura o *verismo* (do italiano *vero*, real), de temática cotidiana, com personagens comuns e grande intensidade passional – de que a *Traviata*, de Verdi, e a *Carmen*, de Bizet, são precursoras. Seus expoentes são Ruggiero Leoncavallo (*Pagliacci*), Giacomo Puccini (*La Bohème*), Umberto Giordano (*Andrea Chénier*), na Itália; Gustave Charpentier (*Louise*) e Alfred Bruneau (*O ataque ao moinho*), na França; e D'Albert (*Terra baixa*), na Alemanha. No início do séc. XX, superada a etapa polêmica do verismo, retornam fórmulas neo-românticas (*Turandot*, de Puccini; *Parisina*, de Mascagni; *A ceia dos enganos*, de Giordano). A mesma fusão de tons e estilos ocorre numa segunda geração: Franco Alfano (*Ressurreição*), Ottorino Respighi (*La fiamma*), Riccardo Zandonai (*Francesca da Rimini*), Ermanno Wolf-Ferrari (*Os quatro rústicos*), Italo Montemezzi (*O amor de três reis*), Alfredo Casella (*A mulher serpente*), Giorgio Ghedini (*As bacantes*), Ildebrando Pizzetti (*Orsèolo*), Gian Francesco Malipiero (*Júlio César*), Nino Rota (*O chapéu de palha de Florença*) e Gian-Carlo Menotti (*Amélia no baile*), que, emigrando para os EUA, fará parte também da música desse país.

IMPRESSIONISMO

O cromatismo sistemático (modulação constante de uma tonalidade para outra) que Wagner usa em *Tristão e Isolda* influencia Claude-Achille Debussy (*Pelleas e Melisande*), que utiliza timbres em estado puro, escalas modais de origem oriental, escalas de tons inteiros (sem bemóis ou sustenidos) de proveniência eslava e sucessões de acordes isolados e em suspensão que não se encadeiam nem se resolvem (a designação de "impressionista" dada à sua música, por associação com a técnica de colorido da escola de pintura, é inexata; na verdade, ela tem mais pontos em comum com o simbolismo literário). Debussy exercerá influência maior ou menor sobre Maurice Ravel (*Daphnis e Chloé*), Gabriel Fauré (*Requiem*), Déodat de Séverac (*O coração do moinho*), Albert Roussel (*Baco e Ariadne*), Henri Rabaud (*Mârouf, o sapateiro do Cairo*), Florent Schmitt (*A tragédia de Salomé*); e, fora da França, sobre os ingleses Frederick Delius (*Romeu e Julieta na Aldeia*), Rutland Boughton (*A hora imortal*) e o sinfonista Ralph Vaughan Williams; os espanhóis Manuel de Falla (*A vida breve*), Enrique Granados (*As Goyescas*), Joaquín Turina (*Sinfonia sevilhana*); o alemão Franz Schrecker (*O som distante*); os poloneses Karol Szymanowski (*Rei Rogério*) e Ludomir Rozycki (*Eros e Psiquê*), fundadores do movimento Jovem Polônia; e o romeno Georges Enesco (*Édipo*).

MODERNISMO

Figura isolada, muito irreverente, é o francês Erik Satie, autor de peças com títulos insólitos (*Embriões dissecados, Prelúdios em forma de pêra*), que subvertem as regras da composição. Juntamente com as ousadas experimentações de Igor Stravínski (*A sagração da primavera*) com a música atonal, politonal e polirrítmica, ele influencia alguns dos franceses do chamado Grupo dos Seis: Arthur Honegger (*Joana d'Arc na fogueira*) e Darius Milhaud (*A criação do mundo*). Mas Francis Poulenc (*O diálogo das carmelitas*) liberta-se dessa influência e faz uma arte pós-impressionista muito pessoal. Difícil de classificar, por sua originalidade, é o tcheco Leos Janácek (*Jenufa*), que combina o folclore de seu país às mais variadas aquisições do idioma musical de seu tempo. Pesquisas folclóricas incorporadas a uma linguagem muito moderna são feitas também pelos húngaros Béla Bartók (*O mandarim maravilhoso*), Zoltán Kodály (*O quarto das fiandeiras*) e pelo sinfonista Ernö Dohnányi. Na década de 20, em Berlim, um teatro satírico e politizado, de tendências esquerdistas, misturando o erudito às canções de cabaré, é praticado por Kurt Weill (*A ópera dos três vinténs*), Hanns Eisler (*Palmström*), Paul Dessau (*O julgamento de Lúculo*), todas com libretos do dramaturgo Bertolt Brecht. Nos EUA, George Gershwin (*Porgy e Bess*) dá às formas do jazz tratamento sinfônico inovador. O Futurismo, que celebra o progresso moderno, tem seu equivalente musical nas pesquisas do italiano Luigi Russolo (*Encontro dos carros e aviões*) e dos russos Arthur Lurié e Aleksandr Mossolóv (*Assim foi temperado o aço*).

Neoclassicismo – Um retorno às formas clássicas, tratadas com linguagem contemporânea, é iniciado por Stravínski com o balé *Pulcinella* e as óperas *Édipo rei* e *A carreira do libertino*; e é seguido por Paul Hindemith (*Mathias, o pintor*), o sinfonista Karl Amadeus Hartmann, Werner Egk (*Peer Gynt*), Egon Wellesz (*Alceste*), Carl Orff (*Carmina Burana*) ou Harald Genzmer, pioneiro, mais tarde, da música para instrumentos eletrônicos.

Escola de Viena – A partir de 1908, Arnold Schoenberg (*Pierrot Lunaire*), Alban Berg (*Wozzeck*) e Anton Webern – cujas peças se caracterizam por extrema concisão – desenvolvem a música *dodecafônica*, baseada no princípio de que os doze semitons da escala cromática – com todos os bemóis e sustenidos – devem desempenhar papel igual na composição, sem que um deles, exercendo atração maior sobre os outros, estabeleça a noção de tonalidade. Em 1923, Schoenberg amplia o *dodecafonismo atonal* com a noção da música *serial*, em que a composição baseia-se em séries preestabelecidas de sons diferentes e sem relação harmônica entre si: nenhuma nota deve ser ouvida de novo antes que as outras sejam tocadas, evitando-se, assim, que ela polarize a melodia. O dodecafonismo terá, entre 1930 e 1970, inúmeros seguidores: na Itália, Luigi Nono (*Intolerância*), Luigi Dallapiccola (*O prisioneiro*), Goffredo Petrassi (*A loucura de Orlando*), Sylvano Bussotti (*Rara requiem*) e Luciano Berio (*Laborintus*); na Grécia, Manolis Kalomiris (*O construtor*) e Nikos Skalkottas (*36 danças gregas*); na Tcheco-Eslováquia, Ernst Krenek (*Carlos V*) e Alois Hába (*A mãe*); na Bélgica, Henri Pousseur (*Votre Faust*); na França, Pierre Boulez (*O martelo sem mestre*), Jean Barraqué (*Três comentários à morte de Virgílio de Hermann Broch*), Gilbert Amy (*De um espaço estirado*), Betsy Jolas (*O pavilhão à beira do rio*), Serge Nigg (*Rostos de Axel*), Marius Constant (*Metamorfose da donzela*) e André Boucourechliev (*Arquipélagos*); na Argentina, Alberto Ginastera (*Bomarzo*) e Juan José Castro (*O jardim dos mortos*); na Hungria, György Ligeti (*O grande macabro*); nos EUA, Carl Ruggles (*Portais*), Elliott Carter (*Sinfonia para três orquestras*), Milton Babbitt (*Relatos 1 e 2*) e George Crumb (*Vox balænæ*); na Austrália, o camerista Peter Sculthorpe; na Inglaterra, Lennox Berkeley (*Nelson*), Brian Ferneyhough (*Transit*) e Peter Maxwell Davies (*Oito canções para um rei louco*); na Alemanha, Hans-Werner Henze (*Elegia para jovens amantes*), Giselher Klebe (*Figaro se divorcia*), Wolfgang Fortner (*Bodas de sangue*), Bernd-Alois Zimmermann (*Os soldados*), Dieter Schnebel (*Reações*) e Rolf Liebermann (*Leonora 40/45*); na Suécia, Karl-Birger Blomdahl (*Aniara*, uma ópera de ficção científica); na Noruega, Arne Nordheim (*Canzona*); na Polônia, Krzysztof Penderecki (*A paixão segundo São Lucas*); na Holanda, Peter Schat (*Houdini*) e Juriaan Andriessen (sinfonias e concertos); na Rússia, Édison Denísov (*A espuma dos dias*). A maioria deles, entretanto, evoluirá para um estilo eclético, que combina o serialismo com outros processos de composição, inclusive o retorno ao tonalismo.

Escolas nacionais modernas – Em diversos países, a mistura de elementos extraídos do folclore ou de tradições litúrgicas às inovações da vanguarda produz compositores de linguagem muito diversificada, que vão do tonalismo à rejeição dos recursos convencionais. Na URSS, apesar das diretrizes oficiais do "Realismo socialista", as 27 sinfonias de Nikolái Miaskóvski, as 15 de Dmitri Shostakóvitch, as obras de Serguêi Prokófiev (*Romeu e Julieta*, *Aleksandr Niévski*), Dmitri Kabaliévski (*Colas Breugnon*), Aram Khatchaturián (*Spartacus*), Vissariôn Shebalín (*A megera domada*) e Rodiôn Shtchédrin (*Ana Karenina*) são a prova de que é possível fazer arte de boa qualidade mesmo sob repressão. Na Tcheco-Eslováquia, influências locais, alemãs e francesas cruzam-se na produção de Josef Suk (*Azrael*), Zdenek Fibich (*Sharka*), Bohuslav Foerster (sinfonias), Bohuslav Martinu (*Juliette*), Vítězslav Novák (*A tempestade*) e Jan Cikker (*Coriolano*). O prestígio internacional da escola polonesa se consolida com o sinfonista Tadeusz Baird, a camerista Grazyna Bacewicz, Witold Lutoslawski (*Jogos venezianos*), Andrzej Panufnik (*Sinfonia votiva*), Kazimierz Serocki (*Afrescos sinfônicos*) e Henryk Górecki (*Beatus vir*), que, em 1993, torna-se inesperado sucesso de vendagem, na Europa e nos EUA, com sua *Sinfonia nº 3*. Na esteira de Bartók e Kodály, os húngaros László Lajtha (*O chapéu azul*), Pál Kadosa (*Aventura em Huszt*) e Sándor Szokolay (*Bodas de sangue*) combinam o folclore ao atonalismo. O grupo Jovem França é integrado por André Jolivet (*A última tentação de Joana d'Arc*); Olivier Messiaen (*Sinfonia Turangalîla*, *Quarteto para o fim dos tempos*), que renova a música sacra no séc. XX; Jean Yves Daniel-Lesur (*Andrea del Sarto*) e Henri Dutilleux (*Todo um mundo distante...*). Mais acadêmica, mas cheia de vitalidade, é a obra dos pós-impressionistas Jacques Ibert (*Angélique*), Henri Sauguet (*A cartuxa de Parma*), Jean Françaix (*O rei nu*), Henri Barraud (*O mistério dos santos inocentes*) e Emmanuel Bondeville (*Madame Bovary*). A uma safra muito rica de sinfonistas britânicos – Gustav Holst, Havergal Brian, Edmund Rubbra, William Walton, sir Arnold Bax, Alan Rawsthorne, William Ailwyn, Roberto Gerhard –, juntam-se cameristas como Frank Bridge, Gerald Finzi e, mais tarde, Elisabeth Lutyens e Elisabeth Maconchy; quanto à ópera inglesa, ela é renovada por Richard Rodney Bennett (*As minas de enxofre*) e, principalmente, Benjamin Britten (*Peter Grimes*) e sir Michael Tippett (*O casamento do verão*). Ernesto Halffter (*A morte de Carmen*), Federico Mompou (*Impressões íntimas*), Joaquin Rodrigo (*Concerto de Aranjuez*) e Felipe Pedrell (*La Celestina*) trazem sangue novo à música espanhola.

Fora do circuito – Os suíços Heinrich Sutermeister (*Requiem*), Frank Martin (*Gólgota*), Othmar Schoeck (*Penthesilea*) e Klaus Huber (*Tenebræ*); os holandeses Hendrix Andriessen (sinfonias, música sacra), Alphons Dieppenbrock (*Hino à noite*), Willem Pijper (*Halewijn*) e Mathijs Vermeulen (sete sinfonias); os belgas Philippe Boesmans (*A paixão de Gilles*) e Paul Gilson (*Homens do mar*); os sinfonistas nórdicos Hilding Rosenberg, Türe Rangström, Allan Pettersson e Vagn Holmboe; o romeno Anatol Vieru (*Sinfonia "para o terremoto de 1977"*); os finlandeses Leevi Madetoja (*Pohjalaisia*), Aarre Merikanto (*Juha*), os sinfonistas Moise Pergament e Arvo Pärt e, mais tarde, os operistas Joonas Kokonnen (*A última tentação*) e Aulis Sallinnen (*O cavaleiro*) atraem a atenção mundial para países que antes ficavam um pouco à margem do circuito internacional. É essa também a fase em que, após prolongada crise, floresce a música erudita portuguesa com o sinfonista Luís de Freitas Branco, Frederico de Freitas (*As sete palavras de Nossa Senhora*), Ruy Coelho (*Inês de Castro*), Cláudio Carneiro (canções), Armando José Fernandes (*O homem do cravo*), José Viana da Mota (*Os Lusíadas*) e Fernando Lopes Graça (*História trágico-marítima*). No México, revelam-se o sinfonista Carlos Chávez, Silvestre Revueltas (*Sensemayá*) e Manuel Ponce (*Chapultepec*).

A música nos EUA – No início do século, isolado, sem contato com a vanguarda européia, Charles Ives intui, em suas quatro sinfonias e peças como *Três lugares na Nova Inglaterra*, o politonalismo e a polirritmia, chegando perto da música atonal. As óperas (*Vanessa*, *Antônio e Cleópatra*) e a música instrumental de Samuel Barber – que colabora com o também compositor G.-C. Menotti, imigrado da Itália – fazem dele um clássico do repertório americano. Douglas Moore (*A balada de Baby Doe*), Aaron Copland (*Billy the Kid*), Virgil Thomson (*Três santos em três atos*), Carlisle Floyd (*Susannah*) e os sinfonistas Henry Cowell, Roger Sessions, Howard Hanson, Roy Harris, Paul Creston, William Schumann, Vincent Persichetti, Norman Dello Joio, Lukas Foss ou Walter Piston combinam raízes nacionalistas com influências diversas, que vão do neo-romantismo à mais atualizada vanguarda. Estrangeiros naturalizados, como o italiano Vittorio Giannini (*A megera domada*), o armênio Alan Hovhaness (*Tzaikerk*) ou o russo Nicholas Nabokov (*Trabalhos de amor perdido*), trazem elementos de seus países que se fundem aos da cultura assimilada. O regente, pianista, compositor, ensaísta e animador cultural Leonard Bernstein produz uma obra múltipla, despreocupada de ser vanguardista, que vai da sinfonia (*Jeremias*) ao musical (*West Side Story*), da ópera (*Um lugar tranqüilo*) à música sacra (*Missa*) ou à trilha sonora para cinema (*Sindicato de ladrões*).

Vanguardas radicais – Na segunda metade do séc. XX, a música *concreta*, que emprega ruídos existentes na natureza, pré-gravados e transformados por processos

eletroacústicos, é praticada por Pierre Henry (*Sinfonia para um homem só*), Pierre Schaeffer (*Estudo patético*), Yannis Xenakis (*Persépolis*), Michel Philipot (*Estudos*) e Luc Ferrari (*Rosto V*). A música *eletrônica*, em que os sons são obtidos por meio de geradores e retrabalhados em laboratórios, amplificados, filtrados e modulados, tem em Edgar Varèse (*Desertos*), Karlheinz Stockhausen (*Canto dos adolescentes*), Mauricio Kagel (*Anagrama*), Bruno Maderna (*Quadrivium*), John Eaton (*O grito de Clitemnestra*) e Pierre Barbaud (*Terra ignota ubi sunt leones*) alguns de seus representantes. John Cage (*Fontana Mix*) propõe a composição *aleatória*, combinando gravações colhidas arbitrariamente na rua ou no rádio, ou sons selecionados através de lances de dados ou de hexagramas do *I Ching*, o livro das previsões chinês. Sugere também, em *4m33s*, a exploração criativa do silêncio – o título refere-se ao tempo durante o qual os músicos simulam estar tocando sem emitir som algum; a "música" é produzida pelas reações dos espectadores. Na nova geração, a fidelidade ao serialismo manifesta-se em um grupo como o francês Itinéraires, criado por Tristan Murail e François Bousch, que trabalham com a eletroacústica, e no pianista e compositor Michaël Lévinas (*O congresso dos pássaros*); ou em autores alemães como Aribert Reimann (*Lear*, *A sonata dos espectros*) e Wolfgang Rihm (*Jakob Lenz*).

A busca do ecletismo – Em anos mais recentes, o impasse do serialismo, que não parece conseguir renovar-se, leva ao resgate de formas e procedimentos tradicionais, associados aos recursos propostos pela vanguarda. Os ingleses Thea Musgrave (*Mary, rainha da Escócia*), David Blake (*Toussaint*), Iain Hamilton (*A real caçada do sol*), John Tavener (*Thérèse*), Harrison Birtwistle (*A máscara de Orfeu, Gawain*) e Edward Harper (*Hedda Gabler*); os franceses Marcel Landowski (*Montségur*), Maurice Ohana (*La Celestina*), Adrienne Clostre (*Annapurna*) e Claude Prey (*As relações perigosas*); o alemão Manfred Trojahn (*As cores da chuva, Cinco paisagens marinhas*); os americanos Dominick Argento (*Casanova volta para casa, Os manuscritos de Aspern*), David del Tredici (*Alice final*) e John Corigliano (*Os fantasmas de Versalhes*); os italianos Niccolò Castiglioni (*O livro de Esopo*) e Luciano Berio (*A verdadeira história*); os russos Alfred Shnittke e Sofia Gubaidúlina, que retomam formas tradicionais, como a sinfonia, o concerto grosso e para solista; e o húngaro Attila Bozay (*Csongor e Tünde*) fazem uma música híbrida, em que o *neotonalismo* mistura-se a traços da linguagem atonal. Desenvolve-se ainda, nos EUA, o *minimalismo*, que retorna à música tonal através da repetição obsessiva de pequenas células melódicas: Steve Reich (*Música para 16 instrumentos*), Philip Glass, autor de óperas (*Akhenaton, A queda da casa de Usher*) e balés, mas também de trilhas sonoras para cinema (*Koyaniskaatsi, Mishima*), e John Adams (*Nixon na China* e *A morte de Klinghoffer*, ambas com tema político contemporâneo) são seus nomes mais conhecidos. O movimento exercerá influência sobre compositores do mundo inteiro. Experiência curiosa, na década de 80, é a de Robert Ashley (*Progresso*), Paul Dresher ou George Coates, que renovam a técnica barroca do *melodrama* – a peça com texto falado e acompanhamento orquestral contínuo – trabalhando artificialmente a declamação, alongando as vogais ou usando repetições de palavras, de modo a fazer com que ela soe como se fosse uma "fala cantada".

Caminhos atuais – Na década de 90, obras de grande porte marcam a entrada na maturidade de compositores da nova geração: a *Sinfonia nº 2 "Reconciliação"*, do americano Tobias Picker; a *Odisséia*, para piano e orquestra, do inglês Nicholas Maw; a *Sinfonia nº 2*, de John Corigliano, dedicada às vítimas da AIDS; o *Requiem* do inglês Andrew Worton-Steward (escrito para si mesmo antes de morrer dessa doença, em 1990); os *Poemas de Paul Celan*, do inglês Michael Nyman, autor de trilhas para cinema. Estréias de 1992/93 constituem novos marcos: *Três papas gritando*, em homenagem ao quadro de Francis Bacon, do inglês Mark-Anthony Turnage (jan. de 1992); *A vida com um idiota*, sátira ao stalinismo, do russo Alfred Shnittke (Amsterdã, abr. de 1992); *Mário e o mágico*, de Hans Somers, convertendo o romance de Thomas Mann numa metáfora da chegada do fascismo à Itália (Toronto, mai. de 1992); *Desdemona e suas irmãs*, sátira ao machismo, de Siegfried Matthus, do romance de Christine Brückner (Festival de Schwetzingen, mai. de 1992); *Tanya*, em que Anthony Davis evoca a história do seqüestro de Patty Hearst, em 1974 (Filadélfia, 17/6/1992); *McTeague*, do americano William Bolcom (Chicago, 31/10/1992), do romance de Frank Norris que, em 1924, inspira *Cobiça*, o filme de Erich von Stroheim; *A ronda*, de Ph. Boesmans, da peça de Arthur Schnitzler (Bruxelas, mai. de 1993). Quanto a Philip Glass, no espaço de sete meses ele estreou duas óperas novas: *A viagem* (Metropolitan de Nova York, out. de 1992), sobre o descobrimento da América, e *Orfeu*, baseado no filme escrito e dirigido por Jean Cocteau em 1950. Já *Blimunda*, de Azio Corghi, baseada no *Memorial do convento*, de José Saramago, mal recebida ao estrear em Milão (1990), agradou mais na montagem de Jérome Savary para o Teatro Régio de Turim, em jun. de 1992.

Música erudita no Brasil

Até meados do séc. XIX, apesar de traços de inspiração local, os padrões europeus predominam. A partir dessa época, a fusão de elementos tipicamente brasileiros aos modelos importados dá início à fase nacionalista, que, mais tarde, será contestada pelos que defendem a adoção de técnicas de composição da vanguarda internacional. Na atualidade, essas duas vertentes coexistem e, com freqüência, interagem.

BARROCO E CLASSICISMO

Séc. XVIII e XIX. As mais antigas partituras brasileiras são o *Te Deum*, de Luís Álvares Pinto, e um *Recitativo e ária*, anônimo de 1759. Em Minas Gerais, no Ciclo do Ouro, surge o "Barroco mineiro", denominação incorreta dada pelo musicólogo alemão Curt Lange, pois a música dessa fase já segue modelos do Classicismo europeu. As missas, hinos e motetes de José Joaquim Emérico Lobo de Mesquita, Marcos Coelho Neto, Inácio Parreira Neves e Francisco Gomes da Rocha têm nobreza de inspiração e complexidade técnica. O carioca pe. José Maurício Nunes Garcia (*Requiem, Missa pastoril para a noite de Natal*) está em pé de igualdade com seus contemporâneos europeus: Marcos Portugal (*A saloia enamorada*) e o austríaco Sigismund von Neukomm (*Missa de São Francisco*), como ele músicos de d. João VI. José Maurício é o professor de Francisco Manuel da Silva, primeiro diretor do Conservatório do Rio de Janeiro e autor do Hino Nacional Brasileiro.

ROMANTISMO

Segunda metade do séc. XIX. A estética romântica, já presente em Elias Álvares Lobo (*A louca*) e Henrique Alves de Mesquita (*O vagabundo*), consolida-se com Antônio Carlos Gomes (*O guarani*), que recebe de d. Pedro II uma bolsa na Itália, onde é influenciado por Verdi; mas a nível melódico e rítmico sua obra tem forte sabor brasileiro. Seus seguidores escrevem óperas fiéis às convenções italianas – *Maria Petrovna*, de João Gomes de Araújo, *Calabar*, de Elpídio Pereira, *A corte de Mônaco*, de Domingos José Ferreira – ou influenciadas por Wagner: *Pelo amor!*, de Leopoldo Miguez. Depois de Carlos Gomes, surgem duas correntes. Brasílio Itiberê, que reelabora temas populares com formas eruditas, e Alexandre Levy, cujas peças para piano, de técnica européia, têm um sentimentalismo tropical, são precursores do nacionalismo. Glauco Velásquez, discípulo do cromatismo de César Franck, e Henrique Oswald, adepto do Pós-impressionismo, obedecem, em suas peças instrumentais e de câmara, aos moldes europeus. Na confluência dessas duas vertentes, e procurando sintetizá-las, situam-se: Francisco Braga (*Marabá*), aluno de Massenet, que utiliza temas populares em sua música; Luciano Gallet, que une

o estilo impressionista a melodias folclóricas; e Alberto Nepomuceno (*Sinfonia em sol menor, Série brasileira*), de formação alemã mas temática e soluções melódicas e rítmicas tipicamente nacionais (além de ser o pioneiro da canção de concerto cantada em português).

MODERNISMO

Séc. XX. Seu início e ponto mais alto é Heitor Villa-Lobos, autor de uma obra imensa, em que se destacam os catorze *Choros*, as nove *Bachianas brasileiras* ou *Rudepoema, para piano*. É, até hoje, o compositor brasileiro mais conhecido no exterior. Seguindo-se a ele, combinando temas folclóricos e formas clássicas, distinguem-se Oscar Lorenzo Fernandez (*Trio brasileiro*), Francisco Mignore (*Festa das igrejas*), Mozart Camargo Guarnieri (*Pedro Malazarte*), Radamés Gnatalli (*O negrinho do pastoreio*), Fructuoso Viana (a série das *Toadas*), Luís Cosme (*A Salamanca do Jarau*), Walter Schultz Portoalegre (*Sinfonia amazônica*), José Siqueira (*A Compadecida*), seu irmão João Batista Siqueira (*A marquesa de Santos*) e Valdemar Henrique, autor de canções.

Novas tendências – Em 1939, o grupo Música Viva, criado pelo alemão Hans-Joachim Koellreuter, começa a divulgação do dodecafonismo. Seu *Manifesto 1946* afirma que o nacionalismo é apenas um estágio na formação artística de um povo e prega a absorção de pesquisas da vanguarda internacional. As oito sinfonias de Cláudio Santoro, *O museu da Inconfidência*, de César Guerra Peixe, o *Ludus sinfonicus*, de Edino Krieger, aderem a essas idéias. Outros seguidores da linha cosmopolita: Jocy de Oliveira (*Fata Morgana*), Jorge Antunes (*Sinfonia para Oscar Romero*), e a geração que se forma, na USP, com o prof. Olivier Toni: Willy Correa de Oliveira (*Ouviver a música*), Gilberto Mendes (*Santos Football Music*), Rodolfo Coelho de Oliveira (*Croma, Variações sobre um tema de Cláudio Santoro*), que ampliam as propostas do Música Viva. Nos anos 70, os núcleos universitários renovam o ensino da composição e formam gerações de jovens artistas. A Escola de Música de Salvador, dirigida por Ernst Widmer (*Quasars*), pesquisa o dodecafonismo aliado a temas afro-brasileiros. Dali saem Lindembergue Cardoso (*Procissão das carpideiras*) e Jamary de Oliveira (*Homólogos, Interações*). Trabalho semelhante é desenvolvido por C. Santoro e J. Antunes na UnB, de Brasília, Olivier Toni na USP, Benito Juarez na Unicamp, de Campinas, Henrique Morelenbaum e Guerra Peixe na URJ, Armando Albuquerque e Bruno Kiefer na UFRGS, de Porto Alegre, e Frederico Richter na UFSM, de Santa Maria (RS).

Os nacionalistas – Reunida em torno de Camargo Guarnieri, essa tendência permanece viva em Marlos Nobre (*Ukrimakrinkrin*), Sérgio Vasconcelos Correa (*Suíte piratininga*), José Antônio de Almeida Prado (*Livro sonoro, Cartas celestes*), e nas obras instrumentais ou de câmara de Oswaldo Lacerda, Breno Blauth, Ernst Mahle e Raul do Vale. Mais tarde, muitos deles combinarão, em suas obras, procedimentos nacionalistas e cosmopolitas. Enquanto isso, José Carlos do Amaral Vieira (*Reminiscências de Adriano, Missa choralis*) segue um caminho pessoal, optando pelo retorno consciente ao tonalismo. Essa multiplicidade de orientações gera o ecletismo de escrita de Ester Scliar (*Auto da barca do inferno*), Ailton Escobar (*Diálogo com a morte*), Mário Tavares (*Gangazuma*) ou Ronaldo Miranda (*D. Casmurro*).

Na nova geração, destacam-se o carioca Ricardo Tacuchian (a série *Estruturas*); o mineiro Eduardo Guimarães Álvares, que, em 1991, ganha o prêmio alemão Gold Amadeus com o concerto *Aleatoric mobiles;* o pernambucano Antônio Madureira, ligado ao Movimento Armorial, que se propõe a estudar a cultura regional em função de suas raízes européias mais remotas; o uruguaio Conrado Silva, que faz, em São Paulo, experiências eletroacústicas aliadas aos recursos da computação; o paulista Silvio Ferraz (*Várzea dos pássaros de pó*); e o carioca Roberto Victorio (*Bereshit*).

MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

A miscigenação característica do povo brasileiro, aliada às influências políticas, econômicas e culturais da Europa e da América do Norte, produziu uma música popular brasileira marcada pela riqueza melódica, pela intensidade poética e pela variedade de temas e ritmos. Harmonias européias, sons africanos e danças rituais indígenas se fundem no Brasil. Dessa fusão, forma-se uma expressão musical de personalidade própria, ao mesmo tempo independente e permeável a novas influências, aberta às manifestações mais primitivas e às concepções mais eruditas, às polcas e mazurcas setecentistas e ao rap e ao reggae contemporâneos.

Origens – Há pouca informação sobre a música tocada, ouvida e dançada pelo povo no Brasil colonial. Documentos e registros citam, apenas de passagem, as cantorias entoadas pelos nativos da terra, às quais se juntaram cantigas profanas, cânticos religiosos e fanfarras militares do colonizador português e o batuque trazido pelos escravos negros da África. As mais antigas anotações são de fins do séc. XVIII. Referem-se ao lundu africano com seus meneios e sapateados, adotado como dança de salão, e à modinha portuguesa, amorosa e sentimental, que percorre caminho inverso, indo dos salões para as serestas de rua. Recriada no Brasil, enriquecida com o dengo e a sensualidade dos trópicos, a modinha retorna a Portugal com grande sucesso. Em 1798, Lisboa se encanta com a coleção *Viola de Lereno*, do mulato carioca Domingos Caldas Barbosa. Danças européias – valsa, polca, mazurca – chegam ao Brasil e também passam por adaptações, às vezes chegando a mudar de ritmo e até de nome, como se dá com o quase marcial *schotish*, de origem escocesa, que aqui ganha balanço e o nome de xote. A mistura dessas danças européias com o gingado africano gera o maxixe, gênero predominante até o início do séc. XX, quando surgem o samba e a marchinha, num tempo em que, no Nordeste, já se dançam o frevo e o maracatu.

Nessa virada de século, destaca-se o pianista e compositor Ernesto Nazaré, que funde melodias e ritmos do folclore urbano com processos harmônicos eruditos. Divulga o "tango brasileiro", uma variação do maxixe, criação de Henrique Alves de Mesquita. Dois outros nomes importantes da época: a compositora e pianista Chiquinha Gonzaga, precursora da luta pela valorização da mulher no Brasil, autora de polcas de salão e, entre outras, da marcha carnavalesca *Oh, abre alas* (1899); o flautista e compositor Patápio Silva, autor da valsa *Primeiro amor* (1905).

Gravações – Na passagem do séc. XIX para o séc. XX, o surgimento do gramofone revoluciona a produção musical brasileira, ao tornar possível a maior divulgação do trabalho dos grandes compositores. O primeiro disco, em 1902, traz a marcha *Isto é bom*, atribuída a Xisto Bahia, cantada por Manoel Pedro dos Santos, o Baiano. A própria autoria das composições passa a ter existência, de fato, pois até então a música popular brasileira nascia como criação coletiva, não definida, nos salões e rodas de cantoria e dança. A partir de 1923, com a primeira rádio brasileira – Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Edgar Roquete Pinto e Henrique Morize –, ampliam-se as fronteiras da nascente indústria fonográfica nacional.

Samba – Cresce como manifestação popular, nas primeiras décadas do séc. XX, o Carnaval, especialmente o do Rio de Janeiro. Consolida-se também um novo gênero, o samba, derivado do lundu, do jongo e de outros ritmos africanos. O primeiro samba gravado é *Pelo telefone*, de Donga (Ernesto dos Santos) e Mauro de Almeida: partitura registrada em 1916, gravação em 1917. Improvisados em rodas de negros, os primeiros sambas não têm autor definido. Um dos sambistas pioneiros, José Barbosa da Silva, o Sinhô, repete com freqüência: "Samba é que nem passarinho, de quem pegar primeiro". Usa esse argumento, por exemplo, na disputa com Heitor dos

Prazeres, seu parceiro em *Cassino Maxixe*, de 1926. Relançada dois anos depois com novo nome, *Gosto que me enrosco*, a música alcança grande sucesso – mas tendo apenas Sinhô como autor.

Choro – Compositor de polcas e maxixes, ou "tango brasileiro", o pianista Ernesto Nazaré destaca-se também entre os chorões, nome dado aos intérpretes e apreciadores do choro, ou chorinho, gênero musical que se forma paralelamente ao samba. Uma de suas características é o virtuosismo dos instrumentistas. Flauta, cavaquinho, piano, violão, bandolim, saxofone, trombone e clarineta são os principais instrumentos usados nos conjuntos de chorões. *Apanhei-te, cavaquinho*, composto por Nazaré em 1915, exprime bem o clima existente entre os tocadores de chorinhos: ao executá-lo, o piano será sempre mais rápido que o cavaquinho, muitas vezes tido como instrumento mais ligeiro. O também pianista Zequinha de Abreu, do interior de São Paulo (Santa Rita do Passa Quatro), compõe o mais popular dos chorinhos, *Tico-tico no fubá*, de 1917. Com outro instrumento, o carioca Jacob Pick Bittencourt, o Jacó do Bandolim, firma-se como estrela de primeira grandeza na constelação dos chorões, a partir da década de 30. Mas o maior nome, entre todos, é mesmo o do clarinetista Alfredo Viana, o Pixinguinha, autor de alguns dos clássicos mais executados, como *Carinhoso* (de 1917, gravado em 1928, mais tarde recebeu letra de João de Barro) e *Lamento* (1928). Em 1922, liderando o conjunto Oito Batutas, Pixinguinha consegue êxito também fora do Brasil, tocando em Paris e Buenos Aires. A partir do final da década de 30, complicações respiratórias impedem que ele continue tocando clarineta. Passa então ao saxofone, seu instrumento até a morte, em 1973. Nesse período, desponta como maior flautista brasileiro o fluminense (de Pádua) Altamiro Carrilho. A partir da década de 40, divulga-se a expressão conjunto regional, em que pequenos grupos tocam ou acompanham cantores em valsas, serestas e chorinhos. A origem da expressão: nomes famosos do rádio, quando excursionam pelo interior, cobram mais barato quando não levam seus próprios acompanhantes, dispondo-se a cantar com conjuntos da região, os regionais.

Caipiras – As primeiras décadas do séc. XX abrem as perspectivas para a música popular brasileira, com o disco, o rádio e a evolução do Carnaval. Em São Paulo, o folclorista Cornélio Pires consolida o nascimento de mais um gênero, a música caipira, acompanhada de viola, violão e sanfona e geralmente cantada em duplas de primeira e segunda vozes, tendo como temas o boi, o carreiro, a natureza, a vida na roça. Em 1929, Cornélio Pires seleciona as melhores duplas do interior paulista e as leva para gravar na capital. Alguns desses artistas se tornam conhecidos nacionalmente, num tempo em que mais de 70% da população brasileira mora e trabalha no meio rural: os irmãos Tonico e Tinoco, a dupla Raul Torres (talvez o maior compositor caipira, autor da *Moda da mula preta*) e Florêncio, o casal Cascatinha e Inhana (intérpretes da guarânia *Índia*, uma versão cantada por todo o Brasil nos anos 50), as duplas humorísticas Alvarenga e Ranchinho, Jararaca e Ratinho. A cantora paulistana Inesita Barroso, depois de grande êxito interpretando sambas (*Os estatutos da gafieira*, de Billy Blanco, e *Ronda*, de Paulo Vanzolini), fixa-se como o maior nome feminino da música caipira, ou de raiz, com sucessos como *Moda da pinga* (Ochelsis Aguiar Laureano, 1953) e *Pingo d'água* (Raul Torres e João Pacífico, de 1944, gravado por ela em 1969).

Carnaval – É de 1929 o primeiro desfile de escolas de samba, no Rio de Janeiro, na boêmia praça Onze, vencido pela recém-fundada Mangueira. Proliferam, nesse tempo, as escolas de samba cariocas, a partir da primeira, Deixa Falar, que o compositor Ismael Silva implanta em 1928. Várias marchinhas são cantadas em todos os Estados, e em alguns casos tornam-se definitivas, repetidas nacionalmente a cada ano, como *Mamãe, eu quero* (de Jararaca e Vicente de Paiva, 1937) e *Vem, jardineira* (João de Barro e Alberto Ribeiro, de 1944). João de Barro (pseudônimo do carioca Carlos Alberto Ferreira Braga, que os amigos chamam de Braguinha) e Lamartine Babo consagram-se como grandes expoentes do Carnaval. Alguns dos sucessos deixados por Lamartine Babo: *O teu cabelo não nega* (de 1932, com os Irmãos Valença), *Linda morena* (1933), *Linda lourinha* e *Uma andorinha não faz verão* (de 1934, ambas com João de Barro).

Noel e Ari – A década de 30 fica conhecida como a época de ouro da música popular brasileira e o compositor que melhor representa esse período é o carioca Noel Rosa, apesar de ter morrido muito cedo (aos 27 anos, em 1937, tuberculoso). Chamado "O Poeta da Vila", por sua origem (o bairro de Vila Isabel), é o artista de classe média, branco, de formação universitária (estudou Medicina, sem completar o curso), que se entrosa com os sambistas negros dos morros e os malandros da Lapa, o bairro boêmio junto ao centro da cidade. Com Noel Rosa, o samba adquire personalidade definitiva, tanto na harmonia quanto na poesia. Alguns de seus sucessos: *Pra que mentir* (1934) e *Conversa de botequim* (1935), ambas com seu parceiro mais importante, Vadico, o paulistano Osvaldo Gogliano, *Palpite infeliz* (1936), *As pastorinhas* (parceria com João de Barro, com o nome inicial de *Linda pequena*, em 1935, letra e nome definitivos em 1938).

Os anos finais de Noel coincidem com a consolidação de Ari Barroso, também branco, de formação universitária (estudou Direito), mineiro de Ubá e sambista inspirado. Animador de programas de calouros, narrador de jogos de futebol, vereador, Ari tem atuação intensa no Rio de Janeiro dos anos 40 e 50. É o primeiro compositor brasileiro a obter fama mundial, beneficiado pelo êxito da cantora Carmen Miranda nos Estados Unidos. Compõe canções românticas de grande sucesso, como *No rancho fundo* (1931, com Lamartine Babo) e *Risque* (1952). Mas sua marca registrada são mesmo os sambas patrióticos, em grande parte sintonizados com a ideologia da ditadura getulista do Estado Novo (1937–1945). Alguns dos sambas-exaltação de Ari Barroso: *No tabuleiro da baiana* (1936), *Na Baixa do Sapateiro* (1938) e, principalmente, *Aquarela do Brasil*, a música brasileira mais regravada em todos os tempos.

Outros talentos – O Rio de Janeiro da primeira metade do séc. XX atrai os talentos mais brilhantes de todos os Estados. Um deles é o baiano Dorival Caymmi, das canções praieiras e dos sambas maliciosos, apimentados. Ganha fama com *O que é que a baiana tem?*, gravado em 1939 por Carmen Miranda e se mantém entre os mais executados nacionalmente até o samba *Oração da Mãe Menininha*, de 1972. Também vai ao Rio em busca do sucesso o mineiro Ataulfo Alves, conhecido por *Leva meu samba* (1941), *Ai, que saudades da Amélia* (1942, com Mário Lago) e *Meus tempos de criança* (1957). O gaúcho Lupicínio Rodrigues traz para o Rio os amores traídos e fracassados de *Nervos de aço* (1947), *Esses moços* (1948) e o dramático *Vingança* (1951).

Baião – Sempre tendo o Rio de Janeiro como centro irradiador, um novo ritmo balança o Brasil na virada da década de 40 para a de 50. É o baião, trazido do Nordeste por Luís Gonzaga, pernambucano de Exu, sanfoneiro exímio, cantor de imediata comunicação com as massas. *Asa branca*, de 1947, retrata a dor do retirante nordestino, num contraste forte entre os versos tristes e o ritmo balanceado. O mesmo contraste marca sucessos como *Juazeiro* (1948) e *Paraíba* (1950). Nos três casos, Gonzaga tem como parceiro o cearense (de Iguatu) Humberto Teixeira. Praticamente todos os grandes compositores nordestinos surgidos a partir de então reconhecem ter recebido influência de Gonzaga. Outras estrelas do baião foram a carioca Carmélia Alves (*Cabeça inchada*, de Hervê Cordovil, 1951) e Zé do Norte (*Mulher Rendeira*, 1950). Cantando xaxado e coco, ritmos próximos do baião, também faz sucesso Jackson do Pandeiro (*Sebastiana*, de R. Cavalcanti, e *Mulher do Aníbal*, de Genival Macedo e Nestor de Paula, ambas de 1953).

A era do rádio – Em seus primeiros anos de existência no Brasil, o rádio ainda é visto com estranheza. Mas, no final da década de 20, os políticos tomam consciência do poder do novo veículo. Em seguida, os profissionais da música popular passam a usar o rádio como principal meio de divulgação. As cantoras são as primeiras a conquistar a preferência dos ouvintes, que mandam seus votos para os concursos de Rainha do Rádio. O mais prestigiado dos concursos, promovido no late dos Laranjas, elege Linda Batista em 1937. Ela mantém o título até 1948, quando é sucedida por sua irmã, Dircinha. Nesse ano surge a *Revista do Rádio*, que passa a promover a eleição das rainhas, a cada ano, sem reeleição. Duas das mais famosas: em 1952, Dalva de Oliveira (intérprete de *Ave Maria no morro*, Herivelto Martins, 1942) e, em 1954, Ângela Maria (*Vida de bailarina*, Américo Seixas e Chocolate, 1953). Em São Paulo, nessa ocasião, surge uma cantora de renome nacional, Isaurinha Garcia, que encanta os ouvintes da Rádio Record com interpretações carregadas de emoção, como *Sorriso de Paulinho* (Gastão Viana e Mário Rossi, 1942), *Mensagem* (Aldo Cabral e Cícero Nunes, 1946) e *De conversa em conversa* (Lúcio Alves e Haroldo Barbosa, 1947, gravada com Os Namorados da Lua). Mas a maior competição se dá entre duas outras preferidas: Emilinha Borba (*Chiquita bacana*, de João de Barro e Alberto Ribeiro, 1949) é a estrela do programa de auditório de maior audiência no rádio brasileiro, comandado aos sábados por César de Alencar, na Rádio Nacional; Marlene (*Lata d'água*, Luís Antônio e Jota Júnior, 1952) brilha no programa Manuel Barcelos, transmitido às quintas-feiras, também pela Nacional.

Reis do rádio – Por um tempo, a *Revista do Rádio* promove também a eleição de um rei, entre os cantores, apostando no predomínio feminino entre os freqüentadores dos programas de auditório. Mas a iniciativa não dá certo, mesmo com a existência de nomes de grande popularidade. Francisco Alves detém o título de Rei da Voz, que permanece sem dono depois de sua morte, em 1952, em acidente de carro na via Dutra. Chamado também de Chico Viola, destaca-se desde a primeira gravação, em 1918 (*Pé de anjo* e *Fala, meu louro*, ambas de Sinhô). Outros sucessos de Francisco Alves: *Fita amarela* (Noel Rosa, 1933), *Serra da Boa Esperança* (Lamartine Babo, 1937), *Nervos de aço* (Lupicínio Rodrigues, 1947). Nos anos 30, Chico Alves canta em dupla com Mário Reis, que também faz carreira solo (*A tua vida é um segredo*, Lamartine Babo, 1933). Outras vozes masculinas do período que vai até a década de 60: Vicente Celestino, autor e intérprete dos grandes sucessos *O ébrio* (1936) e *Coração materno* (1937); o seresteiro Silvio Caldas, parceiro de Orestes Barbosa em *Chão de estrelas* (1937); Orlando Silva, o cantor mais popular do Brasil no fim dos anos 30, chamado "o cantor das multidões", primeiro a gravar *Carinhoso*, de Pixinguinha, com a letra posta em 1937 por João de Barro; Nélson Gonçalves, o preferido das casas boêmias (*A volta do boêmio*, Adelino Moreira, 1956); Caubi Peixoto, lançado em 1954 cantando uma versão que Antônio Almeida e João de Barro fizeram para *Blue Gardenia* (Bob Russel e Lester Lee), consagrado dois anos depois com *Conceição* (Jair Amorim e Dunga).

Bossa Nova – A expressão bossa nova existe nos meios musicais brasileiros desde os anos 40, empregada sempre que alguém adota um jeito diferente de cantar ou tocar. Ninguém sabe dizer exatamente a partir de quando a expressão começa a ser usada apenas para designar o tipo de samba que surge na requintada zona Sul do Rio de Janeiro. Ali, pelo final da década de 50, compositores, instrumentistas e cantores mais intelectualizados, conhecedores do jazz americano, iniciados em música erudita, desenvolvem um estilo mais suave e intimista de fazer samba. O toque final do novo gênero é dado pela batida de violão criada pelo cantor baiano João Gilberto, que forma com o carioca Tom Jobim a dupla de principais nomes da Bossa Nova. A primeira gravação que registra o acompanhamento diferente de João Gilberto é o LP *Canção do amor demais*, de Elisete Cardoso (1958). No ano seguinte, surge o LP que de fato lança o novo padrão de samba, *Chega de saudade*, em que João Gilberto, além da batida de violão, surpreende pelo jeito quase sussurrado de cantar, explorando a potência do microfone em vez de esticar ao máximo as cordas vocais. Cansadas do estilo operístico dominante até então, as novas gerações de ouvintes logo aderem ao novo gênero, que em pouco tempo se transforma em preferência nacional. O êxito internacional também não demora. Em 1962, um grande grupo de brasileiros se apresenta no renomado Carnegie Hall, de Nova York. Apesar dos problemas de som e de uma certa desorganização, o show abriu espaço para a Bossa Nova no mercado americano, dali difundindo-se pelo resto do mundo. João Gilberto gravou com o saxofonista Stan Getz em 1964. Tom Jobim gravou com Frank Sinatra em 1967. Na germinação do movimento, em meados da década de 50, os precursores da nova bossa atuavam nas casas noturnas mais sofisticadas do Rio. Alguns deles: Dick Farney e Lúcio Alves (*Teresa da praia*, Tom Jobim e Billy Blanco, 1954), o pianista da noite e cantor Johnny Alf (*Rapaz de bem*, 1955), as autoras e intérpretes Dolores Duran (*A noite do meu bem*, 1956) e Maisa (*Ouça* e *Meu mundo caiu*, ambas de 1956), a cantora Sílvia Teles, por muitos considerada a voz feminina mais expressiva do movimento (*Foi a noite*, de Tom Jobim e Newton Mendonça, 1957). Com o sucesso, revelam-se nomes como o do pianista Newton Mendonça, parceiro de Tom Jobim em vários sucessos (*Desafinado*, de 1958, *Samba de uma nota só*, de 1960); o poeta e diplomata Vinicius de Moraes, parceiro de Tom Jobim em outros sucessos (*Chega de saudade*, de 1958, *Garota de Ipanema*, de 1963); o jornalista Ronaldo Boscoli, parceiro de Carlos Lira em *Lobo bobo* (1959) e de Roberto Menescal em *O barquinho* (1959); o violonista e compositor Baden Powell, que acompanha alguns dos principais intérpretes bossa-novistas; a cantora Nara Leão, revelada pela Bossa Nova. A renovação musical desencadeada pelo novo gênero provocaria, nos anos seguintes, o surgimento de movimentos mais ou menos concomitantes, como os festivais, as canções de protesto e a própria sigla MPB, para designar música popular brasileira.

MPB – Acredita-se que a sigla venha de uma analogia com MDB, do partido oposicionista Movimento Democrático Brasileiro, de fins de 1965. Outra versão associa a sigla a MMP, de Magaldi, Maia e Prosperi, publicitários que na mesma ocasião fizeram o marketing de Roberto Carlos e sua Jovem Guarda. Entre publicitários, nessa época, reverenciava-se a criatividade da agência americana DDB (de Doyle, Dale e Bernbach), pioneira no uso das iniciais dos proprietários. Uma terceira versão dá MPB como criação do cronista e compositor carioca Sérgio Porto (*Samba do crioulo doido*, 1968), que escreveu sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta e é apontado como o criador do nome do quarteto MPB-4.

TV e festivais – Instalada no Brasil desde set. de 1950 (TV Tupi, de São Paulo), a televisão só vem a se sobrepor ao rádio na década seguinte, coincidindo com o momento em que a Bossa Nova se expandia. Em 1965, a TV Excelsior paulista organiza o I Festival de Música Popular Brasileira, vencido por *Arrastão*, composição de Edu Lobo e Vinicius de Moraes. É a música que revela para o Brasil a cantora Elis Regina, antes conhecida apenas dos freqüentadores do Beco das Garrafas, recanto de Copacabana que concentra casas noturnas com música ao vivo. O II Festival, no ano seguinte, é organizado pela TV Record, também de São Paulo. Duas músicas dividem o primeiro lugar, novamente promovendo revelações de âmbito nacional: *A banda*, o primeiro grande sucesso de Chico Buarque de Holanda, cantada por ele e Nara Leão, e *Disparada*, de Geraldo Vandré e Teo de Barros, cantada por Jair Rodrigues (que a essa altura já é uma atração da TV, dividindo com Elis Regina o programa *O Fino da Bossa*). O III Festival, em 1967, é vencido por Edu Lobo e Capinam, com *Ponteio*, mas a música de maior repercussão é *Alegria, alegria*, que revela Caetano Veloso como cantor e compositor. Desse ponto em diante, os festivais

se deslocam para o Rio de Janeiro, em torno da TV Globo, que começa a se destacar como líder de audiência. O I FIC (Festival Internacional da Canção) não tem grande destaque, organizado em 1966 pela TV Rio e vencido por *Saveiros*, de Dori Caymmi e Nélson Mota, mas o II FIC, em 1967, traz já a marca da Globo. Em primeiro lugar, *Margarida*, de Gutemberg Guarabira, e em segundo a maior sensação do festival, *Travessia*, que revela Milton Nascimento como cantor e compositor (parceria com Fernando Brant). O III FIC, de 1968, repete o fenômeno de o primeiro colocado (*Sabiá*, de Chico Buarque e Tom Jobim) repercutir menos que o segundo (a engajada *Caminhando*, ou *Pra não dizer que não falei de flores*, de Geraldo Vandré, que provoca violenta reação da ditadura militar vigente).

Protesto – Vários dos autores e intérpretes da Bossa Nova vêm da militância política no movimento universitário, com participação no Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Com a implantação da ditadura militar, em 1964, a música popular se converte em núcleo de resistência. Um dos pontos altos é o show *Opinião*, estrelado por Nara Leão e os compositores Zé Keti (autor da música-título) e João do Vale, autor de *Carcará* (parceria com José Cândido), a música que marca a estréia da cantora Maria Bethânia, trazida ainda adolescente da Bahia para substituir Nara. Várias músicas sofrem então cortes da censura ou são proibidas, como acontece com *Apesar de você*, de Chico Buarque (1970), e *Cálice*, de Chico Buarque e Gilberto Gil (1973). Muitos compositores partem para o exílio, entre eles Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque (que em 1974 consegue driblar a censura, inventando o nome Julinho de Adelaide como autor de *Acorda, amor*).

Jovem Guarda – Ao mesmo tempo que os festivais e as canções de protesto, cresce a Jovem Guarda, nome de programa na TV Record e do movimento liderado por Roberto Carlos, cantor e compositor que começa imitando João Gilberto e depois, influenciado pelo rock moderno dos Beatles, desencadeia no Brasil a onda do iê-iê-iê (o nome vem do refrão repetido pelos Beatles em músicas como *She loves me*). Apresentado nas tardes de domingo, o programa tem como coadjuvantes permanentes Erasmo Carlos, chamado de Tremendão, parceiro das principais composições de Roberto (*Festa de arromba*, de 1964, *Quero que vá tudo pro inferno*, de 1965), e a cantora Wanderléa, chamada de Ternurinha (*Prova de fogo*, de Erasmo, 1967). Outras estrelas da Jovem Guarda: Jerry Adriani, Wanderlei Cardoso, Eduardo Araújo, Martinha, os grupos Golden Boys e Renato e Seus Blue Caps.

Tropicalismo – A partir do sucesso nos festivais, os baianos Caetano Veloso e Gilberto Gil fundem MPB, Bossa Nova, tendências pop internacionais, ritmos centro-americanos, ingredientes de música erudita e desse caldo surge o Tropicalismo. Nas letras e na filosofia, influências do teatro de Oswald de Andrade e dos poetas concretistas Décio Pignatari e os irmãos Haroldo e Augusto de Campos. Nas roupas e nos cenários dos shows do grupo, a arte de Hélio Oiticica (autor do cartaz com a inscrição "Seja marginal; seja herói", uma das causas do exílio de Caetano e Gil). Os arranjos do maestro Rogério Duprat abrem espaço tanto para as guitarras elétricas (uma heresia, para os padrões vigentes) quanto para o berimbau. O LP *Tropicália*, ou *Panis et circensis*, de 1968, consolida o movimento. Em 1993, Caetano e Gil lançam o disco *Tropicália 2*, para comemorar os 25 anos do movimento. Outras estrelas do Tropicalismo: a cantora Gal Costa (*Baby*, de Caetano, 1968), o compositor Tom Zé (*Parque industrial*, 1968), Os Mutantes, conjunto formado por Rita Lee e os irmãos Arnaldo e Sérgio Dias Batista (surgem acompanhando Gilberto Gil em *Domingo no parque*, vice-campeã do III Festival da Record, em 1967).

Novas influências – Os anos 70 se caracterizam pela diversidade de influências e estilos. A cultura nordestina combina-se com rock, samba e chorinho nas composições de Fagner (LP *Manera, Fru-fru, manera*, 1973), Belchior (LP *Alucinação*, 1976) e Zé Ramalho (*A peleja do diabo com o dono do céu*, 1979). Dos Novos Baianos (LP *Ferro na boneca*, 1971), desgarram-se em carreiras solo Moraes Moreira (LP *Cara e coração*, 1977), Pepeu Gomes (LP *Geração do som*, 1978) e Baby Consuelo (LP *Pra enlouquecer*, 1979). Violas sertanejas e instrumentos eletrônicos fundem-se no rock rural de Sá, Rodrix e Guarabira (LP *Passado, presente, futuro*, 1973). O I Festival de Jazz (São Paulo, 1978) aumenta o interesse pela improvisação instrumental, como se vê em Egberto Gismonti (*Academia de danças*, 1973; *Palhaço*, 1980), Hermeto Paschoal (*Gaio da roseira*, 1971) e Wagner Tiso (*Matança de porco*, 1973; *Coração de estudante*, que em 1984 serve de fundo musical para a campanha por eleições diretas e, no ano seguinte, para a agonia e os funerais do pres. Tancredo Neves). Também de influência jazzística é a música de Ivan Lins (*Abre alas*, 1974, em parceria com Vítor Martins). Uma dupla de letrista carioca (Aldir Blanc) e músico mineiro (João Bosco) se forma para produzir uma obra ao mesmo tempo irreverente (*Kid Cavaquinho* e *De frente pro crime*, de 1974) e engajada nas manifestações de protesto contra a ditadura militar (*O mestre-sala dos mares*, de 1975, reporta à Revolta da Chibata, do início do século, e *O bêbado e a equilibrista* torna-se um dos hinos da luta pela anistia, a partir de 1979).

Velha guarda – Antigos nomes da MPB, como Adoniran Barbosa, Cartola e Nélson Cavaquinho, finalmente gravam seus primeiros LPs na década de 70. O pioneiro Donga não teve tanta sorte: só depois de sua morte, em 1974, sai o seu único LP. A revalorização da velha guarda do samba serve também para realçar o trabalho de jovens valores que seguem, com brilho, a escola tradicional. Alguns deles: Martinho da Vila (LP *Canta, canta, minha gente*, 1974), Paulinho da Viola (LP *Amor à natureza*, 1975), Beth Carvalho (LP *De pé no chão*, 1978) e Clara Nunes (LP *Guerreira*, 1978). Na mesma trilha, seguem Gonzaguinha (LP *Comportamento geral*, 1973), João Bosco e Aldir Blanc.

Rock nacional – Os anos 70 e 80 consolidam o rock nacional, ensaiado desde os anos 60 por Celly Campelo (*Estúpido cupido*, de Neil Sedaka e H. Greenfield, versão de Fred Jorge) e pela Jovem Guarda. Desgarrada dos Mutantes, Rita Lee (*Ovelha negra*, 1975) desponta como estrela maior, ao lado de Raul Seixas (*Ouro de tolo*, 1973, e *Gita*, 1975). Formam-se, a partir daí, as bandas: Blitz (*Você não soube me amar*, 1982), Barão Vermelho, sob a liderança de Cazuza (*Down em mim*, 1982), Paralamas do Sucesso, liderados por Herbert Viana (*Vital e sua moto*, 1983), Ultraje a Rigor, liderada por Roger (*Inútil*, 1983), Os Titãs (*Sonífera ilha*, 1984). O novo rock brasileiro também produz estrelas solitárias, como Lobão (*Me chama*, 1983) e Marina (*O lado quente do ser*, 1981). Alguns preferem compor em inglês e conseguem sucesso no exterior. O grupo mineiro Sepultura chega ao 9º lugar na parada inglesa com *Beneath the remains* (1989). O Viper grava na Alemanha (LP *Evolution*, 1992) e faz sucesso no Japão.

Independentes – Outro fenômeno dos anos 80 são os músicos independentes, que procuram fazer carreira com composições que não se enquadram nas fórmulas preferidas pelas grandes gravadoras. Arrigo Barnabé integra elementos de música erudita, cinema, poesia concreta, televisão e quadrinhos nos LPs *Clara Crocodilo* (1980) e *Tubarões voadores* (1984). Itamar Assumpção experimenta a fusão de batucada com reggae e funk nos LPs *Beleléu, leléu, eu* (1981) e *Às próprias custas S.A.* (1982). Tetê Espíndola vem com sua voz aguda, de empostação lírica, no LP *Pássaros na garganta* (1982), o grupo Rumo incorpora entonações da fala ao seu canto (LPs *Rumo*, de 1981, e *Diletantismo*, 1983) e os grupos Premeditando o Breque (LP *Quase lindo*, 1983) e Língua de Trapo (LP *Como é bom ser punk*, 1985) carregam no humor.

Suburbanos e sertanejos – A semente plantada na década de 60 por Anísio Silva (*Alguém me disse*, de Evaldo Gouveia e Jair Amorim, 1960) germinaria para dar frutos bem mais tarde. São as canções de grande sucesso popular, especialmente no interior e nos subúrbios,

carregadas de um romantismo piegas, como as de Waldick Soriano (*Eu não sou cachorro não*, de 1974). Na mesma linha, com voz idêntica à de Roberto Carlos, Amado Batista mantém a média de um milhão de cópias a cada disco, começando com *Amor perfeito* (Vicente Dias, 1978). Outro que chega a um milhão de cópias é Sidney Magal, com *O meu sangue ferve por você* (versão feita por Serafim Costa Almeida, em 1977, para *Melancolie*). Satirizando o gênero, Eduardo Dusek faz sucesso com *Brega chique* (com Luís Góes, 1984). É nessa mesma prateleira que as lojas de disco colocam, desde o final dos anos 80, a música sertaneja, descendente urbanizada da música caipira. Em vez da temática rural, os sertanejos cantam os amores impossíveis, sempre com altas vendagens e shows lotados em "caipiródromos". Destacam-se as duplas Chitãozinho e Xororó (*Fio de cabelo*, de Marciano e Darci Rossi, 1983) e Leandro e Leonardo (*Entre tapas e beijos*, Nilton Lamas e Antônio Bueno, 1989).

Para crianças – Desde o palhaço Carequinha (*Fanzoca de rádio*, de Miguel Gustavo, em 1958), os discos para crianças registram altas vendagens. Com a televisão, as atrações dos programas infantis dos anos 80 atingem os números mais altos. Os LPs da Turma do Balão Mágico vendem acima de 3 milhões de cópias. O mesmo acontece com o grupo Trem da Alegria (*Uni-duni-tê*, de Michael Sullivan e Paulo Massadas, 1985). Mas a recordista é Xuxa, que se transforma em fenômeno de audiência na TV, com o *Xou da Xuxa*, na Globo. Seu maior sucesso (*Ilariê*, de Cid Guerreiro, Dito e Ceinha) puxa a venda de 3,1 milhões de cópias do LP *Xou da Xuxa 3*, de 1988.

Ondas internacionais – De tempo em tempo, ritmos estrangeiros de aceitação internacional chegam ao Brasil. Alguns deixam marca, como o rock. Outros passam rápido, como as ondas centro-americanas dos anos 50 e 60 (rumba, mambo, cha-cha-chá). Pelo final dos anos 70, aparece a onda da discoteque, vinda dos Estados Unidos. Mais recentemente, vem o funk, que atrai Tim Maia e o arranjador Lincoln Olivetti. O reggae do jamaicano Bob Marley comove Gilberto Gil (*Vamos fugir*, 1984, com Liminha) e os Paralamas do Sucesso (LP *Selvagem?*, 1986). Uma das últimas importações é o rap, mais falado que cantado, como em *Haiti*, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, no LP *Tropicália 2*. Pelo menos em um caso, a onda musical importada teve origem brasileira: a lambada. Calcada no merengue centro-americano, muito parecida com o carimbó paraense, a lambada surge nos carnavais do início dos anos 80, desaparece por um tempo e reaparece com grande escândalo (os casais colam os corpos, ao dançar) na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, o maior sucesso é Beto Barbosa, com *Adocica* (1990). Um dos compositores brasileiros mais abertos às ondas internacionais, sem deixar de ser nacional, é Jorge Ben Jor. Com o nome de Jorge Ben, ele aparece em 1961, juntamente com a Bossa Nova, com *Mas que nada*. Daí por diante, em paralelo com a Jovem Guarda, o Tropicalismo e outros movimentos, alcança sucesso com *País tropical* (1969), *Fio Maravilha* (1974), e em 1993 está de novo entre os mais tocados, com o balanço vivo de *W/Brasil*.

Ondas carnavalescas – Os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro transformam-se, a cada ano, em grandes espetáculos de alta audiência na TV. O samba-enredo das escolas torna-se mais curto, mais fácil de cantar e passa também a vender muitos discos, desde *Iaiá do cais dourado* (Martinho da Vila e Rodolfo de Sousa, 1969). A cada Carnaval cresce, também, a contribuição baiana, começando pelos estridentes e iluminados "trios elétricos" dos anos 70. São caminhões de som que tocam frevos e outros ritmos em volume altíssimo, acompanhados por massas imensas de foliões (em *Atrás do trio elétrico*, de 1969, Caetano Veloso diz que "só não vai quem já morreu"). As mais recentes novidades do Carnaval baiano: o fricote, de Luiz Caldas (LPs *Magia* e *Flor cigana*, de 1987); o samba-reggae, do grupo Olodum; a timbalada, de Carlinhos Brown; a axé music, de Daniela Mercury (*O canto da cidade*, de 1992). ■

QUADRINHOS

Considerados "a nona arte", os quadrinhos narram histórias reais ou imaginárias com seqüências de imagens; as palavras das personagens ou do narrador quase sempre vêm sob a forma de legendas ou dentro de balões. São conhecidos como *histórias aos quadradinhos* em Portugal, *comics* nos Estados Unidos, *bandes dessinées* na França, *fumetti* na Itália, *tebeos* na Espanha, *historietas* na Argentina, *muñequitos* em Cuba, *mangás* no Japão.

ORIGENS

Remontam à pintura rupestre da Pré-história (as mais típicas estão nas cavernas de Lascaux, na França, e Altamira, na Espanha). Baixos-relevos egípcios misturam hieróglifos e desenhos para contar a vida dos faraós. A Via Sacra, os estandartes chineses, as tapeçarias medievais, os vitrais góticos e os livros ilustrados de diversas épocas têm em comum a narrativa figurada. Hoje, o desenho é a forma mais empregada pelos artistas. Os *filactérios*, faixas com palavras escritas junto à boca das personagens, usadas em ilustrações européias desde o séc. XIV, são considerados a gênese dos balões; mas é a partir do séc. XIX que o texto acompanha sistematicamente o desenho. Os pioneiros são Rudolf Topffer, com *O sr. Vieux-Bois* (1827); Henrique Fleiuss, com *Dr. Semana* (1861); Wilhelm Busch, com *Max e Moritz – Juca e Chico* na tradução de Olavo Bilac; e Christophe (pseudônimo de Georges Colomb), com *A família Fenouillard* (1895).

O NASCIMENTO DA INDÚSTRIA

Os primeiros *comic-strips* americanos têm por objetivo fazer rir explorando cenas da vida cotidiana. Nos cortiços de Nova York ambientam-se as histórias bem-humoradas de *Yellow Kid* (1896), publicado por Richard Fenton Outcault na página dominical do *New York World* e, posteriormente, no *New York Journal*. A personagem de camisolão amarelo – cor escolhida por oferecer menos problemas de secagem – torna-se a vedete lucrativa dos jornais. É também com Outcault que nascem os balõezinhos contendo as falas das personagens, iniciando nova forma de expressão. Onomatopéias e novos sinais gráficos aparecem nas aventuras de *Os sobrinhos do capitão* (1897), de Rudolph Dirks. O sucesso do gênero faz os jornais disputarem as tiras (série de quadrinhos dispostos horizontalmente), o que leva ao controle dos direitos de publicação pelos sindicatos, cuja principal função é centralizar e distribuir as histórias a jornais e revistas. Em 1907, Bud Fisher convence os editores a publicarem diariamente as tiras da dupla *Mutt e Jeff*. Um dos maiores inovadores desse período é Wilson McCay, criador de *Little Nemo in Slumberland* (1905). Antes de despertar, no último quadrinho, o personagem vive, na Terra do Sonho, aventuras com enquadramentos panorâmicos e coloridos. Obra-prima revolucionária, *Little Nemo* é exposto em museus de arte moderna de todo o mundo. O talento de McCay alia os quadrinhos ao cinema, com qualidade profissional, no desenho animado *Gertie, o dinossauro* (1909).

Décadas de 10/20 – Alguns autores procuram intelectualizar suas histórias. O representante da nova corrente é George Harriman, com o poético *Krazy kat* (1913), primeira narrativa sobre gatos e ratos. Os conflitos familiares de *Bringing Up Father* (*Pafúncio e Marocas*, 1913), de George McManus, alcançam prestígio internacional. A emergente classe de proprietários de automóveis leva Frank King a criar *Gasoline Alley* (1919), que apresenta uma inovação: suas personagens são as primeiras a crescer e envelhecer à medida que as histórias se desenrolam. A partir de 1920, os *comics* sofrem influência do cinema: cortes rápidos, angulação variada e a ação seriada dos episódios. *Gato Félix* (1923), de Pat Sullivan,

e *Mickey* (1928), de Walt Disney, migram do desenho animado para os quadrinhos, conquistando definitivamente o público. Harold Gray, pioneiro na introdução de ideologia política nas tiras, insere idéias reacionárias em *Little Orphan Annie* (1924).

A ERA DE OURO

Apesar da crise provocada pela quebra da Bolsa de Nova York, 1929 é um ano fértil para os quadrinhos. As aventuras do repórter *Tintin*, do belga Hergé, estabelecem diferenças de estilo entre os artistas europeus e os americanos. O espinafre confere força incomum ao marinheiro *Popeye*, de Elzie Crisler Segar, e aumenta o consumo dessa verdura em vários países. Dick Calkins retrata o séc. XXV com o primeiro herói de ficção científica: *Buck Rogers*. Baseado nos romances de Edgar Rice Burroughs, Hal Foster desenha *Tarzan*. Mas é a partir de 1936 que o traço pormenorizado de Burne Hogarth dá o visual definitivo ao homem-macaco. Um dos sindicatos, constatando que suspense e ação agradam aos leitores, encomenda as histórias do detetive *Dick Tracy* (1931) a Chester Gould, cujo traço singular influenciará cineastas como Alain Resnais e Jean-Luc Godard. *Henry* (*Pinduca*, 1932), o menino careca e sem boca de Carl Anderson, é um precursor de futuras crianças travessas, como *Dennis, o pimentinha*. Na ficção científica, os desenhos de *Flash Gordon* (1933), de Alexander Gillespie Raymond, inspiram à NASA o modelo dos foguetes. Raymond, tido como um dos maiores estetas dos quadrinhos, cria também o agente secreto *X-9* e o aventureiro *Jim das Selvas* (1934). A utilização de técnicas influenciadas pelo cinema expressionista alemão – jogos de luz e sombra, enquadramentos insólitos – faz de Raymond e seus colegas Milton Caniff (*Terry e os piratas*, 1934) e Hal Foster (*O príncipe Valente*, 1937) mestres do gênero. Outro destaque do período é Lee Falk, parceiro de Phil Davis, na elaboração do mágico *Mandrake* (1934), e de Ray Moore, na do misterioso *Fantasma* (1936). Al Capp promove uma revolução ideológica com *Li'l Abner* (*Ferdinando*, 1934), protagonista da série mais controvertida dos EUA, por satirizar violentamente a política, os valores e os mitos do *american way of life*. O humor ainda tem seu lugar com *Luluzinha* (1934), de Marge Buell, e o *Pato Donald* (1938), de Walt Disney. Deboche e sexo explícito permeiam a década de 30 nas *dirty comics:* revistas clandestinas escritas por autores anônimos.

OS SUPER-HERÓIS E A GUERRA

Os *comic books* (revistas em quadrinhos), surgidos em 1934, consolidam-se com a série do *Super-Homem* (1938), de Joe Shuster e Jerry Siegel, que inaugura a era dos super-heróis: a personagem, que esconde seus superpoderes atrás do tímido jornalista Clark Kent, torna-se um mito da sociedade ocidental. Bob Kane serve-se também do tema da dupla identidade para elaborar *Batman* (1939): em sua luta contra o crime em Gotham City, o homem-morcego é auxiliado, a partir de 1940, pelo garoto prodígio Robin. Em contrapartida, surge *The Spirit* (1940), herói sem superpoderes, criado por Will Eisner, que, baseado numa temática social e humana, realiza uma das maiores revoluções plásticas e literárias nos quadrinhos. Durante a II Guerra Mundial, os super-heróis perdem suas características originais e convertem-se em veículo de propaganda da ideologia aliada. Escrito por Joe Simon (depois por Stan Lee) e desenhado por Jack Kirby, o *Capitão América* (1941) veste a bandeira norte-americana para combater o nazismo. Joseph Goebbels, min. da Propaganda da Alemanha, chama o *Super-Homem* de "judeu sujo".

ANOS DE CRISE

No pós-guerra, inicia-se a fase mais difícil na trajetória das histórias em quadrinhos. Alguns países da Europa cancelam a importação de revistas dos EUA para contestar a influência americana e valorizar a produção nacional. A rigorosa censura do período macarthista (1950–1954), no auge da Guerra Fria, paralisa a indústria dos *comics*. Intelectuais culpam as histórias pela crescente delinqüência juvenil. Os ataques culminam com a publicação de *A sedução do inocente* (1954), em que o psiquiatra Frederic Whertam acusa as personagens de perverterem os leitores. Assustados, os editores submetem os artistas ao Código de Ética, que proíbe histórias de violência, terror e sexo. A reação se dá, paralelamente, com *Pogo* (1949), de Walter Kelly, em que os animais contestam os seres humanos, e que representa o renascimento do interesse pelos *comics* de tema intelectualizado. Charles Schulz, chamado de "o Freud dos *comics*", consagra as histórias que fazem o leitor pensar com os *Peanuts* (*Minduim*, 1950), em que Charlie Brown, Lucy, Linus, Schroeder e o cachorro Snoopy refletem os temores, as contradições e angústias do Homem do séc. XX. No fim do governo de Dwight Eisenhower (1953–1960), as quinze editoras, dentre as cinqüenta existentes, que sobreviveram ao período de caça às bruxas publicam apenas historinhas com personagens insossas. Sátira mordaz a essas histórias é feita por Harvey Kurtzman, que, desafiando o Código de Ética, cria a revista *Mad* (1952) e renova o humor nos quadrinhos.

Pós-guerra europeu – A situação na Europa não é menos precária do que nos EUA: há racionamento de papel e tinta, e crescem as críticas de entidades religiosas e políticas. Uma delas apresenta projeto de lei para impedir a entrada de HQs na França. A resistência surge na Bélgica, com *Lucky Luke* (1946), anti-western cômico de Maurice de Bevère e René Goscinny. Este último, juntamente com o desenhista Albert Uderzo, nascido na Itália, compõe *Asterix* (1959), cujas histórias se passam na Gália durante a conquista romana; elas são publicadas na revista *Pilote*, que, juntamente com a francesa *Vaillant* e as belgas *Tintin* e *Spirou*, é responsável pelo renascimento dos quadrinhos europeus.

MUDANÇA DE CONCEITO

Ao lançar, em 1961, o *Quarteto fantástico*, pela editora Marvel Comics, Stan Lee renova o conceito de super-herói: ao contrário das anteriores, suas personagens envelhecem e apresentam fobias e fraquezas humanas que as aproximam do leitor. É o caso do *Homem-Aranha* (1962), adolescente tímido e estudioso que tem de aprender a conviver com seus poderes; e dos *X-Men* (1963), grupo de heróis perseguidos por serem mutantes. Seguem-se, entre outras, personagens como *Hulk* (1962), mais monstro do que herói; o *Demolidor* (1964), que é cego; e o melancólico *Surfista Prateado* (1966), que faz reflexões de caráter filosófico. A editora DC Comics, principal concorrente da Marvel, reformula seus super-heróis e inaugura a "Era de Prata" da HQ.

Impõe-se o trabalho de Jack Kirby, Jim Steranko, Neal Adams, Berni Wrightson, Gil Kane e Barry Windsor Smith, que estão entre os mais importantes ilustradores de quadrinhos.

Enquanto isso, os europeus antecipam a liberação feminina e criam os quadrinhos eróticos com *Barbarella* (1962), de Jean Claude Forest. A sensual heroína do ano 2977 revira os padrões e conquista o Velho e o Novo Mundo. A compilação de suas aventuras antecipa o lançamento das *graphic novels* (álbuns de grande apuro gráfico) e abre um filão adulto no mercado. A sofisticação da indústria é acompanhada de exposições e seminários cada vez mais freqüentes. O traço de cortes cinematográficos e clima onírico de Guido Crepax traz a sensualidade para o presente com a fotógrafa *Valentina Rosselli* (1965). Nessa linha, surgem *Jodelle* (1966), de Guy Pellaert, e *Pauiette* (1970), de Georges Wolinski e Georges Pichard. A essas personagens independentes, que se diferenciam das frágeis namoradas dos super-heróis – Jane (Tarzan), Olívia Palito (Popeye), Diana Palmer (Fantasma), Narda (Mandrake), Lois Lane (Super-Homem), Dale Arden (Flash Gordon) – e da Mulher-Gato, adversária de

Batman junta-se também *Modesty Blayse* (1963), de Peter O'Donell e Jim Holdaway, que inspirará um filme de Joseph Losey (1967). Só na década de 60, portanto, tem prosseguimento uma linha iniciada, em 1934, pelo vestido colante e a cinta-liga de *Betty Boop*, a *vamp* de Max Fleisher, primeiro exemplo de personagem feminina sexuada – tanto assim que, na época, sua figura era aproveitada pelos autores de *dirty comics*.

Na Argentina, a garotinha *Mafalda* (1964), criação de Quino (Joaquín Salvador Lavadio), seduz por seus dotes intelectuais; a ideologia pacifista, de que é porta-voz, num país constantemente dominado por ditaduras militares, transforma-a num fenômeno internacional. Nos EUA, os *Zap Comix* (1968) misturam sexo, drogas e política e fazem coro à onda de contracultura. Robert Crumb desenha "anti-histórias em quadrinhos", como *Fritz the cat*, e lidera o movimento das revistas *underground* ao lado de Gilbert Shelton, criador dos *Freak brothers*.

Década de 70 – Em 1973, apesar da crise econômica, que provoca a queda nos títulos, ocorrem tentativas isoladas; as tiras ganham novo fôlego e a sátira política de Garry Trudeau, em *Doonesbury*, recebe o prêmio Pulitzer. Os leitores de jornais se divertem com *Hagar, o horrível*, o viking de Dick Browne, e se apaixonam por *Garfield*, o gato comilão e vagabundo de Jim Davis (1978). Em 1974, Richard Corben tira os *comic books* do marasmo criativo com trabalhos de colorido incomum publicados em *Heavy Metal*, versão americana da irreverente revista francesa *Metal Hurlant*. A clássica saga *Lanterna Verde – Arqueiro Verde*, de Denny O'Neil e Neal Adams, discute temas sociais e mostra super-heróis viciados em drogas. Wally Wood e a equipe de *Mad* provocam escândalo ao fazer um poster das personagens de Disney numa bacanal.

Em 1970, Hugo Pratt inaugura, com o aventureiro *Corto Maltese*, o romance em quadrinhos. Seu desenho influencia Milo Manara, que, em suas histórias eróticas, alcança um traço de perfeição anatômica. Temas fantásticos, poéticos e insólitos definem o estilo de um dos desenhistas mais premiados do mundo: Moebius, pseudônimo de Jean Giraud, criador, entre outros, do *Tenente Blueberry* (1963).

PANORAMA ATUAL

Nos EUA, em 1985, surge *O cavaleiro das trevas*, de Frank Miller, que, com uma história sombria, de ambientação futurista, coloca nas ruas um Batman violento e psicótico. É a consagração do quadrinho de autor: Miller não só se torna o principal nome do mercado, como impulsiona uma onda de lançamentos de luxo. São dele, também, *Ronin*, *Elektra: assassina* e *Batman: ano 1*. Lançado em 1986, *Watchmen*, dos ingleses Alan Moore e Dave Gibbons, disseca o conceito de super-herói de uma forma visual e literária complexa que, sintetizando os estilos europeu e americano, o torna um dos melhores exemplos de quadrinhos contemporâneos. Moore é também o autor de *Miracleman* (1982), *V de vingança* (1982) e *Batman: a piada mortal* (1986), igualmente importantes. Artistas ingleses começam a publicar nos EUA: Dave McKean (*Orquídea negra*), Grant Morrison (*Asilo Arkham*), Peter Milligan (*Skreemer*) e Jamie Delano (*John Constantine*) são alguns dos representantes da chamada "invasão britânica". Aclamado como o maior seguidor de Moore, Neal Gaiman é o autor de *Violent cases* (1988), *Sandman* (1989) – sofisticada história de horror com toques mitológicos, uma das mais apreciadas revistas mensais publicadas atualmente –, além de *Livros de magia* (1991) e *Signal to noise* (1992). Os álbuns de luxo tornam-se cada vez mais elaborados: técnicas de pintura como a aquarela e a colagem dividem as páginas com os desenhos. Seus mestres são reconhecidos artistas gráficos: Dave McKean, Bill Sienkiewicz, Brian Bolland, George Pratt, Kent Williams, Jon J. Muth e Duncan Fegredo.

Paralelamente, leitores de todas as idades rendem-se aos encantos das reflexões sobre a natureza humana do garotinho *Calvin* e seu tigre *Haroldo*, de Bill Waterson. Em ago. de 1993, aos 62 anos, o marinheiro *Popeye* renuncia ao espinafre e deixa de fumar seu antiquado cachimbo. Num momento em que os super-heróis tornam-se febre mundial, elevando a indústria a seu ápice, ocorre uma revolução no mercado americano: o sistema de venda direta, em que as editoras passam a produzir tiragens exatas, com público assegurado pelo distribuidor. Em 1989, o americano Todd McFarlane tinha vendido 3 milhões de exemplares de seu *Homem-Aranha*, recorde apenas superado pelos 7 milhões de exemplares dos *X-Men* que o coreano Jim Lee comercializou em 1992, ambos pela Marvel. A DC Comics reage: mata o *Super-Homem* (3,5 milhões de exemplares vendidos em 1992) e aleija o *Batman* (1993), procurando atrair mais consumidores. Atento ao mercado, McFarlane abandona a DC e funda, com Lee e os principais desenhistas contemporâneos, a Image, que, em menos de um ano, torna-se a terceira maior editora dos EUA. Amparada por bons desenhistas, a Image chama roteiristas famosos – Moore, Gaiman e Miller – para edições especiais: é de Moore, por exemplo, a minissérie *1963*, um retorno criticamente bem-humorado à inocência original dos super-heróis.

Europa – Na Itália, França e Espanha, os anos 80 incrementam a produção de álbuns luxuosos. Gaetano Liberatore lança o lascivo *Ranxerox* e Vittorio Giardino parodia a temática onírica de *Little Nemo* nos sonhos eróticos, impregnados de simbologia psicanalítica, da jovem *Little Ego*. Em 1982, o judeu sueco Art Spiegelman ganha, com *Maus*, em que os nazistas são gatos e os judeus, ratos, os prêmios Yellow Kid, do Salone dei Fumetti, de Lucca, na Itália, e Editorial Playboy, nos EUA. O inglês Pat Mills faz requintada crítica social em *Judge Dredd*, que, desde 1977, denuncia a repressão na sociedade inglesa. A violência cínica de *Torpedo*, de Jordi Bernet, destaca-se em meio às histórias pós-modernas espanholas. Barcelona e Bruxelas firmam-se como os atuais grandes centros dos quadrinhistas europeus. Na década de 90, o cineasta Federico Fellini, que tinha sido autor de HQ, publica, com Milo Manara, *Viagem a Tulum*. Na fase 1991–1993, os europeus cultuam os desenhistas americanos mas revivem, também, grandes autores, como Moebius, Hergé, Crepax, Manara e Pratt. Sérgio Bonelli amplia sua influência com o faroeste *Tex* (sucesso desde 1948) e as histórias de terror de *Dylan Dog*. Na nova safra, destacam-se o iugoslavo Enki Bilal e o francês François Bourgeon, autores de HQs de fantasia e ficção científica.

América Latina – A produção mais intensa está na Argentina, país onde o autor nacional tem maior reconhecimento do público e amparo governamental. O mais importante roteirista é Hector Germán Oesterheld (*Sargento Kirk*, com desenhos de Hugo Pratt). José Muñóz e Carlos Sampayo, com o detetive *Alack Sinner*, e Carlos Trillo, com *Alvar Mayor*, um fidalgo espanhol que vive entre os índios, fazem sucesso na Europa. Uruguaio radicado em Buenos Aires, Alberto Breccia, internacionalmente admirado pelas personagens de *Mort Cinder* (1962), que viajam no tempo, renova-se a cada produção e é o artista que dá maior impulso aos quadrinhos sul-americanos.

Japão – Ao lado dos EUA, o Japão é um dos maiores produtores, consumidores e exportadores de HQs. Os *mangás* atingem todas as faixas etárias com multiplicidade de gêneros inigualável. Kazuo Koike, Katsushiro Otomo, Kazuya Kudo, Ryoichi Ikegami e Sho Fumimura são alguns dos desenhistas mais bem pagos do mundo. *Akira* (1982), de Otomo, e o *Lobo solitário* (1980), de Koike, fazem sucesso absoluto de vendas e influenciam *Batman*, de Frank Miller, nos EUA. Para penetrar no mercado europeu as editoras japonesas tentam contratar desenhistas franceses e italianos e, principalmente, espanhóis. *Mai, a garota sensitiva*, *Crying freeman* e *Sanctuary* combinam tradição e modernidade nos traços rápidos e densos de Ikegami.

Quadrinhos no Brasil

Na segunda metade do séc. XIX, aparecem as primeiras revistas humorísticas brasileiras, em que a caricatura é o gênero dominante. O italiano Angelo Agostini, radicado no Brasil, além de publicar, na revista *O Diabo Coxo* (1864), caricaturas que têm d. Pedro II como tema principal, desenha, na *Vida Fluminense*, a primeira novela em quadrinhos do mundo: *As aventuras de Nhô Quim* (30/1/1869). *Tico-Tico* (11/11/1905), a primeira revista brasileira de HQ, adapta originais americanos – entre eles *Buster Brown e Tige*, de R.F. Outcault (no Brasil, *Chiquinho e Jagunço*) – e é também responsável por toda uma geração de artistas: Alfredo e Osvaldo Storni, Max Yantok, J. Carlos e Luís Sá.

Um dos primeiros passos para o crescimento das HQs no Brasil é dado por Adolfo Aizen, que lança, no *Suplemento Juvenil* (1934), a primeira personagem a ganhar fama nacional: *Roberto Sorocaba*, desenhado por Monteiro Filho. Aizen publica também histórias estrangeiras: *Flash Gordon, Mandrake* e *Tarzan*. O periódico alcança o recorde não superado de 360 mil exemplares semanais. Roberto Marinho, concorrendo com o *Globo Juvenil* (1937), consegue contrato exclusivo com o King Features Syndicate (1939) e passa a publicar quase todos os grandes sucessos do *Suplemento*. Seguem-se *O Mirim* e *O Gibi*, nome que, até hoje, é sinônimo das revistas em quadrinhos brasileiras. Na década de 40, *O Gibi Mensal*, *O Gury*, *O Lobinho* e *O Globo Juvenil Mensal* seguem a trilha de sucesso dos *comic books*, que têm sua produção intensificada por Aizen, fundador da Editora Brasil América (EBAL, 1945). Entre seus títulos consta a *Edição Maravilhosa* (quadrinização de romances clássicos), com desenhos de André Le Blanc. Nessa época, Péricles se sobressai com *O amigo da onça* (1942), personagem publicado durante vinte anos em *O Cruzeiro*.

LUTA E RESISTÊNCIA

Nos anos 50, o mercado brasileiro, que se limitava à reprodução de originais estrangeiros, reanima-se devido ao ocaso das revistas de terror nos EUA. O primeiro título no gênero é *A Garra Cinzenta*, de Renato Silva. Nessa época, as personagens de Disney chegam ao país, por intermédio da Editora Abril: a primeira, em 1950, é o *Pato Donald*. Em 1951, a primeira exposição de quadrinhos do mundo é organizada, em São Paulo, por Álvaro de Moya, Miguel Penteado, Reinaldo de Oliveira, Silas Roberg e Jayme Cortez. Este último apóia jovens autores e, unindo-se a um grupo de artistas, funda a Editora Continental (1959). Rodolfo Zalla, Júlio Shimamoto, Eugênio Colonese, Nico Rosso e Flávio Colin destacam-se com histórias de terror, fadas e aventura. O *Pererê* (1959), de Ziraldo, trata de temas como reforma agrária e ecologia. Nas bancas de jornal, são vendidos clandestinamente os "catecismos" (revistas pornográficas) do misterioso Carlos Zéfiro: o funcionário público Alcides Caminha, cuja identidade só é revelada em 1991, pela revista *Playboy*.

Décadas de 60/70 – Maurício de Sousa alcança, com a linguagem ágil de suas personagens – Mônica, Cascão, Cebolinha, Magali, Franjinha, Bidu, Chico Bento –, o maior sucesso editorial já obtido no país. Num momento em que a concorrência com o material estrangeiro é acirrada, a Maurício de Sousa Produções, trabalhando com produção em série e *merchandising*, nos moldes americanos, consegue exportar para os EUA, Europa e América Latina. Poucos autores resistem: entre eles estão Daniel Azulay, cujo *Capitão Cipó* apaga incêndios com supercuspe; e Ciça, com a tira *O pato*, publicada, inclusive, em jornais do exterior. As discussões européias chegam mais perto com a realização, na Argentina, da Bienal Mundial de la Historieta (1968).

Década de 70 – Apesar de promoções como a Exposição Internacional de Quadrinhos, no Museu de Arte de São Paulo, que atrai visitantes ilustres como Lee Falk e Burne Hogarth, o quadrinho nacional não consegue se firmar. Há tentativas isoladas: Henfil, com os *Fradinhos*, no *Pasquim*, e a *Graúna*, no *Jornal do Brasil*; os *Chopnics*, de Jaguar; *O Grilo* e *O Balão*, revistas *underground* editadas, na Universidade de São Paulo, por Luís Gê, Laerte e os irmãos gêmeos Paulo e Chico Caruso, que estimulam publicações independentes, sempre de curta duração. Entre 1977 e 1983, as editoras Vecchi e Grafipar publicam histórias de sexo, terror e ficção científica e lançam novos autores.

PANORAMA ATUAL

Os quadrinhos brasileiros vivem fenômenos cíclicos e irregulares, acompanhando as oscilações da economia. Em 1985, o mercado editorial atinge um dos mais baixos índices de vendas: caem para 35 milhões os 60 milhões de exemplares vendidos em 1980. No mesmo ano, entretanto, a Editora Circo lança a revista *Chiclete com Banana*, que vende 110 mil exemplares e dá novo fôlego ao setor. Durante a crise da década de 80, despontam iniciativas promissoras: nasce a Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas, que cria o Prêmio Angelo Agostini e institui 30/1 como o Dia do Quadrinho Nacional; Jal e Gualberto criam o Prêmio HQ-Mix, para os melhores realizadores de quadrinhos, profissionais ou amadores; e os leitores paulistas e paranaenses comemoram a inauguração das Gibitecas Henfil e de Curitiba, que, atualmente, possuem acervo com mais de 20 mil exemplares, entre álbuns nacionais e estrangeiros, *mangás*, revistas e fanzines. Em 1986/87, novo surto, atribuído ao Plano Cruzado, reabilita o mercado: as vendas chegam a 61 e 82 milhões, respectivamente; e a imprensa abre espaço para as tiras dos chamados *Los Tres Amigos* – Laerte (*Piratas do Tietê*), Glauco (*Geraldão*) e Angeli (*Rê-Bordosa*) –, além dos irmãos Paulo e Chico Caruso (*Avenida Brasil*) e Fernando Gonsales (*Níquel Náusea*). Continuam em evidência os já consagrados Ziraldo (*O menino maluquinho*) e Luís Fernando Veríssimo (*As cobras*).

Década de 90 – As medidas econômicas do Plano Collor afetam drasticamente o mercado de quadrinhos: os 72 milhões de exemplares vendidos em 1991 caem para a metade no ano seguinte, quando vários títulos deixam de circular. Após a extinção, pelo governo Collor, da Fundação Nacional das Artes (Funarte), presidida por Ziraldo, única a apoiar e distribuir trabalhos de autores brasileiros, a empresa Pacatatu privatiza a idéia e retoma suas atividades, além de promover eventos e exposições. Outro caso isolado de produção patrocinada por uma empresa tinha sido, em 1990, *Avenida Paulista*, de Luís Gê, publicada pela revista *Goodyear*. Em meio ao caos do mercado, realiza-se no Rio de Janeiro a I Bienal Internacional de HQ, que premia Lourenço Mutarelli por *Transubstanciação*. Artistas de TV, como Os Trapalhões, Sérgio Mallandro, Xuxa, Angélica ou Leandro e Leonardo, aderem à tendência da quadrinização de historinhas de que são personagens. A balzaquiana *Radical Chic*, de Miguel Paiva, percorre o caminho inverso e ganha um programa na Rede Globo. O material americano continua chegando a baixo custo ao Brasil. Em 1991–1993, porém, autores brasileiros começam a ilustrar roteiros para outros países: *A bela e a fera*, por Deodato Filho, *Entrevista com o vampiro*, por Alexandre Jubran, e os desenhos de Mozart Couto, Watson Portela e César Lobo ganham fama no mercado internacional, principalmente nos Estados Unidos – onde Henrique Kipper quadriniza, para a editora Malibu, a história de *The Doors*, o conjunto de rock de Jim Morrison. Em 1993, representado pelo estúdio Art & Comics, que agencia o trabalho de artistas para editoras americanas, Otávio J. Cariello publica a minissérie *A rainha dos condenados*, baseada no romance de Anne Rice, em que usa características físicas do ex-pres. Fernando Collor e do ex-min. Delfim Netto para retratar duas personagens: um vampiro e um investigador. Em nov. de 1993, o Rio de Janeiro sedia a II Bienal Internacional de Quadrinhos, que tem por tema uma homenagem a Paris, Veneza, Nova York e São Paulo. ■

QUÍMICA

Ciência que estuda os materiais, suas propriedades e suas alterações (fenômenos químicos), assim como a extração, purificação e preparação das substâncias neles existentes. A Química se aplica em especial à indústria de transformação, onde são produzidos fármacos, fibras artificiais, solventes, vernizes, tintas, materiais de revestimento, cerâmicas, cimento, bebidas e refrigerantes, siderurgia, metais e suas ligas, inseticidas, agroquímicos, sabões e detergentes, combustíveis e lubrificantes.

DESENVOLVIMENTO

Artesãos se utilizam de conhecimentos químicos desde a Antiguidade para separar metais de seus minérios (cobre e ferro), preparar ligas metálicas, fabricar vidros, produzir cerâmicas, extrair perfumes e cosméticos contidos nos vegetais. Conheciam também os processos de destilação, fermentações produtoras de álcool (cerveja e vinho) e conservação de alimentos (defumação, salgamento ou pelo uso de especiarias). Mas faziam tudo empiricamente – suas "artes químicas" eram um conjunto de receitas práticas, ao qual faltavam métodos, leis e teorias de um conhecimento científico.

Do séc. III ao séc. XVII, essa sabedoria popular é ampliada graças à Alquimia, um misto de ciência, religião e magia surgido em Alexandria, que tem como origem a fusão de conhecimentos gregos e orientais. Os alquimistas já usam destiladores, aparelhos para aquecimento e para sublimação. Nos séc. VIII e IX, tendo Jabir ibn Haiân como um dos seus expoentes, os árabes dedicam-se à atividade alquímica com afinco. Assim, quando conquistam a Espanha, introduzem suas práticas na Europa, onde a Alquimia se expande durante os séc. XIII e XV. São obtidas então novas transformações químicas e descobertas novas substâncias. Hoje, a linguagem secreta da Alquimia é considerada a origem das representações usadas pela Química. Apesar disso, não há como atribuir aos alquimistas a evolução na direção de um conhecimento objetivo e de alcance universal – buscando a purificação através da transmutação dos metais comuns em ouro e a fabricação do elixir da longa vida, eles viam suas descobertas como mistérios a serem respeitados, transmitindo-os apenas aos iniciados.

É o inglês Robert Boyle, no séc. XVII, quem dá os passos mais significativos para o aparecimento da Química como ciência. Ele estabelece um vínculo teórico para a interpretação dos fatos, superando assim o aspecto mágico dominante até então. Boyle sintetiza as correntes de pensamento que se preocupam com a experimentação química e redefine conceitos fundamentais, como o do elemento químico. Mais: usa pela primeira vez um método experimental na Química, baseando-se no princípio de que "elementos são os corpos mais simples, dos quais os corpos mais complexos são formados".

No séc. XVIII, o francês Antoine Laurent de Lavoisier estabelece as primeiras leis ponderais (relativas ao peso) e consagra definitivamente as medições quantitativas com a utilização sistemática da balança. Ele também reformula a nomenclatura química e a experimentação. E combate ainda a teoria do Flogisto, formulada por Georg Ernst Stahl no séc. XVII, segundo a qual cada substância possui uma certa quantidade de "princípio combustível" – materiais ricos em flogisto queimariam com mais facilidade, os pobres seriam incombustíveis, enquanto as cinzas pesariam menos que o material queimado pela perda do princípio. Sabedor de que metais aquecidos e queimados pesam mais que antes da queima, Lavoisier faz a análise do ar e identifica o oxigênio como substância responsável pelas combustões. Lavoisier explica ainda a diminuição da massa do material queimado pela formação de compostos voláteis durante a combustão. Além disso, elabora a lei da conservação da matéria – "na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma". É também ele quem abre caminho para os trabalhos do inglês John Dalton e do italiano Amedeo Avogadro, no séc. XIX. Dalton, em 1802, aplica a teoria atômica à Química, e Avogadro formula, em 1811, hipótese sobre a composição dos gases. As descobertas dos dois, somadas às de Boyle e Lavoisier, são consideradas a base desta ciência.

No séc. XX a Química incorpora os progressos da teoria Quântica, aplicando-os aos elétrons e a seu comportamento dentro dos átomos. Dessa forma, oferece ferramentas muito úteis para pesquisas em outras áreas, como a Biologia Molecular e a Engenharia Genética. Atualmente é impossível exercer qualquer profissão ligada à tecnologia, engenharia e saúde sem conhecimentos químicos básicos.

RAMOS E DIVISÕES

Em sua evolução, a ciência Química se subdivide em outras:

Química Geral – Estuda os princípios da Química, suas leis fundamentais e teorias gerais.

Química Analítica – Identifica e determina a presença de substâncias nos materiais. Graças ao desenvolvimento da eletrônica, emprega equipamentos muito sofisticados, envolvendo técnicas eletroanalíticas, de ressonância magnética, espectroscopia de massa, cromatografia. Pode ser qualitativa (responsável pela detecção e identificação dos constituintes) ou quantitativa (quando faz a determinação de grandeza dentro de uma amostra). Hoje, todo produto industrial passa pelo controle de qualidade, fase final do processo de produção, em que são analisadas a qualidade das matérias-primas e dos produtos intermediários envolvidos na fabricação.

Química Orgânica – Pesquisa os compostos do carbono, elemento que forma inúmeras substâncias e faz parte de todos os seres vivos. Organiza-se como área especial da Química quando Friedrich Wöhler, em 1828, consegue sintetizar a uréia, uma substância orgânica, a partir de um composto inorgânico. Desde então, outras sínteses foram obtidas. Contribuíram nesse processo Justus von Liebig, Wilhelm Hermann Kolbe, Charles Adolphe Wurtz, August Kekulé von Stradonitz, Marcellin Berthelot e Louis Pasteur.

Hoje a Química Orgânica não se ocupa apenas dos seres vivos. Seus estudos abrangem compostos como hidrocarbonetos (petróleo, gás natural), produtos das fermentações (como o álcool comum e o ácido acético do vinagre), ésteres (usados como solventes e aromatizantes), medicamentos (penicilinas, sulfas), corantes (anilinas), polímeros (fibras sintéticas e plásticos) – além das substâncias propriamente orgânicas, como os açúcares, as gorduras e as proteínas. Ou seja, reconhece, extrai, prepara e utiliza as substâncias existentes nos seres vivos; estuda a obtenção e a aplicação de substâncias sintéticas.

A **Petroquímica**, um de seus ramos, cuida da separação das substâncias que se encontram no petróleo, sua utilização e transformação em novos compostos. A **Bioquímica**, que estuda os processos químicos nos seres vivos, soma os ensinamentos da Biologia e da Química, o que exige métodos e aparelhagens sofisticados, como as técnicas analíticas físico-químicas e os ensaios biológicos. A Engenharia Genética, a Biologia Molecular e a Biotecnologia são outras áreas de atuação.

Química Inorgânica – Estuda os compostos de todos os elementos existentes na natureza, sua extração, purificação e métodos apropriados à sua preparação. Os ácidos, as bases, os sais e os óxidos fazem parte de seus estudos. Pesquisas de ponta da área cuidam da obtenção de novos materiais, como as cerâmicas especiais, os supercondutores à temperatura elevada e uma nova classe de polímeros inorgânicos.

Físico-Química – Reúne os conhecimentos da Física e os da Química no estudo dos efeitos físicos associados às reações químicas. Pode se dividir em: Termoquímica

(relação entre calor e fenômenos químicos), Eletroquímica (fenômenos elétricos e sua relação com as reações químicas), Eletroscopia (as interações entre a matéria e as radiações eletromagnéticas), Cinética Química (relação entre a velocidade de uma reação e as condições físicas em que ela ocorre), Química Nuclear (a radiatividade, os núcleos atômicos, as reações nucleares e a aplicação dos isótopos na Medicina e na indústria) e Química Quântica (aplicação dos métodos da Mecânica Quântica ao estudo da estrutura das moléculas).

Radioquímica – Área específica, trata da extração, separação química e purificação dos isótopos radiativos.

Química Tecnológica – Também chamada Química Industrial, se preocupa com os processos de produção de substâncias de interesse econômico. A ela se dedicam os engenheiros químicos e os químicos industriais.

ELEMENTO

Na Antiguidade, chama-se assim o constituinte das coisas. Segundo Aristóteles (séc. IV a.C.), a natureza é formada por quatro elementos: terra, água, ar e fogo. No séc. XVII, Robert Boyle distingue os materiais puros simples – elementos – dos compostos: as substâncias que não se desdobram passam a ser chamadas elementos, enquanto as desdobráveis recebem o nome de compostos. Em 1808, John Dalton associa a cada elemento químico um determinado tipo de átomo. Para ele, átomos de um mesmo elemento são todos iguais na massa, no tamanho e nas demais qualidades. A descoberta dos isótopos, em 1921, evidencia no entanto a existência de átomos do mesmo elemento com massas diferentes.

Hoje são conhecidos pouco mais de cem elementos químicos. A representação deles é feita por um símbolo – uma ou duas letras retiradas do seu nome em latim. Antes, eles eram representados por sinais convencionais, aparentados com a simbologia utilizada pela Alquimia. O sueco Jöns Jacob Berzelius (1779–1848) estabelece o processo atual de sua representação. Associado aos elementos há o conceito de um número atômico (número de prótons no núcleo de um átomo) – átomos do mesmo número atômico formam um mesmo elemento.

Em 1815, William Prout lança a idéia de que os átomos são formados por agregados de átomos de hidrogênio. Ou seja, o hidrogênio é o elemento primordial, sendo os outros produzidos a partir dele. Essa definição não vigora na época. Mas é retomada atualmente quando começam a ser esclarecidos os processos nucleares que ocorrem no interior das estrelas. A abundância de hidrogênio no Universo e as reações nas quais ele toma parte sugeremno como "elemento primordial" – a síntese dos elementos químicos tem início na fusão de átomos de hidrogênio.

Tabela Periódica – Montada pelo russo Dmitric Ivanóvich Mendeléiev, em 1869. Organiza os elementos químicos conhecidos à época pela ordem crescente das suas massas atômicas. Elementos com propriedades semelhantes aparecem reunidos por famílias. Dessa forma, Mendeléiev prevê as propriedades de alguns elementos desconhecidos até então. Várias tabelas foram sendo publicadas, incorporando novos elementos e dados a respeito dos mesmos. Modernamente, a Tabela Periódica organiza os elementos pela ordem crescente dos seus números atômicos. As linhas horizontais são chamadas períodos e correspondem aos níveis de energia da eletrosfera do átomo de um dado elemento. As verticais (grupos ou famílias) contêm elementos com propriedades químicas semelhantes.

Algumas famílias do sistema periódico possuem nomes especiais: 1A: metais alcalinos; 2A: metais alcalino-terrosos; 6A: calcogênios; 7A: halogênios; 0: gases nobres. Na Tabela Periódica atual os elementos ultrapassam o número de cem. Seus símbolos e nomes obedecem ao costume de classificálos de acordo com suas propriedades ou homenageando países e pessoas: Boro (do mineral bórax), cálcio (do latim *calx*, cal), bromo (do grego *brômos*, mau cheiro), nobélio (em homenagem a Alfred Nobel) etc. A partir do elemento 104 apareceram divergências a respeito da nomenclatura e dos símbolos. A recomendação atual é para que se usem três letras: elemento 104 = Unq – *un-nil-quadrium*; 105 = Unp – *un-nil-pentium*; 106 = Unh; 107 = Uns; 108 = Uno; 109 = Une; 110 = Uun.

Gases nobres – Família de elementos constituída por *hélio*, *neônio*, *argônio*, *criptônio*, *xenônio* e *radônio*. Com exceção do radônio, os gases nobres ocorrem em pequenas quantidades no ar – juntos, formam 1% do seu volume. Sua existência foi antevista por Henry Cavendish, em 1785, ao realizar experimentos acerca dos gases componentes do ar. Em 1868, Pierre Jules Janssen e Joseph Norman Lookyer identificam o hélio através de análises espectroscópicas da luz solar. Os trabalhos de lord Rayleigh e de sir William Ramsay permitem a identificação e a separação do argônio em 1894. Neônio, criptônio e xenônio são isolados por Ramsay e seu assistente Morris William Travers em 1898. O radônio, último gás nobre conhecido, é descoberto por Friedrich Ernst Dornem, em 1900, como subproduto de algumas desintegrações radiativas.

Durante muito tempo achou-se que eles eram absolutamente inertes do ponto de vista químico. Daí serem chamados também de gases inertes. Em 1961, quando Neil Bartlett obtém o primeiro composto de xenônio, abre-se um novo caminho às pesquisas químicas. O mais abundante dentre os gases nobres é o argônio, usado em atmosferas inertes. O hélio, devido à sua baixa densidade, e por ser incombustível, é empregado em balões. Os outros são utilizados na fabricação de "tubos de néon", onde emitem luz característica.

Alotropia – É a existência de substâncias simples diferentes formadas pelo mesmo elemento químico. Fenômeno que consiste num elemento químico poder cristalizar-se em mais de um sistema cristalino e ter, por isso, diferentes propriedades físicas. O oxigênio comum (O_2) e o ozônio (O_3) são variedades alotrópicas do elemento oxigênio; diamante e grafite são alótropos do elemento carbono. As variedades alotrópicas apresentam propriedades diferentes. A grafite e o diamante são matérias que diferem muito um do outro – grafite é preta e de pequena dureza; diamante é claro e o material mais duro da natureza. O oxigênio comum, submetido a descargas elétricas, transforma-se em ozônio. Para se transformar grafite em diamante é necessário usar calor e aplicar pressões altíssimas; consegue-se assim o diamante artificial, usado em instrumentos de corte.

ÁTOMO E ELÉTRON

Os gregos Leucipo e Demócrito de Abdera já especulavam sobre a existência dos átomos no séc. V a.C. Para eles, o Universo era constituído de átomos (partículas muito pequenas e indivisíveis) e vácuo. No início do séc. XIX, para explicar as relações de massa nas reações químicas, John Dalton retoma a idéia da existência dos átomos. Segundo ele, átomo é uma partícula maciça indivisível, indestrutível e intransformável. Características que permitem sua participação nas reações químicas sem que sofram alterações. A cada tipo de átomo da natureza corresponderia um elemento químico. A descoberta do elétron por Joseph John Thomson, em 1897, leva à elaboração de um novo modelo atômico – uma massa homogênea de carga positiva, na qual os elétrons estariam contidos.

Em 1911, Ernest Rutherford realiza novos experimentos e conclui pela existência de duas regiões no átomo: uma central, muito pequena, carregada positivamente – o núcleo –, e outra periférica, carregada negativamente – a eletrosfera. Em 1900, Max Planck formula a teoria Quântica, o que permite a elaboração de um modelo atômico mais sofisticado. Niels Bohr, em 1913, propõe um modelo mecânico-quântico – elétrons girando ao redor do núcleo em órbitas circulares quantizadas, ou seja, de energia definida. Nesse modelo surgem os níveis de energia ou camadas (K, L, M), onde se distribuem os elétrons do átomo.

A partir de 1925 os modelos atômicos tornam-se mais

complexos – a descoberta do caráter dual do elétron (partícula/onda) faz cair por terra os modelos mecânicos do átomo. A descrição dos elétrons ocupando orbitais (regiões de probabilidade) consiste num modelo atômico altamente matematizado.

Íon – Átomo ou conjunto de átomos carregado eletricamente – os íons positivos (cátions) e negativos (ânions) se formam num processo de transferência de elétrons (ligação iônica) entre átomos. A palavra foi proposta em 1830 por Michael Faraday. Os compostos iônicos são sólidos à temperatura ambiente, cristalinos, duros e maus condutores elétricos. O arranjo do íon no cristal é feito alternando-se cátions e ânions, resultando uma estrutura muito estável. O sal de cozinha é um exemplo típico de composto iônico.

A teoria da dissociação eletrolítica foi anunciada, em 1887, por Svante August Arrhenius. Graças a ela podemos compreender fenômenos como a condução da corrente elétrica pelas soluções de ácidos, bases e sais; até hoje, a Química ainda usa as definições de Arrhenius para ácidos e bases, embora outras tenham sido propostas. Com a formulação da teoria eletrônica da Valência, em 1916, Gilbert Newton Lewis permite a explicação da formação dos íons e das moléculas com base nas interações dos elétrons dos átomos combinados. Sua teoria incorpora o conhecimento da inércia química dos gases nobres e sugere que os outros átomos tendem a se estabilizar buscando a "estrutura tipo gás nobre" (camada eletrônica externa completa).

Mol – Unidade fundamental nos cálculos da Química, mol é a quantidade de matéria de um sistema que contém tantas unidades elementares quantos são os átomos contidos em 0,012 kg de carbono 12. Esses átomos são em número de $6{,}0 \times 10^{23}$, o que vale dizer que 1 (um) mol de uma espécie química contém $6{,}0 \times 10^{23}$ unidades elementares dessa espécie. Faz parte do Sistema Internacional de Unidades (SI).

MOLÉCULA

Menor partícula de uma substância pura. Conjunto de átomos – iguais ou diferentes – ligados por compartilhamento de elétrons (covalência). As moléculas formadas por átomos do mesmo elemento correspondem às substâncias simples, enquanto as formadas por átomos de elementos diferentes correspondem às substâncias compostas. Em 1808, John Dalton denomina os conjuntos de átomos combinados de "átomos compostos". Mas Amedeo Avogadro, em 1811, propõe o nome mólecula para estes conjuntos.

A princípio acreditava-se que todas as moléculas fossem diatômicas, ou seja, formadas por dois átomos. Descobriu-se depois que elas podem ser muito mais complexas e conterem um número muito maior de átomos. Moléculas com grande número de átomos são chamadas macromoléculas. Elas aparecem, por exemplo, nas proteínas e nos polímeros naturais ou artificiais. Fórmula molecular é a representação da molécula na linguagem química e contém símbolos e índices como os da sacarose ou açúcar comum, por exemplo: $C_{12}H_{22}O_{11}$.

METAIS

São substâncias geralmente sólidas, boas condutoras de corrente elétrica e de calor, que podem ser laminadas (maleável) e reduzidas a fios (dúctil). Constituem 80% dos elementos químicos existentes. Puros ou na forma de ligas, eles têm diversas aplicações. Alguns, como cobre, estanho e ferro, são conhecidos desde a Pré-história. Muitos, como ferro e alumínio, são abundantes na natureza. Outros são raríssimos, deles acham-se apenas vestígios. A maioria não é encontrada livre na natureza – são preparados a partir de seus compostos. Metalurgia é o conjunto de técnicas usadas para purificação, beneficiamento e extração de um metal dos minerais em que ele está presente.

Alguns metais, como ouro e platina, não se alteram em contato com o ambiente. Outros, ao contrário, oxidam – o ferro, por exemplo, quando exposto ao ambiente, cria ferrugem. Há, inclusive, os que não suportam exposições ao ambiente, como é o caso do sódio e do potássio. Embora o cobre e o ouro sejam coloridos, normalmente os metais são prateados ou cinzentos. Seu brilho acentuado é reflexo da luz.

Ouro – Metal amarelo, inoxidável, de alto brilho – quase nunca é usado puro devido à sua pouca resistência. Aparece, geralmente, em ligas feitas com cobre ou prata. Puro, ele tem 24 k (quilates). Mas jóias de ouro costumam ter apenas 18 k – resultam de uma liga na qual o metal representa 18 das 24 partes, ou seja, 75% da liga. O latão (cobre e zinco), o bronze (cobre e estanho) e as ligas de alumínio são as ligas metálicas mais usadas. Aço é ferro com baixo teor de carbono. Sua qualidade pode ser melhorada pela adição, em pequenas quantidades, de metais como o cromo e o manganês.

AMETAIS

Elementos que formam substâncias simples, más condutoras de calor e de eletricidade. Não possuem brilho acentuado e se apresentam em vários estados físicos – gasoso (oxigênio, nitrogênio, flúor e cloro), líquido (bromo) e sólido (carbono, fósforo, enxofre). Na maioria, os ametais não são encontrados livres na natureza – nessa forma, só o oxigênio e o nitrogênio no ar, o enxofre em depósitos, e o carbono na grafite, que sai abundantemente na forma livre. O oxigênio também é encontrado combinado em vários óxidos metálicos e no dióxido de silício, presente no quartzo e na areia. O nitrogênio acha-se nos nitratos e o enxofre nos sulfetos. Os outros ametais existem combinados e algumas de suas fontes são os cloretos, brometos e iodetos encontrados na água do mar, os sulfetos metálicos, e os variados compostos de carbono.

O oxigênio representa 21% do volume do ar. Ele também é encontrado formando óxidos que constituem minérios importantes – o óxido de ferro na hematita, o de manganês na pirolusita, o de alumínio na bauxita e o de estanho na cassiterita. O enxofre se encontra nas regiões vulcânicas e em depósitos no subsolo. Ele também está presente, em pequena quantidade, no petróleo. Como, diariamente, são refinadas grandes massas petrolíferas, a produção deste ametal a partir do óleo bruto é bastante significativa. O enxofre é um elemento de várias aplicações e um dos seus compostos mais usados é o ácido sulfúrico.

Alguns sulfetos são minérios importantes – a galena (sulfeto de chumbo), a calcopirita (sulfeto de cobre e ferro) e a pirita (sulfeto de ferro). O cloro não se encontra livre na natureza, mas é abundante na forma combinada de cloreto de sódio (sal de cozinha), encontrado na água do mar e em depósitos terrestres subterrâneos. A substância simples cloro é um gás nas condições ambientes, de cheiro irritante e muito tóxico. Ele pode ser usado como bactericida no tratamento da água e na fabricação de desinfetantes e inseticidas.

QUÍMICA DO AMOR

A ciência decifra também os "mistérios do coração" – o amor romântico causa reações químicas e pode até criar dependência. Três substâncias atacam o organismo dos apaixonados – *dopamina*, *norepinefrina* e *feniletilamina*. São anfetaminas naturais que produzem o mesmo efeito destes produtos quando sintetizados em laboratórios – provocam euforia e podem viciar. Se o relacionamento vinga, passados dois a três anos, os amantes passam a produzir *endorfina*, substância que, a exemplo da morfina, dá uma sensação de segurança, calma e tranqüilidade. A *oxitocina* é a última novidade na química do amor. Os cientistas já sabiam que ela ajudava as mulheres na contração do parto. Agora, estudando sua capacidade de sensibilizar nervos e estimular contrações musculares, muitos afirmam que a substância também é responsável por orgasmos mais poderosos, seguidos de um relaxante sentimento de satisfação.

Cronologia geral

ANTIGUIDADE

Alquimia: são publicados, em Alexandria, textos ensinando o preparo de pedras com corantes (100–500 d.C.). **Átomo:** o grego Aristóteles elabora a idéia do átomo propondo as "qualidades elementares" – o calor e a umidade, que formam o ar; o calor e a secura, que formam o fogo, o frio e a umidade, que formam a água; e o frio e a secura, que formam a terra (350 a.C.). **Metais:** o grego Zózimo de Panópolis afirma que eles são organismos mutáveis que se desenvolvem até atingir a perfeição do ouro, e que esse processo poderia ser acelerado se fosse possível isolar a "alma" do ouro e transferi-la para os metais vis (250 d.C.). **Química empírica:** artesãos dedicam-se a atividades químicas • Egípcios e sumérios fabricam ligas de cobre e utilizam procedimentos químicos na fundição de ouro e prata (4.000–3.500 a.C.). Egípcios e mesopotâmios utilizam processos químicos de destilação, fermentação e redução (1.600–110 a.C.). No Mediterrâneo, pratica-se a técnica da tintura com púrpura (1.000–900 a.C.).

IDADE MÉDIA

Alquimia: o árabe Jabir ibn Haiân postula a existência da Química como ciência distinta da Alquimia • São publicados os escritos do árabe Abu Mussa Djafar, a quem é atribuída a descoberta dos ácidos nítrico e sulfúrico, da água-régia e do nitrato de prata (720).

IDADE MODERNA

Ácidos e sais: o alemão Johann Rudolf Glauber prepara ácido clorídrico pela reação e destilação de uma mistura de sal de cozinha e ácido sulfúrico; o resíduo, sulfato de sódio, passa a ser conhecido como "sal de Glauber" (1648). O francês Guillaume François Rouelle distingue os sais ácidos, neutros e bases (1754). **Alquimia:** o alemão Andreas Libavius publica o primeiro manual de Química, o *Alchymia (*1606). **Elementos químicos:** o inglês Robert Boyle descreve em *The sceptical chemist* todos os elementos químicos conhecidos até então e propõe a teoria de que as propriedades da matéria podem ser explicadas pela organização e movimentos de suas partículas primárias (1661). O francês Antoine Laurent de Lavoisier publica *Méthode de nomenclature chimique*, com a colaboração dos também franceses Louis Bernard Guyton de Morveau, Antoine de Fourcroy e Claude Louis Berthollet (1787). **Fermentação:** o alemão Johann Joachim Becher descreve o processo de fermentação alcoólica (1682). **Gases:** o holandês Jan Baptist van Helmont descobre a existência de vários gases na composição do ar (1640). O escocês Joseph Black identifica o gás carbônico (1754). O inglês Henry Cavendish descobre que o hidrogênio é menos denso que o ar (1766). O sueco Carl Wilhelm Scheele descobre a absorção dos gases pelo carvão (1773). Lavoisier demonstra que o ar consiste basicamente em oxigênio e nitrogênio (1777). Lavoisier descobre a composição do gás carbônico (1781). Lavoisier obtém o hidrogênio por ação do ferro em vapor d'água (1783). **Metais:** o alemão George Agricola (Georg Bauer) escreve o primeiro tratado de Mineralogia, o *De re metallica* (1530). O italiano Angelo Sala descreve a ordem em que os metais podem se deslocar dentro de seus sais (1617). O francês Jean Rey observa o aumento de peso dos metais oxidados (1630). **Química Orgânica:** o alemão Andreas Sigismund Marggraf sintetiza o ácido fórmico (1750). **Substâncias:** o suiço Paracelso desenvolve o princípio de que a "tria prima" – sal, enxofre e mercúrio, representando as propriedades da solidez, combustão e liquefação – é inerente a todas as substâncias. Introduz o uso de substâncias inorgânicas (ferro, arsênico, mercúrio, chumbo e cobre) no tratamento das doenças, iniciando um novo campo, a iatroquímica (1530). O alemão Hennig Brand prepara artificialmente o fósforo (1669). O francês Hilaire Marin Rouelle isola a uréia (1773). Scheele identifica a glicerina (1779). O francês Jean-Baptiste Louis Romé de l'Isle formula a primeira lei da cristalografia, a da constância dos ângulos (1783). O inglês Henry Cavendish faz a síntese da água (1784).

IDADE CONTEMPORÂNEA

Avanços – teorias e técnicas: Lavoisier enuncia a lei da conservação da massa (1789). O alemão Jeremias Benjamin Richter determina as proporções de ácidos e bases para a formação de sais (1792). O sueco Jöns Jacob Berzelius estabelece a diferença entre a Química Mineral e a Orgânica (1806). O alemão Eilhard Mitscherlich descobre o isomorfismo – fenômeno apresentado por substâncias diferentes que se cristalizam no mesmo sistema com a mesma disposição e orientação dos átomos, das moléculas ou dos íons (1819). O alemão Justus von Liebig cria a primeira escola de formação de químicos, ministrando regularmente aulas práticas na Universidade de Giessen, na Alemanha (1825). Berzelius introduz o conceito de isomeria (1831). Pasteur aplica ao vinho e à cerveja o processo que receberá o nome de pasteurização (1864). O francês Achille Le Bel e o holandês Jacobus Henricus Van't Hoff criam a estereoquímica (1874). Van't Hoff formula os fundamentos da cinética química (1884). Van't Hoff formula a teoria da osmose (1886) • Quatro mil químicos profissionais trabalham nas indústrias alemãs, assentando as bases do grande complexo de empresas que garantirão a supremacia do país na Química até a II Guerra Mundial (1890–1900). O alemão Max Ernst August Bodenstein descreve a reação química em cadeia (1913). O dinamarquês Johannes Nicolaus Brönsted formula nova teoria para explicar as propriedades dos ácidos e bases (1923). O americano Linus Carl Pauling adapta a Mecânica Quântica ao estudo químico de átomos e moléculas • Os americanos Felix Bloch e Edward Mills Purcell executam os primeiros experimentos de ressonância magnética nuclear em amostras líquidas (1939). O americano Harold Urey demonstra que a atmosfera primitiva da Terra era composta de metano, amoníaco, vapor d'água e hidrogênio livre; no ano seguinte, juntamente com Miller, consegue produzir aminoácidos em laboratório (1952). O inglês Frederick Sanger determina a estrutura molecular da insulina (1955). Ao longo da década de 60, os americanos Robert Burns Woodward e Ronald Hoffmann estabelecem o conceito de conservação da simetria orbital, explicando grande número de reações orgânicas (1961). Christina Thaller e Gregor Eichele, da Universidade de Harvard, nos EUA, isolam o ácido retinóico, substância morfogênica que induz à diferenciação e aglutinação de células durante a embriogênese (1987). Pesquisadores da Universidade Técnica de Munique, na Alemanha Ocid., descobrem uma molécula na qual o nitrogênio faz cinco ligações estáveis com outro elemento químico, no caso, o ouro. Isso contraria a regra da tetravalência (1990). Cientistas da Universidade do Arizona, nos EUA, e do Instituto Max Planck, na Alemanha, sintetizam um novo tipo de carbono, cujas moléculas apresentam o formato de bolinhas sextavadas (1991). O americano Michael Teter e sua equipe na Corning Glass Works, empresa americana, desenvolvem técnica para desvendar a estrutura molecular do vidro, aplicando teorias e cálculos da Mecânica Quântica • Cientistas da NEC, no Japão, descobrem nova forma de carbono, o nanotubo, com o formato de uma rede de pescar cilíndrica, com aplicação prevista na indústria eletrônica • Geoquímicos da Universidade do Arizona, nos EUA, descobrem que as moléculas esféricas de carbono, conhecidas como "buckybolas" (homenagem ao arquiteto americano Buckyminster Fuller, morto na década passada e famoso por suas estruturas geodésicas) ou "fulerenos", produzidas também em laboratório, existem também na natureza. Elas foram encontradas acidentalmente em uma rocha rara, a shungite, na região de Shunga, na Rússia (1992). Reshef Tenne, Lev Margulis, Gary Rhodes e Menachem Genut, pesquisadores do Instituto Weizmann, de Israel, descobrem um novo tipo de "buckybola", feita com átomos de tungstênio. As novas estruturas se formam por camadas de disulfito de tungstênio e serão úteis na fabricação de componentes

eletrônicos e para reforçar estruturas de plástico ou aço (1993). **Elementos químicos:** Lavoisier publica uma tabela com 31 elementos químicos (1790). O inglês Edward Frankland conceitua a valência dos elementos químicos (1853). O alemão Friedrich August Kekulé von Stradonitz estabelece a quadrivalência do carbono (1857). O russo Dmitri Ivánovitch Mendeléiev formula a lei periódica de classificação dos elementos químicos (1869). O americano Gilbert Newton Lewis formula a nova teoria das valências dos elementos químicos (1916). O inglês Patrick Maynard Blackett faz experiências com a transmutação dos elementos químicos (1923). **Eletrólise:** o inglês William Nicholson realiza a eletrólise da água (1800). O inglês Huphy Davy desenvolve o método eletrolítico de preparação do potássio e da soda (1806). O americano Charles Martin Hall e o francês Paul Louis Toussaint Héroult, trabalhando separadamente, produzem alumínio através da eletrólise (1886). **Gases:** o inglês John Dalton enuncia a lei da mistura dos gases (1801). O francês Louis Joseph Gay-Lussac formula a lei da dilatação dos gases (1802). Gay-Lussac enuncia a lei das combinações gasosas (1805). Gay-Lussac descreve as leis básicas das reações químicas entre gases em *A combinação dos gases* (1808). O italiano Amedeo Avogadro formula hipótese sobre a composição molecular dos gases (1811). O alemão Christian Friedrich Schönbein descobre o ozônio (1839). O francês Louis Paul Cailletet e o suíço Ame Pictet, trabalhando separadamente, conseguem liquefazer o oxigênio (1879). Os ingleses William Ramsay e Morris William Travers descobrem o xenônio, o criptônio e o neônio, gases atmosféricos inertes (1896). O holandês Kamerling Keike Onnes liquefaz o hélio (1908). O americano Urey descobre o hidrogênio pesado (deutério) (1931). O americano Philip Hauge Abelson demonstra que os aminoácidos podem ser produzidos pela passagem de uma descarga elétrica por várias misturas de gases; suas experiências são prosseguidas pelos russos Pasínski e Pávlovskaia (1955). Neil Bartlett demonstra que os gases nobres não são quimicamente inertes, como até então se pensava, sintetizando um composto sólido vermelho de xenônio, ferro e platina (1961). **Metais:** o alemão Friedrich Wöhler obtém o alumínio metálico a partir da argila (1827). **Química Atômica:** John Dalton aplica a teoria atômica à Química (1802). Dalton revisa a teoria atômica (1806). Berzelius determina o peso molecular de 2 mil compostos químicos (1818). Berzelius estabelece a primeira lista dos pesos atômicos (1847). Frankland sintetiza os primeiros compostos organometálicos, concluindo que cada elemento químico pode se combinar com apenas um número limitado de átomos. Essa idéia é a base da teoria de valência, fundamental para o estabelecimento das idéias estruturais da Química atual (1850). O austríaco Joseph Loschmidt determina as dimensões das moléculas (1865). O sueco Svante August Arrhenius cria a teoria dos íons (1887). O dinamarquês Brönsted e o húngaro György Carl von Hevesy conseguem separar isótopos (1921). O alemão Hermann Staudinger inicia os estudos de Química macromolecular (1926). **Química Orgânica:** Wöhler inaugura a Química Orgânica ao conseguir fazer a síntese da uréia (1828). O americano Samuel Guthrie e o alemão Justus von Liebig, trabalhando separadamente, descobrem o clorofórmio (1831). O alemão Friedlieb Ferdinand Runge descobre o ácido carbólico, hoje conhecido como fenol (1834). Von Liebig descobre os aldeídos (1835). Edmond Davey descobre o acetileno • O alemão Theodor Schwann identifica a pepsina, a enzima do suco gástrico (1836). O alemão Adolf Wilhelm Hermann Kolbe sintetiza o ácido acético (1845). O francês Charles Adolphe Wurtz descobre as aminas (1849). O francês Louis Pasteur explica a isomeria dos ácidos tartáricos (1860). Kekulé formula a teoria do anel de benzeno, pela qual explica a estrutura dos compostos chamados aromáticos (1865). **Substâncias:** o inglês Michael Faraday consegue liquefazer o cloro (1823). Faraday isola o benzeno (1825). O escocês James Young Simpson inventa o processo de purificação da água com filtro de areia (1827). Von Liebig descobre o processo de fabricação do fertilizante artificial (1840). O italiano Ascanio Sobrero sintetiza a nitroglicerina (1846). William Perkin sintetiza o primeiro corante artificial (1856). O francês P.E.M. Berthelot faz a síntese do acetileno (1860). O alemão Julius von Sachs demonstra que o amido das plantas é produzido por processos fotossintéticos (1862). O americano Constantin Fahlberg e seu professor, o também americano Ira Remsen, descobrem a sacarina. Fahlberg patenteia o produto sem mencionar o nome de Remsen (1879). O alemão Emil Fischer realiza a síntese dos açúcares (1887). O inglês Frederick Kipping sintetiza o silicone (1904). O alemão Emil Fischer desenvolve pesquisas sobre a química das proteínas (1907). O alemão Richard Willstöter descobre a composição da clorofila • O americano Elmer Verner McCollun isola a vitamina A (1913). O dinamarquês Carl Peter Henrick Dam descobre a vitamina K (1929). Os alemães Fritz Mietsch e Joseph Klarer descobrem a sulfonamida (1932). O suíço Tadeusz Reichstein sintetiza a vitamina C (1933). O suíço Paul Hermann Müller sintetiza o DDT, tornando obsoletos os inseticidas à base de rotenona (1939). O quinino é sintetizado quimicamente (1944). A vitamina A é sintetizada (1945). A inglesa Dorothy Mary Kodgkin isola a vitamina B_{12} a partir do extrato de fígado (1955). O inglês Robert G. Robinson descobre o antibiótico meticilina (1960). Manoj Chaudhury, da empresa Dow Corning, de Michigan, e George Whitesides, da Universidade de Harvard, nos EUA, desenvolvem substância que repele a água. Colocada na extremidade inferior de uma lâmina inclinada, faz com que uma gota de água suba o plano inclinado, contrariando a ação da gravidade. As possíveis aplicações dessa substância ainda são objeto de pesquisa (1991).

Cronologia Brasil

COLÔNIA

Obras: Gabriel Soares de Sousa, precursor das pesquisas mineralógicas e geológicas no país, publica em Lisboa o *Tratado descritivo do Brasil* (1587). José Bonifácio de Andrada e Silva publica nos *Annales de chimie*, da França, sua *Memória sobre os diamantes do Brasil* (1792).

IMPÉRIO

Entidades: criada no Rio de Janeiro a Sociedade Farmacêutica, tendo como órgão oficial a *Revista Farmacêutica* (1851). Criada a Comissão Geológica do Império do Brasil e da Escola de Minas de Ouro Preto (1875).

REPÚBLICA

Obra: é publicada *Farmacopéia paulista*, primeira obra do gênero no Brasil (1917). **Cursos:** fundada a Universidade de São Paulo; professores europeus de renome internacional são convidados para lecionar Química, Biologia, Física e Matemática, lançando as bases da moderna ciência brasileira (1934). **Instituições:** fundada a Associação Brasileira de Cimento Portland, que elabora as normas para execução e cálculo de concreto armado (1937). Em conseqüência da interrupção no fornecimento de petróleo provocada pela guerra, a Usina de Álcool Motor de Mandioca de Minas Gerais perde o caráter experimental e passa a fornecer o produto (1939). A Nuclebrás cria a Nuclebrás Auxiliar de Mineração S.A., encarregada da prospecção, pesquisa, lavra e concentração de minérios de urânio no país (1976). **Técnicas e pesquisas:** técnicos do Centro de Pesquisas da Usiminas descobrem o álcool não-corrosivo (1981). O Centro de Tecnologia Mineral da Universidade Federal do Rio de Janeiro começa a oferecer, em forma de serviços, a modelagem molecular • Aplicação da computação gráfica na busca de novos medicamentos e no estudo de reações químicas entre diversos materiais; ela substitui os tubos de ensaio e economiza anos de pesquisa (1991). A Companhia Brasileira de Lítio dá início à produção interna de hidróxido e carbonato de lítio, interrompendo o fluxo de importação dessas matérias-primas (1992). Empresas como a Petrobrás e a Ciquine passam a utilizar catalisadores desenvolvidos no Brasil para a área da petroquímica (1993). ■

TEATRO

A arte da representação de obras dramáticas originase, no Ocidente, dos festivais religiosos gregos, a partir do séc. VII a.C., em honra a Dionísio, em que os cânticos eram entoados por um coro, conduzido por um solista, o *corifeu*. Quando, no séc. VI a.C., o corifeu Téspis destaca-se do coro e, avançando até a frente do palco, declara estar representando o deus Dionísio, surge o primeiro ator e é dado o primeiro passo para o teatro como o conhecemos hoje. Os teatros gregos são construídos em áreas de terra batida, com degraus em semicírculo para abrigar a platéia. O palco é de tábuas, sobre uma armação de alvenaria, e o cenário é fixo, com três portas: a do palácio, no centro; a que leva à cidade, à direita; e a que vai para o campo, à esquerda. Essa estrutura de palco permanecerá até o fim da Renascença. Os atores, que ficam muito distantes do público, usam máscaras que expressam os seus sentimentos e ampliam a sua voz; e coturnos, botas de salto alto, que aumentam sua estatura.

ANTIGUIDADE

Do séc. V a.C. ao V d.C. Em Atenas, o tirano Pisístrato organiza o primeiro concurso dramático (534 a.C.). Apresentam-se comédias, tragédias e sátiras, de tema mitológico, em que a poesia se mescla ao canto e à dança. No primeiro volume da *Arte poética*, Aristóteles formula as regras básicas para a arte teatral: a peça deve respeitar as unidades de tempo (a trama deve desenvolver-se em 24 horas), de lugar (um só cenário) e de ação (uma só história). Dos três autores de que se possuem peças completas, Ésquilo (*Electra)* trata das relações entre os homens, os deuses e o universo, enquanto Sófocles (a trilogia de *Édipo*) e Eurípides (*Medéia)* retratam o conflito das paixões humanas. Do final do séc. IV a.C. até o início do séc. III a.C., destacam-se a "comédia antiga" de Aristófanes (*Lisístrata)*, que satiriza as tradições e a política atenienses; e a "comédia nova", que, com Menandro *(O Misantropo)*, critica os costumes. Na fase áurea, teatros como o de Epidauro, perto de Atenas, já são de pedra e situam-se em locais elevados, próximos aos santuários a Dionísio.

Roma – Os primeiros jogos cênicos datam de 364 a.C.; mas a primeira peça, traduzida do grego, é representada em 240 a.C. por um escravo capturado em Tarento. Imita-se o repertório grego, misturando palavra e canto, e os papéis são representados por atores masculinos mascarados, escravos ou libertos. Predomina a comédia, destacando-se Plauto *(A panelinha)*, no séc. III a.C., e Terêncio *(A garota de Ândria)*, no séc. II a.C. Suas personagens estereotipadas darão origem, séculos mais tarde, aos tipos da *Commedia dell'arte*. Da tragédia, cheia de situações grotescas e efeitos especiais, só sobrevivem completas as de Sêneca *(Fedra)*, que substitui o despojamento grego por ornamentos retóricos. No Império (de 27 a.C. a 476 d.C.), a cena é dominada por pantomimas, exibições acrobáticas e jogos circenses, apresentados no Coliseu. Até 56 a.C., as encenações são feitas em teatro de madeira; depois, surgem construções de mármore e alvenaria, no centro da cidade. Com o triunfo do cristianismo, os teatros são fechados até o séc. X.

IDADE MÉDIA

Do séc. X ao início do XV. A princípio são encenados, dentro das igrejas, dramas litúrgicos em latim, escritos e representados por membros do clero. Tornando-se mais elaborados e exigindo mais espaço, passam para o adro, a praça em frente à igreja. A fachada do templo serve de cenário, e os fiéis, usados como figurantes e, posteriormente, como atores, misturam ao latim trechos falados na língua do país. As peças, sobre o ciclo da Páscoa ou da Paixão, são longas, podendo durar vários dias. A partir daí, formam-se grupos semiprofissionais e leigos que se apresentam na rua, improvisando o palco em carroças que se deslocam de uma praça para outra. Os temas ainda são religiosos, mas o texto tem tom popular e inclui situações tiradas do cotidiano. Na França, os *jeux* (jogos) contam histórias bíblicas ou da vida dos santos. No séc. XII, Jean Bodel é o autor do *Jeu d'Adam* e do *Jeu de Saint Nicolas*. Os *milagres*, como o de Notre-Dame (séc. XV), de Théophile Rutebeuf, também contam a vida dos santos. E, nos *mistérios*, como o da Paixão (1450), de Arnoul Gréban, temas religiosos e profanos se misturam.

A comédia – É de tema puramente profano, entremeada de canções. O *Jeu de Robin et de Marion* (1272), de Adam de la Halle, é também um dos precursores da ópera cômica. A proibição dos mistérios pela Igreja (1548), visando a pôr fim à mistura abusiva do litúrgico e do profano, consolida o teatro popular. Os grupos se profissionalizam e dois gêneros se fixam: as comédias bufas, chamadas de *soties* (tolices), com intenções políticas ou sociais; e a farsa, como a de *Mestre Pathelin*, que satiriza o cotidiano. Seus personagens estereotipados e a forma como são ironizados os acontecimentos do dia-a-dia reaparecem no *vaudeville*, que, no séc. XVII, será apresentado nos teatros de feira.

RENASCIMENTO

Do séc. XV ao XVI, prolongando-se, em alguns países, até o início do séc. XVII. O teatro erudito, imitando modelos greco-romanos, é muito acadêmico, com linguagem pomposa e temática sem originalidade. Em reação a ele surgem, na Itália, a *pastoral*, de assunto campestre e tom muito lírico (*Orfeo*, de Angelo Poliziano); e a *Commedia dell'arte*. A primeira companhia desse tipo, *I Gelosi* (os ciumentos), dos irmãos Andreini, é fundada em 1545. Os cenários são muito simples – um telão pintado com a perspectiva de uma rua – e as peças baseiam-se em roteiros sem texto escrito. Num esquema de criação coletiva, os diálogos são improvisados pelos atores, que se especializam em personagens fixos: Colombina, Polichinelo, Arlequim, o capitão Matamoros, Pantalone. Na *Commedia*, surgem atrizes representando mulheres. Mais tarde, comediógrafos como Molière, Marivaux, Gozzi e Goldoni vão inspirar-se em seus tipos.

O teatro elisabetano – Floresce de 1562 a 1642, na Inglaterra. A casa de espetáculos, de forma redonda ou poligonal, tem palco em diversos níveis para que várias cenas sejam representadas simultaneamente. As galerias para os espectadores ficam em torno do palco. As peças caracterizam-se pela mistura sistemática de sério e cômico; pelo abandono das unidades aristotélicas clássicas; pela variedade na escolha dos temas, tirados da mitologia, da literatura medieval e renascentista, e da história antiga ou contemporânea; e por uma linguagem que mistura o verso mais refinado à prosa mais descontraída. Além de Christopher Marlowe *(Doutor Fausto)*, Ben Jonson *(Volpone)* e Thomas Kyd *(Tragédia espanhola)*, o maior nome do período é o de William Shakespeare. Em suas tragédias *(Romeu e Julieta, Hamlet* ou *Otelo)*, comédias *(A tempestade)* ou dramas históricos *(Henrique V)*, demonstra uma profundidade de visão do mundo que faz com que sua obra exerça influência não só sobre a evolução do teatro, mas também sobre o desenvolvimento do pensamento humano.

Idade de Ouro – É a fase de apogeu do teatro espanhol (séc. XVI–XVII). A *Celestina*, de Fernando Rojas, *Numância*, de Miguel de Cervantes, *O melhor juiz, o rei*, de Felix Lope de Vega, *A vida é sonho*, de Pedro Calderón de la Barca, ou *O burlador de Sevilha*, de Tirso de Molina, desprezam as regras eruditas e incorporam formas originárias das representações populares, em peças de ritmo rápido, com ações que se entrecruzam. Temas mitológicos, misturados a elementos locais, estão impregnados de sentimento religioso. As casas de espetáculos são chamadas de *corrales*, pois o palco, em diversos níveis e sem cenários, fica no centro de um pátio coberto.

BARROCO

Durante o séc. XVII. Chamado de a arte da Contra-reforma, o Barroco é, ao mesmo tempo, uma reação ao materialismo renascentista e às idéias reformistas de Lutero e Calvino e um retorno à tradição cristã. O espírito da época é atormentado, cheio de tensão interna, marcado pela sensação da transitoriedade das coisas, pessimista e com gosto pelo macabro. A princípio sóbrio e depurado, torna-se, com o tempo, rebuscado, com abundância de metáforas.

Teatro clássico francês – Difere do inglês ou do espanhol por ter de adaptar-se ao gosto refinado do público aristocrático a que se destina. Obedece a regras muito rigorosas: o tema é obrigatoriamente imitado de um modelo greco-romano; as unidades aristotélicas têm de ser respeitadas; a regra do "bom gosto" exige que a ação, de construção lógica e coerente, nunca mostre situações violentas ou ousadas; o texto, em geral em versos alexandrinos, tem tom poético elevado. No *Cid*, Pierre Corneille descreve o conflito entre o sentimento e a razão; e esta última é vitoriosa. Jean Racine *(Fedra)* pinta personagens dominados por suas paixões e destruídos por elas. Em suas comédias, Molière (pseud. de Jean-Baptiste Poquelin) cria uma galeria de tipos *(O avarento, O burguês fidalgo)* que simbolizam as qualidades e os defeitos humanos. A fundação da Comédie Française por Luís XIV (1680) transforma o teatro numa atividade oficial, subvencionada pelo Estado.

A crise inglesa – No início do século, destacam-se ainda John Webster *(A duquesa de Malfi)* e John Ford *(Que pena que ela seja uma prostituta)*, mas, em 1642, após a Revolução Puritana, os teatros são fechados por Oliver Cromwell e a arte dramática entra em decadência até a Restauração (1660). Depois dela, os nomes mais importantes são os dos colaboradores Francis Beaumont e John Fletcher *(Philaster)*.

Influência da ópera – Na Itália, o teatro falado é pouco original, copiando modelos importados da França. Mas no terreno da ópera ocorrem revoluções que modificam o gênero dramático como um todo. Em 1637, a *Andrômeda*, de Francesco Manelli, inaugura o teatro da família Tron, no bairro veneziano de San Cassiano, modelo para casas futuras. Troca-se a cena reta greco-romana pelo "palco italiano", com boca de cena arredondada e luzes na ribalta, escondidas do público por anteparos; utiliza-se, pela primeira vez, cortina para tampar a cena, preservando a surpresa do espectador com o cenário quando o pano abre; as três portas da cena grega são substituídas por telões pintados que permitem efeitos de perspectiva; é introduzida a maquinaria para efeitos especiais, simulando tempestades, terremotos, incêndios; apagam-se as luzes da sala durante o espetáculo, para concentrar a atenção do público no palco; em vez do anfiteatro com arquibancadas, há uma platéia e camarotes, dispostos em ferradura. A ópera torna-se tão popular que, só em Veneza, no séc. XVII, funcionam regularmente catorze teatros.

NEOCLASSICISMO

Durante o séc. XVIII, a tragédia francesa não se renova: as peças de Voltaire são solenes e inanimadas. A comédia, entretanto, se revitaliza com Pierre Marivaux *(O jogo do amor e do acaso)*, cujo tema central é o comportamento amoroso; e com Augustin Caron de Beaumarchais *(O barbeiro de Sevilha, As bodas de Fígaro)*, que faz o retrato da decadência do Antigo Regime. *O filho natural*, "drama burguês" de Denis Diderot, já prenuncia o Romantismo. Na Itália, as obras mais originais são as comédias de Carlo Gozzi *(O amor de três laranjas)* e Carlo Goldoni *(A viúva astuciosa, Arlequim servidor de dois amos)*. Metastasio (pseud. de Pietro Trapassi) escreve melodramas solenes mas de fértil imaginação, populares como libretos de ópera (um deles, *Artaserse*, é musicado por mais de cem compositores). Na Alemanha, na virada do século, o movimento *Sturm und Drang* (Tempestade e Impulso) faz a transição entre o racionalismo iluminista e o emocionalismo romântico. Johann Wolfgang von Goethe *(Egmont)*, Friedrich von Schiller *(Don Carlos, Wallenstein)* e Heinrich von Kleist *(Kaetchen von Heilbronn)* influenciarão as gerações seguintes em todos os países.

ROMANTISMO

Primeira metade do séc. XIX. Com a ascensão da burguesia após a Revolução Francesa, o teatro adapta-se à mudança de gosto do público. A peça séria romântica evolui não da tragédia, mas da comédia setecentista, que trabalhava com personagens reais e situações mais próximas do dia-a-dia. No prefácio ao drama *Cromwell* (1827), Victor Hugo enumera novos princípios, que põe em prática no *Hernani* ou em *Ruy Blas*: abandono das unidades aristotélicas, desprezo pela regra do "bom gosto", que impedia a exibição de cenas chocantes; troca da linguagem nobre e neutra por uma expressão que apela para construções coloquiais ou populares; e preferência por temas extraídos da história européia. Os dramas adquirem estrutura muito livre, com uma multiplicidade de episódios entrecruzados que se desenvolvem, através de cenas curtas, em diversos locais.

São, às vezes, peças para serem apenas lidas. No *Lorenzaccio*, de Alfred de Musset, ou no *Chatterton*, de Alfred de Vigny, há o predomínio da emoção sobre a razão; a atração pelo fantástico, o misterioso e o exótico; e um sentimento nacionalista muito forte. Os franceses influenciam italianos, como Vittorio Alfieri *(Saul)*, ingleses, como lorde George Byron *(Marino Faliero)* ou Percy Shelley *(Os Cenci)*, espanhóis, como José Zorilla *(Don Juan Tenório)*, e portugueses, como Almeida Garrett *(Frei Luís de Souza)*. Uma vez mais, a ópera contribui para o enriquecimento das montagens: no Teatro da Ópera de Paris, Pierre-Luc Cicéri e Louis Daguerre, o inventor da fotografia, revolucionam a construção de cenários, a técnica da iluminação à base de gás e os recursos para a produção dos efeitos especiais.

REALISMO

Na segunda metade do séc. XIX, o melodrama burguês rompe com o idealismo romântico e dá preferência a histórias contemporâneas, com problemas reais de personagens comuns. Numa fase de transição, *Tosca*, de Victorien Sardou, *O copo d'água*, de Eugène Scribe, ou *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho, já têm ambientação moderna; mas os personagens ainda têm comportamento tipicamente romântico. A partir de 1870, por influência do Naturalismo, que vê o homem como fruto das pressões biológicas e sociais, os dramaturgos mostram personagens condicionados pela hereditariedade e pelo meio. O dinamarquês Henryk Ibsen discute a situação social da mulher *(Casa de bonecas)*, a sordidez dos interesses comerciais, a desonestidade administrativa e a hipocrisia burguesa *(Um inimigo do povo)*. Na Rússia, Nikolái Gógol *(O inspetor geral)* satiriza a corrupção e o emperramento burocrático; Anton Tchekhóv *(O jardim das cerejeiras)* e Aleksandr Ostróvski *(A tempestade)* retratam o ambiente provinciano e a passividade dos indivíduos diante da rotina do cotidiano; e em *Ralé* e *Os pequenos burgueses*, Máksim Górki (pseud. de Aleksêi Péshkov) mostra a escória da sociedade, debatendo-se contra a pobreza, e a classe média devorada pelo tédio. O irlandês William Butler Yeats *(A condessa Kathleen)* faz um teatro nacionalista impregnado de folclore; seu compatriota Oscar Wilde *(O leque de lady Windermere)* retrata a elegância e a superficialidade da sociedade vitoriana; e George Bernard Shaw *(Pigmalião, O dilema do médico)*, cuja obra prolonga-se pelo séc. XX, defende ideais socialistas e traça um perfil mordaz de seus contemporâneos.

O encenador mais importante é André Antoine: no Teatro Livre, criado em 1887, ele renova o repertório, dando ênfase a autores novos; usa cenários de um realismo extremo; trabalha com elencos sem grandes estrelas; e faz espetáculos voltados para um público amplo, proclamando que o teatro não é uma diversão, e sim um meio de levar os espectadores à reflexão. É, portanto, um precursor do teatro épico do séc. XX.

SIMBOLISMO

Na segunda metade do séc. XIX, além de rejeitarem os excessos românticos, os simbolistas negam também a reprodução fotográfica dos realistas. Preferem retratar o mundo de modo subjetivo, sugerindo mais do que descrevendo, e buscando o significado mágico e misterioso dos seres e das coisas. Para eles, motivações, conflitos, caracterização psicológica e coerência na progressão dramática têm importância relativa. Os personagens do *Pelleas e Melisande*, do belga Maurice Maeterlinck, por exemplo, são mais a materialização de idéias abstratas do que seres humanos reais. Escritores como Ibsen, Strindberg, Hauptmann e Yeats, que começam como realistas, evoluem, no fim da carreira, para o Simbolismo. Além deles, destacam-se o italiano Gabriele d'Annunzio *(A filha de Iorio)*, o austríaco Hugo von Hofmannsthal *(A torre)* e o russo Leonid Andréiev *(A vida humana)*.

Revolução cênica – Na virada dos séc. XIX e XX, o diretor e o encenador adquirem nova dimensão. Na Rússia, Konstantín Stanislávski reavalia a função do ator treinando-o para viver o personagem, incorporando sua psicologia. Desenvolve um método rigoroso usado em escolas como o Actor's Studio, fundado nos EUA, na década de 30, por Lee Strasberg. Os alemães Erwin Piscator e Max Reinhardt e o francês Aurélien Lugné-Poë recorrem ao palco giratório ou desmembrado em vários níveis, à projeção de slides e títulos explicativos, à utilização de rampas laterais para ampliar a cena ou de plataformas colocadas no meio da platéia. O britânico Edward Gordon Craig revoluciona a iluminação usando, pela primeira vez, a luz elétrica; e o suíço Adolphe Appia reforma o espaço cênico criando, principalmente para as óperas de Wagner, cenários monumentais e estilizados.

ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

Nos primeiros anos do séc. XX, tendências realistas ainda permanecem em dramaturgos como os irlandeses Sean O'Casey *(O arado e as estrelas)* e John Millington Synge *(O playboy do mundo ocidental)*. Mas há reações ao Realismo e ao Simbolismo.

Expressionismo – Na Alemanha, entre a I e a II Guerras Mundiais. Advoga a explosão descontrolada da subjetividade e explora estados psicológicos mórbidos, sugerindo-os através de cenários distorcidos. *A caixa de Pandora*, de Frank Wedekind, *Os burgueses de Calais*, de Georg Kaiser, *Os destruidores de máquinas*, de Ernst Toller, *RUR*, do tcheco Karel Capek, e *O dia do julgamento*, do americano Elmer Rice, exibem também preocupação social, mostrando o homem em luta contra a mecanização desumanizadora da sociedade industrial, estudam os conflitos de geração e condenam o militarismo.

Futurismo – Na década de 20, glorifica a violência, a energia e a industrialização. Mas os italianos, liderados por Filippo Tommaso Marinetti *(O monoplano do papa)*, evoluem para o fascismo, enquanto os russos, tendo à frente Vladímir Maiakóvski *(O percevejo, Mistério bufo)*, usam o teatro para difundir o comunismo.

Teatro da crueldade – Na França, dadaístas e surrealistas contestam os valores estabelecidos. Apontam como seu precursor Alfred Jarry, que, no fim do séc. XIX, criou as farsas ligadas ao personagem absurdo do *Pai Ubu*. Roger Vitrac *(Victor, As crianças no poder)* colabora com o diretor Antonin Artaud, formulador do conceito de "teatro da crueldade", que visa a liberar as forças inconscientes da platéia, representando seus sonhos, medos, obsessões e repressões.

Teatro épico – Tomando como ponto de partida o trabalho de Piscator, o alemão Bertolt Brecht propõe um teatro politizado, que visa a modificar a sociedade. Em *O círculo de giz caucasiano*, *Galileu Galilei* ou *Os fuzis da senhora Carrar*, substitui o realismo psicológico por textos didáticos, comprometidos com uma ideologia de esquerda. Afirmando que, em vez de hipnotizar o espectador, o teatro deve despertá-lo para uma reflexão crítica, Brecht utiliza processos de "distanciamento", que rompem a ilusão, lembrando ao público que aquilo é apenas teatro e não a vida real. Seus principais seguidores são os suíços Friedrich Dürrenmatt *(A visita da velha senhora)* e Max Frisch *(Andorra)*, e os alemães Peter Weiss *(Marat/Sade)* e Rolf Hochhuth *(O vigário)*. Na Itália, Luigi Pirandello, em *Seis personagens à procura de um autor*, reflete sobre o significado da vida, os limites entre a realidade e a ilusão e a ausência de verdades absolutas neste mundo. Suas peças antecipam a angústia existencial de Jean-Paul Sartre *(Entre quatro paredes)* e Albert Camus *(Calígula)*; e são também precursoras do teatro do absurdo.

Teatro americano – Seu criador é Eugene O'Neill, influenciado por Pirandello. Em *Estranho interlúdio*, *O luto cai bem a Electra* ou *Longa jornada noite adentro*, confunde os planos da ficção e da realidade e mergulha nos mecanismos psicológicos de seus personagens. Extremamente pessimista, mostra o homem presa de um destino sem sentido – o que também o situa como um precursor do existencialismo. Além dele, destacam-se Clifford Oddets *(A vida impressa em dólar*, que retrata a Depressão), Thornton Wilder *(Nossa cidade)* e Arthur Miller *(A morte do caixeiro-viajante)*, que visam à crítica social; Tennessee Williams *(Um bonde chamado desejo, De repente, no último verão)*, que constrói um universo em que predominam a sensualidade, os instintos descontrolados e as perversões; e Edward Albee, que, em *Quem tem medo de Virginia Woolf?*, fala do relacionamento íntimo entre os indivíduos.

Teatro do absurdo – A destruição de valores e crenças, após a II Guerra Mundial, produz um teatro anti-realista, ilógico, que encara a linguagem como obstáculo entre os homens, condenados à solidão. O irlandês Samuel Beckett *(Esperando Godot, Fim de jogo)* descreve o homem incapaz de crer e também de renunciar à esperança. O romeno naturalizado francês Eugène Ionesco *(A cantora careca, Os rinocerontes)*, sob a forma aparente de comédia, aborda temas extremamente trágicos. O francês Jean Genet escolhe assuntos "malditos", como o homossexualismo, e cria, em *O balcão*, um verdadeiro ritual dramático. *O filho pródigo*, do inglês Harold Pinter, *Tango*, do polonês Slawomir Mrózek, e *Cemitério de automóveis* e *O arquiteto e o imperador da Assíria*, do espanhol Fernando Arrabal, também marcam o período.

Vanguarda – As experiências dos grupos fundados nas décadas de 70 a 90 têm em comum a eliminação da divisão tradicional entre o palco e a platéia; a substituição do texto de um autor único por uma criação coletiva; e a participação do espectador na elaboração do espetáculo. O polonês Jerzy Grotowski, no Teatro-laboratório de Wróclaw, propõe a criação de um "teatro pobre", sem acessórios, baseado apenas na relação ator/espectador.

Em anos recentes ainda se destacam dramaturgos como os alemães Peter Handke *(Viagem pelo lago Constança)*, Werner Fassbinder *(Lola)*, também diretor de cinema, Heiner Müller *(Hamlet-Machine)* e Botho Strauss *(Grande e pequeno)*; o americano Sam Sheppard *(Loucos de amor)*, o italiano Dario Fó *(Morte acidental de um anarquista)*, ou o chileno Ariel Dorfman *(A morte e a donzela)*. Mas o eixo criador desloca-se do autor para o grupo teatral. Destacam-se, nas décadas de 70 a 90, o *Living Theatre*, de Julian Beck e Judith Malina; o *Open Theatre*, de Joseph Chaikin; o *Teatro Campesino*, de Luís Miguel Valdez; o *Bred and Puppet*, de Peter Schumann; o *Odin Teatret*, de Eugenio Barba; o *Théâtre du Soleil*, de Ariane Mnouchkine; o *Grand Magic Circus*, de Jérôme Savary; o *Squat* de Budapeste; o *Mabou Mines* e o *Performance Group* dos EUA; e as companhias dos americanos Bob Wilson, Richard Foreman, Richard Schechner e Meredith Monk; dos italianos Carmelo Bene, Giuliano Vassilicò e Memè Perlini; do falecido polonês Tadeusz Kantor e a do britânico Stuart Sherman.

A partir de 1990, musicais como *Les misérables* ou *Miss Saigon* ilustram a tendência ao chamado "teatralismo", a volta à exploração dos recursos específicos da linguagem de palco – encenações elaboradas, estiliza-

das, ricas em efeitos especiais e criação da ilusão teatral –, o que acarreta o acelerado declínio das montagens ditas "minimalistas", que usavam cenários austeros, guarda-roupa simplificado, o mínimo de adereços de cena, gestos reduzidos e trilhas sonoras de autores como Philip Glass. Em 1993, ao fazer cem anos, a *Broadway*, a mais famosa rua de entretenimento do mundo, atravessa grave crise: dos quase sessenta teatros que ali funcionavam nas décadas de 30 a 60, apenas dezenove ainda estão abertos, com muita dificuldade para obter retorno comercial e tendo a qualidade de suas produções denunciada pela crítica.

Teatro no Brasil

ERA COLONIAL

Do séc. XVII ao início do séc. XIX. Os primeiros textos, como o *Auto da festa de S. Lourenço*, do pe. José de Anchieta, são escritos pelos jesuítas de Piratininga, numa mistura de espanhol, português e tupi-guarani. Visam à catequese e são encenados pelos indígenas. Em Minas Gerais, durante o Ciclo do Ouro (séc. XVIII), atores portugueses visitam Vila Rica. A única peça local preservada é *O parnaso obsequioso*, de Cláudio Manoel da Costa, em homenagem ao aniversário do governador. No Rio de Janeiro, na segunda metade do séc. XVIII, o Teatro do Padre Ventura encena as "óperas" – na verdade, comédias entremeadas de canções – do português Antônio José da Silva, o Judeu *(Guerras do Alecrim e Mangerona)*. E o Teatro de Manuel Luís importa espetáculos de Portugal e da Espanha. Em ocasiões festivas, grupos amadores montam, em praça pública, peças de tom popular, louvando as autoridades. Depois que a sala do pe. Ventura é destruída por um incêndio (1769) e a de Manuel Luís é fechada, d. João VI manda construir, em 1810, o Real Teatro de São João, atual João Caetano, onde também se exibem atores portugueses.

ERA NACIONAL

Romantismo – Primeira metade do séc. XIX. No reinado de d. Pedro I, surge o primeiro grande ator brasileiro, João Caetano dos Santos, afamado intérprete de Shakespeare. Sua montagem de *Antônio José ou O poeta e a Inquisição* (1838), de Gonçalves de Magalhães, dá início a um teatro com autores e temática brasileiros. No ano seguinte, *O juiz de paz na roça* revela Luís Carlos Martins Pena, cujas comédias fazem uma crítica bem-humorada da sociedade da época. Os dramas *Leonor de Mendonça*, de Antônio Gonçalves Dias, e *Gonzaga ou A revolução de Minas*, de Antônio Castro Alves; e as comédias *A torre em concurso*, de Joaquim Manuel de Macedo, e *O demônio familiar*, de José de Alencar, vêm ampliar o repertório nacional.

Realismo – Segunda metade do séc. XIX. A reação aos excessos românticos já se percebe numa peça de transição, como a *Lição de botânica*, de Joaquim Maria Machado de Assis. Joaquim José da França Júnior *(Como se faz um deputado, Caiu o ministério)* traça, num tom bem amargo, o painel das maquinações políticas do II Império. Igualmente satírico, mas brincalhão, Artur de Azevedo cria, com as "burletas" *O mambembe* ou *A capital federal*, a comédia musical brasileira. Também Henrique Maximiano Coelho Neto pratica, em *Quebranto* ou *O patinho feio*, uma comédia de costumes ágil e leve. Mas as companhias nacionais são precárias, e os atores mais aclamados – Furtado Coelho, Lucinda Simões e Adelaide Amaral – ainda são portugueses.

Simbolismo – Primeiros anos do séc. XX. De uma produção muito irregular, que se limita a copiar autores europeus, salvam-se *Eva*, de João do Rio (pseud. de Paulo Barreto); *O Canto sem palavras*, de Roberto Gomes; e *A comédia do coração*, de Paulo Gonçalves. Mas o isolamento criado pela I Guerra Mundial gera um embrião nacionalista que se manifesta, sob a forma de temática regional, em *Flores de sombra*, de Cláudio de Sousa, e *Onde canta o sabiá*, de Gastão Tojeiro.

TEATRO MODERNO

Décadas de 20/30 – Embora o teatro seja a arte menos afetada pela Semana de Arte Moderna de 1922, uma de suas conseqüências é a criação, por Álvaro Moreira, do Teatro de Brinquedo, que estréia com *Adão, Eva e outros membros da família* (1927). Escrita em linguagem coloquial, coloca em cena, pela primeira vez, como protagonistas, dois marginais: um mendigo e um ladrão. Esse exemplo será seguido por Joracy Camargo em *Deus lhe pague*, primeira peça brasileira a obter sucesso no exterior. Nessa mesma época, Leopoldo Fróes, criador da primeira companhia inteiramente nacional, preocupa-se em fixar uma dicção teatral brasileira, livre dos maneirismos herdados de atores portugueses. Para seu grupo contribuem Viriato Correa *(Sol do sertão)*, Oduvaldo Viana *(A casa do tio Pedro)* e Armando Gonzaga *(Cala a boca, Etelvina!)*.

Companhias nacionais – Décadas de 30/40. Leopoldo Fróes, Procópio Ferreira, Jaime Costa, Abigail Maia e Dulcina de Moraes fundam suas próprias companhias, ativas até o fim dos anos 50. A húngara Eva Todor, naturalizada brasileira, e seu marido, Luís Iglésias *(Chuvas de verão)*, além de apresentar comédias leves, revelam textos de Bernard Shaw, Ferenc Molnár e Henryk Ibsen.

Presença estrangeira – Década de 40. Durante a II Guerra Mundial, atores do Leste europeu refugiam-se no Brasil: entre eles, estão o ucraniano Eugênio Kusnet, importante como professor; e o polonês Zbigniew Ziembinski, que, com o cenógrafo Salvador Rosa, funda Os Comediantes, com os quais monta Pirandello, Eugene O'Neill e Arthur Miller. Seu maior sucesso é *Vestido de noiva* (1943), de Nélson Rodrigues, cuja obra polêmica revoluciona a dramaturgia nacional.

Escolas de teatro – Nessa mesma época, Pascoal Carlos Magno cria, no Rio de Janeiro, o Teatro do Estudante, que apresenta o primeiro ciclo completo das peças de Shakespeare no país: como Hamlet, é lançado Sérgio Cardoso, que, mais tarde, será a primeira estrela do palco a tornar-se um popular ator de telenovelas. Em 1948, Alfredo Mesquita funda em São Paulo a Escola de Arte Dramática (EAD), que, após uma profunda fase de crise, no fim da década de 70, recupera a qualidade sob a direção de Claudio Lucchesi e, depois, de Iacov Hilel, conservando-se como uma escola-modelo de teatro. Ainda em 1948, com *O casaco encantado*, Lúcia Benedetti lança as bases do teatro infantil interpretado por adultos; sua seguidora mais importante é Maria Clara Machado *(Pluft, o fantasminha, O rapto das cebolinhas)*. Paralelamente, no Teatro de Bolso, José da Silveira Sampaio, na linhagem de crítica de costumes, monta comédias de ácida ironia *(A inconveniência de ser esposa, Só o faraó tem alma)*.

Geração TBC – Década de 50. Em 1948, o industrial italiano Franco Zampari funda, em São Paulo, o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), marco na história do teatro brasileiro. A posição de preponderância que ocupa deve-se à incorporação de novos talentos: Nídia Lícia, Paulo Autran, Cacilda Becker, Sérgio Cardoso; à atenção dispensada a autores jovens, como Abílio Pereira de Almeida *(Santa Marta Fabril)*; e à importação dos diretores italianos Luciano Salce e Adolfo Celli, que ajudaram a formar os brasileiros Flávio Rangel e Ahtunes Filho. Com o sucesso em São Paulo, o TBC abre uma filial no Rio. As companhias de Eva Todor, Maria Della Costa, Dulcina e Odilon, Procópio e Bibi Ferreira são contratadas para excursionar em Portugal e suas colônias.

Serviço Nacional de Teatro – Fundado no fim dos anos 40, patrocina a criação de grupos experimentais e a montagem de novos textos brasileiros, como *A raposa e as uvas*, de Guilherme de Figueiredo, aclamado no exterior. Novos representantes do teatro de costumes são Pedro Bloch *(As mãos de Eurídice)* e o humorista Millôr Fernandes *(Do tamanho de um defunto)*.

Novos grupos – Os problemas criados por uma estrutura grande e onerosa, a morte de Zampari e cisões entre os membros do elenco fazem com que, perto do fim da década de 50, o TBC se desmembre nos grupos de Tônia Carrero, Paulo Autran e Margarida Rey, dirigido por Adolfo Celli; de Cacilda, o marido Walmor Chagas e a irmã Cleyde Yaconis, dirigido por Ziembinski; o Teatro dos Sete, de Fernanda Montenegro, Italo Rossi e Sérgio Brito; e o de Sérgio Cardoso e Nídia Lícia. O sucesso do *Pagador de promessas*, de Dias Gomes – também autor de telenovelas –, faz com que a peça, filmada em 1962 por Anselmo Duarte, seja premiada em Cannes. Nélson Rodrigues, que firmara sua reputação com *O anjo negro*, *Álbum de família* e *A falecida*, desperta polêmica com *Perdoa-me por me traíres*, *Beijo no asfalto*, *Bonitinha mas ordinária*, consideradas escandalosas. Jorge de Andrade retrata a decadência da aristocracia rural paulista em *A moratória* e a ascensão das classes novas em *Os ossos do barão*. Ao lado de Nélson, é o dono da obra teatral mais significativa do Brasil: nela se destacam denúncias do fanatismo e da intolerância, como *Veredas da salvação* e *Marta, a árvore e o relógio*; ou o delicado testemunho autobiográfico de *Rasto atrás*. Fora do eixo Rio–São Paulo, Ariano Suassuna, nas comédias folclóricas *O auto da Compadecida* e *O santo e a porca*, cruza o modelo renascentista das peças de Gil Vicente com a temática folclórica nordestina.

Contestando a tradição – Na década de 60, a orientação do TBC, de dar prioridade a textos estrangeiros e importar encenadores europeus, é acusada de culturalmente colonizada por uma nova geração de atores e diretores que prefere textos nacionais e montagens simples. O Teatro de Arena suprime o palco, visando a aumentar o contato do ator com a platéia, estréia novos autores – Augusto Boal *(Marido magro, mulher chata)*, Gianfrancesco Guarnieri *(Eles não usam black-tie)*, Oduvaldo Viana Filho *(Chapetuba Futebol Clube)* – e faz musicais como *Arena conta Zumbi*, que projeta Paulo José e Dina Sfat. Trabalho semelhante é o de José Celso Martínez Correa no Grupo Oficina, também de São Paulo: além de montar *Os pequenos burgueses*, de Górki, *Galileu, Galilei*, de Brecht, e *Andorra*, de Max Frisch, redescobre *O rei da vela*, escrito em 1934 por Oswald de Andrade, mas proibido pelo Estado Novo; e cria *Roda viva*, do músico Chico Buarque de Holanda – que estreara no palco com a trilha sonora para *Vida e morte severina*, auto nordestino de Natal, de João Cabral de Melo Neto, montado pelo Teatro da Universidade Católica de São Paulo (Tuca) e premiado no Festival Internacional de Teatro de Nancy, na França.

Os passos do Oficina, de conotações nitidamente políticas, são seguidos, no Rio de Janeiro, pelo Grupo Opinião, cujo nome vem de um show com Nara Leão e João do Vale, em 1964, logo depois do golpe militar. Seu maior sucesso é *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*, de Oduvaldo Viana Filho, que, em seu testamento artístico, *Rasga coração*, censurado durante muito tempo pelo regime militar, fará uma síntese de todas as tendências do teatro brasileiro de seu tempo. A partir de 1967, novo impulso à dramaturgia realista é dado por Plínio Marcos em *Dois perdidos numa noite suja* e *Navalha na carne*, envolvendo personagens do submundo e com diálogos em que fixa os ritmos da linguagem popular. Nessa fase, surge toda uma geração de jovens dramaturgos cuja obra vai consolidar-se ao longo das décadas de 70 e 80: Antônio Bivar *(Cordélia Brasil)*, Leilah Assunção *(Fala baixo senão eu grito)*, Consuelo de Castro *(Caminho de volta)*, Isabel Câmara *(As moças)*, José Vicente *(O assalto)*, Fauzi Arap *(O amor do não)*, Bráulio Pedroso *(O fardão)*, Lauro César Muniz *(O santo milagroso)*, Carlos Queiroz Telles *(Frei Caneca)*, Roberto Athayde *(Apareceu a margarida)*, Maria Adelaide do Amaral *(De braços abertos)*, Mário Prata *(Bésame mucho)*, João Ribeiro Chaves Neto *(Patética)*, Flávio Márcio *(Réveillon)*, Naum Alves de Souza *(No Natal a gente vem te buscar)*, Luiz Alberto de Abreu *(Bella ciao)* e Flávio de Souza *(Fica comigo esta noite)*. Marcam época também as montagens feitas, em São Paulo, pelo argentino Victor García: *Cemitério de automóveis*, de Fernando Arrabal, e *O balcão*, de Jean Genet – nesta última, ele chega a demolir internamente o Teatro Ruth Escobar para construir o cenário, uma imensa espiral metálica ao longo da qual se sentam os espectadores.

Novas propostas – Na fase de crise política da década de 70, aparecem grupos de criação coletiva, irreverentemente inovadores. *Trata-me leão*, do Asdrúbal Trouxe o Trombone, aborda o inconformismo e a falta de perspectivas da adolescência e revela a atriz Regina Casé. *Salada paulista*, do Pod Minoga, de Naum Alves de Souza, também calca seu humor nos problemas do cotidiano. Já *Na carreira do divino*, de Alberto Soffredini, baseia-se numa pesquisa do grupo Pessoal do Vítor sobre a desestruturação do mundo caipira. Antunes Filho é aplaudido por sua adaptação de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *Nélson Rodrigues, o eterno retorno*. O Ornitorrinco, de Cacá Rosset e Luís Roberto Galizia, inaugura, com *Os párias*, de Strindberg, e um recital das canções de Kurt Weil e Brecht, uma fórmula *underground* original. Embora comercialmente bem-sucedidos, os espetáculos posteriores de Rosset – o *Ubu*, de Alfred Jarry, ou o polêmico *Teledeum*, do catalão Albert Boadella, proibido pela censura em 1987 sob a alegação de ser ofensivo à moral cristã – serão diluições dessa fórmula. Ainda assim, o Ornitorrinco obtém, em 1991/92, grande sucesso internacional fazendo, em Nova York, uma ousada encenação do *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare.

Caminhos divergentes – Década de 80 e início da de 90. A base de mímica, associando técnicas teatrais do Ocidente e do Oriente, *Tempestade em copo d'água* é o espetáculo de estréia do Ponkã, de Galizia e Paulo Yutaka. O interesse pela mímica é revitalizado também por Denise Stoklos em *Mary Stuart*. Controvérsia cercou as montagens de Gerald Thomas: *Carmen com filtro*, *Electra* e a trilogia de adaptações de Kafka. *Buster Keaton contra a infecção sentimental*, do XPTO, e *Cidade muda*, do grupo do mesmo nome, experimentam com teatros de bonecos. *Maturando* é o espetáculo inaugural dos Contadores de Histórias, de Marcos e Raquel Ribas; e *Velhos marinheiros*, o do Boi Voador, de Ulysses Cruz, que monta, em 1992, *Típico romântico*, de Otávio Frias Filho, considerado pela crítica um dos mais talentosos dramaturgos da nova geração. O Grupo Tapa revaloriza clássicos como a *Megera domada*, de Shakespeare, e grandes textos nacionais, como *Viúva porém honesta*, de Nélson Rodrigues. E o Espaço Off, de Celso Curi, lança Marcelo Mansfield, Grace Giannoukas, Angela Dip, Marisa Orth e os grupos Luni e Nouvelle Cuisine.

Entre 1991 e 1992, destacam-se jovens encenadores cariocas: Moacir Goes, com *A escola de bufões*, e Enrique Díaz, que, aos 22 anos, surpreende com a profundidade da reflexão sobre o trabalho do diretor teatral em *A Bao a Qu*, baseado em Jorge Luís Borges. Também o mineiro Gabriel Villela desponta como um seguro talento, fazendo teatro de rua com o Grupo Galpão *(Romeu e Julieta)* e assinando excepcionais montagens de *A vida é sonho*, de Calderón de la Barca, e, em 1993, de *A guerra santa*. Efêmera, entretanto, é a voga dos espetáculos voltados para o público adolescente *(Namoro*, de Helder Costa, ou *Os meninos da rua Paulo*, de Ricardo Kozowski), que surgem, em 1992, desencadeados pela aparente tomada de consciência político-social da juventude com o processo de *impeachment* do pres. Fernando Collor. Em 1993, no lugar desse modismo, a ampla crise em que o país está mergulhado provoca, como um mecanismo de reação, a preferência por comédias digestivas, como *Almanaque Brasil*, de Noemi Marinho. Dentre os diversos espetáculos desse gênero que mantêm casa cheia nesse ano, destaca-se, por seu conteúdo crítico maior, *Porca miséria*, de Marcos Caruso e Jandira Martini, sobre descendentes de imigrantes italianos que sonham em fugir da vida difícil no Brasil fazendo o caminho de volta para a Europa. ■

TECNOLOGIA

Pode ser definida como o conjunto de conhecimentos, procedimentos, utensílios e instrumentos construídos pelo homem ao longo da história para dominar e tirar proveito das forças e recursos da natureza. Neste sentido, ela precede a ciência e provoca seu desenvolvimento. A tecnologia moderna tem uma relação de interdependência com a ciência e é, por isso, definida como ciência aplicada.

Origem da palavra – O termo surge na Grécia, no séc. VI a.C., pela composição dos vocábulos *thekné* e *logos* – artes e conhecimento. Era usado para designar o domínio dos conhecimentos relativos a uma determinada arte, especialmente das chamadas artes liberais, como a retórica e a gramática. É associado aos conhecimentos e instrumentos técnicos na metade do séc. XVII, na Inglaterra.

Ciência aplicada – Alguns pesquisadores definem tecnologia apenas como ciência aplicada – um conjunto de conhecimentos e o estudo sistemático e orientado tanto dos materiais, formas de energia, utensílios, ferramentas e máquinas, como também dos processos, técnicas e organização do trabalho. É voltada para a inovação técnica, maior produtividade, eficiência, conforto material e para a redução dos custos de produção.

Essa definição faz uma diferenciação entre tecnologia e técnica. A tecnologia seria uma área específica do conhecimento e da pesquisa científica que começa a se constituir a partir do séc. XVII, estreitamente vinculada ao desenvolvimento do capitalismo. Teria como pressuposto o surgimento da escola como local de transmissão e sistematização de conhecimentos. Já a técnica seria tão antiga quanto o próprio homem, mas não necessariamente um conhecimento científico; sua transmissão seria oral e prática, e não teórica e sistemática.

DESENVOLVIMENTO

A história da tecnologia está relacionada com as fases do desenvolvimento das forças produtivas. O domínio do fogo e a produção de instrumentos são os primeiros fatores que diferenciam o homem no reino animal – o que começou há meio milhão de anos. O surgimento da agricultura na Mesopotâmia e no Egito, há 10 mil anos, representa o primeiro grande salto tecnológico da História da humanidade e dá início ao processo de diversificação da sociedade humana e ao aprimoramento técnico. A invenção do arado, da roda e a domesticação dos animais de tração (entre 5.000 e 3.000 a.C.), somados às técnicas incipientes de irrigação e adubagem, provocam a chamada revolução agrícola. Há um incremento na produção de alimentos, gerando excedentes. Há uma diversificação social e a constituição dos primeiros núcleos urbanos.

As cidades – São o palco para o desenvolvimento de novas técnicas, como a de fabricar tijolos, ladrilhos, a arte da vidraria, da metalurgia do cobre e do bronze. Surgem também o comércio, a pilhagem, a arte da guerra e da navegação, com a construção de barcos a vela, além da escrita pictórica e da numeração, possivelmente inventadas pelos comerciantes para o controle de mercadorias. A necessidade de prever épocas de cheias, de plantio e de colheita estimula a astronomia e as matemáticas. A cidade também coloca novos e crescentes desafios tecnológicos. É preciso abastecê-la com água e alimentos. Em algumas regiões, desenvolve-se a engenharia hidráulica e os intrincados sistemas de irrigação (cerca de 2.300 a.C na Mesopotâmia e 2.000 a.C. no Egito), base para a construção de grandes impérios teocráticos. Em outras, cresce mais a metalurgia, o comércio e a arte da guerra – e com eles os transportes, técnicas de construção e pavimentação de estradas, construções de pontes, sistemas de abastecimento de águas e esgoto e a navegação. As civilizações que mais avançam nesses domínios acabam construindo impérios comerciais colonialistas e escravistas – como a grega (séc. V–I a.C.), a romana (séc. I a.C.–IV d.C.) e a bizantina (séc. V–X da Era Cristã). Nessas civilizações, a ciência é ofício da aristocracia e pouco tem a ver com a vida prática. A tecnologia desenvolve-se nas oficinas de ourives, nas metalúrgicas, serrarias e carpintarias, marcenarias e estaleiros, muitas vezes pelas mãos de escravos. Ali surgem as ferramentas de ferro forjado, armas, machados, pontas de arados, rodas e eixos para carros de guerra e de transporte, as partes metálicas das embarcações, as primeiras máquinas e moinhos movidos a água. Possivelmente, são os próprios marinheiros que inventam os faróis e aperfeiçoam as velas. Enquanto os filósofos gregos dedicam-se a construir as bases da Matemática, especialmente da Geometria, e consideram o círculo a mais perfeita das formas, seus templos desconhecem o arco – um semicírculo. Eles são construídos com traves que formam ângulos retos com as paredes, o que exige um grande número de colunas, diminui o espaço interno e dificulta a iluminação. O uso do arco só é introduzido pelos romanos (séc. I d.C.), uma civilização bem mais prática e plebéia.

Período medieval – O estudo das ciências restringe-se aos mosteiros e bibliotecas e, mesmo com o advento das universidades medievais, fica preso à rigidez de cânones aristotélicos reinterpretados pela Igreja. A produção tecnológica institucionaliza-se nas corporações de ofício. A corporação dos pedreiros livres (*freemasons*, que dão origem à maçonaria), por exemplo, introduz o arco gótico nas construções (séc. XI e XII), o que leva à arte dos vitrais, característica das catedrais medievais.

A capacidade de produzir alimentos multiplica-se com o moinho de água e o arado pesado. A invenção do arreio, da ferradura, do estribo e o aperfeiçoamento da metalurgia permitem o surgimento da cavalaria e o desenvolvimento da arte da guerra (séc. XII e XIII), responsáveis pela abertura de novos mercados e pelo grande estímulo à navegação. A tipografia (1440), os inventos e aperfeiçoamentos introduzidos na construção de navios (armação de proa e popa em ferro fundido, leme fixo, velas) e nos instrumentos de orientação (astrolábio, bússola, mapas), as grandes navegações e o comércio estimulam o florescimento tecnológico, exigindo que a ciência rompa com a escolástica.

Ciência experimental – Surge no final do séc. XVI, por obra de Galileu Galilei (1564–1642), Francis Bacon (1561–1626) e René Descartes (1596–1650). Durante todo o séc. XVII, os cientistas vão buscar nas oficinas dos artesãos os conhecimentos práticos necessários para construir seus instrumentos. Os primeiros inventos da modernidade são instrumentos de medida e os primeiros grandes inventores são fabricantes de relógios, óculos e mecânicos de oficina. Thomas Newcomen (1663–1729), o pai da máquina a vapor, era um ferreiro preocupado em drenar a água que se acumulava nas minas de carvão; James Watt (1736–1819), um mecânico que consertava instrumentos para os cientistas da Universidade de Glasgow, Escócia, aperfeiçoa o modelo de Newcomen. Seu invento deflagra a Revolução Industrial, servindo de base para a mecanização de toda a indústria, e revoluciona os transportes, com a invenção da locomotiva a vapor, em 1814, pelo inglês George Stephenson.

A ERA DAS INVENÇÕES

Nos séc. XVIII e XIX, os próprios cientistas, muitos ainda autodidatas, transformam-se em inventores. As descobertas encontram rapidamente uma aplicação prática para a indústria e para o próprio desenvolvimento científico. Os inventos vão deixando de ser produtos de gênios individuais e passam a ser o resultado de um processo cumulativo de produção científica. O domínio da eletricidade é um bom exemplo. Da primeira pilha, produzida em 1800 por Alessandro Volta, até a lâmpada elétrica incandescente de Thomas Edison, em 1878, centenas de pesquisadores, em várias partes do mundo, dedicam-se a estudar a eletricidade e suas descobertas rapidamente repercutem na indústria. Thomas Edison também é um exemplo dessa transição. É um dos primei-

ros a criar um laboratório comercial dedicado a invenções práticas. Emprega dezenas de cientistas e é responsável por mais de mil inventos registrados em cartas patentes.

O aperfeiçoamento dos motores, das máquinas, o domínio de novas formas de energia, especialmente da eletricidade, dominam o panorama tecnológico entre meados do séc. XIX até a II Guerra Mundial. Com o petróleo, os motores a vapor são substituídos pelos de combustão interna. Surgem o automóvel, o avião e os submarinos. À invenção do telégrafo segue-se a do telefone, do rádio e da televisão, e generalizam-se os aparelhos elétricos de uso doméstico. As fibras e materiais sintéticos inauguram o mundo dos plásticos. A era da eletricidade dá lugar à da eletrônica e da energia nuclear, que começam a dominar o panorama tecnológico a partir da metade do séc. XX. As válvulas são substituídas por transistores e estes por chips. Os primeiros grandes computadores são aperfeiçoados até o surgimento dos atuais computadores pessoais e o desenvolvimento da robótica, que produzem um novo conceito de automação industrial.

TENDÊNCIAS

Tecnologia e ciência aprofundam cada vez mais sua interdependência e seu caráter de produção coletiva, direcionadas a partir de grandes pólos de pesquisa financiados pelos Estados ou pelas corporações multinacionais. Os grandes desafios à tecnologia e ciência modernas estão no terreno da defesa e preservação do meio ambiente, especialmente na área de produção e conservação de energia – com a busca de formas alternativas e economicamente viáveis de geração de energia limpa, que não polua nem represente riscos à segurança das populações – e na descoberta de novos materiais condutores. A indústria procura processos econômicos de reciclagem e reprocessamento de matérias-primas. Na área da produção de alimentos, o desafio é o aperfeiçoamento das técnicas de recomposição de solos não-poluentes, de baixos custos e fácil difusão.

Cronologia geral

IDADE MODERNA

Comunicações: o alemão Johann Gutenberg inventa a impressora (1440). Gutenberg imprime o primeiro livro, a *Bíblia* (1448). O alemão Athanasius Kircher constrói o aparelho para projetar imagens conhecido como "lanterna mágica" (1646). O inglês Henry Hill inventa a máquina de escrever (1714). C.W. Scheele fabrica a primeira caneta-tinteiro (1780). **Da eletricidade à eletrônica:** o americano Benjamin Franklin inventa o pára-raios (1752). Charles Coulomb, francês, descobre o mecanismo que rege a atração e a repulsão de cargas elétricas e constrói a máquina eletrostática, que gera eletricidade por atrito (1785–1789). **Guerra e armamentos:** o inglês David Bushnel inventa o torpedo (1777). **Instrumentos de precisão:** surge o primeiro relógio portátil, conhecido como *Ovo de Nuremberg*, construído pelo alemão Peter Henlein (1502). O holandês Zacharias Jansen inventa o microscópio (1590). Galileu inventa o termômetro (1596). Um fabricante de óculos holandês, Johann Lippershey, fabrica e vende como curiosidade em Amsterdã as primeiras lunetas, que recebem o nome de *perspicillum*. Galileu aperfeiçoa o instrumento (1600). O holandês Christiaan Huygens cria o relógio de pêndulo • O inglês Robert Hooke inventa o relógio portátil de corda (1657). Huygens inventa o manômetro, para medir a pressão dos gases (1661). O francês Blaise Pascal cria a máquina de somar (1662). Gottfried Wilhelm Leibniz, alemão, inventa a máquina de multiplicar (1671). O alemão Daniel Gabriel Fahrenheith faz o termômetro de mercúrio com escala de temperatura (1714). O francês René Antoine Ferchault de Réaumur constrói o termômetro de álcool com escala graduada (1730). O sueco Andreas Celcius inventa o termômetro com escala centígrada (1742). O francês Charles Coulomb inventa a balança de precisão (1777). O suíço Horace Bénédict de Saussure inventa o higrômetro, instrumento que mede a umidade do ar (1783). O italiano Salsano constrói um sismógrafo (1785). **Máquinas e motores:** o italiano Leonardo da Vinci projeta uma roda d'água cujo princípio será usado, mais tarde, na construção da prensa hidráulica (1510). O alemão Otto von Guericke inventa a bomba de ar comprimido (1652). O francês Denis Papin inventa a bomba com pistões movidos a vapor (1690). O inglês Thomas Savery patenteia o primeiro motor a vapor, inventado por seu sócio Thomas Newcomen (1698). O inglês Thomas Lombe patenteia o tear mecânico para seda (1718). O escocês James Watt inventa o condensador (1764). O francês Pierre-Simon Girard inventa a turbina d'água. Watt aperfeiçoa o motor a vapor de Newcomen e cria a máquina a vapor, que deflagra a Revolução Industrial (1775). Watt inventa o motor rotativo de ação dupla (1782). **Metalurgia e exploração dos recursos naturais:** desenvolve-se na Inglaterra a técnica de fundição do zinco (1730). O inglês Benjamim Hunstman inventa o processo de fundição do aço (1740). **Navegação e transporte:** o inglês John Hadley inventa o quadrante para uso marítimo (1731). John Smeaton faz as primeiras experiências com um batiscafo – pequena cápsula para investigação submarina (1778). Os franceses Jacques Étienne e Joseph Michel Montgolfier constroem o balão conhecido como *montgolfière* (1782). O americano John Jeffries e o francês Jean-Pierre François Blanchard cruzam o canal da Mancha num balão (1785). **Técnicas e processos industriais:** o alemão Jakob Christian Le Blon inventa o processo de impressão em tricromia (1710). O alemão Andreas Marggraf descobre o processo de extração de açúcar de beterraba (1747).

IDADE CONTEMPORÂNEA

Comunicações: o alemão Aloys Senefelder inventa a litografia (1798). Os franceses Louis Jacques Mandé Daguerre e Charles-Marie Bouton inventam o diorama – pinturas iluminadas em um quarto escuro que dão a impressão de realidade (1822). O francês Jean Nicéphore Niepce produz fotografias com chapas de vidro (1822). Os alemães Gauss e Wilhelm Eduard Webert constroem o telégrafo eletromagnético (1833). O inglês William Fox Talbot apresenta o negativo fotográfico à Royal Society (1835). Os americanos Wheatstone e W.F. Cooke patenteiam o telégrafo elétrico, construído e exibido por Samuel Morse (1837). O húngaro Joseph Miksa Petzval cria uma lente fotográfica com velocidade f/3,6 (1841). A fábrica de armas Remington and Sons começa a produzir máquinas de escrever (1872). O americano Alexander Graham Bell inventa o telefone (1876). Thomas Edison inventa o fonógrafo (1877). David Hughes, americano, inventa o microfone (1878). O americano O. Mergenthaler inventa o linotipo (1884). Emile Berliner, americano, inventa o gramofone (1887). Os franceses Louis e Auguste Lumière inventam o cinematógrafo • Guglielmo Marconi, italiano, inventa telégrafo precursor do rádio (1894). Aleksandr Popov, russo, inventa a antena, que complementa a invenção de Marconi • Os irmãos Lumière inventam a primeira câmera fotográfica (1895). Os alemães Julius Elster e Hans Friedrich Geitel constroem a primeira célula fotoelétrica, base para a transmissão de fotografias a distância, e criam o primeiro fotômetro (1905). Os franceses J. Stuart Blackton e Émile Cohl inventam o desenho animado • Os irmãos Lumière desenvolvem um processo de fotografia colorida usando chapas tricrômicas (1907). O americano Campbell Swinton inventa o primeiro protótipo de televisão (1911). Graham Bell, em Nova York, e Thomas John Watson, em São Francisco, fazem a primeira ligação telefônica transcontinental (1915). Feitas nos EUA as primeiras experiências com rádio de ondas curtas • Os alemães Hans Vogt, Engl e Massolle fazem experiências de sonorização de filmes de cinema (1919). O americano Lee de Forest cria um processo de sonorização do cinema (1923). O russo Vladímir Kosma Zworykin constrói, nos EUA, o iconoscópio, precursor do tubo de imagem de TV (1924). O escocês John Logie Baird transmite as primeiras imagens reconhecíveis por TV (1925).

Baird faz a primeira demonstração de sua TV em cores • É instalado no Times Building, em Nova York, o primeiro anúncio luminoso em movimento • O alemão Fritz Pfleumer cria a fita magnética para gravador, e a AEG-Telefunken e a BASF desenvolvem seu projeto (1928). O americano Philo Taylor Farnsworth aperfeiçoa o aparelho de TV eletrônico • A Marconiphone constrói o primeiro rádio com válvulas totalmente metálicas (1933). O inglês Robert Watson Watt constrói o primeiro radar • No Salão do Rádio, em Berlim, a AEG-Telefunken e a BASF expõem o primeiro gravador de rolo (1935). O americano Edwing Howard Armstrong inventa o processo de transmissão radiofônica por freqüência modulada (1938). O americano Chester Carlson inventa a cópia xerox • A Universidade da Pensilvânia, EUA, constrói o primeiro cérebro eletrônico, precursor do computador eletrônico (1946). Cientistas do laboratório Bell, nos EUA, desenvolvem o transistor • É introduzido em Liverpool, na Inglaterra, o primeiro sistema de radar para orientação portuária (1947). O inglês Denis Gabor cria a holografia (1949). No Salão do Rádio, em Berlim, a Philips expõe o gravador cassete compacto (1963). Lançado nos EUA o primeiro satélite de comunicações Intelsat-3A (1968). A Philips holandesa e a JVC japonesa anunciam simultaneamente a criação dos aparelhos de videocassete, que em 1972 começam a ser comercializados • A AEG-Telefunken, alemã, e a Decca, inglesa, associam-se para lançar o primeiro modelo de videodisco, um fracasso comercial (1970). A Philips anuncia seu sistema de videodisco a laser, que a partir de 1980 é comercializado com sucesso (1972). A Philips e a Sony desenvolvem o disco compacto com sistema de gravação digital e leitura a laser, o CD (1979). A NHK, emissora estatal de televisão japonesa, apresenta a TV de alta definição em Reunião do Comitê de Consulta para Radiodifusores, realizada na Iugoslávia (1986). **Da eletricidade à eletrônica:** Alessandro Volta, italiano, inventa a primeira bateria, empilhando discos de prata, zinco e flanela embebida em salmoura, a "pilha" (1800). Humphry Davy, inglês, aperfeiçoa a pilha de Volta e consegue produzir o primeiro arco elétrico (1808). Jöns Berzelius, sueco, descobre o efeito de catálise e as substâncias catalisadoras (1810–1815). Davy inventa a lâmpada de segurança para mineiros (1815). Georg Ohm, sueco, descobre as leis que regem a condução de energia elétrica, os materiais condutores, semicondutores e as resistências (1820–1827). André-Marie Ampère, francês, consegue medir a corrente elétrica e descobre o eletromagnetismo • Hans Christian Oersted, dinamarquês, descobre que uma corrente elétrica cria um campo magnético (1820). Michael Faraday, inglês, descobre o efeito contrário – os magnetos também exercem ação sobre os condutores – e cria o primeiro motor eletromagnético (1821). Faraday descobre a eletrólise (1824). Faraday formula a lei da indução eletromagnética (1831). James Joule, inglês, determina as leis da termodinâmica e os princípios de transformação de energia (1843). James Clerk Maxwell, inglês, propõe que um campo magnético pode se propagar através de ondas (1873). Thomas Edison, americano, e Joseph Wilson Swan, inglês, trabalhando simultaneamente, constroem a primeira lâmpada elétrica industrializável (1880). Edison projeta a primeira usina hidrelétrica (1882). Edison descobre o efeito termiônico: a formação de uma corrente elétrica fraca entre um filamento aquecido e uma placa metálica no vácuo parcial, base para a construção de válvulas (1883). Heinrich Hertz, alemão, constrói um oscilador e prova que as ondas eletromagnéticas se propagam no espaço sem a necessidade de condutores (1887). Lord Kelvin (William Thomson) aperfeiçoa o tubo de raios catódicos (1897). John Fleming, inglês, constrói a primeira válvula (1904). A Universidade da Pensilvânia, EUA, constrói o primeiro cérebro eletrônico, precursor do computador (1946). Cientistas do laboratório Bell, nos EUA, desenvolvem o transistor (1947). **Guerra e armamentos:** o inglês Henry Shrapnel inventa a bala explosiva que levará seu nome (1803). Invenção do revólver pelo americano Samuel Colt (1835). O sueco Alfred Nobel inventa a dinamite • O inglês Robert Whitehead cria o torpedo submarino (1866). O alemão Ferdinand Ritter von Mannlicher fabrica o rifle de repetição (1879). O alemão Hugo Junkers constrói o primeiro avião de combate (1915). Em jul., os EUA detonam em caráter experimental a primeira bomba atômica no deserto do Novo México e, em ago., lançam uma bomba sobre Hiroshima e outra sobre Nagasáqui (1945). Construído nos EUA o primeiro míssil teleguiado (1946). Mísseis testados nos EUA (Novo México) atingem a velocidade de 4.800 km/h e 125 km de altitude (1948). A Força Aérea americana faz o primeiro vôo a jato cruzando todo o território do país em 3h45min e lança o primeiro míssil teleguiado a atingir 400 km de altitude (1949). Os EUA explodem em caráter experimental a primeira bomba de hidrogênio, no atol de Eniwetok, no Pacífico (1952). A Marinha americana constrói o primeiro submarino nuclear, o *Nautillus*, e lança o *Forrestal*, porta-aviões com capacidade para 59.650 toneladas (1954). **Instrumentos de precisão:** o inglês Charles Babbage cria a "máquina analítica", ancestral do computador (1834). O alemão Carl August von Steinheil constrói o primeiro relógio elétrico (1839). Lord Kelvin (William Thomson) inventa o galvanômetro (1851). O alemão Richard Zsigmondy inventa o ultramicroscópio (1903). O holandês Wilhelm Einthoven inventa o eletrocardiógrafo (1904). O americano John Harwood cria o relógio de pulso automático (1922). O inglês William Arthur Morrison constrói o relógio de cristais de quartzo (1929). Knoll e Ruska constroem o primeiro microscópio eletrônico (1932). Começa a funcionar, nos EUA, o primeiro computador automático (1942). Friedrich Müller desenvolve o primeiro microscópio iônico (1956). É construído o primeiro aparelho ótico de microondas laser (1960). O Laboratório Lawrence Berkley, da Universidade da Califórnia, EUA, começa a operar com o supermicroscópio Fonte de Luz Amarela, à base de raios X e ultravioleta (1993). **Máquinas e motores:** o inglês Joseph Bramah inventa a prensa hidráulica (1795). O inglês Richard Trevithick constrói o motor a vapor de baixa pressão (1800). O francês Barthélemy Thimonnier cria o modelo primitivo de máquina de costura (1830). Thomas Davenport, americano, inventa o bonde (1834). O americano Isaac Merrit Singer aperfeiçoa a máquina de costura e registra a marca (1846). O americano Hamilton Smith inventa a máquina de lavar roupa (1848). O americano Elisha Otis inventa o elevador de passageiros (1852). Ferdinand Carré constrói na França o primeiro refrigerador (1858). O belga Étienne Lenoir constrói o primeiro motor de combustão interna (1860). O americano T.S. Mort constrói o primeiro frigorífico (1861). O americano Thaddeus Lowe inventa a máquina de fazer gelo (1865). Os alemães Wilhelm Maybach e Gotlieb Daimler projetam a primeira motocicleta • Carl Benz constrói o motor monocilíndrico para automóveis (1885). O americano Westinghouse começa a fabricar o motor elétrico construído pelo inglês Nicola Tesla (1888). O alemão Rudolph Diesel patenteia o motor de combustão interna (1889). O americano Henry Seeley constrói o primeiro ferro elétrico (1891). Henry Ford, nos EUA, e Carl Benz, na Alemanha, constroem seus primeiros automóveis (1893). O alemão Karl von Linde inventa uma máquina para liquefazer o ar (1885). O conde alemão Ferdinand von Zeppelin constrói o aparelho voador que recebe seu nome (1898). Wilhelm Maybach, diretor da fábrica alemã Daimler, projeta o primeiro carro Mercedes (1901). James Spangler, americano, inventa o aspirador de pó elétrico (1907). Willis Carrier, americano, inventa o aparelho de ar condicionado (1911). Jacob Schick, americano, produz o primeiro barbeador elétrico (1917). O sueco Theodor Svedberg desenvolve a ultracentrífuga (1923). O americano Frank Whittle projeta e constrói o primeiro motor a jato (1937). O americano Igor Sikorsky constrói o primeiro helicóptero (1939). **Metalurgia e exploração dos recursos naturais:** é perfurado o primeiro poço de petróleo, em Titusville, nos EUA (1859). Instalação das primeiras hidrelétricas dos Estados Unidos, nas cataratas do Niágara (1886). O italiano Enrico Fermi obtém a fissão do átomo, nos EUA, e

coordena a equipe que construirá o primeiro reator nuclear (1942). A primeira pilha atômica é construída nos EUA, em Clinton, Tennessee (1944). **Navegação e transporte:** o americano Robert Fulton desenvolve o primeiro submarino, o *Nautilius* (1801). Fulton utiliza pela primeira vez um motor a vapor num barco (1803). O inglês George Stephenson constrói a primeira locomotiva a vapor (1814). O alemão Karl von Sauerbronn inventa a bicicleta (1816).O alemão E. Wilhelm Siemens cria o primeiro trem elétrico (1879). Alberto Santos Dumont conquista em Paris o Prêmio Deutsch de la Meurthe, pela invenção de seu balão dirigível (1898). Santos Dumont voa em Paris com o 14-bis, avião que inventou e construiu (1906). A Inglaterra realiza sua primeira experiência com hidroaviões (1938). Pela primeira vez, nos EUA, é ultrapassada a barreira do som (1947). O *Nautillus* passa sob a calota polar no pólo Norte (1958). É lançado o *Savannah*, primeiro navio mercante de propulsão nuclear (1959). O *Triton*, submarino nuclear americano, faz a primeira circunavegação submarina do globo (1960). É lançado do cabo Canaveral, EUA, o primeiro satélite Telstar (1962). Testado na França o avião supersônico anglo-francês Concorde (1969). A empresa americana McDonnel-Douglas Helicopter apresenta o modelo de um helicóptero sem hélice, de propulsão a ar pela cauda • O Instituto de Pesquisas Técnicas Ferroviárias do Japão constrói o super-trem-bala, que pode flutuar sobre um colchão magnético produzido por supercondutores e atingir a velocidade de 500 km/h (1991). A fábrica de automóveis Mazda, japonesa, desenvolve o protótipo HR-X de um carro movido a hidrogênio obtido por eletrólise da água (1993). **Técnicas e processos industriais:** o francês Nicolas François Appert faz as primeiras experiências com comida enlatada (1810). O escocês Charles Mcintosh fabrica o tecido à prova d'água (1823). O inglês John Walker inventa o fósforo de fricção (1827). O americano Charles Goodyear inventa o processo de vulcanização • Fabrica-se na Suíça leite em pó pela primeira vez (1847). O sueco J.E. Lundstrom fabrica os fósforos de segurança (1855). O americano John Wesley Hyatt inventa o celulóide (1869). O inglês Joseph Wilson Swan desenvolve a primeira fibra sintética (1883). Thomas Edison e Joseph Wilson Swan associam-se para produzir as lâmpadas Ediswan (1887). O escocês John Boyd Dunlop inventa o pneumático para carros (1888). Os ingleses Charles F. Cross e Edward John Bevam descobrem a viscose, fibra sintética que permite fabricar o raiom (1889). O belga Leo Hendrik Baekland inventa a baquelite, precursora do plástico (1908). O alemão Carl Bosch inventa o processo de produção de hidrogênio em escala industrial • Os alemães Hermann Otto Franz Fischer e Hans Tropsch inventam o processo de produção de óleo sintético (1925). Os americanos McGeorge Bundy, Edward Hall, John Donovam Strong e Charles Wentforth desenvolvem a fabricação de diamantes artificiais (1955). J.G. Bednorz, K.A. Müller e equipe produzem um material cerâmico com propriedades supercondutoras até a temperatura de 30ºK ou -243ºC (1986). É obtido um supercondutor até a temperatura de 125ºK ou -148ºC (1988). A Universidade do Estado de Nova York desenvolve um chip acionado por laser (1991).

Cronologia Brasil

COLÔNIA

Agricultura: fundação do primeiro engenho de açúcar, em São Vicente, SP (1533). Introdução da pecuária, em São Vicente, SP (1550). Introdução do cafeeiro no país (1727). Primeiro engenho de açúcar acionado por motor a vapor, na ilha de Itaparica, BA (1815). **Exploração dos recursos naturais:** criado na Bahia o primeiro estabelecimento dedicado à pesca e extração de óleo de baleia (1602–1608). **Indústria:** instalação de uma impressora no Rio de Janeiro (1747). Instalada no Rio de Janeiro a primeira fábrica de papel do país (1808). Criação da Fábrica de Ferro Ipanema, em São Paulo • Instalada em Salvador, BA, a primeira fábrica de vidros do país (1810). Instalação de uma fábrica de tecidos em Ouro Preto, MG (1814). **Navegação e transporte:** criado na Bahia o primeiro estaleiro do país (1600). Pe. Bartolomeu Lourenço de Gusmão inventa o balão movido a ar quente, precedendo a experiência dos irmãos Montgolfier (1709). Início da navegação a vapor no rio São Francisco (1817).

IMPÉRIO

Comunicações: Hercules Florence descobre um meio de fixar imagens e luz solar sobre um papel sensibilizado por nitrato de prata (1833). Inaugurada no Rio de Janeiro a primeira linha telegráfica do Brasil (1852). Primeira experiência com telefone no Rio de Janeiro (1878). **Exploração dos recursos naturais:** construída a primeira usina hidrelétrica do país, em Diamantina, MG (1883). **Indústria:** fundadas as duas primeiras grandes empresas têxteis do país, a Santo Aleixo, no Rio de Janeiro, e a Todos os Santos, na Bahia (1840). Instalada em Petrópolis, RJ, a fábrica de papel Urianda, do barão de Capanema (1851). **Navegação e transporte:** começam a funcionar os estaleiros da Companhia Ponta de Areia, em Niterói (1845). Fundação da primeira estrada de ferro no RJ (1854). Construída a primeira locomotiva no país, no Arsenal de Cerrito, durante a Guerra do Paraguai (1868). **Técnicas e serviços:** a eletricidade é empregada pela primeira vez na estação central da estrada de ferro D. Pedro II, Rio de Janeiro (1879). Inaugurado o primeiro serviço de luz e força do país, em Campos, RJ (1883).

REPÚBLICA

Comunicações: início das transmissões da Rádio Clube de Pernambuco, a primeira do país (1919). Início das transmissões da TV Tupi (1950). Inaugurado o sistema de Discagem Direta à Distância entre São Paulo e Santos, o primeiro na América Latina (1958). Implantada a Rede Nacional de Telex (1960). Inaugurado o sistema de Discagem Direta Internacional (1974). Começa a construção de satélites brasileiros pelo Instituto de Pesquisas Espaciais – Inpe (1988). Lançado na Flórida o primeiro satélite brasileiro, o SCDi, projetado e construído pelo Inpe (1993). **Exploração dos recursos naturais:** é perfurado em Lobato, BA, o primeiro poço de petróleo brasileiro (1939). Inaugurada a Hidrelétrica de Paulo Afonso (1955). Iniciada prospecção de petróleo em alto-mar, em plataformas projetadas pelo Coppe/RJ (1977). A Usina Nuclear Angra 1 começa a funcionar (1985). É ligada a última turbina de Itaipu, a maior hidrelétrica do mundo, com uma potência instalada de 12.600 MW (1991). **Indústria:** a Villares monta os primeiros elevadores no país (1918). Fundada a Companhia Aeronáutica Paulista, fabricante do Paulistinha (1941). É criada a Companhia Vale do Rio Doce (1942). Começa a funcionar a Usina Siderúrgica de Volta Redonda, no Rio de Janeiro (1946). Inaugurada a Fábrica Nacional de Motores (1949). A indústria Invictus começa a produzir televisores no país (1951). Criação da Petrobrás (1953). Início da indústria automobilística, com a produção do DKW-Vemag (1956). Entra em operação o avião Bandeirantes, o primeiro turbo-hélice projetado e construído no país (1972). O Brasil começa a produzir quartzo com propriedades eletrônicas (1984). É construído pela Consubo o primeiro robô submarino brasileiro para inspeção de poços em águas profundas (1988). **Navegação e transporte:** fundação do Lloyd Brasileiro (1890). Início do serviço de bondes no Rio de Janeiro (1892). Alberto Santos Dumont vôa em Paris com seu balão dirigível (1898). Santos Dumont voa em Paris com o 14-Bis (1906). J. D'Avelar constrói no Brasil o primeiro avião monoplano de asa baixa (1913). Construído o primeiro avião biplano no Brasil, por Marcos Evangelista Villela, no Rio de Janeiro (1918). A Ferrovia Paulista é eletrificada (1922). Inaugurada a ponte Rio–Niterói, com 13.290 m e vão central de 300 m (1974). **Técnicas e serviços:** Manuel Dias de Abreu inventa a abreugrafia (1936). O Instituto de Cardiologia fabrica a válvula mitral no Hospital das Clínicas de São Paulo (1966).

ÍNDICE

A

Abacha, Sani 524b, 526a
Abdessalam, Belaid 293a
Abdić, Fikret 319a
Abe, Kobo 55a
Aberto da Austrália 693a
  dos EUA 693b
Abidjã 355b
Abiola, Moshud
Kashimauo Olauale 525b
Abkházia 421b, 422a
Abolição da escravatura
  Brasil 83, 96
  questão militar 96b
Aborigines 300b
Aborto
  Cabo Verde 328a
  EUA 382a
  Irlanda 460b
  Polônia 541b
Abramo, Fúlvio 41b
Abrolhos 74b
Absolutismo 226-227
  Áustria 227b
  disputas 227b
  Espanha 226b
  França 226a
  Holanda 227a
  Inglaterra 226a
  Países Baixos 227a
  Portugal 227a
  Prússia 227b
  Rússia 226b
  Suécia 227b
Abstracionismo 642a
Abu Dabi 370b
Abuja 524a, 525
Academicismo 643-644
Ação civil pública 130b
  da Cidadania contra a
  Miséria e pela Vida 129b, 137b
  direta de
  inconstitucionalidade 130b
  Francesa 237a
  popular 130b
  social
    Brasil 117b
Accorsi, Darci 182b
Aceleração angular 730a(T)
Achu, Simon Achidi 328b
Acidente astronáutico 652a
  de trabalho
    Brasil 169a(T)
      ver também Doença do trabalho
  vascular cerebral 722a
Ácido 754a
  nucléico 662b
    ver também DNA fóssil
ACM 177, 178a
Acordo China/Grã-Bretanha 270a
  de Camp David 254a
  de Genebra 266b
  de Livre Associação 512a
  de Livre Comércio da América do Norte
    ver NAFTA
  de Paris 252b
  de Paz Israel/OLP 383b, 475b, 485a, 527a
  de Taif 256b, 292b
  Geral de Paz
    Moçambique 513
  Geral de Tarifas e Comércio
    ver GATT
Acquired Immunodeficiency Syndrome
  ver AIDS
Acra 418b
Acre 171-172, 171b(M), 387(B)
  formação 171b
Acupuntura 720b, 723a, 727a
Acústica 699a
Ada, Joseph F. 616a
Adami, Edward Fenech 501b
Adereço 673a
Adis-Abeba 385a
Adjodhia, Jules 578a
Adoção de crianças
  Paraíba 192a
ADPS 386a
Aduliadej, Bumibol
  ver Rama IX
Advocacia Geral da União 36a, 39a, 44a, 135a
Aeronáutica
  Brasil 117b
Aeroporto
  Hong Kong 617b, 618a
Afar 364a, 373b
Afeganistão 54a, 55a, 56b, 59b, 266b, 278-279, 278b(M), 394(B)
Afegano 278a
Afeuerki, Issaias 373b, 374a
AFL-CIO 246b
Afoxé 672a
África 213b, 263-266, 401(M)
  Alemanha 235b
  área 213b
  Bélgica 235b
  características físicas 213b
  divisão 213b
  Espanha 235b
  França 235a
  Grã-Bretanha 235b
  Itália 235b
  limites 213b
  origem do nome 213b
  partilha 235a
  população 213b
  Portugal 235b
África do Sul 55a, 58a, 62b, 64a, 65b, 66b, 68a, 69b, 263-264, 279-282, 281(M), 394(B)
Africana (família lingüística) 706b
Africâner 279b, 517b
Africanos 218-219
  expansão islâmica 219a
  origem 218b
  região subsaariana 219a
Afro-asiática (família lingüística)
  ver Camito-semítica (família lingüística)
Agana 616a
Agência de notícias 733a
  Brasil 733a
  Internacional de Emergência Atômica
    ver IAEA
Agenda 21 678b
  para o desenvolvimento 177b
Agentes de saúde 170a
Agreste 75b
Agricultura 764a
  Albânia 284a
  Argentina 297, 298a
  Bangladesh 306b
  Brasil 87a, 97b, 144-145
  Costa Rica 358
  Dominica 366a
  Eslovênia 376b
  Goiás 183a
  São Paulo 145(T)
  Honduras 441b
  Ilhas Salomão 449b
  Minas Gerais 188b
  produção 145(T)
  Rio Grande do Sul 200
  Sergipe 207b
  Tocantins 208b
  Vanuatu 601b
Agrotóxico 676a
Aho, Esko 409b
AI 106-107
Aidid, Mohamed Farah 569, 570a
AIDS 165-167, 722a, 724a, 727a
  Brasil 165-166
  casos 165(T), 166(T), 167b(T)
  diagnóstico 166-167
  Distrito Federal 180b
  doenças oportunistas 167
  evolução 166a
  contágio 166
  mundo 165b
  óbitos 165(T)
  Tailândia 582a
  tratamento 167b
Aimará 315a, 537a
Akáiev, Askár 545a
Akihito 471a
Akmadžić, Mile 317a
ALADI 637a
Alagoas 38a, 39b, 42-43, 44b, 172-173, 173b(M), 387(B)
  formação 173a
Aland
  ver Ilhas Aland
Alanis, Joan Martí 287b
Albanês (grupo lingüístico) 706a
Albanês (língua) 282b, 465a, 492b
Albânia 54a, 59, 64a, 249b, 282-284, 283b(M), 394(B), 723b
Alberto II 309b
Albornoz, Severo Ochoa 69a
Álcool 45b
Alegoria 673a
Alegre, Norberto José d'Alva Costa 560b, 561
Alemães
  Brasil 81a
Alemanha 54a, 55a, 56b, 58a, 59b, 61a, 62b, 65b, 68a, 284-287, 285(M), 394(B)
Alemanha Oriental 250a, 724b
Alemão (dialeto) 310b, 488b
Alemão (língua) 284a, 301a, 309a, 441b, 465a, 488b, 491a, 517b, 540a, 550a, 576b
Alencar, José de 713b
Alergia 724b
Alesana, Tofilau Eti 556, 557a
Alfabeto cirílico 600a
Álgebra 716b, 717
ben Ali, Zin al-Abidin 587b, 588b
Alia, Ramiz 273b
Aliança da Mãe Pátria
  ver Isamaa
  Democrática dos Povos do Sul
    ver ADPS
Áliev, Gáidar 303a
Alimento
  Brasil 34a
  Goiás 182b, 183a
  preservação 662b
  produção mundial 213
Allende, Salvador 340a
Alma-Atá 335b
Almeida Filho, Hamilton 51b
Almeida, Raimundo Lima de
  ver Messiê Limá
Alofi 626b
Alopatia 720a
Alotropia 752b
Alqueire 730b
Alquimia 754a
Alto Comissariado para Refugiados
  ver UNHCR
Alunos
  Brasil 153-155
Alves Filho, João 207
Alves, Ataulfo 744b
Alves, Geraldo 36b
Alves, Lúcio 46b
AM 734a
Amã 473b
Amapá 173-175, 174b(M), 387(B)
  formação 174

Amárico 385a
Amazonas 175-176, 176a(M), 387(B)
  formação 175b
Amazônia 46a, 88a, 664a, 680b
Ameche, Don 70b
América 213-214
  área 213b
  características físicas 213-214
  divisão 213b
  limites 213b
  origem do nome 213b
  população 213b
América Central 400(M)
América do Norte 400(M)
América do Sul 399(M)
Ameríndio (dialeto) 430b
Ametal 753b
Amplitute Modulada *ver* AM
Amsterdã 438b
Anafilaxe 724b
Analfabetismo
  Brasil 157
  mais de 14 anos 157b(T)
  Piauí 196b
  Roraima 203a
Análise matemática 717a, 718a
Ananias, Patrus 188b
Anarquismo 234b
Anatólico (grupo lingüístico) 706a
Anatomia 661a, 662b, 723
Ancara 590a
Anderson, Marian 59b
Andorra 287-288, 288a(M), 394(B)
Andorra la Vella 287b
Andrew, Thomas *ver* Dorsey, Tommy
Anel de Einstein 659a
Anestésico 724b
Anglo-saxões 220b
Angola 54a, 55b, 56-57, 59b, 64a, 69b, 265b, 288-290, 289b(M), 394(B)
Angra I 680b
Angra II 37b
Anguilla 612a
Ângulo 730b(T)
Animal 661a
  transgênico 662b
Anistia
  Bangladesh 306b
  Brasil 110b
  Butão 327a
  Chade 338b
  Chile 341a
  Coréia do Sul 354a, 355a
  Gâmbia 418b
  Guadalupe 616a
  Haiti 437b
  Honduras 441a
  Iugoslávia 468a
  Nicarágua 522b
  Timor 633b
  Turquia 591b
  Zimbábue 611b
  Internacional 631a, 638b
  Argélia 295a
  Indonésia 454a
  Kuweit 477b
  Saara Ocidental 631a
Ansell, Graham K. 633b
Antall, József 70b, 442b
Antananarivo 494a
Antártida 214a, 405(M)
  área 214a
  características físicas 214b
  divisão 214a
  limites 214a
  origem do nome 214a
Antiamericanismo
  Irã 456-457
Antibiótico 724b
Anticlericalismo 237a
Anticomunismo 246a
Anticorpo monoclonal 720a, 724b
Antígua e Barbuda 290-291, 291a(M), 394(B)
Antiguidade 215-219
Antilhas Holandesas 612-613
Antitoxina 724b
Antropólogos
  Roraima 203a
Aparelho auditivo 723, 727a
  digestivo 721b
  orgânico 721b
  reprodutor 722a
  ver também Reprodução humana
  respiratório 721b
  urinário 722a
Apartheid 263b, 280b
  impasse 264a
  negociações 264a
  ver também Racismo
Ápia 556a
Aplicativo 702a
APO 522b
Apollo 648b, 649a
Aposentados 115a
  Brasil 35a, 42b, 49b
  Grã-Bretanha 425a
  Ilhas Salomão 449a
Application Specific Integrated Circuit *ver* ASIC
Aptidon, Hassan Guled 364a, 365a
Aquemênidas 216b
Aquino, Corazón 408b
Árabe (língua) 291b, 293a, 308a, 334b, 337a, 364a, 366b, 370b, 373b, 385a, 443b, 445a, 454b, 457a, 462b, 473b, 476b, 482b, 487a, 502b, 505b, 529a, 566b, 568a, 573a, 587b, 614a
Arábia Islâmica 220a, 225a
  Saudita 291-292, 292a(M), 394(B)
Aracaju 206b, 207a
Arafat, Yasser 254b, 475b
Arap Moi, Daniel 543b, 544b
Arara 34b
Arcadismo
  Brasil 713b
Ardolino, Emile 69b
Área 730(T)
  de proteção
  Brasil 681b
Argel 293a
Argélia 57a, 64a, 265b, 293-295, 294(M), 394(B)
Argentina 62b, 67a, 69b, 295-298, 297b(M), 394(B)
Arias Calderón, Ricardo 532a
Arindel, Clement 559b, 560a
Aristide, Jean-Bertrand 437, 438a
Armamento 762a, 763a, 251a
  Coréia do Norte 353
  difusão 251a
  Kuweit 478a
  URSS 272a
Armênia 298-299, 299a(M), 394(B)
Armênio (grupo lingüístico) 706a
Armênio (língua) 298a, 482b
Armgard, Beatriz Wilhelmina *ver* Beatriz
Armistício
  Líbano 256a
Arqueologia
  Rio Grande do Sul 201a
Arrastão 49-50, 198a
Arroba 730b
Art Nouveau 641a
Arte conceitual 642b
  contemporânea 641-643
  tendências 643a
  grega 639a
  medieval 639b
  performática 642b
  popular
  Brasil 669-670
Arteriosclerose 722a
Artes plásticas 639-645
  Brasil 643-645
  década de 70 645a
  décadas de 80/90 645b
  tendências 643a, 645a
  ver também por estilos de época
Artesanato 670a
Artilheiros 688a
  Brasil 688a(T)
Aruba 613
ASEAN 638b
Ashe, Arthur 56b
Ashkhábad 589a
Ásia 214, 266-269, 403(M)
  área 214a
  características físicas 214b
  divisão 214a
  limites 214a
  origem do nome 214a
  população 214a
ASIC 702a
Asmará 373b
Assad, Hafez 567, 568a
Assembléia Legislativa
  Brasil 131b
  Santa Catarina 204a
Assis, Joaquim Maria Machado de 714a
Associação das Nações do Sudeste Asiático *ver* ASEAN
  Internacional de Desenvolvimento *ver* IDA
  Latino-Americana de Integração *ver* ALADI
Assumpção, Eduardo 39b
Assumpção, Itamar 746b
Assunção 535a
Astecas 219a
  ver também Pré-astecas
Asteróide 656b
Astrofísica 698a
Astronautas 647a
Astronáutica 646-652
  Brasil 651b
  conquistas 652a
  cronologia geral 652a
  idade contemporânea 652a
  instituições 652b
  novos caminhos 648a
  origem 646a
  pesquisa 647b
  realizações 646b
  princípios básicos 646a
  programas 647b
Astronomia 653-664
  antiguidade 658b
  cronologia Brasil 660b
  cronologia geral 658-660
  desenvolvimento 653a
  entidades 660a
  evolução 653a
  idade contemporânea 659a
  idade média 658b
  idade moderna 658b
  instrumentos 658b, 659a, 660b
  origem 653a
  teoria 659a, 660a
Atenas 426b
Atlantis 650, 651a
Atletismo 682-684
  medalhas do mundial 682b(T)
  recordes femininos 683(T)
  recordes masculinos 682(T), 683(T)
Atmosfera terrestre 654b
Ato Institucional *ver* AI
Atol das Rocas 74b
Átomo 752b, 754a
al-Attas, Haidar Abu Bakr 443b
Austrália 57a, 299-301, 300b(M), 394(B)
Australopithecus 215a
Austregésilo de Athayde, Belarmino 48a
Áustria 69b, 301-302, 302(M), 394(B)
Austríacos
  Brasil 81b
Austro-asiática (família lingüística) 706b
Auto de Natal 671a
  dos Quilombos 671a
Automobilismo 684a
Avarua 619b
Ave 664b
Avelino, Moisés Nogueira 208a
d'Aviano, Jean 491b
Aylwin Azócar, Patrício 339b, 341, 342a
Azam, Golam 306b
Azerbaidjão 61a, 65b, 302-304, 303b(M), 394(B)
Azerbaidjiano 302b
Azeredo, Albuíno Cunha de 181
Azeri 454b

B

Babangida, Ibrahim 525b
Babaú da Mangueira 45a
Bacia Amazônica 73-74
  do Leste
  Brasil 74a
  do Nordeste
  Brasil 74a
  do Norte
  Brasil 74a
  do Prata
  Brasil 74a
  do São Francisco 74a
  do Sudeste/Sul
  Brasil 74a
  do Tocantins 74a
  hidrográfica
  Brasil 73-74, 391(M)
  Platina
  ver Bacia do Prata
Bactéria 662b, 724b

Badia-Batalla, Francesc 287b
Bagdá 457a
Bagratián, Grant 298b
Bah, Amadu Ury 433b
Bahamas 304-305, 305a(M), 394(B)
Bahia 176-178, 177b(M), 387(B)
  formação 177b
Baht 581a
Baião 744b
Bairiki 475b
Baixos platôs 75a
Bakmaal 526a
Bakongo 288b
Baku 302b
Balaguer Ricardo, Joaquín 547b, 548
Balaiada 94a
Balança comercial 151a
  Brasil 34a
Balanço de pagamento 151b
Balboa 530b
Balduíno I 64a, 310
Balemke 435a
Balladur, Edouard 413a
Balto-eslavo (grupo lingüístico) 706b
Baluche 454b
Bamaco 500a
Bambara 500a, 562b
Bamilekê 328b
Banco
  alavancagem 146b(T)
  Brasil 146-147
  depósitos 146b(T)
  empréstimos 146b(T)
  dez maiores 146b(T)
  rentabilidade 146b(T)
Banco Central
  Brasil 39a, 46a, 47a
  de Crédito e Comércio Internacional
    ver BCCI
  de dados 702a
  de sêmen
    ver Sêmen
  do Brasil
    ver BB
  do Desenvolvimento Asiático
    Kiribati 476b
  Interamericano de Desenvolvimento
    ver BID
  Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
    ver BIRD
  Mundial
    Angola 290a
    Bangladesh 306b
    Bolívia 316b
    Congo 351b
    Etiópia 386b
    Guiné 433a
    Indonésia 454a
    Líbano 484b
    Madagascar 495b
    Mauritânia 506b
    Micronésia 512a
    Moçambique 513b
    Paraguai 536b
    Quênia 544b
    República Centro-Africana 547b
    Romênia 551b
    Rondônia 202a
    São Tomé e Príncipe 561a
    Serra Leoa 565a
    Sudão 574a
    Tanzânia 583a
    Tunísia 588b
    Zâmbia 610a
    ver também BIRD
  Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
    ver BNDES
  para o Desenvolvimento Africano
    ver BDA
Banda, Hastings Kamuzu 497b, 498
Bandar Seri Begauan 320b
Bandeiras (expedições) 87b
Bangcoc 580a
Bangladesh 305-307, 306a(M), 394(B)
Bangui 546a
Banjul 417b
Bantu (dialeto) 607a
Bantu (língua) 416a
Barão de Mauá
  ver Souza, Irineu Evangelista de
Barbados 307-308, 307b(M), 394(B)
Barbalho, Jáder 190a
Bárbaros
  ver Reino Bárbaro
Barbosa, Antônio Guedes 48a
Barcellos, Annibal 174
Barcellos, Mariinha 174b
Barein 308-309, 308b(M), 394(B)
Bariba 312a
Barnabé, Arrigo 746b
Barreto, João de Deus Mena 122b
Barreto, Luís Carlos Menna 41b
Barrios, Gonzalo 60-61
Barroco 640a, 709b, 739a, 742b, 757a
  Brasil 643a, 713a
  França 757a
  Inglaterra 757a
  tardio
    ver Barroquismo
Barroquismo 709b
Barroso, Ari 744b
Barrow, Nita 307a
Basco 377a, 412b
al-Bashir, Omar Hassan Ahmad 573a, 574a
Basic Beginner's All-Purpose Symbolic Instruction Code 702a
Basquete 685-686
  Brasil 685-686
  campeonatos mundiais 685b
  campeonatos sul-americanos 685b
  cestinhas 685a
Basse-Terre 615b
Basseterre 559a
Bastilha
  tomada 229a
Bateria 673a
Bauhaus 642a
Baumgarten (caso) 110-111
BB 117b
BBS 702a
BCCI 117a
  Luxemburgo 492b
BDA 637b
Beagle (canal) 340a
Beatriz 438b
Bediê, Henri Konan 355b, 356b
Beginner's All-Purpose Symbolic Instruction Code
  ver Basic
Beirute 482b
Belém 189b, 190a
Bélgica 57a, 58a, 64a, 68a, 309-310, 310a(M), 394(B)
Belgrado 467b
Belize 62b, 310-312, 311b(M), 394(B)
Belmopan 310b
Belo Horizonte 187b, 188
Bemba 608b
Bengali 305b, 449b
Benin 55b, 312-313, 313b(M), 394(B)
Berbere 293a, 502b, 587b
Berberôva, Nina 66b
Bérégovoy, Pierre 60b, 415
Berisha, Sali 273b, 283
Berlim 284a
Bermudas 613-614
Berna 576b
Bernardes, Artur da Silva
  biografia 122a
  governo 101
Bérov, Liúbem 321b, 322b
Berr 373b
Beto sem Braço 39b
Betsy 601b
Bhojpuri 504a, 519b
BID 637a
  Paraguai 536b
Bielorrussia 314-315, 314b(M), 394(B)
Bielorrusso (língua) 314a
Biély Dom 555b
Big stick 233a
Bildt, Carl 574b
Bileka, Silvestre Siale 435a
Bilien 373b
Binary digit
  ver Bit
Biofísica 661a
Biogeografia 661a
Biologia 661-664
  antiguidade 662a
  campos de estudo 661a
  cronologia Brasil 664a
  cronologia geral 662a
  desenvolvimento 661b
  idade contemporânea 662b
  idade moderna 662a
  perspectiva 662a
  pesquisa 662a
Biomatemática 661a
Bioquímica 661a
Biosfera 674a
Bipartidarismo
  Brasil 107a
BIRD 635b
  ver também Banco Mundial
Bird, Vere Cornwall 290b
Birendra Bir Bikran Sha Deva 519b
Birindua, Faustin 607b, 608b
Birks, John
  ver Dizzy Gillespie
Birmanês (grupo lingüístico) 706b
Birmanês (língua) 509a
Birr 385b
Bishkek 545a
Bismalá 600b
Bispado
  Brasil 87b
Bissau 433b
Bisuas, Abdur Rahman 305b
Bit 702a
Biya, Paul 328b, 329, 330a
Blanco, Salvador Jorge 548a
Blastomicose 727a
Bloco carnavalesco
  ver Carnaval
Blomdal, Odd Emil 632b
Bloqueio Continental 230b
BNDES 47b
Boa Vista 202
Bócio 722a
Bogotá 347b
Bogus, Armando 41b
Bóias-frias 111a
Boitatá 670b
Bolger, James B. 528a, 529a
Bolívar 603a
Bolívia 61a, 64a, 315-317, 316a(M), 394(B)
Bolkiah, Hassanal
  ver Uadaulá, Muda Hassanal Bolkiah Muizzadin
Bolsonaro, Jair 42b
Bolzer, James B. 528a, 529a
Bom Jesus dos Navegantes (festa) 671a
Bonaparte, Napoleão 90b, 230a
  derrota final 230b
  Europa 230b
  campanhas 230a
    ver também Campanha da Rússia, Código Napoleônico, Império napoleônico
Bongo, Omar Albert
Bernard 416a, 417a
Boross, Péter 442a, 443a
Bortoluzzi, Paolo 68a
Bósnia-Herzegóvina 54a, 55b, 57a, 58, 59-60, 61a, 62b, 64a, 65b, 69b, 317-319, 317b(M), 394(B)
Bósnios 318, 359b, 360a
Bossa Nova 745a
Bossano, José 614b
Botânica 661a, 662
  Brasil 664a
Boto 670b
Botsuana 319-320, 319b(M), 394(B)
Bourke, Martin 622b
Bouterse, Desi 578b, 579a
Boxe 686a
  campeões do peso pesado 686a
  época contemporânea 686a
Braça 730b
Brasil 71-208, 387(B), 388(M), 394(B), 457a
  dados gerais 71
Brasília 71a, 179b
Bratelli, Trygve 526b
Brathwaite, Nicolas 425b, 426b
Bratislava 374a
Brazauskas, Algirdas 490a, 491a
Brazzaville 350b
Bréjnev, Leonid 249a
Bretão 412b
Bridges, James 62a
Bridgetown 307a
Brizola, Leonel 197a, 198a
Brizola, Neuza Goulart 39b
Bronquite 722a
Bruaca 730b
Brundtland, Gro Harlem 526, 527
Brunei 320-321, 321a(M), 394(B)
Bruxelas 309a
Bubacar, Sidi Mohamed Uld 506
Bubi 435a
Bucareste 550a
Büchel, Markus 489
Budapeste 441b

Buell, Marjorie Henderson 61a
Buenos Aires 295b
Bujeba 435a
Bujumbura 324b
Bula intercoetera 84a
Bulatović, Momir 467b
Bulgária 321-323, 322(M), 394(B)
Búlgaro (língua) 321b
Bulhões, Geraldo 172b, 173a
Bulletin Board System *ver* BBS
Bumba-meu-boi 672a
Buraco negro 659a
Burgess, Anthony 69b
Burguesia 221b
Burity, Tarcísio 191b, 192a
Burkina 323-324, 323b(M), 394(B)
Burundi 67a, 69b, 324-326, 325a(M), 394(B)
Bush, George 276a
Busignani, Patrícia 557a
Butão 326-327, 326b(M), 394(B)
Buto, Benazir 534, 535a
Byte 702a

C

C (linguagem de programação) 702a
Cabanagem 93b
Cabo Verde 327-328, 328a(M), 394(B)
Cabral, Pedro Álvares *ver* Descobrimento
Cabul 278a
Cachemira 450b
CAD/CAM 702a
Café
Brasil 95
Café Filho, João
biografia 123-124
governo 105a
Caiangue 40b, 42a
Câibra 722a
Caiena 616b
Caipora 670b
Cairo 366b
Cálculo renal 722b
Caldeira Rodríguez, Rafael 603a, 604a
Calderón Fournier, Rafael Ángel 357, 358a
Calendário 658
gregoriano 658a
judeu 658a
muçulmano 658a
Callejas, Rafael Leonardo 441a
Calmúquio 553a
Camada de ozônio *ver* Ozônio
Câmara de Vereadores
Brasil 131b, 132a
dos Deputados
Brasil 131b, 132a, 132b(T)
Municipal
Curitiba 193b
Jaboatão dos Guararapes 195a
Camargo Guarnieri, Mozart 35a
Camarões 328-330, 329b(M), 394(B)
Camberra 299b
Câmbio 151b
Camboja 55b, 58b, 60a, 61a, 65b, 267a, 330-332, 331(M), 394(B)
Cambraia, Antônio 178b
Camcorder 734b
Camito-semítica (família lingüística) 706b
Campala 595a
Campanha da Rússia 230b
ver também
Bonaparte, Napoleão
Gaúcha
ver Planície do Pampa
peio emprego
Brasil 129b
Campbell, Harold 382b
Campbell, Kim 334
Campello, Élson 49a
Campo Bonito 38a
Grande 186-187
Norte 335
Campos Sales, Manuel Ferraz de
biografia 120
governo 99a
Campos, Jaime Veríssimo de 185
Campos, José Eduardo Siqueira 208a
Cana-de-açúcar
Brasil 86b
Canadá 55b, 61a, 67a, 69-70, 332-334, 333(M), 394(B)
Canal do Panamá *ver* Panamá (canal)
Câncer 168, 722b, 724b, 727a
evolução 168b
vacina 168b
Candelária 46b, 197b
Caneta óptica *ver* Light-pen
Cangaço 103a
Cantinflas 59b
Capacidade ociosa 151b
Capacitância elétrica 730a(T)
Capitais
Brasil 79b
crescimento demográfico 79b(T)
população 79b(T)
Capitalismo
China 344b
monopolista 235a
Capitania hereditária 85
Caputo, Dante 437, 438a
Caracas 602b
Caramanlis, Constantin 426b, 428a
Carandiru *ver* Massacre
Cárdenas, Cuauhtémoc 509a
Cardiologia 727a
Carga elétrica 730a(T)
fiscal 152a
tributária *ver* Carga fiscal
Caritas 638b
Carl Gustaf 574b
Carlos II 226b
Carlot, Maxime 600b
Carnaval 672-673, 744a
Bahia 673a
bloco 673a
Olinda 673a
Recife 673a
Rio de Janeiro 672b
São Paulo 673a
Carolíngios 220b
Carta da Terra 678b
de Pero Vaz de Caminha 713a
de Salvador 177b
dos Direitos Fundamentais 282a
Carteira de motorista
Brasil 53b
Cartel de Cali 190b, 349b, 350a
de Medellín 262b, 263a, 349a
Carter, Jimmy 259a
Cartum 573a
Carvalho, Vicente de 714a
Carvão
Svalbard 632b
Casé, Adhemar da Silva 39b
Casemiro, Laudemir *ver* Beto sem Braço
Caso Baumgarten *ver* Baumgarten (caso)
Coroa Brastel *ver* Coroa Brastel (caso)
Israel *ver* Israel (caso)
Paubrasil *ver* Paubrasil (caso)
Sagawa *ver* Sagawa (caso)
Watergate *ver* Watergate (caso)
Cassação de mandato
Brasil 53a, 109b
Paraná 193b
Rio Grande do Norte 199a
Castello Branco, Carlos 43a
Castello Branco, Humberto de Alencar
biografia 125-126
economia 107a
governo 107a
relações exteriores 107a
Castries 558a
Castrismo 251a
Castro Ruz, Fidel 360
Catalão 287b, 377a, 465a
Catar 334-335, 335a(M), 394(B)
Catarina II 226b
Catecismo 602a
Caudilhismo 232a
Caughley, Tim 620a
Cavaco Silva, Aníbal 542a, 543a
Cavalcanti, Joaquim Francisco de F. 194a
Cavallo, Domingo 296b
Cayman *ver* Ilhas Cayman
Caymmi, Dorival 744b
Cazaque (língua) 335b, 516a
Cazaques 336a
Cazaquistão 335-337, 336b(M), 394(B)
CD-I 702a
CD-ROM 702a
CEAO 637b
Ceará 38a, 178-179, 179b(M), 387(B)
formação 179a
Cebuano 407b
CECA 637b
Cedi novo 419a
Cédras, Raoul 436b, 437b, 438a
CEE 358b, 363, 424a, 425a, 526b, 527b, 543, 637b
ver também Parlamento Europeu
CEI 54a, 271b, 272-275, 303a, 314, 336a, 420b, 514a, 545a, 553a, 579b, 589, 590a, 593a, 599a, 638a
Céltico (grupo lingüístico) 706a
Célula 663a
Cerne 117a, 161a
Cenozóica (Era) 210(T)
Censura
Brasil 114b
Central de Medicamentos *ver* Ceme
Processing Unit *ver* CPU
Única dos Trabalhadores *ver* CUT
Centro de Convenções da Bahia 177b
Centro-Oeste *ver* Região Centro-Oeste
Cerâmica 670a
Cérebro 723a
Céspedes Céspedes, Manuel 614a
Cesta básica
Brasil 46
Cesto 731a
Ceuta e Melilla 614a
CFA 312a, 323a, 324b, 328b, 337b, 350b, 355b, 413a, 416a, 500b, 523a, 546a, 552a, 560b, 563a, 583b, 607a
CFC 674b, 675b
Chade 264b, 337-339, 338a(M), 394(B)
Challenger 649b, 650a
Chamorro 616a
Chamorro, Violeta Barrios de 521a, 522
Chang, George 412a
Chapple, John 614b
Charles, Mary Eugenia 365b, 366a
Charlotte Amalie 622b
Chechênio 553a
Cheiftu, Amadu 523b, 524a
ben Cheikh, Ahmed 445b
Cherati, Ikhlef 295a
Chi Sun Juan 347b
Chicheua 497a
Chile 70a, 339-342, 340a(M), 394(B)
Chiluba, Frederick 609a, 610a
China 54a, 55b, 57a, 58b, 61a, 65b, 342-345, 343(M), 394(B)
Chinês (grupo lingüístico) 706b
Chinês (língua) 320b, 330b, 495b, 586a, 617a, 624b, 632b
Chineses 218a
contatos com o Ocidente 218a
fase de transição 218a
unificação 218a
Chip 702a
Chipre 55b, 345-346, 346a(M), 394(B)
Chishona 610a
Chisinau 513b
Chissano, Joaquim Alberto 512a, 513a
Chókue 288b
Chorinho 744a
Chrétien, Jean 333a
Christnacht, Alain 627b
Christoff, Boris 62b
Chun Du-Huan 267b
Chuva ácida 674-675
Chyngyshev, Tursunbek 545a
Ciampi, Carlo Azeglio 465a
Ciclo da borracha
Brasil 99
do ouro
Brasil 87a

vital 673b
Ciclone
Bangladesh 306b
Samoa Ocidental 556b
Cidadania
Brasil 129-137
conceitos 129a
Cidade da Guatemala 428b
Cidade de Cingapura 346b
Cidade do Cabo 279b
Cidade do Kuweit 476b
Cidade do México 507a
Cidade do Panamá 530b
Cidade do Vaticano 601b
Ciência aplicada 761a
experimental 761b
Ciller, Tansu 590b, 591b
Cinema 665-669
África 668a
Alemanha 667b
América Latina 668a
Argentina 668a
Austrália 667b
Brasil 668-669
Canadá 667b
Chile 668a
Colômbia 668a
Cuba 668a
década de 20 668b
década de 90 669a
épico soviético 665b
época contemporânea 666-668
Espanha 667b
EUA 666
Europa 665-666
França 666b
Grã-Bretanha 667a
Grécia 667b
Holanda 667b
Hollywood 665b
Índia 668a
Japão 667a
México 668a
Nova Zelândia 667b
países nórdicos 665b, 667b
países socialistas 667a
Peru 668a
pioneiros 665a, 668b
Portugal 667b
pré-história 665a
tendências 669a
Turquia 668a
Venezuela 668a
ver também Neo-realismo italiano, Vanguarda francesa
Novo 668-669
década de 70 669a
Cingapura 64a, 269b, 346-347, 347a(M), 394(B)
Cintigrafia
ver Cintilografia
Cintilografia 720a
Circulação sanguínea 723, 725a
Círio de Nazaré 671b
Cirrose hepática 722b
Cirurgia 723b, 725a, 727
Cistite 722b
Cisto no ovário 722b
Citologia 661a
Civilização antiga 215-217
antigo-moderna 217-219
Classicismo 739a, 742b
Clima
Brasil 73, 391(M)
equatorial 73a
mesotérmico úmido 211a
microtérmico úmido 211a
mundo 210-211, 397(M)
polar 211a
seco 211a
semi-árido 73
subtropical 73b
tipos 210b
tropical 73a
tropical atlântico 73a
tropical chuvoso 211a
tropical de altitude 73a
Clinton, William (Bill)
Jefferson 276b, 380a, 381b, 382a, 383a
Clipper 702a
Clorofluorcarbono
ver CFC
CNA 282a
CNTST 267a
Cobol 702b
Coca-Cola
Albânia 284a
Cocaína
Bolívia 316b
Cockburn Town 622b
Cocoy 365a
Código genético 663a
ver também Identificação genética
Napoleônico 230a
ver também Bonaparte, Napoleão, Império napoleônico
Coelho, Nilo 39a, 41b, 178a
Cofins 52a
Coke, Howard Felix Halan 469b
Cólera 725b
Acre 172a
Brasil 36b, 38a, 164
casos 164b(T)
Ceará 179a
Minas Gerais 189a
óbitos 164b(T)
Pará 191a
Piauí 196b
Sergipe 207b
Colinas de Golan
ver Golan (colinas)
Collares, Alceu 200a
Collins, Albert 69b
Collor de Mello, Fernando
Afonso 53a
biografia 128
cultura 114b
economia 115a
governo 114-118
Collor de Mello, Rosane
Malta 118a
Colômbia 55b, 58b, 64a, 70a, 347-350, 348b(M), 394(B)
Livre 349b
Colombo 570a
Colombo, Cristóvão 223a
Colón costarriquenho 357b
salvadorenho 369a
Colônia
Brasil 85-91
crise 89
da Bélgica 248a
da Grã-Bretanha 248a
de Portugal 248a
economia 86-87
instituições 87a
população 87b
sociedade 87b
ver também Conquista, Descolonização, Pré-colonização
do Sacramento
ver Sacramento (colônia)
Colonialismo
América do Sul 231b
América Espanhola 231b
crise 231a
Haiti 231a
Inglaterra 231b
lutas 231b
México 231b
ver também Conquista, Descolonização
Colonização 224b
Brasil 85a
contatos com o Oriente 225a
ver também Conquista, Descolonização, Pré-colonização
Colossio Donaldo, Luiz 509a
Columbia 649, 650b, 651a
Coluna Prestes 101
Comando Vermelho 46b
Combe 435a
Comecon 638
Comédia 756b
Comércio
Brasil 144b
Cometa 657a, 658b, 659a
Comissão da Verdade 370a
Parlamentar de Inquérito
ver CPI
permanente 132b, 133a
Comitê Olímpico
Internacional 638b
Commonwealth
ver Comunidade Britânica
Comorense (língua) 445a
Comores
ver Ilhas Comores
Compact-Disc Interactive
ver CD-I
Read-Only Memory
ver CD-ROM
Companhia Nacional de Abastecimento
ver Conab
nacional de teatro
ver Teatro
Telefônica de Minas Gerais
ver Telemig
Compaorê, Blaise 323b, 324b
Complexo do Pantanal
ver Pantanal
Comprimento 729b, 730(T)
Compton, John G. M. 558a, 559a
Computação gráfica 703b
Computer-Aided Design
ver CAD/CAM
Manufacturing
ver CAD/CAM
Comuna de Paris 237a
Comunicação
ver Meios de comunicação
Comunidade Britânica 290b, 304b, 307a, 332b, 417b, 418b, 425b, 431a, 448b, 449b, 469b, 497b, 499a, 501b, 504b, 517b, 518b, 524b, 528a, 532a, 543b, 556a, 558a, 559a, 561b, 564a, 565b, 570a, 571b, 582b, 585a, 586a, 592a, 600b, 609a, 610a
dos Estados Independentes
ver CEI
Econômica da África Ocidental
ver CEAO
Econômica Européia
ver CEE
Européia do Carvão e do Aço
ver CECA
Financeira Africana
ver CFA
Comunismo
Armênia 299a
Conab 182-183
Conacri 432a
Concílio de Trento 226a
Concretismo 642a
Condutância elétrica 730a(T)
Conectador
ver Slot
Confederação do Equador 92a
Internacional das Organizações Católicas de Caridade e Ação Social
ver Caritas
Operária 100a
Conferência de Haia II 100a
Ibero-Americana de Chefes de Estado III 177b
Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento
ver Eco-92
sobre Comércio e Desenvolvimento
ver UNCTAD
Conflito árabe-israelense 255a
de terra
Acre 172a
Brasil 35a, 38a, 39b, 113b, 115b
Maranhão 184b
Mato Grosso 186
Mato Grosso do Sul 187a
Paraná 193-194
São Paulo 206b
étnico
Albânia 284a
Burundi 325
Croácia 359b
Gana 419a
Índia 450b
Iugoslávia 275b
Macedônia 493b
Nigéria 525b
Ruanda 553a
Zaire 608b
racial
ver Racismo, Apartheid
Sikh
ver Sikhs
Sino-Soviético 250b
Congada 672a
Congo 350-351, 351a(M), 394(B)
Congresso de Viena 230b
Nacional
Brasil 36a, 131b
Nacional Africano
ver CNA
Conhecimentos gerais 639-764
Conjuração Baiana 90a
Connaly, John 62b
Conquista espanhola 223-224
Chile 223b
cultura 224a
divisão de terras 224a
economia 223b
fim da conquista 223b
México 223b
Peru 223b
Rio da Prata 223b
francesa 224a
Canadá 224a

Haiti 224a
inglesa 224a
América do Norte 224a
ver também Colônia, Colonialismo, Colonização, Descolonização
Conselho de Cooperação Regional dos Países do Golfo 638b
Mundial de Igrejas 638b
Nacional dos Direitos da Mulher 137b
Nacional Supremo de Transição
ver CNST
para Assistência Econômica Mútua
ver Comecon
Conservadorismo
Brasil 104b
Constantino II 428a
Constelação 654a
Constituição
Andorra 288a
Bélgica 310a
Brasil 92, 98a, 102, 104b, 107a, 108a, 112-113, 129a
França 229a
Laos 479b
Lesoto 481a
Letônia 482b
Moçambique 513a
Níger 524a
Paraguai 536b
Peru 539b
Quirguizia 545b
República Tcheca 549b
Ruanda 552b
ver também Reforma constitucional, Revisão constitucional
Conta corrente
Brasil 34a, 50b
Contê, Lansana 432b, 433a
Continente 213-214
deriva do 209b
Contra-reforma 226a
Contrabando
Paraguai 536b
Contração muscular 725b
Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social
ver Cofins
Convenção de Taubaté 99b
Nacional
França 229b
Mianmá 510b
sobre mudanças climáticas 679a
Conversão de unidade de medida
ver Unidade de medida
Cook
ver Ilhas Cook
Copa América 690a
Conmebol 690b
da Uefa 690a
de Ouro 690b
do Brasil 691a
do Mundo 686-689
Brasil 52b, 688
eliminatórias 688-689, 688b, 689a(T)
ranking 687a(T)
retrospectiva 687-688
dos Campeões 689b
Européia 689b
Masters 690b
Copenhague 362b
Cordet, Jean-François 616b
Coreano (grupo lingüístico) 706b
Coreano (língua) 352a, 353b
Coréia do Norte 57a, 352(M), 352-353, 394(B)
Coréia do Sul 68a, 70b, 267b, 269a, 353-355, 353b(M), 394(B)
Coroa (moeda) 383b, 384b
Brastel (caso) 34a
dinamarquesa (moeda) 363, 615a, 621b
irlandesa
ver Nova coroa irlandesa
norueguesa 526b, 632b
sueca 575a, 576a
Coronelismo
Brasil 99a
Corpo humano 720b
Corporação Financeira Internacional
ver IFC
Corpus Christi (festa) 671b
Corrêa, Mauricio 44a
Correio 735b, 736b, 737a
Rio Grande do Norte 199b
Corrente elétrica 729b, 730a(T)
marítima
mundo 397(M)
Corrupção
Alagoas 173b
Albânia 283b
Amapá 174b
Argentina 297b, 298a
Bahamas 305a
Brasil 34a, 35, 37a, 38b, 39, 40a, 41b, 43, 45, 47a, 48-49, 50, 51-52, 111a, 113b, 117a, 118, 129b
Camboja 332b
Ceará 179b
China 344b, 345a
Colômbia 349b
Coréia do Sul 355
Espanha 379a
EUA 382a
Filipinas 409
França 415a
Grécia 427b
Guatemala 430
Guiné 433b
Honduras 441a
Ilhas Salomão 449a
Itália 466b
Japão 471b, 472b, 473a
Kuweit 478a
Mato Grosso 185-186
México 509a
Mianmá 510b
Nicarágua 522b
Panamá 531b
Papua Nova Guiné 533a
Paquistão 534b, 535a
Pernambuco 40a
Polinésia Francesa 629a
Quênia 544b
São Paulo 206a
Suriname 579a
Tocantins 208b
Venezuela 604
Zâmbia 609b, 610a
Corte Constituinte
Portugal 90-91
portuguesa
Brasil 90
instituições criadas 90b
população 90b
primeiras medidas 90b
vida cultural 90b
Cosmologia 698a
Costa do Marfim 70a, 355-357, 356a(M), 394(B)
Costa e Silva, Arthur da
biografia 126
governo 107
Costa Rica 58b, 357-358, 357b(M), 394(B)
Costa, Cláudio Manuel da 713b
Costa, Duarte da 85b
Costa, José Ribamar Ferreira de Araújo
ver Sarney, José
Council for Mutual Economic Assistance
ver Comecon
Côvado 731b
CPI
Bahamas 305a
Brasil 116, 133a
Maranhão 184a
Mato Grosso 186a
Roraima 203
Santa Catarina 204b
da Propina 200b
do Motel 203a
do Orçamento 48-49, 50a, 51-52, 129b, 133a, 180, 184b, 207b
do Pó 192a
CPU 702b
CR Almeida 50b
Crescimento demográfico
Portugal 543a
Creto-micênicos 216-217
Crioulo 310b, 327a, 365a, 433b, 436a, 469b, 504a, 558a, 564a, 565b, 578a, 615b, 616b, 620a, 622b
Crise econômica
ver Economia
Cristiani Burkard, Alfredo 368b
Croácia 54a, 55b, 358-360, 359b(M), 394(B)
Croata (língua) 301a, 441b
Croatas 318
Cronobiologia 661a
Cronologia
Brasil 34-53
mundo 54-70
Cruz Vermelha 638b
Brasil 45a
Cruz, Celso José da 47b
Cruz, Rogelio 532a
Cruzadas 221a
Cruzeiro (moeda) 34a, 41-42
novo 35b
real 43b, 49a, 52b, 71b
Crvenkovski, Branko 492b
Cuacha malaviana 497b
zambiana 609a, 610a
Cuala Lumpur 495b
Cuanza novo 288b, 290a
Cuba 60a, 61a, 62b, 65b, 67a, 70a, 360-362, 361(M), 394(B)
Cubismo 641b
Cuca 671a
Cuia 731a
Cuiabá 185
Cultura
Brasil 37a
elisabetana 226b
popular
Brasil 669-673
Cunha, Luiz Fernando
Bocayuva 48a
Cúpula Ibero-Americana 44
Curdo (língua) 298a, 454b, 457a, 482b, 566b, 590a, 591a
Curió, Sebastião 36b
Curitiba 192b, 193a
Cursor 702b
Curupira 671a
CUT 111a

D

Daca 305b
Dacar 562b
Dadaísmo 642a
Daha 334b
Dalasi 417b
Damasco 566b
Dari 278a
Darling, Clifford 304b
Debacq, Jean-Jacques 626a
Deblé, Louis 287b
Deby, Idriss 337b, 338, 339a
Declaração de Damasco 371b
do Rio
ver Carta da Terra sobre as florestas 679a
Decodificador 734b
Decolagem 646b
Defensoria Pública 135a
Defesa militar
ver por país
Déficit público 152a
Austrália 301a
Bahamas 305a
Barein 309a
Brasil 140b
Camboja 332b
Chade 339a
China 344b
Dominica 366a
EUA 381b, 382b
Filipinas 409b
Finlândia 410b
Grã-Bretanha 424a
Grécia 428b
Hungria 443a
Índia 452a
Islândia 462b
Kuweit 477b
Líbano 484b
Maldivas 500a
Papua Nova Guiné 533b
Paquistão 535a
Romênia 551b
Suécia 576a
Tailândia 582a
Vaticano 602b
Degelo
ver Pólo terrestre
Degelo (período pós-Stálin)
ver Stalinismo
Dehaene, Jean-Luc 309b, 310a
Delfim Moreira
ver Ribeiro, Delfim Moreira da Costa
Demanda do Santo Graal, A 709a
Demirel, Süleyman 590b, 591b
Democratização
Madagascar 495a
Peru 539a
Demografia
Brasil 77-78
mundo 211
ver também Política demográfica
Demotiki 426b
Denktash, Rauf 345b, 346a
Densidade 730a(T)

demográfica
Brasil 77(T)
Departamento de Ordem Política e Social
ver DOPS
Nacional de Obras Contra a Seca
ver DNOCS
Dependência econômica
Bielorrússia 315a
Macedônia 493b
Depressão
difusão 240b
EUA 240b
Desarmamento 251b
EUA 259b
Descoberta 700b
ver também Invenção
Descobrimento 222-224
África 222b
América 223a
Brasil 84
conseqüências 224b
cultura 224b
economia 224b
Índia 84a, 222b
saúde 224b
ver também Conquista
Descolonização 246-248
África 247b
Ásia 246b
Camboja 247a
Laos 247a
países árabes 247b
países negros 248a
subcontinente indiano 247a
ver também Colônia, Colonialismo, Colonização, Conquista, Independência
Desemprego
Albânia 284a
Argentina 297b
Austrália 301a
Áustria 302
Bahamas 305a
Barein 309a
Bélgica 310b
Botsuana 320a
Brasil 138
Cabo Verde 328b
Canadá 334b
Croácia 360a
Cuba 362a
Eslováquia 375a
Espanha 379a
EUA 382a
Finlândia 410b
França 415b, 416a
Granada 426b
Grande São Paulo 149(T)
Grécia 427b
Hungria 442b
Iêmen 444b
Irã 456b
Irlanda 460b
Islândia 462b
Iugoslávia 469a
Jamaica 470
Japão 473b
Macedônia 493b
México 509a
Nicarágua 522b
Nova Caledônia 628a
Nova Zelândia 529a
Panamá 531b, 532a
Peru 539b
Polônia 541a
República Dominicana 548b
República Tcheca 549b
Reunião 630b
Romênia 551b
Roraima 203a
São Paulo 205b
Suazilândia 572b
Suíça 577b
Tailândia 582a
Trinidad e Tobago 587b
Venezuela 603b, 604a
Vietnã 606b
Zimbábue 611b
ver também Emprego
Desenvolvimento sustentado 678a
Desertificação 676b
ver também Desmatamento, Queimada
Deserto
Brasil 680a
ver também Desmatamento, Queimada
Desestalinização 249b
ver também Stalinismo
Desestatização
ver Privatização
Desmatamento 676a
ver também Desertificação, Deserto, Queimada
Desnutrição crônica
Brasil 163-164
escolares 164a
menores de 5 anos 163b(T)
Despotismo esclarecido 228a
Dia do Fico 91a
Diabetes 722b, 725b
Diagnóstico 728a
recursos 719b
Dialeto 705b
Diamante
Brasil 87a
Diarréia
ver Disenteria
Dias, Antonio Gonçalves 713b
Díaz, Porfírio 237b
Dieta 724a
Difteria 724a
Dígito binário
ver Bit
Dili 633a
Dinamarca 54a, 60a, 362-364, 363b(M), 394(B)
Dinamarquês (língua) 362b, 615a
Dinar 308b
argelino 293a
iraquiano 457b
iugoslavo novo 317a, 467b
jordaniano 474a
kuweitiano 477a
líbio 487a
macedônio 492b
tunisiano 588a
Dinastia
Península Ibérica 86a
Portugal 85b, 88b
de Avis 84a
Diolo 562b
Direito à igualdade 130a
à liberdade 130a
à segurança 130a
à vida 130a
Constitucional
Brasil 130b
difuso 130a
do cidadão
Brasil 130a
individual 130a
social 130a
Direitos humanos
África do Sul 282b
Argélia 294b
Ceará 179b
Chile 340a, 341, 342a
China 345a
Guatemala 429b, 430
Guiné Equatorial 436a
Honduras 441a
Indonésia 454a
Irlanda 461a
Mato Grosso do Sul 187a
Mianmá 510b
Peru 539a
República Centro-Africana 546b, 547a
Saara Ocidental 631a
Sri Lanka 571a
Tibete 633a
Uganda 596
Diretas-já 111a
Diro, Ted 533a
Dirrá 371a
marroquino 503a
Disco rígido 702b
Discovery 649b, 650, 651a
Discurso da Quarentena 241a
Disenteria 725b
Disk drive 702b
Operating System
ver DOS
Disquete 702b
Dissecação 723b, 724a
Distensão 722b
Distribuição de renda
Brasil 115a
Distrito Federal 179-180, 183a(M), 387(B)
formação 180a
Distrofia muscular 722b
Ditadura
América Latina 253a, 260a
Argentina 253b, 262a
Brasil 116a
Chile 253b, 262a
Colômbia 262b
Cuba 262b
El Salvador 261a
Haiti 261b
Nicarágua 260a
Peru 260a
ver também Movimento antiditatorial
Diuf, Abdu 563, 564a
Dívida externa 152a
Brasil 34a, 40a, 50b, 147b
Costa do Marfim 356b
Equador 373a
Filipinas 409a
Finlândia 410b
Gâmbia 418b
Gana 420a
Guiné Equatorial 436a
Indonésia 453b
Irã 456b
Iraque 459a
Panamá 531b
Peru 538a, 539b
Rússia 555b
Seychelles 566a
Venezuela 604b
interna 152a
Jamaica 470a
Divino Espírito Santo (festa) 671b
Dizzy Gillespie 55a
Djerma 523a, 524a
Djermakoye, Mumuni Adamu 524a
Djibuti 364-365, 364a, 364b(M), 394(B)
Djohar, Said Mohamed 445b
Dlamini, Obed Mfanyana 571b
DNA fóssil 663a
ver também Ácido nucléico
DNOCS 37a, 38b, 41b
Dobra 560b
Dodoma 582a
Doe, Samuel 486a
Doença
Brasil 161b
causas externas 169
glossário 722
por violência 169b
perfil 161b
prevenção 170a
cérebro-vascular 168a
coronariana 168a
crônico-degenerativa 168a
de Chagas
ver Mal de Chagas
do aparelho digestivo 722a
do aparelho reprodutor 722a
ver também Doença venérea
do aparelho respiratório 721b
do aparelho urinário 722a
do sistema circulatório 721a
do sistema endócrino 721b
do sistema esquelético 720b
do sistema muscular 721a
do sistema nervoso 721b
do trabalho
Brasil 169a
ver também Acidente de trabalho
infecciosa 723b, 724a
infecto-contagiosa 161-162
lesões 163(T)
transmissão 163(T)
mental 168-169
internações 168b
parasitária 162b
tropical 727a
venérea 722b
ver também Doença do aparelho reprodutor
Dogon 500a
Doha 334b
Dólar 380a
americano 447a, 511a, 616a, 622a, 622b, 623a, 623b, 626b, 628a, 629b, 631b
australiano 300a, 476a, 519a, 592b, 618b
bahamense 304b
barbadiano 307b
canadense 333a
da Malaísia 496a
da Nova Zelândia 528a, 620a, 627a, 633b
das Ilhas Cayman 619b
das Ilhas Cook 620a
das Ilhas Salomão 448b
de Belize 311a
de Bermuda 613b
de Cingapura 347a
de Fiji 407a
de Formosa
ver Novo dólar de Formosa
de Hong Kong 617b
de Trinidad e Tobago 586b
do Brunei 320b
do Caribe 425b, 558a,

559b, 561b, 612a, 626b
do Caribe do Leste 290b, 365b, 366a
guianense 431a
jamaicano 469b
liberiano 485b
tonganês 585b
tuvaluano 592b
zimbabuano 610b
Dolby surround 734b
Dolgos, Liubomir 374b
Dom João VI
ver João VI
Dom Pedro I
ver Pedro I
Dom Pedro II
ver Pedro II
Dominica 365-366, 366a(M), 394(B)
Don Quixote de la Mancha 709b
Donatários 85
Dong novo 605b, 606b
DOPS 116a
Dorsey, Tommy 55a
DOS 702b
Douglas 618a
Douglas, Roger 529a
Douiyogo, Bernard 519
Downsizing 702b
Dracma 427a
Draft 702b
Drama da Paixão (festa) 671b
Dreyfus, Alfred 237a
Drnovsek, Janez 375b, 376b
Droga
ver Tráfico de drogas
Drusos
Líbano 483b
Duala 328b
Dublin 459a
Dudáiev, Dókhar 555a
Duncan, Daniel Kablan 355b, 356b
Duque de Caxias (cidade) 53b
Durán Ballén, Sixto 372, 373a
Durdah, Abu Zayard Umar 487a
Dushanbê 579a
Dutra, Eurico Gaspar
biografia 123
governo 104
Dzaudzi 625b
Dzongká 326a

E

EB 702b
Ecletismo musical 742a
Eclipse 658b, 660b
Eco-92 678b, 679a
Ecologia 661a, 673-681
Amazonas 176b
Bahia 178a
Brasil 34b, 37b, 45b, 47b, 49a, 679-681
Ilhas Marshall 447b
legislação 681a
origem 673b
Piauí 196b
Rio Grande do Norte 199
São Paulo 206b
Ecomog 486b
Economia
Brasil 34a, 35b, 37, 38b, 40, 41-42, 43b, 45a, 47a, 49a, 50b, 52
de mercado
Cabo Verde 328b
China 343b, 344
Coréia do Sul 354b
Guiana 432a
Laos 479b
Polônia 541a
informal 152a
Ecossistema
Brasil 680-681
EDI 702b
Educação
Amapá 175a
Brasil 40b, 45b, 47b, 153-159
crianças sem escola 153(T)
Distrito Federal 180b
específica 159
iniciativas municipais 158a
investimentos 158
Malta 502a
Mato Grosso do Sul 187b
nível 159a
Piauí 196b
projetos recentes 157-158
Rio de Janeiro 34b
São Paulo 205b
sistema 158-159
Tocantins 208b
ver também por país
de 1º grau
Brasil 154(T)
escolas 154(T)
matrículas 154(T)
de 2º grau
Brasil 155(T)
escolas 155(T)
matrículas 155(T)
infantil
Brasil 154(T)
escolas 154(T)
matrículas 154(T)
superior
Brasil 155(T)
Holanda 439b
instituições 155(T)
matrículas 155(T)
Efeito estufa 674b
Egípcios 215-216
Egito 62-63, 64b, 67a, 266a, 366-368, 367b(M), 394(B)
Eiadema, Gnassingbê 583b
EIK 477b, 478a
El Aiún 630b
El Salvador 57a, 368-370, 369(M), 394(B)
Electronic Book
ver EB
Data Interchange
ver EDI
Eleição
África do Sul 281
Alemanha 286b
Amazonas 176b
Angola 266a, 290a
Antígua e Barbuda 291a
Argentina 296b, 298a
Austrália 300b
Áustria 302a
Bolívia 316b
Brasil 34b, 39a, 41a, 46a, 49b, 108b, 109b, 111b, 112b
Burundi 325b
Camarões 329b, 330a
Camboja 332a
Canadá 334a
Chile 341a
Cingapura 347b
Congo 351a
Coréia do Sul 354b
Cuba 361b
El Salvador 370a
Espanha 379a
EUA 383a
Finlândia 411a
Formosa 412a
França 415a
Gabão 417a
Gana 419a, 420a
Grã-Bretanha 424
Grécia 428
Guiana 432a
Guiné 433
Guiné Equatorial 436a
Guiné-Bissau 434b
Haiti 437a
Holanda 439b
Honduras 441a
Hungria 443a
Iêmen 444b
Ilhas Comores 446
Indonésia 453b
Irã 455b
Itália 466b, 467a
Iugoslávia 468a, 469a
Jamaica 470a
Japão 472b, 473a
Jordânia 475
Laos 479b
Lesoto 481a
Letônia 482
Libéria 486
Liechtenstein 489b
Lituânia 491a
Madagascar 495b
Malásia 496b
Malavi 498b
Marrocos 504a
Mauritânia 506b
México 509a
Mônaco 516a
Mongólia 517a
Namíbia 518b
Níger 524a
Noruega 527a
Nova Zelândia 529a
Panamá 532a
Paquistão 535a
Paraguai 536b
Peru 539a
Quênia 544b
Quirguizia 545b
República Centro-Africana 547a
República Tcheca 549b
Romênia 551
Rússia 555b
Samoa Ocidental 556b
San Marino 557b
Santa Lúcia 559a
São Tomé e Príncipe 561a
São Vicente e Granadinas 562b
Senegal 564a
Seychelles 566
Sudão 265b, 574a
Tanzânia 583b
Tonga 586a
Tunísia 588a, 589a
Venezuela 604a
Zâmbia 610a
Elemento químico 752a, 754a, 755a
Eletricidade 762a, 763a, 764b
Eletrólise 755a
Eletromagnetismo 698a, 699a, 700a
Elétron 752b
Eletrônica 699a, 700a, 762a, 763a
Eletronorte 117
Elizabeth II 290b, 300a, 304b, 307a, 311a, 332b, 422b, 425b, 448b, 469b, 528a, 532b, 558a, 559a, 561b, 592a
Embriologia 661a, 663a
Emenda constitucional
Malaísia 497a
Torricelli 362a
Emílio Ponce, René 370
Emirados Árabes Unidos 370-371, 371a(M), 394(B)
Emissora de rádio
Brasil 734b(T)
de TV
Brasil 734b(T)
Emprego
Bolívia 316b
Grande São Paulo 149(T)
massa de rendimento 149(T)
níveis 149(T)
Portugal 543b
serviços ligados à indústria 146a(T)
ver também Desemprego
informal 152a
Empresa
Brasil 35b
Empréstimo compulsório
Brasil 43b
Encefalite 722b
Enchente
Afeganistão 279a
Amazonas 176b
Equador 373a
Malavi 498b
Paquistão 535a
Paraná 194a
Endara Galimary, Guillermo 530b, 531b, 532a
Endeavour 651a
Endocrinologia 728a
Endoscopia 720a
Eneida 708b
Energia 730a(T)
Armênia 299b
Brasil 37b, 38b, 52b
Ceará 179a
Coréia do Norte 353b
Emirados Árabes Unidos 371b
Estônia 384b
Vietnã 606b
nuclear 700b
Brasil 110a
Enfarte 722b
Engenharia genética 663a
Brasil 664b
Engholm, Björn 286b
Ensino
ver Educação
Epidemia
Brasil 164-165
Epigênese 662a
Epilepsia 722b
EPROM 702b
Equador 371-373, 372b(M), 394(B)
Era do rádio
ver MPB
Era Vargas
ver Vargas, Getúlio

Dornelles
Erasable Programmable Read-Only Memory
ver EPROM
Eritréia 58b, 60a, 373-374, 373b(M), 394(B)
Eroglu, Dervis 345b, 346a
Escala de temperatura
ver Temperatura
Esclerose 725b
Escobar Gaviria, Pablo 263a, 349, 350a
Escócia
ver Grã-Bretanha
Escola
Brasil 157a
ver também Educação
de samba
ver Samba
de teatro
ver Teatro
de Viena 741a
ver também Modernismo
Escorbuto 727a
Escravidão 224a
Brasil 38a, 39b, 85a, 116a
castigos 83a
Mato Grosso do Sul 187a
maus-tratos 83a
Minas Gerais 189a
Paraíba 192a
resistência 83a
ver também Abolição da escravatura, Tráfico negreiro
Escritório de Investimento do Kuweit
ver EIK
Escudo 542b
do Cabo Verde 327b
Escultura 670a
Eslavos
Brasil 81b
Eslovaco (língua) 374a, 441b
Eslováquia 55b, 374(M), 374-375, 394(B)
Eslovênia 375-376, 376a(M), 394(B)
Esloveno (língua) 301a, 317a, 358b, 375b, 467b, 492b
Espanha 61, 63a, 67a, 68b, 258a, 377-379, 378(M), 394(B)
Espanhóis
Brasil 81b
Espanhol (língua) 287b, 295b, 310b, 315a, 339b, 347b, 357a, 360a, 368b, 371b, 377a, 379b, 407b, 428b, 435a, 440a, 502b, 507a, 521a, 530b, 535a, 537a, 586a, 597a, 602b, 612a, 614a, 622b
Espécie em extinção
ver Fauna
Espíndola, Tetê 746b
Espírito Santo 181-182, 181b(M), 387(B)
formação 181a
Esplendor da verdade
ver Splendor veritatis
Esporotricose 728a
Esporte 682-696
Brasil 52b
Esquema PC
ver PC
PP
ver PP
Esquistossomose 162b, 664b, 728a
Estação de trabalho
ver Workstation
ecológica
Brasil 681b
Estações do ano 658b
Estado Novo 102-104
balanço econômico 103b
classes sociais 103b
fim 104a
vida cultural 103-104
Palestino 255a
ver também Palestinos
Estados
Brasil 171-208
Gerais
França 229a
Estados Unidos
ver EUA
Estatal
Brasil 52a, 117b, 142a
ver também Privatização
Estatuto do Índio 82
Esterradiano 730b
Estocolmo 574b
Estônia 383-385, 384a(M), 394(B)
Estoniano (língua) 383b
Estratégia global para a biodiversidade 679a
Estrela 654a, 658b, 659a, 660b
Estrutura geológica
Brasil 72a
Estudantes
ver Alunos, Movimento estudantil
Estúdio cinematográfico 665a
Brasil 668b
ETA 378a, 379b
Ética protestante 226a
Etiópia 385-386, 385b(M), 394(B)
Etologia 661a
EUA 54, 55b, 57a, 58b, 60a, 61b, 63a, 64b, 65-66, 67a, 68b, 70a, 379-383, 381(M), 394(B)
1970-1980 258-259
anos loucos 240a
ascensão 240a
até 1860 232b
crise 240a
expansão 232b
formação 232a
política externa 240b
república 232a
ver também Depressão, Independência
Euê 583b
Europa 54b, 58b, 61b, 63a, 214b, 402(M)a 214b
características físicas 214b
divisão 214b
limites 214b
origem do nome 214b
população 214b
pós-guerra 257-258
renovação política 258a
ver também Unificação européia
European Economic Community
ver CEE
Eutanásia
Holanda 439b
Everest 521a
Evolução da espécie 661a, 663a
Exame
ver Diagnóstico
Exército
Brasil 37b, 52b
Expansão comercial
Europa 84a
territorial
Brasil 87-88, 96a, 98b
cidades 88a
estados 88a
Expedição científica
Brasil 664a
Exploração
Brasil 84b
Exportação
Brasil 147(T)
produtos básicos 147(T)
manufaturados 147(T)
semimanufaturados 147(T)
Expressionismo 641b, 665b, 711b, 758a
Extinção de espécie
ver Fauna

F

Fagundes, Miguel Seabra 40a
Fahd ibn Abd al-Aziz as-Saud 291b
FAI 475a
Fala 705a
Falangistas
Líbano 483b
Falkland
ver Ilhas Falkland
Família lingüística 706-707
real portuguesa
ver Corte portuguesa
Fandango 671b
Fang 328b, 416a, 435a
FAO 636a
Farias, Paulo César
ver PC
Farmacologia 723b, 724a, 725a, 728a
Farö
ver Ilhas Farö
Faroês 621a
Farra do boi 672a
Farrelly, Alexander A. 623a
Fascismo 242a
América Latina 243a
ascensão 242a
Áustria 242b
Bulgária 242b
Espanha 243a
Estado 242a
expansão 242-243
Grécia 242b
Iugoslávia 242b
Lituânia 243a
Portugal 243a
raízes 242a
Romênia 242b
Turquia 243a
al-Fatah 254a
Fauna
Brasil 680b
extinção 393(M), 677b
Fauvismo 641b
Favela
Pernambuco 195a
São Paulo 205b
Faxinal 53a
FD 442b, 443a
FDRPE 386a
FDSN 551b
Febre amarela 725b, 727a
Brasil 162a
puerperal 725b
tifóide 724a
Fecundação 662b
Federação Americana do Trabalho-Congresso das Organizações Industriais
ver AFL-CIO
Feijó, Diogo Antonio 92-93
Felipe II 227a
Fellini, Federico 68a
Fenícios 216a
Fermat (teorema) 716b
Fermentação 663a, 754a
Fernando de Noronha 74b
Ferraz, Raimundo Wall 196
Ferré, Léo 64a
Ferreira, Virgulino
ver Lampião
Fertilização 662b
Festa de Iemanjá 671b
de Reis 671b
do Bonfim 671b
folclórica 671a
junina 671b
Festival (música)
Brasil 745b
Feudalismo 221a
fase áurea 221a
sociedade 221a
FGTS 39b, 44b
Ficção científica 713a
Fiel Filho, Manuel 110b
Figueiredo, João Batista de Oliveira
biografia 127
economia 111
governo 110-111
justiça 110b
medidas 110b
Fiji 386b, 394(B), 407, 407a(M)
Fijiano (língua) 386b
Filipinas 55b, 66a, 267b, 394(B), 407-409, 408(M)
Filipino (língua) 407b
Filme falado 665b
Fínico (grupo lingüístico) 706b
Finlandês (língua) 409b, 574b
Finlândia 394(B), 409-411, 410b(M)
Finnbogadottir, Vigdis 461b
Física 697-700
antiguidade 698b
atuação 698a
pesquisa 700b
cronologia Brasil 700b
cronologia geral 698b
cursos 700b
desafios 698a
desenvolvimento 697a
disciplinas 697b
idade contemporânea 699a
idade moderna 699a
estudos 698b
atômica 698a, 699b
da matéria condensada 698a
das partículas elementares 698a, 699b
das radiações 698a
de polímeros 698a
do estado sólido 698a

do universo infinitesimal 698b
dos materiais 699a, 700a
dos plasmas 698a
eletrônica 699a, 700a
molecular 698a
nuclear 698a, 699b
Físico-química 751b
Fisiologia 661a, 663b, 725b
Fitoterapia 720b
Flamengo (língua) 309a
FLE/OU 374a
Fleury Filho, Luiz Antônio 205a, 206
Flora
Brasil 680b
Floresta nacional
Brasil 681b
Florianópolis 203-204
Florim 438b
das Antilhas Holandesas 613b
de Aruba 613a
do Suriname 578a
Flosse, Gaston 628b
Fluxo magnético 730a(T)
FM 734a
FMI 635-636
Angola 290a
Bangladesh 306b
Barbados 308a
Brasil 140a
Bulgária 323a
Cazaquistão 337a
Eslováquia 375b
Grã-Bretanha 424a
Laos 479b
Lesoto 481a
Letônia 482b
Mauritânia 506b
Micronésia 512a
Moçambique 513b
Moldávia 515a
Nigéria 525b
Paquistão 535a
Quênia 544b
Quirguízia 545b
República Centro-Africana 547b
República Dominicana 548a
Romênia 551b
Rússia 555b
São Tomé e Príncipe 561a
Serra Leoa 564b, 565a
Sudão 574a
Suécia 576a
Tanzânia 583a
Zâmbia 610a
Zimbábue 611b
FMLN 369, 370a
FNB 320a
FND 433
Fnom Penh 330b
Folclore
Brasil 670-673
Folguedo 672a
Fome
Angola 289a
Brasil 37b, 38a, 39a, 42, 47b, 129b
Piauí 196
Rio Grande do Norte 199a
Sudão 574
Zimbábue 611b
Fomvihan, Kaysone 479b
Fon 312a
Fongafale 592a
Fonseca, Edivaldo Martins 35a
Fonseca, Hermes Rodrigues da
biografia 121a
governo 100
Fonseca, Juvêncio César da 187a
Fonseca, Manuel Deodoro da
biografia 119b
governo 98a
Food and Agriculture Organization
ver FAO
Força 730b(T)
Ford, Gerald 258b
Forint 442a
Forma de governo
Brasil 129a
Formosa 269a, 394(B), 411-412, 411b(M)
Fórmula 1 684a
campeões 684b
classificação da temporada/93 684b
construtores 684b
pilotos 684b
Formula Translation System
ver Fortran
Fort-de-France 625a
Fortaleza 178
Fortran 702b
Fórum de Investimento
Nepal 520b
do Pacífico Sul
ver SPE
Nacional Democrático
ver FND
Fosfato
Nauru 519
Fóssil 664b
Fournier, Hubert 630a
FPLE 373b
Fragoso, Augusto Tarso 122b
Frame 702b
França 57a, 58b, 61b, 66a, 67a, 68b, 70a, 258a, 394(B), 412-416, 414(M)
França, Francisco Eriberto Freire 116b
Franca, Francisco Xavier Monteiro de 191b
Francês (dialeto) 425b
Francês (língua) 287b, 293a, 309a, 312a, 323a, 324b, 328b, 332b, 337a, 350b, 355b, 364a, 366b, 412b, 416a, 432a, 436a, 445a, 478b, 482b, 491a, 494a, 500a, 502b, 505b, 515a, 523a, 524a, 546a, 552a, 562b, 565b, 576b, 578a, 583b, 586a, 587b, 600b, 601b, 607a, 615b, 616b, 620a, 623b, 625a, 625b, 627a, 628b
Franco belga (moeda) 309b, 491b, 492
CFA 312b, 323b, 329a, 337b, 350b, 355b, 416b, 432b, 435b, 500b, 523a, 546b, 563a
comorense 445b
de Ruanda 552a
do Burundi 325a
do Djibuti 364a
do Pacífico 624a, 627b, 628b
francês 287b, 413a, 515b, 615b, 617a, 625b, 626a, 630a, 631a
luxemburguês 491b
suíço 489a, 576b
Franco, Itamar Augusto Cautiero 53b, 71a
biografia 128b
estilo 119a
governo 118-119
relações exteriores 119a
Francos 220b
Fratura 722b
Free-Dom
Reunião 630b
Freehand 702b
Freetown 564a
Freeware 702b
Frei, Eduardo 339b
Freire, Roberto 53b, 118b
Freitas Neto, Antônio de Almeida 195b
Frente de Ação Islâmica
ver FAI
de Libertação da Eritréia/Organização Unida FLE/OU
de Salvação Nacional
ver FSN
de trabalho
Brasil 39b, 44b
Ceará 179a
Piauí 196a
Rio Grande do Norte 199a
Sergipe 207a
Democrática de Salvação Nacional
ver FDSN
Democrática Revolucionária do Povo Etíope
ver FDRPE
Farabundo Martí de Libertação Nacional
ver FMLN
Nacional da Botsuana
ver FNB
para a Reconstrução da Unidade e da Democracia
ver FRUD
Popular de Libertação da Eritréia
ver FPLE
Tâmil Unificada
ver FTU
Freqüência 730a(T)
Modulada
ver FM
muito alta
ver VHF
superalta
ver SHF
ultra-alta
ver UHF
Frígio 706a
Front end 702b
Fronteira
Iêmen 445a
Kuweit 478a
Namíbia 518b
FRUD 364b, 365a
FSLN 521-522
FSN 551a
FTU 570b, 571a
Fujimori, Alberto 260a, 537a, 538, 539a
Fulani 312a, 417b, 523a, 524a
Fulfulde 500a
Fuma, Panya Suvanna 479b
Fuma, Suvana 479a
Fumsavanh, Nuhak 478b, 479b
Funai 41a, 47b
Funcionalismo público
Brasil 44b, 51b, 53b
Fundação Nacional do Índio
ver Funai
Fundamentalismo
Argélia 293b, 294a
Armênia 299b
Egito 368a
Iêmen 444b, 445a
Índia 451b
Jordânia 475
Rússia 555b
Tadjiquistão 580a
Tailândia 582a
Tanzânia 583a
Tunísia 588a
Turquia 591
Uzbequistão 600a
Fundo das Nações Unidas para a Infância e a Adolescência
ver UNICEF
de Garantia do Tempo de Serviço
ver FGTS
de pensões 53b
Internacional para o Desenvolvimento Agrícola
ver IFAD
Monetário Internacional
ver FMI
Mundial para a Natureza
ver WWF
Fungicida
ver Agrotóxico
Fungo 661a
Furacão
Ilhas Marshall 447b
Fusão nuclear controlada 698b
Fuso horário 660b
Futebol 686-691
América do Sul 690a
Brasil 44-45, 51b, 686b, 690-691
entidades internacionais 686b
Europa 689-690
mundial de interclubes 689a
mundial de juniores 689a
Futurismo 641b, 711b, 758a

G

Gabão 394(B), 416-417, 416b(M)
Gabinete parlamentarista
Brasil 125
Gaborone 319a
Gaélico 422a
Galáxia 653b, 659b, 660b
Galego377a
Galvão, Paulo Ayrosa 53b
Gâmbia 394(B), 417-418, 418(M)
Gana 394(B), 418-420, 419b(M)
Gandhi, Indira 450b
Gapiysi, Emmanuel 553a
Garapan 622a
García Meza, Luís 316b
Garcia, Hélio 188a
Garífuna 310b
Garimpo 47b
Amazonas 176
Pará 190b
Rondônia 201b, 202a
Roraima 202b, 203a

Garrafa 731a
Gás 38b, 755a
  nobre 752b
GATT 635a
Gaulle, Charles de 413b
Gaviria Trujillo, César 348a, 349b
Gayum, Maumum Abdul 499a, 500a
Geisel, Ernesto
  biografia 127a
  economia 110a
  governo 109-110
  justiça 119-110
  relações exteriores 110a
Gemini 648b
General Agreement Tarifs and Trade
  ver GATT
Genética 661a, 663b, 723, 725b
  Brasil 664b
Gengis Cã 516b
Genocídio
  Camboja 331a, 332a
Genoma (projeto) 663b
Genro, Tarso 200a
Genscher, Hans-Dietrich 286a
Geografia
  Brasil 72-76
  mundo 209-214
  ver também por país
Geometria 717, 718a
George Town 619a
Georgetown 430b
Geórgia 54b, 60a, 63a, 66a, 67a, 70a, 394(B), 420-422, 421b(M)
Geórgia e Sandwich do Sul
  ver Ilhas Geórgia e Sandwich do Sul
Georgiano (língua) 420a
Germânico (grupo lingüístico) 706a
Getulina 51
Gheghi 282b
Gibi
  ver Quadrinhos
Gibraltar 614, 614a
Giorgi, Bruno 48a
Glândula 724a, 725b
Glásnost 271b, 554b
Glígovov, Kiro 492b
Go Chok Tong 346b, 347b
Godmanis, Ivars 481b
Goiânia 182
Goiás 182-183, 183a(M), 387(B)
  formação 182b
Golan (colinas) 567
Golding, William 62b
Golpe
  Brasil 94a, 102b, 106b
  Burundi 325
  Chade 338a
  Chile 340a, 341a
  Filipinas 409a
  Gana 419b
  Guatemala 430a
  Guiné-Bissau 434b
  Honduras 441a
  Ilhas Comores 446a
  Letônia 482b
  Maldivas 499a, 500a
  Níger 524a
  Nigéria 525a
  Panamá 531b
  Peru 260a, 538a, 538b
  Rússia 555a
  São Tomé e Príncipe 561a
  Serra Leoa 564b, 565
  Síria 567a
  Somália 568b
  Sudão 573b, 574a
  Suriname 579a
  Tailândia 581a
  Togo 584a, 585a
  URSS 272a
  Venezuela 603b, 604b
  Zâmbia 609b
do 18 de Brumário 230a
Gomes, Ciro Ferreira 178b, 179a
Gomes, Venceslau Brás Pereira
  biografia 120b
  governo 100b
Göncz, Árpád 442a
Gonzaga, Luís 744b
González Márquez, Felipe 377a, 379a
González Márquez, Pedro Miguel 614a
Gorbatchóv, Mikhail 272a, 554b, 555a
Gorbúnovs, Anatólijs 481b, 482b
Gordon, Elmira Minita 311a
Gore, Michael E. J. 619b
Gori, Mario Cecchi 69a
Goulart, João Belchior Marques
  biografia 125
  deposição 106
  governo 106
Gourde 436b
Governadores
  Brasil 114-115, 131a
Governadores-gerais
  Brasil 86a
Governo
  ver por país
  geral
    Brasil 85-86
    divisão 86a
    dominação espanhola 86a
    órgãos 85b
Grã-Bretanha 60a, 63a, 64b, 66a, 67a, 68b, 70a, 394(B), 422-425, 423(M)
Granada 394(B), 425-426, 426a(M)
Grande Otelo 51b
Grande sertão: veredas 714b
Grando, Sérgio 204a
Granger, Stewart 65b
Gravitação 698a
Greca, Rafael 193a
Grécia 67a, 258a, 394(B), 426-428, 428(M)
Greenpeace 638b
  Nova Zelândia 528b
  ver também ONGs
Grego (grupo lingüístico) 706a
Grego (língua) 345a, 426b, 465a
Gregos 217a
Greve
  Alagoas 173b
  Alemanha 285b, 286a
  Argentina 297a
  Benin 313
  Brasil 40b, 42a, 43, 106a, 110a, 111a, 113a, 115b
  Bulgária 322b
  Chade 338b
  Coréia do Sul 354b
  Costa do Marfim 356b
  Croácia 360a
  Equador 372b
  Fiji 497b
  França 416a
  Grécia 427b, 428b
  Guiana Francesa 617a
  Honduras 441a
  Itália 466b
  Iugoslávia 468a
  Madagascar 495b
  Marrocos 503b, 504a
  Martinica 625b
  Nicarágua 522b
  Nigéria 525b, 526a
  Paraná 193
  Peru 538a
  Piauí 196b
  Polônia 540b, 541a
  Quênia 544b
  República Centro-Africana 547a
  República Dominicana 548a
  Reunião 630a
  Romênia 551a
  Santa Catarina 204a
  São Cristóvão e Névis 559b
  São Paulo 205b
  Togo 584
  Turquia 591, 592a
  Uruguai 598
  Zaire 608
  Zimbábue 611b
Grey, Wilson 50a
Gripe espanhola 728a
Groenlandês (língua) 615a
Groenlândia 615
Grünewald, Augusto Hamann Rademaker 126b
Grupo de Visehrád 376b
Guadalupe 615-616
Guaja 37b
Guajajara 37b
Guam 616
Guarani (língua) 535a
Guarani (moeda) 535b
Guatemala 60a, 61b, 394(B), 428-430, 429b(M)
Guedes, José Vieira 201b
Gueiros, Hélio 190a
Guerra 762a, 763a
  Chade-Líbia 264b
    dependência 265a
    desagregação 265a
  Cisplatina 92a
  civil 483b. 484b
    Angola 289, 290a
    Bósnia-Herzegóvina 275a
    Iugoslávia 274b
    Líbano 255b, 483b, 484b
    Libéria 486b
    Nicarágua 522a
    Somália 265a
    Uruguai 597b
  Civil Espanhola 244a
  crônica 256a
  da Coréia 246a
  da Secessão 232b
  das Duas Rosas 222a
  das Malvinas 262b
  de 1948-1949
    Arábia/Israel 255a
  de 1956
    Arábia/Israel 255a
  de Canudos 98b
  do Camboja 252-253
  do Chaco 244b
  do Contestado 100a
  do Golfo 276-277
    Barein 309a
    Curdistão 277a
    Djibuti 365a
    Irã 277a
    Iraque 458b
    Israel 463b
    Jordânia 475b
    Paquistão 534b
    Síria 277a
  do Líbano 255-257
  do Paraguai 94-95
  do Vietnã 252b
  do Yom Kippur 255b
  dos Bálcãs 237b
  dos Bôeres 236b
  dos Campos 484a
  dos Emboabas 89a
  dos Farrapos 93b
  dos Mascates 89a
  dos Seis Dias 255b
  dos Sete Anos 227b
  dos Trinta Anos 227b
  Fria 246a
    EUA 246a
  Irã-Iraque 257b
  Mundial I 238-239
    Brasil 100b
  Mundial II 245-246
    Alemanha 245b
    Brasil 103
    Japão 245b
  Platina 94b
Guerra, João Baptista Cordeiro 43a
Guerra, Stella 628a
Guerrero, Lorenzo (Larry) I. de León 622a
Guerrilha
  Afeganistão 266-267
  Araguaia 36b, 49b
  Argélia 294b
  Chade 339a
  Colômbia 349a, 350a
  El Salvador 261, 369a
  Guatemala 430
  Papua Nova Guiné 533b
Guiana 394(B), 430-432, 431b(M)
Guiana Francesa 616-617
Guimarães, Ulysses 118-119
Guiné 394(B), 432-433, 433a(M)
Guiné Equatorial 394(B), 435-436, 435b(M)
Guiné-Bissau 394(B), 433-435, 434b(M)
Gujarati 449b
Gur 707a
Gúseinov, Surét 303a
Gustafsson, Henrik 619a
Guzmán, Abimael 260a, 538b, 539b

H

Habeas-corpus 130b
Habeas-data 130b
Habiarimana, Juvenal 552a, 553a
Habitação
  Brasil 34b, 52-53
  Piauí 196b
  São Paulo 52b
Habrê, Hissene 264b
Haia 438b
Haiti 61b, 63a, 64b, 67, 394(B), 436-438, 437b(M)
Haldeman, Robert 69b
Hamadu, Barkad Gurad 364a, 364b
Hamilton 613b
Hani, Chris 59b, 282a

Hanói 605a
Hans-Adam II 489
Hanseníase 1992 162a(T)
Brasil 161-162
ver também Lepra
Harald V 526a
Harare 610a
Hard-disk
ver Disco rígido
Hardware 702b
Hariri, Rafik 257a, 483a, 484b
Hartung, Paulo 181b
Hassan II 502b, 504a
Hassanali, Nur Mohamed 586b
Hau Pei-tsu 412a
Haussá 523a, 524a
Hava 494a
Havana 360a
Havel, Václav 548b, 549b
Hawke, Robert 300b
Hayden, William George 300a
HDT 735a
Hebreu (língua) 462b
Hebreus 216a
Hekmatyar, Gulbuddin 278a, 279a
Helênico (grupo lingüístico)
ver Grego (grupo lingüístico)
Helenização 219b
Heleno-arsácidas 216b
Helsinque 409b
Henry, Geoffrei A 620a
Henry, Yves 631a
Hepatite 722b, 725b
Hepburn, Audrey 55a
Herbicida
ver Agrotóxico
Herzog, Chaim 462b
Herzog, Vladimir 110a
Hezbolás
Líbano 483b, 484
Hidrografia
Brasil 73-74
Hidroterapia 725b
High Definition Television
ver HDT
High end 702b
Hill, Anita 381a
Himalaia 521a
Hindi 386b, 430b, 449b, 504a, 586a
Hinds, Sam 431a
Hindustani 578a
Hiper-realismo 642b
Hiperinflação 152a
Hipertensão arterial 722b
Hipertexto 702b
Hipertireoidismo 722b
Hipnose 725b
Hirohito 471b
Histologia 661a
História
Brasil 84-128, 387(B)
geral 215-277
ver também por país
História em quadrinhos
ver Quadrinhos
Hitler, Adolf 243b
HIV 167a
ver também AIDS
Hnatyshyn, Ramon 332b
Holanda 56a, 394(B), 438-440, 439b(M)
Holandês (língua) 309a, 438b, 578a, 612a
Holst, Johan Jörgen 527a
Homeopatia 720b, 725b, 728a
Homo erectus 215a
sapiens 215a
Homossexualismo
EUA 382a
Honduras 68b, 394(B), 440-441, 441(M)
Hong Kong 269b, 617-618
Honiara 448a
Hoole, Alan 632a
Hormônio 725b
Hosokawa, Marihoro 471a, 473
Houphouët-Boigny, Félix 70b, 356b
Hova 494a
Hrauí, Elias 483a
Hryvnia 593b, 595a
Huang In-Sung 353b, 355a
Hubble 657b, 659b
Hugo (furacão) 616a, 629b
Humberto, Cláudio 37b
Húngaro (língua) 374a, 441b, 550a
Húngaros
Brasil 81b
Eslováquia 375
Hungria 70a, 250a, 394(B), 441-443, 442(M)
Hunt, James 62b
Hussein ibn Talal 474, 475
Hussein, Saddam 254b, 457a, 458b

IAEA 635b
Ianomâmis 34b, 36a, 45-46, 47b, 49a, 202b
Iara 671a
Iaundê 328b
Iban 495b
IBF 37a
Ibo 435a
Ibrahim, Ilyas 500a
IBRD
ver BIRD
ICAO 636a
ICMS
arrecadação 141(T)
Icterícia 728a
IDA 635b
Idade Contemporânea 228-277
Média 219-222
decadência 221b
Europa 220b
idade da fé 222a
Moderna 222-228
era das luzes 228a
Identificação genética 663b
ver também Código genético
Ideologia social
ver Pensamento social
Idosos
Brasil 170b
Iéltsin, Borís 271b, 553b, 554a, 555
Iêmen 58b, 394(M), 443-445, 444a(M)
Iêmen do Norte 444a
Iêmen do Sul 444
Iene 471a
Iereván 298a
IFAD 635b
IFC 635b
Ifugao 407b
Igraham, Hubert Alexander 304b, 305a
Igreja Católica
Brasil 87
combate às heresias 222a
escolas 87b
hegemonia cultural 222a
Ilha de Man 618
Ilha Norfolk 618b
Ilha oceânica
Brasil 74b
Ilha Wake 618-619
Ilhas Aland 619a
Ilhas Cayman 619
Ilhas Comores 394(B), 445-446, 446a(M)
Ilhas Cook 619-620
Ilhas do Canal 620
Ilhas Falkland 620-621
Ilhas Faröe 621
Ilhas Geórgia e Sandwich do Sul 621-622
Ilhas Marianas do Norte 622a
Ilhas Marshall 394(B), 446-447, 447(M)
Ilhas Salomão 394(B), 448(M), 448-449
Ilhas Turks e Caicos 622b
Ilhas Virgens Americanas 622-623
Ilhas Virgens Britânicas 623
Ilhas Wallis e Futuna 623-624
Ilíada 708b
Iliescu, Ion 550b
Ilírio 706a
ILO
ver OIT
Iloco 407b
Iluminismo 228a
Imagem dentro de imagem
ver PIP
por ressonância magnética
ver IRM
IMF
ver FMI
Imigração
Alemanha 286b
Áustria 302a
Brasil 81, 85a, 95b, 97b
Burundi 325b
crescimento populacional 81a
Gabão 417a
Guam 616b
Israel 463b
Kuweit 477b
Marrocos 504a
Nova Caledônia 627b
Nova Zelândia 529a
correntes 81
IMO 636a
Impeachment
Brasil 34b, 118
Rússia 555b
Imperialismo
Ásia 235b
China 235b
estado militarista 251b
EUA 233a, 251-252
Índia 235b
política interna 251b
Império 236-238
América Central 238b
América Latina 237b
Argentina 238a
Brasil 91-97, 387(B)
Chile 238a
França 236b
Grã-Bretanha 236b
México 237b
Paraguai 238a
região do Pacífico 238a
região do Prata 238a
Uruguai 238a
Bizantino 219-220
napoleônico 230b
ver também Bonaparte, Napoleão, Código Napoleônico
Otomano 220a, 225a, 236a
crise 236a
fim da expansão 225a
Importação
bens de capital 148(T)
bens de consumo 148(T)
Brasil 35b, 148(T)
combustíveis 148(T)
matérias-primas 148(T)
ver também Setor externo
Imposto
Austrália 301a
Bangladesh 306b
Brasil 42a, 50b, 115a
Ceará 179a
Dinamarca 363-364
Emirados Árabes Unidos 371b
EUA 382a
França 415b
Grã-Bretanha 424a
Minas Gerais 188b
São Paulo 206a
Tocantins 208b
Vietnã 606b
Provisório sobre Movimentações Financeiras
ver IPMF
sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
ver ICMS
sobre Produtos Industrializados
ver IPI
Imprensa 735b, 736b, 737a
escrita 732a
Impressão digital 663b
Impressionismo 740b
ver também Realismo
Impulso nervoso 663b
Imunologia 661a
INAMPS 38b, 44a
Incas 219b
ver também Pré-incaicos
Incêndio
Minas Gerais 189a
Inconfidência Mineira 89-90
conspiradores 89b
devassa 89-90
Independência 232a
Acre 99b
Armênia 299a
Bósnia 318a
Brasil 91a, 92a
Brunei 321a
Croácia 318a
Djibuti 364b
Eritréia 373-374, 386b
Eslovênia 376
Estônia 384b
EUA 228a
Haiti 231a
Indonésia 453a
Letônia 482a
Lituânia 490b
Ossétia do Sul 421
período nacional 232a
Portugal 88b, 227a
Quirguízia 545b
repúblicas latino-americanas 232a
Turcomênia 590a
Ucrânia 594b

Zimbábue 611a
ver também Descolonização
Índia 56a, 57a, 60a, 66a, 67b, 268a, 394(B), 449-452, 451(M)
Indianos 217-218
dominação estrangeira 217b
expansão 217b
Indicador econômico
Brasil 138(T), 139
Indígenas
Amapá 175a
Brasil 34b, 36a, 37b, 40b, 42a, 43b, 45-46, 47b, 49a, 53a, 81-82, 116a
Equador 373a
Guatemala 430a
Mato Grosso 186a
Mato Grosso do Sul 187a
Pará 190b
população 82a
Sergipe 207b
ver também Estatuto do Índio
Indo-européia (família lingüística) 706a
Indo-irânico (grupo lingüístico) 706a
Indonésia 57b, 394(B), 452-454, 453(M)
Indonésio (grupo lingüístico) 706b
Indonésio (língua) 452a, 624a
Indução magnética 730a(T)
Indústria 764
Brasil 97b, 143-144
Iugoslávia 469a
Minas Gerais 188b
Omã 530a
produção 143(T)
reorientação 143
São Paulo 144a(T)
automobilística
ver Montadora de automóvel
Brasileira de Formulários
ver IBF
naval
Brasil 41b
pesqueira
Ilhas Falkland 621a
Ilhas Marshall 447b
Kiribati 476b
Saint-Pierre e Miquelon 631b
siderúrgica
ver Siderurgia
têxtil
Bangladesh 306b
Indutância 730a(T)
Infecção hospitalar
Brasil 169b
Infidelidade partidária 135-136
Inflação 152a
Albânia 284a
Argentina 297a
Áustria 302b
Bolívia 316b
Brasil 40a, 140(T)
Bulgária 323a
Camboja 332b
Cazaquistão 337a
China 344-345
Croácia 360a
Filipinas 409b
Grécia 427b, 428b
Hungria 442b
Iêmen 444b
Indonésia 454a
Irã 456b
Iugoslávia 469a
Jamaica 470b
Laos 479b
Líbano 484b
Malásia 497a
México 508b, 509a
Nicarágua 522b
Nigéria 525b
Peru 538a, 539
Portugal 543a
República Tcheca 549b
Rússia 555b
Ucrânia 595a
Uruguai 598b
Vietnã 606b
Informática 701-704
Brasil 52, 701-702
cronologia Brasil 704b
cronologia geral 703-704
desenvolvimento 701a
empresas 704b
glossário 702a
idade contemporânea 703b
lançamentos 704b
legislação 704b
organizações 704b
pesquisas 701b, 704
segurança 704b
tendências 701a
teoria 704b
Inglaterra
ver Grã-Bretanha
Inglês (dialeto) 290a
Inglês (língua) 279b, 290a, 299b, 304a, 307a, 308a, 310b, 319a, 320b, 328b, 332b, 334b, 346b, 365a, 366b, 370b, 379b, 385a, 386b, 407b, 417b, 418b, 422a, 425b, 430b, 435a, 446b, 448a, 449b, 459a, 469b, 475a, 476b, 479b, 480a, 485a, 487a, 495b, 497a, 501b, 504a, 511a, 515a, 517b, 518b, 521a, 528a, 529a, 532a, 533b, 543b, 556a, 558a, 559a, 561b, 564a, 565b, 568a, 570a, 571b, 573a, 578a, 582a, 585a, 586a, 592a, 595a, 600b, 608b, 610a, 612a, 613b, 614a, 616a, 617a, 618a, 618b, 619a, 619b, 620a, 620b, 621b, 622, 623a, 624b, 626, 628a, 629a
Ink jet 702b
Inkatha 282a
Inquisição 222a
Inseminação artificial 662b
Inseticida
ver Agrotóxico
Instituição filantrópica
Brasil 44a
Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social
ver INAMPS
Intensidade energética 730a(T)
luminosa 730a(T)
Intentona Comunista 102b
Inter-American Development Bank
ver BID
Intercâmbio eletrônico de dado
ver EDI
Interface 703a
Internação hospitalar
Brasil 162b
Internacional I (1864) 234b
Internacional II (1889) 234b
International Atomic Energy Agency
ver IAEA
Bank for Reconstruction and Development
ver BIRD
Civil Aviation Organization
ver ICAO
Development Association
ver IDA
Finance Corporation
ver IFC
Fund for Agricultural Development
ver IFAD
Labor Organization
ver OIT
Maritime Organization
ver IMO
Monetary Fund
ver FMI
Telecomunication Union
ver ITU
Interpol 638b
Intervencionismo 233a
Intifada 254b
Invasão territorial
Brasil 88
Invenção 231a, 761b
ver também Descoberta
Iombi-Opango, Joachim 350b, 351b
Ion 753a
Iorubá 312a
IPI 50b
IPMF 35b, 37a, 43b, 45b, 47a, 52b
Irã 56a, 61b, 394(B), 454-457, 456(M)
IRA- 423b, 424a, 425a, 461a
Irã-contras 259b
Iraque 54b, 61-62, 63a, 64b, 394(B), 457-459, 458a(M)
Irian Barat (Ocidental) 624a
Irlanda 54b, 394(B), 459-461, 460a(M)
Irlandês (língua) 459a
IRM 720a
Isamaa 384b
Islã 220a, 225a
Islamabad 533b
Islandês (língua) 461b
Islândia 394(B), 461-462, 462a(M)
Israel 57b, 63a, 364a(M), 394(B), 462-465
Israel (caso) 206a
Issa (dialeto) 364a
Issas
Djibuti 364b
Issufu, Mahamadu 523a, 524a
Itália 54b, 56a, 57b, 58-59, 60, 62a, 63a, 64b, 66a, 67b, 68b, 70a, 395(B), 465-467, 466(M)
Italiano (língua) 465a, 487a, 501b, 515a, 557a, 568a, 576b, 601b
Italianos
Brasil 81b
Itálico (grupo lingüístico) 706a
ITU 636b
Iuan 342b
Iugoslávia 56a, 59a, 60b, 70a, 249b, 395(B), 467-469, 468a(M), 724b
Izetbegović, Alija 317a

J

Jacarta 452a
Jack, David 561b
Jacobs, Wilfred Ebenezer 290b
Jagan, Cheddi B. 431a, 432a
Jaime II 226b
Jamaica 57b, 395(B), 469-470, 470a(M)
James, Stanislau A. 558a, 559a
Jamestown 632a
Jango
ver Goulart, João Belchior Marques
Japão 57b, 62a, 63, 64b, 70a, 235b, 241b, 268b, 395(B), 470-473, 472(M)
crise política 236a
diplomacia 236a
era Meiji 236a
era Taishô 236a
expansionismo 236a
pressões ocidentais 236a
Japonês (grupo lingüístico) 706b
Japonês (língua) 470b, 616a
Japoneses 218b
Brasil 81b
era Muromachi 218b
era Tokugaua 218b
era Yoritomo 218b
Jasray, Puntsagiyn 516b, 517a
Jau, Michel 628b
Jauara, Dauda Kairaba 417b, 418
Javanês (língua) 452a, 578a
Jayapura 624a
Jefferson, Thomas 228a
Jéliev, Jéliu 321b
Jelinčić, Zmago 376b
Jerusalém 462b
Jessé 38a
Jesuítas
Brasil 87b
Jiang Zemin 342b
Jidá 291a
JK
ver Kubitschek de Oliveira, Juscelino
João Paulo II 59a, 602
João Pessoa 191
Jogo do bicho 40b, 42a, 47b, 50b, 198a
Santa Catarina 204b
Jogos Olímpicos 695-696
medalhas 695a(T), 696a(T)
Pan-americanos 696b
medalhas 696(T)
Johansen, Lars Emil 615a
John, Stanley 562b
Johnson, Lindon 252a
doutrina 252a
Johnson, Prince 264b, 486a
Jonathan, Leabua 480b
Jones, Laurence 618a
Jordânia 68b, 395(B), 473-475, 474b(M)
Jornal 732a
Brasil 732a
diário 732a
mundo 732a
tiragem 732a(T)
Jovem Guarda 746a

Jovens Turcos 237b
Juan Carlos 377a
Juárez, Benito 237b
Jucá, Teresa 202b
Judeus
  Israel 463a
Jugnauth, Anirud 504b, 505b
Juízes
  Brasil 133b
Junta de Conciliação e Julgamento 134b
  militar
    Brasil 101b, 108a, 122b, 126b
Júpiter 656a
Juros
  Brasil 139-140
Justiça
  Albânia 283b
  Argélia 294-295, 295, 295
  Brasil 34b, 35-36, 37b, 39a, 40b, 45b, 47b, 49a, 50b, 53a
  Mato Grosso do Sul 187a
  do Trabalho
    Brasil 134b
  Eleitoral
    Brasil 134b
  Estadual
    Brasil 134-135
  Federal
    Brasil 134b
  Militar
    Brasil 108b, 134b

K

Kabriê 583b
Kabua, Amata 447a
Kadafi, Muamar 487, 488
Kafi, Ali 293a, 294, 295a
Kam-tai 706b
Kanemaru, Shin 472
Kang Song San 352a, 353
Karadžić, Radovan 318b
Kárbovanets 593b
Karímov, Islam A. 599a, 600a
Katharevússa 426b
Katmandu 519b
Keating, Paul 300
Kébich, Vyacheslau F. 314a
Kennedy, John Fitzgerald 251b
Kerning 703a
Kerr, Alan Gardner 618b
al-Khafadjii, Ali Hussein 478a
al-Khalifa, Issa ben Sulman 308a, 309a
al-Khalifa, Khalifa ben Sulman 308a
Khan, Gulam Ishaq 535a
Khmer
  Camboja 331, 332
  fim 253a
  resistência 267b
Khmer (língua) 330b
Khoin 707a
Khomeini, Ruholá 455, 456b
Kiev 593a
Kikongo 607a
Kiluba 607a
Kim Il-Sung 352a, 353
Kim Jong-Il 352a, 353
Kim Young-Sam 353b, 354b, 355a
Kimbundu 288b
Kina 532b
King, Martin Luther 252a
Kingston 469b, 618b
Kingstown 561b
Kinshasa 607a
Kip novo 478b
Kiribati 395(B), 475-476, 476a
i-Kiribati 475a
Kisuahili (dialeto) 607a
Kisuahili (língua) 552a
Klaus, Václav 548b, 549b
Kleinübing, Pedro 203b
Klerides, Glafkos 345b, 346a
de Klerk, Frederik Willem 280, 281, 282b
Klestil, Thomas 301b
Knigi, Sylvie 324b, 325b
Koffigoh, Joseph Koku 583b, 584b
Kohl, Helmut 284b, 285b
Koivisto, Mauno 409b
Kolingbá, André 547a
Kolonia 511a
Koma, Kenneth 320a
Konaré, Alfa Umar 500b, 501
Kontić, Radoje 467b
Koolman, Oliindo 613a
Koresh, David 382a
Koror 628a
Korowi, Wiwa 532b, 533a
Koruna 374b
  tcheca 549a
Kovac, Michal 374b
Krause, Gustavo
  demissão 119a
Krávtchuk, Leonid M. 593b, 594b
Kua 707a
Kubitschek de Oliveira, Juscelino
  biografia 124b
  governo 105
  vida cultural 105b
Kućan, Milan 375b
Kulina 53a
Kuna 358b
Kuomintang 412a
Kureishi, Moin 535a
Kurtzman, Harvey 56b
Kútchma, Leonid 593b, 595a
Kuweit 395(B), 476-478, 477b(M)
Kwasniewski, Aleksander 541a

L

LA 638a
La Paz 315a
La Valeta 501b
Laar, Mart 383b, 384b
Lacalle Herrera, Luís Alberto 597a, 598
Lackuê, Enoch Deran 546a, 547a
Ladino 465a
Lagos
  Brasil 74a
Lahnstein, Anne Enger 527b
Lamborghini, Ferruccio 56b
Lampião 103a
Lamrani, Mohamed Karim 502b
Landsbergis, Vytautas 491a
Lao 478b
Laos 395(B), 478-480, 479a(M)
Lap top 703a
Lapão (grupo lingüístico) 706b
Lapão (língua) 409b, 526a, 574b
Laparoscopia 723a
Lara, Rosalio José Castillo 601b
Lat 481b, 482b
Latim 601b
Lauti, Toalipi 592a
Layne, Tamirat 385a
LDB 40b, 159b
Le Duc Anh 605b
Ledoux, Fernand 66b
Leghari, Faruk Ahmed 534a, 535a
Legislação
  Brasil 35a, 53b, 96a
  Holanda 439a
Légua 731a
Lei Áurea 96b
  Básica
    Hong Kong 617b, 618a
  da Cidadania
    Letônia 482a
  de Diretrizes e Bases da Educação
    ver LDB
  marcial
    Polônia 270b
  Orgânica da Magistratura 110a
Leishmaniose 664b, 728b
Leite, Amocim 181b, 182a
Lek novo 283a
Lekhania, Justin 480b, 481a
Lempira 440b
Leone 564b
Leppin, George Gerea
Dennis 448b
Lepra 726a
  ver também Hanseníase
Lesoto 395(B), 480-481, 480b(M)
Lessa, Ronaldo 172b
Letão (língua) 481a
Letônia 62a, 395(B), 481-482, 482a(M)
Letsie II 480a
Leu 321b, 514a, 550b
Levante de 1848 233b
  de Budapeste 250a
  de Copacabana 101a
  popular
    Brasil 95b
Lewis, Reggie 64a
Lhasa 632b
Li Peng 342b
Li Teng-hui 411a, 412a
Libaneses
  Brasil 81b
Líbano 64a, 254a, 395(B), 482-485, 484a(M)
Liberalismo 231a, 234b
Libéria 62a, 264a, 395(B), 485-487, 486a(M)
Liberia-Peters, P. H. 613b
Líbia 66a, 68b, 395(B), 424-425, 487-488, 487b(M)
Libra cipriota 345b
  das Ilhas Falkland 621a
  de Gibraltar 614b
  de Santa Helena 632a
  egípcia 366b
  esterlina 422b, 618a, 620b
  irlandesa 459b, 460b
  libanesa 483a
  síria 567a
  sudanesa 573a
  turca 345b
Libreville 416a
Liechtenstein 395(B), 488-489, 489a(M)
Lien Chan 411a, 412a
Liga Árabe
  ver LA
Light-pen 703a
Likpai, Chuan 581b, 582a
Lilangeni 572a
Lilongüe 497a
Lima 537a
Lima, Araújo 93a
Lima, Ronaldo José da Cunha 51a, 191, 192a
Limba 564a
Lingala 607a
Língua 705-708
  comum 705a
  padrão 705b
  de Trapo 746b
Linha 731a
Linhares, José
  biografia 123a
  governo 104a
Lira italiana 465a, 557a, 601b
  maltesa 501b
  turca 590b
Lisboa 541b
Lisboa, Ricardo Antonio 192b
Lissuba, Pascal 350b, 351b
Litas 490a, 491a
Literatura 708-715
  antiguidade clássica 708b
  Brasil 713-715
  entreguerras 711b
  época contemporânea 711-713
  era colonial 713a
  era nacional 713b
  idade média 708b
  Roma 708b
  tendências atuais 712a, 715a
  ver também por estilos de época
  de cordel 670
  infanto-juvenil 711a
  oral 670a
Litígio territorial
  Catar-Barein 335
  Emirados Árabes Unidos-Irã 371b
Litoral
  Brasil 74
  meridional 74b
  oriental 74b
  setentrional 74b
Litro 731a
Lituânia 56a, 395(B), 489-491, 490b(M)
Lituano (língua) 489b
Liubliana 375b
Livro eletrônico
  ver EB
Lixo atômico 677a
  Goiás 183b
  tóxico 676-677
Lobby 133a
Lobisomem 671a
Lobo, Luiz 45a
Lomé 583b
Londres 422a
Longyearbyen 632b
Los Pepes 349b, 350a
Loy, Mirna 70b
Lozi 608b
LTTE 571a

Lua 655b, 659
fases 655b
homem na 647a
superfície 655b
Luanda 288b
Luandê 328b
Lubbers, Rudolphus Ruud 438b
Luganda 595a
Lui, Frank F. 627a
Luís XIV 226a
Luís XV 226a
Luminância energética 730a(T)
Lunda 608b
Luo 543b
Lusaca 608b
Lutali, A. P. 631b
Luvale 608b
Luxemburgo 395(B), 491-492, 492a(M)
Luxemburgo (capital) 491a
Luxemburguês (língua) 491a
Luz, Carlos Coimbra
biografia 124a
governo 105a

M

Macapá 173b, 174a
Macarthismo 246a
Macau 624-625, 624b
Macedo, Edir 34b
Macedo, Joaquim Manuel de 713b
Macedônia 59a, 70a, 395(B), 492-493, 493a(M)
Macedônio (língua) 317a, 321b, 358b, 375b, 467b, 492b
Maceió 172
Machado, Íris Rezende 182b
Maçonaria
Brasil 96b
Macrobiótica 726a
Madagascar 395(B), 494-495, 494b(M)
Madeira
Brasil 49a
Madjali, Abdul Salam 474a
Madri 377a
Máfia
Brasil 39a, 50b
Itália 466
Magalhães, Antônio Carlos
ver ACM
Magalhães, Romildo 171a, 172a
Magri, Antônio Rogério 47a
Maia (língua) 310b
Maia, César 197a, 198à
Maia, José Agripino 198b
Maias 219a
Mainframe 703a
Maithir 519b
Major, John 422b, 424, 425a
Majuro 446b
al-Maktun, Maktun ben Rashid 371a
Mal de Alzheimer 722b, 726a
de Chagas 162b, 664b, 728b
de Parkinson 722b
do século 710a
Malabo 435a
Malaio 320b, 346b
Malaio bahasa 495b
Malaio-polinésia (família lingüística) 706b
Malaísia 395(B), 495-497, 496(M)
Malária 726a, 728b
Brasil 162b
casos notificados 162b(T)
Pará 191a
Malavi 395(B), 497-498, 498a(M)
Maldivas 395(B), 498-500, 499b(M)
Maldívio (língua) 498b
Malê 498b
Malgaxe 494a
Mali 395(B), 500-501, 501a(M)
Malietoa Tanumafili 556a
Malta 395(B), 501-502, 502a(M)
Maltês (língua) 501b
Maluf, Paulo Salim 35-36, 205a, 206a
Malvinas
ver Ilhas Falkland
Mamaloni, Salomon 448b, 449a
Man
ver Ilha de Man
Managua 521a
Manama 308a
Manat 303a, 590a
Manaus 175
Manchete 39a
Mandado de injunção 130b
de segurança 130b
Brasil 50b, 53a
Mandarim 342a, 346b, 411a
Mandchu-tungúsio (grupo lingüístico) 706b
Mande 706b
Mandela, Nelson 280b, 281a
Mandingo 417b, 432a
Maneaba ni Maungatabu 476b
Maneirismo 709b
Manessier, Alfred 65b
Manguezal 73b, 681a
Manilha 407b
Manning, Patrick 586b, 587a
Maori (língua) 528a, 619b
Maoris
Nova Zelândia 529a
Mapa-mundi
ver Mundo
Maputo 512a
Máquina 763b
Mara, Camisese 386b
Maracatu 672a
Marajás 113b
Maranhão 183-185, 184b(M), 387(B)
formação 184a
Maranhão, Ney 40b, 118a
Marati 449b
Marcha sobre Washington 252a
Marco alemão 284b
finlandês 410a, 619a
Marcos, Ferdinand 408b
Margrethe II 362b
Marianas do Norte
ver Ilhas Marianas do Norte
Marienhamn 619a
Marj-el-Zuhur 485a
Marrocos 62a, 395(B), 502-504, 503(M)
Marshall
ver Ilhas Marshall
Marshall, Thurgood 55a
Marte 656a
homem em 647b
Martim Vaz (ilha) 74b
Martinica 625
Mascate 529a
Maseru 480a
Masire, Keturnile Joni 319a, 320a
Massa 729b, 730(T)
Massacre
África do Sul 281
Brasil 34b, 37b, 40b
Burundi 325
Chade 338b
Colômbia 349a
El Salvador 369a
Israel 463
Polônia 540b, 541b
Praça da Paz Celestial 270a, 343b, 344a
Ruanda 552b, 553a
Sri Lanka 571a
Sudão 574a
Timor 633a
Zâmbia 609b
Mata Atlântica 680-681
dos Cocais 73b
Mata, Lídice da 177a
Mata-Utu 623b
Matemática 715-718
antiguidade 716b
cronologia Brasil 718b
cronologia geral 716b
cursos 718b
desenvolvimento 715b
discussões recentes 716b
entidades 718b
fundamentos 716b, 717b, 718a
Grécia 715b
idade contemporânea 717b
idade média 717a
idade moderna 717a
obras 717, 718b
renascimento europeu 716b
tendências atuais 716b
aplicada 717, 718a
Matéria 730a(T)
Matintapereira 671a
Mato Grosso 185-186, 185b(M), 387(B)
formação 185b
Mato Grosso do Sul 186-187, 187a(M), 387(B)
formação 187a
Maurício 395(B), 504-505, 504b(M)
Mauritânia 395(B), 505-507, 506b(M)
Mauro, Max 181b
Mayotte 625-626
Mazzilli, Pascoal Ranieri
biografia 125a
crise política 105-106
governo 105-106, 106-107, 125b
Mbabane 571b
Mbasogo, Teodoro Obiang Nguema 435a, 436a
Mecânica clássica 697b, 699a
dos fluidos 698a
estatística 697b
quântica 697b, 699b
Meciar, Vladimir 375a
Medici, Emílio Garrastazu
biografia 126-127
economia 108
governo 108-109
grandes obras 108a
Medicina 719-728
antiguidade 723a
cronologia Brasil 727-728
cronologia geral 723-726
desenvolvimento 719b
especializações 719a
idade contemporânea 724-726
idade média 723b
idade moderna 723b
instituições 728a
instrumentos 724a, 726a
legislação 726a, 728b
obras 723b
perspectivas 723
pesquisas 723
regulamentação 723b, 724a
cirúrgica 719a
clínica 719a
do trabalho 719a
esportiva 719a
holística 720b
legal 719a
natural 723b
nuclear 719a
preventiva 719a, 723b
psicossomática 720b
social
ver Medicina preventiva
Médicos 723b
de família 170
Medidas 729-731
Brasil 730-731
desenvolvimento 729a
EUA 730b(T)
Inglaterra 730b(T)
Medos 216b
Medula óssea 728b
Meio ambiente
ver Ecologia
Meio-norte
Brasil 75b
Meios de comunicação 731-738, 762, 764b
Brasil 117b
cronologia Brasil 736b
cronologia geral 735b
desenvolvimento 731b
Eslováquia 375a
idade contemporânea 735b
idade moderna 735b
ver também por país
Meksi, Alexander 283
Melanésio (dialeto) 600b
Melanésio (grupo lingüístico) 706b
Melo, Márcio de Souza e 126b
Memória de acesso
ver RAM
Mende 564a
Mendes, Amazonino 175b
Mendes, Cassiano Gabus 46-47
Mendes, Chico 36a, 37b, 40b, 171b
Menem, Carlos Saúl 262b, 295b, 296b
Mengal, Paul 329b
Meningite 722b, 728b
Brasil 53b, 164a
casos notificados 164a(T)
Menores carentes
Brasil 115
Rio Grande do Sul 200b

Mensuração astronômica 658b
Meo 478b
Merbah, Kasdi 295
Mercado Comum do Cone Sul
ver Mercosul
Mercantilismo 224b
contatos com o Oriente 225a
Mercosul
Brasil 41a, 42b
EUA 383b
Mercúrio (planeta) 655b
Mercury 648
Merenda escolar
Brasil 47b, 117b
Meri, Lennart 383b, 384b
Mesolítico 215b
Mesopotâmicos 216a
Mesozóica (Era) 210(T)
Messiê Limá 43a
Mestre-sala 673a
Mestrinho Medeiros, Gilberto 175b, 176a
Metabolismo 724a
Metal 753a, 754a, 755a
Metalurgia 762b, 763b
Meteoro 656b
Meteorologia 659a
previsão 658b
Metical 512b
México 57b, 60b, 395(B), 507-509, 508(M)
Meyer, Kurt 627a
Mianmá 395(B), 509-511, 510a(M)
Micróbio 662b
Microbiologia 661a
Micronésia 395(B), 511(M), 511-512
MIDI 703a
Migração
Alemanha 285b
Brasil 78-79
Guatemala 430a
Milagre econômico 108a
Militares
Peru 539
Militarismo 229b, 230b
Milosević, Slobodan 275b, 467b
Minas Gerais 187-189, 188b(M), 387(B)
formação 188b
Minimal art
ver Minimalismo
Minimalismo 642b
Minisave 703a
Ministério
Brasil 34b, 37-38, 41a, 42b, 46a, 47b, 49b, 53, 119-128, 131a
Público
Brasil 135a
Ministros de Estado
Brasil 106a, 131a
Minorias
Butão 327a
Hungria 443a
Irã 456a
Letônia 482b
Macedônia 493b
Uzbequistão 600a
Minsk 314a
Mioma 722b
Miracapillo, Vito 36a, 38a
Miranda, Milton 39-40
Missões Observadoras e Corpos de Paz 637a
Mitchell, James F. 561b, 562b
Mitsotákis, Constantin 427b, 428a
Mitterrand, François 287b, 413a, 414a, 415
Miyazawa, Kiichi 472b, 473a
Mobutu Sese Seko Kuku Ngbendu ua za Banga 607b, 608b
Moçambique 266a, 395(B), 512-513, 513a(M)
Moco, Marcolino 288b
Modem 703a
Modernismo 740b, 743a
Brasil 644-645, 714a
caminhos atuais 742a
circuito internacional 741b
década de 40 644b
década de 50 644-645
décadas de 20/30 644a
escolas nacionais 741a
EUA 741b
geração de 22 714b
geração de 30 714b
geração de 45 714b
vanguarda 741b
ver também Escola de Vieria, Pré-modernismo
Mogadíscio 568a
Mohamed, Mahathir 495b, 496b, 497a
Mokhehle, Ntsu 480, 481a
Mol 753a
Moldávia 395(B), 513-515, 514b(M)
Molécula 753a
Mon-Khmer 706b
Mônaco 395(B), 515-516, 515b(M)
Monaco-Ville 515a
Monarquia nacional 221b
Alemanha 221b
França 221b
Inglaterra 221b
Península Ibérica 221b
parlamentar 229a
Monegasco 515a
Monera 661a
Mongol (grupo lingüístico) 706b
Mongol (língua) 342a
Mongólia 395(B), 516(M), 516-517
Mongolkhalkha 516a
Monitor 735a
Monopólio 233a
Monróvia 485a
Montadora de automóvel
Brasil 34a, 35b, 37a, 38b, 45b, 52b
Montanha 209b
Monteiro, Antônio
Mascarenhas 327b, 328a
Monteiro, Luís Sttau 64a
Montevidéu 597a
Montserrat 626
Moraes, Darcy de 206a
Moraes, Marco Antônio de 36b
Moraes, Milton 36b
Morais, Prudente José de
biografia 120a
governo 98-99
Moreira Franco, Wellington 49a
Moreno, Mário
ver Cantinflas
Moroni 445a
Mortalidade infantil
Pernambuco 195a
Moscou 553a
Moshoeshoe II 480b, 481a
Mossi 323a
Motor 763b
Motu 532a
Mouse 703a
Movimento antiditatorial
América Latina 244b
Cuba 244b
El Salvador 244b
México 244b
Nicarágua 244b
ver também Ditadura
de Libertação Nacional
Guatemala 429a
dos Países Não-Alinhados 328b, 330a
estudantil
Brasil 103a
Costa do Marfim 356b
Etiópia 386a
Gabão 417a
Grécia 427b
Líbia 487b
Mali 501a
Portugal 543a
República Centro-Africana 546b
Sri Lanka 571a
Uzbequistão 600a
Venezuela 603b, 604a
Zimbábue 611b
Islâmico Armado 295a
pela Ética na Política 137b
pela Restauração da Democracia
ver MRD
social
Brasil 137b
Socialista Pan-Helênico
ver PASOK
MPB 743-747
criança 747a
era do rádio 745a
gravações 743b
influências 746a
onda carnavalesca 747a
onda internacional 747a
origem 743b
MRD 534b
Msuati III 571b, 572b
MTS 735a
Mubarak, Mohamed Hosni 366b, 368b
Muchopi 512a
Mugabe, Robert Gabriel 610b, 611
Muiri, Ali Hassan 582b
Mula-sem-cabeça 671a
MULLD 486
Mulroney, Brian 334
Multichannel TV Sound
ver MTS
Multimídia 703a
Multipartidarismo
ver Pluripartidarismo
Munda 706b
Mundial de interclubes
ver Futebol
de juniores
ver Futebol
Mundo 209-638, 396(M)
Alemanha 275-276
EUA 276a
transição 275-277
Municípios
Brasil 79b
Munim, Attaher Abdul 524a
Muniz, Luiz Gonzaga Paiva 43a
Muro de Berlim
queda 274b
Museveni, Iueri Kaguta 595b, 596b
Música 670b, 738-747
ver também por estilos de época
caipira
ver Música sertaneja
de protesto 746a
erudita 738-742
Brasil 742
idade média 738b
tendências 743a
popular brasileira
ver MPB
sertaneja 744a, 746b
Musical Instrument Digit Interface
ver MIDI
Mussolini, Benito 242a
Mutebi, Ronald Muenda 596b

N

Nábiev, Rakhman 59b
Nacionalismo (arte) 743a
Nacionalismo (política)
Albânia 284a
Alemanha 234a
Armênia 299a
Cazaquistão 337a
Europa 233-234
Grécia 233b
Hungria 233b
Itália 234a
Polônia 233b
Rússia 555
Nações 278-611, 394(B), 395(B)
Nado borboleta
recordes femininos 692(T)
recordes masculinos 692(T)
costas
recordes femininos 692(T)
recordes masculinos 691(T)
livre
recordes femininos 692(T)
recordes masculinos 691(T)
medley
recordes femininos 692(T)
recordes masculinos 692(T)
peito
recordes femininos 692(T)
recordes masculinos 691(T), 692(T)
NAFTA
Argentina 298a
Canadá 334
EUA 383
México 508b
Porto Rico 629b
Nagorno-Karabakh 299, 303b, 304a
an-Nahyan, Zayed ben Sultan 371a
Naira 524b, 525b
Nairóbi 543b
Nakamura, Kuniwo 628
Namaliu, Robbie 532b, 533a
Namíbia 395(B), 517-518, 518a(M)
Namu 449a
Napoleão Bonaparte
ver Bonaparte, Napoleão
Narcotráfico
ver Tráfico de drogas
Nassau 304a
Natação 691-692

Brasil 691b
recordes femininos 692(T)
recordes masculinos 691(T), 692(T)
Natal 198-199
National Basketball Association
ver NBA
Television System Committee
ver NTSC
Nativismo
Brasil 89a
cultura 89a
Naturalismo 710b
ver também Realismo
Nauru 395(B), 518-519, 519a(M)
Nauruano (língua) 518b
Nave espacial 647a, 652b
ver também Objeto espacial
Navegação 762b, 764
Nazarbáiev, Nursúltan 336a, 337a
Nazismo 243-244
NBA 685a
campeões 685a
Ndadaye, Melchior 325b
Ndi, Fru 330a
Ndjamena 337a
Neanderthalensis 215a
Nefrite 722b
Negrinho do pastoreio 671a
Negros
Brasil 82-83
Negulesco, Jean 64a
Neo-realismo 642b
italiano 666a
Neo-romantismo
ver Realismo
Neoclassicismo 640b, 709b, 740b, 757a
Brasil 643b
Neolítico 215b
Neonazismo
Alemanha 286
Áustria 302
Hungria 443a
Nepal 395(B), 519-521, 520(M)
Nepalês (língua) 326a
Nepali 519b
Netuno 656b
Neves, Tancredo 112a
New Deal 241a
Ngiraked, John 628b
Ngultrum 326b
Niamei 523a
Nianja 608b
Niázov, Saparmurád A. 589, 590a
Nicarágua 57b, 62a, 63b, 64-65, 66a, 395(B), 521-522, 521b(M)
Nicósia 345a
Níger 395(B), 523-524, 523b(M)
Nigéria 62a, 63b, 65a, 68b, 395(B), 524-526, 525a(M)
Nígero-congolês (grupo lingüístico) 706b
Nikolais, Alwyn 60b
Nilo-camítico (subgrupo lingüístico) 706b
Nilo-chariano (grupo lingüístico) 706b
Nilo-saariano (grupo lingüístico) 706b
Nimley, David 264b, 486a
Nimm-Hansen, Erik 363a
Niuano 626b
Niue 626-627
Nixon, Richard 252a
Nômades afar
Djibuti 364b
Nordeste
ver Região Nordeste
Norfolk
ver Ilha Norfolk
Noriega, Manuel Antonio 531
Noronha, José Isaías de 122b
Norte
ver Região Norte
Noruega 66a, 395(B), 526-527, 527(M)
Norueguês (língua) 526a, 632b
Nossa própria agenda 678a
Senhora Aparecida (festa) 671-672
Senhora das Dores (festa) 672a
Senhora dos Navegantes (festa) 672a
Nosso futuro comum 678a
Notação matemática 716a
Notebook 703a
Notepad 703a
Nova Caledônia 627-628
coroa irlandesa (moeda) 461b
Délhi 449b
Zelândia 395(B), 528-529, 528b(M)
Novela de cavalaria 709a
Novo Ato de Autonomia
Ilhas Aland 619a
dólar de Formosa 411b
peso mexicano 507b, 508a
peso uruguaio 597a
Tratado da Federação
ver NTF
xelim de Uganda 595b
Nsengiyaremye, Dismas 553a
NTF 555a
NTSC 734b
Nuakchott 505b
Nujoma, Samuel (Sam) Daniel 517b, 518b
Nukualofa 585a
Numea 627a
Núreiev, Rúdolf 55a
Nuuk 615a
Nynorsk 526a

Obituário
Brasil 35a, 36b, 38b, 39-40, 41b, 43a, 45a, 46-47, 48a, 50a, 51b, 53b
mundo 55a, 56b, 59b, 60-61, 62b, 64a, 65b, 66b, 68a, 69, 70b
Objeto espacial 646b
Obote, Apolo Milton 596
Observação astronômica 657b, 658b
Observatório astronômico 659b, 660b
Brasil 660b
OC 734a
Ocampo, Silvina 70b
OCDE 637b
Coréia do Sul 355
Oceania 214b, 404(M)
área 214b
características físicas 214b
limites 214b
origem do nome 214b
população 214b
Oddsson, David 461b
Odinga, Oginga 544, 545a
Odisséia 708b
Odontologia 724a
Oduber, Nelson O. 613a
OEA 637a
OECA 637a
OEM 703a
Off-line 703a
Oftalmologia 728b
Ogi, Adolf 576b
OIT 636a
Olechowski, Andrzey 541a
Olimpíada
ver Jogos Olímpicos
Oliveira, Dante de 185b
Oliveira, José Sales 110b
Oliveira, Sheila Cortopasi 36b
OLP 254a, 277a
Jordânia 474a
ver também Palestinos
OM 734a
Omã 395(B), 529-530, 530a(M)
Omar 616b
OMS 636b
On-line 703a
Ona, Francis 532b, 533
Onda 734a
Curta
ver OC
eletromagnética 734a
longa 734a
Média
ver OM
Tropical
ver OT
ONGs 135a, 137, 638b, 677-678
ONU 56a, 63b, 246a, 634-637
agências especializadas 635-636
Assembléia Geral 634b
Bósnia 318b
Brasil 118a
Conselho de Segurança 634b
Conselho de Tutela 635a
Conselho Econômico e Social 634-635
Corte Internacional de Justiça 635a
Formosa 412b
Haiti 437
Iraque 458
Kuweit 478a
Libéria 486-487
outros organismos 636-637
países membros 634
Peru 539b
principais órgãos 634-635
Secretaria Geral 635a
Somália 569
Op art
ver Optical art
OPEP 638b
Ópera 757a
Operação Causa Justa 531b
Condor 536b
Mãos Limpas 466b, 467a
Uruguai 117a
Óptica 698a, 699a, 700a
Optical art 642b
Oranjestad 613a
Orçamento 152a
Brasil 37a
Organização comunitária
Brasil 136b
corporativa
Brasil 136-137
da Unidade Africana
ver OUA
das Nações Unidas
ver ONU
de Alimentação e Agricultura
ver FAO
do Tratado do Atlântico Norte
ver OTAN
dos Estados Americanos
ver OEA
dos Estados Centro-Americanos
ver OECA
dos Países Exportadores de Petróleo
ver OPEP
dos poderes
Brasil 130-135
Internacional de Aviação Civil
ver ICAO
Internacional de Polícia Criminal
ver Interpol
Internacional do Trabalho
ver OIT
Marítima Internacional
ver IMO
Meteorológica Mundial
ver WMO
Mundial da Propriedade Intelectual
ver WIPO
Mundial da Saúde
ver OMS
para a Educação, Ciência e Cultura
ver UNESCO
para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ver OCDE
para Libertação da Palestina
ver OLP
para o Desenvolvimento Industrial
ver UNIDO
Secreta para Salvação da Argélia 295a
social
Brasil 135-136
Organizações 634-638
africanas 637-638
árabes 638a
asiáticas e do Pacífico 638a
européias 637b
intercontinentais 638
latino-americanas 637
Não Governamentais
ver ONGs
Organization of American States
ver OEA
Oriental (subgrupo lingüístico) 707a
Oriente Médio 54b, 56, 59a, 63b, 65a, 66a, 67b, 69a, 70, 253-257
Origem da vida, A 663b
Ornitologia 662b
Ortega, Daniel 522a
Oslo 526a
Osteopatia 726a
Osteoporose 722b

OT 734a
OTAN 637b
Otchibart, Punsalmagiyn 516a, 517
Ottawa 332b
Otter, Bailey 511, 512a
OUA 638
Ouro 753b
  Papua Nova Guiné 533b
  córdoba 521a, 522b
Ovimbundu 288b
Owen 511b
Oye Mba, Casimir 416a
Özal, Turgut 59b, 591
Ozônio 675a

P

PAC 527b
Pacifismo
  EUA 259a
Pacote de abril 109
PACS 170a
Pacto Andino 637b
  pela Infância 44a
  por um mundo novo 678a
Paeniu, Bikenibeu 592a, 593a
Paes, João Bosco Papaléo 174
PageMaker 703a
Pago-Pago 631b
Paiakan, Paulinho 190b
PAIGC 434b
País de Gales
  ver Grã-Bretanha
Países satélites 249-250
  ver também Albânia, Alemanha Oriental, Hungria, Iugoslávia, Polônia, Romênia, Tcheco-Eslováquia
Paiva, Apulinário Souza 50a
PAL 734b
Palau 628
Paleolítico 215b
Paleontologia 661a
Palestinos 253-255, 474a
  Israel 464-465
  Líbano 483b, 485a
    ver também Estado Palestino, OLP
Palmas 208a
Palmer, Reginaldo 425b
Palmo 731a
Palmtop 703a
Panamá 395(B), 530-532, 531(M)
Panamá (canal) 233a, 531a
Pantanal 681a
  Complexo 73b
Paoletti, Paulo César
Bacelar 45a
Papandreu, Andreas 426b
Papeete 628b
Papiamento 612a, 613a
Papua Nova Guiné 395(B), 532-533, 533(M)
Paquistão 59a, 60b, 63b, 67b, 395(B), 533-535, 534b(M)
Pará 189-191, 190b(M), 387(B)
  formação 190a
Paraguai 60b, 395(B), 535-536, 535b(M)
Paraíba 191-192, 192a(M), 387(B)
  formação 191b
Paramaribo 578a
Paraná 192-194, 193b(M), 387(B)
  formação 193a
Paris 412b
Parlamentarismo
  Brasil 95b, 117a
  França 415b
Parlamento
  Rússia 555b
  Europeu 637b
  ver também CEE
Parnasianismo 710b
  Brasil 714a
Parque Municipal
  Teresina 196b
  nacional
    Brasil 392(M), 681b
    Minas Gerais 189a
Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde
  ver PAIGC
  Colorado 536
  da Proteção dos Direitos Humanos
    ver PPDH
  da Renovação e Desenvolvimento
    ver PRD
  Democrático Samoano 556b
  do Movimento Democrático Brasileiro
    ver PMDB
  do Povo do Paquistão
    ver PPP
  dos Trabalhadores da Albânia
    ver PTA
  político
    Brasil 35a, 39a, 113b, 135b, 136b
    legislação 136
  Progressista
    ver PP
  Progressista Reformador
    ver PPR
  Social Democrata
    ver PSD
  Socialista Espanhol
    ver PSOE
Partilha territorial
  Bósnia 318b
Páscoa 672a
PASOK 427b, 428a
Pasteboard 703a
Pataca 624b
Patassé, Ange-Félix 546a, 547a
Pataxós 43b
Patente
  Brasil 38b, 40a
Paternidade
  teste 664b
Pathet Lao 479a
Pátria Basca e Liberdade
  ver ETA
Patrulhamento ideológico
  Brasil 109a
Patsatsia, Otar 420b
Pattern, Christopher 617b
Patterson, Percival 469b, 470
Pau-brasil 86b
Paubrasil (caso) 43, 45, 47a, 50a, 52a, 206a
Paul, Wolfgang 70b
Pawlak, Waldemar 540a, 541
Pax Brittannica 236b
Paz de Utrecht 227b
  para Etiópia 386a
PC 34a, 35, 37a, 38b, 40a, 41b, 43b, 47a, 49a, 50, 52a, 173a, 186a, 582a
  ver também Corrupção
PDA 703a
Pé (unidade de medida) 731a
Peão de boiadeiro 672b
Peçanha, Nilo Procópio
  biografia 121
  governo 100a
Pecuária
  Brasil 87a
  Goiás 183a
Pedersen, Torben Hede 615a
Pedro I 91b
  abdicação 92a
Pedro II 94a
  atentado 96-97
  deposição 97a
Peixe, César Guerra 51b
Peixoto, Floriano Vieira
  biografia 119-120
  governo 98
Pelourinho 37a, 177b
Pena de morte
  Gâmbia 418
Pena, Afonso Augusto Moreira
  biografia 120-121
  governo 99-100
Penedo de São Paulo 74b
  de São Pedro 74b
Penfold, Peter Alfred 623a
Pensamento social 234-235
Pentium 703a
Pequim 342a, 412a
Pereira, Edmar 48a
Pereira, Paulo Coelho 203a
Pérez, Carlos Andrés 604
Perez, Daniella 34b
Periférico 703a
Pernambuco 194-195, 195a(M), 387(B)
  formação 194b
Perón, Juan Domingo 296a
Peronismo 262b
Perriez, Franck 615b
Persa (língua) 454b
Persas 216b
Personagem mitológica 670b
Personal Digital Assistant
  ver PDA
Peru 59a, 65a, 67b, 395(B), 537-539, 538(M)
Peseta 377a, 379a
  espanhola 287b, 614a
Peso argentino 295b
  boliviano 315b
  chileno 339b
  colombiano 349a
  cubano 360b
  da Guiné 434a
  dominicano 547b
  filipino 408a
  mexicano
    ver Novo peso mexicano
  uruguaio
    ver Novo peso uruguaio
Pessoa, Epitácio da Silva
  biografia 121-122
  governo 100-101
Pessoa, Leonildo Tabosa 48a
Peste bubônica 726a
  pulmonar 728b
  suína 728b
Petróleo
  Azerbaidjão 304a
  Brasil 52b
  Catar 335a
  Cazaquistão 337a
  crise 255b
  Equador 373a
  Ilhas Falkland 621a
  Indonésia 454a
  Kuweit 477b, 478a
  Líbia 487b, 488
  Nigéria 525b
  Noruega 527b
  Síria 568a
  Svalbard 632b
  Venezuela 603b, 604b
  Vietnã 607a
Petterson, Christian 576a
Peul 562b
PF
  Brasil 41a, 43b, 44a
Phase Alternative Line
  ver PAL
Phoenix, River 68a
Photo CD 703b
Pianna Filho, Oswaldo 201a, 202a
Piauí 195-196, 196a(M), 387(B)
  formação 196a
PIB 152b
Picture in Picture
  ver PIP
Pidgin 532a
Pierestróika 271a, 554b
Pinheiro, Felipe 51b
Pinochet Ugarte, Augusto 253b, 340a, 341a
Pinto, Edmundo 37b, 39a, 45b, 172a
Pinto, Ottomar de Souza 202a, 203a
Pintura 670b
Pionguiangue 352a
PIP 735a
Pires, Olavo 47b, 49b, 53b, 176b
Piva, Túlio 36b
Planalto Brasileiro 72b
  Central 72b
  das Guianas 72b
  Meridional 72b
Planeta 655-656, 658b, 659
  ver também Terra
Planície Amazônica 72b
  Costeira 72b
  da várzea 75a
  do Pampa 72b
  do Pantanal 72b
  dos tesos 75a
Plano Bresser 112b
  Cavallo 297a
  Colombo para o Desenvolvimento Cooperativo no Sul e Sudeste da Ásia 638a
  Cruzado I 112b
  Cruzado II 112b
  de Ajuste Estrutural
    Burkina 324a
    Zimbábue 611b
  de Conversibilidade 296b
  de Desenvolvimento Omã 530a
  de Reconstrução Nacional
    Líbano 48
  econômico
    Argentina 297
    Brasil 42a, 50b, 52b, 112b, 114, 142
    EUA 382-383

Estratégico de Desenvolvimento Tocantins 208b
Florestal Agropecuário de Rondônia 202a
Marshall 257b
Verão 112b
Planta (vegetal) 661a, 663b
medicinal 727a
Plataforma Continental 74b
Platô de Neópolis 207b
Plebiscito
África do Sul 264a
Brasil 36a, 38a, 39a, 129
México 509a
Panamá 532a
Suíça 577
Zâmbia 609b
Plenário 132b
mesa 132b
presidente 132b
Plotter 703b
Pluripartidarismo
Albânia 273b
Brasil 110b
Hungria 274a
Malavi 498b
República Centro-Africana 547a
Seychelles 566b
Tanzânia 583a
Plutão 656b
Plymouth 626a
PMDB 39a, 46a, 47b
PNB 152b
Pneumonia 722b
Pobreza
Bolívia 316b
Guiana 432a
Panamá 531b, 532a
Paraíba 192a
Tailândia 582a
Poder Executivo
Brasil 131
Judiciário
Brasil 133-135
funcionamento 133-134
reforma 134a
Legislativo
bancadas 132a
Brasil 131-133
funcionamento 132-133
Polegada 731a
Polícia
Brasil 34b, 36a, 39a, 40-41, 42a
ver também PF
Polifonia 738b
Polinésia Francesa 628-629
Polinésio (dialeto) 618b
Polinésio (grupo lingüístico) 706b
Poliomielite
Brasil 164-165
casos notificados 164b(T)
vacinação 165a(T)
Política
Brasil 34b, 36a, 37-38, 39a, 41a, 42, 44a, 46a, 47-48, 49a, 51a, 53
demográfica
antecedentes históricos 80a
Brasil 80a
ver também Demografia
dos governadores
Brasil 99a
internacional
ver Relação internacional
salarial
Brasil 148-149
Políticos
Brasil 118
Pólo Cloroquímico
Sergipe 207b
terrestre
degelo 674b
Polonês (língua) 540a
Polônia 54b, 57b, 59a, 60b, 66b, 67b, 249b, 395(B), 540-541, 541(M)
Poluição
Pará 191a
Pernambuco 195b
atmosférica 674-675
Brasil 679b
da água
ver Poluição da superfície terrestre
da miséria 674a
da riqueza 674a
da superfície terrestre 675-676
Brasil 679-680
São Paulo 206b
do ar
ver Poluição atmosférica
do solo 675b
do subsolo 675-676
Pommies, Robert 623b
Pontecorvo, Bruno 66b
Pontifícia Universidade Católica-São Paulo
ver PUC-SP
Pop art 642b
População
área de moradia 78(T)
Brasil 77-83, 80b(T), 389(M)
concentração urbana 212a
estimativas 80, 211(T)
mundo 211-212
origem 80-81
por sexo 78(T)
taxa de crescimento 77(T)
ver também por país
Port Louis 504a
Port Moresby 532a
Port of Spain 586a
Porta-bandeira 673a
Porto Alegre 199b, 200a
Novo 312a
Primavera 187b
Príncipe 436a
Rico 69a, 629
Velho 201
Porto-Vila 600b
Portugal 70b, 258a, 395(B), 541-543, 542a(M)
Português (língua) 71a, 288b, 327a, 433b, 512a, 541b, 560a, 613b, 624b, 707-708
África 707b
Arábia 707a
Ásia 707b
Brasil 707b
expansão 707a
origem 707a
separação 707a
Pós-impressionismo 641a
ver também Impressionismo
Pós-romantismo 740a
ver também Romantismo
Potência 730(T)
Potencial 730a(T)
Poular 505b
Pouso 646b
PP Partido Progressista 180b
PP Pedro Paulo Leoni Ramos 37a, 116a
PPDH 556b, 557a
PPP 535a
PPR 53b
Praça da Paz Celestial
ver Massacre
Praga 548b
Praia 327a
Prasad, Koirala 519b, 520b
Prata, Sebastião Bernardes de Souza
ver Grande Otelo
PRD 434b
Pré-astecas 219a
ver também Astecas
Pré-cambriana (Era) 210(T)
Pré-colombianos 219a
América do Sul 219b
Mesoamérica 219a
México 219a
Pré-colonização
Brasil 84-85
ver também Colônia, Colonização
Pré-história 215a
períodos 215b
primeiros homens 215a
Pré-incaicos 219b
ver também Incas
Pré-modernismo
Brasil 714a
ver também Modernismo
Pré-renascimento 709a
ver também Renascimento
Pré-romantismo 710a, 739b
ver também Romantismo
Preconceito racial
ver Racismo
Prefeitos
Brasil 131a
Prefeituras
Brasil 35a
Premadasa, Ranasinghe 571a
Premeditando o Breque 746b
Presidência da República
Brasil 131a
Presidentes
Brasil 119-128
Pressão 730a(T)
Prestes, Luís Carlos
ver Coluna Prestes
Previdência social
arrecadação bruta 150(T)
Brasil 35a, 39, 41a, 42b, 44a, 48a, 49b, 51a, 53b, 150-151
crise 115a
despesas por categoria 151(T)
plano de emergência 151a
Previsão meteorológica
ver Meteorologia
Price, George 311
Price, Vincent 68a
Primavera de Praga 250a
Primeira Regência Una 92-93
República
Brasil 97-104
cultura 97-98
governo provisório 98a
sociedade 97b
Primeiro Reinado
Brasil 91-92, 387(B)
crise econômica 91b
expansão industrial 91b
resistência 91b
Primitivismo 641b
Primitivos
Brasil 84b
Print preview 703b
Privatização
Alemanha 286a
Angola 290a
Argentina 296b, 297a
Bahamas 305a
Belize 311b, 312a
Benin 313
Bolívia 316b, 317a
Brasil 34, 37, 38b, 42a, 45b, 47, 52b, 114b, 142(T), 142(T)
Bulgária 322b
Butão 327a
Cabo Verde 328a
Costa do Marfim 356b
Equador 373a
Eslovênia 376b
Espírito Santo 182a
Estônia 385a
França 415a
Grã-Bretanha 424a, 425a
Grécia 427b, 428b
Holanda 440a
Honduras 441b
Hungria 274a
Kuweit 477b
Líbia 488b
Minas Gerais 189a
Mongólia 517a
Noruega 527b
Paquistão 535a
Paraguai 536b
Polônia 541
Portugal 543a
Quirguizia 545b
Romênia 273a, 551b
Rússia 555a
Trinidad e Tobago 587b
Turcomênia 590a
Ucrânia 595a
Uruguai 598
Zimbábue 611b
Processo judicial
Brasil 133b
Procuradoria Geral da República 41a
Produto Interno Bruto
ver PIB
Nacional Bruto
ver PNB
Professores
Brasil 156
nível de escolarização 156(T)
salário inicial 156(T)
Programa de Agentes Comunitários de Saúde
ver PACS
de áudio secundário
ver SAP
Nacional de Solidariedade
ver Pronasol
Projeto Genoma
ver Genoma (projeto)
Pronasol 509a
Prosa barroca 709b
Prostituição
Acre 172a
Pará 191a
Paraíba 192a
Proteína 663b, 664b, 726a
Prótese 726a
Protista 661a
Protocolo de paz Moçambique 266a
PSD 49a
Psicobiologia 661a
PSOE 379a

PT 36a, 47-48
PTA 273b
PUC-SP
invasão 110a
Pula 319b
Pulátov, Abdurakhim 600a
Punjab 533b
Pushtu 278a, 533b

Q

Quadrinhos 747-750
América Latina 749b
Brasil 750
crise 748a
década de 50 750a
década de 70 749a, 750a
década de 90 750b
décadas de 10/20 747b
décadas de 60/70 750a
era de ouro 748a
Europa 748b, 749b
indústria 747b
Japão 749b
conceito 748b
origem 747b
panorama atual 749a, 750b
Quadros, Jânio da Silva
biografia 124-125
governo 105b
mandato relâmpago 105b
Quasar 660a
Quéchua 310b, 315a, 371b, 537a
Queimada
Brasil 680a
ver também Desertificação, Deserto, Desmatamento
Quênia 54b, 395(B), 543-545, 544a(M)
Quércia, Orestes 117b, 206a
Quetzal 429a
Quiat 509b
Quiculu 543b
Quigali 552a
Química 751-755
antiguidade 754a
avanços 754a
cronologia Brasil 755b
cronologia geral 754-755
cursos 755b
desenvolvimento 751a
divisões 751b
entidades 755b
idade contemporânea 754-755
idade moderna 754a
instituições 755b
pesquisas 755b
ramos 751b
técnicas 755b
analítica 751b
atômica 755a
do amor 753b
empírica 754a
geral 751b
inorgânica 751b
nuclear
ver Química atômica
orgânica 751b, 754a, 755a
Quiniaruanda 552a
Quirguiz (língua) 545a
Quirguizes 545b
Quirguízia 395(B), 545-546, 545b(M)
Quirundi 324b
Quito 371b

R

Rabaina González, Roberto 361b
Rabat 502b
Rabbani, Burhanuddin 278a
Rabelo, Abidiel Pinto 43-44, 53a, 206a
Rabie, Jack 282a
Rabin, Itzhak 462b
Rabuka, Sitiveni 386b
Racionamento
Cuba 362a
Racismo
África do Sul 263b, 280b
Áustria 302a
Brasil 42a, 83b
Dominica 366a
Espírito Santo 182a
ver também Apartheid
Radiano 730b
Radiatividade 699b
ver também Angra I, Angra II
Rádio 736a, 737b
Radioastronomia 660a
Radiodifusão 734a
glossário 734a
RADS 630b
Radulović, Milos 467b
Rafsandjani, Ali Akbar Hashemi 454b, 455b, 456
Rahman, Omar Abdel 368b
Rainier III 515
Raios X 728b
Raiva
Ceará 179a
Rajiv, Jibril Mahmud 268a
Rakhmônov, Imamáli Sháripovitch 579b, 580a
RAM 703b
Rama IX 580b, 581a
Ramos, Fidel 407b, 409a
Ramos, Nereu de Oliveira
biografia 124a
governo 105a
Ramos, Pedro Paulo Leoni
ver PP
Ranaridh, Norodom 330b, 331b, 332a
Ranchod, Bhandra 282a
Rand 280a, 517b
Random Access Memory
ver RAM
Rangum
ver Yangum
Rao, P.V. Narasimha 449b, 452a
Raquitismo 722b
Rasmussen, Poul Nyroup 362b, 363b
Ratsiraka, Didier 495
Rawlings, Jerry 418-419, 420a
Razanamasy, Guy 494a
Read Only Memory
ver ROM
Reagan, Ronald 259a
América Latina 259b
Oriente Médio 259a
Realismo 640-641, 710b, 740a, 757b
Brasil 714a, 759a
Rebelião de 1924 101a
Praieira 94b
Receita Federal
Brasil 141(T)
Recessão 152b
Alemanha 286a
Bélgica 310a
Brasil 138-139
Cingapura 347b
Espanha 379a
EUA x Japão 276a
Grã-Bretanha 424a
Grécia 428b
Holanda 440a
Japão 473b
Suécia 576a
Suíça 577b
Reciclagem 677a
Recife 194
Reconciliação Nacional
El Salvador 369b, 370a
Recopa
América do Sul 690b
Europa 689b
Recurso natural
exploração 762b, 763b, 764
Red scare 240a
Rede hospitalar
Brasil 161a
Redemocratização
Brasil 109a, 112a
Chile 262a
Reduced Instruction Set Computer
ver RISC
Reforma agrária
Brasil 42b, 46b, 51, 106a
Honduras 441b
São Paulo 206b
calvinista 225b
constitucional
Brasil 92b
Chile 262a
ver também Constituição
eleitoral
Brasil 132a
federal
Brasil 141(T)
fiscal
Brasil 52b, 141-142
luterana 225b
Alemanha 225b
ministerial
Brasil 118a
ortográfica 708a
partidária
Brasil 136b
protestante 225-226
tributária
ver Reforma fiscal
Refugiados
Albânia 283b
Alemanha 286b
Azerbaidjão 304a
Bangladesh 307a
Belize 311b
Bósnia 318b, 319a
Croácia 360a
Eslovênia 376b
Etiópia 386a
Grã-Bretanha 424b
Guatemala 430a
Guiana Francesa 617a
Guiné 433b
Haiti 437a
Iêmen 444b
Jordânia 475b
Laos 479b
Mauritânia 507a
Papua Nova Guiné 533b
Quênia 544b
República Dominicana 548b
Ruanda 552b, 553a
Somália 569a
Sudão 574a
Tanzânia 583a
Regência
Brasil 92-94
confronto político 92b
Trina Permanente 92b
Trina Provisória 92b
Una
ver Primeira Regência Una, Segunda Regência Una
Região Centro-Oeste
área 76(T)
Brasil 76b
economia 76b
população 76(T), 76b
Nordeste
área 76(T)
Brasil 75b
economia 75b
população 75b, 76(T)
Norte
área 76(T)
Brasil 75a
economia 75a
população 75a, 76(T)
Sudeste
área 76(T)
Brasil 76a
economia 76a
população 76(T), 76a
Sul
área 76(T)
Brasil 76
economia 76b
população 76(T), 76b
Regime militar
ver Ditadura
Regiões
áreas 76(T)
Brasil 75-76
populações 76(T)
Reich III 243b
Reichenbach, François 56b
Reina, Carlos Roberto 440a
Reinado
ver Primeiro Reinado, ver Segundo Reinado
Reino bárbaro 220-221
Gupta 217b
saudita 225a
Unido
Brasil-Portugal 90-91, 387(B)
Unido (país)
ver Grã-Bretanha
Relação internacional 212
Brasil 35a, 36a, 41a, 42b, 44, 46a, 49b
EUA 212a
novos blocos econômicos 212
Relatividade 698a, 699a, 700a
Relevo
Brasil 72, 390(M)
Remédio
Brasil 34b, 35a, 36b, 38b, 40, 41a, 49b, 53b
Renascimento 639-640, 709a, 756b
idade de ouro 756b
ver também Pré-renascimento
Renda per capita 152b
René, France-Albert 565b, 566
Representação diplomática
ver por país
Repressão
Azerbaidjão 303b
Brasil 39b, 42b, 49b, 108b
Burkina 324a
Butão 327a
Camarões 330a

Chade 338b, 339a
Chile 340a, 341b
Coréia do Sul 354b
Egito 368
Gabão 417a
Guatemala 430b
Haiti 437a
Indonésia 453a
Irã 455
Irian Barat 624a
Mali 501a
Marrocos 503b, 504a
Mauritânia 506b
Mianmá 510b
morte 108b
prisões 108b
Sudão 574a
Timor 633a
Turquia 591b
Reprodução humana 726a, 728b
ver também Aparelho reprodutor
República
Austrália 301a
Brasil 97-128
intelectuais 97a
proclamação 97a
sem resistência 97a
ver também Primeira República, Segunda República
Árabe Democrática do Saara
ver RADS
de Weimar 243b
do Pampa 200-201
do Povo Sérvio da Bósnia-Herzegóvina 318a
oligárquica
Brasil 98-99
puritana 226b
Turca do Norte do Chipre
ver RTNC
República Centro-Africana 66b, 395(B), 546-547, 546b(M)
República Dominicana 395(B), 547-548, 548a(M)
República Tcheca 55a, 395(B), 548-550, 549b(M)
Requião, Roberto 44a, 192b, 193
Resende, Eliseu 40a
Reserva biológica
Brasil 392(M), 681b
Minas Gerais 189a
extrativista
Acre 171b
Brasil 681b
Resistência elétrica 730a(T)
Reunião 629-630
Revisão constitucional
Brasil 48a, 49b, 51a, 53b
Revista 732a
Brasil 733b(T)
mundo 732a
Revolta da Armada 98a
da Chibata 100a
de Juazeiro 100
do Quebra-Quilos 95b
do Vintém 95b
dos Mucker 95b
Integralista 103a
Revolução cênica 758a
Cubana 251a
EUA 251a
Kremlin 251a
cultural
China 250b
de 1905 239a
de 1930 101b
de 1932 102a
de fevereiro 239b
de outubro 239b
de Veludo 274a, 549a
Federalista 98
Francesa 228-230
Industrial 231a
Inglaterra 231a
Industrial II 235a
Iraniana 257a
EUA 257a
liberal 233b
Brasil 94b
Pernambucana 90a
Russa 239a
Rey, Geraldo del 40a
Reykjavík 461b
Reynolds, Albert 459b, 460a
Riad 291b
Rial 455a
de Catar 334b
iemenita 443b
omani 529b, 530a
saudita 291b
Ribeiro, Delfim Moreira da Costa
biografia 121b
governo 100b
Richelieu, Armand Jean du Plessis 226a
Riel novo 330b
Riga 481a
Rio Branco 171-
Rio de Janeiro 196-198, 197b(M), 387(B)
formação 197b
Rio de Janeiro (capital) 196b, 197a
Rio Grande do Norte 198-199, 199a(M), 387(B)
formação 199a
Rio Grande do Sul 49a, 199-200, 200b(M), 387(B)
formação 200a
Rio Tietê 45b, 206b
Rio-92
ver Eco-92
Riocentro 110b
RISC 703b
Road Town 623a
Robinson, Mary 459b
Rocha, Valdemiro José da
ver Babaú da Mangueira
Rock
Brasil 746b
Rodrigues Alves, Francisco de Paula
biografia 120b
governo 99
Rodrigues, Augusto 39b
Rodrigues, Ayrton 51b
Rodrigues, Lupicínio 744b
Rodríguez Neyra, Maria Jenny 539b
Rodríguez, Andrés 536
Roland Garros 693b
ROM 703b
Roma 465a
Romance 710a
Romanche 576b
Românico 441b
Romanos 217a
Romantismo 640b, 710a, 739b, 742b, 757b
Brasil 713b, 759a
década de 1850 713b
escolas nacionais 710a, 739b
formas novas 740a
ver também Pós-romantismo, Pré-romantismo
Romênia 249b, 395(B), 550-552, 551(M), 723a
Romeno (língua) 441b, 513b, 550a
Rondônia 201-202, 201b(M), 387(B)
formação 201b
Ronga 512a
Roosevelt, Franklin Delano 240-241
Roraima 202-203, 202b(M), 387(B)
formação 202b
Roriz, Joaquim 180
Rosa, Noel 744b
Roseau 365a
Rosselló, Pedro 629a
Roure, Jean-Claude 625a
RTNC 346
Ruanda 395(B), 552-553, 552b(M)
Rublo 298b, 314a, 315a, 336a, 420b, 553b, 579b, 589a, 590a
Rumo (grupo musical) 746b
Rúpia 452b
cingalesa 570a
de Seychelles 565b
do Nepal 520
indiana 450a
maldívia 499a
mauriciana 505a
paquistanesa 534a, 535a
Rushdie, Salman 455b, 456b
Rússia 55a, 56b, 57-58, 59a, 60b, 62a, 63b, 65a, 67b, 69a, 395(B), 553-556, 554(M)
Russo (língua) 298a, 302b, 314a, 335b, 383b, 420a, 481a, 489b, 513b, 545a, 553a, 579a, 589a, 593a, 594b, 598b
Russos
Estônia 384-385
Rutskói, Aleksandr 555
Rzepecki, Eric 38a

S

Sá, Mem de 85-86
Saara Ocidental 630-631
Sabah 497a
al-Sabah, Jaber al-Ahmed 477
al-Sabah, Saad al-Abdala al-Salim 477
Sabinada 93-94
Sabinas 100b
Saci-pererê 671a
Sacramento (colônia) 88a
Saeima 482b
Sagawa (caso) 269a
Sagmon, Tollê 324a
ibn Said, Qabus 529b, 539a
Sainović, Nikola 469a
Saint-Denis 629b
Saint-John's 290a
Saint-Pierre 631a
Saint-Pierre e Miquelon 631
Sal 754a
Salário
Brasil 36b, 39b, 42b
mínimo 118b
Brasil 148b(T)
Salazar, Antônio de Oliveira 542b
Saleh, Ali Abdala 443b
Saleh, Jaime M. 613b
Salifu, André 523b
Salinas de Gortari, Carlos 507a, 509a
Salvador 176b, 177a
Samba
escola 672b
Samba-enredo 673a
Samoa Americana 631-632
Samoa Ocidental 395(B), 556-557, 556b(M)
Samoano (língua) 556a, 631b
Samoiedo 706b
San Gennaro (festa) 672a
San José 357a
San Juan 629a
San Marino 395(B), 557-558, 557a, 557b(M)
San Marino RTV 558a
San Salvador 368b
Sanaa 443b
Sánchez de Losada, Gonzalo 315b
Sandiford, Lloyd Erskine 307a
Sandinismo 260b
EUA 260b
Sangheli, Andrei 514a
Sango 546a
Santa Catarina 203-204, 204a(M), 387(B)
formação 204a
Santa Cruz, Elizardo Sánchez 361b
Santa Helena 632a
Santa Lúcia 395(B), 558-559, 558b(M)
Santer, Jacques 491b
Santiago 339b
Santo Domingo 547b
Santos, Ana Elizabeth Lofrano dos 50-51, 180
Santos, José Cardoso dos 173b
Santos, José Carlos Alves dos 180a
Santos, José Eduardo dos 288b
Santos, José Florentino dos
ver Jessé
Santos, Renildo José dos 173a
São Cristóvão e Névis 395(B), 559-560, 560a(M)
São Luís 183b, 184a
São Paulo 204-206, 205b(M), 387(B)
formação 205b
São Paulo (capital) 205a, 240b
São Silvestre (corrida)
campeões 684a(T)
São Tomé 560a
São Tomé e Príncipe 395(B), 560-561, 561a(M)
São Vicente e Granadinas 395(B), 561-562, 562a(M)
SAP 735a
Saraiki 533b
Sarajevo 317a
Sarakolé 562b
Sarampo 727a
Brasil 162a
vacinação 162a(T)
Sarney, José 50b
biografia 127-128
governo 112-114
legislativo 112b
relações exteriores 113b
Sassânidas 216b
Satélite 651b
Saturno 656a

Sau, Abdulaye Seku 500b
Saúde bucal
  Brasil 169b
  pública
    Acre 172a
    Amapá 175a
    Bahia 178a
    Brasil 35a, 36b, 38a, 41a, 49b, 51a, 53b, 160-170
    dificuldades 160b
    Distrito Federal 180b
    EUA 383a
    experiências sanitárias 170
    falência 160
    gastos 161
    Mato Grosso do Sul 187b
    Minas Gerais 189a
    São Paulo 205b
    Sergipe 207b
    sistema 160a
    unificação 160b
Sauditas
  ver Reino saudita
Savage, Frank 626b
Sawyer, Amos 264b, 485b, 486a
SBPC 43a
Scalfaro, Oscar Luigi 465a, 466b
Scanner 703b
Schaefer, Vincent 64a
Schlüter, Poul 363a
Seaga, Edward 470b
Sealord 529a
Seca
  Botsuana 320a
  Brasil 38a, 39b, 44b, 46, 48a, 49b
  Ceará 179a
  Laos 479b
  Namíbia 518b
  Paraíba 192a
  Paraná 194a
  Pernambuco 194-195
  Piauí 196a
  Sergipe 207a
  Suazilândia 572b
  Zimbábue 611b
SECAM 734b
Second Audio Program
  ver SAP
Secretaria
  Brasil 128
Sedki, Alef 366b
Segregação racial
  ver Racismo
Segunda Regência Una 93-94
  instituições 93a
  revoltas 93-94
  República
    Brasil 104-106
Segundo Reinado
  Brasil 94-97
  decadência 97a
  desenvolvimento urbano 95a
  religião 95b, 96b
  sociedade 96b
  vida cultural 95a
Seibu, Ali 523b
Seignoret, Clarence Augustus 365a
Sem-terra
  ver Conflito de terra
Sêmen
  banco 664b
Senado
  Brasil 131b, 132a
Sendero Luminoso 260a, 537b, 538a, 539
Senegal 58a, 395(B), 562-564, 563b(M)
Separatismo 284a
  Antígua e Barbuda 291a
  Bélgica 310b
  Brasil 41a, 42b
  Cazaquistão 336b
  Croácia 359b
  Geórgia 422a
  Ilhas Salomão 449a
  Índia 450b
  Macedônia 493b
  Papua Nova Guiné 532b, 533b
  Rio Grande do Sul 194a
  São Cristóvão e Névis 5560a
  Senegal 563b
  Sri Lanka 571a
  Tanzânia 583b
Seqüestro
  Brasil 42a, 109a, 116a
Ser vivo 661a
Serer 562b
Sergipe 206-207, 207b(M), 387(B)
  formação 207a
Serra Leoa 395(B), 564-565, 565a(M)
Serrano Elías, Jorge Antonio 429a, 430a
Sertão
  Brasil 75b, 87-88
Sérvia 62a, 63b
Serviço Nacional de Teatro 759b
Serviços
  Brasil 145-147
Sérvios 318, 359b
Servo-croata (língua) 317a, 358b, 375b, 467b, 492b
Sesoto 279b, 480a
Setor externo
  Brasil 147
  primário
    ver Agricultura
  público
    Brasil 140-142
  secundário
    ver Indústria
  terciário
    ver Serviços
Setsuana 319a
Seul 353b
Seychelles 395(B), 565-566, 566a(M)
Shaengaan 512a
Shagari, Shedu 525a
Shan, Azlan Muhibbuddin 495b
Shareware 703b
Sharif, Mohamed Nauaz 535a
Sharma, Shankar Dayal 449b
Shave, Alan W. 612a
Shekel novo 63a
Shevardnadze, Eduard 420b, 421-422
SHF 735a
Shirer, William 70b
Shonekan, Ernest 525b, 526a
Shuê, Than 509b
Shushkievitch, Stanislau 314a
SI 729b
SIDA
  ver AIDS
Siderurgia
  Minas Gerais 189a
Sifandon, Khamtay 478b, 479b
Sihanuk, Norodom 330b, 332
Sikhs 268a, 450b, 451b
  escândalos 268b
Simbolismo 710b, 758a
  Brasil 714a, 759a
Simmonds, Kennedy Alphonse 559b
Simon, Pedro 118b
Sindebele 610a
Sindhi 533b
Sindicalismo 234b
  independente
    Polônia 270b
Sindicalização
  Brasil 137a
Sindicato
  Brasil 136-137
  de empregadores 137a
  de trabalhadores 137a
Síndrome da imunodeficiência adquirida
  ver AIDS
  do pânico 168-169
Sinhala 570a
Síria 395(B), 566-568, 567b(M)
Sírios
  Brasil 81b
Sistema astronômico 658b, 659a
  circulatório 721a
    ver também Circulação sanguínea
  colonial 224b
  de governo
    Brasil 129a
  de tradução de fórmulas
    ver Fortran
  endócrino 721a
  esquelético 720b
  Internacional de Unidades
    ver SI
  métrico
    Inglaterra 729b
  muscular 720b
  Nacional de Unidades de Preservação
    ver Unidade de preservação
  nervoso 721a, 724a, 726a
  operacional 703b
  orgânico 720b
  solar 406(M), 654a, 660a
Sistemática
  ver Taxonomia
Sisuati 571b
Skopje 492b
Skylab 649a
Slayton, Donald 62b
Sleževicius, Adolfas 490a, 491a
Slot 703b
Snegur, Mircea Ion 514a, 515a
Soares, Mário Alberto Nobre Lopes 542, 543a
Socialismo
  abertura política 249a
  Armênia 299a
  China 249a, 269b
  crises políticas 249a
  Cuba 250b
  economia 248b
  EUA 249a
  expansão 248b
  leste x oeste 248b
  mudanças internas 249a
  mutação 269-275
  Polônia 270-271
  URSS 248b, 271-272
  científico 234b
  utópico 234b
Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
  ver SBPC
Sófia 321b
Software 703b
Soglo, Nicéphore 312a, 313a
Soiúz 648b, 649, 650, 651a
Sol 654b, 660a
  novo 537a
Solinquê 505b
Som (moeda) 545a
  multicanal para TV
  ver MTS
Somali 364a, 568a
Somália 55a, 56b, 60b, 62a, 63b, 65a, 66b, 67-68, 69a, 265a, 395(B), 568-570, 569a(M)
Sonda 657b
Songhai 706b
Soninquê 500a
Sonrai 500a
Soro 664b
Sound Board 703b
Souza, Herbert 129b
Souza, Irineu Evangelista de 95b
Souza, Martim Afonso de 85a
Souza, Tomé de 85b
Souza, Washington Luís Pereira de
  biografia 122
  governo 101b
SPE 638a
Spínola, Antônio 542b
Splendor veritatis 602b
Sri Lanka 60b, 69a, 268b, 395(B), 570-571, 570b(M)
St. George's 425b
Stalinismo 244b
  degelo 248b
  ver também Desestalinização
Stanley 620b
START 314b, 315a
STF 134a
STJ 134
STM 134b
Strasser, Valentine E. M. 564a, 565
Strazzer, Carlos Augusto 36b
Stroessner, Alfredo 536a
Suahili 324b, 543b, 582a
Suazilândia 395(B), 571-572, 572a(M)
Substância 754a, 755a
Sucessão presidencial
  Brasil 113-114
Suchocka, Hanna 541a
Sucre 372a
Sudanês (dialeto) 607a
Sudanês (subgrupo lingüístico) 706b
Sudão 265a, 395(B), 573-574, 573b(M)
Sudene 194b, 195a
Sudeste
  ver Região Sudeste
Suécia 68a, 395(B), 574-576, 575(M)
Sueco (língua) 409b, 574b, 619a
Suharto 452b, 453, 454a
Suíça 58a, 395(B), 576-577, 577(M)
Suíços-alemães
  Brasil 81b
Sul
  ver Região Sul

Sum 599a
Sung, James 412a
Super High Frequency
ver SHF
Super-herói 748a
Supercondutor 698b
Supercopa 690b
Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
ver Sudene
Superior Tribunal de Justiça
ver STJ
Tribunal Militar
ver STM
Supremo Tribunal Federal
ver STF
Suriname 395(B), 578-579, 578b(M)
Surrealismo 642a, 711b
Sussu 432a
Sutton, John 620b
Suva 386b
Svalbard 632b
Swan, John W. 613b
Système Séquentiel à Mémoire
ver SECAM

T

Tabela periódica 752a
Tabone, Vincent 501b, 502b
Taca 305b
Taça Davis 693-694
Libertadores da América 690a
Tadjique (língua) 579a
Tadjiquistão 65a, 395(B), 579-580, 580a(M), 600a
Tagalog 407b
Tai-bhinesa (família lingüística) 706b
Taia, Maauía Uld Sid Ahmed 506, 507a
Tailândia 395(B), 580-582, 581b(M)
Taipé 411a
Taiti 628b
Taiwan
ver Formosa
Tala 556a, 557a
ibn Talal, Hassan 475a
ibn Talal, Hussein
ver Hussein ibn Talal
Taler 315a
Tallin 383b
Tamashek 500a
Tambo, Oliver 59b
Tâmil 346b, 449b, 495b, 570a
Tanaka, Jaime Yashiyama 539a
Tanaka, Kakuei 70b
Tanko, J. B. 50a
Tanzânia 395(B), 582-583, 583a(M)
Táshkent 598b
Tathan, David E. 621b
Taufahau Tupu IV 585a, 586a
Tavares, Aurélio Lyra 126b
Tavassoli, Ahmed 455b
Taxa de juros
ver Juros
Taxonomia 661a
Taylor, Charles 264b, 486
TBC 759b
Tbilissi 420a
Tcheco (língua) 548b
Tcheco-Eslováquia 55a, 250a, 724a
Tchecos
Eslováquia 375a
Tchin Tabaraden 524a
Tchuvache 553a
Teanaki, Teatao 476
Teatro 756-760
antiguidade 756a
Brasil 759-760
companhias nacionais 759b
década de 40 759b
década de 60 760a
década de 70 760b
década de 80 760b
décadas de 20/30 759b
época contemporânea 758-759
escola 759b
EUA 758b
idade média 756a
Roma 756a
vanguarda 758b
ver também por estilos de época
Brasileiro de Comédia
ver TBC
Castro Alves 177b
da crueldade 758a
do absurdo 758b
elisabetano 756b
épico 758a
moderno
Brasil 759b
Tecnologia 761-764
cidade 761a
cronologia Brasil 764a
cronologia geral 762a
desenvolvimento 761a
idade contemporânea 762-764
idade moderna 762a
industrial 762b, 764a
instrumentos de precisão 762a, 763b
origem 761a
período medieval 761b
tendências 762a
ver também Indústria
Teerã 454b
Tegucigalpa 440a
Teixeira, Glycon de Paiva 45a
Telavive 462b
Telecomunicação 704b, 736a
Telefone 736a
Telégrafo 736a
Telemig 40a
Telescópio 657b
Televisão
ver TV
Telugu 449b
Temne 564a
Temperatura 730a(T)
escala 731a
termodinâmica 730a
Tempo 729b, 730(T)
Tenentismo
Brasil 101a
Tênis 693-694
Brasil 693a
torneios internacionais 693a
Tenossinovite 728b
Teorema de Fermat
ver Fermat (teorema)
Teoria astronômica
ver Astronomia
Ter-Petrossián, Levôn H. 298b
Terapia 720a, 726b
gênica 664a
Terceira idade
ver Idosos
Terciarização
Brasil 146a
Teresina 195-196
Termodinâmica 697b, 699a
Terra (planeta) 654-655, 660a
camadas 655a
eras geológicas 210(T)
estrutura 209a, 655a
movimentos 654b
Terras Altas para a África do Sul 481a
Terremoto 209b
Egito 367b
El Salvador 369b
Ilhas Wallis e Futuna 624a
Territórios 612-633
ver também Expansão territorial, Invasão territorial
Terrorismo 257a
Argélia 294a
Costa Rica 358a
Espanha 378b, 379a
Guatemala 429b
Índia 452a
Peru 260a, 537b, 538a, 539a
Sri Lanka 571a
Turquia 591a
Teste de paternidade
ver Paternidade
Tétano 726b
Tetum 633a
ath-Thani, Khalifa ben Hamad 334b
Thatcher, Margaret 423b, 424
The Valley 612a
Thelma 409a
Thomas, Clarence 381a
Thompson, Edward Palmer 65b
Tibetano (grupo lingüístico) 706b
Tibetano (língua) 342a, 632b
Tibete 65a, 632-633
Tibeto-birmanesa (família lingüística) 706b
Ticuna 42a
Tien An Men
ver Massacre
Tietê
ver Rio Tietê
Tifo 728b
Tigrê 373b
Tigres asiáticos 269a, 355a
ver também Cingapura, Coréia do Sul, Formosa, Hong Kong
Libertadores do Ilan Tâmil
ver LTTE
Timakata, Fred 600b
Timfu 326a
Timor 633
crise 454
Tinoco Filho, Aldo 199a
Tiradentes 89b
Tirana 282b
Título de eleitor
Brasil 129
Tizard, Catherine 528a
Tocantins 208, 208b(M), 387(B)
formação 208b
Tocariano 706a
Togalog 407b
Togo 65a, 395(B), 583-585, 584b(M)
Tögrög 516b, 517a
Tolar 375b
Tomada da Bastilha
ver Bastilha
Tomografia axial computadorizada 720a
por emissão de pósitrons 720a
tridimensional 720a
Tonelli, Salvatore 557a
Tonga 395(B), 585-586, 585b(M)
Tonga (língua) 608b
Tonganês (língua) 585a
Toquelau 633b
Toquelauano 633b
Tóquio 470b
Torneio Rio-São Paulo 690b
Tórshavn 621a
Tortura
ver Violência
Tosque 282b
Totalitarismo
Japão 241b
Trabalho
Brasil 36b, 38a, 39b, 41a, 42b, 44b, 51b, 53b, 102a, 103a, 106a, 113, 147-149
Minas Gerais 189b
Trácio (grupo lingüístico) 706a
Tracking 703b
Tráfico de drogas
Bahamas 305a
Bermudas 614a
Brasil 39a, 40-41, 42a, 43a, 44a, 117
Colômbia 349, 350a
Costa Rica 358a
Equador 373a
EUA 276a
Guatemala 430a
Guiana 432a
Panamá 531, 532a
Pará 190
Peru 539b
Rio de Janeiro 197-198
Síria 568a
Suriname 579a
Tráfico negreiro
Brasil 82-83, 96a
ver também Abolição da escravatura, Escravidão
Transplante 723a
de medula 726b
Transporte 762b, 764
Brasil 53b
ver também por país
Transvanguarda 643a
Traorê, Mussa 500b, 501a
Tratado de Amizade e Cooperação
Laos 479b
de Amizade e Defesa Mútua 336b
Kiribati-EUA 476a
de Ayacucho 96a
de Cooperação Damasco-Beirute 484b
de Maastricht 424a, 425a
Dinamarca 363
Guadalupe 616a
Guiana Francesa 617a
Holanda 439b
Ilhas Wallis e Futuna 624a
Irlanda 460b
Martinica 625b

Nova Caledônia 628a
Reunião 630b
de Methuen 88b
de Paris 227b, 514
de partilha 84
de Tordesilhas 84b, 223a
de Versalhes 228a, 243b
de Waitangi 528b, 529a
do Comércio Bilateral Nepal-Índia 520b
TRE
Brasil 134b
Goiás 183a
Treurnicht, Andries 282a
TRF 134b
Tribunal de Contas da União 133a
Regional do Trabalho *ver* TRT
Regional Eleitoral *ver* TRE
Regional Federal *ver* TRF
Superior do Trabalho *ver* TST
Superior Eleitoral *ver* TSE
Triguinia 373b
Trindade 74b
Trinidad e Tobago 395(B), 586-587, 587a(M)
Trípoli 487a
Tropicalismo 746a
Trouvoada, Miguel dos Anjos da Cunha 560b, 561a
Troyanos, Tatiana 65b
TRT 134b
TSE 134b
Tshisekedi ua-Mulumba, Étienne 607b, 608b
TST 134b
Tuaregue 523a, 524a
Tuaregueses
Níger 523b, 524a
Tuberculose 162a, 722b
evolução 162a
Tuculor 562b
Tudjman, Franjo 358b, 359b
Tuhanuku, Joses 449a
Túnis 587b
Tunísia 395(B), 587-589, 588b(M)
Turco (grupo lingüístico) 706b
Turco (língua) 321b, 345a, 454b, 590a, 591a
Turcomano (língua) 454b, 457a, 589a
Turcomanos 589b
Turcomênia 589-590, 589b(M)
Turismo
Aruba 613b
Bahamas 305a
Barein 309a
Belize 312a
Costa Rica 358b
Egito 367-368
Gâmbia 418b
Islândia 462b
Jamaica 470b
Malta 502b
Micronésia 512a
Niue 627a
República Dominicana 548b
República Tcheca 550a
São Cristóvão e Névis 560a
Sergipe 207b
Seychelles 566
Vanuatu 601b
Turks e Caicos *ver* Ilhas Turks e Caicos
Turquia 59a, 60b, 62, 69a, 395(B), 590-592, 591(M)
Tuvalu 395(B), 592(M), 592-593
Tuvaluano (língua) 592a
TV 734-735, 736b, 738a
glossário 734b
a cabo 735a
de alta definição *ver* HDT
por assinatura 735a

U

Uadaulá, Muda Hassanal Bolkiah Muizzadin 320b, 321a
Uagadugu 323a
Uattara, Alassan Draman 356b
Ucrânia 62b, 63b, 66b, 69a, 395(B), 593-594, 594(M)
Ucraniano (língua) 593a, 594b
Uedei, Gucuni 264b
Uedraogo, Iussuf 323b, 324b
Uganda 395(B), 595-596, 596(M)
Úgrico 706b
Ugüia 506
UHF 735a
Uilingimana, Agathe 552a, 553a
Ulan Bator 516a
Úlcera 722b
Ulemás 292
Ultra High Frequency *ver* UHF
Ultra-sonografia 720a
UNCTAD 636-637
UNESCO 636b
UNHCR 636b
União Ibérica 227a
Internacional de Telecomunicações *ver* ITU
Nacional para a Independência Total de Angola *ver* UNITA
Postal Internacional *ver* UPU
Soviética *ver* URSS
UNICEF 179a, 637a
Unidade de base 729b
de medida
conversão 731a
prefixo 731a
de preservação ecológica
Brasil 681b
derivada 730a
especiais 730a(T)
simples 730a(T)
suplementar 730b
UNIDO 636b
Unificação
Alemanha 285b, 286a, 287a
Chipre 346a
Formosa 412b
Iêmen 444b
Moldávia-Romênia 515a
européia 257b, 277b
Dinamarca 363b
divergências 277b
França 416a
fronteira externa 277b
Holanda 439
pedras no caminho 277b
UNITA 289-290
United Nation Children's Fund *ver* UNICEF
Nations Conference of Trade Development *ver* UNCTAD
Nations High Commissioner for Refugees *ver* UNHCR
Nations Industrial Development Organization *ver* UNIDO
Nations Observer Missions and Peace Keeping Forces *ver* Missões Observadoras e Corpos de Paz
Nations, Educational, Scientific and Cultural Organization *ver* UNESCO
Universal Postal Union *ver* UPU
Uolof 417b, 505b, 562b
Uon norte-coreano 352b
sul-coreano 354a
UPU 636b
Uralo-altaica (família lingüística) 706b
Urbanização
áreas metropolitanas 79
Brasil 79
Urdu (dialeto) 430b
Urdu (língua) 449b, 533b
Urina
exame 723b
URSS 244b
fim do império 271b
mudanças políticas 244b, 271b
tensões internas 271b
ver também Socialismo
Uruguai 395(B), 597-598, 598(M)
Usina nuclear
Suíça 577a
ver também Angra I, Angra II
Usman, Mahaman 523a
Utim, Cassam 504b, 505b
Uzbeque (língua) 598b, 600a
Uzbequistão 395(B), 598-600, 599(M)

V

Vacaroiu, Nicolae 550b, 551b
Vacina 38a, 179a, 664b, 724a, 726b, 727a, 728b
Vaduz 488b
Valentić, Nikica 358b
Vanguarda francesa 665b
Vanuatu 395(B), 600-601, 601a(M)
Vaquejada 672b
Vara (unidade de medida) 731a
Vargas Carrascalao, Mario 633a
Vargas, Getúlio Dornelles 101-104
biografia 122-123
governo 101-102, 104b, 123b
suicídio 104b
ver também Estado Novo
Varíola 726b
Varsóvia 540a
Vaskhod 648b
Vasp 34a, 35b, 37a, 43b
Vaticano 65a, 68a, 69a, 70b, 395(B), 601-602, 620a(M)
Vatu 600b, 601b
Vegetação
Brasil 73, 390(M)
Veiga, Carlos Alberto Wahnon de Carvalho 327b, 328a
Velha Guarda 746b
Velocidade 730(T)
angular 730(T)
Venceslau Brás *ver* Gomes, Venceslau Brás Pereira
Venetiaan, Ronald 578a, 579a
Venezuela 56b, 58a, 60b, 62b, 65b, 70b, 395(B), 602-605, 604(M)
Vênus 656a
Verminose
Brasil 162b
Very High Frequency *ver* VHF
Veterinária 723b, 724a
VHF 735a
Via-Láctea 654a, 660b
Viana, Jorge 171b, 172a
Vice-presidentes
Brasil 119-128
Vice-reis
Brasil 86
Vidá
fuga de presos 313a
Videocassete 735a
Videolaser 735a
Vieira, João Bernardo 434a
Vieira, Vasco Rocha 624b
Viena 301a
Vientiane 478b
Vietnã 395(B), 605-607, 606a(M)
Vietnamita (grupo lingüístico) 706b
Vietnamita (língua) 330b, 605a
Vietnamização 252b
Vigário Geral 46b, 48a, 49a, 50b, 197b
Vikings
Dinamarca 363a
Noruega 526b
Villechaize, Hervé 66b
Vilnius 489b
Vinhas, Paulo 181b
Violência
Afeganistão 279
África do Sul 281b
Amazonas 176b
Argélia 294-295
Brasil 36b, 38a, 39b, 41, 42-43, 44-45, 46b, 48a, 49-50, 53b, 107a, 108a, 109b, 110b, 115b, 129-130
Chade 339a
Chile 340a, 341a
China 344
Colômbia 349b
Distrito Federal 180b
Egito 367b, 368a
Espírito Santo 182a
EUA 381a
Filipinas 409a
Geórgia 421b
Goiás 183b
Haiti 438
Iêmen 444b
Ilhas Comores 446b

Índia 268, 450b
Irã 456a
Israel 464a
Libéria 486b
Líbia 488a
Marrocos 504a
Mato Grosso do Sul 187b
Minas Gerais 189b
Nicarágua 522b
Papua Nova Guiné 533a
Pará 190b
Paraíba 192a
Pernambuco 195a
Peru 538a
Rio Grande do Norte 199b
Rondônia 202a
Roraima 203a
São Paulo 206a
Venezuela 605a
Virgulino Ferreira
ver Lampião
Virologia 661a
Vírus (informática) 704b
Visconde de Mauá
ver Souza, Irineu Evangelista de
Vitamina 726b
Vitória (Espírito Santo) 181
Vitória (Hong Kong) 617a
Vitória (Seychelles) 565b
Viva Rio 130a
Vo Van Kiet 605b
Voleibol 694-695
América do Sul 694b
Brasil 694
torneios mundiais 694a
Volume 730(T)
Vôo espacial
animais 652b
tripulado 648a
Vostok 648
Voto distrital 132a
distrital misto 132a
proporcional 132a

W

Vranitzky, Franz 301b
Waddington, Lorde 613b
Wake
ver Ilha Wake
Walesa, Lech 271a, 540a, 541
Walker, Miles R. 618a
Walliariano (língua) 623b
Wallis e Futuna
ver Ilhas Wallis e Futuna
Walvis Bay 518b
Wangchuk, Jigme Singhi 326a, 327a
Washington 379b
Washington Luís
ver Souza, Washington Luís Pereira de
Washington, George 228a
Wasmosy, Juan Carlos 535b, 536b
Wassu-cocal 40b, 43b
Watergate (caso) 252a
Wee Kim Wee 346b
von Weizsäcker, Richard 284b
Wellington 528a
WHO
ver OMS
Wibble, Anne 576a
Wickremasinghe, Ranil 571b
Wijetunga, Dingiri Banda 570a, 571a
Wilkins, Michael 620b
Willemstad 612a
Williams, Abe 282a
Wimbledon 693b
Wina 532b
Winchester
ver Disco rígido
Windhoek 517b
Wingti, Paias 532b, 533
WIPO 636b
WMO 636a
Workstation 703b
World Health Organization
ver OMS
Intellectual Property Organization
ver WIPO
Meteorological Organization
ver WMO
Wildlife Fund for Nature
ver WWF
Worm 703b
Wu 342a
WWF 638b

X

Xadrez 695a
Brasil 695a
campeões 695a
Xavier, Joaquim José da Silva
ver Tiradentes
Xelim 301b
de Uganda
ver Novo xelim de Uganda
queniano 544a
somaliano 568b
tanzaniano 582b
Xenofobismo
Holanda 439a
Portugal 543a
Xhosa 279b
Xiitas
Líbano 483b, 484a
Xocós 207b

Y

Yangum 509a
Yaren 518b
Yodoyman, Joseph 337b

Z

Zafy, Albert 494a, 495a
Zagreb 358b
Zaire 55a, 56b, 395(B), 607-608, 608a(M)
Zaire (moeda) 607b, 608b
Zâmbia 59b, 395(B), 608-610, 609b(M)
Zamora, Jaime Paz 316b
Zenáui, Meles 385a, 386
Zerbini, Euryclides de Jesus 501
Zia, Khaleda 305b, 306b, 307a
Zimbábue 395(B), 610-611, 611a(M)
Zloty 540a
Zola, Émile 710b
Zona climática 210b
da Mata 75b
Franca de Manaus 176a
Zoologia 661a, 662
az-Zubi, Mahamud 567a
Zulu 279b

Editora Abril

ALMANAQUE ABRIL

EM SÃO PAULO:
Redação, Publicidade e Correspondência: r. do Curtume,769, bl. G, 10.º and., Lapa, CEP 05066-900, tel.: (011) 831-0599, fax: (011) 831-0599, ramal 2334
Administração: r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515-010, tel.: (011) 858-4511

ESCRITÓRIOS NO BRASIL
Belo Horizonte: r. Paraíba, 1122, 18.º and., Funcionários, CEP 30130-141, tels.: (031) 261-6799/7070, fax: (031) 261-7114
Brasília: SCN - Ed. Brasília Trade Center, 14.º e 15.º ands., CEP 70710-902, tel.: (061) 315-7575, fax: (061) 226-7592
Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 79052-170, Cx. Postal 57, tel.: (067) 387-3685
Cuiabá: r. 86, quadra 16, casa 28, CPA 3, Setor 1, CEP 78058-330, Cx. Postal 445, tel.: (065) 341-2674
Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º ands., Centro Cívico, CEP 80530-000, tel.: (041) 252-6996, fax: (041) 254-3455
Florianópolis: av. Osmar Cunha, 183, bl. C, 1.º and., cj. 101, Centro, CEP 88015-100, tel.: (0482) 23-7598, fax: (0482) 24-5873
Goiânia: r. 1127, 220, Setor Marista, CEP 74175-060, tel.: (062) 241-3756
Natal: r. Tnuiri, 663, Petrópolis, CEP 59020-150, telefax: (084) 222-4323
Porto Alegre: r. Antenor Lemos, 57, 8.º and., sl. 802, Menino Deus, CEP 90850-100, tel.: (051) 229-5899, fax: (051) 229-4857
Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º and., cj. 901 a 904, São José, CEP 50020-000, tel.: (081) 424-3333, fax: (081) 424-3896
Ribeirão Preto: r. Garibaldi, 919, Centro, CEP 14010-170, telefax: (016) 634-9376
Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º and., Botafogo, CEP 22290-030, tel.: (021) 546-8282, fax: (021) 275-9347
Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Ed. Omega, 3.º e 6.º ands., sls. 303 e 604, Pituba, CEP 41820-021, tel.: (071) 371-4999, fax: (071) 371-5583
São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245-670, tel.: (0123) 21-1126, fax: (0123) 21-5046
Vitória: av. Mal. Mascarenha de Morais, 2562, Ed. Espaço Um, sl. 410, Bento Ferreira, CEP 29300-530, tel.: (027) 325-8273

ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, suite 3403, New York, N.Y. 10165/3403, tel.: (001212) 557-5990/5993, telex (00) 237670, fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, telex (0042) 660731 ABRILPA, fax: (00331) 42.66.13.99
Portugal - Importação exclusiva e Comercialização: Editora Abril (Portugal), Lda., r. Marcos Portugal, 16-A, Algés, 1495 Lisboa, tel.: 4105823, fax: (003511) 4107050. Distribuição: Distribuidora Jardim de Publicações, Lda., Quinta de Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685 Camarate, Lisboa, tel.: 9472542

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

INTERESSE GERAL
VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
GUIA DO ESTUDANTE • SUPERINTERESSANTE
INFORMÁTICA EXAME
ECONOMIA E NEGÓCIOS
EXAME
AUTOMOBILISMO E TURISMO
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
ESPORTES
PLACAR
MASCULINAS
PLAYBOY
FEMININAS
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO • MÁXIMA
DECORAÇÃO E ARQUITETURA
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

O Almanaque Abril 94, ano 20, é uma publicação anual da Editora Abril S.A.

Ninguém está credenciado a angariar assinaturas. Se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
ISSN 0104-4788

IMPRESSO NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Tel.: (011) 877-1150 e 877-1588

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Superintendente: Ronald Jean Degen

Diretor de Circulação: Carlos Roberto Berlinck
Secretário Editorial: Celso Nucci
Diretor de Publicidade: Dalton Pastore Júnior
Diretor de Recursos Humanos: Edvard Ghirelli
Diretor de Planejamento e Controles: Gilberto Fischel
Diretor Editorial Adjunto: Ricardo A. Setti
Diretor de Sistemas: Vanderlei Bueno

ALMANAQUE ABRIL 1994

Diretor-Gerente: Henri Kobata

Redação

Diretora de Redação: Lucila Camargo
Redator-Chefe: Claudio Pucci
Editores Especiais: Lauro Machado Coelho
Márcia Tonello, Marilda Varejão
Editora: Inês P. Mendonça
Repórter: Sival Moreira
Chefe de Arte: Benedito Minotti
Secretário de Produção: Ricardo Conte

Apoio Editorial

Gerente Depto. de Documentação: Susana Camargo
Diretor de Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli
Gerente Abril Press: Judith Baroni
Gerente Nova York: Grace de Souza
Gerente Paris: Pedro de Souza

Marketing

Diretor: Luiz Carlos Manho

Publicidade

Gerente de Comercialização: Fernando Moura Campos
Contato: Sérgio Bentivoglio

Diretor Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Diretor Rio de Janeiro: Luiz Fernando Pinto Veiga

Grupo Abril

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi,
Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira,
Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio,
Thomaz Souto Corrêa

Consultores desta edição

Alberto Guzik, Alésio de Caroli, Iraci da Costa, Luis Carlos Menezes, Luiz Edmundo Magalhães, Maria Nazaré Soares Fonseca, Nelson Ibañez, Renato da Silva Queiroz, Rudolfo Kussarev Jr., Carlos Alberto Ciscato, Luiz Tatit, Rolf Kuntz, Sérgio Alberto Rizzo, Waldomiro Vergueiro.

Colaboradores desta edição

Adélia Porto da Silva, Adriana Marcolini, Airam Lima Jr., Alcide Silva Filho, Alcinéia Cavalcanti, Aloysio Biondi, Ana Márcia de Souza, Ana Regina Perrusi do Amaral, André Rosa Bueno, Bernardo Carvalho, Carmen Nascimento, Carmo Chagas, Cristina Henriques de Azevedo, Daisi Vogel, Denise Carreira Soares, Elisabeth Ferreira Silva, Enock Cavalcanti, Flamínio Araripe, Franco Iacomini, Gabriela Simonsen Allegro, Gregório Moreira, Henrique Ostronoff, Hugo Prata Franco Jr., Idelzuíta Araújo, Igor Fuser, Isaac Jorge, João Naves de Oliveira, Jorcene Martinez, Jorge Ovídio Ribeiro, José Andrade, José Raimundo Rodrigues, José Batista de Carvalho, Luci Ayala, Lúcia Anita R. Briza, Luís Martins da Silva, Luís Sérgio Roizman, Luiz Cláudio Cunha, Luiza de Andrada e Silva, Marcelo da Silva, Maria Cristiane Galvão, Marcos Conceição Agueda, Moacyr de Oliveira Filho, Monica Falcone, Nilo de Mingo, Patricia de Souza, Patrícia Luna, Paulo Francisco, Rafael Arcanjo Lima, Raquel Adornato, Ricardo Rodrigues, Rina Bogliolo Sirihal, Sandra Boccia, Serge Goulart, Suzana Veríssimo, Silvana Bittencourt, Thamara Duarte, Violeta Marien, Walter Rodrigues, Zuenir Ventura.

ATENDIMENTO AO LEITOR

ALMANAQUE ABRIL

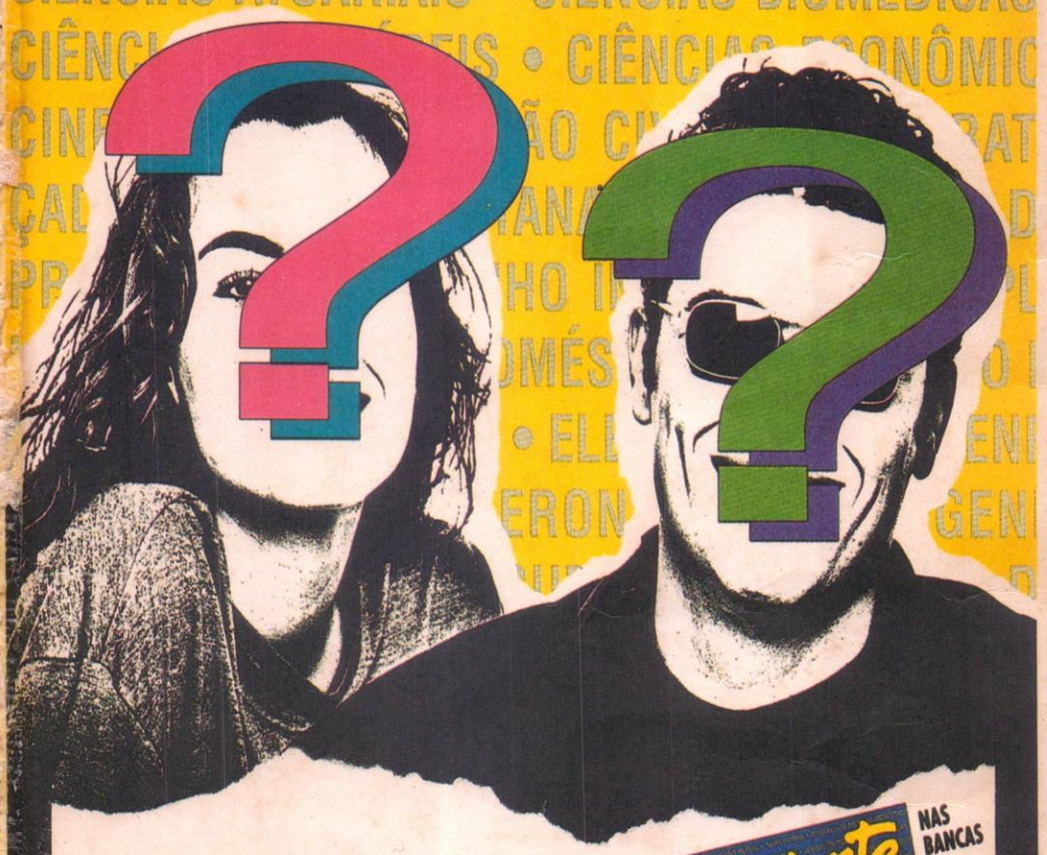
Se você tem sugestões, críticas ou dúvidas sobre o conteúdo desta edição ligue gratuitamente

0800-11-1612

Ou escreva

Rua do Curtume, 769, bl. G, 10°and.
CEP 05065-001 São Paulo - SP

ESTÁ EM



USE O

NAS BANCAS

Como todo estudante, você tem suas dúvidas. E deve estar se perguntando: *"e daqui pra frente?"* Não é difícil. Passe na banca e pegue o seu **Guia do Estudante** que traz informações sobre 129 profissões de nível superior detalhadamente explicadas. Com ele nas mãos vai ficar mais fácil decidir sobre sua profissão. Você saberá também quais são os melhores cursos, escolas e universidades do país. E com relação ao vestibular, saberá quais são os cursos mais procurados, a relação candidato/vaga e muitos macetes para quando chegar a hora H. Mas faça isso logo. Não perca tempo. Ou você quer viver em dúvida para o resto da vida?

TÁ COM O GUIA, TÁ COM TUDO.

ALMANAQUE ABRIL

O mais completo e atualizado banco de dados nacionais e internacionais

Como começou o conflito que dividiu a Iugoslávia?
História Geral - pág. 274

Quando Popeye renunciou ao espinafre e ao seu cachimbo?
Quadrinhos - pág. 749

Quantas áreas metropolitanas tem o Brasil?
População - pág. 79

Qual foi a maior condenação da história do Direito Penal brasileiro?
Cronologia Brasil - pág. 47

Por que o telescópio Hubble ficará 15 anos no espaço?
Astronomia - pág. 657

Como o macarthismo exerceu sua influência no cinema americano?
Cinema - pág. 666

Por que o atentado da rua Tonelero acabou com Getúlio?
História do Brasil - pág. 104

Quais as substâncias que atacam o organismo dos apaixonados?
Química - pág. 753

Quantas vezes Ayrton Senna subiu ao pódio até 1993?
Esportes - pág. 684

Qual a influência dos irmãos Lumière no cinema e na fotografia?
Tecnologia - pág. 762

O que o boitatá tem a ver com o fogo-fátuo?
Cultura Popular - pág. 670

Por que o déficit público é uma das causas da inflação?
Economia - pág. 140

ÍNDICE COM MAIS DE 5 MIL ENTRADAS

MINIATLAS EM CORES

ALMANAQUE ABRIL

Editora abril

94

ANO XX